série

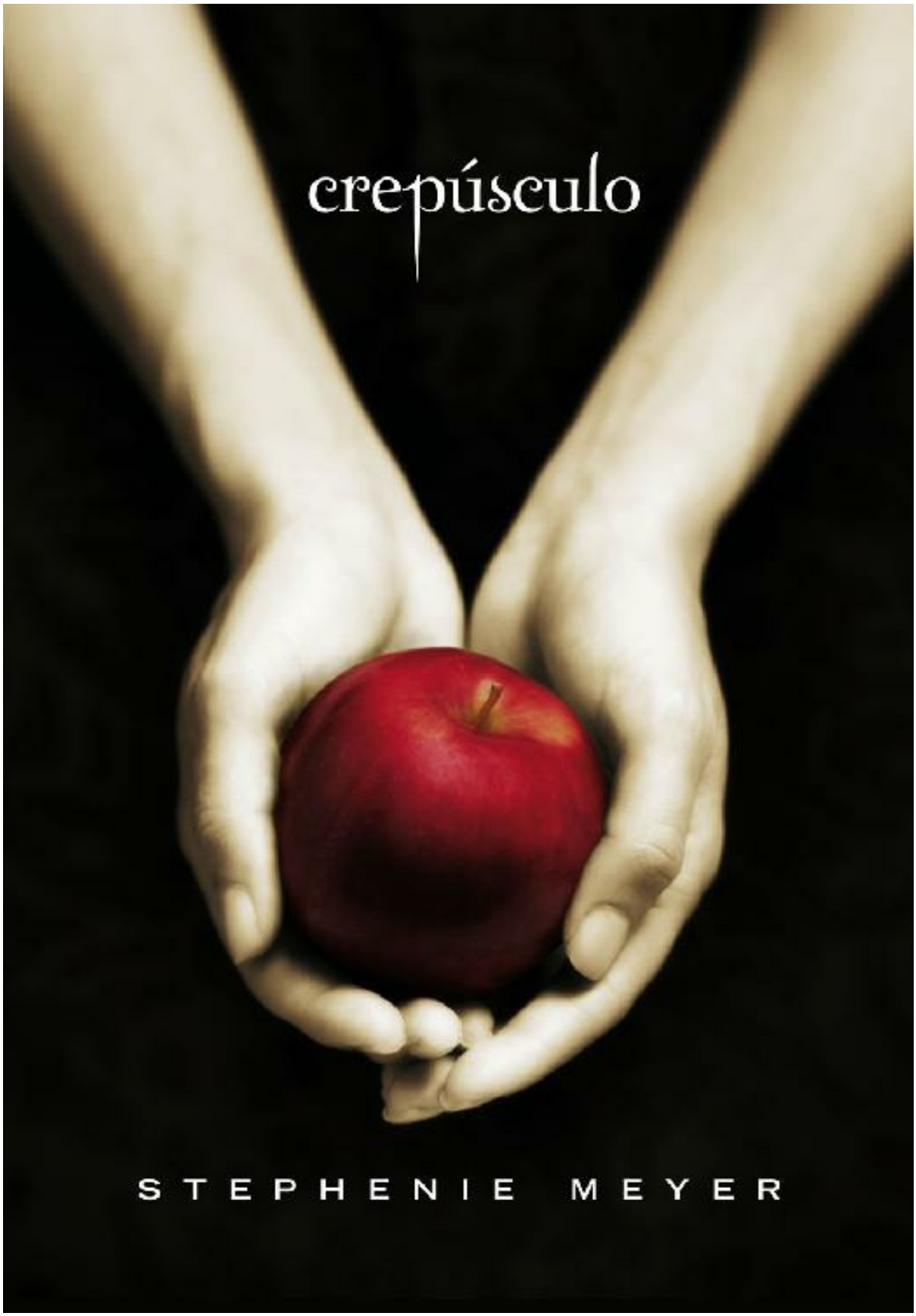
crepúsculo

STEPHENIE MEYER



BOX DIGITAL

intrínseca


crepúsculo
STEPHENIE MEYER

crepúsculo

STEPHENIE MEYER

TRADUÇÃO DE RYTA VINAGRE

Copyright © 2005 Stephenie Meyer
Publicado mediante acordo com Little Brown and Company, Nova York, NY, EUA.
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
Twilight

FOTO DA AUTORA
Eric Fairchild

REVISÃO
Ana Grillo
Isabel Newlands
Maria da Glória Carvalho
Maria de Fátima Maciel

REVISÃO DE EPUB
Milena Vargas

GERAÇÃO DE EPUB
Selênia Serviços

E-ISBN
978-85-8057-030-4

Edição digital: 2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube

» » » »


intrínseca

»

Para minha irmã mais velha, Emily,
sem cujo entusiasmo esta história ainda estaria inacabada.

S U M Á R I O

PRÓLOGO

1. À PRIMEIRA VISTA
2. LIVRO ABERTO
3. FENÔMENO
4. CONVITES
5. TIPO SANGUÍNEO
6. HISTÓRIAS DE TERROR
7. PESADELO
8. PORT ANGELES
9. TEORIA
10. INTERROGAÇÕES
11. COMPLICAÇÕES
12. OSCILANDO
13. CONFISSÕES
14. A MENTE DOMINA A MATÉRIA
15. OS CULLEN
16. CARLISLE
17. O JOGO
18. A CAÇADA
19. DESPEDIDAS
20. IMPACIÊNCIA
21. TELEFONEMA
22. ESCONDE-ESCONDE
23. O ANJO
24. UM IMPASSE

EPÍLOGO: UM ACONTECIMENTO ESPECIAL

Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim,
disse Deus: Não comereis dele,
Nem nele tocareis
Para que não morrais.

Gênesis, 3:3

PRÓLOGO

NUNCA PENSEI MUITO EM COMO MORRERIA — embora nos últimos meses tivesse motivos suficientes para isso —, mas, mesmo que tivesse pensado, não teria imaginado que seria assim.

Olhei fixamente, sem respirar, através do grande salão, dentro dos olhos escuros do caçador, e ele retribuiu satisfeito o meu olhar.

Sem dúvida era uma boa forma de morrer, no lugar de outra pessoa, de alguém que eu amava. Nobre, até. Isso devia contar para alguma coisa.

Eu sabia que, se nunca tivesse ido a Forks, agora não estaria diante da morte. Mas, embora estivesse apavorada, não conseguia me arrepender da decisão. Quando a vida lhe oferece um sonho muito além de todas as suas expectativas, é irracional se lamentar quando isso chega ao fim.

O caçador sorriu de um jeito simpático enquanto avançava para me matar.

1. À PRIMEIRA VISTA

MINHA MÃE ME LEVOU AO AEROPORTO com as janelas do carro abertas. Fazia 24 graus em Phoenix, o céu de um azul perfeito e sem nuvens. Eu estava com minha blusa preferida — sem mangas, de renda branca com ilhoses; eu a vesti como um gesto de despedida. Minha bagagem de mão era uma parca.

Na península Olympic, do noroeste do estado de Washington, há uma cidadezinha chamada Forks, quase constantemente debaixo de uma cobertura de nuvens. Chove mais nessa cidade insignificante do que em qualquer outro lugar dos Estados Unidos. Foi desse lugar e de suas sombras melancólicas e onipresentes que minha mãe fugiu comigo quando eu tinha apenas alguns meses de idade. Nessa cidade eu fui obrigada a passar um mês a cada verão até ter 14 anos. Foi então que finalmente bati o pé. Nos últimos três verões, meu pai, Charlie, passou duas semanas de férias comigo na Califórnia.

Era em Forks que agora eu me exilava — uma atitude que assumi com muito pavor. Eu detestava Forks.

Eu adorava Phoenix. Adorava o sol e o calor intenso. Adorava a cidade vigorosa e esparramada.

— Bella — disse minha mãe, pela centésima vez, antes de eu entrar no avião —, você não precisa fazer isso.

Minha mãe é parecida comigo, a não ser pelo cabelo curto e as rugas de expressão. Senti um espasmo de pânico ao fitar seus olhos arregalados e infantis. Como eu podia deixar que minha mãe amorosa, instável e descuidada se virasse sozinha? É claro que ela agora tinha o Phil, então as contas provavelmente seriam pagas, haveria comida na geladeira, gasolina no carro e alguém para chamar quando ela se perdesse, mas mesmo assim...

— Eu quero ir — menti. Sempre menti mal, mas ultimamente ando contando essa mentira com tanta frequência que agora parecia quase convincente.

— Diga a Charlie que mandei lembranças.

— Vou dizer.

— Verei você em breve — insistiu ela. — Pode vir para casa quando quiser... Eu volto assim que você precisar de mim.

Mas eu podia ver, nos olhos dela, o sacrifício por trás da promessa.

— Não se preocupe comigo — insisti. — Vai ser ótimo. Eu te amo, mãe.

Ela me abraçou com força por um minuto e depois entrei no avião, e ela se foi.

De Phoenix a Seattle são quatro horas de voo, outra hora em um pequeno avião até Port Angeles, depois uma hora de carro até Forks. Voar não me incomodava; a hora no carro com Charlie, porém, era meio preocupante.

Charlie foi realmente gentil com tudo aquilo. Parecia realmente satisfeito que eu, pela primeira vez, fosse morar com ele por um período mais longo. Já me matriculara na escola e ia me ajudar a comprar um carro.

Mas sem dúvida seria estranho com Charlie. Não éramos o que se chamaria de falantes, e eu não sabia se havia alguma coisa para dizer. Sabia que ele estava bastante confuso com minha decisão — como minha mãe antes de mim, eu não escondia o fato de detestar Forks.

Quando pousamos em Port Angeles, estava chovendo. Não vi isso como um presságio — era apenas inevitável. Eu já tinha dado adeus ao sol.

Charlie me aguardava na radiopatrulha. Eu também esperava por isso. Charlie é o chefe de polícia Swan para o bom povo de Forks. Minha principal motivação por trás da compra de um carro, apesar da verba escassa, era que me recusava a circular pela cidade em um carro com luzes vermelhas e azuis no teto. Nada deixa o trânsito mais lento do que um policial.

Charlie me deu um abraço desajeitado com um só braço quando eu cambaleei para fora do avião.

— É bom ver você, Bells — disse ele, sorrindo enquanto automaticamente me segurava e me firmava. — Você não mudou muito. Como está a Renée?

— A mamãe está bem. É bom ver você também, pai. — Eu não tinha permissão para chamá-lo de Charlie na frente dele.

Eu tinha só algumas malas. A maior parte das minhas roupas do Arizona era leve demais para Washington. Minha mãe e eu havíamos juntado nossos recursos para complementar meu guarda-roupa de inverno, mas ainda assim era reduzido. Coube tudo muito bem na mala da viatura.

— Achei um bom carro para você, baratinho — anunciou ele quando estávamos afivelando o cinto.

— Que tipo de carro? — Fiquei desconfiada do modo como ele disse "um bom carro para você" em vez de simplesmente "um bom carro".

— Bom, na verdade é uma picape, um Chevy.

— Onde o achou?

— Lembra do Billy Black, de La Push? — La Push é a pequena reserva indígena no litoral.

— Não.

— Ele costumava pescar com a gente no verão — incentivou Charlie.

Isso explicava por que eu não me lembrava dele. Eu era bastante competente em bloquear da minha memória coisas dolorosas e desnecessárias.

— Ele agora está numa cadeira de rodas — continuou Charlie quando eu não respondi —, não pode mais dirigir, e ofereceu a picape por um preço baixo.

— De que ano é? — Eu podia ver, pela mudança em sua expressão, que esta era a pergunta que ele esperava que eu não fizesse.

— Bom, o Billy trabalhou muito no motor... Na realidade só tem alguns anos.

Eu esperava que ele não me subestimasse a ponto de acreditar que eu desistiria com tanta facilidade.

— Quando foi que ele comprou?

— Comprou em 1984, eu acho.

— Ele a comprou nova?

— Bom, não. Acho que era nova no início dos anos 60... Ou final dos anos 50, no máximo — admitiu ele timidamente.

— Ih... Pai, eu não entendo nada de carros. Não conseguiria consertar se alguma coisa desse errado, e não posso pagar um mecânico...

— Na verdade, Bella, o troço funciona muito bem. Não fazem mais carros assim.

O troço, pensei comigo mesma... Era possível — como apelido, na melhor das hipóteses.

— É barata barata mesmo? — Afinal, essa era a parte em que eu não poderia contemporizar.

— Bom, querida, já está quase comprado para você. Como um presente de boas-vindas. — Charlie me olhou de lado com uma expressão esperançosa.

Caramba. De graça.

— Não precisava fazer isso, pai. Eu mesma ia comprar um carro.

— Tudo bem. Quero que seja feliz aqui. — Ele estava olhando para a estrada à frente ao dizer isso. Charlie não ficava à vontade quando se tratava de externar as emoções em voz alta. Herdei isso dele. Então fiquei olhando para a frente quando respondi.

— Foi muito gentil de sua parte, pai. Eu agradeço muito. — Não era necessário acrescentar que, para mim, era impossível ser feliz em Forks. Ele não precisava sofrer junto comigo. E a picape dada não se olham os dentes, nem o motor.

— Não foi nada — murmurou ele, constrangido com minha gratidão.

Trocamos mais alguns comentários sobre o clima, que estava úmido, e a maior parte da conversa não passou disso. Ficamos olhando pela janela em silêncio.

Era lindo, é claro; eu não podia negar isso. Tudo era verde: as árvores, os troncos cobertos de musgo, os galhos que pendiam das copas, a terra coberta de samambaias. Até o ar filtrava o verde das folhas.

Era verde demais — um planeta alienígena.

Por fim chegamos à casa de Charlie. Ele ainda morava na casinha de dois quartos que comprara com minha mãe nos primeiros tempos de seu casamento. Aqueles foram os únicos tempos que o casamento teve — os primeiros. Ali, estacionada na rua na frente da casa que nunca mudava, estava minha nova — bom, nova para mim — picape. Era de um vermelho desbotado, com para-lamas grandes e arredondados e uma cabine bulbosa. Para minha grande surpresa, eu adorei. Não sabia se ia funcionar, mas podia me ver nela. Além disso, era um daqueles negócios sólidos que não quebram nunca — do tipo que se vê na cena de um acidente, a pintura sem um arranhão, cercado pelas peças do carro importado que foi destruído.

— Caramba, pai, adorei! Obrigada! — Agora meu pavoroso dia de amanhã seria bem menos terrível. Não teria que decidir entre andar três quilômetros na chuva até a escola e aceitar uma carona na radiopatrulha do chefe.

— Que bom que você gostou — disse Charlie rudemente, de novo sem graça.

Apenas uma viagem foi necessária para levar minhas coisas para cima. Fiquei com o quarto do lado oeste, que dava para o jardim da frente. O quarto era familiar; me pertencia desde que nasci. O piso de madeira, as paredes azul-claras, o teto pontiagudo, as cortinas de renda amarelas na janela — tudo isso fazia parte

da minha infância. As únicas mudanças que Charlie fizera foram trocar o berço por uma cama e acrescentar uma escrivaninha, à medida que eu crescia. A mesa agora tinha um computador de segunda mão, com a linha telefônica para o modem grampeada pelo chão até a tomada de telefone mais próxima. Isso fora estipulado por minha mãe, assim poderíamos manter contato facilmente. A cadeira de balanço de meus tempos de bebê ainda estava no canto.

Só havia um banheiro pequeno no segundo andar, que eu teria que dividir com Charlie. Estava tentando não pensar muito nisso.

Uma das melhores coisas em Charlie é que ele não fica rondando a gente. Deixou-me sozinha para desfazer as malas e me acomodar, uma proeza que teria sido completamente impossível para minha mãe. Era legal ficar sozinha, sem ter que sorrir e parecer satisfeita; um alívio olhar desanimadamente pela janela para a chuva entristecendo tudo e deixar algumas lágrimas escaparem. Eu não estava com vontade de ter um acesso de choro. Ia economizar para a hora de dormir, quando teria que pensar na manhã seguinte.

A Forks High School tinha um total assustador de apenas 357 — agora 358 — alunos; em Phoenix, havia mais de setecentas pessoas só do meu ano. Todas as crianças daqui foram criadas juntas — seus avós engatinharam juntos. Eu seria a garota nova da cidade grande, uma curiosidade, uma aberração.

Talvez, se eu parecesse uma verdadeira garota de Phoenix, pudesse tirar proveito disso. Mas, fisicamente, nunca me encaixei em lugar nenhum. Eu devia ser bronzeada, atlética, loura — uma jogadora de vôlei ou uma líder de torcida, talvez —, todas as coisas compatíveis com quem mora no vale do sol.

Em vez disso, apesar do sol constante, eu tinha uma pele de marfim. E não tinha os olhos azuis ou o cabelo ruivo que poderiam me servir de desculpa. Sempre fui magra, mas meio molenga, e obviamente não era uma atleta; não tinha a coordenação necessária entre mãos e olhos para praticar esportes sem me humilhar — e sem machucar a mim mesma e a qualquer pessoa que se aproximasse demais.

Quando terminei de guardar minhas roupas na antiga cômoda de pinho, peguei minha nécessaire e fui ao único banheiro para me lavar depois do dia de viagem. Olhei meu rosto no espelho enquanto escovava o cabelo úmido e embaraçado. Talvez fosse a luz, mas eu já parecia mais pálida, doentia. Minha pele podia ser bonita — era muito clara, quase translúcida —, mas tudo dependia

da cor. Não tinha cor nenhuma ali.

Ao ver meu reflexo pálido no espelho, fui obrigada a admitir que estava mentindo para mim mesma. Não era só fisicamente que eu não me adaptava. E quais seriam minhas chances aqui, se eu não conseguisse achar um nicho em uma escola com trezentas pessoas?

Eu não me relaciono bem com as pessoas da minha idade. Talvez a verdade seja que eu não me relaciono bem com as pessoas, e ponto final. Até a minha mãe, de quem eu era mais próxima do que de qualquer outra pessoa do planeta, nunca esteve em sintonia comigo, nunca esteve exatamente na mesma página. Às vezes eu me perguntava se via as mesmas coisas que o resto do mundo. Talvez houvesse um problema no meu cérebro.

Mas não importava a causa. Só o que importava era o efeito. E amanhã seria só o começo.

Não dormi bem naquela noite, mesmo depois de chorar. Ao fundo o ruído constante da chuva e do vento no telhado não desaparecia. Puxei o velho cobertor xadrez sobre a cabeça e mais tarde coloquei também o travesseiro. Mas só consegui dormir depois da meia-noite, quando a chuva finalmente se aquietou num chuvisco mais silencioso.

Só o que eu conseguia ver pela minha janela de manhã era uma neblina densa, e podia sentir a claustrofobia rastejando em minha direção. Jamais se podia ver o céu aqui; parecia uma gaiola.

O café da manhã com Charlie foi um evento silencioso. Ele me desejou boa sorte na escola. Agradeci, sabendo que suas esperanças eram vãs. A boa sorte geralmente me evitava. Charlie saiu primeiro para a delegacia, que era sua esposa e sua família. Depois que ele partiu, fiquei sentada à velha mesa quadrada de carvalho, em uma das três cadeiras que não combinavam, e examinei a pequena cozinha, com as paredes escuras revestidas de madeira, armários de um amarelo vivo e piso de linóleo branco. Nada havia mudado. Minha mãe tinha pintado os armários dezoito anos atrás numa tentativa de colocar algum raio de sol na casa. Acima da pequena lareira na minúscula sala adjacente, havia uma fileira de fotos. Primeiro, uma foto do casamento de Charlie e minha mãe em Las Vegas; depois, uma de nós três no hospital em que nasci, tirada por uma enfermeira prestativa, seguida pela procissão das minhas fotos de escola até o ano passado. Era

constrangedor olhar aquilo — eu teria de pensar no que poderia fazer para que Charlie as colocasse em outro lugar, pelo menos enquanto eu morasse aqui.

Era impossível não perceber que Charlie jamais superou a perda da minha mãe ao ficar nesta casa. Isso me deixou pouco à vontade.

Não queria chegar cedo demais na escola, mas não conseguia mais ficar ali. Vesti meu casaco — que era meio parecido com um traje de biossegurança — e saí para a chuva.

Ainda estava chuviscando, não o suficiente para me ensopar enquanto peguei a chave da casa, sempre escondida debaixo do beiral, e tranquei a porta. O chapinhar das minhas novas botas impermeáveis era enervante. Senti falta do habitual esmagar de cascalho enquanto andava. Não podia parar e admirar minha picape novamente, como eu queria; estava com pressa para sair da umidade nevoenta que envolvia minha cabeça e grudava em meu cabelo por baixo do capuz.

Dentro da picape estava agradável e seco. Billy, ou Charlie, obviamente tinha feito uma limpeza, mas os bancos com estofado caramelo ainda cheiravam levemente a tabaco, gasolina e hortelã. Para meu alívio o motor pegou rapidamente, mas era barulhento, rugindo para a vida e depois rodando em um volume alto. Bom, uma picape dessa idade teria suas falhas. O rádio antigo funcionava, um bônus que eu não esperava.

Não foi difícil encontrar a escola, embora eu nunca tivesse ido lá. Como a maioria das outras coisas, ficava perto da rodovia. Não parecia uma escola — o que me fez parar foi a placa, que dizia ser a Forks High School. Era um conjunto de casas iguais, construídas com tijolos marrons. Havia tantas árvores e arbustos que no início não consegui calcular seu tamanho. Onde estava o espírito da instituição?, perguntei-me com nostalgia. Onde estavam as cercas de tela, os detetores de metal?

Estacionei na frente do primeiro prédio, que tinha uma plaquinha acima da porta dizendo SECRETARIA. Ninguém mais havia estacionado ali, então eu certamente estava em local proibido, mas decidi me informar lá dentro em vez de ficar dando voltas na chuva feito uma idiota. Saí sem vontade nenhuma da cabine da picape enferrujada e andei por um pequeno caminho de pedra ladeado por uma cerca viva escura. Respirei fundo antes de abrir a porta.

Lá dentro o ambiente era bem iluminado e mais quente do que eu imaginava.

O escritório era pequeno; uma salinha de espera com cadeiras dobráveis acolchoadas, carpete laranja manchado, recados e prêmios atravancando as paredes, um relógio grande tiquetaqueando alto. Havia plantas em toda parte em vasos grandes de plástico, como se não houvesse verde suficiente do lado de fora. A sala era dividida ao meio por um balcão comprido, abarrotado de cestos de arame cheios de papéis e folhetos de cores vivas colados na frente. Havia três mesas atrás do balcão, uma delas ocupada por uma ruiva grandalhona de óculos. Ela vestia uma camiseta roxa que de imediato fez com que eu me sentisse produzida demais.

A ruiva olhou para mim.

— Posso ajudá-la?

— Meu nome é Isabella Swan — informei-lhe, e logo vi a atenção iluminar seus olhos. Eu era esperada, um assunto de fofoca, sem dúvida. A filha da ex-mulher leviana do chefe de polícia finalmente voltara para casa.

— É claro — disse ela. E cavucou uma pilha instável de documentos na mesa até encontrar o que procurava. — Seu horário está bem aqui, e há um mapa da escola. — Ela trouxe várias folhas ao balcão para me mostrar.

Ela indicou minhas salas de aula, destacando a melhor rota para cada uma delas no mapa, e me deu uma caderneta que cada professor teria que assinar e que eu traria de volta no final do dia. Ela sorriu para mim e me desejou, como Charlie, que eu gostasse daqui de Forks. Sorri também, da maneira mais convincente que pude.

Quando voltei à picape, outros alunos começavam a chegar. Dirigi pela escola, seguindo o trânsito. Fiquei feliz em ver que os carros, em sua maioria, eram mais velhos que o meu, nada chamativo. Em Phoenix, eu morava em um dos poucos bairros de baixa renda incluídos no distrito de Paradise Valley. Era comum ver um Mercedes ou um Porsche novo no estacionamento dos alunos. O carro mais legal aqui era um Volvo reluzente, e este se destacava. Ainda assim, desliguei o motor logo que cheguei a uma vaga para que o barulho estrondoso não chamasse a atenção para mim.

Olhei o mapa na picape, tentando agora memorizá-lo; esperava não ter que andar com ele diante do nariz o dia todo. Enfiei tudo na bolsa, passei a alça no ombro e respirei bem fundo. Eu vou conseguir, menti para mim mesma debilmente. Ninguém ia me morder. Por fim soltei o ar e saí da picape.

Mantive a cara escondida pelo capuz ao andar para a calçada, apinhada de adolescentes. Meu casaco preto e simples não chamava a atenção, como percebi com alívio.

Depois de chegar ao refeitório, foi fácil localizar o prédio três. Um grande "3" estava pintado em preto num quadrado branco no canto leste. Senti aos poucos que começava a ofegar à medida que me aproximava da entrada. Tentei prender a respiração enquanto seguia duas capas de chuva unissex pela porta.

A sala de aula era pequena. As pessoas na minha frente pararam junto à porta para pendurar os casacos em uma longa fileira de ganchos. Imitei-as. Havia duas meninas, uma loura com a pele cor de porcelana, a outra igualmente pálida, com cabelo castanho-claro. Pelo menos minha pele não se destacaria aqui.

Entreguei a caderneta ao professor, um careca alto cuja mesa tinha uma placa identificando-o pelo nome, "Sr. Mason". Ele me encarou surpreso quando viu meu nome — não foi uma reação que me encorajasse — e é claro que fiquei vermelha como um tomate. Mas pelo menos ele me mandou sentar numa carteira vazia no fundo da sala, sem me apresentar à turma. Era mais difícil para meus novos colegas me encarar lá atrás, mas de algum jeito eles conseguiram. Mantive os olhos baixos na bibliografia que o professor me dera. Era bem básica: Brontë, Shakespeare, Chaucer, Faulkner. Eu já lera tudo. Isso era reconfortante... e entediante. Imaginei se minha mãe me mandaria minha pasta com os trabalhos antigos, ou se ela pensaria que isso era trapaça. Tive várias discussões com ela em minha cabeça enquanto o professor falava monotonamente.

Quando tocou o sinal, uma buzina anasalada, um garoto magricela com problemas de pele e cabelo preto feito uma mancha de óleo se inclinou para falar comigo.

— Você é Isabella Swan, não é? — Ele parecia direitinho o tipo prestativo de clube de xadrez.

— Bella — corrigi. Todo mundo num raio de três carteiras se virou para me olhar.

— Qual é a sua próxima aula? — perguntou ele.

Tive que olhar na minha bolsa.

— Hmmm, educação cívica, com Jefferson, no prédio seis.

Para onde quer que eu me virasse, encontrava olhos curiosos.

— Vou para o prédio quatro, posso mostrar o caminho... — Sem dúvida,

superprestativo. — Meu nome é Eric — acrescentou ele.

Eu sorri, insegura.

— Obrigada.

Pegamos nossos casacos e fomos para a chuva, que tinha aumentado. Eu podia jurar que várias pessoas atrás de nós se aproximavam o bastante para ouvir o que dizíamos. Esperava não estar ficando paranoica.

— E aí, isto é bem diferente de Phoenix, não é? — perguntou ele.

— Muito.

— Não chove muito lá, não é?

— Três ou quatro vezes por ano.

— Puxa, como deve ser isso? — maravilhou-se ele.

— Ensolarado — eu lhe disse.

— Você não é muito bronzeada.

— Minha mãe é meio albina.

Apreensivo, ele examinou meu rosto, e eu suspirei. Parecia que nuvens e senso de humor não se misturavam. Alguns meses disso e eu me esqueceria de como usar o sarcasmo.

Voltamos pelo refeitório até os prédios do sul, perto do ginásio. Eric me levou à porta, embora tivesse uma placa bem evidente.

— Então, boa sorte — disse ele enquanto eu pegava a maçaneta. — Talvez a gente tenha mais alguma aula juntos. — Ele parecia ter esperanças.

Sorri vagamente para ele e entrei.

O resto da manhã se passou do mesmo jeito. Meu professor de trigonometria, o Sr. Varner, que de qualquer forma eu teria odiado por causa da matéria que ensinava, foi o único que me fez parar diante da turma para me apresentar. Eu gaguejei, corei e tropecei em minhas próprias botas ao seguir para a minha carteira.

Depois de duas aulas, comecei a reconhecer vários rostos em cada turma. Sempre havia alguém mais corajoso do que os outros, que se apresentava e me perguntava se eu estava gostando de Forks. Tentei ser diplomática, mas na maioria das vezes apenas menti. Pelo menos não precisei do mapa.

Uma menina se sentou ao meu lado nas aulas de trigonometria e espanhol e me acompanhou até o refeitório na hora do almoço. Era baixinha, vários centímetros menor do que meu metro e sessenta e três, mas o cabelo escuro,

rebelde e cacheado compensava grande parte da diferença entre nossas alturas. Não conseguia me lembrar do nome dela, então eu sorria e assentia enquanto ela tagarelava sobre professores e aulas. Não tentei acompanhar sua falação.

Sentamos à ponta de uma mesa cheia de vários de seus amigos, que ela me apresentou. Esqueci o nome de todos assim que ela os pronunciou. Eles pareceram impressionados com sua coragem de falar comigo. O menino da aula de inglês, Eric, acenou para mim do outro lado do salão.

Foi ali, sentada no refeitório, tentando conversar com sete estranhos curiosos, que eu os vi pela primeira vez.

Estavam sentados no canto do refeitório, à maior distância possível de onde eu me encontrava no salão comprido. Eram cinco. Não estavam conversando e não comiam, embora cada um deles tivesse uma bandeja cheia e intocada diante de si. Não me encaravam, ao contrário da maioria dos outros alunos, por isso era seguro observá-los sem temer encontrar um par de olhos excessivamente interessados. Mas não foi nada disso que atraiu e prendeu minha atenção.

Eles não eram nada parecidos. Dos três meninos, um era grandalhão — musculoso como um halterofilista inveterado, com cabelo escuro e crespo. Outro era mais alto, mais magro, mas ainda assim musculoso, e tinha cabelo louro cor de mel. O último era esguio, menos forte, com um cabelo desalinhado cor de bronze. Era mais juvenil do que os outros, que pareciam poder estar na faculdade ou até ser professores daqui, em vez de alunos.

As meninas eram o contrário. A alta era escultural. Linda, do tipo que se via na capa da edição de trajes de banho da Sports Illustrated, do tipo que fazia toda garota perto dela sentir um golpe na autoestima só por estar no mesmo ambiente. O cabelo era dourado, caindo delicadamente em ondas até o meio das costas. A menina baixa parecia uma fada, extremamente magra, com feições miúdas. O cabelo era de um preto intenso, curto, picotado e desfiado para todas as direções.

E, no entanto, todos eram de alguma forma parecidos. Cada um deles era pálido como giz, os alunos mais brancos que viviam nesta cidade sem sol. Mais brancos do que eu, a albina. Todos tinham olhos muito escuros, apesar da variação de cor dos cabelos. Também tinham olheiras — arroxeadas, em tons de hematoma. Como se tivessem passado uma noite insone, ou estivessem se recuperando de um nariz quebrado. Mas os narizes, todos os seus traços, eram retos, perfeitos, angulosos.

Mas não era por nada disso que eu não conseguia desgrudar os olhos deles.

Fiquei olhando porque seus rostos, tão diferentes, tão parecidos, eram completa, arrasadora e inumanamente lindos. Eram rostos que não se esperava ver a não ser talvez nas páginas reluzentes de uma revista de moda. Ou pintados por um antigo mestre como a face de um anjo. Era difícil decidir quem era o mais bonito — talvez a loura perfeita, ou o garoto de cabelo cor de bronze.

Todos pareciam distantes — distantes de cada um ali, distantes dos outros alunos, distantes de qualquer coisa em particular, pelo que eu podia notar. Enquanto eu observava, a garota baixinha se levantou com a bandeja — o refrigerante fechado, a maçã sem uma dentada — e se afastou com passos longos, rápidos e graciosos apropriados para uma passarela. Fiquei olhando, surpresa com seus passos de dança, até que ela largou a bandeja no lixo e seguiu para a porta dos fundos, mais rápido do que eu teria pensado ser possível. Meus olhos dispararam de volta aos outros, que ficaram sentados, impassíveis.

— Quem são eles? — perguntei à garota da minha turma de espanhol, cujo nome eu esquecera.

Enquanto ela olhava para ver do que eu estava falando — embora já soubesse, provavelmente, pelo meu tom de voz —, de repente ele olhou para ela, o mais magro, o rapaz juvenil, o mais novo, talvez. Ele olhou para minha vizinha só por uma fração de segundo, e depois seus olhos escuros fulguraram para mim.

Ele desviou os olhos rapidamente, mais rápido do que eu, embora, em um jorro de constrangimento, eu tenha baixado o olhar de imediato. Naquele breve olhar, seu rosto não transmitiu nenhum interesse — era como se ela tivesse chamado o nome dele, e ele a olhasse numa reação involuntária, já tendo decidido não responder.

Minha vizinha riu sem graça, olhando a mesa como eu.

— São Edward e Emmett Cullen, e Rosalie e Jasper Hale. A que saiu é Alice Cullen. Todos moram com o Dr. Cullen e a esposa. — Ela disse isso à meia-voz.

Olhei de lado para o rapaz bonito, que agora fitava a própria bandeja, desfazendo um pãozinho em pedaços com os dedos pálidos e longos. Sua boca se movia muito rapidamente, os lábios perfeitos mal se abrindo. Os outros três ainda pareciam distantes e, no entanto, eu sentia que ele estava falando em voz baixa com eles.

Nomes estranhos e incomuns, pensei. O tipo de nome que têm os avós. Mas

talvez seja moda por aqui — nomes de cidades pequenas? Finalmente me lembrei de que minha vizinha se chamava Jessica, um nome perfeitamente comum. Havia duas meninas que se chamavam Jessica na minha turma de história, na minha cidade.

— Eles são... muito bonitos. — Lutei com a patente atenuação da verdade.

— É — concordou Jessica com outra risada. — Mas todos estão juntos... Emmett e Rosalie, e Jasper e Alice, quero dizer. E eles moram juntos. — Sua voz trazia toda a condenação e o choque da cidade pequena, pensei criticamente. Mas, para ser sincera, tenho que admitir que até em Phoenix isso provocaria fofocas.

— Quem são os Cullen? — perguntei. — Eles não parecem parentes...

— Ah, e não são. O Dr. Cullen é bem novo, tem uns vinte e tantos ou trinta e poucos anos. Todos foram adotados. Os Hale são mesmo irmãos, gêmeos... os louros... e são filhos adotivos.

— Parecem meio velhos para filhos adotivos.

— Agora são, Jasper e Rosalie têm 18 anos, mas estão com a Sra. Cullen desde que tinham 8 anos. Ela é tia deles ou coisa assim.

— Isso é bem legal... Eles cuidarem de todas essas crianças, quando eram tão pequenos e tudo isso.

— Acho que sim — admitiu Jessica com relutância, e tive a impressão de que por algum motivo ela não gostava do médico e da esposa. Com os olhares que ela atirava aos filhos adotivos, eu imaginava que o motivo era inveja. — Mas acho que a Sra. Cullen não pode ter filhos — acrescentou ela, como se isso diminuísse sua bondade.

Em toda essa conversa, meus olhos disparavam sem parar para a mesa onde se acomodava a estranha família. Eles continuavam a olhar para as paredes e não comiam.

— Eles sempre moraram em Forks? — perguntei. Certamente eu os teria percebido em um dos verões aqui.

— Não — disse ela numa voz que dava a entender que isso devia ser óbvio, até para uma recém-chegada como eu. — Só se mudaram há dois anos, vindos de algum lugar do Alasca.

Senti uma onda de pena, e também alívio. Pena porque, apesar de lindos, eles eram de fora, e claramente não eram aceitos. Alívio por eu não ser a única recém-chegada por aqui, e certamente não ser a mais interessante, por qualquer padrão.

Enquanto eu os examinava, o mais novo, um dos Cullen, virou-se e encontrou meu olhar, desta vez com uma expressão de evidente curiosidade. Quando desviei os olhos rapidamente, me pareceu que o olhar dele trazia uma espécie de expectativa frustrada.

— Quem é o garoto de cabelo ruivo? — perguntei. Eu o espiei pelo canto do olho e ele ainda estava me encarando, mas não aparvalhado como os outros alunos. Tinha uma expressão meio frustrada. Olhei para baixo novamente.

— É o Edward. Ele é lindo, é claro, mas não perca seu tempo. Ele não namora. Ao que parece, nenhuma das meninas daqui é bonita o bastante para ele. — Ela fungou, um caso claro de dor de cotovelo. Eu me perguntei quando é que ele a tinha rejeitado.

Mordi o lábio para esconder meu sorriso. Depois olhei para ele de novo. Seu rosto estava virado para o outro lado, mas achei que sua bochecha parecia erguida, como se ele também estivesse sorrindo.

Depois de mais alguns minutos, os quatro saíram da mesa juntos. Todos eram muito elegantes — até o grandalhão de cabelo castanho. Era perturbador de ver. O garoto chamado Edward não olhou novamente para mim.

Fiquei sentada à mesa com Jessica e os amigos dela por mais tempo do que teria ficado se eu estivesse sozinha. Estava ansiosa para não me atrasar para as aulas no meu primeiro dia. Uma de minhas novas conhecidas, que me lembrava repetidamente de que seu nome era Angela, tinha biologia II comigo no próximo tempo. Seguimos juntas em silêncio para a sala. Ela também era tímida.

Quando entramos na sala, Angela foi se sentar em uma carteira de tampo preto exatamente como aquelas que eu costumava usar. Ela já tinha uma vizinha. Na verdade, todas as cadeiras estavam ocupadas, exceto uma. Ao lado do corredor central, reconheci Edward Cullen por seu cabelo incomum, sentado ao lado daquele lugar vago.

Enquanto eu andava pelo corredor para me apresentar ao professor e conseguir que assinasse minha caderneta, eu o observava furtivamente. Assim que passei, ele de repente ficou rígido em seu lugar. Ele me encarou novamente, encontrando meus olhos com a expressão mais estranha do mundo — era hostil, furiosa. Desviei os olhos rapidamente, chocada, ruborizando de novo. Tropecei em um livro no caminho e tive que me apoiar na beira de uma mesa. A menina sentada ali riu.

Percebi que os olhos dele eram pretos — pretos como carvão.

O Sr. Banner assinou minha caderneta e me passou um livro, sem nenhum dos absurdos das apresentações. Eu podia dizer que íamos nos dar bem. É claro que ele não teve alternativa a não ser me mandar para o lugar vago no meio da sala. Mantive os olhos baixos enquanto fui me sentar ao lado dele, desconcertada pelo olhar hostil que ele me lançara.

Não olhei para cima ao colocar os livros na carteira e tomar meu lugar, mas, pelo canto do olho, vi sua postura mudar. Ele estava inclinado para longe de mim, sentado na ponta da cadeira, e desviava o rosto como se sentisse algum fedor. Imperceptivelmente, cheirei meu cabelo. Tinha cheiro de morango, o aroma de meu xampu preferido. Parecia um odor bem inocente. Deixei meu cabelo cair no ombro direito, criando uma cortina escura entre nós, e tentei prestar atenção no professor.

Infelizmente a aula era sobre anatomia celular, uma coisa que eu já estudara. De qualquer modo, tomei notas cuidadosamente, sempre olhando para baixo.

Não conseguia deixar de espiar de vez em quando, através da tela de meus cabelos, o estranho garoto sentado ao meu lado. Durante toda a aula, ele não relaxou um minuto da postura rígida na ponta da cadeira, sentando-se o mais distante possível de mim. Eu podia ver que suas mãos na perna esquerda estavam fechadas em punho, os tendões sobressaindo por baixo da pele clara. Isso também ele não relaxou. Estava com as mangas compridas da camisa branca enroladas até o cotovelo e o braço era surpreendentemente rijo e musculoso sob a pele clara. Ele não era nem de longe frágil como parecia ao lado do irmão mais forte.

A aula parecia se arrastar mais do que as outras. Seria porque o dia finalmente estava chegando ao fim, ou porque eu esperava que o punho dele relaxasse? Não aconteceu: ele continuou sentado tão imóvel que nem parecia respirar. Qual era o problema dele? Será que este era seu comportamento normal? Questionei a avaliação que fiz da amargura de Jessica no almoço de hoje. Talvez ela não fosse tão ressentida quanto eu pensava.

Isso não podia ter nada a ver comigo. Até hoje ele nem me conhecia.

Eu o espiei mais uma vez e me arrependi disso. Ele agora me encarava de cima, os olhos pretos cheios de repugnância. Enquanto eu me afastava, encolhendo-me na cadeira, de repente passou por minha cabeça a expressão como se pudesse me matar.

Naquele momento, o sinal tocou alto, fazendo-me pular, e Edward Cullen estava fora de sua carteira. Com fluidez, ele se levantou de costas para mim — era muito mais alto do que eu pensava — e estava do lado de fora da porta antes que qualquer outro tivesse saído da carteira.

Fiquei paralisada no meu lugar, encarando inexpressiva as costas dele. Era tão mesquinho. Não era justo. Comecei a pegar minhas coisas devagar, tentando bloquear a raiva que se espalhava em mim, com medo de que meus olhos se enchessem de lágrimas. Por algum motivo, minha ira era canalizada para meus dutos lacrimais. Normalmente, eu chorava quando estava com raiva, uma tendência humilhante.

— Você não é a Isabella Swan? — perguntou uma voz de homem.

Olhei para cima e vi um rapaz bonitinho com cara de bebê, o cabelo louro-claro cuidadosamente penteado com gel em pontas arrumadinhas, sorrindo para mim de maneira simpática. Ele obviamente não achava que eu cheirava mal.

— Bella — eu o corrigi, com um sorriso.

— Meu nome é Mike.

— Oi, Mike.

— Precisa de ajuda para encontrar sua próxima aula?

— Vou para a educação física. Acho que posso encontrar o caminho.

— É minha próxima aula também. — Ele parecia impressionado, mas não era uma coincidência assim tão grande numa escola tão pequena.

Então fomos juntos. Ele era um tagarela — alimentou a maior parte da conversa, o que facilitou minha vida. Tinha morado na Califórnia até os 10 anos, então sabia como eu me sentia com relação ao sol. Por acaso também era meu colega na aula de inglês. O Mike foi a pessoa mais legal que conheci hoje.

Mas enquanto entrávamos no ginásio, ele perguntou:

— E aí, você furou o Edward Cullen com um lápis ou o quê? Nunca o vi agir daquele jeito.

Eu me encolhi. Então não fui a única a perceber. E ao que parecia aquele não era o comportamento habitual de Edward Cullen. Decidi me fazer de burra.

— Era o garoto do meu lado na aula de biologia? — perguntei naturalmente.

— Era — disse ele. — Parecia estar sentindo alguma dor ou coisa assim.

— Não sei — respondi. — Nunca falei com ele.

— Ele é um cara estranho. — Mike se demorou ao meu lado em vez de ir para

o vestiário. — Se eu tivesse a sorte de me sentar do seu lado, conversaria com você.

Eu sorri para ele antes de ir para a porta do vestiário feminino. Ele era simpático e estava na cara que gostava de mim. Mas não foi o suficiente para atenuar minha irritação.

O professor de educação física, treinador Clapp, encontrou um uniforme para mim mas não me fez vesti-lo para a aula de hoje. Em Phoenix, só exigiam dois anos de educação física. Aqui, a matéria era obrigatória nos quatro anos. Forks literalmente era meu inferno particular na Terra.

Fiquei assistindo a quatro partidas de vôlei que aconteciam simultaneamente. Lembrando quantas lesões eu sofri — e infligi — jogando vôlei, me senti meio nauseada.

O último sinal finalmente tocou. Andei devagar para a secretaria para entregar minha caderneta. A chuva tinha ido embora, mas o vento era forte e mais frio. Eu me abracei.

Ao entrar no escritório aquecido, quase me virei e voltei para fora.

Edward Cullen estava parado junto à mesa na minha frente. Reconheci de novo aquele cabelo bronze desgrenhado. Ele não pareceu ter ouvido minha entrada. Fiquei encostada na parede de trás, torcendo para que a recepcionista ficasse livre.

Ele estava discutindo com ela numa voz baixa e cativante. Rapidamente peguei a essência da discussão. Ele tentava trocar o horário de biologia por qualquer outro horário – qualquer outro.

Não consegui acreditar que fosse por minha causa. Tinha de ser outra coisa, algo que acontecera antes de eu entrar na sala de aula. A expressão dele devia ter sido por outro aborrecimento totalmente diferente. Era impossível que este estranho pudesse ter uma repulsa tão súbita e intensa por mim.

A porta se abriu de novo e de repente uma rajada do vento frio entrou pela sala, espalhando os papéis na mesa, jogando meu cabelo na cara. A menina que entrava limitou-se a ir até a mesa, colocou um bilhete na cesta de arame e saiu novamente. Mas Edward Cullen se enrijeceu de novo e se virou lentamente para olhar para mim — o rosto era absurdamente lindo — com olhos penetrantes e cheios de ódio. Por um momento, senti um arrepio de puro medo, que eriçou os pelos de meus braços. O olhar só durou um segundo, mas me gelou mais do que o

vento frio. Ele voltou a se virar para a recepcionista.

— Então deixa para lá — disse asperamente numa voz de veludo. — Estou vendo que é impossível. Muito obrigado por sua ajuda. — Virou-se sem olhar para mim, desaparecendo porta afora.

Fui humildemente até a mesa, minha cara branca de imediato ficando vermelha, e entreguei a caderneta assinada.

— Como foi seu primeiro dia, querida? — perguntou a recepcionista num tom maternal.

— Bom — menti, a voz fraca. Ela não pareceu se convencer.

Quando fui para a picape, era quase o último carro no estacionamento. Parecia um abrigo, a coisa mais próxima de uma casa que eu tinha neste buraco verde e úmido. Fiquei sentada lá dentro por um tempo, só olhando, sem enxergar pelo para-brisa. Mas logo estava frio o bastante para precisar do aquecedor, virei a chave e o motor rugiu. Voltei para a casa de Charlie, lutando com as lágrimas por todo o caminho até lá.

2. LIVRO ABERTO

O DIA SEGUINTE FOI MELHOR... E PIOR.

Foi melhor porque ainda não estava chovendo, mas as nuvens eram densas e opacas. Era mais fácil porque eu sabia o que esperar do meu dia. Mike veio se sentar comigo na aula de inglês e me acompanhou até a aula seguinte, com o Eric Clube de Xadrez encarando-o o tempo todo; isso foi lisonjeiro. As pessoas não costumavam olhar tanto para mim como eles fizeram ontem. No almoço, fiquei com um grande grupo que incluía Mike, Jessica e várias outras pessoas cujos nomes e rostos agora eu me lembrava. Comecei a sentir que estava boiando na água, e não me afogando nela.

Foi pior porque eu estava cansada; ainda não conseguia dormir com o vento ecoando pela casa. Foi pior porque o Sr. Varner chamou meu nome na aula de trigonometria quando não levantei minha mão, e acabei dando a resposta errada. Foi lamentável porque tive que jogar vôlei e, na única vez que não me abaixei para escapar da bola, atingi minha colega de equipe na cabeça. E foi pior porque Edward Cullen não foi à escola.

Durante toda a manhã tive medo do almoço, temendo os olhares estranhos dele. Parte de mim queria confrontá-lo e exigir que me dissesse qual era o problema. Enquanto estava deitada insone na cama, cheguei a imaginar o que diria. Mas eu me conhecia bem demais para pensar que realmente teria coragem de fazer isso. Eu fazia o Leão Covarde de O Mágico de Oz parecer um exterminador do futuro.

Mas quando entrei no refeitório com Jessica — tentando evitar que meus olhos vasculhassem o lugar à procura dele e fracassando completamente — vi que seus quatro irmãos estavam sentados juntos à mesma mesa, e ele não estava ali.

Mike nos interceptou e nos conduziu à mesa dele. Jessica parecia inflada pela atenção e as amigas dela rapidamente se juntaram a nós. Mas ao tentar ouvir sua conversa tranquila, fiquei terrivelmente aflita, esperando nervosa pelo momento em que ele chegaria. Esperava que ele simplesmente me ignorasse, e provasse que

minhas suspeitas eram falsas.

Ele não apareceu e, à medida que o tempo passava, eu ficava cada vez mais tensa.

Fui para a aula de biologia mais confiante quando, lá pelo final do almoço, ele ainda não tinha aparecido. Mike, que estava falando das qualidades de um golden retriever, andou fielmente ao meu lado até a sala. Prendi a respiração na porta, mas Edward Cullen também não estava lá. Soltei o ar e fui para o meu lugar. Mike me seguiu, falando da futura viagem que faria à praia. Ele se demorou na minha carteira até que o sinal tocou. Depois sorriu para mim de um jeito tristonho e foi se sentar ao lado de uma menina cheia de pulseiras com um permanente malfeito. Eu teria que fazer alguma coisa a respeito de Mike, e não seria fácil. Em uma cidade dessas, onde todo mundo morava perto de todo mundo, era fundamental ter diplomacia. Nunca tive muito tato; não tinha prática em lidar com meninos abertamente amistosos.

Fiquei aliviada por ter a carteira só para mim, por Edward estar ausente. Disse isso a mim mesma repetidamente. Mas não conseguia me livrar da suspeita irritante de que eu era o motivo para ele não estar ali. Era ridículo e egoísta pensar que eu podia afetar tanto uma pessoa. Era impossível. E, no entanto, eu não conseguia deixar de me preocupar com a ideia de que isso fosse verdade.

Quando o dia de aula enfim terminou e o rubor pelo incidente no vôlei desaparecia do meu rosto, vesti rapidamente meus jeans e o suéter azul-marinho. Saí correndo do vestiário das meninas, satisfeita por descobrir que tinha conseguido escapar de meu amigo cachorrinho por algum tempo. Andei rapidamente para o estacionamento. Agora estava abarrotado de alunos indo embora. Fui para minha picape e vasculhei minha bolsa para ter certeza de que tinha o que precisava.

Na noite passada, descobri que Charlie não sabe cozinhar grande coisa além de ovos fritos e bacon. Então pedi para cuidar da cozinha enquanto estivesse ali. Ele estava bastante interessado em passar adiante as chaves do salão de banquete. Também descobri que ele não tinha comida em casa. Então fiz minha lista de compras, peguei o dinheiro no pote do armário rotulado de DINHEIRO DA COMIDA e estava a caminho do Thriftway.

Disparei meu motor ensurdecedor, ignorando as cabeças que se viravam na minha direção, e dei a ré cuidadosamente para um lugar na fila de carros que

esperavam para sair do estacionamento. Enquanto aguardava, tentando fingir que o estrondo de furar os tímpanos vinha de outro carro, vi os dois Cullen e os gêmeos Hale entrando no carro deles. Era o Volvo novinho. É claro. Eu ainda não tinha percebido as roupas que usavam — fiquei hipnotizada demais com o rosto deles. Agora que eu olhava, ficou óbvio que todos se vestiam excepcionalmente bem; com simplicidade, mas com roupas que sugeriam sutilmente boas marcas. Com sua beleza extraordinária, o estilo com que se portavam, eles podiam vestir uns trapos rasgados e ainda assim se dar bem. Parecia um exagero que fossem bonitos e também tivessem dinheiro. Mas, pelo que eu sabia, na maior parte do tempo a vida era assim. E não parecia que isso lhes trouxesse aceitação por aqui.

Não, eu não acreditava plenamente nisso. Eles devem querer se isolar; não conseguia imaginar nenhuma porta que não se abrisse para aquele grau de beleza.

Eles olharam para minha picape barulhenta quando passei, como todo mundo fez. Continuei olhando para a frente e fiquei aliviada quando finalmente saí da área da escola.

O Thriftway não ficava longe, só a algumas ruas ao sul, junto à rodovia. Era bom estar dentro do supermercado. Parecia normal. Sempre fiz as compras da casa, e me entreguei com prazer à rotina do mercado. A loja era bem grande por dentro, e não consegui ouvir o bater da chuva no telhado para me lembrar de onde estava.

Quando cheguei em casa, guardei todos os mantimentos, colocando-os onde houvesse espaço. Esperava que Charlie não se importasse. Embrulhei as batatas em papel de alumínio e pus no forno para assar, coloquei uns bifes para marinar e os equilibrei em cima de uma caixa de ovos na geladeira.

Quando terminei com isso, levei minha mochila de livros para cima. Antes de começar o dever de casa, vesti um moletom seco, prendi o cabelo molhado num rabo de cavalo e verifiquei meu e-mail pela primeira vez. Tinha três mensagens.

"Bella", escreveu minha mãe...

> Escreva-me assim que puder. Conte como foi sua noite. Está chovendo? Já estou com saudade. Estou quase terminando as malas para a Flórida, mas não consigo encontrar minha blusa rosa. Sabe onde eu a coloquei? Phil manda lembranças. Mamãe.

Eu suspirei e passei à mensagem seguinte. Foi enviada oito horas depois da primeira.

"Bella", escreveu ela...

Por que não me respondeu ainda? O que está esperando?
Mamãe.

A última era desta manhã.

Isabella,
Se eu não tiver notícias suas até as cinco e meia da tarde de hoje, vou ligar para o Charlie.

Olhei o relógio. Ainda tinha uma hora, mas minha mãe era famosa pela precipitação.

Mãe,
Calma. Estou escrevendo agora. Não faça nenhuma bobagem.
Bella.

Mandei essa e recomecei.

Mãe,
Está tudo ótimo. É claro que está chovendo. Eu estava esperando ter algo para escrever. A escola não é ruim, só meio repetitiva. Conheci umas pessoas legais que almoçam comigo.

Sua blusa está na lavanderia — você devia ter pego na sexta-feira.

Charlie comprou uma picape para mim, dá para acreditar? Eu adorei. É velha, mas bem forte, o que é bom, sabe como é, para mim.

Também estou com saudades. Vou escrever novamente logo, mas não fico verificando meus e-mails a cada cinco minutos.

Relaxe, respire fundo. Eu te amo.
Bella.

Eu tinha decidido reler O morro dos ventos uivantes — o romance que estávamos estudando no curso de inglês — só por prazer, e era o que eu estava fazendo quando Charlie chegou em casa. Eu tinha perdido a hora, e corri para baixo para tirar as batatas e colocar os bifes para grelhar.

— Bella? — chamou meu pai quando me ouviu na escada.

Quem mais seria?, pensei comigo mesma.

— Oi, pai, bem-vindo.

— Obrigado. — Ele pendurou o cinturão da arma e tirou as botas enquanto eu estava atarefada na cozinha. Pelo que eu sabia, ele nunca disparou a arma no trabalho. Mas a mantinha preparada. Quando eu era criança e vinha aqui, ele sempre retirava as balas assim que passava pela porta. Acho que agora me considerava velha o bastante para não atirar em mim mesma por acidente, nem deprimida o bastante para atirar em mim mesma de propósito.

— O que temos para o jantar? — perguntou ele cheio de cautela. Minha mãe era uma cozinheira com muita imaginação e as experiências dela nem sempre eram comestíveis. Fiquei surpresa, e triste, que ele parecesse se lembrar de um fato tão remoto.

— Bife com batata — respondi, e ele pareceu aliviado.

Ele deu a impressão de que se sentia estranho, parado ali na cozinha sem fazer nada; arrastou-se para ver TV na sala enquanto eu trabalhava. Nós dois ficávamos mais à vontade desse jeito. Fiz uma salada enquanto os bifes grelhavam e pus a mesa.

Eu o chamei quando o jantar estava pronto e ele gostou do cheiro ao passar pela porta.

— Que cheiro bom, Bella.

— Obrigada.

Comemos sem dizer nada por alguns minutos. Não foi desagradável. Nenhum de nós se incomodava com o silêncio. De certa forma, éramos bem adequados para morar juntos.

— E então, como foi na escola? Fez algum amigo? — perguntou ele ao se servir pela segunda vez.

— Bom, tive algumas aulas com uma menina chamada Jessica. Sentei para almoçar com os amigos dela. E tem um garoto, Mike, que é muito simpático. Todo mundo parece bem legal. — Infelizmente, com uma notável exceção.

— Deve ser Mike Newton. Garoto bom... uma boa família. O pai é dono da loja de produtos esportivos perto do centro. Ele ganha um bom dinheiro com todos os mochileiros que vêm aqui.

— Conhece a família Cullen? — perguntei, hesitante.

— A família do Dr. Cullen? Claro. O Dr. Cullen é um grande homem.

— Eles... os filhos... são meio diferentes. Não parecem se adaptar muito bem na escola.

Charlie me surpreendeu ao aparentar raiva.

— As pessoas desta cidade — murmurou ele. — O Dr. Cullen é um cirurgião brilhante que provavelmente podia trabalhar em qualquer hospital do mundo, ganhando dez vezes o salário que ganha aqui — continuou ele, falando mais alto. — Temos sorte por tê-lo aqui... Sorte pela esposa dele aceitar morar numa cidade pequena. Ele é um trunfo para a comunidade, e todos os filhos são bem-comportados e educados. Tive minhas dúvidas quando se mudaram para cá, com todos aqueles adolescentes adotivos. Pensei que podíamos ter alguns problemas com eles. Mas todos são muito maduros... Não tive um pingo de problema com nenhum deles. Não posso dizer o mesmo dos filhos de algumas pessoas que moram nesta cidade há gerações. E eles são unidos, como deve ser uma família... Viagens de camping em fins de semana alternados... Só porque são novos aqui, as pessoas ficam falando.

Foi o discurso mais longo que já ouvi de Charlie. Ele devia se aborrecer muito com o que as pessoas diziam.

Recuei um pouco.

— Eles parecem legais para mim. Só percebi que são muito reservados. Todos são muito bonitos — acrescentei, tentando ser mais elogiosa.

— Devia ver o médico — disse Charlie, rindo. — Ainda bem que é bem casado. Muitas enfermeiras do hospital têm dificuldade para se concentrar no trabalho quando ele está por perto.

Terminamos de comer em silêncio. Ele tirou a mesa enquanto eu começava a lavar os pratos. Ele voltou à TV, e eu, depois de terminar com os pratos — lavados à mão, e não na máquina —, subi sem nenhuma vontade de fazer o dever de

matemática. Podia sentir um costume se formando.

Enfim aquela noite foi silenciosa. Dormi rapidamente, exausta.

O resto da semana foi calmo. Eu me acostumei com a rotina de minhas aulas. Na sexta-feira, conseguia reconhecer, se não pelo nome, quase todos os alunos da escola. Na educação física, as meninas da minha turma aprenderam a não me passar a bola e a sair rapidamente da minha frente se o outro time tentava se aproveitar da minha fraqueza. Eu saía de seu caminho feliz.

Edward Cullen não voltou à escola.

Todo dia eu observava ansiosa até os demais Cullen entrarem no refeitório sem ele. Depois eu podia relaxar e participar da conversa do almoço. Centrava-se principalmente numa viagem ao La Push Ocean Park dali a duas semanas, que Mike estava organizando. Fui convidada e tive que concordar em ir, mais por educação do que por desejo. As praias devem ser quentes e secas.

Na sexta-feira eu estava perfeitamente à vontade entrando na minha aula de biologia; sem me preocupar mais se Edward estava ali ou não. Pelo que sabia, ele tinha saído da escola. Tentei não pensar nele, mas não conseguia reprimir completamente a preocupação de que eu fosse responsável por sua ausência contínua, embora isso fosse ridículo.

Meu primeiro fim de semana em Forks foi tranquilo. Charlie, desabituado a ficar na casa normalmente vazia, trabalhou na maior parte do fim de semana. Eu limpei a casa, adiantei o dever e escrevi à minha mãe um e-mail mais falsamente animado. Fui à biblioteca no sábado, mas era tão mal abastecida que não me dei ao trabalho de fazer um cartão de inscrição; eu teria que marcar logo uma data para ir a Olympia ou Seattle e encontrar uma boa livraria. Imaginei inutilmente qual seria o consumo de combustível da picape... e estremeci ao pensar nisso.

A chuva continuou branda pelo fim de semana, tranquila, então eu pude dormir bem.

As pessoas me cumprimentaram no estacionamento na segunda-feira de manhã. Eu não sabia o nome de todos, mas retribuí os acenos e sorri para todos. Estava mais frio nesta manhã, mas felizmente não chovia. Na aula de inglês, Mike assumiu seu lugar de costume ao meu lado. Teve um teste relâmpago sobre O morro dos ventos uivantes. Era simples, muito fácil.

No todo, eu estava me sentindo muito mais à vontade do que pensava que estaria a essa altura. Mais à vontade do que esperava me sentir aqui um dia.

Quando saímos da sala de aula, o ar estava cheio de pontinhos brancos rodopiando. Eu podia ouvir as pessoas gritando animadas umas com as outras. O vento mordia meu rosto, meu nariz.

— Puxa — disse Mike. — Está nevando.

Olhei para os pequenos tufos de algodão que se acumulavam pelas calçadas e giravam erraticamente por meu rosto.

— Eca! — Neve. Lá se foi meu dia bom.

Ele pareceu surpreso.

— Não gosta da neve?

— Não. Significa que está frio demais para chover. — É óbvio. — Além disso, pensei que devia cair em flocos... Sabe como é, cada um é único e essas coisas. Isso aqui só parece ponta de cotonete.

— Nunca viu a neve cair? — perguntou ele, incrédulo.

— Claro que vi. — Eu parei. — Na TV.

Mike riu. E aí uma bola grande e macia de neve gotejante bateu na cabeça dele. Nós dois nos viramos para ver de onde veio. Eu tinha minhas desconfianças de Eric, que estava se afastando, de costas para nós — na direção errada para a primeira aula dele. Ao que parecia, Mike teve a mesma ideia. Ele se curvou e começou a formar um morro de papa branca.

— A gente se vê no almoço, está bem? — continuei andando enquanto falava. — Quando as pessoas começam a atirar coisas molhadas nas outras, eu entro.

Ele só assentiu, os olhos em Eric, que se distanciava.

Por toda a manhã, todos bateram papo animadamente sobre a neve; ao que parecia, era a primeira vez que nevava no ano novo. Fiquei de boca fechada. É claro que era mais seco do que quando chovia — até a neve derreter nas meias da gente.

Segui em estado de alerta para o refeitório com Jessica depois da aula de espanhol. Voavam bolas empapadas por todo lado. Mantive uma pasta na mão, pronta para usá-la como escudo, se necessário. Jessica me achou hilária, mas alguma coisa na minha expressão impediu que ela me lançasse uma bola de neve.

Mike nos encontrou quando passávamos pela porta, rindo, com gelo desmanchando seu cabelo espetado. Ele e Jessica conversaram animadamente sobre a guerra de neve enquanto entrávamos na fila para comprar comida. Olhei a mesa do canto, mais por hábito. E depois gelei. Havia cinco pessoas à mesa.

Jessica puxou meu braço.

— Ei! Bella? O que você quer?

Baixei a cabeça; minhas orelhas estavam quentes. Eu não tinha motivo para me sentir constrangida, lembrei a mim mesma. Não tinha feito nada de errado.

— O que há com a Bella? — Mike perguntou a Jessica.

— Nada — respondi. — Só vou querer refrigerante hoje. — Emparelhei com o último da fila.

— Não está com fome? — perguntou Jessica.

— Na verdade, estou meio enjoada — eu disse, meus olhos ainda no chão.

Esperei que eles pegassem a comida e os segui até a mesa, meus olhos nos pés.

Bebi o refrigerante lentamente, o estômago agitado. Por duas vezes Mike perguntou, com uma preocupação desnecessária, como eu estava me sentindo. Disse a ele que não era nada, mas fiquei me perguntando se eu devia fingir e escapulir para a enfermaria pela próxima hora.

Ridículo. Eu não precisava fugir.

Decidi me permitir dar uma olhada na mesa da família Cullen. Se ele estivesse olhando para mim, eu mataria a aula de biologia, como a covarde que era.

Mantive a cabeça baixa e espiei de rabo de olho. Nenhum deles olhava na minha direção. Ergui um pouco a cabeça.

Eles estavam rindo. Edward, Jasper e Emmett estavam com os cabelos totalmente encharcados de neve derretendo. Alice e Rosalie se curvavam, tentando se afastar, enquanto Emmett sacudia o cabelo molhado para elas. Estavam curtindo o dia de neve, como todos os outros — só que pareciam estar numa cena de filme, mais do que o resto de nós.

Além dos risos e das brincadeiras, havia algo diferente e eu não conseguia perceber o que era. Examinei Edward com mais cuidado. A pele estava menos pálida, concluí — corada da guerra de neve, talvez —, os círculos em torno dos olhos, bem menos perceptíveis. Mas havia mais alguma coisa. Eu refleti, encarando, tentando isolar a mudança.

— Bella, o que você está olhando? — intrometeu-se Jessica, os olhos seguindo meu olhar.

Naquele exato momento, os olhos dele lampejaram e encontraram os meus.

Virei a cabeça, deixando o cabelo cair para esconder minha cara. Mas eu tinha certeza de que, no instante em que nossos olhos se encontraram, ele não parecia

rude nem antipático como na última vez que o vi. Só parecia curioso novamente, e de certa forma insatisfeito.

— Edward Cullen está olhando para você — Jessica riu na minha orelha.

— Ele não parece estar com raiva, parece? — Não pude deixar de perguntar.

— Não — disse ela, meio confusa com a minha pergunta. — Deveria estar?

— Acho que ele não gosta de mim — confidenciei. Ainda me sentia nauseada. Baixei a cabeça no braço.

— Os Cullen não gostam de ninguém... Bom, eles não percebem a presença de ninguém para gostar. Mas ele ainda está olhando para você.

— Pare de olhar para ele — sibilei.

Ela deu uma risadinha, mas desviou os olhos. Levantei a cabeça o bastante para ter certeza de que ela fizera isso, pensando em usar de violência se ela resistisse.

Mike nos interrompeu — estava planejando uma épica batalha de neve no estacionamento depois da aula e queria que fôssemos também. Jessica concordou com entusiasmo. Pelo modo como Jessica olhou para Mike, havia poucas dúvidas de que ela concordaria com qualquer coisa que ele sugerisse. Eu me mantive calada. Teria que me esconder no ginásio até que o estacionamento estivesse vazio.

Pelo resto da hora de almoço, mantive muito cuidadosamente os olhos em minha própria mesa. Decidi cumprir o trato que fizera comigo mesma. Como ele não parecia ter raiva, eu iria para a aula de biologia. Meu estômago deu pulos de medo com a ideia de sentar ao lado dele de novo.

Eu na verdade não queria ir para a aula com Mike, como sempre fazia — ele parecia ser um alvo popular dos atiradores de bola de neve —, mas quando chegamos à porta, todo mundo do meu lado gemeu em uníssono. Estava chovendo, e a água lavava todos os vestígios de neve em faixas claras e geladas pelo canto do meio-fio. Puxei o capuz para cima, secretamente satisfeita. Eu estava livre para ir direto para casa depois da educação física.

Mike desfiou um rosário de queixas no caminho para o prédio quatro.

Depois de entrar na sala de aula, vi com alívio que minha carteira ainda estava vazia. O Sr. Banner andava pela sala, distribuindo um microscópio e uma caixa de lâminas para cada carteira. A aula só começaria alguns minutos depois e a sala zumbia com as conversas. Mantive os olhos afastados da porta, rabiscando

preguiçosamente na capa de meu caderno.

Ouvi com muita clareza quando a cadeira ao lado da minha se mexeu, mas meus olhos continuaram cuidadosamente focalizados no que eu desenhava.

— Oi — disse uma voz baixa e musical.

Olhei para cima, atordoada por ele estar falando comigo. Estava sentado a maior distância de mim que a carteira permitia, mas sua cadeira voltava-se para mim. O cabelo gotejava, despenteado — mesmo assim, ele parecia ter acabado de gravar um comercial de gel. Seu rosto deslumbrante era simpático, franco, um leve sorriso nos lábios impecáveis. Mas os olhos eram cautelosos.

— Meu nome é Edward Cullen — continuou ele. — Não tive a oportunidade de me apresentar na semana passada. Você deve ser Bella Swan.

Minha mente girava de tanta confusão. Será que eu tinha inventado tudo aquilo? Ele agora estava sendo perfeitamente educado. Eu precisava falar; ele estava esperando. Mas não conseguia pensar em nada de convencional para dizer.

— Co-como você sabe meu nome? — gaguejei.

Ele deu um sorriso suave e encantador.

— Ah, acho que todo mundo sabe seu nome. A cidade toda estava esperando você chegar.

Dei um sorriso duro. Eu sabia que era algo desse tipo.

— Não — insisti, feito uma idiota. — Quer dizer, por que me chamou de Bella?

Ele pareceu confuso.

— Prefere Isabella?

— Não, gosto de Bella — eu disse. — Mas acho que Charlie... quer dizer, meu pai... deve me chamar de Isabella nas minhas costas... é como todo mundo aqui parece me conhecer — tentei explicar, sentindo-me uma completa idiota.

— Ah. — Ele deixou passar essa. Eu desviei os olhos, sem graça.

Felizmente, o Sr. Banner começou a aula naquele momento. Tentei me concentrar enquanto ele explicava a prática de laboratório que íamos fazer hoje. As lâminas na caixa estavam fora de ordem. Trabalhando como parceiros, teríamos que separar as lâminas de células de ponta de raiz de cebola nas fases de mitose que representavam e rotulá-las corretamente. Não devíamos usar os livros. Em vinte minutos, ele voltaria para ver o que tínhamos conseguido.

— Podem começar — ordenou ele.

— Primeiro as damas, parceira? — perguntou Edward. Olhei para ele e o vi dando um sorriso torto tão bonito que só pude ficar olhando como uma idiota. — Ou eu posso começar, se preferir. — O sorriso sumiu; ele obviamente se perguntava se eu era mentalmente competente.

— Não — eu disse, corando. — Eu começo.

Eu estava me exibindo, só um pouco. Já tinha feito essa experiência e sabia o que procurar. Deveria ser fácil. Coloquei a primeira lâmina no lugar sob o microscópio e ajustei-o rapidamente para a objetiva de 40x. Estudei a lâmina por alguns instantes.

Minha avaliação foi confiante.

— Prófase.

— Importa-se se eu olhar? — perguntou ele enquanto eu começava a retirar a lâmina. Sua mão pegou a minha, para me deter, quando fez a pergunta. Seus dedos eram frios como gelo, como se ele os tivesse enfiado numa bola de neve antes da aula. Mas não foi por isso que puxei a mão rapidamente. Quando ele me tocou, minha mão foi atingida como se uma corrente elétrica tivesse passado entre nós.

— Desculpe — murmurou ele, recuando a mão de imediato. Mas continuou a pegar o microscópio. Eu o observei, ainda meio tonta, enquanto ele examinava a lâmina por um tempo ainda mais curto do que eu fizera.

— Prófase — concordou, escrevendo numa letra elegante no primeiro espaço de nossa folha de respostas. Ele trocou rapidamente a primeira lâmina pela segunda, depois a observou com curiosidade. — Anáfase — murmurou, escrevendo enquanto falava.

Meu tom de voz foi indiferente.

— Posso?

Ele deu um sorriso malicioso e empurrou o microscópio para mim.

Olhei ansiosamente pela ocular, só para ficar decepcionada. Mas que droga, ele tinha razão.

— Lâmina três? — Estendi a mão sem olhar para ele.

Ele me passou a lâmina; parecia que estava tendo o cuidado de não tocar a minha pele de novo.

Dei a olhada mais fugaz que pude.

— Intérfase. — Passei-lhe o microscópio antes que ele pudesse pedir. Ele deu

uma espiada rápida e depois escreveu. Eu teria escrito enquanto ele olhava, mas a letra clara e elegante dele me intimidava. Não queria estragar a página com meu garrancho malfeito.

Nós terminamos antes que qualquer um chegasse perto disso. Eu podia ver Mike e a parceira dele comparando sem parar duas lâminas, e outro grupo tinha o livro aberto sob a carteira.

Assim, não me restava nada a fazer a não ser tentar não olhar para ele... Sem sucesso. Olhei para cima. E ele estava me encarando, com aquela mesma expressão inexplicável de frustração nos olhos. De repente identifiquei aquela diferença sutil em seu rosto.

— Você usa lentes de contato? — soltei sem pensar.

Ele pareceu confuso com minha pergunta inesperada.

— Não.

— Ah — murmurei. — Pensei ver alguma coisa diferente nos seus olhos.

Ele deu de ombros e desviou o rosto.

Na verdade, eu tinha certeza de que havia algo diferente. Lembrava-me nitidamente da cor preta dos olhos dele na última vez em que ele olhou para mim — a cor se destacava contra o fundo de sua pele clara e o cabelo castanho-avermelhado. Hoje, os olhos dele eram de uma cor completamente diferente: um ocre estranho, mais escuro do que caramelo, mas com o mesmo tom dourado. Eu não entendia como podia ser assim, a não ser que, por algum motivo, ele estivesse mentindo sobre as lentes de contato. Ou talvez Forks estivesse me deixando louca, no sentido literal do termo.

Olhei para baixo. As mãos dele estavam fechadas com força de novo.

O Sr. Banner veio à nossa mesa, para ver por que não estávamos trabalhando. Olhou por sobre nossos ombros e viu o trabalho concluído, e depois olhou mais intensamente para verificar as respostas.

— Então, Edward, não acha que Isabella devia ter a chance de usar o microscópio? — perguntou o Sr. Banner.

— Bella — corrigiu Edward automaticamente. — Na verdade, ela identificou três das cinco lâminas.

O Sr. Banner agora olhava para mim; sua expressão era cética.

— Já fez essa experiência de laboratório antes? — perguntou ele.

Eu sorri, timidamente.

— Não com raiz de cebola.

— Blástula de linguado?

— Foi.

O Sr. Banner assentiu.

— Você estava em algum curso avançado em Phoenix?

— Estava.

— Bem — disse ele depois de um momento. — Acho que é bom que os dois sejam parceiros de laboratório. — Ele murmurou mais alguma coisa ao se afastar. Depois que saiu, comecei a rabiscar de novo no meu caderno.

— Que chato aquela neve, não é? — perguntou Edward. Tive a sensação de que ele estava se obrigando a bater um papinho comigo. A paranoia me dominou de novo. Era como se ele tivesse ouvido minha conversa com Jessica no almoço e tentasse provar que eu estava errada.

— Na verdade não — respondi com sinceridade, em vez de fingir ser normal como todos os outros. Eu ainda tentava me livrar da sensação idiota de desconfiança e não conseguia me concentrar.

— Você não gosta do frio. — Não era uma pergunta.

— Nem da umidade.

— Forks deve ser um lugar difícil para você morar — refletiu ele.

— Nem faz ideia — murmurei melancolicamente.

Ele pareceu fascinado com o que eu disse, por algum motivo que eu não conseguia entender. Seu rosto era uma distração tal que tentei não olhar para ele mais do que a cortesia me exigia.

— Então por que veio para cá?

Ninguém tinha me perguntado isso — não da forma direta como ele fez, exigente.

— É... complicado.

— Acho que posso aguentar — pressionou ele.

Fiquei muda por um longo momento, e depois cometi o erro de encontrar o olhar dele. Seus olhos dourado-escuros me confundiam e respondi sem pensar.

— Minha mãe se casou de novo — eu disse.

— Isso não parece tão complexo — discordou ele, mas de repente ficou simpático. — Quando foi que aconteceu?

— Em setembro. — Minha voz parecia triste, até para mim.

— E você não gosta dele — supôs Edward, o tom de voz ainda gentil.

— Não, o Phil é legal. Novo demais, talvez, mas é bem legal.

— Por que não ficou com eles?

Eu não conseguia entender o interesse dele, mas Edward continuava a me fitar com os olhos penetrantes, como se a história insípida de minha vida fosse algo de importância crucial.

— Phil viaja muito. Ganha a vida jogando bola. — Dei um meio sorriso.

— Eu conheço? — perguntou ele, sorrindo em resposta.

— Provavelmente não. Ele não joga bem. É da segunda divisão. Ele se muda muito.

— E sua mãe mandou você para cá para poder viajar com ele. — Ele disse isso como uma suposição de novo, e não como uma pergunta.

Meu queixo se elevou um pouquinho.

— Não, ela não me mandou para cá. Eu quis vir.

As sobrancelhas dele se uniram.

— Não entendo — admitiu ele, e parecia desnecessariamente frustrado com este fato.

Suspirei. Por que estava explicando isso? Ele continuava a me encarar com uma curiosidade evidente.

— Ela ficou comigo no começo, mas sentia falta dele. Isso a deixava infeliz... Então cheguei à conclusão de que estava na hora de passar algum tempo de verdade com Charlie. — Minha voz estava mal-humorada quando terminei.

— Mas agora é você que está infeliz — assinalou ele.

— E? — eu o desafiei.

— Isso não parece justo. — Ele deu de ombros, mas seus olhos ainda eram intensos.

Eu ri sem nenhum humor.

— Ninguém te contou ainda? A vida não é justa.

— Acho que já ouvi isso em algum lugar — concordou ele secamente.

— E então é isso — insisti, perguntando-me por que ele ainda me encarava daquele jeito.

Ele passou a me olhar como quem me avaliava.

— Está fazendo um belo papel — disse ele devagar. — Mas aposto que está sofrendo mais do que deixa transparecer.

Dei um sorriso duro para ele, resistindo ao impulso de dar a língua como uma menina de 5 anos, e desviei os olhos.

— Estou errado?

Tentei ignorá-lo.

— Acho que não — murmurou ele, presunçoso.

— Por que isso interessa a você? — perguntei, irritada. Mantive os olhos longe dele, observando o professor fazer sua ronda.

— Boa pergunta — murmurou ele, tão baixinho que me perguntei se estava falando consigo mesmo. Mas depois de alguns segundos de silêncio, concluí que era a única resposta que eu teria.

Eu suspirei, fechando a cara para o quadro-negro.

— Estou irritando você? — perguntou ele. Parecia cismado.

Olhei para ele sem pensar... e disse a verdade novamente.

— Não exatamente. Estou mais irritada é comigo mesma. É tão fácil ler minha expressão... Minha mãe sempre me chama de livro aberto. — Franzi a testa.

— Pelo contrário, acho você muito difícil de ler. — Apesar de tudo o que eu falei e tudo o que ele adivinhou, Edward parecia sincero ao dizer isso.

— Então você deve ser um bom leitor — respondi.

— Em geral sou. — Ele deu um sorriso largo, mostrando dentes perfeitos e ultrabrancos.

O Sr. Banner então chamou a turma e eu me virei aliviada para ouvir. Nem acreditava que tinha acabado de explicar minha triste vida a esse garoto esquisito e lindo que podia ou não me desprezar. Ele parecia absorto em nossa conversa, mas agora eu podia ver, pelo canto do olho, que ele estava se afastando de mim de novo, as mãos agarradas na beira da mesa com uma tensão evidente.

Tentei parecer atenta enquanto o Sr. Banner ilustrava, com transparências do retroprojetor, o que eu vira sem nenhuma dificuldade ao microscópio. Mas meus pensamentos eram incontroláveis.

Quando o sinal finalmente tocou, Edward correu da sala de maneira tão rápida e elegante quanto na segunda-feira anterior. E, como naquela segunda, fiquei olhando para ele, atônita.

Mike pulou rapidamente para o meu lado e pegou meus livros. Eu o imaginei com um rabo abanando.

— Foi horrível — resmungou ele. — Todas elas pareciam exatamente as mesmas. Você tem sorte por ter o Cullen como parceiro.

— Não tive nenhum problema com elas — eu disse, magoada com o que ele supunha de mim. E me arrependi imediatamente da reprimenda. — Mas já fiz essa experiência de laboratório — acrescentei antes que ele pudesse se magoar.

— O Cullen pareceu bem simpático hoje — comentou ele enquanto vestíamos as capas de chuva. Mike não parecia satisfeito com isso.

Tentei aparentar indiferença.

— Nem imagino o que aconteceu com ele na segunda passada.

Eu não conseguia me concentrar na tagarelice de Mike enquanto íamos para o ginásio, e a aula de educação física também não conseguiu prender minha atenção. Mike hoje era do meu time. Ele cobriu minhas posições como um cavalheiro, além das dele mesmo, então minha desatenção só foi interrompida quando era minha vez de sacar. Meu time se abaixava cautelosamente sempre que eu dava o saque.

A chuva era apenas uma névoa quando fui para o estacionamento, mas eu estava mais feliz ao entrar na cabine seca do carro. Coloquei o aquecedor para funcionar, pela primeira vez sem me importar com o rugido enlouquecedor do motor. Abri o casaco, baixei o capuz e afofei o cabelo molhado para que o aquecedor pudesse secá-lo a caminho de casa.

Olhei em volta para me certificar de que podia sair. Foi aí que percebi a figura imóvel e branca. Edward Cullen estava encostado na porta da frente do Volvo, a três carros de mim, e olhava intensamente na minha direção. Desviei os olhos rapidamente e engatei a ré, quase batendo num Toyota Corolla enferrujado na minha pressa. Para sorte do Toyota, pisei no freio a tempo. Era o tipo de carro que minha picape transformaria em sucata. Respirei fundo, ainda olhando para o outro lado, e cautelosamente dei a ré de novo, com maior sucesso. Fiquei olhando para a frente ao passar pelo Volvo mas, pela visão periférica, eu podia jurar que ele estava sorrindo.

3. FENÔMENO

QUANDO ABRI OS OLHOS DE MANHÃ, havia algo diferente.

Era a luz. Ainda era a luz verde-acinzentada de um dia nublado na floresta, mas de certa forma estava mais clara. Percebi que não havia um véu de neblina na minha janela.

Pulei da cama para olhar para fora e gemi de pavor.

Uma fina camada de neve cobria o jardim, acumulava-se no alto de minha picape e deixava a rua branca. Mas essa não era a pior parte. Toda a chuva da véspera havia se solidificado — cobrindo as agulhas das árvores em fantásticas formas e fazendo da entrada de carros uma pista de gelo liso e mortal. Para mim, já era difícil não cair quando o chão estava seco; agora devia ser mais seguro voltar para a cama.

Charlie saíra para o trabalho antes que eu descesse ao primeiro andar. De muitas maneiras, morar com ele era como ter minha própria casa, e eu percebi que me divertia com a solidão, em vez de me sentir solitária.

Engoli rápido uma tigela de cereais e um pouco de suco de laranja direto da caixa. Sentia-me empolgada para ir para a escola e isso me assustava. Eu sabia que minha expectativa não vinha do ambiente estimulante de aprendizado, nem de ver meu novo grupo de amigos. Para ser sincera comigo mesma, eu sabia que estava ansiosa para ir para a escola porque veria Edward Cullen. E isso era uma grande estupidez.

Eu devia evitá-lo inteiramente depois de meu tagarelar desmiolado e constrangedor de ontem. E eu estava desconfiada; por que ele mentiria sobre os olhos? Eu ainda tinha medo da hostilidade que às vezes sentia emanar dele, e ainda ficava sem fala sempre que imaginava seu rosto perfeito. Estava bastante consciente de que minha praia e a praia de Edward eram universos que não se tocavam. Então eu não devia estar com essa ansiedade toda para vê-lo hoje.

Precisei de toda a minha concentração para descer viva a entrada de carros de tijolos congelados. Quase perdi o equilíbrio quando finalmente cheguei à picape,

mas consegui segurar no retrovisor e me salvar. Estava claro que o dia de hoje seria um pesadelo.

Dirigindo para a escola, me distraí do medo de cair e das especulações indesejadas sobre Edward Cullen pensando em Mike e Eric, e na diferença evidente no modo como os adolescentes daqui reagiam a mim. Tinha certeza de que estava com a mesmíssima aparência que tinha em Phoenix. Talvez fosse só porque os meninos de minha cidade tivessem me visto passar lentamente por todas as fases desajeitadas da adolescência e ainda me vissem dessa forma. Talvez fosse porque eu era nova por aqui, onde as novidades eram poucas e raras vezes aconteciam. É possível que minha falta de jeito incapacitante fosse considerada simpática, e não ridícula, tornando-me uma donzela em perigo. Qualquer que fosse o motivo, o comportamento de cachorrinho de Mike e a aparente rivalidade de Eric com ele eram desconcertantes. Eu não tinha certeza se preferiria ser ignorada.

Minha picape não parecia ter problemas com o gelo escuro que cobria as ruas. Mas dirigi bem devagar, sem querer traçar uma rota de destruição pela rua principal.

Na escola, quando saí do carro, vi por que tive tão poucos problemas. Uma coisa prateada atraiu meus olhos e andei até a traseira da picape — apoiando-me com cuidado na lateral — para examinar os pneus. Havia neles correntes finas formando losangos. Charlie se levantara cedo, sabe-se lá a que horas, para colocar correntes de neve na minha picape. Minha garganta de repente se apertou. Eu não estava acostumada com alguém cuidando de mim e a preocupação muda de Charlie me pegou de surpresa.

Estava parada junto ao canto traseiro da picape, lutando para reprimir a onda de emoção que as correntes de neve me provocaram, quando ouvi um som estranho.

Foi um guincho agudo e estava se tornando rápida e dolorosamente alto. Olhei para cima, sobressaltada.

Vi várias coisas ao mesmo tempo. Nada estava se movendo em câmera lenta, como acontece nos filmes. Em vez disso, o jato de adrenalina parecia fazer com que meu cérebro trabalhasse muito mais rápido, e eu pude absorver simultaneamente várias coisas em detalhes nítidos.

Edward Cullen estava parado a quatro carros de mim, olhando-me apavorado.

Sua face se destacava do mar de rostos, todos paralisados na mesma máscara de choque. Mas de importância mais imediata foi a van azul-escura que tinha derrapado, travado os pneus e guinchado com os freios, rodando como louca pelo gelo do estacionamento. Ia bater na traseira da minha picape e eu estava parada entre os dois carros. Não tinha tempo nem de fechar os olhos.

Pouco antes de ouvir o esmagar da van sendo amassada na caçamba da picape, alguma coisa me atingiu, mas não da direção que eu esperava. Minha cabeça bateu no asfalto gelado e senti uma coisa sólida e fria me prendendo no chão. Eu estava deitada atrás do carro caramelo estacionado ao lado do meu. Mas não tive oportunidade de perceber mais nada, porque a van ainda vinha. Raspara com um rangido na traseira da picape e, ainda girando e derrapando, estava prestes a bater em mim de novo.

Um palavrão baixo me deixou ciente de que alguém estava comigo e era impossível não reconhecer a voz. Duas mãos longas e brancas se estenderam protetoras na minha frente e a van estremeceu até parar a trinta centímetros do meu rosto, as mãos grandes criando um providencial amassado na lateral da van.

Depois as mãos mexeram-se com tal rapidez que pareciam um vulto. Uma estava repentinamente agarrada sob a van, e alguma coisa me arrastava, balançando minhas pernas como as de uma boneca de trapos, até que elas atingiram o pneu do carro caramelo. Um gemido metálico feriu meus ouvidos e a van parou, estourando o vidro, no asfalto — exatamente onde, um segundo antes, minhas pernas estiveram.

Por um segundo o silêncio foi absoluto, antes que começasse a gritaria. No tumulto repentino, eu podia ouvir mais de uma pessoa gritando meu nome. Mas com mais clareza ainda, podia ouvir a voz baixa e frenética de Edward Cullen no meu ouvido.

— Bella? Está tudo bem?

— Eu estou bem. — Minha voz parecia estranha. Tentei me sentar e percebi que ele me segurava junto à lateral de seu corpo num aperto de aço.

— Cuidado — alertou ele enquanto eu me esforçava. — Acho que você bateu a cabeça com força.

Percebi uma dor latejante acima da orelha esquerda.

— Ai — eu disse, surpresa.

— Foi o que eu pensei. — Pela voz dele, tive a surpreendente impressão de

que ele reprimia o riso.

— Como foi que... — gaguejei, tentando clarear a mente, tentando me orientar. — Como foi que chegou aqui tão rápido?

— Eu estava bem do seu lado, Bella — disse ele, o tom sério novamente.

Eu me virei para me sentar e desta vez ele deixou, afrouxando o abraço em minha cintura e deslizando para longe de mim, o máximo que permitia o espaço limitado. Olhei para a expressão preocupada e inocente dele e de novo fiquei desorientada com a intensidade de seus olhos cor de ouro. O que foi que perguntei a ele mesmo?

E depois eles nos acharam, uma multidão de gente com lágrimas descendo pelo rosto, gritando uns com os outros, gritando para nós.

— Não se mexa — instruiu alguém.

— Tirem o Tyler da van! — gritou outra pessoa. Houve um alvoroço com a atividade em nossa volta. Tentei me levantar, mas a mão fria de Edward puxou meus ombros para baixo.

— Fique quieta por enquanto.

— Mas está frio — reclamei. Fiquei surpresa quando ele riu baixinho. Havia uma aspereza naquele som. — Você estava lá — lembrei-me de repente, e o riso dele parou num instante. — Você estava perto do seu carro.

A expressão dele ficou séria.

— Não estava não.

— Vi você. — Tudo em nossa volta era um caos. Eu podia ouvir as vozes mais rudes de adultos que chegavam na cena. Mas, obstinadamente, me prendi a nossa discussão; eu estava certa e ele tinha que admitir isso.

— Bella, eu estava parado do seu lado e tirei você do caminho. — Ele libertou todo o poder devastador de seus olhos em mim, como se tentasse comunicar alguma coisa crucial.

— Não. — Finquei pé.

O ouro em seus olhos se inflamou.

— Por favor, Bella.

— Por quê? — perguntei.

— Confie em mim — pediu ele, a voz suave e dominadora.

Agora eu podia ouvir as sirenes.

— Promete que vai me explicar tudo depois?

— Tudo bem — rebateu ele, repentinamente exasperado.

— Tudo bem — repeti com raiva.

Foram necessários seis paramédicos e dois professores — o Sr. Varner e o treinador Clapp — para afastar a van de nós o bastante para que as macas entrassem. Edward recusou veementemente a dele e eu tentei fazer o mesmo, mas o traidor lhes disse que eu tinha batido a cabeça e devia ter uma concussão. Quase morri de humilhação quando me colocaram o protetor de pescoço. Parecia que toda a escola estava ali, olhando sobriamente enquanto me levavam para a traseira da ambulância. Edward andava na frente. Foi enlouquecedor.

Para piorar as coisas, o chefe Swan chegou antes que pudessem me tirar dali em segurança.

— Bella! — gritou ele em pânico quando me reconheceu na maca.

— Eu estou bem, Char... pai — eu suspirei. — Não há nada de errado comigo.

Ele se virou para o paramédico mais próximo, pedindo uma segunda opinião. Desliguei-me dele para refletir sobre a confusão de imagens inexplicáveis que se agitavam caoticamente em minha cabeça. Quando me levantaram do carro, eu vi o amassado fundo no para-choque do carro caramelo — um amassado muito distinto, que combinava com os contornos dos ombros de Edward... Como se ele tivesse se jogado no carro com força suficiente para amassar a estrutura de metal...

E depois havia a família dele, olhando à distância, com expressões que iam da censura à fúria, mas sem a menor sugestão de preocupação pela segurança do irmão.

Tentei pensar numa solução lógica que explicasse o que acabara de ver — uma solução que excluísse o pressuposto de que eu estava louca.

Naturalmente, a ambulância teve escolta policial até o hospital do condado. Eu me senti ridícula o tempo todo em que me levaram. O que piorava tudo era que Edward simplesmente passou pelas portas do hospital andando com os próprios pés. Trinquei os dentes.

Eles me colocaram na emergência, uma sala comprida com uma fila de leitos separados por cortinas em tom pastel. Uma enfermeira pôs um aparelho de pressão no meu braço e um termômetro debaixo da minha língua. Como ninguém se incomodou em puxar a cortina para me dar alguma privacidade, decidi que não era mais obrigada a usar o protetor de pescoço de aparência idiota.

Quando a enfermeira se afastou, abri o velcro rapidamente e o atirei debaixo da cama.

Houve outra agitação do pessoal do hospital, outra maca trazida para o leito ao lado do meu. Reconheci Tyler Crowley, de minha turma de educação cívica, atrás das ataduras sujas de sangue que envolviam firmemente sua cabeça. Tyler parecia cem vezes pior do que eu. Mas olhava angustiado para mim.

— Bella, me desculpe!

— Eu estou bem, Tyler... Você parece péssimo, está tudo bem com você? — Enquanto falávamos, enfermeiras começaram a desfazer sua atadura encharcada, expondo uma miríade de cortes superficiais em toda a testa e na bochecha esquerda de Tyler.

Ele me ignorou.

— Achei que ia matar você! Eu estava indo rápido demais e derrapei no gelo... — Ele gemeu quando uma das enfermeiras começou a limpar seu rosto.

— Não se preocupe com isso; você não me acertou.

— Como foi que saiu do caminho tão rápido? Você estava lá e de repente tinha sumido...

— Hmmm... Edward me puxou de lá.

Ele parecia confuso.

— Quem?

— Edward Cullen... Ele estava do meu lado. — Eu sempre menti muito mal; não parecia nada convincente.

— Cullen? Não o vi... Caramba, acho que foi tudo tão rápido. Ele está bem?

— Acho que sim. Está em algum lugar por aqui, mas ninguém o obrigou a usar uma maca.

Eu sabia que não era louca. O que será que acontecera? Não havia como explicar o que eu vira.

Eles me levaram de novo na maca, para uma radiografia da cabeça. Eu lhes disse que não havia nada de errado e tinha razão. Nem uma concussão. Perguntei se podia sair, mas a enfermeira disse que primeiro teria que falar com o médico. Então fiquei presa na emergência, esperando, atazanada pelas desculpas constantes de Tyler e suas promessas de que iria me compensar. Não importava quantas vezes eu tentasse convencê-lo de que estava bem, ele continuava a se atormentar. Por fim, fechei os olhos e o ignorei. Ele continuou num murmúrio

cheio de remorsos.

— Ela está dormindo? — perguntou uma voz musical. Meus olhos se abriram.

Edward estava parado ao pé do meu leito, com um sorriso malicioso. Olhei para ele. Não foi fácil — teria sido mais natural comer com os olhos.

— Aí, Edward, me desculpe... — começou Tyler.

Edward ergueu a mão para detê-lo.

— Sem sangue, sem crime — disse ele, lampejando os dentes brilhantes. Ele foi se sentar na beira do leito de Tyler, virado para mim. Sorriu novamente com malícia.

— E então, qual é o veredicto? — perguntou-me.

— Não há nada de errado comigo, mas não me deixam ir embora — reclamei. — Por que é que você não foi amarrado a uma maca como nós?

— Tem a ver com quem você conhece — respondeu ele. — Mas não se preocupe, eu vim libertá-la.

Depois um médico apareceu e minha boca se abriu. Ele era jovem, era louro... e era mais lindo do que qualquer astro de cinema que eu já vira. Mas era pálido e parecia cansado, com olheiras. Pela descrição de Charlie, este tinha que ser o pai de Edward.

— Então, Srta. Swan — disse o Dr. Cullen numa voz extraordinariamente agradável —, como está se sentindo?

— Estou bem — disse. Esperava que pela última vez.

Ele foi até o quadro de luz na parede acima de minha cabeça e o ligou.

— Sua radiografia parece boa — disse ele. — Está com dor de cabeça? Edward disse que bateu com muita força.

— Eu estou bem — repeti com um suspiro, lançando um breve olhar zangado para Edward.

Os dedos frios do médico sondaram de leve meu crânio. Ele percebeu quando estremeci.

— Dolorido? — perguntou ele.

— Na verdade não. — Já senti coisas piores.

Ouvi uma risadinha, olhei e vi o sorriso complacente de Edward. Meus olhos se estreitaram.

— Bem, seu pai está na sala de espera... Pode ir para casa com ele agora. Mas

volte se sentir vertigem ou tiver qualquer problema de visão.

— Posso voltar para a escola? — perguntei, imaginando que Charlie tentaria ser atencioso.

— Talvez devesse descansar hoje.

Olhei para Edward.

— Ele vai para a escola?

— Alguém tem que espalhar a boa notícia de que sobrevivemos — disse Edward, presunçoso.

— Na verdade — corrigiu o Dr. Cullen —, a maior parte da escola parece estar na sala de espera.

— Ah, não — eu gemi, cobrindo o rosto com as mãos.

O Dr. Cullen ergueu as sobrancelhas.

— Quer ficar aqui?

— Não, não! — insisti, atirando as pernas pelo lado do leito e pulando para baixo rapidamente. Rápido demais. Eu cambaleei e o Dr. Cullen me segurou. Ele pareceu preocupado. — Estou bem — garanti de novo. Não havia necessidade de dizer a ele que meus problemas de equilíbrio não tinham nada a ver com a pancada na cabeça.

— Tome um Tylenol para a dor — sugeriu ele enquanto me equilibrava.

— Não está doendo tanto assim — insisti.

— Parece que vocês tiveram muita sorte — disse o Dr. Cullen, sorrindo ao assinar meu prontuário com um floreio.

— A sorte foi Edward por acaso estar parado do meu lado — corrigi com um olhar duro para o objeto de minha declaração.

— Ah, bem, sim — concordou o Dr. Cullen, repentinamente ocupado com a papelada diante dele. Depois desviou os olhos para Tyler e foi até o leito seguinte.

Minha intuição vacilou; o médico deve ter percebido.

— Mas acho que você terá que ficar conosco por mais um tempinho — disse ele a Tyler e começou a examinar os cortes.

Assim que o médico se virou, fui para o lado de Edward.

— Posso conversar com você um minuto? — sibilei baixinho. Ele recuou um passo, o queixo de repente trincado.

— Seu pai está esperando por você — disse ele entredentes.

Eu olhei para o Dr. Cullen e para Tyler.

— Gostaria de falar com você a sós, se não se importa — pressionei.

Ele olhou, depois deu as costas e andou pela sala comprida. Quase tive que correr para acompanhá-lo. Assim que viramos para um corredor pequeno, ele girou o corpo e me encarou.

— O que você quer? — perguntou, parecendo irritado. Seus olhos eram frios.

A animosidade dele me intimidou. Minhas palavras saíram com menos severidade do que eu pretendia.

— Você me deve uma explicação — lembrei a ele.

— Eu salvei a sua vida... Não lhe devo nada.

Eu vacilei com o ressentimento na voz dele.

— Você prometeu.

— Bella, você bateu a cabeça, não sabe do que está falando. — O tom de voz era cortante.

Então perdi a calma e olhei para ele desafiadoramente.

— Não há nada de errado com a minha cabeça.

Ele sustentou o olhar.

— O que quer de mim, Bella?

— Quero saber a verdade — eu disse. — Quero saber por que estou mentindo por você.

— O que você acha que aconteceu? — rebateu ele.

A resposta saiu num jato.

— Só o que sei é que você não estava em nenhum lugar perto de mim... O Tyler também não o viu, então não venha me dizer que bati a cabeça com força. Aquela van ia atropelar nós dois... E não aconteceu, e suas mãos pareceram amassar a lateral dela... E você deixou um amassado no outro carro e não está nada machucado... E a van devia ter esmagado minhas pernas, mas você a levantou... — Pude perceber como aquilo soava como maluquice e não consegui continuar. Estava tão irritada que podia sentir as lágrimas saindo; tentei obrigá-las a voltar, trincando os dentes.

Ele me encarava incrédulo. Mas seu rosto estava tenso, na defensiva.

— Acha que eu levantei a van? — O tom de voz questionava minha sanidade, mas só o que conseguiu foi me deixar mais desconfiada. Era como uma fala dita com perfeição por um ator habilidoso.

Eu apenas concordei uma vez, as mandíbulas contraídas.

— Sabe que ninguém vai acreditar nisso. — Agora a voz dele tinha um tom de desdém.

— Não vou contar a ninguém. — Eu disse cada palavra devagar, controlando cuidadosamente minha raiva.

A surpresa passou rapidamente pelo rosto dele.

— Então por que isso importa?

— Importa para mim — insisti. — Não gosto de mentir... Então é melhor haver uma boa razão para que eu faça isso.

— Não pode simplesmente me agradecer e acabar com isso?

— Obrigada. — Eu esperei, furiosa e esperançosa.

— Você não vai deixar passar em branco, não é?

— Não.

— Neste caso... Espero que goste de se decepcionar.

Trocamos um olhar zangado em silêncio. Fui a primeira a falar, tentando me manter concentrada. Corria o risco de me distrair com o rosto lívido e glorioso de Edward. Era como tentar encarar um anjo exterminador.

— Por que se deu ao trabalho, então? — perguntei friamente.

Ele estancou e por um breve momento seu rosto pasmo ficou inesperadamente vulnerável.

— Não sei — sussurrou ele.

E depois ele me deu as costas e se afastou.

Eu estava tão furiosa que precisei de alguns minutos para poder me mexer. Quando consegui andar, segui lentamente para a saída no final do corredor.

A sala de espera foi mais desagradável do que eu temia. Parecia que cada rosto que eu conhecia em Forks estava lá, me encarando. Charlie correu para mim; eu levantei as mãos.

— Não há nada de errado comigo — garanti a ele, carrancuda. Ainda estava exasperada, não estava com humor para conversinhas.

— O que o médico disse?

— O Dr. Cullen me examinou e disse que eu estava bem e que podia ir para casa. — Eu suspirei. Mike, Jessica e Eric estavam todos ali, começando a convergir para nós. — Vamos — instei com meu pai.

Charlie pôs um braço pelas minhas costas, sem me tocar realmente, e me levou até as portas de vidro da saída. Acenei timidamente para meus amigos,

esperando dar a entender que eles não precisavam se preocupar mais. Foi um enorme alívio — a primeira vez que senti isso — entrar na viatura.

Seguimos no carro em silêncio. Eu estava tão imersa em meus pensamentos que mal dava pela presença de Charlie. Tinha certeza absoluta de que o comportamento defensivo de Edward no corredor fora uma confirmação das coisas estranhas que eu ainda não conseguia acreditar ter testemunhado.

Quando chegamos em casa, Charlie finalmente falou.

— Hmmm... Vai precisar ligar para a Renée. — Ele inclinou a cabeça, sentindo-se culpado.

Fiquei apavorada.

— Você contou à mamãe!

— Desculpe.

Bati a porta da viatura com uma força um pouco maior do que a necessária ao sair do carro.

É claro que a minha mãe estava histérica. Tive que dizer a ela que eu me sentia bem pelo menos umas trinta vezes antes de ela se acalmar. Ela me implorou para ir para casa — esquecendo-se do fato de que a casa neste momento estava vazia —, mas foi mais fácil resistir a suas súplicas do que eu teria imaginado. Eu estava consumida pelo mistério representado por Edward. E um pouco mais do que obcecada pelo próprio Edward. Idiota, idiota, idiota. Não estava tão ansiosa assim para escapar de Forks como deveria, como qualquer pessoa normal e sã teria feito.

Decidi que podia muito bem ir para a cama mais cedo naquela noite. Charlie continuou a me observar ansiosamente e aquilo estava me dando nos nervos. Parei a caminho do quarto para pegar três comprimidos de Tylenol no banheiro. Eles ajudaram e, à medida que a dor cedia, eu caí no sono.

Essa foi a primeira noite em que sonhei com Edward Cullen.

4. CONVITES

EM MEU SONHO ESTAVA MUITO ESCURO e a luz fraca que havia parecia irradiar da pele de Edward. Não conseguia ver seu rosto, só as costas enquanto ele se afastava de mim, deixando-me na escuridão. Por mais rápido que eu corresse, não conseguia alcançá-lo; por mais alto que gritasse, ele não se virava. Perturbada, acordei no meio da noite e não voltei a dormir pelo que pareceu um longo tempo. Depois disso, ele entrou em meus sonhos quase toda noite, mas sempre fora da cena, nunca ao meu alcance.

O mês seguinte ao acidente foi inquietante, tenso e, no início, constrangedor.

Para minha consternação, eu me vi no centro das atenções pelo resto da semana. Tyler Crowley estava impossível, seguindo-me por toda parte, obcecado por se redimir de alguma forma. Tentei convencê-lo de que o que eu mais queria dele é que esquecesse tudo aquilo — em especial porque não acontecera nada comigo —, mas ele insistia sem parar. Seguia-me entre as aulas e se sentava à nossa mesa, agora abarrotada. Mike e Eric foram ainda menos amistosos com ele do que entre si, o que me deixou preocupada com a possibilidade de ter ganho outro fã indesejado.

Ninguém parecia preocupado com Edward, mas expliquei repetidas vezes que o herói era ele — que ele havia me tirado do caminho e quase fora atropelado também. Tentei convencer Jessica, Mike, Eric e todos os outros que sempre comentavam que não o tinham visto ali até a van ser afastada.

Perguntei a mim mesma por que ninguém mais o vira parado tão longe, antes que ele salvasse a minha vida de repente e daquele jeito impossível. Com pesar, percebi a provável causa — ninguém mais tinha ciência da presença de Edward como eu. Ninguém o observava da forma como eu fazia. Que pena.

Edward nunca ficou cercado de uma multidão de curiosos ansiosos por seu relato em primeira mão. As pessoas o evitavam, como sempre. Os Cullen e os Hale sentavam-se à mesma mesa de sempre, sem comer, conversando entre si. Nenhum deles, em especial Edward, voltou a olhar na minha direção.

Quando ele se sentou ao meu lado na aula, o mais distante de mim que a carteira permitia, parecia totalmente inconsciente da minha presença. Só ocasionalmente, quando seus punhos de repente se curvavam — a pele esticada ainda mais branca sobre os ossos — é que eu me perguntava se ele estava tão distraído como parecia.

Ele queria não ter me tirado do caminho da van de Tyler — não havia outra conclusão que eu pudesse tirar.

Queria muito conversar com ele e, no dia seguinte ao acidente, tentei. Da última vez que o vira, do lado de fora da emergência do hospital, nós dois estávamos furiosos. Eu ainda tinha raiva por ele não ter me contado a verdade, embora cumprisse impecavelmente minha parte do trato. Mas ele salvara minha vida, independentemente de como tinha feito isso. E, da noite para o dia, a temperatura elevada de minha raiva desapareceu numa gratidão reverente.

Quando cheguei à aula de biologia Edward já estava sentado, olhando para a frente. Eu me sentei, esperando que se virasse para mim. Ele não deu sinais de ter percebido minha presença.

— Oi, Edward — eu disse de um jeito agradável, para lhe mostrar que ia me comportar.

Ele se virou só um pouquinho para mim sem me olhar nos olhos, balançou a cabeça uma vez e depois desviou o rosto.

E esse foi o último contato que tivemos, mas ele ficava ali, a trinta centímetros de distância, todo dia. Eu o olhava às vezes, incapaz de me conter — mas de longe, no refeitório ou no estacionamento. Eu o observava à medida que seus olhos dourados ficavam perceptivelmente mais escuros dia após dia. Mas, na aula, eu não prestava atenção nele mais do que ele permitia. Eu estava infeliz. E os sonhos continuaram.

Apesar de minhas mentiras cabais, o tom de meus e-mails alertaram Renée de minha depressão, e ela ligou algumas vezes, preocupada. Tentei convencê-la de que era só o clima que me deixava desanimada.

Mike, enfim, ficou satisfeito com a frieza evidente entre mim e meu parceiro de laboratório. Eu podia ver que ele estava preocupado que o resgate ousado de Edward pudesse ter me impressionado, e foi um alívio para ele parecer ter tido o efeito contrário. Ele ficou mais confiante, sentando-se na beirada de minha mesa para conversar antes que começasse a aula de biologia, ignorando Edward

completamente, como ele nos ignorava.

A neve desapareceu para sempre depois de um dia perigosamente gelado. Mike ficou decepcionado por não poder ter armado sua guerra de bolas de neve, mas satisfeito porque logo seria possível fazer a viagem à praia. Porém, a chuva continuava pesada, e as semanas se passaram.

Jessica me informou de outro evento que assomava no horizonte — ela ligou na primeira terça-feira de março querendo minha permissão para convidar Mike para o baile de primavera das meninas dali a duas semanas.

— Tem certeza de que não se importa... não estava pretendendo convidá-lo? — insistiu ela quando eu disse que não dava a mínima.

— Não, Jess, eu não vou — garanti a ela. Dançar estava notoriamente fora de minha gama de habilidades.

— Vai ser bem divertido. — Sua tentativa de me convencer foi meio desanimada. Suspeitei de que Jessica gostava mais de minha popularidade inexplicável do que de minha companhia.

— Divirta-se com o Mike — encorajei-a.

No dia seguinte, fiquei surpresa por Jessica não estar no humor esfuziante de sempre nas aulas de trigonometria e espanhol. Ela ficou em silêncio ao andar ao meu lado entre as aulas e eu tive medo de perguntar por quê. Se Mike a rejeitara, eu era a última pessoa a quem ela gostaria de contar.

Meus temores foram confirmados na hora do almoço, quando Jessica se sentou o mais distante possível de Mike, batendo um papo animado com Eric. Mike estava incomumente quieto.

Ele ainda estava em silêncio ao me acompanhar à aula, sua expressão de desconforto era mau sinal. Como sempre, eu estava eletricamente ciente de Edward sentado perto o bastante para que eu o tocasse, e ao mesmo tempo tão distante que parecia uma mera invenção de minha imaginação.

— Mas aí — disse Mike, olhando para o chão —, a Jessica me convidou para o baile de primavera.

— Isso é ótimo. — Eu conferi mais brilho e entusiasmo à minha voz. — Você vai se divertir muito com a Jessica.

— Bom... — ele hesitou ao sondar meu sorriso, claramente nada feliz com a resposta que eu dera. — Eu disse a ela que ia pensar no assunto.

— Por que fez isso? — Deixei que a reprovação tingisse minha voz, mas

fiquei aliviada por ele não ter dado uma negativa absoluta a ela.

O rosto dele ficou vermelho vivo enquanto ele baixava a cabeça novamente. A compaixão abalou minha resolução.

— Eu estava me perguntando se... Bom, se você tinha a intenção de me convidar.

Parei por um momento, odiando a onda de culpa que varreu meu corpo. Mas vi, pelo canto do olho, a cabeça de Edward se inclinar por reflexo na minha direção.

— Mike, acho que devia dizer sim a ela — eu disse.

— Já convidou alguém? — Será que Edward percebeu como os olhos de Mike disparavam para ele?

— Não — garanti a ele. — Não vou a baile nenhum.

— E por que não? — Mike quis saber.

Eu não queria enfrentar os riscos de uma pista de dança, então fiz novos planos rapidamente.

— Vou a Seattle no sábado — expliquei. Eu precisava sair da cidade de qualquer forma; de repente era a época perfeita para ir.

— Não pode ir em outro fim de semana?

— Não, desculpe — eu disse. — Então você não devia fazer a Jess esperar mais tempo... É grosseria.

— É, tem razão — murmurou Mike. E se virou, abatido, para voltar ao lugar dele. Fechei os olhos e apertei os dedos nas têmporas, tentando expulsar a culpa e a solidariedade de minha cabeça. O Sr. Banner começou a falar. Eu suspirei e abri os olhos.

E Edward estava me encarando com curiosidade, com aquela frustração que eu já conhecia agora ainda mais evidente em seus olhos escuros.

Eu sustentei o olhar, surpresa, esperando que ele desviasse a cabeça rapidamente. Mas, em vez disso, ele continuou a olhar com intensidade nos meus olhos, como se me sondasse. Para mim, estava fora de cogitação desviar o rosto. Minhas mãos começaram a tremer.

— Sr. Cullen? — chamou o professor, esperando pela resposta a uma pergunta que eu não ouvira.

— O ciclo de Krebs — respondeu Edward, parecendo relutante ao se virar para o Sr. Banner.

Assim que os olhos dele me libertaram, eu baixei os meus para o livro à minha frente, tentando me situar. Com a mesma covardia de sempre, coloquei o cabelo sobre o ombro direito para esconder meu rosto. Não conseguia acreditar no jorro de emoção que pulsava em mim — só porque por acaso ele olhou para mim pela primeira vez em meia dúzia de semanas. Eu não permitiria que ele tivesse esse nível de influência sobre mim. Era ridículo. Mais do que ridículo, não era saudável.

Eu me esforcei muito para não ficar atenta a ele pelo resto da aula e, uma vez que era impossível, pelo menos não deixar que ele soubesse que eu estava atenta a ele. Quando o sinal finalmente tocou, dei as costas para Edward a fim de pegar minhas coisas, esperando que ele saísse de imediato, como sempre.

— Bella? — A voz dele não devia ter sido tão familiar para mim, como se eu conhecesse aquele som por toda minha vida e não há apenas algumas semanas.

Eu me virei devagar, sem vontade nenhuma. Não queria sentir o que sabia que sentiria quando olhasse seu rosto perfeito demais. Minha expressão era cautelosa quando finalmente me virei; a expressão dele era ilegível. Ele não disse nada.

— Que foi? Está falando comigo de novo? — perguntei por fim, com um tom involuntário de petulância.

Os lábios dele se retorceram, reprimindo um sorriso.

— Na verdade não — admitiu ele.

Fechei os olhos e inspirei lentamente pelo nariz, ciente de que estava trincando os dentes. Ele esperou.

— Então o que você quer, Edward? — perguntei, ainda de olhos fechados; era mais fácil falar com ele com alguma coerência desse jeito.

— Desculpe. — Ele parecia sincero. — Tenho sido muito rude, eu sei. Mas é melhor assim, pode acreditar.

Abri os olhos. Seu rosto estava muito sério.

— Não sei o que quer dizer — eu disse, na defensiva.

— É melhor não sermos amigos — explicou ele. — Confie em mim.

Meus olhos se estreitaram. Eu já ouvira isso antes.

— É péssimo que você não tenha chegado a essa conclusão antes — sibilei entredentes. — Podia ter se poupado de todo esse arrependimento.

— Arrependimento? — A palavra e meu tom de voz obviamente o pegaram

de guarda baixa. — Arrependimento do quê?

— De não deixar simplesmente que aquela van me esmagasse.

Ele ficou atônito. Olhou para mim sem acreditar.

Quando finalmente falou, quase parecia irritado.

— Acha que me arrependo de ter salvado você?

— Eu sei que se arrepende — rebati.

— Você não sabe de nada. — Sem dúvida ele estava irritado.

Virei a cabeça bruscamente, travando o queixo para conter todas as acusações desvairadas que ia atirar na cara dele. Peguei meus livros, depois me levantei e fui para a porta. Eu pretendia disparar dramaticamente para fora da sala, mas é claro que a ponta da minha bota ficou presa no batente e deixei cair meus livros. Fiquei parada ali por um momento, pensando em deixá-los para trás. Depois suspirei e me abaixei para pegá-los. Ele estava ali; já empilhara meus livros. Entregou-os a mim de cara amarrada.

— Obrigada — eu disse friamente.

Os olhos dele se estreitaram.

— Não há de quê — retrucou ele.

Eu me endireitei rapidamente, virei a cara de novo e fui para o ginásio sem olhar para trás.

A aula de educação física foi brutal. Agora jogávamos basquete. Meu time nunca me passava a bola, o que foi bom, mas eu caí bastante. Às vezes levava alguém comigo. Hoje estava sendo pior do que de costume porque minha cabeça estava completamente cheia de Edward. Tentei me concentrar nos meus pés, mas ele continuava a rastejar para os meus pensamentos exatamente quando eu mais precisava do meu equilíbrio.

Como sempre, foi um alívio ir embora. Quase corri até a picape; havia gente demais que eu queria evitar. O carro sofrera danos mínimos com o acidente. Tive que substituir as luzes de ré e, se eu quisesse realmente pintar, bastava dar um retoque. Os pais de Tyler tiveram que vender a van para o desmanche.

Quase tive uma síncope quando virei a esquina e vi uma figura alta e escura encostada na lateral da minha picape. Depois percebi que era só Eric. Comecei a andar novamente.

— Oi, Eric.

— Oi, Bella.

— E aí? — eu disse enquanto abria a porta. Não prestei atenção ao tom desagradável na voz dele, então as próximas palavras de Eric me pegaram de surpresa.

— É... eu só estava pensando... se você gostaria de ir ao baile de primavera comigo. — A voz dele falhou ao dizer a última palavra.

— Pensei que as meninas é que deviam convidar — eu disse, sobressaltada demais para ser diplomática.

— Bom, e é — admitiu ele, envergonhado.

Recuperei a compostura e tentei dar um sorriso caloroso.

— Obrigada por me convidar, mas vou a Seattle nesse dia.

— Ah — disse ele. — Bom, quem sabe na próxima?

— Claro — concordei e depois mordi o lábio. Eu não queria que ele entendesse isso tão literalmente.

Ele se curvou, voltando à escola. Ouvi um risinho baixo.

Edward passava pela frente da minha picape, os lábios apertados. Abri o carro num rompante e pulei para dentro, batendo a porta ruidosamente. Acelerei o motor de um jeito ensurdecedor e dei a ré para a rua. Edward já estava no carro dele, a duas vagas de distância, passando suavemente por mim, me dando uma fechada. Ele parou ali — para esperar pela família; pude ver os quatro andando para lá, mas ainda perto do refeitório. Pensei em bater na traseira de seu Volvo reluzente, mas havia testemunhas demais. Olhei pelo retrovisor e vi que começava a se formar uma fila. Bem atrás de mim, Tyler Crowley estava no Sentra usado recém-adquirido, acenando. Eu estava irritada demais para responder.

Sentada ali, olhando para todo lado exceto para o carro na minha frente, ouvi uma batida na janela do carona. Olhei; era Tyler. Olhei novamente pelo retrovisor, confusa. O carro dele ainda estava ligado, a porta aberta. Inclinei-me na cabine para abrir a janela. Estava dura. Consegui abrir pela metade, depois desisti.

— Desculpe, Tyler, estou presa atrás do Cullen. — Eu estava irritada; obviamente ele não estava preso ali por culpa minha.

— Ah, eu sei... Só queria perguntar uma coisa enquanto estamos atolados aqui. — Ele sorriu.

Isso não podia estar acontecendo.

— Vai me convidar para o baile de primavera? — continuou ele.

— Eu não estarei na cidade, Tyler. — Minha voz parecia meio áspera. Tive que me lembrar de que não era culpa dele que Mike e Eric já tivessem gasto minha quota de paciência do dia.

— É, o Mike me contou — admitiu ele.

— Então por quê...

Ele deu de ombros.

— Eu esperava que você só estivesse se livrando deles do jeito mais fácil.

Tudo bem, a culpa era totalmente dele.

— Desculpe, Tyler — eu disse, tentando esconder minha irritação. — Eu estarei mesmo fora da cidade.

— Tudo bem. Ainda temos o baile dos estudantes.

E antes que eu pudesse responder, ele estava voltando ao próprio carro. Pude sentir o choque na minha cara. Olhei para a frente e vi Alice, Rosalie, Emmett e Jasper entrando no Volvo. Pelo retrovisor, os olhos de Edward me acompanhavam. Ele sem dúvida tremia de tanto rir, como se tivesse ouvido cada palavra de Tyler. Meu pé apertou mais o acelerador... uma batidinha não os arranharia, só aquela pintura prateada cintilante. Acelerei o motor.

Mas todos estavam dentro do carro e Edward partia. Dirigi devagar para casa, resmungando para mim mesma o tempo todo.

Quando cheguei, decidi fazer enchiladas de frango para o jantar. Seria um longo processo e isso me manteria ocupada. Enquanto refogava a cebola e a pimenta, o telefone tocou. Quase tive medo de atender, mas podia ser Charlie ou minha mãe.

Era Jessica, e estava em júbilo; Mike falara com ela depois da aula e aceitara o convite. Ela precisava desligar, queria telefonar a Angela e Lauren para contar. Sugeri — com uma inocência despreocupada — que talvez Angela, a menina tímida que tinha aula de biologia comigo, pudesse convidar Eric. E Lauren, uma garota retraída que sempre me ignorava na mesa de almoço, podia convidar Tyler; eu soube que ele ainda estava disponível. Jess achou uma ótima ideia. Agora que Mike estava garantido, ela pareceu sincera quando disse que queria que eu fosse ao baile. Dei-lhe minha desculpa de Seattle.

Depois que desliguei, tentei me concentrar no jantar — cortei o frango em cubos com um cuidado especial; não queria fazer outra viagem ao pronto-socorro.

Mas minha cabeça girava, tentando analisar cada palavra que Edward dissera hoje. O que ele quis dizer com a história de que era melhor não sermos amigos?

Meu estômago se revirou quando percebi que ele devia estar falando sério. Ele devia ter visto como eu estava absorta nele; não devia querer me seduzir... Então não podíamos mais ser amigos... porque ele não estava nada interessado em mim.

É claro que ele não estava interessado em mim, pensei com raiva, meus olhos ardendo — uma reação retardada à cebola. Eu não era interessante. E ele era. Interessante... e inteligente... e misterioso... e perfeito... e lindo... e possivelmente capaz de erguer vans inteiras com uma só mão.

Bom, estava tudo bem. Eu podia deixá-lo em paz. Eu o deixaria em paz. Passaria por minha sentença aqui no purgatório e depois, com sorte, uma universidade no Sudoeste, ou possivelmente no Havaí, me ofereceria uma bolsa de estudos. Concentrei meus pensamentos nas praias ensolaradas e nas palmeiras enquanto terminava as enchiladas e as colocava no forno.

Charlie pareceu desconfiado quando chegou em casa e sentiu o cheiro de pimenta-verde. Não podia culpá-lo — a comida mexicana que chegava mais perto de ser comestível devia estar no sul da Califórnia. Mas ele era um policial, mesmo que um policial de cidade pequena, então teve coragem suficiente para dar a primeira dentada. E pareceu gostar. Foi divertido observar enquanto ele aos poucos começava a confiar nas minhas habilidades culinárias.

— Pai? — perguntei quando ele quase havia acabado.

— Sim, Bella?

— Hmmm, eu só queria que soubesse que vou a Seattle no sábado que vem... Se não houver problema. — Eu não queria pedir permissão, isso estabeleceria um precedente ruim, mas pareci grosseira, então dei uma valorizada no final.

— Por quê? — ele pareceu surpreso, como se fosse incapaz de imaginar uma coisa que Forks não pudesse oferecer.

— Bom, queria comprar alguns livros... a biblioteca daqui é muito limitada... e talvez ver algumas roupas. — Eu tinha mais dinheiro do que costumava ter, uma vez que, graças a Charlie, não tive que pagar pelo carro. Não que a picape não me custasse muito no quesito gasolina.

— Essa picape não deve ter um consumo de gasolina muito bom — disse ele, ecoando meus pensamentos.

— Eu sei; vou parar em Montesano e em Olympia... e em Tacoma, se for

preciso.

— Vai lá sozinha? — perguntou ele, e não tive como saber se ele desconfiava de que eu tinha um namorado secreto ou só estava preocupado com problemas no carro.

— Vou.

— Seattle é uma cidade grande... Você pode se perder — encrespou-se ele.

— Pai, Phoenix é cinco vezes maior do que Seattle... E eu posso ler um mapa, não se preocupe.

— Quer que eu vá com você?

Tentei ser astuciosa ao esconder meu pavor.

— Está tudo bem, pai. Devo passar o dia todo em cabines de provas... Tudo muito chato.

— Ah, tudo bem. — A ideia de ficar sentado em lojas de roupas femininas por qualquer período de tempo o fez recuar de imediato.

— Obrigada. — Eu sorri para ele.

— Vai voltar a tempo para o baile?

Grrrr. Só em uma cidade desse tamanho um pai saberia quando acontecem os bailes da escola.

— Não... Eu não sei dançar, pai. — De todas as pessoas, ele devia entender isso; não herdei os problemas de equilíbrio da minha mãe.

Ele entendeu.

— Ah, tudo bem — percebeu ele.

Na manhã seguinte, quando cheguei ao estacionamento, encostei deliberadamente o mais distante possível do Volvo prata. Não queria me colocar no caminho da tentação e terminar devendo um carro novo a ele. Ao sair da cabine, me atrapalhei com minha chave e ela caiu numa poça a meus pés. Enquanto me abaixava para pegar, uma mão branca apareceu de repente e pegou a chave antes de mim. Endireitei o corpo rapidamente. Edward Cullen estava bem ao meu lado, encostando-se casualmente na picape.

— Como é que você fez isso? — perguntei numa irritação surpresa.

— Fiz o quê? — Ele estendia minha chave ao falar. Quando fiz menção de pegá-la, ele a largou na palma da minha mão.

— Aparecer do nada desse jeito.

— Bella, não é culpa minha se você é excepcionalmente distraída. — A voz

dele era baixa, como sempre. Aveludada, abafada.

Fechei a cara para o seu rosto perfeito. Os olhos estavam claros de novo, uma cor de mel dourada e profunda. Depois tive que olhar para baixo, para reagrupar meus pensamentos embaralhados.

— Por que o engarrafamento de ontem? — perguntei, ainda sem olhar para ele. — Pensei que você devia fingir que eu não existo, e não me matar de irritação.

— Aquilo foi pelo Tyler, e não por mim. Tive que dar uma chance a ele. — Ele riu, malicioso.

— Você... — eu arfei. Não conseguia pensar em nenhuma palavra ruim o bastante. Pensei que o calor de minha raiva pudesse queimá-lo fisicamente, mas ele só parecia se divertir mais.

— E não estou fingindo que você não existe — continuou ele.

— Então está tentando mesmo me matar de irritação? Já que a van do Tyler não fez o serviço?

A raiva lampejava por seus olhos castanho-claros. Os lábios se apertaram numa linha rígida, sinais de que o humor se fora.

— Bella, você é completamente absurda — disse ele, a voz baixa e fria.

A palma das minhas mãos coçou — eu queria tanto bater em alguma coisa. Fiquei surpresa comigo mesma. Em geral não era uma pessoa violenta. Dei as costas e comecei a me afastar.

— Espere — chamou ele.

Continuei andando, chapinhando com raiva pela chuva. Mas ele estava do meu lado, me acompanhando facilmente.

— Desculpe, foi grosseria minha — disse ele enquanto andávamos. Eu o ignorei. — Não estou dizendo que não é verdade — continuou ele —, mas, de qualquer forma, foi uma grosseria dizer aquilo.

— Por que não me deixa em paz? — rosnei.

— Quero perguntar uma coisa, mas você está me evitando — ele riu. Parecia ter recuperado o bom humor.

— Você tem distúrbio de personalidade múltipla? — perguntei séria.

— Lá vem você de novo.

Eu suspirei.

— Tudo bem, então. O que quer perguntar?

— Eu estava me perguntando se, no sábado que vem... Sabe como é, no dia do baile de primavera...

— Está tentando ser engraçadinho? — eu o interrompi, girando para ele. Meu rosto ficou suado ao ver sua expressão.

Pelo olhar, ele parecia se divertir perversamente.

— Quer por favor me deixar terminar?

Mordi o lábio e cruzei as mãos, entrelaçando os dedos, para não fazer nada precipitado.

— Eu a ouvi dizer que vai a Seattle nesse dia e estava pensando se você queria uma carona.

Por essa eu não esperava.

— Como é? — Não tinha certeza do que ele pretendia.

— Quer uma carona para Seattle?

— Com quem? — perguntei, aturdida.

— Comigo, é claro. — Ele enunciou cada sílaba como se estivesse falando com alguém com problemas mentais.

Eu ainda estava pasma.

— Por quê?

— Bom, eu pretendia ir a Seattle nas próximas semanas e, para ser sincero, não tenho certeza se sua picape vai aguentar.

— Minha picape funciona muito bem, obrigada por sua preocupação. — Recomecei a andar, mas estava surpresa demais para manter o mesmo nível de raiva.

— Mas sua picape pode chegar lá com um tanque de gasolina? — Ele acompanhava meus passos novamente.

— Não vejo como isso pode ser da sua conta. — Dono daquele Volvo idiota e reluzente.

— O desperdício de recursos não renováveis é da conta de todos.

— Francamente, Edward. — Senti um arrepio me perpassar ao dizer o nome dele, e odiei isso. — Eu não consigo entender você. Pensei que não quisesse ser meu amigo.

— Eu disse que seria melhor se não fôssemos amigos, e não que eu não queria ser.

— Ah. Obrigada, agora está tudo muito claro. — Ironia pesada. Percebi que

tinha parado de andar de novo. Agora estávamos sob a cobertura do refeitório, então eu podia olhar mais facilmente o rosto dele. O que certamente não ajudou a clarear meus pensamentos.

— Seria mais... prudente para você não ser minha amiga — explicou ele. — Mas estou cansado de tentar ficar longe de você, Bella.

Os olhos dele estavam gloriosamente intensos quando disse esta última frase, a voz ardente. Eu não conseguia me lembrar de como se respirava.

— Vai comigo a Seattle? — perguntou ele, ainda intenso.

Eu ainda não conseguia falar, então só balancei a cabeça.

Ele sorriu brevemente e depois seu rosto ficou sério.

— Você realmente deve ficar longe de mim — alertou ele. — Vejo você na aula.

Ele se virou abruptamente e voltou pelo caminho de onde viemos.

5. TIPO SANGUÍNEO

FUI PARA A AULA DE INGLÊS ENTORPECIDA. Nem percebi que, quando entrei naquela sala, a aula já havia começado.

— Obrigado por se juntar a nós, Srta. Swan — disse o Sr. Mason num tom depreciativo.

Eu corei e corri para me sentar.

Foi só quando a aula terminou que percebi que Mike não estava no lugar de sempre, ao meu lado. Senti uma pontada de culpa. Mas ele e Eric me encontraram na porta, como faziam, então deduzi que eu não era totalmente imperdoável. À medida que seguíamos, Mike pareceu se tornar mais ele mesmo, seu entusiasmo aumentando enquanto falava da previsão do tempo para o fim de semana. A chuva devia dar uma trégua curta, então talvez fosse possível a viagem à praia que ele planejava. Tentei parecer ansiosa, para compensar a decepção que lhe causara ontem. Foi difícil; com ou sem chuva, a temperatura ainda seria de uns dez graus, se tivéssemos sorte.

O resto da manhã passou indistintamente. Era difícil acreditar que eu não havia simplesmente imaginado o que Edward me dissera, ou como estavam seus olhos. Talvez fosse só um sonho muito convincente que eu confundia com a realidade. Isso parecia mais provável do que eu realmente atraí-lo de alguma maneira.

Então fiquei impaciente e assustada quando Jessica e eu entramos no refeitório. Queria ver a cara dele, ver se ele tinha reassumido a personalidade fria e indiferente que eu conhecera nas últimas semanas. Ou se, por milagre, eu realmente ouvira o que pensei ter ouvido esta manhã. Jessica tagarelava sem parar sobre os planos para o baile — Lauren e Angela convidaram os outros meninos e todos iam juntos —, sem a menor consciência de minha desatenção.

A decepção me inundou quando meus olhos focalizaram infalivelmente a mesa dele. Os outros quatro estavam ali, mas ele não. Será que tinha ido para casa? Segui a tagarelice interminável de Jessica pela fila, sentindo-me oprimida. Perdi

o apetite — só comprei uma garrafa de soda limonada. Queria apenas me sentar e ficar amuada.

— Edward Cullen está olhando para você de novo — disse Jessica, finalmente me arrancando de minhas abstrações ao pronunciar o nome dele. — Por que será que está sentado sozinho hoje?

Minha cabeça se levantou de repente. Segui o olhar dela e vi Edward, sorrindo torto, olhando-me de uma mesa vazia do lado oposto de onde se sentava sua família no refeitório. Depois de ver meus olhos, ele levantou a mão e gesticulou com o indicador para que eu me juntasse a ele. Enquanto eu encarava sem acreditar, ele deu uma piscadela.

— Ele quer dizer você? — perguntou Jessica com uma perplexidade insultante na voz.

— Talvez ele precise de ajuda com o dever de biologia — murmurei, para convencê-la. — Hmmm, é melhor ver o que ele quer.

Eu podia sentir que ela me olhava depois que me afastei.

Quando cheguei à mesa de Edward, fiquei de pé ao lado da cadeira na frente dele, insegura.

— Por que não fica comigo hoje? — perguntou ele, sorrindo.

Eu me sentei automaticamente, observando-o com cautela. Ele ainda sorria. Era difícil acreditar que alguém tão lindo pudesse ser real. Tive medo de que ele pudesse desaparecer numa nuvem repentina de fumaça e eu acordasse.

Ele parecia estar esperando que eu dissesse alguma coisa.

— Isso é diferente — consegui falar por fim.

— Bom... — Ele parou, e depois o resto das palavras saíram num jato. — Eu concluí que, já que vou para o inferno, posso muito bem fazer o serviço completo.

Esperei que ele dissesse alguma coisa que fizesse sentido. Os segundos se passaram.

— Sabe que não faço ideia do que você quer dizer — ressaltei por fim.

— Eu sei. — Ele sorriu de novo e mudou de assunto. — Acho que seus amigos estão com raiva de mim por ter roubado você.

— Eles vão sobreviver. — Eu podia sentir os olhares fuzilando minhas costas.

— Mas é possível que eu não a devolva — disse ele com um brilho perverso nos olhos.

Engoli em seco.

Ele riu.

— Parece preocupada.

— Não — eu disse mas, ridiculamente, minha voz falhou. — Surpresa, na verdade... Qual é o motivo disso tudo?

— Eu lhe disse... Fiquei cansado de tentar ficar longe de você. Então estou desistindo. — Ele ainda sorria, mas os olhos ocre eram sérios.

— Desistindo? — repeti, confusa.

— Sim... Desistindo de tentar ser bom. Agora só vou fazer o que eu quiser e deixar os dados rolarem. — O sorriso dele diminuiu à medida que ele explicava e um tom sério esgueirou-se por sua voz.

— Está me confundindo de novo.

O sorriso torto de tirar o fôlego reapareceu.

— Eu sempre falo demais quando converso com você... Este é um dos problemas.

— Não se preocupe... Eu não entendo nada mesmo — eu disse desvirtuadamente.

— Estou contando com isso.

— Então, numa linguagem clara, agora somos amigos?

— Amigos... — refletiu ele, indeciso.

— Ou não — murmurei.

Ele sorriu.

— Bom, acho que podemos tentar. Mas estou avisando desde já que não sou um bom amigo para você. — Por trás do sorriso, o alerta era real.

— Você já disse isso muitas vezes — observei, tentando ignorar o tremor súbito em meu estômago e manter minha voz inalterável.

— Sim, porque você não está me ouvindo. Ainda estou esperando que acredite nisso. Se for inteligente, vai me evitar.

— Acho que também já deixou clara sua opinião sobre o meu intelecto. — Meus olhos se estreitaram.

Ele sorriu como quem se desculpa.

— E aí, como estou sendo... nada inteligente, vamos tentar ser amigos? — Lutei para recapitular a conversa confusa.

— Isso parece bom.

Olhei para minhas mãos agarradas na garrafa de soda limonada, sem ter

certeza do que fazer agora.

— No que está pensando? — perguntou ele, curioso.

Virei-me para seus olhos dourados, confusa, e, como sempre, soltei a verdade sem querer.

— Estou tentando entender quem é você.

Seu queixo se apertou, mas ele manteve o sorriso no rosto com algum esforço.

— Está tendo sorte? — perguntou ele num tom meio rude.

— Não muita — admiti.

Ele riu.

— Quais são suas teorias?

Eu corei. No último mês, andei vacilando entre Bruce Wayne e Peter Parker. Não havia jeito de eu confessar isso.

— Não vai me dizer? — perguntou ele, inclinando a cabeça de lado com um sorriso tremendamente tentador.

Sacudi a cabeça.

— É constrangedor demais.

— Isso é muito frustrante, sabia? — queixou-se ele.

— Não — discordei rapidamente, semicerrando os olhos. — Não consigo nem imaginar por que seria frustrante... Só porque alguém se recusa a contar o que está pensando, mesmo que o tempo todo esteja fazendo pequenas observações obscuras que pretendem especificamente que você passe a noite toda se perguntando o que poderiam significar... Ora, por que isso seria frustrante?

Ele deu um sorriso duro.

— Ou melhor — continuei, a irritação contida agora fluía livremente —, digamos que a pessoa também tenha tido uma série de atitudes estranhas... De um dia salvar sua vida sob circunstâncias impossíveis a tratá-lo como um pária no dia seguinte, e nunca explicar nada disso, nem mesmo depois de ter prometido. Isso também não seria nada frustrante.

— Você tem um gênio e tanto, não é?

— Não gosto de dois pesos e duas medidas.

Ficamos nos encarando, sem sorrir.

Ele olhou por sobre meu ombro e depois, inesperadamente, deu uma risadinha.

— Que foi?

— Parece que seu namorado acha que estou sendo desagradável com você... Está se perguntando se vem ou não interromper nossa briga. — Ele riu novamente.

— Não sei de quem está falando — eu disse friamente. — Mas tenho certeza de que está enganado.

— Não estou. Eu lhe disse, é fácil interpretar a maioria das pessoas.

— A não ser a mim, é claro.

— Sim. A não ser você. — Seu humor mudou de repente, os olhos ficaram injetados. — Fico me perguntando o porquê disso.

A intensidade dessa declaração me obrigou a desviar os olhos. Concentrei-me em abrir a tampa da soda limonada. Tomei um gole, olhando a mesa sem ver.

— Não está com fome? — perguntou ele, distraído.

— Não. — Não estava com vontade de mencionar que meu estômago já estava cheio... de borboletas. — E você? — Olhei para a mesa vazia diante dele.

— Não, não tenho fome. — Não entendi a expressão dele; parecia curtir uma piada particular.

— Pode me fazer um favor? — perguntei depois de um segundo de hesitação.

Ele de repente ficou cauteloso.

— Depende do que você quer.

— Não é grande coisa — garanti a ele.

Ele esperou, em guarda, mas curioso.

— Eu só pensei... se, para meu próprio bem, você podia me avisar com antecedência da próxima vez que decidir me ignorar. Para que eu fique preparada. — Olhei a garrafa de soda limonada enquanto falava, desenhando o anel da abertura com o dedo mínimo.

— Parece justo. — Ele estava apertando os lábios para não rir quando eu olhei.

— Obrigada.

— Então posso ter uma resposta em troca? — perguntou ele.

— Uma.

— Me dê uma teoria.

Epa.

— Essa não.

— Você não qualificou, só prometeu uma resposta — lembrou-me ele.

— E você mesmo já quebrou promessas — lembrei-lhe por minha vez.

— Só uma teoria... Eu não vou rir.

— Vai sim. — Eu tinha certeza disso.

Ele olhou para baixo e depois para mim através dos cílios longos e escuros, os olhos cor de cobre abrasadores.

— Por favor? — sussurrou ele, inclinando-se para mim.

Eu pestanejei, minha mente ficando oca. Santo Deus, como é que ele fazia isso?

— É... o quê? — perguntei, confusa.

— Por favor, me conte só uma teoriazinha. — Seus olhos ainda ardiam para mim.

— Hmmm, bom, foi picado por uma aranha radioativa? — Ele também sabia hipnotizar? Ou eu é que era uma covarde irremediável?

— Isso não é muito criativo — zombou ele.

— Desculpe, é só o que eu tenho — eu disse, amuada.

— Nem chegou perto — zombou ele.

— Nada de aranhas?

— Nada.

— E nada de radioatividade?

— Nada.

— Droga — eu suspirei.

— A criptonita também não me incomoda — ele riu.

— Não devia rir, lembra?

Ele lutou para recompor a expressão.

— Um dia eu vou descobrir — eu o alertei.

— Gostaria que não tentasse. — Ele estava sério de novo.

— Porque...

— E se eu não for um super-herói? E se eu for o vilão? — Ele sorriu brincalhão, mas seus olhos eram impenetráveis.

— Ah — eu disse, enquanto várias coisas que ele sugeriu se encaixavam de repente. — Entendi.

— Entendeu? — Subitamente seu rosto ficou sério, como se ele tivesse medo de ter falado demais sem querer.

— Você é perigoso? — conjecturei, minha pulsação se acelerando enquanto

eu percebia, por intuição, a verdade em minhas próprias palavras. Ele era mesmo perigoso. Estava tentando me dizer isso o tempo todo.

Ele só olhou para mim, os olhos com alguma emoção. Não consegui compreender.

— Mas não mau — sussurrei, sacudindo a cabeça. — Não, não acredito que você seja mau.

— Está enganada. — A voz dele era quase inaudível. Ele olhou para baixo, roubando minha tampa de garrafa e girando-a de lado entre os dedos. Eu olhei para ele, perguntando-me por que não tinha medo. Ele foi sincero no que disse, isso era óbvio. Mas eu só me sentia ansiosa, tensa... e, mais do que qualquer outra coisa, fascinada. Como sempre me sentia quando ficava perto dele.

O silêncio durou até que percebi que o refeitório estava quase vazio.

Com um salto fiquei de pé.

— Vamos chegar atrasados.

— Eu não vou à aula hoje — disse ele, girando a tampa com tanta rapidez que ela se tornou apenas só mancha.

— E por que não?

— É saudável matar aula de vez em quando. — Ele sorriu para mim, mas seus olhos ainda estavam perturbados.

— Bom, eu vou — disse a ele. Eu era covarde demais para me arriscar a ser apanhada.

Ele voltou a atenção para a tampa.

— A gente se vê depois, então.

Eu hesitei, dilacerada, mas o primeiro sinal me fez disparar porta afora — com um último olhar para confirmar que ele não havia se mexido um centímetro.

Enquanto eu quase corria para a aula, minha cabeça girava mais rápido do que a tampinha da garrafa. Tão poucas perguntas foram respondidas em comparação com a quantidade de perguntas novas que surgiram. Pelo menos a chuva havia parado.

Tive sorte; o Sr. Banner ainda não estava na sala quando cheguei. Eu me acomodei rapidamente em meu lugar, percebendo que Mike e Angela me olhavam. Mike parecia ressentido; Angela parecia surpresa e um tanto temerosa.

E então o Sr. Banner entrou na sala, cumprimentando a turma. Fazia malabarismos com umas caixinhas de papelão nos braços. Baixou-as na mesa de

Mike, dizendo-lhe para começar a passá-las pela turma.

— Muito bem, pessoal, quero que todos tirem um objeto de cada caixa — disse ele enquanto pegava um par de luvas de látex do bolso do casaco e as vestia. O som áspero das luvas sendo puxadas nos pulsos me pareceu agourento. — O primeiro deve ser um cartão indicador — prosseguiu ele, pegando um cartão branco com quatro quadrados e exibindo-o. — O segundo é um aplicador de quatro dentes... — Ele ergueu uma coisa que parecia um prendedor de cabelos sem dentes — e o terceiro é um microbisturi estéril. — Ele levantou um pedacinho de plástico azul e o abriu em dois. A lâmina era invisível dessa distância, mas meu estômago revirou.

— Vou andar pela sala com um conta-gotas com água para preparar seus cartões, então só comecem quando eu chegar até vocês, por favor. — De novo ele começou pela mesa de Mike, colocando cuidadosamente uma gota de água em cada um dos quatro quadrados. — Depois quero que piquem o dedo com o bisturi cuidadosamente... — Ele pegou a mão de Mike e deu uma estocada com a lâmina na ponta do dedo médio dele. Ah, não. Um suor pegajoso brotou em minha testa.

— Coloquem uma pequena gota de sangue em cada um dos dentes.

Ele demonstrou, espremendo o dedo de Mike até que o sangue fluiu. Engoli em seco convulsivamente, meu estômago palpitando.

— E depois apliquem no cartão — concluiu ele, segurando o cartão com as gotas vermelhas para que víssemos. Fechei os olhos, tentando ouvir através do zumbido nos meus ouvidos.

— A Cruz Vermelha vai fazer coleta de sangue em Port Angeles no fim de semana que vem, então pensei que todos vocês deviam conhecer seu tipo sanguíneo. — Ele parecia orgulhoso de si mesmo. — Os alunos que ainda não têm 19 anos vão precisar de permissão dos pais... Tenho formulários na minha mesa.

Ele continuou pela sala com as gotas de água. Encostei o rosto no tampo de mesa frio e preto e tentei me manter consciente. Em volta de mim, eu podia ouvir gritinhos, queixas e risos enquanto meus colegas de turma espetavam os dedos. Eu respirava lentamente pela boca.

— Bella, está tudo bem? — perguntou o Sr. Banner. A voz dele estava perto da minha cabeça e parecia alarmada.

— Eu já sei meu tipo sanguíneo, Sr. Banner — disse numa voz fraca. Estava com medo de levantar a cabeça.

— Acha que vai desmaiar?

— Sim, senhor — murmurei, xingando-me por dentro por não matar a aula quando tive a chance.

— Alguém pode levar Bella à enfermaria, por favor? — gritou ele.

Não precisei olhar para cima para saber que Mike seria o voluntário.

— Pode andar? — perguntou o Sr. Banner.

— Posso — sussurrei. Só me deixe sair daqui, pensei. Nem que seja engatinhando.

Mike parecia ansioso ao passar o braço por minha cintura e puxar meu braço para o ombro dele. Eu me apoiei nele pesadamente ao sair da sala de aula.

Mike me rebocou devagar pelo campus. Quando estávamos perto do refeitório, fora de vista do prédio quatro, para o caso do Sr. Banner estar olhando, eu parei.

— Deixe eu me sentar um minuto, está bem? — pedi.

Ele me ajudou a sentar na beira da calçada.

— E o que quer que você faça, não tire a mão do bolso — alertei. Eu ainda estava tão tonta. Tombei de lado, colocando o rosto no cimento enregelante e molhado da calçada, fechando os olhos. Isso pareceu ajudar um pouco.

— Puxa, você está verde, Bella — disse Mike, nervoso.

— Bella? — Uma voz diferente chamava à distância.

Não! Por favor, tomara que eu esteja imaginando essa voz horrivelmente familiar.

— Qual é o problema... Ela se machucou? — Agora a voz estava mais perto e ele parecia perturbado. Não era imaginação minha. Fechei os olhos com força, esperando morrer. Ou, no mínimo, que eu não vomitasse.

Mike pareceu estressado.

— Acho que está desmaiando. Não sei o que aconteceu, ela nem furou o dedo.

— Bella. — A voz de Edward estava bem do meu lado, agora aliviada. — Pode me ouvir?

— Não — eu gemi. — Vá embora.

Ele riu.

— Estava levando ela à enfermaria — explicou Mike num tom defensivo —,

mas ela não conseguiu ir tão longe.

— Vou cuidar dela — disse Edward. Pude ouvir o sorriso ainda na voz dele. — Pode voltar para a aula.

— Não — protestou Mike. — Eu é que devo fazer isso.

De repente a calçada desapareceu debaixo de mim. Meus olhos se abriram de choque. Edward me levantara nos braços com tanta facilidade que eu parecia pesar cinco quilos, em vez de cinquenta.

— Me coloque no chão! — Por favor, por favor, que eu não vomite nele. Ele estava andando antes que eu terminasse de falar.

— Ei! — gritou Mike, já a dez passos de nós.

Edward o ignorou.

— Você está horrível — disse-me ele, sorrindo maliciosamente.

— Me coloque na calçada de novo — eu gemi. O balanço de seu andar não estava ajudando. Ele me afastou de seu corpo, com cuidado, sustentando todo o meu peso só com os braços, e isso não pareceu incomodá-lo.

— Então você desmaia quando vê sangue? — perguntou ele. Isto parecia diverti-lo.

Não respondi. Fechei os olhos de novo e reprimi a náusea com toda a minha força, cerrando os lábios.

— Até mesmo seu próprio sangue — continuou ele, divertindo-se.

Não sei como ele abriu a porta enquanto me carregava, mas de repente ficou quente, então eu sabia que estava dentro de algum lugar.

— Ah, meu Deus — ouvi uma voz de mulher arfar.

— Ela desmaiou na aula de biologia — explicou Edward.

Abri os olhos. Estava na secretaria e Edward passava pelo balcão da frente, indo para a enfermaria. A Srta. Cope, a ruiva da recepção, correu à frente dele para manter a porta aberta. A enfermeira com cara de vovó desviou os olhos de um romance, pasma, enquanto Edward me carregava pela sala e me colocava delicadamente no papel que estalava e revestia o colchão de vinil marrom da única maca. Depois ele se afastou e foi se encostar na parede do outro lado da sala estreita, o mais distante possível. Seus olhos estavam brilhantes e excitados.

— Ela só teve uma pequena vertigem — garantiu ele à enfermeira sobressaltada. — Estão fazendo tipagem sanguínea na biologia.

A enfermeira assentiu, compreensiva.

— Sempre acontece com alguém.

Ele sufocou um riso de escárnio.

— Só fique deitada um minuto, querida; vai passar.

— Eu sei — suspirei. A náusea já estava cedendo.

— Isso acontece muito? — perguntou ela.

— Às vezes — admiti. Edward tossiu para ocultar outro riso.

— Pode voltar para a aula agora — disse-lhe ela.

— Acho que vou ficar com ela. — Ele disse isso com tal autoridade que a enfermeira, embora franzisse os lábios, não discutiu.

— Vou pegar um pouco de gelo para colocar na sua testa, querida — disse-me ela, e depois irrompeu porta afora.

— Você tinha razão — eu gemi, deixando meus olhos se fecharem.

— Em geral tenho... Mas sobre o que especificamente desta vez?

— Matar aula é mesmo saudável. — Tentei respirar de um jeito uniforme.

— Por um momento, você me assustou lá fora — admitiu ele depois de uma pausa. Seu tom de voz dava a impressão de que ele confessava uma fraqueza humilhante. — Pensei que Newton estivesse arrastando seu corpo para enterrar no bosque.

— Rá-rá. — Eu ainda estava de olhos fechados, mas me sentia mais normal a cada minuto.

— Sinceramente... Já vi cadáveres com uma cor melhor. Fiquei preocupado se teria que vingar seu assassinato.

— Coitado do Mike. Aposto que ele ficou irritado.

— Ele realmente me odeia — disse Edward de um jeito animado.

— Você não pode saber — argumentei, mas depois me perguntei se, de repente, ele podia.

— Eu vi a cara dele... Sei que me odeia.

— Como foi que você me viu? Pensei que estava matando aula. — Agora eu estava quase bem, embora o mal-estar provavelmente tivesse passado mais rápido se eu tivesse comido alguma coisa no almoço. Por outro lado, talvez fosse uma sorte que meu estômago estivesse vazio.

— Estava no meu carro, ouvindo um CD. — Uma resposta normal, o que me surpreendeu.

Ouvi a porta, abri os olhos e vi a enfermeira com uma compressa fria na mão.

— Lá vamos nós, querida. — Ela a colocou na minha testa. — Parece melhor — acrescentou.

— Acho que estou bem — eu disse, sentando-me. Só com um pequeno zumbido nos ouvidos, mas nada girava. As paredes verde-menta ficaram onde deveriam estar.

Pude ver que ela estava prestes a me fazer deitar de novo, mas a porta se abriu exatamente naquele momento e a Srta. Cope colocou a cabeça para dentro.

— Temos mais um — alertou ela.

Desci da maca para liberá-la para o próximo inválido.

Devolvi a compressa à enfermeira.

— Toma, não preciso disso.

E depois Mike cambaleou pela porta, agora apoiando Lee Stephens, que estava pálido, outro menino de nossa turma de biologia. Edward e eu nos encostamos na parede para deixar que passassem.

— Ah, não — murmurou Edward. — Vá para a secretaria, Bella.

Olhei para ele, desnorteada.

— Confie em mim... Vá.

Girei o corpo e peguei a porta antes que ela se fechasse, disparando para fora da enfermaria. Pude sentir Edward bem atrás de mim.

— Desta vez você me deu ouvidos. — Ele estava pasmo.

— Senti o cheiro de sangue — eu disse, torcendo o nariz. Lee não estava enjoado de ver outras pessoas, como eu.

— As pessoas não conseguem sentir cheiro de sangue — contestou ele.

— Bom, eu consigo... É isso que me deixa enjoada. Tem cheiro de ferrugem... e sal.

Ele me olhava com uma expressão insondável.

— Que foi? — perguntei.

— Nada.

Mike, então, saiu pela porta, os olhos em mim e depois em Edward. Seu olhar para Edward confirmou aquilo que Edward dissera sobre o ódio que ele sentia. Olhou novamente para mim, os olhos taciturnos.

— Você parece mesmo melhor — acusou ele.

— Não tire a mão do bolso — eu o alertei novamente.

— Não está mais sangrando — murmurou ele. — Vai voltar à aula?

— Tá brincando? Se for para a aula, vou acabar voltando para cá.

— É, acho que sim... Então, vai nesse fim de semana? À praia? — Enquanto falava, ele disparou outro olhar para Edward, que estava encostado no balcão atravancado, imóvel como uma escultura, fitando o vazio.

Tentei parecer o mais simpática possível.

— Claro, eu disse que iria.

— Vamos nos reunir na loja do meu pai, às dez. — Os olhos dele dispararam para Edward de novo, perguntando-se se devia deixar escapar muita informação. Sua linguagem corporal deixava claro que não era um convite aberto.

— Estarei lá — prometi.

— A gente se vê no ginásio, então — disse ele, andando inseguro para a porta.

— A gente se vê — respondi. Ele olhou para mim mais uma vez, a cara redonda num beicinho, e depois, ao passar lentamente pela porta, seus ombros arriaram. Uma onda de solidariedade me inundou. Pensei em sua expressão decepcionada de novo... No ginásio.

— Ginásio — eu gemi.

— Posso cuidar disso. — Eu não tinha percebido que Edward viera para o meu lado, mas agora ele falava no meu ouvido. — Sente-se e pareça pálida — murmurou ele.

Não era nenhum desafio; eu era sempre pálida e minha recente vertigem deixara um leve brilho de suor no meu rosto. Sentei em uma das cadeiras dobráveis que rangiam e encostei a cabeça na parede, com os olhos fechados. Desmaiar sempre me deixava exausta.

Ouvi Edward falar suavemente no balcão.

— Srta. Cope?

— Sim? — Eu não a ouvira voltar à mesa.

— Bella tem educação física no próximo tempo e não acho que ela esteja se sentindo muito bem. Na verdade, eu estava pensando que devia levá-la para casa agora. Acha que pode dispensá-la da aula? — A voz dele era derretida como mel. Eu podia imaginar como seus olhos estavam mais dominadores.

— Vai precisar de uma dispensa também, Edward? — disse irrequieta a Srta. Cope. Por que não poderia fazer isso?

— Não, tenho a Sra. Goff, ela não vai se importar.

— Muito bem, está tudo resolvido. Melhoras, Bella — disse ela a mim. Acenei com a cabeça levemente, exagerando um pouco na cena.

— Consegue andar, ou quer que eu carregue você novamente? — De costas para a recepcionista, a expressão dele tornou-se sarcástica.

— Vou andando.

Levantei-me com cuidado, e ainda estava bem. Ele manteve a porta aberta para mim, seu sorriso educado mas os olhos debochados. Saí para o chuvisco frio e fino que começara a cair. Era bom — a primeira vez que eu gostava da umidade constante que caía do céu —, lavava meu rosto da transpiração pegajosa.

— Obrigada — eu disse enquanto ele me seguia para fora. — Quase vale a pena passar mal para faltar à educação física.

— Disponha. — Ele estava olhando para a frente, semicerrando os olhos na chuva.

— Então você vai? No sábado, quero dizer? — Eu esperava que ele fosse, mas parecia improvável. Não conseguia imaginá-lo pegando carona com o resto dos garotos da escola; ele não pertencia ao mesmo mundo. Mas esperava que ele pudesse me dar a primeira centelha de entusiasmo que sentiria pelo passeio.

— Aonde vocês vão exatamente? — Ele ainda olhava para a frente, sem expressão.

— La Push, à primeira praia. — Analisei seu rosto, tentando interpretá-lo. Seus olhos pareceram se estreitar minimamente.

Ele olhou para mim pelo canto do olho, sorrindo torto.

— Acho que não fui convidado.

Eu suspirei.

— Eu estou convidando.

— É melhor você e eu não pressionarmos ainda mais o coitado do Mike esta semana. Não vamos querer que ele desmorone. — Os olhos dele dançavam; ele estava gostando da ideia mais do que devia.

— Mike-bobão — murmurei, preocupada com o modo como ele disse "você e eu". Eu gostei mais do que eu devia.

Agora estávamos perto do estacionamento. Virei para a esquerda, para minha picape. Algo pegou meu casaco, puxando-me para trás.

— Aonde você pensa que vai? — perguntou ele, furioso. Agarrava um pedaço de meu casaco.

Fiquei confusa.

— Vou para casa.

— Não me ouviu prometer que levaria você para casa com segurança? Acha que vou deixar você dirigir nas suas condições? — A voz dele ainda era indignada.

— Que condições? E a minha picape? — reclamei.

— Vou pedir a Alice para levar depois da aula. — Ele agora me rebocava para o carro dele, puxando-me pelo casaco. Era o que eu podia fazer para não cair de costas. Ele provavelmente me arrastaria de qualquer maneira, se eu caísse.

— Solta! — insisti. Ele me ignorou. Cambaleei de lado pela calçada molhada até que chegamos ao Volvo. Depois ele finalmente me libertou — e eu tropecei para a porta do carona.

— Você é tão mandão! — eu rosnei.

— Está aberta — foi só o que ele respondeu. Ele assumiu a direção.

— Sou perfeitamente capaz de dirigir para casa! — Fiquei parada ao lado do carro, fumegando. Agora chovia forte e eu não havia posto o capuz, então meu cabelo estava pingando nas minhas costas.

Ele baixou o vidro elétrico e se inclinou para mim sobre o assento.

— Entre, Bella.

Não respondi. Estava calculando mentalmente minhas chances de chegar à picape antes que ele pudesse me alcançar. Tinha que admitir que não eram boas.

— Vou arrastar você de volta — ameaçou ele, adivinhando meus planos.

Tentei manter a maior dignidade que pude ao entrar no carro dele. Não tive muito sucesso — eu parecia um gato meio ensopado e minhas botas guinchavam.

— Isso é totalmente desnecessário — eu disse, toda rígida.

Ele não respondeu. Mexeu nos controles, ligando o aquecedor e a música baixa. Enquanto arrancava do estacionamento, eu me preparei para dar um gelo nele — fazendo um beicinho que fechava minha expressão —, mas depois reconheci a música que tocava e minha curiosidade venceu minhas intenções.

— "Clair de Lune"? — perguntei, surpresa.

— Conhece Debussy? — Ele também pareceu surpreso.

— Não muito bem — admiti. — Minha mãe toca muita música clássica em casa... Só conheço minhas favoritas.

— Também é uma das minhas favoritas. — Ele fitava através da chuva,

perdido em pensamentos.

Ouvi a música, relaxando no banco de couro cinza-claro. Era impossível não reagir à melodia familiar e tranquilizadora. A chuva encobria tudo do lado de fora da janela em borrões de cinza e verde. Comecei a perceber que estávamos indo muito rápido; mas o carro se movia com tal estabilidade, tão tranquilamente, que não senti a velocidade. Só a cidade lampejava por nós.

— Como é a sua mãe? — perguntou-me ele de repente.

Olhei para ele e o vi me analisando com olhos curiosos.

— Ela é muito parecida comigo, só que mais bonita — eu disse. Ele ergueu as sobrancelhas. — Tenho muita coisa do Charlie. Ela é mais atirada do que eu, e mais corajosa. É irresponsável e meio excêntrica, e é uma cozinheira imprevisível. Ela é minha melhor amiga. — Eu parei. Falar dela estava me deixando deprimida.

— Quantos anos você tem, Bella? — A voz dele parecia frustrada por algum motivo que não consegui imaginar. Ele parou o carro e percebi que já estávamos na casa de Charlie. A chuva era tão forte que eu mal conseguia ver a casa. Era como se o carro estivesse submerso em um rio.

— Tenho 17 anos — respondi, meio confusa.

— Não parece ter 17.

Havia uma censura em seu tom de voz; isso me fez rir.

— Que foi? — perguntou ele, curioso novamente.

— Minha mãe sempre diz que eu nasci com 35 anos e que entro mais na meia-idade a cada ano que passa. — Eu ri e depois suspirei. — Bom, alguém tem que ser o adulto. — Parei por um segundo. — Você mesmo não parece muito um calouro na escola — observei.

Ele fez uma careta e mudou de assunto.

— Então por que sua mãe se casou com o Phil?

Fiquei surpresa de ele se lembrar do nome; eu só falei nele uma vez, quase dois meses atrás. Precisei de um momento para responder.

— Minha mãe... é muito jovem para a idade dela. Acho que Phil a faz se sentir ainda mais nova. De qualquer forma, ela é louca por ele. — Sacudi a cabeça. A atração era um mistério para mim.

— Você aprova?

— E isso importa? — contra-ataquei. — Quero que ela seja feliz... E é ele

quem ela quer.

— Isso é muito generoso... eu acho — refletiu ele.

— O quê?

— Acha que ela teria a mesma consideração com você? Independentemente de quem você escolhesse? — De repente ele estava atento, os olhos procurando os meus.

— A-acho que sim — gaguejei. — Mas afinal de contas, ela é mãe. É meio diferente.

— Ninguém assustador demais, então — zombou ele.

Dei um sorriso duro como resposta.

— O que quer dizer com assustador? Piercings na cara toda e tatuagens enormes?

— Acho que essa é uma definição.

— Qual é a sua definição?

Mas ele ignorou minha pergunta e me fez outra.

— Acha que eu posso ser assustador? — Ele ergueu uma sobrancelha e o leve vestígio de um sorriso iluminou seu rosto.

Pensei por um momento, perguntando-me se seria melhor dizer a verdade ou mentir. Concluí por continuar com a verdade.

— Hmmm... Acho que você podia ser, se quisesse.

— Está com medo de mim agora? — O sorriso desapareceu e seu rosto celestial de repente ficou sério.

— Não. — Mas respondi rápido demais. O sorriso voltou. — Então, agora vai me falar de sua família? — perguntei para distraí-lo. — Deve ser uma história muito mais interessante do que a minha.

Ele ficou cauteloso imediatamente.

— O que quer saber?

— Os Cullen adotaram você? — conferi.

— Sim.

Hesitei por um momento.

— O que aconteceu com os seus pais?

— Eles morreram há muitos anos. — Seu tom era categórico.

— Eu sinto muito — murmurei.

— Eu não me lembro deles com muita clareza. Carlisle e Esme têm sido meus

pais há bastante tempo.

— E você os ama. — Não foi uma pergunta. Ficou óbvio pelo modo como ele falou deles.

— Sim. — Ele sorriu. — Não consigo pensar em duas pessoas melhores.

— Você tem muita sorte.

— Sei que tenho.

— E seu irmão e sua irmã?

Ele olhou o relógio do painel.

— Meu irmão e minha irmã e, a propósito, Jasper e Rosalie, vão se irritar muito se tiverem que ficar na chuva esperando por mim.

— Ah, desculpe, acho que você tem que ir. — Eu não queria sair do carro.

— E você deve querer sua picape de volta antes que o chefe Swan chegue em casa, assim não precisa contar a ele sobre o incidente na biologia. — Ele sorriu para mim.

— Tenho certeza de que ele já sabe. Não há segredos em Forks. — Eu suspirei.

Ele riu e havia uma tensão em seu riso.

— Divirta-se na praia... Espero que o clima esteja bom para um banho de sol. — Ele olhou a cortina de chuva.

— Não vou ver você amanhã?

— Não. Emmett e eu vamos sair cedo para o fim de semana.

— O que vão fazer? — Uma amiga podia perguntar isso, não podia? Eu esperava que a decepção não estivesse evidente demais em minha voz.

— Vamos escalar a Great Rocks Wilderness, ao sul de Rainier.

Lembrei que Charlie dissera que os Cullen acampavam com frequência.

— Ah, bom, então divirtam-se. — Tentei parecer entusiasmada. Mas acho que não o enganei. Um sorriso brincava pelo canto de seus lábios.

— Faz uma coisa por mim nesse fim de semana? — Ele se virou para me olhar no rosto, utilizando todo o poder de seus olhos dourados ardentes.

Concordei, impotente.

— Não se ofenda, mas você parece ser uma daquelas pessoas que atrai acidentes feito um ímã. Então... Procure não cair no mar, nem se afogar, nem nada disso, está bem? — Ele deu um sorriso torto.

A sensação de abandono desapareceu enquanto ele falava. Eu olhei para ele.

— Verei o que posso fazer — respondi e saí para a chuva. Bati a porta do carro com uma força exagerada.

Ele ainda estava sorrindo ao arrancar com o carro.

6. HISTÓRIAS DE TERROR

SENTADA NO MEU QUARTO, tentando me concentrar no terceiro ato de Macbeth, eu na verdade tentava ouvir minha picape. Tinha pensado que mesmo com o martelar da chuva poderia ouvir o rugido do motor. Mas quando olhei pela cortina — de novo — de repente ela estava ali.

Eu não ansiava pela sexta-feira e ela mais do que cumpriu minhas não expectativas. É claro que houve comentários sobre o desmaio. Jessica especialmente parecia se divertir com a história. Por sorte Mike manteve a boca fechada e ninguém parecia saber do envolvimento de Edward.

— E aí, o que é que o Edward Cullen queria ontem? — perguntou Jessica na aula de trigonometria.

— Não sei — respondi com sinceridade. — Ele não chegou a dizer.

— Você parecia meio chateada — ela jogou verde.

— Parecia? — Mantive minha expressão vazia.

— Sabe de uma coisa, eu nunca o vi se sentar com ninguém a não ser a família dele. Aquilo foi esquisito.

— Esquisito — concordei. Ela pareceu irritada; sacudia os cachos escuros com impaciência, acho que esperava ouvir algo que lhe desse um bom assunto para fofocar.

A pior parte da sexta-feira foi que, embora soubesse que ele não estaria lá, eu ainda esperava. Quando fui para o refeitório com Jessica e Mike, não consegui deixar de olhar a mesa dele, onde Rosalie, Alice e Jasper conversavam, as cabeças próximas. E não consegui evitar a depressão que me engolfou quando percebi que eu não sabia quanto tempo teria que esperar para vê-lo novamente.

À minha mesa de sempre, todos estavam cheios de planos para o dia seguinte. Mike estava animado de novo, confiando muito no meteorologista local, que prometera sol para amanhã. Era ver para crer. Mas hoje estava mais quente — quase quinze graus. Talvez o passeio não fosse completamente infeliz.

Interceptei alguns olhares não amistosos de Lauren durante o almoço, que só

fui entender quando todos fomos para a aula juntos. Eu estava bem ao lado dela, só a alguns palmos de seu cabelo louro e liso, e ela evidentemente não tinha percebido isso.

— ... não sei por que a Bella — ela pronunciou meu nome com desprezo — simplesmente não se senta com os Cullen de agora em diante — eu a ouvi murmurar com Mike. Nunca havia percebido que a voz dela era anasalada e desagradável, e fiquei surpresa pela malícia implícita. Realmente não a conhecia muito bem, com certeza não o suficiente para que ela não gostasse de mim. Ou assim eu pensei.

— Ela é minha amiga; ela senta com a gente — respondeu Mike aos cochichos, com lealdade, mas também de um jeito meio territorialista. Parei para deixar que Jess e Angela passassem por mim. Não queria ouvir mais nada.

No jantar, Charlie parecia entusiasmado com minha viagem a La Push de manhã. Acho que ele se sentia culpado por me deixar em casa sozinha nos fins de semana, mas ele passara tempo demais formando seus hábitos para quebrá-los agora. É claro que sabia os nomes de todos os meninos que iam, e dos pais deles, e dos bisavós também, provavelmente. Ele parecia aprovar. Eu me perguntei se ele aprovaria meu plano de pegar uma carona a Seattle com Edward Cullen. Não que eu fosse contar a ele.

— Pai, conhece um lugar chamado Great Rocks ou coisa assim? Acho que fica ao sul de Mount Rainier — perguntei casualmente.

— Conheço... Por quê?

Dei de ombros.

— Um pessoal estava falando de acampar lá.

— Não é um lugar muito bom para acampar. — Ele pareceu surpreso. — Tem ursos demais. Muita gente vai lá na temporada de caça.

— Ah — murmurei. — Talvez eu tenha entendido o nome errado.

Eu queria dormir, mas uma luminosidade incomum me acordou. Abri os olhos e vi uma luz amarelo-clara jorrando pela minha janela. Nem acreditei. Corri para a janela para olhar, e sem dúvida era o sol. Estava no lugar errado do céu, baixo demais, e não parecia estar tão perto como deveria, mas definitivamente era o sol. Nuvens tingiam o horizonte, mas era possível ver um grande trecho de azul no meio. Fiquei na janela pelo maior tempo que pude, com medo de que, se

saísse, o azul desaparecesse novamente.

A loja Olympic Outfitters, dos Newton, ficava no norte da cidade. Eu tinha visto a loja, mas nunca parara ali — não tinha muita necessidade de equipamentos para ficar ao ar livre por um longo período de tempo. No estacionamento, reconheci o Suburban de Mike e o Sentra de Tyler. Enquanto eu estacionava perto daqueles carros, pude ver o grupo parado na frente do Suburban. Eric estava lá, junto com outros dois meninos que eram da minha turma; eu me lembrava vagamente de que os nomes eram Ben e Conner. Jess estava ali, ladeada por Angela e Lauren. Outras três meninas estavam junto delas, inclusive uma que eu me lembrava de ter derrubado na educação física na quinta-feira. Essa me lançou um olhar de nojo quando eu saía do meu carro e cochichou alguma coisa com Lauren. Lauren sacudiu a cabeça de barba de milho e me olhou com desprezo.

Então este ia ser um dia daqueles.

Pelo menos Mike ficou feliz em me ver.

— Você veio! — gritou ele, contentíssimo. — E eu disse que hoje ia fazer sol, não disse?

— Falei que viria — eu lembrei a ele.

— Só estamos esperando Lee e Samantha... A não ser que você tenha convidado alguém — acrescentou Mike.

— Não — menti de leve, esperando não ser pega na mentira. Mas também querendo que acontecesse um milagre e Edward aparecesse ali.

Mike pareceu satisfeito.

— Quer ir no meu carro? É nele ou na minivan da mãe de Lee.

— Claro.

Ele sorriu de alegria. Era tão fácil deixar Mike feliz.

— Pode sentar na frente — prometeu ele. Escondi meu pesar. Não era tão simples assim fazer Mike e Jessica felizes ao mesmo tempo. Eu podia ver Jessica se aproximando de nós carrancuda.

Mas os números estavam a meu favor. Lee trouxe mais duas pessoas e de repente cada espaço no carro era necessário. Consegui espremer Jess entre Mike e eu no banco da frente do Suburban. Mike pode ter ficado menos alegre com isso, mas pelo menos Jess parecia satisfeita.

Eram só 24 quilômetros de Forks a La Push, com as florestas verdes, densas e

lindas margeando a estrada na maior parte do caminho e o largo rio Quillayute serpenteando embaixo. Fiquei feliz por me sentar junto à janela. Baixamos os vidros — o Suburban era meio claustrofóbico com nove pessoas lá dentro — e tentei absorver o máximo de sol que pude.

Eu já estive muitas vezes nas praias de La Push durante meus verões em Forks com Charlie, e já conhecia a curva de oitocentos metros da primeira praia. Mas ainda era de tirar o fôlego. A água era verde-escura, mesmo ao sol, com cristas brancas, e quebrava na praia cinzenta e rochosa. As ilhas surgiam das águas em escarpas empinadas, alcançando cumes desiguais, coroadas por abetos austeros e elevados. A praia só tinha uma lasca de areia na beira da água; depois disso se alargava em milhões de pedras grandes e lisas que pareciam uniformemente cinzentas à distância, mas de perto tinham todos os tons que uma pedra devia ter: terracota, verde-marinho, lavanda, cinza-azulado, dourado-fosco. A linha da maré era tomada de enormes troncos trazidos pelo mar, embranquecidos pelas ondas salgadas, feito ossos, alguns em pilhas na beira da floresta, outros deitados solitários, fora do alcance das ondas.

Havia um vento fresco vindo das ondas, frio e salgado. Pelicanos flutuavam nas ondas enquanto gaivotas e uma águia solitária rodavam acima deles. As nuvens ainda circundavam o céu, ameaçando invadir a qualquer momento, mas por enquanto o sol brilhava corajosamente em seu halo de céu azul.

Pegamos o caminho para a praia, Mike na frente, até um anel de troncos que obviamente tinham sido usados para festas como a nossa. Já havia um círculo de fogueira no lugar, cheio de cinzas escuras. Eric e o menino que pensei se chamar Ben juntaram galhos quebrados das pilhas mais secas junto à floresta, e logo havia uma construção no formato de uma tenda indígena no alto do carvão antigo.

— Já viu uma fogueira de madeira de praia? — perguntou-me Mike. Eu estava sentada em um dos galhos cor de osso; as outras meninas se agruparam, fofocando animadas, do outro lado. Mike se ajoelhou junto à fogueira, acendendo um dos gravetos menores com um isqueiro.

— Não — eu disse enquanto ele colocava o graveto aceso cuidadosamente na tenda.

— Então vai gostar dessa... Olhe só as cores. — Ele acendeu outro galho e o colocou junto do primeiro. As chamas começaram a lamber rapidamente a madeira seca.

— É azul — eu disse surpresa.

— É por causa do sal. É lindo, né? — Ele acendeu mais um galho, colocado onde a fogueira ainda não tinha pegado, e depois veio se sentar do meu lado. Felizmente, Jess estava do outro lado de Mike. Ela se virou para ele e reivindicou sua atenção. Fiquei olhando as estranhas chamas azuis e verdes estalarem para o céu.

Depois de meia hora de bate-papo, alguns meninos queriam andar até as piscinas da maré baixa próximas. Foi um dilema. Por um lado, eu adorava aquelas piscinas de maré. Elas me fascinavam desde que era criança; era uma das poucas coisas que queria ver quando tinha que vir a Forks. Por outro lado, eu também já caí muito nelas. Não é grande coisa quando se tem 7 anos e você está com seu pai. Isso me lembrou do pedido de Edward — de que eu não caísse no mar.

Foi Lauren quem decidiu por mim. Ela não queria fazer caminhada nenhuma e estava com os sapatos errados para isso. A maioria das outras meninas ao lado de Angela e Jessica também decidiu ficar na praia. Esperei até que Tyler e Eric decidissem continuar com elas antes de me levantar rapidamente para me juntar ao grupo pró-caminhada. Mike me abriu um sorriso enorme quando viu que eu ia com eles.

A caminhada não era muito longa, embora eu odiasse perder o céu no bosque. Estranhamente, a luz verde da floresta não combinava com o riso adolescente, era obscura e agourenta demais para se harmonizar com as brincadeiras leves em volta de mim. Tive que observar cada passo que dava com muito cuidado, evitando raízes embaixo e galhos em cima, e logo fiquei para trás. Por fim atravessei os confins esmeralda da floresta e reencontrei a praia rochosa. A maré estava baixa, e um rio de maré passava por nós a caminho do mar. Junto a suas margens seixosas, piscinas rasas que nunca eram completamente drenadas fervilhavam de vida.

Tive o máximo cuidado para não me inclinar demais na beira das piscinas marinhas. Os outros não tinham medo, pulando nas pedras, empoleirando-se precariamente na beira. Achei uma pedra que parecia muito estável na margem de uma das maiores piscinas e me sentei ali com cautela, fascinada com o aquário natural abaixo de mim. Os buquês de anêmonas de cores vivas ondulavam sem parar na correnteza invisível, conchas retorcidas corriam pelas margens, escondendo os caranguejos dentro delas, estrelas-do-mar prendiam-se imóveis nas rochas e em outras estrelas, enquanto uma pequena enguia preta de listras brancas

ondulava pelas algas verde-claras, esperando pelo retorno do mar. Fiquei completamente absorta, a não ser por uma pequena parte de minha mente que vagava para o que Edward estaria fazendo agora, tentando imaginar o que ele diria se estivesse aqui comigo.

Por fim os meninos ficaram com fome e eu me levantei, rígida, para segui-los de volta. Desta vez, tentei acompanhar seu ritmo pela floresta, tão naturalmente que algumas vezes caí. Fiquei com alguns arranhões na palma das mãos e os joelhos de meus jeans ficaram sujos de verde, mas podia ter sido pior.

Quando voltamos para a primeira praia, o grupo que deixamos tinha se multiplicado. À medida que nos aproximávamos, pude ver o cabelo preto liso e reluzente e a pele acobreada dos adolescentes recém-chegados da reserva que apareceram para fazer uma social. A comida já estava sendo distribuída, e os meninos correram para reivindicar uma parte enquanto Eric nos apresentava à medida que cada um de nós entrava na roda da fogueira. Angela e eu fomos as últimas a chegar e, enquanto Eric dizia nossos nomes, vi um menino mais novo sentado nas pedras perto da fogueira, olhando para mim com interesse. Sentei ao lado de Angela, e Mike nos trouxe sanduíches e uma seleção de refrigerantes para que escolhêssemos, enquanto um menino que parecia ser o mais velho dos visitantes tagarelava o nome dos outros sete que estavam com ele. Só o que captei foi que uma das meninas também se chamava Jessica, e o menino que notou minha presença se chamava Jacob.

Foi relaxante ficar sentada ali com Angela; era o tipo de pessoa sossegada — não sentia a necessidade de preencher cada silêncio com tagarelice. Ela me deixava livre para pensar enquanto comíamos, sem ser perturbada. E eu estava pensando em como o tempo parecia fluir de forma desconexa em Forks, às vezes passando indiscretamente, com cada imagem se destacando de forma mais clara do que outras. E depois, em outras ocasiões, cada segundo era significativo, grudado em minha mente. Eu sabia exatamente o que provocava a diferença e isso me perturbava.

Durante o almoço as nuvens começaram a avançar furtivamente pelo céu azul, disparando por um momento na frente do sol, lançando sombras compridas pela praia e escurecendo as ondas. Enquanto terminavam de comer, as pessoas começaram a se afastar em grupos de dois ou três. Algumas desceram para a beira da praia, tentando jogar pedras pela superfície agitada. Outras se reuniram numa

segunda expedição às piscinas da maré baixa. Mike — com Jessica como uma sombra — seguiu para uma das lojas do vilarejo. Algumas crianças do lugar foram com eles; outras acompanharam a caminhada. Depois que todos se espalharam, fiquei sentada sozinha em meu tronco na praia, com Lauren e Tyler se ocupando do CD player que alguém pensara em trazer, e três adolescentes da reserva empoleirados em volta da roda, inclusive o menino chamado Jacob e o mais velho que tinha agido como porta-voz.

Alguns minutos depois de Angela sair com os andarilhos, Jacob veio sentar-se ao meu lado. Parecia ter 14 anos, talvez 15, e tinha cabelos pretos brilhantes e compridos, presos com elástico num rabo de cavalo na nuca. Sua pele era linda, sedosa e castanho-avermelhada; os olhos eram escuros e fundos sobre as maçãs altas do rosto. Ele ainda tinha um arredondamento infantil no queixo. Um rosto muito bonito no todo. Mas minha opinião indiscutível sobre sua aparência foi prejudicada pelas primeiras palavras que saíram de sua boca.

— Você é Isabella Swan, não é?

Foi como se o primeiro dia de aula estivesse se repetindo.

— Bella — eu suspirei.

— Meu nome é Jacob Black. — Ele estendeu a mão num gesto de amizade. — Você comprou a picape do meu pai.

— Ah — eu disse, aliviada, apertando sua mão macia. — Você é filho do Billy. Eu devia me lembrar de você.

— Não, eu sou o mais novo da família... Você só se lembraria de minhas irmãs mais velhas.

— Rachel e Rebecca — lembrei-me de repente.

Charlie e Billy tinham nos reunido muitas vezes durante minhas visitas para nos manter ocupadas enquanto eles pescavam. Todas éramos tímidas demais para fazer algum progresso na amizade. É claro que eu tive acessos de raiva suficientes para dar um fim às viagens de pescaria quando tinha 11 anos.

— Elas estão aqui? — Examinei as meninas na beira do mar, perguntando-me se as reconheceria agora.

— Não. — Jacob sacudiu a cabeça. — Rachel ganhou uma bolsa de estudos para um colégio interno em Washington, e Rebecca se casou com um surfista samoano... Agora mora no Havaí.

— Casada. Caramba. — Eu estava pasma. As gêmeas só eram um pouco mais

velhas do que eu.

— E aí, gostou da picape? — perguntou ele.

— Adorei. Funciona maravilhosamente.

— É, mas é bem lenta — ele riu. — Fiquei aliviado quando o Charlie a comprou. Meu pai não ia me deixar trabalhar na montagem de outro carro quando tínhamos um veículo em perfeito funcionamento ali.

— Não é tão lenta assim — objetei.

— Já tentou passar de noventa por hora?

— Não — admiti.

— Ainda bem. Não tente. — Ele riu.

Não consegui deixar de sorrir também.

— Ela é ótima nas batidas — propus em defesa de minha picape.

— Acho que nem um tanque poderia derrubar aquele monstro velho — concordou ele com outra risada.

— Então você monta carros? — perguntei, impressionada.

— Quando tenho tempo, e se tiver peças. Por acaso você não sabe onde posso conseguir um cilindro mestre de um Volkswagen Rabbit 1986? — perguntou ele de brincadeira. Ele tinha uma voz rouca e agradável.

— Não, desculpe — eu ri. — Não vi nenhum ultimamente, mas vou ficar de olho para você. — Como se eu soubesse o que era aquilo. Era muito fácil conversar com ele.

Ele abriu um sorriso brilhante, olhando para mim de um jeito que aprendi a reconhecer, avaliando-me. E eu não fui a única a perceber.

— Conhece a Bella, Jacob? — perguntou Lauren, no que concluí ser um tom insolente, do outro lado da fogueira.

— A gente se conhece praticamente desde que eu nasci — ele riu, sorrindo para mim de novo.

— Que legal.

Ela não parecia pensar que era legal, e seus olhos claros e impertinentes se estreitaram.

— Bella — disse ela novamente, olhando atentamente meu rosto —, eu estava dizendo ao Tyler que é uma pena que nenhum dos Cullen tenha podido vir aqui hoje. Ninguém pensou em convidá-los? — Sua expressão de preocupação não era nada convincente.

— Quer dizer a família do Dr. Carlisle Cullen? — perguntou o menino alto e mais velho antes que eu pudesse responder, para irritação de Lauren. Ele estava mais para um homem do que um menino e sua voz era muito grave.

— É, você conhece? — perguntou ela de um jeito condescendente, virando-se um pouco para ele.

— Os Cullen não vêm aqui — disse ele num tom de voz que encerrava o assunto, ignorando a pergunta.

Tyler, tentando recuperar a atenção de Lauren, pediu a opinião dela sobre um CD que ele segurava. Ela estava distraída.

Olhei o menino de voz grave, surpresa, mas ele estava olhando para a floresta escura atrás de nós. Ele disse que os Cullen não vinham aqui, mas o tom de voz implicava mais alguma coisa — que eles não tinham permissão para isso; eram proibidos de vir. Suas maneiras deixaram uma estranha impressão em mim e tentei ignorá-las, sem sucesso.

Jacob interrompeu minhas reflexões.

— Então Forks ainda não pirou você?

— Ah, eu diria que este é um jeito suave de dizer a verdade. — Eu fiz uma careta. Ele também sorriu de um modo afetado, compreendendo tudo.

Eu ainda estava perturbada por causa do breve comentário sobre os Cullen e tive uma inspiração súbita. Era um plano idiota, mas não tive nenhuma ideia melhor. Eu esperava que o jovem Jacob ainda fosse inexperiente com as garotas, de modo que não pudesse ver através de minhas tentativas sem dúvida lamentáveis de paquerar.

— Quer ir até a praia comigo? — perguntei, tentando imitar aquele jeito de olhar com o rabo de olho de Edward. Eu sabia que não podia ter o mesmo desempenho, mas num salto Jacob se colocou de pé, cheio de disposição.

Enquanto seguíamos para o norte pelas pedras multicoloridas até o quebra-mar de troncos, as nuvens finalmente cerraram fileira no céu, escurecendo o mar e fazendo a temperatura cair. Enfiei as mãos nos bolsos do casaco.

— E aí, você tem, o quê, uns 16 anos? — perguntei, tentando não parecer uma idiota enquanto batia as pestanas como vira as mulheres fazerem na TV.

— Acabei de fazer 15 — confessou ele, lisonjeado.

— É mesmo? — Minha cara estava cheia de uma falsa surpresa. — Eu achava que você era mais velho.

— Sou alto para a minha idade — explicou ele.

— Você vai muito a Forks? — perguntei meio cínica, como se esperasse por um sim. Eu me sentia uma idiota. Tinha medo de que ele se virasse para mim com nojo e me acusasse de minha fraude, mas ele ainda parecia lisonjeado.

— Não muito — admitiu ele com a testa franzida. — Mas quando terminar meu carro, posso ir lá sempre que você quiser... Depois que tiver minha carteira — emendou-se ele.

— Quem era o outro menino com quem Lauren estava conversando? Ele parecia meio velho para sair com a gente. — Eu fiquei com os mais novos intencionalmente, tentando deixar claro que preferia Jacob.

— É o Sam... Ele tem 19 — informou-me ele.

— O que é que ele estava dizendo sobre a família do médico? — perguntei inocentemente.

— Os Cullen? Ah, eles não podem vir à reserva. — Ele desviou os olhos, para a ilha James, enquanto confirmava o que eu pensava ter ouvido na voz de Sam.

— E por que não?

Ele olhou novamente para mim, mordendo o lábio.

— Epa. Não posso falar nada sobre isso.

— Ah, eu não vou contar a ninguém, é só curiosidade minha. — Tentei manter o sorriso sedutor, perguntando-me se eu o estava forçando de um jeito imbecil demais.

Mas ele também sorriu, parecendo fascinado. Depois ergueu uma sobrancelha e sua voz ficou ainda mais rouca do que antes.

— Gosta de histórias de terror? — perguntou ele de modo agourento.

— Adoro — eu me entusiasmei, fazendo um esforço para reprimir meus sentimentos.

Jacob andou até um tronco caído ali perto, com raízes que se projetavam para fora como as pernas enfraquecidas de uma aranha enorme e branca. Ele se empoleirou de leve em uma das raízes retorcidas enquanto eu me sentava abaixo dele no tronco. Ele olhou para as pedras, um sorriso pairando nas extremidades dos lábios grossos. Eu podia ver que ele ia tentar dar o máximo de si. Concentrei-me em manter o interesse que senti emanar de meus olhos.

— Conhece alguma de nossas histórias antigas, sobre de onde viemos... quer dizer, dos quileutes? — começou ele.

— Na verdade não — admiti.

— Bom, são um monte de lendas, e dizem que algumas datam da grande inundação... Ao que parece, os antigos quileutes amarraram as canoas no topo das árvores mais altas da montanha para sobreviver como Noé e a arca. — Ele sorriu, para me mostrar como dava pouco crédito a essas histórias. — Outra lenda diz que descendemos de lobos... E que os lobos ainda são nossos irmãos. É contra a lei da tribo matá-los. E há as histórias sobre os frios.— A voz dele ficou um pouco mais baixa.

— Os frios? — perguntei, agora sem fingir estar intrigada.

— É. Há histórias dos frios tão antigas quanto as lendas dos lobos, e algumas são mais recentes. De acordo com a lenda, meu bisavô conheceu alguns. Foi ele quem fez o acordo que os manteve longe de nossas terras. — Ele revirou os olhos.

— Seu bisavô? — eu o estimulei.

— Ele era um ancião da tribo, como meu pai. Olhe só, os frios são os inimigos naturais do lobo... Bom, não do lobo, mas dos lobos que se transformam em homens, como nossos ancestrais. Você pode chamar de lobisomens.

— Os lobisomens têm inimigos?

— Só um.

Olhei para ele com seriedade, esperando disfarçar minha impaciência como admiração.

— Então veja você — continuou Jacob —, por tradição, os frios são nossos inimigos. Mas aquele bando que veio para o nosso território na época do meu bisavô era diferente. Eles não machucavam como os outros da espécie deles faziam... Não deviam ser perigosos para a tribo. Então meu bisavô fez uma trégua com eles. Se prometessem ficar longe de nossas terras, nós não os revelaríamos aos caras-pálidas. — Ele deu uma piscadela para mim.

— Se eles não eram perigosos, então por quê...? — Tentei entender, lutando para que ele não visse como eu estava levando a sério essa história de fantasma.

— Sempre há um risco para os seres humanos que ficam perto dos frios, mesmo que eles sejam civilizados, como este clã. Nunca se sabe quando podem ficar famintos demais para resistir. — Ele deliberadamente assumiu um tom de ameaça.

— Como assim, "civilizados"?

— Diziam que eles não machucavam seres humanos. Supostamente, de algum

modo, conseguiam caçar só animais.

Tentei manter minha voz despreocupada.

— E o que é que isso tem a ver com os Cullen? Eles são iguais aos frios que seu bisavô conheceu?

— Não. — Ele fez uma pausa dramática. — Eles são os mesmos.

Ele deve ter pensado que a expressão de medo no meu rosto era inspirada por sua história. Jacob sorriu, satisfeito, e continuou.

— Agora há mais deles, têm uma fêmea nova e um macho novo, mas os outros são os mesmos. Na época do meu bisavô, já conheciam o líder, Carlisle. Ele esteve aqui e se foi antes que o seu povo tivesse chegado. — Ele reprimia um sorriso.

— E o que eles são? — perguntei por fim. — O que são os frios?

Ele sorriu de um jeito sombrio.

— Bebedores de sangue — respondeu ele numa voz de dar calafrios. — O seu povo os chama de vampiros.

Olhei a arrebentação eriçada depois que ele respondeu, sem ter certeza do que minha expressão demonstrava.

— Você está arrepiada — ele riu, satisfeito.

— Você sabe contar uma história — eu o elogiei, ainda olhando as ondas.

— É muito louco, né? Não surpreende que meu pai não queira que a gente fale sobre isso com ninguém.

Não consegui controlar minha expressão o suficiente para olhar para ele.

— Não se preocupe, não vou falar nada.

— Acho que acabo de violar o trato — ele riu.

— Vou levar isso para o túmulo — prometi, e depois estremeci.

— Mas, sério, não conte nada ao Charlie. Ele ficou muito chateado com meu pai quando soube que alguns de nós deixaram de ir ao hospital desde que o Dr. Cullen começou a trabalhar lá.

— Não vou, claro que não.

— Então, acha que somos um bando de nativos supersticiosos ou o quê? — perguntou num tom de brincadeira, mas com um toque de preocupação. Eu ainda não havia tirado os olhos do mar.

Eu me virei e sorri para ele com a maior naturalidade que pude.

— Não. Acho que você conta histórias de terror muito bem. Ainda estou

arrepiada, está vendo? — Ergui o braço.

— Legal. — Ele sorriu.

E depois o som de pedras se chocando na praia nos alertou de que alguém se aproximava. Nossas cabeças se viraram ao mesmo tempo e vimos Mike e Jessica a uns cinquenta metros de distância, andando na nossa direção.

— Aí está você, Bella — gritou Mike aliviado, acenando o braço acima da cabeça.

— Esse é seu namorado? — perguntou Jacob, alertado pela pontada de ciúme na voz de Mike. Fiquei surpresa por ter sido tão óbvio.

— Não, claro que não — sussurrei. Eu estava tremendamente grata a Jacob e ansiosa para que ele ficasse o mais feliz possível. Pisquei para ele, virando-me cuidadosamente de costas para Mike ao fazer isso. Ele sorriu, orgulhoso de minha paquera desajeitada.

— E aí, quando eu conseguir minha carteira... — começou ele.

— Deve me procurar em Forks. A gente pode sair um dia desses. — Eu me senti culpada ao dizer isso, sabendo que o havia usado. Mas na verdade eu gostava de Jacob. Ele era alguém de quem eu podia ser amiga.

Mike nos alcançou, e Jessica ainda estava alguns passos atrás. Pude ver os olhos dele avaliando Jacob, e ele parecia satisfeito com sua evidente juventude.

— Aonde você foi? — perguntou Mike, embora a resposta estivesse bem diante dele.

— Jacob estava me contando algumas histórias do lugar — eu me antecipei. — Foi bem interessante.

Sorri calorosamente para Jacob e ele retribuiu o sorriso.

— Bom — Mike fez uma pausa, reavaliando com cuidado a situação enquanto observava nossa camaradagem. — Estamos indo embora... Parece que vai chover logo.

Todos olhamos aborrecidos para o céu. Certamente parecia chuvoso.

— Tudo bem. — Eu me levantei. — Estou indo.

— Foi bom ver você de novo — disse Jacob, e eu sabia que ele estava sacaneando um pouco o Mike.

— Foi mesmo. Da próxima vez que Charlie vier ver o Billy, eu também venho — prometi.

Ele sorriu de orelha a orelha.

— Isso seria legal.

— E obrigada — acrescentei com seriedade.

Puxei o capuz enquanto andava sobre as pedras para o estacionamento. Algumas gotas começavam a cair, criando manchas escuras nas pedras em que pousavam. Quando chegamos ao Suburban, os outros já estavam guardando tudo nos carros. Eu me arrastei para o banco traseiro ao lado de Angela e Tyler, anunciando que já tinha decidido não sentar na frente. Angela ficou olhando pela janela a tempestade que se formava, e Lauren se contorcia no meio do banco para ocupar a atenção de Tyler, então eu podia simplesmente recostar a cabeça, fechar os olhos e me esforçar muito para não pensar.

7. PESADELO

EU DISSE A CHARLIE que tinha muito dever de casa para fazer e que não ia querer comer nada. Havia um jogo de basquete que o estava empolgando, embora, é claro, eu não fizesse ideia do que existia de especial nisso, então ele não percebeu nada incomum no meu rosto ou na minha voz.

No meu quarto, tranquei a porta. Vasculhei minha mesa até encontrar meus velhos fones de ouvido e os conectei no pequeno CD player. Escolhi um CD que Phil me dera de Natal. Era de uma das bandas preferidas dele, mas havia baixo demais e muitos gritos para o meu gosto. Coloquei o CD no lugar e me deitei na cama. Pus os fones, apertei Play e aumentei o volume até machucar meus ouvidos. Fechei os olhos, mas a luz ainda os invadia, então coloquei um travesseiro na cara.

Eu me concentrei com muito cuidado na música, tentando entender a letra, desvendar o padrão complicado da bateria. Na terceira vez que ouvi todo o CD, eu sabia pelo menos toda a letra dos refrões. Fiquei surpresa em descobrir que eu afinal de contas gostava da banda, depois de conseguir passar pelo barulho ensurdecedor. Tive que agradecer a Phil novamente.

E deu certo: graças à batida de rachar, foi impossível pensar — e era este o propósito do exercício. Ouvi o CD repetidas vezes, até que estava cantando todas as músicas e até que, finalmente, dormi.

Abri os olhos para um lugar familiar. Percebia em algum canto de minha consciência que estava sonhando, reconheci a luz verde da floresta. Eu podia ouvir as ondas quebrando nas pedras em algum lugar por perto. Sabia que, se achasse o mar, poderia ver o sol. Tentava seguir o som, mas então Jacob Black estava ali, dando puxões na minha cabeça, arrastando-me para a parte mais escura da floresta.

"Jacob? Qual é o problema?", perguntei. O rosto dele estava assustado enquanto ele me puxava com toda a força e eu resistia. Eu não queria ir para a escuridão.

"Corre, Bella, você tem que correr!", sussurrou ele, apavorado.

"Por aqui, Bella!" Reconheci a voz de Mike gritando do meio sombrio das árvores, mas não consegui vê-lo.

"Por quê?", perguntei, ainda tentando me libertar de Jacob, desesperada para encontrar o sol.

Mas Jacob soltou minha mão e gritou, tremendo de repente, caindo no chão escuro da floresta. Ele se contorcia no chão enquanto eu olhava com pavor.

"Jacob!?", gritei. Mas ele se fora. No lugar dele havia um lobo grande e castanho-avermelhado de olhos negros. O lobo desviou os olhos de mim, apontando o focinho para a praia, o pelo eriçado nos ombros, emitindo grunhidos baixos por entre as presas à mostra.

"Corre, Bella!", gritou Mike novamente de trás de mim. Mas não me virei. Estava vendo uma luz que vinha da praia na minha direção.

E depois Edward saiu das árvores, a pele brilhando um pouco, os olhos escuros e perigosos. Ergueu uma das mãos e acenou para que eu fosse com ele. O lobo grunhiu a meus pés.

Dei um passo à frente, para Edward. Ele sorriu e seus dentes eram afiados e pontudos.

"Confie em mim", sussurrou ele.

Dei outro passo.

O lobo se atirou no espaço entre mim e o vampiro, as presas mirando a jugular dele.

"Não!", gritei, erguendo-me estabanada da cama.

Devido a meu movimento súbito, os fones puxaram o CD player da mesa de cabeceira e ele caiu no chão de madeira.

Minha luz ainda estava acesa e eu estava sentada toda vestida na cama, ainda de sapatos. Olhei, desorientada, o relógio na cômoda. Eram cinco e meia da manhã.

Gemi, caí de costas e me virei de bruços, tirando as botas aos chutes. Mas estava desconfortável demais para conseguir dormir. Rolei na cama e desabotoei os jeans, arrancando-os desajeitada ao tentar continuar na horizontal. Pude sentir a trança em meu cabelo, uma crista desagradável atrás de meu crânio. Virei-me de lado e tirei o elástico, penteando as mechas rapidamente com os dedos. Puxei o travesseiro para cima dos olhos.

É claro que foi inútil. Meu subconsciente procurava exatamente as imagens que eu tentava evitar com tanto desespero. Teria que encará-las agora.

Eu me sentei e minha cabeça girou por um minuto enquanto o sangue fluía para baixo. Vamos começar pelo início, pensei comigo mesma, feliz por poder adiar tudo pelo tempo que fosse possível. Peguei minha nécessaire.

O banho não durou tanto quanto eu esperava. Mesmo demorando para secar o cabelo, eu logo havia me livrado das coisas que tinha que fazer no banheiro. Enrolada numa toalha, fui para o meu quarto. Não sabia se Charlie ainda estava dormindo ou se já tinha saído. Fui olhar pela minha janela e a radiopatrulha não estava lá. Pescaria de novo.

Vesti-me lentamente com meu moletom mais confortável e depois fiz minha cama — uma coisa que eu nunca fazia. Não consegui protelar mais. Fui para minha escrivaninha e liguei o velho computador.

Eu odiava usar a Internet aqui. Meu modem era tristemente obsoleto, meu provedor gratuito estava abaixo dos padrões; só a discagem levava tanto tempo que decidi preparar uma tigela de cereais enquanto esperava.

Comi devagar, mastigando cada porção com cuidado. Quando terminei, lavei a tigela e a colher, enxuguei-as e as guardei. Meus pés se arrastavam ao subir a escada. Fui primeiro para meu CD player, pegando-o no chão e colocando-o precisamente no meio da mesa. Tirei os fones e os guardei na gaveta da cômoda. Depois toquei o mesmo CD, diminuindo o volume a um ruído de fundo.

Com outro suspiro, liguei o computador. Naturalmente, a tela estava cheia de pop-ups. Sentei em minha dura cadeira dobrável e comecei a fechar todas as pequenas janelas. Por fim entrei na minha ferramenta de busca preferida. Fechei mais algumas pop-ups e digitei uma palavra.

Vampiro.

É claro que levou um tempo exasperadamente longo. Quando os resultados apareceram, havia muita coisa para ver — tudo, de filmes e programas de TV a RPG, underground metal e empresas de cosméticos góticos.

E então encontrei um site promissor — Vampiros de A-Z. Esperei impaciente que carregasse, clicando rapidamente para fechar cada propaganda que aparecia na tela. Por fim a tela estava concluída — um fundo branco simples com o texto em preto, de aparência acadêmica. Duas citações me receberam na home page:

Em todo o vasto mundo das sombras de fantasmas e demônios, não há figura tão terrível, nenhum personagem tão medonho e abominado, e no entanto travestido de tal fascínio temeroso, como o vampiro, que não é nem fantasma nem demônio, mas participa da natureza das sombras e possui as qualidades misteriosas e terríveis de ambos.
— Rev. Montague Summers

Se há neste mundo um relato bem documentado, é o dos vampiros. Nada falta ali: relatórios oficiais, atestados de pessoas reputadas, de médicos, de padres, de magistrados; a prova judicial é a mais completa. E com tudo isso, quem há que acredite em vampiros?
— Rousseau

O resto do site era uma lista em ordem alfabética de todos os diferentes mitos de vampiros que existem em todo o mundo. O primeiro em que cliquei, o Danag, era um vampiro filipino supostamente responsável pelo cultivo de inhame nas ilhas há muito tempo. Dizia o mito que o Danag trabalhou com seres humanos por muitos anos, mas um dia a parceria terminou, quando uma mulher cortou o dedo e um Danag chupou sua ferida, desfrutando tanto do sabor que drenou totalmente o sangue de seu corpo.

Li atentamente as descrições, procurando por alguma coisa que parecesse familiar, sem mencionar plausível. Parecia que a maioria dos mitos de vampiros tinha mulheres bonitas como demônios e crianças como vítimas; também pareciam conceitos criados para explicar o alto índice de mortalidade de crianças novas e dar aos homens uma desculpa para a infidelidade. Muitas histórias envolviam espíritos incorpóreos e alertas contra enterros inadequados. Não havia muito que se parecesse com os filmes que eu vira, e só alguns, como o Estrie hebraico e o Upier polonês, ainda se preocupavam em beber sangue.

Só três entradas realmente prenderam minha atenção: o romeno Varacolaci, um morto-vivo poderoso que podia aparecer como um ser humano bonito de pele clara; o eslovaco Nelapsi, uma criatura tão forte e tão rápida que podia massacrar uma aldeia inteira na primeira hora depois da meia-noite; e outro, chamado Stregoni benefici.

Sobre este último, só havia uma frase curta.

Stregoni benefici: vampiro italiano que diz-se estar do lado do bem e é inimigo mortal de todos os vampiros do mal.

Foi um alívio que nesta pequena entrada existisse, entre centenas de mitos, um que afirmava a existência de vampiros do bem.

Entretanto, no geral, pouco havia que coincidisse com as histórias de Jacob ou minhas próprias observações. Fiz um pequeno catálogo em minha mente enquanto lia e o comparei cuidadosamente com cada mito. Velocidade, força, beleza, pele clara, olhos que mudam de cor; e depois os critérios de Jacob: bebedores de sangue, inimigos do lobisomem, pele fria e imortais. Havia poucos mitos que combinassem ao menos com um dos fatores.

E depois outro problema, uma questão de que eu me lembrava do pequeno número de filmes de terror que vira e era sustentada pela leitura de hoje — os vampiros não podiam sair à luz do dia, o sol os queimava até que virassem cinzas. Eles dormiam em caixões o dia todo e só saíam à noite.

Exasperada, puxei a tomada do computador, sem esperar para desligar tudo adequadamente. Em minha irritação, senti um constrangimento dominador. Era tudo tão idiota. Eu estava sentada no meu quarto, pesquisando vampiros. O que havia de errado comigo? Concluí que a maior parte da culpa cabia à cidade de Forks — aliás, a toda a encharcada península de Olympic.

Precisava sair de casa, mas não havia aonde eu quisesse ir que não envolvesse uma viagem de três dias. Calcei as botas assim mesmo, sem ter certeza de para onde ir, e desci ao primeiro andar. Vesti a capa de chuva sem olhar o tempo e disparei porta afora.

Estava nublado, mas ainda não chovia. Ignorei meu carro e parti para o leste a pé, atravessando na diagonal o jardim de Charlie em direção à floresta que invadia o terreno continuamente. Pouco tempo depois eu havia avançado bastante, a casa e a rua estavam invisíveis e os únicos sons eram o esmagar da terra molhada debaixo de meus pés e o grito súbito dos gaios.

Havia ali uma trilha estreita que levava para o interior da floresta, ou eu não me arriscaria a vagar sozinha desse jeito. Meu senso de orientação era um desastre; eu podia me perder em ambientes pouco salubres. A trilha entrava cada vez mais fundo na floresta, principalmente para o leste, pelo que eu podia perceber. Serpenteava pelos espruces e as cicutas, os teixos e bordos. Só conhecia vagamente os nomes das árvores em volta de mim, e tudo o que eu sabia se devia ao fato de Charlie apontá-las da janela da viatura na minha infância. Havia muitas que eu não conhecia e outras sobre as quais não podia ter certeza porque estavam

cobertas demais de parasitas verdes.

Segui a trilha pelo tempo que a raiva que sentia por mim mesma me impeliu. Quando a raiva começou a amainar, diminuí o passo. Algumas gotas de água escorriam do dossel verde acima de mim, mas eu não podia ter certeza se estava começando a chover ou se eram simplesmente gotas que restaram de ontem, presas nas folhas no alto, caindo devagar na terra. Uma árvore recém-caída — eu sabia que era recente porque não estava totalmente atapetada de musgo — pousava no tronco de uma de suas irmãs, criando um pequeno banco abrigado a uma distância segura da trilha. Passei por cima das samambaias e me sentei com cuidado, assegurando-me de que meu casaco estivesse entre o assento molhado e minhas roupas onde quer que se tocassem, e encostei a cabeça na árvore viva.

Este era o lugar errado para ir. Eu devia saber disso, mas para onde mais iria? A floresta era de um verde intenso e parecida demais com a cena do sonho da noite passada para que eu tivesse paz de espírito. Agora que não havia mais o som de meus passos ensopados, o silêncio era penetrante. As aves também estavam quietas, a frequência das gotas aumentava, então devia estar chovendo no alto. Agora que eu estava sentada as samambaias eram mais altas que minha cabeça, e eu sabia que alguém podia andar pela trilha, a um metro de distância, e não me ver.

Aqui, nas árvores, era muito mais fácil acreditar nos absurdos que me constrangiam entre quatro paredes. Nada mudara nesta floresta há milhares de anos e todos os mitos e lendas de cem terras diferentes pareciam muito mais prováveis nesta névoa verde do que em meu quarto claro.

Obriguei a mim mesma a me concentrar nas duas questões mais fundamentais que eu precisava responder, mas o fiz sem muita vontade.

Primeira, eu tinha de decidir se era possível que o que Jacob dissera sobre os Cullen fosse verdade.

Minha mente reagiu imediatamente com uma negativa retumbante. Era tolice e morbidez acolher essas ideias ridículas. Mas o quê, então?, perguntei a mim mesma. Não havia explicação racional para eu estar viva neste momento. Relacionei novamente em minha cabeça as coisas que observei: a velocidade e a força impossíveis, a cor dos olhos mudando do preto para o dourado e voltando ao preto, a beleza inumana, a pele branca e gélida. E mais — coisinhas que entraram na minha cabeça aos poucos —, eles nunca pareciam comer, e havia a elegância

perturbadora com que cada um deles se movimentava. E o modo como ele falava às vezes, com uma cadência desconhecida e expressões mais adequadas a um romance da virada do século XX do que a um estudante do século XXI. Ele tinha matado aula naquele dia em que fizemos a tipagem sanguínea. Ele não disse não para a viagem à praia até saber aonde iríamos. Ele parecia saber o que todos por perto dele pensavam... A não ser eu. Ele me dissera que era o vilão, perigoso...

Será que os Cullen eram vampiros?

Bom, eles eram alguma coisa. Algo fora da possibilidade de justificativa racional acontecia diante de meus olhos incrédulos. Fossem os frios de Jacob ou minha teoria do super-herói, Edward Cullen não era... humano. Era algo mais.

Então — talvez. Esta teria que ser minha resposta por enquanto.

E havia a questão mais importante de todas. O que eu ia fazer se fosse verdade?

Se Edward fosse um vampiro — eu mal conseguia me obrigar a pensar nas palavras —, então, o que eu deveria fazer? Definitivamente estava fora de cogitação envolver outra pessoa. Eu nem conseguia acreditar em mim mesma; qualquer um me internaria.

Apenas duas opções pareciam práticas. A primeira era aceitar o conselho dele: ser inteligente e evitá-lo ao máximo. Cancelar nossos planos, voltar a ignorá-lo da melhor maneira que eu pudesse. Fingir que havia um vidro grosso e impenetrável entre nós em uma aula onde éramos obrigados a sentar juntos. Dizer a ele para me deixar em paz — e falar sério desta vez.

Fui tomada por uma angústia repentina e desesperada ao considerar essa alternativa. Minha mente rejeitou a dor, pulando rapidamente para a opção seguinte.

Eu não podia fazer nada diferente. Afinal, se ele era uma coisa... sinistra, até agora não tinha feito nada para me machucar. Na verdade, eu seria um vestígio da pancada no para-lama do carro de Tyler se ele não tivesse agido com tanta rapidez. Tão rápido, argumentei comigo mesma, que podia ter sido por mero reflexo. Mas se foi um reflexo para salvar uma vida, como ele poderia ser mau?, retruquei. Minha cabeça girava sem respostas.

Havia algo de que eu tinha certeza, se é que tinha certeza de alguma coisa. O Edward sombrio de meu sonho da noite passada era um reflexo do medo que senti pelo que Jacob havia dito, e não do próprio Edward. Mesmo assim, quando gritei

de pavor com o ataque do lobisomem, não foi o medo do lobisomem que levou o grito "não" a meus lábios. Foi o medo de que ele fosse ferido — mesmo que ele tivesse me chamado com suas presas afiadas, eu temia por ele.

E eu sabia que havia uma resposta aí. Não sabia se havia uma alternativa. Eu já mergulhara fundo demais. Agora que eu sabia — se é que sabia —, nada podia fazer com meu segredo assustador. Porque, ao pensar nele, na voz dele, em seus olhos hipnóticos, na força magnética de sua personalidade, o que eu mais queria era estar com ele agora. Mesmo que... Mas eu não podia pensar nisso. Não aqui, sozinha na floresta que escurecia. Não enquanto a chuva a tornava sombria como um crepúsculo sob as árvores e tamborilava como passos no chão de terra emaranhado. Eu tremi e me levantei rapidamente de meu esconderijo, preocupada que de algum modo a trilha sumisse com a chuva.

Mas estava ali, segura e lúcida, sinuosa no labirinto verde gotejante. Eu a segui apressada, o capuz puxado para o rosto, surpreendendo-me, à medida que quase corria pelas árvores, com o ponto a que cheguei. Comecei a me perguntar se ia conseguir sair dali, ou se seguiria a trilha ainda mais para os confins da floresta. Mas antes que o pânico fosse demasiado, comecei a vislumbrar alguns espaços abertos pela teia de galhos. Depois pude ouvir um carro passando na rua, e eu estava livre, o gramado de Charlie estendendo-se na minha frente, a casa me chamando, prometendo-me calor e meias secas.

Era quase meio-dia quando voltei para dentro. Fui para o segundo andar e me troquei, jeans e uma camiseta, uma vez que ia ficar em casa. Não precisei de muito esforço para me concentrar na tarefa do dia, um trabalho sobre Macbeth que devia entregar na quarta. Comecei a escrever um rascunho satisfeita, mais serena do que me sentia desde... Bom, desde a tarde de quinta-feira, para ser franca.

Mas este sempre foi o meu jeito. Tomar decisões era a parte dolorosa para mim, a parte que me angustiava. Mas depois que a decisão era tomada, eu simplesmente a seguia — em geral com alívio por ter decidido o que fazer. Às vezes o alívio era tingido de desespero, como minha resolução de vir para Forks. Mas ainda era melhor do que lutar com as alternativas.

Era ridiculamente fácil conviver com esta decisão. Perigosamente fácil.

E assim o dia foi tranquilo e produtivo — terminei o trabalho antes das oito. Charlie chegou em casa com um bom resultado da pescaria e tomei nota

mentalmente para comprar um livro de receitas de peixe quando estivesse em Seattle na semana seguinte. Os arrepios que surgiam em minha espinha sempre que pensava nesta viagem não eram diferentes daqueles que senti antes de dar o passeio com Jacob Black. Deviam ser diferentes, pensei. Eu devia estar com medo — sabia que devia, mas não conseguia sentir esse tipo de medo.

Naquela noite, dormi um sono sem sonhos, exausta por ter começado o dia tão cedo depois de dormir tão mal na noite anterior. Acordei, pela segunda vez desde que cheguei a Forks, com a luz amarela de um dia de sol. Pulei para a janela, atordoada ao ver que quase não havia uma nuvem no céu e que aquelas que havia eram só floquinhos felpudos e brancos que não podiam trazer chuva nenhuma. Abri a janela — surpresa quando ela se moveu em silêncio, sem agarrar, pois não a abria há quem sabe quantos anos — e respirei o ar relativamente seco. Estava quase quente e praticamente não ventava. Meu sangue se eletrizou nas veias.

Charlie estava terminando o café da manhã quando eu desci e ele percebeu meu estado de espírito de imediato.

— Está um lindo dia — comentou.

— É — concordei com um sorriso.

Ele também sorriu, os olhos castanhos enrugando-se nos cantos. Quando Charlie sorria, era mais fácil entender por que ele e minha mãe tinham decidido se casar tão rapidamente. A maior parte do romantismo da juventude dele naquela época desaparecera antes que eu o conhecesse, à medida que seu cabelo castanho e ondulado — a mesma cor, se não a mesma textura, do meu — tinha encolhido, aos poucos revelando cada vez mais a pele brilhante da testa. Mas quando ele sorria, eu podia ver um pouco do homem que fugira com Renée quando ela era só dois anos mais velha do que eu agora.

Tomei o café da manhã animada, vendo a poeira se agitar na luz do sol que jorrava pela janela dos fundos. Charlie gritou um até logo e ouvi a radiopatrulha sair da casa. Hesitei a caminho da porta, a mão na capa de chuva. Seria uma provocação com o destino deixá-la em casa. Com um suspiro, dobrei-a em meu braço e saí para a luz mais brilhante que eu via em meses.

Depois de muito esforço, consegui que as duas janelas da picape ficassem quase completamente abertas. Fui uma das primeiras a chegar na escola; nem mesmo olhei o relógio, na pressa que tive de sair. Estacionei e segui para os

bancos de piquenique quase sem uso no lado sul do refeitório. Os bancos ainda estavam meio molhados, então eu me sentei em cima da capa de chuva, feliz por encontrar utilidade para ela. Meu dever de casa estava pronto — o produto de uma vida social pachorrenta —, mas havia alguns problemas de trigonometria que eu não tinha certeza se estavam certos. Abri o livro com vontade, mas na metade da revisão do primeiro problema fiquei devaneando, vendo o sol brincar nas árvores de casca vermelha. Rabisquei desatenta nas margens de meu dever de casa. Depois de alguns minutos, de repente percebi que tinha desenhado cinco pares de olhos escuros me encarando da página. Passei a borracha neles.

— Bella! — ouvi alguém gritar, e parecia Mike. Olhei em volta e percebi que a escola tinha se povoado enquanto eu estava sentada ali, distraída. Todos estavam de camiseta, alguns até de short, mas a temperatura não podia ser de mais de quinze graus. Mike vinha na minha direção de short cáqui e uma camiseta de rúgbi rasgada, acenando.

— Oi, Mike — respondi, acenando também, incapaz de ser indiferente numa manhã dessas.

Ele veio se sentar ao meu lado, o cabelo meticulosamente arrepiado brilhando dourado na luz, o sorriso se espalhando pelo rosto. Estava tão contente em me ver, que não consegui deixar de ficar satisfeita.

— Eu não havia notado... Seu cabelo é meio ruivo — comentou ele, pegando entre os dedos uma mecha que tremulava na brisa leve.

— Só no sol.

Fiquei pouco à vontade enquanto ele colocava a mecha atrás da minha orelha.

— Um ótimo dia, né?

— Do jeito que eu gosto — concordei.

— O que você fez ontem? — O tom de voz dele era um tanto possessivo.

— Trabalhei no dever sobre Macbeth, principalmente. — Não acrescentei que tinha concluído; não precisava parecer presunçosa.

Ele bateu a mão na testa.

— Ah, é... É para a quinta, não é?

— Hmmm, para quarta, eu acho.

— Quarta? — Ele franziu o cenho. — Isso não é bom... O que está escrevendo no seu?

— Se o tratamento de Shakespeare das personagens femininas é misógino.

Ele me olhou como se eu tivesse acabado de falar em um latim capenga.

— Acho que vou ter que trabalhar nisso hoje à noite — disse ele, murcho. — Eu ia convidar você para sair.

— Ah. — Fui apanhada de guarda baixa. Por que eu não podia ter uma conversa agradável com Mike sem que ficasse estranho?

— Bom, a gente podia sair para jantar ou coisa assim... E eu podia fazer o trabalho depois. — Ele sorriu para mim, cheio de esperança.

— Mike... — Eu odiava deixar alguém numa saia justa. — Não acho que seria uma boa ideia.

Ele ficou com a cara no chão.

— Por quê? — perguntou, os olhos na defensiva. Meus pensamentos vacilaram para Edward, perguntando-me se era o que Mike também estava pensando.

— É que eu acho... e, se um dia contar a alguém o que vou dizer agora, eu mato você com todo o prazer — ameacei —, mas acho que isso ia magoar Jessica.

Ele ficou confuso, obviamente sem ter pensado neste sentido.

— Jessica?

— Francamente, Mike, você é cego?

— Ah — ele expirou, claramente confuso. Tirei proveito disso para conseguir fugir.

— Está na hora da aula e não posso me atrasar de novo. — Peguei meus livros e os enfiei na bolsa.

Andamos em silêncio para o prédio três e ele tinha uma expressão desligada. Eu esperava que os pensamentos em que estivesse imerso o levassem na direção correta.

Quando vi Jessica na aula de trigonometria, ela estava borbulhando de entusiasmo. Ela, Angela e Lauren iam a Port Angeles à noite para comprar roupas para o baile, e ela queria que eu fosse também, embora eu não precisasse de roupa nenhuma. Fiquei indecisa. Seria legal sair da cidade com umas amigas, mas Lauren estaria lá. E quem sabia o que eu podia estar fazendo à noite... Mas esse era definitivamente o caminho errado para deixar que minha mente vagasse. É claro que eu estava feliz com a luz do sol. Mas isso não era totalmente responsável pelo estado de espírito eufórico que eu sentia, nem chegava perto.

Então respondi-lhe com um talvez, dizendo-lhe que eu teria que falar com

Charlie primeiro.

Ela só falava no baile a caminho da aula de espanhol, continuando como se não tivesse interrompido quando a aula finalmente terminou e nós fomos almoçar. Eu estava perdida demais em meu frenesi de expectativa para perceber a maior parte do que ela dizia. Fiquei dolorosamente ansiosa para ver não só ele, mas todos os Cullen — para compará-los com as novas suspeitas que infestavam minha mente. Assim que passei pela soleira da porta do refeitório senti a primeira verdadeira pontada de medo descer por minha espinha e acomodar-se em meu estômago. Será que eles conseguiriam saber o que eu estava pensando? E depois uma sensação diferente me sacudiu — será que Edward estaria esperando para se sentar comigo de novo?

Como era minha rotina, olhei primeiro para a mesa dos Cullen. Um tremor de pânico atingiu meu estômago quando percebi que estava vazia. Com uma esperança que encolhia, meus olhos varreram o resto do refeitório, querendo encontrá-lo sozinho, aguardando por mim. Estava quase lotado — a aula de espanhol nos atrasara —, mas não havia sinal de Edward nem de ninguém da família dele. A desolação me tomou com uma força incapacitante.

Caminhei sem firmeza atrás de Jessica, sem me dar ao trabalho de fingir que ainda a ouvia.

Estávamos atrasadas o bastante para que todos já estivessem em nossa mesa. Evitei a cadeira vazia ao lado de Mike e fui para outra perto de Angela. Percebi vagamente que Mike afastou a cadeira educadamente para Jessica e que a cara dela se iluminou com isso.

Angela fez algumas perguntas em voz baixa sobre o trabalho de Macbeth, que respondi com a maior naturalidade possível enquanto caía numa espiral de infelicidade. Ela também me convidou para ir com elas esta noite e então eu concordei, prendendo-me a qualquer coisa que pudesse me distrair.

Percebi que me agarrava ao último fiapo de esperança quando entrei na aula de biologia, vi o lugar dele vazio e senti uma nova onda de decepção.

O resto do dia se passou lenta e melancolicamente. Na educação física, tivemos uma aula sobre as regras do badminton, a tortura seguinte que preparavam para mim. Mas pelo menos isso significava que eu ia ficar sentada ouvindo, em vez de tropeçar pela quadra. A melhor parte foi que o treinador não terminou, então eu teria outro dia de folga amanhã. Pouco importava que no dia

seguinte me armariam com uma raquete antes de me libertar pelo resto da aula.

Fiquei feliz por sair do campus, assim eu estaria livre para fazer meus beicinhos e me lamentar antes de sair à noite com Jessica e companhia. Mas logo depois de entrar pela porta da casa de Charlie, Jessica ligou para cancelar nossos planos. Tentei ficar feliz com o fato de Mike tê-la convidado para jantar — eu estava mesmo aliviada por ele finalmente ter entendido —, mas meu entusiasmo parecia falso a meus próprios ouvidos. Ela reprogramou nossa viagem de compras para amanhã à noite.

Isso me deixou com poucas distrações. Temperei o peixe para o jantar, fiz uma salada e preparei um pão que sobrara da noite anterior, então não havia nada a fazer ali. Passei uma meia hora concentrada no dever de casa, mas depois também o terminei. Chequei meu e-mail, lendo as mensagens de minha mãe, que ficavam mais mal-humoradas à medida que se acumulavam. Eu suspirei e digitei uma resposta rápida.

Mãe,
Desculpe, estive fora. Fui à praia com alguns amigos. E preciso escrever um trabalho.

Minhas desculpas eram muito patéticas, então desisti delas.

Hoje fez sol — eu sei, estou chocada também —, então vou ficar lá fora e me encharcar do máximo de vitamina D que eu puder. Eu te amo,
Bella.

Decidi matar uma hora com leituras não relacionadas à escola. Eu tinha uma coleção de livros que vieram comigo para Forks, e o volume mais esfrangalhado era uma compilação das obras de Jane Austen. Escolhi este e fui para o quintal, pegando uma manta velha e puída no armário do alto da escada ao descer.

No quintal pequeno e quadrado de Charlie, dobrei a manta ao meio e a coloquei nas sombras das árvores no gramado espesso, sempre meio úmido, independentemente de o quanto o sol brilhasse. Deitei de bruços, cruzando os tornozelos no ar, folheando os diferentes romances do livro, tentando decidir qual

deles ocuparia mais a minha mente. Meus preferidos eram Orgulho e preconceito e Razão e sensibilidade. Li o primeiro mais recentemente, então comecei por Razão e sensibilidade, só para me lembrar, depois que comecei o capítulo três, que o herói da história por acaso se chamava Edward. Irritada, passei para Mansfield Park, mas o herói do romance se chamava Edmund, e isso era parecido demais. Será que não havia nenhum outro nome disponível no século XVIII? Fechei o livro ruidosamente, irritada, e rolei de costas. Puxei as mangas o mais alto que pude e fechei os olhos. Só ia pensar no calor em minha pele, disse a mim mesma severamente. A brisa ainda era leve, mas soprava uns fios de meu cabelo no rosto e isso me fez cócegas. Puxei todo o cabelo para trás, deixando que caísse em leque na manta embaixo de mim, e me concentrei novamente no calor que tocava minhas pálpebras, as maçãs do rosto, meu nariz, os lábios, os antebraços, o pescoço, penetrava por minha blusa leve...

Quando dei por mim, percebi o som da viatura de Charlie virando no piso da entrada de carros. Sentei-me surpresa, notando que a luz se fora, atrás das árvores, e eu tinha dormido. Olhei em volta, desnorteada, com a sensação repentina de que não estava só.

— Charlie? — perguntei, mas eu podia ouvir a porta batendo na frente da casa.

Fiquei de pé num pulo, tensa sem nenhum motivo, pegando a manta agora molhada e meu livro. Corri para dentro a fim de colocar o óleo para esquentar no fogão, percebendo que o jantar sairia atrasado. Charlie estava pendurando o cinto da arma e tirando as botas quando eu entrei.

— Desculpe, pai, o jantar ainda não está pronto... Eu dormi lá fora. — Reprimi um bocejo.

— Não se preocupe com isso — disse ele. — Eu queria pegar o placar do jogo, de qualquer forma.

Para ter alguma coisa para fazer, vi TV com Charlie depois do jantar. Não havia nada a que eu quisesse assistir, mas ele sabia que eu não gostava de basquete, então colocou numa sitcom estúpida de que nenhum de nós gostou. Mas ele parecia feliz por fazermos alguma coisa juntos. E foi bom, apesar de minha depressão, fazê-lo feliz.

— Pai — eu disse durante um intervalo —, Jessica e Angela vão procurar vestidos para o baile amanhã à noite em Port Angeles, e elas queriam que eu

ajudasse a escolher... Se importa se eu for com elas?

— Jessica Stanley? — perguntou ele.

— E Angela Weber. — Suspirei ao lhe dar os detalhes.

Ele ficou confuso.

— Mas você não vai ao baile, não é?

— Não, pai, mas vou ajudar umas meninas a encontrar vestidos... Sabe como é, para fazer uma crítica construtiva. — Eu não teria que explicar isso a uma mulher.

— Bom, tudo bem. — Ele pareceu perceber que essas coisas de mulherzinha estavam além de sua compreensão. — Mas no dia seguinte tem aula.

— Vamos sair logo depois da escola, então podemos voltar cedo. Não vai ter problemas com o jantar, não é?

— Bells, eu me alimentava sozinho há dezessete anos antes de você vir para cá — ele me lembrou.

— Não sei como sobreviveu — murmurei, depois acrescentei com mais clareza —, vou deixar algumas coisas para um sanduíche frio na geladeira, está bem? Na prateleira de cima.

A manhã foi ensolarada de novo. Acordei com uma esperança renovada que tentei reprimir com rigor. Me vesti para o clima mais quente com uma blusa azul-escura com decote em V — uma coisa que eu vestia no auge do inverno em Phoenix.

Eu tinha planejado minha chegada à escola de modo que mal tivesse tempo para entrar na sala. Com o coração aos pulos, contornei o estacionamento cheio, procurando por uma vaga, ao mesmo tempo que também procurava pelo Volvo prata que claramente não estava ali. Estacionei na última fila e corri para a aula de inglês, chegando sem fôlego, mas controlada, antes que o sinal tocasse.

Foi igual a ontem — eu simplesmente não conseguia evitar que as sementes da esperança brotassem na minha mente, para depois vê-las sendo esmagadas sem dó enquanto eu procurava em vão pelo refeitório e me sentava no lugar vazio na carteira de biologia.

O esquema de Port Angeles mudou de novo esta noite e ficou mais interessante pelo fato de que Lauren tinha outros compromissos. Fiquei ansiosa para sair da cidade, para que pudesse parar de olhar por sobre o ombro, na esperança de vê-lo aparecer do nada, como ele sempre fazia. Jurei a mim mesma

que estaria de bom humor à noite e não estragaria a diversão de Angela e Jessica na caça ao vestido. Talvez eu pudesse comprar algumas roupas também. Recusei-me a pensar que podia fazer compras sozinha em Seattle neste fim de semana, sem ter mais interesse no que foi combinado antes. Certamente ele não cancelaria sem me avisar.

Depois da aula, Jessica me acompanhou até em casa com seu velho Mercury branco para que eu pudesse deixar meus livros e a picape. Escovei o cabelo rapidamente quando estava lá dentro, sentindo uma leve empolgação ao pensar em sair de Forks. Deixei um bilhete para Charlie na mesa, explicando de novo onde estava o jantar, tirei a carteira surrada da bolsa da escola, coloquei numa bolsa que eu raras vezes usava e corri para encontrar Jessica. Em seguida fomos à casa de Angela e ela estava nos esperando. Minha empolgação aumentava exponencialmente à medida que saíamos dos limites da cidade.

8. PORT ANGELES

JESS DIRIGIA MAIS RÁPIDO do que um ás do volante, então partimos para Port Angeles às quatro horas. Havia algum tempo que eu não saía à noite com amigas minhas e o afluxo de estrogênio era revigorante. Ouvimos as baladas lamentosas de rock enquanto Jessica tagarelava sobre os meninos com quem saíamos. O jantar de Jessica com Mike tinha sido ótimo e ela esperava que no sábado à noite eles tivessem avançado para a fase do primeiro beijo. Sorri para mim mesma, satisfeita. Angela estava passivamente feliz por ir ao baile, mas na verdade não estava interessada em Eric. Jess tentou fazê-la confessar quem era o tipo dela, mas depois de um tempinho eu interrompi com uma pergunta sobre os vestidos, para poupá-la. Angela me lançou um olhar de gratidão.

Port Angeles era uma linda armadilha para turistas, muito mais refinada e singular do que Forks. Mas Jessica e Angela conheciam muito bem a cidade, então não pretendiam perder tempo no pitoresco calçadão junto à baía. Jess dirigiu direto para uma das grandes lojas de departamentos da cidade, que ficava a algumas ruas da área da baía que agradava os visitantes.

O traje do baile foi anunciado como passeio completo e não tínhamos muita certeza do que isso significava. Jessica e Angela demonstraram surpresa e quase descrença quando lhes contei que nunca fora a um baile em Phoenix.

— Você nunca saiu com um namorado, nem nada disso? — perguntou Jess desconfiada enquanto passávamos pelas portas da loja.

— É verdade — tentei convencê-la, sem querer confessar meus problemas com a dança. — Nunca tive namorado nem nada parecido. Eu não saía muito.

— E por que não? — quis saber Jessica.

— Ninguém me convidava — respondi com sinceridade.

Ela me olhou cética.

— As pessoas te convidam para sair aqui — lembrou-me ela — e você diz não a elas. — Agora estávamos na seção juvenil, olhando as araras em busca de roupas de noite.

— Bom, a não ser pelo Tyler — corrigiu Angela em voz baixa.

— Como é? — eu arfei. — O que foi que você disse?

— O Tyler contou a todo mundo que vai levar você ao baile dos alunos — informou-me Jessica com olhos desconfiados.

— Ele disse isso? — Tive a impressão de que ia sufocar.

— Eu te falei que não era verdade — murmurou Angela para Jessica.

Fiquei em silêncio, ainda completamente em uma espécie de choque, que rapidamente estava virando irritação. Mas tínhamos achado as araras de vestidos e agora havia um trabalho a fazer.

— É por isso que a Lauren não gosta de você — disse Jessica entre risos enquanto manuseávamos as roupas.

Trinquei os dentes.

— Você acha que se eu o atropelasse com a minha picape ele pararia de se sentir culpado pelo acidente? Que ele podia desistir de tentar compensar e nós estaríamos quites?

— Talvez — Jessica riu baixinho. — Se for por isso mesmo que ele está agindo assim.

As opções de vestidos não eram muitas, mas as duas acharam algumas coisas para experimentar. Fiquei sentada em uma cadeira baixa do lado de fora das cabines de prova, perto do espelho triplo, tentando controlar minha fúria.

Jess ficou dividida entre dois — um tomara que caia longo e preto bem básico e um azul-elétrico na altura dos joelhos com alças finas. Eu a estimulei a ficar com o azul; por que não realçar os olhos? Angela escolheu um vestido rosa-claro que caiu muito bem em seu corpo alto e destacou os tons de mel do cabelo castanho-claro. Não economizei elogios e as ajudei a recolocar nas araras as roupas rejeitadas. Todo o processo foi muito mais curto e mais fácil do que as viagens semelhantes que eu fazia com Renée na minha cidade. Acho que havia vantagens nas opções limitadas.

Fomos procurar sapatos e acessórios. Enquanto elas experimentavam as coisas, eu apenas observava e criticava, sem humor nenhum para comprar algo para mim, embora precisasse de sapatos novos. O ponto alto da saída com as amigas desaparecia na esteira de minha irritação com Tyler, deixando espaço para a volta das trevas.

— Angela? — comecei, hesitante, enquanto ela experimentava um par de

sapatos de salto, rosa, com tiras — ela estava superfeliz por sair com um cara com uma altura que lhe permitia usar salto alto. Jessica vagava na direção do balcão de bijuterias e estávamos sozinhas.

— Sim? — Ela levantou a perna, girando o tornozelo para ter uma visão melhor do sapato.

Eu me acovardei.

— Gostei desse.

— Acho que vou levar... Apesar de eles só combinarem com aquele vestido, e mais nada — refletiu ela.

— Ah, compre sim... Estão em liquidação — estimulei. Ela sorriu, recolocando a tampa na caixa que continha sapatos brancos de aparência mais prática.

Tentei novamente.

— Hmmm, Angela... — Ela olhou para mim, curiosa. — É normal para os... Cullen — falei sem tirar os olhos dos sapatos — faltar muito às aulas? — Fracassei miseravelmente em minha tentativa de parecer indiferente.

— É, quando o clima está bom, eles acampam o tempo todo... Até o médico. Todos são loucos pela vida ao ar livre — disse-me ela baixinho, examinando os sapatos também. Ela não fez nenhuma pergunta, em lugar das centenas que Jessica teria desatado a fazer. Eu estava começando a gostar de verdade de Angela.

— Ah. — Abandonei o assunto enquanto Jessica voltava para mostrar a bijuteria de strass que encontrara para combinar com os sapatos prateados.

Pretendíamos jantar em um restaurantezinho italiano no calçadão da orla, mas a compra dos vestidos não levou o tempo que esperávamos. Jess e Angela foram levar as roupas para o carro e depois desceram para a baía. Eu lhes disse que ia encontrá-las no restaurante em uma hora — queria procurar uma livraria. Elas estavam dispostas a ir comigo, mas eu as estimulei a se divertirem — elas não sabiam como eu podia ficar pensativa quando estava cercada de livros; era uma coisa que eu preferia fazer sozinha. Elas se afastaram para o carro conversando animadas e eu fui na direção que Jess me apontara.

Não tive problemas para encontrar a livraria, mas não era o que eu procurava. As vitrines estavam cheias de cristais, filtros de sonho e livros sobre cura espiritual. Nem entrei. Pelo vidro, pude ver uma mulher de uns 50 anos com cabelo grisalho até as costas, metida num vestido dos anos 60, dando um sorriso

de boas-vindas detrás do balcão. Concluí que era uma conversa que eu podia dispensar. Devia haver uma livraria mais normal na cidade.

Andei pelas ruas, repletas com o tráfego do final do dia de trabalho, e esperei estar seguindo para o centro. Não prestei muita atenção, como devia, na direção que tomava; eu lutava com meu desespero. Tentava fortemente não pensar nele e no que Angela dissera... E, mais do que qualquer outra coisa, tentava aquietar minhas esperanças para o sábado, temendo uma decepção mais dolorosa do que o resto, quando olhei para cima e vi um Volvo prata estacionado na rua. De repente a ficha caiu. Vampiro idiota e insuportável, pensei comigo mesma.

Segui para o sul a passos pesados, na direção de algumas lojas com fachada de vidro que pareciam promissoras. Mas quando cheguei lá, eram só uma loja de conserto de roupas e um espaço vago. Ainda tinha muito tempo para procurar por Jess e Angela, e precisava controlar meu estado de espírito antes de encontrar com elas. Passei os dedos pelos cabelos e respirei fundo algumas vezes antes de virar a esquina.

Ao atravessar outra rua, comecei a perceber que ia na direção errada. O tráfego reduzido de pedestres que eu vira ia para o norte e parecia que os prédios aqui eram principalmente armazéns. Decidi voltar para o leste na esquina seguinte, depois contornar após algumas quadras e tentar minha sorte numa rua diferente ao voltar para o calçadão.

Um grupo de quatro homens virava a esquina para onde eu ia, vestidos muito informalmente para estarem saindo do trabalho, mas sujos demais para serem turistas. À medida que se aproximavam de mim, percebi que não eram muitos anos mais velhos do que eu. Brincavam ruidosamente, rindo de forma estridente e empurrando os braços uns dos outros. Afastei-me mais para o canto da calçada a fim de lhes dar espaço, andando rapidamente, olhando para a esquina depois deles.

— Ei, e aí? — gritou um deles enquanto passavam, e ele tinha de estar falando comigo, uma vez que não havia mais ninguém na rua. Olhei automaticamente para ele. Dois tinham parado, os outros dois reduziam o passo. O mais próximo, um homem troncudo, de cabelo escuro, de vinte e poucos anos, parecia ser o cara que falou. Usava uma camisa de flanela aberta por cima de uma camiseta suja, bermuda jeans rasgada e sandálias. Ele deu um passo na minha direção.

— Oi — murmurei, uma reação reflexa. Depois rapidamente desviei os olhos e andei mais rápido para a esquina. Pude ouvi-los rindo a todo volume atrás de mim.

— Ei, espera! — gritou um deles de novo, mas mantive a cabeça baixa e virei a esquina com um suspiro de alívio. Podia ouvi-los rindo lá atrás.

Eu me vi numa calçada nos fundos de vários armazéns de cores sombrias, cada um deles com portas largas para caminhões de carga, trancados a cadeado para a noite. O lado sul da rua não tinha calçada, só uma cerca de tela encimada por um arame farpado protegendo uma espécie de depósito de peças de motor. Eu vagava pela parte de Port Angeles que eu, como visitante, não devia ver. Estava escurecendo, percebi, as nuvens finalmente voltavam, acumulando-se no horizonte a oeste e criando um pôr do sol prematuro. O céu a leste ainda era claro, mas se acinzentava, tomado de faixas de rosa e laranja. Eu tinha deixado meu casaco no carro e um tremor súbito me fez cruzar os braços com força no peito. Uma van passou por mim e depois a rua ficou vazia.

O céu de repente escureceu ainda mais e, enquanto eu olhava por sobre o ombro para a nuvem degradante, percebi chocada que dois homens andavam em silêncio uns cinco metros atrás de mim.

Eram do mesmo grupo pelo qual eu havia passado na esquina, mas nenhum deles era o de cabelo escuro que falara comigo. Virei imediatamente a cabeça para a frente, acelerando meu passo. Um arrepio que não tinha nada a ver com o clima me fez tremer de novo. Minha bolsa estava pendurada no ombro e atravessada pelo meu corpo, como usamos para não sermos surpreendidas. Eu sabia exatamente onde estava meu spray de pimenta — na mochila embaixo da cama, a embalagem ainda fechada. Não tinha muito dinheiro agora, só uns vinte e poucos dólares, e pensei em deixar cair minha bolsa "por acidente" e correr. Mas uma vozinha assustada no fundo de minha mente me alertou que eles podiam ser coisa pior do que ladrões.

Tentei escutar atentamente seus passos silenciosos, que eram muito mais silenciosos quando comparados com o barulho tumultuado que fizeram antes, e não parecia que tinham acelerado, nem chegado mais perto de mim. Respire, lembrei a mim mesma. Você não sabe se estão te seguindo. Continuei a andar com a maior rapidez que pude sem correr, concentrando-me na curva à direita, que agora só estava a alguns metros de mim. Eu podia ouvi-los, ficando para trás,

como antes. Um carro azul entrou na rua, vindo do sul, e passou rapidamente. Pensei em pular na frente dele, mas hesitei, inibida, sem saber se estavam mesmo me perseguindo, e aí era tarde demais.

Cheguei à esquina, mas um olhar rápido revelou que era só um beco sem saída nos fundos de outro prédio. Dei meia-volta, cheia de expectativa; tinha que corrigir esse erro apressadamente e disparar pelo caminho estreito, de volta à calçada. A rua terminava na esquina seguinte, onde havia uma placa de Pare. Concentrei-me nos passos fracos atrás de mim, decidindo se correria ou não. Mas eles pareciam mais distantes e eu sabia que, de qualquer forma, não podiam me alcançar. Eu tropeçaria e cairia estatelada se tentasse ir mais rápido. Os passos certamente estavam mais distantes. Arrisquei uma olhada rápida por sobre o ombro e agora talvez eles estivessem a uns dez metros de mim, como vi com alívio. Mas os dois me encaravam.

Parecia que eu ia levar uma eternidade para chegar à esquina. Mantive o ritmo constante, os homens atrás de mim ficando um pouquinho mais para trás a cada passo. Talvez eles tivessem percebido que me assustaram e lamentassem por isso. Vi dois carros indo para o norte, passando pelo cruzamento para onde eu me dirigia, e respirei com alívio. Haveria mais gente lá quando eu saísse dessa rua deserta. Virei a esquina rapidamente com um suspiro de gratidão.

E fiquei paralisada.

A rua era cercada dos dois lados por paredes sem portas nem janelas. Eu podia ver à distância dois cruzamentos, postes, carros e mais pedestres, mas estavam todos longe demais. Porque encostados no prédio a oeste, a meio caminho para a rua, estavam outros dois homens do grupo, os dois olhando com sorrisos excitados enquanto eu ficava paralisada feito morta na calçada. Percebi então que não estava sendo seguida.

Estava sendo conduzida.

Parei por um segundo, mas me pareceu muito tempo. Depois virei e disparei para o outro lado da rua. Tive a sensação desanimadora de que era perda de tempo. Os passos atrás de mim agora estavam mais altos.

— Você aí! — O estrondo da voz do homem atarracado de cabelo escuro abalou a quietude intensa e me fez pular. Na escuridão que aumentava, ele parecia olhar através de mim.

— É — gritou uma voz de trás, fazendo-me pular novamente enquanto eu

tentava correr pela rua. — Pegamos um atalhozinho.

Meus passos agora tinham que se reduzir. Eu estava encurtando muito rapidamente a distância entre mim e o par que ria. Precisava dar um belo grito e puxei o ar, preparando-me para usá-lo, mas minha garganta estava tão seca que eu não sabia que volume poderia alcançar. Com um movimento rápido, passei a bolsa pela cabeça, pegando a alça com uma das mãos, pronta para me render ou usá-la como arma, o que a necessidade mandasse.

O homem atarracado se afastou do muro enquanto eu cautelosamente parava, e andou devagar pela rua.

— Fique longe de mim — alertei numa voz que devia parecer forte e destemida. Mas eu tinha razão sobre a garganta seca, sem volume nenhum.

— Não fique assim, docinho — gritou ele, e o riso rouco recomeçou atrás.

Eu me abracei e separei os pés, tentando me lembrar, em meu pânico, do pouco de defesa pessoal que conhecia. Vire a face externa da mão para cima, na esperança de quebrar o nariz ou enfiá-lo para dentro do cérebro. O dedo no globo ocular — tente enganchar e arrancar o olho. E a joelhada padrão na virilha, é claro. E aí a mesma voz pessimista falou em minha mente, lembrando-me de que eu provavelmente não teria chance contra um deles, e eles eram quatro. Cale a boca!, exigi da voz antes que o pavor me incapacitasse. Eu não ia cair sem levar alguém comigo. Tentei engolir para poder formar um grito decente.

De repente faróis apareceram na esquina, o carro quase batendo no atarracado, obrigando-o a pular para a calçada. Mergulhei na rua — este carro ia parar ou me atropelaria. Mas o carro prata inesperadamente deu uma guinada, cantando pneu, e parou com a porta do carona aberta a pouca distância de mim.

— Entra — ordenou uma voz furiosa.

Fiquei surpresa ao ver como o medo sufocante desapareceu subitamente, surpresa pela sensação de segurança me inundar de repente — mesmo antes que eu saísse da rua — assim que ouvi a voz dele. Pulei para dentro do carro, batendo a porta depois de entrar.

Estava escuro no carro, nenhuma luz entrara com a abertura da porta e eu mal conseguia ver o rosto dele no brilho do painel. Os pneus cantaram enquanto ele virava para o norte, acelerando rápido demais, jogando o carro para cima dos homens atordoados na rua. Vislumbrei um deles mergulhando na calçada enquanto o carro se alinhava e acelerava para o porto.

— Coloque o cinto de segurança — ordenou ele, e percebi que eu estava agarrada ao banco com as duas mãos. Rapidamente obedeci; o estalo do fecho do cinto foi alto no escuro. Ele virou à esquerda, correndo, voando por várias placas de Pare sem se deter.

Mas eu me sentia completamente segura e, no momento, totalmente despreocupada com nosso destino. Olhei o rosto dele com um profundo alívio, um alívio que ia além de minha libertação repentina. Analisei seus traços perfeitos na luz limitada, querendo que minha respiração voltasse ao normal, até que me ocorreu que a expressão dele era de uma raiva homicida.

— Você está bem? — perguntei, surpresa ao constatar como minha voz estava rouca.

— Não — disse ele rispidamente, e seu tom de voz era furioso.

Fiquei sentada ali em silêncio, observando seu rosto enquanto os olhos em brasa olhavam para a frente, até que o carro subitamente parou. Olhei em volta, mas estava escuro demais para ver alguma coisa além do contorno vago de árvores negras na lateral da rua. Não estávamos mais na cidade.

— Bella? — perguntou ele, a voz dura e controlada.

— Sim? — Minha voz ainda estava rouca. Tentei dar um pigarro baixo.

— Você está bem? — Ele ainda não olhava para mim, mas a fúria tomava todo o seu rosto.

— Estou — resmunguei suavemente.

— Me distraia, por favor — ordenou ele.

— Desculpe, como é?

Ele suspirou com força.

— Tagarele sobre alguma coisa insignificante até que eu me acalme — esclareceu ele, fechando os olhos e apertando a ponte do nariz com o polegar e o indicador.

— Hmmm. — Revirei meu cérebro em busca de alguma coisa banal. — Vou atropelar Tyler Crowley amanhã antes da aula.

Ele ainda estava de olhos bem fechados, mas o canto da boca se retorceu.

— Por quê?

— Ele está dizendo a todo mundo que vai me levar ao baile dos alunos... Ou ele é maluco, ou ainda está tentando compensar o fato de quase ter me matado na... Bom, você se lembra disso, e ele acha que o baile dos alunos é a forma

correta de fazer isso. Então imagino que, se eu colocar a vida dele em risco, depois vamos ficar quites e ele pode parar de tentar compensar isso. Não preciso de inimigo nenhum e talvez Lauren recue se ele me deixar em paz. Mas pode ser que o Sentra dele tenha perda total. Se ele não tiver carona, não vai poder levar ninguém a baile nenhum... — tagarelei.

— Eu soube disso. — Ele parecia um pouco mais composto.

— Você soube? — perguntei, descrente, minha irritação anterior cintilando. — Se ele ficar paralítico do pescoço para baixo, não vai poder ir ao baile dos alunos também — murmurei, refinando meus planos.

Edward suspirou e por fim abriu os olhos.

— Melhor?

— Na verdade, não.

Esperei, mas ele não voltou a falar. Ele encostou a cabeça no banco, olhando o teto do carro. Seu rosto estava rígido.

— Qual é o problema? — Minha voz saiu em um sussurro.

— Às vezes tenho problemas com meu gênio, Bella. — Ele também estava sussurrando e, enquanto olhava pela janela, seus olhos se estreitaram em fendas. — Mas não seria de utilidade nenhuma para mim voltar e caçar aqueles... — Ele não terminou a frase, desviando os olhos, lutando por um momento para controlar a raiva de novo. — Pelo menos — continuou ele — é do que estou tentando me convencer.

— Ah. — A palavra parecia inadequada, mas eu não conseguia pensar numa resposta melhor.

Ficamos sentados em silêncio de novo. Olhei o relógio do painel. Eram seis e meia.

— Jessica e Angela vão ficar preocupadas — murmurei. — Eu devia me encontrar com elas.

Ele ligou o motor sem dizer nada, virou silenciosamente e acelerou de volta à cidade. De repente estávamos debaixo dos postes de rua, ainda seguindo rápido demais, costurando com facilidade os carros que passeavam lentamente junto ao calçadão. Estacionou paralelamente ao meio-fio em uma vaga que eu teria achado pequena demais para o Volvo, mas ele deslizou para o local sem esforço na primeira tentativa. Olhei pela janela e vi as luzes de La Bella Italia, e Jess e Angela acabavam de sair, andando ansiosas até nós.

— Como você sabia onde...? — comecei a dizer, mas depois só sacudi a cabeça. Ouvi a porta se abrir, virei-me e o vi saindo.

— O que está fazendo? — perguntei.

— Vou levar você para jantar. — Ele sorriu de leve, mas seus olhos eram duros. Ele saiu do carro e bateu a porta. Eu me atrapalhei com o cinto de segurança, depois corri para sair do carro também. Ele esperava por mim na calçada.

Ele falou antes que eu pudesse.

— Detenha Jessica e Angela antes que eu tenha que segui-las também. Não acho que vou poder me controlar se me deparar com seus outros amigos de novo.

Eu estremeci com a ameaça em sua voz.

— Jess! Angela! — gritei para elas, acenando quando se viraram. Elas correram para mim, o alívio acentuado no rosto das duas passando para a surpresa ao verem quem estava parado a meu lado. Elas hesitaram a pouca distância de nós.

— Aonde você foi? — A voz de Jessica era desconfiada.

— Eu me perdi — admiti timidamente. — E depois encontrei o Edward — gesticulei para ele.

— Tudo bem se eu ficar com vocês? — perguntou ele com sua irresistível voz sedosa. Eu podia ver, pela expressão vacilante das duas, que ele nunca havia lançado seus talentos para elas.

— É... claro — sussurrou Jessica.

— Hmmm, na verdade, Bella, já comemos enquanto estávamos esperando... Desculpe — confessou Angela.

— Está tudo bem... Eu não estou com fome. — Dei de ombros.

— Acho que devia comer alguma coisa. — A voz de Edward era baixa, mas cheia de autoridade. Ele olhou para Jessica e falou um pouco mais alto. — Importa-se se eu levar a Bella para casa esta noite? Assim vocês não terão que esperar enquanto ela come.

— Hmmm, tudo bem, eu acho... — Ela mordeu o lábio, tentando deduzir, pela minha expressão, se era o que eu queria. Dei uma piscadela para ela. Só o que eu queria era ficar sozinha com meu eterno salvador. Havia muitas perguntas que eu só podia despejar para cima dele quando estivéssemos sozinhos.

— Tudo bem. — Angela foi mais rápida do que Jessica. — A gente se vê

amanhã, Bella... Edward. — Ela pegou a mão de Jessica e a puxou para o carro, que eu pude ver pouco além dali, estacionado do outro lado da First Street. Enquanto elas se afastavam, Jess se virou e acenou, o rosto cheio de curiosidade. Retribuí o aceno, esperando que elas saíssem com o carro antes de me virar para encará-lo.

— Com toda a sinceridade, não estou com fome — insisti, tentando analisar seu rosto. A expressão dele era ilegível.

— Divirta-me.

Ele foi até a porta do restaurante e a manteve aberta com uma expressão obstinada. Obviamente, não haveria nenhuma discussão. Passei por ele e entrei no restaurante com um suspiro resignado.

O restaurante não estava lotado — era a baixa temporada em Port Angeles. Fomos recebidos por uma mulher e entendi o olhar dela enquanto avaliava Edward. Ela o recebeu um pouco mais calorosamente do que o necessário. Fiquei surpresa por isso ter me incomodado tanto. Ela era vários centímetros mais alta do que eu e seu cabelo louro era artificial.

— Mesa para dois? — Sua voz era sedutora, quer fosse intencional ou não. Vi os olhos dela faiscarem para mim e depois se desviarem, satisfeitos com minha evidente banalidade e com o espaço cauteloso e sem contato que Edward mantinha entre nós. Ela nos levou a uma mesa suficiente para quatro no meio da área mais apinhada do salão.

Eu estava prestes a me sentar, mas Edward sacudiu a cabeça para mim.

— Quem sabe um lugar mais reservado? — insistiu ele em voz baixa para a hostess. Eu não tinha certeza, mas tive a impressão de que ele lhe passou furtivamente uma gorjeta. Nunca vi ninguém recusar uma mesa, a não ser nos filmes antigos.

— Claro. — Ela parecia tão surpresa quanto eu. Virou-se e nos levou por uma divisória a um pequeno círculo de bancos — todos eles vazios. — Que tal aqui?

— Perfeito. — Ele abriu seu sorriso resplandecente, estonteando a mulher por um momento.

— Hmmm — ela sacudiu a cabeça, piscando — Vocês serão atendidos logo. — Ela se afastou, meio desequilibrada.

— Não devia fazer isso com as pessoas — critiquei. — É muito injusto.

— Fazer o quê?

— Deixá-las tontas desse jeito... Ela pode estar ofegando na cozinha agora mesmo.

Ele pareceu confuso.

— Ah, sem essa — disse eu, desconfiada. — Você deve saber o efeito que tem sobre as pessoas.

Ele inclinou a cabeça de lado e seus olhos eram curiosos.

— Eu deixo as pessoas tontas?

— Não percebeu? Acha que todo mundo faz o que você quer com essa facilidade toda?

Ele ignorou minhas perguntas.

— Eu deixo você tonta?

— Com muita frequência — admiti.

E depois nossa garçonete chegou, a cara cheia de expectativa. A hostess com certeza tinha fofocado nos bastidores e esta garota nova não parecia decepcionada. Ela colocou uma mecha de cabelo preto atrás da orelha e sorriu com uma cortesia desnecessária.

— Oi. Meu nome é Amber e serei sua garçonete esta noite. O que posso trazer para beberem? — Não deixei de notar que ela falava só com ele.

Ele olhou para mim.

— Vou tomar uma Coca. — Pareceu mais uma pergunta.

— Duas Cocas — disse ele.

— Voltarei logo com elas — ela lhe assegurou com outro sorriso desnecessário. Mas ele não viu. Estava olhando para mim.

— Que foi? — perguntei quando ela saiu.

Seus olhos estavam fixos no meu rosto.

— Como está se sentindo?

— Bem — respondi, surpresa com a intensidade dele.

— Não está tonta, enjoada, gelada...?

— Deveria?

Ele riu de meu tom enigmático.

— Bom, na verdade estou esperando que você entre em choque. — Seu rosto se enrugou naquele sorriso torto perfeito.

— Não acho que vá acontecer — eu disse depois de recuperar o fôlego. — Sempre fui muito boa para reprimir coisas desagradáveis.

— Mesmo assim, vou me sentir melhor quando você colocar algum açúcar e comida para dentro.

Bem na deixa, a garçonete apareceu com nossas bebidas e um cesto de pãezinhos. Ela ficou de costas para mim enquanto os colocava na mesa.

— Está pronta para pedir? — perguntou ela a Edward.

— Bella? — perguntou ele. Ela se virou sem a menor vontade para mim.

Escolhi a primeira coisa que vi no cardápio.

— Hmmm... Vou querer ravióli de cogumelos.

— E você? — Ela se virou para ele com um sorriso.

— Para mim, nada — disse ele. É claro que não.

— Avise se mudar de ideia. — O sorriso tímido ainda estava ali, mas ele não a olhou e ela saiu insatisfeita.

— Beba — ordenou ele.

Beberiquei obediente o refrigerante e depois tomei um gole maior, surpresa com a sede que sentia. Percebi que tinha terminado tudo quando ele empurrou o copo dele para mim.

— Obrigada — murmurei, ainda com sede. O frio do refrigerante gelado irradiou por meu peito e eu tremi.

— Está com frio?

— É só a Coca — expliquei, tremendo de novo.

— Não trouxe casaco? — A voz dele era desaprovadora.

— Trouxe. — Olhei o banco vazio ao lado do meu. — Ah... deixei no carro da Jessica — percebi.

Edward estava tirando o casaco. De repente percebi que eu não via o que ele estava vestindo — não hoje à noite, mas sempre. Eu simplesmente não conseguia deixar de olhar para seu rosto. Agora me obriguei a olhar, concentrada. Ele estava tirando uma jaqueta de couro bege; por baixo, tinha um suéter marfim de gola rulê. Caía com perfeição nele, destacando seu peito musculoso.

Edward me passou a jaqueta, interrompendo meu olhar cheio de cobiça.

— Obrigada — eu disse novamente, passando o braço pela jaqueta. Estava fria, como meu casaco quando o peguei de manhã, pendurado no hall de entrada com suas correntes de ar. Tremi de novo. O cheiro era maravilhoso. Inspirei, tentando identificar o aroma delicioso. Não tinha cheiro de colônia. As mangas eram compridas demais; puxei-as para trás para poder libertar minhas mãos.

— O azul fica ótimo em sua pele — disse ele, me olhando. Fiquei surpresa. Olhei para baixo, corando, é claro.

Ele empurrou o cesto de pão para mim.

— Na verdade, não vou entrar em choque — protestei.

— Devia... Uma pessoa normal entraria. Você nem parece abalada. — Ele parecia inquieto. Olhou nos meus olhos e vi como os olhos dele estavam claros, mais claros do que já vira, de um caramelo dourado.

— Eu me sinto muito segura com você — confessei, hipnotizada a dizer a verdade novamente.

Isso o desagradou; sua fisionomia de alabastro se franziu. Ele sacudiu a cabeça, carrancudo.

— Isto é mais complicado do que eu planejei — murmurou ele para si mesmo.

Peguei um pãozinho e comecei a mordiscar a ponta, avaliando a expressão dele. Perguntei-me quando seria uma boa hora para começar a interrogá-lo.

— Em geral você está num humor melhor quando seus olhos estão claros assim — comentei, tentando distraí-lo de qualquer pensamento que o tivesse feito ficar carrancudo e sombrio.

Ele me olhou, atônito.

— Como é?

— Você sempre fica mais azedo quando seus olhos estão escuros... É o que eu espero então — continuei. — Tenho uma teoria para isso.

Ele semicerrou os olhos.

— Mais teorias?

— Arrã. — Dei uma pequena dentada no pão, tentando parecer indiferente.

— Espero que desta vez seja mais criativa... Ou ainda está se inspirando nos quadrinhos? — Seu sorriso fraco era de zombaria; os olhos ainda estavam apertados.

— Bom, não, não tirei nada de quadrinho nenhum, mas também não inventei nada sozinha — confessei.

— E? — incitou ele.

Mas então a garçonete passou pela divisória com meu prato. Percebi que, inconscientemente, tínhamos nos inclinado na direção um do outro sobre a mesa, porque nós dois nos endireitamos quando ela se aproximou. Ela baixou o prato

diante de mim — parecia muito bom — e se virou rapidamente para Edward.

— Mudou de ideia? — perguntou ela. — Não há nada que possa trazer para você? — Eu podia muito bem imaginar o duplo sentido das palavras dela.

— Não, obrigado, mas outro refrigerante seria bom. — Ele gesticulou com a mão longa e branca para os copos vazios na minha frente.

— Claro. — Ela retirou os copos e se afastou.

— O que estava dizendo? — perguntou ele.

— Vou falar sobre isso no carro. Se... — eu parei.

— Há alguma condição? — Ele ergueu uma sobrancelha, a voz agourenta.

— Tenho algumas perguntas, é claro.

— É claro.

A garçonete voltou com mais duas Cocas. Desta vez colocou-as na mesa sem dizer nada e saiu novamente.

Tomei um gole.

— Bem, vá em frente — pressionou ele, a voz ainda dura.

Comecei do jeito menos exigente. Ou assim pensei eu.

— Por que está em Port Angeles?

Ele olhou para baixo, cruzando as mãos grandes lentamente sobre a mesa. Seus olhos lampejaram para mim por baixo das pestanas, uma sugestão de sorriso de escárnio no rosto.

— Próxima.

— Mas essa foi a mais fácil — objetei.

— Próxima — repetiu ele.

Olhei para baixo, frustrada. Tirei os talheres do guardanapo, peguei o garfo e espetei com cuidado um ravióli. Coloquei-o na boca devagar, ainda de olhos baixos, mastigando enquanto pensava. Os cogumelos estavam bons. Engoli e tomei outro gole da Coca antes de olhar para ele.

— Tudo bem, então. — Eu o fitei e continuei devagar. — Digamos, é claro que hipoteticamente, que... alguém... pode saber o que as pessoas estão pensando, ler a mente delas, sabe como é... com algumas exceções.

— Só uma exceção — corrigiu ele —, hipoteticamente.

— Tudo bem, com uma exceção, então. — Fiquei emocionada que ele estivesse cooperando, mas tentei parecer despreocupada. — Como é que isso funciona? Quais são as limitações? Como... esse alguém... acharia outra pessoa

exatamente na hora certa? Como ele saberia que ela estava numa encrenca? — Eu me perguntei se minhas perguntas convolutas faziam algum sentido.

— Hipoteticamente? — perguntou ele.

— Claro.

— Bom, se... esse alguém...

— Vamos chamá-lo de "Joe" — sugeri.

Ele deu um sorriso torto.

— Joe, que seja. Se Joe estivesse prestando atenção, o senso de oportunidade não precisaria ser tão preciso. — Ele sacudiu a cabeça, revirando os olhos. — Só você pode se meter em encrenca em uma cidade tão pequena. Você teria acabado com as estatísticas de criminalidade por uma década, sabe disso.

— Estávamos falando de um caso hipotético — lembrei-lhe friamente.

Ele riu para mim, os olhos calorosos.

— Sim, estávamos — concordou ele. — Devo chamá-la de "Jane"?

— Como você sabia? — perguntei, incapaz de reprimir minha intensidade. Percebi que estava me inclinando para ele de novo.

Ele pareceu oscilar, dividido por algum dilema íntimo. Seus olhos pararam nos meus e achei que, naquele momento, ele estava decidindo se simplesmente me contaria a verdade ou não.

— Sabe que pode confiar em mim — murmurei. Estendi a mão, sem pensar, para pegar suas mãos cruzadas, mas ele as afastou rapidamente e eu recuei.

— Não sei se ainda tenho alternativa. — A voz dele era quase um sussurro. — Eu estava errado... Você é muito mais observadora do que eu julgava.

— Achei que você sempre tivesse razão.

— Antigamente era assim. — Ele sacudiu a cabeça de novo. — Eu estava errado sobre você em outra coisa também. Você não é um ímã para acidentes... Esta não é uma classificação muito ampla. Você é um ímã para problemas. Se houver alguma coisa perigosa num raio de dez quilômetros, invariavelmente vai encontrar você.

— E você se coloca nesta categoria? — conjecturei.

Seu rosto ficou frio, sem expressão.

— Sem dúvida.

Estiquei a mão pela mesa de novo — ignorando-o quando ele puxou a dele mais uma vez — para tocar timidamente as costas de sua mão com a ponta dos

dedos. Sua pele era fria e dura, como uma pedra.

— Obrigada. — Minha voz fervia de gratidão. — Agora são duas vezes.

Seu rosto se suavizou.

— Vamos tentar não ter a terceira, concorda?

Fiz uma careta, mas assenti. Ele tirou a mão de baixo da minha, colocando as duas sob a mesa. Mas se inclinou para mim.

— Eu a segui a Port Angeles — admitiu ele, falando num jato. — Nunca tentei manter uma determinada pessoa viva, e é muito mais problemático do que eu acreditava. Mas deve ser assim porque é você. As pessoas comuns parecem passar o dia todo sem muitas catástrofes. — Ele parou. Eu me perguntei se devia me aborrecer por ele estar me seguindo; em vez disso, senti um surto estranho de prazer. Ele me encarava, talvez se indagando por que meus lábios se curvavam em um sorriso involuntário.

— Já pensou que talvez minha hora tivesse chegado naquela primeira vez, com a van, e você esteja interferindo no meu destino? — especulei, distraindo-me.

— Não foi a primeira vez — disse ele, e mal se ouvia sua voz. Eu o encarei, surpresa, mas ele olhava para baixo. — Sua hora chegou quando eu a conheci.

Senti um espasmo de medo com as palavras dele, e a lembrança abrupta de seu olhar sombrio e violento naquele primeiro dia... Mas a sensação dominadora de segurança que eu tinha em sua presença sufocou isso. Quando ele olhou para cima para ler meus olhos, não havia vestígio de medo neles.

— Você lembra? — perguntou ele, o rosto angelical grave.

— Lembro. — Eu estava calma.

— E no entanto aqui está você. — Havia um toque de descrença em sua voz; ele ergueu uma sobrancelha.

— É, aqui estou eu... graças a você. — Eu parei. — Porque de algum modo você sabia como me achar hoje...? — incitei.

Ele apertou os lábios, encarando-me pelos olhos estreitos, decidindo novamente. Seus olhos faiscaram para meu prato cheio e depois para mim.

— Você come, eu falo — ele propôs a barganha.

Rapidamente garfei outro ravióli e o coloquei na boca.

— É mais difícil do que deveria... rastrear você. Em geral posso encontrar uma pessoa com muita facilidade, depois de ter lido sua mente.

Ele olhou para mim com ansiedade e percebi que eu tinha me paralisado. Obriguei-me a engolir, depois espetei outro ravióli e o coloquei para dentro.

— Eu estava vigiando Jessica, sem cuidado nenhum... Como eu disse, só você pode encontrar problemas em Port Angeles... E no início não percebi quando você saiu sozinha. Depois, quando notei que você não estava mais com ela, fui procurar por você na livraria que vi em sua cabeça. Eu sabia que você não tinha entrado e que não foi para o sul... E sabia que teria que voltar logo. Então eu só estava esperando você, procurando ao acaso pelos pensamentos das pessoas na rua... Para ver se alguém a notara e eu poderia saber onde você estava. Não tinha motivos para ficar preocupado... Mas estava estranhamente ansioso...

Ele estava perdido em pensamentos, olhando através de mim, vendo coisas que eu nem podia imaginar.

— Comecei a dirigir em círculos, ainda... escutando. O sol finalmente se punha e eu estava prestes a sair do carro e seguir você a pé. E então... — Ele parou, trincando os dentes numa fúria súbita. Fez um esforço para se acalmar.

— Então o quê? — sussurrei. Ele continuou a olhar por cima de minha cabeça.

— Ouvi o que eles estavam pensando — grunhiu ele, o lábio superior se virando um pouco para baixo por cima dos dentes. — Vi seu rosto na mente deles.

Ele de repente se recostou, um cotovelo aparecendo na mesa, a mão cobrindo os olhos. O movimento foi tão rápido que me sobressaltou.

— Para mim, foi muito... difícil... nem pode imaginar como foi difícil... simplesmente tirar você dali e deixá-los... vivos. — Sua voz era abafada pelo braço. — Eu podia deixar você ir com Jessica e Angela, mas temia procurar por eles se você me deixasse sozinho — admitiu num sussurro.

Fiquei sentada em silêncio, meus pensamentos incoerentes. Minhas mãos estavam cruzadas no colo, e eu mal me recostava na cadeira. Ele ainda estava com o rosto nas mãos e tão imóvel que era como se tivesse sido entalhado na mesma pedra de sua mão.

Por fim ele olhou para cima, os olhos procurando os meus, cheios de suas próprias perguntas.

— Pronta para ir para casa? — perguntou ele.

— Estou pronta para ir embora — habilitei-me abertamente grata por termos

uma viagem de uma hora juntos. Não estava preparada para me despedir dele.

A garçonete apareceu como se tivesse sido chamada. Ou estivesse olhando.

— Como estamos? — perguntou ela a Edward.

— Estamos prontos para a conta, obrigado. — Sua voz era grave, mais rude, ainda refletindo a tensão de nossa conversa. Isso pareceu confundi-la. Ele olhou para ela, esperando.

— C-claro — gaguejou ela. — Aqui está. — Ela pegou uma pastinha de couro no bolso da frente do avental preto e entregou a ele.

Já havia uma nota na mão dele. Ele a colocou dentro da pasta e a devolveu à garçonete.

— Não precisa de troco. — Ele sorriu. Depois se levantou e eu me coloquei de pé, desajeitada.

Ela sorriu convidativamente para ele de novo.

— Tenha uma boa noite.

Ele não tirou os olhos de mim enquanto agradecia a ela. Eu reprimi um sorriso.

Ele andou ao meu lado até a porta, ainda com o cuidado de não tocar em mim. Lembrei-me do que Jessica dissera sobre a relação dela com Mike, como eles quase chegaram à fase do primeiro beijo. Suspirei. Edward parecia me ouvir e olhava para baixo curiosamente. Olhei para a calçada, grata por ele aparentemente não ser capaz de saber o que eu estava pensando.

Ele abriu a porta do carona, segurando-a para mim enquanto eu entrava, fechando-a suavemente depois que entrei. Eu o observei andar pela frente do carro, maravilhada, novamente, com sua elegância. Eu devia ter me acostumado com isso agora — mas não me acostumara. Tinha a sensação de que Edward não era o tipo de pessoa com quem podemos nos acostumar.

Dentro do carro, ele deu a partida no motor e ligou o aquecedor no máximo. Tinha ficado muito frio e achei que o clima bom estava no fim. Mas estava aquecida com a jaqueta dele, respirando aquele aroma quando eu achava que ele não podia ver.

Edward entrou no trânsito, aparentemente sem olhar, virando para pegar a via expressa.

— Agora — disse ele sugestivamente — é a sua vez.

9. TEORIA

— POSSO FAZER SÓ MAIS UMA PERGUNTA? — Pedi enquanto Edward acelerava rápido demais. Não parecia estar prestando atenção na estrada.

Ele suspirou.

— Uma — concordou. Seus lábios se apertaram em uma linha cautelosa.

— Bom... Você disse que sabia que eu não tinha entrado na livraria e que fui para o sul. Estou aqui me perguntando como sabia disso.

Ele desviou os olhos, refletindo.

— Pensei que tínhamos deixado as evasivas para trás — murmurei.

Ele quase sorriu.

— Tudo bem, então. Eu segui o seu cheiro. — Ele olhou a estrada, dando-me tempo para recompor minha expressão. Não conseguia pensar em uma resposta aceitável a isso, mas arquivei a questão cuidadosamente para análise posterior. Tentei me concentrar novamente. Não estava pronta para deixar que ele encerrasse o assunto, agora que ele finalmente explicava as coisas.

— E você não respondeu a uma de minhas perguntas... — protelei.

Ele olhou para mim com desaprovação.

— Qual delas?

— Como é que isso funciona... O negócio de ler a mente? Pode ler a mente de qualquer um, em qualquer lugar? Como você faz isso? Toda a sua família pode...? — Eu me senti boba, fingindo querer esclarecimentos.

— É mais de uma — assinalou ele.

Eu simplesmente cruzei os dedos e olhei para ele, esperando.

— Não, só eu. E não posso ouvir todo mundo, em qualquer lugar. Tenho que estar bem perto. Quanto mais conhecida for a... "voz" da pessoa, maior a distância em que posso ouvi-la. Mas ainda assim, só a poucos quilômetros. — Ele parou pensativamente. — É meio como estar em uma sala enorme cheia de gente, todos falando ao mesmo tempo. É como um zumbido... Uma buzina de vozes ao fundo. Até que me concentro em uma só voz, e depois o que ela está pensando fica claro.

Ele continuou:

— Na maior parte do tempo, fico fora de sintonia... Isso pode me distrair muito. E depois, assim é mais fácil parecer normal — ele franziu a testa quando disse a palavra —, quando não estou respondendo por acidente aos pensamentos de alguém, em vez de às palavras.

— Por que acha que não pode me ouvir? — perguntei, curiosa.

Ele olhou para mim, os olhos enigmáticos.

— Não sei — murmurou. — A única suposição que eu tenho é que talvez sua mente não funcione da mesma maneira que a mente dos outros. Como se seus pensamentos estivessem na frequência AM e eu só pegasse FM. — Ele deu um sorriso duro para mim, divertindo-se de repente.

— Minha mente não funciona bem? Eu sou alguma aberração? — As palavras me incomodavam mais do que deviam, provavelmente porque a especulação dele acertara na mosca. Eu sempre suspeitei disso e me constrangia ver tudo confirmado.

— Ouço vozes em minha mente e está preocupada que você seja a aberração — ele riu. — Não se preocupe, é só uma teoria... — Sua face se enrijeceu. — O que nos leva de volta a você.

Suspirei. Como começar?

— Já não deixamos as evasivas para trás agora? — ele me lembrou delicadamente.

Desviei os olhos de seu rosto pela primeira vez, tentando encontrar as palavras. Foi por acaso que vi o velocímetro.

— Mas que droga! — gritei. — Reduza!

— Qual é o problema? — Ele ficou sobressaltado. Mas o carro não desacelerou.

— Está indo a 150 por hora! — eu ainda gritava. Lancei um olhar de pânico pela janela, mas estava escuro demais para ver grande coisa. O caminho só era visível no longo trecho de luz azulada dos faróis. A floresta junto às margens da estrada era como um muro preto: duro feito uma barreira de aço se derrapássemos na estrada nesta velocidade.

— Relaxe, Bella. — Ele revirou os olhos, ainda sem reduzir.

— Está tentando nos matar? — perguntei.

— Não vamos bater.

Tentei modular minha voz.

— Por que está com tanta pressa?

— Sempre dirijo assim. — Ele se virou para me dar um sorriso torto.

— Não tire os olhos da estrada!

— Nunca sofri um acidente, Bella... Nunca, nem mesmo uma multa. — Ele sorriu e deu um tapinha na testa. — Detector embutido de radar.

— Muito engraçado. — Eu me enfureci. — Charlie é policial, lembra? Fui criada para respeitar as leis de trânsito. Além disso, se nos transformar numa pizza de Volvo em um tronco de árvore, você vai conseguir escapar.

— Provavelmente — concordou ele com um riso curto e duro. — Mas você não vai. — Ele suspirou, e eu vi com alívio o ponteiro aos poucos cair para os 120. — Satisfeita?

— Quase.

— Odeio dirigir devagar — resmungou ele.

— Isso é devagar?

— Chega de comentários sobre como eu dirijo — rebateu ele. — Ainda estou esperando por sua teoria mais recente.

Mordi o lábio. Ele olhou para mim, os olhos de mel inesperadamente gentis.

— Eu não vou rir — prometeu ele.

— Meu maior medo é que você fique com raiva de mim.

— É tão ruim assim?

— Muito ruim, sim.

Ele esperou. Eu olhava minhas mãos, então não pude ver sua expressão.

— Continue. — Sua voz era calma.

— Não sei por onde começar — admiti.

— Por que não começa do início... Você disse que não inventou isso sozinha.

— Não.

— De onde tirou... De um livro? Um filme? — sondou ele.

— Não... Foi no sábado, na praia. — Arrisquei uma olhada para a cara dele. Ele parecia confuso. — Eu estive com um velho amigo da família... Jacob Black — continuei. — O pai dele e Charlie são amigos desde que eu era bebê.

Ele ainda parecia confuso.

— O pai dele é um dos anciãos quileutes. — Eu o observava com cuidado. Sua expressão confusa congelou ali. — Fomos dar uma caminhada... — Eu

editava todo o meu esquema da história — ... e ele me contou algumas lendas antigas... Acho que tentando me assustar. Ele me contou uma... — Eu hesitei.

— Continue — disse ele.

— Sobre vampiros. — Percebi que eu estava sussurrando. Não conseguia olhar a cara dele agora. Mas vi os nós de seus dedos se apertarem convulsivamente no volante.

— E imediatamente pensou em mim? — Ainda calmo.

— Não. Ele... falou na sua família.

Ele ficou em silêncio, encarando a estrada.

De repente fiquei alarmada, preocupada em proteger Jacob.

— Ele só achava que era uma superstição tola — eu disse rapidamente. — Não esperava que eu acreditasse nela. — Isso não parecia o suficiente; eu tinha que confessar. — A culpa foi minha, eu o obriguei a me contar.

— Por quê?

— Lauren disse uma coisa sobre você... Ela tentava me provocar. E um garoto mais velho da tribo disse que sua família não podia ir à reserva, só que deu a impressão de que queria dizer uma coisa diferente. Então consegui ficar sozinha com Jacob e arranquei dele — admiti, inclinando a cabeça.

Ele me surpreendeu, rindo. Olhei para ele. Estava rindo, mas os olhos eram ferozes, olhando direto para a frente.

— Arrancou dele? — perguntou Edward.

— Tentei paquerar... Saiu melhor do que eu esperava. — A descrença tingiu minha voz enquanto eu me lembrava.

— Gostaria de ter visto isso. — Ele deu uma risadinha sombria. — E você me acusou de deixar as pessoas tontas... Coitado do Jacob Black.

Eu corei e olhei para a noite pela minha janela.

— O que você fez depois? — perguntou ele após um minuto.

— Pesquisei um pouco na Internet.

— E isso a convenceu? — Sua voz não demonstrava interesse. Mas as mãos estavam agarradas no volante.

— Não. Nada se encaixava. A maior parte era meio boba. E então... — eu parei.

— O quê?

— Concluí que não importava — sussurrei.

— Não importava? — Seu tom de voz me fez olhar. Eu finalmente tinha rompido sua máscara cuidadosamente composta. A expressão dele era incrédula, com um toque de raiva que eu temia.

— Não — eu disse suavemente. — Não importa para mim o que você é.

Um tom ríspido de escárnio penetrou sua voz.

— Você não liga que eu seja um monstro? Que eu não seja humano?

— Não.

Ele ficou em silêncio, olhando para a frente de novo. Seu rosto era vazio e frio.

— Você está com raiva — suspirei. — Eu não devia ter dito nada.

— Não — disse ele, mas sua voz era tão dura quanto o rosto. — Queria mesmo saber o que você estava pensando... Mesmo que o que pense seja loucura.

— Então estou errada de novo? — eu o desafiei.

— Não é a isso que estou me referindo. "Não importa!" — citou ele, trincando os dentes.

— Eu estou certa? — ofeguei.

— Isso importa?

Respirei fundo.

— Na verdade, não — parei. — Mas estou curiosa. — Minha voz, enfim, estava composta.

Ele de repente se resignou.

— Está curiosa com o quê?

— Quantos anos você tem?

— Dezessete — respondeu ele prontamente.

— E há quanto tempo tem 17 anos?

Seus lábios se retorceram enquanto ele olhava a estrada.

— Há algum tempo — admitiu ele por fim.

— Tudo bem. — Eu sorri, satisfeita que ele ainda estivesse sendo sincero comigo. Ele me olhou de um jeito cauteloso, como fizera antes, quando se preocupou que eu entrasse em choque. Dei um sorriso largo de estímulo e ele franziu a testa. — Não ria... Mas como pode sair durante o dia?

Ele riu mesmo assim.

— Mito.

— Queimado pelo sol?

— Mito.

— Dormir em caixões?

— Mito. — Ele hesitou por um momento e um tom peculiar entrou em sua voz. — Não posso dormir.

Levei um minuto para absorver essa.

— Nunca?

— Nunca — disse ele, a voz quase inaudível. Ele se virou para me olhar com uma expressão pensativa. Os olhos dourados sustentaram os meus, e perdi o fio da meada. Eu o encarei até que ele desviasse os olhos.

— Ainda não me fez a pergunta mais importante. — Sua voz agora era ríspida e, quando ele se virou para mim, de novo os olhos eram frios.

Eu pestanejei, ainda tonta.

— Qual?

— Não está preocupada com a minha dieta? — perguntou ele sarcasticamente.

— Ah — murmurei —, isso.

— É, isso. — Sua voz era fria. — Quer saber se bebo sangue?

Eu vacilei.

— Bom, o Jacob disse alguma coisa sobre isso.

— O que o Jacob disse? — perguntou ele categoricamente.

— Disse que vocês não... caçam pessoas. Disse que sua família não devia ser perigosa porque vocês só caçavam animais.

— Ele disse que não éramos perigosos? — A voz dele era profundamente cética.

— Não exatamente. Ele disse que vocês não deviam ser perigosos. Mas os quileutes ainda não querem vocês nas terras deles, por segurança.

Ele olhou para a frente, mas eu não sabia se estava vendo a estrada.

— E aí, ele tem razão? Sobre não caçar pessoas? — Tentei manter minha voz o mais estável possível.

— Os quileutes têm boa memória — sussurrou ele.

Tomei isto como uma confirmação.

— Mas não permita que isso a deixe complacente — ele me alertou. — Eles têm razão em manter distância de nós. Ainda somos perigosos.

— Não entendi.

— Nós tentamos — explicou ele lentamente. — Em geral somos muito bons

no que fazemos. Às vezes cometemos erros. Eu, por exemplo, me permitindo ficar sozinho com você.

— Isso é um erro? — Ouvi a tristeza em minha voz, mas não sabia se ele também tinha percebido.

— Um erro muito perigoso — murmurou ele.

Então nós dois ficamos em silêncio. Olhei os faróis girando com as curvas da estrada. Andavam rápido demais; não parecia real, parecia um videogame. Eu estava ciente de que o tempo passava rapidamente, como a estrada escura diante de nós, e tinha um medo pavoroso de nunca ter outra oportunidade de estar com ele assim de novo — abertamente, sem os muros entre nós, pelo menos uma vez. Suas palavras apontavam para o fim e eu rejeitei a ideia. Eu não podia perder um minuto que fosse com ele.

— Me conte mais — pedi desesperadamente, sem me importar com o que ele disse, só para ouvir sua voz outra vez.

Ele me olhou rapidamente, sobressaltado com a mudança em meu tom de voz.

— O que mais quer saber?

— Me conte por que vocês caçam animais em vez de gente — sugeri, a voz ainda tingida de desespero. Percebi que meus olhos estavam úmidos e lutei contra a tristeza que tentava me dominar.

— Eu não quero ser um monstro. — Sua voz era muito baixa.

— Mas os animais não bastam?

Ele parou.

— É claro que não posso ter certeza, mas comparo isso a viver de tofu e leite de soja; nós nos dizemos vegetarianos, nossa piadinha particular. Não sacia completamente a fome... ou melhor, a sede. Mas isso nos mantém fortes o suficiente para resistir. Na maior parte do tempo. — Sua voz ficou agourenta. — Algumas vezes é mais difícil do que em outras.

— Está muito difícil para você agora? — perguntei.

Ele suspirou.

— Sim.

— Mas agora não está com fome — disse eu com confiança; era uma afirmação, e não uma pergunta.

— Por que pensa assim?

— Seus olhos. Eu disse que tinha uma teoria. Percebi que as pessoas, em

particular os homens, ficam mais rabugentos quando estão com fome.

Ele riu.

— Você é bem observadora, não é?

Não respondi; só fiquei ouvindo o som de seu riso, confiando-o à memória.

— Foi caçar no fim de semana, com Emmett? — perguntei quando ele ficou em silêncio de novo.

— Fui. — Ele parou por um segundo, como se decidisse se diria ou não alguma coisa. — Eu não queria ir, mas era necessário. É muito mais fácil ficar perto de você quando não estou com sede.

— Por que não queria ir?

— Me deixa... angustiado... ficar longe de você. — Seus olhos eram gentis mas intensos, e pareciam amolecer meus ossos. — Eu não estava brincando quando lhe pedi para tentar não cair no mar nem ser atropelada na quinta passada. Fiquei disperso o fim de semana todo, preocupado com você. E depois do que aconteceu esta noite, é uma surpresa que você tenha passado por todo o fim de semana incólume. — Ele sacudiu a cabeça, depois pareceu se lembrar de alguma coisa. — Bom, não totalmente incólume.

— Como é?

— Suas mãos — ele me lembrou. Olhei para a palma de minhas mãos, para os arranhões quase curados. Seus olhos não perdiam nada.

— Eu caí — suspirei.

— Foi o que pensei. — Seus lábios se curvaram nos cantos. — Imagino que, sendo você, podia ter sido muito pior... E essa possibilidade me atormentou o tempo todo em que estive fora. Foram três dias muito longos. Eu dei nos nervos de Emmett. — Ele sorriu pesaroso para mim.

— Três dias? Não voltou hoje?

— Não, voltamos no sábado.

— Então por que nenhum de vocês foi à escola? — Eu estava frustrada, quase com raiva ao pensar em quanta decepção tinha sofrido por causa da ausência dele.

— Bom, você perguntou se o sol me machucava, e não machuca. Mas não posso sair na luz do sol... Pelo menos, não onde todo mundo possa ver.

— E por quê?

— Um dia eu mostro — prometeu ele.

Pensei nisso por um momento.

— Podia ter me telefonado — concluí.

Ele ficou desnorteado.

— Mas eu sabia que estava segura.

— Mas eu não sabia onde você estava. Eu... — hesitei, baixando os olhos.

— O quê? — A voz de veludo me compelia.

— Não gosto disso. Não ver você. Me deixa angustiada também. — Eu corei ao dizer isso em voz alta.

Ele ficou em silêncio. Olhei para ele, apreensiva, e vi que sua expressão era de dor.

— Ah — gemeu ele baixinho. — Isso é um erro.

Não consegui entender a resposta dele.

— O que eu disse?

— Não vê, Bella? Uma coisa é eu mesmo ficar infeliz, outra bem diferente é você se envolver tanto. — Ele virou os olhos angustiados para a estrada, suas palavras fluindo quase rápidas demais para que eu entendesse. — Não quero ouvir que você se sente assim. — Sua voz era baixa mas urgente. As palavras me açoitavam. — Está errado. Não é seguro. Eu sou perigoso, Bella... Por favor, entenda isso.

— Não. — Tentei ao máximo não parecer uma criança rabugenta.

— Estou falando sério — grunhiu ele.

— Eu também. Eu disse, não importa o que você seja. É tarde demais.

A voz dele açoitou, baixa e ríspida.

— Nunca mais diga isso.

Mordi o lábio e fiquei feliz por ele não poder saber o quanto isso me magoou. Olhei a estrada. Agora devíamos estar perto. Ele dirigia rápido demais.

— No que está pensando? — perguntou ele, a voz ainda áspera. Eu só sacudi a cabeça, sem saber se conseguiria falar. Podia sentir o olhar dele em meu rosto, mas mantive os olhos na estrada. — Está chorando? — Ele pareceu apavorado. Eu não havia percebido que a umidade em meus olhos tinha transbordado. Rapidamente esfreguei a mão no rosto e é claro que as lágrimas traiçoeiras estavam ali, entregando-me.

— Não — eu disse, mas minha voz falhava.

Eu o vi estender a mão direita para mim, hesitante, mas depois ele parou e a recolocou devagar no volante.

— Desculpe. — Sua voz ardia de arrependimento. Eu sabia que ele não estava se desculpando só pelas palavras que me entristeceram.

A escuridão deslizava por nós em silêncio.

— Diga uma coisa — pediu ele depois de outro minuto, e pude ouvir que ele lutava para usar um tom mais leve.

— Sim?

— O que estava pensando hoje à noite, pouco antes de eu aparecer na esquina? Não consegui entender a sua expressão... Você não parecia tão assustada, parecia que estava se concentrando muito em alguma coisa.

— Tentava me lembrar de como incapacitar um agressor... Sabe como é, defesa pessoal. Eu ia esmagar o nariz dele no cérebro. — Pensei no homem de cabelo escuro com um surto de ódio.

— Você ia lutar com eles? — Isto o aborreceu. — Não pensou em correr?

— Eu caio muito quando corro — admiti.

— E gritar por ajuda?

— Eu ia chegar a essa parte.

Ele sacudiu a cabeça.

— Você tem razão... Definitivamente estou lutando contra o destino ao tentar manter você viva.

Eu suspirei. Estávamos reduzindo, passando pelos limites de Forks. Levou menos de vinte minutos.

— Vou ver você amanhã? — perguntei.

— Vai... Também tenho que entregar um trabalho. — Ele sorriu. — Vou guardar um lugar para você no refeitório.

Era uma idiotice, depois de tudo pelo que passamos esta noite, que essa pequena promessa tenha feito meu estômago palpitar e me deixado incapaz de falar.

Estávamos diante da casa de Charlie. As luzes estavam acesas, minha picape no lugar dela, tudo completamente normal. Era como acordar de um sonho. Ele parou o carro, mas eu não me mexi.

— Promete estar lá amanhã?

— Prometo.

Considerei isso por um momento, depois assenti. Tirei a jaqueta, dando uma última fungadela.

— Pode ficar com ela... Não vai ter casaco para amanhã — lembrou-me ele.

Eu a devolvi.

— Não quero ter que explicar a Charlie.

— Ah, sim. — Ele sorriu.

Eu hesitei, minha mão na maçaneta da porta, tentando prolongar o momento.

— Bella? — perguntou ele num tom diferente, sério, mas hesitante.

— Sim? — Eu me virei para ele ansiosa demais.

— Me promete uma coisa?

— Prometo — eu disse, e de imediato me arrependi de minha aquiescência incondicional. E se ele me pedisse para ficar longe dele? Eu não ia poder manter a promessa.

— Não vá à floresta sozinha.

Eu o fitei, perplexa.

— Por quê?

Ele franziu o cenho, e seus olhos estavam semicerrados ao fitar pela janela.

— Nem sempre eu sou a coisa mais perigosa por lá. E vamos parar por aqui.

Estremeci um pouco com a súbita frieza na voz dele, mas fiquei aliviada. Pelo menos esta era uma promessa fácil de honrar.

— Como quiser.

— A gente se vê amanhã — ele suspirou, e eu sabia que agora ele queria que eu saísse.

— Amanhã, então. — Abri a porta do carro sem vontade nenhuma.

— Bella? — Eu me virei e ele se inclinou para mim, o rosto pálido e glorioso a centímetros do meu. Meu coração parou de bater. — Durma bem — disse. Seu hálito soprou em minha face, estonteando-me. Era o mesmo cheiro delicioso que havia em sua jaqueta, mas de uma forma mais concentrada. Pisquei, completamente tonta. Ele se afastou.

Fui incapaz de me mexer até que meu cérebro de algum modo se regularizou. Depois saí do carro desajeitada, apoiando-me. Pensei ter ouvido Edward rir, mas o som era baixo demais para que eu tivesse certeza.

Ele esperou até que eu cambaleasse para a porta da frente e depois ouvi o motor acelerar baixinho. Eu me virei e vi o carro prata desaparecer na esquina. Percebi que estava muito frio.

Peguei a chave mecanicamente, destranquei a porta e entrei.

Charlie chamou da sala de estar.

— Bella?

— É, pai, sou eu. — Fui até lá para vê-lo. Ele assistia a um jogo de beisebol.

— Chegou cedo.

— Cheguei? — Fiquei surpresa.

— Ainda não são nem oito horas — ele me disse. — Vocês se divertiram?

— É... Foi muito divertido. — Minha cabeça girava enquanto eu tentava me lembrar da noite que tinha planejado com as meninas. — As duas acharam vestidos.

— Está tudo bem com você?

— Só estou cansada. Eu andei muito.

— Bom, talvez deva ir dormir agora. — Ele parecia preocupado. Eu me perguntei o que meu rosto revelava.

— Só vou ligar para a Jessica primeiro.

— Mas você não estava com ela? — perguntou ele, surpreso.

— Estava... Mas deixei meu casaco no carro dela. Quero me certificar de que ela leve amanhã.

— Bom, deixe que ela chegue em casa primeiro.

— Tem razão — concordei.

Fui para a cozinha e desabei, exausta, numa cadeira. Agora me sentia realmente tonta. Imaginei se afinal ia entrar em choque. Controle-se, disse a mim mesma.

De repente o telefone tocou, assustando-me. Eu o peguei do gancho.

— Alô? — perguntei sem fôlego.

— Bella?

— Oi, Jess. Eu ia ligar para você agora.

— Já chegou em casa? — Sua voz era de alívio... e surpresa.

— É. Deixei meu casaco no seu carro... Pode levar para mim amanhã?

— Claro. Mas me conta o que aconteceu! — exigiu ela.

— Hmmm, amanhã... Na aula de trigonometria, tá legal?

Ela entendeu rapidamente.

— Ah, o seu pai está aí?

— É, é isso mesmo.

— Tudo bem. A gente se fala amanhã, então. Tchau! — Pude ouvir a

impaciência na voz dela.

— Tchau, Jess.

Subi a escada devagar, um estupor pesado nublando minha mente. Executei os movimentos de me preparar para dormir sem prestar nenhuma atenção ao que estava fazendo. Foi só no banho — a água quente demais, minha pele ardia — que percebi que estava congelando. Estremeci violentamente por vários minutos antes de o jato de vapor finalmente relaxar meus músculos rígidos. Depois fiquei embaixo do chuveiro, cansada demais para me mexer, até que a água quente começou a acabar.

Tropecei para fora do boxe, enrolando-me seguramente em uma toalha, tentando manter o calor da água para que os tremores dolorosos não voltassem. Vesti-me para dormir rapidamente e fui para debaixo de meu cobertor, enroscando-me como uma bola, abraçando-me para me aquecer. Alguns pequenos tremores me assaltaram.

Minha mente ainda girava tonta, cheia de imagens que eu não conseguia entender e algumas que eu lutava para reprimir. No início, nada parecia claro, mas, à medida que me aproximava aos poucos da inconsciência, algumas certezas tornaram-se evidentes.

De três coisas eu estava convicta. Primeira, Edward era um vampiro. Segunda, havia uma parte dele — e eu não sabia que poder essa parte teria — que tinha sede do meu sangue. E terceira, eu estava incondicional e irrevogavelmente apaixonada por ele.

10. INTERROGAÇÕES

PELA MANHÃ, FOI MUITO DIFÍCIL DEBATER com a parte de mim que tinha certeza de que a noite passada tinha sido um sonho. A lógica não estava do meu lado, nem o bom-senso. Agarrei-me às partes que eu não podia ter imaginado — como o cheiro dele. Tinha certeza de que nunca teria inventado isso sozinha.

Do lado de fora de minha janela, havia neblina e estava escuro, absolutamente perfeito. Ele não tinha motivos para não ir à escola hoje. Coloquei minhas roupas pesadas, lembrando-me de que não tinha casaco. Mais uma prova de que minhas lembranças eram reais.

Quando desci, Charlie já havia saído novamente — eu ia me atrasar mais do que tinha percebido. Engoli uma barra de granola em três dentadas, empurrei para dentro com leite bebido direto da caixa, e corri porta afora. Por sorte, a chuva daria um tempo até eu poder encontrar Jessica.

A neblina era incomum; o ar era quase fumarento. A bruma era gelada onde se grudava na pele exposta de meu rosto e meu pescoço. Eu estava louca para entrar no calor de minha picape. Era uma neblina tão densa que eu estava a pouca distância da entrada de veículos antes de perceber o carro; um carro prata. Meu coração disparou, tropeçou e recuperou o batimento no dobro da velocidade.

Não vi de onde ele veio, mas de repente ele estava ali, abrindo a porta para mim.

— Quer uma carona comigo hoje? — perguntou, divertindo-se com minha expressão ao me pegar de surpresa outra vez. Havia incerteza na voz dele. Ele realmente estava me dando alternativas — eu estava livre para recusar, e parte dele esperava por isso. Era uma esperança vã.

— Quero, obrigada — eu disse, tentando manter a voz calma. Enquanto entrava no carro quente, percebi uma jaqueta caramelo pendurada no banco do carona. A porta se fechou atrás de mim e, antes que eu pensasse ser possível, ele estava sentado ao meu lado, dando a partida no carro.

— Trouxe o casaco para você. Não quero que adoeça nem nada disso. — Sua

voz era cautelosa. Percebi que ele mesmo não estava de casaco, só com um blusão de tricô cinza com gola em V e mangas compridas. Novamente, o tecido colava em seu peito perfeitamente musculoso. Era um tributo colossal a seu rosto que meus olhos se afastassem daquele corpo.

— Não sou tão frágil assim — eu disse, mas puxei o casaco para o colo, passando os braços pelas mangas compridas demais, curiosa para ver se o cheiro podia ser tão bom quanto minha lembrança dele. Era melhor ainda.

— Não é? — ele me contradisse numa voz tão baixa que não tive certeza se queria que eu ouvisse.

Seguimos pelas ruas envoltas de névoa, sempre rápido demais, com uma estranha sensação. Minha sensação, pelo menos. Na noite passada, todos os muros ruíram... Quase todos. Não sei se ainda seríamos tão francos hoje. Isso me travou a língua. Esperei que ele falasse.

Ele se virou para sorrir com malícia para mim.

— Que foi, hoje não tem vinte perguntas?

— Minhas perguntas o incomodam? — indaguei, aliviada.

— Não tanto quanto suas reações. — Ele parecia estar brincando, mas eu não podia ter certeza.

Franzi o cenho.

— Eu reajo tão mal assim?

— Não, e é esse o problema. Você leva tudo com tanta frieza... Não é natural. Fico me perguntando o que realmente está pensando.

— Sempre digo a você o que estou pensando.

— Você edita — acusou ele.

— Não muito.

— O bastante para me deixar louco.

— Você não quer ouvir — murmurei, quase sussurrando. Assim que as palavras saíram, me arrependi delas. A dor em minha voz era muito fraca; só podia esperar que ele não a tivesse percebido.

Ele não respondeu e me perguntei se eu tinha estragado o clima. Seu rosto era ilegível enquanto seguíamos no carro para o estacionamento da escola. Algo me ocorreu, tardiamente.

— Onde está a sua família? — perguntei, muito contente por estar sozinha com ele, mas lembrando que o carro dele em geral estava cheio.

— Eles usaram o carro da Rosalie. — Ele deu de ombros ao estacionar ao lado de um conversível vermelho com a capota suspensa. — Chamativo, não é?

— Hmmm, caramba — disse à meia-voz. — Se ela tem isso, por que pega carona com você?

— Como eu disse, é chamativo. Nós tentamos nos misturar.

— E não conseguem. — Eu ri e sacudi a cabeça enquanto saíamos do carro. Não estava mais atrasada; a direção lunática de Edward me levou à escola com tempo de folga. — Então por que Rosalie dirigiu hoje se ele é mais visível?

— Não percebeu? Agora estou quebrando todas as regras. — Ele se juntou a mim na frente do carro, ficando bem perto, ao meu lado, ao andarmos para o campus. Eu queria estreitar essa pequena distância, estender a mão e tocar nele, mas tinha medo de que ele não gostasse.

— Por que vocês têm carros assim, então? — perguntei-me em voz alta. — Se procuram ter privacidade?

— Um prazer — admitiu ele com um sorriso diabólico. — Todos gostamos de correr.

— Imagino — murmurei.

Sob o abrigo da marquise do refeitório, Jessica esperava, os olhos quase saltando da cara. No braço, Deus a abençoe, estava meu casaco.

— Oi, Jessica — eu disse quando estávamos a alguns metros de distância. — Obrigada por lembrar. — Ela me passou o casaco sem dizer nada.

— Bom dia, Jessica — disse Edward educadamente. Não era culpa dele que sua voz fosse tão irresistível. Ou do que seus olhos eram capazes.

— É... oi. — Ela levou os olhos arregalados para mim, tentando organizar os pensamentos confusos. — Acho que vejo você na trigonometria. — Ela me lançou um olhar sugestivo e eu reprimi um suspiro. Que diabos ia dizer a ela?

— É, a gente se vê lá.

Ela se afastou, parando duas vezes para nos espiar por sobre o ombro.

— O que vai dizer a ela? — murmurou Edward.

— Ei, pensei que você não podia ler minha mente! — sibilei.

— Não posso — disse ele, sobressaltado. Depois a compreensão iluminou seus olhos. — Mas posso ler a dela... Ela vai pegar você de surpresa na sala.

Eu gemi ao tirar o casaco dele e entregá-lo, substituindo-o pelo meu. Ele dobrou o casaco no braço.

— Então, o que vai dizer a ela?

— Que tal uma mãozinha? — pedi. — O que ela quer saber?

Ele sacudiu a cabeça, sorrindo com malícia.

— Isso não é justo.

— Não, você não está partilhando o que sabe... Isso é que não é justo.

Ele deliberou por um momento enquanto andávamos. Paramos do lado de fora da porta de minha primeira aula.

— Ela quer saber se estamos namorando escondido. E ela quer saber como você se sente com relação a mim — disse ele por fim.

— Caramba. O que devo dizer? — Tentei manter minha expressão muito inocente. As pessoas passavam diante de nós a caminho da sala, provavelmente encarando, mas eu mal percebia a presença delas.

— Hmmm. — Ele parou para pegar em meu pescoço uma mecha solta de cabelo que estava escapando do rabo de cavalo e a colocou no lugar. Meu coração crepitou de hiperatividade. — Acho que pode dizer sim à primeira pergunta... Se não se importa... É mais fácil do que qualquer outra explicação.

— Não me importo — eu disse numa voz fraquinha.

— E quanto à outra pergunta de Jessica... Bom, eu estarei ouvindo para saber eu mesmo a resposta.

Um lado de sua boca se repuxou em meu sorriso torto preferido. Não consegui recuperar o fôlego com rapidez suficiente para responder a esta observação. Ele se virou e foi embora.

— A gente se vê no almoço — disse ele sobre o ombro. Três pessoas que passavam pela porta pararam para olhar para mim.

Corri para dentro da sala, corada e irritada. Ele era um trapaceiro e tanto. Agora eu estava ainda mais preocupada com o que ia dizer a Jessica. Sentei em meu lugar de sempre, batendo a bolsa no chão de tão aborrecida.

— Bom dia, Bella — disse Mike da carteira ao meu lado. Olhei para cima e vi uma cara estranha e quase resignada. — Como foi em Port Angeles?

— Foi... — Não havia um jeito honesto de contar tudo. — Ótimo — concluí, pouco convincente. — A Jessica conseguiu um vestido lindo.

— Ela disse alguma coisa sobre a noite de segunda? — perguntou ele, os olhos brilhando. Eu sorri com o rumo que a conversa tomava.

— Disse que se divertiu muito — garanti a ele.

— Se divertiu, é? — disse ele, ansioso.

— Com certeza.

O Sr. Mason chamou a atenção da turma, pedindo-nos para entregar nossos trabalhos. As aulas de inglês e depois educação cívica passaram indistintas, enquanto eu me preocupava em como explicar as coisas a Jessica e me afligia se Edward realmente estaria ouvindo o que eu dissesse por meio dos pensamentos de Jess. Como esse talentozinho dele podia ser inconveniente — quando não estava salvando minha vida.

A neblina quase tinha se dissolvido no final do segundo tempo, mas o dia ainda estava escuro, com nuvens baixas e opressivas. Eu sorri para o céu.

Edward tinha razão, é claro. Quando entrei na aula de trigonometria, Jessica estava sentada na fila de trás, quase quicando na cadeira de tão agitada. Com relutância, fui me sentar ao lado dela, tentando me convencer de que seria melhor acabar com tudo assim que fosse possível.

— Me conta tudo! — exigiu ela antes que eu me sentasse.

— O que quer saber? — tentei escapar.

— O que aconteceu ontem à noite?

— Ele me levou para jantar e depois me levou em casa.

Ela me encarou, com sua expressão rija de ceticismo.

— Como chegou em casa tão rápido?

— Ele dirige como um louco. Foi apavorante. — Esperei que ele tivesse ouvido isso.

— Foi tipo um encontro, disse a ele para encontrar você lá?

Não precisei pensar nisso.

— Não... Eu fiquei muito surpresa em vê-lo lá.

Os lábios dela se contraíram de decepção com a sinceridade transparente em minha voz.

— Mas ele pegou você para vir à escola hoje? — sondou ela.

— Foi... Isso também foi uma surpresa. Ele percebeu que eu não estava com o casaco ontem à noite — expliquei.

— E vocês vão sair de novo?

— Ele se ofereceu para me levar a Seattle no sábado porque acha que minha picape não aguenta... Isso conta?

— Conta. — Ela assentiu.

— Bom, então, sim.

— Ca-ram-ba. — Ela exagerou as três sílabas da palavra. — Edward Cullen.

— Eu sei — concordei. "Caramba" era pouco.

— Peraí! — As mãos dela voaram para cima, as palmas viradas para mim como se estivesse parando o trânsito. — Ele beijou você?

— Não — murmurei. — Não foi nada disso.

Ela pareceu decepcionada. Eu certamente também estava.

— Acha que no sábado...? — Ela ergueu as sobrancelhas.

— Duvido muito. — A insatisfação em minha voz foi mal disfarçada.

— Sobre o que vocês conversaram? — Ela pressionou para ter mais informações aos cochichos. A aula tinha começado, mas o Sr. Varner não prestava atenção e não éramos as únicas que ainda conversavam.

— Sei lá, Jess, um monte de coisas — cochichei também. — Falamos um pouco do trabalho de inglês. — Um pouquinho de nada. Acho que ele mencionou isso de passagem.

— Por favor, Bella — implorou ela. — Me dê alguns detalhes.

— Bom... Tudo bem, tenho um. Devia ter visto a garçonete paquerando ele... Foi um exagero. Mas ele não deu nenhuma atenção a ela. — Ele que faça o que puder disso.

— É um bom sinal — assentiu ela. — Ela era bonita?

— Muito... E devia ter uns 19 ou 20 anos.

— Melhor ainda. Ele deve gostar de você.

— Eu acho que sim, mas é difícil saber. Ele é sempre tão enigmático. — Lancei essa para persuadi-lo, suspirando.

— Não sei como você tem coragem de ficar sozinha com ele — cochichou ela.

— Por quê? — Eu estava chocada, mas ela não entendeu minha reação.

— Ele é tão... intimidador. Eu não saberia o que dizer a ele. — Ela fez uma careta, provavelmente se lembrando desta manhã ou de ontem à noite, quando ele lançou toda a força dominadora de seus olhos.

— Tenho uns problemas de incoerência quando estou perto dele — admiti.

— Ah, sim. Ele é mesmo incrivelmente bonito. — Jessica deu de ombros como se isso desculpasse qualquer defeito. O que, de acordo com as regras dela, desculpava mesmo.

— Há muito mais nele do que isso.

— É mesmo? Tipo o quê?

Eu queria deixar essa passar. Quase tanto quanto esperava que ele estivesse brincando quando disse que ia ouvir.

— Não posso explicar muito bem... Mas ele é ainda mais inacreditável por trás daquele rosto. — O vampiro que queria ser bom, que corria para salvar a vida das pessoas para que não fosse um monstro... Fiquei olhando a frente da sala.

— Será possível? — ela riu.

Eu a ignorei, tentando dar a impressão de que prestava atenção ao Sr. Varner.

— Então gosta dele, né? — Ela não ia desistir.

— Gosto — disse eu rispidamente.

— Quer dizer, você realmente gosta dele? — insistiu ela.

— Gosto — eu disse de novo, corando. Esperava que esse detalhe não fosse registrado nos pensamentos dela.

Ela não se contentaria com uma resposta tão curta.

— O quanto você gosta dele?

— Demais — cochichei. — Mais do que ele gosta de mim. Mas não vejo como evitar isso. — Eu suspirei, com um rubor se misturando ao outro.

Depois, felizmente, o Sr. Varner fez uma pergunta a Jessica.

Ela não teve chance de recomeçar o assunto durante a aula e, assim que o sinal tocou, dei um jeito de escapar.

— Na aula de inglês, o Mike me perguntou se você disse alguma coisa sobre a noite de segunda — contei a ela.

— Tá brincando! O que você disse? — ela arfou, completamente desviada.

— Disse a ele que você falou que se divertiu muito... Ele pareceu satisfeito.

— Me conta exatamente o que ele disse, e sua resposta exata!

Passamos o resto da caminhada dissecando as estruturas frasais e a maior parte da aula de espanhol em uma descrição minuciosa das expressões faciais de Mike. Eu não teria me importado de estender o assunto por tanto tempo se não estivesse preocupada que a conversa voltasse para mim.

E então tocou o sinal do almoço. Enquanto eu pulava de minha cadeira, jogando os livros de qualquer jeito na bolsa, minha expressão exaltada deve ter dado a dica a Jessica.

— Não vai se sentar com a gente hoje, não é? — adivinhou ela.

— Acho que não. — Não podia ter certeza se ele ia desaparecer daquele jeito

inconveniente de novo.

Mas do lado de fora de nossa sala de espanhol, encostado na parede — parecendo mais um deus grego do que qualquer um teria direito — Edward esperava por mim. Jessica deu uma olhada, revirou os olhos e partiu.

— A gente se vê, Bella. — A voz dela estava cheia de subentendidos. Eu talvez tivesse que desligar a campainha do telefone.

— Oi. — A voz dele era divertida e irritada ao mesmo tempo. Ele esteve ouvindo, isso era evidente.

— Oi.

Não consegui pensar em mais nada para dizer e ele não falou — esperando pela oportunidade, eu imaginei —, então foi uma caminhada silenciosa até o refeitório. Andar com Edward durante o movimentado horário de almoço foi quase como meu primeiro dia aqui; todo mundo olhava.

Ele foi na frente indicando o lugar na fila, ainda sem dizer nada, mas seus olhos se viravam para meu rosto a cada poucos segundos, sua expressão especulativa. Parecia que a irritação estava cedendo espaço para a diversão como emoção predominante no rosto dele. Remexi nervosa no zíper de meu casaco.

Ele foi até o balcão e encheu uma bandeja de comida.

— O que está fazendo? — contestei. — Não está pegando tudo isso para mim, não é?

Ele sacudiu a cabeça, avançando um passo para pagar pela comida.

— Metade é para mim, é claro.

Ergui uma sobrancelha.

Ele seguiu na frente para o mesmo lugar em que nos sentamos antes. Do outro lado da mesa comprida, um grupo de veteranos nos olhava surpreso enquanto nos sentávamos um de frente para o outro. Edward parecia distraído.

— Pegue o que quiser — disse ele, empurrando a bandeja para mim.

— Estou curiosa — eu disse enquanto pegava uma maçã, virando-a nas mãos —, o que você faria se alguém o desafiasse a comer comida?

— Você é sempre curiosa. — Fez uma careta, sacudindo a cabeça.

Ele olhou para mim, sustentando meu olhar enquanto levantava a fatia de pizza da bandeja, e deliberadamente mordeu um pedaço, mastigou rapidamente e engoliu. Eu observei, de olhos arregalados.

— Se alguém desafiasse você a comer terra, você poderia, não é? — perguntou

ele com condescendência.

Franzi o nariz.

— Eu comi uma vez... num desafio — admiti. — Não foi tão ruim.

Ele riu.

— Eu não devia me surpreender. — Algo por sobre meu ombro parecia atrair a atenção dele.

— Jessica está analisando tudo o que eu faço... Ela vai cair em cima de você depois. — Ele empurrou o resto da pizza para mim. A menção a Jessica devolveu uma pontada de irritação a suas feições.

Baixei a maçã e dei uma dentada na pizza, desviando os olhos, sabendo que ele estava prestes a começar.

— Então a garçonete era bonita, é? — perguntou ele casualmente.

— Você não percebeu mesmo?

— Não. Não estava prestando atenção. Tinha muita coisa em mente.

— Coitada. — Agora eu podia ser generosa.

— Teve uma coisa que você disse a Jessica que... bom, me incomodou. — Ele se recusava a se distrair. Sua voz era rouca e ele olhava de soslaio com olhos perturbados.

— Não me surpreende que tenha ouvido alguma coisa de que não gostou. Você sabe o que dizem sobre ouvir a conversa dos outros — lembrei a ele.

— Eu avisei que estaria ouvindo.

— E eu avisei que você não ia querer saber tudo o que eu estava pensando.

— Avisou mesmo — concordou ele, mas sua voz ainda era áspera. — Mas você não está exatamente correta. Quero saber o que está pensando... Tudo. É só que preferia... que você não ficasse pensando certas coisas.

Dei um olhar zangado.

— É uma honraria e tanto.

— Mas não é o que interessa no momento.

— Então o que é? — Agora estávamos inclinados um para o outro sobre a mesa. Ele estava com as mãos brancas e grandes cruzadas sob o queixo; eu me inclinei para a frente, a mão direita envolvendo meu pescoço. Tive que lembrar a mim mesma que estávamos em um refeitório lotado, com provavelmente muitos olhares curiosos em nós. Era fácil demais ficarmos presos em nossa própria bolha particular e tensa.

— Acredita sinceramente que gosta mais de mim do que eu de você? — murmurou ele, aproximando-se mais ao falar, com os olhos dourado-escuros penetrantes.

Tentei me lembrar de como soltar o ar. Tive que desviar os olhos para recuperar a respiração.

— Está fazendo aquilo de novo — murmurei.

Os olhos dele se arregalaram de surpresa.

— O quê?

— Me deixando tonta — admiti, tentando me concentrar ao voltar a olhar para ele.

— Ah. — Ele franziu o cenho.

— Não é culpa sua — suspirei. — Você não consegue evitar.

— Vai responder à pergunta?

Olhei para baixo.

— Sim.

— Sim, você vai responder, ou sim, você realmente pensa isso? — Ele estava irritado de novo.

— Sim, eu realmente penso isso. — Mantive os olhos baixos na mesa, acompanhando o padrão dos veios falsos de madeira estampados no laminado. O silêncio se arrastava. Desta vez, por teimosia, eu me recusei a ser a primeira a rompê-lo, lutando com todas as minhas forças contra a tentação de olhar a expressão dele.

Por fim ele falou, a voz suave de veludo.

— Está errada.

Olhei para ele e vi que seus olhos eram gentis.

— Não pode saber disso — discordei num sussurro. Sacudi a cabeça em dúvida, mas meu coração afundou com as palavras dele e eu queria muito acreditar nelas.

— O que a faz pensar assim? — Seus olhos de topázio fluido eram penetrantes — tentando inutilmente, pressupus, levantar a verdade direto de minha mente.

Sustentei o olhar dele, lutando para pensar com clareza, apesar da cara de Edward, buscando uma maneira de explicar. Enquanto procurava pelas palavras, pude ver que ele ficava impaciente; frustrado com meu silêncio, ele começava a fechar a cara. Tirei a mão do pescoço e ergui um dedo.

— Me deixe pensar — insisti. Sua expressão clareou, agora que ele estava satisfeito que eu pretendesse responder. Deixei minha mão cair na mesa, movendo a mão esquerda para que as palmas se juntassem. Olhei minhas mãos, girando os dedos, enquanto finalmente eu falava. — Bom, além do óbvio, às vezes... — hesitei. — Não posso ter certeza... eu não sei ler a mente de ninguém... mas às vezes parece que você está tentando dizer adeus quando diz outra coisa. — Era o melhor que eu podia fazer para exprimir a sensação de angústia provocada em mim pelas palavras dele de vez em quando.

— Perceptiva — sussurrou ele. E lá estava a angústia de novo, vindo à tona com a confirmação dele de meu medo. — Mas é exatamente por isso que está errada — ele começou a explicar, mas seus olhos se estreitaram. — O que quer dizer com "o óbvio"?

— Bom, olhe para mim — eu disse, desnecessariamente, pois ele já me encarava. — Sou absolutamente comum... Bom, a não ser pelas coisas ruins, como todas as experiências de quase morte e por ser tão desastrada, o que me torna praticamente incapaz. E olhe para você. — Acenei para ele e toda a sua perfeição desconcertante.

Por um momento sua testa se crispou de irritação, depois suavizou-se enquanto seus olhos assumiam uma expressão maliciosa.

— Você não se vê com muita clareza, sabia? Vou admitir que você é terrível com as coisas ruins — ele riu sombriamente —, mas você não sabia o que todo macho desta escola estava pensando no seu primeiro dia aqui.

Eu pisquei, atônita.

— Não acredito... — murmurei para mim mesma.

— Confie em mim só desta vez... Você é o contrário do comum.

Meu constrangimento foi muito mais forte do que meu prazer com o olhar que ele me deu ao dizer isso. Rapidamente lembrei-o de meu argumento original.

— Mas não estou dizendo adeus — assinalei.

— Não entende? Isso prova que estou certo. Eu é que gosto mais, porque se eu puder fazer isso — ele sacudiu a cabeça, parecendo lutar com a ideia —, se partir é a coisa certa a fazer, então vou me magoar por continuar magoando você, para manter você segura.

Olhei para ele.

— E não acha que eu faria o mesmo?

— Você nunca precisou tomar esta decisão.

Seu humor imprevisível mudou de novo, abruptamente; um sorriso arrasador e maligno rearrumou suas feições.

— É claro que manter você segura está começando a parecer uma ocupação de tempo integral que requer minha presença constante.

— Ninguém tentou me assassinar hoje — lembrei a ele, grata pelo tema mais leve. Não queria que ele falasse novamente em despedidas. Se fosse preciso, acho que eu podia me colocar em perigo de propósito só para que ele estivesse perto... Bani este pensamento antes que seus olhos rápidos o lessem em meu rosto. Esta ideia definitivamente me traria problemas.

— Ainda — acrescentou ele.

— Ainda — concordei; eu teria discutido, mas agora queria que ele esperasse por desastres.

— Tenho outra pergunta para você. — Seu rosto ainda estava despreocupado.

— Manda.

— Você realmente precisa ir a Seattle neste sábado, ou essa era só uma desculpa para dizer não a todos os seus admiradores?

Fiz uma careta com a lembrança.

— Sabe de uma coisa, ainda não perdoei você pela história do Tyler — alertei-o. — É por sua culpa que ele se iludiu em pensar que vou ao baile dos alunos com ele.

— Ah, ele teria encontrado uma oportunidade de convidar você sem mim... Eu só queria ver a sua cara — ele riu. Eu teria ficado mais irritada se o riso dele não fosse tão fascinante. — Se eu a convidasse, você teria rejeitado a mim? — perguntou ele, ainda rindo consigo mesmo.

— Provavelmente não — admiti. — Mas eu teria cancelado depois... Fingindo doença ou um tornozelo torcido.

Ele ficou confuso.

— Por que faria isso?

Sacudi a cabeça com tristeza.

— Pelo visto, você nunca me viu na educação física, mas achava que iria entender.

— Está se referindo ao fato de que você não consegue andar numa superfície plana e estável sem encontrar alguma coisa em que tropeçar?

— É óbvio.

— Isso não seria um problema. — Ele era muito confiante. — Tudo depende de quem conduz. — Ele podia ver que eu estava prestes a protestar e me interrompeu. — Mas você não me disse... Está decidida a ir a Seattle ou não se importa se fizermos uma coisa diferente?

Como a parte do "nós" ainda estava ali, não me importei com mais nada.

— Estou aberta a alternativas — cedi. — Mas tenho um favor a pedir.

Ele me olhou cauteloso, como sempre acontecia quando eu fazia uma pergunta pela metade.

— O que é?

— Posso dirigir?

Ele franziu a testa.

— E por quê?

— Bom, principalmente porque quando eu disse a Charlie que ia a Seattle, ele me perguntou especificamente se eu ia sozinha e, na hora, eu ia mesmo. Se ele me perguntasse novamente, eu provavelmente não ia mentir, mas não acho que ele vá perguntar de novo, e deixar minha picape em casa só levantaria o assunto sem nenhuma necessidade. E, além disso, porque você dirige de um jeito que me dá medo.

Ele revirou os olhos.

— De todas as coisas sobre mim que podem assustá-la, você se preocupa com meu jeito de dirigir. — Ele sacudiu a cabeça de desgosto, mas depois seus olhos estavam sérios de novo. — Não quer contar a seu pai que vai passar o dia comigo? — Havia alguma coisa por trás da pergunta dele que eu não entendi.

— Com Charlie é melhor não pecar pelo excesso. — Eu sabia muito bem disso. — Aonde vamos, aliás?

— O tempo estará bom, então vou ficar longe dos olhares públicos... E você pode ficar comigo, se quiser. — Novamente, ele estava deixando a decisão nas minhas mãos.

— E vai me mostrar o que quis dizer sobre o sol? — perguntei, animada com a ideia de revelar outro de seus aspectos desconhecidos.

— Vou. — Ele sorriu e depois parou. — Mas se não quiser ficar... só comigo, ainda prefiro que não vá a Seattle sozinha. Eu tremo só de pensar nos problemas que você pode arranjar numa cidade daquele tamanho.

Fiquei aborrecida.

— Phoenix é três vezes maior do que Seattle... só em termos de população. Em tamanho...

— Mas ao que parece — ele me interrompeu — sua hora não ia chegar em Phoenix. Então é melhor ficar perto de mim. — Seus olhos assumiram aquele ardor injusto de novo.

Eu não podia argumentar, nem com os olhos nem com a motivação, e de qualquer modo era uma questão discutível.

— Por acaso, eu não me preocupo de ficar sozinha com você.

— Eu sei — ele suspirou, meditando. — Mas devia contar ao Charlie.

— Por que diabos eu faria isso?

Seus olhos ficaram de repente ameaçadores.

— Para me dar um pequeno incentivo para trazê-la de volta.

Engoli em seco. Mas, depois de pensar um momento, eu tive certeza.

— Acho que vou correr o risco.

Ele suspirou com raiva e desviou os olhos.

— Vamos falar de outra coisa — sugeri.

— Do que você quer falar? — perguntou ele. Ainda estava irritado.

Olhei em volta de nós, certificando-me de que estávamos fora do alcance de ouvidos alheios. Ao passar os olhos pelo salão, captei o olhar da irmã dele, Alice, me encarando. Os outros olhavam para Edward. Virei a cara rapidamente, de volta a ele, e fiz a primeira pergunta que me veio à mente.

— Por que foi àquele lugar nas Great Rocks no fim de semana passado... para caçar? Charlie disse que não era um bom lugar para caminhadas, por causa dos ursos.

Ele me encarou como se eu tivesse deixado escapar alguma coisa muito óbvia.

— Ursos? — arfei e ele sorriu com malícia. — Sabe de uma coisa, não é temporada de ursos — acrescentei austera, para esconder meu espanto.

— Se ler com cuidado, a lei só diz respeito a caça com armas — ele me informou.

Ele olhou para minha cara com prazer enquanto a ficha caía.

— Ursos? — repeti com dificuldade.

— Os pardos são os preferidos de Emmett. — Sua voz ainda era descuidada, mas os olhos analisavam minha reação. Tentei me recompor.

— Hmmm — eu disse, dando outra dentada na pizza como desculpa para olhar para baixo. Mastiguei devagar e depois tomei um longo gole de Coca sem olhar para ele. — E aí — eu disse depois de um momento, encontrando por fim seu olhar, agora ansioso. — Qual é o seu preferido?

Ele ergueu uma sobrancelha e os cantos de sua boca se viraram para baixo em desaprovação.

— O leão da montanha.

— Ah — eu disse num tom educadamente desinteressado, procurando por meu refrigerante novamente.

— É claro que — disse ele, e seu tom espelhava o meu — precisamos ter o cuidado de não causar impacto ambiental com uma caçada imprudente. Tentamos nos concentrar em áreas com uma superpopulação de predadores... na maior extensão que precisarmos. Sempre há muitos cervos e veados por aqui, e eles vão servir, mas que diversão há nisso? — Ele sorriu, me provocando.

— Que diversão? — murmurei com outra dentada na pizza.

— O início da primavera é a temporada de ursos preferida de Emmett... Eles estão saindo da hibernação, então são mais irritadiços. — Ele sorriu de alguma piada que lembrou.

— Não há nada mais divertido do que um urso pardo irritado — concordei, assentindo.

Ele riu baixinho, sacudindo a cabeça.

— Me diga o que realmente está pensando, por favor.

— Estou tentando imaginar... mas não consigo — admiti. — Como vocês caçam um urso sem armas?

— Ah, nós temos armas. — Ele faiscou os dentes brilhantes em um sorriso breve e ameaçador. Lutei para não tremer antes que isso pudesse me expor. — Mas não do tipo que consideram quando redigem as leis de caça. Se já viu um ataque de urso pela televisão, deve poder visualizar Emmett caçando.

Não consegui impedir o tremor seguinte que reverberou por minha coluna. Espiei pelo refeitório para Emmett, grata por ele não estar olhando na minha direção. As faixas largas de músculos que envolviam seus braços e o torso agora eram ainda mais ameaçadoras.

Edward acompanhou meu olhar e riu. Eu olhei para ele, enervada.

— Você também é como um urso? — perguntei em voz baixa.

— Mais como o leão, ou é o que me dizem — disse ele levemente. — Talvez nossas preferências sejam indicativas.

Tentei sorrir.

— Talvez — repeti. Mas minha mente estava cheia de imagens contraditórias que eu não conseguia fundir. — É uma coisa que eu poderia ver?

— Claro que não! — Seu rosto ficou ainda mais branco do que o de costume e seus olhos de repente estavam furiosos. Eu me recostei, atordoada e, embora nunca admitisse isso a ele, assustada com sua reação. Ele também recostou, cruzando os braços.

— É assustador demais para mim? — perguntei quando consegui controlar minha voz de novo.

— Se fosse assim, eu levaria você esta noite — disse ele, a voz cortante. — Você precisa de uma dose saudável de medo. Nada pode ser mais benéfico para você.

— Então por quê? — pressionei, tentando ignorar sua expressão irritada.

Ele me olhou por um longo minuto.

— Depois — disse ele por fim. Ele ficou de pé em um movimento leve. — Vamos nos atrasar.

Olhei em volta, sobressaltada ao ver que ele tinha razão e o refeitório estava quase vazio. Quando eu estava com ele, o tempo e o lugar eram uma coisa tão desordenada e indistinta que eu perdia completamente a percepção dos dois. Pulei de pé, pegando minha bolsa do encosto da cadeira.

— Depois, então — concordei. Eu não ia me esquecer.

11. COMPLICAÇÕES

TODO MUNDO NOS VIU ANDANDO JUNTOS para nosso lugar do laboratório. Percebi que ele não virou mais a cadeira para se sentar o mais distante possível de mim. Em vez disso, sentou-se bem ao meu lado, nossos braços quase se tocando.

O Sr. Banner entrou na sala naquele momento — que senso de oportunidade soberbo tinha aquele homem — empurrando um rack alto de metal, sobre rodas, que sustentava uma TV pesadona e obsoleta e um videocassete. Dia de filme — a melhora no astral da sala era quase tangível.

O Sr. Banner enfiou a fita no relutante videocassete e foi até a parede para apagar a luz.

E então, assim que a sala escureceu, de repente fiquei hiperconsciente de que Edward estava sentado a menos de três centímetros de mim. Fiquei pasma com a eletricidade inesperada que fluía por meu corpo, maravilhada que fosse possível ter mais consciência dele do que eu já tinha. Quase fui dominada por um impulso louco de estender a mão e tocá-lo, afagar seu rosto perfeito pelo menos uma vez no escuro. Cruzei os braços bem firmes no peito, os punhos bem apertados. Eu estava perdendo o juízo.

Começaram os créditos de abertura, iluminando a sala um pouquinho. Meus olhos, por vontade própria, vagaram para ele. Sorri timidamente ao notar que sua postura era idêntica à minha, os punhos cerrados sob os braços, olhando-me de lado. Ele também sorriu, os olhos de certo modo conseguindo arder, mesmo no escuro. Virei o rosto antes que começasse a ofegar. Era absolutamente ridículo que eu ficasse tonta.

A hora pareceu muito comprida. Eu não conseguia me concentrar no filme — nem sabia qual era o tema. Tentei sem sucesso relaxar, mas a corrente elétrica que parecia se originar de algum lugar no corpo dele não se atenuou. De vez em quando eu me permitia uma olhada rápida na direção dele, que também não parecia relaxar. O intenso desejo de tocá-lo também se recusava a diminuir, e eu apertei os punhos nas costelas até que meus dedos doeram do esforço.

Soltei um suspiro de alívio quando o Sr. Banner acendeu a luz no fundo da sala e estiquei os braços diante de mim flexionando os dedos enrijecidos. Edward riu ao meu lado.

— Bom, isso foi interessante — murmurou ele. Sua voz era sombria e os olhos, cautelosos.

— Hmmm — foi só o que consegui responder.

— Vamos? — perguntou ele, levantando-se facilmente.

Eu quase gemi. Hora da educação física. Levantei-me com cuidado, preocupada que meu equilíbrio pudesse ter sido afetado pela nova e estranha intensidade entre nós.

Ele me acompanhou em silêncio até minha aula seguinte e parou na porta. Virei-me para me despedir. Seu rosto me assustou — a expressão era dilacerada, quase de dor, e tão terrivelmente linda que o desejo de tocá-lo voltou a cintilar com a mesma força. Minha despedida ficou presa na garganta.

Ele ergueu a mão, hesitante, o conflito assolando seu olhar, e afagou rapidamente meu rosto com a ponta dos dedos. Sua pele estava gelada, como sempre, mas o rastro de seus dedos em minha pele era alarmantemente quente — como se eu tivesse queimado, mas sem sentir a dor.

Ele se virou sem dizer nada e se afastou depressa de mim.

Entrei no ginásio, alegre e trêmula. Vaguei para o vestiário, trocando de roupa em transe, apenas vagamente ciente de que havia outras pessoas em volta de mim. Só caí na realidade quando me deram uma raquete. Não era pesada, e no entanto eu a sentia pouco segura em minha mão. Pude ver alguns dos outros alunos da turma me olhando furtivamente. O treinador Clapp nos mandou formar duplas.

Graças aos céus, alguns vestígios do cavalheirismo de Mike ainda estavam vivos; ele veio se postar ao meu lado.

— Quer fazer dupla comigo?

— Obrigada, Mike... Sabe que não precisa fazer isso. — Fiz uma careta à guisa de desculpas.

— Não se preocupe, vou me manter fora de seu alcance. — Ele sorriu. Às vezes era tão fácil gostar de Mike.

Não foi assim tão tranquilo. De algum jeito eu consegui bater a raquete na minha própria cabeça e golpear o ombro de Mike num mesmo movimento. Passei o resto do tempo no fundo da quadra, a raquete colocada com segurança às

minhas costas. Apesar de levar desvantagem por minha causa, Mike era muito bom; venceu três games de quatro jogando sozinho. Ele me cumprimentou com uma batida de mãos não merecida quando o treinador finalmente tocou o apito, encerrando a aula.

— E aí — disse ele enquanto saíamos da quadra.

— E aí o quê?

— Você e o Cullen, hein? — perguntou ele num tom meio revoltado. Minha sensação anterior de afeto desapareceu.

— Isso não é da sua conta, Mike — alertei, xingando Jessica por dentro, amaldiçoando-a a arder nos abismos do Inferno.

— Não gosto disso — murmurou ele de qualquer forma.

— Não tem que gostar ou não — rebati.

— Ele olha para você como se... Como se você fosse uma coisa de comer — continuou ele, ignorando-me.

Sufoquei a histeria que ameaçava explodir, mas uma risadinha conseguiu sair apesar de meus esforços. Ele me fitou. Acenei e disparei para o vestiário.

Vesti-me rapidamente, algo mais estranho do que borboletas batendo as asas sem parar nas paredes de meu estômago, e minha discussão com Mike já uma lembrança distante. Eu me perguntava se Edward estaria esperando, ou se deveria encontrar com ele no carro. E se a família dele estivesse ali? Senti uma onda de puro terror. Será que eles sabiam que eu sabia? Deveria eu saber que eles sabiam que eu sabia, ou não?

Quando saí do ginásio, tinha simplesmente decidido ir a pé direto para casa sem sequer olhar o estacionamento. Mas minhas preocupações eram desnecessárias. Edward me esperava, encostado despreocupadamente na lateral do ginásio, o rosto de tirar o fôlego agora tranquilo. Enquanto ia para o lado dele, senti um alívio peculiar.

— Oi — sussurrei, com um sorriso enorme.

— Olá. — Seu sorriso de resposta era reluzente. — Como foi a educação física?

Meu rosto desmoronou um pouquinho.

— Legal — menti.

— É mesmo? — Ele não estava convencido. Seus olhos mudaram um pouco de foco, olhando por sobre meu ombro e se estreitando. Olhei para trás e vi as

costas de Mike se afastando.

— Que foi? — perguntei.

Os olhos dele voltaram para mim, ainda estreitos.

— O Newton está me dando nos nervos.

— Não estava ouvindo de novo, estava? — Fiquei apavorada. Todos os vestígios de meu súbito bom humor desapareceram.

— Como está a sua cabeça? — perguntou ele, inocente.

— Você é inacreditável! — Eu me virei, marchando na direção do estacionamento, embora eu não pretendesse andar a essa altura.

Ele me acompanhou com facilidade.

— Foi você quem disse que eu nunca a vira na educação física... Isso me deixou curioso. — Ele não parecia arrependido, então o ignorei.

Andamos em silêncio — um silêncio furioso e constrangido de minha parte — até o carro dele. Mas tive que parar a alguns passos — uma multidão, todos meninos, cercavam o Volvo. Depois percebi que eles não estavam em volta do Volvo, na verdade estavam em volta do conversível vermelho de Rosalie, o desejo inconfundível em seus olhos. Nenhum deles sequer olhou quando Edward passou entre eles para abrir a porta do carro. Eu subi rapidamente no banco do carona, quase despercebida.

— Chamativo — murmurou ele.

— Que carro é esse? — perguntei.

— Um M3.

— Eu não falo a língua da Car and Driver.

— É um BMW. — Ele revirou os olhos, sem olhar para mim, tentando dar a ré sem atropelar os entusiastas de automóveis.

Eu assenti — já ouvira alguma coisa sobre isso.

— Ainda está com raiva? — perguntou enquanto manobrava cuidadosamente para sair dali.

— Com certeza.

Ele suspirou.

— Pode me perdoar se eu pedir desculpas?

— Talvez... Se for sincero. E se me prometer que não vai fazer isso de novo — insisti.

Seus olhos de repente ficaram perspicazes.

— E se eu for sincero e concordar em dar uma carona no sábado? — contra-atacou ele.

Pensei no assunto e decidi que esta devia ser a melhor oferta que eu conseguiria.

— Feito — concordei.

— Então me desculpe por tê-la aborrecido. — Seus olhos arderam de sinceridade por um momento prolongado, acabando com o ritmo de meu coração, e depois ficaram brincalhões. — E estarei na sua porta na brilhante manhã de sábado, bem cedo.

— Hmmm, não vai me ajudar nos problemas com o Charlie se um Volvo desconhecido estiver na entrada de carros.

O sorriso dele agora era condescendente.

— Não era minha intenção aparecer de carro.

— Como...

Ele me interrompeu.

— Não se preocupe com isso. Eu estarei lá, sem carro.

Deixei essa passar. Tinha uma pergunta mais premente.

— Já é depois? — perguntei, sugestivamente.

Ele franziu o cenho.

— Acho que já é depois.

Mantive a expressão educada enquanto esperava.

Ele parou o carro. Olhei para ele, surpresa — é claro que já estávamos na casa de Charlie, estacionados atrás da picape. Era mais fácil andar de carro com ele se eu só olhasse quando acabasse. Quando voltei a olhar para ele, Edward me encarava, medindo-me com os olhos.

— E você ainda quer saber por que não pode me ver caçar? — Ele parecia solene, mas pensei ter visto um traço de humor no fundo de seus olhos.

— Bom — esclareci —, eu estava me perguntando sobre sua reação.

— Eu não a assustei? — Sim, sem dúvida havia humor ali.

— Não — menti. Ele não caiu nessa.

— Desculpe por assustá-la — insistiu ele com um sorriso leve, mas depois todas as evidências de deboche desapareceram. — Foi a ideia de que você estivesse lá... enquanto nós caçávamos. — Seu queixo se apertou.

— Seria tão ruim assim?

Ele falou entredentes.

— Extremamente.

— Por quê...?

Ele respirou fundo e olhou pela janela para as nuvens carregadas que rolavam e pareciam pesar, quase ao alcance da mão.

— Quando caçamos — disse ele lentamente, sem nenhuma vontade —, nós nos entregamos aos nossos sentidos... que governam menos com nossa mente aberta. Em especial o olfato. Se você estivesse perto de mim quando eu perdesse o controle desse jeito... — Ele sacudiu a cabeça, ainda encarando sombriamente as nuvens pesadas.

Mantive a expressão firmemente sob controle, esperando pelo rápido lampejo em seus olhos para avaliar minha reação, que logo se seguiu. Meu rosto não transpareceu nada.

Mas sustentamos o olhar e o silêncio se aprofundou — e mudou. As ondas de eletricidade que senti naquela tarde começaram a carregar a atmosfera enquanto ele fitava insistentemente meus olhos. Foi só quando minha cabeça começou a girar que percebi que eu não estava respirando. Quando puxei o ar numa respiração entrecortada, quebrando o silêncio, ele fechou os olhos.

— Bella, acho que devia entrar agora. — Sua voz baixa era áspera, os olhos nas nuvens de novo.

Abri a porta e a lufada ártica que irrompeu para dentro do carro ajudou a clarear minha mente. Com medo de tropeçar com minha vertigem, saí do carro com cuidado e fechei a porta sem olhar para trás. O zumbido do vidro elétrico baixando fez com que eu me virasse.

— Ah, Bella? — ele me chamou, a voz mais controlada. Ele se inclinou para a janela aberta com um sorriso fraco nos lábios.

— Sim?

— Amanhã é a minha vez.

— Sua vez de quê?

Ele abriu um sorriso largo, os dentes reluzentes faiscando.

— De fazer as perguntas.

E depois ele se foi, o carro veloz pela rua, desaparecendo na esquina antes que eu pudesse organizar os pensamentos. Eu sorri ao andar até em casa. Estava claro que ele pretendia me ver amanhã, simplesmente.

Naquela noite Edward apareceu em meus sonhos, como sempre. Mas o clima de minha inconsciência mudara. Fiquei arrepiada com a mesma eletricidade que se descarregara naquela tarde e me virei na cama sem parar, acordando com frequência. Eram as primeiras horas da manhã quando finalmente afundei em um sono exausto e sem sonhos.

Quando despertei ainda estava cansada, mas também irritada. Vesti o suéter marrom de gola rulê e a inseparável calça jeans, suspirando ao devanear com alças finas e shorts. O café da manhã foi o de sempre, silencioso, como eu esperava. Charlie fritou ovos para ele; eu comi uma tigela de cereais. Perguntei-me se ele tinha se esquecido deste sábado. Ele respondeu a minha pergunta muda enquanto se levantava para colocar o prato na pia.

— Sobre este sábado... — começou ele, andando pela cozinha e abrindo a torneira.

Eu me encolhi.

— Sim, pai?

— Ainda vai a Seattle? — perguntou ele.

— O plano era esse. — Fiz uma careta, querendo que ele não tivesse levantado o assunto para eu não ter que compor cuidadosas meias verdades.

Ele espremeu um pouco de detergente no prato e o esfregou com uma esponja.

— E tem certeza de que não pode voltar a tempo para o baile?

— Eu não vou ao baile, pai. — Olhei fixamente para ele.

— Ninguém convidou você? — perguntou ele, tentando esconder sua preocupação, concentrando-se em enxaguar o prato.

Evitei o campo minado.

— São as meninas que convidam.

— Ah. — Ele franziu a testa enquanto secava o prato.

Eu me solidarizei com ele. Deve ser difícil ser pai; viver com medo de que sua filha conheça o rapaz de quem goste, mas também se preocupar que ela não conheça. Seria horrível, pensei, tremendo, se Charlie tivesse a mais leve indicação do que eu gostava exatamente.

Charlie então saiu, com um aceno de despedida, e eu subi para escovar os dentes e pegar meus livros. Quando ouvi a radiopatrulha arrancar, só precisei esperar alguns segundos para olhar por minha janela. O carro prata já estava ali, esperando na vaga de Charlie, na entrada de carros. Desci a escada aos saltos e saí

pela porta da frente, perguntando-me quanto tempo continuaria essa rotina estranha. Eu não queria que tivesse um fim.

Ele esperava no carro e não pareceu ver quando fechei a porta sem me incomodar em passar a chave. Andei até o Volvo, parando timidamente antes de abrir a porta e entrar. Ele sorria, relaxado — e, como sempre, perfeito e lindo de um jeito aflitivo.

— Bom dia. — Sua voz era sedosa. — Como está hoje? — Seus olhos vagaram por meu rosto, como se a pergunta fosse algo mais do que mera cortesia.

— Bem, obrigada. — Eu estava sempre bem, muito mais do que bem, quando ele estava perto de mim.

Seu olhar se demorou nas minhas olheiras.

— Parece cansada.

— Não consegui dormir — confessei, balançando automaticamente o cabelo em meus ombros para ter alguma cobertura.

— Nem eu — brincou ele enquanto ligava o motor. Eu estava me acostumando com o zumbido baixo. Tinha certeza de que o rugido de minha picape me assustaria se eu voltasse a dirigi-la.

Eu ri.

— Acho que tem razão. Imagino que eu tenha dormido um pouco mais do que você.

— Posso apostar que dormiu.

— Então o que fez na noite passada? — perguntei.

Ele riu.

— Sem chances. É meu dia de fazer perguntas.

— Ah, é verdade. O que quer saber? — Minha testa se crispou. Não conseguia imaginar nada sobre mim que pudesse ser de algum interesse para ele.

— Qual é a sua cor preferida? — perguntou ele, a cara séria.

Revirei os olhos.

— Muda de um dia para o outro.

— Qual é a sua cor preferida hoje? — Ele ainda era solene.

— Talvez marrom. — Eu tendia a me vestir de acordo com meu humor.

Ele bufou, deixando de lado a expressão séria.

— Marrom? — perguntou ele, cético.

— Claro. Marrom é quente. Eu sinto falta do marrom. Tudo o que deve ser

marrom... Troncos de árvores, pedras, terra... Fica o tempo todo coberto por uma coisa verde e mole por aqui — reclamei.

Ele pareceu fascinado com meu pequeno discurso extravagante. Pensou por um momento, olhando-me nos olhos.

— Tem razão — concluiu, sério novamente. — Marrom é quente. — Ele estendeu a mão, rapidamente, mas ainda meio hesitante, para tirar o cabelo de meu ombro.

Agora estávamos na escola. Ele se virou para mim enquanto parava na vaga.

— Que música está em seu CD player agora? — perguntou ele, a expressão tão sombria que parecia ter pedido por uma confissão de homicídio.

Percebi que nunca tirei o CD que Phil me dera. Quando disse o nome da banda, ele deu um sorriso torto, uma expressão peculiar nos olhos. Abriu um compartimento sob o CD player do carro, tirou um dos trinta e tantos CDs que se espremiam no pequeno espaço e passou a mim.

— De Debussy a isto? — ele ergueu uma sobrancelha.

Era o mesmo CD. Examinei a capa conhecida, mantendo os olhos baixos.

Continuou assim pelo resto do dia. Enquanto me acompanhava até a aula de inglês, quando me encontrou depois da aula de espanhol, em toda a hora do almoço, ele me perguntou incansavelmente sobre cada detalhe insignificante da minha existência. Os filmes de que eu gostei e os que odiei, os poucos lugares em que estive e os muitos lugares aonde queria ir, e livros — livros incontáveis.

Não conseguia me lembrar da última vez que falei tanto. Volta e meia me sentia constrangida, certa de que o entediava. Mas seu rosto totalmente absorto e o fluxo interminável de perguntas me compeliam a continuar. A maioria de suas perguntas era fácil, só algumas me fizeram corar um pouco. Mas quando eu corava, lá vinha outra rodada de perguntas.

Como na vez em que perguntou por minha pedra preciosa preferida e eu soltei topázio antes sequer de pensar. Ele atirava perguntas para mim com tal velocidade que me pareceu que eu estava fazendo um daqueles testes psiquiátricos, quando você responde a primeira coisa que lhe vem à mente. Tinha certeza de que ele teria continuado por qualquer lista mental que estivesse seguindo, a não ser pelo rubor. Minha cara se avermelhou porque, até muito recentemente, minha pedra preciosa preferida era a granada. Era impossível, enquanto fitava seus olhos cor de topázio, não me lembrar do motivo para a

mudança. E naturalmente ele não parou até que eu admitisse por que estava constrangida.

— Conte-me — exigiu ele por fim, depois que não conseguiu me convencer, e não conseguiu só porque eu mantinha os olhos seguramente longe de seu rosto.

— É a cor dos seus olhos hoje — suspirei, rendendo-me, fitando minhas mãos enquanto revirava uma mecha do cabelo. — Acho que se você me fizesse essa pergunta há duas semanas, eu diria ônix. — Dei mais informações do que o necessário em minha sinceridade relutante e fiquei preocupada em provocar a raiva estranha que ardia sempre que eu escorregava e revelava com demasiada clareza como era obsessiva.

Mas a pausa dele foi muito curta.

— Que tipo de flores prefere? — disparou ele.

Suspirei de alívio e continuei com a psicanálise.

A aula de biologia foi complicada novamente. Edward continuou com seu interrogatório até que o Sr. Banner entrou na sala, arrastando de novo um rack audiovisual. Enquanto o professor se aproximava do interruptor de luz, percebi que Edward deslizava na cadeira um pouco para longe de mim. Isso não ajudou. Assim que a sala ficou escura, houve as mesmas faíscas elétricas, o mesmo desejo impaciente de estender a mão pelo curto espaço e tocar sua pele fria, como ontem.

Inclinei-me sobre a mesa, pousando o queixo nos braços cruzados, meus dedos escondidos agarrando a beira da mesa enquanto eu lutava para ignorar o desejo irracional que me perturbava. Não olhei para ele, com medo de que, se ele estivesse olhando para mim, fosse muito mais difícil manter o autocontrole. Sinceramente tentei ver o filme, mas no final da aula não fazia ideia do que vira. Suspirei de alívio novamente quando o Sr. Banner acendeu a luz, enfim olhando para Edward; ele me fitava, os olhos ambivalentes.

Ele se levantou em silêncio e ficou parado ali, esperando por mim. Fomos para o ginásio em silêncio, como ontem. E, como ontem, ele tocou meu rosto sem dizer nada — desta vez com as costas da mão fria, de minha têmpora até o queixo — antes de se virar e se afastar.

A aula de educação física passou rapidamente enquanto eu assistia ao show de badminton solitário de Mike. Ele não falou comigo hoje, em resposta a minha expressão vazia ou porque ainda estava irritado com nossa confusão de ontem. Em algum lugar, em um canto de minha mente, eu me senti mal por isso. Mas não

consegui me concentrar nele.

Corri para me trocar depois da aula, apreensiva, sabendo que, quanto mais rápido andasse, mais cedo estaria com Edward. A pressão me deixou mais desajeitada do que de costume, mas por fim passei pela porta, sentindo o mesmo alívio quando o vi parado ali, um sorriso largo se espalhando automaticamente por meu rosto. Ele reagiu com um sorriso antes de se atirar a outro interrogatório.

Mas agora suas perguntas eram diferentes, não eram de resposta tão fácil. Ele queria saber do que eu sentia falta em minha cidade, insistindo nas descrições de qualquer coisa que não conhecesse. Ficamos sentados em frente à casa de Charlie por horas, à medida que o céu escurecia e a chuva descia em volta de nós num dilúvio repentino.

Tentei descrever coisas impossíveis, como o cheiro de creosoto — amargo, meio resinoso, mas ainda agradável —, o som alto e agudo das cigarras em julho, a esterilidade das árvores, o tamanho do céu, estendendo-se azul-esbranquiçado de um canto a outro do horizonte, sem ser interrompido pelas montanhas baixas cobertas de rocha vulcânica roxa. A coisa mais difícil de explicar era por que aquilo era tão bonito para mim — justificar a beleza que não estava ligada à vegetação esparsa e espinhosa que sempre parecia meio morta, uma beleza que tinha mais a ver com o formato exposto da terra, com as bacias rasas de vales entre as colinas escarpadas, e o modo como resistiam ao sol. Eu me vi usando as mãos ao tentar descrever isso para ele.

Suas perguntas em voz baixa me mantiveram falando livremente, esquecendo-me, na luz baixa da tempestade, de ficar constrangida por monopolizar a conversa. Por fim, quando tinha terminado de detalhar meu quarto abarrotado em casa, ele parou, em vez de responder com outra pergunta.

— Terminou? — perguntei com alívio.

— Nem cheguei perto... Mas seu pai vai chegar logo.

— Charlie! — De repente me lembrei da existência dele e suspirei. Olhei o céu escuro da chuva, mas não revelava nada. — Que horas são? — perguntei a mim mesma em voz alta ao olhar o relógio. Fiquei surpresa ao ver a hora; Charlie estaria vindo para casa agora.

— É a hora do crepúsculo — murmurou Edward, olhando o horizonte a oeste, obscurecido pelas nuvens. Sua voz era pensativa, como se sua mente estivesse em um lugar distante. Olhei para ele enquanto ele fitava sem ver pelo para-brisa.

Eu ainda o estava encarando quando seus olhos de repente se voltaram para os meus.

— É a hora do dia mais segura para nós — disse ele, respondendo à pergunta em meus olhos. — A hora mais fácil. Mas também a mais triste, de certa forma... O fim de outro dia, a volta da noite. A escuridão é tão previsível, não acha? — Ele sorriu tristonho.

— Gosto da noite. Sem o escuro, nunca veríamos as estrelas. — Franzi a testa. — Não que a gente veja muitas por aqui.

Ele riu e o clima ficou mais leve de repente.

— Charlie chegará daqui a alguns minutos. Então, a não ser que queira dizer a ele que vai comigo no sábado... — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Ah, não, obrigada. — Peguei meus livros, percebendo que estava dura de ficar sentada por tanto tempo. — Então amanhã é a minha vez?

— Claro que não! — sua expressão era de um falso ultraje. — Não lhe disse que não tinha acabado?

— O que mais pode haver?

— Vai descobrir amanhã. — Ele estendeu o braço para abrir a porta para mim e sua proximidade súbita provocou um frenesi de palpitações em meu coração.

Mas a mão dele congelou na maçaneta.

— Nada bom — murmurou ele.

— Que foi? — Fiquei surpresa ao ver que seu queixo estava trincado, os olhos perturbados.

Ele olhou para mim por um breve segundo.

— Outra complicação — disse ele mal-humorado.

Ele abriu a porta num movimento rápido e depois se afastou de mim, quase encolhido.

O lampejo de faróis através da chuva atraiu minha atenção à medida que um carro escuro encostava no meio-fio a pouca distância, de frente para nós.

— Charlie está chegando — alertou ele, encarando o outro veículo pelo aguaceiro.

Saltei para fora rapidamente, apesar de minha confusão e curiosidade. A chuva era mais alta ao bater no meu casaco.

Tentei distinguir as formas no banco da frente do outro carro, mas estava escuro demais. Pude ver Edward iluminado pelo brilho dos faróis do novo carro;

ainda olhava à frente, seu olhar preso em alguma coisa ou alguém que eu não podia ver. Sua expressão era uma mistura estranha de frustração e desafio.

Depois ele acelerou o motor e os pneus cantaram no asfalto molhado. O Volvo ficou fora de vista em segundos.

— Ei, Bella! — gritou uma voz conhecida e rouca do lado do motorista no carro preto.

— Jacob? — perguntei, semicerrando os olhos com a chuva. Neste exato momento a radiopatrulha de Charlie virou a esquina, os faróis iluminando os ocupantes do carro diante de mim.

Jacob já estava saindo, o sorriso largo visível apesar da escuridão. No banco do carona havia um homem muito mais velho, um sujeito atarracado com um rosto memorável — um rosto que transbordava, as bochechas descansando nos ombros, com rugas que percorriam a pele curtida como uma velha jaqueta de couro. E os olhos surpreendentemente familiares, olhos pretos que pareciam ao mesmo tempo jovens e antigos demais para a cara larga em que se acomodavam. O pai de Jacob, Billy Black. Eu o reconheci de imediato, embora, nos mais de cinco anos em que não o via, tivesse esquecido seu nome quando Charlie falou dele em meu primeiro dia aqui. Ele me encarava, analisando meu rosto, então eu sorri, insegura. Seus olhos estavam arregalados, de choque ou medo, as narinas infladas. Meu sorriso esmaeceu.

Outra complicação, dissera Edward.

Billy ainda me fitava com olhos intensos e angustiados. Eu gemi por dentro. Será que Billy reconhecera Edward com tanta facilidade? Ele realmente poderia acreditar nas lendas impossíveis que o filho ridicularizava?

A resposta estava clara nos olhos de Billy. Sim. Sim, ele acreditava.

12. OSCILANDO

— BILLY! — GRITOU CHARLIE assim que saiu do carro.

Eu me virei para a casa, acenando para Jacob enquanto corria para a varanda. Ouvi Charlie cumprimentá-los ruidosamente atrás de mim.

— Vou fingir que não o vi ao volante, Jake — disse ele num tom de censura.

— Conseguimos a carteira mais cedo na reserva — disse Jacob enquanto eu destrancava a porta e acendia a luz da varanda.

— Sei, claro que sim. — Charlie riu.

— Eu tenho que me locomover de algum jeito. — Reconheci com facilidade a voz ressoante de Billy, apesar dos anos. Seu som fez com que eu me sentisse mais nova de repente, uma criança.

Entrei, deixando a porta aberta e acendendo as luzes antes de pendurar o casaco. Depois fiquei parada à porta, olhando ansiosamente enquanto Charlie e Jacob ajudavam Billy a sair do carro e sentar em sua cadeira de rodas.

Saí do caminho quando os três entraram às pressas, sacudindo a água da chuva.

— Que surpresa — dizia Charlie.

— Faz muito tempo — respondeu Billy. — Espero que não seja má hora. — Seus olhos escuros lampejaram para mim de novo, a expressão indecifrável.

— Não, está tudo ótimo. Espero que possa ficar para o jogo.

Jacob sorriu.

— A ideia é essa... Nossa TV quebrou na semana passada.

Billy fez uma careta para o filho.

— E é claro que Jacob estava ansioso para ver Bella novamente — acrescentou ele. Jacob deu-lhe um olhar zangado e abaixou a cabeça enquanto eu lutava contra um surto de remorso. Talvez eu tivesse sido convincente demais na praia.

— Estão com fome? — perguntei, virando-me para a cozinha. Estava ansiosa para escapar do olhar perscrutador de Billy.

— Não, comemos antes de vir para cá — respondeu Jacob.

— E você, Charlie? — gritei por sobre o ombro enquanto fugia para a bancada.

— Claro — respondeu ele, a voz na direção da sala e da TV. Eu podia ouvir a cadeira de Billy seguindo-o.

Os sanduíches de queijo grelhados estavam na frigideira e eu fatiava um tomate quando senti alguém atrás de mim.

— E aí, como vão as coisas? — perguntou Jacob.

— Muito bem. — Eu sorri. Era difícil resistir a seu entusiasmo. — E você? Terminou seu carro?

— Não. — Ele franziu a testa. — Ainda preciso de peças. Pegamos esse emprestado. — Ele apontou com o polegar na direção do jardim.

— Lamento. Não vi nenhum... O que estava procurando mesmo?

— Um cilindro mestre. — Ele sorriu. — Alguma coisa errada com a picape? — perguntou ele de repente.

— Não.

— Ah, eu estranhei você não estar dirigindo.

Encarei a frigideira, levantando a beirada de um sanduíche para verificar o lado de baixo.

— Peguei uma carona com um amigo meu.

— Carona legal. — A voz de Jacob era de admiração. — Mas não reconheci o motorista. Pensei que conhecia a maior parte do pessoal daqui.

Assenti sem querer me comprometer, mantendo os olhos baixos ao virar os sanduíches.

— Meu pai parecia conhecê-lo de algum lugar.

— Jacob, pode me passar alguns pratos? Estão no armário embaixo da pia.

— Claro.

Ele pegou os pratos em silêncio. Eu esperava que ele agora desistisse do assunto.

— E aí, quem era? — perguntou, colocando dois pratos na bancada ao meu lado.

Suspirei, derrotada.

— Edward Cullen.

Para minha surpresa, ele riu. Olhei para ele. Jacob parecia meio constrangido.

— Acho que isso explica, então — disse ele. — Estava me perguntando por

que meu pai agiu de um jeito tão estranho.

— É verdade. — Fingi uma expressão inocente. — Ele não gosta dos Cullen.

— Velho supersticioso — murmurou Jacob.

— Acha que ele vai dizer alguma coisa a Charlie? — Não consegui deixar de perguntar, as palavras saíram num fluxo lento.

Jacob olhou para mim por um momento e eu não consegui interpretar a expressão em seus olhos escuros.

— Duvido — respondeu por fim. — Acho que o Charlie lhe passou um belo sermão da última vez. Eles não se falaram muito desde então... Hoje à noite é meio que um reencontro, pelo que sei. Não acredito que ele vá levantar o assunto novamente.

— Ah — eu disse, tentando parecer indiferente.

Fiquei na sala depois de levar a comida para Charlie, fingindo ver o jogo enquanto Jacob conversava comigo. Na verdade eu ouvia a conversa dos homens, procurando por qualquer sinal de que Billy ia me entregar, tentando pensar em maneiras de impedi-lo se ele começasse.

Foi uma longa noite. Eu tinha um monte de dever de casa que não fizera, mas tinha medo de deixar Billy sozinho com Charlie. Por fim, o jogo terminou.

— Você e seus amigos vão voltar à praia logo? — perguntou Jacob enquanto empurrava o pai pela soleira da porta.

— Não sei — tentei escapar.

— Foi divertido, Charlie — disse Billy.

— Venha para o próximo jogo — encorajou Charlie.

— Claro, claro — respondeu Billy. — Nós viremos. Boa noite para vocês. — Seus olhos voltaram-se para os meus e seu sorriso desapareceu. — Cuide-se, Bella — acrescentou seriamente.

— Obrigada — murmurei, desviando os olhos.

Fui para a escada enquanto Charlie acenava da porta.

— Espere, Bella — disse ele.

Encolhi. Será que Billy conseguira de algum jeito falar antes que eu me juntasse a eles na sala?

Mas Charlie estava relaxado, ainda sorrindo da visita inesperada.

— Não tive a chance de conversar com você esta noite. Como foi seu dia?

— Foi bom. — Hesitei com um pé no primeiro degrau, procurando por

detalhes que pudesse partilhar com segurança. — Meu time de badminton venceu todos os jogos.

— Puxa, não sabia que você jogava badminton.

— Bom, na verdade não jogo, mas meu parceiro é muito bom — admiti.

— Quem é ele? — perguntou Charlie, demonstrando preocupação.

— Hmmm.... Mike Newton — eu lhe disse com relutância.

— Ah, sim... Você disse que era amiga do rapaz dos Newton. — Ele se animou. — Boa família. — Ele refletiu por um minuto. — Por que não o convida para o baile deste fim de semana?

— Pai! — eu rosnei. — Ele está namorando minha amiga Jessica. E, além disso, você sabe que não sei dançar.

— Ah, sim — murmurou ele. Depois ele sorriu para mim, desculpando-se. — Então acho que é bom que esteja fora no sábado... Marquei de pescar com os rapazes da delegacia. O clima deve estar bem quente. Mas se quiser adiar a viagem até que alguém possa ir com você, eu fico em casa. Sei que deixo você muito sozinha aqui.

— Pai, você está se saindo muito bem. — Eu sorri, esperando que meu alívio não transparecesse. — Nunca me importei de ficar sozinha... Sou muito parecida com você. — Dei uma piscadela para ele e ele abriu o sorriso cheio de pés de galinha.

Naquela noite eu dormi melhor, cansada demais para sonhar de novo. Quando acordei para a manhã cinza-pérola, meu estado de espírito era feliz. Agora a noite tensa com Billy e Jacob parecia bem inofensiva; decidi me esquecer completamente dela. Eu me peguei assoviando enquanto puxava a parte da frente de meu cabelo em um grampo, e de novo ao descer a escada aos saltos. Charlie percebeu.

— Está animada esta manhã — comentou ele no café.

Dei de ombros.

— É sexta-feira.

Corri para ficar pronta para sair logo depois de Charlie. Minha bolsa estava preparada, os sapatos calçados, os dentes escovados, mas embora eu corresse para a porta assim que tive certeza de Charlie estar fora de vista, Edward foi mais rápido. Ele esperava em seu carro reluzente, as janelas abertas, o motor desligado.

Desta vez não hesitei, subindo rapidamente no banco do carona, para ver seu rosto o quanto antes. Ele deu aquele sorriso torto para mim, detendo minha respiração e meu coração. Não conseguia imaginar como um anjo poderia ser mais glorioso. Não havia nada nele que pudesse ser melhorado.

— Dormiu bem? — perguntou. Perguntei-me se ele tinha alguma ideia de como sua voz era linda.

— Bem. Como foi sua noite?

— Agradável. — Seu sorriso era de diversão; parecia que eu estava perdendo alguma piadinha pessoal.

— Posso perguntar o que você fez? — indaguei.

— Não. — Ele sorriu. — Ainda é a minha vez.

Ele hoje queria saber das pessoas: mais sobre Renée, seus passatempos, o que fazíamos juntas em nosso tempo livre. E depois de uma avó que conheci, de minhas poucas amigas — constrangendo-me quando perguntou sobre os meninos que namorei. Fiquei aliviada de não ter namorado ninguém, então esta conversa específica não podia durar muito. Ele ficou tão surpreso quanto Jessica e Angela com minha falta de história romântica.

— Então nunca conheceu ninguém que quisesse? — perguntou ele num tom sério que me fez indagar o que ele estava pensando.

Fui relutantemente sincera.

— Não em Phoenix.

Seus lábios se comprimiram num traço duro.

A essa altura, estávamos no refeitório. O dia voara indistinto e isso rapidamente se tornava uma rotina. Tirei vantagem desta breve pausa para dar uma mordida no meu bagel.

— Eu devia deixar você dirigir hoje — anunciou ele, a propósito de nada, enquanto eu mastigava.

— Por quê? — perguntei.

— Vou sair com a Alice depois do almoço.

— Ah — pestanejei, confusa e decepcionada. — Está tudo bem, não é uma caminhada tão longa.

Ele franziu o cenho para mim com impaciência.

— Não vou deixar você ir a pé para casa. Vamos lá pegar sua picape e deixar aqui para você.

— Não trouxe a chave — suspirei. — Não me importo mesmo de ir andando. — O que me importava era não ter meu tempo com ele.

Ele sacudiu a cabeça.

— Seu carro estará aqui e a chave estará na ignição... A não ser que tenha medo que alguém possa roubar. — Ele riu da ideia.

— Tudo bem — concordei, franzindo os lábios. Eu tinha certeza absoluta de que a chave estava no bolso de uma calça jeans que usara na quarta-feira, debaixo de uma pilha no cesto de roupa suja. Mesmo que ele invadisse minha casa, ou o que quer que estivesse planejando, nunca a encontraria. Ele parecia sentir o desafio em meu consentimento. Ele sorriu com malícia e um excesso de confiança.

— E aí, aonde vocês vão? — perguntei com a maior despreocupação que pude.

— Caçar — respondeu ele sombriamente. — Se vou ficar sozinho com você amanhã, preciso tomar todas as precauções. — Seu rosto ficou sombrio... E suplicante. — Sabe que pode cancelar a hora que quiser.

Olhei para baixo, com medo do poder persuasivo de seus olhos. Eu me recusava a ser convencida a ter medo dele, mesmo que o perigo fosse real. Não importa, repeti em minha cabeça.

— Não — sussurrei, olhando novamente seu rosto. — Não posso.

— Talvez tenha razão — murmurou ele inexpressivamente. Seus olhos pareciam ter a cor mais escura que eu já vira.

Mudei de assunto.

— A que horas vejo você amanhã? — perguntei, já deprimida com a ideia de que ele ia embora agora.

— Isso depende... É sábado, não quer dormir mais um pouco? — propôs ele.

— Não — respondi rápido demais. Ele reprimiu um sorriso.

— A mesma hora de sempre, então — decidiu. — Charlie estará em casa?

— Não, amanhã ele vai pescar. — Fiquei exultante ao lembrar como as coisas seriam convenientes.

A voz dele ficou ríspida.

— E se você não voltar para casa, o que ele vai pensar?

— Não faço a menor ideia — respondi friamente. — Ele sabe que vou lavar roupa. Talvez pense que caí na máquina de lavar.

Ele fechou a cara para mim e eu fiz o mesmo. A raiva dele era muito mais

impressionante do que a minha.

— E sua noite de caça? — perguntei quando tive certeza de que tinha perdido a competição de olhar furioso.

— Qualquer coisa que encontrarmos no parque. Não vamos muito longe. — Ele parecia pasmo com minha referência despreocupada a suas realidades secretas.

— Por que vai sair com Alice? — perguntei-lhe.

— A Alice é mais... favorável. — Ele franziu a testa ao falar.

— E os outros? — perguntei timidamente. — São o quê?

Sua testa se enrugou por um breve momento.

— Incrédulos, principalmente.

Espiei a família dele rapidamente atrás de mim. Estavam sentados olhando em direções diferentes, exatamente como na primeira vez que os vi. Só que agora eram quatro; seu lindo irmão de cabelos cor de bronze sentava-se diante de mim, os olhos dourados perturbados.

— Eles não gostam de mim — conjecturei.

— Não é isso — discordou ele, mas seus olhos eram inocentes demais. — Eles não entendem por que não posso deixar você sozinha.

Fiz uma careta.

— Nem eu, aliás.

Edward sacudiu a cabeça devagar, revirando os olhos para o teto antes de encontrar meu olhar de novo.

— Eu lhe disse... Você não se vê com tanta clareza. Não é como ninguém que eu conheça. Você me fascina.

Eu o fitei, certa de que agora ele estava brincando.

Ele sorriu ao decifrar minha expressão.

— Com minhas vantagens — murmurou ele, tocando a testa discretamente —, tenho uma apreensão da natureza humana maior do que a média. As pessoas são previsíveis. Mas você... Nunca faz o que espero. Sempre me pega de surpresa.

Virei a cara, meus olhos vagando de novo para a família dele, constrangida e insatisfeita. Suas palavras fizeram com que eu me sentisse um experimento científico. Eu queria rir para mim mesma por esperar outra coisa.

— Essa parte é bem fácil de explicar — continuou ele. Senti seus olhos em meu rosto, mas ainda não conseguia olhar para ele, com medo de que visse a tristeza em meus olhos. — Mas tem mais... E não é tão fácil de colocar em

palavras...

Eu ainda olhava os Cullen enquanto ele falava. De repente Rosalie, a irmã loura e linda, virou-se para me olhar. Não, olhar não — encarar, com os olhos escuros e frios. Quis virar a cara, mas seu olhar me prendeu até que Edward interrompeu o que dizia no meio de uma frase e soltou um murmúrio de raiva. Era quase um sibilar.

Rosalie virou a cabeça e fiquei aliviada por estar livre. Olhei novamente para Edward — e entendi que ele podia ver a confusão e o medo que arregalavam meus olhos.

Seu rosto estava tenso quando ele explicou.

— Desculpe por isso. Ela só está preocupada. Entenda... Não é perigoso só para mim se, depois de passar tanto tempo com você tão publicamente... — ele olhou para baixo.

— Se?

— Se isto terminar... mal. — Ele baixou a cabeça nas mãos, como fizera na noite em Port Angeles. Sua angústia era patente; ansiei por reconfortá-lo, mas agora não sabia como. Minha mão se estendeu involuntariamente; mas com rapidez, tombei-a na mesa, temendo que meu toque só piorasse as coisas. Percebi aos poucos que as palavras dele deveriam me assustar. Esperei que o medo viesse, mas só o que pude sentir foi mágoa pela dor dele.

E frustração — frustração por Rosalie ter interrompido o que ele estava prestes a dizer. Eu não sabia como voltar ao assunto. Ele ainda estava com a cabeça entre as mãos.

Tentei falar num tom de voz normal.

— E agora tem que ir embora?

— Sim. — Ele levantou o rosto; estava sério por um momento, e depois seu humor mudou e ele sorriu. — Provavelmente é melhor. Ainda teremos que suportar quinze minutos de um filme miserável na aula de biologia... Não acho que possa aguentar mais.

Tomei um susto. Alice — o cabelo curto e escuro em um halo desfiado em torno do rosto incrível de elfo — de repente estava parada atrás dos ombros dele. Seu corpo magro era esbelto e gracioso até em sua absoluta imobilidade.

Ele a cumprimentou sem tirar os olhos de mim.

— Alice.

— Edward — respondeu ela, a voz de soprano alto quase tão linda quanto a dele.

— Alice, Bella... Bella, Alice — ele nos apresentou, gesticulando indiferente, um sorriso torto na cara.

— Oi, Bella. — Seus olhos brilhantes como obsidiana eram indecifráveis, mas o sorriso era simpático. — Que bom finalmente conhecer você.

Edward disparou um olhar sombrio para ela.

— Oi, Alice — murmurei timidamente.

— Está pronto? — ela lhe perguntou.

A voz de Edward era indiferente.

— Quase. Encontro você no carro.

Ela saiu sem dizer mais nada; seu andar era tão leve, tão sinuoso, que senti uma pontada aguda de inveja.

— Devo dizer "divirtam-se" ou este é o sentimento errado? — perguntei, virando-me para ele.

— Não, "divirtam-se" é tão bom quanto qualquer outra coisa. — Ele sorriu.

— Então, divirtam-se. — Tentei parecer sincera. É claro que não o enganei.

— Vou tentar. — Ele ainda sorria. — E você procure ficar sã e salva, por favor.

— Sã e salva em Forks... Mas que desafio.

— Para você, é mesmo um desafio. — Seu queixo se endureceu. — Prometa.

— Prometo tentar me manter sã e salva — recitei. — Vou lavar roupa hoje à noite... Deve ser muito perigoso.

— Não caia — zombou ele.

— Farei o máximo.

Então ele se levantou e eu também.

— A gente se vê amanhã — suspirei.

— Parece muito tempo para você, não é? — refletiu ele.

Balancei a cabeça, mal-humorada.

— Estarei lá de manhã — prometeu, dando seu sorriso torto. Ele estendeu o braço pela mesa para tocar meu rosto, afagando de leve minha bochecha de novo. Depois se virou e foi embora. Olhei-o até desaparecer.

Fiquei extremamente tentada a matar o restante do dia, em especial a educação física, mas um instinto de alerta me impediu. Eu sabia que, se

desaparecesse agora, Mike e os outros iam imaginar que saíra com Edward. E Edward ficaria preocupado pelo tempo que passamos juntos publicamente... se as coisas dessem errado. Eu me recusei a me prender ao último pensamento, concentrando-me em tornar as coisas mais seguras para ele.

Intuitivamente, eu sabia — e sentia que ele também sabia — que o dia de amanhã seria fundamental. Nosso relacionamento não podia continuar se equilibrando, como estava, na ponta de uma faca. Cairíamos para um lado ou para o outro, dependendo inteiramente da decisão dele, ou de seus instintos. Minha decisão estava tomada antes mesmo que eu tivesse escolhido conscientemente, e eu me comprometera a ir até o fim. Porque não havia nada mais apavorante para mim, mais excruciante, do que a ideia de me afastar dele. Era uma impossibilidade.

Fui para a aula, sentindo-me cumpridora dos deveres. Não podia dizer com sinceridade o que aconteceu na aula de biologia; minha mente estava preocupada demais com pensamentos sobre o dia de amanhã. Na educação física, Mike estava falando comigo de novo. Desejou que me divertisse em Seattle. Expliquei cuidadosamente que tinha cancelado minha viagem, preocupada com minha picape.

— Vai ao baile com o Cullen? — perguntou ele, mal-humorado de repente.

— Não, eu não vou a baile nenhum.

— O que vai fazer então? — perguntou ele, interessado demais.

Meu impulso natural foi dizer a ele para não se intrometer. Em vez disso, menti alegremente.

— Lavar roupa, e depois tenho que estudar para a prova de trigonometria ou vou tomar bomba.

— O Cullen está ajudando você nos estudos?

— Edward — destaquei — não vai me ajudar a estudar. Ele foi passar o fim de semana em algum lugar. — As mentiras vinham com mais naturalidade do que de costume, percebi surpresa.

— Ah. — Ele se recuperou. — Sabe de uma coisa, você podia ir ao baile com nosso grupo, assim mesmo... Seria legal. Vamos todos dançar com você — prometeu ele.

A imagem mental da cara de Jessica deixou minha voz mais aguda do que o necessário.

— Eu não vou ao baile, Mike, está bem?

— Tudo bem. — Ele ficou carrancudo de novo. — Foi só uma proposta.

Quando as aulas terminaram, fui para o estacionamento sem entusiasmo nenhum. Não queria especialmente ir a pé para casa, mas não conseguia imaginar como ele teria pegado minha picape. Mas eu estava começando a acreditar que nada era impossível para ele. Este último instinto se provou correto — minha picape estava na mesma vaga em que ele estacionara o Volvo hoje de manhã. Sacudi a cabeça, incrédula, enquanto abria a porta destrancada e via a chave na ignição.

Havia uma folha de papel branco dobrada em meu banco. Eu a peguei e fechei a porta antes de ler. Duas palavras estavam escritas em sua caligrafia elegante.

Tome cuidado.

O rugido da picape me assustou. Eu ri comigo mesma.

Quando cheguei em casa, a porta estava trancada, o cadeado aberto, como eu deixara pela manhã. Lá dentro, fui direto para a lavanderia. Parecia exatamente como eu a deixara também. Procurei meu jeans e, depois de encontrá-lo, verifiquei os bolsos. Vazios. Talvez afinal eu tenha pendurado a chave, pensei, sacudindo a cabeça.

Seguindo o mesmo instinto que me incitara a mentir para Mike, liguei para Jessica com o pretexto de desejar-lhe sorte no baile. Quando ela desejou a mesma coisa para meu dia com Edward, falei do cancelamento. Ela ficou mais decepcionada do que era realmente necessário a um observador externo. Depois disso me despedi rapidamente.

Charlie estava distraído no jantar, preocupado com alguma coisa do trabalho, imaginei, ou talvez com um jogo de basquete, ou talvez só estivesse curtindo a lasanha — era difícil adivinhar com o Charlie.

— Sabe de uma coisa, pai... — comecei, interrompendo seus devaneios.

— Que foi, Bella?

— Acho que tem razão sobre Seattle. Acho que vou esperar até que Jessica ou outra pessoa possa ir comigo.

— Ah — disse ele, surpreso. — Ah, tudo bem. Então, quer ficar em casa comigo?

— Não, pai, não mude seus planos. Tenho um milhão de coisas para fazer... Dever de casa, lavar a roupa... Preciso ir à biblioteca e ao armazém. Vou entrar e sair o dia todo... Vá e divirta-se.

— Tem certeza?

— Absoluta, pai. Além disso, o freezer está ficando perigosamente sem peixe... Caímos a dois ou três anos de suprimento.

— É fácil conviver com você, Bella. — Ele sorriu.

— Posso dizer o mesmo de você — eu disse, rindo. Meu riso foi desanimado, mas ele não pareceu perceber. Senti-me tão culpada por enganá-lo que quase aceitei o conselho de Edward e disse a ele onde estaria. Quase.

Depois do jantar, dobrei as roupas e coloquei outra leva na secadora. Infelizmente era o tipo de trabalho que mantém apenas as mãos ocupadas. Minha mente tinha tempo livre demais e estava saindo do controle. Flutuava entre uma expectativa tão intensa que era quase dolorosa e um medo insidioso que ameaçava minha firmeza. Precisei ficar me lembrando de que havia tomado minha decisão e não ia voltar atrás. Peguei o bilhete dele em meu bolso com uma frequência muito maior do que a necessária para absorver as duas palavrinhas que ele escrevera. Ele queria que eu ficasse sã e salva, disse a mim mesma repetidas vezes. Simplesmente me prenderia à crença de que, no final das contas, esse desejo venceria os outros. E qual era minha alternativa — suprimi-lo de minha vida? Intolerável. Além disso, desde que vim para Forks, parecia realmente que minha vida acontecia em torno dele.

Mas uma vozinha no fundo da minha mente se preocupava, perguntando se machucaria muito... se tudo acabasse mal.

Fiquei aliviada quando ficou tarde o bastante para ser admissível ir para a cama. Eu sabia que estava estressada demais para dormir, então fiz uma coisa que nunca fizera. Deliberadamente tomei remédio para gripe, sem necessidade — do tipo que me nocauteava por umas boas oito horas. Normalmente eu não toleraria esse tipo de comportamento, mas amanhã já seria bem complicado sem que eu estivesse, antes de qualquer coisa, doida por não ter dormido. Enquanto esperava que o remédio fizesse efeito, sequei meu cabelo limpo até que ficou impecavelmente liso e fui escolher o que vestiria amanhã.

Com tudo pronto, finalmente caí na cama. Estava agitada; não conseguia parar de me revirar. Levantei-me e mexi na caixa de CDs até encontrar uma coletânea de

noturnos de Chopin. Coloquei um bem baixinho e deitei novamente, concentrando-me em relaxar partes isoladas de meu corpo. Em algum lugar no meio desse exercício os comprimidos para gripe fizeram efeito e afundei satisfeita na inconsciência.

Acordei cedo, tendo dormido profunda e perfeitamente graças a meu uso desnecessário de remédios. Embora estivesse descansada, voltei de imediato ao mesmo frenesi da noite anterior. Vesti-me a jato, alisando a gola no pescoço, puxando o suéter caramelo até que ele caísse sobre meu jeans. Dei uma olhada rápida pela janela e vi que Charlie já havia saído. Uma camada fina de nuvens, como algodão, cobria o céu. Não parecia que ia durar muito.

Tomei o café da manhã sem sentir o gosto da comida e limpei tudo correndo depois que terminei. Olhei pela janela novamente, mas nada mudara. Eu tinha acabado de escovar os dentes e estava descendo a escada de novo quando uma batida baixinha fez meu coração martelar na caixa torácica.

Voei para a entrada; tive um probleminha com a tranca simples, mas por fim escancarei a porta, e ali estava ele. Toda a agitação se dissolveu assim que vi seu rosto, a calma assumindo seu lugar. Soltei um suspiro de alívio — os temores da véspera pareciam muito tolos com ele aqui.

Ele no início não sorriu — seu rosto era sombrio. Mas depois sua expressão se iluminou ao me olhar de cima a baixo, e ele riu.

— Bom dia — disse ele rindo.

— Qual é o problema? — Olhei para baixo para me certificar de que não tinha esquecido nada de importante, como os sapatos, ou as calças.

— Nós combinamos. — Ele riu de novo. Percebi que ele estava com um suéter caramelo comprido, a gola aparecendo por baixo, e jeans azuis. Eu ri com ele, escondendo uma pontada secreta de mágoa — por que ele tinha que parecer um modelo de passarela quando eu não conseguia?

Tranquei a porta de casa enquanto ele seguia para a picape. Ele esperou junto à porta do carona com uma expressão de martírio que era fácil de entender.

— Fizemos um acordo — lembrei-lhe presunçosa, subindo ao banco do motorista e estendendo a mão para destrancar a porta dele. — Para onde? — perguntei.

— Coloque o cinto... Eu já estou nervoso.

Olhei longamente para ele enquanto obedecia.

— Para onde? — repeti com um suspiro.

— Pegue a um-zero-um norte — ordenou ele.

Foi surpreendentemente difícil me concentrar na estrada ao sentir o olhar dele em meu rosto. Compensei dirigindo com mais cautela do que de costume pela cidade ainda adormecida.

— Você pretende deixar Forks antes do anoitecer?

— Esta picape é velha o bastante para ser o carro do seu avô... Tenha respeito — retorqui.

Apesar do negativismo dele logo estávamos fora dos limites da cidade. Uma grossa vegetação rasteira e troncos cobertos de verde substituíram os gramados e casas.

— Vire à direita na um-um-zero — instruiu ele assim que eu estava prestes a perguntar. Obedeci em silêncio. — Agora vamos seguir até o final do asfalto.

Pude ouvir um sorriso em sua voz, mas estava com medo demais de sair da estrada e provar que ele tinha razão.

— E o que tem lá, no final do asfalto? — perguntei.

— Uma trilha.

— Vamos andar? — Graças a Deus eu estava de tênis.

— O problema é esse? — Ele deu a impressão de que esperava mais.

— Não. — Tentei fazer com que a mentira parecesse confiante. Mas se ele achava que minha picape era lenta...

— Não se preocupe, são só uns oito quilômetros e não vamos correr.

Oito quilômetros. Não respondi, para que ele não tivesse que ouvir minha voz falhar de pânico. Oito quilômetros de raízes traiçoeiras e pedras soltas, tentando torcer meu tornozelo ou qualquer outra coisa que me incapacitasse. Isto ia ser humilhante.

Seguimos em silêncio por algum tempo enquanto eu contemplava o horror que estava por vir.

— No que está pensando? — perguntou ele com impaciência depois de alguns minutos.

Menti de novo.

— Só me perguntando aonde vamos.

— É um lugar aonde gosto de ir quando o tempo está bom. — Nós dois

olhamos pela janela para as nuvens finas depois que ele falou.

— Charlie disse que hoje faria calor.

— E você disse a Charlie que íamos sair? — perguntou ele.

— Não.

— Mas Jessica acha que vamos juntos a Seattle? — Ele parecia animado com a ideia.

— Não, eu disse a ela que você cancelou... O que é verdade.

— Ninguém sabe que você está comigo? — Agora com raiva.

— Isso depende... Imagino que Alice saiba.

— Isso é muito útil, Bella — rebateu ele.

Fingi não ter ouvido essa.

— Está tão deprimida com Forks que ficou suicida? — perguntou ele quando eu o ignorei.

— Você disse que podia causar problemas para você... que nós estejamos juntos publicamente — lembrei a ele.

— Então você estava preocupada com os problemas que podia causar a mim... se você não voltasse para sua casa? — A voz dele ainda estava irritada, com um sarcasmo amargo.

Assenti, mantendo os olhos na estrada.

Ele murmurou alguma coisa, falando tão baixo que não consegui entender.

Ficamos em silêncio pelo resto da viagem. Eu podia sentir as ondas de censura furiosa vindo dele e não consegui pensar em nada para dizer.

E depois a estrada terminou, restringindo-se a uma trilha estreita com uma pequena placa de madeira. Estacionei no pequeno acostamento e saí, com medo porque ele estava irritado comigo e eu não tinha dirigido como uma desculpa para não olhar para ele. Agora estava quente, mais quente do que vira em Forks desde que cheguei, quase mormacento sob as nuvens. Tirei o suéter e o amarrei na cintura, feliz por ter vestido a blusa leve e sem mangas — em especial se eu ainda tinha oito quilômetros de caminhada pela frente.

Ouvi a porta dele bater e vi que ele também tinha tirado o suéter. Ele agora estava de frente para mim, na floresta cerrada ao lado da picape.

— Por aqui — disse, olhando para mim por sobre o ombro, os olhos ainda irritados. Ele entrou na floresta escura.

— A trilha? — O pânico era evidente em minha voz enquanto eu contornava

correndo a picape para acompanhá-lo.

— Eu disse que havia uma trilha no final da estrada, e não que íamos pegá-la.

— Não tem trilha? — perguntei, desesperada.

— Não vou deixar você se perder. — Ele se virou então, com um sorriso de zombaria, e eu reprimi um suspiro. A camisa branca de Edward não tinha mangas e ele a usava desabotoada, de modo que a pele branca e macia de seu pescoço fluía ininterrupta pelos contornos de mármore de seu peito, a musculatura perfeita agora não só sugerida por baixo das roupas que a escondiam. Ele era perfeito demais, percebi com uma pontada penetrante de desespero. Não havia como esta criatura divina ser cruel comigo.

Ele me encarou, confuso com minha expressão torturada.

— Quer ir para casa? — disse ele em voz baixa, uma dor diferente da minha saturando sua voz.

— Não. — Avancei até estar bem a seu lado, ansiosa para não perder um segundo sequer que podia ter com ele.

— Qual é o problema? — perguntou ele, sua voz gentil.

— Não sou boa andarilha — respondi. — Terá que ter muita paciência.

— Posso ser paciente... Se me esforçar muito. — Ele sorriu, sustentando meu olhar, tentando me demover de meu abatimento súbito e inexplicado.

Tentei sorrir também, mas o sorriso não foi convincente. Ele analisou meu rosto.

— Vou levar você para casa — prometeu ele. Eu não sabia se a promessa era incondicional, ou restrita a uma partida imediata. Eu sabia que ele pensava que era o medo que me incomodava e fiquei grata novamente por ser a única pessoa cuja mente ele não conseguia ouvir.

— Se quiser que eu atravesse os oito quilômetros pela selva antes do pôr do sol, é melhor começar a andar — eu disse com azedume. Ele franziu o cenho para mim, lutando para entender meu tom e minha expressão.

Edward desistiu depois de um momento e seguiu para a floresta.

Não foi tão difícil quanto eu temia. A maior parte do caminho era plana e ele empurrou as samambaias e teias de musgo para o lado a fim de me dar passagem. Quando o caminho reto nos levava por árvores caídas e pedregulhos, ele me ajudava, erguendo-me pelo cotovelo e depois me soltando de imediato quando o caminho era limpo. Seu toque frio na minha pele não deixava de provocar um

batimento errático em meu coração. Por duas vezes, quando isso aconteceu, captei uma expressão nele garantindo-me que ele podia ouvir alguma coisa.

Tentei ao máximo desviar os olhos de sua perfeição, mas sempre escorregava. A cada vez, sua beleza penetrava em mim com tristeza.

Na maior parte do tempo, andamos em silêncio. De vez em quando ele me fazia uma pergunta qualquer que não incluíra nos dois últimos dias de interrogatório. Perguntou-me sobre meus aniversários, meus professores na escola, meus animais de estimação da infância — e eu tive que admitir que depois de matar três peixes seguidos, desisti de seus costumes. Ele riu disso, mais alto do que eu estava acostumada — o tinido do eco voltava para nós do bosque vazio.

A caminhada me tomou a maior parte da manhã, mas ele não demonstrou nenhum sinal de impaciência. A floresta se espalhava à nossa volta em um labirinto ilimitado de árvores antigas e comecei a ficar nervosa, acreditando que nunca encontraríamos o caminho de volta. Ele estava perfeitamente à vontade, confortável no labirinto verde, sem jamais aparentar nenhuma dúvida quanto à direção que tomávamos.

Depois de várias horas, a luz que se infiltrava pelas copas das árvores se transformou, o tom verde-oliva escuro passando para um jade-claro. O dia ficara ensolarado, assim como ele previra. Pela primeira vez desde que entramos no bosque, senti um arrepio de excitação — que rapidamente se transformou em impaciência.

— Ainda não chegamos? — brinquei, fingindo mau humor.

— Quase. — Ele sorriu com a mudança no meu estado de espírito. — Está vendo aquela claridade ali?

Olhei a floresta densa.

— Hmmm, deveria ver?

Ele deu um sorriso malicioso.

— Talvez seja cedo demais para os seus olhos.

— Hora de ir ao oftalmologista — murmurei. Seu sorriso se tornou mais pronunciado.

Mas então, depois de mais uns cem metros, pude ver nitidamente um clarão nas árvores adiante, um brilho que era amarelo e não verde. Acelerei o ritmo, minha ansiedade aumentando a cada passo. Ele agora ia atrás de mim, seguindo

sem fazer barulho.

Cheguei à beira da fonte de luz e passei por cima da última franja de samambaias, entrando no lugar mais lindo que já vira na vida. A campina era pequena, perfeitamente redonda e cheia de flores silvestres — violeta, amarelas e de um branco delicado. Em algum lugar perto dali, pude ouvir a música borbulhante de um riacho. O sol estava a pino, enchendo o círculo de uma névoa de luz cor de manteiga. Andei devagar, assombrada, através da relva macia, agitando as flores, e do ar quente e encantador. Eu quase me virei, querendo partilhar isso com ele, mas ele não estava atrás de mim, onde pensei que estivesse. Girei o corpo, procurando com um súbito sobressalto. Por fim localizei Edward, ainda sob a sombra densa da floresta, na margem da clareira, observando-me com olhos cautelosos. Só então me lembrei do que a beleza da campina expulsara de minha mente — o enigma de Edward e o sol, que ele prometeu explicar para mim hoje.

Dei um passo na direção dele, meus olhos brilhando de curiosidade. Os olhos dele eram cautelosos e relutantes. Sorri para encorajá-lo e acenei para ele, dando outro passo. Ele ergueu a mão num alerta e eu hesitei, girando em meus calcanhares.

Edward pareceu respirar fundo e entrou no brilho intenso do sol de meio-dia.

13. CONFISSÕES

NA LUZ DO SOL, EDWARD ERA CHOCANTE. Eu não conseguia me acostumar com aquilo, embora o tivesse olhado a tarde toda. Sua pele, branca apesar do rubor fraco da viagem de caça da véspera, literalmente faiscava, como se milhares de diamantes pequenininhos estivessem incrustados na superfície. Ele se deitou completamente imóvel na relva, a camisa aberta no peito incandescente e escultural, os braços nus cintilando. As reluzentes pálpebras pálidas como lavanda estavam fechadas, embora ele evidentemente não estivesse dormindo. Uma estátua perfeita, entalhada em alguma pedra desconhecida, lisa como mármore, cintilante como cristal.

De vez em quando seus lábios se mexiam, tão rápido que pareciam estar tremendo. Mas quando perguntei, ele me disse que estava cantando consigo mesmo; era baixo demais para que eu ouvisse.

Também aproveitei o sol, embora o ar não estivesse tão seco para o meu gosto. Eu teria gostado de me deitar de costas, como ele fez, e deixar o sol aquecer meu rosto. Mas fiquei sentada, o queixo apoiado nos joelhos, sem vontade de tirar os olhos dele. O vento era suave; enroscava meu cabelo e agitava a relva que se espalhava ao redor de sua forma imóvel.

A campina, tão espetacular para mim no início, empalidecia perto de sua magnificência.

Hesitante, sempre temerosa, mesmo agora, que ele desaparecesse como uma miragem, lindo demais para ser real... Hesitante, estendi um dedo e afaguei as costas de sua mão faiscante, onde estava ao meu alcance. Outra vez fiquei maravilhada com a textura perfeita, macia como cetim, fria como pedra. Quando ergui a cabeça novamente, seus olhos estavam abertos, observando-me. Hoje cor de caramelo, mais claro, mais quente depois da caçada. Seu sorriso rápido virou o canto de seus lábios perfeitos para cima.

— Eu não assusto você? — perguntou ele brincalhão, mas pude sentir a curiosidade real em sua voz suave.

— Não mais do que de costume.

Ele abriu mais o sorriso; seus dentes cintilaram ao sol.

Aproximei-me mais um pouco, agora com a mão toda estendida para acompanhar os contornos de seu braço com a ponta dos dedos. Vi que meus dedos tremiam e sabia que ele não deixaria de perceber isso.

— Importa-se? — perguntei, porque ele fechara os olhos novamente.

— Não — disse ele sem abrir os olhos. — Nem imagina como é. — Suspirou.

Passei a mão suavemente pelos músculos perfeitos de seu braço, acompanhando o leve padrão de veias arroxeadas por dentro da dobra de seu cotovelo. Com a outra mão, virei a palma dele para cima. Percebendo o que eu queria, ele virou a mão naqueles seus movimentos ofuscantes de tão rápidos e desconcertantes. Isso me sobressaltou; meus dedos paralisaram em seu braço por um breve segundo.

— Desculpe — murmurou ele. Ergui a cabeça a tempo de ver seus olhos dourados se fecharem novamente. — É muito fácil ser eu mesmo com você.

Levantei a mão dele, virando-a enquanto via o sol cintilar em sua palma. Eu a trouxe para mais perto de meu rosto, tentando ver os aspectos ocultos de sua pele.

— Diga o que está pensando — sussurrou ele. Olhei-o e vi seus olhos me fitando, intensos de repente. — Não saber ainda é estranho para mim.

— Sabe de uma coisa, todos nós nos sentimos assim o tempo todo.

— É uma vida difícil. — Será que imaginei o sinal de arrependimento em sua voz? — Mas você não me contou.

— Eu é que queria poder saber o que você está pensando... — hesitei.

— E?

— E queria poder acreditar que você é real. E queria não ter medo.

— Não quero que sinta medo. — Sua voz era um murmúrio suave. Ouvi o que ele não pôde dizer verdadeiramente, que eu não precisava ter medo, que não havia nada para temer.

— Bom, não me refiro exatamente ao medo, embora isso certamente dê o que pensar.

Tão rapidamente que perdi seu movimento, ele estava quase sentado, apoiado no braço direito, a palma esquerda ainda em minhas mãos. Seu rosto de anjo estava a centímetros do meu. Eu podia — devia — ter me afastado de sua

proximidade inesperada, mas não consegui me mexer. Os olhos dourados me hipnotizavam.

— Do que tem medo, então? — sussurrou ele intensamente.

Mas não consegui responder. Como tinha feito antes, senti seu hálito frio em meu rosto. Doce, delicioso, o aroma me dava água na boca. Era diferente de tudo o que eu conhecia. Instintivamente, sem pensar, cheguei mais perto, inspirando.

E ele se foi, a mão arrancada de mim. Quando consegui colocar os olhos em foco, ele estava a uns cinco metros de distância, parado na beira da campina pequena, na sombra de um abeto enorme. Ele me encarava, os olhos escuros nas sombras, a expressão indecifrável.

Eu podia sentir a dor e o choque em meu rosto. Minhas mãos vazias formigavam.

— Desculpe... Edward — sussurrei. Eu sabia que ele podia ouvir.

— Me dê um minuto — disse ele, alto o suficiente para meus ouvidos menos sensíveis. Fiquei sentada, imóvel.

Depois de dez segundos incrivelmente longos, ele voltou, devagar para ele. Parou, ainda longe, e afundou graciosamente no chão, cruzando as pernas. Os olhos não deixavam os meus. Ele respirou fundo duas vezes e depois sorriu, desculpando-se.

— Lamento muito. — Ele hesitou. — Você entenderia se eu dissesse que fui apenas humano?

Assenti uma vez, sem conseguir sorrir da piada dele. A adrenalina pulsava em minhas veias enquanto a percepção do perigo afundava lentamente em mim. Ele podia sentir o cheiro de onde estava sentado. Seu sorriso ficou debochado.

— Sou o melhor predador do mundo, não sou? Tudo em mim convida você... Minha voz, meu rosto, até meu cheiro. Como se eu precisasse disso! — Inesperadamente, ele estava de pé, afastando-se num salto, de imediato fora de vista, aparecendo debaixo da mesma árvore de antes, depois de contornar a campina em meio segundo. — Como se pudesse ser mais rápida do que eu — ele riu amargamente.

Ele estendeu a mão e, com um estalo ensurdecedor, quebrou sem esforço um galho de sessenta centímetros de espessura do tronco de um abeto. Balançou-o na mão por um momento, depois o atirou numa velocidade ofuscante, espatifando-o em uma árvore enorme, que sacudiu e tremeu com o golpe.

E ele estava na minha frente de novo, parado a meio metro, ainda como uma pedra.

— Como se pudesse lutar comigo — disse ele delicadamente.

Fiquei sentada sem me mexer, com mais medo dele do que jamais senti. Nunca o vi tão completamente livre de sua fachada refinada. Ele nunca foi menos humano... Nem mais lindo. Pálida e de olhos arregalados, fiquei sentada como uma ave presa pelos olhos de uma serpente.

Seus olhos adoráveis pareciam brilhar com uma excitação imprudente. Depois, com o passar dos segundos, escureceram. Sua expressão aos poucos assumiu a máscara de uma tristeza antiga.

— Não tenha medo — murmurou ele, a voz de veludo involuntariamente sedutora. — Eu prometo... — ele hesitou. — Nunca machucar você.

Parecia mais preocupado em convencer a si mesmo do que a mim.

— Não tenha medo — sussurrou ele novamente enquanto se aproximava, com uma lentidão exagerada. Sentou-se sinuosamente, com movimentos deliberadamente lentos, até que nossos rostos estivessem no mesmo nível, a trinta centímetros de distância. — Perdoe-me, por favor — disse formalmente. — Eu posso me controlar. Você me pegou de guarda baixa. Mas agora estou me comportando melhor.

Ele esperou, mas eu ainda não conseguia falar.

— Hoje não estou com sede, é sério. — Ele piscou.

Com essa eu tive que rir, embora o som fosse trêmulo e entrecortado.

— Você está bem? — perguntou ele ternamente, estendendo o braço lenta e cuidadosamente para colocar sua mão de mármore nas costas da minha.

Olhei a mão macia e fria, e depois os olhos dele. Eram suaves e preocupados. Olhei novamente para a mão e depois deliberadamente voltei a acompanhar suas linhas com a ponta dos dedos. Olhei para ele e sorri timidamente.

Seu sorriso em resposta era estonteante.

— Então onde estávamos mesmo, antes de eu ser tão rude? — perguntou ele com a cadência delicada de um século passado.

— Sinceramente, não me lembro.

Ele sorriu, mas sua expressão era de vergonha.

— Acho que estávamos falando sobre por que você tinha medo, além do motivo óbvio.

— Ah, sim.

— E então?

Olhei sua mão e rabisquei erraticamente a palma iridescente e macia. Os segundos passavam.

— Eu me frustro com tanta facilidade — ele suspirou. Olhei em seus olhos, de repente entendendo que tudo isso era tão novo para ele como era para mim. Mesmo com os muitos anos de experiência insondável que tinha, também era difícil para ele. Tomei coragem com esta ideia.

— Eu estava com medo... porque, bom, por motivos óbvios, não posso ficar com você. E tenho medo de que goste de ficar com você, muito mais do que deveria. — Eu olhava suas mãos enquanto falava. Era difícil dizer isso em voz alta.

— Sim — concordou ele lentamente. — É de fato motivo para ter medo. Querer ficar comigo. Não é nada bom para você.

Fechei a cara.

— Eu devia ter me afastado há muito tempo — ele suspirou. — Devia ir embora agora. Mas não sei se posso.

— Não quero que vá embora — murmurei pateticamente, de novo olhando para baixo.

— É exatamente este o motivo para que eu vá. Mas não se preocupe. Sou essencialmente uma criatura egoísta. Quero demais sua companhia para fazer o que deveria.

— Fico feliz por isso.

— Não fique! — Ele retirou a mão, desta vez com mais delicadeza; sua voz era mais áspera do que o normal. Áspera para ele, mas ainda mais linda do que qualquer voz humana.

Era difícil acompanhá-lo — suas oscilações de humor sempre me deixavam com o pé atrás, tonta.

— Não é só sua companhia que eu anseio! Jamais se esqueça disso. Jamais se esqueça de que sou mais perigoso para você do que para qualquer outra pessoa. — Ele parou e vi que olhava a floresta sem ver.

Pensei por um momento.

— Não acho que entenda exatamente o que quer dizer... Pelo menos essa última parte — falei.

Ele olhou para mim e sorriu, seu humor mudando novamente.

— Como posso explicar? — refletiu. — E sem assustar você de novo... Hmmm. — Sem parecer pensar, ele colocou a mão novamente na minha; eu a segurei com força. Ele olhou nossas mãos.

— É incrivelmente agradável, o calor. — Ele suspirou.

Passou-se um minuto enquanto ele organizava os pensamentos.

— Todo mundo gosta de sabores diferentes, certo? — começou ele. — Algumas pessoas adoram sorvete de chocolate, outras preferem morango.

Balancei a cabeça.

— Desculpe pela analogia com comida... Não consegui pensar em outra forma de explicar.

Eu sorri. Ele também sorriu, tristonho.

— Veja bem, cada pessoa tem um cheiro diferente, tem uma essência diferente. Se você trancar um alcoólatra em uma sala cheia de cerveja choca, ele vai ficar feliz em bebê-la. Mas podia resistir, se quisesse, se fosse um alcoólatra em recuperação. Agora digamos que você tenha colocado naquela sala uma taça de conhaque de cem anos, o conhaque mais raro e mais refinado... E enchido a sala com seu aroma quente... Como pensa que ele se comportaria?

Ficamos sentados em silêncio, olhando-nos nos olhos — tentando ler os pensamentos do outro.

Ele foi o primeiro a romper o silêncio.

— Talvez esta não seja a comparação correta. Talvez seja mais fácil rejeitar o conhaque. Talvez eu deva fazer de nosso alcoólatra um viciado em heroína.

— Então o que está dizendo é que sou seu tipo preferido de heroína? — eu disse num tom de brincadeira, tentando deixar o clima mais leve.

Ele sorriu rapidamente, parecendo gostar de meu esforço.

— Sim, você é exatamente meu tipo preferido de heroína.

— Isso acontece com frequência? — perguntei.

Ele olhou para a copa das árvores, pensando na resposta.

— Falei com meus irmãos sobre isso. — Ele ainda olhava fixamente a distância. — Para Jasper, todos vocês são a mesma coisa. Ele é o mais novo em nossa família. É uma luta para ele se privar de tudo isso. Não teve tempo para desenvolver a sensibilidade às diferenças de cheiro, de sabor.

Ele olhou rapidamente para mim, com uma expressão de quem se desculpa.

— Desculpe — disse.

— Não ligo. Por favor, não se preocupe em me ofender, nem em me assustar, o que for. Esse é o seu jeito de pensar. Posso entender isso, ou pelo menos posso tentar. Só explique como puder.

Ele respirou fundo e olhou o céu de novo.

— Então Jasper não tem certeza se já se deparou com alguém que fosse tão... — ele hesitou, procurando pela palavra certa — atraente como você é para mim. O que me faz pensar que não. Emmett está na estrada há mais tempo, por assim dizer, e ele me compreendeu. Disse que foram duas vezes, para ele, uma mais forte do que a outra.

— E para você?

— Nunca.

A palavra ficou pairando ali por um momento na brisa quente.

— O que o Emmett fez? — perguntei para romper o silêncio.

Era a pergunta errada. Seu rosto escureceu, a mão se fechou em punho na minha. Ele desviou os olhos. Esperei, mas ele não ia responder.

— Acho que sei — disse eu por fim.

Ele ergueu os olhos; sua expressão era pensativa e suplicante.

— Até o mais forte de nós cai do galho, não é?

— O que está pedindo? Minha permissão? — Minha voz ficou mais aguda do que eu pretendia. Tentei manter o tom mais delicado; eu imaginava o que a sinceridade custava para ele. — Quer dizer, não há esperança então? — Mas com que calma eu podia discutir minha própria morte!

— Não, não! — Ele de imediato ficou pesaroso. — É claro que há esperança! Quer dizer, é claro que eu não ia... — Ele deixou a frase inacabada. Seus olhos arderam nos meus. — É diferente para nós. Emmett... topou com estranhos por acaso. Foi há muito tempo e ele não tinha tanta... prática, tanto cuidado, como tem agora.

Ele silenciou e me observou intensamente enquanto eu pensava.

— Então, se tivéssemos nos encontrado... hã, em um beco escuro ou coisa parecida... — minha voz falhou.

— Juntei todas as minhas forças para não pular naquela sala cheia de crianças e... — Ele parou de repente, desviando os olhos. — Quando você passou por mim, eu podia ter estragado tudo o que Carlisle construiu para nós, naquele exato

momento. Se não tivesse renegado minha sede pelos últimos anos, por tantos anos, não teria sido capaz de me refrear. — Ele parou, franzindo o cenho para as árvores.

Edward olhou para mim melancolicamente, nós dois nos lembrando.

— Deve ter pensado que eu estava possuído.

— Eu não entendi o motivo. Como podia me odiar com tanta rapidez...

— Para mim, foi como se você fosse uma espécie de demônio, conjurado de meu inferno pessoal para me arruinar. A fragrância que vinha de sua pele... Pensei que me enlouqueceria naquele primeiro dia. Naquela hora que passou, pensei em cem maneiras diferentes de atrair você para fora da sala comigo, ficar sozinho com você. E combati cada uma delas, pensando em minha família, o que eu faria a eles. Tive que fugir, sair dali antes que pudesse pronunciar as palavras que a fariam me seguir...

Ele olhou então para minha expressão hesitante enquanto eu tentava absorver suas lembranças amargas. Seus olhos dourados chamuscaram sob as pálpebras, hipnóticos e mortíferos.

— Você teria vindo — garantiu ele.

Tentei falar calmamente.

— Sem dúvida nenhuma.

Ele olhou com raiva para minhas mãos, liberando-me da força de seu olhar.

— E depois, enquanto eu tentava reorganizar meu horário numa tentativa insensata de evitá-la, você estava ali... Naquela sala quente e apertada, o cheiro era enlouquecedor. Foi por muito pouco que não a peguei ali mesmo. Só havia outro ser humano frágil na sala... Era tão fácil lidar com aquilo.

Eu tremi no sol quente, vendo minhas lembranças novamente pelos olhos dele, só agora entendendo o perigo. Coitada da Srta. Cope; tremi novamente ao pensar em como estive perto de ser inadvertidamente responsável por sua morte.

— Mas resisti. Não sei como. E me obriguei a não esperar por você, não segui-la da escola. Lá fora, quando não podia mais sentir seu cheiro, era mais fácil pensar com clareza, tomar a decisão certa. Deixei os outros perto de casa... Eu estava envergonhado demais para dizer a eles como eu era fraco, eles só souberam que alguma coisa estava errada... E depois fui procurar Carlisle, no hospital, para lhe dizer que eu iria embora.

Eu o encarei, surpresa.

— Troquei de carro com ele... Ele tinha o tanque cheio e eu não queria parar. Não ousei ir para casa e enfrentar Esme. Ela teria feito uma cena e não me deixaria ir. Teria tentado me convencer de que não era necessário... Mas na manhã seguinte eu estava no Alasca.

Ele pareceu envergonhado, como se admitisse uma grande covardia.

— Passei dois dias lá, com alguns velhos conhecidos... Mas estava com saudade de casa. Odiava saber que tinha aborrecido Esme, e o resto deles, minha família adotiva. No ar puro das montanhas era difícil acreditar que você era tão irresistível. Convenci a mim mesmo de que estava fraco para fugir. Eu havia lidado com a tentação antes, não desta magnitude, nem perto disso, mas foi forte. Quem era você, uma garotinha insignificante — de repente ele sorriu —, para me tirar do lugar em que eu queria estar? Então voltei... — Ele fitou o vazio.

Eu não consegui falar.

— Tomei precauções, caçando, alimentando-me mais do que de costume antes de ver você de novo. Tinha certeza de que era forte o bastante para tratá-la como a qualquer outro ser humano. Fui arrogante com relação a isso. Foi uma complicação inquestionável que eu não pudesse simplesmente ler seus pensamentos para saber qual seria sua reação a mim. Não estava acostumado a ter que chegar a medidas tão tortuosas, ouvindo suas palavras na mente de Jessica... que não é muito original, e era irritante ter que condescender com isso. E depois eu não podia saber se você realmente foi sincera no que disse. Era tudo extremamente irritante.

Ele franziu o cenho ao se lembrar disso.

— Eu queria que você esquecesse meu comportamento naquele primeiro dia, se possível, então tentei falar com você como faria com qualquer pessoa. Na verdade eu estava ansioso, esperando decifrar parte de seus pensamentos. Mas você era interessante demais. Eu me vi presa de suas expressões... E de vez em quando você agitava o ar com a mão ou seu cabelo, e o cheiro me tomava de novo... É claro que depois você estava quase dominada pela paixão diante de meus olhos. Mais tarde, pensei em uma desculpa perfeita para eu ter agido naquele momento... Porque se eu não tivesse salvado você, se seu sangue fosse derramado na minha frente, não acho que eu poderia deixar de expor o que nós somos. Mas eu só pensei nessa desculpa depois. Na hora, só no que eu pensava era: "Ela não."

Ele fechou os olhos, perdido em sua confissão angustiada. Eu ouvi, com mais

ansiedade do que era racional. O bom-senso me dizia que eu devia estar apavorada. Em vez disso, fiquei aliviada por finalmente entender. E estava cheia de compaixão pelo sofrimento dele, mesmo agora, enquanto ele confessava seu desejo de tirar minha vida.

Por fim fui capaz de falar, embora minha voz fosse fraca.

— No hospital?

Seus olhos lampejaram para os meus.

— Eu fiquei horrorizado. Não conseguia acreditar que afinal havia nos colocado em risco, havia colocado a mim mesmo em seu poder... Justo você. Como se eu precisasse de outro motivo para matá-la. — Nós dois vacilamos à menção desta palavra. — Mas teve o efeito contrário — continuou ele rapidamente. — Eu briguei com Rosalie, Emmett e Jasper quando eles sugeriram que estava na hora... A pior briga que tivemos na vida. Carlisle ficou do meu lado, e Alice. — Ele fez uma careta quando disse o nome dela. Não consegui entender por quê. — Esme me disse para fazer o que eu precisasse para ficar.

Ele sacudiu a cabeça com condescendência.

— Por todo o dia seguinte, ouvi a mente de todos que falaram com você, chocado por você ter mantido sua palavra. Eu não a entendia. Mas sabia que não podia me envolver mais com você. Fiz o máximo que pude para ficar o mais longe possível. E todo dia o perfume de sua pele, de seu hálito, de seu cabelo... me atingiam com a mesma intensidade do primeiro dia.

Ele encontrou meus olhos de novo e eles estavam surpreendentemente ternos.

— E por tudo isso — continuou ele — eu teria feito melhor se tivesse mesmo exposto a nós todos naquele primeiro momento, do que se agora, aqui... sem testemunhas nem nada que me impeça... eu viesse a machucar você.

Eu era bastante humana para ter que perguntar:

— Por quê?

— Isabella. — Ele pronunciou meu nome inteiro cuidadosamente, depois brincou com meu cabelo com a mão livre. Um choque percorreu meu corpo com seu toque despreocupado. — Bella, eu não poderia conviver comigo mesmo se a ferisse. Você não sabe como isso me torturou. — Ele baixou os olhos, novamente envergonhado. — Pensar em você, imóvel, lívida, fria... Nunca mais vê-la corar de novo, nunca mais ver esse lampejo de intuição em seus olhos quando você vê através de meus pretextos... Seria insuportável. — Ele ergueu os gloriosos olhos

angustiados para os meus. — Você é, agora, a coisa mais importante do mundo para mim. A mais importante de toda a minha vida.

Minha cabeça girava com a mudança rápida de direção em nossa conversa. A partir do tema alegre de meu falecimento iminente, de repente estávamos nos declarando. Ele esperou, e embora eu olhasse para baixo para examinar nossas mãos entre nós, eu sabia que seus olhos dourados estavam nos meus.

— Já sabe como me sinto, é claro — eu disse por fim. — Eu estou aqui... O que, numa tradução grosseira, significa que eu preferiria estar morta a ficar longe de você. — Franzi o cenho. — Sou uma idiota.

— Você é mesmo uma idiota — concordou ele com uma risada. Nossos olhos se encontraram e eu ri também. Rimos juntos da idiotice e da mera impossibilidade de um momento desses.

— E então o leão se apaixonou pelo cordeiro... — murmurou ele.

Virei a cara, escondendo os olhos enquanto me arrepiava com a palavra.

— Que cordeiro imbecil — suspirei.

— Que leão masoquista e doentio. — Ele olhou a floresta sombreada por um longo momento e eu me perguntei aonde seus pensamentos o levavam.

— Por quê...? — comecei e depois parei, sem ter certeza de como continuar.

Ele olhou para mim e sorriu; o sol reluzia em seu rosto, em seus dentes.

— Sim?

— Diga por que fugiu de mim antes.

O sorriso dele desapareceu.

— Você não sabe por quê?

— Não, quer dizer, exatamente o que eu fiz de errado? Não vou poder abaixar a guarda, está vendo, então é melhor eu começar a aprender o que não devo fazer. Isto, por exemplo — eu afaguei as costas da mão dele —, parece não fazer mal nenhum.

Ele sorriu de novo.

— Você não fez nada de errado, Bella. A culpa foi minha.

— Mas eu quero ajudar, se puder, a não dificultar ainda mais as coisas para você.

— Bom... — ele pensou por um momento. — Foi o modo como você se aproximou. A maioria dos humanos se intimida conosco por instinto, são repelidos por nossa estranheza... Eu não esperava que você chegasse tão perto. E o

cheiro de seu pescoço. — Ele parou de repente, olhando para verificar se tinha me perturbado.

— Tudo bem, então — eu disse de um jeito impertinente, tentando aliviar o clima subitamente tenso. Segurei meu queixo. — Nenhum pescoço exposto.

Deu certo; ele riu.

— Não, é sério, foi mais a surpresa do que qualquer outra coisa.

Ele ergueu a mão livre e a colocou delicadamente em meu pescoço. Fiquei imóvel, o arrepio de seu toque um alerta natural — um alerta me dizendo para ficar apavorada. Mas não havia nenhuma sensação de medo em mim. Havia, porém, outras sensações...

— Está vendo — disse ele. — Perfeitamente bem.

Meu sangue disparava e eu queria poder reduzir sua velocidade, sentindo que isto devia tornar tudo muito mais difícil — o martelar de minha pulsação em minhas veias. Certamente ele podia ouvi-lo.

— O rubor em seu rosto é lindo — murmurou Edward. Ele soltou gentilmente a outra mão. Minhas mãos caíram flácidas no colo. Suavemente, ele afagou minha bochecha, depois segurou meu rosto entre as mãos de mármore. — Fique completamente parada — sussurrou ele, como se eu já não estivesse congelada ali.

Devagar, sem tirar os olhos dos meus, ele se inclinou para mim. Depois, de repente, mas com muita delicadeza, pousou seu rosto frio no espaço da base de meu pescoço. Fui completamente incapaz de me mexer, mesmo que eu quisesse. Ouvi o som de sua respiração tranquila, observando o sol e o vento brincarem em seu cabelo de bronze, mais humano do que qualquer outra parte dele.

Com uma lentidão deliberada, suas mãos deslizaram pela lateral de meu pescoço. Eu tremi, e o ouvi prender a respiração. Mas suas mãos não pararam enquanto moviam-se suavemente por meus ombros, e depois se detiveram.

Ele virou o rosto para o lado, o nariz roçando minha clavícula. E recostou a cabeça ternamente em meu peito.

Ouvindo meu coração.

— Ah — ele suspirou.

Não sei quanto tempo ficamos sentados sem nos mexer. Podem ter sido horas. Por fim o batimento de minha pulsação se aquietou, mas ele não se mexeu nem falou enquanto me segurava. Eu sabia que a qualquer momento isso podia ser

demais, e minha vida chegaria ao fim — tão rapidamente que eu talvez sequer percebesse. E eu não conseguia sentir medo. Não conseguia pensar em nada, a não ser que ele estava me tocando.

E depois, cedo demais, ele me soltou.

Seus olhos estavam tranquilos.

— Não foi assim tão difícil novamente — disse ele com satisfação.

— Foi muito difícil para você?

— Não tanto quanto eu imaginei que seria. E você?

— Não, não foi ruim... para mim.

Ele riu da inflexão de minha voz.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

Eu sorri.

— Olhe aqui. — Ele pegou minha mão e a colocou em seu rosto. — Sente como está quente?

E estava quase quente, sua pele em geral gélida. Mas eu mal percebi, porque tocava seu rosto, algo com que sonhava constantemente desde o primeiro dia que o vi.

— Não se mexa — sussurrei.

Ninguém ficava parado como Edward. Ele fechou os olhos e ficou imóvel como uma pedra, uma pedra esculpida sob minha mão.

Eu me mexi ainda mais lentamente do que ele, com o cuidado de não fazer nenhum movimento inesperado. Acariciei sua face, delicadamente afaguei sua pálpebra, a sombra roxa na cavidade sob o olho. Acompanhei o formato de seu nariz perfeito e depois, com muito cuidado, seus lábios impecáveis. Os lábios se separaram em minha mão e eu pude sentir o hálito frio na ponta de meus dedos. Eu queria me inclinar, inspirar o cheiro dele. Depois baixei a mão e me aproximei, sem querer pressioná-lo demais.

Ele abriu os olhos e eram olhos famintos. Não de uma forma que me desse medo, mas de modo a estreitar os músculos na boca do estômago e mandar minha pulsação martelar nas veias de novo.

— Eu quero — sussurrou ele —, quero que você sinta a... complexidade... a confusão... que eu sinto. Isso você poderia entender.

Ele levantou a mão até meu cabelo, depois afagou com cuidado minha face.

— Me diga — sussurrei.

— Não acho que possa. Eu lhe falei, por um lado, a fome... a sede... que, criatura deplorável que sou, eu sinto por você. E penso que você pode entender isso, até certo ponto. Mas — ele deu um meio sorriso —, como você não é viciada em nenhuma substância ilegal, provavelmente não pode ter uma empatia completa. Mas... — Seus dedos tocaram meus lábios de leve, fazendo-me tremer outra vez. — Existem outras fomes. Fomes que eu sequer entendo, que são estranhas a mim.

— Posso entender isso melhor do que você pensa.

— Não estou acostumado a me sentir tão humano. É sempre assim?

— Para mim? — eu parei. — Não, nunca. Não até agora.

Ele segurou minhas mãos entre as dele. Pareciam tão frágeis em seu aperto de ferro.

— Não sei como ficar perto de você — admitiu ele. — Não sei se posso.

Eu me inclinei para ele muito lentamente, alertando-o com meus olhos. Encostei meu rosto em seu peito de pedra. Podia ouvir sua respiração, e mais nada.

— Isso basta — eu suspirei, fechando os olhos.

Em um gesto muito humano, ele pôs os braços em volta de mim e apertou o rosto em meu cabelo.

— Você é melhor nisso do que eu pensava — observei.

— Tenho instintos humanos... Podem estar enterrados no fundo, mas estão presentes.

Ficamos sentados assim por mais um momento imensurável; eu me perguntei se ele podia estar tão sem vontade de se mexer quanto eu. Mas eu podia ver que a luz desaparecia, as sombras da floresta começavam a nos tocar, e suspirei.

— Você tem que ir.

— Achei que não pudesse ler minha mente.

— Está ficando mais clara. — Pude ouvir um sorriso em sua voz.

Ele pegou meus ombros e eu olhei seu rosto.

— Posso lhe mostrar uma coisa? — perguntou Edward, uma excitação repentina brilhando em seus olhos.

— Me mostrar o quê?

— Vou lhe mostrar como eu viajo na floresta. — Ele viu minha expressão. — Não se preocupe, você estará segura e chegaremos a sua picape muito mais

rápido. — Sua boca se abriu naquele sorriso torto tão lindo e meu coração quase parou.

— Vai se transformar em morcego? — perguntei, cautelosamente.

Ele riu, mais alto do que eu já ouvira.

— Como se eu não tivesse ouvido essa antes!

— Tudo bem, tenho certeza de que faz isso o tempo todo.

— Venha, sua covardezinha, suba em minhas costas.

Esperei para ver se estava brincando mas, ao que parecia, ele tinha falado sério. Ele sorriu enquanto lia minha hesitação e estendeu a mão para mim. Meu coração reagiu; embora ele não pudesse ouvir meus pensamentos, minha pulsação sempre me entregava. Depois ele começou a me colocar em suas costas, com muito pouco esforço de minha parte e, além disso, quando estava no lugar, segurou minhas pernas e braços com tanta força em volta dele que eu sufocaria uma pessoa normal. Foi como subir em uma pedra.

— Sou um pouco mais pesada do que a sua mochila — alertei.

— Rá! — ele bufou. Eu quase podia ouvir seus olhos revirando. Nunca o vi com tamanho bom humor antes.

Ele me sobressaltou, pegando minha mão de repente, apertando a palma em seu rosto e inspirando profundamente.

— Fica a cada vez mais fácil — murmurou ele.

E depois ele estava correndo.

Se um dia eu tive um medo mortal na presença dele, não foi nada se comparado com o que sentia agora.

Ele disparou pelos arbustos escuros e densos da floresta como um projétil, como um fantasma. Não havia nenhum som, nenhuma prova de que seus pés tocavam a terra. Sua respiração não se alterava, não indicava esforço nenhum. Mas as árvores voavam a uma velocidade mortal, passando a centímetros de nós.

Fiquei tão apavorada que fechei os olhos, embora o ar frio da mata vergastasse meu rosto e o queimasse. Senti como se estivesse colocando a cabeça como uma idiota para fora da janela de um avião em pleno voo. E, pela primeira vez na minha vida, senti a fraqueza vertiginosa do enjoo de movimento.

Depois acabou. Tínhamos andado por horas esta manhã até a campina de Edward e agora, em questão de minutos, estávamos de volta ao carro.

— Divertido, não? — sua voz estava alta e animada.

Ele ficou imóvel, esperando que eu descesse. Eu tentei. Mas meus músculos não reagiam. Meus braços e pernas ficaram em volta dele, presos, enquanto a cabeça girava de um jeito desagradável.

— Bella? — perguntou ele, agora ansioso.

— Acho que preciso me deitar — eu arfei.

— Ah, me desculpe. — Ele esperou por mim, mas eu ainda não conseguia me mexer.

— Acho que preciso de ajuda — admiti.

Ele riu baixinho e delicadamente afrouxou meu aperto esmagador de seu pescoço. Não houve resistência à força férrea de suas mãos. Depois ele me puxou de frente para ele, aninhando-me nos braços como uma criança pequena. Segurou-me por um momento, depois colocou-me com cuidado sobre as samambaias primaveris.

— Como se sente? — perguntou ele.

Eu não podia ter certeza de como me sentia quando minha cabeça girava tão loucamente.

— Acho que estou tonta.

— Coloque a cabeça entre os joelhos.

Tentei fazer isso e ajudou um pouco. Respirei lentamente, mantendo a cabeça parada. Senti que ele se sentava ao meu lado. Os minutos se passaram e por fim descobri que podia levantar a cabeça. Havia um zumbido oco em meus ouvidos.

— Parece que não foi uma grande ideia — refletiu ele.

Tentei ser confiante, mas minha voz era fraca.

— Não, foi muito interessante.

— Rá! Você está branca feito um fantasma... Não, está branca feito eu!

— Acho que devia ter fechado os olhos.

— Lembre-se disso da próxima vez.

— Próxima vez! — gemi.

Ele riu, o humor ainda radiante.

— Exibido — eu murmurei.

— Abra os olhos, Bella — disse ele em voz baixa.

E ele estava bem ali, a cara tão perto da minha. Sua beleza atordoou minha mente — era demais, um excesso a que eu não conseguia me acostumar.

— Fiquei pensando, enquanto estava correndo... — ele parou.

— Em não bater nas árvores, espero.

— Bella, a bobinha — ele riu. — Correr é uma segunda natureza para mim, não é uma coisa na qual tenha que pensar.

— Exibido — murmurei de novo.

Ele sorriu.

— Não — continuou ele —, estava pensando que há uma coisa que quero experimentar. — E ele pegou meu rosto nas mãos de novo.

Eu não conseguia respirar.

Ele hesitou — não do jeito normal, do jeito humano.

Não como um homem pode hesitar antes de beijar uma mulher, para avaliar sua reação, para ver como seria recebido. Talvez ele hesitasse para prolongar o momento, esse momento ideal da expectativa, às vezes melhor do que o próprio beijo.

Edward hesitou para se testar, para ver se era seguro, para se certificar de que ainda tinha controle de suas necessidades.

E depois seus lábios frios e marmóreos encostaram com muita delicadeza nos meus.

Nenhum de nós estava preparado para minha reação.

O sangue ferveu sob minha pele, ardendo em meus lábios. Minha respiração assumiu um ofegar louco. Meus dedos se trançaram em seu cabelo, puxando-o para mim. Meus lábios se separaram enquanto eu respirava seu cheiro inebriante.

Imediatamente senti que ele se transformava numa pedra inanimada sob meus lábios. Suas mãos empurraram meu rosto para trás delicadamente, mas com uma força irresistível. Abri os olhos e vi a expressão de cautela.

— Epa — sussurrei.

— Está atenuando as coisas.

Seus olhos eram arredios, o queixo trincado num freio firme, e no entanto ele não perdia a articulação perfeita. Ele segurou meu rosto a centímetros do dele. Ele deslumbrou meus olhos.

— Será que devo...? — Tentei me desestimular, para dar algum espaço para ele.

Suas mãos se recusaram a deixar que eu me mexesse um centímetro que fosse.

— Não, é tolerável. Espere um momento, por favor. — A voz era educada e controlada.

Mantive os olhos nele, enquanto assistia à excitação neles, que diminuía e se suavizava.

Depois ele deu um sorriso surpreendentemente travesso e diabólico.

— Pronto — disse, obviamente satisfeito consigo mesmo.

— Tolerável? — perguntei.

Ele riu alto.

— Sou mais forte do que eu pensava. É bom saber disso.

— Queria poder dizer o mesmo. Desculpe.

— Você é apenas humana, afinal de contas.

— Muito obrigada — eu disse, a voz áspera.

Ele estava de pé em um de seus movimentos leves e quase invisíveis de tão rápidos. Ele estendeu a mão para mim, um gesto inesperado. Eu estava tão acostumada com nosso cuidadoso padrão de falta de contato. Peguei a mão gelada, precisando de apoio mais do que eu pensava. Meu equilíbrio ainda não voltara.

— Ainda está fraca por causa da corrida? Ou foi minha perícia no beijo? — Como estava despreocupado, como parecia humano enquanto ria agora, sua face de serafim imperturbável. Ele era um Edward diferente daquele que conheci. E fiquei ainda mais inebriada por ele. Podia me doer fisicamente ser separada dele agora.

— Não tenho certeza, ainda estou tonta — consegui responder.

— Talvez deva me deixar dirigir.

— Ficou maluco? — protestei.

— Posso dirigir melhor do que você em seu melhor dia — zombou ele. — Você tem reflexos muito mais lentos.

— Não sei bem se isso é verdade, mas não acho que meus nervos, ou minha picape, possam aguentar.

— Um pouco de confiança, por favor, Bella.

Minha mão estava no bolso, enroscada com força na chave. Franzi os lábios, pensei, depois sacudi a cabeça com um sorriso duro.

— Nada disso. Nem pensar.

Ele ergueu as sobrancelhas, sem acreditar.

Comecei a andar em torno dele, indo para o lado do motorista. Ele podia ter me deixado passar se eu não tivesse cambaleado um pouco. Mas também podia ter

feito o contrário. Seu braço criou uma armadilha inescapável em minha cintura.

— Bella, já gastei muito esforço pessoal a essa altura para manter você viva. Não vou deixar você se sentar ao volante de um carro quando nem consegue andar direito. E, além disso, as pessoas não deixam que os amigos dirijam bêbados — citou ele com uma risadinha. Eu podia sentir a fragrância insuportavelmente doce vinda de seu peito.

— Bêbada? — objetei.

— Está embriagada com minha presença. — Ele dava aquele sorriso brincalhão de novo.

— Não posso contestar isso — suspirei. Não havia como escapar; não podia resistir a ele em nada. Ergui a chave e a larguei, vendo sua mão voar como um raio para pegá-la sem fazer nenhum som. — Vá com calma... Meu carro é um cidadão idoso.

— Muito sensível — aprovou ele.

— E você não está nada afetado? — perguntei, aborrecida. — Com minha presença?

Novamente suas feições mutáveis se transformaram, a expressão tornando-se suave e quente. Ele não respondeu a princípio; simplesmente aproximou o rosto do meu e roçou os lábios lentamente, de minha orelha ao queixo, descendo e subindo. Eu tremi.

— Apesar disso — murmurou ele enfim —, tenho reflexos melhores.

14. A MENTE DOMINA A MATÉRIA

EU TINHA QUE ADMITIR que ele podia dirigir bem, quando mantinha a velocidade razoável. Como em muitas coisas, parecia não exigir esforço nenhum. Ele mal olhava a estrada, e no entanto os pneus nunca se desviavam mais de um centímetro do meio da pista. Ele dirigia com uma só mão, segurando minha mão no banco. Às vezes olhava o sol poente, às vezes olhava para mim — para meu rosto, meu cabelo voando pela janela aberta, nossas mãos entrelaçadas.

Ele ligara o rádio em uma emissora de música antiga e cantava uma música que eu nunca ouvi. Conhecia toda a letra.

— Gosta de música dos anos 50? — perguntei.

— A música dos anos 50 era boa. Muito melhor do que a dos anos 60, ou dos 70, eca! — Ele estremeceu. — A dos anos 80 era suportável.

— Vai me dizer um dia qual é a sua idade? — perguntei, insegura, sem querer perturbar seu ânimo.

— Isso importa muito? — Seu sorriso, para meu alívio, continuava sereno.

— Não, mas ainda assim fico imaginando... — Fiz uma careta. — Não há nada como um mistério não resolvido para manter a gente acordada à noite.

— Eu me pergunto se vai perturbar você — ele refletiu para si mesmo. Olhou para o sol; os minutos se passaram.

— Experimente — eu disse por fim.

Ele suspirou e depois olhou nos meus olhos, parecendo se esquecer completamente da estrada por um tempo. O que quer que tenha visto ali deve tê-lo estimulado. Ele olhou o sol — a luz do círculo poente cintilava em sua pele em faíscas num tom de rubi — e falou.

— Nasci em Chicago em 1901. — Ele parou e olhou para mim pelo canto do olho. Tive o cuidado de não demonstrar surpresa, esperando pacientemente pelo resto. Ele deu um sorrisinho e continuou. — Carlisle me encontrou em um hospital no verão de 1918. Eu tinha 17 anos e estava morrendo de gripe espanhola.

Ele me ouviu respirar, embora mal fosse audível a meus próprios ouvidos. Edward me olhou dentro dos olhos de novo.

— Não lembro muito bem... Foi há muito tempo e a memória humana diminui. — Ficou perdido em pensamentos por um curto tempo antes de prosseguir. — Lembro como foi, quando Carlisle me salvou. Não é fácil, não é uma coisa de que se possa esquecer.

— E seus pais?

— Eles já haviam morrido da doença. Eu estava sozinho. Foi por isso que ele me escolheu. Em todo o caos da epidemia, ninguém sequer percebeu que eu tinha desaparecido.

— Como foi que ele... salvou você?

Alguns segundos se passaram antes que respondesse. Ele parecia escolher as palavras com cuidado.

— Foi difícil. Não há muitos de nós com a necessidade de fazer isso. Mas Carlisle sempre foi o mais humano, o mais compassivo de nós... Não acredito que se possa encontrar alguém igual a ele em toda a história. — Ele parou. — Para mim, foi simplesmente muito, muito doloroso.

Vi, pela disposição de seus lábios, que ele não falaria mais no assunto. Reprimi minha curiosidade, embora ela estivesse longe de ser saciada. Havia muitas coisas que eu precisava pensar sobre esta questão em particular, coisas que só agora começavam a me ocorrer. Sem dúvida sua mente rápida já compreendia cada aspecto que me escapava.

Sua voz suave interrompeu meus pensamentos.

— Ele agiu por solidão. Este em geral é o motivo por trás da decisão. Fui o primeiro da família de Carlisle, embora ele tenha encontrado Esme logo depois. Ela havia caído de um penhasco. Levaram-na diretamente para o necrotério do hospital mas, de alguma forma, seu coração ainda batia.

— Então você precisa estar morrendo para se tornar... — Nós nunca dizíamos a palavra e eu não conseguia pronunciá-la agora.

— Não, Carlisle é assim. Ele nunca faria isso com alguém que tivesse alternativas. — O respeito em sua voz era profundo sempre que falava da figura paterna. — Diz ele que é mais fácil, porém — continuou —, se o sangue estiver fraco. — Edward olhou a estrada agora escura e pude sentir que o assunto se encerrava de novo.

— E Emmett e Rosalie?

— Carlisle trouxe Rosalie à nossa família em seguida. Só bem mais tarde percebi que ele esperava que ela fosse para mim o que Esme é para ele... Ele era cauteloso com seus pensamentos perto de mim. — Edward revirou os olhos. — Mas ela nunca foi mais do que uma irmã. Apenas dois anos depois ela encontrou Emmett. Ela estava caçando... Estávamos nos Apalaches naquela época... E encontramos um urso prestes a acabar com a vida dele. Ela o levou para Carlisle, mais de 150 quilômetros de distância, com medo de não conseguir fazer isso sozinha. Mal consigo imaginar como a viagem foi difícil para ela.

Ele me lançou um olhar penetrante e ergueu as mãos, ainda entrelaçadas, para afagar meu rosto.

— Mas ela conseguiu — eu o estimulei, desviando-me da beleza insuportável de seus olhos.

— Sim — murmurou ele. — Ela viu alguma coisa em seu rosto que lhe deu forças. E eles estão juntos desde então. Às vezes eles moram separados de nós, como um casal. Mas quanto mais novos fingimos ser, mais tempo podemos ficar em um determinado lugar. Forks parecia perfeito, então todos nos matriculamos no colégio. — Ele riu. — Imagino que tenhamos que ir ao casamento deles daqui a alguns anos, de novo.

— Alice e Jasper?

— Alice e Jasper são duas criaturas muito raras. Os dois desenvolveram uma consciência, como dizemos, sem nenhuma orientação externa. Jasper pertencia a outra... família, um tipo muito diferente de família. Ele estava deprimido e vagava sozinho. Alice o encontrou. Como eu, ela possui certos dons que estão além da norma de nossa espécie.

— É mesmo? — eu o interrompi, fascinada. — Mas você disse que era o único que podia ouvir os pensamentos das pessoas.

— E é verdade. Ela sabe outras coisas. Ela vê coisas... Coisas que podem acontecer, coisas que estão chegando. Mas é muito subjetivo. O futuro não está gravado em pedra. As circunstâncias mudam.

Seu queixo travou quando ele disse isso, e os olhos dispararam para meu rosto e se desviaram tão rapidamente que não tive certeza se tinha só imaginado.

— Que tipo de coisas ela vê?

— Ela viu Jasper e entendeu que ele procurava por ela antes de saber de sua

existência. Ela viu Carlisle e nossa família, e eles se uniram para nos encontrar. Ela é mais sensível a não humanos. Sempre vê, por exemplo, quando outro grupo de nossa espécie está se aproximando. E qualquer ameaça que eles possam representar.

— E existem muitos de... sua espécie? — Fiquei surpresa. Quantos deles podiam estar andando entre nós sem ser detectados?

— Não, não são muitos. Mas a maioria não se acomoda em um lugar. Só os que são como nós, que desistiram de caçar pessoas — um sorriso tímido em minha direção —, podem viver juntos com os humanos por um determinado tempo. Só descobrimos uma família como a nossa em uma pequena aldeia do Alasca. Moramos juntos por um tempo, mas éramos tantos que ficamos visíveis demais. Aqueles de nós que vivem... de forma diferente tendem a ficar juntos.

— E os outros?

— Nômades, em sua maioria. Às vezes todos nós vivemos desse jeito. Fica tedioso, como qualquer outra coisa. Mas nos deparamos uns com os outros de vez em quando, porque a maioria de nós prefere o norte.

— Por que isso?

Agora estávamos estacionados na frente da minha casa e ele desligou o motor. Estava muito silencioso e escuro; não havia luar. A luz da varanda estava apagada, então eu sabia que meu pai ainda não chegara.

— Não abriu os olhos esta tarde? — zombou ele. — Acha que posso andar pela rua à luz do sol sem provocar acidentes de trânsito? Há um motivo para que tenhamos escolhido a península de Olympic, um dos lugares mais desprovidos de sol do mundo. É bom ser capaz de sair à luz do dia. Você não acreditaria em como pode ser cansativo viver à noite por oitenta anos.

— Então é daí que vêm as lendas?

— Provavelmente.

— E Alice veio de outra família, como Jasper?

— Não, e isso é mesmo um mistério. Alice não se lembra de nada de sua vida humana. E ela não sabe quem a criou. Ela despertou sozinha. Quem a criou desapareceu, e nenhum de nós entende por que, ou como, ele pôde fazer isso. Se ela não tivesse aquele outro sentido, se não tivesse visto Jasper e Carlisle e soubesse que um dia se tornaria uma de nós, provavelmente teria se transformado numa completa selvagem.

Havia tanta coisa em que pensar, tanto que eu ainda queria perguntar. Mas, para meu grande constrangimento, meu estômago roncou. Eu nem havia notado que estava com fome. Percebi então que estava absolutamente faminta.

— Desculpe, estou impedindo você de jantar.

— Eu estou bem, verdade.

— Nunca passei tanto tempo com alguém que se alimenta de comida. Eu me esqueci.

— Quero ficar com você. — Era mais fácil dizer isso no escuro, sabendo, ao falar, que minha voz me trairia, trairia meu vício irremediável nele.

— Não posso entrar? — perguntou ele.

— Gostaria de entrar? — Não imaginei isso, esta criatura divina sentada na cadeira esfrangalhada da cozinha do meu pai.

— Sim, se não houver problema. — Ouvi a porta se fechar baixinho e quase ao mesmo tempo ele estava do meu lado da porta, abrindo-a para mim.

— Muito humano — eu o elogiei.

— Definitivamente está vindo à tona.

Ele andou a meu lado na noite, tão silencioso que eu precisava olhar constantemente para ter certeza de que ainda estava ali. Na escuridão, ele parecia muito mais normal. Ainda pálido, ainda onírico em sua beleza, mas não era mais a criatura cintilante e fantástica de nossa tarde ao sol.

Ele chegou à porta antes de mim e a abriu. Eu parei a meio caminho na soleira.

— A porta estava destrancada?

— Não, usei a chave que estava embaixo do beiral.

Entrei, acendi a luz da varanda e me virei para olhá-lo com as sobrancelhas erguidas. Tinha certeza de nunca ter usado a chave na frente dele.

— Estava curioso sobre você.

— Você me espionou? — Mas de certo modo não consegui infundir o ultraje adequado à minha voz. Eu estava lisonjeada.

Ele não parecia arrependido.

— O que mais se pode fazer à noite?

Deixei passar por um momento e fomos para a cozinha. Ele estava ali na minha frente, precisando me guiar. Sentou-se na mesma cadeira em que tentei imaginá-lo. Sua beleza iluminou a cozinha. Foi um minuto antes de eu conseguir

desviar o rosto.

Concentrei-me em preparar meu jantar, tirando da geladeira o que restava da lasanha, colocando um quadrado em um prato, aquecendo-a no micro-ondas. Ela girou, enchendo a cozinha com o cheiro de tomate e orégano. Eu não tirava os olhos do prato de comida enquanto falava.

— Com que frequência? — perguntei casualmente.

— Hmmm? — Ele deu a impressão de que tinha sido arrancado de uma sequência de pensamentos.

Eu ainda não tinha me virado.

— Com que frequência você veio aqui?

— Venho aqui quase toda noite.

Eu girei, atordoada.

— Por quê?

— Você é interessante quando dorme. — Ele falou categoricamente. — Você fala.

— Não! — arfei, o calor inundando meu rosto até a raiz dos cabelos. Segurei-me na bancada da cozinha para me apoiar. É claro que eu sabia que falava dormindo; minha mãe brincava comigo sobre isso. Mas não pensei que fosse uma coisa com que precisasse me preocupar aqui.

Sua expressão mudou de imediato para o pesar.

— Está com raiva de mim?

— Isso depende! — Eu senti, e parecia, que minha respiração fora arrancada de mim.

Ele esperou.

— De? — insistiu ele.

— Do que você ouviu! — eu gemi.

No mesmo instante, silenciosamente, ele estava do meu lado, pegando minhas mãos com cuidado.

— Não fique chateada! — pediu ele. Ele baixou o rosto ao nível de meus olhos, acompanhando meu olhar. Fiquei sem graça. Tentei desviar os olhos.

— Você sente falta da sua mãe — sussurrou ele. — Lamenta por ela. E quando chove, o som a deixa inquieta. Você costumava falar muito de sua cidade, mas agora é menos frequente. Uma vez você disse: "É verde demais." — Ele riu baixinho, esperando, como pude ver, não me ofender ainda mais.

— Mais alguma coisa? — perguntei.

Ele sabia que eu estava chegando lá.

— Você disse meu nome — admitiu ele.

Suspirei, derrotada.

— Muito?

— O quanto chama de "muito", exatamente?

— Ah, não! — baixei a cabeça.

Ele me puxou de novo para seu peito, delicada e naturalmente.

— Não fique constrangida — sussurrou em meu ouvido. — Se eu pudesse sonhar, seria com você. Não me envergonharia disso.

Depois nós dois ouvimos o som de pneus na entrada de carros, vimos os faróis lampejarem nas janelas da frente, descendo pelo corredor até nós. Enrijeci em seus braços.

— Seu pai pode saber que eu estou aqui? — perguntou ele.

— Não sei bem... — tentei pensar em alguma coisa rapidamente.

— Em outra ocasião, então...

E eu estava só.

— Edward? — sibilei.

Ouvi uma risada espectral, depois mais nada.

A chave de meu pai girou na porta.

— Bella? — chamou ele. Isso me incomodava antes; quem mais poderia ser? De repente não parecia tão despropositado.

— Aqui. — Esperei que ele não pudesse ouvir o tom histérico em minha voz. Peguei o jantar no micro-ondas e sentei-me à mesa enquanto ele entrava. Seus passos pareciam tão ruidosos depois de meu dia com Edward.

— Posso comer um pouco disso? Estou morto de fome. — Segurando o encosto da cadeira de Edward para se apoiar ele se equilibrou em uma das botas para tirá-las.

Levei a comida comigo, esquartejando-a enquanto via o jantar dele. Queimou minha língua. Enchi dois copos de leite enquanto a lasanha dele aquecia e engoli o meu para aplacar a ardência. Enquanto baixava o copo, percebi que o leite se sacudia e que minha mão tremia. Charlie estava sentado na cadeira, e o contraste entre ele e seu antigo ocupante era cômico.

— Obrigado — disse ele enquanto eu colocava a comida na mesa.

— Como foi seu dia? — perguntei. As palavras saíram apressadas; eu estava morrendo de vontade de fugir para meu quarto.

— Foi bom. Os peixes estavam mordendo... E você? Conseguiu fazer tudo o que queria?

— Na verdade, não... Estava bom demais para ficar em casa. — Dei outra dentada grande.

— Foi um lindo dia — concordou ele. Lindo é pouco, pensei comigo mesma.

Terminado o último pedaço de lasanha, levantei o copo e entornei o resto do leite.

Charlie me surpreendeu tornando-se observador.

— Com pressa?

— É, estou cansada. Vou dormir cedo.

— Você parece meio animada — observou ele. Por que, ah, por que ele tem que prestar atenção justo esta noite?

— Pareço? — foi só o que consegui responder. Rapidamente lavei minha louça na pia e coloquei-a de cabeça para baixo em um pano de prato para secar.

— É sábado — refletiu ele.

Não respondi.

— Não tem planos para esta noite? — perguntou ele de repente.

— Não, pai, só quero dormir um pouco.

— Nenhum dos meninos da cidade faz seu tipo, hein? — Ele estava desconfiado, mas tentava pegar leve comigo.

— Não, nenhum dos meninos atraiu minha atenção ainda. — Tive o cuidado de não enfatizar demais a palavra meninos em minha tentativa de ser sincera com Charlie.

— Pensei que talvez aquele Mike Newton... Você disse que ele era simpático.

— Ele é só um amigo, pai.

— Bom, de qualquer forma, você é boa demais para todos eles. Espere até entrar na faculdade para começar a procurar. — O sonho de todo pai, que sua filha saia de casa antes que os hormônios ataquem.

— Parece uma boa ideia para mim — concordei enquanto ia para a escada.

— Boa noite, querida — disse ele atrás de mim. Sem dúvida ele estaria ouvindo com cuidado toda noite, esperando que eu tentasse escapulir.

— Te vejo de manhã, pai. — Vejo você entrando de fininho no meu quarto à

meia-noite para dar uma olhada em mim.

Tentei fazer com que meus passos parecessem lentos e cansados ao subir para o quarto. Fechei a porta alto o bastante para que ele ouvisse, depois fui na ponta dos pés até a janela. Eu a abri e me inclinei para a noite. Meus olhos varreram o escuro, as sombras impenetráveis das árvores.

— Edward? — sussurrei, sentindo-me uma completa idiota.

A resposta baixa e risonha veio de trás de mim.

— Sim?

Eu girei, a mão voando para o pescoço de pura surpresa.

Ele estava deitado em minha cama, com um sorriso enorme, as mãos na nuca, os pés se balançando na ponta, a imagem do conforto.

— Oh! — sussurrei, afundando sem equilíbrio no chão.

— Desculpe. — Ele apertou os lábios, tentando esconder como se divertia.

— Me dê um minuto para meu coração voltar a bater.

Ele se sentou devagar, para não me assustar de novo. Depois se inclinou para a frente e estendeu os braços longos para me pegar, agarrando-me pelos braços como se eu fosse um bebê. Sentou-me na cama ao lado dele.

— Por que não se senta aqui comigo — sugeriu ele, colocando a mão fria na minha. — Como está o coração?

— Me diga você... Sei que você o ouve melhor do que eu.

Senti seu riso baixo estremecer a cama.

Ficamos sentados ali por um momento em silêncio, os dois tentando ouvir meu batimento lento. Pensei em Edward no meu quarto, com meu pai em casa.

— Posso ter um minuto como ser humano? — perguntei.

— Certamente. — Ele gesticulou com uma das mãos para que eu prosseguisse.

— Parado — eu disse, tentando parecer severa.

— Sim, senhora. — E ele fez um espetáculo virando estátua na beira da minha cama.

Eu me levantei num salto, pegando o pijama atrás da porta e a nécessaire na mesa. Deixei a luz apagada e saí, fechando a porta.

Pude ouvir o som da TV subindo pela escada. Bati a porta do banheiro ruidosamente, assim Charlie não viria me incomodar.

Eu quis me apressar. Escovei os dentes com força, tentando ser completa e

rápida, retirando todos os vestígios de lasanha. Mas não pude me apressar na água quente do banho. Ela desemaranhou os músculos de minhas costas, acalmou minha pulsação. O cheiro familiar de meu xampu fez com que eu me sentisse a mesma pessoa que era esta manhã. Tentei não pensar em Edward, sentado em meu quarto, esperando, porque teria que recomeçar todo o processo de tranquilização. Por fim, não consegui adiar mais. Fechei a água, enxuguei-me rapidamente, correndo de novo. Vesti a camiseta furada e o moletom cinza. Tarde demais para me arrepender de não ter trazido o pijama de seda Victoria Secrets que minha mãe me deu dois aniversários atrás, que ainda tinha as etiquetas em uma gaveta em algum lugar lá na minha casa.

Passei a toalha no cabelo de novo e depois o escovei rapidamente. Atirei a toalha no cesto, enfiei a escova e o creme dental na bolsa. Depois disparei escada abaixo para que Charlie pudesse ver que eu estava de pijama, com o cabelo molhado.

— Boa noite, pai.

— Boa noite, Bella. — Ele pareceu se assustar com minha presença. Talvez isso o impedisse de vir me ver esta noite.

Subi a escada de dois em dois degraus, tentando fazer silêncio, e voei para meu quarto, fechando a porta ao entrar.

Edward não havia se mexido nem um milímetro, um adônis entalhado empoleirado em minha colcha desbotada. Eu sorri e seus lábios se retorceram, a estátua que ganhava vida.

Seus olhos me avaliaram, passando pelo cabelo molhado, a camiseta puída. Ele ergueu uma sobrancelha.

— Bonita.

Fiz uma careta.

— Não, fica bem em você.

— Obrigada — sussurrei. Voltei para o lado dele, sentando de pernas cruzadas. Olhei as linhas no piso de madeira.

— Para que tudo isso?

— Charlie pensa que estou escapulindo de casa.

— Ah. — Ele pensou no assunto. — E por quê? — Como se ele não pudesse ver a mente de Charlie com muito mais clareza do que eu podia imaginar.

— Ao que parece, eu pareço meio animada demais.

Ele ergueu meu queixo, examinando meu rosto.

— Na verdade, você parece quente.

Ele aproximou o rosto lentamente para mim, pousando a bochecha fria em minha pele. Fiquei completamente imóvel.

— Hmmm — murmurou ele.

Era muito difícil, enquanto ele me tocava, elaborar uma pergunta coerente. Precisei de um minuto de concentração para começar.

— Parece ser... muito mais fácil para você, agora, ficar perto de mim.

— É assim que parece para você? — murmurou ele, o nariz deslizando pelo canto de meu queixo. Senti sua mão, mais leve do que uma asa de mariposa, afastando meu cabelo molhado na nuca, de modo que seus lábios pudessem tocar o espaço abaixo de minha orelha.

— Muito, muito mais fácil — eu disse, tentando respirar.

— Hmmm.

— Então eu estava me perguntando... — comecei de novo, mas seus dedos delineavam lentamente minha clavícula e eu perdi o fio da meada.

— Sim? — sussurrou ele.

— Por que — minha voz tremeu, constrangendo-me — você pensa assim?

Senti o tremor de sua respiração em meu pescoço enquanto ele ria.

— A mente domina a matéria.

Eu recuei; enquanto me mexia, ele congelou — e não pude mais ouvir o som de sua respiração.

Nós nos olhamos cuidadosamente por um minuto e depois, enquanto seu queixo trincado aos poucos relaxava, sua expressão tornou-se confusa.

— Fiz alguma coisa errada?

— Não... Ao contrário. Está me deixando louca — expliquei.

Ele pensou no assunto por um tempo e, quando falou, parecia satisfeito.

— É mesmo? — Um sorriso de triunfo iluminou lentamente seu rosto.

— Gostaria de uma rodada de aplausos? — perguntei sarcasticamente.

Ele deu um sorriso malicioso.

— É uma surpresa agradável — esclareceu ele. — Nos últimos cem anos, mais ou menos — sua voz era debochada —, nunca imaginei uma coisa dessas. Não acreditava que um dia iria encontrar alguém com quem quisesse ficar... de outra maneira, não como meus irmãos e irmãs. E então descobrir, embora tudo

seja novo para mim, que sou bom nisso... Em ficar com você...

— Você é bom em tudo — assinalei.

Ele deu de ombros, admitindo isso, e nós dois rimos aos sussurros.

— Mas como pode ser tão fácil agora? — pressionei. — Esta tarde...

— Não é fácil — ele suspirou. — Mas hoje à tarde, eu ainda estava... indeciso. Lamento muito por isso, foi imperdoável de minha parte me comportar daquele jeito.

— Não foi imperdoável — discordei.

— Obrigado. — Ele sorriu. — Veja você — continuou ele, agora olhando para baixo. — Não tinha certeza se eu era bastante forte... — Ele pegou minha mão e a apertou de leve em seu rosto. — E enquanto ainda havia essa possibilidade de que eu fosse... dominado — ele respirou o aroma em meu pulso —, eu era... suscetível. Até que me decidi que tinha força suficiente, que não havia nenhuma possibilidade de que eu fosse... De que eu um dia pudesse...

Nunca o vi lutar tanto com as palavras. Era tão... humano.

— E não existe essa possibilidade agora?

— A mente domina a matéria — repetiu ele, sorrindo, os dentes brilhando mesmo no escuro.

— Caramba, essa foi fácil — eu disse.

Ele atirou a cabeça para trás e riu, baixo como um sussurro, mas ainda exuberante.

— Fácil para você! — corrigiu ele, tocando meu nariz com a ponta do dedo.

E seu rosto de repente ficou sério.

— Estou tentando — sussurrou ele, a voz cheia de dor. — Se for... demasiado, tenho certeza absoluta de que poderei partir.

Fechei a cara. Não gostei dessa conversa de partir.

— E será mais difícil amanhã — continuou ele. — Fiquei com seu cheiro em minha cabeça o dia todo e vou ficar incrivelmente dessensibilizado. Se ficar longe de você por qualquer período de tempo, terei que começar de novo. Mas não do zero, imagino.

— Então não vá embora — respondi, incapaz de esconder o desejo em minha voz.

— Isso é bom para mim — respondeu ele, o rosto relaxando num sorriso suave. — Coloque os grilhões... Sou seu prisioneiro. — Mas suas longas mãos

formaram algemas em meus pulsos enquanto ele falava. Edward soltou sua risada musical e baixa. Ele riu mais esta noite do que em todo o tempo que passei com ele.

— Você parece mais... otimista do que de costume — observei. — Não o vi assim antes.

— Não é para ser assim? — Ele sorriu. — A glória do primeiro amor, essas coisas. É inacreditável, não é, a diferença entre ler sobre uma coisa, vê-la em fotos e experimentá-la?

— Muito diferente — concordei. — Mais poderoso do que imaginei.

— Por exemplo — suas palavras agora fluíam rapidamente, precisei me concentrar para apreendê-las —, a emoção do ciúme. Li sobre isso umas cem vezes, vi atores que o retrataram em mil peças e filmes diferentes. Eu acreditava que o entendia com muita clareza. Mas foi um choque para mim... — Ele fez uma careta. — Lembra o dia em que Mike a convidou para o baile?

Assenti, embora me lembrasse do dia por um motivo diferente.

— Quando você começou a falar comigo de novo.

— Fiquei surpreso com o surto de ressentimento, quase de fúria, que senti... Inicialmente não reconheci o que era. Fiquei ainda mais exasperado do que de costume por não saber o que você estava pensando, por que o rejeitou. Seria simplesmente pelo bem de sua amizade? Haveria outra pessoa? Eu sabia que não tinha o direito de me importar nem com uma coisa, nem com outra. Tentei não me importar. E depois a fila começou a se formar — ele riu.

Franzi a testa no escuro.

— Eu esperei, irracionalmente ansioso para ouvir o que você diria a eles, para ver sua expressão. Não pude negar o alívio que senti, vendo a irritação em seu rosto. Mas não podia ter certeza. Foi a primeira noite em que vim aqui. Eu lutei todas as noites, enquanto via você dormir, com o abismo entre o que eu sabia que era certo, moral, ético, e o que eu queria. Sabia que se continuasse a ignorá-la, como devia fazer, ou se me afastasse por alguns anos, até que você fosse embora, um dia você diria sim a Mike, ou a outro igual a ele. Isso me deu raiva.

Ele sussurrou:

— E então, enquanto você estava dormindo, disse meu nome. Falou com tanta clareza que no começo pensei que estivesse acordada. Mas você se virou inquieta e murmurou meu nome mais uma vez, e suspirou. A sensação que me

tomou depois foi enervante, foi perturbadora. E eu sabia que não podia mais ignorar você.

Ele ficou em silêncio por um minuto, provavelmente ouvindo o martelar irregular e súbito de meu coração.

— Mas o ciúme... é uma coisa estranha. É muito mais poderoso do que eu teria pensado. E é irracional! Agora há pouco, quando Charlie lhe perguntou sobre aquele ser desprezível do Mike Newton... — Ele sacudiu a cabeça, com raiva.

— Eu devia saber que você estava ouvindo — resmunguei.

— É claro.

— Isso o deixou com ciúme, não é?

— Sou novo nisso; você está revivendo o que há de humano em mim e tudo parece mais forte porque é novo.

— Mas sinceramente — zombei —, isso incomodar você, depois de eu ouvir que Rosalie... Rosalie, a encarnação da pura beleza, Rosalie... era para ser sua. Com ou sem Emmett, como posso competir com isso?

— Não existe competição. — Seus dentes reluziram. Ele colocou minhas mãos em suas costas, segurando-me no peito. Fiquei o mais imóvel que pude, ainda respirando com cuidado.

— Eu sei que não existe competição — murmurei em sua pele fria. — É esse o problema.

— É claro que Rosalie é mesmo linda à maneira dela, mas mesmo que não fosse minha irmã, mesmo que Emmett não lhe pertencesse, ela não exerceria nem um décimo, não, nem um centésimo da atração que você exerce sobre mim. — Ele agora estava sério e pensativo. — Por quase noventa anos andei entre os meus, e entre os seus... O tempo todo pensando que eu era completo comigo mesmo, sem perceber o que procurava. E sem encontrar nada, porque você ainda não estava viva.

— Não é justo — sussurrei, meu rosto ainda pousado em seu peito, ouvindo sua respiração ir e vir. — Não tive que esperar tanto. Por que me saí com tanta facilidade?

— Tem razão — concordou ele, divertindo-se. — Eu devia mesmo dificultar as coisas para você. — Ele libertou uma das mãos, liberou meu pulso, só para colocá-lo com cuidado na outra mão. Afagou meu cabelo molhado delicadamente,

do alto de minha cabeça à minha cintura. — Você só tem que arriscar sua vida a cada segundo que passa comigo e certamente não é muito. Só precisa dar as costas para sua natureza, sua humanidade... Que valor tem isso?

— Muito pouco... Não me sinto privada de nada.

— Ainda não. — E a voz dele de repente se encheu de uma tristeza antiga.

Tentei recuar, olhar seu rosto, mas sua mão se fechou em meus pulsos em um aperto insuportável.

— O que... — comecei a perguntar, quando seu corpo ficou alerta. Fiquei imóvel, mas de repente ele soltou minhas mãos e desapareceu. Por muito pouco não caí de cara.

— Deite-se — sibilou ele. Eu não sabia de onde ele falava no escuro.

Rolei para baixo de minha colcha, enroscando-me de lado, como costumava dormir. Ouvi a porta se abrir um pouco, enquanto Charlie espiava para se certificar de que eu estava onde devia. Respirei tranquilamente, exagerando o movimento.

Passou-se um longo minuto. Fiquei escutando, sem ter certeza se tinha ouvido a porta se fechar. Depois o braço frio de Edward estava em volta de mim, sob as cobertas, os lábios em minha orelha.

— Você é péssima atriz... Eu diria que esta carreira está vetada para você.

— Dane-se — murmurei. Meu coração esmagava meu peito.

Ele cantarolou uma melodia que não reconheci; parecia uma cantiga de ninar.

Ele parou.

— Quer que eu cante para você dormir?

— Ah, sei — eu ri. — Como se eu pudesse dormir com você aqui!

— Você faz isso o tempo todo — lembrou-me ele.

— Mas sem saber que você estava aqui — respondi friamente.

— Então, se não quer dormir... — sugeriu ele, ignorando meu tom de voz. Parei de respirar.

— Se não quero dormir...?

Ele riu.

— O que quer fazer, então?

Não consegui responder a princípio.

— Não tenho certeza — respondi por fim.

— Conte-me quando decidir.

Eu podia sentir seu hálito frio em meu pescoço, sentir seu nariz deslizando por meu queixo, inspirando.

— Achei que estivesse dessensibilizado.

— Só porque estou resistindo ao vinho, não quer dizer que não possa apreciar o buquê — sussurrou ele. — Você tem um aroma floral, de lavanda... ou frésia — observou ele. — É de dar água na boca.

— É, o dia fica perdido quando não há alguém me dizendo que meu cheiro é apetitoso.

Ele riu e depois suspirou.

— Decidi o que quero fazer — eu disse a ele. — Quero saber mais de você.

— Pergunte o que quiser.

Procurei pela mais vital entre minhas perguntas.

— Por que você faz isso? — eu disse. — Ainda não entendo como pode se esforçar tanto para resistir ao que você... é. Por favor, não me entenda mal, é claro que fico feliz que resista. Só não vejo por que você se incomoda com isso.

Ele hesitou antes de responder.

— É uma boa pergunta e você não é a primeira a fazê-la. Os outros, ou seja, a maioria de nossa espécie que se satisfaz com nosso quinhão, eles também se perguntam por que vivemos. Mas veja bem, só porque recebemos... uma certa mão de cartas... não quer dizer que não possamos levantar as apostas... Conquistar as fronteiras de um destino que nenhum de nós quis. Tentar reter o que quer que seja de humanidade essencial que pudermos.

Fiquei deitada sem me mexer, presa em um silêncio pasmo.

— Dormiu? — sussurrou ele depois de alguns minutos.

— Não.

— Está curiosa só sobre isso?

Revirei os olhos.

— Não é só isso.

— O que mais quer saber?

— Por que pode ler mentes... Por que só você? E Alice, vendo o futuro... Por que é assim?

Senti que ele dava de ombros no escuro.

— Não sabemos realmente. Carlisle tem uma teoria... Ele acredita que todos trazemos para esta vida algumas de nossas características humanas mais fortes, e

que elas se intensificam... Como nossa mente e nossos sentidos. Ele acha que eu devo ter sido muito sensível aos pensamentos dos que me cercavam. E que Alice tinha alguma precognição, onde quer que estivesse.

— O que ele trouxe para a nova vida, e os outros?

— Carlisle trouxe sua compaixão. Esme trouxe sua capacidade de amar apaixonadamente. Emmett trouxe sua força, Rosalie, sua... tenacidade. Ou você pode chamar de teimosia — ele riu. — Jasper é muito interessante. Ele foi muito carismático em sua primeira vida, capaz de influenciar quem estivesse por perto a ver as coisas da maneira dele. Agora ele pode manipular as emoções dos que o cercam... Tranquilizar o ambiente de pessoas irritadas, por exemplo, ou excitar uma turba letárgica. É um dom muito sutil.

Pensei nas impossibilidades que ele descreveu, tentando apreendê-las. Ele esperou pacientemente enquanto eu pensava.

— Então, onde tudo começou? Quer dizer, Carlisle mudou você e antes alguém deve tê-lo mudado, e assim por diante...

— Bom, de onde você veio? Da evolução? Da criação? Não podemos ter evoluído da mesma maneira que as outras espécies, predador e presa? Ou, se não acredita que tudo neste mundo simplesmente aconteceu sozinho, o que eu mesmo tenho dificuldade de aceitar, é tão difícil acreditar que a mesma força que criou o delicado peixe-anjo e o tubarão, o bebê foca e a baleia assassina, possa ter criado nossas espécies juntas?

— Vamos esclarecer isso... Eu sou o bebê foca, não é?

— É. — Ele riu e algo tocou meu cabelo — seus lábios?

Eu quis me virar, para ver se eram mesmo os lábios em meu cabelo. Mas precisava ter cuidado; não queria tornar tudo mais difícil do que já era para ele.

— Está pronta para dormir? — perguntou ele, interrompendo o curto silêncio. — Ou tem mais alguma pergunta?

— Só um milhão delas, ou dois.

— Temos amanhã, e depois de amanhã, e o dia seguinte... — lembrou-me ele. Eu sorri, eufórica com a ideia.

— Tem certeza de que não vai desaparecer de manhã? — Eu queria me certificar. — Afinal de contas, você é mítico.

— Não vou deixá-la. — Sua voz tinha o selo da promessa.

— Mais uma, então, esta noite... — E eu corei. A escuridão não ajudava. Eu

tinha certeza de que ele podia sentir o calor repentino sob minha pele.

— O que é?

— Não, deixa pra lá. Mudei de ideia.

— Bella, pode me perguntar qualquer coisa.

Não respondi e ele gemeu.

— Pensei que seria menos frustrante não ouvir seus pensamentos. Mas está ficando cada vez pior.

— Fico feliz que não possa ler meus pensamentos. Já é bem difícil que você me ouça falar dormindo.

— Por favor? — Sua voz era tão convincente, era absolutamente impossível resistir a ela.

Sacudi a cabeça.

— Se não me disser, vou supor que é algo muito pior do que é na realidade — ele ameaçou sombriamente. — Por favor? — De novo, a voz suplicante.

— Bom — comecei, feliz por ele não poder ver meu rosto.

— Sim?

— Disse que Rosalie e Emmett vão se casar logo... Esse... casamento... é igual ao dos humanos?

Ele riu abertamente, entendendo.

— É a isso que quer chegar?

Fiquei inquieta, incapaz de responder.

— Sim, imagino que deve ser igual — disse ele. — Eu lhe disse, a maioria dos desejos humanos está presente, só oculta por trás de nossos desejos poderosos.

— Ah — foi só o que pude dizer.

— Havia algum propósito por trás de sua curiosidade?

— Bom, eu fiquei me perguntando.. sobre você e eu... um dia...

Ele ficou sério imediatamente, percebi pela imobilidade súbita de seu corpo. Fiquei paralisada também, reagindo automaticamente.

— Não acho que... que... fosse possível para nós.

— Porque seria difícil demais para você, se eu ficasse assim tão... perto?

— Certamente isso é um problema. Mas não era no que eu estava pensando. É só que você é tão macia, tão frágil. Tenho que calcular meus atos a cada momento em que estamos juntos para não machucá-la. Posso matá-la com muita facilidade, Bella, simplesmente por acidente. — Sua voz tornou-se um murmúrio delicado.

Ele pousou a palma gelada em meu rosto. — Se eu fosse precipitado demais... Se por um segundo não estiver prestando a devida atenção, posso estender a mão, querendo tocar seu rosto, e esmagar seu crânio por engano. Não sabe como é incrivelmente quebradiça. Eu não posso, jamais, perder qualquer controle quando estou com você.

Ele esperou que eu respondesse, a ansiedade crescendo quando eu não disse nada.

— Está com medo? — perguntou ele.

Esperei um minuto para responder, assim as palavras seriam sinceras.

— Não. Eu estou bem.

Ele pareceu deliberar por um segundo.

— Mas agora estou curioso... — disse ele, a voz leve novamente. — Você já...? — ele se interrompeu sugestivamente.

— É claro que não. — Eu corei. — Eu lhe disse que nunca senti isso por ninguém, nem perto.

— Eu sei. Mas sei o que outras pessoas pensam. Sei que o amor e o desejo nem sempre andam de mãos dadas.

— Para mim, andam. Agora, de qualquer modo, eles existem para mim dessa forma — eu suspirei.

— Isso é bom. Temos pelo menos uma coisa em comum. — Ele pareceu satisfeito.

— Seus instintos humanos... — comecei. Ele esperou. — Bom, você me acha atraente nesse sentido, afinal?

Ele riu e desarrumou de leve meu cabelo quase seco.

— Posso não ser humano, mas sou um homem — garantiu-me ele.

Soltei um bocejo involuntário.

— Respondi a suas perguntas, agora deve dormir.

— Não sei se posso.

— Quer que eu vá embora?

— Não! — eu disse alto demais.

Ele riu, depois começou a cantalorar a mesma cantiga desconhecida. A voz de um arcanjo, suave em meu ouvido.

Mais cansada do que tinha percebido, exausta do longo dia de estresse mental e emocional que nunca sentira antes, vaguei para o sono em seus braços frios.

15. OS CULLEN

A LUZ SUFOCADA DE OUTRO DIA NUBLADO acabou me acordando. Fiquei deitada com o braço nos olhos, grogue e confusa. Algo, um sonho tentando ser lembrado, lutava para irromper em minha consciência. Eu gemi e rolei de lado, esperando que o sono voltasse. E depois o dia anterior inundou minha consciência.

— Ah! — Sentei-me tão rápido que minha cabeça girou.

— Seu cabelo parece um monte de feno... Mas gosto assim. — A voz abafada vinha da cadeira de balanço no canto.

— Edward! Você ficou! — eu disse em júbilo e, sem pensar, disparei pelo quarto e me atirei no colo dele. No momento em que meus pensamentos acompanharam meus atos, eu estaquei, chocada com meu entusiasmo descontrolado. Olhei para ele, com medo de ter atravessado o limite errado.

Mas ele riu.

— É claro — respondeu, sobressaltado, mas parecendo satisfeito com minha reação. Suas mãos afagaram minhas costas.

Pousei a cabeça com cuidado em seu ombro, respirando o cheiro de sua pele.

— Eu tinha certeza de que era um sonho.

— Você não é tão criativa assim — zombou ele.

— Charlie! — lembrei, pulando de imediato novamente e indo para a porta.

— Ele saiu há uma hora... Depois de desconectar os cabos de bateria de seu carro, devo acrescentar. Tenho que admitir que fiquei decepcionado. Será que isso realmente a impediria, se você estivesse decidida a sair?

Eu pensei, ali onde estava, querendo loucamente voltar para ele, mas com medo de estar com mau hálito matinal.

— Em geral você não é tão confusa de manhã — observou ele. E abriu os braços para me receber de volta. Um convite quase irresistível.

— Preciso de outro minuto humano — admiti.

— Vou esperar.

Pulei para o banheiro, minhas emoções irreconhecíveis. Eu não me conhecia,

por dentro ou por fora. O rosto no espelho era praticamente estranho a mim — olhos brilhantes demais, pontos febris de vermelho nas maçãs do rosto. Depois que escovei os dentes, consegui consertar o caos embaraçado que era meu cabelo, joguei água fria na cara e tentei respirar normalmente, sem nenhum sucesso perceptível. Eu praticamente corri de volta ao meu quarto.

Parecia um milagre que ele estivesse ali, os braços ainda esperando por mim. Ele estendeu a mão e meu coração martelou, instável.

— Bem-vinda de volta — murmurou, pegando-me nos braços.

Ele me embalou por um tempo em silêncio, até que percebi que suas roupas haviam mudado, o cabelo penteado.

— Você saiu? — eu o acusei, tocando a gola de sua camisa limpa.

— Não podia sair nas roupas com que eu vim... O que os vizinhos iam pensar?

Fiz um beicinho.

— Você tem um sono muito profundo, não perdi nada. — Seus olhos cintilavam. — O falatório veio antes disso.

Eu gemi.

— O que você ouviu?

Seus olhos dourados ficaram muito suaves.

— Você disse que me amava.

— Você já sabia disso — lembrei a ele, afundando minha cabeça.

— Mesmo assim, foi bom ouvir.

Escondi o rosto em seu ombro.

— Eu te amo — sussurrei.

— Agora você é a minha vida — respondeu ele simplesmente.

Não havia nada mais a dizer naquele momento. Ele me embalou enquanto o quarto ficava mais claro.

— Hora do café da manhã — disse ele por fim, despreocupadamente, para provar, tenho certeza, que se lembrava de todas as minhas fragilidades humanas.

Então segurei meu pescoço com as duas mãos e arregalei os olhos para ele. O choque atravessou seu rosto.

— Brincadeirinha! — eu disse, rindo. — E você disse que eu não sabia atuar!

Ele fez uma careta de aversão.

— Não foi engraçado.

— Foi muito engraçado e você sabe disso. — Mas examinei seus olhos dourados com cuidado, para ter certeza de que eu estava perdoada. Ao que parecia, estava.

— Devo reformular o que disse? — perguntou ele. — Hora do café da manhã para os humanos.

— Ah, tudo bem.

Ele me atirou delicadamente sobre o ombro de pedra, mas com uma velocidade que me deixou sem fôlego. Protestei enquanto ele me carregava facilmente escada abaixo, mas ele me ignorou. Ele me sentou de lado em uma cadeira.

A cozinha estava resplandecente, feliz, parecendo absorver meu estado de espírito.

— O que temos para o café? — perguntei, satisfeita.

— Hã, não sei bem. O que quer comer? — Sua testa marmórea se enrugou.

Eu sorri com malícia, colocando-me de pé.

— Está tudo bem, eu me viro sozinha. Observe-me caçar.

Encontrei uma tigela e uma caixa de cereais. Eu podia sentir seus olhos em mim enquanto eu me servia de leite e pegava uma colher. Coloquei minha comida na mesa e depois parei.

— Posso lhe servir alguma coisa? — perguntei, sem querer ser rude.

Ele revirou os olhos.

— Coma, Bella.

Sentei à mesa, observando-o enquanto dava uma colherada. Ele me fitava, analisando cada movimento. Isso me deixou constrangida. Limpei a boca para falar, para distraí-lo.

— Qual é a programação de hoje? — perguntei.

— Hmmm... — Vi que ele preparava a resposta com muito cuidado. — O que diria de conhecer minha família?

Engoli em seco.

— Está com medo agora? — Ele pareceu esperançoso.

— Estou — admiti; como podia negar isso? Ele podia ver meus olhos.

— Não se preocupe. — Ele sorriu. — Vou proteger você.

— Não estou com medo deles — expliquei. — Tenho medo que eles não... gostem de mim. Eles não se surpreenderiam se você levasse alguém... como eu...

para conhecê-los em casa? Eles sabem que eu sei sobre eles?

— Ah, já sabem de tudo. Eles fizeram umas apostas ontem, sabia? — Edward sorriu, mas sua voz era áspera — Se eu traria você de volta. Mas por que alguém apostaria contra Alice, não consigo imaginar. De qualquer modo, não temos segredos em nossa família. Não é viável, com minha leitura de pensamento, Alice vendo o futuro e tudo isso.

— E Jasper fazendo você se sentir todo alvoroçado para despejar tudo o que sabe, não se esqueça.

— Você prestou atenção. — Ele sorriu com aprovação.

— De vez em quando sei fazer isso. — Eu sorri. — Então Alice me viu chegando?

Sua reação foi estranha.

— Alguma coisa assim — disse ele pouco à vontade, virando-se para que eu não pudesse ver seus olhos.

Eu o fitei, curiosa.

— Isso é bom? — perguntou ele, virando-se para mim abruptamente e olhando meu café da manhã de um jeito debochado. — Francamente, não parece muito apetitoso.

— Bom, não é dos piores... — murmurei, ignorando-o quando ele fez uma careta. Eu ainda estava me perguntando por que ele respondeu daquele jeito quando falei em Alice. Comi os cereais às pressas, especulando.

Ele ficou de pé no meio da cozinha, a estátua de Adônis de novo, olhando distraído pela janela dos fundos.

Depois seus olhos voltaram para mim e ele abriu aquele sorriso de partir o coração.

— E você deve me apresentar a seu pai também, imagino.

— Ele já conhece você — lembrei a ele.

— Como seu namorado, eu quero dizer.

Eu o encarei com desconfiança.

— Por quê?

— Não é esse o costume? — perguntou ele inocentemente.

— Não sei — admiti. Meu histórico de namoros me dava poucos pontos de referência com que trabalhar. Não que as regras normais fossem válidas aqui. — Não é necessário, sabe disso. Não espero que você... Quer dizer, você não precisa

me pedir em casamento.

Seu sorriso era paciente.

— Não estou pedindo.

Empurrei o que restava do cereal para a beira da tigela, mordendo o lábio.

— Vai ou não contar a Charlie que sou seu novo namorado? — perguntou ele.

— E você é isso mesmo? — Reprimi minha lisonja íntima com a ideia de Edward, Charlie e a palavra namorado no cômodo ao mesmo tempo.

— Esta é uma interpretação livre da palavra "novo", admito.

— Tive a impressão de que você era algo mais, na verdade — confessei, olhando a mesa.

— Bom, não sei se precisamos dar a ele todos os detalhes sórdidos. — Ele estendeu a mão por sobre a mesa para erguer meu queixo com o dedo frio e delicado. — Mas ele vai precisar de alguma explicação para eu andar tanto por aqui. Não quero que o chefe Swan consiga um mandado de segurança contra mim.

— Você fará isso? — perguntei, ansiosa de repente. — Realmente estará aqui?

— Desde que você me queira — garantiu-me.

— Sempre vou querer você — eu o alertei. — Para sempre.

Ele contornou lentamente a mesa e, parando a pouca distância, tocou meu rosto com a ponta dos dedos. Sua expressão era insondável.

— Isso o deixa triste? — perguntei.

Ele não respondeu. Olhou nos meus olhos por um período imensurável de tempo.

— Já terminou? — perguntou por fim.

Pulei de pé.

— Sim.

— Vá se vestir... Vou esperar aqui.

Foi difícil decidir que roupa usar. Eu duvidava de que houvesse algum livro de etiqueta detalhando como se vestir quando seu namorado vampiro a leva para casa para conhecer sua família de vampiros. Foi um alívio pensar a palavra comigo mesma. Eu sabia que a rejeitava intencionalmente.

Acabei com minha única saia — longa, cáqui, ainda informal. Vesti a blusa azul-escura que ele elogiou um dia. Uma olhada rápida no espelho me disse que

meu cabelo estava impossível, então eu o puxei em um rabo de cavalo.

— Tudo bem. — Quiquei escada abaixo. — Estou decente.

Ele esperava ao pé da escada, mais perto do que eu pensava, e eu saltei direto para ele. Ele me segurou, mantendo-me a uma distância cautelosa por alguns segundos antes de repentinamente me puxar para mais perto.

— Errado de novo — murmurou ele em meu ouvido. — Você está totalmente indecente... Ninguém deve ser uma tentação tão grande, não é justo.

— Tentação, como? — perguntei. — Posso trocar...

Ele suspirou, sacudindo a cabeça.

— Você é tão absurda. — Ele apertou os lábios frios delicadamente em minha testa e a sala girou. O cheiro de seu hálito me impossibilitava de pensar.

— Devo explicar como é tentadora para mim? — disse ele. Era obviamente uma pergunta retórica. Seus dedos acompanharam lentamente minha coluna, sua respiração saindo com mais rapidez em minha pele. Minhas mãos estavam flácidas em seu peito e senti vertigem novamente. Ele inclinou a cabeça devagar e tocou os lábios frios nos meus pela segunda vez, com muito cuidado, separando-os um pouco.

E então eu desmaiei.

— Bella? — Sua voz estava alarmada enquanto ele me pegava e me erguia.

— Você... me... deixa... fraca — eu o acusei, tonta.

— O que vou fazer com você? — gemeu ele, exasperado. — Ontem eu a beijei, e você me atacou! Hoje você desmaia nos meus braços!

Eu ri bem fraquinho, deixando que seus braços me apoiassem enquanto minha cabeça girava.

— É nisso que dá ser bom em tudo — ele suspirou.

— É esse o problema. — Eu ainda estava tonta. — Você é bom demais. Muito, muito bom.

— Está enjoada? — perguntou ele; ele nunca me vira assim antes.

— Não... Não é o mesmo tipo de desmaio. Não sei o que aconteceu. — Sacudi a cabeça, desculpando-me. — Acho que esqueci de respirar.

— Não posso levar você a lugar nenhum desse jeito.

— Eu estou bem — insisti. — Sua família vai pensar que sou louca mesmo, que diferença faz?

Ele avaliou minha expressão por um momento.

— Gosto muito dessa cor em sua pele — disse ele inesperadamente. Eu corei de prazer e desviei os olhos.

— Olhe, estou tentando ao máximo não pensar no que estou prestes a fazer, então, será que podemos ir? — perguntei.

— E você não está preocupada porque vai conhecer uma casa de vampiros, mas porque acha que aqueles vampiros não vão aprová-la, não estou certo?

— Está certo — respondi imediatamente, escondendo minha surpresa com o uso despreocupado da palavra.

Ele sacudiu a cabeça.

— Você é inacreditável.

Percebi, enquanto ele dirigia minha picape pela parte principal da cidade, que eu não fazia ideia de onde ele morava. Passamos pela ponte sobre o rio Calawah, a estrada que serpenteava ao norte, as casas aparecendo rapidamente ao nosso lado, cada vez maiores. E depois passamos por outras casas, seguindo para a floresta brumosa. Eu tentava resolver se perguntava ou se seria paciente quando ele entrou abruptamente em uma estrada sem pavimentação. Não tinha placa, mal era visível em meio às samambaias. A floresta invadia os dois lados, deixando a estrada à frente discernível apenas por alguns metros enquanto se curvava, como uma serpente, em torno das árvores antigas.

E então, depois de alguns quilômetros, havia um espaço no bosque e de repente estávamos em uma campina pequena, ou seria um gramado? Mas a escuridão da floresta não cedia, porque havia seis cedros centenários que sombreavam meio hectare com seus longos ramos. As árvores lançavam as sombras protetoras nas paredes da casa que se erguia entre elas, tornando obsoleta a varanda larga que contornava o primeiro andar.

Não sei o que eu esperava, mas definitivamente não era isso. A casa era atemporal, graciosa, e devia ter uns cem anos. Era pintada de um branco suave e desbotado, tinha três andares, era retangular e proporcional. As janelas e as portas ou faziam parte da estrutura original, ou eram uma restauração perfeita. Minha picape era o único carro à vista. Pude ouvir o rio perto dali, oculto nas sombras da floresta.

— Caramba.

— Gosta? — Ele sorriu.

— Tem... certo charme.

Ele puxou a ponta de meu rabo de cavalo e riu.

— Pronta? — perguntou, abrindo a porta do carona para mim.

— Nem um pouquinho... Vamos. — Tentei rir, mas o riso pareceu preso na garganta. Alisei o cabelo, nervosa.

— Você está linda. — Ele pegou minha mão tranquilamente, sem pensar.

Andamos pelas sombras densas até a varanda. Eu sabia que ele podia sentir minha tensão; seu polegar fazia círculos suaves nas costas de minha mão.

Ele abriu a porta para mim.

O interior era ainda mais surpreendente, menos previsível do que o exterior. Era muito iluminado, muito aberto e muito grande. Originalmente devia ter tido muitos cômodos, mas a maioria das paredes fora derrubada, criando um único espaço amplo. A parede de trás, dando para o sul, fora inteiramente substituída por vidro e, para além da sombra dos cedros, o gramado se estendia até o rio largo. Uma enorme escada em curva dominava o lado oeste da sala. As paredes, o teto de vigas altas, o piso de madeira e os tapetes grossos eram de tons variados de branco.

Esperando para nos receber, de pé pouco à esquerda da porta, numa parte elevada do chão junto a um piano de cauda espetacular, estavam os pais de Edward.

É claro que eu já havia visto o Dr. Cullen, mas ainda assim não consegui deixar de ficar pasma novamente com sua beleza, sua perfeição ultrajante. A seu lado estava Esme, imaginei, a única da família que eu nunca vira. Tinha os mesmos traços pálidos e lindos dos demais. Alguma coisa em seu rosto em formato de coração, as ondas de seu cabelo macio cor de caramelo, lembrava-me as ingênuas da época do cinema mudo. Ela era baixa e esguia, no entanto menos angulosa, mais arredondada do que os outros. Ambos estavam com roupas informais, em cores claras que combinavam com o interior da casa. Eles sorriram dando as boas-vindas, mas não se aproximaram de nós. Tentando não me assustar, imaginei.

— Carlisle, Esme — a voz de Edward rompeu o curto silêncio —, esta é Bella.

— É muito bem-vinda aqui, Bella. — O andar de Carlisle era cadenciado e cuidadoso ao se aproximar de mim. Ele ergueu a mão, inseguro, e eu me aproximei para cumprimentá-lo.

— É bom vê-lo novamente, Dr. Cullen.

— Por favor, chame-me de Carlisle.

— Carlisle. — Eu sorri para ele, minha súbita confiança me surpreendendo. Podia sentir o alívio de Edward ao meu lado.

Esme sorriu e também se aproximou, estendendo a mão para mim. Seu aperto frio e pétreo era exatamente o que eu esperava.

— É muito bom conhecer você — disse ela com sinceridade.

— Obrigada. Fico feliz por conhecê-la também. — E estava mesmo. Era como conhecer um conto de fadas; a Branca de Neve em pessoa.

— Onde estão Alice e Jasper? — perguntou Edward, mas ninguém respondeu, enquanto eles simplesmente apareciam no alto da ampla escada.

— Oi, Edward! — gritou Alice com entusiasmo.

Ela correu escada abaixo, um raio de cabelos pretos e pele branca, vindo parar súbita e silenciosamente diante de mim. Carlisle e Esme lançaram olhares de alerta para ela, mas eu gostei. Era natural — para ela, de qualquer forma.

— Oi, Bella! — disse Alice, e ela quicou para a frente para me dar um beijo no rosto. Se antes Carlisle e Esme pareciam cautelosos, agora ficaram vacilantes. Havia choque nos meus olhos, mas também prazer por ela parecer me aprovar tão sinceramente. Fiquei assustada ao sentir Edward enrijecer ao meu lado. Olhei para seu rosto, mas a expressão era indecifrável.

— Seu cheiro é bom, nunca percebi antes — comentou ela, para meu extremo constrangimento.

Ninguém mais pareceu saber o que dizer, e então Jasper estava ali — alto e leonino. Uma sensação de tranquilidade me tomou e eu de repente estava à vontade, apesar de onde me encontrava. Edward olhou para Jasper, erguendo uma sobrancelha, e eu me lembrei do que Jasper podia fazer.

— Olá, Bella — disse Jasper. Ele manteve distância, sem se oferecer para um aperto de mãos. Mas era impossível se sentir desconfortável perto dele.

— Oi, Jasper. — Sorri timidamente para ele e depois para os outros. — É ótimo conhecer vocês todos... Vocês têm uma bela casa — acrescentei, convencionalmente.

— Obrigada — disse Esme. — Ficamos felizes por ter vindo. — Ela falava com sentimento e percebi que me considerava corajosa.

Também percebi que Rosalie e Emmett não estavam em lugar nenhum à

vista, e me lembrei da negativa inocente demais de Edward quando perguntei se os outros não gostavam de mim.

A expressão de Carlisle me distraiu dessa linha de pensamento; sugestivamente ele encarava Edward, com intensidade. Pelo canto do olho, vi que Edward assentiu uma vez.

Desviei os olhos, tentando ser educada. Meus olhos vagaram novamente para o belo instrumento no tablado junto à porta. De repente me lembrei de minha fantasia de infância de que, se um dia ganhasse na loteria, compraria um piano de cauda para minha mãe. Ela não era muito boa — só tocava para si mesma em nosso piano de armário de segunda mão — mas eu adorava vê-la tocar. Ela ficava tão feliz e absorta — na época parecia um ser novo e misterioso para mim, alguém de fora da persona da "mamãe" que eu conhecia tanto. É claro que ela me pagou algumas aulas, mas, como a maioria das crianças, eu choraminguei até que ela me deixou largar tudo.

Esme percebeu minha preocupação.

— Você toca? — perguntou ela, inclinando a cabeça para o piano.

Sacudi a cabeça.

— Nem um pouco. Mas é lindo. É de vocês?

— Não — ela riu. — Edward não lhe disse que era músico?

— Não. — Olhei sua expressão inocente com os olhos semicerrados. — Mas acho que eu devia saber.

Esme ergueu, confusa, as sobrancelhas delicadas.

— Edward pode fazer de tudo, não é? — expliquei.

Jasper deu uma risadinha e Esme olhou para Edward com reprovação.

— Espero que não tenha se exibido... É uma grosseria — ralhou ela.

— Só um pouco — ele riu livremente. A expressão de Esme se atenuou com o som e eles dividiram um breve olhar que não entendi, embora o rosto de Esme parecesse quase afetado.

— Na verdade, ele tem sido muito modesto — corrigi.

— Bem, toque para ela — estimulou Esme.

— Acabou de dizer que me exibir era grosseria — contestou ele.

— Toda regra tem sua exceção — respondeu ela.

— Gostaria de ouvir você tocar — propus.

— Então está combinado. — Esme o empurrou para o piano. Ele me puxou,

sentando-me a seu lado na banqueta.

Ele me deu um olhar longo e exasperado antes de se voltar para as teclas.

E então seus dedos fluíram velozes pelo marfim, e a sala se encheu de uma composição tão complexa, tão luxuriante, que era impossível acreditar que só um par de mãos a tocava. Senti meu queixo cair, minha boca se abrir de assombro, e ouvi risinhos baixos atrás de mim com a minha reação.

Edward olhou para mim casualmente, a música ainda em volta de nós sem pausa, e piscou.

— Gosta dessa?

— Você compôs? — eu arfei, compreendendo.

Ele assentiu.

— É a preferida de Esme.

Fechei os olhos, sacudindo a cabeça.

— Qual é o problema?

— Eu me sinto extremamente insignificante.

A música ficou mais lenta, transformando-se em algo mais delicado, e para minha surpresa detectei a melodia da cantiga de ninar ondulando pela profusão de notas.

— Você me inspirou nesta aqui — disse ele suavemente. A música tornou-se insuportavelmente doce.

Eu não conseguia falar.

— Eles gostam de você, sabia? — disse ele mudando de assunto. — Especialmente Esme.

Olhei para trás, mas agora a sala imensa estava vazia.

— Aonde eles foram?

— Deram-nos privacidade com muita sutileza, imagino.

Eu suspirei.

— Eles gostam de mim. Mas Rosalie e Emmett... — eu me interrompi, sem ter certeza de como expressar minhas dúvidas.

Ele franziu a testa.

— Não se preocupe com Rosalie — disse ele, os olhos grandes e convincentes. — Ela vai aparecer.

Franzi os lábios, cética.

— E Emmett?

— Bom, é verdade que ele acha que sou mesmo um lunático, mas não tem problemas com você. Está tentando ponderar com Rosalie.

— O que a incomoda? — Não tinha certeza se queria saber a resposta.

Ele deu um suspiro fundo.

— Rosalie é a que mais luta com... com o que somos. É difícil para ela ter alguém de fora sabendo a verdade. E ela tem um pouco de inveja.

— A Rosalie tem inveja de mim? — perguntei, incrédula. Tentei imaginar um universo em que alguém tão estonteante como Rosalie teria um motivo possível para ter inveja de uma pessoa como eu.

— Você é humana. — Ele deu de ombros. — Ela também queria ser.

— Ah — murmurei, ainda atordoada. — Mas até o Jasper...

— Na verdade, a culpa é minha — disse ele. — Eu lhe falei que ele era o mais recente a tentar nosso jeito de viver. Alertei-o para guardar distância.

Pensei no motivo para isso e estremeci.

— Esme e Carlisle...? — continuei rapidamente, para que ele não percebesse.

— Ficam felizes por me verem feliz. Na verdade, Esme não se importaria se você tivesse três olhos e pés de pato. Em todo esse tempo ela se preocupou comigo, com medo de que houvesse alguma coisa ausente em minha constituição básica, que eu fosse jovem demais quando Carlisle me mudou... Ela está em êxtase. O tempo todo que toco você, ela praticamente afoga-se em satisfação.

— Alice parece muito... entusiasmada.

— Alice tem um jeito próprio de ver as coisas — disse ele através dos lábios apertados.

— E não vai me explicar isso, não é?

Um minuto de comunicação sem palavras se passou entre nós. Ele percebeu que eu sabia que ele estava escondendo alguma coisa de mim. Percebi que ele não ia soltar nada. Não agora.

— Então, o que Carlisle estava dizendo a você antes?

Suas sobrancelhas se uniram.

— Percebeu isso, não foi?

Dei de ombros.

— Claro que sim.

Ele me olhou pensativamente por alguns segundos antes de responder.

— Ele queria me contar algumas novidades... Não sabia se era algo que eu

quisesse partilhar com você.

— E você vai?

— Preciso, porque ficarei um pouco... insuportavelmente protetor nos próximos dias... ou semanas... e não gostaria que pensasse que sou naturalmente um tirano.

— Qual é o problema?

— Não há exatamente nada de errado. Alice só vê alguns visitantes chegando logo. Eles sabem que estamos aqui e estão curiosos.

— Visitantes?

— Sim... Bom, eles não são como nós, é claro... Em seus hábitos de caça, quero dizer. Não devem entrar na cidade, mas certamente não vou perder você de vista até irem embora.

Eu tremi.

— Enfim, uma reação racional! — murmurou ele. — Estava começando a pensar que você não tinha nenhum senso de autopreservação.

Deixei essa passar, virando a cara, meus olhos vagando novamente pela sala espaçosa.

Ele seguiu meu olhar.

— Não era o que esperava, não é? — perguntou ele, a voz afetada.

— Não — admiti.

— Não tem caixões, nem crânios empilhados nos cantos; nem acredito que tenha teias de aranha... Que decepção deve estar sendo para você — continuou ele maliciosamente.

Ignorei o escárnio.

— É tão claro... e aberto.

Ele estava mais sério quando respondeu.

— É um lugar que nunca precisamos esconder.

A música que ele ainda tocava, a minha música, chegava ao fim, os últimos acordes passando para um tom mais melancólico. A última nota pairou pungentemente no silêncio.

— Obrigada — murmurei. Percebi que havia lágrimas em meus olhos. Eu as enxuguei, sem graça.

Ele tocou o canto de meu olho, pegando uma lágrima que deixei escapar. Levantou o dedo, examinando a gota pensativamente. Depois, tão rápido que não

tive certeza de que realmente fez isso, ele pôs o dedo na boca para sentir o sabor.

Olhei para ele interrogativamente e ele retribuiu o olhar por um longo momento antes de sorrir.

— Quer ver o resto da casa?

— Sem caixões? — indaguei, o sarcasmo em minha voz sem mascarar inteiramente a ansiedade leve mas autêntica que sentia.

Ele riu, pegando minha mão, levando-me para longe do piano.

— Sem caixões — prometeu ele.

Subimos a enorme escada, minha mão roçando o corrimão macio como cetim. O longo corredor no alto da escada era revestido de madeira cor de mel, a mesma do piso de tábua corrida.

— O quarto de Rosalie e Emmett... O gabinete de Carlisle... O quarto de Alice... — Ele gesticulava ao passarmos pelas portas.

Ele teria continuado, mas estaquei no final do corredor, olhando incrédula o ornamento pendurado no alto da parede. Edward riu ao ver minha expressão confusa.

— Pode rir — disse ele. — É mesmo meio irônico.

Eu não ri. Minha mão se ergueu automaticamente, um dedo esticado como que para tocar a grande cruz de madeira, sua pátina escura formando um contraste com o tom mais leve da parede. Eu não a toquei, mas fiquei curiosa se a madeira envelhecida seria tão sedosa como parecia.

— Deve ser muito antiga — conjecturei.

Ele deu de ombros.

— Mais ou menos do início de 1630.

Desviei os olhos da cruz para encará-lo.

— Por que vocês mantêm isso aqui? — perguntei.

— Nostalgia. Pertenceu ao pai de Carlisle.

— Ele colecionava antiguidades? — sugeri, insegura.

— Não. Ele mesmo entalhou. Ficava pendurada na parede acima do púlpito da paróquia em que ele pregava.

Não tive certeza se meu rosto traía meu choque, mas voltei a olhar a cruz simples e antiga, só por garantia. Rápida e mentalmente, fiz as contas; a cruz tinha mais de 370 anos. O silêncio se prolongou enquanto eu lutava para apreender o conceito de tantos anos.

— Você está bem? — Ele parecia preocupado.

— Que idade tem Carlisle? — perguntei rapidamente, ignorando sua pergunta, ainda fitando a cruz.

— Ele acaba de comemorar o aniversário de 362 anos — disse Edward. Olhei para ele, um milhão de perguntas em meus olhos.

Ele me observava cuidadosamente ao falar.

— Carlisle nasceu em Londres, por volta de 1640, segundo ele acredita. O tempo não era marcado com precisão na época, pelo menos pelas pessoas comuns. Mas foi pouco antes do governo de Cromwell.

Mantive a expressão composta, ciente de seu escrutínio enquanto ouvia. Era mais fácil se eu não tentasse acreditar.

— Ele era filho único de um pastor anglicano. A mãe morreu dando à luz. Seu pai era um homem intolerante. À medida que os protestantes chegavam ao poder, ele ficou entusiasmado com a perseguição de católicos romanos e outras religiões. Também acreditava fortemente na realidade do mal. Ele liderou a perseguição de bruxas, de lobisomens... e de vampiros.

Fiquei paralisada com a palavra. Tenho certeza de que ele percebeu, mas prosseguiu sem se interromper.

— Eles queimaram muita gente inocente... É claro que não era tão fácil alcançar as criaturas reais que procuravam. Quando o pastor envelheceu, encarregou o filho obediente das incursões. No início Carlisle foi uma decepção; não era rápido para denunciar, para ver demônios onde não existiam; mas era persistente e mais inteligente do que o pai. De fato, ele descobriu um esconderijo de vampiros de verdade que viviam nos esgotos da cidade, alguns saindo à noite para caçar. Naquela época, quando os monstros não eram só mitos e lendas, era assim que muitos viviam.

E continuou:

— As pessoas reuniram seus forcados e archotes, é claro — seu riso breve agora era mais sombrio —, e esperaram onde Carlisle havia visto os monstros saírem para a rua. Por fim, um deles apareceu.

A voz de Edward era mais baixa; eu me esforcei para ouvir as palavras.

— Ele devia ser antigo e estar fraco de fome. Carlisle o ouviu gritar em latim para os outros quando sentiu o cheiro da turba. Ele correu pelas ruas, e Carlisle... que tinha 23 anos e era muito veloz... liderou a perseguição. A criatura podia ter

escapado facilmente, mas Carlisle acredita que estivesse faminta demais, então ela se virou e atacou. Caiu primeiro em Carlisle, mas os outros se aproximavam e ela se virou para se defender. Matou dois homens e feriu um terceiro, deixando Carlisle sangrando na rua.

Ele parou. Pude sentir que estava editando alguma coisa, escondendo algo de mim.

— Carlisle sabia o que o pai faria. Os corpos seriam queimados... Qualquer coisa contaminada pelo monstro deveria ser destruída. Carlisle agiu por instinto para salvar a própria vida. Arrastou-se do beco enquanto a turba seguia o demônio e sua vítima. Ele se escondeu num porão, enterrado em batatas podres por três dias. Foi um milagre que conseguisse manter silêncio, passar despercebido. Então havia terminado e ele percebeu no que se transformara.

Não tive certeza se meu rosto era revelador, mas de repente ele mudou de assunto.

— Como está se sentindo? — perguntou ele.

— Estou bem — garanti. E, embora eu mordesse o lábio de hesitação, ele deve ter visto a curiosidade ardendo em meus olhos.

Ele sorriu.

— Imagino que tenha mais algumas perguntas para mim.

— Algumas.

Seu sorriso se alargou sobre os dentes brilhantes. Ele começou a voltar pelo corredor, puxando-me pela mão.

— Então, venha — encorajou ele. — Eu vou lhe mostrar.

16. CARLISLE

ELE ME LEVOU AO CÔMODO que me apontara como o gabinete de Carlisle. Parou do lado de fora da porta por um instante.

— Entre — convidou a voz de Carlisle.

Edward abriu a porta para um cômodo de teto elevado com janelas altas dando para o oeste. As paredes também eram revestidas, de uma madeira escura — onde eram visíveis. A maior parte do espaço nas paredes era tomado de estantes altas que sustentavam mais livros do que eu já vira em uma biblioteca.

Carlisle estava sentado atrás de uma enorme mesa de mogno, em uma poltrona de couro. Havia acabado de colocar um marcador nas páginas de um livro grosso que segurava. A sala era como sempre imaginei que seria um gabinete de reitor de universidade — só que Carlisle parecia jovem demais para o papel.

— O que posso fazer por vocês? — perguntou-nos ele com satisfação, levantando-se.

— Queria mostrar a Bella um pouco de nossa história — disse Edward. — Bom, de sua história, na verdade.

— Não queríamos incomodá-lo — eu me desculpei.

— De forma alguma. Por onde querem começar?

— Pelo cocheiro — respondeu Edward, colocando a mão de leve em meu ombro e girando-me para me voltar para a porta de onde tínhamos vindo. A cada vez que ele me tocava, mesmo da forma mais despreocupada, meu coração tinha uma reação audível. Era mais constrangedor com Carlisle presente.

A parede diante de nós agora era diferente das outras. Em vez de ter uma estante, esta parede era abarrotada de quadros emoldurados de todos os tamanhos, alguns de cores vibrantes, outros monocromáticos e opacos. Procurei por alguma lógica, algum motivo que a coleção tivesse em comum, mas nada descobri em meu exame apressado.

Edward me puxou para o canto esquerdo, parando-me diante de uma pequena

tela a óleo em uma moldura de madeira simples. Esta não se destacava entre as peças maiores e mais brilhantes; pintada em tons de sépia, retratava uma pequena cidade cheia de telhados escarpados, com suas agulhas encimando algumas torres esparsas. Um rio largo enchia o fundo, atravessado por uma ponte coberta de estruturas que pareciam pequenas catedrais.

— Londres em 1650 — disse Edward.

— A Londres de minha juventude — acrescentou Carlisle, a pouca distância de nós. Eu vacilei; não havia ouvido sua aproximação. Edward apertou minha mão.

— Vai contar a história? — perguntou Edward. Eu girei um pouco para ver a reação de Carlisle.

Ele encontrou meu olhar e sorriu.

— Eu iria — respondeu. — Mas na verdade está ficando tarde. O hospital ligou esta manhã... O Dr. Snow tirou o dia de licença. Além disso, você conhece as histórias tão bem quanto eu — acrescentou ele, sorrindo agora para Edward.

Era uma estranha associação a ser assimilada — as preocupações diárias do médico da cidade no meio de uma discussão de seus primeiros tempos na Londres do século XVII.

Também era inquietante saber que ele falava em voz alta só porque eu estava ali.

Depois de outro sorriso caloroso para mim, Carlisle saiu da sala.

Olhei a pequena tela da cidade natal de Carlisle por um longo momento.

— O que aconteceu, então? — perguntei por fim, olhando para Edward, que me observava. — Quando ele percebeu o que havia lhe ocorrido?

Ele olhou as telas e vi que imagem atraía seu interesse agora. Era uma paisagem maior em cores melancólicas de outono — uma campina vazia e sombreada numa floresta, com um pico escarpado à distância.

— Quando ele entendeu no que tinha se transformado — disse Edward em voz baixa —, rebelou-se contra isso. Quis se destruir. Mas não é tão fácil.

— Como? — Eu não queria dizer isso em voz alta, mas a palavra saiu devido a meu choque.

— Ele pulou de grandes alturas — contou-me Edward, a voz impassível. — Tentou se afogar no mar... Mas era jovem na nova vida, e muito forte. Era incrível a que era capaz de resistir... alimentando-se... enquanto ainda era tão novo. O

instinto é mais forte nesse período, controla tudo. Mas ele sentia tanta repulsa por si mesmo que teve forças para tentar se matar de inanição.

— Isso é possível? — minha voz era fraca.

— Não, não há muitas maneiras com que possamos ser mortos.

Abri a boca para perguntar, mas antes disso ele falou.

— Então ele ficou com muita fome e por fim enfraqueceu. Afastou-se o máximo que pôde dos humanos, reconhecendo que sua força de vontade também se enfraquecia. Durante meses, vagou à noite, procurando pelos lugares mais solitários, abominando a si mesmo. Numa noite, uma horda de cervos passou por seu esconderijo. Ele estava tão louco de sede que atacou sem pensar. Sua força voltou e ele percebeu que havia uma alternativa a ser o monstro vil que temia. E se não tivesse comido carne de veado em sua vida anterior? Nos meses seguintes, nasceu sua nova filosofia. Ele podia existir sem ser um demônio. Ele se reencontrou. Começou a fazer melhor uso de seu tempo. Sempre foi inteligente, ansioso por aprender. Agora tinha um tempo ilimitado diante de si. Estudava à noite, planejava durante o dia. Nadou até a França e..."

— Ele nadou até a França?

— As pessoas atravessam o canal a nado o tempo todo, Bella — lembrou-me ele pacientemente.

— Acho que é verdade. Só pareceu engraçado no contexto. Continue.

— Nadar é fácil para nós...

— Tudo é fácil para você — provoquei.

Ele esperou com um ar divertido.

— Não vou interromper de novo, eu prometo.

Ele riu sombriamente e terminou a frase.

— Porque, tecnicamente, não precisamos respirar.

— Vocês...

— Não, não, você prometeu. — Ele riu, colocando o dedo de leve em minha boca. — Quer ouvir a história ou não?

— Não pode atirar uma coisa dessas para cima de mim e depois esperar que eu não diga nada — murmurei contra o dedo dele.

Ele levantou a mão, pousando-a em meu pescoço. A velocidade de meu coração reagiu, mas eu insisti.

— Você não precisa respirar? — perguntei.

— Não, não é necessário. É só um hábito. — Ele deu de ombros.

— Quanto tempo pode ficar... sem respirar?

— Indefinidamente, imagino; não sei. É um tanto desagradável... Ficar sem o olfato.

— Um tanto desagradável — repeti.

Eu não estava prestando atenção à minha própria expressão, mas alguma coisa nela o deixou mais sombrio. Sua mão caiu de lado e ele ficou imóvel, os olhos intensos em meu rosto. O silêncio se prolongou. Suas feições eram imóveis como uma pedra.

— Que foi? — sussurrei, tocando seu rosto congelado.

Seu rosto se atenuou sob minha mão e ele suspirou.

— Continuo esperando que aconteça.

— Que aconteça o quê?

— Sei que a certa altura, algo que direi a você ou algo que você verá será demais. E então você vai fugir de mim, aos gritos. — Ele me deu um meio sorriso, mas os olhos eram sérios. — Não vou impedi-la. Quero que isso aconteça, porque quero que esteja segura. E, no entanto, quero ficar com você. É impossível conciliar os dois desejos... — Ele se interrompeu, olhando meu rosto. Esperando.

— Não vou fugir para lugar nenhum — prometi.

— Veremos — disse ele, sorrindo novamente.

Franzi a testa.

— Então, continue... Carlisle nadou para a França.

Ele parou, voltando para sua história. Por reflexo, seus olhos passaram a outro quadro — o mais colorido de todos, o de moldura mais ornamentada e o maior; tinha duas vezes a largura da porta ao lado da qual pendia. A tela transbordava de figuras de cores vivas em mantos rodopiantes, em volta de pilares longos e para fora de balcões de mármore. Eu não sabia se representavam a mitologia grega, ou se os personagens que flutuavam nas nuvens do alto deviam ser bíblicos.

— Carlisle nadou para a França e continuou pela Europa, para as universidades de lá. À noite estudava música, ciências, medicina... E descobria sua vocação, seu pendor, isto é, salvar vidas humanas. — Sua expressão tornou-se temerosa, quase reverente. — Não é possível descrever adequadamente a luta; Carlisle levou dois séculos de esforço torturante para aperfeiçoar o autocontrole. Agora ele é imune inclusive ao cheiro de sangue humano e é capaz de fazer o

trabalho que ama sem nenhuma agonia. Ele encontrou muita paz lá, no hospital...

Edward olhou o vazio por um longo momento. De repente pareceu se lembrar de seu propósito. Bateu o dedo na tela enorme diante de nós.

— Ele estava estudando na Itália quando descobriu outros lá. Eram muito mais civilizados e mais instruídos do que os espectros dos esgotos de Londres.

Ele tocou um quarteto comparativamente sereno de figuras pintadas no balcão superior, olhando calmamente para o tumulto abaixo deles. Examinei o grupo com cuidado e percebi, com um riso de sobressalto, que reconheci o homem de cabelos dourados.

— Solimena foi muito inspirado pelos amigos de Carlisle. Em geral os pintava como deuses. — Edward riu. — Aro, Marcus, Caius — disse ele, indicando os outros três, dois de cabelos escuros, um de cabelos brancos como a neve. — Os patronos noturnos das artes.

— O que aconteceu com eles? — perguntei alto, a ponta de meu dedo pairando a um centímetro das figuras na tela.

— Ainda estão lá. — Ele deu de ombros. — Como sempre, por quem sabe quantos milênios. Carlisle ficou com eles apenas por um breve tempo, só algumas décadas. Ele admirava muito sua civilidade, seu refinamento, mas eles insistiam em tentar curar sua aversão à sua "fonte natural de alimento", como diziam. Tentaram convencê-lo e ele tentou persuadi-los, sem proveito algum. A esta altura, Carlisle decidiu tentar o Novo Mundo. Sonhava com encontrar outros iguais a ele. Estava muito solitário, como pode entender.

Continuou:

— Não encontrou ninguém por um longo tempo. Mas, à medida que os monstros tornavam-se tema de contos de fadas, ele descobriu que podia interagir com humanos, que de nada suspeitavam, como se fosse um deles. Começou a praticar a medicina. Mas a companhia pela qual ansiava lhe escapava; ele não podia se arriscar à familiaridade. Quando a epidemia de gripe atacou, ele trabalhava à noite em um hospital de Chicago. Revirava em sua mente uma ideia há muitos anos, e quase decidira agir — uma vez que não conseguia encontrar uma companhia, criaria uma. Não tinha certeza de como ocorrera sua própria transformação, então hesitou. E relutava em roubar a vida de alguém como a sua fora roubada. Foi nesse contexto mental que ele me encontrou. Não havia esperanças para mim; fui largado em uma enfermaria com os moribundos. Ele

tinha cuidado de meus pais e sabia que eu estava só. Decidiu tentar...

Sua voz, agora quase um sussurro, falhou. Ele olhou sem ver as janelas a oeste. Perguntei-me que imagens lhe enchiam a mente agora, as lembranças de Carlisle ou as suas próprias. Esperei em silêncio.

Quando ele se virou para mim, um sorriso delicado de anjo iluminava sua expressão.

— E assim fechamos o círculo — concluiu.

— Então sempre esteve com Carlisle? — perguntei.

— Quase sempre. — Ele pôs a mão de leve em minha cintura e me puxou para si enquanto passava pela porta. Olhei a parede de quadros, perguntando-me se um dia ouviria outras histórias.

Edward não disse mais nada enquanto andávamos pelo corredor, então eu perguntei:

— Quase?

Ele suspirou, parecendo relutante em responder.

— Bom, eu tive um ataque típico de rebeldia adolescente... Uns dez anos depois que eu... nasci... fui criado, como quiser chamar. Não concordava com sua vida de abstinência, e me ressentia dele por restringir meu apetite. Então parti para ficar sozinho por algum tempo.

— É mesmo? — Eu estava intrigada, e não assustada, como talvez devesse estar.

Ele sabia disso. Percebi vagamente que estávamos indo para o lance de escada seguinte, mas não estava prestando muita atenção ao meu redor.

— Isso não lhe dá repulsa?

— Não.

— E por que não?

— Acho que... parece razoável.

Ele soltou uma risada, mais alto do que antes. Agora estávamos no topo da escada, em outro corredor revestido de madeira.

— Desde a época de meu novo nascimento — murmurou ele — tive a vantagem de saber o que todos em volta de mim pensavam, tanto humanos como não humanos. Foi por isso que precisei de dez anos para desafiar Carlisle... Eu podia ler sua sinceridade impecável, entender exatamente por que ele vivia daquela maneira.

E continuou:

— Precisei de mais alguns anos para voltar para Carlisle e me comprometer novamente com seu modo de viver. Pensei que estaria isento da... depressão... que acompanha a consciência. Como eu sabia dos pensamentos de minhas presas, podia desprezar os inocentes e perseguir somente os maus. Se eu seguisse um assassino por uma viela escura, onde ele atacaria uma jovem, se eu a salvasse, então certamente eu não seria tão horrível.

Estremeci, imaginando com clareza demais o que ele descreveu — a viela à noite, a garota apavorada, o homem sombrio atrás dela. E Edward, Edward enquanto caçava, terrível e glorioso como um deus jovem, inevitável. Teria ela ficado agradecida, a garota, ou mais apavorada do que antes?

— Mas à medida que o tempo passava, comecei a ver o monstro em meus olhos. Não podia escapar da dívida de tanta vida humana roubada, mesmo sendo justificado. E voltei a Carlisle e Esme. Eles me receberam de volta como o filho pródigo. Era mais do que eu merecia.

Paramos diante da última porta do corredor.

— Meu quarto — ele me informou, abrindo-o e me puxando para dentro.

O quarto dava para o sul, com uma janela de parede inteira, como o salão embaixo. Todo o lado dos fundos da casa devia ser de vidro. A vista do quarto dava para o sinuoso rio Sol Duc, do outro lado da floresta intocada até a cadeia de montanhas Olympic. As montanhas ficavam muito mais perto do que eu teria acreditado.

A parede oeste era completamente coberta de prateleiras de CDs. Seu quarto era mais bem-abastecido do que uma loja de música. No canto havia um sistema de som sofisticado, do tipo que eu tinha medo de tocar porque tinha certeza de que quebraria alguma coisa. Não havia cama, só um convidativo sofá de couro, largo e preto. O chão era coberto de um tapete dourado grosso e das paredes pendiam tecidos pesados num tom um pouco mais escuro.

— Acústica boa? — deduzi.

Ele riu e concordou.

Ele pegou um controle remoto e ligou o aparelho de som. Estava baixo, mas o jazz suave dava a impressão de que a banda estava no quarto conosco. Fui olhar a estonteante coleção de música.

— Como organiza tudo? — perguntei, incapaz de encontrar uma ordem nos

títulos.

Ele não estava prestando atenção.

— Hmmm, por ano, e depois por preferência pessoal de acordo com as circunstâncias — disse ele, distraído.

Eu me virei e ele olhava para mim com uma expressão peculiar.

— Que foi?

— Eu estava preparado para sentir... alívio. Você, sabendo de tudo, sem que eu precise guardar segredos. Mas não esperava sentir mais do que isso. Gosto disso. Me faz... feliz. — Ele deu de ombros, sorrindo de leve.

— Que bom — eu disse, sorrindo também. Estava preocupada que ele se arrependesse de me contar essas coisas. Era bom saber que não era verdade.

Mas então, enquanto seus olhos dissecavam minha expressão, o sorriso desapareceu e sua testa se enrugou.

— Você ainda está esperando que eu fuja aos gritos, não é? — conjecturei.

Um sorriso fraco tocou seus lábios e ele assentiu.

— Odeio romper sua bolha, mas você não é tão assustador quanto pensa. Na verdade, não acho você nada assustador — menti casualmente.

Ele parou, erguendo as sobrancelhas numa descrença evidente. Depois faiscou um sorriso largo e malicioso.

— Você realmente não devia ter dito isso — ele riu.

Edward grunhiu, um som grave do fundo da garganta; seus lábios se curvaram para baixo sobre os dentes perfeitos. Seu corpo mudou de repente, meio agachado, tenso como um leão prestes a atacar.

Eu recuei, olhando fixamente.

— Não devia.

Não o vi saltar para mim — foi rápido demais. Só me vi de repente no ar e depois nos chocamos no sofá, batendo-o na parede. Em todo esse tempo, seus braços formaram uma gaiola de proteção em volta de mim — eu mal senti o impacto. Mas ainda estava arfando quanto tentei me endireitar.

Ele não permitiu. Me enrolou em uma bola em seu peito, segurando-me com mais firmeza do que correntes de ferro. Olhei para ele alarmada, mas ele parecia controlado, o queixo relaxado enquanto sorria, os olhos brilhando só de humor.

— O que estava dizendo mesmo? — grunhiu ele de brincadeira.

— Que você é um monstro muito, muito terrível — eu disse, meu sarcasmo

meio desfigurado por minha voz sem fôlego.

— Muito melhor assim — aprovou ele.

— Hmmm. — Eu lutei. — Posso me levantar agora?

Ele se limitou a rir.

— Podemos entrar? — Uma voz suave soou do corredor.

Lutei para me libertar, mas Edward apenas me ajeitou para que eu ficasse sentada de forma mais convencional no colo dele. Pude ver então que eram Alice e Jasper atrás dela, na soleira da porta. Meu rosto ardeu, mas Edward parecia tranquilo.

— Entrem. — Edward ainda ria baixinho.

Alice pareceu não achar nada de incomum em nosso abraço; ela entrou — quase dançou, seus movimentos eram tão graciosos — até o meio do quarto, onde se sentou sinuosamente no chão. Jasper, porém, parou na porta, a expressão um pouquinho chocada. Encarou Edward e eu me perguntei se ele estava testando o clima com sua sensibilidade incomum.

— Parecia que você estava almoçando a Bella, e viemos ver se podíamos dividir — anunciou Alice.

Eu me enrijeci por um instante, até que percebi Edward sorrindo — ou do comentário dela, ou de minha reação. Eu não sabia.

— Desculpe, não acredito ter o suficiente de sobra — respondeu ele, os braços segurando-me despreocupadamente.

— Na verdade — disse Jasper, sorrindo contra a vontade enquanto entrava no quarto —, Alice disse que vai haver uma boa tempestade esta noite e Emmett quer jogar bola. Está dentro?

As palavras eram bem comuns, mas o contexto me confundiu. Deduzi, porém, que Alice era um pouco mais confiável do que o meteorologista.

Os olhos de Edward se iluminaram, mas ele hesitou.

— É claro que deve trazer Bella — disse Alice. Pensei ter visto Jasper lançar um olhar rápido para ela.

— Quer ir? — perguntou-me Edward, empolgado, a expressão cheia de vida.

— Claro. — Eu não podia decepcionar aquele rosto. — Hmmm, aonde vamos?

— Precisamos esperar pelo trovão para jogar bola... Você verá por quê — prometeu ele.

— Vou precisar de guarda-chuva?

Todos riram alto.

— Vai? — perguntou Jasper a Alice.

— Não. — Ela estava segura. — A tempestade vai cair na cidade. Deve estar seco o bastante na clareira.

— Que bom, então. — O entusiasmo na voz de Jasper era contagiante, naturalmente. Eu me vi ansiosa, em vez de dura de susto.

— Vamos ver se Carlisle irá. — Alice se levantou e foi para a porta de um jeito que magoaria qualquer bailarina.

— Como se você não soubesse — brincou Jasper, e eles saíram rapidamente. Jasper conseguiu fechar a porta sem que percebêssemos.

— O que vamos jogar? — perguntei.

— Você vai assistir — esclareceu Edward. — Nós vamos jogar beisebol.

Revirei os olhos.

— Os vampiros gostam de beisebol?

— É o típico passatempo americano — disse ele com uma solenidade debochada.

17. O JOGO

ESTAVA COMEÇANDO A CHUVISCAR quando Edward entrou na minha rua. Até este momento, eu não tinha dúvidas de que ele ia ficar comigo enquanto eu passava alguns poucos momentos no mundo real.

E depois vi o carro preto, um Ford batido, estacionado na entrada de carros de Charlie — e ouvi Edward murmurar alguma coisa ininteligível numa voz baixa e rouca.

Fugindo da chuva na pequena varanda da frente, Jacob Black estava atrás da cadeira de rodas do pai. O rosto de Billy era impassível como pedra enquanto Edward estacionava minha picape junto ao meio-fio. Jacob olhou, a expressão mortificada.

A voz baixa de Edward era furiosa.

— Isso está passando dos limites.

— Ele veio alertar Charlie? — conjecturei, mais apavorada do que irritada.

Edward limitou-se a assentir, respondendo ao olhar de Billy através da chuva com os olhos semicerrados.

Senti um fraco alívio por Charlie ainda não estar em casa.

— Eu cuido disso — sugeri. O olhar sombrio de Edward me deixava ansiosa.

Para minha surpresa, ele concordou.

— Provavelmente é melhor assim. Mas cuidado. A criança não faz ideia.

Eu me empertiguei um pouco com a palavra criança.

— Jacob não é muito mais novo do que eu — lembrei a ele.

Ele então olhou para mim, a raiva desaparecendo de repente.

— Ah, eu sei — garantiu-me com um sorriso malicioso.

Eu suspirei e pus a mão na maçaneta da porta.

— Leve-os para dentro — instruiu ele —, assim posso ir embora. Voltarei ao anoitecer.

— Quer minha picape? — ofereci, enquanto me perguntava como explicaria a Charlie a ausência do carro.

Ele revirou os olhos.

— Posso ir a pé para casa mais rápido do que esta picape.

— Não precisa ir embora — eu disse, pensativa.

Ele sorriu para minha expressão mal-humorada.

— Na verdade, vou ficar. Depois que você se livrar deles — ele lançou um olhar sombrio na direção dos Black —, ainda terá que preparar Charlie para conhecer seu novo namorado. — Ele deu um sorriso largo, mostrando todos os dentes.

Eu gemi.

— Muito obrigada.

Ele deu o sorriso torto que eu adorava.

— Será em breve — prometeu ele. Seus olhos voltaram à varanda e ele se inclinou para me dar um beijo rápido embaixo de meu queixo. Meu coração oscilou freneticamente e também olhei a varanda. A cara de Billy não estava mais impassível e suas mãos se fecharam nos braços da cadeira.

— Em breve — destaquei enquanto abria a porta e saía para a chuva.

Pude sentir os olhos dele nas minhas costas enquanto quase corria no chuvisco leve até a varanda.

— Oi, Billy. Oi, Jacob. — Cumprimentei-os do modo mais animado que pude. — Charlie passou o dia fora... Espero que não estejam aguardando há muito tempo.

— Não muito — disse Billy num tom de derrota. Seus olhos escuros eram penetrantes. — Eu só queria trazer isto. — Ele indicou um saco de papel pardo em seu colo.

— Obrigada — eu disse, mas não fazia ideia do que podia ser. — Por que não entram por um minuto e se secam?

Fingi não perceber sua análise cuidadosa enquanto eu destrancava a porta, e acenei para que passassem na minha frente.

— Deixe que eu leve isso — ofereci, virando-me para fechar a porta. Eu me permiti um último olhar para Edward. Ele esperava, perfeitamente imóvel, os olhos solenes.

— Vai precisar colocar na geladeira — Billy ressaltou enquanto me passava o pacote. — É um peixe frito caseiro do Harry Clearwater... O preferido de Charlie. A geladeira o mantém seco. — Ele deu de ombros.

— Obrigada — repeti, mas desta vez com sinceridade. — Eu estava pensando em novas maneiras de preparar peixe e ele acabou trazendo mais para casa ontem à noite.

— Foi pescar de novo? — perguntou Billy com um brilho súbito nos olhos. — No lugar de sempre? Talvez eu passe por lá para vê-lo.

— Não — menti rapidamente, minha cara ficando dura. — Ele foi a um lugar novo... Mas não faço ideia de onde fica.

Ele considerou minha expressão alterada e isso o deixou pensativo.

— Jake — disse ele, ainda me avaliando. — Por que não pega aquela foto nova de Rebecca no carro? Vou deixar para o Charlie também.

— Onde está? — perguntou Jacob, a voz sombria. Olhei para ele, mas ele encarava a porta, as sobrancelhas unidas.

— Acho que vi na mala — disse Billy. — Talvez tenha que procurar.

Jacob voltou curvado para a chuva.

Billy e eu nos encaramos em silêncio. Depois de alguns segundos, a quietude começou a parecer estranha, então eu me virei e fui à cozinha. Pude ouvir suas rodas molhadas guinchando no linóleo enquanto ele me seguia.

Coloquei o saco na prateleira abarrotada de cima da geladeira e me virei para enfrentá-lo. Seu rosto de rugas profundas era indecifrável.

— Charlie vai demorar a voltar. — Minha voz era quase rude.

Ele assentiu, concordando, mas não disse nada.

— Obrigada novamente pelo peixe frito — intimidei-o.

Ele continuou balançando a cabeça. Eu suspirei e cruzei os braços.

Ele pareceu sentir que eu tinha desistido de bater papo.

— Bella — disse ele, e depois hesitou.

Esperei.

— Bella — falou novamente —, Charlie é um de meus melhores amigos.

— Sim.

Ele pronunciava cada palavra com cuidado com sua voz de trovão.

— Percebi que você anda saindo com um dos Cullen.

— Sim — repeti asperamente.

Seus olhos se estreitaram.

— Talvez não seja da minha conta, mas não acho que seja uma boa ideia.

— Tem razão — concordei. — Não é da sua conta.

Ele ergueu as sobrancelhas grisalhas ao ouvir meu tom de voz.

— Você não deve saber disso, mas a família Cullen tem uma fama ruim na reserva.

— Na verdade, eu sei disso — informei a ele numa voz dura. Isto o surpreendeu. — Mas essa fama pode não ser merecida, não é? Porque os Cullen nunca colocaram os pés na reserva, colocaram? — Pude ver que meu recado nada sutil do acordo que ambos fizeram para proteção de sua tribo o fez estacar.

— É verdade — cedeu ele, os olhos em guarda. — Você parece... bem-informada sobre os Cullen. Mais informada do que eu esperava.

Olhei-o de cima.

— Talvez ainda mais bem-informada do que você.

Ele franziu os lábios grossos, pensando no assunto.

— Talvez — admitiu ele, mas os olhos eram astutos. — Charlie está bem-informado?

Ele encontrou uma brecha em minha armadura.

— Charlie gosta muito dos Cullen — tentei escapar. Ele claramente entendeu minha evasiva. Sua expressão era infeliz, mas não trazia surpresa.

— Não é problema meu — disse ele. — Mas pode ser problema de Charlie.

— Mas de novo seria problema meu pensar se é ou não problema de Charlie, não é?

Perguntei-me se ele entendeu minha pergunta confusa enquanto eu lutava para não dizer nada de comprometedor. Mas ele pareceu entender. Pensou no assunto enquanto a chuva batia no telhado, o único som que quebrava o silêncio.

— Sim — rendeu-se, por fim. — Acho que também é problema seu.

Eu suspirei de alívio.

— Obrigada, Billy.

— Mas pense no que está fazendo, Bella — insistiu ele.

— Tudo bem — concordei rapidamente.

Ele franziu o cenho.

— O que eu queria dizer era, não faça o que está fazendo.

Olhei nos olhos dele, cheios apenas de preocupação por mim, e não havia nada que eu pudesse dizer.

Neste momento a porta da frente bateu alto e eu pulei com o som.

— Não tem foto nenhuma no carro — a voz queixosa de Jacob chegou a nós

antes dele. Os ombros de sua camisa estavam manchados de chuva, o cabelo pingava, quando ele apareceu.

— Hmmm — grunhiu Billy, distante de repente, girando a cadeira para olhar o filho. — Acho que deixei em casa.

Jacob revirou os olhos teatralmente.

— Que ótimo.

— Bem, Bella, diga ao Charlie — Billy parou antes de continuar — que passamos por aqui.

— Vou dizer — murmurei.

Jacob ficou surpreso.

— Já estamos indo embora?

— O Charlie vai chegar tarde — explicou Billy ao passar por Jacob.

— Ah — Jacob parecia decepcionado. — Bom, acho que a gente se vê depois, Bella.

— Claro — concordei.

— Cuide-se — alertou-me Billy. Não respondi.

Jacob ajudou o pai a sair pela porta. Dei um aceno breve, olhando rapidamente para minha picape agora vazia, e depois fechei a porta antes que eles tivessem ido.

Fiquei no hall por um minuto, ouvindo o som do carro dos dois enquanto dava a ré e partia. Fiquei onde estava, esperando que a irritação e a angústia passassem. Quando a tensão enfim diminuiu um pouco, subi para trocar de roupa.

Tentei algumas camisetas diferentes, sem ter certeza do que esperar desta noite. Enquanto me concentrava no que ia acontecer, o que acabara de se passar tornou-se insignificante. Agora que eu estava livre da influência de Edward e Jasper, comecei a entender que devia ter ficado apavorada antes. Desisti rapidamente de escolher uma roupa — vestindo jeans e uma camisa velha de flanela — sabendo que, de qualquer forma, ficaria de capa de chuva a noite toda.

O telefone tocou e disparei escada abaixo para atender. Só havia uma voz que eu queria ouvir, a de qualquer outra pessoa seria uma decepção. Mas eu sabia que se ele quisesse falar comigo, provavelmente se materializaria no meu quarto.

— Alô? — eu disse, sem fôlego.

— Bella? Sou eu — disse Jessica.

— Ah, oi, Jess. — Tive alguma dificuldade para voltar à realidade. Parecia que meses tinham se passado, e não dias, desde que eu falara com Jess. — Como foi o baile?

— Foi tão divertido! — explodiu Jessica. Sem precisar de mais convite do que isso, ela se lançou em um relato minucioso da noite anterior. Eu dizia meus hmmm e ah nos momentos certos, mas não foi fácil me concentrar. Jessica, Mike, o baile, a escola, todos pareciam estranhamente irrelevantes no momento. Meus olhos disparavam para a janela, tentando avaliar o grau de luminosidade por trás das nuvens pesadas.

— Você ouviu o que eu disse, Bella? — perguntou Jess, irritada.

— Desculpe, o que foi?

— Eu disse que o Mike me beijou! Dá para acreditar?

— É maravilhoso, Jess — eu disse.

— E aí, o que você fez ontem? — desafiou Jessica, ainda parecendo aborrecida com a minha desatenção. Ou talvez ela estivesse irritada porque eu não pedi detalhe nenhum.

— Na verdade, nada. Só fiquei por aí, curtindo o sol.

Ouvi o carro de Charlie na garagem.

— Soube mais alguma coisa do Edward Cullen?

A porta da frente bateu e pude ouvir os passos pesados de Charlie sob a escada, guardando o equipamento.

— Hmmm — hesitei, a essa altura sem ter certeza de qual era minha história.

— Olá, garota! — gritou Charlie ao entrar na cozinha. Acenei para ele.

Jess ouviu a voz dele.

— Ah, seu pai está aí. Deixa pra lá... A gente conversa amanhã. Vejo você na trigonometria.

— Até mais, Jess. — Desliguei o telefone. — Oi, pai — eu disse. Ele estava esfregando as mãos na pia. — Onde está o peixe?

— Coloquei no freezer.

— Vou separar uns pedaços antes que congelem... Billy deixou um pouco do peixe frito de Harry Clearwater esta tarde. — Tentei parecer entusiasmada.

— Deixou, é? — Os olhos de Charlie se iluminaram. — É o meu favorito.

Charlie se limpava enquanto eu preparava o jantar. Em pouco tempo estávamos sentados à mesa, comendo em silêncio. Charlie desfrutava de sua

refeição. Eu me perguntava desesperadamente como cumprir minha atribuição, lutando para pensar em uma maneira de abordar o assunto.

— O que fez hoje? — perguntou ele, arrancando-me de meus devaneios.

— Bom, hoje à tarde só fiquei em casa... — Só a parte mais recente desta tarde, na verdade. Tentei manter a voz tranquila, mas meu estômago estava oco. — E hoje de manhã fui à casa dos Cullen.

Charlie largou o garfo.

— À casa do Dr. Cullen? — perguntou ele, atordoado.

Fingi não perceber a reação dele.

— É.

— O que foi fazer lá? — Ele não pegou o garfo de novo.

— Bom, eu tenho uma espécie de encontro com Edward Cullen esta noite e ele queria me apresentar aos pais dele... Pai?

Parecia que Charlie estava tendo um aneurisma.

— Pai, você está bem?

— Você está saindo com Edward Cullen? — trovejou ele.

Opa.

— Pensei que gostasse dos Cullen.

— Ele é velho demais para você — ralhou ele.

— Nós dois somos do primeiro ano — eu o corrigi, embora ele estivesse mais certo do que sonhava.

— Espere... — ele parou. — Quem é o Edwin?

— Edward é o mais novo, aquele de cabelo castanho-avermelhado. — O lindo, o divino...

— Ah, bom, isso é melhor, eu acho. Não gosto do jeito daquele grandalhão. Tenho certeza de que é um bom rapaz e tudo, mas ele parece tão... maduro para você. Este Edwin é seu namorado?

— É Edward, pai.

— Ele é?

— Mais ou menos, eu acho.

— Ontem à noite você disse que não estava interessada em nenhum dos rapazes da cidade. — Mas ele pegou o garfo de novo, então pude ver que o pior havia passado.

— Bom, Edward não mora na cidade, pai.

Ele me lançou um olhar de desdém enquanto mastigava.

— E de qualquer forma — continuei —, ainda é uma fase meio inicial, sabe? Não me constranja com toda aquela conversa de namorado, está bem?

— Quando é que ele chega?

— Vai aparecer daqui a alguns minutos.

— Aonde ele vai levar você?

Gemi alto.

— Espero que você tenha eliminado a Inquisição Espanhola de seu sistema agora. Vamos jogar beisebol com a família dele.

Seu rosto se enrugou e ele finalmente riu.

— Você vai jogar beisebol?

— Bom, provavelmente vou ficar assistindo a maior parte do tempo.

— Deve gostar mesmo desse rapaz — observou ele, cheio de desconfiança.

Eu suspirei e revirei os olhos para convencê-lo.

Ouvi o ronco de um motor na frente da casa. Coloquei-me de pé num salto e comecei a lavar os pratos.

— Deixe os pratos, posso cuidar deles hoje. Você me mima demais.

A campainha tocou e Charlie foi atender. Eu meio que fiquei um passo atrás dele.

Não percebi como estava chovendo lá fora. Edward estava parado no halo de luz da varanda, parecendo um modelo de anúncio de capas de chuva.

— Entre, Edward.

Soltei um suspiro de alívio quando Charlie disse o nome dele certo.

— Obrigado, chefe Swan — disse Edward num tom respeitoso.

— Pode me chamar de Charlie. Me dê seu casaco.

— Obrigado, senhor.

— Sente-se aqui, Edward.

Eu sorri.

Edward se sentou languidamente na única poltrona, obrigando-me a me sentar no sofá ao lado do chefe Swan. Rapidamente eu o fuzilei com os olhos. Ele piscou às costas de Charlie.

— Então eu soube que vai levar minha menina para ver um jogo de beisebol. — Só mesmo em Washington o fato de estar chovendo baldes não perturbaria em nada os esportes ao ar livre.

— Sim, senhor, o plano é esse. — Ele não pareceu surpreso que eu tivesse contado a verdade a meu pai. Mas ele também podia estar ouvindo.

— Bem, mais poder para você, imagino.

Charlie riu e Edward o acompanhou.

— Muito bem. — Eu me levantei. — Chega de se divertirem à minha custa. Vamos. — Voltei ao hall e vesti meu casaco. Eles me seguiram.

— Não chegue muito tarde, Bell.

— Não se preocupe, Charlie. Vou trazê-la para casa cedo — prometeu Edward.

— Cuide de minha menina, está bem?

Suspirei, mas os dois me ignoraram.

— Ela estará segura comigo, eu prometo, senhor.

Charlie não podia duvidar da sinceridade de Edward, ela soava em cada palavra.

Olhei para fora. Os dois riram e Edward me seguiu.

Fiquei imóvel na varanda. Ali, atrás de minha picape, estava um Jeep monstruoso. Seus pneus eram mais altos do que minha cintura. Havia grades de metal sobre os faróis e as lanternas traseiras, e quatro refletores grandes presos no para-choque. O chassi era vermelho vivo.

Charlie soltou um assovio baixo.

— Coloquem o cinto — disse ele numa voz abafada.

Edward seguiu até meu lado e abriu a porta do carro. Avaliei a distância até o banco e me preparei para pular. Ele suspirou e me ergueu com uma das mãos. Eu esperei que Charlie não tivesse visto isso.

Enquanto ele ia para o lado do motorista num passo humano e normal, eu tentava colocar o cinto de segurança. Mas havia fivelas demais.

— O que é tudo isso? — perguntei quando ele abriu a porta.

— É um arnês de off-road.

— Ah, bom.

Tentei encontrar os lugares certos para todas as fivelas, mas não estava sendo muito rápida. Ele suspirou e estendeu a mão para me ajudar. Fiquei feliz que a chuva fosse pesada demais para que Charlie enxergasse com clareza da varanda. Isso significava que ele não podia ver como as mãos de Edward se demoraram em meu pescoço, roçando em minha clavícula. Desisti de tentar ajudá-lo e me

concentrei em não perder o fôlego.

Edward girou a chave e o motor rugiu. Nós nos afastamos da casa.

— Mas é um... hã... Jeep bem grande o que você tem.

— É de Emmett. Não acho que você queira correr o caminho todo.

— Onde vocês guardam essa coisa?

— Reformamos um dos anexos da casa e fizemos uma garagem.

— Não vai colocar o cinto de segurança?

Ele me lançou um olhar de descrença.

E então a ficha caiu.

— Correr o caminho todo? Ainda vamos ter que correr parte do caminho? — Minha voz subiu algumas oitavas.

Ele deu um sorriso duro.

— Você não vai correr.

— Eu vou é ficar enjoada.

— Mantenha os olhos fechados, vai ficar bem.

Mordi o lábio, lutando contra o pânico.

Ele se inclinou para dar um beijo no alto de minha cabeça, e depois suspirou. Olhei para ele, confusa.

— Você cheira tão bem na chuva — explicou ele.

— De um jeito bom ou de um jeito ruim? — perguntei com cautela.

Ele suspirou.

— Os dois, sempre os dois.

Não sei como ele encontrou o caminho no escuro e no temporal, mas de algum modo achou uma estrada vicinal que era menos uma estrada e mais uma trilha montanhosa. Foi impossível conversar por algum tempo, porque ficamos quicando no banco como uma britadeira. Mas ele parecia gostar da viagem, com um sorriso largo o caminho todo.

E depois chegamos ao final da estrada; as árvores formavam muralhas verdes dos dois lados do Jeep. A chuva era apenas um chuvisco, diminuindo a cada segundo, o céu mais claro através das nuvens.

— Desculpe, Bella, temos que ir a pé a partir daqui.

— Sabe de uma coisa? Vou esperar por aqui mesmo.

— O que aconteceu com toda a sua coragem? Você foi extraordinária hoje de manhã.

— Ainda não me esqueci da última vez. — Será que foi só ontem?

De repente, ele estava do meu lado do carro. Começou a me desafivelar.

— Vou ficar com isso, você vai em frente — protestei.

— Hmmm... — murmurou ele enquanto terminava rapidamente. — Parece que terei que mexer na sua memória.

Antes que eu pudesse reagir, ele me puxou do Jeep e me colocou de pé no chão. Agora mal havia uma névoa; Alice tinha razão.

— Mexer com minha memória? — perguntei, nervosa.

— Algo parecido.

Ele me observava intensamente, com cuidado, mas havia humor no fundo de seus olhos. Apoiou as mãos no Jeep dos dois lados de minha cabeça e se inclinou para a frente, obrigando-me a encostar na porta. Chegou mais perto ainda, o rosto a centímetros do meu. Eu não tinha espaço para escapar.

— Agora — murmurou ele, e seu cheiro perturbou meu processo de pensamento —, com o que exatamente está se preocupando?

— Bom, hmmm, bater numa árvore — engoli em seco — e morrer. E depois ficar enjoada.

Ele reprimiu um sorriso. Depois baixou a cabeça e tocou com os lábios frios a base de meu pescoço.

— Ainda está preocupada? — sussurrou ele contra minha pele.

— Sim. — Lutei para me concentrar. — Com bater em árvores e ficar enjoada.

Seu nariz traçou uma linha pela pele de meu pescoço até a ponta do queixo. Seu hálito frio pinicou minha pele.

— E agora? — Seus lábios sussurraram em meu rosto.

— Árvores — arfei. — Enjoo de viagem.

Ele ergueu o rosto para beijar minhas pálpebras.

— Bella, você não acha realmente que eu bateria numa árvore, acha?

— Não, mas eu posso bater. — Não havia confiança nenhuma em minha voz. Ele farejou uma vitória fácil.

Edward beijou lentamente meu pescoço, parando perto do canto de minha boca.

— Eu deixaria uma árvore machucar você? — Seus lábios mal roçaram meu lábio inferior trêmulo.

— Não — sussurrei. Eu sabia que havia uma segunda parte em minha defesa brilhante, mas não conseguia resgatá-la.

— Está vendo — disse ele, os lábios movendo-se nos meus. — Não há motivo para temer, há?

— Não — eu suspirei, desistindo.

Depois ele pegou meu rosto nas mãos quase com indelicadeza e me beijou, os lábios inflexíveis movimentando-se nos meus.

Não havia desculpa nenhuma para meu comportamento. Obviamente, agora eu sabia disso. E no entanto não consegui deixar de reagir exatamente como naquela primeira vez. Em vez de ficar imóveis, meus braços se estenderam para agarrar com força seu pescoço e eu de repente estava colada em sua figura pétrea. Eu suspirei e meus lábios se separaram.

Ele recuou, cambaleando, interrompendo sem esforço meu abraço.

— Droga, Bella! — explodiu ele, ofegando. — Você vai me matar, juro que vai.

Eu me curvei, segurando os joelhos para me apoiar.

— Você é indestrutível — murmurei, tentando recuperar o fôlego.

— Eu podia ter acreditado nisso antes de conhecer você. Agora vamos sair daqui antes que eu faça alguma idiotice — rosnou ele.

Ele me atirou em suas costas como fizera antes e pude ver o esforço a mais que fez para ser tão gentil como tinha sido. Fechei as pernas em sua cintura e mantive os braços seguros em um aperto sufocante em seu pescoço.

— Não se esqueça de fechar os olhos — alertou ele, sério.

Rapidamente meti o rosto em sua omoplata, sob meu próprio braço, e fechei os olhos com força.

Mal pude notar que estávamos em movimento. Senti que ele deslizava embaixo de mim, mas ele podia estar andando na calçada, tão suave era o movimento. Fiquei tentada a olhar, só para ver se estava voando pela floresta como antes, mas resisti. Não valia a pena ter aquela vertigem medonha. Concentrei-me em ouvir sua respiração indo e vindo tranquilamente.

Só tive certeza de que paramos quando ele estendeu a mão para trás e tocou meu cabelo.

— Acabou, Bella.

Ousei abrir os olhos e, evidentemente, estávamos parados. Rígida soltei todo o

abraço que me travava em seu corpo e escorreguei para o chão, caindo de costas.

— Ai! — gemi ao atingir o chão molhado.

Ele me olhava incrédulo, evidentemente sem ter certeza se ainda estava irritado demais para me achar engraçada. Mas minha expressão desnorteada foi demais para ele, e ele soltou uma gargalhada ruidosa.

Eu me endireitei, ignorando-o enquanto tirava a lama e as samambaias de meu casaco. Isso só o fez rir ainda mais. Irritada, comecei a entrar na floresta.

Senti seu braço em minha cintura.

— Aonde vai, Bella?

— Ver o jogo de beisebol. Você não parece mais estar interessado em jogar, mas tenho certeza de que os outros se divertirão sem você.

— Está indo pelo caminho errado.

Eu me virei sem olhar para ele e fui na direção contrária. Ele me pegou novamente.

— Não fique chateada, não consegui evitar. Devia ter visto a sua cara. — Ele riu antes que pudesse se conter.

— Ah, então só você pode ficar chateado? — perguntei, erguendo as sobrancelhas.

— Eu não queria aborrecer você.

— "Bella, você vai me matar?" — citei acidamente.

— Esta foi simplesmente a declaração de uma realidade.

Tentei me afastar de novo, mas ele me segurou rapidamente.

— Você ficou irritado — insisti.

— Sim.

— Mas acaba de dizer...

— Que não estava irritado com você. Não entende isso, Bella? — De repente ele estava intenso, sem nenhum vestígio de escárnio. — Não compreende?

— Compreendo o quê? — perguntei, confusa com sua súbita oscilação de humor e com suas palavras.

— Eu nunca tenho raiva de você... Como poderia? Corajosa, confiante... quente, como você é.

— Então por quê? — sussurrei, lembrando-me do estado de espírito sombrio que o afastava de mim e que eu sempre interpretava como frustração justificada; frustração com minha fraqueza, minha lentidão, minhas reações humanas

desgovernadas...

Ele pôs as mãos com cuidado em meu rosto.

— Eu me enfureço comigo mesmo — disse ele delicadamente. — Por não conseguir manter você longe do perigo. Minha própria existência a coloca em risco. Às vezes eu me odeio verdadeiramente. Eu devia ser mais forte, devia ser capaz de...

Coloquei a mão em sua boca.

— Não.

Ele pegou minha mão, passando-a pelos lábios, mas a segurou em seu rosto.

— Eu te amo — disse ele. — É uma desculpa ruim para o que estou fazendo, mas ainda é verdadeira.

Foi a primeira vez que ele disse que me amava — com todas as letras. Ele podia não perceber isso, mas eu sem dúvida percebi.

— Agora, por favor, procure se comportar — continuou ele, e roçou suavemente os lábios nos meus.

Fiquei adequadamente imóvel. Depois suspirei.

— Você prometeu ao chefe Swan que me levaria para casa cedo, lembra? É melhor irmos.

— Sim, senhora.

Ele sorriu com malícia e me soltou, ainda segurando minha mão. Levou-me alguns metros pelas samambaias altas, molhadas e lamacentas, contornamos uma cicuta e lá estávamos, na beira de um enorme campo aberto ao pé dos picos Olympic. Tinha duas vezes o tamanho de qualquer estádio de beisebol.

Pude ver todos os outros ali; Esme, Emmett e Rosalie, sentados em um afloramento de rocha nua, eram os mais próximos de nós, talvez a uns cem metros. A uma distância muito maior pude ver Alice e Jasper, pelo menos a quatrocentos metros, parecendo atirar alguma coisa entre eles, mas não vi bola nenhuma. Parecia que Carlisle estava preparando as bases, mas será que podiam ficar tão longe assim?

Quando entramos em seu campo de visão, os três na pedra se levantaram. Esme veio na nossa direção. Emmett a seguiu depois de olhar longamente para Rosalie. Rosalie se levantou graciosamente e se afastou do campo sem olhar para nós. Meu estômago tremeu inquieto em reação a isso.

— Foi você que ouvimos, Edward? — perguntou Esme enquanto se

aproximava.

— Parecia um urso sufocando — esclareceu Emmett.

Eu sorri hesitante para Esme.

— Foi ele.

— Bella foi engraçada sem querer — explicou Edward, rapidamente se desforrando.

Alice tinha deixado sua posição e corria, ou dançava, para nós. Atirou-se até parar a nossos pés.

— Está na hora — anunciou ela.

Assim que ela falou, um estrondo grave de trovão sacudiu a floresta para além de nós e explodiu a oeste, na cidade.

— Sinistro, não é? — disse Emmett com uma familiaridade tranquila, piscando para mim.

— Vamos. — Alice estendeu a mão para Emmett e eles dispararam para o campo gigantesco; ela corria como uma gazela. Ele era igualmente gracioso e rápido; mas jamais poderia ser comparado a uma gazela.

— Está pronta para uma bola? — perguntou Edward, os olhos ansiosos, brilhantes.

Tentei parecer adequadamente entusiasmada.

— Vai nessa!

Ele riu baixinho e, depois de afagar meu cabelo, saiu quicando atrás dos outros dois. Sua corrida era mais agressiva, um guepardo, e não uma gazela, e ele rapidamente os ultrapassou. A graça e a força me tiraram o fôlego.

— Vamos? — perguntou Esme com sua voz melodiosa e baixa, e percebi que eu encarava Edward boquiaberta. Rapidamente recompus minha expressão e assenti. Esme mantinha alguma distância entre nós e eu me perguntei se ela ainda estava tendo o cuidado de não me assustar. Ela acompanhou meus passos sem aparentar impaciência com meu ritmo.

— Não vai jogar com eles? — perguntei timidamente.

— Não, prefiro fazer a arbitragem... Gosto de mantê-los honestos — explicou ela.

— Eles trapaceiam, então?

— Ah, sim... Devia ouvir as discussões em que se metem! Na verdade, espero que não ouça, você pensaria que foram criados por uma matilha de lobos.

— Você parece a minha mãe — eu ri, surpresa.

Ela também riu.

— Bem, eu os vejo como meus filhos do mesmo jeito. Jamais consegui superar meus instintos maternos... Edward lhe contou que perdi um filho?

— Não — murmurei, atordoada, lutando para entender de que vida ela estava se lembrando.

— Sim, meu primeiro e único bebê. Ele morreu alguns dias depois de nascer, o coitadinho — ela suspirou. — Isso me destruiu... Foi por isso que pulei do penhasco, sabia? — acrescentou ela simplesmente.

— Edward disse que você ca-caiu — gaguejei.

— Sempre um cavalheiro. — Ela sorriu. — Edward foi o primeiro de meus novos filhos. Sempre penso nele desta forma, embora ele seja mais velho do que eu, pelo menos de certa maneira. — Ela sorriu para mim calorosamente. — É por isso que fico tão feliz que ele tenha encontrado você, querida. — A estima parecia bem natural em seus lábios. — Ele tem sido um homem solitário há muito tempo; magoa-me vê-lo tão só.

— Não se importa, então? — perguntei, hesitante de novo. — Que eu seja... completamente errada para ele?

— Não. — Ela ficou pensativa. — É você o que ele quer. Vai dar certo, de algum jeito — disse ela, embora sua testa tenha se vincado de preocupação. Começou outro estrondo de trovão.

Esme parou então; aparentemente, tínhamos chegado à beira do campo. Parecia que tinham formado equipes. Edward estava à esquerda, Carlisle entre a primeira e a segunda bases, e Alice segurava a bola, posicionada no local que devia ser o montinho do lançador.

Emmett girava um bastão de alumínio; sibilava quase invisível no ar. Esperei que ele se aproximasse da base do batedor, mas depois percebi, enquanto ele assumia a posição, que já estava lá — mais distante do lançador do que eu achava possível. Jasper estava vários metros atrás dele, pegando para a outra equipe. É claro que nenhum deles tinha luvas.

— Tudo bem — gritou Esme numa voz clara, que eu sabia que até Edward podia ouvir, embora estivesse muito longe. — Podem bater.

Alice se endireitou, enganosamente imóvel. Seu estilo parecia ser cauteloso, e não um movimento circular intimidador. Ela segurava a bola com as duas mãos à

altura da cintura e depois, como o bote de uma cobra, a mão direita voou e a bola bateu na mão de Jasper.

— Foi um strike? — sussurrei para Esme.

— Se não rebaterem, não é strike — disse-me ela.

Jasper devolveu a bola à mão de Alice, que aguardava. Ela se permitiu um sorriso breve. E depois sua mão girou novamente.

Desta vez o bastão de algum jeito conseguiu girar a tempo de se chocar na bola invisível. O som do impacto foi de despedaçar, um trovão; ecoou nas montanhas — imediatamente entendi a necessidade da tempestade.

A bola passou como um meteoro pelo campo, voando para a floresta ao redor.

— Home run — murmurei.

— Espere — alertou Esme, ouvindo com atenção, a mão erguida. Emmett era um borrão pelas bases, Carlisle lhe fazia sombra. Percebi que Edward não estava lá.

— Fora — gritou Esme numa voz clara.

Olhei sem acreditar enquanto Edward disparava da margem das árvores, a bola na mão erguida, o sorriso largo visível até para mim.

— Emmett bateu com muita força — explicou Esme —, mas Edward é o que corre mais rápido.

O inning continuou diante de meus olhos incrédulos. Era impossível acompanhar a velocidade com que a bola voava, o ritmo de seus corpos disparando pelo campo.

Entendi outro motivo para que eles esperassem por uma tempestade e pelos trovões para jogar quando Jasper, tentando evitar a infalível devolução de Edward, bateu uma bola para Carlisle. Carlisle correu para a bola e esbarrou em Jasper na primeira base. Quando eles se chocaram, o som foi como o esmagar da queda de duas pedras enormes. Pulei de preocupação, mas eles de algum modo estavam ilesos.

— Salva — gritou Esme numa voz calma.

O time de Emmett vencia de um a zero — Rosalie conseguiu flutuar pelas bases depois de seguir um dos longos voos de Emmett — quando Edward pegou a terceira bola fora. Ele correu para o meu lado, cintilando de empolgação.

— O que está achando? — perguntou.

— De uma coisa eu tenho certeza, nunca mais vou conseguir ficar sentada

vendo um jogo da liga principal de beisebol.

— Até parece que você já fez muito isso — ele riu.

— Estou meio decepcionada — disse com escárnio.

— Por quê? — perguntou ele, confuso.

— Bom, seria ótimo se eu pudesse encontrar só uma coisa em que você não seja melhor do que todo mundo do planeta.

Ele abriu o sorriso torto especial, deixando-me sem fôlego.

— Estou pronto — disse ele, indo para a base.

Ele jogava com inteligência, mantendo a bola baixa, fora do alcance da mão sempre preparada de Rosalie, conquistando duas bases como um raio antes que Emmett pudesse recolocar a bola em jogo. Carlisle bateu uma tão longe do campo — com uma explosão que feriu meus ouvidos — que ele e Edward chegaram na bola. Alice os cumprimentou com um bater de palmas delicado.

O placar mudava constantemente com o decorrer do jogo e eles implicavam uns com os outros como jogadores de rua enquanto se alternavam na liderança. De vez em quando Esme os chamava à ordem. O trovão soou, mas ficamos secos, como Alice havia previsto.

Carlisle estava com o bastão, Edward pegando, quando Alice de repente ofegou. Meus olhos estavam em Edward, como sempre, e vi sua cabeça virar para olhá-la. Os olhos dos dois se encontraram e alguma coisa fluiu entre eles em um segundo. Ele estava ao meu lado antes que os outros pudessem perguntar a Alice o que havia de errado.

— Alice? — A voz de Esme era tensa.

— Eu não vi... Não sabia — sussurrou ela.

Todos os outros estavam reunidos a essa altura.

— O que é, Alice? — perguntou Carlisle com a voz calma de autoridade.

— Eles estavam viajando muito mais rápido do que eu pensava. Posso ver que tive a perspectiva errada antes — murmurou ela.

Jasper se inclinou para ela, a postura protetora.

— O que mudou? — perguntou ele.

— Eles nos ouviram jogando e isso alterou seu rumo — disse ela, pesarosa, como se se sentisse responsável pelo que a assustara.

Vários pares de olhos dispararam para mim e se desviaram.

— Quanto tempo? — disse Carlisle, virando-se para Edward.

Um olhar de preocupação intensa atravessou seu rosto.

— Menos de cinco minutos. Estão correndo... Querem jogar. — Ele fechou a cara.

— Acha que consegue? — perguntou-lhe Carlisle, os olhos disparando para mim de novo.

— Não, não carregando... — Ele se interrompeu. — Além disso, a última coisa de que precisamos é que eles sintam o cheiro e comecem a caçar.

— Quantos? — perguntou Emmett a Alice.

— Três — respondeu ela, tensa.

— Três! — zombou ele. — Que venham, então. — Os feixes de aço dos músculos se flexionaram por seus braços imensos.

Por uma fração de segundo que pareceu muito maior do que era, Carlisle refletiu. Só Emmett parecia não se perturbar; os demais fitavam Carlisle com os olhos ansiosos.

— Vamos continuar o jogo — decidiu por fim Carlisle. Sua voz era fria e inalterada. — Alice disse que estavam simplesmente curiosos.

Tudo isso foi dito num jato de palavras que só durou alguns segundos. Ouvi com cuidado e peguei a maior parte delas, embora não pudesse ouvir o que Esme agora perguntava a Edward com uma vibração silenciosa dos lábios. Só vi o leve tremor na cabeça de Edward e o olhar de alívio no rosto de Esme.

— Você pega, Esme — disse ele. — Agora eu sou o juiz. — E ele se plantou diante de mim.

Os outros voltaram ao campo, varrendo cautelosos a floresta escura com os olhos afiados. Alice e Esme pareciam orientadas para onde eu estava.

— Solte os cabelos — disse Edward num tom baixo e tranquilo.

Obediente, tirei o elástico de meu cabelo e o sacudi em volta de mim.

Declarei o óbvio:

— Os outros estão chegando agora.

— Sim, fique muito quieta e não saia do meu lado, por favor. — Ele escondeu bem a ênfase em sua voz, mas pude ouvi-la. Ele puxou meu cabelo comprido para a frente, em torno de meu rosto.

— Isso não vai ajudar — disse Alice delicadamente. — Posso sentir o cheiro dela do outro lado do campo.

— Eu sei. — Um toque de frustração tingiu sua voz.

Carlisle se colocou na base e os outros se juntaram ao jogo sem muita disposição.

— O que Esme perguntou a você? — sussurrei.

Ele hesitou por um segundo antes de responder.

— Se eles estavam com sede — murmurou ele de má vontade.

Os segundos passavam; o jogo continuava agora de forma apática. Ninguém ousava rebater mais de uma vez e Emmett, Rosalie e Jasper pairavam pelo campo. De vez em quando, apesar do medo que entorpecia meu cérebro, eu percebia os olhos de Rosalie em mim. Não tinham expressão, mas alguma coisa no modo como mantinha a boca me fazia pensar que estava com raiva.

Edward não prestou atenção ao jogo, os olhos e a mente vagando pela floresta.

— Desculpe, Bella — murmurou com ferocidade. — Foi idiotice, uma irresponsabilidade, expor você desta forma. Desculpe-me.

Ouvi sua respiração parar e os olhos estacaram no campo. Ele deu um meio passo, postando-se entre mim e o que estava chegando.

Carlisle, Emmett e os outros se viraram na mesma direção, ouvindo sons de passos fracos demais para minha audição.

18. A CAÇADA

UM POR UM, ELES SAÍRAM DA FLORESTA, separados uns dez metros um do outro. O primeiro homem na clareira recuou de imediato, permitindo que o segundo tomasse a frente, orientando-se pelo homem alto de cabelos escuros que claramente parecia ser o líder do bando. O terceiro membro era uma mulher; desta distância, só o que pude ver foi que seu cabelo era de um tom surpreendente de vermelho.

Cerraram fileira antes de continuar cautelosamente em direção à família de Edward, exibindo o respeito natural de um bando de predadores ao encontrar um grupo maior e desconhecido de sua própria espécie.

À medida que se aproximavam, pude ver como eram diferentes dos Cullen. Seu andar era como o de um felino, um caminhar que parecia constantemente prestes a mudar para o rastejar. Vestiam roupas comuns de mochileiros: jeans e camisas informais de tecido pesado e impermeável. Mas as roupas estavam puídas pelo uso e eles estavam descalços. Os dois homens tinham o cabelo curto, mas o cabelo alaranjado brilhante da mulher estava cheio de folhas e outros restos da mata.

Seus olhos penetrantes pararam cuidadosamente na atitude mais educada e cortês de Carlisle que, ladeado por Emmett e Jasper, avançou atentamente para encontrá-los. Sem nenhuma comunicação aparente, cada um deles se endireitou numa postura mais despreocupada e ereta.

O homem na frente era sem dúvida o mais bonito, a pele azeitonada com a palidez típica, o cabelo de um preto acetinado. Era de estatura mediana, musculoso, é claro, mas nada parecido com a força de Emmett. Abriu um sorriso tranquilo, expondo um lampejo de dentes brancos cintilantes.

A mulher era mais impetuosa, os olhos vagando incansavelmente entre os homens que a encaravam e o grupo destacado em torno de mim, o cabelo caótico vibrando na leve brisa. Sua postura era distintamente felina. O segundo homem pairava atrás deles sem atrapalhar, mais magro do que o líder, o cabelo castanho-

claro e as feições comuns sem revelar nada. Seus olhos, embora completamente imóveis, de algum modo pareciam os mais vigilantes.

Os olhos também eram diferentes. Nem dourados nem pretos, o que eu esperava, mas de um vinho profundo que era perturbador e sinistro.

O homem de cabelos pretos, ainda sorrindo, aproximou-se de Carlisle.

— Pensamos ter ouvido um jogo — disse ele num tom relaxado, com um leve sotaque francês. — Meu nome é Laurent, estes são Victoria e James. — Ele gesticulou para os vampiros atrás dele.

— Sou Carlisle. Esta é minha família, Emmett e Jasper, Rosalie, Esme e Alice, Edward e Bella. — Ele nos apontou como grupo, deliberadamente sem chamar a atenção para cada um de nós. Senti um choque quando disse meu nome.

— Tem vaga para mais alguns jogadores? — perguntou Laurent socialmente.

Carlisle acompanhou o tom amistoso de Laurent.

— Na verdade, estávamos terminando. Mas certamente nos interessaríamos, em outra ocasião. Pretendem ficar na área por muito tempo?

— Nós vamos para o norte, mas ficamos curiosos para ver quem estava nos arredores. Não encontramos companhia há muito tempo.

— Não, esta região em geral é vazia, a não ser por nós e visitantes ocasionais, como vocês.

O clima tenso lentamente se amenizava em uma conversa despreocupada; imaginei que Jasper estivesse usando seu dom peculiar para controlar a situação.

— Qual é sua área de caça? — perguntou Laurent casualmente.

Carlisle ignorou o pressuposto por trás da indagação.

— A área do Olympic, aqui, a área costeira de vez em quando. Mantemos residência permanente aqui perto. Há outra base permanente como a nossa perto de Denali.

Laurent ficou um pouco surpreso.

— Permanente? Como conseguem isso? — Havia uma curiosidade sincera em sua voz.

— Por que não nos acompanham à nossa casa e poderemos conversar com mais conforto? — convidou Carlisle. — É uma história bem longa.

James e Victoria trocaram um olhar de surpresa à menção da palavra "casa", mas Laurent controlou melhor sua expressão.

— Parece muito interessante, e nós aceitamos. — Seu sorriso era afável. —

Viemos caçando desde Ontário e por algum tempo não tivemos a oportunidade de nos limpar. — Seus olhos moveram-se apreciando a aparência refinada de Carlisle.

— Não se ofendam, por favor, mas gostaríamos que refreassem a caça nesta região. Temos que ficar invisíveis, você compreende — explicou Carlisle.

— É claro. — Laurent assentiu. — Certamente não invadiríamos seu território. De qualquer forma, acabamos de nos alimentar nos arredores de Seattle — ele riu. Um tremor percorreu minha coluna.

— Mostraremos o caminho, se quiserem correr conosco... Emmett e Alice, vocês podem ir com Edward e Bella para pegar o Jeep — acrescentou ele casualmente.

Parece que três coisas aconteceram simultaneamente enquanto Carlisle falava. Meu cabelo se levantou com a leve brisa, Edward enrijeceu e o segundo homem, James, virou a cabeça de repente, examinando-me, as narinas infladas.

Uma rigidez súbita caiu sobre eles enquanto James avançava um passo, agachando-se. Edward arreganhou os dentes, agachando-se defensivamente, um rosnado de fera rasgando sua garganta. Não era nada parecido com os sons de brincadeira que eu ouvira dele esta manhã; foi a coisa mais ameaçadora que já ouvi, e arrepios desceram do alto de minha cabeça até os calcanhares.

— O que é isso? — exclamou Laurent, abertamente surpreso. Nem James nem Edward relaxaram sua postura agressiva. James fintou de leve para o lado e Edward se mexeu em resposta.

— Ela está conosco. — A firme repulsa de Carlisle foi dirigida a James. Laurent pareceu captar meu cheiro de forma menos intensa do que James, mas agora o conhecimento disso tomava seu rosto.

— Vocês trouxeram um lanche? — perguntou ele, a expressão incrédula enquanto dava um passo involuntário para a frente.

Edward rosnou com ferocidade ainda maior, asperamente, o lábio se curvando por cima dos dentes nus e reluzentes. Laurent recuou de novo.

— Eu disse que ela está conosco — corrigiu Carlisle numa voz áspera.

— Mas ela é humana — protestou Laurent. As palavras não eram agressivas, apenas surpresas.

— Sim. — Emmett estava muito mais em evidência ao lado de Carlisle, os olhos em James. James lentamente se endireitou, mas seus olhos não me

deixavam, as narinas ainda infladas. Edward permaneceu tenso como um leão diante de mim.

Quando Laurent falou, seu tom era tranquilizador — tentando aquietar a súbita hostilidade.

— Parece que temos de aprender muito um sobre o outro.

— De fato. — A voz de Carlisle ainda era fria.

— Mas gostaríamos de aceitar seu convite. — Seus olhos dispararam para mim e de volta a Carlisle. — E é claro que não prejudicaremos a garota humana. Não caçaremos em seu território, como eu disse.

James olhou para Laurent, aborrecido e incrédulo, e trocou outro breve olhar com Victoria, cujos olhos ainda disparavam de um rosto para outro.

Carlisle avaliou a expressão franca de Laurent por um momento antes de falar.

— Vamos lhes mostrar o caminho. Jasper, Rosalie, Esme? — chamou ele. Eles se reuniram, bloqueando-me de vista ao convergirem. Alice imediatamente estava ao meu lado e Emmett recuou devagar, os olhos em James enquanto se colocava atrás de nós.

— Vamos, Bella. — A voz de Edward era baixa e inexpressiva.

Nesse tempo todo, fiquei enraizada em meu lugar, apavorada, numa imobilidade absoluta. Edward teve que pegar meu cotovelo e me empurrar com força para me retirar do transe. Cambaleei ao lado de Edward, ainda atordoada de medo. Não pude ouvir se o grupo principal ainda estava ali. A impaciência de Edward era quase tangível enquanto seguíamos a um ritmo humano para a margem da floresta.

Depois que estávamos nos bosques, Edward me pendurou em suas costas sem parar de andar. Agarrei-me com a maior força que pude enquanto ele partia, os outros nos seus calcanhares. Mantive a cabeça baixa, mas meus olhos, arregalados de susto, não se fecharam. Eles mergulharam na floresta agora escura como espectros. A alegria que em geral parecia possuir Edward quando ele corria estava completamente ausente, substituída por uma fúria que o consumia e o impelia a seguir ainda mais rápido. Mesmo comigo nas costas, os outros ficaram para trás.

Chegamos ao Jeep em um tempo impossivelmente curto e Edward mal reduziu ao me atirar no banco traseiro.

— Prenda-a — ordenou ele a Emmett, que deslizou para o meu lado.

Alice já estava no banco da frente e Edward ligava o motor. Ele rugiu e

viramos para trás, girando para ficar de frente para a estrada sinuosa.

Edward grunhia alguma coisa rápido demais para que eu entendesse, mas parecia uma série de obscenidades.

A viagem sacolejante desta vez foi muito pior, e a escuridão só a tornou mais assustadora. Emmett e Alice olhavam pela janela.

Chegamos à estrada principal e, embora nossa velocidade aumentasse, eu podia ver muito melhor aonde estávamos indo. E íamos para o sul, para longe de Forks.

— Aonde vamos? — perguntei.

Ninguém respondeu. Ninguém sequer olhou para mim.

— Droga, Edward! Aonde está me levando?

— Temos que afastar você daqui... para longe... agora. — Ele não olhou para trás, os olhos na estrada. O velocímetro marcava 160 quilômetros por hora.

— Dê a volta! Tem que me levar para casa! — gritei. Lutei com o arnês idiota, rasgando as tiras.

— Emmett — disse Edward sombriamente.

E Emmett segurou minhas mãos num aperto de aço.

— Não! Edward! Não, não pode fazer isso.

— Preciso fazer, Bella. Agora por favor, fique quieta.

— Não fico! Tem que me levar de volta... Charlie vai chamar o FBI! Eles vão cair em cima de sua família... Carlisle e Esme! Eles vão ter que ir embora, se esconder para sempre!

— Acalme-se, Bella. — Sua voz era fria. — Já passamos por isso antes.

— Não por minha causa, não pode! Você não vai estragar tudo por minha causa! — Eu lutava violentamente, em vão.

Alice falou pela primeira vez.

— Edward, encoste.

Ele disparou um olhar duro para ela e acelerou.

— Edward, vamos conversar sobre isso.

— Você não entende — rugiu ele de frustração. Nunca ouvi sua voz tão alta; era ensurdecedora dentro do espaço do Jeep. O velocímetro quase chegava a 240 quilômetros. — Ele é um rastreador, Alice, não viu isso? Ele é um rastreador!

Senti Emmett se enrijecer a meu lado e me surpreendi com sua reação à palavra. Significava para os três mais do que para mim; eu queria entender, mas

não tive oportunidade de perguntar.

— Encoste, Edward. — O tom de Alice era razoável, mas havia um toque de autoridade que eu nunca ouvira antes.

O velocímetro passava um pouco dos 190 por hora.

— Encoste, Edward.

— Ouça, Alice. Eu vi a mente dele. Rastrear é a paixão dele, sua obsessão... E ele a quer, Alice... Quer a ela especificamente. Ele começará a caçada hoje à noite.

— Ele não sabe onde...

Ele a interrompeu.

— Quanto tempo acha que ele precisará para sentir o cheiro dela na cidade? Seus planos já estavam preparados antes que as palavras saíssem da boca de Laurent.

Eu arfei, sabendo aonde meu cheiro podia levar.

— Charlie! Não pode deixá-lo lá! Não pode abandoná-lo! — Eu lutava contra o arnês.

— Ela tem razão — disse Alice.

O carro reduziu um pouco.

— Vamos considerar nossas opções por um minuto — disse Alice, tentando persuadi-lo.

O carro reduziu outra vez, mais perceptivelmente e depois, de repente, paramos cantando pneus no acostamento da estrada. Eu voei de encontro ao arnês e bati de costas no banco.

— Não temos opções — sibilou Edward.

— Não vou deixar o Charlie! — gritei.

Ele me ignorou completamente.

— Precisamos levá-la de volta — Emmett finalmente falou.

— Não. — Edward era categórico.

— Ele não é páreo para nós, Edward. Não seria capaz de tocar nela.

— Ele vai esperar.

Emmett sorriu.

— Eu também posso esperar.

— Não veem... Vocês não entendem. Depois que ele se compromete com uma caçada, é inabalável. Vamos ter que matá-lo.

Emmett não parecia se incomodar com a ideia.

— Esta é uma opção.

— E a mulher. Ela está com ele. Se houver uma luta, o líder irá com eles também.

— Nós estamos em número suficiente.

— Há outra opção — disse Alice em voz baixa.

Edward virou-se para ela furioso, a voz rosnando ferozmente.

— Não... há... outra... opção!

Emmett e eu o olhamos chocados, mas Alice não pareceu se surpreender. O silêncio perdurou um longo minuto enquanto Edward e Alice se encaravam.

Eu interrompi.

— Alguém quer ouvir meu plano?

— Não — grunhiu Edward. Alice o encarou, finalmente encolerizada.

— Ouçam — pedi. — Me levem de volta.

Olhei para ele e continuei.

— Você me leva de volta. Eu digo a meu pai que quero ir para Phoenix. Faço minhas malas. Vamos esperar até que esse rastreador esteja observando e depois corremos. Ele vai nos seguir e deixar Charlie em paz. Charlie não vai mandar o FBI atrás da sua família. Depois você pode me levar para a droga do lugar que quiser.

Eles me encararam, atordoados.

— Na verdade, não é má ideia. — A surpresa de Emmett definitivamente era um insulto.

— Pode dar certo... E não podemos deixar o pai dela desprotegido. Você sabe disso — disse Alice.

Todos olharam para Edward.

— É perigoso demais... Não quero que ele chegue nem a cem quilômetros dela.

Emmett tinha extrema confiança.

— Edward, ele não vai nos pegar.

Alice pensou por um minuto.

— Não o vejo atacando. Ele vai tentar esperar que a deixemos sozinha.

— Ele logo vai perceber que isso não vai acontecer.

— Eu exijo que me leve para casa. — Tentei parecer firme.

Edward colocou os dedos nas têmporas e fechou os olhos com força.

— Por favor — eu disse numa voz bem mais baixa.

Ele não olhou. Quando falou, sua voz parecia exausta.

— Você vai embora esta noite, quer o rastreador veja ou não. Vai dizer a Charlie que não suporta nem mais um minuto em Forks. Conte a ele uma história que convença. Faça suas malas com o que estiver à mão e entre em sua picape. Não me importo com o que ele lhe disser. Você terá quinze minutos. Ouviu? Quinze minutos a partir do momento em que passar pela porta.

O Jeep rugiu e ele fez a volta, os pneus cantando. O ponteiro do velocímetro começou a disparar pelo mostrador.

— Emmett? — perguntei, olhando sugestivamente para minhas mãos.

— Ah, desculpe. — Ele me soltou.

Alguns minutos se passaram em silêncio, a não ser pelo rugido do motor. Depois Edward falou novamente.

— É assim que vai acontecer. Quando chegarmos à casa, se o rastreador não estiver lá, vou levá-la à porta. Depois ela terá quinze minutos. — Ele olhou para mim pelo retrovisor. — Emmett, você fica na lateral da casa. Alice, você fica na picape. Eu vou ficar lá dentro pelo tempo que ela estiver. Depois que ela sair, vocês dois podem levar o Jeep para casa e contar a Carlisle.

— De jeito nenhum — interrompeu Emmett. — Eu vou com você.

— Pense bem, Emmett. Não sei quanto tempo vou ficar fora.

— Enquanto não soubermos até que ponto isso vai, eu vou com você.

Edward suspirou.

— Se o rastreador estiver lá — continuou ele de mau humor —, vamos continuar dirigindo.

— Vamos chegar lá antes dele — disse Alice confiante.

Edward pareceu aceitar isso. Qualquer que fosse seu problema com Alice, ele agora não duvidava dela.

— O que vamos fazer com o Jeep? — perguntou ela.

A voz dele era tensa.

— Você o levará para casa.

— Não vou levar — disse ela calmamente.

O fluxo ininteligível de blasfêmias recomeçou.

— Não cabemos todos na minha picape — sussurrei.

Edward não pareceu me ouvir.

— Acho que devem me deixar ir sozinha — eu disse num tom ainda mais

baixo.

Ele ouviu isso.

— Bella, por favor, faça o que eu digo pelo menos desta vez — disse ele entre os dentes trincados.

— Olhe, o Charlie não é um imbecil — protestei. — Se você não estiver na cidade amanhã, ele vai ficar desconfiado.

— Isso é irrelevante. Vamos nos certificar de que ele esteja seguro, e é só isso que importa.

— E esse rastreador? Ele viu como você agiu esta noite. Vai pensar que você está comigo, aonde quer que você vá.

Emmett olhou para mim, ofensivamente surpreso de novo.

— Edward, ouça o que ela diz — insistiu ele. — Acho que ela tem razão.

— Sim, tem mesmo — concordou Alice.

— Não posso fazer isso. — A voz de Edward era gelada.

— Emmett deve ficar também — continuei. — Emmett o encarou com determinação.

— Como é? — Emmett se virou para mim.

— Você terá uma oportunidade melhor com ele se ficar — concordou Alice.

Edward olhou para ela, incrédulo.

— Acha que devo deixá-la sozinha?

— É claro que não — disse Alice. — Jasper e eu cuidaremos dela.

— Não posso fazer isso — repetiu Edward, mas desta vez havia um vestígio de derrota em sua voz. Ele começava a perceber a lógica.

Tentei persuadi-lo.

— Fique aqui por uma semana — eu vi a expressão no espelho e me corrigi —, alguns dias. Deixe que Charlie veja que você não me raptou e leve este James em perseguição inútil. Certifique-se de que ele esteja completamente longe de meu rastro. Depois venha me encontrar. Pegue um atalho, é claro, e depois Jasper e Alice poderão ir para casa.

Pude ver que ele começava a pensar no assunto.

— Onde encontro você?

— Em Phoenix. — É claro.

— Não. Ele vai ouvir onde você estiver indo — disse ele com impaciência.

— E você vai fazer com que pareça um ardil, obviamente. Ele vai saber que

sabemos que ele está ouvindo. E não vai acreditar que eu realmente fui aonde disse que vou.

— Ela é diabólica. — Emmett riu.

— E se não der certo?

— Há milhões de pessoas em Phoenix — informei.

— Não é tão difícil encontrar uma lista telefônica.

— Eu não vou para casa da minha mãe.

— Hã? — perguntou ele, um tom perigoso em sua voz.

— Tenho idade suficiente para ter minha própria casa.

— Edward, vamos ficar com ela — lembrou-lhe Alice.

— O que você vai fazer em Phoenix? — perguntou-lhe ele com aspereza.

— Ficar entre quatro paredes.

— Eu até gosto disso. — Emmett estava pensando em encurralar James, sem dúvida.

— Cale a boca, Emmett.

— Olhe, se tentarmos pegá-lo enquanto ela ainda estiver por perto, há uma probabilidade muito maior de que alguém se machuque... Ela vai se machucar, ou você, tentando protegê-la. Agora, se o deixarmos só... — Ele se interrompeu com um sorriso baixo. Eu tinha razão.

O Jeep se arrastava lentamente ao entrarmos na cidade. Apesar de meu discurso corajoso, pude sentir os pelos em meus braços se eriçando. Pensei em Charlie, sozinho em casa, e tentei ser corajosa.

— Bella. — A voz de Edward era muito suave. Alice e Emmett olharam pela janela. — Se alguma coisa acontecer com você... qualquer coisa... vou me sentir pessoalmente responsável. Entende isso?

— Sim — engoli em seco.

Ele se virou para Alice.

— Jasper pode lidar com isso?

— Dê algum crédito a ele, Edward. Ele tem se saído muito, muito bem, considerando todas as coisas.

— Você pode lidar com isso? — perguntou ele.

E a baixinha e graciosa Alice abriu os lábios em um sorriso apavorante e soltou um rosnado gutural que me fez agachar de pavor no banco.

Edward sorriu para ela.

— Mas guarde suas opiniões para si mesma — sussurrou ele de repente.

19. DESPEDIDAS

CHARLIE ESPERAVA POR MIM. Todas as luzes da casa estavam acesas. Minha mente estava vazia enquanto eu tentava pensar numa maneira de convencê-lo a me deixar ir. Não ia ser agradável.

Edward encostou devagar, colocando-se bem atrás de minha picape. Os três estavam extremamente atentos, duros feito toras em seus lugares, ouvindo cada som da floresta, vasculhando cada sombra, sentindo cada cheiro, procurando por alguma coisa fora de lugar. O motor foi desligado e eu fiquei sentada, imóvel, enquanto eles escutavam.

— Ele não está aqui — disse Edward, tenso. — Vamos.

Emmett estendeu a mão para me ajudar a sair do arnês.

— Não se preocupe, Bella — disse ele numa voz baixa mas animada —, vamos resolver as coisas por aqui rapidamente.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas ao olhar para Emmett. Eu mal o conhecia e no entanto, de certa forma, era angustiante não saber quando o veria depois desta noite. Eu sabia que esta era só uma provinha das despedidas a que teria de sobreviver na próxima hora, e a ideia fez com que as lágrimas começassem a transbordar.

— Alice, Emmett. — A voz de Edward era um comando. Eles deslizaram sem ruído para a escuridão, desaparecendo de imediato. Edward abriu minha porta e pegou minha mão, depois me puxou para o cerco protetor de seu braço. Ele me conduziu rapidamente para a casa, os olhos sempre vagando pela noite.

— Quinze minutos — alertou ele aos sussurros.

— Eu consigo. — Funguei. Minhas lágrimas me davam inspiração.

Cheguei à varanda e segurei seu rosto entre minhas mãos. Olhei intensamente em seus olhos.

— Eu te amo — eu disse numa voz baixa e intensa. — Sempre o amarei, não importa o que acontecer.

— Nada acontecerá a você, Bella — disse ele com a mesma intensidade.

— Siga o plano, está bem? Mantenha Charlie seguro para mim. Ele não vai simpatizar muito comigo depois disso, e quero ter a chance de me desculpar depois.

— Entre, Bella. Precisamos nos apressar. — Sua voz era urgente.

— Mais uma coisa — sussurrei apaixonadamente. — Não ouça uma palavra do que eu disser esta noite!

Ele estava curvado e só o que tive de fazer foi me esticar na ponta dos pés para beijar seus lábios franzidos e surpresos com a maior força que pude. Depois me virei e abri a porta.

— Vá embora, Edward! — gritei para ele, correndo para dentro e batendo a porta em sua cara ainda chocada.

— Bella? — Charlie estava na sala e já se colocara de pé.

— Me deixe em paz! — gritei para ele através de minhas lágrimas, que agora fluíam sem parar. Corri para meu quarto, fechando a porta e trancando-a. Corri até minha cama, atirando-me no chão para pegar minha bolsa de viagem. Estendi a mão rapidamente entre o colchão e o estrado para pegar a meia velha de tricô que continha minhas economias secretas.

Charlie batia na minha porta.

— Bella, você está bem? O que aconteceu? — Sua voz estava assustada.

— Eu vou para casa — gritei, minha voz falhando no momento perfeito.

— Ele magoou você? — Seu tom de voz beirava a raiva.

— Não! — guinchei algumas oitavas acima. Virei-me para minha cômoda e Edward já estava ali, arrancando em silêncio braçadas de roupas ao acaso, que ele depois atirou para mim.

— Ele terminou com você? — Charlie estava perplexo.

— Não! — gritei, agora com menos fôlego enquanto atirava tudo na bolsa. Edward lançou o conteúdo de outra gaveta para mim. A bolsa agora estava muito cheia.

— O que aconteceu, Bella? — gritou Charlie pela porta, batendo novamente.

— Eu é que terminei com ele! — eu gritei, lutando com o zíper da bolsa. As mãos hábeis de Edward afastaram a minha e puxaram o zíper com suavidade. Ele colocou a alça com cuidado em meu ombro.

— Estarei na picape... vá! — sussurrou ele, e me empurrou para a porta. Edward desapareceu pela janela.

Abri a porta e passei por Charlie rudemente, lutando com a bolsa pesada enquanto descia a escada às pressas.

— O que houve? — gritou. Ele estava bem atrás de mim. — Pensei que você gostasse dele.

Ele agarrou meu cotovelo na cozinha. Apesar de ainda estar confuso, seu aperto era firme.

Ele me girou para que o olhasse e pude ver em seu rosto que ele não pretendia me deixar partir. Só pude pensar em uma maneira de escapar, e implicava magoá-lo tanto que odiei a mim mesma por sequer pensar no assunto. Mas eu não tinha tempo e precisava mantê-lo em segurança.

Encarei meu pai, as lágrimas frescas nos olhos pelo que eu estava prestes a fazer.

— Eu gosto dele... É esse o problema. Não posso mais fazer isso! Não posso criar mais raízes aqui! Não quero terminar presa nessa cidade idiota e chata como a mamãe! Não vou cometer o mesmo erro estúpido que ela cometeu. Eu odeio esse lugar... Não posso ficar aqui nem mais um minuto!

Sua mão largou meu braço como se eu o tivesse eletrocutado. Desviei-me de seu rosto chocado e ferido e parti para a porta.

— Bella, não pode ir embora agora. É tarde — sussurrou ele atrás de mim.

Eu não me virei.

— Vou dormir na picape se ficar cansada.

— Espere só mais uma semana — pediu ele, ainda chocado. — A Renée estará de volta então.

Isso me tirou completamente dos trilhos.

— O quê?

Charlie continuou ansiosamente, quase balbuciando de alívio quando eu hesitei.

— Ela ligou quando você estava fora. As coisas não vão bem na Flórida, e se Phil não assinar um contrato no final da semana, eles vão voltar para o Arizona. O assistente técnico dos Sidewinders disse que eles podem ter um lugar para outro jogador de segunda base.

Sacudi a cabeça, tentando reorganizar os pensamentos agora confusos. Cada segundo que passava colocava Charlie num perigo maior.

— Tenho uma chave — murmurei, girando a maçaneta. Ele estava perto

demais, a mão estendida para mim, o rosto confuso. Não podia perder mais tempo discutindo com ele. Eu teria que magoá-lo ainda mais. — Me deixe ir, Charlie. — Repeti as últimas palavras de minha mãe quando ela saiu pela mesma porta tantos anos atrás. Eu as disse com a maior raiva que pude reunir e escancarei a porta. — Não deu certo, está bem? Eu realmente odeio Forks!

Minhas palavras cruéis fizeram seu trabalho — Charlie ficou paralisado na soleira da porta, atordoado, enquanto eu corria para a noite. Fiquei apavorada com o jardim vazio. Corri como louca para a picape, visualizando uma sombra escura atrás de mim. Atirei minha sacola na carroceria e abri a porta. A chave esperava na ignição.

— Ligo para você amanhã! — gritei, querendo mais do que qualquer coisa poder explicar tudo a ele então, e sabendo que jamais seria capaz disso. Liguei o motor e arranquei.

Edward pegou minha mão.

— Encoste — disse ele enquanto a casa e Charlie desapareciam atrás de nós.

— Posso dirigir — eu disse através das lágrimas que caíam por meu rosto.

Suas mãos longas inesperadamente pegaram minha cintura e seus pés empurraram os meus no acelerador. Ele me puxou para o colo, soltando minhas mãos do volante, e de repente estava no banco do motorista. A picape não oscilou nem um centímetro.

— Não conseguiria encontrar a casa — explicou ele.

De repente luzes brilharam atrás de nós. Olhei pelo vidro traseiro, os olhos arregalados de pavor.

— É só a Alice — garantiu-me ele. Ele pegou minha mão de novo.

Minha mente estava cheia da imagem de Charlie na soleira da porta.

— O rastreador?

— Ele ouviu o final de seu teatro — disse Edward sombriamente.

— Charlie? — perguntei, mortificada.

— O rastreador nos seguiu. Está correndo atrás de nós agora.

Meu corpo ficou gelado.

— Podemos escapar dele?

— Não. — Mas ele acelerou enquanto falava. O motor da picape gemeu, protestando.

Meu plano de repente não parecia mais tão brilhante.

Eu olhava os faróis do carro de Alice quando a picape tremeu e uma sombra escura disparou do lado de fora da janela.

Meu grito horripilante durou uma fração de segundo antes que a mão de Edward cobrisse minha boca.

— É Emmett!

Ele libertou minha boca e passou o braço por minha cintura.

— Está tudo bem, Bella — prometeu ele. — Você vai ficar segura.

Corremos pela cidade silenciosa, na direção da rodovia norte.

— Não percebi que você ainda estava tão entediada com a vida na cidade pequena — disse ele querendo conversar, e eu sabia que ele tentava me distrair. — Parecia que você estava se adaptando muito bem... Em especial recentemente. Talvez eu só estivesse me iludindo que estava tornando a vida mais interessante para você.

— Eu não fui gentil — confessei, ignorando sua tentativa de me distrair, olhando meus joelhos. — Foi a mesma coisa que minha mãe disse quando o deixou. Deu para ver que foi golpe baixo.

— Não se preocupe. Ele vai perdoá-la. — Ele sorriu um pouco, embora seus olhos não sorrissem.

Eu o olhei desesperada e ele viu o pânico em meus olhos.

— Bella, vai ficar tudo bem.

— Mas não vai ficar tudo bem quando eu não estiver com você — sussurrei.

— Vamos nos reunir daqui a alguns dias — disse ele, apertando o braço em volta de mim. — Não se esqueça de que isso foi ideia sua.

— Foi a melhor ideia... É claro que foi minha.

Seu sorriso de resposta era vazio e desapareceu de imediato.

— Por que isso aconteceu? — perguntei. — Por que eu?

Ele olhava a estrada à frente, inexpressivo.

— A culpa é minha... Fui um tolo por expô-la desse jeito. — A raiva em sua voz era voltada para dentro.

— Não foi o que eu quis dizer — insisti. — Eu estava lá, grande coisa. Isso não incomodou os outros dois. Por que esse James decidiu matar a mim? Tem tanta gente em toda parte, por que eu?

Ele hesitou, pensando antes de responder.

— Tenho que dar uma olhada na mente dele agora — começou Edward numa

voz baixa. — Não tenho certeza se havia alguma coisa que eu pudesse ter feito para evitar isso, depois que ele a viu. A culpa praticamente é sua. — Sua voz era irônica. — Se não tivesse um cheiro tão delicioso e atraente, ele podia não ter se dado ao trabalho. Mas quando eu defendi você... Bom, isso piorou as coisas. Ele não está acostumado a ser contrariado, por mais insignificante que seja o objeto. Ele se considera um caçador e mais nada. Sua existência é consumida com a caça e tudo o que ele quer da vida é um desafio. De repente estávamos lhe mostrando um lindo desafio... Um grande clã de lutadores fortes protegendo o elemento vulnerável. Você não acreditaria em como ele está eufórico agora. É seu jogo preferido, e estamos tornando o jogo ainda mais empolgante. — Sua voz estava cheia de repulsa.

Ele parou por um momento.

— Mas se eu não estivesse perto, ele a teria matado imediatamente — disse ele com uma frustração desesperançada.

— Eu pensei... que não tinha para os outros... o cheiro que tenho para você — eu disse, hesitante.

— Não tem. Mas isso não quer dizer que ainda não seja uma tentação para todos eles. Se você fosse atraente para o rastreador... ou para qualquer um deles... como é atraente para mim, isso teria significado uma luta lá mesmo.

Eu estremeci.

— Não acho que tenha alternativa, a não ser matá-lo agora — murmurou Edward. — Carlisle não vai gostar.

Pude ouvir os pneus atravessando a ponte, embora não pudesse ver o rio no escuro. Eu sabia que estávamos chegando perto. Tinha que perguntar agora.

— Como se pode matar um vampiro?

Ele olhou para mim com os olhos inescrutáveis e sua voz de repente ficou rude.

— A única maneira de ter certeza é dilacerá-lo, e depois queimar os pedaços.

— E os outros dois vão lutar com ele?

— A mulher vai. Não tenho certeza sobre Laurent. Eles não têm um vínculo muito forte... Ele só está com os dois por conveniência. Ele ficou constrangido por James na campina...

— Mas James e a mulher... vão tentar matar você? — perguntei com a voz rouca.

— Bella, não se atreva a perder tempo preocupando-se comigo. Sua única preocupação é manter-se segura e... por favor, por favor... procure não ser imprudente.

— Ele ainda está me seguindo?

— Sim. Mas não vai atacar a casa. Não esta noite.

Ele pegou um caminho imperceptível, com Alice atrás de nós.

Seguimos direto para a casa. As luzes lá dentro eram fortes, mas pouco faziam para abrandar a escuridão da floresta que tomava tudo. Emmett abriu minha porta antes que a picape tivesse parado; ele me puxou do banco, enfiando-me como uma bola de futebol americano no peito largo, e correu comigo para a porta.

Irrompemos pela grande sala branca, Edward e Alice nos ladeando. Todos estavam ali; eles já estavam de pé ao som de nossa aproximação. Laurent ficou no meio. Pude ouvir rosnados baixos e graves na garganta de Emmett enquanto ele me baixava ao lado de Edward.

— Ele está nos perseguindo — anunciou Edward, olhando malignamente para Laurent.

A expressão de Laurent era infeliz.

— Era o que eu temia.

Alice dançou para o lado de Jasper e cochichou no ouvido dele; seus lábios tremeram com a velocidade de sua fala silenciosa. Eles dispararam escada acima juntos. Rosalie os observou e passou rapidamente para o lado de Emmett. Seus lindos olhos eram intensos e — quando se voltaram de má vontade para meu rosto — furiosos.

— O que ele vai fazer? — perguntou Carlisle a Laurent num tom gelado.

— Eu lamento — respondeu ele. — Quando seu rapaz ali a defendeu, receio que isso o tenha estimulado.

— Pode impedi-lo?

Laurent sacudiu a cabeça.

— Nada detém James depois que ele começa.

— Nós vamos detê-lo — prometeu Emmett. Não havia dúvida de suas intenções.

— Não podem derrotá-lo. Jamais vi nada parecido com ele em meus 100 anos. Ele é absolutamente letal. Foi por isso que me juntei ao bando dele.

O bando dele, pensei, é claro. A exibição de liderança na clareira era apenas isso, uma exibição.

Laurent sacudia a cabeça. Olhou para mim, perplexo, e de novo para Carlisle.

— Tem certeza de que vale a pena?

O rugido enfurecido de Edward encheu a sala; Laurent se encolheu.

Carlisle olhou gravemente para Laurent.

— Temo que tenha de tomar uma decisão.

Laurent entendeu. Ele deliberou por um momento. Seus olhos atingiram cada rosto, e por fim varreram a sala iluminada.

— Fiquei intrigado com o modo de viver que vocês criaram por aqui. Mas não vou me intrometer. Não vejo um inimigo em nenhum de vocês, mas não me colocarei contra James. Acho que seguirei para o norte... Para aquele clã em Denali. — Ele hesitou. — Não subestimem James. Ele tem uma mente brilhante e sentidos incomparáveis. Fica tão à vontade no mundo humano quanto vocês parecem estar, e ele não os enfrentará diretamente... Lamento pelo que foi desencadeado aqui. Eu realmente lamento. — Ele baixou a cabeça, mas eu o vi disparar outro olhar confuso para mim.

— Vá em paz — foi a resposta formal de Carlisle.

Laurent deu outro longo olhar ao redor e correu para a porta.

O silêncio durou menos de um segundo.

— A que distância? — Carlisle olhou para Edward.

Esme já estava se mexendo; sua mão tocou um teclado oculto na parede e, com um rangido, persianas de metal começaram a selar a parede de vidro. Eu ofeguei.

— A uns cinco quilômetros depois do rio; está rondando para se reunir à mulher.

— Qual é o plano?

— Vamos despistá-lo, depois Jasper e Alice a levarão para o sul.

— E depois?

A voz de Edward era mortal.

— Assim que Bella estiver segura, vamos caçá-lo.

— Acho que não há alternativa — concordou Carlisle, a face sombria.

Edward se virou para Rosalie.

— Leve-a para cima e troque as roupas — ordenou Edward. Ela olhou para ele lívida de incredulidade.

— Por que deveria? — sibilou. — O que ela é para mim? A não ser uma ameaça... Um perigo que você decidiu infligir a todos nós.

Eu recuei com o veneno em sua voz.

— Rose... — murmurou Emmett, colocando a mão em seu ombro. Ela a sacudiu.

Mas eu observava Edward cuidadosamente, sabendo de seu gênio, preocupada com sua reação.

Ele me surpreendeu. Desviou os olhos de Rosalie como se ela não tivesse falado, como se ela não existisse.

— Esme? — perguntou ele calmamente.

— É claro — murmurou ela.

Esme estava a meu lado em meia batida do coração, balançando-me facilmente nos braços e disparando escada acima antes que eu pudesse arfar de choque.

— O que estamos fazendo? — perguntei sem fôlego enquanto ela me baixava em um quarto escuro em algum lugar no segundo andar.

— Tentando confundir o cheiro. Não vai funcionar por muito tempo, mas pode ajudá-la a escapar. — Pude ouvir suas roupas caindo no chão.

— Não acho que vá caber... — Eu hesitei, mas suas mãos de repente estavam arrancando minha blusa por minha cabeça. Rapidamente tirei eu mesma os jeans. Ela me passou alguma coisa, parecia uma blusa. Lutei para enfiar os braços pelos buracos certos. Assim que terminei, ela me passou suas calças. Eu as puxei, mas não consegui passar os pés; eram compridas demais. Ela enrolou a bainha algumas vezes para que eu conseguisse vestir. De algum jeito ela já estava com minhas roupas. Ela me puxou de volta para a escada, onde Alice esperava, uma bolsa de couro pequena na mão. Cada uma delas pegou um cotovelo meu e me carregaram enquanto voavam escada abaixo.

Parecia que, em nossa ausência, tudo fora preparado no primeiro andar. Edward e Emmett estavam prontos para partir, Emmett com uma mochila que parecia pesada no ombro. Carlisle entregava alguma coisa pequena a Esme. Ele se virou e passou a mesma coisa a Alice — era um minúsculo celular prateado.

— Esme e Rosalie levarão sua picape, Bella — disse-me ele enquanto passava. Eu assenti, olhando timidamente para Rosalie. Ela fitava Carlisle com uma expressão ressentida.

— Alice, Jasper... Peguem a Mercedes. Vão precisar da cor escura no sul.

Eles também assentiram.

— Vamos levar o Jeep.

Fiquei surpresa ao ver que Carlisle pretendia ir com Edward. Percebi de repente, com uma pontada de medo, que eles preparavam uma caçada coletiva.

— Alice — perguntou Carlisle —, eles vão morder a isca?

Todos olharam para Alice enquanto ela fechava os olhos e ficava incrivelmente imóvel.

Por fim, seus olhos se abriram.

— Ele vai perseguir você. A mulher seguirá a picape. É provável que consigamos partir depois disso. — Sua voz era segura.

— Vamos. — Carlisle começou a andar para a cozinha.

Mas Edward logo estava ao meu lado. Ele me pegou em seu aperto de ferro, esmagando-me de encontro a ele. Parecia não ter consciência dos olhares de sua família enquanto puxava meu rosto para si, erguendo meus pés do chão. Pelo menor dos segundos, seus lábios estavam gelados e rígidos nos meus. Depois acabou. Ele me desceu, ainda segurando meu rosto, os olhos gloriosos ardendo nos meus.

Seus olhos ficaram inexpressivos, curiosamente mortos, ao se afastarem de mim.

E eles partiram.

Ficamos ali, os outros se distanciando enquanto as lágrimas desciam silenciosamente por meu rosto.

O momento de silêncio se arrastou, e depois o telefone de Esme vibrou em sua mão. Ele disparou até sua orelha.

— Agora — disse ela. Rosalie saiu pela porta da frente sem olhar na minha direção, mas Esme tocou meu rosto ao passar.

— Tenha cuidado. — Seu sussurro perdurou enquanto eles deslizavam pela porta. Ouvi minha picape trovejar e depois desaparecer.

Jasper e Alice esperavam. O celular de Alice parecia estar em sua orelha antes mesmo de tocar.

— Edward disse que a mulher está na trilha de Esme. Vou pegar o carro. — Ela desapareceu nas sombras, como Edward partira.

Jasper e eu nos olhamos. Ele se postou entre mim e a entrada... Sendo cauteloso.

— Sabe que está enganada — disse ele baixinho.

— Como é? — arfei.

— Posso sentir o que está sentindo agora... E você vale tudo isso.

— Não valho — murmurei. — Se alguma coisa acontecer a eles, terá sido em vão.

— Está enganada — repetiu ele, sorrindo gentilmente para mim.

Não ouvi nada, mas então Alice passou pela porta da frente e veio na minha direção de braços estendidos.

— Posso? — perguntou ela.

— É a primeira a pedir permissão — dei um sorriso torto.

Ela me ergueu nos braços magros com a mesma facilidade de Emmett, abrigando-me protetoramente, e voamos porta afora, deixando as luzes acesas para trás.

20. IMPACIÊNCIA

FIQUEI CONFUSA QUANDO ACORDEI. Meus pensamentos eram nebulosos, ainda distorcidos por sonhos e pesadelos; precisei de mais tempo do que devia para entender onde me encontrava.

Este quarto era suave demais para pertencer a um lugar que não fosse um hotel. Os abajures, presos nas mesas de cabeceira, traíam o local, assim como as cortinas longas feitas do mesmo tecido da colcha e as aquarelas genéricas nas paredes.

Tentei me lembrar de como cheguei aqui, mas de início nada me ocorreu.

Lembrei-me do carro preto brilhante, o vidro das janelas mais escuro do que os de uma limusine. O motor era quase silencioso, embora disparássemos pelas estradas negras com o dobro da velocidade normal.

E me lembrei de Alice sentada comigo no banco traseiro de couro preto. De certo modo, durante a longa noite, minha cabeça terminara em seu pescoço de granito. Minha proximidade não pareceu incomodá-la em nada e sua pele fria e dura me foi estranhamente reconfortante. A frente de sua blusa de algodão fino estava fria, molhada das lágrimas que jorravam de meus olhos até que, vermelhos e inchados, eles secaram.

O sono me escapou; meus olhos doloridos insistiam em ficar abertos embora a noite finalmente terminasse e o amanhecer surgisse sobre um pico baixo em algum lugar na Califórnia. A luz cinzenta, raiando no céu sem nuvens, feriu meus olhos. Mas eu não conseguia fechá-los; quando o fiz, as imagens que faiscavam com demasiada nitidez, como slides por trás de minhas pálpebras, eram insuportáveis. A expressão magoada de Charlie; o rosnado brutal de Edward, os dentes à mostra; o olhar ressentido de Rosalie; o exame incisivo do rastreador; o olhar mortal de Edward depois de ele me beijar pela última vez... Eu não suportava vê-los. Então lutei contra minha fraqueza e o sol ficou mais alto.

Eu ainda estava acordada quando chegamos a uma passagem rasa pelas montanhas, e o sol, agora atrás de nós, era refletido nos telhados do Vale do Sol.

Não me restava emoção suficiente para me surpreender que tivéssemos feito uma viagem de três dias em apenas um. Olhei inexpressivamente a amplidão plana que se estendia diante de mim. Phoenix — as palmeiras, o raquítico chaparral, as linhas fortuitas das vias expressas que se cruzavam, as fileiras de campos de golfe e manchas turquesa de piscinas, todos submersos em uma névoa tênue e envolvidos pelas cristas baixas e rochosas que não eram grandes o suficiente para que fossem chamadas de montanhas.

As sombras das palmeiras se inclinavam para a estrada — definidas, mais agudas do que eu me lembrava, mais claras do que deviam ser. Nada podia se esconder nestas sombras. A estrada aberta e iluminada parecia bastante favorável. Mas não senti alívio, nenhuma sensação de volta ao lar.

— Qual é o caminho para o aeroporto, Bella? — perguntara Jasper, e eu me encolhi, embora sua voz fosse bem suave e não trouxesse alarme. Foi o primeiro som, além do zumbido do carro, a romper o longo silêncio da noite.

— Fique na I-10 — respondi automaticamente. — Vamos passar já por lá.

Meu cérebro funcionava lentamente através da névoa da privação de sono.

— Vamos pegar algum avião? — perguntei a Alice.

— Não, mas é melhor ficar perto, só por garantia.

Lembrei-me de começar o retorno para o Aeroporto Internacional Sky Harbor... Mas não de terminá-lo. Acho que deve ter sido quando eu dormi.

Mas, agora que eu recuperara as lembranças, eu tinha uma vaga impressão de ter saído do carro — o sol estava caindo no horizonte —, meu braço em torno do ombro de Alice e seu braço firme em minha cintura, arrastando-me enquanto eu cambaleava pelas sombras quentes e secas.

Eu não tinha lembrança deste quarto.

Olhei o relógio digital na mesa de cabeceira. Os números vermelhos afirmavam que eram três horas, mas não diziam se era noite ou dia. Nenhum fiapo de luz escapava das grossas cortinas, mas o quarto era iluminado pela luz dos abajures.

Levantei-me, tensa, e cambaleei até a janela, puxando as cortinas.

Estava escuro lá fora. Três da manhã, então. Meu quarto dava para uma parte deserta da rodovia e para o novo estacionamento de mensalistas do aeroporto. Era um tanto reconfortante poder situar tempo e lugar.

Olhei para mim mesma. Eu ainda estava com as roupas de Esme e elas não

caíam muito bem. Olhei o quarto, feliz por encontrar minha bolsa de viagem em cima da cômoda baixa.

Eu estava prestes a pegar roupas novas quando uma leve batida na porta me fez pular.

— Posso entrar? — perguntou Alice.

Respirei fundo.

— Claro.

Ela entrou e me olhou com cautela.

— Você parece ter dormido demais — disse ela.

Sacudi a cabeça.

Ela vagou em silêncio até as cortinas e as fechou com segurança antes de se virar para mim.

— Vamos precisar ficar aqui dentro — disse-me ela.

— Tudo bem. — Minha voz rouca falhou.

— Com sede? — perguntou ela.

Dei de ombros.

— Eu estou bem. E você?

— Nada que não possa administrar. — Ela sorriu. — Pedi comida para você, está na sala da frente. Edward me lembrou de que você precisa comer com muito mais frequência do que nós.

Imediatamente fiquei mais alerta.

— Ele ligou?

— Não — disse ela, e observou minha expressão desmoronar. — Foi antes de partirmos.

Ela pegou minha mão com cuidado e me levou pela porta até a sala da suíte do hotel. Pude ouvir um zumbido baixo de vozes vindo da TV. Jasper estava sentado imóvel à mesa no canto, os olhos vendo o noticiário sem o menor sinal de interesse.

Sentei no chão ao lado da mesa de centro, onde uma bandeja de comida me esperava, e comecei a pegá-la sem perceber o que estava comendo.

Alice se empoleirou no braço do sofá e começou a olhar a TV inexpressivamente, como Jasper.

Comi devagar, observando-a, de vez em quando me virando para olhar rapidamente para Jasper. Comecei a me dar conta de que eles estavam parados

demais. Nunca desviavam os olhos da tela, embora agora estivessem passando os comerciais. Empurrei a bandeja, meu estômago inquieto de repente. Alice olhou para mim.

— Qual é o problema, Alice? — perguntei.

— Nenhum. — Seus olhos eram grandes, sinceros... E eu não confiava neles.

— O que vamos fazer agora?

— Vamos esperar que Carlisle telefone.

— E ele devia ter ligado agora? — Eu podia ver que estava perto do alvo. Os olhos de Alice flutuaram dos meus para o telefone em cima de sua bolsa de couro e voltaram a mim.

— O que isso quer dizer? — Minha voz tremeu e lutei para controlá-la. — Ele ainda não ligou?

— Quer dizer apenas que eles não têm nada para nos contar. — Mas sua voz era tranquila demais e o ar ficou mais pesado.

Jasper de repente estava ao lado de Alice, mais perto de mim do que de costume.

— Bella — disse ele numa voz suspeitamente tranquilizadora. — Você não tem motivos para se preocupar. Está completamente segura aqui.

— Sei disso.

— Então por que está assustada? — perguntou ele, confuso. Ele podia sentir o teor de minhas emoções, mas não conseguia ler os motivos por trás delas.

— Você ouviu o que Laurent disse. — Minha voz era só um sussurro, mas eu tinha certeza de que eles podiam me ouvir. — Ele disse que James era letal. E se alguma coisa deu errado e eles foram separados? Se alguma coisa acontecer com qualquer um deles, Carlisle, Emmett... Edward... — engoli em seco. — Se aquela descontrolada caçar Esme... — Minha voz ficou mais aguda, um tom de histeria começando a surgir. — Como eu poderia conviver comigo mesma quando a culpa é minha? Nenhum de vocês devia estar se arriscando por mim...

— Bella, Bella, pare — ele me interrompeu, as palavras jorrando tão rapidamente que era difícil entendê-las. — Você está se preocupando com as coisas erradas, Bella, confie em mim nisso... Nenhum de nós está em risco. Você está sob uma tensão muito grande; não a aumente com preocupações totalmente desnecessárias. Ouça o que eu digo! — ordenou ele, porque eu desviei os olhos. — Nossa família é forte. Nosso único medo é perder você.

— Mas por que vocês deviam...

Alice me interrompeu, tocando meu rosto com os dedos frios.

— Faz quase um século que Edward está sozinho. Agora ele encontrou você. Não pode ver as mudanças que nós, que estamos com ele há tanto tempo, vemos. Acha que algum de nós vai querer olhar nos olhos dele pelos próximos cem anos se ele perder você?

Minha culpa lentamente cedeu enquanto eu olhava seus olhos escuros. Mas, mesmo à medida que a calma se espalhava por mim, eu sabia que não podia confiar em meus sentimentos com Jasper presente.

Foi um dia muito longo.

Ficamos no quarto. Alice ligou para a recepção e pediu que não mandassem mais a camareira. As janelas continuaram fechadas, a TV ligada, embora ninguém estivesse assistindo a ela. A intervalos regulares, a comida me era entregue. O telefone prata em cima da bolsa de Alice parecia brilhar mais com o passar das horas.

Minhas babás lidavam com o suspense melhor do que eu. Enquanto eu remexia nas coisas e andava de um lado para outro, eles simplesmente ficaram imóveis, duas estátuas cujos olhos seguiam imperceptivelmente meus movimentos. Ocupei-me de memorizar a sala; a padronagem listrada das almofadas, caramelo, pêssego, creme, dourado desbotado e caramelo de novo. Às vezes eu olhava as pinturas abstratas, encontrando aleatoriamente imagens nas formas, como encontrava nas nuvens quando criança. Vi uma mão azul, uma mulher penteando o cabelo, um gato se espreguiçando. Mas quando o círculo vermelho claro tornou-se um olho que me encarava, eu virei a cara.

À medida que a tarde se esgotava, voltei para a cama, apenas para ter alguma coisa para fazer. Eu esperava que, sozinha no escuro, pudesse ceder aos temores terríveis que pairavam à beira de minha consciência, incapazes de vir à superfície sob a supervisão cuidadosa de Jasper.

Mas Alice me seguiu casualmente, como se, por coincidência, tivesse ficado cansada da sala naquela mesma hora. Eu estava começando a me perguntar exatamente que tipo de instruções Edward lhe dera. Deitei atravessada na cama e ela se sentou, de pernas cruzadas, a meu lado. No início eu a ignorei, de repente cansada o bastante para dormir. Mas, depois de alguns minutos, o pânico que recuara na presença de Jasper começou a se mostrar. Desisti da ideia de dormir

rapidamente, enroscando-me numa bola, abraçando minhas pernas.

— Alice? — perguntei.

— Sim?

Mantive a voz muito calma.

— O que acha que eles estão fazendo?

— Carlisle queria levar o rastreador o máximo possível para o norte, esperar que ele chegasse perto e depois emboscá-lo. Esme e Rosalie deviam seguir para o oeste pelo maior tempo que pudessem manter a mulher atrás delas. Se ela voltasse, teriam de seguir para Forks e ficar de olho em seu pai. Então imagino que as coisas estejam indo bem, se eles não telefonaram. Isto significa que o rastreador está perto o bastante para que eles não queiram que ele ouça.

— E Esme?

— Acho que ela deve ter voltado a Forks. Ela não ia ligar se houvesse alguma possibilidade de a mulher ouvir. Espero que todos estejam sendo muito cuidadosos.

— Acha que eles estão mesmo seguros?

— Bella, quantas vezes temos que lhe dizer que não há perigo nenhum para nós?

— Mas você me contaria a verdade?

— Sim. Sempre vou lhe contar a verdade. — Sua voz era sincera.

Refleti por um momento e concluí que ela falava a sério.

— Então me diga... Como se tornou uma vampira?

Minha pergunta a pegou de guarda baixa. Ela ficou em silêncio. Eu me virei para olhar para ela e sua expressão parecia ambivalente.

— Edward não quer que eu lhe conte isso — disse ela firmemente, mas parecia não concordar.

— Isso não é justo. Acho que tenho o direito de saber.

— Eu sei.

Olhei para ela, esperando.

Ela suspirou.

— Ele vai ficar com muita raiva.

— Não é da conta dele. Isto é entre mim e você. Alice, como amiga, eu imploro. — E agora éramos amigas, de certo modo, como Alice devia saber que seríamos, o tempo todo.

Ela olhou para mim com seus olhos sábios e esplêndidos... Decidindo.

— Vou lhe contar a mecânica disto — disse ela por fim —, mas eu mesma não me lembro, e nunca fiz nem vi ninguém fazer, então tenha em mente que só posso lhe contar a teoria.

Eu esperei.

— Como predadores, temos uma profusão de armas em nosso arsenal psíquico... Muito, muito mais do que o realmente necessário. A força, a velocidade, os sentidos aguçados, para não falar daqueles de nós como Edward, Jasper e eu, que também têm sentidos a mais. E então, como uma planta carnívora, somos fisicamente atraentes para nossa presa.

Eu estava muito quieta, lembrando-me da clareza com que Edward demonstrou o mesmo conceito para mim na campina.

Ela deu um sorriso largo e agourento.

— Temos outra arma bastante supérflua. Todos somos venenosos — disse ela, os dentes cintilando. — O veneno não mata... É apenas incapacitante. Age lentamente, espalhando-se pela corrente sanguínea de modo que, depois de mordida, nossa presa sente uma dor física forte demais para escapar de nós. É principalmente supérfluo, como eu disse. Se chegássemos tão perto, a presa não escaparia. É claro que sempre existem exceções. Carlisle, por exemplo.

— Então... Se o veneno se espalha... — murmurei.

— Leva alguns dias para que a transformação seja completa, dependendo da quantidade de veneno na corrente sanguínea e da proximidade entre o veneno e o coração. Desde que o coração continue batendo, o veneno se espalha, curando, transformando o corpo ao se movimentar por ele. Por fim o coração para e a conversão é concluída. Mas em todo esse tempo, em cada minuto dele, a vítima desejaria estar morta.

Estremeci.

— Como vê, não é agradável.

— Edward disse que é muito difícil de fazer... Eu não entendi — eu disse.

— De certa forma, também somos como tubarões. Depois que sentimos o gosto de sangue, ou o cheiro dele, fica muito difícil evitar o alimento. Às vezes é impossível. Então entenda, morder realmente alguém, sentir o gosto de sangue, seria o frenesi. É difícil para ambas as partes... A sede de sangue de um lado, a dor medonha do outro.

— Por que acha que você não se lembra?

— Não sei. Para todos os outros, a dor da transformação é a lembrança mais forte que têm de sua vida humana. Eu não me lembro de nada de ser humana. — Sua voz era pensativa.

Ficamos ali em silêncio, envolvidas em nossas meditações pessoais.

Os segundos se passavam e eu quase me esquecera de sua presença, tão imersa estava em meus pensamentos.

E então, sem nenhum aviso, Alice saltou da cama, colocando-se de pé com leveza. Minha cabeça saltou enquanto eu a olhava, sobressaltada.

— Alguma coisa mudou. — Sua voz era urgente e ela não estava mais falando comigo.

Ela chegou à porta ao mesmo tempo que Jasper. Ele obviamente ouvira nossa conversa e a súbita exclamação de Alice. Ele pôs as mãos nos ombros dela e a guiou de volta à cama, sentando-a na beira.

— O que você vê? — perguntou ele intensamente, fitando-a nos olhos, focalizados em alguma coisa muito distante. Eu me aproximei dela, inclinando-me para acompanhar sua voz baixa e rápida.

— Vejo um quarto. É comprido, há espelhos em toda parte. O chão é de madeira. Ele está na sala e espera. Há ouro... Uma tira dourada ao longo dos espelhos.

— Onde fica a sala?

— Não sei. Falta alguma coisa... Outra decisão que ainda não foi tomada.

— Quanto tempo?

— Logo. Ele ficará na sala de espelhos hoje, ou talvez amanhã. Depende. Ele espera por alguma coisa. E agora está no escuro.

A voz de Jasper era calma e metódica enquanto a interrogava de forma prática.

— O que ele está fazendo?

— Ele vê televisão... Não, está passando um vídeo, no escuro, em outro lugar.

— Pode ver onde ele está?

— Não, está escuro demais.

— E a sala de espelhos, o que mais há nela?

— Só os espelhos e o ouro. É uma faixa, em volta da sala. E há uma mesa preta com um aparelho de som grande e uma TV. Ele está passando o vídeo ali, mas não assiste, como fez na sala escura. Esta é a sala onde ele espera. — Seus

olhos vagaram, depois focalizaram o rosto de Jasper.

— Não há mais nada?

Ela sacudiu a cabeça. Eles se olharam, imóveis.

— O que isso significa? — perguntei.

Nenhum dos dois respondeu por um momento, depois Jasper olhou para mim.

— Significa que os planos do rastreador mudaram. Ele tomou uma decisão que o levará à sala de espelhos e à sala escura.

— Mas não sabemos onde ficam estas salas?

— Não.

— Mas sabemos que ele não estava nas montanhas ao norte de Washington, sendo caçado. Ele os enganou. — A voz de Alice era inexpressiva.

— Não devemos telefonar? — perguntei. Eles trocaram um olhar sério e indeciso.

E o telefone tocou.

Alice chegou à sala antes que eu conseguisse levantar a cabeça para olhar para lá.

Ela apertou um botão e colocou o fone na orelha, mas não foi a primeira a falar.

— Carlisle — sussurrou ela. Ela não parecia surpresa nem aliviada, como eu me sentia. — Sim — disse ela, olhando para mim. Ela ouviu por um longo momento. — Acabo de vê-lo. — Ela descreveu novamente a visão que teve. — O que quer que o tenha feito pegar esse avião... está levando a estas salas. — Ela parou. — Sim — disse Alice ao telefone e depois falou comigo. — Bella?

Passou o telefone para mim. Eu corri para ele.

— Alô? — sussurrei.

— Bella — disse Edward.

— Ah, Edward! Fiquei tão preocupada.

— Bella — ele suspirou de frustração. — Eu lhe disse para não se preocupar com nada, a não ser consigo mesma. — Era tão inacreditavelmente bom ouvir a voz dele. Senti a nuvem de desespero que pairava acima de mim ficar mais leve e se afastar enquanto ele falava.

— Onde você está?

— Estamos nos arredores de Vancouver. Bella, eu sinto muito... Nós o

perdemos. Ele parece desconfiar de nós... Tem tido o cuidado de ficar bem longe para que não possamos ouvir seus pensamentos. Mas ele agora se foi... Parece que pegou um avião. Acreditamos que está voltando a Forks para recomeçar. — Pude ouvir Alice informando Jasper atrás de mim, as palavras rápidas misturando-se em um zumbido.

— Eu sei. Alice viu que ele partiu.

— Mas não precisa se preocupar. Ele não vai encontrar nada que o leve a você. Só precisa ficar aí e esperar até que o encontremos novamente.

— Eu vou ficar bem. Esme está com Charlie?

— Sim... A fêmea estava na cidade. Ela foi até a casa, mas enquanto Charlie estava no trabalho. Não chegou perto dele, então não tema. Ele está seguro com Esme e Rosalie vigiando-o.

— O que ela está fazendo?

— Deve estar tentando pegar o rastro. Ela andou por toda a cidade durante a noite. Rosalie a seguiu até o aeroporto, por todas as ruas da cidade, a escola... Ela está cavando, Bella, mas não há nada para ser encontrado.

— E tem certeza de que Charlie está seguro?

— Sim, Esme não o perdeu de vista. E chegaremos lá em breve. Se o rastreador conseguir chegar perto de Forks, nós o pegaremos.

— Estou com saudade — sussurrei.

— Eu sei, Bella. Acredite, eu sei. É como se você tivesse levado metade de mim com você.

— Venha pegar, então — eu o desafiei.

— Logo, assim que for possível. Primeiro vou garantir que esteja segura. — Sua voz era áspera.

— Eu te amo — lembrei a ele.

— Você acreditaria que, apesar de tudo o que fiz você passar, eu também te amo?

— Sim, eu acredito.

— Encontrarei você em breve.

— Vou ficar esperando.

Assim que o telefone ficou mudo, a nuvem de depressão começou a se arrastar acima de mim de novo.

Eu me virei para devolver o telefone a Alice e a encontrei com Jasper,

curvados sobre a mesa, onde Alice desenhava em um papel de carta do hotel. Encostei-me no sofá, olhando por sobre o ombro dela.

Ela desenhava uma sala: comprida, retangular, com uma parte mais fina e quadrada ao fundo. As tábuas de madeira que compunham o piso se estendiam pelo ambiente. Pelas paredes havia linhas denotando as interrupções nos espelhos. E depois, envolvendo as paredes, na altura da cintura, uma faixa comprida. A faixa que Alice disse ser dourada.

— É um estúdio de balé — eu disse, reconhecendo de repente as formas familiares.

Eles olharam para mim, surpresos.

— Conhece esta sala? — A voz de Jasper parecia calma, mas havia alguma coisa disfarçada que não consegui identificar. Alice tombou a cabeça sobre o trabalho, a mão agora voando pelo papel, uma saída de emergência tomando forma na parede escura, o aparelho de som e a TV em uma mesa baixa diante do canto direito.

— Parece um lugar onde eu fazia aulas de dança... Quando tinha 8 ou 9 anos. Tem o mesmo formato. — Eu toquei o papel onde se destacava a parte quadrada, estreitando os fundos da sala. — Ali ficavam os banheiros... As portas davam para outra sala de dança. Mas o aparelho de som ficava aqui — apontei o canto esquerdo —, era mais antigo e não tinha uma TV. Havia uma janela na sala de espera... Você veria a sala desta perspectiva se olhasse por ela.

Alice e Jasper me encaravam.

— Tem certeza de que é a mesma sala? — perguntou Jasper, ainda calmo.

— Não, não tenho certeza... Acho que a maioria dos estúdios de dança seria parecida... Os espelhos, a barra. — Acompanhei com o dedo a barra de balé junto aos espelhos. — É só o formato que me parece familiar. — Toquei a porta, colocada exatamente no mesmo lugar que eu me lembrava.

— Você teria algum motivo para ir lá agora? — perguntou Alice, interrompendo meus devaneios.

— Não, já não vou lá há dez anos. Eu era uma dançarina péssima... Nos recitais, sempre me colocavam atrás — admiti.

— Então não há como relacionar este lugar a você? — perguntou Alice intensamente.

— Não, eu nem acho que pertence ao mesmo dono. Tenho certeza de que é

outro estúdio de dança, em algum lugar.

— Onde ficava o estúdio que você frequentava? — perguntou Jasper numa voz despreocupada.

— Bem na esquina da casa de minha mãe. Eu ia a pé depois da escola... — eu disse, minha voz falhando. Não me passou despercebido o olhar que eles trocaram.

— Aqui em Phoenix, então? — A voz dele ainda era despreocupada.

— Sim — sussurrei. — Rua Cinquenta e Oito com Cactus.

Todos nos sentamos em silêncio, olhando o desenho.

— Alice, este telefone é seguro?

— Sim — ela me garantiu. — O número é identificado como de Washington.

— Então posso usar para ligar para minha mãe.

— Pensei que ela estivesse na Flórida.

— Ela está... Mas volta para casa logo, e não pode voltar para essa casa enquanto... — Minha voz tremeu. Eu estava pensando numa coisa que Edward havia dito, sobre a ruiva na casa de Charlie, na escola, onde poderiam estar meus registros.

— Como você falará com ela?

— Eles não têm número fixo, a não ser o da casa... Ela deve verificar os recados regularmente.

— Jasper? — perguntou Alice.

Ele pensou no assunto.

— Não acho que isso possa fazer algum mal... Certifique-se de não dizer onde está, é claro.

Peguei ansiosamente o telefone e disquei o número familiar. Tocou quatro vezes e depois ouvi a voz leve de minha mãe dizendo para deixar um recado.

— Mãe — disse eu depois do sinal —, sou eu. Olhe, preciso que você faça uma coisa. É importante. Assim que receber este recado, me ligue neste número — Alice já estava do meu lado, escrevendo o número para mim embaixo de seu desenho. Eu li com cuidado, duas vezes. — Por favor, não vá a lugar nenhum antes de falar comigo. Não se preocupe, eu estou bem, mas tenho que conversar com você imediatamente, não importa a hora que você ligar, está bem? Eu te amo, mãe. Tchau. — Fechei os olhos e rezei com todas as forças para que

nenhuma mudança de planos imprevista levasse minha mãe para casa antes de ela receber meu recado.

Acomodei-me no sofá, mexendo em um prato com restos de fruta, prevendo uma longa noite. Pensei em ligar para Charlie, mas eu não tinha certeza se devia estar em casa agora ou não. Concentrei-me no noticiário, procurando por matérias sobre a Flórida, ou sobre a temporada de treinos — greves ou furacões ou ataques terroristas —, qualquer coisa que pudesse mandar os dois para casa antes da hora.

A imortalidade deve garantir uma paciência interminável. Nem Jasper nem Alice pareciam sentir necessidade de fazer qualquer coisa. Por algum tempo, Alice desenhou o contorno vago da sala escura de sua visão, o máximo que pôde enxergar à luz da TV. Mas quando terminou, ela simplesmente se sentou, olhando as paredes vazias com seus olhos atemporais. Jasper também parecia não ter o impulso de andar, ou olhar pelas cortinas, ou sair correndo e gritando porta afora, como eu tinha.

Eu devo ter dormido no sofá, esperando que o telefone tocasse de novo. O toque das mãos frias de Alice me acordou brevemente enquanto ela me levava para a cama, mas voltei a ficar inconsciente antes que minha cabeça tocasse o travesseiro.

21. TELEFONEMA

PUDE SENTIR QUE ERA CEDO DEMAIS quando acordei de novo, e eu sabia que estava invertendo meus horários, trocando o dia pela noite. Fiquei deitada na cama e ouvi a voz baixa de Alice e Jasper no outro cômodo. O fato de que estavam altas o bastante para que eu ouvisse era muito estranho. Rolei até que meu pés tocaram o chão e cambaleei para a sala.

O relógio da TV dizia que passava um pouco das duas da manhã. Alice e Jasper estavam sentados juntos no sofá, Alice desenhando de novo e Jasper olhando por sobre seu ombro. Eles não se viraram quando entrei, envolvidos demais no trabalho de Alice.

Andei de mansinho até o lado de Jasper para espiar.

— Ela viu mais alguma coisa? — perguntei a ele em voz baixa.

— Sim. Alguma coisa a levou de volta à sala com o vídeo, mas agora há luz.

Observei Alice desenhar uma sala quadrada com vigas escuras no teto baixo. As paredes eram revestidas de madeira, um pouco escura demais, fora de moda. O piso tinha um carpete escuro com uns desenhos. Havia uma janela grande na parede sul e uma abertura na parede oeste levava à sala de estar. Um lado dessa entrada era de pedra — uma grande lareira de pedra caramelo que se abria para os dois cômodos. Dessa perspectiva, o foco da sala, a TV e o videocassete, equilibrados em um rack de madeira pequeno demais, estavam no canto sul da sala. Um sofá modulado envelhecido se curvava em torno da frente da TV, uma mesa de centro diante dele.

— O telefone fica aqui — sussurrei, apontando.

Dois pares de olhos eternos me fitaram.

— Esta é a casa da minha mãe.

Alice já estava fora do sofá, o telefone na mão, teclando. Olhei o retrato exato da sala de estar de minha mãe. Jasper, o que não era característico dele, deslizou para mais perto de mim. Tocou de leve em meu ombro e o contato físico parecia intensificar sua influência tranquilizadora. O pânico permaneceu sufocado, sem

foco.

Os lábios de Alice tremiam com a velocidade de suas palavras, o zumbido baixo impossível de decifrar. Eu não conseguia me concentrar.

— Bella — disse Alice.

Olhei para ela, entorpecida.

— Bella, Edward vem pegar você. Ele, Emmett e Carlisle a levarão para algum lugar, para escondê-la por algum tempo.

— Edward está vindo? — As palavras foram como um colete salva-vidas, mantendo minha cabeça acima da inundação.

— Sim, ele vai pegar o primeiro voo para Seattle. Vamos nos encontrar com ele no aeroporto e você partirá com ele.

— Mas, minha mãe... Ele vai atrás da minha mãe, Alice! — Apesar de Jasper, a histeria borbulhava em minha voz.

— Jasper e eu ficaremos até que ela esteja segura.

— Não posso vencer, Alice. Você não pode proteger todo mundo que eu conheço para sempre. Não vê o que ele está fazendo? Ele não está mais me rastreando. Ele vai encontrar alguém, vai machucar alguém que eu amo... Alice, eu não posso...

— Nós vamos pegá-lo, Bella — ela me garantiu.

— E se você se ferir, Alice? Acha que está tudo bem para mim? Acha que é só a minha família humana que ele pode usar para me atingir?

Alice olhou sugestivamente para Jasper. Fui dominada por uma névoa de letargia intensa e pesada, e meus olhos se fecharam sem minha permissão. Minha mente lutou contra a névoa, percebendo o que acontecia ali. Forcei meus olhos a se abrirem e me levantei, soltando a mão de Jasper.

— Não quero voltar a dormir — rebati.

Fui até o quarto e fechei a porta, na verdade a bati, assim eu podia ficar livre para reunir as peças em particular. Desta vez Alice não me seguiu. Por três horas e meia fiquei olhando a parede, enroscada numa bola, balançando-me. Minha mente andava em círculos, tentando tirar algum sentido deste pesadelo. Não havia escapatória, nenhuma alternativa. Eu só podia ver um final possível assomando sombriamente em meu futuro. A única pergunta era quantas outras pessoas seriam feridas antes que eu chegasse lá.

O único consolo, a única esperança que me restava, era saber que veria Edward

em breve. Talvez, se pudesse apenas ver seu rosto novamente, eu fosse capaz de enxergar a solução que agora me escapava.

Quando o telefone tocou, voltei à sala, um pouco envergonhada por meu comportamento. Esperei não ter ofendido nenhum dos dois e que eles soubessem como eu estava grata pelos sacrifícios que faziam por mim.

Alice falava com mais rapidez do que nunca, mas o que chamou minha atenção foi que, pela primeira vez, Jasper não estava na sala. Olhei o relógio — eram cinco e meia da manhã.

— Eles estão embarcando no avião — disse-me Alice. — Vão pousar às nove e quarenta e cinco.

Eu só precisava continuar respirando por algumas horas até que ele estivesse aqui.

— Onde está Jasper?

— Foi pagar a conta.

— Você não vai ficar aqui?

— Não, vamos ficar mais perto da casa de sua mãe.

Meu estômago revirou inquieto com as palavras dela.

Mas o celular tocou novamente, distraindo-me. Ela pareceu surpresa, mas eu já estava avançando, estendendo a mão com esperança para o telefone.

— Alô? — perguntou Alice. — Não, ela está bem aqui. — Ela estendeu o celular para mim. — Sua mãe — murmurou.

— Alô?

— Bella? Bella? — Era a voz de minha mãe, em um tom familiar que eu ouvi mil vezes em minha infância, sempre. Eu chegava perto demais da beira da calçada, ou ela me perdia de vista em um lugar abarrotado. Era o som do pânico.

Suspirei. Estava esperando por isso, embora tentasse fazer com que meu recado parecesse o menos alarmante possível, sem diminuir sua urgência.

— Calma, mãe — eu disse na voz mais tranquilizadora que pude, afastando-me lentamente de Alice. Não tinha certeza se podia mentir de forma convincente com os olhos dela em mim. — Está tudo bem, tá? Só me dê um minuto e vou explicar tudo, eu prometo.

Eu parei, surpresa que ela ainda não tivesse me interrompido.

— Mãe?

— Não diga nada até que eu autorize.

A voz que ouvi era desconhecida e inesperada. Era uma voz masculina de tenor, uma voz genérica e agradável — o tipo de voz que ouvimos ao fundo dos comerciais de carros de luxo. Ele falava com muita rapidez.

— Agora, não preciso machucar sua mãe, então, por favor, faça exatamente o que eu disser e ela ficará bem. — Ele parou por um minuto enquanto eu ouvia num pavor emudecido. — Muito bom — elogiou. — Agora repita comigo e procure parecer natural. Diga, por favor: "Não, mãe, fique aí onde está."

— Não, mãe, fique aí onde está. — Minha voz mal passava de um sussurro.

— Estou vendo que será difícil. — A voz revelava diversão, ainda leve e amistosa. — Por que não vai para outro cômodo agora, para que sua cara não estrague tudo? Não há motivos para que sua mãe sofra. Enquanto estiver andando, por favor, diga: "Mãe, por favor, me ouça." Diga isso agora.

— Mãe, por favor, me ouça — pediu minha voz. Andei muito devagar para o quarto, sentindo o olhar preocupado de Alice nas minhas costas. Fechei a porta depois de entrar, tentando pensar com clareza através do terror que se apoderara de meu cérebro.

— E agora, está sozinha? Responda apenas sim ou não.

— Sim.

— Mas eles ainda podem ouvi-la, tenho certeza.

— Sim.

— Muito bem, então — continuou a voz agradável —, diga: "Mãe, confie em mim."

— Mãe, confie em mim.

— Isso. Está se saindo melhor do que eu esperava. Estava preparado para esperar, mas sua mãe chegou antes do programado. É mais fácil assim, não acha? Menos suspense, menos ansiedade para você.

Esperei.

— Agora quero que ouça com muito cuidado. Vou precisar que se afaste de seus amigos; acha que pode fazer isso? Responda sim ou não.

— Não.

— Lamento ouvir isso. Esperava que você fosse um pouco mais criativa. Acha que pode se afastar deles se a vida de sua mãe depender disso? Responda sim ou não.

Tinha de haver um jeito. Lembrei-me de que íamos para o aeroporto. O

Aeroporto Internacional Sky Harbor: apinhado de gente, de arquitetura confusa...

— Sim.

— Assim está melhor. Tenho certeza de que não será fácil, mas se eu captar o menor sinal de que você tem companhia, bem, seria muito ruim para a sua mãe — prometeu a voz simpática. — Deve saber o suficiente agora para perceber com que rapidez eu saberia se você tentasse levar alguém. E o pouco tempo de que eu precisaria para lidar com a sua mãe, se fosse necessário. Você entendeu? Responda sim ou não.

— Sim. — Minha voz falhava.

— Muito bom, Bella. Agora eis o que terá de fazer. Quero que vá para a casa de sua mãe. Ao lado do telefone, haverá um número. Ligue para ele e eu lhe direi aonde ir em seguida. — Eu já sabia aonde iria e onde isso terminaria. Mas eu seguiria suas instruções com exatidão. — Pode fazer isso? Responda sim ou não.

— Sim.

— Antes do meio-dia, por favor, Bella. Não tenho o dia todo — disse ele educadamente.

— Onde está Phil? — perguntei, tensa.

— Ah, cuidado agora, Bella. Espere até que eu lhe peça para falar, por favor.

Eu esperei.

— É importante, agora, que você não deixe seus amigos desconfiados quando voltar a eles. Diga-lhes que sua mãe telefonou e que você a convenceu a não voltar para casa por enquanto. Agora repita comigo: "Obrigada, mãe." Diga isso agora.

— Obrigada, mãe. — As lágrimas estavam surgindo. Tentei reprimi-las.

— Diga: "Eu te amo, mãe. A gente se vê logo." Diga isso agora.

— Eu te amo, mãe. — Minha voz era grave. — A gente se vê logo — prometi.

— Adeus, Bella. Estou ansioso para vê-la novamente. — Ele desligou.

Segurei o telefone em minha orelha. Minhas articulações estavam congeladas de pavor — eu não conseguia dobrar os dedos para largá-lo.

Eu sabia que precisava pensar, mas minha cabeça estava cheia do som do pânico de minha mãe. Os segundos passaram enquanto eu lutava para me controlar.

Devagar, lentamente, meus pensamentos começaram a furar o muro de dor. Planejar. Porque agora eu não tinha alternativa, exceto uma: ir para a sala de

espelhos e morrer. Eu não tinha garantias, nada para dar a fim de manter minha mãe viva. Só podia esperar que James se satisfizesse com a vitória no jogo, que derrotar Edward fosse o bastante para ele. O desespero me dominou; não havia como barganhar, nada que eu pudesse oferecer ou retirar que o pudesse influenciar. Mas, ainda assim, eu não tinha alternativas. Precisava tentar.

Empurrei o terror para o fundo o máximo que pude. Minha decisão estava tomada. Não fazia nenhum bem perder tempo torturando-me com o resultado. Eu precisava pensar com clareza, porque Alice e Jasper esperavam por mim, e fugir deles era absolutamente essencial, e absolutamente impossível.

De repente fiquei grata por Jasper ter saído. Se ele estivesse aqui para sentir minha angústia nos últimos cinco minutos, como eu poderia evitar que eles suspeitassem? Sufoquei o medo, a ansiedade, tentei abafá-los. Agora eu não podia me permitir isso. Não sabia quando ele voltaria.

Concentrei-me em minha fuga. Eu tinha que esperar que minha familiaridade com o aeroporto me trouxesse vantagem. De algum modo, eu precisava manter Alice longe...

Eu sabia que Alice estava no outro cômodo esperando por mim, curiosa. Mas eu precisava lidar com mais uma coisa em particular, antes que Jasper retornasse.

Tinha que admitir que não veria Edward novamente, nem mesmo um último vislumbre de seu rosto para levar comigo para a sala de espelhos. Eu ia magoá-lo e não podia dizer adeus. Deixei que as ondas de tortura percorressem meu corpo, fizessem sua parte por algum tempo. Depois, também as empurrei para o fundo e fui enfrentar Alice.

A única expressão que pude fazer foi um olhar apagado e vazio. Vi seu sobressalto e não esperei que ela perguntasse. Eu tinha apenas um roteiro e jamais conseguiria improvisar.

— Minha mãe ficou preocupada, queria vir para casa. Mas está tudo bem, eu a convenci a ficar. — Minha voz não tinha vida.

— Vamos cuidar para que ela fique bem, Bella, não se preocupe.

Eu me virei; não podia permitir que ela visse meu rosto.

Meus olhos caíram em uma página em branco do papel de carta do hotel na mesa. Fui até lá lentamente, um plano se formava. Também havia um envelope ali. Isso era bom.

— Alice — perguntei devagar, sem me virar, mantendo a voz estável. — Se

eu escrever uma carta para minha mãe, você entregaria a ela? Deixaria na casa, quero dizer.

— Claro, Bella. — Sua voz era cautelosa. Ela podia ver que eu estava dilacerada. Eu precisava manter minhas emoções sob o maior controle.

Fui novamente para o quarto e me ajoelhei ao lado da mesinha de cabeceira para escrever.

"Edward", escrevi. Minha mão tremia, as letras mal eram legíveis.

Eu te amo. Eu lamento muito. Ele pegou minha mãe e eu preciso tentar. Sei que pode não dar certo. Eu sinto muito, muito mesmo.

Não fique com raiva de Alice e Jasper. Se eu conseguir escapar deles, será um milagre. Agradeça a eles por mim. Especialmente a Alice, por favor.

E por favor, eu imploro, não venha atrás de mim. É isso que ele quer. Não vou suportar se alguém se ferir por minha causa, em especial você. Por favor, esta é a única coisa que lhe peço agora. Por mim.

Eu te amo. Perdoe-me.

Bella

Dobrei a carta com cuidado e a lacrei no envelope. Um dia ele iria encontrá-la.

Eu só esperava que ele entendesse e me desse ouvidos pelo menos desta vez.

E então selei cuidadosamente meu coração.

22. ESCONDE-ESCONDE

LEVOU MUITO MENOS TEMPO do que eu pensava — todo o pavor, o desespero, meu coração estilhaçando-se. Os minutos passavam mais lentamente do que de costume. Jasper ainda não tinha retornado quando voltei para Alice. Eu tinha medo de ficar no mesmo ambiente que ela, medo de que ela adivinhasse... E medo de me esconder dela, pelo mesmo motivo.

Eu havia pensado que estava muito além de minha capacidade ficar surpresa, meus pensamentos torturados e instáveis, mas eu fiquei surpresa quando vi Alice curvada sobre a mesa, segurando-se na beira com as duas mãos.

— Alice?

Ela não reagiu quando chamei seu nome, mas sua cabeça lentamente virou para o meu lado e eu vi seu rosto. Seus olhos eram inexpressivos e apagados... Meus pensamentos voaram para minha mãe. Já era tarde demais para mim?

Corri para o lado dela, estendendo o braço automaticamente para pegar sua mão.

— Alice! — A voz de Jasper foi uma chicotada e logo ele estava bem atrás de Alice, as mãos envolvendo as dela, soltando-as do aperto na mesa. Do outro lado da sala, a porta se fechou com um estalo baixo.

— O que é? — perguntou ele.

Ela desviou os olhos de mim, olhando o peito dele.

— Bella — disse ela.

— Eu estou aqui — respondi.

Sua cabeça girou, os olhos fitando os meus, sua expressão ainda estranhamente vazia. Percebi logo que ela não estava falando comigo, estava respondendo à pergunta de Jasper.

— O que você viu? — eu disse, e não havia indagação em minha voz uniforme e despreocupada.

Jasper me olhou atentamente. Mantive a expressão vazia e esperei. Os olhos dele estavam confusos enquanto passavam rapidamente do rosto de Alice para o

meu, sentindo o caos... Pelo que eu adivinhava que Alice vira agora.

Senti uma atmosfera tranquila em volta de mim. Eu a abriguei, usando-a para manter minhas emoções disciplinadas, sob controle.

Alice também se recuperou.

— Na verdade, nada — respondeu ela por fim, a voz extraordinariamente calma e convincente. — Só a mesma sala de sempre.

Ela por fim olhou para mim, a expressão tranquila e reservada.

— Quer seu café da manhã?

— Não, vou comer no aeroporto. — Eu também estava muito calma. Fui tomar um banho. Quase como se eu tivesse pegado emprestado o estranho sexto sentido de Jasper, pude sentir o desespero desenfreado de Alice, embora bem escondido, por eu sair da sala, por ficar sozinha com Jasper. Assim ela podia contar a ele que iam fazer algo errado, que iam falhar...

Eu me arrumei metodicamente, concentrando-me em cada pequena tarefa. Deixei o cabelo solto, balançando em volta de mim, cobrindo meu rosto. O estado de espírito tranquilo criado por Jasper funcionou comigo e me ajudou a pensar com clareza. Ajudou-me a planejar. Vasculhei minha bolsa até achar a meia cheia de dinheiro. Eu a esvaziei no meu bolso.

Estava ansiosa para chegar ao aeroporto e fiquei feliz quando saímos às sete. Desta vez sentei-me sozinha no banco traseiro do carro escuro. Alice encostou-se à porta, o rosto voltado para Jasper mas, por trás dos óculos de sol, lançava olhares na minha direção a cada poucos segundos.

— Alice? — perguntei, indiferente.

Ela era cautelosa.

— Sim?

— Como isso funciona? As coisas que você vê? — Olhei pela janela lateral e minha voz parecia entediada. — Edward disse que não era definitivo... Que as coisas mudam, é verdade? — Dizer o nome dele era mais difícil do que eu pensava. Deve ter sido isso que alertou Jasper, porque uma nova onda de serenidade encheu o carro.

— Sim, as coisas mudam... — murmurou ela. Com esperança, pensei. — Algumas coisas são mais certas do que outras... Como o clima. As pessoas são mais difíceis. Só vejo o rumo que tomam quando estão nele. Depois que mudam de ideia... tomam uma nova decisão, por menor que seja... todo o futuro se altera.

Eu assenti pensativamente.

— Então você não poderá ver James em Phoenix enquanto ele não decidir vir para cá.

— Sim — concordou ela, cautelosa novamente.

E ela só me viu na sala de espelhos com James quanto eu tomei a decisão de encontrá-lo lá. Tentei não pensar no que mais Alice havia visto. Não queria que meu pânico deixasse Jasper mais desconfiado. Agora eles estariam me vigiando com o dobro de cuidado, depois da visão de Alice. Isto ia ser impossível.

Chegamos ao aeroporto. A sorte estava comigo, ou talvez fosse só o acaso. O avião de Edward ia pousar no terminal quatro, o maior terminal, onde a maioria dos voos pousava — então não surpreendeu que o dele fosse para lá. Mas era o terminal de que eu precisava: grande, mais confuso. E havia uma porta para o terceiro pavimento que podia ser minha única chance.

Estacionamos no quarto andar da garagem imensa. Eu os conduzi, outra vez por conhecer mais o ambiente do que eles. Pegamos o elevador para o terceiro pavimento, onde os passageiros desembarcavam. Alice e Jasper passaram um longo tempo olhando o quadro de embarque. Eu podia ouvi-los discutindo os prós e contras de Nova York, Atlanta, Chicago. Lugares que eu não conhecia. E jamais conheceria.

Esperei por minha oportunidade, impaciente, incapaz de impedir que os dedos de meus pés batessem. Sentamos nas longas filas de cadeiras perto dos detetores de metal, Jasper e Alice fingindo olhar as pessoas, mas na verdade me vigiando. Cada centímetro que eu mexia em minha cadeira era acompanhado por um olhar rápido pelo canto de seus olhos. Era inútil. Será que eu devia correr? Eles ousariam me deter fisicamente neste lugar público? Ou simplesmente me seguiriam?

Peguei o envelope em branco em meu bolso e o coloquei em cima da bolsa de couro preto de Alice. Ela olhou para mim.

— Minha carta — eu disse. Ela assentiu, enfiando-a sob a aba de cima. Ele a encontraria logo.

Os minutos passaram e a chegada de Edward ficava mais próxima. Era incrível como cada célula de meu corpo parecia saber que ele estava vindo, ansiava por sua chegada. Isso dificultou muito as coisas. Eu me vi tentando pensar em desculpas para ficar, para vê-lo primeiro e depois fugir. Mas eu sabia que era impossível, se

quisesse ter alguma chance de escapar.

Por várias vezes, Alice ofereceu-se para me acompanhar ao café da manhã. Mais tarde, eu disse, agora não.

Olhei o quadro de chegadas, observando enquanto um voo depois de outro pousava no horário. O voo de Seattle se aproximava cada vez mais do alto do quadro.

E então, quando eu só tinha trinta minutos para escapar, os números mudaram. O avião dele estava dez minutos adiantado. Eu não tinha mais tempo.

— Acho que vou comer agora — disse eu rapidamente.

Alice se levantou.

— Vou com você.

— Importa-se se Jasper for comigo? — perguntei. — Estou me sentindo meio... — Não terminei a frase. Meus olhos eram turbulentos o bastante para transmitir o que não falei.

Jasper se levantou. Os olhos de Alice estavam confusos, mas — como vi, para meu alívio — não havia suspeita neles. Ela deve estar atribuindo a mudança em sua visão a alguma manobra do rastreador e não a uma traição minha.

Jasper andou em silêncio ao meu lado, a mão na base de minhas costas, como se me guiasse. Fingi perder o interesse nas primeiras lanchonetes do aeroporto, minha cabeça procurando o que eu realmente queria. E lá estava, na esquina, fora da vista afiada de Alice: o banheiro das mulheres do terceiro pavimento.

— Importa-se? — perguntei a Jasper enquanto passávamos. — Só vou levar um minuto.

Assim que a porta se fechou atrás de mim, eu estava correndo. Eu me lembrava da época em que me perdi saindo deste banheiro, porque havia duas saídas.

Do lado de fora da porta, era só uma curta corrida até os elevadores, e se Jasper ficasse onde disse que estaria, eu nunca entraria em sua linha de visão. Não olhei para trás enquanto corria. Era minha única chance e, mesmo que ele me visse, eu precisava continuar. As pessoas olhavam, mas eu as ignorei. Na esquina, os elevadores esperavam e disparei para a frente, lançando a mão entre as portas que se fechavam de um elevador cheio que estava descendo. Eu me espremi ao lado de passageiros irritados e olhei para ter certeza de que o botão para o primeiro andar fora pressionado. Já estava aceso, e as portas se fecharam.

Assim que as portas se abriram novamente eu saí, causando murmúrios irritados atrás de mim. Diminuí o passo enquanto passava pela segurança perto da esteira de bagagem e disparei novamente quando as portas de saída entraram em meu campo de visão. Eu não tinha como saber se Jasper ainda estava procurando por mim. Eu só teria segundos se ele estivesse seguindo meu cheiro. Pulei para as portas automáticas, quase me chocando contra o vidro quando elas se abriram devagar demais.

Junto ao meio-fio abarrotado de gente, não havia nenhum táxi à vista.

Eu não tinha tempo. Alice e Jasper ou estavam prestes a perceber que eu sumira, ou já haviam se dado conta disso. Eles me encontrariam numa batida de coração.

Um micro-ônibus para o hotel Hyatt estava fechando as portas a pouca distância de mim.

— Espere! — gritei, correndo, acenando para o motorista.

— Este é o micro-ônibus para o Hyatt — disse o motorista numa confusão enquanto abria as portas.

— Sim — gritei —, é para lá que eu vou. — Subi correndo a escada.

Ele olhou desconfiado para mim, sem bagagem, mas deu de ombros, sem se incomodar em perguntar.

A maioria dos lugares estava vaga. Sentei o mais distante possível dos outros passageiros e olhei pela janela primeiro para a calçada, depois para o aeroporto, que se afastavam. Não conseguia imaginar Edward, onde ele estaria na beira da estrada quando descobrisse o final de minha trilha. Eu ainda não podia chorar, disse a mim mesma. Ainda tinha um longo caminho pela frente.

Minha sorte continuava. Na frente do Hyatt, um casal que parecia cansado pegava a última mala no porta-malas de um táxi. Pulei para fora do micro-ônibus e corri para o táxi, deslizando para o banco de trás. O casal cansado e o motorista do micro-ônibus me olharam.

Dei o endereço de minha mãe ao taxista surpreso.

— Preciso chegar lá o mais rápido possível.

— Isto fica em Scottsdale — reclamou ele.

Atirei quatro notas de vinte pelo banco.

— Isso basta?

— Claro, garota, sem problema.

Encostei no banco, cruzando os braços no colo. A cidade familiar começava a disparar em volta de mim, mas não olhei pela janela. Esforcei-me para manter o controle. Estava decidida a não me perder a esta altura, agora que meu plano era concluído com sucesso. Não tinha sentido aceitar mais pavor, mais ansiedade. Meu caminho estava traçado. Agora só precisava segui-lo.

Assim, em vez de entrar em pânico, fechei os olhos e passei a viagem de vinte minutos com Edward.

Imaginei que eu estava no aeroporto para recebê-lo. Visualizei como eu ficaria na ponta dos pés, para ver seu rosto mais cedo. Com que rapidez, com que elegância ele se movimentaria pela multidão de pessoas que nos separava. E depois eu correria para estreitar estes últimos metros entre nós — desajeitada, como sempre — e estaria em seus braços de mármore, enfim segura.

Perguntei-me aonde nós iríamos. Para algum lugar ao norte, assim ele podia passar o dia fora. Ou talvez algum lugar muito afastado, para que pudéssemos nos deitar ao sol juntos de novo. Imaginei-o na praia, sua pele cintilando como o mar. Eu não me importaria mais que tivéssemos de nos esconder. Ficar presa em um quarto de hotel com ele seria uma espécie de paraíso. Eram tantas perguntas que eu ainda tinha para ele. Eu podia conversar com ele para sempre, jamais dormir, jamais deixar de estar a seu lado.

Podia ver seu rosto com tanta clareza agora... Quase ouvi a voz dele. E, apesar de todo horror e desesperança, eu me sentia fugazmente feliz. Estava tão envolvida em meus devaneios escapistas, que não percebi que os segundos dispararam.

— Ei, qual é o número?

A pergunta do taxista rebateu minha fantasia, roubando todas as cores das minhas lindas ilusões. O medo, oco e duro, esperava para preencher o espaço que elas deixaram.

— Cinco-oito-dois-um. — Minha voz parecia estrangulada. O taxista olhou para mim, com medo de que eu estivesse tendo um ataque ou coisa assim.

— Então, chegamos. — Ele estava ansioso para me ver fora de seu carro, provavelmente esperando que eu não pedisse o troco.

— Obrigada — sussurrei. Não havia necessidade de ter medo, lembrei a mim mesma. A casa estava vazia. Eu tinha que correr; minha mãe esperava por mim, apavorada, dependendo de mim.

Corri para a porta, pegando automaticamente a chave no beiral. Destranquei-a. Estava escuro lá dentro, vazio, normal. Corri até o telefone, acendendo a luz da cozinha ao passar. Ali, no quadro branco, havia um número de dez dígitos escrito com uma caligrafia pequena e elegante. Meus dedos se atrapalharam com o teclado, cometendo erros. Tive que desligar e discar novamente. Desta vez concentrei-me somente nos botões, apertando com cuidado cada um deles. Consegui. Segurei o fone no ouvido com a mão trêmula. Só tocou uma vez.

— Alô, Bella — atendeu a voz tranquila. — Que rapidez. Estou impressionado.

— Minha mãe está bem?

— Perfeitamente bem. Não se preocupe, Bella, não preciso me indispor com ela. A não ser que você não venha sozinha, é claro. — A voz leve, divertida.

— Eu estou sozinha. — Nunca estivera mais só em toda a minha vida.

— Muito bom. Agora, sabe o estúdio de balé bem na esquina de sua casa?

— Sim. Sei como chegar lá.

— Bem, então a verei em breve.

Eu desliguei.

Corri da sala, passei pela porta e saí para o calor de torrar.

Não havia tempo para olhar minha casa às costas e eu não queria vê-la como estava agora — vazia, um símbolo de medo, e não um santuário. A última pessoa a passar por aqueles cômodos familiares fora meu inimigo.

Pelo canto do olho, quase pude ver minha mãe de pé na sombra do eucalipto grande onde eu brincava quando criança. Ou ajoelhada junto ao pequeno trecho de terra em volta da caixa de correio, o cemitério de todas as flores que ela tentou cultivar. As lembranças eram melhores do que qualquer realidade que eu veria hoje. Mas corri delas, para a esquina, deixando tudo para trás.

Eu me sentia lenta, como se estivesse correndo em areia molhada — não parecia conseguir impulso suficiente com o concreto. Tropecei várias vezes, caí uma vez, equilibrando-me com as mãos, arranhando-as na calçada, e depois me jogando para cima para me lançar de novo. Mas enfim consegui chegar à esquina. Só mais uma rua agora; eu corri, o suor descendo por meu rosto, arfando. O sol estava quente em minha pele, brilhante demais enquanto se refletia no concreto branco e me cegava. Eu me senti perigosamente exposta. Com mais intensidade do que sonhava ser capaz, eu desejei o verde, as florestas protetoras de Forks... De

casa.

Quando virei a última esquina e entrei na Cactus, pude ver o estúdio, como eu me lembrava dele. O estacionamento em frente estava vazio, as persianas verticais das janelas, arriadas. Não consegui correr mais — eu não conseguia respirar; o esforço e o medo levaram a melhor sobre mim. Pensei em minha mãe para manter meus pés em movimento, um à frente do outro.

À medida que me aproximava, pude ver a placa do lado de fora da porta. Era manuscrita num papel rosa-choque; dizia que o estúdio estava fechado para as férias de primavera. Toquei a maçaneta, girando-a com cuidado. Estava destrancada. Lutei para tomar fôlego e abri a porta.

O saguão estava escuro e vazio, frio, o ar-condicionado zunindo. As cadeiras de plástico moldado estavam empilhadas junto às paredes e o carpete tinha cheiro de xampu. O salão de dança a oeste estava escuro, pude ver pela janela de observação aberta. O salão de dança a leste, o maior, estava iluminado. Mas as persianas estavam fechadas nas janelas.

O terror se apoderou de mim com tanta força que eu literalmente tropeçava nele. Não consegui fazer com que meus pés avançassem.

E então a voz da minha mãe gritou.

— Bella? Bella?

O mesmo tom de pânico histérico. Corri para a porta, para o som de sua voz.

— Bella, você me assustou! Nunca mais faça isso comigo! — A voz continuava enquanto eu entrava na sala comprida de teto alto.

Olhei a minha volta, tentando descobrir de onde vinha sua voz. Eu a ouvi rir e girei para o som.

Ali estava ela, na tela de TV, afagando meu cabelo, aliviada. Era o Dia de Ação de Graças e eu tinha 12 anos. Tínhamos ido visitar minha avó na Califórnia, o último ano antes de ela morrer. Um dia fomos à praia e eu me curvei demais na beira do píer. Ela viu meus pés agitados, tentando recuperar o equilíbrio. "Bella? Bella?", gritou para mim com medo.

E depois a tela da TV ficou azul.

Virei-me lentamente. Ele estava imóvel perto da saída dos fundos, então eu ainda não o havia notado. Em sua mão tinha um controle remoto. Nós nos encaramos por um longo momento e depois ele sorriu.

Ele veio na minha direção, bem perto, e passou por mim para colocar o

controle ao lado do vídeo. Virei-me com cuidado para observá-lo.

— Desculpe por isso, Bella, mas não é melhor que sua mãe realmente não tenha que se envolver? — A voz dele era cortês e gentil.

E de repente eu entendi. Minha mãe estava segura. Ainda estava na Flórida. Ela não recebera meu recado. Nunca ficara apavorada com os olhos escuros no rosto anormalmente pálido que eu tinha diante de mim. Ela estava segura.

— Sim — respondi, minha voz saturada de alívio.

— Não parece com raiva por eu tê-la enganado.

— Não estou. — Meu súbito surto de adrenalina me deu coragem. O que importava agora? Logo estaria terminado. Charlie e minha mãe nunca seriam prejudicados, nunca teriam de temer. Eu me sentia quase tonta. Uma parte analítica de minha mente me alertou de que eu estava perigosamente perto de me despedaçar de estresse.

— Que estranho. Você está mesmo falando sério. — Seus olhos escuros me avaliaram com interesse. As íris eram quase pretas, só com um toque de rubi nas bordas. A sede. — Vou admitir que vocês, humanos, esse bando esquisito, podem ser bem interessantes. Acho que entendo o que atrai em observar vocês. É incrível... Alguns parecem não ter nenhum senso de egoísmo.

Ele estava parado a pouca distância de mim, os braços cruzados, olhando-me com curiosidade. Não havia ameaça em seu rosto nem em sua atitude. Ele era de aparência mediana, nada extraordinário no rosto ou no corpo. Só a pele branca, as olheiras a que eu estava acostumada. Vestia uma camisa azul-clara de mangas compridas e jeans desbotados.

— Imagino que vá me dizer que seu namorado a vingará, não é? — perguntou ele, com esperança, ao que me pareceu.

— Não, acho que não. Pelo menos eu lhe pedi para não fazer isso.

— E qual foi a resposta dele?

— Não sei. — Era estranhamente fácil conversar com este caçador gentil. — Eu lhe deixei uma carta.

— Mas que romântico, uma última carta. E acha que ele vai honrá-la? — Sua voz agora era um pouco mais dura, uma sugestão de sarcasmo desfigurando o tom educado.

— Espero que sim.

— Hmmm. Bem, nossas esperanças então diferem. Veja bem, tudo isso foi

meio fácil demais, rápido demais. Para ser franco, estou decepcionado. Esperava um desafio muito maior. E, afinal, só precisei de um pouco de sorte.

Esperei em silêncio.

— Quando Victoria não conseguiu pegar seu pai, fiz com que ela descobrisse mais sobre você. Não tinha sentido correr pelo planeta perseguindo-a quando eu podia confortavelmente esperar em um lugar de minha preferência. Assim, depois de falar com Victoria, decidi vir para Phoenix para fazer uma visita à sua mãe. Ouvi você dizer que ia para casa. De início, nunca imaginei que estivesse falando sério. Mas então pensei bem. Os humanos podem ser muito previsíveis; eles gostam de ir para um lugar conhecido, um lugar seguro. E não seria a trama perfeita, ir para o último lugar que deveria quando estivesse se escondendo... para o lugar onde você disse que estaria?

Ele continuou:

— Mas é claro que eu não tinha certeza, era só um pressentimento. Em geral tenho uma sensação sobre a presa que estou caçando, um sexto sentido, se preferir assim. Ouvi seu recado quando fui à casa de sua mãe, mas é claro que eu não podia saber de onde você tinha ligado. Foi muito útil ter seu número, mas você podia estar na Antártida, pelo que eu sabia, e o jogo não daria certo a não ser que você estivesse por perto. Depois seu namorado pegou um avião para Phoenix. Victoria os estava monitorando para mim, naturalmente; em um jogo com muitos participantes, eu não podia trabalhar sozinho. E então eles me disseram o que eu esperava, que você estava aqui, afinal de contas. Eu me preparei; já havia visto seus encantadores filmes caseiros. E depois foi simplesmente uma questão de blefe. Muito fácil, entende, não está à altura de meus padrões. Então, veja bem, estou esperando que você esteja errada sobre seu namorado. Edward, não é?

Não respondi. A bravata diminuía. Senti que ele terminara de se vangloriar. Eu não tinha importância nenhuma. Não havia glória em me derrotar, uma humana fraca.

— Você se importaria muito se eu deixasse uma carta minha para o seu Edward?

Ele deu um passo para trás e tocou numa pequena câmera de vídeo digital equilibrada cuidadosamente no alto do aparelho de som. Uma luzinha vermelha indicava que já estava rodando. Ele a ajustou algumas vezes, ampliando o quadro. Eu o encarava, apavorada.

— Desculpe, mas não acho que ele vá resistir a me perseguir depois que vir isto. E eu não gostaria que ele perdesse nada. É tudo para ele, é claro. Você é apenas uma humana, que infelizmente estava no lugar errado, na hora errada e indiscutivelmente andando com a turma errada, devo acrescentar.

Ele deu um passo na minha direção, sorrindo.

— Antes de começarmos...

Senti uma onda de náusea na boca do estômago enquanto ele falava. Esta era uma coisa que eu não havia previsto.

— Gostaria de ressaltar isso só um pouquinho. A resposta estava lá o tempo todo e eu temia que Edward visse e estragasse minha diversão. Já aconteceu uma vez, ah, séculos atrás. A única vez em que uma presa escapou de mim. Veja você, o vampiro que tão estupidamente ansiou por sua pequena vítima tomou a decisão que seu Edward foi fraco para tomar. Quando o velho soube que eu estava atrás de sua amiguinha, roubou-a do sanatório em que ela estava — nunca vou entender a obsessão que alguns vampiros parecem ter por vocês, humanos — e, assim que a libertou, ele a deixou segura. Ela não pareceu perceber a dor, pobre criaturinha. Ficou presa naquele buraco escuro da cela por um bom tempo. Cem anos antes ela teria sido queimada por suas visões. Na década de 1920 eram o sanatório e os tratamentos de choque. Quando ela abriu os olhos, forte com a nova juventude, foi como se nunca tivesse visto o sol. O velho vampiro a tornou uma nova vampira forte, e então não havia motivos para que eu tocasse nela. — Ele suspirou. — Eu destruí o velho por vingança.

— Alice — sussurrei, atordoada.

— Sim, sua amiguinha. Eu fiquei mesmo surpreso ao vê-la na clareira. Então acho que o bando dela devia ser capaz de extrair algum conforto desta experiência. Peguei você, mas eles a pegaram. A única vítima que me escapou, na verdade uma honra. E ela tinha um cheiro muito delicioso. Ainda me arrependo de nunca ter sentido o sabor... Ela cheirava ainda melhor do que você. Desculpe, não quero ofendê-la. Você tem um cheiro muito bom. Floral, meio...

Ele deu outro passo na minha direção, até ficar a centímetros de distância. Ergueu uma mecha de meu cabelo e o cheirou delicadamente. Depois colocou com suavidade a mecha no lugar e eu senti a ponta de seus dedos frios em meu pescoço. Ele levantou a mão para afagar meu rosto rapidamente com o polegar, o rosto curioso. Eu queria desesperadamente correr, mas fiquei paralisada. Não

conseguia me mexer nem um centímetro.

— Não — murmurou ele consigo mesmo enquanto deixava cair a mão —, eu não entendo. — Ele suspirou. — Bem, imagino que devamos continuar com isso. E depois posso ligar para seus amigos e lhes dizer onde podem encontrá-la, e a meu recadinho.

Agora eu estava definitivamente enjoada. A dor estava vindo, eu podia ver em seus olhos. Não seria o suficiente para ele vencer, alimentar-se e ir embora. Não haveria o fim rápido com que eu estava contando. Meus joelhos começaram a tremer e tive medo de desabar.

Ele recuou um passo e começou a circular, despreocupadamente, como se estivesse tentando ter uma visão melhor de uma estátua em um museu. Seu rosto ainda era franco e amistoso enquanto ele decidia por onde começar.

Depois ele mergulhou para a frente, para uma postura agachada que reconheci, e seu sorriso agradável lentamente se ampliou, cresceu, até que não era mais um sorriso, mas uma contorção de dentes, expostos e reluzentes.

Não consegui me aguentar — tentei correr. Mesmo sabendo que seria inútil, mesmo com os joelhos já fracos, o pânico me dominou e me atirei para a saída de emergência.

Ele estava diante de mim num átimo. Não vi se usou a mão ou os pés, foi rápido demais. Um golpe atingiu meu peito e me senti voando para trás, depois ouvi o som de algo sendo triturado quando minha cabeça bateu nos espelhos. O vidro rachou, parte dele se estilhaçou e os cacos se espalharam no chão em volta de mim.

Fiquei atordoada demais para sentir a dor. Ainda não conseguia respirar.

Ele andou na minha direção lentamente.

— Este é um belo efeito — disse ele, examinando a bagunça de cacos de vidro, sua voz amistosa novamente. — Pensei que esta sala seria visualmente dramática para meu filminho. Foi por isso que escolhi este lugar para o encontro. É perfeito, não é?

Eu o ignorei, andando de quatro, engatinhando para a outra porta.

Logo ele estava em cima de mim, o pé pisando com força em minha perna. Ouvi a dentada repugnante antes de senti-la. Mas depois eu a senti e não consegui reprimir o grito de agonia. Girei para segurar minha perna e ele estava de pé diante de mim, sorrindo.

— Gostaria de pensar melhor em seu último pedido? — perguntou ele agradavelmente. A ponta de seu pé cutucava minha perna quebrada e eu ouvi um grito penetrante. Chocada, percebi que era meu. — Não gostaria que Edward tentasse me encontrar? — propôs ele.

— Não! — gritei. — Não, Edward, não... — E depois alguma coisa esmagou meu rosto, atirando-me de volta aos espelhos quebrados.

Por cima da dor em minha perna, senti o rasgo agudo em meu couro cabeludo, onde o vidro o cortou. E depois a umidade quente começou a se espalhar por meu cabelo com uma velocidade alarmante. Pude sentir que ensopava minha blusa no ombro, ouvi gotejar no chão, o cheiro revirou meu estômago.

Através da náusea e da vertigem vi algo que me deu um fragmento súbito e final de esperança. Os olhos dele, antes apenas intensos, agora ardiam de uma necessidade incontrolável. O sangue — espalhando-se carmim por minha blusa branca, empoçando rapidamente no chão — o deixava louco de sede. Quaisquer que fossem suas intenções originais, ele não conseguiria prolongar isto por muito mais tempo.

Que seja rápido agora, era só o que eu esperava enquanto o fluxo de sangue de minha cabeça sugava minha consciência. Meus olhos se fechavam.

Eu ouvi, como que submersa, o último rugido do caçador. Pude ver, através dos túneis compridos em que se transformaram meus olhos, sua forma escura vindo para mim. Com um último esforço, minha mão instintivamente se ergueu para proteger meu rosto. Meus olhos se fecharam e eu fiquei à deriva.

23. O ANJO

ENQUANTO ESTAVA À DERIVA, eu sonhei.

Onde eu flutuava, sob a água escura, ouvi o som mais feliz que minha mente podia conjurar — tão lindo, tão enaltecedor quanto medonho. Era outro grunhido; um rugido mais profundo, mais selvagem, soava com fúria.

Fui trazida de volta, quase à tona, por uma dor aguda que me golpeava a mão erguida, mas não consegui encontrar o caminho de volta o bastante para abrir os olhos.

Porque, através da água pesada, ouvi o som de um anjo chamando meu nome, chamando-me para o único paraíso que eu queria.

— Ah, não, Bella, não! — gritou a voz apavorada do anjo.

Por trás do som que se estendia houve outro barulho — um tumulto medonho de que minha mente se abrigou. Um rosnado grave e maligno, um som estrepitoso, chocante, e um lamento agudo, interrompendo-se de repente...

Tentei me concentrar na voz do anjo.

— Bella, por favor! Bella, escute-me, por favor, por favor, Bella, por favor! — implorava ele.

Sim, eu queria dizer. Qualquer coisa. Mas não consegui encontrar meus lábios.

— Carlisle! — gritou o anjo, a agonia em sua voz perfeita. — Bella, Bella, não, ah, por favor, não, não! — E o anjo chorava sem lágrimas, em soluços interrompidos.

O anjo não devia chorar, isso não está certo. Tentei encontrá-lo, dizer-lhe que estava tudo bem, mas a água era tão funda, me pressionava e eu não conseguia respirar.

Houve um ponto de pressão em minha cabeça. Doeu. Depois, enquanto essa dor irrompia pela escuridão até chegar a mim, outras dores vieram, dores mais fortes. Eu gritei, ofegando, respirando pela represa escura.

— Bella! — gritou o anjo.

— Ela perdeu algum sangue, mas o ferimento na cabeça não é profundo — informou-me uma voz calma. — Veja a perna dela, está quebrada.

Um uivo de raiva saiu estrangulado dos lábios do anjo.

Senti uma pontada aguda do lado do corpo. Isto não podia ser o paraíso, podia? Havia dor demais.

— Acho que algumas costelas também — continuou a voz metódica.

Mas as dores agudas diminuíam. Houve uma nova dor, uma dor fervente em minha mão que sobrepujava todas as outras.

Alguém estava me queimando.

— Edward — tentei dizer a ele, mas minha voz era muito pesada e lenta. Eu não conseguia me entender.

— Bella, você vai ficar bem. Pode me ouvir, Bella? Eu te amo.

— Edward — tentei novamente. Minha voz era um pouco mais clara.

— Sim, estou aqui.

— Isso dói — choraminguei.

— Eu sei, Bella, eu sei — e depois, longe de mim, angustiado —, não pode fazer nada?

— Minha maleta, por favor... Prenda a respiração, Alice, isso vai ajudar — prometeu Carlisle.

— Alice? — grunhi.

— Ela está aqui, ela sabia onde encontrá-la.

— Minha mão está doendo — tentei dizer a ele.

— Eu sei, Bella. Carlisle lhe dará alguma coisa, vai parar.

— Minha mão está queimando! — eu gritei, finalmente rompendo o que restava da escuridão, meus olhos se abrindo. Eu não podia ver seu rosto, algo escuro e quente toldava meus olhos. Por que eles não viam o fogo e o apagavam?

A voz dele estava assustada.

— Bella?

— O fogo! Alguém apague o fogo! — gritei enquanto ele me queimava.

— Carlisle! A mão dela!

— Ele a mordeu. — A voz de Carlisle não estava mais calma, estava aterrorizada.

Ouvi Edward prender a respiração de horror.

— Edward, você precisa fazer. — Era a voz de Alice, perto de minha cabeça.

Dedos frios roçaram a umidade em meus olhos.

— Não! — berrou ele.

— Alice — eu gemi.

— Pode ser a única chance — disse Carlisle.

— O quê? — implorou Edward.

— Veja se pode sugar o veneno. A ferida está bem limpa. — Enquanto Carlisle falava, pude sentir mais pressão na cabeça, algo cutucando e empurrando em meu couro cabeludo. A dor era pior do que a do fogo.

— Isso vai dar certo? — A voz de Alice era tensa.

— Não sei — disse Carlisle. — Mas precisamos nos apressar.

— Carlisle, eu... — Edward hesitou. — Não sei se posso fazer isso. — Havia agonia em sua linda voz novamente.

— A decisão é sua, Edward, de uma forma ou de outra. Não posso ajudá-lo. Tenho que deter este sangramento aqui, se vai tirar sangue da mão dela.

Eu me contorci com o aperto da tortura feroz, o movimento fazendo com que a dor em minha perna queimasse de forma nauseante.

— Edward! — gritei. Percebi que meus olhos estavam fechados de novo. Eu os abri, desesperada para encontrar seu rosto. E o encontrei. Finalmente, pude ver seu rosto perfeito, olhando para mim, retorcido em uma máscara de indecisão e dor.

— Alice, me dê alguma coisa para imobilizar a perna dela! — Carlisle estava curvado sobre mim, trabalhando em minha cabeça. — Edward, deve fazer agora, ou será tarde demais.

O rosto de Edward estava cansado. Vi seus olhos enquanto a dúvida de repente era substituída por uma determinação ardente. Seu queixo endureceu. Senti seus dedos frios e fortes em minha mão que queimava, colocando-a em posição. Depois sua cabeça se curvou e seus lábios frios pressionaram minha pele.

No início a dor foi pior. Eu gritei e me debati contra as mãos frias que me seguravam. Ouvi a voz de Alice, tentando me acalmar. Algo pesado mantinha minhas pernas no chão e Carlisle tinha minha cabeça presa em seus braços fortes.

Depois, lentamente, minha agitação se aquietou enquanto minha mão ficava cada vez mais entorpecida. O fogo cedia, concentrado em um ponto cada vez menor.

Senti minha consciência me escapar enquanto a dor abrandava. Eu tinha medo

de cair na água negra de novo, medo de perdê-lo na escuridão.

— Edward — tentei dizer, mas não consegui ouvir minha voz. Eles podiam me ouvir.

— Ele está bem aqui, Bella.

— Fique, Edward, fique comigo...

— Eu ficarei. — Sua voz era tensa, mas de certo modo triunfante.

Suspirei de satisfação. O fogo passara, as outras dores entorpecidas por uma sonolência que tomava meu corpo.

— Saiu tudo? — perguntou Carlisle de algum lugar ao longe.

— O sangue dela está limpo — disse Edward em voz baixa. — Posso sentir a morfina.

— Bella? — Carlisle me chamou.

Tentei responder.

— Hmmm?

— O fogo passou?

— Sim — suspirei. — Obrigada, Edward.

— Eu te amo — respondeu ele.

— Eu sei — sussurrei, absolutamente cansada.

Ouvi o som de que mais gostava no mundo: o riso baixo de Edward, fraco de alívio.

— Bella? — perguntou Carlisle novamente.

Franzi o cenho; eu queria dormir.

— Quê?

— Onde está sua mãe?

— Na Flórida — suspirei. — Ele me enganou, Edward. Ele viu meus vídeos. — O ultraje em minha voz era lamentavelmente fraco.

Mas isso me fez lembrar.

— Alice. — Tentei abrir os olhos. — Alice, o vídeo... Ele conhecia você, Alice, ele sabia de onde você veio. — Eu quis falar com urgência, mas minha voz era fraca. — Senti cheiro de gasolina — acrescentei, surpresa na névoa de meu cérebro.

— Está na hora de levá-la — disse Carlisle.

— Não, eu quero dormir — reclamei.

— Pode dormir, meu amor, eu carrego você — Edward me tranquilizou.

E eu estava em seus braços, aninhada em seu peito — flutuando, toda a dor desaparecida.

— Durma agora, Bella — foram as últimas palavras que ouvi.

24. UM IMPASSE

MEUS OLHOS SE ABRIRAM para uma luz branca e forte. Eu estava em um quarto desconhecido, um quarto branco. A parede atrás de mim era coberta de persianas verticais; no alto, as luzes brilhantes me cegavam. Eu estava recostada em uma cama dura e desigual — uma cama com grades. Os travesseiros eram achatados e cheios de protuberâncias. Havia um bipe irritante em algum lugar por perto. Esperei que significasse que eu ainda estava viva. A morte não devia ser tão desconfortável.

Minhas mãos estavam presas a tubos claros e alguma coisa estava colada em meu rosto, sob meu nariz. Ergui a mão para arrancar.

— Não, não pode. — E dedos frios pegaram minha mão.

— Edward? — Virei a cabeça devagar e seu rosto extraordinário estava a centímetros do meu, o queixo pousado na beira de meu travesseiro. Percebi novamente que eu estava viva, desta vez com gratidão e alegria. — Ah, Edward, eu lamento tanto!

— Shhhh — ele me aquietou. — Agora tudo vai ficar bem.

— O que aconteceu? — Eu não conseguia lembrar com clareza e minha mente se rebelava quando eu tentava.

— Quase cheguei tarde demais. Eu podia ter me atrasado — sussurrou ele, a voz atormentada.

— Eu fui tão idiota, Edward. Pensei que ele estivesse com a minha mãe.

— Ele enganou a nós todos.

— Preciso ligar para Charlie e para mamãe — percebi através da névoa.

— Alice ligou para eles. Renée está aqui... Bom, aqui no hospital. Ela está pegando alguma coisa para comer agora.

— Ela está aqui? — Tentei me sentar, mas minha cabeça girou mais rápido e a mão dele me empurrou delicadamente para os travesseiros.

— Ela vai voltar logo — prometeu ele. — E você precisa ficar quieta.

— Mas o que vocês disseram a ela? — Entrei em pânico. Eu não estava

interessada em ficar quieta. Minha mãe estava aqui e eu me recuperava de um ataque de vampiro. — Por que disse a ela que eu estou aqui?

— Você caiu dois lances de escada e atravessou uma vidraça. — Ele parou. — Tem que admitir que isso pode acontecer.

Eu suspirei e isso doeu. Olhei meu corpo sob o lençol, o calombo enorme que era minha perna.

— O que aconteceu comigo? — perguntei.

— Você tem uma perna quebrada, quatro costelas quebradas, algumas rachaduras no crânio, hematomas cobrindo cada centímetro de sua pele e perdeu muito sangue. Eles fizeram algumas transfusões. Eu não gostei... Deixou seu cheiro totalmente errado por algum tempo.

— Deve ser uma mudança boa para você.

— Não, prefiro o seu cheiro.

— Como você conseguiu? — perguntei em silêncio. Ele entendeu o que eu quis dizer de imediato.

— Não tenho certeza. — Ele desviou o rosto de meus olhos curiosos, erguendo da cama minha mão enrolada em ataduras e segurando delicadamente na dele, com o cuidado de não soltar o fio que me conectava a um dos monitores.

Esperei pacientemente pelo resto.

Ele suspirou sem retribuir meu olhar.

— Foi impossível... parar — sussurrou ele. — Impossível. Mas consegui. — Ele finalmente me olhou com um meio sorriso. — Eu devo mesmo amar você.

— Meu gosto não é tão bom quanto meu cheiro? — Eu sorri em resposta. Isso provocou dor em meu rosto.

— É ainda melhor... Melhor do que eu imaginava.

— Desculpe — eu disse.

Ele ergueu os olhos para o teto.

— De todas as coisas para se desculpar...

— Pelo que eu devia me desculpar?

— Por quase tirar você de mim para sempre.

— Desculpe — eu disse novamente.

— Sei por que fez isso. — Sua voz era reconfortante. — Assim mesmo foi irracional. Devia ter esperado por mim, devia ter me contado.

— Você não teria me deixado ir.

— Não — concordou ele num tom melancólico. — Não teria.

Algumas lembranças muito desagradáveis começavam a retornar. Eu estremeci e pestanejei.

Ele de imediato ficou angustiado.

— Bella, qual é o problema?

— O que aconteceu com James?

— Depois que o arranquei de você, Emmett e Jasper cuidaram dele. — Havia um tom feroz de arrependimento em sua voz.

Isso me confundiu.

— Não vi Emmett e Jasper lá.

— Eles tiveram que sair da sala... Havia muito sangue.

— Mas você ficou.

— Sim, eu fiquei.

— E Alice, e Carlisle... — eu disse, maravilhada.

— Eles também a amam, sabe disso.

Um lampejo de imagens dolorosas da última vez em que vira Alice me lembraram de uma coisa.

— Alice viu a fita? — perguntei com ansiedade.

— Sim. — Um novo som escurecia sua voz, um tom de puro ódio.

— Ela não pôde enxergar, por isso não lembrava.

— Eu sei. Agora ela entende. — A voz dele era tranquila, mas sua expressão era sombria e furiosa.

Tentei estender a mão livre para seu rosto, mas alguma coisa me impedia. Olhei para baixo e vi o tubo intravenoso puxando minha mão.

— Ai. — Estremeci.

— O que é? — perguntou ele com ansiedade; distraído, mas não o bastante. O vazio não deixou inteiramente seus olhos.

— Agulhas — expliquei, desviando o rosto de uma delas na minha mão. Concentrei-me no teto inclinado e tentei respirar fundo apesar da dor nas costelas.

— Medo de uma agulha — murmurou ele para si mesmo, sacudindo a cabeça. — Ah, um vampiro sádico que pretende torturá-la até a morte não é um problema, é claro, ela correu para se encontrar com ele. Mas uma agulha intravenosa, por outro lado...

Revirei os olhos. Fiquei satisfeita por descobrir que esta reação, pelo menos, não doía. Decidi mudar de assunto.

— Por que você está aqui? — perguntei.

Ele olhou para mim, primeiro com um toque de confusão e depois mágoa nos olhos. Suas sobrancelhas se uniram ao franzir a testa.

— Quer que eu vá embora?

— Não! — protestei, apavorada com a ideia. — Não, quer dizer, por que minha mãe acha que você está aqui? Eu preciso ter uma história pronta antes de ela voltar.

— Ah — disse ele e sua testa se suavizou voltando ao aspecto de mármore. — Eu vim a Phoenix para tentar colocar algum juízo em sua cabeça, para convencê-la a voltar a Forks. — Seus olhos grandes eram tão sinceros e francos que eu mesma quase acreditei nele. — Você concordou em me ver e foi para o hotel onde eu estava com Carlisle e Alice... É claro que eu estava aqui com supervisão paterna — inseriu ele virtuosamente —, mas você tropeçou na escada a caminho de meu quarto e... Bom, você sabe o resto. Mas não precisa se lembrar de nenhum detalhe; tem uma boa desculpa para estar meio confusa com as minúcias.

Pensei nisso por um momento.

— Existem algumas falhas nesta história. Nenhuma vidraça quebrada, por exemplo.

— Na verdade, não — disse ele. — Alice se divertiu um pouquinho fabricando as provas. Todos os cuidados foram tomados para que parecesse muito convincente... Você poderia processar o hotel, se quisesse. Não tem por que se preocupar — prometeu ele, afagando meu rosto com o mais leve dos toques. — Sua única tarefa agora é se curar.

Eu não estava tão perdida nas dores ou na confusão mental provocada pelos medicamentos a ponto de não reagir ao toque dele. O bipe do monitor pulava erraticamente — agora ele não era o único que podia ouvir meu coração portar-se mal.

— Isso vai ser constrangedor — murmurei para mim mesma.

Ele riu. E um olhar especulativo apareceu em seus olhos.

— Hmmm, imagino...

Ele se inclinou lentamente; o bipe se acelerou desenfreadamente antes que seus lábios sequer me tocassem. Mas quando o fizeram, embora com a pressão

mais delicada possível, o bipe parou completamente.

Ele recuou de súbito, a expressão de ansiedade transformando-se em alívio enquanto o monitor descrevia o recomeço dos batimentos.

— Parece que terei de ser ainda mais cuidadoso do que de costume. — Ele franziu o cenho.

— Ainda não terminei de beijar você — reclamei. — Não me faça ir até aí.

Ele deu um sorriso malicioso e se curvou para colocar os lábios de leve nos meus. O monitor ficou frenético.

Mas seus lábios estavam tensos. Ele se afastou.

— Acho que ouvi sua mãe — disse ele, sorrindo novamente.

— Não me deixe — eu pedi, um surto irracional de pânico me inundando. Eu não podia deixá-lo ir; ele desapareceria novamente.

Ele viu o terror em meus olhos por um breve segundo.

— Não vou — prometeu solenemente, e depois sorriu. — Vou tirar um cochilo.

Ele saiu da cadeira de plástico do meu lado e foi para a espreguiçadeira de couro sintético cor de turquesa aos pés da cama, deitando-se e fechando os olhos. Ficou completamente imóvel.

— Não se esqueça de respirar — sussurrei sarcasticamente. Ele respirou fundo, os olhos ainda fechados.

Agora eu podia ouvir a minha mãe. Ela falava com alguém, talvez uma enfermeira, e parecia cansada e perturbada. Eu queria pular da cama e correr para ela, para acalmá-la, assegurar que tudo estava bem. Mas não estava em forma para pular, então esperei pacientemente.

A porta se abriu um pouco e ela espiou dentro do quarto.

— Mãe! — sussurrei, minha voz cheia de amor e alívio.

Ela percebeu a forma imóvel de Edward na espreguiçadeira e veio na ponta dos pés para o lado da cama.

— Ele nunca vai embora, não é? — murmurou ela para si mesma.

— Mãe, é tão bom ver você!

Ela se inclinou para me abraçar com delicadeza e senti lágrimas quentes caindo por meu rosto.

— Bella, fiquei tão perturbada!

— Me desculpe, mãe. Mas agora está tudo bem, está tudo bem — eu a

reconfortei.

— Fico tão feliz por finalmente ver seus olhos abertos. — Ela se sentou na beira de minha cama.

De repente percebi que eu não fazia ideia de quando foi.

— Há quanto tempo estão fechados?

— Hoje é sexta-feira, querida, você ficou apagada por algum tempo.

— Sexta? — fiquei chocada. Tentei me lembrar de que dia foi quando... Mas não queria pensar nisso.

— Eles a mantiveram sedada por um tempo, querida... Você sofreu muitas lesões.

— Eu sei. — Eu podia senti-las.

— Teve sorte de o Dr. Cullen estar aqui. Ele é um bom homem... Mas tão novo. E mais parece um modelo do que um médico...

— Conheceu Carlisle?

— E a irmã de Edward, Alice, uma menina adorável.

— É verdade — concordei de coração.

Ela olhou por sobre o ombro para Edward, deitado de olhos fechados na cadeira.

— Você não me contou que tinha amigos tão bons em Forks.

Eu encolhi e depois gemi.

— Onde dói? — perguntou ela com ansiedade, virando-se para mim. Os olhos de Edward faiscaram para meu rosto.

— Estou bem — eu lhes garanti. — Só preciso me lembrar de não me mexer. — Ele voltou a sua falsa soneca.

Tirei vantagem da distração momentânea de minha mãe para continuar desviando o assunto de meu comportamento não muito cândido.

— Onde está o Phil? — perguntei rapidamente.

— Na Flórida... Ah, Bella! Nem imagina! Justo quando estávamos prestes a ir embora, a boa notícia chegou!

— O Phil conseguiu assinar? — chutei.

— Sim! Como adivinhou? Com os Suns, dá para acreditar?

— Mãe, isso é ótimo — eu disse com o maior entusiasmo que pude, embora tivesse pouca ideia do que isso significava.

— E você vai gostar muito de Jacksonville — disse ela esfuziante enquanto eu

olhava com uma expressão vazia. — Fiquei meio preocupada quando Phil começou a falar em Akron, com aquela neve e tudo, porque você sabe que eu odeio o frio, mas agora Jacksonville! Sempre ensolarado e a umidade não é assim tão ruim. Encontramos uma casa lindinha, amarela, com acabamentos de madeira branca e uma varanda, como de um filme antigo, e um carvalho enorme, só fica a alguns minutos da praia e você terá seu próprio banheiro...

— Espera, mãe! — interrompi. Edward ainda estava de olhos fechados, mas parecia tenso demais para passar por adormecido. — Do que está falando? Não vou para a Flórida. Eu moro em Forks.

— Mas não precisa mais, bobinha — ela riu. — Phil vai conseguir ficar muito mais agora... Nós conversamos e o que eu vou fazer é alternar metade do tempo com você, metade com ele nos jogos em outras cidades.

— Mãe. — Eu hesitei, perguntando-me qual era a maneira mais diplomática de dizer isso. — Eu quero morar em Forks. Já me adaptei na escola e tenho algumas amigas — ela olhou novamente para Edward quando eu a lembrei dos amigos, então tentei outro rumo —, e Charlie precisa de mim. Ele está tão sozinho lá e não sabe cozinhar nada.

— Quer ficar em Forks? — perguntou ela, surpresa. A ideia lhe era inconcebível. E depois seus olhos dispararam para Edward. — Por quê?

— Eu lhe disse... Escola, Charlie... Ai! — Eu dei de ombros. Não foi uma boa ideia.

Suas mãos flutuaram impotentes para mim, tentando encontrar um lugar seguro para afagar. Ela fez isso em minha testa; não estava enfaixada.

— Bella, querida, você odeia Forks — ela me lembrou.

— Não é tão ruim.

Ela franziu a testa e olhou de Edward para mim, desta vez deliberadamente.

— É este rapaz? — sussurrou ela.

Abri a boca para mentir, mas os olhos dela examinavam meu rosto e eu sabia que ela veria através dele.

— Ele é parte do motivo — admiti. Não havia necessidade de confessar que era uma grande parte. — Então, teve uma chance de conversar com Edward? — perguntei.

— Sim. — Ela hesitou, olhando sua figura perfeitamente imóvel. — E quero falar com você sobre isso.

Epa.

— Sobre o quê? — perguntei.

— Acho que esse rapaz está apaixonado por você — acusou ela, mantendo a voz baixa.

— Eu também acho — confidenciei.

— E como se sente com relação a ele? — Ela mal conseguia esconder a forte curiosidade em sua voz.

Eu suspirei, desviando os olhos. Embora eu amasse muito minha mãe, esta não era uma conversa que eu quisesse ter com ela.

— Eu sou louca por ele. — Pronto, isso parecia o que uma adolescente podia dizer do primeiro namorado.

— Bem, ele parece muito legal e, meu Deus, é incrivelmente bonito, mas você é tão nova, Bella... — Sua voz era insegura; pelo que podia me lembrar, esta era a primeira vez desde que eu tinha 8 anos que ela chegou tão perto de tentar parecer uma autoridade. Reconheci o tom razoável mas firme das conversas que tive com ela sobre os homens.

— Sei disso, mãe. Não se preocupe. É só uma paixonite — eu a tranquilizei.

— Está bem — concordou ela, facilmente satisfeita.

Depois ela suspirou e olhou o relógio grande na parede, cheia de culpa.

— Precisa ir?

Ela mordeu o lábio.

— O Phil deve telefonar daqui a pouco... Eu não sabia que você ia acordar...

— Tudo bem, mãe. — Tentei esconder o alívio para que ela não ficasse magoada. — Não vou ficar sozinha.

— Eu volto logo. Estou dormindo aqui, sabia? — anunciou ela, orgulhosa de si mesma.

— Ah, mãe, não precisa fazer isso! Pode dormir em casa... Eu nem vou perceber. — O turbilhão de analgésicos em meu cérebro estava dificultando minha concentração mesmo agora, mas aparentemente eu estava dormindo há dias.

— Fiquei nervosa demais — admitiu ela timidamente. — Houve um crime no bairro e não gosto de ficar ali sozinha.

— Crime? — perguntei, alarmada.

— Alguém arrombou aquele estúdio de dança da esquina e o incendiou

completamente... Não restou nada! E deixaram um carro roubado na frente. Lembra quando você dançava lá, querida?

— Lembro. — Eu estremeci.

— Eu posso ficar, meu bem, se precisar de mim.

— Não, mãe. Eu estou bem. Edward vai ficar comigo.

Ela deu a impressão de que podia ser por isso que ela queria ficar.

— Vou voltar à noite. — Parecia mais um aviso do que uma promessa, e ela olhou para Edward novamente ao dizer isso.

— Eu te amo, mãe.

— Também te amo, Bella. Procure ter mais cuidado quando andar, querida. Não quero perder você.

Os olhos de Edward continuavam fechados, mas um sorriso largo lampejou por seu rosto.

Uma enfermeira entrou de repente para verificar todos os tubos e fios. Minha mãe me deu um beijo na testa, afagou minha mão enrolada em ataduras e saiu.

A enfermeira estava verificando o registro de meu monitor cardíaco.

— Está se sentindo ansiosa, querida? Seus batimentos cardíacos ficaram um pouco altos aqui.

— Estou bem — garanti a ela.

— Vou contar a sua enfermeira que você acordou. Ela virá vê-la daqui a um minuto.

Assim que ela fechou a porta, Edward estava a meu lado.

— Você roubou um carro? — Eu ergui as sobrancelhas.

Ele sorriu, sem arrependimento.

— Era um bom carro, bem rápido.

— Como foi sua soneca? — perguntei.

— Interessante. — Seus olhos se estreitaram.

— Que foi?

Ele olhou para baixo ao responder.

— Estou surpreso. Pensei que a Flórida... E sua mãe... Bom, pensei que era o que você queria.

Eu o fitei sem compreender.

— Mas você ficaria trancado o dia todo na Flórida. Só poderia sair à noite, como um vampiro de verdade.

Ele quase sorriu, mas não o bastante. E depois seu rosto ficou grave.

— Eu ficaria em Forks, Bella. Ou outro lugar parecido — explicou ele. — Um lugar onde não pudesse mais machucar você.

A princípio, não compreendi. Continuei a fitá-lo inexpressivamente enquanto as palavras, uma por uma, encaixavam-se em minha cabeça como um quebra-cabeça medonho. Mas mal estava consciente do som de meu coração acelerando, enquanto minha respiração chegava à hiperventilação. Eu estava ciente da dor aguda de protesto em minhas costelas.

Ele nada disse; olhou meu rosto cautelosamente, para a dor que nada tinha a ver com ossos quebrados, uma dor que era infinitamente pior e ameaçava me triturar.

E depois outra enfermeira entrou decidida no quarto. Edward se sentou como uma pedra enquanto ela examinava minha expressão com os olhos experientes antes de se voltar para os monitores.

— Hora dos analgésicos, querida? — perguntou ela gentilmente, dando um tapinha no soro intravenoso.

— Não, não — murmurei, tentando esconder a agonia de minha voz. — Não preciso de nada. — Eu agora não podia fechar os olhos.

— Não precisa ser corajosa, querida. É melhor se não se estressar demais; precisa descansar. — Ela esperou, mas eu só sacudi a cabeça.

— Muito bem — ela suspirou. — Toque a campainha quando precisar.

Ela olhou com frieza para Edward e lançou mais um olhar ansioso para a aparelhagem antes de sair.

As mãos frias dele estavam em meu rosto; eu o fitei de olhos arregalados.

— Shhh, Bella, acalme-se.

— Não me deixe — implorei numa voz entrecortada.

— Não vou — prometeu ele. — Agora relaxe antes que eu chame a enfermeira para sedar você.

Mas meu coração não conseguia desacelerar.

— Bella. — Ele afagou meu rosto com angústia. — Eu não vou a parte alguma. Vou ficar bem aqui pelo tempo que precisar de mim.

— Jura que não vai me deixar? — sussurrei. Tentei controlar a respiração ofegante, pelo menos. Minhas costelas latejavam.

Ele pôs as mãos em minha face e trouxe o rosto para perto do meu. Seus olhos

eram grandes e ansiosos.

— Eu juro.

O cheiro de seu hálito era tranquilizador. Pareceu atenuar a dor de minha respiração. Ele continuou a sustentar meu olhar enquanto meu corpo aos poucos relaxava e o bipe voltava ao normal. Seus olhos estavam escuros, hoje mais para o preto do que para o dourado.

— Melhor? — perguntou ele.

— Sim — eu disse cautelosamente.

Ele sacudiu a cabeça e murmurou alguma coisa ininteligível. Pensei ter entendido as palavras "reação exagerada".

— Por que disse isso? — sussurrei, tentando evitar que a voz tremesse. — Está cansado de ter que me salvar o tempo todo? Quer que eu vá embora?

— Não, não quero ficar sem você, Bella, é claro que não. Seja racional. E eu tampouco tenho problemas com salvar você... Se não fosse pelo fato de que fui eu que a coloquei em perigo... Este é o motivo para você estar aqui.

— Sim, tem razão. — Franzi a testa. — O motivo para eu estar aqui... Viva.

— Mais ou menos. — Sua voz era só um sussurro. — Coberta de ataduras e gesso e praticamente incapaz de se mexer.

— Não estava me referindo à minha recente experiência de quase morte — eu disse, ficando irritada. — Estava pensando nas outras... Pode escolher qual. Se não fosse por você, eu estaria criando raiz no cemitério de Forks.

Ele estremeceu com minhas palavras, mas o olhar assombrado não deixou seus olhos.

— Mas essa não é a pior parte — continuou ele aos sussurros. Ele agia como se eu não tivesse falado. — Nem ver você ali no chão... quebrada e maltratada. — Sua voz era abafada. — Nem pensar que eu chegara tarde demais. Nem mesmo ouvir seu grito de dor... Todas estas lembranças insuportáveis que vou levar comigo pelo resto da eternidade. Não, o pior foi sentir... saber que eu poderia não parar. Acreditar que eu mesmo iria matar você.

— Mas não matou.

— Podia ter matado. Com muita facilidade.

Sabia que precisava ficar calma... Mas ele tentava falar em me deixar e o pânico palpitava em meus pulmões, tentando sair.

— Prometa — sussurrei.

— O quê?

— Você sabe o quê. — Agora eu começava a ficar com raiva. Ele estava obstinadamente decidido a continuar na negativa.

Ele ouviu a mudança em minha voz. Seus olhos se estreitaram.

— Não pareço ser forte o suficiente para ficar longe de você, então acho que vou continuar como quiser... Quer isto a mate ou não — acrescentou ele rispidamente.

— Que ótimo. — Mas ele não prometeu, e este fato não me passou despercebido. O pânico mal podia ser reprimido; eu não tinha forças para controlar a raiva. — Você me disse como parou... Agora quero saber por quê — exigi.

— Por quê? — repetiu ele cautelosamente.

— Por que parou. Por que não deixou simplesmente que o veneno se espalhasse? Agora eu seria como você.

Os olhos de Edward pareceram voltar ao preto e eu me lembrei de que esta era uma coisa que ele queria que eu não soubesse. Alice devia ter ficado preocupada com as coisas que soube de si mesma... Ou seria muito cuidadosa com seus pensamentos perto dele — claramente, ele não fazia ideia se ela havia me informado da mecânica das conversões de vampiros. Ele ficou surpreso e enfurecido. Suas narinas inflaram, a boca parecia ter sido cinzelada em pedra.

Ele não ia responder, isso estava bem claro.

— Serei a primeira a admitir que não tenho experiência com relacionamentos — eu disse. — Mas isso parece lógico... Um homem e uma mulher precisam ser, de alguma forma, iguais... Não é possível que um deles sempre esteja aparecendo do nada e salvando o outro. Eles têm que se salvar igualmente.

Ele cruzou os braços ao lado de minha cama e pousou o queixo neles. Sua expressão era tranquila, a raiva refreada. Evidentemente ele decidira que não estava com raiva de mim. Tive esperanças de ter uma oportunidade de alertar Alice antes que ele estivesse com ela.

— Você já me salvou — disse ele baixinho.

— Não posso ser sempre Lois Lane — insisti. — Também quero ser o Super-homem.

— Não sabe do que está falando. — Sua voz era suave; ele olhava intensamente a beira da fronha.

— Acho que sei.

— Bella, você não sabe. Tive quase noventa anos para pensar nisso, e ainda não tenho certeza.

— Preferiria que Carlisle não tivesse salvado você?

— Não, eu não preferiria isso. — Ele fez uma pausa antes de continuar. — Mas minha vida estava acabada. Eu não estava abrindo mão de nada.

— Você é a minha vida. Você é a única coisa que me magoaria perder. — Eu estava ficando melhor nisso. Era fácil admitir o quanto eu precisava dele.

Mas ele estava muito calmo. Decidido.

— Não posso fazer isso, Bella. Não vou fazer isso com você.

— E por que não? — Minha garganta arranhou e as palavras não saíram altas como eu pretendia. — Não me diga que é difícil demais! Depois de hoje, ou acho que alguns dias atrás... De qualquer forma, depois daquilo, não deve ser nada.

Ele me fitou.

— E a dor? — perguntou ele.

Empalideci. Não consegui evitar. Mas tentei evitar que minha expressão revelasse com que clareza eu me lembrava da sensação... O fogo nas veias.

— Isso é problema meu — eu disse. — Posso lidar com ela.

— É possível levar a coragem ao ponto em que se torna insanidade.

— Isso não é um problema. Três dias. Grande coisa.

Edward sorriu com malícia de novo enquanto minhas palavras o lembravam de que eu estava mais informada do que ele pretendia que eu estivesse. Eu o vi reprimir a raiva, vi seus olhos ficarem especulativos.

— E Charlie? — perguntou ele rispidamente. — E Renée?

Os minutos se passaram em silêncio enquanto eu lutava para responder à pergunta. Abri a boca, mas não saiu nenhum som. Eu a fechei novamente. Ele esperou, e sua expressão tornou-se triunfante porque ele sabia que eu não tinha uma resposta.

— Olhe, isso também não é um problema — murmurei por fim, minha voz pouco convincente, como sempre era quando eu mentia. — Renée sempre tomou as decisões que eram melhores para ela... Ela quer que eu faça o mesmo. E Charlie é resistente, está acostumado a ficar sozinho. Não posso cuidar dele para sempre. Tenho que viver a minha vida.

— Exatamente — rebateu ele. — E não vou terminá-la para você.

— Se está esperando que eu esteja em meu leito de morte, tenho uma novidade para você! Eu já estou nele!

— Você vai se recuperar — lembrou-me Edward.

Respirei fundo para me acalmar, ignorando o espasmo de dor que isso causou. Eu o fitei e ele retribuiu o olhar. Não havia transigência em seu rosto.

— Não — eu disse lentamente. — Não vou.

Sua testa se vincou.

— É claro que vai. Pode ficar com uma ou duas cicatrizes...

— Está enganado — insisti. — Eu vou morrer.

— Francamente, Bella. — Agora ele estava ansioso. — Você terá alta daqui a alguns dias. Duas semanas, no máximo.

Olhei para ele.

— Posso não morrer agora... Mas vou morrer um dia. A cada minuto, chego mais perto. E vou ficar velha.

Ele franziu o cenho ao entender o que eu disse, apertando os dedos longos nas têmporas e fechando os olhos.

— É como costuma acontecer, como deve acontecer. Como teria acontecido se eu não existisse... E eu não devia existir.

Eu bufei. Ele abriu os olhos, surpreso.

— Que coisa mais idiota. É como ir até alguém que acaba de ganhar na loteria, tirar seu dinheiro e dizer: "Olhe, vamos voltar a como as coisas devem ser. É melhor assim." E eu não estou convencida disso.

— Não sou um prêmio de loteria — grunhiu ele.

— É verdade. Você é muito melhor.

Ele revirou os olhos e repuxou os lábios.

— Bella, não vamos mais ter essa discussão. Eu me recuso a condenar você à eternidade da noite e ponto final.

— Se acha que é o final, então não me conhece muito bem — eu o alertei. — Não é o único vampiro que eu conheço.

Seus olhos ficaram escuros de novo.

— Alice não se atreveria.

E por um momento ele pareceu tão assustador que não consegui deixar de acreditar — não podia imaginar alguém com coragem suficiente para enfrentá-lo.

— Alice já viu isso, não viu? — adivinhei. — É por isso que as coisas que ela

diz o aborrecem. Ela sabe que serei como você... Um dia.

— Ela está errada. Ela também viu sua morte, mas isso não aconteceu.

— Nunca me verá apostando contra Alice.

Nós nos encaramos por um longo tempo. Estava silencioso, exceto pelo zumbido dos aparelhos, o bipe, o gotejar, o tique-taque do relógio grande de parede. Por fim, sua expressão se suavizou.

— E aonde isso nos leva? — eu me perguntei.

Ele riu sem humor nenhum.

— Acredito chamar-se impasse.

Eu suspirei.

— Ai — murmurei.

— Como está se sentindo? — perguntou ele, olhando o botão para chamar a enfermeira.

— Estou bem — menti.

— Não acredito em você — disse ele delicadamente.

— Não vou dormir de novo.

— Precisa descansar. Toda essa discussão não é boa para você.

— Então ceda — insinuei.

— Valeu a tentativa. — Ele estendeu a mão para a campainha.

— Não!

Ele me ignorou.

— Sim? — guinchou o alto-falante na parede.

— Acho que já estamos prontos para mais analgésicos — disse ele calmamente, ignorando minha expressão furiosa.

— Mandarei a enfermeira. — A voz parecia muito entediada.

— Não vou tomar — prometi.

Ele olhou a bolsa de soro pendurada ao lado de minha cama.

— Não acho que vão lhe pedir para engolir alguma coisa.

Meus batimentos cardíacos subiram. Ele leu o medo em meus olhos e suspirou de frustração.

— Bella, você está com dor. Precisa relaxar para poder se curar. Por que está sendo tão difícil? Não vão colocar mais nenhuma agulha em você a essa altura.

— Não estou com medo das agulhas — murmurei. — Estou com medo de fechar os olhos.

Depois ele deu seu sorriso torto e pegou meu rosto entre as mãos.

— Eu lhe disse que não vou a parte alguma. Não tenha medo. Já que isso faz você feliz, vou ficar aqui.

Eu sorri também, ignorando a dor em minhas bochechas.

— Está falando de para sempre, sabe disso.

— Ah, você vai superar... É só uma paixonite.

Sacudi a cabeça incrédula — isso me deixou tonta.

— Eu fiquei chocada quando Renée engoliu essa. Sei que você conhece bem a verdade.

— Que coisa linda é o ser humano — disse ele. — As coisas mudam.

Meus olhos se estreitaram.

— Não prenda a respiração.

Ele estava rindo quando a enfermeira entrou, brandindo uma seringa.

— Com licença — disse ela bruscamente a Edward.

Ele se levantou e atravessou o quarto pequeno, encostando-se na parede. Cruzou os braços e esperou. Mantive os olhos nele, ainda apreensiva. Ele retribuiu meu olhar calmamente.

— Aqui está, querida. — A enfermeira sorriu enquanto injetava o remédio em meu tubo. — Vai se sentir melhor agora.

— Obrigada — murmurei sem nenhum entusiasmo. E não durou muito tempo. Pude sentir a sonolência escorrendo por minha corrente sanguínea quase imediatamente.

— Isso deve funcionar — murmurou ela enquanto minhas pálpebras se fechavam.

Ela deve ter saído da sala, porque alguma coisa fria e macia tocou meu rosto.

— Fique. — A palavra saiu arrastada.

— Vou ficar — prometeu ele. Sua voz era linda, como uma cantiga de ninar. — Como eu disse, já que isso faz você feliz... Já que é o melhor para você.

Tentei sacudir a cabeça, mas estava pesada demais.

— Não é a mesma coisa — murmurei.

Ele riu.

— Não se preocupe com isso agora, Bella. Pode discutir comigo quando estiver acordada.

Acho que eu sorri.

— Tá.

Pude sentir seus lábios em minha orelha.

— Eu te amo — ele sussurrou.

— Eu também.

— Eu sei — ele riu baixinho.

Virei a cabeça devagar... Procurando. Ele sabia o que eu buscava. Seus lábios tocaram os meus delicadamente.

— Obrigada — suspirei.

— De nada.

E eu não estava mais ali. Mas lutei fracamente contra o estupor. Só havia mais uma coisa que eu queria dizer a ele.

— Edward? — Eu lutei para pronunciar o nome dele com clareza.

— Sim?

— Eu aposto em Alice — murmurei.

E então a noite se fechou sobre mim.

EPÍLOGO:
UM ACONTECIMENTO ESPECIAL

EDWARD ME AJUDOU A ENTRAR no carro dele, tomando muito cuidado com as tiras de seda e chiffon, as flores que ele acabara de prender em meus cachos elaboradamente penteados e em meu gesso volumoso. Ele ignorou a raiva em minha boca.

Quando me acomodou, foi para o banco do motorista e deu a ré pela entrada de carros longa e estreita.

— A que altura exatamente vai me dizer o que está acontecendo? — perguntei, amuada.

— Estou chocado que ainda não tenha deduzido isso sozinha. — Ele me lançou um sorriso de escárnio e minha respiração ficou presa na garganta. Será que um dia eu me acostumaria com sua perfeição?

— Já lhe disse que você está muito bonito? — indaguei.

— Sim. — Ele sorriu de novo. Nunca o vira de preto e, com o contraste com sua pele clara, sua beleza era absolutamente surreal. Isso eu não podia negar, mesmo que o fato de ele estar usando um smoking me deixasse muito nervosa.

Não tão nervosa quanto com o vestido. Ou o sapato. Só um pé, o outro pé ainda estava enclausurado em gesso. Mas o salto agulha, preso apenas por tiras de cetim, certamente não ia me ajudar enquanto eu tentasse cambalear por aí.

— Não vou voltar mais se Alice for me tratar como a Barbie Cobaia quando eu vier — eu fui firme. Passara a maior parte do dia no banheiro fabulosamente enorme de Alice, uma vítima impotente enquanto ela brincava de cabeleireira e maquiadora. Sempre que eu me mexia ou reclamava, ela me lembrava de que não tinha nenhuma lembrança de ser humana e me pedia para não estragar sua diversão substituta. Depois ela me colocou no vestido mais ridículo — azul-escuro, com babados e de ombros de fora, com uma etiqueta francesa que não pude ler — um vestido mais adequado a uma passarela do que a Forks. Nada de bom podia advir de nossos trajes formais, disso eu tinha certeza. A não ser... Mas

eu tinha medo de colocar minhas suspeitas em palavras, mesmo em minha própria cabeça.

Fui distraída pelo som de um telefone tocando. Edward sacou o celular de um bolso interno do paletó, olhando rapidamente o identificador de chamadas antes de atender.

— Oi, Charlie — disse ele com cautela.

— Charlie? — Franzi a testa.

Charlie tem sido... difícil desde minha volta a Forks. Ele compartimentara minha experiência ruim em duas reações definidas. Em relação a Carlisle, foi de uma gratidão quase venerada. Por outro lado, ele teimosamente se convenceu de que a culpa era de Edward — porque, se não fosse por ele, eu não teria saído de casa, antes de tudo. E Edward estava longe de discordar dele. Ultimamente eu tinha regras que não existiam antes: toque de recolher... horas de visita.

Alguma coisa que Charlie dizia estava deixando os olhos de Edward arregalados de descrença e depois um sorriso se espalhou por seu rosto.

— Está brincando! — ele riu.

— Que foi? — perguntei.

Ele me ignorou.

— Por que não me deixa falar com ele? — sugeriu Edward com um prazer evidente. Ele esperou alguns segundos.

— Oi, Tyler, aqui é Edward Cullen.

Sua voz era muito simpática, superficialmente. Eu o conhecia muito bem para sentir o tom de ameaça. O que Tyler estava fazendo na minha casa? A verdade medonha começou a me ocorrer. Olhei novamente o vestido inadequado que Alice me obrigara a usar.

— Lamento se houve algum mal-entendido, mas Bella não está disponível esta noite. — O tom de Edward mudou e a ameaça em sua voz de repente era muito mais evidente quando ele continuou. — Para ser franco, ela não estará disponível em noite nenhuma, pelo menos para ninguém além de mim. Não se ofenda. E lamento sobre sua noite. — Ele não parecia lamentar nada. E então ele fechou o celular com um sorriso enorme no rosto.

Meu rosto e meu pescoço ficaram vermelhos de irritação. Pude sentir as lágrimas de raiva começando a encher meus olhos.

Ele olhou para mim, surpreso.

— Esta última parte foi demais? Eu não quis ofendê-la.

Ignorei essa.

— Está me levando ao baile! — gritei.

Agora estava constrangedoramente óbvio. Se eu estivesse prestando atenção, tenho certeza de que teria percebido a data nos cartazes que decoravam os prédios da escola. Mas nunca imaginei que ele pensasse em me submeter a isso. Será que ele não me conhecia?

Ele não esperava pela intensidade de minha reação, isso estava claro. Ele cerrou os lábios e seus olhos se estreitaram.

— Não seja difícil, Bella.

Meus olhos faiscaram para a janela. Já estávamos a meio caminho da escola.

— Por que está fazendo isso comigo? — perguntei, apavorada.

Ele gesticulou para o smoking.

— Sinceramente, Bella, o que acha que estamos fazendo?

Fiquei mortificada. Primeiro, porque deixara passar o óbvio. E também porque a vaga desconfiança — na verdade, expectativa — que tinha se formado o dia todo, enquanto Alice tentava me transformar em uma diva da beleza, estava muito longe do alvo. Minhas esperanças meio temerosas agora pareciam muito tolas.

Imaginei que houvesse uma espécie de acontecimento especial. Mas o baile! Era a última coisa que passaria por minha cabeça.

As lágrimas de raiva rolavam por meu rosto. Lembrei com desânimo que estava maquiada, o que não era nada comum. Esfreguei rapidamente debaixo dos olhos para evitar alguma mancha. Minha mão não estava suja quando a afastei; talvez Alice soubesse que eu ia precisar de maquiagem à prova d'água.

— Isso é totalmente ridículo. Por que está chorando? — perguntou ele, com frustração.

— Porque estou furiosa!

— Bella. — Ele voltou toda a força de seus olhos dourados e abrasadores para mim.

— Que é? — murmurei, distraída.

— Divirta-me — insistiu ele.

Seus olhos derreteram toda a minha fúria. Era impossível brigar com ele quando ele me enganava desse jeito. Eu cedi, de má vontade.

— Tudo bem. — Fiz um biquinho, incapaz de encará-lo com a eficácia que gostaria. — Vou ficar quieta. Mas você vai ver. Já estou esperando por mais falta de sorte. Provavelmente vou quebrar a outra perna. Olha esse sapato! É uma armadilha mortal! — Estendi a perna boa como prova.

— Hmmm. — Ele olhou minha perna mais tempo do que o necessário. — Lembre-me de agradecer a Alice por esta noite.

— Alice estará lá? — Isso me reconfortou um pouco.

— Com Jasper, Emmett... e Rosalie — admitiu ele.

A sensação de conforto desapareceu. Não houve nenhum progresso com Rosalie, embora eu estivesse me dando bem com seu eventual marido. Emmett gostava de me ter por perto — ele achava minhas estranhas reações humanas hilariantes... Ou talvez fosse só o fato de que eu caía tanto que ele achava engraçado. Rosalie agia como se eu não existisse. Enquanto eu sacudia a cabeça para dispersar o rumo de meus pensamentos, pensei em outra coisa.

— Charlie também está nessa? — perguntei, desconfiada de repente.

— Claro que sim. — Ele sorriu com malícia e deu uma risada. — Mas ao que parece, o Tyler não está.

Trinquei os dentes. Eu não conseguia entender como Tyler podia se iludir tanto. Na escola, onde Charlie não podia interferir, Edward e eu éramos inseparáveis — a não ser pelos raros dias de sol.

Agora estávamos na escola; o conversível vermelho de Rosalie era bem visível no estacionamento. As nuvens eram esparsas hoje, alguns feixes de luz do sol se prolongavam a oeste, ao longe.

Ele saiu e contornou o carro para abrir a porta para mim. Estendeu a mão.

Fiquei obstinadamente sentada ali, de braços cruzados, sentindo uma pontada secreta de presunção. O estacionamento estava lotado de gente em trajes formais: testemunhas. Ele não podia me retirar à força do carro como teria feito se estivéssemos sozinhos.

Ele suspirou.

— Quando alguém quer matá-la, você é corajosa como um leão... E depois, quando alguém fala em dançar... — Ele sacudiu a cabeça.

Engoli em seco. Dançar.

— Bella, não vou deixar que nada a machuque... Nem você mesma. Não vou sair do seu lado nem uma vez, eu prometo.

Pensei nisso e de repente me senti muito melhor. Ele podia ver isso em meu rosto.

— Agora, vamos — disse ele delicadamente —, não será tão ruim assim. — Ele se inclinou e passou o braço em minha cintura. Peguei a outra mão de Edward e deixei que me içasse do carro.

Ele manteve o braço firme em volta de mim, apoiando-me enquanto eu mancava para a escola.

Em Phoenix, os bailes aconteciam nos salões de hotel. Este baile era no ginásio, é claro. Provavelmente era o único espaço na cidade grande o bastante para isso. Quando entramos, eu tive que rir. Havia verdadeiros arcos de balão e guirlandas retorcidas de papel crepom em tons pastel adornando as paredes.

— Parece um filme de terror esperando para acontecer — eu disse com escárnio.

— Bom — murmurou ele enquanto nos aproximávamos devagar da mesa de entradas; ele carregava a maior parte de meu peso, mas eu ainda tinha de me arrastar e cambalear com o pé para a frente —, o que há de vampiros presentes já basta.

Olhei a pista de dança; um enorme espaço se formara no meio, onde dois casais giravam elegantemente. Os outros dançarinos se espremiam nas laterais do salão para lhes dar espaço — ninguém queria ficar em contraste com tanto esplendor. Emmett e Jasper estavam intimidadores e impecáveis com seus smokings clássicos. Alice estava estonteante com um vestido de cetim preto com contornos geométricos que revelavam triângulos de sua pele branca como a neve. E Rosalie estava... Bom, Rosalie. Ela estava inacreditável. Seu vestido vermelho vivo tinha as costas nuas, apertado até as panturrilhas, onde se abria em uma série de babados, com um decote que afundava até a cintura. Tive pena de todas as meninas no salão, incluindo a mim mesma.

— Quer que eu tranque as portas para você massacrar o insuspeito povo de Forks? — sussurrei num tom de conspiração.

— E onde você se encaixa neste esquema? — Ele me fitou.

— Ah, eu estou com os vampiros, é claro.

Ele sorriu com relutância.

— Qualquer coisa para escapar da dança.

— Qualquer coisa.

Ele comprou nossas entradas, depois me virou para a pista. Eu me encolhi em seu braço e arrastei o pé.

— Eu tenho a noite toda — alertou ele.

Por fim ele me conduziu para onde estava sua família girando elegantemente — apesar do estilo que não combinava em nada com a época e a música atuais. Eu olhei com horror.

— Edward. — Minha garganta estava tão seca que eu só conseguia sussurrar. — Eu sinceramente não sei dançar. — Pude sentir o pânico borbulhando em meu peito.

— Não se preocupe, sua boba — sussurrou ele. — Eu sei. — Ele pôs meus braços em seu pescoço e me levantou para passar os pés embaixo dos meus.

E então também estávamos girando.

— Eu me sinto como se tivesse 5 anos — eu ri depois de alguns minutos de valsa sem esforço.

— Não parece ter 5 — murmurou ele, puxando-me para mais perto por um segundo, para que meus pés ficassem brevemente a trinta centímetros do chão.

Alice viu meu olhar em uma volta e sorriu, estimulando-me — retribuí o sorriso. Fiquei surpresa ao perceber que eu realmente estava gostando... Um pouco.

— Tudo bem, não está tão ruim — admiti.

Mas Edward estava olhando para as portas e seu rosto era de raiva.

— Que foi? — perguntei em voz alta. Segui seu olhar, desorientada pelos rodopios, mas por fim pude ver o que o incomodava. Jacob Black, não de smoking, mas com uma camisa branca de mangas compridas e gravata, o cabelo alisado para trás com seu rabo de cavalo habitual, atravessava o salão na nossa direção.

Depois do primeiro choque de reconhecimento, não consegui deixar de me sentir mal por Jacob. Ele claramente estava pouco à vontade — de uma forma excruciante. Seu rosto pedia desculpas e os olhos encontraram os meus.

Edward rosnou muito baixo.

— Comporte-se! — sibilei.

A voz de Edward era azeda.

— Ele quer conversar com você.

— Oi, Bella, eu esperava encontrar você aqui. — Jacob parecia estar

esperando exatamente o contrário. Mas seu sorriso era caloroso, como sempre.

— Oi, Jacob. — Também sorri. — Como é que você está?

— Posso interromper? — perguntou ele inseguro, olhando para Edward pela primeira vez. Fiquei chocada ao perceber que Jacob não precisou olhar para cima. Ele devia ter crescido uns quinze centímetros desde a primeira vez que o vi.

O rosto de Edward estava composto, sua expressão vazia. A única resposta foi me colocar cuidadosamente sobre meus pés e dar um passo para trás.

— Obrigado — disse Jacob amistosamente.

Edward apenas assentiu, olhando intensamente para mim antes de se afastar.

Jacob pôs as mãos em minha cintura e eu estendi a mão para seu ombro.

— Caramba, Jake, como você está alto agora!

Ele ficou presunçoso.

— Um e noventa e dois.

Não estávamos realmente dançando — minha perna tornava isso impossível. Em vez disso, balançávamos desajeitados de um lado para o outro sem deslocar os pés. Estava tudo muito bem; o recente surto de crescimento o deixara magro e descoordenado, e ele não devia ser melhor dançarino do que eu.

— E aí, como veio parar aqui esta noite? — perguntei sem uma curiosidade verdadeira. Considerando a reação de Edward, eu podia adivinhar.

— Dá para acreditar que meu pai me pagou vinte pratas para vir a seu baile? — admitiu ele, meio envergonhado.

— Dá, sim — murmurei. — Bom, espero que pelo menos esteja se divertindo; viu alguma coisa de que gostasse? — brinquei, indicando um grupo de meninas enfileiradas junto à parede como confeitos de bolo.

— É — ele suspirou. — Mas ela já tem par.

Ele olhou para baixo e encontrou meu olhar curioso por apenas um segundo — depois nós dois desviamos os olhos, constrangidos.

— Você está muito bonita, a propósito — acrescentou ele timidamente.

— Hmmm, obrigada. Então por que o Billy lhe pagou para vir aqui? — perguntei em voz baixa, embora eu soubesse a resposta.

Jacob não pareceu grato pela mudança de assunto; virou a cara, de novo pouco à vontade.

— Ele disse que era um lugar "seguro" para conversar com você. Eu juro que o velho está perdendo o juízo.

Eu acompanhei o seu riso fraco.

— De qualquer forma, ele falou que se eu lhe dissesse uma coisa, ele me daria aquele cilindro mestre de que preciso — confessou ele com um sorriso tímido.

— Então me diga. Quero que termine seu carro. — Eu sorri também. Pelo menos Jacob não acreditava em nada disso, o que tornava a situação um pouco mais fácil. Encostado na parede, Edward observava meu rosto, o dele próprio sem expressão. Vi uma aluna do segundo ano de vestido rosa olhando para ele com uma especulação tímida, mas ele não pareceu notá-la.

Jacob desviou os olhos de novo, envergonhado.

— Não fique chateada, está bem?

— Não há como eu ficar chateada com você, Jacob — garanti a ele. — Eu nem mesmo ficaria chateada com o Billy. Só diga o que tem que dizer.

— Bom... É tão idiota, me desculpe, Bella... Ele quer que você termine com seu namorado. Ele me pediu para lhe dizer "por favor". — Ele sacudiu a cabeça de desprazer.

— Ele ainda é supersticioso, hein?

— É. Ele ficou... meio alarmado demais quando você se machucou em Phoenix. Ele não acreditou... — Jacob se interrompeu constrangido.

Meus olhos se estreitaram.

— Eu caí.

— Sei disso — disse Jacob rapidamente.

— Ele acha que Edward tem alguma coisa a ver com o fato de eu ter me machucado. — Não era uma pergunta e, apesar de minha promessa, eu estava com raiva.

Jacob não me olhou nos olhos. Não nos incomodávamos mais em balançar com a música, embora as mãos dele ainda estivessem em minha cintura e as minhas em seu pescoço.

— Olhe, Jacob, sei que Billy provavelmente não acreditaria nisso, mas para que você saiba — ele olhava para mim agora, reagindo à nova franqueza em minha voz —, na verdade, Edward salvou a minha vida. Se não fosse por Edward, e o pai dele, eu estaria morta.

— Eu sei — afirmou ele, mas parecia que minhas palavras sinceras o afetaram de algum modo. Talvez ele fosse capaz de convencer Billy pelo menos desta parte.

— Olhe, eu lamento que tenha vindo fazer isso, Jacob — eu me desculpei. —

De qualquer forma, vai conseguir sua peça, não é?

— É — murmurou ele. Ele ainda parecia estranho... e perturbado.

— Há algo mais? — perguntei a ele, incrédula.

— Esquece — murmurou ele. — Vou arrumar um emprego e economizar o dinheiro.

Eu o fitei até que ele me olhasse.

— Pode falar, Jacob.

— É muito ruim.

— Eu não ligo. Pode falar — insisti.

— Tudo bem... Mas, cara, é bem ruim. — Ele sacudiu a cabeça. — Ele falou para dizer a você, não, para alertar você, que... e o plural é dele, e não meu — ele ergueu uma das mãos de minha cintura e formou aspas no ar — "estaremos vigiando". — Ele observou cuidadosamente minha reação.

Parecia coisa de filme sobre a máfia. Eu ri alto.

— Desculpe por você ter que fazer isso, Jacob — eu disse, rindo.

— Não me importo tanto assim. — Ele sorriu de alívio. Seus olhos me avaliavam enquanto ele examinava rapidamente meu vestido. — E aí, devo dizer a ele que você o mandou para o inferno? — perguntou, cheio de esperança.

— Não — suspirei. — Diga-lhe que eu agradeço. Sei que a intenção dele é boa.

A música terminou e eu deixei cair os braços.

As mãos dele hesitaram na minha cintura e ele olhou a perna engessada.

— Quer dançar de novo? Ou posso ajudá-la a pegar alguma coisa?

Edward respondeu por mim.

— Está tudo bem, Jacob. A partir daqui eu assumo.

Jacob se encolheu e olhou surpreso para Edward, que estava bem ao nosso lado.

— Ei, não tinha visto você — murmurou ele. — Acho que a gente se vê, Bella. — Ele recuou, acenando desanimado.

Eu sorri.

— É, vejo você depois.

— Desculpe — disse ele novamente antes de se virar para a porta.

Os braços de Edward estavam em volta de mim quando a música seguinte começou. Era meio agitada para uma dança lenta, mas isso não pareceu preocupá-

lo. Pousei a cabeça em seu peito, satisfeita.

— Sente-se melhor? — eu disse num tom de zombaria.

— Na verdade, não — disse ele, tenso.

— Não fique chateado com o Billy — suspirei. — Ele só se preocupa pelo bem de Charlie. Não é nada pessoal.

— Não estou chateado com Billy — corrigiu ele numa voz cortante. — Mas o filho dele me irrita.

Eu recuei para olhar para ele. Seu rosto era muito sério.

— Por quê?

— Primeiro, ele me fez quebrar minha promessa.

Eu o encarei, confusa.

Edward deu um meio sorriso.

— Prometi que não largaria você esta noite — explicou ele.

— Ah, bom, está perdoado.

— Obrigado. Mas há outra coisa. — Edward franziu o cenho.

Esperei pacientemente.

— Ele disse que você está bonita — continuou ele por fim, com as rugas se aprofundando. — É praticamente um insulto, do jeito que você está agora. Você é muito mais do que bonita.

Eu ri.

— Você é suspeito para falar.

— Não acho. Além disso, tenho uma visão excelente.

Estávamos girando de novo, meus pés nos dele enquanto ele me abraçava.

— Então vai explicar o motivo de tudo isso? — perguntei.

Ele olhou para mim, confuso, e eu fitei sugestivamente o papel crepom.

Ele pensou por um momento e mudou de direção, guiando-me pela multidão até a porta dos fundos do ginásio. Vislumbrei Jessica e Mike dançando, olhando-me com curiosidade. Jessica acenou e eu sorri para ela rapidamente. Angela também estava ali, parecendo feliz nos braços de Ben Cheney; ela não se desviava dos olhos dele, uma cabeça mais alto do que ela. Lee e Samantha, Lauren, olhando para nós, com Conner; eu podia nomear cada rosto que passava girando por mim. E depois estávamos lá fora, na luz fria e fraca de um pôr do sol que desaparecia.

Assim que ficamos a sós, ele me girou nos braços e me carregou para o terreno escuro até chegar ao banco nas sombras da árvore. Ele sentou ali, mantendo-me

aninhada em seu peito. A lua já estava alta, visível através das nuvens diáfanas, e seu rosto reluzia pálido na luz branca. Sua boca estava contraída, os olhos perturbados.

— Por quê? — perguntei delicadamente.

Ele me ignorou, olhando a lua.

— O crepúsculo, de novo — murmurou ele. — Outro fim. Mesmo que o dia seja perfeito, sempre tem um fim.

— Algumas coisas não precisam terminar — sussurrei, tensa de imediato.

Ele suspirou.

— Eu a trouxe ao baile — disse ele devagar, por fim respondendo à minha pergunta — porque não quero que perca nada. Não quero que minha presença subtraia nada de você, se eu puder evitar. Quero que você seja humana. Quero que sua vida continue como aconteceria se eu não tivesse morrido em 1918 como morri.

Eu estremeci com suas palavras e sacudi a cabeça com raiva.

— Em que estranha dimensão paralela eu um dia iria a um baile por minha própria vontade? Se você não fosse mil vezes mais forte do que eu, eu nunca o deixaria se safar dessa.

Ele sorriu brevemente, mas seus olhos não sorriram.

— Não foi tão ruim, você mesma disse isso.

Ficamos em silêncio por um minuto, ele olhando a lua e eu olhando para ele. Eu queria ter uma forma de explicar o quanto estava desinteressada em uma vida humana normal.

— Vai me dizer uma coisa? — perguntou ele, olhando para mim com um leve sorriso.

— Não digo sempre?

— Só prometa que vai me dizer — insistiu ele, sorrindo.

Eu sabia que ia me arrepender disso quase de imediato.

— Tudo bem.

— Você pareceu sinceramente surpresa quando deduziu que eu a estava trazendo para o baile — começou ele.

— E fiquei mesmo — interrompi.

— Exatamente — concordou ele. — Mas você deve ter tido outra teoria... Estou curioso... Qual o motivo que você imaginou para este vestido?

Sim, arrependimento instantâneo. Franzi os lábios, hesitante.

— Não quero dizer.

— Você prometeu — objetou ele.

— Eu sei.

— Qual é o problema?

Eu sabia que ele pensava que era o mero constrangimento que me reprimia.

— Acho que vai deixar você chateado... Ou triste.

Suas sobrancelhas se uniram acima dos olhos enquanto ele pensava nisso.

— Ainda assim quero saber. Por favor.

Eu suspirei. Ele esperou.

— Bom... Imaginei que era uma espécie de... acontecimento. Mas não pensei que fosse uma coisa humana tão banal... Um baile! — ridicularizei.

— Humana? — perguntou ele simplesmente. Ele entendeu a palavra-chave.

Olhei meu vestido, mexendo em um pedaço solto de chiffon. Ele esperava em silêncio.

— Tudo bem — confessei num jato. — Eu esperava que você tivesse mudado de ideia... Que iria me mudar, afinal de contas.

Uma dúzia de emoções passou por seu rosto. Algumas eu reconheci... Raiva... Dor... E depois ele pareceu se recompor e sua expressão tornou-se divertida.

— Você pensou que seria uma ocasião de gala, não é? — brincou ele, tocando a lapela do paletó do smoking.

Eu fechei a cara para esconder meu constrangimento.

— Não sei como essas coisas funcionam. Para mim, pelo menos, parece mais racional do que um baile. — Ele ainda estava sorrindo. — Não é engraçado — eu disse.

— Não, tem razão, não é — concordou ele, o sorriso desaparecendo. — Mas prefiro tratar como uma piada a acreditar que você falou sério.

— Mas estou falando sério.

Ele deu um suspiro pesado.

— Eu sei. E você está mesmo disposta?

A dor voltara a seus olhos. Mordi o lábio e assenti.

— Então prepare-se para que este seja o fim — murmurou ele, quase para si mesmo —, porque este será o crepúsculo de sua vida, embora sua vida mal tenha começado. Você está pronta para desistir de tudo.

— Não é o fim, é o começo — discordei a meia-voz.

— Eu não valho tudo isso — disse ele com tristeza.

— Lembra quando você me disse que eu não me via com muita clareza? — perguntei, erguendo as sobrancelhas. — Você obviamente tem a mesma cegueira.

— Sei o que eu sou.

Eu suspirei.

Mas seu humor sombrio passou para mim. Ele franziu os lábios e seus olhos me sondavam. Examinou meu rosto por um longo momento.

— Então está pronta agora? — perguntou ele.

— Hmmm. — Engoli em seco. — Sim?

Ele sorriu e inclinou a cabeça lentamente até que seus lábios frios roçaram a pele pouco abaixo do canto de meu queixo.

— Agora mesmo? — sussurrou ele, seu hálito soprando gélido em meu pescoço. Eu tremi involuntariamente.

— Sim — sussurrei, para que minha voz não pudesse ser entrecortada. Se ele pensasse que eu estava blefando, ficaria decepcionado. Eu já tomara esta decisão e tinha certeza dela. Não importava que meu corpo estivesse rígido feito uma tábua, meus punhos curvados, minha respiração instável...

Ele riu sombriamente e se afastou. Seu rosto não parecia decepcionado.

— Não dá para acreditar que eu cederia com tanta facilidade — disse ele com um toque ácido na voz sarcástica.

— Uma garota pode sonhar.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— É com isso que você sonha? Em ser um monstro?

— Não exatamente — eu disse, encolhendo com as palavras que ele escolhera. Monstro, na verdade. — Sonho principalmente em ficar com você para sempre.

Sua expressão mudou, atenuada e entristecida pela dor sutil em minha voz.

— Bella. — Seus dedos acompanharam de leve o formato de meus lábios. — Eu vou ficar com você... Isso não basta?

Eu sorri sob a ponta de seus dedos.

— Basta por enquanto.

Ele franziu o cenho diante da minha tenacidade. Ninguém ia se render esta noite. Ele expirou e o som era praticamente um grunhido.

Toquei seu rosto.

— Olhe — eu disse. — Eu o amo mais do que qualquer coisa no mundo. Isso não basta?

— Sim, basta — respondeu ele, sorrindo. — Basta para sempre.

E ele se inclinou para encostar os lábios frios mais uma vez no meu pescoço.

AGRADECIMENTOS

Minha enorme gratidão a:
meus pais, Steve e Candy,
por toda uma vida de amor e apoio,
por lerem ótimos livros para mim quando eu era criança
e por ainda segurarem minha mão
nas situações que me deixam nervosa;
meu marido, Pancho, e meus filhos, Gabe, Seth e Eli,
por me dividirem com tanta frequência com meus amigos imaginários;
minhas amigas da Writers House,
Genevieve Gagne-Hawes, por me dar a primeira oportunidade,
e minha agente Jodi Reamer, por tornar realidade
os sonhos mais improváveis;
minha editora Megan Tingley, por toda sua ajuda
para tornar Crepúsculo melhor do que no começo;
meus irmãos, Paul e Jacob, por seu aconselhamento fundamentado
para todas as minha dúvidas automotivas;
e minha família on-line,
a equipe talentosa e os escritores de fansofrealitytv.com,
particularmente Kimberly "Shazzer" e Collin "Mantenna",
pelo estímulo, pelos conselhos
e pela inspiração.

© **David Stone**



Stephenie Meyer é autora de Crepúsculo, o fenômeno que a levou à lista das 100 pessoas mais influentes do mundo segundo a revista Time em 2009. Formada em literatura inglesa na *Brigham Young University*, Meyer ganhou status de celebridade com a repercussão da série *Crepúsculo*. Considerada uma das 100 pessoas mais influentes do mundo em edição especial da revista Time, a autora mora com o marido e três filhos em Glendale, no Arizona.

A série *Crepúsculo* foi concebida num sonho de Stephenie Meyer, em junho de 2003: uma jovem falava com um homem lindo numa campina ensolarada. Ele era um vampiro. Eles estavam apaixonados e ele dizia como era difícil evitar matá-la.

lua nova



STEPHENIE MEYER

AUTORA DO BEST-SELLER *CREPÚSCULO*

lua nova

STEPHENIE MEYER

TRADUÇÃO DE RYTA VINAGRE

Copyright © 2006 Stephenie Meyer
Publicado mediante acordo com Little Brown and Company, Nova York, NY, EUA.
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
New Moon

CAPA
Gail Doobinin

IMAGEM DE CAPA
John Grant/Getty Images

FOTO DA AUTORA
Karen Shell

REVISÃO
Liciane Guimarães Corrêa
Umberto Figueiredo Pinto
Maria da Glória de Carvalho

REVISÃO DE EPUB
Luana Gonçalves

GERAÇÃO DE EPUB
Selênia Serviços

E-ISBN: 978-85-8057-032-8

Edição digital: 2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para meu pai, Stephen Morgan.
Ninguém um dia recebeu mais amor e apoio incondicional do que eu tive de você.
Eu também amo você.

S U M Á R I O

PRÓLOGO

1. FESTA
2. SUTURA
3. O FIM
4. O DESPERTAR
5. TRAPAÇA
6. AMIGOS
7. REPETIÇÃO
8. ADRENALINA
9. TRIÂNGULO
10. A CAMPINA
11. CULTO
12. INVASÃO
13. ASSASSINO
14. FAMÍLIA
15. PRESSÃO
16. PÁRIS
17. VISITANTE
18. O ENTERRO
19. CORRIDA
20. VOLTERRA
21. VEREDICTO
22. VOO
23. A VERDADE
24. VOTAÇÃO

EPÍLOGO: PACTO

Estas alegrias violentas têm fins violentos
Falecendo no triunfo, como fogo e pólvora
Que num beijo se consomem.
Romeu e Julieta, Ato II, Cena VI

PRÓLOGO

PARECIA QUE EU ESTAVA PRESA em um daqueles pesadelos apavorantes em que você precisa correr, correr até os pulmões explodirem, mas não consegue fazer com que seu corpo se mexa com rapidez suficiente. Minhas pernas pareciam se mover com uma lentidão cada vez maior à medida que eu lutava para atravessar a multidão insensível, mas os ponteiros do enorme relógio da torre não eram lentos. Com uma força implacável, eles se aproximavam inexoravelmente do fim — do fim de tudo.

Mas isso não era um sonho, e, ao contrário do pesadelo, eu não estava correndo para salvar a minha vida; eu corria para salvar algo infinitamente mais precioso. Hoje minha própria vida pouco significava para mim.

Alice dissera que havia uma boa possibilidade de que morrêssemos ali. Talvez fosse diferente se ela não estivesse na armadilha que era a luz do sol intensa; só eu estava livre para correr por aquela praça cintilante e abarrotada.

E eu não conseguia correr com rapidez suficiente.

Então não me importava que estivéssemos cercados de inimigos extraordinariamente perigosos. À medida que o relógio começava a soar a hora, vibrando sob a sola de meus pés lentos, eu sabia que era tarde demais para mim — e fiquei feliz que alguma coisa sedenta de sangue esperasse nos bastidores. Pois, falhando nisso, eu perderia qualquer desejo de viver.

O relógio soou novamente e o sol incidia exatamente do meio do céu.

1. FESTA

EU TINHA NOVENTA E NOVE POR CENTO DE CERTEZA de que estava sonhando.

Os motivos para minha certeza eram que, primeiro, eu estava de pé em um raio brilhante de sol — o sol claro e ofuscante que nunca luzia em minha nova cidade chuvosa, Forks, no estado de Washington — e, segundo, eu olhava minha avó Marie. Vovó morrera havia seis anos, então era uma prova concreta da teoria do sonho.

Minha avó não mudara muito; seu rosto estava exatamente igual ao que eu lembrava. A pele era macia e murcha, dobrando-se em centenas de pequenas rugas que pendiam delicadas. Como um damasco seco, mas com uma nuvem de cabelo branco e espesso se destacando em volta dele.

Nossas bocas — a dela com rugas ressecadas — se estendiam no mesmo meio sorriso de surpresa, exatamente ao mesmo tempo. Aparentemente, ela também não esperava me ver.

Eu estava prestes a lhe fazer uma pergunta; tinha tantas — O que ela estava fazendo ali, no meu sonho? O que ela andara fazendo nos últimos seis anos? Vovô estava bem, e eles se encontraram, onde quer que estivessem? —, mas ela abriu a boca quando tentei falar, então parei para permitir que ela falasse primeiro. Ela fez uma pausa também e depois nós duas sorrimos com o pequeno embaraço.

"Bella?"

Não era vovó que chamava meu nome, e nós duas nos viramos para ver quem se unira a nossa reuniãozinha. Não precisava olhar para saber quem era; aquela era uma voz que eu reconheceria em qualquer lugar — reconheceria e reagiria a ela, quer estivesse acordada ou dormindo... Ou até morta, posso apostar. A voz pela qual eu pisaria em brasas — ou, sendo menos dramática, pela qual eu chapinharia na lama em cada dia de chuva fria e interminável.

Edward.

Embora eu sempre ficasse emocionada ao vê-lo — consciente ou não —, e embora eu quase tivesse certeza de que era um sonho, entrei em pânico enquanto

Edward se dirigia a nós sob o sol reluzente.

Entrei em pânico porque vovó não sabia que eu estava apaixonada por um vampiro — ninguém sabia disso —, então, como eu explicaria o fato de que os feixes brilhantes de sol se dividiam em sua pele em mil fragmentos de arco-íris, como se ele fosse feito de cristal ou diamante?

Bom, vó, deve ter percebido que meu namorado brilha. É só uma coisa que ele faz no sol. Não se preocupe com isso...

O que ele estava fazendo? O motivo para ele morar em Forks, o lugar mais chuvoso do mundo, era que podia ficar ao ar livre durante o dia sem revelar o segredo de sua família. E no entanto ali estava ele, andando elegantemente em minha direção — com o sorriso mais lindo em seu rosto de anjo, como se eu fosse a única presente.

Nesse segundo, desejei não ser a única exceção a seu misterioso talento; em geral eu me sentia grata por ser a única pessoa cujos pensamentos ele não podia ouvir com clareza, como se fossem pronunciados em voz alta. Mas agora eu queria que ele fosse capaz de me ouvir também, assim poderia escutar o alerta que eu gritava em minha cabeça.

Lancei um olhar de pânico para minha avó e vi que era tarde demais. Ela estava se virando para olhar para mim de novo, os olhos tão alarmados quanto os meus.

Edward — ainda sorrindo daquele jeito tão lindo que fazia meu coração parecer inchar e explodir no peito — pôs o braço em meu ombro e virou-se para olhar minha avó.

A expressão de vovó me surpreendeu. Em vez de parecer apavorada, ela me olhava timidamente, como se esperasse por uma repreensão. E ela estava de pé numa posição tão estranha — um braço afastado canhestramente do corpo, esticado e, depois, envolvendo o ar. Como se estivesse abraçando alguém que eu não podia ver, alguém invisível...

Só então, enquanto eu olhava o quadro como um todo, foi que percebi a enorme moldura dourada que cercava as feições de minha avó. Sem compreender, levantei a mão que não estava na cintura de Edward e a estendi para tocá-la. Ela imitou o movimento com exatidão, espelhando-o. Mas onde nossos dedos deveriam se encontrar não havia nada, a não ser o vidro frio...

Com um sobressalto vertiginoso, meu sonho tornou-se abruptamente um

pesadelo.

Não havia vovó alguma.

Aquela era eu. Eu em um espelho. Eu — anciã, enrugada e murcha.

Edward estava a meu lado, sem reflexo, lindo de morrer e com 17 anos para sempre.

Ele apertou os lábios perfeitos e gelados em meu rosto desgastado.

— Feliz aniversário — sussurrou.

Acordei assustada — minhas pálpebras se arregalando — e arfante. A luz cinzenta e embaçada, a familiar luz de uma manhã nublada, tomou o lugar do sol ofuscante de meu sonho.

Um sonho, disse a mim mesma. Foi só um sonho. Respirei fundo e pulei novamente quando meu despertador tocou. O pequeno calendário no canto do mostrador do relógio me informou que era dia 13 de setembro.

Um sonho, mas pelo menos, de certo modo, bastante profético. Era o dia do meu aniversário. Eu tinha oficialmente 18 anos.

Durante meses, tive pavor desse dia.

Por todo o verão perfeito — o verão mais feliz que tive na vida, o verão mais feliz que qualquer um em qualquer lugar teria e o verão mais chuvoso da história da península de Olympic — essa triste data ficou de tocaia, esperando para saltar sobre mim.

E, agora que chegara, era ainda pior do que eu temia. Eu podia sentir — eu estava mais velha. A cada dia eu ficava mais velha, mas isto era diferente, era pior, quantificável. Eu tinha 18 anos.

E Edward jamais teria essa idade.

Quando fui escovar os dentes, quase me surpreendi com o fato de que o rosto no espelho não mudara. Olhei para mim mesma, procurando por algum sinal de rugas iminentes em minha pele de marfim. Mas os únicos vincos eram os da minha testa, e eu sabia que, se conseguisse relaxar, eles desapareceriam. Não consegui. Minhas sobrancelhas se alojaram em uma linha de preocupação acima de meus angustiados olhos castanhos.

Foi só um sonho, lembrei a mim mesma de novo. Só um sonho... Mas também meu pior pesadelo.

Não tomei o cafe da manhã, com pressa para sair de casa o mais rápido

possível. Não fui inteiramente capaz de evitar meu pai e tive de passar alguns minutos fingindo-me animada. Tentei ficar empolgada de verdade com os presentes que eu pedira para ele não comprar para mim, mas sempre que eu tinha de sorrir, parecia que podia começar a chorar.

Lutei para me controlar enquanto dirigia para a escola. A visão de minha avó — eu não pensava nela como eu mesma — não saía de minha cabeça. Só o que consegui sentir foi desespero, até que parei no estacionamento conhecido atrás da Forks High School e vi Edward curvado e imóvel sobre seu Volvo prata polido, como um monumento de mármore em homenagem a algum esquecido deus pagão da beleza. O sonho não lhe fizera justiça. E ele esperava ali por mim, exatamente como nos outros dias.

O desespero desapareceu por um momento, substituído pela admiração. Mesmo depois de meio ano com ele, eu ainda não acreditava que merecia tanta sorte.

Sua irmã, Alice, estava a seu lado, também esperando por mim.

É claro que Edward e Alice não eram de fato parentes (em Forks, corria a história de que todos os irmãos Cullen tinham sido adotados pelo Dr. Carlisle Cullen e sua esposa, Esme, os dois indiscutivelmente novos demais para ter filhos adolescentes), mas sua pele tinha exatamente a mesma palidez, os olhos tinham o mesmo tom dourado, com as mesmas olheiras fundas, como hematomas. O rosto de Alice, como o dele, era de uma beleza incrível. Para alguém que sabia — alguém como eu —, essas semelhanças representavam a marca do que eles eram.

A visão de Alice esperando ali — seus olhos caramelo brilhantes de empolgação e um pequeno embrulho prateado nas mãos — deixou-me carrancuda. Eu disse a Alice que não queria nada, nada mesmo, nenhum presente, nem mesmo alguma atenção pelo aniversário. Obviamente, meus desejos estavam sendo ignorados.

Bati a porta de minha picape Chevy 53 — uma chuva de ferrugem caiu do teto molhado — e andei devagar na direção deles. Alice pulou à frente para me receber, a cara de fada reluzente sob o cabelo preto e desfiado.

— Feliz aniversário, Bella!

— Shhh! — sibilei, olhando o estacionamento para me certificar de que ninguém a ouvira. A última coisa que eu queria era uma espécie de comemoração do melancólico evento.

Ela me ignorou.

— Quer abrir seu presente agora ou depois? — perguntou ansiosamente enquanto seguíamos para onde Edward ainda esperava.

— Nada de presentes — protestei num murmúrio.

Ela por fim pareceu entender meu estado de espírito.

— Tudo bem... Mais tarde, então. Gostou do álbum que sua mãe mandou para você? E a câmera de Charlie?

Suspirei. É claro que ela saberia quais eram meus presentes de aniversário. Edward não era o único membro da família com habilidades incomuns. Alice teria "visto" o que meus pais planejavam assim que eles tomaram a decisão.

— É. São ótimos.

— Eu acho que é uma ótima ideia. Só se chega ao último ano da escola uma vez. Pode muito bem documentar a experiência.

— Quantas vezes você fez o último ano?

— Isso é diferente.

Chegamos então perto de Edward e ele estendeu a mão para mim. Eu a peguei ansiosa, esquecendo-me, por um momento, de meu mau humor. Sua pele, como sempre, era suave, dura e muito fria. Ele apertou meus dedos com delicadeza. Olhei em seus claros olhos de topázio e meu coração sentiu um aperto não tão delicado. Ouvindo meu coração vacilar, ele sorriu de novo.

Ele ergueu a mão livre e, ao falar, acompanhou o contorno de meus lábios com a ponta do dedo frio.

— E então, como discutimos, não tenho permissão para lhe desejar um feliz aniversário, é isso mesmo?

— É. É isso mesmo. — Eu não conseguia imitar o ritmo de sua pronúncia perfeita e formal. Era algo que só poderia ter sido adquirido em um século anterior.

— Só estou verificando. — Ele passou a mão no cabelo desgrenhado cor de bronze. — Você bem que podia ter mudado de ideia. A maioria das pessoas parece gostar de aniversários e presentes.

Alice riu e o som era todo prata, um sino de vento.

— É claro que você vai gostar. Todo mundo deve ser gentil com você hoje e fazer suas vontades, Bella. Qual é a pior coisa que pode acontecer? — Sua pergunta era retórica.

— Ficar mais velha — ainda assim respondi, e minha voz não era tão estável como eu queria que fosse.

A meu lado, o sorriso de Edward se estreitou em uma linha rígida.

— Dezoito anos não é muito velha — disse Alice. — Em geral as mulheres não esperam até ter 29 para se aborrecer com os aniversários?

— É mais do que Edward — murmurei.

Ele suspirou.

— Tecnicamente — disse ela, mantendo o tom leve. — Mas só por um ano.

E eu imaginei... Se eu pudesse ter certeza do futuro que queria, certeza de que passaria a eternidade com Edward, Alice e os demais Cullen (de preferência não como uma velhinha enrugada)... Então um ou dois anos a mais ou a menos não me importariam tanto. Mas Edward era rigorosamente contra qualquer futuro que me alterasse. Qualquer futuro que me tornasse igual a ele — que me tornasse imortal também.

Um impasse, ele tinha dito.

Para ser franca, eu não conseguia entender o argumento de Edward. O que havia de tão bom na mortalidade? Ser um vampiro não parecia tão terrível — não como faziam os Cullen, pelo menos.

— A que horas você vai estar em casa? — continuou Alice, mudando de assunto. A julgar por sua expressão, ela estava aprontando exatamente o tipo de coisa que eu esperava evitar.

— Não sei se vou para casa.

— Ah, por favor, Bella! — reclamou ela. — Não vai estragar toda a nossa diversão desse jeito, vai?

— Pensei que no meu aniversário eu pudesse fazer o que eu quisesse.

— Eu vou apanhá-la em casa logo depois da escola — disse-lhe Edward, ignorando-me completamente.

— Tenho que trabalhar — protestei.

— Na verdade, não tem — disse-me Alice, convencida. — Já falei com a Sra. Newton sobre isso. Ela vai trocar seus turnos. E me pediu para lhe dizer "Feliz aniversário".

— E-eu ainda não posso ir — gaguejei, procurando uma desculpa. — Eu, bom, ainda não vi Romeu e Julieta para a aula de inglês.

Alice bufou.

— Você conhece Romeu e Julieta de cor.

— Mas o Sr. Berty disse que precisávamos ver uma representação para apreciá-lo plenamente... Era o que Shakespeare pretendia.

Edward revirou os olhos.

— Você já viu o filme — acusou Alice.

— Mas não a versão dos anos 60. O Sr. Berty disse que era a melhor.

Por fim, Alice perdeu o sorriso presunçoso e me fitou.

— Isso pode ser fácil ou pode ser difícil, Bella, mas de uma forma ou de outra...

Edward interrompeu sua ameaça.

— Relaxe, Alice. Se Bella quer ver um filme, então pode ver. É o aniversário dela.

— Viu? — acrescentei.

— Vou levá-la por volta das sete — continuou ele. — Isso lhe dará bastante tempo para preparar tudo.

O riso de Alice repicou de novo.

— Parece ótimo. Nos vemos à noite, Bella! Vai ser divertido, você verá.

Ela sorriu com malícia — o sorriso largo expôs todos os dentes perfeitos e reluzentes —, depois me deu um beliscão na bochecha e desapareceu para sua primeira aula antes que eu pudesse responder.

— Edward, por favor... — comecei a pedir, mas ele colocou um dedo frio em meus lábios.

— Discutiremos isso mais tarde. Vamos nos atrasar para a aula.

Ninguém se incomodou em olhar para nós enquanto assumíamos nossos lugares de sempre no fundo da sala (agora assistíamos a quase todas as aulas juntos — eram incríveis os favores que Edward conseguia que as mulheres da secretaria fizessem para ele). Edward e eu estávamos juntos havia tempo demais para ainda sermos objeto de fofoca. Nem Mike Newton se incomodava mais em me lançar o olhar de mau humor que antigamente me fazia sentir meio culpada. Ele agora sorria, e fiquei feliz por ele parecer ter aceitado que podíamos ser só amigos. Mike mudara no verão — estava menos rechonchudo, as maçãs do rosto mais proeminentes e o cabelo louro-claro estava diferente; em vez de arrepiado, estava mais comprido e com gel, em uma desordem cuidadosamente casual. Era fácil ver de onde vinha sua inspiração — mas o visual de Edward não era algo que

se pudesse imitar.

À medida que o dia avançava, pensei em maneiras de me livrar do que quer que estivesse para acontecer na casa dos Cullen à noite. Já seria bem ruim ter de comemorar quando meu humor era colocar luto. Mas, pior do que isso, aquilo, com certeza, envolveria atenção e presentes.

Nunca é bom ter atenção, como concordaria qualquer outro desajeitado com tendência a sofrer acidentes. Ninguém quer um refletor sobre si quando é provável que vá cair de cara no chão.

E eu insisti — bom, na verdade ordenei — que ninguém me desse nenhum presente este ano. Aparentemente, Charlie e Renée não foram os únicos que decidiram ignorar isso.

Nunca tive muito dinheiro, e isso nunca me incomodou. Renée me criou com salário de professora de jardim de infância. Charlie também não ia enriquecer com seu emprego — ele era o chefe de polícia daqui, da cidadezinha de Forks. Minha única renda vinha dos três dias da semana em que eu trabalhava na loja de artigos esportivos da cidade. Em uma cidade tão pequena, eu tinha sorte por ter um emprego. Cada centavo que ganhava ia para meu microscópico fundo de universidade. (A universidade era o Plano B. Eu ainda esperava pelo Plano A, mas Edward teimava tanto em me deixar humana...)

Edward tinha muito dinheiro — eu nem queria pensar em quanto. O dinheiro não significava quase nada para ele e para os demais Cullen. Era só algo que se acumulava quando se tinha tempo ilimitado nas mãos e uma irmã com uma capacidade misteriosa de prever tendências no mercado de ações. Edward não parecia entender por que eu fazia objeção a ele gastar dinheiro comigo — por que me deixava pouco à vontade quando me levava a um restaurante caro em Seattle, por que não podia comprar para mim um carro que pudesse atingir mais de 90km/h, ou por que eu não deixaria que ele pagasse os custos da minha universidade (ele era ridiculamente entusiasmado com o Plano B). Edward pensava que eu estava sendo difícil sem necessidade.

Mas como eu podia deixar que ele me desse presentes quando eu não tinha nada para dar em troca? Ele, por algum motivo insondável, queria ficar comigo. Qualquer coisa que me desse além disso só aumentava ainda mais as diferenças entre nós.

Com o passar do dia, nem Edward nem Alice voltaram a comentar o tema de

meu aniversário, e eu comecei a relaxar um pouco.

Nós nos sentamos à nossa mesa de sempre no almoço.

Havia uma espécie estranha de trégua naquela mesa. Nós três — Edward, Alice e eu — sentávamos no extremo sul da mesa. Agora que os irmãos Cullen mais "velhos", e de certa forma mais assustadores (no caso de Emmett, certamente), tinham se formado, Alice e Edward não pareciam intimidar tanto e não nos sentávamos sozinhos. Meus outros amigos — Mike e Jessica (que estavam na estranha fase de amizade pós-término), Angela e Ben (cuja relação sobreviveu ao verão), Eric, Conner, Tyler e Lauren (embora esta última não contasse de fato na categoria amizade) — sentavam-se à mesma mesa do outro lado de uma fronteira invisível. Essa fronteira se dissolvia nos dias de sol, quando Edward e Alice sempre matavam aula, e então a conversa passava com facilidade a me incluir.

Edward e Alice não achavam esse ostracismo estranho nem doloroso, como eu teria achado. Eles mal percebiam. As pessoas sempre se sentiam estranhamente pouco à vontade com os Cullen, quase com medo, por algum motivo que não conseguiam explicar a si mesmas. Eu era uma rara exceção a essa regra. Às vezes, incomodava a Edward que eu ficasse à vontade perto dele. Ele pensava que era perigoso para minha saúde — uma opinião que eu rejeitava com veemência sempre que ele a verbalizava.

A tarde passou rápido. As aulas terminaram e Edward me acompanhou até a picape, como sempre fazia. Mas dessa vez ele abriu a porta do carona para mim. Alice devia ter levado o carro dele para casa, para que ele pudesse impedir que eu fugisse.

Cruzei os braços e não fiz nenhum movimento para sair da chuva.

— É meu aniversário, não posso dirigir?

— Estou fingindo que não é seu aniversário, como é seu desejo.

— Se não é meu aniversário, então não tenho que ir para a sua casa hoje à noite...

— Muito bem... — Ele fechou a porta do carona e passou por mim para abrir a do motorista. — Feliz aniversário.

— Shhhh — pedi, meio indiferente. Entrei pela porta aberta, querendo que ele aceitasse a outra proposta.

Edward ficou mexendo no rádio enquanto eu dirigia, sacudindo a cabeça,

desaprovando.

— Seu rádio tem uma recepção horrível.

Fechei a cara. Eu não gostava quando ele mexia na minha picape. O carro era ótimo — tinha personalidade.

— Quer um bom sistema de som? Dirija seu próprio carro. — Eu estava tão nervosa com os planos de Alice, além de meu humor já sombrio, que as palavras saíram mais ásperas do que pretendia. Quase nunca me exaltava com Edward, e meu tom de voz o fez apertar os lábios para conter o riso.

Quando estacionei diante da casa de Charlie, ele pegou meu rosto entre as mãos. Agia com muito cuidado comigo, colocando a ponta dos dedos de modo suave em minhas têmporas, nas maçãs do rosto, na linha do queixo. Como se eu fosse especialmente quebradiça. O que era exatamente a verdade — comparada com ele, pelo menos.

— Devia estar de bom humor, hoje é o seu dia — sussurrou ele. Seu hálito doce soprava em meu rosto.

— E se eu não quiser ficar de bom humor? — perguntei, minha respiração irregular.

Seus olhos dourados arderam.

— Isso é péssimo.

Minha cabeça já estava girando quando ele se aproximou mais de mim e colocou os lábios gelados nos meus. Como era a intenção dele, sem dúvida, eu me esqueci de todas as preocupações e me concentrei em lembrar como respirar.

Sua boca pairou na minha, fria, suave e gentil, até que passei os braços por seu pescoço e me atirei no beijo com um pouco de entusiasmo demais. Pude sentir os lábios dele se curvarem para cima enquanto ele se afastava de meu rosto e tentava sair do meu abraço.

Edward traçara limites muito cuidadosos para nossa relação física, com a intenção de me manter viva. Embora respeitasse a necessidade de preservar uma distância segura entre minha pele e seus dentes afiados, cobertos de veneno, eu tendia a me esquecer de questões banais como essa quando ele me beijava.

— Seja boazinha, por favor — sussurrou ele em minha bochecha. Ele apertou os lábios com delicadeza contra os meus mais uma vez e se afastou, cruzando meus braços em minha barriga.

Minha pulsação martelava nos ouvidos. Coloquei a mão no coração. Ele batia

rápido demais sob minha palma.

— Acha que um dia vou superar isso? — perguntei, principalmente para mim mesma. — Que meu coração um dia vai parar de tentar pular do peito sempre que você tocar em mim?

— Eu realmente espero que não — disse ele, meio presunçoso.

Revirei os olhos.

— Vamos ver os Capuleto e os Montéquio se dilacerando, está bem?

— Seu desejo é uma ordem.

Edward se esparramou no sofá enquanto eu passava o filme, acelerando nos créditos de abertura. Quando me empoleirei na beira do sofá na frente dele, ele passou os braços em minha cintura e me puxou para seu peito. Não era exatamente tão confortável quanto um sofá, com seu peito duro e frio — e perfeito — como uma escultura de gelo, mas com certeza eu preferia isso. Ele puxou a velha manta oriental do encosto do sofá e me envolveu com ela, para que eu não congelasse junto de seu corpo.

— Sabe, nunca tive muita paciência com Romeu — comentou ele enquanto o filme começava.

— O que há de errado com Romeu? — perguntei, meio ofendida. Romeu era um de meus personagens de ficção preferidos. Até conhecer Edward, eu tinha uma espécie de queda por ele.

— Bem, antes de tudo, ele está apaixonado por essa Rosalina... Não acha que isso o deixa meio volúvel? E então, minutos depois do casamento, ele mata o primo de Julieta. Não é muito inteligente. Um erro depois do outro. Será que ele poderia destruir a própria felicidade de uma forma mais completa?

Eu suspirei.

— Quer que eu veja o filme sozinha?

— Não, vou assistir com você, de qualquer jeito. — Seus dedos traçaram desenhos em meu braço, me provocando arrepios. — Vai chorar?

— É provável — admiti —, se eu estiver prestando atenção.

— Então não vou distraí-la.

Mas senti seus lábios em meu cabelo, e esta era uma distração e tanto.

O filme, enfim, prendeu minha atenção, graças em grande parte às falas de Romeu que Edward sussurrava em meu ouvido — sua voz irresistível de veludo fazia com que a voz do ator parecesse fraca e grosseira. E eu chorei, para

divertimento dele, quando Julieta acordou e descobriu o novo marido morto.

— Devo admitir que tenho um pouco de inveja dele aqui — disse Edward, secando minhas lágrimas com uma mecha do meu cabelo.

— Ela é linda.

Ele fez um som de repulsa.

— Não o invejo por causa da garota... Só pela facilidade do suicídio — esclareceu num tom de provocação. — Para vocês, humanos, é tão fácil! Só o que precisam fazer é engolir um vidrinho de extratos de ervas...

— Como é? — ofeguei.

— Foi uma ideia que tive certa vez e eu sabia, pela experiência de Carlisle, que não seria simples. Nem tenho certeza de quantas maneiras Carlisle tentou se matar no começo... Depois de perceber no que se transformara... — Sua voz, que se tornara séria, ficou leve de novo. — E ele claramente ainda goza de excelente saúde.

Virei-me para poder ver seu rosto.

— Do que está falando? — perguntei. — O que quer dizer, essa história de que pensa nisso de vez em quando?

— Na primavera passada, quando você estava... quase morta... — Ele parou para tomar fôlego, lutando para recuperar o tom de brincadeira. — É claro que eu tentava me concentrar em encontrar você viva, mas parte de minha mente fazia planos alternativos. Como eu disse, não é fácil para mim, como é para um humano.

Por um segundo, a lembrança de minha última viagem a Phoenix passou por minha cabeça e me deixou tonta. Eu podia ver tudo com tanta clareza — o sol ofuscante, as ondas de calor saindo do concreto enquanto eu corria com uma pressa desesperada para encontrar o vampiro sádico que queria me torturar até a morte. James, esperando na sala de espelhos com minha mãe de refém — ou assim eu pensava. Eu não sabia que era tudo um ardil. Assim como James não sabia que Edward estava correndo para me salvar. Edward daquela vez conseguira, mas foi por pouco. Sem pensar, meus dedos acompanharam a cicatriz em crescente lunar em minha mão, que sempre ficava alguns graus mais fria do que o restante de minha pele.

Sacudi a cabeça — como se eu pudesse me livrar das lembranças ruins — e tentei entender o que Edward dizia. Meu estômago afundou de um jeito

desagradável.

— Planos alternativos? — repeti.

— Bem, eu não ia viver sem você. — Ele revirou os olhos como se este fato fosse óbvio até para uma criança. — Mas não tinha certeza de como fazer... Eu sabia que Emmett e Jasper não me ajudariam... Então pensei em talvez ir à Itália e fazer algo para provocar os Volturi.

Não podia acreditar que ele falava sério, mas seus olhos dourados estavam pensativos, focalizados em alguma coisa distante enquanto ele refletia sobre as maneiras de acabar com a própria vida. Abruptamente, fiquei furiosa.

— O que é um Volturi? — perguntei.

— Os Volturi são uma família — explicou ele, os olhos ainda distantes. — Uma família muito antiga e muito poderosa de nossa espécie. São a coisa mais próxima que nosso mundo tem de uma família real, imagino. Carlisle morou com eles por pouco tempo em seus primeiros anos, na Itália, antes de se estabelecer na América... Lembra a história?

— É claro que lembro.

Eu nunca me esqueceria da primeira vez que fui à casa dele, a enorme mansão branca bem no fundo da floresta, ao lado do rio, ou a sala em que Carlisle — pai de Edward de tantas maneiras genuínas — mantinha uma parede de pinturas que ilustravam sua história. A tela mais vívida, a mais colorida dali, a maior, era da época de Carlisle na Itália. É claro que eu me lembrava do tranquilo quarteto de homens, cada um deles com um extraordinário rosto de serafim, pintados no balcão mais alto que dava para o violento torvelinho de cores. Embora a tela tivesse séculos, Carlisle — o anjo louro — continuava inalterado. E eu me lembrava dos outros três, os primeiros companheiros de Carlisle. Edward nunca usou o nome Volturi para o belo trio, dois de cabelos escuros, um de cabelos brancos. Ele os chamou de Aro, Caius e Marcus, patronos noturnos das artes...

— De qualquer modo, não se deve irritar os Volturi — prosseguiu Edward, interrompendo meus devaneios. — A não ser que se queira morrer... Ou o que quer que aconteça conosco. — Sua voz era tão calma que o fazia parecer quase entediado com a perspectiva.

Minha raiva transformou-se em pavor. Peguei seu rosto marmóreo entre as mãos e o segurei com força.

— Você nunca, nunca, jamais pense em nada parecido de novo! — eu disse.

— Não importa o que possa acontecer comigo, você não pode se machucar!

— Eu jamais a colocarei em risco de novo, então esta é uma discussão inútil.

— Me colocar em risco! Pensei que tínhamos combinado que todo o azar era minha culpa. — Eu estava ficando com mais raiva. — Como se atreve a pensar desse jeito? — A ideia de Edward deixando de existir, mesmo que eu estivesse morta, era impossivelmente dolorosa.

— O que você faria, se a situação se invertesse? — perguntou ele.

— Não é o mesmo caso.

Ele não pareceu entender a diferença. Edward riu.

— E se alguma coisa acontecer com você? — Empalideci com a ideia. — Gostaria que eu acabasse comigo mesma?

Um vestígio de dor tocou seus traços perfeitos.

— Acho que entendo seu argumento... Um pouco — admitiu ele. — Mas o que eu faria sem você?

— O que estava fazendo antes de eu aparecer e complicar sua vida.

Ele suspirou.

— Parece tão fácil, do jeito que você fala.

— Devia ser. Eu não sou assim tão interessante.

Ele estava prestes a discutir, mas deixou passar.

— Discussão inútil — lembrou-me.

De repente, ele se colocou numa postura mais formal, passando-me para o lado para que não nos tocássemos mais.

— Charlie? — adivinhei.

Edward sorriu. Depois de um minuto, ouvi o som da radiopatrulha parando na entrada de carros. Peguei a mão dele com firmeza. Meu pai podia lidar com aquilo.

Charlie entrou segurando uma caixa de pizza.

— Oi, pessoal. — Ele sorriu para mim. — Pensei que ia gostar de uma folga da cozinha e dos pratos em seu aniversário. Está com fome?

— Claro. Obrigada, pai.

Charlie não comentou a aparente falta de apetite de Edward. Ele estava acostumado a ver Edward desprezar o jantar.

— Importa-se se eu pegar Bella emprestada esta noite? — perguntou Edward quando Charlie e eu terminamos.

Olhei cheia de esperança para Charlie. Talvez ele pensasse em aniversários como um programa de família que era passado em casa — era meu primeiro aniversário com ele, o primeiro aniversário desde que minha mãe, Renée, casara-se de novo e fora morar na Flórida, então eu não sabia o que ele esperava.

— Tudo bem... Os Mariners vão jogar contra os Sox esta noite — explicou Charlie, e minha esperança desapareceu. — Então não serei boa companhia... Toma. — Ele pegou a câmera que tinha comprado por sugestão de Renée (porque eu precisava de fotos para encher meu álbum) e a atirou para mim.

Ele devia saber muito bem — sempre tive problemas de coordenação. A câmera raspou na ponta de meus dedos e ia caindo no chão. Edward a pegou antes que se espatifasse no piso.

— Boa pegada — observou Charlie. — Se fizerem alguma coisa divertida na casa dos Cullen hoje, Bella, devia tirar umas fotos. Sabe como sua mãe é... Ela vai querer ver as fotos mais rápido do que você pode tirá-las.

— Boa ideia, Charlie — disse Edward, passando-me a câmera.

Liguei a câmera apontada para Edward e bati a primeira foto.

— Funciona.

— Que bom. Ei, dê um alô a Alice por mim. Ela não tem aparecido. — A boca de Charlie se repuxou em um canto.

— Faz três dias, pai — lembrei a ele. Charlie era louco por Alice. Ele ficou ligado a ela na última primavera, quando ela o ajudara em minha convalescença; Charlie lhe seria eternamente grato por tê-lo poupado do horror de uma filha quase adulta que precisava de ajuda no banho. — Vou dizer a ela.

— Tudo bem. Divirtam-se. — Era claramente uma dispensa. Charlie já estava indo para a sala de estar e a tevê.

Edward sorriu, triunfante, e pegou minha mão para me puxar da cozinha.

Quando entramos na picape, ele abriu a porta do carona para mim de novo e, desta vez, não discuti. Ainda tinha dificuldades para encontrar o discreto desvio para a casa dele no escuro.

Edward dirigiu para o norte, atravessando Forks, visivelmente forçando o limite de velocidade de meu Chevy pré-histórico. O motor gemeu ainda mais alto do que de costume enquanto ele o forçava a chegar a 80km/h.

— Vá com calma — alertei.

— Sabe o que você ia adorar? Um pequeno e lindo cupê Audi. Muito

silencioso, muita potência...

— Não há nada de errado com minha picape. E por falar em supérfluos caros, se sabe o que é bom para você, não gaste dinheiro nenhum com presentes de aniversário.

— Nem um centavo — disse ele castamente.

— Ótimo.

— Pode me fazer um favor?

— Depende do que for.

Ele suspirou. Seu lindo rosto agora estava sério.

— Bella, o último aniversário de verdade que tivemos foi o de Emmett, em 1935. Relaxe um pouco e não seja difícil demais esta noite. Todos estão muito animados.

Sempre me surpreendia um pouco quando ele colocava a situação desse jeito.

— Tudo bem, vou me comportar.

— Preciso avisá-la...

— Por favor.

— Quando eu digo que estão todos animados... Quero dizer todos eles.

— Todos? — sufoquei. — Pensei que Emmett e Rosalie estivessem na África. — O restante de Forks pensava que os mais velhos dos Cullen tinham ido para a universidade este ano, para Dartmouth, mas eu sabia da verdade.

— Emmett queria estar aqui.

— Mas... Rosalie?

— Eu sei, Bella. Não se preocupe, ela vai se comportar bem.

Não respondi. Como se eu pudesse não ficar preocupada tão facilmente. Ao contrário de Alice, a outra irmã "adotiva" de Edward, a loura dourada e maravilhosa Rosalie, não gostava muito de mim. Na verdade, o sentimento era um pouco mais forte do que só a antipatia. No que dizia respeito a Rosalie, eu era uma intrusa indesejada na vida secreta de sua família.

Senti um remorso terrível pela situação, imaginando que a prolongada ausência de Rosalie e de Emmett era minha culpa, mesmo que no fundo me agradasse não precisar vê-la. De Emmett, o irmão de Edward que era um urso brincalhão, eu tinha saudade. De muitas maneiras, ele era como o irmão mais velho que eu sempre quis... Só que muito, muito mais apavorante.

Edward decidiu mudar de assunto.

— E, então, já que não me deixa comprar o Audi para você, não há nada que gostaria de aniversário?

As palavras saíram num sussurro.

— Você sabe o que eu quero.

Uma ruga funda vincou sua testa de mármore. Ele, obviamente, preferia ter continuado no assunto de Rosalie.

Parecia que íamos discutir muito hoje.

— Hoje não, Bella, por favor.

— Bom, talvez Alice me dê o que eu quero.

Edward grunhiu — um som grave e ameaçador.

— Este não será seu último aniversário, Bella — jurou ele.

— Isso não é justo!

Pensei ter ouvido seus dentes trincarem.

Agora estávamos parando na casa dele. Uma luz forte saía de cada janela dos dois primeiros andares. Uma longa fila de lanternas japonesas reluzentes pendia do beiral da varanda, refletindo uma radiância suave nos enormes cedros que cercavam a casa. Vasos grandes de flores — rosas cor-de-rosa — ladeavam a escada larga até a porta da frente.

Eu gemi.

Edward respirou fundo algumas vezes para se acalmar.

— Isto é uma festa — lembrou-me ele. — Procure levar na esportiva.

— Claro — murmurei.

Ele veio até minha porta e me ofereceu a mão.

— Tenho uma pergunta.

Ele esperou, preocupado.

— Se eu revelar este filme — disse, brincando com a câmera nas mãos —, vocês vão aparecer nas fotos?

Edward começou a rir. Ajudou-me a sair do carro, empurrou-me pela escada e ainda estava rindo enquanto abria a porta para mim.

Todos esperavam na enorme sala de estar branca; quando passei pela porta, eles me receberam com um coro alto de "Parabéns pra você" enquanto eu corava e olhava para baixo. Alice, imaginei, tinha coberto cada superfície plana da casa com velas cor-de-rosa e dezenas de vasos de cristal repletos de centenas de rosas. Havia uma mesa com uma toalha branca ao lado do piano de cauda de Edward

com um bolo de aniversário cor-de-rosa, mais rosas, uma pilha de pratos de vidro e outra, pequena, de presentes embrulhados em papel prateado.

Era cem vezes pior do que eu imaginara.

Edward, sentindo minha angústia, passou um braço encorajador em minha cintura e beijou o alto de minha cabeça.

Os pais de Edward, Carlisle e Esme — incrivelmente jovens e lindos, como sempre —, eram os que estavam mais perto da porta. Esme me abraçou com cuidado, o cabelo macio cor de caramelo roçando meu rosto enquanto ela me dava um beijo na testa, e depois Carlisle pôs o braço em meus ombros.

— Desculpe por isso, Bella — ele sussurrou. — Não conseguimos refrear Alice.

Rosalie e Emmett estavam atrás deles. Rosalie não sorriu, mas pelo menos não me encarou. O rosto de Emmett estava esticado em um sorriso enorme. Fazia meses desde que eu os vira; tinha me esquecido de como Rosalie era gloriosamente bonita — quase doía olhar para ela. E será que Emmett sempre fora tão... grande?

— Você não mudou nada — disse Emmett com uma falsa decepção. — Eu esperava uma diferença perceptível, mas aqui está você, com a cara vermelha de sempre.

— Muito obrigada, Emmett — eu disse, corando ainda mais.

Ele riu.

— Preciso sair por um segundo. — Ele parou para dar uma piscadela para Alice. — Não faça nada de divertido na minha ausência.

— Vou tentar.

Alice soltou a mão de Jasper e pulou para a frente, todos os dentes cintilando na luz intensa. Jasper sorriu também, mas manteve distância. Ele se encostou, longo e louro, no pilar ao pé da escada. Nos dias que tivemos de passar juntos em Phoenix, pensei que ele tivesse superado sua aversão por mim, mas ele voltara a agir do mesmo modo que antes — evitando-me ao máximo — no momento em que se livrou da obrigação temporária de me proteger. Eu sabia que não era pessoal, só uma precaução, e tentava não ser muito sensível a isso. Jasper tinha mais problemas para se prender à dieta dos Cullen do que o restante deles; era muito mais difícil para ele resistir ao cheiro de sangue humano do que para os outros — ele não havia tentado por tanto tempo.

— Hora de abrir os presentes — declarou Alice. Ela pôs a mão fria sob meu cotovelo e me conduziu à mesa com o bolo e os pacotes cintilantes.

Fiz a melhor cara de mártir que pude.

— Alice, pensei ter dito a você que não queria nada...

— Mas eu não dei ouvidos — interrompeu ela, presunçosa. — Abra. — Ela tirou a câmera de minha mão e a substituiu por uma caixa prateada grande e quadrada.

A caixa era tão leve que parecia vazia. A etiqueta em cima dizia que era de Emmett, Rosalie e Jasper. Constrangida, rasguei o papel de presente e olhei a caixa que ele abrigava.

Era algum produto eletrônico, com um nome cheio de números. Abri a caixa, esperando por mais esclarecimentos. Mas a caixa estava mesmo vazia.

— Hmmm... Obrigada.

Rosalie realmente deu uma risadinha. Jasper riu.

— É um sistema de som para sua picape — explicou ele. — Emmett está instalando agora mesmo para que você não possa devolver.

Alice sempre estava um passo além de mim.

— Obrigada, Jasper, Rosalie — eu lhes disse, sorrindo enquanto me lembrava das reclamações de Edward de meu rádio naquela tarde; tudo armação, ao que parecia. — Obrigada, Emmett! — gritei mais alto.

Ouvi sua risada estrondosa vinda de meu carro e não consegui deixar de rir também.

— Abra agora o meu e de Edward — disse Alice, tão empolgada que sua voz era uma melodia aguda. Ela segurava uma caixa quadrada e pequena.

Eu me virei para Edward com um olhar venenoso.

— Você prometeu.

Antes que ele pudesse responder, Emmett irrompeu pela porta.

— Bem a tempo! — gritou ele. Ele se espremeu ao lado de Jasper, que também tinha chegado mais perto do que o habitual para ver melhor.

— Não gastei um centavo — garantiu-me Edward. Ele tirou uma mecha de cabelo de meu rosto, deixando minha pele formigando com seu toque.

Respirei fundo e me virei para Alice.

— Pode me dar — suspirei.

Emmett riu de prazer.

Peguei o pacotinho, revirando os olhos para Edward enquanto passava o dedo sob a beira do papel e o puxava da fita.

— Droga — murmurei quando o papel cortou meu dedo. Puxei-o para examinar os danos. Uma única gota de sangue saía do corte minúsculo.

Então tudo aconteceu com muita rapidez.

— Não! — rugiu Edward.

Ele se atirou sobre mim, jogando-me de costas contra a mesa. Ela desabou, como eu, espalhando o bolo e os presentes, as flores e os pratos. Aterrissei na bagunça de cristal espatifado.

Jasper se lançou sobre Edward e o som era como o estrondo de pedregulhos rolando em uma ladeira.

Houve outro barulho, um grunhido terrível que parecia vir do fundo do peito de Jasper. Ele tentou passar por Edward, batendo os dentes a centímetros do rosto dele.

Emmett pegou Jasper por trás no segundo exato, fechando-o em um aperto de aço, mas Jasper lutava, os olhos desvairados e vazios focalizados só em mim.

Além do choque, também houve dor. Eu tombei no chão junto ao piano, com os braços estendidos instintivamente para me proteger dos cacos de vidro na queda. Só então senti a lancinante dor em brasa que subia de meu punho até a dobra de meu cotovelo.

Tonta e desorientada, desviei a atenção do sangue vermelho e brilhante que jorrava de meu braço — e olhei nos olhos febris dos seis vampiros repentinamente vorazes.

2. SUTURA

APENAS CARLISLE PERMANECEU CALMO. Os séculos de experiência no pronto-socorro eram evidentes em sua voz tranquila e cheia de autoridade.

— Emmett, Rose, levem Jasper para fora.

Sem sorrir sequer uma vez, Emmett assentiu.

— Vamos, Jasper.

Jasper lutou contra o abraço inflexível de Emmett, girando o corpo, lançando-se para o irmão com os dentes à mostra, os olhos ainda irracionais.

O rosto de Edward estava mais branco do que osso quando ele se virou e se abaixou junto a mim, assumindo uma clara posição defensiva. Um rosnado baixo de alerta resvalou por entre seus dentes trincados. Eu sabia que ele não estava respirando.

Rosalie, o rosto divino estranhamente complacente, meteu-se na frente de Jasper — guardando uma distância cautelosa dos dentes dele — e ajudou Emmett a carregá-lo pela porta de vidro que Esme mantinha aberta, uma das mãos cobrindo com firmeza a boca e o nariz.

O rosto em forma de coração de Esme revelava que ela estava envergonhada.

— Eu sinto muito, Bella — gritou ao seguir os outros para o pátio.

— Deixe que eu me aproxime, Edward — murmurou Carlisle.

Um segundo se passou, Edward assentiu lentamente e relaxou.

Carlisle se ajoelhou a meu lado, inclinando-se a fim de examinar meu braço. Eu podia sentir o choque congelado em meu rosto e tentei recompô-lo.

— Tome, Carlisle — disse Alice, passando-lhe uma toalha.

Ele sacudiu a cabeça.

— Há vidro demais no ferimento. — Ele estendeu a mão e rasgou uma tira longa e fina da bainha da toalha de mesa branca. Enrolou-a em meu braço pouco acima do cotovelo, fazendo um torniquete. O cheiro de sangue me deixava tonta. Meus ouvidos tiniam.

— Bella — disse Carlisle de modo delicado. — Quer que eu a leve ao hospital

ou prefere que cuide de você aqui?

— Aqui, por favor — sussurrei. Se ele me levasse ao hospital, não haveria jeito de esconder aquilo de Charlie.

— Vou pegar sua maleta — disse Alice.

— Vamos levá-la para a mesa da cozinha — disse Carlisle a Edward.

Edward me levantou sem qualquer esforço, enquanto Carlisle mantinha a pressão firme em meu braço.

— Como está se sentindo, Bella? — perguntou Carlisle.

— Estou bem. — Minha voz era quase estável, o que me agradou.

O rosto de Edward parecia de pedra.

Alice estava lá. A maleta preta de Carlisle já estava na mesa, uma mesa pequena, mas reluzente, embutida na parede. Edward me sentou gentilmente em uma cadeira e Carlisle assumiu outra. Logo passou ao trabalho.

Edward ficou de pé a meu lado, ainda protetor, ainda sem respirar.

— Pode ir, Edward — suspirei.

— Eu posso lidar com isso — insistiu ele. Mas seu queixo estava rígido; os olhos ardiam pela intensidade da sede que ele combatia, tão mais forte para ele do que para os outros.

— Não precisa ser um herói — eu disse. — Carlisle pode cuidar de mim sem sua ajuda. Vá tomar um ar fresco.

Estremeci quando Carlisle fez alguma coisa que doeu em meu braço.

— Vou ficar — disse ele.

— Por que é tão masoquista? — murmurei.

Carlisle decidiu interceder.

— Edward, você poderia aproveitar e encontrar Jasper antes que ele vá longe demais. Tenho certeza de que ele está aborrecido consigo mesmo e duvido que agora vá ouvir alguém que não seja você.

— É — concordei ansiosa. — Vá falar com Jasper.

— Você podia fazer algo de útil — acrescentou Alice.

Os olhos de Edward se estreitaram ao ver que nos uníamos contra ele, mas, por fim, concordou e saiu suavemente pela porta dos fundos da cozinha. Eu tinha certeza de que ele não respirara sequer uma vez desde que cortei o dedo.

Uma dormência se espalhava por meu braço. Embora anulasse a pontada de dor, lembrava-me do corte, e fiquei olhando o rosto de Carlisle com atenção para

me distrair do que suas mãos faziam. Seu cabelo tinha um brilho dourado na luz forte enquanto ele se curvava sobre o meu braço. Eu podia sentir o desconforto se agitando fraquinho na boca do estômago, mas estava decidida a não deixar que meus melindres habituais me dominassem. Agora não sentia dor, só um repuxar suave, que tentei ignorar. Não havia motivo para ficar nauseada como um bebê.

Se ela não estivesse em minha linha de visão, eu não teria percebido Alice desistindo e saindo do cômodo. Com um sorriso mínimo de desculpas nos lábios, ela desapareceu pela porta da cozinha.

— Bom, todos foram embora — suspirei. — Pelo menos consigo esvaziar um ambiente.

— Não é culpa sua — Carlisle me confortou com uma risadinha. — Podia acontecer com qualquer um.

— Podia — repeti. — Mas em geral só acontece comigo.

Ele riu de novo.

Sua calma relaxada era ainda mais incrível em contraste direto com a reação de todos os outros. Não consegui ver nenhum vestígio de angústia em seu rosto. Ele trabalhava com movimentos rápidos e seguros. O único som além de nossa respiração baixa era o plinc, plinc delicado dos pequenos cacos de vidro largados um a um na mesa.

— Como consegue fazer isso? — perguntei. — Nem Alice e Esme... — Minha voz falhou e eu sacudi a cabeça, pasma. Embora os outros tivessem desistido da dieta tradicional de vampiros com o mesmo rigor de Carlisle, ele era o único que conseguia suportar o cheiro de meu sangue sem sofrer uma tentação intensa. Evidentemente, isso era muito mais difícil do que ele demonstrava.

— Anos e anos de prática — disse-me ele. — Agora mal percebo o cheiro.

— Acha que seria mais difícil se tirasse umas férias longas do hospital? E não houvesse mais sangue por perto?

— Talvez. — Ele deu de ombros, mas as mãos continuavam firmes. — Nunca senti necessidade de férias prolongadas. — Ele abriu um sorriso luminoso para mim. — Gosto muito do meu trabalho.

Plinc, plinc, plinc. Surpreendi-me com a quantidade de vidro que parecia estar em meu braço. Fiquei tentada a olhar a pilha crescente, só para ver o tamanho, mas sabia que a ideia não seria útil para minha estratégia de não vomitar.

— Do que é que você gosta nele? — perguntei. Não fazia sentido para mim; os anos de luta e autonegação que ele deve ter vivido para chegar ao ponto de suportar isso com tanta facilidade. Além de tudo, eu queria que ele continuasse falando; a conversa afastava minha mente da náusea em meu estômago.

Seus olhos escuros eram calmos e pensativos quando ele respondeu.

— Hmmm. O que mais aprecio é quando minhas... capacidades aprimoradas me permitem salvar alguém que, de outra maneira, seria perdido. É agradável saber que, graças ao que posso fazer, a vida de algumas pessoas é melhor porque eu existo. Às vezes até o cheiro é uma ferramenta diagnóstica útil. — Um lado de sua boca se ergueu em um meio sorriso.

Refleti sobre isso enquanto ele examinava meu braço, certificando-se de que todos os cacos de vidro haviam sido retirados. Depois ele mexeu em sua maleta em busca de novos instrumentos e eu tentei não imaginar a agulha e a sutura.

— Você se esforça muito para compensar uma situação que não foi culpa sua — comentei, enquanto um novo tipo de puxão começava na beirada de minha pele. — O que quero dizer é que você não quis isso. Não escolheu esse tipo de vida, e ainda assim tem que se esforçar tanto para ser bom.

— Não sei se estou compensando alguma coisa — ele discordou alegremente. — Como tudo na vida, só tive de decidir o que fazer com o que me foi dado.

— Isso faz tudo parecer fácil demais.

Ele examinou meu braço de novo.

— Pronto — disse, cortando o fio de sutura. — Está terminado. — Ele esfregou uma bola de algodão enorme, pingando um líquido cor de xarope por todo o local do procedimento. O cheiro era estranho; fez minha cabeça girar. O xarope manchou minha pele.

— Mas, no começo — falei, pressionando enquanto ele colocava no lugar outra longa tira de gaze, prendendo-a em minha pele —, por que chegou a pensar num caminho diferente do óbvio?

Seus lábios se ergueram num sorriso reservado.

— Edward lhe contou essa história?

— Sim. Mas estou tentando entender o que você estava pensando...

Seu rosto de repente voltou a ficar sério, e me perguntei se os pensamentos de Carlisle tinham chegado ao mesmo ponto que os meus. Imaginando o que eu pensaria quando — eu me recusava a pensar em se — fosse eu.

— Meu pai era um clérigo — disse ele ao limpar a mesa com cuidado, esfregando tudo com gaze molhada e repetindo todo o processo. Meu nariz ardeu com o cheiro de álcool. — Ele tinha uma visão muito rigorosa do mundo, que eu já começava a questionar antes da época de minha mudança.

Carlisle colocou toda a atadura suja e os cacos de vidro numa tigela vazia de cristal. Não entendi o que ele estava fazendo, mesmo quando ele acendeu um fósforo. Depois ele o atirou nas fibras encharcadas de álcool e o clarão repentino me fez pular.

— Desculpe — disse ele. — Foi necessário fazer isso... Assim, eu não concordava com a crença particular de meu pai. Mas nunca, nem em quatrocentos anos, desde que nasci, vi algo que me fizesse duvidar de que Deus existe, de uma forma ou de outra. Nem mesmo o reflexo no espelho.

Fingi examinar o curativo em meu braço para esconder minha surpresa com o rumo que tomava nossa conversa. Religião era o último tema que eu esperava, considerando tudo aquilo. Minha própria vida era destituída de crenças. Charlie se considerava luterano, porque os pais dele eram, mas aos domingos ele idolatrava o rio com uma vara de pesca na mão. Renée de vez em quando ia à igreja, mas, assim como suas breves passagens por aulas de tênis, cerâmica, ioga e francês, ela abandonava a prática no momento em que eu tomava conhecimento da novidade.

— Sei que isso parece meio estranho, partindo de um vampiro. — Ele sorriu, sabendo como seu uso despreocupado daquela palavra jamais deixaria de me chocar. — Mas estou esperando que ainda haja algum sentido nesta vida, até para nós. Admito que as chances são muito poucas — continuou ele, num tom ameno. — Todos dizem que somos amaldiçoados, apesar de tudo. Mas eu espero, talvez como um tolo, que levemos algum crédito por tentar.

— Não acho que seja tolice — murmurei. Não conseguia imaginar ninguém, incluindo um deus, que não ficasse impressionado com Carlisle. Além disso, o único tipo de paraíso que eu podia valorizar teria de incluir Edward. — E não acho que alguém acharia.

— Na verdade, você é a primeira a concordar comigo.

— Os outros não pensam o mesmo? — perguntei, surpresa, pensando em uma única pessoa.

Outra vez Carlisle adivinhou o rumo de meus pensamentos.

— Até certo ponto, Edward concorda comigo. Deus e o paraíso existem... e o inferno também. Mas ele não acredita que haja outra vida para nossa espécie. — A voz de Carlisle era muito suave; ele olhava a escuridão pela janela grande acima da pia. — Imagine, ele acha que perdemos nossa alma.

Imediatamente pensei nas palavras de Edward naquela tarde: A não ser que se queira morrer... Ou o que quer que aconteça conosco. Uma lâmpada se acendeu em minha cabeça.

— É este o verdadeiro problema, não é? — presumi. — É por isso que ele está dificultando tanto as coisas comigo.

Carlisle falou devagar.

— Eu olho para meu... filho. Sua força, sua bondade, a luz que emana dele... E isso só alimenta essa esperança, essa fé, mais do que nunca. Como pode não haver mais nada para alguém como Edward?

Eu assenti, numa aquiescência fervorosa.

— Mas se eu compartilhasse das crenças dele... — Carlisle baixou os olhos insondáveis para mim. — Se você acreditasse nelas. Você colocaria a alma dele a perder?

O modo como ele elaborou a pergunta me impediu de responder. Se ele me perguntasse se eu arriscaria minha alma por Edward, a resposta seria óbvia. Mas eu arriscaria a alma de Edward? Franzi os lábios, infeliz. Não era uma troca justa.

— Você entende o problema.

Sacudi a cabeça, ciente da conformação obstinada de meu queixo.

Carlisle suspirou.

— A decisão é minha — insisti.

— É dele também. — Ele ergueu a mão quando viu que eu estava prestes a discordar. — De qualquer modo, ele é responsável por fazer isso a você.

— Ele não é o único capaz de fazer isso. — Olhei especulativamente para Carlisle.

Ele riu, tornando de repente a atmosfera mais leve.

— Ah, não! Vai ter que resolver isso com ele. — Mas depois Carlisle suspirou. — Esta é a única parte de que não posso ter certeza. Eu penso, de muitas maneiras, que fiz o melhor que pude com aquilo com que tive de lidar. Mas será certo condenar os outros a esta vida? Não consigo chegar a nenhuma conclusão.

Não respondi. Imaginei como seria minha vida se Carlisle resistisse à tentação de mudar sua existência solitária... e estremeci.

— Foi a mãe de Edward quem me fez decidir. — A voz de Carlisle era quase um sussurro. Ele fitava sem ver as janelas escuras.

— A mãe dele? — Sempre que eu perguntava a Edward sobre os pais, ele dizia apenas que haviam morrido muito tempo antes e que suas recordações eram vagas. Percebi que a lembrança que Carlisle tinha deles, apesar da brevidade de seu contato, era perfeitamente clara.

— Sim. O nome dela era Elizabeth. Elizabeth Masen. O pai dele, Edward Senior, não recuperou a consciência no hospital. Morreu no primeiro surto de gripe espanhola. Mas Elizabeth ficou alerta quase até o fim. Edward é muito parecido com ela... Elizabeth tinha cabelos do mesmo tom estranho de bronze e os olhos eram daquele mesmo tom de verde.

— Os olhos dele eram verdes? — murmurei, tentando imaginar.

— Sim... — Os olhos ocre de Carlisle estavam a cem anos de distância. — Elizabeth tinha uma preocupação obsessiva com o filho. Ela anulou as próprias chances de sobrevivência tentando cuidar dele no hospital. Pensei que ele fosse primeiro, seu estado era muito pior do que o dela. Quando chegou o fim de Elizabeth, foi muito rápido. Era pouco depois do poente e eu havia chegado para render os médicos que tinham trabalhado o dia todo. Era tão difícil fingir... Havia muito trabalho a ser feito e eu não precisava descansar. Como eu odiava voltar para casa, esconder-me no escuro e fingir dormir enquanto tantos estavam morrendo!

Ele continuou:

— Fui ver Elizabeth e o filho primeiro. Eu me apegara a eles; uma postura que é sempre perigosa, considerando a natureza frágil dos humanos. Logo vi que ela havia piorado. A febre aumentava de modo descontrolado e seu corpo estava fraco demais para continuar lutando. Mas ela não parecia debilitada quando olhou para mim de seu leito. "Salve-o!", exigiu na voz rouca que era o máximo que sua garganta conseguia emitir. Farei tudo o que estiver em meu poder, prometi, pegando-lhe a mão. A febre estava tão alta que ela não devia sentir como minha mão era estranhamente fria. Tudo parecia frio para sua pele. "Deve fazer isso", insistiu ela, segurando minha mão com tal força que me perguntei se ela, afinal, havia superado a crise. Seus olhos eram duros, feito pedra, como esmeraldas.

"Deve fazer tudo o que estiver em seu poder. O que os outros não podem fazer, é o que deve fazer por meu Edward." Isso me assustou. Ela me fitou com aqueles olhos penetrantes, e por um momento tive certeza de que sabia de meu segredo. Em seguida a febre a dominou e ela não recuperou a consciência. Morreu uma hora depois de fazer seu pedido. Eu passara décadas considerando a ideia de criar uma companhia para mim. Simplesmente outra criatura que pudesse me conhecer de verdade, em vez de apenas o que eu fingia ser. Mas não podia justificar isso para mim mesmo — fazer o que fizeram comigo. Lá estava Edward, morrendo. Era evidente que só lhe restavam algumas horas. Ao lado dele, a mãe, cuja face até então não estava tranquila, ainda não estava morta.

Carlisle viu tudo de novo, a lembrança nítida ao longo do século que se passou. Eu também podia ver com clareza enquanto ele falava — a desesperança do hospital, a atmosfera de morte que a tudo sobrepujava. Edward ardendo de febre, sua vida se esvaindo a cada movimento dos ponteiros do relógio... Estremeci mais uma vez e, à força, tirei a imagem da cabeça.

— As palavras de Elizabeth ecoaram em minha mente. Como ela saberia o que eu podia fazer? Será que alguém de fato iria querer isso para um filho? Olhei para Edward. Mesmo tão doente, ele ainda era lindo. Havia algo de puro e bom em seu rosto. O tipo de rosto que eu desejaria que um filho meu tivesse. Depois de todos aqueles anos de indecisão, eu simplesmente agi por capricho. Primeiro levei a mãe dele ao necrotério, depois voltei para levá-lo. Ninguém percebeu que ele ainda respirava. Não havia mãos nem olhos suficientes para atender nem à metade das necessidades dos pacientes. O necrotério estava vazio — pelo menos, de gente viva. Eu o levei pela porta dos fundos e o carreguei pelos telhados até minha casa. Não tinha certeza do que devia ser feito. Preparei-me para recriar as feridas que eu mesmo recebi, tantos séculos antes, em Londres. Mais tarde me senti mal por isso. Foi mais doloroso e mais demorado do que o necessário. Mas eu não lamentava. Nunca lamentei por ter salvado Edward.

Ele sacudiu a cabeça, voltando ao presente. Sorriu para mim:

— Agora acho que devo levá-la para casa.

— Eu faço isso — disse Edward. Ele passou pela sala de jantar escura, andando devagar até Carlisle. Seu rosto era suave e indecifrável, mas havia algo de errado nos olhos — algo que ele se esforçava muito para esconder.

Senti um espasmo de ansiedade no estômago.

— Carlisle pode me levar — eu disse. Olhei minha blusa; o algodão azul-claro estava ensopado de meu sangue. Meu ombro direito estava coberto de uma espessa crosta rosada.

— Eu estou bem. — A voz de Edward não tinha emoção. — Vai precisar se trocar. Charlie teria um infarto se a visse desse jeito. Vou pedir a Alice para lhe arrumar alguma roupa. — Ele saiu de novo pela porta da cozinha.

Olhei ansiosa para Carlisle.

— Ele está muito aborrecido.

— Sim — concordou Carlisle. — Esta noite aconteceu exatamente o tipo de situação que ele mais teme. Você em perigo devido ao que somos.

— Não é culpa dele.

— Nem sua.

Olhei em seus lindos olhos sábios. Não podia concordar com aquilo.

Carlisle me ofereceu a mão e me ajudou a sair da mesa. Eu o segui para a sala principal. Esme voltara; estava limpando o chão onde eu havia caído — com água sanitária, a julgar pelo cheiro que senti.

— Esme, deixe que eu faça isso. — Eu podia sentir meu rosto vermelho de novo.

— Já terminei. — Ela sorriu para mim. — Como se sente?

— Bem — garanti. — Carlisle costura mais rápido do que qualquer outro médico que conheci.

Os dois riram.

Alice e Edward entraram pela porta dos fundos. Alice correu para meu lado, mas Edward ficou para trás, o rosto indecifrável.

— Vamos — disse ela. — Vou lhe dar alguma peça menos macabra para vestir.

Ela encontrou para mim uma blusa de Esme que era de uma cor próxima à que eu usava. Charlie nem perceberia, disso eu tinha certeza. A longa atadura branca em meu braço não parecia mais tão grave, agora que eu não estava mais suja de sangue. Charlie nunca se surpreendeu por me ver de curativo.

— Alice — sussurrei quando ela voltava à porta.

— Sim? — Ela também manteve a voz baixa e olhou para mim com curiosidade, a cabeça tombada de lado.

— A coisa está muito ruim? — Eu não podia ter certeza se meus sussurros

eram um esforço inútil. Embora estivéssemos no segundo andar, a portas fechadas, talvez ele pudesse me ouvir.

O rosto de Alice ficou tenso.

— Ainda não tenho certeza.

— Como está Jasper?

Ela suspirou.

— Está muito infeliz. Isso tudo é um desafio muito maior para Jasper, e ele odeia se sentir fraco.

— Não é culpa dele. Você vai dizer a ele que não estou chateada, de maneira alguma, não vai?

— Claro que vou.

Edward estava esperando por mim na porta da frente. Quando cheguei ao pé da escada, ele abriu a porta sem dizer uma palavra.

— Leve suas coisas! — gritou Alice, enquanto eu andava com cautela até Edward. Ela pegou os dois pacotes, um aberto pela metade, e minha câmera no piano, e os colocou em meu braço bom. — Pode me agradecer depois, quando tiver aberto.

Esme e Carlisle deram um boa-noite em voz baixa. Vi que eles trocavam olhares rápidos com o filho, tão impassível quanto eu.

Foi um alívio sair dali; passei correndo pelas lanternas e pelas rosas, agora lembretes inadequados. Edward me acompanhou em silêncio. Abriu a porta do carona para mim e eu entrei sem me queixar.

No painel havia uma grande fita vermelha, presa ao novo sistema de som. Eu a arranquei, atirando-a no chão. Assim que Edward entrou pelo outro lado, chutei a fita para baixo de meu banco.

Ele não olhou para mim, nem para o som. Nenhum de nós o ligou, e o silêncio de algum modo foi intensificado pelo ronco súbito do motor. Ele dirigiu rápido demais pela rua escura e sinuosa.

O silêncio estava me deixando louca.

— Diga alguma coisa — pedi, por fim, enquanto ele entrava na estrada.

— O que quer que eu diga? — perguntou, numa voz indiferente.

Eu me encolhi com seu distanciamento.

— Diga que me perdoa.

Isso trouxe uma chama de vida a seu rosto — uma chama de raiva.

— Perdoar você? Pelo quê?

— Se eu tivesse sido mais cuidadosa, nada teria acontecido.

— Bella, você se cortou com papel... Isso não é motivo para pena de morte.

— Ainda é minha culpa.

Minhas palavras abriram a comporta.

— Sua culpa? Se você tivesse se cortado na casa de Mike Newton, com Jessica, Angela e seus outros amigos normais, qual seria a pior coisa que poderia acontecer? Talvez eles não achassem um curativo? Se você tivesse tropeçado e caído sozinha em uma pilha de pratos de vidro... sem que ninguém a atirasse nela... mesmo assim, qual seria a pior consequência? Você teria sangrado no banco do carro enquanto eles a levavam para o pronto-socorro? Mike Newton poderia ter segurado sua mão enquanto eles a suturavam... E ele não teria reprimido o impulso de matá-la enquanto estivesse por lá. Não tente assumir responsabilidade por nada disso, Bella. Só me deixará mais revoltado comigo mesmo.

— Como é que Mike Newton veio parar nesta conversa? — perguntei.

— Mike Newton parou nesta conversa porque Mike Newton seria uma companhia muito mais saudável para você — rosnou ele.

— Eu prefiro morrer a ficar com Mike Newton — protestei. — Prefiro morrer a ficar com alguém que não seja você.

— Por favor, não seja melodramática.

— Então não seja ridículo.

Ele não respondeu. Olhou pelo para-brisa, a expressão sombria.

Revirei meu cérebro, procurando alguma ideia para salvar a noite. Quando encostamos na frente de minha casa, eu ainda não tinha pensado em nada.

Ele desligou o motor, mas as mãos continuavam grudadas ao volante.

— Vai passar a noite aqui? — perguntei.

— Tenho que ir para casa.

A última coisa que eu queria era que ele se afundasse em remorso.

— Por meu aniversário — pressionei.

— Não pode ter as duas coisas... Ou quer que as pessoas ignorem seu aniversário, ou não. Ou uma, ou outra.

Sua voz era severa, mas não tão séria quanto antes. Soltei um suspiro silencioso de alívio.

— Tudo bem. Decidi que não quero que você ignore meu aniversário. Vejo você lá em cima.

Eu saí do carro, pegando meus pacotes. Ele franziu o cenho.

— Não precisa levar isso.

— Eu quero — respondi automaticamente e depois me perguntei se ele estava usando de psicologia reversa.

— Não quer, não. Carlisle e Esme gastaram dinheiro com você.

— Vou sobreviver a isso. — Desajeitada, enfiei os presentes sob o braço bom e bati a porta. Em menos de um segundo ele tinha saído do carro e estava a meu lado.

— Pelo menos me deixe levar — disse ele ao pegá-los. — Estarei em seu quarto.

Eu sorri.

— Obrigada.

— Feliz aniversário — ele suspirou e se inclinou para tocar meus lábios com os dele.

Fiquei na ponta dos pés para que o beijo durasse mais quando ele se afastou. Ele abriu meu sorriso torto preferido e desapareceu na escuridão.

O jogo ainda não havia acabado; assim que passei pela porta da frente, pude ouvir o narrador divagando mais alto que o murmúrio da multidão.

— Bell? — chamou Charlie.

— Oi, pai — eu disse ao aparecer no canto. Mantive o braço junto do corpo. A leve pressão provocou ardência e franzi o nariz. Ao que parecia, estava passando o efeito do anestésico.

— Como foi? — Charlie estava estendido no sofá, com os pés descalços no braço do móvel. O que restava de seu cabelo castanho crespo estava achatado na lateral.

— Alice exagerou. Flores, bolo, velas, presentes... O pacote completo.

— O que eles deram a você?

— Um som para meu carro. — E várias incógnitas.

— Puxa vida.

— É — concordei. — Bom, vou dormir.

— Vejo você de manhã.

Eu acenei.

— Tchau.

— O que aconteceu com seu braço?

Eu me virei e xinguei em silêncio.

— Tropecei. Não foi nada.

— Bella — suspirou ele, sacudindo a cabeça.

— Boa noite, pai.

Corri para o banheiro, onde eu mantinha o pijama para noites como essa. Vesti o conjunto de blusa e calça de algodão que agora substituía os moletons furados que antes eu usava para dormir, estremecendo quando o movimento puxou os pontos da sutura. Lavei o rosto com uma só mão, escovei os dentes e pulei para meu quarto.

Ele estava sentado no meio da cama, brincando ociosamente com uma das caixas prateadas.

— Oi — disse. Sua voz era triste. Ele estava chateado.

Fui para a cama, tirei os presentes das mãos dele e subi em seu colo.

— Oi. — Eu me aninhei no peito de pedra. — Posso abrir meus presentes agora?

— De onde veio esse entusiasmo todo? — perguntou ele.

— Você me deixou curiosa.

Peguei o retângulo comprido e achatado que devia ser de Carlisle e Esme.

— Permita-me — sugeriu ele. Ele pegou o presente de minha mão e rasgou o papel prateado com um único movimento. Entregou-me a caixa branca retangular.

— Tem certeza de que consigo levantar a tampa? — murmurei, mas ele me ignorou.

Dentro da caixa havia uma longa folha de papel grosso com uma quantidade imensa de letras impressas. Levei um minuto para entender a essência daquelas informações.

— Nós vamos a Jacksonville? — E eu fiquei animada, contra minha vontade. Eram passagens de avião, para mim e para Edward.

— A ideia é essa.

— Nem acredito. Renée vai ficar louca! Mas você não se importa, não é? É ensolarado, você terá que ficar entre quatro paredes o dia inteiro.

— Acho que posso lidar com isso — disse ele, depois franziu o cenho. — Se

eu fizesse alguma ideia de que você ia reagir de modo assim tão adequado a um presente, eu a teria feito abrir na frente de Carlisle e Esme. Pensei que você fosse reclamar.

— Bom, é claro que é demais. Mas vou levar você comigo!

Ele riu.

— Agora eu queria ter gastado dinheiro com seu presente. Não percebi que você era capaz de ser razoável.

Coloquei as passagens de lado e peguei o presente dele, minha curiosidade inflamada de novo. Ele o tirou da minha mão e o desembrulhou, como fizera com o primeiro.

Edward me passou uma caixa de CD sem capa, com um CD prateado dentro dela.

— O que é? — perguntei, perplexa.

Ele não disse nada; tirou o CD e estendeu o braço em volta de mim para pegar o CD player na mesinha de cabeceira. Apertou play e esperou em silêncio. Depois a música começou.

Eu ouvi, muda e de olhos arregalados. Sabia que ele esperava por minha reação, mas eu não conseguia falar. As lágrimas encheram meus olhos e as enxuguei antes que elas pudessem cair.

— Seu braço está doendo? — perguntou ele, angustiado.

— Não, não é meu braço. É lindo, Edward. Não poderia ter me dado nada que eu amasse mais. Eu nem acredito. — Fiquei quieta para poder ouvir.

Era a música dele, as composições dele. A primeira peça no CD era minha cantiga de ninar.

— Não achei que me deixaria comprar um piano para eu tocar para você aqui — explicou ele.

— E tem razão.

— Como está seu braço?

— Está bem. — Na verdade, começava a arder por baixo do curativo. Eu queria gelo. Teria sossegado com a mão dele, mas isso me entregaria.

— Vou pegar um Tylenol para você.

— Não preciso de nada — protestei. Mas ele me tirou do colo e foi para a porta.

— Charlie — sibilei. Charlie não estava exatamente ciente de que Edward

costumava ficar aqui. Na verdade, ele infartaria se o fato chegasse a seu conhecimento. Mas eu não me sentia muito culpada por enganá-lo. Não era como se estivéssemos prestes a fazer alguma coisa que ele não queria que eu fizesse. Edward e suas regras...

— Ele não vai me pegar — prometeu Edward ao desaparecer sem fazer barulho pela porta... e voltar, chegando à porta antes que ela tocasse o batente. Ele trazia o copo do banheiro e o frasco de comprimidos em uma das mãos.

Peguei sem questionar os comprimidos que ele me entregou — eu sabia que perderia a discussão. E meu braço estava mesmo começando a incomodar.

Minha cantiga de ninar continuava, suave e linda, ao fundo.

— Está tarde — observou Edward.

Ele me levantou da cama com um braço e puxou o cobertor com o outro. Deitou-me com a cabeça no travesseiro e prendeu o cobertor em volta de mim. Deitou-se a meu lado — por cima do cobertor, para que eu não ficasse com frio — e passou o braço por meu corpo. Encostei a cabeça em seu ombro e suspirei, feliz.

— Obrigada de novo — sussurrei.

— Não há de quê.

Fez-se silêncio por um momento, enquanto eu ouvia minha cantiga de ninar se aproximar do fim. Começou outra música. Reconheci a preferida de Esme.

— No que está pensando? — perguntei, num sussurro.

Ele hesitou por um segundo antes de me dizer.

— Estava pensando no certo e no errado.

Senti um arrepio gelado percorrer minha espinha.

— Lembra que eu decidi que você não deveria ignorar meu aniversário? — perguntei logo, esperando que não ficasse claro demais que eu queria distraí-lo.

— Sim — concordou ele, cauteloso.

— Bom, eu estava pensando, uma vez que ainda é meu aniversário, que eu gostaria que me beijasse de novo.

— Está gananciosa esta noite.

— Sim, estou... Mas, por favor, não faça nada que não queira — acrescentei, irritada.

Ele riu, depois suspirou.

— Deus me livre de fazer algo que eu não queira — disse ele num tom

estranhamente desesperado ao colocar a mão sob meu queixo e puxar meu rosto para o dele.

O beijo começou normal — Edward foi cuidadoso, como sempre, e meu coração começou uma reação exagerada, como sempre. E depois algo pareceu mudar. De repente seus lábios ficaram muito mais urgentes, sua mão livre girava por meu cabelo e segurava meu rosto com firmeza no dele. E, embora minhas mãos também mexessem em seu cabelo, embora eu claramente estivesse começando a atravessar os limites da cautela, desta vez ele não me impediu. Seu corpo era frio no cobertor fino, mas eu me espremi contra ele com ansiedade.

Quando parou, foi repentino; ele me afastou com as mãos firmes e gentis.

Eu desabei no travesseiro, arfando, minha cabeça girava. Algo surgia em minha lembrança, esquivo, nas margens.

— Desculpe — disse Edward, e ele também estava sem fôlego. — Isso não estava nos planos.

— Eu não me importo — disse, ofegando.

Ele franziu a testa para mim no escuro.

— Procure dormir, Bella.

— Não, quero que me beije de novo.

— Está superestimando meu autocontrole.

— O que é mais tentador para você: meu sangue ou meu corpo? — eu o desafiei.

— Dá empate. — Ele abriu um breve sorriso, contra a vontade, depois ficou sério de novo. — Agora, por que não para de abusar da sorte e vai dormir?

— Tudo bem — concordei, aninhando-me mais perto dele.

Já me sentia exausta. Fora um longo dia em muitos aspectos, e no entanto não senti alívio algum com seu fim. Era quase como se algo pior fosse acontecer no dia seguinte. Era uma premonição boba — o que podia ser pior do que aquele dia? Era o choque que só agora me ocorria, sem dúvida.

Tentando me esquivar dessa sensação, apertei o braço machucado contra o ombro dele, para que sua pele fria atenuasse a ardência. Melhorou imediatamente.

Eu estava meio adormecida, talvez mais, quando percebi o que o beijo dele me lembrou: na primavera passada, quando precisou me deixar para desviar James de mim, Edward me deu um beijo de despedida, sem saber quando — ou se — nos veríamos outra vez. Este beijo teve o mesmo toque quase doloroso por um motivo

que eu não conseguia perceber. Estremeci em minha inconsciência, como se já estivesse tendo um pesadelo.

3. O FIM

PELA MANHÃ, EU ME SENTIA ABSOLUTAMENTE HORRÍVEL. Não tinha dormido bem; meu braço queimava e a cabeça doía. Não ajudou em nada o fato de que o rosto de Edward estivesse calmo e distante quando ele beijou minha testa às pressas e saiu pela janela do quarto. Eu tinha medo do tempo que passara inconsciente, medo de que mais uma vez ele tivesse pensado no certo e no errado enquanto me via dormir. A angústia parecia intensificar o latejar em minha cabeça.

Edward esperava por mim na escola, como sempre, mas sua fisionomia ainda não estava boa. Havia algo no fundo de seus olhos que eu não conseguia entender — e isso me assustava. Eu não quis falar a respeito na noite anterior, mas não tinha certeza se seria pior evitar o assunto.

Ele abriu a porta para mim.

— Como você está?

— Perfeita — menti, encolhendo-me quando a batida da porta ecoou em minha cabeça.

Andamos em silêncio, ele diminuindo o ritmo para me acompanhar. Havia tantas perguntas que eu queria fazer, mas a maioria delas teria de esperar, porque eram para Alice: Como estava Jasper esta manhã? O que eles disseram quando fui embora? O que Rosalie disse? E, mais importante, o que ela achava que ia acontecer agora, pelas visões estranhas e imperfeitas que tinha do futuro? Ela poderia adivinhar o que Edward estava pensando, por que ele estava tão sombrio? Haveria fundamento para os medos sutis e instintivos que eu não conseguia afugentar?

A manhã passou devagar. Fiquei impaciente para ver Alice, embora não pudesse de fato conversar com ela na presença de Edward. Ele continuou indiferente. De vez em quando, perguntava sobre meu braço, e eu mentia.

Alice, em geral, chegava antes de nós no almoço; ela não precisava acompanhar uma lerda como eu. Mas ela não estava à mesa, esperando com uma bandeja de comida que não ia consumir.

Edward não disse nada sobre a ausência dela. Imaginei se sua aula teria se estendido até mais tarde — até que vi Conner e Ben, que frequentavam a aula de francês com ela no quarto tempo.

— Onde está Alice? — perguntei a Edward ansiosa.

Ao responder, ele olhava a barra de granola que quebrava devagar com as pontas dos dedos.

— Está com Jasper.

— Ele está bem?

— Ele se afastou por um tempo.

— O quê? Para onde?

Edward deu de ombros.

— Nenhum lugar específico.

— E Alice também — eu disse, num desespero mudo. É claro que, se Jasper precisava dela, ela também iria.

— Sim. Ela vai ficar fora por um tempo. Estava tentando convencê-lo a ir a Denali.

Era em Denali que morava o outro clã de vampiros singulares — bons, como os Cullen. Tanya e a família dela. De vez em quando eu ouvia falar deles. Edward tinha fugido para lá no inverno passado, quando minha chegada tornou Forks difícil para ele. Laurent, o membro mais civilizado do pequeno bando de James, tinha ido para lá em vez de ficar ao lado de James contra os Cullen. Fazia sentido para Alice incentivar Jasper a ir.

Engoli em seco, tentando desalojar o bolo repentino na garganta. A culpa fez minha cabeça explodir e meus ombros caírem. Eu os expulsara da própria casa, assim como Rosalie e Emmett. Eu era uma praga.

— Seu braço está incomodando? — perguntou ele, cheio de atenção.

— Quem liga para meu braço idiota? — murmurei, revoltada.

Ele não respondeu e eu baixei a cabeça na mesa.

No final do dia, o silêncio estava se tornando ridículo. Não queria que fosse quebrado por mim, mas, ao que parecia, essa seria a única opção se quisesse que Edward voltasse a falar comigo.

— Vai aparecer esta noite? — perguntei enquanto ele me acompanhava em silêncio até a picape. Ele sempre me acompanhava.

— Mais tarde?

Fiquei satisfeita por ele parecer surpreso.

— Tenho que trabalhar. Preciso compensar com a Sra. Newton por ter faltado ontem.

— Ah! — murmurou ele.

— Então, você vai quando eu estiver em casa, não vai? — Eu odiava me sentir, de repente, insegura com relação a isso.

— Se quiser.

— Eu sempre quero — lembrei a ele, talvez com uma intensidade um pouco maior do que a conversa exigia.

Eu esperava que ele risse, ou desse um sorriso, ou reagisse de algum modo às minhas palavras.

— Tudo bem, então — disse ele com indiferença.

Edward me deu outro beijo na testa antes de fechar a porta para mim. Depois virou as costas e saltou, gracioso, para o carro dele.

Consegui sair do estacionamento antes que o pânico realmente me atingisse, mas estava sem ar quando cheguei à loja dos Newton.

Ele só precisava de tempo, eu disse a mim mesma. Edward superaria aquilo. Talvez estivesse triste porque sua família estava desaparecendo. Mas Alice e Jasper voltariam em breve, e Rosalie e Emmett também. Se fosse de alguma ajuda, eu me manteria longe da grande casa branca na margem do rio — nunca mais colocaria os pés lá. Isso não importava. Ainda veria Alice na escola. Ela voltaria à escola, não é? E ela ia até minha casa o tempo todo. Não ia querer magoar os sentimentos de Charlie, afastando-se desse jeito.

Sem dúvida, eu também veria Carlisle com regularidade — no pronto-socorro.

Afinal, o que acontecera na noite passada não tinha sido nada. Nada acontecera. Eu caí — essa era a história de minha vida. Comparada com a primavera passada, parecia especialmente insignificante. James me quebrara os ossos e me deixara quase morta devido à perda de sangue — e, no entanto, Edward lidara com as semanas intermináveis no hospital muito melhor do que agora. Seria porque, desta vez, não era de um inimigo que ele precisava me proteger? Porque era o irmão dele?

Talvez fosse melhor se ele me levasse embora, em vez de a família dele se espalhar. Fiquei um pouco menos deprimida ao considerar todo o tempo

ininterrupto que teríamos sozinhos. Se ele conseguisse aguentar o ano letivo inteiro, Charlie não poderia fazer qualquer objeção. Podíamos ir para a faculdade, ou fingir que era o que estávamos fazendo, como Rosalie e Emmett este ano. Certamente, Edward podia esperar um ano. O que era um ano para um imortal? Nem para mim parecia muito tempo.

Consegui recuperar compostura suficiente para sair da picape e entrar na loja. Hoje Mike Newton havia chegado antes de mim, e sorriu e acenou quando entrei. Peguei meu avental, assentindo vagamente para ele. Ainda estava imaginando hipóteses agradáveis que consistiam em Edward fugindo comigo para vários lugares exóticos.

Mike interrompeu minha fantasia.

— Como foi seu aniversário?

— Argh — murmurei. — Fico feliz que tenha acabado.

Mike me olhou pelo canto do olho como se eu fosse louca.

O trabalho se arrastava. Eu queria ver Edward de novo, rezando para que ele tivesse superado o pior da situação, o que quer que fosse exatamente, quando o visse de novo. Não é nada, disse a mim mesma repetidas vezes. Tudo vai voltar ao normal.

O alívio que senti quando entrei na minha rua e vi o carro prata de Edward estacionado diante da minha casa foi dominador e estonteante. E me incomodou profundamente que fosse assim.

Corri para a porta da frente, chamando antes de entrar por completo.

— Pai? Edward?

Ao falar, eu podia ouvir a inconfundível música tema do SportsCenter da ESPN vindo da sala de estar.

— Aqui — gritou Charlie.

Pendurei minha capa de chuva e corri para o canto.

Edward estava na poltrona, meu pai no sofá. Os dois tinham os olhos grudados na tevê. O interesse era normal para meu pai. Mas não muito para Edward.

— Oi — eu disse baixinho.

— Ei, Bella — respondeu meu pai, sem desviar os olhos. — Acabamos de comer pizza fria. Acho que ainda está na mesa.

— Tudo bem.

Esperei na soleira da porta. Por fim, Edward olhou para mim com um sorriso educado.

— Vou logo depois de você — prometeu ele. Seus olhos se voltaram para a tevê.

Fiquei olhando por um minuto, chocada. Nenhum dos dois pareceu perceber. Eu podia sentir alguma coisa crescendo em meu peito, talvez pânico. Fugi para a cozinha.

A pizza não me interessava. Sentei em minha cadeira, botei as pernas para cima e abracei os joelhos. Algo estava muito errado, talvez mais errado do que eu percebera. O som de conversas e brincadeiras masculinas continuava vindo do televisor.

Tentei me controlar, raciocinar comigo mesma. Qual é a pior coisa que pode acontecer? Eu me encolhi. Esta era, sem dúvida, a pergunta errada. Eu tinha dificuldade de respirar direito.

Tudo bem, pensei novamente, qual é a pior coisa pela qual posso passar? Também não gostei muito desta pergunta. Mas pensei nas possibilidades que considerei hoje.

Ficar longe da família de Edward. É claro que ele não podia esperar que Alice compactuasse com isso. Mas se Jasper estava longe, isso diminuiria o tempo que eu teria com ela. Assenti para mim mesma — eu podia viver com isso.

Ou ir embora. Talvez ele não quisesse esperar até o final do ano letivo, talvez tivesse de ser agora.

Na minha frente, na mesa, os presentes de Charlie e de Renée estavam onde eu os havia deixado, a câmera que não tive a oportunidade de usar na casa dos Cullen ao lado do álbum. Toquei a capa bonita do álbum de retratos que minha mãe me dera e suspirei, pensando em Renée. De algum modo, viver sem ela por tanto tempo não tornava mais fácil para mim a ideia de uma separação mais permanente. E Charlie continuaria aqui completamente sozinho, abandonado. Os dois ficariam tão magoados...

Mas voltaríamos, não é? Viríamos de visita, é claro, não viríamos?

Eu não podia ter certeza dessa resposta.

Encostei o rosto no joelho, olhando para as provas concretas do amor de meus pais. Eu sabia que o caminho que escolhi seria difícil. E, afinal, eu estava pensando na pior hipótese — a pior pela qual eu pudesse passar.

Toquei o álbum de novo, virando a capa. Já havia cantoneiras de metal para segurar a primeira foto. Não era má ideia fazer um registro de minha vida aqui. Senti o impulso estranho de começar. Talvez não me restasse muito tempo em Forks.

Brinquei com a alça da câmera, perguntando-me sobre a primeira foto do rolo. Poderia surgir alguma imagem parecida com o original? Eu duvidava disso, mas ele não demonstrou preocupação com a possibilidade de não aparecer na foto. Sorri comigo mesma, pensando em seu riso despreocupado na noite anterior. O sorriso desapareceu. Tanto havia mudado, e tão de repente. A ideia me deixou meio tonta, como se eu estivesse parada na beira de um precipício de algum lugar muito alto.

Não queria mais pensar nisso. Peguei minha câmera e subi a escada.

Meu quarto não mudara quase nada nos dezessete anos desde que minha mãe estivera aqui. As paredes ainda eram azul-claras, as mesmas cortinas de renda amarelada pendiam diante da janela. Havia uma cama, em vez de um berço, mas ela reconheceria a manta desarrumada por cima dela — fora um presente de minha avó.

Apesar disso, tirei uma foto de meu quarto. Não havia muito mais a fazer esta noite — estava escuro demais lá fora e a sensação ficava mais forte, agora era quase uma compulsão. Eu registraria tudo sobre Forks antes de ter de partir.

A mudança estava vindo. Eu podia sentir. Não era uma perspectiva agradável, não quando a vida era perfeita do jeito que estava.

Levei algum tempo para descer a escada, com a câmera na mão, tentando ignorar a agonia em meu estômago ao pensar na estranha distância que eu não queria ver nos olhos de Edward. Ele ia superar isso. Provavelmente, estava preocupado que eu me aborrecesse quando ele me pedisse para ir embora. Eu o deixaria lidar com isso sem me intrometer. E estaria preparada quando ele pedisse.

Estava com a câmera pronta ao chegar na sala, andando de modo furtivo. Tinha certeza de que não era possível pegar Edward de surpresa, mas ele não olhou. Senti um breve tremor, como se algo gelado revirasse em minha barriga; ignorei a sensação e bati a foto.

Os dois olharam para mim, Charlie de testa franzida. A cara de Edward era vazia, sem expressão.

— O que está fazendo, Bella? — reclamou Charlie.

— Ah, sem essa. — Fingi sorrir ao me sentar no chão diante do sofá em que Charlie se espreguiçava. — Você sabe que mamãe vai ligar logo para saber se estou usando meus presentes. Tenho de fazer alguma coisa antes que ela fique magoada.

— Mas por que está tirando fotos de mim? — rosnou ele.

— Porque você é lindo — respondi, mantendo o ânimo. — E porque, como comprou a câmera, tem a obrigação de ser um de meus modelos.

Ele murmurou alguma frase ininteligível.

— Ei, Edward — eu disse com uma indiferença admirável. — Tire uma de mim e meu pai juntos.

Entreguei a câmera a ele, com o cuidado de evitar seus olhos, e me ajoelhei ao lado do braço do sofá, onde estava o rosto de Charlie, que suspirou.

— Você tem que sorrir, Bella — murmurou Edward.

Fiz o melhor que pude e o flash da câmera disparou.

— Deixem que eu tire uma de vocês, crianças — sugeriu Charlie.

Eu sabia que ele só estava tentando desviar dele mesmo o foco da câmera.

Edward se levantou e jogou a câmera para ele cuidadosamente.

Fui me colocar ao lado de Edward, e a composição me pareceu formal e estranha. Ele pôs a mão de leve em meu ombro e eu abracei mais forte sua cintura. Eu queria olhar no rosto dele, mas tive medo.

— Sorria, Bella — lembrou-me Charlie de novo.

Respirei fundo e sorri. O flash me cegou.

— Chega de fotos por hoje — disse Charlie então, enfiando a câmera numa fresta das almofadas do sofá e rolando sobre ela. — Não precisa usar o filme todo agora.

Edward tirou a mão de meu ombro e livrou-se com delicadeza de meu braço. Voltou a se sentar na poltrona.

Eu hesitei, depois me sentei encostada no sofá de novo. De repente senti tanto medo que minhas mãos tremiam. Apertei-as contra a barriga para escondê-las, coloquei o queixo nos joelhos e fitei a tela da tevê diante de mim, sem ver nada.

Quando o programa terminou, não me mexi nem um centímetro. Pelo canto do olho, vi Edward se levantar.

— É melhor eu ir para casa — disse ele.

Charlie não desviou os olhos do comercial.

— Tchau.

Coloquei-me desajeitada de pé — eu estava rígida de ficar sentada tão imóvel — e acompanhei Edward até a porta da frente. Ele foi direto para o carro.

— Vai ficar? — perguntei, sem esperança na voz.

Já sabia qual seria a resposta dele, então não doeu tanto assim.

— Esta noite não.

Não pedi um motivo para isso.

Ele entrou no carro e arrancou enquanto eu estava parada ali, sem me mexer. Mal percebi que chovia. Esperei, sem saber o que aguardava, até que a porta se abriu atrás de mim.

— Bella, o que você está fazendo? — perguntou Charlie, surpreso por me ver parada ali, sozinha e tomando chuva.

— Nada. — Virei-me e cambaleei de volta para casa.

Foi uma noite longa, com pouco descanso.

Levantei assim que uma luz fraca entrou pela janela. Vesti-me mecanicamente para a escola esperando que o tempo clareasse, e depois que comi uma tigela de cereais concluí que havia luz suficiente para as fotos. Tirei uma da minha picape, depois uma da frente da casa. Virei-me e tirei algumas do bosque ao lado da casa de Charlie. Engraçado como não parecia sinistro como costumava ser. Percebi que ia sentir falta disso — do verde, daquele caráter eterno, do mistério do bosque. De tudo.

Coloquei a câmera na mochila da escola antes de sair. Tentei me concentrar em meu novo projeto, em vez de pensar que Edward pelo visto não tinha superado os acontecimentos durante a noite.

Junto com o medo, eu começava a sentir impaciência. Quanto tempo isso duraria?

Durou a manhã inteira. Ele andou em silêncio ao meu lado, sem parecer olhar realmente para mim. Tentei me concentrar nas aulas, mas nem a de inglês conseguiu prender minha atenção. O Sr. Berty teve de repetir a pergunta sobre Lady Capuleto duas vezes antes que eu percebesse que estava falando comigo. Edward sussurrou a resposta correta e voltou a me ignorar.

No almoço, o silêncio continuou. Achei que ia começar a gritar a qualquer momento, então, para me distrair, inclinei-me por sobre a linha invisível da mesa

e falei com Jessica.

— Ei, Jess?

— Que foi, Bella?

— Pode me fazer um favor? — perguntei, pegando minha mochila. — Minha mãe quer que eu tire algumas fotos de meus amigos para um álbum. Então, tire umas fotos de todo mundo, está bem?

Entreguei a câmera a ela.

— Claro — disse ela, sorrindo, e se virou para fazer uma foto indiscreta de Mike com a boca cheia.

Seguiu-se uma previsível batalha de fotos. Eu os vi passar a câmera pela mesa, rindo, paquerando e reclamando por aparecer no filme. Parecia estranhamente infantil. Talvez hoje eu não estivesse com humor para o comportamento humano normal.

— Epa — disse Jessica, desculpando-se ao devolver a câmera. — Parece que usamos todo o seu filme.

— Está tudo bem. Acho que já tirei fotos de tudo mais que precisava.

Depois da escola, Edward andou em silêncio comigo até o estacionamento. Eu tinha de trabalhar de novo, e desta vez fiquei feliz. Era óbvio que ficar comigo não estava ajudando. Talvez um tempo sozinho fosse melhor.

A caminho da loja dos Newton, deixei meu filme para revelar, depois peguei as fotos prontas ao sair do trabalho. Em casa, cumprimentei Charlie com afobação, peguei uma barra de granola na cozinha e corri para meu quarto com o envelope de fotos enfiado debaixo do braço.

Sentei-me no meio da cama e abri o envelope com uma curiosidade cautelosa. Era ridículo, mas eu ainda esperava um pouco que a primeira foto estivesse em branco.

Quando a retirei, suspirei alto. Edward estava lindo como na vida real, fitando-me da foto com aqueles olhos calorosos dos quais senti falta nos últimos dias. Era quase um mistério que alguém pudesse ser tão... tão... indescritível. Nem mil palavras podiam equivaler àquela foto.

Folheei com pressa as outras da pilha, depois coloquei três delas na cama, lado a lado.

A primeira era a de Edward na cozinha, os olhos calorosos com um toque de diversão tolerante. A segunda era de Edward e Charlie, assistindo à ESPN. A

diferença na expressão de Edward era patente. Aqui os olhos eram cuidadosos e reservados. Ainda era incrivelmente bonito, mas o rosto estava mais frio, mais como uma escultura, menos vivo.

A última era a foto de Edward e eu, lado a lado, desajeitados. A expressão de Edward era a mesma da última, fria e de estátua. Mas não era essa a parte mais perturbadora da foto. O contraste entre nós dois era doloroso. Ele parecia um deus. Eu era medíocre, até para uma humana, quase vergonhosamente simples. Virei a foto com sensação de repulsa.

Em vez de fazer o dever de casa, fiquei acordada colocando as fotos no álbum. Com uma caneta esferográfica, escrevi legendas embaixo de todas as fotos, os nomes e as datas. Cheguei à foto de Edward comigo e, sem olhar muito tempo para ela, dobrei-a ao meio e a enfiei sob as cantoneiras de metal, com Edward virado para cima.

Quando terminei, coloquei o segundo grupo de fotos em um envelope novo e escrevi uma longa carta de agradecimento para Renée.

Edward ainda não tinha aparecido. Eu não queria admitir que ele era o motivo de eu ficar acordada até tão tarde, mas é claro que era. Tentei me lembrar da última vez que ele ficara longe desse jeito, sem uma desculpa, um telefonema... Ele nunca tinha feito isso.

Mais uma vez, não dormi bem.

Na escola seguiu-se o padrão de silêncio, frustração e pavor dos dois dias anteriores. Foi um alívio ver Edward esperando por mim no estacionamento, mas a sensação logo desapareceu. Ele não estava diferente, a não ser, talvez, mais distante.

Era difícil até me lembrar do motivo para toda essa confusão. Meu aniversário já parecia pertencer a um passado distante. Se ao menos Alice voltasse. Logo. Antes que tudo saísse ainda mais de controle.

Mas eu não podia contar com isso. Decidi que se não conseguisse conversar com ele, conversar mesmo, ia procurar Carlisle no dia seguinte. Eu precisava agir.

Depois da aula, Edward e eu resolveríamos isso, prometi a mim mesma. Eu não ia aceitar nenhuma desculpa.

Ele me acompanhou até a picape e eu criei coragem para fazer minhas exigências.

— Importa-se se eu aparecer hoje? — perguntou ele antes de chegarmos ao

carro, antecipando-se.

— É claro que não.

— Agora? — perguntou novamente, abrindo a porta para mim.

— Claro. — Mantive o tom firme, embora não gostasse da urgência na voz dele. — No caminho, vou colocar uma carta no correio para Renée. Encontro você lá.

Ele olhou o envelope volumoso no banco do carona. De repente, estendeu o braço por mim e o pegou.

— Eu faço isso — disse baixinho. — E ainda vou chegar em sua casa antes de você. — Ele abriu meu sorriso torto preferido, mas era o sorriso errado. Não chegava aos olhos dele.

— Tudo bem — concordei, incapaz de sorrir também.

Ele fechou a porta e foi para o próprio carro.

Edward chegou antes de mim. Tinha estacionado na vaga de Charlie quando parei na frente da casa. Isso era mau sinal. Então, ele não pretendia ficar. Sacudi a cabeça e respirei fundo, tentando reunir alguma coragem.

Quando desci da picape, ele saiu do carro e veio ao meu encontro. Estendeu a mão para pegar minha mochila com os livros. Isso era normal. Mas ele a colocou no banco traseiro do carro. Isso não era normal.

— Vamos dar uma caminhada — sugeriu numa voz sem emoção, pegando minha mão.

Não respondi. Não conseguia pensar numa forma de protestar, mas imediatamente sabia que queria fazer isso. Eu não estava gostando. Isso é ruim, é muito ruim, a voz na minha cabeça repetia sem parar.

Mas ele não esperou por uma resposta. Puxou-me para o lado leste do jardim, onde o bosque o invadia. Eu o segui de má vontade, tentando pensar em meio ao pânico. Era o que eu queria, lembrei a mim mesma. A oportunidade de discutir tudo isso. Então, por que o pânico me sufocava?

Demos somente alguns passos entre as árvores quando ele parou. Mal estávamos na trilha — eu ainda podia ver a casa.

Uma caminhada.

Edward encostou numa árvore e me fitou, a expressão indecifrável.

— Tudo bem, vamos conversar — eu disse. Pareci mais corajosa do que me sentia.

Ele respirou fundo.

— Bella, nós vamos embora.

Respirei fundo também. Era uma opção aceitável. Pensei que estivesse preparada. Mas ainda precisei perguntar.

— Por que agora? Mais um ano...

— Bella, está na hora. Afinal, quanto tempo mais poderemos ficar em Forks? Carlisle não pode passar dos 30, e ele agora diz ter 33. Logo teremos de recomeçar, de qualquer forma.

A resposta dele me confundiu. Pensei que o sentido de ir embora era deixar que sua família vivesse em paz. Por que tínhamos de ir embora se eles estavam partindo? Olhei para Edward, tentando entender o que ele queria dizer.

Ele me encarou com frieza.

Com uma onda de náusea, percebi que tinha entendido mal.

— Quando você diz nós... — sussurrei.

— Quero dizer minha família e eu. — Cada palavra separada e distinta.

Balancei a cabeça para trás e para a frente mecanicamente, tentando organizá-la. Ele esperou sem nenhum sinal de impaciência. Precisei de alguns minutos para conseguir falar.

— Tudo bem — eu disse. — Vou com você.

— Não pode, Bella. Aonde vamos... não é o lugar certo para você.

— Onde você está é o lugar certo para mim.

— Não sou bom para você, Bella.

— Não seja ridículo. — Queria aparentar raiva, mas pareceu apenas que eu estava implorando. — Você é a melhor parte da minha vida.

— Meu mundo não é para você — disse ele de maneira sombria.

— O que aconteceu com Jasper... Não foi nada, Edward! Nada!

— Tem razão — concordou ele. — Foi exatamente o esperado.

— Você prometeu! Em Phoenix, você prometeu que ficaria...

— Desde que fosse o melhor para você — ele interrompeu para me corrigir.

— Não! Tem a ver com a minha alma, não é? — eu gritava, furiosa, as palavras saindo de mim numa explosão. De algum modo, ainda parecia uma súplica. — Carlisle me falou disso, e eu não me importo, Edward. Não me importo! Você pode ter minha alma. Não a quero sem você... Ela já é sua!

Ele respirou fundo e por um longo momento encarou o chão, sem ver. Sua

boca se retorceu um pouco. Quando enfim ele se voltou para mim, seus olhos estavam diferentes, mais duros — como se o ouro líquido tivesse solidificado.

— Bella, não quero que você venha comigo. — Ele pronunciou as palavras de modo lento e preciso, os olhos frios em meu rosto, observando-me absorver o que ele realmente estava dizendo.

Houve uma pausa enquanto eu repetia as palavras em minha cabeça algumas vezes, procurando seu verdadeiro significado.

— Você... não... me quer? — experimentei dizer, confusa pelo modo como as palavras soavam, colocadas nessa ordem.

— Não.

Eu olhei, sem compreender, nos olhos dele. Ele me fitava de volta sem desculpas. Seus olhos eram como topázio — duros, claros e muito profundos. Eu parecia poder enxergar dentro deles por quilômetros, e, no entanto, em nenhum lugar nas profundezas sem fim conseguia ver uma contradição para o que ele acabara de dizer.

— Bom, isso muda tudo. — Fiquei surpresa ao ver como minha voz parecia calma e razoável. Devia ser porque eu estava cem por cento entorpecida. Não conseguia entender o que ele me dizia. Ainda não fazia sentido algum.

Ele desviou os olhos para as árvores ao voltar a falar.

— É claro que sempre a amarei... de certa forma. Mas o que aconteceu na outra noite me fez perceber que está na hora de mudar. Porque... estou cansado de fingir ser uma coisa que não sou, Bella. Não sou humano. — Ele voltou a me olhar, e a superfície gelada de seu rosto perfeito não era humana. — Permiti que isso durasse tempo demais, e lamento.

— Não lamente. — Agora minha voz era só um sussurro; a consciência começava a me invadir, gotejando como ácido em minhas veias. — Não faça isso.

Ele simplesmente olhou para mim, e em seus olhos eu pude ver que minhas palavras chegaram tarde demais. Ele tinha feito.

— Você não é boa para mim, Bella. — Ele mudara de ideia, e eu não tinha argumentos. Eu sabia muito bem que não era boa o suficiente para ele.

Abri a boca para falar, depois voltei a fechá-la. Ele esperou, paciente, o rosto sem emoção alguma. Tentei novamente.

— Se... é isso que você quer.

Ele assentiu uma vez.

Todo o meu corpo ficou dormente. Eu não conseguia sentir nada abaixo do pescoço.

— Mas gostaria de lhe pedir um favor, se não for demais — disse ele.

Perguntei-me o que ele viu em meu rosto, porque algo passou pela expressão dele, uma reação. Mas, antes que eu pudesse identificar, ele recompôs as feições na mesma máscara serena.

— O que quiser — prometi, a voz um pouco mais forte.

Enquanto eu olhava, seus olhos congelados derreteram. O ouro tornou-se líquido de novo, fundido, ardendo nos meus com uma intensidade que me oprimia.

— Não cometa nenhuma imprudência, nenhuma idiotice — ordenou ele, agora sem aquele desligamento. — Entende o que estou dizendo?

Eu assenti, desamparada.

Seus olhos esfriaram e a distância voltou.

— Estou pensando em Charlie, é claro. Ele precisa de você. Cuide-se... por ele.

Assenti de novo.

— Vou me cuidar — sussurrei.

Ele pareceu relaxar um pouco.

— E, em troca, vou lhe fazer uma promessa — disse ele. — Prometo que esta será a última vez que vai me ver. Não voltarei. Não a farei passar por nada como isso novamente. Você poderá seguir com sua vida sem qualquer interferência minha. Será como se eu nunca tivesse existido.

Meus joelhos devem ter começado a tremer, porque de repente as árvores oscilaram. Eu podia ouvir o sangue martelando mais rápido do que o normal em meus ouvidos. A voz dele parecia distante.

Ele sorriu gentilmente.

— Não se preocupe. Você é humana... Sua memória não passa de uma peneira. O tempo cura todas as feridas para a sua espécie.

— E as suas lembranças? — perguntei. Parecia que havia algo preso em minha garganta, como se eu estivesse sufocando.

— Bem... — ele hesitou por um breve segundo — ... não vou esquecer. Mas minha espécie... Nós nos distraímos com muita facilidade. — Ele sorriu; o sorriso era tranquilo e aparecia em seus olhos.

Ele se afastou um passo de mim.

— Acho que isso é tudo. Não vamos incomodá-la de novo.

O plural atraiu minha atenção. Isso me surpreendeu; achava que perceber qualquer coisa estava além de minha capacidade.

— Alice não vai voltar — percebi. Não sei como ele me ouviu; as palavras não tinham som algum, mas ele pareceu entender.

Ele sacudiu a cabeça devagar, sempre olhando meu rosto.

— Não. Todos já foram. Fiquei para trás para lhe dizer adeus.

— Alice foi embora? — Minha voz descrente era inexpressiva.

— Ela queria se despedir, mas a convenci de que uma ruptura sem trauma seria o melhor para você.

Eu estava tonta; era difícil me concentrar. As palavras dele giravam em minha cabeça e ouvi o médico do hospital de Phoenix, na primavera anterior, enquanto me conduzia para a radiografia. Pode-se ver que é uma ruptura sem trauma, com os dedos acompanhando a imagem de meu osso quebrado. Isso é bom. Vai se curar com mais facilidade, com mais rapidez.

Tentei respirar num ritmo normal. Eu precisava me concentrar, encontrar uma forma de sair daquele pesadelo.

— Adeus, Bella — disse ele na mesma voz baixa e tranquila.

— Espere! — Eu me engasguei com a palavra, estendendo o braço para ele, obrigando minhas pernas dormentes a me levarem para a frente.

Pensei que ele também estivesse estendendo os braços para mim. Mas suas mãos frias se fecharam em meus pulsos e prenderam-nos ao lado de meu corpo. Ele se inclinou e tocou os lábios muito de leve na minha testa pelo mais breve dos instantes. Meus olhos se fecharam.

— Cuide-se — sussurrou ele, frio contra minha pele.

Veio uma brisa leve, nada natural. Meus olhos se abriram. As folhas de um pequeno bordo estremeceram com o vento suave de sua passagem.

Ele se fora.

Com as pernas trêmulas, ignorando o fato de que minha atitude era inútil, eu o segui para a floresta. O sinal de sua passagem desapareceu de imediato. Não havia pegadas, as folhas estavam imóveis de novo, mas avancei sem pensar. Não podia agir de outro modo. Precisava continuar em movimento. Se parasse de procurar por ele, estaria tudo acabado.

O amor, a vida, o significado... acabados.

Andei e andei. O tempo não fazia sentido enquanto eu avançava bem devagar pelo denso bosque. Passavam-se horas, mas também apenas segundos. Talvez eu tivesse a impressão de que o tempo congelara porque a floresta parecia a mesma, independentemente da distância que eu percorresse. Comecei a me preocupar que estivesse andando em círculos, um pequeno círculo, mas continuei andando. Tropecei várias vezes e, à medida que o dia escurecia, caí muitas vezes também.

Por fim, dei uma topada em alguma coisa — agora estava escuro, eu não fazia ideia do que prendera meu pé — e caí. Rolei de lado, para conseguir respirar, e me enrosquei nas samambaias úmidas.

Enquanto estava deitada ali, tive a sensação de que se passara mais tempo do que eu percebera. Não conseguia me lembrar de quanto tempo se passara desde o anoitecer. Será que ali era sempre tão escuro à noite? Com certeza, como sempre, alguns feixes da luz do luar se infiltrariam pelas nuvens, através das frestas no dossel das árvores, e encontrariam o chão.

Não naquela noite. Naquela noite o céu estava completamente negro. Talvez não houvesse lua — um eclipse lunar, uma lua nova.

Uma lua nova. Eu tremi, embora não estivesse com frio.

Ficou escuro por um longo tempo antes que eu os ouvisse chamando.

Alguém gritava meu nome. Era abafado, amortecido pelas plantas úmidas que me cercavam, mas sem dúvida era meu nome. Não reconheci a voz. Pensei em responder, mas estava confusa e precisei de um bom tempo para chegar à conclusão de que devia responder. Até lá, o chamado tinha cessado.

Algum tempo depois, a chuva me acordou. Não acho que eu realmente tenha dormido; só me perdi num estupor sem pensamentos, prendendo-me com todas as forças ao torpor que me impedia de perceber o que eu não queria.

A chuva me incomodava um pouco. Era fria. Soltei os braços que envolviam as pernas para cobrir o rosto.

Foi então que ouvi o chamado mais uma vez. Agora estava mais distante, e parecia que várias vozes me chamavam ao mesmo tempo. Tentei respirar fundo. Eu me lembrava de que devia responder, mas não achei que conseguiriam me ouvir. Eu seria capaz de gritar alto o suficiente?

De repente, houve outro som, assustadoramente perto. Uma espécie de fungadela, um ruído animal. Parecia grande. Perguntei-me se devia sentir medo.

Não senti — só torpor. Não importava. O farejar se afastou.

A chuva continuou e eu podia sentir a água empoçando em meu peito. Estava tentando reunir forças para virar a cabeça quando vi a luz.

No início era só um brilho fraco refletido nos arbustos ao longe. E foi se tornando cada vez mais forte, iluminando um grande espaço, ao contrário do feixe concentrado de uma lanterna. A luz atravessou o arbusto mais próximo e pude ver que era uma lanterna de propano, mas foi só o que consegui ver — a claridade me cegou por um momento.

— Bella.

A voz era grave e desconhecida, mas cheia de reconhecimento. Ele não chamava meu nome para me procurar, mas porque havia me encontrado.

Olhei para cima — parecia incrivelmente alto —, para a face escura que agora podia ver acima de mim. Eu tinha vaga noção de que o estranho só parecia tão alto porque minha cabeça ainda estava no chão.

— Machucaram você?

Sabia que as palavras significavam alguma coisa, mas só conseguia olhar para a frente, desnorteada. Como o significado poderia importar a essa altura?

— Bella, meu nome é Sam Uley.

Não havia nada de familiar no nome dele.

— Charlie me mandou procurar por você.

Charlie? Isso me lembrou de alguma coisa e tentei prestar mais atenção ao que ele estava dizendo. Charlie importava, se nada mais importasse.

O homem alto estendeu a mão. Olhei para ela, sem saber o que devia fazer.

Seus olhos escuros me avaliaram por um segundo, depois ele deu de ombros. Num movimento rápido e flexível, me tirou do chão e me colocou nos braços.

Fiquei pendurada ali, molenga, enquanto o homem andava rapidamente pelo bosque úmido. Alguma parte de mim sabia que isso devia me aborrecer — ser carregada por um estranho. Mas não havia mais nada em mim para ser contrariado.

Não pareceu ter passado muito tempo até que houvesse luzes e o balbuciar grave de muitas vozes masculinas. Sam Uley reduziu o passo ao se aproximar do tumulto.

— Eu a encontrei! — gritou ele numa voz de trovão.

O balbuciar cessou, depois recomeçou com mais intensidade. Um redemoinho

confuso de rostos se moveu acima de mim. A voz de Sam era a única que fazia sentido no caos, talvez porque meu ouvido estivesse encostado em seu peito.

— Não, não acho que esteja ferida — disse ele a alguém. — Ela só ficou dizendo "Ele foi embora".

Eu disse isso em voz alta? Mordi o lábio.

— Bella, querida, você está bem?

Esta era uma voz que eu reconheceria em qualquer lugar — mesmo distorcida, como agora, de preocupação.

— Charlie? — Minha voz parecia estranha e fraca.

— Estou bem aqui, garota.

Houve um remexer embaixo de mim, seguido pelo cheiro de couro da jaqueta de xerife de meu pai. Charlie cambaleou com meu peso.

— Talvez eu deva levá-la — sugeriu Sam Uley.

— Eu a levo — disse Charlie, meio sem fôlego.

Ele andou devagar, com esforço. Queria poder lhe dizer para me colocar no chão e me deixar andar, mas não consegui encontrar minha voz.

Havia luzes em toda parte, carregadas por uma multidão que andava com ele. Senti-me num desfile. Ou num cortejo fúnebre. Fechei os olhos.

— Estamos quase em casa, querida — murmurava Charlie de vez em quando.

Abri os olhos novamente quando ouvi a porta ser destrancada. Estávamos na varanda de nossa casa, e o homem alto e escuro chamado Sam segurava a porta para Charlie, um braço estendido para nós, como se estivesse se preparando para me pegar quando os braços de Charlie falhassem.

Mas Charlie conseguiu me levar pela porta até o sofá na sala de estar.

— Pai, estou toda molhada — reclamei, baixo.

— Isso não tem importância. — A voz dele estava rouca. E depois ele estava falando com outra pessoa. — Os cobertores estão no segundo andar.

— Bella? — perguntou uma nova voz. Olhei o homem grisalho inclinado sobre mim e o reconheci depois de alguns demorados segundos.

— Dr. Gerandy? — murmurei.

— Isso mesmo, querida — disse ele. — Está machucada, Bella?

Precisei de um minuto para pensar nisso. Eu estava confusa com a lembrança da pergunta semelhante de Sam Uley no bosque. Só que Sam tinha perguntado de outra maneira: Machucaram você?, dissera ele. A diferença parecia de algum

modo significativa.

O Dr. Gerandy esperava, uma sobrancelha grisalha erguida e as rugas da testa mais fundas.

— Não estou machucada — menti. As palavras eram bastante verdadeiras para o que ele perguntara.

Sua mão quente tocou minha testa e os dedos pressionaram a face interna de meu pulso. Observei seus lábios enquanto ele contava consigo mesmo, os olhos no relógio.

— O que aconteceu com você? — perguntou com calma.

Fiquei paralisada sob sua mão, sentindo o gosto do pânico no fundo da garganta.

— Você se perdeu no bosque? — incitou ele.

Eu sabia que havia várias outras pessoas ouvindo. Três homens altos com rosto moreno — de La Push, a reserva indígena quileute descendo pelo litoral, imaginei —, entre eles Sam Uley, estavam parados muito perto e me olhavam. O Sr. Newton estava ali com Mike e o Sr. Weber, pai de Angela; todos me olhavam mais de esguelha do que os estranhos. Outras vozes graves trovejavam da cozinha e do lado de fora da porta da frente. Metade da cidade devia estar procurando por mim.

Charlie estava mais perto. Ele se inclinou para ouvir minha resposta.

— Sim — sussurrei. — Eu me perdi.

O médico assentiu, pensativo, os dedos sondando delicadamente as glândulas sob meu queixo. O rosto de Charlie enrijeceu.

— Está cansada? — perguntou o Dr. Gerandy.

Eu assenti e fechei os olhos, obediente.

— Não acho que haja nada de errado com ela — ouvi o médico murmurar para Charlie logo depois. — É só exaustão. Deixe que ela durma e voltarei amanhã para vê-la. — Ele parou. Deve ter olhado o relógio, porque acrescentou: — Bem, na verdade hoje ainda, mais tarde.

Houve um rangido quando os dois se levantaram do sofá.

— É verdade? — sussurrou Charlie. As vozes agora eram mais distantes. Eu me esforcei para ouvir. — Eles foram embora?

— O Dr. Cullen nos pediu para não contar nada — respondeu o Dr. Gerandy. — A oferta foi muito repentina; tiveram de decidir de imediato. Carlisle não

queria fazer alarde de sua partida.

— Um pequeno aviso teria sido bom — grunhiu Charlie.

O Dr. Gerandy pareceu pouco à vontade quando respondeu.

— Sim, bem, nesta situação, eles poderiam ter avisado.

Eu não queria ouvir mais. Tateei em volta, procurando pela manta que alguém colocara em cima de mim, e a puxei sobre meus ouvidos.

Fiquei vagando entre o sono e a vigília. Ouvi Charlie sussurrar agradecimentos aos voluntários enquanto, um por um, eles saíam. Senti os dedos dele em minha testa e depois o peso de outro cobertor. O telefone tocou algumas vezes e ele correu para atender antes que pudesse me acordar. Ele murmurava palavras tranquilizadoras em voz baixa a quem ligava.

"Sim, nós a encontramos." "Ela está bem." "Ela se perdeu. Agora está bem", disse ele repetidas vezes.

Ouvi as molas da poltrona rangerem quando ele se acomodou ali para passar a noite.

Alguns minutos depois, o telefone tocou novamente.

Charlie gemeu enquanto se levantava, depois correu, tropeçando, até a cozinha. Afundei mais a cabeça no cobertor, sem querer ouvir a mesma conversa de novo.

— Sim — disse Charlie, e bocejou.

Sua voz mudou, era muito mais alerta quando voltou a falar.

— Onde? — Houve uma pausa. — Tem certeza de que é fora da reserva? — Outra pausa curta. — Mas o que poderia estar queimando lá? — Ele pareceu ao mesmo tempo preocupado e aturdido. — Espere, vou ligar para lá e verificar.

Ouvi com mais interesse enquanto ele discava um número.

— Oi, Billy, é o Charlie... Desculpe ligar a essa hora... Não, ela está bem. Está dormindo... Obrigado, mas não foi por isso que telefonei. Acabo de receber uma ligação da Sra. Stanley e ela disse que da janela do segundo andar ela vê fogo nos penhascos da praia, mas eu não... Oh! — De repente havia tensão em sua voz, irritação... ou raiva. — E por que estão fazendo isso? Arrã. É mesmo? — disse isso com sarcasmo. — Bom, não se desculpe a mim. Sim, sim. Só cuide para que o fogo não se espalhe... Sei, sei, estou surpreso que tenham acendido com esse clima.

Charlie hesitou e acrescentou, com relutância:

— Obrigado por mandar Sam e os outros rapazes. Você tinha razão... Eles conhecem o bosque melhor do que nós. Foi Sam quem a achou, então eu lhe devo uma... É, converso com você mais tarde — concordou ele, ainda amargo, antes de desligar.

Charlie murmurou algumas palavras incoerentes ao voltar se arrastando para a sala de estar.

— Qual é o problema? — perguntei.

Ele correu para meu lado.

— Desculpe se a acordei, querida.

— Tem algum incêndio?

— Não é nada — garantiu-me ele. — Só umas fogueiras no penhasco.

— Fogueiras? — perguntei. Minha voz não parecia curiosa. Parecia morta.

Charlie franziu o cenho.

— Uns garotos da reserva aprontando — explicou.

— Por quê? — perguntei, desanimada.

Eu sabia que ele não queria responder. Ele olhou para o chão.

— Estão comemorando a novidade. — Seu tom era amargurado.

Só havia uma novidade em que eu podia pensar, apesar de sequer poder tentar. E depois as peças se encaixaram.

— Porque os Cullen se foram — sussurrei. — Eles não gostam dos Cullen em La Push... Tinha me esquecido disso.

Os quileutes tinham suas superstições a respeito dos "frios", os bebedores de sangue que eram inimigos da tribo, assim como tinham suas lendas da grande inundação e de ancestrais lobisomens. Só histórias, folclore, a maior parte delas. Mas havia os poucos que acreditavam. Billy Black, grande amigo de Charlie, acreditava, embora Jacob, seu filho, pensasse que ele era cheio de superstições idiotas. Billy me alertara para ficar longe dos Cullen...

O nome agitou alguma coisa dentro de mim, algo que começou a mostrar as garras na superfície, algo que eu sabia que não queria enfrentar.

— É ridículo — cuspiu Charlie.

Ficamos sentados em silêncio por um momento. O céu não estava mais preto do lado de fora da janela. Em algum lugar por trás da chuva, o sol começava a nascer.

— Bella? — perguntou Charlie.

Olhei para ele com inquietude.

— Ele a deixou sozinha no bosque? — sondou Charlie.

Eu me desviei da pergunta.

— Como você sabia onde me encontrar? — Minha mente recuou da consciência inevitável que agora chegava rápido.

— Seu bilhete — respondeu Charlie, surpreso. Ele tirou do bolso do jeans um pedaço de papel muito surrado. Estava sujo e molhado, com vários vincos por ter sido aberto e redobrado várias vezes. Ele o abriu de novo e ergueu como prova. A caligrafia confusa era extraordinariamente parecida com a minha.

Fui dar uma caminhada com Edward na trilha, dizia. Volto logo, B.

— Como você não voltou, liguei para os Cullen, e ninguém atendeu — disse Charlie em voz baixa. — Depois liguei para o hospital e o Dr. Gerandy me contou que Carlisle tinha ido embora.

— Para onde eles foram? — murmurei.

Ele me encarou.

— Edward não contou a você?

Sacudi a cabeça, recuando. O som daquele nome desatrelou aquilo que arranhava com suas garras dentro de mim — uma dor que me tirou o fôlego, atordoou-me com sua força.

Charlie me olhou em dúvida ao responder.

— Carlisle aceitou um emprego num grande hospital de Los Angeles. Acho que ofereceram muito dinheiro a ele.

A ensolarada Los Angeles. O último lugar aonde eles realmente iriam. Lembrei-me de meu pesadelo com o espelho... O sol forte cintilando na pele dele...

Fui tomada de agonia ao me lembrar de seu rosto.

— Quero saber se Edward deixou você sozinha no meio do bosque — insistiu Charlie.

O nome provocou outra onda de tortura em mim. Sacudi a cabeça, frenética, desesperada para escapar da dor.

— Foi minha culpa. Ele me deixou aqui na trilha, à vista da casa... Mas eu tentei segui-lo.

Charlie começou a dizer alguma coisa; como uma criança, eu tapei os ouvidos.

— Não posso mais falar disso, pai. Quero ir para o meu quarto.

Antes que ele pudesse responder, tropecei para fora do sofá e me lancei escada acima.

Alguém esteve na casa e deixou um bilhete para Charlie, um bilhete que o levaria a me encontrar. No minuto em que percebi isso, uma suspeita horrível começou a crescer em minha mente. Disparei para meu quarto, batendo e trancando a porta antes de correr até o CD player ao lado de minha cama.

Tudo parecia exatamente como deixei. Apertei a tampa do CD player. A trava se soltou e a tampa se abriu devagar.

Estava vazio.

O álbum que Renée me dera estava no chão ao lado da cama, exatamente onde eu o colocara. Virei a capa com a mão trêmula.

Não precisei passar da primeira página. As pequenas cantoneiras de metal não prendiam mais a foto. A página estava vazia, a não ser por minha própria letra rabiscada embaixo: Edward Cullen, cozinha de Charlie. 13 de setembro.

Parei por ali. Tinha certeza de que ele faria o serviço completo.

Será como se eu nunca tivesse existido, ele me prometera.

Senti o chão de madeira liso sob meus joelhos, depois sob a palma das mãos e, em seguida, comprimido sob a pele de meu rosto. Eu esperava estar desmaiando, mas, para minha decepção, não perdi a consciência. As ondas de dor que me haviam assaltado pouco tempo antes se erguiam agora com força e inundaram minha cabeça, puxando-me para baixo.

Não voltei à superfície.

OUTUBRO

NOVEMBRO

DEZEMBRO

JANEIRO

4. O DESPERTAR

O TEMPO PASSA. MESMO QUANDO ISSO PARECE IMPOSSÍVEL. Mesmo quando cada batida do ponteiro dos segundos dói como o sangue pulsando sob um hematoma. Passa de modo inconstante, com guinadas estranhas e calmarias arrastadas, mas passa. Até para mim.

O PUNHO DE CHARLIE BATEU NA MESA.

— É isso, Bella! Vou mandar você para casa.

Desviei os olhos dos cereais, que eu analisava em vez de comer, e encarei Charlie, chocada. Eu não estava acompanhando a conversa — na verdade, nem estava ciente de que havia uma conversa — e não sabia bem o que ele queria dizer.

— Eu estou em casa — murmurei, confusa.

— Vou mandar você para Renée, para Jacksonville — esclareceu ele.

Charlie olhava exasperado enquanto eu lentamente compreendia o significado das palavras dele.

— O que eu fiz? — Senti meu rosto franzir. Era tão injusto! Meu comportamento tinha sido irrepreensível nos últimos quatro meses. Depois daquela primeira semana, da qual nenhum de nós jamais falava. Não perdi nenhum dia de aula ou de trabalho. Minhas notas eram perfeitas. Nunca desrespeitava o toque de recolher — também, não fui a lugar algum para que pudesse desrespeitar o toque de recolher. Só muito raramente servia comida de véspera.

Charlie estava com cara de poucos amigos.

— Você não fez nada. É esse o problema. Você nunca faz nada.

— Quer que eu me meta em problemas? — perguntei, minhas sobrancelhas se unindo de perplexidade. Fiz esforço para prestar atenção. Não foi fácil. Estava tão acostumada a me desligar de tudo que meus ouvidos pareciam tampados.

— Ter problemas ainda seria melhor do que isso... Essas lamentações o tempo todo!

Isso me magoou um pouco. Tive cuidado de evitar todas as formas de mau humor, inclusive resmungar.

— Não estou me lamentando de nada.

— Palavra errada — concordou ele de má vontade. — Lamentar ainda seria melhor... Seria agir. Você está simplesmente... sem vida, Bella. Acho que as palavras que quero usar são essas.

A acusação acertou na mosca. Suspirei e tentei colocar algum ânimo em

minha resposta.

— Desculpe, pai. — Minhas desculpas pareciam meio tediosas, até para mim. Pensei que o estivesse enganando. O sentido de todo esse esforço era evitar que Charlie sofresse. Como era deprimente pensar que o esforço tinha sido em vão.

— Não quero que você se desculpe.

Suspirei.

— Então me diga o que quer que eu faça.

— Bella. — Ele hesitou, avaliando minha reação às palavras que ia dizer. — Querida, você não é a primeira pessoa a passar por esse tipo de situação, sabe disso.

— Eu sei. — A careta que fiz foi hesitante e não impressionou nada.

— Olhe, querida. Acho que... que talvez você precise de ajuda.

— Ajuda?

Ele parou, procurando de novo pelas palavras.

— Quando sua mãe foi embora — recomeçou, com a testa franzida —, e levou você com ela. — Ele respirou fundo. — Bom, foi uma época muito difícil para mim.

— Eu sei, pai — murmurei.

— Mas consegui superar isso — assinalou ele. — Querida, você não está superando nada. Esperei, tive esperanças de que ficaria melhor. — Ele me encarou e eu baixei a cabeça depressa. — Acho que nós dois sabemos que não vai ficar melhor.

— Eu estou bem.

Ele me ignorou.

— Talvez, bom, talvez, se você conversasse com alguém sobre isso. Com um profissional.

— Quer que eu procure um psicólogo? — Minha voz ficou um pouco mais aguda quando percebi aonde ele queria chegar.

— Talvez ajude.

— E talvez não ajude em nada.

Não entendo muito de psicanálise, mas tinha certeza absoluta de que só funcionava se o analisado fosse relativamente sincero. É claro que eu podia contar a verdade — se quisesse passar o restante da minha vida em uma cela acolchoada.

Ele examinou minha expressão obstinada e passou para outra linha de ataque.

— Está além de minha capacidade, Bella. Talvez sua mãe...

— Escute — eu disse numa voz inexpressiva —, vou sair hoje à noite, se você quiser. Vou ligar para Jess ou para Angela.

— Não é isso que quero — argumentou ele, frustrado. — Não acho que eu possa viver vendo você se esforçar ainda mais. Nunca vi ninguém se esforçar tanto. É doloroso ver isso.

Fingi intensidade, baixando os olhos para a mesa.

— Não entendo, pai. Primeiro você fica chateado porque não estou fazendo nada, depois diz que não quer que eu saia.

— Quero que você seja feliz... Não, nem tanto assim. Só quero que você não seja infeliz. Acho que terá mais chances se sair de Forks.

Meus olhos arderam com a primeira centelha de sentimento que tive em tanto tempo de contemplação.

— Não vou embora — eu disse.

— E por que não? — perguntou ele.

— Estou no último semestre da escola... Ia estragar tudo.

— Você é boa aluna... Vai superar isso.

— Não quero ser demais entre mamãe e Phil.

— Sua mãe morre de vontade de ter você de volta.

— A Flórida é muito quente.

Seu punho desceu na mesa de novo.

— Nós dois sabemos o que está de fato acontecendo aqui, Bella, e não é bom para você. — Ele respirou fundo. — Já se passaram meses. Nenhum telefonema, nenhuma carta, nenhum contato. Não pode continuar esperando por ele.

Fechei a cara para Charlie. O calor quase chegou ao meu rosto. Já se passara muito tempo desde que eu havia corado por alguma emoção.

Aquele assunto era terminantemente proibido, e ele sabia muito bem disso.

— Não estou esperando nada. Não espero nada — argumentei num tom monótono e baixo.

— Bella... — começou Charlie, a voz grossa.

— Tenho que ir para a escola — interrompi, levantando-me e tirando da mesa o cafe da manhã intocado. Coloquei minha tigela na pia sem parar para lavá-la. Não podia suportar mais nem um minuto de conversa.

— Vou combinar alguma coisa com Jessica — gritei por sobre o ombro

enquanto pegava a mochila da escola, sem olhar para ele. — Talvez não venha jantar em casa. Vamos a Port Angeles ver um filme.

Saí pela porta da frente antes que ele pudesse reagir.

Na pressa para me afastar de Charlie, acabei sendo uma das primeiras a chegar à escola. O lado bom disso é que consegui uma vaga muito boa no estacionamento. A desvantagem é que fiquei com tempo livre, e eu tentava a todo custo evitar o tempo livre.

Rapidamente, antes que eu pudesse começar a pensar nas acusações de Charlie, saquei meu livro de cálculo. Abri-o na parte que devíamos começar no dia e tentei ver sentido naquilo. Ler matemática era ainda pior do que ouvi-la, mas eu estava melhorando. Nos últimos meses, consumira dez vezes mais tempo em cálculo do que já gastara em matemática na vida. Como consequência, eu estava conseguindo me manter na faixa de A-. Eu sabia que o Sr. Varner acreditava que minha melhora se devia cem por cento a seus métodos de ensino superiores. E se isso o deixava feliz, tudo bem para mim.

Obriguei-me a continuar até que o estacionamento estivesse cheio, e acabei correndo para a aula de inglês. Estávamos trabalhando em A revolução dos bichos, um tema fácil. Eu não ligava para o comunismo; era uma mudança bem-vinda dados os romances exaustivos que compunham a maior parte do currículo. Acomodei-me em minha carteira, satisfeita por me distrair com a aula do Sr. Berty.

O tempo passava facilmente quando eu estava na escola. O sinal tocou cedo demais. Comecei a guardar meus pertences.

— Bella?

Reconheci a voz de Mike, e já sabia quais seriam suas palavras antes que ele as pronunciasse.

— Vai trabalhar amanhã?

Olhei para cima. Ele estava encostado no corredor com uma expressão ansiosa. Toda sexta-feira ele me fazia a mesma pergunta. Não fazia diferença que eu tivesse faltado por motivo de saúde raríssimas vezes. Bom, com uma exceção, meses atrás. Mas ele não tinha motivos para me olhar com tanta preocupação. Eu era uma funcionária modelo.

— Amanhã é sábado, não é? — eu disse. Depois de Charlie ter me chamado a atenção para isso, percebi que minha voz parecia mesmo sem vida.

— Sim — concordou ele. — Vejo você na aula de espanhol. — Ele acenou uma vez antes de dar as costas. Mike não se incomodava mais em me acompanhar às aulas.

Fui para a aula de cálculo com um sorriso forçado. Essa era a aula em que me sentava ao lado de Jessica.

Já fazia semanas, talvez meses, que Jess deixara até de me cumprimentar quando eu passava por ela no corredor. Eu sabia que a havia ofendido com meu comportamento antissocial, e ela estava chateada. Não ia ser fácil falar com ela agora — em especial lhe pedir para me fazer um favor. Pesei minhas opções com todo o cuidado enquanto me demorava do lado de fora da sala, ganhando tempo.

Eu não ia enfrentar Charlie de novo sem ter alguma interação social para contar. Eu sabia que não podia mentir, embora a ideia de ir e voltar de carro a Port Angeles sozinha — certificando-me de que meu hodômetro mostrasse a quilometragem correta, para o caso de ele verificar — fosse muito tentadora. A mãe de Jessica era a maior fofoqueira da cidade e Charlie sem dúvida ia correr até a Sra. Stanley assim que pudesse. Quando fizesse isso, certamente falaria na viagem. Mentir estava fora de questão.

Com um suspiro, abri a porta.

O Sr. Varner me olhou torto — ele já havia começado a aula. Corri para minha carteira. Jessica não levantou o olhar quando me sentei ao lado dela. Fiquei feliz porque isso me daria cinquenta minutos para me preparar psicologicamente.

A aula voou mais rápido do que a de inglês. Uma pequena parte da velocidade se devia à minha preparação piegas aquela manhã na picape — mas em especial tinha origem no fato de que o tempo sempre se acelerava quando eu estava ansiosa para fazer algo desagradável.

Fiz uma careta quando o Sr. Varner dispensou a turma cinco minutos mais cedo. Ele sorria como se estivesse sendo um cara legal.

— Jess? — Meu nariz franziu enquanto eu me encolhia, esperando que ela se virasse para mim.

Ela girou na cadeira para me encarar, olhando-me incrédula.

— Está falando comigo, Bella?

— Claro que sim. — Arregalei os olhos para dar a impressão de inocência.

— Que foi? Precisa de ajuda com cálculo? — O tom de sua voz era um pouco ríspido.

— Não. — Sacudi a cabeça. — Na verdade, eu queria saber se você... quer ir ao cinema comigo hoje à noite. Estou precisando muito de uma noitada de garotas. — As palavras pareciam desajeitadas, como frases mal- formuladas, e ela ficou desconfiada.

— Por que está me convidando? — perguntou, ainda pouco amistosa.

— Você é a primeira pessoa em quem eu penso quando quero ficar entre amigas. — Sorri e esperei que o sorriso parecesse autêntico. Devia ser verdade. Ela pelo menos era a primeira pessoa em quem eu pensava quando queria evitar Charlie. Dava no mesmo.

Jess pareceu amolecer um pouco.

— Bom, não sei.

— Tem algum compromisso?

— Não... Acho que posso ir com você. O que você quer ver?

— Não sei bem o que está passando — disse, de forma vaga. Essa era a parte perigosa. Revirei meu cérebro procurando uma dica. Não ouvi ninguém falar de um filme recentemente? Não vi nenhum cartaz? — Que tal aquele com a presidente?

Ela me olhou com estranheza.

— Bella, esse saiu de cartaz há séculos.

— Ah! — Franzi o cenho. — Há algum filme que você queira ver?

A tagarelice natural de Jessica começava a vazar contra sua vontade enquanto ela pensava em voz alta.

— Bom, tem aquela comédia romântica nova que recebeu críticas muito boas. Quero ver essa. E meu pai viu Terror Sem Fim e gostou.

Agarrei-me ao título promissor.

— Esse é sobre o quê?

— Zumbis ou coisa assim. Ele disse que há anos não via nada tão apavorante.

— Parece perfeito. — Eu preferia lidar com zumbis de verdade a assistir a um romance.

— Tudo bem. — Ela ficou surpresa com minha resposta. Tentei me lembrar se gostava de filmes de terror, mas não tive certeza. — Quer que pegue você depois da aula? — propôs ela.

— Claro.

Antes de sair Jessica sorriu para mim tentando ser simpática. Meu sorriso de

resposta veio um pouco tarde demais, mas acho que ela viu.

O restante do dia passou rápido, meus pensamentos centrados nos planos para a noite. Eu sabia, por experiência própria, que depois que conseguisse que Jessica falasse poderia me safar com alguns murmúrios nos momentos certos. Só precisava de uma interação mínima.

A essa altura a densa névoa que embaçava meus dias era, às vezes, perturbadora. Fiquei surpresa quando me vi em meu quarto, sem me lembrar com clareza de ter ido para casa de carro, nem mesmo de ter aberto a porta da frente. Mas isso não importava. Não ver o tempo passar era o que eu mais queria na vida.

Não combati a névoa ao seguir para meu armário. O torpor era mais essencial em alguns lugares do que em outros. Mal registrei o que olhava ao abrir a porta e revelar a pilha de lixo do lado esquerdo, debaixo das roupas que nunca usei.

Meus olhos não vagaram para o saco de lixo preto que guardava meu presente daquele último aniversário, não viram o formato do aparelho de som que se projetava no plástico preto; eu não pensei em como minhas unhas ficaram terríveis quando terminei de arrancá-lo do painel.

Peguei a bolsa velha, que raras vezes usava, no gancho em que estava pendurada e bati a porta.

Nesse exato momento ouvi uma buzina. Tirei rapidamente a carteira da mochila da escola e a coloquei na bolsa. Eu estava com pressa, como se correr pudesse fazer com que a noite passasse mais rápido.

Olhei-me no espelho do corredor antes de abrir a porta, arrumando com cuidado minhas feições em um sorriso e tentando mantê-lo ali.

— Obrigada por sair comigo hoje — disse a Jess enquanto me acomodava no banco do carona, tentando colocar gratidão em minha voz. Já se passara algum tempo desde quando eu realmente pensava no que dizia a alguém além de Charlie. Jess era mais difícil. Eu não tinha certeza das emoções que devia fingir.

— Claro. E aí, o que provocou isso? — perguntou Jess ao arrancar com o carro na minha rua.

— Provocou o quê?

— Por que de repente você decidiu... sair? — Parecia que ela mudara a pergunta no meio da frase.

Dei de ombros.

— Só precisava variar um pouco.

Reconheci a música no rádio e logo estendi a mão para o painel.

— Importa-se? — perguntei.

— Não, pode mudar.

Procurei pelas emissoras até encontrar uma que fosse inofensiva. Espiei a expressão de Jess enquanto a nova música enchia o ar.

Seus olhos se estreitaram.

— Desde quando você ouve rap?

— Não sei. Há algum tempo.

— Você gosta disso? — perguntou ela, em dúvida.

— Claro.

Seria muito mais difícil interagir normalmente com Jessica se eu tivesse de desligar a música também. Balancei a cabeça, na esperança de estar no ritmo da batida.

— Tudo bem... — Ela olhou pelo para-brisa com os olhos arregalados.

— E como é que você e o Mike têm estado? — perguntei rápido a ela.

— Você o vê mais do que eu.

A pergunta não a fez começar a falar, como eu esperava que fizesse.

— É difícil conversar no trabalho — murmurei e tentei de novo. — Tem saído com alguém nos últimos dias?

— Na verdade, não. Só com o Conner, algumas vezes. Saí com o Eric há duas semanas. — Ela revirou os olhos e eu senti que havia uma longa história. Agarrei-me à oportunidade.

— Eric Yorkie? Quem convidou quem?

Ela gemeu, animando-se.

— Ele convidou, é claro! Não consegui pensar numa maneira gentil de dizer "não".

— Aonde ele levou você? — perguntei, sabendo que ela interpretaria minha ansiedade como interesse. — Conte tudo.

Ela se lançou à história e eu me acomodei no banco, agora mais à vontade. Prestei total atenção, murmurando em solidariedade e arfando de pavor quando era necessário. Quando ela terminou a história sobre Eric, continuou com uma comparação com Conner, sem precisar de incentivo.

O filme começava cedo, então Jess achou que devíamos pegar a seção do

anoitecer e comer depois. Fiquei feliz por acompanhá-la no que ela quisesse; afinal, eu estava conseguindo o que desejava — tirar Charlie do meu pé.

Mantive Jess falando durante os trailers, assim eu podia ignorá-los com mais facilidade. Mas fiquei nervosa quando o filme começou. Um casal de jovens andava por uma praia, balançando as mãos e discutindo seu afeto mútuo com uma hipocrisia grudenta. Resisti ao impulso de tapar os ouvidos e começar a cantarolar. Eu não podia aguentar um romance.

— Pensei que tivéssemos escolhido o filme de zumbis — sibilei para Jessica.

— Este é o filme de zumbis.

— Então por que não tem ninguém sendo devorado? — perguntei desesperada.

Ela olhou para mim com os olhos arregalados e quase alarmados.

— Tenho certeza de que essa parte vai chegar — sussurrou.

— Vou comprar pipoca. Quer também?

— Não, obrigada.

Alguém pediu silêncio atrás de nós.

Eu me demorei bastante no balcão de guloseimas, olhando o relógio e debatendo que porcentagem de um filme de noventa minutos podia ser gasta com romantismo. Concluí que dez minutos eram mais do que suficientes, mas parei logo depois de passar pelas portas da sala de projeção para ter certeza. Eu podia ouvir gritos de pavor berrando dos alto-falantes, então vi que tinha esperado tempo suficiente.

— Você perdeu tudo — murmurou Jess quando deslizei para o meu lugar. — Agora quase todo mundo é zumbi.

— Fila comprida. — Ofereci a pipoca a ela. Ela pegou um punhado.

O restante do filme tinha apenas ataques de zumbis horripilantes e gritos intermináveis de algumas pessoas que sobreviveram, cujo número diminuía bem depressa. Eu tinha pensado que não havia nada para me perturbar ali. Mas me sentia inquieta e de início não sabia bem o motivo.

Foi só perto do final, quando um zumbi desfigurado arrastava-se atrás da última sobrevivente escandalosa, que percebi qual era o problema. A cena cortava da expressão apavorada da heroína para o rosto morto e sem emoção de seu perseguidor, indo e voltando enquanto a distância se encurtava.

E então percebi o que ela me lembrava.

Eu me levantei.

— Aonde você vai? Ainda faltam uns dois minutos — sibilou Jess.

— Preciso de uma bebida — murmurei enquanto corria para a saída.

Sentei-me no banco do lado de fora do cinema e tentei ao máximo não pensar na ironia. Mas era irônico, considerando tudo, que no final das contas eu tivesse acabado como uma zumbi. Eu não havia percebido isso acontecendo.

Não que um dia eu não tivesse sonhado em me transformar num monstro mítico — mas jamais num cadáver grotesco e animado. Sacudi a cabeça para me desvencilhar daquela linha de raciocínio, em pânico. Não conseguia pensar naquilo com que um dia havia sonhado.

Era deprimente perceber que eu não era mais a heroína, que minha história tinha acabado.

Jessica saiu da sala e hesitou, talvez se perguntando qual seria o melhor lugar onde procurar por mim. Pareceu aliviada quando me viu, mas só por um momento. Depois ficou irritada.

— O filme era apavorante demais para você? — perguntou.

— É — concordei. — Acho que sou uma covarde.

— Que engraçado. — Ela franziu o cenho. — Não achei que você estivesse com medo... Eu gritei o tempo todo, mas não ouvi você gritar nem uma vez. Então não entendi por que você saiu.

Dei de ombros.

— Foi só medo.

Ela relaxou um pouco.

— Acho que esse foi o filme mais apavorante que vi na vida. Aposto que vamos ter pesadelos esta noite.

— Não duvido — disse eu, tentando manter minha voz normal. Era inevitável que eu tivesse pesadelos, mas eles não seriam sobre zumbis. Os olhos dela lampejaram para meu rosto e se desviaram. Talvez eu não tivesse conseguido fazer uma voz normal.

— Onde você quer comer? — perguntou Jess.

— Qualquer lugar.

— Tudo bem.

Jess começou a falar do protagonista do filme enquanto andávamos. Eu assentia enquanto ela se entusiasmava com a beleza dele, incapaz de me lembrar

de ter visto um homem não-zumbi na história.

Não vi para onde Jessica me levava. Só percebi vagamente que agora estava escuro e mais tranquilo. Precisei de mais tempo do que devia para notar por que era silencioso. Jessica tinha parado de tagarelar. Olhei para ela com ar de desculpas, na esperança de não ter ferido seus sentimentos.

Jessica não estava me olhando. Seu rosto estava tenso; ela olhava para a frente e andava rápido. Observei seus olhos disparando para a direita, do outro lado da rua, e voltando à frente.

Olhei em volta pela primeira vez.

Estávamos num curto trecho de calçada sem iluminação. As lojinhas que ladeavam a rua estavam fechadas, com as vitrines escuras. As luzes voltavam meia quadra adiante, e pude ver, mais ao longe, os arcos dourados do McDonald's, para onde ela ia.

Do outro lado da rua havia uma loja aberta. As vitrines estavam tapadas por dentro e havia placas de néon, anúncios de diferentes marcas de cerveja, brilhando na frente. A placa maior, em verde berrante, era o nome do bar — One-Eyed Pete's. Imaginei se havia algum tema pirata que não era visível de fora. A porta de metal estava aberta; o interior era mal iluminado, e flutuavam pela rua o murmúrio baixo de muitas vozes e o som de gelo tilintando nos copos. Encostados na parede ao lado da porta, havia quatro homens.

Olhei para Jessica. Seus olhos estavam fixos no caminho à frente e ela andava com rapidez. Não parecia assustada — só preocupada, tentando não chamar atenção para si mesma.

Parei sem pensar, olhando os quatro homens com uma forte sensação de déjà vu. Fora numa rua diferente, numa noite diferente, mas a cena era praticamente a mesma. Um deles era mais baixo e moreno. Enquanto eu parava e me virava para eles, o moreno olhou para mim, interessado.

Eu o encarei, paralisada na calçada.

— Bella? — sussurrou Jess. — O que está fazendo?

Sacudi a cabeça, indecisa.

— Acho que os conheço... — murmurei.

O que eu estava fazendo? Eu devia correr daquela lembrança o mais rápido que pudesse, bloqueando em minha mente a imagem dos quatro homens, protegendo-me com o torpor sem o qual não conseguia viver. Por que eu

atravessava, tonta, a rua?

Parecia coincidência demais que eu estivesse em Port Angeles com Jessica, inclusive em uma rua escura. Meus olhos focalizaram o baixinho, tentando combinar suas feições com a lembrança que eu tinha do homem que me ameaçara naquela noite, quase um ano antes. Imaginava se havia algum modo de reconhecer o homem, se fosse mesmo ele. Meu corpo se lembrava melhor do que minha mente; a tensão em minhas pernas enquanto eu tentava decidir se corria ou se ficava parada ali, o ressecamento na garganta enquanto eu lutava para compor um grito decente, a pele esticada nos nós dos dedos enquanto eu cerrava as mãos em punho, os arrepios na nuca quando o moreno me chamou de "docinho"...

Havia uma ameaça indefinida e implícita naqueles homens que nada tinha a ver com aquela outra noite. Vinha do fato de que eram estranhos, ali era escuro e eles estavam em maior número. Nada mais específico do que isso. Mas foi o bastante para a voz de Jessica desafinar de pânico ao gritar por mim.

— Bella, vamos!

Eu a ignorei, andando bem devagar sem sequer tomar a decisão consciente de mexer meus pés. Eu não entendia por quê, mas a ameaça nebulosa representada pelos homens me atraía para eles. Foi um impulso insensato, mas eu não tinha nenhum tipo de impulso havia tanto tempo... Eu o segui.

Algo desconhecido correu por minhas veias. Adrenalina, percebi, há muito ausente de meu sistema, acelerando minha pulsação e combatendo a ausência de sensações. Era estranho — por que a adrenalina quando não havia medo? Era quase como se houvesse um eco da última vez que passei por aquilo, numa rua escura de Port Angeles, com estranhos.

Não vi motivo para ter medo. Nem conseguia imaginar nada no mundo que ainda pudesse me fazer temer, pelo menos nada fisicamente. Essa era uma das poucas vantagens de se perder tudo.

Eu estava no meio da rua quando Jess me alcançou e pegou meu braço.

— Bella! Não pode entrar em um bar! — sibilou ela.

— Não vou entrar — eu disse distraída, livrando-me de sua mão. — Só queria checar uma coisa...

— Ficou maluca? — sussurrou ela. — Você é suicida?

A pergunta chamou minha atenção e meus olhos focalizaram Jess.

— Não, não sou. — Minha voz parecia defensiva, mas era verdade. Eu não era

suicida. Nem no começo, quando a morte inquestionavelmente teria sido um alívio, eu pensava nisso. Eu devia muito a Charlie. Sentia-me responsável demais por Renée. Tinha de pensar neles.

E fiz a promessa de não fazer qualquer idiotice, nem nenhuma imprudência. Por todos esses motivos, eu ainda respirava.

Lembrando-me da promessa, senti uma pontada de culpa, mas o que eu fazia agora não contava. Eu não ia passar uma lâmina nos pulsos.

Os olhos de Jess giravam pela rua, a boca escancarada. A pergunta sobre o suicídio fora retórica, como percebi tarde demais.

— Vá comer — eu a incitei, acenando para a lanchonete. Não gostei do modo como Jess me olhava. — Irei para lá daqui a pouco.

Afastei-me dela, de volta para os homens que nos observavam com olhos curiosos e divertidos.

"Bella, pare com isso agora!"

Meus músculos travaram, paralisando-me onde eu estava. Porque agora não era a voz de Jessica que me repreendia. Era uma voz furiosa, uma voz conhecida, uma voz linda — suave como veludo, mas mesmo assim colérica.

Era a voz dele — eu tinha o cuidado excepcional de não pensar em seu nome —, e fiquei surpresa que o som não me prostrasse de joelhos, não me fizesse me enroscar na calçada, torturada pela perda. Mas não havia dor, nenhuma dor.

No instante em que ouvi a voz dele, tudo ficou muito claro. Como se minha cabeça de repente tivesse ido à superfície de um poço escuro. Eu estava mais consciente de tudo — do que via e ouvia, da sensação do ar frio que não percebera soprando cortante em meu rosto, dos cheiros que vinham da porta aberta do bar.

Olhei em volta, chocada.

"Volte para Jessica", ordenou a voz adorável, ainda com raiva. "Você prometeu... Nada de idiotices."

Eu estava sozinha. Jessica estava a alguns passos de mim, observando-me com os olhos assustados. Encostados na parede, os estranhos olharam, confusos, imaginando o que eu estava fazendo, parada ali, imóvel, no meio da rua.

Sacudi a cabeça, tentando entender. Eu sabia que ele não estava ali, e, no entanto, sentia-o improvavelmente perto, perto pela primeira vez desde... desde o fim. A raiva em sua voz era de preocupação, a mesma raiva que no passado era tão familiar — algo que eu não ouvia fazia tanto tempo que parecia toda uma vida.

"Cumpra sua promessa." A voz se afastava, como o volume de um rádio sendo diminuído.

Comecei a desconfiar de que estava tendo algum tipo de alucinação. Provocada, sem dúvida, pela lembrança — o déjà vu, a estranha familiaridade da situação.

Repassei depressa as possibilidades em minha mente.

Primeira opção: eu estava louca. Esse era o termo leigo para as pessoas que ouviam vozes.

Era possível.

Segunda opção: meu subconsciente me dava o que eu pensava que queria. Isso era a satisfação de um desejo — um alívio momentâneo para a dor ao adotar a ideia incorreta de que ele se importava se eu estava viva ou morta. Projetando o que ele teria dito se A) ele estivesse ali e B) ele, de algum modo, se incomodasse caso algo de ruim acontecesse comigo.

Era provável.

Eu não via uma terceira opção, então esperei que fosse a segunda e que meu subconsciente estivesse operando furiosamente, em vez de ser alguma alternativa que exigisse minha hospitalização.

Mas minha reação não foi nada insana — e fiquei grata. O som da voz dele era algo que eu temia ter perdido e, assim, mais do que qualquer outra sensação, senti-me tomada de gratidão por meu inconsciente ter guardado aquele som melhor do que minha mente consciente.

Eu não podia pensar nele. Isso era algo a que eu tentava me prender. É claro que eu cometia deslizes; eu era apenas humana. Mas estava ficando melhor, e assim a dor era algo que agora eu conseguia evitar durante dias. Para compensar, tinha o torpor interminável. Entre a dor e o nada, eu escolhera o nada.

Agora eu esperava pela dor. Não estava entorpecida — meus sentidos pareciam incomumente intensos depois de tantos meses de névoa —, mas a dor normal não vinha. A única dor foi a decepção pelo desaparecimento da voz dele.

Houve um segundo de decisão.

A atitude sensata seria correr da evolução potencialmente destrutiva — e com certeza mentalmente instável — daquela situação. Seria idiotice estimular alucinações.

Mas a voz dele estava sumindo.

Dei outro passo à frente, testando.

"Bella, volte", grunhiu ele.

Suspirei de alívio. O que eu queria ouvir era a raiva — uma prova falsa e fabricada de que ele se importava, um presente dúbio de meu subconsciente.

Passaram-se pouquíssimos segundos enquanto eu raciocinava sobre tudo isso. Minha pequena plateia observava, curiosa. Devia parecer que eu só estava agitada, indecisa se ia ou não me aproximar deles. Como podiam adivinhar que eu estava parada ali desfrutando um momento inesperado de insanidade?

— Oi — gritou um dos homens, o tom de voz ao mesmo tempo confiante e meio sarcástico. Ele tinha a pele clara, era louro e estava parado com a segurança de alguém que se julgava bonito. Eu não sabia se ele era bonito ou não. Tinha minhas preferências.

A voz em minha cabeça respondeu com um rosnado intenso. Eu sorri e o homem confiante pareceu entender isso como um estímulo.

— Posso ajudá-la? Você parece perdida. — Ele sorriu e piscou.

Passei com cuidado pela sarjeta, onde corria uma água que era preta na escuridão.

— Não. Não estou perdida.

Agora que eu estava mais perto — e meus olhos entraram estranhamente em foco — analisei a cara do baixinho. Não era nada familiar. Senti uma curiosa decepção por aquele não ser o homem terrível que tentara me ferir um ano antes.

A voz em minha cabeça agora silenciara.

O baixinho percebeu meu olhar.

— Posso lhe pagar uma bebida? — ofereceu, nervoso, parecendo lisonjeado por eu tê-lo escolhido como objeto de meu interesse.

— Sou nova demais — respondi de modo automático.

Ele ficou confuso, perguntando-se por que eu tinha me aproximado deles. Senti-me obrigada a explicar.

— Do outro lado da rua, você parecia alguém que eu conheço. Desculpe, eu me enganei.

A ameaça que me fizera atravessar a rua tinha evaporado. Aqueles não eram os homens perigosos de que eu me lembrava. Deviam ser boa gente. Era seguro. Eu perdi o interesse.

— Está tudo bem — disse o louro confiante. — Fique aqui conosco.

— Obrigada, mas não posso.

Jessica hesitava no meio da rua, os olhos arregalados de ultraje e traição.

— Ah, só alguns minutos.

Sacudi a cabeça e me virei para me juntar a Jessica.

— Vamos comer — sugeri, mal olhando para ela. Embora por um momento eu parecesse livre da abstração do zumbi, também estava distante. Minha mente estava preocupada. O torpor seguro da inércia não voltara e eu ficava mais ansiosa a cada minuto que passava sem seu retorno.

— O que você estava pensando? — disse Jessica. — Você não os conhece... Eles podiam ser psicopatas!

Dei de ombros, querendo que ela deixasse o assunto de lado.

— Só achei que conhecia aquele cara.

— Você está tão estranha, Bella Swan. Parece que não a conheço.

— Desculpe. — Eu não sabia mais o que dizer.

Seguimos para o McDonald's em silêncio. Eu seria capaz de apostar que ela queria pegar o carro em vez de ir a pé pelo curto trajeto do cinema até ali, para poder usar o drive-thru. Ela agora estava tão ansiosa para que a noite terminasse quanto eu no início.

Tentei começar uma conversa algumas vezes enquanto comíamos, mas Jessica não cooperou. Eu devia tê-la ofendido mesmo.

Quando voltamos ao carro, ela ligou o som de novo em sua emissora preferida e colocou o volume alto para dificultar a conversa.

Não tive de lutar tanto como sempre fazia para ignorar a música. Embora minha mente, pela primeira vez, não estivesse cuidadosamente entorpecida e vazia, eu tinha muito no que pensar para ouvir a letra da música.

Esperei que o torpor voltasse, ou a dor. Porque a dor devia estar vindo. Eu quebrara minhas próprias regras. Em vez de fugir assustada das lembranças, eu me dirigi a elas e as acolhi. Ouvi a voz dele com muita clareza em minha mente. Isso seria penoso para mim, eu tinha certeza. Em especial se eu não pudesse resgatar a névoa para me proteger. Sentia-me alerta demais, o que me assustava.

Mas o alívio ainda era a emoção mais forte em meu corpo — um alívio que vinha bem lá do fundo.

Por mais que lutasse para não pensar nele, eu não lutava para esquecê-lo. Eu me preocupava — tarde da noite, quando a exaustão da privação de sono

penetrava em minhas defesas — que tudo desaparecesse. Que minha mente fosse uma peneira e eu um dia não conseguisse me lembrar da cor exata de seus olhos, da sensação de sua pele fria ou da textura de sua voz. Eu podia não pensar naquilo, mas queria me lembrar de tudo.

Porque só havia uma coisa em que eu precisava acreditar para poder viver — eu precisava saber que ele existira. Era só. Todo o restante eu podia suportar. Desde que ele tivesse existido.

Era por isso que eu estava mais presa a Forks do que antes, por isso briguei com Charlie quando ele sugeriu uma mudança. Sinceramente, não devia importar; ninguém voltaria para cá.

Mas se eu fosse para Jacksonville, ou qualquer outro lugar iluminado e desconhecido, como poderia ter certeza de que ele foi real? Em um lugar onde eu nunca pudesse imaginá-lo, a convicção desapareceria... E eu não podia conviver com isso.

Proibida de lembrar, com medo de esquecer; era uma situação limite.

Fiquei surpresa quando Jessica parou o carro na frente da minha casa. A viagem não demorara muito, mas, embora tenha parecido curta, eu não imaginava que Jessica pudesse passar tanto tempo sem falar.

— Obrigada por ir comigo, Jess — eu disse ao abrir a porta. — Foi... divertido. — Esperava que divertido fosse a palavra adequada.

— Claro — murmurou ela.

— Desculpe por... depois do filme.

— Tudo bem, Bella. — Ela olhou para fora em vez de olhar para mim. Parecia estar cada vez mais irritada, em vez de ter superado o problema.

— A gente se vê na segunda?

— É. Tchau.

Desisti e fechei a porta. Ela foi embora, ainda sem olhar para mim.

Quando entrei em casa já tinha me esquecido dela.

Charlie esperava por mim no meio do corredor, os braços cruzados, firmes, com as mãos fechadas em punho.

— Oi, pai — disse, distraída, enquanto tentava passar por Charlie, indo para a escada. Andei pensando nele por tempo demais e queria subir antes que isso me dominasse.

— Aonde você foi? — perguntou Charlie.

Olhei para meu pai, surpresa.

— Fui ver um filme em Port Angeles com Jessica. Como lhe disse hoje de manhã.

— Umpf — grunhiu ele.

— Está tudo bem?

Ele examinou meu rosto, os olhos se arregalando como se visse algo inesperado.

— É, está tudo bem. Você se divertiu?

— Claro — respondi. — Vimos zumbis comendo gente. Foi ótimo.

Seus olhos se estreitaram.

— Boa noite, pai.

Ele me deixou passar. Corri para meu quarto.

Deitei na cama alguns minutos depois, resignada enquanto a dor finalmente resolvia aparecer.

Era paralisante, aquela sensação de que um buraco imenso tinha sido cavado em meu peito e que meus órgãos mais vitais tinham sido arrancados por ele, restando apenas sobras, cortes abertos que continuavam a latejar e a sangrar apesar do passar do tempo. Racionalmente, eu sabia que meus pulmões ainda estavam intactos, e no entanto eu arfava e minha cabeça girava como se meus esforços não dessem em nada. Meu coração também devia estar batendo, mas eu não conseguia ouvir o som de minha pulsação nos ouvidos; minhas mãos pareciam azuis de frio. Eu me encolhi, abraçando as costelas para não partir ao meio. Lutei para ter meu torpor, minha negação, mas isso me fugia.

E, no entanto, achei que podia sobreviver. Eu estava alerta, sentia a dor — a perda dolorosa que se irradiava de meu peito, provocando ondas arrasadoras de dor pelos membros e pela cabeça —, mas era administrável. Eu podia sobreviver a isso. Não parecia que a dor tivesse diminuído com o tempo; na verdade, eu é que ficara forte o bastante para suportá-la.

O que quer que tivesse acontecido naquela noite — e quer tenha sido responsabilidade dos zumbis, da adrenalina, ou das alucinações —, tinha me despertado.

Pela primeira vez em muito tempo eu não sabia o que esperar da manhã.

5. TRAPAÇA

— BELLA, POR QUE VOCÊ NÃO ENCERRA SEU EXPEDIENTE? — sugeriu Mike, os olhos voltados para o lado, sem realmente olhar para mim. Perguntei-me por quanto tempo aquilo estava acontecendo sem que eu percebesse.

Era uma tarde monótona na Newton's. No momento só havia dois clientes na loja, mochileiros devotados, a julgar pela conversa deles. Mike passara a última hora lhes falando dos prós e contras de duas marcas de mochilas leves. Mas eles pararam por um momento de avaliar os preços para se entregar a uma competição das mais recentes histórias de trilhas de cada um. A distração deles deu a Mike a oportunidade de escapar.

— Não me importo de ficar — eu disse. Eu ainda não conseguira afundar em minha concha protetora de torpor, e naquele dia tudo parecia próximo e nítido, o que era estranho, como se eu tivesse tirado algodões dos ouvidos. Tentei sem sucesso me desligar dos mochileiros que riam.

— Estou dizendo — falou o homem atarracado, com uma barba alaranjada que não combinava com o cabelo castanho-escuro. — Vi uns ursos-pardos muito de perto em Yellowstone, mas eles não eram tão grandes. — O cabelo dele estava fosco e as roupas pareciam ter ficado em sua mochila por vários dias. Direto das montanhas.

— Não pode ser. Os ursos-negros não ficam tão grandes assim. Os ursos que você viu deviam ser filhotes. — O segundo homem era alto e magro, o rosto bronzeado e maltratado pelo vento como uma impressionante crosta de couro.

— É sério, Bella, assim que esses dois desistirem, vou fechar a loja — murmurou Mike.

— Se quer que eu vá embora... — Dei de ombros.

— Sobre as quatro patas, era mais alto do que você — insistiu o barbudo enquanto eu pegava minhas coisas. — Grande como uma casa e preto feito breu. Vou avisar à guarda florestal daqui. As pessoas devem ser alertadas... Este não estava lá no alto da montanha, imagine... Estava a poucos quilômetros da trilha.

O cara de couro riu e revirou os olhos.

— Deixe-me adivinhar... Você estava chegando lá? Não comia comida de verdade ou dormia sem ser no chão havia uma semana, não é?

— Ei, hã, Mike, não é? — chamou o barbudo, olhando para nós.

— Vejo você na segunda — murmurei.

— Sim, senhor — respondeu Mike, virando-se.

— Diga uma coisa, vocês tiveram alerta de ursos-negros por aqui recentemente?

— Não, senhor. Mas é sempre bom guardar distância e armazenar sua comida de modo correto. Já viu as novas latas à prova de ursos? Pesam menos de um quilo...

As portas se abriram e eu saí para a chuva. Encolhi-me dentro do casaco e disparei para minha picape. O martelar da chuva no teto do carro também parecia estranhamente alto, mas logo o rugido do motor abafou todo o restante.

Eu não queria voltar para a casa vazia de Charlie. A noite anterior fora brutal de modo particular, e eu não desejava revisitar a cena do sofrimento. Mesmo depois que a dor cedeu o suficiente para que eu dormisse, não tinha acabado. Como disse a Jessica depois do filme, não havia dúvida de que eu teria pesadelos.

Agora eu sempre tinha pesadelos, todas as noites. Não pesadelos, na verdade, não no plural, porque sempre era o mesmo pesadelo. Seria de imaginar que eu ficaria entediada depois de tantos meses, que acabaria imune a ele. Mas o sonho nunca deixava de me apavorar e só terminava quando eu acordava aos gritos. Charlie não vinha mais ver o que havia de errado, para se assegurar de que nenhum invasor estivesse me estrangulando ou coisa assim — ele agora estava acostumado.

Meu pesadelo, provavelmente, não assustaria outra pessoa. Nada pulava e gritava "Buuu!". Não havia zumbis, nem fantasmas, nem psicopatas. Não havia nada, na verdade. Só o nada. Só o labirinto interminável de árvores cobertas de musgo, tão quietas que o silêncio era uma pressão desagradável em meus tímpanos. Era escuro, como o anoitecer de um dia nublado, com luz suficiente para apenas mostrar que não havia nada a se ver. Eu corria pela escuridão sem uma trilha, sempre procurando, procurando, procurando, ficando mais frenética à medida que o tempo passava, tentando andar mais rápido, embora a velocidade me deixasse desajeitada... Depois chegava o ponto em meu sonho — e agora

podia pressenti-lo, mas parecia nunca conseguir acordar antes de ele chegar — em que eu não conseguia me lembrar do que estava procurando. Era quando eu percebia que não havia nada a procurar nem nada a encontrar. Que nunca existira nada além de apenas aquele bosque vazio e apavorante, e nunca haveria nada para mim... Nada de nada...

Em geral, era aí que os gritos começavam.

Eu não prestava atenção para onde dirigia — fiquei apenas vagando pelas ruas secundárias vazias e molhadas enquanto evitava os caminhos que me levariam para casa — porque eu não tinha para onde ir.

Queria poder sentir o torpor de novo, mas não conseguia me lembrar de como o conseguira. O pesadelo importunava minha mente e me fazia pensar em assuntos que me provocavam dor. Eu não queria me lembrar da floresta. Mesmo enquanto afugentava as imagens, senti meus olhos cheios de lágrimas, e a dor começou a cercar o buraco em meu peito. Tirei uma das mãos do volante e coloquei-a no peito, para não perder o controle.

Será como se eu nunca tivesse existido. As palavras passavam por minha cabeça sem a clareza perfeita da alucinação da noite anterior. Eram só palavras, sem som, como se estivessem impressas numa página. Só palavras, mas abriam ainda mais o buraco, e eu pisei no freio, sabendo que não devia dirigir enquanto estivesse tão incapacitada.

Eu me curvei, comprimindo o rosto contra o volante e tentando respirar sem pulmões.

Perguntei-me quanto tempo aquilo ia durar. Talvez um dia, anos mais tarde — se a dor diminuísse a um ponto que eu pudesse suportar —, eu fosse capaz de olhar o passado, aqueles poucos meses que sempre seriam os melhores de minha vida. E, se fosse possível que a dor se atenuasse o suficiente para me permitir isso, eu tinha certeza de que me sentiria grata pelo tanto que ele me dera. Fora mais do que eu pedira, mais do que eu merecia. Talvez um dia eu conseguisse ver os fatos desse modo.

Mas e se esse buraco jamais melhorasse? Se as bordas feridas nunca se curassem? Se os danos fossem permanentes e irreversíveis?

Eu me controlava. Como se ele nunca tivesse existido, pensei desesperada. Que promessa mais idiota e impossível! Ele podia roubar minhas fotos e tomar de volta os presentes, mas isso não colocaria as coisas no lugar em que estavam antes

de eu conhecê-lo. A prova material era a parte mais insignificante da equação. Eu tinha mudado, meu íntimo fora alterado de modo que ficasse quase irreconhecível. Até por fora eu parecia diferente — meu rosto pálido, branco, exceto pelos círculos roxos dos pesadelos que ficavam sob meus olhos. Meus olhos eram tão escuros em minha pele branca, que — se eu fosse bonita, vista de longe — agora podia passar por uma vampira. Mas eu não era bonita e devia estar mais parecida com um zumbi.

Como se ele nunca tivesse existido? Era loucura. Uma promessa que ele jamais poderia cumprir; uma promessa que foi quebrada assim que ele a fez.

Bati a cabeça no volante, tentando me distrair da dor mais intensa.

Sentia-me boba por em algum momento ter me preocupado em manter a minha promessa. Onde estava a lógica de se prender a um acordo que já fora violado pela outra parte? Quem se importava se eu era imprudente e idiota? Não havia motivo para evitar a imprudência, nenhuma razão para não ser idiota.

Eu ri sozinha, sem nenhum humor, ainda tentando respirar. Imprudente em Forks — ora, essa era uma proposição impossível.

O humor negro me distraiu e a distração atenuou a dor. Minha respiração ficou mais fácil e consegui me recostar no banco do carro. Embora fizesse frio, minha testa estava molhada de suor.

Concentrei-me em minha proposição impossível para não resvalar nas lembranças aflitivas. Ser imprudente em Forks exigiria muita criatividade — talvez mais do que eu tinha. Mas eu queria encontrar um modo... Poderia me sentir melhor se não me mantivesse fiel, completamente só, a um pacto rompido. Se eu também quebrasse juramentos. Mas como eu poderia trapacear em minha parte do acordo ali, naquela cidadezinha inócua? É claro que Forks nem sempre era tão inócua, mas agora era exatamente o que sempre pareceu ser. Era apática, era segura.

Olhei pelo para-brisa por um longo tempo, meus pensamentos se arrastando — eu não conseguia fazer com que as ideias chegassem a algum lugar. Desliguei o motor, que gemia de um jeito lamentável depois de ficar em ponto morto por tanto tempo, e saí para o chuvisco que caía.

A chuva escorreu por meu cabelo e se arrastou pelas bochechas como lágrimas de água fresca. Ajudou a clarear minha mente. Pisquei para afastar a água dos olhos, olhando a rua sem enxergar.

Depois de um minuto olhando para a frente, reconheci onde estava. Eu estacionara no meio da pista norte da Russell Avenue. Estava de pé na frente da casa dos Cheney — minha picape bloqueava a entrada de carros deles — e do outro lado da rua moravam os Marks. Eu sabia que precisava tirar meu carro dali e que devia ir para casa. Era errado ficar vagando como eu fizera, distraída e debilitada, uma ameaça nas ruas de Forks. Além disso, alguém logo me notaria e contaria a Charlie.

Enquanto eu respirava fundo, preparando-me para me mexer, uma placa no jardim dos Marks chamou minha atenção — era um pedaço grande de papelão encostado na caixa de correio, com letras pretas rabiscadas em maiúsculas.

Às vezes, a sorte lhe sorri.

Coincidência? Ou era o que devia ser? Eu não sabia, mas parecia meio tolo pensar que de algum modo era o destino, que as motos dilapidadas enferrujando no jardim dos Marks ao lado da placa pintada à mão de VENDEM-SE COMO ESTÃO servissem a um propósito mais elevado por estarem ali, bem onde eu precisava que estivessem.

Então talvez não fosse sorte. Talvez houvesse todo tipo de maneiras de ser imprudente, e meus olhos só agora se abriam para elas.

Imprudente e idiota. Aquelas eram as duas palavras preferidas de Charlie com relação a motocicletas.

O trabalho de Charlie não tinha muita ação se comparado com o dos policiais das cidades grandes, mas ele era chamado no caso de acidentes de trânsito. Com as ruas longas e molhadas estendendo-se da estrada que serpenteava pelo bosque, com um canto cego depois de outro, não faltava esse tipo de ação. Mas mesmo com todas as enormes carretas de madeira atrapalhando nas curvas, a maioria das pessoas guardava distância. As exceções a essa regra em geral eram as motos, e Charlie vira vítimas demais, quase sempre jovens, vencidas na estrada. Antes de eu completar 10 anos, ele me fez prometer que jamais aceitaria carona de moto. Mesmo nessa idade, não precisei pensar duas vezes antes de prometer. Quem ia querer andar de moto aqui? Seria como tomar um banho a 90km/h.

Tantas promessas que cumpri...

Então me deu um estalo. Eu queria ser idiota e imprudente, e queria quebrar promessas. Por que parar em uma só?

Isso foi tudo que pensei sobre o assunto. Caminhei na chuva para a porta da

frente dos Marks e toquei a campainha.

Um dos filhos dos Marks abriu a porta, o mais novo, o calouro na escola. Eu não conseguia me lembrar do nome dele. O garoto de cabelo cor de areia só alcançava meu ombro.

Ele não teve dificuldades para lembrar meu nome.

— Bella Swan? — perguntou, surpreso.

— Quanto quer pela moto? — Eu ofegava, apontando o polegar por sobre o ombro para a placa de vende-se.

— Está falando sério? — perguntou ele.

— É claro que estou.

— Elas não funcionam.

Suspirei com impaciência — isso eu já havia deduzido pela placa.

— Quanto?

— Se quer mesmo uma, pode levar. Minha mãe obrigou meu pai a colocar todas na rua, para serem recolhidas com o lixo.

Olhei as motos de novo e vi que estavam encostadas numa pilha de grama aparada e galhos mortos.

— Tem certeza?

— Claro, quer perguntar a ela?

Provavelmente era melhor não envolver adultos que podiam falar do assunto com Charlie.

— Não, acredito em você.

— Quer uma ajuda? — ofereceu ele. — Elas não são leves.

— Tudo bem, obrigada. Mas só vou precisar de uma.

— Podia muito bem levar as duas — disse o menino. — Talvez possa aproveitar algumas peças.

Ele me seguiu pela chuva e me ajudou a colocar as duas motos pesadas na traseira de minha picape. Parecia ansioso para se livrar delas, então não discuti.

— O que vai fazer com elas, aliás? — perguntou. — Não funcionam há anos.

— Imaginei isso — disse eu, dando de ombros. Meu capricho de momento não viera com um plano perfeito. — Talvez as leve ao Dowling.

Ele bufou.

— O Dowling cobraria mais para consertá-las do que valeriam funcionando.

Não podia questionar isso. John Dowling ganhara fama pelo preço que

cobrava; ninguém o procurava, a não ser numa emergência. A maioria das pessoas preferia ir até Port Angeles, se o carro pudesse fazer a viagem. Eu tinha muita sorte nesse ponto — quando Charlie me deu minha picape antiga, fiquei preocupada de não conseguir mantê-la funcionando. Mas nunca tive qualquer problema com ela, a não ser o motor barulhento e o limite de velocidade de 90km/h. Jacob Black a mantivera em ótimo estado enquanto pertenceu ao pai dele, Billy...

A inspiração me veio como um raio — o que não era irracional, considerando a tempestade.

— Sabe de uma coisa? Está tudo bem. Conheço alguém que monta carros.

— Ah! Isso é bom. — Ele sorriu, aliviado.

Ele acenou quando eu arranquei, ainda sorrindo. Um garoto simpático.

Agora eu dirigia em alta velocidade e tinha um objetivo, com pressa para chegar em casa antes que houvesse a menor possibilidade de Charlie aparecer, mesmo na eventualidade muito improvável de que ele chegasse do trabalho mais cedo. Disparei pela casa até o telefone, as chaves ainda na mão.

— O chefe Swan, por favor — disse quando o subdelegado atendeu. — É a Bella.

— Ah, oi, Bella — respondeu afavelmente o subdelegado Steve. — Vou passar para ele.

Eu esperei.

— Qual é o problema, Bella? — perguntou Charlie assim que pegou o fone.

— Não posso ligar para seu trabalho sem que seja uma emergência?

Ele ficou em silêncio por um minuto.

— Você nunca fez isso. É uma emergência?

— Não. Só queria que me explicasse como chegar à casa dos Black... Não sei bem se me lembro do caminho. Queria visitar Jacob. Não o vejo há meses.

Quando voltou a falar, a voz de Charlie estava muito mais feliz.

— É uma ótima ideia, Bella. Tem uma caneta?

As orientações que ele me deu eram simples. Garanti-lhe que voltaria para o jantar, embora ele tentasse me dizer para não ter pressa. Ele queria me encontrar em La Push, e eu não estava disposta a isso.

Então foi como se eu tivesse hora marcada que dirigi rápido demais pelas ruas escurecidas pela tempestade, saindo da cidade. Eu queria encontrar Jacob sozinho.

Billy me entregaria se soubesse o que eu estava aprontando.

Enquanto dirigia, fiquei um pouco preocupada com a reação de Billy ao me ver. Ele ia ficar muito satisfeito. Na cabeça de Billy, sem dúvida, tudo se saíra melhor do que ele ousaria pensar. Seu prazer e alívio só me lembrariam daquele de quem eu não suportava me lembrar. Hoje de novo não, supliquei em silêncio. Eu estava esgotada.

A casa dos Black era vagamente familiar, uma casinha de madeira com janelas estreitas, a tinta vermelha desbotada deixando-a parecida com um celeiro minúsculo. A cabeça de Jacob apontou para fora da janela antes mesmo que eu saísse do carro. Sem dúvida, o rugido familiar do motor o alertara de minha aproximação. Jacob ficou muito grato quando Charlie comprou a picape de Billy para mim, poupando-o de ter de dirigi-la quando tivesse idade para isso. Eu gostava muito do meu carro, mas Jacob parecia considerar as restrições de velocidade um defeito.

Ele me recebeu a meio caminho da casa.

— Bella! — Seu sorriso animado se espalhava pelo rosto, os dentes brilhantes destacando-se num contraste vívido com a cor avermelhada de sua pele. Eu nunca vira seu cabelo sem o rabo-de-cavalo habitual. Caía como uma cortina de cetim preto dos dois lados do rosto largo.

Jacob desenvolvera parte de seu potencial nos últimos oito meses. Ele passara da fase em que os músculos macios da infância se endureciam na estrutura sólida e desajeitada de um adolescente; os tendões e veias tornaram-se proeminentes sob a pele castanho-avermelhada dos braços e das mãos. Seu rosto ainda era doce, como eu lembrava, embora também tivesse se tornado mais duro — as maçãs do rosto mais acentuadas, o queixo mais quadrado, todos os traços infantis desaparecidos.

— Oi, Jacob! — Senti um surto desconhecido de entusiasmo ao ver o sorriso dele. Percebi que estava contente em vê-lo. Descobrir isso me surpreendeu.

Eu também sorri e algo se encaixou em silêncio, como duas peças correspondentes de um quebra-cabeça. Tinha me esquecido do quanto gostava de Jacob Black.

Ele parou a pouca distância de mim e eu o olhei surpresa, inclinando a cabeça para trás, apesar da chuva que golpeava meu rosto.

— Você cresceu de novo! — apontei, maravilhada.

Ele riu, o sorriso se alargando de uma forma impossível.

— Um e noventa e quatro — anunciou, convencido. Sua voz era mais grave, mas tinha o tom rouco que eu conhecia.

— Não vai parar nunca? — Sacudi a cabeça com descrença. — Você está enorme.

— Mas ainda sou um varapau. — Ele sorriu. — Vamos entrar! Você vai ficar encharcada.

Ele foi na frente, torcendo o cabelo com as mãos grandes enquanto andava. Pegou um elástico no bolso da calça e prendeu os cabelos.

— Ei, pai — gritou ao se curvar para passar pela porta da frente. — Olhe quem parou por aqui.

Billy estava na sala de estar quadrada e mínima com um livro nas mãos. Ele baixou o livro no colo e girou para a frente ao me ver.

— Ora, quem diria! É bom ver você, Bella.

Trocamos um aperto de mãos. A minha ficou perdida em seu aperto largo.

— O que a traz aqui? Está tudo bem com Charlie?

— Sim, claro que sim. Só queria ver o Jacob... Havia séculos eu não o via.

Os olhos de Jacob brilharam com minhas palavras. Tinha um sorriso tão largo que parecia que ia machucar as bochechas.

— Pode ficar para o jantar? — Billy também estava ansioso.

— Não, preciso alimentar o Charlie, você sabe.

— Vou ligar para ele agora — sugeriu Billy. — Ele é sempre um convidado.

Ri para esconder meu desconforto.

— Mas até parece que vocês nunca mais vão me ver. Prometo que vou voltar logo... Tanto que vão ficar enjoados de mim. — Afinal, se Jacob conseguisse consertar a moto, alguém precisaria me ensinar a pilotar.

Billy riu.

— Tudo bem, talvez da próxima vez.

— E então, Bella, o que quer fazer? — perguntou Jacob.

— Qualquer coisa. O que estava fazendo antes de eu interromper? — Ali era estranhamente reconfortante. Era familiar, mas de um modo distante. Não havia lembretes dolorosos do passado recente.

Jacob hesitou.

— Estava indo trabalhar no carro, mas podemos fazer outra coisa...

— Não, isso é perfeito! — interrompi. — Eu adoraria ver seu carro.

— Tudo bem — disse ele, sem se convencer. — Está lá nos fundos, na garagem.

Melhor ainda, pensei comigo mesma. Acenei para Billy.

— A gente se vê.

Uma fila espessa de árvores e arbustos mantinha a garagem escondida da casa. O espaço não passava de dois grandes telheiros pré-moldados que tinham sido unidos, com as paredes internas derrubadas. Sob esse abrigo, sustentado por blocos de concreto, estava o que me pareceu um automóvel inteiro. Reconheci, pelo menos, o símbolo na grade do radiador.

— Que modelo de Volkswagen é esse? — perguntei.

— É um Rabbit antigo... De 1986, um clássico.

— Como está indo?

— Quase terminado — disse ele com alegria. E depois sua voz caiu para um tom mais baixo. — Meu pai cumpriu a promessa dele na primavera passada.

— Ah! — eu disse.

Ele pareceu entender minha relutância em tocar no assunto. Tentei não me lembrar de maio passado, no baile da escola. Jacob fora subornado pelo pai com dinheiro e peças do carro para levar um recado lá. Billy queria que eu ficasse a uma distância segura da pessoa mais importante de minha vida. Acabou que a preocupação dele, no final, foi desnecessária. Eu agora estava completamente segura.

Mas eu ia ver o que podia fazer para mudar isso.

— Jacob, o que você entende de motocicletas? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Alguma coisa. Meu amigo Embry tem uma moto velha. Às vezes trabalhamos nela juntos. Por quê?

— Bom... — Fiz um biquinho enquanto pensava. Não tinha certeza se ele conseguiria manter a boca fechada, mas não tinha muitas alternativas. — Comprei há pouco tempo duas motos e elas não estão nas melhores condições. Pensei se você poderia colocá-las para funcionar.

— Legal! — Ele pareceu satisfeito de verdade com o desafio. Seu rosto se iluminou. — Vou tentar.

Eu estendi um dedo, alertando.

— O caso é que — expliquei — Charlie não aprova motos. Francamente, uma veia explodiria na testa dele se descobrisse. Então não pode contar a Billy.

— Claro, claro. — Jacob sorriu. — Eu entendo.

— Vou pagar a você — continuei.

Isso o ofendeu.

— Não. Quero ajudar. Não pode me pagar.

— Bom... E uma troca, hein? — Eu inventava enquanto falava, mas parecia bem razoável. — Eu só preciso de uma moto... E vou necessitar de umas aulas também. Então, que tal isso: eu lhe dou a outra moto, depois você pode me ensinar?

— De-mais. — Ele dividiu a palavra em duas sílabas.

— Espere um minutinho... Você já pode dirigir? Quando é seu aniversário?

— Você esqueceu — brincou ele, semicerrando os olhos num ressentimento fingido. — Tenho 16 anos.

— Como se sua idade o impedisse antes — murmurei. — Desculpe por seu aniversário.

— Não se preocupe. Eu perdi o seu. Quantos anos você tem, 40?

Eu funguei.

— Perto.

— Vamos fazer uma festa conjunta para compensar.

— Parece mais um encontro.

Os olhos dele brilharam ao ouvir a palavra.

Eu precisava conter o entusiasmo antes que lhe passasse a ideia errada — simplesmente tinha se passado muito tempo desde que eu me sentira tão leve e animada. A raridade da sensação a tornava mais difícil de administrar.

— Talvez quando as motos estiverem prontas... Nosso presente mútuo — acrescentei.

— Fechado. Quando vai trazê-las aqui?

Mordi o lábio, constrangida.

— Já estão na minha picape — admiti.

— Ótimo. — Ele parecia sincero.

— Será que o Billy vai ver se trouxermos para cá?

Ele piscou para mim.

— Vamos agir de fininho.

Contornamos devagar a garagem, grudados nas árvores quando estávamos à vista das janelas, fingindo um passeio despreocupado, só por segurança. Jacob descarregou as motos depressa da traseira do carro, empurrando uma após a outra para os arbustos onde eu me escondia. Pareceu fácil demais para ele — pelo que me lembrava, as motos eram muito, muito mais pesadas do que pareciam agora.

— Não estão tão ruins — avaliou Jacob enquanto as empurrávamos pela cobertura das árvores. — Esta aqui, na verdade, vai valer alguma coisa quando eu terminar... É uma Harley Sprint antiga.

— Então esta é sua.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Mas vai custar algum dinheiro — disse ele, franzindo a testa para o metal escurecido. — Antes vamos ter que economizar para comprar as peças.

— Nós coisa nenhuma — discordei. — Se vai fazer isso de graça, vou pagar pelas peças.

— Não sei não... — murmurou ele.

— Tenho algum dinheiro guardado. Do fundo da universidade, sabe como é.

Quem precisa de faculdade?, pensei comigo mesma. Eu não estava poupando o suficiente para nenhum lugar especial; e, além de tudo, eu não queria mesmo sair de Forks. Que diferença ia fazer se eu tirasse um pouquinho?

Jacob só assentiu. Isso fazia perfeito sentido para ele.

Enquanto fugíamos para a oficina improvisada, pensei em minha sorte. Só um adolescente concordaria com isso: enganar nossos pais enquanto consertava veículos perigosos usando dinheiro que devia ser para minha educação universitária. Ele não via nada de errado nisso. Jacob era um presente dos deuses.

6. AMIGOS

NÃO PRECISAMOS ESCONDER AS MOTOS, bastou colocá-las no galpão de Jacob. A cadeira de rodas de Billy não passava pelo terreno irregular que separava a garagem da casa.

Jacob começou na mesma hora a desmontar a primeira moto — a vermelha, que seria minha. Ele abriu a porta do carona do Rabbit para eu me sentar no banco, e não no chão. Enquanto trabalhava, Jacob conversava animado e só precisava de meu mais sutil aceno de cabeça para continuar a conversa. Ele me atualizou sobre o progresso de seu segundo ano na escola, falando sem parar das aulas e dos dois melhores amigos.

— Quil e Embry? — interrompi. — São nomes incomuns.

Jacob riu.

— Quil é nome herdado de família e acho que Embry foi uma homenagem a um ator de novela. Mas não posso ficar comentando. Eles ficam furiosos se você fala sobre o nome deles... Vão partir pra cima de você.

— Amigos legais. — Ergui uma sobrancelha.

— Não, eles são mesmo. É só não mexer com o nome deles.

Nesse momento um chamado ecoou ao longe.

— Jacob? — gritou alguém.

— É o Billy? — perguntei.

— Não. — Jacob baixou a cabeça e parecia estar corando sob a pele castanha. — E por falar no diabo — murmurou —, aparece o capeta.

— Jake? Você está aí fora? — Agora a voz que gritava estava mais perto.

— Estou! — gritou Jacob e suspirou.

Esperamos por um curto silêncio até que dois rapazes altos e morenos entraram na garagem.

Um era mais magro e quase da altura de Jacob. O cabelo preto caía na altura do queixo, repartido ao meio, um lado enfiado atrás da orelha esquerda enquanto o lado direito balançava livre. O mais baixo era mais forte. A camiseta branca

estava suja no peito bem desenvolvido e ele parecia alegremente consciente disso. O cabelo muito curto era quase uma penugem.

Os dois garotos deram uma parada. O magro olhou rápido de Jacob para mim, enquanto o musculoso mantinha os olhos em mim, um sorriso lento se espalhando pelo rosto.

— Oi, rapazes — Jacob os cumprimentou, desanimado.

— Oi, Jake — disse o mais baixo sem tirar os olhos de mim. Tive de sorrir também, o sorriso dele era bem malicioso. Quando sorri, ele piscou para mim. — Oi, e aí?

— Quil, Embry... Esta é minha amiga Bella.

Quil e Embry, eu ainda não sabia quem era quem, trocaram um olhar intenso.

— A filha de Charlie, não é? — perguntou-me o musculoso, estendendo a mão.

— É isso mesmo — confirmei, trocando um aperto de mãos com ele. Seu aperto era firme; parecia que ele estava contraindo o bíceps.

— Sou Quil Ateara — anunciou ele de forma majestosa antes de soltar minha mão.

— É um prazer conhecê-lo, Quil.

— Oi, Bella. Eu sou o Embry, Embry Call... Mas você já deve ter deduzido isso. — Embry deu um sorriso tímido e acenou, depois meteu a mão no bolso do jeans.

Eu assenti.

— É um prazer conhecê-lo também.

— Então, o que vocês estão fazendo? — perguntou Quil, ainda olhando para mim.

— Bella e eu vamos consertar estas motos — explicou Jacob sem muita exatidão.

Mas motos pareceu ser a palavra mágica. Os dois garotos examinaram o projeto de Jacob, enchendo-o de perguntas como se fossem profissionais. Muitas palavras que usaram eram desconhecidas para mim e imaginei que teria de ter um cromossomo Y para entender a empolgação deles.

Eles ainda estavam imersos numa conversa sobre peças quando decidi que precisava ir para casa antes que Charlie aparecesse por ali. Com um suspiro, deslizei para fora do Rabbit.

Jacob olhou como quem se desculpa.

— Estamos chateando você, não é?

— Não. — E não era mentira. Eu estava gostando... Que estranho. — É que preciso fazer o jantar para Charlie.

— Ah... Bom, vou terminar de desmontar as duas hoje à noite e ver de que vamos precisar para começar a restaurá-las. Quando vai querer trabalhar nelas de novo?

— Posso voltar amanhã? — Os domingos eram a ruína de minha existência. Nunca havia dever de casa suficiente para me manter ocupada.

Quil cutucou o braço de Embry e eles trocaram um sorriso.

Jacob sorriu deliciado.

— Seria ótimo!

— Se fizer uma lista, podemos comprar as peças — sugeri.

A cara de Jacob desabou um pouco.

— Ainda não sei se devo deixar você pagar tudo.

Sacudi a cabeça.

— De jeito nenhum, eu estou bancando a festa. Você só tem que entrar com a mão-de-obra e o conhecimento.

Embry revirou os olhos para Quil.

— Isso não está certo — Jacob sacudiu a cabeça.

— Jake, se eu as levasse a um mecânico, quanto ele me cobraria? — ressaltei.

Ele sorriu.

— Tudo bem, temos um acordo.

— Para não falar nas aulas de direção — acrescentei.

Quil deu um sorriso largo para Embry e cochichou alguma coisa que não entendi. A mão de Jacob disparou para dar um tapa na cabeça de Quil.

— Já chega, saiam — murmurou ele.

— Não, eu tenho que ir mesmo — protestei, indo para a porta. — A gente se vê amanhã, Jacob.

Assim que fiquei fora de vista, ouvi o coro de Quil e Embry: "Caraaaaaa!"

Seguiu-se o som de uma curta briga, intercalado com um "ai" e um "ei!".

— Se um de vocês puser um dedo que seja no meu terreno amanhã... — ouvi Jacob ameaçar. A voz dele se perdeu enquanto eu passava pelas árvores.

Eu ri baixinho. O som fez com que meus olhos se arregalassem de surpresa.

Eu estava rindo, rindo de verdade, e não havia ninguém olhando. Senti-me tão leve que ri de novo, só para que a sensação durasse mais.

Cheguei em casa antes de Charlie. Quando ele entrou, eu tinha acabado de colocar o frango frito sobre uma pilha de toalhas de papel.

— Oi, pai. — Abri um sorriso para ele.

O choque passou rapidamente pelo rosto de Charlie antes de ele recompor a expressão.

— Oi, querida — disse, a voz indecisa. — Você se divertiu com Jacob?

Comecei a passar a comida para a mesa.

— É, eu me diverti.

— Isso é bom. — Ele ainda estava cauteloso. — O que vocês dois fizeram?

Agora era minha vez de ter cautela.

— Fiquei na garagem dele, vendo-o trabalhar. Sabia que ele está restaurando um Volkswagen?

— É, acho que o Billy falou sobre isso.

O interrogatório teve de parar quando Charlie começou a mastigar, mas ele continuou a examinar meu rosto enquanto comia.

Depois do jantar fiquei agitada, limpei a cozinha duas vezes e depois fiz meu dever de casa devagar, na sala, enquanto Charlie assistia a um jogo de hóquei. Esperei o máximo que pude, mas enfim Charlie disse que era tarde. Como não respondi, ele se levantou, espreguiçou-se e depois saiu, apagando a luz ao passar. Com relutância, eu o segui.

Enquanto eu subia a escada, tive a última sensação anormal do bem-estar da tarde sendo drenada de meu sistema, substituída por um medo depressivo da ideia do que teria de suportar.

Eu não estava mais entorpecida. Aquela noite, sem dúvida, seria tão apavorante quanto a anterior. Deitei-me na cama e me encolhi como uma bola, preparando-me para a investida. Fechei bem os olhos e... a próxima coisa que percebi é que já era manhã.

Olhei pasma a luz prateada e pálida que entrava pela janela.

Pela primeira vez em mais de quatro meses eu tinha dormido sem sonhar. Sem sonhar nem gritar. Eu não sabia qual emoção era a mais forte — o alívio ou o choque.

Fiquei imóvel na cama por alguns minutos, esperando que voltasse. Porque

alguma sensação devia vir. Se não a dor, então o torpor. Esperei, mas nada aconteceu. Eu estava descansada como não me sentia havia muito tempo.

Não acreditei que fosse durar. Estava me equilibrando na beira escorregadia e instável de um penhasco e não seria necessário muito para me derrubar de volta. Só olhar meu quarto com os olhos subitamente claros — percebendo como parecia estranho, arrumado demais, como se eu não morasse ali — já era perigoso.

Afastei aquele pensamento de minha mente e me concentrei, enquanto me vestia, no fato de que ia ver Jacob de novo. A ideia fez com que eu me sentisse quase... esperançosa. Talvez fosse como na véspera. Talvez eu não precisasse ficar me lembrando de parecer interessada e assentir ou sorrir em intervalos adequados, como tinha de fazer com todo mundo. Talvez... Mas eu não confiava que isso também fosse durar. Não confiava que seria a mesma situação — tão fácil — do dia anterior. Eu não ia me animar para depois ter uma decepção.

No cafe da manhã, Charlie também foi cuidadoso. Tentou esconder seu olhar minucioso, concentrando-se nos ovos até acreditar que eu não estava percebendo.

— O que você vai fazer hoje? — perguntou ele, olhando um fio solto na beira do punho como se não estivesse prestando muita atenção em minha resposta.

— Vou ficar com Jacob de novo.

Ele assentiu, sem olhar para mim.

— Ah! — disse.

— Você se importa? — Fingi me preocupar. — Eu posso ficar...

Ele olhou para cima rapidamente, uma pontada de pânico nos olhos.

— Não, não! Pode ir. Harry vai aparecer mesmo para ver o jogo comigo.

— Talvez Harry possa dar uma carona ao Billy — sugeri. Quanto menos testemunhas, melhor.

— É uma ótima ideia.

Eu não tinha certeza de se o jogo era só uma desculpa para ele me colocar para fora de casa, mas agora Charlie parecia bem animado. Ele foi até o telefone enquanto eu vestia o casaco de chuva. Fiquei pouco à vontade com o talão de cheques no bolso do casaco. Era algo que eu nunca usava.

Lá fora a chuva caía como água derramada de um balde. Tive de dirigir mais devagar do que queria; mal conseguia enxergar a um carro de distância da picape. Mas por fim consegui passar pelas ruas enlameadas e chegar à casa de Jacob. Antes que eu desligasse o motor, a porta da frente se abriu e Jacob veio correndo

com um enorme guarda-chuva preto.

Ele o segurou acima de minha porta enquanto eu a abria.

— Charlie ligou... Disse que você estava a caminho — explicou Jacob com um sorriso.

Sem esforço, sem um comando consciente para os músculos de meus lábios, meu sorriso de resposta se espalhou pelo rosto. Uma estranha sensação de calor borbulhou em minha garganta, apesar da chuva gelada que espirrava nas bochechas.

— Oi, Jacob.

— Boa ideia convidar o Billy. — Ele ergueu a mão para me cumprimentar.

Tive de esticar tanto o braço para bater na mão de Jacob que ele riu.

Harry apareceu para pegar Billy poucos minutos depois. Jacob me levou em um breve tour por seu quarto minúsculo enquanto esperávamos ficar sem supervisão.

— Então, para onde, Sr. Supermecânico?

Jacob pegou um papel dobrado do bolso e o desamassou.

— Vamos começar pelo ferro-velho, para ver se temos sorte. Isso pode ficar meio caro — alertou ele. — Essas motos vão precisar de muita ajuda antes de funcionarem de novo. — Meu rosto não parecia muito preocupado, então ele continuou. — Estou falando de talvez mais de cem dólares.

Peguei meu talão de cheques, abanei-me com ele e revirei os olhos para as preocupações de Jacob.

— Estamos cobertos.

Foi um dia muito estranho. Eu me diverti. Mesmo no ferro-velho, com a chuva que caía e a lama até os joelhos. No início me perguntei se era só o choque depois de perder o torpor, mas não achei a explicação suficiente.

Eu estava começando a pensar que era em especial por Jacob. Não só por ele sempre ficar feliz em me ver, ou por não ficar me olhando pelo canto do olho, esperando que eu tomasse alguma atitude que me rotulasse de louca ou deprimida. Não era nada relacionado comigo.

Era o próprio Jacob. Jacob era apenas uma pessoa eternamente feliz, e carregava essa felicidade como uma aura, dividindo-a com quem quer que estivesse por perto. Como um sol na Terra, Jacob sempre aquecia quem estava em seu campo gravitacional. Era natural, fazia parte de sua personalidade. Não

surpreendia que eu ficasse tão ansiosa para vê-lo.

Mesmo quando ele comentou sobre o buraco no painel de meu carro, não me provocou o pânico que eu deveria sentir.

— O som quebrou? — perguntou ele.

— É — menti.

Ele cutucou o buraco.

— Quem tirou? Estragou muita coisa...

— Fui eu — admiti.

Ele riu.

— Talvez seja melhor você não tocar muito nas motos.

— Tudo bem.

De acordo com Jacob, tivemos sorte no ferro-velho. Ele ficou muito animado com várias peças de metal retorcido, sujas de graxa, que encontrou; eu só fiquei impressionada que ele conseguisse saber o que aquelas coisas deviam ser.

Dali, fomos ao Checker Autopeças, em Hoquiam. Em minha picape, eram mais de duas horas de viagem para o sul pela estrada sinuosa, mas o tempo passava rápido com Jacob. Ele tagarelou sobre os amigos e a escola, e me vi fazendo perguntas, sem sequer fingir, com sincera curiosidade para ouvir o que ele tinha a dizer.

— Estou falando o tempo todo — reclamou ele depois de uma longa história sobre Quil e o problema que ele criou ao convidar para sair a namorada de um garoto do último ano. — Por que não fala um pouco agora? O que está acontecendo em Forks? Deve ser mais animado do que La Push.

— Errado — suspirei. — Não há absolutamente nada. Seus amigos são muito mais interessantes do que os meus. Gosto dos seus amigos. Quil é divertido.

Ele franziu a testa.

— Acho que o Quil gosta de você também.

Eu ri.

— Ele é meio novo para mim.

O vinco na testa de Jacob se aprofundou.

— Ele não é muito mais novo do que você. Só um ano e alguns meses.

Tive a sensação de que não estávamos falando mais de Quil. Mantive a voz despreocupada e brincalhona.

— Claro, mas, considerando a diferença de maturidade entre meninos e

meninas, você não tem que contar como idade de cachorro? Isso me deixa o quê, uns doze anos mais velha?

Ele riu, revirando os olhos.

— Tudo bem, mas se você vai ser tão criteriosa, terá que considerar a média da altura também. Você é tão baixinha que vou ter que tirar dez anos do seu total.

— Um e sessenta e dois estão perfeitamente na média. — Eu funguei. — Não é minha culpa que você seja uma anomalia.

Ficamos brincando com isso até Hoquiam, ainda discutindo sobre a fórmula correta para determinar a idade — eu perdi mais dois anos porque não sabia trocar um pneu, mas ganhei um por ser encarregada de cuidar das contas de casa —, até que estávamos no Checker e Jacob teve de se concentrar de novo. Achamos tudo o que restava da lista e ele estava confiante de que faria muito progresso com nossas aquisições.

Quando estávamos de volta a La Push, eu tinha 23 anos e ele, 30 — sem dúvida ele estava pesando os critérios em seu favor.

Eu não tinha me esquecido do motivo do que eu estava fazendo. E, embora estivesse me divertindo mais do que pensei ser possível, não houve nenhuma diminuição de meu desejo original. Eu ainda queria trapacear. Não tinha sentido, e eu na verdade não me importava. Ia ser imprudente ao máximo em Forks. Conseguir passar o dia com Jacob era só um bônus maior do que eu esperava.

Billy ainda não tinha voltado, então não precisamos descarregar furtivamente o ganho do dia. Assim que colocamos tudo no piso de plástico ao lado da caixa de ferramentas de Jacob, logo começamos a trabalhar, ainda conversando e rindo enquanto os dedos dele mexiam com habilidade nas peças de metal que tinha à sua frente.

A destreza de Jacob com as mãos era fascinante. Elas pareciam grandes demais para as tarefas delicadas que realizavam com facilidade e precisão. Trabalhando, ele era quase gracioso. Ao contrário de quando estava de pé; desse modo, a altura e os pés grandes o tornavam quase tão perigoso quanto eu.

Quil e Embry não apareceram, então talvez a ameaça que Jacob fizera na véspera tivesse sido levada a sério.

O dia passou rápido demais. Ficou escuro antes do que eu esperava, e depois ouvimos Billy chamando por nós.

Fiquei de pé num salto para ajudar Jacob a guardar as coisas, hesitando porque não sabia em que podia mexer.

— Deixe como está — disse ele. — Vou trabalhar nisso mais tarde.

— Não se esqueça de seu dever de casa — eu disse, sentindo-me meio culpada. Eu não queria que ele se metesse em encrencas. Esse plano era só para mim.

— Bella?

Nossas cabeças se ergueram de repente ao ouvir a conhecida voz de Charlie flutuando por entre as árvores, parecendo mais próxima do que a distância da casa.

— Droga — murmurei. — Estou indo! — gritei na direção da casa.

— Vamos. — Jacob sorriu, gostando do perigo. Ele apagou a luz e por um momento fiquei cega. Jacob segurou minha mão e me conduziu para fora da garagem e por entre árvores, os pés encontrando facilmente o caminho com que estavam familiarizados. A mão dele era grossa e muito quente.

Apesar da trilha, tropeçamos na escuridão. Então também estávamos rindo quando avistamos a casa. O riso não era intenso; era tranquilo e superficial, mas ainda assim foi bom. Eu tinha certeza de que ele não perceberia a leve pontada de histeria. Não estava acostumada a rir, e parecia ao mesmo tempo certo e muito errado.

Charlie estava de pé na pequena varanda dos fundos e Billy estava sentado atrás, na soleira da porta.

— Oi, pai — dissemos os dois ao mesmo tempo, e isso nos fez rir de novo.

Charlie me fitou com olhos arregalados, que se desviaram para baixo e notaram a mão de Jacob na minha.

— Billy nos convidou para jantar — disse-nos num tom distraído.

— Minha super-receita secreta de espaguete. Transmitida ao longo de gerações — disse Billy, sério.

Jacob bufou.

— Não acho que os molhos prontos existam há tanto tempo.

A casa ficou abarrotada. Harry Clearwater estava lá também, com sua família — a esposa, Sue, que eu conhecia vagamente de meus verões em Forks, na infância, e os dois filhos. Leah cursava o último ano, como eu, mas era um ano mais velha. Tinha uma beleza exótica — a pele acobreada perfeita, o cabelo preto

cintilante, cílios como espanadores de penas — e era pensativa. Ela estava ao telefone de Billy quando entramos e não o largou. Seth tinha 14 anos; ele absorvia cada palavra de Jacob com olhos de idolatria.

Éramos muitos para a mesa da cozinha, então Charlie e Harry levaram cadeiras para o jardim e comemos espaguete com o prato no colo, à luz fraca da porta aberta de Billy. Os homens conversaram sobre o jogo, e Harry e Charlie fizeram planos para pescar. Sue implicava com o marido por causa do colesterol e tentou, sem sucesso, obrigá-lo a comer algum alimento verde e folhoso. Jacob conversou mais comigo e com Seth, que interrompia ansioso sempre que Jacob parecia se esquecer dele. Charlie me observava, tentando disfarçar, com olhos felizes, porém cautelosos.

Ficava barulhento e às vezes confuso quando todos falavam juntos, e o riso de uma piada interrompia a outra a ser contada. Não tive de falar com frequência, mas sorri muito, e só porque tive vontade.

Eu não queria ir embora.

Mas ali era Washington e a chuva inevitável por fim interrompeu a festa; a sala de estar de Billy era pequena demais para servir de opção para continuarmos com o encontro. Harry tinha dado uma carona a Charlie, então fomos juntos em minha picape para casa. Ele me perguntou sobre meu dia e eu contei praticamente a verdade — que fora com Jacob procurar peças e depois o vira trabalhar na garagem.

— Acha que vai visitá-lo de novo em breve? — perguntou ele, tentando parecer despreocupado.

— Amanhã, depois da aula — admiti. — Vou levar o dever de casa, não se preocupe.

— Faça isso mesmo — ordenou ele, tentando disfarçar a satisfação.

Eu estava nervosa quando chegamos em casa. Não queria ir para o segundo andar. O calor da presença de Jacob estava desaparecendo, e, em sua ausência, a ansiedade ficava mais forte. Eu tinha certeza de que não conseguiria duas noites seguidas de sono tranquilo.

Para protelar a hora de dormir, chequei meu e-mail; havia uma nova mensagem de Renée.

Ela escreveu sobre o dia que tivera, um novo clube do livro que preencheu o tempo vago das aulas de meditação que abandonara, a semana substituindo uma

professora da segunda série, sentindo falta dos alunos do jardim de infância. Escreveu que Phil estava gostando do novo emprego de técnico e que eles pretendiam fazer uma viagem de segunda lua de mel a Disney World.

E eu percebi que a coisa toda parecia uma entrada de diário, em vez de uma carta a outra pessoa. O remorso me inundou, deixando uma pontada desagradável. Que bela filha eu era.

Escrevi a ela depressa, comentando cada parte de sua carta, dando voluntariamente informações minhas — descrevi a festa de espaguete na casa de Billy e como me sentia vendo Jacob construir coisas úteis a partir de peças pequenas de metal, impressionada e com certa inveja. Não fiz referência à mudança que aquela mensagem representava, comparada aos e-mails que ela recebera nos últimos meses. Mal conseguia me lembrar do que escrevera para ela, mesmo na semana anterior, mas tinha certeza de que não estive muito animada. Quanto mais pensava nisso, mais culpada me sentia; devia tê-la preocupado de verdade.

Fiquei acordada até bem tarde, fazendo mais dever de casa do que o estritamente necessário. Mas nem a privação de sono nem o tempo passado com Jacob — sendo quase feliz, de uma forma superficial — poderiam afugentar o sonho por duas noites seguidas.

Acordei tremendo, meu grito abafado pelo travesseiro.

Enquanto a luz fraca da manhã se infiltrava pela névoa do lado de fora da janela, fiquei deitada imóvel e tentei afugentar o sonho. Houve uma pequena diferença naquela noite, e eu me concentrei nisso.

Naquela noite eu não estava sozinha no bosque. Sam Uley — o homem que me tirara do chão quando eu mal conseguia pensar conscientemente — estava lá. Foi uma mudança estranha e inesperada. Os olhos escuros do homem eram de surpreendente hostilidade, cheios de um segredo que ele não parecia inclinado a compartilhar. Olhava para ele sempre que minha busca frenética permitia; deixou-me pouco à vontade, sob todo o pânico de sempre, tê-lo ali. Talvez porque, quando eu não o olhava diretamente, sua forma parecia tremer e se transformar em minha visão periférica. E, no entanto, ele não fez nada além de olhar, imóvel. Ao contrário de quando nos conhecemos na vida real, ele não me ofereceu ajuda.

Charlie me encarava durante o cafe da manhã e eu tentei ignorá-lo. Achei que

eu merecia aquilo. Não podia esperar que ele não se preocupasse. Deveria levar semanas até que ele parasse de vigiar a volta do zumbi, e eu precisava apenas tentar não deixar que isso me incomodasse. Afinal, eu também estava vigiando a volta do zumbi. Dois dias dificilmente eram tempo suficiente para me considerar curada.

A escola foi o contrário. Agora que eu estava prestando atenção, ficou claro que ninguém ali estava olhando.

Eu me lembrei do primeiro dia na Forks High School — como desejei desesperadamente ficar cinza, desaparecer no concreto molhado da calçada como um camaleão gigante. Parecia que eu estava realizando esse desejo um ano depois.

Era como se eu não estivesse lá. Até os olhos de meus professores passavam por minha carteira como se estivesse vazia.

Fiquei escutando a manhã toda, ouvindo mais uma vez a voz das pessoas em volta de mim. Tentei acompanhar o que estava acontecendo, mas as conversas eram tão desconjuntadas que desisti.

Jessica não olhou para mim quando me sentei ao lado dela na aula de cálculo.

— Oi, Jess — disse com uma indiferença forçada. — Como foi o restante de seu fim de semana?

Ela olhou para mim com desconfiança. Será que ainda estava com raiva? Ou só estava impaciente demais para lidar com uma louca?

— Ótimo — disse, voltando para o livro.

— Que bom — murmurei.

A figura de linguagem levar um gelo parecia ter uma verdade literal. Eu podia sentir o ar quente soprando dos respiradouros do andar, mas a sala ainda estava gelada demais. Tirei o casaco do encosto da cadeira e o vesti novamente.

A aula do quarto tempo terminou tarde e a mesa de almoço em que sempre me sentava estava cheia quando cheguei. Estavam lá Mike, Jessica, Angela, Conner, Tyler, Eric e Lauren. Katie Marshall, a ruiva do primeiro ano que morava na esquina da minha rua, estava sentada com Eric, e Austin Marks — o irmão mais velho do menino das motocicletas — estava ao lado dela. Imaginei há quanto tempo se sentavam ali, incapaz de me lembrar se aquele era o primeiro dia ou se era um hábito.

Eu começava a ficar irritada comigo mesma. Podia muito bem ter ficado empacotada numa caixa de isopor no último semestre.

Ninguém olhou quando me sentei ao lado de Mike, embora a cadeira tenha feito um barulho estridente no linóleo quando a arrastei para trás.

Tentei acompanhar a conversa.

Mike e Conner falavam de esportes, então desisti dessa de imediato.

— Cadê o Ben? — perguntou Lauren a Angela. Espiei, interessada, perguntando-me se isso significava que Angela e Ben ainda estavam juntos.

Mal reconheci Lauren. Ela cortara o cabelo louro de palha de milho — agora tinha um corte tão curto que a nuca estava raspada como a de um menino. Que coisa estranha para ela fazer. Desejei saber o motivo. Será que tinha grudado chiclete no cabelo? Ela o vendera? Será que todos com quem ela costumava ser desagradável a pegaram atrás do ginásio e a escalpelaram? Concluí que não era justo julgá-la a partir da opinião que eu tinha muito tempo atrás; pelo visto, ela se tornara uma pessoa legal.

— Ben pegou uma virose gástrica — disse Angela com sua voz calma e baixa. — Por sorte só vai durar umas vinte e quatro horas. Ele ficou muito enjoado ontem à noite.

Angela também tinha mudado o cabelo. Deixou crescer em camadas.

— O que vocês fizeram no fim de semana? — perguntou Jessica, sem parecer se importar com a resposta. Pude apostar que era só uma deixa para ela contar as próprias histórias. Imaginei se ela falaria de Port Angeles comigo ali, sentada a duas cadeiras de distância. Será que eu estava tão invisível que ninguém se sentiria desconfortável discutindo sobre mim na minha presença?

— Íamos fazer um piquenique no sábado, mas... mudamos de ideia — disse Angela. Havia uma tensão na voz dela que atraiu meu interesse.

O de Jess, nem tanto.

— Que chato — disse ela, prestes a se lançar em sua história.

Mas eu não era a única que estava prestando atenção.

— O que aconteceu? — perguntou Lauren com curiosidade.

— Bom — disse Angela, parecendo mais hesitante do que o normal, embora sempre fosse reservada —, nós fomos de carro para o norte, quase até a estação de águas... Tem um lugar bom por ali, a um quilômetro da trilha. Mas quando estávamos na metade do caminho... vimos uma coisa.

— Viram uma coisa? O quê? — As sobrancelhas claras de Lauren se uniram. Agora até Jess parecia estar ouvindo.

— Não sei — disse Angela. — Achamos que fosse um urso. Era preto, de qualquer forma, mas era... grande demais.

Lauren bufou.

— Ah, não, você também, não! — Havia escárnio nos olhos dela, e concluí que não precisava lhe dar o benefício da dúvida. Obviamente, sua personalidade não mudara tanto quanto o cabelo. — Tyler tentou me convencer da mesma coisa na semana passada.

— Você não vai ver nenhum urso tão perto do resort — disse Jessica, apoiando Lauren.

— É verdade — protestou Angela em voz baixa, olhando para a mesa. — Nós vimos mesmo.

Lauren deu uma risadinha. Mike ainda falava com Conner, sem prestar atenção nas meninas.

— Não, ela tem razão — eu me intrometi, impaciente. — Tivemos um montanhista no sábado que também viu o urso, Angela. Ele disse que era imenso e preto, e estava nos arredores da cidade, não foi, Mike?

Houve um momento de silêncio. Cada par de olhos na mesa se virou para mim, em choque. A garota nova, Katie, escancarou a boca como se tivesse acabado de testemunhar uma explosão. Ninguém se mexeu.

— Mike? — murmurei, mortificada. — Você se lembra do cara com a história do urso?

— C-claro — gaguejou ele depois de um segundo. Não sei por que me olhava de um jeito tão estranho. Eu falava com ele no trabalho, não falava? Não falava? Assim eu pensava...

Mike se recuperou.

— É, teve um cara que disse ter visto um urso-preto enorme na trilha... Maior do que um urso-pardo — confirmou ele.

— Umpf! — Lauren se virou para Jessica, os ombros rígidos, e mudou de assunto.

— Soube alguma coisa da universidade? — perguntou ela.

Todos desviaram os olhos também, exceto Mike e Angela. Angela sorriu para mim, indecisa, e eu me apressei a retribuir o sorriso.

— Então, o que você fez no fim de semana, Bella? — perguntou Mike, curioso, mas estranhamente cauteloso.

Todos olharam, exceto Lauren, esperando por minha resposta.

— Na sexta à noite, Jessica e eu fomos a um cinema em Port Angeles. E depois passei a tarde de sábado e a maior parte do domingo em La Push.

Os olhos disparavam de Jessica para mim. Jess parecia irritada. Perguntei-me se ela não queria que ninguém soubesse que tinha saído comigo ou se queria contar ela mesma a história.

— Que filme vocês viram? — perguntou Mike, começando a abrir um sorriso.

— Terror Sem Fim... Aquele dos zumbis. — Eu sorri, estimulando-o. Talvez eu pudesse recuperar parte dos danos que provocara naqueles meses como zumbi.

— Soube que é de dar medo. Você achou? — Mike estava aflito para continuar a conversa.

— Bella teve que sair no final, de tão apavorada que ficou — intrometeu-se Jessica com um sorriso malicioso.

Assenti, tentando parecer constrangida.

— Foi apavorante mesmo.

Mike não parou de me fazer perguntas até que o almoço tivesse acabado. Aos poucos, os outros conseguiram recomeçar as próprias conversas, embora ainda olhassem muito para mim. Angela conversou principalmente com Mike e comigo, e quando me levantei para descartar a bandeja, ela me seguiu.

— Obrigada — disse ela numa voz baixa quando estávamos longe da mesa.

— Pelo quê?

— Por falar, me dando apoio.

— Sem problemas.

Ela olhou para mim preocupada, mas não daquele jeito ofensivo de talvez-ela-esteja-maluca.

— Você está bem?

Foi por isso que escolhi Jessica e não Angela — embora eu sempre tenha gostado mais de Angela — para a noite de cinema. Angela era perceptiva demais.

— Não completamente — admiti. — Mas estou um pouco melhor.

— Fico feliz com isso — disse ela. — Senti sua falta.

E então Lauren e Jessica vieram em nossa direção e ouvi Lauren cochichar alto:

— Ah, que alegria. A Bella voltou.

Angela revirou os olhos para as duas e sorriu para mim, encorajando-me.

Suspirei. Era como se estivesse começando tudo de novo.

— Que dia é hoje? — perguntei de repente.

— Dezenove de janeiro.

— Hmmmm.

— Que foi? — perguntou Angela.

— Ontem completou um ano que cheguei aqui — refleti.

— Nada mudou muito — murmurou Angela, olhando para Lauren e para Jessica.

— Eu sei — concordei. — Era nisso mesmo que eu estava pensando.

7. REPETIÇÃO

EU NÃO SABIA QUE DIABOS ESTAVA FAZENDO ALI.

Estava tentando me empurrar de volta ao estupor de zumbi? Tinha me tornado masoquista — criado gosto pela tortura? Eu devia ter ido direto para La Push. Sentia-me muito, muito mais saudável perto de Jacob. Aquela não era uma coisa saudável de se fazer.

Mas continuei a dirigir devagar pela rua tomada pelo mato, contornando as árvores que arqueavam sobre mim como um túnel verde e vivo. Minhas mãos tremiam, então apertei com mais força o volante.

Eu sabia que parte do motivo para fazer aquilo fora o pesadelo; agora que eu estava bem desperta, o nada do sonho roía meus nervos, um cão mordendo um osso. Havia algo a procurar. Inacessível e impossível, desinteressado e aturdido... Mas ele estava lá, em algum lugar. Eu precisava acreditar nisso.

A outra parte foi a estranha sensação de repetição que sentira na escola, a coincidência da data. A sensação de que eu estava recomeçando — talvez da maneira como meu primeiro dia teria sido se eu de fato fosse a pessoa mais incomum no refeitório naquela tarde.

As palavras passavam por minha cabeça, sem som, como se eu as lesse em vez de ouvi-las:

Será como se eu nunca tivesse existido.

Eu estava mentindo para mim mesma ao dividir em apenas duas partes meu motivo para vir aqui. Não queria admitir a motivação mais forte. Porque era mentalmente doentia.

A verdade era que eu queria ouvir a voz dele de novo, como ouvira na estranha ilusão da noite de sexta-feira. Porque, naquele breve momento, quando a voz dele veio de uma parte de mim que não era minha lembrança consciente, quando a voz dele era perfeita e suave como mel e não o eco pálido que minhas lembranças costumavam produzir, eu pude lembrar sem dor. Não durou muito; a dor se apoderou de mim, como eu tinha certeza de que aconteceria nessa jornada inútil.

Mas aqueles momentos preciosos, quando pude ouvi-lo de novo, eram uma tentação irresistível. Eu precisava encontrar uma forma de repetir a experiência... Ou talvez a melhor palavra fosse episódio.

Pensei que a chave fosse o déjà vu. Então fui à casa dele, um lugar aonde não ia desde minha malfadada festa de aniversário, tantos meses antes.

A vegetação espessa e quase selvagem passava lentamente por minha janela. A viagem não terminava. Comecei a acelerar, ficando tensa. Há quanto tempo estava dirigindo? Já não deveria ter chegado na casa? O caminho estava tão tomado pelo mato que parecia desconhecido.

E se eu não conseguisse encontrar? Estremeci. E se não houvesse nenhuma prova tangível?

Depois veio a brecha que eu procurava entre as árvores, só que não era tão acentuada como antes. A vegetação aqui não esperou muito tempo para reclamar o terreno que ficara desprotegido. As samambaias altas se infiltraram na grama em volta da casa, rastejando pelos troncos dos cedros, até a varanda ampla. Era como se o gramado tivesse sido inundado — na altura da cintura — por ondas verdes e emplumadas.

E a casa estava lá, mas não era a mesma. Embora nada tivesse mudado em seu exterior, o vazio gritava pelas janelas desabitadas. Era horripilante. Pela primeira vez desde que a vira, a linda casa parecia um abrigo adequado para vampiros.

Pisei no freio, virando o rosto. Tinha medo de ir mais à frente.

Mas nada aconteceu. Nenhuma voz em minha cabeça.

Então deixei o motor ligado e pulei para o mar de samambaias. Talvez, como na noite de sexta, se eu avançasse...

Aproximei-me devagar da fachada estéril e vazia, minha picape rugindo reconfortante atrás de mim. Parei ao chegar à escada da varanda, porque nada havia ali. Nenhuma sensação da presença deles que permanecesse ali... Da presença dele. A casa estava lá, sólida, mas pouco significava. Sua realidade concreta não contrabalançava o nada dos pesadelos.

Não me aproximei mais. Não queria olhar pelas janelas. Não tinha certeza do que seria mais difícil ver. Se os cômodos estivessem nus, ecoando o vazio do chão ao teto, isso com certeza me magoaria. Como no enterro de minha avó, quando minha mãe insistiu para que eu ficasse do lado de fora durante o velório. Ela disse que eu não precisava vê-la, lembrar-me dela daquele jeito, ao invés de viva.

Mas não seria pior se não houvesse mudança nenhuma? Se os sofás estivessem exatamente como eu os vira, os quadros nas paredes — pior ainda, o piano em sua plataforma baixa? Isso só não seria pior do que o completo desaparecimento da casa, do que ver que não havia coisas materiais que de algum modo os prendessem. Que tudo ficara para trás, intocado e esquecido.

Assim como eu.

Dei as costas para o vazio escancarado e me apressei em direção ao carro. Praticamente corri. Estava ansiosa para ir embora, voltar ao mundo humano. Sentia-me vazia de um modo horrível e queria ver Jacob. Talvez eu estivesse desenvolvendo um novo tipo de doença, outro vício, como o torpor de antes. Não me importava. Forcei ao máximo o motor de minha picape, como se estivesse atolada em meu dilema.

Jacob esperava por mim. Meu peito pareceu relaxar assim que o vi, tornando mais fácil respirar.

— Oi, Bella — chamou ele.

Eu sorri, aliviada.

— Oi, Jacob. — Acenei para Billy, que olhava pela janela.

— Vamos trabalhar — disse Jacob numa voz baixa, mas ansiosa.

De algum modo eu consegui rir.

— Ainda não enjoou mesmo de mim? — perguntei. Ele devia estar começando a se perguntar o quanto eu estava desesperada por companhia.

Jacob seguiu na frente, contornando a casa até a garagem.

— Não, ainda não.

— Por favor, me avise quando eu começar a lhe dar nos nervos. Não quero ser um incômodo.

— Tudo bem. — Ele riu, um som gutural. — Mas, no seu lugar, eu não contaria muito com isso.

Quando entramos na oficina, fiquei chocada ao ver a moto vermelha de pé, parecendo uma motocicleta em vez de uma pilha de metal retorcido.

— Jake, você é incrível — eu disse baixinho.

Ele riu de novo.

— Eu me torno obsessivo quando tenho um projeto. — Ele deu de ombros. — Se fosse mais esperto, embromaria um pouquinho.

— Por quê?

Ele baixou a cabeça, parando por tanto tempo que me perguntei se tinha ouvido minha pergunta. Por fim, ele me questionou:

— Bella, se eu tivesse dito que não podia consertar essas motos, o que você diria?

Não respondi de imediato e ele examinou minha expressão.

— Eu diria... que era péssimo, mas que poderia pensar em outra coisa para fazer. Se estivéssemos mesmo desesperados, podíamos até fazer o dever de casa.

Jacob sorriu e seus ombros relaxaram. Ele se sentou ao lado da moto e pegou uma chave inglesa.

— Então acha que ainda vai voltar aqui quando eu acabar?

— Era isso que queria dizer? — Sacudi a cabeça. — Acho que estou mesmo me aproveitando de suas habilidades mecânicas de baixo custo. Mas se você me deixar vir aqui, eu virei.

— Na esperança de ver Quil de novo? — brincou ele.

— Agora você adivinhou.

Ele riu.

— Você gosta mesmo de ficar comigo? — perguntou ele, maravilhado.

— Muito, gosto muito. E vou provar isso. Tenho que trabalhar amanhã, mas na quarta-feira vamos fazer alguma coisa que não tenha a ver com mecânica.

— O quê, por exemplo?

— Não faço ideia. Podemos ir à minha casa, assim você não fica tentado a ser tão obsessivo. Podia levar seu dever... Deve estar atrasado, porque sei que o meu está.

— Dever de casa pode ser uma boa ideia. — Ele fez uma careta, e eu me perguntei o quanto ele o estava deixando de lado para ficar comigo.

— Sim — concordei. — É melhor começar a ser responsável de vez em quando, ou Billy e Charlie não serão tão compreensivos com isso. — Fiz um gesto indicando nós dois como uma entidade só. Ele gostou — ficou radiante.

— Dever de casa uma vez por semana? — propôs ele.

— Talvez seja melhor fazermos duas vezes — sugeri, pensando na pilha que eu deveria fazer naquele dia.

Ele soltou um suspiro pesado. Depois procurou um saco de papel pardo na caixa de ferramentas. Pegou duas latas de refrigerante, abriu e me passou uma. Abriu a segunda e a ergueu com cerimônia.

— À responsabilidade — brindou ele. — Duas vezes por semana.

— E a cada dia irresponsável entre elas — enfatizei.

Ele sorriu e bateu com a lata dele na minha.

Fui para casa mais tarde do que pretendia e descobri que Charlie tinha pedido uma pizza, em vez de esperar por mim. Ele não deixou que eu me desculpasse.

— Eu não me importo — garantiu-me. — Você merece mesmo uma folga da cozinha.

Sabia que estava aliviado por eu ainda estar agindo como uma pessoa normal e que ele não ia estragar tudo.

Verifiquei meus e-mails antes de começar o dever de casa, e havia outra longa mensagem de Renée. Estava entusiasmada com cada detalhe que lhe contara, então mandei outra descrição minuciosa de meu dia. Tudo, menos as motos. Até a relaxada Renée ficaria alarmada com isso.

A escola na terça-feira teve seus altos e baixos. Angela e Mike pareciam prontos a me receber de volta de braços abertos — e gentilmente fazer vista grossa para meus meses de comportamento bizarro. Jess foi mais resistente. Imaginei se ela precisava de um pedido formal de desculpas, por escrito, pelo incidente de Port Angeles.

Mike estava animado e tagarela no trabalho. Era como se tivesse acumulado o falatório de todo o semestre e agora colocasse tudo para fora. Descobri que eu era capaz de sorrir e rir com ele, embora não fosse tão espontâneo como era com Jacob. Mas parecia bem inofensivo, até a hora de ir embora.

Mike colocou a placa de fechado na vitrine enquanto eu dobrava meu avental e o enfiava embaixo do balcão.

— Hoje foi divertido — disse Mike, todo feliz.

— É — concordei, embora preferisse ter passado a tarde na garagem.

— Que chato você ter saído cedo do cinema na semana passada.

Fiquei meio confusa com aquela linha de raciocínio. Dei de ombros.

— Acho que sou só uma covarde.

— Quer dizer, você devia ter visto um filme melhor, alguma história de que gostasse — explicou ele.

— Ah! — murmurei, ainda confusa.

— Como talvez nesta sexta. Comigo. Podemos ir ver algo que não seja

apavorante.

Mordi o lábio.

Não queria estragar minha relação com Mike, não quando ele era uma das únicas pessoas dispostas a me perdoar por ficar maluca. Mas isso, de novo, parecia familiar demais. Como se o ano passado nunca tivesse acontecido. Queria ter Jess como desculpa de novo.

— Como um encontro? — perguntei. Àquela altura, a sinceridade devia ser a melhor política. Deixar tudo muito claro.

Ele processou meu tom de voz.

— Se você quiser. Mas não precisa ser assim.

— Eu não tenho encontros — eu disse devagar, percebendo a verdade daquilo. O mundo todo parecia incrivelmente distante.

— Só como amigos? — sugeriu ele. Os olhos azul-claros agora não estavam tão ansiosos. Esperei que estivesse sendo sincero sobre sermos amigos.

— Seria divertido. Mas já tenho planos para esta sexta-feira, então quem sabe na semana que vem?

— O que você vai fazer? — perguntou ele, menos despreocupado do que acho que queria aparentar.

— Dever de casa. Marquei... de estudar com um amigo.

— Ah! Tudo bem. Talvez na semana que vem.

Ele me acompanhou até o carro, menos expansivo do que antes. Isso me trouxe uma lembrança clara de meus primeiros meses em Forks. Eu fechara um círculo, e agora tudo parecia um eco — um eco vazio, desprovido do interesse que eu tinha antigamente.

Na noite seguinte, Charlie não pareceu nem um pouco surpreso ao encontrar Jacob e eu esparramados no chão da sala, cercados por nossos livros espalhados, então achei que ele e Billy andaram conversando pelas nossas costas.

— Oi, crianças — disse ele, os olhos se desviando para a cozinha. O cheiro da lasanha que eu passara a tarde preparando, enquanto Jacob olhava e de vez em quando provava, se espalhava pelo corredor. Estava sendo boazinha, tentando compensar por todas as pizzas.

Jacob ficou para o jantar e levou um prato para Billy. De má vontade, acrescentou mais um ano à minha idade negociável por eu ser boa cozinheira.

Sexta-feira foi dia de garagem, e no sábado, depois de meu turno na Newton's,

dever de casa de novo. Charlie sentiu-se seguro o suficiente de minha sanidade mental para passar o dia pescando com Harry. Quando voltou, tínhamos terminado tudo — sentindo-nos muito sensatos e maduros com isso também — e estávamos assistindo a Monster Garage no Discovery Channel.

— Acho que tenho que ir — suspirou Jacob. — É mais tarde do que eu pensava.

— Tá, tudo bem — murmurei. — Vou levar você para casa.

Ele riu de minha evidente má vontade — isso pareceu agradá-lo.

— Amanhã voltamos ao trabalho — eu disse assim que estávamos seguros na picape. — A que horas quer que eu chegue?

Havia uma empolgação inexplicada no sorriso que ele me deu.

— Eu ligo antes, está bem?

— Claro. — Fechei a cara, imaginando o que estava acontecendo. O sorriso dele se alargou.

Na manhã seguinte, limpei a casa — esperando que Jacob telefonasse e tentando me livrar do último pesadelo. O cenário tinha mudado. Na noite anterior, eu vagava num amplo mar de samambaias intercaladas com cicutas enormes. Não havia mais nada lá e eu estava perdida, vagando sem rumo e sozinha, procurando por nada. Eu queria bater em mim mesma pela viagem idiota da semana anterior. Expulsei o sonho de meu pensamento na esperança de que ele ficasse preso em algum lugar e não escapasse de novo.

Charlie estava lá fora lavando a viatura da polícia, então, quando o telefone tocou, larguei a escovinha de banheiro e desci correndo para atender.

— Alô? — perguntei, sem fôlego.

— Bella — disse Jacob com um estranho tom formal.

— Oi, Jake.

— Acho que... temos um encontro — disse ele, a voz cheia de implicações.

Precisei de um segundo para entender.

— Estão prontas? Não acredito! — Que senso de oportunidade perfeito. Eu precisava de algo para me distrair dos pesadelos e do nada.

— É, andam e tudo.

— Jacob, você é absolutamente, sem dúvida alguma, a pessoa mais talentosa e maravilhosa que eu conheço. Ganhou dez anos com essa.

— Que legal! Agora sou um homem de meia-idade.

Eu ri.

— Estou indo para aí!

Atirei o material de limpeza debaixo da bancada do banheiro e peguei meu casaco.

— Vai ver Jake? — disse Charlie quando passei correndo por ele. Não era de fato uma pergunta.

— É — respondi ao pular para dentro da picape.

— Estarei na delegacia mais tarde — disse Charlie às minhas costas.

— Tudo bem — gritei para ele, ligando a ignição.

Charlie disse mais alguma coisa, mas não pude ouvi-lo com clareza por causa do ronco do motor. Pareceu algo como: "Onde é o incêndio?"

Estacionei o carro ao lado da casa dos Black, perto das árvores, para que ficasse mais fácil retirar escondido as motos. Quando saí do carro, uma mancha de cor chamou minha atenção — duas motos reluzentes, uma vermelha, outra preta, estavam escondidas sob um abeto, invisíveis da casa. Jacob estava preparado.

Havia uma fita azul formando um lacinho em volta de cada punho. Eu estava rindo disso quando Jacob saiu da casa.

— Pronta? — perguntou ele em voz baixa, os olhos brilhando.

Olhei por sobre o ombro dele e não havia sinal de Billy.

— Pronta — eu disse, mas não me sentia tão animada quanto antes; estava tentando me imaginar realmente em cima da moto.

Com facilidade, Jacob levou as motos para a caçamba da picape, deitando-as de lado com cuidado para que não aparecessem.

— Vamos — disse ele, a voz mais alta do que o normal, de tão empolgado. — Conheço um lugar perfeito... Ninguém vai nos ver lá.

Fomos para o sul, saindo da cidade. A estrada de terra entrava e saía sinuosa do bosque — às vezes não havia nada além de árvores e depois, de repente, tínhamos um vislumbre emocionante do oceano Pacífico, estendendo-se no horizonte, cinza-escuro sob as nuvens. Estávamos acima da costa, no alto do penhasco que cercava a praia, e a vista parecia se estender para sempre.

Eu dirigia devagar, assim podia de vez em quando olhar o mar com segurança, quando a estrada se aproximava mais dos penhascos. Jacob falava de como havia aprontado as motos, mas suas descrições estavam ficando técnicas e eu não

prestava muita atenção.

Foi quando percebi quatro figuras paradas numa saliência rochosa, perto demais do precipício. De longe não sabia que idade tinham, mas imaginei que fossem homens. Apesar do frio no ar, eles pareciam estar somente de short.

Enquanto eu olhava, o mais alto se aproximou da beira. Eu automaticamente reduzi, meu pé hesitando no pedal do freio.

Depois ele se atirou.

— Não! — gritei, pisando firme no freio.

— Que foi? — gritou Jacob, alarmado.

— Aquele cara... Ele acaba de pular do penhasco! Por que não o impediram? Temos que chamar uma ambulância!

Abri minha porta num rompante e comecei a sair, o que não fazia sentido algum. O caminho mais rápido até um telefone era voltar para a casa de Billy. Mas eu não acreditava no que acabara de ver. Talvez, em meu inconsciente, eu esperasse ver alguma coisa diferente sem o vidro do para-brisa no meio.

Jacob riu e eu me virei para encará-lo, desvairada. Como ele podia ser tão insensível, ter sangue-frio?

— Eles só estão mergulhando do penhasco, Bella. Por diversão. La Push não tem shopping, sabia? — Ele zombava de mim, mas havia uma estranha irritação em sua voz.

— Mergulhando? — repeti, tonta. Olhei incrédula enquanto uma segunda figura se aproximava da beira, parava e depois, muito graciosamente, saltava no espaço. Ele caiu pelo que pareceu uma eternidade para mim, entrando com suavidade nas ondas cinza-escuras lá embaixo.

— Caramba. É tão alto. — Voltei para o meu banco, ainda fitando de olhos arregalados os outros dois mergulhadores. — Deve ter uns trinta metros.

— Bom, é, a maioria de nós pula de lugares mais baixos, daquela pedra que se destaca na metade do penhasco. — Ele apontou pela janela. O lugar que indicou parecia muito mais razoável. — Esses caras são malucos. Devem estar se exibindo, mostrando que são durões. Quer dizer, hoje está congelando. A água não deve estar boa. — Ele fez uma cara de desgosto, como se a proeza o ofendesse pessoalmente. Isso me surpreendeu um pouco. Eu achava que era quase impossível irritar Jacob.

— Você pula do penhasco? — Não tinha deixado passar aquele "nós".

— Claro, claro. — Ele deu de ombros e sorriu. — É divertido. Meio assustador, um tipo de adrenalina.

Olhei para os penhascos, onde a terceira figura avançava para a beira. Nunca tinha testemunhado nada tão imprudente em toda a minha vida. Meus olhos se arregalaram e eu sorri.

— Jake, você precisa me levar para mergulhar do penhasco.

Ele franziu a cara para mim, exprimindo reprovação.

— Bella, você agora mesmo queria chamar uma ambulância para Sam — lembrou-me. Não fiquei surpresa que ele soubesse quem era daquela distância.

— Quero tentar — insisti, começando a sair do carro de novo.

Jacob pegou meu punho.

— Hoje não, está bem? Será que podemos pelo menos esperar por um dia mais quente?

— Tudo bem, tá legal — concordei. Com a porta aberta, a brisa glacial dava arrepios em meu braço. — Mas quero ir logo.

— Logo. — Ele revirou os olhos. — Às vezes você é meio estranha, Bella. Sabia disso?

Eu suspirei.

— Sabia.

— E não vamos pular do topo.

Eu olhei, fascinada, enquanto o terceiro cara corria e se atirava no ar vazio mais longe do que os outros dois. Ele girou e deu um mortal enquanto caía, como se estivesse praticando skydiving. Parecia absolutamente livre — sem pensar e um total irresponsável.

— Ótimo — concordei. — Não na primeira vez, pelo menos.

Jacob suspirou.

— Vamos testar as motos ou não? — perguntou ele.

— Tudo bem, tudo bem — eu disse, tirando os olhos da última pessoa que aguardava no penhasco. Recoloquei o cinto de segurança e fechei a porta. O motor ainda estava ligado, rugindo em ponto morto. Recomeçamos a descer a estrada.

— Então, quem eram aqueles caras... Os malucos? — perguntei.

Saiu um rosnado de revolta do fundo da garganta.

— A gangue de La Push.

— Vocês têm uma gangue? — perguntei. Percebi que parecia impressionada.

Ele riu da minha reação.

— Não assim. Juro, eles são como inspetores de colégio enlouquecidos. Não começam as brigas, mantêm a paz. — Ele bufou. — Havia um sujeito lá de cima, perto da reserva Makah, um grandalhão também, de aparência apavorante. Bom, dizem por aí que ele estava vendendo metanfetamina a crianças, e Sam Uley e seus discípulos expulsaram-no de nossas terras. Todos eles só querem saber de nossas terras, e de orgulho tribal... Está ficando ridículo. O pior é que o conselho os leva a sério. Embry disse que o conselho se reúne com Sam. — Ele sacudiu a cabeça, a face cheia de ressentimento. — Embry também soube por Leah Clearwater que eles se chamam os "protetores" ou algo assim.

As mãos de Jacob se fecharam, como se ele estivesse com vontade de bater em alguma coisa. Eu nunca vira aquele lado dele.

Fiquei surpresa ao ouvir o nome de Sam Uley. Eu não queria ter de volta as imagens de meu pesadelo, então fiz uma observação rápida para me distrair.

— Você não gosta muito deles.

— Parece mesmo? — perguntou ele com sarcasmo.

— Bom... Não parece que estejam fazendo algo ruim. — Tentei acalmá-lo, deixá-lo animado de novo. — Só uma espécie de gangue de santinhos irritantes.

— É. Irritante é uma boa palavra. Eles estão sempre se exibindo... Como a história do penhasco. Eles agem como se... como se, sei lá. Como uns brutamontes. Uma vez, no semestre passado, eu estava com Embry e Quil na loja e Sam apareceu com os seguidores dele, Jared e Paul. Quil disse alguma coisa, você sabe que ele tem a língua muito grande, e aquilo irritou Paul. Os olhos dele escureceram e ele pareceu sorrir... Não, ele arreganhou os dentes, mas não sorriu... E foi como se estivesse tão irritado que chegava a tremer ou coisa assim. Mas Sam pôs a mão no peito de Paul e sacudiu a cabeça. Paul olhou para ele por um minuto e se acalmou. Sinceramente, foi como se Sam o estivesse contendo... Como se Paul fosse nos dilacerar caso Sam não o impedisse. — Ele gemeu. — Parece um faroeste vagabundo. Sabe, o Sam é um sujeito grandalhão, tem uns 20 anos. Mas Paul só tem 16 também, é mais baixo do que eu e não é tão forte quanto o Quil. Acho que qualquer um de nós podia dar conta dele.

— Brutamontes — concordei. Eu podia visualizá-los enquanto ele os descrevia, e isso me trouxe uma lembrança... Um trio de morenos altos, juntos e

imóveis, na sala de estar do meu pai. A imagem era torta, porque minha cabeça estava encostada no sofá enquanto o Dr. Gerandy e Charlie se curvavam sobre mim... Seria a gangue de Sam?

Logo falei de novo, para me distrair das memórias sombrias.

— Sam não é meio velho demais para esse tipo de coisa?

— É. Ele devia ir para universidade, mas ficou. E ninguém deu a mínima para isso. Todo o conselho quase teve uma síncope quando minha irmã recusou uma bolsa parcial e se casou. Mas, ah, não, Sam Uley não faz nada de errado.

Seu rosto tinha linhas desconhecidas de ultraje — ultraje e outra coisa que de início não reconheci.

— Tudo isso é bem irritante e... estranho. Mas não entendo por que leva essa história para o lado pessoal. — Espiei seu rosto, na esperança de que não o tivesse ofendido. Ele de repente ficou calmo, olhando pela janela.

— Você perdeu a entrada — disse numa voz monótona.

Manobrei o carro num U largo, quase batendo numa árvore quando minha volta tirou metade da picape da estrada.

— Obrigada por ter me avisado — murmurei e entrei na via secundária.

— Desculpe, eu não estava prestando atenção.

Ficamos em silêncio por um breve minuto.

— Pode parar em qualquer lugar por aqui — disse ele de modo delicado.

Encostei e desliguei o motor. Meus ouvidos tiniram no silêncio que se seguiu. Nós dois saímos e Jacob foi para a traseira pegar as motos. Tentei ler sua expressão. Algo mais o incomodava. Eu tinha tocado em uma ferida.

Ele sorria pouco animado ao empurrar a moto vermelha para o meu lado.

— Feliz aniversário atrasado. Está pronta para isso?

— Acho que sim. — A moto de repente pareceu me intimidar e assustar, quando percebi que logo estaria montada nela.

— Vamos começar devagar — prometeu ele. Encostei com cautela a moto no para-lama da picape enquanto Jacob pegava a dele.

— Jake... — Hesitei quando ele contornava o carro.

— Sim?

— O que realmente está incomodando você? Sobre a história do Sam, quer dizer? Tem mais alguma coisa? — Observei seu rosto. Ele fez uma careta, mas não parecia estar com raiva. Olhou a terra e chutou o pneu da frente da moto

repetidas vezes, como se marcasse um compasso.

Ele suspirou.

— É só... o modo como eles me tratam. Me dá arrepios. — Agora as palavras começavam a jorrar. — Sabe, o conselho deve ser composto de iguais, mas se houvesse um líder, seria meu pai. Nunca pude entender por que as pessoas o tratam desse jeito. Por que a opinião dele é a que mais conta. Tem alguma coisa a ver com o pai dele, e o pai do pai dele. Meu bisavô, Ephraim Black, foi algo como o último chefe que tivemos, e eles ainda ouvem o Billy talvez por causa disso. Mas eu sou como todo mundo. Ninguém me trata de um jeito especial... Até agora.

Isso me pegou de surpresa.

— Sam trata você de um jeito especial?

— É — concordou ele, fitando-me com os olhos perturbados. — Ele me olha como se esperasse alguma coisa... Como se um dia eu fosse me juntar à gangue idiota dele. Ele presta mais atenção em mim do que em qualquer dos outros caras. Detesto isso.

— Não tem que se juntar a nada. — Minha voz era colérica. Aquilo estava mesmo aborrecendo Jacob, o que me enfurecia. Quem aqueles "protetores" pensavam que eram?

— É. — O pé dele continuava batendo ritmadamente no pneu.

— Que foi? — Pude ver que havia mais.

Ele franziu o cenho, as sobrancelhas unindo-se de uma forma que demonstrava tristeza e preocupação, em vez de raiva.

— É o Embry. Ele anda me evitando nos últimos dias.

Os pensamentos não pareciam relacionados, mas eu me perguntei se era a culpada pelos problemas com o amigo dele.

— Você anda saindo muito comigo — lembrei a ele, sentindo-me egoísta. Eu o estava monopolizando.

— Não, não é isso. Não é só comigo... É com o Quil também, e com todo mundo. Embry faltou uma semana à escola, mas nunca estava em casa quando tentamos vê-lo. E quando voltou, parecia... parecia nervoso. Apavorado. Quil e eu tentamos fazer com que ele nos contasse o que havia de errado, mas ele não falou com nenhum de nós.

Olhei para Jacob, mordendo os lábios de ansiedade — ele estava mesmo

assustado. Mas não me olhou. Ficou olhando o pé que batia no pneu como se pertencesse a outra pessoa. O ritmo se intensificou.

— E nesta semana, do nada, Embry está andando com Sam e os outros. Ele estava lá nos penhascos hoje. — Sua voz era baixa e tensa. Ele enfim me olhou. — Bella, eles incomodavam mais o Embry do que a mim. Embry não queria ter nada a ver com eles. E agora está seguindo Sam como se tivesse entrado para um culto. E foi assim que aconteceu com Paul. Exatamente do mesmo jeito. Ele não tinha nenhuma amizade com Sam. Depois parou de ir à escola por algumas semanas e, quando voltou, de repente Sam era dono dele. Não sei o que isso significa. Não consigo imaginar o que é, e sinto que tenho que descobrir, porque Embry é meu amigo e... Sam olha para mim de um jeito estranho... e... — Ele parou.

— Já conversou com Billy sobre isso? — perguntei. O pavor dele estava passando para mim. Eu sentia arrepios correndo pela nuca.

Agora havia raiva em seu rosto.

— Já — ele bufou. — Foi de muita ajuda.

— O que ele disse?

A expressão de Jacob era sarcástica e, quando ele falou, sua voz imitava o tom grave do pai.

— "Não há nada com que se preocupar agora, Jacob. Daqui a alguns anos, se você não... Bom, vou explicar mais tarde." — E depois retomou a própria voz. — O que eu devia concluir disso? Será que ele está tentando dizer que é uma coisa idiota da puberdade, que vem com a idade? Tem coisa aí. Alguma coisa errada.

Ele mordia o lábio inferior e cerrava as mãos. Parecia estar a ponto de chorar.

Joguei os braços em torno dele por instinto, envolvendo sua cintura e apertando o rosto contra seu peito. Ele era tão grande que eu me sentia uma criança abraçando um adulto.

— Ah, Jake, vai ficar tudo bem! — prometi. — Se piorar, você pode morar comigo e com Charlie. Não fique com medo, vamos pensar em alguma solução!

Ele ficou paralisado por um segundo, depois seus braços longos me envolveram, hesitantes.

— Obrigado, Bella. — A voz dele soava mais rouca que o normal.

Ficamos parados ali por um momento, e isso não me incomodou; na verdade, senti-me reconfortada pelo contato com ele. Não era nada parecido com a última vez que alguém me abraçara assim. Era amizade. E Jacob era muito quente.

Foi estranho para mim ficar tão perto — emocional, não fisicamente, embora o físico também me fosse desconhecido — de outro ser humano. Não era meu estilo habitual. Eu não me relacionava com as pessoas com tanta facilidade, num nível tão profundo.

Não com seres humanos.

— Se é assim que você vai reagir, vou ficar nervoso com mais frequência. — A voz de Jacob estava tranquila, normal de novo, e seu riso trovejou em meu ouvido. Delicadamente, seus dedos tocaram meu cabelo, indecisos.

Bom, para mim era amizade.

Afastei-me depressa, rindo com ele, mas decidida a colocar de novo as coisas em seus lugares.

— É difícil acreditar que sou dois anos mais velha do que você — eu disse, destacando as palavras mais velha. — Você faz com que eu me sinta uma anã. — Parada ali tão perto dele, eu tinha mesmo de esticar o pescoço para ver seu rosto.

— Está se esquecendo de que tenho 40 anos, é claro.

— Ah, é verdade.

Ele afagou minha cabeça.

— Você parece uma bonequinha — debochou ele. — Uma boneca de porcelana.

Eu revirei os olhos, recuando outro passo.

— Não vamos começar com piadinhas racistas.

— É sério, Bella, tem certeza de que não é? — Ele esticou o braço avermelhado para perto de mim. A diferença não era lisonjeira. — Nunca vi ninguém mais branco do que você... Bom, a não ser por... — Ele se interrompeu e eu desviei os olhos, tentando não entender o que ele estivera prestes a dizer. — Então, vamos andar de moto ou não?

— Vamos nessa — concordei, com mais entusiasmo do que teria um minuto antes. Sua frase inacabada me lembrou do motivo de estar ali.

8. ADRENALINA

— MUITO BEM, ONDE ESTÁ A EMBREAGEM?

Apontei para a alavanca em meu punho esquerdo. Soltar o punho foi um erro. A moto pesada balançou embaixo de mim, ameaçando me derrubar de lado. Agarrei o punho de novo, tentando mantê-la reta.

— Jacob, não vai ficar de pé — reclamei.

— Vai, quando você estiver em movimento — prometeu ele. — Agora, onde está seu freio?

— Atrás do meu pé direito.

— Errado.

Ele segurou minha mão direita e pôs meus dedos em volta da alavanca acima do acelerador.

— Mas você disse...

— Este é o freio que você quer. Não use o freio traseiro agora, isso é para depois, quando você souber o que está fazendo.

— Não parece certo — disse, desconfiada. — Os dois freios não são importantes?

— Esqueça o freio traseiro, está bem? Olhe... — Ele envolveu minha mão com a dele e me fez apertar a alavanca para baixo. — É assim que você freia. Não esqueça. — Ele apertou minha mão outra vez.

— Tudo bem — concordei.

— Acelerador?

Girei o punho direito.

— Câmbio?

Cutuquei-o com a panturrilha esquerda.

— Muito bom. Acho que você entendeu todas as partes. Agora só precisa colocar a moto em movimento.

— Arrã — murmurei, com medo de dizer mais. Meu estômago se contorcia estranhamente, e pensei que minha voz pudesse falhar. Eu estava apavorada.

Tentei dizer a mim mesma que o medo não tinha sentido. Eu já vivera o pior possível. Comparada àquilo, por que qualquer coisa me assustaria agora? Eu devia poder olhar a morte de frente e rir.

Meu estômago não engoliu essa.

Olhei o longo trecho de estrada de terra, cercada dos dois lados pelo verde espesso e indistinto. A estrada era arenosa e molhada. Melhor do que lama.

— Quero que puxe a embreagem para baixo — instruiu Jacob.

Envolvi a embreagem com os dedos.

— Agora isto é crucial, Bella — enfatizou Jacob. — Não a solte, está bem? Quero que finja que eu lhe dei uma granada. O pino foi arrancado e você está segurando o detonador.

Apertei com mais força.

— Ótimo. Acha que pode dar a partida?

— Se eu mexer meu pé, vou cair — disse entre os dentes, os dedos firmes em volta da granada.

— Tudo bem, vou fazer isso. Não solte a embreagem.

Ele recuou um passo, depois de repente bateu o pé no pedal. Houve um som breve, cortante, e a força de seu golpe virou a moto. Comecei a cair de lado, mas Jake pegou a moto antes que ela me atirasse no chão.

— Firme aí — encorajou ele. — Ainda está com a embreagem?

— Sim — respondi, ofegante.

— Firme os pés... Vou tentar de novo. — Mas ele também pôs a mão na parte de trás do banco, só por segurança.

Foram necessárias mais quatro tentativas até a ignição pegar. Pude sentir a moto rugindo embaixo de mim como um animal furioso. Eu agarrava a embreagem até meus dedos doerem.

— Tente soltar o acelerador — sugeriu ele. — Muito de leve. E não solte a embreagem.

Hesitante, girei o punho direito. Embora o movimento fosse mínimo, a moto grunhiu embaixo de mim. Agora parecia ter raiva e fome. Jacob sorriu, muito satisfeito.

— Lembra como engrenar a primeira? — perguntou ele.

— Lembro.

— Bom, faça isso agora.

— Tudo bem.

Ele esperou alguns segundos.

— Pé esquerdo — soprou ele.

— Eu sei — falei, respirando fundo.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou Jacob. — Você parece assustada.

— Estou bem — rebati. Baixei um grau do câmbio com o pé.

— Muito bom — ele me elogiou. — Agora, muito delicadamente, solte a embreagem.

Ele se afastou um passo da moto.

— Quer que eu largue a granada? — perguntei, incrédula. Não admira que ele tenha chegado para trás.

— É assim que você anda, Bella. Faça isso aos pouquinhos.

Enquanto eu começava a afrouxar a embreagem, fiquei chocada ao ser interrompida por uma voz que não pertencia ao garoto parado a meu lado.

"Isso é imprudente, infantil e idiota, Bella", fuzilou a voz aveludada.

— Ah! — arfei e minha mão soltou a embreagem.

A moto deu um pinote embaixo de mim, jogando-me para a frente, e depois desabou no chão; metade do meu corpo embaixo dela. O motor engasgou e parou.

— Bella? — Jacob tirou a moto pesada de cima de mim com facilidade. — Você se machucou?

Mas eu não estava ouvindo.

"Eu lhe disse", murmurou a voz perfeita, clara como cristal.

— Bella? — Jacob sacudiu meu ombro.

— Estou bem — murmurei, confusa.

Mais do que bem. A voz em minha cabeça tinha voltado. Ainda soava em meus ouvidos — ecos macios de veludo.

Minha mente disparou depressa pelas possibilidades. Não havia familiaridade ali — numa estrada que eu nunca vira, fazendo algo que nunca fizera na vida —, nenhum déjà vu. Então as alucinações deviam ser disparadas por outro motivo... Sentia a adrenalina correndo por minhas veias de novo e pensei ter a resposta. Uma combinação de adrenalina e perigo, ou talvez só estupidez.

Jacob me colocava de pé.

— Você bateu a cabeça? — perguntou ele.

— Acho que não. — Sacudi a cabeça de um lado para outro, verificando. — Não quebrei a moto, não é? — Essa ideia me preocupava. Eu estava ansiosa para tentar de novo; agir com imprudência mostrou ser melhor do que eu pensava. Podia deixar a trapaça de lado. Talvez eu tivesse encontrado uma forma de gerar as alucinações — isso era muito mais importante.

— Não. Você só afogou o motor — disse Jacob, interrompendo minhas breves especulações. — Você soltou a embreagem rápido demais.

Assenti.

— Vamos tentar de novo.

— Tem certeza? — perguntou Jacob.

— Afirmativo.

Dessa vez tentei dar a partida eu mesma. Era complicado; eu tinha de pular um pouco para descer o pedal com força suficiente, e sempre que fazia isso a moto tentava me derrubar. As mãos de Jacob pairavam sobre os punhos, prontas para me pegar se eu precisasse dele.

Foram várias tentativas boas, a maioria ruins, até que o motor pegasse e rugisse sob meu corpo. Lembrando-me de segurar a granada, eu experimentei girar o acelerador um pouco. Ele rosnou ao mais leve toque. Agora meu sorriso espelhava o de Jacob.

— Solte a embreagem — lembrou-me ele.

"Então você quer mesmo se matar? É disso que se trata?", falou a outra voz de novo, o tom severo.

Dei um sorriso duro — ainda estava funcionando — e ignorei as perguntas. Jacob não ia deixar que nada de grave acontecesse comigo.

"Vá para a casa de Charlie", ordenou a voz. Sua mera beleza me maravilhou. Eu não podia deixar que minha lembrança se perdesse, qualquer que fosse o preço.

— Solte devagar — encorajou-me Jacob.

— Vou soltar — eu disse. Fiquei um pouco incomodada ao perceber que respondia aos dois.

A voz em minha cabeça rosnou acima do rugido do motor da moto.

Dessa vez, tentando me concentrar para não deixar que a voz me assustasse de novo, relaxei a mão aos poucos. De repente, o câmbio engrenou e fui lançada para a frente.

E eu estava voando.

Havia um vento que não estava ali antes, soprando na pele de meu crânio e fazendo meu cabelo voar para trás com tanta força que parecia estar sendo puxado por alguém. Meu estômago tinha ficado lá atrás, onde dei a partida; a adrenalina percorria meu corpo, formigando em minhas veias. As árvores passavam por mim misturando-se em uma muralha verde.

Mas aquela era só a primeira marcha. Meu pé avançou mais um pouco no câmbio enquanto eu girava para ter mais aceleração.

"Não, Bella!", a voz colérica e doce como mel ordenou em meu ouvido. "Cuidado com o que está fazendo!"

Isso me distraiu da velocidade o suficiente para perceber que a estrada começava a fazer uma curva lenta para a esquerda e eu ainda estava em linha reta. Jacob não me ensinou a virar.

— Freios, freios — murmurei comigo mesma e instintivamente desci o pé direito, como se estivesse em minha picape.

A moto de repente ficou instável, tremendo primeiro para um lado e depois para o outro. Estava me arrastando para a muralha verde, e eu ia rápido demais. Tentei virar o guidom para outra direção, e o súbito deslocamento de peso derrubou a moto no chão, ainda rumo às árvores.

A motocicleta caiu em cima de mim de novo, rugindo alto, empurrando-me pela areia molhada até que bateu em algum objeto parado. Eu não conseguia enxergar. Meu rosto estava esmagado contra o limo. Tentei levantar a cabeça, mas havia algo no caminho.

Eu estava tonta e confusa. Parecia que havia três diferentes grunhidos — a moto em cima de mim, a voz em minha cabeça e outra coisa mais...

— Bella! — gritou Jacob, e eu ouvi o ronco da outra moto parar.

A moto não me prendia mais ao chão e eu rolei para respirar. Todo o rugido cessou.

— Caramba — murmurei. Eu estava agitada. Tinha de ser essa a receita para a alucinação: adrenalina mais perigo mais estupidez. Alguma combinação parecida com essa, de qualquer modo.

— Bella! — Jacob se abaixava sobre mim angustiado. — Bella, você está viva?

— Estou ótima! — disse, entusiasmada. Flexionei os braços e as pernas. Tudo

parecia perfeito. — Vamos fazer de novo.

— Acho que não. — Jacob ainda estava preocupado. — Acho melhor levar você ao hospital primeiro.

— Eu estou bem.

— Hmmm, Bella? Você tem um corte enorme na testa e está sangrando — informou-me ele.

Passei a mão na testa. Estava mesmo molhada e pegajosa. Eu só sentia o cheiro do musgo molhado em meu rosto e isso conteve a náusea.

— Ah, me desculpe, Jacob. — Apertei o corte com força, como se pudesse obrigar o sangue a voltar para minha cabeça.

— Por que está se desculpando por sangrar? — perguntou ele, enquanto passava o braço comprido por minha cintura e me puxava para me colocar de pé. — Vamos. Eu dirijo. — Ele estendeu a outra mão para a chave.

— E as motos? — perguntei, entregando a chave a ele.

Ele pensou por um segundo.

— Espere aqui. E pegue isso. — Ele tirou a camiseta, já suja de meu sangue, e a atirou para mim. Eu a embolei e segurei com força em minha testa. Começava a sentir o cheiro do sangue; respirei fundo pela boca e tentei me concentrar em outra coisa.

Jacob pulou na moto preta, deu a partida na primeira tentativa e seguiu pela estrada, espalhando areia e seixos. Ele parecia atlético e profissional curvado no guidom, a cabeça baixa, o rosto para a frente, o cabelo brilhante chicoteando na pele avermelhada das costas. Meus olhos se estreitaram de inveja. Eu tinha certeza de que não ficava assim em minha moto.

Fiquei surpresa com a distância que eu percorrera. Mal podia ver Jacob ao longe quando ele enfim chegou à picape. Ele atirou a moto na caçamba e disparou para o banco do motorista.

O rugido ensurdecedor que ele fez com meu carro na pressa para voltar e me pegar me aborreceu. Minha cabeça doía um pouco e meu estômago estava inquieto, mas o corte não era grave. Feridas na cabeça sangram mais do que a maioria das outras. A urgência dele não era necessária.

Jacob deixou o motor da picape ligado ao correr até mim e passar de novo o braço em minha cintura.

— Muito bem, vamos colocar você no carro.

— Sinceramente, estou bem — garanti quando ele me ajudou a entrar. — Não fique tão agitado. É só um pouco de sangue.

— Só muito sangue — eu o ouvi resmungar enquanto voltava para pegar minha moto.

— Agora, vamos pensar nisso por um segundo — comecei quando ele entrou de volta. — Se você me levar para a emergência desse jeito, Charlie certamente vai saber. — Olhei a areia e a terra presas no meu jeans.

— Bella, acho que você precisa levar uns pontos. Não vou deixar você sangrar até a morte.

— Não vou — prometi. — Só vamos levar as motos de volta primeiro, depois paramos na minha casa para eu me livrar das provas antes de irmos ao hospital.

— E Charlie?

— Ele disse que tinha que trabalhar hoje.

— Tem certeza mesmo?

— Confie em mim. Eu sangro com facilidade. Não é nem de longe tão terrível quanto parece.

Jacob não ficou satisfeito — sua boca se virou inteira para baixo numa careta estranha —, mas ele não queria me meter em problemas. Olhei pela janela, segurando a camiseta dele, arruinada, em minha cabeça, enquanto ele me levava para Forks.

A moto era melhor do que eu sonhava. Serviu a seu propósito original. Eu trapaceei — quebrei minha promessa. Fui imprudente sem necessidade. Eu me sentia um pouco menos patética agora que as promessas tinham sido quebradas dos dois lados.

E depois a descoberta da chave para as alucinações! Pelo menos, eu esperava ter descoberto. Ia testar a teoria assim que fosse possível. Talvez me liberassem rapidamente no pronto-socorro e eu pudesse tentar de novo naquela noite.

Correr pela estrada daquele jeito foi maravilhoso. A sensação do vento no rosto, a velocidade e a liberdade... Lembrou-me de uma vida passada, voando pelo bosque denso sem uma estrada, carregada nas costas enquanto ele corria — parei de pensar bem nesse ponto, deixando que a lembrança fosse interrompida na agonia repentina. Eu me encolhi.

— Você ainda está bem? — verificou Jacob.

— Estou. — Tentei parecer tão convincente quanto antes.

— A propósito — acrescentou ele —, vou desconectar seu pedal de freio hoje à noite.

Em casa, fui logo me olhar no espelho; estava mesmo horrível. O sangue secava em manchas espessas na bochecha e no pescoço, colando-se no cabelo enlameado. Fiz um exame clínico em mim mesma, fingindo que o sangue era tinta para não perturbar meu estômago. Eu respirava pela boca e tudo estava bem.

Lavei o máximo que pude. Depois escondi as roupas com sangue e terra no fundo do cesto de roupa suja, vesti jeans limpo e uma blusa de botões (que eu não tinha de vestir pela cabeça) com o máximo cuidado. Consegui fazer isso com uma só mão e mantive as duas peças de roupa sem sangue.

— Depressa — chamou Jacob.

— Tudo bem, tudo bem — gritei para ele. Depois de me certificar de não ter deixado nada incriminador para trás, desci ao primeiro andar.

— Como estou? — perguntei a ele.

— Melhor — admitiu Jacob.

— Mas parece que tropecei em sua garagem e bati a cabeça em um martelo?

— Claro, acho que sim.

— Então, vamos.

Jacob correu comigo porta afora e insistiu para dirigir de novo. Estávamos a meio caminho do hospital quando percebi que ele ainda estava sem camisa.

Fechei a cara, sentindo-me culpada.

— Devíamos ter pego um casaco para você.

— Isso teria nos entregado — brincou ele. — Além disso, não está frio.

— Está brincando? — Eu tremia e estendi a mão para ligar o aquecedor.

Observei Jacob para ver se só estava bancando o durão para que eu não me preocupasse, mas ele parecia bastante confortável. Estava com um braço estendido sobre meu banco, enquanto eu me encolhia para me manter aquecida.

Jacob parecia mesmo ter mais de 16 anos — não exatamente 40, mas talvez mais velho do que eu. Quil não ficava lhe devendo muito no quesito músculos, apesar de Jacob afirmar ser um esqueleto. Os músculos eram do tipo magros e longos, mas sem dúvida estavam ali, sob a pele macia. A pele de Jacob era de uma cor tão bonita que me deu inveja.

Jacob percebeu que eu estava olhando.

— Que foi? — perguntou ele, constrangido de repente.

— Nada. Só não tinha percebido antes. Sabia que você é até bonito?

Depois que as palavras saíram, fiquei preocupada que ele pudesse entender minha observação impulsiva da maneira errada.

Mas Jacob só revirou os olhos.

— Você bateu a cabeça com muita força, não foi?

— Estou falando sério.

— Bom, então, eu até agradeço.

Eu sorri.

— Por nada.

Tive de levar sete pontos para fechar o corte na testa. Depois da picada do anestésico local, não senti dor no procedimento. Jacob segurava minha mão enquanto o Dr. Snow costurava, e tentei não pensar por que aquilo era irônico.

Ficamos séculos no hospital. Quando terminou, deixei Jacob em casa e corri de volta para fazer o jantar de Charlie. Charlie pareceu engolir minha história sobre a queda na garagem de Jacob. Afinal, eu já fora parar no pronto-socorro antes sem precisar de nada além de meus pés.

Aquela noite não foi tão ruim quanto a primeira, depois de eu ter ouvido a voz perfeita em Port Angeles. O buraco voltou, como sempre acontecia quando eu me afastava de Jacob, mas não latejou tanto nas beiradas. Eu já estava fazendo planos, ansiando para ter mais ilusões, e aquilo foi uma distração. Também, eu sabia que me sentiria melhor no dia seguinte, quando estivesse com Jacob de novo. Graças a isso, foi mais fácil suportar o vazio e a familiar dor; havia o alívio em vista. O pesadelo também tinha perdido parte de seu poder. Fiquei aterrorizada pelo vazio, como sempre, mas também fiquei estranhamente impaciente enquanto esperava pelo momento que me faria gritar ao voltar à consciência. Eu sabia que o pesadelo ia terminar.

Na quarta-feira seguinte, antes de eu chegar do pronto-socorro, o Dr. Gerandy ligou para alertar meu pai de que eu podia ter uma concussão e aconselhou-o a me acordar a cada duas horas à noite para se certificar de que não era grave. Os olhos de Charlie se estreitaram, desconfiados da explicação boba que tinha dado para meu tropeço.

— Talvez você deva ficar fora daquela garagem, Bella — sugeriu ele naquela noite, durante o jantar.

Entrei em pânico, preocupada que Charlie estivesse prestes a baixar alguma espécie de decreto que vetaria La Push e, por consequência, minha moto. E eu não ia desistir — tivera a mais incrível alucinação naquele dia. Minha ilusão de voz aveludada gritara comigo por quase cinco minutos antes de eu pisar bruscamente no freio e me atirar na árvore. Eu suportaria qualquer dor que aquilo me provocasse naquela noite sem reclamar.

— Não aconteceu na garagem — protestei rápido. — Estávamos fazendo uma caminhada numa trilha e tropecei numa pedra.

— Desde quando você faz trilha? — perguntou Charlie com ceticismo.

— Às vezes trabalhar na Newton's pode ser contagiante — assinalei. — De tanto passar dia após dia vendendo todas as vantagens da vida ao ar livre, acabamos ficando curiosos.

Charlie me olhou sem se deixar convencer.

— Vou ter mais cuidado — prometi, disfarçando ao cruzar os dedos debaixo da mesa.

— Não me importo que faça caminhadas em trilhas por La Push, mas fique perto da cidade, está bem?

— Por quê?

— Bom, ultimamente temos recebido um monte de queixas de animais selvagens. A guarda florestal vai verificar, mas por enquanto...

— Ah, o urso grande — eu disse com uma compreensão súbita. — É, apareceram uns montanhistas na Newton's que o viram. Acha que existe algum urso mutante e gigantesco por aí?

A testa dele se vincou.

— Existe alguma coisa. Fique perto da cidade, está bem?

— Claro, claro — assenti depressa. Ele não pareceu totalmente sossegado.

— Charlie está ficando enxerido — queixei-me com Jacob quando o peguei depois da escola na sexta-feira.

— Talvez devêssemos pegar leve com as motos. — Ele viu minha expressão de objeção e acrescentou: — Pelo menos por uma semana, mais ou menos. Você pode ficar longe do hospital por uma semana, não pode?

— O que vamos fazer? — Fiquei atormentada.

Ele sorriu, animado.

— O que você quiser.

Pensei naquilo por um minuto — sobre o que eu queria.

Eu odiava a ideia de perder até meus breves segundos de proximidade com as lembranças que não doíam — aquelas que vinham espontaneamente, sem que eu pensasse nelas. Se eu não podia ter as motos, teria de encontrar outro caminho para o perigo e para a adrenalina, e isso requeria raciocínio e criatividade. Não era interessante ficar à toa nesse meio-tempo. E se eu ficasse deprimida de novo, mesmo com Jake? Eu tinha de me manter ocupada.

Talvez houvesse outra maneira, outra receita... Em outro lugar.

A casa tinha sido um equívoco, sem dúvida. Mas a presença dele devia estar impressa em outro lugar, um lugar além de dentro de mim. Tinha de haver um lugar onde ele parecesse mais real do que em meio a todas as paisagens conhecidas que estavam cheias de outras lembranças humanas.

Só conseguia pensar em um lugar onde isso podia acontecer. Um lugar que sempre pertenceria a ele e a mais ninguém. Um lugar mágico, cheio de luz. A linda campina que eu só vira uma vez na vida, iluminada pelo sol e pelas centelhas da pele dele.

Essa ideia tinha um enorme potencial de se voltar contra mim — podia ser perigosamente dolorosa. Meu peito doeu por conta do vazio que eu sentia só de pensar no assunto. Era difícil me manter firme, não me trair. Mas, com certeza, entre todos os lugares, eu poderia ouvir a voz dele ali. E eu já tinha dito a Charlie que estava fazendo trilha...

— No que está pensando tanto? — perguntou Jacob.

— Bom... — comecei devagar. — Uma vez eu descobri um lugar no bosque... Acabei chegando nele quando estava, hmmm, caminhando. Uma pequena campina, o lugar mais lindo que já vi. Não sei se conseguiria encontrá-lo de novo sozinha. Precisaria de algumas tentativas...

— Podemos usar uma bússola e um esquema de grade para indicar o caminho — disse Jacob, prestativo e confiante. — Sabe de onde partiu?

— Sei, pouco abaixo da trilha onde a 110 termina. Acho que fui mais para o sul.

— Legal. Vamos encontrar. — Como sempre, Jacob topava qualquer

atividade que eu quisesse. Por mais estranha que fosse.

Assim, no sábado à tarde, experimentei minhas novas botas de caminhada — compradas naquela manhã, usando pela primeira vez meu desconto de vinte por cento para funcionários —, peguei meu mapa topográfico da península de Olympic e dirigi para La Push.

Não partimos imediatamente; primeiro, Jacob se esparramou pelo chão da sala de estar — tomando todo o espaço — e, por uns bons vinte minutos, desenhou uma teia complicada na seção principal do mapa enquanto eu me empoleirava numa cadeira da cozinha e conversava com o pai dele. Billy não parecia preocupado com nossa excursão. Fiquei surpresa que Jacob tivesse contado a ele aonde íamos, dado o estardalhaço que as pessoas estavam fazendo a respeito do urso. Queria pedir a Billy para não contar nada daquilo a Charlie, mas tive medo de que a solicitação provocasse o resultado contrário.

— Talvez a gente veja o superurso — brincou Jacob, com os olhos no desenho.

Olhei para Billy rapidamente, temendo uma reação ao estilo de Charlie.

Mas Billy se limitou a rir do filho.

— Então talvez devam levar um pote de mel, só por precaução.

Jake riu.

— Espero que suas botas novas sejam rápidas, Bella. Um potinho não vai manter um urso faminto ocupado por muito tempo.

— Eu só tenho que ser mais rápida do que você.

— Boa sorte! — disse Jacob, revirando os olhos enquanto dobrava o mapa. — Vamos.

— Divirtam-se — trovejou Billy, girando a cadeira para a geladeira.

Charlie não era uma pessoa de convivência difícil, mas me parece que era mais fácil para Jacob do que para mim.

Dirigi para o finalzinho da estrada de terra, parando perto da placa que marcava o início da trilha. Já fazia muito tempo desde que estivera ali, e meu estômago reagiu nervoso. Aquilo podia ser muito ruim. Mas valeria a pena se eu ouvisse a voz dele.

Saí do carro e olhei a densa muralha verde.

— Eu fui por aqui — murmurei, apontando para a frente.

— Hmmmm — murmurou Jake.

— Que foi?

Ele olhou na direção que apontei, depois para a trilha claramente marcada e de volta para mim.

— Pensei que fosse o tipo de garota que só anda na trilha.

— Eu não. — Dei um sorriso amarelo. — Sou uma rebelde.

Ele riu, depois pegou o mapa.

— Me dê um segundo. — Ele segurou a bússola com habilidade, girando o mapa até que ficasse no ângulo que queria.

— Tudo bem... Primeira linha na grade. Vamos.

Eu sabia que estava atrasando Jacob, mas ele não reclamou. Tentei não me ater à minha última viagem por aquela parte do bosque, com uma companhia muito diferente. As lembranças normais ainda eram perigosas. Se eu me deixasse fracassar, terminaria com os braços grudados no peito para não desmoronar, arfante, e como explicaria isso a Jacob?

Manter-me concentrada no presente não foi tão difícil como eu pensara. O bosque era parecido com qualquer outra parte da península e Jacob criava um estado de espírito muito diferente.

Ele assoviava animado, uma música desconhecida, balançando os braços e andando com facilidade pelo terreno irregular. As sombras não pareciam tão escuras. Não com meu sol particular me fazendo companhia.

Jacob olhava a bússola a cada poucos minutos, mantendo-nos em linha reta com um dos raios de sua grade. Ele realmente parecia saber o que estava fazendo. Pensei em elogiá-lo, mas me contive. Sem dúvida, ele acrescentaria mais alguns anos a sua idade já superestimada.

Minha mente vagava enquanto eu caminhava, e surgiu uma curiosidade. Eu não tinha me esquecido da conversa que tivéramos perto do penhasco — estava esperando que ele levantasse o assunto de novo, mas não parecia que isso fosse acontecer.

— Ei... Jake? — perguntei, hesitante.

— Sim?

— Como estão as coisas... com Embry? Ele voltou ao normal?

Jacob ficou em silêncio por um minuto, ainda avançando a passos largos. Quando estava uns três metros à frente, parou para me esperar.

— Não. Ele não voltou ao normal — disse Jacob quando o alcancei, os cantos

da boca se curvando. — Ele não voltou a andar conosco. — Logo me arrependi de ter tocado no assunto.

— Ainda com Sam.

— É.

Ele passou o braço por meu ombro e parecia tão perturbado que não me esquivei descontraidamente, como faria em outra ocasião.

— Eles ainda olham estranho para você? — quase sussurrei.

Jacob olhou as árvores.

— Às vezes.

— E Billy?

— Útil como sempre — disse ele num tom amargurado, de raiva, que me perturbou.

— Nosso sofá está sempre às ordens — ofereci.

Ele riu, rompendo a melancolia que não lhe era natural.

— Mas pense na situação em que Charlie ficaria... Quando Billy chamasse a polícia para dar queixa de meu sequestro.

Ri também, feliz por Jacob ter voltado ao normal.

Paramos quando ele disse que tínhamos andado uns dez quilômetros, cortamos para o oeste por pouco tempo e voltamos por outra linha de sua grade. Tudo parecia exatamente igual, e tive a sensação de que minha busca tola estava condenada. Precisei aceitar ainda mais a realidade quando começou a ficar mais escuro, o dia sem sol desaparecendo em uma noite sem estrelas, mas Jacob estava mais confiante.

— Se você tem certeza de que começamos do ponto certo... — Ele olhou para mim.

— Sim, tenho certeza.

— Então vamos encontrar — prometeu ele, pegando minha mão e me puxando por uma massa de samambaias. Do outro lado, estava a picape. Ele gesticulou para o carro com orgulho. — Confie em mim.

— Você é bom nisso — admiti. — Mas da próxima vez vamos trazer lanternas.

— De agora em diante, vamos deixar para fazer trilha aos domingos. Eu não sabia que você era tão lenta.

Puxei a mão e fui batendo os pés para o lado do motorista enquanto ele ria da

minha reação.

— Preparada para outra tentativa amanhã? — perguntou, sentando-se no banco do carona.

— Claro. A não ser que queira sair sem mim, para eu não prender você com meu passo de lesma.

— Eu sobrevivo a isso — garantiu-me. — Mas, se vamos fazer trilha outra vez, você podia arrumar uns band-aids. Aposto que está sentindo essas botas novas agora mesmo.

— Um pouco — confessei. Parecia que eu tinha mais bolhas do que espaço para acomodá-las.

— Espero ver o urso amanhã. Fiquei meio decepcionado com isso.

— É, eu também — concordei com um tom de sarcasmo. — Talvez amanhã tenhamos sorte e alguma coisa nos devore!

— Os ursos não comem gente. Não temos um gosto tão bom. — Ele sorriu para mim na cabine escura do carro. — É claro que você pode ser uma exceção. Aposto que tem um gosto bom.

— Muito obrigada — eu disse, desviando os olhos. Ele não era a primeira pessoa a me falar isso.

9. TRIÂNGULO

O TEMPO COMEÇOU A PASSAR MUITO MAIS RÁPIDO do que antes. Escola, trabalho e Jacob — não necessariamente nessa ordem — criaram um padrão simples e tranquilo a seguir. E Charlie conseguiu o que queria: eu não era mais infeliz. É claro que eu não podia me enganar cem por cento. Quando parava para avaliar minha vida, o que eu procurava não fazer com muita frequência, não podia ignorar as implicações de meu comportamento.

Eu parecia uma lua perdida — meu planeta destruído em algum cenário desolado de cinema-catástrofe — que continuava, apesar de tudo, a rodar numa órbita muito estreita pelo espaço vazio que ficou, ignorando as leis da gravidade.

Eu estava melhorando com a moto, o que significava menos curativos para preocupar Charlie. Mas também significava que a voz em minha cabeça começara a sumir, até que não a ouvi mais. Silenciosamente, entrei em pânico. Atirei-me na busca pela campina com uma intensidade um tanto frenética. Vasculhei meu cérebro à procura de outras atividades que gerassem adrenalina.

Não acompanhava os dias que passavam — não havia motivo para isso, já que eu tentava viver o máximo possível no presente, sem passado se desvanecendo, nem futuro iminente. Então, fiquei surpresa quando Jacob colocou em pauta uma data em um de nossos dias de dever de casa. Estava esperando quando parei o carro na frente da casa dele.

— Feliz Dia de São Valentino, o Dia dos Namorados — disse ao me receber, sorrindo, mas baixando a cabeça.

Ele estendeu uma caixa pequena e cor-de-rosa, equilibrando-a na palma da mão. Balinhas no formato de corações.

— Bom, eu me sinto uma imbecil — murmurei. — Hoje é o Dia dos Namorados?

Jacob sacudiu a cabeça, fingindo tristeza.

— Às vezes você é tão desligada. É, é o Dia dos Namorados. Então, vai ser minha namorada? Já que você não me deu uma caixa de balas de cinquenta

centavos, é o mínimo que pode fazer.

Eu começava a ficar pouco à vontade. As palavras eram brincalhonas, mas só na superfície.

— O que exatamente isso implica? — eu me esquivei.

— O de sempre... Escrava a vida toda, esse tipo de coisa.

— Ah, bom, se é só isso... — Eu peguei a caixa. Mas tentava pensar em um modo de deixar os limites bem claros. De novo. Eles pareciam estar muito confusos para Jacob.

— E aí, o que vamos fazer amanhã? Trilha ou pronto-socorro?

— Trilha — decidi. — Você não é o único que pode ser obsessivo. Estou começando a pensar que imaginei aquele lugar... — Franzi a testa.

— Vamos encontrar — garantiu-me ele. — Moto na sexta? — propôs ele.

Vi uma chance e a aproveitei sem parar para pensar.

— Vou ao cinema na sexta. Há séculos estou prometendo sair com minha turma do almoço. — Mike ia ficar satisfeito.

Mas o rosto de Jacob desmoronou. Percebi a expressão em seus olhos escuros antes que ele os desviasse para o chão.

— Você vai também, não é? — acrescentei depressa. — Ou será um sacrifício muito grande sair com o pessoal chato do último ano? — Era minha oportunidade de impor uma distância entre nós. Não suportava a ideia de magoar Jacob; parecíamos estar estranhamente ligados, e a dor dele provocava pequenas pontadas em minha própria dor. Além disso, a ideia de ter a companhia dele naquela provação — eu prometera mesmo a Mike, mas não estava nada animada em cumprir a promessa — era tentadora demais.

— Gostaria que eu fosse, com seus amigos lá?

— Sim — admiti com sinceridade, sabendo, ao continuar, que eu devia estar dando um tiro no próprio pé com aquelas palavras. — Vai ser muito mais divertido se você estiver lá. Leve Quil e vai ser uma festa.

— Quil vai ficar louco. Sair com veteranas. — Ele riu e revirou os olhos. Não falei em Embry, nem ele.

Eu também ri.

— Vou tentar arrumar as melhores para ele.

Toquei no assunto com Mike na aula de inglês.

— Ei, Mike — disse quando a aula acabou. — Você vai estar livre na sexta à noite?

Ele olhou para mim, os olhos azuis logo esperançosos.

— Vou, vou sim. Quer sair?

Formulei minha resposta rápido.

— Eu estava pensando em sair em grupo — destaquei a palavra — para ver Alvos em Mira. — Dessa vez eu tinha feito o dever de casa; até li sobre o filme para ter certeza de que não seria pega desprevenida. Devia ser um banho de sangue do começo ao fim. Eu não me recuperara a ponto de suportar um filme romântico. — Não acha divertido?

— Claro — concordou ele, visivelmente menos animado.

— Que bom.

Depois de um segundo, ele quase voltou a seu nível de empolgação anterior.

— E se levarmos Angela e Ben? Ou Eric e Katie?

Ao que parecia, ele estava decidido a tornar a saída uma espécie de encontro duplo.

— Ou todos eles? — sugeri. — E Jessica também, é claro. E Tyler e Conner, e talvez Lauren. — acrescentei sem entusiasmo algum. Eu prometera variedade para Quil.

— Tudo bem — murmurou Mike, derrotado.

— E — continuei — tem uns amigos meus de La Push que estou convidando. Então parece que vamos precisar de seu Suburban, se todo mundo for.

Os olhos de Mike se estreitaram de desconfiança.

— São os amigos com quem você agora fica estudando?

— É, eles mesmos — respondi, toda animada. — Mas você pode ver isso como aula particular... Eles estão só no segundo ano.

— Ah! — disse Mike, surpreso. Depois de um segundo pensando, ele sorriu.

No final, porém, o Suburban não foi necessário.

Jessica e Lauren alegaram estar ocupadas assim que Mike deixou escapar que eu estava envolvida no planejamento. Eric e Katie já tinham planos — era o aniversário de três semanas deles ou coisa assim. Lauren chegou a Tyler e a Conner antes de Mike, então esses dois também estavam ocupados. Até Quil ficou de fora — de castigo por ter brigado na escola. No final, só puderam ir

Angela e Ben e, é claro, Jacob.

Mas o número reduzido não diminuiu a expectativa de Mike. Ele só falava na sexta-feira.

— Tem certeza de que não quer ver Amanhã e para Sempre? — perguntou no almoço, citando a comédia romântica da vez, que estava estourando nas bilheterias. — A crítica do site Rotten Tomatoes foi ótima.

— Quero ver Alvos em Mira — insisti. — Estou com humor para ação. Quero sangue e tripas!

— Tudo bem. — Mike virou a cara, mas antes vi sua expressão de afinal-talvez-ela-esteja-mesmo-louca.

Quando cheguei em casa, um carro muito familiar estava estacionado na frente. Jacob estava encostado no capô, um sorriso enorme iluminando o rosto.

— Mas não é possível! — gritei ao pular para fora da picape. — Você conseguiu! Nem acredito! Você terminou o Rabbit!

Ele estava radiante.

— Na noite passada mesmo. Esta é a primeira viagem.

— Incrível. — Ergui a mão para cumprimentá-lo.

Ele bateu a mão na minha, mas a deixou ali, entrelaçando os dedos nos meus.

— Então, posso levar você hoje à noite?

— Claro que sim — eu disse, depois suspirei.

— O que foi?

— Desisto... Não posso superar essa. Então, você venceu. Você é o mais velho.

Ele deu de ombros, sem se surpreender com minha capitulação.

— É claro que sou.

O Suburban de Mike fez barulho na esquina. Soltei a mão de Jacob e ele fez uma careta que eu não deveria ver.

— Eu me lembro desse cara — disse ele em voz baixa enquanto Mike estacionava do outro lado da rua. — Aquele que pensou que você era namorada dele. Ele ainda está confuso?

Ergui uma sobrancelha.

— Algumas pessoas são difíceis de desencorajar.

— Mas, então — disse Jacob, pensativo —, às vezes a insistência compensa.

— Na maioria das vezes é só irritante.

Mike saiu do carro e atravessou a rua.

— Oi, Bella — ele me cumprimentou, depois seus olhos ficaram preocupados ao ver Jacob. Também olhei brevemente para Jacob, tentando ser objetiva. Ele de fato não parecia nada com um aluno do segundo ano. Era muito alto — a cabeça de Mike mal chegava no ombro de Jacob; eu nem queria pensar onde eu batia perto dele — e seu rosto parecia mais velho do que costumava ser, mesmo um mês antes.

— Oi, Mike! Se lembra de Jacob Black?

— Não. — Mike estendeu a mão.

— Um velho amigo da família — Jacob se apresentou, apertando a mão de Mike. Eles trocaram um aperto mais forte do que o necessário. Quando soltaram as mãos, Mike flexionou os dedos.

Ouvi o telefone tocar na cozinha.

— É melhor eu atender... Pode ser Charlie — eu disse aos dois e disparei para dentro.

Era Ben. Angela estava doente, com virose gástrica, e ele não queria sair sem ela. Ele se desculpou por nos dar bolo.

Voltei bem devagar para os rapazes que esperavam, sacudindo a cabeça. Torcia com sinceridade para que Angela melhorasse logo, mas tive de admitir que fiquei aborrecida de um modo egoísta com a novidade. Só nós três, Mike, Jacob e eu, juntos à noite — tudo funcionara às mil maravilhas, pensei com um sarcasmo melancólico.

Não parecia que a amizade entre Jake e Mike tivesse feito algum progresso enquanto estive ausente. Estavam afastados vários metros um do outro, sem se olharem, esperando por mim; a expressão de Mike era carrancuda, mas a de Jacob era alegre, como sempre.

— Ang está doente — disse-lhes com tristeza. — Ela e Ben não vêm.

— Acho que a virose está atacando de novo. Austin e Conner também pegaram hoje. Talvez seja melhor fazer isso outro dia — sugeriu Mike.

Antes que eu pudesse concordar, Jacob falou.

— Eu ainda quero ir. Mas se prefere ficar, Mike...

— Não, eu vou — interrompeu ele. — Só estava pensando em Angela e Ben. Vamos. — Ele partiu para o Suburban.

— Ei, podemos ir no carro de Jacob? — perguntei. — Eu disse a ele que podia... Ele terminou o carro agora. Construiu do nada, sozinho — eu me gabei,

orgulhosa como a mãe de um aluno na lista de melhores da turma.

— Tudo bem — disse Mike rapidamente.

— Muito bem, então — disse Jacob, como se fosse a palavra final. Ele parecia mais à vontade do que todo mundo.

Mike subiu no banco traseiro do Rabbit com cara de nojo.

Jacob estava de seu jeito normal, ensolarado, tagarelando a ponto de eu quase me esquecer de Mike de mau humor e em silêncio atrás.

Depois Mike mudou de estratégia. Inclinou-se para a frente, pousando o queixo no encosto de meu banco; seu rosto quase tocou o meu. Eu me afastei, virando-me de costas para o para-brisa.

— O rádio dessa coisa não funciona? — perguntou Mike com um toque de petulância, interrompendo Jacob no meio de uma frase.

— Sim — respondeu Jacob. — Mas Bella não gosta de música.

Olhei para Jacob, surpresa. Eu nunca disse isso a ele.

— Bella? — perguntou Mike, irritado.

— É verdade — murmurei, ainda olhando o perfil sereno de Jacob.

— Como pode não gostar de música? — perguntou Mike.

Dei de ombros.

— Não sei. Simplesmente me irrita.

— Umpf. — Mike se recostou no banco.

Quando chegamos ao cinema, Jacob me passou uma nota de dez dólares.

— O que é isso? — discordei.

— Não tenho idade para entrar nesse — ele me lembrou.

Eu ri alto.

— As idades relativas não valem nada. Billy vai me matar se eu colocar você para dentro?

— Não. Disse a ele que você pretendia corromper minha inocência juvenil.

Dei uma risadinha, e Mike acelerou o passo para nos acompanhar.

Quase quis que Mike tivesse decidido não ir. Ele ainda estava mal-humorado — o que não somava nada à diversão. Mas eu também não queria terminar num encontro sozinha com Jacob. Não ia ajudar em nada.

O filme foi exatamente o que prometia. Só nos créditos de abertura, quatro pessoas explodiram e uma foi decapitada. A garota na minha frente colocou as mãos nos olhos e virou o rosto para o peito do namorado. Ele afagava seu ombro e

de vez em quando também estremecia. Mike não parecia estar assistindo. Seu rosto estava rígido, olhando a franja da cortina acima da tela.

Acomodei-me para aguentar as duas horas, vendo as cores e o movimento na tela em vez de ver o formato das pessoas, dos carros e das casas. Mas depois Jacob começou a rir em silêncio.

— Que foi? — sussurrei.

— Ah, qual é! — sibilou ele. — Espirrou sangue a seis metros daquele cara. Tem coisa mais falsa?

Ele riu de novo, enquanto um mastro perfurava outro homem numa parede de concreto.

Depois disso, eu passei a prestar atenção ao filme, rindo com ele enquanto a carnificina ficava cada vez mais ridícula. Como eu poderia combater as fronteiras tênues de nosso relacionamento se gostava tanto de ficar com ele?

Jacob e Mike se apoderaram dos braços da poltrona dos dois lados. As mãos dos dois pousavam ali de leve, de palma para cima, numa posição que não era natural. Como armadilhas de urso, abertas e preparadas. Jacob estava com a mania de pegar minha mão sempre que surgia uma oportunidade, mas ali, na sala de projeção escura, com Mike olhando, teria um significado diferente — e eu tinha certeza de que ele sabia disso. Não acreditava que Mike estivesse pensando o mesmo, mas a mão dele estava colocada exatamente como a de Jacob.

Cruzei os braços com força e esperei que os dois ficassem com a mão dormente.

Mike foi o primeiro a desistir. Mais ou menos na metade do filme, puxou o braço, inclinou-se para a frente e apoiou a cabeça nas mãos. No começo pensei que estivesse reagindo a alguma coisa na tela, mas então ele gemeu.

— Mike, você está bem? — sussurrei.

O casal na frente virou-se para olhar quando ele gemeu outra vez.

— Não — ele arfava. — Acho que estou enjoado.

Com a luz da tela, eu podia ver o brilho de suor em seu rosto.

Mike gemeu de novo e correu para a porta. Eu me levantei para segui-lo e Jacob imediatamente fez o mesmo.

— Não, fique — cochichei. — Vou ver se ele está bem.

Jacob foi comigo mesmo assim.

— Não precisa vir. Aproveite suas oito pratas de carnificina — insisti

enquanto íamos pelo corredor.

— Está tudo bem. Pode ficar com elas, Bella. Esse filme é uma porcaria. — A voz dele se elevou de um sussurro para o tom normal quando saímos da sala.

Não havia sinal de Mike no saguão, e fiquei feliz por Jacob ter ido comigo — ele foi até o banheiro dos homens para procurá-lo.

Voltou alguns segundos depois.

— Ah, tudo bem, ele está lá — disse, revirando os olhos. — Que molenga. Você devia sair com alguém de estômago mais forte. Alguém que ri do sangue que provoca vômito nos homens mais fracos.

— Vou ficar atenta para encontrar alguém assim.

Estávamos completamente a sós. As duas salas de cinema estavam na metade dos filmes e o saguão estava deserto — bastante silencioso para ouvirmos a pipoca estourando no balcão de balas e guloseimas.

Jacob foi se sentar no banco estofado de veludo junto à parede, dando um tapinha no espaço a seu lado.

— Acho que ele vai ficar lá por algum tempo — disse Jacob, esticando as pernas compridas ao se acomodar para esperar.

Juntei-me a ele com um suspiro. Ele parecia estar pensando em confundir mais algumas fronteiras. E, sem dúvida, assim que me sentei, ele mudou de posição e colocou o braço em meus ombros.

— Jake — protestei, afastando-me. Ele baixou o braço, sem parecer nada aborrecido com a pequena rejeição. Estendeu a mão e pegou a minha com firmeza, passando a outra mão em meu pulso quando tentei me afastar de novo. De onde tirava toda essa confiança?

— Não, espere só um minuto, Bella — disse ele numa voz calma. — Me diga uma coisa.

Fiz uma careta. Não queria fazer aquilo. Não só naquele momento, mas nunca. Àquela altura, não restava nada em minha vida que fosse mais importante do que Jacob Black. Mas ele parecia decidido a estragar tudo.

— O que é? — murmurei amarga.

— Você gosta de mim, não gosta?

— Você sabe que gosto.

— Mais do que do pateta que está colocando as tripas pra fora ali? — Ele gesticulou para a porta do banheiro.

— É — eu suspirei.

— Mais do que de qualquer outro cara que conheça? — Ele estava calmo, sereno, como se minha resposta não importasse ou ele já soubesse qual seria.

— Mais do que das meninas também — assinalei.

— Mas é só isso — disse ele, e não era uma pergunta.

Era difícil responder, dizer a palavra. Será que ele ficaria magoado e me evitaria? Como eu poderia suportar isso?

— É — sussurrei.

Ele sorriu para mim.

— Está tudo bem, sabe. Desde que goste mais de mim. E você me acha até bonito... Estou preparado para ser irritante de tão insistente.

— Não vou mudar — eu disse e, embora tenha tentado manter minha voz normal, pude ouvir a tristeza nela.

O rosto de Jake estava pensativo, não mais brincalhão.

— Ainda é o outro, não é?

Eu me encolhi. Estranho como ele parecia saber que não devia dizer o nome — assim como foi, pouco tempo antes, com a música no carro. Ele conhecia muitas características sobre mim que eu jamais comentara.

— Não precisa falar sobre isso — disse-me.

Eu assenti, agradecida.

— Mas não fique chateada comigo por ficar por perto, está bem? — Jacob afagou as costas da minha mão. — Por que não vou desistir. Eu tenho muito tempo.

Suspirei.

— Não devia perder seu tempo comigo — eu disse, embora quisesse isso. Em especial se ele estava disposto a me aceitar do jeito que eu era: um produto com defeito.

— É o que quero fazer, desde que você goste de ficar comigo.

— Nem imagino como poderia não gostar de ficar com você — eu lhe disse com sinceridade.

Jacob ficou radiante.

— Posso conviver com isso.

— Só não espere mais — eu o alertei, tentando puxar minha mão. Ele a segurava obstinado.

— Isso realmente não incomoda você, incomoda? — perguntou ele, apertando meus dedos.

— Não — suspirei. Na verdade a sensação era ótima. A mão dele era muito mais quente do que a minha; ultimamente, eu sempre me sentia fria demais.

— E você não liga para o que ele pensa. — Jacob apontou o polegar para o banheiro.

— Acho que não.

— Então, qual é o problema?

— O problema — eu disse — é que isso tem significados diferentes para mim e para você.

— Bom — Ele apertou minha mão. —, isso é problema meu, não é?

— Tudo bem — murmurei. — Mas não se esqueça disso.

— Não vou. Agora a granada sem pino está comigo, hein? — Ele me cutucou nas costelas.

Revirei os olhos. Acho que se ele tinha vontade de fazer piada daquilo, tinha todo o direito.

Ele riu baixinho por um minuto enquanto seu dedo mindinho distraidamente traçava desenhos na lateral de minha mão.

— Você tem uma cicatriz engraçada aqui — disse ele, de repente, girando minha mão para examinar. — Como foi que aconteceu?

O indicador de sua mão livre seguiu a linha do arco prateado e longo que mal se via em minha pele branca.

Fechei a cara.

— Você acha mesmo que eu me lembro de onde vieram todas as minhas cicatrizes?

Esperei que a lembrança viesse — que se abrisse o buraco. Mas, como acontecia com tanta frequência, a presença de Jacob me manteve inteira.

— É fria — murmurou ele, apertando de leve o lugar onde James tinha me cortado com os dentes.

E depois Mike cambaleou para fora do banheiro, o rosto pálido e coberto de suor. Estava péssimo.

— Ah, Mike — eu disse, arfando.

— Vocês se importam se a gente for embora mais cedo? — sussurrou ele.

— Não, claro que não. — Puxei minha mão livre e fui ajudar Mike a andar.

Ele parecia desequilibrado.

— O filme foi demais para você? — perguntou Jacob cruelmente.

O olhar de Mike era malévolo.

— Na verdade não vi nada — murmurou. — Fiquei enjoado antes que as luzes se apagassem.

— Por que não disse nada? — reclamei com ele enquanto seguíamos cambaleantes para a saída.

— Esperava que passasse — disse ele.

— Só um minutinho — falou Jacob enquanto chegávamos à porta. Ele foi correndo até o balcão.

— Pode me arrumar um balde de pipoca vazio? — perguntou à vendedora. Ela olhou para Mike, depois atirou um balde para Jacob.

— Leve-o para fora, por favor — pediu. Obviamente, ela era a pessoa que teria de limpar o chão.

Conduzi Mike para o ar frio e úmido. Respirou fundo. Jacob estava bem atrás de nós. Ele me ajudou a colocar Mike no banco traseiro do carro e lhe entregou o balde, com um olhar sério.

— Por favor. — Foi só o que Jacob disse.

Abrimos as janelas, deixando o ar gelado da noite soprar pelo carro, na esperança de que isso ajudasse Mike. Abracei minhas pernas para me aquecer.

— Com frio de novo? — perguntou Jacob, colocando o braço em volta de mim antes que eu pudesse responder.

— Você não está?

Ele sacudiu a cabeça.

— Deve estar com febre ou coisa assim — murmurei. Estava congelando. Toquei a testa dele com os dedos e a cabeça estava mesmo quente.

— Caramba, Jake... Você está pegando fogo!

— Eu estou bem. — Ele deu de ombros. — Em ótima forma.

Franzi a testa e toquei em sua cabeça de novo. A pele ardeu sob meus dedos.

— Suas mãos parecem de gelo — reclamou ele.

— Talvez seja eu — concordei.

No banco traseiro, Mike gemeu e vomitou no balde. Fiz uma careta, esperando que meu estômago suportasse o som e o cheiro. Jacob olhava ansiosamente por sobre o ombro para se certificar de que o carro não estava sujo.

A estrada parecia mais longa no caminho de volta.

Jacob ficou em silêncio, pensativo. Deixara o braço esquerdo em volta de mim e era tão quente que o vento frio parecia bom.

Eu olhava pelo para-brisa, cheia de culpa.

Fora muito errado incentivar Jacob. Puro egoísmo. Não importava que eu tentasse deixar clara minha posição. Se ele tinha alguma esperança de que tudo aquilo pudesse se transformar em algo além de amizade, então eu não tinha sido muito clara.

Como eu poderia explicar de modo que ele entendesse? Eu era uma concha vazia. Como uma casa vazia, por meses sem ninguém — uma casa condenada —, eu era completamente inabitável. Agora havia algumas melhorias. A sala da frente estava em reformas. Mas era só isso — só um cômodo pequeno. Ele merecia alguém melhor — melhor do que uma casa em ruínas com um cômodo só. Nenhum investimento dele poderia me deixar funcional outra vez.

E, no entanto, apesar de tudo, eu sabia que não iria afastá-lo. Precisava muito dele, e era egoísta. Talvez pudesse deixar minha posição mais clara, assim ele poderia me abandonar. A ideia me fez tremer e Jacob apertou o braço à minha volta.

Levei Mike para casa no Suburban enquanto Jacob seguia atrás, para me levar para casa. Jacob ficou em silêncio por todo o caminho de volta e eu me perguntei se ele estava pensando o mesmo que eu. Talvez estivesse mudando de ideia.

— Eu me convidaria a entrar, já que chegamos cedo — disse ele enquanto parávamos ao lado de minha picape. — Mas acho que você pode ter razão quanto à febre. Estou começando a me sentir meio... estranho.

— Ah, não, você também não! Quer que o leve para casa?

— Não. — Ele sacudiu a cabeça, as sobrancelhas se unindo. — Ainda não estou mal. Só... estranho. Se precisar, paro o carro.

— Vai me ligar assim que chegar em casa? — perguntei, ansiosa.

— Claro, claro. — Ele franziu o cenho, olhando a escuridão à frente e mordendo o lábio.

Abri a porta para sair, mas ele pegou meu pulso de leve e me manteve ali. De novo percebi como sua pele ficava quente junto à minha.

— O que foi, Jake? — perguntei.

— Tem uma coisa que quero dizer Bella... Mas acho que vai parecer meio

piegas.

Eu suspirei. Lá vinha mais do que acontecera no cinema.

— Pode falar.

— É só que eu sei que você está muito infeliz. E talvez isso não ajude em nada, mas queria que soubesse que sempre estarei a seu lado. Não quero decepcionar você... Prometo que sempre vai poder contar comigo. Caramba, isso está mesmo piegas. Mas você sabe disso, não sabe? Que eu nunca, jamais vou magoar você?

— Sei, Jake. Eu sei disso. Já conto com você, provavelmente mais do que imagina.

O sorriso se abriu em seu rosto como o nascer do sol incendiando as nuvens, e eu quis arrancar minha língua. Não disse uma palavra que fosse mentira, mas deveria ter mentido. A verdade era um erro, podia magoá-lo. Eu é que o decepcionaria.

Uma expressão estranha apareceu em seu rosto.

— Acho realmente que é melhor ir para casa agora — disse ele.

Eu saí depressa.

— Ligue! — gritei enquanto ele arrancava.

Eu o olhei partir e ele parecia, pelo menos, estar controlando o carro. Fitei a rua vazia quando ele se foi, eu mesma me sentindo meio enjoada, mas não por alguma causa física.

Como eu queria que Jacob Black tivesse nascido meu irmão, meu irmão de sangue, para eu ter um direito legítimo sobre ele que ainda me deixasse livre de qualquer culpa. Deus sabe que eu jamais quisera usar Jacob, mas não podia deixar de interpretar a culpa que sentia agora como uma indicação disso.

Mais ainda, eu jamais quisera amar Jacob. Algo de que eu tinha certeza — sabia disso na boca do estômago, no cerne de meus ossos, sabia disso do alto de minha cabeça à sola dos pés, sabia no fundo de meu peito vazio — era que o amor pode dar às pessoas o poder de despedaçar você.

Eu fora irremediavelmente despedaçada.

Mas eu precisava de Jacob, precisava dele como de uma droga. Eu o usara como muleta por muito tempo e fora mais fundo do que pretendia ir com qualquer outro. Agora não conseguia suportar que ficasse magoado, e ao mesmo tempo não podia impedir que se magoasse. Ele achava que tempo e paciência me

fariam mudar, e embora eu soubesse que ele estava tremendamente errado, sabia também que o deixaria tentar.

Ele era meu melhor amigo. Eu sempre o amaria e isso nunca, jamais seria suficiente.

Entrei em casa e me sentei perto do telefone, roendo as unhas.

— O filme já acabou? — perguntou Charlie, surpreso quando me viu. Ele estava no chão, colado na tevê. Devia ser um jogo emocionante.

— Mike passou mal — expliquei. — Uma espécie de virose gástrica.

— Você está bem?

— Até agora, sim — eu disse meio em dúvida. É claro que eu me expusera ao vírus.

Encostei na bancada da cozinha, minha mão a centímetros do telefone, e tentei esperar paciente. Pensei no olhar estranho de Jacob antes de ele ir embora, e meus dedos começaram a tamborilar na bancada. Eu devia ter insistido em levá-lo para casa.

Fiquei olhando o relógio, vendo os minutos passarem. Dez. Quinze. Mesmo quando eu estava dirigindo, só precisava de quinze minutos, e Jacob dirigia mais rápido do que eu. Dezoito minutos. Peguei o telefone e disquei.

Tocou sem parar. Talvez Billy estivesse dormindo. Talvez eu tivesse discado errado. Tentei de novo.

No oitavo toque, quando eu estava prestes a desligar, Billy atendeu.

— Alô? — disse ele. Sua voz estava preocupada, como se esperasse por más notícias.

— Billy, sou eu, Bella... Jake já chegou? Ele saiu daqui há uns vinte minutos.

— Ele está aqui — disse Billy de um jeito monótono.

— Ele ia me ligar. — Fiquei meio irritada. — Estava passando mal quando foi embora e fiquei preocupada.

— Ele estava... mal demais para ligar. Não está se sentindo bem agora. — Billy parecia distante. Percebi que ele queria ficar com Jacob.

— Me avise se precisar de alguma ajuda — ofereci. — Posso ir até aí. — Pensei em Billy, preso em sua cadeira, e Jake tendo de se virar sozinho...

— Não, não — disse Billy com pressa. — Estamos bem. Fique em casa.

Ele disse isso de um jeito quase rude.

— Tudo bem — concordei.

— Tchau, Bella.

A ligação foi interrompida.

— Tchau — murmurei.

Bom, pelo menos ele estava em casa. Era estranho, pois não fiquei menos preocupada. Arrastei-me escada acima, atormentada. Talvez devesse ver como ele estava antes de ir para o trabalho. Eu podia levar uma sopa — devíamos ter uma lata de Campbell's em algum lugar na casa.

Percebi que todos esses planos estavam cancelados quando acordei cedo — meu relógio marcava quatro e meia — e disparei para o banheiro. Charlie me encontrou ali meia hora depois, deitada no chão, o rosto encostado na beira da banheira.

Ele olhou para mim por um longo momento.

— Virose gástrica — disse, por fim.

— É — gemi.

— Precisa de alguma coisa?

— Ligue para os Newton por mim, por favor — instruí com a voz rouca. — Diga que tive o mesmo que Mike e que não posso ir hoje. Diga que peço desculpas.

— Claro, tudo bem — tranquilizou-me Charlie.

Passei o restante do dia no chão do banheiro, dormindo por algumas horas com a cabeça sobre uma toalha dobrada. Charlie alegou que precisava ir trabalhar, mas desconfiei de que ele só queria usar um banheiro. Ele deixou um copo de água no chão a meu lado para me manter hidratada.

Acordei quando ele voltou para casa. Vi que estava escuro no meu quarto — já anoitecera. Ele subiu às pressas a escada para ver como eu estava.

— Ainda está viva?

— Mais ou menos — eu disse.

— Quer alguma coisa?

— Não, obrigada.

Ele hesitou, claramente sem jeito.

— Então, tudo bem — disse e desceu para a cozinha.

Ouvi o telefone tocar alguns minutos depois. Charlie falou com alguém em voz baixa por um momento, depois desligou.

— Mike está melhor — gritou para mim.

Bom, isso era animador. Ele ficou doente só umas oito horas antes de mim. Mais oito horas. A ideia fez meu estômago revirar e eu me ergui, curvando-me sobre a privada.

Adormeci em cima da toalha de novo, mas ao acordar estava em minha cama, e havia luz do lado de fora da janela. Não me lembrava de ter me mexido; Charlie devia ter me carregado para o quarto — também devia ter posto o copo de água na mesinha de cabeceira. Sentia-me ressecada. Bebi sedenta a água, embora tivesse um gosto estranho, por ter ficado parada a noite toda.

Levantei-me lentamente, tentando não despertar a náusea de novo. Eu estava fraca e com um gosto horrível na boca, mas meu estômago parecia bem. Olhei o relógio.

Minhas vinte e quatro horas tinham se passado.

Não abusei, limitando-me a comer biscoitos de água e sal no cafe da manhã. Charlie pareceu aliviado ao me ver recuperada.

Assim que tive certeza de que não ia mais passar o dia todo no chão do banheiro, liguei para Jacob.

Foi ele mesmo quem atendeu, mas percebi que não havia melhorado quando ouvi seu cumprimento.

— Alô? — A voz estava fraca e falhava.

— Ah, Jake — gemi, solidária. — Você parece péssimo.

— Eu me sinto péssimo — sussurrou ele.

— Desculpe por deixar você ir embora sem mim. Isso foi horrível.

— Ainda bem que eu vim. — A voz dele ainda era um sussurro. — Não se sinta culpada. Não é culpa sua.

— Vai ficar melhor amanhã — prometi. — Quando acordei hoje, estava me sentindo bem.

— Você ficou doente? — perguntou ele, desanimado.

— Sim, eu também peguei. Mas agora estou bem.

— Que bom. — Não havia vida na voz dele.

— Então você deve melhorar daqui a algumas horas — eu o encorajei.

Mal consegui ouvir a resposta.

— Não acho que tenha a mesma coisa que você.

— Não está com a virose gástrica? — perguntei, confusa.

— Não, é outra coisa.

— O que é que você tem?

— Tudo — sussurrou ele. — Cada parte do meu corpo dói.

A dor na voz dele era quase tangível.

— O que eu posso fazer, Jake? O que posso levar para você?

— Nada. Não pode vir aqui. — Ele foi rude. Lembrou-me de Billy na outra noite.

— Eu já fui exposta ao que você pegou — observei.

Ele me ignorou.

— Vou ligar para você quando puder. Aviso quando puder vir aqui.

— Jacob...

— Tenho que ir — disse ele com uma urgência repentina.

— Ligue quando estiver melhor.

— Tudo bem — concordou ele, e sua voz tinha uma amargura estranha.

Ele ficou em silêncio por um momento. Esperei que ele se despedisse, mas ele estava esperando também.

— Vejo você logo — falei, por fim.

— Espere eu ligar — disse ele de novo.

— Tudo bem... Tchau, Jacob.

— Bella — ele sussurrou meu nome e desligou o telefone.

10. A CAMPINA

JACOB NÃO TELEFONOU.

Na primeira vez que telefonei, Billy atendeu e me disse que Jacob ainda estava de cama. Fiquei curiosa e quis me certificar de que Billy o tivesse levado ao médico. Billy disse que sim, mas por algum motivo que não consegui identificar não acreditei muito nele. Liguei novamente, várias vezes por dia, nos dois dias seguintes, mas ninguém estava lá.

No sábado decidi ir vê-lo, mesmo sem ter sido convidada. Mas a casinha vermelha estava vazia. Isso me assustou — será que Jacob estava tão doente que precisou ir para o hospital? Parei no hospital a caminho de casa, mas a enfermeira da recepção me disse que nem Jacob nem Billy tinham estado lá.

Fiz Charlie ligar para Harry Clearwater assim que chegou do trabalho. Esperei, ansiosa, enquanto Charlie conversava com o velho amigo; a conversa pareceu durar uma eternidade sem que Jacob fosse mencionado. Parecia que Harry estivera hospitalizado... Alguns exames do coração. A testa de Charlie ficou toda enrugada, mas Harry brincou com ele, menosprezando o problema, até que Charlie estava rindo de novo. Só então ele perguntou sobre Jacob, e sua parte na conversa não me disse muito, só alguns hmmm e é. Tamborilei os dedos na bancada ao lado até que ele colocou a mão na minha, para me fazer parar.

Por fim, Charlie desligou o telefone e se virou para mim.

— Harry disse que houve um problema com as linhas telefônicas e que foi por isso que você não conseguiu ligar. Billy levou Jake ao médico e parece que ele está com mononucleose. Está muito cansado, e Billy disse "nada de visitas" — contou ele.

— Nada de visitas? — perguntei, incrédula.

Charlie ergueu uma sobrancelha.

— Agora não vá bancar a criança birrenta, Bells. Billy sabe o que é melhor para o Jake. Ele vai ficar bem logo. Tenha paciência.

Não insisti. Charlie estava preocupado demais com Harry. Esse era claramente

o principal motivo — não seria correto incomodá-lo com minhas preocupações menores. Em vez disso, fui para o andar de cima e liguei o computador. Encontrei um site de medicina e digitei "mononucleose" na caixa de pesquisa.

Só o que eu sabia sobre a doença era que podia ser pega pelo beijo, o que com certeza não era o caso de Jake. Li os sintomas com rapidez — a febre, ele sem dúvida teve, mas e o restante? Nenhuma inflamação horrível na garganta, nada de exaustão, nem dores de cabeça, pelo menos não antes de ir para casa depois do cinema; ele disse que se sentia "em ótima forma". A doença apareceria assim tão rápido? A julgar pelo artigo, primeiro vinha a inflamação.

Olhei a tela do computador e me perguntei o motivo exato pelo qual eu estava fazendo aquilo. Por que eu estava... tão desconfiada, como se não acreditasse na história de Billy? Por que Billy mentiria para Harry?

Provavelmente, estava sendo uma tola. Só estava preocupada e, para falar com franqueza, temia não ter permissão para ver Jacob — isso me deixava nervosa.

Passei os olhos rapidamente pelo restante do artigo, procurando por mais informações. Parei quando cheguei à parte que dizia que a mononucleose podia durar mais de um mês.

Um mês? Minha boca se escancarou.

Mas Billy não poderia proibir as visitas por tanto tempo. Claro que não. Jake enlouqueceria preso na cama por tanto tempo, sem ninguém com quem conversar.

Do que Billy tinha medo, aliás? O artigo dizia que uma pessoa com mononucleose precisava evitar atividades físicas, mas não havia nada sobre visitas. A doença não era muito contagiosa.

Daria uma semana a Billy, decidi, antes de fazer pressão. Uma semana estava bom.

Uma semana era muito tempo. Na quarta-feira eu tinha certeza de que não ia sobreviver até sábado.

Quando decidi deixar Billy e Jacob em paz por uma semana, não acreditava realmente que Jacob fosse obedecer à regra de Billy. Todo dia, quando chegava da escola, corria até o telefone para verificar os recados. Nunca havia nenhum.

Trapaceei três vezes tentando ligar para ele, mas a linha ainda não estava funcionando.

Eu ficava em casa tempo demais e sozinha demais. Sem Jacob, e sem minha adrenalina e as distrações, tudo o que eu andara reprimindo começou a se arrastar até mim. Os sonhos voltaram a ficar opressivos. Eu não conseguia mais ver o final chegando. Só o nada terrível — metade do tempo no bosque, metade no mar vazio de samambaias onde a casa branca não existia mais. Às vezes Sam Uley estava ali no bosque, observando-me de novo. Eu não prestava atenção nele — não havia conforto algum em sua presença; não fazia com que me sentisse menos só. Não me impedia de gritar ao acordar, noite após noite.

O buraco em meu peito estava pior do que nunca. Pensei que o tivesse sob controle, mas me vi recurvada, dia após dia, tentando não desmoronar, ofegante.

Eu não estava bem sozinha.

Fiquei muito aliviada na manhã em que acordei — gritando, é claro — e me lembrei de que era sábado. Ia ligar para Jacob. E se a linha telefônica ainda estivesse com defeito, ia a La Push. De uma forma ou de outra, seria melhor do que a semana solitária que eu tinha passado.

Disquei, depois esperei sem grandes expectativas. Fui pega desprevenida quando Billy atendeu no segundo toque.

— Alô?

— Ah, ei, o telefone está funcionando de novo! Oi, Billy, é Bella. Só estou ligando para saber como está Jacob. Ele já pode receber visita? Eu estava pensando em dar um pulo aí...

— Desculpe, Bella — interrompeu Billy, e eu me perguntei se ele estava assistindo à tevê; parecia distraído. — Ele não está.

— Ah! — Precisei de um segundo. — Então ele está se sentindo melhor?

— É. — Billy hesitou por um instante longo demais. — Acabou que não era nada de mononucleose. Só outro vírus.

— Ah! Então... onde ele está?

— Ele deu uma carona a uns amigos até Port Angeles... Acho que iam pegar uma sessão dupla ou coisa assim. Vai ficar fora o dia todo.

— Bom, é um alívio. Fiquei tão preocupada. Estou feliz que ele esteja bem para sair. — Minha voz parecia horrivelmente falsa enquanto tagarelava.

Jacob estava melhor, mas não tão bem para me ligar. Saiu com amigos. Eu estava sentada em casa, sentindo mais a falta dele a cada hora. Estava solitária, preocupada, entediada... perfurada — e agora também desolada ao perceber que a

semana em que ficamos separados não teve o mesmo efeito sobre ele.

— Você queria algo específico? — perguntou Billy, educado.

— Não, na verdade não.

— Bom, vou dizer a ele que ligou — prometeu Billy. — Tchau, Bella.

— Tchau — respondi, mas ele já havia desligado.

Fiquei por um momento ali, com o telefone na mão.

Jacob devia ter mudado de ideia, assim como eu temia. Ele ia aceitar meu conselho e parar de perder tempo com alguém que não retribuía seus sentimentos. Senti o sangue fugir de meu rosto.

— Algo errado? — perguntou Charlie ao descer a escada.

— Não — menti, desligando o telefone. — Billy disse que Jacob está se sentindo melhor. Não era mononucleose. Isso é muito bom.

— Ele vem aqui? Ou é você que vai lá? — perguntou Charlie, distraído, enquanto começava a vasculhar a geladeira.

— Nenhum dos dois — admiti. — Ele saiu com alguns amigos.

O tom de minha voz enfim atraiu a atenção de Charlie. Ele olhou para mim subitamente alarmado, as mãos paralisadas em torno de um pacote de queijo fatiado.

— Não é meio cedo para o almoço? — perguntei com a maior tranquilidade que pude, tentando distraí-lo.

— Não, estou preparando alguma coisa para levar para o rio...

— Ah, dia de pescaria?

— Bom, Harry ligou... E não está chovendo. — Ele ia montando uma pilha de comida na bancada enquanto falava. De repente olhou para mim de novo, como se tivesse acabado de perceber algo. — Me diga uma coisa, quer que eu fique com você, já que Jake saiu?

— Está tudo bem, pai — eu disse, esforçando-me para parecer indiferente. — Os peixes mordem mais quando o tempo está bom.

Ele me fitou, a indecisão evidente em seu rosto. Eu sabia que estava preocupado, temeroso de me deixar sozinha, caso eu ficasse "biruta" de novo.

— É sério, pai. Acho que vou ligar para Jessica — menti depressa. Eu preferia ficar sozinha a ter Charlie me vigiando o dia inteiro. — Temos que estudar para a prova de cálculo. Queria a ajuda dela. — Essa parte era verdade. Mas eu podia me virar sem isso.

— É uma boa ideia. Você tem passado tanto tempo com Jacob que seus outros amigos vão pensar que você os esqueceu.

Eu sorri e assenti, como se me importasse com o que meus outros amigos pensavam.

Charlie começou a se virar, mas depois se voltou com uma expressão preocupada.

— Ei, vai estudar aqui ou na casa da Jess, não é?

— Claro, onde mais seria?

— Bom, só quero que você fique longe do bosque, como já lhe disse.

Estava tão distraída que precisei de um minuto para entender.

— Mais problemas com ursos?

Charlie assentiu, a testa franzida.

— Temos um montanhista desaparecido... A guarda florestal encontrou o acampamento hoje cedo, mas nenhum sinal dele. Havia umas pegadas bem grandes de animal... É claro que podem ter aparecido depois, farejando a comida... De qualquer modo, agora estão montando armadilhas.

— Ah! — eu disse vagamente. Não estava de fato ouvindo seus alertas; estava muito mais aborrecida com a situação com Jacob do que com a possibilidade de ser devorada por um urso.

Fiquei feliz por Charlie estar com pressa. Ele não esperou que eu ligasse para Jessica, então não tive de encenar nada. Reuni meus livros da escola na mesa da cozinha só para depois guardá-los na bolsa; era exagero meu, e se ele não estivesse ansioso para chegar ao rio, podia ter ficado desconfiado.

Fiquei tão ocupada dando a impressão de estar ocupada que o dia ferozmente vazio à frente só me esmagou depois que o vi partir. Só precisei de dois minutos olhando o telefone silencioso da cozinha para concluir que não ia ficar em casa. Pensei nas alternativas.

Eu não ia ligar para Jessica. Pelo que sabia, Jessica passara para o lado negro.

Podia ir até La Push e pegar minha moto — uma ideia atraente, exceto por um pequeno problema: quem me levaria para a emergência depois, se eu precisasse?

Ou... Eu estava com nosso mapa e a bússola na picape. Tinha certeza de que já entendia bem o processo e não me perderia. Talvez pudesse eliminar duas linhas, avançando em nosso cronograma para quando Jacob decidisse me honrar com sua

presença de novo. Recusei-me a pensar em quanto tempo isso levaria. Ou se nunca aconteceria.

Houve uma breve pontada de culpa quando pensei em como Charlie se sentiria com relação a isso, mas ignorei a sensação. Eu simplesmente não podia ficar em casa de novo.

Alguns minutos depois eu estava na conhecida estrada de terra que levava a nenhum lugar em particular. As janelas do carro estavam abertas e eu dirigia o mais rápido que minha picape aguentava, tentando desfrutar do vento no rosto. Estava nublado, mas quase seco — um dia muito bonito para Forks.

Começar me consumiu muito mais tempo do que teria sido com Jacob. Depois de estacionar no lugar de sempre, tive de passar uns bons quinze minutos estudando a pequena agulha da bússola e as marcas no mapa, agora amassado. Quando estava razoavelmente segura de que seguia a linha certa na grade, parti para o bosque.

O bosque estava cheio de vida, todas as pequenas criaturas aproveitando o momentâneo tempo seco. De certo modo, porém, mesmo com os passarinhos piando e crocitando, os insetos zumbindo ruidosamente em volta de minha cabeça e a ocasional correria do camundongo silvestre pelos arbustos, o bosque parecia mais assustador; lembrou-me de meu pesadelo mais recente. Sabia que era apenas porque eu estava sozinha, sentindo falta do assovio despreocupado de Jacob e do som de outro par de pés no chão molhado.

O desconforto aumentava à medida que eu penetrava entre as árvores. Começou a ficar mais difícil respirar — não por causa do esforço, mas porque de novo eu tinha problemas com o buraco idiota em meu peito. Mantive os braços cruzados no peito, firmes, e tentei banir a dor de meus pensamentos. Quase fui embora, mas odiaria desperdiçar o esforço que já tinha feito.

O ritmo dos meus passos começou a entorpecer minha mente e minha dor enquanto eu avançava. Minha respiração enfim voltou ao normal e me senti feliz por não ter desistido. Estava melhorando nessa história de explorar a mata; sabia que estava mais rápida.

Não percebi o quanto me movimentava com mais eficiência. Pensava ter coberto talvez uns seis quilômetros e ainda nem começara a olhar em volta. E então, tão de repente que me desorientou, passei por um arco baixo, formado por dois galhos de bordo — depois de empurrar as samambaias na altura do peito —,

e estava na campina.

Era o mesmo lugar, disso eu tive certeza de imediato. Nunca vi outra clareira tão simétrica. Era perfeitamente redonda, como se alguém tivesse criado de propósito o círculo impecável, cortando as árvores sem deixar nenhuma prova dessa violência na relva ondulante. A leste, eu podia ouvir o riacho borbulhando baixinho.

O lugar não era nem de longe tão atordoante sem a luz do sol, mas ainda era lindo e sereno. Não era a estação das flores silvestres; o chão estava coberto de relva alta, que balançava na brisa leve como ondas em um lago.

Era o mesmo lugar... Mas não guardara o que eu estava procurando.

A decepção foi quase tão imediata quanto o reconhecimento. Desabei onde estava, ajoelhando-me ali na beira da clareira, começando a ofegar.

Que sentido tinha ir adiante? Nada ficou aqui. Além das lembranças que eu podia reviver sempre que quisesse, se estivesse disposta a suportar a dor correspondente — a dor que me tomava naquele momento, que me deixava fria. Não havia nada de especial naquele lugar sem ele. Não tinha certeza do que esperava sentir ali, mas a campina estava sem atmosfera, desprovida de tudo, exatamente como qualquer outro lugar. Assim como meus pesadelos. Minha cabeça girava, tonta.

Pelo menos vim sozinha. Senti um surto de gratidão ao perceber isso. Se tivesse encontrado a campina com Jacob... Bom, não havia como disfarçar o abismo em que me afundava naquela hora. Como poderia ter explicado o modo como estava me desfazendo em pedaços, a maneira como tinha de me encolher, como uma bola, para impedir que o buraco vazio me dilacerasse? Foi muito melhor não ter plateia.

E também eu não precisaria explicar a ninguém por que eu estava com tanta pressa de ir embora. Jacob teria suposto, depois de tanto trabalho para localizar o lugar idiota, que eu ia querer passar mais de dez segundos ali. Mas eu já estava tentando encontrar forças para me colocar de pé, obrigando-me a sair daquela posição e escapar. Havia tanta dor naquele lugar vazio — eu iria embora engatinhando, se fosse preciso.

Que sorte eu estar sozinha!

Sozinha. Repeti a palavra com uma satisfação soturna ao me levantar, apesar da dor. Nesse exato momento, uma figura saiu das árvores ao norte, a uns trinta

passos de distância.

Uma gama vertiginosa de emoções passou por mim em um segundo. A primeira foi surpresa; eu estava muito longe da trilha e não esperava companhia. Depois, à medida que meus olhos focalizavam na figura parada, vendo sua imobilidade completa, a pele pálida, fui tomada por uma esperança cortante. Reprimi-a com violência, combatendo o golpe igualmente agudo de agonia enquanto meus olhos se demoravam no rosto sob o cabelo escuro, o rosto que não era o que eu queria ver. Em seguida veio o medo; aquele não era o rosto pelo qual eu sofria, mas estava bastante perto de mim para eu saber que o homem que me encarava não era um andarilho perdido.

E, por fim, o reconhecimento.

— Laurent! — gritei, num prazer surpreso.

Foi uma reação irracional. Eu devia estar paralisada de medo.

Quando nos conhecemos, Laurent era do bando de James. Ele não se envolvera na caçada que se seguiu — em que eu era a presa —, mas só porque teve medo; eu estava sendo protegida por um bando maior que o dele. Teria sido diferente se não fosse assim — na época, ele não teria remorso em fazer de mim uma refeição. É claro que ele devia ter mudado, porque fora para o Alasca morar com outro clã civilizado de lá, a outra família que se recusava a beber sangue humano por motivos éticos. A outra família semelhante a... Mas eu não podia me permitir pensar no nome.

Sim, o medo teria feito mais sentido, mas só o que experimentei foi uma satisfação dominadora. A campina era um lugar mágico de novo. Uma magia mais sombria do que eu esperava, com certeza, mas mesmo assim era magia. Ali estava a ligação que eu procurava. A prova, embora remota, de que — em algum lugar no mesmo mundo em que eu vivia — ele existira.

Era impossível o quanto Laurent parecia exatamente o mesmo. Imagino que fosse muita tolice e muito humano esperar qualquer tipo de mudança no ano que passou. Mas havia alguma coisa... Eu não conseguia perceber o que era.

— Bella? — perguntou ele, parecendo mais pasmo do que eu.

— Você lembra. — Eu sorri. Era ridículo que eu ficasse tão eufórica porque um vampiro sabia meu nome.

Ele deu um sorriso malicioso.

— Não esperava vê-la aqui. — Ele andou na minha direção, com uma

expressão de quem se divertia.

— E haveria outro lugar? Eu moro aqui. Pensei que você tivesse ido para o Alasca.

Ele parou a uns dez passos, inclinando a cabeça para o lado. Seu rosto era o mais lindo que eu vi no que parecia fazer uma eternidade. Analisei suas feições com uma sensação de libertação estranhamente ávida. Ali estava alguém com quem eu não tinha de fingir — alguém que já sabia tudo o que eu podia dizer.

— Tem razão — concordou ele. — Fui para o Alasca. Ainda assim, eu não esperava... Quando descobri a casa dos Cullen vazia, pensei que tivessem se mudado.

— Ah!

Mordi o lábio enquanto o nome fazia minha ferida pulsar. Precisei de um segundo para me recompor. Laurent esperou com os olhos curiosos.

— Eles se mudaram — consegui dizer afinal.

— Hmmm — murmurou ele. — Estou surpreso por terem deixado você para trás. Você não era o bichinho de estimação deles? — Seus olhos não tinham a intenção de ofender.

Dei um sorriso torto.

— Mais ou menos isso.

— Hmmm — disse ele, pensativo de novo.

Nesse exato momento, percebi por que ele parecia o mesmo — demasiado o mesmo. Depois que Carlisle nos contou que Laurent tinha ficado com a família de Tanya, comecei a imaginá-lo, nas raras ocasiões em que pensei nele, com os mesmos olhos dourados dos... Cullen — eu me obriguei a pensar no nome, estremecendo. Eram os olhos que todos os vampiros bons tinham.

Recuei um passo, involuntariamente, e seus olhos vermelhos, escuros e curiosos, seguiram o movimento.

— Eles costumam visitar? — perguntou ele, ainda despreocupado, mas transferiu seu peso na minha direção.

"Minta", sussurrou ansiosa a bela voz aveludada de minha lembrança.

Fiquei sobressaltada com o som da voz dele, mas isso não devia ter me surpreendido. Eu não corria o maior perigo imaginável? Perto daquilo, a moto era segura como um gatinho.

Fiz o que a voz me disse.

— De vez em quando. — Tentei dar alguma leveza à minha voz, fazê-la parecer relaxada. — Imagino que o tempo pareça mais longo para mim. Sabe como eles ficam entretidos... — Estava começando a tagarelar. Tinha de me esforçar para calar a boca.

— Hmmm — disse ele de novo. — A casa cheirava como se estivesse desocupada havia algum tempo...

"Precisa mentir melhor do que isso, Bella", insistiu a voz.

Eu tentei.

— Vou ter de falar com Carlisle que você passou por lá. Ele vai lamentar terem perdido sua visita. — Fingi pensar por um segundo. — Mas é melhor não comentar com... Edward, imagino... — Eu mal consegui pronunciar o nome, e isso distorceu minha expressão, arruinando meu blefe — ... ele tem um gênio... Bom, tenho certeza de que você se lembra. Ele ainda se irrita com toda aquela história com James. — Revirei os olhos e balancei a mão com repúdio, como se fosse uma história do passado, mas havia certa histeria em minha voz. Perguntei-me se ele reconheceria o que era.

— É mesmo? — perguntou Laurent de um jeito agradável... e cético.

Dei uma resposta curta, assim minha voz não trairia meu pânico.

— Arrã.

Laurent deu um passo despreocupado para o lado, olhando a pequena campina. Não me passou despercebido que esse passo o trazia para mais perto de mim. Em minha cabeça, a voz reagiu com um rosnado baixo.

— Então, como estão as coisas em Denali? Carlisle disse que você ia ficar com Tanya. — Minha voz era alta demais.

A pergunta o fez parar.

— Gosto muito de Tanya — refletiu ele. — E mais ainda da irmã dela, Irina... Nunca fiquei num lugar por tanto tempo, e gostei das vantagens, da novidade disso. Mas as restrições são complicadas... Fico surpreso que qualquer um deles consiga se manter firme por muito tempo. — Ele sorriu para mim como quem conspira. — Às vezes eu trapaceio.

Não consegui engolir. Meu pé começou a recuar, mas fiquei paralisada quando seus olhos vermelhos baixaram e captaram meu movimento.

— Ah! — eu disse numa voz fraca. — Jasper também tem problemas com isso.

"Não se mexa", sussurrou a voz. Tentei fazer o que ele mandava. Era difícil; o instinto de fugir era quase incontrolável.

— É mesmo? — Laurent pareceu interessado. — Por isso eles foram embora?

— Não — respondi com sinceridade. — Jasper é mais cuidadoso em casa.

— Sim — concordou Laurent. — Eu também.

O passo para a frente que ele deu então foi bastante estudado.

— Victoria chegou a encontrar você? — perguntei, sem fôlego, desesperada para distraí-lo. Foi a primeira pergunta que me passou pela cabeça, e me arrependi assim que pronunciei as palavras. Victoria, que tinha me caçado com James e depois desaparecera, não era uma pessoa em quem eu quisesse pensar naquele momento.

Mas a pergunta não o deteve.

— Sim — disse ele, hesitando neste passo. — Na verdade eu vim para cá como um favor a Victoria. — Ele fez uma careta. — Ela não vai ficar satisfeita com isso.

— Com o quê? — disse eu ansiosamente, convidando-o a continuar. Ele olhava fixamente as árvores, longe de mim. Tirei vantagem de sua distração e dei um passo furtivo para trás.

Ele me olhou de novo e sorriu — a expressão o fez parecer com um anjo de cabelos pretos.

— Que eu mate você — respondeu ele num ronronar sedutor.

Cambaleei mais um passo para trás. O rosnado frenético em minha cabeça me dificultava a audição.

— Victoria queria guardar essa parte para ela — continuou ele com tom alegre. — Ela está meio... aborrecida com você, Bella.

— Comigo? — guinchei.

Ele sacudiu a cabeça e riu.

— Eu sei, também me parece meio sem sentido. Mas James era o companheiro dela, e seu Edward o matou.

Mesmo ali, prestes a morrer, o nome dele rasgou minhas feridas abertas como uma lâmina serrilhada.

Laurent não percebeu minha reação.

— Ela achou que era mais adequado matar você do que Edward... Uma reviravolta justa, parceiro por parceiro. Ela me pediu para preparar o terreno, por

assim dizer. Eu não imaginava que seria tão fácil chegar a você. Talvez o plano dela tenha falhado... Ao que parece, não será a vingança que ela imaginou, uma vez que você não deve significar muito para ele, se ele a deixou aqui desprotegida.

Outro golpe, outro rasgão em meu peito.

O peso de Laurent mudou de lado, e eu cambaleei outro passo para trás.

Ele franziu o cenho.

— Mesmo assim, imagino que ela vá ficar irritada.

— Então por que não espera por ela? — comentei com a voz engasgada.

Um sorriso cruel refez as feições dele.

— Bem, você me pegou em um mau momento, Bella. Eu não vim a este lugar em missão por Victoria... Estava caçando. Estou com muita sede e você tem um cheiro... simplesmente de dar água na boca.

Laurent olhou para mim com aprovação, como se tivesse acabado de me elogiar.

"Ameace-o", ordenou a linda ilusão, a voz distorcida de pavor.

— Ele vai saber que foi você — sussurrei, obediente. — Não vai se safar dessa.

— E por que não? — O sorriso de Laurent se alargou. Ele fitou a pequena abertura entre as árvores. — O cheiro vai desaparecer com a próxima chuva. Ninguém vai encontrar seu corpo... Você simplesmente desaparecerá, como muitos, muitos outros humanos. Não há motivo para Edward pensar em mim, se ele se der ao trabalho de investigar. Não é nada pessoal, deixe-me tranquilizá-la, Bella. É apenas sede.

"Implore", pediu minha alucinação.

— Por favor — ofeguei.

Laurent sacudiu a cabeça, o rosto suave.

— Veja dessa maneira, Bella: é muita sorte sua ter sido encontrada por mim.

— É? — murmurei, recuando outro passo.

Laurent prosseguiu, leve e gracioso.

— Sim — garantiu-me. — Serei muito rápido. Você não vai sentir nada, eu prometo. Ah, vou mentir para Victoria sobre esta última parte, naturalmente, só para deixá-la mais calma. Mas se você soubesse o que ela planejou para você, Bella... — Ele sacudiu a cabeça com um movimento lento, quase de repulsa. — Juro que me agradeceria por isso.

Eu o encarei com pavor.

Ele farejou a brisa que soprava os fios de meu cabelo em sua direção.

— De dar água na boca — repetiu, inspirando profundamente.

Preparei-me para o ataque, meus olhos se estreitando enquanto eu me encolhia, e o som do rugido furioso de Edward ecoou no fundo de minha cabeça, distante. O nome dele atravessou todos os muros que eu construíra para contê-lo. Edward, Edward, Edward. Eu ia morrer. Não ia importar se eu pensasse nele agora. Edward, eu te amo.

Pelos olhos semicerrados, vi quando Laurent parou de inspirar e virou a cabeça de repente para a esquerda. Tive medo de desviar os olhos dele, de seguir seu olhar, embora ele mal precisasse me distrair ou fazer qualquer outro truque para me dominar. Fiquei perplexa demais para sentir alívio quando ele começou a se afastar devagar.

— Não acredito nisso — disse ele, a voz tão baixa que mal a ouvi.

Então tive de olhar. Meus olhos varreram a campina, procurando pela interrupção que me dava mais alguns segundos de vida. No início não vi nada, e meu olhar voltou a Laurent. Ele recuava mais rápido, os olhos fixos no bosque.

Depois eu vi; uma forma escura e imensa se esgueirou por entre as árvores, silenciosa como uma sombra, e se moveu, decidido, na direção do vampiro. Era enorme — alta como um cavalo, porém mais volumosa, muito mais musculosa. O focinho comprido estava arreganhado, revelando uma fila de incisivos que pareciam adagas. Um rosnado horrível saiu por entre os dentes, estrondando pela clareira como um trovão prolongado.

O urso. Só que não era urso algum. Ainda assim, o monstro preto e gigantesco tinha de ser a criatura que causava tanto sobressalto. De longe, qualquer um acharia que era um urso. O que mais poderia ser tão grande e de compleição tão poderosa?

Queira ter tido a sorte de vê-lo de longe. Em vez disso, eu andava em silêncio pela relva a apenas três metros dele.

"Não se mova nem um centímetro", sussurrou a voz de Edward.

Olhei para a criatura monstruosa, minha mente atordoada enquanto eu tentava dar um nome a ela. Havia um traço distintamente canino em sua forma, no modo como se movia. Eu só podia pensar em uma possibilidade, travada pelo pavor como estava. E, no entanto, nunca imaginara que um lobo pudesse ser tão

grande.

Outro rosnado trovejou daquela garganta e o som me fez estremecer.

Laurent recuava para o limite do bosque e sob o terror paralisante a confusão me tomou. Por que Laurent estava fugindo? Decerto, o lobo tinha um tamanho monstruoso, mas era só um animal. Que motivo um vampiro teria para temer um animal? E Laurent estava com medo. Seus olhos estavam arregalados de pavor, como os meus.

Como se fosse para responder às minhas perguntas, de repente o lobo imenso não estava só. Flanqueando os dois lados dele, outras duas feras gigantescas entraram silenciosas na campina. Uma era cinza-escura, a outra, castanha, nenhuma tão alta quanto a primeira. O lobo cinza passou pelas árvores a apenas alguns metros de mim, os olhos fixos em Laurent.

Antes que eu pudesse sequer reagir, apareceram mais dois lobos numa formação em V, como gansos voando para o sul. O que significava que o monstro castanho-avermelhado que passara pelos arbustos por último estava bastante perto para me tocar.

Ofeguei involuntariamente e pulei para trás — e essa foi a reação mais estúpida que eu poderia ter tido. Fiquei paralisada de novo, esperando que os lobos se virassem para mim, a mais fraca das presas disponíveis. Por um breve momento quis que Laurent avançasse e esmagasse a alcateia — devia ser muito simples para ele. Imaginei que, dentre as duas opções diante de mim, ser devorada por lobos era quase certamente a pior.

O lobo mais próximo, o castanho-avermelhado, virou a cabeça devagar ao me ouvir arfar.

Seus olhos eram escuros, quase pretos. Ele me fitou por uma fração de segundo, o olhar profundo parecendo inteligente demais para um animal selvagem.

Enquanto aquilo me olhava, de repente pensei em Jacob — de novo com alívio. Pelo menos fui ali sozinha, àquela campina de conto de fadas repleta de monstros sombrios. Pelo menos Jacob não ia morrer também. Pelo menos eu não teria a morte dele em minhas mãos.

Depois, outro rosnado baixo do líder fez o lobo avermelhado girar a cabeça, de volta a Laurent.

Laurent encarava o bando de lobos monstruosos com choque e medo

evidentes. O choque eu podia entender. Mas fiquei pasma quando, de repente, ele se virou e desapareceu nas árvores.

Ele fugira.

Os lobos partiram atrás dele num segundo, lançando-se na relva aberta em poucos saltos, enormes, rosnando e rangendo os dentes com tal volume que minhas mãos voaram instintivamente para cobrir os ouvidos. O som cessou com rapidez surpreendente depois que eles sumiram no bosque.

E, então, eu estava sozinha de novo.

Meus joelhos cederam e eu caí sobre as mãos, o choro se formando na garganta.

Eu sabia que precisava partir, e partir já. Quanto tempo os lobos levariam caçando Laurent antes de voltarem até mim? Ou Laurent daria conta deles? Seria ele que viria me procurar?

Mas de início não consegui me mexer; meus braços e pernas tremiam e eu não sabia como ficar novamente de pé.

Minha mente não conseguia superar o medo, o pavor nem a confusão. Eu não entendia o que acabara de testemunhar.

Um vampiro não devia fugir de cães gigantescos daquele jeito. De que adiantariam os dentes deles naquela pele de granito?

E os lobos deviam ter guardado distância de Laurent. Mesmo que seu tamanho extraordinário os tivesse ensinado a nada temer, ainda não fazia sentido que eles o perseguissem. Eu duvidava de que a pele marmórea e gelada de Laurent tivesse cheiro de comida. Por que eles rejeitaram um ser de sangue quente e fraco como eu para caçar Laurent?

Eu não conseguia entender.

Uma brisa fria varreu a campina, balançando a relva como se algo estivesse se movendo por ali.

Fiquei de pé com dificuldade, cambaleando, embora o vento soprasse inofensivo por mim. Tropeçando de pânico, virei-me e corri direto para as árvores.

As horas seguintes foram uma agonia. Demorei três vezes mais para escapar do bosque do que levara para chegar à campina. No início não prestei atenção por onde seguia, concentrada apenas no motivo de minha fuga. Quando me recuperei o bastante para me lembrar da bússola, tinha entrado muito no bosque

desconhecido e ameaçador. Minhas mãos tremiam tanto que tive de apoiar a bússola no chão lamacento para conseguir ler. A cada poucos minutos eu parava para baixar a bússola e verificar se ainda seguia para noroeste, escutando — quando os sons não eram abafados pelo esmagar frenético de meus passos — o sussurro baixo de coisas invisíveis movendo-se na folhagem.

O chamado de um gaio me fez pular para trás e cair em um trecho denso de espruce novo, arranhando meus braços e emaranhando meu cabelo com seiva. A repentina disparada de um esquilo subindo numa cicuta me fez gritar tão alto que fez doer meus próprios ouvidos.

Enfim apareceu um espaço nas árvores à frente. Saí para a estrada vazia a mais ou menos um quilômetro e meio ao sul de onde deixara a picape. Embora estivesse exausta, andei pela estrada até encontrá-la. Quando me atirei na cabine, estava chorando de novo. Baixei freneticamente as duas travas antes de procurar a chave no bolso. O rugido do motor foi reconfortante e sensato. Ajudou-me a controlar as lágrimas enquanto eu acelerava na direção da estrada principal o máximo que meu carro permitia.

Eu estava mais calma, mas ainda um horror quando cheguei em casa. A viatura de Charlie estava na entrada — eu não percebera que era tarde. O céu já escurecera.

— Bella? — perguntou Charlie quando bati a porta da frente e tranquei as fechaduras às pressas.

— É, sou eu. — Minha voz era instável.

— Onde você esteve? — esbravejou ele, aparecendo na porta da cozinha com uma expressão agourenta.

Hesitei. Ele devia ter ligado para os Stanley. Era melhor contar a verdade.

— Estava fazendo trilha — admiti.

Seus olhos eram duros.

— O que aconteceu com a ida à casa de Jessica?

— Não estava com vontade de estudar cálculo hoje.

Charlie cruzou os braços.

— Pensei ter lhe pedido para ficar longe do bosque.

— É, eu sei. Não se preocupe. Não vou fazer isso de novo. — Estremeci.

Charlie pareceu pela primeira vez realmente olhar para mim. Lembrei-me de que tinha passado algum tempo no chão do bosque; devia estar imunda.

— O que aconteceu? — perguntou Charlie.

Outra vez decidi que a verdade, ou parte dela, era a melhor opção. Eu estava abalada demais para fingir que passara um dia tranquilo com a flora e a fauna.

— Eu vi o urso. — Tentei dizer isso com calma, mas minha voz estava aguda e tremia. — Mas não era um urso... Era uma espécie de lobo. E eles são cinco. Um preto, grande, um cinza, um castanho-avermelhado...

Os olhos de Charlie ficaram arregalados de pavor. Ele correu até mim e me segurou pelos ombros.

— Você está bem?

Minha cabeça tombou num assentir fraco.

— Conte o que aconteceu.

— Eles não prestaram atenção em mim. Mas, depois que foram embora, eu corri e caí várias vezes.

Ele soltou meus ombros e me deu um abraço. Por um longo tempo, Charlie não disse nada.

— Lobos — murmurou.

— O quê?

— A guarda florestal disse que os rastros não eram de um urso... Mas os lobos não podem ser tão grandes...

— Esses eram imensos.

— Quantos você disse que viu?

— Cinco.

Charlie sacudiu a cabeça, franzindo a testa de ansiedade. Enfim, falou num tom que não permitia questionamento.

— Chega de fazer trilha.

— Tudo bem — prometi fervorosamente.

Charlie ligou para a delegacia para relatar o que eu vira. Menti um pouco sobre o local exato onde vira os lobos — alegando que estava na trilha que levava ao norte. Não queria que meu pai soubesse o quão distante tinha entrado no bosque contra a vontade dele e, mais importante, não queria que ninguém andasse por onde Laurent pudesse estar procurando por mim. A ideia me deixou enjoada.

— Está com fome? — perguntou-me quando desligou o telefone.

Sacudi a cabeça, embora devesse estar faminta. Não tinha comido nada o dia

todo.

— Só cansada — disse a ele. Virei-me para a escada.

— Ei — disse Charlie, a voz de repente desconfiada de novo —, você não disse que Jacob ia passar o dia fora?

— Foi o que Billy me disse — falei, confusa com a pergunta.

Ele examinou minha expressão por um minuto e pareceu satisfeito com o que viu ali.

— Hmmm.

— Por quê? — perguntei. Parecia que ele estava sugerindo que naquela manhã eu mentira, sobre algo além de estudar com Jessica.

— Bom, é só que, quando fui pegar Harry, vi Jacob na frente da loja com alguns amigos. Eu acenei, mas ele... Bom, não sei se me viu. Talvez estivesse discutindo com os garotos. Ele parecia estranho, como se estivesse aborrecido. E... diferente. É como se a gente pudesse ver esse garoto crescendo! Toda vez que o vejo, ele está maior.

— Billy disse que Jake e os amigos iam a Port Angeles para ver uns filmes. Eles deviam estar esperando alguém.

— Ah. — Charlie assentiu e foi para a cozinha.

Fiquei parada no corredor, pensando em Jacob discutindo com os amigos. Perguntei-me se ele teria confrontado Embry sobre a situação com Sam. Talvez fosse esse o motivo de ele ter me dispensado — se isso significava que ele resolveria a situação com Embry, eu estava feliz.

Parei para verificar as trancas antes de ir para o quarto. Era uma coisa boba de se fazer. Que diferença uma tranca faria a qualquer um dos monstros que eu vira naquela tarde? Deduzi que só a maçaneta já impediria os lobos, que não tinham polegares opositores. E se Laurent viesse aqui...

Ou... Victoria.

Deitei-me na cama, mas tremia demais para pensar em dormir. Encolhi-me como uma bola sob o cobertor e encarei a realidade apavorante.

Não havia nada que eu pudesse fazer. Não havia precauções que pudesse tomar. Não havia um lugar onde pudesse me esconder. Não havia ninguém que pudesse me ajudar.

Percebi, com o estômago se contorcendo de náusea, que a situação era até pior do que isso. Porque todos os fatos também se aplicavam a Charlie. Meu pai,

dormindo a um quarto de distância, estava apenas a um triz do alvo, que era eu. Meu cheiro os atrairia, quer eu estivesse em casa ou não.

Os tremores me sacudiram até meus dentes rangerem.

Para me acalmar, fantasiei o impossível: imaginei os grandes lobos alcançando Laurent nas árvores e massacrando o imortal indestrutível como fariam com uma pessoa normal. Apesar do absurdo dessa hipótese, a ideia me reconfortou. Se os lobos o pegassem, ele não poderia contar a Victoria que eu estava sozinha. Se ele não voltasse, talvez ela pensasse que os Cullen ainda estavam me protegendo. Se ao menos os lobos pudessem vencer uma briga dessas...

Meus vampiros bons nunca voltariam; como era tranquilizador imaginar que o outro tipo também podia desaparecer.

Fechei bem os olhos e esperei pela inconsciência — quase ansiosa para que meu pesadelo começasse. Melhor do que o rosto pálido e lindo que agora sorria para mim por trás de minhas pálpebras.

Em minha imaginação, os olhos de Victoria eram pretos de sede, brilhantes de expectativa, e os lábios se repuxavam acima dos dentes reluzentes de prazer. O cabelo ruivo era brilhante como fogo; voava caoticamente em torno da face desvairada.

As palavras de Laurent se repetiram em minha cabeça: Se você soubesse o que ela planejou para você...

Apertei a boca com o punho para não gritar.

11. CULTO

SEMPRE QUE EU ABRIA OS OLHOS PARA A LUZ DA MANHÃ e percebia que sobrevivera a outra noite, era uma surpresa. Passada a surpresa, meu coração começava a disparar e a palma das mãos suava; eu não conseguia respirar até que me levantasse e checasse se Charlie também sobrevivera.

Eu sabia que ele estava preocupado — vendo-me saltar a qualquer ruído alto, ou meu rosto de repente ficar lívido por nenhum motivo que ele pudesse distinguir. Pelas perguntas que me fazia de vez em quando, ele parecia atribuir a mudança à ausência contínua de Jacob.

O pavor que sempre vinha antes de tudo em meus pensamentos costumava me distrair do fato de que mais uma semana se passara e Jacob ainda não tinha telefonado. Mas quando conseguia me concentrar em minha vida normal — como se minha vida já tivesse sido realmente normal —, eu ficava aborrecida.

Sentia uma saudade terrível dele.

Já era bem ruim ficar sozinha antes de estar apavorada. Agora, mais do que nunca, eu ansiava por seu riso despreocupado e seu sorriso contagiante. Precisava da sanidade segura de sua oficina caseira e de sua mão quente em meus dedos frios.

Cheguei a esperar que ele ligasse na segunda-feira. Se tivesse havido algum progresso com Embry, ele não iria me contar? Queria acreditar que era a preocupação com o amigo que ocupava o tempo de Jacob, e não que ele apenas tivesse desistido de mim.

Liguei na terça, mas ninguém atendeu. Será que o telefone ainda estava com defeito? Ou Billy comprara um identificador de chamadas?

Na quarta, liguei a cada meia hora até depois das onze da noite, desesperada para ouvir o calor da voz de Jacob.

Na quinta-feira, fiquei sentada dentro da picape na frente de minha casa — com as travas abaixadas —, a chave na mão, por uma hora inteira. Lutava comigo mesma, tentando justificar uma ida rápida a La Push, mas não consegui fazer isso.

Eu sabia que Laurent já teria voltado para Victoria. Se eu fosse a La Push, correria o risco de atrair um deles para lá. E se me encontrassem quando Jacob estivesse por perto? Por mais que isso me magoasse, eu sabia que era melhor para Jacob me evitar. Era mais seguro para ele.

Já era bem ruim que eu não conseguisse encontrar um modo de garantir a segurança de Charlie. Era mais provável que eles viessem me procurar à noite, e o que eu podia dizer para manter Charlie fora da casa? Se lhe contasse a verdade, ele me internaria. Eu teria suportado isso — até aceitaria de bom grado —, se fosse mantê-lo seguro. Mas Victoria ainda viria procurar por mim na casa dele primeiro. Talvez, se me encontrasse, isso bastasse para ela. Quem sabe ela simplesmente fosse embora após terminar comigo.

Então eu não podia fugir. Mesmo que pudesse, para onde iria? Para Renée? Estremeci ao pensar em arrastar minhas sombras letais para o mundo seguro e ensolarado de minha mãe. Eu jamais a colocaria em perigo desse jeito.

A preocupação devorava um buraco no meu estômago. Logo eu teria outras perfurações.

Naquela noite, Charlie me fez outro favor e ligou para Harry de novo, para saber se os Black tinham saído da cidade. Harry contou que Billy comparecera a uma reunião do conselho na noite de quarta-feira e não falara nada sobre ir embora. Charlie me alertou para não me inquietar tanto — Jacob ligaria quando estivesse pronto para isso.

Na tarde de sexta-feira, quando voltava da escola, de repente eu entendi.

Eu não estava prestando atenção na conhecida rua, deixando que o som do motor amortecesse meu cérebro e silenciasse as preocupações, quando meu subconsciente deu um veredicto que devia estar sendo forjado havia algum tempo sem que eu me desse conta.

Assim que pensei a respeito, senti-me uma completa idiota por não ter entendido antes. É claro que havia muita coisa na minha cabeça — vampiros obcecados com vingança, lobos mutantes gigantescos, um buraco dilacerado no meio do meu peito —, mas, quando segui as evidências, ficou constrangedoramente óbvio.

Meu Deus, eu sabia exatamente o que estava acontecendo com Jacob.

Jacob me evitando. Charlie dizendo que ele parecia estranho, chateado... As respostas vagas e inúteis de Billy.

Era Sam Uley. Até meus pesadelos tentavam me dizer isso. Sam conseguira pegar Jacob. O que quer que estivesse acontecendo com os outros rapazes na reserva, tinha alcançado meu amigo e o roubara. Ele fora tragado para o culto de Sam.

Ele não tinha desistido de mim, percebi com um jorro de emoção.

Deixei a picape em ponto morto na frente de casa. O que eu devia fazer? Pesei os riscos.

Se procurasse Jacob, arriscaria dar a Victoria ou Laurent a oportunidade de me encontrar junto a ele.

Se não fosse atrás dele, Sam o mergulharia ainda mais profundo em sua gangue compulsória e assustadora. Se eu não agisse logo, talvez fosse tarde demais.

Uma semana havia passado e nenhum vampiro aparecera para mim. Uma semana era tempo mais do que suficiente para terem voltado, então eu não devia ser prioridade para eles. O mais provável, como concluíra antes, seria eles virem atrás de mim à noite. A probabilidade de me seguirem a La Push era muito menor do que a de perder Jacob para Sam.

Valia a pena me arriscar na estrada isolada do bosque. Não seria uma visita à toa para ver o que estava acontecendo. Eu sabia o que estava acontecendo. Era uma missão de resgate. Eu falaria com Jacob — o raptaria, se fosse preciso. Assistira a um programa na tevê sobre desprogramação de lavagem cerebral. Tinha de haver algum tipo de cura.

Concluí que era melhor ligar para Charlie primeiro. Talvez o que estivesse acontecendo em La Push fosse algo em que a polícia devesse ser envolvida. Disparei para dentro de casa, na pressa para me colocar a caminho.

O próprio Charlie atendeu o telefone da delegacia.

— Chefe Swan.

— Pai, é Bella.

— Qual é o problema?

Dessa vez eu não podia discutir com seu pressuposto de Dia do Juízo Final. Minha voz tremia.

— Estou preocupada com Jacob.

— Por quê? — perguntou ele, surpreso com o assunto inesperado.

— Eu acho... Acho que tem algo esquisito acontecendo na reserva. Jacob me

contou sobre uma coisa estranha que está acontecendo com os outros rapazes da idade dele. Agora ele age do mesmo jeito e eu estou com medo.

— Que tipo de coisa? — Ele usou sua voz profissional, de policial. Isso era bom; estava me levando a sério.

— Primeiro, ele estava com medo, depois, me evitou, e agora... Tenho medo de que esteja naquela gangue esquisita de lá, a gangue de Sam. A gangue de Sam Uley.

— Sam Uley? — repetiu Charlie, surpreso de novo.

— É.

A voz de Charlie estava mais relaxada quando ele respondeu.

— Acho que você entendeu errado, Bella. Sam Uley é um ótimo rapaz, quer dizer, agora ele é um homem. Um bom filho. Você tem de ouvir Billy falar dele. Ele faz maravilhas com a juventude da reserva. Foi ele que... — Charlie parou no meio da frase e imaginei que ele estava prestes a comentar a noite em que me perdi no bosque. Eu avancei rapidamente.

— Pai, não é isso. Jacob tinha medo dele.

— Você conversou com Billy sobre isso? — Ele agora tentava me tranquilizar. Eu o tinha perdido assim que falei em Sam Uley.

— Billy não está preocupado.

— Ora, Bella, então tenho certeza de que está tudo bem. Jacob é um garoto; acho que só está zanzando por aí. Tenho certeza de que está bem. Afinal de contas, ele não pode passar cada minuto da vida com você.

— Não se trata de mim — insisti, mas a batalha estava perdida.

— Não acho que precise se preocupar com isso. Deixe que Billy cuide de Jacob.

— Charlie... — Minha voz começava a parecer um choramingo.

— Bells, agora eu tenho muito para fazer. Dois turistas desapareceram em uma trilha nos arredores do lago Crescent. — Havia ansiedade na voz dele. — O problema do lobo está ficando fora de controle.

A notícia me distraiu por um momento — na verdade me atordoou. De forma alguma os lobos teriam sobrevivido a um embate com Laurent...

— Tem certeza de que foi isso que aconteceu com eles? — perguntei.

— Receio que sim, querida. Havia... — Ele hesitou. — Havia rastros de novo e... dessa vez, um pouco de sangue.

— Oh! — Então não deve ter havido um confronto. Laurent devia simplesmente ter fugido dos lobos, mas por quê? O que vi na campina só ficava cada vez mais estranho... mais impossível de entender.

— Olhe, eu preciso mesmo ir. Não se preocupe com Jake, Bella. Tenho certeza de que não é nada.

— Tudo bem — eu disse com aspereza, frustrada enquanto suas palavras me lembravam da crise mais urgente que eu tinha nas mãos. — Tchau. — Desliguei.

Fiquei olhando o telefone por um longo minuto. Dane-se, decidi.

Billy atendeu depois de dois toques.

— Alô?

— Oi, Billy — quase grunhi. Tentei parecer mais simpática ao continuar. — Posso falar com Jacob, por favor?

— Jake não está aqui.

Que novidade.

— Sabe onde ele está?

— Ele saiu com os amigos. — A voz de Billy era cautelosa.

— Ah, é? Alguém que eu conheça? O Quil? — Sabia que as palavras não saíram de modo tão casual como eu pretendia.

— Não — disse Billy devagar. — Não acho que ele esteja com o Quil hoje.

Eu sabia muito bem que não devia tocar no nome de Sam.

— Embry? — perguntei.

Desta vez, Billy pareceu mais feliz em responder.

— É, ele está com Embry.

Foi o bastante para mim. Embry era um deles.

— Bom, quando ele chegar, diga que me ligue, está bem?

— Claro, claro. Tudo bem. — Clique.

— A gente se vê, Billy — murmurei para o telefone mudo.

Dirigi até La Push decidida a esperar. Se fosse necessário, ficaria sentada na frente da casa dele a noite inteira. Eu ia faltar à aula. Em algum momento o garoto ia ter de chegar em casa e, quando chegasse, ia ter de falar comigo.

Eu estava tão preocupada que a viagem que me apavorara pareceu durar só alguns segundos. Antes que me desse conta, o bosque começou a ficar mais esparso e eu sabia que logo veria as primeiras casinhas da reserva.

Seguindo a pé, pelo acostamento esquerdo da estrada, havia um menino alto,

com um boné de beisebol.

Minha respiração parou por um momento na garganta, na esperança de que dessa vez a sorte estivesse comigo e eu encontrasse Jacob sem precisar me esforçar. Mas o menino era largo demais e o cabelo sob o boné era curto. Mesmo de costas, tive certeza de que era Quil, embora ele parecesse maior do que da última vez que o vira. O que havia com aqueles garotos quileutes? Será que estavam dando a eles hormônio do crescimento experimental?

Passei para a contramão a fim de parar perto dele. Ele olhou quando o ronco da picape se aproximou.

A expressão de Quil me assustou mais do que me surpreendeu. Seu rosto era triste, pensativo, a testa vincada de preocupação.

— Ah, oi, Bella — ele me cumprimentou, de um jeito apático.

— Oi, Quil... Está tudo bem?

Ele me fitou de mau humor.

— Tudo.

— Quer uma carona para algum lugar? — ofereci.

— Claro, acho que sim — murmurou. Ele se arrastou pela frente da picape e abriu a porta do carona para entrar.

— Para onde?

— Minha casa fica no lado norte, bem atrás da loja.

— Tem visto Jacob? — A pergunta explodiu de mim quase antes que ele terminasse de falar.

Olhei para Quil com ansiedade, esperando pela resposta. Ele olhou através do para-brisa por um segundo antes de falar.

— De longe — disse por fim.

— De longe? — repeti.

— Tentei segui-los... Ele estava com Embry. — Sua voz era baixa, difícil de ouvir com o motor do carro. Aproximei-me dele. — Sei que me viram. Mas eles se viraram e simplesmente sumiram no bosque. Não acho que estivessem sozinhos... Acho que Sam e seu pessoal podiam estar com eles. Fiquei zanzando pelo bosque por uma hora, gritando por eles. Eu tinha acabado de achar a estrada de novo quando você passou.

— Então Sam o pegou. — As palavras saíram meio distorcidas, meus dentes estavam trincados.

Quil me olhou.

— Você sabe disso?

Eu assenti.

— Jake me contou... Antes.

— Antes — repetiu Quil, e suspirou.

— Jacob agora é tão ruim como os outros?

— Nunca desgruda de Sam. — Quil virou a cabeça e cuspiu pela janela aberta.

— E antes disso... Ele evitava todo mundo? Parecia aborrecido?

A voz dele era baixa e rouca.

— Não por tanto tempo quanto os outros. Talvez um dia. Depois Sam o pegou.

— O que você acha disso? Drogas ou algo assim?

— Não consigo ver Jacob nem Embry tomando nada desse tipo... Mas o que é que eu sei? O que mais pode ser? E por que os mais velhos não estão preocupados? — Ele sacudiu a cabeça, e agora o medo aparecia em seus olhos. — Jacob não queria fazer parte desse... culto. Não entendo como ele mudou. — Ele me encarou, o rosto assustado. — Eu não quero ser o próximo.

Meus olhos espelharam seu medo. Era a segunda vez que eu ouvia descreverem aquilo como um culto. Tremi.

— Seus pais não ajudam em nada?

Ele fez uma careta.

— Ah, tá. Meu avô é do conselho, com o pai de Jacob. Para ele, Sam Uley foi a melhor coisa que aconteceu neste lugar.

Nós nos olhamos por um longo momento. Já estávamos em La Push, e minha picape se arrastava na estrada vazia. Eu podia ver a única loja da aldeia não muito à frente.

— Vou descer agora — disse Quil. — Minha casa fica ali, à direita. — Ele gesticulou para o pequeno retângulo de madeira atrás da loja. Parei no acostamento e ele saiu.

— Vou esperar Jacob — disse a ele numa voz séria.

— Boa sorte. — Ele bateu a porta e se arrastou pela estrada, de cabeça baixa e ombros caídos.

A expressão no rosto de Quil me assombrou enquanto eu fazia um retorno e ia

para a casa dos Black. Ele estava com medo de ser o próximo. O que estava acontecendo ali?

Parei na frente da casa de Jacob, desligando o motor e baixando as janelas. Estava abafado, sem brisa. Coloquei os pés no painel e me acomodei para esperar.

Um movimento lampejou em minha visão periférica — virei-me e vi Billy me olhando pela janela da frente com uma expressão confusa. Acenei uma vez e dei um sorriso rígido, mas fiquei onde estava.

Os olhos dele se estreitaram; ele baixou a cortina na vidraça.

Estava preparada para ficar pelo tempo que fosse necessário, mas desejei ter alguma atividade. Peguei uma caneta e uma prova antiga no fundo da mochila. Comecei a rabiscar no verso.

Só tivera tempo de desenhar uma fila de losangos quando ouvi uma batida áspera em minha porta.

Pulei e ergui os olhos, esperando ver Billy.

— O que você está fazendo aqui, Bella? — grunhiu Jacob.

Jacob mudara radicalmente nas últimas semanas desde que eu o vira. O primeiro detalhe que percebi foi seu cabelo — seu lindo cabelo se fora, cortado bem curto, cobrindo a cabeça como um cetim preto, muito escuro. As maçãs do rosto pareciam ter enrijecido discretamente... envelhecido. O pescoço e os ombros também estavam diferentes, de algum modo mais largos. As mãos, onde pegavam na moldura da janela, eram enormes, com os tendões e as veias mais pronunciados sob a pele avermelhada. Mas a mudança física era insignificante.

Era a expressão que o deixava quase irreconhecível por completo. O sorriso aberto e franco sumira com o cabelo, o calor em seus olhos escuros se transformara num ressentimento taciturno que era imediatamente perturbador. Havia trevas em Jacob. Como se meu sol tivesse implodido.

— Jacob? — sussurrei.

Ele se limitou a me encarar, os olhos tensos e raivosos.

Percebi que não estávamos sozinhos. Atrás dele havia outros quatro; todos altos e de pele vermelha, o cabelo preto curto como o de Jacob. Podiam ser irmãos — não distingui Embry no grupo. A semelhança era intensificada pela hostilidade perturbadoramente idêntica em cada par de olhos.

Cada par, exceto um. Anos mais velho, Sam estava ao fundo, a expressão serena e segura. Tive de engolir a bile que subia por minha garganta. Eu queria

bater nele. Não, eu queria fazer mais do que isso. Mais do que tudo, eu queria ser feroz e mortal, alguém com quem ninguém se atrevesse a se meter. Alguém que metesse medo em Sam Uley.

Eu queria ser uma vampira.

O desejo violento me pegou desprevenida e me tirou o fôlego. Era o mais proibido de todos os desejos — mesmo quando eu só o queria por uma razão vil como essa, para ganhar vantagem sobre um inimigo —, porque era o mais doloroso. Esse futuro se perdera para sempre e nunca estaria a meu alcance. Lutei para recuperar o controle enquanto o buraco em meu peito doía, oco.

— O que você quer? — perguntou Jacob, a expressão tornando-se mais ressentida à medida que ele via as emoções passando por meu rosto.

— Quero conversar com você — respondi numa voz fraca. Tentei me concentrar, mas ainda estava às voltas com a fuga de meu sonho proibido.

— Pode falar — sibilou ele entre os dentes. Seu olhar era violento. Eu nunca o vira olhar para ninguém daquele jeito, e muito menos para mim. Isso me magoou com uma intensidade surpreendente; uma dor física, uma facada na cabeça.

— A sós! — sibilei, e minha voz era mais forte.

Ele olhou para trás e eu sabia para onde iriam seus olhos. Cada um dos garotos se virou para ver a reação de Sam.

Sam assentiu uma vez, a expressão impassível. Fez um breve comentário numa língua desconhecida e fluida — eu só tinha certeza de que não era francês nem espanhol, mas imaginei que fosse quileute. Ele se virou e foi para a casa de Jacob. Os outros, Paul, Jared e Embry, imaginei, o seguiram.

— Tudo bem. — Jacob parecia um pouco menos furioso depois que os outros partiram. Seu rosto estava mais calmo, mas também mais desamparado. A boca parecia permanentemente repuxada nos cantos.

Respirei fundo.

— Você sabe o que eu quero saber.

Ele não respondeu. Só me olhou com amargura.

Retribuí o olhar e o silêncio se prolongou. A dor em seu rosto me enervava. Senti um bolo começando a se formar em minha garganta.

— Podemos dar uma caminhada? — perguntei enquanto ainda conseguia falar.

Ele não deu nenhuma resposta; sua expressão não mudou.

Saí do carro, sentindo em mim olhos invisíveis por trás das janelas, e comecei a andar para as árvores ao norte. Meus pés pisavam a relva úmida e a lama na lateral da estrada, e como esse era o único som, a princípio pensei que Jacob não estivesse me seguindo. Mas, quando olhei em volta, ele estava bem a meu lado. Seus pés de alguma forma encontraram um caminho menos ruidoso do que o meu.

Eu me senti melhor perto do bosque, onde Sam não poderia estar vendo. Enquanto andávamos, lutei para encontrar as palavras certas a serem ditas, mas nada me ocorreu. Só fiquei com mais raiva ainda por Jacob ter sido puxado para aquilo... Que Billy tivesse permitido isso... Que Sam fosse capaz de ficar parado ali, tão seguro e calmo...

Jacob de repente acelerou o passo, me ultrapassando facilmente com suas pernas compridas, depois girou para ficar de frente para mim, plantando-se no meu caminho e me obrigando a parar também.

A elegância evidente de seus movimentos me distraiu. Jacob era quase tão desajeitado quanto eu, com seu surto de crescimento interminável. Quando foi que isso mudou?

Mas ele não me deu tempo para pensar.

— Vamos acabar logo com isso — disse numa voz rouca.

Eu esperei. Ele sabia o que eu queria.

— Não é o que você pensa. — Sua voz de repente era preocupada. — Não era o que eu pensava... Eu não sabia de nada.

— Então o que é?

Ele examinou meu rosto por um longo momento, refletindo. A raiva jamais deixava completamente seus olhos.

— Não posso lhe dizer — disse ele por fim.

Meu queixo se enrijeceu e falei entre os dentes.

— Pensei que fôssemos amigos.

— Nós éramos. — Houve uma discreta ênfase no verbo no passado.

— Mas você não precisa mais de amigos — eu disse, amargurada. — Você tem o Sam. Isso é muito bom... Você sempre o admirou tanto!

— Antes eu não o entendia.

— E agora você viu a luz. Aleluia.

— Não é como eu pensava. Não é culpa de Sam. Ele está me ajudando o máximo que pode. — Sua voz ficou frágil e ele olhou por sobre minha cabeça, para além de mim, a raiva ardendo nos olhos.

— Ele está ajudando você — repeti, em dúvida. — Claro.

Mas Jacob não parecia estar ouvindo. Respirava fundo e devagar, tentando se acalmar. Estava tão aborrecido que as mãos tremiam.

— Jacob, por favor — sussurrei. — Não vai me contar o que aconteceu? Talvez eu possa ajudar.

— Ninguém pode me ajudar agora. — As palavras foram um gemido baixo; sua voz falhou.

— O que ele fez com você? — perguntei, as lágrimas se empoçando em meus olhos. Estendi a mão para ele, como já fizera antes, avançando de braços abertos.

Desta vez ele se afastou, erguendo as mãos na defensiva.

— Não toque em mim — sussurrou ele.

— Sam, está vendo? — murmurei. As lágrimas estúpidas escaparam do canto de meus olhos. Eu as enxuguei com as costas da mão e cruzei os braços.

— Pare de culpar o Sam. — As palavras saíram rápido, como que por reflexo. Suas mãos se ergueram para torcer os cabelos que não estavam mais ali, depois caíram hesitantes.

— Então, a quem eu devo culpar?

Ele deu um meio sorriso; era algo vazio e sem forma.

— Não vai querer ouvir isso.

— Mas é claro que vou! — rebati. — Eu quero saber e quero saber agora.

— Você está enganada — devolveu ele.

— Não se atreva a me dizer que estou errada... Não fui eu quem sofreu uma lavagem cerebral! Me diga agora de quem é a culpa por tudo isso, se não é de seu precioso Sam!

— Você pediu — grunhiu ele para mim, os olhos com um brilho duro. — Se quiser culpar alguém, por que não aponta seu dedo para aqueles sanguessugas imundos e fedorentos que você ama tanto?

Minha boca se escancarou e a respiração saiu com um assobio. Fiquei paralisada ali, apunhalada por aquelas palavras de dois gumes. A dor girou em seu padrão familiar por meu corpo, o buraco rasgando-me de dentro para fora, mas isso estava em segundo plano, uma música de fundo no caos de meus

pensamentos. Eu não acreditava tê-lo ouvido corretamente. Não havia vestígio de indecisão em seu rosto. Só fúria.

Ainda estava boquiaberta.

— Eu lhe disse que você não ia querer ouvir — disse ele.

— Não entendo de quem você está falando — sussurrei.

Ele ergueu uma sobrancelha, incrédulo.

— Acho que entende perfeitamente de quem estou falando. Não vai me obrigar a dizer, não é? Não gosto de magoar você.

— Eu não entendo de quem você está falando — repeti de modo mecânico.

— Os Cullen — disse ele devagar, demorando-se na palavra, examinando meu rosto ao pronunciá-la. — Eu vi... Posso ver em seus olhos o que acontece com você quando digo o nome deles.

Sacudi a cabeça, negando, tentando ao mesmo tempo clareá-la. Como ele sabia daquilo? E como aquilo podia ter alguma relação com o culto de Sam? Seria uma gangue de odiadores de vampiros? Que sentido havia em formar uma sociedade dessas quando não havia mais vampiro algum em Forks? Por que Jacob começaria a acreditar nas histórias sobre os Cullen justo agora, quando a prova de sua existência tinha ido embora havia tanto tempo, para nunca mais voltar?

Precisei de um tempo mais longo para pensar na resposta correta.

— Não me diga que agora dá ouvidos aos absurdos supersticiosos de Billy — disse numa tentativa fraca de zombar dele.

— Ele sabe mais do que eu pensava.

— Fala sério, Jacob.

Ele me fitou, os olhos me julgando.

— Deixando as superstições de lado — eu disse rapidamente. — Ainda não sei do que você está acusando os... — tremor — ... Cullen. Eles foram embora há mais de seis meses. Como pode culpá-los pelo que Sam está fazendo agora?

— Sam não está fazendo nada, Bella. E eu sei que eles foram embora. Mas às vezes... as coisas entram em movimento e então é tarde demais.

— O que está em movimento? O que é tarde demais? Você os está culpando pelo quê?

Ele de repente estava bem na minha frente, a fúria reluzindo nos olhos.

— Por existirem — sibilou.

Fiquei surpresa e desconcentrada quando as palavras de alerta vieram na voz

de Edward outra vez, quando eu nem estava com medo.

"Fique quieta agora, Bella. Não o pressione", avisou-me Edward em meu ouvido.

Desde que o nome de Edward irrompera para fora dos muros cautelosos que eu erguera para sepultá-lo, não consegui trancá-lo lá de novo. Agora não me doía — não durante os preciosos segundos em que podia ouvir sua voz.

Jacob fumegava na minha frente, tremendo de raiva.

Não entendi por que a ilusão de Edward apareceu inesperadamente em minha cabeça. Jacob estava furioso, mas ele era Jacob. Não havia adrenalina, nem perigo.

"Dê a ele uma chance de se acalmar", insistiu a voz de Edward.

Sacudi a cabeça, confusa.

— Está sendo ridículo — disse aos dois.

— Tudo bem — respondeu Jacob, respirando fundo de novo. — Não vou discutir com você. Não importa mais, o estrago está feito.

— Que estrago?

Ele nem vacilou quando gritei as palavras na cara dele.

— Vamos voltar. Não há mais nada a dizer.

Suspirei.

— Há tudo a dizer! Você ainda não disse nada!

Ele passou por mim, andando de volta para a casa.

— Dei uma carona para o Quil hoje — gritei nas costas dele.

Ele parou a meio passo, mas não se virou.

— Você se lembra de seu amigo Quil? É, ele está apavorado.

Jacob girou para me encarar. Sua expressão era de dor.

— Quil. — Foi só o que ele disse.

— Ele também está preocupado com você. Está morto de medo.

Jacob começou a se afastar de mim com olhos desesperados.

Eu o provoquei mais.

— Está com medo de ser o próximo.

Jacob teve de se apoiar numa árvore, o rosto assumindo um estranho tom de verde sob a superfície marrom-avermelhada.

— Ele não será o próximo — murmurou Jacob para si mesmo. — Não pode ser. Agora acabou. Isso nem devia estar acontecendo mais. Por quê? Por quê? — Ele socou a árvore com o punho. Não era uma árvore grande, era fina e só um

pouco mais alta do que Jacob. Mas ainda me surpreendeu quando o tronco cedeu e se partiu com um estalo sob seus golpes.

Jacob olhou o ponto quebrado e áspero com um choque que logo se transformou em pavor.

— Tenho que voltar. — Ele girou o corpo e se afastou com tal rapidez que tive de correr para alcançá-lo.

— Vai voltar para Sam!

— É um ponto de vista — ele pareceu dizer. Estava murmurando e de cara virada.

Eu o segui de volta à picape.

— Espere! — gritei enquanto ele se virava para a casa.

Ele girou, ficando de frente para mim, e vi que suas mãos tremiam de novo.

— Vá para casa, Bella. Não posso mais ver você.

A dor tola e inconsequente foi muito forte. As lágrimas voltaram a encher meus olhos.

— Você está... terminando comigo? — As palavras eram completamente erradas, mas foram a melhor maneira que encontrei para manifestar o que eu queria saber. Afinal, o que Jake e eu tínhamos era mais do que qualquer namoro de estudantes. Era mais forte.

Ele soltou uma risada amarga.

— Dificilmente. Se fosse esse o caso, eu diria "Vamos ser amigos". Nem isso eu posso dizer.

— Jacob... Por quê? Sam não deixa você ter outros amigos? Por favor, Jake. Você prometeu. Eu preciso de você! — O vazio completo de minha vida antes... antes de Jacob trazer de volta algo parecido com a razão... despertou e me confrontou. A solidão sufocava minha garganta.

— Desculpe, Bella. — Jacob pronunciou cada palavra com clareza, numa voz fria que não parecia pertencer a ele.

Não acreditei que fosse aquilo que Jacob realmente queria falar. Parecia haver outra mensagem tentando ser dita por seus olhos furiosos, mas eu não a entendia.

Talvez não se tratasse de Sam. Talvez não tivesse nada a ver com os Cullen. Talvez ele só estivesse tentando sair de uma situação irremediável. Talvez eu devesse deixá-lo fazer isso, se era o melhor para ele. Eu devia deixar. Seria a atitude correta.

Mas ouvi minha voz escapar num sussurro.

— Eu lamento não ter podido... antes... Queria poder mudar o que sinto por você, Jacob. — Eu estava desesperada, esforçando-me, esticando a verdade a tal ponto que ela se torcia quase na forma de uma mentira. — Talvez... Talvez eu mude — sussurrei. — Talvez, se me der algum tempo... Só não me abandone agora, Jake. Não posso suportar isso.

Seu rosto passou da raiva para a agonia em um segundo. A mão trêmula se estendeu para mim.

— Não. Não pense assim, Bella. Não se culpe, não pense que é culpa sua. O culpado de tudo sou eu. Eu juro, não tem nada a ver com você.

— Não é você, sou eu — sussurrei. — Há uma nova Bella.

— É sério, Bella. Eu não... — Ele lutou, e a voz ficava mais rouca à medida que ele tentava controlar a emoção. Os olhos estavam torturados. — Não sirvo para ser seu amigo, nem outra coisa. Não sou o que era antes. Eu não sou bom.

— Como é? — Eu o encarei, confusa e pasma. — O que está dizendo? Você é muito melhor do que eu, Jake. Você é bom! Quem disse que não é? Sam? É uma mentira maldosa, Jacob! Não deixe que ele diga isso a você! — De repente eu estava gritando de novo.

A face de Jacob ficou dura e inexpressiva.

— Ninguém precisa me dizer nada. Sei o que sou.

— Você é meu amigo, é isso que você é! Jake... Não!

Estava me dando as costas.

— Desculpe, Bella — disse de novo; desta vez foi um murmúrio fraco. Jacob se virou e quase correu para a casa.

Fui incapaz de me mexer. Olhei a casinha; parecia pequena demais para abrigar quatro rapazes grandalhões e dois homens maiores ainda. Não houve reação lá dentro. A beira da cortina não tremulou, nenhum som de vozes nem movimento. A casa me encarava vazia.

Começou a cair um chuvisco, pinicando minha pele aqui e ali. Eu não conseguia tirar os olhos da casa. Jacob ia voltar. Tinha de voltar.

A chuva aumentou e o vento também. As gotas não vinham mais do alto; caíam em diagonal, do oeste. Eu podia sentir o cheiro da maresia. Meu cabelo batia no rosto, grudando nos lugares molhados e se embaraçando em meus cílios. Eu esperei.

Por fim a porta se abriu e dei um passo para a frente, aliviada.

Billy foi em sua cadeira para a soleira da porta. Não pude ver ninguém atrás dele.

— Charlie ligou agora, Bella. Disse a ele que você estava a caminho de casa. — Os olhos dele estavam cheios de pena.

A piedade foi a gota d'água. Não fiz qualquer comentário. Só me virei automaticamente e subi na picape. Tinha deixado a janela aberta e os bancos ficaram escorregadios e molhados. Não importava. Eu já estava ensopada.

Não é tão ruim! Não é tão ruim!, minha mente tentava me confortar. Era verdade. Não era tão ruim. Não era o fim do mundo, não de novo. Era só o fim daquela pequena paz que havia ficado para trás. Era só isso.

Não é tão ruim, concordei, depois acrescentei: mas é ruim o bastante.

Pensei que Jake estivesse curando o buraco que havia em mim — ou pelo menos o estivesse cobrindo, impedindo que me doesse tanto. Eu estava errada. Ele estava apenas cavando um buraco só dele, e agora eu estava furada como queijo suíço. Imaginei por que eu não me desfazia em pedaços.

Charlie esperava por mim na varanda. Quando parei o carro, ele saiu para me receber.

— Billy ligou. Disse que você brigou com Jake... Que estava muito chateada — explicou ele ao abrir a porta da picape para mim.

Depois ele viu meu rosto. Uma espécie de reconhecimento apavorado apareceu em sua expressão. Tentei sentir meu rosto de dentro para fora, para saber o que ele estava vendo. Minha face parecia vazia e fria, e percebi o que isso o fazia lembrar.

— Não foi bem assim que aconteceu — murmurei.

Charlie passou o braço em mim e me ajudou a sair do carro. Não fez comentário algum sobre minhas roupas encharcadas.

— Então, o que aconteceu? — perguntou quando estávamos dentro de casa. Enquanto falava, ele pegou a manta do encosto do sofá e pôs em meus ombros. Percebi que ainda estava tremendo.

Minha voz não tinha vida.

— Sam Uley disse que Jacob não pode mais ser meu amigo.

Charlie me olhou de um jeito estranho.

— Quem lhe disse isso?

— Jacob — declarei, embora não fosse exatamente o que Jacob dissera. Ainda assim era verdade.

As sobrancelhas de Charlie se uniram.

— Acha mesmo que há alguma coisa errada com esse Uley?

— Eu sei que há. Mas Jacob não me contou. — Pude ouvir a água de minhas roupas pingando e formando uma poça no linóleo. — Vou trocar de roupa.

Charlie estava perdido em pensamentos.

— Tudo bem — disse, desligado.

Decidi tomar um banho porque eu estava fria demais, mas a água quente não pareceu afetar a temperatura de minha pele. Ainda estava congelando quando desisti e fechei a água. No silêncio súbito, pude ouvir Charlie falando com alguém no primeiro andar. Enrolei-me numa toalha e entreabri a porta do banheiro.

A voz dele estava irritada.

— Não engulo essa. Isso não faz sentido nenhum.

Fez-se um silêncio e percebi que ele estava ao telefone. Passou-se um minuto.

— Não culpe Bella por isso! — gritou Charlie de repente. Eu pulei. Quando ele voltou a falar, a voz era cuidadosa e baixa. — Bella deixou muito claro o tempo todo que ela e Jacob eram só amigos... Bom, se era isso, então por que não disse antes? Não, Billy, acho que ela tem razão... Porque conheço minha filha e, se ela diz que antes Jacob estava com medo...

Ele foi interrompido no meio da frase, e quando respondeu estava quase gritando de novo.

— O que você quer dizer com não conheço minha filha tão bem quanto penso! — Ele ouviu por um breve segundo e sua resposta foi quase baixa demais para que eu escutasse. — Se acha que vou lembrá-la disso, é melhor pensar duas vezes. Ela só está começando a se recuperar, e principalmente graças ao Jacob, acho. Se o que Jacob está fazendo com esse Sam deixar Bella deprimida de novo, então Jacob vai ter que se entender comigo. Você é meu amigo, Billy, mas isso está magoando minha família.

Houve outra pausa para Billy responder.

— Você entendeu muito bem... Basta esses garotos colocarem um dedo fora da linha e eu vou saber. Vamos ficar de olho na situação, pode ter certeza disso.

Ele não era mais Charlie; agora era o chefe de polícia Swan.

— Muito bem. Sim. Adeus. — O telefone bateu no gancho.

Fui na ponta dos pés pelo corredor às pressas até meu quarto. Charlie resmungava com raiva na cozinha.

Então Billy ia me culpar. Eu estava sobrecarregando Jacob e ele, enfim, se cansara disso.

Era estranho, porque era o que eu mesma temia, mas não acreditava mais nisso, não depois das últimas palavras de Jacob à tarde. Havia muito mais naquela história do que uma paixonite não correspondida, e me surpreendeu que Billy concordasse em alegar um motivo desses. Fez-me pensar que qualquer que fosse o segredo que guardavam devia ser maior do que eu imaginara. Pelo menos Charlie agora estava do meu lado.

Vesti o pijama e me arrastei para a cama. A vida parecia tão sombria naquele momento que me permiti trapacear. O buraco — agora os buracos — já doía, então, por que não? Invoquei a lembrança — não uma lembrança real que doesse demais, mas a falsa lembrança da voz de Edward em minha mente naquela tarde — e brinquei mentalmente com ela até que dormi, com as lágrimas ainda rolando devagar por meu rosto vazio.

Nessa noite, eu tive um novo sonho. A chuva caía e Jacob andava sem fazer ruído a meu lado, embora sob os meus pés o chão estalasse como cascalho seco. Mas ele não era o meu Jacob; era o novo Jacob, amargurado e elegante. A flexibilidade suave de seu andar me fez lembrar de outra pessoa, e enquanto eu observava suas feições começaram a mudar. A cor avermelhada de sua pele desbotou, deixando o rosto branco como osso. Os olhos ficaram dourados e depois vermelhos, e voltaram ao dourado. O cabelo curto se agitava na brisa, assumindo um tom de bronze onde o vento o tocava. E o rosto ficou tão lindo que despedaçou meu coração. Tentei alcançá-lo, mas ele se afastou, erguendo as mãos como um escudo. E depois Edward desapareceu.

Quando acordei no escuro, não tinha certeza se começara a chorar naquele momento ou se minhas lágrimas tinham escorrido enquanto eu dormia e agora simplesmente continuavam. Olhei o teto escuro. Podia sentir que chegara o meio da noite — ainda estava meio adormecida, talvez mais do que isso. Cansada, fechei os olhos e rezei para ter um sono sem sonhos.

Foi quando ouvi o barulho que deve ter me despertado. Algo afiado arranhava minha janela com um som agudo, como unhas contra o vidro.

12. INVASÃO

MEUS OLHOS SE ARREGALARAM DE SUSTO, embora eu estivesse tão exausta e desnorteada que ainda não tinha certeza de estar acordada ou dormindo.

Algo arranhou a janela de novo com o mesmo som agudo e fino.

Confusa e desajeitada por causa do sono, tropecei para fora da cama e fui até a janela, piscando pelo caminho para me livrar das lágrimas que haviam ficado em meus olhos.

Uma forma enorme e escura se balançava, instável, do outro lado do vidro, inclinada na minha direção como se fosse se atirar contra a janela. Recuei, apavorada, minha garganta se fechando num grito.

Victoria.

Ela veio atrás de mim.

Estou morta.

Charlie também, não!

Sufoquei o grito que se formava. Tinha de passar por aquilo em silêncio. De algum modo. Precisava evitar que Charlie aparecesse ali...

E depois uma voz rouca e familiar chamou da forma escura.

— Bella! — sibilou. — Ai! Droga, abra a janela! AI!

Precisei de dois segundos para me livrar do terror e conseguir me mexer, mas depois corri até a janela e abri o vidro. Havia um pouco de claridade atrás das nuvens, o suficiente para que eu distinguisse as silhuetas.

— Mas o que você está fazendo? — disse, ofegante.

Jacob se segurava de maneira perigosa no alto do espruce que crescia no meio do pequeno jardim de Charlie. Seu peso tinha envergado a árvore na direção da casa e agora ele se balançava — as pernas penduradas a seis metros do chão — a menos de um metro de mim. Os galhos finos no alto da árvore arranhavam a lateral da casa com um som áspero.

— Estou tentando cumprir... — ele bufou de raiva, fazendo peso para trás e para a frente, enquanto o alto da árvore o sacudia — ... minha promessa!

Pisquei os olhos turvos e úmidos, de repente certa de que estava sonhando.

— Quando foi que prometeu se matar caindo da árvore de Charlie?

Ele bufou, sem achar graça, balançando as pernas para oscilar mais.

— Saia da frente — ordenou.

— O quê?

Jacob balançou as pernas de novo, para trás e para a frente, aumentando o impulso. Entendi o que ele queria fazer.

— Não, Jake!

Mas mergulhei para o lado, porque era tarde demais. Com um grunhido, ele se atirou contra a minha janela aberta.

Outro grito se formou em minha garganta enquanto eu esperava que ele caísse morto — ou pelo menos se desfigurasse de encontro à fachada de madeira. Para meu choque, ele se moveu com agilidade para dentro do quarto, aterrissando nos calcanhares com um baque surdo.

Nós dois olhamos automaticamente para a porta, prendendo a respiração, esperando para saber se o barulho tinha acordado Charlie. Passou-se um curto momento de silêncio, depois ouvimos o som abafado dos roncos de meu pai.

Um sorriso largo se espalhava pelo rosto de Jacob; ele parecia extremamente satisfeito consigo mesmo. Não era o sorriso que eu conhecia e adorava — era um sorriso novo, que zombava com amargura de sua antiga sinceridade, na cara nova que pertencia a Sam.

Isso foi um pouco demais para mim.

Chorei até dormir por causa daquele garoto. Sua rejeição cruel abrira um novo e doloroso buraco no que restava do meu peito. Ele deixara um novo pesadelo, como uma infecção numa ferida, aumentando ainda mais os estragos. E agora estava ali em meu quarto, sorrindo presunçoso para mim, como se nada tivesse acontecido. Pior ainda, embora sua chegada tivesse sido ruidosa e desajeitada, lembrou-me de quando Edward costumava se esgueirar por minha janela à noite, e a lembrança cutucou com violência as feridas abertas.

Tudo isso, combinado com o fato de que eu estava morta de cansaço, não me deixou num estado de espírito simpático.

— Saia! — sibilei, impregnando meu sussurro com o máximo de raiva que eu podia.

Ele piscou, o rosto pálido de surpresa.

— Não — protestou. — Eu vim me desculpar.

— Eu não aceito!

Tentei empurrá-lo para fora da janela — afinal, se aquilo era um sonho, não ia mesmo machucá-lo. Mas foi inútil. Não o movi nem um centímetro. Baixei as mãos depressa e recuei um passo.

Ele não estava de camisa, embora o ar que entrava pela janela fosse frio o bastante para me fazer tremer, e me deixou pouco à vontade ter minhas mãos em seu peito nu. Sua pele pegava fogo, como a cabeça na última vez em que o tocara. Como se ele ainda estivesse doente, com febre.

Ele não parecia doente. Ele estava imenso. Jacob se inclinou sobre mim, tão grande que escureceu a janela, mudo por minha reação furiosa.

De repente, era demais para mim — parecia que todas as minhas noites insones estivessem desabando juntas sobre mim. Eu estava tão brutalmente cansada que pensei que pudesse desmaiar ali mesmo, no chão. Oscilei sem equilíbrio e lutei para manter os olhos abertos.

— Bella? — sussurrou Jacob com ansiedade. Ele segurou meu cotovelo quando balancei de novo e me levou de volta para a cama. Minhas pernas cederam quando cheguei à beira e desabei no colchão macio. — Ei, você está bem? — perguntou Jacob, a preocupação vincando sua testa.

Eu o olhei, as lágrimas ainda não tinham secado em meu rosto.

— Por que diabos eu estaria bem, Jacob?

A angústia substituiu parte da amargura em seu rosto.

— Tem razão — concordou, e respirou fundo. — Droga. Bom... Eu... eu peço desculpas, Bella. — O pedido foi sincero, sem dúvida alguma, embora ainda houvesse um traço de raiva em suas feições.

— Por que veio aqui? Não quero suas desculpas, Jake.

— Eu sei — sussurrou ele. — Mas eu não podia deixar as coisas como ficaram esta tarde. Foi horrível. Me desculpe.

Sacudi a cabeça, cansada.

— Não estou entendendo nada.

— Eu sei. Quero explicar... — Ele se interrompeu de repente, a boca aberta, quase como se algo lhe tivesse tirado o ar. Depois respirou fundo. — Mas não posso — disse ele, ainda com raiva. — Bem que eu queria.

Deixei que minha cabeça tombasse nas mãos. A pergunta saiu abafada por

meu braço.

— Por quê?

Ele ficou em silêncio por um momento. Girei a cabeça para o lado — cansada demais para levantá-la — e vi sua expressão. Isso me surpreendeu. Os olhos dele estavam semicerrados, os dentes trincados, a testa enrugada de esforço.

— Qual é o problema? — perguntei.

Jacob soltou o ar pesadamente e percebi que ele estivera também prendendo a respiração.

— Não posso fazer isso — murmurou, frustrado.

— Fazer o quê?

Ele ignorou minha pergunta.

— Olha, Bella, você nunca teve um segredo que não podia contar a ninguém?

Ele olhou para mim como quem sabia algo, e meus pensamentos saltaram de imediato para os Cullen. Esperava que minha expressão não transparecesse culpa.

— Uma coisa que sabia que tinha que esconder de Charlie, de sua mãe...? — pressionou ele. — Algo que você não falaria nem mesmo comigo? Nem mesmo agora?

Senti meus olhos se estreitarem. Não respondi à pergunta dele, embora soubesse que ele tomaria isso como uma confirmação.

— Consegue entender que eu possa estar no mesmo tipo de... situação? — Ele lutava de novo, parecendo se esforçar para encontrar as palavras certas. — Às vezes, a lealdade impede que você faça o que quer. Às vezes o segredo não é seu.

Eu não tinha como questionar aquilo. Ele estava com toda razão — eu tinha um segredo que não era meu; no entanto, que eu me sentia obrigada a proteger. Um segredo que, de repente, ele parecia conhecer por completo.

Ainda não via como isso se aplicava a ele, a Sam ou a Billy. O que aquilo tinha a ver com eles, agora que os Cullen tinham ido embora?

— Não sei por que veio aqui, Jacob, se ia me dar enigmas ao invés de respostas.

— Desculpe — sussurrou ele. — É tão frustrante!

Olhamos um para o outro por um longo tempo, no quarto escuro, os dois com expressão de desamparo.

— O que me mata — disse ele de repente — é que você já sabe. Eu já disse tudo a você!

— Do que você está falando?

Ele inspirou num sobressalto, depois se inclinou até mim, o rosto passando em um segundo do desalento para uma intensidade ardente. Olhou fundo em meus olhos e sua voz era rápida e ansiosa. Pronunciou as palavras bem no meu rosto; o hálito quente como sua pele.

— Acho que tenho um jeito de resolvermos isso... Porque você sabe disso, Bella! Não posso lhe contar, mas se você adivinhasse! Isso me livraria de uma situação complicada!

— Quer que eu adivinhe? Adivinhe o quê?

— O meu segredo! Você consegue... Sabe qual é a resposta!

Pisquei duas vezes, tentando clarear as ideias. Estava muito cansada. Nada do que ele dizia fazia sentido.

Ele viu minha expressão desconcertada e seu rosto voltou a ficar tenso de esforço.

— Espere aí, deixe-me ver se posso lhe dar alguma ajuda — disse. O que quer que estivesse tentando fazer, era tão difícil que ele estava ofegante.

— Ajuda? — perguntei, tentando acompanhar. Minhas pálpebras queriam se fechar, mas as mantive abertas à força.

— É — disse ele, respirando com dificuldade. — Umas dicas.

Ele pegou meu rosto em suas mãos enormes e quentes demais e o segurou a alguns centímetros do seu. Olhou em meus olhos enquanto sussurrava, como que para comunicar algo que estava além das palavras que dizia.

— Lembra-se do dia em que nos encontramos... Na praia, em La Push?

— É claro que lembro.

— Me fale sobre ele.

Respirei fundo e tentei me concentrar.

— Você perguntou sobre minha picape...

Ele assentiu, incentivando-me a continuar.

— Conversamos sobre o Rabbit...

— Continue.

— Fomos caminhar na praia... — Meu rosto esquentava sob a palma das mãos dele enquanto eu lembrava, mas ele não perceberia, quente como era sua pele. Eu o convidara a andar comigo, paquerando-o desajeitadamente, mas com sucesso, para arrancar informações dele.

Jacob assentia, ansioso por mais.

Minha voz quase não tinha som.

— Você me contou histórias de terror... Lendas dos quileutes.

Ele fechou os olhos e os abriu de novo.

— Sim. — A palavra foi tensa, fervorosa, como se ele estivesse frente a algo vital. Ele falou devagar, destacando cada palavra. — Você se lembra do que eu disse?

Mesmo no escuro, ele devia ser capaz de ver a mudança na cor de meu rosto. Como poderia me esquecer daquilo? Sem perceber o que estava fazendo, Jacob tinha me contado precisamente o que eu necessitava saber naquele dia... Que Edward era um vampiro.

Ele me fitou com os olhos que sabiam demais.

— Procure pensar — disse-me.

— Sim, lembro — eu disse baixinho.

Ele respirou fundo, esforçando-se.

— Lembra-se de todas as histó... — Ele não conseguiu terminar a pergunta. Sua boca se abriu como se algo estivesse preso na garganta.

— Todas as histórias? — perguntei.

Ele assentiu em silêncio.

Minha cabeça se agitava. Só uma história importou de fato. Sabia que ele começara com outras, mas não conseguia me lembrar do prelúdio inconsequente, em especial com meu cérebro tão turvo de exaustão. Comecei a sacudir a cabeça.

Jacob gemeu e pulou da cama. Apertou os dedos contra a testa e respirou rápida e furiosamente.

— Você sabe, você sabe — murmurou para si mesmo.

— Jake? Jake, por favor, eu estou exausta. Não estou me saindo bem nisso agora. Talvez de manhã...

Ele respirou para se recompor e assentiu.

— Talvez você vá lembrar. Acho que entendo por que só se lembra de uma história — acrescentou num tom sarcástico e amargurado. Ele se atirou no colchão a meu lado. — Posso lhe fazer uma pergunta sobre isso? — indagou, ainda sarcástico. — Estou morrendo de vontade de saber.

— Uma pergunta sobre o quê? — perguntei, cansada.

— Sobre a história de vampiro que lhe contei.

Eu o fitei com cautela, incapaz de responder. Ele fez a pergunta assim mesmo.

— Você sinceramente não sabia? — perguntou-me, a voz ficando rouca. — Fui eu quem lhe disse o que ele era?

Como ele sabe disso? Por que ele resolveu acreditar, por que agora? Meus dentes trincaram. Eu o encarava sem a intenção de falar. Ele podia ver isso.

— Entende o que quero dizer com lealdade? — murmurou ele, agora ainda mais rouco. — É o mesmo comigo, só que pior. Você não pode imaginar como estou preso a isso...

Eu não gostava daquilo — não gostava do modo como seus olhos se fecharam, como se ele estivesse sofrendo ao falar de estar preso. Mais do que não gostar, percebi que odiava, odiava tudo o que lhe causava dor. Odiava com fúria.

O rosto de Sam ocupou minha mente.

Comigo, tudo aquilo era essencialmente voluntário. Eu protegia o segredo dos Cullen por amor; não-correspondido, mas verdadeiro. Com Jacob não parecia ser dessa forma.

— Existe algum modo de você se libertar? — sussurrei, tocando as pontas ásperas de seu cabelo tosado, na nuca.

As mãos dele começaram a tremer, mas ele não abriu os olhos.

— Não, estou nisso para a vida toda. Prisão perpétua. — Um riso triste. — Talvez além.

— Não, Jake — gemi. — E se nós fugirmos? Só você e eu. E se saíssemos de casa e deixássemos Sam para trás?

— Não é algo de que eu possa fugir, Bella — sussurrou ele. — Mas eu fugiria com você, se pudesse. — Agora seus ombros também tremiam. Ele respirou fundo. — Olhe, tenho que ir embora.

— Por quê?

— Antes de tudo, você parece que vai desmaiar a qualquer momento. Precisa dormir... Eu preciso que você pense com clareza. Vai descobrir tudo, tem que descobrir.

— E por que mais?

Ele franziu a testa.

— Tive que vir escondido... Não devia ver você. Eles devem estar imaginando onde estou. — Sua boca se contorceu. — Acho que tenho que ir e contar.

— Não tem que contar nada a eles — sibilei.

— De qualquer jeito, vou contar.

A raiva esquentou dentro de mim.

— Odeio essa gente!

Jacob me fitou de olhos arregalados, surpreso.

— Não, Bella. Não odeie os garotos. Não é culpa de Sam nem dos outros. Eu já lhe disse... Sou eu. Sam na verdade é... bem, bastante legal. Jared e Paul também são ótimos, embora Paul seja meio... E Embry sempre foi meu amigo. Nada mudou nisso... Foi a única coisa que não mudou. Eu me sinto muito mal pelas coisas que pensava de Sam...

Sam era bastante legal? Olhei para ele incrédula, mas deixei passar essa.

— Então, por que você não deveria me ver? — perguntei.

— Não é seguro — murmurou ele, baixando a cabeça.

Suas palavras provocaram um arrepio de medo em meu corpo.

Ele sabia disso também? Ninguém, além de mim, sabia. Mas ele tinha razão — estávamos no meio da noite, a hora perfeita para caçar. Jacob não deveria estar em meu quarto. Se alguém viesse me buscar, eu teria de estar sozinha.

— Se eu achasse que era tão... tão arriscado — sussurrou ele —, não teria vindo. Mas, Bella — ele me olhou de novo —, eu lhe fiz uma promessa. Não fazia ideia de que seria tão difícil cumpri-la, mas isso não significa que eu não vá tentar.

Ele viu a confusão em meu rosto.

— Depois daquele filme idiota — lembrou-me. — Eu lhe prometi que jamais magoaria você... Depois estraguei tudo hoje à tarde, não foi?

— Sei que não queria fazer isso, Jake. Está tudo bem.

— Obrigado, Bella. — Ele pegou minha mão. — Vou fazer o que puder para ficar a seu lado, como prometi. — Ele de repente sorriu para mim. O sorriso não era o meu nem o de Sam, mas uma estranha combinação dos dois. — Ajudaria muito se você pudesse deduzir tudo sozinha, Bella. Esforce-se sinceramente nisso.

Fiz uma careta vacilante.

— Vou tentar.

— E vou tentar vê-la logo. — Ele suspirou. — E eles vão tentar me impedir.

— Não dê ouvidos a eles.

— Vou tentar. — Ele sacudiu a cabeça, como se duvidasse do próprio sucesso. — Venha me contar assim que descobrir. — Então alguma coisa veio à sua

mente, algo que fez suas mãos tremerem. — Se você... Se você quiser.

— Por que eu não ia querer ver você?

Seu rosto ficou duro e amargurado, cem por cento o rosto que pertencia a Sam.

— Ah, posso pensar num motivo — disse num tom rude. — Olhe, eu preciso mesmo ir. Pode fazer algo por mim?

Apenas assenti, com medo da mudança nele.

— Pelo menos me ligue... Se não quiser me ver de novo. Avise-me se for assim.

— Isso não vai acontecer...

Ele levantou a mão, interrompendo-me.

— Só me diga.

Ele se levantou e foi para a janela.

— Não seja idiota, Jake — reclamei. — Vai quebrar a perna. Use a porta. Charlie não vai pegar você.

— Não vou me machucar — murmurou ele, mas se virou para a porta. Ele hesitou ao passar por mim, fitando-me como se algo o estivesse apunhalando. Estendeu a mão de um jeito suplicante.

Peguei a mão dele e, de repente, ele me puxou da cama — com força demais. Bati direto contra seu peito.

— Só por precaução — murmurou ele em meu cabelo, esmagando-me num abraço de urso que quase quebrou minhas costelas.

— Não consigo... respirar! — disse ofegante.

Ele me largou na mesma hora, mantendo uma das mãos em minha cintura para que eu não caísse. E me empurrou, desta vez com mais gentileza, de volta à cama.

— Durma um pouco, Bells. Tem que colocar a cabeça para funcionar. Sei que pode fazer isso. Eu preciso que você entenda. Não quero perder você, Bella. Não para isso.

Ele estava na porta em um passo, abrindo-a em silêncio, e depois desapareceu. Fiquei ouvindo, esperando que ele chegasse ao degrau que rangia na escada, mas não houve som algum.

Deitei-me na cama, minha cabeça girando. Estava confusa demais, cansada demais. Fechei os olhos, tentando encontrar sentido naquilo, só para ser tragada

pela inconsciência com uma rapidez tal que me desorientou.

Não foi o sono tranquilo e sem sonhos pelo qual eu ansiava — é claro que não. Eu estava no bosque de novo e comecei a andar, como sempre fazia.

Rapidamente percebi que não era o sonho de sempre. Primeiro, eu não tinha a compulsão de andar a esmo ou procurar; apenas andava por hábito, porque era o que em geral se esperava de mim ali. Na verdade, aquele nem era o mesmo bosque. O cheiro e a luz também eram diferentes. Não tinha o cheiro da terra molhada do bosque, mas de maresia. Eu não conseguia ver o céu; ainda assim, parecia que o sol devia estar brilhando — as folhas no alto eram de um verde-jade cintilante.

Aquela era a floresta em volta de La Push — perto da praia, eu tinha certeza disso. Sabia que, se encontrasse a praia, poderia ver o sol, então corri para a frente, seguindo o som fraco das ondas ao longe.

E então Jacob estava ali. Ele pegou minha mão, puxando-me de volta para a parte mais escura da floresta.

"Jacob, qual é o problema?", perguntei. Seu rosto era o de um menino assustado, e o cabelo estava lindo de novo, balançando num rabo-de-cavalo na nuca. Ele puxava com toda a força, mas eu resistia; não queria ir para o escuro.

"Corra! Bella, você tem que correr!", sussurrou ele, apavorado.

A onda repentina de déjà vu foi tão forte que quase me acordou.

Nesse momento eu soube por que tinha reconhecido aquele lugar. Era porque eu estivera ali antes, em outro sonho. Um milhão de anos antes, parte de uma vida inteiramente diferente. Aquele era o sonho que tive na noite depois de andar com Jacob pela praia, na noite em que soube que Edward era um vampiro. Reviver aquele dia com Jacob devia ter cavado esse sonho em minhas lembranças enterradas.

Agora distanciada do sonho, esperei que ele se desenrolasse. Uma luz vinha da praia em minha direção. Em um instante, Edward passaria pelas árvores, a pele com um brilho discreto e os olhos negros e perigosos. Ele acenaria para mim e sorriria. Ele seria lindo como um anjo e seus dentes estariam pontudos e afiados...

Mas eu estava me antecipando. Tinha de acontecer outra coisa primeiro.

Jacob largou minha mão e gritou. Tremendo e se retorcendo, ele caiu no chão a meus pés.

"Jacob!", gritei, mas ele se fora.

Em seu lugar havia um imenso lobo castanho-avermelhado, com olhos escuros e inteligentes.

O sonho mudou de curso, como um trem mudando de trilhos.

Não era o mesmo lobo com que eu sonhara em outra vida. Era o lobo avermelhado e enorme que estivera a pouca distância de mim na campina, havia apenas uma semana. Era gigantesco, monstruoso, maior do que um urso.

Esse lobo me fitava com intensidade, tentando me dizer alguma coisa essencial com seus olhos inteligentes. Os conhecidos olhos castanho-escuros de Jacob Black.

Acordei gritando a plenos pulmões.

Quase esperei que Charlie viesse me ver dessa vez. Aquele não era meu grito habitual. Enterrei a cabeça no travesseiro e tentei abafar a histeria que meus gritos assumiam. Apertei o algodão contra o rosto, perguntando-me se eu, de algum jeito, não podia também abafar a conexão que acabara de fazer.

Mas Charlie não entrou no quarto e, por fim, consegui sufocar o estranho grito que saía de minha garganta.

Agora eu me lembrava de tudo — de cada palavra que Jacob dissera naquele dia na praia, mesmo da parte antes de ele chegar aos vampiros, aos "frios". Em especial dessa primeira parte.

"Conhece alguma de nossas histórias antigas, sobre de onde viemos... quer dizer, dos quileutes?", começou ele.

"Na verdade não", admiti.

"Bom, há um monte de lendas, e dizem que algumas datam da grande inundação... Ao que parece, os antigos quileutes amarraram as canoas no topo das árvores mais altas da montanha para sobreviver, como Noé e a arca." Ele sorriu, para me mostrar como dava pouco crédito a essas histórias. "Outra lenda diz que descendemos de lobos... E que os lobos ainda são nossos irmãos. É contra a lei da tribo matá-los.

"E há as histórias sobre os frios." A voz dele ficou um pouco mais baixa.

"Os frios?", perguntei, agora sem fingir estar intrigada.

"É. Há histórias dos frios tão antigas quanto as lendas dos lobos, e algumas são mais recentes. De acordo com a lenda, meu bisavô conheceu alguns. Foi ele quem fez o acordo que os manteve longe de nossas terras." Ele revirou os olhos.

"Seu bisavô?", eu o estimulei.

"Ele era um ancião da tribo, como meu pai. Olhe só, os frios são os inimigos naturais do lobo... Bom, não do lobo, mas dos lobos que se transformam em homens, como nossos ancestrais. Você pode chamar de lobisomens."

"Os lobisomens têm inimigos?"

"Só um."

Havia alguma coisa presa em minha garganta, sufocando-me. Tentei engolir, mas ficou alojada ali, sem se mexer. Tentei cuspi-la.

— Lobisomens — eu disse, ofegante.

Sim, era esta a palavra que me sufocava.

O mundo oscilou, inclinando-se do jeito errado em seu eixo.

Que tipo de lugar era esse? Poderia realmente existir um mundo onde lendas antigas ficavam vagando pelos limites de cidadezinhas mínimas e insignificantes, enfrentando monstros míticos? Isso queria dizer que todo conto de fadas impossível era baseado em alguma verdade absoluta? Havia, afinal, alguma coisa racional ou normal, ou tudo era magia e histórias de fantasmas?

Segurei a cabeça entre as mãos, tentando evitar que explodisse.

Uma voz baixa e seca no fundo de minha mente perguntou-me qual era o problema. Eu já não aceitara a existência de vampiros havia muito tempo — e sem toda aquela histeria?

Exato, eu queria gritar para a voz. Um mito não bastava para qualquer um, não era suficiente para uma vida inteira?

Além disso, nunca houve um momento em que eu não estivesse cem por cento ciente de que Edward Cullen estava muito além do comum. Não foi surpresa alguma descobrir o que ele era — porque ele, evidentemente, era alguma coisa.

Mas Jacob? Jacob, que era apenas Jacob, e nada mais do que isso. Jacob, meu amigo? Jacob, o único ser humano com quem eu era capaz de me relacionar...

E ele nem era humano.

Reprimi o impulso de gritar de novo.

O que isso dizia sobre mim?

Eu sabia a resposta a esta pergunta. Dizia que havia algo profundamente errado comigo. Por que outro motivo minha vida seria cheia de personagens de filmes de terror? Por que eu me importaria tanto com eles, a ponto de arrancar pedaços enormes de meu peito quando eles partiam em seus caminhos míticos?

Em minha cabeça, tudo girou e mudou de lugar, reorganizando-se de tal

modo que aquilo que antes tinha um significado passara a ter outro.

Não havia culto nenhum. Nunca houvera um culto, nunca fora uma gangue. Não, era muito pior do que isso. Era uma alcateia.

Uma matilha de cinco lobisomens perturbadoramente gigantescos e multicores que passara por mim na campina de Edward...

De repente, eu estava com uma pressa frenética. Olhei o relógio — era cedo demais, e eu não me importava. Precisava ir a La Push logo. Precisava ver Jacob para que ele me dissesse que eu não perdera o juízo de uma vez.

Peguei as primeiras roupas limpas que encontrei, sem me dar ao trabalho de ver se combinavam, e desci os degraus de dois em dois. Quase esbarrei em Charlie quando escorreguei até o corredor, indo para a porta.

— Aonde você vai? — perguntou ele, tão surpreso em me ver quanto eu em vê-lo. — Sabe que horas são?

— Sei. Preciso ir ver Jacob.

— Pensei que a história com Sam...

— Isso não importa, tenho que falar com ele agora.

— É cedo demais. — Ele franziu o cenho ao ver que minha expressão não se alterou. — Não quer tomar o café?

— Não estou com fome. — As palavras voaram para fora de meus lábios. Ele estava bloqueando minha saída. Pensei em contorná-lo e correr, mas sabia que teria de explicar isso mais tarde. — Volto logo, está bem?

Charlie fez uma cara feia.

— Direto à casa de Jacob, não é? Nada de parar no caminho?

— É claro que não, onde eu poderia parar? — Minhas palavras se atropelaram, na pressa.

— Não sei — admitiu ele. — É só que... Bom, houve outro ataque... Os lobos de novo. Foi bem perto do resort, perto da estação de águas... Dessa vez teve uma testemunha. A vítima estava a apenas dez metros da estrada quando desapareceu. A esposa viu um lobo cinza imenso poucos minutos depois, enquanto procurava pelo marido, e correu para pedir ajuda.

Meu estômago se desprendeu como se eu estivesse na espiral de uma montanha-russa.

— Um lobo o atacou?

— Não há sinal dele... Só um pouco de sangue de novo. — A expressão de

Charlie era de dor. — A guarda florestal está saindo armada, usando voluntários armados. Há muitos caçadores ansiosos para se envolver... Há uma recompensa pelas carcaças dos lobos. Isso vai significar muitos tiros lá pela floresta, e me preocupa. — Ele sacudiu a cabeça. — Quando as pessoas ficam agitadas demais, acontecem acidentes...

— Eles vão atirar nos lobos? — Minha voz subiu três oitavas.

— O que mais podemos fazer? Qual é o problema? — perguntou ele, os olhos tensos examinando meu rosto. Senti que ia desmaiar; devia estar mais branca do que o normal. — Você não vai dar uma de ambientalista para cima de mim, não é?

Não consegui responder. Se ele não estivesse olhando, eu teria colocado a cabeça entre os joelhos. Tinha me esquecido dos montanhistas desaparecidos, das pegadas de sangue... Não ligara esses fatos à minha descoberta anterior.

— Olhe, querida, não deixe que isso a assuste. Apenas fique na cidade ou na estrada... Nada de parar... Está bem?

— Tudo bem — repeti com a voz fraca.

— Tenho que ir.

Olhei bem para ele pela primeira vez e vi que tinha a arma presa na cintura e estava com botas de caminhada.

— Não vai para lá atrás dos lobos, não é, pai?

— Tenho que ajudar, Bells. Tem gente sumindo.

Minha voz subiu de novo, agora quase histérica.

— Não! Não, não vá. É perigoso demais!

— Preciso fazer meu trabalho, garota. Não seja tão pessimista... Eu vou ficar bem. — Ele se virou para a porta e a segurou, aberta. — Vai sair?

Hesitei, meu estômago ainda girando em loops desagradáveis. O que eu poderia dizer para impedi-lo? Estava tonta demais para pensar numa solução.

— Bells?

— Talvez seja muito cedo para ir a La Push — sussurrei.

— Concordo — disse ele, e partiu para a chuva, fechando a porta atrás de si.

Assim que não o vi mais, desabei no chão e coloquei a cabeça entre os joelhos.

Eu deveria ir atrás de Charlie? O que ia dizer?

E Jacob? Jacob era meu melhor amigo; precisava alertá-lo. Se ele era mesmo um... Eu me encolhi e me obriguei a pensar na palavra — lobisomem (e eu sabia

que era verdade, podia sentir), então as pessoas iam atirar nele! Precisava dizer a ele e aos amigos dele que as pessoas tentariam matá-los se ficassem zanzando por aí como lobos gigantes. Precisava lhes dizer para parar.

Tinham de parar! Charlie estava lá fora, no bosque. Será que eles se importavam com isso? Fiquei pensando... Até então, só estranhos haviam desaparecido. Isso significava alguma coisa ou era só obra do acaso?

Eu precisava acreditar que pelo menos Jacob se importaria.

De qualquer maneira, precisava alertá-lo.

Ou... Precisava mesmo?

Jacob era meu melhor amigo, mas era também um monstro? Um monstro de verdade? Dos maus? Eu deveria avisá-lo, se ele e os amigos fossem... fossem assassinos? Se eles estivessem lá fora abatendo a sangue-frio montanhistas inocentes? Se fossem mesmo criaturas de filmes de terror, em todos os sentidos, seria errado protegê-los?

Era inevitável que eu comparasse Jacob e os amigos com os Cullen. Cruzei os braços no peito, lutando contra o buraco, enquanto pensava neles.

Eu não sabia nada sobre lobisomens, isso era evidente. Teria esperado algo mais parecido com os filmes — criaturas metade homem, grandes e peludas, ou coisa assim —, se esperasse mesmo alguma coisa. Então não sabia o que os fazia caçar, se era fome, sede ou só o desejo de matar. Era difícil julgar, sem compreender isso.

Mas não podia ser pior do que o que os Cullen suportavam em seu esforço para serem bons. Pensei em Esme — as lágrimas surgiram quando imaginei seu rosto gentil e adorável — e em como, maternal e amorosa, ela teve de cobrir o nariz, toda envergonhada, e fugir de mim quando eu estava sangrando. Não podia ser mais difícil do que isso. Pensei em Carlisle, nos séculos após séculos em que ele lutou para se condicionar a ignorar o sangue e salvar vidas como médico. Nada podia ser mais difícil do que isso.

Os lobisomens escolheram um caminho diferente.

Agora, que caminho eu deveria escolher?

13. ASSASSINO

SE NÃO FOSSE POR JACOB, PENSEI, SACUDINDO A CABEÇA enquanto ia de carro pela estrada ladeada pela floresta até La Push.

Ainda não tinha certeza se estava fazendo o que era certo, mas chegara a um denominador comum comigo mesma.

Não podia tolerar o que Jacob e os amigos, o bando dele, estavam fazendo. Agora entendia o que ele dissera na noite anterior — que eu talvez não quisesse vê-lo de novo —, e eu podia ter telefonado, como ele sugerira, mas isso parecia covardia. Eu lhe devia ao menos uma conversa frente a frente. Diria na cara dele que eu não podia simplesmente ignorar o que estava acontecendo. Não podia ser amiga de um assassino e não dizer nada, deixar seguir a matança... Isso faria de mim também um monstro.

Mas, do mesmo modo, eu não podia deixar de alertá-lo. Tinha de fazer o que pudesse para protegê-lo.

Parei perto da casa dos Black com os lábios apertados numa linha severa. Já era bem ruim que meu melhor amigo fosse um lobisomem. Tinha de ser um monstro também?

A casa estava escura, nenhuma luz nas janelas, mas eu não me importava de ter de acordá-los. Meu punho bateu na porta da frente com a energia da raiva; o som reverberou pelas paredes.

— Entre — ouvi Billy gritar depois de um minuto, e uma luz se acendeu.

Girei a maçaneta; estava destrancada. Billy estava encostado a uma porta aberta perto da pequena cozinha, um roupão sobre os ombros, e ainda não estava em sua cadeira. Quando viu quem era, seus olhos se arregalaram brevemente e seu rosto ficou sério.

— Ora, bom dia, Bella. O que está fazendo por aqui tão cedo?

— Oi, Billy. Preciso conversar com o Jake... Ele está?

— Hmmm... Na verdade não sei — mentiu ele, na maior cara-de-pau.

— Sabe o que Charlie está fazendo esta manhã? — perguntei, cansada de

embromação.

— Eu deveria?

— Ele e metade dos homens da cidade estão no bosque, armados, caçando lobos gigantes.

A expressão de Billy vacilou e depois ficou vazia.

— Então, eu gostaria de falar com Jake sobre isso, se não se importa — continuei.

Billy franziu os lábios por um longo tempo.

— Poderia apostar que ele ainda está dormindo — disse por fim, indicando com a cabeça o minúsculo corredor na saída da sala. — Ele anda chegando tarde ultimamente. O garoto precisa descansar... Acho que não deveria acordá-lo.

— É a minha vez — murmurei baixinho enquanto andava para o corredor. Billy suspirou.

O quarto minúsculo de Jacob era a única porta no corredor de um metro. Não me incomodei em bater. Abri a porta num rompante; ela se chocou contra a parede com um baque.

Jacob — ainda com o mesmo moletom preto cortado que usara na noite anterior — estava deitado em diagonal na cama de casal que tomava todo o quarto, a não ser por alguns centímetros a seu redor. Mesmo assim, não era bastante grande; os pés dele pendiam de uma ponta e a cabeça, da outra. Ele dormia profundamente, ressonando de leve com a boca aberta. O som da porta não o fez nem ao menos tremer.

Seu rosto estava tranquilo com o sono pesado, todos os traços de raiva suavizados. Havia olheiras que eu não tinha percebido antes. Apesar de seu tamanho descomunal, ele agora parecia muito jovem e muito cansado. A piedade tomou conta de mim.

Recuei um passo e fechei a porta em silêncio atrás de mim.

Billy olhava com curiosidade e reserva enquanto eu voltava devagar para a porta da frente.

— Acho que vou deixá-lo descansar um pouco.

Billy assentiu, depois nos olhamos por um minuto. Eu estava morrendo de vontade de perguntar sobre a participação dele naquilo. No que ele achava que o filho tinha se transformado? Mas eu sabia que ele apoiara Sam desde o início, então imaginei que os assassinatos não deviam incomodá-lo. Só não podia

imaginar como ele justificava isso para si mesmo.

Pude ver muitas perguntas para mim nos olhos escuros de Billy, mas ele também não verbalizou nenhuma delas.

— Olhe — eu disse, rompendo o intenso silêncio. — Vou ficar lá embaixo, na praia, por um tempo. Quando Jake acordar, diga que estou esperando por ele, está bem?

— Claro, claro — concordou Billy.

Eu me perguntei se ele realmente faria isso. Bem, se não fizesse, pelo menos eu tinha tentado, não é?

Dirigi até First Beach e parei no estacionamento vazio. Ainda estava escuro — o amanhecer melancólico de um dia nublado —, e quando apaguei os faróis ficou difícil enxergar. Tive de deixar meus olhos se acostumarem antes de encontrar o caminho que passava pela alta cerca viva formada pelo mato. Ali estava mais frio, com o vento vindo em chibatadas da água escura, e enfiei as mãos no fundo dos bolsos de meu casaco de inverno. Pelo menos a chuva tinha parado.

Desci até a praia na direção do paredão do norte. Não conseguia ver St. James nem as outras ilhas, só o vago contorno do limite da água. Andei com cuidado pelas rochas, atenta aos galhos que podiam me fazer tropeçar.

Descobri o que buscava antes de perceber que estava procurando algo. Havia se materializado no escuro quando eu estava a pouca distância: um tronco branco feito osso, enfiado fundo nas pedras. As raízes se retorciam para cima na extremidade voltada para o mar, como uma centena de tentáculos frágeis. Não consegui ter certeza de que fosse a mesma árvore na qual Jacob e eu tivemos nossa primeira conversa — uma conversa que começou a embaralhar tantos fios diferentes em minha vida —, mas parecia estar mais ou menos no mesmo lugar. Sentei-me onde havia me sentado antes e olhei o mar invisível.

Ver Jacob daquele jeito — dormindo inocente e vulnerável — tinha roubado toda a revolta, dissolvido toda a raiva que eu sentia. Eu ainda não podia ignorar o que estava acontecendo, como Billy parecia fazer, mas também não podia condenar Jacob por isso. O amor não funciona desse jeito, concluí. Depois que você gosta de uma pessoa, é impossível ser lógica com relação a ela. Jacob era meu amigo, quer tivesse matado alguém ou não. E eu não sabia o que fazer com relação a isso.

Quando o imaginei dormindo tão tranquilo, senti um impulso dominador de

protegê-lo. Era completamente ilógico.

Ilógico ou não, remoí a lembrança de seu rosto sereno, tentando pensar numa resposta, numa forma de protegê-lo, enquanto o céu aos poucos ficava cinzento.

— Oi, Bella.

A voz de Jacob veio do escuro e me fez saltar. Era suave, quase tímida, mas eu estava esperando um alerta de sua aproximação pelas pedras ruidosas, então ainda assim ela me sobressaltou. Eu podia ver sua silhueta contra o sol que começava a nascer — ele parecia enorme.

— Jake?

Ele estava a vários passos de distância, balançando-se com ansiedade de um pé para o outro.

— Billy me disse que você apareceu... Não demorou muito, não é? Eu sabia que você podia descobrir.

— É, e agora me lembro da história certa — sussurrei.

Fez-se silêncio por um bom tempo, e embora ainda estivesse escuro demais para enxergar, minha pele formigou como se os olhos dele examinassem meu rosto. Devia haver luz suficiente para Jacob ler minha expressão porque, quando ele voltou a falar, sua voz de repente estava ríspida.

— Você podia ter apenas ligado — disse ele asperamente.

Assenti.

— Eu sei.

Jacob começou a andar pelas pedras. Se eu prestasse muita atenção, podia ouvir o roçar suave de seus pés, junto com o som das ondas. Comigo, as pedras estalaram como castanholas.

— Por que você veio? — perguntou ele, sem interromper o andar irritado.

— Pensei que seria melhor conversar pessoalmente.

Ele bufou.

— Ah, é muito melhor.

— Jacob, tenho que avisar você...

— Sobre a guarda florestal e os caçadores? Não se preocupe com isso. Já sabemos.

— Não me preocupar? — perguntei, incrédula. — Jake, eles estão armados! Estão montando armadilhas, oferecendo recompensas e...

— Sabemos nos cuidar — grunhiu ele, ainda andando. — Eles não vão pegar

nada. Só estão dificultando mais a situação... Daqui a pouco vão começar a desaparecer também.

— Jake! — sibilei.

— Que foi? É só uma realidade.

Minha voz estava fraca de revolta.

— Como você pode... pensar assim? Você conhece essas pessoas. Charlie está lá! — A ideia revirou meu estômago.

Ele parou de repente.

— O que mais posso fazer? — retrucou.

O sol transformou as nuvens num rosa prateado acima de nós. Agora eu podia ver a expressão dele; era colérica, frustrada, traída.

— Poderia... Bom, tentar não ser um... lobisomem? — sugeri num sussurro.

Ele lançou as mãos para o alto.

— Como se eu tivesse alguma escolha! — gritou. — E como isso ajudaria, se você está preocupada com as pessoas desaparecendo?

— Não entendo você.

Ele me fitou, os olhos semicerrados e a boca se retorcendo num rosnado.

— Sabe o que me deixa tão louco que me dá vontade de vomitar?

Eu me encolhi ao ver sua expressão hostil. Ele parecia estar esperando uma resposta, então sacudi a cabeça.

— Você é tão hipócrita, Bella... Fica sentada aí, apavorada comigo! Acha que isso é justo? — As mãos dele tremiam de raiva.

— Hipócrita? Como ter medo de um monstro faz de mim uma hipócrita?

— Argh! — grunhiu ele, pressionando as têmporas com os punhos trêmulos e fechando os olhos bem apertados. — Você percebeu o que disse?

— O quê?

Ele se aproximou dois passos de mim, inclinando-se e me olhando com fúria.

— Bem, eu lamento muito não ser o tipo certo de monstro para você, Bella. Acho que não sou tão bom quanto um sanguessuga, não é?

Coloquei-me de pé num salto e o encarei de volta.

— Não, você não é! — gritei. — Não é o que você é, idiota, é o que você faz!

— O que quer dizer? — rugiu ele, todo o corpo tremendo de raiva.

Fui inteiramente tomada de surpresa quando a voz de Edward me alertou. "Cuidado, Bella", avisou a voz aveludada. "Não o pressione demais. Você precisa

acalmá-lo."

Ali, nem a voz em minha cabeça fazia sentido.

Mas eu o ouvi. Eu faria qualquer coisa por aquela voz.

— Jacob — pedi, num tom suave e tranquilo. — É necessário mesmo matar pessoas, Jacob? Não existe outro jeito? Quer dizer, se vampiros podem achar uma forma de sobreviver sem assassinar gente, você não poderia tentar também?

Ele endireitou o corpo com um solavanco, como se minhas palavras lhe tivessem dado um choque elétrico. As sobrancelhas se ergueram e os olhos ficaram arregalados.

— Matar gente? — perguntou.

— Do que você acha que estávamos falando?

Ele não tremia mais. Olhava para mim com uma descrença meio esperançosa.

— Eu pensei que estivéssemos falando de seu nojo por lobisomens.

— Não, Jake, não. Não é por você ser um... lobo. Isso não é problema — garanti, e sabia, enquanto pronunciava aquelas palavras, que estava sendo sincera. Não me importava mesmo que ele se transformasse em um lobo imenso; ainda era o Jacob. — Se puder pelo menos encontrar um jeito de não machucar as pessoas... É isso que me aborrece. São pessoas inocentes, Jake, gente como Charlie, e não posso virar a cara enquanto você...

— É só isso? Mesmo? — ele me interrompeu, um sorriso se abrindo em seu rosto. — Só está com medo porque sou um assassino? É essa a única razão?

— Não é o bastante?

Ele começou a rir.

— Jacob Black, isso não é nada engraçado!

— Claro, claro — concordou ele, ainda rindo.

Ele deu um passo longo e me pegou em outro abraço cruel de urso.

— Com sinceridade, você realmente não se importa que eu me transforme num lobo gigante? — perguntou ele, a voz alegre em meu ouvido.

— Não — ofeguei. — Não... consigo... respirar... Jake!

Ele me soltou, mas pegou as minhas mãos.

— Eu não sou um assassino, Bella.

Examinei seu rosto e ficou claro que era verdade. O alívio pulsou em meu corpo.

— É verdade? — perguntei.

— É — prometeu ele solenemente.

Joguei meus braços a seu redor. Isso me lembrou do primeiro dia com as motos — mas ele estava maior e eu agora me sentia ainda mais parecida com uma criança.

Como da outra vez, ele afagou meu cabelo.

— Desculpe por ter chamado você de hipócrita.

— Desculpe por ter chamado você de assassino.

Ele riu.

Então me ocorreu um pensamento, e me afastei dele para olhar seu rosto. Minhas sobrancelhas se franziram de angústia.

— E Sam? E os outros?

Ele sacudiu a cabeça, sorrindo como se um fardo imenso tivesse sido tirado de seus ombros.

— É claro que não. Não se lembra de como nos chamamos?

A lembrança era clara — eu estivera pensando naquele dia.

— Protetores?

— Exatamente.

— Mas não entendo. O que está acontecendo no bosque? Os montanhistas desaparecidos, o sangue?

De repente seu rosto ficou sério e preocupado.

— Estamos tentando fazer nosso trabalho, Bella. Estamos tentando protegê-los, mas sempre chegamos um pouco tarde.

— Protegê-los do quê? Há mesmo um urso lá, também?

— Bella, querida, só protegemos as pessoas de uma coisa... Nosso único inimigo. É por isso que existimos... porque eles existem.

Eu o olhei com a expressão vaga por um segundo antes de entender. Depois o sangue fugiu de meu rosto e um grito de pavor, agudo e sem palavras, saiu de meus lábios.

Ele assentiu.

— Pensei que, de todas as pessoas, você perceberia o que realmente estava acontecendo.

— Laurent — sussurrei. — Ele ainda está aqui.

Jacob piscou duas vezes e inclinou a cabeça para o lado.

— Quem é Laurent?

Tentei organizar o caos em minha cabeça para conseguir responder.

— Você sabe... Você o viu na campina. Vocês estavam lá... — As palavras saíram num tom pensativo à medida que tudo se encaixava. — Você estava lá, e você evitou que ele me matasse...

— Ah, o sanguessuga de cabelo preto? — Ele sorriu, um rosnado breve e feroz. — Era esse o nome dele?

Eu estremeci.

— O que você estava pensando? — sussurrei. — Ele podia ter matado você! Jake, não percebe como é perigoso...

Outro riso me interrompeu.

— Bella, um único vampiro não é bem um problema para um bando grande como o nosso. Foi tão fácil que nem deu para a gente se divertir!

— O que foi tão fácil?

— Matar o sanguessuga que ia matar você. Agora, eu não colocaria isso no cômputo dos assassinatos — acrescentou ele depressa. — Os vampiros não contam como pessoas.

Eu só pude murmurar as palavras.

— Você... matou... Laurent?

Ele assentiu.

— Bem, foi um esforço coletivo — esclareceu ele.

— Laurent está morto? — sussurrei.

Sua expressão mudou.

— Não está chateada com isso, está? Ele ia matar você... Estava se preparando para matar, Bella, tínhamos certeza disso antes de atacarmos. Você sabe, não é?

— Eu sei. Não, não estou chateada... Estou... — Tive de me sentar. Cambaleei um passo para trás até que senti o tronco em minhas pernas, depois desabei nele. — Laurent está morto. Ele não virá atrás de mim.

— Não está chateada? Ele não era um de seus amigos nem nada disso, era?

— Meu amigo? — Eu o encarei, confusa e tonta de alívio. Comecei a balbuciar, meus olhos ficando enevoados. — Não, Jake. Só estou tão... tão aliviada. Pensei que ele fosse me encontrar... Ficava esperando por ele todas as noites, esperando que se contentasse comigo e deixasse Charlie em paz. Fiquei com tanto medo, Jacob... Mas como? Ele era um vampiro! Como vocês o mataram? Ele era tão forte, tão duro, feito mármore...

Ele se sentou a meu lado e pôs o braço enorme ao meu redor para me reconfortar.

— É para isso que servimos, Bella. Também somos fortes. Queria que tivesse me dito que estava com tanto medo. Não precisa.

— Você não estava lá — murmurei, perdida em pensamentos.

— Ah, é verdade.

— Espere, Jake... Mas eu pensei que você soubesse. Ontem à noite você disse que não era seguro para você ficar no meu quarto. Pensei que soubesse que um vampiro podia aparecer por lá. Não era disso que estava falando?

Ele pareceu confuso por um minuto, depois baixou a cabeça.

— Não, não era disso que eu estava falando.

— Então por que acha que lá não é seguro para você?

Ele me olhou com os olhos cheios de culpa.

— Não disse que não era seguro para mim. Estava pensando em você.

— Como assim?

Ele baixou a cabeça e chutou uma pedra.

— Há mais de um motivo para eu não poder ficar perto de você, Bella. Um deles é que eu não devia lhe contar nosso segredo; mas a outra parte é que não é seguro para você. Se eu ficar irritado demais... aborrecido demais... você pode se machucar.

Pensei nisso com cuidado.

— Quando você ficou irritado antes... quando gritei com você... e você estava tremendo...?

— É. — Ele baixou o rosto ainda mais. — Foi muita idiotice minha. Preciso me controlar melhor. Jurei que não ia ficar irritado, independentemente do que você me dissesse. Mas... Fiquei tão aborrecido porque ia perder você... Porque você não conseguiria lidar com o que sou...

— O que aconteceria... se você ficasse irritado demais? — sussurrei.

— Eu me transformaria num lobo — sussurrou ele.

— Você não precisa de lua cheia?

Ele revirou os olhos.

— A versão de Hollywood não é lá muito correta. — Depois ele suspirou e ficou sério de novo. — Não precisa ficar tão estressada, Bells. Vamos cuidar disso. E vamos ficar de olho especialmente em Charlie e nos outros... Não vamos deixar

que nada aconteça a ele. Confie em mim.

Só então, quando Jacob usou o verbo no presente de novo, me ocorreu um pensamento muito óbvio, algo que eu deveria ter percebido antes — mas fiquei tão distraída com a ideia de Jacob e os amigos lutando com Laurent que, na hora, esqueci por completo.

Vamos cuidar disso.

Não tinha acabado.

— Laurent está morto — eu disse ofegando, e todo o meu corpo ficou frio como gelo.

— Bella? — perguntou Jacob, ansioso, tocando meu rosto pálido.

— Se Laurent morreu... há uma semana... então outra coisa está matando as pessoas agora.

Jacob assentiu; seus dentes trincaram e ele falou através deles.

— Eram dois. Pensamos que a parceira dele fosse querer nos enfrentar... Em nossas histórias, em geral eles ficam muito irritados se você mata seu parceiro... Mas ela continua fugindo e de vez em quando volta. Se soubéssemos o que ela procura, seria mais fácil pegá-la. Mas a atitude dela não faz sentido. Ela fica cercando, como se estivesse testando nossas defesas, procurando um jeito de penetrá-las... Mas para onde? Aonde ela quer ir? Sam acha que ela está tentando nos separar, assim terá mais chance de...

A voz dele foi diminuindo, parecia estar vindo de um túnel comprido; eu não conseguia mais distinguir as palavras. Minha testa ficou coberta de gotas de suor e meu estômago se revirava como se eu estivesse com a virose de novo. Exatamente como se estivesse com a virose.

Dei as costas para ele depressa e me inclinei sobre o tronco da árvore. Meu corpo se agitou em espasmos inúteis de náusea, o estômago vazio se contraindo com um enjoo de pavor, embora não houvesse nada nele a expulsar.

Victoria estava aqui. Procurando por mim. Matando estranhos no bosque. O bosque onde Charlie estava fazendo a busca...

Minha cabeça girava de forma nauseante.

As mãos de Jacob seguraram meus ombros — impedindo que eu caísse nas pedras à frente. Eu podia sentir seu hálito quente em meu rosto.

— Bella? O que foi?

— Victoria — disse ofegante, assim que consegui tomar fôlego em meio aos

espasmos de náusea.

Em minha cabeça, Edward rosnou de fúria ao ouvir o nome dela.

Senti Jacob me puxar, evitando que eu caísse. Ele me envolveu, desajeitado, em seu colo, pousando minha cabeça desfalecida em seu ombro. Jacob lutava para me equilibrar, impedir que eu desmoronasse, de algum jeito. Ele tirou o cabelo suado de meu rosto.

— Quem? — perguntou. — Está me ouvindo, Bella? Bella?

— Ela não era companheira de Laurent — gemi no ombro dele. — Eles só eram velhos amigos...

— Você quer água? Precisa de um médico? Me diga o que fazer — perguntou ele, frenético.

— Não estou passando mal... Estou com medo — expliquei num sussurro. A palavra medo parecia dizer pouco.

Jacob afagou minhas costas.

— Com medo dessa Victoria?

Eu assenti, tremendo.

— Victoria é a fêmea ruiva?

Eu tremi de novo e choraminguei.

— É.

— Como você sabe que não é a companheira dele?

— Laurent me disse que James era o parceiro dela — expliquei, flexionando de forma automática a mão da cicatriz.

Ele pegou meu rosto, segurando-o firme na mão grande. Olhou-me intensamente nos olhos.

— Ele contou mais alguma coisa a você, Bella? Isso é importante. Você sabe o que ela quer?

— É claro — sussurrei. — Ela quer a mim.

Seus olhos se arregalaram, depois se estreitaram em fendas.

— Por quê? — perguntou ele.

— Edward matou James — sussurrei. Jacob me segurava com tanta força que não havia necessidade de eu me encolher no buraco; ele me mantinha inteira. — Ela ficou... irritada. Mas Laurent disse que ela achava mais justo me matar do que matar Edward. Um parceiro pelo outro. Ela não sabia... ainda não sabe, eu acho... que... que... — Engoli em seco. — Que as coisas não são mais assim conosco.

Não para Edward, de qualquer forma.

Isso desconcentrou Jacob, seu rosto dividido entre várias expressões diferentes.

— Foi o que aconteceu? Por isso os Cullen foram embora?

— Eu não passo de uma humana, afinal. Nada de especial — expliquei, dando de ombros.

Algo como um rosnado — não um rosnado real, só uma aproximação humana — rugiu no peito de Jacob sob meu ouvido.

— Se aquele sanguessuga idiota é imbecil o suficiente...

— Por favor — gemi. — Por favor. Não.

Jacob hesitou, depois assentiu uma vez.

— Isso é importante — disse de novo, seu rosto agora sério. — É exatamente disso que precisamos saber. Vamos ter que contar aos outros agora mesmo.

Ele se levantou, colocando-me de pé. Manteve as mãos na minha cintura até ter certeza de que eu não cairia.

— Estou bem — menti.

Ele trocou a cintura por uma de minhas mãos.

— Vamos.

Jacob me puxou de volta para a picape.

— Aonde? — perguntei.

— Ainda não sei bem — admitiu. — Vou convocar uma reunião. Ei, espere um minuto aqui, está bem? — Ele me encostou na lateral da picape e soltou minha mão.

— Aonde você vai?

— Volto já — prometeu. Depois se virou e correu pelo estacionamento, atravessou a estrada e entrou na floresta. Ele deslizou para dentro do bosque, rápido e suave como um cervo.

— Jacob! — gritei com a voz rouca, mas ele já havia sumido.

Não era uma boa hora para ficar sozinha. Segundos depois de Jacob não estar mais à vista eu estava com falta de ar. Arrastei-me para a cabine da picape e baixei as trancas de uma só vez. Mas não me senti melhor com isso.

Victoria já estava me caçando. Por pura sorte ela ainda não me encontrara — sorte e cinco lobisomens adolescentes. Expirei com força. Não importava o que Jacob dissera, era apavorante pensar nele chegando perto de Victoria. Eu não estava nem aí para em que ele podia se transformar quando ficava irritado. Podia

vê-la em minha mente, o rosto desvairado, o cabelo como chamas, mortal, indestrutível...

Mas, de acordo com Jacob, Laurent estava acabado. Seria mesmo possível? Edward — agarrei automaticamente meu peito — dissera-me como era difícil matar um vampiro. Só outro vampiro poderia fazer isso. E, no entanto, Jake disse que esse era o papel dos lobisomens...

Ele disse que ia ficar de olho principalmente em Charlie — que eu devia confiar que os lobisomens manteriam meu pai seguro. Como eu poderia confiar nisso? Nenhum de nós estava seguro! Em especial Jacob, se estava tentando se interpor entre Victoria e Charlie... Entre Victoria e mim.

Senti que estava a ponto de vomitar de novo.

Uma batida rude na janela do carro me fez gritar de pavor — mas era apenas Jacob, já de volta. Destranquei a porta com os dedos trêmulos e gratos.

— Você está mesmo com medo, não? — perguntou ele ao entrar.

Assenti.

— Não fique assim. Vamos cuidar de você... e de Charlie também. Prometo.

— A ideia de você encontrando Victoria é mais apavorante do que a de ela me encontrar — sussurrei.

Ele riu.

— Devia ter um pouco mais de confiança em nós. Isso é um insulto.

Limitei-me a sacudir a cabeça; tinha visto muitos vampiros em ação.

— Aonde você foi? — perguntei.

Ele franziu os lábios e não disse nada.

— Que foi? É segredo?

Ele franziu a testa.

— Não. Mas é meio estranho. Não quero assustar você.

— Sabe que a essa altura estou acostumada com coisas estranhas. — Tentei sorrir, sem muito sucesso.

Jacob abriu um sorriso com facilidade.

— Acho que deve estar mesmo. Tudo bem. Olhe, quando somos lobos, podemos... nos ouvir.

Minhas sobrancelhas se uniram de confusão.

— Não ouvir sons — continuou ele —, mas podemos ouvir... pensamentos... uns dos outros... independentemente da distância entre nós. Isso ajuda muito

quando caçamos, mas é bem chato em outros momentos. É constrangedor... não ter segredos desse jeito. Esquisito, não?

— Foi o que você quis dizer ontem à noite, quando falou que ia contar a eles que tinha me visto, embora não quisesse fazer isso?

— Você é rápida.

— Obrigada.

— Também é muito boa com esquisitices. Pensei que isso fosse incomodá-la.

— Não é... Bem, você não é a primeira pessoa que conheço que pode fazer isso. Então não é tão estranho para mim.

— É mesmo?... Espere... Está falando de seus sanguessugas?

— Gostaria que não os chamasse assim.

Ele riu.

— Que seja. Os Cullen, então?

— Só... Só Edward. — Disfarcei ao passar um braço pelo peito.

Jacob pareceu surpreso — desagradavelmente surpreso.

— Pensei que fossem só histórias. Ouvi lendas sobre vampiros que tinham... umas habilidades a mais, mas achei que fosse apenas mito.

— E ainda há alguma história que seja apenas mito? — perguntei com amargura.

Ele fez cara feia.

— Acho que não. Tudo bem, vamos nos encontrar com Sam e os outros no lugar onde pilotamos as motos.

Dei a partida no carro e voltamos para a estrada.

— Você simplesmente se transformou em lobo agora, para falar com Sam? — perguntei, curiosa.

Jacob assentiu, parecendo constrangido.

— Procurei ser rápido... Tentei não pensar em você, assim eles não saberiam o que estava acontecendo. Tive medo de que Sam me dissesse para não levá-la.

— Isso não teria me impedido. — Eu não conseguia me livrar da ideia que tinha de Sam como um sujeito mau. Meus dentes trincavam sempre que eu ouvia o nome dele.

— Bem, isso teria impedido a mim — disse Jacob, agora sombrio. — Lembra que não consegui terminar o que dizia ontem à noite? Que eu não conseguia contar a história toda?

— Lembro. Você parecia que ia sufocar ou coisa assim.

Ele riu sombriamente.

— Chegou perto. Sam me disse que eu não podia contar a você. Ele... é o líder da matilha, sabe como é. Ele é o alfa. Quando ele nos diz para fazer algo, ou não fazer... Quando ele fala sério, bem, não podemos ignorá-lo.

— Estranho — murmurei.

— Muito — concordou ele. — É uma coisa de lobos.

— Hã — foi a melhor resposta em que pude pensar.

— É, tem um monte de normas assim... Coisas de lobo. Ainda estou aprendendo. Nem imagino como deve ter sido para Sam, tentando lidar com isso sozinho. Já é bem ruim com toda uma matilha me dando apoio.

— Sam estava sozinho?

— Estava. — A voz de Jacob baixou. — Quando eu... mudei, foi o momento mais... horrível, mais apavorante pelo qual já passei... Pior do que qualquer situação que eu pudesse ter imaginado. Mas eu não estava sozinho... Havia vozes lá, em minha cabeça, dizendo o que tinha acontecido comigo e o que eu tinha de fazer. Acho que isso evitou que eu enlouquecesse. Mas Sam... — Ele sacudiu a cabeça. — Sam não teve qualquer ajuda.

Precisava me adaptar a isso. Quando Jacob explicou tudo desse jeito, foi difícil não sentir compaixão por Sam. Tive de ficar lembrando a mim mesma que não havia mais motivo para odiá-lo.

— Eles vão ficar com raiva por eu estar com você? — perguntei.

Ele fez uma careta.

— É provável.

— Talvez eu não deva...

— Não, está tudo bem — tranquilizou-me Jacob. — Você sabe de um monte de informações que podem nos ajudar. Não é uma humana qualquer, ignorante. É como uma... sei lá, espiã ou algo assim. Você esteve por trás das linhas inimigas.

Franzi o rosto para mim mesma. Era isso que Jacob queria de mim? Informação privilegiada para ajudar a destruir os inimigos deles? Mas eu não era uma espiã. Não andei coletando esse tipo de informação. As palavras dele já faziam com que eu me sentisse uma traidora.

Mas eu queria deter Victoria, não queria?

Não.

Eu queria que Victoria fosse detida, de preferência antes de me torturar até a morte, esbarrar em Charlie ou matar outro estranho. Eu só não queria que fosse Jacob quem a detivesse, não queria nem mesmo que ele tentasse. Não queria que Jacob estivesse nem a cem quilômetros dela.

— É como a história do sanguessuga que lê pensamentos — continuou ele, sem saber de meus devaneios. — É o tipo de conhecimento de que precisamos. É mesmo uma droga que essas histórias sejam verdade. Isso complica tudo. Ei, você acha que essa Victoria tem alguma habilidade especial?

— Acho que não — hesitei, depois suspirei. — Ele teria falado nisso.

— Ele? Ah, quer dizer Edward... Epa, desculpe. Esqueci. Você não gosta de dizer o nome dele. Nem de ouvir.

Contraí o abdome, tentando ignorar a pulsação ao redor de meu peito.

— Na verdade, não.

— Desculpe.

— Como você me conhece tão bem, Jacob? Às vezes parece que você consegue ler os meus pensamentos.

— Não. Eu só presto atenção.

Estávamos na estradinha de terra onde Jacob me ensinara a pilotar a moto.

— Aqui está bom? — perguntei.

— Claro, claro.

Parei e desliguei o motor.

— Ainda está muito infeliz, não é? — murmurou ele.

Assenti, fitando o bosque sombrio, sem realmente ver nada.

— Acha que um dia... quem sabe... você vai ficar melhor?

Inspirei devagar, depois soltei o ar.

— Não.

— Porque ele não era o melhor...

— Por favor, Jacob — interrompi, começando num sussurro. — Pode, por favor, não falar nisso? Eu não aguento.

— Tudo bem. — Ele respirou fundo. — Desculpe por ter dito alguma coisa.

— Não se sinta mal. Se tudo fosse diferente, seria ótimo enfim poder conversar com alguém sobre isso.

Ele assentiu.

— É, foi difícil para mim esconder um segredo de você por duas semanas.

Deve ser um inferno não poder falar com ninguém.

— Inferno — concordei.

Jacob deu uma fungada rápida.

— Eles estão aqui. Vamos.

— Tem certeza? — perguntei enquanto ele abria a porta. — Talvez eu não devesse estar aqui.

— Eles vão superar isso — disse ele, depois sorriu. — Quem tem medo do lobo mau?

— Rá rá — eu disse. Mas saí da picape contornando às pressas a frente do carro para ficar bem atrás de Jacob. Eu me lembrava muito bem dos monstros gigantes na campina. Minhas mãos tremiam como as de Jacob antes, mas de medo, não de raiva.

Jake pegou minha mão e a apertou.

— Lá vamos nós.

14. FAMÍLIA

AGACHEI-ME AO LADO DE JACOB, meus olhos varrendo a floresta em busca dos outros lobisomens. Quando eles apareceram, saindo de entre as árvores, não eram o que eu esperava. Eu tinha a imagem dos lobos em minha cabeça. Esses eram só quatro rapazes grandes e seminus.

Novamente, eles me lembraram irmãos, quadrigêmeos. Algo no modo como se movimentaram quase em sincronia para se colocarem do outro lado da estrada, na nossa frente; o fato de todos terem os mesmos músculos longos e arredondados sob a mesma pele moreno-avermelhada, o cabelo idêntico preto curto e o modo como suas expressões mudavam justamente no mesmo momento.

Eles olhavam, curiosos e cautelosos. Quando me viram ali, meio escondida ao lado de Jacob, todos ficaram furiosos no mesmo segundo.

Sam ainda era o maior, embora Jacob estivesse quase de seu tamanho. Sam não parecia de fato um garoto. Seu rosto era mais velho — não no sentido de rugas ou sinais de envelhecimento, mas na maturidade, na paciência de sua expressão.

— O que você fez, Jacob? — perguntou ele.

Um dos outros, que não reconheci — Jared ou Paul — disparou por Sam e falou antes que Jacob pudesse se defender.

— Por que não consegue seguir as regras, Jacob? — gritou ele, atirando os braços para o alto. — Que diabos você está pensando? Ela é mais importante do que tudo... do que a tribo toda? Mais importante do que as pessoas que estão sendo mortas?

— Ela pode ajudar — disse Jacob em voz baixa.

— Ajudar! — gritou o rapaz, com raiva. Seus braços começaram a tremer. — Ah, é bem provável mesmo! Tenho certeza de que a amante de sanguessuga está morrendo de vontade de nos ajudar!

— Não fale dela desse jeito! — gritou Jacob, irritado pela crítica do rapaz.

Um tremor percorreu em ondas o corpo do outro, passando pelos ombros e descendo pela coluna.

— Paul! Relaxe! — ordenou Sam.

Paul sacudiu a cabeça, não em desafio, mas como se tentasse se concentrar.

— Meu Deus, Paul — murmurou um dos outros meninos, provavelmente Jared. — Controle-se.

Paul girou a cabeça para Jared, os lábios contorcidos de irritação. Depois voltou seu olhar para mim. Jacob deu um passo para se colocar na minha frente.

Foi o que bastou.

— Isso mesmo, proteja a garota! — rugiu Paul, ultrajado. Outro tremor, outra convulsão percorreu seu corpo. Ele atirou a cabeça para trás, um grunhido rasgando por entre os dentes.

— PAUL! — gritaram Sam e Jacob juntos.

Paul pareceu tombar para a frente, tremendo com violência. A meio caminho do chão, houve o som alto de algo se rasgando e o menino explodiu.

O pelo prateado-escuro brotou do rapaz, fundindo-se numa forma cinco vezes maior do que ele — uma forma forte e curvada, pronta para atacar.

O focinho do lobo recuava nos dentes e outro grunhido rolou por seu peito colossal. Os olhos escuros e coléricos me focalizavam.

No mesmo segundo, Jacob atravessou correndo a estrada, direto para o monstro.

— Jacob! — gritei.

A meio passo, um longo tremor abalou a coluna de Jacob. Ele pulou para a frente, mergulhando de cabeça no ar.

Com outro som áspero de algo se rasgando, Jacob também explodiu. Rompeu para fora de sua pele — fragmentos de roupa preta e branca se espalharam no ar. Aconteceu com tanta rapidez que, se eu piscasse teria perdido toda a transformação. Em um segundo era Jacob mergulhando no ar, no outro era o lobo castanho-avermelhado gigantesco — tão imenso que não consegui entender como sua massa podia caber dentro de Jacob — lançando-se para a fera prata que estava agachada.

Jacob recebeu de frente a investida do outro lobisomem. Seus rosnados furiosos ecoaram como trovão nas árvores.

Os farrapos pretos e bancos — restos da roupa de Jacob — flutuaram para o chão onde ele desaparecera.

— Jacob! — gritei outra vez, avançando um passo.

— Fique onde está, Bella — ordenou Sam. Era difícil ouvi-lo com o rugido dos lobos lutando. Eles se mordiam e se dilaceravam, os dentes afiados lampejando no pescoço do outro. O lobo-Jacob parecia estar em vantagem — era visivelmente maior do que o outro e também parecia ser mais forte. Ele golpeou o lobo cinzento com o ombro repetidas vezes, empurrando-o para as árvores.

— Leve-a para a casa de Emily — gritou Sam para os outros meninos, que assistiam ao conflito com uma expressão extasiada. Jacob conseguira empurrar o lobo cinza para fora da estrada e eles desapareceram na floresta, embora o som de seus rosnados ainda fosse alto. Sam correu atrás deles, tirando os sapatos no caminho. Enquanto disparava para as árvores, tremia da cabeça aos pés.

O rosnado e os golpes desapareciam ao longe. De repente, o som foi interrompido e o silêncio tomou a estrada.

Um dos meninos começou a rir.

Eu me virei para o encarar — meus olhos arregalados pareciam paralisados, como se eu não pudesse piscar.

O rapaz parecia estar rindo de minha expressão.

— Bom, isso é algo que não se vê todo dia — zombou ele. Seu rosto era meio familiar, mais fino que o dos outros... Embry Call.

— Eu vejo — murmurou o outro rapaz, Jared. — Todo santo dia.

— Ah, Paul não perde as estribeiras todo dia — discordou Embry, ainda rindo. — Talvez dia sim, dia não.

Jared parou para pegar um objeto branco no chão. Ele o estendeu para Embry; despencava de sua mão em tiras.

— Todo arrebentado — disse Jared. — Billy falou que era o último par que podia comprar... Acho que agora Jacob vai andar descalço.

— Este sobreviveu — disse Embry, erguendo um tênis branco. — Jake pode pular num pé só — acrescentou ele com uma risada.

Jared começou a recolher os vários pedaços de tecido do chão.

— Pegue os sapatos de Sam, está bem? Todo o resto vai para o lixo.

Embry pegou os sapatos e então andou para as árvores, onde Sam desaparecera. Estava de volta alguns segundos depois com uma bermuda jeans pendurada no braço. Jared pegou os restos rasgados das roupas de Jacob e de Paul e os enrolou numa bola. De repente, pareceu se lembrar de mim.

Ele me olhou com cuidado, avaliando-me.

— Ei, você não vai desmaiar, vomitar, nem nada disso, não é? — perguntou.

— Acho que não — eu disse ofegante.

— Você não parece bem. Talvez deva se sentar.

— Tudo bem — murmurei. Pela segunda vez em uma manhã, botei a cabeça entre os joelhos.

— Jake devia ter nos avisado — reclamou Embry.

— Não devia ter metido a namorada nisso. O que ele esperava?

— Bom, agora sabem do lobo. — Embry suspirou. — Que ótimo, Jake.

Levantei a cabeça para olhar os dois meninos que pareciam estar levando tudo com muita tranquilidade.

— Não estão preocupados com eles? — perguntei.

Embry piscou uma vez de surpresa.

— Preocupados? Por quê?

— Eles podem se machucar!

Embry e Jared riram.

— Eu espero mesmo que Paul dê uma dentada nele — disse Jared. — Para lhe ensinar uma lição.

Fiquei pálida.

— Ah, tá! — discordou Embry. — Você viu o Jake? Nem Sam poderia ter se transformado em pleno voo daquele jeito. Ele viu Paul se descontrolando e precisou de quê, meio segundo para atacar? O cara tem um dom.

— Paul está lutando há mais tempo. Aposto dez pratas com você como ele deixa uma marca.

— Feito. Jake nasceu para isso. Paul não tem a menor chance.

Eles trocaram um aperto de mãos, sorrindo.

Tentei me consolar com a despreocupação deles, mas não conseguia tirar da cabeça a imagem brutal dos lobisomens em luta. Meu estômago se revirou, dolorido e vazio, minha cabeça doía de preocupação.

— Vamos ver Emily. Sabe que vai ter comida lá. — Embry olhou para mim. — Pode nos dar uma carona?

— Tudo bem — eu disse com a voz sufocada.

Jared ergueu uma sobrancelha.

— Talvez seja melhor você dirigir, Embry. Ainda parece que ela pode vomitar.

— Boa ideia. Onde está a chave? — perguntou-me Embry.

— Na ignição.

Embry abriu a porta do carona.

— Primeiro as damas — disse alegremente, puxando-me do chão com uma das mãos e me colocando no banco. Ele avaliou o espaço disponível. — Vai ter que ir atrás — disse ele a Jared.

— Tudo bem. Tenho estômago fraco. Não quero estar aí dentro quando ela vomitar.

— Aposto que ela é mais durona do que isso. Ela anda com vampiros.

— Cinco pratas? — perguntou Jared.

— Feito. Até me sinto culpado, tirando dinheiro de você assim.

Embry entrou e deu a partida no carro enquanto Jared saltou com agilidade na caçamba. Assim que fechou a porta, Embry murmurou para mim:

— Não vomite, está bem? Só tenho dez dólares, e se Paul colocar os dentes em Jacob...

— Tudo bem — sussurrei.

Embry nos levou de volta à aldeia.

— Ei, como foi que Jake contornou a injunção mesmo?

— A... o quê?

— Hã, a ordem. Sabe como é, de não dar com a língua nos dentes. Como foi que ele contou a você sobre isso?

— Ah, isso — eu disse, lembrando de Jacob tentando cuspir a verdade para mim na noite anterior. — Ele não conseguiu. Eu adivinhei.

Embry franziu os lábios, parecendo surpreso.

— Hmmm. Acho que você seria capaz.

— Aonde estamos indo? — perguntei.

— À casa de Emily. Ela é namorada de Sam... Não, agora é noiva, eu acho. Eles vão nos encontrar lá depois que Sam lhes der uma lição pelo que aconteceu agora. E depois que Paul e Jake arrumarem umas roupas novas, se Paul ainda tiver alguma.

— Emily sabe dos...?

— Sabe. E, olhe, não fique encarando a garota. Isso irrita Sam.

Eu franzi a cara para ele.

— Por que eu iria encarar?

Embry pareceu pouco à vontade.

— Como você acabou de ver, ficar entre lobisomens tem seus riscos. — Ele mudou de assunto rapidamente. — Ei, tudo bem com a história do sanguessuga de cabelo preto na campina? Não parecia ser amigo seu, mas... — Embry deu de ombros.

— Não, ele não era meu amigo.

— Que bom. Não quisemos começar nada, quebrar o pacto, sabe como é.

— Ah, sim, uma vez, há muito tempo, Jake me contou sobre o pacto. Por que matar Laurent quebraria o pacto?

— Laurent — repetiu ele, bufando, como se fosse engraçado o vampiro ter um nome. — Bom, tecnicamente estávamos no território dos Cullen. Não temos permissão para atacar nenhum deles, dos Cullen pelo menos, fora de nossas terras... A não ser que eles rompam o pacto primeiro. Não sabíamos se o moreno era parente deles ou coisa assim. Parecia que você o conhecia.

— Como eles poderiam romper o pacto?

— Se mordessem um humano. Jake não estava muito a fim de deixar chegar a esse ponto.

— Ah. Hmmm, obrigada. Fico feliz por não terem esperado.

— O prazer foi nosso. — Ele pareceu dizer isso no sentido literal.

Embry passou pela casa mais a leste da estrada antes de entrar em uma rua estreita de terra.

— Sua picape é lenta — observou ele.

— Desculpe.

No final da rua, havia uma casinha mínima que um dia fora cinza. Só existia uma única janela estreita ao lado da porta azul desbotada, mas a jardineira embaixo era cheia de cravos amarelos e laranja, conferindo a todo o lugar uma aparência alegre.

Embry abriu a porta e inspirou.

— Hmmm, Emily está cozinhando.

Jared pulou da traseira da picape e foi para a porta, mas Embry o impediu com a mão no peito. Ele olhou para mim sugestivamente e deu um pigarro.

— Eu não trouxe a carteira — disse Jared.

— Tudo bem. Não vou esquecer.

Eles subiram um degrau e entraram na casa sem bater. Eu os segui com

timidez.

Como na casa de Billy, a cozinha ocupava a maior parte do cômodo da frente. Uma jovem com pele acobreada e acetinada e cabelos longos, lisos e pretos estava junto à bancada da pia, tirando grandes muffins de um tabuleiro e os colocando num prato de papel. Por um segundo, pensei que o motivo de Embry me dizer para não encará-la fosse ela ser tão bonita.

Depois ela perguntou, numa voz melodiosa: "Estão com fome?", e se virou para nós com um sorriso em metade do rosto.

O lado direito de sua face era marcado, do limite do couro cabeludo até o queixo, por três linhas grossas e vermelhas, de cor vívida, embora havia muito estivessem curadas. Uma linha repuxava para baixo o canto de seu olho direito, escuro e quase amendoado, outra retorcia o lado direito da boca numa careta permanente.

Grata pelo aviso de Embry, rapidamente desviei os olhos para os muffins em sua mão. Tinham um cheiro maravilhoso — de mirtilos frescos.

— Ah — disse Emily, surpresa. — Quem é essa?

Olhei para cima, tentando focalizar o lado esquerdo de seu rosto.

— Bella Swan — disse-lhe Jared, dando de ombros. Ao que parecia, eu já fora assunto de conversa. — Quem mais seria?

— Jacob sempre descobre um jeito de quebrar as regras — murmurou Emily. Ela me encarou, e nenhuma das metades de seu rosto antigamente bonito era simpática. — Então, é a garota do vampiro.

Eu enrijeci.

— Sim. Você é a garota do lobo?

Ela riu, assim como Embry e Jared. O lado esquerdo de seu rosto ficou amistoso.

— Acho que sou. — Ela se virou para Jared. — Cadê Sam?

— Bella, hã, surpreendeu Paul esta manhã.

Emily revirou o olho bom.

— Ah, Paul — ela suspirou. — Acha que vão demorar muito? Eu estava começando com os ovos.

— Não se preocupe — disse-lhe Embry. — Se eles se atrasarem, não vamos deixar que nada se desperdice.

Emily riu e abriu a geladeira.

— Sem dúvida — concordou. — Bella, está com fome? Pode pegar um muffin.

— Obrigada. — Peguei um no prato e comecei a mordiscar as beiradas. Era delicioso e caiu bem em meu estômago sensível. Embry pegou o terceiro dele e atirou na boca enorme.

— Deixe alguns para seus irmãos — repreendeu Emily, batendo na cabeça dele com a colher de pau. A palavra me surpreendeu, mas para os outros passou despercebida.

— Porco — comentou Jared.

Encostei-me na bancada e olhei os três brincarem como uma família. A cozinha de Emily era um lugar agradável, iluminada, com armários brancos e piso de madeira clara. Numa mesinha redonda, um jarro rachado de porcelana azul e branca estava abarrotado de flores silvestres. Embry e Jared pareciam inteiramente à vontade ali.

Emily misturava um quantidade imensa de ovos, várias dúzias, numa tigela grande e amarela. Estava com as mangas da blusa lavanda arregaçadas, e pude ver que as cicatrizes se estendiam por seu braço e iam até as costas da mão direita. Andar com lobisomens tinha mesmo seus riscos, como Embry dissera.

A porta da frente se abriu e Sam passou por ela.

— Emily — disse ele, e havia tanto amor em sua voz que fiquei sem graça, sentindo-me invasiva, enquanto o observava atravessar a sala em apenas um passo e pegar o rosto dela nas mãos largas. Ele se inclinou e beijou suas cicatrizes escuras na bochecha direita antes de beijar seus lábios.

— Ei, parem com isso — reclamou Jared. — Estou comendo.

— Então cale a boca e coma — sugeriu Sam, beijando outra vez a boca arruinada de Emily.

— Argh — gemeu Embry.

Aquilo era pior do que um filme romântico; era tão real que soava alto com alegria, vida e amor verdadeiro. Baixei meu bolinho e cruzei os braços no peito vazio. Olhei as flores, tentando ignorar a paz completa do momento dos dois e o latejar deplorável de minhas feridas.

Fiquei grata por ser distraída quando Jacob e Paul passaram pela porta, depois chocada quando vi que eles estavam rindo. Enquanto eu olhava, Paul deu um soco no ombro de Jacob, que, em troca, deu-lhe um murro nos rins. Eles riram de

novo. Os dois pareciam estar ilesos.

Jacob esquadrinhou a sala, os olhos parando quando me viram encostada, desajeitada e deslocada, na bancada do canto mais distante da cozinha.

— Ei, Bells — cumprimentou-me alegremente. Pegou dois bolinhos ao passar pela mesa e parou a meu lado. — Desculpe por antes — murmurou. — Como está?

— Não se preocupe, estou bem. Bolinhos gostosos. — Peguei o meu de novo e recomecei a mordiscar. Meu peito pareceu melhorar assim que Jacob ficou perto de mim.

— Ah, cara! — gemeu Jared, interrompendo-nos.

Eu olhei. Ele e Embry estavam examinando uma linha rosada e fraca no antebraço de Paul. Embry sorria, exultante.

— Quinze dólares — disse ele em júbilo.

— Você fez aquilo? — sussurrei para Jacob, lembrando-me da aposta.

— Eu mal toquei nele. Estará ótimo ao pôr do sol.

— Ao pôr do sol? — Olhei a marca no braço de Paul. Estranho, mas parecia ter semanas.

— Coisa de lobo — sussurrou Jacob.

Assenti, tentando não deixar transparecer meu espanto.

— Você está bem? — perguntei a ele em voz baixa.

— Nem um arranhão. — Sua expressão era presunçosa.

— Ei, caras — disse Sam em voz alta, interrompendo as conversas no cômodo pequeno. Emily estava junto ao fogão, mexendo a mistura de ovos numa caçarola grande, mas Sam ainda estava com a mão na parte de baixo das costas dela, um gesto inconsciente. — Jacob tem informações para nós.

Paul não pareceu surpreso. Jacob já devia ter explicado a ele e a Sam. Ou... eles simplesmente tinham ouvido os pensamentos dele.

— Sei quem a ruiva quer. — Jacob dirigiu as palavras a Jared e a Embry. — Era o que eu estava tentando dizer antes. — Ele chutou a perna da cadeira em que Paul se sentara.

— E? — perguntou Jared.

A cara de Jared ficou séria.

— Ela está tentando vingar o companheiro... Só que não era o sanguessuga moreno que nós matamos. Os Cullen pegaram o parceiro dela ano passado e agora

ela está atrás de Bella.

Aquilo não era novidade para mim, mas ainda assim estremeci.

Jared, Emily e Embry me encararam, boquiabertos de surpresa.

— Ela é só uma menina — protestou Embry.

— Eu não disse que fazia sentido. Mas é por isso que a sanguessuga estava tentando passar por nós. Ela está indo para Forks.

Eles continuaram a me encarar, de boca ainda escancarada, por um longo tempo. Abaixei a cabeça.

— Excelente — disse por fim Jared, um sorriso começando a se formar nos cantos da boca. — Temos uma isca.

Com uma velocidade espantosa, Jacob pegou um abridor de latas na bancada e o atirou na direção da cabeça dele. A mão de Jared fez um movimento mais rápido do que eu achava possível e ele pegou o objeto pouco antes de atingir seu rosto.

— Bella não é uma isca.

— Você entendeu o que eu quis dizer — disse Jared, sem se deixar abalar.

— Então vamos mudar nossos padrões — disse Sam, ignorando a briga dos dois. — Vamos tentar deixar algumas brechas e ver se ela cai. Teremos de nos dividir, e não gosto disso. Mas se ela está mesmo atrás de Bella, não deve tentar tirar proveito da divisão de nosso grupo.

— Quil está quase se juntando a nós — murmurou Embry. — Então vamos poder nos dividir igualmente.

Todos baixaram a cabeça. Olhei para Jacob e ele estava desanimado, como ficara na tarde anterior, do lado de fora da casa dele. Por mais confortáveis que estivessem com seu destino, ali, na cozinha animada, nenhum daqueles lobisomens queria o mesmo para o amigo.

— Bom, não vamos contar com isso — disse Sam em voz baixa, e continuou no volume normal. — Paul, Jared e Embry ficarão no perímetro mais externo, e Jacob e eu, no interno. Vamos atacar quando ela cair na armadilha.

Percebi que Emily não gostou particularmente de que Sam estivesse no grupo menor. Sua preocupação me fez olhar para Jacob, apreensiva também.

Sam entendeu meu olhar.

— Jacob acha que seria melhor se você passasse o maior tempo possível em La Push. Ela não ia saber onde encontrar você com tanta facilidade, só por precaução.

— E Charlie? — perguntei.

— As finais do basquete universitário ainda estão acontecendo — disse Jacob. — Acho que Billy e Harry podem manter Charlie por aqui quando ele não estiver no trabalho.

— Espere — disse Sam, erguendo a mão. Seu olhar disparou por Emily e voltou para mim. — Isso é o que Jacob acha melhor, mas você tem de decidir sozinha. Deve pesar com muita seriedade os riscos das duas opções. Você viu hoje de manhã como as coisas podem muito bem ficar perigosas aqui, com que rapidez elas saem de controle. Se você escolher ficar conosco, não posso dar nenhuma garantia quanto a sua segurança.

— Não vou machucá-la — murmurou Jacob, baixando a cabeça.

Sam agiu como se não o tivesse ouvido.

— Se houver outro lugar em que se sinta segura...

Mordi o lábio. Onde eu poderia ir sem colocar mais ninguém em perigo? Rejeitei a ideia de envolver Renée nisso — colocando-a perto do alvo, que era eu...

— Não quero levar Victoria a mais nenhum lugar — sussurrei.

Sam assentiu.

— É verdade. É melhor tê-la aqui, onde podemos dar um fim nisso.

Eu vacilei. Não queria Jacob ou qualquer um deles tentando dar um fim em Victoria. Olhei para o rosto de Jacob; estava relaxado, quase o mesmo de que eu me lembrava, antes do início dessa história de lobo, e completamente despreocupado com a ideia de caçar vampiros.

— Vai tomar cuidado, não é? — perguntei, um perceptível nó na garganta.

Os meninos explodiram em uivos altos de diversão. Todos riram de mim — exceto Emily. Ela me olhou nos olhos e de repente pude ver a simetria por baixo de sua deformidade. Seu rosto ainda era bonito e vivo com uma preocupação ainda mais feroz do que a minha. Tive de desviar os olhos antes que o amor por trás daquela preocupação começasse a me machucar de novo.

— A comida está pronta — ela anunciou então, e a conversa sobre estratégia ficou para trás. Os rapazes correram para cercar a mesa, que parecia minúscula e sob o risco de ser esmagada por eles, e devoraram em tempo recorde a panela gigante com os ovos que Emily colocara no centro. Emily comeu encostada na bancada, como eu — evitando o tumulto à mesa — e os observou com olhos

afetuosos. Sua expressão dizia de modo claro que aquela era sua família.

De modo geral, não era exatamente o que eu esperava de um bando de lobisomens.

Passei o dia em La Push, a maior parte dele na casa de Billy. Ele deixou um recado no telefone de Charlie e na delegacia, e Charlie apareceu lá pela hora do jantar com duas pizzas. Ainda bem que ele levou duas grandes; Jacob comeu sozinho uma inteira.

Vi Charlie nos olhando com desconfiança a noite toda, em especial o tão mudado Jacob. Ele perguntou sobre o cabelo; Jacob deu de ombros e lhe disse apenas que era mais conveniente.

Eu sabia que assim que Charlie e eu fôssemos para casa, Jacob ia sair — sair para correr por aí como um lobo, como fizera inúmeras vezes o dia todo. Ele e os irmãos mantinham uma vigilância constante, procurando algum sinal da volta de Victoria. Mas desde que eles a afugentaram da estação de águas na noite anterior — caçaram-na meio caminho até o Canadá, de acordo com Jacob —, ela ainda não fizera outra incursão.

Eu não tinha esperança alguma de que ela simplesmente desistisse. Não tinha esse tipo de sorte.

Jacob me acompanhou até a picape depois do jantar e se encostou na janela, esperando que Charlie arrancasse primeiro.

— Não tenha medo hoje à noite — disse, enquanto Charlie fingia ter problemas com o cinto de segurança. — Vamos estar lá fora, vigiando.

— Não vou me preocupar comigo — garanti.

— Você é uma boba. Caçar vampiros é divertido. É a melhor parte de toda essa confusão.

Sacudi a cabeça.

— Se sou uma boba, então você é perigosamente desequilibrado.

Ele riu.

— Bella, benzinho, vá descansar um pouco. Você parece exausta.

— Vou tentar.

Charlie buzinou, impaciente.

— A gente se vê amanhã — disse Jacob. — Venha logo.

— Virei.

Charlie me seguiu para casa. Prestei pouca atenção nas luzes em meu

retrovisor. Em vez disso, eu me perguntava onde estavam Sam, Jared, Embry e Paul, correndo pela noite. Perguntava-me se Jacob já havia se encontrado com eles.

Quando chegamos em casa, disparei para a escada, mas Charlie estava bem atrás de mim.

— O que está havendo, Bella? — perguntou antes que eu pudesse escapar. — Pensei que Jacob fosse parte de uma gangue e vocês dois tivessem brigado.

— Fizemos as pazes.

— E a gangue?

— Não sei... Quem consegue entender os adolescentes? Eles são um mistério. Mas conheci Sam Uley e a noiva dele, Emily. Eles me pareceram muito legais. — Dei de ombros. — Deve ter sido um mal-entendido.

A expressão dele mudou.

— Não sabia que ele e Emily tinham oficializado. Isso é ótimo. Pobrezinha.

— Sabe o que aconteceu com ela?

— Foi atacada por um urso, ao norte, na temporada de desova do salmão... Um acidente horrível. Agora já tem mais de um ano. Soube que Sam ficou muito perturbado.

— É horrível — eu fiz eco. Mais de um ano atrás. Aposto que significava que aconteceu quando só havia um lobisomem em La Push. Estremeci ao pensar em como Sam devia se sentir sempre que olhava o rosto de Emily.

Naquela noite, fiquei acordada na cama por um bom tempo tentando entender o dia que tivera. Lembrei-me do jantar com Billy, Jacob e Charlie e da longa tarde na casa dos Black, esperando ansiosamente ouvir algo de Jacob, voltei até a cozinha de Emily, ao pavor da briga dos lobos, à conversa com Jacob na praia.

Pensei no que Jacob dissera de manhã, sobre a hipocrisia. Pensei nisso por um longo tempo. Eu não gostava de pensar que era hipócrita, mas que sentido tinha mentir para mim mesma?

Enrosquei-me apertada como se fosse uma bola. Não, Edward não era um assassino. Mesmo em seu passado mais sombrio, ele nunca fora um assassino de inocentes, pelo menos.

Mas e se ele tivesse sido? E se, na época em que o conheci, ele fosse exatamente como qualquer outro vampiro? E se as pessoas estivessem

desaparecendo no bosque, como agora? Será que isso teria me afastado dele?

Sacudi a cabeça com tristeza; o amor é irracional, lembrei a mim mesma. Quanto mais você ama alguém, menos tudo faz sentido.

Rolei na cama e tentei desviar o pensamento — pensei em Jacob e nos irmãos, correndo pela escuridão. Dormi imaginando os lobos, invisíveis na noite, protegendo-me do perigo. Quando sonhei, eu estava na floresta de novo, mas não andava. Segurava a mão marcada de Emily e estávamos de frente para as sombras, esperando, ansiosas, nossos lobisomens voltarem para casa.

15. PRESSÃO

ERAM AS FÉRIAS DE PRIMAVERA EM FORKS, DE NOVO. Quando acordei na manhã de segunda-feira, fiquei deitada na cama alguns segundos absorvendo a ideia. Nas férias anteriores, eu também tinha sido caçada por um vampiro. Esperava que isso não fosse algum tipo de tradição se estabelecendo.

Eu já estava me adaptando ao ritmo da vida em La Push. Passei a maior parte do domingo na praia, enquanto Charlie ficou com Billy na casa dos Black. Para Charlie eu estava com Jacob, mas Jacob tinha outras coisas para fazer, então andei por ali sozinha, guardando dele o segredo.

Quando Jacob apareceu para ver como eu estava, pediu desculpas por ter me deixado tão de lado. Disse-me que sua rotina nem sempre era tão louca, mas, até que Victoria parasse, os lobos estavam em alerta vermelho.

Agora, quando andávamos pela praia, ele sempre segurava minha mão.

Isso me fez refletir no que Jared tinha dito, sobre Jacob envolver a "namorada" na história. Achei que isso era exatamente o que parecia para quem via de fora. Como Jake e eu sabíamos qual era a realidade, não devia deixar que esse tipo de suposição me incomodasse. E talvez não incomodasse, se eu não soubesse que Jacob adoraria que nosso relacionamento fosse o que aparentava. Mas eu gostava da mão dele aquecendo a minha, e não protestei.

Trabalhei na loja terça de tarde — Jacob me seguiu na moto para ter certeza de que eu chegaria em segurança — e Mike percebeu.

— Está namorando aquele garoto de La Push? O do segundo ano? — perguntou ele, sem conseguir disfarçar o ressentimento na voz.

Dei de ombros.

— Não no sentido técnico da palavra. Mas passo a maior parte do tempo com Jacob. Ele é meu melhor amigo.

Os olhos de Mike se estreitaram com astúcia.

— Não se engane, Bella. O cara é louco por você.

— Eu sei — suspirei. — A vida é complicada.

— E garotas são cruéis — disse Mike em voz baixa.

Também achei a conclusão óbvia.

Naquela noite, Sam e Emily se reuniram comigo e com Charlie para a sobremesa na casa de Billy. Emily levou um bolo que teria conquistado um homem mais durão do que Charlie. Pude ver, enquanto a conversa fluía naturalmente por um leque de assuntos fortuitos, que qualquer preocupação que Charlie pudesse ter guardado a respeito de gangues em La Push se dissolvia.

Jake e eu saímos de lá cedo, para ter alguma privacidade. Fomos para a garagem dele e nos sentamos no Rabbit. Jacob recostou a cabeça, o rosto tenso de exaustão.

— Você precisa dormir um pouco, Jake.

— Vou encontrar tempo.

Ele pegou minha mão. Sua pele ardia na minha.

— Essa é uma daquelas coisas de lobo? — perguntei a ele. — Quer dizer, o calor.

— É. Somos um pouco mais quentes do que as pessoas normais. Cerca de 42, 43 graus. Nunca mais fico frio. Poderia ficar desse jeito — ele gesticulou para o peito nu — numa nevasca e não me incomodaria. Os flocos de neve virariam chuva onde eu estivesse.

— E vocês todos se curam rápido... Isso também é coisa de lobo?

— É, quer ver? É bem legal. — Seus olhos se abriram e ele sorriu. Estendeu o braço por mim, abrindo o porta-luvas, e vasculhou ali por um minuto. Sua mão apareceu com um canivete.

— Não, não quero ver! — gritei assim que percebi em que ele estava pensando. — Guarde isso!

Jacob riu, mas devolveu o canivete a seu lugar.

— Tudo bem. Mas isso de nos curarmos é bom. Não se pode procurar nenhum médico quando se tem uma temperatura que devia significar que está morto.

— Não, acho que não. — Pensei nisso por um minuto. — ... E ser tão grande... também faz parte disso? É por isso que todos vocês se preocupam com Quil?

— Isso e o fato de que o avô de Quil disse que o garoto pode fritar um ovo na testa. — A expressão de Jacob ficou desanimada. — Agora não deve levar muito

tempo. Não existe uma idade exata... Só vai se formando, se formando e de repente... — Ele se interrompeu, parando por um momento antes de voltar a falar. — Às vezes, se você fica muito aborrecido ou coisa assim, isso pode desencadear tudo mais cedo. Mas eu não estava aborrecido com nada... Estava feliz. — Ele riu com amargura. — Por causa de você, principalmente. Foi por isso que não aconteceu comigo mais cedo. Em vez disso, a coisa ficou se formando dentro de mim... eu era como uma bomba-relógio. Sabe o que disparou tudo? Voltei do cinema e Billy disse que eu parecia estranho. Foi só isso, mas eu simplesmente rompi. E depois eu... eu explodi. Quase arranquei a cara dele... Do meu pai! — Ele estremeceu e seu rosto ficou branco.

— É tão ruim assim, Jake? — perguntei com ansiedade, desejando ter uma maneira de ajudá-lo. — Você está infeliz?

— Não, não estou infeliz — disse-me ele. — Não estou mais. Não agora, que você sabe. Mas antes foi difícil. — Ele se inclinou de modo que seu rosto pousou no alto de minha cabeça.

Jacob ficou em silêncio por um momento, e me perguntei no que ele estava pensando. Talvez eu não quisesse saber.

— Qual é a parte mais difícil? — sussurrei, ainda querendo poder ajudar.

— A parte mais difícil é me sentir... fora de controle — disse ele devagar. — Sentir que não consigo ter certeza sobre mim mesmo... Como se talvez você não devesse estar comigo, como se ninguém devesse. Como se eu fosse um monstro que pode machucar alguém. Você viu Emily. Sam perdeu o controle só por um segundo... E ela estava perto demais. Agora não há nada que ele possa fazer para consertar isso. Ouço os pensamentos dele... Sei como se sente... Quem quer ser um pesadelo, um monstro? E, depois, o modo como acontece comigo com tanta facilidade, o modo como sou melhor nisso do que os outros... Isso me torna menos humano do que Embry ou Sam? Às vezes tenho medo de estar perdendo a mim mesmo.

— É difícil? Encontrar a si mesmo de novo?

— No começo — disse ele. — É preciso alguma prática para ir e voltar. Mas é mais fácil para mim.

— Por quê? — perguntei.

— Porque Ephraim Black era o avô de meu pai e Quil Ateara era o avô de minha mãe.

— Quil? — perguntei, confusa.

— O bisavô dele — esclareceu Jacob. — Quil que você conhece é meu primo em segundo grau.

— Mas por que importa quem foram seus bisavós?

— Porque Ephraim e Quil eram do último bando. Levi Uley era o terceiro. Está em meu sangue, dos dois lados. Nunca tive nenhuma chance. Assim como Quil não tem chance.

Sua expressão era triste.

— Qual é a melhor parte? — perguntei, na esperança de animá-lo.

— A melhor parte — disse ele, de repente sorrindo de novo — é a velocidade.

— Melhor do que as motos?

Ele assentiu, entusiasmado.

— Não tem comparação.

— A que velocidade você pode...?

— Correr? — ele completou minha pergunta. — Bem rápido. Como posso estimar? Nós alcançamos... qual era o nome dele? Laurent? Imagino que isso signifique mais para você do que para outra pessoa.

Significava algo para mim. Eu não conseguia imaginar aquilo — os lobos correndo mais rápido do que um vampiro. Quando os Cullen corriam, a velocidade os deixava quase invisíveis.

— Agora me conte uma coisa que eu não sei — disse ele. — Sobre vampiros. Como você conseguiu ficar com eles? Não ficou apavorada?

— Não — eu disse com rispidez.

Meu tom de voz o deixou pensativo por um momento.

— Diga, por que afinal seu sanguessuga matou aquele James? — perguntou ele de repente.

— James estava tentando me matar... Era uma espécie de jogo para ele. Ele perdeu. Lembra a primavera passada, quando fiquei no hospital em Phoenix?

Jacob respirou fundo.

— Ele chegou assim tão perto?

— Chegou muito, muito perto. — Afaguei a cicatriz. Jacob percebeu, porque segurava a mão que mexi.

— O que é isso? — Ele trocou de mãos, examinando minha mão direita. — É a sua cicatriz engraçada, a fria. — Ele a olhou mais de perto, com outros olhos, e

ofegou.

— Sim, é o que você está pensando — eu disse. — James me mordeu.

Seus olhos se arregalaram e seu rosto assumiu uma cor estranha e pálida sob a superfície avermelhada. Ele parecia estar a ponto de vomitar.

— Mas se ele mordeu você...? Você não devia ser...? — disse baixinho.

— Edward me salvou duas vezes — sussurrei. — Ele sugou o veneno... Sabe como é, como se faz com uma cascavel. — Eu me contorcia enquanto a dor açoitava as bordas do buraco.

Mas não fui a única a me contorcer. Pude sentir todo o corpo de Jacob tremendo ao lado do meu. Até o carro sacudia.

— Cuidado, Jake. Calma. Relaxe.

— É — ele arfava. — Calma. — Ele sacudiu a cabeça rapidamente. Depois de um momento, só as mãos tremiam.

— Você está bem?

— Estou, quase. Me conte outra coisa. Me dê algo mais em que pensar.

— O que quer saber?

— Não sei. — Ele estava de olhos fechados, concentrado. — Acho que os dons extras. Algum dos outros Cullen tem... talentos a mais? Como ler pensamentos?

Hesitei por um segundo. Essa parecia uma pergunta que ele faria a sua espiã, e não à amiga. Mas qual era o sentido de esconder o que eu sabia? Agora não importava e ajudaria Jacob a se controlar.

Então falei depressa, a imagem do rosto arruinado de Emily em minha mente e os pelos dos meus braços se arrepiando. Não podia imaginar como o lobo avermelhado caberia dentro do Rabbit — Jacob destruiria a oficina toda se se transformasse naquele instante.

— Jasper pode... algo como controlar as emoções das pessoas que estão perto dele. Não de uma forma ruim, só acalmá-las, esse tipo de coisa. Isso ajudaria muito Paul — acrescentei, brincando sem jeito. — E Alice pode enxergar o que vai acontecer. O futuro, mas não definitivamente. O que ela vê muda quando alguém muda de rumo...

Como quando ela me viu morrendo... e me viu me tornando um deles. Duas coisas que não aconteceram. E uma que jamais acontecerá. Minha cabeça começou a girar — parecia que eu não conseguia inspirar oxigênio suficiente. Não tinha

pulmões.

Jacob agora estava completamente controlado, quase imóvel a meu lado.

— Por que você faz isso? — perguntou ele. Ele puxou de leve meu braço, o que estava junto a meu peito, e depois desistiu quando não o afrouxei com facilidade. Nem percebi que o havia mexido. — Você faz isso quando está aborrecida. Por quê?

— Dói pensar neles — sussurrei. — É como se eu não conseguisse respirar... Como se estivesse me desfazendo em pedaços... — Era estranho o quanto eu agora podia contar a Jacob. Não tínhamos mais segredos.

Ele afagou meu cabelo.

— Está tudo bem, Bella, está tudo bem. Não vou falar nisso de novo. Desculpe.

— Estou bem — eu disse, ofegando. — Acontece o tempo todo. Não é sua culpa.

— Somos uma dupla transtornada, não é? — disse Jacob. — Nenhum de nós consegue se manter inteiro.

— É patético — concordei, ainda sem fôlego.

— Pelo menos temos um ao outro — disse ele, claramente reconfortado com a ideia.

Eu também fiquei reconfortada.

— Pelo menos temos isso — concordei.

E quando estávamos juntos, era ótimo. Mas Jacob tinha uma tarefa horrível e perigosa que se sentia compelido a realizar, e assim eu ficava sozinha com frequência, presa em La Push para minha segurança, sem nada a fazer para manter minha mente livre de qualquer preocupação.

Eu me sentia estranha, sempre ocupando espaço na casa de Billy. Fiquei estudando para outra prova de cálculo marcada para a semana seguinte, mas só consegui me dedicar à matemática por algum tempo. Quando parecia óbvio que eu não estava fazendo nada, sentia-me obrigada a conversar com Billy — a pressão das regras normais da sociedade. Mas Billy não era de preencher os longos silêncios, então a estranheza continuava.

Tentei ficar na casa de Emily na tarde de quarta-feira, só para variar. No início foi um pouco legal. Emily era uma pessoa alegre que nunca parava sentada. Eu vagava atrás dela enquanto ela se movimentava pela casinha e pelo jardim,

esfregando um chão sem sujeira alguma, arrancando um matinho minúsculo, consertando uma dobradiça quebrada, puxando um fio de lã de uma tapeçaria antiga e, ainda, sempre cozinhando. Ela reclamava um pouco do aumento do apetite dos rapazes devido a toda a correria extra, mas era fácil ver que não se importava de cuidar deles. Não era difícil ficar com ela — afinal, éramos agora duas garotas de lobos.

Mas Sam apareceu depois que eu estava ali havia algumas horas. Fiquei apenas tempo suficiente para me certificar de que Jacob estava bem e que não havia novidades, depois tive de fugir. Ficava mais difícil suportar a aura de amor e felicidade que os cercava em doses concentradas, sem mais ninguém por perto para diluí-la.

Então isso me fez vagar pela praia, andar pelo crescente rochoso de um lado para outro, sem parar.

Ficar sozinha não me fazia bem. Graças à nova franqueza com Jacob, eu falara e pensara nos Cullen um pouco demais. Por mais que tentasse me distrair — e eu tinha muito em que pensar: estava sincera e desesperadamente preocupada com Jacob e seus irmãos-lobos; estava apavorada por Charlie e pelos outros, que pensavam estar caçando animais; estava cada vez mais envolvida com Jacob sem sequer ter tomado uma decisão consciente sobre progredir nessa direção, e não sabia o que fazer a esse respeito —, nenhuma dessas preocupações tão reais, tão prementes e tão merecedoras de minhas reflexões conseguia afastar minha mente da dor em meu peito por muito tempo. Por fim, eu nem conseguia mais andar, porque não conseguia respirar. Sentei-me num trecho de pedras quase secas e me encolhi como uma bola.

Jacob me encontrou desse jeito e eu sabia, pela expressão dele, que ele entendia.

— Desculpe — disse ele na mesma hora.

Jacob me puxou do chão e me abraçou. Só então percebi que estava com frio. Seu calor me fez tremer, mas, enfim, com ele ali, eu conseguia respirar.

— Estou estragando suas férias de primavera — Jacob acusou a si mesmo enquanto voltávamos pela praia.

— Não está, não. Eu não tinha nenhum plano. De qualquer jeito, acho que não gosto de férias de primavera.

— Amanhã vou tirar a manhã de folga. Os outros podem correr sem mim.

Vamos fazer algo divertido.

Naquele momento a palavra parecia deslocada em minha vida, era quase incompreensível, bizarra.

— Divertido?

— Diversão é exatamente do que você precisa. Hmmm... — Ele olhou as ondas cinzentas e oscilantes, refletindo. Enquanto seus olhos examinavam o horizonte, ele teve um lampejo de inspiração.

— Já sei! — disse, exultante. — Outra promessa a ser cumprida.

— De que você está falando?

Ele soltou minha mão e apontou para a extremidade sul da praia, onde a meia-lua rochosa e plana terminava de encontro aos penhascos acima do mar. Eu olhei, sem compreender.

— Não prometi que ia levar você para mergulhar do penhasco?

Eu tremi.

— É, vai estar muito frio... Mas não tão frio quanto hoje. Consegue sentir o clima mudando? A pressão? Amanhã estará mais quente. Preparada?

A água escura não era nada convidativa e, daquele ângulo, o penhasco parecia ainda mais alto do que antes.

Mas já fazia dias que eu não ouvia a voz de Edward. Isso devia ser parte do problema. Eu era viciada no som de minhas ilusões. Tudo piorava quando eu passava muito tempo sem elas. Pular de um penhasco certamente remediaria essa situação.

— Claro, preparada. Diversão.

— É um encontro — disse ele, e colocou o braço em meus ombros.

— Tudo bem... Agora vamos dormir um pouco. — Eu não gostava do modo como as olheiras estavam começando a parecer permanentes na pele de Jacob.

Na manhã seguinte, acordei cedo e coloquei uma muda de roupa na picape. Tinha a sensação de que Charlie aprovaria os planos de hoje tanto quanto teria aprovado a motocicleta.

A ideia de me distrair de todas as preocupações quase me animou. Talvez pudesse mesmo ser divertido. Um encontro com Jacob, um encontro com Edward... Ri sombriamente para mim mesma. Jake podia dizer o que quisesse sobre sermos um par transtornado — eu é que era transtornada de verdade. Fazia

os lobisomens parecerem quase normais.

Esperava que Jacob me encontrasse na frente da casa, como sempre fazia quando a picape barulhenta anunciava minha chegada. Como não estava ali, imaginei que ainda estivesse dormindo. Eu esperaria — deixar que descansasse o máximo que conseguisse. Ele precisava dormir, e isso daria tempo para o dia esquentar um pouco. Mas Jake estava certo sobre o clima; mudara à noite. Uma camada densa de nuvens agora pesava na atmosfera, tornando-a quase abafada; estava quente e sufocante sob o cobertor cinza. Deixei meu suéter no carro.

Bati de leve na porta da casa.

— Entre, Bella — disse Billy.

Ele estava à mesa da cozinha, comendo cereais frios.

— Jake está dormindo?

— Hã, não. — Ele baixou a colher e suas sobrancelhas se uniram.

— O que houve? — perguntei. Sabia, pela expressão dele, que algo acontecera.

— Embry, Jared e Paul deram com um rastro fresco de manhã cedo. Sam e Jake foram ajudar. Sam estava esperançoso... Ela seguiu para o lado das montanhas. Ele acha que têm uma boa probabilidade de terminar com isso.

— Ah, não, Billy — sussurrei. — Ah, não.

Ele soltou uma risada grave e baixa.

— Gosta tanto assim de La Push que quer estender sua sentença aqui?

— Não brinque, Billy. É apavorante demais para isso.

— Tem razão — concordou ele, ainda complacente. Era impossível interpretar seus olhos de ancião. — Essa é esperta.

Mordi o lábio.

— Não é tão perigoso para eles como você pensa. Sam sabe o que está fazendo. É consigo mesma que você deve se preocupar. A vampira não quer lutar contra eles. Só está tentando encontrar um jeito de passar por eles... e chegar a você.

— Como Sam sabe o que está fazendo? — perguntei, deixando de lado a preocupação dele comigo. — Eles só mataram um vampiro... Pode ter sido por sorte.

— Nós levamos o que fazemos muito a sério, Bella. Nada foi esquecido. Tudo de que precisamos saber foi transmitido de pai para filho por gerações.

Isso não me reconfortou como ele provavelmente pretendia. A lembrança de

Victoria, louca, furtiva e letal, era forte demais em minha mente. Se ela não conseguisse passar pelos lobos, acabaria mesmo tentando enfrentá-los.

Billy voltou para seu cafe da manhã; eu me sentei no sofá e zapeei pelos canais de tevê. Não durou muito tempo. Comecei a me sentir presa na salinha, claustrofóbica, aborrecida com o fato de que não podia enxergar através de janelas com cortinas.

— Vou para a praia — disse a Billy de maneira abrupta e corri porta afora.

Ficar ao ar livre não ajudou tanto quanto eu esperava. As nuvens faziam pressão com um peso invisível, que impedia que a claustrofobia passasse. A floresta parecia estranhamente vazia enquanto eu seguia a pé para a praia. Não vi nenhum bicho — nem passarinhos nem esquilos. Também não consegui ouvir ave nenhuma. O silêncio era sinistro; não havia sequer o som do vento nas árvores.

Eu sabia que era tudo resultado do clima, mas ainda assim fiquei tensa. A pressão da atmosfera, pesada e quente, era perceptível até para meus fracos sentidos humanos e sugeria alguma coisa maior no departamento "tempestade". Um olhar para o céu reforçou essa teoria; as nuvens avançavam indolentes, apesar de não haver vento no nível do solo. As nuvens mais próximas eram de um cinza esfumaçado, mas por entre elas eu podia ver outra camada, que era de um roxo horrível. O céu tinha um plano feroz para aquele dia. Os animais deviam estar se protegendo.

Assim que cheguei à praia, quis não ter ido — já estava cheia daquele lugar. Estivera ali quase todos os dias, andando sozinha. Aquilo era muito diferente de meus pesadelos? No entanto, aonde mais eu iria? Arrastei-me até o tronco e me sentei na ponta para me encostar nas raízes emaranhadas. Olhei pensativa para o céu furioso, esperando que as primeiras gotas rompessem a imobilidade.

Tentei não pensar no perigo que Jacob e seus amigos corriam. Porque nada podia acontecer com Jacob. A ideia era insuportável. Eu já havia perdido muito — o destino levaria os últimos restos de paz que haviam ficado para trás? Isso parecia injusto, sem lógica. Mas talvez eu tivesse violado alguma regra desconhecida, atravessado um limite que me condenara. Talvez fosse um erro me envolver tanto com mitos e lendas, dar as costas a meu mundo humano. Talvez...

Não. Não ia acontecer nada com Jacob. Eu precisava acreditar nisso ou não conseguiria mais viver.

— Argh! — grunhi e pulei do tronco. Não conseguia ficar sentada; era pior do que andar.

Já estava contando que ouviria Edward aquela manhã. Parecia ser a única maneira de tornar suportável viver aquele dia. O buraco inflamara nos últimos dias, como se estivesse se vingando do tempo em que a presença de Jacob o domara. As bordas ardiam.

As ondas ficaram maiores enquanto eu andava, começando a quebrar nas rochas, mas ainda não havia vento. Senti-me presa ao chão pela pressão da tempestade. Tudo girava a meu redor, mas era perfeitamente tranquilo onde eu estava. O ar tinha uma suave carga elétrica— eu podia sentir a estática em meu cabelo.

Mais ao longe, as ondas estavam mais furiosas do que junto à praia. Eu podia vê-las quebrando na linha dos penhascos, espalhando pelo céu grandes nuvens brancas de espuma. Ainda não havia movimento no ar, embora as nuvens agora se agitassem com mais rapidez. Era uma visão sinistra — como se as nuvens se mexessem por vontade própria. Tremi, apesar de saber que era só um truque da pressão.

Os penhascos eram uma lâmina preta contra o céu claro. Olhando-os, lembrei-me do dia em que Jacob contou sobre Sam e a "gangue" dele. Pensei nos meninos — os lobisomens — atirando-se no ar vazio. A imagem das figuras espiralando em queda ainda era nítida em minha mente. Imaginei a total liberdade da queda... Imaginei como a voz de Edward ficaria em minha cabeça — furiosa, aveludada, perfeita... O ardor no peito incendiou-se em agonia.

Tinha de haver uma forma de extingui-lo. A dor ficava mais insuportável a cada segundo. Olhei os penhascos e as ondas que quebravam.

Bem, por que não? Por que não extinguir a dor agora mesmo?

Jacob me prometera um mergulho do penhasco, não foi? Só porque ele não estava disponível eu deveria desistir da distração de que precisava tanto — ainda mais necessária porque Jacob estava lá fora, arriscando sua vida? Arriscando-a, essencialmente, por mim. Se não fosse por mim, Victoria não estaria matando pessoas por aqui... Estaria em outro lugar, longe. Se algo acontecesse com Jacob, seria por minha culpa. Essa percepção me apunhalou fundo e me fez correr para a estrada que levava à casa de Billy, onde minha picape esperava.

Eu conhecia a rua que passava mais perto dos penhascos, mas tive de procurar

o pequeno caminho que me levaria à pedra. Enquanto seguia, tentei encontrar desvios ou bifurcações, sabendo que Jake tinha planejado me levar na pedra mais baixa ao invés de no topo, mas o caminho seguia numa linha reta e estreita até a beira, sem me deixar opções. Não tive tempo para encontrar um jeito de descer — a tempestade se aproximava rapidamente. O vento, enfim, começava a me tocar, as nuvens pesando mais próximas do chão. Assim que cheguei ao local onde a estrada de terra se abria num precipício de pedra, as primeiras gotas irromperam e se esparramaram em meu rosto.

Não foi difícil convencer a mim mesma de que não tinha tempo para procurar outro caminho — eu queria pular do topo. Essa era a imagem que se fixara em minha mente. Eu queria a longa queda que me daria a sensação de voar.

Sabia que aquela era a atitude mais idiota e mais imprudente que já tomara. Pensar nisso me fez sorrir. A dor já estava cedendo, como se meu corpo soubesse que a voz de Edward estava a apenas segundos de mim...

O mar parecia muito distante, de certo modo mais distante do que antes, quando estava no caminho, entre as árvores. Fiz uma careta quando pensei na provável temperatura da água. Mas não ia deixar que isso me impedisse.

O vento agora soprava com mais força, chicoteando a chuva em redemoinhos ao meu redor.

Dei um passo para a beirada, sem tirar os olhos do espaço vazio à frente. Os dedos de meus pés já tateavam às cegas, acariciando a beira da pedra quando a encontraram. Respirei fundo e prendi o ar... Esperando.

"Bella."

Eu sorri e soltei a respiração.

Sim? Não respondi em voz alta, por medo de que minha voz dispersasse a bela ilusão. Ele parecia tão real, tão próximo. Só quando me reprovava desse jeito eu podia ouvir a verdadeira lembrança de sua voz — a textura aveludada e a entonação musical que compunha a mais perfeita das vozes.

"Não faça isso", pediu ele.

Você quis que eu fosse humana, lembrei a ele. Bem, assista.

"Por favor. Por mim."

Mas você não vai ficar comigo de nenhuma outra maneira.

"Por favor." Era só um sussurro na pancada de chuva que agitou meu cabelo e ensopou minhas roupas — deixando-me tão molhada que era como meu segundo

salto do dia.

Fiquei na ponta dos pés.

"Não, Bella!" Ele agora estava com raiva, e isso era adorável.

Sorri e levantei os braços, como se fosse mergulhar, erguendo o rosto para a chuva. Mas aquilo estava arraigado demais dos anos de natação na piscina pública — primeiro o pé, primeira vez. Inclinei-me para a frente, agachando-me para tomar mais impulso.

E me atirei do penhasco.

Gritei ao cair pelo espaço aberto como um meteoro, mas foi um grito de alegria, não de medo. O vento impunha resistência, tentando em vão lutar com a gravidade indomável, empurrando-me e me fazendo girar em espiral como um foguete atingindo a terra.

Sim! A palavra ecoou em minha cabeça enquanto eu cortava a superfície da água. Era gelada, mais fria do que eu temia, e, no entanto, o frio só aumentou meu prazer.

Estava orgulhosa de mim à medida que mergulhava mais fundo na água escura e congelante. Não senti nem um segundo de pavor — só pura adrenalina. Na verdade, a queda não fora nada assustadora. Onde estava o desafio?

Foi então que a correnteza me pegou.

Fiquei tão preocupada com a altura dos penhascos, com o perigo evidente de suas faces elevadas e escarpadas, que nem pensei na água escura que me aguardava. Nunca imaginei que a verdadeira ameaça estivesse espreitando muito abaixo de mim, sob as ondas que se erguiam.

Parecia que as ondas lutavam comigo, lançando-me de um lado para outro como se estivessem decididas a me dividir, cortando-me pelo meio. Eu sabia a maneira certa de evitar uma corrente marinha: nadar paralelamente à praia em vez de lutar para chegar à margem. Mas o conhecimento de pouco me valeu, já que não sabia para que lado estava a praia.

Eu nem sabia dizer para que lado estava a superfície.

A água furiosa era negra em todas as direções; não havia qualquer claridade que me orientasse para cima. A gravidade era onipotente quando competia com o ar, mas não significava nada nas ondas — eu não sentia um empuxo para baixo, não afundava em nenhuma direção. Só sentia o bater da corrente que me arremessava em círculos, feito uma boneca de trapos.

Lutei para manter presa a respiração, para manter meus lábios fechados em torno de minha última reserva de oxigênio.

Não me surpreendeu que minha ilusão de Edward estivesse ali. Ele me devia muito, considerando que eu estava morrendo. Fiquei surpresa por estar tão certa disso. Ia me afogar. Estava me afogando.

"Continue nadando!", implorou Edward com urgência em minha cabeça.

Para onde? Não havia nada a não ser a escuridão. Não havia para onde nadar.

"Pare com isso!", ordenou ele. "Não se atreva a desistir!"

O frio da água entorpecia meus braços e minhas pernas. Eu não sentia o açoite tanto quanto antes. Agora era mais uma vertigem, um giro desamparado na água.

Mas eu o ouvi. Obriguei meus braços a continuarem estendidos, minhas pernas a baterem com mais força, embora a cada segundo eu tomasse um rumo diferente. Aquilo não devia estar adiantando nada. Que sentido tinha?

"Lute!", gritou ele. "Que droga, Bella, continue lutando."

Por quê?

Não queria mais lutar. E não era a vertigem, nem o frio, nem o fracasso dos braços à medida que os músculos desistiam de exaustão que me deixava contente por ficar onde estava. Eu estava quase feliz por aquilo ter acabado. Era uma morte mais fácil do que outras que enfrentei. Estranhamente em paz.

Pensei por pouco tempo nos clichês, sobre como você devia ver sua vida passar diante dos olhos. Eu tinha muito mais sorte. Quem afinal queria ver uma reprise?

Foi ele que eu vi, e não tive vontade de lutar. Era muito claro, muito mais definido do que qualquer lembrança. Meu subconsciente guardara Edward em detalhes impecáveis, poupando-o para este último momento. Pude ver seu rosto perfeito como se ele estivesse mesmo ali; o tom exato de sua pele gélida, o formato de seus lábios, a linha de seu queixo, o cintilar dourado de seus olhos furiosos. Ele estava com raiva, naturalmente, por eu desistir. Seus dentes estavam trincados e as narinas infladas de cólera.

"Não! Bella, não!"

Minhas orelhas foram inundadas da água gélida, mas a voz dele era mais clara do que nunca. Ignorei as palavras e me concentrei no som de sua voz. Por que eu lutaria se estava tão feliz ali? Mesmo enquanto meus pulmões ardiam, querendo mais ar, e minhas pernas doíam do frio gelado, eu estava contente. Tinha me esquecido de como era a verdadeira felicidade.

Felicidade. Isso tornava toda a história de morrer bastante suportável.

A correnteza venceu nesse momento, lançando-me repentinamente contra algo rígido, uma rocha invisível no escuro. Atingiu-me com força no peito, golpeando-me como uma barra de ferro, e o ar fugiu de meus pulmões, escapando numa nuvem espessa de bolhas prateadas. A água inundou minha garganta, sufocando e queimando. A barra de ferro pareceu me arrastar, puxando-me para longe de Edward, mais fundo nas sombras, para o fundo do mar.

Adeus, eu te amo, foi meu último pensamento.

16. PÁRIS

NAQUELE MOMENTO, MINHA CABEÇA SURGIU NA SUPERFÍCIE.

Foi muito desorientador. Eu tinha certeza de que estava afundando.

A correnteza não ia amainar. Jogava-me de encontro a outras pedras; elas batiam no meio de minhas costas bruscamente, de um jeito cadenciado, arrancando a água de meus pulmões. Eu esguichava um volume inacreditável, torrentes eram despejadas de minha boca e do nariz. O sal ardia, meus pulmões queimavam, minha garganta estava cheia demais de água para que eu pudesse tomar fôlego e as pedras machucavam minhas costas. De algum modo fiquei num lugar só, embora as ondas ainda oscilassem em volta de mim. Só o que eu conseguia ver em toda parte era água, chegando a meu rosto.

— Respire! — ordenou uma voz, louca de ansiedade, e senti uma pontada cruel de dor quando a reconheci, porque não era a de Edward.

Eu não conseguia obedecer. O aguaceiro que saía de minha boca não parou por tempo suficiente para que eu tomasse fôlego. A água escura e gelada encheu meu peito, queimando.

A pedra bateu nas minhas costas de novo, bem entre as omoplatas, e outra torrente de água abriu caminho para fora de meus pulmões.

— Respire, Bella! Vamos! — pediu Jacob.

Pontos pretos floresceram em minha visão, aumentando cada vez mais, obstruindo a luz.

A pedra me atingiu outra vez.

A pedra não era fria como a água; estava quente em minha pele. Percebi que era a mão de Jacob, tentando expulsar a água de meus pulmões. A barra de ferro que me arrastara do mar também era... quente... Minha cabeça girava, os pontos pretos cobriam tudo...

Então eu estava morrendo de novo? Não gostei disso — não era tão bom como da última vez. Agora só estava escuro, não havia nada digno de se ver. O som das ondas quebrando desapareceu na escuridão e tornou-se um silvo tranquilo e

uniforme que parecia vir de dentro de meus ouvidos...

— Bella? — perguntou Jacob, a voz ainda tensa, mas não nervosa como antes. — Bells, querida, está me ouvindo?

Os assuntos em minha cabeça zuniam e rolavam de uma forma nauseante, como se tivessem se unido à água agitada...

— Quanto tempo ela ficou inconsciente? — perguntou alguém.

A voz que não era de Jacob me surpreendeu, lançou-me numa consciência mais focalizada.

Percebi que estava parada. A correnteza não me puxava — o balanço estava dentro de minha cabeça. A superfície sob meu corpo era plana e imóvel. Senti-a granulosa em meus braços nus.

— Não sei — disse Jacob, ainda frenético. Sua voz estava muito perto.

Mãos, tão quentes que tinham de ser as dele, tiraram o cabelo molhado de meu rosto.

— Alguns minutos? Não levei muito tempo para trazê-la até a praia.

O silvo baixo em meus ouvidos não era das ondas — era o ar entrando e saindo de meus pulmões novamente. Cada respiração queimava — as vias aéreas estavam tão sensíveis que pareciam ter sido esfregadas com palha de aço. Mas eu estava respirando.

E congelando. Mil gotas geladas e afiadas golpeavam meu rosto e meus braços, aumentando ainda mais o frio.

— Ela está respirando. Vai voltar a si. Mas precisamos tirá-la do frio. Não estou gostando da cor dela... — Desta vez, reconheci a voz de Sam.

— Acha que tem algum problema movê-la?

— Ela não machucou as costas nem nada quando caiu?

— Não sei.

Eles hesitaram.

Tentei abrir os olhos. Precisei de um minuto, mas pude ver as nuvens escuras e roxas atirando a chuva gelada em mim.

— Jake? — grasnei.

O rosto dele escondeu o céu.

— Ah! — falou ele ofegante, o alívio tomando suas feições. Os olhos estavam molhados de chuva. — Ah, Bella! Você está bem? Pode me ouvir? Algum lugar dói?

— S-só m-minha garganta — gaguejei, os lábios tremendo de frio.

— Então vamos tirar você daqui — disse Jacob.

Ele passou os braços sob meu corpo e me ergueu sem esforço algum, como se pegasse uma caixa vazia. Seu peito estava nu e quente; ele curvou os ombros para me proteger da chuva. Minha cabeça tombou em seu braço. Olhei inexpressivamente a água furiosa, batendo na areia atrás dele.

— Você a pegou? — ouvi Sam perguntar.

— Peguei, deixe comigo. Volte para o hospital. Encontro você lá mais tarde. Obrigado, Sam.

Minha cabeça ainda girava. De início, não compreendi nenhuma das palavras dele. Sam não respondeu. Não houve qualquer som, e eu me perguntei se ele já havia ido embora.

A água lambia e revolvia a areia atrás de nós enquanto Jacob me carregava dali, como se estivesse com raiva por eu ter escapado. Enquanto olhava para a frente, exausta, uma centelha de cor atraiu meus olhos sem foco — um pequeno lampejo de fogo dançava na água escura, longe, na baía. A imagem não fez sentido e me perguntei até que ponto eu estava consciente. Minha cabeça girou com a lembrança da água negra e agitada — de ficar tão perdida que não conseguia achar o acima ou o abaixo. Tão perdida... Mas de algum modo Jacob...

— Como você me encontrou? — Minha voz arranhou.

— Estava procurando você — disse-me Jacob. Ele estava quase correndo, na chuva, subindo a praia na direção da estrada. — Segui as marcas dos pneus até sua picape, depois ouvi você gritar... — Ele estremeceu. — Por que você pulou, Bella? Não percebeu que estava vindo um furacão? Não podia ter esperado por mim? — A raiva enchia sua voz à medida que o alívio desaparecia.

— Desculpe — murmurei. — Fui uma idiota.

— É, você foi realmente idiota — concordou ele, gotas de chuva se desprendendo de seu cabelo quando ele assentiu. — Olhe, importa-se de poupar essas idiotices para quando eu estiver por perto? Não vou poder me concentrar se achar que está pulando de penhascos pelas minhas costas.

— Claro — concordei. — Tudo bem. — Eu parecia uma fumante inveterada. Tentei dar um pigarro... depois tremi; pigarrear foi como cravar uma faca na garganta. — O que aconteceu hoje? Vocês... encontraram? — Era minha vez de estremecer, embora não estivesse mais com tanto frio, colada ao corpo

ridiculamente quente dele.

Jacob sacudiu a cabeça. Ainda corria ao seguir pela estrada até sua casa.

— Não. Ela fugiu para a água... Nela os sanguessugas têm vantagem. Foi por isso que corri para casa... Tive medo de que ela voltasse a nado. Você passa muito tempo na praia... — Ele se interrompeu com um nó na garganta.

— Sam voltou com você... Está todo mundo em casa também? — Esperava que não estivessem mais procurando por ela.

— É. Mais ou menos.

Tentei entender a expressão dele, os olhos semicerrados na chuva que martelava. O olhar de Jacob estava tenso de preocupação ou dor.

As palavras que antes não tinham feito sentido de repente ficaram claras.

— Você disse... hospital. Antes, ao Sam. Alguém se machucou? Ela lutou contra vocês? — Minha voz saltou uma oitava, parecendo estranha com a rouquidão.

— Não, não. Quando voltamos, Em estava esperando com a notícia. É Harry Clearwater. Ele teve um ataque cardíaco hoje de manhã.

— Harry? — sacudi a cabeça, tentando absorver o que ele dizia. — Ah, não! Charlie já sabe?

— Sabe. Ele também está lá, com meu pai.

— Harry vai ficar bem?

Os olhos de Jacob ficaram tensos de novo.

— Agora não parece muito bem.

De repente, senti-me nauseada de culpa — sentia-me verdadeiramente péssima pelo mergulho idiota do penhasco. Ninguém precisava se preocupar comigo agora. Que hora mais absurda para ser imprudente.

— O que posso fazer? — perguntei.

Naquele momento, a chuva parou. Só percebi que já estávamos na casa dos Black quando ele passou pela porta. A tempestade martelava o telhado.

— Você pode ficar aqui — disse Jacob ao me colocar no sofá pequeno. — Estou falando sério... Bem aqui. Vou pegar umas roupas secas.

Deixei que meus olhos se adaptassem à sala escura enquanto Jacob disparava para o quarto. A sala abarrotada parecia tão vazia sem Billy, quase desolada. Era de algum modo estranho agourenta — provavelmente só porque eu sabia onde ele estava.

Jacob voltou segundos depois. Atirou em mim uma pilha de roupas cinza, de algodão.

— Vão ficar enormes em você, mas é o melhor que tenho. Vou, hã, lá fora para você trocar de roupa.

— Não vai a lugar nenhum. Ainda estou cansada demais para me mexer. Só fique aqui comigo.

Jacob se sentou no chão perto de mim, as costas encostadas no sofá. Perguntei-me quando ele tinha dormido pela última vez. Parecia tão exausto quanto eu.

Ele encostou a cabeça na almofada ao lado da minha e bocejou.

— Acho que posso descansar um pouquinho...

Seus olhos se fecharam. Deixei que os meus se fechassem também.

Coitado de Harry. Coitada de Sue. Eu sabia que Charlie ia ficar ao lado dele. Harry era um de seus melhores amigos. Apesar do pessimismo de Jake, eu esperava fervorosamente que Harry superasse tudo. Pelo bem de Charlie. Por Sue, Leah e Seth...

O sofá de Billy ficava bem ao lado do aquecedor e eu agora estava quente, apesar das roupas ensopadas. Meus pulmões doíam de um jeito que me empurrava para a inconsciência ao invés de me manter acordada. Perguntei-me vagamente se era errado dormir... Ou eu estava ficando sonolenta por causa das concussões...? Jacob começou a ressonar suave e o som era tranquilizador como uma cantiga de ninar. Dormi logo.

Pela primeira vez em muito tempo meu sonho foi normal. Só um passeio borrado por lembranças antigas — visões ofuscantes do sol de Phoenix, o rosto de minha mãe, uma frágil casa na árvore, uma manta desbotada, uma parede de espelhos, uma chama na água escura... Esquecia-me de cada uma delas assim que a imagem mudava.

A última foi a única que se fixou em minha mente. Não tinha significado — só um cenário num palco. Uma sacada à noite, uma lua pintada pendurada no céu. Vi a garota de camisola debruçar no parapeito e falar consigo mesma.

Sem significado... Mas quando aos poucos voltei à consciência, Julieta ficou em minha mente.

Jacob ainda dormia; desabara no chão e sua respiração era profunda e uniforme. A casa agora estava mais escura do que antes, era um breu do lado de

fora da janela. Eu estava rígida, mas aquecida e quase seca. Minha garganta ardia cada vez que eu respirava.

Ia ter de me levantar — pelo menos para beber algo. Mas meu corpo só queria ficar deitado ali, sem forças, para nunca mais se mexer.

Em vez de me mexer, pensei mais um pouco em Julieta.

Imaginei o que ela teria feito se Romeu a deixasse, não porque fosse proibido, mas por perder o interesse. E se Rosalina lhe tivesse dado atenção e ele mudasse de ideia? E se, em vez de se casar com Julieta, ele simplesmente sumisse?

Pensei que sabia como Julieta se sentiria.

Ela não voltaria para sua antiga vida, não mesmo. Não teria sequer se mudado, disso eu tinha certeza. Mesmo que tivesse vivido até ficar velha e grisalha, cada vez que fechasse os olhos teria sido o rosto de Romeu que veria por trás das pálpebras. No fim das contas, já teria aceitado isso.

Imaginei se ela teria se casado com Páris no final, só para agradar aos pais, para manter a paz. Não, era provável que não, concluí. Por outro lado, a história não falava muito de Páris. Ele era só um estorvo — um substituto, uma ameaça, um prazo final para forçar a mão dela.

E se ele fosse mais do que isso?

E se Páris tivesse sido amigo de Julieta? Seu melhor amigo? E se ele fosse o único a quem ela pudesse fazer confidências sobre toda a história arrasadora com Romeu? A única pessoa que a entendia de verdade e a fazia se sentir quase humana de novo? E se ele fosse paciente e gentil? E se ele cuidasse dela? E se Julieta soubesse que não podia viver sem ele? E se ele realmente a amasse e quisesse que ela fosse feliz?

E... E se ela amasse Páris? Não como Romeu. Nada disso, é claro. Mas o bastante para querer que ele também fosse feliz?

A respiração lenta e profunda de Jacob era o único som na sala — como uma cantiga de ninar cantarolada para uma criança, como o som baixo de uma cadeira de balanço, como o bater de um relógio antigo quando não se tem necessidade de ir a lugar nenhum... Era o som do conforto.

Se Romeu tivesse mesmo partido, para nunca mais voltar, teria feito diferença Julieta ter aceitado ou não a oferta de Páris? Talvez ela devesse ter tentado se adaptar aos pedaços de vida que restaram. Talvez fosse o mais perto da felicidade que ela chegaria.

Suspirei, depois gemi quando o suspiro arranhou minha garganta. Eu estava incluindo informações demais na história. Romeu não mudaria de ideia. É por isso que as pessoas ainda se lembravam do nome dele, sempre em par com o dela: Romeu e Julieta. Por isso era uma boa história. "Julieta leva um fora e fica com Páris" nunca teria sido um sucesso.

Fechei os olhos e fiquei à deriva de novo, deixando que minha mente vagasse para longe da peça idiota em que eu não queria mais pensar. Em vez dela, pensei na realidade — em pular do penhasco e no erro insensato que aquilo fora. E não só o penhasco, mas as motos e toda aquela maluquice irresponsável de dublê de cinema. E se acontecesse algum acidente comigo? O que seria de Charlie? O ataque cardíaco de Harry colocara tudo em perspectiva para mim. Perspectiva que eu não queria ver, porque — se admitisse a verdade — significaria ter de mudar. Eu conseguiria mudar?

Talvez. Não seria fácil; na realidade, seria uma desgraça completa desistir de minhas alucinações e tentar ser adulta. Mas talvez eu devesse fazer isso. E talvez conseguisse. Se tivesse Jacob.

Não podia decidir naquela hora. Doía demais. Pensei em outro assunto.

Imagens de minha proeza impensada da tarde rolaram por minha cabeça enquanto eu tentava encontrar algo agradável em que pensar... A sensação do ar quando caí, a escuridão da água, a surra da correnteza... O rosto de Edward... Demorei-me nisso por um bom tempo. As mãos quentes de Jacob, tentando me fazer voltar à vida... A chuva atirada das nuvens arroxeadas... O estranho fogo nas ondas...

Havia algo familiar naquele lampejo de cor acima da água. É claro que não podia ser fogo...

Meus pensamentos foram interrompidos pelo barulho de um carro na lama da rua. Ouvi-o parar na frente da casa e suas portas começaram a se abrir e se fechar. Pensei em me sentar, depois decidi pelo contrário.

Era fácil identificar a voz de Billy, mas ele a mantinha incomumente baixa, então era só um murmúrio aborrecido.

A porta se abriu e a luz foi acesa. Pisquei, sem enxergar por um instante. Jake acordou assustado, ofegando, e pôs-se de pé num salto.

— Desculpe — grunhiu Billy. — Acordamos vocês?

Meus olhos focalizaram devagar o rosto dele, e depois, quando consegui ler

sua expressão, encheram-se de lágrimas.

— Ah, não, Billy! — gemi.

Ele assentiu devagar, a expressão dura de pesar. Jake correu até o pai e pegou sua mão. De repente, a dor tomou seu rosto como o de uma criança — pareceu estranho, no alto daquele corpo de homem.

Sam estava bem atrás de Billy, empurrando a cadeira pela porta. Sua serenidade habitual sumira no rosto agoniado.

— Lamento tanto — sussurrei.

Billy assentiu.

— Vai ficar difícil por aqui.

— Onde está Charlie?

— Seu pai ainda está no hospital, com Sue. Há muitas... providências a serem tomadas.

Engoli em seco.

— É melhor eu voltar lá — murmurou Sam, e ele saiu rapidamente.

Billy afastou sua mão da de Jacob, depois passou pela cozinha e foi para o quarto.

Jake o encarou por um minuto, depois voltou a se sentar no chão a meu lado. Colocou o rosto nas mãos. Afaguei seus ombros, desejando conseguir pensar em algo para dizer.

Depois de um longo tempo, Jacob pegou minha mão e a levou ao rosto.

— Como está se sentindo? Você está bem? Eu devia ter levado você a um médico ou coisa assim. — Ele suspirou.

— Não se preocupe comigo — grasnei.

Ele girou a cabeça para me olhar. Seus olhos estavam vermelhos.

— Você não parece muito bem.

— Acho que também não me sinto muito bem.

— Vou pegar sua picape e levá-la para casa... Convém estar lá quando Charlie voltar.

— Tudo bem.

Fiquei apática no sofá enquanto esperava por ele. Billy estava em silêncio no outro cômodo. Eu me sentia uma enxerida, olhando pelas frestas para uma tristeza que não era minha.

Jake não demorou muito. O ronco do motor da picape interrompeu o silêncio

antes do que eu esperava. Sem dizer nada, ele me ajudou a sair do sofá, mantendo o braço em meu ombro quando o ar frio do lado de fora me fez tremer. Assumiu o banco do motorista sem pedir e me puxou para junto de si, para manter o braço firme à minha volta. Encostei a cabeça em seu peito.

— Como você vai para casa? — perguntei.

— Não vou. Ainda não pegamos a sanguessuga, lembra?

Meu tremor seguinte nada teve a ver com o frio.

Depois disso, a viagem foi silenciosa. O ar gelado me despertou. Minha mente estava alerta, funcionando muito bem e muito rápido.

E se acontecesse? Qual era a atitude certa a tomar?

Agora eu não conseguia imaginar minha vida sem Jacob — eu me encolhia de medo só de tentar pensar nisso. De certo modo, ele se tornara essencial para minha sobrevivência. Mas deixar a situação como estava... era crueldade, como Mike dissera?

Lembrei-me de ter desejado que Jacob fosse meu irmão. Agora percebia que o que eu de fato queria era reivindicá-lo para mim. Não parecia nada fraternal quando ele me segurava daquele jeito. Era apenas gostoso — quente, reconfortante e familiar. Seguro. Jacob era um porto seguro.

Eu podia reivindicar meus direitos. Tinha poder para isso.

Tinha de dizer tudo a ele, sabia disso. Era a única maneira de ser justa. Precisava explicar direito, para que ele soubesse que eu não estava me recompondo, que ele era bom demais para mim. Ele já sabia que eu estava arrasada, essa parte não o surpreenderia, mas ele precisava saber a extensão disso. Tinha de admitir até mesmo que estava louca — explicar sobre as vozes que ouvia. Ele precisava saber de tudo antes de tomar uma decisão.

Mas, mesmo quando reconheci essa necessidade, sabia que ele me aceitaria, apesar de tudo. Ele sequer pensaria duas vezes.

Teria de me comprometer com isso — comprometer o máximo de mim que ainda restava, cada um de meus fragmentos. Era a única maneira de ser justa com Jacob. Será que eu faria? Conseguiria?

Seria tão errado tentar fazer Jacob feliz? Mesmo que o amor que eu sentia por ele não passasse de um eco fraco do que eu era capaz de amar, mesmo que meu coração estivesse muito longe, vagando e lamentando por meu Romeu volúvel, seria assim tão errado?

Jacob parou o carro em frente à casa escura e desligou o motor, então, de repente, fez-se silêncio. Como tantas outras vezes, ele agora parecia estar sintonizado com meus pensamentos.

Ele passou o outro braço em mim, apertando-me contra seu peito, prendendo-me a ele. Mais uma vez, era gostoso. Quase como ser uma pessoa inteira de novo.

Achei que Jake estivesse pensando em Harry, mas ele falou e sua voz tinha um tom de desculpas.

— Me perdoe. Sei que você não sente o mesmo que eu sinto, Bells. Juro que não ligo. Só estou tão feliz por você estar bem que poderia até cantar... E isso é uma coisa que ninguém quer ouvir. — Ele soltou seu riso rouco em minha orelha.

Minha respiração se acelerou um pouco, arranhando as paredes da garganta como areia.

Edward, embora indiferente, não gostaria que, dadas as circunstâncias, eu fosse o mais feliz possível? Não restaria amizade suficiente para ele querer o melhor para mim? Achei que sim. Ele não me negaria isso: dar ao meu amigo Jacob só um bocadinho do amor que ele não queria. Afinal, não era o mesmo amor.

Jake apertou o rosto quente contra minha cabeça.

Se eu virasse o rosto de lado — se colocasse meus lábios em seu ombro nu... Eu sabia exatamente, sem dúvida alguma, o que viria a seguir. Seria muito fácil. Não haveria necessidade de explicações naquela noite.

Mas eu conseguiria fazer isso? Conseguiria trair meu coração ausente para salvar minha vida patética?

Borboletas assaltaram meu estômago quando pensei em virar a cabeça.

E depois, tão clara como se eu corresse um perigo imediato, a voz aveludada de Edward sussurrou em meu ouvido.

"Seja feliz", disse-me.

Fiquei paralisada.

Jacob sentiu-me enrijecer e me soltou automaticamente, estendendo a mão para a porta.

Espere, eu queria dizer. Só um minuto. Mas eu ainda estava paralisada, ouvindo o eco da voz de Edward em minha cabeça.

O ar frio da tempestade soprou pela cabine da picape.

— OH! — A respiração escapou de Jacob como se alguém tivesse socado seu estômago. — Mas que droga!

Ele bateu a porta e girou a chave na ignição no mesmo instante. As mãos tremiam tanto que não sei como ele conseguiu.

— Que foi?

Ele acelerou demais o motor; o carro engasgou e morreu.

— Vampiro — ele soltou.

O sangue fugiu de minha cabeça e me deixou tonta.

— Como você sabe?

— Porque posso sentir o cheiro! Droga!

Os olhos de Jacob estavam desvairados, disparando pela rua escura. Ele mal parecia perceber os tremores que percorriam seu corpo.

— Me transformar ou tirá-la daqui? — sibilou para si mesmo.

Ele me olhou por uma fração de segundo, vendo meus olhos apavorados e o rosto branco, depois olhou a rua de novo.

— Muito bem. Tirar você daqui.

O motor pegou com um ronco. Os pneus cantaram enquanto ele manobrava, virando para nossa única rota de fuga. Os faróis varreram a calçada, iluminando a linha da floresta nos fundos, e finalmente refletiram num carro estacionado do outro lado da rua.

— Pare! — disse ofegante.

Era um carro preto — um carro que eu conhecia. Eu podia não entender nada de automóveis, mas conhecia tudo daquele carro em particular. Era um Mercedes S55 AMG. Eu sabia a potência e a cor de seu interior. Sabia a sensação do motor poderoso roncando no chassi. Conhecia o cheiro penetrante dos bancos de couro e sabia como os vidros muito escuros faziam o meio-dia parecer o crepúsculo através daquelas janelas.

Era o carro de Carlisle.

— Pare! — pedi de novo, dessa vez mais alto, porque Jacob disparava com o carro rua abaixo.

— O quê?!

— Não é Victoria. Pare, pare! Quero voltar.

Ele pisou no freio com tanta força que tive de segurar no painel.

— O quê? — perguntou, estupefato. Ele me encarou com pavor nos olhos.

— É o carro de Carlisle! São os Cullen. Eu conheço o carro.

Ele me olhou inexpressivamente e um tremor violento sacudiu seu corpo.

— Ei, calma, Jake. Está tudo bem. Não há perigo, entendeu? Relaxe.

— É, calma. — Ele ofegou, baixando a cabeça e fechando os olhos. Enquanto ele se concentrava em não explodir num lobo, olhei o carro preto pelo vidro traseiro.

Era só Carlisle, disse a mim mesma. Não espere mais do que isso. Talvez Esme... Pare agora mesmo, disse a mim mesma. Só Carlisle. Isso já é muito. Mais do que eu esperava ter de novo.

— Tem um vampiro na sua casa — sibilou Jacob. — E você quer voltar?

Olhei para ele, sem querer desviar os olhos do Mercedes — com medo de que ele desaparecesse no segundo em que eu virasse a cabeça.

— Claro — eu disse, minha voz vazia devido à surpresa com a pergunta dele. Era claro que eu queria voltar.

A expressão de Jacob enrijeceu enquanto eu o fitava, congelando na máscara amarga que eu pensava ter ido embora para sempre. Pouco antes de ele colocar a máscara, percebi o espasmo de traição que cintilou em seus olhos. Suas mãos ainda tremiam. Ele parecia dez anos mais velho que eu.

Ele respirou fundo.

— Tem certeza de que não é um truque? — perguntou numa voz lenta e pesada.

— Não é um truque. É Carlisle. Me leve de volta!

Um tremor percorreu seus ombros largos, mas os olhos estavam fixos e sem emoção.

— Não.

— Jake, está tudo bem...

— Não. Volte sozinha, Bella.

Sua voz foi como um tapa — eu me encolhi quando o som me atingiu. Seu maxilar se contraía e relaxava.

— Olhe, Bella — disse ele na mesma voz dura. — Não posso voltar. Com ou sem pacto, há um inimigo meu lá.

— Não é assim...

— Tenho que contar a Sam agora. Isso muda a situação. Não podemos ser pegos no território deles.

— Jake, isso não é uma guerra!

Ele não me ouviu. Colocou o carro em ponto morto e pulou fora, o motor ligado.

— Tchau, Bella — gritou por sobre o ombro. — Espero realmente que você não morra.

Jake disparou para o escuro, tremendo tanto que sua silhueta parecia borrada; desapareceu antes que eu pudesse abrir a boca para chamá-lo de volta.

O remorso me prendeu no banco do carro por um longo segundo. O que eu acabara de fazer com Jacob?

Mas não pôde me prender por muito tempo.

Escorreguei pelo banco e engatei a marcha do carro. Minhas mãos tremiam quase tanto quanto as de Jake, e precisei de um minuto de concentração. Depois manobrei a picape com cuidado e voltei para casa.

Estava muito escuro quando apaguei os faróis. Charlie tinha saído com tanta pressa que esquecera de deixar a luz da varanda acesa. Senti uma pontada de dúvida, olhando a casa imersa nas sombras. E se fosse mesmo um truque?

Olhei de novo o carro preto, quase invisível na noite. Não. Eu conhecia aquele carro.

Mesmo assim, minhas mãos tremiam ainda mais do que antes quando peguei a chave no alto da porta. Quando segurei a maçaneta para destrancá-la, ela girou facilmente em minha mão. Deixei a porta se abrir. O corredor estava escuro.

Quis gritar uma saudação, mas minha garganta estava seca demais. Eu parecia nem conseguir respirar direito.

Dei um passo para dentro e tateei em busca do interruptor. Estava muito escuro — como a água negra... Onde estava o interruptor?

Exatamente como a água negra, com a chama laranja bruxuleando de maneira impossível. Chama que não podia ser fogo, mas o quê...? Meus dedos percorreram a parede, ainda procurando, ainda tremendo...

De repente, algo que Jacob dissera à tarde ecoou em minha cabeça, enfim eu entendia... Ela fugiu para a água, disse ele. Nela os sanguessugas têm vantagem. Foi por isso que corri para casa... Tive medo de que ela voltasse a nado.

Minha mão ficou paralisada em sua busca, todo o meu corpo imóvel, enquanto eu percebia por que reconhecera a estranha cor laranja na água.

O cabelo de Victoria, esvoaçando caótico ao vento, a cor do fogo...

Ela estivera ali. Bem ali, na reserva, comigo e com Jacob. Se Sam não estivesse lá, se estivéssemos só os dois...? Eu não conseguia respirar nem me mexer.

A luz se acendeu, embora minha mão paralisada ainda não tivesse encontrado o interruptor.

Pestanejei na claridade repentina e vi que havia alguém ali, esperando por mim.

17. VISITANTE

IMÓVEL E BRANCA DE UMA FORMA QUE NÃO ERA NATURAL, com os grandes olhos escuros atentos em meu rosto, minha visitante esperava completamente parada no meio do corredor, linda além da imaginação.

Meus joelhos tremeram por um segundo e eu quase caí. Depois me atirei para ela.

— Alice, ah, Alice! — gritei, enquanto me jogava.

Tinha esquecido como Alice era dura; era como correr direto para um muro de cimento.

— Bella? — havia um misto estranho de alívio e confusão em sua voz.

Abracei-a, ofegando, tentando sentir o máximo possível o cheiro de sua pele. Não era igual a nada — não era floral nem picante, nem cítrico nem almiscarado. Nenhum perfume no mundo podia se comparar àquilo. Minha memória não lhe fazia justiça.

Não percebi quando o ofegar se transformou em algo mais — só vi que estava chorando quando Alice me arrastou para o sofá da sala e me colocou em seu colo. Era como me enroscar numa pedra fria, mas uma pedra que contornava confortavelmente o formato de meu corpo. Ela afagou minhas costas num ritmo suave e esperou que eu me controlasse.

— Eu... Desculpe — balbuciei. — Estou tão... feliz... por ver você!

— Está tudo bem, Bella. Está tudo bem.

— Sim — chorei. E pela primeira vez parecia estar mesmo.

Alice suspirou.

— Tinha me esquecido de como você é cheia de vida — disse ela, e sua voz era de reprovação.

Olhei-a através dos olhos chorosos. O pescoço de Alice estava rígido, afastando-se de mim, os lábios apertados com firmeza. Seus olhos estavam negros como breu.

— Ah! — ofeguei quando percebi o problema. Ela estava com sede. E eu

tinha um cheiro apetitoso. Já havia algum tempo que eu não precisava pensar nesse tipo de coisa. — Desculpe.

— A culpa é minha. Faz muito tempo que não caço. Eu não devia ficar com tanta sede. Mas hoje estava com pressa. — O olhar que ela me dirigiu depois foi feroz. — Por falar nisso, poderia me explicar como você está viva?

Isso chamou minha atenção num instante e o choro cessou. Logo percebi o que devia ter acontecido e por que Alice estava ali.

Engoli em seco com ruído.

— Você me viu cair.

— Não — discordou ela, semicerrando olhos. — Vi você pular.

Franzi os lábios ao tentar pensar numa explicação que não parecesse maluca.

Alice sacudiu a cabeça.

— Eu disse a ele que isso ia acontecer, mas ele não acreditou em mim. "A Bella prometeu." — A imitação era tão perfeita que fiquei paralisada de choque enquanto a dor rasgava meu peito. — "Não fique olhando o futuro dela também." — Ela continuava a citá-lo. — "Já causamos muitos danos." Mas não estar olhando não quer dizer que eu não veja — continuou ela. — Eu não a estava vigiando, eu juro, Bella. Mas já estou sintonizada em você... Quando a vi pular, nem pensei, só peguei um avião. Sabia que chegaria tarde demais, mas não podia não fazer nada. Então cheguei aqui, pensando que talvez pudesse ajudar Charlie de alguma maneira, e você apareceu de carro.

Ela sacudiu a cabeça, desta vez confusa. Sua voz era tensa.

— Eu a vi entrar na água e esperei que saísse, mas isso não aconteceu. O que houve? E como você pôde fazer isso com Charlie? Não para para pensar no que causaria a ele? E a meu irmão? Você tem alguma ideia do que Edward...

Então a interrompi, assim que disse o nome dele. Eu a deixaria continuar, mesmo depois de ter percebido que ela estava entendendo errado, só para ouvir o perfeito tom de sino de sua voz. Mas era hora de interromper.

— Alice, eu não estava tentando me suicidar.

Ela me olhou, em dúvida.

— Está dizendo que não pulou de um penhasco?

— Não, mas... — Fiz uma careta. — Era só para me divertir.

Sua expressão endureceu.

— Vi alguns amigos de Jacob pulando do penhasco — insisti. — Pareceu...

divertido e eu estava entediada...

Ela esperou.

— Não pensei que a tempestade fosse afetar a correnteza. Na verdade, nem pensei muito na água.

Alice não se convenceu. Estava claro que ela ainda pensava que eu tentara me matar. Decidi mudar o rumo da conversa.

— Então, se me viu mergulhando, por que não viu Jacob?

Ela inclinou a cabeça, distraída.

Eu continuei.

— É verdade que eu provavelmente teria me afogado se Jacob não tivesse pulado atrás de mim. Bom, tudo bem, não há dúvidas disso. Mas ele pulou e me tirou de lá, e acho que me levou de volta à praia, mas a essa altura eu estava meio desligada. Não devo ter ficado mais de um minuto embaixo da água até ele me pegar. Como você não viu isso?

Ela franziu o cenho, perplexa.

— Alguém tirou você de lá?

— Sim. Jacob me salvou.

Olhei com curiosidade enquanto um leque enigmático de emoções passava por seu rosto. Algo a estava incomodando — sua visão incompleta? Mas eu não tinha certeza. Depois, deliberadamente, ela se inclinou e farejou meu ombro.

Fiquei paralisada.

— Não seja ridícula — murmurou ela, farejando-me mais um pouco.

— O que está fazendo?

Ela ignorou minha pergunta.

— Quem estava com você lá fora agora mesmo? Parecia que estavam discutindo.

— Jacob Black. Ele é... meio que meu melhor amigo, eu acho. Pelo menos era... — Pensei na raiva de Jacob, na expressão de traído. E me perguntei o que ele era para mim.

Alice assentiu, aparentando preocupação.

— O que foi?

— Não sei — disse ela. — Não tenho certeza do que isso significa.

— Bom, pelo menos não estou morta.

Ela revirou os olhos.

— Ele foi um tolo por pensar que você podia sobreviver sozinha. Nunca vi ninguém com tamanha tendência à idiotice letal.

— Eu sobrevivi — assinalei.

Ela estava pensando em outra coisa.

— Então, se a correnteza era muito forte para você, como esse Jacob conseguiu?

— Jacob é... forte.

Ela ouviu a relutância em minha voz e suas sobrancelhas se ergueram.

Mordi o lábio por um segundo. Era um segredo ou não? E, se fosse, a quem eu devia maior fidelidade? A Jacob ou a Alice?

Era difícil demais guardar segredos, concluí. Jacob sabia de tudo, então por que Alice não poderia saber também?

— Olhe, bom, ele é... algo como um lobisomem — admiti depressa. — Os quileutes se transformam em lobos quando há vampiros por perto. Eles conhecem Carlisle de muito tempo atrás. Você estava com Carlisle na época?

Alice olhou pasma para mim por um momento, depois se recuperou, piscando rapidamente.

— Bom, acho que isso explica o cheiro — murmurou ela. — Mas explicaria o que eu não vi? — Ela franziu o cenho, a testa de porcelana se vincando.

— O cheiro? — repeti.

— Você está com um cheiro horrível — disse ela distraída, ainda de testa franzida. — Um lobisomem? Tem certeza?

— Muita — garanti, tremendo ao me lembrar de Paul e de Jacob lutando na estrada. — Acho que você não estava com Carlisle na última vez que houve lobisomens aqui em Forks, não é?

— Não. Ainda não o tinha encontrado. — Alice estava perdida em pensamentos. De repente, seus olhos se arregalaram e ela se virou para me fitar com uma expressão de choque. — Seu melhor amigo é um lobisomem?

Eu assenti num tom tímido.

— Há quanto tempo?

— Não muito — disse num tom defensivo. — Ele só virou lobisomem há algumas semanas.

Ela fez uma cara feia para mim.

— Um lobisomem jovem? Pior ainda! Edward tinha razão... Você é um ímã

para o perigo. Não devia ficar longe de problemas?

— Não há nada de errado com os lobisomens — grunhi, magoada por seu tom crítico.

— Até que eles se zanguem. — Ela sacudiu a cabeça categoricamente. — Faça como bem entender, Bella. Qualquer outro seria melhor depois que os vampiros saíram da cidade. Mas você tem que começar a sair com os primeiros monstros que encontra.

Eu não queria discutir com Alice — ainda estava tremendo de alegria por ela estar realmente ali de verdade, por eu poder tocar sua pele de mármore e ouvir sua voz de sino dos ventos — mas ela estava completamente equivocada.

— Não, Alice, os vampiros não foram embora... Quer dizer, não todos. É esse o problema. Se não fosse pelos lobisomens, Victoria já teria me pegado. Bem, se não fosse por Jake e os amigos dele, acho que Laurent teria me pegado antes dela, então...

— Victoria? — sibilou ela. — Laurent?

Eu assenti, um tanto alarmada pela expressão de seus olhos negros. Apontei para o peito.

— Ímã para o perigo, lembra?

Ela sacudiu a cabeça de novo.

— Conte tudo... Desde o começo.

Eu atenuei o começo, pulando a parte das motos e das vozes, mas contei-lhe tudo mais até a malfadada aventura daquele dia. Alice não gostou de minha explicação boba para o tédio e o penhasco, então acelerei para a chama estranha que vira na água e o que achava que significava. Nessa parte do relato, os olhos dela se estreitaram quase em fendas. Era estranho vê-la tão... tão perigosa — como uma vampira. Engoli em seco e continuei com o restante sobre Harry.

Ela ouviu minha história sem interromper. De vez em quando, sacudia a cabeça, e o vinco em sua testa se aprofundava até dar a impressão de estar permanentemente entalhado no mármore de sua pele. Ela não falou e, por fim, fiquei em silêncio, de novo tomada de tristeza pelo falecimento de Harry. Pensei em Charlie; ele chegaria logo em casa. Em que condições estaria?

— Nossa partida não lhe fez nenhum bem, não foi? — murmurou Alice.

Dei uma risada — foi um som um tanto histérico.

— Mas isso nunca teve importância, não é? Até parece que vocês partiram

para o meu bem.

Por um momento, Alice olhou para o chão.

— Bem... Acho que hoje agi por impulso. Não devia ter me intrometido.

Pude sentir o sangue fugindo de meu rosto. Meu estômago despencou.

— Não vá, Alice — sussurrei. Meus dedos se fecharam na gola de sua blusa branca e comecei a sentir falta de ar. — Por favor, não me deixe.

Os olhos dela se arregalaram.

— Tudo bem — disse ela, enunciando cada palavra com vagarosa precisão. — Não vou a lugar nenhum esta noite. Respire fundo.

Tentei obedecer, embora quase não conseguisse localizar meus pulmões.

Ela olhava meu rosto enquanto eu me concentrava em minha respiração. Alice esperou para comentar até que eu estivesse mais calma.

— Você está horrível, Bella.

— Eu me afoguei hoje — lembrei a ela.

— É mais do que isso. Você está péssima.

Eu me encolhi.

— Olhe, estou fazendo o melhor que posso.

— O que quer dizer?

— Não tem sido fácil. Estou me esforçando.

Ela franziu o cenho.

— Eu disse a ele — falou consigo mesma.

— Alice — suspirei —, o que você achava que ia encontrar? Quer dizer, fora a minha morte? Esperava me ver saltitando por aí e assoviando musiquinhas animadas? Você me conhece bem.

— Conheço. Mas eu tinha esperanças.

— Então acho que a idiotice não é exclusividade minha.

O telefone tocou.

— Deve ser Charlie — eu disse, cambaleando de pé. Peguei a mão de pedra de Alice e a arrastei comigo até a cozinha. Eu não ia deixar que ela saísse de minha vista.

— Charlie? — atendi ao telefone.

— Não, sou eu — disse Jacob.

— Jake!

Alice examinou minha expressão.

— Só queria saber se ainda estava viva — disse Jacob com amargura.

— Eu estou bem. Eu lhe disse que não era...

— Tá. Entendi. Tchau.

Jacob desligou o telefone.

Eu suspirei e joguei a cabeça para trás, encarando o teto.

— Isso vai ser um problema.

Alice apertou minha mão.

— Eles não estão animados com minha presença aqui.

— Não especialmente. Mas não é da conta deles.

Alice passou o braço à minha volta.

— Então, o que vamos fazer agora? — refletiu. Ela parecia falar consigo mesma por um momento. — Providências a tomar. Pontas soltas a amarrar.

— Que providências?

Seu rosto de repente era cauteloso.

— Não sei bem... Preciso ver Carlisle.

Ela iria embora logo? Meu estômago desabou.

— Não pode ficar? — pedi. — Por favor. Só um pouquinho. Senti tanto sua falta. — Minha voz falhou.

— Se acha que é uma boa ideia. — Os olhos dela estavam tristes.

— Acho. Você pode ficar aqui... Charlie ia adorar.

— Eu tenho casa, Bella.

Assenti, decepcionada porém resignada. Ela hesitou, avaliando-me.

— Bem, preciso pelo menos pegar uma mala de roupas.

Eu a abracei.

— Alice, você é o máximo!

— E acho que vou precisar caçar. Imediatamente — acrescentou ela numa voz tensa.

— Epa. — Recuei um passo.

— Pode ficar longe de problemas por uma hora? — perguntou ela, descrente. Depois, antes que eu pudesse responder, ergueu um dedo e fechou os olhos. Seu rosto ficou suave e inexpressivo por uns segundos.

Os olhos se abriram e ela respondeu à própria pergunta.

— Sim, você ficará bem. Pelo menos esta noite. — Ela fez uma careta. Mesmo fazendo caretas, parecia um anjo.

— Vai voltar? — perguntei, numa voz fininha.

— Prometo... Daqui a uma hora.

Olhei o relógio acima da mesa da cozinha. Ela riu e se inclinou rapidamente para me dar um beijo no rosto. Depois partiu.

Respirei fundo. Alice voltaria. De repente me senti muito melhor.

Eu tinha muito o que fazer para me manter ocupada enquanto esperava. Um banho sem dúvida era o primeiro compromisso na agenda. Cheirei meus ombros enquanto me despia, mas não consegui sentir nada além de cheiro de mar e algas marinhas. Perguntei-me o que Alice quis dizer sobre eu estar cheirando mal.

Depois do banho, voltei para a cozinha. Não encontrei nenhum sinal de que Charlie comera recentemente, e ele decerto estaria faminto quando voltasse. Cantarolei comigo mesma, desafinada, ao zanzar pela cozinha.

Enquanto o guisado da terça-feira rodava no micro-ondas, preparei o sofá com lençóis e um travesseiro velho. Alice não precisaria daquilo, mas Charlie precisaria ver. Tive o cuidado de não olhar o relógio. Não havia motivo para começar a entrar em pânico; Alice prometera.

Comi às pressas, sem sentir o gosto do jantar — só sentia a dor enquanto a comida descia por minha garganta áspera. Estava mesmo era com sede; quando terminei, devia ter bebido quase dois litros de água. A quantidade de sal em meu organismo me desidratara.

Fui tentar ver tevê enquanto esperava.

Alice já estava ali, sentada na cama improvisada. Seus olhos eram de um caramelo líquido. Ela sorriu e deu um tapinha no travesseiro.

— Valeu.

— Você chegou cedo — eu disse, exultante.

Sentei-me ao lado dela e encostei a cabeça em seu ombro. Ela pôs os braços frios em volta de mim e suspirou.

— Bella. O que vamos fazer com você?

— Não sei — admiti. — Eu tenho mesmo tentado ao máximo.

— Acredito.

Ficamos em silêncio.

— Ele... ele... — Respirei fundo. Era mais difícil dizer o nome em voz alta, ainda que eu já fosse capaz de pensar nele. — Edward sabe que está aqui? — Não pude deixar de perguntar. Afinal, a dor era minha. Lidaria com ela quando Alice

fosse embora, prometi a mim mesma, e senti náusea ao pensar nisso.

— Não.

Só havia um jeito de isso ser verdade.

— Ele não está com Esme e Carlisle?

— Ele os visita de meses em meses.

— Ah!— Ele ainda devia estar desfrutando de suas distrações. Concentrei minha curiosidade num assunto mais seguro. — Você disse que veio de avião... De onde veio?

— Eu estava em Denali. Visitando a família de Tanya.

— Jasper está aqui? Ele veio com você?

Ela sacudiu a cabeça.

— Ele não aprova que eu interfira. Nós prometemos... — Ela se interrompeu, depois o tom de voz mudou. — E você acha que Charlie não vai se importar por eu estar aqui? — perguntou, parecendo preocupada.

— Charlie acha você maravilhosa, Alice.

— Bom, isso nós estamos prestes a descobrir.

Com precisão, alguns segundos depois eu ouvi a viatura parar na entrada de carros. Dei um salto e corri para abrir a porta.

Charlie se arrastava devagar pela calçada, a cabeça baixa e os ombros caídos. Avancei para me encontrar com ele; ele só me viu quando abracei sua cintura. Ele retribuiu o abraço impetuosamente.

— Lamento muito por Harry, pai.

— Vou sentir muita saudade dele — murmurou Charlie.

— Como está Sue?

— Ela parece tonta, como se ainda não tivesse assimilado o fato. Sam vai ficar com ela... — O volume de sua voz diminuiu e sumiu. — Aquelas pobres crianças. Leah é só um ano mais velha do que você, e Seth só tem 14... — Ele sacudiu a cabeça.

Ele manteve os braços firmes em volta de mim quando voltou a andar rumo à porta.

— Hmmm, pai? — Achei melhor alertá-lo. — Não vai adivinhar quem está aqui.

Ele me olhou sem expressão. Virou a cabeça e viu o Mercedes do outro lado da rua, a luz da varanda refletida na pintura preta e reluzente. Antes que ele pudesse

reagir, Alice estava na soleira da porta.

— Oi, Charlie — disse ela numa voz contida. — Desculpe por ter vindo em má hora.

— Alice Cullen? — Ele olhou a figura magra diante dele como se duvidasse do que seus olhos lhe diziam. — Alice, é você?

— Sou eu — confirmou ela. — Estava por perto.

— Carlisle está...?

— Não, estou sozinha.

Alice e eu sabíamos que ele na verdade não estava perguntando por Carlisle. O braço dele apertou mais forte meu ombro.

— Ela pode ficar aqui, não pode? — pedi. — Já convidei.

— Claro que sim — disse Charlie mecanicamente. — Adoraríamos se ficasse, Alice.

— Obrigada, Charlie. Sei que é um momento terrível.

— Não, está tudo bem. Vou ficar muito ocupado fazendo o que puder pela família de Harry; será ótimo para Bella ter alguma companhia.

— Tem jantar para você na mesa, pai — eu lhe disse.

— Obrigado, Bell. — Ele me abraçou mais uma vez antes de se arrastar para a cozinha.

Alice voltou ao sofá e eu a segui. Desta vez, foi ela quem me puxou para o seu ombro.

— Você parece cansada.

— É — concordei, e dei de ombros. — É isso que as experiências de quase-morte fazem comigo... E, então, o que Carlisle pensa de você estar aqui?

— Ele não sabe. Ele e Esme estavam numa viagem de caça. Vou saber dele daqui a alguns dias, quando ele voltar.

— Mas você não vai contar a ele... Quando ele aparecer de novo? — perguntei. Ela sabia que agora eu não estava falando de Carlisle.

— Não. Ele arrancaria minha cabeça — disse Alice, carrancuda.

Soltei uma risada, depois suspirei.

Não queria dormir. Queria ficar acordada a noite toda conversando com Alice. E para mim não fazia sentido estar cansada, depois de ter ficado o dia inteiro no sofá de Jacob. Mas o afogamento realmente exigira muito de mim, e meus olhos não iam ficar abertos. Pousei a cabeça em seu ombro de pedra e vaguei para um

esquecimento mais tranquilo do que eu podia esperar.

Acordei cedo, de um sono profundo e sem sonhos, sentindo-me descansada, porém tensa. Eu estava no sofá, enfiada sob os cobertores que colocara ali para Alice, e pude ouvi-la falando com Charlie na cozinha. Parecia que Charlie preparava o cafe da manhã para ela.

— Foi tão ruim, Charlie? — perguntou Alice de um modo delicado, e a princípio pensei que eles estivessem falando dos Clearwater.

Charlie suspirou.

— Muito ruim.

— Conte-me tudo. Quero saber exatamente o que aconteceu quando partimos.

Houve uma pausa enquanto uma porta de armário era fechada e um queimador era apagado no fogão. Esperei, encolhendo-me.

— Nunca me senti tão impotente — começou Charlie devagar. — Não sabia o que fazer. Aquela primeira semana... Pensei que ia ter que hospitalizá-la. Ela não comia nem bebia nada, não queria se mexer. O Dr. Gerandy despejava palavras como "catatônica", mas eu não o deixei subir para vê-la. Tive medo de que isso a assustasse.

— Ela superou?

— Pedi para Renée vir e levá-la para a Flórida. Eu simplesmente não queria ser o responsável... Se ela tivesse de ir para um hospital ou coisa assim. Pensei que ficar com a mãe a ajudaria. Mas quando começamos a guardar as roupas dela, ela despertou, agitadíssima. Nunca tinha visto Bella ter um ataque daquele. Ela nunca foi de ter acessos de raiva, mas, meu Deus, ficou furiosa. Atirava as roupas por toda parte e gritava que não podíamos obrigá-la a ir embora... E depois, enfim, começou a chorar. Pensei que aquele seria o momento da virada. Não discuti quando ela insistiu em ficar aqui... e ela parecia ter melhorado no começo...

Charlie parou. Era difícil ouvir aquilo, sabendo quanta dor eu causara a ele.

— Mas? — incitou Alice.

— Ela voltou à escola e ao trabalho, comia, dormia e fazia o dever de casa. Respondia quando alguém lhe fazia uma pergunta direta. Mas estava... vazia. Seus olhos eram inexpressivos. Havia um monte de pequenos detalhes... Ela não ouvia mais música; encontrei um monte de CDs quebrados no lixo. Ela não lia;

não ficava na sala quando a tevê estava ligada, não que antes ela visse muita tevê. Finalmente eu entendi... Ela estava evitando tudo o que podia lembrá-la... dele.

Charlie continuou:

— Mal conversávamos; estava tão preocupado em dizer algo que a aborrecesse... Coisas mínimas a faziam se retrair... E ela nunca dizia nada espontaneamente. Só respondia se eu lhe fizesse uma pergunta. Ficava sozinha o tempo todo. Não retornava os telefonemas dos amigos e depois de um tempo eles pararam de ligar. Parecia a noite dos mortos-vivos aqui. Eu ainda a ouço gritando enquanto dorme...

Quase pude vê-lo tremendo. Também tremi, lembrando. E depois suspirei. Eu não o enganara em nada, nem por um segundo.

— Sinto muito, Charlie — disse Alice, a voz abatida.

— Não é culpa sua. — O modo como disse isso deixou perfeitamente claro que ele considerava alguém responsável. — Você sempre foi uma boa amiga para ela.

— Mas agora ela parece melhor.

— É. Desde que começou a passar o tempo com Jacob Black, percebi uma grande melhora. Ela tem alguma cor no rosto quando chega em casa, um pouco de luz nos olhos. Está mais feliz. — Ele parou e sua voz era diferente quando voltou a falar. — Ele é mais ou menos um ano mais novo do que ela, e sei que ela o considerava um amigo, mas acho que talvez agora haja algo mais, ou, de qualquer modo, que estejam indo nessa direção. — Charlie disse isso num tom quase hostil. Era um aviso, não para Alice, mas para que ela passasse adiante. — Jake é maduro para a idade dele — continuou, ainda na defensiva. — Ele cuida da saúde do pai como Bella cuidou da mãe emocionalmente. Isso o fez amadurecer. É também um garoto bonito... Herdou da mãe. Ele é bom para Bella, sabe — insistiu Charlie.

— Então é bom que ela o tenha — concordou Alice.

Charlie soltou um suspiro forte, logo frustrado pela ausência de oposição.

— Tudo bem, então talvez eu esteja exagerando. Eu não sei... Mesmo com Jacob, de vez em quando vejo alguma coisa nos olhos dela e me pergunto se cheguei a entender a dor que ela realmente sente. Não é normal, Alice, e isso... me assusta. Não é nada normal. Não é como se alguém... a tivesse deixado, mas como se tivesse morrido. — Sua voz falhou.

Era mesmo como se alguém tivesse morrido — como se eu tivesse morrido. Porque foi mais do que apenas perder o mais verdadeiro dos amores verdadeiros, como se isso não fosse o bastante para matar alguém. Também foi a perda de todo um futuro, de toda uma família — toda a vida que eu escolhera...

Charlie continuou num tom desesperançado.

— Não sei se ela vai superar... Não tenho certeza se é da natureza dela se curar de uma situação dessas. Ela sempre foi uma criaturinha decidida. Não deixa nada de lado, não muda de ideia.

— Ela é uma figura — concordou Alice com a voz seca.

— E, Alice... — Charlie hesitou. — Agora, você sabe como eu gosto de você, e sei que ela está feliz por vê-la, mas... fico meio preocupado com o que sua visita pode provocar nela.

— Eu também, Charlie, eu também. Eu não teria vindo se soubesse disso. Desculpe.

— Não se desculpe, querida. Quem sabe? Talvez seja bom para ela.

— Espero que tenha razão.

Houve uma longa pausa enquanto garfos raspavam em pratos e Charlie comia. Perguntei-me onde Alice estava escondendo sua comida.

— Alice, tenho que lhe fazer uma pergunta — disse Charlie, sem jeito.

Alice estava calma.

— Pode perguntar.

— Ele não virá visitá-la também, não é? — Pude ouvir a raiva reprimida na voz de Charlie.

Alice respondeu num tom suave e tranquilizador.

— Ele nem sabe que estou aqui. Da última vez em que nos falamos, ele estava na América do Sul.

Enrijeci quando ouvi essa nova informação e fiquei mais atenta.

— Já é alguma coisa — bufou Charlie. — Bom, espero que ele esteja se divertindo.

Pela primeira vez a voz de Alice foi um tanto dura.

— Eu não faria suposições, Charlie.

Eu sabia como os olhos dela lampejavam quando ela usava esse tom.

Uma cadeira foi afastada da mesa, fazendo um som alto ao arrastar no piso. Imaginei Charlie se levantando; não seria possível Alice fazer um barulho

daqueles. A torneira foi aberta, esparramando água num prato.

Não parecia que eles iam falar mais sobre Edward, então concluí que estava na hora de acordar.

Eu me virei, balançando-me nas molas para que elas guinchassem. Depois bocejei alto.

Tudo ficou em silêncio na cozinha.

Eu me espreguicei e gemi.

— Alice? — perguntei com inocência; minha garganta inflamada ajudou muito na cena.

— Estou na cozinha, Bella — Alice respondeu, sem que a voz sugerisse qualquer suspeita de que eu os estivesse ouvindo. Mas ela sabia esconder esse tipo de coisa.

Charlie então teve de ir embora — ele estava ajudando Sue Clearwater com os preparativos do enterro. Teria sido um longo dia sem Alice. Ela não falava em partir e eu não perguntei nada. Eu sabia que era inevitável, mas tirei isso de minha cabeça.

Em vez disso, conversamos sobre a família dela — sobre todos, menos um.

Carlisle estava trabalhando à noite em Ithaca e ensinando em meio expediente em Cornell. Esme restaurava uma casa do século XVII, Emmett e Rosalie haviam ido à Europa passar alguns meses em outra lua de mel, mas voltariam logo. Jasper também estava em Cornell, desta vez estudando filosofia. E Alice fazia alguma pesquisa pessoal, relacionada com as informações que por acaso eu lhe revelara na primavera passada. Ela conseguira localizar o sanatório onde passou os últimos anos de sua vida humana. A vida de que não tinha lembrança alguma.

— Meu nome era Mary Alice Brandon — disse-me em voz baixa. — Eu tinha uma irmã chamada Cynthia. A filha dela... minha sobrinha... ainda está viva em Biloxi.

— Descobriu por que eles a colocaram... naquele lugar? — O que leva os pais a um extremo desses? Mesmo que a filha tivesse visões do futuro...

Ela se limitou a sacudir a cabeça, os olhos cor de topázio pensativos.

— Não descobri muito sobre eles. Vi todos os jornais antigos em microfilmes. Minha família não era mencionada com frequência; eles não faziam parte do círculo social que chegava aos jornais. O noivado de meus pais estava lá, e o de Cynthia. — O nome saiu com insegurança de sua boca. — Meu nascimento foi

anunciado... e minha morte. Encontrei meu túmulo. Também roubei minha ficha de admissão dos arquivos do antigo sanatório. A data de admissão e a data em minha lápide são as mesmas.

Eu não sabia o que dizer e depois de uma curta pausa Alice passou a temas mais leves.

Os Cullen agora haviam se reagrupado, com uma exceção, e estavam passando em Denali as férias de primavera de Cornell, com Tanya e sua família. Ouvi com ansiedade exagerada até as notícias mais banais. Ela nunca falou naquele em que eu estava mais interessada, e fiquei grata por isso. Já era o bastante ouvir as histórias da família à qual sonhei pertencer.

Charlie só voltou depois do anoitecer e parecia mais cansado do que na noite anterior. Ele teria de voltar à reserva de manhã, na primeira hora, para o enterro de Harry, então foi dormir cedo. Eu fiquei no sofá com Alice de novo.

Charlie estava quase irreconhecível quando desceu a escada antes de o sol nascer, vestindo um terno antigo que eu nunca o vira usar. O paletó estava aberto; imaginei que era apertado demais para que ele o abotoasse. Sua gravata era um pouco larga para o estilo atual. Ele foi para a porta na ponta dos pés, tentando não nos acordar. Eu o deixei sair, fingindo que dormia, como Alice fez na poltrona.

Assim que ele saiu, Alice se sentou. Sob a manta, ela estava vestida, pronta para sair.

— E, então, o que vamos fazer hoje? — perguntou ela.

— Não sei... Vê alguma coisa interessante acontecendo?

Ela sorriu e sacudiu a cabeça.

— Mas ainda é cedo.

O tempo todo que passei em La Push representou um monte de negligências em casa, e decidi colocar meus deveres em dia. Eu queria fazer algo, qualquer coisa que facilitasse mais a vida de Charlie — talvez ele se sentisse um pouco melhor ao voltar para uma casa limpa e organizada. Comecei pelo banheiro — era o cômodo que mostrava os maiores sinais de desleixo.

Enquanto eu trabalhava, Alice ficou encostada na soleira da porta e fazia perguntas indiferentes sobre meus, bom, nossos amigos da escola e o que eles andaram aprontando desde que ela fora embora. Seu rosto era despreocupado e não tinha emoções, mas senti sua reprovação quando ela percebeu que eu pouco

podia contar. Ou talvez eu só estivesse com a consciência pesada depois de ouvir a conversa dela com Charlie na manhã do dia anterior.

Eu estava literalmente até os cotovelos em desinfetante, esfregando o chão do banheiro, quando a campainha tocou.

Olhei na mesma hora para Alice e sua expressão era perplexa, quase preocupada, o que era estranho; Alice jamais era pega de surpresa.

— Já vai! — gritei na direção da porta, levantando-me e correndo para a pia a fim de lavar meus braços.

— Bella — disse Alice com um vestígio de frustração na voz. — Tenho um bom palpite de quem seja e acho que é melhor eu ir embora.

— Palpite? — repeti. Desde quando Alice tinha palpites?

— Se esta é uma repetição de meu lapso extraordinário de previsão de ontem, então é mais provável que seja Jacob Black ou um dos... amigos dele.

Olhei para ela, entendendo tudo.

— Você não consegue ver os lobisomens?

Ela fez uma careta.

— É o que parece. — Ela estava obviamente irritada com esse fato, muito irritada.

A campainha tocou de novo — duas vezes mais rápida e mais impaciente.

— Não tem que ir a lugar nenhum, Alice. Você chegou aqui primeiro.

Ela soltou seu riso baixo prateado — tinha um tom sombrio.

— Confie em mim... Não seria uma boa ideia ter Jacob Black e eu no mesmo ambiente.

Ela me deu um beijo no rosto rapidamente antes de desaparecer pela porta do quarto de Charlie — e pela janela dos fundos, sem dúvida.

A campainha tocou outra vez.

18. O ENTERRO

DESCI A ESCADA CORRENDO e abri a porta num rompante.

Era Jacob, é claro. Mesmo sem ver, Alice era rápida.

Ele estava parado a uns dois metros da porta, o nariz franzido de nojo, mas seu rosto era tranquilo — como uma máscara. Ele não me enganava; eu podia ver o leve tremor de suas mãos.

A hostilidade rolava dele em ondas. Trouxe a lembrança daquela tarde medonha em que ele preferiu Sam a mim, e eu senti meu queixo empinar numa reação defensiva.

O Rabbit de Jacob estava em ponto morto junto ao meio-fio, com Jared ao volante e Embry no banco do carona. Entendi o que isso significava; eles tinham medo de deixá-lo vir aqui sozinho. Isso me deixou triste e um pouco irritada. Os Cullen não eram assim.

— Oi — eu disse por fim, uma vez que ele não falou nada.

Jake franziu os lábios, ainda afastado da porta. Seus olhos faiscavam pela frente da casa.

Eu cerrei os dentes.

— Ela não está aqui. Precisa de alguma coisa?

Ele hesitou.

— Você está sozinha?

— Estou. — Eu suspirei.

— Posso falar com você um minutinho?

— É claro que você pode, Jacob. Entre.

Jacob olhou por sobre o ombro para os amigos no carro. Vi Embry sacudir a cabeça um pouquinho. Por algum motivo, isso me irritou profundamente.

Meus dentes trincaram de novo.

— Covarde — murmurei.

Os olhos de Jake faiscaram para mim, as sobrancelhas grossas e pretas unindo-se num ângulo furioso acima dos olhos fundos. Seu queixo empinou e ele

marchou — não havia outra maneira de descrever seu movimento — pela calçada, esbarrando em mim ao passar pela porta.

Troquei um olhar com Jared e depois com Embry antes de fechar a porta para eles. Eu não gostava do modo severo como me olhavam; eles realmente pensavam que eu deixaria algo machucar Jacob?

Jacob estava no corredor atrás de mim, olhando a bagunça de lençóis na sala de estar.

— Festinha do pijama? — perguntou ele, num tom sarcástico.

— É — respondi com o mesmo nível de acidez. Eu não gostava de Jacob quando ele agia assim. — O que você tem a ver com isso?

Ele franziu o nariz de novo como se sentisse um cheiro desagradável.

— Onde está sua "amiga"? — Pude ouvir as aspas em seu tom de voz.

— Ela teve algumas coisas para fazer. Olhe, Jacob, o que você quer?

Algo na sala parecia deixá-lo mais tenso — seus braços compridos tremiam. Ele não respondeu à minha pergunta. Em vez disso, foi até a cozinha, os olhos inquietos disparando para todo lado.

Eu o segui. Ele andava de um lado para outro junto à pequena bancada.

— Ei — eu disse, colocando-me no caminho dele. Ele parou de andar e me olhou de cima. — Qual é o seu problema?

— Não me agrada ter vindo aqui.

Isso me magoou. Eu estremeci e os olhos dele se endureceram.

— Então lamento que tenha vindo — murmurei. — Por que não me diz de que precisa? Assim pode ir embora.

— Só tenho que lhe fazer algumas perguntas. Não vai demorar muito. Temos que voltar para o enterro.

— Tudo bem. Vamos acabar com isso, então. — Eu devia estar exagerando com o antagonismo, mas não queria que ele visse o quanto aquilo me magoava. Eu sabia que não estava sendo justa. Afinal, eu escolhera a sanguessuga em detrimento dele na noite anterior. Eu o magoara primeiro.

Ele respirou fundo e seus dedos trêmulos de repente ficaram imóveis. Seu rosto se suavizou numa máscara de serenidade.

— Um dos Cullen está aqui com você — declarou ele.

— Sim. Alice Cullen.

Ele assentiu, pensativo.

— Quanto tempo ela vai ficar?

— O tempo que ela quiser. — A beligerância ainda estava em minha voz. — É um convite em aberto.

— Você acha que poderia... por favor... explicar a ela sobre a outra... Victoria?

Eu empalideci.

— Já contei a ela sobre isso.

Ele assentiu.

— Precisa saber que só podemos vigiar nosso próprio território com uma Cullen aqui. Você só ficará segura em La Push. Não posso mais protegê-la aqui.

— Tudo bem — eu disse em voz baixa.

Ele desviou os olhos, fitando a janela dos fundos. Não disse mais nada.

— É só isso?

Ele respondeu com os olhos fixos na janela.

— Só mais uma coisa.

Eu esperei, mas Jacob não continuou.

— Sim? — incitei finalmente.

— Os outros vão voltar? — perguntou ele num tom frio e tranquilo. Lembrou-me das maneiras sempre calmas de Sam. Jacob estava ficando mais parecido com Sam... Perguntei-me por que isso me incomodava tanto.

Agora quem não disse nada fui eu. Ele olhou de novo para mim, perscrutando-me.

— E então? — perguntou. Jacob lutava para esconder a tensão por trás de sua expressão serena.

— Não. — Eu disse por fim. De má vontade. — Eles não vão voltar.

A expressão dele não mudou.

— Tudo bem. É só isso.

Olhei para ele, a irritação reacesa.

— Bom, pode ir correndo. Vá dizer a Sam que os monstros apavorantes não vão voltar para pegar vocês.

— Tudo bem — repetiu ele, ainda calmo.

Aquilo pareceu bastar. Jacob saiu rapidamente da cozinha. Esperei ouvir a porta da frente se abrir, mas nada. Eu podia ouvir o relógio acima do fogão e outra vez fiquei maravilhada com o quão silencioso ele podia ser.

Que desastre! Como pude perdê-lo tão completamente em tão pouco tempo?

Será que ele me perdoaria quando Alice fosse embora? E se não perdoasse?

Encostei-me na bancada e enterrei o rosto nas mãos. Como pudera criar essa confusão toda? Mas o que eu teria feito de diferente? Mesmo percebendo isso agora, eu não podia pensar numa maneira melhor, em nenhuma atitude melhor.

— Bella...? — perguntou Jacob numa voz trêmula.

Tirei o rosto das mãos ao ver Jacob hesitando na soleira da porta da cozinha; ele não fora embora, como eu havia pensado. Só quando vi as gotas claras cintilando em minhas mãos foi que percebi que estava chorando.

A expressão calma de Jacob se fora; sua face era angustiada e insegura. Ele voltou depressa e se colocou na minha frente, baixando a cabeça para que seus olhos ficassem na altura dos meus.

— Eu fiz de novo, não foi?

— Fez o quê? — perguntei, a voz rouca.

— Quebrei minha promessa. Desculpe.

— Tudo bem — murmurei. — Desta vez quem começou fui eu.

Seu rosto se retorceu.

— Eu sabia como você se sentia com relação a isso. Não devia ter me surpreendido em nada.

Eu podia ver a revolta em seus olhos. Eu queria explicar como Alice realmente era, defendê-la contra as críticas que ele fazia, mas algo me avisou que esse não era o momento oportuno.

— Desculpe — limitei-me a dizer de novo.

— Não vamos nos preocupar com isso, está bem? Ela só está de visita, não é? Ela vai embora e tudo voltará ao normal.

— Não posso ser amiga dos dois ao mesmo tempo? — perguntei, minha voz sem esconder nem um grama da mágoa que eu sentia.

Ele sacudiu a cabeça devagar.

— Não, acho que não pode.

Funguei e olhei seus pés grandes.

— Mas você vai esperar, não vai? Ainda será meu amigo, mesmo que eu também ame Alice?

Não olhei para seu rosto, com medo de ver o que ele achava desta última parte. Ele levou um minuto para responder, então eu provavelmente tivera razão em não olhar.

— É, sempre serei seu amigo — disse ele num tom ríspido. — Independentemente de quem você ame.

— Promete?

— Prometo.

Senti os braços dele me envolvendo e me encostei em seu peito, ainda fungando.

— Que situação chata.

— É. — Depois ele cheirou meu cabelo e disse: — Ai.

— O quê? — perguntei. Olhei para ele e vi que seu nariz estava franzido de novo. — Por que todo mundo fica fazendo isso comigo? Eu não estou fedendo!

Ele sorriu um pouco.

— Está sim... Está fedendo a eles. Eca. Tão doce... enjoativo de tão doce. E... gelado. Queima meu nariz.

— É mesmo? — Isso era estranho. Alice tinha um cheiro extraordinariamente maravilhoso. Para uma humana, pelo menos. — Mas, então, por que Alice também acha que estou fedendo?

Com esta, seu sorriso desapareceu.

— Arrã. Talvez eu não tenha um cheiro bom para ela também. Arrã.

— Bom, vocês dois têm um cheiro ótimo para mim. — Pousei a cabeça nele de novo. Eu ia sentir uma falta terrível de Jacob quando ele saísse. Era um beco sem saída desagradável. Por um lado, eu queria que Alice ficasse para sempre. Eu ia morrer, metaforicamente, quando ela me deixasse. Mas como poderia continuar vivendo sem ver Jake nem por um minuto que fosse? Que confusão, pensei de novo.

— Vou sentir sua falta — sussurrou Jacob, ecoando meus pensamentos. — A cada minuto. Espero que ela vá embora logo.

— Não precisa ser assim, Jake.

Ele suspirou.

— Sim, precisa, Bella. Você... a ama. Então é melhor que eu não esteja perto dela. Não sei se sou controlado o suficiente para lidar com isso. Sam ficaria louco se eu quebrasse o pacto e... — sua voz ficou sarcástica — você, provavelmente, não ia gostar muito se eu matasse sua amiga.

Afastei-me de Jacob quando ele disse isso, mas ele só estreitou os braços, recusando-se a me deixar escapar.

— Não tem sentido evitar a verdade. É assim que as coisas são, Bells.

— Eu não gosto do jeito como as coisas são.

Jacob libertou um braço para colocar a mão grande e castanha sob meu queixo e me fazer olhar para ele.

— É. Era mais fácil quando nós dois éramos humanos, não era?

Eu suspirei.

Ficamos nos olhando por um longo momento. A mão dele queimava em minha pele. Em meu rosto, eu sabia que não havia nada além de uma tristeza suplicante — eu não queria ter de dizer adeus agora, mesmo que por pouco tempo. No início seu rosto refletiu o meu, mas depois, como nenhum de nós desviava os olhos, sua expressão mudou.

Ele me soltou, erguendo a outra mão para passar a ponta dos dedos em meu rosto, descendo-os até meu queixo. Eu podia sentir seus dedos tremerem — desta vez, não de raiva. Ele colocou a palma em minha bochecha, para que meu rosto ficasse preso entre suas mãos ardentes.

— Bella — sussurrou ele.

Fiquei paralisada.

Não! Eu ainda não havia tomado essa decisão. Não sabia se podia fazer isso e agora estava sem tempo para pensar. Mas eu seria uma tola se pensasse que rejeitá-lo naquele momento não teria consequências.

Eu o fitava. Ele não era o meu Jacob, mas podia ser. Seu rosto era familiar e adorado. De muitas maneiras verdadeiras, eu o amava. Ele era meu conforto, meu porto seguro. Naquele exato momento, eu preferia que ele me pertencesse.

Alice havia voltado por um tempo, mas isso não mudara nada. O verdadeiro amor estava perdido para sempre. O príncipe nunca voltaria para me despertar de meu sono encantado com um beijo. Eu não era uma princesa, afinal. Então, o que dizia o protocolo dos contos de fadas sobre outros beijos? Do tipo comum, que não quebra feitiços?

Talvez fosse fácil — como segurar a mão dele ou ter seus braços me envolvendo. Talvez fosse ótimo. Talvez não fosse uma traição. Além disso, a quem eu estava traindo, aliás? Só a mim mesma.

Sem tirar os olhos dos meus, Jacob começou a inclinar a cabeça para mim. E eu ainda estava absolutamente indecisa.

O toque agudo do telefone nos fez pular, mas não interrompeu seu foco. Ele

tirou a mão de sob meu queixo e estendeu o braço para pegar o fone, mas ainda segurava meu rosto com firmeza, a mão em minha bochecha. Seus olhos escuros não deixavam os meus. Eu estava desnorteada demais para reagir, até para tirar proveito da distração.

— Residência dos Swan — disse Jacob, a voz rouca baixa e intensa.

Alguém respondeu e Jacob mudou num instante. Ele se endireitou e sua mão largou meu rosto. Os olhos ficaram apáticos, a face inexpressiva, e eu teria apostado o que restava de meu magro fundo da universidade como era Alice.

Recuperei-me e estendi a mão para o fone. Jacob me ignorou.

— Ele não está — disse Jacob, e as palavras eram ameaçadoras.

Houve uma resposta muito curta, um pedido por mais informações, ao que parecia, porque ele acrescentou, de má vontade:

— No enterro.

Depois Jacob desligou o telefone.

— Maldito sanguessuga — murmurou ele. O rosto que se voltou para mim era a máscara amargurada de novo.

— Você desligou na cara de quem? — eu disse, furiosa. — Na minha casa e no meu telefone?

— Calma! Ele é que desligou na minha cara!

— Ele? Quem era?!

Ele escarneceu do título.

— O Dr. Carlisle Cullen.

— Por que não me deixou falar com ele?!

— Ele não perguntou por você — disse Jacob com frieza. Seu rosto era suave e inexpressivo, mas as mãos tremiam. — Ele perguntou onde Charlie estava e eu respondi. Não acho que tenha quebrado alguma regra de etiqueta.

— Agora olhe aqui, Jacob Black...

Mas era óbvio que ele não estava ouvindo. Olhou rapidamente por sobre o ombro, como se alguém tivesse chamado seu nome de outro cômodo. Seus olhos se arregalaram e o corpo enrijeceu, depois ele começou a tremer. Procurei escutar também, automaticamente, mas nada ouvi.

— Tchau, Bells — cuspiu ele e disparou para a porta da frente.

Fui atrás dele.

— O que é?

Depois esbarrei em Jacob, enquanto ele se virava de volta, xingando em voz baixa. Ele girou de novo, chocando-se comigo de lado. Eu cambaleei e caí no chão, minhas pernas enroscadas nas dele.

— Mas que droga! — protestei enquanto ele libertava as pernas às pressas, uma de cada vez.

Lutei para me levantar enquanto ele disparava para a porta dos fundos; de repente ele ficou paralisado de novo.

Alice estava imóvel ao pé da escada.

— Bella — engasgou-se.

Levantei-me vacilante e corri para o lado dela. Seus olhos eram aturdidos e distantes, a face contorcida e mais branca do que osso. Seu corpo magro tremia com um turbilhão íntimo.

— Alice, qual é o problema? — gritei. Coloquei as mãos em seu rosto, tentando acalmá-la.

Seus olhos focalizaram os meus abruptamente, arregalados de dor.

— Edward — foi só o que ela sussurrou.

Meu corpo reagiu mais rápido do que minha mente podia acompanhar com as implicações da resposta de Alice. De início não entendi por que a sala girava, nem de onde vinha o rugido oco em meus ouvidos. Minha mente se esforçava, incapaz de encontrar sentido no rosto triste de Alice e em como aquilo podia ter alguma relação com Edward, enquanto meu corpo já oscilava, buscando o alívio do inconsciente antes que a realidade pudesse me atingir.

A escada entortou num ângulo estranho.

A voz furiosa de Jacob de repente estava em meu ouvido, sibilando um jorro de blasfêmias. Senti uma vaga reprovação. Os novos amigos dele claramente eram má influência.

Eu estava no sofá sem entender como conseguira chegar lá e Jacob ainda xingava. Parecia que havia um terremoto — o sofá tremia debaixo de mim.

— O que você fez com ela? — perguntou ele.

Alice o ignorou.

— Bella? Bella, pare com isso. Precisamos correr.

— Fique longe daqui — alertou Jacob.

— Calma, Jacob Black — ordenou Alice. — Não vai querer fazer isso tão perto dela.

— Não acho que terei problemas para manter o foco — retorquiu ele, mas sua voz parecia um pouco mais fria.

— Alice? — Minha voz era fraca. — O que houve? — perguntei, embora não quisesse ouvir.

— Não sei — gemeu ela de repente. — O que ele está pensando?!

Lutei para me levantar, apesar da vertigem. Percebi que era o braço de Jacob que agarrara para me equilibrar. Era ele que tremia, não o sofá.

Alice pegava um pequeno celular prateado na bolsa quando meus olhos voltaram a focalizá-la. Seus dedos discaram os números tão rápido que foi como um borrão.

— Rose, preciso falar com Carlisle agora. — Sua voz cuspia rápido as palavras. — Tudo bem, assim que ele voltar. Não, estarei num avião. Olhe, soube alguma notícia de Edward?

Alice fez uma pausa, ouvindo com uma expressão que ficava mais horrorizada a cada segundo. Sua boca se abriu num pequeno "O" de pavor e o telefone tremeu em sua mão.

— Por quê? — ofegou ela. — Por que você fez isso, Rosalie?

Qualquer que tenha sido a resposta, fez seu queixo endurecer de raiva. Seus olhos faiscaram e se estreitaram.

— Bom, mas você está errada nos dois sentidos, Rosalie, então isso é um problema, não acha? — perguntou ela com acidez. — Sim, ela está bem. Ela está absolutamente bem... Eu estava errada... É uma longa história... Mas você errou nessa parte também e é por isso que estou ligando... Sim, foi exatamente o que eu vi.

A voz de Alice era muito dura e seus lábios estavam repuxados.

— É meio tarde para isso agora, Rose. Poupe seu remorso para alguém que acredite nele. — Alice desligou o telefone com um giro rápido dos dedos.

Seus olhos estavam torturados quando ela se virou para mim.

— Alice — eu disse logo. Ainda não podia deixá-la falar. Eu precisava de mais alguns segundos antes que ela falasse e suas palavras destruíssem o que restava de minha vida. — Alice, Carlisle voltou. Ele ligou antes...

Ela me olhou, confusa.

— Há quanto tempo? — perguntou numa voz seca.

— Meio minuto antes de você aparecer.

— O que ele disse? — Ela agora estava concentrada, esperando por minha resposta.

— Eu não falei com ele. — Meus olhos voltaram-se para Jacob.

Alice virou seu olhar penetrante para ele. Ele se encolheu, mas sustentou sua posição a meu lado. Jacob se sentou, desajeitado, quase como se estivesse tentando me proteger com o corpo.

— Ele perguntou por Charlie e eu disse que Charlie não estava aqui — murmurou Jacob, com ressentimento.

— Só isso? — perguntou Alice, a voz como gelo.

— Depois ele desligou na minha cara — cuspiu Jacob. Um tremor desceu por sua coluna, fazendo-me tremer com ele.

— Você disse que Charlie estava no enterro — lembrei a ele.

Alice virou a cabeça rapidamente para mim.

— Quais foram suas palavras exatas?

— Ele disse: "Ele não está", e quando Carlisle perguntou onde Charlie estava, Jacob respondeu: "No enterro."

Alice gemeu e caiu de joelhos.

— Me diga, Alice — sussurrei.

— Não era Carlisle no telefone — disse ela de um jeito desamparado.

— Está me chamando de mentiroso? — rosnou Jacob ao meu lado.

Alice o ignorou, concentrando-se em meu rosto perplexo.

— Era Edward. — As palavras eram só um sussurro sufocado. — Ele acha que você está morta.

Minha cabeça começou a funcionar de novo. As palavras não eram as que eu temia e o alívio clareou minha mente.

— Rosalie disse a ele que eu me matei, não foi? — eu disse, suspirando enquanto relaxava.

— Sim — admitiu Alice, os olhos faiscando severos de novo. — Preciso ressaltar que ela acreditava nisso. Eles confiaram demais na minha visão, numa habilidade que é tão imperfeita. Mas ela o localizou para contar isso a ele! Será que ela não percebeu... nem se importou...? — Sua voz sumiu de horror.

— E quando Edward ligou para cá, pensou que Jacob estivesse se referindo ao meu enterro — percebi. Doeu saber o quanto eu estivera perto, só a centímetros de sua voz. Cravei minhas unhas no braço de Jacob, mas ele nem pestanejou.

Alice olhou de um jeito estranho para mim.

— Você não está perturbada — sussurrou ela.

— Bom, o momento é horrível, mas tudo isso pode ser consertado. Da próxima vez que ele ligar, alguém dirá a ele... o que... na verdade... — eu parei. Seu olhar estrangulou as palavras em minha garganta.

Por que ela estava em tal pânico? Por que seu rosto se retorcia agora de piedade e pavor? O que foi que ela dissera a Rosalie ao telefone agora mesmo? Alguma coisa sobre ela ter visto... E o remorso de Rosalie; Rosalie nunca sentiria remorso por nada que acontecesse comigo. Mas se ela magoasse a família, se magoasse o irmão...

— Bella — sussurrou Alice. — Edward não vai ligar de novo. Ele acreditou nela.

— Eu. Não. Entendo. — Minha boca compôs cada palavra em silêncio. Eu não conseguia colocar o ar para fora e realmente pronunciar as palavras que a fariam explicar o que queria dizer.

— Ele foi para a Itália.

Levei uma batida do coração para entender.

Quando a voz de Edward me voltou agora, não era a imitação perfeita de minhas ilusões. Era só o tom fraco e apático de minhas lembranças. Mas as palavras, sozinhas, foram suficientes para despedaçar meu peito e deixar o buraco aberto. Palavras de uma época em que eu teria apostado tudo o que tivesse ou conseguisse no fato de que ele me amava.

Bem, eu não ia viver sem você, dissera ele enquanto víamos Romeu e Julieta morrendo, aqui, nesta mesma sala. Mas não tinha certeza de como fazer... Eu sabia que Emmett e Jasper não me ajudariam... Então pensei em talvez ir à Itália e fazer algo para provocar os Volturi... Não se deve irritar os Volturi. A não ser que se queira morrer...

A não ser que se queira morrer.

— NÃO! — A negação aos gritos foi tão alta depois das palavras sussurradas que todos nós pulamos. Senti o sangue disparar para meu rosto ao perceber o que ela vira. — Não! Não, não, não! Ele não pode! Não pode fazer isso!

— Ele se decidiu assim que seu amigo confirmou que era tarde demais para salvar você.

— Mas ele... Ele foi embora! Ele não me queria mais! Que diferença isso faz

agora? Ele sabia que um dia eu ia morrer!

— Não acho que ele tenha planejado viver muito tempo após sua morte — disse Alice em voz baixa.

— Como ele se atreve! — gritei. Agora eu estava de pé, e Jacob se levantou inseguro para se colocar entre mim e Alice de novo.

— Ah, saia da minha frente, Jacob! — Abri caminho a cotoveladas por seu corpo trêmulo com uma impaciência desesperada. — O que vamos fazer? — perguntei a Alice. Deveria haver alguma coisa. — Não podemos ligar para ele? Carlisle não pode?

Ela sacudia a cabeça.

— Esta foi a primeira coisa que tentei. Ele largou o telefone numa lata de lixo no Rio de Janeiro... Alguém atendeu... — ela sussurrou.

— Você antes disse que tínhamos que correr. Correr como? Vamos fazer logo, seja lá o que for!

— Bella, eu... eu não acho que possa pedir a você para... — Ela parou de falar, indecisa.

— Peça! — exigi.

Ela pôs as mãos em meus ombros, segurando-me, os dedos flexionando-se a intervalos para destacar suas palavras.

— Pode ser tarde demais para nós. Eu o vi indo aos Volturi... e pedindo para morrer. — Nós duas nos encolhemos, e meus olhos de repente ficaram cegos. Pisquei febrilmente para as lágrimas. — Tudo depende do que eles decidirem. Não consigo ver nada até que eles tomem uma decisão. Mas se eles disserem "Não", e eles podem fazer isso... Aro gosta de Carlisle e não vão querer ofendê-lo... Edward tem um plano B. Eles protegem muito a cidade deles. Se Edward fizer algo para perturbar a paz, ele acha que vão tentar impedi-lo. E tem razão. Eles vão mesmo.

Encarei-a com o queixo cerrado de frustração. Eu ainda não ouvira nada que explicasse por que ainda estávamos paradas ali.

— Assim, se eles concordarem em fazer esse favor a Edward, já é tarde demais para nós. Se eles disserem "Não" e ele pensar num plano para irritá-los rapidamente, será tarde demais para nós. Se ele ceder a suas tendências mais teatrais... Talvez tenhamos tempo.

— Vamos!

— Preste atenção, Bella! Quer tenhamos tempo ou não, estaremos no meio da cidade dos Volturi. Seremos consideradas cúmplices dele se ele for bem-sucedido. Você será uma humana que não só sabe demais, mas que também tem um cheiro bom demais. Há uma boa possibilidade de que eles eliminem todos nós... Bem, no seu caso, não será tanto uma punição, mas o jantar.

— É isso que está nos prendendo aqui? — perguntei, incrédula. — Eu vou sozinha, se você estiver com medo. — Calculei mentalmente quanto dinheiro restava em minha conta e me perguntei se Alice me emprestaria o restante.

— Só tenho medo de provocar sua morte.

Eu bufei de asco.

— Eu quase me matei diariamente! Me diga o que precisamos fazer!

— Escreva um bilhete para Charlie. Vou ligar para a companhia aérea.

— Charlie — ofeguei.

Não que minha presença o estivesse protegendo, mas eu poderia deixá-lo sozinho para enfrentar...

— Não vou deixar que nada aconteça a Charlie — a voz grave de Jacob era ríspida e irritada. — O pacto que se dane.

Olhei para ele, que fez uma cara feia para minha expressão de pânico.

— Rápido, Bella — interrompeu Alice com urgência.

Corri até a cozinha, puxando as gavetas e atirando o conteúdo pelo chão ao procurar uma caneta. Uma mão morena e macia estendia uma para mim.

— Obrigada — murmurei, tirando a tampa com os dentes. Ele me passou em silêncio um bloco de papel onde anotávamos os recados telefônicos. Arranquei a folha de cima e atirei o bloco por sobre o ombro.

Pai, escrevi. Estou com Alice. Edward está com problemas. Pode me colocar de castigo quando eu voltar. Sei que é uma péssima hora. Me perdoe. Te amo muito. Bella.

— Não vá — sussurrou Jacob. A raiva desaparecera completamente, agora que Alice estava fora de vista.

Eu não ia perder tempo discutindo com ele.

— Por favor, por favor, por favor, cuide de Charlie — eu disse enquanto voltava às pressas para a porta da frente. Alice esperava na soleira com uma bolsa no ombro.

— Pegue sua carteira... Vai precisar da identidade. Por favor, me diga que

tem passaporte. Não tenho tempo para falsificar um.

Eu assenti e corri escada acima, meus joelhos fracos de gratidão por minha mãe ter pensado em se casar com Phil numa praia do México. É claro que, como todos os planos que ela fazia, esse fora um completo fracasso. Mas não antes de eu fazer todos os preparativos práticos que podia por ela.

Entrei em meu quarto. Enfiei na mochila minha carteira velha, uma camiseta limpa e moletons, depois atirei minha escova de dente por cima. Corri de volta pela escada. A sensação de déjà vu a essa altura era quase sufocante. Pelo menos, ao contrário da última vez — quando fugi de Forks para escapar de vampiros sedentos ao invés de encontrá-los —, eu não tive de dizer adeus a Charlie pessoalmente.

Jacob e Alice estavam presos em algum tipo de confronto diante da porta aberta, tão separados ali que a princípio não se pensaria que estavam conversando. Nenhum dos dois pareceu perceber meu reaparecimento ruidoso.

— Você pode se controlar de vez em quando, mas esses sanguessugas de onde a está levando... — Jacob a acusava furiosamente.

— Sim. Tem razão, cachorro. — Alice também rosnava. — Os Volturi são a essência de nossa espécie... São o motivo para seus pelos se eriçarem quando você sente meu cheiro. Eles são a substância de seus pesadelos, o pavor por trás de seus instintos. Não estou alheia a isso.

— E vai levá-la para eles como uma garrafa de vinho a uma festa! — gritou ele.

— Acha que ela vai ficar melhor aqui sozinha, com Victoria em seu encalço?

— Podemos cuidar da ruiva.

— Então por que ela ainda está caçando?

Jacob rosnou e um tremor percorreu seu corpo.

— Parem com isso! — gritei para os dois, louca de impaciência. — Discutam quando voltarmos, agora vamos!

Alice virou-se para o carro, desaparecendo em sua pressa. Eu corri atrás dela, parando automaticamente para me virar e olhar a porta.

Jacob pegou meu braço com a mão trêmula.

— Por favor, Bella. Estou pedindo.

Seus olhos escuros cintilavam de lágrimas. Um nó tomou minha garganta.

— Jake, eu tenho que...

— Não tem, não. Não tem mesmo. Pode ficar aqui comigo. Pode ficar viva. Por Charlie. Por mim.

O motor do Mercedes de Carlisle ronronava; o ritmo aumentou quando Alice o acelerou com impaciência.

Sacudi a cabeça, as lágrimas caindo de meus olhos com o movimento súbito. Soltei meu braço e ele não me impediu.

— Não morra, Bella — ele disse, engasgado. — Não vá. Não.

E se eu nunca mais o visse?

A ideia venceu minhas lágrimas silenciosas; um choro irrompeu de meu peito. Atirei os braços em sua cintura e o abracei por um momento curto demais, enterrando a cara molhada de lágrimas em seu peito. Ele pôs a mão em minha nuca, como que para me prender ali.

— Tchau, Jake. — Tirei sua mão de meu cabelo e beijei a palma. Não suportava olhar seu rosto. — Desculpe — sussurrei.

Depois me virei e corri para o carro. A porta do banco do carona estava aberta à espera. Atirei minha mochila por sobre o apoio de cabeça e entrei, batendo a porta.

— Cuide de Charlie! — Eu me virei para gritar para o vento, mas Jacob não estava mais à vista. Enquanto Alice pisava no acelerador e, com os pneus cantando feito gritos humanos, manobrava o carro na rua, vi um fragmento branco junto à margem do bosque. Um pedaço de sapato.

19. CORRIDA

CHEGAMOS A NOSSO VOO COM SEGUNDOS DE FOLGA, e então a tortura começou. O avião permaneceu na pista enquanto as comissárias de bordo andavam — com muita despreocupação — de um lado a outro do corredor, dando tapinhas nas malas no compartimento no alto para se assegurar de que estava tudo ajustado. Os pilotos inclinaram-se para fora da cabine, conversando com elas quando passaram. A mão de Alice era dura em meu ombro, segurando-me em meu lugar enquanto eu quicava ansiosa na poltrona.

— É mais rápido do que correr — lembrou-me ela numa voz baixa.

Eu só assenti no ritmo de meu balanço.

Enfim o avião saiu preguiçosamente do portão, ganhando velocidade com uma constância gradual que me torturou ainda mais. Eu esperava algum tipo de alívio quando chegamos à decolagem, mas minha impaciência frenética não se atenuou.

Alice ergueu o telefone nas costas da poltrona da frente antes que teminássemos de subir, dando as costas para as comissárias que a olhavam com reprovação. Algo na expressão dela impediu que as comissárias de bordo viessem protestar.

Tentei não sintonizar no que Alice murmurava com Jasper; eu não queria ouvir as palavras de novo, mas parte delas escapou.

— Não tenho certeza, eu continuo vendo-o fazer coisas diferentes, ele fica mudando de ideia... Uma matança pela cidade, atacando a guarda. Levantando um carro no alto na praça principal... Principalmente atitudes que os exporiam... Ele conhece a forma mais rápida de forçar uma reação... Não, você não pode. — A voz de Alice diminuiu até que ficou quase inaudível, embora eu estivesse sentada a centímetros dela. Ao contrário, eu me esforcei mais para ouvir. — Diga a Emmett que não... Bom, vá atrás de Emmett e de Rosalie e traga-os de volta... Pense nisso, Jasper. Se ele vir qualquer um de nós, o que acha que vai fazer?

Ela assentiu.

— Exatamente. Acho que Bella é a única chance... Se houver uma chance...

Vou fazer tudo o que puder, mas prepare Carlisle; as probabilidades não são boas.

Ela então riu e houve um embaraço na voz dela.

— Pensei nisso... Sim, prometo. — Sua voz ficou suplicante. — Não venha atrás de mim. Eu prometo, Jasper. De uma forma ou de outra, vou sair... E eu te amo.

Ela desligou, recostando-se na poltrona de olhos fechados.

— Odeio mentir para ele.

— Me diga uma coisa, Alice — pedi. — Eu não entendi. Por que você disse a Jasper para impedir Emmett, por que eles não podem nos ajudar?

— Por dois motivos — sussurrou ela de olhos ainda fechados. — O primeiro eu disse a ele. Nós poderíamos impedir Edward sozinhos... Se Emmett conseguisse pôr as mãos nele, poderíamos detê-lo por tempo suficiente para convencê-lo de que você está viva. Mas não podemos nos aproximar sorrateiramente de Edward. E se ele pressentir nossa aproximação, vai agir muito mais rápido. Vai atirar um Buick num muro ou coisa assim, e os Volturi o pegarão. E, então, vem o segundo motivo, o motivo que não pude dizer a Jasper. Porque, se eles estiverem lá, e os Volturi matarem Edward, eles vão lutar, Bella.

Ela abriu os olhos e me fitou, suplicante.

— Se houvesse alguma possibilidade de vencermos... Se houvesse um modo de um de nós quatro salvar meu irmão lutando junto com ele, talvez fosse diferente. Mas não podemos, e, Bella, eu não posso perder Jasper desse jeito.

Percebi por que seus olhos suplicavam por minha compreensão. Ela estava protegendo Jasper, a nossa custa e talvez à custa de Edward também. Eu entendi e não pensei mal dela. Assenti.

— Mas Edward não poderia ouvir você? — perguntei. — Ele não saberia, assim que ouvisse seus pensamentos, que eu estava viva, que não havia sentido nenhum nisso?

Não que existisse alguma justificativa, de um modo ou de outro. Eu ainda não conseguia acreditar que ele era capaz de reagir desse jeito. Não fazia sentido! Lembrei-me da clareza dolorosa de suas palavras naquele dia no sofá, enquanto víamos Romeu e Julieta se matarem, um depois do outro. Eu não ia viver sem você, disse-me, como se fosse uma conclusão óbvia. Mas as palavras que ele dissera no bosque, quando me deixou, anularam todas as outras — à força.

— Se ele estivesse ouvindo — explicou ela. — Mas, você pode não acreditar, é

possível mentir com os pensamentos. Se você tivesse morrido, eu ainda tentaria detê-lo. E estaria pensando "Ela está viva, ela está viva" com a maior intensidade que pudesse. Ele sabe disso.

Cerrei os dentes numa frustração muda.

— Se houvesse alguma maneira de fazer isso sem você, Bella, eu não a colocaria assim em perigo. É muito errado de minha parte.

— Não seja idiota. Sou a última coisa com que deve se preocupar. — Sacudi a cabeça com impaciência. — Me explique o que você quis dizer quando falou em odiar mentir para Jasper.

Ela deu um sorriso melancólico.

— Eu prometi a ele que sairia de lá antes que eles me matassem também. Não é algo que eu possa garantir... de maneira nenhuma. — Ela ergueu as sobrancelhas, como se me incitasse a levar o perigo mais a sério.

— Quem são esses Volturi? — perguntei num sussurro. — O que os torna muito mais perigosos do que Emmett, Jasper, Rosalie e você? — Era difícil imaginar algo mais assustador do que isso.

Ela respirou fundo, depois de repente lançou um olhar sombrio por sobre meu ombro. Virei-me a tempo de ver o homem na poltrona do corredor desviando os olhos como se não estivesse nos ouvindo. Parecia um executivo, num terno escuro com uma gravata de cor elétrica e um laptop nos joelhos. Enquanto eu o olhava irritada, ele abriu o computador e muito disfarçadamente colocou os fones de ouvido.

Inclinei-me para mais perto de Alice. Seus lábios estavam em minha orelha quando ela sussurrou a história.

— Fiquei surpresa de você reconhecer o nome — disse ela. — Que você entendesse tão de imediato o que eu quis dizer... Quando falei que ele ia para a Itália. Pensei que eu tivesse de explicar. Até que ponto Edward contou a você?

— Ele só disse que era uma família antiga e poderosa... Como a realeza. Que não se criariam problemas com eles a não ser que se quisesse... morrer — sussurrei. A última palavra foi difícil de pronunciar.

— Você precisa entender — disse ela, a voz mais lenta, mais estudada agora. — Nós, os Cullen, somos singulares de muitas maneiras, além das que você conhece. É... anormal que tantos de nós vivam juntos em paz. O mesmo acontece com a família de Tanya, no norte, e Carlisle especula que a abstinência torna mais

fácil sermos civilizados, formar vínculos baseados no amor e não na sobrevivência ou na conveniência. Até o pequeno bando de James, com apenas três, era incomumente grande... E você viu com que facilidade Laurent os deixou. Nossa espécie viaja sozinha, ou em duplas, em geral. A família de Carlisle é a maior que existe, pelo que sei, com uma exceção. Os Volturi. Eles eram originalmente três: Aro, Caius e Marcus.

— Eu os vi — murmurei. — No quadro no estúdio de Carlisle.

Alice assentiu.

— Duas mulheres se juntaram a eles com o passar do tempo, e os cinco formam uma família. Não sei bem, mas desconfio de que é a idade deles que lhes permite a vida em paz juntos. Eles têm bem mais de 3.000 anos. Ou talvez seus dons confiram uma tolerância a mais. Como Edward e eu, Aro e Marcus são... talentosos.

Ela continuou antes que eu pudesse perguntar.

— Ou talvez eles sejam unidos pelo amor que têm pelo poder. A realeza é uma descrição adequada.

— Mas se eles são só cinco...

— Cinco que formam uma família — corrigiu ela. — Isso não inclui a guarda deles.

Respirei fundo.

— Isso parece... importante.

— Ah, e é mesmo — garantiu-me ela. — Havia nove membros permanentes da guarda, da última vez que eu soube. Outros são mais... transitórios. Muda muito. E muitos também são dotados... de poderes formidáveis, perto dos quais o que fazemos parece truque de mágico. Os Volturi os escolhem por suas habilidades, físicas ou outras.

Abri a boca, depois a fechei. Acho que não queria saber que as chances eram tão ruins.

Ela assentiu de novo, como se entendesse exatamente o que eu estava pensando.

— Eles não são confrontados muitas vezes. Ninguém é idiota para criar caso com eles. Ficam em sua cidade, saindo só para os chamados do dever.

— Dever? — perguntei.

— Edward não lhe contou o que eles fazem?

— Não — eu disse, sentindo a expressão perplexa em meu rosto.

Alice olhou por sobre minha cabeça de novo, para o executivo, e encostou os lábios gelados em minha orelha.

— Há um motivo para que ele os tenha chamado de realeza... A classe governante. Com o passar dos milênios, eles assumiram o encargo do cumprimento de nossas regras... O que pode ser traduzido como castigar os transgressores. E eles cumprem esse dever até o fim.

Meus olhos saltaram, arregalados de choque.

— Existem regras? — perguntei numa voz que saiu alta demais.

— Shhh!

— Não deveriam ter falado disso comigo antes? — cochichei com raiva. — Quer dizer, eu queria ser uma... uma de vocês! Não deveriam ter me explicado as regras?

Alice riu de minha reação.

— Não é assim tão complicado, Bella. Só há uma restrição essencial... E, se você pensar bem, pode deduzir isso sozinha.

Eu pensei no assunto.

— Não, não faço ideia.

Ela sacudiu a cabeça, decepcionada.

— Talvez seja óbvia demais. Temos que manter nossa existência em segredo.

— Ah — murmurei. Era mesmo óbvia.

— Faz sentido, e a maioria de nós não precisa ser policiada — continuou ela. — Mas, depois de alguns séculos, às vezes alguém fica entediado. Ou louco. Não sei. E então os Volturi interferem antes que isso possa comprometê-los ou ao restante de nós.

— Então Edward...

— Pretende desconsiderar isso na cidade deles... A cidade que eles mantêm secretamente há três mil anos, desde a época dos etruscos. Eles protegem tanto sua cidade que não permitem que cacem dentro de seus muros. Volterra deve ser a cidade mais segura do mundo... Pelo menos de ataque de vampiros.

— Mas você disse que eles não saem. Como eles comem?

— Eles não saem. Buscam a comida deles fora, às vezes muito longe. Isso dá a sua guarda algo para fazer, quando não estão aniquilando dissidentes fora dali. Ou protegendo Volterra da exposição...

— De situações como esta, como Edward — concluí a frase por ela. Agora era incrivelmente fácil dizer o nome dele. Eu não tinha certeza de qual seria a diferença. Talvez porque eu não pretendesse na realidade viver muito mais tempo sem vê-lo. Ou apenas viver, se chegássemos tarde demais. Era reconfortante saber que eu tinha uma saída fácil.

— Duvido de que eles tenham visto uma situação dessas — murmurou ela, revoltada. — Não se conhecem muitos vampiros suicidas.

O som que escapou de minha boca era muito baixo, mas Alice pareceu entender que era um grito de dor. Ela passou o braço magro e forte por meus ombros.

— Vamos fazer o que for possível, Bella. Ainda não acabou.

— Ainda não. — Deixei que ela me reconfortasse, embora soubesse que ela considerava pequenas as nossas chances. — E os Volturi vão nos pegar se fizermos besteira.

Alice se enrijeceu.

— Você diz isso como se fosse algo bom.

Eu dei de ombros.

— Pare com isso, Bella, ou vamos descer em Nova York e voltar para Forks.

— O quê?

— Você sabe. Se chegarmos atrasadas a Edward, eu vou fazer o máximo possível para levá-la de volta a Charlie, e não quero nenhum problema vindo de você. Entendeu isso?

— Claro, Alice.

Ela recuou um pouco para me olhar.

— Sem problemas.

— Palavra de escoteiro — murmurei.

Ela revirou os olhos.

— Agora preciso me concentrar. Estou tentando ver o que ele está planejando.

Ela manteve o braço à minha volta, mas deixou a cabeça tombar no banco e fechou os olhos. Comprimiu a mão livre na face, esfregando a ponta dos dedos na têmpora.

Eu a observei, fascinada, por um bom tempo. Por fim, ela ficou completamente imóvel, seu rosto como uma escultura de pedra. Os minutos se passaram, e, se não a conhecesse bem, pensaria que estava dormindo. Não me

atrevi a interrompê-la para perguntar o que estava havendo.

Eu queria ter algo seguro em que pensar. Não podia me permitir considerar os horrores para onde estávamos indo ou, mais pavoroso ainda, a possibilidade de fracassarmos — não se eu quisesse reprimir um grito.

Eu não podia esperar nada também. Talvez, se tivéssemos muita, muita, mas muita sorte mesmo, talvez eu fosse capaz de salvar Edward de algum modo. Mas eu não era idiota a ponto de pensar que salvá-lo significaria que ficaria com ele. Eu não estava diferente, não era mais especial do que antes. Não haveria nenhum novo motivo para ele me querer agora. Vê-lo e perdê-lo de novo...

Lutei contra a dor. Esse era o preço que eu tinha de pagar por salvar a vida dele. E eu pagaria.

Exibiram um filme no avião e meu vizinho colocou os fones de ouvido. Às vezes eu via as figuras se mexerem na pequena tela, mas não conseguia sequer dizer se o filme era romântico ou de terror.

Depois de uma eternidade, o avião começou a descer em Nova York. Alice continuava em seu transe. Eu estremeci, estendendo a mão para tocá-la, mas puxei de volta. Isso aconteceu uma dezena de vezes antes de o avião tocar a cidade com um impacto vibrante.

— Alice — eu disse por fim. — Alice, temos que ir.

Toquei seu braço.

Seus olhos se abriram muito devagar. Ela sacudiu a cabeça por um momento.

— Alguma novidade? — perguntei em voz baixa, consciente do homem ouvindo do outro lado.

— Não exatamente — sussurrou ela numa voz que eu mal pude entender. — Ele está se aproximando. Está decidindo como vai pedir.

Tivemos de correr para pegar nossa conexão, mas isso foi bom — melhor do que ter de esperar. Assim que o avião ganhou o ar, Alice fechou os olhos e deslizou para o mesmo estupor de antes. Esperei com a maior paciência que pude. Quando ficou escuro de novo, levantei a cobertura da janela para olhar para fora, para a completa escuridão que não era melhor do que a o vidro coberto.

Fiquei grata por ter tantos meses de prática no controle de meus pensamentos. Em vez de insistir nas possibilidades terríveis de que, independentemente do que Alice dissesse, eu não sobreviveria, concentrei-me nos problemas menores. Por exemplo, o que eu ia dizer a Charlie se voltasse? Esse era um problema espinhoso

que me ocuparia várias horas. E Jacob? Ele prometera esperar por mim. Mas a promessa ainda seria válida? Eu terminaria em casa sozinha em Forks, sem ninguém? Talvez eu não quisesse sobreviver, acontecesse o que acontecesse.

Pareciam ter se passado segundos quando Alice sacudiu meu ombro — eu não tinha percebido que dormira.

— Bella — sibilou ela, a voz um pouco alta demais na cabine escura, cheia de humanos adormecidos.

Eu não estava desorientada — não tinha desligado por tempo suficiente para isso.

— Qual o problema?

Os olhos de Alice cintilaram na luz fraca da lâmpada de leitura na fila atrás da nossa.

— Não é problema. — Ela sorriu. — É bom. Eles estão deliberando, mas decidiram lhe dizer "Não".

— Os Volturi? — murmurei, grogue.

— Claro, Bella, acorde. Posso ver o que eles vão dizer.

— Me conte.

Um comissário de bordo chegou na ponta dos pés pelo corredor.

— Posso trazer um travesseiro para as senhoritas? — Seu sussurro era uma repreensão a nossa conversa comparativamente alta.

— Não, obrigada. — Alice abriu um sorriso radiante para ele, um sorriso escandalosamente encantador. A expressão do comissário era perplexa enquanto ele se virava e cambaleava de volta.

— Me conte — sussurrei quase em silêncio.

Ela cochichou em meu ouvido.

— Eles estão interessados nele... Acham que seu talento pode ser útil. Vão oferecer um lugar com eles.

— O que ele vai dizer?

— Ainda não posso ver, mas aposto que será em cores. — Ela sorriu de novo. — Esta é a primeira notícia boa... A primeira pausa. Eles estão intrigados; na verdade, não querem destruí-lo... "Desperdício", foi a palavra que Aro usou... E isso pode ser o bastante para obrigá-lo a ser criativo. Quanto mais tempo ele passar com seus planos, melhor para nós.

Não foi o suficiente para me dar esperanças, para provocar em mim o alívio

que ela sentia. Ainda havia muitas maneiras de nos atrasarmos. E se eu não conseguisse passar pelos muros da cidade dos Volturi, se eu não conseguisse impedir Alice de me arrastar de volta para casa?

— Alice?

— Sim?

— Estou confusa. Como você vê isso com tanta clareza? E nas outras vezes, você viu coisas distantes... Coisas que não aconteceram?

Seus olhos endureceram. Perguntei-me se ela adivinhava o que eu estava pensando.

— Está claro porque é imediato e próximo, e eu estou realmente me concentrando. As coisas distantes que chegam sozinhas... estas são só vislumbres, possibilidades fracas. Além disso, vejo minha espécie com mais facilidade do que a sua. Edward é ainda mais fácil porque estou sintonizada com ele.

— Às vezes você me vê — lembrei a ela.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não com tanta clareza.

Suspirei.

— Queria muito que você pudesse estar certa a meu respeito. No começo, quando você viu coisas sobre mim, antes até de nos conhecermos...

— O que quer dizer?

— Você me viu como uma de vocês. — Eu mal sussurrei as palavras.

Ela suspirou.

— Na época, era uma possibilidade.

— Na época — repeti.

— Na verdade, Bella... — Ela hesitou, depois pareceu tomar uma decisão. — Sinceramente, acho que tudo isso está além do ridículo. Estou considerando se eu mesma transformo você.

Eu a fitei, paralisada de choque. De imediato, minha mente resistiu às palavras dela. Eu não poderia suportar esse tipo de esperança se ela mudasse de ideia.

— Assustei você? — perguntou ela. — Pensei que fosse o que você queria.

— Eu quero! — arfei. — Ah, Alice, faça isso agora! Posso ajudar tanto você... E eu não seria mais tão lenta. Me morda!

— Shhhh — alertou ela. O comissário olhava para nós novamente. — Procure

ser razoável — sussurrou. — Não temos tempo para isso. Temos que chegar a Volterra amanhã. Você vai ficar se retorcendo de dor durante dias. — Ela fez uma careta. — E não acho que os outros passageiros vão reagir bem.

Mordi meu lábio.

— Se você não fizer isso agora, vai mudar de ideia.

— Não. — Ela franziu o cenho, a expressão infeliz. — Não acho que vá. Ele vai ficar furioso, mas o que poderá fazer?

Meu coração bateu mais rápido.

— Absolutamente nada.

Ela riu baixinho, depois suspirou.

— Você tem muita confiança em mim, Bella. Não sei bem o que eu posso fazer. É provável que eu acabe matando você.

— Eu arrisco.

— Você é tão estranha, até para uma humana.

— Obrigada.

— Ah, mas a essa altura isso é puramente hipotético, de qualquer modo. Primeiro temos que sobreviver ao dia de amanhã.

— Bom argumento. — Pelo menos eu tinha motivos para ter esperança, se conseguíssemos. Se Alice cumprisse sua promessa, e se ela não me matasse, Edward poderia correr atrás das distrações que quisesse, e eu o seguiria. Eu não o deixaria se distrair. Talvez, quando eu fosse linda e forte, ele não quisesse mais distrações.

— Volte a dormir — estimulou-me ela. — Vou acordá-la quando houver alguma novidade.

— Tudo bem — grunhi, certa de que agora o sono era uma causa perdida.

Alice pôs as pernas na poltrona, passando os braços por elas e encostando a testa nos joelhos. Ela se balançava para se concentrar.

Eu pousei minha cabeça na poltrona, observando-a, e em seguida só o que vi foi ela fechando a cortina para obstruir o brilho fraco do céu, a leste.

— O que está acontecendo? — murmurei.

— Eles disseram "Não" — disse ela rapidamente.

Percebi de imediato que seu entusiasmo se fora.

Minha voz ficou presa na garganta, de pânico.

— O que ele vai fazer?

— No começo, foi caótico. Só peguei vislumbres, ele estava mudando de planos com muita rapidez.

— Que tipo de planos? — pressionei.

— Houve uma hora ruim — sussurrou ela. — Ele decidiu sair para caçar.

Ela me olhou, vendo a incompreensão em meu rosto.

— Na cidade — explicou ela. — Chegou muito perto. Mudou de ideia no último minuto.

— Ele não ia querer decepcionar Carlisle — murmurei. — Não no fim.

— É provável — concordou ela.

— Haverá tempo? — Enquanto eu falava, houve uma alteração na pressão da cabine. Pude sentir o avião descendo.

— Espero que sim... Se ele se prender à última decisão que tomou, talvez.

— Qual foi?

— Ele vai agir da forma mais simples. Apenas vai andar para o sol.

Só andar para o sol. Só isso.

Seria o bastante. A imagem de Edward na campina — cintilante, faiscando como se sua pele fosse feita de um milhão de facetas de diamantes — ardia em minha memória. Nenhum humano que visse aquilo se esqueceria. Os Volturi não permitiriam. Não se quisessem manter a cidade discreta.

Olhei a luz cinzenta que brilhava pelas janelas abertas.

— Vamos chegar tarde demais — sussurrei, minha garganta se fechando de pânico.

Ela sacudiu a cabeça.

— Neste momento, ele tende ao melodramático. Ele quer a maior plateia possível, então vai escolher a praça principal, sob o relógio da torre. Os muros são altos ali. Ele vai esperar até que o sol esteja a pino.

— Então temos até o meio-dia?

— Se tivermos sorte. Se ele se prender a essa decisão.

O piloto falou no intercomunicador, anunciando, primeiro em francês e depois em inglês, nosso pouso iminente. As luzes dos cintos de segurança se acenderam e piscaram.

— A que distância Volterra fica de Florença?

— Depende da velocidade a que você dirige... Bella?

— Sim?

Ela me lançou um olhar especulativo.

— Até que ponto você se oporia a um roubo de carro?

Um Porsche amarelo-vivo cantou pneu e parou a alguns metros de onde eu andava, a palavra TURBO escrita em letra cursiva prata na traseira. Todos do meu lado na calçada lotada do aeroporto se viraram para olhar.

— Rápido, Bella! — gritou Alice com impaciência pela janela do carona.

Corri para a porta e me joguei para dentro, sentindo que podia muito bem estar usando uma meia preta na cabeça.

— Meu Deus, Alice — reclamei. — Não podia ter roubado um carro mais indiscreto?

O interior era de couro preto e as janelas, fumê. Eu me senti mais segura ali dentro, como na hora de dormir.

Alice já estava costurando no trânsito, rápido demais, passando pelo tráfego intenso do aeroporto — entrando por espaços minúsculos entre os carros enquanto eu me encolhia e me atrapalhava com o cinto de segurança.

— O que importa — corrigiu-me ela — é se eu podia ter roubado um carro mais rápido, e acho que não. Eu tive sorte.

— Tenho certeza de que isso será muito reconfortante num bloqueio da polícia.

Ela deu uma risada.

— Confie em mim, Bella. Se alguém montar um bloqueio, será atrás de nós. — Ela então pisou no acelerador, como se quisesse provar seu argumento.

Eu devia ter olhado pela janela enquanto a cidade de Florença e a paisagem da Toscana disparavam por nós numa velocidade de borrão. Era minha primeira viagem a algum lugar, e talvez fosse também a última. Mas a direção de Alice me apavorava, apesar do fato de eu saber que podia confiar nela atrás do volante. E eu estava torturada demais de ansiedade para realmente ver as colinas ou as cidades muradas que pareciam castelos ao longe.

— Você vê algo mais?

— Algo está acontecendo — murmurou Alice. — Uma espécie de festival. As ruas estão cheias de gente e bandeiras vermelhas. Que dia é hoje?

Eu não sabia muito bem.

— Dezenove, talvez?

— Ora, que ironia. É o Dia de São Marcos.

— O que isso significa?

Ela riu sombriamente.

— A cidade promove uma comemoração todo ano. Segundo a lenda, um missionário cristão, um padre Marcos... na verdade, Marcus dos Volturi... expulsou todos os vampiros de Volterra há mil e quinhentos anos. A história diz que ele foi martirizado na Romênia, ainda tentando eliminar a praga de vampiros. É claro que isso é absurdo... Ele jamais saiu da cidade. Mas é daí que vêm algumas superstições sobre coisas como crucifixos e alho. O padre Marcus as usava com sucesso. E os vampiros não perturbam Volterra, então elas devem ter funcionado. — Seu sorriso era sardônico. — Passou a ser mais uma celebração da cidade, o reconhecimento pela força policial... Afinal, Volterra é uma cidade incrivelmente segura. A polícia leva o crédito.

Eu estava percebendo o que ela queria dizer quando falou que era irônico.

— Não vão ficar muito felizes se Edward criar confusão para eles no Dia de São Marcos, não é?

Ela sacudiu a cabeça, a expressão melancólica.

— Não. Vão agir com muita rapidez.

Olhei para fora, lutando contra meus dentes enquanto eles tentavam romper a pele de meu lábio inferior. Um sangramento não era uma boa ideia agora.

O sol estava terrivelmente alto no céu azul-claro.

— Ele ainda pretende fazer isso ao meio-dia? — verifiquei.

— Sim. Está decidido a esperar. E eles estão esperando por ele.

— Me diga o que tenho de fazer.

Ela mantinha os olhos na estrada sinuosa — o ponteiro do velocímetro tocava a extremidade mais distante do mostrador.

— Não tem de fazer nada. Ele só precisa ver você antes de ir para a luz. E precisa ver você antes de me ver.

— Como vamos fazer isso?

Um carrinho vermelho parecia estar correndo de ré enquanto Alice passou zunindo por ele.

— Vou colocar você o mais perto possível, e depois você vai correr na direção que eu apontar.

Eu assenti.

— Procure não tropeçar — acrescentou ela. — Hoje não temos tempo para uma concussão.

Eu grunhi. Isso seria bem típico — eu estragar tudo, destruir o mundo, num momento de trapalhada.

O sol continuava a subir no céu enquanto Alice corria contra ele. Era forte demais, e isso me deixou em pânico. Talvez ele não achasse necessário esperar até o meio-dia, afinal.

— Lá — disse Alice de repente, apontando a cidade encastelada no alto da colina mais próxima.

Olhei, sentindo a primeira pontada de um novo tipo de medo. A cada minuto, desde a manhã de ontem — parecia ter se passado uma semana —, quando Alice falou o nome dele ao pé da escada, só houve um medo. E no entanto, agora, ao fitar os antigos muros castanho-avermelhados e as torres que coroavam o alto da colina íngreme, senti um tipo mais egoísta de medo percorrer meu corpo.

Imaginei que a cidade era linda. Isso me apavorou completamente.

— Volterra — anunciou Alice numa voz monótona e gélida.

20. VOLTERRA

COMEÇAMOS A SUBIDA ÍNGREME e a estrada ficou congestionada. À medida que seguíamos, os carros ficavam juntos demais para que Alice costurasse como louca por entre eles. Reduzimos a velocidade, quase parando, atrás de um pequeno Peugeot caramelo.

— Alice — gemi.

O relógio no painel parecia estar se acelerando.

— É a única maneira de entrar — ela tentou me tranquilizar. Mas sua voz era tensa demais para ser reconfortante.

Os carros continuavam a avançar, um de cada vez. O sol caía intensamente, parecendo já estar a pino.

Os carros se arrastaram um por um para a cidade. À medida que nos aproximávamos, pude ver carros estacionados dos dois lados da rua, as pessoas saindo para seguir a pé o restante do caminho. De início pensei que era só impaciência — algo que eu podia entender com facilidade. Mas depois chegamos a uma curva e pude ver o estacionamento lotado fora dos muros da cidade, a multidão passando pelos portões a pé. Ninguém tinha permissão para entrar de carro.

— Alice — sussurrei com urgência.

— Eu sei — disse ela. O rosto esculpido em gelo.

Agora que eu estava prestando atenção, e que nos arrastávamos bem devagar para perceber, vi que ventava muito. As pessoas que se espremiam pelo portão seguravam os chapéus e tiravam o cabelo do rosto. As roupas se inflavam em volta delas. Também percebi que a cor vermelha estava em tudo. Camisetas vermelhas, chapéus vermelhos, bandeiras vermelhas pendendo como fitas compridas de cada lado do portão, chicoteando ao vento — enquanto eu olhava, o lenço vermelho brilhante que uma mulher prendera no cabelo soltou-se numa súbita rajada de vento. Girou no ar, acima dela, retorcendo-se como se estivesse vivo. Ela estendeu a mão, pulando, mas ele continuou a flutuar para o alto, um retalho cor de sangue

contra os muros antigos e opacos.

— Bella. — Alice falou rapidamente numa voz feroz e baixa. — Não consigo ver o que o guarda aqui vai decidir agora... Se não der certo, você terá de ir sozinha. Vai ter de correr. Apenas vá perguntando pelo Palazzo dei Priori e corra na direção que lhe apontarem. Não se perca.

— Palazzo dei Priori, Palazzo dei Priori — repeti o nome várias vezes, tentando gravá-lo.

— Ou "A torre do relógio", se falarem sua língua. Vou dar a volta e tentar encontrar um lugar isolado atrás da cidade, onde possa pular o muro.

Eu assenti.

— Palazzo dei Priori.

— Edward estará sob o relógio da torre, no lado norte da praça. Há um beco estreito à direita, e ele estará ali, na sombra. Você precisa chamar a atenção dele antes que ele ande para o sol.

Assenti furiosamente.

Alice estava quase na frente da fila. Um homem de uniforme azul-marinho orientava o fluxo do trânsito, direcionando os carros para longe do estacionamento cheio. Estes manobravam e voltavam para encontrar uma vaga no acostamento da estrada. Então chegou a vez de Alice.

O homem uniformizado movimentava-se preguiçosamente, desatento. Alice acelerou, passando por ele e indo para o portão. Ele gritou alguma coisa, mas ficou onde estava, acenando frenético para evitar que o carro seguinte seguisse nosso mau exemplo.

O homem no portão vestia um uniforme igual. À medida que nos aproximávamos dele, as hordas de turistas passavam, abarrotando as calçadas, olhando com curiosidade para o Porsche abusado e berrante.

O guarda foi para o meio da rua. Alice posicionou o carro com cuidado antes de parar. O sol batia em minha janela, e ela estava na sombra. Ela estendeu a mão depressa para trás do banco e pegou algo na bolsa.

O guarda contornou o carro com uma expressão irritada e bateu na janela com raiva.

Ela baixou a janela até a metade e eu o vi vacilar ao ver o rosto por trás do vidro escuro.

— Desculpe, só ônibus de turismo podem entrar na cidade hoje, senhorita —

disse em inglês, com forte sotaque. Ele agora se desculpava, como se quisesse ter notícias melhores para a mulher incrivelmente bonita.

— É um tour particular — disse Alice, abrindo um sorriso sedutor. Ela estendeu a mão pela janela, para a luz do sol. Fiquei paralisada até perceber que ela usava luvas caramelo até o cotovelo. Alice pegou a mão dele, ainda levantada depois de bater na janela, e a puxou para o carro. Colocou algo na palma da mão e dobrou os dedos dele em volta.

O rosto do homem estava perplexo quando ele recolheu a mão e olhou o grosso rolo de notas que segurava. A de fora era de mil dólares.

— É alguma piada? — murmurou ele.

O sorriso de Alice era ofuscante.

— Só se você achar engraçado.

Ele a fitou, os olhos arregalados. Olhei nervosa para o relógio do painel. Se Edward mantivesse seus planos, só nos restavam cinco minutos.

— Estou com um pouquinho de pressa — sugeriu ela, ainda sorrindo.

O guarda piscou duas vezes, depois meteu o dinheiro no colete. Afastou-se um passo da janela e acenou para seguirmos. Nenhuma das pessoas que passavam pareceu perceber a troca silenciosa. Alice entrou na cidade e nós duas suspiramos de alívio.

A rua era muito estreita, pavimentada com pedras da mesma cor das construções marrom-canela desbotadas que escureciam a rua com sua sombra. Tinha a aparência de um beco. Bandeiras vermelhas decoravam as paredes a poucos metros umas das outras, voando no vento que assoviava pela rua estreita.

O caminho estava abarrotado e o tráfego a pé atrapalhava nosso progresso.

— Só um pouco mais — Alice me encorajou; eu agarrava a maçaneta da porta, pronta para me atirar na rua assim que ela mandasse.

Ela dirigia arrancando apressada e parando de repente, e as pessoas na multidão agitavam os punhos para nós e diziam palavras de irritação que fiquei feliz por não entender. Ela entrou numa viela que não devia ter sido feita para carros; pessoas chocadas tiveram de se espremer na soleira das portas enquanto passávamos de raspão. Encontramos outra rua no final. As construções eram mais altas ali; elas se aproximavam no alto, de modo que nenhum sol tocava o pavimento — as bandeiras vermelhas que se agitavam de cada lado quase se encontravam. A multidão era mais compacta ali do que em qualquer outro lugar.

Alice freou o carro. Abri minha porta antes que parássemos completamente.

Ela apontou para onde a rua se abria num trecho claro.

— Lá... Estamos na extremidade sul da praça. Atravesse correndo, para a direita do relógio da torre. Vou encontrar um caminho por trás...

Sua respiração parou de repente, e quando ela falou de novo a voz era um silvo.

— Eles estão em toda parte!

Fiquei onde estava, mas ela me empurrou para fora do carro.

— Esqueça eles. Você tem dois minutos. Vá, Bella, vá! — gritou, saindo do carro ao falar.

Não parei para ver Alice se misturar às sombras. Não parei para fechar a porta do carro. Empurrei uma mulher pesadona para fora do caminho e corri, de cabeça baixa, prestando pouca atenção a qualquer coisa que não fossem as pedras irregulares sob meus pés.

Ao sair da rua escura, o sol forte que batia na praça principal ofuscou minha visão. O vento sibilou em mim, fazendo meu cabelo voar para os olhos e me cegando ainda mais. Não admira que eu só tenha visto o muro de gente quando esbarrei nele.

Não havia caminho, nenhuma fresta entre os corpos espremidos. Empurrei-os furiosamente, lutando contra as mãos que me empurravam para trás. Ouvi exclamações de raiva e até de dor enquanto lutava para passar, mas nenhuma em uma língua que eu entendesse. Os rostos eram um borrão de raiva e surpresa, cercados pelo vermelho onipresente. Uma loura fez cara feia para mim, o cachecol vermelho enrolado em seu pescoço parecia uma ferida horrenda. Uma criança, erguida nos ombros de um homem para ver por sobre a multidão, sorriu para mim, os lábios esticados sobre presas falsas de vampiro.

A multidão empurrava à minha volta, girando-me para o lado errado. Fiquei feliz porque o relógio era bem visível, ou nunca manteria o rumo certo. Mas os dois ponteiros apontavam para o sol impiedoso e, embora eu me enfiasse violentamente entre a multidão, sabia que era tarde demais. Eu não estava nem na metade do caminho. Não conseguiria. Era idiota, lenta e humana, e todos morreríamos por causa disso.

Desejei que Alice fugisse. Desejei que me visse de alguma sombra escura e soubesse que eu tinha falhado, assim poderia ir para casa, para Jasper.

Apurei os ouvidos, acima das exclamações de raiva, tentando ouvir o som da descoberta: o ofegar, talvez o grito, enquanto Edward entrava no campo de visão de alguém.

Mas houve uma brecha na multidão — pude ver um bolha de espaço à frente. Empurrei com urgência naquela direção, sem perceber, até ferir as canelas nos tijolos, que era uma fonte quadrada e larga instalada no meio da praça.

Quase gritei de alívio quando mergulhei a perna na beira e corri com a água até os joelhos. Ela se espalhava ao meu redor enquanto eu atravessava a fonte. Mesmo no sol, o vento era glacial e a água tornava o frio realmente doloroso. Mas a fonte era enorme; pude atravessar o centro da praça em segundos. Não parei quando cheguei à outra borda — usei o muro baixo como trampolim, atirando-me na multidão.

As pessoas agora se afastavam mais facilmente de mim, evitando a água gelada que se espalhava pingando de minhas roupas molhadas enquanto eu corria. Olhei o relógio de novo.

Um carrilhão grave e retumbante ecoou pela praça. Fez pulsarem as pedras sob meus pés. As crianças gritaram, tapando as orelhas. E comecei a gritar enquanto corria.

— Edward! — gritava, sabendo que era inútil. A multidão era ruidosa demais e minha voz estava fraca por causa do esforço. Mas eu não conseguia parar de gritar.

O relógio soou de novo. Passei correndo por uma criança nos braços da mãe — seu cabelo era quase branco no sol ofuscante. Uma roda de homens altos, todos de blazer vermelho, me advertiu gritando quando irrompi por eles. O relógio soou novamente.

Do outro lado dos homens de blazer, havia uma brecha na multidão, um espaço entre os espectadores que vagavam a esmo à minha volta. Meus olhos procuraram a passagem escura e estreita à direita do prédio quadrado e largo sob a torre. Eu não conseguia ver no nível da rua — ainda havia gente demais no caminho. O relógio soou outra vez.

Agora era difícil enxergar. Sem a multidão para bloquear o vento, ele açoitava meu rosto e ardia em meus olhos. Não tinha certeza de ser esse o motivo de minhas lágrimas ou se era por causa da derrota, enquanto o relógio soava novamente.

Uma pequena família de quatro pessoas estava mais perto da entrada do beco. As duas meninas estavam de vestido vermelho, com fitas da mesma cor prendendo os cabelos escuros para trás. O pai não era alto. Parecia que eu podia ver algo brilhante nas sombras, pouco além de seu ombro. Corri para eles, tentando enxergar através das lágrimas urticantes. O relógio bateu e a menina menor apertou as mãos contra as orelhas.

A mais velha, que batia na cintura da mãe, abraçou-se à perna dela e olhou as sombras atrás deles. Enquanto eu observava, ela cutucou o cotovelo da mulher e apontou para a escuridão. O relógio bateu e agora eu estava muito perto.

Eu estava bastante perto para ouvir a voz aguda da menina. O pai me encarou surpreso quando abri caminho entre eles, gritando sem parar o nome de Edward.

A menina mais velha riu e fez um comentário para a mãe, gesticulando para as sombras de novo, impacientemente.

Eu me desviei do pai — ele tirou o bebê de meu caminho — e disparei para a fresta escura atrás deles, enquanto o relógio soava sobre minha cabeça.

— Edward, não! — gritei, mas minha voz se perdeu no rugido do carrilhão.

Agora eu podia vê-lo. E podia ver que ele não podia me ver.

Era ele mesmo, desta vez não era alucinação. Percebi que minhas ilusões eram mais falhas do que eu pensara; elas nunca lhe fizeram justiça.

Edward estava de pé, imóvel como uma estátua, a apenas alguns metros da entrada do beco. Seus olhos estavam fechados, as olheiras de um roxo-escuro, os braços relaxados ao lado do corpo, a palma das mãos voltada para a frente. Sua expressão estava muito tranquila, como se estivesse tendo sonhos agradáveis. A pele marmórea de seu peito estava à mostra — havia um pequeno monte de tecido branco a seus pés. A luz refletida pelo calçamento da praça brilhava fraca em sua pele.

Nunca vi nada mais lindo — mesmo enquanto eu corria, ofegando e gritando, pude perceber. E os últimos sete meses nada significaram. E as palavras dele no bosque nada significaram. E não importava se ele não me quisesse. Eu jamais desejaria nada a não ser ele, não importa o quanto vivesse.

O relógio bateu e ele deu um longo passo para a luz.

— Não! — gritei. — Edward, olhe para mim!

Ele não ouvia. Sorria de modo muito sutil. Levantou o pé para dar o passo que o colocaria diretamente sob o sol.

Eu me choquei contra ele com tanta intensidade que a força teria me atirado no chão se os braços dele não tivessem me agarrado e segurado. Perdi o fôlego e minha cabeça pendeu para trás.

Seus olhos escuros se abriram devagar enquanto o relógio soava novamente.

Ele olhou para mim numa surpresa muda.

— Incrível — disse ele, a linda voz cheia de admiração, um tanto divertida. — Carlisle tinha razão.

— Edward — tentei dizer, ofegante, mas minha voz não saía. — Você tem de voltar para a sombra. Tem de sair daqui!

Ele parecia bestificado. Sua mão afagou meu rosto com delicadeza. Ele não pareceu perceber que eu tentava obrigá-lo a voltar. Eu podia estar empurrando as paredes do beco, a julgar pelo progresso que fazia. O relógio soou, mas ele não reagiu.

Foi muito estranho, porque eu sabia que nós dois corríamos um risco mortal. Ainda assim, naquele instante, eu me senti bem. Inteira. Pude sentir meu coração batendo no peito, o sangue pulsando quente e rápido por minhas veias de novo. Meus pulmões encheram-se do doce aroma que vinha da pele dele. Era como se nunca tivesse havido um buraco em meu peito. Eu estava perfeita — não curada, mas como se nunca tivesse havido nenhuma ferida.

— Nem acredito em como foi rápido. Não senti nada... Eles são muito bons — refletiu ele, fechando outra vez os olhos e apertando os lábios contra meu cabelo. A voz dele era como mel e veludo. — A morte, que sugou todo o mel de teu doce hálito, não teve poder nenhum sobre tua beleza — murmurou ele, e reconheci a fala de Romeu junto ao túmulo. O relógio soou sua última badalada. — Você tem exatamente o mesmo cheiro de sempre — continuou. — Então talvez isso seja o inferno. Não me importo. Eu aceito.

— Não estou morta — interrompi. — Nem você! Por favor, Edward, temos de sair daqui. Eles não devem estar longe!

Lutei em seus braços e sua testa se franziu de confusão.

— O que foi isso? — perguntou ele educadamente.

— Não estamos mortos, ainda não! Mas temos de sair daqui antes que os Volturi...

A compreensão faiscou em seu rosto enquanto eu falava. Antes que eu pudesse terminar, ele de repente me puxou da beira da sombra e me girou sem esforço,

pondo-me atrás dele, com as costas coladas à parede de tijolos, enquanto olhava o beco. Seus braços se abriram, protetores, na minha frente.

Olhei por baixo de seu braço e vi duas formas negras destacadas no escuro.

— Saudações, cavalheiros — a voz de Edward era superficialmente calma e agradável. — Não acho que vou precisar de seus serviços hoje. Agradeceria muito, porém, se transmitissem minha gratidão a seus senhores.

— Não deveríamos ter esta conversa em um lugar mais apropriado? — sussurrou uma voz suave de forma ameaçadora.

— Não acredito que será necessário. — A voz de Edward agora era mais dura. — Sei de suas instruções, Felix. Não quebrei nenhuma regra.

— Felix se referia apenas à proximidade do sol — disse a outra sombra num tom brando. Os dois estavam ocultos por mantos cinza até o chão que ondulavam ao vento. — Procuremos um abrigo melhor.

— Estarei bem atrás de vocês — disse Edward num tom seco. — Bella, por que não volta para a praça e desfruta do festival?

— Não, traga a garota — disse a primeira sombra, de algum modo imprimindo um tom faminto a seus sussurros.

— Acho que não. — A falsa civilidade desaparecera. A voz de Edward era seca e gélida. Sua postura mudou minimamente e pude ver que ele se preparava para lutar.

— Não — murmurei a palavra.

— Shhhh — murmurou ele, só para mim.

— Felix — alertou a segunda sombra, mais razoável. — Aqui não. — Ele se virou para Edward. — Aro quer apenas falar com você de novo, se afinal decidiu não nos forçar a agir.

— Claro — concordou Edward. — Mas a menina fica livre.

— Temo que não seja possível — disse com pesar a sombra educada. — Temos regras a obedecer.

— Então eu temo que seja incapaz de aceitar o convite de Aro, Demetri.

— Está bem — rugiu Felix.

Meus olhos estavam se adaptando à sombra escura e pude ver que Felix era muito alto, grande e de ombros largos. Seu tamanho me lembrou Emmett.

— Aro ficará decepcionado — suspirou Demetri.

— Tenho certeza de que sobreviverá à decepção — respondeu Edward.

Felix e Demetri aproximaram-se sorrateiros da entrada do beco, separando-se um pouco para que pudessem atacar Edward dos dois lados. Eles pretendiam obrigá-lo a penetrar ainda mais no beco, para evitar uma cena. Nenhuma luz refletida chegava à pele deles; estavam seguros dentro do manto.

Edward não se mexeu um centímetro. Estava condenando a si mesmo ao me proteger.

De repente, Edward girou a cabeça para a escuridão do beco tomado pelo vento e Demetri e Felix fizeram o mesmo, em resposta a algum som ou movimento sutil demais para meus sentidos.

— Vamos nos comportar, sim? — sugeriu uma voz cadenciada. — Há senhoras presentes.

Alice colocou-se de maneira casual ao lado de Edward, numa atitude despreocupada. Não havia nenhum sinal de tensão disfarçada. Ela parecia muito pequena e frágil. Seus bracinhos balançavam como os de uma criança.

E, no entanto, Demetri e Felix se endireitaram, os mantos oscilando um pouco enquanto uma rajada de vento se afunilava no beco. A expressão de Felix se tornou amarga. Ao que parecia, não lhes agradava ficar em mesmo número.

— Não estamos sós — ela advertiu.

Demetri olhou por sobre o ombro. A alguns metros na praça, a pequena família, com as meninas de vestido vermelho, nos observava. A mãe falava insistentemente com o marido, de olho em nós cinco. Ela virou o rosto quando Demetri encontrou seu olhar. O homem se afastou alguns passos para dentro da praça e deu um tapinha no ombro de um dos homens de blazer vermelho.

Demetri sacudiu a cabeça.

— Por favor, Edward, sejamos razoáveis — disse ele.

— Sejamos — concordou Edward. — E agora vamos sair discretamente, sem imprudências.

Demetri suspirou de frustração.

— Vamos ao menos discutir isso em particular.

Seis homens de vermelho se juntaram à família enquanto nos observavam com uma expressão ansiosa. Eu estava muito consciente da posição protetora de Edward, à minha frente — certa de que tinha sido isso que alarmara as pessoas. Queria gritar para que corressem.

Os dentes de Edward trincaram de forma audível.

— Não.

Felix sorriu.

— Basta.

A voz era alta, aguda, e veio de trás de nós.

Espiei por sobre o outro braço de Edward e vi uma forma pequena e escura vindo em nossa direção. Pelo modo como a silhueta ondulava, eu sabia que devia ser outro deles. Quem mais?

De início pensei que fosse um garoto. O recém-chegado era minúsculo como Alice, tinha cabelos castanho-claros curtos e lisos. O corpo sob o manto — que era mais escuro, quase negro — era magro e andrógino. Mas o rosto era bonito demais para um menino. Os olhos grandes e os lábios cheios fariam um anjo de Botticelli parecer uma gárgula. Mesmo considerando as íris opacas e vermelhas.

Seu tamanho era tão insignificante que a reação ao seu aparecimento me confundiu. Felix e Demetri relaxaram de imediato, recuando de suas posições ofensivas para se juntarem novamente às sombras das paredes enormes.

Edward baixou os braços e também relaxou — mas de derrota.

— Jane — suspirou ele, em reconhecimento e resignação.

Alice cruzou os braços, a expressão impassível.

— Acompanhem-me — falou Jane de novo, a voz infantil e monótona. Ela deu as costas para nós e vagou em silêncio para o escuro.

Felix gesticulou para que fôssemos primeiro, com um sorriso falso.

Alice seguiu a pequena Jane de imediato. Edward passou o braço em minha cintura e me puxou para o lado dele. O beco descia um pouco à medida que se estreitava. Eu o encarei com perguntas frenéticas nos olhos, mas ele apenas sacudiu a cabeça. Embora eu não pudesse ouvir os outros atrás de nós, tinha certeza de que estavam ali.

— Bem, Alice — disse Edward de forma despreocupada enquanto andávamos. — Acho que não deveria me surpreender de ver você aqui.

— O erro foi meu — respondeu Alice no mesmo tom. — Era obrigação minha corrigi-lo.

— O que aconteceu? — A voz dele era educada, como se ele mal estivesse interessado. Imaginei que isso se devesse aos ouvidos atrás de nós.

— É uma longa história. — Os olhos de Alice bateram em mim e se desviaram. — Em resumo, ela pulou de um penhasco, mas não estava tentando se

matar. Bella anda praticando esportes radicais ultimamente.

Corei e voltei meus olhos para a frente, procurando a sombra escura que não conseguia mais ver. Podia imaginar que agora ele estava ouvindo os pensamentos de Alice. Quase-afogamento, perseguição de vampiros, amigos lobisomens...

— Hmmm — disse Edward brevemente, e o tom despreocupado de sua voz sumira.

Havia uma curva aberta para o beco, ainda descendo, então não enxerguei o final chegando até que alcançamos o paredão de tijolos plano, sem janelas. A pequenina Jane não estava em lugar nenhum que eu visse.

Alice não hesitou, não diminuiu o ritmo enquanto andava para a parede. Depois, com uma graça tranquila, ela deslizou para uma abertura na rua.

Parecia um ralo, afundado no ponto mais baixo do calçamento. Não o tinha notado até Alice desaparecer, mas a grade já estava puxada meio de lado. O buraco era pequeno e escuro.

Empaquei.

— Está tudo bem, Bella — disse Edward em voz baixa. — Alice vai pegar você.

Olhei o buraco, na dúvida. Imaginei que ele teria ido primeiro se Demetri e Felix não estivessem esperando, presunçosos e em silêncio, atrás de nós.

Eu me agachei, balançando as pernas na abertura estreita.

— Alice? — sussurrei, a voz trêmula.

— Estou bem aqui, Bella — garantiu-me ela. Sua voz vinha de muito longe para que eu me sentisse melhor.

Edward pegou meus pulsos — suas mãos pareciam pedras no inverno — e me abaixou na escuridão.

— Pronta? — perguntou ele.

— Largue-a — gritou Alice.

Fechei os olhos para não ver a escuridão, apertando-os de pavor, trancando a boca para não gritar. Edward me soltou.

Foi silencioso e curto. O ar passou por mim durante meio segundo e depois, com um sopro enquanto eu soltava o ar, os braços de Alice me pegaram.

Eu ia ficar com hematomas; os braços eram muito duros. Ela me colocou de pé.

No fundo havia pouca luz, mas não era escuro. A claridade que vinha do

buraco proporcionava um brilho suave, refletindo-se úmida nas pedras sob meus pés. A luz desapareceu por um segundo e Edward era uma radiância branca e fraca a meu lado. Ele passou o braço em mim, segurando-me a seu lado, e começou a me conduzir rapidamente para a frente. Envolvi sua cintura fria com os braços, tropecei e cambaleei pela superfície de pedra irregular. O som da grade pesada deslizando pelo bueiro atrás de nós soou como um ponto final metálico.

A luz fraca da rua logo se perdeu na escuridão. O som de meus passos vacilantes ecoava pelo espaço negro; parecia muito largo, mas eu não tinha certeza. Não houve outros sons além de meu coração frenético e de meus pés nas pedras molhadas — exceto uma vez, quando um suspiro impaciente surgiu atrás de mim.

Edward me segurava com firmeza. Ele estendeu a mão livre para segurar meu rosto também, o polegar suave acompanhando meus lábios. De vez em quando, sentia seu rosto apertado contra meu cabelo. Percebi que aquele era o único reencontro que teríamos e me apertei mais junto dele.

Naquele momento, parecia que ele me queria, e isso foi o bastante para afugentar o pavor do túnel subterrâneo e dos vampiros à espreita atrás de nós. Provavelmente, não passava de culpa — a mesma culpa que o compelira a vir aqui para morrer quando ele acreditou que eu me matara por causa dele. Mas senti seus lábios pressionando silenciosamente minha testa e não me importei com seus motivos. Pelo menos eu podia estar com ele mais uma vez antes de morrer. Isso era melhor do que uma vida longa.

Desejei poder perguntar a ele o que de fato estava para acontecer. Queria desesperadamente saber como iríamos morrer — como se saber de antemão de algum modo tornasse aquilo melhor. Mas eu não podia falar, nem mesmo aos sussurros, cercados como estávamos. Os outros podiam ouvir tudo — cada respiração minha, cada batimento cardíaco.

O caminho sob nossos pés continuava a descer, fazendo-nos penetrar mais fundo no chão, e isso me deixou claustrofóbica. A única coisa que me impediu de gritar foi a mão de Edward, suave em meu rosto.

Eu não sabia de onde vinha a luz, mas ela lentamente transformou o negro em cinza-escuro. Estávamos em um túnel baixo, em arco. Faixas longas de uma água cor de ébano escorriam pelas pedras cinzentas, como se elas estivessem sangrando tinta.

Eu tremia e pensei que fosse de medo. Só quando meus dentes começaram a bater percebi que estava com frio. Minhas roupas ainda estavam molhadas e a temperatura sob a cidade era invernal. Como a pele de Edward.

Ele percebeu isso ao mesmo tempo que eu e me soltou, segurando apenas minha mão.

— N-n-não — gaguejei, atirando os braços a seu redor. Eu não me importava de congelar. Quem sabia quanto tempo ainda tínhamos?

Sua mão fria esfregou meu braço, tentando me aquecer com o atrito.

Corremos pelo túnel, ou me parecia que estávamos correndo. Meu progresso lento irritou alguém — acho que Felix — e o ouvi suspirar de vez em quando.

No final do túnel havia uma grade — as barras de ferro estavam enferrujadas, mas eram grossas como meu braço. Uma porta pequena feita de barras mais finas entrelaçadas estava aberta. Edward passou por ela e foi depressa para um espaço de pedra maior e mais iluminado. A grade se fechou com um cleng, seguido pelo estalo de uma tranca. Eu estava com medo demais para olhar para trás.

Do outro lado do espaço comprido havia uma porta de madeira pesada e baixa. Era muito grossa — pude perceber porque essa, também, estava aberta.

Passamos pela porta e eu olhei em volta surpresa, relaxando automaticamente. A meu lado, Edward se contraiu, a mandíbula trincada.

21. VEREDICTO

ESTÁVAMOS NUM CORREDOR NADA EXTRAORDINÁRIO, bem iluminado. As paredes eram quase brancas, o chão acarpetado de um cinza industrial. Lâmpadas fluorescentes retangulares e comuns espaçavam-se uniformemente pelo teto. Estava mais quente ali, e fiquei grata por isso. O corredor parecia muito agradável depois da escuridão dos horripilantes esgotos de pedra.

Edward não parecia concordar com minha avaliação. Olhava sombriamente o longo corredor, na direção da figura magra e escura no final, parada perto de um elevador.

Ele me puxou consigo, e Alice seguiu a meu lado. A porta pesada se fechou rangendo atrás de nós, depois houve o baque de uma tranca sendo posta no lugar.

Jane esperava junto ao elevador, com uma das mãos mantendo as portas abertas para nós. Sua expressão era apática.

Dentro do elevador, os três vampiros que pertenciam aos Volturi relaxaram ainda mais. Jogaram os mantos, deixando que o capuz caísse nos ombros. Felix e Demetri tinham a pele meio azeitonada — era estranha, combinada com a palidez de giz. O cabelo preto de Felix era curto, mas o de Demetri caía em ondas até os ombros. As íris eram de um vermelho-escuro nas bordas, escurecendo até que ficavam pretas em volta da pupila. Sob os mantos, as roupas eram modernas, claras e indefiníveis. Eu me espremi no canto, encolhendo-me junto a Edward. Sua mão ainda esfregava meu braço. Ele não tirou os olhos de Jane.

O elevador fez uma viagem curta; saímos no que parecia a elegante recepção de uma empresa. As paredes eram revestidas de madeira, o piso com um carpete grosso, verde-escuro. Não havia janelas, mas pinturas grandes e muito iluminadas do interior da Toscana penduradas em toda parte as substituíam. Sofás de couro claro estavam arrumados em grupos aconchegantes e as mesas reluzentes tinham vasos de cristal cheios de buquês de cores vibrantes. O cheiro das flores me lembrou um velório.

No centro da sala havia um balcão de mogno encerado. Olhei pasma a mulher

atrás dele.

Ela era alta, de pele morena e olhos verdes. Seria muito bonita em qualquer outra companhia — mas não naquela. Porque era tão humana quanto eu. Não consegui compreender o que aquela humana estava fazendo ali, totalmente à vontade, cercada de vampiros.

Ela deu um sorriso de boas-vindas educado.

— Boa tarde, Jane — disse. Não houve surpresa em seu rosto quando ela olhou para quem acompanhava Jane. Nem para Edward, com seu peito nu cintilando um pouco nas luzes brancas, nem para mim, desgrenhada e comparativamente horrível.

Jane a cumprimentou com a cabeça.

— Gianna. — Ela seguiu para um grupo de portas duplas nos fundos da sala, e nós fomos atrás.

Do outro lado das portas de madeira havia um tipo de recepção diferente. O rapaz pálido de terno cinza pérola podia muito bem ser gêmeo de Jane. Seu cabelo era mais escuro e os lábios não eram tão cheios, mas era tão lindo quanto. Ele veio nos receber. Sorriu, estendendo a mão.

— Jane.

— Alec — respondeu ela, abraçando o rapaz. Eles se beijaram no rosto. Depois ele olhou para nós.

— Mandaram-na pegar um e você voltou com dois... e meio — observou ele, olhando para mim. — Bom trabalho.

Ela riu. O som era vivo de prazer, como os de um bebê.

— Bem-vindo de volta, Edward — Alec o cumprimentou. — Você parece estar com o humor melhor hoje.

— Um pouco — concordou Edward num tom monótono.

Olhei sua expressão dura e me perguntei como seu humor poderia ter estado mais sombrio antes.

Alec riu e me examinou enquanto eu grudava ao lado de Edward.

— E essa é a causa de todo o problema? — perguntou, cético.

Edward limitou-se a sorrir, a expressão desdenhosa. Depois ficou parado.

— É minha — disse Felix casualmente de trás.

Edward se virou, um rosnado baixo se formando em seu peito. Felix sorriu — a mão estava erguida, a palma para cima; ele dobrou os dedos duas vezes,

convidando Edward a avançar.

Alice tocou o braço de Edward.

— Paciência — alertou.

Eles trocaram um longo olhar e desejei poder ouvir o que ela lhe dizia. Imaginei que tivesse algo a ver com não atacar Felix, porque Edward respirou fundo e se virou para Alec.

— Aro ficará muito satisfeito por vê-lo novamente — disse Alec, como se nada tivesse acontecido.

— Não vamos fazê-lo esperar — sugeriu Jane.

Edward assentiu uma vez.

Alec e Jane, de mãos dadas, foram na frente por outro corredor largo e ornamentado — haveria afinal um fim?

Ignoraram as portas no final do corredor — inteiramente folheadas de ouro —, parando no meio do caminho e deslocando parte do revestimento, expondo uma porta de madeira comum. Não estava trancada. Alec a manteve aberta para Jane.

Eu quis gemer quando Edward me puxou para o outro lado da porta. Era a mesma pedra antiga da praça, do beco e dos esgotos. E estava escuro e frio de novo.

A antecâmara de pedra não era grande. Abria-se logo em um espaço oco e mais iluminado, perfeitamente redondo, como um torreão imenso de castelo... O que provavelmente devia ser. Dois andares acima, longas fendas lançavam seus retângulos de sol no piso de pedra. Não havia luz artificial. A única mobília na sala eram várias cadeiras de madeira imensas, como tronos, espaçadas de forma irregular, alinhadas nas paredes curvas de pedra. No meio do círculo, numa leve depressão, havia outro ralo. Perguntei-me se eles usavam aquilo como saída, como o buraco na rua.

A sala não estava vazia. Algumas pessoas se reuniam numa conversa que aparentava ser relaxada. O murmúrio de vozes baixas e suaves era um zumbido delicado no ar. Enquanto eu observava, duas mulheres pálidas com vestidos de verão pararam em um trecho de luz e, como prismas, a pele delas lançou a luz em centelhas de arco-íris nas paredes castanho-avermelhadas.

Todos os belos rostos viraram-se para nosso grupo enquanto entrávamos na sala. A maioria dos imortais estava vestida de calças e blusas discretas — peças

que não chamariam nenhuma atenção nas ruas. Mas o homem que falou primeiro usava um dos mantos longos, preto feito breu e roçando no chão. Por um momento, pensei que seu cabelo longo e preto fosse o capuz do manto.

— Jane, minha cara, você voltou! — disse ele com evidente prazer. A voz era apenas um suspiro suave.

Ele avançou e o movimento fluiu com uma graça tão surreal que fiquei estarrecida e boquiaberta. Até Alice, de quem cada movimento parecia uma dança, não se comparava com aquilo.

Fiquei ainda mais pasma quando ele se aproximou flutuando e pude ver seu rosto. Não era como os rostos extraordinariamente atraentes que o cercavam — porque ele não se aproximou de nós sozinho; todo o grupo convergiu em volta dele, alguns atrás, outros à frente, com a postura atenta de guarda-costas. Eu não conseguia decidir se o rosto era bonito ou não. Acho que as feições eram perfeitas. Mas ele era tão diferente dos vampiros a seu lado quanto eles eram de mim. A pele era de um branco translúcido, como papel de seda, e parecia muito delicada — era um contraste chocante com o cabelo preto e comprido que emoldurava o rosto. Senti um impulso estranho e apavorante de tocar sua face, para ver se era mais macia do que a de Edward ou a de Alice, ou se era poeirenta, como giz. Os olhos eram vermelhos, como os dos dois outros vampiros em torno dele, mas a cor era enevoada e leitosa; imaginei se a névoa interferia em sua visão.

Ele deslizou até Jane, pegou seu rosto nas mãos de papiro, beijou-a de leve nos lábios cheios e flutuou um passo para trás.

— Sim, meu senhor. — Jane sorriu; a expressão a deixava parecida com uma criança angelical. — Eu o trouxe de volta vivo, como era de seu desejo.

— Ah, Jane. — Ele também sorriu. — Você é um grande conforto para mim.

Ele virou os olhos enevoados para nós e o sorriso se iluminou — tornando-se extático.

— E também Alice e Bella! — rejubilou-se, unindo as palmas das mãos finas. — Isso sim é uma surpresa feliz! Maravilhoso!

Olhei chocada enquanto ele falava nossos nomes informalmente, como se fôssemos velhos amigos passando para uma visita inesperada.

Ele se virou para nossa escolta volumosa.

— Felix, seja gentil e conte a meus irmãos sobre nossa companhia. Tenho certeza de que não gostariam de perder isso.

— Sim, meu senhor. — Felix assentiu e desapareceu por onde viemos.

— Está vendo, Edward? — O vampiro estranho se virou e sorriu para Edward como um avô afetuoso mas rabugento. — O que eu lhe disse? Não está feliz por eu não lhe ter dado o que queria ontem?

— Sim, Aro, estou — concordou ele, apertando o braço em minha cintura.

— Adoro finais felizes. — Aro suspirou. — São tão raros! Mas quero a história toda. Como isso aconteceu? Alice? — Ele voltou o olhar enevoado e curioso para Alice. — Seu irmão parecia pensar que você era infalível, mas parece que houve algum equívoco.

— Ah, estou longe de ser infalível. — Ela abriu um sorriso estonteante. Parecia perfeitamente à vontade, exceto pelas mãos fechadas em punhos. — Como pode ver hoje, causo problemas com a mesma frequência com que os resolvo.

— Você é muito modesta — repreendeu Aro. — Já vi algumas de suas façanhas mais inacreditáveis e devo admitir que nunca observei nada como seu talento. Maravilhoso!

Alice olhou às pressas para Edward. O que não passou despercebido a Aro.

— Lamento, ainda não fomos apresentados adequadamente, não é? É que tenho a sensação de que já conheço você e acabo me precipitando. Seu irmão nos apresentou ontem, de maneira peculiar. Veja você, compartilho de alguns dos talentos de seu irmão, mas sou limitado de uma forma que ele não é. — Aro sacudiu a cabeça; seu tom era de inveja.

— E é também exponencialmente mais poderoso — acrescentou Edward num tom seco. Ele olhou para Alice enquanto explicava rápido. — Aro precisa de contato físico para ouvir seus pensamentos, mas ele ouve muito mais do que eu. Sabe que só posso ouvir o que está se passando em sua cabeça no momento. Aro ouve cada pensamento que sua mente já teve.

Alice ergueu as sobrancelhas delicadas e Edward inclinou a cabeça.

Aro também não deixou passar essa.

— Mas ser capaz de ouvir a distância... — suspirou, gesticulando para os dois e para o diálogo que acabara de acontecer. — Isso seria muito conveniente.

Aro olhou por sobre nossos ombros. Todas as outras cabeças viraram-se na mesma direção, inclusive Jane, Alec e Demetri, que se postavam em silêncio perto de nós.

Eu fui a mais lenta. Felix estava de volta, e atrás dele flutuavam mais dois homens de manto preto. Os dois eram muito parecidos com Aro, um deles tinha até o mesmo cabelo preto e delicado. O outro tinha cabelos brancos como a neve — do mesmo tom de sua pele — que roçavam os ombros. Os rostos tinham a mesma pele de papel de seda.

O trio do quadro de Carlisle estava completo, inalterado pelos últimos trezentos anos desde que fora pintado.

— Marcus, Caius, vejam! — sussurrou Aro. — Bella está viva afinal, e Alice está aqui com ela! Não é ótimo?

Nenhum dos outros dois deu a impressão de que ótimo seria a palavra de sua escolha. O de cabelo preto parecia completamente entediado, como se tivesse visto muitos milênios do entusiasmo de Aro. A expressão do outro era amargurada sob o cabelo de neve.

O desinteresse deles não refreou o deleite de Aro.

— Conte-nos a história. — Aro, com sua voz leve, quase cantava.

O vampiro ancião de cabelos brancos se afastou, deslizando para um dos tronos de madeira. O outro parou ao lado de Aro e estendeu a mão, e de início pensei que fosse para pegar a mão dele. Mas ele apenas tocou a palma e logo a largou. Aro ergueu uma das sobrancelhas pretas. Perguntei-me como sua pele de papiro não se amassou com o esforço.

Edward bufou muito baixo e Alice o olhou, curiosa.

— Obrigado, Marcus — disse Aro. — Isso é muito interessante.

Percebi, um segundo atrasada, que Marcus estava deixando que Aro lesse seus pensamentos.

Marcus não parecia interessado. Afastou-se de Aro para se unir ao que devia ser Caius, sentado junto à parede. Dois dos vampiros que o acompanhavam seguiram atrás dele em silêncio — guarda-costas, como pensei antes. Pude ver que as duas mulheres de vestido de verão foram se colocar ao lado de Caius da mesma maneira. A ideia de um vampiro precisar de segurança era ridícula para mim, mas talvez os antigos fossem tão frágeis quanto sua pele sugeria.

Aro sacudia a cabeça.

— Incrível — disse ele. — Absolutamente incrível.

A expressão de Alice era de frustração. Edward virou-se para ela e de novo explicou numa voz baixa e rápida:

— Marcus vê relacionamentos. Ele está surpreso com a intensidade do nosso.

Aro sorriu.

— Muito conveniente — repetiu para si mesmo. Depois falou conosco: — É preciso muito para surpreender Marcus, posso lhes garantir.

Olhei o rosto apático de Marcus e acreditei nisso.

— É que é tão difícil de entender, mesmo agora — refletiu Aro, olhando o braço de Edward em minha cintura. Para mim, era difícil acompanhar a linha de raciocínio caótica de Aro. Eu me esforçava para entender. — Como pode ficar assim tão perto dela?

— Não é sem esforço — respondeu Edward calmamente.

— Mas ainda assim... La tua cantante! Que desperdício!

Edward riu uma vez, sem nenhum humor.

— Vejo isso mais como um preço.

Aro estava cético.

— Um preço muito alto.

— Apropriado.

Aro riu.

— Se eu não tivesse sentido o cheiro dela em suas lembranças, não teria acreditado que o apelo do sangue de alguém pudesse ser tão forte. Nunca senti nada parecido. A maioria de nós daria muito por um presente desses, e no entanto você...

— Desperdiço — concluiu Edward, a voz agora sarcástica.

Aro riu outra vez.

— Ah, como sinto falta de meu amigo Carlisle! Faz-me lembrar dele... Só que ele não era tão irritável.

— Carlisle é melhor que eu de muitas outras maneiras.

— Certamente, entre tudo mais, nunca imaginei ver Carlisle ser suplantado na questão do autocontrole, mas você o supera.

— Dificilmente. — Edward parecia impaciente. Como se estivesse cansado das preliminares. Isso me deu mais medo; não pude deixar de imaginar o que ele esperava que acontecesse.

— Sinto-me recompensado pelo sucesso dele — refletiu Aro. — Suas lembranças de Carlisle são uma dádiva para mim, embora me tenham atordoado de maneira extraordinária. Estou surpreso pelo modo como isso... me agrada, o

sucesso dele na via heterodoxa que escolheu. Esperava que ele se desgastasse, que enfraquecesse com o tempo. Ridicularizei seus planos de encontrar outros que compartilhassem sua visão peculiar. E, no entanto, de algum modo, fico feliz por ter me enganado.

Edward não respondeu.

— Mas o seu controle! — Aro suspirou. — Não sabia que essa força era possível. Habituar-se contra tal canto de sereia, não apenas uma vez, mas repetidamente... Se eu próprio não sentisse, não teria acreditado.

Edward retribuiu o olhar de admiração de Aro sem nenhuma expressão. Eu conhecia bem seu rosto — o tempo não mudara isso — para supor que algo fervilhava sob a superfície. Lutei para manter minha respiração constante.

— Só de me lembrar o apelo que ela tem a você... — Aro riu. — Fico com sede.

Edward se contraiu.

— Não fique perturbado — Aro o tranquilizou. — Não pretendo causar nenhum dano a ela. Mas estou muito curioso com uma questão em particular. — Ele me olhou com vivo interesse. — Posso? — perguntou ansiosamente, erguendo a mão.

— Peça a ela — sugeriu Edward numa voz monótona.

— Claro, que grosseria a minha! — exclamou Aro. — Bella — ele agora se dirigia a mim. — Estou fascinado que você seja a única exceção ao talento impressionante de Edward... É tão interessante que aconteça uma coisa dessas! E estava me perguntando, uma vez que nossos talentos são em muitos aspectos semelhantes, se você faria a gentileza de me permitir tentar... ver se você é uma exceção também para mim?

Meus olhos voaram apavorados para o rosto de Edward. Apesar da gentileza explícita de Aro, eu não acreditava que de fato tivesse alternativa. Estava apavorada com a ideia de permitir que ele me tocasse, e, no entanto, também perversamente intrigada com a possibilidade de sentir sua pele estranha.

Edward assentiu, encorajando-me — se foi porque ele tinha certeza de que Aro não ia me machucar ou porque não havia alternativa, eu não sabia.

Virei-me de novo para Aro e ergui a mão lentamente diante de mim. Eu tremia.

Ele se aproximou, e acredito que sua intenção fosse mostrar uma expressão

tranquilizadora. Mas suas feições de papiro eram estranhas demais, fora do comum e assustadoras demais para me acalmarem. O olhar em seu rosto era mais confiante do que as palavras que dissera.

Aro estendeu a mão, como que para me cumprimentar, e comprimiu a pele de aparência insubstancial na minha pele. Era dura, mas pareceu frágil — de xisto e não de granito — e ainda mais fria do que eu esperava.

Os olhos turvos sorriram para mim e foi impossível desviar o olhar. Eles eram hipnóticos, de maneira estranha e desagradável.

A expressão de Aro mudou enquanto eu observava. A confiança oscilou e se tornou primeiro dúvida, depois incredulidade antes de ele se acalmar numa máscara de simpatia.

— Muitíssimo interessante — disse ao soltar minha mão e recuar.

Meus olhos dispararam para Edward, e embora seu rosto estivesse composto, achei que ele parecia um pouco presunçoso.

Aro continuava a se mover, com uma expressão pensativa. Ficou em silêncio por um momento, os olhos adejando entre nós três. Depois, de repente, sacudiu a cabeça.

— É um começo — disse a si mesmo. — Pergunto-me se ela é imune a nossos outros talentos... Jane, minha cara?

— Não! — Edward rosnou a palavra. Alice pegou seu braço com ímpeto. Ele se livrou dela.

A pequena Jane sorria feliz para Aro.

— Sim, meu senhor?

Edward agora rosnava mesmo, o som saindo rasgado e dilacerado, e encarava Aro com olhos mortais. A sala ficou em silêncio, todos o observavam com uma descrença assombrada, como se ele estivesse cometendo uma gafe social constrangedora. Vi Felix sorrir esperançoso e avançar um passo. Aro o olhou uma vez e ele ficou imóvel, o sorriso transformando-se numa expressão carrancuda.

Depois ele falou com Jane.

— Imagino, minha querida, se Bella é imune a você.

Eu mal podia ouvir Aro com os rosnados furiosos de Edward. Ele me soltou, movendo-se para me esconder da visão deles. Caius veio em nossa direção com sua comitiva, para olhar.

Jane virou-se para nós com um sorriso beatífico.

— Não! — Alice gritou enquanto Edward se atirava para a menina.

Antes que eu pudesse reagir, antes que alguém pudesse se colocar entre eles, antes que os seguranças de Aro pudessem se compor, Edward estava no chão.

Ninguém o tocou, mas ele estava no chão de pedra retorcendo-se numa agonia evidente, enquanto eu olhava apavorada.

Agora Jane sorria só para ele, e tudo se encaixou. O que Alice dissera sobre os dons formidáveis, por que todos tratavam Jane com tanta deferência e por que Edward se atirara em seu caminho antes que ela pudesse fazer aquilo comigo.

— Pare! — gritei, minha voz ecoando no silêncio, e pulei para me interpor entre eles.

Mas Alice atirou os braços ao meu redor num aperto insuportável e ignorou meu esforço. Nenhum som saiu dos lábios de Edward enquanto ele se contorcia nas pedras. Parecia que minha cabeça ia explodir com a dor de assistir àquilo.

— Jane. — Aro a chamou com a voz tranquila.

Ela lançou-lhe um olhar rápido, ainda sorrindo de prazer, os olhos indagativos. Assim que Jane desviou o olhar, Edward ficou imóvel.

Aro inclinou a cabeça para mim.

Jane voltou seu sorriso na minha direção.

Eu nem encontrei seu olhar. Vi Edward pela prisão dos braços de Alice, ainda lutando em vão.

— Ele está bem — sussurrou Alice numa voz áspera.

Enquanto ela falava, ele se sentou, depois se colocou ligeiramente de pé. Seus olhos encontraram os meus, e estavam tomados de horror. De início pensei que o horror era pelo que ele tinha sofrido. Mas depois ele olhou depressa para Jane, e de novo para mim — e seu rosto relaxou de alívio.

Olhei para Jane também e ela não sorria mais. Encarava-me, o maxilar trincado devido à intensidade de sua concentração. Eu me encolhi, esperando pela dor.

Nada aconteceu.

Edward estava a meu lado de novo. Tocou o braço de Alice e ela me entregou a ele.

Aro começou a rir.

— Rá, rá, rá — gargalhava ele. — Isso é maravilhoso!

Jane sibilou de frustração, inclinando-se para a frente como se estivesse se

preparando para atacar.

— Não fique aborrecida, minha querida — disse Aro num tom reconfortante, colocando a mão leve e poeirenta no ombro dela. — Ela confunde a todos nós.

O lábio superior de Jane se retraiu, mostrando os dentes, enquanto ela continuava a me encarar.

— Rá, rá, rá. — Aro riu de novo. — Você é muito corajoso, Edward, para suportar em silêncio. Pedi a Jane para fazer isso comigo uma vez... Só por curiosidade. — Ele sacudiu a cabeça, admirado.

Edward o encarava enojado.

— E o que vamos fazer com vocês agora? — Aro suspirou.

Edward e Alice se enrijeceram. Essa era a parte que eles esperavam. Eu comecei a tremer.

— Não suponho que haja alguma possibilidade de você ter mudado de ideia? — perguntou Aro a Edward, cheio de esperança. — Seu talento seria um excelente incremento para nossa pequena companhia.

Edward hesitou. Pelo canto do olho, vi Felix e Jane torcerem a cara.

Edward parecia pesar cada palavra antes de pronunciá-las.

— Eu... prefiro... não.

— Alice? — perguntou Aro, ainda com esperanças. — Estaria talvez interessada em se juntar a nós?

— Não, obrigada — disse Alice.

— E você, Bella? — Aro ergueu as sobrancelhas.

Edward sibilou baixo em meus ouvidos. Olhei apático para Aro. Estaria ele brincando? Ou realmente me perguntava se eu queria ficar para o jantar?

Foi Caius, o de cabelos brancos, quem rompeu o silêncio.

— O quê? — ele perguntou a Aro; sua voz, embora não mais que um sussurro, era uniforme.

— Caius, com certeza você vê o potencial — Aro o repreendeu afetuosamente. — Não vejo um possível talento tão promissor desde que encontramos Jane e Alec. Pode imaginar as possibilidades quando ela for uma de nós?

Caius desviou os olhos com uma expressão cáustica. Os olhos de Jane cintilaram de indignação com a comparação.

Edward se enfureceu a meu lado. Conseguia ouvir o trovão em seu peito, formando um rosnado. Eu não podia deixar que seu gênio o ferisse.

— Não, obrigada — falei no que mal passava de um sussurro, minha voz falhando de medo.

Aro suspirou.

— É lamentável. Um desperdício.

Edward sibilou.

— Unir-se ou morrer, não é? Desconfiei disso quando fomos trazidos a esta sala. Bem de acordo com suas leis.

O tom de sua voz me surpreendeu. Ele parecia colérico, mas havia algo premeditado no modo como falou — como se tivesse escolhido as palavras com muito cuidado.

— É claro que não. — Aro piscou, atordoado. — Já estávamos reunidos aqui, Edward, esperando pelo retorno de Heidi. Não por você.

— Aro — sibilou Caius. — A lei os reclama.

Edward fitou Caius.

— Como assim? — perguntou ele. Aro devia saber o que Caius estava pensando, mas parecia decidido a obrigá-lo a falar em voz alta.

Caius apontou um dedo esquelético para mim.

— Ela sabe demais. Você expôs nossos segredos. — A voz era fina como papel, exatamente como sua pele.

— Também há alguns humanos em seu teatro aqui — Edward o lembrou, e pensei na recepcionista bonita lá embaixo.

A face de Caius se retorceu numa nova expressão. Seria aquilo um sorriso?

— Sim — concordou ele. — Mas quando não nos forem mais úteis, servirão para nos sustentar. Não é seu plano para essa. Se ela trair nossos segredos, está preparado para destruí-la? Acho que não — zombou ele.

— Eu não... — comecei, ainda sussurrando.

Caius me silenciou com um olhar gélido.

— Também não pretende torná-la uma de nós — continuou Caius. — Portanto, ela é uma vulnerabilidade. Admitindo que isso seja verdade, nesse caso, só ela perde o direito à vida. Você pode partir, se desejar.

Edward mostrou os dentes.

— Foi o que pensei — disse Caius, com algo parecido com prazer. Felix se inclinou para a frente, ansioso.

— A não ser... — interrompeu Aro. Ele parecia infeliz com o rumo que a

conversa tomara. — A não ser que pretenda dar-lhe a imortalidade.

Edward franziu os lábios, hesitando por um momento antes de responder.

— E se eu der?

Aro sorriu, feliz de novo.

— Assim estaria livre para ir para casa e levar meus cumprimentos a meu amigo Carlisle. — Sua expressão tornou-se mais hesitante. — Mas receio que tenha de estar sendo sincero.

Aro ergueu a mão diante dele.

Caius, que começara a fazer uma carranca furiosa, relaxou.

Os lábios de Edward se estreitaram numa linha feroz. Ele me olhou nos olhos e eu retribuí.

— Seja sincero — sussurrei. — Por favor.

Seria mesmo uma ideia tão repugnante? Então ele preferia morrer a me modificar? Parecia que eu tinha levado um chute na barriga.

Edward olhou-me de cima com uma expressão torturada.

E depois Alice se afastou de nós, indo até Aro. Nos viramos para olhar. Sua mão estava erguida, como a dele.

Ela não disse nada e Aro afastou os seguranças ansiosos quando eles se moveram para impedir a aproximação dela. Aro a encontrou a meio caminho e pegou sua mão com um brilho de ansiedade e cobiça nos olhos.

Ele inclinou a cabeça na direção das mãos que se tocavam, os olhos se fechando ao se concentrar. Alice ficou imóvel, o rosto inexpressivo. Ouvi os dentes de Edward trincando.

Ninguém se mexeu. Aro parecia congelado junto à mão de Alice. Os segundos se passaram e eu fui ficando cada vez mais estressada, perguntando-me quanto tempo se passaria antes que fosse tempo demais. Antes que significasse que havia algo errado — mais errado do que já estava.

Outro momento de agonia se passou, depois a voz de Aro quebrou o silêncio.

— Rá, rá, rá — ele riu, a cabeça ainda tombada para a frente. Ele olhou para cima devagar, os olhos brilhando de emoção. — Isso foi fascinante!

Alice deu um sorriso seco.

— Fico feliz que tenha gostado.

— Ver as coisas que você viu... Em especial aquelas que ainda não aconteceram! — Ele sacudiu a cabeça, maravilhado.

— Mas acontecerão — ela comentou, a voz calma.

— Sim, sim, está bem determinado. Certamente não há problema.

Caius parecia amargamente decepcionado — uma sensação que ele parecia compartilhar com Felix e com Jane.

— Aro — queixou-se Caius.

— Meu caro Caius. — Aro sorriu. — Não se aflija. Pense nas possibilidades! Eles não se unirão a nós hoje, mas sempre podemos ter esperança quanto ao futuro. Imagine a alegria que a jovem Alice, sozinha, poderia trazer à nossa pequena família... Além disso, estou terrivelmente curioso para ver como Bella ficará!

Aro parecia convencido. Não percebera o quanto as visões de Alice eram subjetivas? Que ela podia se resolver a me transformar hoje, amanhã mudar de ideia? Um milhão de decisões mínimas, as decisões dela e de tantos outros — de Edward — podiam alterar seu rumo e, com ele, o futuro.

E importava mesmo que Alice estivesse disposta a fazer, faria alguma diferença se eu me tornasse vampira, se a ideia era tão repulsiva para Edward? Se para ele a morte era uma alternativa melhor do que me ter perto dele para sempre, um aborrecimento imortal? Apavorada como estava, senti-me afundando na depressão, afogando-me nela...

— Então agora estamos livres para partir? — perguntou Edward numa voz monótona.

— Sim, sim — disse Aro com satisfação. — Mas, por favor, volte a nos visitar. Foi absolutamente fascinante!

— E nós também os visitaremos — prometeu Caius, os olhos subitamente semicerrados como o olhar de pálpebras pesadas de um lagarto. — Para nos assegurarmos de que sua parte foi cumprida. Em seu lugar, eu não me demoraria muito. Não oferecemos uma segunda chance.

O maxilar de Edward trincou, mas ele assentiu uma vez.

Caius deu um sorriso malicioso e voltou para onde Marcus ainda estava sentado, imóvel e desinteressado.

Felix grunhiu.

— Ah, Felix. — Aro sorriu, divertindo-se. — Heidi estará aqui a qualquer momento. Paciência.

— Hmmm. — A voz de Edward tinha certa tensão. — Nesse caso, talvez seja

melhor partirmos o quanto antes.

— Sim — concordou Aro. — É uma boa ideia. Acidentes acontecem. Mas, por favor, esperem até que escureça, se não se importam.

— Claro — concordou Edward, enquanto eu me encolhia com a ideia de esperar que o dia acabasse antes de podermos escapar.

— E tome — acrescentou Aro, sinalizando para Felix com um dedo. Felix deu um passo à frente e Aro abriu o manto cinza que o imenso vampiro usava, tirando-o de seus ombros. Ele o atirou a Edward. — Pegue isto. Você chama um pouco a atenção.

Edward pôs o longo manto, deixando o capuz abaixado.

Aro suspirou.

— Cabe em você.

Edward riu, mas parou de repente, olhando por sobre o ombro.

— Obrigado, Aro. Vamos esperar lá embaixo.

— Adeus, jovens amigos — disse Aro, os olhos brilhantes ao fitar na mesma direção.

— Vamos — disse Edward, agora com urgência.

Demetri gesticulou para que o seguíssemos, depois partiu pelo caminho que havíamos tomado para chegar, a única saída, ao que parecia.

Edward me puxava rapidamente junto de si. Alice estava perto, do outro lado, a expressão severa.

— Não está rápido o suficiente — murmurou ela.

Olhei para ela, assustada, mas ela só parecia pesarosa. Foi então que percebi o balbuciar de vozes — altas, rudes — vindo da antecâmara.

"Ora, isso é incomum", trovejou uma voz vulgar de homem.

"Tão medieval", respondeu entusiasmada uma voz feminina e de um estridente desagradável.

Uma multidão passava pela pequena porta, enchendo a câmara de pedra menor. Demetri fez sinal para abrirmos espaço. Nós nos encostamos na parede fria para que eles passassem.

O casal na frente, aparentemente de americanos, olhou em volta com olhos minuciosos.

— Bem-vindos, convidados! Bem-vindos a Volterra! — pude ouvir Aro cantar da sala grande do torreão.

Os demais, talvez uns quarenta, faziam fila atrás do casal. Alguns examinavam o lugar como turistas. Uns poucos até tiraram fotos. Outros pareceram confusos, como se a história que os levara àquela sala não fizesse sentido algum. Percebi particularmente uma mulher morena e baixinha. Em seu pescoço havia um rosário e ela agarrava firme o crucifixo com uma das mãos. Andava mais devagar do que os outros, tocando alguém de vez em quando e fazendo uma pergunta numa língua desconhecida. Ninguém pareceu entendê-la e o pânico aumentou em sua voz.

Edward puxou meu rosto para seu peito, mas era tarde demais. Eu já havia entendido.

Assim que a menor brecha surgiu, Edward me empurrou depressa para a porta. Pude sentir a expressão de pavor em meu rosto e as lágrimas começando a se acumular em meus olhos.

O corredor ornado de dourado estava silencioso e vazio, a não ser por uma mulher linda e escultural. Ela nos olhava com curiosidade, a mim em particular.

— Bem-vinda ao lar, Heidi — Demetri a cumprimentou atrás de nós.

Heidi sorriu distraidamente. Ela me lembrava Rosalie, embora não fossem nada parecidas — era apenas sua beleza, também excepcional e inesquecível. Eu não conseguia desviar meus olhos.

Ela estava vestida para destacar seus atributos. As pernas maravilhosamente longas, escurecidas com meias, estavam expostas por uma minissaia curtíssima. A blusa de mangas compridas era alta no pescoço, mas muitíssimo apertada e feita de vinil vermelho. O longo cabelo cor de mogno brilhava e seus olhos tinham o mais estranho tom de violeta — uma cor que podia resultar de lentes de contato azuis sobre íris vermelhas.

— Demetri — respondeu ela numa voz sedosa, os olhos disparando entre meu rosto e o manto cinza de Edward.

— Boa pescaria — Demetri a cumprimentou, e eu de repente entendi a roupa chamativa que ela usava... Ela não era só a pescadora, mas também a isca.

— Obrigada. — Ela abriu um sorriso estonteante. — Não vai entrar?

— Num minuto, guarde um pouco para mim.

Heidi assentiu e passou pela porta com um último olhar de curiosidade dirigido a mim.

Edward seguiu num ritmo que me fez correr para acompanhar. Mas ainda

assim não conseguimos passar pela porta ornamentada no final do corredor antes de começarem os gritos.

22. VOO

DEMETRI NOS DEIXOU NA RECEPÇÃO agradavelmente opulenta onde a mulher, Gianna, ainda estava em seu posto atrás do balcão encerado. Uma música animada e inofensiva soava de alto-falantes embutidos.

— Não saiam até que escureça — ele nos alertou.

Edward assentiu e Demetri se afastou às pressas.

Gianna não pareceu nada surpresa com a troca, embora olhasse o manto emprestado em Edward com uma especulação maliciosa.

— Você está bem? — perguntou Edward em voz baixa, baixa demais para a mulher humana ouvir. A voz era áspera, se é que veludo pode ser áspero, de ansiedade. Ainda estressada por nossa situação, imaginei.

— É melhor fazê-la sentar antes que caia — disse Alice. — Ela vai desmoronar.

Foi só então que percebi que eu tremia, tremia muito, todo o meu corpo vibrando até que meus dentes bateram e a sala em volta de mim pareceu oscilar e ficar embaçada em meus olhos. Em um segundo de desvario, perguntei-me se era assim que Jacob se sentia antes de explodir em um lobisomem.

Ouvi um som que não fazia sentido, um equivalente cortante e estranho do fundo musical animado. Distraída pelo tremor, eu não sabia de onde vinha.

— Shhh, Bella, shhh — disse Edward enquanto me puxava para o sofá mais distante da humana curiosa na recepção.

— Acho que ela está com uma crise histérica. Talvez você deva lhe dar um tapa — sugeriu Alice.

Edward lançou a ela um olhar frenético.

Depois eu entendi. Ah. O barulho era meu. O som cortante era o choro subindo de meu peito. Era isso que me fazia tremer.

— Está tudo bem, você está segura, está tudo bem — entoava Edward sem parar. Ele me colocou em seu colo e passou o manto grosso de lã à volta do meu corpo, protegendo-me de sua pele fria.

Eu sabia que era idiotice reagir daquela forma. Quem poderia dizer quanto tempo eu tinha para olhar o rosto dele? Ele estava salvo, eu estava salva, e ele podia me deixar assim que estivéssemos livres. Ter os olhos tão cheios de lágrimas, a ponto de não poder ver as feições dele com clareza, era um desperdício — uma insanidade.

Mas, por trás dos olhos, onde as lágrimas não podiam lavar a imagem, eu ainda conseguia ver o rosto em pânico da mulher baixinha com o rosário.

— Toda aquela gente — solucei.

— Eu sei — sussurrou ele.

— É tão horrível.

— Sim, é. Queria que não tivesse precisado ver isso.

Encostei minha cabeça em seu peito frio, usando o manto grosso para enxugar os olhos. Respirei fundo algumas vezes, tentando me acalmar.

— Posso lhes trazer alguma coisa? — perguntou educadamente uma voz. Era Gianna, inclinando-se por sobre o ombro de Edward com um olhar que era ao mesmo tempo preocupado e, no entanto, profissional e distanciado. Não parecia incomodá-la que seu rosto estivesse a centímetros de um vampiro hostil. Ou era totalmente ignorante, ou era muito boa em seu trabalho.

— Não — respondeu Edward com frieza.

Ela assentiu, sorriu para mim e desapareceu.

Esperei até que Gianna não pudesse ouvir.

— Ela sabe o que está acontecendo aqui? — perguntei, minha voz baixa e rouca. Eu começava a me controlar, minha respiração se acalmava.

— Sim. Ela sabe de tudo — disse-me Edward.

— Ela sabe que um dia eles vão matá-la?

— Sabe que há essa possibilidade — disse ele.

Isso me surpreendeu.

O rosto de Edward era difícil de interpretar.

— Espera que eles decidam ficar com ela.

Senti o sangue fugir de meu rosto.

— Ela quer ser um deles?

Ele assentiu uma vez, os olhos penetrantes em meu rosto, observando minha reação.

Tremi.

— Como ela pode querer isso? — sussurrei, mais para mim mesma do que procurando de fato uma resposta. — Como pode ver as pessoas fazendo fila para entrar naquela sala horrenda e querer participar daquilo?

Edward não respondeu. Sua expressão mudou, em reação a alguma coisa que eu dissera.

Enquanto eu fitava seu rosto tão lindo, tentando entender a mudança, de repente me ocorreu que eu realmente estava ali, nos braços de Edward, embora por pouco tempo, e que não estávamos — naquele exato momento — prestes a ser mortos.

— Ah, Edward — eu disse, e estava chorando de novo. Era uma reação tão idiota. As lágrimas eram espessas demais para que eu visse seu rosto de novo, e isso era indesculpável. Eu só tinha até o pôr do sol, sem dúvida. Como um conto de fadas outra vez, com prazos que encerravam a magia.

— Qual é o problema? — perguntou ele, ainda ansioso, afagando minhas costas de modo gentil.

Passei os braços em seu pescoço — qual era a pior coisa que ele podia fazer? Só me afastar — e abracei-o com força.

— É muito doentio de minha parte ficar feliz agora? — perguntei. Minha voz falhou duas vezes.

Ele não me afastou. Puxou-me com firmeza para perto de seu peito gelado, tão firme que mal consegui respirar, mesmo com meus pulmões sem dúvida intactos.

— Sei exatamente o que quer dizer — sussurrou ele. — Mas temos muitos motivos para ficar felizes. Primeiro, estamos vivos.

— Sim — concordei. — Esse é um bom motivo.

— E juntos — sussurrou ele. Seu hálito era tão doce que fez minha cabeça girar.

Eu só assenti, certa de que ele não colocara o mesmo peso que eu nessa consideração.

— E com alguma sorte ainda estaremos vivos amanhã.

— Espero que sim — disse, inquieta.

— A perspectiva é muito boa — garantiu-me Alice. Ela estivera tão quieta que quase me esqueci de sua presença. — Vou ver Jasper em menos de vinte e quatro horas — acrescentou num tom satisfeito.

Alice tinha sorte. Podia confiar em seu futuro.

Não conseguia tirar os olhos do rosto de Edward por muito tempo. Eu o fitava, querendo mais do que nunca que o futuro jamais acontecesse. Que aquele momento durasse para sempre ou, se não fosse possível, que eu parasse de existir quando acabasse.

Edward retribuiu meu olhar, seus olhos escuros suaves, e era fácil fingir que ele sentia o mesmo. E foi o que fiz. Eu fingi, para tornar o momento mais maravilhoso.

As pontas de seus dedos acompanharam os círculos sob meus olhos.

— Você parece muito cansada.

— E você parece estar com sede — sussurrei, examinando as manchas roxas sob as íris negras.

Ele deu de ombros.

— Não é nada.

— Tem certeza? Posso me sentar com Alice — propus, de má vontade; eu preferia que ele me matasse ali a que se afastasse um centímetro que fosse de onde eu estava.

— Não seja ridícula. — Ele suspirou; o hálito doce acariciou meu rosto. — Nunca tive mais controle desse aspecto de minha natureza do que tenho agora.

Eu tinha um milhão de perguntas para ele. Uma delas escapou para meus lábios naquela hora, mas mordi a língua. Não queria estragar o momento, por mais imperfeito que fosse, ali, naquela sala que me deixava doente, sob os olhos da candidata a monstro.

Ali, nos braços dele, era muito fácil fantasiar que ele me queria. Naquele momento, eu não queria pensar em suas motivações — se ele agia daquela forma para me manter calma enquanto ainda corríamos perigo, ou se apenas se sentia culpado por onde estávamos e aliviado por não ser responsável por minha morte. Talvez o tempo que passamos separados tivesse sido suficiente para que eu não o incomodasse por enquanto. Mas isso não importava. Eu estava feliz demais fingindo.

Fiquei parada em seus braços, memorizando novamente seu rosto, fingindo...

Ele olhava meu rosto como se estivesse fazendo o mesmo, enquanto discutia com Alice como chegar em casa. As vozes eram tão rápidas e baixas que eu sabia que Gianna não podia entender. Eu mesma perdi metade do que disseram. Mas parecia envolver mais algum roubo. Imaginei em vão se o Porsche amarelo já

havia voltado para seu dono.

— O que foi toda aquela conversa de cantoras? — perguntou Alice a certa altura.

— La tua cantante — disse Edward. A voz dele transformava as palavras em música.

— Sim, isso — disse Alice, e eu me concentrei por um momento. Na hora, também me perguntei sobre isso.

Senti Edward encolher os ombros junto a mim.

— Eles têm um nome para quem tem o cheiro que Bella tem para mim. Chamam de minha cantora... Porque o sangue dela canta para mim.

Alice riu.

Eu estava cansada o suficiente para dormir, mas tentei combater a exaustão. Não perderia nem um segundo do tempo que tinha com ele. De vez em quando, enquanto conversava com Alice, ele de repente se inclinava e me beijava — os lábios suaves como vidro roçando em meu cabelo, em minha testa, na ponta de meu nariz. A cada vez era como receber um choque elétrico em meu coração há muito dormente. O som de seu batimento parecia encher a sala toda.

Era o paraíso — bem no meio do inferno.

Perdi completamente a noção do tempo. Assim, quando os braços de Edward me apertaram, e ele e Alice olharam preocupados o fundo da sala, entrei em pânico. Encolhi-me contra o peito de Edward enquanto Alec — os olhos agora de um rubi vívido, mas ainda imaculado em seu terno cinza-claro, apesar da refeição da tarde — passou pelas portas duplas.

Eram boas notícias.

— Estão livres para partir agora — disse-nos Alec, o tom de voz tão caloroso que parecia que éramos todos velhos amigos. — Pedimos que não se demorem na cidade.

Edward não se preocupou em fingir ao responder; sua voz era de uma frieza gélida.

— Isso não será problema.

Alec sorriu, aquiesceu e desapareceu novamente.

— Sigam o corredor à direita até o primeiro grupo de elevadores — disse-nos Gianna enquanto Edward me ajudava a me levantar. — Dois andares abaixo ficam o saguão e a saída para a rua. Então, adeus — acrescentou, num tom

agradável. Perguntei-me se sua competência seria suficiente para salvá-la.

Alice lançou a ela um olhar sombrio.

Fiquei aliviada por haver outra saída; não tinha certeza se podia lidar com outro tour pelos subterrâneos.

Saímos por um saguão luxuoso e de bom gosto. Fui a única a olhar para trás, para o castelo medieval que abrigava a elaborada fachada de empresa. Não consegui ver o torreão e fiquei grata por isso.

A festa ainda estava a todo o vapor nas ruas. As luzes dos postes começavam a se acender enquanto andávamos rápido pelas estreitas vias de pedra. O céu era de um cinza-claro e opaco, mas as construções eram tão próximas nas ruas que parecia mais escuro.

A festa também estava mais sombria. O manto longo de Edward arrastava no chão, mas não se destacava tanto quanto teria ocorrido numa noite normal em Volterra. Agora havia outros vestindo mantos de cetim preto, e as presas de plástico que eu vira na criança na praça pareciam muito populares entre os adultos.

— Ridículo — murmurou Edward.

Não percebi quando Alice desapareceu de meu lado. Olhei para lhe fazer uma pergunta, e ela se fora.

— Onde está Alice? — sussurrei, em pânico.

— Foi buscar as bolsas de vocês onde as escondeu esta manhã.

Eu me esquecera de que tinha acesso a uma escova de dente. Isso iluminou consideravelmente minha perspectiva.

— Ela está roubando um carro também, não é? — supus.

Ele sorriu.

— Só quando estivermos lá fora.

Parecia um longo caminho até a entrada. Edward percebeu que eu estava exausta; passou o braço em minha cintura e sustentou a maior parte de meu peso enquanto andávamos.

Estremeci quando ele me puxou pelo arco escuro de pedra. A imensa e antiga grade levadiça no alto era como uma porta de gaiola, ameaçando cair sobre nós, nos trancar lá dentro.

Ele me levou para um carro escuro que esperava com o motor ligado numa poça de sombra à direita do portão. Para minha surpresa, ele entrou no banco

traseiro comigo, em vez de insistir em dirigir.

Alice se desculpou.

— Sinto muito. — Ela gesticulou vagamente para o painel. — Não havia muitas opções.

— Está tudo bem, Alice. — Ele sorriu. — Não dava para todos serem um Turbo 911.

Ela suspirou.

— Talvez possa adquirir um daquele legalmente. Era fabuloso.

— Vou lhe dar um de presente de Natal — prometeu Edward.

Alice virou-se radiante para ele, o que me preocupou, porque ao mesmo tempo ela já acelerava pela colina escura e sinuosa.

— Amarelo — disse-lhe.

Edward me manteve apertada em seus braços. Dentro do manto cinza, eu estava aquecida e confortável. Mais do que confortável.

— Pode dormir agora, Bella — murmurou ele. — Acabou.

Eu sabia que ele se referia ao perigo, ao pesadelo na cidade antiga, mas ainda tive de engolir em seco antes de responder.

— Não quero dormir. Não estou cansada. — Apenas a segunda parte era mentira. Eu não fecharia os olhos. Só os controles do painel iluminavam um pouco o carro, mas era suficiente para enxergar o rosto dele.

Edward apertou os lábios na depressão sob minha orelha.

— Tente — ele incentivou.

Sacudi a cabeça.

Ele suspirou.

— Você ainda é a mesma teimosa.

Eu era mesmo teimosa; lutei contra minhas pálpebras pesadas e venci. A estrada escura foi a parte mais difícil; as luzes fortes no aeroporto de Florença tornaram a situação mais fácil para mim, assim como a oportunidade de escovar os dentes e vestir roupas limpas; Alice comprou roupas para Edward também, e ele largou o manto escuro numa pilha de lixo em um beco. A viagem de avião até Roma foi tão curta que não houve oportunidade real de o cansaço me tomar. Eu sabia que o voo de Roma para Atlanta seria completamente diferente, então pedi à comissária de bordo uma Coca-Cola.

— Bella — disse Edward, censurando-me. Ele sabia de minha baixa

tolerância à cafeína.

Alice estava atrás de nós. Pude ouvi-la murmurando com Jasper ao telefone.

— Não quero dormir — lembrei a ele. Eu lhe dei uma desculpa plausível por ser verdadeira. — Se fechar os olhos agora, vou ver coisas que não quero. Terei pesadelos.

Ele não discutiu comigo depois disso.

Teria sido uma hora muito boa para conversar, para conseguir as respostas de que precisava — precisava, mas não queria realmente; já estava me desesperando ao pensar no que podia ouvir. Tínhamos um período de tempo ininterrupto pela frente e ele não podia escapar de mim dentro de um avião — bom, não com facilidade, pelo menos. Ninguém nos ouviria, exceto Alice; era tarde e a maioria dos passageiros estava apagando as luzes e pedindo travesseiros aos sussurros. Conversar me ajudaria a combater a exaustão.

Mas, perversamente, mordi a língua para impedir a enxurrada de perguntas. Meu raciocínio devia estar prejudicado pelo cansaço, mas eu esperava que, adiando a conversa, pudesse ganhar mais algumas horas com ele num momento seguinte — prolongar aquilo por outra noite, no estilo Sherazade.

Então fiquei bebendo refrigerante e resistindo até ao impulso de piscar. Edward parecia perfeitamente satisfeito em me segurar nos braços, os dedos roçando meu rosto sem parar. Eu toquei seu rosto também. Não consegui me controlar, embora tivesse medo de que isso me magoasse mais tarde, quando estivesse sozinha de novo. Ele continuava a beijar meu cabelo, minha testa, meus pulsos... Mas nunca meus lábios, e isso era bom. Afinal, de quantas maneiras um coração pode ser destroçado e ainda continuar batendo? Nos últimos dias, eu tinha passado por muitas experiências que poderiam ter acabado comigo, mas isso não me deixou mais forte. Ao contrário, eu me sentia horrivelmente frágil, como se uma única palavra pudesse me despedaçar.

Edward não falou. Talvez estivesse esperando que eu dormisse. Talvez não tivesse nada a dizer.

Venci a luta contra as pálpebras pesadas. Estava acordada quando chegamos ao aeroporto em Atlanta e até vi o sol começar a nascer sobre o manto de nuvens de Seattle antes de Edward cobrir a janela. Estava orgulhosa de mim mesma. Não perdi nem um minuto.

Nem Alice nem Edward ficaram surpresos com a recepção que esperava por

nós no aeroporto Sea-Tac, mas fui pega desprevenida. Jasper foi o primeiro que vi — ele nem pareceu me enxergar. Seus olhos eram só para Alice. Ela foi depressa para o lado dele; eles não se abraçaram como os outros casais que se encontravam lá. Só se olharam nos olhos, e, no entanto, de algum modo, o momento era tão íntimo que ainda senti a necessidade de desviar o rosto.

Carlisle e Esme esperavam num canto silencioso, longe da fila de detectores de metal, na sombra de uma pilastra larga. Esme estendeu os braços para mim, abraçando-me num ímpeto, mas sem jeito, porque Edward também mantinha os braços ao meu redor.

— Muito obrigada — disse ela em meu ouvido.

Depois atirou os braços em Edward e sua aparência era a de quem estaria chorando, se isso fosse possível.

— Nunca mais me faça passar por isso — ela quase grunhiu.

Edward sorriu, arrependido.

— Desculpe, mãe.

— Obrigado, Bella — disse Carlisle. — Devemos uma a você.

— De jeito nenhum — murmurei. A noite insone de repente me dominou. Minha cabeça parecia desligada do corpo.

— Ela está morta de cansaço — Esme repreendeu Edward. — Vamos levá-la para casa.

Sem saber se ir para casa era o que eu queria àquela altura, cambaleei quase sem enxergar pelo aeroporto, Edward me carregando de um lado e Esme do outro. Não sabia se Alice vinha ou não atrás de nós e estava exausta demais para olhar.

Acho que eu dormia, embora ainda estivesse andando, quando chegamos ao carro deles. A surpresa de ver Emmett e Rosalie encostados no sedã preto sob as luzes fracas do estacionamento me despertou um pouco. Edward se enrijeceu.

— Não — sussurrou Esme. — Ela está se sentindo péssima.

— Devia mesmo — disse Edward, sem qualquer tentativa de manter a voz baixa.

— Não é culpa dela — eu disse, minhas palavras emboladas pelo cansaço.

— Deixe-a se desculpar — pediu Esme. — Nós vamos com Alice e Jasper.

Edward olhou de cara feia para a vampira loura e absurdamente linda que esperava por nós.

— Por favor, Edward — eu disse. Não queria ir de carona com Rosalie mais do que ele, mas eu já havia causado discórdia demais naquela família.

Ele suspirou e me levou até o carro.

Emmett e Rosalie entraram nos bancos da frente sem falar, enquanto Edward outra vez me empurrou para o banco traseiro. Sabia que não ia conseguir mais lutar contra minhas pálpebras e deitei, derrotada, a cabeça em seu peito, deixando que elas se fechassem. Senti o carro roncar ao ser ligado.

— Edward — começou Rosalie.

— Eu sei. — O tom brusco de Edward não era generoso.

— Bella? — perguntou Rosalie numa voz delicada.

Minhas pálpebras se abriram de choque. Era a primeira vez que ela falava diretamente comigo.

— Sim, Rosalie? — perguntei, hesitante.

— Me desculpe, Bella. Eu me senti péssima com relação a cada parte disso, e muito grata por você ter tido coragem de ir salvar meu irmão depois do que fiz. Por favor, diga que me perdoa.

As palavras eram desajeitadas e formais, devido a seu constrangimento, mas pareciam sinceras.

— Claro, Rosalie — murmurei, agarrando minha oportunidade de fazer com que ela me odiasse um pouco menos. — Não foi sua culpa. Fui eu que pulei da droga do penhasco. É claro que perdoo você.

As palavras saíram piegas.

— Não vale enquanto ela não estiver consciente, Rose — Emmett riu.

— Estou consciente — eu disse; mas pareceu um suspiro deturpado.

— Deixem que ela durma — insistiu Edward, mas sua voz era um pouco mais calorosa.

Fez-se silêncio então, a não ser pelo ronco suave do motor. Devo ter dormido, porque tive a impressão de que se passaram segundos quando a porta se abriu e Edward estava me carregando do carro. Meus olhos não se abriam. No início pensei que ainda estivéssemos no aeroporto.

E depois ouvi Charlie.

— Bella! — gritou ele de certa distância.

— Charlie — murmurei, tentando me arrancar do estupor.

— Shhh — sussurrou Edward. — Está tudo bem; você está em casa e segura.

Durma.

— Não posso acreditar que tem coragem de mostrar sua cara aqui — berrou Charlie para Edward, a voz agora muito mais perto.

— Pare com isso, pai — eu grunhi. Ele não me ouviu.

— O que ela tem? — perguntou Charlie.

— Ela só está muito cansada, Charlie — garantiu-lhe Edward em voz baixa. — Por favor, deixe que ela descanse.

— Não me diga o que fazer! — gritou Charlie. — Me dê minha filha. Tire as mãos dela!

Edward tentou me passar para Charlie, mas eu me agarrava a ele com os dedos travados e decididos. Pude sentir meu pai puxando meu braço.

— Pare com isso, pai — eu disse mais alto. Consegui resistir às pálpebras de novo e fitei Charlie com olhos turvos. — Fique chateado comigo.

Estávamos na frente de minha casa. A porta estava aberta. A camada de nuvens no alto era densa demais para se saber a hora do dia.

— Pode apostar que ficarei — prometeu Charlie. — Trate de entrar.

— Tá bom. Me ponha no chão — suspirei.

Edward me colocou de pé. Eu podia ver que estava ereta, mas não conseguia sentir minhas pernas. Em todo o caso, arrastei-me para a frente, até que a calçada girou até meu rosto. Os braços de Edward me pegaram antes que eu batesse no concreto.

— Só me deixe colocá-la lá em cima — disse Edward. — Depois vou embora.

— Não! — gritei, em pânico. Eu ainda não tinha minhas respostas. Ele precisava ficar pelo menos para isso, não é?

— Não estarei longe — prometeu Edward, sussurrando tão baixo em meu ouvido que Charlie não tinha a menor chance de escutar.

Não ouvi a resposta de Charlie, mas Edward entrou na casa. Meus olhos só conseguiram ficar abertos até a escada. A última coisa que senti foram as mãos frias de Edward soltando meus dedos de sua camisa.

23. A VERDADE

TIVE A SENSAÇÃO DE QUE DORMI POR MUITO TEMPO — meu corpo estava rígido, como se eu não tivesse me mexido nem uma vez em todo esse intervalo. Minha mente estava confusa e lenta; sonhos estranhos e coloridos — sonhos e pesadelos — giravam de forma vertiginosa em minha cabeça. Eram muito nítidos. O terrível e o celestial, todos misturados numa confusão bizarra. Havia impaciência e medo profundos, ambos parte daquele sonho frustrante em que seus pés não se movem rápido o suficiente... E havia muitos monstros, demônios de olhos vermelhos que eram ainda mais medonhos devido a sua cortês civilidade. O sonho ainda permanecia — podia até me lembrar dos nomes. Mas a parte mais intensa e mais clara não foi o pavor. Foi o anjo, o mais nítido de todos.

Foi difícil abandoná-lo e acordar. Esse sonho não queria ser afugentado para o cofre de sonhos que eu me recusava a revisitar. Lutei contra ele enquanto minha mente ficava mais alerta, concentrando-se na realidade. Não conseguia lembrar que dia da semana era, mas tinha certeza de que Jacob, a escola, o trabalho ou outra coisa esperavam por mim. Respirei fundo, imaginando como enfrentar mais um dia.

Algo frio tocou minha testa com a mais suave pressão.

Fechei meus olhos ainda mais apertados. Pelo visto eu ainda estava sonhando, e parecia anormalmente real. Estava tão perto de acordar... a qualquer segundo, e ele iria embora.

Mas percebi que parecia real demais, real demais para ser bom para mim. Os braços de pedra que imaginei me envolvendo eram substanciais demais. Se deixasse aquilo ir adiante me arrependeria mais tarde. Com um suspiro resignado, abri minhas pálpebras para dispersar a ilusão.

— Oh! — disse ofegante, e cobri os olhos com os punhos.

Bem, estava claro que eu tinha ido longe demais; talvez tivesse sido um erro ter deixado minha imaginação tão fora de controle. Tudo bem, então "deixar" era a palavra errada. Eu a obrigara a sair de controle — na verdade perseguira minhas

alucinações — e agora minha mente tinha pifado.

Levei menos de um segundo para perceber que, como estava verdadeiramente louca, podia muito bem desfrutar das ilusões enquanto elas fossem agradáveis.

Abri os olhos de novo — e Edward ainda estava ali, seu rosto perfeito a centímetros do meu.

— Eu a assustei? — Sua voz baixa era ansiosa.

Isso era muito bom, as ilusões continuavam. O rosto, a voz, o aroma, tudo — muito melhor do que me afogar. A linda invenção de minha imaginação observava alarmada a mudança de minhas expressões. Suas íris eram negras, no alto de sombras feito hematomas. Isso me surpreendeu; meus Edwards alucinatórios em geral estavam mais bem alimentados.

Pisquei duas vezes, tentando com desespero me lembrar da última coisa que tinha certeza de que era real. Alice fazia parte de meu sonho, e me perguntei se ela havia realmente voltado ou se era só o preâmbulo. Pensei que ela tivesse voltado no dia em que quase me afoguei...

— Ah, droga — grasnei. Minha garganta estava áspera com o sono.

— Qual é o problema, Bella?

Franzi infeliz o cenho para ele. Seu rosto ficou ainda mais ansioso do que antes.

— Morri, não é? — gemi. — Eu me afoguei. Droga, droga, droga! Isso vai matar Charlie.

Edward franziu o cenho também.

— Você não está morta.

— Então por que não estou acordando? — desafiei, erguendo as sobrancelhas.

— Você está acordada, Bella.

Sacudi a cabeça.

— Ah, sim, claro. É o que você quer que eu pense. E depois vai ser pior quando eu acordar. Se eu acordar, o que não vai acontecer, porque estou morta. Isso é péssimo. Coitado de Charlie. E Renée e Jake... — Eu me interrompi apavorada com o que tinha feito.

— Entendo que possa me confundir com um pesadelo. — Seu sorriso curto era soturno. — Mas não imagino o que pode ter feito para parar no inferno. Você cometeu muitos assassinatos enquanto estive fora?

Fiz uma careta.

— É claro que não. Se eu estivesse no inferno, você não estaria comigo.

Ele suspirou.

Minha cabeça estava clareando. Meus olhos se desviaram do rosto dele — de má vontade — por um segundo, para a janela aberta e escura, e depois de volta para ele. Comecei a me lembrar dos detalhes... E senti um rubor leve e estranho na pele, no alto das bochechas, enquanto percebia devagar que Edward estava realmente, de verdade, ali comigo, e eu estava desperdiçando tempo sendo uma idiota.

— Então tudo aquilo aconteceu mesmo? — Era quase impossível transferir meu sonho para a realidade. Eu não conseguia assimilar aquilo.

— Depende. — O sorriso de Edward ainda era severo. — Se está se referindo a nós quase sendo massacrados na Itália, então, sim.

— Que estranho — refleti. — Eu fui mesmo à Itália. Sabia que eu nunca tinha ido mais longe do que Albuquerque?

Ele revirou os olhos.

— Talvez deva voltar a dormir. Você está incoerente.

— Não estou mais cansada. — Agora estava ficando claro. — Que horas são? Quanto tempo fiquei dormindo?

— Agora é só uma da manhã. Então, umas catorze horas.

Eu me espreguicei enquanto ele falava. Estava muito rígida.

— Charlie? — perguntei.

Edward franziu a testa.

— Dormindo. Você deve saber que estou quebrando as regras agora. Bem, não tecnicamente, uma vez que ele disse que eu nunca voltaria a passar pela porta, e eu entrei pela janela... Mas, ainda assim, a intenção foi clara.

— Charlie proibiu sua entrada aqui em casa? — perguntei, a incredulidade logo se transformando em fúria.

Os olhos dele estavam tristes.

— Esperava outra reação?

Meus olhos estavam zangados. Ia ter uma conversinha com meu pai — talvez fosse uma boa hora para lembrá-lo de que, legalmente, eu já era maior de idade. Isso não importava tanto, é claro, a não ser na teoria. Muito em breve não haveria motivos para a proibição. Voltei meus pensamentos para rumos menos dolorosos.

— Qual é a história? — perguntei, genuinamente curiosa, mas também

tentando de modo desesperado manter a conversa despreocupada, assim não o espantaria com a ansiedade frenética e aflitiva que grassava dentro de mim.

— O que quer dizer?

— O que vou dizer a Charlie? Qual será a desculpa para ter desaparecido por... Quanto tempo fiquei fora, aliás? — Tentei contar as horas mentalmente.

— Só três dias. — Seus olhos se apertaram, mas desta vez ele sorriu com mais naturalidade. — Na verdade, eu estava esperando que você tivesse uma boa explicação. Não tenho nenhuma.

Eu gemi.

— Ótimo.

— Bom, talvez Alice pense em algo — propôs ele, tentando me reconfortar.

E fiquei reconfortada. Quem se importava com o que eu teria de enfrentar mais tarde? Cada segundo em que ele estava ali — tão perto, o rosto impecável cintilando na luz fraca dos números de meu despertador — era precioso e não seria desperdiçado.

— Então — comecei, escolhendo a pergunta menos importante, ainda que de vital interesse, para começar. Eu estava entregue, segura, em casa, e ele poderia decidir partir a qualquer momento. Precisava mantê-lo falando. Além disso, aquele paraíso temporário não estava inteiramente completo sem o som de sua voz. — O que você andou fazendo até três dias atrás?

O rosto dele ficou cauteloso por um instante.

— Nada de terrivelmente emocionante.

— É claro que não — murmurei.

— Por que está fazendo essa cara?

— Bom... — Franzi os lábios, pensando. — Se no final das contas você fosse só um sonho, esse seria o tipo exato de resposta que você daria. Minha imaginação deve estar acostumada.

Ele suspirou.

— Se eu contar, você vai enfim acreditar que não está tendo um pesadelo?

— Pesadelo! — repeti com desdém. Ele esperou por minha resposta. — Talvez — eu disse depois de pensar duas vezes. — Se você me contar.

— Eu estava... caçando.

— É o melhor que pode fazer? — critiquei. — Isso, definitivamente, não prova que estou acordada.

Ele hesitou, depois falou devagar, escolhendo as palavras com cuidado.

— Não estava caçando para me alimentar... Estava me testando em... seguir rastros. Não sou muito bom nisso.

— Que rastro você estava seguindo? — perguntei, intrigada.

— Nada de importante. — As palavras não combinavam com sua expressão; ele parecia aborrecido, pouco à vontade.

— Não entendi.

Ele hesitou; o rosto cintilando com o estranho brilho verde da luz do despertador estava dilacerado.

— Eu... — Ele respirou fundo. — Devo-lhe desculpas. Não, é claro que lhe devo muito, muito mais do que isso. Mas você precisa saber... — As palavras começaram a fluir tão rápido, como eu lembrava que ele falava às vezes, quando estava agitado, que tive de me concentrar para assimilar todas elas. —, precisa saber que eu não fazia a menor ideia. Não percebi a confusão que estava deixando para trás. Pensei que aqui fosse seguro para você. Muito seguro. Não fazia ideia de que Victoria — Seus lábios se retraíram quando ele disse o nome. — voltaria. Devo admitir que quando a vi daquela vez prestei muito mais atenção aos pensamentos de James. Mas não vi que ela podia ter esse tipo de reação. Tampouco que ela tivesse tamanho vínculo com ele. Acho que agora percebo por que... Ela era tão confiante com relação a James que nunca lhe ocorreu a ideia de ele falhar. Foi o excesso de confiança que encobriu os sentimentos dela por ele... Isso me impediu de ver a intensidade entre os dois, o vínculo que existia ali.

Ele continuou:

— Não que haja alguma desculpa para o que deixei para você enfrentar. Quando soube do que você contou a Alice... o que ela própria viu... quando percebi que você colocara sua vida nas mãos de lobisomens, imaturos, voláteis, a pior coisa que há lá fora, além da própria Victoria. — Ele estremeceu, e a enxurrada de palavras parou por um breve segundo. — Por favor, entenda que eu não fazia ideia de nada disso. Sinto-me aflito, aflito em meu âmago, mesmo agora, quando posso ver e sentir você segura em meus braços. Eu sou o mais miserável pretexto para...

— Pare com isso — eu o interrompi.

Ele me fitou com olhos agoniados, e tentei encontrar as palavras certas, as palavras que o libertariam de sua obrigação imaginária que lhe causava tanta dor.

Eram palavras difíceis de dizer. Não sabia se podia pronunciá-las sem sucumbir. Mas eu precisava tentar fazer aquilo direito. Não queria ser uma fonte de culpa e angústia na vida dele. Ele devia ser feliz, por mais que isso me custasse.

Na verdade eu esperava deixar de lado essa parte de nossa última conversa. Ia dar um fim a tudo muito mais cedo.

Recorrendo a todos os meus meses de prática tentando ser normal com Charlie, mantive o rosto tranquilo.

— Edward — disse. O nome ardeu um pouco em minha garganta ao sair. Eu podia sentir o fantasma do buraco, esperando para se abrir de novo assim que ele desaparecesse. Não via como sobreviver desta vez. — Isso tem que parar agora. Não pode pensar nos fatos desse jeito. Você não pode deixar que essa... essa culpa... domine sua vida. Não pode assumir a responsabilidade pelo que me acontece aqui. Nada disso é culpa sua, apenas faz parte de como a vida é para mim. Então, se eu tropeçar na frente de um ônibus ou o que quer que seja da próxima vez, precisa perceber que não cabe a você assumir a culpa. Não pode simplesmente correr para a Itália porque se sente mal por não ter me salvado. Mesmo que eu tivesse pulado daquele penhasco para morrer, isso teria sido opção minha, não culpa sua. Sei que é da sua... da sua natureza assumir a culpa por tudo, mas não pode deixar que isso o leve a esses extremos! É muito irresponsável... Pense em Esme, Carlisle e...

Eu estava prestes a perder o controle. Parei para respirar fundo, na esperança de me acalmar. Precisava libertá-lo. Tinha de ter certeza de que aquilo nunca mais aconteceria.

— Isabella Marie Swan — sussurrou ele, a expressão mais estranha atravessando seu rosto. Parecia quase louco. — Você acha que pedi aos Volturi para me matarem porque me sentia culpado?

Pude sentir a incompreensão absoluta em meu rosto.

— E não foi?

— Sentindo culpa? Intensamente. Mais do que você pode compreender.

— Então... Do que está falando? Não entendo.

— Bella, eu fui aos Volturi porque pensei que você estivesse morta — disse ele, a voz suave, os olhos ferozes. — Mesmo que eu não tivesse nada a ver com sua morte — Ele estremeceu ao sussurrar a última palavra. —, mesmo que não fosse minha culpa, eu teria ido à Itália. Claro que eu devia ter sido mais cuidadoso...

Devia ter falado diretamente com Alice, em vez de aceitar o relato repassado por Rosalie. Mas, na realidade, o que eu devia pensar quando o garoto disse que Charlie estava no enterro? Quais eram as chances? As chances... — murmurou então, distraído. A voz era tão baixa que eu não sabia se tinha ouvido direito. — As chances sempre estavam contra nós. Um erro depois do outro. Nunca mais vou criticar Romeu.

— Mas ainda não entendo — eu disse. — Essa é toda a questão para mim. E daí?

— Como?

— E se eu estivesse mesmo morta?

Ele me olhou em dúvida por um longo tempo antes de responder.

— Não se lembra de nada do que eu lhe disse antes?

— Lembro-me de tudo o que me disse. — Inclusive das palavras que negavam todo o restante.

Ele roçou a ponta do dedo frio em meu lábio inferior.

— Bella, parece que você é vítima de um mal-entendido. — Ele fechou os olhos, sacudindo a cabeça com um meio sorriso no lindo rosto. Não era um sorriso feliz. — Pensei que já tivesse explicado com clareza. Bella, não posso viver num mundo onde você não exista.

— Eu estou... — Minha cabeça girou enquanto eu procurava pela palavra adequada. — confusa. — Essa estava boa. Não conseguia encontrar sentido no que ele dizia.

Ele olhou no fundo de meus olhos; o olhar sincero e franco.

— Eu minto muito bem, Bella, tenho de ser assim.

Fiquei paralisada, meus músculos se contraindo como se recebessem um impacto. O rasgo em meu peito se abriu; a dor me tirou o fôlego.

Ele sacudiu meu ombro, tentando me fazer relaxar.

— Deixe-me terminar! Eu minto bem, mas, ainda assim, você acredita em mim com muita rapidez. — Ele estremeceu. — Foi... doloroso.

Esperei, ainda paralisada.

— Quando estávamos na floresta, quando eu lhe disse adeus...

Não permiti a mim mesma a lembrança. Lutei para me manter só no momento presente.

— Você não ia aceitar — sussurrou ele. — Eu sabia. Não queria fazer

aquilo... Parecia que fazer aquilo ia me matar... Mas eu sabia que se não conseguisse convencê-la de que eu não a amava mais você levaria muito mais tempo para seguir com sua vida. Esperava que se você pensasse que eu estava em outra, também partiria para outra.

— Um rompimento sem dor — sussurrei através dos lábios imóveis.

— Exato. Mas nunca imaginei que seria tão fácil fazer você acreditar! Pensei que seria praticamente impossível... Que você teria tanta certeza da verdade que eu teria de mentir por horas para pelo menos plantar a semente da dúvida em sua mente. Eu menti, e lamento muito... Lamento porque magoei você, lamento por ter sido um esforço inútil. Lamento não tê-la protegido do que sou. Menti para salvá-la, e não deu certo. Perdoe-me.

Ele continuou:

— Mas como pôde acreditar em mim? Depois de todas as milhares de vezes que eu disse que a amava, como pôde deixar que uma palavra anulasse sua fé em mim?

Não respondi. Estava chocada demais para formular uma resposta racional.

— Pude ver isso em seus olhos, que você sinceramente acreditou que eu não a queria mais. A ideia mais absurda e mais ridícula... Como se houvesse algum modo de eu existir sem precisar de você!

Eu ainda estava paralisada. As palavras dele eram incompreensíveis, porque eram impossíveis.

Edward sacudiu meus ombros de novo, não com força, mas o bastante para meus dentes baterem um pouco.

— Bella — suspirou ele. — Francamente, o que você estava pensando?

E então comecei a chorar. As lágrimas se acumularam e jorraram de maneira lastimável por meu rosto.

— Eu sabia — falei entre soluços. — Sabia que estava sonhando.

— Você é impossível — disse ele, e riu uma vez. Um riso severo e frustrado. — Como posso explicar de modo que acredite em mim? Você não está dormindo e não está morta. Estou aqui e eu amo você. Sempre amei você e sempre amarei. Fiquei pensando em você, vendo seu rosto em minha mente, durante cada segundo que me ausentei. Quando lhe disse que não a queria, foi o tipo mais atroz de blasfêmia.

Sacudi a cabeça enquanto as lágrimas continuavam a escorrer pelo canto de

meus olhos.

— Não acredita em mim, não é? — sussurrou ele, o rosto mais pálido do que o normal; pude ver isso mesmo na luz fraca. — Por que pode acreditar na mentira, mas não na verdade?

— Me amar nunca fez sentido para você — expliquei, minha voz falhou duas vezes. — Sempre soube disso.

Os olhos dele se estreitaram, o maxilar se contraiu.

— Vou provar que está acordada — prometeu ele.

Ele pegou meu rosto com firmeza entre as mãos de ferro, ignorando meu esforço quando tentei desviar a cabeça.

— Não, por favor — sussurrei.

Ele parou, os lábios a um centímetro dos meus.

— Por que não? — perguntou. O hálito soprou em meu rosto, fazendo minha cabeça girar.

— Quando eu acordar... — Ele abriu a boca para protestar, então me corrigi. — Tudo bem, esqueça isso... Quando você partir de novo, já será bem difícil sem isso.

Ele me afastou um pouco para ver meu rosto.

— Ontem, quando eu ia tocar em você, você estava tão... hesitante, tão cautelosa, e no entanto ainda está assim agora. Eu preciso saber por quê. É porque cheguei tarde demais? Porque a magoei muito? Porque você deixou mesmo tudo para trás, como dei a entender que fizesse? Isso seria... muito justo. Não vou contestar sua decisão. Então não tente poupar meus sentimentos, por favor... Só me diga agora se você ainda pode me amar ou não, depois de tudo o que a fiz passar. Pode? — sussurrou ele.

— Que tipo de pergunta idiota é essa?

— Só responda. Por favor.

Eu o fitei sombriamente por um longo tempo.

— O que sinto por você jamais vai mudar. É claro que amo você... E não há nada que você possa fazer com relação a isso!

— Era tudo o que eu precisava ouvir.

Depois disso, sua boca estava na minha, e não pude lutar contra ele. Não porque ele fosse muitas milhares de vezes mais forte que eu, mas porque minha vontade virou pó no segundo em que nossos lábios se encontraram. O beijo não

era tão cauteloso quanto os outros de que me lembrava, o que me pareceu ótimo. Se ia me dilacerar depois, podia muito bem ganhar o máximo possível em troca.

Então retribuí o beijo, meu coração martelando um ritmo irregular e desarticulado enquanto minha respiração transformava-se num arquejo e meus dedos moviam-se cobiçosos até seu rosto. Pude sentir seu corpo de mármore contra cada linha do meu e fiquei feliz demais por ele não ter me ouvido — não havia dor no mundo que teria justificado não aproveitar. As mãos dele memorizaram meu rosto, como as minhas seguiam suas feições, e nos breves segundos em que seus lábios se libertaram, ele sussurrou meu nome.

Quando estava começando a ficar tonta, ele se afastou, só para colocar o ouvido em meu coração.

Fiquei deitada ali, desnorteada, esperando que meu arfar se acalmasse e sossegasse.

— A propósito — disse ele num tom despreocupado. — Não vou deixar você.

Não falei nada e ele pareceu ouvir o ceticismo em meu silêncio.

Ele levantou a cabeça para contemplar meu olhar.

— Não vou a lugar nenhum. Não sem você — acrescentou num tom mais sério. — Só a deixei antes porque queria que tivesse a oportunidade de ter uma vida humana feliz e normal. Podia ver o que estava fazendo com você... Mantendo-a constantemente à beira do perigo, tirando-a do mundo a que pertencia, arriscando sua vida em cada momento em que estava comigo. Então eu precisava tentar. Tinha que fazer alguma coisa, e parecia que o único caminho era deixá-la. Se eu não achasse que você ficaria melhor, jamais teria tido coragem de partir. Sou egoísta demais. Só você podia ser mais importante do que o que eu queria... do que eu precisava. O que quero e preciso é ficar com você, e sei que nunca serei forte o bastante para partir de novo. Tenho desculpas demais para ficar... Felizmente! Parece que você não consegue ficar segura, por maior que seja a distância que eu coloque entre nós.

— Não me prometa nada — sussurrei. Se eu me permitisse ter esperanças e nada acontecesse... Isso me mataria. Todos aqueles vampiros impiedosos não conseguiram acabar comigo, mas a esperança conseguiria.

A raiva brilhou como metal em seus olhos escuros.

— Acha que estou mentindo para você agora?

— Não... Não está mentindo. — Sacudi a cabeça, tentando pensar em tudo

com coerência. Examinar a hipótese de que ele me amava permanecendo ao mesmo tempo objetiva e realista, assim não cairia na armadilha da esperança. — Você pode estar sendo sincero... agora. Mas e amanhã, quando pensar em todos os motivos da sua partida? Ou no mês que vem, quando Jasper me der uma dentada?

Ele vacilou.

Pensei naqueles últimos dias de minha vida antes de ele me deixar, tentando vê-los com a perspectiva do que ele me dizia agora. Desse ângulo, imaginando que ele me abandonou me amando, me deixou por mim, seu mau humor e os silêncios frios assumiam um significado diferente.

— Você pensou bem na primeira decisão que tomou, não foi? — deduzi. — Vai terminar fazendo o que acha que é certo.

— Não sou tão forte como você pensa — disse ele. — O certo e o errado deixaram de significar grande coisa para mim; ia voltar de qualquer modo. Antes de Rosalie me dar a notícia, eu já deixara de tentar viver uma semana de cada vez, ou mesmo um dia. Lutava para suportar uma única hora. Era só uma questão de tempo... e não muito... para eu aparecer em sua janela e implorar que me recebesse de volta. Eu imploraria com prazer agora, se assim você quisesse.

Fiz uma careta.

— Não brinque, por favor.

— Ah, não estou brincando — insistiu ele, agora radiante. — Poderia, por favor, procurar ouvir o que estou lhe dizendo? Vai me deixar tentar explicar o que você significa para mim?

Ele esperou, examinando meu rosto enquanto falava, para ter certeza de que eu realmente ouvia.

— Antes de você, Bella, minha vida era uma noite sem lua. Muito escura, mas havia estrelas... Pontos de luz e razão... E depois você atravessou meu céu como um meteoro. De repente tudo estava em chamas; havia brilho, havia beleza. Quando você se foi, quando o meteoro caiu no horizonte, tudo ficou negro. Nada mudou, mas meus olhos ficaram cegos pela luz. Não pude mais ver as estrelas. E não havia mais razão para nada.

Eu queria acreditar nele. Mas era minha vida sem ele que Edward descrevia, não o contrário.

— Seus olhos vão se acostumar — murmurei.

— É esse o problema... Eles não conseguem.

— E suas distrações?

Ele riu sem nenhum vestígio de humor.

— Só fazem parte da mentira, meu amor. Não existem distrações para a agonia. Meu coração não batia havia quase noventa anos, mas isso era diferente. Era como se meu coração não estivesse ali... Como se eu estivesse oco. Como se eu tivesse deixado com você tudo o que havia aqui dentro.

— Engraçado — murmurei.

Ele arqueou uma sobrancelha perfeita.

— Engraçado?

— Eu quis dizer estranho... Pensei que fosse só comigo. Também faltaram muitos pedaços de mim. Não consegui respirar por muito tempo. — Enchi os pulmões, deleitando-me com a sensação. — E meu coração. Esse estava definitivamente perdido.

Ele fechou os olhos e colocou o ouvido em meu coração de novo. Deixei meu rosto junto de seu cabelo, sentindo a textura em minha pele, sentindo o aroma delicioso.

— Então rastrear não foi uma distração? — perguntei, curiosa e também precisando me distrair. Eu corria sério risco de ter esperanças. Não conseguiria me refrear por muito tempo. Meu coração pulsava, cantando em meu peito.

— Não. — Suspirou ele. — Nunca foi uma distração. Era uma obrigação.

— Como assim?

— Embora eu nunca tivesse esperado nenhum perigo de Victoria, não ia deixar que ela se safasse... Bem, como eu disse, fui péssimo nisso. Eu a rastreei até o Texas, mas depois segui uma pista falsa até o Brasil... E ela na verdade tinha vindo para cá. — Ele grunhiu. — Eu não estava nem no continente certo! E nesse meio tempo, pior do que meus piores temores...

— Você estava caçando Victoria? — Eu emiti um som agudo assim que consegui encontrar minha voz, subindo duas oitavas.

Os roncos distantes de Charlie falharam, depois recuperaram um ritmo regular.

— Não me saí bem — respondeu Edward, examinando minha expressão de ultraje com um olhar confuso. — Mas farei melhor da próxima vez. Ela não vai poluir o ar perfeito respirando por muito mais tempo.

— Isso está... fora de cogitação — consegui falar. Que insanidade! Mesmo que Emmett ou Jasper o ajudassem. Mesmo que Emmett e Jasper o ajudassem. Era pior do que as outras imagens que eu tinha: Jacob Black no caminho da figura violenta e felina de Victoria. Não suportaria imaginar Edward lá, muito embora ele fosse muito mais resistente do que meu melhor amigo semi-humano.

— É tarde demais para ela. Posso ter deixado escapar a outra oportunidade, mas não agora, não depois...

Eu o interrompi de novo, tentando parecer calma.

— Você não prometeu que não ia embora? — perguntei, lutando com as palavras à medida que as dizia, sem deixar que elas se plantassem em meu coração. — Isso não é lá muito compatível com uma longa expedição de rastreamento, não é?

Ele franziu o cenho. Um rosnado começou a se formar em seu peito.

— Vou cumprir minha promessa, Bella. Mas Victoria... — O rosnado tornou-se mais pronunciado — vai morrer. Logo.

— Não sejamos precipitados — eu disse, tentando esconder meu pânico. — Talvez ela não volte. O bando de Jake deve tê-la espantado. Não há motivo real para procurar por ela. Além disso, tenho problemas maiores do que Victoria.

Edward semicerrou os olhos, mas assentiu.

— É verdade. Os lobisomens são um problema.

Eu bufei.

— Não estava falando de Jacob. Meus problemas são muito piores do que alguns lobos adolescentes se metendo em encrenca.

Edward parecia estar prestes a dizer algo, mas pensou melhor. Seus dentes trincaram e ele falou baixo, resmungando:

— É mesmo? — perguntou ele. — Então qual seria seu maior problema? O que, em comparação, faria da volta de Victoria uma questão menor?

— Que tal o segundo maior problema? — experimentei.

— Tudo bem — concordou ele, desconfiado.

Eu parei. Não tinha certeza se podia dizer o nome.

— Existem outros que virão atrás de mim — lembrei a ele num sussurro reprimido.

Ele suspirou, mas a reação não foi tão forte como eu imaginava depois de como ele reagira com relação a Victoria.

— Os Volturi são o segundo maior problema?

— Você não parece se incomodar muito com isso — observei.

— Bem, temos muito tempo para pensar no assunto. O tempo para eles significa algo muito diferente do que para você, ou até para mim. Eles contam os anos como você conta os dias. Não me surpreenderia se você tivesse 30 anos antes de passar pela cabeça deles de novo — acrescentou ele alegremente.

O pavor me inundou.

Trinta!

Então as promessas que ele fez nada significavam, no final das contas. Se um dia eu ia fazer 30 anos, ele não podia estar pretendendo ficar por muito tempo. A dor severa de saber disso me fez perceber que eu já começara a ter esperanças, sem dar permissão a mim mesma para isso.

— Não precisa ter medo — disse ele, ansioso ao ver as lágrimas se acumularem de novo no canto de meus olhos. — Não vou deixar que a machuquem.

— Enquanto você estiver aqui. — Não que me importasse com o que aconteceria a mim quando ele fosse embora.

Ele pegou meu rosto entre as suas mãos de pedra, segurando-o com firmeza enquanto seus olhos de meia-noite cintilavam nos meus com a força gravitacional de um buraco negro.

— Nunca mais a deixarei.

— Mas você disse 30 — sussurrei. As lágrimas transbordaram. — O quê? Você vai ficar mas deixar que eu envelheça assim mesmo? Tudo bem.

Seus olhos se suavizaram, enquanto a boca continuou severa.

— É exatamente o que vou fazer. Que escolha eu tenho? Não posso viver sem você, mas não vou destruir sua alma.

— Isso é mesmo... — Tentei manter a voz tranquila, mas a pergunta era muito difícil. Eu me lembrei de seu rosto quando Aro quase implorou a ele que considerasse me tornar imortal. Aquele olhar de repulsa. Será que a fixação por me manter humana realmente dizia respeito a minha alma, ou era porque ele não tinha certeza de que ia me querer por perto por tanto tempo?

— Sim? — indagou ele, esperando por minha pergunta.

Fiz outra pergunta. Quase, mas não tão difícil.

— Mas e quando eu ficar tão velha que as pessoas vão pensar que sou sua mãe?

Sua avó? — Minha voz era fraca de revolta; eu podia ver o rosto de minha avó de novo no espelho do sonho.

O rosto de Edward agora era totalmente tranquilo. Ele espalhou as lágrimas de meu rosto com os lábios.

— Isso não significa nada para mim — sussurrou ele em minha pele. — Você sempre será a coisa mais linda de meu mundo. É claro que... — Ele hesitou, vacilando um pouco. — se você ficar mais madura do que eu... Se quiser algo mais... eu entenderei, Bella. Prometo que não vou atrapalhar se você quiser me deixar.

Seus olhos eram de um ônix fluido e completamente sinceros. Ele falava como se tivesse dedicado um tempo interminável pensando naquele plano bobo.

— Entende que um dia vou morrer, não é? — perguntei.

Ele também pensara nessa parte.

— Vou logo depois de você, assim que puder.

— Isso é seriamente... — procurei pela palavra certa — doentio.

— Bella, é a única maneira certa...

— Vamos recapitular por um minuto — eu disse. A sensação de raiva tornou muito mais fácil ser clara e decisiva. — Lembra-se dos Volturi, não é? Não posso ficar humana para sempre. Eles vão me matar. Mesmo que só pensem em mim quando eu tiver 30 anos — sibilei a palavra —, acha mesmo que vão esquecer?

— Não — respondeu ele devagar, sacudindo a cabeça. — Eles não vão esquecer. Mas...

— Mas?

Ele sorriu enquanto eu o fitava com cautela. Talvez eu não fosse a única louca ali.

— Tenho alguns planos.

— E esses planos — eu disse, minha voz ficando mais áspera a cada palavra. — Esses planos estão baseados na minha permanência como humana.

Minha atitude endureceu sua expressão.

— Naturalmente. — Seu tom era rude, o rosto divino, arrogante.

Nós nos encaramos por um longo minuto.

Depois respirei fundo, estiquei os ombros e afastei os braços dele para poder me sentar.

— Quer que eu saia? — perguntou ele, e isso fez meu coração se agitar ao ver

que a ideia o magoava, embora ele procurasse não demonstrar.

— Não — eu disse. — Eu estou saindo.

Ele me observou desconfiado enquanto eu levantava da cama e remexia pelo quarto escuro, procurando meus sapatos.

— Posso perguntar aonde você vai? — indagou.

— Vou até sua casa — eu disse, ainda tateando às cegas.

Ele se levantou e veio para o meu lado.

— Tome seus sapatos. Como pretende chegar lá?

— Na minha picape.

— Isso provavelmente vai acordar Charlie — sugeriu ele para me dissuadir.

Suspirei.

— Eu sei. Mas, com sinceridade, do jeito como as coisas estão, vou ficar de castigo durante semanas mesmo. Que problemas mais posso ter?

— Nenhum. Ele vai me culpar, não a você.

— Se tiver uma ideia melhor, sou toda ouvidos.

— Fique aqui — sugeriu ele, mas sua expressão não era esperançosa.

— Nada feito. Mas você pode ficar, sinta-se em casa — eu o incentivei, surpresa ao ver como minha ironia parecia natural, e fui para a porta.

Ele chegou antes de mim, bloqueando minha passagem.

Franzi a cara e me virei para a janela. Não ficava muito distante do chão e embaixo havia grama...

— Tudo bem — ele suspirou. — Vou lhe dar uma carona.

Dei de ombros.

— Tanto faz. Mas acho que você talvez devesse estar lá também.

— E por que isso?

— Porque você é muito apegado a suas opiniões, e tenho certeza de que vai querer ter a oportunidade de expressá-las.

— Minhas opiniões sobre que assunto? — perguntou ele entre os dentes.

— Não se trata mais de você. Você não é o centro do universo, sabe disso. — É claro que meu universo particular era outra história. — Se você vai trazer os Volturi até nós por algo tão idiota como me manter humana, então sua família deve se pronunciar.

— Se pronunciar sobre o quê? — perguntou ele, cada palavra distinta.

— Minha mortalidade. Vou colocá-la em votação.

24. VOTAÇÃO

ELE NÃO FICOU SATISFEITO, isso foi fácil ver em seu rosto. Mas, sem discutir, pegou-me nos braços e disparou com agilidade pela janela, pousando sem o menor solavanco, como um gato. A altura era um pouco maior do que eu imaginara.

— Então, tudo bem — disse ele, a voz agitada de reprovação. — Suba.

Ele me ajudou a subir em suas costas e partiu correndo. Mesmo depois de todo esse tempo, parecia normal. Fácil. Evidentemente, aquilo era algo que nunca se esquece, como andar de bicicleta.

Estava muito silencioso e muito escuro enquanto ele corria pela floresta, sua respiração lenta e constante — bastante escuro para que as árvores que pareciam voar quando passávamos ficassem quase invisíveis —, e só o ar batendo em meu rosto revelava de fato nossa velocidade. O ar era úmido; não ardia em meus olhos como o vento da grande praça, e isso era reconfortante. E também era noite, depois daquela claridade terrível. Como o cobertor grosso sob o qual eu brincava quando criança, o escuro parecia familiar e protetor.

Lembrei-me de que no passado ficava assustada por correr pelo bosque desse jeito, que precisava fechar os olhos. Agora isso me parecia uma reação boba. Mantive os olhos bem abertos, meu queixo encostado em seu ombro, a bochecha contra seu pescoço. A velocidade era estimulante. Cem vezes melhor do que a moto.

Virei o rosto para ele e apertei meus lábios na pele fria de pedra de seu pescoço.

— Obrigado — disse ele, enquanto formas escuras e vagas de árvores disparavam por nós. — Isso significa que você concluiu que está acordada?

Eu ri. O som era relaxado, natural, espontâneo. Soou como deveria.

— Para ser bem sincera, não. É que na verdade, seja como for, não estou tentando acordar. Não esta noite.

— Vou de algum jeito recuperar sua confiança — murmurou ele, mais para si

mesmo. — Nem que seja meu último ato.

— Eu confio em você — garanti. — É em mim que não confio.

— Explique, por favor.

Ele diminuiu o ritmo para o de uma caminhada — só percebi porque o vento cessou —, e imaginei que não estávamos longe da casa. Na realidade, pensei que podia identificar o som do riacho correndo em algum lugar perto, na escuridão.

— Bom... — Lutei para encontrar o modo certo de dizer. — Não confio em mim mesma para ser... o bastante. Para merecer você. Não há nada em mim que possa prender você.

Ele parou e voltou-se para me tirar de suas costas. As mãos delicadas não me soltaram; depois de me colocar no chão, ele me tomou nos braços com força e me abraçou contra seu peito.

— Sua prisão é permanente e inviolável — sussurrou ele. — Jamais duvide disso.

Mas como não poderia duvidar?

— Você ainda não me disse... — murmurou ele.

— O quê?

— Qual é seu maior problema.

— Vou deixar que você adivinhe. — Eu suspirei e toquei a ponta de seu nariz com o indicador.

Ele assentiu.

— Sou pior do que os Volturi — disse ele sombriamente. — Acho que mereci isso.

Revirei os olhos.

— O pior que os Volturi podem fazer é me matar.

Ele esperou com os olhos tensos.

— Você pode me deixar — expliquei. — Os Volturi, Victoria... Eles nada são comparados a isso.

Mesmo no escuro, pude ver a angústia distorcendo o rosto dele — lembrou-me de sua expressão sob o olhar torturante de Jane; eu me senti mal e me arrependi de ter falado a verdade.

— Não — sussurrei, tocando seu rosto. — Não fique triste.

Ele ergueu o canto da boca friamente, mas a expressão não chegou a seus olhos.

— Se houvesse uma única maneira de fazer você entender que não consigo deixá-la — sussurrou ele. — O tempo, imagino, acabará por convencê-la.

Gostei da ideia do tempo.

— Tudo bem — concordei.

Seu rosto ainda estava atormentado. Tentei distraí-lo com amenidades.

— E, então... já que você vai ficar. Pode devolver minhas coisas? — perguntei, no tom mais tranquilo que consegui.

Minha tentativa deu certo, até certo ponto: ele riu. Mas seus olhos continuaram sofrendo.

— Suas coisas nunca desapareceram — disse ele. — Eu sabia que era errado, uma vez que lhe prometi paz sem lembranças. Foi idiota e infantil, mas queria deixar algo de mim com você. O cd, as fotos, as passagens... Está tudo debaixo do assoalho de seu quarto.

— É mesmo?

Ele assentiu, parecendo um pouco mais animado com o nítido prazer que senti com esse fato banal. Não foi o bastante para curar completamente a dor em seu rosto.

— Eu acho — disse devagar —, não tenho certeza, mas imagino... acho que talvez eu soubesse disso o tempo todo.

— Soubesse do quê?

Eu só queria tirar a agonia de seus olhos, mas as palavras, ao serem pronunciadas, pareciam mais verdadeiras do que eu esperava.

— Parte de mim, talvez meu subconsciente, nunca deixou de acreditar que você ainda se importava se eu estava viva ou morta. Deve ter sido por isso que fiquei ouvindo vozes.

Houve um silêncio profundo por um momento.

— Vozes? — perguntou ele num tom monótono.

— Bom, só uma voz. A sua. É uma longa história. — A preocupação em seu rosto me fez desejar não ter levantado esse assunto. Será que ele, como todos os outros, pensaria que eu estava louca? Será que todo mundo estava certo sobre isso? Mas pelo menos aquela expressão, que dava a entender que algo ardia dentro dele, desapareceu.

— Eu tenho tempo. — Sua voz era artificialmente tranquila.

— É bem ridículo.

Ele esperou.

Eu não sabia bem como explicar.

— Lembra o que Alice disse sobre esportes radicais?

Ele falou as palavras sem inflexão nem ênfase.

— Você pulou de um penhasco para se divertir.

— Hã, isso mesmo. E, antes disso, com a moto...

— Moto? — perguntou ele.

Eu conhecia sua voz muito bem para ouvir algo borbulhando por trás da calma.

— Acho que não contei essa parte a Alice.

— Não.

— Bom, sobre isso... Olhe, descobri que... quando fazia algo perigoso ou idiota... conseguia me lembrar de você com mais clareza — confessei, sentindo-me completamente retardada. — Conseguia me lembrar de como era sua voz quando você estava com raiva. Podia ouvi-la, como se você estivesse bem ali ao meu lado. Na maior parte do tempo eu tentava não pensar em você, mas desse jeito não doía tanto... Era como se você estivesse me protegendo de novo. Como se não quisesse que eu me machucasse. E, bom, imagino se o motivo para ouvi-lo com tanta clareza não era porque, lá no fundo, eu sempre soube que você não tinha deixado de me amar.

Outra vez, enquanto eu falava, as palavras eram carregadas de convicção. De exatidão. Algum lugar no fundo de mim reconhecia a verdade.

As palavras dele saíram quase estranguladas.

— Você... estava... arriscando sua vida... para ouvir...

— Shhh — eu o interrompi. — Espere um segundo. Acho que estou tendo uma revelação agora.

Pensei naquela noite em Port Angeles, quando tive minha primeira ilusão. Eu pensara em duas opções: insanidade ou satisfação de um desejo. Não vi uma terceira opção.

Mas e se...

E se você sinceramente acreditasse que uma coisa era verdadeira, mas estivesse cem por cento enganada? E se você estivesse tão obstinadamente certa de que tinha razão que nem considerasse a verdade? A verdade seria silenciada ou tentaria irromper?

Opção três: Edward me amava. O vínculo forjado entre nós não era do tipo que podia ser quebrado com a ausência, a distância ou o tempo. E por mais especial, lindo, inteligente ou perfeito que ele pudesse ser, estava tão irreversivelmente transformado como eu. Assim como eu sempre pertenceria a ele, ele sempre seria meu.

Era isso o que eu estivera tentando dizer a mim mesma?

— Ah!

— Bella?

— Ah! Tudo bem. Entendi.

— Sua revelação? — perguntou ele, a voz agitada e tensa.

— Você me ama — disse admirada. A convicção e a correção me inundaram de novo.

Embora seus olhos ainda estivessem angustiados, o sorriso torto que eu amava cintilou em seu rosto.

— Sinceramente, amo.

Meu coração inflou como se fosse estourar por minhas costelas. Ocupava meu peito e bloqueava minha garganta, e assim não consegui falar.

Ele de fato me queria como eu o queria — para sempre. Era só o medo por minha alma, pelas coisas humanas que não queria tirar de mim, que o fazia me manter mortal com tanto desespero. Comparado com o medo de que ele não me quisesse, esse probleminha — minha alma — era quase insignificante.

Ele pegou meu rosto com firmeza entre as mãos frias e me beijou até que fiquei tão tonta que a floresta girava. Depois ele encostou a testa na minha e eu não era a única que tinha dificuldade para respirar.

— Você é melhor nisso do que eu, sabia? — disse ele.

— Melhor em quê?

— Em sobreviver. Você, pelo menos, se esforçou. Levantava-se de manhã, tentava ser normal com Charlie, seguiu o padrão de sua vida. Quando eu não estava rastreando, ficava... totalmente inútil. Não conseguia ficar com minha família... Não podia ficar perto de ninguém. Estou muito constrangido de admitir que, mais ou menos, me voltei para mim mesmo e deixei que a infelicidade me tomasse. — Ele sorriu com timidez. — Foi muito mais ridículo do que ouvir vozes. E é claro que você sabe que ouço também.

Fiquei muitíssimo aliviada por ele parecer entender — reconfortada por tudo

aquilo fazer sentido para ele. De qualquer modo, ele não me olhava como se eu fosse louca. Olhava como... se me amasse.

— Só ouvi uma voz — eu o corrigi.

Ele riu e me colocou à sua direita, começando a me conduzir para a frente.

— Só estou satisfazendo sua vontade. — Ele fez um gesto amplo para a escuridão diante de nós à medida que andávamos. Havia ali algo pálido e imenso; a casa, percebi. — O que eles disserem nada importa.

— Isso agora os afeta também.

Ele deu de ombros, indiferente.

Edward me levou pela porta aberta para dentro da casa escura e acendeu as luzes. A sala estava exatamente como eu lembrava — o piano, os sofás alvos e a escada clara e imensa. Sem pó, sem lençóis brancos.

Edward chamou os nomes com um volume que não era mais alto do que o que eu usava numa conversa.

— Carlisle? Esme? Rosalie? Emmett? Jasper? Alice? — Eles ouviriam.

Carlisle de repente estava parado a meu lado, como se estivesse ali havia muito tempo.

— Bem-vinda de volta, Bella. — Ele sorriu. — O que podemos fazer por você? Imagino, devido à hora, que não seja uma visita puramente social.

Assenti.

— Gostaria de conversar com todos vocês, se não houver problema. Sobre um assunto importante.

Não pude deixar de olhar o rosto de Edward. Sua expressão era crítica, mas resignada. Quando voltei a olhar Carlisle, ele também fitava Edward.

— Claro — disse Carlisle. — Por que não conversamos na outra sala?

Carlisle seguiu na frente pelo cômodo muito iluminado, contornou a sala de jantar e acendeu as luzes ao passar. As paredes eram brancas, o teto alto, como o da sala de estar. No meio da sala, sob o candelabro que pendia baixo, havia uma grande mesa oval e encerada, cercada de oito cadeiras. Carlisle puxou uma cadeira para mim na cabeceira.

Nunca vi os Cullen usarem a mesa de jantar — aquilo era só para constar. Eles não comiam na casa.

Assim que me virei para me sentar na cadeira, vi que não estávamos sós. Esme seguia Edward, e atrás dela o restante da família fazia fila.

Carlisle se sentou à minha direita e Edward à minha esquerda. Todos os outros assumiram seus lugares em silêncio. Alice, com um largo sorriso, já estava inteirada da trama. Emmett e Jasper olhavam curiosos, e Rosalie sorria para mim com insegurança. Meu sorriso de resposta foi igualmente tímido. Seria necessário algum tempo para nos acostumarmos com aquilo.

Carlisle acenou para mim.

— A palavra é sua.

Engoli em seco. Os olhos de todos me encarando me deixavam nervosa. Edward pegou minha mão sob a mesa. Olhei para ele, mas ele observava os outros, seu rosto de repente feroz.

— Bom — comecei. — Imagino que Alice já tenha contado a vocês tudo o que aconteceu em Volterra.

— Tudo — garantiu-me Alice.

Lancei-lhe um olhar sugestivo.

— E no caminho para lá?

— Isso também — assentiu ela.

— Que bom! — Suspirei de alívio. — Então estamos todos em pé de igualdade.

Eles esperaram pacientemente enquanto eu tentava ordenar meus pensamentos.

— Então, temos um problema — comecei. — Alice prometeu aos Volturi que eu me tornaria uma de vocês. Eles vão mandar alguém para verificar, e tenho certeza de que isso é ruim... Que deve ser evitado. E assim, agora, a questão envolve vocês todos. Lamento por isso.

Olhei cada um dos lindos rostos, poupando o mais bonito para o fim. A boca de Edward se curvava para baixo numa careta.

— Mas, se vocês não me quiserem, não vou forçar minha presença, quer Alice esteja disposta a isso ou não.

Esme abriu a boca para falar, mas ergui o dedo para impedi-la.

— Por favor, deixe-me terminar. Todos vocês sabem o que quero. E tenho certeza de que também sabem o que Edward pensa. Acho que a única maneira justa de decidir isso é todos darem seu voto. Se vocês decidirem que não me querem, então... Acho que volto para a Itália sozinha. Não posso permitir que eles venham aqui. — Minha testa se vincou enquanto eu pensava nisso.

Houve um rosnado fraco no peito de Edward. Eu o ignorei.

— Levando em consideração, então, que não vou colocar nenhum de vocês em perigo, seja qual for a decisão, quero que votem sim ou não sobre a questão de me tornar vampira.

Dei um meio sorriso com a última palavra e gesticulei para Carlisle começar.

— Só um minuto — interrompeu-me Edward.

Olhei-o pelos olhos semicerrados. Ele ergueu as sobrancelhas para mim, apertando minha mão.

— Tenho algo a acrescentar antes da votação.

Eu suspirei.

— Sobre o perigo a que Bella se refere — continuou ele. — Não acho que precisemos ficar muito ansiosos com isso.

Sua expressão ficou mais animada. Ele colocou a mão livre na mesa reluzente e se inclinou para a frente.

— Vejam só — explicou ele, olhando em torno da mesa enquanto falava —, houve mais de um motivo para eu não querer apertar a mão de Aro lá no final. Há um detalhe em que eles não pensaram, e eu não quis lembrar isso a eles. — Ele deu um sorriso malicioso.

— Qual? — sondou Alice.

Tive certeza de que minha expressão era tão cética quanto a dela.

— Os Volturi são excessivamente confiantes, e por um bom motivo. Quando decidem encontrar alguém, não é de fato um problema. Lembra-se de Demetri? — Ele olhou para mim.

Eu dei de ombros. Ele tomou isso como um sim.

— Ele encontra as pessoas... É o talento dele, é por isso que eles o mantêm. Agora, todo o tempo em que ficamos com eles, fiquei sondando o cérebro de todos em busca de qualquer indicação que pudesse nos salvar, obtendo o máximo de informações possível. Então vi como funciona o talento de Demetri. Ele é um rastreador... Um rastreador mil vezes mais dotado do que James. Sua capacidade está um pouco relacionada com o que eu faço, ou com o que Aro faz. Ele pega o... sabor? Não sei como descrever... o teor... da mente de alguém e depois o segue. Funciona a distâncias imensas. Mas depois dos pequenos experimentos de Aro, bem... — Edward deu de ombros.

— Você acha que ele não vai conseguir me encontrar — eu disse apática.

Ele ficou presunçoso.

— Tenho certeza disso. Ele depende totalmente desse outro sentido. Quando não funcionou com você, todos eles ficaram cegos.

— E como isso resolve alguma coisa?

— É muito óbvio, Alice poderá dizer quando eles planejam uma visita e eu vou esconder você. Eles vão ficar impotentes — disse ele com um prazer feroz. — Será como procurar uma agulha num palheiro!

Ele e Emmett trocaram um olhar e um sorriso malicioso.

Aquilo não fazia sentido.

— Mas eles podem encontrar você — lembrei a ele.

— E eu posso me cuidar.

Emmett riu e esticou o braço para o irmão sobre a mesa, estendendo um punho.

— Excelente plano, meu irmão — disse com entusiasmo.

Edward esticou o braço para bater o punho no de Emmett.

— Não — sibilou Rosalie.

— Absolutamente não — concordei.

— Que legal. — A voz de Jasper indicava seu prazer.

— Idiotas — murmurou Alice.

Esme só olhava para Edward.

Endireitei-me na cadeira, concentrando-me. Aquela era a minha reunião.

— Muito bem, então. Edward propôs uma alternativa para a consideração de todos — eu disse com frieza. — Vamos votar.

Desta vez, olhei para Edward; seria melhor ter a opinião dele de uma vez por todas.

— Quer que eu me una à sua família?

Seus olhos eram duros e pretos como sílex.

— Não desse jeito. Deve continuar humana.

Assenti uma vez, mantendo a expressão pragmática, depois segui adiante.

— Alice?

— Sim.

— Jasper?

— Sim — disse ele, a voz grave. Fiquei um tanto surpresa; eu não tinha certeza de seu voto, mas reprimi minha reação e continuei.

— Rosalie?

Ela hesitou, mordendo o lábio inferior perfeito.

— Não.

Mantive minha expressão vazia e virei a cabeça de leve para continuar, mas ela ergueu as mãos, as palmas para a frente.

— Deixe-me explicar — pediu Rosalie. — Não quis dizer que tenho alguma aversão a você como irmã. É só que... esta não é a vida que eu teria escolhido para mim mesma. Eu queria que tivesse havido alguém para votar "Não" por mim.

Assenti devagar, depois virei-me para Emmett.

— Que diabos, sim! — Ele sorria. — Podemos encontrar outro jeito de arrumar uma briga com esse Demetri.

Eu ainda estava fazendo uma careta quando olhei para Esme.

— Sim, é claro, Bella. Eu já penso em você como parte de minha família.

— Obrigada, Esme — murmurei ao me voltar para Carlisle.

De repente fiquei nervosa, desejando ter pedido o voto dele primeiro. Eu tinha certeza de que este era o voto que mais importava, o voto que contava mais do que qualquer maioria.

Carlisle não olhava para mim.

— Edward — disse ele.

— Não — grunhiu Edward. Seu queixo estava tenso, os lábios repuxados nos dentes.

— É a única opção que faz sentido — insistiu Carlisle. — Você escolheu não viver sem ela e isso não me deixa alternativa.

Edward largou minha mão, deixando a mesa. Saiu da sala, rosnando baixo.

— Acho que você sabe qual é meu voto — suspirou Carlisle.

Eu ainda olhava para Edward.

— Obrigada — murmurei.

Um estrondo ensurdecedor ecoou do outro cômodo.

Eu me encolhi e falei rapidamente.

— É só disso que preciso. Obrigada. Por me aceitarem. Eu sinto exatamente o mesmo com relação a todos vocês. — Minha voz estava entrecortada de emoção no final.

Esme estava a meu lado num átimo, os braços frios em volta de mim.

— Minha querida Bella — sussurrou ela.

Retribuí seu abraço. Pelo canto do olho, notei Rosalie de cabeça baixa e percebi que minhas palavras podiam ser interpretadas de duas maneiras.

— Bom, Alice — eu disse quando Esme me soltou. — Onde quer fazer isso?

Alice me encarou, os olhos arregalados de pavor.

— Não! Não! NÃO! — rugiu Edward, voltando às pressas à sala. Estava bem diante do meu rosto antes que eu tivesse tempo para piscar, curvando-se sobre mim, a expressão distorcida de fúria. — Ficou louca? — gritou ele. — Você perdeu todo o juízo?

Eu me afastei, as mãos nos ouvidos.

— Hmmm, Bella — intrometeu-se Alice numa voz ansiosa. — Não acho que eu esteja pronta para isso. Vou precisar me preparar...

— Você prometeu — lembrei a ela, olhando por baixo do braço de Edward.

— Eu sei, mas... É sério, Bella! Não faço a menor ideia de como não matar você.

— Você pode fazer isso — eu a encorajei. — Eu confio em você.

Edward rosnou de fúria.

Alice sacudiu a cabeça rápido, aparentando pânico.

— Carlisle? — Eu me virei e olhei para ele.

Edward pegou meu rosto, obrigando-me a olhar para ele. A outra mão estava estendida, a palma voltada para Carlisle.

Carlisle ignorou isso.

— Eu posso fazer — respondeu ele à minha pergunta. Eu queria poder ver sua expressão. — Você não correria o perigo de eu perder o controle.

— Que bom. — Eu esperava que ele pudesse entender; era difícil falar com clareza com Edward segurando meu queixo daquele jeito.

— Espere — disse Edward entre os dentes. — Não precisa ser agora.

— Não há motivo para que não seja agora — eu disse, as palavras saindo distorcidas.

— Posso pensar em alguns.

— É claro que pode — eu disse asperamente. — Agora me solte.

Ele libertou meu rosto e cruzou os braços.

— Daqui a duas horas, Charlie estará aqui procurando por você. Não duvido nada que ele vá envolver a polícia.

— Todos os três policiais. — Mas franzi o cenho.

Essa sempre era a parte mais difícil. Charlie, Renée. Agora Jacob também. As pessoas que eu perderia, as pessoas que magoaria. Eu queria que houvesse um modo de ser a única a sofrer, mas sabia que isso era impossível.

Ao mesmo tempo, eu os estava magoando mais permanecendo humana. Colocando Charlie em perigo constante com a minha proximidade. Colocando Jake num perigo ainda maior ao atrair os inimigos dele para o território que ele se sentia destinado a proteger. E Renée — eu não podia sequer arriscar uma visita para ver minha própria mãe por medo de levar meus problemas letais comigo!

Eu era um ímã para o perigo; tinha de admitir isso.

Ao admitir, eu sabia que precisava ser capaz de cuidar de mim mesma e de proteger aqueles a quem amava, mesmo que isso significasse que não podia estar com eles. Eu precisava ser forte.

— No interesse de continuarmos imperceptíveis — disse Edward, ainda falando entre os dentes, mas olhando agora para Carlisle —, sugiro que deixemos essa conversa de lado pelo menos até que Bella termine o ensino médio e saia da casa de Charlie.

— Este é um pedido razoável, Bella — assinalou Carlisle.

Pensei na reação de Charlie quando ele acordasse naquela manhã, se — depois de tudo que a vida fizera com ele na semana anterior, com a perda de Harry, e depois do que eu provocara com meu desaparecimento inexplicado — ele encontrasse minha cama vazia. Charlie merecia mais do que isso. Era só um pouco mais de tempo; a formatura não estava tão longe assim...

Eu franzi os lábios.

— Vou pensar nisso.

Edward relaxou. Seu queixo se distendeu.

— Tenho que levar você para casa — disse ele, mais calmo agora, mas claramente com pressa para me tirar dali. — Para o caso de Charlie acordar cedo.

Olhei para Carlisle.

— Depois da formatura?

— Tem minha palavra.

Respirei fundo, sorri e me virei para Edward.

— Tudo bem. Pode me levar para casa.

Edward correu comigo para fora da casa antes que Carlisle pudesse me fazer alguma outra promessa. Ele me levou pelos fundos, então não pude ver o que

estava quebrado na sala de estar.

Foi uma viagem silenciosa para casa. Eu me sentia triunfante e meio presunçosa. Morta de medo também, é claro, mas tentei não pensar nessa parte. Não me fazia bem me preocupar com a dor — física ou emocional. Não até que eu a sentisse.

Quando chegamos em casa, Edward não parou. Disparou parede acima e entrou por minha janela em meio segundo. Depois tirou meus braços do pescoço e me colocou na cama.

Achei que tinha uma boa ideia do que ele estava pensando, mas sua expressão me surpreendeu. Em vez de furiosa, era calculista. Ele andava em silêncio de um lado para outro de meu quarto escuro enquanto eu o observava com uma desconfiança crescente.

— O que quer que esteja planejando, não vai dar certo — eu disse a ele.

— Shhh. Estou pensando.

— Argh — gemi, atirando-me de volta na cama e puxando o cobertor sobre a cabeça.

Não houve som algum, mas de repente ele estava ali. Ele puxou a coberta para me ver. Estava se deitando ao meu lado. Sua mão tirou o cabelo de meu rosto.

— Se não se importa, prefiro que não esconda seu rosto. Eu vivi sem ele por mais tempo do que podia suportar. Agora... me diga uma coisa.

— O quê? — perguntei, de má vontade.

— Se pudesse ter alguma coisa no mundo, qualquer coisa, o que seria?

Pude sentir o ceticismo em seus olhos.

— Você.

Ele sacudiu a cabeça com impaciência.

— Algo que você não tenha.

Eu não sabia aonde ele tentava me levar, então pensei bem antes de responder. Pensei numa coisa que era ao mesmo tempo verdade e provavelmente impossível.

— Eu queria... que Carlisle não tivesse que fazer isso. Queria que você me mudasse.

Observei sua reação com cautela, esperando mais da fúria que vira em sua casa. Fiquei surpresa que sua expressão não tivesse se alterado. Ainda era calculista e pensativa.

— O que estaria disposta a dar em troca?

Não consegui acreditar no que ouvia. Fitei pasma seu rosto sério e soltei a resposta antes de pensar nela.

— Qualquer coisa.

Ele deu um sorriso fraco, depois franziu os lábios.

— Cinco anos?

Meu rosto se retorceu numa expressão em algum ponto entre o pesar e o pavor.

— Você disse qualquer coisa — lembrou-me ele.

— Sim, mas... Você vai usar o tempo para encontrar uma maneira de se livrar disso. Tenho que aproveitar enquanto tenho oportunidade. Além disso, é perigoso demais ser humana... Para mim, pelo menos. Então, tudo menos isso.

Ele franziu a testa.

— Três anos?

— Não!

— Então não vale qualquer coisa para você?

Pensei no quanto eu queria aquilo. Concluí que era melhor manter uma expressão impassível e não deixar que ele soubesse o quanto eu queria. Isso me daria mais poder.

— Seis meses?

Ele revirou os olhos.

— Não basta.

— Então um ano — eu disse. — É meu limite.

— Me dê pelo menos dois.

— De jeito nenhum. Vou fazer 19 anos. Mas não vou chegar a lugar nenhum perto dos 20. Se você vai ficar adolescente para sempre, eu também vou.

Ele pensou por um minuto.

— Tudo bem. Esqueça os limites de tempo. Se quer que seja comigo... terá de cumprir uma condição.

— Condição? — Minha voz ficou apática. — Que condição?

Seus olhos eram cautelosos — ele falava lentamente.

— Case-se comigo primeiro.

Eu o fitei, esperando...

— Tudo bem. Qual é a piada?

Ele suspirou.

— Está ferindo meu ego, Bella. Acabo de lhe pedir em casamento e você acha que é brincadeira.

— Edward, por favor, fale sério.

— Estou falando completamente a sério. — Ele me fitou sem humor algum no rosto.

— Ah, sem essa — eu disse com uma pontada de histeria na voz. — Só tenho 18 anos.

— Bom, eu tenho quase 110. Está na hora de sossegar.

Virei a cara, olhando pela janela escura, tentando controlar o pânico antes que ele me entregasse.

— Veja bem, o casamento não é bem uma de minhas prioridades, sabia? Foi como o beijo da morte para Renée e Charlie.

— Uma escolha de palavras interessante.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

Ele respirou fundo.

— Francamente, não me diga que tem medo de se comprometer. — Sua voz era incrédula e eu entendi suas implicações.

— Não é bem isso — tentei escapar. — Eu... tenho medo por Renée. Ela tem algumas opiniões fortes sobre se casar antes dos 30 anos.

— Porque ela prefere que você seja uma eterna amaldiçoada a que se case. — Ele deu um riso sombrio.

— Você acha que está brincando.

— Bella, se comparar o nível de compromisso entre uma união conjugal e trocar sua alma pela eternidade como vampira... — Ele sacudiu a cabeça. — Se não tem coragem de se casar comigo, então...

— Bom — interrompi. — E se eu quisesse? E se lhe dissesse para me levar a Las Vegas agora? Eu seria uma vampira em três dias?

Ele sorriu, os dentes faiscando no escuro.

— Claro — disse ele, caindo em meu blefe. — Vou pegar meu carro.

— Mas que droga — murmurei. — Vou lhe dar dezoito meses.

— Nada feito — disse ele, sorrindo. — Eu gosto dessa condição.

— Ótimo. Vou pedir a Carlisle para fazer quando me formar.

— Se é o que você quer mesmo. — Ele deu de ombros e seu sorriso tornou-se absolutamente angelical.

— Você é impossível — grunhi. — Um monstro.

Ele riu.

— É por isso que não quer se casar comigo?

Eu grunhi de novo.

Ele se inclinou para mim; seus olhos escuros como a noite derreteram e arderam, estilhaçando minha concentração.

— Por favor, Bella? — sussurrou ele.

Por um momento, esqueci como se respira. Quando me recuperei, sacudi a cabeça rapidamente, tentando clarear minha mente de repente confusa.

— Seria melhor se eu tivesse tempo para comprar uma aliança?

— Não! Nada de alianças! — eu quase gritei.

— Agora você conseguiu — sussurrou ele.

— Epa.

— Charlie está se levantando; é melhor eu ir — disse Edward com resignação.

Meu coração parou de bater.

Ele viu minha expressão por um segundo.

— Seria infantilidade minha me esconder em seu armário, então?

— Não — sussurrei ansiosa. — Fique. Por favor.

Edward sorriu e desapareceu.

Fiquei agitada no escuro enquanto esperava que Charlie viesse me ver. Edward sabia exatamente o que estava fazendo, e eu estava disposta a apostar que toda a surpresa magoada era parte da trama. É claro que eu ainda tinha a opção de Carlisle, mas agora que havia uma possibilidade de Edward me modificar, eu queria isso de modo desesperado. Ele era um trapaceiro e tanto.

Minha porta foi entreaberta.

— Bom dia, pai.

— Ah, oi, Bella. — Ele ficou constrangido por ser flagrado. — Não sabia que estava acordada.

— É. Estava esperando que você acordasse para poder tomar banho. — Comecei a me levantar.

— Espere — disse Charlie, acendendo a luz. Pestanejei na claridade repentina e mantive os olhos cuidadosamente longe do armário. — Vamos conversar um minutinho primeiro.

Não consegui controlar minha careta. Eu tinha me esquecido de pedir uma

desculpa a Alice.

— Você sabe que está encrencada.

— É, eu sei.

— Eu simplesmente fiquei louco nos últimos três dias, cheguei em casa do enterro de Harry e você tinha sumido. Jacob só pôde me dizer que você saíra correndo com Alice Cullen e que ele achava que você tinha algum problema. Você não me deixou telefone nenhum e não ligou. Eu não sabia onde você estava nem quando... ou se... ia voltar. Tem alguma ideia de como... como... — Ele não conseguiu terminar a frase. Inspirou fundo fazendo um som agudo e continuou: — Pode me dar um só motivo para eu não mandar você para Jacksonville neste segundo?

Meus olhos se estreitaram. Então seria por ameaças, é? Era um jogo para dois. Eu me sentei, puxando o cobertor em volta de mim.

— Porque eu não vou.

— Agora espere um minuto, mocinha...

— Olhe, pai, assumo completa responsabilidade por meus atos e você tem o direito de me deixar de castigo pelo tempo que quiser. Vou cumprir todas as tarefas e lavar a roupa e os pratos até que você ache que aprendi a lição. E acho que você tem o direito, se quiser, de me expulsar daqui também... Mas isso não vai me fazer voltar para a Flórida.

Seu rosto ficou vermelho-vivo. Ele respirou fundo algumas vezes antes de responder.

— Você poderia explicar onde esteve?

Ah, merda.

— Houve uma... emergência.

Ele ergueu as sobrancelhas de expectativa por minha brilhante explicação.

Enchi as bochechas de ar e soprei-o com um ruído.

— Não sei o que dizer a você, pai. Foi principalmente um mal-entendido. Um disse-me-disse. Eu perdi o controle.

Ele esperou com uma expressão desconfiada.

— Ouça, Alice disse a Rosalie que eu pulei do penhasco... — Eu lutava freneticamente para que aquilo desse certo, para me manter o mais próximo da verdade possível, assim minha incapacidade de mentir sendo convincente não estragaria a desculpa. Mas, antes que eu pudesse continuar, a expressão de Charlie

me lembrou de que ele não sabia nada do penhasco.

Epa dos grandes. Como se eu já não estivesse ferrada.

— Acho que não lhe contei sobre isso — eu disse com a voz sufocada. — Não foi nada. Só estava brincando, nadando com Jake. De qualquer modo, Rosalie contou a Edward e ele ficou transtornado. Ela meio que por acaso deu a impressão de que eu estava tentando me matar ou algo assim. Ele não atendia ao telefone, então Alice me arrastou para... Los Angeles, para explicar em pessoa. — Dei de ombros, esperando desesperadamente que ele não ficasse muito distraído por meu lapso e perdesse a brilhante explicação que lhe dei.

A fisionomia de Charlie estava congelada.

— Você estava tentando se matar, Bella?

— Não, é claro que não. Só me divertindo com Jake. Mergulhando do penhasco. Os garotos de La Push fazem isso o tempo todo. Como eu disse, não foi nada.

A fisionomia de Charlie esquentou — foi de congelada a quente de fúria.

— E o que Edward Cullen tem a ver com isso, afinal? — ladrou ele. — Esse tempo todo ele só deixou você esperando, sem dar uma palavra...

Eu o interrompi.

— Outro mal-entendido.

Seu rosto corou de novo.

— Então ele voltou?

— Não sei bem quais são os planos. Eu acho que todos eles voltaram.

Ele sacudiu a cabeça, a veia na testa pulsando.

— Quero que fique longe dele, Bella. Não confio nele. Ele não serve para você. Não vou permitir que atrapalhe sua vida daquele jeito de novo.

— Tudo bem — eu disse rapidamente.

Charlie girou nos calcanhares.

— Ah! — Ele pensou por um segundo, suspirando alto de surpresa. — Pensei que iria criar dificuldades.

— Mas eu vou. — Eu o olhei nos olhos. — Eu quis dizer: "Tudo bem, eu vou sair de casa."

Seus olhos esbugalharam; o rosto ficou arroxeado. Minha decisão oscilou enquanto eu começava a me preocupar com a saúde dele. Ele não era mais novo do que Harry...

— Pai, eu não quero me mudar — eu disse num tom mais suave. — Eu te amo. Sei que está preocupado, mas precisa confiar em mim. E vai ter que pegar leve com Edward se quiser que eu fique. Quer que eu more aqui ou não?

— Isso não é justo, Bella. Sabe que quero que você fique.

— Então seja legal com Edward, porque ele estará onde eu estiver. — Eu disse isso com confiança. A convicção de minha revelação ainda era forte.

— Não debaixo do meu teto — trovejou Charlie.

Soltei um suspiro pesado.

— Olhe, não vou lhe dar mais nenhum ultimato esta noite... Ou melhor, já é de manhã. Só pense nisso por alguns dias, está bem? Mas não se esqueça de que Edward e eu somos como um pacote só.

— Bella...

— Pense bem — insisti. — E enquanto estiver pensando, poderia me dar alguma privacidade? Eu realmente preciso de um banho.

A fisionomia de Charlie era de um tom estranho de roxo, mas ele saiu, batendo a porta ao passar. Ouvi-o marchar com fúria pela escada.

Atirei o cobertor para o lado e Edward já estava ali, sentado na cadeira de balanço como se tivesse estado presente durante toda a conversa.

— Desculpe por isso — sussurrei.

— Acho que mereço coisa muito pior — murmurou ele. — Não comece uma briga com Charlie por minha causa, por favor.

— Não se preocupe — sussurrei, pegando minhas coisas do banheiro e uma muda de roupas limpas. — Vou começar exatamente o que for necessário e não mais do que isso. Ou está tentando me dizer que não tenho para onde ir? — Arregalei os olhos com um falso alarme.

— Você se mudaria para uma casa cheia de vampiros?

— Deve ser o lugar mais seguro para alguém como eu. Além disso... — Eu sorri. — Se Charlie me expulsar, então não há necessidade do prazo da formatura, não é?

Seu queixo enrijeceu.

— Tão ansiosa pela danação eterna — murmurou ele.

— Sabe que não acredita mesmo nisso.

— Ah, não acredito? — Ele ficou furioso.

— Não. Você não acredita.

Ele me fuzilou com os olhos e começou a falar, mas o interrompi.

— Se acreditasse de verdade que perdeu sua alma, então, quando eu o encontrei em Volterra, você teria percebido imediatamente o que estava acontecendo, em vez de pensar que nós dois estávamos mortos juntos. Mas não pensou assim... Você disse: "Incrível. Carlisle tinha razão." — lembrei a ele, triunfante. — Há esperanças para você, afinal.

Pela primeira vez, Edward ficou sem fala.

— Então vamos os dois ter esperanças, sim? — sugeri. — Não que isso importe. Se você ficar, não preciso do paraíso.

Ele se levantou devagar e veio colocar as mãos em meu rosto enquanto fitava meus olhos.

— Para sempre — jurou ele, ainda meio confuso.

— É só o que estou lhe pedindo — eu disse, e fiquei na ponta dos pés para colocar meus lábios nos dele.

EPÍLOGO: PACTO

QUASE TUDO VOLTOU AO NORMAL — o normal bom, de pré-zumbi — em menos tempo do que eu julgava ser possível. O hospital acolheu Carlisle de volta de braços abertos e ansiosos, sem sequer se incomodar em esconder seu deleite por Esme ter achado a vida em Los Angeles medíocre demais para o gosto dela. Graças à prova de cálculo que perdi enquanto estava no exterior, Alice e Edward estavam em melhor situação para se formar do que eu, e de repente a faculdade era uma prioridade (a faculdade ainda era o plano B, a oferta que Edward me fazia na eventualidade de falhar a opção de pós-formatura de Carlisle). Muitos prazos finais passaram por mim, mas Edward tinha uma nova pilha de formulários de universidades para eu preencher a cada dia. Ele já passara por Harvard, então não o incomodava que, graças a meus adiamentos, nós dois terminássemos na Peninsula Community College no ano seguinte.

Charlie não estava satisfeito comigo, nem falava com Edward. Mas pelo menos Edward tinha permissão — durante meu horário de visita — para entrar lá em casa de novo. Eu é que não tinha permissão de sair dela.

A escola e o trabalho eram as únicas exceções, e as paredes amarelas, melancólicas e opacas de minhas salas de aula tornaram-se estranhamente convidativas para mim. Isso tinha muito a ver com a pessoa que se sentava na carteira a meu lado.

Edward reassumira seu horário do início do ano, o que o recolocou na maioria de minhas aulas. Meu comportamento fora tal no outono passado, depois da suposta mudança dos Cullen para Los Angeles, que o lugar a meu lado nunca foi ocupado. Até Mike, sempre ansioso para tirar algum proveito, manteve uma distância segura. Com Edward de volta, era quase como se os últimos oito meses tivessem sido só um pesadelo perturbador.

Quase, mas não exatamente. Havia a situação de ficar presa em casa, primeiro. E, além disso, antes eu não tinha Jacob Black como meu melhor amigo. Então é claro que eu não sentia falta dele na época.

Eu não tinha liberdade para ir a La Push e Jacob não vinha me ver. Ele não atendia a meus telefonemas.

Eu ligava quase sempre à noite, depois de Edward ter sido expulso — às nove em ponto por um Charlie inflexivelmente alegre — e antes de Edward se esgueirar por minha janela, quando Charlie estava dormindo. Escolhi essa hora para as minhas ligações infrutíferas porque percebi que Edward fazia uma careta toda vez que eu falava no nome de Jacob. Meio reprovadora e preocupada... Talvez até com raiva. Imaginei que ele tinha algum preconceito recíproco contra os lobisomens, embora ele não verbalizasse isso, como Jacob fizera sobre os "sanguessugas".

Assim, eu não falava muito em Jacob.

Com Edward perto de mim, era difícil pensar em coisas tristes — até em meu ex-melhor amigo, que devia estar muito infeliz agora, por minha causa. Quando eu pensava em Jake, sempre me sentia culpada por não pensar mais nele.

O conto de fadas tinha voltado. O príncipe retornara, o feitiço fora quebrado. Eu não sabia exatamente o que fazer com o personagem não resolvido que sobrara. Onde estaria o feliz para sempre dele?

As semanas se passaram e Jacob ainda não atendia a meus telefonemas. Começou a se tornar uma preocupação constante. Como uma torneira pingando no fundo de minha mente que eu não conseguia fechar nem ignorar. Pinga, pinga, pinga. Jacob, Jacob, Jacob.

Assim, embora eu não falasse muito em Jacob, às vezes minha frustração e minha angústia entravam em ebulição.

— É uma grosseria! — Deixei escapar numa tarde de sábado quando Edward me pegou no trabalho. Ficar com raiva dos fatos era mais fácil do que me sentir culpada. — É um insulto completo!

Eu variava meu padrão, na esperança de uma resposta diferente. Dessa vez, eu tinha ligado para Jake do trabalho, mas só consegui falar com um Billy que não ajudou em nada. De novo.

— Billy disse que ele não quer falar comigo. — Eu estava furiosa, encarando a chuva que escorria pelo vidro do carona. — Que ele estava lá, e não ia dar três passos para pegar o telefone! Em geral Billy só diz que ele saiu, que está ocupado, dormindo ou algo assim. Quer dizer, até parece que não sei que está mentindo para mim, mas pelo menos é uma forma educada de lidar com isso. Acho que

agora Billy me odeia também. Não é justo!

— Não é você, Bella — disse Edward em voz baixa. — Ninguém odeia você.

— Parece que é assim — murmurei, cruzando os braços. Não passava de um gesto de teimosia. Agora não havia buraco ali; eu mal conseguia me lembrar da sensação de vazio.

— Jacob sabe que voltamos e tenho certeza de sabe que estou com você — disse Edward. — Ele não chega perto de mim. A inimizade é profundamente arraigada.

— Isso é idiotice. Ele sabe que você não é... como os outros vampiros.

— Ainda é um bom motivo para guardar uma distância segura.

Olhei às cegas pelo para-brisa, vendo apenas o rosto de Jacob preso na máscara de amargura que eu odiava.

— Bella, nós somos o que somos — disse Edward baixinho. — Posso me controlar, mas duvido que ele possa. Ele é muito novo. Seria muito provável começar uma briga, e não sei se posso evitar que eu o m... — Ele se interrompeu, depois continuou, depressa: — Que eu o machuque. Você ficaria infeliz. Não quero que isso aconteça.

Lembrei-me do que Jacob tinha dito na cozinha, ouvindo as palavras com a recordação perfeita de sua voz rouca. Não sei se sou controlado o suficiente para lidar com isso... você, provavelmente, não ia gostar muito se eu matasse sua amiga. Mas ele fora capaz de lidar com isso, daquela vez...

— Edward Cullen — sussurrei. — Você ia dizer "que eu o mate"? Ia?

Ele desviou os olhos, encarando a chuva. Na nossa frente, o sinal vermelho que eu não vira ficou verde e ele partiu com o carro de novo, dirigindo bem devagar. Não era seu jeito habitual de dirigir.

— Eu me esforçaria... muito... para não fazer isso — disse Edward por fim.

Eu o encarei boquiaberta, mas ele continuou a olhar para a frente. Estávamos parados na placa de pare da esquina.

De repente, lembrei-me do que aconteceu com Páris quando Romeu voltou. As orientações de palco eram simples: Eles brigam. Páris cai.

Mas isso era ridículo. Impossível.

— Bom — eu disse, e respirei fundo, sacudindo a cabeça para dispersar as palavras de minha mente. — Não vai acontecer nada parecido com isso, então não há motivo para preocupação. E você sabe que Charlie está disparando o

cronômetro agora. É melhor me levar para casa antes que eu fique mais encrencada por me atrasar.

Virei na direção dele, para sorrir sem entusiasmo.

Toda vez que eu olhava seu rosto, aquele rosto inacreditavelmente perfeito, meu coração batia com força e saúde, e bem ali em meu peito. Dessa vez, a batida foi mais acelerada do que seu ritmo embriagado. Reconheci a expressão no rosto imóvel de estátua.

— Você já está encrencada, Bella — sussurrou ele pelos lábios imóveis.

Eu me aproximei, segurando o braço dele enquanto seguia seu olhar para ver o que ele via. Não sei o que esperava — talvez Victoria parada no meio da rua, o cabelo vermelho de fogo soprando ao vento, ou uma fila de mantos pretos... Ou uma matilha de lobisomens coléricos. Mas não vi nada disso.

— Que foi? O que é?

Ele respirou fundo.

— Charlie...

— Meu pai? — guinchei.

Ele olhou para mim então, e sua expressão era bastante calma para atenuar parte de meu pânico.

— Charlie... provavelmente não vai matar você, mas ele está pensando nisso — ele me disse. Começou a dirigir de novo, pela minha rua, mas passou da casa e estacionou na beira do bosque.

— O que foi que eu fiz? — eu disse ofegante.

Edward olhou a casa de Charlie. Eu segui seu olhar e só então percebi o que estava estacionado na entrada, perto da viatura. Vermelha, brilhante, impossível de esquecer. Minha moto, exposta sozinha na entrada de carros.

Edward tinha dito que Charlie estava pronto para me matar, então ele devia saber que... que a moto era minha. Só havia uma pessoa que podia estar por trás dessa traição.

— Não! — ofeguei. — Por quê? Por que Jacob faria isso comigo? — A pontada da traição inundou meu corpo. Eu confiara em Jacob cegamente, confiara a ele cada segredo que tinha. Ele devia ser meu porto seguro, a pessoa em quem eu sempre confiaria. É claro que a situação agora estava tensa, mas eu não acreditava que nada nos alicerces da nossa amizade tivesse mudado. Não achava que pudesse mudar!

O que eu tinha feito para merecer isso? Charlie ficaria tão chateado — e, pior ainda, ele ficaria magoado e preocupado. Será que ele já não tinha muito com que se preocupar? Eu nunca poderia imaginar que Jake pudesse ser tão mesquinho e tão cruel. As lágrimas saltaram, ardentes, de meus olhos, mas não eram lágrimas de tristeza. Eu fora traída. De repente estava com tanta raiva que minha cabeça pulsava como se fosse explodir.

— Ele ainda está aqui? — sibilei.

— Está. Está esperando por nós. — Edward me disse, fazendo um sinal para a trilha estreita que dividia em duas a margem escura da floresta.

Pulei do carro, correndo para as árvores com as mãos já cerradas em punhos para o primeiro soco.

Por que Edward tinha de ser tão mais rápido do que eu?

Ele me pegou pela cintura antes que eu chegasse à trilha.

— Me solte! Eu vou matá-lo! Traidor! — gritei para as árvores.

— Charlie vai ouvir você — alertou-me Edward. — E depois de colocar você para dentro, talvez lacre a porta com tijolos.

Olhei a casa por instinto, e parecia que a moto vermelha e reluzente era tudo o que eu podia ver. Eu estava vendo vermelho. Minha cabeça latejou de novo.

— Só me dê um round com Jacob, depois vou lidar com Charlie. — Eu lutava inutilmente para me libertar.

— Jacob Black quer me ver. É por isso que ele ainda está aqui.

Isso me esfriou — arrancou a luta de mim. Minhas mãos ficaram moles. Eles brigam; Páris cai.

Eu estava furiosa, mas não tão furiosa.

— Para conversar? — perguntei.

— Mais ou menos.

— Mais para mais? — Minha voz tremia.

Edward tirou meu cabelo do rosto.

— Não se preocupe, ele não veio aqui para lutar comigo. Está agindo como... um porta-voz do bando.

— Ah!

Edward olhou a casa de novo, depois envolveu minha cintura com o braço e me empurrou para o bosque.

— Precisamos nos apressar. Charlie está ficando impaciente.

Não foi preciso ir muito longe; Jacob esperava a pouca distância na trilha. Esperava encostado num tronco musgoso, a fisionomia séria e amargurada, exatamente como eu sabia que estaria. Ele olhou para mim, depois para Edward. A boca de Jacob se esticou num esgar sem humor e ele se afastou da árvore. Colocou-se sobre os calcanhares dos pés descalços, inclinando-se um pouco para a frente, as mãos trêmulas cerradas em punhos. Ele parecia maior do que da última vez que eu o vira. De algum modo, impossível, ele ainda estava crescendo. Lado a lado, ele era mais alto que Edward.

Mas Edward parou assim que o vimos, deixando um amplo espaço entre nós e Jacob. Edward virou o corpo, passando-me para trás dele. Fiquei um pouco de lado para encarar Jacob — para acusá-lo com os olhos.

Achava que ver sua expressão ressentida e cínica só me deixaria mais irritada. Em vez disso, lembrei-me da última vez que o vi, com lágrimas nos olhos. Minha fúria se atenuou, vacilante, enquanto eu o fitava. Já se passara um bom tempo desde que o vira — eu odiava que nosso reencontro tivesse de ser assim.

— Bella — disse Jacob, inclinando a cabeça para mim sem desviar os olhos de Edward.

— Por quê? — sussurrei, tentando esconder o som do bolo em minha garganta. — Como pôde fazer isso comigo, Jacob?

O esgar desapareceu, mas seu rosto continuava sério e rígido.

— É para o seu bem.

— O que é que isso significa? Quer que Charlie me estrangule? Ou quer que ele tenha um ataque cardíaco, como Harry? Por mais chateado que você esteja comigo, como pôde fazer isso com ele?

Jacob estremeceu e suas sobrancelhas se uniram, mas ele não respondeu.

— Ele não quer magoar ninguém... Só quer que você fique de castigo, assim você não teria permissão para ficar comigo — murmurou Edward, explicando os pensamentos que Jacob não exprimira.

Os olhos de Jacob cintilaram de ódio ao fitarem Edward novamente.

— Ai, Jake! — gemi. — Eu já estou de castigo! Por que acha que não fui a La Push para te dar um chute por evitar meus telefonemas?

Os olhos de Jacob lampejaram para mim, confusos pela primeira vez.

— Foi por isso? — perguntou ele, depois cerrou o queixo, como se lamentasse ter falado.

— Ele pensou que eu a estivesse impedindo, não Charlie — explicou Edward de novo.

— Pare com isso — rebateu Jacob.

Edward não respondeu.

Jacob deu de ombros uma vez, depois trincou os dentes com a mesma força com que cerrava os punhos.

— Bella não exagerou sobre suas... habilidades — disse ele entre os dentes. — Então já deve saber por que estou aqui.

— Sim — concordou Edward numa voz tranquila. — Mas, antes que comece, preciso dizer uma coisa.

Jacob esperou, abrindo e cerrando as mãos como se tentasse controlar os tremores que percorriam seus braços.

— Obrigado — disse Edward, e sua voz pulsava com a profundidade de sua franqueza. — Nunca serei capaz de lhe dizer o quanto sou grato. Vou ficar lhe devendo pelo resto de minha... existência.

Jacob o olhou sem expressão, os ombros imobilizados de surpresa. Ele trocou um olhar rápido comigo, mas meu rosto estava igualmente pasmo.

— Por manter Bella viva — esclareceu Edward, a voz áspera e fervorosa. — Quando eu... não fiz isso.

— Edward... — comecei a dizer, mas ele ergueu a mão, os olhos em Jacob.

A compreensão inundou o rosto de Jacob antes que a máscara severa voltasse.

— Não fiz isso por você.

— Sei. Mas isso não anula a gratidão que sinto. Achei que você devia saber. Se houver algo a meu alcance que eu possa fazer por você...

Jacob ergueu uma sobrancelha escura.

Edward sacudiu a cabeça.

— Isso não está a meu alcance.

— De quem, então? — grunhiu Jacob.

Edward olhou para mim.

— Dela. Aprendo rápido, Jacob Black, e não cometo o mesmo erro duas vezes. Fico aqui enquanto ela não me mandar embora.

Por um momento fiquei imersa em seu olhar dourado. Não era difícil entender o que eu perdera na conversa. A única coisa que Jacob podia querer de Edward seria sua ausência.

— Nunca — sussurrei, ainda presa nos olhos de Edward.

Jacob soltou um som nauseado.

Libertei-me, sem vontade, do olhar de Edward para franzir o cenho para Jacob.

— Queria mais alguma coisa, Jacob? Você queria me criar problemas... Missão cumprida. Charlie pode me mandar para a academia militar. Mas isso não vai me afastar de Edward. Não há nada que possa fazer isso. O que mais você quer?

Jacob não tirava os olhos de Edward.

— Eu só precisava lembrar a seus amigos sanguessugas de alguns pontos importantes do pacto que fizemos. O pacto que é o único motivo que me impede de dilacerar a garganta dele neste exato minuto.

— Nós não nos esquecemos — disse Edward ao mesmo tempo que eu perguntava: "Que pontos importantes?"

Jacob ainda encarava Edward, mas a resposta foi para mim.

— O pacto é muito específico. Se algum deles morder um humano, a trégua acabou. Morder, não matar — destacou ele. Por fim, ele me olhou. Seus olhos eram frios.

Só precisei de um segundo para apreender a distinção, depois meu rosto ficou frio como o dele.

— Isso não é da sua conta.

— Uma ova que... — foi só o que ele conseguiu dizer.

Eu não esperava que minhas palavras rudes provocassem uma reação tão violenta. Apesar do aviso que viera dar, ele não devia saber. Devia ter pensado que o aviso era só precaução. Ele não tinha percebido — ou não queria acreditar — que eu já tomara minha decisão. Que eu já pretendia ser membro da família Cullen.

Minha resposta deixou Jacob quase em convulsões. Ele pressionou com força os punhos contra as têmporas, fechando bem os olhos e curvando-se sobre si mesmo, à medida que tentava controlar os espasmos. Em vez da pele avermelhada, seu rosto tornou-se pálido.

— Jake? Você está bem? — perguntei, ansiosa.

Dei meio passo na direção dele, mas Edward me pegou e me puxou para trás de seu corpo.

— Cuidado! Ele está fora de controle — alertou-me.

Mas Jacob já se recuperava; agora só os braços tremiam. Ele fechou a cara para Edward com puro ódio.

— Argh. Eu nunca a machucaria.

Nem Edward nem eu deixamos passar a inflexão, ou a acusação ali. Um silvo baixo escapou dos lábios de Edward. Jacob cerrou os punhos por reflexo.

— BELLA! — O rugido de Charlie ecoou da casa. — ENTRE EM CASA AGORA MESMO!

Todos nós ficamos paralisados, ouvindo o silêncio que se seguiu.

Eu fui a primeira a falar; minha voz tremia.

— Merda.

A expressão furiosa de Jacob vacilou.

— Eu lamento por isso — murmurou ele. — Eu precisava fazer o que pudesse... Tinha que tentar...

— Obrigada. — O tremor em minha voz arruinou o sarcasmo. Olhei a trilha, como se estivesse esperando que Charlie viesse marchando pelas samambaias úmidas como um touro enfurecido. Eu seria a capa vermelha neste cenário.

— Só mais uma coisa — disse-me Edward, depois olhou para Jacob. — Não encontramos rastro de Victoria em nosso lado do limite... Vocês encontraram?

Ele soube a resposta logo que Jacob pensou nela, mas Jacob falou assim mesmo.

— Da última vez foi enquanto Bella estava... fora. Deixamos que ela pensasse que conseguiria passar... Estávamos fechando o círculo, nos preparando para emboscá-la...

O gelo desceu por minha coluna.

— Mas depois ela fugiu como o diabo da cruz. Pelo que sabemos, ela sentiu o cheiro de sua femeazinha e desistiu. Desde então, não chegou perto de nosso território.

Edward assentiu.

— Quando ela voltar, não será mais problema de vocês. Nós vamos...

— Ela matou em nossas terras — sibilou Jacob. — Ela é nossa!

— Não... — Comecei a protestar contra as duas declarações.

— BELLA! ESTOU VENDO SEU CARRO E SEI QUE ESTÁ AÍ FORA! SE NÃO ENTRAR NESTA CASA EM UM MINUTO...! — Charlie não se incomodou em terminar a

ameaça.

— Vamos — disse Edward.

Olhei para Jacob, dilacerada. Será que o veria outra vez?

— Desculpe — sussurrou ele tão baixo que tive de ler seus lábios para entender. — Tchau, Bells.

— Você prometeu — lembrei a ele com desespero. — Ainda somos amigos, não é?

Jacob sacudiu a cabeça devagar e o nó em minha garganta quase me estrangulou.

— Sabe o quanto tentei manter a promessa, mas... não vejo como continuar tentando. Não agora... — Ele lutava para manter a máscara severa, mas ela oscilou e depois desapareceu. — Sinto sua falta — murmurou. Uma de suas mãos se estendeu para mim, os dedos esticados, como se ele quisesse que fossem bastante longos para cruzar a distância entre nós.

— Eu também — eu disse, engasgada. Minha mão se estendeu para ele no espaço amplo.

Como se estivéssemos conectados, o eco de sua dor se retorceu dentro de mim. A dor dele, minha dor.

— Jake... — Dei um passo para ele. Eu queria abraçá-lo e apagar a expressão de infelicidade em seu rosto.

Edward me puxou de volta, os braços restritivos, não defensivos.

— Está tudo bem — garanti a ele, olhando para ver seu rosto com a confiança em meus olhos. Ele entenderia.

Seus olhos eram insondáveis, sua face, sem expressão. Fria.

— Não está, não.

— Solte-a — rosnou Jacob, furioso de novo. — Ela quer! — Ele avançou dois passos longos. Uma centelha de expectativa faiscava em seus olhos. Seu peito parecia inchar enquanto tremia.

Edward me puxou para trás, girando para encarar Jacob.

— Não! Edward...!

— ISABELLA SWAN!

— Vamos! Charlie está irritado! — Minha voz era de pânico, mas agora não por causa de Charlie. — Rápido!

Eu dei um puxão e ele relaxou um pouco. Ele me puxou para trás devagar,

sempre de olho em Jacob enquanto nos retirávamos.

Jacob nos observou com uma carranca sombria na face amargurada. A expectativa desaparecera de seus olhos e depois, pouco antes de a floresta se interpor entre nós, seu rosto de repente se enrugou de dor.

Eu sabia que o último vislumbre de seu rosto me assombraria até que eu o visse sorrir outra vez.

E exatamente ali eu jurei que o veria sorrir, e em breve. Eu encontraria um jeito de manter meu amigo.

Edward mantinha o braço apertado em minha cintura, segurando-me perto dele. Só por isso as lágrimas não despencaram de meus olhos.

Eu tinha sérios problemas.

Meu melhor amigo me colocava na conta de seus inimigos.

Victoria ainda estava à solta, colocando em perigo todos a quem eu amava.

Se eu não me tornasse vampira logo, os Volturi me matariam.

E agora parecia que se eu fizesse isso os lobisomens quileutes tentariam fazer eles mesmos o trabalho — além de tentar matar minha futura família. Eu não acreditava que tivessem alguma chance, mas será que meu melhor amigo iria morrer tentando?

Problemas muito graves. Então, por que de repente eles pareciam insignificantes quando passamos pela última árvore e eu vi a expressão na fisionomia arroxeada de Charlie?

Edward me apertou com suavidade.

— Estou aqui.

Respirei fundo.

Era verdade. Edward estava ali, com os braços me envolvendo.

Eu podia enfrentar qualquer coisa, uma vez que aquilo era verdade.

Alinhei os ombros e andei para encontrar minha sina, com meu destino solidamente a meu lado.

Agradecimentos

Muito amor e gratidão a meu marido e a meus filhos, pela compreensão e pelo sacrifício constantes em apoio à redação de meus livros. Pelo menos não sou a única a me beneficiar disso — tenho certeza de que muitos restaurantes de meu bairro são gratos por eu não cozinhar mais.

Obrigada, mãe, por ser a melhor amiga e me deixar alugar seus ouvidos em todos os momentos ruins. Obrigada também por ser tão insanamente criativa e inteligente e legar uma pequena parte das duas qualidades a minha composição genética.

Obrigada a todos os meus irmãos Emily, Heidi, Seth e Jacob por me deixarem tomar seus nomes emprestados. Espero não ter feito nada com eles que os faça desejar ter discordado.

Minha gratidão especial a meu irmão Paul, pelas aulas de direção de moto — você tem um dom verdadeiro para ensinar.

Nem toda minha gratidão a meu irmão Seth é suficiente pelo trabalho árduo e pelo talento que ele colocou na criação de www.stepheniemeyer.com. Sou igualmente grata pelo esforço que ele continua a despender como meu webmaster. Dê uma olhada no e-mail, garoto. Desta vez, falei sério.

Obrigada de novo a meu irmão Jacob, por seus conselhos contínuos sobre todas as minhas opções automotivas.

Um grande agradecimento a minha agente, Jodi Reamer, pela orientação e assistência constantes em minha carreira. E também por suportar minha loucura com um sorriso quando sei que gostaria de usar algumas de suas táticas ninjas em mim.

Amor, beijos e gratidão a minha assessora de imprensa, a linda Elizabeth Eulberg, por fazer de minha experiência de turnê menos uma tarefa

enfadonha e mais uma festinha do pijama, por auxiliar no assédio pela Internet, por convencer aqueles esnobes exclusivistas do CEE (Clube Elizabeth Eulberg) a me deixar entrar e, ah, sim, também por me colocar na lista de best-sellers do The New York Times.

Um tonel enorme de gratidão a todos da Little, Brown and Company pelo apoio e por acreditarem no potencial de minhas histórias.

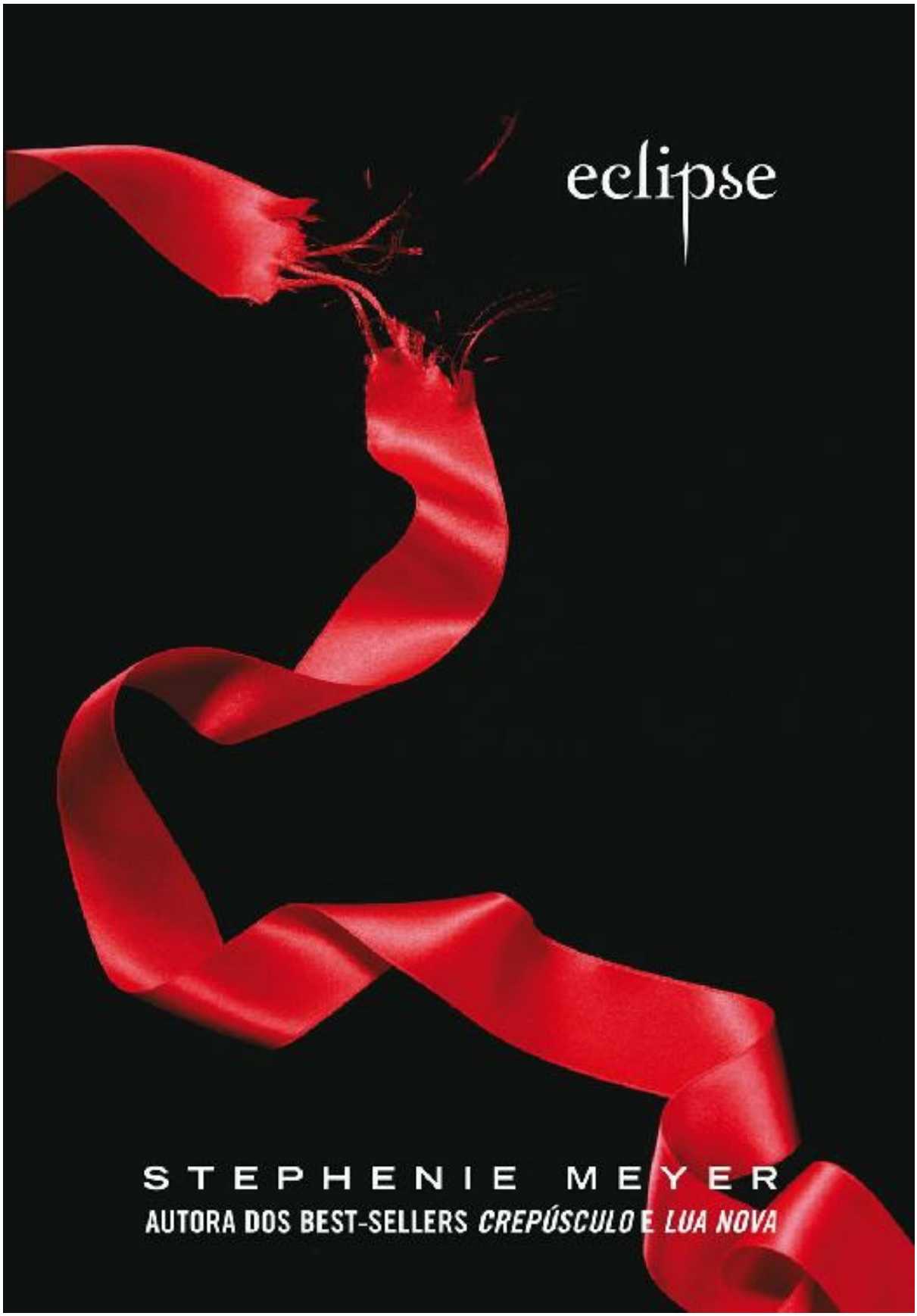
E, finalmente, obrigada aos músicos talentosos que me inspiraram, particularmente a banda Muse — há emoções, cenas e tramas neste romance que nasceram das canções da Muse e não existiriam sem sua genialidade. Linkin Park, Travis, Elbow, Coldplay, Marjorie Fair, My Chemical Romance, Brand New, The Strokes, Armor for Sleep, The Arcade Fire e The Fray também foram fundamentais para espantar o bloqueio de escritor.

© **David Stone**



Stephenie Meyer é autora de Crepúsculo, o fenômeno que a levou à lista das 100 pessoas mais influentes do mundo segundo a revista Time em 2009. Formada em literatura inglesa na *Brigham Young University*, Meyer ganhou status de celebridade com a repercussão da série *Crepúsculo*. Considerada uma das 100 pessoas mais influentes do mundo em edição especial da revista Time, a autora mora com o marido e três filhos em Glendale, no Arizona.

A série *Crepúsculo* foi concebida num sonho de Stephenie Meyer, em junho de 2003: uma jovem falava com um homem lindo numa campina ensolarada. Ele era um vampiro. Eles estavam apaixonados e ele dizia como era difícil evitar matá-la.


eclipse
STEPHENIE MEYER
AUTORA DOS BEST-SELLERS *CREPÚSCULO* E *LUA NOVA*

eclipse

STEPHENIE MEYER

TRADUÇÃO DE RYTA VINAGRE

Copyright © 2007 Stephenie Meyer
Publicado mediante acordo com Little Brown and Company, Nova York, NY, EUA.
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
ECLIPSE

FOTO DA AUTORA
Karen Shell

REVISÃO
Liciane Guimarães Corrêa
Umberto Figueiredo Pinto
Maria de Fátima Maciel

REVISÃO DE EPUB
Letícia Féres

GERAÇÃO DE EPUB
Selênia Serviços

E-ISBN
978-85-8057-033-5

Edição digital: 2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para meu marido, Pancho, por sua paciência, amor, amizade, bom humor e disposição de comer fora.

E também para meus filhos, Gabe, Seth e Eli, por me permitirem viver o tipo de amor pelo qual as pessoas se dispõem a morrer.

SUMÁRIO

PRÓLOGO

1. ULTIMATO
2. EVASÃO
3. MOTIVOS
4. NATUREZA
5. IMPRINTING
6. SUÍÇA
7. FINAL INFELIZ
8. MAU GÊNIO
9. ALVO
10. CHEIRO
11. LENDAS
12. TEMPO
13. RECÉM-CRIADO
14. DECLARAÇÃO
15. APOSTA
16. MARCO
17. ALIANÇA
18. INSTRUÇÕES
19. EGOÍSMO
20. CONCILIAÇÃO
21. RASTROS
22. FOGO E GELO
23. MONSTRO
24. DECISÃO REPENTINA
25. ESPELHO
26. ÉTICA
27. NECESSIDADES

EPÍLOGO: ESCOLHA

Fogo e Gelo

Alguns dizem que o mundo acabará em fogo,
Outros dizem em gelo.
Pelo que provei do desejo
Fico com quem prefere o fogo.
Mas, se tivesse de perecer duas vezes,
Acho que conheço o bastante do ódio
Para saber que a ruína pelo gelo
Também seria ótima
E bastaria.

Robert Frost

PRÓLOGO

TODOS OS SUBTERFÚGIOS QUE TENTAMOS FORAM EM VÃO.

Com gelo no coração, eu o vi se preparar para me defender. Sua intensa concentração não demonstrava sinal algum de dúvida, embora eles estivessem em maior número. Eu sabia que não podíamos esperar qualquer ajuda — naquele momento, era certo que a família dele lutava pela própria vida assim como ele lutava pela nossa.

Será que um dia eu saberia o resultado desse outro combate? Descobriria quem haviam sido os vencedores e os perdedores? Eu viveria tempo suficiente para isso?

As probabilidades não eram muito boas.

Olhos negros, selvagens com o desejo feroz por minha morte, esperavam o momento em que meu protetor estivesse distraído. O momento em que eu certamente morreria.

Em algum lugar, longe, muito longe na floresta fria, um lobo uivou.

1. ULTIMATO

Bella,

~~Não sei por que você está fazendo Charlie levar bilhetes ao Billy como se estivéssemos na segunda série — se eu quisesse falar com você, teria atendido o~~

~~Foi você quem escolheu, tá legal? Não pode ter as duas coisas quando~~

~~Que parte de "inimigos mortais" é complicada demais para você~~

~~Olha, sei que estou sendo um imbecil, mas não há como~~

~~Não podemos ser amigos quando você fica o tempo todo com um bando de~~

~~As coisas só ficam piores quando eu penso demais em você, então não escreva mais~~

Sim, eu sinto sua falta também. Muito.
Isso não muda nada. Desculpe.

Jacob

Passei os dedos pelo papel, sentindo as marcas onde ele pressionara tanto a caneta, que quase o rasgou. Eu podia imaginá-lo escrevendo isso — rabiscando as letras furiosas com sua caligrafia tosca, riscando linha após linha quando as palavras saíam erradas, talvez até quebrando a caneta com sua mão grande demais; isso explicaria as manchas de tinta. Eu podia imaginar a frustração unindo suas sobrancelhas pretas e enrugando sua testa. Se eu estivesse lá, poderia até rir. Não tenha um derrame cerebral por isso, Jacob, eu teria dito a ele. É só colocar para fora.

Rir era a última coisa que eu queria fazer agora, ao reler as palavras que já memorizara. Sua resposta a meu pedido — passado de Charlie a Billy e depois a ele exatamente como na segunda série, conforme ele observara — não era

surpresa. Eu sabia a essência do que ele ia dizer antes de abrir o papel.

Surpreendente era o quanto cada linha riscada me feria — como se as pontas das letras tivessem bordas afiadas. Mais do que isso, por trás de cada começo irritado pairava um enorme poço de mágoa; a dor de Jacob me cortava mais fundo do que a minha própria.

Enquanto pensava nisso, senti o aroma inconfundível de queimado subindo da cozinha. Em outra casa, o fato de uma pessoa que não fosse eu estar cozinhando não devia ser motivo de pânico.

Enfiei o papel amarrotado no bolso de trás e corri. Desci a escada num átimo.

O vidro de molho de espaguete que Charlie colocara no micro-ondas só estava em sua primeira volta quando abri a porta e o tirei de lá.

— O que foi que eu fiz de errado? — Charlie perguntou.

— Você devia ter tirado a tampa primeiro, pai. Não pode colocar metal no micro-ondas. — Retirei rapidamente a tampa enquanto falava, despejei metade do molho numa tigela que coloquei dentro do micro-ondas e devolvi o vidro à geladeira; determinei o tempo e apertei o botão "Ligar".

Charlie observava meus ajustes com os lábios franzidos.

— Fiz o macarrão direito?

Olhei a panela no fogão — a origem do cheiro que me alertara.

— É bom mexer — eu disse com doçura. Peguei uma colher e tentei desfazer a papa grudenta que queimava no fundo.

Charlie suspirou.

— Mas o que significa isso tudo? — perguntei.

Ele cruzou os braços e olhou pela vidraça dos fundos a chuva que caía forte.

— Não sei do que você está falando — grunhiu ele.

Fiquei pasma. Charlie cozinhando? E por que aquela atitude ríspida? Edward ainda não havia chegado; em geral, meu pai reservava esse tipo de comportamento para meu namorado, fazendo o máximo para exemplificar o assunto "incômodo" em cada palavra e gesto. Os esforços de Charlie eram desnecessários — Edward sabia exatamente o que meu pai estava pensando sem que ele demonstrasse.

A palavra namorado foi revirada por dentro da bochecha com uma tensão familiar enquanto eu mexia a panela. Não era a palavra certa, definitivamente. Eu precisava de alguma que expressasse melhor o compromisso eterno... Mas palavras

como destino e sina pareciam piegas quando usadas numa conversa comum.

Edward tinha outra palavra em mente, que era a origem da tensão que eu sentia. Eu tinha arrepios só de pensar nela.

Noiva. Argh. Dei de ombros para me livrar da ideia.

— Perdi alguma coisa? Desde quando você faz o jantar? — perguntei a Charlie. O bolo de massa borbulhou na água fervente enquanto eu o cutucava. — Ou tenta fazer o jantar, melhor dizendo.

Charlie deu de ombros.

— Não há nenhuma lei que me proíba de cozinhar em minha própria casa.

— Você saberia disso — respondi, sorrindo ao olhar o distintivo alfinetado em sua jaqueta de couro.

— Rá. Essa é boa.

Ele tirou a jaqueta, como se meu olhar o lembrasse de que ainda a estava vestindo, e a pendurou no gancho reservado para suas roupas. O cinto com a arma já estava no lugar — ele não sentia a necessidade de usá-la na delegacia havia algumas semanas. Não tinha havido mais desaparecimentos perturbadores para transtornar a cidadezinha de Forks, em Washington, ninguém mais vira lobos gigantescos e misteriosos nos bosques sempre chuvosos...

Eu mexia o macarrão em silêncio, imaginando que em seu próprio tempo Charlie acabaria por falar sobre o que o incomodava. Meu pai não era homem de falar muito, e o esforço dispensado na tentativa de preparar um jantar para nós dois deixava claro que havia um número incomum de palavras em sua mente.

Olhei o relógio, por hábito, algo que eu sempre fazia mais ou menos nesse horário. Agora faltava menos de meia hora.

As tardes eram a parte mais difícil de meu dia. Desde que meu ex-melhor amigo (e lobisomem) Jacob Black me dedurara sobre a moto que eu pilotara escondido — uma traição que ele concebera a fim de me deixar de castigo para que eu não pudesse ficar com meu namorado (e vampiro) Edward Cullen —, Edward tinha permissão para me ver só das sete às nove e meia da noite, sempre no recesso do meu lar e sob a supervisão do olhar infalivelmente rabugento de meu pai.

Isso era uma evolução do castigo anterior e menos restritivo que eu recebera por um desaparecimento inexplicado de três dias e um episódio de mergulho de penhasco.

É claro que eu ainda via Edward na escola, porque não havia nada que Charlie pudesse fazer a respeito disso. E, também, Edward passava quase todas as noites em meu quarto, mas Charlie não sabia. A capacidade de Edward de escalar facilmente e em silêncio até minha janela no segundo andar era quase tão útil quanto sua habilidade de ler a mente de Charlie.

Embora eu ficasse longe de Edward só na parte da tarde, era o suficiente para me deixar inquieta, e as horas sempre se arrastavam. Ainda assim, suportava minha punição sem reclamar porque — primeiro — eu sabia que merecia e — segundo — porque eu não podia suportar magoar meu pai saindo de casa agora, quando pairava uma separação muito mais permanente, invisível para Charlie, tão próxima em meu horizonte.

Meu pai se sentou à mesa com um grunhido e abriu o jornal úmido que estava ali; segundos depois, estava estalando a língua de reprovação.

— Não sei por que lê o jornal, pai. Isso só o aborrece.

Ele me ignorou, resmungando para o jornal nas mãos.

— É por isso que todo o mundo quer morar em cidade pequena! Ridículo.

— O que as cidades grandes fizeram de errado agora?

— Seattle está se tornando a capital de homicídios do país. Cinco assassinatos sem solução nas últimas duas semanas. Dá para imaginar viver assim?

— Acho que Phoenix tem uma taxa de homicídios mais alta, pai. Eu vivi assim. — E nunca estive prestes a ser uma vítima de assassinato antes de me mudar para esta cidadezinha segura. Na verdade, eu ainda estava em várias estatísticas de risco... A colher tremeu em minhas mãos, agitando a água.

— Por mim, nem por todo o dinheiro do mundo — disse Charlie.

Eu desisti de salvar o jantar e preparei-me para servi-lo; tive de usar uma faca de carne para cortar uma porção de espaguete para Charlie e depois para mim, enquanto ele observava com uma expressão encabulada. Charlie cobriu sua porção com molho e comeu. Eu disfarcei meu próprio pedaço o máximo que pude e segui seu exemplo sem muito entusiasmo. Comemos em silêncio por um momento. Charlie ainda olhava as notícias, então peguei meu exemplar muito surrado de O morro dos ventos uivantes de onde deixara naquela manhã e tentei me perder na Inglaterra da virada do século enquanto esperava que ele começasse a falar.

Eu estava na parte em que Heathcliff volta quando Charlie deu um pigarro e

atirou o jornal no chão.

— Você tem razão — disse Charlie. — Eu tinha um motivo para fazer isso. — Ele agitou o garfo para a gororoba. — Queria conversar com você.

Deixei o livro de lado.

— Podia simplesmente ter falado.

Ele assentiu, as sobrancelhas se unindo.

— É. Vou me lembrar disso da próxima vez. Pensei que tirar o jantar de suas mãos amoleceria você.

Eu ri.

— Funcionou... Suas habilidades culinárias me deixaram mole feito marshmallow. Do que você precisa, pai?

— Bom, é sobre Jacob.

Senti meu rosto enrijecer.

— O que tem ele? — perguntei por entre os lábios rígidos.

— Calma, Bells. Sei que ainda está chateada por ele ter delatado você, mas foi a atitude certa. Ele estava sendo responsável.

— Responsável — repeti com sarcasmo, revirando os olhos. — Muito bem, então, o que tem Jacob?

A pergunta despreocupada que se repetiu em minha cabeça era tudo, menos banal. O quem tem Jacob? O que eu ia fazer com ele? Meu ex-melhor amigo que agora era... o quê? Meu inimigo? Eu me encolhi.

A expressão de Charlie de repente era de preocupação.

— Não fique chateada comigo, está bem?

— Chateada?

— Bom, é sobre Edward também.

Meus olhos se estreitaram.

A voz de Charlie ficou mais ríspida.

— Eu o deixo entrar aqui em casa, não é?

— Deixa mesmo — admiti. — Por pequenos intervalos de tempo. É claro que você também podia me deixar sair de casa por curtos períodos de vez em quando — continuei, só de brincadeira; eu sabia que ficaria trancafiada aqui por todo o ano letivo. — Tenho sido muito boazinha ultimamente.

— Bom, era aí que eu ia chegar... — E, então, o rosto de Charlie se esticou num sorriso inesperado que fez rugas nos olhos; por um segundo ele parecia vinte

anos mais novo.

Eu vi um brilho fraco de possibilidade naquele sorriso, mas continuei, devagar.

— Estou confusa, pai. Está falando de Jacob, de Edward ou de meu castigo?

O sorriso faiscou de novo.

— Mais ou menos dos três.

— E qual é a relação entre eles? — perguntei, cautelosa.

— Tudo bem. — Ele suspirou, erguendo as mãos como se estivesse se rendendo. — Estou pensando que talvez você mereça uma condicional por bom comportamento. Para uma adolescente, você reclama muito pouco.

Minha voz e as sobrancelhas se ergueram.

— É sério? Estou livre?

De onde vinha isso? Eu tinha certeza de que ficaria em prisão domiciliar até que realmente me mudasse, e Edward não captara nenhuma oscilação nos pensamentos de Charlie...

Charlie ergueu um dedo.

— Sob uma condição.

O entusiasmo desapareceu.

— Ótimo — suspirei.

— Bella, isto é mais um pedido do que uma ordem, está bem? Você está livre. Mas espero que vá usar a liberdade... com critério.

— O que isso quer dizer?

Ele suspirou de novo.

— Sei que está satisfeita por ficar o tempo todo com Edward...

— Também fico com Alice — interrompi. A irmã de Edward não tinha hora de visita; entrava e saía quando bem entendia. Charlie era massa de modelar nas mãos eficientes de Alice.

— Isso é verdade — disse ele. — Mas você tem outros amigos além dos Cullen, Bella. Ou tinha, antigamente.

Nós nos olhamos por um longo momento.

— Quando foi a última vez que você falou com Angela Weber? — atirou ele para cima de mim.

— Na sexta-feira, no almoço — respondi de imediato.

Antes da volta de Edward, meus amigos da escola se polarizaram em dois

grupos. Eu preferia pensar neles como os bons e os maus. Nós e eles também funcionava. Os bons eram Angela, o namorado firme dela, Ben Cheney, e Mike Newton; estes três me perdoaram de modo generoso por ter enlouquecido quando Edward foi embora. Lauren Mallory era o núcleo mau do lado deles, e quase todos os outros, inclusive minha primeira amiga em Forks, Jessica Stanley, pareciam satisfeitos em continuar no programa "anti-Bella".

Com Edward de volta à escola, a linha divisória ficara ainda mais distinta. A volta de Edward cobrara seu tributo sobre a amizade de Mike, mas Angela era inabalavelmente fiel, e Ben seguia seu exemplo. Apesar da aversão natural que sentiam pelos Cullen, Angela se sentava por educação ao lado de Alice todo dia no almoço. Depois de algumas semanas, Angela até parecia à vontade ali. Era difícil não se encantar com os Cullen — depois que eles lhe dessem a chance de ficar encantado.

— Fora da escola? — perguntou Charlie, recuperando minha atenção.

— Eu não vejo ninguém fora da escola, pai. De castigo, lembra? E Angela tem namorado também. Ela sempre está com o Ben. Se eu fosse mesmo livre — acrescentei, cheia de ceticismo —, talvez pudéssemos sair juntos.

— Tudo bem. Mas então... — ele hesitou. — Você e Jake costumavam ser como unha e carne, e agora...

Eu o interrompi.

— Pode dizer aonde quer chegar, pai? Qual é sua condição... exatamente?

— Não acho que você deva abandonar todos os seus outros amigos por causa de seu namorado, Bella — disse ele numa voz severa. — Não é bom, e acho que sua vida será mais equilibrada se você tiver outras pessoas nela. O que aconteceu em setembro...

Eu me encolhi.

— Bom — disse ele, na defensiva. — Se você tivesse uma vida à parte de Edward Cullen, poderia não ter sido daquele jeito.

— Teria sido exatamente igual — murmurei.

— Talvez sim, talvez não.

— E então? — lembrei a ele.

— Use sua nova liberdade para ver seus outros amigos também. Tenha equilíbrio.

Assenti devagar.

— Equilíbrio é bom. Mas tenho algumas cotas específicas a cumprir?

Ele fez uma careta, mas sacudiu a cabeça.

— Não quero dificultar nada. Só não se esqueça de seus amigos...

Era um dilema com o qual ainda estava lutando. Meus amigos. Para a segurança deles, eu jamais poderia vê-los de novo depois da formatura.

Então qual era o melhor modo de agir? Passar algum tempo com eles enquanto podia? Ou começar a separação agora para torná-la mais gradual? Desanimei diante da ideia da segunda opção.

— ... em particular, Jacob — acrescentou Charlie, antes que eu pudesse pensar melhor.

Um dilema maior que o primeiro. Levei um momento para encontrar as palavras certas.

— Com Jacob pode ser... complicado.

— Os Black são praticamente da família, Bella — disse ele, severo e paternal de novo. — E Jacob foi um amigo muito, muito bom para você.

— Sei disso.

— Você não sente falta dele? — perguntou Charlie, frustrado.

Minha garganta de repente parecia inchada; tive de pigarrear duas vezes para responder.

— Sim, sinto falta dele — admiti, ainda olhando para baixo. — Sinto muita saudade dele.

— Então, por que é difícil?

Não era uma questão que eu tivesse liberdade para explicar. Contrariava as regras para pessoas normais — pessoas humanas, como eu e Charlie — saber do mundo clandestino cheio de mitos e de monstros que existia em segredo em volta de nós. Eu sabia desse mundo — e, como consequência, os problemas não eram poucos. Eu não ia envolver Charlie nas mesmas confusões.

— Com Jacob existe um... conflito — eu disse devagar. — Um conflito sobre a amizade, quero dizer. Somente amizade não parece ser suficiente para Jake. — Encobri minha desculpa com os detalhes que eram verdadeiros porém insignificantes, em nada cruciais quando comparados ao fato de que o bando de lobisomens de Jake tinha um ódio cruel da família de vampiros de Edward — e, portanto, de mim também, porque eu pretendia me unir de modo pleno a essa família. Não era um assunto que eu pudesse resolver com ele num bilhete, e ele

não atendia a meus telefonemas. Mas meu plano de lidar com o lobisomem em pessoa, com certeza, não se coadunava com os vampiros.

— Edward não está preparado para uma pequena competição saudável? — A voz de Charlie agora era sarcástica.

Olhei sombriamente para ele.

— Não existe competição.

— Você está ferindo os sentimentos de Jake, evitando-o desse jeito. Ele prefere ser amigo a nada.

Ah, agora eu é que o estava evitando?

— Tenho certeza absoluta de que Jake não quer ser amigo coisa nenhuma. — As palavras arderam em minha garganta. — Aliás, de onde você tirou essa ideia?

Charlie ficou constrangido.

— O assunto talvez tenha surgido hoje numa conversa com Billy...

— Você e Billy fofocam feito umas velhinhas — reclamei, enfiando a faca com violência no espaguete congelado em meu prato.

— Billy está preocupado com Jacob — disse Charlie. — Jake está passando por dificuldades agora... Está deprimido.

Eu estremeci, mas não tirei os olhos da maçaroca.

— E você sempre ficava muito feliz depois de passar o dia com Jake. — Charlie suspirou.

— Eu estou feliz agora. — Grunhi ferozmente entre os dentes.

O contraste entre minhas palavras e o tom rompeu a tensão. Charlie explodiu numa gargalhada e eu tive de acompanhá-lo.

— Tá legal, tudo bem — concordei. — Equilíbrio.

— E Jacob — insistiu ele.

— Vou tentar.

— Ótimo. Encontre esse equilíbrio, Bella. E, ah, sim, você recebeu correspondência — disse Charlie, encerrando o assunto sem sutileza alguma. — Está ao lado do fogão.

Não me mexi, meus pensamentos girando confusos em torno do nome de Jacob. Era mais provável que fosse mala direta; tinha recebido um pacote de minha mãe no dia anterior e não estava esperando mais nada.

Charlie afastou a cadeira da mesa e se espreguiçou quando ficou de pé. Levou o prato dele à pia mas, antes de abrir a água para lavá-lo, parou para atirar um

envelope para mim. A carta escorregou pela mesa até meu cotovelo.

— Hã, obrigada — murmurei, confusa pela pressão. Depois vi o endereço do remetente. A carta era da Universidade do Sudeste do Alasca. — Essa foi rápida. Acho que esqueci o prazo desta também.

Charlie riu.

Virei o envelope e olhei para ele.

— Está aberta.

— Eu fiquei curioso.

— Estou chocada, xerife. Isso é crime federal.

— Ah, leia isso logo.

Eu saquei a carta e o programa dos cursos.

— Meus parabéns — disse ele antes que eu pudesse ler alguma palavra. — Sua primeira admissão.

— Obrigada, pai.

— Precisamos conversar sobre os custos. Tenho algum dinheiro guardado...

— Ei, ei, nada disso. Não vou tocar na sua aposentadoria, pai. Eu tenho meu fundo universitário. — O que restava dele; nem havia muito no começo.

Charlie franziu o cenho.

— Alguns desses lugares são muito caros, Bella. Quero ajudar. Você não tem que ir para o Alasca só porque é mais barato.

Não era mais barato, não mesmo. Mas ficava bem longe e Juneau tinha uma média de 321 dias nublados por ano. O primeiro pré-requisito era meu, o segundo, de Edward.

— Eu posso pagar. Além disso, tem muito apoio financeiro por lá. É fácil conseguir crédito. — Eu esperava que meu blefe não fosse óbvio demais. Não tinha pesquisado muito sobre o assunto.

— Então... — Charlie começou, depois franziu os lábios e desviou os olhos.

— Então o quê?

— Nada. Eu só estava... — Ele fechou a cara. — Só me perguntava... Quais são os planos de Edward para o ano que vem?

— Ah!

— E então?

Três batidas rápidas na porta me salvaram. Charlie revirou os olhos e eu me levantei num salto.

— Já vou! — gritei enquanto Charlie murmurava alguma frase que parecia "Suma daqui". Eu o ignorei e fui abrir a porta para Edward.

Eu escancarei a porta — ridiculamente ansiosa — e lá estava ele, meu milagre pessoal.

O tempo não me deixara imune à perfeição de seu rosto, e eu tinha certeza de que nenhum aspecto dele deixaria de me surpreender. Meus olhos acompanharam suas feições pálidas: o quadrado do queixo, a curva suave dos lábios cheios — agora retorcidos num sorriso —, a linha reta do nariz, o ângulo agudo das maçãs do rosto, o mármore macio da testa — parcialmente oculta por uma mecha de cabelo bronze, escuro com a chuva...

Deixei os olhos para o final, sabendo que, quando olhasse dentro deles, talvez perdesse o fio do pensamento. Eles eram grandes, calorosos como de ouro líquido, e emoldurados por uma franja grossa de cílios escuros. Olhar seus olhos sempre fazia com que eu me sentisse extraordinária — como se meus ossos tivessem virado esponja. Eu também ficava um pouco tonta, mas isso devia ser porque eu me esquecia de respirar. De novo.

Era um rosto que qualquer modelo no mundo daria a alma para conseguir. É claro que este podia ser exatamente o preço pedido: uma alma.

Não. Eu não acreditava nisso. Sentia-me culpada até de pensar nisso e estava feliz — como sempre ficava — por ser a única pessoa cujos pensamentos eram um mistério para Edward.

Peguei sua mão e suspirei quando seus dedos frios encontraram os meus. Seu toque vinha com a sensação estranha de alívio — como se eu estivesse com dor e o sofrimento de repente cessasse.

— Oi. — Eu sorri um pouco para minha recepção anticlimática.

Ele ergueu nossos dedos entrelaçados para afagar meu rosto com as costas da mão.

— Como foi sua tarde?

— Lerda.

— A minha também.

Ele puxou meu punho até seu rosto, nossas mãos ainda entrelaçadas. Seus olhos se fecharam à medida que o nariz roçava a pele ali, e ele sorriu delicadamente, sem abri-los. Desfrutando o buquê enquanto resistia ao vinho, como certa vez ele mencionou.

Eu sabia que o cheiro do meu sangue — mais doce para ele que o sangue de qualquer outro, do mesmo modo que vinho ao lado de água para um alcoólatra — causava-lhe dor, pela sede ardente que produzia. Mas ele não parecia fugir dele, como fizera um dia. Eu só podia imaginar o esforço hercúleo por trás desse gesto simples.

Entristecia-me que ele tivesse de se esforçar tanto. Eu me reconfortava por saber que não seria a causa de sua dor por muito mais tempo.

Então ouvi Charlie se aproximando, batendo os pés para expressar seu costumeiro desprazer com nosso convidado. Os olhos de Edward se abriram e ele deixou nossas mãos caírem, mantendo-as entrelaçadas.

— Boa noite, Charlie. — Edward era sempre impecavelmente educado, embora Charlie não merecesse isso.

Charlie grunhiu para ele, depois ficou parado ali, de braços cruzados. Nos últimos tempos levava a ideia de supervisão paterna a extremos.

— Trouxe mais alguns formulários de universidades — disse-me Edward depois, estendendo um envelope pardo estufado. Ele trazia um rolo de selos feito um anel em seu dedo mínimo.

Eu gemi. Como era possível que ainda existissem tantas universidades a que ele ainda não me obrigara a me candidatar? E como ele continuava encontrando essas brechas? O prazo já estava se esgotando.

Ele sorriu como se pudesse ler meus pensamentos; deviam ter ficado muito evidentes em meu rosto.

— Ainda há alguns prazos abertos. E alguns lugares dispostos a abrir exceções.

Eu podia imaginar as motivações por trás dessas exceções. E a quantia em dólares envolvida.

Edward riu da minha expressão.

— Podemos? — perguntou ele, conduzindo-me para a mesa da cozinha.

Charlie bufou e nos seguiu, embora não pudesse se queixar da atividade programada para a noite. Ele me atormentava diariamente para tomar uma decisão sobre a universidade.

Limpei a mesa enquanto Edward organizava uma pilha intimidadora de formulários. Quando passei O morro dos ventos uivantes para a bancada, Edward ergueu uma sobrancelha. Eu sabia o que ele estava pensando, mas Charlie

interrompeu antes que Edward pudesse comentar.

— Por falar em formulários de universidades, Edward — disse Charlie, seu tom ainda mais rabugento; ele evitava se dirigir diretamente a Edward e, quando tinha de fazer isso, exagerava no mau humor —, Bella e eu acabamos de conversar sobre o ano que vem. Já decidiu para onde vai?

Edward sorriu para Charlie e sua voz era simpática.

— Ainda não. Recebi algumas cartas de admissão, mas ainda estou pensando em minhas opções.

— Onde você foi admitido? — pressionou Charlie.

— Syracusa... Harvard... Dartmouth... e recebi a carta de admissão da Universidade do Sudeste do Alasca hoje. — Edward virou o rosto um pouco para o lado, de modo que pudesse piscar para mim. Reprimi uma risada.

— Harvard? Dartmouth? — murmurou Charlie, incapaz de esconder a incredulidade. — Bom, isso é bem... é muita coisa. É, mas a Universidade do Alasca... Você não pensaria de verdade nela quando pode ir para uma universidade da Ivy League. Quer dizer, seu pai ia querer que você...

— Carlisle sempre apoia as decisões que eu tomo — disse Edward com serenidade.

— Umpf.

— Adivinha só, Edward? — eu disse numa voz animada, entrando no jogo.

— Que foi, Bella?

Apontei para o envelope grosso na bancada.

— Acabo de receber minha admissão na Universidade do Alasca!

— Meus parabéns! — Ele sorriu. — Que coincidência.

Os olhos de Charlie se estreitaram e ele olhou de um para o outro.

— Ótimo — murmurou ele depois de um minuto. — Vou ver o jogo, Bella. Nove e meia.

Esse era o comando de partida de sempre.

— Hã, pai? Lembra o que acabamos de conversar sobre minha liberdade...?

Ele suspirou.

— É verdade. Tudo bem, dez e meia. Você ainda tem um toque de recolher nos dias úteis.

— Bella não está mais de castigo? — perguntou Edward.

Embora eu soubesse que ele não estava realmente surpreso, não consegui

detectar nenhuma nota falsa na emoção súbita de sua voz.

— Com uma condição — corrigiu Charlie entre os dentes. — O que você tem a ver com isso?

Fiz uma cara bem feia para meu pai, mas ele não viu.

— É só que é bom saber — disse Edward. — Alice anda ansiosa por uma companhia para as compras, e tenho certeza de que Bella adoraria ver algumas luzes da cidade. — Ele sorriu para mim.

Mas Charlie grunhiu.

— Não! — Sua fisionomia ficou roxa.

— Pai! Qual é o problema?

Ele fez um esforço para descerrar os dentes.

— Não quero que você vá a Seattle agora.

— Hein?

— Eu lhe falei da reportagem no jornal... Tem uma espécie de gangue de assassinos solta em Seattle e quero que você fique longe disso, está bem?

Revirei os olhos.

— Pai, há mais probabilidade de eu ser atingida por um raio que de um dia eu ir a Seattle...

— Não, está tudo bem, Charlie — disse Edward, interrompendo-me. — Eu não quis dizer Seattle. Estava pensando em Portland. Eu também não deixaria Bella ir a Seattle. É claro que não.

Eu o olhei, incrédula, mas ele estava com o jornal de Charlie nas mãos e lia a primeira página com atenção.

Ele devia estar tentando acalmar meu pai. A ideia de correr perigo até do mais letal dos humanos enquanto eu estivesse com Alice ou com Edward era completamente hilariante.

Funcionou. Charlie olhou para Edward por um segundo mais, depois deu de ombros.

— Ótimo. — Ele foi para a sala de estar, agora com um pouco de pressa; talvez não quisesse perder o início do jogo.

Esperei até que a tevê estivesse ligada, para que Charlie não conseguisse me ouvir.

— O que... — comecei a perguntar.

— Espere — disse Edward sem tirar os olhos do jornal. Seus olhos

continuaram focalizados na página enquanto ele empurrava o primeiro formulário para mim pela mesa. — Você pode aproveitar suas respostas para este. Mesmas perguntas.

Charlie ainda devia estar ouvindo. Eu suspirei e comecei a preencher as informações de sempre: nome, endereço, estado civil... Depois de alguns minutos, olhei para cima, mas Edward agora mirava, pensativo, além da janela. Enquanto inclinava a cabeça para meu trabalho, percebi pela primeira vez o nome da universidade.

Eu bufei e atirei a folha de papel de lado.

— Bella?

— Fala sério, Edward. Dartmouth?

Edward levantou o formulário descartado e o recolocou delicadamente diante de mim.

— Acho que você ia gostar de New Hampshire — disse ele. — Há todo um complemento de cursos noturnos para mim, e as florestas são convenientemente localizadas para um andarilho ávido. Muita vida selvagem. — Ele abriu o sorriso torto a que eu não resistiria.

Respirei fundo.

— Vou deixar que me pague depois, se isso a faz feliz — prometeu ele. — Se quiser, posso lhe cobrar juros.

— Como se eu pudesse entrar sem um suborno enorme. Ou isso faz parte do empréstimo? A ala Cullen da biblioteca? Argh. Por que estamos tendo essa discussão de novo?

— Pode preencher o formulário, por favor, Bella? Não vai doer nada se candidatar.

Meu queixo destravou.

— Quer saber? Não acho que eu vá.

Estendi a mão para a papelada, pretendendo amassá-la numa forma adequada para atirar na lixeira, mas já não estava mais ali. Olhei a mesa vazia por um momento, depois para Edward. Ele não parecia ter se mexido, mas os formulários já deviam estar guardados em seu casaco.

— O que está fazendo? — perguntei.

— Eu assino seu nome melhor do que você mesma. Você já escreveu essas respostas.

— Sabe que está exagerando nisso. — Sussurrei para o caso de Charlie não estar totalmente imerso no jogo. — Não preciso me candidatar a mais lugar nenhum. Fui aceita na Alasca. Quase posso pagar as taxas do primeiro semestre. É um álibi tão bom quanto qualquer outro. Não há necessidade de gastar um monte de dinheiro, qualquer que seja a origem.

Um olhar de dor enrijeceu seu rosto.

— Bella...

— Não comece. Concordo que preciso passar por tudo isso pelo bem de Charlie, mas nós dois sabemos que não estarei em condições de ir a nenhuma universidade no outono que vem. Nem de ficar perto de gente.

Meu conhecimento dos primeiros anos como uma recém-vampira era vago. Edward nunca entrara em detalhes — não era seu assunto preferido —, mas eu sabia que não era agradável. O autocontrole aparentemente era uma habilidade adquirida. Qualquer coisa além de educação a distância estava fora de cogitação.

— Pensei que ainda não tivéssemos decidido o momento — lembrou-me Edward num tom delicado. — Você pode desfrutar um ou dois semestres de faculdade. Há muitas experiências humanas que você nunca teve.

— Eu as terei depois.

— Elas não serão experiências humanas depois. Não se tem uma segunda chance como humana, Bella.

Suspirei.

— Você precisa ser razoável com a escolha do momento, Edward. É perigoso demais embromar nesse caso.

— Ainda não há perigo — insistiu ele.

Olhei para ele. Não há perigo? Claro. Só havia uma vampira sádica tentando vingar a morte do companheiro com a minha morte, de preferência por um método lento e torturante. Quem estava preocupado com Victoria? Ah, e sim, os Volturi — a família real vampira com seu pequeno exército de guerreiros vampiros —, que insistiram que meu coração parasse de bater de uma ou outra maneira no futuro próximo, porque os humanos não podem saber que eles existem. É verdade. Não havia motivo para todo esse pânico.

Mesmo com Alice mantendo vigilância — Edward dependia de suas visões pouco precisas do futuro para nos dar alertas antecipados — era insanidade correr o risco.

Além disso, eu já ganhara essa discussão. A data de minha transformação estava marcada para algum momento logo depois de minha formatura no ensino médio, dali a algumas semanas.

Um abalo forte de inquietude perfurou meu estômago enquanto eu percebia que me restava pouco tempo. É claro que essa mudança era necessária — e era a chave para o que eu queria mais que tudo no mundo —, mas eu estava profundamente consciente de Charlie sentado no outro cômodo, desfrutando seu jogo, como em qualquer outra noite. E de minha mãe, Renée, longe, na ensolarada Flórida, ainda me pedindo para passar o verão na praia com ela e o novo marido. E de Jacob, que, ao contrário de meus pais, sabia exatamente o que ia acontecer quando eu desaparecesse para alguma universidade distante. Mesmo que meus pais não ficassem desconfiados por um bom tempo, mesmo que eu pudesse dispensar as visitas com desculpas sobre despesas de viagem, carga de estudos ou doenças, Jacob saberia da verdade.

Por um momento, a ideia da revolta certa de Jacob ensombreou qualquer outra dor.

— Bella — murmurou Edward, seu rosto se retorcendo quando leu a aflição no meu. — Não há pressa. Não vou deixar ninguém ferir você. Pode levar o tempo que precisar.

— Eu tenho pressa — sussurrei, sorrindo amarelo, tentando fazer piada disso. — Quero ser um monstro também.

Seus dentes trincaram; ele falou através deles.

— Não faz ideia do que está dizendo. — De repente, ele colocou o jornal úmido na mesa entre nós. Seu dedo apontou a manchete na primeira página:

AUMENTAM AS MORTES,
POLÍCIA TEME ATIVIDADE DE GANGUE

— O que isso tem a ver?

— Os monstros não são uma piada, Bella.

Olhei a manchete outra vez, depois sua expressão séria.

— Um... um vampiro está fazendo isso? — sussurrei.

Ele sorriu sem humor algum. Sua voz era baixa e fria.

— Ficaria surpresa, Bella, em ver com que frequência minha espécie é a

origem dos horrores de seu noticiário humano. É fácil reconhecer, quando você sabe o que procurar. As informações aqui indicam um vampiro recém-transformado à solta em Seattle. Sedento de sangue, louco e descontrolado. Como todos nós somos.

Deixei meus olhos caírem no jornal de novo, evitando os olhos dele.

— Estamos monitorando a situação há algumas semanas. Todos os sinais estão lá... Os desaparecimentos improváveis, sempre à noite, os corpos mal desovados, a ausência de qualquer prova... Sim, alguém novinho em folha. E ninguém parece estar assumindo a responsabilidade pelo neófito... — Ele respirou fundo. — Bom, não é problema nosso. Não teríamos prestado atenção no caso se não estivesse tão perto de casa. Como eu disse, isso acontece o tempo todo. A existência de monstros resulta em consequências monstruosas.

Tentei não ver os nomes nas páginas, mas eles saltaram do texto impresso como se estivessem em negrito. As cinco pessoas cuja vida terminara, cujas famílias agora estavam de luto. Era diferente de considerar o assassinato em nível abstrato, lendo aqueles nomes. Maureen Gardiner, Geoffrey Campbell, Grace Razi, Michelle O'Connell, Ronald Albrook. Pessoas que tinham pais, filhos, amigos, animais de estimação, empregos, esperanças, planos, lembranças e futuros...

— Comigo não seria assim — sussurrei, meio para mim mesma. — Você não deixaria que eu fosse assim. Vamos morar na Antártida.

Edward bufou, rompendo a tensão.

— Pinguins. Que lindo.

Soltei uma risada trêmula e tirei o jornal da mesa para não ter de ver os nomes; ele caiu no linóleo com um baque. É claro que Edward não pensaria nas possibilidades de caça. Ele e sua família "vegetariana" — todos comprometidos em proteger a vida humana — preferiam o sabor de grandes predadores para satisfazer suas necessidades alimentares.

— Alasca, então, como planejamos. Só um lugar muito mais distante de Juneau... Um lugar com muitos ursos.

— Melhor — ele cedeu. — Lá tem urso polar também. Muito feroz. E os lobos são bem grandes.

Minha boca se abriu e minha respiração soprou numa lufada áspera.

— Que foi? — perguntou ele, antes que eu pudesse me recuperar. A confusão

desapareceu e todo o seu corpo pareceu enrijecer. — Ah! Deixe os lobos para lá, então, se a ideia é ofensiva para você. — Sua voz era dura e formal, os ombros rígidos.

— Ele era meu melhor amigo, Edward — murmurei. Doía usar o verbo no passado. — É claro que a ideia me ofende.

— Por favor, perdoe-me por minha falta de consideração — disse ele, ainda muito formal. — Eu não devia ter sugerido isso.

— Não se preocupe. — Olhei minhas mãos, fechadas em punhos sobre a mesa.

Nós dois ficamos em silêncio por um momento, depois seu dedo frio estava sob meu queixo, erguendo meu rosto. Sua expressão era muito mais suave agora.

— Desculpe. De verdade.

— Eu sei. Sei que não é a mesma coisa. Eu não devia ter reagido assim. É só que... bom, eu já estava pensando em Jacob antes de você chegar. — Hesitei. Seus olhos castanhos pareciam ficar um pouco mais escuros sempre que eu pronunciava o nome de Jacob. Minha voz ficou suplicante em resposta a isso. — Charlie disse que Jake está passando por dificuldades. Ele agora está sofrendo, e... a culpa é minha.

— Você não fez nada de errado, Bella.

Respirei fundo.

— Preciso dar um jeito nisso, Edward. Devo isso a ele. E é uma das condições de Charlie, de qualquer modo...

Seu rosto mudou enquanto eu falava, ficando rígido de novo, como o de uma estátua.

— Sabe que está fora de cogitação você andar desprotegida com um lobisomem, Bella. E seria quebra do pacto se qualquer um de nós entrasse no território deles. Quer que comecemos uma guerra?

— É claro que não!

— Então não tem sentido continuar discutindo a questão. — Ele baixou a mão e virou o rosto, tentando mudar de assunto. Seus olhos pararam em algo atrás de mim e ele sorriu, embora os olhos continuassem preocupados.

— Fico feliz por Charlie ter decidido deixar você sair... Você precisa muitíssimo de uma visita à livraria. Nem acredito que está lendo O morro dos ventos uivantes de novo. Ainda não sabe de cor?

— Nem todos nós temos memória fotográfica — eu disse asperamente.

— Com ou sem memória fotográfica, não entendo por que gosta dele. Os personagens são pessoas medonhas que arruínam a vida umas das outras. Não sei como Heathcliff e Cathy terminaram ao lado de casais como Romeu e Julieta ou Elizabeth Bennet e o Sr. Darcy. Não é uma história de amor, é uma história de ódio.

— Você tem problemas sérios com os clássicos — eu disse.

— Talvez porque não fique impressionado com a antiguidade. — Ele sorriu, evidentemente satisfeito por ter me distraído. — Falando sério, por que você sempre lê isso? — Seus olhos agora eram vívidos de interesse, tentando, de novo, revelar o funcionamento convoluto de minha mente. Ele estendeu a mão por sobre a mesa para afagar meu rosto. — O que lhe agrada tanto?

Sua curiosidade sincera me desarmou.

— Não sei bem — eu disse, lutando para ter coerência enquanto seu olhar esfacelava meus pensamentos sem ter essa intenção. — Acho que tem algo a ver com a inevitabilidade. Nada pode separá-los... Nem o egoísmo dela, nem a maldade dele, nem mesmo a morte, no final...

Seu rosto estava pensativo enquanto ele ponderava minhas palavras. Depois de um instante, ele deu um sorriso zombeteiro.

— Ainda acho que seria uma história melhor se um deles tivesse uma qualidade que os redimisse.

— Acho que essa é a questão — discordei. — O amor dos dois é a única qualidade redentora.

— Espero que você tenha mais juízo que isso... Se apaixonar por alguém tão... maligno.

— É meio tarde para me preocupar com quem se apaixonou por quem — assinalei. — Mas, mesmo sem o aviso, parece que eu me saí muito bem.

Ele riu baixinho.

— Fico feliz que você pense assim.

— Bom, espero que você seja bastante inteligente para ficar longe de alguém tão egoísta. É Catherine a origem de todos os problemas, não Heathcliff.

— Estarei precavido — prometeu ele.

Suspirei. Ele era tão bom nas distrações!

Coloquei a mão sobre a dele para mantê-la em meu rosto.

— Preciso ver Jacob.

Ele fechou os olhos.

— Não.

— Sinceramente, não há perigo algum — eu disse, de novo suplicante. — Eu costumava passar o dia todo em La Push com todos eles, e nunca aconteceu nada.

Mas pisei em falso; minha voz falhou no final porque percebi, enquanto dizia as palavras, que elas eram uma mentira. Não era verdade que nunca havia acontecido nada. Um breve lampejo de memória — um lobo cinza enorme agachado para atacar, arreganhando os dentes de adaga para mim — fez as palmas de minhas mãos suarem como um eco do pânico recordado.

Edward ouviu meu coração se acelerar e assentiu como se eu tivesse reconhecido a mentira em voz alta.

— Os lobisomens são instáveis. Às vezes, as pessoas perto deles se machucam. Às vezes, elas morrem.

Eu queria negar isso, mas outra imagem sufocou minha réplica. Vi em minha mente o rosto antes lindo de Emily Young, agora desfigurado por três cicatrizes escuras que baixavam o canto de seu olho direito e deixavam sua boca presa para sempre numa careta de lado.

Ele esperou, implacavelmente triunfante, que eu encontrasse minha voz.

— Você não os conhece — sussurrei.

— Conheço-os melhor do que você pensa, Bella. Eu estava aqui da última vez.

— Da última vez?

— Nosso caminho começou a se cruzar com o dos lobos há setenta anos... Tínhamos acabado de nos acomodar perto de Hoquiam. Isso foi antes de Alice e Jasper estarem conosco. Nós estávamos em maior número, mas isso não os teria impedido de entrar numa luta, se não fosse por Carlisle. Ele conseguiu convencer Ephraim Black de que era possível coexistirmos, e por fim fizemos uma trégua.

O nome do bisavô de Jacob me sobressaltou.

— Pensamos que os limites tinham desaparecido com Ephraim — murmurou Edward; agora parecia que ele falava consigo mesmo. — Que a singularidade genética que permitia a transmutação tivesse se perdido... — Ele se interrompeu e me fitou de um jeito acusatório. — Sua falta de sorte parece ficar mais poderosa a cada dia. Percebe que sua atração implacável por tudo o que é letal é bastante forte para arrancar da extinção um bando de caninos mutantes? Se pudéssemos

engarrafar sua sorte, teríamos uma arma de destruição em massa.

Ignorei a provocação, minha atenção presa pelo pressuposto dele — ele falava sério?

— Mas não fui eu que os trouxe de volta. Não sabia?

— Sabia do quê?

— Minha falta de sorte nada tem a ver com isso. Os lobisomens voltaram porque os vampiros voltaram.

Edward me encarou, seu corpo imóvel de surpresa.

— Jacob me disse que a presença de sua família aqui deu a partida nisso. Pensei que você já soubesse...

Seus olhos se estreitaram.

— É isso que eles acham?

— Edward, considere os fatos. Há setenta anos você veio para cá e os lobisomens apareceram. Você voltou agora, e os lobisomens surgiram de novo. Acha que é só coincidência?

Ele pestanejou e seu olhar relaxou.

— Carlisle ficará interessado nesta teoria.

— Teoria — zombei.

Ele ficou em silêncio por um momento, olhando a chuva pela janela; imaginei que estivesse contemplando o fato de que a presença de sua família estava transformando os habitantes em cães gigantes.

— Curioso, mas não é exatamente relevante — murmurou ele depois de um momento. — A situação é a mesma.

Eu podia traduzir isso muito bem: nada de amigos lobisomens.

Eu sabia que devia ter paciência com Edward. Não era que ele não estivesse sendo razoável, era só que ele não entendia. Ele não fazia ideia de quanto eu devia a Jacob Black — muitas vezes, minha vida, e talvez minha sanidade também.

Eu não gostava de falar daquela época vazia com ninguém, em especial com Edward. Ele só estava tentando me salvar quando partiu, tentando salvar minha alma. Eu não o considerava responsável por todas as idiotices que eu fizera em sua ausência, ou pela dor que sofrera.

Mas ele era.

Então eu teria de exprimir meus esclarecimentos com muito cuidado.

Levantei-me e contornei a mesa. Ele abriu os braços para mim e me sentei em

seu colo, aninhando-me em seu abraço frio de pedra. Olhei suas mãos enquanto falava.

— Por favor, ouça por um minuto. Isto é muito mais importante do que atender a alguns caprichos de um velho amigo. Jacob está sofrendo. — Minha voz distorceu a palavra. — Não posso me negar a ajudá-lo... Não posso desistir dele agora, quando ele precisa de mim. Só porque ele não é humano o tempo todo... Bom, ele estava a meu lado quando eu mesma... não era tão humana. Você não sabe como foi... — Eu hesitei. Os braços de Edward estavam rígidos à minha volta; as mãos agora em punhos, os tendões se destacando. — Se Jacob não tivesse me ajudado... não tenho certeza se você teria por que voltar. Tenho que fazer alguma coisa. Eu devo a ele mais do que isso, Edward.

Olhei seu rosto, preocupada. Seus olhos estavam fechados, e o queixo, tenso.

— Nunca vou me perdoar por tê-la deixado — sussurrou ele. — Nem que eu viva cem mil anos.

Coloquei a mão em seu rosto frio e esperei até que ele suspirou e abriu os olhos.

— Você estava tentando fazer o que era certo. E tenho certeza de que teria funcionado com qualquer pessoa menos retardada do que eu. Além disso, você está aqui agora. É só isso que importa.

— Se eu não tivesse partido, você não teria necessidade de arriscar sua vida para consolar um cão.

Eu me encolhi. Estava acostumada com Jacob e todas as suas calúnias pejorativas — sanguessuga, parasita... De certo modo, parecia mais áspero na voz aveludada de Edward.

— Não sei como expressar isso adequadamente — disse Edward, e seu tom de voz era triste. — Imagino que vá parecer cruel. Mas já estive perto demais de perder você. Sei o que é pensar que perdi. Eu não vou tolerar nenhum risco.

— Tem que confiar em mim neste caso. Eu vou ficar bem.

Seu rosto era de dor outra vez.

— Por favor, Bella — ele sussurrou.

Olhei em seus olhos dourados subitamente ardentes.

— Por favor o quê?

— Por favor, por mim. Por favor, faça um esforço para se manter segura. Farei tudo o que eu puder, mas agradeceria se tivesse uma ajudazinha.

— Vou dar um jeito — murmurei.

— Você faz mesmo alguma ideia da importância que tem para mim? Alguma noção do quanto a amo? — Ele me puxou para mais perto de seu peito duro, colocando minha cabeça sob seu queixo.

Apertei os lábios em seu pescoço frio como neve.

— Eu sei o quanto eu amo você — respondi.

— Você compara uma árvore pequena com toda uma floresta.

Revirei os olhos, mas ele não pôde ver.

— Impossível.

Ele beijou o alto de minha cabeça e suspirou.

— Nada de lobisomens.

— Não vou concordar com isso. Preciso ver Jacob.

— Então terei de impedi-la.

Ele parecia totalmente confiante de que isso não seria um problema.

Eu tinha certeza de que ele estava com a razão.

— Veremos — blefei mesmo assim. — Ele ainda é meu amigo.

Pude sentir o bilhete de Jacob em meu bolso, como se de repente pesasse dez quilos. Pude ouvir as palavras em sua voz, e ele parecia concordar com Edward — algo que nunca aconteceria na realidade.

Isso não muda nada. Desculpe.

2. EVASÃO

EU ME SENTIA ESTRANHAMENTE ANIMADA ENQUANTO ia da aula de espanhol para o refeitório, e não só porque estava de mãos dadas com a pessoa mais perfeita do mundo, embora certamente também fosse por isso.

Talvez fosse por saber que minha sentença estava cumprida e eu era de novo uma mulher livre.

Ou talvez não tivesse nada a ver especificamente comigo. Talvez fosse o clima de liberdade que pairava em toda a escola. O ano letivo estava terminando e, em especial para a turma do terceiro ano, havia uma excitação perceptível no ar.

A liberdade estava tão próxima que era tangível, palatável. Havia sinais dela por toda parte. Cartazes abarrotavam as paredes do refeitório e as lixeiras transbordavam uma saia colorida de folhetos: lembretes para comprar livros do ano, anéis de formatura e convites; prazos para encomendar becas, capelos e borlas de formatura; panfletos de cores berrantes — alunos do primeiro ano em campanha para representantes de turma; anúncios agourentos enfeitados de rosa para o baile deste ano. O grande baile seria naquele fim de semana, mas Edward me prometera solenemente que eu não seria submetida àquilo de novo. Afinal, eu já tinha tido essa experiência humana.

Não, devia ser minha liberdade particular que me iluminava. O término do ano letivo não me dava o prazer que parecia dar aos outros alunos. Na verdade, eu ficava enjoada de tão nervosa sempre que pensava no assunto. Eu tentava não pensar.

Mas era difícil escapar de um tema tão onipresente como a formatura.

— Já mandou seus convites? — perguntou Angela quando Edward e eu nos sentamos a nossa mesa. Ela estava com o cabelo castanho-claro puxado num rabo de cavalo frouxo, e não com o penteado liso de sempre, e havia algo de frenético em seus olhos.

Alice e Ben também já estavam lá, cada um de um lado de Angela. Ben concentrado numa HQ, os óculos escorregando pelo nariz fino. Alice examinava

meu visual sem graça, jeans e uma camiseta, de um jeito que me deixou constrangida. Provavelmente tramando outra repaginada. Eu suspirei. Minha indiferença pela moda era um tormento constante ao lado dela. Se eu deixasse, ela adoraria me vestir todos os dias — talvez várias vezes por dia —, como uma boneca de papel gigante em três dimensões.

— Não — respondi a Angela. — Não tem sentido fazer isso. Renée sabe quando vou me formar. Para quem mais eu mandaria?

— E você, Alice?

Alice sorriu.

— Está tudo pronto.

— Sorte sua. — Angela suspirou. — Minha mãe tem uns mil primos e espera que eu mande um convite escrito à mão a cada um deles. Vou ficar com síndrome do túnel do carpo. Não posso mais adiar isso, e estou morta de medo.

— Vou ajudar você — ofereci-me. — Se não se importar com minha letra pavorosa.

Charlie ia gostar daquilo. Pelo canto do olho, vi Edward sorrir. Ele devia gostar também — que eu satisfizesse as condições de Charlie sem envolver lobisomens.

Angela pareceu aliviada.

— É uma delicadeza de sua parte. Apareço na hora que você quiser.

— Na verdade, prefiro ir à sua casa, se não tiver problema... Estou enjoada da minha. Charlie me liberou do castigo ontem à noite. — Sorri ao anunciar as boas-novas.

— É mesmo? — perguntou Angela. Uma animação discreta iluminou seus olhos castanhos e sempre gentis. — Pensei que tivesse dito que ia ser para a vida toda.

— Estou mais surpresa do que você. Estava certa de que já teria no mínimo terminado o ensino médio antes que ele me liberasse.

— Bom, que ótimo, Bella! Vamos ter que sair para comemorar.

— Não faz ideia de como isso parece bom.

— O que a gente vai fazer? — Alice refletiu, o rosto iluminado com as possibilidades. As ideias de Alice, em geral, eram um pouco grandiosas para mim, e naquele momento eu podia ver isso em seus olhos: a tendência a levar as coisas longe demais entrando em ação.

— Não sei em que está pensando, Alice, mas duvido que eu esteja tão livre.

— Livre é livre, não é? — insistiu ela.

— Tenho certeza de que ainda tenho limites... Como, por exemplo, as fronteiras do país.

Angela e Ben riram, mas Alice deu um sorriso amarelo de decepção.

— Então, o que vamos fazer hoje à noite? — continuou ela.

— Nada. Olhe, vamos esperar alguns dias para ter certeza de que ele não estava brincando. De qualquer forma, amanhã temos aula.

— Então vamos comemorar neste fim de semana. — Era impossível reprimir o entusiasmo de Alice.

— Claro — falei, esperando aplacá-la. Eu sabia que não faria nada exótico demais; seria mais seguro pegar leve com Charlie. Dar-lhe a oportunidade de perceber o quanto eu era madura e digna de confiança antes de lhe pedir algum favor.

Angela e Alice começaram a falar das opções; Ben aderiu à conversa, deixando os quadrinhos de lado. Minha atenção dispersou. Fiquei surpresa ao descobrir que o assunto da minha liberdade de repente não era tão recompensador como tinha sido um instante antes. Enquanto eles discutiam o que fazer em Port Angeles ou talvez em Hoquiam, comecei a ficar irritada.

Não precisei de muito tempo para localizar a origem de minha inquietude.

Desde que me despedi de Jacob Black na floresta perto de casa, era perseguida por certa imagem mental persistente e desconfortável. Saltava em meus pensamentos a intervalos regulares, como um despertador irritante programado para tocar a cada meia hora, enchendo minha cabeça com o rosto de Jacob, retorcido de dor. Era a última lembrança que eu tinha dele.

Quando a visão perturbadora surgiu de novo, soube exatamente por que estava insatisfeita com minha liberdade. Porque era incompleta.

É claro que eu estava livre para ir aonde quisesse, exceto La Push; livre para fazer o que eu quisesse, exceto ver Jacob. Fitei a mesa, de cara feia. Tinha de haver algum meio-termo.

— Alice? Alice!

A voz de Angela arrancou-me de meus devaneios. Ela acenava diante dos olhos inexpressivos e fixos de Alice. Eu reconhecia aquela expressão — uma expressão que provocou automaticamente um choque de pânico em meu corpo. O

olhar vago me dizia que ela estava vendo algo muito diferente da cena comum de almoço que nos cercava, mas que, a seu modo, era tão real quanto aquilo ali. Algo que estava chegando, que aconteceria em breve. Senti o sangue escapar de meu rosto.

E então Edward riu, um som muito natural e relaxado. Angela e Ben olharam para ele, mas meus olhos estavam fixos em Alice. Ela pulou de repente, como se alguém a tivesse chutado por baixo da mesa.

— Já está na hora do cochilo, Alice? — brincou Edward.

Alice estava de volta a seu estado normal.

— Desculpe, acho que estava sonhando acordada.

— É melhor sonhar acordada do que encarar mais duas horas de aula — disse Ben.

Alice lançou-se à conversa com mais ânimo do que antes — um pouquinho demais. Vi seus olhos se fixarem nos de Edward, só por um momento, e ela se virou para Angela antes que qualquer outra pessoa percebesse. Edward ficou em silêncio, brincando de modo distraído com uma mecha de meu cabelo.

Esperei, ansiosa, por uma chance de perguntar a Edward o que Alice tinha visto, mas a tarde passou sem que tivéssemos um único minuto a sós.

Isso me pareceu estranho, quase deliberado. Depois do almoço, Edward diminuiu o passo para acompanhar Ben, falando de um trabalho que eu sabia que ele já havia terminado. Depois sempre havia alguém presente entre as aulas, embora em geral tivéssemos alguns minutos para nós. Quando tocou o último sinal, Edward lançou-se numa conversa com Mike Newton, justamente ele, caminhando ao lado do garoto enquanto ia para o estacionamento. Eu me arrastava atrás, deixando Edward me rebocar.

Ouvi, confusa, Mike responder às perguntas excepcionalmente simpáticas de Edward. Parecia que Mike estava com problemas no carro.

— ... mas acabei de trocar a bateria — dizia. Os olhos miraram à frente e de volta a Edward, preocupados. Aturdidos, como eu estava.

— Quem sabe não são os cabos? — propôs Edward.

— Talvez. Na verdade não entendo nada de carros — admitiu Mike. — Preciso que alguém dê uma olhada, mas não tenho dinheiro para levar ao Dowling.

Abri a boca para sugerir meu mecânico, depois a fechei depressa. Meu

mecânico andava ocupado ultimamente — correndo por aí como um lobo gigante.

— Eu entendo um pouco... Posso dar uma olhada, se quiser — ofereceu Edward. — Só preciso deixar Alice e Bella em casa.

Mike e eu encaramos Edward, boquiabertos.

— Er... obrigado — murmurou Mike quando se recuperou. — Mas tenho que ir para o trabalho. Talvez outro dia.

— Perfeitamente.

— A gente se vê. — Mike entrou no carro, sacudindo a cabeça, incrédulo.

O Volvo de Edward, com Alice já dentro dele, estava a dois carros de distância.

— Mas o que foi isso? — murmurei enquanto Edward segurava a porta do carona para mim.

— Só estava sendo prestativo — respondeu Edward.

E então Alice, esperando no banco de trás, começou a tagarelar em alta velocidade.

— Você não é tão bom mecânico, Edward. Talvez deva deixar Rosalie dar uma olhada nele hoje à noite, assim você vai ficar bem se Mike decidir considerar sua ajuda, sabe como é. Não que não fosse ser divertido ver a cara dele se Rosalie aparecesse para ajudar. Mas como Rosalie deveria estar do outro lado do país, cursando a faculdade, acho que não é a melhor ideia. Que pena. Mas, a julgar pelo carro de Mike, imagino que vá conseguir. Seria como a regulagem de um bom carro esporte italiano, que você conhece tão bem. E por falar na Itália e em carros esporte que roubei por lá, você ainda está me devendo um Porsche amarelo. Não sei se vou querer esperar até o Natal...

Parei de ouvir depois de um minuto, deixando que sua voz acelerada se tornasse só um zumbido ao fundo, enquanto me colocava no modo "paciência".

Minha impressão era de que Edward tentava evitar minhas perguntas. Tudo bem. Ia ficar sozinho comigo em breve. Era só uma questão de tempo.

Edward também parecia saber disso. Deixou Alice na entrada de carro dos Cullen, como sempre fazia, embora àquela altura eu esperasse que ele a levasse até a porta e a acompanhasse até dentro de casa.

Ao sair, Alice lançou um olhar incisivo para ele. Edward parecia completamente à vontade.

— A gente se vê depois — falou. E então, com o máximo de sutileza, Edward assentiu.

Alice se virou e desapareceu no meio das árvores.

Ele ficou em silêncio enquanto manobrava o carro e voltava para Forks. Eu esperei, imaginando se ia tocar no assunto. Ele nada falou, e isso me deixou tensa. O que Alice vira no almoço? Algo que ele não queria me contar, então tentei pensar em um motivo para guardar segredo. Talvez fosse melhor me preparar antes de perguntar. Não queria perder o controle e fazê-lo pensar que eu não podia lidar com a situação, qualquer que fosse.

Assim, ficamos os dois em silêncio até que chegamos à casa de Charlie.

— Pouco dever de casa hoje — comentou ele.

— Hmmm — assenti.

— Acha que tenho permissão para entrar de novo?

— Charlie não deu um ataque quando você me pegou para ir à escola.

Mas eu tinha certeza de que Charlie ficaria mal-humorado assim que entrasse em casa e encontrasse Edward ali. Talvez eu devesse preparar algo extraespecial para o jantar.

Dentro de casa, subi a escada e Edward me seguiu. Ele se acomodou em minha cama e olhou pela janela, sem parecer se importar com minha impaciência.

Guardei minha bolsa e liguei o computador. Havia um e-mail de minha mãe que eu não respondera, e ela entrava em pânico quando eu demorava demais. Eu tamborilava os dedos enquanto esperava que o computador decrépito acordasse; os dedos batiam na mesa, ritmados e ansiosos.

E depois os dedos dele estavam nos meus, imobilizando-os.

— Está um pouco impaciente hoje? — murmurou ele.

Olhei para cima, na intenção de fazer um comentário sarcástico, mas o rosto dele estava mais perto do que eu esperava. Os olhos dourados eram ardentes, a poucos centímetros de distância, e seu hálito era frio em meus lábios entreabertos. Eu podia sentir o cheiro dele em minha língua.

Não consegui lembrar a resposta espirituosa que estava prestes a dar. Não consegui lembrar meu nome.

Ele não me deu chance de me recuperar.

Se fosse por mim, passaria a maior parte de meu tempo beijando Edward. Não havia nada que eu tivesse experimentado na vida que se comparasse à sensação de

seus lábios frios, duros como mármore, mas sempre tão delicados, movendo-se com os meus.

Mas não era sempre como eu queria.

Então me surpreendeu um pouco quando os dedos dele entrelaçaram-se em meu cabelo, segurando meu rosto junto ao dele. Cruzei os braços atrás de seu pescoço e desejei ser mais forte — forte o suficiente para mantê-lo prisioneiro ali. Uma das mãos desceu por minhas costas, apertando-me mais contra seu peito de pedra. Mesmo através do suéter, a pele dele era bastante fria para me fazer tremer — era um tremor de prazer, de felicidade, mas as mãos de Edward começaram a se afrouxar por causa disso.

Sabia que tinha uns três segundos antes que ele suspirasse e me afastasse com habilidade, dizendo que eu já arriscara o bastante de minha vida naquela tarde. Aproveitando ao máximo meus últimos segundos, eu me aconcheguei mais ao corpo dele, moldando-me nas formas de Edward. A ponta de minha língua acompanhou a curva de seu lábio inferior; era de uma suavidade impecável, como se tivesse sido polido, e o sabor...

Ele afastou meu rosto, desfazendo meu abraço com facilidade — provavelmente nem percebeu que eu estava usando toda a minha força.

Edward deu uma risada, um som baixo e gutural. Seus olhos estavam brilhantes da excitação que ele tão severamente disciplinava.

— Ah, Bella — ele suspirou.

— Eu deveria pedir desculpas, mas não vou.

— E eu devia me lamentar por você não pedir desculpas, mas não vou. Talvez deva me sentar na cama.

Soltei o ar, meio tonta.

— Se acha que é necessário...

Ele sorriu torto e se separou de mim.

Sacudi a cabeça algumas vezes, tentando clareá-la, e me virei para o computador. Estava a todo vapor e agora zumbia. Bom, não era tanto um zumbido, mais parecia um gemido.

— Diga a Renée que mando lembranças.

— Pode deixar.

Li rapidamente o e-mail de Renée, sacudindo a cabeça de vez em quando para algumas coisas mais amalucadas que ela fizera. Divertiu-me e me apavorou tanto

quanto na primeira vez em que o li. Era típico de minha mãe só se lembrar de que ficava paralisada pela altitude quando já estava presa a um paraquedas e um instrutor de salto. Senti-me meio decepcionada com Phil, marido dela havia quase dois anos, por permitir aquilo. Eu teria cuidado melhor de Renée. Eu a conhecia muito melhor.

Um dia você vai ter de deixá-los seguirem a vida sozinhos, lembrei a mim mesma. Precisa deixar que eles tenham a própria vida...

Passei a maior parte da vida cuidando de Renée, orientando-a pacientemente a abandonar os planos mais loucos, suportando de boa vontade aqueles dos quais eu não conseguia demovê-la. Sempre fui indulgente com minha mãe, divertindo-me com ela, até um pouco condescendente. Via sua coleção de equívocos e ria comigo mesma em segredo. A maluca da Renée.

Eu era uma pessoa muito diferente de minha mãe. Era precavida e cautelosa. A responsável, a adulta. Era assim que eu me via. Esta era a pessoa que eu conhecia.

Com o sangue ainda pulsando na cabeça por causa do beijo de Edward, não consegui deixar de pensar no erro que mais transformara a vida de minha mãe. Tola e romântica, casou-se com um homem que mal conhecia assim que terminou o ensino médio, e me gerou um ano depois. Ela sempre me garantiu que não tinha arrependimentos, que eu era a maior dádiva que a vida lhe dera. E, no entanto, insistia comigo sem parar — gente inteligente leva o casamento a sério. Gente madura vai para a universidade e começa a vida profissional antes de se envolver profundamente num relacionamento. Ela sabia que eu nunca seria tão irracional, pateta e provinciana quanto ela tinha sido...

Trinquei os dentes e tentei me concentrar na resposta a seu e-mail.

Você não fala nada sobre Jacob há um bom tempo, ela escreveu. O que ele anda fazendo ultimamente?

Charlie a induzira a isso, eu tinha certeza.

Dei um suspiro e digitei depressa, enfiando a resposta a sua pergunta entre dois parágrafos pouco emotivos.

Jacob está bem, eu acho. Não o vejo muito; ele tem passado a maior parte do tempo com um grupo de amigos em La Push.

Sorrindo maliciosamente comigo mesma, acrescentei as lembranças de

Edward e cliquei em "enviar".

Só percebi que Edward estava parado em silêncio de novo atrás de mim quando desliguei o computador e me afastei da mesa. Estava prestes a lhe dar uma bronca por ler por sobre meu ombro quando percebi que ele não prestava atenção em mim. Examinava uma caixa preta e achatada, com fios enroscados e pendurados de uma forma que não parecia saudável para qualquer que fosse o objeto. Depois de um segundo, reconheci o aparelho de som de carro que Emmett, Rosalie e Jasper haviam me dado no aniversário passado. Tinha me esquecido dos presentes escondidos debaixo de um monte cada vez maior de poeira no chão do meu closet.

— O que você fez com isso? — perguntou ele numa voz cheia de espanto.

— Não queria sair do painel.

— Então sentiu necessidade de torturá-lo?

— Você sabe como eu sou com ferramentas. Não provoquei nenhuma dor intencionalmente.

Ele sacudiu a cabeça, o rosto numa máscara de tragédia encenada.

— Você o matou.

Dei de ombros.

— Ah, tanto faz.

— Ia ferir os sentimentos deles se vissem isso — disse ele. — Acho que foi bom você ter ficado em prisão domiciliar. Vou ter que colocar outro no lugar antes que eles percebam.

— Obrigada, mas eu não preciso de um som caro.

— Não é por você que vou substituí-lo.

Suspirei.

— Você não aproveitou muito seus presentes de aniversário do ano passado — disse ele num tom irritado. De repente, estava se abanando com um retângulo duro de papel.

Não respondi, por medo de que minha voz tremesse. Meu aniversário desastroso de 18 anos — com todas as suas amplas consequências — não era uma ocasião da qual eu quisesse me lembrar, e eu estava surpresa que ele tocasse no assunto. Aquilo ainda o incomodava mais do que a mim.

— Sabia que isto aqui está prestes a expirar? — perguntou ele, estendendo o papel para mim. Era o outro presente: a reserva das passagens de avião que Esme

e Carlisle me deram para visitar Renée na Flórida.

Respirei fundo e respondi de modo monótono.

— Não. Na verdade, esqueci isso por completo.

A expressão dele era cuidadosamente animada e positiva; não havia vestígio de qualquer emoção profunda enquanto continuava.

— Bem, ainda temos algum tempo. Você foi libertada... E não temos planos para este fim de semana, já que você se recusa a ir ao baile comigo. — Ele deu um sorriso duro. — Por que não comemorar sua liberdade desse jeito?

Eu arfei.

— Ir à Flórida?

— Você disse algo sobre a América continental ser admissível.

Eu o fuzilei com os olhos, desconfiada, tentando entender o porquê daquilo.

— E então? — perguntou ele. — Vai ver Renée ou não?

— Charlie nunca permitiria.

— Charlie não pode impedir que visite sua mãe. Ela ainda tem a custódia primária.

— Ninguém tem minha custódia. Eu sou adulta.

Ele abriu um sorriso reluzente.

— Exatamente.

Pensei naquilo por um curto minuto antes de concluir que não valia a pena brigar. Charlie ficaria furioso — não por eu viajar para ver Renée, mas por Edward ir junto. Charlie não falaria comigo durante meses, e era provável que eu acabasse de castigo de novo. Sem dúvida, seria muito mais inteligente nem mesmo tocar no assunto. Talvez dali a algumas semanas, como um presente de formatura ou algo do tipo.

Mas era difícil resistir à ideia de ver minha mãe naquela hora, e não dali a semanas. Já havia passado muito tempo desde que eu vira Renée pela última vez. E ainda mais tempo desde que a vira em circunstâncias agradáveis. Na última vez em que estive com ela, em Phoenix, fiquei o tempo todo num leito de hospital. Na última vez em que ela veio aqui, eu estava mais ou menos catatônica. Não eram exatamente as melhores lembranças a deixar para ela.

E talvez, se ela visse como eu estava feliz com Edward, pudesse dizer a Charlie para pegar mais leve.

Edward examinou meu rosto enquanto eu refletia.

Eu suspirei.

— Neste fim de semana, não.

— E por que não?

— Não quero brigar com Charlie. Não tão cedo, depois de ele me perdoar.

As sobrancelhas dele se uniram.

— Acho que este fim de semana é perfeito — murmurou ele.

Sacudi a cabeça.

— Em outra ocasião.

— Sabia que você não foi a única a ficar presa nesta casa? — Ele fez cara feia para mim.

A desconfiança voltou. Esse tipo de comportamento não combinava com ele. Ele era sempre tão impossivelmente altruísta; eu sabia que aquilo me deixava mimada.

— Pode ir aonde quiser — assinalei.

— O mundo não me interessa sem você.

Revirei os olhos com a hipérbole.

— Estou falando sério — disse ele.

— Vamos dominar o mundo aos poucos, está bem? Podemos começar, por exemplo, com um cinema em Port Angeles...

Ele gemeu.

— Deixe pra lá. Vamos falar disso depois.

— Não há mais o que discutir.

Ele deu de ombros.

— Tudo bem, então, assunto novo — falei. Eu quase me esqueci de minhas preocupações sobre aquela tarde... Será que ele tinha feito de propósito? — O que Alice viu hoje no almoço?

Meus olhos estavam fixos no rosto dele, avaliando sua reação.

A expressão de Edward era tranquila; apenas seus olhos topázio endureceram um pouco.

— Ela tem visto Jasper num lugar estranho, um lugar no sudoeste, acha ela, perto da antiga... família dele. Mas ele não tem nenhuma intenção consciente de voltar. — Ele suspirou. — Isso a deixou preocupada.

— Ah! — Não era nada do que eu esperava. Mas é claro que fazia sentido que Alice ficasse vigiando o futuro de Jasper. Ele era sua alma gêmea, sua verdadeira

cara-metade, embora não fossem tão extravagantes em seu relacionamento como Rosalie e Emmett. — Por que não me contou isso antes?

— Não percebi que você tinha notado — disse ele. — De qualquer modo, não deve ser nada importante.

Minha imaginação estava tristemente descontrolada. Peguei uma tarde normal e a distorci até parecer que Edward mudara seu comportamento para esconder coisas de mim. Eu precisava de terapia.

Descemos para fazer o dever de casa, para o caso de Charlie aparecer mais cedo. Edward terminou em minutos; eu me arrastei com dificuldade por meu dever de cálculo, até que decidi que estava na hora de preparar o jantar de Charlie. Edward ajudou, a toda a hora fazendo caretas para os ingredientes crus — a comida humana era um tanto repulsiva para ele. Fiz o estrogonofe da receita de vovó Swan, porque eu queria bajular. Não era uma de minhas preferidas, mas ia agradar a Charlie.

Charlie pareceu já estar de bom humor quando chegou em casa. Nem se incomodou em ser grosseiro com Edward. Edward não comeu conosco, como sempre. O som do noticiário da noite vagava da sala da frente, mas eu duvidava que Edward estivesse de fato assistindo.

Depois de se servir três vezes, Charlie pôs os pés sobre a cadeira vazia e, satisfeito, cruzou as mãos na enorme barriga.

— Estava ótimo, Bells.

— Que bom que gostou. Como foi o trabalho? — Ele estivera concentrado demais na comida para eu começar uma conversa.

— Meio devagar. Bom, na verdade, totalmente devagar. Mark e eu jogamos cartas boa parte da tarde — admitiu ele, com um sorriso. — Eu ganhei: dezenove mãos contra sete. E depois fiquei um tempo ao telefone com Billy.

Tentei manter a expressão inalterada.

— Como ele está?

— Bem, bem. Suas articulações incomodam um pouco.

— Ah. Que chato.

— É. Ele nos convidou a fazer uma visita neste fim de semana. Estava pensando em chamar os Clearwater e os Uley também. Algo como uma festa de desempate...

— Ah... — foi minha resposta genial. Mas o que eu poderia dizer? Sabia que

não teria permissão para ir a uma festa de lobisomens, mesmo com supervisão paterna. Perguntei-me se Edward veria problemas em Charlie ir a La Push. Ou ele acharia que, uma vez que Charlie passaria a maior parte do tempo com Billy, que era só humano, meu pai não correria perigo?

Levantei-me e empilhei os pratos sem olhar para Charlie. Coloquei-os na pia e abri a torneira. Edward apareceu em silêncio e pegou o pano de prato.

Charlie suspirou e desistiu por um tempo, embora eu imaginasse que retomaria o assunto quando estivéssemos a sós de novo. Ele se levantou a caminho da tevê, como em todas as outras noites.

— Charlie — disse Edward num tom despreocupado.

Charlie parou no meio da cozinha pequena.

— Sim?

— Bella alguma vez lhe contou que meus pais deram a ela passagens aéreas de presente de aniversário para visitar Renée?

Deixei cair o prato que estava lavando. Ele bateu na bancada e caiu no chão, fazendo barulho. Não quebrou, mas espalhou água com sabão pelo chão e em nós três. Charlie nem pareceu perceber.

— Bella? — perguntou ele numa voz pasma.

Mantive os olhos no prato que pegava no chão.

— Sim, eles deram.

Charlie engoliu em seco, depois seus olhos se estreitaram enquanto ele se virava para Edward.

— Não, ela nunca falou nisso.

— Hmmm... — murmurou Edward.

— Houve uma razão para você tocar nesse assunto? — perguntou Charlie numa voz ríspida.

Edward deu de ombros.

— Elas estão prestes a expirar. Acho que pode ferir os sentimentos de Esme se Bella não usar o presente. Não que Esme tenha comentado algo.

Encarei Edward, incrédula.

Charlie pensou por um minuto.

— Pode ser uma boa ideia você visitar sua mãe, Bella. Ela adoraria. Mas estou surpreso por não ter falado nada sobre isso.

— Eu me esqueci — admiti.

Ele franziu a testa.

— Você esqueceu que alguém lhe deu passagens de avião?

— Hmmm — murmurei vagamente e me virei para a pia.

— Percebi que você disse que elas vão expirar, Edward — continuou Charlie. — Quantas passagens seus pais deram a ela?

— Só uma para ela... e uma para mim.

O prato que deixei cair desta vez foi dentro da pia, então não fez tanto barulho. Eu podia muito bem ouvir a respiração irritada de meu pai. O sangue corou meu rosto, incitado pela irritação e por pesar. Por que Edward estava fazendo aquilo? Fitei as bolhas na pia, entrando em pânico.

— Está fora de cogitação! — Charlie de repente estava furioso, falando aos gritos.

— Por quê? — perguntou Edward, a voz saturada de uma surpresa inocente. — Você acaba de dizer que é uma boa ideia ela ver a mãe.

Charlie o ignorou.

— Você não vai a lugar nenhum com ele, mocinha! — gritou Charlie.

Eu girei e ele estava apontando o dedo para mim.

A raiva pulsou por meu corpo automaticamente, uma reação instintiva ao tom de voz dele.

— Não sou criança, pai. E não estou mais de castigo, lembra?

— Ah, sim, você está. A partir de agora.

— Por quê?!

— Porque eu disse que está.

— Preciso lembrar a você que, pela lei, eu sou adulta, Charlie?

— Esta é minha casa... Tem que seguir minhas regras!

Meu olhar ficou gélido.

— Se é assim que você quer. Quer que me mude esta noite? Ou pode me dar alguns dias para fazer as malas?

A cara de Charlie assumiu um vermelho vivo. Na mesma hora me senti péssima por usar esse trunfo.

Respirei fundo e tentei falar num tom mais razoável.

— Vou cumprir meus castigos sem reclamar sempre que fizer algo errado, pai, mas não vou tolerar seus preconceitos.

Ele gaguejou, mas não saiu nada coerente.

— Agora, sei que você sabe que tenho todo o direito de ver a mamãe no fim de semana. Seja sincero e me diga que não concordaria com o plano se eu fosse com Alice ou Angela.

— Meninas — ele grunhiu, assentindo.

— Você se incomodaria se eu levasse Jacob?

Só escolhi esse nome porque sabia da preferência de meu pai por Jacob, mas me arrependi na mesma hora; os dentes de Edward se trincaram com um estalo audível.

Meu pai lutou para se recompor antes de responder.

— Sim — disse numa voz pouco convincente. — Isso me incomodaria.

— Você mente muito mal, pai.

— Bella...

— Até parece que vou a Las Vegas virar dançarina ou coisa assim. Eu vou ver mamãe — lembrei a ele. — Ela tem tanta autoridade sobre mim quanto você.

Ele me fuzilou com os olhos.

— Tem algo a dizer sobre a capacidade de minha mãe de cuidar de mim?

Charlie se encolheu à ameaça implícita de minha pergunta.

— É melhor torcer para eu não contar isso a ela — falei.

— Melhor não fazer isso — alertou ele. — Não estou satisfeito com essa situação, Bella.

— Não há motivo para você estar aborrecido.

Ele revirou os olhos, mas eu sabia que a tempestade tinha passado.

Virei-me para destampar o ralo da pia.

— Então meu dever de casa está pronto, seu jantar está pronto, os pratos estão lavados e eu não estou de castigo. Vou sair. Voltarei antes das dez e meia.

— Aonde você vai? — O rosto dele, quase de volta ao normal, ficou vermelho de novo.

— Não sei bem — admiti. — Mas vou ficar num raio de quinze quilômetros. Tudo bem?

Ele grunhiu alguma palavra que não parecia uma aprovação e saiu da cozinha. Naturalmente, assim que venci a briga, comecei a me sentir culpada.

— Nós vamos sair? — perguntou Edward, a voz baixa, mas entusiasmada.

Eu me virei para ele de cara feia.

— Sim. Acho que quero falar com você a sós.

Ele não pareceu tão apreensivo como eu esperava que ficasse.

Deixei para começar quando estávamos seguros no carro dele.

— O que foi aquilo? — perguntei.

— Sei que você quer ver sua mãe, Bella... Você anda falando dela enquanto dorme. Preocupada, na verdade.

— Ando, é?

Ele assentiu.

— Mas claramente você foi covarde demais para lidar com Charlie, então eu intercedi a seu favor.

— Intercedeu? Você me atirou aos tubarões!

Ele revirou os olhos.

— Não acho que você corresse algum risco.

— Eu lhe disse que não quero brigar com Charlie.

— Ninguém disse que tinha de brigar.

Eu fechei a cara para ele.

— Não consigo evitar quando ele fica mandão daquele jeito... Meus instintos naturais de adolescente me dominam.

Ele riu.

— Bem, não é por culpa minha.

Eu o fitei, pensando a respeito. Ele não pareceu perceber. Seu rosto estava sereno enquanto olhava pelo para-brisa. Algo estava errado, mas eu não conseguia perceber o que era. Ou talvez fosse só minha imaginação outra vez, descontrolada como naquela tarde.

— Esse impulso súbito de ir à Flórida tem alguma relação com a festa na casa de Billy?

O queixo dele caiu.

— De jeito nenhum. Não importaria se você estivesse aqui ou do outro lado do mundo, ainda assim não iria.

Foi exatamente como aconteceu antes com Charlie — sendo tratada como uma criança malcomportada. Trinquei os dentes para não gritar. Eu não queria brigar também com Edward.

Ele suspirou, e quando voltou a falar a voz era calorosa e aveludada.

— E o que quer fazer hoje à noite? — perguntou.

— Podemos ir à sua casa? Não vejo Esme há muito tempo.

Ele sorriu.

— Ela vai gostar disso. Em especial quando souber o que vamos fazer no fim de semana.

Eu gemi, derrotada.

Não ficamos fora até tarde, como eu prometera. Não me surpreendi ao ver as luzes ainda acesas quando paramos na frente da casa — sabia que Charlie estaria esperando para gritar mais comigo.

— É melhor você não entrar — eu disse. — Só vai piorar a situação.

— Os pensamentos dele estão relativamente calmos — zombou Edward. A expressão dele me fez perguntar se havia alguma piada que eu estava perdendo. Os cantos da boca se retorceram, reprimindo um sorriso.

— Vejo você mais tarde — murmurei de mau humor.

Ele riu e me deu um beijo no alto da testa.

— Voltarei quando Charlie estiver roncando.

A tevê estava alta quando entrei. Por um instante considerei tentar passar de fininho por ele.

— Pode vir até aqui, Bella? — chamou Charlie, estragando meus planos.

Meus pés se arrastaram enquanto eu dava os cinco passos necessários.

— Que foi, pai?

— Tiveram uma noite divertida? — perguntou ele. Charlie parecia pouco à vontade. Procurei por significados ocultos em suas palavras antes de responder.

— Sim — falei, hesitante.

— O que fizeram?

Dei de ombros.

— Ficamos com Alice e Jasper. Edward derrotou Alice no xadrez, depois eu joguei com Jasper. Ele acabou comigo.

Eu sorri. Edward e Alice jogando xadrez foi um dos eventos mais divertidos que eu já vira. Eles ficaram sentados quase imóveis, encarando o tabuleiro, enquanto Alice previa os movimentos que ele faria e ele captava em sua mente os movimentos que ela ia fazer. Jogaram a maior parte da partida mentalmente; acho que cada um tinha movido dois peões quando Alice de repente derrubou seu rei e se rendeu. Tudo isso levou três minutos.

Charlie apertou o botão mute — uma atitude incomum.

— Olhe, tem algo que eu preciso dizer. — Ele franziu a testa, parecendo muito sem graça.

Sentei-me imóvel, esperando. Ele encontrou meu olhar por um segundo antes de desviar os olhos para o chão. Não disse mais nada.

— O que é, pai?

Charlie suspirou.

— Não sou bom nesse tipo de coisa. Nem sei como começar...

Esperei novamente.

— Tudo bem, Bella. É o seguinte. — Ele se levantou do sofá e começou a andar de um lado para outro da sala, olhando para os pés o tempo todo. — Você e Edward parecem estar namorando a sério e você precisa ter alguns cuidados. Sei que agora é adulta, mas ainda é nova, Bella, e há um monte de informações importantes que é preciso saber quando... Bem, quando se tem um envolvimento físico com...

— Ah, por favor, por favor, não! — implorei, colocando-me de pé num salto. — Por favor, diga que não está tentando ter um papinho sobre sexo comigo, Charlie.

Ele encarou o chão.

— Sou seu pai. Tenho responsabilidades. Lembre-se, estou tão constrangido quanto você.

— Não acho que isso seja humanamente possível. De qualquer modo, mamãe passou à sua frente uns dez anos atrás. Está livre dessa.

— Há dez anos você não tinha namorado — murmurou ele, de má vontade. Sabia que ele estava lutando contra o desejo de deixar o assunto de lado. Nós dois estávamos de pé, fitando o chão, evitando olhar nos olhos do outro.

— Não acho que o que importa tenha mudado tanto — murmurei, e meu rosto devia estar tão vermelho quanto o dele. Aquilo estava além do sétimo círculo do Hades; pior ainda era perceber que Edward sabia que ia acontecer. Não surpreende que ele estivesse tão presunçoso no carro.

— Só me diga que vocês dois estão sendo responsáveis — pediu Charlie, obviamente querendo que um buraco se abrisse no chão para se enfiar nele.

— Não se preocupe com isso, pai, eu não sou assim.

— Não é que eu não confie em você, Bella, mas eu sei que não quer me contar nada sobre o assunto, e você sabe que eu não quero realmente ouvir. Mas vou

tentar ter a mente aberta. Sei que os tempos mudaram.

Eu ri, sem graça.

— Talvez os tempos tenham mudado, mas Edward é muito antiquado. Não tem motivo algum para se preocupar.

Charlie suspirou.

— Com certeza — murmurou ele.

— Urgh! — gemi. — Gostaria muito que não me obrigasse a dizer isso em voz alta, pai... De verdade. Mas... eu sou... virgem, e não tenho planos imediatos de mudar essa situação.

Nós dois nos encolhemos, mas depois a cara de Charlie se suavizou. Ele pareceu acreditar em mim.

— Posso ir para a cama agora? Por favor.

— Só um minuto — disse ele.

— Ai, por favor, pai? Estou implorando.

— A parte constrangedora acabou, prometo — garantiu-me.

Lancei-lhe um olhar e fiquei grata ao ver que ele parecia mais relaxado, que seu rosto estava de volta à cor normal. Ele afundou no sofá, suspirando de alívio por ter passado pelo sermão do sexo.

— O que é agora?

— Só queria saber como está indo a história do equilíbrio.

— Ah. Bem, acho. Combinei umas coisas com Angela hoje. Vou ajudá-la com os convites da formatura. Só meninas.

— Isso é bom. E Jake?

Suspirei.

— Isso eu ainda não consegui resolver, pai.

— Continue tentando, Bella. Sei que vai fazer o que é certo. Você é uma boa pessoa.

Que ótimo. Então, se eu não pensasse num jeito de acertar o relacionamento com Jacob, seria má pessoa? Isso foi golpe baixo.

— Claro, claro — concordei. A resposta automática quase me fez sorrir... era algo que adquiri de Jacob. Até mesmo falei no mesmo tom paternalista que ele usava com o pai.

Charlie sorriu e aumentou outra vez o som da tevê. Afundou mais nas almofadas, satisfeito com seu trabalho da noite. Sabia que ele ficaria acordado por

um tempo, vendo o jogo.

— Boa noite, Bells.

— Vejo você de manhã!

Eu disparei para a escada.

Edward tinha ido embora havia muito tempo e só voltaria depois de Charlie dormir — talvez estivesse caçando ou fazendo algo para passar o tempo —, então não tive pressa a fim de me preparar para dormir. Não estava com humor para ficar sozinha, mas decerto não ia voltar para baixo e ficar com meu pai, para o caso de ele pensar em algum ponto de educação sexual que não tivesse mencionado antes. Estremeci.

Assim, graças a Charlie, eu estava magoada e ansiosa. Meu dever de casa estava feito e eu não sentia a mínima vontade de ler ou simplesmente de ouvir música. Pensei em ligar para Renée com a notícia de minha visita, mas depois lembrei que o horário na Flórida era três horas adiantado, ela devia estar dormindo.

Eu podia ligar para Angela, pensei.

Mas de repente percebi que não era com Angela que eu queria falar. Com quem eu precisava falar.

Olhei a janela escura e vazia, mordendo o lábio. Não sei quanto tempo fiquei parada ali, pesando os prós e os contras — tomar a atitude certa em relação a Jacob, ver meu melhor amigo de novo, ser uma boa pessoa versus deixar Edward furioso comigo. Dez minutos, talvez. Tempo suficiente para decidir que os prós eram válidos, os contras, não. Edward só estava preocupado com minha segurança, e eu sabia que não havia problema algum nesse sentido.

O telefone não ajudava em nada; Jacob se recusava a atender meus telefonemas desde a volta de Edward. Além disso, eu precisava vê-lo — vê-lo sorrindo de novo, como fazia. Se quisesse ter alguma paz de espírito, precisava substituir a última lembrança medonha de seu rosto retorcido de dor.

Eu tinha provavelmente uma hora. Podia fazer uma viagem rápida a La Push e voltar antes que Edward percebesse que eu tinha saído. Já passava da hora de meu toque de recolher, mas Charlie se importaria mesmo com isso já que Edward não estaria envolvido? Só havia um modo de descobrir.

Peguei meu casaco e enfiei os braços nas mangas enquanto descia a escada correndo.

Charlie olhou para mim, imediatamente desconfiado.

— Se importa se eu for ver o Jake esta noite? — perguntei sem fôlego. — Não vou demorar muito.

Assim que disse o nome de Jake, a expressão de Charlie relaxou num sorriso presunçoso. Não pareceu nada surpreso que seu sermão tivesse surtido efeito com tanta rapidez.

— Claro, garota. Tudo bem. Fique o tempo que quiser.

— Obrigada, pai — falei enquanto disparava para a porta.

Como qualquer fugitiva, não consegui evitar olhar algumas vezes por sobre o ombro enquanto corria até minha picape, mas a noite estava tão escura que não havia sentido em fazer isso. Tive de tatear pela lateral do carro até achar a maçaneta.

Meus olhos estavam começando a se adaptar quando coloquei a chave na ignição. Girei a chave rápido para a esquerda mas, em vez de roncar de forma ensurdecedora, o motor só estalou. Tentei novamente, com o mesmo resultado.

E depois um discreto movimento em minha visão periférica me fez pular.

— Gah! — Arquejei de choque quando vi que não estava sozinha na cabine do carro.

Edward estava sentado ali, imóvel, um ponto fraco de luz na escuridão, só as mãos se mexendo enquanto ele girava sem parar um objeto preto e misterioso. Olhou para o objeto ao falar.

— Alice ligou — murmurou ele.

Alice! Droga. Tinha me esquecido de contar com ela em meus planos. Ele devia ter colocado Alice para me vigiar.

— Ela ficou nervosa quando seu futuro desapareceu de repente, cinco minutos atrás.

Meus olhos, já arregalados de surpresa, saltaram ainda mais.

— Porque ela não consegue ver os lobos, entendeu? — explicou ele no mesmo murmúrio baixo. — Esqueceu? Quando resolve misturar seu destino com o deles, você também desaparece. Podia não saber dessa parte, como estou percebendo. Mas consegue entender por que isso me deixa um pouco... angustiado? Alice a viu desaparecer, e não era capaz de dizer nem se você voltaria para casa. Seu futuro se perdeu, exatamente como o deles. Não sabemos por quê. Alguma defesa natural e inata que eles tenham?

Agora ele falava como se fosse consigo mesmo, ainda olhando a peça do motor de meu carro que girava nas mãos.

— Isso não parece cem por cento provável, uma vez que não tive nenhum problema para ler a mente deles. Pelo menos a de Black. Pela teoria de Carlisle, a vida deles é extremamente dominada pelas transformações. É mais uma reação involuntária do que uma decisão. Completamente imprevisível, e muda tudo a respeito deles. Num minuto, quando mudam de uma forma para outra, eles não existem de verdade. O futuro não se aplica a eles...

Eu ouvia as reflexões dele num silêncio pétreo.

— Vou consertar seu carro a tempo de ir para a escola, caso prefira dirigir — garantiu-me ele depois de um minuto.

Com os lábios cerrados, peguei minha chave e, decidida, saí da picape.

— Feche a janela se quiser que eu fique longe esta noite. Vou entender — sussurrou ele antes que eu batesse a porta.

Entrei em casa num rompante, batendo a porta também.

— Qual é o problema? — perguntou Charlie do sofá.

— A picape não quer pegar — resmunguei.

— Quer que eu dê uma olhada?

— Não. Vou tentar de manhã.

— Quer usar meu carro?

Eu não cogitava dirigir a viatura policial. Charlie devia estar muito desesperado para que eu fosse a La Push. Quase tão desesperado quanto eu.

— Não. Estou cansada — murmurei. — Boa noite.

Subi a escada pisando duro e fui direto até minha janela. Baixei com força o caixilho de metal — que se fechou num baque, e a vidraça tremeu.

Olhei o vidro escuro tremendo por um longo tempo, até que parasse. Depois suspirei e abri a janela o máximo que pude.

3. MOTIVOS

O SOL ESTAVA TÃO ENCOBERTO PELAS NUVENS, que não havia como saber se tinha se posto ou não. Depois do longo voo — perseguindo o sol em seu movimento para o oeste, que por isso parecia não se mover no céu —, a sensação era especialmente desorientadora; parecia que o tempo não variava. Fiquei surpresa quando a floresta deu lugar aos primeiros prédios, indicando que estávamos quase chegando.

— Você ficou muito quieta — observou Edward. — O avião a deixou enjoada?

— Não, eu estou bem.

— Está triste por partir?

— Acho que mais aliviada do que triste.

Ele ergueu uma sobrancelha para mim. Sabia que era inútil e — o que eu odiava admitir — desnecessário pedir-lhe para manter os olhos na estrada.

— De certa forma, Renée é muito mais... perceptiva do que Charlie. Isso estava me deixando nervosa.

Edward riu.

— Sua mãe tem uma mente muito interessante. Quase infantil, mas muito perspicaz. Ela vê tudo de modo diferente dos outros.

Perspicaz. Era uma boa descrição de minha mãe — quando ela estava prestando atenção. Na maior parte do tempo, Renée ficava tão perdida na própria vida que não percebia muito mais do que isso. Mas naquele fim de semana estava prestando bastante atenção em mim.

Phil esteve ocupado — o time de beisebol da escola que ele treinava estava nas finais —, e ficar sozinha comigo e com Edward só aguçou a atenção de Renée. Assim que cessaram os abraços e os gritos de alegria, ela começou a observar. E, enquanto observava, os grandes olhos azuis, primeiro, ficaram confusos, depois, preocupados.

Naquela manhã, tínhamos saído para dar uma caminhada na praia. Ela queria

mostrar todas as belezas de seu novo lar, ainda na esperança, segundo penso, de que o sol pudesse me convencer a deixar Forks. Queria também conversar comigo a sós, e isso foi facilmente arranjado. Edward inventara um trabalho da escola como desculpa para ficar trancado em casa o dia todo.

Repassei a conversa em minha cabeça.

Renée e eu andávamos pela calçada, tentando permanecer no leque de sombra das palmeiras aqui e ali. Embora fosse cedo, o calor era sufocante. O ar estava tão pesado com a umidade que o simples ato de respirar exigia esforço de meus pulmões.

— Bella? — perguntou minha mãe, olhando de passagem a areia e as ondas fracas, que se quebravam enquanto ela falava.

— Que foi, mãe?

Ela suspirou, sem me olhar nos olhos.

— Estou preocupada...

— Qual é o problema? — perguntei, ansiosa pela primeira vez. — O que eu posso fazer?

— Não é comigo. — Ela sacudiu a cabeça. — Estou preocupada com você e... Edward.

Enfim Renée me olhou, quando disse o nome dele, no rosto um pedido de desculpas.

— Ah — murmurei, fixando os olhos numa dupla de corredores que passavam por nós, ensopados de suor.

— O namoro de vocês está mais sério do que eu pensava — continuou ela.

Franzi a testa, analisando rapidamente os dois dias anteriores. Edward e eu mal tínhamos tocado um no outro — pelo menos, na frente dela. Imaginei se Renée também ia me dar um sermão sobre responsabilidade. Eu não me importaria, como me importei no caso de Charlie. Não era constrangedor com minha mãe. Afinal, nos últimos dez anos era eu que de vez em quando lhe passava esse sermão.

— Tem algo... estranho no modo como vocês dois se comportam juntos — murmurou ela, a testa se vincando sobre os olhos aflitos. — O modo como ele olha para você... É tão... protetor. Como se estivesse a ponto de se atirar na frente de uma bala para salvá-la ou algo assim.

Eu ri, embora ainda não conseguisse olhar nos olhos dela.

— Isso é ruim?

— Não. — Ela franziu a testa enquanto lutava com as palavras. — Só é diferente. Ele é muito intenso com relação a você... e muito cuidadoso. Tenho a impressão de que não compreendi exatamente a relação de vocês. Como se houvesse um segredo que eu não conhecesse...

— Acho que está imaginado coisas, mãe — falei depressa, esforçando-me para manter a voz tranquila. Senti meu estômago se agitar. Tinha me esquecido de quanto minha mãe via. Algo em sua maneira simples de enxergar o mundo eliminava todas as distrações e ia direto ao ponto. Isso nunca foi um problema. Até agora, nunca tinha havido um segredo que eu não pudesse contar a ela.

— Não é só ele. — Ela endureceu os lábios, na defensiva. — Queria que você pudesse ver como se movimenta perto dele.

— Como assim?

— O modo como se mexe... Você se orienta em torno dele sem nem mesmo pensar. Quando ele se move, mesmo um pouquinho, você imediatamente muda de posição. Como ímãs... ou a gravidade. Você parece um... satélite ou algo parecido. Nunca vi nada assim.

Ela franziu os lábios e fitou o chão.

— Deixe-me adivinhar — brinquei, forçando um sorriso. — Anda lendo histórias de mistério de novo, não é? Ou desta vez é ficção científica?

Renée corou num rosa delicado.

— Isso é irrelevante.

— Achou algo de bom?

— Bom, teve uma... Mas isso não importa. Agora estamos falando de você.

— Devia se prender ao livro, mãe. Você sabe mesmo como pirar.

Os cantos de seus lábios se ergueram.

— Estou sendo uma boba, não é?

Por meio segundo não consegui responder. Era fácil demais manipular Renée. Às vezes isso era bom, porque nem todas as ideias dela eram práticas. Mas me doeu ver a rapidez com que ela cedeu quando banalizei seu comentário, em especial porque dessa vez ela estava coberta de razão.

Ela me olhou e eu controlei minha expressão.

— Boba, não... só está sendo mãe.

Renée riu e fez um gesto largo para a areia branca que se estendia até a água

azul.

— E isso tudo não basta para trazer você de volta a sua mãe boba?

Passei a mão na testa de modo teatral, depois fingi torcer o cabelo.

— A gente se acostuma com a umidade — prometeu ela.

— É possível se acostumar com a chuva também — contra-ataquei.

Ela me deu uma cotovelada, brincando, e pegou minha mão ao voltarmos para o carro.

Excetuando as preocupações comigo, ela parecia bem feliz. Contente. Ainda se derretia quando olhava para Phil, e isso era reconfortante. Certamente sua vida era plena e satisfatória. Sem dúvida, não sentia muito minha falta, mesmo agora...

Os dedos gelados de Edward afagaram meu rosto. Olhei para ele, piscando, voltando ao presente. Ele se inclinou e me deu um beijo na testa.

— Estamos em casa, Bela Adormecida. Hora de acordar.

Estávamos parados na frente da casa de Charlie. A luz da varanda estava acesa, e a viatura, estacionada na entrada. Enquanto eu examinava a casa, vi a cortina se mexer na janela da sala, lançando um feixe de luz amarela no gramado escuro.

Suspirei. É claro que Charlie estava esperando para dar o bote.

Edward deve ter pensado o mesmo, porque estava com a expressão tensa e os olhos distantes quando saiu para abrir a porta para mim.

— É tão ruim assim? — perguntei.

— Charlie não vai ser duro — prometeu Edward, o tom da voz sem a menor sugestão de humor. — Ele sentiu sua falta.

Meus olhos se estreitaram de dúvida. Se era assim, então por que Edward estava tenso como se fosse entrar numa batalha?

Minha mala era pequena, mas ele insistiu em levá-la para dentro de casa. Charlie mantinha a porta aberta para nós.

— Bem-vinda ao lar, garota! — gritou Charlie com sinceridade. — Como estava Jacksonville?

— Úmida. E cheia de insetos.

— Então Renée não a convenceu a ir para a Universidade da Flórida?

— Ela tentou. Mas prefiro beber a água, não respirá-la.

Os olhos de Charlie vacilaram de má vontade para Edward.

— Você se divertiu?

— Sim — respondeu Edward numa voz serena. — Renée foi muito hospitaleira.

— Que... hmmm, bom. Que bom que se divertiu. — Charlie se afastou de Edward e me puxou num abraço inesperado.

— Impressionante — sussurrei no ouvido dele.

Ele trovejou uma risada.

— Senti muito sua falta, Bells. A comida por aqui fica uma porcaria quando você não está.

— Vou compensar isso — falei enquanto ele me soltava.

— Não quer ligar para Jacob primeiro? Ele está me incomodando a cada cinco minutos desde as seis da manhã. Prometi que você ligaria antes mesmo de desfazer as malas.

Não precisei olhar para Edward para sentir que ele estava imóvel demais, frio demais a meu lado. Então era esse o motivo da tensão.

— Jacob quer conversar comigo?

— Desesperadamente, eu diria. Ele nem me contou sobre o que era... Só disse que era importante.

O telefone tocou então, estridente e exigente.

— É ele de novo, aposto meu próximo salário nisso — murmurou Charlie.

— Eu atendo. — Corri até a cozinha.

Edward me seguiu enquanto Charlie desaparecia na sala.

Peguei o fone no meio de um toque e me virei, para ficar de frente para a parede.

— Alô?

— Você voltou — disse Jacob.

A voz rouca e familiar me provocou uma onda de tristeza. Mil lembranças giraram em minha mente, emaranhando-se — um trecho de praia rochosa com troncos caídos, uma oficina com telheiro de plástico, refrigerantes quentes num saco de papel, uma sala pequena com um velho sofazinho de dois lugares. O riso em seus olhos negros e fundos, o calor febril de sua mão enorme na minha, o brilho dos dentes brancos na pele morena, o rosto se esticando num sorriso largo que sempre parecia uma porta secreta, por onde só espíritos irmãos podiam entrar.

Senti certa nostalgia, aquela vontade de correr para o lugar e a pessoa que me

abrigaram em minha noite mais escura.

Dei um pigarro para me livrar do nó na garganta.

— Sim — respondi.

— Por que não me ligou? — perguntou Jacob.

O tom de raiva dele me irritou na mesma hora.

— Porque estou em casa há exatamente quatro segundos e seu telefonema interrompeu Charlie quando ele estava dizendo que você havia ligado.

— Ah. Desculpe.

— Claro. E, então, por que está incomodando Charlie?

— Preciso falar com você.

— Sei, isso eu deduzi sozinha. Continue.

Houve uma pausa breve.

— Vai à escola amanhã?

Franzi a testa, incapaz de ver sentido naquela pergunta.

— Claro que vou. Por que não iria?

— Sei lá. Só curiosidade.

Outra pausa.

— E, então, do que quer falar, Jake?

Ele hesitou.

— Na verdade, acho que não é nada. Eu... queria ouvir sua voz.

— Sim, sei. Estou muito feliz por ter me ligado, Jake. Eu... — Não sabia mais o que dizer. Queria falar que estava indo para La Push naquele instante. E não podia dizer isso a ele.

— Tenho que ir — disse ele repentinamente.

— O que foi?

— A gente se fala depois, está bem?

— Mas Jake...

Ele já desligara. Ouvi, incrédula, o ruído de discagem.

— Essa foi rápida — murmurei.

— Está tudo bem? — perguntou Edward. A voz dele era baixa e cautelosa.

Virei para ele devagar. Sua expressão estava perfeitamente relaxada — era impossível interpretá-la.

— Não sei. Ainda estou me perguntando o que foi isso. — Eu não via sentido em Jacob ter perturbado Charlie o dia todo só para me perguntar se eu iria à

escola. E se ele queria ouvir minha voz, por que desligou tão rápido?

— Suas conjecturas devem ser melhores do que as minhas — disse Edward, com um ar de sorriso no canto da boca.

— Hmmm — murmurei. Aquilo era verdade. Eu conhecia Jake por dentro e por fora. Não deveria ser complicado entender as motivações dele.

Com os pensamentos a quilômetros de distância — a uns vinte e cinco quilômetros, subindo a estrada para La Push —, comecei a vasculhar a geladeira, pegando ingredientes para o jantar de Charlie. Edward encostou-se à bancada e eu tinha a vaga sensação de que seus olhos fitavam meu rosto, mas estava preocupada demais para me importar com o que ele via.

A resposta me parecia estar na história da escola. Foi a única pergunta que Jake fez de fato. E queria uma resposta, ou não teria insistido tanto em incomodar Charlie.

Mas por que minha frequência escolar importaria para ele?

Tentei pensar com lógica. Assim, se eu não fosse à escola no dia seguinte, qual seria o problema, da perspectiva de Jacob? Charlie teria me dado uma bronca por faltar a um dia de aula tão perto das provas finais, mas eu o convenceria de que uma sexta-feira não atrapalharia meus estudos. Jake dificilmente se importaria com isso.

Meu cérebro se recusava a ter qualquer insight inteligente. Talvez me faltasse alguma informação essencial.

O que podia ter mudado nos últimos três dias de tão importante para Jacob interromper sua prolongada recusa a atender a meus telefonemas e entrar em contato comigo? Que diferença três dias podiam fazer?

Fiquei paralisada no meio da cozinha. A embalagem de hambúrguer congelado que eu segurava escorregou pelos dedos entorpecidos. Precisei de um demorado segundo para perceber que eu não ouvi o baque daquilo no chão.

Edward a pegara e jogara na bancada. Seus braços já estavam em volta de mim, os lábios em minha orelha.

— Qual é o problema?

Sacudi a cabeça, tonta.

Três dias podiam mudar tudo.

Eu não estivera justamente pensando em como a faculdade seria impossível? Como não poderia ficar em lugar nenhum perto de outras pessoas depois que

passasse pelos dolorosos três dias da transformação que me libertaria da mortalidade e que me permitiria passar a eternidade com Edward? A transformação que me tornaria para sempre prisioneira de minha própria sede...

Charlie teria dito a Billy que fiquei fora por três dias? E Billy tirou conclusões precipitadas? Será que Jacob na verdade estava me perguntando se eu ainda era humana? Certificando-se de que o pacto com os lobisomens não fora quebrado — que nenhum dos Cullen tivera o atrevimento de morder uma humana... morder, e não matar...?

Mas, se fosse assim, ele pensava mesmo que eu voltaria para a casa de Charlie?

Edward me sacudiu.

— Bella? — perguntou ele, agora realmente angustiado.

— Acho... acho que ele estava sondando — murmurei. — Para ter certeza. Quer dizer, de que eu sou humana.

Edward enrijeceu e um silvo baixo soou em meu ouvido.

— Vamos ter que ir embora — sussurrei. — Antes. Para que o pacto não seja quebrado. Nem vamos poder voltar.

Os braços dele enrijeceram em minha cintura.

— Eu sei.

— Arrã. — Charlie deu um pigarro alto atrás de nós.

Dei um salto, depois me libertei dos braços de Edward, sentindo o rosto esquentar. Edward encostou-se à bancada. Os olhos estavam fixos. Eu podia ver preocupação neles, e raiva.

— Se não quiser fazer o jantar, posso pedir uma pizza — sugeriu Charlie.

— Não, está tudo bem, já comecei.

— O.k. — disse Charlie. Ele se encostou no batente da porta e cruzou os braços.

Eu suspirei e parti para o trabalho, tentando ignorar minha plateia.

— Se eu lhe pedisse para fazer algo, confiaria em mim? — perguntou Edward, com um traço de tensão na voz suave.

Estávamos quase na escola. Um minuto antes Edward estava relaxado e brincando, e então, de repente, suas mãos apertavam o volante, os nós dos dedos tensos do esforço para não fazê-lo em pedaços.

Fitei sua expressão ansiosa — os olhos estavam distantes, como se ele ouvisse

vozes ao longe.

Minha pulsação acelerou em resposta ao estresse dele, mas respondi com cautela.

— Depende.

Entramos no estacionamento da escola.

— Temia que dissesse isso.

— O que deseja que eu faça, Edward?

— Quero que fique no carro. — Ele parou na vaga de sempre e desligou o motor. — Quero que espere aqui até eu voltar.

— Mas... por quê?

Foi quando eu o vi. Teria sido difícil não vê-lo, destacando-se tão mais alto que os alunos, mesmo que não estivesse encostado na moto preta, estacionada ilegalmente na calçada.

— Ah.

O rosto de Jacob era a máscara de calma que eu reconhecia. Era a expressão que ele assumia quando estava decidido a controlar as emoções, a manter a si mesmo sob controle. Deixava-o parecido com Sam, o mais velho dos lobos, o líder da alcateia quileute. Mas Jacob nunca conseguiria a serenidade perfeita que Sam transmitia.

Tinha me esquecido de como aquele rosto me perturbava. Embora tivesse conhecido melhor Sam antes da volta dos Cullen — e até gostasse dele —, nunca consegui me livrar completamente do ressentimento que sentia quando Jacob imitava sua expressão. Era o rosto de um estranho. Ele não era o meu Jacob quando usava a máscara.

— Chegou à conclusão errada ontem à noite — murmurou Edward. — Ele perguntou sobre a escola porque sabia que eu estaria onde você estivesse. Estava procurando um lugar seguro para falar comigo. Um lugar com testemunhas.

Então na noite anterior eu interpretara mal os motivos de Jacob. Falta de informação, era esse o problema, informação sobre por que diabos Jacob ia querer conversar com Edward.

— Não vou ficar no carro — falei.

Edward gemeu baixinho.

— Claro que não vai. Bem, vamos acabar com isso.

O rosto de Jacob enrijeceu enquanto nos aproximávamos dele de mãos dadas.

Percebi também outros rostos — os de meus colegas de escola. Notei que seus olhos se arregalaram ao ver o metro e noventa e cinco de altura de Jacob, o corpo musculoso que um rapaz normal de 16 anos jamais teria. Vi aqueles olhos esquadrinharem a camiseta preta e apertada — de manga curta, embora o dia estivesse frio para a estação —, o jeans rasgado e sujo e a moto preta e reluzente em que ele se encostava. Os olhos deles não se demoraram no rosto de Jacob — algo em sua expressão os fazia virar a cara rapidamente. E eu percebi o amplo espaço que todos lhe davam, a bolha que ninguém se atrevia a invadir.

Abismada, percebi que Jacob parecia perigoso para eles. Que estranho.

Edward parou a alguns metros de Jacob, e eu sabia que ele não estava à vontade vendo-me tão perto de um lobisomem. Ele recuou a mão com sutileza, puxando-me um pouco para trás de seu corpo.

— Podia ter ligado para nós — disse Edward numa voz de aço.

— Desculpe — respondeu Jacob, o rosto se retorcendo num esgar. — Eu não tinha nenhum sanguessuga na discagem rápida.

— Podia ter me achado na casa de Bella, é claro.

O queixo de Jacob se contraiu e as sobrancelhas se uniram. Ele não respondeu.

— Este não é o melhor lugar, Jacob. Podemos discutir isso mais tarde?

— Claro, claro. Vou passar na sua cripta depois da aula. — Jacob bufou. — Por que não agora?

Edward olhou sugestivamente em volta, os olhos parando nas testemunhas que quase podiam nos ouvir. Algumas pessoas hesitavam na calçada, o olhar brilhando de expectativa. Como se esperassem uma briga para aliviar o tédio de outra manhã de segunda-feira. Vi Tyler Crowley cutucar Austin Marks, e os dois pararam a caminho da aula.

— Já sei o que você veio dizer — lembrou Edward a Jacob, numa voz tão baixa que eu mal conseguia ouvir. — Recado dado. Considere-nos avisados.

Edward me olhou por um segundo fugaz com uma expressão preocupada.

— Avisados? — perguntei, sem entender. — Do que vocês estão falando?

— Não contou a ela? — perguntou Jacob, os olhos se arregalando de descrença. — O que foi, tem medo de que ela fique do nosso lado?

— Por favor, pare com isso, Jacob — disse Edward numa voz firme.

— Por quê? — desafiou-o Jacob.

Eu franzi a testa, confusa.

— Do que eu não sei, Edward?

Edward fitava Jacob como se não tivesse me ouvido.

— Jake?

Jacob ergueu as sobrancelhas para mim.

— Ele não contou que o... irmão mais velho dele passou dos limites no sábado à noite? — perguntou Jacob, o tom de voz repleto de sarcasmo. Depois seus olhos se voltaram para Edward. — Paul tinha todos os motivos para...

— Era uma terra de ninguém! — sibilou Edward.

— Não era!

Jacob estava visivelmente furioso. As mãos tremiam. Ele sacudiu a cabeça e respirou duas golfadas de ar.

— Emmett e Paul? — sussurrei. Paul era o membro mais volátil do bando de Jacob. Tinha sido ele quem perdera o controle naquele dia no bosque... De repente, a lembrança do lobo cinza que grunhia era nítida em minha mente. — O que aconteceu? Eles brigaram? — Minha voz ficou mais aguda de pânico. — Por quê? Paul se machucou?

— Ninguém lutou — disse Edward baixinho, só para mim. — Ninguém se feriu. Não fique ansiosa.

Jacob nos fitava com o olhar incrédulo.

— Não contou nada a ela, não é? Foi por isso que a levou para longe? Assim ela não saberia que...?

— Agora vá embora. — Edward o interrompeu no meio da frase, e seu rosto de repente era assustador... verdadeiramente assustador. Por um segundo, ele parecia... parecia um vampiro. Fuzilou Jacob com um ódio nítido e maligno nos olhos.

Jacob ergueu as sobrancelhas, mas não se mexeu.

— Por que não contou a ela?

Eles se encararam em silêncio por um longo tempo. Outros alunos se reuniam atrás de Tyler e Austin. Vi Mike ao lado de Ben — Mike com a mão no ombro do colega, como se o mantivesse ali.

No silêncio mortal, todos os detalhes de repente se encaixaram, numa explosão de intuição.

Havia algo que Edward não queria que eu soubesse.

Algo que Jacob não teria escondido de mim.

Algo que pôs tanto os Cullen quanto os lobos no bosque, movendo-se juntos numa proximidade perigosa.

Algo que levou Edward a insistir que eu atravessasse o país num avião.

Algo que Alice vira na semana anterior — uma visão sobre a qual Edward mentira para mim.

Algo que eu, de algum modo, esperava. Que eu sabia que aconteceria de novo, tanto quanto desejava que jamais acontecesse. Nunca teria um fim, teria?

Ouvi o arfar acelerado do ar se arrastando por meus lábios, mas não consegui reprimir. Parecia que a escola estava tremendo, como se houvesse um terremoto, mas eu sabia que era meu próprio tremor que provocava a ilusão.

— Ela voltou para me buscar — falei, com a voz embargada.

Victoria jamais desistiria, até que eu estivesse morta. Repetiria o mesmo padrão — dissimular e correr, dissimular e correr — até encontrar uma brecha por entre meus defensores.

Talvez eu tivesse sorte. Talvez os Volturi me encontrassem primeiro — pelo menos eles me matariam mais rápido.

Edward me segurou com firmeza ao lado dele, inclinando o corpo de modo a se colocar entre mim e Jacob, e afagou meu rosto com as mãos ansiosas.

— Está tudo bem — sussurrou ele. — Está tudo bem. Nunca vou deixar que ela chegue perto de você, está tudo bem.

Depois fuzilou Jacob com os olhos.

— Isso responde à sua pergunta, vira-lata?

— Não acha que Bella tem o direito de saber? — perguntou Jacob, em desafio. — É a vida dela.

Edward manteve a voz baixa; nem Tyler, que se aproximou um pouco, seria capaz de ouvir.

— Por que deveria assustá-la, se não correu perigo algum?

— Melhor assustada que enganada.

Tentei me recompor, mas meus olhos nadavam em umidade. Eu podia ver com as pálpebras cerradas — podia ver o rosto de Victoria, os dentes arreganhados, os olhos carmim cintilando com a obsessão da vingança. Ela considerava Edward responsável pela morte de seu amor, James. Só pararia quando o amor de Edward também fosse extirpado.

Edward limpou as lágrimas de meu rosto com a ponta dos dedos.

— Acha realmente que magoá-la é melhor do que protegê-la? — murmurou ele.

— Ela é mais forte do que você pensa — disse Jacob. — E já passou por situações piores.

De repente, a expressão de Jacob mudou, e ele encarava Edward com curiosidade, especulando. Seus olhos se estreitaram como se ele tentasse resolver mentalmente um complicado problema de matemática.

Senti Edward encolher. Olhei para ele e seu rosto estava retorcido no que só podia ser dor. Por um momento horrível lembrei-me de nossa tarde na Itália, na sala macabra da torre dos Volturi, onde Jane torturara Edward com seu dom maligno, fazendo-o arder só com o pensamento...

A lembrança me arrancou de minha quase histeria e colocou tudo em perspectiva. Porque eu preferia mil vezes que Victoria me matasse a ver Edward sofrer daquele jeito de novo.

— Que engraçado — disse Jacob, rindo enquanto olhava o rosto de Edward.

Edward estremeceu, mas, com algum esforço, relaxou a expressão. Mal conseguia esconder a agonia em seus olhos.

Eu olhei, vidrada, da careta de Edward para o esgar de Jacob.

— O que está fazendo com ele? — perguntei.

— Não é nada, Bella — disse-me Edward em voz baixa. — Jacob só tem boa memória, é apenas isso.

Jacob sorriu e Edward estremeceu de novo.

— Pare! Seja lá o que estiver fazendo.

— Claro, se é o que quer. — Jacob deu de ombros. — Mas se ele não gosta das minhas lembranças, a culpa é dele.

Eu o olhei com ferocidade, e ele sorriu timidamente — como uma criança fazendo algo que sabe que não devia, flagrada por alguém que sabe que não vai castigá-la.

— O diretor está vindo para cá a fim de desestimular a vadiagem na propriedade da escola — murmurou Edward para mim. — Vá para a aula de inglês, Bella, assim você não estará envolvida.

— Superprotetor, não é? — disse Jacob, dirigindo-se só a mim. — A vida fica mais divertida com uns probleminhas. Deixe-me adivinhar, você não tem permissão para se divertir, não é?

Edward fez cara feia e seus lábios recuaram um pouco sobre os dentes.

— Cale a boca, Jake — eu disse.

Jacob riu.

— Isso me parece um não. Olhe, se um dia tiver vontade de viver de novo, pode me procurar. Ainda tenho sua moto na garagem.

Essa novidade me desviou do ponto.

— Devia vendê-la. Você prometeu a Charlie que venderia. — Se eu não tivesse implorado em favor de Jacob, afinal, ele dedicara semanas de trabalho às duas motos e merecia algum tipo de recompensa, Charlie teria atirado minha moto em uma caçamba de lixo. E muito provavelmente ateado fogo nela.

— É, é verdade. Até parece que eu ia fazer isso. É sua, não minha. De qualquer forma, vou guardá-la até que a queira de volta.

De repente, uma pontinha do sorriso de que eu me lembrava brincou no canto de seus lábios.

— Jake...

Ele se inclinou para a frente, o rosto agora sincero, o sarcasmo amargurado desaparecendo.

— Acho que posso ter me enganado antes, sobre não podermos ser amigos. Talvez a gente possa contornar isso, do meu lado da fronteira. Venha me ver.

Eu estava nitidamente consciente de Edward, com os braços protetores ainda me envolvendo, imóvel feito uma pedra. Olhei depressa para seu rosto — era calmo e paciente.

— Eu, er, não sei não, Jake.

Jacob abandonou de vez a fachada hostil. Era como se tivesse esquecido que Edward estava ali, ou pelo menos estivesse decidido a agir dessa maneira.

— Sinto saudades suas todo dia, Bella. Não é o mesmo sem você.

— Eu sei, e lamento por isso, Jake, é só que eu...

Ele sacudiu a cabeça e suspirou.

— Eu sei. Não importa, não é? Acho que vou sobreviver. Quem precisa de amigos? — Ele fez uma careta, tentando encobrir a dor, tentando mostrar coragem, com pouco sucesso.

O sofrimento de Jacob sempre incitava meu lado protetor. Não era inteiramente racional — Jacob não precisava de nenhuma proteção física que eu pudesse oferecer. Mas meus braços, presos sob os de Edward, queriam alcançá-lo.

Para envolver sua cintura grande e quente numa promessa silenciosa de aceitação e conforto.

Os braços protetores de Edward tinham se transformado em travas.

— Muito bem, para a aula — soou uma voz severa atrás de nós. — Andando, Sr. Crowley.

— Vá para a escola, Jake — sussurrei, ansiosa, assim que reconheci a voz do diretor. Jacob era aluno da escola quileute, mas ainda podia se meter em problemas por invasão de propriedade particular ou algo do tipo.

Edward me soltou, pegando apenas minha mão e me puxando de novo para trás dele.

O Sr. Greene abriu caminho pela roda de espectadores, as sobrancelhas unidas pesando acima de seus olhos pequenos como nuvens carregadas e agourentas.

— Eu falei sério — ele ameaçou. — Qualquer um que ainda estiver aqui quando eu voltar ficará na escola depois do horário.

A plateia se desfez antes que ele terminasse a frase.

— Ah, Sr. Cullen. Temos algum problema aqui?

— Nenhum, Sr. Greene. Estávamos justamente a caminho da aula.

— Ótimo. Acho que não reconheço seu amigo. — O Sr. Greene virou o olhar penetrante para Jacob. — É aluno novo daqui?

Os olhos do Sr. Greene examinaram Jacob, e eu pude ver que ele chegou à mesma conclusão de todos os outros: perigoso. Um encrenqueiro.

— Não — respondeu Jacob, com um meio sorriso nos lábios grossos.

— Então sugiro que se retire da propriedade da escola imediatamente, meu jovem, antes que eu chame a polícia.

O sorrisinho de Jacob se transformou num sorriso largo, e eu sabia que ele estava imaginando Charlie aparecendo para prendê-lo. O sorriso era amargo demais, carregado demais de zombaria para me satisfazer. Não era o sorriso que eu esperava ver.

— Sim, senhor — disse Jacob, e bateu continência enquanto subia na moto e dava a partida ali mesmo na calçada. O motor roncou e os pneus cantaram quando ele girou a moto com determinação. Em segundos, Jacob desapareceu de vista.

O Sr. Greene rangeu os dentes ao assistir à cena.

— Sr. Cullen, espero que peça a seu amigo para não invadir nossa propriedade

de novo.

— Ele não é meu amigo, Sr. Greene, mas darei o recado.

O Sr. Greene franziu os lábios. As notas perfeitas e o histórico imaculado de Edward evidentemente tiveram importância na avaliação que o diretor fez do incidente.

— Entendo. Se estiver com algum problema, ficarei feliz em...

— Não há motivo para se preocupar, Sr. Greene. Não haverá problema algum.

— Espero que tenha razão. Bem, então. Para a aula. Você também, Srta. Swan.

Edward assentiu e me puxou depressa para o prédio de inglês.

— Está se sentindo bem para ir à aula? — sussurrou ele quando passamos pelo diretor.

— Sim — respondi também aos sussurros, sem ter certeza se era uma mentira.

Estar ou não me sentindo bem não era a consideração mais importante a fazer. Precisava falar com Edward naquele momento, e a aula de inglês não era o lugar ideal para a conversa que eu tinha em mente.

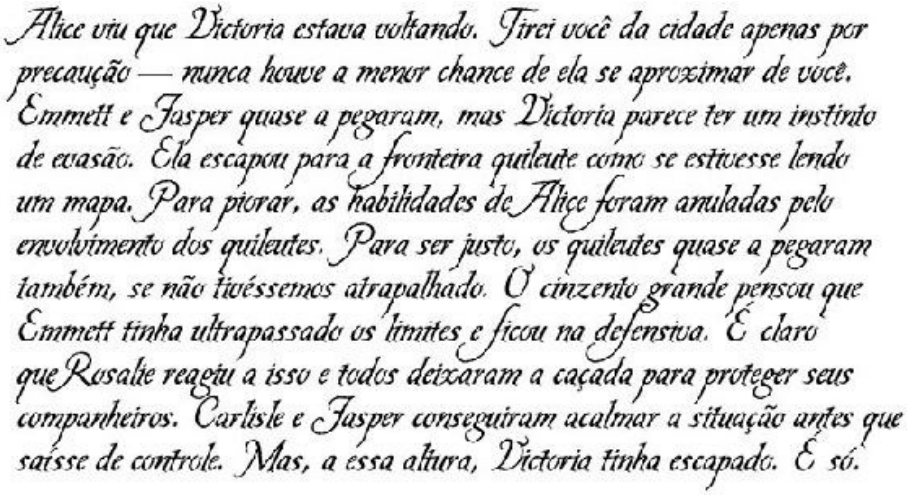
Mas com o Sr. Greene bem atrás de nós, não havia muitas alternativas.

Chegamos um pouco atrasados à sala de aula e nos sentamos a nossas carteiras rapidamente. O Sr. Berty recitava um poema de Frost. Ele ignorou nossa entrada, recusando-se a permitir que interrompêssemos seu ritmo.

Arranquei uma página em branco de meu caderno e comecei a escrever, a letra mais ilegível do que o normal, graças a minha agitação.

O que aconteceu? Conte-me tudo. E que se dane isso de me poupar, por favor.

Passei o bilhete a Edward. Ele suspirou, depois começou a escrever. Levou menos tempo do que eu, embora tenha escrito um parágrafo inteiro em sua peculiar caligrafia antes de deslizar o papel para mim.



Franzi a testa para as letras no papel. Todos tinham estado envolvidos — Emmett, Jasper, Alice, Rosalie e Carlisle. Talvez até Esme, embora ele não a tivesse mencionado. E depois Paul e os outros quileutes. Podia muito bem ter se transformado numa luta, opondo minha futura família a meus velhos amigos. Qualquer um deles podia ter se ferido. Imaginei que os lobos corressem maior risco, mas só de imaginar a pequena Alice ao lado de um daqueles lobisomens imensos, lutando...

Estremeci.

Com cuidado, apaguei o parágrafo inteiro e escrevi no alto:

E Charlie? Ela podia ter ido atrás dele.

Edward sacudiu a cabeça antes que eu terminasse, obviamente menosprezando qualquer perigo para Charlie. Ele estendeu a mão, mas eu ignorei e recomecei.

Você não pode saber se ela não estava pensando nisso, porque não estava lá. A Flórida foi uma péssima ideia.

Ele puxou o papel da minha mão.

Eu não ia mandar você sozinha. Com sua sorte, nem a caixa-preta sobreviveria.

Não era o que eu queria dizer; não pensei em ir sem ele. Quis dizer que devíamos ter ficado ali juntos. Mas a resposta dele me distraiu e fiquei meio irritada. Como se eu não pudesse cruzar o país voando sem fazer com que o avião caísse. Muito engraçado.

Então, digamos que minha falta de sorte provocasse um acidente de avião. O que exatamente você ia fazer a respeito?

Qual o motivo do acidente?

Ele agora tentava esconder um sorriso.

Os pilotos desmaiaram de bêbados.

Fácil. Eu pilotaria o avião.

Claro. Franzi os lábios e tentei de novo.

Os dois motores explodiram e estamos caindo numa espiral mortal.

Eu esperaria até que chegássemos bem perto do chão, agarraria você, derrubaria a lateral e pularia. Depois levaria você correndo de volta à cena do acidente e ficaríamos cambaleando como os dois sobreviventes de maior sorte na história.

Eu o fitei sem dizer nada.

— Que foi? — ele sussurrou.

Sacudi a cabeça, pasma.

— Nada — murmurei.

Apaguei a conversa desconcertante e escrevi mais uma frase.

Você vai me contar da próxima vez.

Eu sabia que haveria uma próxima vez. O padrão continuaria até que alguém fosse derrotado.

Edward me fitou nos olhos por um bom tempo. Perguntei-me como estava meu rosto — parecia frio, então o sangue não tinha voltado a minhas bochechas. Minhas pálpebras ainda estavam molhadas.

Ele suspirou e assentiu uma vez.

Obrigada.

O papel desapareceu da minha mão. Olhei para cima, piscando de surpresa, assim que o Sr. Berty veio andando pelo corredor.

— Isso é algo que queria partilhar conosco, Sr. Cullen?

Edward olhou inocentemente e estendeu a folha de papel por cima da pasta.

— Minhas anotações? — perguntou ele, parecendo confuso.

O Sr. Berty olhou as anotações — sem dúvida uma transcrição perfeita da aula dele — e se afastou de testa franzida.

Mais tarde, na aula de cálculo — minha única aula sem Edward —, eu ouvi as fofocas.

— Aposto minha grana no índio grandalhão — dizia alguém.

Espiei e vi que Tyler, Mike, Austin e Ben estavam com a cabeça inclinada para a frente, imersos numa conversa.

— É — sussurrou Mike. — Você viu o tamanho daquele cara, o Jacob? Acho que ele podia acabar com o Cullen. — Mike parecia satisfeito com a ideia.

— Acho que não — discordou Ben. — Tem alguma coisa no Edward. Ele é sempre tão... confiante. Tenho a sensação de que ele sabe se defender.

— Estou com o Ben — concordou Tyler. — Além disso, se o outro cara se metesse com Edward, você sabe que os irmãos mais velhos dele acabariam se envolvendo.

— Tem ido a La Push ultimamente? — perguntou Mike. — Lauren e eu fomos à praia há algumas semanas, e, pode acreditar, os amigos de Jacob são tão grandes quanto ele.

— Hmmm — disse Tyler. — Que pena que não deu em nada. Acho que nunca vamos saber o que aconteceria.

— Para mim, não parece que acabou — disse Austin. — Talvez a gente ainda veja.

Mike sorriu.

— Alguém aí topa uma aposta?

— Dez no Jacob — disse Austin na mesma hora.

— Dez no Cullen — intrometeu-se Tyler.

— Dez no Edward — concordou Ben.

— Jacob — disse Mike.

— Ei, sabem o motivo daquilo tudo? — perguntou Austin. — Isso pode afetar as probabilidades.

— Posso imaginar — disse Mike, depois olhou rapidamente para mim, ao mesmo tempo em que Ben e Tyler.

Pela expressão, nenhum deles percebeu que eu podia ouvir. Logo todos desviaram os olhos, remexendo nos papéis em suas carteiras.

— Ainda assim, fico com Jacob — murmurou Mike.

4. NATUREZA

MINHA SEMANA FOI PÉSSIMA.

Eu sabia que, essencialmente, nada havia mudado. Tudo bem, então Victoria não tinha desistido, mas teria eu sonhado só por um momento que ela desistiria? Seu reaparecimento só confirmou o que eu já sabia. Não havia motivo para novo pânico.

Em tese. Era mais fácil falar em não entrar em pânico do que não entrar de fato.

A formatura aconteceria dali a apenas algumas semanas, mas eu me perguntava se não era meio tolo ficar sentada, frágil e saborosa, esperando pelo desastre seguinte. Parecia perigoso demais ser humana — era procurar por problemas. Alguém como eu não deveria ser humana. Alguém com minha sorte deveria ser um pouco menos indefesa.

Mas ninguém ia me ouvir.

Carlisle dissera: "Nós somos sete, Bella. E tendo Alice do nosso lado, não penso que Victoria vá nos pegar desprevenidos. Para o bem de Charlie, acho importante mantermos o plano original."

Esme dissera: "Nunca permitiríamos que algo lhe acontecesse, querida. Sabe disso. Por favor, não fique ansiosa." E depois me dera um beijo na testa.

Emmett dissera: "Fico muito feliz por Edward não ter matado você. Tudo fica muito mais divertido com você por perto."

Rosalie o fuzilara com os olhos.

Alice tinha revirado os olhos e dito: "Estou ofendida. Não está sinceramente preocupada com isso, está?"

Se não era tão importante, então por que Edward me arrastou para a Flórida?, eu quis saber.

"Ainda não percebeu, Bella, que Edward é um pouquinho dado a reações exageradas?"

Jasper eliminou todo o pânico e a tensão em meu corpo com seu curioso

talento para controlar atmosferas emocionais. Eu me senti tranquilizada e deixei que eles me dissuadissem do pedido desesperado.

É claro que essa calma se esvaiu assim que Edward e eu saímos da sala.

Então, era consenso que eu devia esquecer a vampira louca que me perseguia, decidida a me matar. Devia cuidar de minha vida.

Eu tentei. E surpreendentemente havia mesmo outros assuntos quase igualmente estressantes além de meu status de espécie ameaçada de extinção...

Porque a resposta de Edward tinha sido a mais frustrante de todas.

"Isso é assunto seu com Carlisle", dissera. "É claro que você sabe que estou disposto a fazer, só nós dois, na hora que você quiser. Sabe de minhas condições." E dera um sorriso angelical.

Urgh. Eu sabia das condições dele. Edward prometera que me transformaria quando eu quisesse... Desde que primeiro eu me casasse com ele.

Às vezes me perguntava se ele não estava apenas fingindo que não podia ler meus pensamentos. Por que mais ele se agarraria à única condição que eu teria dificuldade de aceitar? A única condição que me fazia ir mais devagar.

No todo, uma semana muito ruim. E aquele era o pior dia.

O dia era sempre ruim quando Edward estava ausente. Alice não previra nada de extraordinário naquele fim de semana, então insisti que ele aproveitasse a oportunidade para ir caçar com os irmãos. Sabia como o entediava caçar as presas próximas e fáceis.

— Vá se divertir — disse a ele. — Pegue uns leões da montanha por mim.

Eu jamais admitiria para Edward como era difícil para mim quando ele partia — como aquilo me levava de volta aos pesadelos de abandono. Se ele soubesse, se sentiria péssimo e teria medo de me deixar sozinha, mesmo pelos motivos mais necessários. Foi assim no início, logo que ele voltou da Itália. Seus olhos dourados ficaram escuros e ele sofreu com a sede mais do que necessariamente já sofria. Então eu fazia cara de corajosa e quase o chutava porta afora quando Emmett e Jasper queriam partir.

Mas acho que, de certa forma, ele percebeu isso. Um pouco. Naquela manhã havia um bilhete em meu travesseiro:

Voltarei tão rápido que você não terá tempo de sentir minha falta. Cuide de meu coração — ele ficou com você.

Desse modo, eu tinha então um grande sábado vazio sem qualquer atividade para me distrair a não ser o turno da manhã na Newton's Olympic Outfitters. E, é claro, a promessa "Ah, que reconfortante!" de Alice.

"Caçarei perto de casa. Estarei a apenas quinze minutos de distância, se precisar de mim. Vou ficar de olho em problemas."

Tradução: não tente alguma gracinha só porque Edward não está aqui.

Alice, com certeza, era tão capaz de estropiar minha picape quanto Edward.

Tentei ver o lado positivo daquilo. Depois do trabalho, pretendia ajudar Angela com os convites, o que seria uma distração. E Charlie estava de excelente humor devido à ausência de Edward, então eu podia muito bem aproveitar isso enquanto durasse. Alice passaria a noite comigo, se eu fosse bastante patética para pedir a ela. Depois, no dia seguinte, Edward estaria de volta. Eu sobreviveria.

Sem querer chegar ridiculamente cedo ao trabalho, tomei meu café da manhã devagar, um Cheerio de cada vez. Depois, quando os pratos estavam lavados, arrumei os ímãs da geladeira numa fila perfeita. Talvez eu estivesse desenvolvendo TOC.

Os últimos dois ímãs — os redondos e pretos, que eram meus preferidos porque podiam segurar dez folhas de papel na geladeira sem dificuldade — não queriam cooperar com minha fixação. Tinham polaridade invertida; sempre que eu tentava alinhar o último para cima, o outro saía do lugar.

Por algum motivo — mania iminente, talvez — isso me irritou muito. Por que eles não se comportavam? Com uma teimosia idiota, continuava a juntá-los como se esperasse que de repente desistissem. Eu podia ter virado um deles, mas seria como uma derrota. Por fim, mais zangada comigo mesma do que com os ímãs, eu os tirei da geladeira e os uni com as duas mãos. Foi preciso algum esforço — eles eram bastante fortes para comprar a briga —, mas eu os obriguei a coexistir lado a lado.

— Estão vendo? — disse em voz alta; falar com objetos inanimados nunca era um bom sinal. — Não é tão terrível assim, é?

Fiquei ali feito uma pateta por um segundo, sem conseguir admitir que não obtinha nenhum efeito duradouro contra os princípios científicos. Depois, com um suspiro, devolvi os ímãs à geladeira, a trinta centímetros de distância.

— Não precisam ser tão inflexíveis — murmurei.

Ainda era cedo demais, mas concluí que era melhor sair de casa antes que os

objetos inanimados começassem a me responder.

Quando cheguei à Newton's, Mike estava passando um pano seco nos corredores, de modo metódico, enquanto a mãe arrumava um novo mostruário de balcão. Peguei-os no meio de uma discussão, alheios à minha chegada.

— Mas é a única oportunidade em que o Tyler pode ir — reclamava Mike. — Você disse que depois da formatura...

— Vai ter que esperar — rebateu a Sra. Newton. — Você e Tyler podem pensar em algo diferente para fazer. Não vão a Seattle antes que a polícia resolva o que anda acontecendo por lá. Sei que Bet Crowley disse o mesmo ao Tyler, então não aja como se eu fosse a vilã da história... Ah, bom dia, Bella — disse ela quando me viu, acalmando depressa o tom de voz. — Chegou cedo.

Karen Newton era a última pessoa a quem eu pediria informação em uma loja de equipamento para esportes ao ar livre. Seu cabelo louro com luzes perfeitas estava sempre arrumado num coque elegante, na nuca, as unhas das mãos eram feitas por profissionais, assim como as dos pés — à mostra nas sandálias de salto alto que não pareciam com nada que a Newton's oferecia na fila comprida de botas de alpinismo.

— Não tinha trânsito — brinquei enquanto pegava meu horroroso colete laranja fluorescente debaixo do balcão. Fiquei surpresa que a Sra. Newton estivesse tão agitada com aquela história de Seattle quanto Charlie. Achava que ele tinha exagerado.

— Bom, er... — A Sra. Newton hesitou por um momento, mexendo pouco à vontade numa pilha de folhetos que arrumava perto da caixa registradora.

Parei com um braço no colete. Eu conhecia aquele olhar.

Quando comuniquei aos Newton que não trabalharia ali no verão — abandonando-os na temporada mais movimentada, na verdade —, eles começaram a treinar Katie Marshall para o meu lugar. Não podiam colocar nós duas na folha de pagamento ao mesmo tempo, então, quando parecia que o dia seria de pouco movimento...

— Eu ia telefonar — continuou a Sra. Newton. — Não estamos esperando uma tonelada de vendas para hoje. Mike e eu podemos cuidar de tudo. Desculpe por você ter acordado e vindo para cá...

Em um dia normal, eu ficaria em êxtase com essa reviravolta nos acontecimentos. Hoje... nem tanto.

— Tudo bem — suspirei. Meus ombros arriaram. O que faria agora?

— Isso não é justo, mãe — disse Mike. — Se a Bella quer trabalhar...

— Não, está tudo bem, Sra. Newton. É verdade, Mike. Tenho que estudar para as provas finais e tal... — Não queria ser o motivo da discórdia familiar quando eles já estavam discutindo.

— Obrigada, Bella. Mike, você pulou o corredor 4. Hmmm, Bella, importa-se de atirar esses folhetos na lixeira quando sair? Eu disse à garota que os deixou aqui que ia colocar no balcão, mas não tenho tanto espaço.

— Claro, tudo bem. — Tirei meu colete, depois enfiei os folhetos debaixo do braço e fui para a chuva nevoenta.

A lixeira ficava ao lado da Newton's, perto de onde os empregados deviam estacionar. Eu me arrastei para lá, chutando o cascalho com raiva. Estava prestes a atirar a pilha de papel amarelo vivo na lixeira quando a chamada impressa em negrito atraiu minha atenção. Uma palavra, em particular.

Segurei os papéis com as duas mãos e fitei a foto embaixo da legenda. Senti um nó na garganta.

SALVEM OS LOBOS DE OLYMPIC

Abaixo das palavras havia um desenho detalhado de um lobo diante de um abeto, a cabeça lançada para trás, uivando para a lua. Era uma imagem desconcertante; algo na postura melancólica do lobo o fazia parecer aflito. Como se estivesse uivando de tristeza.

E depois eu estava correndo para minha picape, minhas mãos ainda segurando os folhetos.

Quinze minutos — era tudo o que eu tinha. Mas devia ser tempo suficiente. Eram só quinze minutos até La Push e, certamente, eu cruzaria a fronteira do tratado alguns minutos antes de chegar à cidade.

Minha picape roncou sem dificuldade alguma.

Alice não podia ter me visto fazendo isso, porque eu não planejei. Uma decisão repentina, a chave era essa! E se eu fosse bem rápida, conseguiria tirar proveito disso.

Na pressa, atirei de qualquer jeito os folhetos úmidos, e eles se espalharam numa bagunça de cores vivas no banco do carona — cem chamadas em negrito,

cem lobos escuros delineados no fundo amarelo, uivando.

Desci sem controle a estrada molhada, com os limpadores de para-brisa ligados no máximo e ignorando o gemido do motor antigo. Noventa por hora era o máximo que eu podia arrancar de meu carro, e rezei para que fosse suficiente.

Não tinha ideia de onde ficava a fronteira, mas comecei a me sentir mais segura quando passei pelas primeiras casas nos arredores de La Push. Deviam ficar além de onde Alice tinha permissão para me seguir.

Ligaria para ela quando estivesse na casa de Angela naquela tarde, raciocinei, assim ela saberia que eu estava bem. Não havia motivo para ela se preocupar. Alice não precisava ficar chateada comigo — Edward ficaria com raiva suficiente pelos dois quando voltasse.

Minha picape, definitivamente, estava "ofegando" quando parei diante da familiar casa vermelha e desbotada. O nó na garganta voltou quando olhei a casinha que no passado era meu refúgio. Passara-se muito tempo desde que eu estivera ali.

Antes mesmo que eu desligasse o motor, Jacob estava parado na porta da casa, a expressão perplexa.

No silêncio súbito quando o motor do carro parou, eu o ouvi arfar.

— Bella?

— Oi, Jake!

— Bella! — ele gritou, e o sorriso que eu esperava se espalhou por seu rosto como o sol rompendo as nuvens. Seus dentes cintilaram na pele avermelhada. — Nem acredito nisso!

Ele correu para a picape e meio que me arrancou pela porta aberta; depois nós dois ficamos pulando feito crianças.

— Como conseguiu chegar aqui?

— Eu fugi!

— Incrível!

— Oi, Bella! — Billy tinha chegado na soleira da porta para ver o motivo de tanta comoção.

— Oi, Bil...!

Nesse momento fiquei sem ar — Jacob me pegou num abraço de urso tão apertado que não consegui respirar, e me girou num círculo.

— Puxa, é bom ver você aqui!

— Não consigo... respirar — ofeguei.

Ele riu e me colocou no chão.

— Bem-vinda de volta, Bella — disse ele, sorrindo. E pelo modo como falou isso, parecia ter dito bem-vinda ao lar.

Fomos caminhar, agitados demais para ficar sentados na casa. Jacob praticamente quicava, e por várias vezes tive de lembrá-lo de que eu não tinha pernas de três metros.

Enquanto andávamos, senti que me ajustava a outra versão de mim mesma, a Bella que eu era com Jacob. Um pouco mais nova, um pouco menos responsável. Alguém que, de vez em quando, podia fazer algo realmente idiota, sem ter nenhum bom motivo.

Nossa animação durou ao longo dos primeiros assuntos: como estávamos passando, o que estávamos fazendo, quanto tempo eu tinha e o que me levara ali. Quando, hesitante, contei-lhe sobre o folheto do lobo, seu riso aos urros ecoou nas árvores.

Mas, enquanto passávamos pelos fundos do armazém e pelo denso arbusto que contornava a extremidade mais distante da First Beach, chegamos às partes difíceis. Logo estávamos falando dos motivos por trás de nossa longa separação, e eu vi o rosto de meu amigo enrijecer na máscara de amargura que já me era tão familiar.

— Então, qual é a história? — perguntou-me Jacob, chutando com força exagerada um pedaço de madeira do caminho, que viajou pela areia e se espatifou nas pedras. — Quer dizer, desde a última vez que a gente... Bom, antes, você sabe... — Ele lutava com as palavras. Respirou fundo e tentou de novo: — O que estou perguntando é... está tudo como era antes de ele ir embora? Você o perdoou por tudo aquilo?

Respirei fundo.

— Não havia nada para perdoar.

Queria pular essa parte, as traições, as acusações, mas eu sabia que tinha de falar nelas antes de conseguirmos passar para qualquer outro assunto.

A cara de Jacob se franziu como se ele tivesse lambido limão.

— Queria que Sam tivesse tirado uma foto quando a encontrou naquela noite em setembro passado. Seria a prova A.

— Ninguém está sendo julgado.

— Talvez alguém devesse.

— Nem mesmo você o culparia por ter ido embora, se soubesse dos motivos.

Ele me olhou com severidade por alguns segundos.

— Tudo bem — desafiou ele, ácido. — Surpreenda-me.

Sua hostilidade estava me cansando, esfolando a ferida; doía vê-lo com raiva de mim. Lembrou-me da tarde melancólica, muito tempo antes, quando — sob ordens de Sam — ele me disse que não poderíamos ser amigos. Precisei de um segundo para me recompor.

— Edward me deixou no outono passado porque não achava que eu devesse andar com vampiros. Pensou que seria mais saudável para mim se ele fosse embora.

Jacob reagiu com surpresa. Precisou lutar por um minuto. O que quer que pretendesse dizer, claramente não era mais válido. Fiquei feliz por ele não saber o catalisador por trás da decisão de Edward. Mal podia imaginar o que ele pensaria se soubesse que Jasper tentara me matar.

— Mas ele voltou, não foi? — murmurou Jacob. — Que pena que não tenha se prendido à decisão que tomou.

— Se você se lembra, eu fui buscá-lo.

Jacob me fitou por um momento, depois recuou. Sua expressão relaxou e a voz agora era mais calma.

— É verdade. E eu nunca entendi a história. O que aconteceu?

Eu hesitei, mordendo o lábio.

— É um segredo? — A voz dele assumiu um tom de zombaria. — Não tem permissão para me contar?

— Não — rebati. — Só que é uma longa história.

Jacob sorriu, arrogante, e voltou a andar pela praia, esperando que eu o seguisse.

Não seria divertido ficar com Jacob se ele ia agir daquela maneira. Andei atrás dele automaticamente, sem ter certeza se devia dar a volta e ir embora. Contudo, eu teria de encarar Alice quando chegasse em casa... Acho que não tinha pressa alguma.

Jacob andou até um tronco imenso e familiar — uma árvore inteira, com raízes e tudo, esbranquiçada e enterrada na areia; era, de certa forma, a nossa

árvore.

Sentou-se no banco natural e deu um tapinha no espaço ao lado dele.

— Não ligo para longas histórias. Tem alguma ação?

Revirei os olhos enquanto me sentava.

— Tem um pouco — concordei.

— Não seria uma história de terror de verdade se não tivesse.

— Terror! — ridicularizei. — Vai me ouvir ou vai ficar interrompendo com comentários grosseiros sobre meus amigos?

Ele fingiu trancar os lábios e atirar a chave invisível por sobre o ombro. Procurei não sorrir, sem sucesso.

— Vou ter que começar por onde você já sabe — decidi, tentando organizar as histórias em minha mente antes de iniciar.

Jacob ergueu a mão.

— Pode falar.

— Que bom — disse ele. — Não entendi bem o que aconteceu na época.

— Bom, a história vai se complicando, então preste atenção. Sabia que Alice vê coisas?

Considerei sua carranca um sim — os lobos não ficavam animados com a veracidade das lendas de vampiros com dons sobrenaturais — e continuei com o relato de minha corrida pela Itália para resgatar Edward.

Fui o mais sucinta possível — deixei de fora qualquer parte que não fosse essencial. Tentei interpretar as reações de Jacob, mas seu rosto estava enigmático enquanto me ouvia explicar como Alice tinha visto Edward planejando se matar ao saber que eu estava morta. Às vezes, Jacob parecia tão imerso em pensamentos que eu não tinha certeza se estava ouvindo. Ele só me interrompeu uma vez.

— A vampira adivinha não pode nos ver? — arguiu, o rosto ao mesmo tempo feroz e alegre. — É sério? Mas isso é ótimo!

Trinquei os dentes e ficamos sentados em silêncio, a expressão dele cheia de expectativa, esperando que eu continuasse. Olhei-o com firmeza até que ele percebeu o erro que tinha cometido.

— Epa! — falou. — Desculpe. — E trancou os lábios de novo.

Foi mais fácil entender sua reação quando eu cheguei à parte sobre os Volturi. Seus dentes se cerraram, arrepios surgiram em seus braços e as narinas inflaram. Não entrei em detalhes, só contei que Edward havia nos tirado de problemas, sem

revelar as promessas que tivemos de fazer ou a visita que estávamos prevendo. Jacob não precisava ter meus pesadelos.

— Agora você sabe da história toda — concluí. — Então é sua vez de falar. O que aconteceu enquanto eu estava com minha mãe neste fim de semana? — Eu sabia que Jacob me daria mais detalhes do que Edward. Ele não tinha medo de me assustar.

Jacob se inclinou para a frente, animado de imediato.

— Embry, Quil e eu estávamos patrulhando no sábado à noite, só rotina, quando, saindo do nada... bam! — Ele lançou os braços para a frente, imitando uma explosão. — Havia... um rastro fresco, de menos de quinze minutos. Sam queria que esperássemos por ele, mas eu não sabia que você tinha viajado e não sabia se seus sanguessugas estavam ou não cuidando de você. Então fomos atrás dela a toda, mas ela atravessou a fronteira do tratado antes que a alcançássemos. Nós nos espalhamos pela fronteira, na esperança de que ela a cruzasse de novo. Quer saber? Foi frustrante. — Ele sacudiu a cabeça, e o cabelo, crescido depois do corte à escovinha que adotou quando se juntou à alcateia, voou em seus olhos. — Acabamos muito ao sul. Os Cullen a perseguiram até nosso lado, alguns quilômetros ao norte de nós. Teríamos a emboscada perfeita se soubéssemos onde esperar.

Ele sacudiu a cabeça, agora sorrindo.

— Foi aí que ficou arriscado. Sam e os outros a alcançaram antes de nós, mas ela estava dançando pela fronteira e todo o bando estava bem ali do outro lado. O grandão, sei lá como se chama...

— Emmett.

— É, esse aí, ele se lançou para ela, mas aquela ruiva é rápida! Ele voou bem atrás dela e quase foi de encontro a Paul. Então Paul... bem, você conhece Paul.

— Conheço.

— Perdeu o foco. Eu não poderia culpá-lo... O vampiro grandão estava bem em cima dele. Ele saltou... Ei, não me olhe desse jeito. O vampiro estava nas nossas terras.

Tentei recompor minha expressão para ele continuar. Minhas unhas cavavam a palma das mãos com o estresse da história, embora eu soubesse que tudo acabara bem.

— Mas, então, Paul errou e o grandão voltou para o lado dele. Aí, er, bom, a,

hmmm, loura... — A expressão de Jacob era uma mistura cômica de nojo e de admiração involuntária enquanto tentava encontrar uma palavra que descrevesse a irmã de Edward.

— Rosalie.

— Essa aí. Ela resolveu realmente defender o território, então Sam e eu voltamos para flanquear Paul. Depois o líder deles e o outro louro...

— Carlisle e Jasper.

Ele me olhou, exasperado.

— Sabe que não me interessa. Mas aí Carlisle falou com Sam, tentando acalmar a situação. Depois foi estranho, porque todo mundo ficou calmo muito rápido. Foi aquele outro de quem você me falou, bagunçando a cabeça da gente. Embora soubéssemos o que ele estava fazendo, não conseguimos não nos acalmar.

— Sim, sei como é.

— É bem irritante, isso sim. Só que você só consegue ficar irritado depois. — Ele sacudiu a cabeça com raiva. — Então Sam e o vampiro-chefe concordaram que Victoria era a prioridade, e partirmos atrás dela de novo. Carlisle nos deu o rumo dela, assim poderíamos rastrear o cheiro, mas depois ela subiu os penhascos ao norte de Makah, onde a fronteira contorna a costa por alguns quilômetros. Ela entrou na água de novo. O grandão e o calmo queriam permissão para atravessar a fronteira e ir atrás dela, mas é claro que não demos.

— Que bom. Quer dizer, vocês estavam sendo idiotas, mas fico feliz. Emmett nunca tem muita cautela. Ele podia ter se machucado.

Jacob bufou.

— Então seu vampiro contou que nós atacamos sem motivo nenhum e que o bando totalmente inocente dele...

— Não — interrompi. — Edward me contou a mesma história, só que não entrou em tantos detalhes.

— Sei — disse Jacob à meia-voz e se inclinou para pegar uma pedra entre os milhões de seixos a nossos pés. Com um peteleco despreocupado, ele a fez voar a uns cem metros na baía. — Bem, acho que ela vai voltar. Vamos ter outra chance de nos livrar dela.

Eu estremeci. É claro que ela voltaria. Edward iria mesmo me contar da próxima vez? Eu não tinha certeza. Precisava ficar de olho em Alice, procurar por sinais de que o padrão ia se repetir...

Jacob não pareceu perceber minha reação. Fitava as ondas com a expressão pensativa, os lábios grossos franzidos.

— Em que está pensando? — perguntei depois de um longo período de silêncio.

— Estou pensando no que me disse. Sobre quando a adivinha viu você pulando do penhasco e pensou que tivesse cometido suicídio, e como tudo saiu de controle... Não vê que se você tivesse esperado por mim, como eu lhe disse para fazer, então a vamp... Alice não teria conseguido ver você saltando? Nada teria mudado. Provavelmente estaríamos na minha garagem agora, como nos outros sábados. Não haveria nenhum vampiro em Forks, e você e eu... — ele se interrompeu, imerso em pensamentos.

Fiquei desconcertada com o modo como ele disse aquilo, como se fosse bom não ter vampiros em Forks. Meu coração martelava descompassado com o vazio do quadro que ele pintava.

— Edward teria voltado, de qualquer modo.

— Tem certeza disso? — perguntou ele, agressivo de novo assim que pronunciei o nome de Edward.

— A separação... não foi tão boa para nenhum de nós dois.

Ele começou a dizer alguma coisa, algo colérico, pela expressão que tinha, mas se interrompeu, respirou e recomeçou.

— Sabia que Sam está chateado com você?

— Comigo? — Precisei de um segundo. — Ah. Entendi. Ele acha que eles teriam ficado longe se eu não estivesse aqui.

— Não. Não é por isso.

— Então, qual é o problema?

Jacob se inclinou para pegar outra pedra. Revirou-a nos dedos; seus olhos estavam fixos na pedra preta enquanto ele falava em voz baixa.

— Quando Sam viu... como você estava no início, quando Billy disse a eles que Charlie se preocupava por você não melhorar, e depois quando você começou a pular de penhascos...

Fiz uma careta. Ninguém ia me deixar esquecer aquilo.

Os olhos de Jacob faiscaram nos meus.

— Sam pensou que você fosse a única pessoa no mundo com motivos suficientes para odiar os Cullen como ele odeia. Ele se sentiu um pouco... traído

por você ter deixado que eles voltassem para sua vida, como se nunca a tivessem magoado.

Não acreditei nem por um segundo que Sam fosse o único a sentir aquilo. E a acidez em minha voz agora era para os dois.

— Pode dizer a Sam para ir à...

— Olhe isso — Jacob me interrompeu, apontando uma águia mergulhando no mar de uma altura incrível. Ela se retraiu no último minuto, somente as garras rompendo a superfície das ondas, só por um instante. Depois voou, as asas lutando contra a resistência do peixe imenso que tinha fisgado.

— A gente vê isso em toda parte — disse Jacob, a voz de repente distante. — A natureza seguindo seu curso... predador e presa, o ciclo interminável de vida e morte.

Não entendi aonde ele queria chegar com a aula sobre a natureza; imaginei que só estivesse tentando mudar de assunto. Mas depois ele me fitou com humor negro nos olhos.

— E, no entanto, você não vê o peixe tentando dar um beijo na águia. Nunca se vê isso. — Ele deu um sorriso debochado.

Sorri também, rígida, embora o gosto ácido ainda estivesse em minha boca.

— Talvez o peixe esteja tentando — sugeri. — É difícil saber o que um peixe pensa. As águias são aves bonitas, sabe disso.

— Então tudo se resume a isso? — A voz dele de repente era mais severa. — Beleza?

— Não seja idiota, Jacob.

— Então é o dinheiro? — insistiu ele.

— Mas que gentil — murmurei, levantando-me do tronco. — Estou lisonjeada que pense tão bem de mim. — Dei as costas para ele e me afastei.

— Ei, não fique chateada. — Ele estava bem a meu lado; pegou-me pelo pulso e me girou. — Estou falando sério! Estou tentando entender isso e não chego a nada.

Suas sobrancelhas se uniram de raiva, os olhos estavam negros em traços fundos.

— Eu o amo. Não porque ele é bonito ou porque é rico! — Cuspi a palavra para Jacob. — Preferia que não fosse nem uma coisa nem outra. Assim o abismo entre nós seria um pouquinho menor... Porque ele ainda seria a pessoa mais

adorável, altruísta, inteligente e decente que já conheci. É evidente que eu o amo. É tão difícil entender isso?

— É impossível entender.

— Então me explique, por favor, Jacob. — Destilei todo o meu sarcasmo. — O que é um motivo válido para alguém amar uma pessoa? Já que, ao que parece, estou fazendo isso errado.

— Acho que o melhor ponto de partida seria procurar em sua própria espécie. Em geral funciona.

— Mas que chato! — rebati. — Acho que só me resta Mike Newton, no final das contas.

Jacob vacilou e mordeu o lábio. Eu podia ver que minhas palavras o tinham magoado, mas estava enfurecida demais para me sentir mal com isso. Ele largou meu pulso e cruzou os braços, dando-me as costas e olhando o mar.

— Eu sou humano — murmurou, a voz quase inaudível.

— Não é tão humano quanto Mike — continuei, sem piedade. — Ainda acha que essa é a questão mais importante?

— Não é comparável. — Jacob não desviava os olhos das ondas cinzentas. — Não escolhi isso.

Dei uma risada, incrédula.

— Acha que Edward escolheu? Nem sabia o que estava acontecendo, não mais do que você. Ele não procurou exatamente por isso.

Jacob sacudia a cabeça com um movimento rápido e curto.

— Quer saber, Jacob, você é pavorosamente hipócrita... considerando que é um lobisomem e tudo.

— Não é a mesma coisa — repetiu Jacob, fechando a cara para mim.

— Não entendo por quê. Você podia ser um pouco mais compreensivo com os Cullen. Não faz ideia de como eles são verdadeiramente bons... no fundo, Jacob.

Ele fechou ainda mais a carranca.

— Eles não deviam existir. A existência deles contraria a natureza.

Eu o fitei por um longo momento com uma sobrancelha erguida, sem acreditar. Levou algum tempo para que ele percebesse.

— Que foi?

— Por falar no que não é natural... — sugeri.

— Bella — disse ele, a voz vagarosa e diferente. Envelhecido. Percebi que ele,

de repente, parecia mais velho que eu, como um pai ou um professor. — O que eu sou nasceu comigo. Faz parte de mim, de quem é minha família, de quem todos somos como tribo... É o motivo para ainda estarmos aqui. — Olhou para mim, os olhos negros indecifráveis. — Além disso, ainda sou humano.

Ele pegou minha mão e a apertou no peito febril. Pela camiseta, pude sentir o batimento constante de seu coração sob minha palma.

— Seres humanos normais não podem restaurar motocicletas como você pode.

Ele deu um meio sorriso fraco.

— Seres humanos normais fogem de monstros, Bella. E eu nunca afirmei ser normal. Só humano.

Era esforço demais ficar com raiva de Jacob. Comecei a sorrir enquanto tirava a mão de seu peito.

— Você me parece muito humano — concedi. — Neste momento.

— Eu me sinto humano. — Ele olhou para além de mim, o rosto distante. O lábio inferior tremeu e ele o mordeu com força.

— Ah, Jake — sussurrei, pegando a mão dele.

Era por isso que eu estava ali. Era por isso que ia enfrentar qualquer tipo de recepção que me esperasse na volta. Porque, por baixo de toda raiva e sarcasmo, Jacob sofria. Naquele momento, isso estava muito claro em seus olhos. Eu não sabia como ajudá-lo, mas sabia que precisava tentar. Não apenas porque devia isso a ele. Era porque sua dor doía também em mim. Jacob se tornara parte de mim, e agora não havia como mudar isso.

5. IMPRINTING

— VOCÊ ESTÁ BEM, JAKE? CHARLIE DISSE QUE ESTAVA passando por dificuldades... Não melhorou nada?

Sua mão quente enroscou-se na minha.

— Não está tão ruim — disse ele, mas não me olhou nos olhos.

Ele andou devagar de volta ao tronco, fitando os seixos cor de arco-íris e me arrastando a seu lado. Sentei-me em nossa árvore, mas ele preferiu se sentar no solo rochoso e molhado, e não comigo. Imaginei se era para esconder seu rosto mais facilmente. Ele segurava minha mão.

Comecei a tagarelar para preencher o silêncio.

— Faz tanto tempo desde que estive aqui. Devo ter perdido uma tonelada de acontecimentos. Como estão Sam e Emily? E Embry? Quil já...?

Interrompi a frase no meio, lembrando-me de que o amigo de Jacob, Quil, era um tema delicado.

— Ah, Quil — Jacob suspirou.

Então devia ter acontecido — Quil devia ter se unido ao grupo.

— Eu lamento — murmurei.

Para minha surpresa, Jacob bufou.

— Não diga isso a ele.

— Como assim?

— Quil não está precisando de pena. É justamente o contrário... Ele está vibrando. Todo animado.

Aquilo não fazia sentido para mim. Todos os outros lobos estavam tão deprimidos com a ideia de o amigo compartilhar seu destino.

— Hein?

Jacob tombou a cabeça para trás para me olhar. Sorriu e revirou os olhos.

— Quil acha que foi a coisa mais legal que já aconteceu com ele. Em parte por enfim saber o que estava rolando. E ele está empolgado por ter os amigos de volta... Por fazer parte da "turma". — Jacob bufou de novo. — Acho que não

devia surpreender. Isso é tão Quil.

— Ele gostou?

— Para ser sincero... a maioria gosta — admitiu Jacob lentamente. — Sem dúvida, tem pontos positivos... A velocidade, a liberdade, a força... O senso de... de família... Sam e eu somos os únicos na história que de fato ficamos chateados. E Sam já superou há muito tempo. Então agora o chorão sou eu. — Jacob riu consigo mesmo.

Havia tanto que eu queria saber.

— Por que você e Sam são diferentes? O que aconteceu com Sam, aliás? Qual é o problema dele? — As perguntas tropeçavam para fora sem esperar pelas respostas, e Jacob riu de novo.

— É uma longa história.

— Eu contei uma longa história. Além disso, não estou com a menor pressa de voltar — falei, e depois sorri ao pensar no problema em que tinha me metido.

Jake me olhou rapidamente, ouvindo o duplo sentido de minhas palavras.

— Ele vai ficar chateado com você?

— Vai — admiti. — Ele odeia quando eu faço algo que ele acha... arriscado.

— Como andar com lobisomens.

— É.

Jacob deu de ombros.

— Então não volte. Vou dormir no sofá.

— Grande ideia — murmurei. — Daí ele viria procurar por mim.

Jacob enrijeceu, depois deu um sorriso amarelo.

— Ele faria isso?

— Se achasse que fui ferida ou coisa assim... talvez.

— Minha ideia soa melhor ainda.

— Por favor, Jake. Isso me chateia muito.

— O que chateia você?

— Que vocês dois estejam tão dispostos a se matar! — reclamei. — Isso me deixa louca. Por que não podem simplesmente ser civilizados?

— Ele está mesmo disposto a me matar? — perguntou Jacob com um sorriso cruel, sem se importar com minha raiva.

— Não tanto quanto você parece estar! — Percebi que eu estava gritando. — Pelo menos ele consegue ser adulto com relação a isso. Ele sabe que machucar

você ia me magoar... e não faria isso. Você não parece se importar nem um pouco!

— Ah, certo — murmurou Jacob. — Sem dúvida nenhuma ele é o pacifista.

— Ugh!

Soltei minha mão da dele e empurrei sua cabeça. Depois puxei os joelhos para o peito e os abracei com força.

Fitei o horizonte, furiosa.

Jacob ficou em silêncio por alguns minutos. Por fim se levantou e se sentou a meu lado, colocando o braço em meus ombros. Eu o afastei.

— Desculpe — disse ele baixinho. — Vou tentar me comportar.

Não respondi.

— Ainda quer saber de Sam? — ele propôs.

Eu dei de ombros.

— Como eu disse, é uma longa história. E muito... estranha. Há tantas coisas estranhas nesta nova vida. Não tive tempo de contar nem a metade a você. E a do Sam... bom, não sei nem se vou conseguir explicar direito.

As palavras dele atiçaram minha curiosidade, apesar da irritação.

— Estou ouvindo — falei de modo áspero.

Pelo canto dos olhos, vi a lateral do rosto dele se repuxar num sorriso.

— Sam teve muito mais dificuldade do que nós. Porque ele foi o primeiro, estava sozinho e não tinha ninguém para explicar o que estava acontecendo. O avô de Sam morreu antes de ele nascer e o pai nunca esteve com ele. Não havia ninguém ali para reconhecer os sinais. Na primeira vez em que aconteceu... a primeira transformação... ele pensou que tivesse enlouquecido. Precisou de duas semanas para se acalmar e conseguir voltar à forma humana.

Ele continuou:

— Isso foi antes de você chegar a Forks, então não tinha como se lembrar. A mãe de Sam e Leah Clearwater colocaram a guarda-florestal procurando por ele, a polícia. As pessoas pensaram que ele tivesse sofrido um acidente ou algo assim...

— Leah? — perguntei, surpresa. Leah era filha de Harry. Ouvir o nome dela me provocou um surto automático de pena. Harry Clearwater, o amigo de toda vida de Charlie, tinha morrido de ataque cardíaco na última primavera.

A voz dele mudou, ficou mais pesada.

— É, Leah e Sam eram namorados na escola. Começaram a namorar quando ela estava no primeiro ano. Ela ficou louca quando ele desapareceu.

— Mas ele e Emily...

— Vou chegar lá... é parte da história — disse ele. E inspirou lentamente, depois soltou o ar de uma vez.

Acho que foi tolice minha imaginar que Sam nunca amara ninguém antes de Emily. A maioria das pessoas se apaixona e desapaixona muitas vezes na vida. Só que eu tinha visto Sam com Emily e não conseguia imaginá-lo com outra. O modo como ele olhava para ela... Bem, lembrava-me de um olhar que às vezes eu via em Edward, quando ele olhava para mim.

— Sam voltou — disse Jacob —, mas não falou com ninguém sobre onde tinha estado. Surgiram boatos... Em especial de que ele não estava aprontando nada de bom. E depois Sam apareceu de repente na casa do avô de Quil, numa tarde, quando o velho Quil Ateara foi visitar a Sra. Uley. Sam apertou a mão dele. O Velho Quil quase teve um infarto. — Jacob parou para rir.

— Por quê?

Jacob pôs a mão em meu rosto e o puxou, para que eu o olhasse — estava inclinado sobre mim, o rosto a centímetros do meu. A palma de sua mão queimou em minha pele, como se ele estivesse com febre.

— Ah, tudo bem — falei. Era desconfortável ter meu rosto tão perto do dele, com sua mão quente em minha pele. — Sam estava fervendo.

Jacob riu de novo.

— A mão de Sam parecia ter ficado numa boca acesa de fogão.

Ele estava tão perto que eu podia sentir seu hálito quente. Estendi a mão casualmente, para pegar a dele e libertar meu rosto, mas entrelacei os dedos nos dele para não ferir seus sentimentos. Ele sorriu e se recostou, sem se deixar enganar por minha tentativa de demonstrar indiferença.

— Então o Sr. Ateara procurou logo os outros anciãos — continuou Jacob. — Eram os únicos que ainda sabiam, que se lembravam. O Sr. Ateara, Billy e Harry tinham visto os avós se transformarem. Quando o velho Quil contou, eles se reuniram em segredo com Sam e explicaram tudo.

Jake prosseguiu:

— Ficou mais fácil depois que ele entendeu... depois que não estava mais sozinho. Sabiam que ele não seria o único a ser afetado pela volta dos Cullen — ele pronunciou o nome com uma amargura inconsciente —, mas ninguém tinha idade suficiente. Então Sam esperou que os outros se unissem a ele...

— Os Cullen não sabiam de nada — falei num sussurro. — Eles não achavam que ainda existissem lobisomens aqui. Não faziam ideia de que vir para cá transformaria vocês.

— Isso não muda o fato de que nos transformou.

— É bom me lembrar de não provocar você.

— Acha que eu devia ser tão magnânimo quanto você? Não dá para todos nós sermos santos e mártires.

— Vê se cresce, Jacob.

— Bem que eu queria — murmurou ele.

Eu o fitei, tentando encontrar sentido naquela resposta.

— Como é?

Jacob riu.

— Uma das muitas esquisitices de que falei.

— Você... não pode... crescer? — falei, pasma. — Você está o quê? Não... envelhecendo? Isso é uma piada?

— Não. — Ele esticou a palavra.

Senti o sangue corar meu rosto. Lágrimas — lágrimas de raiva — encheram meus olhos. Meus dentes trincaram com um ranger audível.

— Bella? O que foi que eu disse?

Eu estava de pé novamente, as mãos em punho, todo o meu corpo tremendo.

— Você. Não. Envelhece — rosnei entredentes.

Jacob puxou meu braço com delicadeza, tentando me fazer sentar.

— Nenhum de nós envelhece. Qual é seu problema?

— Eu sou a única que tem que ficar velha? Eu fico mais velha a cada maldito dia! — Eu quase gritava, atirando as mãos para o alto. Uma pequena parte de mim reconhecia que eu estava dando um ataque típico do Charlie, mas a parte racional era quase completamente dominada pela parte irracional. — Mas que droga! Que mundo é esse? Onde está a justiça?

— Calma, Bella.

— Cale a boca, Jacob. Cale a boca! Isso é tão injusto!

— É verdade mesmo que você está batendo o pé? Pensei que as meninas só fizessem isso na tevê.

Eu grunhi, sem dar bola para aquilo.

— Não é tão ruim quanto você parece estar pensando. Sente-se e eu vou

explicar.

— Vou ficar de pé.

Ele revirou os olhos.

— Tudo bem. Já que prefere assim. Mas, escute, eu vou ficar mais velho... um dia.

— Explique.

Ele deu um tapinha no tronco. Fiz cara feia por um segundo, mas depois me sentei; eu me acalmei tão depressa quanto tinha explodido, tempo suficiente para perceber que estava fazendo papel de boba.

— Quando conseguimos controle suficiente para parar... — disse Jacob. — Quando não nos transformamos por um bom tempo, voltamos a envelhecer. Não é fácil. — Ele sacudiu a cabeça, de repente inseguro. — Acho que leva muito tempo para se aprender esse tipo de freio. Nem Sam tem ainda. É claro que não ajuda em nada que exista um bando de vampiros no fim da rua. Nem podemos pensar em parar, já que a tribo precisa de proteção. Mas não devia ficar toda irritada por isso, porque eu já sou mais velho do que você, pelo menos fisicamente.

— Do que está falando?

— Olhe para mim, Bells. Eu pareço ter 16 anos?

Olhei o corpo imenso de cima abaixo, tentando ser imparcial.

— Acho que não exatamente.

— Não mesmo. Chegamos à idade adulta em alguns meses, quando os genes de lobisomem são estimulados. É um tremendo surto de crescimento. — Ele fez uma careta. — Fisicamente, devo ter mais ou menos 25 anos, por aí. Então não precisa pirar sobre ser velha demais para mim, pelo menos pelos próximos sete anos.

Mais ou menos 25 anos. A ideia me deixava desnorteada. Mas eu me lembrava do tal surto de crescimento — eu me lembrava de tê-lo visto esticar e criar corpo bem diante de meus olhos. De como ele ficou diferente de um dia para outro... Sacudi a cabeça, tonta.

— Então, quer saber a história de Sam ou quer gritar mais comigo por questões que estão fora de meu controle?

Respirei fundo.

— Desculpe. A idade é um tema delicado para mim. Toca numa ferida.

Os olhos de Jacob endureceram e ele parecia estar tentando decidir como contar algo.

Uma vez que eu não queria falar do assunto verdadeiramente delicado — meus planos para o futuro, ou pactos que podiam ser rompidos pelos ditos planos, eu o encorajei:

— Então, depois que Sam entendeu o que estava havendo, depois que teve Billy, Harry e o Sr. Ateara, você disse que não foi mais tão difícil. E, como você também disse, há partes legais... — hesitei um pouco. — Por que Sam os odeia tanto? Por que ele queria que eu os odiasse?

Jacob suspirou.

— Essa é a parte realmente esquisita.

— Tenho Ph.D. em esquisitice.

— É, eu sei. — Ele sorriu antes de continuar. — Pois é, você tem razão. Sam sabia o que estava acontecendo e tudo estava quase bem. Em quase todos os sentidos a vida dele tinha voltado, bem, não ao normal. Estava melhor. — Depois a expressão de Jacob se enrijeceu, como se estivesse vindo algo doloroso. — Sam não podia contar a Leah. Não devemos contar a ninguém que não precise saber. E não era seguro que ele ficasse perto dela... Mas ele trapaceava, como eu fiz com você. Leah ficava furiosa por ele não contar o que estava havendo... Onde tinha estado, aonde ia à noite, por que estava sempre tão cansado... Mas eles estavam se dando bem. Estavam tentando. Eles se amavam de verdade.

— Ela descobriu? Foi isso?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, o problema não foi esse. A prima dela, Emily Young, veio da reserva de Makah para visitá-la num fim de semana.

Eu arfei.

— Emily é prima de Leah?

— De segundo grau. Mas elas são próximas. Eram como irmãs quando crianças.

— Isso é... horrível. Como Sam pôde...? — Eu me interrompi, sacudindo a cabeça.

— Não o julgue ainda. Alguém um dia já falou a você... Já ouviu falar em imprinting?

— Imprinting? — repeti a palavra desconhecida. — Não. O que significa?

— É uma das coisas estranhas com que tenho de lidar. Não acontece com todo mundo. Na verdade, é uma exceção rara, não a regra. Sam àquela altura conhecia todas as histórias, as histórias que todos achávamos que eram lendas. Tinha ouvido falar de imprinting, mas nunca tinha imaginado...

— O que é? — insisti.

Os olhos de Jacob vagaram para o mar.

— Sam amava Leah. Mas quando viu Emily, isso não importava mais. Às vezes... não sabemos bem por quê... encontramos nossa parceira assim. — Os olhos dele faiscaram para mim, o rosto ficando vermelho. — Quer dizer... nossa alma gêmea.

— De que jeito? Amor à primeira vista? — eu zombei.

Jacob não estava sorrindo. Os olhos escuros criticavam minha reação.

— É um pouco mais forte do que isso. Mais incontrolável.

— Desculpe — murmurei. — Está falando sério, não é?

— É, estou.

— Amor à primeira vista? E mais forte? — Minha voz ainda demonstrava dúvida, e ele percebeu isso.

— Não é fácil de explicar. Mas não importa. — Ele deu de ombros com indiferença. — Você queria saber o que aconteceu com Sam para que ele odiasse os vampiros que o obrigaram a se transformar, que o fizeram odiar a si mesmo. E foi isso que aconteceu. Ele magoou Leah. Quebrou todas as promessas que tinha feito a ela. Todo dia tinha de ver a acusação nos olhos dela e saber que Leah tinha razão.

Ele parou de falar de repente, como se tivesse dito algo que não devia.

— Como Emily lida com isso? Se ela era tão próxima de Leah...? — Sam e Emily eram completamente perfeitos juntos, duas peças de quebra-cabeça, modeladas exatamente uma para a outra. Ainda assim... Como Emily superou o fato de que ele tinha sido de outra? Quase irmã dela.

— No início, Emily tinha muita raiva. Mas é difícil resistir a tanto compromisso e adoração. — Jacob suspirou. — E, ainda, Sam pôde contar tudo a ela. Não há regras capazes de nos impedir quando encontramos nossa outra metade. Sabe como Emily se machucou?

— Sei. — A história que contavam em Forks era de que ela fora atacada por um urso, mas eu sabia do segredo.

Lobisomens são instáveis, dissera Edward. As pessoas próximas a eles podem se ferir.

— Bom, por mais estranho que pareça, foi assim que a situação se resolveu. Sam ficou tão apavorado, tão enojado de si mesmo, tão cheio de ódio pelo que fizera... Ele teria se atirado embaixo de um ônibus se isso a fizesse se sentir melhor. Podia mesmo ter feito isso, só para escapar do que fizera. Estava arrasado... E depois, de algum modo, era ela que o estava consolando, e depois disso...

Jacob não concluiu seu raciocínio, e senti que a história tinha ficado pessoal demais para ser contada.

— Coitada da Emily — sussurrei. — Coitado do Sam. Pobre Leah...

— É, Leah saiu perdendo nessa — concordou ele. — Mas ela enfrenta tudo com coragem. Vai ser dama de honra.

Eu virei a cara, para as pedras irregulares que se erguiam do mar como dedos quebrados e grossos no arco ao sul da enseada, enquanto tentava ver sentido naquilo tudo. Podia sentir os olhos dele em meu rosto, esperando que eu dissesse algo.

— Isso aconteceu com você? — perguntei por fim, ainda olhando o mar. — Essa história de amor à primeira vista?

— Não — respondeu ele depressa. — Sam e Jared são os únicos.

— Hmmm — murmurei, tentando parecer educadamente interessada. Fiquei aliviada e tentei explicar minha reação para mim mesma. Concluí que só estava feliz por ele não ter afirmado que havia alguma ligação mística de lobo entre nós dois. Nossa relação já era bastante confusa daquele jeito. Eu não precisava lidar com nada mais sobrenatural do que já tinha.

Ele também ficou mudo, e o silêncio pareceu meio estranho. Minha intuição me disse que eu não ia gostar de ouvir o que ele estava pensando.

— Como foi com Jared? — perguntei, para romper o silêncio.

— Não houve drama. Era só uma garota ao lado de quem ele se sentou na escola todo dia, durante um ano inteiro, e em quem ele nunca tinha reparado. E então, depois que se transformou, ele a viu de novo e nunca mais tirou os olhos dela. Kim ficou emocionada. Era apaixonada por ele. Escreveu o sobrenome dele no final do nome dela em todo o diário. — Ele riu, zombando disso.

Eu franzi a testa.

— Jared contou isso a você? Ele não devia ter contado.

Jacob mordeu o lábio.

— Acho que eu não devia rir. Mas é engraçado.

— Mas que alma gêmea.

Ele suspirou.

— Jared não falou de propósito. Eu já contei essa parte, lembra?

— Ah, sim. Vocês podem ouvir os pensamentos dos outros, mas só quando são lobos, não é isso?

— É. Assim como o seu sanguessuga. — Ele fechou a cara.

— Edward — corrigi.

— Claro, claro. Foi assim que fiquei sabendo como Sam se sentia. Mas acho que ele não teria nos contado, se tivesse essa opção. Na verdade, é uma característica que todos nós odiamos. — A amargura de repente era forte em sua voz. — É medonho. Nenhuma privacidade, nenhum segredo. Tudo de que você se envergonha ali, exposto para todo o mundo ver. — Ele estremeceu.

— Parece horrível — sussurrei.

— Às vezes é mesmo útil, quando precisamos agir em conjunto — disse ele de má vontade. — Muito raramente, quando alguns vampiros atravessam nosso território. Laurent foi divertido. E se os Cullen não tivessem nos atrapalhado no sábado... ah! — ele gemeu. — Nós a teríamos apanhado! — Seus punhos se fecharam em bolas de raiva.

Eu me encolhi. Por mais que me preocupasse que Jasper ou Emmett se machucassem, não era nada como o pânico que sentia com a ideia de Jacob enfrentar Victoria. Emmett e Jasper eram o mais próximo do indestrutível que eu podia imaginar. Jacob ainda era quente, ainda era comparativamente humano. Mortal. Pensei em Jacob enfrentando Victoria, os cabelos brilhantes dela voando em torno do rosto estranhamente felino... e estremeci.

Jacob olhou para mim com uma expressão curiosa.

— Mas não é assim para você o tempo todo? Ele não lê sua mente?

— Ah, não. Edward nunca leu minha mente. Bem que ele queria.

Jacob ficou confuso.

— Ele não consegue me ouvir — expliquei, a voz um pouquinho presunçosa, por hábito. — Eu sou a única assim, para ele. Não sabemos por que ele não consegue.

— Que estranho — disse Jacob.

— É. — A presunção desapareceu. — Deve significar que há algo errado com meu cérebro — admiti.

— Eu já sabia que havia alguma coisa errada com seu cérebro — murmurou Jacob.

— Obrigada.

De repente o sol rompeu as nuvens, uma surpresa que eu não esperava, e tive de semicerrar os olhos para o brilho na água. Tudo mudou de cor — as ondas passaram do cinza para o azul, as árvores do oliva opaco para o jade brilhante e os seixos de arco-íris cintilavam feito joias.

Piscamos por um momento, deixando que a visão se adaptasse. Não havia barulho além do rugido oco das ondas que ecoavam de cada lado da enseada protegida, o ranger suave das pedras sob o movimento da água e o grito de gaivotas no alto. Era muito tranquilo.

Jacob se acomodou mais perto de mim, para se encostar em meu braço. Ele era tão quente! Depois de um minuto assim, tirei o casaco de chuva. Ele soltou um ruído gutural de satisfação e pousou o rosto no alto de minha cabeça. Eu podia sentir o sol aquecendo minha pele — embora não fosse tão quente como Jacob — e me perguntei quanto tempo levaria para me queimar.

Distraída, girei a mão direita para o lado e vi o sol cintilar sutilmente na cicatriz que James deixara ali.

— Em que está pensando? — murmurou ele.

— No sol.

— Hmmm. É bom.

— E no que você está pensando? — perguntei.

Ele riu consigo mesmo.

— Estava me lembrando do filme imbecil que você me levou para ver. E de Mike Newton vomitando as tripas.

Eu ri também, surpresa ao ver como o tempo mudara a lembrança. Costumava ser estressante e confusa. Tanta coisa mudou naquela noite... E agora eu podia rir. Foi a última noite que Jacob e eu tivemos antes de ele saber a verdade sobre sua herança. A última lembrança humana. Agora uma lembrança estranhamente agradável.

— Sinto falta disso — disse Jacob. — De como era tão fácil antes... Era

descomplicado. Ainda bem que tenho boa memória. — Ele suspirou.

Ele sentiu a tensão súbita em meu corpo enquanto suas palavras incitavam em mim uma lembrança.

— O que foi? — perguntou ele.

— Sobre essa sua boa memória... — Eu me afastei para ver seu rosto. Naquele momento, estava confuso. — Pode me dizer o que estava fazendo na segunda de manhã? Estava tendo algum pensamento que incomodou Edward. — Incomodou não era a palavra mais adequada, mas eu queria uma resposta, então achei melhor não começar com severidade demais.

A compreensão iluminou o rosto de Jacob e ele riu.

— Eu estava pensando em você. Ele não gostou muito, não é?

— Em mim? Mas o quê?

Jacob riu, desta vez com mais aspereza.

— Estava me lembrando de você naquela noite em que Sam a encontrou... Eu vi isso na mente dele e foi como se eu estivesse lá; essa lembrança sempre assombrou Sam, sabia? E depois me lembrei de como você estava na primeira vez em que veio à minha casa. Aposto que você nem percebeu que estava horrível, Bella. Isso foi semanas antes de voltar a parecer humana. E me lembrei de que você costumava se abraçar, tentando juntar seus pedaços... — Jacob estremeceu, depois sacudiu a cabeça. — Para mim é difícil lembrar como você estava triste, o que não foi minha culpa. Então imaginei que seria pior para ele. E pensei que ele devia dar uma olhada no que tinha causado.

Eu dei um soco em seu ombro. Minha mão doeu.

— Jacob Black, não faça isso de novo! Prometa que não vai fazer.

— De jeito nenhum. Havia meses eu não me divertia tanto.

— Então faça isso por mim, Jake...

— Ah, tenha dó, Bella. Quando é que eu vou vê-lo de novo? Não se preocupe com isso.

Eu fiquei de pé, ele pegou minha mão e comecei a andar. Tentei me libertar.

— Vou embora, Jacob.

— Não, ainda não — protestou ele, a mão apertando a minha. — Desculpe. E... tudo bem, eu não vou fazer aquilo de novo. Eu prometo.

Suspirei.

— Obrigada, Jake.

— Vem, vamos para minha casa — disse ele com ansiedade.

— Na verdade, acho que preciso ir. Angela Weber está esperando por mim e sei que Alice está preocupada. Não quero aborrecê-la demais.

— Mas você acabou de chegar!

— Parece mesmo — concordei. Olhei o sol, de algum modo já a pino. Como foi que o tempo passou tão rápido?

As sobrancelhas dele se uniram sobre os olhos.

— Não sei quando a verei de novo — disse ele numa voz magoada.

— Vou voltar da próxima vez em que ele viajar — prometi por impulso.

— Viajar? — Jacob revirou os olhos. — É um modo delicado de descrever o que ele está fazendo. Parasitas nojentos.

— Se você não for bonzinho, não vou voltar nunca mais! — ameacei, tentando libertar minha mão. Ele se recusava a me soltar.

— Ei, não fique irritada — disse ele, sorrindo. — Foi sem querer.

— Se quiser que eu tente voltar, vamos ter que esclarecer uma coisa, está bem?

Ele esperou.

— Escute — expliquei. — Não me importa quem é vampiro e quem é lobisomem. Isso é irrelevante. Você é Jacob, ele é Edward e eu sou Bella. E nada mais interessa.

Os olhos dele se estreitaram um pouco.

— Mas eu sou um lobisomem — disse ele de má vontade. — E ele é um vampiro — acrescentou com repugnância evidente.

— E eu sou do signo de Virgem! — gritei, exasperada.

Ele ergueu as sobrancelhas, avaliando minha expressão com olhos curiosos. Por fim, deu de ombros.

— Se consegue entender dessa forma...

— Consigo. E entendo.

— Tudo bem. Só Bella e Jacob. Nada dessa birutice de Virgem por aqui. — Ele sorriu para mim, o sorriso familiar e caloroso de que eu sentia tanta falta. Senti o sorriso de resposta se espalhando por meu rosto.

— Senti muita saudade, Jake — admiti impulsivamente.

— Eu também. — Seu sorriso se alargou. Os olhos estavam felizes e claros, pela primeira vez sem aquela amargura colérica. — Mais do que você imagina.

Vai voltar logo?

— Assim que eu puder — prometi.

6. SUÍÇA

AO SEGUIR PARA CASA DE CARRO, EU NÃO PRESTAVA MUITA atenção à estrada que brilhava molhada ao sol. Estava pensando no monte de informações que Jacob dividira comigo, tentando organizá-las, forçá-las a fazer sentido. Apesar da sobrecarga, eu me sentia mais leve. Ver Jacob sorrir, revelar todos os segredos... não deixava a vida perfeita, mas a tornava melhor. Eu tive razão em ir até lá. Jacob precisava de mim. E, obviamente, pensei enquanto semicerrava os olhos para a luz, não havia perigo algum.

Veio do nada. Num minuto não havia nada além da estrada brilhante em meu retrovisor. No outro, o sol estava cintilando num Volvo prata em minha cola.

— Ah, droga — choraminguei.

Pensei em parar no acostamento. Mas eu era covarde demais para enfrentá-lo ali. Estava contando com algum tempo para me preparar... e em ter Charlie por perto como anteparo. Pelo menos isso o obrigaria a conservar a voz baixa.

O Volvo seguia a centímetros de mim. Mantive os olhos na estrada à frente.

Completamente covarde, dirigi direto para a casa de Angela sem nem uma vez encontrar o olhar que eu podia sentir abrindo um buraco a fogo em meu retrovisor.

Ele me seguiu até eu parar junto ao meio-fio diante da casa dos Weber. Não parou e eu não olhei quando ele passou. Não queria ver sua expressão. Corri pela curta calçada de concreto até a porta de Angela assim que ele saiu de vista.

Ben atendeu à porta antes que eu pudesse terminar de bater, como se estivesse parado atrás dela.

— Oi, Bella! — disse ele, surpreso.

— Oi, Ben. Er, Angela está? — perguntei-me se Angela tinha se esquecido de nossos planos e me encolhi ao pensar em ir para casa cedo.

— Claro — disse Ben assim que Angela gritou "Bella!" e apareceu no alto da escada.

Ben espiou em volta de mim quando ouvimos o som de um carro na rua; o

som não me assustou — esse motor falhou até parar, e seguiu-se um estalo alto do escapamento. Nada parecido com o ronronar do Volvo. Devia ser o visitante que Ben estava esperando.

— Austin chegou — disse Ben enquanto Angela se colocava a seu lado.

Uma buzina soou na rua.

— Vejo você depois — prometeu Ben. — Já estou com saudade.

Ele passou o braço pelo pescoço de Angela e a puxou para baixo a fim de beijá-la com entusiasmo. Um segundo depois disso Austin buzinou de novo.

— Tchau, Ang! Eu amo você! — gritou Ben enquanto passava disparado por mim.

Angela cambaleou, o rosto ligeiramente rosado, depois se recuperou e acenou até que Ben e Austin não estivessem à vista. Depois se virou para mim e sorriu pesarosa.

— Obrigada por fazer isso, Bella — disse ela. — Do fundo do coração. Não só está poupando minhas mãos de uma lesão permanente, como também me livra de duas longas horas de um filme de artes marciais mal dublado e sem qualquer trama. — Ela suspirou de alívio.

— É um prazer servi-la. — Meu pânico diminuíra, eu era capaz de respirar de modo um pouco mais normal. Parecia tão comum ali. Os dramas humanos e simples de Angela eram estranhamente tranquilizadores. Era bom saber que a vida era normal em algum lugar.

Segui Angela pela escada até o quarto dela. Ela chutou brinquedos pelo caminho ao andar. A casa estava incomumente silenciosa.

— Onde está sua família?

— Meus pais levaram os gêmeos a uma festa de aniversário em Port Angeles. Nem acredito que você vai mesmo me ajudar com isso. Ben está fingindo que tem tendinite. — Ela fez uma careta.

— Não me importo nem um pouco — disse, depois entrei no quarto de Angela e vi as pilhas de envelopes que nos esperavam.

— Ah! — arfei. Angela virou-se para me olhar, as desculpas nos olhos. Pude entender por que ela protelara aquilo e por que Ben se livrara da tarefa.

— Pensei que estivesse exagerando — admiti.

— Bem que eu queria. Tem certeza de que quer fazer isso?

— Mãos à obra. Eu tenho o dia todo.

Angela dividiu uma pilha em duas e pôs a agenda de endereços da mãe na mesa entre nós duas. Por algum tempo ficamos concentradas, e só havia o som de nossas canetas escrevendo rapidamente pelo papel.

— O que Edward vai fazer esta noite? — perguntou ela depois de alguns minutos.

Minha caneta se enterrou no envelope em que eu trabalhava.

— Foi passar o fim de semana na casa de Emmett. Eles devem estar fazendo trilha.

— Pelo jeito como falou, você não parece ter certeza.

Eu dei de ombros.

— Tem sorte por Edward ter os irmãos para todas essas caminhadas e camping. Não sei o que eu faria se Ben não tivesse Austin para as coisas de homem.

— É, essa história de ficar ao ar livre não é para mim. E eu não conseguiria acompanhar o ritmo deles.

Angela riu.

— Eu também prefiro ficar entre quatro paredes.

Ela se concentrou em sua pilha por um minuto. Escrevi mais quatro endereços. Com Angela, nunca havia pressão para preencher o silêncio com tagarelice sem importância. Como Charlie, ela ficava à vontade com o silêncio.

Mas, como Charlie, às vezes ela também era observadora demais.

— Tem algo errado? — perguntou, agora numa voz baixa. — Você parece... ansiosa.

Eu sorri timidamente.

— Está tão evidente assim?

— Na verdade, não.

Ela devia estar mentindo para que eu me sentisse melhor.

— Não precisa falar sobre isso, se não quiser — garantiu-me. — Vou ouvir, se achar que vai ajudar.

Eu estava prestes a dizer obrigada, mas não precisa. Afinal, havia tantos segredos que eu devia guardar. Na verdade eu não podia discutir meus problemas com nenhum ser humano. Isso contrariava as regras.

E, no entanto, com uma intensidade estranha e súbita, era exatamente o que eu queria. Queria conversar com uma amiga humana normal. Queria lamentar

um pouquinho, como qualquer outra adolescente. Queria que meus problemas fossem simples. Também seria bom ter alguém de fora de toda essa confusão de vampiros e lobisomens para avaliar tudo de outra perspectiva. Alguém imparcial.

— Vou cuidar da minha vida — prometeu Angela, sorrindo para o endereço em que estava trabalhando.

— Não — eu disse. — Você tem razão. Eu estou angustiada. É... é Edward.

— Qual é o problema?

Era fácil falar com Angela. Quando ela fazia esta pergunta, eu sabia que não estava só morbidamente curiosa ou procurando fofoca, como Jessica teria feito. Ela se importava que eu estivesse aborrecida.

— Ah, ele está chateado comigo.

— É difícil acreditar — disse ela. — Está chateado com o quê?

Eu suspirei.

— Lembra de Jacob Black?

— Ah — disse ela.

— Pois é.

— Ele está com ciúme.

— Não, não é ciúme... — Eu devia manter minha boca fechada. Não havia como explicar aquilo direito. Mas, mesmo assim, eu queria continuar falando. Não tinha percebido o quanto estava louca por uma conversa humana. — Edward acha que Jacob é... má influência para mim, eu acho. Meio... perigoso. Sabe em quantos problemas eu me meti há alguns meses... Mas é tudo ridículo.

Fiquei surpresa ao ver Angela sacudindo a cabeça.

— Que foi? — perguntei.

— Bella, eu vi como Jacob Black olha para você. Aposto que o verdadeiro problema é ciúme.

— Não é assim com Jacob.

— Para você, talvez. Mas para Jacob...

Eu franzi a testa.

— Jacob sabe como eu me sinto. Eu contei tudo a ele.

— Edward é só humano, Bella, ele vai reagir como qualquer outro garoto.

Fiz uma careta. Não tinha resposta para aquilo.

Ela afagou minha mão.

— Ele vai superar isso.

— Espero que sim. Jake está passando por uma fase complicada. Ele precisa de mim.

— Você e Jacob são muito amigos, não é?

— Como família — concordei.

— E Edward não gosta dele... Deve ser difícil. Fico me perguntando como Ben lidaria com isso — refletiu ela.

Dei um meio sorriso.

— Provavelmente, como qualquer outro garoto.

Ela sorriu.

— Bem provável.

Depois ela mudou de assunto. Angela não era de xeretar e pareceu sentir que eu não diria mais nada — não podia dizer.

— Recebi minha indicação de alojamento ontem. O prédio mais distante do campus, claro.

— Ben já sabe onde ele vai ficar?

— No alojamento mais perto do campus. Ele tem uma sorte danada. E você? Decidiu para onde vai?

Olhei para baixo, concentrando-me no garrancho desajeitado de minha letra. Por um segundo fiquei distraída ao pensar em Angela e Ben na Universidade de Washington. Eles iriam para Seattle dali a alguns meses. Seria seguro na época? A ameaça do vampiro jovem e desenfreado teria se mudado para outro lugar? Haveria um novo lugar então, outra cidade sobressaltada com as manchetes de filme de terror?

Aquelas manchetes eram culpa minha?

Tentei me livrar desses pensamentos e respondi à pergunta meio tarde demais.

— Acho que para o Alasca. A universidade de Juneau.

Pude ouvir a surpresa na voz dela.

— Alasca? Ah. É mesmo? Quer dizer, isso é ótimo. Mas imaginava que você fosse para um lugar... mais quente.

Eu ri um pouco, ainda fitando o envelope.

— É. Forks mudou mesmo minha perspectiva de vida.

— E Edward?

Embora o nome dele provocasse borboletas em meu estômago, ergui a cabeça e sorri para ela.

— O Alasca também não é frio demais para Edward.

Ela sorriu também.

— É claro que não. — E depois ela suspirou. — É tão longe. Não vão poder vir para casa com muita frequência. Vou sentir sua falta. Vai me mandar e-mails?

Fui atingida por uma onda de tristeza silenciosa; talvez fosse um erro ficar mais próxima de Angela naquele momento. Mas não seria mais triste ainda perder essas últimas oportunidades? Afugentei as ideias infelizes para responder a ela num tom brincalhão.

— Se eu conseguir digitar de novo depois disso. — Indiquei a pilha de envelopes que eu fizera.

Nós duas rimos, e então foi fácil conversar animadamente sobre aulas e matérias enquanto eu terminava o restante — bastava que eu não pensasse no assunto. De qualquer modo, havia questões mais urgentes me preocupando.

Também a ajudei a colocar os selos. Tinha medo de ir embora.

— Como está sua mão? — perguntou ela.

Flexionei os dedos.

— Acho que vou recuperar o pleno uso delas... um dia.

A porta bateu no primeiro andar e nós duas olhamos.

— Ang? — chamou Ben.

Tentei sorrir, mas meus lábios tremeram.

— Acho que é minha deixa para ir embora.

— Não precisa ir. Embora ele provavelmente vá me contar o filme... em detalhes.

— Charlie vai se perguntar onde eu estou, de qualquer forma.

— Obrigada por me ajudar.

— Na verdade, foi divertido. A gente devia fazer coisas assim de novo. É bom ter um tempo de meninas.

— Claro que sim.

Houve uma batida leve na porta do quarto.

— Entre, Ben — disse Angela.

Eu me levantei e me espreguicei.

— Oi, Bella! Você sobreviveu. — Ben me cumprimentou depressa antes de assumir meu lugar ao lado de Angela. Ele olhou nossa tarefa. — Bom trabalho. Que pena que não sobrou nada para fazer. Eu teria... — ele interrompeu o

pensamento, e depois recomeçou, animado. — Ang, nem acredito que perdeu esse! Foi incrível. Tinha uma sequência de luta no final... A coreografia era inacreditável! Aquele cara... bom, você vai ter que ver para saber do que eu estou falando...

Angela revirou os olhos para mim.

— A gente se vê na escola — eu disse com um riso nervoso.

Ela suspirou.

— Tchau.

Eu estava tensa a caminho de minha picape, mas a rua estava vazia. Passei todo o tempo no carro olhando, ansiosa, por todos os retrovisores, mas não vi sinal algum do carro prata.

O carro dele também não estava na frente da casa, mas isso nada queria dizer.

— Bella? — chamou Charlie quando abri a porta da frente.

— Oi, pai.

Eu o encontrei na sala de estar, diante da tevê.

— E aí, como foi seu dia?

— Bom — eu disse. Podia muito bem contar tudo — ele ia saber pelo Billy muito em breve. Além disso, ele ficaria feliz. — Não precisaram de mim no trabalho, então eu fui a La Push.

Não houve surpresa bastante em seu rosto. Billy já havia conversado com ele.

— Como está Jacob? — perguntou Charlie, tentando parecer indiferente.

— Bem — eu disse, igualmente despreocupada.

— Você foi à casa dos Weber?

— Fui. Já endereçamos todos os convites.

— Isso é bom. — Charlie deu um sorriso largo. Ele estava estranhamente atento, considerando que havia um jogo na tevê. — Que bom que passou algum tempo com seus amigos hoje.

— Também acho.

Fui para a cozinha, procurando me manter ocupada. Infelizmente, Charlie já havia lavado os pratos do almoço. Fiquei ali por alguns minutos, encarando o feixe de luz que o sol lançava no chão. Mas eu sabia que não podia adiar aquilo para sempre.

— Vou estudar — anunciei mal-humorada enquanto ia para a escada.

— Vejo você depois — disse Charlie às minhas costas.

Se eu sobreviver, pensei comigo mesma.

Fechei a porta do quarto com cuidado antes de me virar.

É claro que ele estava lá. De pé, encostado na parede à minha frente, na sombra ao lado da janela aberta. Seu rosto era duro e a postura, tensa. Ele me fitou sem dizer nada.

Eu me encolhi, esperando pela torrente, mas não aconteceu. Ele continuava a olhar, talvez com raiva demais para falar.

— Oi — eu disse por fim.

Seu rosto podia ter sido entalhado em pedra. Contei mentalmente até cem, mas não houve qualquer alteração.

— Er... e, então, ainda estou viva — comecei.

Um grunhido ressoou baixo em seu peito, mas sua expressão não se alterou.

— Não houve danos — insisti com um dar de ombros.

Ele se mexeu. Os olhos se fecharam e ele apertou a ponte do nariz com os dedos da mão direita.

— Bella — sussurrou ele. — Faz alguma ideia de como cheguei perto da fronteira hoje? De quebrar o tratado e ir atrás de você? Sabe o que isso teria significado?

Eu arfei e seus olhos se abriram. Eram frios e duros como a noite.

— Não pode fazer isso! — eu disse alto demais. Procurei controlar o volume de minha voz para Charlie não ouvir, mas eu queria gritar. — Edward, eles iam usar qualquer desculpa para uma briga. Iam adorar isso. Não pode quebrar as regras!

— Talvez eles não fossem os únicos que gostariam de uma briga.

— Não comece — rebati. — Vocês fizeram o tratado... Têm de respeitá-lo.

— Se ele a machucar...

— Chega! — eu o interrompi. — Não há motivo nenhum para se preocupar. Jacob não é perigoso.

— Bella. — Ele revirou os olhos. — Você não é exatamente a melhor juíza do que é ou não perigoso.

— Eu sei que não preciso me preocupar com Jake. Nem você.

Ele trincou os dentes. Suas mãos estavam fechadas em punho ao lado do corpo. Ainda estava encostado na parede, e eu odiava o espaço entre nós.

Respirei fundo e atravessei o quarto. Ele não se mexeu quando o abracei. Perto

do calor do sol de final de tarde que jorrava pela janela, sua pele era especialmente fria. Ele parecia de gelo, paralisado como estava.

— Desculpe se deixei você preocupado — murmurei.

Edward suspirou e relaxou um pouco. Seus braços envolveram minha cintura.

— Preocupado é subestimar um pouco a situação — murmurou ele. — Foi um dia muito longo.

— Você não devia saber disso — lembrei a ele. — Pensei que ficaria caçando mais tempo.

Ele olhou meu rosto, os olhos na defensiva; com o estresse do momento eu não tinha percebido, mas estavam escuros demais. As olheiras eram de um roxo profundo. Franzi a testa em desaprovação.

— Quando Alice a viu desaparecer, eu voltei — explicou ele.

— Não devia ter feito isso. Agora terá de ir de novo. — Minha testa se franziu ainda mais.

— Eu posso esperar.

— Isso é ridículo. Quer dizer, eu sei que ela não pode me ver com Jacob, mas você devia saber...

— Mas não sei — ele me interrompeu. — E não pode esperar que eu permita que você...

— Ah, sim, eu posso — interrompi. — É exatamente o que espero...

— Isso não vai acontecer de novo.

— É isso mesmo! Porque você não vai exagerar da próxima vez.

— Porque não vai haver uma próxima vez.

— Eu entendo quando você tem de partir, mesmo que eu não goste disso...

— Não é a mesma coisa. Não estou arriscando minha vida.

— Nem eu a minha.

— Os lobisomens são um risco.

— Discordo.

— Não estou negociando isso, Bella.

— Nem eu.

Suas mãos estavam em punho de novo. Eu podia senti-las em minhas costas.

As palavras saltaram sem que eu pensasse.

— Trata-se realmente de minha segurança?

— O que quer dizer com isso? — perguntou ele.

— Você não está... — A teoria de Angela parecia mais tola do que antes. Foi difícil terminar a frase. — Quer dizer, você sabe muito bem que não precisa ter ciúme, não é?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Eu sei?

— Fale sério.

— Perfeitamente... Não há nada cômico nisso.

Eu franzi a testa, desconfiada.

— Ou... é outro motivo completamente diferente? Algum absurdo de "vampiros e lobisomens são sempre inimigos"? Só alguma coisa provocada pela testosterona...

Seus olhos arderam.

— Trata-se apenas de você. Só o que me importa é sua segurança.

O fogo negro em seus olhos não deixava dúvida alguma.

— Tudo bem — suspirei. — Acredito nisso. Mas quero que saiba... No que diz respeito a todo esse absurdo de inimigos, eu estou fora. Sou um país neutro. Sou a Suíça. Recuso-me a ser afetada por disputas territoriais entre criaturas míticas. Jacob é da família. Você é... bom, não exatamente o amor da minha vida, porque eu espero amar você por muito mais tempo do que isso. O amor de minha existência. Não ligo para quem é lobisomem e quem é vampiro. Se Angela se transformar em bruxa, poderá se juntar à festa também.

Ele me fitou em silêncio com os olhos semicerrados.

— Suíça — repeti, para dar ênfase.

Ele franziu a testa para mim, depois suspirou.

— Bella... — começou ele, mas parou, e seu nariz franziu de nojo.

— O que é agora?

— Bom... Não se ofenda, mas você está fedendo a cachorro.

E depois ele deu um sorriso torto, então eu sabia que a briga terminara. Por enquanto.

Edward precisava compensar a viagem de caça perdida e partiria na sexta à noite com Jasper, Emmett e Carlisle para uma reserva no norte da Califórnia que estava com problemas com um leão da montanha.

Não chegamos a um acordo na questão do lobisomem, mas eu não me senti

culpada por ligar para Jake — durante minha breve oportunidade, quando Edward levou o Volvo para casa e antes de voltar pela minha janela — para que ele soubesse que eu iria no sábado de novo. Não era uma traição. Edward sabia o que eu sentia. E se ele quebrasse minha picape outra vez, eu pediria a Jacob para me buscar. Forks era neutra, como a Suíça — como eu.

Então, quando saí do trabalho na quinta-feira e era Alice e não Edward esperando por mim no Volvo, não desconfiei de nada no início. A porta do carona estava aberta e uma música que não reconheci sacudia o carro quando o baixo tocava.

— Oi, Alice — esgoelei mais alto que os gritos enquanto entrava. — Onde está seu irmão?

Ela cantava com a música, a voz uma oitava acima da melodia, tecendo, ambas, uma harmonia complicada. Ela assentiu para mim, ignorando minha pergunta, concentrada na música.

Fechei a porta e pus as mãos nas orelhas. Ela sorriu e baixou o som até que ele se transformou em música de fundo. Depois fechou as trancas e ligou o carro no mesmo segundo.

— O que está havendo? — perguntei, começando a ficar inquieta. — Onde está Edward?

Ela deu de ombros.

— Eles saíram antes.

— Ah. — Tentei controlar a decepção absurda. Se ele saiu antes, isso significava que voltaria antes, lembrei a mim mesma.

— Todos os meninos foram, e vamos fazer uma festinha do pijama! — anunciou ela numa voz vibrante e cantarolada.

— Festinha do pijama? — repeti, a desconfiança finalmente tomando lugar.

— Não está animada? — cantarolou ela.

Encontrei seu olhar empolgado por um longo segundo.

— Está me raptando, não é?

Ela riu e concordou.

— Até sábado. Esme resolveu tudo com Charlie; você vai ficar comigo por duas noites, e amanhã vou levar e pegar você na escola.

Virei o rosto para a janela, os dentes trincados.

— Desculpe — disse Alice, sem parecer nem um pouco penitente. — Ele me

pagou por isso.

— Como? — sibilei entredentes.

— O Porsche. É idêntico ao que eu roubei na Itália. — Ela soltou um forte suspiro. — Eu não devia dirigi-lo por Forks mas, se quiser, podemos ver em quanto tempo ele faz daqui a Los Angeles... Aposto que posso trazer você de volta à meia-noite.

Respirei fundo.

— Acho melhor não — suspirei, reprimindo um tremor.

Seguimos, sempre rápido demais, pela entrada da propriedade. Alice parou na garagem e eu logo olhei os carros. O jipão de Emmett estava ali, com um Porsche amarelo-canário brilhante entre ele e o conversível vermelho de Rosalie.

Alice pulou graciosamente para fora e foi passar a mão em seu suborno.

— Não é lindo?

— Muito chamativo — resmunguei, incrédula. — Ele lhe deu isso só para me manter refém por dois dias?

Alice fez uma careta.

Um segundo depois, eu compreendi e ofeguei de pavor.

— É por todo tempo que ele estiver fora, não é?

Ela assentiu.

Bati minha porta e marchei para a casa. Ela dançou a meu lado, ainda sem mostrar arrependimento.

— Alice, não acha que isso é meio controlador? Só meio psicótico, talvez?

— Na verdade, não. — Ela fungou. — Parece que você não entende como um lobisomem jovem pode ser perigoso. Em especial quando não consigo vê-los. Edward não tem como saber se você está segura. Você não devia ficar tão despreocupada.

Minha voz ficou acre.

— Sim, porque uma festinha do pijama de vampiros é o cúmulo do comportamento seguro.

Alice riu.

— Eu posso fazer as unhas dos seus pés e tudo — prometeu ela.

Então não era assim tão ruim, exceto pelo fato de que eu estava sendo mantida ali contra minha vontade. Esme trouxe comida italiana — a boa comida, vinda de Port Angeles — e Alice estava preparada com meus filmes preferidos. Até

Rosalie estava ali, ao fundo, em silêncio. Alice insistiu na questão das unhas, e eu me perguntei se ela estava seguindo uma lista de afazeres — talvez algo que tenha compilado vendo seriados de tevê ruins.

— Quer ficar acordada até que horas? — perguntou ela quando as unhas dos meus pés estavam cintilando de vermelho-sangue. O entusiasmo de Alice ainda era indiferente a meu humor.

— Não quero ficar acordada. Temos aula de manhã.

Ela fez um biquinho.

— Aliás, onde é que eu vou dormir? — Medi o sofá com os olhos. Era meio pequeno. — Não pode me manter sob vigilância em minha própria casa?

— Que tipo de festinha do pijama seria essa? — Alice sacudiu a cabeça, exasperada. — Você vai dormir no quarto de Edward.

Eu suspirei. O sofá de couro preto dele era mesmo mais comprido do que aquele. Na verdade, o carpete dourado no quarto dele devia ser bastante espesso para que o chão também não fosse tão ruim.

— Posso pelo menos voltar à minha casa para pegar minhas coisas?

Ela sorriu.

— Já cuidei disso.

— Tenho permissão de usar o telefone?

— Charlie sabe que você está aqui.

— Eu não ia ligar para Charlie. — Franzi a testa. — Ao que parece, tenho alguns compromissos para cancelar.

— Ah. — Ela pensou. — Não tenho certeza disso.

— Alice! — eu gemi alto. — O que é isso!

— Tudo bem, tudo bem — disse ela, voejando da sala. Voltou meio segundo depois com o celular na mão. — Ele não proibiu especificamente isso... — murmurou consigo mesma enquanto me entregava o aparelho.

Disquei o número de Jacob, na esperança de que ele não tivesse saído com os amigos naquela noite. A sorte estava comigo — foi Jacob quem atendeu.

— Alô?

— Oi, Jake, sou eu. — Alice me observou com os olhos inexpressivos por um segundo, antes de se virar e se sentar entre Rosalie e Esme no sofá.

— Oi, Bella — disse Jacob, cauteloso de repente. — O que foi?

— Nada bom. Não posso ir aí no sábado, afinal.

Fez-se silêncio por um minuto.

— Sanguessuga idiota — murmurou ele por fim. — Pensei que ele tivesse saído. Você não pode viver e ele pode? Ou ele a trancou num caixão?

Eu ri.

— Não acho isso engraçado.

— Só estou rindo porque você está presa — disse a ele. — Mas ele chegará no sábado, então isso não importa.

— Ele está se alimentando aqui em Forks, então? — perguntou Jacob, cortante.

— Não. — Eu não me permitia ficar irritada com ele. Não sentia nem de longe a raiva que Jacob tinha. — Ele saiu antes.

— Ah. Bom, olha, então venha agora — disse ele com um entusiasmo súbito. — Não é tão tarde. Ou eu vou pegá-la na casa do Charlie.

— Bem que eu queria. Não estou na casa do Charlie — disse com amargura. — Estou meio prisioneira.

Ele ficou em silêncio como se tentasse entender, depois grunhiu.

— Vamos pegar você — prometeu ele numa voz monótona, passando automaticamente para o plural.

Um frio desceu por minha espinha, mas eu respondi numa voz leve e brincalhona.

— Que tentação. Eu até fui torturada... Alice pintou as unhas dos meus pés.

— Estou falando sério.

— Não fale. Eles só estão tentando garantir minha segurança.

Ele grunhiu de novo.

— Eu sei que é tolice, mas eles estão fazendo isso de coração.

— De coração! — ele zombou.

— Desculpe por sábado — eu disse. — Tenho que ir para a cama — para o sofá, corrigi mentalmente —, mas vou ligar de novo, logo.

— Tem certeza de que eles vão deixar? — perguntou ele num tom azedo.

— Não completamente — eu suspirei. — Boa noite, Jake.

— A gente se vê.

Alice de repente estava a meu lado, a mão estendida para o telefone, mas eu ainda estava discando. Ela viu o número.

— Não acho que ele esteja com o telefone — disse ela.

— Vou deixar um recado.

O telefone tocou quatro vezes, seguido por um bip. Não havia saudação.

— Você criou um problema — eu disse devagar, destacando cada palavra. — Um problema enorme. Os ursos coléricos vão parecer domesticados perto do que está esperando por você aqui.

Bati o telefone e o coloquei na mão que esperava.

— Acabei.

Ela sorriu.

— Essa história de refém é divertida.

— Agora eu vou dormir — anunciei, indo para a escada. Alice me seguiu.

— Alice — eu suspirei. — Não vou fugir. Você saberia se eu estivesse planejando e me alcançaria se eu tentasse.

— Só vou lhe mostrar onde estão as coisas — disse ela inocentemente.

O quarto de Edward ficava no fim do corredor do terceiro andar, difícil de confundir quando a casa imensa tornou-se mais familiar. Mas, quando acendi a luz, parei, confusa. Será que tinha escolhido a porta errada?

Alice riu.

Era o mesmo quarto, logo percebi; a mobília tinha sido reorganizada. O sofá fora empurrado para a parede norte e o aparelho de som, encostado à ampla estante de CDs — para dar espaço à cama colossal que agora dominava o espaço central.

A parede de vidro ao sul refletia a cena como um espelho, tornando-a duas vezes ruim.

A cama combinava. O edredom era de um dourado opaco, um pouco mais claro do que as paredes; a estrutura era preta, de ferro, com um padrão complicado. Rosas de metal esculpidas subiam em gavinhas pelos altos postes e formavam uma trama frondosa. Meu pijama estava cuidadosamente dobrado ao pé da cama, minha nécessaire ao lado.

— Mas que diabos é isso? — gaguejei.

— Não achava mesmo que ele ia fazê-la dormir no sofá, não é?

Murmurei algo ininteligível enquanto avançava para pegar meus objetos na cama.

— Vou lhe dar alguma privacidade — Alice riu. — Vejo você de manhã.

Depois de escovar os dentes e me trocar, peguei um travesseiro de penas na

cama imensa e arrastei o edredom dourado para o sofá. Eu sabia que estava sendo boba, mas não me importava. Porsches como suborno e camas king-size em casas onde ninguém dormia eram para lá de irritantes. Apaguei as luzes e me enrosquei no sofá, imaginando se estaria irritada demais para dormir.

No escuro, a parede de vidro não era mais um espelho negro duplicando o quarto. A luz da lua iluminava as nuvens do lado de fora da janela. À medida que meus olhos se adaptavam, pude ver o brilho difuso destacando o topo das árvores e cintilando em um pequeno trecho do rio. Olhei a luz prateada, esperando que meus olhos ficassem pesados.

Houve uma leve batida na porta.

— O que é, Alice? — sibilei. Eu estava na defensiva, imaginando sua diversão quando visse minha cama improvisada.

— Sou eu — disse Rosalie em tom suave, abrindo a porta o suficiente para que eu pudesse ver o brilho prateado de seu rosto perfeito. — Posso entrar?

7. FINAL INFELIZ

ROSALIE HESITOU À PORTA, O ROSTO MARAVILHOSO INSEGURO.

— Claro — respondi, minha voz uma oitava mais alta de surpresa. — Entre.

Eu me sentei, deslizando para a ponta do sofá para dar espaço. Meu estômago se revirava de nervosismo enquanto uma Cullen que não gostava de mim movia-se em silêncio para se sentar no espaço vazio. Tentei pensar num motivo para ela querer me ver, mas minha mente a essa altura estava oca.

— Pode conversar comigo por uns minutos? — perguntou ela. — Eu não acordei você nem nada, não é? — Seus olhos passaram pela cama despojada e voltaram a meu sofá.

— Não, eu estava acordada. Claro, podemos conversar. — Perguntei-me se ela podia ouvir o sobressalto em minha voz com a clareza que eu ouvia.

Ela riu de leve e me pareceu um coro de sinos.

— Ele raras vezes a deixa sozinha — disse ela. — Imaginei que era melhor aproveitar a oportunidade.

O que ela queria falar que não podia ser dito na frente de Edward? Minhas mãos não paravam de torcer a ponta do edredom.

— Por favor, não pense que sou terrivelmente intrometida — disse Rosalie, a voz gentil e quase suplicante. Ela cruzou as mãos no colo e as olhou ao falar. — Sei que feri seus sentimentos no passado e não quero fazer isso de novo.

— Não se preocupe com isso, Rosalie. Meus sentimentos estão ótimos. O que foi?

Ela riu outra vez, parecendo estranhamente constrangida.

— Vou tentar lhe dizer por que acho que você deve continuar humana... Por que eu continuaria humana, se fosse você.

— Ah!

Ela sorriu com o tom de choque na minha voz, depois suspirou.

— Edward já lhe contou o que levou a isso? — perguntou ela, gesticulando para seu glorioso corpo imortal.

Assenti devagar, melancólica de repente.

— Ele disse que foi parecido com o que aconteceu comigo naquela vez em Port Angeles, só que ninguém estava lá para salvar você. — Estremeci com a lembrança.

— Foi só isso que ele lhe disse? — perguntou ela.

— Foi — falei, minha voz inexpressiva de confusão. — Tem mais?

Ela me olhou e sorriu; era uma expressão severa, amargurada — mas ainda assim estonteante.

— Sim — disse ela. — Há mais.

Esperei enquanto ela desviava o olhar para a janela. Rosalie parecia estar tentando se acalmar.

— Gostaria de ouvir minha história, Bella? Não tem um final feliz... Mas qual das nossas histórias tem? Se tivéssemos finais felizes, todos estaríamos sob lápides.

Concordei, embora estivesse assustada com o tom de sua voz.

— Eu vivia num mundo diferente do seu, Bella. Meu mundo humano era um lugar muito mais simples. Era o ano de 1933. E tinha 18 anos e era linda. Minha vida era perfeita.

Ela fitou as nuvens prateadas pela janela com a expressão distante.

— Meus pais eram de classe média. Meu pai tinha um emprego estável em um banco, algo que agora percebo que o deixava presunçoso... Ele via sua prosperidade como recompensa pelo talento e pelo trabalho árduo, em vez de reconhecer a sorte que havia nisso. Na época, tudo era garantido para mim; em minha casa, era como se a Grande Depressão fosse só um boato perturbador. É claro que eu via os pobres, aqueles que não tinham tanta sorte. Meu pai me deixou com a impressão de que aquelas pessoas procuravam por seus problemas.

"Era tarefa de minha mãe manter nossa casa — e a mim e meus dois irmãos mais novos — numa ordem imaculada. Estava claro que eu era sua prioridade e sua preferida. Eu não entendia muito bem na época, mas sempre tive vaga ciência de que meus pais não estavam satisfeitos com o que tinham, mesmo que fosse muito mais do que a maioria possuía. Queriam mais. Tinham aspirações sociais — eram alpinistas sociais, acho que se pode chamá-los assim. Minha beleza era uma dádiva para eles. Eles viam muito mais potencial nela do que eu.

"Eles não estavam satisfeitos, mas eu estava. Estava emocionada por ser eu,

por ser Rosalie Hale. Agradava-me que os olhos dos homens me seguissem aonde quer que eu fosse quando completei 12 anos. Ficava deliciada que minhas amigas suspirassem de inveja ao tocarem meus cabelos. Feliz por minha mãe ter orgulho de mim e por meu pai gostar de me comprar vestidos caros.

"Eu sabia o que queria da vida e não parecia haver um modo de não conseguir exatamente o que queria. Eu queria ser amada, ser adorada. Queria ter um casamento imenso e cheio de flores, onde todos da cidade pudessem me ver andar pela nave central no braço de meu pai e pensar que eu era a pessoa mais linda que viram na vida. A admiração era como ar para mim, Bella. Eu era tola e fútil, mas estava feliz."

Ela sorriu, entretida com a própria avaliação.

— A influência de meus pais era tanta que eu também queria bens materiais. Queria uma casa grande, com mobília elegante, que outra pessoa limparia, e uma cozinha moderna, em que alguém que não seria eu cozinharia. Como eu disse, fútil. Jovem e muito fútil. E eu não via qualquer motivo para não conseguir isso.

"Havia alguns desejos que eram mais significativos. Um, em particular. Minha melhor amiga se chamava Vera. Ela se casou jovem, com apenas 17 anos. Casou-se com um homem que meus pais jamais teriam cogitado para mim — um carpinteiro. Um ano depois, ela teve um filho, um lindo menino de covinhas e cabelos cacheados. Foi a primeira vez em que senti uma inveja verdadeira de outra pessoa em toda a minha vida."

Ela me fitou com os olhos insondáveis.

— Era uma época diferente. Eu tinha sua idade, mas estava pronta para tudo. Ansiava por ter meu próprio filho. Queria minha casa e um marido que me beijasse quando chegasse do trabalho... Como Vera. Só que eu tinha em mente um tipo de casa diferente...

Para mim, era difícil imaginar o mundo que Rosalie conheceu. Sua história me parecia um conto de fadas. Com um leve choque, percebi que era muito semelhante ao mundo em que Edward teria vivido quando era humano. O mundo em que ele fora criado. Eu me perguntei — enquanto Rosalie ficou em silêncio por um momento — se meu mundo parecia tão desconcertante para ele como o de Rosalie era para mim.

Rosalie suspirou, e a voz era diferente quando voltou a falar, a nostalgia se fora.

— Em Rochester, havia uma família real... Os King, por ironia. Royce King era dono do banco em que meu pai trabalhava e de quase todos os outros negócios lucrativos da cidade. Foi assim que o filho dele, Royce King II — sua boca se retorceu com o nome, que saiu entre os dentes —, viu-me pela primeira vez. Ele ia assumir o comando do banco, então começou a supervisionar os diferentes cargos. Dois dias depois, minha mãe convenientemente se esqueceu de mandar o almoço de meu pai. Lembro-me de ter ficado confusa quando ela insistiu que eu usasse meu vestido de organza branco e prendesse o cabelo no alto só para ir até o banco.

Rosalie riu sem humor algum.

— Não percebi que Royce me olhava minuciosamente. Todo mundo me olhava. Mas, naquela noite, chegaram as primeiras rosas. Toda noite, durante nossa corte, ele me mandava um buquê de rosas. Meu quarto sempre estava inundado delas. Chegou ao ponto em que eu tinha cheiro de rosas quando saía de casa.

"Royce também era bonito. Tinha os cabelos mais claros do que os meus e olhos azul-claros. Ele disse que meus olhos eram como violetas, e depois disso estas começaram a chegar, junto com as rosas.

"Meus pais aprovavam — para dizer o mínimo. Era tudo o que eles sonhavam. E Royce parecia ser tudo o que eu sonhava. O príncipe do conto de fadas, que aparecera para me tornar princesa. Tudo o que eu queria, e no entanto não mais do que eu esperava. Nos conhecíamos havia menos de dois meses quando ficamos noivos.

"Não passávamos muito tempo sozinhos. Royce me disse que tinha muitas responsabilidades no trabalho, e quando ficávamos juntos, ele gostava que as pessoas nos vissem, para que me vissem nos braços dele. Eu gostava disso também. Havia muitas festas, bailes e vestidos bonitos. Quando você era uma King, todas as portas eram abertas, todos os tapetes vermelhos se estendiam para recebê-la.

"Não foi um noivado longo. Planos para o casamento mais pródigo prosseguiram. Eu seria tudo o que sempre quis. Estava completamente feliz. Quando pensava em Vera, não tinha mais inveja. Imaginei meus filhos louros brincando no imenso gramado da propriedade dos King e tive pena dela."

Rosalie se interrompeu de repente, trincando os dentes. Isso me afastou de sua

história e eu percebi que o pavor não estava muito longe. Como Rosalie prometera, não haveria final feliz. Perguntei-me se era por isso que ela era muito mais amargurada do que os outros — porque estava a ponto de conseguir tudo o que queria quando sua vida humana foi interrompida.

— Eu havia ido à casa de Vera naquela noite — sussurrou Rosalie. Seu rosto era liso como mármore e igualmente duro. — O filhinho, Henry, era mesmo lindo, todo sorrisos e covinhas... Ele começara a se sentar sozinho. Vera me acompanhou até a porta quando eu estava indo embora, o bebê nos braços e o marido a seu lado, com o braço em sua cintura. Ele a beijou na testa quando pensou que eu não estava olhando. Isso me incomodou. Quando Royce me beijava, não era igual... Não tinha a mesma doçura... Eu afastei esse pensamento. Royce era meu príncipe. Um dia, eu seria rainha.

Era difícil de dizer à luz da lua, mas parecia que o rosto branco de Rosalie ficara mais pálido.

— Estava escuro nas ruas, as lâmpadas dos postes já acesas. Não percebi que era tão tarde. — Ela continuou a falar em sussurros quase inaudíveis. — Também fazia frio. Muito frio para o final de abril. O casamento aconteceria dali a uma semana, e eu estava preocupada com o clima enquanto corria para casa... Posso me lembrar disso com clareza. Lembro-me de cada detalhe sobre aquela noite. Prendi-me tanto a isso... no começo. Não pensava em nada mais.

"E então me lembro disso, quando tantas lembranças agradáveis desapareceram por completo..."

Ela suspirou e começou a sussurrar de novo.

— Sim, eu estava preocupada com o clima... Não queria ter que transferir o casamento para dentro da casa...

"Eu estava a algumas ruas de minha casa quando os ouvi. Um grupo de homens sob um poste quebrado, rindo alto demais. Bêbados. Eu queria ligar para meu pai, pedindo que me acompanhasse para casa, mas o caminho era tão curto, parecia tolice. E então ele chamou meu nome.

"'Rose!', gritou ele, e os outros riram como idiotas.

"Eu não tinha percebido que os bêbados estavam tão bem-vestidos. Eram Royce e alguns amigos dele, filhos de outros homens ricos.

"'Esta é a minha Rose!', Royce gritou, rindo com eles, parecendo igualmente idiota. 'Está atrasada. Estamos com frio, você nos deixou esperando tempo

demais.'

"Eu nunca o havia visto beber. Um brinde, vez ou outra, numa festa. Ele dissera que não gostava de champanhe. Eu não tinha percebido que preferia algo muito mais forte.

"Ele tinha um novo amigo — o amigo de um amigo, vindo de Atlanta.

"'O que foi que lhe disse, John?', gritou Royce, pegando meu braço e me puxando para mais perto. 'Não é a coisa mais adorável de todas as belezinhas da Geórgia?'

"O homem chamado John tinha cabelos escuros e era bronzeado. Ele olhou para mim como se eu fosse um cavalo que estivesse comprando.

"'É difícil dizer', disse ele de forma lenta e arrastada. 'Ela ainda está completamente vestida.'

"Eles riram, Royce e os outros.

"De repente, Royce rasgou meu casaco dos ombros — havia sido um presente dele —, arrancando os botões de bronze. Eles se espalharam pela rua.

"'Mostre-lhe como você é, Rose!' Ele riu de novo e tirou meu chapéu. Os grampos arrancaram meus cabelos pela raiz e eu gritei de dor. Eles pareceram gostar disso — de ouvir minha dor..."

Rosalie me olhou subitamente, como se tivesse se esquecido de que eu estava ali. Eu tinha certeza de que meu rosto estava tão branco quanto o dela. A menos que estivesse verde.

— Não vou obrigá-la a ouvir o restante — disse ela baixinho. — Eles me deixaram na rua, ainda rindo enquanto se afastavam, trôpegos. Pensaram que eu estivesse morta. Estavam zombando de Royce por ele ter de encontrar uma nova noiva. Riam e diziam que primeiro ele precisava aprender a ter paciência.

"Eu esperei pela morte na rua. Fazia frio, embora houvesse tanta dor que me surpreendi que isso me incomodasse. Fiquei olhando a neve e me perguntei por que eu não estava morrendo. Estava impaciente pela morte, para dar um fim à dor. Demorava tanto...

"Então, Carlisle me encontrou. Ele sentiu o cheiro de sangue e veio investigar. Lembro-me de ter ficado vagamente irritada enquanto ele cuidava de mim, tentando salvar minha vida. Jamais gostara do Dr. Cullen, da esposa ou do irmão dele — como Edward fingia ser. Aborrecia-me que todos fossem mais bonitos do que eu, em especial os homens. Mas eles não se misturavam em sociedade, então

eu só os havia visto uma ou duas vezes.

"Pensei que ia morrer quando ele me tirou do chão e correu comigo — por causa da velocidade —, parecia que eu estava voando. Lembro-me de ficar apavorada que a dor não fosse cessar...

"Depois eu estava numa casa iluminada e quente. Eu estava desmaiando e fiquei grata pela dor começar a ceder. Mas de repente algo afiado me cortou: minha garganta, meus pulsos, meus tornozelos. Eu gritei de choque, pensando que ele me levara até lá para me ferir ainda mais. Depois um fogo começou a arder através de mim, e eu não me importei com mais nada. Implorei que ele me matasse. Quando Esme e Edward voltaram para casa, implorei-lhes que me matassem também. Carlisle ficou sentado comigo. Segurou minha mão e disse que lamentava muito, prometendo que aquilo terminaria. Contou-me tudo e eu ouvia parcialmente. Disse-me o que ele era e o que eu estava me tornando. Não acreditei nele. Ele se desculpava sempre que eu gritava.

"Edward não estava satisfeito. Lembro-me de ouvi-los discutindo sobre mim. De vez em quando eu parava de gritar. Gritar não me fazia bem algum.

"'Em que você está pensando, Carlisle?', disse Edward. 'Rosalie Hale?'"

Rosalie imitou com perfeição o tom irritado de Edward.

— Não gostei do modo como ele disse meu nome, como se houvesse algo errado comigo.

"'Eu não podia deixá-la morrer', disse Carlisle em voz baixa. 'Era demais — horrível demais, desperdício demais.'

"'Eu sei', disse Edward, e eu pensei que ele parecia me repudiar. Isso me irritou. Na época, eu não sabia que ele de fato podia ver exatamente o que Carlisle vira.

"'Era desperdício demais. Eu não podia deixá-la', repetiu Carlisle num sussurro.

"'É claro que não podia', concordou Esme.

"'Morre gente o tempo todo', lembrou-lhe Edward numa voz severa. 'Mas não acha que ela é um pouco fácil de reconhecer? Os King proporão uma busca imensa — e é claro que ninguém suspeitará do demônio', ele grunhiu.

"Agradou-me que eles parecessem saber que Royce era o culpado.

"Eu não percebi que estava quase acabando — que eu estava ficando mais forte e que por isso conseguia me concentrar no que eles diziam. A dor começava

a ceder a partir da ponta de meus dedos.

"'O que vamos fazer com ela?', perguntou Edward, enojado — ou, pelo menos, assim me pareceu.

"Carlisle suspirou. 'Cabe a ela decidir, é claro. Ela pode seguir seu próprio caminho.'

"Eu acreditei no que ele me disse, o suficiente para ficar apavorada. Sabia que minha vida tinha terminado e que não havia volta para mim. Não podia suportar a ideia de ficar só...

"A dor, enfim, cessou e eles me explicaram novamente o que eu era. Desta vez eu acreditei. Sentia sede, minha pele doía; vi meus olhos vermelhos e brilhantes.

"Sendo fútil, senti-me melhor quando vi meu reflexo no espelho pela primeira vez. Apesar dos olhos, eu era a pessoa mais linda que já vira."

Ela riu consigo mesma por um momento.

— Precisei de algum tempo para começar a culpar a beleza pelo que acontecera comigo... Para ver a maldição nela. Para querer ter sido... bom, não feia, mas normal. Como Vera. Assim eu poderia ter me casado com alguém que me amasse e ter tido lindos bebês. Era o que eu realmente queria, o tempo todo. Ainda não parece demais pedir por isso.

Ela ficou pensativa por um momento, e me perguntei se tinha se esquecido de minha presença de novo. Mas depois Rosalie sorriu para mim, a expressão de repente triunfante.

— Sabe, meu histórico é quase tão limpo quanto o de Carlisle — disse-me ela. — Melhor do que o de Esme. Mil vezes melhor do que o de Edward. Jamais senti o gosto de sangue humano — anunciou com orgulho.

Ela entendeu minha expressão confusa enquanto eu me perguntava por que o histórico dela era quase tão limpo.

— Eu matei cinco humanos — disse-me ela num tom complacente. — Se puder chamá-los de humanos. Mas eu tive o cuidado de não derramar sangue... Eu sabia que não seria capaz de resistir e não queria parte alguma deles em mim, compreende?

"Poupei Royce para o fim. Tinha esperança de que ele soubesse da morte dos amigos e entendesse, soubesse que eu procurava por ele. Tinha esperança de que o medo piorasse seu fim. Acho que funcionou. Ele estava escondido em um quarto sem janelas, atrás de uma porta grossa como a de um cofre de banco, resguardado

do lado de fora por homens armados, quando eu o alcancei. Epa... sete assassinatos. Eu me esqueci dos guardas. Só levei um segundo com eles.

"Foi teatral em excesso; eu era meio infantil. Estava com o vestido de noiva que roubara para a ocasião. Ele gritou quando me viu. Gritou muito naquela noite. Deixá-lo por último foi uma boa ideia — era mais fácil me controlar, fazer tudo bem devagar..."

Ela se interrompeu de repente e olhou para mim.

— Desculpe — disse ela numa voz pesarosa. — Estou assustando você, não é?

— Estou bem — menti.

— Eu me entusiasmei.

— Não se preocupe com isso.

— Surpreende-me que Edward não tenha lhe contado mais sobre isso.

— Ele não gosta de contar as histórias dos outros... Sente que está traindo a confiança, porque ele toma conhecimento de muito mais do que as partes que devia ouvir.

Ela sorriu e sacudiu a cabeça.

— Isso deve conferir mais algum mérito a ele. Ele é mesmo decente, não é?

— Eu acho que sim.

— Sei disso. — Depois ela suspirou. — Também não tenho sido justa com você, Bella. Ele lhe disse por quê? Ou isso também é confidencial?

— Ele disse que era porque eu era humana. Disse que era mais difícil para você aceitar que alguém de fora soubesse.

O riso musical de Rosalie me interrompeu.

— Agora eu me sinto bem culpada. Ele é muito, mas muito mais gentil comigo do que eu mereço. — Ela parecia mais calorosa rindo, como se baixasse a guarda que nunca estava ausente em minha presença. — Mas que mentiroso ele é. — Ela riu de novo.

— Ele estava mentindo? — perguntei, cautelosa de repente.

— Bem, deve ser exagero meu colocar desta forma. Ele só não lhe contou a história toda. O que ele lhe disse era verdade, ainda mais verdadeiro agora do que antes. Porém, na época... — Ela parou, rindo nervosamente. — É constrangedor. Entenda, no início, eu tinha principalmente ciúmes porque ele queria você e não a mim.

Suas palavras me provocaram um arrepio de medo. Sentada ali, à luz prateada,

ela era mais linda do que qualquer outra coisa que eu pudesse imaginar. Eu não podia competir com Rosalie.

— Mas você ama Emmett... — murmurei.

Ela sacudiu a cabeça, divertindo-se.

— Eu não quero Edward dessa maneira, Bella. Jamais quis... Eu o amo como a um irmão, apesar de ele ter me irritado desde o primeiro momento em que o ouvi falar. Mas você precisa entender... Eu estava acostumada com as pessoas me querendo. E Edward não estava nem um pouco interessado. Isso no início me frustrou, me ofendeu. Mas ele jamais quis ninguém, então não me incomodou por muito tempo. Inclusive quando conhecemos o clã de Tanya, em Denali... Todas aquelas mulheres!... Edward jamais demonstrou qualquer interesse. E depois ele conheceu você.

Ela me olhou com uma expressão confusa. Eu não prestava muita atenção. Estava pensando em Edward e Tanya e todas aquelas mulheres, e meus lábios se fecharam numa linha firme.

— Não é que você não seja bonita, Bella — disse ela, interpretando mal minha expressão. — Mas só significa que ele a achou mais atraente do que a mim. Sou bastante fútil para me importar com isso.

— Mas você disse "no início". Isso ainda... a incomoda? Quer dizer, nós duas sabemos que você é a pessoa mais bonita do mundo.

Eu ri ao ter que pronunciar as palavras — era tão evidente! Que estranho que Rosalie precisasse desse tipo de reafirmação.

Rosalie também riu.

— Obrigada, Bella. E não, não me incomoda mais em nada. Edward sempre foi meio estranho. — Ela riu de novo.

— Mas você ainda não gosta de mim — sussurrei.

Seu sorriso desapareceu.

— Eu lamento por isso.

Ficamos sentadas em silêncio por um momento, e ela não pareceu inclinada a continuar.

— Pode me dizer por quê? Eu fiz alguma coisa...? — Ela estaria com raiva por eu ter colocado sua família, seu Emmett, em perigo? Repetidas vezes. James e agora Victoria...

— Não, você não fez nada — murmurou ela. — Ainda não.

Eu a fitei, perplexa.

— Não entende, Bella? — Sua voz de repente era mais apaixonada do que antes, mesmo quando contou a história infeliz. — Você já tem tudo. Tem toda uma vida pela frente... Tudo o que eu quero. E quer jogar tudo fora. Não entende que eu trocaria qualquer coisa que tenho para ser você? Você tem a alternativa que eu não tive e está tomando a decisão errada!

Eu recuei ao ver sua expressão veemente. Percebi que minha boca se abrira e a fechei rapidamente.

Ela me olhou por um longo tempo e, aos poucos, o fervor de seus olhos diminuiu; de repente, ela estava envergonhada.

— Não tenho certeza de que posso fazer isso com calma. — Ela sacudiu a cabeça, parecendo meio tonta pelo dilúvio de emoções. — É só que é mais difícil agora do que antes, quando não passava de vaidade.

Ela olhou a lua em silêncio. Isso alguns momentos antes de eu ter coragem de interromper seus devaneios.

— Você me consideraria melhor se eu preferisse continuar humana?

Ela se virou para mim, os lábios se retorcendo numa sugestão de sorriso.

— Talvez.

— Mas você conseguiu seu final feliz — lembrei a ela. — Você conseguiu Emmett.

— Mais ou menos. — Ela sorriu. — Sabe que eu salvei Emmett de um urso que o atacava e o levei para a casa de Carlisle. Mas pode imaginar por que eu impedi que o urso o devorasse?

Sacudi a cabeça.

— Com os cachos escuros... As covinhas que apareciam mesmo quando ele fazia caretas de dor... A estranha inocência que parecia tão deslocada num rosto de adulto... Ele me lembrou o filho de Vera, Henry. Eu não queria que ele morresse... Embora odiasse essa vida, fui egoísta o suficiente para pedir a Carlisle para transformá-lo para mim.

"Tive mais sorte do que merecia. Emmett é tudo o que eu pediria se me conhecesse bem o bastante para saber o que pedir. Ele é exatamente o tipo de pessoa necessária a alguém como eu. E, é estranho, ele também precisa de mim. Essa parte funcionou melhor do que eu poderia esperar. Mas nunca haverá mais do que nós dois. E nunca me sentarei em alguma varanda, com ele grisalho a meu

lado, cercada de netos."

Seu sorriso agora era gentil.

— Isso parece bem bizarro para você, não é? De certa maneira, você é muito mais madura do que eu aos 18 anos. Mas, por outro lado... Há muitas considerações em que você não deve ter pensado com seriedade. É nova demais para saber o que quer daqui a dez, quinze anos... E nova demais para desistir de tudo sem pensar com cuidado. Não pode ser imprudente com o que é para sempre, Bella.

Ela afagou minha cabeça, mas o gesto não parecia condescendente.

Eu suspirei.

— Só pense um pouco. Depois que for feito, não pode ser desfeito. Esme nos trata como substitutos... E Alice não se lembra de nada humano, então não pode sentir falta... Mas você vai se lembrar. É muito para se abrir mão.

Mas há mais em troca, eu não disse em voz alta.

— Obrigada, Rosalie. É bom entender... conhecer você melhor.

— Desculpe-me por ser um monstro. — Ela sorriu. — De agora em diante, vou tentar me comportar.

Eu sorri para ela.

Ainda não éramos amigas, mas eu tinha certeza absoluta de que ela não me odiaria tanto para sempre.

— Agora vou deixar você dormir. — Os olhos de Rosalie voltaram-se para a cama e seus lábios se retorceram. — Sei que está frustrada por ele tê-la prendido desse jeito, mas não fique muito brava quando ele voltar. Ele a ama mais do que você entende. Apavora-o ficar longe de você. — Ela se levantou em silêncio e foi como um fantasma para a porta. — Boa noite, Bella — sussurrou ao fechar a porta depois de passar.

— Boa-noite, Rosalie — murmurei um segundo tarde demais.

Quando dormi, tive um pesadelo. Eu estava rastejando no escuro, nas pedras frias de uma rua desconhecida, sob a neve que caía suave, deixando uma trilha de sangue. Um anjo sombrio, de roupa longa e branca, observava meu progresso com olhos ressentidos.

Na manhã seguinte, Alice me levou à escola enquanto, mal-humorada, eu olhava pelo para-brisa. Sentia-me privada de sono e isso tornava ainda mais forte minha irritação pela prisão.

— Esta noite vamos a Olympia ou outro programa assim — prometeu ela. — Vai ser divertido, não é?

— Por que não me tranca no porão — sugeri — e deixa a bajulação para lá?

Alice franziu a testa.

— Ele vai pegar o Porsche de volta. Não estou fazendo um trabalho muito bom. Você devia estar se divertindo.

— Não é culpa sua — murmurei. Nem acreditava que eu realmente me sentia culpada. — A gente se vê no almoço.

Andei com passos pesados para a aula de inglês. Sem Edward, o dia, com certeza, seria insuportável. Fiquei amuada em minha primeira aula, ciente de que minha atitude não ajudava em nada.

Quando a sineta tocou, levantei-me sem muito entusiasmo. Mike estava na porta, mantendo-a aberta para mim.

— Edward foi fazer trilha neste fim de semana? — perguntou ele socialmente enquanto andávamos para a chuva leve.

— Foi.

— Quer fazer algo hoje à noite?

Como ele ainda podia ter esperanças?

— Não posso. Tenho uma festinha de pijama — resmunguei.

Ele me olhou de um jeito estranho enquanto processava meu estado de espírito.

— Quem você vai...

A pergunta de Mike foi interrompida quando um rugido alto surgiu de trás de nós no estacionamento. Todos na calçada se viraram para olhar, encarando incrédulos a moto preta e barulhenta que parava cantando pneu na borda de concreto, o motor ainda roncando.

Jacob acenou para mim com urgência.

— Corra, Bella! — gritou ele mais alto que o ronco do motor.

Fiquei paralisada por um segundo antes de entender.

Olhei para Mike rapidamente. Eu sabia que tinha apenas segundos.

Até que ponto Alice me reprimiria em público?

— Eu fiquei enjoada e fui para casa, está bem? — disse a Mike, a voz de repente cheia de excitação.

— Tudo bem — murmurou ele.

Belisquei de leve o rosto de Mike.

— Obrigada, Mike. Fico devendo uma! — gritei enquanto disparava dali.

Jacob acelerou o motor, sorrindo. Pulei na garupa, passando os braços com firmeza em sua cintura.

Tive um vislumbre de Alice, paralisada na beira do refeitório, os olhos cintilando de fúria, o lábio retorcido por sobre os dentes.

Lancei-lhe um olhar suplicante.

Depois estávamos correndo tão rápido pelo asfalto que meu estômago se perdeu em algum lugar atrás de mim.

— Segure-se — gritou Jacob.

Escondi meu rosto em suas costas enquanto ele acelerava na estrada. Eu sabia que ele devia reduzir quando chegássemos à fronteira quileute. Só precisava me segurar bem até lá. Rezei em silêncio e fervorosamente para que Alice não nos seguisse e Charlie não me visse por acaso...

Ficou evidente quando chegamos à área segura. Jacob reduziu a marcha da moto, se endireitou e uivou aos risos. Eu abri os olhos.

— Conseguimos — gritou ele. — Nada mal para uma fuga da prisão, hein?

— Boa ideia, Jake.

— Eu me lembrei do que você disse sobre a sanguessuga paranormal não conseguir prever o que eu vou fazer. Ainda bem que você não pensou nisso... Ela não teria deixado você ir à escola.

— Foi por isso que não pensei no assunto.

Ele riu, triunfante.

— O que quer fazer hoje?

— Qualquer coisa! — Eu também ri. Sentia-me ótima por estar livre.

8. MAU GÊNIO

ACABAMOS NA PRAIA DE NOVO, ANDANDO SEM RUMO. Jacob estava cheio de si por ter planejado minha fuga.

— Acha que virão procurar por você? — perguntou ele, parecendo esperançoso.

— Não. — Eu tinha certeza disso. — Mas esta noite vão ficar furiosos comigo.

Ele pegou uma pedra e a atirou nas ondas.

— Então não volte — sugeriu ele de novo.

— Charlie adoraria isso — eu disse com sarcasmo.

— Aposto que ele não se importaria.

Não respondi. Jacob devia ter razão, e isso me fez trincar os dentes. A preferência patente de Charlie por meus amigos quileutes era muito injusta. Perguntei-me se ele sentiria o mesmo se soubesse que a escolha era, na verdade, entre vampiros e lobisomens.

— E aí, qual é o último escândalo da alcateia? — perguntei alegremente.

Jacob parou e me olhou, chocado.

— Que foi? Era brincadeira.

— Ah. — Ele virou a cara.

Esperei que Jacob recomeçasse a andar, mas ele parecia imerso em pensamentos.

— Há mesmo um escândalo? — perguntei.

Jacob deu uma risada.

— Esqueci como é nem todo mundo saber de tudo o tempo todo. Ter um lugar privativo e secreto em minha mente.

Andamos pela praia rochosa em silêncio por alguns minutos.

— Então, o que é? — perguntei por fim. — O que todo mundo em sua cabeça já sabe?

Ele hesitou por um momento, como se não tivesse certeza do quanto me

contaria. Depois suspirou e disse:

— Quil sofreu imprinting. Agora são três. O restante de nós está começando a ficar preocupado. Talvez seja mais comum do que dizem as histórias...

Ele franziu o cenho, depois se virou para me fitar. Olhou em meus olhos sem falar nada, a testa vincada de concentração.

— O que está olhando? — perguntei, sem graça.

Ele suspirou.

— Nada.

Jacob recomeçou a andar. Sem parecer pensar no assunto, ele pegou minha mão. Nós andamos em silêncio pelas pedras.

Pensei na impressão que devíamos passar, caminhando de mãos dadas pela praia — certamente como um casal —, e me perguntei se devia me opor a isso. Mas era sempre assim com Jacob... Não havia motivo para me preocupar agora.

— Por que o imprinting de Quil é um escândalo? — perguntei quando ele deu a entender que não continuaria. — É porque ele é o mais novo?

— Isso não tem nada a ver.

— Então, qual é o problema?

— É outra daquelas lendas. Quando será que vamos parar de nos surpreender que todas sejam verdade? — murmurou ele para si mesmo.

— Vai me contar? Ou vou ter que adivinhar?

— Você jamais conseguiria. Olhe, o Quil só começou a andar conosco recentemente. Então ele não esteve muito na casa de Emily.

— O Quil sofreu imprinting com a Emily também? — eu arquejei.

— Não! Eu disse que não ia adivinhar. Emily tem duas sobrinhas de visita... E Quil conheceu Claire.

Ele não continuou. Pensei nisso por um momento.

— Emily não quer a sobrinha com um lobisomem? Isso é meio hipócrita — eu disse.

Mas eu podia entender por que justo ela se sentiria assim. Pensei novamente nas longas cicatrizes que desfiguravam seu rosto e se estendiam até o braço direito. Sam perdeu o controle uma vez quando ficou perto demais dela. Foi o que bastou... Eu vi a dor nos olhos de Sam quando ele olhava o que fizera com Emily. Podia entender por que Emily queria proteger a sobrinha disso.

— Pode parar de tentar adivinhar? Não está acertando uma. Emily não se

importa com essa parte, só é, bom, meio prematuro.

— O que quer dizer com prematuro?

Jacob avaliou-me com os olhos semicerrados.

— Procure não ser muito crítica, está bem?

Eu assenti, cautelosa.

— Claire tem 2 anos — disse-me Jacob.

A chuva começou a cair. Pisquei furiosamente para as gotas que golpeavam minha cara.

Jacob esperava em silêncio. Não estava de casaco, como sempre; a chuva deixava borrifos escuros na camiseta preta e pingava de seus cabelos desgrenhados. O rosto observava inexpressivo o meu.

— Quil... sofreu imprinting com... uma menina de 2 anos? — Finalmente consegui falar.

— Acontece. — Jacob deu de ombros. Ele se curvou para pegar outra pedra e a mandou voando para a baía. — Ou assim dizem as histórias.

— Mas ela é um bebê — protestei.

Ele olhou para mim com uma diversão sombria.

— O Quil não vai ficar mais velho — lembrou-me, meio acre no tom de voz. — Só terá de ser paciente por algumas décadas.

— Eu... não sei o que dizer.

Eu tentava ao máximo não ser crítica, mas, na verdade, estava apavorada. Desde o dia em que descobri que eles não estavam cometendo os assassinatos que eu lhes imputava, nada sobre os lobisomens me incomodara. Até ali.

— Está julgando mal — acusou ele. — Posso ver isso em seu rosto.

— Desculpe — murmurei. — Mas parece mesmo arrepiante.

— Não é isso; você entendeu tudo errado. — Jacob defendeu o amigo com uma veemência súbita. — Eu vi como é, pelos olhos dele. Não há nada de romântico nisso, não para o Quil, não agora. — Ele respirou fundo, frustrado. — É difícil de descrever. Não é como o amor à primeira vista. É mais como... uma atração gravitacional. Quando a vê, de repente não é mais a Terra que mantém você aqui. É ela. E nada importa mais do que ela. E você faria qualquer coisa por ela, seria qualquer coisa por ela... Você se torna o que ela precisa que seja, um protetor, amante, amigo ou irmão.

"Quil será o melhor e mais gentil irmão mais velho que qualquer criança já

teve. Não há um único bebê no mundo que será mais bem cuidado do que essa garotinha. E depois, quando ela ficar mais velha e precisar de um amigo, ele será mais compreensivo, mais digno de confiança e leal que qualquer outra pessoa que ela conhecer. E mais tarde, quando ela for adulta, eles serão felizes, como Emily e Sam.

Uma pontada estranha de amargura aguçou sua voz bem no fim, ao falar de Sam.

— Nesse caso, Claire não tem escolha?

— Claro que tem. Mas por que ela não o escolheria, no final? Ele será seu parceiro perfeito. Como se fosse projetado só para ela.

Andamos em silêncio por um momento, até que parei para atirar uma pedra no mar. Ela caiu na praia, vários metros antes. Jacob riu de mim.

— Nem todos somos incrivelmente fortes — murmurei.

Ele suspirou.

— Quando acha que vai acontecer com você? — perguntei em voz baixa.

A resposta dele foi monótona e imediata.

— Nunca.

— Não é algo que se possa controlar, é?

Ele ficou em silêncio por alguns minutos. Inconscientemente, nós reduzimos o passo, mal nos movendo.

— Não devia ser — admitiu ele. — Mas você tem que vê-la... Aquela que deve ser para você.

— E acha que se você ainda não a viu, então ela não está por aí? — perguntei, cética. — Jacob, você não viu muita coisa do mundo... Viu até menos do que eu.

— Não, não vi — disse ele em voz baixa. Ele fitou meu rosto com os olhos repentinamente penetrantes. — Mas nunca mais verei ninguém, Bella. Só vejo você. Mesmo quando fecho meus olhos e tento ver outra coisa. Pergunte ao Quil ou ao Embry. Isso os deixa malucos.

Baixei os olhos para as pedras.

Não estávamos mais andando. O único som era das ondas quebrando na praia. Eu mal conseguia ouvir a chuva com aquele rugido.

— Talvez seja melhor eu ir para casa — sussurrei.

— Não! — ele protestou, surpreso com essa conclusão.

Voltei a olhar para ele, e agora seus olhos eram ansiosos.

— Você tem o dia todo, não é? O sanguessuga ainda não chegou em casa.

Eu o encarei.

— Eu não pretendia ofender — disse ele depressa.

— Sim, eu tenho o dia todo, mas Jake...

Ele ergueu as mãos.

— Desculpe — disse ele. — Não serei mais assim, serei só o Jacob.

Eu suspirei.

— Mas se é nisso que você está pensando...

— Não se preocupe comigo — insistiu ele, sorrindo com uma alegria estudada, animado demais. — Sei o que estou fazendo. Só me avise se eu aborrecer você.

— Não sei, não...

— Por favor, Bella. Vamos voltar para casa e pegar nossas motos. É preciso andar numa moto com frequência para mantê-la regulada.

— Não acho que tenha permissão para isso.

— E quem proíbe? Charlie ou o sanguess... ou ele?

— Os dois.

Jacob abriu o meu sorriso e de repente era o Jacob de quem eu sentia falta, ensolarado e quente.

Não pude deixar de sorrir também.

A chuva atenuou, transformando-se numa névoa.

— Não vou contar a ninguém — prometeu ele.

— Só a cada um de seus amigos.

Ele sacudiu a cabeça com bom-senso e ergueu a mão direita.

— Eu prometo não pensar nisso.

Eu ri.

— Se eu me machucar, foi porque tropecei.

— O que você disser.

Andamos com nossas motos nas estradas secundárias de La Push até que a chuva as deixou lamacentas demais, e Jacob insistiu que ia desmaiar se não comesse logo. Billy me recebeu tranquilamente quando chegamos à casa, como se meu reaparecimento repentino não significasse nada mais complicado do que eu querer passar o dia com meu amigo. Depois que comemos os sanduíches preparados por Jacob fomos para a oficina e eu o ajudei a limpar as motos. Eu não

ia lá havia meses — desde a volta de Edward —, mas não tinha sentido me importar com isso. Era só outra tarde na oficina.

— Isso é ótimo — comentei quando ele pegou refrigerantes quentes no saco do armazém. — Eu estava com saudade deste lugar.

Ele sorriu, olhando o telheiro de plástico sobre nossa cabeça.

— É, posso entender isso. Todo o esplendor do Taj Mahal, sem a inconveniência nem as despesas de viagem para a Índia.

— Ao pequeno Taj Mahal de Washington — eu brindei, levantando minha lata.

Ele tocou a lata dele na minha.

— Lembra o Dia dos Namorados? Acho que foi a última vez em que você esteve aqui... A última vez em que as coisas foram... normais, quero dizer.

Eu ri.

— É claro que me lembro. Eu troquei uma vida toda de escravidão por uma caixa de corações entrelaçados. Não é algo de que se possa esquecer.

Ele riu comigo.

— Tem razão. Hmmm, escravidão. Vou ter que pensar numa coisa boa. — Depois ele suspirou. — Parece que já faz anos. Outra era. Uma época mais feliz.

Eu não podia concordar com ele. Esta era a minha época de felicidade. Mas fiquei surpresa ao perceber de quantas coisas de minhas eras sombrias eu sentia falta. Olhei pela abertura a floresta escura. A chuva tinha aumentado de novo, mas fazia calor na pequena oficina, sentada ao lado de Jacob. Ele era tão bom como uma fornalha.

Os dedos dele afagaram minha mão.

— As coisas mudaram mesmo.

— É — eu disse, depois estendi a mão e afaguei o pneu traseiro de minha moto. — Charlie costumava gostar de mim. Espero que Billy não diga nada sobre hoje... — Eu mordi o lábio.

— Não vai dizer. Ele não fica preocupado como Charlie. Olha, eu nunca me desculpei oficialmente por aquela atitude idiota sobre a moto. Lamento de verdade por ter dedurado você para Charlie. Não queria ter feito isso.

Revirei os olhos.

— Nem eu.

— Desculpe, me desculpe mesmo.

Ele olhou para mim cheio de esperança, os cabelos pretos embaraçados e molhados apontando para todo lado em volta da cara suplicante.

— Ah, tudo bem! Está perdoado.

— Obrigado, Bells!

Trocamos um sorriso por um segundo, depois seu rosto ficou sombrio.

— Sabe aquele dia, quando eu levei a moto... Eu estava querendo fazer uma pergunta — disse ele devagar. — Mas, ao mesmo tempo... não queria.

Fiquei completamente imóvel — uma reação de estresse. Era um hábito que eu adquirira de Edward.

— Você estava sendo teimosa porque estava chateada comigo ou era mesmo a sério? — sussurrou ele.

— Sobre o quê? — sussurrei também, mas tinha certeza de saber o que ele queria dizer.

Ele me encarou.

— Sabe o que é. Quando você disse que não era da minha conta... se... se ele tinha mordido você. — Ele se encolheu visivelmente no final.

— Jake... — Minha garganta parecia inchada. Eu não conseguia terminar.

Ele fechou os olhos e respirou fundo.

— Estava falando sério?

Ele tremia só um pouco. Seus olhos ficaram fechados.

— Estava — sussurrei.

Jacob respirou, lenta e profundamente.

— Acho que eu sabia disso.

Fitei seu rosto, esperando que os olhos dele se abrissem.

— Sabe o que isso vai significar? — perguntou ele de repente. — Você entende, não é? O que vai acontecer se eles quebrarem o tratado?

— Vamos embora primeiro — eu disse numa voz fininha.

Seus olhos se abriram num rompante, as profundezas negras cheias de raiva e dor.

— O tratado não tem limite geográfico, Bella. Nossos bisavós só concordaram em manter a paz porque os Cullen juraram que eram diferentes, que as pessoas não corriam perigo com eles. Prometeram que nunca matariam nem mudariam mais ninguém. Se eles voltarem atrás, o tratado perde o sentido e eles não serão diferentes dos outros vampiros. Já que isso está determinado, quando os

encontrarmos outra vez...

— Mas, Jake, você já não quebrou o tratado? — perguntei, aproveitando a deixa. — Não quebrou a parte de não contar às pessoas sobre os vampiros? E você contou a mim. Então o tratado não é meio discutível de alguma forma?

Jacob não gostou do lembrete; a dor em seus olhos endureceu em animosidade.

— É, eu quebrei o tratado... Antes até de acreditar nele. E tenho certeza de que eles foram informados disso. — Ele fitou de mau humor minha testa, sem encontrar meu olhar, envergonhado. — Mas isso não dá um brinde a eles nem nada disso. Não se troca uma culpa por outra. Eles só terão uma alternativa se fizerem objeção ao que eu fiz. A mesma opção que eu terei quando eles romperem o tratado. Atacar. Começar a guerra.

Ele fazia aquilo parecer tão inevitável! Eu tremi.

— Jake, não precisa ser assim.

Seus dentes trincaram.

— Mas é assim.

O silêncio depois da declaração dele parecia muito alto.

— Nunca vai me perdoar, Jacob? — sussurrei. Assim que pronunciei as palavras, desejei não ter falado nada. Eu não queria ouvir a resposta dele.

— Você não seria mais a Bella — disse-me ele. — Minha amiga não vai existir. Não haverá a quem perdoar.

— Isso me parece um não — sussurrei.

Nós nos encaramos por um instante interminável.

— Então é adeus, Jake?

Ele piscou rapidamente, sua expressão colérica derretendo-se em surpresa.

— Por quê? Ainda temos alguns anos. Não podemos ser amigos até esgotarmos nosso tempo?

— Anos? Não, Jake, não são anos. — Sacudi a cabeça e ri uma vez sem humor algum. — Semanas seria mais preciso.

Eu não esperava pela reação dele.

De repente ele ficou de pé e houve um estouro alto quando a lata de refrigerante explodiu em sua mão. Voou refrigerante para todo lado, como que espirrado de uma mangueira, ensopando-me.

— Jake! — comecei a reclamar, mas me calei quando percebi todo seu corpo

tremendo de raiva. Ele me encarava desvairado, um rosnado se formando no peito.

Fiquei paralisada, chocada demais para lembrar como me mexer.

O tremor rolou por ele, acelerando, até que ele parecia vibrar. Sua forma se nublou...

E depois Jacob trincou os dentes e o rosnado parou. Ele fechou os olhos com firmeza, concentrado; o tremor se reduziu até que só as mãos se agitavam.

— Semanas — disse Jacob numa voz monótona.

Não consegui responder; ainda estava paralisada.

Ele abriu os olhos. Agora estavam além da fúria.

— Ele vai transformar você numa maldita sanguessuga só em algumas semanas! — Jacob sibilou entredentes.

Atordoada demais para me ofender com as palavras dele, eu só assenti, muda.

Seu rosto ficou esverdeado sob a pele avermelhada.

— É claro, Jake — sussurrei depois de um longo minuto de silêncio. — Ele tem 17 anos, Jacob. E eu fico mais perto dos 19 a cada dia que passa. Além disso, que sentido tem esperar? Ele é tudo o que eu quero. O que mais posso fazer?

Eu pretendia que essa fosse uma pergunta retórica.

As palavras dele estalaram como os golpes de um chicote.

— Qualquer coisa. Qualquer outra coisa. É melhor até morrer. Eu preferia que morresse.

Recuei como se ele tivesse me batido. Magoou mais do que se tivesse feito.

E então, enquanto a dor me atingia, meu mau gênio explodiu em chamas.

— Talvez você tenha sorte — eu disse com frieza, colocando-me de pé. — Talvez eu seja atropelada por um caminhão quando voltar para casa.

Peguei minha moto e a empurrei para a chuva. Ele não se mexeu quando passei por ele. Assim que cheguei à trilha pequena e lamacenta, subi na moto e dei a partida. O pneu traseiro cuspiu um jato de lama para a oficina e eu esperava que o tivesse atingido.

Fiquei completamente ensopada ao acelerar pela estrada escorregadia até a casa dos Cullen. O vento parecia congelar a chuva em minha pele, e meus dentes batiam antes que eu chegasse na metade do caminho.

Motos não são nada práticas em Washington. Eu venderia aquela coisa idiota na primeira oportunidade que tivesse.

Entrei com a moto na garagem cavernosa dos Cullen e não me surpreendi ao ver Alice esperando por mim, empoleirada no capô do Porsche. Alice afagava a tinta amarela brilhante.

— Ainda nem tive chance de dirigir. — Ela suspirou.

— Desculpe — soltei entre os dentes que batiam.

— Parece que você precisa de um banho — disse ela, bruscamente, enquanto se colocava de pé.

— É.

Ela franziu os lábios, examinando minha expressão com cuidado.

— Quer conversar sobre isso?

— Não.

Ela assentiu, mas seus olhos ardiam de curiosidade.

— Quer ir a Olympia hoje à noite?

— Não. Posso ir para casa?... Deixa pra lá, Alice — eu disse, depois que ela fez uma careta. — Vou ficar, se isso facilitar a situação para você.

— Obrigada. — Ela suspirou de alívio.

Fui para a cama cedo naquela noite, enroscando-me no sofá de novo.

Ainda estava escuro quando acordei. Eu estava grogue, mas sabia que ainda não havia amanhecido. Meus olhos se fecharam e eu me espreguicei, rolando no sofá. Precisei de um segundo para perceber que o movimento devia ter me derrubado no chão. E que eu estava confortável demais.

Rolei de novo, tentando enxergar. Estava mais escuro do que na noite anterior — as nuvens eram espessas demais para a lua brilhar através delas.

— Desculpe-me — murmurou ele, tão suavemente que sua voz pareceu parte da escuridão. — Não queria acordar você.

Fiquei tensa, esperando pela fúria — a dele e a minha —, mas só havia silêncio e quietude na escuridão do quarto dele. Eu quase podia sentir o gosto da doçura do reencontro no ar; a fragrância distinta do perfume de seu hálito; o vazio de nossa separação deixara seu próprio gosto amargo, algo de que só tive consciência quando foi removido.

Não havia atrito no espaço entre nós. A quietude era pacífica — não como a calma antes da tempestade, mas como uma noite limpa, intocada até pelo sonho de uma tempestade.

E eu não me incomodei em ficar com raiva dele. Não me incomodei em sentir

raiva de todo mundo. Estendi a mão até ele, encontrei suas mãos no escuro e me puxei para mais perto. Seus braços me envolveram, aninhando-me no peito. Meus lábios procuraram, famintos, por seu peito, seu pescoço, até que enfim encontraram sua boca.

Edward me beijou delicadamente por um momento, depois riu.

— Eu estava prevenido para a ira que colocaria os ursos no chinelo e é isso que eu recebo? Eu devia enfurecê-la com mais frequência.

— Me dê um minuto para me preparar — brinquei, beijando-o novamente.

— Vou esperar o tempo que quiser — sussurrou ele em meus lábios. Seus dedos se prenderam em meus cabelos.

— Talvez de manhã — respondi, com a respiração irregular.

— Como preferir.

— Bem-vindo ao lar — eu disse enquanto seus lábios frios pressionavam sob meu queixo. — Estou feliz por ter voltado.

— Isso é muito bom.

— Hmmmm — concordei, apertando meus braços em seu pescoço.

Sua mão envolveu meu cotovelo, movendo-se bem devagar por meu braço, por minhas costelas e em volta de minha cintura, acompanhando meu quadril e descendo por minha perna, contornando meu joelho. Ele parou ali, a mão enroscando-se na panturrilha. De repente ele puxou minha perna, enganchando-a em seu quadril.

Parei de respirar. Não era o tipo de carinho que ele costumava fazer. Apesar das mãos frias, senti-me quente de imediato. Seus lábios moveram-se por meu pescoço.

— Não quero provocar sua ira prematuramente — sussurrou ele —, mas importa-se de me dizer o motivo de você rejeitar esta cama?

Antes que eu pudesse responder, antes até que pudesse me concentrar o suficiente para compreender as palavras dele, ele rolou de lado, puxando-me para cima. Segurou meu rosto nas mãos, inclinando-o para que sua boca chegasse a meu pescoço. Minha respiração era alta demais — era quase constrangedor, mas eu não me importava o suficiente para ficar envergonhada.

— A cama? — perguntou ele de novo. — Eu acho ótima.

— É desnecessária — consegui arfar.

Ele puxou meu rosto e meus lábios moldaram-se aos dele. Devagar desta vez,

ele rolou até pairar em cima de mim. Sustentou-se com cuidado para eu não sentir seu peso, mas eu podia sentir o frio de mármore de seu corpo contra o meu. Meu coração martelava tão alto que era difícil ouvir seu riso baixo.

— Isso é discutível — discordou ele. — Isto aqui seria difícil num sofá.

Fria como gelo, sua língua acompanhou com leveza a forma de meus lábios.

Minha cabeça girava — o ar entrava rápido e superficial demais.

— Você mudou de ideia? — perguntei sem fôlego. Talvez ele tivesse repensado suas regras cautelosas. Talvez houvesse mais significado naquela cama do que eu pensara. Meu coração pulsava quase dolorosamente enquanto eu esperava por sua resposta.

Edward suspirou, rolando de costas e ficando a meu lado de novo.

— Não seja ridícula, Bella — disse ele, a censura forte em sua voz; com certeza, ele entendeu o que eu quis dizer. — Só estava tentando ilustrar os benefícios da cama de que você parece não gostar. Não exagere.

— Tarde demais — murmurei. — E eu gosto da cama — acrescentei.

— Que bom. — Eu podia ouvir o sorriso em sua voz quando ele beijou minha testa. — Eu também gosto.

— Mas ainda acho desnecessária — continuei. — Se não vamos nos deixar levar, que sentido tem?

Ele suspirou de novo.

— Pela centésima vez, Bella... É perigoso demais.

— Gosto do perigo — insisti.

— Eu sei. — Havia um tom amargo em sua voz e percebi que ele devia ter visto a moto na garagem.

— Vou lhe dizer o que é perigoso — eu disse rapidamente, antes que ele pudesse passar a outro assunto. — Vou entrar em combustão espontânea um dia desses... e você só poderá culpar a si mesmo.

Ele começou a me afastar.

— O que está fazendo? — objetei, prendendo-me a ele.

— Protegendo-a da combustão. Já que é demais para você...

— Posso lidar com isso — insisti.

Ele permitiu que eu me aninhasse novamente no círculo de seus braços.

— Desculpe por ter dado a impressão errada — disse ele. — Eu não queria deixá-la infeliz. Isso não foi bom.

— Na verdade, foi muito, muito bom.

Ele respirou fundo.

— Não está cansada? Eu devia deixá-la dormir.

— Não, não estou. Se não se importa, quero que dê a impressão errada de novo.

— Não deve ser uma boa ideia. Você não é a única que se empolga.

— Sou, sim — murmurei.

Ele riu.

— Não faz ideia, Bella. E também não ajuda em nada que você esteja tão ansiosa por acabar com meu autocontrole.

— Não vou me desculpar por isso.

— Mas será que eu posso me desculpar?

— Pelo quê?

— Você estava com raiva de mim, lembra?

— Ah, isso.

— Desculpe. Eu errei. É muito mais fácil ter a perspectiva correta quando tenho você em segurança aqui. — Seus braços se estreitaram à minha volta. — Eu fico um tanto frenético quando tenho de deixá-la. Não acho que irei tão longe de novo. Não vale a pena.

Eu sorri.

— Encontrou algum leão da montanha?

— Sim, na verdade sim. Ainda não compensou a ansiedade. Mas lamento que Alice a tenha feito refém. Foi uma ideia ruim.

— Foi — concordei.

— Não vou fazer isso de novo.

— Tudo bem — eu disse tranquilamente. Ele já estava perdoado. — Mas as festinhas de pijama têm suas vantagens... — Eu me enrosquei mais perto dele, colocando os lábios na reentrância acima da clavícula. — Você pode me manter refém a hora que quiser.

— Hmmm — suspirou ele. — Olha que eu posso me aproveitar de você.

— Então agora é minha vez?

— Sua vez? — A voz dele era confusa.

— De pedir desculpas.

— O que você fez para se desculpar?

— Não está chateado comigo? — perguntei sem entender.

— Não.

Ele parecia sincero.

Senti minhas sobrancelhas se unirem.

— Não viu Alice quando chegou em casa?

— Vi... Por quê?

— Vai pegar o Porsche de volta?

— É claro que não. Foi um presente.

Eu queria poder ver a expressão dele. Sua voz me deu a impressão de que eu o insultara.

— Não quer saber o que eu fiz? — perguntei, começando a ficar confusa com a aparente despreocupação dele.

Eu o senti dar de ombros.

— Sempre estou interessado em tudo o que você faz... Mas não precisa me contar, a não ser que queira.

— Mas eu fui a La Push.

— Eu sei.

— E matei aula.

— E eu também.

Virei-me para o som de sua voz, acompanhando suas feições com os dedos, tentando entender seu estado de espírito.

— De onde veio toda essa tolerância? — perguntei.

Ele suspirou.

— Concluí que você tem razão. Meu problema antes era mais com meu... preconceito contra lobisomens do que qualquer outra coisa. Vou tentar ser mais razoável e confiar em seu julgamento. Se você diz que é seguro, então vou acreditar em você.

— Caramba.

— E... mais importante... Não estou disposto a deixar que isso crie atrito entre nós.

Pousei minha cabeça em seu peito e fechei os olhos, totalmente satisfeita.

— E então — murmurou ele num tom casual. — Você pretende voltar a La Push em breve?

Não respondi. A pergunta dele trouxe as lembranças das palavras de Jacob e

minha garganta de repente se fechou.

Ele interpretou mal meu silêncio e a tensão de meu corpo.

— Só para que eu faça meus planos — explicou ele depressa. — Não quero que sinta que tem que correr de volta porque estou esperando sentado por você.

— Não — eu disse num tom que me pareceu estranho. — Não tenho planos de voltar.

— Ah. Não precisa fazer isso por mim.

— Não acho que vá ser bem-recebida — sussurrei.

— Você atropelou o gato de alguém? — perguntou ele descontraído.

Eu sabia que ele não queria arrancar a história de mim, mas eu podia ouvir a curiosidade ardendo por trás de suas palavras.

— Não. — Respirei fundo, depois murmurei rapidamente a explicação. — Eu pensei que Jacob entenderia... Não achei que isso o surpreenderia.

Edward esperou enquanto eu hesitava.

— Ele não estava esperando... que fosse tão cedo.

— Ah! — disse Edward baixinho.

— Ele disse que prefere me ver morta. — Minha voz falhou na última palavra.

Edward ficou imóvel demais por um momento, controlando qualquer reação que não queria que eu visse.

Depois me apertou delicadamente contra seu peito.

— Eu sinto muito.

— Pensei que ficaria feliz com isso — sussurrei.

— Feliz com algo que a faz sofrer? — murmurou ele em meus cabelos. — Acho que não, Bella.

Eu suspirei e relaxei, acomodando-me a sua forma de pedra. Mas ele estava imóvel de novo, tenso.

— Qual é o problema? — perguntei.

— Nada.

— Pode me falar.

Ele parou por um minuto.

— Pode deixá-la irritada.

— Ainda assim quero saber.

Ele suspirou.

— Eu podia literalmente matá-lo por dizer isso a você. É o que quero fazer.

Eu ri com frieza.

— Acho ótimo que você tenha tanto autocontrole.

— Eu podia ter um lapso. — Sua voz era pensativa.

— Se vai ter um lapso de controle, posso pensar num lugar melhor para isso. — Estendi a mão para seu rosto, tentando me içar para beijá-lo. Seus braços me seguraram com força, restringindo-me.

Ele suspirou.

— O único responsável aqui sou eu?

Eu sorri com malícia no escuro.

— Não. Deixe a carga da responsabilidade comigo por uns minutos... Ou horas.

— Boa-noite, Bella.

— Espere... Há outra pergunta que quero fazer.

— O que é?

— Eu estava conversando com Rosalie outra noite...

Seu corpo ficou tenso de novo.

— Sim. Ela estava pensando nisso quando cheguei. Ela lhe deu muito em que pensar, não foi?

A voz dele era ansiosa, e percebi que ele achava que eu queria falar dos motivos que Rosalie me dera para continuar humana. Mas eu estava interessada em algo muito mais premente.

— Ela me falou um pouco... da época em que sua família morou em Denali.

Houve uma curta pausa; este início o pegou de surpresa.

— Sim?

— Ela falou em algo sobre um bando de vampiras... e você.

Ele não respondeu, mas esperei por um longo momento.

— Não se preocupe — eu disse, depois que o silêncio ficou desagradável. — Ela me disse que você não... mostrou nenhum interesse. Mas só estava me perguntando se alguma delas demonstrou. Uma preferência por você, quero dizer.

Novamente, ele não disse nada.

— Qual delas? — perguntei, tentando manter a voz despreocupada, sem conseguir grande resultado. — Ou havia mais de uma?

Nenhuma resposta. Eu queria poder ver seu rosto, para tentar adivinhar o que

significava o silêncio.

— Alice vai me contar — eu disse. — Vou perguntar a ela agora mesmo.

Seus braços se estreitaram; fui incapaz de me mexer um centímetro que fosse.

— É tarde — disse ele. Sua voz tinha uma pontada de algo novo. Meio nervosa, talvez um pouco constrangida. — Além disso, acho que Alice saiu...

— Que pena — eu disse. — É mesmo ruim, não é? — Comecei a entrar em pânico, meu coração se acelerando enquanto eu imaginava a linda imortal rival que nunca percebi que tivesse.

— Calma, Bella — disse ele, beijando a ponta de meu nariz. — Está perdendo o senso.

— Estou? Então por que não me conta?

— Porque não há nada a contar. Você está levando isso de maneira totalmente desproporcional.

— Qual delas? — insisti.

Ele suspirou.

— Tanya expressou algum interesse. Eu a fiz entender, com muita gentileza, como um cavalheiro, que eu não retribuía esse interesse. Fim da história.

Mantive a voz o mais estável possível.

— Me diga... Como é a Tanya?

— Como os demais de nós... pele branca, olhos dourados — respondeu ele, rápido demais.

— E, é claro, extraordinariamente bonita.

Senti-o dar de ombros.

— Acho que sim, aos olhos humanos — disse ele, indiferente. — Mas quer saber?

— O quê? — Minha voz era petulante.

Ele pôs os lábios em minha orelha; seu hálito frio me fez cócegas.

— Eu prefiro as morenas.

— Ela é loura. Era de imaginar.

— Loura arruivada... Não faz meu gênero.

Pensei nisso por um tempinho, tentando me concentrar enquanto seus lábios moviam-se lentamente por meu queixo, descendo para meu pescoço e voltando a subir. Ele fez o circuito três vezes antes de eu falar.

— Então eu acho que está tudo bem — concluí.

— Hmmm — sussurrou ele em minha pele. — Você fica linda quando está com ciúme. É surpreendentemente desfrutável.

Eu fiz uma careta no escuro.

— É tarde — disse ele de novo, murmurando, agora quase arrulhando, a voz mais macia do que seda. — Durma, minha Bella. Tenha sonhos felizes. Você foi a única que tocou meu coração. Sempre serei seu. Durma, meu único amor.

Ele começou a murmurar uma cantiga de ninar e eu sabia que era uma questão de tempo para eu sucumbir, então fechei os olhos e me aninhei mais em seu peito.

9. ALVO

ALICE ME LEVOU PELA MANHÃ, PARA MANTER A FARSA DA festa do pijama. Em pouco tempo Edward apareceria, voltando oficialmente de sua suposta "excursão para fazer trilha". Todo aquele fingimento estava começando a me cansar. Não ia sentir falta dessa parte de ser humana.

Charlie espiou pela janela da frente quando me ouviu bater a porta do carro. Ele acenou para Alice, depois foi até a porta me receber.

— Você se divertiu? — perguntou Charlie.

— Claro, foi ótimo. Bem de... garotas.

Levei meus pertences para dentro, larguei-os no chão da escada e entrei na cozinha para fazer um lanche.

— Tem um recado para você — disse Charlie atrás de mim.

Na bancada da cozinha, o bloco de recados telefônicos estava visível, encostado em uma caçarola.

Jacob ligou, escrevera Charlie.

Ele disse que não teve a intenção e pede desculpas. Quer que você ligue para ele. Seja boazinha e dê a ele um tempo. Ele parecia triste.

Eu fiz uma careta. Charlie, em geral, não expressava opinião em meus recados.

Jacob que ficasse triste à vontade. Eu não queria falar com ele. Da última vez, eles não foram muito permissivos com telefonemas do outro lado. Se Jacob preferia me ver morta, então talvez devesse se acostumar com o silêncio.

Meu apetite se evaporou. Dei meia-volta e fui pegar minhas coisas.

— Não vai ligar para Jacob? — perguntou Charlie. Ele estava encostado na parede da sala, vendo-me pegar as bolsas.

— Não.

Comecei a subir a escada.

— Não é um comportamento muito simpático, Bella — disse ele. — Perdoar é divino.

— Cuide de sua própria vida — murmurei, baixo demais para ele ouvir.

Eu sabia que a roupa suja estava se acumulando, então, depois de pegar minha pasta de dentes e atirar minhas roupas sujas no cesto, fui fazer a cama de Charlie. Deixei os lençóis dele numa pilha no alto da escada e fui arrumar minha cama.

Parei ao lado dela, a cabeça tombada de lado.

Onde estava meu travesseiro? Girei o corpo, olhando o quarto. Nada de travesseiro. Percebi que meu quarto parecia estranhamente arrumado. Meu suéter cinza não estava dobrado na guarda ao pé da cama? E eu seria capaz de jurar que havia um par de meias sujas atrás da cadeira de balanço, junto com a blusa vermelha que experimentei dois dias antes, mas que decidi que era elegante demais para a escola e a pendurei no braço... Girei outra vez. Meu cesto de roupa suja não estava vazio, mas também não transbordava, como eu pensei que estaria.

Charlie andou lavando roupa? Isso não era típico dele.

— Pai, você começou a lavar roupa? — gritei da minha porta.

— Hmmm, não — gritou ele, parecendo culpado. — Quer que eu lave?

— Não, eu faço. Andou procurando por algo no meu quarto?

— Não. Por quê?

— Não consigo encontrar... uma blusa...

— Eu nem estive aí.

E depois me lembrei de que Alice estivera ali para pegar meu pijama. Não tinha percebido que ela pegara meu travesseiro também — provavelmente porque eu evitei a cama. Parecia que ela havia arrumado enquanto estava de passagem. Eu corei por minhas maneiras desleixadas.

Mas a blusa vermelha não estava suja, então eu ia poupá-la do cesto.

Eu esperava encontrá-la por cima das outras no cesto, mas não estava ali. Cavouquei toda a pilha e ainda assim não a encontrei. Eu sabia que devia estar ficando paranoica, mas parecia que faltava outra coisa, ou talvez mais de uma. Eu não tinha nem metade do cesto cheio.

Tirei meus lençóis e fui para a lavanderia, pegando no caminho a roupa de cama de Charlie. A máquina de lavar estava vazia. Olhei a secadora também, como se esperasse encontrar uma leva de roupa lavada aguardando por mim, cortesia de Alice. Nada. Franzi a testa, confusa.

— Achou o que estava procurando? — gritou Charlie.

— Ainda não.

Voltei para o segundo andar, para procurar embaixo da cama. Nada, a não ser rolos de poeira. Comecei a vasculhar minha cômoda. Talvez eu tivesse guardado a blusa vermelha ali e esquecido.

Desisti quando a campainha tocou. Devia ser Edward.

— A porta — informou-me Charlie do sofá enquanto eu passava correndo por ele.

— Não se canse, pai.

Abri a porta com um sorriso enorme.

Os olhos dourados de Edward estavam arregalados, as narinas infladas, os lábios repuxados por sobre os dentes.

— Edward? — Minha voz era aguda de choque enquanto eu lia sua expressão. — O que...

Ele pôs o dedo em meus lábios.

— Me dê dois segundos — sussurrou ele. — Não se mexa.

Fiquei paralisada na soleira da porta e ele... desapareceu. Movimentou-se tão rapidamente que Charlie nem o teria visto passar.

Antes que eu pudesse me recompor o suficiente para contar até dois, ele estava de volta. Pôs o braço em minha cintura e me puxou depressa para a cozinha. Seus olhos disparavam pelo cômodo e ele me mantinha junto a seu corpo como se estivesse me protegendo de algo. Lancei um olhar para Charlie no sofá, mas ele nos ignorava diligentemente.

— Alguém esteve aqui — murmurou ele em meu ouvido depois de me puxar para o fundo da cozinha. Sua voz era tensa; era difícil ouvi-lo com o barulho da máquina de lavar.

— Eu juro que nenhum lobisomem... — comecei a dizer.

— Não foi um deles — ele logo me interrompeu, sacudindo a cabeça. — Um de nós.

Seu tom de voz deixou claro que ele não queria dizer um membro de sua família.

Senti o sangue fugir de meu rosto.

— Victoria? — eu disse com a voz embargada.

— Não é um cheiro que eu reconheça.

— Um dos Volturi — conjecturei.

— Talvez.

— Quando?

— É por isso que acho que deve ter sido um deles... Não faz muito tempo, de manhã cedo, enquanto Charlie estava dormindo. E quem quer que tenha sido, não o tocou, então devia ter outro propósito.

— Procurar por mim.

Ele não respondeu. Seu corpo estava paralisado, uma estátua.

— O que vocês dois estão cochichando aí? — perguntou Charlie desconfiado, aparecendo no canto com uma tigela vazia de pipoca nas mãos.

Eu me sentia verde. Um vampiro tinha estado na casa procurando por mim enquanto Charlie dormia. O pânico me dominou, fechou minha garganta. Não conseguia responder, só o encarava, apavorada.

A expressão de Charlie mudou. De repente, ele estava sorrindo.

— Se vocês dois estão brigando... bom, eu não quero interromper.

Ainda sorrindo, ele pôs a tigela na pia e saiu da cozinha.

— Vamos — disse Edward numa voz baixa e severa.

— Mas Charlie! — O medo esmagava meu peito, dificultando a respiração.

Ele pensou por um curto segundo, depois estava com o celular na mão.

— Emmett — murmurou no aparelho.

Começou a falar tão rápido que eu não entendi o que dizia. Durou meio minuto. Ele começou a me puxar para a porta.

— Emmett e Jasper estão a caminho — sussurrou ele quando sentiu minha resistência. — Vão passar a noite no bosque. Charlie está bem.

Em pânico demais para pensar com clareza, deixei que ele me arrastasse. Charlie viu meus olhos assustados com um sorriso presunçoso, que de repente se transformou em confusão. Edward tinha me levado porta afora antes que Charlie pudesse dizer alguma palavra.

— Aonde nós vamos? — Eu não conseguia deixar de sussurrar, mesmo depois de estarmos dentro do carro.

— Vamos falar com Alice — a voz num volume normal, mas seca.

— Acha que ela pode ter tido alguma visão?

Ele olhava a estrada com os olhos semicerrados.

— Talvez.

Eles esperavam por nós em alerta, depois do telefonema de Edward. Era como se entrássemos num museu, todos parados como esculturas em várias poses de estresse.

— O que aconteceu? — perguntou Edward assim que passamos pela porta. Fiquei chocada ao ver que ele olhou feio para Alice, as mão cerradas em punhos.

Alice estava de braços cruzados. Só seus lábios se mexeram.

— Não faço ideia. Eu não vi nada.

— Como isso é possível? — sibilou ele.

— Edward — eu disse, uma censura baixa. Eu não gostava que ele falasse daquele jeito com Alice.

Carlisle interrompeu, numa voz tranquilizadora.

— Não é ciência exata, Edward.

— Ele esteve no quarto dela, Alice. Ainda podia estar lá... esperando por ela.

— Eu teria visto isso.

Edward lançou as mãos para cima, exasperado.

— É mesmo? Tem certeza?

A voz de Alice era fria.

— Você já me pediu para observar as decisões dos Volturi, vigiar a volta de Victoria, cuidar de cada passo de Bella. Quer acrescentar mais um pedido? Eu tenho de vigiar Charlie, o quarto de Bella, ou a casa, ou a rua toda também? Edward, se eu tentar demais, as coisas vão começar a vazar pelas frestas.

— Parece que já estão vazando— rebateu Edward.

— Ela nunca esteve em perigo. Não havia o que ver.

— Se você estava observando a Itália, por que não os viu mandar...

— Não acho que sejam eles — insistiu Alice. — Eu teria visto isso.

— Quem mais deixaria Charlie vivo?

Eu estremeci.

— Não sei — disse Alice.

— Mas é de muita utilidade.

— Pare com isso, Edward — eu sussurrei.

Ele se virou para mim, a cara ainda lívida, os dentes trincados. Encarou-me por meio segundo e depois, de repente, soltou a respiração. Seus olhos se arregalaram e o queixo relaxou.

— Tem razão, Bella. Desculpe. — Ele olhou para Alice. — Perdoe-me, Alice.

Eu não devia responsabilizá-la por isso. Foi indesculpável.

— Eu entendo — Alice o tranquilizou. — Também não estou satisfeita.

Edward respirou fundo.

— Tudo bem, vamos olhar a questão pela lógica. Quais são as possibilidades?

Todos pareceram degelar de imediato. Alice relaxou e se encostou nas costas do sofá. Carlisle andou lentamente até ela, os olhos distantes. Esme sentou-se no sofá diante de Alice, cruzando as pernas. Só Rosalie continuava imóvel, de costas para nós, fitando a parede de vidro.

Edward me puxou para o sofá e eu me sentei ao lado de Esme, que se mexeu para colocar o braço à minha volta. Ela manteve firme uma de minhas mãos na dela.

— Victoria? — perguntou Carlisle.

Edward sacudiu a cabeça.

— Não. Não reconheci o cheiro. Ele pode ter vindo dos Volturi, alguém que não conhecemos...

Alice sacudiu a cabeça.

— Aro ainda não mandou ninguém procurar por ela. Isso eu posso ver. Estou esperando por isso.

Edward virou a cabeça de repente.

— Está esperando por uma ordem oficial.

— Acha que alguém está agindo por conta própria? Por quê?

— Ideia de Caius — sugeriu Edward, o rosto endurecendo de novo.

— Ou de Jane... — disse Alice. — Os dois têm recursos para mandar um desconhecido...

Edward fechou a cara.

— E motivação.

— Mas isso não faz sentido — disse Esme. — Se o sujeito estava esperando por Bella, Alice teria visto. Ele... ou ela... não tinha a intenção de ferir Bella. Nem Charlie, a propósito.

Eu me encolhi ao ouvir o nome de meu pai.

— Vai ficar tudo bem, Bella — murmurou Esme, afagando meus cabelos.

— Mas, então, qual é o sentido? — refletiu Carlisle.

— Verificar se ainda sou humana? — conjecturei.

— É possível — disse Carlisle.

Rosalie soltou um suspiro, alto o suficiente para que eu ouvisse. Saiu da paralisia e seu rosto virou-se cheio de expectativa para a cozinha. Edward, por outro lado, pareceu desanimado.

Emmett irrompeu pela porta da cozinha, com Jasper ao lado dele.

— Já foi há muitas horas — anunciou Emmett, decepcionado. — O rastro foi para o oeste, depois para o sul e desapareceu numa estrada vicinal. Tinha um carro esperando.

— Que falta de sorte — murmurou Edward. — Se ele foi para oeste... Bem, seria ótimo que aqueles cachorros fizessem algo de útil.

Eu estremeci e Esme afagou meu ombro.

Jasper olhou para Carlisle.

— Nenhum de nós o reconheceu. Mas olhe isso. — Ele estendeu um objeto verde e amarfanhado. Carlisle o pegou e levou até o rosto. Eu vi, enquanto passava de mão em mão, que era uma haste quebrada de samambaia. — Talvez você reconheça o cheiro.

— Não — disse Carlisle. — Não é familiar. Ninguém que eu tenha conhecido.

— Talvez estejamos procurando no lado errado. Talvez seja coincidência... — começou Esme, mas parou quando viu a expressão incrédula de todos os outros. — Não quero dizer coincidência que um estranho por acaso tenha escolhido aleatoriamente visitar a casa de Bella. Quero dizer que talvez alguém só esteja curioso. Nosso cheiro está em volta dela. Ele não estaria se perguntando o que nos atraiu para cá?

— Por que ele não veio justo para cá? Se estava curioso? — perguntou Emmett.

— Você viria — disse Esme com um sorriso súbito e carinhoso. — O restante de nós nem sempre é tão franco. Nossa família é muito grande... Ele ou ela pode estar assustado. Mas Charlie não foi prejudicado. Não precisa ser um inimigo.

Só curioso. Como James e Victoria ficaram curiosos, no início? Pensar em Victoria me fez tremer, embora a única certeza fosse que não tinha sido ela. Não desta vez. Ela se prenderia a seu padrão obsessivo. Era outra pessoa, um estranho.

Aos poucos eu percebia que os vampiros participavam muito mais deste mundo do que eu pensava. Quantas vezes o ser humano comum cruzava com eles, sem fazer a menor ideia? Quantas mortes, obviamente consideradas crimes e

acidentes, deviam-se na verdade a sua sede? O quanto esse novo mundo ficaria superpovoado quando eu enfim me juntasse a ele?

O futuro amortalhado provocou um arrepio em minha espinha.

Os Cullen ponderaram sobre as palavras de Esme com expressões variadas. Eu podia ver que Edward não aceitava a teoria e que Carlisle queria muito que fosse assim.

Alice franziu os lábios.

— Não acredito nisso. O timing foi perfeito demais... Esse visitante foi cauteloso demais para não fazer contato. Quase como se soubesse que eu veria...

— Ele pode ter outros motivos para não fazer contato — lembrou Esme.

— Importa realmente quem foi? — perguntei. — Por acaso, alguém estava mesmo procurando por mim... Isso não é motivo suficiente? Não podemos esperar pela formatura.

— Não, Bella — disse Edward rapidamente. — Não é tão ruim assim. Se você estivesse em perigo, nós saberíamos.

— Pense em Charlie — lembrou-me Carlisle. — Pense em como ele ficaria magoado se você desaparecesse.

— Eu estou pensando em Charlie! É com ele que me preocupo! E se minha visitinha estivesse com sede ontem à noite? Como estou morando com Charlie, ele é alvo também. Se algo ruim acontecer a ele, será por minha culpa!

— Claro que não, Bella — disse Esme, afagando meus cabelos de novo. — E nada vai acontecer com Charlie. Só precisamos ser mais cuidadosos.

— Mais cuidadosos? — repeti, incrédula.

— Vai ficar tudo bem, Bella — prometeu Alice.

Edward apertou minha mão.

E eu pude ver, olhando para cada um de seus lindos rostos, que nada que eu dissesse ia fazê-los mudar de ideia.

Voltamos para casa em silêncio. E eu estava frustrada. Contrariando o meu bom-senso, eu ainda era humana.

— Não vai ficar sozinha nem por um segundo — prometeu Edward ao me levar para a casa de Charlie. — Sempre haverá alguém lá. Emmett, Alice, Jasper...

Eu suspirei.

— Isso é ridículo. Eles vão ficar entediados, terão de me matar eles mesmos só para ter o que fazer.

Edward olhou para mim com amargura.

— Que hilário, Bella.

Charlie estava de bom humor quando voltamos. Ele podia ver a tensão entre nós, Edward e eu, e a interpretou mal. Observou-me preparar seu jantar com um sorriso presunçoso. Edward pediu licença por um momento, para fazer uma inspeção, imaginei, mas Charlie esperou até que ele voltasse para dar meus recados.

— Jacob ligou de novo — disse Charlie assim que Edward estava na sala.

Mantive a expressão vazia enquanto colocava um prato diante dele.

— É mesmo?

Charlie franziu a testa.

— Não seja mesquinha, Bella. Ele parecia mal mesmo.

— Jacob está pagando a você por todo o trabalho de relações públicas ou você mesmo se prontificou?

Charlie resmungou algo desconexo até que a comida interrompeu suas queixas.

Embora não percebesse, ele tinha tocado a ferida.

Minha vida agora parecia muito um jogo de dados — será que na jogada seguinte sairiam dois 1? E se algo acontecesse mesmo comigo? Parecia para lá de mesquinho deixar Jacob sentir-se culpado pelo que disse.

Mas eu não queria falar com ele tendo Charlie por perto, ter de estar atenta a cada palavra para não deixar escapar nada de errado. Ao pensar nisso, senti inveja do relacionamento de Jacob com Billy. Como devia ser fácil não ter segredos para a pessoa com quem se mora.

Então eu ia esperar pela manhã. Mais provavelmente, eu não morreria naquela noite, afinal, e não ia doer sentir-se culpado por mais doze horas. Podia até fazer bem a ele.

Quando Edward saiu oficialmente naquela noite, perguntei-me quem estava embaixo daquele aguaceiro, cuidando de Charlie e de mim. Senti-me péssima por Alice ou qualquer outro, mas ainda assim estava reconfortada. Eu tinha de admitir que era bom saber que não estava sozinha. E Edward voltou em tempo recorde.

Ele cantou de novo para que eu dormisse e — ciente até na inconsciência de que ele estava ali — eu dormi sem ter pesadelos.

De manhã, Charlie foi pescar com o subdelegado Mark antes que eu levantasse. Decidi usar essa falta de supervisão para ser sublime.

— Vou tirar Jacob do castigo — avisei a Edward depois de tomar o café da manhã.

— Eu sabia que você ia perdoá-lo — disse ele com um sorriso tranquilo. — Guardar mágoas não é um de seus muitos talentos.

Revirei os olhos, mas fiquei satisfeita. Parecia que Edward tinha mesmo superado toda aquela história antilobisomens.

Só olhei o relógio depois que disquei. Era um pouco cedo para telefonemas e fiquei preocupada de ter acordado Billy ou Jake, mas alguém atendeu antes do segundo toque, então não devia estar muito longe do telefone.

— Alô? — disse uma voz apática.

— Jacob?

— Bella! — exclamou ele. — Ah, Bella, me desculpe! — Ele tropeçou nas palavras, na pressa de colocá-las para fora. — Eu juro que não tive a intenção. Só estava sendo idiota. Estava com raiva... Mas isso não é desculpa. Foi a coisa mais imbecil que já disse em toda a minha vida e peço perdão. Não fique chateada comigo, por favor. Por favor. Uma vida inteira de escravidão de prêmio... Só o que tem que fazer é me perdoar.

— Não estou chateada. Está perdoado.

— Obrigado. — Ele respirava com fervor. — Nem acredito que fui tão imbecil.

— Não se preocupe com isso... Estou acostumada.

Ele riu, exuberante de alívio.

— Venha me ver — pediu ele. — Quero compensá-la.

Eu franzi a testa.

— Como?

— O que você quiser. Mergulhar do penhasco — sugeriu ele, rindo de novo.

— Ah, esta sim é uma ideia brilhante.

— Vou manter você segura — prometeu ele. — Independente do que queira fazer.

Olhei para Edward. Seu rosto era muito calmo, mas eu tinha certeza de que não era hora para aquilo.

— Agora não.

— Ele não está estremecido comigo, está? — A voz de Jacob era envergonhada, e não amarga, pela primeira vez.

— O problema não é esse. Há... bem, há outro problema que é um pouco mais preocupante do que um lobisomem adolescente pirralho... — Tentei manter o tom brincalhão, mas isso não o enganou.

— O que foi? — perguntou ele.

— Hmmm. — Eu não sabia bem se devia contar a ele.

Edward estendeu a mão para o telefone. Olhei seu rosto com cuidado. Ele parecia bem calmo.

— Bella? — perguntou Jacob.

Edward suspirou, estendendo a mão para mais perto.

— Importa-se de falar com Edward? — perguntei, apreensiva. — Ele quer conversar com você.

Houve uma longa pausa.

— Tudo bem — Jacob afinal concordou. — Deve ser interessante.

Passei o fone a Edward; eu esperava que ele pudesse ler o alerta em meus olhos.

— Olá, Jacob — disse Edward, perfeitamente educado.

Houve um silêncio. Mordi o lábio, tentando adivinhar a resposta de Jacob.

— Alguém esteve aqui... Não é um cheiro que eu conheça — explicou Edward. — Seu grupo cruzou com alguma novidade?

Outra pausa, enquanto Edward assentia para si mesmo, sem se surpreender.

— Este é o dilema, Jacob, não vou deixar Bella sumir de vista até que consiga resolver isso. Não é nada pessoal...

Jacob o interrompeu, e eu pude ouvir o zumbido de sua voz no fone. O que quer que estivesse dizendo, ele estava mais exaltado do que antes. Tentei, sem sucesso, discernir as palavras.

— Pode ser que tenha razão... — começou Edward, mas Jacob estava discutindo de novo. Pelo menos nenhum dos dois parecia ter raiva.

— É uma sugestão interessante. Estamos dispostos a renegociar. Se Sam for receptivo.

A voz de Jacob era baixa de novo. Comecei a roer a unha do polegar enquanto tentava entender a expressão de Edward.

— Obrigado — respondeu Edward.

Depois Jacob disse algo que provocou uma rápida expressão de surpresa no rosto de Edward.

— Na verdade, eu pretendia ir sozinho — disse Edward, respondendo à pergunta inesperada. — E deixá-la com os outros.

A voz de Jacob se elevou um tom e me pareceu que ele tentava ser convincente.

— Vou pensar nisso objetivamente — prometeu Edward. — Com a maior objetividade que eu puder.

A pausa desta vez foi mais curta.

— Não é uma ideia de todo ruim. Quando?... Não, está bem. Gostaria de ter a oportunidade de seguir o rastro pessoalmente, de qualquer forma. Dez minutos... Com certeza — disse Edward. Ele estendeu o fone para mim. — Bella?

Eu o peguei lentamente, confusa.

— Do que se trata tudo isso? — perguntei a Jacob, a voz irritada. Eu sabia que estava sendo infantil, mas me sentia excluída.

— Acho que é uma trégua. Olha, me faça um favor — sugeriu Jacob. — Procure convencer seu sanguessuga de que o lugar mais seguro para você... em especial quando ele está fora... é na reserva. Nós podemos lidar com qualquer coisa.

— Era do que tentava convencer Edward?

— Era. Faz sentido. É provável que Charlie fique melhor aqui também. Na medida do possível.

— Coloque Billy nisso — concordei. Eu odiava meter Charlie na mira que sempre parecia estar centrada em mim. — O que mais?

— Só o rearranjo de algumas fronteiras, para podermos pegar qualquer um que chegar perto demais de Forks. Não sei se Sam vai concordar com isso, mas, até que ele apareça, vou ficar de olho na situação.

— O que quer dizer com "ficar de olho na situação"?

— Quero dizer que se você vir um lobo correndo perto de sua casa, não atire nele.

— É claro que não. Mas você não devia fazer nada... é arriscado demais.

Ele bufou.

— Não seja boba. Eu sei me cuidar.

Eu suspirei.

— Também tentei convencê-lo a deixar que você me visite. Ele tem preconceitos, então não deixe que ele fale nenhuma besteira sobre segurança. Ele sabe tão bem quanto eu que você ficará segura aqui.

— Sei disso.

— A gente se vê daqui a pouco — disse Jacob.

— Você virá aqui?

— Sim. Vou ter que pegar o cheiro de seu visitante, para podermos rastreá-lo, se ele voltar.

— Jake, não gosto da ideia de você seguindo rastros...

— Ah, francamente, Bella. — Jacob me interrompeu e riu, depois desligou.

10. CHEIRO

ERA TUDO MUITO INFANTIL. Por que diabos Edward teria de sair para Jacob vir aqui? Já não havíamos superado esse tipo de imaturidade?

— Não é que eu sinta qualquer antagonismo pessoal por ele, Bella, só é mais fácil para nós dois — disse-me Edward à porta. — Não estarei longe. Você ficará segura.

— Não estou preocupada com isso.

Ele sorriu, depois seu rosto assumiu uma expressão maliciosa. Ele me puxou para perto, enterrando o rosto em meus cabelos. Pude sentir seu hálito frio saturando as mechas enquanto ele expirava; provocou arrepios em minha nuca.

— Voltarei logo — disse ele, rindo alto como se eu tivesse acabado de contar uma piada.

— Qual é a graça?

Mas Edward limitou-se a sorrir e correr para as árvores, sem responder.

Resmungando comigo mesma, fui limpar a cozinha. Antes até de ter a pia cheia de água, a campainha tocou. Era difícil me acostumar com a rapidez de Jacob sem o carro. Como todo mundo parecia ser muito mais rápido do que eu...

— Entre, Jake! — gritei.

Eu estava concentrada em empilhar os pratos na água com sabão e me esqueci de que ultimamente Jacob se movimentava como um fantasma. Então dei um pulo quando sua voz de repente estava atrás de mim.

— Você devia mesmo deixar a porta destrancada desse jeito? Ah, desculpe.

Tinha deixado a água respingar em mim quando ele me assustou.

— Não estou preocupada com ninguém que se deixaria intimidar por uma porta trancada — eu disse enquanto secava a frente da blusa com um pano de prato.

— Bom argumento — concordou ele.

Virei-me para ele, olhando-o criticamente.

— É mesmo impossível usar uma roupa, Jacob? — perguntei. De novo, Jacob

estava com o peito nu, vestindo só uma calça jeans velha e cortada. No fundo, eu me perguntava se ele tinha orgulho de seus novos músculos a tal ponto que não conseguia cobri-los. Eu tinha de admitir que eram impressionantes, mas nunca pensei que ele fosse tão fútil. — Quer dizer, eu sei que você não sente mais frio, mas mesmo assim...

Ele passou a mão nos cabelos molhados; estavam caindo nos olhos.

— Só é mais fácil — explicou ele.

— O que é mais fácil?

Ele sorriu com condescendência.

— Já é um porre carregar a bermuda comigo, que dirá uma muda completa de roupas. O que acha que eu sou, um burro de carga?

Eu franzi a testa.

— Do que você está falando, Jacob?

Sua expressão era superior, como se eu estivesse deixando passar alguma obviedade.

— Minhas roupas não entram e saem da existência simplesmente quando eu mudo... Tenho que carregá-las comigo enquanto corro. Perdoe-me por manter meu fardo leve.

Eu mudei de cor.

— Acho que não tinha pensado nisso — murmurei.

Ele riu e apontou para uma corda de couro preto, tão fina quanto um fio de seda, enrolada três vezes em seu tornozelo, como uma tornozeleira. Eu não havia percebido que ele estava descalço.

— É mais do que uma expressão de moda... É chato carregar jeans com a boca.

Eu não sabia o que dizer.

Ele sorriu.

— Minha seminudez a incomoda?

— Não.

Jacob riu de novo, e eu lhe dei as costas para me concentrar nos pratos. Esperava que ele tivesse percebido que meu rubor era de constrangimento por minha estupidez e nada tinha a ver com a pergunta dele.

— Bom, acho que devo trabalhar. — Ele suspirou. — Não quero dar a ele uma desculpa para dizer que estou relaxando minha parte.

— Jacob, não é seu trabalho...

Ele ergueu a mão para me interromper.

— Trabalho voluntário. Agora, onde o cheiro do invasor é mais forte?

— Acho que no meu quarto.

Seus olhos se estreitaram. Ele não gostava daquilo mais do que Edward.

— Só vou levar um minuto.

Esfreguei metodicamente o prato que segurava. O único som era o das cerdas de plástico da escova girando na louça. Procurei ouvir algum barulho lá em cima, um estalo do assoalho, um clique de uma porta. Não houve nada. Percebi que estava lavando o mesmo prato por mais tempo que o necessário e procurei prestar atenção no que fazia.

— Bu! — disse Jacob, a centímetros de mim, assustando-me de novo.

— Meu Deus, Jake, pare com isso!

— Desculpe. Olha... — Jacob pegou o pano de prato e secou a água que de novo espirrou em mim. — Vou recompensá-la. Você ensaboa, eu enxáguo e seco.

— Tudo bem. — Eu lhe dei um prato.

— Bom, foi fácil pegar o cheiro. A propósito, seu quarto fede.

— Vou comprar um pouco de ar fresco.

Ele riu.

Eu lavei e ele secou num silêncio amigável por alguns minutos.

— Posso fazer uma pergunta?

Passei-lhe outro prato.

— Depende do que quer saber.

— Não quero ser idiota, nem nada disso... É só curiosidade, é sério — garantiu-me Jacob.

— Tudo bem. Pode perguntar.

Ele parou por meio segundo.

— Como é... ter um namorado vampiro?

Eu revirei os olhos.

— A melhor coisa do mundo.

— Estou falando sério. A ideia não a perturba... Nunca lhe dá arrepios?

— Nunca.

Ele ficou em silêncio enquanto pegava a tigela em minhas mãos. Olhei seu rosto por um instante — estava com a testa franzida, o lábio inferior projetado

para a frente.

— Mais alguma informação? — perguntei.

Ele franziu o nariz de novo.

— Bom... Eu estava me perguntando... Você... Sei lá, o beija?

Eu ri.

— Sim.

Ele estremeceu.

— Eca.

— Cada um pensa de um jeito — murmurei.

— Não se preocupa com as presas?

Dei um soco no braço dele, espirrando-lhe água.

— Pare com isso, Jacob! Sabe que ele não tem presas!

— Mas chega perto — murmurou ele.

Trinquei os dentes e esfreguei uma faca de desossar com mais força do que o necessário.

— Posso fazer outra pergunta? — disse ele delicadamente quando lhe passei a faca. — É só curiosidade de novo.

— Tudo bem — rebati.

Ele girou a faca várias vezes nas mãos sob o jato de água. Quando falou, foi apenas um sussurro.

— Você disse algumas semanas... Quando, exatamente?... — Ele não conseguiu terminar.

— Formatura — sussurrei a resposta, vendo seu rosto preocupado. Será que isso o provocaria de novo?

— Tão cedo? — Ele respirou, os olhos se fechando. Não parecia uma pergunta. Parecia mais um lamento. Os músculos de seus braços se retesaram e os ombros estavam rígidos.

— AI! — ele gritou.

O silêncio na cozinha era tanto que sua explosão me fez pular.

Sua mão direita tinha se fechado num punho tenso em torno da lâmina da faca. Ele abriu a mão e a faca retiniu na bancada. Na palma havia um corte longo e fundo. O sangue jorrava por seus dedos e caía no chão.

— Droga! Ai! — ele reclamou.

Minha cabeça girou e meu estômago se revirou. Agarrei-me à bancada com

uma das mãos, respirei fundo pela boca e me obriguei a aguentar, para poder cuidar dele.

— Ah, não, Jacob! Ah, que droga! Tome, enrole com isso! — Atirei-lhe o pano de prato, pegando sua mão. Ele se afastou de mim.

— Não é nada, Bella, não se preocupe com isso.

As paredes da cozinha começaram a girar à minha volta.

Respirei fundo de novo.

— Não me preocupar?! Você abriu um talho na mão!

Ele ignorou o pano de prato que lhe atirei. Pôs a mão sob a torneira e deixou que a água lavasse a ferida. A água ficou vermelha. Minha cabeça rodava.

— Bella — disse ele.

Desviei os olhos do ferimento, olhando para o rosto dele. Ele estava com a testa franzida, mas a expressão era calma.

— Que foi?

— Parece que você vai desmaiar, e está mordendo o lábio. Pare com isso. Relaxe, respire. Eu estou bem.

Eu respirei pela boca e parei de morder o lábio inferior.

— Não precisa ser corajoso.

Ele revirou os olhos.

— Vamos. Levo você ao pronto-socorro. — Eu tinha certeza absoluta de que estaria bem para dirigir. Agora as paredes ficavam estáveis, finalmente.

— Não é necessário. — Jake fechou a água e pegou a toalha na minha mão. Ele a enrolou frouxa em volta da palma.

— Espere — protestei. — Deixe-me dar uma olhada. — Eu me agarrei com mais firmeza na bancada, para me manter ereta se a ferida me provocasse vertigem de novo.

— Tem algum diploma de medicina e eu não estava sabendo disso?

— Me dê a chance de decidir se vou ter que dar um ataque e levar você ao hospital.

Ele fez uma careta de pavor fingido.

— Por favor, um ataque, não!

— Se não me deixar ver sua mão, certamente haverá um ataque.

Ele respirou fundo, depois soltou um suspiro.

— Tudo bem.

Desenrolou a toalha, e quando estendi a mão para pegar o pano, Jacob pôs a mão na minha.

Precisei de alguns segundos. Eu até virei a mão dele, mas tinha certeza de que ele cortara a palma. Virei sua mão de novo, e então percebi que a cicatriz rosada e inflamada era tudo o que restava do ferimento.

— Mas... você estava sangrando... tanto.

Ele recolheu a mão, os olhos estáveis e sérios nos meus.

— Eu me curo rápido.

— Estou vendo — murmurei.

Eu tinha visto o corte longo com clareza, vira o sangue que escorreu para a pia. O cheiro de ferrugem e sal do sangue quase me derrubou. Devia precisar de pontos. Devia levar dias para formar uma casca e semanas para desaparecer na cicatriz rosada e brilhante que agora marcava sua pele.

Ele entortou a boca num meio sorriso e bateu no peito com o punho, uma vez.

— Lobisomem, lembra?

Seus olhos se mantiveram nos meus por um momento imensurável.

— É verdade — eu disse por fim.

Ele riu da minha expressão.

— Eu lhe contei isso. Você viu a cicatriz de Paul.

Sacudi a cabeça para clareá-la.

— É um pouco diferente, vendo a sequência da ação em primeira mão.

Ajoelhei-me e peguei um alvejante no armário debaixo da pia. Depois coloquei um pouco num trapo e comecei a limpar o chão. O cheiro ardido do alvejante limpou o que restava da vertigem que eu sentia.

— Deixe que eu limpo — disse Jacob.

— Já limpei. Coloque este pano na máquina, está bem?

Quando eu tive certeza de que o chão só estava com cheiro de alvejante, levantei-me e limpei também a lateral da pia. Depois fui até a lavanderia ao lado da despensa e coloquei um copo de alvejante na máquina de lavar antes de ligá-la. Jacob me olhava com censura.

— Você tem TOC? — perguntou quando eu terminei.

Hmmm. Talvez. Mas pelo menos dessa vez eu tinha uma boa desculpa.

— Somos meio sensíveis a sangue por aqui. Sei que pode entender isso.

— Ah! — Ele franziu o nariz de novo.

— Por que não facilitar as coisas para ele? O que ele está fazendo já é bem difícil.

— Claro, claro. Por que não?

Eu puxei o tampo do ralo e deixei que a água suja escorresse da pia.

— Posso lhe fazer uma pergunta, Bella?

Eu suspirei.

— Como é... ter um lobisomem como melhor amigo?

A pergunta me pegou de guarda baixa. Eu ri alto.

— Isso não lhe dá arrepios? — pressionou ele antes que eu pudesse responder.

— Não. Quando o lobisomem está sendo bonzinho — esclareci —, é a melhor experiência do mundo.

Ele deu um sorriso largo, os dentes brilhantes novamente contra a pele avermelhada.

— Obrigado, Bella — disse ele, pegando minha mão e me esmagando num de seus abraços de quebrar os ossos.

Antes que eu tivesse tempo de reagir, ele soltou os braços e recuou.

— Ui — disse ele, o nariz franzindo. — Seu cabelo fede mais do que seu quarto.

— Desculpe — murmurei. De repente entendi do que Edward estava rindo pouco antes, depois de respirar em meu cabelo.

— Um dos muitos riscos de socializar com vampiros — disse Jacob, dando de ombros. — Você fica cheirando mal. Um risco de menor importância, comparativamente.

Eu o encarei.

— Só cheiro mal para você, Jake.

Ele sorriu.

— Tchau, Bells.

— Já vai embora?

— Ele está esperando que eu vá. Posso ouvi-lo lá fora.

— Ah.

— Eu vou voltar — disse ele, depois parou. — Espere um segundo... Ei, acha que pode ir a La Push esta noite? Vamos ter uma festa com fogueira. Emily estará lá e você pode conhecer Kim... E eu sei que o Quil quer ver você também. Ele ficou bem irritado por você ter descoberto antes dele.

Eu sorri. Até podia imaginar como aquilo devia ter aborrecido Quil... A amiguinha humana de Jacob com os lobisomens enquanto ele não fazia a menor ideia. E depois suspirei.

— Jake, não sei, não. Olha, agora está tudo meio tenso...

— O que é isso, você acha que alguém vai passar por nós... nós seis?

Houve uma estranha pausa enquanto ele gaguejava no fim da pergunta. E me perguntei se ele tinha problemas para dizer a palavra lobisomem em voz alta, como em geral eu tinha dificuldade com vampiro.

Seus olhos grandes e negros estavam cheios de uma súplica indisfarçável.

— Vou perguntar — eu disse, em dúvida.

Ele soltou um ruído do fundo da garganta.

— Agora ele também é seu carcereiro? Sabe, eu vi uma matéria no noticiário na semana passada sobre relações abusivas e controladoras entre adolescentes e...

— Muito bem! — eu o interrompi, depois empurrei seu braço. — Hora de lobisomem sair!

Ele sorriu.

— Tchau, Bells. E não se esqueça de pedir permissão.

Ele se enfiou pela porta dos fundos antes que eu pudesse encontrar algum objeto para atirar nele. Resmunguei sem coerência para o cômodo vazio.

Segundos depois de ele ter ido, Edward entrou lentamente na cozinha, as gotas de chuva cintilando como diamantes no bronze de seus cabelos. Seus olhos eram preocupados.

— Vocês dois brigaram? — perguntou ele.

— Edward! — cantarolei, atirando-me para ele.

— Oi, e aí? — Ele riu e passou os braços em mim. — Está tentando me distrair? Estou trabalhando.

— Não. Não briguei com Jacob. Não muito. Por quê?

— Só estava me perguntando se você o esfaqueou. Não que eu me oponha a isso. — Com o queixo, ele gesticulou para a faca na bancada.

— Droga! Pensei que tivesse limpado tudo.

Eu me afastei dele e corri para colocar a faca na pia antes de despejar alvejante.

— Eu não o esfaqueei — expliquei enquanto trabalhava. — Ele se esqueceu de que tinha uma faca na mão.

Edward riu.

— Não é nem de longe tão divertido quanto eu imaginei.

— Seja bonzinho.

Ele pegou um envelope grande no bolso do casaco e o atirou na bancada.

— Peguei sua correspondência.

— Alguma notícia boa?

— Eu acho que sim.

Meus olhos se estreitaram de desconfiança com o tom de voz dele. Fui investigar.

Ele tinha dobrado o envelope ofício pelo meio. Eu o abri, alisando, surpresa com o peso do papel caro, e li o endereço do remetente.

— Dartmouth? É alguma piada?

— Tenho certeza de que é uma admissão. É exatamente igual à minha.

— Meu Deus, Edward... O que você fez?

— Mandei seu requerimento, só isso.

— Posso não ser esperta o bastante para Dartmouth, mas não sou idiota para acreditar nisso.

— Dartmouth parece achar que você é esperta para Dartmouth.

Respirei fundo e contei devagar até dez.

— É muita generosidade da parte deles — eu disse por fim. — Mas, aceita ou não, ainda há o detalhe das taxas. Não posso pagar e não vou deixar que você gaste dinheiro suficiente para comprar outro carro esporte só para eu poder fingir que vou para Dartmouth no ano que vem.

— Eu não preciso de outro carro esporte. E você não tem que fingir nada — murmurou ele. — Um ano de faculdade não vai matá-la. Talvez você até goste. Pense nisso, Bella. Imagine como Charlie e Renée ficariam animados...

Sua voz aveludada pintou o quadro em minha mente antes que eu pudesse bloqueá-lo. É claro que Charlie explodiria de orgulho — ninguém na cidade de Forks seria capaz de escapar da tempestade de sua empolgação. E Renée ficaria histérica de alegria com meu triunfo — embora ela pudesse jurar não ter ficado nada surpresa...

Tentei expulsar a imagem de minha cabeça.

— Edward. Estou preocupada em sobreviver à formatura, que dirá este verão ou o próximo outono.

Seus braços me envolveram de novo.

— Ninguém vai feri-la. Você terá todo o tempo do mundo.

Eu suspirei.

— Amanhã vou mandar para o Alasca tudo o que tenho em minha conta. É todo o álibi de que preciso. É bastante longe para que Charlie não espere uma visita antes do Natal, no mínimo. E tenho certeza de que vou pensar numa desculpa na época. Sabe como é — brinquei, de má vontade —, todo esse segredo e enganação é meio chato.

A expressão de Edward endureceu.

— Fica mais fácil. Depois de algumas décadas, todo o mundo que você conhece estará morto. Problema resolvido.

Eu me encolhi.

— Desculpe, isso foi rude.

Olhei o grande envelope branco, sem vê-lo.

— Mas ainda é verdade.

— Se eu conseguir resolver isso, com o que quer que seja que estejamos lidando, pode por favor pensar em esperar?

— Não.

— Sempre teimosa demais.

— É.

A máquina de lavar engasgou e parou.

— Porcaria de sucata idiota — resmunguei ao me afastar dele. Desloquei uma toalha pequena que tinha desequilibrado a máquina quase vazia e recomecei. — O que me lembra de uma coisa — eu disse. — Pode perguntar a Alice o que ela fez com minhas roupas quando limpou meu quarto? Não consigo encontrar nada.

Ele olhou para mim, confuso.

— Alice limpou seu quarto?

— Limpou, acho que foi o que ela fez. Quando veio pegar meu pijama, meu travesseiro e outros pertences para me manter refém. — Olhei furiosa para ele por um instante. — Ela pegou tudo o que estava espalhado, minhas blusas, minhas meias, e não sei onde as colocou.

Edward continuou a olhar confuso por um breve instante, depois, de repente, ficou rígido.

— Quando você percebeu que as roupas tinham sumido?

— Quando voltei da falsa festinha de pijama. Por quê?

— Não acho que Alice tenha pego nada. Não as suas roupas, nem o travesseiro. As coisas que foram retiradas eram as que você usou... tocou... e dormiu com elas?

— Sim. O que é, Edward?

A expressão dele era tensa.

— Coisas com seu cheiro.

— Ah!

Nós nos fitamos nos olhos por um longo tempo.

— Meu visitante — murmurei.

— Ele estava pegando vestígios... indícios. Para provar que encontrou você.

— Por quê? — sussurrei.

— Não sei. Mas, Bella, eu juro que vou descobrir. Juro que vou.

— Eu sei que vai — eu disse, deitando a cabeça em seu peito. Encostada ali, senti o telefone vibrar em seu bolso.

Ele pegou o aparelho e olhou o número.

— Justamente a pessoa com quem eu preciso falar — murmurou ele, abrindo o celular. — Carlisle, eu... — Ele se interrompeu e escutou, o rosto tenso de concentração por alguns minutos. — Vou verificar. Escute...

Ele explicou sobre meus objetos desaparecidos, mas, pelo que eu ouvia, parecia que Carlisle não tinha nenhum insight para nós.

— Talvez eu vá... — disse Edward, interrompendo-se enquanto os olhos vagavam para mim. — Talvez não. Não deixe que Emmett vá sozinho, você sabe como ele fica. Pelo menos peça a Alice para ficar de olho. Vamos resolver isso mais tarde.

Ele fechou o celular.

— Onde está o jornal? — perguntou-me.

— Hmmm, não sei bem. Por quê?

— Preciso ver uma coisa. Charlie já jogou fora?

— Talvez.

Edward desapareceu.

Voltou meio segundo depois, com um jornal molhado nas mãos. Abriu-o na mesa, os olhos percorrendo rápido as manchetes. Ele se curvou, concentrado em alguma informação que lia, um dedo acompanhando as passagens que mais o interessavam.

— Carlisle tem razão... Sim... Muito descuidado. Jovem e louco? Ou um desejo mortal? — murmurou para si mesmo.

Fui espiar por cima de seu ombro.

A manchete do Seattle Times dizia: "Continua Epidemia de Crimes — Polícia Não Tem Novas Pistas."

Era quase a mesma história de que Charlie vinha se queixando havia umas semanas — a violência nas grandes cidades, que estava colocando Seattle na lista de recordes de assassinatos do país. Mas não era exatamente a mesma história. Os números eram muito maiores.

— Está ficando pior — murmurei.

Ele franziu o cenho.

— Completamente descontrolado. Isso não pode ser obra de apenas um vampiro recém-criado. O que está havendo? É como se eles nunca tivessem ouvido falar dos Volturi. O que imagino que seja possível. Ninguém lhes explicou as regras... Então, quem os está criando?

— Os Volturi? — repeti, estremecendo.

— Este é exatamente o tipo que eles costumam eliminar... Imortais que ameaçam nos expor. Desfizeram uma confusão como essa há alguns anos em Atlanta, e não era nem de longe tão ruim. Eles vão intervir logo, muito em breve, a não ser que encontremos um jeito de acalmar a situação. Sinceramente, eu preferiria que eles não viessem a Seattle agora. Com eles tão perto daqui... Podem decidir dar uma olhada em você.

Eu tremi de novo.

— O que podemos fazer?

— Precisamos saber mais antes de decidir. Se pudermos conversar com um dos jovens, explicar as regras, talvez isso possa ser resolvido de modo pacífico. — Ele franziu o cenho, como se não acreditasse que as chances fossem boas. — Vamos esperar até que Alice tenha uma ideia do que está havendo... Não queremos nos intrometer antes que seja absolutamente necessário. Afinal, não é nossa responsabilidade. Mas é bom termos Jasper — acrescentou ele, quase para si mesmo. — Se tivermos de lidar com recém-criados, ele será útil.

— Jasper? Por quê?

Edward deu um sorriso sombrio.

— Jasper é um tipo de especialista em vampiros jovens.

— Como assim, especialista?

— Terá de perguntar a ele... Há uma história envolvida nisso.

— Mas que confusão — murmurei.

— É mesmo, não é? Parece que vem de todos os lados ultimamente. — Ele suspirou. — Já pensou que sua vida poderia ser mais fácil se você não estivesse apaixonada por mim?

— Talvez. Mas não seria tanto uma vida.

— Para mim — emendou ele em voz baixa. — E agora, imagino — continuou, com um sorriso torto —, acho que você tem algo a me perguntar.

Eu o fitei sem expressão.

— Eu tenho?

— Ou talvez não. — Ele sorriu. — Tive a forte impressão de que você prometeu pedir minha permissão para ir a uma espécie de sarau de lobisomens nesta noite.

— Ouvindo por trás das portas de novo?

Ele sorriu.

— Só um pouco, e no finalzinho.

— Bom, eu não ia pedir nada a você mesmo. Imaginei que já tem estresse suficiente.

Ele pôs a mão sob meu queixo e segurou meu rosto para ler meus olhos.

— Quer ir?

— Não é importante. Não se preocupe com isso.

— Não precisa pedir minha permissão, Bella. Não sou seu pai... Graças a Deus não sou. Mas talvez você deva pedir a Charlie.

— Mas você sabe que Charlie dirá sim.

— Tenho um pouco mais de discernimento sobre a provável resposta dele do que a maioria das pessoas, é verdade.

Eu o olhei, tentando entender o que ele queria e tentando tirar da cabeça a vontade de ir a La Push, assim eu não seria influenciada por meus próprios desejos. Era idiotice querer ficar com um bando de lobos jovens e idiotas agora, quando havia tantos acontecimentos apavorantes e inexplicáveis. É claro que era exatamente por isso que eu queria ir. Queria escapar das ameaças de morte, só por algumas horas... Ser a Bella menos madura e mais despreocupada que podia rir com Jacob, pelo menos um pouco. Mas isso não importava.

— Bella — disse Edward. — Eu lhe disse que serei razoável e confiarei no seu julgamento. E fui sincero. Se você confia nos lobisomens, então eu não preciso me preocupar com eles.

— Caramba — eu disse, como na noite anterior.

— E Jacob tem razão... pelo menos num aspecto... um bando de lobisomens deve ser o bastante para proteger até você por uma noite.

— Tem certeza?

— Claro. Só que...

Eu me preparei.

— Espero que não se importe de tomar algumas precauções. Deixe que eu a leve até a fronteira, pelo menos. E leve um celular, assim vou saber quando pegá-la, está bem?

— Isso parece... muito razoável.

— Ótimo.

Ele sorriu para mim, e não vi qualquer vestígio de apreensão em seus olhos preciosos.

Não foi surpresa para ninguém Charlie não ter visto problema algum em minha ida a La Push para uma festa na fogueira. Jacob gritou com uma alegria indisfarçada quando liguei para dar a notícia e pareceu ansioso demais para adotar as medidas de segurança de Edward. Prometeu que nos encontraria às seis, na fronteira entre os territórios.

Eu decidi, depois de um curto debate íntimo, que não venderia minha moto. Eu a levaria a La Push, ao lugar a que pertencia, e quando não precisasse mais dela... bom, então eu insistiria para Jacob obter algum lucro com seu trabalho. Ele podia vender ou dar a um amigo. Isso não importava para mim.

Aquela noite parecia uma boa oportunidade para devolver a moto à oficina de Jacob. Embora ultimamente eu estivesse me sentindo melancólica com as circunstâncias, todo dia parecia uma última chance. Eu não tinha tempo para adiar nenhuma tarefa, por menor que fosse.

Edward limitou-se a assentir quando expliquei o que queria, mas pensei ter visto um lampejo de consternação em seus olhos, e eu sabia que ele não estava mais feliz do que Charlie com a ideia de me ver em uma moto.

Eu o segui até a casa dele, à garagem onde tinha deixado minha motocicleta.

Foi só quando encostei a picape e saí que percebi que dessa vez o motivo da consternação poderia não ser minha segurança.

Ao lado de minha moto antiga, ofuscando-a, havia outro veículo. Não era justo chamar esse outro veículo de motocicleta, uma vez que não parecia pertencer à mesma família de minha moto subitamente esmolambada.

Era grande, lustrosa, prateada e — mesmo inteiramente imóvel — parecia veloz.

— O que é isso?

— Nada — murmurou Edward.

— Não parece nada.

A expressão de Edward era despreocupada; ele parecia decidido a desprezar o assunto.

— Bom, eu não sabia se você ia perdoar seu amigo ou se ele a perdoaria, e me perguntei se você ainda ia querer andar em sua moto. Parecia algo de que você gostava. Pensei que eu podia ir com você, se você quisesse. — Ele deu de ombros.

Eu olhei a bela máquina. Ao lado dela, minha moto parecia um triciclo quebrado. Senti uma onda repentina de tristeza quando percebi que não era uma analogia ruim para o modo como eu devia ficar ao lado de Edward.

— Eu não poderia acompanhar você — sussurrei.

Edward pôs a mão sob meu queixo e puxou meu rosto de modo a poder olhar diretamente para ele. Com um dedo, tentou empurrar o canto de minha boca para cima.

— Eu é que vou acompanhá-la, Bella.

— Isso não seria muito divertido para você.

— É claro que seria, se estivéssemos juntos.

Mordi o lábio e imaginei por um momento.

— Edward, se você achasse que eu estava indo rápido demais, perdendo o controle da moto ou algo assim, o que você faria?

Ele hesitou, obviamente tentando encontrar a resposta certa. Eu sabia da verdade: ele acharia um jeito de me salvar antes que eu caísse.

E então ele sorriu, e parecia espontâneo, a não ser pelo olhar um pouco defensivo.

— É uma atividade que você faz com Jacob. Agora eu entendo.

— É só que, bom, eu não o retardo tanto, sabe como é. Acho que eu podia

tentar...

Olhei em dúvida a moto prateada.

— Não se preocupe com isso — disse Edward, e depois riu com alegria. — Eu vi o Jasper admirando-a. Talvez esteja na hora de ele descobrir um novo jeito de viajar. Afinal, Alice agora tem o Porsche.

— Edward, eu...

Ele me interrompeu com um beijo rápido.

— Eu disse para não se preocupar. Mas faria uma coisa por mim?

— O que você precisar — prometi de imediato.

Ele largou meu rosto, inclinou-se para o outro extremo da grande moto e pegou algo que guardara ali.

Voltou com um objeto preto e disforme, e outro que era vermelho e facilmente identificável.

— Por favor? — pediu ele, abrindo o sorriso torto que sempre destruía minha resistência.

Peguei o capacete, pesando-o nas mãos.

— Vou parecer uma idiota.

— Não, vai parecer inteligente. Bastante inteligente para não se machucar. — Ele atirou o volume preto, o que quer que fosse, no braço e pegou meu rosto nas mãos. — Não posso viver sem estas coisas que estão agora entre minhas mãos. Você pode cuidar delas.

— Tá, tudo bem. Qual é a outra? — perguntei, desconfiada.

Ele riu e sacudiu uma espécie de jaqueta acolchoada.

— É uma jaqueta de motociclismo. Ouvi dizer que o vento na estrada é muito desagradável, não que eu mesmo fosse perceber isso.

Ele a estendeu para mim. Com um suspiro fundo, joguei os cabelos para trás e coloquei o capacete. Depois enfiei os braços pelas mangas da jaqueta. Ele a fechou, um sorriso brincando nos cantos da boca, e recuou um passo.

Eu me senti gorda.

— Seja franco, eu estou horrenda, não estou?

Ele deu outro passo para trás e fez um beicinho.

— É tão ruim assim? — murmurei.

— Não, não, Bella. Na verdade... — Ele deu a impressão de lutar para encontrar a palavra certa. — você está... sensual.

Eu ri alto.

— Tá legal.

— Na verdade, muito sensual.

— Só está dizendo isso para eu usar — comentei. — Mas está tudo bem. Você tem razão, é mais inteligente.

Ele me abraçou e me puxou contra seu peito.

— Você é uma tola. Acho que faz parte de seu charme. Mas devo admitir que este capacete tem suas desvantagens.

E ele tirou o capacete para me beijar.

Pouco mais tarde, enquanto Edward me levava a La Push, percebi que aquela situação sem precedentes era estranhamente familiar. Precisei de um momento de reflexão para situar a fonte do déjà vu.

— Sabe o que isso me faz lembrar? De quando eu era criança e Renée me entregou a Charlie para passar o verão. Eu me sinto com 7 anos de idade.

Edward riu.

Eu não disse isso em voz alta, mas a maior diferença entre as duas circunstâncias era que Renée e Charlie se davam melhor.

A meio caminho de La Push, viramos a esquina e encontramos Jacob encostado na lateral do Volkswagen vermelho que ele montou sozinho do nada. A expressão cuidadosamente neutra de Jacob se dissolveu num sorriso quando acenei do banco da frente.

Edward estacionou o Volvo a uns trinta metros de distância.

— Ligue-me quando estiver pronta para ir para casa — disse ele. — E estarei aqui.

Edward tirou a moto e minha nova roupa da mala do carro — fiquei muito impressionada que coubesse tudo. Mas não era tão difícil conseguir isso quando se é bastante forte para erguer vans inteiras, que dirá motos pequenas.

Jacob olhava, sem se aproximar, sem sorrir e os olhos escuros indecifráveis.

Eu enfiei o capacete embaixo do braço e atirei a jaqueta no banco.

— Pegou tudo? — perguntou Edward.

— Tudo bem — garanti a ele.

Ele suspirou e se inclinou para mim. Ergui o rosto para um beijo de despedida, mas Edward me pegou de surpresa ao me abraçar firmemente e me

beijar com o entusiasmo que teve na garagem — logo eu estava ofegando.

Edward riu baixinho, depois me soltou.

— Até logo — disse ele. — Eu realmente gosto da jaqueta.

Enquanto me afastava dele, pensei ter visto certo lampejo nos olhos dele que eu não devia ver. Eu não tinha certeza do que era. Preocupação, talvez. Por um segundo pensei que fosse pânico. Mas provavelmente eu estava fazendo tempestade em copo d'água, como sempre.

Eu podia sentir seus olhos em minhas costas enquanto empurrava minha moto para a fronteira invisível do tratado vampiros-lobisomens a fim de encontrar Jacob.

— O que é tudo isso? — gritou Jacob para mim, a voz preocupada, examinando a moto com uma expressão enigmática.

— Pensei que devia devolver ao lugar a que ela pertence — disse a ele.

Ele ponderou sobre isso por um curto segundo, depois seu sorriso largo se espalhou pelo rosto.

Eu soube o ponto exato em que entrei em território de lobisomem porque Jacob saiu do carro e pulou rapidamente a meu encontro, encurtando a distância em três passadas longas. Ele pegou minha moto, equilibrou-a no apoio e me pegou para outro abraço de matar.

Ouvi o ronco do motor do Volvo e lutei para me libertar.

— Chega, Jake! — Eu ofeguei, sem fôlego.

Ele riu e me baixou. Virei-me para me despedir, mas o carro prateado já estava desaparecendo na curva da estrada.

— Que ótimo — comentei, deixando que alguma acidez vazasse para minha voz.

Seus olhos se arregalaram numa falsa inocência.

— O que foi?

— Ele está sendo muito gentil com a situação; você não precisava abusar da sorte.

Ele riu de novo, mais alto do que antes — achou o que eu disse muito engraçado. Tentei entender a piada enquanto ele contornava o Rabbit para abrir a porta para mim.

— Bella — disse ele por fim, ainda rindo, ao fechar a porta depois que entrei —, não se pode abusar do que não se tem.

11. LENDAS

— VAI COMER ESSA SALSICHA? — perguntou Paul a Jacob, os olhos fixos no que restava da imensa refeição que os lobisomens haviam consumido.

Jacob se recostou em meus joelhos e brincou com a salsicha quente que tinha espetado em um arame esticado; as chamas na beira da fogueira lamberam a película empolada. Ele soltou um suspiro e afagou a barriga. Ainda estava plana, embora eu tivesse perdido a conta de quantos cachorros-quentes ele comera depois do décimo. Para não falar no saco tamanho supergrande de fritas ou nas duas garrafas de dois litros de refrigerante.

— Eu acho que sim — disse Jake devagar. — Estou tão cheio que podia vomitar, mas acho que posso forçar para dentro. Embora eu não vá gostar nada. — Ele suspirou de novo com tristeza.

Apesar do fato de Paul ter comido pelo menos tanto quanto Jacob, ele deu um olhar furioso e suas mãos se fecharam em punhos.

— Calminha. — Jacob riu. — É brincadeira, Paul. Tome.

Ele sacudiu o espeto improvisado. Achei que a salsicha cairia na areia, mas Paul pegou quase no último momento sem a menor dificuldade.

Ficar com pessoas extremamente hábeis o tempo todo estava me deixando com complexo.

— Obrigado, cara — disse Paul, já superado o breve ataque de mau humor.

O fogo estalou, afundando mais na areia. Centelhas subiram numa nuvem repentina de laranja vivo contra o céu escuro. Engraçado, eu não tinha percebido que o sol havia se posto. Pela primeira vez, perguntei-me se era tarde. Eu perdi a hora completamente. Era mais fácil ficar com meus amigos quileutes do que eu esperava.

Enquanto Jacob e eu deixávamos a moto na oficina — e ele admitiu pesaroso que o capacete tinha sido uma boa ideia que ele mesmo devia ter tido —, comecei a me preocupar em aparecer com ele na fogueira, perguntando-me se agora os lobisomens me considerariam uma traidora. Estariam eles com raiva de Jacob por

me convidar? Será que eu estragaria a festa?

Mas quando Jacob me conduziu da floresta até o lugar de encontro, no alto do penhasco — onde o fogo já rugia mais brilhante do que o sol coberto pelas nuvens —, tudo foi muito despreocupado e leve.

— Ei, garota vampira! — Embry me recebeu ruidosamente. Quil pulou para me cumprimentar e me beijar no rosto. Emily apertou minha mão quando nos sentamos na pedra fria ao lado dela e de Sam.

Tirando algumas provocações brincalhonas — em especial de Paul — sobre manter o fedor de sanguessugas a favor do vento, eu fui tratada como alguém que pertencia àquele grupo.

Também não havia somente crianças na reunião. Billy estava presente, a cadeira de rodas estacionada no que parecia a cabeceira natural da roda. Ao lado dele, numa cadeira dobrável, parecendo muito frágil, o bisavô de cabelos brancos de Quil, o velho Quil. Sue Clearwater, viúva de Harry, amigo de Charlie, tinha uma cadeira do outro lado dele; seus dois filhos, Leah e Seth, também estavam lá, sentados no chão, como o restante de nós. Isso me surpreendeu, mas os três claramente sabiam do segredo. Pelo modo como Billy e o velho Quil conversavam com Sue, pareceu-me que ela assumira o lugar de Harry no conselho. Será que isso automaticamente tornava os filhos dela membros da sociedade mais secreta de La Push?

Perguntei-me como seria horrível para Leah ficar sentada na roda de frente para Sam e Emily. Seu rosto adorável não traía nenhuma emoção, mas ela jamais desviava os olhos do fogo. Olhando a perfeição das feições de Leah, não pude deixar de compará-las com o rosto arruinado de Emily. O que Leah pensava das cicatrizes de Emily, agora que sabia da verdade por trás delas? Será que pareciam justiça a seus olhos?

O pequeno Seth Clearwater não era mais tão pequeno. Com o sorriso imenso e feliz e o corpo longilíneo e desajeitado, ele me lembrava muito um Jacob jovem. A semelhança me fez sorrir, depois suspirar. Será que Seth estava condenado a ver sua vida mudar de forma tão drástica quanto os outros rapazes? Que futuro ele e sua família poderiam ter ali?

Todo o grupo estava presente: Sam com sua Emily, Paul, Embry, Quil e Jared com Kim, a garota com quem ele sofreu o imprinting.

Minha primeira impressão de Kim era de que ela era uma garota legal, meio

tímida e um pouco modesta. Tinha feições largas, principalmente as maçãs do rosto, com olhos pequenos demais para dar equilíbrio. O nariz e a boca eram muito largos para a beleza tradicional. Os cabelos pretos e lisos eram finos e delicados no vento que nunca parecia deixar o alto do penhasco.

Esta foi minha primeira impressão. Mas, depois de algumas horas observando Jared e Kim, não pude mais achar nada de modesto na menina.

O jeito como ele a olhava! Era como um cego vendo o sol pela primeira vez. Como um colecionador encontrando um Da Vinci desconhecido, como uma mãe olhando o rosto do filho recém-nascido.

Seus olhos maravilhados fizeram-me ver coisas sobre ela — como sua pele parecia seda avermelhada à luz da fogueira, o formato dos lábios fazendo uma curva perfeita, os dentes brancos em contraste com a boca, o tamanho dos cílios, o rosto corando quando ela baixava os olhos.

A pele de Kim às vezes escurecia, quando ela encontrava o olhar pasmo de Jared, e seus olhos caíam como se estivesse constrangida, mas a garota tinha dificuldade para desviar os olhos dele pelo tempo que fosse.

Observando-os, senti que compreendia melhor o que Jacob me dissera sobre o imprinting — é difícil resistir ao nível de compromisso e adoração.

Kim agora cochilava no peito de Jared, os braços dele envolvendo-a. Imaginei que ela estivesse muito aquecida ali.

— Está ficando tarde — murmurei para Jacob.

— Não comece com isso — sussurrou Jacob, embora certamente metade do grupo tivesse audição bastante sensível para nos ouvir. — A melhor parte ainda está por vir.

— Qual é a melhor parte? Você engolindo uma vaca inteira?

Jacob deu sua risada baixa e gutural.

— Não. Esse é o desfecho. Não nos reunimos só para devorar a comida de uma semana. Tecnicamente, esta é uma reunião do conselho. É a primeira vez de Quil, e ele ainda não ouviu as histórias. Bom, ele as ouviu, mas esta será a primeira vez que ele sabe que são verdadeiras. Isso tende a fazer com que um cara preste mais atenção. Kim, Seth e Leah também estão aqui pela primeira vez.

— Histórias?

Jacob precipitou-se para o meu lado, onde eu repousava numa saliência baixa de pedra. Pôs o braço em meu ombro e falou ainda mais baixo em meu ouvido.

— As histórias que sempre pensamos serem lendas — disse ele. — As histórias de como nos transformamos. A primeira é a história dos guerreiros espíritos.

Foi quase como se o sussurro suave de Jacob fosse a introdução. O clima mudou de repente em volta da fogueira. Paul e Embry se sentaram eretos. Jared cutucou Kim e a puxou delicadamente para que se endireitasse.

Emily pegou um bloco em espiral e uma caneta, como uma estudante preparada para uma aula importante.

Sam girou ligeiramente ao lado dela — para ficar de frente para o Velho Quil, que estava do outro lado —, e de repente percebi que os mais velhos do conselho aqui não eram três, mas quatro.

Leah Clearwater, o rosto ainda uma máscara de beleza sem emoções, fechou os olhos — não como se estivesse cansada, mas para se concentrar. O irmão inclinou-se ansiosamente para os anciãos.

O fogo estalou, provocando outra explosão de faíscas cintilantes na noite.

Billy deu um pigarro e, sem outra introdução além do sussurro do filho, começou a contar a história em sua voz melodiosa e grave. As palavras eram pronunciadas com precisão, como se ele as soubesse de cor, mas também com sentimento e ritmo sutis. Como poesia apresentada por seu autor.

— No início, os quileutes eram um pequeno povo — disse Billy. — E ainda somos um pequeno povo, mas nunca desaparecemos. Isto porque sempre houve magia em nosso sangue. Nem sempre a magia da mudança de forma... Esta veio depois. Primeiro, éramos espíritos guerreiros.

Nunca antes eu percebera o tom de majestade na voz de Billy Black, embora eu agora reconhecesse que essa autoridade sempre estivera ali.

A caneta de Emily disparava pelas folhas de papel enquanto ela tentava acompanhá-lo.

— No princípio, a tribo se fixou neste porto e seus integrantes se tornaram habilidosos construtores de barcos e pescadores. Mas a tribo era pequena e o porto era rico em peixes. Havia outros que cobiçavam nossas terras, e éramos pequenos demais para mantê-las. Uma tribo maior avançou contra nós e pegamos nossos barcos para escapar dela.

"Kaheleha não foi o primeiro espírito guerreiro, mas não nos lembramos das histórias anteriores à dele. Não nos lembramos de quem foi o primeiro a descobrir

este poder, ou como foi usado antes dessa crise. Kaheleha foi o primeiro grande Chefe Espírito de nossa história. Em seu surgimento, Kaheleha usou a magia para defender nossas terras.

"Ele e todos os seus guerreiros deixaram o barco — não seus corpos, mas em espírito. As mulheres observavam os corpos e as ondas, e os homens levaram seus espíritos de volta a nosso porto.

"Eles não podiam tocar fisicamente a tribo inimiga, mas tinham outros meios. As histórias contam que podiam soprar ventos ferozes nos campos inimigos; podiam produzir um grande grito no vento, um grito que apavorava os inimigos. As histórias também contam que os animais podiam ver os espíritos guerreiros e compreendê-los; os animais fariam sua vontade.

"Kaheleha levou esse exército de espíritos e arrasou os invasores. Essa tribo invasora tinha um bando de cães grandes e de pelos grossos usado para puxar os trenós no norte congelado. Os espíritos guerreiros viraram os cães contra seus donos e provocaram uma infestação de morcegos vindos das cavernas do penhasco. Usaram o vento uivante para ajudar os cães a confundir os homens. Os cachorros e os morcegos venceram. Os sobreviventes se espalharam, chamando nosso porto de lugar amaldiçoado. Os cães passaram a ser selvagens quando os espíritos guerreiros os libertaram. Os quileutes voltaram, vitoriosos, a seus corpos e a suas esposas.

"As outras tribos próximas, os hohs e os makahs, fizeram tratados com os quileutes. Não queriam se meter com nossa magia. Vivemos em paz com elas. Quando um inimigo vinha contra nós, os espíritos guerreiros o afugentavam.

"Passaram-se gerações. Depois veio o primeiro grande Chefe Espírito, Taha Aki. Era conhecido pela sabedoria e por ser um homem de paz. O povo vivia bem e satisfeito sob os cuidados dele.

"Mas havia um homem, Utlapa, que não estava satisfeito."

Um silvo baixo percorreu a fogueira. Eu fui lenta demais para perceber de onde vinha. Billy ignorou-o e continuou com a lenda.

— Utlapa era um dos mais fortes espíritos guerreiros do chefe Taha Aki... Um homem poderoso, mas também ganancioso. Ele pensava que o povo devia usar sua magia para expandir as terras, escravizar os hohs e os makahs e construir um império.

"Ora, quando estavam na forma de espírito, os guerreiros conheciam os

pensamentos uns dos outros. Taha Aki viu o que Utlapa sonhava e ficou com raiva dele. Utlapa foi ordenado a deixar o povo e jamais voltar a usar seu espírito. Utlapa era um homem forte, mas os guerreiros do chefe estavam em maior número. Ele não teve alternativa a não ser partir. O furioso exilado escondeu-se na floresta próxima, esperando por uma oportunidade de se vingar do chefe.

"Mesmo em tempos de paz, o Chefe Espírito era vigilante na proteção de seu povo. Em geral, ia a um lugar secreto e sagrado nas montanhas. Deixava seu corpo e percorria as florestas e a costa, certificando-se de que nenhuma ameaça se aproximava.

"Um dia, quando Taha Aki saiu para cumprir com seu dever, Utlapa o seguiu. De início, Utlapa simplesmente planejava matar o chefe, mas este plano tinha suas desvantagens. Era certo que os espíritos guerreiros iam caçá-lo e destruí-lo, e eles podiam perseguir mais rápido do que Utlapa podia escapar. Enquanto estava escondido nas rochas e observava o chefe preparar-se para deixar o corpo, outro plano lhe ocorreu.

"Taha Aki deixou seu corpo no lugar secreto e voou com os ventos para vigiar seu povo. Utlapa esperou até ter certeza de que o chefe tinha percorrido certa distância em espírito.

"Taha Aki entendeu tudo no instante em que Utlapa se juntou a ele no mundo espiritual e também soube do plano assassino de Utlapa. Correu de volta ao lugar secreto, mas nem os ventos foram bastante rápidos para salvá-lo. Quando retornou, seu corpo já se fora. O corpo de Utlapa jazia abandonado, mas Utlapa não lhe deixara escapatória — cortara a garganta de seu próprio corpo com as mãos de Taha Aki.

"Taha Aki seguiu seu corpo pela montanha. Gritou para Utlapa, que o ignorou como se ele não passasse de vento.

"Taha Aki olhava com desespero enquanto Utlapa assumia seu lugar como chefe dos quileutes. Por algumas semanas, Utlapa nada fez além de se certificar de que todos acreditassem que ele era Taha Aki. Depois as mudanças começaram — o primeiro édito de Utlapa foi proibir qualquer guerreiro de entrar no mundo espiritual. Ele afirmou que tivera uma visão de perigo, mas na verdade tinha medo. Ele sabia que Taha Aki esperava por uma oportunidade de contar sua história. Utlapa também tinha medo de entrar no mundo espiritual, sabendo que Taha Aki rapidamente reclamaria seu corpo. Então eram impossíveis seus sonhos

de conquista com um exército de espíritos guerreiros, e ele procurou se contentar com o governo da tribo. Ele se tornou um fardo — pediu privilégios que Taha Aki nunca solicitou, recusou-se a trabalhar com os guerreiros, tomou uma segunda esposa jovem e em seguida uma terceira, embora a esposa de Taha Aki estivesse viva —, fato de que a tribo nunca ouvira falar. Taha Aki observava numa fúria impotente.

"Um dia, Taha Aki tentou matar seu corpo para salvar a tribo dos excessos de Utlapa. Levou um lobo feroz das montanhas, mas Utlapa se escondeu atrás de seus guerreiros. Quando o lobo matou um jovem que estava protegendo o falso chefe, Taha Aki sentiu uma tristeza terrível e ordenou ao lobo que se afastasse.

"Todas as histórias contam que não era fácil ser um espírito guerreiro. Ser libertado do próprio corpo era mais assustador do que estimulante, e por isso eles só usavam a magia em épocas de necessidade. As jornadas solitárias do chefe para vigiar eram um fardo e um sacrifício. Ficar sem corpo era desorientador, desagradável, apavorante. A essa altura, Taha Aki estava longe do corpo havia tanto tempo que vivia em agonia. Sentia que estava condenado — nunca mais atravessaria a terra final onde esperavam seus ancestrais, preso naquele nada torturante para sempre.

"O grande lobo seguiu o espírito de Taha Aki enquanto ele se retorcia e se encolhia de agonia pelo bosque. O lobo era muito grande para sua espécie, e era belo. Taha Aki de repente teve inveja do animal obtuso. Pelo menos tinha um corpo. Pelo menos tinha uma vida. Mesmo a vida de animal seria melhor do que aquela terrível consciência vazia.

"E depois Taha Aki teve a ideia que nos mudaria a todos. Pediu ao grande lobo para dar espaço para ele, para dividir. O lobo aquiesceu. Taha Aki entrou no corpo do lobo com alívio e gratidão. Não era seu corpo humano, mas era melhor do que o vazio do mundo espiritual.

"Unos, homem e lobo voltaram à aldeia no porto. O povo correu de medo, gritando pelos guerreiros. Os guerreiros correram para encontrar o lobo com suas lanças. Utlapa, é claro, ficou escondido e seguro.

"Taha Aki não atacou seus guerreiros. Afastou-se devagar, falando com os olhos e tentando gritar as canções de seu povo. Os guerreiros começaram a perceber que o lobo não era um animal comum, que um espírito o influenciava. Um guerreiro mais velho, um homem de nome Yut, decidiu desobedecer à ordem

do falso chefe e tentar se comunicar com o lobo.

"Assim que Yut atravessou para o mundo espiritual, Taha Aki deixou o lobo — o animal esperou obediente por sua volta — para falar com ele. Yut entendeu a verdade num instante e deu as boas-vindas a seu verdadeiro chefe.

"Nessa hora, Utlapa veio ver se o lobo havia sido derrotado. Quando viu Yut deitado sem vida no chão, cercado por guerreiros protetores, percebeu o que estava acontecendo. Sacou sua faca e correu para matar Yut antes que ele pudesse voltar a seu corpo.

"'Traidor', gritou ele, e os guerreiros não sabiam o que fazer. O chefe havia proibido as jornadas dos espíritos, e era decisão do chefe punir aqueles que lhe desobedecessem.

"Yut voltou a seu corpo, mas Utlapa estava com a faca em seu pescoço e a mão cobria sua boca. O corpo de Taha Aki era forte e a idade deixara Yut fraco. Yut não pôde dizer nem uma palavra para avisar os outros antes que Utlapa o silenciasse para sempre.

"Taha Aki observou o espírito de Yut deslizar para a derradeira terra que lhe era vedada por toda a eternidade. Sentiu uma raiva imensa, mais forte do que qualquer emoção que tinha sentido na vida. Entrou no grande lobo de novo, pretendendo dilacerar o pescoço de Utlapa. Mas, enquanto se unia ao lobo, aconteceu a magia maior.

"A raiva de Taha Aki era a raiva de um homem. O amor que ele tinha por seu povo e o ódio que tinha pelo opressor eram vastos demais para o corpo do lobo, eram humanos demais. O lobo tremeu e — diante dos olhares de choque dos guerreiros e de Utlapa — transformou-se num homem.

"O novo homem não tinha o corpo de Taha Aki. Era muito mais glorioso. Era a interpretação em carne do espírito de Taha Aki. No entanto os guerreiros o reconheceram imediatamente, porque já haviam voado com seu espírito.

"Utlapa tentou correr, mas Taha Aki tinha a força do lobo em seu novo corpo. Pegou o usurpador e arrancou seu espírito antes que ele pudesse sair do corpo roubado.

"O povo se alegrou ao entender o que acontecera. Taha Aki corrigiu tudo: voltou a trabalhar com seu povo e devolveu as jovens esposas a suas famílias. A única mudança que manteve foi o fim das viagens em espírito. Ele sabia que era perigoso demais, agora que estava presente a ideia de roubar uma vida. Os

espíritos guerreiros deixaram de existir.

"A partir desse ponto, Taha Aki foi mais do que lobo ou homem. Chamavam-no Taha Aki, o Grande Lobo, ou Taha Aki, o Homem-Espírito. Ele liderou a tribo por muitos e muitos anos, porque não envelhecia. Quando o perigo ameaçava, ele reassumia sua identidade de lobo para lutar ou afugentar o inimigo. O povo vivia em paz. Taha Aki foi pai de muitos filhos, e alguns descobriram que também podiam se transformar em lobos quando chegavam à idade adulta. Os lobos eram diferentes, porque eram lobos-espíritos e refletiam o homem que traziam em si."

— Então é por isso que Sam é todo preto — murmurou Quil, sorrindo. — Coração preto, pelo preto.

Eu estava tão envolvida com a história que foi um choque retornar ao presente, à roda em volta do fogo moribundo. Com outro choque, percebi que o círculo era composto dos bisnetos de Taha Aki — embora em graus variados.

O fogo lançou uma salva de faíscas ao céu, e elas tremeram e dançaram, assumindo formas quase decifráveis.

— E seu pelo chocolate reflete o quê? — sussurrou Sam para Quil. — Como você é doce?

Billy ignorou as brincadeiras.

— Alguns filhos tornaram-se guerreiros com Taha Aki e não envelheceram mais. Outros, que não gostavam da transformação, recusaram-se a se unir ao bando de homens-lobo. Estes começaram a envelhecer novamente, e a tribo descobriu que os homens-lobo podiam ficar mais velhos como qualquer pessoa, se desistissem de seus lobos-espíritos. Taha Aki viveu o tempo de três anciãos. Casou-se com uma terceira esposa depois da morte das duas primeiras e encontrou nela sua verdadeira esposa espiritual. Embora ele tivesse amado as outras, essa era diferente. Ele decidiu abrir mão do lobo-espírito para morrer quando ela se fosse.

"Foi assim que a magia chegou a nós, mas este não é o fim da história..."

Ele olhou para o velho Quil Ateara, que se mexeu na cadeira, endireitando os ombros frágeis. Billy tomou um gole de uma garrafa de água e enxugou a testa. A caneta de Emily jamais hesitava ao escrever furiosamente no papel.

— Essa foi a história dos espíritos guerreiros — começou o velho Quil com uma voz fraca de tenor. — Agora é a vez da história do sacrifício da terceira esposa.

"Muitos anos depois de Taha Aki desistir do lobo-espírito, quando estava velho, surgiram problemas no norte, com os makahs. Várias jovens daquela tribo tinham desaparecido e eles culpavam os lobos vizinhos, que temiam e em quem não confiavam. Os homens-lobo ainda podiam ler os pensamentos uns dos outros enquanto estavam na forma de lobo, assim como seus ancestrais faziam quando estavam na forma de espírito. Eles sabiam que ninguém de seu grupo era culpado. Taha Aki tentou pacificar o chefe makah, mas havia medo demais. Taha Aki não queria ter uma guerra nas mãos. Não era mais um guerreiro para liderar seu povo. Ele encarregou o filho-lobo mais velho, Taha Wi, de descobrir o verdadeiro culpado antes que começassem as hostilidades.

"Taha Wi levou outros cinco lobos de seu grupo em uma busca pelas montanhas, à procura de qualquer prova das makahs desaparecidas. Deram na floresta com algo que nunca tinham visto — um cheiro doce e estranho, que ardia no nariz a ponto de doer."

Eu me encolhi para mais perto de Jacob. Vi o canto de sua boca se retorcer com humor e o braço se estreitou à minha volta.

— Eles não sabiam que criatura deixaria um cheiro daqueles, mas a seguiram — continuou o velho Quil. Sua voz trêmula não tinha a majestade da voz de Billy, mas tinha um tom de urgência estranho e veemente. Minha pulsação saltava à medida que suas palavras saíam com mais rapidez. — Eles encontraram traços fracos de cheiro humano e sangue humano no rastro. Tinham certeza de que era o inimigo que procuravam.

"A jornada os levou tão para o norte que Taha Wi mandou metade da alcateia, os mais novos, de volta ao porto para contar a Taha Aki.

"Taha Wi e seus dois irmãos não voltaram.

"Os irmãos mais novos procuraram pelos mais velhos, mas só encontraram silêncio. Taha Aki pranteou seus filhos. Queria se vingar da morte dos filhos, mas era velho. Foi ao chefe makah com seus trajes de luto e lhe contou tudo o que acontecera. O chefe makah acreditou em seu pesar e as tensões entre as tribos terminaram.

"Um ano depois, duas donzelas makahs desapareceram de suas casas na mesma noite. Os makahs chamaram os quileutes de imediato, que encontraram o mesmo fedor adocicado em toda a aldeia makah. Os lobos partiram à caça novamente.

"Só um deles voltou. Era Yaha Uta, o filho mais velho da terceira esposa de

Taha Aki e o mais novo do grupo. Trouxe uma coisa que nunca fora vista em todos os dias dos quileutes — um cadáver estranho, frio e duro como pedra, que ele carregava aos pedaços. Todos que eram do sangue de Taha Aki, mesmo aqueles que nunca haviam sido lobos, puderam sentir o cheiro penetrante da criatura morta. Aquele era o inimigo dos makahs.

"Yaha Uta descreveu o que aconteceu: ele e os irmãos encontraram a criatura, que parecia um homem mas era duro como granito, com as duas filhas makahs. Uma menina já estava morta, branca e exangue no chão. A outra estava nos braços da criatura, que tinha a boca em seu pescoço. Ela podia estar viva quando eles chegaram à cena horrenda, mas a criatura rapidamente rompeu seu pescoço e atirou o corpo sem vida ao chão quando eles se aproximaram. Seus lábios brancos estavam cobertos do sangue da menina e os olhos cintilavam vermelhos.

"Yaha Uta descreveu a força brutal e a velocidade da criatura. Um dos irmãos logo se tornou vítima quando subestimou o poder da criatura, que o dilacerou como se fosse um boneco. Yaha Uta e o outro irmão foram mais cautelosos. Trabalharam juntos, abordando a criatura pelos flancos, manobrando melhor. Tiveram de chegar a seus limites de força e de velocidade de lobos, algo que nunca fora testado. A criatura era dura feito pedra e fria como gelo. Eles descobriram que só seus dentes podiam lhe provocar danos. Começaram a rasgar pequenos pedaços da criatura enquanto lutavam contra ela.

"Mas a criatura aprendia depressa e logo estava fazendo frente a suas manobras. Pôs as mãos no irmão de Yaha Uta. Yaha Uta encontrou uma abertura no pescoço da criatura e atacou. Seus dentes arrancaram a cabeça da criatura, mas as mãos continuavam a mutilar seu irmão.

"Yaha Uta dilacerou a criatura em partes irreconhecíveis, rasgando pedaços numa tentativa desesperada de salvar o irmão. Era tarde demais para ele, mas, no fim, a criatura estava destruída.

"Ou assim eles pensavam. Yaha Uta colocou no chão os restos fedorentos para que fossem examinados pelos mais velhos. A mão decepada estava ao lado de um pedaço do braço de granito. Os dois pedaços se tocaram quando os anciãos os cutucaram com bastões e a mão se estendeu para o pedaço de braço, tentando se remontar.

"Apavorados, os anciãos atearam fogo aos restos. Uma grande nuvem de fumaça sufocante e vil poluiu o ar. Quando não havia nada a não ser cinzas, eles

separaram as cinzas em muitos saquinhos e as despacharam para longe — alguns no mar, outros na floresta, outros nas cavernas do penhasco. Taha Aki passou a usar um saco no pescoço, para ser avisado se a criatura tentasse se reconstituir novamente."

O velho Quil parou e olhou para Billy, que pegou um cordão longo no pescoço. Pendurado na ponta havia um saquinho, escurecido pelo tempo. Algumas pessoas arfaram. Pode ser que eu tenha sido uma delas.

— Eles o chamaram O Frio, Bebedor de Sangue, e viviam com medo de que não fosse apenas um. Só lhes restava um lobo protetor, o jovem Yaha Uta.

"Não tiveram de esperar muito tempo. A criatura tinha uma companheira, outra bebedora de sangue, que foi até os quileutes para se vingar.

"As histórias contam que A Fria era a coisa mais linda que os olhos humanos já tinham visto. Parecia a deusa da alvorada quando entrou na aldeia naquela manhã; o sol de repente brilhava, cintilando em sua pele branca e iluminando seus cabelos dourados, que caíam até os joelhos. Seu rosto era de uma beleza mágica, os olhos negros na face branca. Alguns caíram de joelhos em adoração a ela.

"Ela perguntou algo numa voz alta e penetrante, numa língua que ninguém conhecia. As pessoas estavam aturdidas, sem saber o que responder. Não havia nenhum sangue de Taha Aki entre as testemunhas, exceto um garotinho. Ele se agarrou à mãe e gritou que o cheiro estava machucando seu nariz. Um dos anciãos, a caminho do conselho, ouviu o menino e percebeu o que estava entre eles. Gritou para que o povo fugisse. Ela o matou primeiro.

"Houve vinte testemunhas da aproximação da Fria. Duas sobreviveram, só porque ela foi distraída pelo sangue e parou para saciar sua sede. Eles correram até Taha Aki, que estava sentado no conselho com os outros anciãos, seus filhos e a terceira esposa.

"Yaha Uta transformou-se em seu lobo-espírito assim que soube da notícia. Foi destruir a bebedora de sangue sozinho. Taha Aki, sua terceira esposa, seus filhos e os anciãos foram atrás dele.

"De início eles não conseguiam encontrar a criatura, só a prova de seu ataque. Corpos jaziam quebrados, alguns sem sangue, espalhados pela estrada onde ela aparecera. Depois ouviram os gritos e correram para a enseada.

"Alguns quileutes correram para se refugiar nos barcos. Ela nadou atrás deles

como um tubarão e quebrou o casco do barco com sua força inacreditável. Quando o barco afundou, ela pegou os que tentavam se afastar a nado e os destruiu também.

"Ela viu o grande lobo na margem e se esqueceu dos nadadores em fuga. Nadou tão rápido que parecia um borrão, e chegou, gotejando e gloriosa, para se postar diante de Yaha Uta. Apontou para ele com um dedo branco e fez outra pergunta incompreensível. Yaha Uta esperou.

"Foi uma luta renhida. Ela não era a guerreira que fora seu companheiro. Mas Yaha Uta estava só — não havia ninguém para distrair dele a fúria da criatura.

"Quando Yaha Uta perdeu, Taha Aki gritou em desafio. Ele avançou e se transformou em um lobo velho, de focinho branco. O lobo era velho, mas aquele era Taha Aki, o Homem-Espírito, e sua raiva o deixava forte. A luta recomeçou.

"A terceira esposa de Taha Aki tinha acabado de ver o filho morrer diante dela. Agora o marido lutava, e ela não tinha esperanças de que ele vencesse. Ela ouviu cada palavra que as testemunhas contaram ao conselho sobre a chacina. Ouvira as histórias da primeira vitória de Yaha Uta e sabia que a distração do irmão salvara a vida dele.

"A terceira esposa pegou uma faca no cinto de um dos filhos ao lado dela. Todos eram jovens, ainda não eram homens, e ela sabia que eles morreriam quando o pai fracassasse.

"A terceira esposa correu para A Fria com a adaga erguida. A Fria sorriu, e mal se desviou da luta contra o lobo velho. Não tinha medo da mulher fraca e humana ou da faca que sequer arranharia sua pele, e estava prestes a dar o golpe mortal em Taha Aki.

"E então a terceira esposa tomou uma atitude que A Fria não esperava. Caiu de joelhos aos pés da bebedora de sangue e enfiou a faca no próprio coração.

"O sangue esguichou pelos dedos da terceira esposa e espirrou na Fria. A bebedora de sangue não pôde resistir à tentação do sangue fresco deixando o corpo da terceira esposa. Por instinto, virou-se para a moribunda, por um segundo inteiramente consumida pela sede.

"Os dentes de Taha Aki se fecharam em seu pescoço.

"Este não foi o fim da luta, mas Taha Aki agora não estava só. Vendo a mãe morrer, dois filhos jovens sentiram tal raiva que dispararam para a frente na forma de seus lobos-espíritos, embora ainda não fossem homens. Com o pai, eles

deram cabo da criatura.

"Taha Aki jamais se reuniu à tribo. Nunca voltou à forma humana. Ficou deitado por um dia ao lado do corpo da terceira esposa, rosnando sempre que alguém tentava tocá-la, depois foi para a floresta e jamais voltou.

"Os problemas com os frios foram raros a partir de então. Os filhos de Taha Aki protegeram a tribo até que seus filhos fossem velhos o suficiente para assumir seu lugar. Nunca eram mais de três lobos de uma vez. Era o bastante. Ocasionalmente, um bebedor de sangue aparecia por essas terras, mas eles eram pegos de surpresa, pois não esperavam encontrar lobos. Às vezes, um lobo morria, mas nunca mais foram dizimados como na primeira vez. Eles aprenderam a lutar com os frios e transmitiram o conhecimento, de mente de lobo para mente de lobo, de espírito para espírito, de pai para filho.

"O tempo passou e os descendentes de Taha Aki não se transformavam mais em lobos quando chegavam à idade adulta. Só muito tempo depois, se um frio estivesse por perto, os lobos voltariam. Os frios sempre vinham sozinhos ou aos pares, e a alcateia continuava pequena.

"Chegou um bando maior, e os bisnetos prepararam-se para combatê-los. Mas o líder falou com Ephraim Black como se fosse homem e prometeu não prejudicar os quileutes. Seus estranhos olhos amarelos davam prova de sua alegação de que eles não eram iguais aos outros bebedores de sangue. Os lobos eram em menor número; não havia necessidade de os frios proporem um tratado quando podiam ter vencido a contenda. Ephraim aceitou. Eles cumpriram sua parte, embora a sua presença tendesse a atrair outros.

"E seu número forçou o surgimento de uma alcateia maior do que a tribo já havia testemunhado."

Por um momento seus olhos absortos, enterrados em rugas de dobras de pele, pareceram pousar em mim.

— Exceto, é claro, na época de Taha Aki — disse ele, depois suspirou. — E assim os filhos de nossa tribo carregam novamente o fardo e compartilham o sacrifício que seus pais suportaram antes deles.

Todos fizeram silêncio por um momento. Os descendentes vivos da magia e das lendas se fitavam através da fogueira com tristeza nos olhos. Todos, exceto um.

— Fardo — zombou ele numa voz baixa. — Eu acho bacana. — O lábio

inferior e cheio de Quil fez um biquinho.

Do outro lado do fogo fraco, Seth Clearwater — os olhos arregalados de adulação pela fraternidade de protetores tribais — assentiu.

Billy riu, um riso grave e longo, e a magia pareceu esvair-se nas brasas cintilantes. De repente, era só uma roda de amigos de novo. Jared atirou uma pedrinha em Quil e todos riram quando isso o fez pular. A conversa baixa murmurava à nossa volta, brincalhona e despreocupada.

Os olhos de Leah Clearwater não se abriram. Pensei ter visto algo cintilando em seu rosto como uma lágrima, mas quando voltei a olhar um momento depois tinha desaparecido.

Nem Jacob nem eu falamos. Ele estava tão imóvel a meu lado, a respiração tão profunda e estável, que pensei que podia estar quase dormindo.

Minha mente estava a mil anos dali. Eu não pensava em Yaha Uta ou nos outros lobos, nem na bela Fria — eu podia imaginá-la com muita facilidade. Não, eu pensava em alguém de fora da magia. Tentava imaginar a face da mulher sem nome que salvara toda a tribo, a terceira esposa.

Só uma humana, sem nenhum dom nem poderes especiais. Fisicamente mais fraca e mais lenta do que qualquer dos monstros na história. Mas ela fora a chave, a solução. Ela salvou o marido, os filhos jovens, a tribo.

Eu queria que eles se lembrassem do nome dela...

Alguma coisa sacudiu meu braço.

— Vamos, Bells — disse Jacob em meu ouvido. — Nós chegamos.

Eu pisquei, confusa porque o fogo parecia ter desaparecido. Olhei a escuridão inesperada, tentando decifrar o ambiente. Precisei de um minuto para perceber que não estava mais no penhasco. Jacob e eu estávamos sós. Eu ainda estava sob o braço dele, mas não estava mais no chão.

Como foi que eu cheguei ao carro de Jacob?

— Ah, droga! — Eu arfei ao perceber que tinha dormido. — Que horas são? Porcaria, onde está aquele telefone idiota? — Dei tapinhas nos bolsos, frenética, mas nada encontrei.

— Calma. Ainda não é meia-noite. E eu já liguei para ele por você. Olhe... Ele está esperando lá.

— Meia-noite? — repeti feito uma idiota, ainda desorientada. Olhei a escuridão e meu coração parou quando meus olhos distinguiram a forma do

Volvo, a uns trinta metros de distância. Estendi a mão para a maçaneta da porta.

— Tome — disse Jacob, e colocou algo pequeno em minha outra mão. O telefone.

— Você ligou para Edward por mim?

Meus olhos tinham se adaptado o suficiente para ver o brilho do sorriso de Jacob.

— Imaginei que se eu fosse legal conseguiria mais tempo com você.

— Obrigada, Jake — disse, comovida. — Muito obrigada mesmo. E agradeço por me convidar esta noite. Foi... — As palavras me fugiram. — Caramba. Foi demais.

— E você nem ficou para me ver engolir uma vaca. — Ele riu. — Não, fico feliz que tenha gostado. Foi... bom para mim. Ter você aqui.

Houve um movimento na distância escura — algo pálido movendo-se nas árvores sombrias. Andando de um lado para outro?

— É, ele não é tão paciente, né? — disse Jacob, percebendo minha distração. — Vá. Mas volte logo, está bem?

— Claro, Jake — prometi, e abri a porta do carro. O ar frio banhou minhas pernas e me fez tremer.

— Durma bem, Bells. Não se preocupe com nada... Eu estarei vigiando você esta noite.

Eu parei, com um dos pés no chão.

— Não, Jake. Vá descansar um pouco, eu vou ficar bem.

— Claro, claro — disse ele, mas pareceu mais paternalista do que de acordo.

— Boa noite, Jake. Obrigada.

— Boa noite, Bella — sussurrou enquanto eu corria no escuro.

Edward me pegou na fronteira.

— Bella — disse ele, o alívio intenso em sua voz; seus braços me envolveram com força.

— Oi, desculpe por chegar tão tarde. Eu dormi e...

— Eu sei. Jacob explicou. — Ele partiu para o carro e eu cambaleei trôpega a seu lado. — Está cansada? Posso carregá-la.

— Eu estou bem.

— Vamos para sua casa e você vai dormir. Você se divertiu?

— Sim... Foi maravilhoso, Edward. Queria que você pudesse ter ido. Nem

posso explicar. O pai de Jake nos contou antigas lendas e foi como... como magia.

— Vai ter que me contar sobre isso. Depois que dormir.

— Não ia contar agora — eu disse, depois dei um bocejo imenso.

Edward riu. Abriu a porta para mim, ergueu-me para dentro do carro e prendeu meu cinto de segurança.

Luzes fortes lampejaram e passaram por nós. Eu acenei para os faróis de Jacob, mas não sei se ele viu o gesto.

Naquela noite — depois de eu ter passado por Charlie, que não me criou muitos problemas, como eu esperava, pois Jacob tinha ligado para ele também —, em vez de desmaiar na cama direto, curvei-me para fora da janela aberta enquanto esperava que Edward voltasse. A noite era surpreendentemente fria, quase de inverno. Eu não tinha percebido isso no penhasco ventoso; imaginei que tivesse menos relação com o fogo que com o fato de eu estar sentada ao lado de Jacob.

Gotas geladas bateram em meu rosto quando a chuva começou a cair.

Estava escuro demais para enxergar além dos triângulos negros dos abetos que se curvavam e se agitavam com o vento. Mesmo assim tentei enxergar, procurando por outras formas na tempestade. Uma silhueta pálida, movendo-se como um fantasma pela escuridão... Ou talvez o perfil sombrio de um lobo enorme... Meus olhos eram fracos demais.

Depois, houve um movimento na noite, bem a meu lado. Edward passou por minha janela aberta, as mãos mais frias do que a chuva.

— Jacob está aí fora? — perguntei, tremendo enquanto Edward me puxava para o círculo de seus braços.

— Sim... Em algum lugar. E Esme está indo para casa.

Eu suspirei.

— Está tão frio e úmido. Isso é tolice. — Eu tremi de novo.

Ele riu.

— Só está frio para você, Bella.

Estava frio também em meu sonho naquela noite, talvez porque eu tivesse dormido nos braços de Edward. Mas eu sonhei que estava lá fora, na tempestade, o vento chicoteando meus cabelos no rosto e me cegando. Eu estava no crescente rochoso da First Beach, tentando entender as formas que se movimentavam rapidamente e que eu mal conseguia distinguir na escuridão da praia. De início,

nada havia, apenas um lampejo de branco e preto, disparando um até o outro e dançando. E depois, como se a lua tivesse de repente rompido as nuvens, eu pude ver tudo.

Rosalie, os cabelos balançando molhados e dourados até os joelhos, lançava-se para um lobo enorme — seu focinho era tingido de prata —, que eu instintivamente reconheci como Billy Black.

Comecei a correr, mas me vi andando na frustrante câmera lenta de quem sonha. Tentei gritar para eles, para dizer que parassem, mas minha voz foi roubada pelo vento e não proferi som algum. Algo lampejou em minha mão e percebi pela primeira vez que minha mão direita não estava vazia.

Eu segurava uma lâmina longa e afiada, antiga e prateada, com crostas de sangue escurecido e seco.

Encolhi, me afastando da faca, e meus olhos se abriram para a escuridão silenciosa de meu quarto. Logo percebi que não estava só e me virei para enterrar o rosto no peito de Edward, sabendo que o cheiro doce de sua pele afugentaria o pesadelo com mais eficácia do que qualquer outra coisa.

— Eu a acordei? — sussurrou ele. Ouvi o som de papel, do farfalhar de páginas e um baque fraco de algum objeto leve caindo no chão de madeira.

— Não — murmurei, suspirando de satisfação nos braços firmes de Edward à minha volta. — Eu tive um pesadelo.

— Quer me contar?

Sacudi a cabeça.

— Cansada demais. Talvez de manhã, se eu me lembrar.

Senti um riso silencioso sacudir o corpo dele.

— De manhã — concordou ele.

— O que estava lendo? — murmurei, não desperta de todo.

— O morro dos ventos uivantes — disse ele.

Franzi a testa, sonolenta.

— Pensei que você não gostasse desse livro.

— Você deixou à vista — murmurou ele, a voz suave embalando-me para a inconsciência. — Além disso... quanto mais tempo eu passo com você, mais emoções humanas ficam compreensíveis para mim. Estou descobrindo que posso me solidarizar com Heathcliff de um modo que não acreditava ser possível.

— Hmmm — eu suspirei.

Ele disse mais algumas palavras, algo baixo, mas eu já estava dormindo.

O dia seguinte amanheceu cinza-perolado e silencioso. Edward me perguntou de meu sonho, mas eu não conseguia me lembrar dele. Só me recordava de que estava frio e de que eu estava feliz por ele estar presente quando acordei. Ele me beijou, por tempo suficiente para acelerar minha pulsação, depois foi em casa trocar de roupa e pegar o carro.

Vesti-me depressa, com poucas alternativas. Quem quer que tivesse saqueado meu cesto de roupa tinha prejudicado seriamente meu guarda-roupa. Se eu não estivesse tão assustada, ficaria muito irritada.

Eu estava prestes a descer para o café da manhã quando percebi meu exemplar surrado de O morro dos ventos uivantes aberto no chão, onde Edward o largara à noite, marcando a página em que havia parado como a capa avariada sempre marcava a minha.

Peguei-o, curiosa, tentando me lembrar do que ele dissera. Algo sobre sentir solidariedade por Heathcliff, justo por ele! Aquilo não podia estar certo; eu devia ter sonhado essa parte.

Três palavras na página aberta atraíram minha atenção, e eu tombei a cabeça para ler o parágrafo mais de perto. Era Heathcliff falando e eu conhecia bem a passagem.

> E ali se vê a distinção entre nossos sentimentos: ele estivera no meu lugar e eu no dele; embora eu o odiasse com um rancor que transformou minha vida em bile, jamais teria erguido a mão contra ele. Você pode estar incrédulo; se lhe apraz! Jamais o teria banido de sua sociedade, o que ela desejava. Cessado o momento de respeitá-la, eu teria arrancado seu coração e bebido seu sangue! Mas, até então — se não acredita em mim, não me conhece —, até então, eu teria morrido pouco a pouco antes de tocar num único fio de seu cabelo!

As três palavras que me chamaram atenção foram “bebido seu sangue”.

Eu estremeci.

Sim, certamente eu devia ter sonhado que Edward dissera algo positivo sobre Heathcliff. E aquela não devia ser a página que ele estava lendo. O livro podia ter-se aberto em qualquer página ao cair.

12. TEMPO

— EU PREVI... — COMEÇOU ALICE NUM TOM AGOURENTO.

Edward lançou o cotovelo para as costelas dela, do que ela se esquivou elegantemente.

— Tudo bem — grunhiu. — Edward está me obrigando a fazer isso. Mas eu previ que você seria mais difícil se eu a surpreendesse.

Estávamos andando para o carro depois da aula e eu não fazia a menor ideia do que ela estava falando.

— Pode falar na minha língua? — pedi.

— Não seja infantil. Nada de ter um acesso de raiva.

— Agora estou com medo.

— Então você... quer dizer, nós... vamos dar uma festa de formatura. Não é grande coisa. Nada de dar medo. Mas eu vi que você ia ficar louca se eu tentasse fazer uma festa-surpresa. — Ela se afastou dançando enquanto Edward tentava bagunçar seus cabelos. — E Edward disse que eu tinha que contar a você. Mas não será nada demais. Eu prometo.

Soltei um suspiro pesado.

— Tem algum sentido discutir?

— Nenhum.

— Tudo bem, Alice. Eu estarei lá. E vou odiar cada minuto. Eu prometo.

— O espírito é esse! A propósito, eu adoro meu presente. Você não devia fazer isso.

— Alice, eu não comprei!

— Ah, eu sei disso. Mas comprará.

Eu vasculhei o cérebro em pânico, tentando me lembrar do que havia decidido lhe dar de formatura que ela pudesse ter visto.

— Incrível — murmurou Edward. — Como alguém tão minúscula pode ser tão irritante?

Alice riu.

— É um talento.

— Não podia ter esperado algumas semanas para me contar sobre isso? — eu disse, petulante. — Agora vou ficar estressada por muito mais tempo.

Alice franziu a testa para mim.

— Bella — disse ela lentamente. — Sabe que dia é hoje?

— Segunda?

Ela revirou os olhos.

— Sim. É segunda... dia 4. — Ela pegou meu cotovelo, girou-me e apontou para um grande cartaz amarelo colado na porta da educação física. Ali, em letras pretas e nítidas, estava a data da formatura. Exatamente dali a uma semana.

— É dia 4? De junho? Tem certeza?

Ninguém respondeu. Alice só sacudiu a cabeça com tristeza, fingindo decepção, e as sobrancelhas de Edward se ergueram.

— Não pode ser! Como isso aconteceu? — Tentei fazer uma contagem regressiva mental, mas não consegui deduzir para onde o tempo tinha ido.

Senti como se alguém tivesse chutado minhas pernas. As semanas de estresse, de preocupação... De certo modo, no meio de toda minha obsessão com o tempo, meu tempo havia desaparecido. Meu espaço para organizar tudo, para fazer planos, tinha sumido. Eu estava sem tempo.

E não estava preparada.

Não sabia como fazer aquilo. Como dizer adeus a Charlie e a Renée... A Jacob... A ser humana.

Eu sabia exatamente o que queria, mas de repente me apavorei com a possibilidade de se tornar realidade.

Em tese, eu estava ansiosa, ainda mais ansiosa para trocar a mortalidade pela imortalidade. Afinal, essa era a chave para ficar com Edward para sempre. E depois havia o fato de que eu estava sendo caçada por coisas conhecidas e desconhecidas. Eu preferia não ficar parada, impotente e deliciosa, esperando que um deles me pegasse.

Em tese, tudo isso fazia sentido.

Na prática... ser humana era tudo o que eu sabia. O futuro era um grande abismo escuro que eu só poderia conhecer quando pulasse nele.

O simples conhecimento daquela data — que era tão óbvio que eu devia estar reprimindo inconscientemente — fez com que o prazo que eu contava com

impaciência parecesse o dia do esquadrão de fuzilamento.

Eu percebia vagamente Edward segurando a porta do carro para mim, Alice tagarelando no banco traseiro, a chuva martelando no para-brisa. Edward pareceu perceber que eu só estava presente em corpo; não tentou me arrancar de minhas abstrações. Ou talvez tenha tentado e eu não notei.

Terminamos em minha casa, onde Edward me levou para o sofá e me puxou para perto dele. Eu fitava a janela, a névoa cinza e fluida, e tentava descobrir para onde fora minha determinação. Por que eu agora estava em pânico? Eu sabia que o prazo estava se encerrando. Por que me apavoraria que estivesse ali?

Ele pôs as mãos frias em meu rosto e fixou os olhos dourados nos meus.

— Pode por favor me dizer em que está pensando? Antes que eu enlouqueça?

O que eu podia dizer a ele? Que era uma covarde? Procurei pelas palavras certas.

— Seus lábios estão brancos. Fale, Bella.

Eu soltei uma lufada de ar. Por quanto tempo eu prendera a respiração?

— A data me pegou desprevenida — sussurrei. — É só isso.

Ele esperou, o rosto cheio de preocupação e ceticismo.

Tentei explicar.

— Não sei bem o que fazer... O que dizer a Charlie... O que dizer... Como... — Minha voz falhou.

— Não é por causa da festa?

Franzi a testa.

— Não. Mas obrigada por me lembrar.

A chuva ficou mais forte enquanto ele interpretava minha expressão.

— Você não está pronta — sussurrou ele.

— Estou — menti de imediato, uma reação reflexa. Eu sabia que ele percebera, então respirei fundo e contei a verdade. — Preciso estar.

— Não precisa estar pronta para nada.

Eu podia sentir o pânico vindo à tona em meus olhos antes de murmurar os motivos.

— Victoria, Jane, Caius, quem esteve no meu quarto...!

— São todos motivos para esperar.

— Isso não faz sentido, Edward!

Ele pressionou mais as mãos em meu rosto e falou com uma deliberação lenta.

— Bella. Nenhum de nós pôde escolher. Você sabe como foi... especialmente para Rosalie. Todos lutamos, tentando nos reconciliar com algo sobre o qual não tínhamos controle. Você poderá escolher.

— Eu já escolhi.

— Você não vai passar por isso porque tem uma espada pairando sobre sua cabeça. Vamos cuidar dos problemas e eu vou cuidar de você — jurou ele. — Quando acabarmos, e não há nada que a obrigue, você poderá decidir se juntar a mim, se ainda quiser. Mas não porque tem medo. Você não foi obrigada a isso.

— Carlisle prometeu — murmurei, mais por força do hábito. — Depois da formatura.

— Só quando estiver pronta — disse ele numa voz firme. — E sem dúvida não enquanto se sentir ameaçada.

Não respondi. Eu não tinha como argumentar; não parecia encontrar meu compromisso no momento.

— Pronto. — Ele beijou minha testa. — Não há nada com que se preocupar.

Dei uma risada trêmula.

— Nada a não ser a ruína iminente.

— Confie em mim.

— Eu confio.

Ele ainda me olhava no rosto, esperando que eu relaxasse.

— Posso lhe fazer uma pergunta? — eu disse.

— Qualquer uma.

Eu hesitei, mordendo o lábio, depois fiz uma pergunta diferente da que me preocupava.

— O que vou dar a Alice de formatura?

Ele riu.

— Parece que você ia nos dar ingressos de show...

— É isso mesmo! — Fiquei tão aliviada que quase sorri. — O show em Tacoma. Eu vi um anúncio no jornal na semana anterior e pensei que seria uma coisa de que você ia gostar, já que disse que o cd era bom.

— É uma ótima ideia. Obrigado.

— Espero que não esteja esgotado.

— O que vale é a intenção. Eu sei muito bem.

Eu suspirei.

— Há mais uma pergunta que você queria fazer — disse ele.

Eu franzi o cenho.

— Você é bom nisso.

— Tenho muita prática em ler suas expressões. Pergunte.

Fechei os olhos e me inclinei para ele, escondendo o rosto em seu peito.

— Você não quer que eu seja uma vampira.

— Não, eu não quero — disse ele delicadamente, e esperou por mais. — Isso não é uma pergunta — incitou ele depois de um instante.

— Bom... Eu estava preocupada... Por que você se sente assim?

— Preocupada? — ele destacou a palavra com surpresa.

— Você me diria por quê? Toda a verdade, sem poupar meus sentimentos?

Ele hesitou por um minuto.

— Se eu responder, você vai explicar a pergunta?

Eu assenti, a cara ainda escondida.

Ele respirou fundo antes de responder.

— Devia saber muito bem disso, Bella. Eu sei que você acredita que eu tenho alma, mas não estou inteiramente convencido disso, e arriscar a sua... — Ele sacudiu a cabeça devagar. — Que eu permita isso... deixar que você se torne o que eu sou para nunca mais perdê-la... É o ato mais egoísta que posso imaginar. Eu quero isso mais do que tudo, por mim. Mas, por você, quero muito mais. Ceder... parece um crime. É a escolha mais egoísta que vou fazer, mesmo que eu viva para sempre.

"Se houvesse uma maneira de eu me tornar humano por você... por pior que fosse o preço, eu pagaria."

Fiquei sentada completamente imóvel, absorvendo aquilo.

Edward pensou que estava sendo egoísta.

Senti o sorriso se espalhar devagar em meu rosto.

— Então... não é que você tenha medo de não... gostar tanto de mim quando eu for diferente... quando eu não for macia e quente e não tiver o mesmo cheiro? Você quer mesmo estar comigo, independentemente de como vou ficar?

Ele soltou o ar com aspereza.

— Você estava preocupada que eu não fosse gostar de você? — perguntou ele. Depois, antes que eu pudesse responder, ele estava rindo. — Bella, para uma pessoa tremendamente intuitiva, você pode ser muito obtusa!

Eu sabia que ele acharia tolice, mas fiquei aliviada. Se ele realmente me queria, eu podia passar pelo resto... de certo modo. Egoísmo, de repente, parecia uma linda palavra.

— Não acho que tenha percebido como será mais fácil para mim, Bella — disse ele, o eco de seu humor ainda ali na voz —, quando eu não tiver de me concentrar o tempo todo em não matar você. Com certeza, há coisas de que vou sentir falta. Por exemplo, isto...

Ele me fitou nos olhos enquanto afagava meu rosto, e senti o sangue corar minha pele. Ele riu delicadamente.

— E o som de seu coração — continuou ele mais sério, mas ainda sorrindo um pouco. — É o som mais importante de meu mundo. Estou tão sintonizado nele agora que juro que poderia ouvi-lo a quilômetros de distância. Mas nada disso importa. Isto — disse ele, pegando meu rosto. — Você. É o que guardo. Você sempre será a minha Bella, só que será um pouco mais durável.

Eu suspirei e fechei os olhos de satisfação, pousada em suas mãos.

— Agora vai responder a uma pergunta minha? Toda a verdade, sem poupar meus sentimentos? — perguntou ele.

— Claro — respondi de pronto, meus olhos se abrindo de surpresa. O que ele queria saber?

Ele pronunciou as palavras lentamente.

— Você não quer ser minha esposa.

Meu coração parou, depois deu uma disparada. Um suor frio orvalhou minha nuca e minhas mãos viraram gelo.

Ele esperou, observando e ouvindo minha reação.

— Isso não é uma pergunta — sussurrei por fim.

Ele baixou os olhos, os cílios lançando longas sombras nas maçãs do rosto, e baixou as mãos de meu rosto para pegar minha mão esquerda congelada. Brincou com meus dedos enquanto falava.

— Eu estava preocupado com o motivo de você se sentir assim.

Engoli em seco.

— Isso também não é uma pergunta — sussurrei.

— Por favor, Bella?

— A verdade? — perguntei, murmurando.

— Claro. Eu posso aguentar, seja ela qual for.

Respirei fundo.

— Você vai rir de mim.

Seus olhos lampejaram nos meus, chocados.

— Rir? Nem consigo imaginar isso.

— Você vai entender — murmurei, depois suspirei. Meu rosto foi do branco ao vermelho numa chama súbita de pesar. — Tudo bem, então! Tenho certeza de que vai parecer uma grande piada para você, mas, francamente! É só que... que... é tão constrangedor! — confessei e escondi o rosto em seu peito de novo.

Houve uma breve pausa.

— Eu não estou entendendo.

Tombei a cabeça para trás e o fitei, o constrangimento me fazendo discursar com ardor.

— Eu não sou esse tipo de garota, Edward. Aquela que se casa assim que termina a escola como uma caipira provinciana que engravida do namorado! Sabe o que as pessoas pensariam? Percebe em que século estamos? Ninguém se casa aos 18 anos! Não gente inteligente, responsável, madura! Eu não posso ser essa garota! Não é assim que eu sou... — E parei, perdendo gás.

Era impossível interpretar a expressão de Edward enquanto ele pensava em minha resposta.

— É só por isso? — perguntou ele por fim.

Eu pisquei.

— Não basta?

— Não é que você estivesse... mais ansiosa pela imortalidade do que por mim?

E então, embora eu tivesse previsto que ele ia rir, de repente eu tive uma crise histérica de riso.

— Edward! — ofeguei entre os paroxismos de riso. — Eu aqui... eu sempre... pensei que... você fosse... muito mais... inteligente do que eu!

Ele me pegou nos braços e pude sentir que ele estava rindo comigo.

— Edward — eu disse, conseguindo ser mais clara com algum esforço —, não tem sentido a eternidade sem você. Eu não ia querer viver um dia que fosse sem você.

— Bem, isso é um alívio — disse ele.

— Ainda assim... não muda nada.

— Mas é bom entender. E eu entendo sua perspectiva, Bella, de verdade. Mas gostaria muito mais que você tentasse considerar a minha.

A essa altura eu estava mais sóbria, então assenti e lutei para tirar a expressão carrancuda de meu rosto.

Seus claros olhos dourados ficaram hipnóticos, sustentando meu olhar.

— Veja só, Bella, eu sempre fui esse tipo de homem. No meu mundo, eu já era homem. Não procurava por amor... Não, eu desejava muito mais ser um soldado; eu só pensava na glória idealizada da guerra que vendiam aos possíveis alistados na época... Mas se eu tivesse encontrado... — Ele parou, tombando a cabeça de lado. — Eu ia dizer se eu tivesse encontrado alguém, mas isso não é verdade. Se eu tivesse encontrado você, eu não teria dúvida de como faria. Eu era esse tipo de rapaz, que teria... assim que descobrisse que você era o que eu procurava... ficado de joelhos e lutado para pedir sua mão. Eu teria esperado por você toda a eternidade, mesmo quando a palavra não tinha as mesmas conotações de hoje.

Ele abriu seu sorriso torto para mim.

Fitei-o de olhos arregalados.

— Respire, Bella — lembrou-me ele, sorrindo.

Eu respirei.

— Pode entender meu lado, Bella, mesmo que um pouquinho?

E por um segundo eu entendi. Vi a mim mesma com uma saia longa e uma blusa de renda de gola alta, com o cabelo num coque no alto da cabeça. Vi Edward elegante num terno leve com um buquê de flores silvestres na mão, sentado a meu lado num balanço de varanda.

Sacudi a cabeça e engoli em seco. Eu estava tendo flashbacks de Anne of Green Gables.

— O caso, Edward — eu disse numa voz trêmula, evitando a pergunta —, é que, em minha mente, casamento e eternidade não são conceitos mutuamente excludentes, nem mutuamente inclusivos. E uma vez que por enquanto vamos viver no meu mundo, talvez devamos acompanhar os tempos, está me compreendendo?

— Mas, por outro lado — contra-atacou ele —, você logo terá deixado o tempo para trás. Então, por que os costumes transitórios de uma cultura local devem afetar tanto a decisão?

Eu franzi os lábios.

— Quando em Roma...?

Ele riu para mim.

— Não precisa dizer sim ou não hoje, Bella. Mas é bom entender os dois lados, não acha?

— Então sua condição...?

— Ainda é válida. Entendo seu argumento, Bella, mas se quiser que eu mesmo a mude...

— Dam, dam, dam-dam — murmurei. Eu pretendia cantarolar a marcha nupcial, mas pareceu meio a marcha fúnebre.

O tempo continuava a passar rápido demais.

A noite voou sem sonhos, depois era manhã e a formatura me olhava na cara. Eu tinha uma pilha de matérias a estudar para as provas finais e sabia que não conseguiria fazer nem a metade nos poucos dias que me restavam.

Quando desci para tomar o café, Charlie já havia saído. Deixou o jornal na mesa, e isso me lembrou de que eu precisava fazer umas compras. Eu esperava que o anúncio do show ainda estivesse impresso; precisava do número do telefone para conseguir os ingressos idiotas. Não parecia tanto um presente, agora que a surpresa deixara de existir. É claro que tentar surpreender Alice não era o plano mais inteligente do mundo.

Eu queria folhear até a seção de entretenimento, mas a manchete preta e em negrito chamou minha atenção. Senti um arrepio de medo ao me curvar para ler a matéria de primeira página.

SEATTLE ATERRORIZADA POR MATANÇA

Há menos de uma década a cidade de Seattle foi área de caça do mais prolífico serial killer da história dos Estados Unidos. Gary Ridgway, o Assassino de Green River, foi condenado pelo homicídio de 48 mulheres.

E agora uma empalidecida Seattle deve enfrentar a possibilidade de abrigar um monstro ainda mais apavorante neste exato momento.

A polícia não está considerando obra de serial killer o recente surto de homicídios e desaparecimentos. Ao menos, ainda não. Relutam em acreditar que tanta carnificina possa ser obra de um único indivíduo. Esse assassino — se, na

realidade, for uma só pessoa — seria então responsável por 39 homicídios e desaparecimentos relacionados só nos últimos três meses. Em comparação, a onda de assassinatos de 48 pessoas por Ridgway se espalhou por um período de 21 anos. Se essas mortes puderem ser ligadas a um só homem, essa será a onda mais violenta de assassinatos em série na história americana.

A polícia tende para a teoria de que há o envolvimento de uma gangue. Esta teoria encontra apoio no número de vítimas e no fato de que não parece haver um padrão na escolha das pessoas.

De Jack, o Estripador, a Ted Bundy, os alvos de assassinatos em série costumam estar relacionados por semelhanças na idade, no gênero, na raça ou uma combinação das três características, mas as vítimas dessa onda de crimes vão da estudante exemplar de 15 anos Amanda Reed ao carteiro aposentado de 67 anos Omar Jenks. As mortes relacionadas incluem um total de 18 mulheres e 21 homens. As vítimas têm raças diversas: são brancas, afro-americanas, hispânicas e asiáticas.

A seleção parece ser aleatória. O motivo não parece ser outro a não ser matar.

Então, por que considerar a ideia de um serial killer?

Há semelhanças suficientes no modus operandi para desconsiderar a hipótese de crimes não relacionados. Todas as vítimas encontradas tinham queimaduras a tal ponto que foram necessários os registros odontológicos para identificação. Os indícios apontam para o uso de algum tipo de combustível, como gasolina ou álcool, nas conflagrações; porém, nenhum vestígio foi encontrado. Todos os corpos tinham sido largados descuidadamente, sem nenhuma tentativa de escondê-los.

Ainda mais horrível: a maioria dos corpos mostra provas de violência brutal — ossos esmagados e rompidos por uma pressão imensa —, que os peritos médicos acreditam ter ocorrido antes da hora da morte, embora seja difícil ter certeza dessas conclusões, considerando o estado das provas.

Outra semelhança que aponta para a possibilidade de um serial killer: não há qualquer vestígio nas cenas dos crimes, exceto os próprios restos mortais. Nem uma digital, nem uma marca de pneu, nem um fio de cabelo estranho fica para trás. Nenhum suspeito pôde ser apontado.

E há os próprios desaparecimentos — dificilmente de pessoas que passam despercebidas. Nenhuma das vítimas é o que pode ser considerado alvo fácil. Nenhuma delas é foragida ou sem-teto, o tipo de gente que some com muita facilidade e de cujo desaparecimento mal dão queixa. As vítimas sumiram de seus lares, de um apartamento no quarto andar, de uma academia, de uma recepção de casamento. Talvez o mais surpreendente: o boxeador amador de 30 anos Robert Walsh entrou numa sala de cinema com a namorada; alguns minutos depois do início do filme, a mulher percebeu que ele não estava em seu lugar. Seu corpo só foi encontrado três horas depois, quando os bombeiros foram chamados para a cena de uma caçamba em chamas, a trinta quilômetros de distância.

Outro padrão está presente nas mortes: todas as vítimas desapareceram à noite.

E o padrão mais alarmante: aceleração. Seis dos homicídios foram cometidos no primeiro mês, onze no segundo. Vinte e dois ocorreram só nos últimos dez dias. E a polícia não está mais perto de descobrir o responsável do que estava depois de encontrado o primeiro corpo carbonizado.

As provas são conflitantes, os casos, apavorantes. Uma nova gangue cruel ou um serial killer loucamente ativo? Ou outra coisa que a polícia ainda não concebeu?

Só uma conclusão é inquestionável: algo de medonho está atacando Seattle.

Precisei de três tentativas para ler a última frase e percebei que o problema eram minhas mãos trêmulas.

— Bella?

Embora eu estivesse concentrada, a voz de Edward, apesar de baixa e não totalmente inesperada, me fez ofegar e girar.

Ele estava encostado na soleira da porta, as sobrancelhas unidas. Depois, de repente, estava a meu lado, pegando minha mão.

— Eu a assustei? Desculpe. Eu não bati...

— Não, não — eu disse depressa. — Você viu isso? — Apontei para o jornal.

Um olhar de reprovação vincou sua testa.

— Ainda não vi o noticiário de hoje. Mas eu sabia que ficaria pior. Vamos ter que agir... e rápido.

Eu não gostava daquilo. Odiava que qualquer um deles se arriscasse, e o que ou quem quer que estivesse em Seattle estava verdadeiramente começando a me assustar. Mas a ideia dos Volturi chegando era tão apavorante quanto.

— O que Alice disse?

— Esse é o problema. — Sua testa se enrugou mais. — Ela não consegue ver nada... Embora nós tenhamos decidido verificar meia dúzia de vezes. Ela está começando a perder a confiança. Sente que há muitos fatos lhe escapando ultimamente, que há algo errado. Que a visão esteja lhe fugindo, talvez.

Meus olhos se arregalaram.

— Isso pode acontecer?

— Quem sabe? Ninguém jamais estudou isso... Mas eu duvido muito. As habilidades tendem a se aprimorar com o tempo. Veja Aro e Jane.

— Então, qual é o problema?

— Uma profecia que se cumpre sozinha, acredito. Ficamos esperando que Alice tenha alguma visão para podermos ir... e ela não vê nada porque só iremos

realmente quando ela vir. Assim, ela não pode nos ver lá. Talvez tenhamos de fazer isso às cegas.

Eu tremi.

— Não.

— Quer muito ir à aula hoje? Só estamos a alguns dias das provas finais; eles não vão nos passar nada de novo.

— Acho que posso viver sem um dia de aula. O que vamos fazer?

— Quero falar com Jasper.

Jasper de novo. Era estranho. Na família Cullen, Jasper sempre ficava meio à margem, participava das coisas, mas nunca era o centro delas. Era meu pressuposto tácito que ele só estava ali por causa de Alice. Eu tinha a sensação de que ele seguiria Alice a qualquer lugar, mas que aquele estilo de vida não era sua primeira opção. O fato de que ele estava menos comprometido do que os outros provavelmente era o motivo de ele ter mais dificuldade de acompanhá-los.

De qualquer modo, eu nunca tinha visto Edward sentir-se dependente de Jasper. Perguntei-me outra vez o que ele quis dizer sobre a especialidade do "irmão". Eu não sabia muito sobre a história de Jasper, só que ele viera de algum lugar do sul antes de Alice encontrá-lo. Por algum motivo, Edward sempre se evadia de quaisquer perguntas sobre o irmão mais novo. E eu sempre fiquei intimidada demais com o vampiro alto e louro que parecia um astro de cinema para perguntar diretamente a ele.

Quando chegamos à casa, encontrarmos Carlisle, Esme e Jasper assistindo ao noticiário com atenção, embora o som estivesse tão baixo que me era ininteligível. Alice estava empoleirada no primeiro degrau da escadaria, o rosto apoiado nas mãos e a expressão desanimada. Enquanto entrávamos, Emmett passou pela porta da cozinha, parecendo perfeitamente à vontade. Nada jamais abalava Emmett.

— Oi, Edward. Matando aula, Bella? — Ele sorriu para mim.

— Nós dois estamos — lembrou-lhe Edward.

Emmett riu.

— Sim, mas é a primeira vez dela em todo o ensino médio. Ela pode perder alguma informação.

Edward revirou os olhos, mas ignorou o irmão preferido. Atirou o jornal para Carlisle.

— Viu que agora estão cogitando um serial killer? — perguntou ele.

Carlisle suspirou.

— Há dois especialistas discutindo essa possibilidade na CNN a manhã toda.

— Não podemos deixar que isso continue.

— Vamos agora — disse Emmett com um entusiasmo súbito. — Estou morrendo de tédio.

Um chiado ecoou do segundo andar pela escada.

— Ela é muito pessimista — murmurou Emmett consigo mesmo.

Edward concordou com Emmett.

— Vamos ter que ir uma hora dessas.

Rosalie apareceu no alto da escada e desceu lentamente. Seu rosto era tranquilo e inexpressivo.

Carlisle sacudia a cabeça.

— Estou preocupado. Nunca nos envolvemos nesse tipo de situação. Não é da nossa conta. Não somos os Volturi.

— Eu não quero que os Volturi tenham de vir para cá — disse Edward. — Isso nos dará um tempo de reação muito menor.

— E todas aquelas pessoas inocentes em Seattle — murmurou Esme. — Não está certo deixar que morram desse jeito.

— Eu sei — Carlisle suspirou.

— Ah! — disse Edward num tom áspero, virando a cabeça ligeiramente para Jasper. — Eu não tinha pensado nisso. Entendi. Tem razão, deve ser isso mesmo. Bem, isso muda tudo.

Eu não fui a única a olhá-lo confusa, mas podia ser a única que não pareceu um tanto irritada.

— Acho melhor você explicar aos outros — disse Edward a Jasper. — Qual pode ser o propósito disso? — Edward começou a andar, fitando o chão, perdido em pensamentos.

Eu não a havia visto se levantar, mas Alice estava a meu lado.

— Do que ele está falando? — perguntou a Jasper. — Em que você está pensando?

Jasper não pareceu gostar de ser o centro das atenções. Ele hesitou, lendo cada rosto no círculo — porque todos tinham se aproximado para ouvir o que ele diria —, e depois seus olhos pararam no meu rosto.

— Você está confusa — disse-me, a voz grave muito baixa.

Não havia dúvidas em seu pressuposto. Jasper sabia o que eu estava sentindo, o que todos estavam sentindo.

— Todos estamos confusos — grunhiu Emmett.

— Temos tempo para sermos pacientes — disse-lhe Jasper. — Bella deve entender isso também. Ela agora é uma de nós.

Suas palavras me pegaram de surpresa. Embora eu tivesse pouco a ver com Jasper, em especial desde meu último aniversário, quando ele tentou me matar, não tinha percebido que ele pensava em mim dessa maneira.

— Há quanto tempo você me conhece, Bella? — perguntou Jasper.

Emmett suspirou teatralmente e se jogou no sofá para esperar com uma impaciência exagerada.

— Não muito — admiti.

Jasper encarou Edward, que encontrou seu olhar.

— Não — respondeu Edward ao pensamento dele. — Tenho certeza de que pode entender por que eu não contei essa história a ela. Mas acho que ela precisa ouvir agora.

Jasper assentiu, pensativo, depois começou a enrolar a manga do suéter marfim.

Eu fiquei olhando, confusa e curiosa, tentando entender o que ele fazia. Ele estendeu o pulso sob a cúpula do abajur ao lado, perto da luz da lâmpada, e traçou com o dedo uma marca em crescente na pele clara.

Precisei de um minuto para entender por que o formato era estranhamente familiar para mim.

— Ah! — murmurei quando entendi. — Jasper, você tem uma cicatriz idêntica à minha.

Estendi minha mão, o crescente prateado mais proeminente na pele creme do que na de alabastro dele.

Jasper abriu um sorriso fraco.

— Eu tenho um monte de cicatrizes como a sua, Bella.

A expressão de Jasper era indecifrável enquanto ele empurrava a manga do suéter fino mais para cima do braço. De início meus olhos não puderam distinguir nada na textura que formava uma grossa camada em sua pele. Meias-luas curvas compunham um desenho que lembrava plumas, e que só era visível,

branco no branco, porque a luz forte da lâmpada ao lado criava um leve relevo, com sombras rasas delineando as formas. E depois entendi que o padrão era feito de vários crescentes como o do meu pulso... Aquele em minha mão.

Olhei minha cicatriz solitária e pequena — e me lembrei de como a recebi. Eu olhava o formato dos dentes de James, em relevo para sempre em minha pele.

E depois eu arfei, encarando-o.

— Jasper, o que aconteceu com você?

13. RECÉM-CRIADO

— O MESMO QUE ACONTECEU COM SUA MÃO — respondeu Jasper numa voz baixa. — Repetido mil vezes. — Ele riu com certo pesar e afagou o braço. — Nosso veneno é a única coisa que deixa cicatriz.

— Por quê? — Eu arfei de pavor, sentindo-me rude, mas incapaz de deixar de olhar a pele sutilmente devastada.

— Eu não tive a mesma... criação de meus irmãos adotivos. Meu início foi inteiramente diferente. — Sua voz ficou dura enquanto ele terminava.

Olhei-o pasma e consternada.

— Antes de lhe contar minha história — disse Jasper —, você deve entender que existem lugares em nosso mundo, Bella, onde a expectativa de vida dos que nunca envelhecem é medida em semanas, não em séculos.

Os outros já haviam ouvido aquilo. Carlisle e Emmett voltaram sua atenção para a tevê. Alice moveu-se em silêncio e se sentou aos pés de Esme. Mas Edward estava tão absorto quanto eu; eu podia sentir seus olhos em meu rosto, lendo cada chama de emoção.

— Para entender de fato por quê, você precisa olhar o mundo de uma perspectiva diferente. Precisa imaginar o que ele é para os poderosos, para os ávidos... para os perpetuamente sedentos.

"Entenda, existem lugares neste mundo que nos são mais desejáveis do que outros. Lugares onde podemos nos reprimir menos e ainda evitar sermos descobertos.

"Imagine, por exemplo, um mapa do hemisfério ocidental. Imagine nele cada vida humana como um pontinho vermelho. Quanto mais vermelho, mais facilmente nós... bem, aqueles que existem desta forma... podem se alimentar sem chamar atenção."

Eu tremi com a imagem em minha mente, com a palavra alimentar. Mas Jasper não estava preocupado em me assustar, não era superprotetor como Edward. Ele não se interrompeu.

— Não que os bandos do sul se importem muito com o que os humanos percebem ou não. São os Volturi que os mantêm controlados. Eles são os únicos temidos pelos bandos do sul. Se não fosse pelos Volturi, o restante de nós logo seria exposto.

Franzi o cenho para o modo como ele pronunciava o nome — com respeito, quase com gratidão. Era difícil aceitar a ideia dos Volturi como bons sujeitos em qualquer sentido.

— O norte é comparativamente muito civilizado. Aqui somos principalmente nômades, desfrutamos tanto o dia quanto a noite, permitimos que os homens interajam conosco sem suspeitar de nada... O anonimato é importante para todos nós.

"É um mundo diferente no sul. Os imortais de lá só saem à noite. Passam o dia tramando o movimento seguinte ou prevendo o do inimigo. Porque houve guerra no sul, uma guerra interminável que durou séculos, sem um só momento de trégua. Os bandos de lá mal percebem a existência de humanos, a não ser como soldados percebem um rebanho de vacas à beira da estrada... Comida a ser capturada. Eles só não permitem que o rebanho dê pela sua presença por causa dos Volturi."

— Mas por que eles estão lutando? — perguntei.

Jasper sorriu.

— Lembra do mapa com os pontos vermelhos?

Ele esperou, então eu assenti.

— Eles lutam pelo controle da área com mais pontos.

"Entenda, ocorreu a alguém que se fosse o único vampiro, digamos, da Cidade do México, então podia se alimentar toda noite, duas, três vezes, e ninguém jamais perceberia. Ele tramou maneiras de se livrar da concorrência.

"Outros tiveram a mesma ideia. Alguns elaboraram táticas mais eficazes.

"Mas a tática mais eficaz foi inventada por um vampiro bastante jovem chamado Benito. Na primeira vez em que alguém ouviu falar dele, ele vinha de algum lugar ao norte de Dallas e massacrou os dois pequenos bandos que compartilhavam a área perto de Houston. Duas noites depois, atacou o clã muito mais forte de aliados que reclamava Monterrey, ao norte do México. Novamente, ele venceu."

— Como ele venceu? — perguntei com uma curiosidade cautelosa.

— Benito formou um exército de vampiros recém-criados. Foi o primeiro a pensar nisso e, no começo, ninguém conseguia detê-lo. Os vampiros muito jovens são voláteis, desvairados, e é quase impossível controlá-los. Podemos debater com um recém-criado, ele pode ser ensinado a se reprimir, mas dez, quinze deles juntos são um pesadelo. Vão se voltar uns contra os outros com a mesma facilidade com que se voltam contra um inimigo que você aponte para eles. Benito teve de continuar fazendo mais enquanto eles se digladiavam, e os bandos que ele dizimou tomaram mais de metade de sua força antes de perderem.

"Entenda, embora os recém-criados sejam perigosos, ainda é possível derrotá-los se você souber o que está fazendo. Eles têm uma força física incrível, mais ou menos no primeiro ano, e conseguem esmagar um vampiro mais velho com facilidade se puderem empregar sua força. Mas eles são escravos de seus instintos e, portanto, são previsíveis. Em geral, não têm habilidades de luta, só músculos e ferocidade. E, nesse caso, em nível esmagador.

"Os vampiros do sul do México perceberam o que estava lhes chegando e adotaram a única ideia em que puderam pensar para contra-atacar Benito. Fizeram exércitos deles próprios...

"E foi o inferno na Terra — e quero dizer isso mais literalmente do que você pode imaginar. Nós, imortais, também temos nossas histórias, e essa guerra jamais será esquecida. É claro que também não era uma boa época para ser humano no México."

Eu estremeci.

— Quando a contagem de corpos chegou a proporções epidêmicas... Na realidade, a história de vocês culpa uma doença pela redução da população... Os Volturi finalmente interferiram. Toda a guarda se reuniu e caçou cada recém-criado na metade inferior da América do Norte. Benito ficou entrincheirado em Puebla, formando seu exército com a maior rapidez que podia para conseguir seu prêmio... a Cidade do México. Os Volturi começaram por ele, depois passaram ao restante.

"Qualquer um que fosse encontrado com recém-criados era executado de imediato, e como todos tentavam se proteger de Benito, o México ficou livre de vampiros por algum tempo.

"Os Volturi fizeram a faxina por quase um ano. Esse foi outro capítulo de nossa história que sempre será lembrado, embora restassem bem poucas

testemunhas para contar como foi. Certa vez conversei com alguém que tinha visto de longe o que aconteceu em uma visita a Culiacán."

Jasper tremeu. Percebi que eu nunca o vira nem com medo nem apavorado. Era a primeira vez.

— Bastou que a febre de conquista não se espalhasse do sul. O restante do mundo manteve-se são. Devemos aos Volturi nosso estilo de vida atual.

"Mas quando os Volturi retornaram à Itália, os sobreviventes foram rápidos em fazer valer seus direitos no sul.

"Logo bandos recomeçaram a contenda. Houve um banho de sangue, se perdoar a expressão. As vinganças eram muitas. A ideia de recém-criados já existia, e alguns não conseguiram resistir. Os Volturi, porém, não foram esquecidos, e dessa vez os bandos do sul agiram de modo mais cuidadoso. Os recém-criados eram selecionados do reservatório humano com mais cautela e recebiam mais treinamento. Eram usados circunspectamente, e a maioria dos humanos continuou sem nada perceber. Seus criadores não deram aos Volturi um motivo para voltar.

"As guerras recomeçaram, mas em escala menor. De vez em quando alguém ia longe demais, surgiam especulações nos jornais humanos, e os Volturi voltavam e limpavam a cidade. Mas eles deixaram que os outros, os cautelosos, continuassem..."

Jasper fitava o vazio.

— E foi assim que você mudou. — Minha percepção saiu aos sussurros.

— Sim — concordou ele. — Quando eu era humano, morava em Houston, no Texas. Tinha quase 17 anos quando me juntei ao Exército Confederado, em 1861. Eu menti aos recrutadores e lhes disse que tinha 20 anos. Eu era bem alto para me safar.

"Minha carreira militar teve vida curta, mas foi muito promissora. As pessoas sempre... gostavam de mim, ouviam o que eu tinha a dizer. Meu pai dizia que era carisma. É claro que agora sei que devia ser algo mais. Mas, qualquer que fosse o motivo, eu fui promovido rapidamente, superando homens mais velhos e mais experientes. O Exército Confederado era novo e lutava para se organizar, então isso também proporcionava oportunidades. Na primeira batalha de Galveston — bem, na verdade, foi mais um confronto menor — eu era o major mais novo do Texas, embora não admitisse minha verdadeira idade.

"Fui encarregado de evacuar as mulheres e as crianças da cidade quando chegaram ao porto navios de guerra da União. Levei um dia para prepará-los, depois saí com a primeira coluna de civis e os levei para Houston.

"Lembro-me daquela noite com muita clareza.

"Chegamos à cidade depois do escurecer. Fiquei apenas por tempo suficiente para me certificar de que todo o grupo estava em segurança. Assim que terminei, peguei um cavalo descansado para mim e voltei a Galveston. Não havia tempo para repousar.

"A apenas um quilômetro e meio da cidade, encontrei três mulheres a pé. Imaginei que estivessem perdidas e desmontei imediatamente para lhes oferecer ajuda. Mas, quando pude ver seus rostos na luz fraca da lua, fiquei mudo de pasmo. Elas eram, sem sombra de dúvida, as três mulheres mais bonitas que eu vira na vida.

"Tinham a pele tão clara que me lembro de me maravilhar com isso. Até a menina baixa de cabelos pretos, cujas feições eram claramente mexicanas, era de porcelana ao luar. Elas pareciam novas, as três, novas o bastante para que fossem chamadas de meninas. Eu sabia que não eram membros perdidos de nosso grupo. Eu teria me lembrado se tivesse visto aquelas três.

"'Ele está sem fala', disse a mais alta numa linda voz delicada — pareciam sinos de vento. Tinha cabelos louros e pele branca como a neve.

"A outra era ainda mais loura, a pele igualmente de giz. Seu rosto era o de um anjo. Ela se inclinou para mim com os olhos semicerrados e respirou fundo.

"'Hmmm', suspirou. 'Adorável.'

"A mais baixa, a morena, pôs a mão no braço da garota e falou bem rápido. Sua voz era suave e musical demais para ser áspera, mas parecia ser esta a intenção dela.

"'Concentre-se, Nettie', disse ela.

"Sempre percebi com facilidade a relação entre as pessoas, e de pronto ficou claro que a morena tinha alguma autoridade sobre as outras. Se fossem militares, eu diria que ela era de patente superior.

"'Ele parece perfeito — jovem, forte, um oficial...' A morena parou, e tentei falar, sem sucesso. 'E há algo mais... está sentindo?', perguntou ela às outras duas. 'Ele é... convincente.'

"'Ah, sim', concordou rapidamente Nettie, inclinando-se para mim de novo.

"'Paciência', alertou-lhe a morena. 'Não quero perder este.'

"Nettie franziu o cenho; parecia irritada.

"'É melhor fazer isso, Maria', falou a loura mais alta de novo. 'Se ele é importante para você. Eu mato mais vezes do que os mantenho vivos.'

"'Sim, vou fazer isso', concordou Maria. 'Eu gosto mesmo deste. Tire Nettie daqui, sim? Não quero ter de proteger minhas costas enquanto tento me concentrar.'

"Meus cabelos estavam eriçados na nuca, embora eu não entendesse o significado de nada do que diziam as lindas criaturas. Meus instintos me alertavam de que havia perigo, que o anjo foi sincero quando falou em matar, mas meu julgamento dominou meus instintos. Eu não aprendera a temer as mulheres, mas a protegê-las.

"'Vamos caçar', concordou Nettie com entusiasmo, pegando a mão da alta. Elas rodaram — eram tão graciosas! E dispararam para a cidade. Pareciam quase alçar voo de tão rápidas — seus vestidos brancos voavam para trás como asas. Eu pisquei, sem acreditar, e elas se foram.

"Virei-me para ver Maria, que me olhava com curiosidade.

"Nunca na vida fora supersticioso. Até aquele segundo, jamais acreditei em fantasmas nem em outros absurdos. De repente, eu não tinha certeza disso.

"'Qual é seu nome, soldado?', perguntou-me Maria.

"'Major Jasper Whitlock, senhora', gaguejei, incapaz de ser grosseiro com uma mulher, mesmo sendo um fantasma.

"'Eu sinceramente espero que você sobreviva, Jasper', disse ela em sua voz gentil. 'Tenho um bom pressentimento com relação a você.'

"Ela se aproximou um passo e inclinou a cabeça como se fosse me beijar. Fiquei paralisado, mas meus instintos gritavam para que eu corresse."

Jasper se interrompeu, o rosto pensativo.

— Alguns dias depois — disse ele por fim, e eu não sabia se ele tinha editado a história por mim ou porque estava reagindo à tensão que até eu podia sentir emanar de Edward —, fui apresentado a minha nova vida.

"As três se chamavam Maria, Nettie e Lucy. Não estavam juntas havia muito tempo — Maria tinha arrebanhado as outras duas —, eram sobreviventes de batalhas perdidas pouco antes. A parceria era de conveniência. Maria queria vingança e seus territórios de volta. As outras estavam ansiosas para aumentar

seus... pastos, acho que podemos chamar assim. Estavam reunindo um exército e agiam com mais cuidado que de costume. Foi ideia de Maria. Ela queria um exército superior, então procurava por determinados humanos que tivessem potencial. Depois ela nos dava muito mais atenção, mais treinamento do que qualquer outro teria feito. Ela nos ensinou a lutar e a ser invisíveis aos humanos. Quando nos saíamos bem, éramos recompensados..."

Ele parou, editando de novo.

— Mas ela estava com pressa. A imensa força dos recém-criados começava a desvanecer por volta de um ano. Maria sabia, e queria agir enquanto ainda éramos fortes.

"Éramos seis quando nos unimos ao bando de Maria. Ela acrescentou mais quatro em quinze dias. Éramos todos homens — Maria queria soldados —, e isso dificultou um pouco evitar a luta entre nós mesmos. Eu travava minhas batalhas contra meus camaradas de armas. Era mais rápido do que os outros, melhor em combate. Maria estava satisfeita comigo, embora assinalasse que tinha de conseguir substitutos para os que eu destruía. Eu era recompensado com frequência e isso me deixava mais forte.

"Maria era uma boa juíza de caráter. Decidiu me encarregar dos outros — como se eu fosse promovido. Isso se adaptou perfeitamente à minha natureza. As baixas caíram drasticamente e nosso grupo passou a ter em torno de vinte integrantes.

"Isso era considerável para a época de cautela em que vivíamos. Minha capacidade de controlar o clima emocional à minha volta, embora indefinida na época, era de eficácia vital. Logo começamos a trabalhar juntos de uma forma que vampiros recém-criados jamais haviam aceitado. Até Maria, Nettie e Lucy foram capazes de trabalhar juntas com mais facilidade.

"Maria tornou-se muito apegada a mim — começou a depender de mim. Ah, e de certo modo, eu adorava o chão em que ela pisava. Não fazia ideia de que era possível ter outra vida. Maria nos disse que as coisas eram daquele jeito e nós acreditamos.

"Ela me pediu que avisasse quando meus irmãos e eu estivéssemos prontos para lutar, e eu estava ansioso para provar meu valor. No final, reuni um exército de vinte e três — vinte e três novos vampiros inacreditavelmente fortes, organizados e preparados como nenhum outro grupo antes. Maria ficou em

êxtase.

"Seguimos com discrição para Monterrey, seu antigo lar, e ela nos lançou sobre seus inimigos. Na época, eles só tinham nove recém-criados, e dois vampiros mais velhos os controlavam. Nós os abatemos com mais facilidade do que Maria podia acreditar, perdendo apenas quatro. Era uma margem de vitória inédita.

"E éramos todos bem treinados. Agíamos sem chamar atenção. A cidade mudou de mãos sem que nenhum humano percebesse.

"O sucesso deixou Maria gananciosa. Logo em seguida ela começou a olhar para outras cidades. Naquele primeiro ano, ela ampliou seu controle, cobrindo a maior parte do Texas e o norte do México. Depois, outros vieram do sul para destroná-la."

Ele passou dois dedos no desenho apagado de cicatrizes do braço.

— O combate foi intenso. Muitos começaram a se preocupar com a possível volta dos Volturi. Dos vinte e três originais, eu fui o único a sobreviver aos primeiros dezoito meses. Vencemos e perdemos. Nettie e Lucy por fim se voltaram contra Maria — mas essa nós vencemos.

"Maria e eu conseguimos manter Monterrey. Tudo se aquietou um pouco, embora as guerras continuassem. A ideia de conquista esmorecia; agora era mais por vingança e inimizade. Tantos tinham perdido seus parceiros, e isso é algo que nossa espécie não perdoa...

"Maria e eu sempre mantivemos mais ou menos uma dúzia de recém-criados. Eles significavam pouco para nós — eram peões, descartáveis. Quando não eram mais úteis, nós mesmos dispúnhamos deles. Minha vida continuou com o mesmo padrão violento e os anos passaram. Eu estava enjoado de tudo aquilo muito tempo antes de qualquer mudança...

"Décadas depois, fiz amizade com um recém-criado que continuou sendo útil e sobreviveu aos primeiros três anos, contrariando todas as expectativas. Seu nome era Peter. Eu gostava de Peter; ele era... civilizado — acho que esta é a palavra certa. Ele não gostava de lutar, embora fosse bom nisso.

"Ele foi designado para lidar com os recém-criados — ser babá deles, pode-se dizer. Era um trabalho em tempo integral.

"E então chegou de novo a época dos expurgos. Os recém-criados estavam perdendo a força; deviam ser substituídos. Peter devia me ajudar a dispor deles.

Nós os levamos para ter uma conversa em particular, um por um... Sempre era uma noite muito longa. Desta vez, ele tentou me convencer de que alguns tinham potencial, mas Maria havia instruído que nos livrássemos de todos. Eu lhe disse não.

"Estávamos na metade da tarefa e eu podia sentir que aquilo cobrava um preço muito alto a Peter. Eu tentava decidir se devia ou não mandá-lo embora e terminar eu mesmo enquanto chamava a vítima seguinte. Para minha surpresa, ele de repente ficou com raiva, furioso. Preparei-me para o que seu estado de espírito podia pressagiar — ele era um bom lutador, mas não era páreo para mim.

"O recém-criado que eu convocara era uma mulher que havia acabado de passar a marca de um ano. Seu nome era Charlotte. Os sentimentos dele mudaram quando ela entrou em seu campo de visão; ele os deixou vir à tona. Gritou para que ela corresse e disparou atrás dela. Eu podia tê-los perseguido, mas não o fiz. Senti... que não queria destruí-lo.

"Maria ficou irritada comigo por isso...

"Cinco anos depois, Peter voltou a mim, ocultamente. Escolheu um dia bom para chegar.

"Maria estava desnorteada com a constante deterioração de minha disposição de espírito. Ela jamais sentiu uma depressão momentânea, e eu me perguntava por que eu era diferente. Comecei a perceber uma mudança nas emoções de Maria quando ela estava perto de mim — às vezes havia medo... e malícia. Os mesmos sentimentos que me avisaram com antecedência quando Nettie e Lucy atacaram. Eu estava me preparando para destruir minha única aliada, a essência de minha existência, quando Peter voltou.

"Peter me contou sobre sua nova vida com Charlotte, contou-me alternativas com as quais eu nunca sonhara. Em cinco anos, eles nunca tiveram uma briga, embora tenham conhecido muitos outros no norte. Outros que podiam coexistir sem a violência constante.

"Com uma conversa, ele me convenceu. Eu estava pronto para partir e de certo modo aliviado por não ter de matar Maria. Fui companheiro dela pelo tempo que Carlisle e Esme estão juntos, e no entanto o vínculo entre nós não era nem de longe tão forte. Quando você vive para a luta, para o sangue, as relações que forma são tênues e se rompem facilmente. Afastei-me sem olhar para trás.

"Viajei com Peter e Charlotte por alguns anos, conhecendo esse novo mundo,

mais pacífico. Mas a depressão não desapareceu. Eu não entendia o que havia de errado comigo, até que Peter percebeu que eu sempre ficava pior depois que caçava.

"Pensei nesse assunto. Em tantos anos de matança e carnificina, perdi quase toda minha humanidade. Eu era inegavelmente um pesadelo, um monstro dos mais terríveis. E no entanto, a cada vez que encontrava outra vítima humana, eu sentia uma fraca lembrança daquela outra vida. Vendo seus olhos se arregalarem de pasmo com minha beleza, eu podia ver Maria e as outras em minha mente, como me apareceram na última noite em que fui Jasper Whitlock. Era mais forte para mim — essa lembrança emprestada —, pior do que para qualquer outro, porque eu podia sentir tudo que minha presa sentia. E eu vivia as emoções delas enquanto as matava.

"Você teve experiência de como posso manipular as emoções em volta de mim, Bella, mas não sei se você percebe como os sentimentos em um ambiente me afetam. Eu vivo cada dia num clima de emoção. No primeiro século de minha vida, vivi num mundo de vingança sanguinária. O ódio era meu companheiro constante. Atenuou um pouco quando deixei Maria, mas eu ainda tinha de sentir o horror e o medo de minhas presas.

"Isso começou a ser demais para mim.

"A depressão piorava e eu me afastava de Peter e Charlotte. Embora eles fossem civilizados, não sentiam a mesma aversão que eu começava a sentir. Eles só queriam paz, sem lutas. Eu estava cansado demais de matar — matar quem quer que fosse, até mesmo humanos.

"E no entanto eu tinha de continuar matando. Que alternativa existia? Tentei matar com menos frequência, mas ficava com sede demais e acabava cedendo. Depois de um século de recompensas constantes, eu achava a disciplina... um desafio. Ainda não tinha aperfeiçoado isso."

Jasper ficou perdido na história, como eu. Surpreendeu-me quando sua expressão desolada se suavizou num sorriso tranquilo.

— Eu estava na Filadélfia. Havia uma tempestade e saí durante o dia... Algo que ainda não me deixava inteiramente à vontade. Eu sabia que ficar na chuva chamaria atenção, então me enfiei em um pequeno restaurante meio vazio. Meus olhos estavam bem escuros para que ninguém os percebesse, embora isso significasse que eu estava com sede e me preocupasse um pouco. Ela estava lá...

esperando por mim, naturalmente.

Ele riu uma vez.

— Ela pulou do banco alto no canto assim que entrei e veio diretamente na minha direção.

"Isso me chocou. Eu não tinha certeza se ela queria atacar. Essa era a única interpretação de seu comportamento que meu passado tinha a oferecer. Mas ela sorria. E as emoções que emanavam dela não eram nada parecidas com o que eu havia sentido antes.

"'Você me deixou esperando tempo demais', disse ela."

Não percebi que Alice estava de novo atrás de mim.

— E você inclinou a cabeça, como um bom cavalheiro do sul, e disse: "Desculpe, senhora." — Alice riu da lembrança.

Jasper sorriu para ela.

— Você estendeu a mão e eu a peguei sem parar para pensar no que estava fazendo. Pela primeira vez em quase um século eu senti esperança.

Jasper pegou a mão de Alice enquanto falava.

Alice sorriu.

— Fiquei tão aliviada. Pensei que você nunca fosse aparecer.

Eles sorriram um para o outro por um longo tempo, depois Jasper voltou a olhar para mim, ainda com a expressão suave.

— Alice me disse o que tinha visto sobre Carlisle e a família dele. Eu mal conseguia acreditar que era possível uma existência assim. Mas Alice me deixou otimista. Então partimos para encontrá-los.

— Para matá-los de susto também — disse Edward, revirando os olhos para Jasper antes de se virar para me explicar. — Emmett e eu estávamos caçando. Jasper apareceu, coberto de cicatrizes de batalha, rebocando essa baixinha exótica — ele assentiu para Alice de brincadeira —, que os conhecia pelo nome, sabia tudo sobre eles e queria saber para que quarto ela podia se mudar.

Alice e Jasper riram em harmonia, soprano e baixo.

— Quando cheguei em casa, todos os meus pertences estavam na garagem — continuou Edward.

Alice deu de ombros.

— Seu quarto tinha a melhor vista.

Agora todos riram.

— É uma bela história — eu disse.

Três pares de olhos questionaram minha sanidade.

— Quer dizer, a última parte — eu me defendi. — O final feliz com Alice.

— Alice fez toda a diferença — concordou Jasper. — Este é um clima de que gosto.

Mas a pausa momentânea no estresse não podia durar.

— Um exército — sussurrou Alice. — Por que você não me contou?

Os outros voltaram a ficar absortos, os olhos no rosto de Jasper.

— Pensei que devia estar interpretando os sinais incorretamente. Ora, onde estava o motivo? Por que alguém criaria um exército em Seattle? Não há história ali, nenhuma necessidade de vingança. Também não tem sentido do ponto de vista da conquista; ninguém reclama a cidade. Nômades passam por ela, mas ninguém luta por ela. Ninguém está ali para defendê-la.

"Mas eu já vi isso antes, e não há outra explicação. Há um exército de vampiros recém-criados em Seattle. Menos de vinte, imagino. A parte difícil é que eles são totalmente destreinados. Quem quer que os tenha criado, só os soltou. Ficará pior e não demorará muito para os Volturi interferirem. Na verdade, estou surpreso que eles tenham deixado isso correr por tanto tempo."

— O que podemos fazer? — perguntou Carlisle.

— Se quisermos evitar o envolvimento dos Volturi, teremos de destruir os recém-criados, e logo. — A expressão de Jasper era severa. Agora, sabendo de sua história, eu podia imaginar que essa avaliação devia perturbá-lo. — Posso lhes ensinar o que fazer. Não será fácil na cidade. Os jovens não estão preocupados em se esconder, mas nós teremos de nos preocupar com isso. Teremos limitações que eles não têm. Talvez possamos atraí-los para fora.

— Talvez não precisemos fazer isso. — A voz de Edward era áspera. — Não ocorreu a mais ninguém que a única ameaça possível na região que apelaria para a criação de um exército... somos nós?

Os olhos de Jasper se estreitaram; os de Carlisle se arregalaram, de choque.

— A família de Tanya também está perto — disse Esme devagar, sem querer aceitar as palavras de Edward.

— Os recém-criados não estão devastando Anchorage, Esme. Acho que precisamos considerar a ideia de que nós somos os alvos.

— Eles não estão vindo atrás de nós — insistiu Alice, depois parou. — Ou...

eles não sabem que estão. Ainda não.

— O que foi? — perguntou Edward, curioso e tenso. — O que você tem em mente?

— Lampejos — disse Alice. — Não consigo um quadro claro quando tento ver o que vai acontecer, nada de concreto. Mas tive uns flashes estranhos. Não o bastante para ter sentido. É como se alguém estivesse mudando de ideia, mudando o curso de ação com tal rapidez que não consigo ter uma boa visão...

— Indecisão? — perguntou Jasper, incrédulo.

— Não sei...

— Não é indecisão... — grunhiu Edward. — Conhecimento. Alguém que sabe que você não pode ver nada antes que a decisão esteja tomada. Alguém que está se escondendo de nós. Brincando com os hiatos em sua visão.

— Quem saberia disso? — sussurrou Alice.

Os olhos de Edward eram duros como gelo.

— Aro conhece você tão bem quanto você mesma.

— Mas eu veria se eles decidissem vir...

— A não ser que eles não queiram sujar as próprias mãos.

— Um favor — sugeriu Rosalie, falando pela primeira vez. — Alguém do sul... Alguém que já teve problemas com as regras. Alguém que devia ter sido destruído e recebe uma segunda chance... se cuidar desse probleminha... Isso explicaria a reação lenta dos Volturi.

— Por quê? — perguntou Carlisle, ainda chocado. — Não há motivos para os Volturi...

— Houve — discordou Edward em voz baixa. — Estou surpreso que esteja acontecendo tão cedo, porque os outros pensamentos eram mais fortes. Na mente de Aro, ele me viu ao lado dele, e viu Alice também. O presente e o futuro, a onisciência virtual. O poder da ideia o inebriou. Eu devia ter imaginado que ele precisaria de muito mais tempo para abrir mão desse plano... Ele o queria demais. Mas também havia o pensamento em você, Carlisle, em nossa família, tornando-se maior e mais forte. A inveja e o medo: você tendo... não mais do que ele tem, mas, ainda assim, coisas que ele queria. Ele tentou não pensar nisso, mas não conseguiu esquecer. A ideia de exterminar a concorrência estava lá; além do bando dele, o nosso é o maior que ele já encontrou...

Fitei seu rosto, apavorada. Ele nunca me contara aquilo, mas acho que eu sabia

o motivo. Podia ver em minha mente agora. O sonho de Aro. Edward e Alice de mantos pretos e flutuantes, vagando a seu lado com os olhos frios e vermelho-sangue...

Carlisle interrompeu meu pesadelo.

— Eles estão comprometidos demais com a missão deles. Jamais quebrariam as regras. Contraria tudo pelo qual trabalharam.

— Eles vão limpar tudo depois. Uma traição dupla — disse Edward numa voz sombria. — Sem prejuízos.

Jasper se inclinou para a frente, sacudindo a cabeça.

— Não, Carlisle tem razão. Os Volturi não quebrariam as regras. Além disso, é muito sem cuidado. Essa... pessoa, essa ameaça... eles não têm ideia do que estão fazendo. É um novato, eu seria capaz de jurar. Não acredito que os Volturi estejam envolvidos. Mas se envolverão.

Todos se olharam, paralisados de estresse.

— Então vamos — Emmett quase rugiu. — O que estamos esperando?

Carlisle e Edward trocaram um longo olhar. Edward assentiu uma vez.

— Vamos precisar que nos ensine, Jasper — disse por fim Carlisle. — A destruí-los. — O queixo de Carlisle era duro, mas eu podia ver a dor em seus olhos quando ele falou. Ninguém odiava mais a violência do que ele.

Havia algo me incomodando e eu não conseguia saber o que era. Eu estava entorpecida, apavorada, morta de medo. E, no entanto, por baixo disso, podia sentir que faltava alguma coisa importante. Algo que daria sentido àquele caos. Que explicaria tudo.

— Vamos precisar de ajuda — disse Jasper. — Acha que a família de Tanya estaria disposta...? Mais cinco vampiros maduros fariam uma diferença enorme. E depois Kate e Eleazar seriam especialmente vantajosos ao nosso lado. Seria quase fácil, com a ajuda deles.

— Vamos perguntar — respondeu Carlisle.

Jasper pegou o celular.

— Precisamos nos apressar.

Nunca vi a calma inata de Carlisle tão abalada. Ele pegou o telefone e foi até as janelas. Discou um número, segurou o aparelho na orelha e apoiou a outra mão no vidro. Fitava a manhã enevoada com uma expressão dolorida e ambivalente.

Edward pegou minha mão e me puxou para o sofá branco de dois lugares.

Sentei-me ao lado dele, fitando seu rosto enquanto ele olhava o de Carlisle.

A voz de Carlisle era baixa e rápida, difícil de entender. Eu o ouvi cumprimentar Tanya, depois ele contou a situação rápido demais para que eu entendesse muito, embora eu soubesse que os vampiros do Alasca não ignoravam o que estava havendo em Seattle.

Então a voz de Carlisle mudou.

— Ah! — disse ele, sua voz mais aguda de surpresa. — Não percebemos... que Irina se sentia assim.

Edward gemeu do meu lado e fechou os olhos.

— Droga. Laurent que arda no mais profundo inferno, que é o lugar dele.

— Laurent? — sussurrei, o sangue deixando meu rosto, mas Edward não respondeu, concentrado nos pensamentos de Carlisle.

Meu curto encontro com Laurent no início daquela primavera não era algo que tinha desaparecido nem desbotado em minha mente. Eu ainda me lembrava de cada palavra que ele disse antes de Jacob e sua alcateia interromperem.

Na verdade vim aqui como um favor a ela...

Victoria. Laurent tinha sido sua primeira manobra — ela o mandou para observar, para saber o quanto seria difícil chegar a mim. Ele não sobreviveu aos lobos para fazer seu relatório.

Embora ele tivesse mantido seus laços com Victoria depois da morte de James, também formou novos laços e novos relacionamentos. Foi morar com a família de Tanya no Alasca — Tanya, a louro-arruivada —, os amigos mais íntimos dos Cullen no mundo vampiro, praticamente da família. Laurent esteve com eles por quase um ano antes de sua morte.

Carlisle ainda estava falando, a voz não exatamente suplicante. Convincente, mas com alguma tensão. Depois a tensão abruptamente dominou a persuasão.

— Não há dúvidas disso — disse Carlisle num tom severo. — Temos uma trégua. Eles não a quebraram, nem nós a quebraremos. Lamento saber disso... É claro. Vamos ter de fazer o que pudermos sozinhos.

Carlisle desligou o telefone sem esperar por uma resposta. Continuou a fitar a neblina.

— Qual é o problema? — murmurou Emmett para Edward.

— Irina se envolveu com Laurent mais do que sabíamos. Ela alimenta um rancor contra os lobos por destruí-lo para salvar Bella. Ela quer... — ele parou,

olhando para mim.

— Continue — eu disse com a maior tranquilidade que pude.

Seus olhos se estreitaram.

— Ela quer vingança. Destruir a alcateia. Eles trocariam a ajuda por nossa permissão.

— Não! — eu arquejei.

— Não se preocupe — disse-me Edward numa voz monótona. — Carlisle jamais concordaria com isso. — Ele hesitou, depois suspirou. — Nem eu. Laurent tinha de aparecer. — Isso era quase um rosnado. — E ainda devo aos lobos por isso.

— Isso não é bom — disse Jasper. — Está nivelado demais para uma luta. Temos vantagem na habilidade, mas não no número. Vamos vencer, mas a que preço? — Seus olhos tensos faiscaram para o rosto de Alice e se afastaram.

Eu queria gritar enquanto assimilava o que Jasper queria dizer.

Nós venceríamos, mas perderíamos. Alguém não sobreviveria.

Olhei a sala, para os rostos — Jasper, Alice, Emmett, Rose, Esme, Carlisle... Edward —, os rostos de minha família.

14. DECLARAÇÃO

— NÃO PODE ESTAR FALANDO A SÉRIO — eu disse na quarta-feira à tarde. — Você perdeu completamente o juízo!

— Diga o que quiser de mim — respondeu Alice. — A festa ainda está de pé.

Eu a encarei, meus olhos tão arregalados de descrença que pareciam que iam cair na bandeja do meu almoço.

— Ah, acalme-se, Bella! Não há motivo para isso. Além de tudo, os convites já foram enviados.

— Mas... o... você... eu... maluca! — gaguejei.

— Você já comprou meu presente — ela me lembrou. — Não precisa fazer nada, é só aparecer.

Fiz um esforço para me acalmar.

— Com tudo o que está acontecendo agora, uma festa não é nada adequada.

— A formatura vai acontecer agora e uma festa é tão adequada que chega a ser fora de moda.

— Alice!

Ela suspirou e tentou falar a sério.

— Existem certas coisas que precisamos organizar agora e isso vai levar algum tempo. Como vamos ficar sentados aqui esperando, podemos muito bem comemorar o que há de bom. Você só vai se formar no ensino médio... pela primeira vez... uma vez na vida. Não será humana de novo, Bella. É uma vez só numa vida inteira.

Edward, em silêncio durante toda a discussão, lançou-lhe um olhar de alerta. Ela mostrou a língua para ele. Alice tinha razão — sua voz suave nunca seria mais alta que o tagarelar do refeitório. E ninguém entenderia o significado por trás das palavras, de qualquer forma.

— Que poucas coisas precisamos organizar? — perguntei, recusando-me a desviar do assunto.

Edward respondeu em voz baixa.

— Jasper acha que podemos ter alguma ajuda. A família de Tanya não é a única opção que temos. Carlisle está tentando localizar uns velhos amigos e Jasper procura por Peter e Charlotte. Ele está pensando em falar com Maria... Mas ninguém quer realmente envolver o pessoal do sul.

Alice tremeu de leve.

— Não seria difícil demais convencê-los a ajudar — continuou ele. — Ninguém quer uma visita da Itália.

— Mas esses amigos... Eles não vão ser... vegetarianos, não é? — protestei, usando o apelido jocoso com que os Cullen referiam-se a si mesmos.

— Não — respondeu Edward, de repente inexpressivo.

— Aqui? Em Forks?

— Eles são amigos — Alice garantiu-me. — Tudo vai ficar bem. Não precisa se preocupar. E, depois, Jasper nos deu um curso sobre eliminação de recém-criados...

Os olhos de Edward brilharam com isso, e um breve sorriso lampejou em seu rosto. Meu estômago de repente parecia estar cheio de farpas de gelo, pequenas e afiadas.

— Quando vocês vão? — perguntei numa voz vazia. Não conseguia suportar aquilo... a possibilidade de alguém não voltar. E se fosse Emmett, tão corajoso e irrefletido que jamais tinha a menor cautela? Ou Esme, tão doce e maternal que eu nem conseguia imaginá-la em uma briga? Ou Alice, tão pequena, de aparência tão frágil? Ou... Mas eu nem podia pensar no nome dele, cogitar a possibilidade.

— Uma semana — disse Edward num tom despreocupado. — Isso deve nos dar tempo suficiente.

As farpas de gelo se torceram desagradavelmente em meu estômago. De repente eu estava com náuseas.

— Você está meio verde, Bella — comentou Alice.

Edward me abraçou e me puxou para o lado dele.

— Vai ficar tudo bem, Bella. Confie em mim.

Claro, pensei comigo mesma. Confiar nele. Não era ele que teria de ficar sentado se perguntando se a essência de sua existência voltaria para casa ou não.

E depois me ocorreu uma ideia. Talvez eu não precisasse ficar ali. Uma semana era tempo mais do que suficiente.

— Vocês estão procurando por ajuda — eu disse devagar.

— Sim. — A cabeça de Alice tombou para o lado enquanto ela processava a mudança em meu tom de voz.

Eu olhei somente para ela quando respondi. Minha voz era um pouco mais alta do que um sussurro.

— Eu posso ajudar.

O corpo de Edward de repente ficou rígido, o braço apertado demais em mim. Ele expirou e o som era um silvo.

Mas foi Alice, ainda calma, que respondeu.

— Isso não seria de muita ajuda.

— E por que não? — contestei; eu podia ouvir o desespero em minha voz. — É melhor ter oito do que sete. Há tempo suficiente.

— Não há tempo suficiente para torná-la útil, Bella — discordou ela friamente. — Lembra-se de como Jasper descreveu os novatos? Você não seria boa numa briga. Não seria capaz de controlar seus instintos e isso a tornaria um alvo fácil. E Edward se machucaria tentando protegê-la. — Ela cruzou os braços, satisfeita com sua lógica incontestável.

E eu sabia que Alice tinha razão ao colocar as coisas naqueles termos. Afundei em minha cadeira, minha esperança súbita derrotada. A meu lado, Edward relaxou.

Ele sussurrou o lembrete em meu ouvido.

— Não, porque você tem medo.

— Ah! — disse Alice, e um vazio atravessou seu rosto. Depois sua expressão ficou carrancuda. — Odeio cancelamentos de última hora. Isso reduz a lista de convidados a sessenta e cinco.

— Sessenta e cinco! — Meus olhos se esbugalharam. Eu não tinha tantos amigos assim. Será que eu conhecia tanta gente?

— Quem cancelou? — perguntou Edward, ignorando-me.

— Renée.

— Como é? — arquejei.

— Ela ia lhe fazer uma surpresa de formatura, mas alguma coisa deu errado. Você vai receber um recado quando chegar em casa.

Por um momento, eu me permiti desfrutar do alívio. O que quer que estivesse errado com minha mãe, eu era eternamente grata. Se ela viesse a Forks agora... Eu não queria pensar no assunto. Minha cabeça ia explodir.

A luz dos recados piscava na secretária eletrônica quando cheguei em casa. Minha sensação de alívio inflamou-se de novo enquanto eu ouvia minha mãe descrever o acidente de Phil no campo — enquanto demonstrava um slide, ele tropeçou no apanhador e quebrou o fêmur; estava inteiramente dependente dela e não havia como Renée deixá-lo. Minha mãe ainda se desculpava quando o tempo do recado acabou.

— Bom, essa é uma delas — eu suspirei.

— Uma o quê? — perguntou Edward.

— Uma pessoa com quem não preciso me preocupar que vá ser morta esta semana.

Ele revirou os olhos.

— Por que você e Alice não levam isso a sério? — eu perguntei. — Isso é sério.

Ele sorriu.

— Convicção.

— Que maravilha — resmunguei. Peguei o fone e disquei o número de Renée. Eu sabia que seria uma longa conversa, mas também sabia que não precisaria contribuir muito.

Eu apenas ouvia e a tranquilizava sempre que conseguia dizer alguma palavra; eu não estava decepcionada, não estava chateada, não estava magoada. Ela devia se concentrar em ajudar Phil a se recuperar. Transmiti meu "Fique bom logo" a Phil e prometi ligar para ela com todos os detalhes da formatura na Forks High School. Por fim, tive de apelar para a minha necessidade desesperada de estudar para as provas a fim de desligar o telefone.

A paciência de Edward era interminável. Ele esperou educadamente durante toda a conversa, brincando com meu cabelo e sorrindo sempre que eu olhava para ele. Talvez fosse futilidade notar esses detalhes quando eu tinha coisas muito mais importantes em que pensar, mas o sorriso dele ainda me tirava o fôlego. Ele era tão lindo que às vezes era difícil pensar em qualquer outra coisa, difícil me concentrar nos problemas de Phil, nas desculpas de Renée ou em exércitos de vampiros hostis. Eu era apenas humana.

Assim que desliguei, fiquei na ponta dos pés para dar um beijo nele. Ele pôs

as mãos em minha cintura e me ergueu até a bancada da cozinha, assim eu não precisaria me esticar muito. Foi ótimo para mim. Prendi os braços em volta de seu pescoço e me derreti em seu peito frio.

Como sempre, ele se afastou cedo demais.

Senti meu rosto formando um biquinho. Ele riu da minha expressão enquanto se desembaraçava de meus braços e pernas. Encostou-se na bancada a meu lado e colocou um braço de leve em meu ombro.

— Sei que você acha que eu tenho um autocontrole perfeito e inflexível, mas isso não é bem verdade.

— Bem que eu queria — suspirei.

E ele suspirou também.

— Amanhã, depois da aula — disse ele, mudando de assunto —, vou caçar com Carlisle, Esme e Rosalie. Só por algumas horas... Vamos ficar perto. Alice, Jasper e Emmett podem cuidar de sua segurança.

— Ai — eu gemi. O dia seguinte era o primeiro das provas finais, que só durariam metade do dia. Tinha prova de cálculo e de história, os dois únicos desafios em minha agenda, então teria quase o dia todo sem ele e nada a fazer a não ser lamentar. — Eu odeio ter babás.

— É temporário — prometeu ele.

— Jasper vai ficar com tédio. Emmett vai se divertir à minha custa.

— Eles se comportarão muito bem.

— Está certo — grunhi.

E depois me ocorreu que eu tinha uma alternativa a ter babás.

— Sabe... Não vou a La Push desde a festa da fogueira.

Observei seu rosto com cuidado em busca de uma mudança de expressão. Seus olhos se estreitaram um pouquinho.

— Eu ia ficar bem segura lá — lembrei a ele.

Ele pensou nisso por uns segundos.

— Você deve ter razão.

Seu rosto era calmo, mas um pouco suave demais. Eu quase perguntei se ele preferia que eu ficasse, mas pensei que Emmett certamente implicaria comigo e mudei de assunto.

— Você já está com sede? — perguntei, afagando a leve sombra sob seus olhos. Suas íris ainda eram de um dourado profundo.

— Na verdade, não. — Ele pareceu relutante em responder e isso me surpreendeu. Esperei por uma explicação.

— Queremos ter a maior força possível — explicou ele, ainda relutante. — Provavelmente, vamos caçar de novo no caminho, algum animal grande.

— Isso deixa vocês mais fortes?

Ele procurou alguma informação em meu rosto, mas não havia nada, apenas curiosidade.

— Sim — disse ele por fim. — O sangue humano nos fortalece, embora só ligeiramente. Jasper anda pensando em trapacear... Embora seja avesso à ideia, ele só está sendo prático... Mas ele não sugeriu isso. Sabe o que Carlisle dirá.

— Isso ajudaria? — perguntei em voz baixa.

— Não importa. Não vamos mudar quem somos.

Eu franzi o cenho. Se algo aumentasse a vantagem deles... E depois estremeci, percebendo que eu concordaria com a morte de um estranho para protegê-lo. Fiquei apavorada comigo mesma, mas não inteiramente capaz de negar isso.

Ele mudou de assunto de novo.

— É claro que é por isso que eles são tão fortes. Os recém-criados são cheios de sangue humano... O sangue deles mesmos, reagindo à mudança. Permanece nos tecidos e os fortalece. Seus corpos o usam devagar, como disse Jasper, e a força começa a esmaecer depois de um ano.

— Até que ponto eu serei forte?

Ele sorriu.

— Mais forte do que eu.

— Mais forte do que Emmett?

O sorriso ficou maior.

— Sim. Faça-me o favor de desafiá-lo para uma queda de braço. Seria uma experiência boa para ele.

Eu ri. Aquilo parecia tão ridículo!

Depois suspirei e pulei da bancada, porque eu realmente não podia mais adiar. Eu precisava estudar, e estudar muito. Por sorte eu tinha a ajuda de Edward, e ele era um excelente professor particular — já que sabia absolutamente tudo. Imaginei que meu maior problema seria me concentrar nas provas. Se eu não tivesse cuidado, podia terminar escrevendo o trabalho de história sobre as guerras de vampiros do sul.

Fiz um intervalo para ligar para Jacob, e Edward pareceu tão à vontade quanto esteve enquanto eu falava ao telefone com Renée. Ele brincou com meu cabelo de novo.

Embora fosse o meio da tarde, meu telefonema acordou Jacob, e no início ele estava aborrecido. Animou-se quando perguntei se podia visitá-lo no dia seguinte. A escola quileute já estava em férias de verão, então ele me disse para ir o mais cedo que eu pudesse. Fiquei satisfeita por ter uma alternativa além de ficar com babás. Havia um pouquinho mais de dignidade em passar o dia com Jacob.

Parte dessa dignidade se perdeu quando Edward insistiu outra vez em me levar até a fronteira como uma criança que pais separados trocam de mãos.

— E, então, como acha que se saiu nas provas? — perguntou Edward no caminho, querendo bater papo.

— A de história foi fácil, mas não sei sobre a de cálculo. Parecia fazer sentido, então provavelmente significa que errei.

Ele riu.

— Sei que vai se sair bem. Ou, se estiver mesmo preocupada, posso subornar o Sr. Varner para lhe dar um A.

— Eh, obrigada, mas não quero.

Ele riu de novo, mas de repente parou quando fizemos a última curva e vimos o carro vermelho esperando. Ele franziu a testa, concentrado, e depois, enquanto estacionava o carro, suspirou.

— Qual é o problema? — perguntei, minha mão na porta.

Ele sacudiu a cabeça.

— Nada. — Seus olhos estava semicerrados enquanto ele fitava o outro carro pelo para-brisa. Eu já vira aquele olhar.

— Você não está ouvindo o Jacob, não é? — acusei.

— Não é fácil ignorar uma pessoa quando ela está gritando.

— Ah! — Pensei naquilo por um segundo. — O que ele está gritando? — sussurrei.

— Tenho certeza absoluta de que ele próprio vai falar nisso — disse Edward num tom esquisito.

Eu teria pressionado, mas Jacob buzinou — duas buzinadas impacientes.

— Isso não foi educado — grunhiu Edward.

— Este é o Jacob — eu suspirei e corri para fora antes que Jacob tomasse

alguma atitude que realmente fizesse Edward cerrar os dentes.

Acenei para Edward antes de ir para o Rabbit, e de longe parecia que ele estava verdadeiramente aborrecido com a história da buzina... Ou com o que Jacob estava pensando. Mas meus olhos eram fracos e cometiam erros o tempo todo.

Eu queria que Edward fosse até lá. Queria fazer com que os dois saíssem dos carros e trocassem um aperto de mãos e fossem amigos — que fossem Edward e Jacob, e não vampiro e lobisomem. Era como se eu tivesse aqueles dois ímãs obstinados em minhas mãos de novo, tentando forçar a natureza a se inverter...

Eu suspirei e subi no carro de Jacob.

— Oi, Bells. — O tom de voz de Jacob era animado, mas sua voz estava arrastada. Examinei seu rosto enquanto ele fitava a estrada, dirigindo um pouco mais rápido do que eu, porém mais lento do que Edward, a caminho de La Push.

Jacob parecia diferente, talvez até doente. As pálpebras estavam caídas e o rosto, fatigado. O cabelo desgrenhado apontava para todo lado; em alguns lugares, quase chegava ao queixo.

— Você está bem, Jake?

— Só cansado — ele conseguiu dizer antes de ser dominado por um imenso bocejo. Quando terminou, perguntou: — O que quer fazer hoje?

Olhei para ele por um momento.

— Vamos ficar na sua casa por enquanto — sugeri. Ele não parecia estar disposto para mais do que isso. — Podemos andar de moto mais tarde.

— Claro, claro — disse ele, bocejando de novo.

A casa de Jacob estava vazia, isso era estranho. Percebi que eu pensava em Billy quase como uma presença permanente ali.

— Onde está seu pai?

— Na casa dos Clearwater. Ele anda muito por lá desde a morte de Harry. Sue se sente sozinha.

Jacob se sentou no velho sofá, que não era maior do que um sofazinho de dois lugares, e espremeu-se de lado para me dar espaço.

— Ah! Isso é gentil. Coitada de Sue.

— É... Ela está com uns problemas... — ele hesitou. — Com os filhos.

— Claro, deve ser difícil para Seth e Leah, perdendo o pai...

— Arrã — concordou ele, perdido em pensamentos. Pegou o controle remoto

e ligou a tevê sem parecer pensar. E bocejou.

— Qual é o problema, Jacob? Você parece um zumbi.

— Eu só dormi umas duas horas na noite passada e quatro na anterior — disse-me. Ele esticou os braços compridos lentamente e pude ouvir as articulações estalarem enquanto ele as alongava. Ele acomodou o braço esquerdo nas costas do sofá atrás de mim e tombou a cabeça na parede. — Estou exausto.

— Por que não tem dormido? — perguntei.

Ele fez uma careta.

— Sam está complicando a situação. Ele não confia em seus sanguessugas. Andei fazendo turnos dobrados por duas semanas e ninguém me tocou ainda, mas ele ainda não se convenceu. Então agora estou por conta própria.

— Turnos dobrados: isso porque você está tentando me vigiar? Jake, não está certo! Você precisa dormir. Eu vou ficar bem.

— Não é nada demais. — Seus olhos de repente ficaram mais atentos. — E aí, já descobriu quem esteve em seu quarto? Há alguma novidade?

Eu ignorei a segunda pergunta.

— Não, não descobrimos nada sobre meu, hmmm, visitante.

— Então ficarei por perto — disse ele enquanto os olhos se fechavam.

— Jake... — comecei a gemer.

— Olha, é o mínimo que posso fazer... Eu ofereci a escravidão eterna, lembra-se? Sou seu escravo pela vida toda.

— Eu não quero um escravo!

Seus olhos não se abriram.

— O que você quer, Bella?

— Quero meu amigo Jacob... E não o quero pela metade, ferindo-se numa tentativa desorientada...

Ele me interrompeu.

— Veja por este ângulo... Eu tenho esperança de localizar um vampiro que eu tenha permissão para matar, está bem?

Não respondi. Ele me olhou então, observando minha reação.

— Brincadeirinha, Bella.

Eu olhei para a tevê.

— E aí, algum plano especial para a semana que vem? Você está se formando. Caramba. Isso é demais. — Sua voz ficou monótona e seu rosto, já cansado,

parecia completamente angustiado enquanto os olhos se fechavam de novo... desta vez não de exaustão, mas de recusa. Percebi que a formatura ainda tinha um significado terrível para ele, embora minhas intenções agora estivessem divididas.

— Não são planos especiais — eu disse com cuidado, na esperança de que ele ouvisse o conforto em minhas palavras sem uma explicação mais detalhada. Eu não queria começar aquele assunto ali. Em primeiro lugar, ele não parecia disposto para conversas difíceis. Segundo, eu sabia que ele perceberia minha apreensão. — Bom, vou ter que ir a uma festa de formatura. A minha. — Fiz um som de nojo. — Alice adora festas e convidou a cidade toda para ir à casa dela à noite. Vai ser um horror.

Seus olhos se abriram enquanto eu falava e um sorriso aliviado deixou seu rosto menos esgotado.

— Não recebi convite. Estou magoado — brincou ele.

— Considere-se convidado. Supostamente, é minha festa, então devo poder convidar quem eu quiser.

— Obrigado — disse ele com sarcasmo, os olhos se fechando mais uma vez.

— Eu queria que você fosse — falei, sem esperança alguma. — Seria mais divertido. Para mim, quer dizer.

— Claro, claro — murmurou ele. — Seria muito... sensato... — sua voz falhou.

Alguns segundos depois, ele estava roncando.

Pobre Jacob. Examinei seu rosto sonhador e gostei do que vi. Enquanto dormia, cada traço de resistência e amargura desaparecia e de repente ele era o menino que foi meu melhor amigo antes dos embaraços de todo esse absurdo de lobisomens. Ele parecia muito mais novo. Parecia o meu Jacob.

Aninhei-me no sofá para esperar por seu cochilo, na esperança de que ele dormisse por um tempo e se refizesse. Zapeei pela tevê, mas não havia muita coisa. Acomodei-me num programa de culinária, percebendo, enquanto assistia, que eu nunca me esforçava muito com o jantar de Charlie. Jacob continuava a roncar, cada vez mais alto. Desliguei a tevê.

Eu estava estranhamente relaxada, quase sonolenta também. Aquela casa parecia mais segura que a minha, provavelmente porque ninguém fora me procurar ali. Enrosquei-me no sofá e pensei em eu mesma tirar uma soneca. Talvez eu devesse, mas era impossível me desligar dos roncos de Jacob. Assim,

em vez de dormir, deixei minha mente vagar.

As provas finais acabaram e a maioria foi moleza. A de cálculo, a única exceção, me perseguia, era passar ou ser reprovada. Minha educação no ensino médio acabara. E eu não sabia de fato como me sentia com relação a isso. Não podia olhar a questão com objetividade, atrelada como estava ao término de minha vida humana.

Perguntei-me quanto tempo Edward pretendia usar a desculpa "não, porque você tem medo". Um dia desses eu ia ter de fincar pé.

Pensando pragmaticamente, eu sabia que fazia mais sentido pedir a Carlisle para me transformar no segundo em que eu passasse pela fila da formatura. Forks se tornaria quase tão perigosa quanto uma zona de guerra. Não, Forks era uma zona de guerra. Para não falar... Seria uma boa desculpa para não ir à festa de formatura. Eu sorri comigo mesma ao pensar na mais banal das razões para me transformar. Tolice... Ainda assim, atraente.

Mas Edward tinha razão — eu ainda não estava preparada.

E eu não queria ser prática. Queria que Edward fosse o prático. Não era um desejo racional. Eu tinha certeza — uns dois segundos depois de alguém na verdade me morder e o veneno começar a arder em minhas veias —, eu realmente não me importaria mais com quem tinha feito. Então, não devia fazer diferença alguma.

Era difícil definir, até para mim mesma, por que isso importava. Havia algo no fato de ser ele a tomar a decisão — como queria me manter assim e não permitir que eu me transformasse, ele agiria para me manter. Era infantil, mas eu gostava da ideia de que os lábios dele fossem a última coisa boa que eu sentiria. O que era ainda mais constrangedor, algo que eu nunca diria em voz alta, eu queria que o veneno dele intoxicasse meu sistema. Isso me faria pertencer a ele de uma forma tangível e quantificável.

Mas eu sabia que ele se prenderia a seu esquema de casamento como uma cola — porque ele claramente queria adiar e até agora estava funcionando. Tentei imaginar dizer a meus pais que eu me casaria naquele verão. Contar a Angela, Ben e Mike. Eu não podia. Não conseguia pensar no que dizer. Seria mais fácil dizer a eles que estava me tornando uma vampira. E tinha certeza de que pelo menos minha mãe — eu ia contar a ela cada detalhe da verdade — se oporia mais fortemente a meu casamento do que a me tornar vampira. Fiz uma careta

enquanto imaginava sua expressão apavorada.

Depois, por um segundo, tive a mesma visão estranha de Edward e eu no balanço da varanda, usando roupas de outro tipo de mundo. Um mundo onde não surpreenderia se ele colocasse a aliança no meu dedo. Um lugar mais simples, onde o amor era definido de formas mais simples. Um mais um é igual a dois...

Jacob roncou e rolou de lado. Seu braço girou das costas do sofá e me prendeu contra seu corpo.

Meu Deus, como ele era pesado! E quente. Ficou sufocante depois de apenas alguns segundos.

Tentei deslizar de sob seu braço sem acordá-lo, mas tive de empurrar um pouco e, quando o braço me deixou, os olhos dele se abriram. Ele se colocou de pé num salto, olhando em volta com ansiedade.

— Que foi? Que foi? — perguntou, desorientado.

— Sou eu, Jake. Desculpe se o acordei.

Ele se virou para me olhar, piscando e confuso.

— Bella?

— Oi, dorminhoco.

— Ah, cara! Eu dormi? Desculpe! Quanto tempo fiquei apagado?

— Algumas receitas culinárias. Perdi a conta.

Ele voltou a se sentar a meu lado no sofá.

— Puxa vida. Desculpe por isso, de verdade.

Eu afaguei seu cabelo, tentando ajeitar aquela desordem louca.

— Não precisa se desculpar. Ainda bem que você dormiu um pouco.

Ele bocejou e se espreguiçou.

— Eu ando imprestável ultimamente. Não surpreende que Billy sempre saia. Estou um chato.

— Você está ótimo — garanti a ele.

— Ei, vamos lá para fora. Preciso andar um pouco ou vou desmaiar de novo.

— Jake, volte a dormir. Eu estou bem. Vou ligar para Edward vir me buscar. — Procurei nos bolsos enquanto falava e percebi que estavam vazios. — Droga, vou ter que usar seu telefone. Acho que deixei o dele no carro. — Comecei a me desenredar.

— Não! — insistiu Jacob, pegando minha mão. — Não, fique. Você mal chegou. Nem acredito que desperdicei todo esse tempo.

Ele me puxou para o sofá enquanto falava, depois me levou para fora, abaixando a cabeça ao passar sob o batente da porta. Tinha esfriado muito mais enquanto Jacob dormia; o ar era gelado, pouco típico da estação — devia haver uma tempestade a caminho. Parecia fevereiro, não maio.

O ar de inverno pareceu deixar Jacob mais alerta. Ele andou de um lado para outro diante da casa por um minuto, arrastando-me com ele.

— Sou um idiota — murmurou consigo mesmo.

— Qual é o problema, Jake? Você só dormiu. — Eu dei de ombros.

— Eu queria conversar com você. Nem acredito nisso.

— Converse comigo agora — eu disse.

Jacob me olhou nos olhos por um segundo, depois desviou o rosto rapidamente para as árvores. Quase parecia que ele estava corando, mas era difícil de dizer, com aquela pele morena.

De repente me lembrei do que Edward dissera quando me deixou — que Jacob me contaria o que estava gritando em sua cabeça. Comecei a morder o lábio.

— Olha — disse Jacob. — Eu pretendia fazer isso de um jeito meio diferente. — Ele riu e pareceu rir consigo mesmo. — Mais suave — acrescentou ele. — Eu pretendia ir aos poucos, mas — ele olhou as nuvens, mais escuras com o avançar da tarde — estou sem tempo para isso.

Ele riu de novo, nervoso. Ainda estávamos andando devagar.

— Do que você está falando? — perguntei.

Ele respirou fundo.

— Eu queria dizer uma coisa. E você já sabe... Mas acho que devo dizer assim mesmo. Assim nunca vai haver confusão a esse respeito.

Plantei os pés no chão e ele parou. Soltei minha mão e cruzei os braços. De repente eu tinha certeza de que não queria saber o que ele estava aprontando.

As sobrancelhas de Jacob se uniram, lançando sombra em seus olhos fundos. Eram negros como breu enquanto perfuravam os meus.

— Estou apaixonado por você, Bella — disse Jacob numa voz segura e firme. — Bella, eu te amo. Quero que me escolha, e não ele. Sei que não sente o mesmo, mas preciso dizer a verdade, assim você saberá quais são suas opções. Eu não quero que um mal-entendido nos atrapalhe.

15. APOSTA

EU O FITEI POR UM LONGO MINUTO, SEM FALA. Não conseguia pensar em nada para dizer a ele.

Enquanto Jacob olhava minha expressão desnorteada, a seriedade deixou seu rosto.

— Muito bem — disse ele, sorrindo. — É só isso.

— Jake... — Parecia que havia algo grande preso em minha garganta. Tentei me livrar da obstrução. — Não posso... quer dizer, não... Tenho que ir.

Eu me virei, mas ele me pegou pelos ombros e me girou.

— Não, espere. Eu sei disso, Bella. Mas, olhe, me responda a uma pergunta, está bem? Quer que eu suma e nunca mais veja você? Fale com franqueza.

Era difícil me concentrar na pergunta dele, então levei um minuto para responder.

— Não, não quero isso — admiti por fim.

Jacob sorriu de novo.

— Está vendo?

— Mas não quero você por perto pelo mesmo motivo que você me quer por perto — eu objetei.

— Diga exatamente por que você me quer por perto, então.

Eu pensei com cuidado.

— Eu sinto sua falta quando você não está. Quando está feliz — esclareci cautelosamente —, eu fico feliz. Mas eu podia dizer o mesmo de Charlie, Jacob. Você é da família. Eu te amo, mas não estou apaixonada por você.

Ele assentiu, sem se abalar.

— Mas você me quer por perto.

— Sim — eu suspirei. Era impossível desencorajá-lo.

— Então vou ficar por perto.

— Você gosta de sofrer — eu grunhi.

— É. — Ele passou a ponta dos dedos em minha bochecha direita. Eu afastei

a mão dele.

— Acha que pode se comportar um pouco melhor, pelo menos? — perguntei, irritada.

— Não, não posso. Você decide, Bella. Pode me ter como eu sou... incluindo o mau comportamento... ou não ter nada.

Eu o encarei, frustrada.

— Isso é maldade.

— É maldade sua também.

Isso me pegou de surpresa e dei um passo involuntário para trás. Ele tinha razão. Se eu não fosse má — e gananciosa também —, teria dito que não queria ser amiga e iria embora. Era um erro tentar manter meu amigo quando isso o magoava. Eu não sabia o que estava fazendo ali, mas de repente tinha certeza de que não era bom.

— Tem razão — sussurrei.

Ele riu.

— Eu a perdoo. Só procure não ficar chateada demais comigo. Porque recentemente eu decidi que não vou desistir. Há de fato algo de irresistível numa causa perdida.

— Jacob. — Eu o olhei nos olhos, tentando fazer com que ele me levasse a sério. — É ele que eu amo, Jacob. Ele é toda a minha vida.

— Você me ama também — lembrou-me ele. Jacob ergueu a mão quando comecei a protestar. — Não da mesma maneira, eu sei. Mas ele também não é toda a sua vida. Não é mais. Talvez tenha sido um dia, mas ele foi embora. E agora ele está tendo que lidar com as consequências daquela decisão... Eu.

Eu sacudi a cabeça.

— Você é impossível.

De repente, ele ficou sério. Pegou meu queixo, segurando-o com firmeza para que eu não me desviasse de seu olhar penetrante.

— Até que seu coração pare de bater, Bella — disse ele. — Eu estarei aqui... lutando. Não se esqueça de que tem opções.

— Eu não quero opções — discordei, tentando libertar meu queixo, sem sucesso. — E meus batimentos cardíacos estão contados, Jacob. O tempo está quase se esgotando.

Seus olhos se estreitaram.

— Mais um motivo para lutar... Lutar ainda mais agora, enquanto posso — sussurrou ele.

Ele ainda segurava meu queixo — seus dedos apertavam tanto que doía —, e eu vi a decisão se formar abruptamente em seus olhos.

— N... — comecei a objetar, mas era tarde demais.

Seus lábios esmagaram os meus, impedindo meu protesto. Ele me beijou com raiva, de modo rude, a outra mão apertando minha nuca, impossibilitando a fuga. Empurrei seu peito com toda força, mas ele nem pareceu perceber. Sua boca era macia, apesar da raiva, seus lábios moldaram-se aos meus de uma forma quente e desconhecida.

Segurei o rosto dele, tentando empurrá-lo, fracassando de novo. Ele pareceu perceber dessa vez, porém, e isso o estimulou mais. Seus lábios forçaram os meus a se abrirem e pude sentir seu hálito quente em minha boca.

Agindo por instinto, soltei as mãos e desisti. Abri os olhos e não lutei, não senti... Só esperei que ele parasse.

Funcionou. A raiva pareceu evaporar e ele recuou para me olhar. Encostou os lábios suavemente nos meus de novo, uma, duas vezes... uma terceira vez. Eu fingi que era uma estátua e esperei.

Por fim, ele soltou meu rosto e se afastou.

— Acabou agora? — perguntei, numa voz sem expressão.

— Sim — ele suspirou. Ele começou a sorrir, fechando os olhos.

Puxei o braço para trás e o levei para a frente, dando-lhe um soco na boca com a maior potência que eu podia arrancar de meu corpo.

Houve um estalo.

— Ai! AI! — gritei, pulando freneticamente em agonia enquanto apertava minha mão contra o peito. Estava quebrada, eu podia sentir.

Jacob me olhou, chocado.

— Você está bem?

— Não, droga! Você quebrou minha mão!

— Bella, você quebrou sua mão. Agora pare de dançar e me deixe dar uma olhada.

— Não toque em mim! Eu vou para casa agora!

— Vou pegar meu carro — disse ele com calma. Ele nem estava esfregando o queixo, como faziam nos filmes. Que ridículo!

— Não, obrigada — sibilei. — Prefiro ir a pé. — Eu me virei para a estrada. Eram só alguns quilômetros até a fronteira. Assim que eu me afastasse dele, Alice me veria. Ela mandaria alguém me buscar.

— Deixe que eu leve você para casa — insistiu Jacob. Inacreditavelmente, ele teve a coragem de passar o braço em minha cintura.

Eu me afastei dele.

— Ótimo! — grunhi. — Faça isso! Mal posso esperar para ver o que Edward fará com você! Espero que ele quebre seu pescoço, seu cachorro impertinente, arrogante e debiloide!

Jacob revirou os olhos. Acompanhou-me até o banco do carona de seu carro e me ajudou a entrar. Quando assumiu o banco do motorista, ele estava assoviando.

— Eu não o machuquei nem um pouco? — perguntei, furiosa e irritada.

— Está brincando? Se você não tivesse começado a gritar, eu nem teria sabido que estava tentando me bater. Posso não ser feito de pedra, mas não sou assim tão mole.

— Odeio você, Jacob Black.

— Isso é bom. O ódio é uma emoção apaixonada.

— Vou lhe dar sua paixão — murmurei. — Assassinato, o crime definitivo de paixão.

— Ah, fala sério! — Disse ele, todo animado e parecendo estar prestes a assoviar de novo. — Deve ter sido melhor do que beijar uma pedra.

— Não chega nem remotamente perto — eu lhe disse com frieza.

Ele franziu os lábios.

— Você poderia estar só falando por falar.

— Mas não estou.

Isso pareceu incomodá-lo por um segundo, mas depois ele se empertigou.

— Você só está irritada. Eu não tenho nenhuma experiência com esse tipo de situação, mas foi incrível, para mim.

— Eca — gemi.

— Vai pensar nisso esta noite. Quando ele achar que você está dormindo, você vai pensar nas suas opções.

— Se eu pensar em você esta noite, será porque estou tendo um pesadelo.

Ele reduziu o carro a um arrastar, virando-se para me olhar com os olhos escuros arregalados e francos.

— Pense em como pode ser, Bella — insistiu ele numa voz suave e ansiosa. — Você não teria de mudar nada para mim. Sabe que Charlie ficaria feliz se você me escolhesse. Eu posso protegê-la tão bem quanto seu vampiro... Talvez melhor. E eu a faria feliz, Bella. Há tanto que posso dar a você e ele não pode. Aposto que ele nem pode beijá-la desse jeito... porque ele a machucaria. Eu nunca, jamais machucaria você, Bella.

Eu estendi a mão ferida.

Ele suspirou.

— Isso não foi minha culpa. Você devia saber muito bem.

— Jacob, não posso ser feliz sem ele.

— Você nunca tentou — discordou ele. — Quando ele foi embora, você gastou toda sua energia prendendo-se a ele. Poderia ser feliz, se deixasse. Podia ser feliz comigo.

— Eu não quero ser feliz com ninguém, só com ele — insisti.

— Nunca será capaz de ter tanta certeza dele como tem de mim. Ele foi embora uma vez, pode fazer isso de novo.

— Não, ele não fará — eu disse entredentes. A dor da lembrança me mordeu como um golpe de chicote. Fez com que eu quisesse magoá-lo também. — Você me deixou uma vez — lembrei a ele numa voz fria, pensando nas semanas que ele havia se escondido de mim, as palavras que me dissera no bosque ao lado da casa dele...

— Nunca fiz isso — argumentou ele acaloradamente. — Eles me disseram que não podia contar a você... Que não era seguro para você se ficássemos juntos. Mas eu nunca fui embora, nunca! Costumava correr em volta da sua casa à noite... Como faço agora. Só para ter certeza de que você estava bem.

Eu não deixaria que ele me fizesse sentir mal por ele agora.

— Me leve para casa. Minha mão está doendo.

Ele suspirou e começou a dirigir numa velocidade normal, olhando a estrada.

— Só pense nisso, Bella.

— Não — eu disse, obstinada.

— Vai pensar. Esta noite. E eu estarei pensando em você enquanto você pensa em mim.

— Como eu disse, um pesadelo.

Ele sorriu para mim.

— Você retribuiu o beijo.

Eu arfei, fechando as mãos em punhos sem pensar de novo, sibilando quando a mão quebrada reagiu.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Não retribuí, não.

— Acho que sei a diferença.

— É óbvio que não sabe... Aquilo não foi retribuir um beijo, estava tentando me livrar de você, idiota.

Ele soltou um riso baixo e gutural.

— Sensível. Quase demais na defensiva, eu diria.

Respirei fundo. Não tinha sentido discutir com ele; ele distorceria tudo o que eu dissesse. Concentrei-me em minha mão, tentando esticar os dedos, para saber onde estava quebrado. Dores agudas apunhalavam as articulações. Eu gemi.

— Eu sinto muito por sua mão — disse Jacob, parecendo quase sincero. — Da próxima vez que quiser bater em mim, use um bastão de beisebol ou um pé de cabra, está bem?

— Não pense que vou me esquecer disso — murmurei.

Não percebi aonde estávamos indo até que chegamos à minha rua.

— Por que me trouxe para cá? — perguntei.

Ele olhou para mim inexpressivamente.

— Você não disse que queria ir para casa?

— Ai. Acho que não pode me levar para a casa de Edward, pode? — Cerrei os dentes de frustração.

A dor girou por seu rosto, e pude ver que aquilo o afetava mais do que qualquer outra coisa que eu tivesse dito.

— Esta é a sua casa, Bella — disse ele baixinho.

— Sim, mas mora algum médico aqui? — perguntei, erguendo minha mão de novo.

— Ah! — Ele pensou por um minuto. — Vou levá-la ao hospital. Ou Charlie pode fazer isso.

— Não quero ir para o hospital. É constrangedor e desnecessário.

Ele deixou o Rabbit em ponto morto diante de minha casa, pensando com uma expressão insegura. A viatura de Charlie estava na entrada.

Eu suspirei.

— Vá para casa, Jacob.

Saí do carro desajeitada, indo para casa. O motor foi desligado atrás de mim. E eu fiquei menos surpresa do que irritada ao encontrar Jacob ao meu lado de novo.

— O que você vai fazer? — perguntou ele.

— Vou colocar um pouco de gelo na mão, depois vou ligar para Edward e pedir que venha me buscar e me leve até Carlisle, para ele dar um jeito na minha mão. Depois, se você ainda estiver aqui, vou procurar um pé de cabra.

Ele não respondeu. Abriu a porta da frente e a segurou para mim.

Passamos em silêncio pela sala da frente, onde Charlie estava deitado no sofá.

— Oi, meninos — disse ele, sentando-se. — É bom ver você aqui, Jake.

— Oi, Charlie — respondeu Jacob casualmente, parando.

Eu fui para a cozinha.

— O que há com ela? — perguntou Charlie.

— Ela acha que quebrou a mão — ouvi Jacob dizer a ele.

Fui até o freezer e peguei uma bandeja de gelo.

— Como foi que ela fez isso? — Sendo meu pai, eu achava que Charlie devia parecer um pouco menos entretido e um pouco mais preocupado.

Jacob riu.

— Ela me bateu.

Charlie riu também, e eu fiz cara feia ao bater a bandeja na beira da pia. O gelo se espalhou dentro da cuba e peguei um punhado com a mão boa, enrolando os cubos num pano de prato na bancada.

— Por que ela bateu em você?

— Porque eu a beijei — disse Jacob, sem a menor vergonha.

— Que bom para você, garoto. — Charlie lhe deu os parabéns.

Trinquei os dentes e fui ao telefone. Disquei o celular de Edward.

— Bella? — Ele atendeu no primeiro toque. Parecia mais do que aliviado; ele estava deliciado. Eu podia ouvir o motor do Volvo ao fundo; ele já estava no carro, isso era bom. — Você deixou o telefone... Desculpe, Jacob a levou para casa?

— Sim — grunhi. — Pode vir me buscar, por favor?

— Estou a caminho — ele disse prontamente. — Algum problema?

— Quero que Carlisle veja minha mão. Acho que está quebrada.

Houve um silêncio na sala da frente e eu me perguntei quando Jacob fugiria. Dei um sorriso cruel, imaginando seu desconforto.

— O que houve? — perguntou Edward, a voz ficando monótona.

— Eu dei um soco em Jacob — admiti.

— Que bom — disse Edward friamente. — Mas lamento que tenha se machucado.

Dei uma risada, porque ele parecia tão satisfeito quanto Charlie.

— Eu queria que ele se machucasse. — Suspirei de frustração. — Não provoquei dano algum.

— Nisso eu posso dar um jeito — propôs ele.

— Eu esperava que você dissesse isso.

Houve uma leve pausa.

— Isso não é típico de você — disse ele, agora preocupado. — O que ele fez?

— Ele me beijou — murmurei.

Só o que ouvi do outro lado da linha foi o som do motor acelerando.

Na outra sala, Charlie voltou a falar.

— Talvez você deva dar o fora, Jake — sugeriu ele.

— Acho que vou ficar por aqui, se não se importa.

— O funeral é seu — murmurou Charlie.

— O cachorro ainda está aí? — Edward enfim falou de novo.

— Está.

— Estou virando a esquina — disse ele sombriamente, e a linha caiu.

Enquanto eu desligava o telefone, sorrindo, ouvi o som do carro dele disparando pela rua. Os freios protestaram alto quando ele parou na frente da casa. Fui até a porta.

— Como está sua mão? — Charlie perguntou enquanto eu passava. Charlie parecia pouco à vontade. Jacob se refestelava ao lado dele no sofá, perfeitamente tranquilo.

Levantei o saco de gelo para mostrar.

— Está inchando.

— Talvez seja melhor escolher alguém do seu tamanho — sugeriu Charlie.

— Talvez — concordei. Fui abrir a porta. Edward esperava.

— Deixe-me ver — murmurou ele.

Ele examinou minha mão gentilmente, com tanto cuidado que não me causou

dor alguma. As mãos dele eram quase tão frias quanto o gelo, e a sensação era boa em minha pele.

— Acho que tem razão sobre a fratura — disse ele. — Estou orgulhoso de você. Deve ter esmurrado com força.

— Toda a minha força — eu suspirei. — Mas, ao que parece, não foi o bastante.

Ele beijou minha mão delicadamente.

— Vou cuidar dela — prometeu ele. E depois chamou: — Jacob — sua voz ainda baixa e tranquila.

— Ora, ora — alertou Charlie.

Ouvi Charlie se levantar do sofá. Jacob chegou ao corredor primeiro e com bem menos barulho, mas Charlie não estava longe dele. A expressão de Jacob era atenta e ansiosa.

— Não quero nenhuma briga, entenderam? — Charlie só olhou para Edward ao falar. — Posso meter meu distintivo nisso se quiser que meu pedido seja mais oficial.

— Isso não será necessário — disse Edward num tom reprimido.

— Por que não me prende, pai? — sugeri. — Fui eu que dei socos.

Charlie ergueu uma sobrancelha.

— Quer dar queixa, Jake?

— Não — Jake sorriu, incorrigível. — Vou pedir algo em troca um dia desses.

Edward fez uma careta.

— Pai, você não tem um bastão de beisebol em algum lugar do seu quarto? Quero emprestado por um minuto.

Charlie olhou para mim de maneira imparcial.

— Já chega, Bella.

— Vamos até Carlisle, para que ele veja sua mão antes que você pare numa cela de prisão — disse Edward. Ele pôs o braço à minha volta e me puxou para a porta.

— Tudo bem — eu disse, encostando-me nele. Eu não estava mais com tanta raiva, agora que Edward estava comigo. Sentia-me reconfortada e minha mão não me incomodava tanto.

Estávamos andando pela calçada quando ouvi Charlie sussurrar ansiosamente

atrás de mim.

— O que está fazendo? Ficou louco?

— Me dê um minuto, Charlie — respondeu Jacob. — Não se preocupe, eu volto logo.

Olhei para trás e Jacob estava nos seguindo, parando para fechar a porta na cara surpresa e inquieta de Charlie.

Edward o ignorou no início, levando-me até o carro. Ajudou-me a entrar, fechou a porta e se virou para encarar Jacob na calçada.

Inclinei-me ansiosa pela janela aberta. Dava para ver Charlie na casa, espiando pelas cortinas da sala.

A atitude de Jacob era despreocupada, os braços cruzados, mas os músculos do rosto estavam rígidos.

Edward falou num tom tão tranquilo e gentil, que tornou as palavras estranhamente mais ameaçadoras.

— Não vou matar você agora porque isso aborreceria a Bella.

— Humpf — grunhiu Jacob.

Edward virou-se devagar para me dar um sorriso rápido. Seu rosto ainda era calmo.

— Isso iria aborrecê-la pela manhã — disse ele, afagando os dedos em meu rosto.

Depois ele se virou para Jacob.

— Mas se você devolvê-la machucada novamente... e não me importa de quem seja a culpa, não me importo se ela apenas tropeçar ou se um meteoro cair do céu e a atingir na cabeça... se você devolvê-la a mim num estado menos perfeito do que eu a deixei, passará a correr com três pernas. Entendeu isso, vira-lata?

Jacob revirou os olhos.

— Quem vai voltar? — murmurei.

Edward continuou como se não tivesse me escutado.

— E se a beijar de novo, eu vou quebrar seu queixo por ela — prometeu ele, a voz ainda gentil, aveludada e letal.

— E se ela me quiser? — jactou-se Jacob, arrogante.

— Rá! — eu bufei.

— Se for o que ela quiser, eu não farei objeção. — Edward deu de ombros,

sem se deixar perturbar. — Mas você deveria esperar que ela diga isso, em vez de confiar em sua interpretação de linguagem corporal... mas é a sua cara.

Jacob sorriu.

— Vai sonhando — grunhi.

— Sim, ele sonha — murmurou Edward.

— Bom, se acabou de vasculhar minha cabeça — disse Jacob com uma pontada de irritação —, por que não vai cuidar da mão dela?

— Mais uma coisa — disse Edward devagar. — Eu também vou lutar por ela. Deve saber disso. Não acho que tenho tudo garantido, e vou lutar duas vezes mais que você.

— Que bom — grunhiu Jacob. — Não é divertido derrotar alguém que foge da raia.

— Ela é minha. — A voz baixa de Edward de repente era sombria, não tão composta quanto antes. — Eu não disse que faria uma luta justa.

— Nem eu.

— É melhor ter sorte.

Jacob assentiu.

— Sim, que vença o melhor homem.

— Isso parece certo... cachorrinho.

Jacob fez uma careta, depois recompôs o rosto e se inclinou por trás de Edward para sorrir para mim. Eu o fuzilei com os olhos.

— Espero que sua mão melhore logo. Eu lamento muito que tenha se machucado.

Agindo de modo infantil, desviei a cara.

Não olhei de novo enquanto Edward ia até o carro e sentava ao volante, então não sei se Jacob voltou para casa ou se continuou parado ali, me olhando.

— Como está se sentindo? — perguntou Edward ao nos afastarmos.

— Irritada.

Ele riu.

— Eu quis dizer sua mão.

Dei de ombros.

— Já esteve pior.

— É verdade — concordou ele, e franziu o cenho.

Edward contornou a casa e entrou na garagem. Emmett e Rosalie estavam ali,

as pernas perfeitas de Rosalie, reconhecíveis até em jeans, esticadas debaixo do jipe imenso de Emmett. Emmett estava sentado ao lado, a mão estendida embaixo do jipe na direção dela. Precisei de um momento para perceber que ele estava agindo como macaco hidráulico.

Emmett olhou curioso enquanto Edward me ajudava com cuidado a sair do carro. Seus olhos se fixaram na mão que eu aninhava no peito.

Emmett sorriu.

— Caiu de novo, Bella?

Eu o fuzilei com os olhos.

— Não, Emmett. Dei um soco na cara de um lobisomem.

Emmett piscou, depois soltou uma gargalhada trovejante.

Enquanto Edward me levava, passando por eles, Rosalie falou de baixo do carro.

— Jasper vai ganhar a aposta — disse ela, petulante.

O riso de Emmett parou imediatamente e ele me examinou com olhos atentos.

— Que aposta? — perguntei, parando.

— Vamos até Carlisle — instou Edward. Ele encarava Emmett. A cabeça se sacudiu infinitesimalmente.

— Que aposta? — insisti enquanto me virava para ele.

— Obrigado, Rosalie — murmurou ele enquanto estreitava o braço em minha cintura e me puxava para a casa.

— Edward... — murmurei.

— É infantil. — Ele deu de ombros. — Emmett e Jasper gostam de apostar.

— Emmett vai me contar. — Tentei me virar, mas seu braço era como ferro à minha volta.

Ele suspirou.

— Eles estão apostando em quantas vezes você... vai cometer um deslize no primeiro ano.

— Ah! — Eu fiz uma careta, tentando esconder o pavor repentino ao perceber o que ele queria dizer. — Eles apostaram quantas pessoas eu vou matar?

— Sim — admitiu ele de má vontade. — Rosalie acha que seu gênio vai colocar as chances a favor de Jasper.

Eu me senti meio tonta.

— Jasper está apostando alto.

— Ele se sentirá melhor se você tiver dificuldades para se adaptar. Está cansado de ser o elo mais fraco.

— Claro. É claro que sim. Acho que posso ser responsável por uns homicídios a mais, se isso deixar Jasper feliz. Por que não? — Eu estava tagarelando, minha voz monótona e fria. Em minha mente, eu via as manchetes de jornal, listas de nomes...

Ele me apertou.

— Não precisa se preocupar com isso agora. Na verdade, não tem que se preocupar com isso nunca, se não quiser.

Eu gemi, e Edward, achando que era a dor na mão que me incomodava, me puxou mais rápido para a casa.

Minha mão estava mesmo quebrada, mas não havia danos graves, só uma pequena fissura em uma articulação. Eu não queria engessar e Carlisle disse que eu poderia ficar com uma tala se prometesse manter a mão ali. Eu prometi.

Edward sabia que eu estava desligada enquanto Carlisle trabalhava para ajustar uma tala com cuidado em minha mão. Ele reclamou algumas vezes que eu estava com dor, mas garanti que não era por isso.

Como se eu precisasse de — ou mesmo tivesse espaço para — mais uma preocupação.

Todas as histórias de Jasper sobre vampiros recém-criados infiltraram-se em minha mente desde que ele explicou seu passado. Agora essas histórias entravam num foco nítido com a notícia da aposta dele e de Emmett. Desejei saber o que eles estavam apostando. Que prêmio seria motivador quando se tinha tudo?

Sempre soube que eu seria diferente. Eu esperava que fosse tão forte como disse Edward. Forte, rápida e, acima de tudo, bonita. Alguém que pudesse ficar ao lado de Edward e sentir que aquele era o seu lugar.

Estive tentando não pensar demais nas outras coisas que eu seria. Descontrolada. Sedenta de sangue. Talvez eu não fosse capaz de me reprimir para não matar pessoas. Estranhos, pessoas que nunca me fizeram mal. Pessoas como o número cada vez maior de vítimas em Seattle, que tinham famílias, amigos e futuro. Pessoas que tinham uma vida. E eu podia ser o monstro que tiraria isso delas.

Mas, na verdade, eu podia lidar com essa parte — porque confiava em

Edward, confiava absolutamente nele, que me manteria longe de tomar alguma atitude de que eu me arrependesse. Eu sabia que ele me levaria para a Antártida e caçaria pinguins se eu lhe pedisse. E eu faria o que fosse para ser uma boa pessoa. Uma boa vampira. Essa ideia teria me feito rir, se não fosse pela nova preocupação.

Porque, se eu realmente fosse algo assim — como as imagens de pesadelo de recém-criados que Jasper pintara em minha mente —, poderia mesmo ser eu? E se tudo o que eu quisesse fosse matar pessoas, o que aconteceria com meus desejos de agora?

Edward estava muito obcecado em fazer com que eu não perdesse nada enquanto fosse humana. Em geral, isso parecia meio tolo. Não havia muitas experiências humanas que eu estivesse preocupada em não perder. Desde que estivesse com Edward, o que mais poderia querer?

Fitei seu rosto enquanto olhava Carlisle tratar minha mão. Não havia nada no mundo que eu quisesse mais do que ele. Será que isso poderia mudar?

Haveria uma experiência humana que eu não estivesse disposta a perder?

16. MARCO

— NÃO TENHO NADA PARA VESTIR! — GEMI COMIGO MESMA.

Cada peça de roupa que eu tinha estava espalhada em minha cama; as gavetas e os armários, vazios. Olhei os nichos sem nada, desejando que aparecesse alguma peça adequada.

Minha saia cáqui estava nas costas da cadeira de balanço, esperando que eu descobrisse algo que combinasse perfeitamente com ela. Algo que me deixasse bonita e adulta. Algo que dissesse ocasião especial. Não estava rolando.

Era quase hora de sair e eu ainda vestia meus moletons velhos preferidos. Se não encontrasse algo melhor ali — e, àquela altura, as chances eram poucas —, iria à formatura com eles.

Fiz cara feia para a pilha de roupas na cama.

O que mais me irritava era que eu sabia exatamente o que teria usado se ainda estivesse disponível — minha blusa vermelha, sequestrada. Dei um soco na parede com a mão boa.

— Vampiro idiota, ladrão, irritante! — grunhi.

— O que foi que eu fiz? — perguntou Alice.

Ela estava despreocupadamente encostada ao lado da janela aberta, como se tivesse ficado ali o tempo todo.

— Toc, toc — acrescentou com um sorriso malicioso.

— É tão difícil assim esperar que eu chegue até a porta?

Ela atirou uma caixa branca e achatada em minha cama.

— Só estava de passagem. Pensei que pudesse precisar de uma roupa.

Olhei o pacote grande, colocado sobre todas as peças de meu frustrante guarda-roupa, e fiz uma careta.

— Admita — disse Alice. — Estou salvando sua vida.

— Você está salvando minha vida — murmurei. — Obrigada.

— Bem, é ótimo acertar, para variar. Você não sabe como isso é irritante... deixar passar isso ou aquilo, como tenho feito. Fico me sentindo tão inútil. Tão...

normal. — Ela se encolheu, com horror da palavra.

— Nem imagino como deve ser horrível. Ser normal? Eca.

Ela riu.

— Bem, pelo menos isso compensa por ter perdido seu ladrão irritante... Agora só preciso descobrir o que não estou vendo em Seattle.

Quando ela colocou as palavras daquela maneira — unindo os dois fatos na mesma frase —, tive o estalo. Aquilo que vinha fugindo de mim e me incomodava havia dias, a ligação importante que eu não conseguia estabelecer de repente ficou clara. Eu a fitei, meu rosto paralisado com a expressão, qualquer que fosse, que já estivesse ali.

— Não vai abrir? — perguntou ela.

Como não me mexi de imediato, Alice suspirou e tirou ela mesma a tampa da caixa. Apanhou algo e o ergueu, mas eu não conseguia me concentrar no que era aquilo.

— Lindo, não acha? Escolhi azul porque sei que é a cor que Edward mais gosta em você.

Eu não estava ouvindo.

— É o mesmo — sussurrei.

— Como é? — perguntou ela. — Você não tem nada igual a isso. Pelo amor de Deus, você só tem uma saia!

— Não, Alice! Esqueça as roupas e escute!

— Não gostou? — O rosto de Alice se fechou em decepção.

— Escute, Alice, não está vendo? É o mesmo! Aquele que entrou e roubou meus pertences e os vampiros novatos em Seattle. Eles estão juntos!

As roupas deslizaram por seus dedos e caíram na caixa.

Alice agora estava concentrada, a voz de repente cortante.

— Por que acha isso?

— Lembra o que Edward disse? Sobre alguém que estivesse usando os hiatos em sua visão para impedi-la de ver os recém-criados? E depois o que você disse antes, sobre o timing ser tão perfeito... O cuidado que o ladrão teve de não fazer contato, como se soubesse que você veria isso. Acho que você tinha razão, Alice, acho que ele sabia. Acho que ele também estava usando esses hiatos. E quais são as chances de duas pessoas diferentes não só saberem o bastante sobre você para fazer isso, mas também decidirem agir exatamente ao mesmo tempo? Nenhuma.

É uma pessoa só. A mesma. Quem está formando o exército é quem roubou meu cheiro.

Alice não estava acostumada a ser pega de surpresa. Ficou paralisada, e continuou assim por tanto tempo que comecei a contar mentalmente enquanto esperava. Ela não se mexeu por dois minutos inteiros. Depois seus olhos voltaram a se concentrar em mim.

— Tem razão — disse num tom vazio. — É claro que você tem razão. E quando você coloca dessa maneira...

— Edward entendeu tudo errado — sussurrei. — Era um teste... Para ver se funcionaria. Se ele conseguiria entrar e sair com segurança desde que não fizesse nada que você pudesse estar observando. Como tentar me matar... E ele não pegou meus objetos para mostrar que tinha me encontrado. Ele roubou meu cheiro... pois assim os outros podem me encontrar.

Os olhos de Alice estavam arregalados de choque. Eu tinha razão, e dava para ver que ela sabia disso.

— Ah, não — murmurou ela.

Eu contava que minhas emoções não fizessem mais sentido. Enquanto processava o fato de que alguém havia criado um exército de vampiros — o exército que assassinara terrivelmente dezenas de pessoas em Seattle — com o propósito expresso de me destruir, senti um espasmo de alívio.

Em parte, por enfim acabar com a sensação irritante de que estava deixando passar algo essencial.

Mas o motivo maior era inteiramente diferente.

— Bem — sussurrei —, todos podem relaxar. Ninguém está tentando exterminar os Cullen, afinal.

— Se acha que algo mudou, está redondamente enganada — disse Alice entredentes. — Se alguém quer um de nós, terá de passar por todos os outros para conseguir.

— Obrigada, Alice. Mas pelo menos sabemos o que eles de fato querem. Isso deve ajudar.

— Talvez — murmurou ela. E começou a andar de um lado a outro do quarto.

Bam, bam — um punho bateu em minha porta.

Dei um salto. Alice nem pareceu perceber.

— Ainda não está pronta? Vamos chegar atrasados! — reclamou Charlie, parecendo tenso. Charlie odiava ocasiões festivas tanto quanto eu. No caso dele, grande parte do problema era precisar se vestir bem.

— Quase. Preciso de um minuto — disse eu, com a voz rouca.

Ele ficou em silêncio por meio segundo.

— Está chorando?

— Não. Estou nervosa. Pode ir.

Eu o ouvi descer a escada.

— Tenho que ir — sussurrou Alice.

— Por quê?

— Edward está vindo. Se ele escutar isso...

— Vai, vai! — insisti na mesma hora.

Edward ficaria furioso quando soubesse. Eu não poderia esconder aquilo por muito tempo, mas talvez a cerimônia de formatura não fosse o melhor momento para a reação dele.

— Vista isso — ordenou Alice enquanto saía pela janela.

Fiz o que ela disse, vestindo-me, tonta.

Tinha planejado fazer algo mais sofisticado com o cabelo, mas o tempo se esgotara, então ficou esticado e sem graça como em qualquer outro dia. Não importava. Não me incomodei em me olhar no espelho, então não fazia ideia de como o suéter e a saia de Alice tinham ficado em mim. Isso também não importava. Atirei no braço a horrorosa beca de formatura de poliéster amarelo e corri escada abaixo.

— Você está bonita — disse Charlie, já rouco, segurando a emoção. — É novo?

— É — murmurei, tentando me concentrar. — Alice me deu. Obrigada.

Edward chegou alguns minutos depois de a irmã sair. Não houve tempo suficiente para eu montar uma expressão tranquila. Mas, como estávamos na viatura com Charlie, ele não teve oportunidade de me perguntar o que havia de errado.

Charlie ficou irredutível na última semana, quando soube que eu pretendia ir à cerimônia de formatura de carona com Edward. E eu entendia o lado dele — os pais devem ter alguns direitos no dia da formatura. Concordei de bom grado e Edward sugeriu alegremente que todos fôssemos juntos. Uma vez que Carlisle e

Esme não viram problemas nisso, Charlie não pôde fazer qualquer objeção convincente; ele concordou, de mau grado. Agora Edward estava no banco traseiro da viatura policial de meu pai, atrás da divisória de fibra de vidro, com cara de quem se divertia — talvez por causa da expressão alegre de meu pai e do sorriso que se alargava a cada vez que Charlie olhava Edward pelo retrovisor. O que quase certamente significava que Charlie estava imaginando coisas que o meteriam em problemas comigo se ele pensasse em voz alta.

— Está tudo bem com você? — sussurrou Edward ao me ajudar a sair do banco da frente, no estacionamento da escola.

— Nervosa — respondi, e não era mesmo mentira.

— Você está muito bonita — disse ele.

Ele parecia querer falar mais, mas Charlie, numa manobra evidente que ele pretendia que fosse sutil, meteu-se entre nós e colocou o braço em meus ombros.

— Está animada? — perguntou.

— Na verdade, não — admiti.

— Bella, é uma grande ocasião. Você está se formando no ensino médio. Agora vem o mundo real. A faculdade. Morar sozinha... Você não é mais a minha garotinha. — A voz de Charlie saiu sufocada no final.

— Pai — eu gemi. — Por favor, não fique todo sentimental comigo.

— Quem está sentimental? — grunhiu ele. — Agora, por que não está animada?

— Não sei, pai. Acho que a ficha ainda não caiu, sei lá.

— Ainda bem que Alice está dando essa festa. Você precisa de algo para se animar.

— Claro. É exatamente de uma festa que eu preciso.

Charlie riu de meu tom de voz e abraçou meus ombros com força. Edward olhou as nuvens, a expressão pensativa.

Meu pai teve de nos deixar na porta dos fundos do ginásio de esportes e dar a volta até a entrada principal, com os outros pais.

Estava um pandemônio enquanto a Srta. Cope, da administração, e o Sr. Varner, o professor de matemática, tentavam colocar todos na fila em ordem alfabética.

— Na frente, Sr. Cullen — ladrou o Sr. Varner para Edward.

— Oi, Bella!

Vi Jessica Stanley acenando para mim do final da fila, com um sorriso no rosto.

Edward me deu um beijo rápido, suspirou e foi para perto do pessoal de letra C. Alice não estava ali. O que ela ia fazer? Matar a formatura? Que timing infeliz, o meu. Devia ter esperado para fazer as deduções depois que aquilo tivesse terminado.

— Aqui, Bella! — gritou Jessica de novo.

Andei pela fila para tomar meu lugar atrás dela, um pouco curiosa por ela de repente ter ficado tão simpática. Enquanto me aproximava, vi Angela a cinco pessoas de distância, olhando Jessica com a mesma curiosidade. Jess tagarelava antes que eu conseguisse escutar.

— ... isso é tão incrível. Quer dizer, parece que acabamos de nos conhecer e agora estamos nos formando juntas — tagarelava ela. — Dá para acreditar que acabou? Tenho vontade de gritar!

— Eu também — murmurei.

— É tudo tão inacreditável. Você se lembra de seu primeiro dia aqui? Éramos amigas, como agora. Desde a primeira vez em que nos vimos. Incrível. E agora vou para a Califórnia e você vai para o Alasca, e eu vou sentir tanto sua falta! Você tem que prometer que vamos nos ver algumas vezes! Estou tão feliz por você dar a festa. É perfeito. Porque na verdade nós não passamos muito tempo juntas por algum tempo e todos vão embora...

Ela continuou sem parar, e eu tinha certeza de que o retorno repentino de nossa amizade se devia à nostalgia da formatura e à gratidão pelo convite para a festa, não que eu tivesse algo a ver com isso. Prestei o máximo de atenção que pude enquanto vestia minha beca. E descobri que estava feliz que tudo terminasse bem com Jessica.

Porque era um fim, não importava o que Eric, o orador da turma, tivesse a dizer sobre a colação de grau significar o "início" e todo o restante do absurdo trivial. Talvez mais para mim do que para os demais, mas estávamos todos abandonando alguma coisa ali.

Foi tudo muito rápido. Parecia que eu tinha apertado o botão de avançar. Era para andarmos tão depressa assim? E depois Eric estava falando acelerado de tão nervoso, as palavras e as frases atropelando-se de tal modo que não faziam mais sentido. O diretor Greene começou a chamar os nomes, um após o outro, sem

uma boa pausa; a fila em frente ao ginásio acelerava para acompanhar. A pobre da Srta. Cope estava toda desajeitada ao tentar passar ao diretor o diploma certo a entregar ao estudante certo.

Observei enquanto Alice, que apareceu de repente, dançou pelo palco para pegar o dela com um olhar de profunda concentração. Edward a seguiu, a expressão confusa, mas não aborrecida. Só aqueles dois conseguiam usar aquela beca amarela horrorosa e ainda assim continuar bonitos. Eles se destacavam do resto da multidão, com sua beleza e graça de outro mundo. Perguntei-me como pude ter caído naquela sua farsa sobre serem humanos. Um casal de anjos, parado ali com as asas intactas, seria mais discreto.

Ouvi o Sr. Greene chamar meu nome e me levantei da cadeira, esperando que a fila diante de mim se mexesse. Percebi os gritos no fundo do ginásio e olhei em volta. Vi Jacob colocando Charlie de pé, os dois gritando e me encorajando. Pude distinguir apenas o alto da cabeça de Billy, ao lado do cotovelo de Jake. Consegui lançar a eles algo parecido com um sorriso.

O Sr. Greene terminou a lista de nomes, depois continuou a entregar diplomas com um sorriso tímido enquanto a fila andava.

— Meus parabéns, Srta. Stanley — murmurou ele enquanto Jessica pegava o dela.

— Meus parabéns, Srta. Swan — murmurou ele para mim, colocando o diploma em minha mão boa.

— Obrigada — murmurei.

E foi isso.

Fui me sentar ao lado de Jessica, com os formados. Jess estava completamente vermelha em volta dos olhos e secava o rosto com a manga da beca. Precisei de um segundo para entender que ela estava chorando.

O Sr. Greene falou algo que não ouvi e todos à minha volta gritaram. Choveram chapéus amarelos. Eu tirei o meu, tarde demais. E deixei que caísse no chão.

— Ah, Bella! — tagarelou Jess mais alto que o repentino rugido de conversas. — Nem acredito que terminamos.

— Eu não acredito que tudo terminou — murmurei.

Ela atirou os braços em meu pescoço.

— Tem que me prometer que não vamos perder contato.

Retribuí o abraço, com uma sensação estranha enquanto me esquivava de seu pedido.

— Gostei muito de conhecer você, Jessica. Foram dois anos muito bons.

— Foram — suspirou ela, e fungou. Depois soltou os braços. — Lauren! — gritou, acenando com a mão no alto e abrindo caminho por entre as becas amarelas e amontoadas. As famílias começavam a convergir, cada vez mais nos espremendo.

Pude ver Angela e Ben, mas eles estavam cercados pelos familiares. Iria cumprimentá-los mais tarde.

Estiquei o pescoço, procurando por Alice.

— Parabéns — sussurrou Edward em meu ouvido, os braços envolvendo minha cintura. Sua voz era contida; ele não tinha a menor pressa de que aquele marco em particular chegasse.

— Hmmm, obrigada.

— Você ainda não parece mais calma — observou ele.

— Ainda não.

— O que resta para se preocupar? A festa? Não vai ser assim tão terrível.

— Você deve ter razão.

— Quem está procurando?

Minha busca não era tão sutil como eu pensava.

— Alice... Onde ela está?

— Ela correu assim que pegou o diploma.

A voz dele assumiu um novo tom. Olhei para ele e vi sua expressão confusa enquanto fitava a porta dos fundos do ginásio, e tomei uma decisão impulsiva — do tipo que eu realmente devia repensar, mas raras vezes o fazia.

— Preocupado com Alice? — perguntei.

— Er... — Ele não queria responder.

— Em que ela estava pensando, aliás? Sabe, para esconder de você o que quer que seja.

Seus olhos faiscaram para meu rosto e se estreitaram, desconfiados.

— Ela estava traduzindo o Hino da República para o árabe. Quando terminou, passou para o coreano.

Eu ri de nervoso.

— Acho que isso manteria mesmo a cabeça dela ocupada.

— Você sabe o que ela está escondendo de mim — acusou ele.

— Claro. — Dei um sorriso amarelo. — Fui eu que comecei tudo.

Ele esperou, confuso.

Olhei em volta. Charlie agora estaria atravessando a multidão.

— Conhecendo Alice — sussurrei com pressa —, ela deve tentar esconder isso de você até o fim da festa. Mas, já que eu faria qualquer coisa para a festa ser cancelada... Bem, não fique nervoso, independentemente de qualquer coisa, está bem? É sempre melhor saber o máximo possível. Pode ajudar, de alguma forma.

— Do que você está falando?

Vi que a cabeça de Charlie subia e descia acima das outras enquanto procurava por mim. Ele me localizou e acenou.

— Fique calmo, está bem?

Ele assentiu, a boca numa linha severa.

Aos sussurros, apressada, expliquei meu raciocínio.

— Acho que você estava enganado sobre sermos atingidos de todos os lados. Acho que tudo isso vem principalmente de um só lado... A intenção, na verdade, é me atingir. Tudo está ligado, faz sentido. Há uma única pessoa confundindo as visões de Alice. O estranho em meu quarto era um teste, para ver se alguém poderia se esquivar dela. Só pode ser a mesma pessoa, mudando de ideia, e os recém-criados, e roubando minhas roupas... tudo isso é uma coisa só. Meu cheiro é para eles.

O rosto dele ficou tão branco que tive dificuldade de terminar.

— Mas ninguém está atrás de vocês, não entende? Isso é bom... Esme, Alice e Carlisle, ninguém quer feri-los!

Seus olhos ficaram enormes, arregalados de pânico, confusos e apavorados. Ele, assim como Alice, percebeu que eu tinha razão.

Pus a mão em seu rosto.

— Calma — pedi.

— Bella! — Charlie gritou com alegria, abrindo caminho por entre as famílias espremidas à nossa volta.

— Meus parabéns, menina! — Ainda gritava, embora estivesse bem ao meu lado. Ele me abraçou, mesmo tendo de empurrar Edward um pouco para fazer isso.

— Obrigada — murmurei, preocupada com a expressão de Edward.

Ele ainda não havia recuperado o controle. As mãos estavam quase estendidas em minha direção, como se fosse me pegar e fugir dali. Embora eu estivesse um pouco mais controlada, correr não parecia uma ideia tão terrível.

— Jacob e Billy tiveram de ir embora... Viu que eles estavam aqui? — perguntou Charlie, recuando um passo, mas deixando as mãos em meus ombros. Ele estava de costas para Edward — provavelmente, uma tentativa de excluí-lo, mas no momento isso era bom. A boca de Edward estava escancarada, os olhos ainda arregalados de medo.

— Sim — garanti a meu pai, tentando prestar atenção. — Eu os ouvi também.

— Foi legal da parte deles terem vindo — disse Charlie.

— Arrã.

Tudo bem, contar a Edward fora uma ideia muito ruim. Alice tinha razão em manter seus pensamentos encobertos. Eu devia ter esperado até que estivéssemos a sós em algum lugar, talvez com a família dele. E sem nada frágil por perto — como janelas... carros... prédios da escola. O rosto dele trouxe de volta todo meu medo e mais um pouco. Mas sua expressão naquele momento extrapolara o medo — era pura fúria o que de repente ficou nítido em suas feições.

— E, então, onde quer jantar? — perguntou Charlie. — O céu é o limite.

— Eu posso fazer a comida.

— Não seja boba. Quer ir ao Lodge? — perguntou ele, com um sorriso ansioso.

Eu não gostava particularmente do restaurante preferido do meu pai, mas, àquela altura, faria alguma diferença? Eu não conseguiria mesmo comer.

— Claro, o Lodge, ótimo — disse.

O sorriso de Charlie se alargou ainda mais, depois ele suspirou. Virou um pouco a cabeça para Edward, sem realmente olhar para ele.

— Você também vem, Edward?

Eu o fitei com olhos suplicantes. Edward recompôs a expressão pouco antes de Charlie se virar para ver por que não recebera uma resposta.

— Não, obrigado — disse Edward, áspero, a expressão dura e fria.

— Tem planos com seus pais? — perguntou Charlie, com uma voz rabugenta. Edward era sempre mais educado do que Charlie merecia; a hostilidade repentina o surpreendeu.

— Sim. Se me derem licença... — Edward se virou abruptamente e se afastou na multidão que diminuía. Movimentou-se um pouco rápido demais, bastante aborrecido para manter seu disfarce, em geral perfeito.

— O que foi que eu disse? — perguntou Charlie, com uma expressão de culpa.

— Não se preocupe, pai — eu o tranquilizei. — Não acho que seja por sua causa.

— Vocês brigaram de novo?

— Ninguém está brigando. Cuide do que é da sua conta.

— Você é da minha conta.

Eu revirei os olhos.

— Vamos comer.

O Lodge estava abarrotado. Na minha opinião, o lugar era caro e brega, mas era o que a cidade tinha de mais parecido com um restaurante elegante, então a procura era sempre grande em ocasiões festivas. Fiquei observando com melancolia a cabeça empalhada de um alce deprimido, enquanto Charlie comia costeletas e falava com os pais de Tyler Crowley por cima das costas da cadeira. Estava barulhento — todos ali vinham da formatura e a maioria conversava pelos corredores e por cima dos reservados, como Charlie.

Eu estava de costas para a janela da frente e resisti ao impulso de me virar e procurar pelos olhos que podia sentir sobre mim. Sabia que não conseguiria ver nada. Assim como sabia que não havia possibilidade de ele me deixar desprotegida, nem por um segundo. Não depois daquilo.

O jantar se arrastava. Charlie, ocupado socializando, comeu muito devagar. Eu remexia meu hambúrguer, enfiando pedaços no guardanapo quando tinha certeza de que a atenção dele estava em outro lugar. Tudo parecia consumir um tempo longo demais, mas quando eu olhava o relógio — o que fiz com uma frequência maior do que a necessária —, os ponteiros não tinham se movido muito.

Por fim Charlie pegou o troco e colocou a gorjeta na mesa. Eu me levantei.

— Está com pressa? — perguntou-me.

— Quero ajudar Alice nos preparativos — argumentei.

— Tudo bem. — Ele se afastou para se despedir de todos. Eu saí para esperar ao lado da viatura.

Fiquei encostada na porta do carona, esperando que Charlie se arrastasse para

fora da festa improvisada. Estava quase escuro no estacionamento, as nuvens tão carregadas que não havia como saber se o sol tinha ou não se posto. O ar parecia pesado, como se estivesse a ponto de chover.

Algo se moveu nas sombras.

Meu arfar se transformou num suspiro de alívio quando Edward surgiu das sombras.

Sem nada dizer, ele me puxou para seu peito. A mão fria encontrou meu queixo e ergueu meu rosto, para que seus lábios duros se juntassem aos meus. Eu podia sentir a tensão em seu maxilar.

— Como você está? — perguntei assim que ele me deixou respirar.

— Não muito bem — murmurou ele. — Mas estou mais controlado. Desculpe por ter sumido de lá.

— A culpa foi minha. Devia ter esperado para lhe contar.

— Não — discordou ele. — Eu precisava saber. Nem acredito que não percebi!

— Você tinha muitas preocupações.

— E você não?

Ele de repente me beijou de novo, sem deixar que eu respondesse. Afastou-se depois de um segundo.

— Charlie está vindo.

— Ele vai me deixar na sua casa.

— Sigo vocês até lá.

— Na verdade, não precisa — tentei dizer, mas ele já havia ido.

— Bella? — Charlie chamou da porta do restaurante, semicerrando os olhos no escuro.

— Estou aqui fora.

Ele andou devagar até o carro, resmungando sobre a impaciência.

— E, então, como está se sentindo? — perguntou-me enquanto me levava para o norte pela via expressa. — Foi um grande dia.

— Estou bem — menti.

Ele riu, percebendo isso com facilidade.

— Preocupada com a festa? — perguntou.

— É — menti de novo.

Dessa vez ele não percebeu.

— Você nunca foi muito de festas.

— De onde será que vem isso? — murmurei.

Charlie riu.

— Bem, você está muito bonita. Queria ter pensado em lhe comprar algum presente. Desculpe.

— Não seja bobo, pai.

— Não é bobeira. Sinto que nem sempre fiz tudo o que devia por você.

— Isso é ridículo. Você fez um trabalho incrível. O melhor pai do mundo. E... — Não era fácil falar de sentimentos com Charlie, mas insisti, depois de um pigarro. — E estou muito feliz por ter vindo morar com você, pai. Foi a melhor ideia que já tive. Então, não se preocupe... Você só está passando pelo "pessimismo pós-formatura".

Ele soltou um suspiro.

— Talvez. Mas tenho certeza de que errei em alguns pontos. Quero dizer, olhe para sua mão!

Fitei inexpressivamente minhas mãos. A esquerda estava pousada de leve na tala escura na qual eu raras vezes pensava. Minha articulação quebrada agora não doía tanto.

— Nunca pensei que fosse precisar ensinar a você como dar um soco. Acho que errei nisso.

— Pensei que estivesse do lado de Jacob.

— Não importa de que lado estou, se alguém a beija sem sua permissão, é bom ser capaz de expressar seus sentimentos sem se machucar. Você não deixou o polegar dentro do punho, deixou?

— Não, pai. Isso é até fofo, mesmo que de um jeito esquisito, mas não acho que as aulas teriam ajudado. A cabeça do Jacob é dura mesmo.

Charlie riu.

— Da próxima vez, acerte o estômago dele.

— Da próxima vez? — perguntei, incrédula.

— Ai, não seja tão dura com o garoto. Ele é jovem.

— Ele é arrogante.

— Ele ainda é seu amigo.

— Eu sei — suspirei. — Não sei mesmo qual é a atitude certa a tomar nesse caso, pai.

Charlie assentiu devagar.

— É. O certo nem sempre é muito óbvio. Às vezes o certo para uma pessoa é o errado para outra. Então... boa sorte quando decidir.

— Obrigada — murmurei, seca.

Charlie riu de novo, depois franziu o cenho.

— Se essa festa ficar louca demais... — começou ele.

— Não se preocupe, pai. Carlisle e Esme estarão lá. Tenho certeza de que você pode vir também, se quiser.

Charlie fez uma careta enquanto semicerrava os olhos, fitando a noite pelo para-brisa. Charlie gostava de uma boa festa tanto quanto eu.

— Mas onde está a entrada, de novo? — perguntou. — Eles deviam ter limpado esse caminho... É impossível encontrá-la no escuro.

— Pegando a próxima esquina, eu acho — franzi os lábios. — Quer saber, você tem razão... Não dá para encontrar. Alice disse que fez um mapa no convite, mas, mesmo assim, é possível que todos se percam. — Eu me animei um pouco com a ideia.

— Talvez — disse Charlie, enquanto a estrada fazia uma curva para o leste. — Ou talvez não.

A escuridão de veludo escuro foi interrompida mais à frente, onde devia estar a entrada dos Cullen. Alguém tinha enrolado milhares de luzes de pisca-pisca nas duas árvores em cada lado da entrada, era impossível errar.

— Alice — falei, com tristeza.

— Puxa vida — disse Charlie ao pegar o caminho. As árvores ali não eram as únicas acesas. Mais ou menos a cada seis metros outro farol iluminado nos guiava até a grande casa branca. Em todo o caminho, por todos os cinco quilômetros.

— Ela não faz nada pela metade, não é? — murmurou Charlie, pasmo.

— Tem certeza de que não quer entrar?

— Certeza absoluta. Divirta-se, garota.

— Muito obrigada, pai.

Ele ria sozinho enquanto eu saía do carro e fechava a porta. Eu o vi se afastar, ainda sorrindo. Com um suspiro, subi a escada para enfrentar minha festa.

17. ALIANÇA

— BELLA?

A voz suave de Edward surgiu atrás de mim. Eu me virei e o vi disparando com leveza pela escada da varanda, o cabelo esvoaçando. Ele me tomou nos braços num só movimento, como tinha feito no estacionamento, e me beijou de novo.

Esse beijo me assustou. Havia tensão demais, foi muito brusca a pressão de seus lábios nos meus — como se ele estivesse com medo de termos pouco tempo para nós dois.

Eu não podia me permitir pensar naquilo. Não se precisava agir como um ser humano nas próximas horas. Afastei-me dele.

— Vamos passar logo por essa festa idiota — murmurei, sem encontrar seus olhos.

Ele pôs as mãos em meu rosto e esperou até que eu o olhasse.

— Não vou deixar que nada lhe aconteça.

Toquei seus lábios com os dedos da mão boa.

— Não estou tão preocupada comigo.

— Por que isso não me surpreende? — murmurou ele consigo mesmo. Edward respirou fundo, depois sorriu um pouco. — Pronta para comemorar? — perguntou.

Eu gemi.

Ele abriu a porta para mim, com o braço firme em minha cintura. Fiquei paralisada por um minuto, depois sacudi a cabeça devagar.

— Inacreditável.

Edward deu de ombros.

— Alice vai ser sempre Alice.

O interior da casa dos Cullen fora transformado numa boate — do tipo que não se vê muito na vida real, só na tevê.

— Edward! — chamou ela, ao lado de uma caixa de som gigante. — Preciso de seu conselho. — E gesticulou para uma pilha imensa de CDs. — Devemos dar

a eles o familiar e confortável? Ou — gesticulou para outra pilha — educar seu gosto musical?

— Fique no confortável — recomendou Edward. — Só é possível levar o cavalo à água.

Alice assentiu, séria, e começou a atirar os CDs educativos numa caixa. Percebi que ela trocara de roupa; usava um top de lantejoulas e calça de couro vermelha. Sua pele nua reagia estranhamente às luzes pulsantes vermelhas e roxas.

— Acho que estou malvestida.

— Você está perfeita — discordou Edward.

— Vai ficar — corrigiu Alice.

— Obrigada — suspirei. — Acha mesmo que as pessoas virão? — Qualquer um podia ouvir a esperança em minha voz. Alice fez uma careta para mim.

— Todos virão — respondeu Edward. — Todos estão morrendo de vontade de ver como é por dentro a casa misteriosa dos reclusos Cullen.

— Fabuloso — gemi.

Não havia nada que eu pudesse fazer para ajudar. Duvidava que fosse capaz de fazer as coisas como Alice mesmo depois que não precisasse dormir e me movesse com mais rapidez.

Edward recusou-se a me deixar por um segundo que fosse, arrastando-me com ele enquanto procurava Jasper e depois Carlisle para falar de minha revelação. Com um pavor mudo, eu os ouvi discutir o ataque ao exército de Seattle. Eu sabia que Jasper não estava satisfeito com o contingente, mas eles não haviam conseguido fazer contato com ninguém além da relutante família de Tanya. Jasper não tentou esconder seu desespero, como Edward teria feito. Era fácil ver que ele não gostava de apostar tão alto.

Eu não podia ficar para trás, esperando e torcendo para que eles voltassem para casa. Não ia fazer isso. Eu enlouqueceria.

A campainha tocou.

De repente, tudo ficou surrealmente normal. Um sorriso perfeito, genuíno e caloroso substituiu o estresse no rosto de Carlisle. Alice aumentou o volume da música, depois bailou até a porta.

Era um Suburban lotado com meus amigos, nervosos ou intimidados demais para chegar sozinhos. Jessica foi a primeira a aparecer na porta, com Mike ao lado. Tyler, Conner, Austin, Lee, Samantha... até Lauren, que apareceu por último, os

olhos críticos brilhando de curiosidade. Todos estavam curiosos, e depois abismados ao verem a sala imensa decorada como uma rave chique. A sala não estava vazia; todos os Cullen tinham assumido seus lugares, prontos para usar sua sempre perfeita fachada humana. Naquela noite eu me sentia atuando tanto quanto eles.

Fui cumprimentar Jess e Mike, na esperança de que a tensão em minha voz transparecesse o tipo certo de empolgação. Antes que eu pudesse me aproximar de mais alguém, a campainha voltou a tocar. Recebi Angela e Ben e deixei a porta aberta, porque Eric e Katie se aproximavam da escada.

Não houve outra oportunidade de entrar em pânico. Tive de conversar com todos e me concentrar em ser a anfitriã animada. Embora a festa tivesse sido divulgada como um evento meu, de Alice e de Edward, não havia como negar que eu era o alvo mais popular dos parabéns e dos agradecimentos. Talvez porque os Cullen parecessem um pouco deslocados sob as luzes de festa de Alice. Talvez porque as luzes deixassem a sala escura e misteriosa. Não havia clima para um ser humano comum se sentir relaxado, parado ao lado de alguém como Emmett. Vi Emmett sorrir para Mike perto da mesa com a comida, as luzes vermelhas reluzindo em seus dentes, e observei Mike automaticamente dar um passo para trás.

Provavelmente Alice tinha feito de propósito, para me obrigar a ser o centro das atenções — uma posição que, na opinião dela, eu devia aproveitar mais. Ela sempre tentava me fazer ser humana do modo como pensava que os humanos eram.

A festa foi um sucesso evidente, apesar da tensão instintiva causada pela presença dos Cullen — ou talvez isso só acrescentasse uma atmosfera de excitação. A música era contagiante, as luzes, quase hipnóticas. Pelo modo como a comida desapareceu, devia estar boa também. A sala logo ficou abarrotada, mas em momento nenhum claustrofóbica. Parecia que toda a turma do último ano estava presente, junto com a maioria dos calouros. Os corpos se agitavam na batida que ressoava sob seus pés, a festa o tempo todo no limite de virar uma boate.

Não foi tão difícil quanto eu pensava. Segui o exemplo de Alice, misturando-me e conversando por um minuto com todos. Eles pareciam bastante à vontade. Eu tinha certeza de que aquela era a festa mais descolada já feita em Forks. Alice estava quase sem fôlego — ninguém ali se esqueceria daquela noite.

Dei uma volta na sala e estava de novo com Jessica. Ela tagarelava animada e não era preciso prestar total atenção, porque era provável que tão cedo não precisasse de qualquer resposta minha. Edward estava a meu lado — ainda se recusando a me largar. Mantinha a mão firme em minha cintura, e de vez em quando me puxava para mais perto, em reação aos pensamentos que eu provavelmente não ia querer ouvir.

Então, quando ele soltou o braço e se afastou de mim, desconfiei na mesma hora.

— Fique aqui — murmurou ele em minha orelha. — Volto logo.

Atravessou a multidão com elegância, aparentemente sem tocar nenhum daqueles corpos próximos, afastando-se tão rápido que não pude perguntar por que estava saindo. Eu o fitei com os olhos semicerrados enquanto Jessica gritava ansiosa mais alto que a música, pendurada em meu cotovelo, sem perceber minha distração.

Eu o vi quando chegou à sombra escura ao lado da porta da cozinha, onde as luzes só brilhavam em intervalos. Estava inclinado na direção de alguém, mas não pude ver quem era com todas aquelas cabeças entre nós.

Fiquei na ponta dos pés, esticando o pescoço. Naquele momento, uma luz vermelha piscou nas costas dele e cintilou nas lantejoulas vermelhas da blusa de Alice. A luz só tocou o rosto dela por meio segundo, mas foi o bastante.

— Um minuto, Jess — murmurei, puxando meu braço. Não parei para ver a reação dela, nem checar se tinha ferido seus sentimentos com minha rispidez.

Abri caminho por entre as pessoas, ganhei alguns empurrões. Havia gente dançando agora. Corri para a porta da cozinha.

Edward se fora, mas Alice ainda estava ali no escuro, o rosto inexpressivo — o tipo de olhar vazio que se via em alguém que acabara de testemunhar um acidente horrível. Uma das mãos agarrava o batente da porta, como se precisasse de apoio.

— O que foi, Alice, o que foi? O que você viu? — Minhas mãos estavam fechadas diante de mim, implorando.

Ela não me olhou, seu olhar estava distante. Eu o segui e vi que seu olhar cruzou com o de Edward do outro lado da sala. O rosto dele estava vazio como pedra. Ele se virou e desapareceu nas sombras sob a escada.

A campainha tocou naquele exato momento, horas depois da última vez, e

Alice olhou com uma expressão de perplexidade que rapidamente se transformou em repulsa.

— Quem convidou o lobisomem? — ela me segurou.

Fiz cara feia.

— Culpada.

Pensei que tivesse desperdiçado o convite — jamais imaginara que Jacob fosse ali, apesar de tudo.

— Bem, então você cuide disso. Tenho que conversar com Carlisle.

— Não, Alice, espere! — Tentei pegar seu braço, mas ela se foi e minha mão agarrou o ar.

— Droga!

Eu sabia o que era. Alice tinha visto o que esperava, e eu sinceramente não achava que pudesse suportar o suspense por tempo suficiente para atender à porta. A campainha tocou de novo, demorada demais, alguém não parava de apertar o botão. Decidida, dei as costas para a entrada e procurei por Alice na sala escura.

Eu nada conseguia ver. Comecei a abrir caminho até a escada.

— Ei, Bella!

A voz grave de Jacob soou numa pausa da música, e, sem querer, olhei de volta ao ouvir meu nome.

Fiz cara feia.

Não havia apenas um lobisomem, eram três. Jacob tinha entrado, flanqueado por Quil e Embry. Os dois pareciam terrivelmente tensos, os olhos disparando pela sala como se tivessem acabado de entrar numa cripta assombrada. A mão trêmula de Embry ainda segurava a porta, o corpo meio de lado, pronto para sair correndo.

Jacob acenava para mim, mais calmo do que os outros, embora seu nariz estivesse franzido de nojo. Eu acenei — um adeus — e me virei para procurar por Alice. Passei espremida por um espaço entre as costas de Conner e de Lauren.

Ele surgiu do nada, a mão em meu ombro me puxando para a sombra da cozinha. Eu me abaixei ao sentir o toque, mas ele pegou meu pulso bom e me puxou da multidão.

— Recepção simpática — observou.

Livrei minha mão e fechei a cara para ele.

— O que você está fazendo aqui?

— Você me convidou, lembra?

— Se meu gancho de direita foi sutil demais para você, posso traduzir: aquilo foi um desconvite.

— Não seja estraga-prazeres. Trouxe um presente de formatura e tudo.

Cruzei os braços. Não queria brigar com Jacob naquela hora. Queria saber o que Alice tinha visto, o que Edward e Carlisle estavam falando. Estiquei o pescoço para olhar em volta de Jacob, procurando por eles.

— Devolva para a loja, Jake. Tenho que fazer uma coisa...

Ele se colocou em minha linha de visão, exigindo atenção.

— Não posso devolver. Não foi comprado... Eu mesmo fiz. E levou muito tempo também.

Afastei-me dele de novo, mas não conseguia ver nenhum dos Cullen. Aonde eles tinha ido? Meus olhos percorreram a sala escura.

— Ah, vai, Bells. Não finja que eu não estou aqui!

— Não estou fingindo. — Eu não conseguia vê-los em lugar algum. — Olha, Jake, tenho muitas preocupações.

Ele pôs a mão sob meu queixo e ergueu meu rosto.

— Posso, por favor, ter alguns segundos de sua atenção só para mim, Srta. Swan?

Afastei-me de seu toque com um safanão.

— Tire as mãos de mim, Jacob — sibilei.

— Desculpe! — disse ele na mesma hora, erguendo as mãos como quem se rende. — Me desculpe, de verdade. Sobre o outro dia também. Eu não devia ter beijado você daquele jeito. Foi um erro. Eu acho... Bom, acho que me iludi pensando que você quisesse aquilo.

— Iludido... Que descrição perfeita!

— Seja boazinha. Pode aceitar minhas desculpas, sabe disso.

— Tudo bem. Desculpas aceitas. Agora, se me der licença por um momento...

— Tudo bem — murmurou ele, e sua voz era tão diferente de antes que parei de procurar por Alice para examinar seu rosto. Ele olhava o chão, desviando o olhar. Seu lábio inferior se projetava um pouquinho.

— Acho que prefere ficar com seus amigos de verdade — disse ele no mesmo tom defensivo. — Eu entendi.

Eu gemi.

— Ai, Jake, você sabe que isso não é justo.

— Sei?

— Devia saber. — Curvei-me para a frente e espiei, tentando olhar em seus olhos. Ele então levantou a cabeça, mais alto que a minha, evitando meu olhar.

— Jake?

Ele se recusava a me olhar.

— Ei, você disse que fez algo para mim, não foi? — perguntei. — Era só papo? Onde está meu presente? — Minha tentativa de falso entusiasmo era bem triste, mas funcionou. Ele revirou os olhos e fez uma careta.

Continuei com a farsa imperfeita, estendendo a mão aberta.

— Estou esperando.

— Tudo bem — resmungou ele com sarcasmo. Mas colocou a mão no bolso de trás do jeans e pegou um saquinho de tecido macio e colorido. Estava amarrado com tiras de couro. Colocou-o em minha mão.

— Ei, é lindo, Jake. Obrigada!

Ele suspirou.

— O presente está dentro, Bella.

— Ah!

Tive alguma dificuldade com os cordões. Ele suspirou de novo e apanhou o saquinho, abrindo os laços com um simples puxão na ponta certa. Estendi o braço para pegá-lo, mas ele virou o saco de cabeça para baixo e sacudiu algum objeto prateado em minha mão. Elos de metal tiniram baixinho.

— Eu não fiz a pulseira — admitiu. — Só o pingente.

Preso a um dos elos da pulseira de prata havia um entalhe mínimo em madeira. Segurei-o entre os dedos para olhar mais de perto. Era incrível a quantidade de detalhes da pequena figura — o lobo em miniatura era totalmente realista. Fora entalhado numa madeira marrom-avermelhada que combinava com a cor da pele de Jake.

— É lindo — sussurrei. — Você fez isso? Como?

Ele deu de ombros.

— É uma coisa que Billy me ensinou. Ele é melhor que eu nisso.

— É difícil de acreditar — murmurei, girando o lobo pequenino nos dedos.

— Gostou mesmo dele?

— Sim! É inacreditável, Jake.

Ele sorriu, primeiro feliz, mas depois com a expressão azeda.

— Bem, imaginei que talvez isso a fizesse se lembrar de mim de vez em quando. Sabe como é, longe dos olhos, longe do coração.

Ignorei a atitude.

— Vai, me ajude a colocar.

Estendi o pulso esquerdo, já que o direito estava preso na tala. Ele prendeu o fecho depressa, embora parecesse delicado demais para seus dedos grandes.

— Vai usar? — perguntou.

— É claro que vou.

Ele sorriu para mim — era o sorriso feliz que eu amava ver.

Devolvi o sorriso por um momento, mas depois, por reflexo, meus olhos percorreram a sala de novo, esquadrinhando com ansiedade a multidão em busca de algum sinal de Edward ou Alice.

— Por que está tão distraída? — perguntou Jacob.

— Não é nada — menti, tentando me concentrar. — Obrigada pelo presente, de verdade. Eu adorei.

— Bella? — As sobrancelhas dele se uniram, lançando os olhos nas sombras. — Está acontecendo alguma coisa, não é?

— Jake, eu... Não, não há nada.

— Não minta para mim, você é péssima mentindo. Devia me contar o que está havendo. Queremos saber o que é — disse, usando o plural.

Ele devia ter razão; é claro que os lobos estariam interessados no que estava acontecendo. Só que eu ainda não tinha certeza do que era. Só saberia ao certo quando encontrasse Alice.

— Jacob, eu vou contar. Mas me deixe entender o que está havendo, está bem? Preciso falar com Alice.

Ele entendeu, e sua expressão se iluminou.

— A paranormal teve alguma visão.

— Sim, justo quando você chegou.

— É sobre o sanguessuga em seu quarto? — murmurou, a voz num tom mais baixo que o da música.

— Tem a ver — admiti.

Ele processou a informação por um minuto, inclinando a cabeça enquanto examinava meu rosto.

— Você sabe de alguma coisa que não está me contando... Alguma coisa grande.

Qual era o sentido de mentir novamente? Ele me conhecia muito bem.

— Sei.

Jacob me fitou por um breve momento, depois se virou para chamar a atenção dos irmãos parados na entrada, desajeitados e pouco à vontade. Quando eles perceberam sua expressão, começaram a se mover, abrindo caminho com agilidade por entre os convidados, quase como se estivessem dançando também. Em meio minuto estavam ao lado de Jacob, muito maiores que eu.

— Agora. Explique — exigiu Jacob.

Embry e Quil corriam os olhos entre o rosto de Jake e o meu, confusos e preocupados.

— Jacob, não sei de tudo. — Continuei esquadrinhando a sala, agora buscando socorro. Tinham me colocado contra a parede, em todos os sentidos.

— O que você sabe, então.

Todos cruzaram os braços no mesmo instante. Foi um pouco engraçado, mas principalmente ameaçador.

Então avistei Alice descendo a escada, a pele branca cintilando na luz roxa.

— Alice! — grunhi, aliviada.

Ela me olhou assim que chamei seu nome, apesar das batidas do som grave que devem ter abafado minha voz. Acenei, ansiosa, e observei seu rosto enquanto ela percebia os três lobisomens curvados sobre mim. Seus olhos se estreitaram.

Antes dessa reação, porém, suas feições eram de estresse e medo. Mordi o lábio quando ela saltou para meu lado.

Jacob, Quil e Embry se afastaram com uma expressão inquieta. Ela pôs o braço em minha cintura.

— Preciso conversar com você — murmurou em meu ouvido.

— Er, Jake, vejo você depois... — balbuciei enquanto passávamos por eles.

Jacob esticou o braço comprido para bloquear nosso caminho, apoiando a mão na parede.

— Ei, não tão rápido.

Alice o encarou, os olhos arregalados e incrédulos.

— Com licença?

— Diga o que está acontecendo — exigiu ele num rosnado.

Jasper apareceu quase literalmente do nada. Num segundo éramos apenas Alice e eu contra a parede, Jacob bloqueando nossa saída, em seguida Jasper estava parado do outro lado do braço de Jake, a expressão apavorante.

Jacob recolheu o braço devagar. Parecia a melhor atitude, partindo do pressuposto de que queria continuar tendo braço.

— Temos o direito de saber — murmurou Jacob, ainda encarando Alice.

Jasper se colocou entre eles e os três lobisomens se puseram a postos.

— Ei, ei — eu disse, acrescentando um riso meio histérico. — Estamos numa festa, lembram?

Ninguém prestou atenção em mim. Jacob encarava Alice enquanto Jasper o fuzilava com os olhos. A expressão de Alice de repente ficou pensativa.

— Está tudo bem, Jasper. Ele tem razão.

Jasper não relaxou.

Eu tinha certeza de que o suspense faria minha cabeça explodir em um segundo.

— O que você viu, Alice?

Ela encarou Jacob por um segundo, depois virou-se para mim, evidentemente escolhera deixar que eles ouvissem.

— A decisão foi tomada.

— Vocês vão a Seattle?

— Não.

Senti a cor sumir de meu rosto. Meu estômago oscilou.

— Eles estão vindo para cá — falei, sufocada.

Os rapazes quileutes observavam em silêncio, lendo cada emoção inconsciente em nossos rostos. Estavam parados em seu lugar e, no entanto, não estavam imóveis. Os três pares de mãos tremiam.

— Sim.

— Para Forks — sussurrei.

— Sim.

— Para?

Ela assentiu, entendendo minha pergunta.

— Um deles estava com sua blusa vermelha.

Engoli em seco.

A expressão de Jasper era de censura. Dava para ver que não lhe agradava

discutir aquilo na frente dos lobisomens, mas tinha algo que ele precisava dizer.

— Não podemos deixar que cheguem tão longe. Não estamos em número suficiente para proteger a cidade.

— Eu sei — disse Alice, o rosto subitamente desolado. — Mas não importa onde vamos detê-los. Ainda assim não estaremos em número suficiente, e alguns virão aqui para procurar.

— Não! — sussurrei.

O barulho da festa era mais alto do que minha negação. A nosso redor, meus amigos, vizinhos e inimigos sem importância comiam, riam e dançavam com a música, sem saber que estavam prestes a enfrentar o horror, o perigo e talvez a morte. Por minha causa.

— Alice — murmurei o nome dela. — Tenho de ir embora, tenho de sair daqui.

— Isso não vai ajudar. Não estamos lidando com um rastreador. Eles ainda vão procurar primeiro aqui.

— Então temos que interceptá-los! — Se minha voz não estivesse tão grossa e tensa, poderia ter sido um grito. — Se encontrarem o que estão procurando, talvez vão embora e não machuquem mais ninguém!

— Bella! — protestou Alice.

— Espere aí — ordenou Jacob numa voz grave e vigorosa. — O que está vindo?

Alice lançou seu olhar gelado sobre ele.

— Nossa espécie. Muitos.

— Por quê?

— Atrás de Bella. É só o que sabemos.

— São muitos para vocês? — perguntou ele.

Jasper se empertigou.

— Temos algumas vantagens, cachorro. Será uma luta equilibrada.

— Não — disse Jacob, e um meio sorriso estranho e feroz se espalhou por seu rosto. — Não será equilibrada.

— Ótimo! — sibilou Alice.

Eu fitei, ainda paralisada de terror, a nova expressão de Alice. Seu rosto exultava, todo o desespero abandonara suas feições perfeitas.

Ela sorriu para Jacob, e ele retribuiu.

— Deixamos tudo para lá, é claro — disse ela, numa voz presunçosa. — É inconveniente, mas, dadas as circunstâncias, vou aceitar.

— Vamos ter de nos organizar — disse Jacob. — Não será fácil para nós. Ainda assim, é um trabalho mais nosso do que de vocês.

— Eu não chegaria a tanto, mas precisamos de ajuda. Não vamos ser seletivos.

— Peraí, peraí, peraí, peraí — eu os interrompi.

Alice estava na ponta dos pés, Jacob inclinado para ela, os dois rostos iluminados de empolgação, os narizes franzidos por causa do cheiro. Eles me olharam com impaciência.

— Organizar? — repeti entredentes.

— Achava mesmo que ia nos deixar de fora dessa? — perguntou Jacob.

— Vocês estão fora!

— Sua paranormal não pensa assim.

— Alice... Diga a eles que não! — insisti. — Eles vão morrer!

Jacob, Quil e Embry deram uma gargalhada.

— Bella — disse Alice, a voz tranquilizadora, tentando me acalmar —, separados, todos podemos ser mortos. Juntos...

— ... não será problema — Jacob terminou a frase.

Quil riu de novo.

— Quantos? — perguntou Quil com ansiedade.

— Não! — gritei.

Alice nem me olhou.

— Está variando... Hoje, vinte e um, mas o número está diminuindo.

— Por quê? — perguntou Jacob, curioso.

— É uma longa história — disse Alice, de repente olhando a sala. — E este não é o melhor lugar para ela.

— Esta noite, mais tarde? — pressionou Jacob.

— Sim — respondeu Jasper. — Já estamos planejando uma... reunião estratégica. Se vão lutar conosco, precisarão de algumas instruções.

Os lobos fizeram cara de tédio para essa última parte.

— Não! — gemi.

— Vai ser estranho — disse Jasper, pensativo. — Nunca nos imaginei trabalhando juntos. Será uma primeira vez.

— Não há dúvida — concordou Jacob. Ele agora tinha pressa. — Vamos

voltar para pegar Sam. A que horas?

— O que é tarde demais para vocês?

Os três reviraram os olhos.

— A que horas? — repetiu Jacob.

— Às três?

— Onde?

— Quinze quilômetros ao norte do posto Hoh da polícia florestal. Venham pelo oeste e poderão seguir nosso cheiro.

— Estaremos lá.

Eles se viraram para partir.

— Espere, Jake! — gritei. — Por favor! Não faça isso!

Ele parou, virando-se para me lançar um sorriso, enquanto Quil e Embry seguiam impacientes para a porta.

— Não seja ridícula, Bells. Você está me dando um presente muito melhor do que o que dei a você.

— Não! — gritei novamente. O som de uma guitarra elétrica abafou meu lamento.

Ele não respondeu; correu para acompanhar os amigos, que já haviam partido. Observei, desconsolada, enquanto Jacob desaparecia.

18. INSTRUÇÕES

— Essa tinha de ser a festa mais longa da história do mundo — eu me queixei a caminho de casa.

Edward não pareceu discordar.

— Agora acabou — disse ele, afagando meu braço de forma tranquilizadora.

Porque eu era a única que precisava ser tranquilizada. Edward agora estava bem — todos os Cullen estavam bem.

Todos me acalmaram; Alice estendeu a mão para afagar minha cabeça quando saí, olhando sugestivamente Jasper até que uma onda de paz me cercou, Esme beijando minha testa e me dizendo que tudo ia ficar bem, Emmett rindo ruidosamente e perguntando por que eu era a única que podia brigar com lobisomens... A solução de Jacob deixara a todos relaxados, quase eufóricos depois das longas semanas de estresse. A dúvida fora substituída pela confiança. A festa terminara com um tom de verdadeira comemoração.

Não para mim.

Já era bem ruim — horrível — que os Cullen lutassem por mim. Já era demais que eu tivesse de permitir isso. Já parecia mais do que eu podia suportar.

Jacob também, não. Não seus irmãos tolos e ansiosos — a maioria era até mais nova do que eu. Eles só eram muito grandes, crianças com músculos demais, e aguardavam por isso como se fosse um piquenique na praia. Eu não podia vê-los em perigo também. Meus nervos pareciam em frangalhos, expostos. Não sabia por quanto tempo ainda poderia reprimir o impulso de berrar.

Agora eu sussurrava, para manter a voz sob controle.

— Você vai me levar esta noite.

— Bella, você está cansada.

— Acha que vou conseguir dormir?

Ele franziu o cenho.

— Isto é uma experiência. Não tenho certeza se será possível que todos... cooperem. Não quero você no meio disso.

Como se isso não me deixasse ainda mais ansiosa para ir.

— Se não me levar, vou ligar para Jacob.

Seus olhos se estreitaram. Foi um golpe baixo, e eu sabia disso. Mas não havia como ficar de fora.

Ele não respondeu; agora estávamos na casa de Charlie. A luz da frente estava acesa.

— Vejo você lá em cima — murmurou ele.

Passei pela porta da frente na ponta dos pés. Charlie dormia na sala, transbordando no sofá pequeno demais e roncando tão alto que eu podia ligar uma serra elétrica e isso não o teria acordado.

Sacudi seu ombro com vigor.

— Pai! Charlie!

Ele grunhiu de olhos ainda fechados.

— Cheguei em casa... Vai acabar com suas costas dormindo desse jeito. Venha, hora de ir para o quarto.

Precisei sacudi-lo mais algumas vezes e seus olhos não ficaram abertos o tempo todo, mas consegui tirá-lo do sofá. Eu o ajudei a ir para a cama, onde ele desmaiou por cima das cobertas, totalmente vestido, e começou a roncar de novo.

Ele não procuraria por mim tão cedo.

Edward esperava em meu quarto enquanto eu lavava o rosto e vestia jeans e uma blusa de flanela. Ele me olhava infeliz da cadeira de balanço, vendo-me pendurar no armário a roupa que Alice me dera.

— Venha cá — eu disse, pegando a mão dele, puxando-o para minha cama.

Empurrei-o para a cama e me enrosquei em seu peito. Talvez ele tivesse razão e eu estivesse mesmo cansada o suficiente para dormir. Mas eu não ia deixar que ele escapulisse sem mim.

Ele enfiou o cobertor à minha volta, depois me puxou para perto.

— Relaxe, por favor.

— Claro.

— Isso vai dar certo, Bella. Eu sinto que vai.

Meus dentes se trincaram.

Ele ainda irradiava alívio. Ninguém, a não ser eu, se importava com a possibilidade de Jacob e os amigos se ferirem. Nem Jacob e os amigos. Em especial eles.

Ele sabia que eu estava a ponto de enlouquecer.

— Escute-me, Bella. Isso será fácil. Os recém-criados serão pegos completamente de surpresa. Não saberão que os lobisomens ainda existem, não mais do que você no passado. Eu vi como eles agem em grupo, vi como Jasper se lembra. Acredito de verdade que as técnicas de caça dos lobos funcionarão de modo impecável contra eles. E com eles divididos e confusos, não haverá muito que tenhamos de fazer. Talvez alguém tenha de ficar de fora, olhando — brincou ele.

— Que moleza — murmurei monotonamente contra o peito dele.

— Shhhh. — Ele afagou meu rosto. — Você verá. Não se preocupe agora.

Ele começou a cantarolar minha cantiga de ninar, mas, pela primeira vez, não me acalmou.

As pessoas — bem, na verdade os vampiros e os lobisomens, mas ainda assim... —, as pessoas que eu amava iam se ferir. Iam se ferir por minha causa. De novo. Eu queria que minha falta de sorte fosse um pouco mais concentrada. Tinha vontade de gritar para o céu vazio: É a mim que ele quer... Aqui! Só eu!

Tentei pensar numa maneira de fazer exatamente isso — obrigar minha falta de sorte a se concentrar em mim. Não seria fácil. Eu teria de esperar, aguardar o momento certo...

Não conseguia dormir. Os minutos se passaram rápido, para minha surpresa, e eu ainda estava alerta e tensa quando Edward nos colocou sentados.

— Tem certeza de que não quer ficar e dormir?

Olhei amarga para ele.

Ele suspirou e me ergueu nos braços antes de pular pela minha janela.

Edward correu pela floresta escura e silenciosa levando-me nas costas e até naquela corrida eu pude sentir a exultação. Ele corria como fez quando éramos só nós dois, só por diversão, só pela sensação do vento no cabelo. Era o tipo de situação que teria me deixado feliz em épocas menos angustiantes.

Quando chegamos ao grande campo aberto, a família de Edward estava lá, relaxada, conversando despreocupadamente. De vez em quando o riso trovejante de Emmett ecoava no espaço amplo. Edward me baixou e andamos de mãos dadas na direção deles.

Precisei de um minuto, porque estava muito escuro, com a lua escondida atrás das nuvens, mas percebi que estávamos na clareira de beisebol. Era o mesmo

lugar onde a primeira tarde despreocupada com os Cullen fora interrompida por James e seu bando mais de um ano atrás. Era estranho estar ali novamente — como se aquela reunião não fosse completa sem James, Laurent e Victoria. Mas James e Laurent nunca voltariam. Esse padrão não se repetiria. Talvez todos os padrões estivessem rompidos.

Sim, alguém havia quebrado o padrão deles. Seria possível que os Volturi fossem a parte flexível da equação?

Eu duvidava disso.

Victoria sempre me pareceu uma força da natureza — como um furacão deslocando-se para a costa em linha reta —, inevitável, implacável, mas previsível. Talvez fosse um erro limitá-la dessa maneira. Ela devia ser capaz de adaptação.

— Sabe o que eu acho? — perguntei a Edward.

Ele riu.

— Não.

Eu quase sorri.

— O que você acha?

— Acho que tudo está relacionado. Não só os dois, mas os três.

— Você me deixa perdido.

— Três coisas ruins aconteceram desde que você voltou. — Eu contei nos dedos. — Os recém-criados em Seattle. O estranho em meu quarto. E... sobretudo... Victoria veio procurar por mim.

Seus olhos se estreitaram ao pensar no assunto.

— Por que pensa assim?

— Porque eu concordo com Jasper... Os Volturi amam suas regras. Provavelmente fariam um trabalho melhor. — E eu estaria morta se eles me quisessem morta, acrescentei mentalmente. — Lembra quando você estava rastreando Victoria no ano passado?

— Sim. — Ele franziu o cenho. — Não fui muito competente nisso.

— Alice disse que você estava no Texas. Você a seguiu até lá?

Suas sobrancelhas se uniram.

— Sim. Hmmm...

— Veja só... Ela pode ter tido a ideia lá. Mas não sabe o que está fazendo, então todos os recém-criados estão fora de controle.

Ele começou a sacudir a cabeça.

— Só Aro sabe exatamente como funcionam as visões de Alice.

— Aro a conhece melhor, mas Tanya, Irina e seus outros amigos em Denali não sabem o bastante? Laurent viveu com eles por muito tempo. E se ele ainda tinha amizade com Victoria para lhe fazer favores, por que também não lhe contaria tudo o que sabia?

Edward franziu o cenho.

— Não foi Victoria em seu quarto.

— Ela não pode fazer novos amigos? Pense nisso, Edward. Se for mesmo Victoria que está fazendo isso em Seattle, ela fez muitos novos amigos. Ela os criou.

Ele pensou, a testa vincada de concentração.

— Hmmm — disse ele por fim. — É possível. Ainda acho mais provável que sejam os Volturi... Mas sua teoria... Há algum sentido nela. A personalidade de Victoria. Sua teoria combina perfeitamente com a personalidade dela. Desde o início ela demonstrou um dom extraordinário para a autopreservação... Talvez seja um talento. De qualquer forma, esse plano não a colocaria em perigo conosco se ela ficasse quieta em segurança e deixasse que os recém-criados fizessem seu estrago aqui. E talvez fosse pouco o perigo com os Volturi também. Talvez ela esteja contando com nossa vitória, no final, embora certamente não sem baixas pesadas do nosso lado. Mas sem nenhum sobrevivente de seu pequeno exército para testemunhar contra ela. Na verdade — continuou ele, pensando melhor —, se houvesse sobreviventes, eu seria capaz de apostar que ela própria os destruiria... Hmmm. Ainda assim, ela deve ter pelo menos um amigo um pouco mais maduro. Nenhum recém-criado novato deixaria seu pai vivo...

Ele franziu o cenho para o vazio por um longo instante, depois de repente sorriu para mim, voltando de seus devaneios.

— É bem possível mesmo. Apesar disso, precisamos estar preparados para qualquer coisa até que tenhamos certeza. Você está muito perceptiva hoje — acrescentou ele. — É impressionante.

Eu suspirei.

— Talvez só esteja reagindo a este lugar. Faz com que eu sinta que ela está perto... Que agora ela me vê.

Os músculos de seu rosto ficaram tensos com a ideia.

— Ela jamais tocará em você, Bella — disse ele.

Apesar das palavras, seus olhos percorreram cuidadosamente as árvores escuras. Enquanto ele vasculhava as sombras, a expressão mais estranha atravessou seu rosto. Seus lábios se repuxaram sobre os dentes e os olhos brilharam com uma estranha luz — uma espécie de esperança feroz e desvairada.

— E, no entanto, o que eu não daria para que ela estivesse tão perto — murmurou ele. — Victoria e qualquer outro que tenha pensado em ferir você. Ter a oportunidade de terminar isso eu mesmo. Terminar com minhas próprias mãos, desta vez.

Eu estremeci com a ferocidade do desejo em sua voz e fechei seus dedos nos meus, desejando ser bastante forte para que nossas mãos ficassem unidas para sempre.

Estávamos quase junto de sua família e pela primeira vez percebi que Alice não parecia tão otimista quanto os outros. Ela estava meio de lado, vendo Jasper esticar os braços como se estivesse se aquecendo para um exercício, os lábios repuxados num beicinho.

— Há algo errado com Alice? — sussurrei.

Edward riu, novamente consigo mesmo.

— Os lobisomens estão a caminho, então ela não pode ver nada do que acontecerá agora. A cegueira a deixa pouco à vontade.

Alice, embora fosse a mais distante de nós, ouviu sua voz baixa. Olhou e mostrou a língua para ele. Ele riu de novo.

— Ei, Edward — Emmett o cumprimentou. — Oi, Bella. Ele vai deixar você treinar também?

Edward rosnou para o irmão.

— Por favor, Emmett, não lhe dê nenhuma ideia.

— Quando nossos convidados chegarão? — perguntou Carlisle a Edward.

Edward se concentrou por um momento, depois suspirou.

— Um minuto e meio. Mas vou ter de traduzir. Eles não confiam em nós o bastante para usar a forma humana.

Carlisle assentiu.

— Isto é difícil para eles. Estou grato que afinal estejam vindo.

Eu fitei Edward de olhos arregalados.

— Eles virão como lobos?

Ele assentiu, cauteloso com minha reação. Engoli em seco uma vez, lembrando-me das duas vezes em que vi Jacob em sua forma de lobo — a primeira vez na campina com Laurent; a segunda, na trilha da floresta onde Paul tinha se irritado comigo... As duas lembranças eram aterrorizantes.

Um brilho estranho surgiu dos olhos de Edward, como se algo tivesse acabado de lhe ocorrer, algo que não era de todo desagradável. Ele se virou rapidamente, antes que eu pudesse ver mais, de volta a Carlisle e aos outros.

— Preparem-se... Eles estavam escondidos de nós.

— O que quer dizer? — perguntou Alice.

— Shhh... — alertou ele e passou por ela, entrando na escuridão.

O círculo informal dos Cullen de repente se ampliou numa fila desarrumada, com Jasper e Emmett como pontas de lança. Pelo modo como Edward se curvou a meu lado, eu sabia que queria que eu ficasse atrás dele. Fechei a mão em torno da dele.

Semicerrei os olhos para o bosque, sem nada ver.

— Droga — murmurou Emmett. — Já viram alguma coisa assim?

Esme e Rosalie trocaram um olhar arregalado.

— O que é? — sussurrei o mais baixo que pude. — Não consigo enxergar.

— A alcateia aumentou — murmurou Edward em meu ouvido.

Eu não tinha contado a ele que Quil se unira ao grupo? Esforcei-me para ver os seis lobos no escuro. Por fim, algo cintilou no negror — os olhos, mais altos do que deveriam. Eu tinha me esquecido de que os lobos eram muito altos. Como cavalos, só que cobertos de músculos e pelos — e dentes como facas, era impossível deixar de ver.

Eu só conseguia ver seus olhos. E, enquanto eu procurava, esforçando-me para ver mais, ocorreu-me que havia mais de seis pares nos fitando. Um, dois, três... Contei os pares rapidamente em minha mente. Duas vezes.

Eram dez.

— Fascinante! — murmurou Edward quase em silêncio.

Carlisle avançou um passo estudado. Foi um movimento cauteloso, planejado para tranquilizar.

— Bem-vindos — ele falou aos lobos invisíveis.

— Obrigado — respondeu Edward numa voz estranha e monótona, e percebi que as palavras vinham de Sam. Olhei nos olhos brilhantes no meio da fila, o

mais alto, o maior de todos. Era impossível distinguir a forma do grande lobo preto no escuro.

Edward falou novamente na mesma voz desligada, usando as palavras de Sam.

— Vamos observar e escutar, mas nada mais do que isso. É o máximo que podemos exigir de nosso autocontrole.

— É mais do que suficiente — respondeu Carlisle. — Meu filho Jasper — ele gesticulou para Jasper, que estava tenso e preparado — tem experiência nessa área. Ele nos ensinará como eles lutam, como podem ser derrotados. Tenho certeza de que podem aplicar isso a seu estilo de caça.

— Eles são diferentes de vocês? — perguntou Edward em nome de Sam.

Carlisle assentiu.

— Todos são muito novos... Só têm meses de idade nessa vida. Crianças, de certa maneira. Não terão habilidade nem estratégia, só força bruta. Esta noite seu número está em vinte. Dez para nós, dez para vocês... Não deve ser difícil. O número pode cair. Os novos brigam entre si.

Um estrondo percorreu a fila escura de lobos, um murmúrio rosnado que de certo modo parecia entusiasmado.

— Estamos dispostos a aceitar mais do que nossa parte, se necessário — traduziu Edward, o tom agora menos indiferente.

Carlisle sorriu.

— Veremos como isso se desenrola.

— Sabe quando e como chegarão?

— Eles atravessarão as montanhas em quatro dias, no final da manhã. Enquanto se aproximam, Alice nos ajudará a interceptar seu caminho.

— Obrigado pela informação. Vamos vigiar.

Com um suspiro, os olhos imergiram para mais perto do chão, um par de cada vez.

Fez-se silêncio por duas batidas de coração, depois Jasper deu um passo para o espaço vazio entre os vampiros e os lobos. Não era difícil vê-lo; sua pele era uma luz na escuridão, como os olhos dos lobos. Jasper lançou um olhar a Edward, que assentiu, e depois Jasper deu as costas aos lobisomens. Ele suspirou, claramente pouco à vontade.

— Carlisle tem razão — falou Jasper só para nós; parecia estar tentando ignorar a plateia atrás dele. — Eles lutam como crianças. As duas questões mais

importantes de que precisarão se lembrar são: primeiro, não deixem que eles passem os braços em vocês, e, segundo, não partam para o ataque óbvio. Todos estarão preparados para isso. Se os abordarem pelos flancos e continuarem em movimento, eles ficarão confusos demais para reagir com eficácia. Emmett?

Emmett saiu da fila com um sorriso enorme.

Jasper recuou no espaço entre eles e os inimigos aliados. Acenou para Emmett avançar.

— Tudo bem, Emmett primeiro. Ele é o melhor exemplo de um ataque de recém-criado.

Os olhos de Emmett se estreitaram.

— Vou tentar não quebrar nada — murmurou ele.

Jasper sorriu.

— O que quero dizer é que Emmett depende de sua força. Ele é muito franco no ataque. Os recém-criados também não tentarão nada sutil. Parta para o ataque óbvio, Emmett.

Jasper recuou alguns passos, o corpo se retesando.

— Tudo bem, Emmett... Tente me pegar.

E eu não consegui mais ver Jasper — era um borrão enquanto Emmett investia para ele como um urso, sorrindo e rosnando. Emmett também era incrivelmente rápido, mas não como Jasper. Parecia que Jasper não tinha mais substância do que um fantasma — sempre que as mãos enormes de Emmett pareciam pegá-lo, seus dedos se fechavam no ar. A meu lado, Edward se inclinou atentamente, os olhos fixos na luta. Depois Emmett ficou paralisado.

Jasper o pegou por trás, os dentes a um centímetro de seu pescoço.

Emmett xingou.

Houve um murmúrio de apreciação dos lobos que assistiam.

— De novo — insistiu Emmett, desta vez sem o sorriso.

— É a minha vez — protestou Edward.

Meus dedos se estreitaram em volta dos dele.

— Num minuto — Jasper sorriu, recuando. — Primeiro quero mostrar algo a Bella.

Vi ansiosa ele acenar para Alice avançar.

— Sei que você se preocupa com ela — explicou ele para mim enquanto ela dançava alegremente na roda. — Quero lhe mostrar por que não é necessário.

Embora eu soubesse que Jasper jamais permitiria que Alice sofresse qualquer dano, ainda era difícil vê-lo se lançar para trás, agachando-se de frente para ela. Alice ficou imóvel, minúscula como uma boneca junto de Emmett, sorrindo consigo mesma. Jasper avançou, depois esquivou-se à esquerda dela.

Alice fechou os olhos.

Meu coração martelava irregular ao ver Jasper partir para Alice.

Jasper disparou, desaparecendo. De repente ele estava do outro lado de Alice. Ela não parecia ter se mexido.

Jasper girou e se lançou para ela de novo, só para pousar agachado atrás dela, como da primeira vez; em todo esse tempo, Alice ficou parada, sorrindo, de olhos fechados.

Eu agora olhava Alice com mais atenção.

Ela estava se mexendo — eu é que perdi, distraída com as investidas de Jasper. Ela deu um pequeno passo para a frente no exato segundo em que o corpo de Jasper voou para o lugar onde ela estivera. Ela deu outro passo, enquanto as mãos ávidas de Jasper passavam sibilando onde estivera sua cintura.

Jasper se aproximou e Alice começou a se mover mais rápido. Ela estava dançando — em espiral e girando, ondulando sobre si mesma. Jasper era seu parceiro, lançando-se, tentando alcançar seus padrões graciosos, sem jamais tocá-la, como se cada movimento fosse coreografado. Finalmente, Alice riu.

De repente, ela estava empoleirada nas costas de Jasper, os lábios em seu pescoço.

— Peguei — disse ela, e beijou o pescoço de Jasper.

Jasper riu, sacudindo a cabeça.

— Você é mesmo um monstrinho apavorante.

Os lobos murmuraram de novo. Desta vez o som era precavido.

— É bom que eles aprendam a ter algum respeito — murmurou Edward, divertindo-se. Depois ele falou mais alto. — Minha vez.

Ele apertou minha mão antes de soltá-la.

Alice veio assumir o lugar dele a meu lado.

— Legal, hein? — perguntou-me ela, presunçosa.

— Muito — concordei, sem desviar os olhos de Edward enquanto ele deslizava em silêncio até Jasper, os movimentos leves e cautelosos como os de um felino selvagem.

— Eu andei de olho em você, Bella — sussurrou ela de repente, a voz tão baixa que eu mal podia ouvir, embora seus lábios estivessem em minha orelha.

Meu olhar passou rapidamente a seu rosto e voltou a Edward. Ele estava absorto em Jasper, os dois se esquivando enquanto a distância diminuía.

A expressão de Alice era cheia de reprovação.

— Se seus planos ficarem mais definidos, eu vou contar a ele — ameaçou ela no mesmo murmúrio baixo. — Não vai ajudar em nada você se colocar em perigo. Acha que um deles desistiria se você morresse? Eles ainda vão lutar, todos nós vamos. Não pode mudar nada, então seja boazinha, está bem?

Eu fiz uma careta, tentando ignorá-la.

— Estou vigiando — repetiu ela.

Agora Edward tinha se aproximado de Jasper, e essa luta foi mais equilibrada do que qualquer uma das outras. Jasper tinha o século de experiência para norteá-lo e tentou ao máximo agir por instinto, mas seus pensamentos sempre o entregavam uma fração de segundo antes de ele agir. Edward era um pouco mais rápido, mas os movimentos que Jasper usava eram desconhecidos dele. Eles partiram para o outro repetidas vezes, mas nenhum dos dois era capaz de obter vantagem, os rosnados instintivos surgiam constantemente. Era difícil enxergar, porém era mais difícil desviar os olhos. Eles se movimentavam rápido demais para que eu entendesse mesmo o que estavam fazendo. De vez em quando os olhos aguçados dos lobos chamavam minha atenção. Tive a sensação de que os lobos estavam apreendendo mais do que eu — talvez mais do que deveriam.

Por fim, Carlisle deu um pigarro.

Jasper riu e recuou um passo. Edward se endireitou e sorriu para ele.

— Voltemos ao trabalho — cedeu Jasper. — Vamos declarar empate.

Todos tiveram sua vez: Carlisle, depois Rosalie, Esme e Emmett de novo. Eu semicerrei os olhos, encolhendo-me enquanto Jasper atacava Esme. Essa foi a luta mais difícil de ver. Depois ele reduziu o ritmo, ainda não o suficiente para que eu entendesse seus movimentos, e deu mais instruções.

— Estão vendo o que faço aqui? — perguntou ele. — Sim, exatamente isso — estimulou ele. — Concentrem-se nos flancos. Não se esqueçam de onde estarão seus alvos. Continuem em movimento.

Edward estava sempre concentrado, observando e ouvindo o que os outros não conseguiam.

Ficou mais difícil de acompanhar à medida que meus olhos ficavam mais pesados. Eu não dormia bem ultimamente e faziam quase vinte e quatro horas desde a última vez em que dormira. Encostei-me ao lado de Edward e deixei que as pálpebras caíssem.

— Estamos quase terminando — sussurrou ele.

Jasper confirmou isso, virando-se para os lobos pela primeira vez, a expressão de novo desconfortável.

— Faremos isso amanhã. Por favor, fiquem à vontade para observar novamente.

— Sim — respondeu Edward na voz fria de Sam. — Estaremos aqui.

Depois Edward suspirou, afagou meu braço e se afastou de mim. Ele se virou para a família.

— O grupo pensa que será útil se familiarizar com cada um de nossos cheiros... Assim eles não confundirão depois. Se pudermos ficar imóveis, será mais fácil para eles.

— Certamente — disse Carlisle a Sam. — O que precisarem.

Houve um rosnado gutural e sombrio da alcateia enquanto todos se levantavam.

Meus olhos estavam arregalados de novo, a exaustão esquecida.

A escuridão profunda da noite começava a desaparecer — o sol iluminava as nuvens, embora ainda não tivesse clareado no horizonte, do outro lado das montanhas. À aproximação da alcateia, de repente era possível distinguir suas formas... e cores.

Sam foi o primeiro, é claro. Incrivelmente grande, e escuro como a meia-noite, um monstro saído de meus pesadelos — literalmente; depois da primeira vez em que vi Sam e os outros na campina, eles estrelaram meus pesadelos várias vezes.

Agora que eu podia ver a todos, combinar o imenso tamanho com cada par de olhos, pareciam mais de dez. O grupo era dominador.

Pelo canto do olho vi que Edward me observava, avaliando com cautela minha reação.

Sam se aproximou de Carlisle, que estava na frente, a imensa alcateia logo atrás dele. Jasper enrijeceu, mas Emmett, do outro lado de Carlisle, estava sorrindo e relaxado.

Sam farejou Carlisle, parecendo estremecer um pouco ao fazer isso. Depois

passou a Jasper.

Meus olhos percorreram o grupo precavido de lobos. Eu tinha certeza de que podia destacar os novos acréscimos. Havia um lobo cinza-claro muito menor do que os outros, o pelo no dorso do pescoço eriçado de repulsa. Havia outro, da cor da areia do deserto, que parecia magro e descoordenado ao lado dos demais. Um gemido baixo escapou do lobo areia quando o avanço de Sam o deixou isolado entre Carlisle e Jasper.

Eu parei no lobo bem atrás de Sam. Seu pelo era marrom-avermelhado e mais longo do que o dos outros, e desgrenhado. Era quase da altura de Sam, o segundo maior no grupo. Sua atitude era despreocupada, de certo modo demonstrando indiferença com o que os demais obviamente consideravam uma provação.

O enorme lobo marrom-avermelhado pareceu sentir meu olhar e me fitou com os familiares olhos negros.

Sustentei seu olhar, tentando acreditar no que eu já sabia. Senti a admiração e o fascínio em meu rosto.

O focinho do lobo se abriu, recuando sobre os dentes. Teria sido uma expressão assustadora, só que sua língua pendia de lado num sorriso de lobo.

Eu ri.

O sorriso de Jacob se ampliou nos dentes afiados. Ele deixou seu lugar na fila, ignorando os olhares da alcateia que o seguia. Passou trotando por Edward e Alice e se colocou a menos de meio metro de mim. Parou ali, o olhar disparando brevemente para Edward.

Edward ficou imóvel, uma estátua, os olhos ainda avaliando minha reação.

Jacob dobrou as pernas dianteiras e baixou a cabeça para que seu rosto não ficasse mais alto do que o meu, fitando-me, medindo minha reação, assim como fazia Edward.

— Jacob? — sussurrei.

O ronco de resposta no fundo de seu peito parecia um riso.

Estendi a mão, os dedos tremendo um pouco, e toquei o pelo de sua face, marrom-avermelhado.

Os olhos negros se fecharam e Jacob baixou a imensa cabeça em minha mão. Um zumbido áspero ressoava em sua garganta.

O pelo era, ao mesmo tempo, macio e grosso, e quente em minha pele. Passei os dedos por ele com cuidado, sentindo a textura, afagando seu pescoço onde a cor

escurecia. Não percebi que eu tinha chegado tão perto; de repente, Jacob lambeu meu rosto, do queixo ao couro cabeludo.

— Ai! Que nojo, Jake! — reclamei, pulando para trás e dando um tapa nele, como eu teria feito se ele estivesse na forma humana. Ele se esquivou e o latido em tosse que saiu entre seus dentes era obviamente uma risada.

Limpei meu rosto com a manga da blusa, incapaz de deixar de rir com ele.

Foi nesse ponto que percebi que todos nos olhavam, os Cullen e os lobisomens — os Cullen com uma expressão perplexa e um tanto enojada. Era difícil interpretar a expressão dos lobos. Achei que Sam parecia infeliz.

E depois havia Edward, à margem e sem dúvida decepcionado. Percebi que ele esperava de mim uma reação diferente. Como gritar e fugir apavorada.

Jacob soltou a risada novamente.

Agora os outros lobos recuavam sem tirar os olhos dos Cullen. Jacob ficou a meu lado, observando-os ir. Logo, eles desapareceram na floresta escura. Só dois hesitaram perto das árvores, observando Jacob, a postura irradiando ansiedade.

Edward suspirou, e — ignorando Jacob — veio se colocar do meu lado, pegando minha mão.

— Pronta para ir? — perguntou.

Antes que eu pudesse responder, ele estava fitando Jacob por cima de mim.

— Ainda não pensei em todos os detalhes — disse ele, respondendo a uma pergunta nos pensamentos de Jacob.

O Jacob-lobo rosnou, rabugento.

— É mais complicado do que isso — disse Edward. — Não se preocupe; vou cuidar para que seja seguro.

— Do que vocês estão falando? — perguntei.

— Só estamos discutindo estratégia — disse Edward.

A cabeça de Jacob oscilava de um lado a outro, olhando nossos rostos. Depois, de repente, ele partiu para a floresta. Enquanto disparava, percebi pela primeira vez um quadrado de tecido preto preso em sua perna traseira.

— Espere — gritei, a mão estendida automaticamente para alcançá-lo. Mas ele desapareceu nas árvores em segundos, seguido pelos outros dois lobos.

— Por que ele foi embora? — perguntei, magoada.

— Ele vai voltar — disse Edward. Ele suspirou. — Quer poder falar ele mesmo.

Olhei a beira da floresta onde Jacob havia desaparecido, inclinando-me para o lado de Edward de novo. Eu estava a ponto de desmaiar, mas reprimia isso.

Jacob saltou à vista de novo, desta vez sobre duas pernas. Seu peito largo estava nu, o cabelo cheio e emaranhado. Usava apenas calça preta de moletom, os pés descalços no chão frio. Agora estava só, mas eu desconfiava de que os amigos estivessem na floresta, invisíveis.

Não levou muito tempo para que ele atravessasse o campo, embora tenha conservado certa distância dos Cullen, que conversavam em silêncio num círculo.

— Tudo bem, sanguessuga — disse Jacob quando estava a alguns metros de nós, evidentemente continuando a conversa que eu perdera. — O que é tão complicado?

— Tenho que considerar todas as possibilidades — disse Edward, sem se deixar abalar. — E se alguém conseguir passar por vocês?

Jacob bufou com a ideia.

— Tudo bem, então, deixe-a na reserva. Vamos deixar Collin e Brady atrás de qualquer maneira. Ela ficará segura lá.

Eu fechei a cara.

— Vocês estão falando de mim?

— Eu só quero saber quais são os planos dele para você durante a luta — explicou Jacob.

— Planos para mim?

— Não pode ficar em Forks, Bella. — A voz de Edward era tranquilizadora. — Eles sabem onde procurar por você lá. E se alguém passar por nós sem que percebamos?

Meu estômago desabou e o sangue fugiu de meu rosto.

— Charlie? — eu disse, arfando.

— Ele vai ficar com Billy — Jacob garantiu-me logo. — Se tiver de cometer um assassinato para levá-lo para lá, meu pai fará isso. Provavelmente não precisará tanto. É neste sábado, não é? Sábado tem jogo.

— Neste sábado? — perguntei, a cabeça girando. Eu estava tonta demais para controlar meus pensamentos disparatados. Franzi o cenho para Edward. — Mas que droga! Lá vai seu presente de formatura.

Edward riu.

— O que vale é a intenção — lembrou-me ele. — Pode dar os ingressos a

outra pessoa.

A inspiração me veio rapidamente.

— Angela e Ben — decidi logo. — Pelo menos isso os tirará da cidade.

Ele tocou meu rosto.

— Não pode evacuar a cidade toda — disse numa voz gentil. — Escondê-la é só uma precaução. Eu lhe disse... não teremos problemas agora. Eles não têm contingente nem para nos divertir.

— Mas e quanto a mantê-la em La Push? — interferiu Jacob, impaciente.

— Ela está circulando demais — disse Edward. — Deixa rastros em toda parte. Alice só vê vampiros muito jovens vindo à caça, mas obviamente alguém os criou. Há alguém mais experiente por trás disso. Quem quer que seja ele — Edward parou e olhou para mim —, ou ela, pode ser uma distração. Alice verá se ele próprio decidir procurar, mas podemos estar muito ocupados na hora em que a decisão for tomada. Talvez alguém esteja contando com isso. Não posso deixá-la num lugar onde costuma ir. Tem de ser difícil encontrá-la, só por garantia. É um tiro no escuro, mas não vou correr nenhum risco.

Fitei Edward enquanto ele explicava, minha testa vincada. Ele afagou meu braço.

— Só estou exagerando na precaução — afirmou ele.

Jacob gesticulou para a floresta densa a leste, para a vasta extensão das montanhas Olympic.

— Então a esconda aqui — sugeriu ele. — Há um milhão de possibilidades... Lugares a que qualquer um de nós pode chegar em alguns minutos, se houver necessidade.

Edward sacudiu a cabeça.

— O cheiro dela é forte demais e, combinado com o meu, é especialmente distinto. Mesmo que eu a carregue, deixaria um rastro. Nosso rastro está em toda parte mas, em conjunção com o cheiro de Bella, chamaria atenção. Não sabemos que caminho eles tomarão, porque eles ainda não sabem. Se eles cruzarem com o cheiro antes de nos encontrarem...

Os dois fizeram uma careta ao mesmo tempo, as sobrancelhas unidas.

— Deve haver um jeito de resolver isso — murmurou Jacob. Ele fitou a floresta, franzindo os lábios.

Eu oscilei. Edward pôs o braço em minha cintura, puxando-me para mais

perto e sustentando meu peso.

— Preciso levá-la para casa... Você está exausta. E Charlie vai acordar logo...

— Espere um minutinho — disse Jacob, girando para nós, os olhos brilhando. — Meu cheiro lhe dá repulsa, não é?

— Hmmm, nada mau. — Edward estava dois passos à frente. — É possível. — Ele se virou para a família. — Jasper? — chamou ele.

Jasper olhou com curiosidade. Aproximou-se, com Alice meio passo atrás. O rosto dela estava frustrado de novo.

— Tudo bem, Jacob. — Edward assentiu para ele.

Jacob virou-se para mim com uma estranha mistura de emoção no rosto. Estava claramente animado com o plano que imaginara, mas também ainda inquieto por estar tão perto de seus aliados inimigos. E depois foi minha vez de ficar preocupada enquanto ele estendia os braços para mim.

Edward respirou fundo.

— Vamos ver se posso confundir bastante o cheiro para esconder seu rastro — explicou Jacob.

Eu olhei seus braços abertos com desconfiança.

— Terá de deixar que ele a carregue, Bella — disse-me Edward. Sua voz era calma, mas eu pude ouvir o desagrado por trás dela.

Franzi o cenho.

Jacob revirou os olhos, impaciente, e me puxou para seus braços.

— Não seja infantil — murmurou ele.

Mas seus olhos dispararam para Edward, como os meus. O rosto de Edward era agradável e sereno. Ele falou com Jasper.

— O cheiro de Bella é muito mais ativo para mim... Pensei que seria um teste mais exato se outra pessoa tentasse.

Jacob afastou-se deles e foi rapidamente até a floresta. Eu nada disse enquanto a escuridão se fechava sobre nós. Eu estava embirrada, pouco à vontade nos braços de Jacob. Era íntimo demais para mim — com certeza, ele não precisava me segurar tão apertado —, e eu não pude deixar de me perguntar como era para ele. Lembrou-me de minha última tarde em La Push e eu não queria pensar naquilo. Cruzei os braços, irritada quando a tala em minha mão intensificou a lembrança.

Não fomos longe; ele descreveu um arco amplo e voltou para a clareira tomando um outro caminho, talvez a meio campo de futebol de nosso ponto de

partida. Edward estava lá, só, e Jacob seguiu na direção dele.

— Agora pode me colocar no chão.

— Não quero me arriscar a estragar o experimento. — Seu ritmo se reduziu e os braços se estreitaram.

— Você é tão irritante — murmurei.

— Obrigado.

De repente, Jasper e Alice se colocaram ao lado de Edward. Jacob deu mais um passo, depois me pôs no chão a dois metros de Edward. Sem olhar para Jacob, fui para o lado de Edward e peguei sua mão.

— E então? — perguntei.

— Desde que você não toque em nada, Bella, não consigo imaginar alguém colocando o nariz perto desse rastro para pegar seu cheiro — disse Jasper com uma careta. — Foi quase totalmente apagado.

— Sucesso absoluto — concordou Alice, franzindo o nariz.

— E isso me deu uma ideia.

— Que vai funcionar — acrescentou Alice com confiança.

— Muito inteligente — concordou Edward.

— Como você aguenta isso? — murmurou Jacob para mim.

Edward ignorou Jacob e me olhou enquanto explicava.

— Nós vamos... bem, você vai... deixar um falso rastro para a clareira, Bella. Os recém-criados estão caçando, seu cheiro os animará e eles virão exatamente para onde queremos sem a menor preocupação. Alice já pode ver que isso vai dar certo. Quando eles sentirem nosso cheiro, vão se dividir e tentar chegar a nós de dois lados. Metade atravessará a floresta, onde sua visão de repente desaparece...

— Isso! — sibilou Jacob.

Edward sorriu para ele, um sorriso de verdadeira camaradagem.

Senti náuseas. Como podiam estar ansiosos para isso? Como eu podia suportar colocar os dois em perigo? Eu não podia.

E não colocaria.

— Nada disso — disse Edward subitamente, a voz enojada. Isso me fez pular, preocupando-me que ele de algum modo tivesse ouvido minha decisão, mas seus olhos estavam em Jasper.

— Eu sei, eu sei — disse Jasper logo. — Nem cogitei isso, é sério.

Alice bateu o pé.

— Se Bella de fato estivesse na clareira — explicou Jasper a ela —, eles ficariam loucos. Não conseguiriam se concentrar em nada, só nela. Ficaria muito mais fácil pegá-los...

O olhar de Edward fez Jasper recuar.

— É claro que é perigoso demais para ela. Foi só uma ideia — disse ele rapidamente. Mas olhou para mim pelo canto do olho, e o olhar era tristonho.

— Não — disse Edward. O tom de sua voz era decisivo.

— Tem razão — disse Jasper. Ele pegou a mão de Alice e voltou para os outros. — Uma melhor de três? — Eu o ouvi perguntar a ela quando foram treinar de novo.

Jacob olhou para ele com revolta.

— Jasper olha os fatos da perspectiva militar. — Edward defendeu o irmão em voz baixa. — Ele procura por todas as opções... É eficácia, não insensibilidade dele.

Jacob bufou.

Ele se aproximou inconscientemente, atraído pela concentração no planejamento. Ficou a apenas um metro de Edward, e, parada ali entre eles, pude sentir a tensão física no ar. Era como estática, uma carga desagradável.

Edward voltou ao que interessava.

— Vou trazê-la aqui na sexta-feira à tarde para deixar o rastro falso. Pode nos encontrar depois e levá-la a um lugar que eu conheço. Totalmente fora do caminho e facilmente defensável, embora não venha a ser necessário. Vou tomar outra rota para lá.

— E depois? Deixá-la com um celular? — perguntou Jacob num tom crítico.

— Tem uma ideia melhor?

Jacob de repente ficou presunçoso.

— Na verdade, tenho.

— Ah... De novo, cachorro, nada mau.

Jacob virou-se para mim rapidamente, como se decidido a bancar o bom moço ao me incluir na conversa.

— Tentamos convencer Seth a ficar com os dois mais novos. Ele ainda é muito novo, mas é teimoso e está resistindo. Então, pensei numa nova tarefa para ele... Celular.

Tentei dar a impressão de que entendi. Ninguém se deixou enganar.

— Com Seth Clearwater na forma de lobo, ele estará conectado ao grupo — disse Edward. — A distância não cria problemas? — acrescentou ele, virando-se para Jacob.

— Não.

— Uns quinhentos quilômetros? — perguntou Edward. — Impressionante!

Jacob era de novo o bom moço.

— Foi o máximo que experimentamos — disse-me ele. — Ainda fica muito claro.

Eu assenti, distraída; titubeava com a ideia de que o pequeno Seth Clearwater já fosse um lobisomem, e isso dificultava minha concentração. Em minha mente, podia ver seu sorriso luminoso, tão parecido com um Jacob mais novo; ele não devia ter mais de 15 anos, se tanto. Seu entusiasmo na reunião do conselho na fogueira de repente assumiu um novo significado...

— É uma boa ideia. — Edward parecia relutante em admitir isso. — Vou me sentir melhor com Seth lá, mesmo sem a comunicação instantânea. Não sei se poderia deixar Bella sozinha. E pensar que chegamos a isso! Confiar em lobisomens!

— Lutar com vampiros em vez de contra eles! — Jacob espelhou o tom de repulsa de Edward.

— Bem, você ainda terá de lutar contra alguns — disse Edward.

Jacob sorriu.

— É por isso que estamos aqui.

19. EGOÍSMO

EDWARD ME CARREGOU PARA CASA NOS BRAÇOS, já esperando que eu não me aguentasse. Devo ter dormido no caminho.

Quando acordei, estava em minha cama, e a luz fraca que atravessava a janela entrava em um ângulo estranho. Quase como se fosse à tarde.

Eu bocejei e me espreguicei, meus dedos procurando por ele e encontrando o vazio.

— Edward? — murmurei.

Meus dedos ansiosos encontraram uma coisa fria e suave. A mão de Edward.

— Está realmente acordada desta vez? — murmurou ele.

— Hmmm — eu suspirei, assentindo. — Houve muitos alarmes falsos?

— Você estava muito inquieta... Falou o dia todo.

— O dia todo? — Eu pisquei e olhei outra vez pela janela.

— Teve uma noite muito longa — disse ele num tom tranquilizador. — Ganhou um dia na cama.

Eu me sentei e minha cabeça girou. A luz que entrava pela janela vinha mesmo do leste.

— Caramba.

— Com fome? — suspeitou ele. — Quer o café na cama?

— Eu vou pegar — gemi, espreguiçando-me de novo. — Preciso me levantar e andar um pouco.

Ele segurou minha mão até a cozinha, olhando-me com cuidado, como se eu pudesse cair. Ou talvez pensasse que eu era sonâmbula.

Não compliquei o cardápio, colocando algumas Pop-Tarts na torradeira. De relance, vi a mim mesma refletida no cromado.

— Ui, eu estou um horror.

— Foi uma noite longa — disse ele de novo. — Você devia ter ficado aqui e dormido.

— Ah, é! E ter perdido tudo? Sabe, você precisa começar a aceitar o fato de

que agora eu faço parte da família.

Ele sorriu.

— Eu bem que podia me acostumar com essa ideia.

Eu me sentei com meu café da manhã e ele se sentou a meu lado. Quando ergui a Pop-Tart para dar a primeira mordida, percebi que ele olhava minha mão. Baixei a cabeça e vi que eu ainda estava usando o presente que Jacob me dera na festa.

— Posso? — perguntou ele, estendendo a mão para o lobo minúsculo de madeira.

Eu engoli com ruído.

— Hmmm, claro.

Ele moveu a mão por baixo da pulseira e equilibrou a pequena figura na palma de neve. Por um momento fugaz, eu tive medo. Só o mais leve torcer dos dedos dele podia desfazer a figura em lascas.

Mas é claro que Edward não faria isso. Fiquei constrangida só por ter pensado na hipótese. Ele observou o lobo na mão por um momento, depois o soltou. O pingente oscilou com leveza em meu pulso.

Tentei entender a expressão de seus olhos. Só o que pude ver foi reflexão; ele mantinha todo o resto oculto, se é que havia algo mais.

— Jacob Black pode lhe dar presentes.

Não era uma pergunta, nem uma acusação. Só uma declaração da realidade. Mas eu sabia que ele estava se referindo a meu último aniversário e ao ataque que dei com os presentes; eu não queria nenhum deles. Em especial, não de Edward. Não era de todo lógico e, evidentemente, de qualquer jeito todos eles me ignoraram...

— Você me deu presentes — lembrei a ele. — Sabe como eu gosto do estilo "faça você mesmo".

Ele franziu os lábios por um segundo.

— E que tal alguma coisa de segunda mão? É aceitável?

— Como assim?

— Esta pulseira. — O dedo acompanhou um círculo em volta de meu pulso. — Vai usar muito?

Eu dei de ombros.

— Porque você não quer ferir os sentimentos dele — sugeriu ele com

perspicácia.

— Claro, acho que sim.

— Então não acha que seria justo — perguntou ele, olhando minha mão ao falar; virou a palma para cima e passou o dedo pelas veias de meu pulso — que eu tivesse uma pequena representação?

— Representação?

— Um pingente... Algo que a faça se lembrar de mim.

— Você está em cada pensamento que tenho. Não preciso de lembretes.

— Se eu lhe desse uma coisa, você usaria? — pressionou ele.

— De segunda mão? — eu ri.

— Sim, algo que tenho há algum tempo. — Ele deu seu sorriso de anjo.

Se aquela era a única reação ao presente de Jacob, eu aceitaria de bom grado.

— Qualquer coisa que o faça feliz.

— Você percebeu a desigualdade? — perguntou ele, e sua voz tornou-se acusatória. — Porque eu sem dúvida percebi.

— Que desigualdade?

Seus olhos se estreitaram.

— Todos os outros podem dar presentes a você impunemente. Todo mundo, menos eu. Eu teria adorado lhe dar um presente de formatura, mas não. Sabia que isso a aborreceria mais do que se outra pessoa fizesse. Isso é totalmente injusto. Como explica a si mesma?

— Fácil. — Eu dei de ombros. — Você é mais importante do que todos os outros. E você me deu você. Já é mais do que eu mereço, e qualquer outra coisa que me der só vai aumentar ainda mais o desequilíbrio entre nós.

Ele processou isso por um momento, depois revirou os olhos.

— O modo como me considera é absurdo.

Mastiguei minha torrada calmamente. Eu sabia que ele não ouviria se eu lhe dissesse que ele tinha entendido muito bem.

O celular de Edward tocou.

Ele olhou o número antes de atender.

— Que foi, Alice?

Ele escutou e eu esperei por sua reação, de repente nervosa. Mas o que quer que ela tenha dito, não o surpreendeu. Edward suspirou algumas vezes.

— Acho que adivinhei grande parte disso — disse ele, olhando-me nos olhos,

um arco de censura nas sobrancelhas. — Ela falou enquanto dormia.

Eu corei. O que eu tinha dito agora?

— Vou cuidar disso — prometeu ele.

Ele me encarou ao desligar o telefone.

— Há algo que você queira me contar?

Pensei por um momento. Considerando o alerta de Alice na noite anterior, eu podia adivinhar por que ela telefonara. E depois, lembrando os sonhos agitados que tive enquanto dormia durante o dia — sonhos em que eu ia atrás de Jasper, tentando segui-lo, e achava a clareira no bosque labiríntico, sabendo que encontraria Edward lá... Edward e os monstros que queriam me matar, mas sem me importar com eles porque eu já tomara minha decisão —, também podia adivinhar o que Edward ouvira enquanto eu dormia.

Franzi os lábios por um momento, sem conseguir sustentar seu olhar. Ele esperou.

— Eu gosto da ideia de Jasper — eu disse por fim.

Ele gemeu.

— Quero ajudar. Tenho que fazer alguma coisa — insisti.

— Não ajudaria em nada colocá-la em perigo.

— Jasper acha que sim. Essa área é especialidade dele.

Edward me fuzilou com os olhos.

— Não pode me manter afastada — eu ameacei. — Eu não vou me esconder na floresta enquanto você assume todos os riscos por mim.

De repente, ele reprimia um sorriso.

— Alice não vê você na clareira, Bella. Ela a vê perdida na floresta. Você não conseguiria nos encontrar; só vai consumir mais meu tempo para encontrá-la depois de tudo.

Tentei manter a mesma frieza dele.

— Isso porque Alice não considerou Seth Clearwater — eu disse educadamente. — Se tivesse considerado, é claro que ela não poderia ver nada. Mas parece que Seth quer estar lá tanto quanto eu. Não deve ser tão difícil convencê-lo a me mostrar o caminho.

A raiva apareceu em seu rosto, depois ele respirou fundo e se recompôs.

— Isso poderia ter dado certo... se você não tivesse me contado. Agora terei de pedir a Sam para dar certas ordens a Seth. Por mais que ele queira, Seth não será

capaz de ignorar esse tipo de injunção.

Mantive o sorriso satisfeito.

— Mas por que Sam daria essas ordens? Se eu disser a ele como me ajudaria estar lá? Aposto que Sam faria um favor a mim, e não a você.

Ele teve de se recompor novamente.

— Talvez tenha razão. Mas tenho certeza de que Jacob ficará ávido para dar essas mesmas ordens.

Franzi a testa.

— Jacob?

— Jacob é o segundo em comando. Ele não lhe contou isso? As ordens dele também têm de ser seguidas.

Edward me pegou e, por seu sorriso, ele sabia disso. Minha testa enrugou. Jacob ficaria do lado dele — neste caso —, eu tinha certeza. E Jacob não me contara aquilo.

Edward tirou vantagem do fato de que eu fiquei abalada por um momento, continuando num tom suspeitosamente suave e tranquilizador.

— Tive um panorama fascinante da mente da alcateia ontem à noite. Foi melhor do que novela de tevê. Eu não fazia ideia de como a dinâmica era complexa num grupo desse tamanho. O impulso do indivíduo contra a psique coletiva... Absolutamente fascinante.

Era óbvio que ele tentava me distrair. Eu o fuzilei com os olhos.

— Jacob guarda muitos segredos — disse ele com um sorriso malicioso.

Não respondi, só continuei encarando-o, prendendo-me a meu argumento e esperando por uma oportunidade.

— Por exemplo, percebeu o lobo cinza menor ontem à noite?

Eu assenti rigidamente.

Ele riu.

— Todos levam suas lendas muito a sério. Por acaso as histórias deles não os prepararam para determinadas situações.

Eu suspirei.

— Tudo bem, vou morder a isca. Do que está falando?

— Eles sempre aceitaram sem questionar que só os netos diretos do lobo original tinham o poder de se transformar.

— Então alguém que mudou não era descendente direto?

— Não. Ela não é descendente direta, não mesmo.

Eu pestanejei e meus olhos se arregalaram.

— Ela?

Ele assentiu.

— Ela conhece você. O nome dela é Leah Clearwater.

— Leah é um lobisomem! — eu gritei. — Como? Há quanto tempo? Por que Jacob não me contou?

— Há informações que ele não tem permissão de partilhar... Quantos eles são, por exemplo. Como eu já disse, quando Sam dá uma ordem, a alcateia não pode simplesmente ignorá-la. Jacob teve o cuidado de pensar em outras coisas quando estava perto de mim. É claro que depois da noite passada isso tudo vazou.

— Não acredito. Leah Clearwater! — De repente, lembrei-me de Jacob falando de Leah e Sam e de como ele agiu como se tivesse falado demais — depois disse algo sobre Sam ter de olhar nos olhos de Leah todos os dias e saber que tinha quebrado todas as promessas dele... Leah no penhasco, uma lágrima cintilando no rosto quando o Velho Quil falou do fardo e do sacrifício que os filhos quileutes compartilhavam... E Billy, ficando com Sue porque ela vivia certos problemas com os filhos... E na verdade o problema era que os dois agora eram lobisomens!

Eu não pensava muito em Leah Clearwater, só lamentei por sua perda quando Harry faleceu, depois tive pena de novo quando Jacob contou a história dela, sobre como o estranho imprinting entre Sam e a prima Emily a magoara.

E agora ela fazia parte do grupo de Sam, ouvindo seus pensamentos... e incapaz de esconder os dela.

Eu odeio essa parte, dissera Jacob. Tudo de que você se envergonha, ali, exposto para todo o mundo ver.

— Coitada de Leah — sussurrei.

Edward bufou.

— Ela está tornando a vida extraordinariamente desagradável para os outros. Não tenho certeza se merece sua solidariedade.

— O que quer dizer?

— É bem difícil para eles ter de partilhar todos os pensamentos. A maioria tenta cooperar, facilitar a vida. Quando um membro que seja é deliberadamente cruel, é doloroso para todos.

— Ela tem seus motivos — murmurei, ainda do lado dela.

— Ah, eu sei — disse ele. — A compulsão do imprinting é uma das experiências mais fortes que já testemunhei na vida, e vi algumas coisas estranhas. — Ele sacudiu a cabeça, maravilhado. — É impossível descrever como Sam é ligado a Emily... ou eu devia dizer o Sam dela. Sam na verdade não tem escolha. Isso me lembra de Sonho de uma Noite de Verão, com todo o caos causado pelos feitiços de amor das fadas... É como magia. — Ele sorriu. — É quase tão forte quanto o que sinto por você.

— Coitada de Leah — repeti. — Mas o que quer dizer com cruel?

— Ela está constantemente trazendo à baila assuntos em que eles não querem pensar — explicou ele. — Por exemplo, Embry.

— O que tem Embry? — perguntei, surpresa.

— A mãe dele se mudou da reserva makah há 17 anos, quando estava grávida dele. Ela não é quileute. Todos imaginavam que ela havia deixado o pai entre os makahs. Mas depois ele se uniu à alcateia.

— E daí?

— Daí que os principais candidatos a pai são o Velho Quil Ateara, Joshua Uley e Billy Black, todos casados àquela altura, é claro.

— Não! — eu disse, arfando. Edward tinha razão: aquilo era mesmo uma novela de tevê.

— Agora Sam, Jacob e Quil se perguntam qual deles tem um meio-irmão. Todos preferem pensar que é Sam, uma vez que o pai dele nunca foi exatamente um pai. Mas a dúvida está sempre presente. Jacob jamais conseguiu perguntar isso a Billy.

— Caramba. Como você soube de tanto numa noite?

— A mente da alcateia é hipnotizante. Todos os pensamentos juntos e depois separadamente, tudo ao mesmo tempo. Há tanto a ler!

Ele parecia um tanto arrependido, como alguém que tinha de largar um bom livro pouco antes do clímax. Eu ri.

— A alcateia é fascinante — concordei. — Quase tão fascinante quanto você quando está tentando me distrair.

A expressão dele voltou a ficar educada — de uma frieza perfeita.

— Eu preciso estar na clareira, Edward.

— Não — disse ele num tom de voz definitivo.

Um certo caminho me ocorreu naquele momento.

Eu não precisava tanto estar na clareira; só tinha de estar onde Edward estivesse.

Cruel, eu me acusei. Egoísta, egoísta, egoísta! Não faça isso!

Ignorei meus melhores instintos. Mas não consegui olhar para ele ao falar, a culpa colou meus olhos na mesa.

— Tudo bem, escute, Edward — sussurrei. — Você até tem razão... Eu já enlouqueci uma vez. Sei quais são meus limites. E não vou suportar se você me deixar de novo.

Não procurei ver sua reação, com medo de saber quanta dor eu lhe estava infligindo. Ouvi-o respirar subitamente e o silêncio que se seguiu. Fitei o tampo escuro de madeira da mesa, desejando poder retirar o que tinha dito. Mas sabia que provavelmente não faria isso. Não se funcionasse.

De repente, seus braços estavam à minha volta, as mãos afagando meu rosto, meus braços. Ele estava me reconfortando. A culpa parecia uma espiral. Mas o instinto de sobrevivência era mais forte. Não havia dúvida de que ele era fundamental para minha sobrevivência.

— Sabe que não é assim, Bella — ele murmurou. — Eu não estarei longe e vai acabar rápido.

— Não vou suportar — insisti, ainda de cabeça baixa. — Sem saber se você vai voltar ou não. Como vou viver com isso, por mais rápido que acabe?

Ele suspirou.

— Será fácil, Bella. Não há motivo para temer.

— Nenhum?

— Nenhum.

— E todos ficarão bem?

— Todos — prometeu ele.

— Então de forma alguma eu preciso estar na clareira?

— É claro que não. Alice acaba de me dizer que eles caíram para dezenove. Vamos conseguir lidar com isso facilmente.

— É verdade... Você disse que era tão fácil que alguém podia ficar de fora assistindo — repeti as palavras da noite anterior. — Você falou sério?

— Sim.

Era simples demais — ele tinha de ver aonde eu queria chegar.

— Tão fácil que você pode ficar de fora assistindo?

Depois de um longo silêncio, enfim olhei sua expressão.

A cara impassível tinha voltado.

Respirei fundo.

— Então, das duas, uma. Ou há mais risco do que você quer que eu saiba, e neste caso o certo seria eu ficar aqui e fazer o que puder para ajudar, ou... será tão fácil que eles conseguirão sem você. Qual das duas?

Ele nada disse.

Eu sabia em que ele estava pensando — no mesmo que eu. Carlisle. Esme. Emmett. Rosalie. Jasper. E... obriguei-me a pensar no último nome: Alice.

Perguntei-me se eu era um monstro. Não do tipo que ele julgava ser, mas um monstro real. Do tipo que magoa as pessoas. Do tipo que desconhecia limites quando se tratava de fazer o que queria.

O que eu queria era mantê-lo em segurança, em segurança comigo. Teria um limite para o que eu faria, o que sacrificaria por isso? Eu não tinha certeza.

— Está me pedindo para deixar que eles lutem sem minha ajuda? — disse ele em voz baixa.

— Sim. — Fiquei surpresa por conseguir manter a voz estável. Eu me sentia tão miserável por dentro! — Ou que eu possa estar lá. Qualquer opção, contanto que fiquemos juntos.

Ele respirou fundo, depois expirou lentamente. Colocou as mãos em meu rosto, obrigando-me a encontrar seu olhar. Olhou em meus olhos por um longo tempo. Perguntei-me o que ele procurava e o que tinha encontrado. A culpa estaria tão evidente em meu rosto quanto em meu estômago — deixando-me enjoada?

Seus olhos se estreitaram com uma emoção que eu não consegui ler, e ele baixou uma das mãos para pegar o telefone de novo.

— Alice — suspirou ele. — Pode ficar de babá com a Bella um pouco? — Ele ergueu uma sobrancelha, desafiando-me a fazer objeção à palavra. — Preciso conversar com Jasper.

Ela evidentemente concordou. Ele desligou o celular e voltou a me fitar no rosto.

— O que vai dizer a Jasper? — sussurrei.

— Vou discutir... minha ausência da luta.

Era fácil ler em seu rosto como as palavras eram difíceis para ele.

— Eu sinto muito.

E eu sentia mesmo. Odiei fazer aquilo com ele. Não bastava que eu fingisse um sorriso e lhe dissesse para ir em frente sem mim. Definitivamente, não tanto assim.

— Não se desculpe — disse ele, sorrindo um pouco. — Jamais tenha medo de me dizer o que sente, Bella. Se é disso que precisa... — Ele deu de ombros. — Você é minha prioridade máxima.

— Eu não quis colocar dessa forma... Como se você tivesse de escolher entre mim e sua família.

— Sei disso. Além de tudo, não foi o que você pediu. Você me deu duas alternativas com que pode conviver, e eu escolhi aquela com a qual eu posso conviver. É assim que a conciliação deve funcionar.

Inclinei-me para a frente e pousei a testa em seu peito.

— Obrigada — sussurrei.

— Disponha — respondeu ele, beijando meu cabelo. — Quando quiser.

Não nos mexemos por um bom tempo. Mantive o rosto escondido, apertado contra sua camisa. Duas vozes lutavam dentro de mim. Uma que queria ser boa e corajosa, outra que dizia à boa para calar a boca.

— Quem é a terceira esposa? — perguntou-me ele de repente.

— Hein? — eu disse, enrijecendo. Não me lembrava de ter tido esse sonho de novo.

— Você ficou murmurando sobre "a terceira esposa" ontem à noite. O restante fez algum sentido, mas fiquei perdido aí.

— Ah! Hmmm, é. Foi uma das histórias que ouvi na fogueira na outra noite. — Dei de ombros. — Acho que me fixei nessa.

Edward se afastou e inclinou a cabeça para o lado, provavelmente confuso com o tom desconfortável em minha voz.

Antes que ele pudesse perguntar, Alice apareceu na porta da cozinha com uma expressão amargurada.

— Vai perder toda a diversão — grunhiu ela.

— Oi, Alice — ele a cumprimentou. Ele pôs um dedo sob meu queixo e ergueu meu rosto para me dar um beijo de despedida.

— Voltarei esta noite — prometeu-me. — Vou discutir isso com os outros, reorganizar tudo.

— Tudo bem.

— Não há muito a ser reorganizado — disse Alice. — Já falei com eles. Emmett está satisfeito.

Edward suspirou.

— Claro que está.

Ele saiu pela porta, deixando-me com Alice.

Ela me fuzilou com os olhos.

— Desculpe — eu disse de novo. — Acha que assim fica mais perigoso para vocês?

Ela bufou.

— Você se preocupa demais, Bella. Vai ficar grisalha antes do tempo.

— Então, por que está aborrecida?

— Edward é um resmungão e tanto quando não faz o que quer. Só estou prevendo a convivência com ele nos próximos meses. — Ela fez uma careta. — Imagino, se isso a manterá sã, que valha a pena. Mas gostaria que você pudesse controlar o pessimismo, Bella. Não é necessário.

— Você deixaria Jasper ir sem você? — perguntei.

Alice fez uma careta.

— Isso é diferente.

— Claro que é.

— Vá se lavar — ordenou-me ela. — Charlie chegará em casa daqui a quinze minutos, e com essa cara amarrotada ele não vai permitir que você saia novamente.

Caramba, eu perdi mesmo o dia todo. Parecia um desperdício. Fiquei feliz por em algum momento não precisar mais gastar meu tempo dormindo.

Eu estava inteiramente apresentável quando Charlie chegou em casa — totalmente vestida, o cabelo decente e na cozinha colocando o jantar dele na mesa. Alice sentou-se no lugar de costume de Edward e Charlie pareceu ganhar o dia com isso.

— Puxa vida, Alice! Como você está, querida?

— Estou bem, Charlie, obrigada.

— Afinal vejo você fora da cama, dorminhoca — disse ele enquanto eu me sentava ao lado, antes de se virar para Alice. — Todo mundo está falando da festa que seus pais deram ontem à noite. Aposto que você tem um trabalho danado de

faxina pela frente.

Alice deu de ombros. Conhecendo-a, já estava feito.

— Valeu a pena — disse ela. — Foi uma festa ótima.

— Onde está Edward? — perguntou Charlie, meio de má vontade. — Está ajudando na limpeza?

Alice suspirou e seu rosto ficou trágico. Provavelmente era fingimento, mas era perfeito demais para ser positivo para mim.

— Não. Está planejando o fim de semana com Emmett e Carlisle.

— Vão fazer trilha de novo?

Alice assentiu, a cara de repente infeliz.

— Sim. Todos eles vão, menos eu. Sempre vamos acampar no final do ano letivo, é uma espécie de comemoração, mas esse ano decidi que preferia fazer compras, e nenhum deles vai ficar comigo. Estou abandonada.

Seu rosto franziu, a expressão tão arrasada que Charlie se inclinou para ela automaticamente, a mão estendida, procurando por uma maneira de ajudar. Eu a encarei desconfiada. O que ela estava fazendo?

— Alice, querida, por que não fica aqui conosco? — propôs Charlie. — Não gosto de pensar em você completamente só naquela casa imensa.

Ela suspirou. Alguma coisa esmagou meu pé debaixo da mesa.

— Ai! — eu protestei.

Charlie se virou para mim.

— Que foi?

Alice me lançou um olhar frustrado. Eu sabia que ela estava me achando muito lenta aquela noite.

— Eu bati o dedão do pé — murmurei.

— Ah! — Ele voltou a olhar para Alice. — E então, o que acha?

Ela pisou no meu pé de novo, dessa vez não tão forte.

— Er, pai, sabe, a gente não tem as melhores acomodações aqui. Acho que Alice não vai querer dormir no chão do meu quarto...

Charlie franziu os lábios. Alice fez a expressão arrasada de novo.

— Talvez Bella deva ficar lá com você — sugeriu ele. — Até que seu pessoal volte.

— Ah, você faria isso, Bella? — Alice sorriu radiante para mim. — Não se importa de fazer compras comigo, não é?

— Claro — concordei. — Fazer compras. Tudo bem.

— Quando eles vão? — perguntou Charlie.

Alice fez outra careta.

— Amanhã.

— Quando quer que eu vá? — perguntei.

— Depois do jantar, eu acho — disse ela, depois pôs um dedo no queixo, pensativa. — Não tem nada marcado no sábado, tem? Quero fazer compras fora da cidade e vai levar o dia todo.

— Seattle, não — intrometeu-se Charlie, as sobrancelhas se unindo.

— É claro que não — concordou Alice na mesma hora, embora nós duas soubéssemos que Seattle estaria totalmente segura no sábado. — Eu estava pensando em Olympia, talvez...

— Vai gostar disso, Bella. — Charlie ficou animado de alívio. — Vai poder curtir muito a cidade.

— É, pai. Será ótimo.

Com uma conversa agradável, Alice tinha preparado minha agenda para a batalha.

Edward voltou não muito tempo depois, aceitando os votos de boa viagem de Charlie sem surpresa nenhuma. Afirmou que partiriam de manhã cedo e deu boa-noite antes da hora habitual. Alice saiu com ele.

Eu pedi licença logo depois que eles saíram.

— Não pode estar cansada — protestou Charlie.

— Um pouco — menti.

— Não admira que você não vá a festas — murmurou ele. — Leva tempo demais para se recuperar.

No segundo andar, Edward estava deitado em minha cama.

— A que horas será a reunião com os lobos? — murmurei enquanto me juntava a ele.

— Daqui a uma hora.

— Que bom. Jake e os amigos precisam dormir um pouco.

— Eles não precisam tanto quanto você — observou ele.

Passei a outro assunto, supondo que ele estava prestes a tentar me convencer a ficar em casa.

— Alice lhe contou que está me raptando de novo?

Ele sorriu.

— Na verdade, ela não está.

Eu o fitei, confusa, e ele riu baixo da minha expressão.

— Eu sou o único que tem permissão para mantê-la refém, lembra? — disse ele. — Alice vai caçar com os outros. — Ele suspirou. — Acho que eu não preciso fazer isso agora.

— Você está me raptando?

Ele assentiu.

Pensei naquilo por pouco tempo. Sem Charlie ouvindo do primeiro andar, me olhando de vez em quando. E sem a casa cheia de vampiros acordados com sua audição invasivamente sensível... Só ele e eu — realmente a sós.

— Está tudo bem? — perguntou ele, preocupado com meu silêncio.

— Bem... claro, exceto por um detalhe.

— Que detalhe? — Seus olhos eram ansiosos. Era desnorteante mas, de certo modo, ele ainda parecia inseguro sobre mim. Talvez eu precisasse deixar tudo mais claro.

— Por que Alice não disse a Charlie que você está partindo esta noite? — perguntei.

Ele riu, aliviado.

Desfrutei a viagem à clareira mais que na noite anterior. Eu me sentia culpada, ainda com medo, mas não estava mais apavorada. Eu estava atenta. Podia ver o que aconteceria e quase acreditar que talvez tudo ficasse bem. Edward aparentemente estava bem com a ideia de ficar de fora da luta... E, assim, não era muito difícil acreditar quando ele dizia que seria fácil. Se ele não acreditasse, não se afastaria da família. Talvez Alice estivesse certa e eu me preocupasse demais.

Fomos os últimos a chegar à clareira.

Jasper e Emmett já estavam lutando — um aquecimento, pelo som dos risos. Alice e Rosalie estavam recostadas no chão duro, olhando. Esme e Carlisle conversavam a poucos metros de distância, de mãos dadas, os dedos entrelaçados, sem prestar atenção.

A noite estava muito mais iluminada, a lua brilhando através das nuvens finas, e eu podia ver facilmente os três lobos sentados na beira do ringue de treino, separados para observar de diferentes ângulos.

Também foi fácil reconhecer Jacob; eu o teria reconhecido de imediato,

mesmo que ele não levantasse a cabeça e olhasse ao ouvir nossa aproximação.

— Onde estão os outros lobos? — perguntei.

— Não precisam estar aqui. Um seria suficiente para a tarefa, mas Sam não confia em nós o bastante para mandar só Jacob, embora Jacob estivesse disposto a isso. Quil e Embry estão aqui como seus... acho que pode chamá-los de braços direitos.

— Jacob confia em você.

Edward assentiu.

— Ele confia que não vamos tentar matá-lo. Mas é só isso.

— Vai participar esta noite? — perguntei, hesitante. Eu sabia que aquilo seria quase tão difícil para ele como ficar para trás teria sido para mim. Talvez mais difícil.

— Vou ajudar Jasper quando ele precisar. Ele quer experimentar algumas formações diferentes, ensinar-lhes a lidar com vários atacantes.

Ele deu de ombros.

E uma onda renovada de pânico abalou meu breve sentimento de confiança.

Eles ainda eram em maior número. Eu estava piorando tudo.

Fitei o campo, tentando esconder minha reação.

Era o lugar errado para olhar, lutando como eu estava para mentir a mim mesma, convencer a mim mesma de que tudo daria certo como eu precisava que fosse. Porque, quando forcei os olhos para longe dos Cullen — para longe da imagem de seu treino de luta que seria real e mortal só dali a alguns dias — Jacob captou meu olhar e sorriu.

Era o mesmo sorriso de lobo, os olhos se estreitando como faziam quando ele era humano.

Era difícil acreditar que, não muito tempo antes, eu achava os lobisomens assustadores — perdia o sono com os pesadelos que tinha com eles.

Eu sabia, sem perguntar, quem era Embry e quem era Quil. Porque estava claro que Embry era o lobo cinza mais claro, com as manchas escuras no dorso, sentado pacientemente observando, enquanto Quil — de um marrom-chocolate intenso, mais claro no focinho — se retorcia com frequência, parecendo estar morrendo de vontade de se juntar ao treino. Eles não eram monstros, nem naquela forma. Eram amigos.

Amigos que não pareciam tão indestrutíveis como Emmett e Jasper,

movendo-se cada vez mais rápido ao luar que cintilava em sua pele dura como granito. Amigos que não pareciam entender o perigo envolvido ali. Amigos que ainda eram, de certo modo, mortais, amigos que podiam sangrar, amigos que podiam morrer...

A confiança de Edward era tranquilizadora porque, sem dúvida, ele não estava verdadeiramente preocupado com sua família. Mas ele ficaria magoado se algo ruim acontecesse com os lobos? Haveria um motivo para ele ficar ansioso, se essa possibilidade não o incomodava? A confiança de Edward só se aplicava a parte de meus medos.

Tentei sorrir para Jacob, engolindo em seco o nó na garganta. Não pareceu sair direito.

Jacob se colocou de pé com leveza, sua agilidade estranha naquele corpo imenso, e trotou para onde Edward e eu estávamos, à margem do treino.

— Jacob — Edward o cumprimentou educadamente.

Jacob o ignorou, os olhos escuros em mim. Pôs a cabeça no meu nível, como fez ontem, tombando-a de lado. Um ganido baixo escapou de seu focinho.

— Eu estou bem — respondi, sem precisar da tradução que Edward estava prestes a fazer. — Só preocupada, sabe como é.

Jacob continuava a me fitar.

— Ele quer saber por quê — murmurou Edward.

Jacob rosnou — não um som ameaçador, um som irritado —, e os lábios de Edward se retorceram.

— Que foi? — perguntei.

— Ele acha que minhas traduções deixam a desejar. O que ele realmente pensou foi: "Isso é uma idiotice. Que motivo há para se preocupar?" Eu editei, porque pensei que seria rude.

Abri um meio sorriso ansioso demais para realmente parecer entretida.

— Há muito com o que se preocupar — eu disse a Jacob. — Como um bando de lobos muito idiotas se machucando.

Jacob riu seu ladrar em tosse.

Edward suspirou.

— Jasper quer ajuda. Vai ficar bem sem intérprete?

— Vou me virar.

Edward olhou-me tristonho por um minuto, a expressão difícil de entender,

depois deu as costas e foi para onde Jasper esperava.

Fiquei sentada onde estava. O chão era frio e desconfortável.

Jacob avançou um passo, depois voltou a olhar para mim, e um gemido baixo surgiu de sua garganta. Ele deu outro meio passo.

— Vá sem mim — eu disse a ele. — Não quero ver.

Jacob inclinou a cabeça para o lado de novo, por um momento, depois se dobrou no chão a meu lado com um suspiro alto.

— É sério, pode ir — eu garanti. Ele não respondeu, só colocou a cabeça entre as patas.

Olhei as nuvens prateadas e claras, sem querer ver a luta. Minha imaginação tinha combustível mais do que suficiente. Uma brisa soprou pela clareira e eu tremi.

Jacob chegou mais perto de mim, apertando o pelo quente em meu lado esquerdo.

— Er, obrigada — murmurei.

Depois de algum tempo, encostei-me em seu ombro largo. Era muito mais confortável assim.

As nuvens moviam-se lentamente pelo céu, escurecendo e clareando à medida que trechos espessos cobriam a lua e passavam por ela.

Distraída, comecei a passar os dedos no pelo de seu pescoço. Aquele mesmo zumbido estranho que ele fizera no dia anterior ribombou de sua garganta. Era um som aconchegante. Mais áspero, mais selvagem do que um ronronar de gato, mas que transmitia o mesmo contentamento.

— Sabe, eu nunca tive um cachorro — refleti. — Sempre quis um, mas Renée é alérgica.

Jacob riu; seu corpo se sacudiu sob o meu.

— Não está nada preocupado com o sábado? — perguntei.

Ele virou a cabeça enorme para mim, de modo que eu pude ver seus olhos revirarem.

— Queria ter esse otimismo todo.

Ele pousou a cabeça em minha perna e começou a murmurar de novo. E isso fez com que eu me sentisse um pouco melhor.

— Então vamos fazer uma trilha amanhã, imagino.

Ele rosnou; o som era entusiasmado.

— Pode ser uma longa caminhada — eu o alertei. — Edward não julga as distâncias como uma pessoa normal.

Jacob ladrou outro riso.

Eu me acomodei mais em seu pelo quente, pousando a cabeça em seu pescoço.

Era estranho. Embora ele estivesse naquela forma bizarra, parecia mais como Jake e eu costumávamos ser — a amizade tranquila e sem esforço que era natural como a respiração — do que das últimas vezes em que estive com Jacob enquanto ele era humano. Estranho que eu encontrasse aquilo novamente ali, quando pensava que toda a história de lobo fosse a causa dessa perda.

Os jogos letais continuaram na clareira e eu olhava a lua meio encoberta.

20. CONCILIAÇÃO

ESTAVA TUDO PRONTO.

Fiz a mala para minha visita de dois dias a "Alice" e minha bolsa esperava por mim no banco do carona de minha picape. Eu dera os ingressos do show a Angela, Ben e Mike. Mike levaria Jessica, e era exatamente isso que eu esperava. Billy pegara emprestado o barco do Velho Quil Ateara e convidara Charlie para uma pescaria em mar aberto antes que o jogo da tarde começasse. Collin e Brady, os dois lobisomens mais novos, ficaram para proteger La Push — embora fossem apenas crianças, ambos só com 13 anos. Ainda assim, Charlie ficaria mais seguro que qualquer um que estivesse em Forks.

Eu fiz tudo o que pude. Tentei aceitar isso e tirei da cabeça o que estava fora de meu controle, pelo menos naquela noite. De uma maneira ou de outra, acabaria em quarenta e oito horas. A ideia era quase reconfortante.

Edward pedira que eu relaxasse, e eu ia me esforçar ao máximo.

— Será que nesta noite podemos tentar esquecer tudo e sermos apenas eu e você? — pediu ele, descarregando toda a potência de seus olhos em mim. — Parece que jamais consigo tempo suficiente para isso. Preciso ficar com você. Só você.

Não era difícil concordar com um pedido desses, embora eu soubesse que seria muito mais fácil falar de esquecer meus temores do que esquecê-los. Outras questões estavam em minha mente ali, sabendo que tínhamos aquela noite para ficar a sós, e isso ajudaria.

Algumas coisas haviam mudado.

Por exemplo, eu estava pronta.

Estava pronta para me unir à família e ao mundo dele. O medo, a culpa e a angústia que sentia me ensinaram muito. Tive uma oportunidade de me concentrar nisso — enquanto olhava a lua através das nuvens, encostada num lobisomem —, e eu sabia que não entraria em pânico novamente. Da próxima vez em que alguma coisa nos ameaçasse, eu estaria preparada. Uma ativa, não uma

passiva. Ele nunca mais teria de decidir entre mim e a família dele. Nós seríamos parceiros, como Alice e Jasper. Da próxima vez, eu faria minha parte.

Eu esperaria que a espada fosse retirada de cima de minha cabeça, para que Edward ficasse satisfeito. Mas não era necessário. Eu estava pronta.

Só estava faltando uma peça.

Uma peça, porque algumas coisas não mudaram, e isso incluía o amor desesperado que eu sentia por ele. Tive muito tempo para pensar em todas as ramificações da aposta de Jasper e Emmett — pude deduzir aquilo que eu estava disposta a perder com minha humanidade e a parte da qual não estava disposta a abrir mão. Eu sabia qual experiência humana insistiria em ter antes que me tornasse inumana.

Então tínhamos algumas questões para resolver naquela noite. Depois de tudo o que tinha visto nos últimos dois anos, eu não acreditava mais na palavra impossível. Agora seria preciso mais para me deter.

Bom, sinceramente, talvez fosse muito mais complicado do que isso. Mas eu ia tentar.

Embora estivesse decidida, não fiquei surpresa de ainda ficar nervosa enquanto seguia de carro pelo longo caminho até a casa dele — não sabia como fazer o que estava tentando e isso me assegurou um sério nervosismo. Ele estava sentado no banco do carona, reprimindo um sorriso por meu ritmo lento. Fiquei surpresa de não ter insistido em assumir o volante, mas naquela noite ele parecia satisfeito em seguir à minha velocidade.

Estava escuro quando chegamos à casa. Apesar disso, o gramado era iluminado pela luz de cada janela.

Assim que desliguei o motor, ele estava à minha porta, abrindo-a para mim. Ele me ergueu da cabine com um só braço, puxando minha bolsa da picape e colocando-a no ombro com a outra mão. Seus lábios encontraram os meus enquanto eu o ouvia chutar a porta do carro depois de me retirar.

Sem interromper o beijo, ele me balançou para que eu me aninhasse em seus braços e me levou para dentro da casa.

Será que a porta da frente já estava aberta? Não sei. Nós entramos, porém, e eu estava tonta. Tive de lembrar a mim mesma para respirar.

O beijo não me assustou. Não era um beijo de quando eu podia sentir o medo e o pânico escapando do controle dele. Seus lábios não eram ansiosos, mas

entusiasmados — ele parecia tão emocionado quanto eu por termos aquela noite para nos concentrar um no outro. Ele continuou a me beijar por vários minutos, parado ali na entrada; parecia menos na defensiva do que o habitual, a boca fria e urgente na minha.

Comecei a me sentir cautelosamente otimista. Talvez não fosse tão difícil conseguir o que eu queria.

Não, é claro que seria muitíssimo difícil.

Com um riso baixo, ele me afastou, segurando-me à distância de um braço.

— Bem-vinda ao lar — disse ele, os olhos claros e quentes.

— Isso parece bom — eu disse, sem fôlego.

Ele me colocou gentilmente no chão. Passei os braços à sua volta, recusando-me a permitir qualquer espaço entre nós.

— Tenho uma coisa para você — disse ele, o tom informal.

— Ah, sim?

— Seu presente de segunda mão, lembra? Você disse que era permitido.

— Ah, é verdade. Acho que disse isso.

Ele riu de minha relutância.

— Está em meu quarto. Podemos pegar?

No quarto dele?

— Claro — concordei, sentindo-me bem pervertida enquanto entrelaçava os dedos nos dele. — Vamos.

Ele devia estar ansioso para me dar meu não presente, porque a velocidade humana não foi suficiente. Ele me ergueu de novo e quase voou escada acima até o quarto. Baixou-me na porta e disparou para o closet.

Estava de volta antes que eu desse um passo, mas eu o ignorei e fui para a imensa cama dourada, jogando-me na beira e escorregando para o meio. Enrosquei-me, os braços em volta dos joelhos.

— Tudo bem — grunhi. Agora que estava onde queria, eu podia relutar um pouco. — Vamos ver o que é.

Edward riu.

Ele subiu na cama a meu lado e meu coração bateu irregular. Eu só esperava que ele considerasse isso uma reação ao fato de ele me dar presentes.

— Um presente de segunda mão — lembrou-me severamente. Ele tirou meu pulso esquerdo de minha perna e tocou a pulseira de prata por um momento.

Depois devolveu meu braço.

Eu o examinei com cautela. Na corrente, no lado oposto ao do lobo, pendia agora um cristal brilhante em forma de coração. Era lapidado em mil facetas e por isso, mesmo na luz fraca do abajur, cintilava. Eu respirei num arfar baixo.

— Era de minha mãe. — Ele deu de ombros como quem deprecia. — Herdei algumas bugigangas como essa. Dei algumas a Esme e a Alice. Assim, claramente, não é grande coisa mesmo.

Eu sorri pesarosa da declaração dele.

— Mas pensei que era uma boa representação — continuou. — É duro e frio. — Ele riu. — E lança arco-íris no sol.

— Você se esqueceu da semelhança mais importante — murmurei. — É lindo.

— Meu coração é igualmente silencioso — refletiu ele. — E também é seu.

Girei o pulso para que o coração cintilasse.

— Obrigada. Pelos dois.

— Não, eu é que agradeço. É um alívio que você aceite um presente com tanta facilidade. E é bom se acostumar com isso. — Ele sorriu, com os dentes faiscando.

Eu me encostei nele, afundando a cabeça sob seu braço e aninhando-me ao lado de seu corpo. Provavelmente, era parecido a me aconchegar ao Davi de Michelangelo, só que essa criatura perfeita de mármore passava os braços à minha volta para me puxar para perto.

Parecia um bom lugar para começar.

— Podemos discutir um assunto? Gostaria que você começasse a ser mais receptivo.

Ele hesitou por um momento.

— Vou dar o máximo de mim — concordou ele, agora cauteloso.

— Não vou quebrar regra alguma — prometi. — Trata-se estritamente de nós dois. — Dei um pigarro. — Então... Eu fiquei impressionada com nossa capacidade de conciliação outra noite. Estava pensando que gostaria de aplicar o mesmo princípio a uma situação diferente. — Perguntei-me por que eu estava sendo tão formal. Deviam ser os nervos.

— O que gostaria de negociar? — perguntou ele com um sorriso na voz.

Eu lutei, tentando encontrar as palavras exatas com que iniciar o assunto.

— Ouço seu coração voar — murmurou ele. — Está palpitando como as asas de um colibri. Você está bem?

— Estou ótima.

— Continue, por favor, então — estimulou ele.

— Bom, eu acho, primeiro, que queria falar com você sobre aquela história ridícula da condição do casamento.

— É ridícula para você. O que tem ela?

— Eu estava pensando... Isto está aberto a negociação?

Edward franziu o cenho, agora sério.

— Eu já fiz a maior concessão até agora... Concordei em tirar sua vida, contrariando o que penso ser melhor. E isso deve me dar direito a algumas concessões de sua parte.

— Não. — Sacudi a cabeça, concentrando-me em manter a expressão composta. — Isso faz parte de um acordo já feito. Não estamos discutindo minhas... renovações agora. Quero insistir em outros detalhes.

Ele olhou para mim, desconfiado.

— De que detalhes está falando exatamente?

Eu hesitei.

— Vamos primeiro esclarecer seus pré-requisitos.

— Você sabe o que eu quero.

— Matrimônio. — Falei como se fosse um palavrão.

— Sim. — Ele abriu um largo sorriso. — Para começar.

O choque estragou a expressão que compus com tanto cuidado.

— Tem mais?

— Bem — disse ele, e seu rosto era calculista. — Se vai ser minha esposa, então o que é meu é seu... Como o dinheiro das taxas da universidade. Assim, não haveria problema com Dartmouth.

— Mais alguma coisa? Enquanto já está sendo absurdo?

— Eu não me importaria de ter algum tempo.

— Não. Nada de tempo. Isso é quebra de acordo.

Ele suspirou com ardor.

— Só um ou dois anos?

Sacudi a cabeça, meus lábios num franzido teimoso.

— Vamos passar ao próximo.

— É só isso. A não ser que queira falar de carros...

Ele deu um sorriso largo quando fiz uma careta, depois pegou minha mão e começou a brincar com meus dedos.

— Não percebi que você tinha outro desejo além do de ser transformada num monstro. Estou extremamente curioso. — A voz dele era baixa e suave. Teria sido difícil detectar a leve tensão se eu não o conhecesse tão bem.

Eu parei, fitando sua mão na minha. Ainda não sabia como começar. Senti seus olhos me observando e tive medo de olhar para ele. O sangue começou a arder em meu rosto.

Seus dedos frios afagaram minha bochecha.

— Está corando? — perguntou ele, surpreso. Mantive a cabeça baixa. — Por favor, Bella, o suspense é doloroso.

Mordi o lábio.

— Bella. — Seu tom de voz agora era de censura, lembrando-me da dificuldade que ele tinha quando eu guardava os pensamentos para mim mesma.

— Bom, estou meio preocupada... com o depois — admiti, finalmente olhando para ele.

Senti seu corpo tenso, mas sua voz era gentil e aveludada.

— O que a preocupa?

— Todos vocês parecem tão convencidos de que meu único interesse, depois, é matar todo mundo na cidade — confessei, enquanto ele estremecia com as palavras que escolhi. — E tenho medo de ficar tão preocupada com a chacina que não seja mais eu... e que eu não... eu não queira você da mesma forma que agora.

— Bella, essa parte não dura para sempre — garantiu-me ele.

Ele não estava entendendo.

— Edward — eu disse, nervosa, olhando um sinal em meu pulso. — Há uma coisa que quero fazer antes de não ser mais humana.

Ele esperou que eu continuasse. Não continuei. Meu rosto estava todo quente.

— O que você quiser — encorajou ele, ansioso e sem ter a menor noção.

— Promete? — murmurei, sabendo que minha tentativa de fazê-lo cair na armadilha de minhas palavras não daria certo, mas incapaz de resistir.

— Sim — disse ele. Olhei-o e vi seus olhos francos e confusos. — Diga-me o que você quer e terá.

Eu nem acreditava em como me sentia desajeitada e idiota. Eu era tão

inocente — o que claramente era central à discussão. Não fazia a menor ideia de como ser sedutora. Eu teria de me contentar com ficar corada e constrangida.

— Você — murmurei quase incoerentemente.

— Sou seu. — Ele sorriu, ainda desligado, tentando sustentar meu olhar enquanto eu desviava o rosto de novo.

Respirei fundo e avancei de modo a ficar ajoelhada na cama. Depois passei os braços em seu pescoço e o beijei.

Ele retribuiu o beijo, confuso, mas de boa vontade. Seus lábios eram gentis nos meus, e eu sabia que sua mente estava em outro lugar — tentando entender o que estava na minha mente. Concluí que ele precisava de uma dica.

Minhas mãos estavam meio trêmulas enquanto eu soltava os braços de seu pescoço. Meus dedos desceram por sua nuca até a gola da camisa. O tremor não ajudou em nada quando tentei abrir os botões às pressas, antes de ele me impedir.

Seus lábios ficaram paralisados e eu quase pude ouvir o estalo na cabeça quando ele compreendeu minhas palavras e minha atitude.

Ele me empurrou imediatamente, o rosto me censurando.

— Seja razoável, Bella.

— Você prometeu... O que eu quisesse — lembrei-lhe sem esperança alguma.

— Não estamos tendo essa discussão. — Ele me encarou enquanto fechava os dois botões que eu conseguira abrir.

Meus dentes trincaram.

— Eu digo que estamos — grunhi. Passei as mãos para minha blusa e abri o primeiro botão.

Ele pegou meus pulsos e prendeu-os ao lado de meu corpo.

— Eu digo que não — disse ele sem rodeios.

Ficamos nos encarando.

— Você queria saber — assinalei.

— Pensei que seria algo ligeiramente realista.

— Então pode pedir a coisa idiota e ridícula que você quiser... como se casar... Mas eu não posso nem discutir o que eu...

Enquanto eu resmungava, ele uniu minhas mãos para prendê-las com a dele e pôs a outra em minha boca.

— Não. — Sua expressão era severa.

Respirei fundo, para me controlar. E, à medida que a raiva começava a ceder,

tive outra sensação.

Precisei de um minuto para reconhecer por que eu estava de cabeça baixa de novo, o rubor voltando. Por que meu estômago parecia inquieto, por que havia água demais em meus olhos, por que eu de repente queria sair correndo do quarto.

A rejeição me inundou, instintiva e forte.

Eu sabia que era irracional. Em outras ocasiões, ele deixara muito claro que só o que importava era minha segurança. E, no entanto, eu nunca havia me sentido tão vulnerável na vida. Fechei a cara para o edredom dourado que combinava com os olhos dele e tentei banir a reação reflexa que me dizia que eu não era desejada, nem desejável.

Edward suspirou. A mão em minha boca passou para meu queixo e ele puxou meu rosto até que eu o olhasse.

— Que foi agora?

— Nada — murmurei.

Ele examinou meu rosto por um longo tempo enquanto eu tentava sem sucesso me desviar de seu olhar. Sua testa franziu e sua expressão ficou apavorada.

— Eu a magoei? — perguntou ele, chocado.

— Não — menti.

Tão rápido que nem tive certeza de como aconteceu, eu estava nos braços dele, meu rosto aninhado entre seu ombro e a mão, enquanto seu polegar afagava tranquilizadoramente meu rosto.

— Sabe por que tenho de dizer não — murmurou ele. — Sabe que eu também quero você.

— Você quer? — sussurrei com a voz tomada de dúvida.

— É claro que quero, sua boba, linda e supersensível. — Ele deu uma risada, depois sua voz ficou severa. — E não querem todos? Sinto que há uma fila atrás de mim, tomando posição, esperando que eu cometa o grande erro... Você é desejável demais para seu próprio bem.

— E, agora, quem está sendo bobo? — Eu duvidava que desajeitada, constrangida e sem graça significasse desejável no dicionário de alguém.

— Tenho de redigir uma petição para que você acredite? Terei de dizer a você os nomes de quem está no topo da lista? Você conhece alguns, mas outros podem surpreendê-la.

Sacudi a cabeça contra seu peito, fazendo uma careta.

— Só está tentando me distrair. Vamos voltar a nosso assunto.

Ele suspirou.

— Corrija-me se eu entendi mal alguma coisa. — Tentei parecer imparcial. — Suas exigências são o casamento — eu não conseguia dizer a palavra sem fazer uma careta —, pagar minha universidade, mais tempo e você não se importaria se meu carro fosse um pouco mais rápido. — Ergui as sobrancelhas. — Eu entendi tudo? É uma lista grande.

— Só a primeira é uma exigência. — Ele parecia ter dificuldade para manter a expressão séria. — As outras são apenas solicitações.

— E minha única e solitária exigência é...

— Exigência? — interrompeu ele, de repente sério de novo.

— Sim, exigência.

Seus olhos se estreitaram.

— Casar está além de meus limites. Não vou ceder se não conseguir algo em troca.

Ele se abaixou para sussurrar em meu ouvido.

— Não — murmurou, numa voz de seda. — Agora não é possível. Depois, quando estiver menos frágil. Seja paciente, Bella.

Tentei manter a voz firme e razoável.

— Mas o problema é esse. Eu não serei a mesma quando estiver menos frágil. Não serei a mesma! Eu não sei quem serei na época.

— Ainda será a Bella — prometeu ele.

Eu franzi a testa.

— Se eu estiver tão louca que vá querer matar Charlie... Beber o sangue de Jacob ou de Angela, se tiver oportunidade... Como isso poderá ser verdade?

— Vai passar. E duvido que vá querer beber o sangue do cachorro. — Ele fingiu estremecer com a ideia. — Mesmo recém-criada, terá um paladar melhor do que esse.

Eu ignorei sua tentativa de me distrair.

— Mas sempre será o que mais quero, não é? — desafiei. — Sangue, sangue e mais sangue!

— O fato de que ainda está viva é prova de que não é verdade — observou ele.

— Mais de oitenta anos depois — lembrei-lhe. — O que eu quis dizer foi

fisicamente. Intelectualmente, sei que serei capaz de ser eu mesma... Por algum tempo. Mas fisicamente... sempre terei sede, mais do que qualquer outra necessidade.

Ele não respondeu.

— Então eu serei diferente — concluí, sem a oposição dele. — Porque agora, fisicamente, não há nada que eu queira mais do que você. Mais do que comida, água ou oxigênio. Intelectualmente, tenho minhas prioridades numa ordem um pouco mais sensata. Mas fisicamente...

Girei a cabeça para beijar a palma de sua mão.

Ele respirou fundo. Fiquei surpresa por isso parecer menos controlado.

— Bella, eu poderia matá-la — sussurrou ele.

— Não acredito que possa.

Os olhos de Edward se estreitaram. Ele ergueu a mão de meu rosto e a estendeu rapidamente às costas, procurando alguma coisa que eu não podia ver. Ouvi um estalo abafado e a cama tremeu embaixo de nós.

Um objeto escuro estava em sua mão; ele o ergueu para meu exame curioso. Era uma flor de metal, uma das rosas que adornavam os postes de ferro batido e o dossel da cama. A mão se fechou por um breve segundo, os dedos se contraindo com delicadeza, depois se abriu.

Sem dizer nada, ele me ofereceu a bolota esmagada e irregular de metal preto. Tinha a forma do interior de sua mão, como um pedaço de massinha de modelar espremida na mão de uma criança. Passou-se meio segundo e a forma se esfarelou em pó preto em sua palma.

Eu o encarei.

— Não foi isso que eu quis dizer. Eu já sei como você é forte. Não precisa quebrar a mobília.

— O que quis dizer, então? — perguntou-me numa voz sombria, atirando o punhado de pó de ferro no canto do quarto; bateu na parede com um som que parecia de chuva.

Seus olhos estavam concentrados em meu rosto enquanto eu lutava para me explicar.

— Obviamente, não é que você não seja fisicamente capaz de me machucar, se quiser... Mais do que isso, você não quer me machucar... Tanto que acho que jamais poderia.

Ele começou a sacudir a cabeça antes que eu terminasse.

— Pode não ser assim, Bella.

— Pode — zombei. — Você não faz a menor ideia do que está falando, não mais do que eu.

— Exatamente. Você imagina que eu correria esse risco com você?

Eu o olhei nos olhos por um longo minuto. Não havia sinal de que ia ceder, nenhuma sugestão de indecisão neles.

— Por favor — sussurrei por fim, sem esperanças. — É só o que eu quero. Por favor. — Fechei os olhos, derrotada, esperando pelo "não" rápido e definitivo.

Mas ele não respondeu de imediato. Eu hesitei, incrédula, pasma ao ouvir sua respiração irregular de novo.

Abri os olhos e seu rosto estava dilacerado.

— Por favor? — sussurrei de novo, meu coração acelerando. Minhas palavras tropeçaram para fora enquanto eu corria para tirar proveito da incerteza súbita em seus olhos. — Não tem de me dar garantia nenhuma. Se não der certo, bom, acabou. Só vamos tentar... Só tentar. E vou lhe dar o que você quer — prometi precipitadamente. — Vou me casar com você. Vou deixar que pague Dartmouth e não vou reclamar se quiser usar suborno para me colocar lá dentro. Pode até me comprar um carro mais veloz, se isso o faz feliz! Só... por favor.

Seus braços de gelo se fecharam à minha volta e seus lábios estavam em minha orelha; o hálito frio me fez tremer.

— Isso é intolerável. Há tantas coisas que queria lhe dar... E isso é o que você decide exigir. Tem alguma ideia de como é doloroso tentar lhe recusar um pedido quando você me fala desse jeito?

— Então não recuse — sugeri sem fôlego.

Ele não respondeu.

— Por favor — tentei de novo.

— Bella... — Ele sacudiu a cabeça devagar, mas não parecia haver negação enquanto seu rosto, seus lábios moviam-se de um lado a outro de meu pescoço. Parecia mais uma rendição. Meu coração, já acelerado, crepitava freneticamente.

De novo, tirei o proveito que pude. Quando seu rosto se voltou para o meu com o movimento lento de sua indecisão, girei rapidamente em seus braços até que minha boca o alcançou. Suas mãos seguraram meu rosto e pensei que ele ia me empurrar de novo.

Eu estava errada.

Sua boca não era gentil; havia um novo conflito e desespero no modo como os lábios dele se moviam. Fechei os braços em seu pescoço e, em minha pele subitamente aquecida, seu corpo parecia mais frio do que nunca. Eu tremi, mas não foi de frio.

Ele não parou de me beijar. Eu é que tive de interromper, respirando aos arquejos. Mesmo então seus lábios não deixaram minha pele, só passaram a meu pescoço. A emoção da vitória tinha um toque estranho; fez com que me sentisse poderosa, corajosa. Minhas mãos não estavam mais instáveis; desta vez lidei com os botões de sua camisa com mais facilidade e meus dedos acompanharam a superfície perfeita de seu peito gelado. Ele era tão lindo! Que palavra ele usou agora mesmo? Intolerável — era isso. Sua beleza era demasiada para que eu suportasse...

Puxei sua boca para a minha de novo, e ele parecia tão ávido quanto eu. Uma de suas mãos ainda envolvia meu rosto, o outro braço firme em minha cintura, puxando-me para mais perto dele. Ficou um pouco mais difícil enquanto eu tentava alcançar a frente da minha camisa, mas não impossível.

Garras de ferro frio se fecharam em meus pulsos e puxaram minhas mãos para o alto da cabeça, que de repente estava num travesseiro.

Seus lábios estavam em minha orelha de novo.

— Bella — murmurou ele, a voz quente e aveludada. — Poderia por favor parar de tentar tirar a roupa?

— Quer fazer essa parte? — perguntei confusa.

— Esta noite, não — respondeu ele delicadamente. Seus lábios eram mais lentos agora em minha face e no queixo, toda a urgência se fora.

— Edward, não... — comecei a discutir.

— Não estou dizendo que não — garantiu-me ele. — Só estou dizendo esta noite, não.

Pensei naquilo por um tempo, enquanto minha respiração desacelerava.

— Me dê um bom motivo para que esta noite não seja tão boa quanto qualquer outra. — Eu ainda estava sem fôlego; isso fez com que a frustração em minha voz ficasse menos impressionante.

— Eu não nasci ontem. — Ele riu em meu ouvido. — De nós dois, quem você acha que está mais relutante em dar o que o outro quer? Você prometeu

apenas se casar comigo antes de qualquer mudança, mas se eu ceder esta noite, que garantias tenho de que não vai correr para Carlisle de manhã? Eu sou... claramente... muito menos relutante em lhe dar o que você quer. Portanto... você primeiro.

Soltei um suspiro alto.

— Vou ter que casar com você primeiro? — perguntei, incrédula.

— O acordo é esse... É pegar ou largar. Conciliação, lembra?

Seus braços me envolveram e ele começou a me beijar de uma forma que devia ser crime. Tão convincente — era coação, era coerção. Tentei manter a mente clara... E fracassei rápida e completamente.

— Acho uma péssima ideia — arfei quando ele me deixou respirar.

— Não estou surpreso que se sinta assim. — Ele deu um sorriso malicioso. — Você tem uma mente limitada.

— Como foi que isso aconteceu? — grunhi. — Pensei que eu estivesse no controle esta noite... Pela primeira vez... E agora, de repente...

— Você está noiva — terminou ele.

— Ai! Por favor, não diga isso em voz alta.

— Vai voltar atrás? — perguntou ele. Ele se afastou para ler meu rosto. Sua expressão era de diversão. Ele estava achando engraçado.

Eu o encarei, tentando ignorar a reação que seu sorriso provocava em meu coração.

— Vai? — pressionou Edward.

— Argh! — gemi. — Não. Não vou. Está feliz agora?

Seu sorriso era ofuscante.

— Excepcionalmente.

Eu gemi de novo.

— Não está feliz?

Ele me beijou antes que eu pudesse responder. Outro beijo convincente demais.

— Um pouquinho — admiti quando pude falar. — Mas com relação a me casar.

Ele me beijou mais uma vez.

— Você tem a sensação de que está tudo errado? — Ele riu em minha orelha. — Por tradição, você não devia estar defendendo meu lado e eu o seu?

— Não há nada de muito tradicional em nós dois.

— É verdade.

Ele me beijou de novo e assim ficou até que meu coração disparou e minha pele estava corada.

— Escute, Edward — murmurei com a voz cheia de bajulação quando ele parou para beijar a palma de minha mão. — Eu disse que me casaria com você, e vou me casar. Prometo. Juro. Se quiser, assinarei um contrato com meu próprio sangue.

— Não tem graça — murmurou ele na face interna de meu pulso.

— O que estou dizendo é isso... Não vou enganá-lo, nem nada. Você me conhece muito bem. Então não há motivo algum para esperar. Estamos totalmente a sós... Com que frequência isso acontece?... E você ainda providenciou esta cama bem grande e confortável...

— Esta noite, não — disse ele outra vez.

— Não confia em mim?

— É claro que confio.

Usando a mão que ele ainda beijava, eu puxei seu rosto para ver sua expressão.

— Então, qual é o problema? Até parece que você não sabe que vai vencer no final. — Eu franzi a testa e murmurei: — Você sempre vence.

— Só estou cercando minhas apostas — disse ele em tom calmo.

— Há mais alguma coisa — adivinhei, meus olhos se estreitando. Havia algo de defensivo em seu rosto, uma leve sugestão de um motivo secreto que ele tentava esconder por trás das maneiras despreocupadas. — Você está pretendendo não manter sua palavra?

— Não — prometeu ele solenemente. — Eu juro, nós vamos tentar. Depois que se casar comigo.

Sacudi a cabeça e ri de mau humor.

— Você faz com que eu me sinta o vilão de um melodrama... Torcendo o bigode enquanto tenta roubar a virtude de uma pobre moça.

Seus olhos eram preocupados quando passaram por meu rosto, depois ele rapidamente os baixou para colocar os lábios em minha clavícula.

— É isso, não é? — O riso curto que me escapou era mais de choque do que de diversão. — Está tentando proteger sua virtude! — Cobri a boca com a mão para abafar a risada que se seguiu. As palavras eram tão... antiquadas.

— Não, sua boba — murmurou ele em meu ombro. — Estou tentando proteger a sua. E você está tornando tudo tremendamente difícil.

— De todas as razões ridículas...

— Deixe-me fazer uma pergunta — interrompeu ele depressa. — Já tivemos essa discussão, mas me dê esse prazer. Quantas pessoas neste quarto têm uma alma? Uma chance no paraíso, ou aonde quer que se vá depois desta vida?

— Duas — respondi de pronto, minha voz severa.

— Muito bem. Talvez seja verdade. Agora, há um mundo de dissensão sobre isso, mas a grande maioria parece pensar que existem algumas regras que devem ser seguidas.

— Regras de vampiros não bastam para você? Quer se preocupar com as regras humanas também?

— Não deve fazer mal. — Ele deu de ombros. — Só por segurança.

Eu o encarei com os olhos semicerrados.

— Agora, é claro que pode ser tarde demais para mim, mesmo que tenha razão a respeito de minha alma.

— Não é, não — contestei com raiva.

— "Não matarás" é comumente aceito pela maioria das crenças. E eu matei muita gente, Bella.

— Só os maus.

Ele deu de ombros.

— Talvez isso conte, talvez não. Mas você não matou ninguém...

— Que você saiba — murmurei.

Ele sorriu, mas ignorou minha interrupção.

— E vou fazer o máximo para tirá-la do caminho da tentação.

— Tudo bem. Mas não estamos brigando para cometer assassinato — lembrei a ele.

— Aqui se aplica o mesmo princípio... A única diferença é que essa é uma área em que sou tão imaculado quanto você. Não posso deixar uma regra intacta?

— Uma?

— Você sabe que roubei, menti, cobicei... Minha virtude é tudo o que resta. — Ele deu um sorriso torto.

— Eu minto o tempo todo.

— Sim, mas você é uma mentirosa tão ruim, que não conta. Ninguém

acredita em você.

— Espero sinceramente que esteja enganado sobre isso... Porque, caso contrário, Charlie está prestes a irromper por essa porta com uma arma carregada.

— Charlie é mais feliz quando finge que engole suas histórias. Ele prefere mentir para si mesmo a olhar mais de perto. — Ele sorriu para mim.

— Mas o que você cobiçou? — perguntei, em dúvida. — Você tem tudo.

— Eu cobicei você. — Seu sorriso ensombreceu. — Não tenho o direito de querer você... Mas estendi a mão e peguei assim mesmo. E agora olha no que você se transformou! Tentando seduzir um vampiro. — Ele sacudiu a cabeça, fingindo pavor.

— Pode cobiçar o que já é seu — informei a ele. — Além disso, pensei que fosse com minha virtude que você estivesse preocupado.

— E é. Se é tarde demais para mim... seria loucura... se eu permitisse que você ficasse de fora também.

— Não pode me fazer ir a um lugar em que você não está — eu jurei. — Esta é minha definição de inferno. De qualquer modo, tenho uma solução fácil para tudo isso; jamais vamos morrer, não é?

— Parece bem simples. Por que não tinha pensado nisso?

Ele sorriu para mim até que desisti com um humpf de raiva.

— Então é assim. Você só vai dormir comigo quando estivermos casados.

— Tecnicamente, não posso nem dormir com você.

Revirei os olhos.

— Quanta maturidade, Edward.

— Mas, além desse detalhe, sim, você tem razão.

— Acho que você está escondendo o motivo.

Seus olhos se arregalaram de inocência.

— Outro?

— Você sabe que isso vai apressar as coisas — acusei.

Ele tentou não sorrir.

— Só há uma coisa que quero apressar, o restante pode esperar para sempre... Mas para isso, é verdade, seus hormônios humanos impacientes a essa altura são meus mais poderosos aliados.

— Nem acredito que estou concordando com isso. Quando penso em Charlie... e Renée! Dá para imaginar o que Angela vai pensar? Ou Jessica? Ai.

Posso ouvir as fofocas agora mesmo.

Ele ergueu uma sobrancelha para mim e eu sabia por quê. O que importava o que dissessem sobre mim quando eu partiria logo e não voltaria? Sou realmente tão sensível que não suportaria algumas semanas de olhares de lado e perguntas capciosas?

Talvez não me incomodasse se eu não soubesse que provavelmente estaria fofocando com a mesma condescendência dos outros se fosse outra pessoa se casando naquele verão.

Ui. Casada naquele verão! Eu tremi.

E, depois, talvez não me incomodasse tanto se eu não tivesse sido criada para tremer com a ideia de casamento.

Edward interrompeu meu chilique.

— Não precisa ser uma grande produção. Eu não preciso de fanfarra nenhuma. Você não tem de contar a ninguém, nem fazer mudança nenhuma. Vamos a Las Vegas... Você pode usar jeans velhos e vamos à capela com a janela de drive-through. Só quero que seja oficial... Que você me pertença e a mais ninguém.

— Não pode ser mais oficial do que já é — grunhi. Mas a descrição dele não parecia tão ruim. Só Alice ficaria decepcionada.

— Vamos ver isso. — Ele sorriu com complacência. — Acho que não quer sua aliança agora, não é?

Tive de engolir em seco antes de poder falar.

— Supôs corretamente.

Ele riu de minha expressão.

— Está tudo bem. Vou colocar em seu dedo em breve mesmo.

Eu o encarei.

— Você fala como se já tivesse uma.

— E tenho — disse ele, sem se envergonhar. — Pronta para colocar em seu dedo ao primeiro sinal de fraqueza.

— Você é inacreditável.

— Não quer ver? — perguntou ele. Seus olhos topázio de repente brilharam de empolgação.

— Não! — eu quase gritei, uma reação reflexa. Arrependi-me logo. Seu rosto desmoronou um pouco. — A não ser que realmente queira me mostrar —

emendei. Trinquei os dentes para evitar demonstrar meu terror ilógico.

— Tudo bem — ele deu de ombros. — Isso pode esperar.

Eu suspirei.

— Me mostre a porcaria da aliança, Edward.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não.

Examinei sua expressão por um longo minuto.

— Por favor? — pedi em voz baixa, experimentando com minha arma recém-descoberta. Toquei seu rosto de leve com a ponta dos dedos. — Posso ver, por favor?

Seus olhos se estreitaram.

— Você é a criatura mais perigosa que já conheci — ele murmurou. Mas se levantou e foi com uma elegância inconsciente se ajoelhar ao lado da mesinha de cabeceira. Estava de volta à cama comigo em um instante, sentando-se a meu lado com um braço em meu ombro. Na outra mão havia uma caixinha preta. Ele a equilibrou no meu joelho esquerdo.

— Vá em frente e olhe, então — disse bruscamente.

Pegar a caixinha inofensiva foi mais difícil do que devia, mas eu não queria magoá-lo de novo, então tentei evitar que minha mão tremesse. A superfície era de cetim preto e macio. Passei os dedos nela, hesitando.

— Você não gastou muito dinheiro, não foi? Minta para mim, se gastou.

— Não gastei nada — garantiu-me ele. — É só outro presente de segunda mão. Esta foi a aliança que meu pai deu a minha mãe.

— Ah! — A surpresa tingiu minha voz. Belisquei a tampa entre o polegar e o indicador, mas ela não abriu.

— Acho que é meio antiga. — O tom de voz dele se desculpava dolorosamente. — Obsoleta, como eu. Posso lhe comprar algo mais atual. Algo da Tiffany's?

— Gosto de coisas antigas — murmurei enquanto erguia, hesitante, a tampa.

Aninhada no cetim preto, a aliança de Elizabeth Masen cintilou na luz fraca. A face era um oval longo, com filas oblíquas de pedras redondas e cintilantes. O aro era de ouro — delicado e estreito. O ouro tecia uma trama frágil em torno dos diamantes. Eu nunca tinha visto nada assim.

Sem pensar, afaguei as gemas reluzentes.

— É tão linda! — murmurei para mim mesma, surpresa.

— Você gosta?

— É linda. — Eu dei de ombros, fingindo desinteresse. — Quem não gostaria?

Ele riu.

— Veja se cabe.

Minha mão esquerda se fechou num punho.

— Bella — suspirou ele. — Não vou soldar em seu dedo. Só experimente para eu ver se precisa ser ajustada. Depois pode tirar.

— Tudo bem — grunhi.

Estendi a mão para a aliança, mas os dedos longos dele foram mais rápidos. Ele pegou minha mão esquerda e colocou a aliança em meu dedo anular. Estendeu minha mão e nós dois examinamos o oval cintilante em minha pele. Tê-la ali não foi tão medonho como eu temia.

— Cabe perfeitamente — disse ele com indiferença. — Isso é bom... Me poupa uma viagem ao joalheiro.

Pude ouvir uma forte emoção ardendo por baixo do tom despreocupado de sua voz e fitei seu rosto. Estava também visível em seus olhos, apesar da indiferença cuidadosa de sua expressão.

— Você gosta disso, não é? — perguntei, desconfiada, os dedos tremendo e pensando que era péssimo que eu não tivesse quebrado a mão esquerda.

Ele deu de ombros.

— Claro — disse, ainda despreocupado. — Fica muito bem em você.

Eu o fitei nos olhos, tentando decifrar a emoção que ardia por baixo da superfície. Ele me olhou, e a falsa despreocupação de repente escapou. Ele estava radiante — a cara de anjo brilhando de alegria e vitória. Ele estava tão glorioso que me tirou o fôlego.

Antes que eu pudesse recuperar o ar, ele estava me beijando, os lábios exultantes. Fiquei tonta quando ele moveu a boca para sussurrar em meu ouvido — mas sua respiração era tão desigual quanto a minha.

— Sim, eu gosto. Você nem faz ideia.

Eu ri, arfando um pouco.

— Acredito em você.

— Importa-se se eu fizer uma coisa? — murmurou ele, os braços me

estreitando.

— O que quiser.

Mas ele me soltou e deslizou dali.

— Tudo menos isso — reclamei.

Ele me ignorou, pegando minha mão e me puxando da cama. Ficou de pé na minha frente, as mãos nos meus ombros, o rosto grave.

— Agora, quero fazer isso direito. Por favor, por favor, tenha em mente que você já concordou e não estrague tudo para mim.

— Ah, não — eu arfei enquanto ele se ajoelhava.

— Seja boazinha — murmurou ele.

Respirei fundo.

— Isabella Swan? — Ele me olhou através dos cílios incrivelmente longos, os olhos dourados suaves mas, de certo modo, ainda em brasa. — Prometo amá-la para sempre... a cada dia da eternidade. Quer se casar comigo?

Havia muitas coisas que eu queria dizer, algumas não muito boas e outras mais revoltantes de pieguice e romantismo do que ele sonhava que eu seria capaz. Em vez de me constranger com qualquer das opções, eu sussurrei um "Sim".

— Obrigado — disse Edward simplesmente. Ele pegou minha mão esquerda e beijou a ponta de cada um dos dedos antes de beijar a aliança que então era minha.

21. RASTROS

EU ODIAVA PERDER QUALQUER PARTE DA NOITE DORMINDO, mas era inevitável. O sol brilhava do lado de fora da parede-janela quando acordei, com pequenas nuvens fugindo rápido demais no céu. O vento balançou a copa das árvores até que toda a floresta pareceu se sacudir.

Ele me deixou sozinha para que eu me vestisse, e me agradou a oportunidade de pensar. De certo modo, meu plano para a noite anterior tinha dado horrivelmente errado e eu precisava suportar as consequências. Embora eu tivesse retirado a aliança de segunda mão assim que pude sem ferir os sentimentos dele, a mão esquerda parecia mais pesada, como se a aliança ainda estivesse no lugar, só que invisível.

Aquilo não deveria me incomodar, raciocinei. Não era grande coisa — uma viagem de carro a Las Vegas. Eu usaria algo melhor do que os jeans velhos — poderia usar moletons velhos. A cerimônia, certamente, não duraria muito; no máximo quinze minutos, não é? Então, eu podia lidar com aquilo.

E depois, quando acabasse, ele precisaria cumprir sua parte no acordo. Eu me concentraria nisso e me esqueceria do resto.

Ele disse que não precisava contar a ninguém, e eu pretendia fazê-lo manter sua palavra. É claro que era muita idiotice minha não pensar em Alice.

Os Cullen voltaram para casa por volta do meio-dia. Havia um novo clima prático à volta deles e isso me trouxe de volta à enormidade do que estava por vir.

Alice parecia estar em seu mau humor de sempre. Achei que se devia à frustração por se sentir normal, porque as primeiras palavras dela a Edward foram uma queixa sobre o trabalho com os lobos.

— Eu acho — ela fez uma careta enquanto usava a palavra incerta — que você vai querer se preparar para o clima frio, Edward. Não vejo onde você está exatamente, porque vai sair com aquele cachorro esta tarde. Mas a tempestade que está vindo parece em particular ruim em toda essa área.

Edward assentiu.

— Vai nevar nas montanhas — ela o alertou.

— Ai, neve — murmurei comigo mesma. Era junho, pelo amor de Deus!

— Vista um casaco — disse-me Alice. Sua voz era hostil, e isso me surpreendeu. Tentei ler sua expressão, mas ela desviou o rosto.

Olhei para Edward e ele estava sorrindo; o que quer que estivesse aborrecendo Alice, divertia Edward.

Edward tinha mais do que o suficiente em trajes de camping para escolher — adereços do disfarce humano; os Cullen eram bons clientes da loja dos Newton. Ele pegou um saco de dormir, uma barraca pequena e vários pacotes de comida desidratada — sorrindo quando fiz uma careta — e enfiou tudo numa mochila.

Alice andava pela garagem enquanto estávamos lá, olhando os preparativos de Edward sem dizer nada. Ele a ignorou.

Quando tudo estava guardado, Edward me passou o celular.

— Por que não liga para Jacob e diz a ele que estaremos prontos em mais ou menos uma hora? Ele sabe onde nos encontrar.

Jacob não estava em casa, mas Billy prometeu ligar até poder encontrar um lobisomem disponível para passar o recado.

— Não se preocupe com Charlie, Bella — disse Billy. — Tenho minha parte sob controle.

— É, eu sei que Charlie vai ficar bem. — Eu não me sentia tão confiante quanto à segurança do filho dele, mas não acrescentei isso.

— Gostaria de poder estar com os outros amanhã. — Billy riu pesarosamente. — Ser um velho é uma dureza, Bella.

O impulso de brigar devia ser uma característica que definia o cromossomo Y. Todos eles eram iguais.

— Divirta-se com Charlie.

— Boa sorte, Bella — respondeu ele. — E... transmita o mesmo aos, eh, Cullen por mim.

— Farei isso — prometi, surpresa com o gesto.

Enquanto devolvia o telefone a Edward, vi que ele e Alice tinham uma espécie de discussão silenciosa. Ela o encarava, com os olhos suplicantes. Ele franzia a testa, insatisfeito com o que ela queria.

— Billy pediu para desejar boa sorte a vocês.

— É generosidade dele — disse Edward, afastando-se dela.

— Bella, posso falar com você a sós, por favor? — pediu Alice rapidamente.

— Está prestes a tornar minha vida mais difícil do que precisa, Alice — Edward alertou-a entredentes. — Eu preferia que não fizesse isso.

— Não se trata de você, Edward — rebateu ela.

Ele riu. Algo na resposta dela era divertido para ele.

— Não é — insistiu Alice. — É coisa de mulher.

Ele franziu a testa.

— Deixe que ela fale comigo — disse a Edward. Eu estava curiosa.

— Você pediu — murmurou ele. Ele riu de novo, meio com raiva, meio com divertimento, e saiu da garagem.

Virei-me para Alice, agora preocupada, mas ela não olhava para mim. Seu mau humor ainda não tinha passado.

Ela foi se sentar no capô do Porsche, a cara abatida. Eu a segui e me encostei no para-choque ao lado dela.

— Bella? — perguntou Alice numa voz triste, remexendo-se a meu lado. Sua voz era tão infeliz que passei os braços em seus ombros para reconfortá-la.

— Qual é o problema, Alice?

— Você me ama? — perguntou ela no mesmo tom triste.

— É claro que sim. Você sabe disso.

— Então por que eu vejo você escapulindo para Las Vegas para se casar sem me convidar?

— Ah! — murmurei, meu rosto ficando rosado. Eu sabia que tinha magoado muito seus sentimentos e me apressei em me defender. — Você sabe que eu odeio alarde. De qualquer modo, foi ideia de Edward.

— Não me importa de quem foi a ideia. Como você pode fazer isso comigo? Espero esse tipo de conduta de Edward, mas não de você. Eu a amo como se fosse minha irmã.

— Para mim, Alice, você é minha irmã.

— Palavras! — grunhiu ela.

— Tudo bem, você pode ir. Não haverá muito para ver.

Ela ainda fazia uma careta.

— Que foi? — perguntei.

— Quanto você me ama, Bella?

— Por quê?

Ela me fitou com os olhos suplicantes, as sobrancelhas escuras e longas erguendo-se no meio e se unindo, os lábios tremendo nos cantos. Era uma expressão de cortar o coração.

— Por favor, por favor, por favor — sussurrou ela. — Por favor, Bella, por favor... Se realmente me ama... por favor, me deixe fazer seu casamento.

— Ai, Alice! — eu gemi, afastando-me e colocando-me de pé. — Não! Não faça isso comigo.

— Se você realmente, verdadeiramente me ama, Bella.

Cruzei os braços.

— Isso é tão injusto. E Edward meio que já usou essa comigo.

— Aposto que Edward preferia que isso acontecesse tradicionalmente, embora ele nunca tenha lhe falado. E Esme... Pense no que significaria para ela!

Eu gemi.

— Prefiro enfrentar os recém-criados sozinha.

— Vou ficar devendo a você por uma década.

— Vai ficar me devendo por um século!

Seus olhos brilharam.

— Isso é um sim?

— Não! Não quero fazer isso!

— Não tem de fazer nada, a não ser andar alguns metros e depois repetir o que o padre disser.

— Ai! Argh, argh!

— Por favor? — Ela começou a quicar no mesmo lugar. — Por favor, por favor, por favor, por favor, por favor?

— Eu nunca, jamais vou perdoar você por isso, Alice.

— Oba! — gritou ela, batendo palmas.

— Isso não é um sim!

— Mas será — cantarolou ela.

— Edward! — gritei, saindo da garagem. — Sei que está ouvindo. Venha para cá. — Alice estava bem atrás de mim, ainda batendo palmas.

— Muito obrigado, Alice — disse Edward num tom ácido, vindo se postar atrás de mim.

Eu me virei para reclamar com ele, mas sua expressão era tão preocupada e aborrecida que não pude pronunciar minhas queixas. Atirei os braços para ele,

escondendo o rosto, para o caso de a raiva lacrimosa em meus olhos dar a impressão de que eu estava chorando.

— Las Vegas — prometeu Edward em meu ouvido.

— De jeito nenhum — regozijou-se Alice. — Bella jamais faria isso comigo. Sabe, Edward, como irmão, você às vezes é uma decepção.

— Não seja cruel — murmurei para ela. — Ele está tentando me fazer feliz, ao contrário de você.

— Eu também estou tentando fazê-la feliz, Bella. É só que eu sei melhor o que vai deixá-la feliz... a longo prazo. Você vai me agradecer por isso. Talvez não em cinquenta anos, mas um dia, sem dúvida, vai.

— Nunca pensei que veria o dia em que estaria disposta a aceitar uma aposta com você, Alice, mas esse dia chegou.

Ela soltou seu riso prateado.

— Então, vai me mostrar a aliança?

Eu fiz uma careta de pavor enquanto ela pegava minha mão esquerda e depois a largava com a mesma rapidez.

— Hmmm. Eu o vi colocá-la em você... Será que perdi alguma coisa? — perguntou ela. Ela se concentrou por meio segundo, franzindo a testa, antes de responder às próprias perguntas. — Não. O casamento ainda está de pé.

— Bella tem problemas com joias — explicou Edward.

— O que é um diamante a mais? Bem, acho que a aliança tem muitos diamantes, mas o que quero dizer é que ele já comprou um...

— Chega, Alice! — Edward a interrompeu de repente. Pelo modo como a olhava... ele parecia um vampiro de novo. — Estamos com pressa.

— Não entendo. O que têm os diamantes? — perguntei.

— Vamos conversar sobre isso mais tarde — disse Alice. — Edward tem razão... É melhor vocês irem. Terão de montar uma armadilha e armar acampamento antes que a tempestade chegue. — Ela franziu a testa e sua expressão era ansiosa, quase nervosa. — Não se esqueça do casaco, Bella. Parece... incomumente frio.

— Já peguei — Edward lhe garantiu.

— Tenham uma boa noite — disse ela como despedida.

Levou o dobro do tempo para chegarmos à clareira; Edward pegou um desvio, certificando-se de que meu cheiro não estaria perto do rastro que Jacob esconderia

depois. Ele me carregou em seus braços, a mochila volumosa em meu local de sempre.

Ele parou na beira da clareira e me colocou de pé.

— Tudo bem. Agora ande um pouco para o norte, tocando no máximo de coisas que puder. Alice me deu um quadro claro do caminho deles, e não vamos demorar muito para nos cruzar.

— Norte?

Ele sorriu e apontou a direção certa.

Eu segui para o bosque, deixando para trás a luz amarelo-clara do estranho dia ensolarado na clareira. Talvez a visão embaçada de Alice estivesse errada sobre a neve. Assim eu esperava. A maior parte do céu era clara, embora o vento chicoteasse furiosamente pelos espaços abertos. Nas árvores era mais calmo, mas estava frio demais para junho — mesmo com uma blusa de mangas compridas e um suéter grosso por cima, meus braços ficaram arrepiados. Eu andava devagar, passando os dedos em tudo o que estivesse perto: os troncos ásperos, as samambaias úmidas; as pedras cobertas de musgo.

Edward ficou comigo, andando numa linha paralela por uns vinte metros.

— Estou fazendo isso certo? — perguntei.

— Perfeitamente.

Tive uma ideia.

— Isso vai ajudar? — perguntei enquanto passava os dedos por meu cabelo e pegava alguns fios soltos. Eu os enrolei nas samambaias.

— Sim, deixa o rastro mais forte. Mas você não precisa arrancar os cabelos, Bella. Vai ficar tudo bem.

— Tenho alguns a mais que posso dispensar.

Estava escuro sob as árvores, e eu queria poder andar mais perto de Edward e segurar sua mão.

Enrolei outro fio de cabelo num galho quebrado que atravessava meu caminho.

— Não precisa fazer a vontade de Alice, sabe disso — disse Edward.

— Não se preocupe, Edward. Eu não vou deixar você no altar, apesar de tudo. — No fundo, eu tinha a sensação de que Alice conseguiria, em especial porque ela era totalmente inescrupulosa quando se tratava de algo que queria, e também porque eu tendia a pirar de culpa.

— Não é com isso que estou preocupado. Quero que seja do jeito que você quer.

Reprimi um suspiro. Ia ferir seus sentimentos se eu dissesse a verdade: que não importava, porque não passavam de graus variados de horror, de qualquer modo.

— Mesmo que ela faça do jeito dela, podemos ser discretos. Só nós. Emmett pode tirar uma licença de clérigo pela Internet.

Eu ri.

— Isso soa melhor. — Não pareceria muito oficial se Emmett lesse os votos, o que era uma vantagem. Mas eu tive dificuldade para manter a expressão séria.

— Está vendo? — disse ele com um sorriso. — Sempre há jeito de conciliar.

Precisei de algum tempo para chegar ao local em que o exército de recém-criados cruzaria meu rastro, mas Edward em nenhum momento ficou impaciente com meu ritmo.

Ele teve de me guiar um pouco no caminho de volta, para me manter na mesma trilha. Tudo parecia igual para mim.

Estávamos quase na clareira quando eu caí. Pude ver a abertura ampla à frente e foi provavelmente por isso que fiquei ansiosa demais e me esqueci de observar meus pés. Segurei-me antes que minha cabeça batesse na árvore mais próxima, mas um galho pequeno se quebrou sob minha mão esquerda e cortou a palma da mão.

— Ai! Ah, que incrível! — murmurei.

— Você está bem?

— Estou ótima. Fique onde está. Estou sangrando. Vai estancar daqui a pouco.

Ele me ignorou. Estava bem ali antes que eu pudesse terminar.

— Tenho um kit de primeiros socorros — disse ele, pegando a mochila. — Eu tinha a sensação de que precisaria dele.

— Não está tão ruim. Posso cuidar disso... Não precisa suportar esse desconforto.

— Não é desconforto para mim — disse ele calmamente. — Venha... Deixe-me limpar isso.

— Espere um segundo, tive outra ideia.

Sem olhar o sangue e respirando pela boca, para o caso de meu estômago

reagir, apertei a mão numa pedra que estava a meu alcance.

— O que está fazendo?

— Jasper vai adorar isso — murmurei comigo mesma. Parti para a clareira de novo, colocando a palma da mão em tudo em meu caminho. — Aposto que isso realmente os atrairá para cá.

Edward suspirou.

— Prenda a respiração — eu disse a ele.

— Eu estou bem. Só acho que você está exagerando.

— É só o que posso fazer. Quero fazer um bom trabalho.

Passávamos pela última árvore enquanto eu falava. Deixei minha mão ferida roçar nas samambaias.

— Bem, você conseguiu — garantiu-me Edward. — Os recém-criados vão ficar frenéticos e Jasper ficará impressionado com sua dedicação. Agora deixe-me tratar de sua mão... Está com um corte sujo.

— Me deixe fazer isso, por favor.

Ele pegou minha mão e sorriu ao examiná-la.

— Isso não me incomoda mais.

Eu o observei cuidadosamente, procurando por algum sinal de angústia, enquanto ele limpava o corte. Ele continuava a respirar com tranquilidade, com o mesmo sorriso nos lábios.

— E por que não? — perguntei por fim enquanto ele passava uma gaze em minha mão.

Ele deu de ombros.

— Eu superei isso.

— Você... superou? Quando? Como? — Tentei me lembrar da última vez em que ele teve de prender a respiração perto de mim. Só no que conseguia pensar era em minha festa de aniversário infeliz em setembro passado.

Edward franziu os lábios, parecendo procurar as palavras certas.

— Passei vinte e quatro horas inteiras pensando que você estivesse morta, Bella. Isso mudou o modo como vejo muita coisa.

— Mudou meu cheiro para você?

— Nem tanto. Mas... tendo vivido a sensação de achar que perdi você... minhas reações mudaram. Todo meu ser se afasta de qualquer rumo que possa inspirar esse tipo de dor de novo.

Eu não sabia o que dizer.

Ele riu de minha expressão.

— Acho que você pode chamar de uma experiência muito educativa.

O vento então rasgou a clareira, atirando meu cabelo no rosto e me fazendo tremer.

— Tudo bem — disse ele, pegando a mochila de novo. — Já fez sua parte. — Ele pegou meu pesado casaco de inverno e o estendeu para que eu enfiasse os braços. — Agora não está mais em suas mãos. Vamos acampar!

Eu ri do falso entusiasmo em sua voz.

Ele pegou minha mão com o curativo — a outra estava em pior estado, ainda na tala — e partiu para o outro lado da clareira.

— Onde vamos encontrar Jacob? — perguntei.

— Bem aqui. — Ele gesticulou para as árvores diante de nós justo quando Jacob surgia cauteloso das sombras.

Não devia me surpreender vê-lo humano. Eu não tinha certeza do motivo para eu procurar pelo lobo marrom-avermelhado.

Jacob parecia maior outra vez — sem dúvida, fruto de minhas expectativas; eu devia ter esperado inconscientemente ver o pequeno Jacob de minhas lembranças, o amigo tranquilo que não dificultava tudo. Ele estava de braços cruzados no peito despido, o punho agarrando um casaco. Seu rosto era inexpressivo ao nos observar.

Os lábios de Edward se repuxaram nos cantos.

— Deveria haver uma maneira melhor de fazer isso.

— Agora é tarde demais — murmurei, melancólica.

Ele suspirou.

— Oi, Jake — eu o cumprimentei quando nos aproximamos.

— Olá, Jacob — disse Edward.

Jacob ignorou as amabilidades e foi direto aos negócios.

— Onde eu devo levá-la?

Edward pegou um mapa no bolso lateral da mochila e o entregou a Jacob. Jacob o desdobrou.

— Agora estamos aqui — disse Edward, estendendo a mão para tocar no ponto certo. Jacob recolheu a mão automaticamente, depois relaxou. Edward fingiu não perceber.

— E você vai levá-la para cá — continuou Edward, traçando um padrão em serpentina pelas linhas de elevação no papel. — Aproximadamente quinze quilômetros.

Jacob assentiu uma vez.

— Quando estiver a um quilômetro e meio de distância, deve cruzar meu rastro. Isso o guiará. Precisa do mapa?

— Não, obrigado. Conheço muito bem a região. Acho que sei aonde estou indo.

Jacob parecia ter de se esforçar mais do que Edward para manter o tom educado.

— Vou pegar uma rota mais longa — disse Edward. — E verei você daqui a algumas horas.

Edward olhou para mim, infeliz. Ele não gostava dessa parte do plano.

— Até logo — murmurei.

Edward desapareceu nas árvores, indo na direção contrária.

Assim que ele se foi, Jacob ficou animado.

— E aí, Bella? — perguntou com um sorriso largo.

Revirei os olhos.

— Nada de novo, tudo velho.

— É — concordou ele. — Um bando de vampiros tentando matar você. O de sempre.

— O de sempre.

— Bom — disse ele enquanto vestia o casaco para libertar os braços. — Vamos andando.

Fazendo uma careta, eu me aproximei um pouco dele.

Ele se inclinou e passou o braço por trás de meus joelhos, dobrando-os e me erguendo. O outro braço me pegou antes que minha cabeça atingisse o chão.

— Idiota — murmurei.

Jacob riu, já correndo pelas árvores. Mantinha um ritmo constante, um andar acelerado que um homem em boa forma podia acompanhar... numa área plana... se não estivesse carregando mais de cinquenta quilos, como ele estava.

— Não precisa correr. Vai ficar cansado.

— Correr não me deixa cansado — disse ele. Sua respiração era estável, como o ritmo constante de um maratonista. — Além disso, vai esfriar logo. Espero que

ele já tenha montado acampamento quando chegarmos lá.

Bati o dedo no acolchoado grosso de sua parca.

— Pensei que você não sentisse frio.

— Não sinto. Eu trouxe isso para você, para o caso de não estar preparada. — Ele olhou meu casaco, quase como se estivesse decepcionado. — Não gosto do clima. Está me deixando tenso. Reparou que não vimos nenhum animal?

— Hmmm, na verdade, não.

— Achei que não ia reparar. Seus sentidos são obtusos demais.

Deixei passar essa.

— Alice também me alertou da tempestade.

— É preciso muito para silenciar a floresta desse jeito. Vocês escolheram uma noite horrível para acampar.

— Não foi inteiramente ideia minha.

O caminho que ele tomou começou a subir cada vez mais, mas ele não reduziu o passo. Saltava facilmente de uma pedra a outra, sem parecer precisar das mãos. Seu equilíbrio perfeito me lembrou um cabrito montês.

— Que acréscimo é esse em sua pulseira? — perguntou ele.

Olhei para baixo e percebi que o coração de cristal estava de frente em meu pulso.

Dei de ombros, sentindo-me culpada.

— Outro presente de formatura.

Ele bufou.

— Uma pedra. Faz sentido.

Uma pedra? De repente me lembrei da frase inacabada de Alice na garagem. Olhei o cristal brilhante e branco e tentei me lembrar do que Alice estava dizendo antes... sobre diamantes. Ela teria tentado dizer Ele já comprou um... para você? Se era assim, eu já estava usando um diamante de Edward? Não, era impossível. O coração teria de ter cinco quilates ou uma loucura dessas! Edward não faria...

— Então, já faz algum tempo que você não vai a La Push — disse Jacob, interrompendo minhas conjecturas perturbadoras.

— Eu andei ocupada — disse a ele. — E... provavelmente não teria feito uma visita.

Ele fez uma careta.

— Pensei que você fosse a magnânima, e eu, o rancoroso.

Dei de ombros.

— Andou pensando muito naquela última vez, não foi?

— Não.

Ele riu.

— Ou você está mentindo ou é a pessoa mais teimosa do mundo.

— Não sei da segunda parte, mas não estou mentindo.

Eu não gostava de falar no assunto naquelas circunstâncias — com seus braços quentes demais em volta de mim e nada que eu pudesse fazer a esse respeito. Seu rosto estava mais perto do que eu desejava. Queria poder dar um passo atrás.

— Uma pessoa inteligente olha todos os aspectos de uma decisão.

— Já olhei — retorqui.

— Se não pensou bem em nossa... er, conversa da última vez em que você apareceu, então isso não é verdade.

— Aquela conversa não é relevante para minha decisão.

— Algumas pessoas fazem de tudo para se iludir.

— Percebi que os lobisomens em particular tendem a cometer esse erro... Acha que é genético?

— Isso significa que ele beija melhor do que eu? — perguntou Jacob, de repente sombrio.

— Eu não sei dizer, Jake. Edward foi a única pessoa que eu beijei.

— Além de mim.

— Mas não conto aquilo como um beijo, Jacob. Foi mais uma agressão.

— Ai! Essa doeu.

Eu dei de ombros. Não ia retirar o que disse.

— Eu me desculpei — lembrou-me.

— E eu o perdoei... quase. Não muda a lembrança que tenho.

Ele murmurou alguma palavra ininteligível.

Fez-se silêncio por algum tempo; havia apenas o som de sua respiração cadenciada e o vento rugindo no alto das árvores. Uma face de penhasco se ergueu a nosso lado, a pedra cinza, rude e nua. Seguimos a base enquanto ela fazia uma curva para cima, saindo da floresta.

— Ainda acho que é muito irresponsável — disse Jacob de repente.

— Seja lá do que estiver falando, está enganado.

— Pense nisso, Bella. De acordo com você, só beijou uma pessoa... que nem é bem uma pessoa... em toda a sua vida, e está encerrando as buscas? Como sabe que é isso o que você quer? Não devia experimentar um pouco?

Mantive a voz fria.

— Sei exatamente o que quero.

— Então não vai fazer mal verificar mais. Talvez você deva tentar beijar mais alguém... Só para poder comparar... Uma vez que o que aconteceu no outro dia não conta. Você poderia me beijar, por exemplo. Não vou me importar se quiser me usar como cobaia.

Ele me apertou mais contra seu peito, para que meu rosto se aproximasse do dele. Estava sorrindo da própria piada, mas eu não ia correr nenhum risco.

— Não brinque comigo, Jake. Juro que não vou impedir se ele quiser quebrar seu queixo.

A pontada de pânico em minha voz alargou ainda mais seu sorriso.

— Se você me pedir um beijo, ele não terá motivo para ficar aborrecido. Ele disse que está tudo bem.

— Não perca seu fôlego, Jake... Não, espere, mudei de ideia. Continue. Prenda a respiração até eu pedir que você me beije.

— Está de mau humor hoje.

— Por que será?

— Às vezes acho que você me prefere como lobo.

— E às vezes prefiro. Provavelmente tem alguma relação com o fato de você não poder falar.

Ele franziu os lábios grossos, pensativo.

— Não, não acho que seja isso. Acho que é mais fácil para você ficar perto de mim quando não sou humano porque você não precisa fingir que não sente atração por mim.

Minha boca se escancarou com um estalo. Eu a fechei imediatamente, trincando os dentes.

Ele ouviu. Seus lábios se repuxaram num sorriso de triunfo.

Respirei devagar antes de falar.

— Não. Tenho certeza absoluta de que é porque você não pode falar.

Ele suspirou.

— Não se cansa de mentir para si mesma? Você precisa saber como tem

consciência de mim. Fisicamente, quero dizer.

— Como alguém pode não ter consciência de você fisicamente, Jacob? Você é um monstro enorme que se recusa a respeitar o espaço dos outros.

— Eu a deixo nervosa. Mas só quando sou humano. Quando sou lobo, você fica mais à vontade perto de mim.

— Nervosismo e irritação não são a mesma coisa.

Ele me fitou por um minuto, reduzindo o passo, a diversão desaparecendo do rosto. Seus olhos se estreitaram, escurecendo sob as sobrancelhas. Sua respiração, tão regular enquanto ele corria, começou a se acelerar. Lentamente, ele inclinou o rosto para mim.

Eu o fitei, sabendo exatamente o que ele estava tentando fazer.

— A cara é sua — lembrei a ele.

Ele riu alto e recomeçou a correr.

— Não quero brigar com seu vampiro esta noite... Quer dizer, em outra noite, claro. Nós dois temos um trabalho a fazer amanhã e eu não quero reduzir o efetivo dos Cullen.

A onda repentina e inesperada de vergonha distorceu minha expressão.

— Eu sei, eu sei — respondeu ele, sem entender. — Você acha que ele pode me pegar.

Não consegui falar. Eu estava reduzindo o efetivo deles. E se alguém se machucasse porque eu era tão fraca? Mas e se eu fosse corajosa e Edward... Eu nem podia pensar nisso.

— Qual é o seu problema, Bella? — A bravata brincalhona desapareceu de seu rosto, revelando o meu Jacob, como se uma máscara fosse arrancada. — Se algo que eu disse a aborreceu, você sabe que só estou brincando. Eu não falei a sério... Ei, você está bem? Não chore, Bella — pediu ele.

Tentei me recompor.

— Eu não vou chorar.

— O que foi que eu disse?

— Não foi nada que você disse. É só que, bom, sou eu. Eu fiz uma coisa... ruim.

Ele me fitou, os olhos arregalados de confusão.

— Edward não vai lutar amanhã — sussurrei a explicação. — Eu o fiz ficar comigo. Eu sou uma imensa covarde.

Ele franziu o cenho.

— Acha que isso não vai dar certo? Que eles vão encontrá-la aqui? Você sabe de algo que eu não sei?

— Não, não. Não estou com medo disso. É só que... Eu não posso deixar que ele vá. Se ele não voltar... — Estremeci, fechando os olhos para fugir do pensamento.

Jacob ficou em silêncio.

Continuei aos sussurros, de olhos fechados.

— Se alguém se ferir, sempre será por minha culpa. E mesmo que ninguém se machuque... Eu fui horrível. Tive de fazer isso, convencê-lo a ficar comigo. Ele não usaria isso contra mim, mas eu sei do que sou capaz. — Senti-me um pouquinho melhor, tirando esse peso de meu peito. Mesmo que só pudesse confessar a Jacob.

Ele bufou. Meus olhos se abriram devagar e eu fiquei triste ao ver que a máscara estava de volta.

— Nem acredito que ele deixou que você o tirasse dessa. Eu não perderia isso por nada.

Eu suspirei.

— Eu sei.

— Mas isso não quer dizer nada. — De repente ele estava retrocedendo. — Não quer dizer que ele a ame mais do que eu.

— Mas você não ficaria comigo, mesmo que eu implorasse.

Ele franziu os lábios por um momento e me perguntei se ele tentaria negar. Nós dois sabíamos da verdade.

— Só porque eu conheço você melhor — disse ele por fim. — Tudo vai acabar tranquilamente. Mesmo que você pedisse e eu negasse, você não ficaria chateada comigo depois.

— Se tudo vai acabar tranquilamente, você deve ter razão. Eu não ia ficar chateada. Mas o tempo todo em que você estiver fora, eu vou morrer de preocupação, Jake. Vou ficar louca.

— Por quê? — perguntou ele num rosnado. — Por que vai se importar se algo ruim acontecer comigo?

— Não diga isso. Você sabe o quanto significa para mim. Eu lamento não ser do jeito que você quer, mas as coisas são assim. Você é meu melhor amigo. Pelo

menos, antigamente era. E ainda é, às vezes... Quando abaixa a guarda.

Ele deu o velho sorriso que eu adorava.

— Eu sou sempre assim — prometeu ele. — Mesmo quando eu não... me comporto tão bem como deveria. Por baixo, eu sempre estou aqui.

— Eu sei. Por que mais eu aguentaria toda a sua besteirada?

Ele riu comigo e seus olhos ficaram tristes.

— Quando afinal você vai entender que também me ama?

— É só deixar que você estraga tudo.

— Não estou dizendo que você não o ama. Não sou idiota. Mas é possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo, Bella. Já vi isso acontecer.

— Eu não sou uma aberração de lobisomem, Jacob.

Jacob torceu o nariz, e eu estava prestes a me desculpar pelo último golpe, mas ele mudou de assunto.

— Agora não estamos longe, posso sentir o cheiro dele.

Eu suspirei de alívio.

Ele interpretou mal minha reação.

— Eu gostaria de reduzir o ritmo, Bella, mas você vai querer estar abrigada antes que isso caia.

Nós dois olhamos para o céu.

Uma parede sólida de nuvens roxas disparava do oeste, escurecendo a floresta por onde passava.

— Caramba — murmurei. — É melhor correr, Jake. Vai querer chegar em casa antes que ela chegue lá.

— Não vou para casa.

Eu o encarei, exasperada.

— Não vai acampar conosco.

— Tecnicamente, não... Não vou dividir a barraca ou coisa assim. Prefiro a tempestade ao cheiro. Mas tenho certeza de que seu sanguessuga vai querer manter contato com o grupo para coordenar a situação, e eu me ofereci graciosamente para este serviço.

— Pensei que fosse tarefa de Seth.

— Ele vai assumir amanhã, durante a luta.

O lembrete me silenciou por um segundo. Eu o fitei, a preocupação surgindo de novo com uma ferocidade súbita.

— Há alguma possibilidade de você ficar, uma vez que já está aqui? — sugeri. — E se eu pedisse? Ou trocasse por uma vida de escravidão ou coisa assim?

— É tentador, mas não. De qualquer modo, pode ser interessante ver você pedir. Você pode tentar, se quiser.

— Não há mesmo nada, nada que eu possa dizer?

— Não. A não ser que me prometa uma luta melhor. De qualquer modo, é o Sam quem manda, não eu.

Isso me trouxe uma lembrança.

— Edward me contou uma coisa no outro dia... sobre você.

Ele se eriçou.

— Deve ser mentira.

— Ah, é mesmo? Você não é o segundo no comando da alcateia, então?

Ele pestanejou, a expressão ficando vazia de surpresa.

— Ah. Isso.

— Como é que nunca me contou?

— Por que contaria? Não é importante.

— Não sei. Por que não? É interessante. E aí, como isso funciona? Como Sam terminou como alfa e você como o... beta?

Jacob riu do termo que inventei.

— Sam foi o primeiro, é o mais velho. Tem sentido que esteja no comando.

Eu franzi a testa.

— Mas Jared ou Paul não deviam estar em segundo, então? Eles foram os seguintes a mudar.

— Bom... é difícil de explicar — disse Jacob evasivamente.

— Tente.

Ele suspirou.

— Tem mais a ver com a linhagem, entendeu? Algo meio antiquado. Por que devia importar quem foi seu avô, não é?

Lembrei-me de uma história que Jacob me contara havia muito tempo, antes de nós dois sabermos alguma coisa de lobisomens.

— Você não disse que Ephraim Black foi o último chefe dos quileutes?

— Sim, é verdade. Porque ele era o alfa. Você sabe que, tecnicamente, Sam é o chefe de toda a tribo agora? — ele riu. — Tradições malucas.

Pensei nisso por um segundo, tentando encaixar todas as peças.

— Mas você também disse que as pessoas ouviam a seu pai mais do que a qualquer outro no conselho, porque ele era neto de Ephraim, não é?

— O que tem isso?

— Bom, se tem a ver com a linhagem... então você não deveria ser o chefe?

Jacob não me respondeu. Olhou a floresta escura, como se de repente precisasse se concentrar em aonde estava indo.

— Jake?

— Não. Isso é trabalho de Sam. — Ele manteve os olhos no rumo que tomava.

— Por quê? O bisavô dele era Levi Uley, não é? Levi era um alfa também?

— Só havia um alfa — respondeu ele automaticamente.

— Então Levi era o quê?

— Uma espécie de beta, eu acho. — Ele bufou para meu termo. — Como eu.

— Isso não faz sentido.

— Não importa.

— Eu só queria entender.

Jacob finalmente viu meu olhar confuso, depois suspirou.

— É. Eu devia ser o alfa.

Minhas sobrancelhas se uniram.

— Sam não quer descer do trono?

— Acho que não. E eu não quero subir.

— E por que não?

Ele franziu o cenho, pouco à vontade com minhas perguntas. Bem, era a vez de Jacob ficar sem graça.

— Eu não quero nada disso, Bella. Não quero que nada mude. Não quero ser um chefe lendário. Não quero fazer parte de um bando de lobisomens, que dirá ser o líder. Eu não ia aceitar se Sam oferecesse.

Pensei naquilo por um longo momento. Jacob não interrompeu. Fitava a floresta novamente.

— Mas pensei que você estivesse mais feliz. Que você não tivesse problemas com isso — sussurrei por fim.

Jacob sorriu para mim, tranquilizando-me.

— É. Não é assim tão ruim. Às vezes é excitante, como nessa história de

amanhã. Mas no começo parecia um pouco que eu era arrastado para uma guerra que nem sabia que existia. Não havia alternativa, entendeu? E era definitivo. — Ele deu de ombros. — De qualquer modo, acho que agora estou feliz. Tem de ser feito, e será que eu podia confiar em outra pessoa para fazer direito? É melhor me assegurar eu mesmo.

Eu o olhei com uma sensação inesperada de admiração por meu amigo. Ele era mais maduro do que eu acreditava. Como em Billy na outra noite na fogueira, havia nele uma majestade de que nunca desconfiei.

— Chefe Jacob — sussurrei, sorrindo de como as palavras ficavam juntas.

Ele revirou os olhos.

Nesse momento, o vento sacudiu com mais ferocidade as árvores à nossa volta e parecia que estava soprando direto de uma geleira. O som áspero da madeira estalando ecoava da montanha. Embora a luz estivesse desaparecendo enquanto as nuvens terríveis encobriam o céu, eu ainda podia ver as poucas partículas brancas que disparavam por nós.

Jacob acelerou o passo, agora mantendo os olhos no chão. Enrosquei-me com mais vontade em seu peito, protegendo-me da neve indesejada.

Poucos minutos depois ele contornava o pico rochoso até o lado protegido do vento, e pudemos ver a pequena barraca aninhada no paredão. Mais flocos de neve caíam à nossa volta, mas o vento era violento demais para deixar que pousassem em algum lugar.

— Bella! — Edward gritou num alívio claro. Nós o alcançamos enquanto ele andava de um lado para outro no pequeno espaço aberto.

Ele disparou para meu lado, parecendo um borrão, movendo-se rapidamente. Jacob se encolheu, depois me colocou de pé. Edward ignorou a reação dele e me pegou num abraço apertado.

— Obrigado — disse Edward por sobre minha cabeça. O tom de voz era inconfundivelmente sincero. — Foi mais rápido do que eu esperava, e agradeço muito por isso.

Girei para ver a reação de Jacob.

Jacob apenas deu de ombros, toda a inimizade desaparecendo de seu rosto.

— Coloque-a lá dentro. Isso vai ficar feio... Meu cabelo está se eriçando. Essa barraca é segura?

— Eu praticamente a soldei na pedra.

— Que bom.

Jacob olhou o céu — agora negro da tempestade, salpicado dos flocos de neve em espiral. Suas narinas inflaram.

— Vou mudar de forma — disse ele. — Quero saber o que está acontecendo em casa.

Ele pendurou o casaco num galho baixo e grosso e andou para a floresta escura sem olhar para trás.

22. FOGO E GELO

O VENTO VOLTOU A SACUDIR A BARRACA E EU ME AGITEI DENTRO DELA.

A temperatura caía. Podia sentir pelo saco de dormir, através de meu casaco. Eu estava totalmente vestida, as botas de caminhada ainda amarradas nos pés. Não fazia muita diferença. Como podia ficar tão frio? Como podia ficar ainda mais frio? Tinha de parar uma hora, não é?

— Q-q-q-q-que ho-ho-horas são? — forcei as palavras a passarem pelos dentes que batiam.

— Duas — respondeu Edward.

Edward estava sentado o mais distante possível de mim no espaço apertado, com medo até de respirar perto de mim, uma vez que eu já estava com tanto frio. Estava escuro demais para ver seu rosto, mas a voz dele transparecia preocupação, indecisão e frustração.

— Talvez...

— Não, eu est-t-t-t-tou bem, é v-v-v-verdade. Não q-q-q-q-quero s-s-s-s-sair.

Ele já tentara me convencer a voltar uma dezena de vezes, mas eu estava morta de medo de deixar meu abrigo. Se estava tão frio ali, protegida do vento furioso, eu podia imaginar como seria ruim se corrêssemos por ele.

E seria desperdiçar todos os esforços daquela tarde. Haveria tempo suficiente para nos recuperarmos quando a tempestade parasse? E se não acabasse? Não fazia sentido andar agora. Eu podia tremer daquele jeito a noite toda.

Eu estava preocupada que o rastro que tinha deixado se perdesse, mas ele me garantiu que ainda seria forte para os monstros que chegavam.

— O que eu posso fazer? — ele quase implorava.

Eu só sacudi a cabeça.

Na neve, Jacob gemia, infeliz.

— S-s-s-s-s-aia d-d-d-daí — ordenei novamente.

— Ele só está preocupado com você — traduziu Edward. — Ele está bem. O corpo dele é equipado para lidar com isso.

— R-r-r-r-r-r. — Eu queria dizer que ele ainda devia ir embora, mas não conseguiu passar pelos meus dentes. Quase mordi a língua ao tentar. Pelo menos Jacob parecia estar preparado para a neve, melhor ainda do que os outros da alcateia, com o pelo avermelhado mais longo, mais espesso e desgrenhado. Perguntei-me por que era assim.

Jacob ganiu, um som agudo e cheio de queixa.

— O que você quer que eu faça? — grunhiu Edward, ansioso demais para se incomodar em ser educado. — Levá-la por isso? Não estou vendo você se fazer de útil. Por que não arruma um espaço mais quente ou coisa assim?

— Eu es-s-s-s-s-stou bem — protestei. A julgar pelo gemido de Edward e pelo rosnado baixo fora da barraca, não convenci ninguém. O vento balançava a barraca ferozmente e eu tremia em harmonia com ela.

Um uivo súbito rasgou o rugido do vento e eu cobri as orelhas para me proteger do barulho. Edward fechou a cara.

— Isso não era necessário — murmurou ele. — E foi a pior ideia que já ouvi na vida — gritou ele mais alto.

— Melhor do que qualquer uma que você tenha bolado — respondeu Jacob, a voz humana me sobressaltando. — Arrume um espaço mais quente — grunhiu ele. — Eu não sou um são-bernardo.

Ouvi o som de um zíper na porta da barraca sendo puxado para baixo.

Jacob passou pela menor abertura que pôde, enquanto o ar ártico fluía em volta dele, alguns flocos de neve caindo no chão da barraca. Eu tremia tanto que parecia uma convulsão.

— Não gosto disso — sibilou Edward enquanto Jake fechava o zíper da porta da barraca. — Dê o casaco a ela e caia fora.

Meus olhos estavam bem-adaptados para distinguir formas — Jacob carregava a parca que estava pendurada numa árvore ao lado da barraca.

Tentei perguntar do que eles estavam falando, mas só o que saiu de minha boca foi "Q-q-q-q-q-q", na tremedeira que me fazia gaguejar incontrolavelmente.

— A parca é para amanhã... Ela está fria demais para se aquecer sozinha. Está congelando. — Ele a largou perto da porta. — Você disse que ela precisava de um espaço mais quente e aqui estou eu. — Jacob estendeu os braços ao máximo que a barraca permitia. Como sempre, quando estava correndo como um lobo, ele só vestia o essencial — calça de moletom, sem camisa, sem sapatos.

— J-j-j-j-jake, você v-v-v-vai conge-ge-gelar — tentei reclamar.

— Eu, não — disse ele com alegria. — Bati 42,7 graus outro dia. Você vai ficar suando daqui a pouco.

Edward grunhiu, mas Jacob sequer olhou para ele. Em vez disso, aninhou-se a meu lado e começou a abrir meu saco de dormir.

A mão de Edward de repente estava dura em seu ombro, restringindo-o, a neve branca contra a pele escura. O queixo de Jacob trincou, as narinas infladas, o corpo recuando ao toque frio. Os longos músculos de seus braços se contraíram automaticamente.

— Tire a mão de mim — grunhiu ele entredentes.

— Tire as mãos dela — respondeu Edward sombriamente.

— N-n-n-n-n-não b-b-b-b-riguem — pedi. Outro tremor me sacudiu. Parecia que meus dentes iam se espatifar, tal a força com que batiam.

— Tenho certeza de que ela vai agradecer a você quando os dedos dos pés dela ficarem pretos e caírem — rebateu Jacob.

Edward hesitou, depois sua mão tombou e ele voltou a sua posição no canto.

A voz dele era monótona e assustadora.

— Cuidado.

Jacob riu.

— Chega pra lá, Bella — disse ele, abrindo mais o saco de dormir.

Eu o fitei, ultrajada. Não admirava que Edward estivesse reagindo daquele jeito.

— N-n-n-n-n — tentei protestar.

— Não seja idiota — disse ele, exasperado. — Você não gosta de ter dez dedos nos pés?

Ele espremeu o corpo no espaço inexistente, forçando o zíper para cima.

E depois não pude me opor — eu não queria mais me opor. Ele era tão quente! Seus braços se fecharam à minha volta, apertando-me confortavelmente contra seu peito nu. O calor era irresistível, como ar depois de ficar embaixo d'água por tempo demais. Ele se encolheu quando coloquei os dedos gelados em sua pele.

— Meu Deus, você está congelando, Bella — ele reclamou.

— D-d-d-d-desculpe — gaguejei.

— Procure relaxar — sugeriu ele enquanto outro tremor percorria

violentamente meu corpo. — Vai ficar aquecida num minuto. É claro que você se aqueceria mais rápido se tirasse as roupas.

Edward deu um rosnado severo.

— É uma realidade simples — Jacob defendeu-se. — Manual básico de sobrevivência.

— S-s-sem essa, Jake — eu disse com raiva, embora meu corpo se recusasse a ao menos tentar se afastar dele. — N-n-n-ninguém p-p-p-p-precisa de d-d-d-dez dedos nos pés.

— Não se preocupe com o sanguessuga — sugeriu Jacob, e o tom de voz era presunçoso. — Ele só está com ciúme.

— É claro que estou. — A voz de Edward era aveludada de novo, sob controle, um murmúrio musical na escuridão. — Você não tem a mais remota ideia do quanto eu queria poder fazer o que está fazendo por ela, vira-lata.

— É assim que as coisas acontecem — disse Jacob alegremente, mas depois seu tom de voz ficou amargo. — Pelo menos sabe que ela preferia que fosse você.

— É verdade — concordou Edward.

O tremor diminuía, tornando-se suportável enquanto eles discutiam.

— Pronto — disse Jacob, satisfeito. — Sente-se melhor?

Eu era capaz, afinal, de falar com clareza.

— Sim.

— Seus lábios ainda estão azuis — refletiu ele. — Quer que eu os aqueça também? É só pedir.

Edward soltou um suspiro pesado.

— Comporte-se — murmurei, colocando o rosto em seu ombro. Ele se encolheu novamente quando minha pele fria tocou a dele, e eu sorri com uma satisfação um tanto vingativa.

Já estava quente e aconchegante dentro do saco de dormir. O calor do corpo de Jacob parecia irradiar de todo lado — talvez porque houvesse tanto corpo. Tirei as botas e apertei os dedos dos pés em suas pernas. Ele se sobressaltou, depois baixou a cabeça para colocar a testa quente em minha orelha entorpecida.

Percebi que a pele de Jacob tinha um cheiro amadeirado e almiscarado — combinava com o ambiente, ali, no meio da floresta. Era bom. Perguntei-me se os Cullen e os quileutes não estavam exagerando com toda aquela história do cheiro por causa de seus preconceitos. Todo mundo tinha um cheiro bom para mim.

A tempestade uivava como uma fera atacando a barraca, mas agora isso não me preocupava. Jacob estava fora do frio e eu também. Além de tudo, eu estava simplesmente exaurida demais para ter alguma preocupação — cansada de ficar acordada até tão tarde e dolorida dos espasmos musculares. Meu corpo relaxou aos poucos enquanto eu descongelava, parte por parte, e depois ficou molenga.

— Jake? — murmurei sonolenta. — Posso fazer um pergunta? Não estou tentando ser idiota nem nada, só estou curiosa. — Eram as mesmas palavras que ele usara em minha cozinha... Havia quanto tempo mesmo?

— Claro — ele riu, lembrando-se.

— Por que você é muito mais peludo do que seus amigos? Não precisa responder, se eu estiver sendo grosseira. — Eu não conhecia as regras de etiqueta da cultura dos lobisomens.

— Porque meu cabelo é mais comprido — disse ele, divertindo-se; pelo menos minha pergunta não o havia ofendido. Ele sacudiu a cabeça para que seu cabelo despenteado, agora crescido até o queixo, fizesse cócegas em meu rosto.

— Ah! — Eu estava surpresa, mas fazia sentido. Então era por isso que todos eles tosavam o cabelo no início, quando se juntavam ao grupo. — Então por que não corta? Você gosta de ser descabelado?

Desta vez ele não respondeu de imediato, e Edward riu baixinho.

— Desculpe — eu disse, parando para bocejar. — Eu não queria ser intrometida. Não precisa me dizer nada.

Jacob fez um som irritado.

— Ah, ele vai contar de qualquer forma, então eu posso fazer isso... Eu estava deixando o cabelo crescer porque... parecia que você gostava dele mais comprido.

— Ah!— Fiquei sem graça. — Eu, eh, gosto dos dois jeitos, Jake. Não precisa... se incomodar com isso.

Ele deu de ombros.

— Por acaso foi muito conveniente hoje, então não se preocupe com isso.

Eu não tinha mais nada a dizer. Enquanto o silêncio se estendia, minhas pálpebras caíram e se fecharam, e minha respiração ficou mais lenta, mais estável.

— Isso mesmo, meu amor, durma — sussurrou Jacob.

Suspirei, satisfeita, já semiconsciente.

— Seth está aqui — murmurou Edward para Jacob, e de repente entendi o sentido do uivo.

— Perfeito. Agora você pode ficar de olho em todo o restante, enquanto eu cuido de sua namorada para você.

Edward não respondeu, mas eu gemi, grogue.

— Parem com isso — murmurei.

Fez-se silêncio então, pelo menos dentro da barraca. Do lado de fora, o vento guinchava loucamente pelas árvores. A trepidação da barraca dificultava o sono. As estacas, às vezes, eram puxadas e tremiam, arrancando-me da beira da inconsciência sempre que eu estava perto de dormir. Eu me senti muito mal pelo lobo, o menino que estava lá fora na neve.

Minha mente vagou enquanto eu esperava que o sono me encontrasse. Aquele pequeno espaço quente me fez pensar nos primeiros dias com Jacob, e eu me lembrei de como costumava ser quando ele era meu sol substituto, o calor que possibilitava minha vida vazia. Já fazia algum tempo que eu não pensava em Jake dessa maneira, mas ali estava ele, aquecendo-me novamente.

— Por favor! — sibilou Edward. — Importa-se?

— Que foi? — sussurrou Jacob, o tom de surpresa.

— Acha que pode tentar controlar seus pensamentos? — O sussurro de Edward era furioso.

— Ninguém mandou ouvir — murmurou Jacob, desafiador, e no entanto constrangido. — Saia de minha cabeça.

— Bem que eu gostaria. Não faz ideia de como suas fantasias são altas. Parece que você as está gritando para mim.

— Vou tentar pensar baixo — sussurrou Jacob com sarcasmo.

Houve um breve silêncio.

— Sim — respondeu Edward a um pensamento não dito num murmúrio tão baixo que eu mal distingui. — Também tenho ciúme disso.

— Imaginei que fosse assim — sussurrou Jacob, convencido. — Isso iguala um pouco o campo de jogo, não é?

Edward riu.

— Vai sonhando.

— Sabe, ela ainda pode mudar de ideia — Jacob o provocou. — Considerando todas as coisas que posso fazer com ela e você não. Isto é, pelo menos não sem matá-la.

— Vá dormir, Jacob — murmurou Edward. — Está começando a me dar nos

nervos.

— Acho que vou. Estou muito confortável.

Edward não respondeu.

Eu estava distante demais para lhes pedir que parassem de falar de mim como se eu não estivesse presente. A conversa assumira um caráter onírico para mim, e eu não tinha certeza de estar realmente acordada.

— Talvez eu devesse — disse Edward depois de um momento, respondendo a uma pergunta que eu não ouvi.

— Mas você seria sincero?

— Sempre é possível perguntar e ver. — O tom de Edward me fez indagar se eu estava perdendo alguma piada.

— Bom, você vê dentro de minha cabeça... Me deixe ver dentro da sua esta noite, é justo assim — disse Jacob.

— Sua cabeça é cheia de perguntas. A qual delas quer que eu responda?

— O ciúme... Tem que estar devorando você. Você não pode ser tão seguro de si, como parece. A não ser que não tenha emoção nenhuma.

— É claro que sim — concordou Edward, não mais se divertindo. — Neste exato momento está tão ruim que mal consigo controlar minha voz. É claro que é ainda pior quando ela está longe de mim, com você, e eu não consigo vê-la.

— Você pensa nisso o tempo todo? — sussurrou Jacob. — Tem dificuldade para se concentrar quando ela não está com você?

— Sim e não — disse Edward; ele parecia decidido a responder com sinceridade. — Minha mente não funciona do mesmo modo que a sua. Posso pensar em muitos assuntos a um só tempo. É claro que isso significa que eu sempre sou capaz de pensar em você, sempre capaz de me perguntar se é isso que está na mente dela quando ela fica em silêncio e pensativa.

Os dois ficaram quietos por um minuto.

— Sim, eu acho que ela pensa em você com frequência — murmurou Edward em resposta aos pensamentos de Jacob. — Mais frequentemente do que eu gostaria. Ela se preocupa com sua infelicidade. Mas você sabe muito bem disso. E usa isso.

— Tenho de usar o que eu puder — murmurou Jacob. — Não estou trabalhando com suas vantagens... Como Bella saber que é apaixonada por você.

— Isso ajuda — concordou Edward num tom brando.

Jacob estava desafiador.

— Ela também é apaixonada por mim, sabe disso.

Edward não respondeu.

Jacob suspirou.

— Mas ela não sabe.

— Não posso lhe dizer se está certo.

— Isso não o incomoda? Gostaria de poder ver o que ela pensa também?

— Sim... e não, de novo. Ela prefere assim, e embora, às vezes, isso me deixe louco, eu prefiro que ela seja feliz.

O vento soprou impetuoso em volta da barraca, sacudindo-a como um terremoto. Os braços de Jacob apertaram meu corpo, protetores.

— Obrigado — sussurrou Edward. — Embora possa parecer estranho, acho que estou feliz por você estar aqui, Jacob.

— Quer dizer, "Embora fosse adorar matá-lo, fico feliz que ela esteja aquecida", não é?

— É uma trégua desagradável, não acha?

O sussurro de Jacob de repente ficou presunçoso.

— Eu sabia que você era tão louco de ciúme quanto eu.

— Não sou tão tolo para demonstrar, como você faz. Não ajuda em nada em seu caso, devia saber disso.

— Você tem mais paciência do que eu.

— Devo ter mesmo. Levei cem anos para conquistá-la. Cem anos de espera.

— Então... a que altura você decidiu bancar o cara bom e paciente?

— Quando vi o quanto a magoava fazê-la escolher. Em geral, não é difícil controlar. Na maior parte do tempo, posso atenuar com facilidade os... sentimentos menos civilizados que alimento por você. Às vezes acho que ela vê através de mim, mas não tenho certeza.

— Acho que você só estava preocupado que ela o preterisse, se a obrigasse a escolher.

Edward não respondeu imediatamente.

— Também foi por isso — admitiu ele por fim. — Mas só uma pequena parte. Todos temos nossos momentos de dúvida. Preocupava-me principalmente que ela se magoasse tentando fugir para ver você. Depois que aceitei que ela estava mais ou menos segura com você... segura como Bella sempre está... parecia

melhor parar de levá-la a extremos.

Jacob suspirou.

— Eu disse isso a ela, mas ela jamais acreditou em mim.

— Eu sei. — Parecia que Edward estava sorrindo.

— Você acha que sabe de tudo — murmurou Jacob.

— Não sei o futuro — disse Edward, a voz de repente insegura.

Houve uma longa pausa.

— O que você faria se ela mudasse de ideia? — perguntou Jacob.

— Também não sei.

Jacob riu baixo.

— Você tentaria me matar? — De novo sarcástico, como se duvidasse da capacidade de Edward de fazer isso.

— Não.

— Por que não? — O tom de Jacob ainda era de zombaria.

— Acha realmente que eu a magoaria dessa maneira?

Jacob hesitou por um segundo, depois suspirou.

— Sim, tem razão. Sei que tem razão. Mas às vezes...

— Às vezes é uma ideia intrigante.

Jacob colocou o rosto no saco de dormir para abafar o riso.

— Exatamente — concordou por fim.

Que sonho estranho era aquele. Perguntei-me se era o vento incansável que me fazia imaginar todos os sussurros. Só que o vento gritava, e não sussurrava...

— Como é isso? Perdê-la? — perguntou Jacob depois de um momento de silêncio, e não havia sugestão de humor em sua voz de repente rouca. — Quando você pensou que a havia perdido para sempre? Como você... lidou com isso?

— É muito difícil falar nesse assunto.

Jacob esperou.

— Houve dois momentos diferentes em que pensei no assunto. — Edward pronunciava cada palavra um pouco mais devagar do que o normal. — Na primeira vez, quando pensei que podia deixá-la... foi... quase insuportável. Porque eu acreditei que ela me esqueceria, e seria como se eu não tivesse tocado em sua vida. Por mais de seis meses consegui ficar afastado, manter minha promessa de que não voltaria a interferir. Estava chegando perto... Eu lutava, mas sabia que não ia vencer; eu voltaria... só para ver como ela estava. Era o que eu

dizia a mim mesmo, de qualquer forma. E se eu a encontrasse razoavelmente feliz... Prefiro pensar que podia ter ido embora de novo.

"Mas ela não estava feliz. E eu ficaria. Foi assim que ela me convenceu a ficar com ela amanhã, é claro. Você estava se perguntando sobre isso, o que podia ter me motivado... Qual era o motivo de ela se sentir tão desnecessariamente culpada. Ela me lembrou de como foi para ela quando eu parti — o que até hoje acontece com ela quando me afasto. Ela se sentiu péssima por trazer isso à tona, mas tinha razão. Jamais conseguirei compensar, mas jamais deixarei de tentar."

Jacob não respondeu por um momento, ouvindo a tempestade ou digerindo o que ele ouvia, eu não sabia qual das duas opções.

— E a outra vez... quando você pensou que ela estava morta? — sussurrou Jacob asperamente.

— Sim. — Edward respondeu a uma pergunta diferente. — Provavelmente será assim para você, não é? Pelo modo como nos percebe, você pode não ser capaz de vê-la mais como a Bella. Mas é o que ela será.

— Não foi isso que eu perguntei.

A voz de Edward passou a ficar acelerada e dura.

— Não posso lhe dizer como foi. Não há palavras para isso.

Os braços de Jacob se contraíram à minha volta.

— Mas você foi embora porque não queria torná-la uma sanguessuga. Você queria que ela fosse humana.

Edward falou devagar.

— Jacob, no segundo em que percebi que a amava, eu sabia que só havia quatro possibilidades. A primeira alternativa, a melhor para Bella, seria se ela não sentisse o mesmo por mim... Se ela superasse isso e continuasse a vida. Eu aceitaria, embora jamais mudasse meus sentimentos. Você me considera uma... pedra viva... duro e frio. É verdade. Somos compostos dessa maneira, e é muito raro que experimentemos uma mudança verdadeira. Quando acontece, como ocorreu quando Bella entrou em minha vida, é uma mudança permanente. Não há retorno...

"A segunda alternativa, aquela que escolhi originalmente, era ficar com ela por toda a sua vida humana. Não era uma boa opção para ela, desperdiçar a vida com alguém que não podia ser humano como ela, mas era a alternativa que eu podia enfrentar com facilidade. Sabendo o tempo todo que, quando ela morresse,

eu encontraria um jeito de morrer também. Sessenta, setenta anos — seria um período muito breve para mim... Mas depois provou-se perigoso demais para ela viver em tal proximidade com meu mundo. Parecia que tudo o que podia dar errado acontecia. Ou pairava sobre nós... esperando para dar errado. Eu estava apavorado de não ter esses sessenta anos se ficasse por perto enquanto ela fosse humana.

"Então escolhi a terceira opção. Que se revelou o pior erro que cometi em minha longa vida, como você sabe. Escolhi me ausentar do mundo dela, na esperança de obrigá-la a ficar com a primeira alternativa. Não deu certo e por muito pouco isso quase nos matou.

"O que me restava além da quarta opção? É o que ela quer — pelo menos, ela pensa que quer. Estive tentando contê-la, dar a ela tempo para descobrir um motivo para mudar de ideia, mas ela é muito... teimosa. Você sabe disso. Terei sorte se adiar isso por mais alguns meses. Ela tem pavor de envelhecer, e o aniversário dela é em setembro..."

— Prefiro a primeira opção — murmurou Jacob.

Edward não respondeu.

— Você sabe exatamente o quanto eu odeio aceitar isso — sussurrou Jacob devagar —, mas posso entender que você a ame... à sua maneira. Não posso mais questionar isso.

"Dado esse fato, não penso que você deva desistir da primeira alternativa, ainda não. Acho que há uma possibilidade muito boa de ela ficar bem. Com o tempo. Sabe, se ela não tivesse pulado do penhasco em março... e se você esperasse mais seis meses para ver como ela estava... bom, podia tê-la encontrado razoavelmente feliz. Eu tinha um plano."

Edward riu.

— Talvez tivesse funcionado. Foi um plano bem-pensado.

— Foi. — Jake suspirou. — Mas... — De repente ele estava sussurrando tão rápido que as palavras se misturaram — me dê um ano, sang... Edward. Eu realmente acho que posso fazê-la feliz. Ela é teimosa, ninguém sabe disso melhor do que eu, mas ela é capaz de se curar. Ela teria se curado antes. E ela pode ser humana, com Charlie e Renée, pode crescer, ter filhos e... ser a Bella.

"Você a ama o bastante para ver as vantagens desse plano. Ela pensa que você é muito altruísta... E você é mesmo? Pode considerar a ideia de que eu posso ser

melhor para ela do que você?"

— Eu já pensei nisso — respondeu Edward em voz baixa. — De certa maneira, você será mais adequado para ela do que qualquer outro humano. Bella precisa de certos cuidados, e você é bem forte para protegê-la dela mesma e de tudo o que conspira contra ela. Você já tem feito isso, e vou lhe dever pelo tempo que viver... para sempre... o que vier primeiro...

"Cheguei a perguntar a Alice se ela podia ver isso... Ver se Bella ficaria melhor com você. Ela não conseguiu, é claro. Não consegue ver você, e então Bella está certa do que vai fazer, por ora.

"Mas não sou idiota para repetir o erro que cometi, Jacob. Não vou tentar de novo obrigá-la a escolher a primeira opção. Se ela me quiser, estarei aqui."

— E se ela decidisse que me queria? — desafiou Jacob. — Tudo bem, é uma probabilidade muito fraca, vou concordar com isso.

— Eu a deixaria ir.

— Tão fácil assim?

— No sentido de que eu nunca mostrei a ela como foi difícil para mim, sim. Mas eu ficaria atento. Entenda, Jacob, um dia você deixaria Bella. Como Sam e Emily, você não teria alternativa. Eu sempre estaria esperando à margem, na esperança de que isso acontecesse.

Jacob bufou baixo.

— Bom, você foi muito mais sincero do que eu tinha o direito de esperar... Edward. Obrigado por me deixar entrar em sua cabeça.

— Como eu disse, sinto-me estranhamente grato por sua presença na vida dela esta noite. Era o mínimo que eu podia fazer... Sabe, Jacob, se não fosse pelo fato de sermos inimigos naturais e você também estar tentando roubar a razão de minha existência, eu podia gostar de você.

— Talvez... se você não fosse um vampiro repugnante planejando tirar a vida da garota que eu amo... bom, não, nem assim.

Edward riu.

— Posso lhe perguntar uma coisa? — disse Edward depois de um momento.

— Por que precisaria perguntar?

— Só posso ouvir se você pensar nisso. É só uma história que Bella parecia relutar em me contar sobre o outro dia. Algo sobre uma terceira esposa...

— O que tem?

Edward não respondeu, ouvindo a história na mente de Jacob. Eu ouvi seu silvo baixo no escuro.

— Que foi? — perguntou Jacob de novo.

— É claro — Edward ferveu. — É claro! Eu preferia que seus anciãos guardassem essa história para eles mesmos, Jacob.

— Você não gosta que os sanguessugas sejam retratados como os vilões? — zombou Jacob. — Pois fique sabendo que eles são. Eram na época e são agora.

— Eu realmente não dou a mínima para essa parte. Não consegue deduzir com que personagem Bella se identificou?

Jacob precisou de um minuto.

— Ah. Argh. A terceira esposa. Tudo bem, entendi o que quis dizer.

— Ela quer estar lá na clareira. Fazer o pouco que puder, como a própria Bella diz. — Ele suspirou. — Este foi o segundo motivo para eu ficar com ela amanhã. Ela é muito inventiva quando cisma com algo.

— Sabe, seu irmão militar deu a ela a ideia tanto quanto essa história.

— Nenhum dos lados pretendia prejudicar — sussurrou Edward, agora pacificador.

— E quando esta pequena trégua vai terminar? Quando amanhecer? Ou vamos esperar até depois da luta?

Houve uma pausa enquanto os dois refletiam.

— Ao amanhecer — sussurraram juntos, depois riram baixo.

— Durma bem, Jacob — murmurou Edward. — Desfrute o momento.

Fez-se silêncio de novo e a barraca ainda ficou parada por alguns minutos. O vento parecia ter decidido que afinal não ia nos achatar e desistia da briga.

Edward gemeu suavemente.

— Eu não quis dizer tão literalmente.

— Desculpe — sussurrou Jacob. — Você pode sair, sabe disso... Nos dar alguma privacidade.

— Gostaria que eu o ajudasse a dormir, Jacob? — propôs Edward.

— Pode tentar — disse Jacob, sem se preocupar. — Seria interessante ver quem fugiria, não é?

— Não me provoque muito, lobo. Minha paciência não é tão perfeita.

Jacob riu sussurrando.

— Preferia não me mexer agora, se não se importa.

Edward começou a cantarolar, mais alto do que o de costume — tentando abafar os pensamentos de Jacob, imaginei. Mas era minha cantiga de ninar que ele cantarolava, e apesar de meu desconforto crescente com aquele sonho sussurrado, afundei mais na inconsciência... Em outros sonhos que faziam mais sentido...

23. MONSTRO

QUANDO ACORDEI DE MANHÃ, ESTAVA MUITO CLARO — até dentro da barraca o sol feria meus olhos. E eu estava mesmo suando, como Jacob previra. Jacob roncava suavemente em minha orelha, os braços ainda me envolvendo.

Afastei a cabeça de seu peito febril e senti a manhã fria cortar meu rosto úmido. Jacob suspirou dormindo; seus braços me apertaram inconscientemente.

Eu me retorci, incapaz de me soltar, lutando para levantar a cabeça o bastante para ver...

Edward encontrou exatamente meu olhar. Sua expressão era calma, mas a dor se revelava em seus olhos.

— Está mais quente aí fora? — sussurrei.

— Sim. Não acho que o aquecedor será necessário hoje.

Tentei chegar ao zíper, mas não conseguia libertar meus braços. Eu puxei, lutando contra a força inerte de Jacob. Jacob murmurou, ainda dormindo, os braços me restringindo de novo.

— Uma ajuda? — perguntei baixinho.

Edward sorriu.

— Quer que eu arranque os braços dele?

— Não, obrigada. Só me liberte daqui. Vou ter intermação.

Edward abriu o zíper do saco de dormir com um movimento abrupto e rápido. Jacob caiu, as costas nuas batendo no chão gelado da barraca.

— Ei! — reclamou ele, os olhos se abrindo. Por instinto, ele se encolheu por causa do frio, rolando para mim. Eu arfei quando seu peso me tirou o fôlego.

E depois o peso se fora. Senti o impacto quando Jacob voou para uma das estacas da barraca, que tremeu.

O grunhido vinha de todo lado. Edward estava agachado na minha frente e eu não podia ver seu rosto, mas os rosnados irrompiam com raiva de seu peito. Jacob também estava meio agachado, todo o corpo tremendo, enquanto os rosnados trovejavam por seus dentes trincados. Do lado de fora da barraca, os rosnados

malévolos de Seth Clearwater ecoavam nas pedras.

— Parem, parem! — gritei, me movendo desajeitada para me colocar entre eles. O espaço era tão pequeno que não precisei me esticar muito para colocar as mãos no peito dos dois. Edward envolveu minha cintura, pronto para me tirar do caminho.

— Pare agora — eu o alertei.

Ao meu toque, Jacob começou a se acalmar. O tremor diminuiu, mas seus dentes ainda estavam arreganhados, os olhos furiosamente concentrados em Edward. Seth manteve o grunhido, longo e ininterrupto, um fundo violento ao silêncio súbito da barraca.

— Jacob? — perguntei, esperando que ele afinal olhasse para mim. — Está ferido?

— É claro que não! — sibilou ele.

Virei-me para Edward. Ele olhava para mim, a expressão dura e colérica.

— Isso não foi gentil. Devia se desculpar.

Seus olhos se arregalaram de repulsa.

— Deve estar brincando... Ele estava esmagando você!

— Porque você o jogou no chão! Ele não fez de propósito e não me machucou.

Edward gemeu, revoltado. Lentamente, olhou nos olhos hostis de Jacob.

— Peço desculpas, cachorro.

— Não houve danos — disse Jacob com um tom de zombaria.

Ainda estava frio, mas não tanto como na véspera. Envolvi meu peito com os braços.

— Tome — disse Edward, calmo novamente. Pegou a parca no chão e a colocou por cima de meu casaco.

— É de Jacob — objetei.

— Jacob tem um casaco de pelos — Edward comentou.

— Vou usar o saco de dormir de novo, se não se importa. — Jacob o ignorou, movendo-se à nossa volta e escorregando para dentro do saco. — Ainda não estava pronto para acordar. Esta não foi a melhor noite de sono que tive na vida.

— Foi ideia sua — disse Edward, impassível.

Jacob estava enroscado, os olhos já fechados. Ele bocejou.

— Eu não disse que não foi a melhor noite que já passei. Só que não dormi muito. Pensei que Bella nunca fosse calar a boca.

Estremeci, perguntando-me o que podia ter saído de minha boca enquanto eu dormia. As possibilidades eram apavorantes.

— Que bom que pôde desfrutar — murmurou Edward.

Os olhos escuros de Jacob se abriram.

— Então, você teve uma boa noite? — perguntou, presunçoso.

— Não foi a pior noite de minha vida.

— Você a incluiria nas dez mais? — perguntou Jacob com um prazer perverso.

— Possivelmente.

Jacob sorriu e fechou os olhos.

— Mas — continuou Edward —, se eu pudesse assumir seu lugar ontem à noite, não teria entrado nas dez melhores noites da minha vida. Vai sonhando.

Os olhos de Jacob se abriram, encarando. Ele se sentou rígido, os ombros tensos.

— Querem saber? Acho que está apertado demais aqui.

— Não tenho como discordar disso.

Dei uma cotovelada nas costelas de Edward — provavelmente conseguindo um hematoma.

— Então, acho que vou tirar meu sono atrasado depois. — Jacob fez uma careta. — Preciso conversar com Seth mesmo.

Ele rolou de joelhos e pegou o zíper da porta.

A dor desceu estalando por minha espinha e se alojou em meu estômago quando percebi de repente que aquela podia ser a última vez em que o veria. Ele voltaria para Sam, para a luta com a horda de vampiros recém-criados e sedentos de sangue.

— Jake, espere... — estendi o braço para ele, minha mão escorregando em seu braço.

Ele puxou o braço antes que meus dedos conseguissem agarrá-lo.

— Por favor, Jake? Não vai ficar?

— Não.

A palavra era dura e fria. Eu sabia que meu rosto entregava minha dor, porque ele expirou e um meio sorriso atenuou sua expressão.

— Não se preocupe comigo, Bells. Eu vou ficar bem, como sempre fico. — Ele soltou um riso forçado. — Além disso, você acha que vou deixar Seth no meu

lugar... com a diversão e roubando toda a glória? Até parece. — Ele bufou.

— Tenha cuidado...

Ele saiu da barraca antes que eu pudesse terminar.

— Descanse, Bella — eu o ouvi murmurar enquanto fechava o zíper da porta.

Procurei ouvir o som de seus passos se afastando, mas o silêncio era completo. Não havia mais vento. Eu podia ouvir o canto matinal dos pássaros na montanha e nada mais. Jacob agora andava em silêncio.

Aconcheguei-me em meus casacos e me encostei no ombro de Edward. Ficamos em silêncio por um longo tempo.

— Quanto tempo mais? — perguntei.

— Alice disse a Sam que devia ser em mais ou menos uma hora — Edward comentou, suave e frio.

— Vamos ficar juntos. Não importa o que aconteça.

— Não importa o que aconteça — ele concordou, os olhos tensos.

— Eu sei — eu disse. — Estou apavorada por eles também.

— Eles sabem se cuidar — garantiu-me Edward, deixando a voz leve intencionalmente. — É que eu odeio perder a diversão.

De novo a diversão. Minhas narinas inflaram.

Ele passou o braço em meu ombro.

— Não se preocupe — insistiu, depois beijou minha testa.

Como se houvesse um jeito de evitar isso.

— Claro, claro.

— Quer que eu a distraia? — ele sussurrou, passando os dedos frios pela maçã de meu rosto.

Tremi involuntariamente; a manhã ainda era gélida.

— Talvez agora não — respondeu ele mesmo, recolhendo a mão.

— Há outras maneiras de me distrair.

— Do que você gostaria?

— Pode me contar sobre suas dez melhores noites — sugeri. — Estou curiosa.

Ele riu.

— Tente adivinhar.

Sacudi a cabeça.

— Existem muitas noites de que não sei. Um século delas.

— Vou reduzir o espectro para você. Todas as minhas melhores noites aconteceram depois que a conheci.

— É mesmo?

— Sim, é mesmo... E por uma ampla margem também.

Pensei por um minuto.

— Só posso pensar nas minhas — admiti.

— É possível que sejam as mesmas — ele me estimulou a continuar.

— Bom, houve a primeira noite. A noite em que você ficou.

— Sim, essa é uma das minhas também. É claro que você não tinha consciência de minha parte preferida.

— Tem razão — lembrei. — Eu estava falando nessa noite também.

— Sim — concordou ele.

Meu rosto ficou quente quando voltei a me perguntar o que eu podia ter dito enquanto dormia nos braços de Jacob. Não conseguia me lembrar de meus sonhos, ou mesmo se havia sonhado, então era inútil.

— O que eu disse a noite passada? — sussurrei mais baixo do que antes.

Ele deu de ombros em vez de responder, e eu estremeci.

— Foi tão ruim assim?

— Nada horrível demais — ele suspirou.

— Por favor, me conte.

— Você falou principalmente meu nome, o mesmo de sempre.

— Não é tão ruim — concordei com cautela.

— Mas, perto do final, começou a murmurar umas coisas sem sentido sobre "Jacob, o meu Jacob". — Eu pude ouvir a dor, mesmo aos sussurros. — O seu Jacob gostou muito disso.

Estiquei o pescoço, tentando colocar os lábios na ponta de seu queixo. Eu não podia ver seus olhos. Ele fitava o teto da barraca.

— Desculpe — murmurei. — É só o modo como eu diferencio.

— Diferencia?

— Entre Dr. Jekyll e Mr. Hyde, o médico e o monstro. Entre o Jacob de que gosto e aquele que me mata de irritação — expliquei.

— Isso faz sentido. — Ele parecia um tanto mais calmo. — Conte-me de outra noite favorita.

— O voo de volta da Itália.

Ele franziu o cenho.

— Não é uma das suas? — perguntei.

— Não, na verdade é uma das minhas, mas estou surpreso que esteja em sua lista. Você não estava sob a impressão absurda de que eu agia por consciência culpada e fugiria assim que as portas do avião se abrissem?

— Sim. — Eu sorri. — Mas, ainda assim, você estava lá.

Ele beijou meu cabelo.

— Você me ama mais do que eu mereço.

Eu ri da impossibilidade da ideia.

— A noite seguinte seria a noite depois da Itália — continuei.

— Sim, está na lista. Você estava tão engraçada.

— Engraçada? — objetei.

— Eu não fazia ideia de que seus sonhos eram tão nítidos. Precisei de uma eternidade para convencê-la de que você estava acordada.

— Eu ainda não tenho certeza — murmurei. — Você sempre pareceu mais um sonho do que a realidade. Me conte uma das suas, agora. Tenho que adivinhar o primeiro lugar?

— Não... Foi há duas noites, quando você finalmente concordou em se casar comigo.

Fiz uma careta.

— Essa não está na sua lista?

Pensei no modo como ele me beijou, a concessão que ganhei, e mudei de ideia.

— Sim... Está. Mas com reservas. Não entendo por que é tão importante para você. Você já me tem para sempre.

— Daqui a cem anos, quando tiver perspectiva suficiente para realmente apreciar a resposta, eu explicarei.

— Vou lembrá-lo de me explicar... Daqui a cem anos.

— Está bem aquecida? — perguntou ele de repente.

— Eu estou bem — garanti. — Por quê?

Antes que eu pudesse responder, o silêncio fora da barraca foi rasgado por um uivo de dor ensurdecedor. O som ricocheteou na face rochosa da montanha e encheu o ar de tal modo que chegava de todos os lados.

O uivo entrou por minha mente como um tornado, ao mesmo tempo estranho

e familiar. Estranho porque eu nunca ouvira um grito tão torturado. Familiar porque reconheci a voz de imediato — reconheci o som e entendi perfeitamente o significado, como se eu mesma tivesse pronunciado. Não fazia diferença que Jacob não fosse humano quando gritou. Eu não precisava de tradução.

Jacob estava perto. Tinha ouvido cada palavra do que dissemos. Jacob estava sofrendo.

O uivo foi sufocado num gorgolejo peculiar, depois o silêncio voltou a reinar.

Não ouvi a fuga silenciosa dele, mas pude senti-la — eu podia sentir a ausência que antes supus erroneamente, o espaço vazio que ele deixara.

— Seu aquecedor chegou ao limite — respondeu Edward em voz baixa. — A trégua acabou — acrescentou ele, tão baixo que não tive certeza do que realmente dissera.

— Jacob estava ouvindo — sussurrei. Não era uma pergunta.

— Sim.

— Você sabia.

— Sim.

Eu fitei o vazio, sem nada ver.

— Nunca prometi uma briga justa — lembrou-me ele em voz baixa. — E ele merece saber.

Minha cabeça caiu nas mãos.

— Está com raiva de mim? — perguntou ele.

— De você, não — sussurrei. — Estou apavorada comigo.

— Não se atormente — pediu ele.

— Sim — concordei com amargura. — Eu devia poupar minha energia para atormentar mais um pouco Jacob. Eu não ia querer deixar nenhuma parte dele intacta.

— Ele sabia o que estava fazendo.

— Acha que isso importa? — Eu piscava para reprimir as lágrimas e era fácil ouvir isso em minha voz. — Acha que me importo se é justo ou se ele foi avisado? Eu o estou magoando. Sempre que me viro, eu o magoo novamente. — Minha voz estava ficando mais alta, mais histérica. — Sou uma pessoa horrível.

Ele estreitou os braços à minha volta.

— Não, você não é.

— Eu sou! O que há de errado comigo? — Lutei contra seus braços e ele me

soltou. — Tenho de encontrá-lo.

— Bella, ele já está a quilômetros daqui, e está frio.

— Não me importa. Não posso simplesmente ficar sentada aqui. — Eu me encolhi na parca de Jacob, calcei as botas e engatinhei depressa para a porta; minhas pernas estavam entorpecidas. — Eu tenho que... tenho que... — Não sabia como terminar a frase, não sabia o que havia a fazer, mas assim mesmo abri o zíper e saí para a manhã gelada e luminosa.

Havia menos neve do que eu teria pensado depois da fúria da tempestade da noite anterior. Provavelmente, tinha sido soprada e não derretida pelo sol, que agora brilhava baixo no sudeste, ricocheteando na neve que se retardava e apunhalava meus olhos pouco adaptados. O ar ainda mordia, mas estava parado e, aos poucos, enquanto o sol se levantava, tornava-se mais próprio daquela estação.

Seth Clearwater estava enroscado num trecho de agulhas secas de pinheiro, à sombra de um abeto grosso, com a cabeça nas patas. Seu pelo cor de areia era quase invisível contra as folhas mortas, mas pude ver o reflexo da neve em seus olhos abertos. Ele me fitava com o que imaginei tratar-se de uma acusação.

Eu sabia que Edward me seguia enquanto eu cambaleava para as árvores. Não podia ouvi-lo, mas o sol se refletia em sua pele em arco-íris cintilantes que dançavam à minha frente. Ele só tentou me impedir quando eu entrei vários passos nas sombras da floresta.

Sua mão pegou meu pulso esquerdo. Ele ignorou quando tentei me libertar.

— Não pode ir atrás dele. Não hoje. Está quase na hora. E se perder não vai ajudar ninguém, além de tudo.

Girei o pulso, puxando-o inutilmente.

— Desculpe, Bella — sussurrou ele. — Desculpe por ter feito isso.

— Você não fez nada. Foi minha culpa. Eu é que fiz. Eu fiz tudo errado. Eu podia ter... quando ele... eu não devia... eu... eu... — Eu estava chorando.

— Bella, Bella.

Seus braços me envolveram e minhas lágrimas ensoparam sua camisa.

— Eu devia ter... dito a ele... Eu devia... ter dito... — O quê? O que podia ser o certo? — Ele não devia ter... descoberto desse jeito.

— Quer que eu veja se posso trazê-lo de volta, para você conversar com ele? Ainda há um tempinho — murmurou Edward, a agonia silenciando sua voz.

Assenti em seu peito, com medo de ver seu rosto.

— Fique perto da barraca. Voltarei logo.

Seus braços desapareceram. Partiu tão rapidamente que no segundo que precisei para erguer a cabeça ele já havia ido. Eu estava só.

Um novo soluço irrompeu de meu peito. Naquele dia, eu estava magoando a todos. Será que havia alguma coisa que não se estragasse a meu toque?

Eu não sabia por que agora isso me afetava tanto. Sabia que aconteceria. Mas Jacob nunca reagira com tanta veemência — perdendo sua excessiva confiança e mostrando a intensidade de sua dor. O som de sua agonia ainda penetrava em mim, em algum lugar no fundo de meu peito. Ao lado disso, havia outra dor. A dor por sentir dor por Jacob. Dor por também magoar Edward. Por não ser capaz de ver Jacob partir com compostura, sabendo que era a atitude certa a tomar, a única maneira de agir.

Eu era egoísta, eu era nociva. Eu torturava as pessoas que amava.

Eu era como Cathy, como O morro dos ventos uivantes, só que minhas opções eram muito melhores do que as dela, nem do mal, nem doentias. E ali estava eu sentada, chorando, sem fazer nada de produtivo para corrigir a situação. Exatamente como Cathy.

Eu não podia permitir que o que me magoava ainda influenciasse minhas decisões. Era pouco, era tarde demais, mas eu tinha de fazer o certo agora. Talvez já estivesse feito para mim. Talvez Edward não conseguisse trazê-lo de volta. E depois eu aceitaria e continuaria com minha vida. Edward nunca me veria derramar outra lágrima por Jacob Black. Não haveria mais lágrimas. Enxuguei a última delas com os dedos frios.

Mas se Edward voltasse com Jacob, aí sim, eu teria de dizer a Jacob para se afastar e nunca mais voltar.

Por que era tão difícil? Tão mais difícil do que dizer adeus a meus outros amigos, a Angela, a Mike? Por que isso magoava? Não era certo. Não devia me magoar. Eu tinha o que queria. Não podia ter os dois, porque Jacob não seria só meu amigo. Estava na hora de desistir disso. Como uma pessoa podia ser tão ridiculamente gananciosa?

Eu precisava superar esse sentimento irracional de que Jacob pertencia à minha vida. Ele não podia me pertencer, não podia ser o meu Jacob quando eu pertencia a outro. Voltei devagar à pequena clareira, arrastando os pés. Quando cheguei ao espaço aberto, piscando com a luz forte, lancei um olhar para Seth; ele

não se mexera em seu leito de agulhas — e depois virei a cara, evitando os olhos dele.

Eu podia sentir que meu cabelo estava desgrenhado, retorcido em grumos, feito as serpentes da Medusa. Eu o penteei com os dedos, mas logo desisti. Quem ligava para minha aparência, afinal?

Peguei o cantil pendurado ao lado da porta da barraca e sacudi. Fez barulho de água, então abri a tampa e tomei um gole para lavar a boca com água gelada. Havia comida em algum lugar por ali, mas eu não tinha fome suficiente para procurar por ela. Comecei a andar de um lado a outro no pequeno espaço iluminado, sentindo o tempo todo os olhos de Seth em mim. Como eu não ia olhar para ele, em minha cabeça ele se tornou o menino novamente, em vez do lobo gigantesco. Tão parecido com o Jacob mais novo.

Queria pedir a Seth para latir ou dar outro sinal se Jacob estivesse voltando, mas me reprimi. Não importava se Jacob voltaria. Podia ser mais fácil se ele não voltasse. Eu queria ter uma forma de chamar Edward.

Nesse momento, Seth gemeu e se colocou de pé.

— O que foi? — perguntei a ele feito uma idiota.

Ele me ignorou, trotando para a beira das árvores, e apontou o focinho para o oeste. Começou a ganir.

— São os outros, Seth? — perguntei. — Na clareira?

Ele olhou para mim e ganiu delicadamente uma vez, depois virou o focinho atento para o oeste. Suas orelhas se voltaram para trás e ele ganiu outra vez.

Por que eu era tão idiota? O que eu estava pensando, mandando Edward sair? Como eu saberia o que estava acontecendo? Eu não falava com lobos.

Um arrepio gelado de medo começou a percorrer minha espinha. E se o tempo tivesse se esgotado? E se Jacob e Edward chegassem perto demais? E se Edward decidisse participar da luta?

O medo gelado se acumulou em meu estômago. E se o aborrecimento de Seth nada tivesse a ver com a clareira e seu ganido fosse uma negação? E se Jacob e Edward estivessem brigando, em algum lugar na floresta distante? Eles não fariam isso, fariam?

Com uma certeza súbita e enregelante eu percebi que eles fariam — se dissessem as palavras erradas. Pensei no impasse tenso na barraca naquela manhã e me perguntei se havia subestimado quanto estiveram perto de uma briga.

Se eu perdesse os dois, seria mais do que merecido.

O gelo se fechou em meu coração.

Antes que eu pudesse desmaiar de medo, Seth grunhiu de leve, do fundo do peito, depois se virou de sua vigilância e voltou ao lugar de descanso. Isso me acalmou, mas me irritou. Será que ele não podia escrever uma mensagem na terra ou coisa assim?

Andar estava começando a me fazer transpirar por baixo de toda aquela roupa. Atirei meu casaco na barraca, depois voltei para olhar uma trilha no meio da pequena passagem entre as árvores.

Seth se colocou de pé num salto de repente, os pelos da nuca eriçando-se. Olhei em volta, mas nada vi. Se Seth não parasse com aquilo, eu atiraria uma pinha nele.

Ele grunhiu, um som baixo de alerta, esquivando-se para a margem oeste, e eu reconsiderei minha impaciência.

— Somos nós, Seth — Jacob chamou de longe.

Tentei explicar a mim mesma por que meu coração entrou em quarta marcha quando eu o ouvi. Era só medo do que teria de fazer agora, era apenas isso. Eu não podia me permitir sentir alívio com a volta dele. Isso não seria nada útil.

Edward entrou em meu campo de visão primeiro, o rosto inexpressivo e suave. Quando saiu das sombras, o sol cintilou em sua pele como fazia na neve. Seth foi recebê-lo, olhando intensamente em seus olhos. Edward assentiu devagar, a preocupação vincando a testa.

— Sim, era só o que faltava — murmurou ele para si mesmo antes de se voltar para o lobo grande. — Acho que não devíamos nos surpreender. Mas o timing estará muito próximo. Por favor, diga a Sam que peça a Alice para tentar fixar melhor o horário.

Seth baixou a cabeça uma vez e eu queria poder grunhir. É claro que agora ele podia assentir. Virei irritada a cabeça e percebi que Jacob estava ali.

Ele estava de costas para mim, de frente para o ponto de onde viera. Eu esperei, cautelosa, que ele se virasse.

— Bella — murmurou Edward, de repente bem a meu lado. Ele me fitava apenas com preocupação nos olhos. Sua generosidade não tinha fim. Eu o merecia menos agora do que nunca.

— Temos uma pequena complicação — disse-me ele, a voz cuidadosamente

despreocupada. — Vou levar Seth um pouco mais para lá e tentar endireitar isso. Não irei longe, mas não vou ouvir também. Sei que não quer plateia, independente do que decidir fazer.

Só no final a dor apareceu em sua voz.

Eu nunca mais o magoaria. Seria a missão de minha vida. Nunca mais seria o motivo daquele olhar.

Eu estava perturbada demais para perguntar qual era o novo problema. Não precisava de mais nada naquele momento.

— Volte correndo — sussurrei.

Ele me beijou de leve nos lábios, depois desapareceu na floresta com Seth a seu lado.

Jacob estava imóvel na sombra das árvores; eu não podia ver sua expressão com clareza.

— Estou com pressa, Bella — disse ele numa voz sufocada. — Por que não termina logo com isso?

Engoli em seco, minha garganta de repente tão árida que não tinha certeza se podia pronunciar algum som.

— Basta falar e tudo estará acabado.

Respirei fundo.

— Desculpe por ser uma pessoa tão detestável — sussurrei. — Eu lamento ter sido egoísta. Queria jamais ter conhecido você, assim não poderia magoá-lo desse jeito. Não vou mais fazer isso, prometo. Vou ficar longe de você. Vou me mudar de estado. Você não terá de me ver nunca mais.

— Isso não é bem um pedido de desculpas — disse ele amargamente.

Eu não conseguia falar num tom mais alto do que um sussurro.

— Me diga como fazer isso direito.

— E se eu não quiser que você vá embora? E se eu preferir que você fique, egoísta ou não? Eu não mereço decidir, já que está tentando compensar as coisas comigo?

— Isso não vai ajudar em nada, Jake. Foi um erro ficar com você quando tínhamos desejos diferentes. Não vai melhorar. Eu só vou continuar magoando você. Não quero mais magoá-lo. Odeio isso. — Minha voz falhou.

Ele suspirou.

— Pare. Não precisa dizer mais nada. Eu entendo.

Eu queria lhe dizer o quanto sentiria falta dele, mas mordi a língua. Isso também não ajudaria em nada.

Ele ficou parado em silêncio por um momento, fitando o chão, e eu reprimi o impulso de ir até lá e abraçá-lo. Para reconfortá-lo.

E depois sua cabeça se ergueu de repente.

— Bom, você não é a única capaz de sacrifício pessoal — disse ele, a voz mais forte. — Quando um não quer, dois não brigam.

— Como é?

— Andei me comportando muito mal. Eu tornei isso muito mais difícil para você do que precisava. Podia ter desistido com elegância no início. Mas também a magoei.

— A culpa foi minha.

— Não vou deixar que assuma toda a culpa nisso, Bella. Nem toda a glória. Sei como me redimir.

— Do que você está falando? — perguntei. Fiquei assustada com a luz súbita e frenética em seus olhos.

Ele olhou o sol e sorriu para mim.

— Há uma luta muito séria estourando por lá. Não acho que será difícil sair de cena.

As palavras dele afundaram em meu cérebro, lentamente, uma a uma, e eu não conseguia respirar. Apesar de todas as minhas intenções de tirar Jacob completamente de minha vida, só percebi naquele exato segundo o quanto a faca teria de ser enterrada para conseguir isso.

— Ah, não, Jake! Não, não, não, não, não — eu disse, sufocada de pavor. — Não, Jake, por favor, não. — Meus joelhos começaram a tremer.

— Qual é a diferença, Bella? Isso só tornará tudo mais conveniente para todos. Você não precisa fazer nada.

— Não! — Minha voz ficou mais alta. — Não, Jacob! Não vou deixar que faça isso!

— Como pode me impedir? — ele zombou de leve, sorrindo para que a voz ficasse menos incisiva.

— Jacob, estou implorando. Fique comigo. — Eu teria caído de joelhos se conseguisse me mexer.

— Por quinze minutos, enquanto perco uma boa briga? Para você poder fugir

de mim assim que achar que estou seguro de novo? Deve estar brincando.

— Não vou fugir. Eu mudei de ideia. Vamos encontrar um jeito, Jacob. Sempre há uma forma de conciliação. Não vá!

— Está mentindo.

— Não estou. Você sabe como eu minto mal. Olhe em meus olhos. Eu vou ficar, se você fizer o mesmo.

Seu rosto endureceu.

— E posso ser seu padrinho de casamento?

Precisei de um momento para falar, e a única resposta que pude dar a ele foi "Por favor".

— Foi o que eu pensei — disse ele, o rosto se acalmando de novo, mas a luz turbulenta nos olhos.

— Eu te amo, Bella — murmurou ele.

— Eu te amo, Jacob — sussurrei, com a voz entrecortada.

Ele sorriu.

— Sei disso melhor do que você.

Ele se virou para se afastar.

— Qualquer coisa. — Gritei numa voz estrangulada. — O que você quiser, Jacob. Mas não faça isso!

Ele parou, virando-se devagar.

— Você não falou com sinceridade.

— Fique — implorei.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, eu vou. — Ele parou, como se tivesse tomado uma decisão. — Mas posso deixar por conta do destino.

— O que quer dizer? — eu disse, sufocada.

— Não preciso fazer nada deliberadamente... Posso só fazer o melhor por meu grupo, e o que tiver de ser será. — Ele deu de ombros. — Se você conseguisse me convencer de que quer mesmo que eu volte... mais do que quer fazer o que acha certo.

— Como? — perguntei.

— Pode me pedir — sugeriu ele.

— Volte — sussurrei. Como ele podia duvidar de minha sinceridade?

Ele sacudiu a cabeça, sorrindo de novo.

— Não era disso que eu estava falando.

Precisei de um segundo para entender o que ele dizia, e nesse tempo ele olhava para mim com aquela expressão superior — seguro de minha reação. Assim que percebi, soltei as palavras sem parar para pensar no custo.

— Pode me beijar, Jacob?

Seus olhos se arregalaram de surpresa, depois se estreitaram, desconfiados.

— Está blefando.

— Beije-me, Jacob. Beije-me e depois volte.

Ele hesitou na sombra, lutando consigo mesmo. Meio que se virou para o oeste, o torso afastando-se de mim enquanto os pés continuavam plantados no chão. Ainda olhando a distância, deu um passo inseguro em minha direção, depois outro. Girou o rosto para olhar para mim, os olhos em dúvida.

Eu o fitei também. Não fazia ideia de minha expressão.

Jacob se balançou nos calcanhares, depois se lançou para a frente, diminuindo a distância entre nós em três longas passadas.

Eu sabia que ele tiraria proveito da situação. Eu esperava por isso. Fiquei completamente imóvel — os olhos fechados, os dedos enrolados nos punhos ao lado do corpo — enquanto as mãos dele pegavam meu rosto e seus lábios encontravam os meus com uma ansiedade que não distava muito da violência.

Pude sentir sua raiva enquanto a boca descobria minha resistência passiva. Uma das mãos passou para minha nuca, girando em um punho em torno das raízes de meu cabelo. A outra mão agarrou rudemente meu ombro, sacudindo-me, depois me arrastando para ele. Sua mão continuava em meu braço, encontrando meu pulso e puxando o braço para cima, colocando-o em seu pescoço. Deixei-a ali, a mão ainda numa bola estreita, sem saber até que ponto eu podia ir em meu desespero para mantê-lo vivo. Em todo esse tempo, seus lábios, desconcertantemente macios e quentes, tentaram forçar uma resposta dos meus.

Assim que teve certeza de que eu não largaria o braço, ele libertou meu pulso, a mão sentindo o caminho para minha cintura. Sua mão ardente encontrou a pele da base de minhas costas e ele me puxou para a frente, curvando meu corpo contra o dele.

Seus lábios desistiram dos meus por um momento, mas eu sabia que ele não estava perto de terminar. A boca seguiu a linha de meu queixo, depois explorou meu pescoço. Ele soltou meu cabelo, estendendo o outro braço para colocá-lo em

seu pescoço, como o primeiro.

Depois os dois braços de Jacob estavam fechados em minha cintura e seus lábios encontraram minha orelha.

— Pode fazer melhor do que isso, Bella — sussurrou ele com a voz rouca. — Está pensando demais.

Eu tremi ao sentir seus dentes roçarem no lóbulo da orelha.

— É isso mesmo — murmurou ele. — Pela primeira vez, deixe fluir o que você sente.

Sacudi a cabeça mecanicamente até que uma das mãos de Jacob estava de volta a meu cabelo e me deteve.

A voz dele ficou ácida.

— Tem certeza de que quer que eu volte? Ou realmente quer me ver morto?

A raiva tremeu em mim como um chicote depois de um golpe forte. Aquilo era demais — ele não estava sendo justo.

Meus braços já estavam em seu pescoço, então agarrei seus cabelos — ignorando a pontada de dor na mão direita — e puxei, lutando para afastar meu rosto do dele.

E Jacob entendeu mal.

Ele era forte demais para reconhecer que minhas mãos, tentando arrancar seu cabelo pelas raízes, queriam lhe provocar dor. Em vez de raiva, ele imaginou paixão. Pensou que eu estava, afinal, reagindo a ele.

Com um ofegar intenso, ele voltou a colocar a boca na minha, os dedos se agarrando freneticamente à pele de minha cintura.

O choque da raiva desequilibrou meu tênue autocontrole; a reação inesperada de êxtase por parte dele venceu. Se houvesse só triunfo, eu seria capaz de resistir. Mas a completa entrega de sua súbita alegria abalou minha determinação, inutilizando-a. Meu cérebro desconectou-se de meu corpo e eu estava retribuindo seu beijo. Contra toda a razão, meus lábios se moviam com os dele de formas estranhas e perturbadoras, como nunca se moveram antes — porque eu não precisava ter cuidado com Jacob e ele certamente não estava sendo cuidadoso comigo.

Meus dedos agarraram seu cabelo, mas eu agora o puxava para mais perto.

Ele estava em toda parte. O sol penetrante tornou minhas pálpebras vermelhas, e a cor combinava com o calor. O calor estava em toda parte, eu não

conseguia ver nem sentir nada que não fosse Jacob.

A pequena parte de meu cérebro que manteve a sanidade gritava perguntas para mim.

Por que eu não estava impedindo aquilo? Pior ainda, por que eu não conseguia encontrar em mim o desejo de parar? Significava que eu não queria que ele parasse? Que minhas mãos se agarraram aos ombros dele e gostaram que fossem largos e fortes? Que as mãos dele me puxassem apertado demais em seu corpo, e no entanto não fosse apertado o bastante para mim?

As perguntas eram idiotas, porque eu sabia a resposta: eu estava mentindo para mim mesma.

Jacob tinha razão. Teve razão o tempo todo. Ele era mais que apenas meu amigo. Por isso era tão impossível me despedir dele — por que eu estava apaixonada por ele. Também. Eu o amava, muito mais do que devia, e no entanto ainda não era o bastante. Eu estava apaixonada por ele, mas não era suficiente para mudar nada; era só o bastante para magoar nós dois. Para magoá-lo ainda mais do que eu já fizera.

Eu não podia me importar mais do que... do que com sua dor. Eu merecia mesmo qualquer dor que ele me provocasse. Tive esperanças de que fosse ruim. Esperava de fato sofrer.

Nesse momento, senti como se fôssemos a mesma pessoa. A dor dele sempre foi e sempre seria a minha dor — agora a alegria dele era a minha alegria. Eu também me senti alegre, e ainda assim a felicidade dele, de certo modo, também era dor. Quase tangível — ardia contra minha pele como ácido, uma tortura lenta.

Por um breve e interminável segundo um caminho inteiramente diferente se expandiu por trás das pálpebras de meus olhos lacrimosos. Como se eu estivesse olhando pelo filtro dos pensamentos de Jacob, pude ver exatamente do que eu ia abrir mão, exatamente o que esse novo autoconhecimento não me pouparia de perder. Eu podia ver Charlie e Renée misturados numa estranha colagem com Billy e Sam em La Push. Podia ver os anos passando, e significando alguma coisa enquanto passavam, mudando-me. Eu podia ver o enorme lobo marrom-avermelhado que eu amava, sempre presente, tão protetor como se eu precisasse dele. Pelo menor fragmento desse segundo, vi as cabeças de duas crianças pequenas de cabelos pretos, correndo de mim na floresta familiar. Quando

desapareceram, levaram o que restara da visão.

E então, com clareza, senti a fissura em meu coração se estilhaçar como a menor parte que se separava do todo.

Os lábios de Jacob ainda estavam nos meus. Abri os olhos e ele me fitava, admirado e exaltado.

— Tenho de ir — sussurrou ele.

— Não.

Ele sorriu, satisfeito com minha resposta.

— Não vou demorar — prometeu ele. — Mas primeiro uma coisa...

Ele me beijou de novo, e não havia mais motivos para resistir. Que sentido teria?

Dessa vez foi diferente. As mãos dele eram suaves em meu rosto, e seus lábios quentes eram gentis, inesperadamente hesitantes. Foi breve e muito, muito doce.

Seus braços se enroscaram à minha volta e ele me abraçou seguramente ao sussurrar em meu ouvido.

— Este devia ter sido nosso primeiro beijo. Antes tarde do que nunca.

Enterrei o rosto no peito dele, onde ele não podia ver as lágrimas que se acumulavam e caíam.

24. DECISÃO REPENTINA

EU ESTAVA DEITADA COM O ROSTO NO SACO DE DORMIR, querendo que a justiça me encontrasse. Talvez uma avalanche me sepultasse ali. Eu queria que acontecesse. Queria jamais ver meu rosto no espelho de novo.

Não houve som para me alertar. De repente, do nada, a mão fria de Edward afagava meu cabelo embaraçado. Eu tremi de culpa ao toque dele.

— Está tudo bem? — murmurou ele, a voz ansiosa.

— Não. Eu quero morrer.

— Isso nunca vai acontecer. Eu não vou permitir.

Eu gemi e depois sussurrei:

— Pode mudar de ideia sobre isso.

— Onde está Jacob?

— Foi lutar — murmurei para o chão.

Jacob tinha deixado o pequeno acampamento alegremente — com um animado "voltarei logo" — correndo a todo vapor para a clareira, já tremendo ao se preparar para se transformar na outra identidade. A essa altura, toda a alcateia já sabia de tudo. Seth Clearwater, andando do lado de fora da barraca, era uma testemunha íntima de minha desgraça.

Edward ficou em silêncio por um longo tempo.

— Ah — disse ele por fim.

O tom de sua voz me preocupou; minha avalanche não chegaria com tanta rapidez. Eu o espiei e, claramente, seus olhos estavam sem foco enquanto ele ouvia alguma coisa que eu preferia morrer a que ele ouvisse. Baixei o rosto de novo para o chão.

Fiquei pasma quando Edward riu, relutante.

— E eu pensando que eu jogava sujo — disse ele com uma admiração invejosa. — Ele me faz parecer o santo padroeiro da ética. — Sua mão afagou a parte de meu rosto que estava exposta. — Não estou chateado com você, meu amor. Jacob é mais hábil do que eu acreditava. Mas gostaria que não tivesse

pedido a ele.

— Edward — sussurrei para o nylon áspero. — Eu... Eu... Eu estou...

— Shhh — ele me silenciou, os dedos macios em meu rosto. — Não foi o que eu quis dizer. É só que ele a teria beijado de qualquer maneira... Mesmo que você não tivesse cedido... E agora não tenho uma desculpa para quebrar a cara dele. Eu teria gostado muito disso também.

— Cedido? — murmurei quase incompreensivelmente.

— Bella, você realmente acreditou que ele era tão nobre? Que ele partiria numa chama de glória só para deixar o caminho livre para mim?

Ergui a cabeça devagar e encontrei seu olhar paciente. Sua expressão era tranquila; os olhos estavam cheios de compreensão, e não da repulsa que eu merecia ver.

— Sim, acreditei nisso — murmurei, depois desviei os olhos. Mas não senti raiva de Jacob por me enganar. Não havia espaço no meu corpo para conter nada além do ódio que eu tinha por mim mesma.

Edward riu suavemente de novo.

— Você mente tão mal que vai acreditar em qualquer um que tenha um mínimo de habilidade nisso.

— Por que não está com raiva de mim? — sussurrei. — Por que não me odeia? Ou ainda não ouviu a história toda?

— Acho que tenho uma perspectiva muito abrangente — disse ele numa voz leve e tranquila. — Jacob faz quadros mentais nítidos. Eu quase me senti tão mal pelo grupo dele como por mim mesmo. O pobre do Seth estava ficando nauseado. Mas Sam agora está fazendo Jacob ganhar foco.

Fechei os olhos e sacudi a cabeça, agoniada. As ásperas fibras de nylon do chão da barraca arranhavam minha pele.

— Você é só humana — sussurrou ele, afagando meu cabelo de novo.

— Essa é a defesa mais tola que já ouvi.

— Mas você é humana, Bella. E, por mais que eu deseje o contrário, ele também é... Há hiatos na sua vida que eu não posso preencher. Eu entendo isso.

— Mas isso não é verdade. É isso que me torna tão horrível. Não existem hiatos.

— Você o ama — murmurou ele delicadamente.

Cada célula de meu corpo doía ao negar aquilo.

— Eu amo mais você — disse. Foi o melhor que pude fazer.

— Sim, eu também sei disso. Mas... quando eu a deixei, Bella, deixei-a sangrando. Foi Jacob que a suturou. Isso tinha de deixar sua marca... nos dois. Não tenho certeza se esse tipo de sutura se dissolve sozinha. Não posso culpar nenhum dos dois por alguma coisa que eu tenha tornado necessária. Posso conquistar o perdão, mas isso não me deixa escapar das consequências.

— Eu devia saber que você encontraria uma forma de culpar a si mesmo. Por favor, pare. Não posso suportar isso.

— O que gostaria que eu dissesse?

— Quero que me chame de cada palavrão em que puder pensar, em cada língua que conhece. Quero que me diga que está com nojo de mim e que vai embora para que eu possa implorar e rastejar de joelhos para você ficar.

— Desculpe. — Ele suspirou. — Não posso fazer isso.

— Pelo menos pare de tentar fazer com que eu me sinta melhor. Me deixe sofrer. Eu mereço.

— Não — murmurou ele.

Eu assenti devagar.

— Tem razão. Continue sendo compreensivo demais. Isso deve ser pior.

Ele ficou em silêncio por um momento e senti uma carga na atmosfera, uma nova urgência.

— Está chegando perto — declarei.

— Sim, faltam alguns minutos. Tempo suficiente para dizer mais uma coisa...

Esperei. Quando ele finalmente voltou a falar, estava sussurrando.

— Eu posso ser nobre, Bella. Não vou fazer com que escolha entre nós dois. Seja feliz e você pode ter a parte de mim que quiser, ou nenhuma delas, se for melhor assim. Não deixe que sua decisão seja influenciada por nenhuma dívida que pense ter comigo.

Eu me levantei, atirando-me de joelhos.

— Droga, pare com isso! — gritei para ele.

Seus olhos se arregalaram de surpresa.

— Não... Você não entende. Não estou tentando fazer com que se sinta melhor, Bella. Eu falei sério.

— Eu sei que falou — grunhi. — O que aconteceu com a reação? Não comece com o autossacrifício nobre agora! Lute!

— Como? — perguntou ele. E seus olhos traziam uma tristeza remota.

Eu subi em seu colo, atirando-lhe os braços.

— Não me importa que esteja frio aqui. Não ligo se estou fedendo a cachorro. Me faça esquecer como eu sou medonha. Faça com que eu o esqueça. Faça com que eu esqueça meu próprio nome. Reaja!

Não esperei que decidisse — nem que tivesse oportunidade de me dizer que não estava interessado num monstro cruel e infiel como eu. Eu me apertei nele e esmaguei a boca em seus lábios frios como a neve.

— Cuidado, amor — murmurou ele sob meus lábios urgentes.

— Não — grunhi.

Ele empurrou delicadamente meu rosto alguns centímetros.

— Não precisa me provar nada.

— Não estou tentando provar coisa alguma. Você disse que eu podia ter a parte de você que eu quisesse. Eu quero essa parte. Eu quero todas as partes. — Abracei seu pescoço e tentei alcançar seus lábios. Ele curvou a cabeça para me beijar, mas sua boca fria era hesitante enquanto minha impaciência se tornava mais pronunciada. Meu corpo deixava minhas intenções claras, entregando-me. Inevitavelmente, as mãos dele passaram a me conter.

— Talvez não seja o melhor momento para isso — sugeriu ele, calmo demais para meu gosto.

— E por que não? — eu grunhi. Não tinha sentido lutar se ele ia ser racional; eu baixei os braços.

— Primeiro, porque está mesmo frio. — Ele estendeu a mão para puxar o saco de dormir do chão. Envolveu-me com ele como um cobertor.

— Errado — eu disse. — Primeiro, porque você é estranhamente moralista para um vampiro.

Ele riu.

— Tem razão, vou concordar com isso. O frio é o segundo motivo. E terceiro... Bem, você está mesmo fedendo, amor.

Ele franziu o nariz.

Eu suspirei.

— Quarto — murmurou ele, baixando o rosto para que sussurrasse em meu ouvido. — Nós vamos tentar, Bella. Vou cumprir minha promessa. Mas prefiro que não seja em reação a Jacob Black.

Eu me encolhi e enterrei a cara em seu ombro.

— E quinto...

— A lista é muito longa — murmurei.

Ele riu.

— Sim, mas você quer ouvir ou não?

Enquanto ele falava, Seth uivou do lado de fora da barraca.

Meu corpo se enrijeceu ao som. Não tinha percebido que minha mão esquerda estava fechada num punho, as unhas perfurando a palma com o curativo, até que Edward a pegou e gentilmente abriu meus dedos.

— Vai ficar tudo bem, Bella — prometeu ele. — Nós temos habilidade, treinamento e a surpresa do nosso lado. Acabará muito em breve. Se eu não acreditasse verdadeiramente nisso, estaria lá embaixo agora... E você estaria aqui, acorrentada a uma árvore ou coisa desse gênero.

— Alice é tão pequena — eu gemi.

Ele riu.

— Isso poderia ser problema... se fosse possível alguém pegá-la.

Seth recomeçou a ganir.

— Qual é o problema?

— Ele só está com raiva porque está preso aqui conosco. Ele sabe que o grupo o mantém longe da ação para protegê-lo. Está salivando para se juntar aos outros.

Eu fechei a cara na direção de Seth.

— Os recém-criados chegaram ao final do rastro... Funcionou como um feitiço, Jasper é um gênio... E eles pegaram o cheiro daqueles na campina, então agora estão se dividindo em dois grupos, como Alice disse — murmurou Edward, os olhos focalizados em alguma coisa distante. — Sam está nos fazendo contornar para interceptar nossa parte na emboscada. — Ele estava tão atento que não percebeu que se incluiu.

De repente, ele olhou para mim.

— Respire, Bella.

Lutei para fazer o que ele pedia. Podia ouvir o arfar pesado de Seth do lado de fora da parede da barraca e tentei manter os pulmões no mesmo ritmo, para não hiperventilar.

— O primeiro grupo está na clareira. Podemos ouvir a briga.

Meus dentes trincaram.

Ele deu uma risada.

— Podemos ouvir Emmett... Ele está se divertindo.

Obriguei-me a respirar novamente junto com Seth.

— O segundo grupo está se preparando... Eles não estão prestando atenção, ainda não nos ouviram.

Edward grunhiu.

— Que foi? — eu arfei.

— Eles estão falando de você. — Seus dentes trincaram. — Eles devem se assegurar de que você não escape... Bom movimento, Leah! Hmmm, ela é muito rápida — murmurou ele, aprovando. — Um dos recém-criados pegou nosso cheiro e Leah o derrubou antes que ele pudesse se virar. Sam a está ajudando a dar cabo dele. Paul e Jacob pegaram outro, mas os outros agora estão na defensiva. Não têm ideia do que fazer conosco. Os dois lados estão tontos... Não, deixe Sam liderar. Fique fora disso — murmurou ele. — Separe-os... Não deixe que eles protejam a retaguarda dos outros.

Seth ganiu.

— Assim está melhor, leve-os para a clareira — Edward aprovou. Seu corpo enrijecia inconscientemente enquanto ele observava, contraindo-se nos movimentos que teria feito. Suas mãos ainda seguravam as minhas; eu retorcia os dedos dentro delas. Pelo menos ele não estava lá.

A ausência repentina de som foi o único aviso.

A respiração profunda de Seth foi interrompida e — ao acelerar minha respiração com a dele — eu percebi.

Parei de respirar também — assustada demais até para fazer com que meus pulmões trabalhassem ao perceber que Edward ficara paralisado num bloco de gelo a meu lado.

Ah, não. Não. Não.

Quem fora perdido? Do grupo deles ou do nosso? Meus, todos meus. O que seria a minha perda?

Tão rapidamente que eu nem tive certeza de como aconteceu, eu estava de pé e a barraca desabava em farrapos em volta de mim. Será que Edward a havia rasgado? Por quê?

Pisquei, chocada, na luz forte. Só conseguia ver Seth, bem a nosso lado, a cara a quinze centímetros do rosto de Edward. Eles se fitaram com absoluta

concentração por um segundo infinito. O sol se estilhaçava na pele de Edward e lançava faíscas no pelo de Seth.

E depois Edward sussurrou com urgência:

— Vá, Seth!

O lobo imenso girou e desapareceu nas sombras da floresta.

Teriam se passado dois segundos inteiros? Pareciam horas. Eu estava apavorada a ponto de enjoar ao saber que alguma coisa horrível tinha acontecido na clareira. Abri a boca para exigir que Edward me levasse lá, imediatamente. Eles precisavam dele e eles precisavam de mim. Se eu tivesse de sangrar para salvá-los, eu o faria. Eu morreria para fazer isso, como a terceira esposa. Não tinha uma adaga de prata na mão, mas acharia um jeito..

Antes que eu pudesse pronunciar a primeira sílaba, senti como se estivesse sendo lançada pelo ar. Mas as mãos de Edward jamais me deixaram — era apenas eu que me mexia, tão rápido que a sensação era de estar caindo de lado.

Estava com as costas comprimidas na face do penhasco. Edward estava na minha frente, mantendo uma postura que reconheci imediatamente.

O alívio inundou minha mente no mesmo momento em que meu estômago desabou na sola dos pés.

Eu entendi mal.

Alívio... Nada dera errado na clareira.

Pavor — a crise estava ali.

Edward tinha uma posição defensiva — meio agachado, os braços um tanto estendidos que eu reconheci com uma certeza nauseante. A rocha nas minhas costas podia ser a antiga parede de tijolos do beco italiano onde ele ficara entre mim e os guerreiros de mantos pretos dos Volturi.

Alguma coisa se aproximava de nós.

— Quem? — sussurrei.

As palavras passaram entre os dentes dele num rosnado mais alto do que eu esperava. Alto demais. Significava que era tarde demais para esconder. Estávamos numa armadilha e não importava quem ouvisse a resposta dele.

— Victoria — disse ele, cuspindo o nome, tornando-a um palavrão. — Ela não está só. Passou por meu cheiro, seguindo os recém-criados para observar... Nunca pretendeu lutar com eles. Tomou a decisão repentina de me encontrar, imaginando que você estaria onde eu estivesse. Ela estava certa. Você estava certa.

Sempre foi Victoria.

Victoria estava perto o bastante para ele ouvir os pensamentos dela.

Alívio de novo. Se fossem os Volturi, nós dois estaríamos mortos. Mas com Victoria, não precisava ser os dois. Edward podia sobreviver àquilo. Ele lutava bem, tão bem quanto Jasper. Se ela não estivesse com muitos outros, ele poderia sair, voltar para sua família. Edward era mais rápido do que qualquer um. Ele podia conseguir.

Fiquei muito feliz por ele ter mandado Seth embora. É claro que Seth não tinha a quem apelar por ajuda. Victoria cronometrara com primor sua resolução. Mas pelo menos Seth estava seguro; eu não podia ver o lobo louro e imenso em minha cabeça quando pensava no nome dele — só o menino desajeitado de 15 anos.

O corpo de Edward enrijeceu — só infinitesimalmente, mas me disse para onde olhar. Fitei as sombras escuras da floresta.

Era como ter meus pesadelos avançando para me cumprimentar.

Dois vampiros aproximavam-se lentamente pela pequena passagem de nosso acampamento, os olhos concentrados, sem perder nada. Eles cintilavam como diamantes ao sol.

Não pude olhar o menino louro — sim, ele era um menino, embora fosse musculoso e alto, talvez da minha idade quando foi transformado. Seus olhos — do vermelho mais vívido que já vi na vida — não conseguiam prender os meus. Embora ele estivesse mais perto de Edward e fosse o perigo mais próximo, eu não conseguia olhá-lo.

Porque, alguns passos ao lado e alguns metros atrás, Victoria me encarava.

Seu cabelo laranja era mais brilhante do que eu me lembrava, mais como uma chama. Não havia vento ali, mas o fogo em torno de seu rosto parecia brilhar ligeiramente, como se estivesse vivo.

Seus olhos eram escuros de sede. Ela não sorriu, como sempre fazia em meus pesadelos — seus lábios estavam apertados numa linha rígida. Havia uma propriedade distintamente felina no modo como seu corpo serpenteava, uma leoa esperando para dar o bote. Seu olhar inquieto e desvairado oscilava entre mim e Edward, mas jamais pararam nele por mais de meio segundo. Ela não conseguia tirar os olhos de meu rosto, não mais do que eu conseguia tirar os olhos dela.

A tensão emanava dela, era quase visível no ar. Eu podia sentir o desejo, a

paixão devoradora que a mantinha em suas garras. Quase como se eu pudesse ouvir sua mente, eu sabia o que ela estava pensando.

Ela estava muito perto do que queria — o foco de toda sua existência por mais de um ano agora estava muito perto.

Minha morte.

Seu plano era tão óbvio que chegava a ser prático. O louro grandalhão atacaria Edward. Assim que Edward estivesse suficientemente distraído, Victoria acabaria comigo.

Seria rápido — ela não tinha tempo para joguinhos ali — mas seria fatal. Seria impossível me recuperar daquilo. Algo que nem o veneno de vampiro podia reparar.

Ela teria de parar meu coração. Talvez uma das mãos atravessasse meu peito, esmagando-o. Algo nesse gênero.

Meu coração batia furiosamente, alto, como que para tornar seu alvo mais evidente.

A uma distância imensa, longe, na floresta escura, um uivo de lobo ecoou no ar imóvel. Com a ausência de Seth, não havia como interpretar esse som.

O louro olhou Victoria pelo canto do olho, esperando por seu comando.

Ele era jovem em muitos aspectos. Pelas íris carmim e brilhantes, deduzi que não podia ser vampiro havia muito tempo. Ele seria forte, mas inepto. Edward sabia como lutar com ele. Edward sobreviveria.

Victoria apontou o queixo para Edward, ordenando, sem dizer nada, que o rapaz avançasse.

— Riley — disse Edward numa voz suave e suplicante.

O louro ficou paralisado, os olhos vermelhos se arregalando.

— Ela está mentindo para você, Riley — disse-lhe Edward. — Ouça-me. Ela está mentindo para você como mentiu aos outros que estão morrendo agora na clareira. Você sabe que ela mentiu para eles, que ela fez com que você mentisse para eles, que nenhum de vocês iria ajudá-los. É tão difícil acreditar que ela esteja mentindo para você também?

A confusão atravessou o rosto de Riley.

Edward moveu-se alguns centímetros para o lado e Riley automaticamente mexeu-se também.

— Ela não ama você, Riley. — A voz suave de Edward era atraente, quase

hipnótica. — Nunca amou. Ela amou alguém de nome James e você não passa de um instrumento para ela.

Quando ele disse o nome de James, os lábios de Victoria se repuxaram numa careta de dentes arreganhados. Seus olhos se fecharam em mim.

Riley lançou um olhar frenético na direção dela.

— Riley? — disse Edward. — Ela sabe que vou matar você, Riley. Ela quer que você morra para não ter de fingir mais. Sim... Você já viu isso, não viu? Já leu a relutância nos olhos dela, suspeitou de certa falsidade em suas promessas. Você tinha razão. Ela jamais o quis. Cada beijo, cada toque foi uma mentira.

Edward se mexeu novamente, movendo-se alguns centímetros para o menino e afastando-se alguns centímetros de mim.

O olhar de Victoria fixou-se no espaço entre nós. Ela precisaria de menos de um segundo para me matar — só precisava da menor margem de oportunidade.

Desta vez mais devagar, Riley se reposicionou.

— Você não precisa morrer — garantiu Edward, os olhos sustentando o olhar do rapaz. — Há outras maneiras de viver, além do modo que ela lhe mostrou. Nem tudo são mentiras e sangue, Riley. Você pode ir embora agora. Não tem de morrer pelas mentiras dela.

Edward deslizou o pé para a frente e para o lado. Agora havia um espaço de trinta centímetros entre nós. Riley circulou longe demais, exagerando desta vez na movimentação. Victoria se curvou para frente, plantada nos calcanhares.

— Última chance, Riley — sussurrou Edward.

A face de Riley era desesperada enquanto ele procurava por respostas em Victoria.

— Ele é o mentiroso, Riley — disse Victoria, e minha boca se escancarou ao som da voz dela. — Eu lhe falei dos truques mentais deles. Sabe que só amo você.

A voz dela não era o rosnado forte, selvagem e felino que eu teria colocado naquela cara e naquela atitude. Era suave, era aguda — um tinir de soprano infantil. O tipo de voz que acompanhava cachos louros e chiclete cor-de-rosa. Não fazia sentido vindo por entre seus dentes arreganhados e cintilantes.

A face de Riley endureceu e ele endireitou os ombros. Seus olhos se esvaziaram — não havia mais confusão, não havia mais suspeita. Não havia pensamento nenhum. Ele se contraiu para atacar.

O corpo de Victoria parecia tremer, ela estava muito recurvada. Seus dedos já

se postavam em garras, esperando que Edward se afastasse só mais um centímetro de mim.

O rosnado não veio de nenhum deles.

Uma forma caramelo gigantesca atravessou o centro da abertura, lançando Riley no chão.

— Não! — gritou Victoria, a voz de bebê estridente de descrença.

A cento e cinquenta metros de mim, o lobo imenso rasgou o vampiro louro debaixo dele. Alguma coisa branca e dura bateu nas pedras a meus pés. Eu me encolhi, afastando-me daquilo.

Victoria não desperdiçou um olhar que fosse para o menino que acabara de declarar que amava. Seus olhos ainda estavam em mim, cheios de uma frustração tão feroz que ela parecia louca.

— Não — disse ela novamente, entredentes, enquanto Edward começava a avançar para ela, bloqueando o caminho até mim.

Riley estava de pé novamente, parecendo infeliz e angustiado. Mas ele foi capaz de dar um chute cruel no ombro de Seth. Ouvi o osso se quebrar. Seth recuou e recomeçou a contornar, mancando. Riley tinha os braços estendidos, preparado, embora parecesse estar sem parte da mão...

Só a alguns metros dessa briga, Edward e Victoria dançavam.

Não estavam exatamente girando, porque Edward não ia permitir que ela se posicionasse mais perto de mim. Ela serpenteava, movendo-se de lado, tentando encontrar um espaço na defesa dele; ele previa os passos de Victoria com flexibilidade, perseguindo-a com uma concentração impecável. Ele começava a se mover uma fração de segundo antes dela, lendo suas intenções nos pensamentos.

Seth atacou Riley de lado e algo se rasgou com um guincho horrendo e rangente. Outro naco branco e pesado voou para a floresta com um baque. Riley rugiu de fúria e Seth pulou para trás — surpreendentemente leve para seu tamanho — enquanto Riley o golpeava com a mão mutilada.

Victoria agora dava voltas pelos troncos das árvores no lado oposto da pequena abertura. Recuava, os pés empurrando-a para a segurança enquanto seus olhos ansiavam por mim como se eu fosse um ímã, puxando-a. Eu podia ver o desejo ardente de matar lutando com seu instinto de sobrevivência.

Edward também pôde ver.

— Não vá, Victoria — murmurou ele no mesmo tom hipnótico de antes. —

Jamais terá outra chance como esta.

Ela mostrou os dentes e sibilou para ele, mas parecia incapaz de se afastar mais de mim.

— Pode fugir mais tarde — ronronou Edward. — Há muito tempo para isso. É o que você faz, não é? Por isso James a mantinha por perto. É útil, se gosta de jogos mortais. Uma parceira com um misterioso instinto para a fuga. Ele não devia tê-la deixado... Podia ter usado suas habilidades quando o pegamos em Phoenix.

Um rosnado saiu por entre seus lábios.

— Mas você era só isso para ele. Tola para desperdiçar tanta energia vingando alguém que tinha menos afeição por você do que um caçador por sua presa. Você nunca passou de uma conveniência para ele. Eu sabia.

Os lábios de Edward se repuxaram de um lado e ele bateu na têmpora.

Com um grito estranho, Victoria disparou das árvores de novo, fintando de lado. Edward reagiu e a dança recomeçou. Justo nesse momento, o punho de Riley pegou o flanco de Seth e um ganido baixo saiu como tosse da garganta de Seth. Seth recuou, os ombros se retorcendo como se ele tentasse se livrar da dor.

Por favor, eu queria pedir a Riley, mas não conseguia encontrar os músculos para abrir minha boca, para tirar o ar de meus pulmões. Por favor, ele é só uma criança!

Por que Seth não fugia? Por que não corria agora?

Riley de novo encurtava a distância ente eles, empurrando Seth para a face do penhasco a meu lado. Victoria de repente ficou interessada no destino do parceiro. Eu pude vê-la, pelo canto do olho, avaliar a distância entre mim e Riley. Seth partiu para Riley, obrigando-o a voltar de novo, e Victoria sibilou.

Seth não estava mais mancando. Seu movimento circular levou-o a centímetros de Edward; o rabo roçou nas costas de Edward e os olhos de Victoria se arregalaram.

— Não, ele não vai se voltar contra mim — disse Edward, respondendo à pergunta na mente de Victoria. Ele usou a distração dela para se aproximar mais. — Você nos deu um inimigo em comum. Você nos aliou.

Ela trincou os dentes, tentando manter o foco só em Edward.

— Olhe mais de perto, Victoria — murmurou ele, puxando os fios da concentração dela. — Ele não é muito parecido com o monstro que James

rastreou pela Sibéria?

Os olhos dela se arregalaram, depois começaram a oscilar como loucos de Edward para Seth, depois para mim, sem parar.

— Não é o mesmo? — rosnou ela em seu soprano de garotinha. — Impossível!

— Nada é impossível — murmurou Edward, a voz de veludo macia ao se aproximar mais um centímetro dela. — A não ser o que você quer. Jamais tocará nela.

Ela sacudiu a cabeça, rápida e bruscamente, combatendo as distrações, e tentou contornar Edward, mas ele estava colocado para bloqueá-la assim que ela pensou no plano. Seu rosto se contorceu de frustração e ela se agachou, uma leoa de novo, investindo decidida para frente.

Victoria não era uma recém-criada inexperiente e impelida pelo instinto. Ela era letal. Até eu sabia a diferença entre ela e Riley, e eu sabia que Seth não teria durado muito se estivesse lutando com aquela vampira.

Edward também mudou de posição enquanto eles se aproximavam, e era leão contra leoa.

O ritmo da dança ficou mais intenso.

Era como Alice e Jasper na campina, uma espiral borrada de movimento, só que essa dança não tinha uma coreografia perfeita. Ruídos e estalos agudos reverberavam da face do penhasco sempre que alguém cometia um deslize em sua formação. Mas eles estavam se movendo rápido demais para que eu visse quem cometia os erros...

Riley ficou distraído pelo balé violento, os olhos ansiosos em sua parceira. Seth atacou, esmagando outro pedaço do vampiro. Riley berrou e deu um forte contragolpe que atingiu em cheio o peito largo de Seth. O corpo imenso de Seth voou três metros e bateu na parede rochosa acima de minha cabeça com uma força que pareceu sacudir todo o pico. Ouvi a respiração sibilar de seus pulmões e me abaixei enquanto ele batia na pedra e desabava no chão alguns metros diante de mim.

Um ganido baixo escapou dos dentes de Seth.

Choveram fragmentos afiados de pedra cinza em minha cabeça, arranhando minha pele exposta. Um pedaço pontudo de pedra rolou por meu braço direito e eu a peguei por reflexo. Meus dedos se fecharam em volta do fragmento longo

enquanto meu instinto de sobrevivência entrava em ação; como não havia nenhuma chance de fugir, meu corpo — sem se importar com a ineficácia do gesto — preparou-se para a luta.

A adrenalina se agitava por minhas veias. Eu sabia que a tala estava cortando a palma da minha mão. Sabia que o estalo em minha articulação era de protesto. Eu sabia disso, mas não conseguia sentir a dor.

Atrás de Riley, só o que pude ver foi a chama retorcida do cabelo de Victoria e um borrão de branco. Os estalos e rasgões metálicos e frequentes, os arquejos e silvos de choque deixavam claro que a dança ficava mortal para alguém.

Mas para quem?

Riley lançou-se para mim, os olhos vermelhos brilhando de fúria. Ele encarou o monte de pelos cor de areia entre nós, e suas mãos — mutiladas, quebradas — curvaram-se em garras. A boca se abriu, escancarada, os dentes faiscando, enquanto ele se preparava para dilacerar o pescoço de Seth.

Um segundo jato de adrenalina surgiu como um choque elétrico e tudo de repente ficou muito claro.

As duas lutas estavam muito próximas. Seth estava prestes a perder a dele e eu não fazia ideia se Edward ia vencer ou perder. Eles precisavam de ajuda. Uma distração. Algo que lhes desse uma vantagem.

Minha mão agarrou o pedaço de pedra com tanta força que um suporte da tala estalou.

Seria eu forte o bastante? Corajosa o suficiente? Com que força eu conseguiria atirar a pedra em meu próprio corpo? Será que isso daria a Seth tempo para se recolocar de pé? Será que ele se curaria rápido o bastante para que meu sacrifício lhe fizesse algum bem?

Encostei a pedra no meu braço, puxando o suéter grosso para expor a pele, depois apertei a ponta afiada na dobra do cotovelo. Eu já tinha uma longa cicatriz, de meu último aniversário. Naquela noite, meu fluxo sanguíneo fora suficiente para atrair a atenção de todos os vampiros, paralisá-los por um instante. Rezei para que desse certo de novo. Eu me preparei e respirei fundo uma vez.

Victoria se distraiu com minha respiração. Seus olhos, imobilizados por uma fração mínima de segundo, encontraram os meus. A fúria e a curiosidade se misturaram estranhamente em sua expressão.

Eu não tinha certeza de como ouvi o som baixo com todos os outros barulhos

ecoando na parede de pedra e martelando em minha cabeça. Meu próprio batimento cardíaco devia ser suficiente para engolir tudo. Mas, na fração de segundo em que fitei os olhos de Victoria, pensei ter ouvido um suspiro exasperado e familiar.

No mesmo curto segundo, a dança se interrompeu violentamente. Aconteceu tão rápido que acabou antes que eu pudesse seguir a sequência de acontecimentos. Tentei refazer tudo mentalmente.

Victoria tinha voado da formação obscura e indistinta e se chocou no tronco de um abeto alto. Ela caiu no chão já agachada para atacar.

Ao mesmo tempo, Edward — invisível por causa da velocidade — girou para trás e pegou Riley, que não o esperava, pelo braço. Parece que Edward plantou o pé nas costas de Riley, e forçou...

O acampamento foi tomado pelo penetrante grito de agonia de Riley.

Ao mesmo tempo, Seth se colocou de pé num salto, bloqueando a maior parte de minha visão.

Mas eu ainda pude ver Victoria. E, embora ela parecesse estranhamente deformada — como se fosse incapaz de se endireitar completamente — pude ver o sorriso com que sonhei lampejar por seu rosto desvairado.

Ela se curvou e investiu.

Algo pequeno e branco assoviou pelo ar e se chocou com ela em pleno voo. O impacto pareceu uma explosão e a atirou contra outra árvore — que se partiu ao meio. Ela pousou de pé novamente, agachada e pronta, mas Edward já estava em posição. O alívio tomou meu coração quando vi que ele estava ereto e perfeito.

Victoria chutou alguma coisa de lado com um golpe do pé descalço — o míssil que havia impedido seu ataque. Aquilo rolou até mim e percebi o que era.

Meu estômago oscilou.

Os dedos ainda se retorciam; agarrando as folhas de relva, o braço de Riley começou a se arrastar insensatamente pelo chão.

Seth circundava Riley de novo, e agora Riley batia em retirada. Ele recuou do lobisomem que avançava, o rosto rígido de dor. Ergueu um braço, defensivamente.

Seth avançou para Riley e o vampiro claramente estava desequilibrado. Vi Seth afundar os dentes no ombro de Riley e rasgar, pulando para trás novamente.

Com um grito metálico ensurdecedor, Riley perdeu o outro braço.

Seth sacudiu a cabeça, lançando o braço no bosque. O silvo entrecortado que saiu dos dentes de Seth parecia um riso de zombaria.

Riley gritou um pedido torturado.

— Victoria!

Victoria nem piscou ao ouvir seu nome. Seus olhos não se voltaram nem uma vez para o parceiro.

Seth investiu com a força de uma bola de demolição. O choque levou Seth e Riley para as árvores, onde o guincho metálico se combinava com os gritos de Riley. Gritos que de repente cessaram, enquanto continuavam os sons de pedra sendo pulverizada.

Embora não tenha se dado ao trabalho de olhar uma última vez para Riley, Victoria pareceu perceber que estava sozinha. Começou a recuar de Edward, a decepção ardendo freneticamente em seus olhos. Ela me lançou um olhar agoniado e curto de anseio, depois começou a se retirar mais rápido.

— Não — sussurrou Edward, a voz sedutora. — Fique só mais um pouquinho.

Ela girou e disparou para o refúgio da floresta como uma flecha de um arco.

Mas Edward era mais rápido — a bala de uma arma.

Ele a alcançou pela retaguarda desprotegida na beira das árvores e, com um último passo simples, a dança terminou.

A boca de Edward roçou uma vez no pescoço dela, como uma carícia. O clamor que vinha dos esforços de Seth encobriu todos os outros ruídos, então não havia som discernível para que eu tivesse uma imagem da violência. Ele podia tê-la beijado.

E depois o emaranhado fogoso de cabelo não estava mais ligado ao resto do corpo. As ondas laranja e trêmulas caíram no chão e quicaram uma vez antes de rolar para as árvores.

25. ESPELHO

OBRIGUEI OS OLHOS — ARREGALADOS E IMÓVEIS DE CHOQUE — a se mexer, de modo que eu não pudesse examinar muito de perto o objeto oval enrolado em gavinhas de cabelo cor de fogo e trêmulo.

Edward estava em movimento de novo. Rápido e friamente pragmático, ele desmembrava o cadáver decapitado.

Não pude ir até lá — não conseguia fazer com que meus pés reagissem; estavam soldados à pedra. Mas examinei minuciosamente cada ação dele, procurando por qualquer sinal de que estivesse ferido. Meu coração reduziu a um ritmo mais saudável quando não encontrei nada. Ele estava flexível e elegante, como sempre. Não pude ver nem um rasgão em suas roupas.

Ele não olhou para mim — onde eu estava paralisada, junto à parede do penhasco, apavorada — enquanto empilhava os membros trêmulos e retorcidos e os cobria com agulhas secas de pinheiro. Ele ainda não havia encontrado meu olhar de choque ao disparar para a floresta atrás de Seth.

Nem tive tempo para me recuperar antes que ele e Seth estivessem de volta, Edward com os braços cheios de Riley. Seth carregava um pedaço grande — o tronco — na boca. Eles colocaram o fardo na pilha e Edward pegou um retângulo prateado no bolso. Abriu o isqueiro de butano e segurou a chama perto do pavio seco. Pegou fogo de imediato; longas línguas de fogo laranja lambiam rapidamente pela pira.

— Pegue cada pedaço — disse Edward num sussurro a Seth.

Juntos, vampiro e lobisomem vasculharam o acampamento, de vez em quando atirando pequenos nacos de pedra branca no fogo. Seth pegava os pedaços com os dentes. Meu cérebro não estava funcionando bem o bastante para entender por que ele não voltava a ser humano e usava as mãos.

Edward não tirava os olhos de seu trabalho.

Depois eles terminaram e o fogo violento criou um pilar de roxo sufocante na direção do céu. A fumaça grossa se enroscava lentamente, parecendo mais sólida

do que deveria; tinha cheiro de incenso queimado e o odor era desagradável. Era pesado e forte demais.

Seth pareceu rir de novo, do fundo do peito.

Um sorriso apareceu no rosto tenso de Edward.

Edward esticou o braço, a mão em punho. Seth sorriu, revelando a longa fila de dentes de adaga, e bateu o focinho na mão de Edward.

— Bom trabalho em equipe — murmurou Edward.

Seth rosnou uma risada.

Depois Edward respirou fundo e virou-se lentamente para me olhar.

Não entendi sua expressão. Seus olhos eram precavidos demais, como se eu fosse outro inimigo — mais que cautelosos, estavam temerosos. E no entanto ele não demonstrara medo nenhum ao enfrentar Victoria e Riley... Minha mente estava tão dilacerada, atordoada e inútil quanto meu corpo. Eu o fitei, desnorteada.

— Bella, meu amor — disse ele no tom mais suave, andando na minha direção com uma lentidão exagerada, as mãos estendidas, as palmas para frente. Embora eu estivesse tonta, isso me lembrou estranhamente um suspeito abordando um policial, mostrando que não estava armado...

— Bella, pode largar a pedra, por favor? Com cuidado. Não se machuque.

Eu tinha me esquecido de minha arma tosca, embora agora percebesse que a segurava com tanta força que os nós dos dedos gritavam de protesto. Será que os quebrei de novo? Desta vez Carlisle ia me colocar um gesso, não havia dúvidas.

Edward hesitou a alguns metros de mim, as mãos ainda no ar, os olhos ainda temerosos.

Precisei de alguns segundos para me lembrar de como mexer os dedos. Depois a pedra caiu no chão, enquanto minha mão continuava paralisada na mesma posição.

Edward relaxou um pouco quando minhas mãos ficaram vazias, mas não se aproximou.

— Não precisa ter medo, Bella — murmurou Edward. — Você está em segurança. Não vou machucá-la.

A promessa perturbadora só me confundiu ainda mais. Eu o fitei como uma imbecil, tentando entender.

— Vai ficar tudo bem, Bella. Sei que está assustada agora, mas acabou.

Ninguém vai feri-la. Eu não vou tocar em você. Não vou machucá-la — disse ele novamente.

Meus olhos piscaram furiosamente e eu encontrei minha voz.

— Por que fica dizendo isso?

Dei um passo desequilibrado na direção dele e ele se afastou.

— Qual é o problema? — sussurrei. — O que quer dizer com isso?

— Você está... — Seus olhos dourados de repente mostravam a confusão que eu sentia. — Não está com medo de mim?

— Medo de você? Por quê?

Cambaleei outro passo, depois tropecei em alguma coisa — provavelmente em meus próprios pés. Edward me pegou e eu enterrei a cara em seu peito e comecei a chorar.

— Bella, Bella, desculpe. Acabou, acabou.

— Eu estou bem — arfei. — Eu estou bem. Só estou. Nervosa. Me dê. Um minuto.

Seus braços se estreitaram em volta de mim.

— Eu sinto tanto — murmurava ele sem parar.

Fiquei agarrada a ele até conseguir respirar, em seguida o estava beijando — seu peito, seu ombro, seu pescoço —, cada parte dele que eu pude alcançar. Devagar, meu cérebro voltou a trabalhar.

— Você está bem? — perguntei entre beijos. — Ela não o feriu?

— Estou perfeitamente bem — prometeu ele, enterrando a cara em meu cabelo.

— Seth?

Edward riu.

— Mais do que bem. Muito satisfeito consigo mesmo, na verdade.

— Os outros? Alice, Esme? Os lobos?

— Todos bem. Acabou por lá também. Foi tranquilo, como eu lhe garanti. O pior nós passamos aqui mesmo.

Deixei-me absorver isso por um momento, deixei que imergisse e se acomodasse em minha mente.

Minha família e meus amigos estavam seguros. Victoria nunca mais viria atrás de mim. Acabara.

Todos íamos ficar bem.

Mas eu não conseguia apreender completamente as boas-novas enquanto ainda estava tão confusa.

— Por quê? — insisti. — Por que achou que eu teria medo de você?

— Desculpe — disse ele mais uma vez. Pelo quê? Eu não fazia ideia. — Eu sinto tanto. Não queria que visse isso. Ver a mim desse jeito. Sei que devo tê-la apavorado.

Tive de pensar naquilo por mais um minuto, no modo hesitante como ele se aproximou de mim, as mãos no ar. Como se eu fosse fugir se ele se movimentasse rápido demais...

— É sério? — perguntei por fim. — Você... o quê? Pensou que tinha me assustado? — Eu bufei. Bufar era bom; uma voz não podia tremer nem falhar enquanto se bufava. Parecia impressionante de tão desinteressada.

Ele pôs a mão sob meu queixo e tombou minha cabeça para trás para ler meu rosto.

— Bella, eu simplesmente... — ele hesitou, depois obrigou as palavras a saírem —, eu simplesmente decapitei e desmembrei uma criatura senciente a menos de vinte metros de você. Isso não a perturbou?

Ele franziu o cenho para mim.

Dei de ombros. Dar de ombros também era bom. Muito blasé.

— Na verdade, não. Só tive medo de que você e Seth se ferissem. Eu queria ajudar, mas o máximo que eu podia fazer...

Sua expressão lívida de repente fez minha voz desaparecer.

— Sim — disse ele, o tom entrecortado. — Sua pequena proeza com a pedra. Sabe que quase me provocou um ataque cardíaco? E isso não é coisa fácil de fazer.

Seu olhar furioso dificultou minha resposta.

— Eu queria ajudar... Seth estava machucado...

— Seth só estava fingindo que estava machucado, Bella. Foi um truque. E depois você...! — Ele sacudiu a cabeça, incapaz de terminar. — Seth não pôde ver o que você estava fazendo, então eu tive de interferir. Seth está meio desapontado por agora não poder alegar que venceu sozinho.

— Seth estava... fingindo?

Edward assentiu severamente.

— Ah.

Nós dois olhamos para Seth, que nos ignorava estudadamente, olhando as

chamas. Irradiava convencimento de cada fio de sua pelagem.

— Bom, eu não sabia disso — eu disse, agora ofendida. — E não é fácil ser a única pessoa impotente. Espere só até eu ser vampira! Da próxima vez, não vou ficar sentada, de fora.

Uma dezena de emoções flutuou pelo rosto dele antes que ele se determinasse a se divertir.

— Da próxima vez? Já prevê outra guerra para breve?

— Com a sorte que eu tenho? Quem sabe?

Ele revirou os olhos, mas eu pude ver que ele estava eufórico — o alívio nos deixara frívolos. Acabara.

Ou... Será?

— Espere aí. Você não disse uma coisa antes...?

Eu vacilei, lembrando-me do que exatamente tinha sido antes — o que eu ia dizer a Jacob? Meu coração lascado deu uma batida dolorosa. Era duro de acreditar, quase impossível, mas a parte mais difícil daquele dia não estava para trás — e eu fugia da tarefa.

— Sobre uma complicação? E Alice precisando fixar o horário para Sam. Você disse que ia chegar perto. O que ia chegar perto?

Os olhos de Edward se voltaram rapidamente para Seth e eles trocaram um olhar carregado.

— E então? — perguntei.

— Na verdade não é nada — disse Edward rapidamente. — Mas vamos precisar nos colocar a caminho...

Ele começou a me puxar para me colocar nas costas, mas eu enrijeci e me afastei.

— Defina nada.

Edward pegou meu rosto entre as palmas das mãos.

— Só temos um minuto, então não entre em pânico, está bem? Eu disse que você não tinha motivos para temer. Confie em mim, por favor?

Eu assenti, tentando esconder o terror súbito — até que ponto poderia lidar com aquilo sem desmaiar?

— Não há motivo para ter medo. Entenda isso.

Ele franziu os lábios por um segundo, decidindo o que dizer. Depois olhou repentinamente para Seth, como se o lobo tivesse chamado por ele.

— O que ela está fazendo? — perguntou Edward.

Seth ganiu; era um som ansioso e inquieto. Fez os pelos de minha nuca se eriçarem.

Tudo ficou num silêncio mortal por um segundo interminável.

E depois Edward arfou, "Não!", e uma de suas mãos voou como se fosse para agarrar alguma coisa que eu não conseguia ver.

— Não...!

Um espasmo sacudiu todo o corpo de Seth e um uivo, devastador de agonia, irrompeu de seus pulmões.

Edward caiu de joelhos no mesmo momento, segurando as laterais da cabeça com as duas mãos, a face vincada de dor.

Soltei um grito num terror desnorteado e me ajoelhei ao lado dele. Como uma idiota, tentei tirar as mãos de seu rosto; minhas palmas, pegajosas de suor, escorregaram em sua pele de mármore.

— Edward! Edward!

Seus olhos focalizaram em mim; com um esforço evidente, ele separou os dentes trincados.

— Está bem. Vamos ficar bem. É... — Ele se interrompeu e tremeu de novo.

— O que está acontecendo? — gritei enquanto Seth uivava de angústia.

— Estamos bem. Vamos ficar bem — Edward ofegava. — Sam... Ajude-o...

E percebi nesse instante, quando ele disse o nome de Sam, que ele não estava falando de si mesmo e de Seth. Nenhuma força invisível os atacava. Desta vez, a crise não estava ali.

Ele estava usando o plural da alcateia.

Eu queimei toda minha adrenalina. Não restava mais nada em meu corpo. Caí e Edward me pegou antes que eu batesse nas pedras. Ele se colocou de pé num segundo, comigo nos braços.

— Seth! — gritou.

Seth estava agachado, ainda tenso de agonia, dando a impressão de pretender se lançar floresta adentro.

— Não! — ordenou Edward. — Vá direto para casa. Agora. O mais rápido que puder!

Seth choramingou, sacudindo a cabeça grande de um lado a outro.

— Seth. Confie em mim.

O lobo imenso fitou os olhos agoniados de Edward por um longo segundo, em seguida endireitou o corpo e voou para as árvores, desaparecendo como um fantasma.

Edward me aninhou com firmeza no peito, depois também estávamos disparando pela floresta escura, tomando um caminho diferente do do lobo.

— Edward. — Eu lutei para forçar as palavras pela minha garganta apertada. — O que aconteceu, Edward? O que aconteceu com Sam? Onde estamos indo? O que está havendo?

— Precisamos voltar à clareira — disse-me em voz baixa. — Nós sabíamos que havia uma boa probabilidade de isso acontecer. Hoje pela manhã, Alice viu isso e agora transmitiu a Seth através de Sam. Os Volturi decidiram que estava na hora de interceder.

Os Volturi.

Era demais. Minha mente se recusava a encontrar sentido nas palavras, fingindo que não podia entender.

As árvores passavam voando por nós. Ele corria morro abaixo tão rápido que parecia que estávamos mergulhando numa queda descontrolada.

— Não entre em pânico. Eles não procurarão por nós. É só o contingente normal da guarda que em geral limpa esse tipo de confusão. Nada grandioso, estão apenas fazendo seu trabalho. É claro que eles parecem ter programado sua chegada com muito cuidado. O que me leva a acreditar que ninguém na Itália lamentaria se esses recém-criados tivessem reduzido a família Cullen. — As palavras saíram entredentes, duras e frias. — Vou ter certeza do que eles estão pensando quando chegarmos à clareira.

— É por isso que estamos voltando? — sussurrei. Como eu faria para lidar com aquilo? Imagens de mantos esvoaçantes entraram sem convite em minha mente e eu me encolhi. Eu estava a ponto de entrar em colapso.

— É parte do motivo. Principalmente porque a essa altura será mais seguro para nós se estivermos presentes numa frente unida. Eles não têm motivos para nos hostilizar, mas... Jane está com eles. Se ela pensasse que estávamos sozinhos em algum lugar longe dos outros, podia ser tentador para ela. Como Victoria, Jane provavelmente imagina que eu estou com você. Demetri, é claro, está com ela. Ele pode me encontrar, se Jane lhe pedir.

Eu não queria pensar nesse nome. Não queria ver a cara ofuscantemente linda

e infantil em minha mente. Um som estranho saiu de minha garganta.

— Shhh, Bella, shhh. Vai ficar tudo bem. Alice pode ver isso.

Alice podia ver? Mas então... onde estavam os lobos? Onde estava a alcateia?

— A alcateia?

— Eles tiveram de partir rapidamente. Os Volturi não honram tréguas com lobisomens.

Pude ouvir minha respiração se acelerando, mas não conseguia controlá-la. Comecei a ofegar.

— Eu juro que vai ficar tudo bem — prometeu-me Edward. — Os Volturi não reconheceriam o cheiro... Não perceberiam que os lobisomens estão aqui; não estão familiarizados com essa espécie. A alcateia vai ficar bem.

Eu não conseguia processar a explicação dele. Minha concentração estava dilacerada por meus temores. Vamos ficar bem, dissera ele antes... E Seth, uivando de agonia... Edward tinha evitado minha primeira pergunta, me distraído com os Volturi.

Eu estava muito perto da beira — prendia-me pela ponta dos dedos.

As árvores eram um borrão que fluía em torno dele como água esverdeada.

— O que aconteceu? — sussurrei de novo. — Antes. Quando Seth estava uivando? Quando você ficou magoado?

Edward hesitou.

— Edward! Conte!

— Tudo acabou — sussurrou ele. Eu mal podia ouvi-lo com o vento criado por sua velocidade. — Os lobos não contaram sua metade... Pensavam que tinham eliminado todos. É claro que Alice não podia ver...

— O que aconteceu?!

— Um dos recém-criados estava escondido... Leah o encontrou... Ela estava sendo idiota, petulante, tentando provar alguma coisa. Ela se ocupou dele sozinha...

— Leah — repeti, e estava fraca demais para sentir vergonha pelo alívio que me inundou. — Ela vai ficar bem?

— Leah não foi ferida — murmurou Edward.

Olhei para ele por um longo segundo.

Sam... Ajude-o... Edward tinha arfado. Ajudar a ele, não a ela.

— Estamos quase chegando — disse Edward, e ele olhava um ponto fixo no

céu.

Automaticamente, meus olhos o seguiram. Havia uma nuvem roxa e escura pendendo baixa sobre as árvores. Uma nuvem? Mas estava tão anormalmente ensolarado... Não, não era uma nuvem — eu reconheci a coluna grossa de fumaça, como aquela em nosso acampamento.

— Edward — eu disse, minha voz quase inaudível. — Edward, alguém se feriu.

Eu tinha ouvido a agonia de Seth, vi a tortura no rosto de Edward.

— Sim — sussurrou ele.

— Quem? — perguntei, embora claramente já soubesse a resposta.

É claro que eu sabia. Claro que sim.

As árvores perdiam velocidade à nossa volta à medida que nos aproximávamos de nosso destino.

Ele precisou de um instante para me responder.

— Jacob — disse ele.

Consegui assentir uma vez.

— Claro — sussurrei.

E depois me deixei deslizar da beira do abismo na qual me prendia, em minha mente.

Tudo ficou escuro.

Eu tinha consciência de mãos frias me tocando. Mais de um par de mãos. Braços segurando-me, uma palma curva encaixando-se em meu rosto, dedos afagando minha testa e mais dedos apertando de leve meu pulso.

Depois tive consciência das vozes. Eram só um zumbido no início, depois ganharam intensidade e clareza, como se alguém tivesse aumentado o volume de um rádio.

— Carlisle... Tem cinco minutos. — A voz de Edward, ansiosa.

— Ela vai voltar a si quando estiver pronta, Edward. — A voz de Carlisle, sempre calma e segura. — Ela passou por coisas demais hoje. Deixe que sua mente se proteja.

Mas minha mente não estava protegida. Estava presa à informação que não me deixava, mesmo na inconsciência — a dor que fazia parte da escuridão.

Senti-me totalmente desconectada de meu corpo. Como se eu estivesse

engaiolada num pequeno canto de minha cabeça, sem controle algum. Mas eu não podia fazer nada a esse respeito. Não podia pensar. A agonia era forte demais para isso. Não havia escapatória para mim.

Jacob.

Jacob.

Não, não, não, não, não...

— Alice, quanto tempo temos? — perguntou Edward, a voz ainda tensa; as palavras tranquilizadoras de Carlisle não ajudaram.

De longe, a voz de Alice. Era cortante.

— Mais cinco minutos. E Bella abrirá os olhos daqui a trinta segundos. Eu não duvido que ela possa nos ouvir agora.

— Bella, querida? — Era a voz suave e reconfortante de Esme. — Pode me ouvir? Está segura agora, querida.

Sim, eu estava segura. Mas será que isso importava?

Depois lábios frios estavam em meu ouvido e Edward dizia as palavras que me permitiram escapar da tortura que me prendia em minha própria mente.

— Ele vai viver, Bella. Jacob Black está se curando enquanto falo. Ele vai ficar bem.

À medida que a dor e o medo cediam, vi-me de volta a meu corpo. Minhas pálpebras tremeram.

— Ah, Bella — Edward suspirou de alívio e seus lábios tocaram os meus.

— Edward — sussurrei.

— Sim, estou aqui.

Consegui erguer as pálpebras e fitei seus olhos calorosos e dourados.

— Jacob está bem? — perguntei.

— Sim — prometeu ele.

Olhei atentamente seus olhos, em busca de algum sinal de que ele estivese me acalmando, mas eram perfeitamente claros.

— Eu mesmo o examinei — disse Carlisle então; virei a cabeça e encontrei seu rosto, a pouca distância. A expressão de Carlisle era ao mesmo tempo séria e tranquilizadora. Era impossível duvidar dele. — Sua vida não corre nenhum perigo. Ele está se curando a um ritmo inacreditável, embora suas lesões sejam extensas o bastante para que só possa voltar ao normal daqui a alguns dias, mesmo que a taxa de reparo permaneça estável. Assim que terminarmos aqui,

farei o que puder para ajudá-lo. Sam está tentando fazer com que ele volte à forma humana. Isso facilitará o tratamento. — Carlisle sorriu levemente. — Eu não cursei veterinária.

— O que aconteceu com ele? — sussurrei. — As lesões são muito graves?

A face de Carlisle ficou séria novamente.

— Outro lobo estava com problemas...

— Leah — sussurrei.

— Sim. Ele a tirou do caminho, mas não teve tempo para se defender. O recém-criado o envolveu com os braços. A maior parte dos ossos do lado direito do corpo foi quebrada.

Eu me encolhi.

— Sam e Paul chegaram ao local ao mesmo tempo. Ele já estava melhorando quando o levaram de volta a La Push.

— Ele vai voltar ao normal? — perguntei.

— Sim, Bella. Ele não teve nenhum dano permanente.

Respirei fundo.

— Três minutos — disse Alice em voz baixa.

Eu lutei, tentando me colocar de pé. Edward percebeu o que eu fazia e me ajudou a levantar.

Fitei a cena diante de mim.

Os Cullen estavam de pé num semicírculo em volta da fogueira. Mal havia alguma chama visível, só a fumaça espessa e roxa escura, pairando como uma peste contra a relva reluzente. Jasper estava mais perto da névoa que parecia sólida, nas sombras, para que sua pele não cintilasse no sol como fazia a dos outros. Estava de costas para mim, os ombros tensos, os braços um tanto estendidos. Havia outra coisa, ali, na sombra dele. Algo na direção em que ele se agachava com uma intensidade cautelosa...

Eu estava entorpecida demais para sentir mais do que um leve choque ao perceber o que era.

Havia oito vampiros na clareira.

A menina estava enroscada como uma bola ao lado das chamas, os braços envolvendo as pernas. Era muito nova. Mais nova do que eu — parecia ter talvez 15 anos, o cabelo escuro e liso. Os olhos estavam focalizados em mim e as íris eram de um vermelho vivo e chocante. Muito mais brilhantes do que as de Riley,

quase em fogo. Giravam loucamente, descontroladas.

Edward viu minha expressão confusa.

— Ela se rendeu — disse-me em voz baixa. — É uma coisa que nunca vi na vida. Só Carlisle pensaria nessa oferta. Jasper não aprovou.

Eu não conseguia tirar os olhos da cena ao lado da fogueira. Jasper esfregava distraidamente o braço esquerdo.

— Jasper está bem? — sussurrei.

— Ele está bem. O veneno pinica.

— Ele foi mordido? — perguntei, apavorada.

— Ele tentava estar em toda parte ao mesmo tempo. Tentando se certificar de que Alice não tivesse nada a fazer, na verdade. — Edward sacudiu a cabeça. — Alice não precisa da ajuda de ninguém.

Alice fez uma careta para seu verdadeiro amor.

— Tolo superprotetor.

A jovem fêmea de repente lançou a cabeça para trás como um animal e gemeu com estridência.

Jasper grunhiu para ela e ela se encolheu, mas seus dedos cavaram o chão como garras e sua cabeça se agitava de angústia. Jasper deu um passo até ela, agachando-se mais. Edward moveu-se com uma despreocupação exagerada, virando nossos corpos para ficar entre mim e a garota. Eu espiei por seu braço para ver a garota arrasada e Jasper.

Carlisle estava ao lado de Jasper num instante. Pôs uma mão restritiva no braço do filho mais recente.

— Você mudou de ideia, jovem? — perguntou Carlisle, calmo como sempre. — Não queremos destruí-la, mas o faremos se não conseguir se controlar.

— Como pode suportar isso? — grunhiu a menina numa voz alta e clara. — Eu a quero. — Suas íris carmim focalizaram Edward, através dele, para além dele, olhando para mim, e suas unhas rasparam o solo duro de novo.

— Deve suportar — disse-lhe Carlisle com gravidade. — Deve exercitar o controle. É possível e é a única coisa que a salvará agora.

A menina colocou as mãos incrustadas com terra em volta da cabeça, uivando baixinho.

— Não devíamos nos afastar dela? — sussurrei, cutucando o braço de Edward. Os lábios da menina se repuxaram por cima dos dentes quando ela ouviu

minha voz, sua expressão era de tormento.

— Temos de ficar aqui — murmurou Edward. — Eles estão chegando à extremidade norte da clareira agora.

Meu coração explodiu numa disparada enquanto eu olhava a clareira, mas não conseguia ver nada além da grossa coluna de fumaça.

Depois de um segundo de uma busca infrutífera, meu olhar voltou à jovem vampira. Ela ainda me fitava com os olhos meio loucos.

Sustentei o olhar da garota por um longo tempo. O cabelo escuro na altura do queixo emoldurava seu rosto, pálido como alabastro. Era difícil dizer se suas feições eram bonitas, distorcidas como estavam pela raiva e pela sede. Os olhos vermelhos e irascíveis eram dominadores — custava-me deixá-los. Ela me encarava cruelmente, tremendo e gemendo a cada poucos segundos.

Eu a fitei, hipnotizada, perguntando-me se estava olhando um espelho de meu futuro.

Depois Carlisle e Jasper começaram a voltar até o restante de nós. Emmett, Rosalie e Esme convergiram rapidamente em volta de onde Edward estava comigo e com Alice. Uma frente unida, como Edward dissera, comigo no meio, no lugar mais seguro.

Desviei minha atenção da menina desnorteada para procurar pelos monstros que se aproximavam.

Ainda não havia nada para se ver. Olhei para Edward e seus olhos estavam fixos à frente. Tentei seguir seu olhar, mas só havia a fumaça — densa, oleosa, contorcendo-se até o chão, erguendo-se preguiçosamente, ondulando na relva.

A fumaça ondulou para frente, ficando mais escura no meio.

— Hmmm — uma voz monótona murmurou da névoa. Reconheci a indiferença imediatamente.

— Bem-vinda, Jane. — O tom de Edward era friamente cortês.

As formas escuras se aproximaram, separando-se da névoa, solidificando-se. Eu sabia que seria Jane na frente — o manto mais escuro, quase preto, e a figura mais de meio metro menor. Mal pude distinguir seus traços angelicais na sombra do capuz.

As quatro figuras vestidas de cinza que assomavam atrás dela também eram um tanto familiares. Eu tinha certeza de que reconhecia o maior e, enquanto olhava, tentando confirmar minhas suspeitas, Felix me olhou. Deixou que o capuz

caísse levemente nas costas para que eu pudesse vê-lo piscar para mim e sorrir. Edward estava imóvel e sob controle a meu lado.

O olhar de Jane passou lentamente pelos rostos luminosos dos Cullen e tocou a recém-criada ao lado do fogo; a recém-criada estava com a cabeça nas mãos de novo.

— Ela se rendeu — explicou Edward, respondendo à confusão em sua mente.

Os olhos escuros de Jane faiscaram para o rosto dele.

— Rendeu-se?

Felix e outra sombra trocaram um rápido olhar.

Edward deu de ombros.

— Carlisle lhe deu esta opção.

— Não há opções para os que quebram as regras — disse Jane monotonamente.

Carlisle falou então, a voz branda.

— Está em nossas mãos. Como a menina se dispôs a parar de nos atacar, não vi necessidade de destruí-la. Ninguém lhe ensinou nada.

— Isso é irrelevante — insistiu Jane.

— Como quiser.

Jane fitava Carlisle, concentrada. Sacudiu a cabeça infinitesimalmente, depois recompôs as feições.

— Aro esperava que viéssemos mais a oeste para ver você, Carlisle. Ele manda lembranças.

Carlisle assentiu.

— Eu agradeceria se transmitisse as minhas a ele.

— Claro. — Jane sorriu. Seu rosto era quase lindo demais quando ficava animado. Ela olhou para a fumaça. — Parece que vocês fizeram o trabalho por nós hoje... A maior parte dele. — Seus olhos caíram rapidamente na refém. — Só por curiosidade profissional, quantos havia? Eles deixaram uma bela esteira de destruição em Seattle.

— Dezoito, incluindo esta — respondeu Carlisle.

Os olhos de Jane se arregalaram e ela olhou o fogo novamente, parecendo reavaliar o tamanho. Felix e a outra sombra trocaram um olhar mais longo.

— Dezoito? — repetiu ela, a voz transmitindo insegurança pela primeira vez.

— Todos novos — disse Carlisle num tom de desdém. — Eram inábeis.

— Todos? — Sua voz ficou incisiva. — Então, quem foi seu criador?

— O nome dela era Victoria — respondeu Edward, sem emoção na voz.

— Era? — perguntou Jane.

Edward inclinou a cabeça para a floresta a leste. Os olhos de Jane se viraram e focalizaram uma coisa ao longe. O outro pilar de fumaça? Não olhei para verificar.

Jane fitou o leste por um bom tempo, em seguida voltou a examinar a fogueira próxima.

— Essa Victoria... eram ela e mais os dezoito daqui?

— Sim. Tinha um deles com ela. Ele não era tão jovem quanto esta aqui, mas não devia passar de um ano mais velho.

— Vinte — sussurrou Jane. — Quem lidou com a criadora?

— Eu — disse-lhe Edward.

Os olhos de Jane se estreitaram e ela se virou para a menina ao lado do fogo.

— Você aí — disse ela, a voz monótona mais severa do que antes. — Seu nome.

A recém-criada lançou um olhar maléfico para Jane, os lábios firmemente unidos.

Jane lhe abriu um sorriso angelical.

O grito de resposta da recém-criada era de perfurar os tímpanos; seu corpo se arqueou rigidamente numa posição distorcida e nada natural. Eu virei a cara, reprimindo o impulso de cobrir as orelhas. Trinquei os dentes, na esperança de controlar meu estômago. O grito se intensificou. Tentei me concentrar no rosto de Edward, suave e sem emoções, mas aquilo me fez lembrar de quando era Edward sob o olhar torturante de Jane, e me senti pior. Olhei para Alice então, e Esme ao lado dela; seus rostos estavam tão vazios quanto o dele.

Por fim, fez-se silêncio.

— Seu nome — disse Jane novamente, a voz sem nenhuma inflexão.

— Bree — disse a menina, ofegando.

Jane sorriu e a menina gritou novamente. Prendi a respiração até que o som de sua agonia cessasse.

— Ela vai lhe contar o que quiser — disse Edward entredentes. — Não precisava fazer isso.

Jane olhou para ele, com um humor repentino nos olhos apáticos.

— Ah, eu sei — disse ela a Edward, sorrindo para ele antes de se voltar para a jovem vampira, Bree.

— Bree — disse Jane, a voz fria novamente. — A história dele é verdadeira? Vocês eram vinte?

A menina estava deitada, arfando, a face contra a terra. Ela falou rapidamente.

— Dezenove ou vinte, talvez mais, eu não sei! — Ela se encolheu, apavorada que sua ignorância pudesse provocar uma nova rodada de tortura. — Sara e aquele cujo nome não sei brigaram no caminho...

— E essa Victoria... Ela criou você?

— Não sei — disse ela, encolhendo-se novamente. — Riley nunca disse o nome dela. Eu não vi naquela noite... Estava tão escuro, e doía... — Bree tremeu. — Ele não queria que pudéssemos pensar nela. Disse que nossos pensamentos não estavam seguros...

Os olhos de Jane voltaram-se rapidamente para Edward, depois para a menina.

Victoria tinha planejado aquilo muito bem. Se ela não tivesse seguido Edward, não haveria como saber que estava envolvida...

— Fale-me de Riley — disse Jane. — Por que ele a trouxe aqui?

— Riley nos disse que tínhamos de destruir os estranhos de olhos amarelos aqui — balbuciou Bree rapidamente e de boa vontade. — Disse que seria fácil. Disse que a cidade era deles e eles viriam nos pegar. Disse que depois que eles sumissem, todo o sangue seria nosso. Ele nos deu o cheiro dela. — Bree ergueu a mão e apontou o dedo para mim. — Ele disse que saberíamos que tínhamos o bando certo porque ela estaria com eles. Disse que quem a pegasse poderia tê-la primeiro.

Ouvi a mandíbula de Edward trincar a meu lado.

— Parece que Riley estava enganado sobre a parte fácil — observou Jane.

Bree assentiu, aparentemente aliviada que a conversa tivesse tomado um rumo não doloroso. Ela se sentou com cuidado.

— Não sei o que aconteceu. Nós nos separamos, mas os outros não chegavam nunca. E Riley nos deixou, não voltou para ajudar, como prometeu. E depois ficou tudo muito confuso e todos estavam em pedaços. — Ela tremeu de novo. — Eu fiquei com medo. Queria fugir. Aquele ali — ela olhou para Carlisle — disse que eles não me machucariam se eu parasse de lutar.

— Ah, mas ele não podia lhe oferecer esse presente, minha jovem — murmurou Jane, a voz agora estranhamente gentil. — A transgressão às regras tem suas consequências.

Bree a fitou, sem compreender.

Jane olhou para Carlisle.

— Tem certeza de ter eliminado todos eles? A outra metade que se dividiu?

A face de Carlisle era suave demais quando ele assentiu.

— Nós também nos dividimos.

Jane deu um meio sorriso.

— Não posso negar que estou impressionada. — As grandes sombras atrás dela murmuraram sua concordância. — Nunca vi um bando escapar intacto de um ataque dessa magnitude. Sabe o que estava por trás disso? Parece uma conduta extremada, considerando o modo como vocês vivem aqui. E por que a garota era a chave? — Seus olhos pousaram de má vontade em mim por um curto segundo.

Eu tremi.

— Victoria tinha ressentimentos com relação a Bella — disse-lhe Edward, a voz impassível.

Jane riu — o som era dourado, o riso borbulhante de uma criança feliz.

— Esta aí parece provocar reações estranhamente fortes em nossa espécie — observou ela, sorrindo diretamente para mim, o rosto beatífico.

Edward enrijeceu. Olhei para ele a tempo de ver seu rosto se desviando, voltando a Jane.

— Poderia, por favor, não fazer isso? — perguntou ele numa voz dura.

Jane riu mais uma vez.

— Só estou verificando. Ao que parece, não causei dano algum.

Eu tremi, profundamente grata que a estranha falha em meu sistema — que me protegera de Jane da última vez em que nos vimos — ainda fizesse efeito. O braço de Edward se estreitou à minha volta.

— Bem, parece que não nos resta nada a fazer. Singular — disse Jane, a apatia voltando de mansinho a sua voz. — Não estamos acostumados a ser considerados desnecessários. É péssimo que tenhamos perdido a luta. Parece que teríamos uma diversão para assistir.

— Sim — respondeu Edward rapidamente, a voz incisiva. — E vocês

chegaram perto. É uma pena que não tenham chegado meia hora atrás. Talvez pudessem cumprir seus objetivos aqui.

Jane encontrou o olhar de Edward com os olhos impassíveis.

— Sim. Uma pena mesmo que as coisas tenham sido assim, não é?

Edward assentiu uma vez para si mesmo, a suspeita confirmada.

Jane virou-se para olhar a recém-criada Bree, o rosto completamente entediado.

— Felix? — disse ela com a voz arrastada.

— Espere — interveio Edward.

Jane ergueu uma sobrancelha, mas Edward estava fitando Carlisle ao falar numa voz urgente. — Podemos explicar as regras à jovem. Ela não parece relutante em aprender. Ela não sabe o que está fazendo.

— É claro — respondeu Carlisle. — Certamente estaríamos preparados para assumir a responsabilidade por Bree.

A expressão de Jane se dividia entre a diversão e a incredulidade.

— Não abrimos exceções — disse ela. — E não damos uma segunda chance. É ruim para nossa reputação. O que me lembra... — de repente, seus olhos estavam em mim novamente e sua face de querubim se encrespou. — Caius ficará tão interessado em saber que ainda é humana, Bella. Talvez ele decida fazer uma visita.

— A data está marcada — disse Alice a Jane, falando pela primeira vez. — Talvez nós os visitemos daqui a alguns meses.

O sorriso de Jane desapareceu e ela deu de ombros com indiferença, sem jamais olhar para Alice. Virou-se para Carlisle.

— Foi um prazer encontrá-lo, Carlisle... Pensei que Aro estivesse exagerando. Bem, até a próxima vez...

Carlisle assentiu com a expressão condoída.

— Cuide disso, Felix — disse Jane, assentindo para Bree, a voz gotejando tédio. — Quero ir para casa.

— Não olhe — sussurrou Edward em meu ouvido.

Eu estava ansiosa demais para seguir sua instrução. Já vira mais do que o suficiente por um dia — mais do que o suficiente para uma vida inteira. Fechei os olhos com força e virei a cara para o peito de Edward.

Mas eu ainda podia ouvir.

Houve um grunhido grave e alto, depois um grito agudo que era terrivelmente familiar. O som parou rapidamente, em seguida o único som era um esmagar e estalar nauseante.

A mão de Edward afagava ansiosamente meus ombros.

— Venham — disse Jane, e eu olhei a tempo de ver as costas dos altos mantos cinza vagando para a fumaça ondulante. O cheiro de incenso era forte de novo.

Os mantos cinza desapareceram na névoa espessa.

26. ÉTICA

A BANCADA DO BANHEIRO DE ALICE ESTAVA COBERTA de mil produtos diferentes, todos afirmando embelezar a superfície de uma pessoa. Uma vez que todos naquela casa eram perfeitos e impermeáveis, só pude deduzir que ela comprara a maior parte daquilo pensando em mim. Li os rótulos num torpor, admirada com o desperdício.

Tive o cuidado de não olhar o espelho comprido.

Alice penteava meu cabelo com um movimento lento e ritmado.

— Já basta, Alice — eu disse inexpressivamente. — Quero voltar a La Push.

Quantas horas esperei que Charlie finalmente saísse da casa de Billy, para eu poder ver Jacob? Cada minuto parecia dez vidas, sem saber se Jacob ainda estava respirando ou não. E então, quando por fim pude ir, para ver por mim mesma que Jacob estava vivo, o tempo passou rápido demais. Parecia que eu mal conseguia respirar antes de Alice estar ligando para Edward, insistindo que eu mantivesse aquela história ridícula de festinha do pijama. Parecia tão insignificante...

— Jacob ainda está inconsciente — respondeu Alice. Carlisle ou Edward ligarão quando ele acordar. De qualquer modo, você precisa ver Charlie. Ele estava lá na casa de Billy, ele viu que Carlisle e Edward voltaram de viagem e vai ficar desconfiado se você não for para casa.

Eu já havia decorado e corroborado minha história.

— Eu não ligo. Quero estar lá quando Jacob acordar.

— Agora você precisa pensar em Charlie. Teve um longo dia... Desculpe, sei que isso não ajuda nada... Mas não significa que você possa fugir de suas responsabilidades. — Sua voz era séria, quase de repreensão. — Agora é mais importante que nunca que Charlie fique no escuro. Faça seu papel primeiro, Bella, depois pode fazer o que quiser. Parte de ser uma Cullen é ser meticulosamente responsável.

É claro que Alice tinha razão. E se não fosse por essa mesma razão — mais

poderosa do que todos os meus medos, dores e culpas — Carlisle jamais teria sido capaz de me convencer a sair de perto de Jacob, inconsciente ou não.

— Vá para casa — ordenou Alice. — Fale com Charlie. Alimente seu álibi. Mantenha-o seguro.

Eu me levantei e o sangue fluiu para meus pés, formigando como a punção de mil agulhas. Fiquei sentada e imóvel por muito tempo.

— Esse vestido fica lindo em você — piou Alice.

— Hein? Ah. Er... Obrigada novamente pelas roupas — murmurei mais por cortesia do que por verdadeira gratidão.

— Você precisa das provas — disse Alice, os olhos inocentes e arregalados. — O que é uma viagem de compras sem roupas novas? Favorece muito você, se me permite dizer.

Eu pisquei, incapaz de me lembrar de que ela me vestira. Não conseguia evitar que os pensamentos se desviassem a cada poucos segundos, insetos correndo da luz...

— Jacob está bem, Bella — disse Alice, interpretando com facilidade minha preocupação. — Não há pressa. Se você soubesse o quanto de morfina Carlisle teve de dar a ele... com a temperatura dele queimando a droga rapidamente... Saberia que ele vai ficar apagado por um tempo.

Pelo menos ele não sentia nenhuma dor. Ainda não.

— Há alguma coisa que queria conversar antes de ir embora? — perguntou Alice solidariamente. — Você deve estar bem traumatizada.

Eu sabia o que atiçava sua curiosidade. Mas eu tinha outras perguntas.

— Eu vou ficar daquele jeito? — perguntei a ela, a voz abafada. — Como a garota, a Bree, na campina?

Havia muitas coisas em que eu precisava pensar, mas parecia que não a conseguia tirar de minha cabeça, a recém-criada cuja outra vida agora — abruptamente — acabara. Seu rosto, retorcido de desejo por meu sangue, demorava-se por trás de minhas pálpebras.

Alice afagou meu braço.

— Todo mundo é diferente. Mas será alguma coisa parecida, sim.

Eu estava imóvel, tentando imaginar.

— Isso passa — prometeu ela.

— Em quanto tempo?

Ela deu de ombros.

— Alguns anos, talvez menos. Pode ser diferente para você. Nunca vi ninguém passar por isso tendo escolhido de antemão. Deve ser interessante ver como a afeta.

— Interessante — repeti.

— Vamos evitar que tenha problemas.

— Sei disso. Eu confio em vocês. — Minha voz era monótona.

A testa de Alice se vincou.

— Se está preocupada com Carlisle e Edward, tenho certeza de que eles ficarão bem. Acredito que Sam está começando a confiar em nós... Bem, confiar em Carlisle, pelo menos. É uma boa coisa também. Imagino que o clima tenha ficado meio tenso quando Carlisle teve de refazer as fraturas...

— Por favor, Alice.

— Desculpe.

Respirei fundo para me estabilizar. Jacob começara a se curar rápido demais e alguns ossos se uniram da forma errada. Ele fora sedado para o procedimento, mas ainda era difícil pensar no assunto.

— Alice, posso lhe fazer uma pergunta? Sobre o futuro?

Ela de repente ficou cautelosa.

— Você sabe que eu não vejo tudo.

— Não é bem isso. Mas às vezes você vê o meu futuro. Por que acha que outras coisas não funcionam comigo? Não o que Jane pode fazer, ou Edward, ou Aro... — Minha frase se interrompeu com meu nível de interesse. Minha curiosidade àquela altura era fugaz, muito eclipsada por emoções mais prementes.

Mas Alice achou a pergunta muito interessante.

— Jasper também, Bella... O talento dele funciona em seu corpo tão bem como em qualquer outro. Esta é a diferença, não vê? As capacidades de Jasper afetam o corpo fisicamente. Ele realmente acalma seu sistema, ou o excita. Não é uma ilusão. E eu tenho visões de resultados, e não dos motivos e pensamentos por trás da decisões que os criam. Está fora da mente, tampouco é uma ilusão; é a realidade, ou pelo menos uma versão dela. Mas Jane, Edward, Aro e Demetri... Eles operam dentro da mente. Jane só cria uma ilusão de dor. Ela não fere realmente seu corpo, você só pensa que está sentindo. Entendeu, Bella? Você está segura dentro de sua mente. Ninguém pode alcançá-la aí. Não admira que Aro

tenha ficado tão curioso com suas capacidades futuras.

Ela observou meu rosto, tentando ver se eu acompanhava sua lógica. Na verdade as palavras de Alice tinham começado a se embaralhar, as sílabas e os sons perdendo significado. Eu não conseguia me concentrar nelas. Ainda assim, assenti. Tentando dar a impressão de que entendera.

Ela não se deixou enganar. Afagou meu rosto e murmurou:

— Ele vai ficar bem, Bella. Não preciso de uma visão para saber disso. Está pronta para ir?

— Mais uma coisa. Posso lhe fazer outra pergunta sobre o futuro? Não quero nada específico, só uma visão geral.

— Vou fazer o melhor que puder — disse ela, em dúvida novamente.

— Ainda pode me ver me tornando vampira?

— Ah, essa é fácil. Claro, eu posso.

Eu assenti devagar.

Ela examinou meu rosto, os olhos insondáveis.

— Não sabe o que está em sua mente, Bella?

— Sei. Só queria ter certeza.

— Eu tenho tanta certeza quanto você. Sabe disso. Se você mudasse de ideia, eu veria mudar... Ou a veria desaparecer, no seu caso.

Eu suspirei.

— Mas isso não vai acontecer.

Ela me abraçou.

— Eu sinto muito. Não posso realmente ter empatia. Minha primeira lembrança é de ver a cara de Jasper em meu futuro; eu sempre soube que ele estava no futuro de minha vida. Mas eu posso me solidarizar. Lamento muito que você tenha de escolher entre duas coisas boas.

Eu afastei seus braços.

— Não lamente por mim. — Havia pessoas que mereciam solidariedade. Eu não era uma delas. E ali não havia uma decisão a tomar... só um bom coração a ser magoado. — Vou cuidar de Charlie.

Fui para casa dirigindo, onde Charlie esperava tão desconfiado como Alice previra.

— Oi, Bella. Como foi sua viagem de compras? — ele me cumprimentou quando entrei na cozinha. Estava de braços cruzados, os olhos fixos em meu rosto.

— Longa — eu disse apaticamente. — Acabamos de voltar.

Charlie avaliou meu humor.

— Acho que já soube de Jake, não é?

— Sim. Os outros Cullen nos encontraram em casa. Esme nos contou onde Carlisle e Edward estavam.

— Você está bem?

— Preocupada com Jake. Assim que eu fizer o jantar, vou a La Push.

— Eu lhe disse que essas motos são perigosas. Espero que isso a faça entender que eu não estava de brincadeira.

Assenti enquanto começava a pegar as coisas na geladeira. Charlie se acomodou à mesa. Parecia estar num humor mais conversador do que de costume.

— Não acho que precise se preocupar demais com Jake. Qualquer um que possa praguejar com tanta energia vai se recuperar logo.

— O Jake estava consciente quando você o viu? — perguntei, girando o corpo para olhar para ele.

— Ah, sim, estava acordado. Devia tê-lo ouvido... Na verdade, seria melhor não ouvir. Não acho que houvesse alguém em La Push que pudesse ouvi-lo. Não sei onde ele aprendeu aquele vocabulário, mas espero que não esteja usando esse tipo de linguagem perto de você.

— Ele hoje tem uma boa desculpa. Como ele parecia?

— Um trapo. Os amigos o levaram para dentro. Ainda bem que são rapazes grandalhões, porque o garoto é imenso. Carlisle disse que a perna direita dele está quebrada, e o braço direito. Grande parte do lado direito do corpo foi esmagado quando ele caiu da maldita moto. — Charlie sacudiu a cabeça. — Se eu souber que está andando de moto de novo, Bella...

— Não tem problema, pai, não vou andar. Você acha mesmo que Jake vai ficar bem?

— Claro, Bella, não se preocupe. Ele estava consciente o bastante para caçoar de mim.

— Caçoar de você? — ecoei, em choque.

— É... Entre insultos à mãe de alguém e falar o nome do Senhor em vão, ele disse: "Aposto que hoje está feliz por ela amar o Cullen e não a mim, hein, Charlie?"

Eu me virei para a geladeira para ele não ver meu rosto.

— Não tive como discutir. Edward é mais maduro do que Jacob quando se trata de sua segurança, tenho que admitir isso.

— Jacob é muito maduro — murmurei, na defensiva. — Tenho certeza de que não foi por culpa dele.

— Dia estranho, o de hoje — refletiu Charlie depois de um minuto. — Sabe de uma coisa, não dou muita atenção a superstições, mas foi estranho... Era como se Billy soubesse que alguma coisa ruim ia acontecer a Jake. Ficou a manhã toda nervoso feito um peru no Dia de Ação de Graças. Não acho que tenha ouvido qualquer coisa do que disse a ele.

"E depois, mais estranho ainda... Lembra de fevereiro e março, quando todos tivemos problemas com os lobos?"

Eu me curvei para pegar uma frigideira no armário e me escondi ali por mais um ou dois segundos.

— Lembro — murmurei.

— Espero que não tenhamos problemas com isso de novo. Esta manhã, estávamos no barco e Billy não prestava atenção em mim nem na pescaria, quando de repente a gente pôde ouvir lobos uivando na floresta. Mais de um e, rapaz, alto à beça. Parecia que eles estavam bem ali na aldeia. A parte mais esquisita foi que Billy virou o barco e voltou direto para o porto, como se estivessem chamando por ele. Nem me ouviu perguntar o que ele estava fazendo.

"O barulho parou antes que atracássemos o barco. E de repente Billy estava com uma pressa danada para não perder o jogo, embora ainda faltassem horas para começar. Murmurava alguma coisa sem sentido sobre uma preliminar... de um jogo ao vivo? Vou te contar, Bella, foi estranho.

"Bom, ele encontrou um jogo que disse que queria ver, mas depois o ignorou. Ficou ao telefone o tempo todo, ligando para Sue, Emily e o avô de seu amigo Quil. Não consegui deduzir o que ele queria saber — ele só batia papo com eles.

"Depois os uivos recomeçaram bem do lado de fora da casa. Nunca ouvi nada parecido — fiquei com os braços arrepiados. Perguntei a Billy — tive de gritar para me fazer ouvir — se ele tinha colocado armadilhas no jardim. Parecia que o animal estava muito ferido."

Eu estremeci, mas Charlie estava tão concentrado em sua história que não percebeu.

— É claro que eu me esqueci de tudo isso no mesmo minuto, porque foi

quando Jake chegou em casa. Antes era aquele lobo uivando, e depois não se podia ouvi-lo mais... Os palavrões de Jake tragaram tudo. Aquele rapaz tem um par de pulmões e tanto.

Charlie parou por um minuto, o rosto pensativo.

— O engraçado é que essa confusão acabou fazendo algum bem. Eu não achava que eles tivessem superado aquele preconceito bobo contra os Cullen por ali. Mas alguém ligou para Carlisle e Billy ficou muito agradecido quando ele apareceu. Pensei que devíamos levar Jake para o hospital, mas Billy queria mantê-lo em casa e Carlisle concordou. Acho que Carlisle sabe o que é melhor. É generosidade dele fazer visitas a domicílio tão longe. E...

Ele parou como se não estivesse disposto a dizer alguma coisa. Suspirou, depois continuou.

— E Edward foi verdadeiramente... gentil. Parecia tão preocupado com Jacob quanto você... Como se fosse o irmão dele morrendo ali. O olhar dele... — Charlie sacudiu a cabeça. — Ele é um sujeito decente, Bella. Vou tentar me lembrar disso. Mas não prometo nada. — Ele sorriu para mim.

— Não vou cobrar isso de você — murmurei.

Charlie esticou as pernas e gemeu.

— É bom estar em casa. Não acreditaria em como a casa de Billy ficou abarrotada. Sete amigos de Jake, todos espremidos naquela salinha da frente... Eu mal conseguia respirar. Já percebeu como são grandes todos esses garotos quileutes?

— Sim, já percebi.

Charlie me encarou, os olhos de repente mais focalizados.

— É verdade, Bella, Carlisle disse que Jake vai ficar bom rápido. Disse que parecia muito pior do que era na realidade. Ele vai ficar bem.

Eu me limitei a assentir.

Jacob parecia tão... estranhamente frágil quando corri para vê-lo assim que Charlie saiu. Tinha talas em toda parte — Carlisle disse que não tinha sentido usar gesso, uma vez que ele se curava rápido. Seu rosto estava pálido e abatido, embora no momento estivesse inconsciente. Frágil. Apesar de imenso, ele parecia muito frágil. Talvez fosse só minha imaginação, combinada com o conhecimento de que eu ia ter de terminar com ele.

Se ao menos eu pudesse ser atingida por um raio e dividida em duas. De

preferência, com muita dor. Pela primeira vez, desistir de ser humana parecia um verdadeiro sacrifício. Como se houvesse coisas demais a perder.

Tinha posto o jantar de Charlie na mesa, ao lado de seu cotovelo, e ido para a porta.

— Er, Bella? Pode esperar um segundo?

— Esqueci alguma coisa? — perguntei, olhando seu prato.

— Não, não. Eu só... Queria lhe pedir um favor. — Charlie franziu o cenho e baixou a cabeça. — Sente-se... Não vai demorar.

Eu me sentei de frente para ele, meio confusa. Tentei me concentrar.

— Do que você precisa, pai?

— Aí é que está, Bella. — Charlie corou. — Talvez eu esteja me sentindo... supersticioso, depois de ter ficado na companhia de Billy, ele esteve muito estranho o dia todo. Mas tenho um... pressentimento. Parece que... vou perder você logo.

— Não seja bobo, pai — murmurei, cheia de culpa. — Quer que eu vá para a faculdade, não quer?

— Só me prometa uma coisa.

Eu fiquei hesitante, pronta para negar.

— Tudo bem...

— Vai me contar antes de fazer alguma coisa importante? Antes de fugir com ele ou coisa assim?

— Pai... — eu gemi.

— Estou falando sério. Eu não vou criar caso. Só me avise com antecedência. Me dê a oportunidade de lhe dar um abraço de despedida.

Encolhendo-me mentalmente, eu ergui a mão.

— Isso é tolice. Mas, se o deixa feliz... Eu prometo.

— Obrigado, Bella — disse ele. — Eu te amo, garota.

— Eu também te amo, pai. — Toquei seu ombro, depois me afastei da mesa. — Se precisar de alguma coisa, estarei no Billy.

Não olhei para trás enquanto corria dali. Aquilo era simplesmente perfeito, exatamente o que eu precisava naquele momento. Resmunguei comigo mesma em toda a viagem a La Push.

O Mercedes preto de Carlisle não estava na frente da casa de Billy. Isso era ao mesmo tempo bom e ruim. Obviamente, eu precisava conversar com Jacob a sós.

E no entanto eu ainda queria poder segurar a mão de Edward, como fiz antes, quando Jacob estava inconsciente. Impossível. Mas eu sentia falta de Edward — pareceu ter sido uma longa tarde com Alice. Eu achava que isso deixava minha resposta muito óbvia. Já sabia que não podia viver sem Edward. Mas isso não tornaria nada daquilo menos doloroso.

Bati de leve na porta da frente.

— Entre, Bella — disse Billy. Era fácil reconhecer o ronco de minha picape.

Eu entrei.

— Oi, Billy. Ele está acordado? — perguntei.

— Acordou há meia hora, pouco antes de o médico sair. Entre lá. Acho que está esperando por você.

Eu me encolhi, depois respirei fundo.

— Obrigada.

Hesitei à porta do quarto de Jacob, sem ter certeza se devia bater. Decidi espiar primeiro, na esperança — por ser covarde — de que talvez ele tivesse voltado a dormir. Achei que poderia ganhar mais alguns minutos.

Abri um pouquinho a porta e me curvei para dentro, hesitante.

Jacob esperava por mim, o rosto calmo e sereno. O olhar angustiado e frágil se fora, mas um vazio cauteloso tomou seu lugar. Não havia ânimo em seus olhos escuros.

Era difícil olhar seu rosto, sabendo que o amava. Fazia mais diferença do que eu teria pensado. Perguntei-me se sempre foi tão difícil para ele, aquele tempo todo.

Felizmente, alguém o havia coberto com uma colcha. Foi um alívio não precisar ver a extensão dos danos que sofrera.

Eu entrei e fechei a porta rapidamente.

— Oi, Jake — murmurei.

De início, ele não respondeu. Olhou meu rosto por um longo tempo. Depois, com algum esforço, recompôs a expressão num sorriso um tanto zombeteiro.

— É, eu pensei que seria mais ou menos assim. — Ele suspirou. — Hoje sem dúvida houve uma guinada para pior. Primeiro escolhi o lugar errado, perdendo a melhor briga e Seth ficou com toda a glória. Depois Leah teve de bancar a idiota tentando provar que era tão durona quanto o resto de nós e eu tive de ser o idiota que a salvou. E agora isso. — Ele agitou a mão esquerda para mim, onde eu

hesitava perto da porta.

— Como está se sentindo? — murmurei. Que pergunta idiota.

— Meio chapado. O Dr. Caninos não tem certeza de quanta medicação para dor eu preciso, então está apelando para tentativa e erro. Acho que ele exagerou.

— Mas você não está sentindo dor.

— Não. Pelo menos não consigo sentir os ferimentos — disse ele, de novo com um sorriso de zombaria.

Mordi o lábio. Nunca ia conseguir superar aquilo. Por que ninguém tentou me matar quando eu queria morrer?

O humor distorcido abandonou seu rosto e seus olhos se aqueceram. A testa se vincou, como se ele estivesse preocupado.

— E você? — perguntou, parecendo de fato preocupado. — Está tudo bem?

— Eu? — eu o encarei. Talvez ele tivesse mesmo tomado drogas demais. — Por quê?

— Bom, quer dizer, eu tinha certeza de que ele não machucaria você, mas não sabia o quanto seria ruim. Fiquei meio louco de preocupação com você desde que acordei. Eu não sabia se você teria permissão para me visitar nem nada. O suspense foi terrível. Como foi? Ele foi mau com você? Desculpe se foi ruim. Não queria que você tivesse de passar por isso sozinha. Pensava que estaria lá...

Precisei de um minuto para entender. Ele tagarelava, ficando cada vez mais sem jeito, até que compreendi o que dizia. Depois apressei-me a tranquilizá-lo.

— Não, não, Jake! Eu estou bem. Bem demais, na verdade. É claro que ele não foi mau. Bem que eu queria!

Seus olhos se arregalaram no que parecia pavor.

— Como é?

— Ele nem ficou chateado comigo... nem ficou chateado com você! Ele é tão altruísta que fez com que eu me sentisse ainda pior. Eu queria que ele gritasse comigo ou coisa assim. Não era que eu não merecesse... bom, coisa muito pior do que ouvir gritos. Mas ele não se importou. Só queria que eu fosse feliz.

— Ele não ficou chateado? — perguntou Jacob, incrédulo.

— Não. Ele foi... gentil demais.

Jacob me fitou por mais um minuto, depois de repente franziu a testa.

— Mas que droga! — grunhiu ele.

— O que foi, Jake? Está doendo? — Minhas mãos flutuaram inutilmente,

procurando por seu remédio.

— Não — grunhiu ele num tom enojado. — Nem acredito nisso! Ele não te deu um ultimato nem nada?

— Nem chegou perto... Qual é o seu problema?

Ele fechou a cara e sacudiu a cabeça.

— De certo modo eu contava com a reação dele. Porcaria. Ele é melhor do que pensava.

A maneira como ele disse isso, com raiva, lembrou-me do elogio de Edward à falta de ética de Jacob na barraca naquela manhã. O que significava que Jake ainda tinha esperanças, ainda lutava. Eu tremi enquanto isso cravava fundo.

— Ele não está fazendo nenhum jogo, Jake — eu disse em voz baixa.

— Pode apostar que está. Está jogando tão duro quanto eu, só que ele sabe o que está fazendo e eu não. Não me culpe por ele ser melhor manipulador do que eu... Não vivi tempo suficiente para aprender todos os truques dele.

— Ele não está me manipulando!

— Ah, está sim! Quando é que vai acordar e perceber que ele não é tão perfeito quanto você pensa?

— Pelo menos ele não ameaçou se matar para me fazer beijá-lo — rebati. Assim que as palavras saíram, eu corei de arrependimento. — Espere. Finja que eu não disse nada. Jurei a mim mesma que não ia falar nada sobre isso.

Ele respirou fundo. Quando falou, estava mais calmo.

— Por que não?

— Por que não vim aqui para culpar você por nada.

— Mas é a verdade — disse ele tranquilamente. — Eu fiz isso.

— Não me importo, Jake. Não estou chateada.

Ele sorriu.

— Eu também não me importo. Sabia que você me perdoaria, e estou feliz por ter feito aquilo. Eu faria de novo. Pelo menos tive isso. Pelo menos fiz você ver que me ama. Já vale alguma coisa.

— É mesmo? É realmente melhor do que se eu ainda estivesse no escuro?

— Não acha que deve saber como se sente... Só para não ser pega de surpresa um dia, quando for tarde demais e estiver casada com um vampiro?

Sacudi a cabeça.

— Não... Eu não quis dizer melhor para mim. Quis dizer melhor para você.

Isso não piora nem melhora as coisas para você, fazer com que eu saiba que o amo? Quando não faz diferença de forma alguma. Teria sido melhor, mais fácil para você, se eu jamais soubesse?

Ele considerou minha pergunta com a seriedade que eu pretendia, pensando com cuidado antes de responder.

— Sim, é melhor saber que você sabe — concluiu ele por fim. — Se você não soubesse... Eu sempre teria me perguntado se sua decisão teria sido diferente. Agora eu sei. Fiz tudo o que podia. — Ele inspirou de modo irregular e fechou os olhos.

Dessa vez eu não resisti — não podia — ao impulso de reconfortá-lo. Atravessei o pequeno quarto e me ajoelhei perto de sua cabeça, com medo de me sentar na cama, sacudi-la e machucá-lo, e me inclinei para encostar a testa em seu rosto.

Jacob suspirou e pôs a mão em meu cabelo, segurando-me ali.

— Me desculpe, Jake.

— Eu sempre soube que o risco era grande. Não é sua culpa, Bella.

— Nem sua — gemi. — Por favor.

Ele se afastou para olhar para mim.

— Que foi?

— É minha culpa. E estou enjoada de ouvir que não é.

Ele sorriu. Mas não com os olhos.

— Quer que lhe dê uma bronca?

— Na verdade... Acho que sim.

Ele franziu os lábios enquanto avaliava o quanto estava sendo sincera. Um sorriso lampejou brevemente por seu rosto, depois ele retorceu a expressão numa carranca feroz.

— Retribuir meu beijo daquele jeito foi imperdoável. — Ele cuspiu as palavras para mim. — Se você sabia que ia voltar atrás, talvez não devesse ter sido tão convincente.

Eu estremeci e concordei.

— Desculpe.

— Suas desculpas não melhoram nada, Bella. O que você estava pensando?

— Não estava — sussurrei.

— Devia me ter dito para morrer. Era o que você queria.

— Não, Jacob — eu gemi, reprimindo as lágrimas que se formavam. — Não! Nunca.

— Não está chorando, está? — perguntou ele, a voz de repente de volta ao tom normal. Ele se contorceu impaciente na cama.

— Estou — murmurei, rindo debilmente para mim mesma através das lágrimas que de repente eram soluços.

Ele transferiu o peso do corpo, atirando a perna boa para fora da cama como se tentasse se levantar.

— O que está fazendo? — perguntei entre as lágrimas. — Deite-se, seu idiota, vai se machucar! — Coloquei-me de pé e empurrei para baixo seu ombro bom com as duas mãos.

Ele se rendeu, recostando-se com um arfar de dor, mas me pegou pela cintura e me puxou para a cama, junto a seu lado bom. Eu me enrosquei ali, tentando abafar os soluços tolos em sua pele quente.

— Nem acredito que está chorando — murmurou ele. — Você sabe que eu só disse essas coisas porque você pediu. Não falei sério. — Sua mão afagava meus ombros.

— Eu sei. — Respirei fundo e entrecortado, tentando me controlar. Como é que acabei sendo eu a que chora e ele o que reconforta? — Ainda assim é verdade. Obrigada por dizer isso.

— Ganhei pontos por fazê-la chorar?

— Claro, Jake. — Tentei sorrir. — Quantos você quiser.

— Não se preocupe, Bella, querida. Tudo vai dar certo.

— Não vejo como — murmurei.

Ele afagou o alto de minha cabeça.

— Eu vou desistir e ser bom.

— Mais jogos? — perguntei, erguendo o queixo para ver seu rosto.

— Talvez. — Ele riu com algum esforço, depois tremeu. — Mas vou tentar.

Eu franzi o cenho.

— Não seja tão pessimista — reclamou ele. — Me dê algum crédito.

— O que quis dizer com "ser bom"?

— Serei seu amigo, Bella — disse ele em voz baixa. — Não vou pedir mais do que isso.

— Acho que é tarde demais, Jake. Como podemos ser amigos, quando nos

amamos desse jeito?

Ele olhou fixamente o teto, como se estivesse lendo alguma coisa escrita ali.

— Talvez... precise ser uma amizade a distância.

Trinquei os dentes, feliz por ele não estar olhando meu rosto, reprimindo o choro que ameaçava me dominar de novo. Eu precisava ser forte e não fazia ideia de como...

— Sabe aquela história na Bíblia? — perguntou Jacob de repente, ainda fitando inexpressivo o teto. — Aquela do rei e das duas mulheres que brigavam pelo bebê?

— Claro. O rei Salomão.

— Isso mesmo. O rei Salomão — repetiu ele. — E ele disse, cortem a criança ao meio... Mas era só um teste. Só para ver quem abriria mão de sua parte para protegê-la.

— É, eu me lembro.

Ele me olhou no rosto.

— Não vou mais cortar você pelo meio, Bella.

Eu entendi o que ele estava dizendo. Ele me dizia que me amava mais, que sua rendição me provava isso. Eu queria defender Edward, dizer a Jacob que Edward faria a mesma coisa se eu quisesse, se eu permitisse. Era eu quem não renunciaria à minha parte naquilo. Mas não tinha sentido começar uma discussão que só o magoaria mais.

Fechei os olhos, desejando controlar a dor. Não imporia aquilo a ele.

Ficamos em silêncio por um momento. Ele parecia estar esperando que eu dissesse alguma coisa; eu tentava pensar em algo.

— Posso dizer a você qual é a pior parte disso? — perguntou ele, hesitante, quando eu nada falei. — Importa-se? Eu vou mesmo ser bom.

— Isso vai ajudar? — sussurrei.

— Pode ser que sim. Não vai machucar.

— Qual é a pior parte, então?

— O pior é saber o que teria sido.

— O que podia ter sido. — Eu suspirei.

— Não. — Jacob sacudiu a cabeça. — Eu sou perfeito para você, Bella. Teria sido tranquilo para você... confortável, fácil como respirar. Era o caminho natural que sua vida teria tomado... — Ele fitou o vazio por um momento e eu esperei.

— Se o mundo fosse como devia ser, se não houvesse monstros e nenhuma magia...

Pude ver o que ele via e entendi que tinha razão. Se o mundo fosse o lugar sadio que devia ser, Jacob e eu ficaríamos juntos. E teríamos sido felizes. Ele era minha alma gêmea nesse mundo — ainda seria minha alma gêmea se suas pretensões não tivessem sido eclipsadas por algo mais forte, algo tão forte que não podia existir num mundo racional.

Haveria alguma coisa a mais para Jacob também? Algo como o trunfo de uma alma gêmea? Eu precisava acreditar que sim.

Dois futuros, duas almas gêmeas... Era demais para qualquer um. E tão injusto que eu não fosse aquela que pagaria por isso. A dor de Jacob parecia ter um preço alto demais. Encolhendo-me ao pensar nisso, perguntei-me se eu teria vacilado se não tivesse perdido Edward uma vez. Se não soubesse como era viver sem ele. Eu não tive certeza. Esse conhecimento era uma parte tão profunda de mim que nem conseguia imaginar como eu seria sem ele.

— Ele é como uma droga para você, Bella. — Sua voz ainda era gentil e nada crítica. — Vejo que você não pode viver sem ele agora. É tarde demais. Mas eu teria sido mais saudável; não uma droga. Eu teria sido o ar, o sol.

O canto de minha boca se virou para cima num meio sorriso tristonho.

— Antigamente eu pensava em você assim, sabia? Como o sol. Meu sol particular. Você compensava bem as nuvens para mim.

Ele suspirou.

— Com as nuvens, eu posso lidar. Mas não posso lutar com um eclipse.

Toquei seu rosto, pousando a mão em sua bochecha. Ele expirou ao meu toque e fechou os olhos. O quarto ficou muito silencioso. Por um minuto pude ouvir seu coração bater, lento e regular.

— Diga-me qual é a pior parte para você — sussurrou ele.

— Acho que esta pode ser uma má ideia.

— Por favor.

— Acho que vai magoar.

— Por favor.

Como eu podia negar a ele alguma coisa àquela altura?

— A pior parte... — eu hesitei, depois deixei que as palavras saíssem num jorro de verdade. — O pior é que eu vi a coisa toda... toda a nossa vida. E eu

queria desesperadamente, Jake, queria tudo aquilo. Queria ficar bem aqui e jamais me mudar. Queria amar você e fazê-lo feliz. Eu não posso, e isso me mata. É como Sam e Emily, Jake... Eu nunca tive alternativa. Sempre soube que nada mudaria. Talvez por isso tenha brigado tanto com você.

Ele pareceu estar concentrado na respiração regular.

— Eu sabia que não devia ter lhe falado isso.

Ele sacudiu a cabeça devagar.

— Não. Fico feliz por ter falado. Obrigado. — Ele beijou o alto de minha cabeça, depois suspirou. — Agora eu vou ser bom.

Olhei para ele e ele sorria.

— Então você vai se casar, hein?

— Não temos de falar disso.

— Gostaria de saber de alguns detalhes. Não sei quando vou conversar com você novamente.

Tive de esperar um minuto antes de poder falar. Quando tinha certeza de que minha voz não falharia, respondi à pergunta dele.

— Não foi ideia minha... Mas, sim. Significa muito para ele. Eu pensei, por que não?

Jake assentiu.

— É verdade. Não é grande coisa... Em comparação.

A voz dele era muito calma, muito pragmática. Eu o fitei, curiosa para saber como ele estava lidando com o problema, e isso estragou tudo. Ele encontrou meus olhos por um segundo, depois girou a cabeça. Esperei para falar até que sua respiração estivesse sob controle.

— Sim. Em comparação — concordei.

— Quanto tempo você ainda tem?

— Depende do tempo que Alice levar para preparar o casamento. — Reprimi um gemido, imaginado o que Alice faria.

— Antes ou depois? — perguntou ele em voz baixa.

Entendi o que ele quis dizer.

— Depois.

Ele assentiu. Foi um alívio para ele. Perguntei-me quantas noites insones ele teve por pensar em minha formatura.

— Está com medo? — sussurrou ele.

— Sim — sussurrei também.

— Do que você tem medo? — Agora eu mal conseguia ouvir sua voz. Ele olhava minhas mãos.

— Um monte de coisas. — Procurei deixar a voz mais leve, mas continuei sendo sincera. — Nunca fui muito masoquista, então não estou ansiando pela dor. E queria que houvesse uma maneira de manter ele afastado... Não quero que ele sofra comigo, mas não acho que haja saída para isso. Preciso lidar com Charlie também, e com Renée... E depois, espero ser capaz de me controlar logo. Talvez eu venha a ser uma ameaça tão grande que a alcateia tenha de se livrar de mim.

Ele olhou com uma expressão de censura.

— Eu ia deixar paralítico qualquer um de meus irmãos que tentasse.

— Obrigada.

Ele sorriu, desanimado. Depois franziu o cenho.

— Mas não é mais perigoso do que isso? Em todas as histórias, dizem que é difícil demais... Eles perdem o controle... As pessoas morrem... — Ele engoliu em seco.

— Não, não tenho medo disso. Jacob, seu bobo... Já não sabe o suficiente para acreditar nas histórias de vampiros?

Ele evidentemente não gostou de minha tentativa de fazer humor.

— Bom, de qualquer modo, há muito com que se preocupar, mas no final vale a pena.

Ele assentiu de má vontade e eu sabia que ele não concordava comigo em nada.

Estiquei o pescoço para sussurrar em seu ouvido, pousando a bochecha em sua pele quente.

— Sabe que amo você.

— Eu sei — sussurrou ele, o braço apertando automaticamente minha cintura. — Sabe o quanto eu queria que isso bastasse.

— Sim.

— Sempre estarei esperando, Bella — prometeu ele, num tom mais leve e afrouxando o braço. Afastei-me com uma sensação melancólica de perda, sentindo a separação me dilacerando e deixando uma parte de mim para trás, ali na cama, ao lado dele. — Você sempre terá esta segunda opção, se quiser.

Fiz um esforço para sorrir.

— Até que meu coração pare de bater.

Ele sorriu também.

— Sabe de uma coisa, acho que talvez eu ainda fique com você... Talvez. Acho que vai depender do quanto você vai feder.

— Volto para ver você? Ou prefere que eu não faça isso?

— Vou pensar bem e depois eu falo — disse ele. — Posso precisar de companhia para evitar enlouquecer. O extraordinário cirurgião vampiro disse que não posso me transformar antes que ele dê o aval... Isso poderia atrapalhar a calcificação dos ossos. — Jacob fez uma careta.

— Seja bonzinho e faça o que Carlisle lhe diz para fazer. Vai ficar bom mais rápido.

— Claro, claro.

— Quando será que vai acontecer? — eu disse. — Quando a garota certa vai colocar os olhos em você?

— Não fique tão esperançosa, Bella. — A voz de Jacob ficou abruptamente azeda. — Mas tenho certeza de que seria um alívio para você.

— Talvez sim, talvez não. Fico me perguntando se vou sentir muito ciúme.

— Essa parte pode ser meio divertida. — admitiu ele.

— Me diga se quiser que eu volte, e eu estarei aqui — prometi.

Com um suspiro, ele virou o rosto para mim.

Eu me inclinei e lhe dei um beijo suave na bochecha.

— Eu te amo, Jacob.

Ele riu levemente.

— Eu te amo mais.

Ele me viu sair do quarto com seus olhos negros insondáveis.

27. NECESSIDADES

EU NÃO HAVIA AVANÇADO MUITO E JÁ ERA IMPOSSÍVEL DIRIGIR.

Quando não consegui enxergar mais, deixei que os pneus encontrassem o acostamento e rolassem lentamente até parar. Afundei no banco e permiti que a fraqueza que combati no quarto de Jacob me esmagasse. Foi pior do que eu pensava — a intensidade me pegou de surpresa. Sim, eu estava certa em esconder aquilo de Jacob. Ninguém devia ver.

Mas não fiquei sozinha por muito tempo — tempo suficiente para Alice me ver ali e cinco minutos até ele chegar. A porta se abriu e ele me puxou para seus braços.

No início foi pior. Porque havia aquela parte menor de mim — menor, mas ficando mais ruidosa e mais colérica a cada minuto, gritando para o restante — que ansiava por um par diferente de braços. Então havia uma culpa renovada para temperar a dor.

Ele não disse nada, só me deixou chorar até que comecei a balbuciar o nome de Charlie.

— Está mesmo pronta para ir para casa? — perguntou ele em dúvida.

Consegui transmitir, depois de várias tentativas, que não ia ficar melhor tão cedo. Eu precisava chegar na casa de Charlie antes de ficar tarde e ele telefonar para Billy.

Então ele me levou para casa — pela primeira vez, sem chegar perto do limite de velocidade de meu carro — mantendo um braço firme à minha volta. No caminho todo, lutei para me controlar. De início, parecia um esforço condenado ao fracasso, mas não desisti. Só alguns segundos, eu disse a mim mesma. Tempo apenas para algumas desculpas, ou algumas mentiras, e depois eu podia desabar novamente. Precisava ser capaz de fazer isso. Vasculhei minha cabeça, procurando desesperadamente por uma reserva de forças.

Havia o suficiente para que eu aquietasse os soluços — para reprimi-los, mas não terminar com eles. As lágrimas não diminuíram. Eu não parecia encontrar

nenhum ponto de apoio nem para começar a lidar com elas.

— Espere por mim lá em cima — murmurei quando estávamos na frente da casa.

Ele me abraçou mais forte por um minuto, depois se foi.

Depois de entrar, fui direto para a escada.

— Bella? — Charlie chamou atrás de mim, de seu lugar de sempre no sofá.

Virei-me e o olhei sem falar nada. Seus olhos estavam esbugalhados e ele se lançou de pé.

— O que aconteceu? O Jacob...? — perguntou ele.

Sacudi a cabeça furiosamente, tentando encontrar minha voz.

— Ele está bem, está bem — garanti, a voz baixa e rouca. E Jacob estava mesmo bem, fisicamente, o que era toda a preocupação de Charlie no momento.

— Mas o que houve? — Ele me pegou pelos ombros, os olhos ainda ansiosos e arregalados. — O que aconteceu com você?

Minha aparência devia estar pior do que eu imaginava.

— Nada, pai. Eu... só tive de conversar com Jacob sobre... umas coisas complicadas. Eu estou bem.

A ansiedade acalmou e foi substituída pela censura.

— Mas acha que essa era a melhor hora? — perguntou ele.

— Talvez não, pai, mas eu não tinha muitas alternativas... É que cheguei a um ponto em que tive de escolher... Às vezes, não há como conseguir um meio-termo.

Ele sacudiu a cabeça lentamente.

— Como ele reagiu?

Eu não respondi.

Ele olhou no meu rosto por um minuto, depois assentiu. Deve ter sido resposta suficiente.

— Espero que você não tenha estragado a recuperação dele.

— Ele se cura rápido — murmurei.

Charlie suspirou.

Pude sentir que perdia o controle.

— Vou para meu quarto — eu lhe disse, soltando-me de suas mãos.

— Tudo bem — concordou Charlie. Ele devia estar vendo a cascata começando a surgir. Nada assustava mais Charlie do que lágrimas.

Fui para o quarto, cega e cambaleante.

Depois de entrar, lutei com o fecho de minha pulseira, tentando abrir com os dedos trêmulos.

— Não, Bella — sussurrou Edward, pegando minhas mãos. — Faz parte de quem você é.

Ele me puxou para o ninho de seus braços enquanto os soluços se libertavam novamente.

Esse mais longo dos dias pareceu se estender infinitamente. Perguntei-me se terminaria.

Mas, embora a noite se arrastasse implacável, não foi a pior da minha vida. Consegui me reconfortar com isso. E eu não estava só. Havia muito conforto nisso também.

O medo de Charlie de crises emocionais evitou que ele fosse me ver, embora eu não estivesse em silêncio — ele provavelmente não tinha dormido mais do que eu.

Naquela noite minha percepção tardia parecia insuportavelmente clara. Eu podia ver cada erro que cometera, cada dano que causara, as pequenas coisas e as grandes coisas. Cada dor que provoquei em Jacob, cada uma das que provocaria em Edward, acumuladas em pilhas arrumadas que eu não podia ignorar nem negar.

E percebi que não estava de todo errada sobre os ímãs. Não foram Edward e Jacob que tentei obrigar a se unir, foram as duas partes de mim mesma, a Bella de Edward e a Bella de Jacob. Mas elas não podiam existir juntas e eu jamais devia ter tentado.

Eu causei danos demais.

A certa altura da noite, lembrei-me da promessa que fiz a mim mesma naquela manhã — de que eu nunca faria Edward me ver derramar outra lágrima por Jacob Black. A ideia causou uma rodada de histeria que deixou Edward mais assustado do que o choro. Mas passou também, quando foi liberada.

Edward pouco falou; só me abraçava na cama, e me deixou arruinar sua camisa, manchada de água salgada.

Precisei de mais tempo do que pensava para que desabafasse a parte menor e quebrada de mim. Aconteceu, porém, e eu por fim estava exausta o suficiente para dormir. A inconsciência não trouxe alívio total para minha dor, como o

torpor de um lenitivo, um remédio. Tornou-a mais suportável. Mas ela ainda estava ali; eu estava ciente dela, mesmo dormindo, e isso me ajudou a fazer os ajustes de que precisava.

A manhã trouxe, se não uma perspectiva mais animadora, pelo menos algum controle, alguma aceitação. Por instinto, eu sabia que o novo rasgo em meu coração sempre doeria. Que agora faria parte de mim. O tempo tornaria mais fácil — é o que todos sempre diziam. Mas eu não me importava se o tempo ia me curar ou não, desde que Jacob ficasse melhor. Que pudesse voltar a ser feliz.

Quando acordei, não havia desorientação. Abri os olhos — enfim secos — e encontrei seu olhar ansioso.

— Oi — eu disse. Minha voz era rouca. Dei um pigarro.

Ele não respondeu. Ficou me olhando, esperando que começasse.

— Não, eu estou bem — garanti. — Não vai acontecer novamente.

Seus olhos se estreitaram ao ouvir minhas palavras.

— Desculpe por você ter visto aquilo — eu disse. — Não foi justo com você.

Ele pôs as mãos em meu rosto.

— Bella... Você tem certeza? Tomou a decisão certa? Eu nunca a vi com tanta dor... — Sua voz falhou na última palavra.

Mas eu conheci dor pior. Toquei os lábios dele.

— Sim.

— Não sei... — Sua testa se vincou. — Se dói tanto em você, como pode ser o certo?

— Edward, eu sei com o que não posso conviver.

— Mas...

Sacudi a cabeça.

— Você não entende. Você pode ser bastante corajoso ou forte para viver sem mim, se for o melhor. Mas eu jamais poderia fazer esse sacrifício. Preciso ficar com você. É só assim que posso viver.

Ele ainda parecia em dúvida. Jamais devia ter deixado que ele ficasse comigo na noite anterior. Mas eu precisava tanto dele...

— Me passe aquele livro, por favor? — pedi, apontando por cima do ombro dele.

Suas sobrancelhas se juntaram expressando confusão, mas ele me entregou rapidamente.

— Este de novo? — perguntou ele.

— Eu só queria encontrar uma parte de que me lembrei... Ver como foi que ela disse... — Folheei o livro, encontrando facilmente a página que queria. O canto estava dobrado de tantas vezes que parei ali. — Cathy é um monstro, mas havia algumas coisas nas quais tinha razão — murmurei. Li as frases em voz baixa, principalmente para mim mesma. — "Se tudo o mais perecesse e enquanto ele perdurasse, eu ainda continuaria a existir; e se tudo o mais restasse e ele fosse aniquilado, o universo se tornaria muito mais estranho." — Eu assenti, outra vez para mim mesma. — Sei exatamente o que ela quis dizer. E sei com quem não posso deixar de viver.

Edward tirou o livro de minhas mãos e atirou pelo quarto — pousou com um baque leve em minha mesa. Ele passou os braços em minha cintura.

Um breve sorriso iluminou seu rosto perfeito, embora a preocupação ainda vincasse a testa.

— Heathcliff também teve seus momentos — disse ele. Edward não precisava do livro para citar com perfeição. Puxou-me mais para perto e sussurrou em meu ouvido: — "Eu não posso viver sem minha vida! Não posso viver sem minha alma!"

— Sim — eu disse baixinho. — Foi o que eu quis dizer.

— Bella, não suporto que fique infeliz. Talvez...

— Não, Edward. Eu fiz uma confusão enorme com as coisas e terei de conviver com isso. Mas sei o que quero e do que preciso... E o que vou fazer agora.

— O que nós vamos fazer agora?

Eu sorri um pouquinho com a correção, depois suspirei.

— Vamos procurar a Alice.

Alice estava no primeiro degrau da varanda, excitada demais para esperar por nós lá dentro. Parecia prestes a explodir numa dança de comemoração de tão empolgada com as novidades que sabia que eu daria.

— Obrigada, Bella! — cantarolou ela enquanto saíamos de minha picape.

— Espere aí, Alice — eu a alertei, erguendo a mão para refrear sua alegria. — Tenho algumas restrições para você.

— Eu sei, eu sei, eu sei. Eu só tenho no máximo até 13 de agosto, você tem

poder de veto sobre a lista de convidados e se eu exagerar em alguma coisa, você nunca mais falará comigo.

— Ah, tudo bem. Bom, é isso. Então você conhece as regras.

— Não se preocupe, Bella, será perfeito. Quer ver seu vestido?

Tive que respirar fundo algumas vezes. Qualquer coisa que a deixasse feliz, eu disse a mim mesma.

— Claro.

O sorriso de Alice era presunçoso.

— Hmmm, Alice — eu disse, mantendo o tom despreocupado e calmo. — Quando você comprou meu vestido?

Não devia ser muito espetacular. Edward apertou minha mão.

Alice entrou primeiro, indo para a escada.

— Essas coisas tomam tempo, Bella — explicou Alice. Seu tom de voz era... evasivo. — Quero dizer, eu não tinha certeza de que tudo ia tomar esse rumo, mas havia uma possibilidade distinta...

— Quando? — perguntei novamente.

— Perrine Bruyère tem uma lista de espera, sabia? — disse ela, agora na defensiva. — Uma obra-prima de tecido não acontece da noite para o dia. Se eu não tivesse pensado em tudo de antemão, você usaria alguma coisa de pronta-entrega!

Não parecia que eu ia conseguir uma resposta direta.

— Per... quem?

— Ele não é um estilista importante, Bella, então não há necessidade de dar um ataque. Mas ele tem futuro, e é especialista no que eu preciso.

— Não estou dando um ataque.

— Não, você não está. — Ela olhou com desconfiança meu rosto calmo. Depois, enquanto entrávamos em seu quarto, ela se virou para Edward.

— Você... para fora.

— Por quê? — perguntei.

— Bella — ela gemeu. — Você conhece as regras. Ele não deve ver o vestido antes do dia.

Respirei fundo outra vez.

— Isso não importa para mim. E você sabe que ele já o viu em sua mente. Mas se é assim que você quer...

Ela empurrou Edward pela porta. Ele nem olhou para ela — seus olhos estavam em mim, com medo de me deixar sozinha.

Eu assenti, esperando que minha expressão fosse tranquila o bastante para acalmá-lo.

Alice fechou a porta na cara dele.

— Muito bem! — murmurou ela. — Vamos.

Ela pegou meu pulso e me conduziu ao closet — que era maior do que meu quarto — e depois me arrastou para o canto dos fundos, onde um longo saco branco de roupa tinha um suporte só para ele.

Ela abriu o saco num movimento impetuoso e o deslizou com cuidado do cabide. Deu um passo para trás, estendendo a mão para o vestido como se fosse uma apresentadora de game show.

— E então? — perguntou, sem fôlego.

Eu o avaliei por um momento, brincando um pouco com Alice. Sua expressão ficou preocupada.

— Ah — eu disse e sorri, deixando-a relaxar. — Entendi.

— O que você acha? — perguntou Alice.

Era minha visão de Anne of Green Gables de novo.

— É claro que é perfeito. Exatamente o certo. Você é um gênio.

Ela sorriu.

— Eu sei.

— Mil novecentos e dezoito? — conjecturei.

— Mais ou menos — disse ela, assentindo. — Parte dele é de design meu, a cauda, o véu... — Ela tocava o cetim branco ao falar. — A renda é vintage. Gosta?

— É lindo. É perfeito para ele.

— Mas é perfeito para você? — insistiu ela.

— Sim, acho que sim, Alice. Acho que é disso que eu preciso. Sei que você vai fazer um ótimo trabalho... Se conseguir se controlar.

Ela ficou radiante.

— Posso ver seu vestido? — perguntei.

Ela piscou, inexpressiva.

— Você não encomendou junto o vestido de dama de honra? Eu não ia querer minha dama de honra usando uma coisa qualquer de pronta-entrega. — Fingi

estremecer de pavor.

Ela atirou os braços em minha cintura.

— Obrigada, Bella!

— Como é possível que não tenha visto que isso ia acontecer? — brinquei, beijando seu cabelo espigado. — Mas que vidente você é!

Alice dançou para trás e seu rosto brilhava com um novo entusiasmo.

— Tenho tanta coisa para fazer! Vá ficar com Edward. Eu tenho de trabalhar.

Ela disparou do quarto, gritando "Esme!" enquanto desaparecia.

Eu a segui em meu próprio ritmo. Edward esperava por mim no corredor, encostado na parede revestida de madeira.

— Foi muita, mas muita gentileza de sua parte — disse-me ele.

Ele tocou meu rosto; seus olhos — escuros demais, já fazia muito tempo desde que ele me deixara — examinaram minha expressão minuciosamente.

— Vamos sair daqui — sugeriu ele de repente. — Vamos para a nossa campina.

Parecia muito atraente.

— Acho que não preciso me esconder mais, não é?

— Não. O perigo ficou para trás.

Ele ficou em silêncio, pensativo, enquanto corria. O vento soprava em meu rosto, mais quente, agora que a tempestade realmente passara. As nuvens cobriam o céu, como sempre.

Naquele dia a campina era um lugar tranquilo e feliz. Manchas de margaridas interrompiam a relva com salpicos de branco e amarelo. Deitei-me de costas, ignorando a leve umidade no chão, e procurei por imagens nas nuvens. Elas eram regulares demais, suaves demais. Nenhuma imagem, só um manto cinza e macio.

Edward se deitou ao meu lado e segurou minha mão.

— Em 13 de agosto? — perguntou ele despreocupadamente depois de alguns minutos de um agradável silêncio.

— Isso me dá um mês até meu aniversário. Não quero que acabe perto demais.

Ele suspirou.

— Esme é três anos mais velha que Carlisle... tecnicamente. Sabia disso?

Eu sacudi a cabeça.

— Não fez nenhuma diferença para eles.

Minha voz era serena, um contraponto a sua ansiedade.

— Minha idade não importa realmente. Edward, eu estou pronta. Eu escolhi minha vida... Agora quero começar a vivê-la.

Ele afagou meu cabelo.

— O veto à lista de convidados?

— Eu não me importo de verdade, mas... — hesitei, sem querer explicar. Era melhor acabar logo com a história. — Não tenho certeza se Alice sentiria a necessidade de convidar... alguns lobisomens. Não sei se... Jake poderia achar... que devia ir. Como se fosse a coisa certa a fazer ou que me magoasse se ele não fosse. Ele não precisa passar por isso.

Edward ficou em silêncio por um minuto. Olhei o topo das copas das árvores, quase negras contra o cinza-claro do céu.

De repente, Edward me pegou pela cintura e me puxou para seu peito.

— Diga-me por que está fazendo isso, Bella. Por que decidiu, agora, dar rédea solta a Alice?

Eu repeti para ele a conversa que tive com Charlie na noite anterior, antes de sair para ver Jacob.

— Não seria justo excluir Charlie disso — concluí. — E isso significa Renée e Phil. Eu podia muito bem deixar que Alice se divertisse também. Talvez a história fique muito mais fácil para Charlie se ele tiver uma despedida adequada. Mesmo que ele pense que é cedo demais, eu não quero tirar dele a oportunidade de me conduzir ao altar. — Fiz uma careta com as palavras, depois respirei fundo de novo. — Pelo menos minha mãe, meu pai e meus amigos saberão a melhor parte de minha decisão, o máximo que me permito contar a eles. Eles vão saber que escolhi você e vão saber que estamos juntos. Vão saber que estou feliz, onde quer que esteja. Acho que é o melhor que posso fazer por eles.

Edward segurou meu rosto, observando-o por um breve instante.

— Acabou-se o trato — disse ele de repente.

— Como é? — eu arfei. — Está voltando atrás? Não!

— Não estou voltando atrás, Bella. Vou manter meu lado do acordo. Mas você está livre. O que você quiser, sem condições.

— Por quê?

— Bella, entendo o que está fazendo. Está tentando deixar todos os outros felizes. Não me importo com os sentimentos de mais ninguém. Só preciso que

você seja feliz. Não se preocupe com dar a notícia a Alice. Eu vou cuidar disso. Prometo que ela não a fará se sentir culpada.

— Mas eu...

— Não. Vamos fazer isso do nosso jeito. Porque o meu jeito não funciona. Eu a chamo de teimosa, mas veja o que eu fiz. Prendi-me com uma obstinação idiota à ideia do que era melhor para você, embora isso a magoasse. Magoei você tão profundamente, repetidas vezes. Não confio mais em mim mesmo. Pode ter a felicidade do seu jeito. O meu jeito sempre está errado. É isso. — Ele se mexeu embaixo de mim, ajeitando os ombros. — Vamos fazer do seu jeito, Bella. Esta noite. Hoje. Quanto mais cedo, melhor. Vou falar com Carlisle. Eu estava pensando que talvez não seja tão ruim, se lhe dermos morfina suficiente. Vale a pena tentar. — Ele trincou os dentes.

— Edward, não...

Ele pôs os dedos em meus lábios.

— Não se preocupe, Bella, meu amor. Não me esqueci de suas outras exigências.

Suas mãos estavam em meu cabelo, os lábios movendo-se delicadamente — mas muito a sério — contra os meus, antes que eu percebesse o que ele dizia. O que ele estava fazendo.

Não havia muito tempo para agir. Se eu esperasse demais, não seria capaz de lembrar por que precisava impedi-lo. Eu já não conseguia respirar direito. Minhas mãos agarravam seus braços, puxando-o para mais perto de mim, minha boca colada na dele e respondendo a toda pergunta não dita que ele fazia.

Tentei clarear a cabeça, encontrar uma maneira de falar.

Ele rolou gentilmente, apertando-me na relva fria.

Ah, que se dane!, meu lado menos nobre exultou. Minha cabeça estava cheia da doçura de seu hálito.

Não, não, não, discuti comigo mesma. Sacudi a cabeça e sua boca passou a meu pescoço, dando-me a chance de respirar.

— Pare, Edward. Espere. — Minha voz era tão fraca quanto minha vontade.

— Por quê? — sussurrou ele em meu pescoço.

Lutei para colocar alguma decisão na voz.

— Não quero fazer isso agora.

— Não quer? — perguntou ele num tom sorridente. Ele levou os lábios aos

meus e me impossibilitou de falar. O calor percorreu minhas veias, ardendo onde minha pele tocava a dele.

Obriguei-me a me concentrar. Precisei de muito esforço só para conseguir que minhas mãos se libertassem de seu cabelo, movendo-as para seu peito. Mas fiz. E depois eu o empurrei, tentando afastá-lo. Não ia conseguir sozinha, mas ele reagiu como eu sabia que faria.

Ele recuou alguns centímetros para me fitar e seus olhos em nada ajudaram. Eram de um fogo negro. Ardiam.

— Por quê? — perguntou ele novamente, a voz baixa e áspera. — Eu te amo. Eu quero você. Agora.

As borboletas do estômago inundaram minha garganta. Ele tirou vantagem de eu estar sem fala.

— Espere, espere — tentei dizer nos lábios dele.

— Por mim, não — murmurou ele, discordando.

— Por favor? — eu ofeguei.

Ele gemeu e se afastou, rolando de costas de novo.

Ficamos deitados ali por um minuto, tentando normalizar a respiração.

— Diga-me por que não, Bella — exigiu ele. — E é melhor que não tenha a ver comigo.

Tudo em meu mundo tinha a ver com ele. Que coisa mais tola de se esperar.

— Edward, isso é muito importante para mim. Eu vou fazer isso direito.

— A definição de direito de quem?

— A minha.

Ele se apoiou no cotovelo e me fitou, a expressão de censura.

— Como vai fazer isso direito?

Respirei fundo.

— Responsabilidade. Tudo na ordem certa. Não vou deixar Charlie e Renée sem a melhor solução que posso dar a eles. Não vou negar a Alice a diversão que ela quer, já que terei um casamento. E vou me unir a você de todas as formas humanas, antes de lhe pedir para me tornar imortal. Estou seguindo todas as regras, Edward. Sua alma é muito, muito importante para que eu corra riscos com ela. Você não vai me demover disso.

— Aposto que eu podia — murmurou ele, os olhos ardentes de novo.

— Mas não vai — eu disse, tentando manter a voz estável. — Não vai,

sabendo que é disso que eu preciso.

— Não é uma briga justa — acusou ele.

Eu sorri.

— Eu nunca disse que jogo limpo.

Ele sorriu também, tristonho.

— Se mudar de ideia...

— Você será o primeiro a saber — prometi.

A chuva começou a pingar das nuvens naquele momento, algumas gotas esparsas que produziam pequenos baques ao cair na relva.

Olhei furiosamente para o céu.

— Vou levá-la para casa. — Ele espanou as continhas de água de meu rosto.

— A chuva não me incomoda — grunhi. — Só significa que está na hora de fazer alguma coisa que será muito desagradável e possivelmente ainda muito perigosa.

Seus olhos se arregalaram de susto.

— Ainda bem que você é à prova de balas. — Eu suspirei. — Vou precisar daquela aliança. Está na hora de contar a Charlie.

Ele riu de minha expressão.

— Muito perigoso — concordou ele. Riu de novo e colocou a mão no bolso do jeans. — Mas pelo menos não há necessidade de enrolação.

Ele, mais uma vez, colocou minha aliança no dedo anular da mão esquerda.

Onde ficaria — acredito que pelo resto da eternidade.

EPÍLOGO: ESCOLHA

JACOB BLACK

— Jacob, acha que isso ainda vai demorar muito? — perguntou Leah. Impaciente. Lamurienta.

Meus dentes trincaram.

Como qualquer um na alcateia, Leah sabia de tudo. Ela sabia por que eu fui ali — na beirinha da terra, do céu e do mar. Para ficar só. Ela sabia que era só isso que eu queria. Apenas ficar sozinho.

Mas Leah ia me impor sua companhia, de qualquer maneira.

Além de estar loucamente irritado, eu me senti presunçoso por um breve segundo. Porque eu não precisava pensar em controlar meu gênio. Agora era fácil, algo que eu fazia naturalmente. A névoa vermelha não banhava meus olhos. O calor não descia aos tremores por minha espinha. Minha voz era calma quando eu respondi.

— Pule de um penhasco, Leah. — Apontei para o que estava a meus pés.

— Francamente, garoto. — Ela me ignorou, atirando-se esparramada no chão a meu lado. — Não faz ideia de como isso é difícil para mim.

— Para você? — Precisei de um minuto para acreditar que ela falava sério. — Você deve ser a pessoa mais egocêntrica do planeta, Leah. Odeio abalar o mundo de sonhos em que você vive... Aquele onde o sol orbita o lugar em que você está... Então não vou lhe dizer que não dou a mínima para o seu problema. Vá. Embora.

— Só veja isso de minha perspectiva por um minuto, está bem? — continuou ela, como se eu não tivesse dito nada.

Se ela estava tentando me divertir, funcionou. Eu comecei a rir. O som feria de formas estranhas.

— Pare de bufar e preste atenção — rebateu ela.

— Se eu fingir ouvir, você vai embora? — perguntei, olhando de relance o permanente olhar zangado em seu rosto. Eu não tinha certeza se ela teria qualquer

outra expressão.

Lembrei-me de quando eu costumava achar Leah bonita, talvez até linda. Já fazia muito tempo. Agora ninguém pensava nela dessa forma. Exceto Sam. Ele nunca se perdoou. Como se fosse culpa dele que ela tenha se tornado tão amargurada.

Sua expressão carrancuda se inflamou, como se ela pudesse adivinhar o que eu estava pensando. Provavelmente podia.

— Está me dando náuseas, Jacob. Pode imaginar como isso é para mim? Eu nem gosto de Bella Swan. E você vem me fazendo lamentar por essa amante de sanguessuga como se eu também estivesse apaixonada por ela. Não consegue entender que isso pode ser meio perturbador? Eu sonhei em beijá-la ontem à noite! Que diabos eu posso fazer com isso?

— E eu com isso?

— Não suporto mais ficar na sua cabeça! Livre-se dela já! Ela vai se casar com aquela coisa. Ele vai tentar transformá-la num deles! Hora de seguir em frente, garoto.

— Cale a boca — eu grunhi.

Seria errado revidar. Eu sabia disso. Eu mordi a língua. Mas ela ia se lamentar se não fosse embora. Imediatamente.

— É provável que ele só a mate — disse Leah. Rindo. — Todas as histórias dizem que isso acontece com muita frequência. Talvez um funeral seja uma conclusão melhor do que um casamento. Rá.

Dessa vez precisei agir. Fechei os olhos e combati o gosto quente em minha boca. Reprimi e empurrei a avalanche de fogo por minhas costas, lutando para manter a forma enquanto meu corpo tentava se separar.

Quando estava controlado de novo, eu a fuzilei com os olhos. Ela olhava minhas mãos à medida que os tremores diminuíam. Sorrindo.

Uma piada.

— Se está aborrecida com a confusão de gênero, Leah... — eu disse devagar, destacando cada palavra. — Como acha que o resto de nós se sente olhando para Sam com os seus olhos? Já é bem ruim que Emily tenha de lidar com a sua fixação. Ela não precisa que nós também fiquemos suspirando por ele.

Embora eu estivesse irritado, senti-me meio culpado quando vi o espasmo de dor atravessar seu rosto.

Ela se colocou de pé — parando só para cuspir na minha direção — e correu para as árvores, vibrando como um diapasão.

Eu ri sombriamente.

— Você errou.

Sam ia me dar uma bronca por isso, mas valeu a pena. Leah não ia me incomodar mais. E eu faria aquilo de novo se tivesse a chance.

Porque as palavras dela ainda estavam ali, arranhando meu cérebro, a dor tão forte que eu mal conseguia respirar.

Não importava tanto que Bella tivesse escolhido outro. Essa agonia não era nada. Com essa agonia eu podia conviver pelo resto de minha vida idiota, longa demais e estendida diante de mim.

Mas importava que ela desistisse de tudo — que ela deixasse seu coração parar, sua pele gelar e sua mente se distorcer na cabeça de um predador cristalizado. Um monstro. Um estranho.

Eu teria pensado que não havia nada pior do que isso, nada mais doloroso em todo o mundo.

Mas, se ele a matasse...

Novamente, precisei reprimir a raiva. Talvez, se não fosse por Leah, seria bom deixar o calor me transformar numa criatura com a qual eu podia lidar melhor. Uma criatura com instintos tão mais fortes do que as emoções humanas. Um animal que não podia sentir dor da mesma maneira. Uma dor diferente. Pelo menos, uma variedade dela. Mas Leah agora estava correndo e eu não queria compartilhar seus pensamentos. Eu a xinguei baixinho por me tirar também essa escapatória.

Minhas mãos tremiam contra minha vontade. O que as abalava? Raiva? Agonia? Eu não tinha certeza do que combatia agora.

Eu precisava acreditar que Bella sobreviveria. Mas isso exigia confiança — uma confiança que eu não queria sentir, confiança na capacidade do sanguessuga de mantê-la viva.

Ela seria diferente e eu me perguntava como isso me afetaria. Seria como se ela tivesse morrido, vê-la parada ali feito uma pedra? Como gelo? Quando seu cheiro ardesse em minhas narinas e me incitasse o instinto de cortar, rasgar... Como seria? Eu poderia querer matá-la? Poderia não querer matar um deles?

Olhei as ondas rolando para a praia. Elas desapareceram de vista sob a borda

do penhasco, mas eu as ouvi bater na areia. Olhei-as até que fosse tarde e ficasse escuro demais.

Ir para casa devia ser péssima ideia. Mas eu estava com fome e não conseguia pensar em outro plano.

Fiz uma careta, pus o braço pela tipoia que me reprimia e peguei minhas muletas. Se ao menos Charlie não tivesse me visto naquele dia e espalhasse por aí de meu "acidente com moto". Escoras idiotas. Eu as odiava.

A fome começou a parecer melhor quando entrei em casa e tive de olhar a cara de meu pai. Ele tinha alguma coisa em mente. Era fácil de ver — ele sempre transparecia. Procurei aparentar despreocupação.

Ele também falou demais. Tagarelou sobre o dia que teve antes que eu pudesse chegar à mesa. Ele nunca falava tanto, a não ser que houvesse alguma coisa que não queria dizer. Eu o ignorei o melhor que pude, concentrando-me na comida. Quanto mais rápido eu engolisse...

— E a Sue passou aqui hoje. — A voz de meu pai era alta. Difícil de ignorar. Como sempre. — Mulher maravilhosa. Ela é mais dura do que os ursos, aquela ali. Mas não sei como consegue lidar com a filha que tem. Agora a Sue, essa teria dado uma loba e tanto. Leah é mais uma selvagem. — Ele riu da própria piada.

Esperou brevemente por minha resposta, mas não pareceu ver minha expressão fria e morta de tédio. Na maior parte dos dias, isso incomodava. Eu queria que ele parasse de falar em Leah. Estava tentando não pensar nela.

— Seth é muito mais fácil. É claro que você também era mais fácil do que suas irmãs, até que... Bem, você tem mais com que lidar do que elas tiveram.

Dei um suspiro longo e profundo, e encarei a janela.

Billy ficou em silêncio por um segundo longo demais.

— Recebemos uma carta hoje.

Eu sabia que era esse o assunto que ele estivera evitando.

— Uma carta?

— Um... convite de casamento.

Cada músculo de meu corpo se trancou. Uma pluma de calor pareceu roçar minhas costas. Eu me segurei na mesa para evitar que minhas mãos tremessem.

Billy agiu como se não tivesse percebido.

— Há um bilhete dentro dele endereçado a você. Eu não li.

Ele pegou um grosso envelope marfim, que estava aninhado entre sua perna e

a lateral da cadeira de rodas. Colocou-o na mesa entre nós.

— Você provavelmente não precisa ler isso. Não importa o que diz.

Uma psicologia reversa estúpida. Eu puxei o envelope da mesa.

Era um papel duro e pesado. Caro. Elegante demais para Forks. O cartão dentro dele era igual, bem-acabado e formal demais. Bella não tinha nada a ver com aquilo. Não havia traço seu nas camadas de páginas transparentes impressas como pétalas. Aposto que ela não gostou nada. Eu não li o que dizia, nem vi a data. Não me importava.

Atrás, havia um pedaço do papel marfim grosso dobrado em dois com meu nome escrito à mão em tinta preta. Não reconheci a letra, mas era tão elegante quanto o restante. Por meio segundo, perguntei-me se o sanguessuga estava me tripudiando.

Eu o abri.

Jacob

Estou quebrando as regras ao lhe mandar isto. Ela estava com medo de magoá-lo e não quer que você se sinta obrigado de nenhuma maneira. Mas sei que se as coisas fossem diferentes, eu teria preferido escolher. Prometo que cuidarei dela, Jacob. Obrigado — por ela — por tudo.

Edward

— Jake, só temos uma mesa — disse Billy. Ele fitava minha mão esquerda.

Meus dedos se agarravam na madeira com tanta força que a mesa realmente corria risco. Eu os afrouxei um por um, concentrando-me só na ação, depois entrelacei as mãos, para não quebrar nada.

— É, não importa mesmo — murmurou Billy.

Levantei-me da mesa, tirando a camiseta. Com alguma sorte, Leah agora tinha ido para casa.

— Não é tarde demais — murmurou Billy enquanto eu esmurrava a porta da frente para sair.

Eu estava correndo quando cheguei às árvores, minhas roupas espalhadas atrás como uma trilha de farelos — como se eu quisesse encontrar o caminho de volta. Agora a metamorfose era quase fácil demais. Eu não precisava pensar. Meu corpo já sabia para onde ir e, antes que eu pedisse, dava o que eu queria.

Eu agora tinha quatro patas e estava voando.

As árvores se toldavam num mar de preto fluindo à minha volta. Meus músculos se retesavam e relaxavam em um ritmo tranquilo. Eu podia correr assim por dias e não ficaria cansado. Talvez, desta vez, eu não parasse.

Mas eu não estava só.

Eu sinto muito, sussurrou Embry em minha cabeça.

Eu podia ver através de seus olhos. Ele estava longe, no norte, mas tinha dado a volta e corria para se juntar a mim. Eu rosnei e acelerei o ritmo.

Espere por nós, reclamou Quil. Ele estava mais perto, começando a sair da aldeia.

Me deixem em paz, rosnei.

Eu podia sentir a preocupação deles em minha cabeça, embora me esforçasse muito para afogá-la no som do vento e da floresta. Aquilo era o que eu mais odiava — ver a mim mesmo através de seus olhos, pior agora, que seus olhos estavam cheios de pena. Eles viam o ódio, mas continuavam a correr atrás de mim.

Uma nova voz soou em minha mente.

Deixem-no ir. O pensamento de Sam era tranquilo, mas ainda era uma ordem. Embry e Quil reduziram o passo a uma caminhada.

Se ao menos eu pudesse parar de ouvir, parar de ver o que eles viam. Minha cabeça estava tão abarrotada, mas a única maneira de ficar sozinho novamente era ser humano e eu não podia suportar a dor.

Voltem à forma humana, orientou-lhes Sam. Alcanço você, Embry.

Primeiro uma, depois outra consciência caiu em silêncio. Só restou Sam.

Obrigado, consegui pensar.

Volte para casa quando puder. As palavras eram fracas, falhando num vazio árido enquanto ele também partia. E eu estava só.

Muito melhor assim. Agora podia ouvir o farfalhar fraco das folhas embaixo de minhas unhas, o sussurro das asas de uma coruja no alto, o mar — longe, bem longe, a oeste — gemendo na praia. Ouvir isso e nada mais. Nada sentir a não ser a velocidade, nada a não ser o impulso de músculos, nervos e ossos, trabalhando em harmonia à medida que os quilômetros desapareciam atrás de mim.

Se o silêncio em minha mente durasse, eu nunca mais voltaria. Não seria o primeiro a escolher essa forma em detrimento da outra. Talvez, se eu corresse para

bem longe, nunca mais teria de ouvir...

Obriguei minhas pernas a acelerar, deixando Jacob Black desaparecer atrás de mim.

Agradecimentos

Eu seria muito negligente se não agradecesse às muitas pessoas que me ajudaram a sobreviver ao nascimento de outro romance:

Meus pais foram minha rocha; não sei como alguém faz isso sem um bom conselho de pai e um bom ombro de mãe onde chorar.

Meu marido e meus filhos sofreram por um período incrivelmente longo — qualquer outro teria me internado num manicômio há muito tempo. Obrigada por me manterem aqui, meninos.

Minha Elizabeth — Elizabeth Eulberg, uma assessora de imprensa extraordinária — fez toda a diferença em minha sanidade na estrada e fora dela. Poucas pessoas têm a sorte de trabalhar tão perto de sua melhor amiga, e sou eternamente grata pelas saudáveis meninas do Meio-Oeste que adoram queijo.

Jodi Reamer continua a orientar minha carreira com inteligência e refinamento. É muito reconfortante saber que estou em tão boas mãos.

Também é maravilhoso ver meus originais nas mãos certas. Obrigada a Rebecca Davis por ser tão sintonizada com a história em minha mente e por me ajudar e encontrar as melhores maneiras de expressá-la. Obrigada a Megan Tingley, primeiro por sua fé inabalável em meu trabalho, depois por polir este texto até que ele brilhasse.

Todos da Little, Brown and Company Books for Young Readers tiveram um cuidado incrível com minhas criações. Sei que é um verdadeiro trabalho de amor para vocês todos, e sou mais grata do que imaginam. Obrigada a Chris Murphy, Shawn Foster, Andrew Smith, Stephanie Voros, Gail Doobinin, Tina McIntyre, Ames O'Neill e aos muitos outros que tornaram a série Crepúsculo um sucesso.

Nem acredito na sorte que tive de descobrir Lori Joffs, que de algum modo consegue ser ao mesmo tempo a leitora mais rápida e a mais meticulosa. Fico emocionada em ter uma amiga e cúmplice com tanto

discernimento, talento e paciência com minhas lamúrias.

A Lori Joffs novamente, junto com Laura Cristiano, Michaela Child e Ted Joffs, por criarem e manterem a estrela mais brilhante no universo on-line de Twilight, o Twilight Lexicon. Agradeço de coração todo o trabalho árduo que tiveram ao proporcionarem um lugar alegre para meus fãs se encontrarem. Também agradeço a meus amigos internacionais da Crepusculo-es.com, o site tão maravilhoso que transcende a barreira de linguagem. Minha admiração também ao trabalho incrível de Brittany Gardener no grupo Twilight and New Moon by Stephanie Meyer do MySpace, um site de fãs tão grande, que a ideia de mantê-lo me é perturbadora; Brittany, você me deixa maravilhada. Katie e Audrey, Bella Penombra é de uma beleza ímpar. Heather, o Nexus é demais. Não posso mencionar todos os sites maravilhosos e seus criadores aqui, mas agradeço muito a cada um de vocês.

Minha gratidão a meus revisores, Laura Cristiano, Michelle Vieira, Bridget Creviston e Kimberlee Peterson, por suas opiniões inestimáveis e entusiasmo estimulante.

Todo escritor precisa da amizade de uma livraria independente; sou muito grata aos que me apoiam em minha cidade na Changing Hands Bookstore em Tempe, no Arizona, e em especial a Faith Hochhalter, que tem um gosto excepcional para literatura.

Estou em dívida para com vocês, deuses do rock da Muse, por outro disco inspirador. Obrigada por continuarem a criar minhas músicas preferidas para escrever. Também sou grata a todas as outras bandas de minha playlist que me ajudaram a passar pelo bloqueio de escritor, e às minhas novas descobertas: Ok Go, Gomez, Placebo, Blue October e Jack's Mannequin.

Sobretudo, um obrigada gargantuesco a todos os meus fãs. Acredito firmemente que meus fãs são os mais atraentes, inteligentes, empolgantes e dedicados de todo o mundo. Gostaria de poder dar a cada um de vocês um abraço e um Porsche 911 Turbo.

amanhecer

STEPHENIE MEYER

TRADUÇÃO DE RYTA VINAGRE

intrínseca

Copyright © 2008 Stephenie Meyer
Publicado mediante acordo com Little Brown and Company, Nova York, NY, EUA.
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
Breaking Dawn

FOTO DA AUTORA
David Stone

REVISÃO
Umberto Figueiredo Pinto
Maria José de Sant'Anna

REVISÃO DE EPUB
Milena Vargas

GERAÇÃO DE EPUB
Selênia Serviços

E-ISBN
978-85-8057-036-6

Citação extraída de Empire, de Orson Scott Card, publicado por Tom Doherty Associates, LLC.
Copyright © 2006 Orson Scott Card. Reproduzida com permissão do autor.

Edição digital: 2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Este livro é dedicado a minha agente/ninja, Jodi Reamer.
Obrigada por evitar que eu caia do precipício.

E obrigada também à minha banda preferida,
Muse, de nome muito apropriado,
por fornecer inspiração digna de uma saga.

LIVRO UM

bella

SUMÁRIO

PRÓLOGO

1. NOIVA
2. LONGA NOITE
3. O GRANDE DIA
4. GESTO
5. ILHA DE ESME
6. DISTRAÇÕES
7. INESPERADO

A infância não vai do nascimento até certa idade, e a certa altura
a criança está crescida, deixando de lado as coisas de criança.
A infância é o reino onde ninguém morre.

Edna St. Vincent Millay

PRÓLOGO

EU JÁ TIVERA MAIS DO QUE UMA QUOTA JUSTA DE EXPERIÊNCIAS DE quase morte; isso não é algo com que você se acostume.

Mas parecia estranhamente inevitável enfrentar a morte outra vez. Como se eu estivesse mesmo marcada para o desastre. Eu havia escapado repetidas vezes, mas ela continuava me rondando.

Ainda assim, dessa vez foi diferente.

Pode-se correr de alguém de quem se tenha medo; pode-se tentar lutar com alguém que se odeie. Todas as minhas reações eram preparadas para aqueles tipos de assassinos — os monstros, os inimigos.

Mas quando se ama aquele que vai matá-la, não restam alternativas. Como se pode correr, como se pode lutar, quando essa atitude magoaria o amado? Se sua vida é tudo o que você tem para dar ao amado, como não dá-la?

Quando ele é alguém que você ama de verdade.

1. NOIVA

NINGUÉM ESTÁ OLHANDO PARA VOCÊ, GARANTI A MIM MESMA. NINGUÉM está olhando para você. Ninguém está olhando para você.

Como eu não conseguia mentir de modo convincente nem mesmo para mim, tive de verificar.

Enquanto esperava que um dos três sinais de trânsito da cidade abrisse, olhei para a direita — na minivan, a Sra. Weber tinha virado todo o corpo para mim. Os olhos dela perfuravam os meus, e eu me encolhi, me perguntando por que ela não desviava o olhar ou demonstrava constrangimento. Ainda era considerado falta de educação encarar as pessoas, não era? Isso não se aplicava mais a mim?

Depois me lembrei de que aquelas janelas eram tão escuras que ela não devia fazer ideia de que era eu que estava ali, menos ainda de que eu havia flagrado seu olhar. Tentei me reconfortar um pouco com o fato de que ela não estava olhando a mim, só o carro.

Meu carro. Suspiro.

Olhei para a esquerda e gemi. Dois pedestres estavam paralisados na calçada, perdendo a oportunidade de atravessar por estarem olhando o carro. Atrás deles, o Sr. Marshall olhava feito um parvo pela vitrine de sua lojinha de presentes. Pelo menos ele não estava com o nariz achatado contra o vidro. Ainda.

O sinal ficou verde, e na pressa para escapar pisei fundo no acelerador, sem pensar — como normalmente teria feito para colocar em movimento minha antiga picape Chevy.

O motor rugiu como uma pantera caçando, o carro deu um solavanco tão forte para a frente que meu corpo bateu contra o encosto do banco de couro preto e meu estômago se achatou de encontro à coluna.

— Ai! — arfei enquanto procurava o freio. Mantendo a calma, apenas toquei o pedal. O carro deu uma sacudidela e ficou completamente imóvel.

Não consegui olhar as reações à minha volta. Se houvesse alguma dúvida sobre quem estava dirigindo o carro, agora ela deixara de existir. Com a ponta do

sapato, cutuquei o pedal do acelerador meio milímetro, e o carro se lançou para a frente de novo.

Consegui chegar ao meu destino: o posto de gasolina. Se eu não estivesse dirigindo só com o cheiro da gasolina, de jeito nenhum teria ido à cidade. Eu estava passando sem muitas coisas ultimamente, como torradas Pop-Tarts e cadarços, só para não aparecer em público.

Agindo como se estivesse em uma corrida, abri o tanque, passei o cartão e encaixei a mangueira de combustível em segundos. É claro que não havia nada que eu pudesse fazer para que os números no medidor andassem mais rápido. Eles mudavam lentamente, quase como se quisessem me irritar.

Não era um dia claro — um típico dia chuvoso em Forks, Washington —, mas eu ainda tinha a sensação de que havia um holofote focado sobre mim, chamando a atenção para a delicada aliança em minha mão esquerda. Em ocasiões como aquela, sentindo olhares nas minhas costas, parecia que a aliança pulsava como uma placa de neon: Olhem para mim. Olhem para mim.

Era idiotice ficar tão sem graça, e eu sabia disso. Além de meu pai e de minha mãe, será que importava realmente o que as pessoas diziam sobre meu noivado? Sobre meu carro novo? Sobre minha misteriosa admissão numa universidade da Ivy League? Sobre o cartão de crédito preto e reluzente que agora parecia arder no meu bolso de trás?

— É, quem liga para o que eles pensam? — murmurei.

— Hmmm, moça? — uma voz de homem chamou.

Eu me virei, e então desejei não ter feito aquilo.

Dois homens estavam parados atrás de um 4 x 4 caro, com caiaques novos em folha no rack do teto. Nenhum deles olhava para mim; os dois tinham os olhos fixos no carro.

Pessoalmente, eu não entendia. Já me orgulhava de poder distinguir entre os logos da Toyota, da Ford e da Chevrolet. Aquele carro era preto, reluzente e lindo, mas para mim ainda era só um carro.

— Desculpe incomodá-la, mas poderia me dizer que modelo é esse que está dirigindo? — perguntou o alto.

— Hã, é um Mercedes, não é?

— Sim — disse o homem com educação, enquanto o amigo mais baixo revirava os olhos diante da minha resposta. — Eu sei. Mas eu estava me

perguntando se você... está dirigindo um Mercedes Guardian? — O homem disse o nome com reverência. Tive a sensação de que aquele sujeito iria se dar bem com Edward Cullen, meu... meu noivo (ultimamente não havia como fugir da realidade do casamento dali a alguns dias). — Eles ainda não devem estar disponíveis nem na Europa — continuou o homem —, que dirá aqui.

Enquanto meus olhos acompanhavam as linhas de meu carro — não me parecia muito diferente de outros Mercedes sedãs, mas o que eu entendia do assunto? —, pensei brevemente em meus problemas com palavras como noivo, casamento, marido etc.

Eu não conseguia aceitar aquilo.

Por um lado, fui criada para me encolher só de pensar em vestidos brancos e buquês de noiva. Mais do que isso, porém: eu não conseguia harmonizar um conceito tradicional, respeitável e tedioso como marido com meu conceito de Edward. Era como imaginar um arcanjo como um contador; eu não conseguia visualizá-lo em nenhum papel comum.

Como sempre, assim que comecei a pensar em Edward, fui apanhada numa vertigem de fantasias. O estranho teve de pigarrear para chamar minha atenção; ainda esperava por uma resposta sobre a fabricação e o modelo do carro.

— Não sei — eu respondi com sinceridade.

— Posso tirar uma foto dele?

Precisei de um segundo para processar o pedido.

— De verdade? Quer tirar uma foto do carro?

— Claro... Ninguém vai acreditar em mim se eu não tiver a prova.

— Hã. Tudo bem. Pode tirar.

Rapidamente tirei a mangueira de gasolina e me esgueirei para o banco da frente a fim de me esconder enquanto o cara fissurado pegava na mochila uma câmera que parecia profissional. Ele e o amigo se revezaram posando junto ao capô e depois tiraram fotos da traseira.

— Ai, que saudades da minha picape — choraminguei comigo mesma.

Fora mesmo muito conveniente — conveniente demais — que minha picape desse seu último suspiro semanas depois de Edward e eu fecharmos nosso acordo desigual, e um detalhe do acordo era que Edward poderia substituir minha picape quando ela morresse. Ele jurou que era apenas o esperado; que a picape tinha tido uma vida plena e longa e depois falecera, de causas naturais. Isso é o que ele diz.

E, é claro, eu não tinha como verificar sua história ou tentar, sozinha, erguer a picape de entre os mortos. Meu mecânico preferido...

Eliminei esse pensamento, recusando-me a levá-lo a uma conclusão. Em vez disso, voltei a atenção para as vozes dos homens do lado de fora, abafadas pela lataria do carro.

— ... atacado com um lança-chamas num vídeo on-line. Nem enrugou a pintura.

— É claro que não. Até dá para passar com um tanque por cima desse bebê. Mas não tem muito mercado por aqui. Foi projetado basicamente para diplomatas do Oriente Médio, traficantes de armas e chefões das drogas.

— Acha que ela é alguma coisa? — perguntou o mais baixo, reduzindo o volume da voz.

Baixei a cabeça com o rosto em brasa.

— Hmmm — murmurou o alto. — Talvez. Nem imagino para que alguém precisa de vidro à prova de mísseis e duzentos quilos de blindagem por aqui. Deve estar indo a um lugar mais perigoso.

Blindagem. Duzentos quilos de blindagem. E vidro à prova de mísseis? Que ótimo. O que aconteceu com o bom e velho vidro à prova de balas?

Bom, pelo menos isso fazia algum sentido — para quem tem um senso de humor meio distorcido.

Não é que eu não esperasse que Edward tirasse proveito de nosso acordo, fazendo a balança pender para o lado dele, dando-me muito mais do que receberia. Eu concordei que ele substituiria minha picape quando fosse necessário, sem esperar que esse momento chegasse tão cedo, é claro. Quando fui obrigada a admitir que a picape não passava de um tributo em natureza-morta aos Chevys clássicos no meu meio-fio, sabia que a ideia que ele fazia de substituição ia acabar me deixando constrangida. Ia me tornar o foco de olhares e cochichos. Eu tinha razão quanto a essa parte. Mas mesmo em minhas mais sinistras concepções não previ que ele me daria dois carros.

O carro de "antes" e o carro de "depois", explicou-me quando eu pirei.

Aquele era só o carro de "antes". Ele me disse que era emprestado e prometeu que o devolveria depois do casamento. Tudo aquilo não fazia qualquer sentido para mim. Até então.

Rá-rá. Ao que parecia, porque eu era tão fragilmente humana, tendia tanto a

me acidentar e era tão vítima de minha própria e perigosa falta de sorte, precisava de um carro que resistisse a tanques para me manter segura. Hilário. Eu tinha certeza de que ele e os irmãos riram da piada pelas minhas costas.

Ou talvez, só talvez, sussurrou uma vozinha em minha cabeça, não seja uma piada, sua boba. Talvez ele realmente se preocupe com você. Não seria a primeira vez que ele teria exagerado um pouco, tentando protegê-la.

Eu suspirei.

Ainda não vira o carro de "depois". Estava escondido embaixo de uma lona no fundo da garagem dos Cullen. Eu sabia que àquela altura a maioria das pessoas teria dado uma espiada, mas eu não era curiosa.

Provavelmente, não haveria blindagem nesse outro carro — porque eu não precisaria disso depois da lua de mel. A quase indestrutibilidade era só uma das muitas vantagens por que eu ansiava. O melhor de ser uma Cullen não eram os carros caros e os cartões de crédito que impressionavam.

— Ei — falou o alto, colocando as mãos em concha no vidro, tentando me enxergar. — Já acabamos. Muito obrigado!

— Não há de quê — eu disse, e então, tensa, liguei o motor e pisei no pedal bem delicadamente...

Não importava quantas vezes eu passasse pela tão conhecida estrada para casa, ainda não conseguia fazer com que os cartazes desbotados pela chuva desaparecessem ao fundo. Cada um deles, colados nos postes telefônicos e em placas de rua, era como um tapa na cara. Um merecido tapa na cara. Minha mente foi levada de volta ao pensamento que eu interrompera um pouco antes. Eu não conseguia evitá-lo naquela estrada. Não com as imagens de meu mecânico preferido passando por mim a intervalos regulares.

Meu melhor amigo. Meu Jacob.

Os cartazes de você viu esse garoto? não foram ideia do pai de Jacob. Foram do meu pai, Charlie, que os imprimiu e espalhou por toda a cidade. E não só por Forks, mas por Port Angeles, Sequim, Hoquiam, Aberdeen e em cada cidade da península de Olympic. Ele se certificou de que todas as delegacias no estado de Washington tivessem o mesmo cartaz pendurado na parede. Sua própria delegacia tinha um quadro de cortiça dedicado à procura de Jacob. Um quadro que estava praticamente vazio, para decepção e frustração dele.

Meu pai não estava decepcionado só com a falta de resposta. Estava muito

decepcionado com Billy, o pai de Jacob, e melhor amigo de Charlie.

Porque Billy não está se envolvendo mais nas buscas por seu filho "foragido" de 16 anos. Porque Billy se recusa a colocar os cartazes em La Push, a reserva na costa, que era o lar de Jacob. Porque ele parece ter se resignado com o desaparecimento do filho, como se não houvesse nada que pudesse fazer. Por ele dizer: "Agora Jacob é adulto. Se quiser, vai voltar para casa."

E ele estava frustrado comigo, por ficar do lado de Billy.

Eu também não colocaria os cartazes. Porque Billy e eu sabíamos mais ou menos onde Jacob estava, e também sabíamos que ninguém tinha visto aquele garoto.

Os cartazes me trouxeram o habitual nó à garganta, as habituais lágrimas ardendo em meus olhos, e fiquei feliz por Edward ter saído para caçar naquele sábado. Ver minha reação só serviria para deixá-lo péssimo também.

É claro que havia desvantagens por ser sábado. Enquanto eu entrava devagar e com cuidado na minha rua, pude ver a viatura de meu pai na entrada de casa. Hoje ele não fora pescar de novo. Ainda chateado com o casamento.

Então eu não ia conseguir usar o telefone de casa. Mas precisava telefonar...

Estacionei no meio-fio atrás da escultura do Chevy e peguei no porta-luvas o celular que Edward me dera para as emergências. Disquei, mantendo o dedo no botão "End" enquanto o telefone tocava. Só por garantia.

— Alô? — Seth Clearwater atendeu, e eu suspirei de alívio. Eu era covarde demais para falar com a irmã mais velha dele, Leah. A expressão "arrancar minha cabeça" não era inteiramente uma figura de linguagem quando se tratava de Leah.

— Oi, Seth. É Bella.

— Ora, viva, Bella! Como você está?

Engasgada. Desesperada para que alguém me tranquilizasse.

— Bem.

— Querendo saber das últimas?

— Você é paranormal.

— Nem tanto. Não sou Alice... Você é que é previsível — brincou ele.

Do grupo quileute de La Push, só Seth ficava à vontade em mencionar os Cullen pelo nome — que dirá brincar com coisas como minha futura cunhada onisciente.

— Sei que sou. — Hesitei por um minuto. — Como ele está?

Seth suspirou.

— O mesmo de sempre. Ele não fala, embora a gente saiba que ouve. Está tentando não pensar como humano, sabe como é. Só seguir seus instintos.

— Sabe onde ele está agora?

— Em algum lugar no norte do Canadá. Não sei lhe dizer que província. Ele não presta muita atenção nas divisas territoriais.

— Algum indício de que ele possa...

— Ele não vai voltar, Bella. Desculpe.

Engoli em seco.

— Está tudo bem, Seth. Eu sabia antes mesmo de perguntar. Só não consigo deixar de querer isso.

— É. Todos sentimos o mesmo.

— Obrigada por me aturar, Seth. Sei que os outros devem criar dificuldades para você.

— Eles não são seus maiores fãs — concordou ele, alegremente. — Mas eu acho isso meio idiota. Jacob tomou a decisão dele, você tomou a sua. Jake mesmo não gostou da atitude deles com relação a isso. É claro que ele não fica também superemocionado por você estar procurando saber dele.

Eu arfei.

— Pensei que ele não estivesse falando com você.

— Ele não pode esconder tudo de nós, por mais que tente.

Então Jacob sabia que eu estava preocupada. Eu não tinha certeza de como me sentia com relação a isso. Bom, pelo menos ele sabia que eu não fugira ao pôr do sol e me esquecera completamente dele. Ele podia ter imaginado que eu fosse capaz disso.

— Acho que verei você no... casamento — eu disse, obrigando a palavra a sair por entre os meus dentes.

— É, eu e minha mãe estaremos lá. Foi gentil de sua parte nos convidar.

Sorri com o entusiasmo na voz dele. A ideia de convidar os Clearwater foi de Edward. Fiquei feliz que ele tivesse pensado nisso. Ter Seth ali seria ótimo — um elo, embora tênue, com meu padrinho desaparecido.

— Não seria o mesmo sem vocês.

— Diga a Edward que mandei lembranças, está bem?

— Pode ter certeza.

Eu sacudi a cabeça. A amizade que surgiu entre Edward e Seth era algo que ainda me perturbava. Era uma prova, porém, de que as coisas não tinham de ser daquele jeito. Que vampiros e lobisomens podiam conviver bem, obrigada, se quisessem.

Nem todo o mundo gostava disso.

— Ah! — disse Seth, a voz subindo uma oitava. — Hã, Leah chegou em casa.

— Ah! Tchau!

O telefone ficou mudo. Deixei-o no banco e me preparei psicologicamente para entrar em casa, onde Charlie estaria esperando.

Agora meu pobre pai tinha muito o que fazer. Jacob-o-fugitivo era só um dos fardos em suas costas sobrecarregadas: ele estava quase tão preocupado comigo, sua filha que mal era legalmente adulta e já ia se tornar uma senhora em alguns dias.

Caminhei lentamente pela chuva fina, lembrando-me da noite em que contamos a ele...

Ao ouvir a viatura de Charlie anunciando sua volta, de repente a aliança passou a pesar cinquenta quilos em meu dedo. Eu queria enfiar a mão esquerda num bolso, ou talvez sentar sobre ela, mas o aperto firme e frio de Edward a mantinha à mostra.

— Fique quieta, Bella. Por favor, lembre-se de que não vai confessar nenhum assassinato.

— Para você é fácil falar.

Ouvi o som agourento das botas de meu pai batendo na calçada. A chave chacoalhou na porta já aberta. O som me lembrou daquela cena dos filmes de terror em que a vítima percebe que esqueceu de passar a tranca na porta.

— Acalme-se, Bella — sussurrou Edward, ouvindo meu coração acelerar.

A porta bateu, e eu me encolhi como se tivesse levado um tiro.

— Oi, Charlie — disse Edward, inteiramente relaxado.

— Não! — protestei em voz baixa.

— Que foi? — sussurrou Edward.

— Espere até ele pendurar a arma!

Edward riu e passou a mão livre em seu cabelo desgrenhado cor de bronze.

Charlie virou no corredor, ainda de uniforme, ainda armado, e tentou não

fazer uma careta quando nos viu sentados juntos no sofá. Ultimamente ele vinha se esforçando muito para gostar mais de Edward. É claro que aquela revelação daria um fim imediato e certo a esse esforço.

— Oi, meninos. Como estão as coisas?

— Gostaríamos de falar com você — disse Edward, muito sereno. — Temos uma boa notícia.

A expressão de Charlie foi da cordialidade forçada à desconfiança sombria em um segundo.

— Boa notícia? — resmungou Charlie, olhando diretamente para mim.

— Sente-se, pai.

Ele ergueu uma sobrancelha, fitando-me por uns cinco segundos, depois foi até a cadeira reclinável e se sentou na beira, as costas retas feito uma tábua.

— Não fique nervoso, pai — eu disse depois de um momento de silêncio pesado. — Está tudo bem.

Edward fez uma careta, e eu sabia que era em objeção às palavras tudo bem. Ele teria usado algo como maravilhoso, perfeito ou glorioso.

— Claro que está, Bella, claro que está. Se tudo está tão bem, por que você está suando em bicas?

— Eu não estou suando — menti.

Então me afastei de seu olhar zangado e me encolhi junto de Edward, e por instinto passei as costas da mão direita na testa para eliminar as provas.

— Você está grávida! — explodiu Charlie. — Está grávida, não é?

Embora a pergunta claramente fosse dirigida a mim, ele agora fuzilava Edward com os olhos e eu podia jurar ter visto a mão dele procurar a arma.

— Não! É claro que não! — Eu queria dar uma cotovelada nas costelas de Edward, mas sabia que essa atitude só me provocaria um hematoma. Eu disse a Edward que as pessoas logo chegariam a essa conclusão! Que outro motivo haveria para pessoas sãs se casarem aos 18 anos? (A resposta dele me fez revirar os olhos. Amor. Sei.)

O olhar de Charlie se iluminou um pouco. Em geral, ficava muito claro no meu rosto quando eu contava a verdade, e ele então acreditou em mim.

— Ah! Desculpe.

— Desculpas aceitas.

Houve uma longa pausa. Depois de algum tempo, percebi que todos

esperavam que eu dissesse alguma coisa. Tomada de pânico, olhei para Edward. Não havia como eu conseguir pronunciar as palavras.

Ele sorriu para mim, endireitou os ombros e voltou-se para meu pai.

— Charlie, eu sei que neste caso mudei a ordem das coisas. Por tradição, eu devia lhe pedir primeiro. Não é minha intenção desrespeitá-lo, mas uma vez que Bella já disse sim e eu não quero minimizar sua decisão a esse respeito, em vez de lhe pedir a mão dela, estou lhe pedindo sua bênção. Nós vamos nos casar, Charlie. Eu a amo mais do que tudo no mundo, mais do que minha própria vida, e... por um milagre... ela me ama da mesma forma. Você nos daria sua bênção?

Ele parecia tão seguro, tão calmo! Por um segundo, ouvindo a confiança absoluta em sua voz, tive um raro momento de insight. Pude ver, fugazmente, como o mundo olhava para ele. No intervalo de uma batida do coração, aquela notícia fez todo sentido.

Então vi a expressão de Charlie, os olhos agora fixos na aliança.

Prendi a respiração enquanto sua pele mudava de cor — do branco ao vermelho, do vermelho ao roxo, do roxo ao azul. Comecei a me levantar — não sabia bem o que pretendia fazer; talvez usar a manobra de Heimlich para ter certeza de que ele não estava sufocando —, mas Edward apertou minha mão e murmurou "Dê-lhe um minuto" tão baixo que só eu pude ouvir.

O silêncio dessa vez foi mais prolongado. Depois, aos poucos, tom por tom, a cor de Charlie voltou ao normal. Seus lábios e sobrancelhas franziram; reconheci sua expressão de "imerso em pensamentos". Ele nos observou por um bom tempo, e senti Edward relaxar ao meu lado.

— Acho que não estou surpreso — grunhiu Charlie. — Sabia que logo teria de lidar com alguma coisa assim.

Eu expirei.

— Você tem certeza? — perguntou Charlie, olhando para mim.

— Estou cem por cento segura em relação a Edward — eu lhe disse, sem hesitar.

— Mas se casar? Por que a pressa? — Ele me olhou com desconfiança de novo.

A pressa se devia ao fato de que eu estava me aproximando do décimo nono aniversário a cada maldito dia, enquanto Edward permanecia paralisado em toda a perfeição de seus 17 anos, como acontecia havia mais de noventa anos. Não que

esse fato significasse casamento em meu dicionário, mas a cerimônia era necessária em razão do acordo delicado e complicado que Edward e eu fizemos para finalmente chegar a esse ponto, à beira de minha transformação de mortal em imortal.

Não eram coisas que eu pudesse explicar a Charlie.

— Vamos juntos para Dartmouth no outono, Charlie — lembrou-lhe Edward. — Eu gostaria de fazer isso, bem, da maneira correta. Fui criado assim. — Ele deu de ombros.

Ele não estava exagerando; na época da Primeira Guerra Mundial, os costumes eram outros.

A boca de Charlie se retorceu. Procurando um ângulo de onde argumentar. Mas o que ele poderia dizer? Prefiro que vocês vivam em pecado primeiro? Ele era pai; suas mãos estavam atadas.

— Eu sabia que isso aconteceria — murmurou ele consigo mesmo, a testa franzida. Depois, de repente, seu rosto ficou perfeitamente vago e sereno.

— Pai? — perguntei com ansiedade. Olhei para Edward, mas tampouco consegui ler seu rosto enquanto ele observava Charlie.

— Rá! — Charlie explodiu. Eu estremeci no sofá. — Rá, rá, rá!

Fiquei olhando, incrédula, enquanto Charlie se dobrava de rir, o corpo todo sacudindo.

Olhei para Edward em busca de uma tradução, mas Edward estava com os lábios cerrados, como se ele mesmo tentasse reprimir o riso.

— Muito bem, então — disse Charlie, com a voz embargada. — Casem-se. — Mais uma gargalhada sacudiu seu corpo. — Mas...

— Mas o quê? — perguntei.

— Mas é você quem vai contar à sua mãe! Não vou dizer uma só palavra a Renée! Isso é com você! — E explodiu em gargalhadas novamente.

Parei com a mão na maçaneta, sorrindo. É evidente que, na ocasião, as palavras de Charlie me apavoraram. A condenação final: contar a Renée, em cuja lista negra casar-se cedo era pior do que cozinhar filhotinhos de cachorro vivos.

Quem poderia prever a reação dela? Eu, não. Charlie, certamente, não. Talvez Alice, mas não pensei em perguntar a ela.

— Bem, Bella — dissera Renée depois de eu engasgar e gaguejar as palavras

impossíveis: Mãe, vou me casar com Edward. — Estou um pouco chateada por você ter esperado tanto tempo para me contar. As passagens aéreas só vão ficando mais caras. Ooooh — choramingara ela. — Acha que até lá Phil já vai ter tirado o gesso? Vai estragar as fotos se ele não estiver de smoking...

— Espere um segundo, mãe — eu dissera, ofegante. — O que quer dizer com esperar tanto tempo? Eu só fiquei no-no... — Fui incapaz de dizer a palavra noiva. — As coisas se ajeitaram, sabe como é, hoje.

— Hoje? É mesmo? Isto sim é uma surpresa. Imaginei...

— O que você imaginou? Quando você imaginou?

— Bem, quando veio me visitar em abril, parecia que as coisas estavam bem costuradas, se me faço entender. Não é difícil ler seus pensamentos, meu amor. Mas eu não disse nada porque sabia que não faria nenhum bem. Você é igualzinha ao Charlie. — Ela havia suspirado, resignada. — Depois que toma uma decisão, não dá para argumentar com você. É claro que, exatamente como Charlie, você também se mantém firme em suas decisões.

E então ela dissera a última coisa que eu esperaria ouvir de minha mãe.

— Você não está cometendo o mesmo erro que eu, Bella. Você parece apavorada, e acho que é porque tem medo de mim. — Ela dera uma risadinha. — Do que eu vou pensar. E eu sei que disse muita coisa sobre casamento e estupidez... e não vou retirar o que disse... mas você precisa entender que aquelas coisas se aplicavam especificamente a mim. Você é uma pessoa totalmente diferente. Você comete seus próprios erros e tenho certeza de que terá sua quota de arrependimentos na vida. Mas comprometer-se nunca foi um problema para você, meu amor. Você tem mais chance de fazer com que isso dê certo do que a maioria das pessoas de 40 anos que eu conheço. — Renée rira de novo. — Minha filhinha de meia-idade. Felizmente, você parece ter encontrado outra alma velha.

— Você não está... zangada? Não acha que estou cometendo um erro imenso?

— Bem, é claro que eu queria que esperasse mais alguns anos. Quer dizer, eu pareço bastante velha para ser sogra? Não responda. Mas não se trata de mim. Trata-se de você. Você está feliz?

— Não sei. Agora estou tendo uma experiência extracorpórea.

Renée dera uma gargalhada.

— Ele a faz feliz, Bella?

— Sim, mas...

— Algum dia vai querer outra pessoa?

— Não, mas...

— Mas o quê?

— Mas você não vai dizer que estou falando como qualquer outra adolescente apaixonada desde a aurora dos tempos?

— Você nunca foi adolescente, meu bem. Sabe o que é melhor para você.

Nas últimas semanas, inesperadamente Renée havia mergulhado nos planos do casamento. Passara horas ao telefone com a mãe de Edward, Esme — eu não tinha nenhum motivo para me preocupar se as duas famílias se entenderiam. Renée adorara Esme, mas eu duvidava de que alguém pudesse reagir de outra maneira à minha adorável quase sogra.

Isso me tirou de uma situação difícil. A família de Edward e a minha estavam cuidando das núpcias sem que eu precisasse fazer, saber ou pensar muito no assunto.

É claro que Charlie ficou furioso, mas o bom foi que ele não ficou furioso comigo. A traidora era Renée. Ele contava que ela bancasse a durona. O que ele podia fazer agora, quando sua ameaça suprema — contar à mamãe — tinha se revelado completamente inútil? Ele não podia fazer nada, e sabia disso. Então ele andava desanimado pela casa, resmungando coisas sobre não se poder confiar em mais ninguém neste mundo...

— Pai? — chamei enquanto abria a porta da frente. — Cheguei.

— Espere aí, Bells, fique onde está.

— Hein? — perguntei, parando automaticamente.

— Me dê um segundo. Ai, você me furou, Alice.

Alice?

— Desculpe, Charlie — respondeu a voz vibrante de Alice. — Como está isso?

— Estou sangrando.

— Você está bem. Não rompeu a pele... Confie em mim.

— O que está acontecendo? — perguntei, hesitando à soleira da porta.

— Trinta segundos, Bella, por favor — disse-me Alice. — Sua paciência será recompensada.

— Humpf — acrescentou Charlie.

Bati o pé, contando cada batida. Antes que chegasse a trinta, Alice disse:

— Tudo bem, Bella, entre!

Andando com cautela, entrei na nossa sala de estar.

— Ah! — eu bufei. — Ai. Pai. Você está tão...

— Bobo? — interrompeu Charlie.

— Eu estava pensando mais em garboso.

Charlie corou. Alice o pegou pelo cotovelo e o fez girar lentamente, a fim de mostrar o smoking cinza-claro.

— Agora pare com isso, Alice. Eu pareço um idiota.

— Alguém vestido por mim jamais vai parecer um idiota.

— Ela tem razão, pai. Você está incrível! Qual é a ocasião?

Alice revirou os olhos.

— É a última prova da roupa. Para os dois.

Afastei os olhos de meu habitualmente deselegante Charlie e pela primeira vez vi a temida sacola com a roupa branca colocada com cuidado no sofá.

— Aaah.

— Vá para seu refúgio feliz, Bella. Não vou demorar.

Respirei fundo e fechei os olhos. Mantendo-os fechados, subi aos tropeços a escada para meu quarto. Tirei a roupa e estendi os braços.

— Parece que vou enfiar farpas de bambu debaixo de suas unhas — murmurou Alice consigo mesma, enquanto me seguia.

Não prestei atenção nela. Eu estava em meu refúgio feliz.

Em meu refúgio feliz, toda a confusão do casamento tinha acabado. Ficara para trás. Já subjugada e esquecida.

Estávamos sozinhos, só Edward e eu. O ambiente era vago e se alterava constantemente — metamorfoseava-se de uma floresta enevoada em uma cidade nublada, em uma noite ártica —, pois Edward mantinha o local de nossa lua de mel em segredo para me fazer uma surpresa. Mas eu não estava muito preocupada com a parte do onde.

Edward e eu estávamos juntos, e eu cumprira à perfeição minha parte no trato. Havia me casado com ele. Essa era a parte maior. Mas também aceitara todos os seus presentes afrontosos e estava matriculada, embora inutilmente, para frequentar Dartmouth no outono. Agora era a vez dele.

Antes que ele me transformasse em vampira — sua parte maior no trato —, havia mais uma cláusula a cumprir.

Edward tinha uma preocupação obsessiva com as coisas humanas de que eu estaria abrindo mão, as experiências que ele não queria que me fizessem falta. A maioria delas — como o baile de fim de ano na escola, por exemplo — parecia tola para mim. Havia uma única experiência humana cuja perda me preocupava. É claro que era a única que ele queria que eu esquecesse completamente.

Mas aí estava a questão. Eu sabia um pouco como seria quando não fosse mais humana. Vira em primeira mão vampiros recém-criados e ouvira todas as histórias de minha futura família sobre aqueles primeiros tempos turbulentos. Por vários anos, minha principal característica pessoal seria a sede. Levaria algum tempo para eu poder ser eu de novo. E mesmo quando tivesse o controle de mim mesma, nunca me sentiria exatamente como me sentia agora.

Humana... e amando apaixonadamente.

Eu queria a experiência completa, antes de trocar meu corpo quente, frágil e cheio de feromônios por algo bonito, forte... e desconhecido. Eu queria uma lua de mel de verdade com Edward. E, apesar do perigo que ele temia que isso representasse para mim, ele concordara em tentar.

Eu só tinha uma vaga consciência de Alice e do cetim escorregando sobre meu corpo. Não me importava, naquele momento, que toda a cidade estivesse falando de mim. Eu não pensava no espetáculo que teria de estrelar muito em breve. Não me preocupava com tropeçar na cauda, rir na hora errada, ser nova demais, encarar os convidados, nem mesmo com o lugar vazio onde meu melhor amigo deveria estar.

Eu estava com Edward em meu refúgio feliz.

2. LONGA NOITE

— Já sinto sua falta.

— Eu não preciso partir. Posso ficar...

— Hmmm.

Fez-se silêncio por um longo momento: apenas o martelar de meu coração, o ritmo interrompido de nossa respiração irregular e o sussurro de nossos lábios movendo-se em sincronia.

Às vezes era fácil demais esquecer que eu estava beijando um vampiro. Não porque ele parecesse comum ou humano — eu jamais, nem por um segundo, poderia esquecer que tinha em meus braços alguém mais anjo do que homem —, mas porque ele fazia parecer que nada era igual a ter seus lábios nos meus, no meu rosto, no meu pescoço. Ele afirmava que já tinha superado havia muito a tentação que meu sangue exercia sobre ele, que a ideia de me perder o curara de qualquer desejo do sangue. Mas eu sabia que o cheiro do meu sangue ainda lhe causava dor — ainda queimava sua garganta como se ele estivesse inalando chamas.

Abri os olhos e encontrei os dele também abertos, fitando meu rosto. Não fazia sentido quando ele me olhava desse jeito. Como se eu fosse o prêmio, não a vencedora afrontosamente sortuda.

Nossos olhares se fixaram por um momento; seus olhos dourados eram tão profundos que imaginei que pudesse ver sua alma. Parecia tolo que esse fato — a existência de sua alma — fosse questionado, mesmo sendo ele um vampiro. Ele tinha a alma mais bela, mais linda que sua mente brilhante, seu rosto incomparável ou seu corpo maravilhoso.

Ele me olhava como se também pudesse ver minha alma, e como se gostasse do que via.

No entanto, ele não podia ler minha mente, como lia a dos outros. Deus sabe por quê — alguma falha estranha em meu cérebro, que o tornava imune a todas as coisas extraordinárias e assustadoras que os imortais podem fazer. (Só minha

mente era imune; meu corpo ainda estava sujeito a vampiros com habilidades diferentes das de Edward.) Mas eu estava tremendamente agradecida a qualquer disfunção que mantivesse meus pensamentos em segredo. Era constrangedor demais imaginar a alternativa.

Puxei seu rosto para o meu mais uma vez.

— Sem dúvida, vou ficar — murmurou ele, um instante depois.

— Não, não. É sua despedida de solteiro. Você precisa ir.

Eu disse as palavras, mas os dedos de minha mão direita se fecharam em seu cabelo cor de bronze, minha mão esquerda apertou mais a base de suas costas. Suas mãos frias afagaram meu rosto.

— As despedidas de solteiro são feitas para aqueles que lamentam o fim de seus dias de solteiro. Eu não poderia estar mais ansioso para deixar para trás os meus. Então isso não faz sentido algum.

— É verdade. — Eu respirava contra a pele gélida e invernal de seu pescoço.

Aquilo era muito próximo de meu refúgio feliz. Charlie dormia em seu quarto, o que era quase tão bom quanto estar só. Estávamos enroscados em minha pequena cama, entrelaçados ao máximo, considerando o grosso cobertor em que eu me enrolara, como se fosse um casulo. Eu odiava a necessidade do cobertor, mas o clima de romance se perdia um pouco quando meus dentes começavam a bater. Charlie perceberia se eu ligasse o aquecedor em pleno verão...

Pelo menos, embora eu tivesse de me embrulhar, a camisa de Edward estava no chão. Jamais deixei de ficar chocada com a perfeição de seu corpo — branco, frio e polido como mármore. Passei então a mão por seu peito de pedra, acompanhando maravilhada a barriga lisa. Um leve tremor percorreu seu corpo, e sua boca encontrou a minha de novo. Com cuidado, deixei a ponta de minha língua pressionar seu lábio, de uma suavidade vítrea, e ele suspirou. Seu hálito doce — frio e delicioso — banhou meu rosto.

Ele começou a se afastar — essa era sua reação automática sempre que concluía que as coisas tinham ido longe demais — sua reação reflexa quando ele mais queria continuar. Edward passara a maior parte da vida rejeitando qualquer tipo de recompensa física. Eu sabia que para ele era apavorante tentar mudar esses hábitos agora.

— Espere — eu disse, agarrando seus ombros e me aninhando junto dele. Libertei do cobertor uma perna e a passei em volta de sua cintura. — A prática

faz a perfeição.

Ele riu.

— Bem, a essa altura devemos estar bem perto da perfeição, então, não é? Você dormiu neste último mês?

— Mas este é o ensaio geral — lembrei a ele —, e só praticamos algumas cenas. Não é hora de tomar precauções.

Pensei que ele estivesse rindo, mas ele não respondeu, e seu corpo ficou imóvel com uma tensão repentina. O ouro em seus olhos pareceu passar de líquido a sólido.

Pensei em minhas palavras, percebendo o que ele teria ouvido nelas.

— Bella... — sussurrou ele.

— Não comece com isso de novo — eu disse. — Já fizemos o acordo.

— Não sei. É difícil demais me concentrar quando você está comigo dessa maneira. Eu... não consigo pensar direito. Não vou ser capaz de me controlar. Você vai se machucar.

— Eu vou ficar bem.

— Bella...

— Shhh! — Coloquei meus lábios nos dele para deter sua crise de pânico. Eu já ouvira aquilo antes. Edward não ia romper o acordo. Não depois de insistir em que eu me casasse com ele antes.

Ele me beijou por um momento, mas eu percebia que não estava concentrado como antes. Preocupado, estava sempre preocupado! Como seria quando ele não precisasse mais se preocupar comigo? O que ele faria com todo o tempo livre? Teria de arrumar um novo hobby.

— Está com o pé atrás? — ele perguntou.

Sabendo que ele não dizia literalmente isso, respondi:

— Muito à frente.

— É mesmo? Nenhuma dúvida? Não é tarde demais para mudar de ideia.

— Está tentando se livrar de mim?

Ele riu.

— Só estou me certificando. Não quero que você faça nada de que não esteja certa.

— Eu tenho certeza de você. O resto posso ir levando.

Ele hesitou, e eu me perguntei se tinha falado asneira de novo.

— Pode mesmo? — perguntou ele, em voz baixa. — Eu não me refiro à cerimônia do casamento... A essa tenho certeza de que você sobreviverá, apesar de seus escrúpulos... Mas, depois... E quanto a Renée, e a Charlie?

Eu suspirei.

— Vou sentir saudades deles. — Pior ainda, eles sentiriam saudades de mim, mas eu não queria lhe dar razão.

— Angela e Ben, Jessica e Mike.

— Vou sentir falta dos meus amigos também. — Eu sorri no escuro. — Especialmente de Mike. Ah, Mike! Como vou passar sem ele?

Ele grunhiu.

Eu ri, mas depois fiquei séria.

— Edward, já falamos sobre tudo isso. Sei que será difícil, mas é o que quero. Eu quero você, e quero para sempre. Uma vida inteira simplesmente não é o bastante para mim.

— Paralisada para sempre aos 18 anos — sussurrou ele.

— A realização do sonho de toda mulher — brinquei.

— Sem mudar jamais... Jamais avançando.

— O que quer dizer?

Ele respondeu lentamente:

— Lembra-se de quando dissemos a Charlie que íamos nos casar? E ele pensou que você estivesse... grávida?

— E ele pensou em atirar em você — adivinhei com uma risada. — Admita... por um segundo, ele sinceramente pensou nessa hipótese.

Ele não respondeu.

— O que foi, Edward?

— Eu só queria... Bem, queria que ele tivesse razão.

— Dãa! — exclamei.

— Melhor, que houvesse uma maneira de ele poder ter razão. Que tivéssemos esse potencial. Eu odeio tirar isso de você também.

Precisei de um minuto.

— Sei o que estou fazendo.

— Como pode saber, Bella? Veja minha mãe, minha irmã; não é um sacrifício tão fácil quanto você imagina.

— Esme e Rosalie se saíram bem. Caso seja um problema mais tarde,

podemos fazer o que Esme fez... Podemos adotar.

Ele suspirou, em seguida sua voz tornou-se enérgica.

— Isso não está certo! Não quero que você tenha de fazer sacrifícios por mim. Quero lhe dar coisas, não tirá-las de você. Não quero roubar seu futuro. Se eu fosse humano...

Pus a mão sobre seus lábios.

— Você é o meu futuro. Agora pare. Chega de choramingar, ou vou chamar seus irmãos para virem pegar você. Talvez você precise mesmo de uma despedida de solteiro.

— Desculpe. Eu estou reclamão, não é? Devem ser os nervos.

— Você está com o pé atrás?

— Não nesse sentido. Esperei um século para me casar com você, Srta. Swan. A cerimônia de casamento é o que eu mal posso... — Ele se interrompeu no meio do pensamento. — Ah, pelo amor de tudo o que é sagrado!

— Qual é o problema?

Ele trincou os dentes.

— Não precisa chamar meus irmãos. Ao que parece, Emmett e Jasper não vão me deixar escapar esta noite.

Eu o abracei mais forte por um segundo e então o soltei. Não tinha a pretensão de vencer um cabo de guerra com Emmett.

— Divirta-se.

Houve um ruído áspero na janela — alguém deliberadamente arranhando o vidro com as unhas de aço e fazendo aquele barulho horrível, que nos obriga a tapar os ouvidos e nos provoca arrepios nas costas. Eu tremi.

— Se você não mandar Edward sair — Emmett, ainda invisível na noite, sibilou ameaçadoramente —, vamos entrar para pegá-lo!

— Vá — eu ri. — Antes que eles arrombem minha casa.

Edward revirou os olhos, mas se colocou de pé num movimento ágil e, com outro, pôs de volta a camisa. Curvou-se e me deu um beijo na testa.

— Vá dormir. Terá um grande dia amanhã.

— Obrigada! Isso certamente vai me ajudar a relaxar.

— Vejo você no altar.

— Eu serei a mulher de branco. — Sorri diante do fato de eu parecer perfeitamente blasé.

Ele riu e disse:

— Muito convincente. — E de repente se agachou, os músculos retesados como uma mola. Ele desapareceu, lançando-se de minha janela com tamanha rapidez que meus olhos não acompanharam.

Do lado de fora, houve um baque surdo e ouvi Emmett xingar.

— Acho bom que não o façam se atrasar — murmurei, sabendo que eles podiam ouvir.

E então a cara de Jasper surgiu espiando em minha janela, o cabelo de mel prateado na luz fraca da lua que conseguia atravessar as nuvens.

— Não se preocupe, Bella. Vamos levá-lo para casa bem a tempo.

De repente fiquei muito calma e todos os meus receios pareceram sem importância. Jasper, à sua própria maneira, era tão talentoso quanto Alice com suas previsões misteriosamente precisas. O meio de Jasper era o estado de espírito, não o futuro, e era impossível resistir à sensação que ele queria que tivéssemos.

Eu me sentei sem graça, ainda enrolada no cobertor.

— Jasper? O que os vampiros fazem em despedidas de solteiro? Não vai levá-lo para uma boate de strip-tease, não é?

— Não conte nada a ela! — grunhiu Emmett, lá embaixo. Houve outro baque, e Edward riu baixinho.

— Relaxe — disse-me Jasper, e foi o que eu fiz. — Nós, os Cullen, temos uma versão própria. Só alguns leões da montanha, alguns ursos pardos. Uma noitada bem comum.

Imaginei se em algum momento eu conseguiria parecer tão despreocupada em relação à dieta "vegetariana" de vampiros.

— Obrigada, Jasper.

Ele piscou e desapareceu da vista.

Fez-se um silêncio completo do lado de fora. Os roncos abafados de Charlie atravessavam as paredes.

Voltei a me recostar no travesseiro, agora sonolenta. Olhei as paredes de meu pequeno quarto, descoradas à luz da lua, sob as pálpebras pesadas.

Minha última noite em meu quarto. Minha última noite como Isabella Swan. Na noite seguinte eu seria Bella Cullen. Embora toda a provação do casamento fosse um tormento para mim, tinha de confessar que gostava de como meu nome

soava.

Deixei minha mente vagar à toa por um momento, esperando que o sono me envolvesse. Mas, depois de alguns minutos, estava mais alerta, a ansiedade esgueirando-se de volta a meu estômago, retorcendo-o em posições desagradáveis. A cama era macia demais, quente demais sem Edward. Jasper tinha ido embora e as sensações de relaxamento e paz foram com ele.

O dia seguinte seria muito longo.

Estava ciente de que a maior parte de meus medos era idiotice — eu só precisava lidar comigo mesma. A atenção era parte inevitável da vida. Eu nem sempre poderia me misturar com a mobília. Porém, eu tinha algumas preocupações específicas inteiramente válidas.

Primeiro, havia a cauda do vestido de noiva. Alice claramente deixara que seu senso artístico sobrepujasse os aspectos práticos nesse quesito. Andar pela escadaria dos Cullen de salto alto e com uma cauda parecia impossível. Eu deveria ter treinado.

E havia também a lista de convidados.

A família de Tanya, o clã dos Denali, chegaria um pouco antes da cerimônia.

Seria emocionante ver a família de Tanya no mesmo ambiente de nossos convidados da reserva quileute, o pai de Jacob e os Clearwater. Os Denali não eram fãs de lobisomens. Na realidade, a irmã de Tanya, Irina, não iria comparecer ao casamento. Ainda alimentava um sentimento de vingança contra os lobisomens, por eles terem matado seu amigo Laurent (quando ele estava prestes a me matar). Graças a esse rancor, os Denali abandonaram a família de Edward em sua hora de maior necessidade. Foi uma estranha aliança entre os lobos quileutes que salvou a vida de todos nós quando a horda de vampiros recém-criados atacou...

Edward me prometeu que não seria perigoso ter os Denali perto dos quileutes. Tanya e toda sua família — tirando Irina — sentiam-se terrivelmente culpados por aquele abandono. Uma trégua com os lobisomens era um preço pequeno para compensar parte daquela dívida, um preço que estavam preparados para pagar.

Esse era o problema grande, mas havia uma questão menor também: minha frágil autoestima.

Eu nunca vira Tanya, mas tinha certeza de que conhecê-la não seria uma experiência agradável para o meu ego. Antigamente, talvez antes de eu nascer, ela

tivera uma queda por Edward — não que eu a culpasse — ou qualquer outra — por querê-lo. Ainda assim, ela seria, na melhor das hipóteses, linda, e, na pior, magnífica. Apesar de Edward claramente — ainda que de modo inconcebível — preferir a mim, eu não conseguiria deixar de fazer comparações.

Eu tinha resmungado um pouco, até Edward, que sabia de minhas fraquezas, fazer com que me sentisse culpada.

— Somos o que há de mais próximo de uma família para elas, Bella — lembrou-me ele. — Entenda, ainda se sentem órfãs, mesmo depois de tanto tempo.

Então cedi, escondendo minha expressão zangada.

Tanya agora tinha uma grande família, quase tão grande quanto a dos Cullen. Eles eram cinco: Tanya, Kate e Irina agora tinham a companhia de Carmen e Eleazar, quase da mesma maneira como os Cullen haviam recebido Alice e Jasper, todos ligados por seu desejo de viver de forma mais compassiva que os vampiros normais.

Apesar de toda a companhia, porém, Tanya e as irmãs, de certo modo, ainda se sentiam solitárias. Ainda estavam de luto. Porque, havia muito tempo, elas também tiveram mãe.

Eu podia imaginar o vazio que essa perda deixava, mesmo depois de mil anos; tentei imaginar a família Cullen sem seu criador, seu centro e seu guia — o pai, Carlisle. Não consegui.

Carlisle contou a história de Tanya durante uma das muitas noites em que fiquei até tarde na casa dos Cullen, aprendendo tudo o que podia, preparando-me ao máximo para o futuro que escolhera. A história da mãe de Tanya era uma entre as muitas que serviam como ilustração de apenas uma das regras que eu precisava respeitar quando me unisse ao mundo imortal. Só uma regra, na verdade — uma lei que se fragmentava em mil aspectos diferentes: Guardar o segredo.

Guardar o segredo significava muitas coisas — viver discretamente como os Cullen e mudar-se antes que os humanos pudessem suspeitar de que eles não estavam envelhecendo. Ou manter distância completa de humanos — a não ser no horário das refeições —, como faziam nômades como James e Victoria; como os amigos de Jasper, Peter e Charlotte, ainda viviam. Significava manter o controle sobre quaisquer vampiros novos que você criasse, como Jasper fez quando viveu com Maria. Como Victoria não conseguira fazer com seus recém-

criados.

E significava, antes de tudo, não criar certas coisas, porque algumas criações eram incontroláveis.

— Não sei o nome da mãe de Tanya — admitira Carlisle, com os olhos dourados, quase do mesmo tom de seu cabelo louro, tristes ao se lembrarem da dor de Tanya. — Elas jamais falam dela; se puderem evitar, jamais pensam nela por vontade própria.

"A mulher que criou Tanya, Kate e Irina, que as amava, acredito, viveu muitos anos antes de eu nascer, em uma época de peste em nosso mundo, a peste das crianças imortais. Não consigo entender o que eles, os antigos, estavam pensando. Criaram vampiros a partir de humanos que mal passavam de bebês."

Tive de engolir a bile que subia por minha garganta enquanto imaginava o que ele descrevia.

— Eles eram muito bonitos — explicara Carlisle rapidamente, vendo minha reação. — Tão afetuosos, tão encantadores!, você não imagina. Bastava ficar perto deles para amá-los; era uma reação automática.

"Mas não conseguiam aprender. Estavam paralisados naquele nível de desenvolvimento que alcançaram antes de ser mordidos. Adoráveis crianças de 2 anos com covinhas e ciciando, que podiam destruir metade de um vilarejo em um de seus acessos de raiva. Quando estavam com fome, alimentavam-se, e nenhuma advertência podia impedi-los. Os humanos os viram, as histórias circularam, o medo se espalhou como fogo em palha seca...

"A mãe de Tanya criou uma criança dessas. Como no caso dos outros antigos, não consigo entender os motivos."

Ele respirara fundo.

— Os Volturi se envolveram, é claro.

Encolhi-me, como sempre fazia diante desse nome, mas é claro que a legião de vampiros italianos — a realeza, segundo eles próprios — era fundamental nessa história. Não haveria lei se não houvesse punição; não poderia haver punição se não houvesse quem a aplicasse. Os antigos Aro, Caius e Marcus governavam as forças dos Volturi; eu só os vira uma vez, mas naquele breve encontro pareceu-me que Aro, com seu poderoso dom de ler a mente — bastava um toque, e ele sabia cada pensamento que a mente de alguém já teve em vida —, era o verdadeiro líder.

— Os Volturi analisaram as crianças imortais, em Volterra, seu lar, e em todo o mundo. Caius concluiu que os jovens eram incapazes de proteger nosso segredo. E, portanto, tinham de ser destruídos.

"Eu lhe disse que eles eram adoráveis. Bem, os bandos lutaram até o último homem — foram completamente dizimados — para protegê-los. A carnificina não foi tão disseminada como as guerras do sul deste continente, porém mais arrasadora, à sua maneira. Bandos, havia muito estabelecidos, antigas tradições, amigos... muita coisa se perdeu. No final, a prática foi completamente eliminada. As crianças imortais tornaram-se um tema que não se podia mencionar, um tabu.

"Quando morei com os Volturi, conheci duas crianças imortais, então eu sei por experiência própria o apelo que tinham. Aro estudou os pequenos por muitos anos depois de encerrada a catástrofe que eles provocaram. Você conhece sua disposição inquisitiva; ele tinha esperança de que eles pudessem ser domados; mas, no fim, a decisão foi unânime: as crianças imortais não podiam existir."

Eu já havia quase me esquecido da mãe das irmãs Denali quando a história voltou a ela.

— Não está precisamente claro o que aconteceu com a mãe de Tanya — contara Carlisle. — Tanya, Kate e Irina ignoravam inteiramente os fatos até o dia em que os Volturi as procuraram, sua mãe e sua criação ilegal já prisioneiras. Foi a ignorância que salvou a vida de Tanya e de suas irmãs. Aro as tocou e viu sua completa inocência, então elas não foram punidas com a mãe.

"Nenhuma delas tinha visto o menino, nem sonhavam com sua existência, até o dia em que o viram arder nos braços da mãe. Só posso deduzir que a mãe guardara o segredo para protegê-las dessas consequências. Mas por que ela o criara, para começo de conversa? Quem era ele e o que significava para ela, a ponto de levá-la a atravessar o mais intransponível dos limites? Tanya e as outras nunca tiveram resposta para nenhuma destas perguntas. Mas não podiam duvidar da culpa da mãe, e não acho que realmente a tenham perdoado.

"Mesmo com a garantia de Aro de que Tanya, Kate e Irina eram inocentes, Caius queria queimá-las. Culpadas por associação. Tiveram sorte por Aro sentir-se piedoso naquele dia. Tanya e as irmãs foram perdoadas, mas ficaram com o coração eternamente ferido e um profundo respeito pela lei..."

Não tenho certeza de onde exatamente a recordação se transformou em sonho. Em um momento parecia que eu estava ouvindo Carlisle em minha lembrança,

olhando seu rosto, e depois, no momento seguinte, olhava um campo árido e cinzento, sentia o cheiro espesso de incenso queimando. Eu não estava sozinha ali.

O amontoado de vultos no meio do campo, todos com mantos cinza, deveria ter me apavorado — só podiam ser os Volturi, e eu, contrariando o que eles haviam decretado em nosso último encontro, ainda era humana. Mas sabia que estava invisível para eles, como às vezes acontece nos sonhos.

À minha volta estavam montes fumacentos. Reconheci o cheiro doce no ar e não os examinei muito de perto. Não desejava ver os rostos dos vampiros que eles executaram, temerosa de que pudesse reconhecer alguém nas piras em brasa.

Os soldados Volturi estavam parados em círculo em volta de alguma coisa, ou de alguém, e ouvi suas vozes sussurrantes elevadas em meio à agitação. Aproximei-me um pouco dos mantos, impelida em sonho para ver a coisa, ou pessoa, que examinavam com tanta intensidade. Esgueirando-me com cuidado entre dois dos mantos altos e sibilantes, finalmente vi o objeto de seu debate, no alto de um pequeno monte, acima deles.

Ele era lindo, adorável, como Carlisle descrevera. O menino ainda era quase um bebê, tinha talvez uns 2 anos. Cachos castanho-claros emolduravam o rosto de querubim com as bochechas redondas e os lábios carnudos. E ele tremia, os olhos fechados como se estivesse assustado demais para sentir a morte se aproximando a cada segundo.

Fui tomada de uma necessidade tão forte de salvar a criança linda e apavorada que os Volturi, apesar de toda sua ameaça arrasadora, não me preocupavam mais. Passei por eles, sem me importar que detectassem minha presença. Deixando-os para trás, disparei para o menino.

Somente para me deter, cambaleando, ao ter uma visão clara do monte em que ele se encontrava. Não era terra nem pedra, mas uma pilha de corpos humanos, drenados e sem vida. Tarde demais para não ver aqueles rostos. Eu conhecia todos eles: Angela, Ben, Jessica, Mike... E logo abaixo do menino adorável estavam os corpos de meu pai e de minha mãe.

A criança, então, abriu os olhos brilhantes e injetados de sangue.

3. O GRANDE DIA

MEUS OLHOS SE ABRIRAM.

Trêmula e ofegante, fiquei deitada em minha cama quente por vários minutos, tentando me livrar do sonho. O céu que via pela janela se acinzentava e assumia um tom rosa pálido enquanto eu esperava que meu coração desacelerasse.

Quando voltei plenamente à realidade de meu quarto bagunçado e conhecido, fiquei um pouco irritada comigo mesma. Que sonho para ter na véspera de meu casamento! Era isso que eu conseguia por ficar pensando em histórias perturbadoras no meio da noite.

Ansiosa para me livrar do pesadelo, eu me vesti e desci à cozinha muito antes da hora necessária. Primeiro limpei os cômodos já arrumados e, depois, quando Charlie acordou, preparei panquecas para ele. Eu estava agitada demais para ter algum interesse em tomar eu mesma o café da manhã — fiquei me balançando na cadeira enquanto ele comia.

— Você tem de pegar o Sr. Weber às três horas — lembrei a ele.

— Não tenho tanta coisa para fazer hoje além de pegar o pastor, Bells. Não é provável que eu vá me esquecer de minha única tarefa. — Charlie havia tirado o dia de folga por causa do casamento e, definitivamente, não tinha o que fazer. De vez em quando, seus olhos disparavam furtivamente para o armário sob a escada, onde guardava a vara de pesca.

— Não é sua única tarefa. Você também tem de se vestir e ficar apresentável.

Ele franziu o cenho para a tigela de cereais e murmurou as palavras "fantasia de pinguim" à meia-voz.

Houve uma batida animada na porta da frente.

— E você acha que está mal — eu disse, fazendo uma careta enquanto me levantava. — Alice vai trabalhar comigo o dia todo.

Charlie assentiu, solidário, concordando que a provação dele era menor. Abaixei-me para dar um beijo em sua cabeça enquanto passava — ele corou e pigarreou —, e então fui abrir a porta para minha melhor amiga e em breve

cunhada.

O cabelo curto de Alice não estava espetado, como sempre — caía em cachos macios e brilhantes em torno do rosto de fada, que por contraste trazia uma expressão pragmática. Ela me arrastou da casa mal dizendo um "Oi, Charlie" sobre o ombro.

Alice me avaliou enquanto eu entrava em seu Porsche.

— Ah, mas que droga, veja os seus olhos! — Fez um muxoxo de reprovação. — O que foi que você fez? Ficou acordada a noite toda?

— Quase.

Ela fechou a cara.

— Reservei tanto tempo para deixá-la estonteante, Bella... Você podia ter cuidado melhor da minha matéria-prima.

— Ninguém espera que eu esteja estonteante. Acho que o maior problema é que eu posso cair no sono durante a cerimônia e não conseguir dizer o "Sim" na parte certa, e então Edward vai aproveitar para fugir.

Ela riu.

— Vou atirar meu buquê em você quando chegar a hora.

— Obrigada. Pelo menos você terá muito tempo para dormir no avião amanhã.

Ergui uma sobrancelha. Amanhã, refleti. Se íamos partir naquela noite, depois da recepção, e ainda estaríamos no avião amanhã... Bom, não íamos para Boise, em Idaho. Edward não tinha deixado passar nem uma dica. Eu não estava preocupada demais com o mistério, mas era estranho não saber onde iria dormir na noite seguinte. Ou, assim eu esperava, não dormir...

Alice percebeu que tinha deixado escapar alguma coisa e franziu a testa.

— Suas malas estão arrumadas e prontas — disse, para me distrair.

Funcionou.

— Alice, eu queria que você me deixasse fazer minhas malas!

— Isso teria lhe dado muitas pistas.

— E negaria a você a oportunidade de fazer compras.

— Você será oficialmente minha irmã em menos de dez horas... Está na hora de superar essa aversão a roupas novas.

Fiquei olhando, grogue, para o para-brisa até quase chegarmos à casa.

— Ele já voltou? — perguntei.

— Não se preocupe, ele estará lá antes que a música comece. Mas você não vai vê-lo, não importa a hora que ele volte. Vamos fazer isso da forma tradicional.

Eu bufei.

— Tradicional!

— Tudo bem, exceto pela noiva e o noivo.

— Você sabe que ele já espionou.

— Ah, não... Por isso mesmo sou a única que viu você com o vestido. Estou tomando muito cuidado para não pensar nisso quando ele está por perto.

— Bom — eu disse quando chegávamos à entrada da casa —, vejo que você reaproveitou sua decoração de formatura.

Os quase cinco quilômetros de estrada até a casa estavam mais uma vez enrolados em centenas de milhares de pisca-piscas. Dessa vez, ela acrescentara arcos de cetim branco.

— Quem poupa tem. Vá desfrutando, porque só poderá ver a decoração do interior quando chegar a hora. — Ela parou na garagem cavernosa ao norte da casa principal; o enorme Jeep de Emmett ainda não estava lá.

— Desde quando a noiva não pode ver a decoração? — protestei.

— Desde que ela me encarregou disso. Quero que você tenha todo o impacto ao descer a escada.

Ela cobriu meus olhos com as mãos antes de me levar para a cozinha. Imediatamente, fui assaltada pelo cheiro.

— O que é isso? — perguntei enquanto ela me guiava casa adentro.

— Está exagerado? — De repente a voz de Alice soou preocupada. — Você é a primeira humana aqui; espero que eu tenha feito tudo certo.

— O cheiro é maravilhoso! — garanti a ela. Quase inebriante, mas não opressivo, o equilíbrio entre as diferentes fragrâncias era sutil e impecável. — Flores de laranjeira... lilases... e outra coisa... estou certa?

— Muito bom, Bella. Só esqueceu a frésia e as rosas.

Ela só descobriu meus olhos quando estávamos em seu imenso banheiro. Olhei a longa bancada, coberta com toda a parafernália de um salão de beleza, e comecei a sentir os efeitos da noite insone.

— Isso é mesmo necessário? Independentemente do que você fizer, vou parecer muito simples ao lado dele.

Ela me empurrou para uma cadeira cor-de-rosa baixa.

— Ninguém se atreverá a dizer que você é muito simples quando eu tiver terminado.

— Só porque eles têm medo de que você chupe seu sangue — murmurei. Recostei-me na cadeira e fechei os olhos, esperando poder tirar uma soneca. De fato, cochilei um pouco enquanto ela aplicava máscara de beleza, polia e refinava cada centímetro de meu corpo.

Passava da hora do almoço quando Rosalie entrou deslizando pela porta do banheiro com um vestido prata cintilante e o cabelo dourado penteado no alto em uma suave coroa. Ela era tão linda que me constrangia. Que sentido tinha me produzir, com Rosalie por perto?

— Eles voltaram — disse Rosalie; e meu ataque infantil de desespero passou imediatamente. Edward estava em casa.

— Mantenha-o longe daqui! — disse Alice.

— Ele não vai cruzar seu caminho hoje — Rosalie a tranquilizou. — Ele valoriza demais a própria vida. Esme os levou para terminar as coisas lá fora. Quer alguma ajuda? Eu posso fazer o cabelo dela.

Fiquei de boca aberta. Eu me debati mentalmente, tentando lembrar de como fechá-la.

Nunca fui a pessoa mais querida no mundo por Rosalie. E depois, para tornar as coisas ainda mais tensas entre nós, ela se sentiu pessoalmente ofendida com a decisão que eu estava tomando. Embora tivesse sua beleza irreal, a família amorosa e a alma gêmea em Emmett, teria desistido de tudo isso para ser humana. E aqui estava eu, insensivelmente jogando fora tudo o que ela queria na vida, como se fosse lixo. Isso não fazia de mim uma pessoa exatamente simpática aos olhos dela.

— Claro — disse Alice com tranquilidade. — Pode começar pelas tranças. Quero que fiquem bem rebuscadas. O véu vai ficar aqui, por baixo. — Suas mãos começaram a pentear meu cabelo, girando-o, ilustrando em detalhes o que ela queria. Quando terminou, as mãos de Rosalie substituíram as dela, modelando meu cabelo com um toque de pluma. Alice voltou a meu rosto.

Depois de ser elogiada por Alice pelo trabalho em meu cabelo, Rosalie foi pegar meu vestido e localizar Jasper, que tinha sido despachado para apanhar minha mãe e o marido dela, Phil, no hotel. No primeiro andar, eu podia ouvir de longe a porta se abrir e se fechar sem parar. Vozes começaram a chegar até nós.

Alice me fez ficar de pé, para que pudesse deslizar meu vestido sobre o cabelo e a maquiagem. Meus joelhos tremiam tanto enquanto ela fechava a longa fila de botões de pérola nas costas que o cetim tremia em pequenas ondas até o chão.

— Respire fundo, Bella — disse Alice. — E procure diminuir o batimento cardíaco. Você vai desmanchar seu rosto novo.

Dirigi-lhe minha melhor expressão de sarcasmo.

— Isso eu posso fazer muito bem.

— Agora tenho de me vestir. Pode se manter sozinha por dois minutos?

— Hmmm... Quem sabe?

Ela revirou os olhos e disparou porta afora.

Concentrei-me na respiração, contando cada movimento dos pulmões, e observei os padrões que a luz do banheiro produzia no tecido reluzente de minha saia. Eu tinha medo de olhar no espelho — medo de que minha imagem no vestido de noiva me deixasse à beira de uma crise de pânico.

Alice voltou antes que eu tivesse contado duzentas inspirações, com um vestido que fluía sobre seu corpo magro como uma cascata prateada.

— Alice... Minha nossa.

— Isso não é nada. Hoje ninguém vai olhar para mim. Não enquanto você estiver na sala.

— Rá-rá.

— Olhe, você está controlada ou terei de trazer Jasper aqui?

— Eles chegaram? Minha mãe está aqui?

— Ela acaba de passar pela porta. Está subindo.

Renée tinha chegado de avião dois dias antes, e eu passara cada minuto que pudera com ela — isto é, cada minuto que pudera arrancá-la de Esme e da decoração. Até onde dava para ver, ela estava se divertindo com aquilo mais do que uma criança trancada na Disneylândia a noite toda. De certo modo, eu me sentia quase tão traída quanto Charlie. Todo aquele pavor inútil com a reação que ela teria...

— Ah, Bella! — ela gritou, efusiva, antes de passar completamente pela porta. — Ah, querida, você está tão linda! Ai, eu vou chorar! Alice, você é incrível! Você e Esme deviam abrir um serviço de cerimonial. Onde encontrou esse vestido? É lindo! Tão gracioso, tão elegante. Bella, você parece ter acabado de sair de um filme de Jane Austen. — A voz de minha mãe parecia um pouco

distante e tudo no ambiente estava meio borrado. — Que ideia criativa, planejar o tema em torno da aliança de Bella. Tão romântico! E pensar que está na família de Edward desde o século XIX!

Alice e eu trocamos um olhar conspirador. Minha mãe errou no estilo do vestido em mais de cem anos! O casamento não estava centrado na aliança, mas no próprio Edward.

Ouviu-se um pigarro alto e áspero à porta.

— Renée, Esme disse que está na hora de você se acomodar lá embaixo — disse Charlie.

— Ora, Charlie, como você está elegante! — disse Renée num tom quase chocado. Isso pode ter explicado a rudeza na resposta de Charlie.

— Alice comprou para mim.

— Já está mesmo na hora? — falou Renée consigo mesma, parecendo quase tão nervosa quanto eu. — Tudo passou tão rápido. Estou meio tonta.

Então éramos duas.

— Me dê um abraço antes de eu descer — insistiu Renée. — Agora, com cuidado, não rasgue nada.

Minha mãe me apertou delicadamente pela cintura, depois girou para a porta, só para voltar-se novamente e me olhar.

— Ah, meu Deus, quase me esqueci! Charlie, onde está a caixa?

Meu pai vasculhou os bolsos por um minuto e pegou uma caixinha branca, que entregou a Renée. Ela ergueu a tampa e a estendeu para mim.

— Uma coisa azul — disse ela.

— Uma coisa antiga também. Eram de sua avó Swan — acrescentou Charlie. — Pedimos ao joalheiro que substituísse as pedras falsas por safiras.

Dentro da caixa estavam duas travessas pesadas de prata. Safiras azuis escuras incrustavam-se em um padrão floral complexo no alto dos dentes.

Um nó surgiu em minha garganta.

— Mãe, pai... Não deviam ter feito isso.

— Alice não ia nos deixar fazer mais nada — disse Renée. — Sempre que tentávamos, ela quase cortava nossa garganta.

Uma risada histérica explodiu por meus lábios.

Alice se aproximou e rapidamente colocou as duas travessas em meu cabelo, no começo das tranças grossas.

— Uma coisa antiga e uma coisa azul — refletiu Alice, dando alguns passos atrás para me admirar. — E seu vestido é novo... Então aqui...

Ela sacudiu alguma coisa para mim. Estendi a mão automaticamente e a liga fina e branca pousou em minha palma.

— É minha e a quero de volta — disse-me Alice.

Eu corei.

— Pronto — disse Alice com satisfação. — Um pouco de cor... Era só o de que precisava. Você está oficialmente perfeita. — Com um sorriso de autocongratulação, ela se virou para meus pais. — Renée, você precisa descer.

— Sim, senhora. — Renée me soprou um beijo e correu para a porta.

— Charlie, pode ir pegar as flores, por favor?

Enquanto Charlie saía do cômodo, Alice pegou a liga em minhas mãos e se enfiou debaixo da minha saia. Eu arfei e estremeci quando sua mão fria segurou meu tornozelo; ela colocou a liga no lugar.

Ela estava novamente de pé antes de Charlie voltar com dois buquês de flores brancas. O cheiro de rosas, flores de laranjeira e frésias me envolveu numa névoa suave.

Rosalie — a melhor musicista na família, depois de Edward — começou a tocar o piano. O cânone de Pachelbel. Comecei a ofegar.

— Calma, Bells — disse Charlie. Ele se virou para Alice, nervoso. — Ela parece um pouco enjoada. Acha que vai conseguir?

A voz dele parecia distante. Eu mal sentia as pernas.

— É melhor que consiga.

Alice se colocou na minha frente, na ponta dos pés, para melhor olhar meus olhos, e pegou meus pulsos nas mãos duras.

— Foco, Bela. Edward está esperando você lá embaixo.

Respirei fundo, tentando me recompor.

A música lentamente se metamorfoseou em outra. Charlie me cutucou.

— Bells, é nossa vez.

— Bella? — perguntou Alice, ainda sustentando meu olhar.

— Sim — guinchei. — Edward. Tudo bem. — Deixei que ela me puxasse, com Charlie segurando meu cotovelo.

A música estava mais alta no corredor. Flutuava escada acima junto com a fragrância de um milhão de flores. Concentrei-me na ideia de Edward esperando

lá embaixo para que meus pés avançassem.

A música era conhecida, a tradicional marcha de Wagner com um arranjo bem mais floreado.

— É minha vez — disse Alice. — Conte até cinco e me siga. — Ela começou uma dança lenta e graciosa pela escada. Eu devia ter percebido que era um erro ter Alice como única dama de honra. Eu ficaria muito mais descoordenada aparecendo depois dela.

Uma súbita fanfarra vibrou pela música que crescia. Reconheci minha deixa.

— Não me deixe cair, pai — cochichei. Charlie passou minha mão por seu braço e a apertou.

Um passo de cada vez, disse a mim mesma enquanto começávamos a descer no ritmo lento da marcha. Só ergui os olhos quando meus pés estavam seguros no piso plano, embora eu pudesse ouvir os murmúrios e sussurros dos convidados à medida que entrava em seu campo de visão. O sangue inundou meu rosto com esse som; é claro que eu tinha de ser a noiva ruborizada.

Assim que meus pés passaram pela traiçoeira escada, procurei por ele. Por um breve segundo, fui distraída pela profusão de flores brancas que pendiam em guirlandas de tudo o que não estivesse vivo na sala, caindo com longas fitas diáfanas e brancas. Mas desviei os olhos do dossel frondoso e procurei pelas filas de cadeiras forradas de cetim — corando ainda mais ao ver a multiplicidade de rostos, todos concentrados em mim —, até que enfim o vi, parado diante de um arco que transbordava com mais flores e mais tecido transparente.

Mal percebi que Carlisle estava ao seu lado, e que o pai de Angela se encontrava atrás dos dois. Não vi minha mãe onde ela devia estar sentada, na fila da frente, nem minha nova família, nem nenhum dos convidados — eles teriam de esperar até mais tarde.

Só o que eu via era o rosto de Edward; ele enchia minha visão e dominava minha mente. Seus olhos eram de um ouro amanteigado e ardente; o rosto perfeito estava quase severo com a profundidade de sua emoção. E depois, quando encontrou meu olhar surpreso, ele abriu um exultante sorriso de tirar o fôlego.

De repente, só a pressão da mão de Charlie na minha me impediu de disparar direto pelo corredor.

A marcha agora era lenta demais enquanto eu lutava para que meus passos acompanhassem o ritmo. Felizmente, a passarela era muito curta. E depois,

finalmente, finalmente, eu estava lá. Edward estendeu a mão. Charlie pegou a minha mão e, num símbolo tão antigo quanto o mundo, colocou-a na de Edward. Eu toquei o milagre frio de sua pele e me senti em casa.

Nossos votos foram as palavras simples e tradicionais já pronunciadas um milhão de vezes, embora nunca por um casal como nós. Só pedimos uma pequena alteração ao Sr. Weber. Ele concordou em trocar a frase "Até que a morte nos separe" pela mais adequada "Enquanto ambos estivermos vivos".

Naquele momento, enquanto o ministro pronunciava aquelas palavras, meu mundo, que fazia tanto tempo estava de pernas para o ar, pareceu se acomodar em sua posição correta. Vi como tinha sido tola por temer aquilo — como se fosse um presente de aniversário indesejado ou uma exibição constrangedora, como o baile da escola. Olhei nos olhos brilhantes e triunfantes de Edward e entendi que eu também estava ganhando. Porque nada mais importava além de ficar com ele.

Só me dei conta de que estava chorando quando chegou a hora de dizer as palavras definitivas.

— Sim — consegui dizer de forma sufocada, num sussurro quase ininteligível, piscando os olhos para poder ver seu rosto.

Quando chegou a vez de Edward, a palavra soou clara e vitoriosa.

— Sim — prometeu ele.

O Sr. Weber nos declarou marido e mulher, e depois as mãos de Edward se estenderam para afagar meu rosto, com cuidado, como se fosse delicado como as pétalas brancas que balançavam acima de nossas cabeças. Embora a cortina de lágrimas me cegasse, tentei compreender o fato surreal de que aquela pessoa incrível era minha. Seus olhos dourados davam a impressão de que também teriam lágrimas, se isso não fosse impossível. Ele inclinou a cabeça na direção da minha e eu me estiquei na ponta dos pés, atirando os braços — com buquê e tudo — em volta de seu pescoço.

Ele me beijou com ternura, com adoração; esqueci-me da multidão, do lugar, do momento, do motivo... só me lembrando de que ele me amava, ele me queria, eu era dele.

Ele começou o beijo, e teve de terminá-lo; eu me agarrava a ele, ignorando os risos e os pigarros dos convidados. Por fim, suas mãos seguraram meu rosto e ele se afastou — cedo demais — para me olhar. Na superfície, seu sorriso repentino era quase de diversão, quase malicioso. Mas por baixo essa diversão momentânea

para exibição pública era uma alegria profunda que ecoava meu próprio júbilo.

A multidão explodiu em aplausos, e ele nos virou para ficarmos de frente para nossos amigos e familiares. Eu não conseguia tirar os olhos dele para vê-los.

Os braços de minha mãe foram os primeiros a me encontrar, o rosto banhado de lágrimas foi a primeira coisa que vi quando finalmente desviei os olhos do rosto de Edward, com relutância. E depois fui passada pela multidão, de abraço em abraço, vagamente ciente de quem me envolvia, minha atenção centrada na mão de Edward apertando a minha. Reconheci a diferença entre os abraços macios e quentes de meus amigos humanos e os abraços gentis e frios de minha nova família.

Um abraço abrasador destacou-se entre todos os outros — Seth Clearwater enfrentara o grupo de vampiros para representar meu amigo lobisomem desaparecido.

4. GESTO

O CASAMENTO PROSSEGUIU, COM SUAVIDADE, PARA A FESTA DE RECEPÇÃO — prova do planejamento impecável de Alice. Era a hora do crepúsculo sobre o rio; a cerimônia tinha durado o tempo exato, permitindo que o sol se pusesse atrás das árvores. Enquanto Edward me conduzia pelas portas de vidro dos fundos, as luzes nas árvores cintilavam, conferindo brilho às flores brancas. Havia mais dez mil flores ali, servindo como tenda fragrante e etérea à pista de dança montada no gramado sob dois velhos cedros.

Os acontecimentos desaceleraram, relaxaram, à medida que a noite branda de agosto nos cercava. As pessoas se espalharam sob o brilho suave das luzes, e fomos recebidos novamente pelos amigos que tínhamos acabado de abraçar. Agora havia tempo para conversar, para rir.

— Meus parabéns — disse-nos Seth Clearwater, abaixando a cabeça sob a borda de uma guirlanda de flores.

A mãe de Seth, Sue, estava bem junto dele, olhando os convidados com uma intensidade cautelosa. Seu rosto era fino e feroz, expressão acentuada pelo corte de cabelo curto e austero; tão curto quanto o da filha Leah — e eu me perguntei se ela o havia cortado da mesma maneira para demonstrar solidariedade. Billy Black, do outro lado de Seth, não estava tão tenso quanto Sue.

Quando eu olhava o pai de Jacob, sempre tinha a impressão de estar vendo duas pessoas, em vez de apenas uma. Havia o velho na cadeira de rodas, com o rosto enrugado e o sorriso branco que todos os outros viam, e havia o descendente direto de uma longa linhagem de chefes poderosos e mágicos, envolto na autoridade com que nascera. Embora a magia — na ausência de um catalisador — tivesse saltado sua geração, Billy ainda fazia parte do poder e da lenda. Fluía por ele. Fluiu para seu filho, o herdeiro da magia, que deu as costas para ela. Isso permitiu que Sam Uley agora agisse como chefe das lendas e da magia...

Billy parecia estranhamente à vontade, considerando a companhia e o evento — seus olhos negros cintilavam como se ele tivesse acabado de receber boas

notícias. Fiquei impressionada com seu comportamento. Aos olhos de Billy, meu casamento deveria parecer algo muito ruim, o pior que poderia acontecer com a filha de seu melhor amigo.

Sabia que não era fácil para ele conter seus sentimentos, considerando o desafio que o evento representava para o antigo tratado entre os Cullen e os quileutes — o tratado que proibia os Cullen de criar outro vampiro. Os lobos sabiam que estava prestes a ocorrer uma transgressão, mas os Cullen não faziam ideia de como eles reagiriam. Antes da aliança, isso teria significado um ataque imediato. Uma guerra. Mas, agora que eles se conheciam melhor, será que haveria perdão?

Como em resposta a esse pensamento, Seth inclinou-se para Edward, de braços estendidos. Edward retribuiu com o braço livre.

Vi Sue tremer delicadamente.

— É bom ver as coisas dando certo para você, cara — disse Seth. — Fico feliz por você.

— Obrigado, Seth. Isso significa muito para mim. — Edward se afastou de Seth e olhou para Sue e Billy. — Agradeço a vocês também. Por deixarem Seth vir. Por oferecerem seu apoio a Bella hoje.

— Não há de quê — disse Billy com a voz grave e profunda, e fiquei surpresa com o otimismo de seu tom. Talvez uma trégua mais duradoura estivesse no horizonte.

Uma pequena fila estava se formando, então Seth acenou um adeus e conduziu a cadeira de Billy na direção da comida. Sue mantinha uma das mãos em cada um deles.

Angela e Ben foram os próximos a nos cumprimentar, seguidos pelos pais de Angela e, depois, Mike e Jessica — que, para minha surpresa, estavam de mãos dadas. Eu não sabia que estavam juntos de novo. Isso era bom.

Atrás de meus amigos humanos estavam meus novos primos por afinidade, o clã de vampiros Denali. Percebi que prendi a respiração quando a vampira da frente — Tanya, pressupus, pelo matiz arruivado dos cabelos louros — adiantou-se para abraçar Edward. Ao lado dela, havia outras vampiras de olhos dourados me fitando com franca curiosidade. Uma delas tinha cabelos louro-claros e lisos como palha de milho. A outra e o homem ao lado dela tinham cabelos pretos, com um toque de oliva na pele de giz.

E todos os quatro eram tão bonitos que faziam meu estômago doer.

Tanya ainda abraçava Edward.

— Ah, Edward — disse ela. — Senti saudades de você.

Edward riu e se desvencilhou com habilidade do abraço, colocando a mão de leve em seu ombro e recuando um passo, como que para olhá-la melhor.

— Faz muito tempo, Tanya. Você está ótima.

— E você também.

— Deixe-me apresentar minha esposa. — Era a primeira vez que Edward dizia esta palavra desde que ela se tornou oficialmente verdadeira; ele dava a impressão de que ia explodir de satisfação pronunciando-a agora. Os Denali riram de leve. — Tanya, esta é minha Bella.

Tanya era, em todos os aspectos, tão linda quanto previram meus piores pesadelos. Ela me olhou com uma expressão muito mais especulativa do que resignada, depois estendeu o braço para apertar minha mão.

— Bem-vinda à família, Bella. — Ela sorriu, um tanto pesarosa. — Nós nos consideramos parte da família de Carlisle, e eu lamento pelo, hã, incidente recente, quando não nos comportamos de acordo. Devíamos ter conhecido você mais cedo. Pode nos perdoar?

— Claro — eu disse, sem fôlego. — É muito bom conhecer vocês.

— Os Cullen agora estão em número par. Talvez seja nossa vez, hein, Kate? — Ela sorriu para a loura.

— Os sonhos não devem morrer — disse Kate, revirando os olhos dourados. Ela tirou minha mão da de Tanya e a apertou gentilmente. — Bem-vinda, Bella.

A mulher de cabelos escuros pôs a mão por cima da de Kate.

— Meu nome é Carmen, e este é Eleazar. Todos estamos muito satisfeitos por finalmente conhecer você.

— E-eu também — gaguejei.

Tanya olhou as pessoas que esperavam atrás dela — o auxiliar de Charlie, Mark, e sua esposa. Seus olhos se arregalaram ao perceberem o clã dos Denali.

— Vamos nos conhecer melhor mais tarde. Teremos eras para isso! — Tanya riu enquanto ela e a família se afastavam.

Todas as tradições de praxe foram seguidas. Fiquei cega pelos flashes das câmeras enquanto segurava a faca sobre o bolo espetacular — grande demais, pensei, para nosso grupo relativamente pequeno de amigos e familiares. Nós nos

revezamos oferecendo o bolo um ao outro; Edward engoliu sua parte corajosamente, enquanto eu observava, incrédula. Atirei meu buquê, com uma habilidade atípica, direto nas mãos surpresas de Angela. Emmett e Jasper uivaram de rir com meu rubor enquanto Edward retirava com os dentes minha liga emprestada — que eu tinha descido quase ao tornozelo —, com muito cuidado. Com uma piscadela rápida para mim, ele a atirou direto na cara de Mike Newton.

E quando a música começou Edward me tomou nos braços para a costumeira primeira dança; eu fui de boa vontade, apesar de meu medo de dançar — em especial diante de uma plateia —, feliz por tê-lo me abraçando. Ele fez todo o trabalho e eu girei sem esforço sob o brilho do dossel de luzes e os flashes das câmeras.

— Apreciando a festa, Sra. Cullen? — sussurrou ele em meu ouvido.

Eu ri.

— Vai levar algum tempo para me acostumar.

— Temos tempo — ele me lembrou, a voz exultante, e se inclinou para me beijar enquanto dançávamos.

As câmeras clicaram febrilmente.

A música mudou e Charlie bateu no ombro de Edward.

Não era assim tão fácil dançar com Charlie. Ele não era melhor do que eu, então nos movemos com segurança lateralmente, como numa coreografia de quadrilha. Edward e Esme giravam à nossa volta como Fred Astaire e Ginger Rogers.

— Vou sentir sua falta em casa, Bella. Já me sinto sozinho.

Eu falei através de um nó na garganta, tentando fazer piada daquilo.

— Eu me sinto péssima, deixando você cozinhar para si mesmo... É praticamente negligência criminosa. Você podia me prender.

Ele sorriu.

— Acho que vou sobreviver à comida. Mas me ligue sempre que puder.

— Eu prometo.

Parecia que eu tinha dançado com todo mundo. Era bom ver todos os meus velhos amigos, mas eu realmente queria estar com Edward mais do que qualquer outra coisa. Fiquei feliz quando ele finalmente se impôs, meio minuto depois de uma nova dança começar.

— Ainda não gosta de Mike, hein? — comentei enquanto Edward me girava para longe dele.

— Não quando tenho de ouvir os pensamentos dele. Ele tem sorte por eu não lhe dar um murro. Ou coisa pior.

— É, tá legal.

— Já teve a oportunidade de se olhar?

— Hmmmm. Não, acho que não. Por quê?

— Então imagino que não perceba quanto está total e incrivelmente linda esta noite. Não me surpreende que Mike esteja tendo problemas com pensamentos inadequados em relação a uma mulher casada. Estou decepcionado que Alice não a tenha obrigado a se olhar no espelho.

— Você é muito tendencioso, sabe disso.

Ele suspirou e parou, girando-me de frente para a casa. A parede de vidro refletia a festa como um longo espelho. Edward apontou o casal no espelho diretamente à nossa frente.

— Tendencioso, eu?

Tive um vislumbre do reflexo de Edward — uma duplicata perfeita de seu rosto perfeito — com uma beldade de cabelos escuros ao lado dele. A pele dela era cremosa e rosada, seus olhos estavam imensos pela empolgação e emoldurados por cílios espessos. O vestido branco e cintilante abria-se sutilmente na cauda, quase como um copo-de-leite invertido, cortado com tanta habilidade que o corpo parecia elegante e gracioso — pelo menos enquanto estava imóvel.

Antes que eu pudesse piscar e fazer a beldade voltar a se transformar em mim, Edward de repente retesou-se e virou-se automaticamente para o outro lado, como se alguém tivesse chamado seu nome.

— Oh! — disse ele. Sua testa franziu por um instante e depois relaxou com a mesma rapidez.

— O que foi? — perguntei.

— Um presente de casamento surpresa.

— Hein?

Ele não respondeu; apenas voltou a dançar, girando-me para a direção oposta à que íamos antes, para longe das luzes e, então, para o manto fundo da noite, que cercava a pista iluminada.

Só parou quando chegamos ao lado sombreado de um dos imensos cedros.

Depois Edward olhou diretamente a sombra mais escura.

— Obrigado — disse Edward para a escuridão. — É muito... gentil de sua parte.

— Gentileza é o meu nome — uma voz rouca e familiar respondeu da noite escura. — Posso ter esta dança?

Minha mão voou para o pescoço e, se Edward não me segurasse, eu teria desmaiado.

— Jacob! — exclamei, sufocada, assim que consegui respirar. — Jacob!

— Olá, Bells.

Cambaleei na direção do som de sua voz. Edward manteve a mão firme em meu cotovelo, até que outro par de mãos fortes me pegou no escuro. O calor da pele de Jacob ardeu através do vestido de cetim fino enquanto ele me puxava para mais perto. Ele não fez questão de dançar; simplesmente me abraçou enquanto eu enterrava o rosto em seu peito. Inclinou-se, colando o rosto no alto de minha cabeça.

— Rosalie não me perdoaria se não tivesse sua vez na pista — murmurou Edward, e eu sabia que ele estava nos deixando, dando-me seu próprio presente: aquele momento com Jacob.

— Ah, Jacob! — Agora eu chorava; não conseguia pronunciar as palavras com clareza. — Obrigada.

— Pare de choramingar, Bella. Vai estragar seu vestido. Sou eu, só isso.

— Só? Ah, Jake! Agora tudo está perfeito.

Ele bufou.

— É... A festa pode começar. O padrinho finalmente chegou.

— Agora todo o mundo que eu amo está aqui.

Senti seus lábios roçando meu cabelo.

— Desculpe-me o atraso, querida.

— Estou tão feliz por você ter vindo!

— A ideia era essa.

Olhei os convidados, mas não consegui enxergar por entre os dançarinos o lugar onde vira o pai de Jacob pela última vez. Eu não sabia se ele ainda estava ali.

— Billy sabe que você está aqui? — Assim que perguntei, entendi que ele devia saber: era a única explicação para sua expressão de êxtase mais cedo.

— Sei que Sam contou a ele. Vou vê-lo quando... quando a festa acabar.

— Ele vai ficar feliz por tê-lo em casa.

Jacob me afastou um pouquinho e se endireitou. Deixou uma das mãos nas minhas costas e pegou minha mão direita com a outra. Aninhou nossas mãos em seu peito; eu podia sentir seu coração batendo sob a palma de minha mão e deduzi que ele não a colocara ali por acaso.

— Não sei se posso ter mais do que esta dança — disse ele, e começou a me puxar em um círculo lento que não se ajustava ao ritmo da música que vinha de trás. — É melhor eu aproveitar o máximo.

Nós nos movíamos no ritmo de seu coração sob minha mão.

— Estou feliz por ter vindo — disse Jacob baixinho depois de um instante. — Não pensei que me sentiria assim. Mas é bom ver você... mais uma vez. Não é tão triste como imaginei que seria.

— Não quero que fique triste.

— Eu sei. E não vim aqui hoje para fazer você se sentir culpada.

— Não... Estou muito feliz por você ter vindo. É o melhor presente que poderia ter me dado.

Ele riu.

— Isso é bom, porque não tive tempo para comprar um presente de verdade.

Meus olhos estavam se adaptando e agora eu podia ver seu rosto, mais alto do que eu esperava. Seria possível que ele ainda estivesse crescendo? Estava mais perto de dois metros do que de um e oitenta. Era um alívio ver suas feições familiares novamente, depois de todo aquele tempo — os olhos fundos sob as sobrancelhas pretas e cheias, as maçãs altas do rosto, os lábios grossos esticados sobre os dentes brilhantes, sorrindo com ironia, que combinava com seu tom de voz. Seus olhos eram estreitos nas pontas — cuidadosos; eu podia ver que ele estava sendo muito cuidadoso aquela noite. Estava fazendo de tudo para me deixar feliz, para não demonstrar quanto aquilo custava a ele.

Nunca fiz nada bom o suficiente para merecer um amigo como Jacob.

— Quando decidiu voltar?

— Consciente ou subconscientemente? — Ele respirou fundo antes de responder à própria pergunta. — Não sei bem. Acho que andei vagando nesta direção por um tempo, talvez porque estivesse vindo para cá. Mas foi só hoje de manhã que eu realmente comecei a correr. Não sabia se ia conseguir. — Ele riu.

— Você não acreditaria em como isso é estranho... Andar sobre duas pernas de novo. E roupas! E é mais bizarro porque parece estranho. Eu não esperava isso. Estou sem prática com toda a coisa humana.

Nós girávamos num ritmo constante.

— Teria sido uma pena deixar de ver você assim. Isso vale a viagem até aqui. Você está inacreditável, Bella. Tão linda!

— Alice investiu muito tempo em mim hoje. A escuridão também ajuda.

— Não está tão escuro para mim, você sabe.

— É verdade. — Sentidos de lobisomens. Era fácil esquecer todas as coisas que ele podia fazer; ele parecia tão humano! Em especial naquele momento.

— Você cortou o cabelo — observei.

— É. É mais fácil, sabe como é. Pensei que seria melhor tirar vantagem das mãos.

— Ficou bom — menti.

Ele bufou.

— Tá legal. Eu mesmo fiz, com tesoura enferrujada de cozinha. — Ele abriu um largo sorriso por um momento, depois o sorriso desapareceu. Sua expressão ficou grave. — Você está feliz, Bella?

— Estou.

— Ótimo. — Senti que ele dava de ombros. — Acho que é isso que importa.

— Como você está, Jacob? De verdade.

— Estou bem, Bella, de verdade. Não precisa mais se preocupar comigo. Pode parar de importunar Seth.

— Eu não o importuno só por sua causa. Eu gosto do Seth.

— Ele é um bom garoto. Melhor companhia do que alguns. Quer saber, se eu conseguisse me livrar de todas as vozes em minha cabeça seria quase perfeito ser um lobo.

Eu ri de suas palavras.

— É, eu também não consigo calar a minha.

— No seu caso, isso significaria que você é louca. É claro que eu já sabia que você era maluca — brincou ele.

— Obrigada.

— A insanidade talvez seja mais fácil do que compartilhar uma mente de bando. As vozes dos loucos não mandam babás para observá-los.

— Hein?

— Sam está lá fora. E alguns dos outros. Só por segurança, sabe como é.

— Por segurança contra o quê?

— Para o caso de eu não conseguir me comportar, algo assim. Para o caso de eu decidir acabar com a festa. — Ele abriu um rápido sorriso para o que provavelmente era uma ideia atraente para ele. — Mas não estou aqui para arruinar seu casamento, Bella. Estou aqui para... — Ele se interrompeu.

— Deixá-lo perfeito.

— Essa é uma missão de alta importância.

— Ainda bem que você também é alto.

Ele gemeu com minha piada ruim e suspirou.

— Só estou aqui para ser seu amigo. Seu melhor amigo, uma última vez.

— Sam devia lhe dar mais crédito.

— Bom, talvez eu esteja sendo sensível demais. Podem estar aqui para ficar de olho em Seth. Há muitos vampiros aqui. Seth não leva isso tão a sério quanto deveria.

— Seth sabe que não corre nenhum risco. Ele entende os Cullen melhor do que Sam.

— Claro, claro — disse Jacob, estabelecendo a paz antes que aquilo se transformasse numa briga.

Era estranho vê-lo sendo o diplomata.

— Lamento por essas vozes — eu disse. — Eu queria poder melhorar isso. — De muitas maneiras.

— Não é tão ruim assim. Só estou choramingando um pouco.

— Você está... feliz?

— Quase. Mas chega de falar de mim. Hoje a estrela é você. — Ele riu. — Aposto que você está adorando isso. Ser o centro das atenções.

— É. Não me canso de receber atenção.

Ele riu e olhou sobre minha cabeça. Com os lábios franzidos, examinou o brilho da festa, o giro gracioso dos dançarinos, as pétalas tremulantes caindo das guirlandas; olhei com ele. Tudo parecia muito distante visto daquele espaço escuro e silencioso. Era quase como ver os flocos se agitando dentro de um globo de neve.

— Tenho de admitir — disse ele. — Eles sabem dar uma festa.

— Alice é uma força irreprimível da natureza.

Ele suspirou.

— A música acabou. Acha que posso dançar outra? Ou é pedir demais?

Apertei minha mão em torno da dele.

— Pode ter quantas danças quiser.

Ele riu.

— Isso seria interessante. Mas acho melhor me limitar a duas. Não quero que comecem a falar.

Giramos em mais um círculo.

— É de pensar que a essa altura eu já estivesse acostumado a me despedir de você — ele murmurou.

Tentei engolir o nó em minha garganta, mas não consegui forçá-lo para baixo.

Jacob me olhou e franziu a testa. Passou os dedos em meu rosto, pegando as lágrimas.

— Não era você que devia estar chorando, Bella.

— Todo o mundo chora em casamentos — eu disse, com a voz embargada.

— É isso que você quer, não é?

— É.

— Então sorria.

Eu tentei. Ele riu da minha careta.

— Vou tentar me lembrar de você assim. Fingir que...

— Que o quê? Que eu morri?

Ele trincou os dentes. Estava lutando consigo mesmo — com sua decisão de fazer de sua presença ali um presente, não uma crítica. Eu podia adivinhar o que ele queria dizer.

— Não — ele respondeu por fim. — Mas verei você assim em minha mente: bochechas rosadas, coração batendo, dois pés esquerdos. Tudo isso!

Pisei deliberadamente em seu pé com a maior força que pude.

Ele sorriu.

— Esta é a minha garota.

Ele começou a falar outra coisa, mas fechou a boca de repente. Lutando de novo, os dentes trincados contra as palavras que não queria dizer.

Minha relação com Jacob costumava ser fácil. Tão natural quanto respirar. Mas desde que Edward voltara para minha vida era uma tensão constante. Porque

— aos olhos de Jacob —, ao escolher Edward, eu estava escolhendo um destino pior do que a morte, ou pelo menos equivalente a ela.

— O que foi, Jake? Pode me dizer. Pode me falar qualquer coisa.

— E-eu... eu não tenho nada para dizer a você.

— Ah, por favor. Fale de uma vez.

— É verdade. Não é... é... é uma pergunta. Uma coisa que eu quero que você me diga.

— Pergunte.

Ele lutou por mais um minuto, depois suspirou.

— Eu não devia. Não tem importância. É só curiosidade mórbida.

Porque o conhecia tão bem, eu entendi.

— Não será esta noite, Jacob — sussurrei.

Jacob era ainda mais obcecado com minha condição de humana que Edward. Ele valorizava cada batida de meu coração, sabendo que estavam contadas.

— Ah! — disse ele, tentando esconder o alívio. — Ah!

Uma nova música começou a tocar, mas ele não percebeu a mudança dessa vez.

— Quando? — sussurrou ele.

— Não sei bem. Daqui a uma ou duas semanas, talvez.

Sua voz mudou, assumiu um tom defensivo e zombeteiro.

— Por que o adiamento?

— Eu só não queria passar minha lua de mel me retorcendo de dor.

— Prefere passá-la como? Jogando xadrez? Rá-rá.

— Muito engraçado.

— Brincadeirinha, Bells. Mas, sinceramente, não vejo o sentido disso. Você não pode ter uma lua de mel de verdade com um vampiro, então, por que passar por tudo isso? Não é a primeira vez que você protela. Mas isso é bom — disse ele, sério de repente. — Não fique constrangida.

— Não estou protelando nada — rebati. — E, sim, eu posso ter uma lua de mel de verdade! Posso fazer o que eu quiser! Não se meta!

Jake parou nosso lento rodopio de repente. Por um momento, imaginei se ele finalmente teria percebido que a música mudara e procurei em minha mente um modo de superar nosso pequeno desentendimento antes que ele se despedisse de mim. Não devíamos nos separar daquele jeito.

E então seus olhos se arregalaram com uma estranha espécie de pavor confuso.

— Como é? — ele ofegou. — O que você disse?

— Sobre o quê...? Jake? Qual é o problema?

— Como assim? Ter uma lua de mel de verdade? Enquanto você ainda é humana? Está brincando? É uma piada de humor negro, Bella!

Eu o fuzilei com os olhos.

— Eu disse para não se meter, Jake. Isso não é da sua conta. Eu nem devia... A gente nem devia estar falando disso. É particular...

Suas mãos enormes seguraram meus braços no alto, envolvendo todo o meu corpo, os dedos se entrelaçando.

— Ai, Jake, me solte!

Ele me sacudiu.

— Bella! Você perdeu o juízo? Não pode ser tão idiota! Diga que está brincando!

Ele me sacudiu de novo. Suas mãos, apertadas como torniquetes, tremiam, enviando vibrações até meus ossos.

— Jake... pare!

Na escuridão de repente havia muita gente.

— Tire as mãos dela! — A voz de Edward era fria como gelo, afiada como uma navalha.

Atrás de Jacob, houve um rosnado baixo vindo da noite escura, depois outro, sobrepondo-se ao primeiro.

— Jake, mano, afaste-se — ouvi Seth Clearwater. — Você está perdendo o controle.

Jacob parecia paralisado, os olhos apavorados me fitando, arregalados.

— Você vai machucá-la — sussurrou Seth. — Solte-a.

— Agora! — rosnou Edward.

As mãos de Jacob caíram de lado, e o súbito jorro de sangue por minhas veias ansiosas foi quase doloroso. Antes que eu pudesse registrar mais do que isso, mãos frias substituíram as quentes e o ar de repente passou sibilando por mim.

Pisquei e estava a mais de um metro de onde estivera parada. Edward, tenso, diante de mim. Havia dois lobos imensos posicionados entre ele e Jacob, mas não me pareceram agressivos. Era mais como se estivessem tentando evitar a briga.

E Seth — o desajeitado Seth de 15 anos — tinha os braços compridos em

volta do corpo trêmulo de Jake, puxando-o para longe. Se Jacob se metamorfoseasse com Seth tão perto dele...

— Vamos, Jake. Vamos embora.

— Eu vou matar você — disse Jacob, a voz tão sufocada de raiva que era quase um sussurro. Seus olhos, focados em Edward, ardiam de fúria. — Eu mesmo vou matar você! Vou fazer isso agora! — Ele tremia convulsivamente.

O lobo maior, o preto, grunhiu asperamente.

— Seth, saia do caminho — sibilou Edward.

Seth puxou Jacob de novo. Jacob estava tão perturbado pela raiva que Seth conseguiu arrastá-lo alguns passos para trás.

— Não faça isso, Jake. Vá embora. Venha.

Sam — o lobo maior, o preto — uniu-se a Seth. Pôs a cabeça imensa contra o peito de Jacob e o empurrou.

Os três — Seth puxando, Jake tremendo, Sam empurrando — desapareceram rapidamente na escuridão.

O outro lobo ficou parado, vendo-os se afastar. Eu não tinha certeza, à luz fraca, da cor de seu pelo — chocolate, talvez? Seria o Quil então?

— Desculpe — sussurrei ao lobo.

— Está tudo bem agora, Bella — murmurou Edward.

O lobo olhou para Edward. Seu olhar não era amistoso. Edward assentiu friamente para ele. O lobo bufou e se virou para seguir os outros, desaparecendo também.

— Tudo bem — disse Edward para si mesmo, depois olhou para mim. — Vamos voltar.

— Mas Jake...

— Sam o tem sob controle. Ele se foi.

— Edward, eu sinto tanto. Fui idiota...

— Você não fez nada de errado...

— Eu falo demais! Por que eu... eu não devia deixar que ele me afetasse desse jeito. O que eu estava pensando?

— Não se preocupe. — Ele tocou meu rosto. — Precisamos voltar para a recepção antes que alguém perceba nossa ausência.

Sacudi a cabeça, tentando me reorientar. Antes que alguém percebesse? Alguém teria perdido aquilo?

Depois, enquanto pensava, compreendi que o confronto que me parecera tão catastrófico na realidade fora muito silencioso e breve, ali nas sombras.

— Me dê dois segundos — pedi.

Eu estava um caos por dentro, de pânico e tristeza, mas isso não importava — naquele momento, a única coisa importante era a aparência. Fingir um bom espetáculo era algo que eu sabia que tinha de assumir.

— Meu vestido?

— Você está ótima. Nem um fio de cabelo fora do lugar.

Respirei fundo duas vezes.

— Tudo bem. Vamos.

Ele pôs os braços ao meu redor e me levou de volta à luz. Quando passamos sob as luzes, ele me girou gentilmente na pista. Nós nos misturamos com os outros dançarinos como se nossa dança não tivesse sido interrompida.

Corri os olhos pelos convidados, mas ninguém parecia chocado ou assustado. Só os rostos mais pálidos demonstravam algum sinal de estresse, e eles dissimularam isso bem. Jasper e Emmett estavam na beira da pista, juntos, e adivinhei que estivessem por perto durante o confronto.

— Você está...

— Estou bem — garanti. — Nem acredito que fiz aquilo. O que há de errado comigo?

— Não há nada de errado com você.

Eu tinha ficado tão feliz ao ver Jacob ali. Sabia do sacrifício que aquilo representava para ele. E, então, estraguei tudo, transformei o presente dele em um desastre. Eu devia ficar de quarentena.

Mas minha idiotice não estragaria mais nada naquela noite. Eu afastaria o episódio, enfiaria numa gaveta e trancaria, para enfrentá-lo mais tarde. Eu teria muito tempo para me flagelar por aquilo, e não havia nada que pudesse fazer naquele momento.

— Acabou — eu disse. — Não vamos pensar mais nisso hoje.

Esperei um assentimento rápido de Edward, mas ele estava em silêncio.

— Edward?

Ele fechou os olhos e encostou a testa na minha.

— Jacob está certo — sussurrou ele. — O que eu estou pensando?

— Ele não está. — Tentei manter meu rosto inalterado para o grupo de

amigos que observava. — Jacob tem preconceitos demais para ver algo com clareza.

Ele murmurou alguma coisa que parecia quase um "devia deixar que ele me matasse por sequer pensar...".

— Pare — eu disse, incisiva. Peguei seu rosto e esperei até que ele abrisse os olhos. — Você e eu. Essa é a única coisa que importa. A única coisa em que você pode pensar agora. Está me ouvindo?

— Sim — ele suspirou.

— Esqueça que Jacob veio. — Eu podia fazer isso. Eu faria isso. — Por mim. Prometa que vai deixar isso de lado.

Ele me fitou nos olhos por um momento antes de responder.

— Prometo.

— Obrigada. Edward, eu não estou com medo.

— Eu estou — sussurrou ele.

— Não fique. — Respirei fundo e sorri. — A propósito, eu amo você.

Ele sorriu só um pouquinho.

— É por isso que estamos aqui.

— Você está monopolizando a noiva — disse Emmett, surgindo por trás do ombro de Edward. — Deixe-me dançar com minha irmã mais nova. Pode ser minha última chance de fazê-la corar. — Ele riu alto, alheio, como sempre, a qualquer clima sério.

No fim, havia muita gente com quem eu ainda não tinha dançado, e isso me deu a oportunidade de me recompor por completo. Quando Edward me reclamou de novo, descobri que o episódio Jacob estava totalmente superado. No momento em que ele me abraçou, consegui fazer ressurgir minha alegria anterior, a certeza de que tudo na minha vida estava no lugar certo naquela noite. Sorri e deitei a cabeça em seu peito. Seus braços me apertaram.

— Posso me acostumar com isso — eu disse.

— Não me diga que superou seus problemas com a dança.

— Dançar não é tão ruim... com você. Mas eu estava pensando mais nisso... — e me apertei ainda mais contra ele —, em nunca ter de deixar você.

— Nunca — prometeu ele, e se inclinou para me beijar.

Foi um beijo sério — intenso, lento, mas crescente...

Eu tinha me esquecido completamente de onde estava quando ouvi Alice

chamar.

— Bella! Está na hora!

Fiquei um pouco irritada com minha nova irmã, pela interrupção.

Edward a ignorou; seus lábios pressionaram os meus com força, mais urgentes do que antes. Meu coração disparou e as palmas de minhas mãos ficaram escorregadias em seu pescoço marmóreo.

— Querem perder o avião? — perguntou Alice, bem a meu lado agora. — Certamente terão uma linda lua de mel acampados no aeroporto, esperando outro voo.

Edward virou o rosto para murmurar:

— Vá embora, Alice. — E voltou a colar os lábios nos meus.

— Bella, quer usar esse vestido no avião? — ela perguntou.

Eu não estava prestando muita atenção. No momento, simplesmente não me importava.

Alice grunhiu baixo:

— Vou dizer a ela aonde vai levá-la, Edward. Estou falando sério: eu vou contar. Portanto, me ajude.

Ele parou. Então levantou o rosto do meu e fuzilou com os olhos a irmã favorita.

— Você é pequena demais para ser tão irritante.

— Não escolhi o vestido de viagem perfeito para vê-lo desperdiçado — ela respondeu, pegando minha mão. — Venha comigo, Bella.

Resistindo ao puxão dela, fiquei na ponta dos pés para beijá-lo mais uma vez. Ela me levava pelo braço com impaciência, arrastando-me para longe dele. Alguns convidados, que olhavam, riram. Então desisti e deixei que me levasse para a casa vazia.

Ela parecia aborrecida.

— Desculpe, Alice — falei.

— Não culpo você, Bella. — Ela suspirou. — Você não parece capaz de se conter.

Eu ri para sua expressão de martírio, e ela fechou a cara.

— Obrigada, Alice. Foi o casamento mais lindo que o mundo já viu — eu lhe disse com sinceridade. — Tudo foi exatamente perfeito. Você é a melhor, a mais inteligente e a mais talentosa irmã em todo o mundo.

Isso a fez relaxar; ela abriu um sorriso imenso.

— Que bom que você gostou.

Renée e Esme esperavam no segundo andar. As três rapidamente tiraram meu vestido e me colocaram o conjunto azul-escuro escolhido por Alice. Fiquei agradecida quando alguém tirou os grampos de meus cabelos e deixou que eles caíssem em minhas costas, ondulados por causa das tranças, poupando-me de uma dor de cabeça mais tarde. As lágrimas de minha mãe escorriam sem parar.

— Ligo quando souber para onde estou indo — prometi enquanto lhe dava um abraço de despedida. Eu sabia que o segredo da lua de mel devia estar deixando minha mãe louca; ela odiava segredos, a não ser que estivesse por dentro deles.

— Eu vou dizer assim que ela estiver seguramente longe — Alice tomou a frente, sorrindo de minha expressão magoada. Que injustiça, eu ser a última a saber!

— Você tem de me visitar e ao Phil logo. É sua vez de ir ao sul... ver o sol uma vez na vida — disse Renée.

— Hoje não choveu — lembrei a ela, esquivando-me de seu pedido.

— Um milagre.

— Está tudo pronto — disse Alice. — Suas malas estão no carro... Jasper vai trazê-lo até a entrada. — Ela me puxou para a escada com Renée me seguindo, ainda no meio de um abraço.

— Eu amo você, mãe — sussurrei enquanto descíamos. — Estou muito feliz por você ter o Phil. Cuidem um do outro.

— Eu também amo você, Bella, querida.

— Adeus, mãe. Amo você — repeti, minha garganta se fechando.

Edward esperava ao pé da escada. Peguei sua mão estendida mas me inclinei, examinando o grupo que esperava para nos ver partir.

— Pai? — perguntei, meus olhos procurando.

— Bem ali — murmurou Edward. Ele me puxou em meio aos convidados, que abriram caminho para nós. Encontramos Charlie encostado sem jeito na parede, atrás de todos, dando a impressão de que estava se escondendo. O contorno vermelho dos olhos explicava por quê.

— Ah, pai!

Eu o abracei pela cintura, as lágrimas jorrando de novo — eu estava chorando

demais naquela noite. Ele afagou minhas costas.

— Pronto, pronto. Não vai querer perder seu avião.

Era difícil falar de amor com Charlie — éramos tão parecidos, sempre voltados para coisas banais a fim de evitar exibições constrangedoras de emoção. Mas aquela não era hora de ficar constrangida.

— Eu amo você para sempre, pai — eu disse a ele. — Não se esqueça disso.

— Você também, Bells. Sempre amei, sempre amarei.

Eu lhe dei um beijo no rosto ao mesmo tempo que ele beijava o meu.

— Me ligue — disse ele.

— Logo — prometi, sabendo que era só o que eu podia prometer. Só um telefonema. Meu pai e minha mãe não poderiam me ver novamente; eu seria diferente demais e muito, muito perigosa.

— Vá, então — grunhiu ele. — Não queira se atrasar.

Os convidados fizeram outro corredor para nós. Edward me apertava ao lado do seu corpo enquanto escapávamos.

— Está pronta? — perguntou ele.

— Estou — eu disse, e sabia que era verdade.

Todos aplaudiram quando Edward me beijou na soleira da porta. Depois ele me levou correndo para o carro enquanto começava a tempestade de arroz. A maior parte dela passou longe, mas alguém, provavelmente Emmett, atirou com uma precisão fantástica e recebi muitos ricochetes das costas de Edward.

O carro estava decorado com mais flores, que se arrastavam como bandeirolas por todo o seu comprimento, e com longas fitas de tecido amarradas a uma dúzia de sapatos — sapatos de grife que pareciam novos em folha —, pendurados no para-choque.

Edward me protegeu do arroz quando entrei no carro, depois partimos enquanto eu dava adeus pela janela e gritava "Eu amo vocês" para a varanda, onde meus familiares acenavam para mim.

A última imagem que registrei foi a dos meus pais. Phil tinha os braços ternamente em volta de Renée, que passava um braço na cintura dele, mas estendia a mão livre para segurar a de Charlie. Tantos tipos diferentes de amor, harmoniosos naquele momento único. Pareceu-me uma imagem muito promissora.

Edward apertou minha mão.

— Eu amo você — ele disse.

Deitei a cabeça em seu braço.

— É por isso que estamos aqui. — Repeti o que ele dissera.

Ele beijou meu cabelo.

Quando alcançamos a estrada escura e Edward pisou fundo no acelerador, ouvi um ruído acima do zumbido do motor, vindo da floresta atrás de nós. Se eu consegui ouvir, ele certamente também ouviu. Mas ele não disse nada, e o som foi desaparecendo devagar na distância. Eu também não disse nada.

O uivo penetrante e inconsolável ficou cada vez mais fraco e então desapareceu por completo.

5. ILHA DE ESME

— HOUSTON? — PERGUNTEI, ERGUENDO AS SOBRANCELHAS QUANDO chegamos ao portão em Seattle.

— Só uma escala — garantiu-me Edward com um sorriso.

Parecia-me que eu mal tinha dormido quando ele me acordou. Estava grogue enquanto ele me puxava pelos terminais, lutando para me lembrar como abrir os olhos a cada vez que piscava. Precisei de alguns minutos para perceber o que estava acontecendo quando paramos no balcão internacional para fazer o check-in de nosso próximo voo.

— Rio de Janeiro? — perguntei com um leve tremor.

— Outra escala — disse-me ele.

O voo para a América do Sul foi longo, mas confortável, no amplo assento da primeira classe, com os braços de Edward à minha volta. Dormi e acordei incomumente alerta enquanto fazíamos um contorno para o aeroporto com a luz do sol se pondo através das janelas do avião.

Não ficamos no aeroporto para pegar uma conexão, como eu esperava. Em vez disso, pegamos um táxi pelas ruas escuras, apinhadas e vivas do Rio. Incapaz de entender uma palavra das instruções em português que Edward dava ao taxista, imaginei que eram para encontrar um hotel antes da próxima parte da viagem. Uma pontada aguda de alguma coisa muito parecida com o pânico da estreia contorceu a boca de meu estômago enquanto eu pensava nisso. O táxi prosseguiu em meio ao enxame de gente até que de algum modo este se tornou menos denso, e nos aproximamos do mar.

Paramos em uma marina.

Edward seguiu na frente pela longa fila de iates ancorados na água escurecida pela noite. O barco diante do qual ele havia parado era menor do que os outros, mais estreito, obviamente construído para ser veloz, e não espaçoso. Ele saltou para o barco com agilidade, apesar das malas pesadas que carregava. Largou-as no convés e virou-se para me ajudar a transpor a borda.

Observei em silêncio enquanto ele preparava o barco para a partida, surpresa com a habilidade que demonstrava, pois ele nunca mencionara qualquer interesse em barcos. No entanto, ele era bom em quase tudo.

Enquanto seguíamos para o leste em mar aberto, analisei a geografia básica em minha mente. Pelo que eu podia me lembrar, não havia muito a leste do Brasil... até que se chegasse à África.

Mas Edward acelerava enquanto as luzes do Rio diminuíam, e por fim sumiram atrás de nós. Em seu rosto havia um sorriso de extrema felicidade que eu conhecia, aquele produzido por qualquer forma de velocidade. O barco mergulhava nas ondas e eu era borrifada com a água do mar.

Por fim a curiosidade que reprimi por tanto tempo me venceu.

— Vamos muito mais longe? — perguntei.

Não era próprio dele se esquecer de que eu era humana, mas me perguntei se pretendia que morássemos naquele pequeno barco por algum tempo.

— Mais quatro horas. — Seus olhos pousaram em minhas mãos, agarradas no banco, e ele sorriu.

Ah, bem, pensei comigo mesma. Ele era um vampiro, afinal. Talvez estivéssemos indo para a Atlântida.

Algum tempo depois, ele chamou meu nome acima do rugido do motor.

— Bella, olhe lá. — E apontou à frente.

De início, vi apenas escuridão e a trilha da lua branca na água. Mas procurei no espaço para onde ele apontava até que encontrei uma forma escura interrompendo o luar nas ondas. Enquanto eu semicerrava os olhos no escuro, a silhueta se tornava mais detalhada. A forma cresceu num triângulo irregular e achatado, com um lado estendendo-se mais do que o outro antes de mergulhar nas ondas. Chegamos mais perto e pude ver que o contorno oscilava na brisa leve.

E então meus olhos focalizaram de novo e as partes fizeram sentido: uma pequena ilha se elevava na água à nossa frente, ondulando com palmeiras, uma praia clara à luz da lua.

— Onde estamos? — murmurei pasma enquanto ele mudava de curso, indo para o extremo norte da ilha.

Ele me ouviu, apesar do barulho do motor, e deu um sorriso largo que cintilou no luar.

— Esta é a Ilha de Esme.

A velocidade do barco foi reduzida drasticamente, e ele foi precisamente posicionado contra um píer curto de pranchas de madeira, embranquecidas pela lua. O motor foi desligado e o silêncio que se seguiu foi profundo. Não havia nada a não ser as ondas batendo de leve no barco e o farfalhar da brisa nas palmeiras. O ar era quente, úmido e fragrante — como o vapor que fica de um banho quente.

— Ilha de Esme? — Minha voz era baixa, mas ainda parecia alta demais ao romper a noite silenciosa.

— Um presente de Carlisle... Esme se ofereceu para nos emprestar.

Um presente. Quem dá uma ilha de presente? Franzi a testa. Não tinha percebido que a generosidade extrema de Edward era um comportamento aprendido.

Ele colocou as malas no píer e se virou, abrindo seu sorriso perfeito enquanto estendia a mão para mim. Em vez de pegar minha mão, ele me puxou direto para seus braços.

— Não devia esperar pelo momento de passar pela soleira da porta? — perguntei, sem fôlego, enquanto ele saltava agilmente do barco.

Ele sorriu.

— Tudo o que faço tem de ser completo.

Pegando as alças das malas imensas em uma das mãos e me aninhando com o outro braço, ele me carregou pelo píer até uma trilha de areia clara em meio à vegetação escura.

Por um instante a vegetação densa tornou-se um breu, depois pude ver uma luz à frente. Foi mais ou menos a essa altura, quando percebi que a luz era uma casa — os dois quadrados brilhantes e perfeitos eram janelas amplas emoldurando uma porta de entrada —, que o pânico de estreia atacou de novo, mais forte que antes, pior do que quando pensei que íamos para um hotel.

Meu coração martelava audivelmente em minhas costelas, e minha respiração pareceu ficar presa na garganta. Senti os olhos de Edward em meu rosto, mas me recusei a olhá-lo. Olhava para a frente, sem nada ver.

Ele não perguntou o que eu estava pensando, o que era incomum nele. Imaginei que isso queria dizer que ele estava tão nervoso quanto eu acabara de ficar.

Pousou as malas na varanda para abrir as portas — estavam destrancadas.

Olhou para mim, esperando até que eu o olhasse, antes de passar pela soleira.

Ele me carregou pela casa, nós dois em silêncio, acendendo as luzes ao passar. Minha vaga impressão da casa era de que era muito grande para uma ilha tão pequena, e estranhamente familiar. Eu havia me acostumado com o esquema de tons claros preferido dos Cullen; e me senti em casa. Mas não conseguia me concentrar em nenhum detalhe. A pulsação violenta por trás de meus ouvidos toldava tudo.

Depois Edward parou e acendeu a última luz.

O quarto era grande e branco, e a parede do fundo era quase toda de vidro — a decoração padrão de meus vampiros. Lá fora, a lua brilhava na areia branca, e a alguns metros da casa as ondas reluziam, mas eu mal percebi essa parte. Estava mais concentrada na cama branca absolutamente imensa no meio do quarto, com um mosquiteiro, como uma nuvem ondulante, pendendo do teto.

Edward me colocou de pé.

— Eu vou... pegar a bagagem.

O quarto era quente demais, mais abafado do que a noite tropical do lado de fora. Uma gota de suor surgiu em minha nuca. Avancei lentamente até poder estender a mão e tocar a tela que lembrava uma espuma. Por algum motivo, senti necessidade de me certificar de que tudo era real.

Não ouvi Edward voltar. De repente, seu dedo gélido acariciou minha nuca, limpando a gota de suor.

— Está meio quente aqui — disse ele, desculpando-se. — Pensei que... seria melhor.

— Perfeito — murmurei à meia-voz, e ele riu. Foi um som nervoso, raro para Edward.

— Tentei pensar em tudo o que pudesse tornar isso... mais fácil — admitiu ele.

Engoli em seco, com um ruído, ainda sem olhar para ele. Será que algum dia tinha havido uma lua de mel como aquela?

Eu sabia a resposta. Não. Nunca houve.

— Seria maravilhoso — disse Edward lentamente — se... primeiro... talvez quem sabe você não quisesse dar um mergulho noturno comigo? — Ele respirou fundo e sua voz estava mais tranquila quando falou novamente. — A água é muito quente. Esse é o tipo de praia que você aprova.

— Parece bom. — Minha voz falhou.

— Sei que você gostaria de um ou dois minutos como humana... Foi uma longa viagem.

Balancei a cabeça, sem jeito. Mal me sentia humana; talvez alguns minutos sozinha ajudasse.

Seus lábios roçaram meu pescoço, pouco abaixo da orelha. Ele riu uma vez e seu hálito frio fez cócegas em minha pele quente demais.

— Não demore muito, Sra. Cullen.

Tive um leve sobressalto ao ouvir meu próprio nome.

Os lábios dele contornaram meu pescoço até a ponta do ombro.

— Vou esperar por você na água.

Ele passou por mim até as portas de madeira com frestas, que se abriam diretamente para a praia. No caminho, livrou-se da camisa, largando-a no chão; depois passou pela porta para a noite enluarada. O ar salgado e abafado entrou no quarto, girando atrás dele.

Será que minha pele estava em chamas? Precisei olhar para saber. Não, nada estava queimando. Pelo menos, não visivelmente.

Lembrei a mim mesma de que devia respirar, depois cambaleei até a mala gigantesca que Edward abrira no alto de uma cômoda branca e baixa. Devia ser minha, porque minha familiar nécessaire estava por cima, e havia muita coisa rosa ali, mas não reconheci nenhuma peça de roupa. Enquanto vasculhava as pilhas organizadas — procurando alguma coisa conhecida e confortável, um moletom velho, talvez —, chamou minha atenção que havia muita renda e pouco cetim em minhas mãos. Lingerie. Uma lingerie muito lingerie, com etiquetas francesas.

Eu não sabia como nem quando, mas um dia faria Alice pagar por aquilo.

Desisti. Fui ao banheiro e espiei pelas longas janelas que se abriam para a mesma praia que via pelas portas do quarto. Não conseguia enxergá-lo; imaginei que estivesse embaixo d'água, sem se incomodar em subir para respirar. No céu, a lua estava torta, quase cheia, e a areia reluzia branca sob sua luz. Um pequeno movimento atraiu meus olhos — pendurado numa parte curva de uma das palmeiras que margeavam a praia, o resto de suas roupas balançava na brisa leve.

Uma lufada de calor percorreu minha pele novamente.

Respirei fundo algumas vezes e fui até o espelho acima da longa bancada. Eu tinha mesmo a aparência de alguém que dormira num avião o dia todo. Encontrei

minha escova e a passei pelos nós em minha nuca até que se desfizeram, e as cerdas ficaram cheias de cabelo. Escovei os dentes meticulosamente, duas vezes. Depois lavei o rosto e borrifei água em minha nuca, que parecia febril. A sensação era tão boa que lavei os braços também, e finalmente desisti e decidi tomar um banho. Eu sabia que era ridículo tomar banho antes de nadar, mas eu precisava me acalmar, e a água quente era uma forma segura de conseguir isso.

Além de tudo, parecia uma boa ideia depilar minhas pernas mais uma vez.

Quando terminei, peguei uma toalha branca imensa na bancada e a enrolei sob os braços.

Então me vi diante de um dilema que não tinha considerado. O que eu devia vestir? Não um maiô, naturalmente. Mas parecia tolice também colocar a roupa de volta; eu não queria nem pensar nas coisas que Alice pusera na mala para mim.

Minha respiração começou a se acelerar de novo, e minhas mãos tremiam — aquilo era muito para o efeito calmante do chuveiro. Comecei a me sentir meio tonta. Ao que parecia, uma crise de pânico estava a caminho. Sentei-me no chão de ladrilhos frios com minha toalha grande e pus a cabeça entre os joelhos. Rezei para que ele não decidisse voltar para me procurar antes que eu conseguisse me recompor. Podia imaginar o que ele pensaria se me visse naquele estado de choque. Não seria difícil para ele se convencer de que estávamos cometendo um erro.

E eu não estava em pânico porque pensava que tínhamos cometido um erro. De forma alguma. Estava em pânico porque não tinha ideia de como fazer aquilo, e tinha medo de sair do quarto e enfrentar o desconhecido. Ainda mais de lingerie francesa! Eu sabia que ainda não estava pronta para aquilo.

A sensação era exatamente a mesma de andar pelo palco de um teatro cheio de gente sem ter ideia de quais eram as minhas falas.

Como as pessoas faziam isso — engoliam todos os medos e confiavam tão implicitamente em alguém, com toda a imperfeição e o medo que tinham —, com menos do que o compromisso absoluto que Edward me dera? Se não fosse Edward lá fora, se eu não soubesse em cada célula de meu corpo que ele me amava tanto quanto eu o amava — incondicional e irrevogavelmente e, para ser franca, de forma irracional —, eu nunca seria capaz de me levantar daquele chão.

Mas era Edward lá fora, então sussurrei as palavras "Não seja covarde" e com dificuldade me coloquei de pé. Prendi a toalha com firmeza sob os braços e

marchei decidida para fora do banheiro, passando sem olhar pela mala cheia de renda e a grande cama. Pela porta de vidro aberta e pela areia fina como pó.

Tudo estava em preto e branco, descorado pela lua. Andei devagar pela areia quente, parando ao lado da árvore curva onde ele tinha deixado as roupas. Pousei a mão no tronco áspero e verifiquei minha respiração para ter certeza de que estava regular. Ou regular o suficiente.

Olhei pelas ondas baixas, negras na escuridão, procurando por ele.

Não foi difícil encontrá-lo. Estava de pé, de costas para mim, com a água na altura da cintura, fitando a lua oval. O luar pálido transformava sua pele num branco perfeito, como a areia, como a própria lua, e deixava negro como o oceano seu cabelo molhado. Ele estava imóvel, as mãos com as palmas repousando na água; as ondas baixas quebravam em torno dele como se ele fosse uma pedra. Olhei as linhas suaves de suas costas, os ombros, os braços, o pescoço, sua forma impecável...

O fogo não era mais de chamas ardendo por minha pele — agora era lento e profundo; e derreteu todo o meu constrangimento, minha tímida incerteza. Tirei a toalha sem hesitar, deixando-a na árvore com as roupas dele, e andei em direção à luz branca; ela também me deixou pálida como a areia alva.

Eu não ouvia o som de meus passos enquanto andava até a beira d'água, mas sabia que ele tinha ouvido. Edward não se virou. Deixei que as ondas delicadas quebrassem nos dedos de meus pés e descobri que ele tinha razão sobre a temperatura — era bem quente, como a água de um banho. Avancei, andando com cuidado pelo solo invisível do mar, mas meu cuidado era desnecessário; a areia continuava perfeitamente lisa, inclinando-se delicadamente até Edward. Atravessei a fraca correnteza até estar ao lado dele e coloquei a mão de leve em sua mão fria, mergulhada na água.

— Lindo — eu disse, olhando a lua também.

— Está tudo perfeito — respondeu ele, sem se impressionar.

Então ele se virou devagar para me olhar; seu movimento criou pequenas marolas, que quebraram em minha pele. Seus olhos pareciam prateados no rosto cor de gelo. Ele virou a mão para cima para entrelaçarmos os dedos sob a água, quente o bastante para que sua pele fria não me provocasse arrepios.

— Mas eu não usaria a palavra lindo — continuou ele. — Não com você aqui para comparar.

Abri um meio sorriso, depois ergui a mão livre — que agora não tremia — e a coloquei sobre seu coração. Branco no branco; combinávamos, dessa vez. Ele estremeceu um pouquinho com meu toque quente. Sua respiração agora era mais irregular.

— Prometi que iríamos tentar — sussurrou ele, tenso de repente. — Se... se eu fizer alguma coisa errada, se eu machucá-la, você deve me dizer na hora.

Assenti solenemente, mantendo os olhos nos dele. Dei outro passo pelas ondas e deitei a cabeça em seu peito.

— Não tenha medo — murmurei. — Nós pertencemos um ao outro.

De repente fui dominada pela verdade de minhas palavras. Aquele momento era tão perfeito, tão correto, que não havia dúvidas.

Seus braços me envolveram, apertando-me contra ele, verão e inverno. Eu tinha a sensação de que cada terminação nervosa do meu corpo era um fio desencapado.

— Para sempre — concordou ele, depois me levou com delicadeza para águas mais profundas.

O sol quente na pele nua de minhas costas me despertou de manhã. Era o fim da manhã, talvez já tivesse passado do meio-dia, eu não tinha certeza. Mas tudo a meu lado estava claro; eu sabia exatamente onde estava — o quarto iluminado com a cama grande e branca, a luz radiante entrando pelas portas abertas. A nuvem do mosquiteiro atenuava o brilho.

Não abri os olhos. Estava feliz demais para mudar alguma coisa, por menor que fosse. Os únicos sons eram as ondas do lado de fora, nossa respiração, meu coração batendo...

Eu estava à vontade, mesmo com o sol escaldante. Sua pele fria era o antídoto perfeito para o calor. A sensação de deitar atravessada em seu peito gélido, os braços dele me envolvendo, era muito confortável e natural. Perguntei-me preguiçosamente por que tinha sentido tanto medo da noite anterior. Ali todos os meus temores pareciam tolos.

Seus dedos acompanhavam com suavidade os contornos de minha coluna e eu sabia que ele sabia que eu estava acordada. Mantive os olhos fechados e envolvi seu pescoço com os braços, aproximando-me mais dele.

Ele não falou; seus dedos subiam e desciam por minhas costas, mal me

tocando enquanto traçavam padrões leves em minha pele.

Eu teria ficado feliz se permanecesse ali para sempre, se jamais perturbasse aquele momento, mas meu corpo tinha outras ideias. Ri de meu estômago impaciente. Parecia um pouco sem sentido ter fome depois de tudo o que acontecera à noite. Era como ser trazida de volta à terra, de uma grande altitude.

— Qual é a graça? — ele murmurou, ainda afagando minhas costas. O som de sua voz, séria e rouca, trouxe um dilúvio de lembranças da noite, e senti meu rosto e meu pescoço corando.

Em resposta à pergunta dele, meu estômago roncou. Eu ri de novo.

— Não se pode fugir de ser humana por muito tempo.

Esperei, mas ele não riu comigo. Devagar, através das muitas camadas de êxtase que toldavam minha mente, veio a percepção de um clima diferente do lado de fora de minha esfera de felicidade.

Abri os olhos. A primeira coisa que vi foi a pele pálida e quase prateada de seu pescoço, o arco do queixo acima de meu rosto. Seu queixo estava rígido. Apoiei-me no cotovelo para ver seu rosto.

Ele fitava o dossel no alto, e não olhou para mim enquanto eu examinava suas feições graves. Sua expressão foi um choque — e provocou um tremor por meu corpo.

— Edward — eu disse, com um travo estranho na garganta —, o que foi? Qual é o problema?

— Precisa perguntar? — Sua voz era dura e cínica.

Meu primeiro instinto, o produto de uma vida inteira de inseguranças, foi imaginar o que eu tinha feito de errado. Pensei em tudo o que havia acontecido, mas não consegui encontrar na memória uma nota amarga que fosse. Tinha sido tudo mais simples do que eu esperava: nós nos encaixamos como peças que se complementam, feitas uma para a outra. Isso me deu uma satisfação secreta — éramos fisicamente compatíveis, assim como em todos os outros aspectos. Fogo e gelo, de certo modo, existindo juntos, sem se destruir. Mais provas de que eu pertencia a ele.

Não conseguia pensar em nada que pudesse tê-lo deixado daquele jeito — tão severo e frio. O que eu havia deixado passar?

Seu dedo alisou as rugas de preocupação em minha testa.

— Em que está pensando? — sussurrou ele.

— Você está aborrecido. Não entendo. Será que eu...? — Não consegui terminar.

Seus olhos se estreitaram.

— Qual a extensão de seus machucados, Bella? A verdade... Não tente atenuá-la.

— Machucados? — repeti; minha voz saiu mais alta que o habitual porque a palavra me pegou de surpresa.

Ele ergueu uma sobrancelha, os lábios formando uma linha fina.

Fiz uma avaliação rápida, esticando o corpo automaticamente, contraindo e flexionando os músculos. Havia um pouco de rigidez e estava dolorido, era verdade, mas principalmente havia a estranha sensação de que todos os meus ossos tinham se separado das articulações e eu estava a meio caminho da consistência de uma gelatina. Não era uma sensação desagradável.

E depois fiquei com um pouco de raiva, porque ele estava manchando a mais perfeita das manhãs com suas suposições pessimistas.

— Por que chegou a essa conclusão? Estou melhor do que nunca.

Seus olhos se fecharam.

— Pare com isso.

— Parar com o quê?

— Pare de agir como se eu não fosse um monstro por ter concordado com isso.

— Edward! — sussurrei, agora verdadeiramente aborrecida. Ele estava empurrando minhas lembranças luminosas para a escuridão, maculando-as. — Não diga uma coisa dessas.

Ele não abriu os olhos; era como se não quisesse me ver.

— Olhe para si mesma, Bella. Depois me diga se não sou um monstro.

Magoada, chocada, segui suas instruções sem pensar e arfei.

O que havia acontecido comigo? Eu não conseguia entender a camada branca e penugenta que se grudava em minha pele. Sacudi a cabeça, e uma cascata branca caiu de meu cabelo.

Peguei um pedaço macio e branco entre os dedos. Era uma pluma.

— Por que estou coberta de plumas? — perguntei, confusa.

Ele suspirou, com impaciência.

— Eu mordi um travesseiro. Ou dois. Mas não é disso que estou falando.

— Você... mordeu um travesseiro? Por quê?

— Olhe, Bella! — ele quase rosnou. Então pegou minha mão, com muito cuidado, e estendeu meu braço. — Olhe isto.

Dessa vez, vi do que ele falava.

Sob a poeira de plumas, grandes hematomas arroxeados começavam a brotar na pele clara de meu braço. Meus olhos seguiram a trilha que formavam até meu ombro, descendo depois por minhas costelas. Puxei a mão livre para cutucar uma descoloração no braço esquerdo, observando-a sumir onde eu tocava e depois reaparecer. Latejava um pouco.

Com tanta suavidade que mal me tocava, Edward colocou a mão sobre os hematomas de meu braço, um de cada vez, acompanhando com seus dedos longos o desenho na pele.

— Ah! — eu disse.

Tentei me lembrar daquilo — lembrar da dor —, mas não consegui. Não me recordava de nenhum momento em que seu abraço tivesse sido apertado demais, as mãos duras demais em mim. Só me lembrava de querer que ele me abraçasse com mais força e de ficar satisfeita quando ele o fazia...

— Eu... Me desculpe, Bella — sussurrou ele enquanto eu olhava os hematomas. — Eu devia saber. Não devia ter... — Ele emitiu um som baixo e revoltado no fundo da garganta. — Lamento mais do que posso dizer.

Ele escondeu o rosto com o braço e ficou completamente imóvel.

Permaneci sentada por um longo tempo em total perplexidade, tentando confrontar — agora que compreendia — a infelicidade dele. Era tão contrária ao modo como me sentia, que era difícil de entender.

O choque cedeu aos poucos, sem nada deixar em sua ausência. Vazio. Minha mente estava oca. Não conseguia pensar no que dizer. Como poderia explicar a ele do jeito certo? Como poderia fazê-lo feliz como eu estava — ou estivera, um minuto antes?

Toquei seu braço, e ele não reagiu. Segurei seu pulso e tentei afastar o braço do rosto, mas teria dado na mesma se eu estivesse puxando uma estátua.

— Edward.

Ele não se mexeu.

— Edward?

Nada. Então, seria um monólogo.

— Eu não lamento nada, Edward. Eu... nem posso lhe dizer. Estou tão feliz. Esta palavra não abrange tudo. Não fique com raiva. Não fique. Eu estou realmente b...

— Não diga a palavra bem. — Sua voz era fria como gelo. — Se valoriza minha sanidade, não diga que está bem.

— Mas eu estou — sussurrei.

— Bella — ele quase gemia. — Não faça isso.

— Não. Não faça você, Edward.

Ele mexeu o braço; seus olhos dourados me observavam com cautela.

— Não estrague isso — eu disse a ele. — Eu. Estou. Feliz.

— Eu já estraguei tudo — sussurrou ele.

— Sem essa — rebati.

Ouvi seus dentes trincarem.

— Argh! — gemi. — Por que não pode ler minha mente agora? É tão inconveniente ser mentalmente muda!

Seus olhos se abriram um pouco, distraídos, contra a sua vontade.

— Essa é nova. Você adora o fato de eu não poder ler sua mente.

— Hoje não.

Ele me fitou.

— Por quê?

Joguei as mãos para cima, num gesto de frustração, sentindo no ombro uma dor que ignorei. Minhas palmas caíram em seu peito com um estalo agudo.

— Porque toda essa angústia seria completamente desnecessária se você pudesse ver como me sinto agora! Cinco minutos atrás, melhor dizendo. Eu estava perfeitamente feliz. Em um êxtase total e completo. Agora... bem, estou meio irritada, na verdade.

— Você devia estar com raiva de mim.

— E estou. Isso faz com que se sinta melhor?

Ele suspirou.

— Não. Não acho que alguma coisa vá fazer com que eu me sinta melhor agora.

— Aí está — rebati. — É exatamente por isso que estou com raiva. Você está acabando com minha felicidade, Edward.

Ele revirou os olhos e sacudiu a cabeça.

Respirei fundo. Agora sentia mais a dor, mas não era tão ruim. Uma sensação parecida com a do dia seguinte a uma malhação pesada. Fiz isso com Renée durante uma de suas obsessões com a forma física. Sessenta e cinco séries com cinco quilos em cada mão. Eu não conseguia andar no dia seguinte. O que eu sentia agora não era nem a metade daquela dor.

Engoli minha irritação e tentei suavizar a voz.

— Nós sabíamos que seria difícil. Pensei que isso estivesse claro. E depois... Bom, foi muito mais fácil do que pensei. E isso não é realmente nada. — Passei os dedos pelo braço. — Acho que para uma primeira vez, sem saber o que esperar, foi maravilhoso. Com alguma prática...

Sua expressão de repente ficou tão lívida, que parei no meio da frase.

— Claro. Você esperava por isso, Bella? Estava prevendo que eu ia machucá-la? Estava pensando que seria pior? Você considera a experiência um sucesso porque pode sair dela andando? Nenhum osso quebrado... isso corresponde à vitória?

Esperei, deixando que ele desabafasse. Depois esperei mais um pouco, para que a respiração dele voltasse ao normal. Quando seus olhos estavam calmos, respondi, falando com uma calma precisão:

— Não sei o que esperava... Mas, sem dúvida, não esperava que fosse... que fosse... tão maravilhoso e perfeito. — Minha voz tornou-se um sussurro, meus olhos baixaram de seu rosto para minhas mãos. — Quer dizer, não sei como foi para você, mas foi assim para mim.

Um dedo frio puxou meu queixo para cima.

— É com isso que está preocupada? — disse ele entre os dentes. — Que eu não tenha gostado?

Mantive a cabeça baixa.

— Sei que não foi a mesma coisa. Você não é humano. Só estava tentando explicar que, para uma humana, bom, não imagino que a vida possa ser melhor do que isso.

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que, por fim, tive de olhar. Seu rosto agora era mais suave, pensativo.

— Parece que tenho mais motivos para me desculpar. — Ele franziu o cenho. — Nem imaginei que você pudesse achar que o que sinto quanto ao que lhe fiz signifique que a noite passada não tenha sido... bem, a melhor noite de minha

existência. Mas não quero pensar dessa maneira, não quando você estava...

Meus lábios se curvaram um pouco nas pontas.

— É mesmo? A melhor? — perguntei em voz baixa.

Ele pegou meu rosto entre as mãos, ainda introspectivo.

— Conversei com Carlisle depois de fazermos nosso trato, na esperança de que ele pudesse me ajudar. É claro que ele me alertou que seria muito perigoso para você. — Uma sombra cruzou o seu rosto. — Mas ele tinha fé em mim... Uma fé que eu não merecia.

Comecei a protestar, e ele pôs dois dedos em meus lábios antes que eu pudesse comentar.

— Também perguntei a ele o que eu devia esperar. Eu não sabia como seria para mim... Sendo eu um vampiro. — Ele abriu um sorriso desanimado. — Carlisle me disse que era uma coisa muito poderosa, diferente de tudo. Disse-me que o amor físico era algo que eu não devia tratar com leviandade. Com nosso temperamento que raras vezes muda, as emoções fortes podem nos alterar de maneira permanente. Mas ele disse que eu não precisava me preocupar com essa parte... Você já havia me alterado completamente. — Dessa vez seu sorriso foi mais autêntico.

— Falei com meus irmãos também. Eles me disseram que era um imenso prazer. Só perdia para beber sangue humano. — Uma ruga vincou sua testa. — Mas eu provei seu sangue, e não pode haver sangue mais poderoso do que esse... Não acho que eles estivessem errados. É só que foi diferente para nós. Teve um algo a mais.

— Foi mais. Foi tudo.

— Isso não muda o fato de que foi errado. Mesmo que seja possível que você realmente se sinta assim.

— O que isso significa? Acha que estou inventando? Por quê?

— Para atenuar minha culpa. Não posso ignorar as provas, Bella. Ou seu histórico de tentar me desculpar quando cometo erros.

Peguei seu queixo e inclinei-me para a frente, de modo que nossos rostos ficaram a centímetros de distância.

— Agora me escute, Edward Cullen, não estou fingindo nada para o seu bem, está certo? Eu nem sabia que havia um motivo para fazer você se sentir melhor até você começar a ficar todo infeliz. Eu nunca fui tão feliz em toda a minha

vida... Nem quando você decidiu que me amava mais do que queria me matar, ou na primeira manhã em que acordei e você estava lá esperando por mim... Nem quando ouvi sua voz no estúdio de balé. — Ele se encolheu com a velha lembrança de meu encontro quase fatal com um vampiro caçador, mas eu não parei. — Ou quando você disse "Sim" e eu percebi que, sabe-se lá como, teria você para sempre. Essas são as lembranças mais felizes que tenho, e isso é melhor do que qualquer uma delas. Então trate de aceitar.

Ele tocou a ruga entre minhas sobrancelhas.

— Estou deixando você infeliz agora. E não quero fazer isso.

— Então não fique você infeliz. É a única coisa errada aqui.

Seus olhos se estreitaram, depois ele respirou fundo e assentiu.

— Tem razão. O que passou, passou e não posso fazer nada para mudá-lo. Não tem sentido deixar que meu humor estrague seu momento. Vou fazer o que puder para deixá-la feliz agora.

Examinei seu rosto com desconfiança, e ele me abriu um sorriso sereno.

— Qualquer coisa que me faça feliz?

Meu estômago roncou ao mesmo tempo que eu falava.

— Você está com fome — disse ele.

Então saltou da cama, levantando uma nuvem de plumas. E isso me lembrou de uma coisa.

— Mas por que exatamente você decidiu arruinar os travesseiros de Esme? — perguntei, agitando o cabelo e liberando mais plumas.

Ele já tinha vestido uma calça cáqui larga, e estava na porta, sacudindo o cabelo e tirando dele algumas penas.

— Não sei se eu decidi fazer alguma coisa ontem à noite — murmurou. — Tivemos sorte por serem os travesseiros, e não você.

Ele respirou fundo e balançou a cabeça, como se tentasse expulsar a ideia sombria. Um sorriso que parecia autêntico abriu-se em seu rosto, mas acho que foi preciso muito esforço para colocá-lo ali.

Deslizei com cuidado da cama alta e me espreguicei, mais ciente, agora, das dores e dos hematomas. Ouvi-o ofegar. Ele desviou os olhos de mim e suas mãos se fecharam contraindo-se e deixando as articulações brancas.

— Estou assim tão horrível? — perguntei, esforçando-me para manter o tom leve. Sua respiração voltou ao normal, mas ele não se virou, provavelmente para

esconder de mim sua expressão. Fui até o banheiro me olhar.

Fitei-me nua no espelho de corpo inteiro atrás da porta.

Não estava tão mal assim. Havia uma leve sombra em uma das bochechas e meus lábios estavam meio inchados, mas, tirando isso, meu rosto estava bem. O restante de mim estava decorado com manchas azuis e roxas. Concentrei-me nos hematomas que seriam mais difíceis de esconder — nos braços e nos ombros. Não estavam tão ruins. Minha pele ficava marcada com facilidade. Quando surgia um hematoma, em geral eu já havia me esquecido de como o conseguira. É claro que aqueles ainda estavam se formando. Estariam piores no dia seguinte. E isso não tornaria as coisas mais fáceis.

Olhei meu cabelo, então, e gemi.

— Bella? — Ele estava bem atrás de mim assim que emiti o som.

— Eu nunca vou conseguir tirar tudo isso do meu cabelo! — Apontei para minha cabeça, onde parecia que uma galinha estava aninhada. Comecei a tirar as penas.

— Tinha de ficar preocupada com o cabelo — murmurou ele, mas veio se colocar atrás de mim, pegando as penas com muito mais rapidez.

— Como conseguiu não rir disso? Eu estou ridícula.

Ele não respondeu; só continuou puxando-as. E eu sabia a resposta — não havia nada engraçado para ele, com aquele humor.

— Isso não vai dar certo — suspirei depois de um minuto. — Está tudo ressecado. Vou ter de lavar. — Eu me virei, passando os braços em sua cintura fria. — Quer me ajudar?

— É melhor encontrar alguma coisa para você comer — disse ele em voz baixa, e gentilmente soltou-se de meus braços.

Suspirei enquanto ele desaparecia, rápido demais.

Parecia que minha lua de mel tinha chegado ao fim. Esse pensamento formou um nó imenso em minha garganta.

Quando estava quase totalmente livre das plumas e com um vestido de algodão branco desconhecido que escondia o pior das manchas violeta, segui descalça para o local de onde vinha o cheiro de ovos, bacon e queijo cheddar.

Edward estava parado diante do fogão de aço inox, deslizando uma omelete para o prato azul-claro que aguardava na bancada. O cheiro da comida me

dominou. Achei que seria capaz de comer também o prato e a frigideira; meu estômago rosnou.

— Pronto — disse ele. Edward se virou com um sorriso e pôs o prato na pequena mesa ladrilhada.

Sentei-me em uma das duas cadeiras de metal e comecei a engolir os ovos quentes. Queimavam minha garganta, mas não me importei.

Edward se sentou de frente para mim.

— Não a estou alimentando com frequência suficiente.

Eu engoli e lembrei a ele:

— Eu dormi. Isso está muito bom, aliás. É impressionante para alguém que não come.

— Programas de culinária na tevê — disse ele, abrindo meu sorriso torto preferido.

Fiquei feliz por ele parecer mais normal.

— De onde vieram os ovos?

— Pedi aos empregados que abastecessem a cozinha. O que é fundamental neste lugar. Vou ter de pedir que cuidem das plumas... — Ele se interrompeu, o olhar fixo num espaço acima de minha cabeça. Não respondi, não querendo dizer nada que o aborrecesse novamente.

Devorei tudo, embora ele tivesse preparado comida bastante para dois.

— Obrigada — disse a ele. Inclinei-me sobre a mesa para lhe dar um beijo. Ele retribuiu automaticamente, depois de repente se retesou e voltou a se recostar.

Trinquei os dentes e a pergunta que quis fazer saiu parecendo uma acusação.

— Não vai me tocar novamente enquanto estivermos aqui, não é?

Ele hesitou, depois abriu um meio sorriso e ergueu a mão para afagar meu rosto. Seus dedos tocaram suavemente minha pele, e não consegui deixar de inclinar a cabeça para sua mão.

— Você sabe que não foi isso que eu quis dizer.

Ele suspirou e baixou a mão.

— Eu sei. E você tem razão. — Ele parou, levantando o queixo ligeiramente. Em seguida falou, com firme convicção: — Não vou fazer amor com você antes que esteja transformada. Nunca mais voltarei a machucá-la.

6. DISTRAÇÕES

Minha diversão tornou-se a prioridade máxima na Ilha de Esme. Nós nadamos com snorkel (bom, eu nadei com snorkel, enquanto ele ostentou a capacidade de se manter indefinidamente sem oxigênio). Exploramos a pequena selva que margeava o pico pequeno e rochoso. Visitamos os papagaios que moravam na mata do extremo sul da ilha. Vimos o sol se pôr da angra rochosa a oeste. Nadamos com os botos que brincavam nas águas quentes e rasas de lá. Ou pelo menos eu nadei; quando Edward estava na água, os botos desapareciam, como se houvesse um tubarão por perto.

Eu sabia o que estava acontecendo. Ele tentava me manter ocupada, distraída, para que eu não continuasse a incomodá-lo com a história de sexo. Sempre que eu tentava falar com ele para relaxarmos com um dos milhões de DVDs sob a imensa tevê de plasma, ele me atraía para fora da casa com palavras mágicas como recifes de coral, cavernas submersas e tartarugas marinhas. Ficávamos fora, fora, fora o dia todo; então eu me via completamente faminta e exausta quando o sol finalmente se punha.

Eu me debruçava sobre o prato depois de terminado o jantar todas as noites; certa vez caí no sono ali mesmo sobre a mesa, e ele teve de me levar para a cama. Parte disso era que Edward sempre fazia comida demais para uma pessoa, mas eu ficava tão faminta depois de nadar e escalar o dia todo que comia a maior parte dela. E depois, saciada e cansada, mal conseguia manter os olhos abertos. Tudo parte do plano, sem dúvida.

A exaustão não ajudava muito com minhas tentativas de persuasão. Mas eu não desisti. Tentei argumentar, pedir e resmungar, tudo em vão. Em geral eu estava inconsciente antes de conseguir levar meu caso adiante. E depois meus sonhos pareciam tão reais — pesadelos, em sua maior parte, mais nítidos, imagino, pelo fato de as cores na ilha serem tão vivas — que eu acordava cansada, por mais que tivesse dormido.

Mais ou menos uma semana depois de chegarmos à ilha, decidi tentar um

acordo. Tinha funcionado conosco no passado.

Estávamos dormindo no quarto azul. Os empregados só viriam no dia seguinte, e assim o quarto branco ainda tinha uma manta branca de penas. O quarto azul era menor, a cama, de proporções mais razoáveis. As paredes eram escuras, revestidas de madeira clara, e os acessórios eram todos de uma luxuriosa seda azul.

Havia me acostumado a usar parte da coleção de lingerie de Alice para dormir à noite — que não era tão reveladora, comparada com os biquínis mínimos que ela colocara em minha mala. Perguntei-me se ela tivera uma visão do motivo de eu querer aquelas coisas, e então estremeci, constrangida com a ideia.

Comecei devagar por inocentes cetins marfim, preocupada com o fato de que revelar muito de minha pele tivesse o efeito contrário ao que eu procurava, mas disposta a tentar de tudo. Edward pareceu nem perceber, como se eu estivesse usando os mesmos moletons velhos e puídos que usava em casa.

Os hematomas tinham melhorado muito — amarelando em alguns pontos e desaparecendo completamente em outros —, então naquela noite vesti uma das peças mais assustadoras no banheiro revestido de madeira. Era preta, de renda, e constrangedora de olhar até fora do corpo. Tive o cuidado de não me olhar no espelho antes de voltar ao quarto. Eu não queria perder a coragem.

Tive a satisfação de ver os olhos de Edward se arregalando por um segundo antes de ele disfarçar a expressão.

— O que você acha? — perguntei, dando uma pirueta para que ele pudesse ver cada ângulo.

Ele pigarreou.

— Você está linda. Sempre está.

— Obrigada — eu disse, meio azeda.

Estava cansada demais para resistir a subir rapidamente na cama macia. Ele me abraçou e me puxou para seu peito, mas aquilo era rotina — fazia muito calor para dormir sem seu corpo frio junto ao meu.

— Quero fazer um acordo com você — eu disse, sonolenta.

— Não farei mais acordos com você — respondeu ele.

— Ainda nem ouviu o que tenho a propor.

— Não importa.

Suspirei.

— Droga. E eu, na verdade, queria... Ah!, deixa pra lá.

Ele revirou os olhos.

Fechei os meus e deixei a isca pairando no ar. Bocejei.

Levou só um minuto — tempo insuficiente para eu apagar.

— Tudo bem. O que você quer?

Trinquei os dentes por um segundo, reprimindo um sorriso. Se havia uma coisa a que ele não resistia era a oportunidade de me dar algo.

— Bom, eu estava pensando... Sei que toda essa história de Dartmouth era só para ser um disfarce, mas, sinceramente, um semestre de faculdade não iria me matar — eu disse, fazendo eco a suas palavras de um ano antes, quando ele tentou me convencer a adiar minha transformação em vampira. — Charlie vai ficar emocionado com histórias de Dartmouth, aposto. É claro que pode ser constrangedor se eu não conseguir acompanhar todos os nerds. Ainda assim... 18, 19. Não faz muita diferença. Afinal, eu não vou estar com pés de galinha no ano que vem.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo. Depois, em voz baixa, disse:

— Você esperaria. Você continuaria humana.

Eu segurei a língua, deixando que ele absorvesse a proposta.

— Por que está fazendo isso comigo? — disse ele entredentes, o tom de voz de repente irritado. — Já não é bem difícil sem isso? — Ele pegou um babadinho de renda em minha coxa. Por um momento, pensei que fosse arrancá-lo da costura. Depois sua mão relaxou. — Não importa. Não vou fazer nenhum acordo com você.

— Quero ir para a faculdade.

— Não quer, não. E não há nada que valha arriscar sua vida de novo. Que valha machucar você.

— Mas eu quero ir. Bom, não é tanto a faculdade que eu quero... Quero ser humana por mais um tempinho.

Ele fechou os olhos e expirou pelo nariz.

— Você está me deixando louco, Bella. Já não tivemos essa discussão umas mil vezes, você sempre pedindo para ser logo vampira?

— Sim, mas... Bom, eu tenho um motivo para ser humana que não tinha antes.

— E qual é?

— Adivinhe — eu disse, e me arrastei dos travesseiros para beijá-lo.

Ele retribuiu o beijo, mas não com intensidade suficiente para me fazer pensar que eu tinha vencido. Era mais como se ele estivesse tendo o cuidado de não ferir meus sentimentos; ele estava completa e enlouquecedoramente controlado. Com delicadeza, me afastou depois de um instante e me aninhou em seu peito.

— Você é humana demais, Bella. Regida por seus hormônios. — Ele riu.

— Aí é que está, Edward. Gosto dessa parte de ser humana. Ainda não quero abrir mão disso. Não quero esperar durante anos como uma recém-criada louca por sangue, para que parte disso volte à minha vida.

Bocejei e ele sorriu.

— Você está cansada. Durma, amor. — Ele começou a cantarolar a cantiga de ninar que compôs para mim quando nos conhecemos.

— Fico me perguntando por que estou tão cansada — murmurei com sarcasmo. — Isso não pode ser parte de seu esquema, nem nada, não é?

Ele se limitou a rir e voltou a cantarolar.

— Porque, do jeito que ando cansada, era para eu dormir melhor.

A música parou.

— Você dorme feito uma pedra, Bella. Não disse uma palavra sequer dormindo desde que viemos para cá. Se não fosse pelos roncos, eu pensaria que estava em coma.

Ignorei a piada sobre os roncos; eu não roncava.

— Eu não fico agitada? Que estranho. Em geral rolo por toda a cama quando tenho pesadelos. E grito.

— Você anda tendo pesadelos?

— Nítidos. Eles me deixam tão cansada! — Bocejei. — Nem acredito que não fico falando a noite toda.

— Sobre o que são?

— Coisas diferentes... E iguais, você sabe, por causa das cores.

— Cores?

— É tudo brilhante e real. Em geral, quando estou sonhando, sei que estou. Nesses, não tenho consciência de que estou dormindo. Isso os torna mais apavorantes.

Ele pareceu perturbado quando falou novamente.

— O que a apavora?

Eu tremi um pouco.

— Principalmente... — Hesitei.

— Principalmente? — insistiu ele.

Eu não sabia bem por quê, mas não queria contar a ele sobre a criança em meu pesadelo recorrente; havia alguma coisa íntima naquele pavor em particular. Então, em vez de lhe dar uma descrição completa, só falei de um elemento. Certamente o suficiente para me assustar, ou qualquer outra pessoa.

— Os Volturi — sussurrei.

Ele me abraçou com mais força.

— Eles não vão mais nos incomodar. Você será imortal em breve, e eles não terão motivos.

Deixei que ele me reconfortasse, sentindo-me um pouco culpada por ele ter entendido mal. Os pesadelos não eram assim, não exatamente. Não era que eu tivesse medo por mim — temia pelo menino.

Não era o mesmo menino do primeiro sonho — a criança vampira com os olhos injetados, sentada numa pilha de pessoas que eu amava e que estavam mortas. O menino com quem sonhei quatro vezes na última semana, sem dúvida, era humano; seu rosto era corado e os olhos grandes, de um verde suave. Mas, como a outra criança, ele tremia de medo e desespero enquanto os Volturi se aproximavam de nós.

Nesse sonho, que era ao mesmo tempo novo e antigo, eu simplesmente tinha de proteger a criança desconhecida. Não havia alternativa. Ao mesmo tempo, eu sabia que fracassaria.

Ele viu a desolação em meu rosto.

— O que posso fazer para ajudar?

Eu descartei a oferta.

— São só sonhos, Edward.

— Quer que eu cante para você? Vou cantar a noite toda, se isso afugentar os sonhos ruins.

— Não são assim tão ruins. Alguns são bons. Tão... coloridos. Debaixo da água, com os peixes e os corais. Tudo parece que está acontecendo de verdade... Não tenho consciência de que estou sonhando. Talvez esta ilha seja o problema. Aqui tem muita luz.

— Quer ir para casa?

— Não. Não, ainda não. Podemos ficar mais tempo?

— Podemos ficar o tempo que você quiser, Bella — ele me prometeu.

— Quando o semestre começa? Eu não estava prestando atenção antes.

Ele suspirou. Talvez tenha começado a cantarolar também, mas dormi antes de poder ter certeza.

Mais tarde, quando acordei no escuro, foi com um choque. O sonho tinha sido real demais... Tão nítido, tão sensorial... Eu arfava, desorientada no quarto escuro. Só um segundo antes, parecia, eu estava sob um sol forte.

— Bella? — sussurrou Edward, os braços firmes à volta de mim, sacudindo-me com gentileza. — Está tudo bem, meu amor?

— Ah! — arfei novamente. Só um sonho. Não era real. Para minha completa perplexidade, as lágrimas transbordaram de meus olhos de repente, escorrendo pelo rosto.

— Bella! — ele disse, agora mais alto, alarmado. — Qual é o problema? — Ele enxugava as lágrimas de minha face quente com dedos frios e frenéticos, mas outras se seguiam.

— Foi só um sonho. — Não pude conter o soluço baixo que cortou minha voz. As lágrimas sem sentido eram perturbadoras, mas eu não conseguia controlar a profunda tristeza que me tomou. Eu queria tanto que o sonho fosse real!

— Está tudo bem, amor, está tudo bem. Eu estou aqui. — Ele me embalou, um pouco rápido demais para que eu me tranquilizasse. — Teve outro pesadelo? Não era real, não era real.

— Não foi um pesadelo. — Sacudi a cabeça, passando as costas das mãos nos olhos. — Foi um sonho bom. — Minha voz falhou novamente.

— Então, por que está chorando? — perguntou ele, confuso.

— Porque acordei — gemi, passando os braços em volta de seu pescoço num abraço sufocante e chorando.

Ele riu de minha lógica, mas parecia tenso de preocupação.

— Está tudo bem, Bella. Respire fundo.

— Foi tão real! — chorei. — Eu queria que fosse real.

— Fale-me dele — insistiu Edward. — Talvez isso possa ajudar.

— Estávamos na praia... — Minha voz falhou e eu me afastei para fitar com os olhos cheios de lágrimas seu rosto ansioso de anjo, sombrio no escuro. Eu o olhava

pensativa enquanto a tristeza irracional começava a ceder.

— E...? — instigou ele por fim.

Pisquei para afugentar as lágrimas de meus olhos.

— Ah, Edward...

— Conte-me, Bella — pediu ele, os olhos loucos de preocupação com a dor em minha voz.

Mas não consegui. Em vez disso, tornei a passar os braços por seu pescoço e pressionei febrilmente a boca contra a dele. Não era desejo — era necessidade, intensa, a ponto de doer. A resposta dele foi imediata, mas rapidamente seguida por sua rejeição.

Ele lutou comigo com a maior gentileza que pôde em sua surpresa, mantendo-me afastada, segurando meus ombros.

— Não, Bella — insistiu Edward, olhando para mim como se estivesse preocupado com minha possível insanidade.

Meus braços caíram de lado, derrotados, as lágrimas estranhas derramando uma torrente fresca por meu rosto, um novo soluço subindo por minha garganta. Ele tinha razão — eu devia estar louca.

Ele me fitou com olhos confusos e angustiados.

— Me d-d-d-desculpe — murmurei.

Mas ele me puxou, abraçando-me com força contra seu peito de mármore.

— Não posso, Bella, não posso! — Seu gemido era agoniado.

— Por favor — eu disse, meu pedido abafado em sua pele. — Por favor, Edward?

Não sei se ele ficou comovido com minha voz trêmula, com as lágrimas, ou se estava despreparado para lidar com a surpresa de meu ataque, ou se naquele momento a necessidade dele era simplesmente tão insuportável quanto a minha. Qualquer que fosse o motivo, ele puxou minha boca para a dele, rendendo-se com um gemido.

E começamos onde meu sonho tinha parado.

Fiquei imóvel quando acordei pela manhã, e tentei estabilizar minha respiração. Tive medo de abrir os olhos.

Eu estava deitada no peito de Edward, mas ele estava completamente parado e seus braços não me envolviam. Mau sinal. Tive medo de admitir que estava

acordada e enfrentar sua fúria — independentemente de quem fosse o alvo hoje.

Com cuidado, espiei pelas pálpebras. Ele olhava fixamente o teto escuro, os braços atrás da cabeça. Eu me apoiei no cotovelo para ver melhor seu rosto. Era suave, sem expressão.

— Estou muito encrencada? — perguntei em voz baixa.

— Muito — disse ele, mas virou a cabeça e sorriu maliciosamente para mim.

Soltei um suspiro de alívio.

— Eu lamento muito — disse. — Não queria... Bom, não sei exatamente o que aconteceu ontem à noite. — Sacudi a cabeça com a lembrança do choro irracional, o pesar esmagador.

— Você não me contou de que se tratava o sonho.

— Acho que não... Mas eu, de certa maneira, mostrei a você de que se tratava. — Eu ri, nervosa.

— Ah! — disse ele. Seus olhos se arregalaram, depois ele piscou. — Interessante.

— Foi um sonho muito bom — murmurei.

Ele não fez nenhum comentário, então, alguns segundos depois, perguntei:

— Estou perdoada?

— Estou pensando nisso.

Eu me sentei, pretendendo me examinar — não parecia haver nenhuma pluma, pelo menos. Mas, enquanto eu me mexia, uma estranha pontada de vertigem me atingiu. Eu oscilei e caí nos travesseiros.

— Caramba... fiquei tonta.

Seus braços então me envolveram.

— Você dormiu por muito tempo. Doze horas.

— Doze? — Que estranho.

Dei uma rápida olhada em meu corpo enquanto falava, tentando ser discreta. Parecia bem. Os hematomas nos braços ainda eram os de uma semana atrás, amarelados. Espreguicei-me, experimentando. Também me sentia bem. Quer dizer, na verdade mais do que bem.

— O inventário está completo?

Assenti timidamente.

— Todos os travesseiros parecem ter sobrevivido.

— Infelizmente, não posso dizer o mesmo de sua, hã, camisola. — Ele fez um

gesto de cabeça na direção do pé da cama, onde vários pedaços de renda preta estavam espalhados sobre os lençóis de seda.

— Isso é péssimo — eu disse. — Eu gostava dessa.

— Eu também.

— Mais alguma baixa? — perguntei timidamente.

— Terei de comprar uma cama nova para Esme — confessou ele, olhando sobre o ombro. Segui seu olhar e fiquei chocada ao ver que grandes nacos de madeira aparentemente tinham sido arrancados do lado esquerdo da cabeceira.

— Hmmmm. — Franzi a testa. — Acho que eu teria ouvido isso.

— Você parece ser extraordinariamente alienada quando sua atenção está em outra parte.

— Fiquei meio absorta — admiti, ganhando um rubor vermelho forte.

Ele tocou meu rosto em brasa e suspirou.

— Vou sentir muita falta disso.

Eu o encarei, procurando qualquer sinal de raiva ou remorso, que eu temia. Ele retribuiu meu olhar tranquilamente, a expressão calma mas indecifrável.

— Como está se sentindo?

Ele riu.

— Que foi? — perguntei.

— Você parece tão culpada... Como se tivesse cometido um crime.

— Eu me sinto culpada — murmurei.

— Então você seduziu seu marido louco para ser seduzido. Isso não é um pecado capital.

Ele parecia estar brincando.

Meu rosto ficou mais quente.

— A palavra seduziu implica certo nível de premeditação.

— Talvez essa fosse a palavra errada — admitiu ele.

— Não está com raiva?

Ele sorriu pesaroso.

— Não estou com raiva.

— E por que não?

— Bom... — ele se interrompeu. — Eu não a machuquei, para começar. Foi mais fácil, desta vez, me controlar, canalizar os excessos. — Seus olhos passaram para a guarda da cama novamente. — Talvez porque eu tivesse uma ideia melhor

do que esperar.

Um sorriso esperançoso começou a se abrir em meu rosto.

— Eu disse que era uma questão de prática.

Ele revirou os olhos.

Meu estômago roncou e ele riu.

— Hora do café da manhã da humana? — perguntou ele.

— Por favor — eu disse, pulando da cama. Mas me mexi rápido demais e tive de cambalear como bêbada para recuperar o controle. Ele me pegou antes que eu tropeçasse na cômoda.

— Está tudo bem?

— Se eu não tiver um senso de equilíbrio melhor em minha próxima vida, vou exigir reembolso.

Naquela manhã, fui para a cozinha e fritei alguns ovos — faminta demais para fazer algo mais elaborado. Impaciente, eu os virei num prato depois de poucos minutos.

— Desde quando você come ovos fritos de um só lado? — perguntou ele.

— Desde agora.

— Sabe quantos ovos você comeu na última semana? — Ele pegou uma lixeira embaixo da pia: estava cheia de embalagens vazias.

— Que estranho — eu disse, depois de engolir um pedaço escaldante. — Este lugar está bagunçando meu apetite. — E meus sonhos, e meu equilíbrio já duvidoso, pensei. — Mas gosto daqui. Provavelmente vamos embora logo, para chegar a Dartmouth a tempo, não é? Acho que precisamos encontrar um lugar para morar e outras coisas também.

Ele se sentou ao meu lado.

— Pode desistir dessa história falsa de faculdade... Você já conseguiu o que queria. E não fizemos um acordo; então, não existem pendências.

Bufei.

— Eu não estava fingindo, Edward. Não passo o meu tempo livre tramando, como algumas pessoas fazem. O que posso fazer para esgotar a Bella hoje? — eu disse numa imitação ruim de sua voz. Ele riu, descarado. — Eu realmente quero um pouco mais de tempo como humana. — Inclinei-me para passar a mão em seu peito nu. — Ainda não tive o bastante.

Ele me olhou de forma dúbia.

— Para isso? — perguntou ele, pegando minha mão, que descia por sua barriga. — O sexo era a chave o tempo todo? — Ele revirou os olhos. — Por que não pensei nisso? — murmurou ele com sarcasmo. — Podia ter me poupado muitas discussões.

Eu ri.

— É, talvez pudesse mesmo.

— Você é tão humana! — repetiu ele.

— Eu sei.

Uma sugestão de sorriso apareceu em seus lábios.

— Vamos para Dartmouth? De verdade?

— Provavelmente vou tomar bomba no primeiro semestre.

— Vou ser seu professor particular. — O sorriso dele agora era amplo. — Você vai adorar a faculdade.

— Acha que podemos encontrar um apartamento assim tão em cima da hora?

Ele fez uma careta, parecendo culpado.

— Bom, nós já temos uma casa lá. Sabe como é, só por precaução.

— Você comprou uma casa?

— Os imóveis são um bom investimento.

Ergui uma sobrancelha e deixei passar.

— Então estamos preparados.

— Terei de ver se podemos manter seu carro de "antes" por mais tempo...

— Sim, Deus me livre de não estar protegida contra tanques.

Ele sorriu.

— Quanto tempo ainda podemos ficar aqui? — perguntei.

— Estamos bem de tempo. Mais algumas semanas, se você quiser. E depois podemos visitar Charlie antes de irmos para New Hampshire. Podemos passar o Natal com Renée...

Suas palavras pintaram um futuro imediato muito feliz, um futuro sem sofrimento para todos os envolvidos. O incidente Jacob, quase esquecido, chocalhou e eu corrigi o pensamento — para quase todos.

Aquilo não estava ficando mais fácil. Agora que eu havia descoberto exatamente como era bom ser humana, era tentador deixar o barco correr. Dezoito ou 19, 19 ou 20 anos... Que diferença faria? Eu não ia mudar tanto em um ano. E ser humana com Edward... A decisão se tornava mais complicada a cada dia.

— Algumas semanas — concordei. E depois, porque nunca parecia haver tempo suficiente, acrescentei: — Então, eu estava pensando... Sabe o que eu disse antes sobre a prática?

Ele riu.

— Pode segurar um pouco esse pensamento? Estou ouvindo um barco. Os empregados devem estar aqui.

Ele queria que eu segurasse o pensamento. Então isso significava que ele não ia me criar mais problemas com a prática? Sorri.

— Deixe-me explicar a bagunça com o quarto branco ao Gustavo, e depois podemos sair. Há um lugar na mata ao sul...

— Não quero sair. Não vou andar pela ilha toda hoje. Quero ficar aqui e ver um filme.

Ele franziu os lábios, tentando não rir de meu tom de voz desapontado.

— Tudo bem, o que você quiser. Por que não escolhe um DVD enquanto atendo à porta?

— Não ouvi ninguém bater.

Ele inclinou a cabeça de lado, escutando. Meio segundo depois, uma batida fraca e tímida soou na porta. Ele sorriu e se virou para o corredor.

Fui até as prateleiras sob a grande tevê e comecei a percorrer os títulos. Era difícil decidir por onde começar. Eles tinham mais DVDs do que uma locadora.

Pude ouvir a voz baixa e aveludada de Edward voltando pelo corredor, conversando fluentemente no que eu supus ser um português perfeito. Outra voz humana, mais rude, respondeu na mesma língua.

Edward os levou até o quarto, apontando para a cozinha no caminho. Os dois brasileiros pareciam incrivelmente baixos e morenos ao lado dele. Eram um homem roliço e uma mulher magra, o rosto de ambos vincados de rugas. Edward gesticulou para mim com um sorriso de orgulho, e ouvi meu nome misturado numa lufada de palavras desconhecidas. Corei um pouco enquanto pensava na bagunça de penas no quarto branco, que eles logo encontrariam. O baixinho sorriu para mim com educação.

Mas a mulher de pele de café não sorriu. Encarou-me com um misto de choque, preocupação e, acima de tudo, muito medo. Antes que eu pudesse reagir, Edward indicou que o seguissem para a gaiola de penas, e eles se foram.

Quando reapareceu, Edward estava sozinho. Andou rapidamente até mim e

me abraçou.

— O que há com ela? — sussurrei com urgência, lembrando-me de sua expressão de pânico.

Ele deu de ombros, sem se perturbar.

— Kaure é, em parte, uma índia ticuna. Foi criada para ser mais supersticiosa... ou você pode chamar mais consciente... do que os que vivem no mundo moderno. Ela desconfia do que eu sou, ou chega bem perto. — Ele ainda não parecia preocupado. — Eles têm suas próprias lendas por aqui. O lobisomem... um demônio bebedor de sangue que ataca exclusivamente mulheres bonitas. — Ele me olhou de lado.

Só mulheres bonitas? Bom, isso era meio lisonjeiro.

— Ela parece apavorada — eu disse.

— E está... Mas está mais preocupada com você.

— Comigo?

— Ela teme o motivo de eu ter você aqui, a sós. — Ele riu sombriamente e depois olhou a parede de filmes. — Ah, bem, por que não escolhe alguma coisa para assistirmos? Isso é algo humano e aceitável a fazer.

— Sei, como se um filme fosse convencê-la de que você é humano. — Eu ri e abracei com firmeza seu pescoço, ficando na ponta dos pés. Ele se curvou para que eu pudesse beijá-lo, depois seus braços me apertaram, erguendo-me do chão para que ele não tivesse de se curvar.

— Então, que seja um filme — murmurei, enroscando meus dedos em seus cabelos de bronze, enquanto seus lábios desciam por meu pescoço.

Em seguida ouvi um arquejo e ele me baixou abruptamente. Kaure estava paralisada na soleira da porta, com penas no cabelo preto, um saco enorme de mais penas nos braços, uma expressão de pavor no rosto. Ela me fitou de olhos arregalados enquanto eu corava e baixava a cabeça. Então se recuperou e murmurou alguma coisa que, mesmo em uma língua desconhecida, era claramente um pedido de desculpas. Edward sorriu e respondeu num tom simpático. Ela desviou os olhos escuros e seguiu pelo corredor.

— Ela estava pensando o que eu penso que ela estava pensando, não é? — murmurei.

Ele riu de minha frase enrolada.

— Está.

— Tome — eu disse, pegando um filme aleatoriamente e passando a ele. — Coloque este, e podemos fingir que estamos vendo.

Era um antigo musical com rostos sorridentes e vestidos esvoaçantes.

— Bem de lua de mel — Edward aprovou.

Enquanto atores na tela dançavam uma animada música de abertura, eu me refestelei no sofá, aninhada nos braços dele.

— Depois vamos voltar para o quarto branco? — perguntei preguiçosamente.

— Não sei... Já estraguei demais o outro quarto... Talvez, se nos limitarmos à destruição de apenas uma área da casa, Esme possa nos convidar a voltar.

Eu dei um sorriso largo.

— Então haverá mais destruição?

Ele riu de minha expressão.

— Acho que pode ser mais seguro se for premeditado, em vez de eu esperar que você me ataque novamente.

— Seria só uma questão de tempo — concordei, num tom despreocupado, mas minha pulsação estava disparada.

— Algum problema com seu coração?

— Não. Saudável como um cavalo. — Fiz uma pausa. — Quer fazer um levantamento da zona de destruição agora?

— Talvez fosse mais sensato esperar que fiquemos a sós. Você pode não perceber quando estou destruindo a mobília, mas isso provavelmente iria assustá-los.

Na verdade, eu já me esquecera das pessoas no outro cômodo.

— É verdade. Droga.

Gustavo e Kaure moviam-se rapidamente pela casa enquanto eu esperava com impaciência que terminassem e tentava prestar atenção no felizes-para-sempre da tela. Estava começando a ficar com sono — embora, segundo Edward, tivesse dormido metade do dia — quando uma voz rude me sobressaltou. Edward se sentou, mantendo-me aninhada nele, e respondeu a Gustavo num português fluente. Gustavo assentiu e dirigiu-se rapidamente para a porta da frente.

— Eles terminaram — disse-me Edward.

— Então isso quer dizer que agora estamos sozinhos?

— Que tal almoçar primeiro? — ele sugeriu.

Mordi o lábio, dividida pelo dilema. Eu estava mesmo com fome.

Com um sorriso, ele pegou minha mão e me levou à cozinha. Conhecia meu rosto tão bem, que não importava que não conseguisse ler minha mente.

— Isso está fugindo do controle — eu me queixei quando finalmente me senti satisfeita.

— Quer nadar com os golfinhos esta tarde... queimar as calorias? — perguntou ele.

— Talvez depois. Tenho outra ideia para queimar calorias.

— E qual seria?

— Bom, ainda resta muito da cabeceira da cama...

Mas não terminei. Ele já havia me pegado nos braços, e seus lábios me silenciaram enquanto eu era carregada para o quarto azul a uma velocidade inumana.

7. INESPERADO

A FILA DE PRETO AVANÇAVA PARA MIM ATRAVÉS DO MANTO DE NÉVOA. Eu podia ver escuros olhos rubi cintilando de desejo, desejando matar. Lábios repuxados por sobre os dentes afiados — alguns para rosnar, outros, para sorrir.

Ouvi a criança atrás de mim choramingar, mas não consegui me virar para olhá-la. Embora estivesse desesperada para ter certeza de que ela estava segura, não podia perder o foco naquele momento.

Eles se aproximavam como fantasmas, os mantos pretos ondulando de leve com o movimento. Vi as mãos se curvarem como garras cor de osso. Começaram a se separar, e vinham de todos os lados. Estávamos cercados. Íamos morrer.

E, então, como o clarão de um flash, a cena toda ficou diferente. Sem, no entanto, que nada mudasse — os Volturi ainda nos vigiavam, preparados para matar. Só o que mudou de fato foi minha percepção do que estava acontecendo. De repente, eu ansiava por aquilo. Eu queria que eles atacassem. O pânico deu lugar ao desejo de sangue, enquanto eu me agachava para a frente, um sorriso no rosto, e um rosnado escapou entre os meus dentes expostos.

Sentei-me de repente, escapando em choque do sonho.

O quarto estava escuro. E também quente como uma sauna. O suor colava meu cabelo nas têmporas e escorria pelo pescoço.

Apalpei os lençóis quentes e os encontrei vazios.

— Edward?

Nesse momento, meus dedos encontraram alguma coisa lisa, plana e firme. Uma folha de papel, dobrada ao meio. Peguei o bilhete e tateei até encontrar o interruptor do quarto.

O bilhete estava endereçado na parte externa à Sra. Cullen.

Espero que não acorde e perceba minha ausência,
mas, se acordar, voltarei logo. Fui caçar no continente.
Volte a dormir e estarei aí quando acordar novamente.
Eu amo você.

Suspirei. Estávamos ali havia duas semanas, então eu devia esperar que ele tivesse de partir, mas não tinha pensado quando. Parecíamos estar fora do tempo naquela ilha, à deriva, num estado de perfeição.

Enxuguei o suor da testa. Sentia-me absolutamente desperta, embora o relógio na cômoda mostrasse que passava da uma hora da manhã. Eu sabia que não conseguiria dormir com tanto calor e pegajosa como estava. Para não mencionar o fato de que, se eu apagasse a luz e fechasse os olhos, certamente veria aquelas figuras de preto à espreita em minha cabeça.

Levantei-me e vaguei sem rumo pela casa escura, acendendo as luzes. Parecia muito grande e vazia sem Edward. Diferente.

Terminei na cozinha e concluí que talvez precisasse de uma comida caseira para me reconfortar.

Remexi na geladeira até encontrar todos os ingredientes para um frango frito. Os estalos e chiados na panela eram um som bom, agradável; eu me senti menos nervosa enquanto aquilo enchia o silêncio.

O cheiro estava tão bom que comecei a comer direto da panela, e queimei a língua. Na quinta ou sexta mordida, porém, tinha esfriado o suficiente para que eu saboreasse. Mastiguei mais devagar. Havia algo estranho no sabor? Verifiquei a carne, e estava completamente branca, mas me perguntei se estava bem cozida. Experimentei outro pedaço; mastiguei duas vezes. Argh! — sem dúvida estava ruim. Dei um salto para cuspir na pia. De repente, o cheiro de frango e óleo era repugnante. Peguei o prato e despejei aquilo no lixo, depois abri as janelas para me livrar do cheiro. Uma brisa fresca soprava. Dava uma sensação boa em minha pele.

De repente, eu me senti exausta, mas não queria voltar para o quarto quente. Então abri mais janelas na sala de tevê e me deitei no sofá embaixo delas. Botei o mesmo filme que tínhamos visto outro dia e rapidamente caí no sono com a música animada de abertura.

Quando abri os olhos de novo, o sol estava alto no céu, mas não foi a luz que me acordou. Braços frios me envolviam, puxando-me para si. Ao mesmo tempo, uma dor repentina retorcia meu estômago, quase como o choque depois de levar um soco na barriga.

— Desculpe — murmurava Edward enquanto passava a mão gélida por minha testa suada. — Tanto cuidado que tive! Não pensei em como você ficaria quente sem mim. Terei de instalar um ar-condicionado antes de sair de novo.

Eu não conseguia me concentrar no que ele dizia.

— Com licença! — arfei, lutando para me libertar de seus braços.

Ele me soltou automaticamente.

— Bella?

Disparei para o banheiro com a mão cobrindo a boca. Sentia-me tão mal que nem me importei — de início — que ele estivesse comigo enquanto eu me agachava diante da privada e vomitava violentamente.

— Bella? Qual é o problema?

Eu ainda não conseguia responder. Ele me segurava, ansioso, mantendo meu cabelo longe do rosto, esperando até que eu pudesse respirar de novo.

— Droga de frango estragado — gemi.

— Você está bem? — A voz dele era tensa.

— Estou — respondi, ofegante. — É só uma intoxicação alimentar. Você não precisa ver isso. Saia daqui.

— Nem pense nisso, Bella.

— Vá embora — tornei a gemer, lutando para me levantar e poder lavar a boca. Ele me ajudou delicadamente, ignorando os fracos empurrões com que eu tentava afastá-lo.

Depois que minha boca estava limpa, ele me carregou para a cama e me sentou com cuidado, escorando-me com os braços.

— Intoxicação alimentar?

— É — resmunguei. — Fiz um frango ontem à noite. O gosto estava ruim, então o joguei fora. Mas antes havia comido uns pedaços.

Ele pôs a mão fria em minha testa. A sensação era boa.

— Como se sente agora?

Pensei por um momento. A náusea tinha passado com a mesma rapidez com que surgira e eu me sentia como em qualquer outra manhã.

— Bem normal. Na verdade, com um pouco de fome.

Ele me fez esperar uma hora e beber um grande copo de água antes de fritar uns ovos para mim. Eu me sentia perfeitamente normal, só um pouco cansada por ter ficado acordada no meio da noite. Ele ligou a tevê no noticiário — estávamos tão desligados do mundo que se a Terceira Guerra tivesse estourado não saberíamos — e eu deitei sonolenta em seu colo.

Fiquei entediada com o noticiário e me virei para beijá-lo. Como pela manhã, uma dor aguda atingiu meu estômago quando me mexi. Eu me afastei de repente dele, a mão apertada sobre a boca. Sabia que não conseguiria chegar ao banheiro, então corri para a pia da cozinha.

Edward segurou meu cabelo de novo.

— Talvez devamos voltar ao Rio e procurar um médico — ele sugeriu, ansioso, enquanto eu lavava a boca depois de vomitar.

Sacudi a cabeça e fui para o corredor. Médicos significam agulhas.

— Vou ficar bem depois de escovar os dentes.

Quando minha boca estava com um gosto melhor, procurei em minha mala um kit de primeiros socorros que Alice preparara para mim, cheio de coisas humanas, como ataduras, analgésicos e — meu objetivo naquele momento — um antiácido. Talvez eu pudesse aquietar meu estômago e acalmar Edward.

Mas, antes que encontrasse o remédio, deparei com outra coisa que Alice empacotara para mim. Peguei a caixinha azul e a observei nas mãos por um longo tempo, esquecendo todo o resto.

Depois comecei a contar mentalmente. Uma. Duas vezes. De novo.

A batida me sobressaltou; a caixinha caiu na mala.

— Você está bem? — perguntou Edward através da porta. — Está enjoada de novo?

— Sim e não — eu disse, mas minha voz soou estrangulada.

— Bella? Posso entrar, por favor? — Agora ele estava preocupado.

— Tu... tudo bem.

Ele entrou e avaliou minha posição, sentada de pernas cruzadas no chão ao lado da mala, e minha expressão, vazia e fixa. Ele se sentou do meu lado, a mão indo imediatamente para minha testa.

— O que foi?

— Há quantos dias foi o casamento? — sussurrei.

— Dezessete — respondeu ele automaticamente. — Bella, o que foi?

Eu agora estava contando. Levantei um dedo, alertando-o para que esperasse, e murmurei os números comigo mesma. Eu me enganara em relação aos dias. Estávamos ali havia mais tempo do que eu pensava. Recomecei a contar.

— Bella! — ele sussurrou, insistindo. — Você está me deixando maluco.

Tentei engolir. Não funcionou. Então estendi a mão para a mala e vasculhei até encontrar de novo a caixinha azul de absorventes. Eu a ergui em silêncio.

Ele me fitou, confuso.

— O que é? Está achando que esse mal-estar é TPM?

— Não — consegui dizer, sufocada. — Não, Edward. Estou tentando dizer que minha menstruação está cinco dias atrasada.

Sua expressão não se alterou. Era como se eu não tivesse falado.

— Não acho que o que tenho seja intoxicação alimentar — acrescentei.

Ele não respondeu. Tinha se transformado numa escultura.

— Os sonhos — murmurei comigo mesma em uma voz monocórdia. — O sono excessivo. O choro. Toda essa comida. Ah! Ah! Ah!

O olhar de Edward parecia de vidro, como se ele não conseguisse mais me ver.

Por reflexo, quase involuntariamente, minha mão baixou para minha barriga.

— Ah! — exclamei novamente.

Levantei-me, escapulindo das mãos imóveis de Edward. Eu não havia tirado o short de seda e a camisola que vestira para dormir. Puxei o tecido azul e olhei minha barriga.

— Impossível — sussurrei.

Eu não tinha absolutamente nenhuma experiência com gravidez, bebês nem qualquer outra coisa desse mundo, mas não era idiota. Vi muitos filmes e programas de tevê para saber que não era assim que funcionava. Só estava cinco dias atrasada. Se eu estivesse grávida, meu corpo ainda não teria registrado esse fato. Não teria enjoo matinal. Eu não teria mudado meus hábitos de sono e alimentação.

E eu, definitivamente, não teria um volume pequeno mas definido entre meus quadris.

Girei o tronco de um lado para o outro, examinando-o de cada ângulo, como se ele pudesse desaparecer na luz certa. Passei os dedos pela protuberância sutil, surpresa com a firmeza que sentia sob a pele.

— Impossível — repeti, porque, com ou sem volume na barriga, com ou sem menstruação (e não houve menstruação nenhuma, embora eu nunca tivesse atrasado um só dia na vida), não era possível eu estar grávida. A única pessoa com quem fiz sexo foi um vampiro, pelo amor de Deus!

Um vampiro que ainda estava paralisado no chão, sem dar sinais de que voltaria a se mexer.

Então, devia haver outra explicação. Algum problema comigo. Uma estranha doença sul-americana com todos os sinais de gravidez, só que acelerados...

E nesse momento me lembrei de uma coisa — uma manhã que passei fazendo pesquisas na Internet e que pareceu ter acontecido uma vida atrás. Sentada na velha mesa de meu quarto na casa de Charlie, com a claridade cinzenta brilhando fosca pela janela, olhando para meu computador velho e cheio de chiados, lendo avidamente um site chamado "Vampiros de A-Z". Menos de vinte e quatro horas haviam se passado desde que Jacob Black, tentando me divertir com as lendas quileutes em que ele ainda não acreditava, me contara que Edward era um vampiro. Percorri ansiosa as primeiras entradas do site, dedicado a mitos de vampiros de todo o mundo. O Danag filipino, o Estrie hebraico, os Varacolaci romenos, os Stregoni benefici italianos (uma lenda na verdade baseada nas primeiras façanhas de meu novo sogro com os Volturi, mas na época eu não sabia de nada disso)... À medida que as histórias iam se tornando mais implausíveis, eu prestava cada vez menos atenção. Elas pareciam, principalmente, justificativas imaginadas para explicar coisas como taxas de mortalidade infantil — e infidelidade. Não, querida, eu não estou tendo um caso! Essa mulher sensual que você viu entrando de mansinho na casa era um súcubo do mal. Tenho sorte por ter escapado com vida! (É claro que, com o que agora eu sabia sobre Tanya e suas irmãs, suspeitava de que algumas daquelas justificativas fossem nada mais do que a realidade.) Havia uma para as mulheres também. Como pode me acusar de trair você — só porque chegou em casa de uma viagem de dois anos no mar e me encontrou grávida? Foi um íncubo. Ele me hipnotizou com seus poderes místicos de vampiro...

Essa tinha sido parte da definição de íncubo — a capacidade de gerar filhos com sua presa indefesa.

Sacudi a cabeça, confusa. Mas...

Pensei em Esme e especialmente em Rosalie. Os vampiros não podiam ter

filhos. Se isso fosse possível, a essa altura Rosalie teria encontrado um jeito. O mito do íncubo não passava de uma fábula.

A não ser que... Bom, havia uma diferença. É claro que Rosalie não podia conceber um filho porque ela estava paralisada no estado em que passara de humana para inumana. Totalmente imutável. E o corpo das mulheres humanas tinha de mudar para gerar filhos. Primeiro, a mudança constante de um ciclo menstrual e, depois, as grandes mudanças necessárias para acomodar uma criança em crescimento. O corpo de Rosalie não podia mudar.

Mas o meu podia. O meu mudava. Toquei o volume em minha barriga que não estava ali na véspera.

E os homens humanos — bom, eles permaneciam praticamente os mesmos da puberdade até a morte. Lembrei-me de uma informação banal, saída de Deus sabe onde: Charlie Chaplin estava com mais de 70 anos quando foi pai de seu filho caçula. Os homens não tinham coisas como anos férteis ou ciclos de fertilidade.

Evidentemente, como alguém saberia se um homem vampiro podia ser pai, se as parceiras deles não são capazes disso? Que vampiro na Terra teria o autocontrole necessário para testar a teoria com uma mulher humana? Ou a vontade?

Eu só conseguia pensar em um.

Parte de minha mente estava analisando informações, lembranças e especulações, enquanto outra — a parte que controlava a habilidade de mover até os menores músculos — estava estarrecida a ponto de não ser capaz de executar operações normais. Eu não conseguia mover os lábios para falar, embora quisesse pedir a Edward que explicasse, por favor, o que estava acontecendo. Eu precisava voltar ao lugar em que ele estava sentado, tocá-lo, mas meu corpo não obedecia às instruções. Eu só conseguia ver meus olhos chocados no espelho, meus dedos comprimindo com cuidado o volume em meu ventre.

E depois, como no vívido pesadelo que tivera na noite anterior, a cena de repente se transformou. Tudo o que vi no espelho parecia totalmente diferente, embora nada tivesse mudado de fato.

O que aconteceu para transformar tudo foi que um pequeno e suave toque atingiu minha mão — vindo de dentro do meu corpo.

No mesmo instante, o telefone de Edward tocou, estridente e exigente. Nenhum de nós se moveu. O aparelho tocava sem parar. Tentei me abstrair dele

enquanto pressionava os dedos sobre a barriga, esperando. No espelho, minha expressão não era mais confusa — era agora maravilhada! Mal percebi quando as lágrimas estranhas e silenciosas começaram a descer por meu rosto.

O telefone ainda tocava. Eu queria que Edward atendesse — eu estava em um momento especial. Possivelmente, o maior de minha vida.

Trim! Trim! Triiim!

Por fim a irritação venceu todo o resto. Ajoelhei-me ao lado de Edward — vi-me agindo com mais cuidado, umas mil vezes mais consciente de cada movimento — e tateei seus bolsos até encontrar o telefone. De certa maneira, esperava que ele o pegasse para atender, mas ele continuou completamente imóvel.

Reconheci o número e pude adivinhar com facilidade por que ela estava ligando.

— Oi, Alice — eu disse. Minha voz não estava muito melhor do que antes. Pigarreei.

— Bella? Bella, você está bem?

— Estou. Hã. Carlisle está aí?

— Está. Qual é o problema?

— Eu não... tenho certeza... absoluta.

— Edward está bem? — perguntou ela, preocupada. Chamou Carlisle e indagou, antes que eu pudesse responder à primeira pergunta: — Por que ele não atendeu ao telefone?

— Não sei bem.

— Bella, o que está havendo? Eu acabo de ver...

— O que você viu?

Houve silêncio.

— Carlisle está aqui — disse ela por fim.

Senti como se água gelada tivesse sido injetada em minhas veias. Se Alice tivesse tido uma visão minha com uma criança de olhos verdes e cara de anjo nos braços, ela teria me respondido, não teria?

Enquanto eu esperava pela fração de segundo que Carlisle levou para falar, a visão que imaginei para Alice dançou atrás de minhas pálpebras. Um bebezinho lindo, ainda mais bonito do que o menino de meus sonhos — uma miniatura de Edward em meus braços. O calor voltou às minhas veias, afugentando o gelo.

— Bella, é Carlisle. O que está acontecendo?

— Eu... — Não sabia o que responder. Será que ele iria rir de minhas conclusões, dizer-me que eu estava louca? Que eu só estava tendo outro sonho? — Estou preocupada com Edward... Os vampiros podem entrar em estado de choque?

— Ele foi ferido? — A voz de Carlisle de repente era urgente.

— Não, não — eu o tranquilizei. — Só... pego de surpresa.

— Não estou entendendo, Bella.

— Eu acho... Bom, acho que... talvez... eu esteja... — respirei fundo. — Grávida.

Como se fosse para me reafirmar, houve outra cutucada muito sutil em meu abdome. Minha mão disparou para a barriga.

Depois de uma longa pausa, a formação médica de Carlisle entrou em cena.

— Quando foi o primeiro dia de seu último ciclo menstrual?

— Dezesseis dias antes do casamento. — Eu já havia feito as contas mentalmente muitas vezes, e podia responder com certeza.

— Como está se sentindo?

— Estranha — disse a ele, e minha voz falhou. Outra lágrima escorreu por meu rosto. — Vai parecer loucura... Olhe, eu sei que é meio cedo para isso. Talvez eu esteja mesmo louca. Mas estou tendo sonhos estranhos, comendo o tempo todo, chorando, vomitando e... e... Eu juro que alguma coisa se mexeu dentro de mim agora mesmo.

A cabeça de Edward se ergueu repentinamente.

Suspirei de alívio.

Edward estendeu a mão para o telefone, o rosto lívido e rígido.

— Hã, acho que Edward quer falar com você.

— Coloque-o na linha — disse Carlisle com a voz tensa.

Sem ter certeza de que Edward pudesse falar, pus-lhe o telefone na mão estendida.

Ele o comprimiu contra a orelha.

— Isso é possível? — sussurrou ele.

Então ouviu por um bom tempo, fitando o vazio.

— E Bella? — perguntou ele. Seu braço me envolveu enquanto ele falava, puxando-me para mais perto.

Ele escutou durante o que pareceu um longo tempo e depois disse:

— Sim. Sim, farei isso.

Edward afastou o fone da orelha e apertou o botão "end". Imediatamente discou outro número.

— O que Carlisle disse? — perguntei, impaciente.

Edward respondeu numa voz sem vida.

— Ele acha que você está grávida.

As palavras provocaram um tremor quente por minha coluna. O pequeno cutucador se agitou dentro de mim.

— Para quem está ligando agora? — perguntei enquanto ele colocava o telefone na orelha outra vez.

— Para o aeroporto. Vamos para casa.

Edward ficou ao telefone por mais de uma hora, sem intervalo. Imaginei que estivesse fazendo os preparativos para nosso voo para casa, mas não podia ter certeza, porque ele não falava inglês. Parecia que estava discutindo; ele falava entredentes.

Enquanto argumentava, ele fazia as malas. Girava pelo quarto feito um tornado furioso, deixando ordem e não destruição pelo caminho. Atirou uma muda de minhas roupas na cama sem olhar para elas — então pressupus que era hora de me vestir. Ele continuou com sua discussão enquanto eu trocava de roupa, gesticulando com movimentos súbitos e agitados.

Quando não consegui mais suportar a energia violenta que irradiava dele, saí em silêncio do quarto. Sua concentração maníaca me deixava enjoada — não como o enjoo matinal, mas era desagradável. Ia esperar em outro lugar até que aquele estado de espírito dele passasse. Eu não podia falar com aquele Edward gélido e concentrado que, sinceramente, me apavorava um pouco.

Mais uma vez, terminei na cozinha. Havia um saco de biscoitos na bancada. Comecei a comer distraidamente, pela janela olhando a areia, as pedras, as árvores e o mar, tudo brilhando ao sol.

Alguém me cutucou.

— Eu sei — eu disse. — Eu também não quero ir.

Olhei pela janela por um momento, mas o cutucador não respondeu.

— Não entendo — sussurrei. — O que há de errado aqui?

Surpreendente, é claro. Assombroso até; mas, errado?

Não.

Então, por que Edward estava tão furioso? Foi ele quem confessou que chegou a desejar um casamento forçado por uma gravidez.

Tentei raciocinar.

Talvez não fosse tão estranho que Edward quisesse que fôssemos para casa agora. Ele queria que Carlisle me examinasse, para ter certeza de que minha suposição era correta — embora àquela altura não houvesse nenhuma dúvida em minha mente. Talvez eles quisessem descobrir por que eu já estava tão grávida, com o volume, os cutucões e tudo mais. Isso não era normal.

Após pensar no assunto, tive certeza. Ele devia estar muito preocupado com o bebê. Eu não tinha chegado ao pânico ainda. Meu cérebro trabalhava mais lentamente que o dele — ainda estava maravilhado com o quadro que conjurara antes: o bebezinho com os olhos de Edward, verdes como eram quando ele era humano, deitado, perfeito e lindo, em meus braços. Eu esperava que ele tivesse exatamente o rosto de Edward, sem nenhuma interferência minha.

Era estranho como essa visão havia se tornado tão repentina e inteiramente necessária. A partir daquele pequeno toque, o mundo inteiro mudou. Onde antes havia só uma coisa sem a qual eu não poderia viver, agora eram duas. Não havia divisão — meu amor não estava dividido entre eles; não era assim. Era mais como se meu coração tivesse crescido, inchado até duas vezes seu tamanho. Todo o espaço extra já preenchido. O aumento era quase vertiginoso.

Eu nunca entendera realmente a dor e o ressentimento de Rosalie. Nunca me imaginara mãe; jamais quisera isso. Tinha sido fácil prometer a Edward que eu não me importava de abrir mão de filhos por ele, porque eu verdadeiramente não ligava. As crianças, em teoria, nunca tiveram apelo para mim. Pareciam criaturas barulhentas, quase sempre soltando alguma forma de gosma. Nunca tive muita ligação com elas. Quando sonhava que Renée me daria um irmão, sempre imaginava um irmão mais velho, alguém para cuidar de mim, não o contrário.

Essa criança, o filho de Edward, era uma história totalmente diferente.

Eu o queria como queria o ar para respirar. Não era uma opção — era uma necessidade.

Talvez eu simplesmente tivesse pouca imaginação. Talvez, por isso, tivesse sido incapaz de imaginar como eu gostaria de estar casada até depois de estar de

fato — incapaz de ver que queria um filho até que um estivesse a caminho...

Enquanto colocava a mão na barriga, esperando pelo próximo cutucão, as lágrimas se derramaram de novo por meu rosto.

— Bella?

Eu me virei, preocupada com o tom de voz dele. Era frio demais, cuidadoso demais. Seu rosto combinava com a voz, vazio e rígido.

E, então, ele viu que eu estava chorando.

— Bella! — Ele atravessou o aposento num segundo e pôs as mãos em meu rosto. — Está sentindo dor?

— Não, não...

Ele me puxou para seu peito.

— Não tenha medo. Vamos estar em casa daqui a dezesseis horas. Você vai ficar bem. Carlisle estará preparado quando chegarmos lá. Vamos cuidar disso e você vai ficar bem, você vai ficar bem.

— Cuidar disso? O que quer dizer?

Ele se afastou e me olhou nos olhos.

— Vamos tirar essa coisa antes que possa ferir você. Não tenha medo. Eu não vou deixar que ele a machuque.

— Essa coisa? — repeti, ofegante.

Edward desviou os olhos rapidamente, fitando a porta da frente.

— Que droga! Esqueci que Gustavo vinha aqui hoje. Vou me livrar dele e volto logo.

Ele saiu em disparada da cozinha.

Agarrei a bancada para me apoiar. Meus joelhos tremiam.

Edward tinha chamado meu pequeno cutucador de coisa. E disse que Carlisle iria se livrar dele.

— Não — sussurrei.

Eu havia entendido tudo errado. Ele não se importava com o bebê. Queria feri-lo. A linda imagem em minha mente mudou de repente, transformada em algo sombrio. Meu bebê lindo chorando, meus braços sem força não bastavam para protegê-lo...

O que eu podia fazer? Conseguiria argumentar com eles? E se não conseguisse? Isso explicaria o estranho silêncio de Alice ao telefone? Seria isso o que ela vira? Edward e Carlisle matando a criança pálida e perfeita antes que ela

pudesse viver?

— Não — sussurrei novamente, minha voz mais forte. Aquilo não poderia acontecer. Eu não permitiria.

Ouvi Edward falando em português de novo. Discutindo novamente. Sua voz ficou mais próxima e o ouvi grunhir, exasperado. Depois ouvi outra voz, baixa e tímida. Uma voz de mulher.

Ele entrou na cozinha antes dela e veio direto até mim. Enxugou minhas lágrimas e murmurou em meu ouvido através dos lábios finos que formavam uma linha rígida.

— Ela insiste em deixar a comida que trouxe... Ela fez nosso jantar. — Se ele estivesse menos tenso, menos furioso, eu sabia que teria revirado os olhos. — É uma desculpa... Ela quer ter certeza de que eu ainda não matei você. — Sua voz ficou fria como gelo no fim.

Kaure, com um prato coberto nas mãos, contornou, nervosa, a bancada. Eu queria poder falar português, ou que meu espanhol não fosse tão rudimentar, para tentar agradecer àquela mulher que se atreveu a irritar um vampiro só para ver como eu estava.

Seus olhos moviam-se rapidamente entre nós dois. Eu a vi avaliando a cor de meu rosto, a umidade nos olhos. Murmurando algo que não entendi, ela pôs o prato na bancada.

Edward disse-lhe alguma coisa; nunca o vira ser tão grosseiro. Ela se virou para se retirar e o movimento de sua saia comprida lançou o cheiro da comida em meu rosto. Era forte — cebola e peixe. A ânsia de vômito me fez correr para a pia. Senti as mãos de Edward em minha testa e ouvi seu murmúrio tranquilizador em meio ao rugido em meus ouvidos. Suas mãos desapareceram por um segundo e ouvi a porta da geladeira bater. Misericordiosamente, o cheiro desapareceu com o som, e as mãos de Edward estavam de novo frias em meu rosto pegajoso. Passou rapidamente.

Lavei a boca na torneira enquanto ele acariciava meu rosto.

Houve um cutucão vacilante em meu útero.

Está tudo bem. Nós estamos bem, disse em pensamento para o volume.

Edward me virou, puxando-me para seus braços. Pousei a cabeça em seu ombro. Minhas mãos, por instinto, cruzaram-se sobre minha barriga.

Ouvi um pequeno arquejo e ergui o olhar.

A mulher ainda estava ali, hesitando na soleira da porta com as mãos meio estendidas, como se estivesse procurando um modo de ajudar. Seus olhos estavam fixos em minhas mãos, esbugalhados pelo choque. Sua boca pendia escancarada.

Então Edward também arfou e em seguida virou-se para encarar a mulher, empurrando-me um pouco para trás de seu corpo. Seu braço envolveu meu tronco, como se ele estivesse me abraçando de costas.

De repente, Kaure estava gritando com ele — alto e furiosamente, as palavras ininteligíveis voando pela cozinha como facas. Ela ergueu o punho minúsculo no ar e avançou dois passos, agitando-o para ele. Apesar de sua ferocidade, era fácil ver o terror em seus olhos.

Edward também avançou, e eu agarrei seu braço, temendo pela mulher. Quando ele a interrompeu, porém, sua voz me pegou de surpresa, especialmente considerando a aspereza que ele havia demonstrado quando ela não estava gritando com ele. Agora a voz era baixa; suplicante. Não só isso, mas o som era diferente, mais gutural, sem cadência. Não me pareceu que ele ainda estivesse falando português.

Por um momento a mulher o fitou, surpresa; depois seus olhos se estreitaram enquanto ela gritava uma longa pergunta na mesma língua estranha.

Vi o rosto dele ficar mais triste e sério, e ele assentiu. Ela recuou um passo e fez o sinal da cruz.

Ele estendeu a mão para ela, gesticulando em minha direção, e então pôs a mão em meu rosto. Ela respondeu com raiva novamente, agitando as mãos de modo acusador para Edward. Quando terminou, ele lhe suplicou novamente com a mesma voz baixa e urgente.

Sua expressão mudou — ela o fitava com dúvida enquanto ele falava, seus olhos repetidamente disparando para meu rosto confuso. Ele parou de falar e ela parecia estar pensando. Então, olhou de um lado para o outro, entre mim e ele, e, inconscientemente, ao que parecia, avançou um passo.

Ela fez um movimento com as mãos, imitando a forma de um balão inchando em sua barriga. Eu me assustei — será que suas lendas de predadores que bebiam sangue incluíam isso? Seria possível que ela soubesse alguma coisa sobre o que crescia dentro de mim?

Dessa vez ela avançou alguns passos decididos e fez algumas perguntas curtas, que ele respondeu tenso. Depois foi a vez de Edward fazer as perguntas — um

interrogatório rápido. Ela hesitou e lentamente sacudiu a cabeça. Quando ele falou de novo, sua voz tinha tanta agonia que eu o olhei, chocada. Seu rosto estava exaurido de dor.

Em resposta, ela se aproximou lentamente até estar perto o bastante para colocar a pequena mão em cima da minha, sobre meu ventre. Então falou uma palavra em português.

— Morte — suspirou. Depois se virou, os ombros curvados como se a conversa a tivesse envelhecido, e saiu da cozinha.

Eu sabia espanhol o suficiente para entender essa palavra.

Edward estava paralisado de novo, vendo-a afastar-se com a expressão torturada fixa no rosto. Alguns segundos depois, ouvi o barulho de um motor de barco, que desapareceu na distância.

Edward só se mexeu quando fiz menção de ir para o banheiro. Depois sua mão pegou meu ombro.

— Aonde você vai? — A voz dele era um sussurro de dor.

— Escovar os dentes de novo.

— Não se preocupe com o que ela disse. São apenas lendas, mentiras antigas que só servem para distrair.

— Eu não entendi nada — disse a ele, embora não fosse inteiramente verdade. Como se eu pudesse desprezar qualquer coisa por ser só uma lenda. Minha vida estava cercada de lendas, e todas eram verdadeiras.

— Guardei sua escova de dentes. Vou pegar para você.

Ele foi na minha frente até o quarto.

— Vamos embora logo? — perguntei atrás dele.

— Assim que você terminar.

Ele esperou para guardar novamente minha escova, andando em silêncio pelo quarto. Entreguei-a a ele quando terminei.

— Vou levar as malas para o barco.

— Edward...

Ele se virou.

— Sim?

Hesitei, tentando pensar numa maneira de ficar alguns segundos sozinha.

— Poderia... levar alguma comida? Sabe como é, para o caso de eu sentir fome novamente.

— Claro — disse ele, os olhos suavizando-se de repente. — Não se preocupe com nada. Vamos encontrar Carlisle daqui a algumas horas. Isso tudo vai acabar logo.

Sem confiar em minha voz, apenas acenei com a cabeça.

Ele se virou e saiu do quarto, com uma mala grande em cada mão.

Eu girei e peguei o telefone que ele deixara na bancada. Era muito atípico de Edward esquecer coisas — esquecer que Gustavo estaria chegando, deixar o telefone ali. Ele estava tão estressado que parecia fora de si.

Abri o aparelho e percorri os números da agenda. Fiquei feliz por ele ter desligado o som, com medo de que me pegasse. Será que agora ele estaria no barco? Ou já estaria de volta? Ele me ouviria da cozinha se eu sussurrasse?

Encontrei o número que queria, um número para o qual nunca ligara na vida. Apertei "send" e cruzei os dedos.

— Alô? — atendeu a voz de sinos de vento dourados.

— Rosalie? — sussurrei. — É Bella. Por favor. Você precisa me ajudar.

LIVRO DOIS

jacob

No entanto, para dizer a verdade, hoje em dia a razão e o amor quase não andam juntos.

William Shakespeare
Sonho de uma noite de verão
Ato III, Cena I

SUMÁRIO

PRÓLOGO

8. À ESPERA DE QUE A PORCARIA DA BRIGA COMECE
9. MAS É CLARO QUE NÃO VI O QUE IA ACONTECER
10. POR QUE EU NÃO DEI O FORA? AH, SIM, PORQUE SOU UM IDIOTA
11. OS DOIS PRIMEIROS ITENS NA MINHA LISTA DE "COISAS QUE JAMAIS QUERO FAZER"
12. ALGUMAS PESSOAS SIMPLESMENTE NÃO ENTENDEM O CONCEITO DE "INDESEJADO"
13. AINDA BEM QUE EU TENHO ESTÔMAGO FORTE
14. VOCÊ SABE QUE AS COISAS VÃO MAL QUANDO SE SENTE CULPADO POR SER GROSSEIRO COM VAMPIROS
15. TIQUE-TAQUE, TIQUE-TAQUE, TIQUE-TAQUE
16. PERIGO: EXCESSO DE INFORMAÇÃO
17. EU TENHO CARA DE QUÊ? MÁGICO DE OZ? VOCÊ PRECISA DE UM CÉREBRO? PRECISA DE UM CORAÇÃO? PODE VIR. PEGUE O MEU. LEVE TUDO O QUE TENHO
18. NÃO EXISTEM PALAVRAS PARA ISSO

PRÓLOGO

A VIDA É UMA DROGA, E DEPOIS VOCÊ MORRE.

É, tivesse eu essa sorte...

8. À ESPERA DE QUE A PORCARIA DA BRIGA COMECE

— MEUS DEUS, PAUL, VOCÊ NÃO TEM A DROGA DA SUA CASA?

Paul, esticado no meu sofá, vendo algum jogo idiota de beisebol na porcaria da minha tevê, sorriu e depois — bem devagar — pegou um Doritos do saco em seu colo e colocou na boca.

— É melhor que você tenha trazido isso.

Mastiga.

— Não — disse ele enquanto comia. — Sua irmã disse para eu me servir do que eu quisesse.

Tentei fazer uma voz de quem não estava prestes a lhe dar um murro.

— Rachel está aqui agora?

Não deu certo. Ele percebeu aonde eu queria chegar e pôs o saco atrás das costas. O saco estalou enquanto era esmagado contra a almofada. Os salgados se despedaçaram. As mãos de Paul se fecharam em punhos, perto do rosto, como um boxeador.

— Pode vir, garoto, não preciso de Rachel para me proteger.

Eu bufei.

— Sei. Como se você não fosse gritar por ela na primeira oportunidade.

Ele riu e relaxou no sofá, baixando as mãos.

— Não vou fazer queixa para uma garota. Se você me acertasse, seria só entre nós dois. E vice-versa, certo?

Legal da parte dele me fazer o convite. Deixei meu corpo arriar, como se tivesse desistido.

— Certo.

Os olhos dele passaram para a tevê.

Ataquei.

Seu nariz produziu um som muito satisfatório de algo se quebrando quando meu punho fez contato. Ele tentou me agarrar, mas me desviei antes que

conseguisse, o saco destruído de Doritos na minha mão esquerda.

— Você quebrou meu nariz, seu idiota.

— Só entre nós, não é, Paul?

Fui jogar os salgadinhos no lixo. Quando me virei, Paul estava pondo o nariz no lugar antes que pudesse ficar torto. O sangue já havia estancado; parecia que não tinha origem enquanto escorria pela boca e caía pelo queixo. Ele xingou, estremecendo ao puxar a cartilagem.

— Você é um saco, Jacob. Eu juro que prefiro ficar com Leah.

— Ai. Caramba, aposto que Leah vai adorar saber que você quer passar um tempo de qualidade com ela. Isso vai tirar as teias de seu coração.

— Você vai esquecer que eu disse isso.

— Claro. Tenho certeza de que não vou deixar escapulir.

— Argh! — ele grunhiu, e depois voltou a se acomodar no sofá, limpando o sangue que restava na gola da camiseta. — Você é rápido, garoto. Isso eu tenho de reconhecer. — Ele voltou a atenção para o jogo indistinto.

Fiquei parado ali por um segundo, depois fui para o meu quarto, murmurando algo sobre abduções alienígenas.

Antigamente, podia-se contar com Paul para uma boa briga o tempo todo. Na época, não era preciso bater nele — qualquer insulto brando daria resultado. Não era preciso grande coisa para fazê-lo perder o controle. Agora, é claro, quando eu realmente queria uma boa briga, com grunhidos, rasgões e árvores derrubadas, ele ficava todo meloso.

Já não era ruim o bastante que outro membro do bando tivesse sofrido imprinting? Francamente, agora eram quatro em dez! Quando é que aquilo ia parar? Mito idiota que devia ser raro, pelo amor de Deus! Toda essa história de amor-à-primeira-vista obrigatório era de dar náuseas!

Tinha de ser minha irmã? Tinha de ser Paul?

Quando Rachel voltou da Washington State no fim do semestre de verão — formou-se mais cedo, a nerd —, minha maior preocupação tinha sido a dificuldade que teria em guardar dela o segredo. Eu não estava acostumado a disfarçar as coisas em minha própria casa. Isso fizera com que eu me sentisse solidário com garotos como Embry e Collin, cujos pais não sabiam que eles eram lobisomens. A mãe de Embry pensava que ele estivesse passando por uma fase de rebeldia. Ele ficava permanentemente de castigo pelas fugas frequentes, mas é

claro que não havia muito que ele pudesse fazer. Ela olhava o quarto dele toda noite, e toda noite o encontrava vazio. Ela gritava e ele ouvia em silêncio, depois tudo se repetia no dia seguinte. Tentamos conversar com Sam sobre dar uma folga a Embry e contar tudo à mãe dele, mas Embry disse que não se importava. O segredo era importante demais.

Eu estava preparado para guardar esse segredo. E, então, dois dias depois de Rachel vir para casa, Paul esbarrou com ela na praia. E, bum! — o amor verdadeiro. Nenhum segredo é necessário quando se encontra sua cara-metade, e toda aquela porcaria de imprinting de lobos.

Rachel soube da história toda. E eu terminei com Paul como cunhado. Sabia que Billy também não tinha gostado muito disso. Mas ele encarou o fato melhor do que eu. É claro, ele agora escapulia para a casa dos Clearwater com mais frequência que de costume. Eu não via como isso podia ser melhor. Nada de Paul, mas Leah demais.

Eu me perguntava: será que uma bala atravessando minha têmpora realmente me mataria, ou só deixaria uma sujeira danada para eu limpar?

Atirei-me na cama. Estava cansado — não dormia desde minha última patrulha —, mas sabia que não ia conseguir pegar no sono. Minha cabeça estava louca demais. Os pensamentos quicavam dentro de meu crânio como um enxame desordenado de abelhas. Barulhentas. De vez em quando, davam uma ferroada. Deviam ser vespas, não abelhas. As abelhas morrem depois de picar. E os mesmos pensamentos ficavam me picando sem parar.

A espera estava me deixando maluco. Já haviam se passado quase quatro semanas. Eu imaginava que de uma maneira ou de outra a notícia já teria chegado a essa altura. Ficava sentado à noite imaginando de que forma viria.

Charlie chorando ao telefone — Bella e o marido mortos em um acidente. Uma queda de avião? Isso seria difícil fingir. A não ser que os sanguessugas não se importassem de matar um monte de espectadores para dar autenticidade, e por que se importariam? Quem sabe, um avião pequeno. Eles, provavelmente, tinham um desses sobrando.

Ou o assassino voltaria para casa sozinho, sem ter conseguido realizar sua tentativa de fazer dela um deles? Ou nem mesmo chegando a tentar. Talvez ele a tivesse esmagado como um saco de fritas no ímpeto de pegar algumas? Porque a vida dela era menos importante para ele do que o próprio prazer...

A história seria trágica — Bella perdida num acidente horrível. Vítima de um assalto que fugiu ao controle. Sufocada com a comida do jantar. Um acidente de carro, como o de minha mãe. Tão comum. Acontecia o tempo todo.

Será que ele a traria para casa? Para enterrá-la aqui, por Charlie? Uma cerimônia de caixão lacrado, é claro. O caixão da minha mãe foi fechado com pregos...

Eu só podia esperar que ele voltasse para cá, ao meu alcance.

Talvez não houvesse história nenhuma. Talvez Charlie ligasse para perguntar ao meu pai se ele sabia de alguma coisa sobre o Dr. Cullen, que certo dia não apareceu para trabalhar. A casa abandonada. Nenhuma resposta em qualquer dos telefones dos Cullen. O mistério narrado em um noticiário de segunda classe, a suspeita de um golpe...

Talvez a grande casa branca fosse completamente queimada, com todos presos lá dentro. É claro que eles precisariam de cadáveres para essa opção. Oito humanos mais ou menos do tamanho certo. Carbonizados, sem que pudessem ser reconhecidos — nem com a ajuda de registros odontológicos.

Qualquer uma dessas hipóteses seria complicada — isto é, para mim. Seria difícil encontrá-los se eles não quisessem ser encontrados. É claro que eu tinha a eternidade para procurar. Quando se tem a eternidade, é possível verificar cada pedacinho de palha no palheiro, um por um, para ver se há uma agulha.

Naquele exato momento, eu não me importaria de desmantelar um palheiro. Pelo menos seria algo para fazer. Odiava saber que podia estar perdendo minha chance. Dando aos sanguessugas tempo para escapar, se fosse esse o plano deles.

Podíamos ir naquela noite. Podíamos matar cada um deles que encontrássemos.

Eu gostava desse plano porque conhecia Edward bem o bastante para saber que, se eu matasse alguém do bando dele, teria minha chance com ele também. Ele viria para se vingar. E eu o enfrentaria — não deixaria que meus irmãos o pegassem como uma alcateia. Seríamos só ele e eu. E que o melhor vencesse.

Mas Sam não queria ouvir falar disso. Não vamos quebrar o tratado. Eles que o rompam. Só porque não tínhamos provas de que os Cullen tinham feito algo errado. Ainda. Era preciso acrescentar o ainda, porque todos nós sabíamos que era inevitável. Bella ou ia voltar como um deles, ou não voltaria. De qualquer maneira, uma vida humana estaria perdida. E isso significava o início do jogo.

No outro cômodo, Paul gargalhava feito uma mula. Talvez ele tivesse mudado para uma comédia. Talvez o comercial fosse engraçado. Tanto fazia. Aquilo me dava nos nervos.

Pensei em quebrar o nariz dele de novo. Mas não era com Paul que eu queria brigar. Não mesmo.

Tentei ouvir os outros sons, o vento nas árvores. Não era a mesma coisa, não com ouvidos humanos. Havia um milhão de vozes no vento que eu não podia ouvir nesse corpo.

Mas esses ouvidos eram muito sensíveis. Eu podia ouvir além das árvores, na estrada, o som dos carros fazendo a última curva, onde por fim é possível ver a praia — a vista das ilhas, das rochas e do grande mar azul se estendendo até o horizonte. Os policiais de La Push gostavam de ficar por ali. Os turistas nunca viam a placa de redução do limite de velocidade do outro lado da estrada.

Eu podia ouvir as vozes do lado de fora da loja de presentes na praia. Podia ouvir o sino tocando quando a porta se abria e fechava. Podia ouvir a mãe de Embry no caixa, imprimindo um recibo.

Podia ouvir a maré contra as pedras da praia. Podia ouvir as crianças gritando quando a água gelada vinha rápido demais e elas não conseguiam fugir. Podia ouvir as mães reclamando das roupas molhadas. E podia ouvir uma voz conhecida...

Eu estava escutando com tanta atenção que a explosão súbita da gargalhada imbecil de Paul me fez pular da cama.

— Saia da minha casa — grunhi. Sabendo que ele não daria nenhuma atenção, segui meu próprio conselho. Abri a janela e pulei para os fundos, para não vê-lo de novo. Seria tentador demais. Eu sabia que bateria nele outra vez, e Rachel já ia ficar bastante irritada. Ela ia ver o sangue na camisa dele e me culparia na mesma hora, sem esperar pelas provas. É claro que ela estaria certa, mas ainda assim...

Andei até a praia com as mãos nos bolsos. Ninguém prestou atenção em mim quando passei pelo estacionamento sujo da First Beach. Essa era uma coisa boa do verão — ninguém se importava que você só estivesse de short.

Segui a voz conhecida que tinha ouvido e encontrei Quil com facilidade: estava no extremo sul do crescente, evitando a maior parte da multidão de turistas. Ele derramava um fluxo constante de advertências.

— Saia da água, Claire. Vamos. Não, isso não. Ah! Que ótimo, garota. É sério, quer que Emily grite comigo? Não vou trazer você para a praia de novo se você não... Ah, é? Não... ah! Acha que isso é engraçado, não é? Rá! Quem está rindo agora, hein?

Ele segurava a criança risonha pelo tornozelo quando os alcancei. Ela estava com um balde em uma das mãos e seu jeans estava ensopado. A camisa dele tinha uma enorme mancha molhada na frente.

— Cinco pratas pela menininha — eu disse.

— Oi, Jake.

Claire gritou e atirou o balde nos joelhos de Quil.

— Chão, chão!

Ele a colocou com cuidado de pé e ela correu para mim, abraçando minha perna.

— Tio Jay!

— Como é que está, Claire?

Ela riu.

— O Cuil tá toooodo moiado.

— Estou vendo. Onde está sua mãe?

— Foi boia, boia, boia — cantou Claire. — Caire bincou cum Cuil o dia toooodo. Caire num vai pa casa. — Ela me soltou e correu para Quil. Ele a pegou e a pendurou nos ombros.

— Parece que alguém chegou aos terríveis dois anos.

— Na verdade, três — corrigiu Quil. — Você perdeu a festa. Tema de princesa. Ela me obrigou a usar uma coroa, depois Emily sugeriu que todos experimentassem o novo kit de maquiagem em mim.

— Caramba, eu lamento mesmo não ter estado lá para ver.

— Não se preocupe, Emily tirou fotos. Na verdade, eu fiquei uma gata.

— Você é um otário.

Quil deu de ombros.

— Claire se divertiu. É isso o que interessa.

Eu revirei os olhos. Era difícil estar perto de gente imprinted. Independentemente da fase — prestes a colocar a aliança, como Sam, ou só uma babá maltratada, como Quil —, a paz e a certeza que eles sempre irradiavam eram de vomitar.

Claire gritou nos ombros dele e apontou para o chão.

— Pega peda, Cuil! Pa mim, pa mim!

— Qual, bebê? A vermelha?

— Vemeia não!

Quil se ajoelhou — Claire gritou e puxou os cabelos dele como se fossem as rédeas de um cavalo.

— A azul?

— Não, não, não... — cantarolou a menina, animada com o jogo novo.

O estranho era que Quil estava se divertindo tanto quanto ela. Ele não tinha aquela cara que se via em tantos pais e mães turistas — a cara de quando-será-a-hora-da-soneca? Eu nunca via um pai de verdade tão animado para brincar de qualquer coisa idiota que seu pestinha pudesse inventar. Já tinha visto Quil brincar de esconde-esconde por uma hora seguida sem se entediar.

E eu não conseguia gozar com a cara dele por isso — eu o invejava demais.

Mas pensava que era chato que ele tivesse uns bons catorze anos de vida de monge pela frente antes que Claire tivesse a idade dele — para Quil, pelo menos, era bom que os lobisomens não envelhecessem. Mas nem esse tempo todo parecia aborrecê-lo muito.

— Quil, você já pensou em namorar? — perguntei.

— Hein?

— Não, malela não! — gritou Claire.

— Você sabe. Uma garota de verdade. Quer dizer, só por enquanto, né? Nas suas noites de folga como babá.

Quil me encarou com a boca escancarada.

— Peda! Peda! — Claire gritou quando ele não lhe deu escolha. Ela bateu na cabeça dele com o punho pequenino.

— Desculpe, Clairzinha. Que tal essa roxa linda?

— Não — ela riu. — Loxa não.

— Me dê uma dica. Estou pedindo, menina.

Claire pensou.

— Vede — disse ela, por fim.

Quil olhou as pedras, examinando-as. Pegou quatro pedras de diferentes tons de verde e as estendeu para ela.

— Acertei?

— Éééé!

— Qual delas?

— Tooooooodinhas!

Ela pôs as mãos em concha e ele colocou as quatro pedrinhas nelas. Claire riu e de imediato bateu na cabeça dele com as pedras. Ele encolheu-se teatralmente, ficou de pé e começou a voltar para o estacionamento. Provavelmente temendo que ela se resfriasse com as roupas molhadas. Ele era pior do que qualquer mãe paranoica e superprotetora.

— Desculpe se eu estava pressionando demais antes, cara, sobre a história da garota — eu disse.

— Não, tudo bem — disse Quil. — É que me pegou de surpresa. Eu não tinha pensado nisso.

— Aposto que ela iria entender. Sabe como é, quando estiver adulta. Não iria ficar zangada por você ter vivido um pouco enquanto ela estava de fraldas.

— Não, eu sei. Tenho certeza de que entenderia isso.

Ele não disse mais nada.

— Mas você não vai fazer, vai? — supus.

— Eu não vejo — disse ele em voz baixa. — Nem consigo imaginar. Eu simplesmente não... vejo ninguém dessa maneira. Não percebo mais as garotas, sabia? Não vejo mais os rostos delas.

— Junte isso à tiara e à maquiagem e talvez Claire vá ter um tipo diferente de competição com que se preocupar.

Quil riu e mandou beijos para mim.

— Está disponível na sexta, Jacob?

— Vai esperando — eu disse, depois fiz uma careta. — É, acho que estou.

Ele hesitou por um segundo e disse:

— Já pensou em namorar?

Suspirei. Acho que mereci essa.

— Sabe de uma coisa, Jake? Talvez você devesse pensar em viver um pouco.

Ele não disse isso como piada. A voz era solidária. O que piorava tudo.

— Eu também não as vejo, Quil. Não vejo os rostos delas.

Quil também suspirou.

Longe, baixo demais para que alguém além de nós dois ouvisse acima das ondas, um uivo se elevou na floresta.

— Droga, é Sam — disse Quil. As mãos dele voaram para tocar Claire, como para se assegurar de que ainda estivesse ali. — Não sei onde está a mãe dela!

— Vou ver o que é. Se precisarmos de você, eu chamo. — Eu atropelei as palavras, que pareceram ininteligíveis juntas. — Ei, por que não leva Claire para a casa dos Clearwater? Sue e Billy podem cuidar dela, se for preciso. Eles podem saber o que está acontecendo, de qualquer forma.

— Tudo bem... Dê o fora daqui, Jake!

Saí correndo, não pela trilha de terra que atravessava a cerca viva, mas na linha mais curta para a floresta. Saltei a primeira fila de madeira na areia e disparei pelas urzes, ainda correndo. Senti as pequenas fisgadas enquanto os espinhos cortavam minha pele, mas as ignorei. As feridas estariam curadas antes que eu chegasse às árvores.

Cortei caminho atrás da loja e disparei pela estrada. Alguém buzinou para mim. Uma vez na segurança das árvores, corri mais rápido, dando passadas mais longas. As pessoas ficariam olhando se eu estivesse em campo aberto. Pessoas normais não corriam daquele jeito. Às vezes, eu achava que seria divertido entrar numa corrida — sabe, como os Jogos Olímpicos ou coisa assim. Seria legal ver a expressão daqueles astros do atletismo quando eu passasse voando por eles. Só que eu tinha certeza de que os exames que faziam para se certificar de que você não usa esteroides provavelmente mostrariam algo assustadoramente estranho em meu sangue.

Assim que me vi na floresta de verdade, sem estradas ou casas beirando-a, parei e tirei o short. Com movimentos rápidos e treinados, enrolei-o e o amarrei na corda de couro no meu tornozelo. Ainda estava puxando as pontas quando comecei a me transformar. O fogo descia por minha coluna, provocando espasmos em meus braços e pernas. Só levou um segundo. O calor tomou conta de mim e senti o tremor silencioso que me transformava em outra coisa. As patas pesadas foram de encontro à terra e estiquei o dorso, comprido e ondulante.

A metamorfose era muito fácil quando eu estava concentrado assim. Eu não tinha mais problemas com meu temperamento. A não ser quando era provocado.

Por meio segundo lembrei do momento horrível naquela abominável piada de casamento. Tinha ficado tão louco de fúria que não consegui controlar meu corpo. Eu fora apanhado numa armadilha, tremendo e ardendo, incapaz de me transformar e matar o monstro a pouca distância de mim. Fora muito

perturbador. Morto de vontade de matá-lo. Com medo de machucá-la. Meus amigos no meio do caminho. E depois, quando finalmente consegui assumir a forma que eu queria, a ordem de meu líder. O edito do alfa. Se fossem só Embry e Quil ali naquela noite, sem Sam... Será que eu teria conseguido matar o assassino, então?

Eu odiava quando Sam impunha a lei daquele jeito. Odiava o sentimento de não ter alternativa. Ou de ter de obedecer.

E depois tomei consciência da plateia. Eu não estava sozinho em meus pensamentos.

Tão absorto em si mesmo o tempo todo, pensou Leah.

É, sem hipocrisia, Leah, pensei.

Chega, meninos, disse-nos Sam.

Ficamos em silêncio, e senti que Leah estremecia com a palavra meninos. Sensível, como sempre.

Sam fingiu não perceber. Onde estão Quil e Jared?

Quil está com Claire, foi levá-la para a casa dos Clearwater.

Ótimo. Sue vai cuidar dela.

Jared foi para a casa de Kim, pensou Embry. É provável que não tenha ouvido você.

Um gemido baixo percorreu o bando. Eu gemi junto com eles. Quando Jared finalmente aparecesse, sem dúvida ainda estaria pensando em Kim. E naquele momento ninguém queria uma reprise do que eles estavam prestes a fazer.

Sam sentou-se nas patas traseiras e soltou outro uivo dilacerante no ar. Era ao mesmo tempo um sinal e uma ordem.

O bando estava reunido a poucos quilômetros a leste de onde eu estava. Saltei pela floresta densa na direção deles. Leah, Embry e Paul também seguiam para lá. Leah estava perto — logo pude ouvir seus passos não muito longe no bosque. Continuamos em linha paralela, preferindo não correr juntos.

Bom, não vamos esperar o dia todo por ele. Ele terá de nos alcançar depois.

Que foi, chefe?, Paul queria saber.

Precisamos conversar. Aconteceu uma coisa.

Senti os pensamentos de Sam dispararem para mim — e não só os de Sam, mas também os de Seth, Collin e Brady. Collin e Brady — os garotos novos — estiveram correndo em patrulha com Sam naquele dia, então eles sabiam o

mesmo que Sam. Eu não sabia por que Seth já estava ali, e informado. Não era a vez dele.

Seth, conte a eles o que você soube.

Eu acelerei, querendo chegar lá. Ouvi Leah se mover mais rápido também. Ela odiava ser ultrapassada. Ser a mais rápida era a única vantagem que podia alegar.

Alegue isso, idiota, sibilou ela, e depois realmente acelerou. Eu cravei minhas unhas na terra e me lancei para a frente.

Sam não parecia estar com humor para aturar nossas bobagens de sempre. Jake, Leah, deem um tempo.

Nenhum dos dois desacelerou.

Sam grunhiu, mas deixou passar. Seth?

Charlie andou ligando até encontrar Billy na minha casa.

É, eu falei com ele, acrescentou Paul.

Senti um choque percorrer meu corpo quando Seth pensou no nome de Charlie. Chegara a hora. A espera terminara. Corri mais rápido, obrigando-me a respirar, embora meus pulmões de repente parecessem contraídos.

Qual seria a história?

Ele está todo agitado. Acho que Edward e Bella voltaram para casa na semana passada e...

Meu peito se aliviou.

Ela estava viva. Ou pelo menos não estava morta morta.

Eu não tinha percebido como isso faria diferença para mim. Estive pensando nela como morta o tempo todo, e só vi isso ali. Vi que nunca tinha acreditado que ele a traria de volta viva. Não devia importar, porque eu sabia o que viria a seguir.

É, mano, e aqui está a má notícia. Charlie falou com ela, disse que ela parecia mal. Ela disse a ele que estava doente. Carlisle pegou o telefone e falou que Bella tinha contraído uma doença rara na América do Sul. Falou que estava de quarentena. Charlie ficou louco, porque nem ele podia vê-la. Disse que não ligava que ela estivesse doente, mas Carlisle não cedeu. Nada de visitas. Disse a Charlie que é muito grave, mas que ele está fazendo tudo o que é possível. Charlie ficou remoendo isso por dias, mas só ligou para Billy agora. Disse que a voz dela parecia pior hoje.

Quando Seth terminou, o silêncio mental foi profundo. Todos nós

entendemos.

Então ela ia morrer dessa doença, pelo que Charlie sabia. Será que deixariam que ele visse o cadáver? O corpo branco, lívido, completamente imóvel, sem respirar? Eles não podiam deixar que ele tocasse a pele fria — ele podia perceber como era dura. Eles teriam de esperar até que ela pudesse se controlar, para não matar Charlie e os outros no velório. Mas quanto tempo isso levaria?

Será que a enterrariam? Ela conseguiria cavar para sair ou os sanguessugas iriam buscá-la?

Os outros ouviam minhas especulações em silêncio. Eu pensara muito mais no assunto do que qualquer um deles.

Leah e eu entramos na clareira quase ao mesmo tempo. Mas ela estava certa de que tinha chegado na frente. Ela caiu sobre as patas traseiras ao lado do irmão enquanto eu segui em frente, para ficar do lado direito de Sam. Paul contornou e abriu espaço para mim.

Venci de novo, pensou Leah, mas eu mal a ouvia.

Perguntei-me por que eu era o único de pé. Meu pelo estava eriçado nos ombros, arrepiado de impaciência.

Bom, o que estamos esperando?, perguntei.

Ninguém disse nada, mas ouvi seus sentimentos de hesitação.

Ah, tenha dó! O tratado foi rompido!

Não temos prova... Talvez ela esteja mesmo doente.

AH, FRANCAMENTE!

Tudo bem, então as evidências circunstanciais são muito fortes; ainda assim... Jacob. O pensamento de Sam chegou lento e hesitante. Tem certeza de que é isso o que você quer? É realmente a coisa certa? Todos sabemos o que ela queria.

O tratado não menciona nada sobre a vontade da vítima, Sam!

Ela é mesmo uma vítima? Você a rotularia dessa maneira?

Sim!

Jake, pensou Seth, eles não são nossos inimigos.

Cale a boca, garoto! Só porque você tem uma espécie de veneração doentia por aquele sanguessuga isso não muda a lei. Eles são nossos inimigos. Eles estão em nosso território. Vamos acabar com eles. Não ligo se você se divertiu lutando junto com Edward Cullen uma vez.

Então, o que você vai fazer quando Bella lutar com eles, Jacob? Hein?,

perguntou Seth.

Ela não é mais a Bella.

E é você que vai acabar com ela?

Não consegui deixar de tremer.

Não, você não. E aí? Vai obrigar um de nós a fazer isso? E depois guardar rancor dele para sempre?

Eu não ia...

Claro que não. Você não está preparado para essa briga, Jacob.

O instinto me dominou e eu me agachei, rosnando para o lobo desajeitado e cor de areia do outro lado da roda.

Jacob!, alertou Sam. Seth, cale a boca por um segundo.

Seth assentiu com a cabeça grande.

Droga, o que foi que eu perdi?, pensou Quil. Ele estava correndo à toda para o lugar de reunião. Ouvi sobre o telefonema de Charlie...

Estamos nos preparando para ir, eu disse a ele. Por que não passa na casa de Kim e arrasta Jared de lá com os dentes? Vamos precisar de todos.

Venha direto para cá, Quil, ordenou Sam. Ainda não decidimos nada.

Eu grunhi.

Jacob, tenho de pensar no que é melhor para este bando. Tenho de decidir pelo curso que proteja melhor todos vocês. Os tempos mudaram desde que nossos ancestrais fizeram esse tratado. Eu... bem, sinceramente não acredito que os Cullen sejam um perigo para nós. E sabemos que eles não ficarão aqui por muito tempo. Certamente, depois que contarem sua história, vão desaparecer. Nossa vida pode voltar ao normal.

Normal?

Se nós os desafiarmos, Jacob, eles se defenderão muito bem.

Está com medo?

Você está pronto para perder um irmão? Ele parou. Ou uma irmã?, acrescentou.

Não tenho medo de morrer.

Eu sei disso, Jacob. É um motivo para eu questionar sua capacidade de julgamento nesse caso.

Fitei seus olhos negros. Você pretende honrar o tratado de nossos pais ou não?

Eu honro meu bando. Faço o que é melhor para eles.

Covarde.

Seu focinho se contraiu, recuando sobre os dentes.

Chega, Jacob. Você é minoria. A voz mental de Sam mudou, assumiu um timbre estranho e duplo que não podíamos desobedecer. A voz do alfa. Ele olhou nos olhos de todos os lobos na roda.

O bando não vai atacar os Cullen sem um motivo. O espírito do tratado permanece. Eles não são um perigo para nosso povo, nem para o povo de Forks. Bella Swan tomou uma decisão consciente, e não vamos punir nossos antigos aliados por sua decisão.

Apoiado, apoiado, pensou Seth com entusiasmo.

Pensei ter dito que se calasse, Seth.

Epa, desculpe, Sam.

Jacob, aonde pensa que vai?

Deixei o círculo, movendo-me para oeste a fim de ficar de costas para Sam. Vou me despedir de meu pai. Ao que parece, não tem sentido continuar por aqui.

Ah, Jake... Não faça isso de novo!

Cale a boca, Seth, pensaram várias vozes juntas.

Não queremos que você vá embora, disse-me Sam, o pensamento mais suave do que antes.

Então me obrigue a ficar, Sam. Tire de mim minha vontade. Me torne um escravo.

Sabe que não vou fazer isso.

Então, não há mais nada a dizer.

Corri para longe deles, tentando ao máximo não pensar no que faria a seguir. Em vez disso, concentrei-me na lembrança dos longos meses como lobo, de ter deixado que a humanidade saísse de mim até que me tornasse mais animal que humano. Vivendo o momento, comendo quando tinha fome, dormindo quando estava cansado, bebendo quando tinha sede, e correndo — correndo só por correr. Desejos simples, respostas simples para esses desejos. A dor vinha em formas mais fáceis de administrar. A dor da fome. A dor do gelo sob as patas. A dor das garras cortantes quando a presa lutava. Cada dor tinha uma resposta simples, uma ação simples para interrompê-la.

Não era como ser humano.

No entanto, assim que estava bem próximo para correr normalmente, passei

para meu corpo humano. Precisava poder pensar com privacidade.

Desamarrei o short e o vesti, já correndo para casa.

Eu tinha conseguido. Escondera o que estava pensando e agora era tarde demais para que Sam me impedisse. Agora ele não podia me ouvir.

Sam tinha deixado a ordem muito clara. O bando não atacaria os Cullen. Tudo bem.

Não mencionou alguém agindo sozinho.

Não, o bando não ia atacar ninguém naquele dia.

Mas eu, sim.

9. MAS É CLARO QUE NÃO VI O QUE IA ACONTECER

EU NÃO PRETENDIA REALMENTE ME DESPEDIR DE MEU PAI.

Afinal, uma rápida ligação para Sam, e o jogo estaria terminado. Eles me interceptariam e me obrigariam a voltar. Provavelmente, tentariam me deixar com raiva, ou até me ferir — de algum modo me obrigariam a me transformar para que Sam pudesse decretar uma nova lei.

Mas Billy esperava por mim, sabia que eu estaria um pouco desnorteado. Estava no jardim, sentado em sua cadeira de rodas, com os olhos fixos bem no ponto onde eu surgi entre as árvores. Vi-o avaliar a direção que eu tomava — passando direto pela casa até minha oficina.

— Tem um minuto, Jake?

Parei. Olhei para ele e depois para a oficina.

— Venha, garoto. Pelo menos me ajude a entrar.

Trinquei os dentes, mas concluí que era mais provável que ele me causasse problemas com Sam se eu não o enrolasse por alguns minutos.

— Desde quando você precisa de ajuda, velho?

Ele deu sua risada de trovão.

— Meus braços estão cansados. Vim na cadeira da casa de Sue até aqui.

— É uma descida. Você deslizou o caminho todo.

Empurrei a cadeira pela pequena rampa que fiz para ele, até a sala de estar.

— Você me pegou. Acho que cheguei a 50 por hora. Foi ótimo.

— Vai acabar estragando essa cadeira. E depois vai ficar se arrastando por aí pelos cotovelos.

— De jeito nenhum. Será sua tarefa me carregar.

— Então você não irá a muitos lugares.

Billy pôs as mãos nas rodas e girou o tronco para a geladeira.

— Sobrou alguma comida?

— Agora me pegou. Paul ficou o dia todo aqui, então é provável que não.

Billy suspirou.

— Temos de começar a esconder as compras, se não quisermos passar fome.

— Diga a Rachel que fique na casa dele.

O tom de piada de Billy desapareceu e seus olhos se suavizaram.

— Só a temos em casa há algumas semanas. É a primeira vez que ela vem aqui em muito tempo. É difícil... As meninas eram mais velhas do que você quando sua mãe morreu. Elas têm mais dificuldade de ficar nesta casa.

— Eu sei.

Rebecca não aparecia em casa desde que se casara, embora tivesse uma boa desculpa. As passagens de avião do Havaí eram muito caras. A Washington State ficava bem perto para Rachel não ter a mesma desculpa. Ela fez cursos em todos os semestres de verão, trabalhou dois turnos nas férias em uma lanchonete no campus. Se não fosse por Paul, era provável que novamente tivesse ido logo embora. Talvez por isso Billy não o expulsava.

— Bem, vou trabalhar numas coisas... — E segui para a porta da frente.

— Espere, Jake. Vai me contar o que aconteceu? Ou eu tenho de ligar para Sam para me informar?

Fiquei parado de costas para ele, escondendo meu rosto.

— Não aconteceu nada. Sam deixou passar. Acho que agora todos somos um bando de amiguinhos de sanguessugas.

— Jake...

— Não quero falar sobre isso.

— Você vai embora, filho?

A sala ficou em silêncio por um bom tempo enquanto eu decidia como dizer aquilo.

— Rachel pode ter o quarto dela de volta. Eu sei que ela odeia aquele colchão de ar.

— Ela prefere dormir no chão a perder você. E eu também.

Eu bufei.

— Jacob, por favor. Se você precisa de... um tempo, bem, tire-o. Mas não tão longo de novo. Volte.

— Talvez. Talvez minha deixa sejam os casamentos. Uma aparição especial no de Sam, depois no de Rachel. Mas Jared e Kim podem vir primeiro. Provavelmente, seria melhor eu ter um terno ou coisa assim.

— Jake, olhe para mim.

Virei-me devagar.

— O que foi?

Ele me fitou nos olhos por um longo minuto.

— Para onde você vai?

— Não tenho um lugar específico em mente.

Inclinou a cabeça e seus olhos se estreitaram.

— Não tem?

Nós nos encaramos. Os segundos passavam.

— Jacob — disse ele. Sua voz era tensa. — Jacob, não. Não vale a pena.

— Não sei do que você está falando.

— Deixe Bella e os Cullen em paz. Sam tem razão.

Olhei em seus olhos por um segundo, depois atravessei a sala em duas passadas longas. Peguei o telefone e desconectei o cabo da tomada. Enrolei o cabo cinza na palma da mão.

— Tchau, pai.

— Jake, espere... — gritou ele, mas eu já estava do lado de fora, correndo.

A moto não era tão rápida quanto correr, mas era mais discreta. Imaginei quanto tempo levaria para Billy ir em sua cadeira até a loja e ligar para alguém que mandasse um recado a Sam. Apostava que Sam ainda estaria na forma de lobo. O problema seria se Paul voltasse para nossa casa logo. Ele poderia se transformar em um segundo e informar a Sam o que eu ia fazer...

Não ia me preocupar com aquilo. Eu iria o mais rápido possível, e se eles me pegassem, resolveria o problema quando chegasse a hora.

Dei a partida na moto e logo seguia disparado pela rua enlameada. Não olhei para trás quando passei pela casa.

A estrada estava movimentada com o trânsito de turistas; costurei entre os carros, ganhando um monte de buzinadas e alguns sinais com o dedo. Peguei a entrada para a 101 a mais de 110km/h, sem me incomodar em olhar. Tive de seguir pela contramão por um minuto para não ser atingido por uma minivan. Não que isso fosse me matar, mas me atrasaria. Ossos quebrados — os grandes, pelo menos — levam dias para curar completamente, e eu tinha boas razões para saber disso.

A via expressa estava um pouco mais vazia, e acelerei a moto para 130km/h.

Não toquei o freio até me aproximar da entrada estreita; imaginei que então estivesse seguro. Sam não iria tão longe para me impedir. Era tarde demais.

Foi só nesse momento — quando tive certeza de que conseguira — que comecei a pensar no que exatamente iria fazer. Reduzi para 30km/h, contornando pelas árvores com mais cuidado do que precisava.

Sabia que eles me ouviriam chegando, com ou sem moto, então o fator surpresa estava fora. Não havia como disfarçar minhas intenções. Edward ouviria meus planos assim que eu estivesse perto. Talvez ele já pudesse ouvir. Mas pensei que ainda assim funcionaria, porque eu tinha seu ego a meu favor. Ele iria querer lutar comigo sozinho.

Assim, eu simplesmente chegaria, veria eu mesmo a preciosa prova de Sam, e então desafiaria Edward para um duelo.

Bufei. O parasita, provavelmente, se divertiria com a dramaticidade daquilo.

Quando acabasse com ele, pegaria tantos deles quantos pudesse, antes de eles me pegarem. Hmmm — imaginei se Sam consideraria minha morte uma provocação. Provavelmente diria que tive o que merecia. Não iria querer ofender a droga de seus grandes amigos sanguessugas.

O caminho se abria na campina, e o cheiro me atingiu como um tomate podre na cara. Vampiros fedorentos. Meu estômago começou a revirar. Seria difícil suportar o fedor daquele jeito — sem estar diluído pelo cheiro de humanos, como aconteceu na outra vez em que fora ali —, embora não fosse tão ruim quanto poderia ser com meu olfato de lobo.

Eu não tinha certeza do que esperar, mas não havia sinal de vida na grande cripta branca. É claro que eles sabiam que eu estava ali.

Desliguei o motor e escutei o silêncio. Agora eu podia ouvir murmúrios tensos e coléricos logo do outro lado das grandes portas duplas. Alguém estava em casa. Ouvi meu nome e sorri, feliz por pensar que estava lhes causando algum estresse.

Tomei uma grande golfada de ar — seria ainda pior lá dentro — e subi a escada da varanda em um só pulo.

A porta se abriu antes que meu punho a tocasse, e o médico ficou parado na soleira, os olhos graves.

— Olá, Jacob — disse ele, mais calmo do que eu teria esperado. — Como vai você?

Respirei fundo pela boca. O fedor que saía pela porta era opressor.

Fiquei decepcionado que Carlisle tivesse atendido. Preferiria que Edward fosse à porta, de presas expostas. Carlisle era tão... humano ou algo parecido. Talvez fossem as visitas domiciliares que ele me fez na primavera anterior, quando me arrebentei. Mas me deixou pouco à vontade olhá-lo no rosto e saber que, se possível, pretendia matá-lo.

— Soube que Bella voltou viva — eu disse.

— Ah! Jacob, esta não é a melhor hora para isso. — O médico também parecia pouco à vontade, mas não como eu esperava. — Podemos deixar isso para mais tarde?

Eu o encarei, desnorteado. Ele estava pedindo para adiar a luta mortal para uma hora mais conveniente?

E depois ouvi a voz de Bella, falhando e rouca, e não consegui pensar em mais nada.

— Por que não? — ela perguntava a alguém. — Vamos guardar segredo de Jacob também? Que sentido tem?

Sua voz não era o que eu esperava. Tentei me lembrar da voz dos vampiros jovens com quem tínhamos lutado na primavera, mas só o que eu registrara foram rosnados. Talvez aqueles recém-criados também não tivessem o som penetrante e claro dos mais velhos. Talvez todos os vampiros novos soassem roucos.

— Entre, por favor, Jacob — disse Bella, mais alto.

Os olhos de Carlisle se estreitaram.

Imaginei se Bella estaria com sede. Meus olhos se estreitaram também.

— Com licença — eu disse ao médico ao passar por ele. Foi difícil; dar as costas a um deles contrariava todos os meus instintos. Mas não era impossível. Se havia um vampiro confiável, era aquele líder estranhamente gentil.

Eu ficaria longe de Carlisle quando a luta começasse. Havia um número suficiente deles para matar sem incluí-lo.

Entrei na casa andando de lado, mantendo as costas na parede. Meus olhos percorreram a sala — estava diferente. Da última vez em que fora ali, estava inteiramente decorada para uma festa. Agora tudo era claro e pálido. Inclusive os seis vampiros agrupados de pé perto do sofá branco.

Estavam todos ali, todos juntos, mas não foi isso o que me deixou paralisado e fez meu queixo cair.

Foi Edward. Foi a expressão em seu rosto.

Eu já o vira com raiva, já o vira arrogante e, uma vez, o vira sofrendo. Mas aquilo — aquilo estava além da agonia. Seu olhar estava quase enlouquecido. Ele não ergueu a cabeça para me fuzilar com os olhos. Fitava o sofá ao lado com a expressão de alguém em quem se houvesse ateado fogo. Suas mãos eram garras rígidas ao lado do corpo.

Nem consegui desfrutar a angústia dele. Só conseguia pensar em uma coisa que o faria ficar daquele jeito, e meus olhos seguiram os dele.

Eu a vi no mesmo momento em que senti seu cheiro.

Seu cheiro quente, limpo e humano.

Bella estava meio escondida por trás do braço do sofá, enroscada em posição fetal, os braços ao redor dos joelhos. Por um longo segundo não consegui enxergar nada além de que ela ainda era a Bella que eu amava, a pele ainda de pêssego-claro e macia, os olhos ainda cor de chocolate. Meu coração martelou uma batida estranha e irregular, e me perguntei se aquilo era algum devaneio do qual estava prestes a acordar.

Então eu a vi realmente.

Havia olheiras fundas, círculos escuros em torno dos olhos que se destacavam porque o rosto estava completamente exausto. Será que estava mais magra? Sua pele parecia esticada — como se as maçãs do rosto pudessem rompê-la. A maior parte do cabelo escuro estava afastada do rosto e presa em um nó desarrumado, mas algumas mechas grudavam em sua testa e no pescoço, na camada de suor que lhe cobria a pele. Havia algo em seus dedos e nos pulsos que os fazia parecer assustadoramente frágeis.

Ela estava mesmo doente. Muito doente.

Não era mentira. A história que Charlie contara a Billy não era invenção. Enquanto eu olhava, de olhos arregalados, sua pele assumiu um tom verde pálido.

A sanguessuga loura — a exibida, Rosalie — curvou-se, bloqueando minha visão, pairando sobre ela de uma forma estranha e protetora.

Aquilo estava errado. Eu sabia como Bella se sentia com relação a quase tudo — seus pensamentos eram óbvios demais; às vezes, era como se estivessem impressos em sua testa. Então ela não precisava me contar todos os detalhes de uma situação para me fazer entender. Eu sabia que Bella não gostava de Rosalie. Vira isso nos seus lábios quando falava dela. Bella não só não gostava de Rosalie.

Ela tinha medo de Rosalie. Pelo menos antes.

Não havia medo quando Bella olhou para ela, ali. Sua expressão era... de quem se desculpava ou coisa assim. Então Rosalie pegou uma bacia no chão e a segurou sob o queixo de Bella bem a tempo para que ela vomitasse ruidosamente.

Edward caiu de joelhos ao lado de Bella — os olhos completamente torturados — e Rosalie ergueu a mão, advertindo-o para que se afastasse.

Nada daquilo fazia sentido.

Quando conseguiu levantar a cabeça, Bella me dirigiu um sorriso fraco, meio constrangido.

— Me desculpe por isso — ela sussurrou.

Edward gemeu muito baixo. Sua cabeça tombou nos joelhos de Bella. Ela pôs uma das mãos em seu rosto. Como se o estivesse reconfortando.

Não percebi que minhas pernas haviam me levado para a frente até que Rosalie sibilou, surgindo de repente entre mim e o sofá. Ela era como uma pessoa numa tela de tevê. Eu não me importava que estivesse ali. Ela não parecia real.

— Rose, não — sussurrou Bella. — Está tudo bem.

A loura saiu do meu caminho, embora eu soubesse que odiara ter de fazer aquilo. Lançando-me um olhar mal-humorado, agachou-se junto à cabeça de Bella, pronta para saltar. Ela era mais fácil de ignorar do que eu jamais teria imaginado.

— Bella, qual é o problema? — sussurrei. E, sem pensar, estava de joelhos também, inclinando-me sobre as costas do sofá e diante do... marido dela. Ele não pareceu dar por minha presença, e eu mal olhei para ele. Estendi o braço para a mão livre de Bella, pegando-a nas minhas. Sua pele estava gelada. — Está tudo bem?

Era uma pergunta idiota. Ela não respondeu.

— Estou tão feliz por ter vindo me ver hoje, Jacob — disse ela.

Embora eu soubesse que Edward não podia ouvir os pensamentos dela, ele pareceu ouvir alguma nuance que eu não consegui. Ele tornou a gemer, afundando o rosto na manta que a cobria, e ela afagou-lhe o rosto.

— O que é, Bella? — insisti, envolvendo seus dedos frios e frágeis com as minhas mãos.

Em vez de responder, ela olhou em torno da sala como se procurasse alguma coisa, com um olhar ao mesmo tempo de súplica e advertência. Seis pares de olhos

amarelos e ansiosos a fitaram. Por fim, ela se virou para Rosalie.

— Ajude-me a me levantar, Rose — pediu ela.

Os lábios de Rosalie se repuxaram sobre os dentes, e ela me fuzilou com os olhos como se quisesse cortar minha garganta. Eu tinha certeza de que esse era exatamente o caso.

— Por favor, Rose.

A loura fez uma careta, mas inclinou-se sobre ela novamente, ao lado de Edward, que não se moveu um centímetro sequer. Ela pôs o braço com cuidado nas costas de Bella.

— Não — sussurrei. — Não se levante...

Ela parecia muito fraca.

— Estou respondendo à sua pergunta — rebateu ela, e isso pareceu um pouco mais com o modo como costumava falar comigo.

Rosalie puxou Bella do sofá. Edward ficou onde estava, vergando-se para a frente até enterrar o rosto nas almofadas. A manta caiu aos pés de Bella.

O corpo dela estava inchado; o tronco parecia um balão, de uma forma estranha e doentia. Deixava esticado o moletom cinza desbotado que era grande demais para seus ombros e braços. O restante do corpo parecia mais magro, como se o grande volume tivesse tomado forma a partir do que sugou dela. Precisei de um segundo para perceber o que era a parte deformada — só entendi quando ela cruzou as mãos ternamente sobre a barriga inchada, uma acima e outra abaixo. Como se a estivesse ninando.

E então eu vi, mas ainda não conseguia acreditar. Eu a tinha visto havia apenas um mês. Não era possível que estivesse grávida. Não grávida daquele jeito.

Só que ela estava.

Eu não queria ver, não queria pensar naquilo. Não queria imaginá-lo dentro dela. Não queria saber que uma coisa que eu odiava tanto tinha criado raízes no corpo que eu amava. Meu estômago se revirou e tive de engolir o vômito.

Mas era pior do que isso, muito pior. Seu corpo distorcido, os ossos salientes sob a pele do rosto. Eu só podia imaginar que sua aparência fosse aquela — tão grávida, tão doente — porque o que quer que estivesse dentro dela estava usando sua vida para se alimentar...

Porque era um monstro. Exatamente como o pai.

Eu sempre soube que ele a mataria.

A cabeça dele se ergueu de repente enquanto ele ouvia as palavras dentro da minha. Em um segundo estávamos os dois de joelhos, no outro ele estava de pé, assomando acima de mim. Seus olhos eram de um negror inexpressivo, os círculos sob eles de um roxo escuro.

— Lá fora, Jacob — rosnou ele.

Eu também me pus de pé. Olhando-o de cima. Era por isso que eu estava ali.

— Vamos resolver isso — concordei.

O grandão, Emmett, avançou do outro lado de Edward, com o de aparência faminta, Jasper, bem atrás dele. Eu não ligava. Talvez meu bando pudesse limpar a sujeira quando eles terminassem comigo. Talvez não. Isso não importava.

Por uma mínima fração de segundo meus olhos pousaram nas duas de pé ao fundo. Esme. Alice. Pequenas e perturbadoramente femininas. Bem, eu tinha certeza de que os outros me matariam antes que eu tivesse de fazer alguma coisa a elas. Eu não queria matar mulheres... mesmo que fossem vampiras.

Mas eu podia abrir uma exceção para a loura.

— Não — disse Bella, ofegante, e cambaleou para a frente, sem equilíbrio, para agarrar o braço de Edward. Rosalie se moveu com ela, como se uma corrente as unisse.

— Eu só preciso conversar com ele, Bella — disse Edward em voz baixa, falando somente com ela. Ele tocou seu rosto e o afagou.

Aquilo tingiu a sala de vermelho, me fez ver fogo — depois de tudo o que fizera a ela, ainda tinha permissão para tocá-la daquela maneira.

— Não se canse — continuou ele, suplicante. — Repouse, por favor. Estaremos os dois de volta daqui a alguns minutos.

Ela olhou seu rosto, lendo-o com cuidado. Depois assentiu e se deixou cair no sofá. Rosalie a ajudou a recostar nos travesseiros. Bella me fitava, tentando prender meu olhar.

— Comportem-se — insistiu ela. — E depois voltem.

Não respondi. Naquele dia eu não estava fazendo nenhuma promessa. Desviei os olhos e segui Edward, saindo pela porta da frente.

Uma voz fortuita e deslocada em minha cabeça observou que separá-lo do bando não tinha sido tão difícil, tinha?

Ele continuou andando, sem em nenhum momento checar se eu estava prestes

a saltar sobre suas costas desprotegidas. Supus que ele não precisava olhar. Saberia quando eu decidisse atacar. O que significava que eu tinha de tomar a decisão com muita rapidez.

— Ainda não estou pronto para você me matar, Jacob Black — sussurrou ele enquanto se afastava rapidamente da casa. — Terá de ter um pouco de paciência.

Como se eu me importasse com seu cronograma. Grunhi baixo.

— A paciência não é o meu forte.

Ele continuou andando, talvez uns duzentos metros pelo caminho que levava a casa, e eu o segui de perto. Eu estava completamente quente, meus dedos tremiam. Tenso, pronto e à espera.

Ele parou de repente e virou-se de frente para mim. Sua expressão me paralisou de novo.

Por um segundo eu era só um garoto — um garoto que tinha morado a vida toda na mesma cidadezinha. Só uma criança. Porque eu sabia que teria de viver muito mais, sofrer muito mais, para chegar a entender a agonia abrasadora nos olhos de Edward.

Ele ergueu a mão como se fosse enxugar o suor da testa, mas seus dedos arranharam o rosto como se quisessem arrancar a pele de granito. Seus olhos negros ardiam nas órbitas, fora de foco, ou vendo coisas que não estavam ali. Sua boca se abriu como se ele estivesse prestes a gritar, mas nada saiu dela.

Aquele era o rosto que teria um homem que estivesse ardendo na fogueira.

Por um momento, não consegui falar; aquele rosto era real demais — eu vira uma sombra dele na casa, vira nos olhos de Bella e nos dele, mas aquilo tornava tudo definitivo. O último prego no caixão dela.

— Aquilo a está matando, não está? Ela está morrendo.

E eu sabia, quando falei, que meu rosto era um eco enfraquecido do dele. Mais brando, diferente, porque eu ainda estava em choque. Ainda não absorvera o que tinha acontecido — era tudo rápido demais. Ele tivera tempo para entender. E era diferente, pois eu já a perdera tantas vezes, de tantas maneiras, em minha mente. E diferente porque ela nunca foi realmente minha, para que eu a pudesse perder.

E diferente porque aquilo não era minha culpa.

— Minha culpa — sussurrou Edward, e seus joelhos cederam. Ele se curvou na minha frente, vulnerável, o alvo mais fácil que se podia imaginar.

Mas eu me senti frio feito neve — não havia fogo em mim.

— Sim — gemeu ele para a terra, como se estivesse confessando para o chão. — Sim, aquilo a está matando.

Sua impotência me irritou. Eu queria uma luta, não uma execução. Onde estava a superioridade presunçosa dele agora?

— Então por que Carlisle não faz nada? — rosnei. — Ele é médico, não é? Tirem aquilo dela.

Ele me olhou e respondeu, numa voz cansada. Como se estivesse explicando algo pela décima vez a uma criança de jardim de infância.

— Ela não vai permitir.

Precisei de um minuto para absorver as palavras. Meu Deus, não se podia esperar outra coisa dela. É claro, morrer pelo filho do monstro. Aquilo era tão Bella...

— Você a conhece bem — sussurrou ele. — Você viu com rapidez... o que eu não vi. Não a tempo. Ela não falou comigo a caminho de casa, não mesmo. Pensei que estivesse com medo... Isso seria natural. Pensei que estivesse com raiva de mim por fazê-la passar por isso, por arriscar sua vida. De novo. Nunca imaginei o que ela realmente estava pensando, o que estava planejando. Não até minha família nos encontrar no aeroporto e ela correr diretamente para os braços de Rosalie. De Rosalie! E então ouvi o que Rosalie estava pensando. Só entendi quando ouvi aquilo. E no entanto você entendeu depois de um segundo...

Ele meio suspirava, meio gemia.

— Espere aí um segundo. Ela não vai permitir? — O sarcasmo era ácido em minha língua. — Já percebeu que ela é tão forte quanto qualquer menina humana normal de cinquenta quilos? Vocês, vampiros, são idiotas? Segurem-na e a derrubem com drogas.

— Eu quis fazer isso — sussurrou ele. — Carlisle teria...

O quê, são nobres demais para isso?

— Não. Nobres, não. A guarda-costas dela complicou as coisas.

Ah! A história dele não tinha feito muito sentido antes, mas agora tudo se encaixava. Então era o que a Loura estava aprontando. Mas que interesse ela teria naquilo? Será que a rainha da beleza queria tanto assim que Bella morresse?

— Talvez — disse ele. — Rosalie não parece ver as coisas dessa forma.

— Então pegue a loura primeiro. Sua gente pode se recompor, não é? Façam

ela em pedaços e cuidem de Bella.

— Emmett e Esme a estão apoiando. Emmett nunca nos deixaria... Carlisle não vai me ajudar se Esme estiver contra...

A voz dele falhou, foi sumindo.

— Devia ter deixado Bella comigo.

— Sim.

Mas era tarde para isso. Talvez ele devesse ter pensado em tudo antes de tê-la engravidado do monstro sugador de vida.

Ele me olhou de dentro de seu inferno pessoal e pude ver que concordava comigo.

— Não sabíamos — disse ele, as palavras baixas como um suspiro. — Eu nunca imaginei. Nunca houve nada como Bella e eu antes. Como poderíamos saber que uma humana seria capaz de conceber o filho de um de nós?

— Já que a humana deveria ser dilacerada no processo?

— Sim — ele concordou num sussurro tenso. — Eles estão por aí, os sádicos, o íncubo, o súcubo. Existem. Mas a sedução é apenas um prelúdio para o banquete. Ninguém sobrevive. — Ele sacudiu a cabeça como se a ideia o revoltasse. Como se ele fosse diferente.

— Não sabia que tinham um nome especial para o que você é — cuspi.

Ele me fitou com um rosto que parecia ter mil anos.

— Nem você, Jacob Black, pode me odiar tanto quanto eu me odeio.

Errado, pensei, furioso demais para falar.

— Matar-me agora não irá salvá-la — disse ele em voz baixa.

— E o que a salvará?

— Jacob, você precisa fazer algo por mim.

— Uma ova que vou fazer, parasita!

Ele continuou me fitando com os olhos meio cansados, meio loucos.

— Por ela?

Trinquei os dentes com força.

— Fiz tudo o que pude para mantê-la longe de você. Tudo. É tarde demais.

— Você a conhece, Jacob. Vocês se conectam num nível que eu nem sequer compreendo. Você faz parte dela e ela faz parte de você. Ela não me ouve, porque acha que a estou subestimando. Pensa que é bastante forte para isso... — Ele engasgou, e depois engoliu. — Talvez ouça você.

— Por que ouviria?

Ele se levantou, os olhos ardendo mais do que antes, mais desvairados. Imaginei se ele realmente estava ficando louco. Os vampiros podiam perder o juízo?

— Talvez — ele respondeu ao meu pensamento. — Não sei. Parece que sim. — Ele sacudiu a cabeça. — Tenho de tentar esconder isso na frente dela, porque o estresse a deixa mais doente. Ela já não consegue manter nada no estômago. Tenho de ficar calmo; não posso dificultar tudo. Mas agora isso não importa. Ela precisa ouvir você!

— Não há nada que eu possa dizer a ela, que você não tenha dito. O que quer que eu faça? Dizer que ela é idiota? Ela provavelmente já sabe disso. Dizer que vai morrer? Aposto que ela sabe também.

— Você pode oferecer o que ela quer.

O que ele dizia não fazia sentido nenhum. Seria parte da loucura?

— Não me importo com nada, a não ser mantê-la viva — disse ele, de repente concentrado. — Se é um filho o que ela quer, ela pode ter. Pode ter meia dúzia de bebês. Qualquer coisa. — Ele parou por um instante. — Ela pode ter cachorrinhos, se for preciso.

Ele encontrou meu olhar por um momento, e seu rosto estava frenético sob a fina camada de controle. Minha expressão de mau humor se desfez enquanto eu processava aquelas palavras, e senti que minha boca se abria em choque.

— Mas não assim! — sibilou ele antes que eu pudesse me recuperar. — Não essa coisa que está sugando a vida dela enquanto eu fico ali, impotente! Vendo-a adoecer e definhar. Vendo que aquilo a está machucando. — Ele respirou fundo, rápido, como se alguém tivesse lhe dado um soco na barriga. — Você precisa fazê-la ver a razão, Jacob. Ela não me ouve mais. Rosalie sempre está ali, alimentando sua insanidade... encorajando-a. Protegendo-a. Não: protegendo a coisa. A vida de Bella não significa nada para ela.

O ruído que veio da minha garganta deu a impressão de que eu estava sufocando.

O que ele estava dizendo? Que Bella devia o quê? Ter um filho? Comigo? O quê? Como? Ele estava abrindo mão dela? Ou achava que ela não se importaria de ser partilhada?

— Tanto faz. Desde que a mantenha viva.

— Essa é a coisa mais doida que você já disse — murmurei.

— Ela ama você.

— Não o bastante.

— Está pronta para morrer para ter um filho. Talvez aceite algo menos radical.

— Você não a conhece mesmo?

— Eu sei, eu sei. Será preciso muita persuasão. É por isso que preciso de você. Você sabe como ela pensa. Faça com que veja a razão.

Eu não conseguia pensar no que ele estava sugerindo. Era demais. Impossível. Errado. Doentio. Pegar Bella emprestada nos fins de semana e devolver na segunda de manhã, como um filme alugado? Totalmente insano.

Tão tentador!

Eu não queria cogitar a hipótese, não queria imaginar, mas as imagens vinham, de qualquer forma. Eu tivera esse tipo de fantasia com Bella tantas vezes, na época em que havia a possibilidade de um nós, e ainda muito depois de ter ficado claro que as fantasias só deixariam feridas inflamadas porque não havia possibilidade, nem a mais remota. Eu não fora capaz de me reprimir na época. Não conseguiria me deter agora. Bella em meus braços, Bella suspirando o meu nome...

Pior ainda, essa nova imagem que eu nunca tivera, uma imagem que de modo algum deveria existir para mim. Ainda não. Uma imagem pela qual eu sabia que não iria sofrer anos a fio se ele não a tivesse colocado na minha mente. Mas ela se prendeu ali, lançando fios pelo meu cérebro como erva daninha — venenosa e impossível de matar. Bella, saudável e radiante, tão diferente de agora, mas de certo modo a mesma: seu corpo nada distorcido, modificado de uma forma natural. Redondo com meu filho.

Tentei escapar do veneno em minha mente.

— Fazer Bella ver a razão? Em que universo você vive?

— Ao menos tente.

Sacudi a cabeça com rapidez. Ele esperou, ignorando a resposta negativa, pois podia ouvir o conflito em meus pensamentos.

— De onde veio essa besteira psicótica? Você está inventando enquanto fala?

— Não tenho pensado em nada que não sejam maneiras de salvá-la desde que percebi o que ela planejava fazer. O que ela morreria para fazer. Mas eu não sabia

como entrar em contato com você. Sabia que você não me ouviria se telefonasse. Teria de encontrar você logo, se não viesse hoje. Mas é difícil deixá-la, mesmo que por alguns minutos. O estado dela... muda rápido demais. A coisa está... crescendo. Rapidamente. Não posso ficar longe agora.

— O que é a coisa?

— Nenhum de nós tem a menor ideia. Mas é mais forte do que ela. Já é assim.

De repente eu podia ver — ver o monstro inchando em minha mente, rompendo-a de dentro para fora.

— Me ajude a impedir — sussurrou ele. — Me ajude a evitar que isso aconteça.

— Como? Oferecendo meus serviços de garanhão? — Ele nem piscou quando falei isso, mas eu sim. — Você é mesmo doente. Ela jamais dará ouvidos a isso.

— Tente. Não há nada a perder agora. Que mal isso fará?

Fará mal a mim. Já não fui bastante rejeitado por Bella sem isso?

— Um pouco de dor para salvá-la? É um custo tão alto assim?

— Mas não vai dar certo.

— Talvez não. Mas talvez a deixe confusa. Talvez ela vacile em sua decisão. Um momento de dúvida é tudo de que preciso.

— E depois você puxa o tapete sob a oferta? "É brincadeirinha, Bella"?

— Se ela quiser um filho, é o que terá. Não vou desistir.

Eu nem acreditava que estivesse pensando naquilo. Bella ia me socar — não que eu me importasse com isso, mas provavelmente quebraria a mão dela de novo. Eu não deveria deixar que ele falasse comigo, que me confundisse. Deveria matá-lo ali.

— Agora não — sussurrou ele. — Ainda não. Certo ou errado, isso a destruiria, e você sabe disso. Não precisa ter pressa. Se ela não lhe der ouvidos, você terá sua chance. No momento em que o coração de Bella parar de bater, vou implorar que me mate.

— Não será preciso pedir por muito tempo.

A sugestão de um sorriso cansado repuxou o canto de sua boca.

— Estou contando com isso.

— Então, temos um acordo.

Ele assentiu e estendeu a fria mão de pedra.

Engolindo minha repulsa, peguei-a. Meus dedos se fecharam em volta da rocha e sacudi a mão uma vez.

— Fechado — aquiesci.

10. POR QUE EU NÃO DEI O FORA? AH, SIM, PORQUE SOU UM IDIOTA

EU ME SENTIA... NÃO SEI COMO ME SENTIA. NÃO PARECIA REAL. Como se eu estivesse numa versão gótica de um seriado de tevê ruim. Em vez de ser o atleta prestes a convidar a chefe de torcida para o baile, eu era o lobisomem que tinha perdido o jogo pronto para chamar a mulher do vampiro para fazer sexo e procriar. Que legal!

Não, eu não faria isso. Era degradante, e era errado. Iria me esquecer de tudo o que ele disse.

Mas eu conversaria com ela. Tentaria fazê-la me ouvir.

E ela não ouviria. Como sempre.

Edward não respondeu nem comentou meus pensamentos enquanto seguia na minha frente de volta à casa. Fiquei pensando sobre o lugar onde ele escolhera parar. Seria bastante longe da casa para que os outros não pudessem ouvir seus sussurros? O motivo era esse?

Talvez. Quando passamos pela porta, os olhos dos outros Cullen estavam desconfiados e confusos. Ninguém parecia enojado ou revoltado. Então, eles não deviam ter ouvido nenhum dos favores que Edward me pedira.

Hesitei na porta aberta, sem saber o que fazer. Ali estava melhor, com um pouco de ar respirável vindo de fora.

Edward foi para o meio do grupo, os ombros rígidos. Bella o olhava com ansiedade e seus olhos desviaram-se para mim por um segundo. Depois ela o observou novamente.

O rosto dela adquiriu uma palidez cinzenta, e pude ver o que ele quis dizer sobre o estresse fazê-la sentir-se pior.

— Vamos deixar que Bella e Jacob conversem em particular — disse Edward. Não havia inflexão nenhuma na voz dele. Como um robô.

— Só sobre minhas cinzas — sibilou Rosalie.

Ela ainda pairava sobre a cabeça de Bella, com uma das mãos frias pousada

possessivamente no rosto encovado de Bella.

Edward não olhou para ela.

— Bella — disse ele no mesmo tom vazio. — Jacob quer conversar com você. Tem medo de ficar sozinha com ele?

Bella me olhou, confusa. Depois olhou para Rosalie.

— Rose, está tudo bem. Jake não vai nos machucar. Vá com Edward.

— Pode ser um truque — alertou a loura.

— Não vejo como — disse Bella.

— Carlisle e eu ficaremos o tempo todo em seu campo de visão, Rosalie — disse Edward. A voz sem emoção falhava, demonstrando raiva. — É de nós que ela tem medo.

— Não — sussurrou Bella. Seus olhos brilhavam, as pálpebras molhadas. — Não, Edward, eu não...

Ele sacudiu a cabeça, sorrindo um pouco. O sorriso era doloroso de ver.

— Eu não quis dizer dessa maneira, Bella. Estou bem. Não se preocupe comigo.

Repugnante. Ele tinha razão — ela se martirizava por magoar os sentimentos dele. A garota era uma mártir clássica. Tinha mesmo nascido no século errado. Deveria ter vivido no passado, quando poderia ter se atirado aos leões por uma boa causa.

— Todos — disse Edward, a mão rigidamente indicando a porta. — Por favor.

A compostura que ele tentava manter para Bella era instável. Eu podia ver quanto ele estava perto do homem ardendo em chamas que tinha sido lá fora. Os outros viram isso também. Em silêncio, passaram pela porta enquanto eu saía do caminho. Eles andavam rápido; com duas batidas do meu coração a sala estava vazia, exceto por Rosalie, que hesitava, e Edward, que ainda esperava à porta.

— Rose — disse Bella baixinho. — Eu quero que você vá.

A loura fuzilou Edward com os olhos e gesticulou para que ele saísse primeiro. Ele desapareceu pela porta e ela me lançou um longo olhar de alerta, depois desapareceu também.

Quando ficamos a sós, atravessei a sala e me sentei no chão ao lado de Bella. Peguei suas mãos frias, esfregando-as com cuidado.

— Obrigada, Jake. Isso é bom.

— Não vou mentir, Bells. Você está horrível.

— Eu sei. — Ela suspirou. — Estou de dar medo.

— Como o monstro do pântano — concordei.

Ela riu.

— É tão bom ter você aqui. É bom sorrir. Não sei quanto drama mais eu posso suportar.

Revirei os olhos.

— Eu sei, eu sei — ela concordou. — Eu mesma provoquei isso.

— É, provocou mesmo. O que está pensando, Bells? Fale sério!

— Ele pediu a você para gritar comigo?

— Mais ou menos. Mas nem imagino por que ele acha que você me ouviria. Você nunca me ouviu.

Ela suspirou.

— Eu te disse... — comecei.

— Você não sabe que "Eu te disse" tem um irmão, Jacob? — perguntou ela, interrompendo-me. — O nome dele é "Cala essa boca".

— Essa é boa.

Ela sorriu para mim. A pele se esticou sobre os ossos.

— Não posso ficar com o crédito... Tirei de uma reprise dos Simpsons.

— Perdi esse.

— Foi engraçado.

Não falamos nada por um minuto. As mãos dela começavam a se aquecer um pouco.

— Ele realmente pediu que você conversasse comigo?

Fiz que sim.

— Para colocar algum juízo na sua cabeça. Está aí uma batalha que já começa perdida.

— Então, por que você concordou?

Não respondi. Eu não sabia bem por quê.

Mas de uma coisa eu sabia: cada segundo que eu passava com ela só iria aumentar a dor que eu sentiria depois. Como um viciado com seu suprimento limitado, o dia do ajuste de contas estava chegando. Quanto mais doses eu tomasse agora, mais difícil seria quando meu estoque acabasse.

— Vai dar certo, você sabe? — disse ela depois de um minuto em silêncio. —

Eu acredito nisso.

Isso me fez ver vermelho de novo.

— A demência é um dos sintomas? — rebati.

Ela riu, embora minha raiva fosse tão real que minhas mãos tremiam em torno das dela.

— Talvez — respondeu ela. — Não estou dizendo que as coisas vão se resolver facilmente, Jake. Mas como eu poderia ter vivido tudo o que vivi e, a essa altura, não acreditar em magia?

— Magia?

— Especialmente para você — disse. Ela sorria. Livrou uma das mãos e a colocou em meu rosto. Mais quente que antes, mas ainda fria em minha pele, como a maioria das coisas. — Mais do que qualquer outro, você tem uma magia esperando para tornar sua vida certa.

— De que bobagem está falando?

Ela continuava sorrindo.

— Edward uma vez me contou como era... a história do imprinting. Ele disse que era como em Sonho de uma Noite de Verão, como magia. Você vai encontrar quem procura de fato, Jacob, e talvez, então, tudo isso vá fazer sentido.

Se ela não parecesse tão frágil, eu estaria rosnando.

Naquela situação, o que fiz foi grunhir.

— Se acha que o imprinting pode dar algum sentido a essa insanidade... — Eu lutava para encontrar as palavras. — Você acha realmente que só porque um dia eu posso ter imprinting com uma estranha isso passaria a ser certo? — Apontei para seu corpo inchado. — Me diga que sentido tem, Bella! Que sentido tem eu amar você? Que sentido tem você amar a ele? Quando você morrer — as palavras eram um rosnado —, como é que vai ficar tudo certo? Que sentido tem toda essa dor? A minha, a sua, a dele! Você o está matando também, não que eu me importe com isso. — Ela se encolheu, mas eu continuei. — Então, que sentido tem sua história de amor distorcida, no fim das contas? Se há algum sentido, mostre, por favor, Bella, porque eu não o vejo.

Ela suspirou.

— Eu ainda não sei, Jake. Mas eu só... sinto... que isso vai acabar em algo bom, que é difícil de ver agora. Acho que pode chamar isso de fé.

— Você está morrendo a troco de nada, Bella! Nada!

A mão dela foi do meu rosto para a barriga estufada, acariciando-a. Ela não precisava falar para que eu soubesse o que estava pensando. Estava morrendo por aquilo.

— Eu não vou morrer — disse ela entre os dentes, e eu sabia que ela estava repetindo coisas que já falara antes. — Eu vou fazer meu coração continuar batendo. Sou bastante forte para isso.

— Isso é um monte de besteira, Bella. Você tem tentado viver com o sobrenatural há tempo demais. Nenhuma pessoa normal pode fazer isso. Você não é forte o bastante.

Peguei seu rosto em minhas mãos. Não precisei lembrar a mim mesmo que fosse gentil. Tudo nela parecia gritar frágil.

— Eu vou conseguir. Eu posso — murmurou ela, parecendo o personagem teimoso de um livro infantil.

— Não é o que parece. Qual é o seu plano? Espero que tenha um.

Ela fez que sim, sem olhar nos meus olhos.

— Sabia que Esme pulou de um penhasco? Quer dizer, quando era humana.

— E daí?

— Daí que ela chegou tão perto da morte que nem se incomodaram em levá-la para um hospital... Eles a levaram direto para o necrotério. Mas seu coração ainda batia quando Carlisle a encontrou...

Então foi a isso que ela se referiu antes, em relação a continuar com o coração batendo.

— Não está planejando sobreviver a isso como humana — afirmei estupidamente.

— Não. Eu não sou idiota. — Ela agora me olhava. — Mas acho que você deve ter sua opinião sobre isso.

— Vampirização de emergência — murmurei.

— Deu certo para Esme. E Emmett, e Rosalie e até Edward. Nenhum deles estava em ótima forma. Carlisle só os transformou porque estavam à beira da morte. Ele não tira vidas — ele as salva.

Senti de repente uma pontada de culpa em relação ao bom vampiro médico, como antes. Afugentei o pensamento e comecei a implorar.

— Escute, Bells. Não faça assim. — Como antes, quando surgiu a ligação de Charlie, eu podia ver quanta diferença aquilo realmente fazia para mim. Percebi

que precisava que ela ficasse viva, de alguma forma. De qualquer forma. Respirei fundo. — Não espere até que seja tarde demais, Bella. Não desse jeito. Viva. Está bem? Apenas viva. Não faça isso comigo. Não faça isso com ele. — Minha voz ficou mais dura e mais alta. — Você sabe o que ele vai fazer quando você morrer. Já viu isso antes. Quer que ele volte para aqueles assassinos italianos? — Ela se encolheu no sofá.

Deixei de fora a parte sobre isso não ser necessário dessa vez.

Lutando para suavizar o tom de voz, perguntei:

— Lembra quando aqueles recém-criados me estropiaram? O que foi que você me disse?

Esperei, mas ela não respondeu. Ela comprimia os lábios.

— Você me disse para ser bonzinho e ouvir Carlisle — lembrei a ela. — E o que foi que eu fiz? Ouvi o vampiro. Por você.

— Você ouviu porque era a coisa certa a fazer.

— Tudo bem... Escolha o motivo que quiser.

Ela respirou fundo.

— Não é a coisa certa agora. — Seu olhar tocou a barriga grande e redonda e ela sussurrou: — Eu não vou matá-lo.

Minhas mãos tremeram de novo.

— Ah, eu não sabia da grande novidade! Um meninão, hein? Eu deveria ter trazido alguns balões azuis.

O rosto dela ficou rosa. A cor era tão bonita! Retorcia em meu estômago como uma faca — uma faca de serra, enferrujada e rombuda.

Eu ia perder aquilo. De novo.

— Não sei se é um menino — admitiu ela, meio tímida. — O ultrassom não funcionou. A membrana em volta do bebê é dura demais... Como a pele deles. Assim, ele é um pequeno mistério. Mas sempre vejo um menino em minha mente.

— Não é um bebezinho lindo que está aí dentro, Bella.

— Veremos — disse ela, quase presunçosa.

— Você não vai ver — rosnei.

— Você é muito pessimista, Jacob. Sem dúvida, há uma chance de eu sair dessa.

Não pude responder. Baixei a cabeça e respirei fundo e lentamente, tentando

controlar minha fúria.

— Jake — disse ela, e afagou meu cabelo, e acariciou meu rosto. — Vai ficar tudo bem. Chiiii. Está tudo bem.

Não levantei a cabeça.

— Não. Não vai ficar tudo bem.

Ela enxugou alguma coisa em meu rosto.

— Chiiii.

— Qual é a jogada, Bella? — Eu olhava para o carpete claro. Meus pés descalços estavam sujos, deixando manchas. Que ótimo. — Pensei que você quisesse o seu vampiro mais que qualquer outra coisa. E agora está desistindo dele? Isso não faz sentido nenhum. Desde quando você é tão desesperada para ser mãe? Se queria tanto isso, por que se casou com um vampiro?

Eu estava perigosamente perto daquela oferta que ele queria que eu fizesse. Podia ver as palavras me conduzindo, mas não conseguia mudar de rumo.

Ela suspirou.

— Não é assim. Eu realmente não ligava para ter um filho. Nem pensava nisso. Não é só ter um filho. É... bem... este bebê.

— É um assassino, Bella. Olhe para si mesma.

— Não é. O problema sou eu. Eu sou fraca e humana. Mas posso passar por essa, Jake, eu posso...

— Ah, pare com isso! Cale a boca, Bella. Você pode despejar essa porcaria em cima do seu sanguessuga, mas a mim você não engana. Você sabe que não vai conseguir.

Ela me olhou, feroz.

— Eu não sei disso. Estou preocupada, claro.

— Preocupada — repeti entredentes.

Ela então arfou e abraçou a barriga. Minha fúria desapareceu como uma luz sendo desligada.

— Eu estou bem — disse ela, ofegante. — Não é nada.

Mas eu não a ouvia; suas mãos tinham repuxado o moletom e eu vi, horrorizado, a pele exposta. A barriga parecia ter grandes manchas de tinta roxa.

Bella viu meu olhar e puxou de volta o moletom.

— Ele é forte, só isso — disse ela, na defensiva.

As manchas de tinta eram hematomas.

Eu quase vomitei, e entendi o que ele dissera, sobre ver a coisa machucá-la. De repente, eu mesmo me sentia meio louco.

— Bella — eu disse.

Ela ouviu meu tom de voz mudar; olhou para mim, ainda com a respiração pesada, os olhos confusos.

— Bella, não faça isso.

— Jake...

— Escute. Não fique irritada. Está bem? Só escute. E se...?

— E se o quê?

— E se essa não for sua única chance? E se não for tudo ou nada? E se você desse ouvidos a Carlisle, como uma boa menina, e continuasse viva?

— Eu não vou...

— Ainda não terminei. Então você fica viva. Então pode recomeçar. Essa não deu certo. Tente novamente.

Ela franziu a testa. Ergueu uma das mãos e tocou o lugar onde minhas sobrancelhas se uniam. Seus dedos afagaram minha testa por um momento enquanto ela tentava compreender.

— Não entendo... O que quer dizer com tentar de novo? Não está pensando que Edward me deixaria...? E que diferença faria? Tenho certeza de que qualquer bebê...

— Sim — cortei. — Qualquer criança dele seria igual.

Seu rosto exaurido ficou ainda mais confuso.

— Como é?

Mas não consegui dizer mais nada. Não fazia sentido. Eu nunca seria capaz de salvá-la de si mesma. Jamais conseguiria fazer isso.

Depois ela piscou, e pude ver que havia entendido.

— Ah! Urgh. Francamente, Jacob. Acha que eu deveria matar meu filho e substituí-lo por um genérico? Inseminação artificial? — Ela agora estava irritada. — Por que eu iria querer o filho de um estranho? Imagino que daria no mesmo? Que qualquer bebê serviria?

— Eu não quis dizer isso — murmurei. — Não de um estranho.

Ela se inclinou para a frente.

— Então, o que está dizendo?

— Nada. Não estou dizendo nada. Como sempre.

— De onde isso saiu?

— Esqueça, Bella.

Ela franziu o cenho, desconfiada.

— Ele falou para você dizer isso?

Hesitei, surpreso que ela tivesse chegado a essa conclusão tão rapidamente.

— Não.

— Foi ele, não foi?

— Não, é sério. Ele não disse nada sobre sei lá o que artificial.

Seu rosto relaxou e ela afundou nos travesseiros, visivelmente exausta. Então, olhou para o lado, não estava mais falando comigo.

— Ele faria qualquer coisa por mim. E eu o estou magoando tanto... Mas o que ele está pensando? Que eu trocaria esse... — sua mão deslizou sobre a barriga — pelo de um estranho... — Ela murmurou a última parte, depois a voz falhou. Seus olhos estavam úmidos.

— Não precisa magoá-lo — sussurrei. Pedir por ele ardia como veneno em minha boca, mas eu sabia que essa atitude era provavelmente minha melhor chance de mantê-la viva. Ainda assim, era uma em um milhão. — Você pode fazê-lo feliz de novo, Bella. E eu realmente acho que ele está enlouquecendo. Com sinceridade, é o que penso.

Ela não parecia estar me ouvindo; sua mão traçava pequenos círculos na barriga maltratada enquanto ela mordia o lábio. Fez-se silêncio por um bom tempo. Imaginei se os Cullen estariam bem longe. Será que estavam ouvindo minhas tentativas patéticas de argumentar com ela?

— Se não for um estranho? — murmurou ela consigo mesma. Eu me encolhi. — ... o que exatamente Edward disse a você? — perguntou ela em voz baixa.

— Nada. Ele só pensou que você me ouviria.

— Isso não. Sobre tentar novamente.

Seus olhos se fixaram nos meus e pude ver que eu já havia falado demais.

— Nada.

Sua boca se abriu um pouco.

— Caramba.

O silêncio durou algumas batidas do coração. Baixei a cabeça para meus pés de novo, incapaz de encará-la.

— Ele realmente faria qualquer coisa, não é? — sussurrou ela.

— Eu lhe disse que ele está ficando louco. Literalmente, Bells.

— Estou surpresa de você não o ter denunciado imediatamente. Para deixá-lo mal.

Quando olhei, ela estava sorrindo.

— Pensei nisso. — Tentei retribuir, mas pude sentir o sorriso desfigurado em meu rosto.

Bella sabia o que eu estava propondo, e não ia pensar duas vezes. Eu já sabia que ela não aceitaria. Mas ainda me doía.

— Não há muito que você não fizesse por mim também, não é? — sussurrou ela. — Eu realmente não sei por que vocês se incomodam. Não mereço nenhum dos dois.

— Mas não faz diferença, faz?

— Desta vez, não. — Ela suspirou. — Queria poder explicar a você de modo que entendesse. Não posso machucá-lo — ela apontou a barriga —, como não poderia pegar uma arma e dar um tiro em você. Eu o amo.

— Por que você sempre precisa amar as coisas erradas, Bella?

— Não acho que eu faça isso.

Pigarreei, desfazendo o nó na garganta, para deixar minha voz dura, como eu queria.

— Confie em mim.

Comecei a me levantar.

— Aonde você vai?

— Não estou fazendo nenhum progresso aqui.

Ela estendeu a mão fina, implorando.

— Não vá.

Pude sentir o vício me tragando, tentando me manter ao lado dela.

— Meu lugar não é aqui. Preciso voltar.

— Por que você veio hoje? — perguntou ela, ainda com a mão débil estendida.

— Só para ver se você realmente estava viva. Eu não acreditava que estivesse doente, como Charlie disse.

Não deu para saber, pela expressão dela, se tinha engolido aquilo ou não.

— Vai voltar? Antes...

— Não vou ficar por aqui vendo você morrer, Bella.

Ela se retraiu.

— Tem razão, tem razão. Você deve ir.

Segui para a porta.

— Tchau — ela sussurrou às minhas costas. — Eu amo você, Jake.

Eu quase voltei. Quase me virei, caí de joelhos e comecei a implorar novamente. Mas sabia que precisava deixar Bella, parar com as crises de abstinência de Bella, antes que ela me matasse, como ia matá-lo.

— Claro, claro — murmurei ao sair.

Não vi nenhum dos vampiros. Ignorei minha moto, solitária no meio da campina. Não era mais rápida o bastante para mim. Meu pai devia estar em pânico... Sam também. O que o bando tinha pensado do fato de não ter ouvido minha metamorfose? Será que pensariam que os Cullen tinham me pegado primeiro? Tirei a roupa, sem me importar que alguém estivesse vendo, e comecei a correr. Enquanto corria, indistintamente eu me transformei em lobo.

Eles estavam esperando. É claro que estavam.

Jacob, Jake, oito vozes num coro de alívio.

Venha para casa agora, ordenou a voz do alfa. Sam estava furioso.

Senti Paul sumir, e eu sabia que Billy e Rachel esperavam para saber o que tinha acontecido comigo. Paul estava ansioso demais por lhes dar as boas-novas — de que eu não havia virado comida de vampiro —, e não conseguiu ouvir a história toda.

Não tive de contar ao bando que estava a caminho — eles podiam ver a floresta passar por mim como um borrão enquanto eu disparava para casa. Não precisei dizer a eles que eu também estava meio ensandecido. A náusea em minha mente era evidente.

Eles viram todo o horror — a barriga machucada de Bella; sua voz áspera: ele é forte, é só isso; o homem ardendo no rosto de Edward: vendo-a adoecer e definhar; Rosalie agachada sobre o corpo débil de Bella: a vida de Bella não significa nada para ela — e, pela primeira vez, ninguém tinha nada a dizer.

O choque de todos eles era como um grito mudo em minha cabeça. Sem palavras.

!!!!

Eu já estava a meio caminho de casa antes que alguém se recuperasse. Depois todos começaram a correr ao meu encontro.

Estava quase escuro — as nuvens cobriam completamente o sol que se punha. Arrisquei-me a atravessar a via expressa — e o fiz sem ser visto.

Nós nos encontramos a cerca de quinze quilômetros de La Push, em uma clareira abandonada por lenhadores. Era fora de mão, espremida entre dois contrafortes da montanha, onde ninguém nos veria. Paul os encontrou ao mesmo tempo que eu cheguei, então, o bando estava completo.

O falatório em minha cabeça era um caos completo. Todos gritavam ao mesmo tempo.

Os pelos da nuca de Sam estavam eriçados e ele rosnava num fluxo ininterrupto ao andar de um lado para o outro no alto do círculo. Paul e Jared moviam-se como sombras atrás dele, as orelhas achatadas nas laterais da cabeça. O círculo todo estava agitado, de pé e soltando rosnados baixos.

De início sua raiva era indefinida, e pensei que o motivo fosse eu. Estava desnorteado demais para me importar com isso. Eles podiam fazer o que quisessem comigo por burlar as ordens.

E depois a confusão sem foco de pensamentos começou a se encaixar.

Como pode ser? O que isso significa? O que acontecerá?

Não é seguro. Não é direito. Perigoso.

Não é natural. É monstruoso. Uma abominação.

Não podemos permitir isso.

O bando agora andava em sincronia, pensando em sincronia, todos, exceto eu e um outro. Sentei-me ao lado de um dos irmãos, confuso demais para olhar, fosse com os olhos, fosse com a mente, e ver quem estava ao meu lado, enquanto o bando nos cercava.

O tratado não abrange isso.

Isso coloca todos em perigo.

Tentei entender as vozes que subiam e desciam; tentei seguir o caminho retorcido que os pensamentos faziam, e ver aonde levavam, mas nada tinha sentido. As imagens no centro dos pensamentos eram as minhas — as piores imagens. Os hematomas de Bella, o rosto de Edward enquanto ardia.

Eles também têm medo disso.

Mas eles não vão fazer nada a respeito.

Protegendo Bella Swan.

Não podemos deixar que isso nos influencie.

A segurança de nossas famílias, de todos aqui, é mais importante que uma humana.

Se eles não o matarem, nós teremos de matar.

Proteger a tribo.

Proteger nossas famílias.

Temos de matar aquilo antes que seja tarde demais.

Outra de minhas lembranças, dessa vez as palavras de Edward: A coisa está crescendo. Rapidamente.

Esforcei-me para me concentrar, para ouvir vozes individuais.

Não há tempo a perder, pensou Jared.

Isso significará uma luta, alertou Embry. Das feias.

Estamos preparados, insistiu Paul.

Vamos precisar do fator surpresa a nosso favor, pensou Sam.

Se os pegarmos divididos, poderemos derrubá-los separadamente. Isso aumentará nossas chances de vitória, pensou Jared, começando a montar a estratégia.

Sacudi a cabeça, levantando-me devagar. Eu me sentia sem equilíbrio — como se os lobos em círculo estivessem me deixando tonto. O lobo ao meu lado também se levantou. Seu ombro empurrou o meu, impelindo-me para cima.

Esperem, pensei.

O círculo parou de repente, depois recomeçou a andar.

O tempo é curto, disse Sam.

Mas... o que vocês estão pensando? Não os atacariam por quebrar o tratado esta tarde. Agora estão planejando uma emboscada, quando o tratado ainda se mantém intacto?

Isso não é algo que nosso tratado tenha previsto, disse Sam. É um perigo para todos os humanos na região. Não sabemos que tipo de criatura os Cullen geraram, mas sabemos que é forte e cresce rapidamente. E será jovem demais para seguir algum tratado. Lembra os vampiros recém-criados contra os quais lutamos? Loucos, violentos, além da razão ou do limite. Imagine um assim, mas protegido pelos Cullen.

Não sabemos... tentei interromper.

Nós não sabemos, concordou ele. E, nesse caso, não podemos nos arriscar com o desconhecido. Só podemos permitir que os Cullen existam enquanto tivermos

certeza absoluta de que podemos acreditar que eles não causarão danos. Essa... coisa não merece confiança.

Eles não gostam dela mais do que nós.

Sam puxou de minha mente o rosto de Rosalie, agachada em posição protetora, e o exibiu para todos.

Alguém está pronto para lutar por ele, independentemente do que seja.

É só um bebê, pelo amor de Deus.

Não por muito tempo, sussurrou Leah.

Jake, amigão, este é um grande problema, disse Quil. Não podemos ignorá-lo.

Vocês estão transformando isso numa coisa maior do que é, argumentei. Só quem está em perigo é Bella.

Mais uma vez por opção dela, disse Sam. Mas dessa vez a opção dela afeta todos nós.

Não acho isso.

Não podemos nos arriscar. Não vamos permitir que um bebedor de sangue cace em nossas terras.

Então diga a eles para irem embora, disse o lobo que ainda me apoiava. Era Seth. É claro.

E infligir a ameaça a outros? Quando bebedores de sangue cruzam nossas terras, nós os destruímos, independentemente de onde pretendam caçar. Protegemos todos os que podemos.

Isso é loucura, eu disse. Hoje à tarde vocês temiam colocar o bando em perigo.

Hoje à tarde eu não sabia que nossas famílias corriam risco.

Não acredito nisso! Como vão matar essa criatura sem matar Bella?

Não houve palavras, mas o silêncio era cheio de significado.

Eu uivei. Ela também é humana! Nossa proteção não se aplica a ela?

Ela está morrendo de qualquer forma, pensou Leah. Nós só vamos encurtar o processo.

Foi o que bastou. Saltei para longe de Seth, na direção da irmã dele, com os dentes à mostra. Estava prestes a pegá-la pela perna traseira esquerda quando senti os dentes de Sam cortando meu flanco, arrastando-me para trás.

Gemi de dor e raiva e voltei-me para ele.

Pare!, ordenou ele na voz dual do alfa.

Minhas pernas pareceram vergar debaixo de mim. Parei bruscamente, só

conseguindo me manter de pé por pura força de vontade.

Ele desviou os olhos de mim. Não seja cruel com ele, Leah, ordenou. O sacrifício de Bella é um preço alto, e todos vamos reconhecer isso. Tirar uma vida humana contraria tudo o que defendemos. Abrir uma exceção a esse código é algo triste. Todos vamos lamentar o que fizermos esta noite.

Esta noite?, repetiu Seth, chocado. Sam... acho que deveríamos conversar mais um pouco. Consultar os Anciãos, pelo menos. Não pode estar falando sério que nós...

Não podemos nos dar ao luxo de aceitar sua tolerância com os Cullen agora. Não há tempo para o debate. Você fará o que lhe for ordenado, Seth.

Os joelhos dianteiros de Seth se dobraram e sua cabeça caiu sob o peso do comando do alfa.

Sam andava num círculo fechado em volta de nós dois.

Precisamos de todo o bando para isso. Jacob, você é nosso combatente mais forte. Você lutará conosco hoje. Entendo que isso é difícil para você, então se concentrará nos lutadores deles — Emmett e Jasper Cullen. Não precisa se envolver com... a outra parte. Quil e Embry lutarão com você.

Meus joelhos tremeram; esforcei-me para me manter de pé enquanto a voz do alfa açoitava minha vontade.

Paul, Jared e eu cuidaremos de Edward e Rosalie. Pelas informações que Jacob nos trouxe, acho que eles estarão guardando Bella. Carlisle e Alice também estarão por perto, possivelmente, Esme. Brady, Collin, Seth e Leah se concentrarão neles. Quem tiver caminho livre para — todos o ouvimos gaguejar mentalmente o nome de Bella — a criatura cuidará dela. Destruir a criatura é nossa prioridade.

O bando ressoou uma aquiescência nervosa. A tensão eriçava os pelos de todos. As passadas tornaram-se mais rápidas, e o som das patas no chão áspero era mais forte, as garras rasgando o solo.

Só Seth e eu nos mantínhamos imóveis, o olho de um furacão de presas expostas e orelhas achatadas. O focinho de Seth quase tocava o chão, curvado sob os comandos de Sam. Senti sua dor com a deslealdade que viria. Para ele, era uma traição — naquele único dia de aliança, lutando ao lado de Edward Cullen, Seth havia verdadeiramente se tornado amigo do vampiro.

Apesar disso, ele não resistia. Seth obedeceria, por mais que isso o machucasse.

Não tinha escolha.

E que alternativa eu tinha? Quando o alfa falava, o bando obedecia.

Sam nunca havia levado sua autoridade tão longe; eu sabia que ele odiava sinceramente ver Seth ajoelhando-se diante dele como um escravo aos pés de seu senhor. Não o obrigaria a isso se não acreditasse que não tinha outra opção. Não podia mentir para nós quando estávamos mentalmente conectados daquele jeito. Ele, de fato, acreditava ser nosso dever destruir Bella e o monstro que ela carregava. Acreditava que não tínhamos tempo a perder. Acreditava que era justo morrer por isso.

Vi que ele próprio enfrentaria Edward; para Sam, a capacidade de Edward de ler nossos pensamentos fazia dele a ameaça maior. Sam não deixaria que outro assumisse esse risco.

Ele via Jasper como o segundo maior adversário, e por isso o destinou a mim. Sabia que, do bando, eu tinha mais probabilidade de vencer essa luta. Sam deixou os alvos mais fáceis para os lobos mais jovens e para Leah. A pequena Alice não era perigo sem sua visão do futuro para orientá-la, e nós sabíamos, por nossa época de aliança, que Esme não era uma lutadora. Carlisle seria um desafio maior, mas seu ódio à violência o atrapalharia.

Eu me sentia pior do que Seth enquanto via Sam desenvolver seu plano, tentando analisar todos os ângulos para dar a cada membro do bando a melhor possibilidade de sobrevivência.

Tudo estava às avessas. Naquela tarde, eu estivera prestes a atacá-los. Mas Seth tinha razão — eu não estava preparado para aquela luta. Havia ficado cego com o ódio. Não tinha me permitido analisar tudo com cuidado — porque eu devia saber o que veria, se o fizesse.

Carlisle Cullen. Olhando para ele sem aquele ódio que me toldava a visão, eu não podia negar que matá-lo era assassinato. Ele era bom. Bom como qualquer ser humano que protegíamos. Talvez melhor. Os outros também, imagino, mas eu não sentia tanto por eles. Não os conhecia tão bem. Era Carlisle que odiaria lutar, mesmo para salvar a própria vida. Por isso, conseguiríamos matá-lo — porque ele não iria querer que nós, seus inimigos, morrêssemos.

Aquilo era um erro.

E não só porque matar Bella era como me matar, como cometer suicídio.

Acalme-se, Jacob, ordenou Sam. A tribo vem em primeiro lugar.

Eu estava enganado hoje, Sam.

Seus motivos estavam errados então. Mas agora temos um dever a cumprir.

Criei coragem. Não.

Sam rosnou e parou de andar na minha frente. Fitou meus olhos e um grunhido profundo deslizou entre os seus dentes.

Sim, decretou o alfa, a voz dual virulenta com o calor de sua autoridade. Não haverá escapatórias esta noite. Você, Jacob, vai lutar conosco contra os Cullen. Você, Quil e Embry cuidarão de Jasper e Emmett. Você é obrigado a proteger a tribo. É por isso que você existe. Você vai cumprir essa obrigação.

Meus ombros arriaram à medida que o edito me esmagava. Minhas pernas desabaram, eu estava caído de bruços debaixo dele.

Nenhum membro do bando podia se opor ao alfa.

11. OS DOIS PRIMEIROS ITENS NA MINHA LISTA DE "COISAS QUE JAMAIS QUERO FAZER"

SAM COMEÇOU A ORGANIZAR OS OUTROS EM FORMAÇÃO, ENQUANTO eu ainda estava no chão. Embry e Quil, um de cada lado, esperavam que eu me recuperasse e tomasse a frente.

Eu podia sentir o ímpeto, a necessidade de me levantar e liderá-los. A compulsão crescia e eu lutava contra ela inutilmente, encolhendo-me no chão.

Embry gemeu baixinho em meu ouvido. Ele não queria pensar as palavras, com medo de novamente chamar a atenção de Sam para mim. Senti sua súplica muda para que eu me erguesse, acabasse com aquilo de uma vez por todas.

Havia medo nos membros da matilha — não tanto por si mesmos, mas pelo grupo. Não podíamos acreditar que todos sairiam vivos naquela noite. Que irmãos perderíamos? Que mentes nos deixariam para sempre? Que famílias de luto estaríamos consolando pela manhã?

Minha mente começou a trabalhar com a deles, a pensar em uníssono, enquanto lidávamos com esses medos. Automaticamente, levantei-me e sacudi o pelo.

Embry e Quil bufaram de alívio. Quil tocou o focinho na lateral do meu corpo.

Suas mentes estavam tomadas por nosso desafio, nossa missão. Lembramos juntos as noites em que vimos os Cullen treinando para a luta com os recém-criados. Emmett Cullen era o mais forte, mas Jasper seria o maior problema. Ele se movimentava como um raio — poder, velocidade e morte em um só corpo. Quantos séculos de experiência ele tinha? O suficiente para que todos os outros Cullen procurassem sua orientação.

Ficarei à frente, se quiser flanquear, propôs Quil. Havia mais excitação em sua mente que na dos outros. Quando vira as instruções de Jasper naquelas noites, Quil havia ficado morrendo de vontade de testar sua habilidade contra os vampiros. Para ele, aquilo seria uma competição. Mesmo sabendo que era sua

vida que estava em jogo, ele via dessa maneira. Paul também via assim, e ainda os garotos que nunca estiveram em batalha: Collin e Brady. Seth, provavelmente, teria sentido o mesmo — se os adversários não fossem seus amigos.

Jake?, Quil me cutucou. Como quer fazer?

Eu apenas sacudi a cabeça. Não conseguia me concentrar — a compulsão de seguir ordens dava a sensação de cordões de marionete enganchados em todos os meus músculos. Um pé para a frente, agora outro.

Seth se arrastava atrás de Collin e Brady — Leah tinha assumido a dianteira. Ela ignorava Seth enquanto planejava com os outros, e pude ver que teria preferido deixá-lo fora da luta. Havia um viés maternal em seus sentimentos pelo irmão mais novo. Ela queria que Sam o mandasse para casa. Seth não registrava as dúvidas de Leah. Também estava se adaptando aos cordões de marionete.

Talvez, se você parasse de resistir..., sussurrou Embry.

Simplesmente concentre-se em nossa parte. Os grandões. Podemos derrubá-los. Eles são nossos! Quil estava se animando — como numa preleção antes de um grande jogo.

Eu via como poderia ser fácil — não pensar em nada, a não ser na minha parte. Não era difícil visualizar o ataque a Jasper e Emmett. Já havíamos estado perto disso antes. Por muito tempo eu pensara neles como inimigos. Poderia fazer isso de novo.

Eu só devia esquecer que eles estavam protegendo o que eu também protegeria. Devia esquecer o motivo de eu talvez desejar que eles vencessem...

Jake, alertou Embry. Mantenha a cabeça no jogo.

Meus pés se arrastavam, resistindo ao puxar das cordinhas.

Não tem sentido resistir, sussurrou Embry de novo.

Ele tinha razão. Eu acabaria fazendo o que Sam queria, se ele estivesse disposto a me forçar. E ele estava. Era evidente.

Havia um bom motivo para a autoridade do alfa. Até uma matilha forte como a nossa não era de muito valor sem um líder. Precisávamos nos movimentar juntos, pensar juntos, para sermos eficazes. E isso exigia que o corpo tivesse uma cabeça.

E se Sam estivesse errado? Não havia nada que pudéssemos fazer. Ninguém podia contestar sua decisão.

A não ser...

E lá estava — uma ideia que eu nunca, jamais, quisera ter. Mas ali, com minhas pernas presas a cordões, reconheci a exceção com alívio — mais do que alívio: com uma alegria feroz.

Ninguém podia contestar as decisões do alfa — a não ser eu.

Eu não havia conquistado nada. Mas algumas coisas nasceram comigo, coisas que nunca reivindicara.

Jamais quisera ser o líder da matilha. Não queria ser naquela hora. Não queria que meus ombros carregassem a responsabilidade pelo destino de todos. Sam era melhor nisso do que eu jamais seria.

Mas, naquela noite, ele estava errado.

E eu não tinha nascido para me ajoelhar diante dele.

As amarras caíram de meu corpo no segundo em que assumi meu direito de nascença.

Eu podia senti-los crescendo em mim, tanto a liberdade quanto um poder estranho e vazio. Vazio porque o poder de um alfa vem de sua matilha, e eu não tinha nenhuma. Por um segundo, a solidão me sufocou.

Eu não tinha mais matilha.

Mas fui decidido e forte ao me dirigir até onde estava Sam, traçando planos com Paul e Jared. Ele se virou quando me ouviu avançar, e seus olhos negros se estreitaram.

Não, eu disse a ele de novo.

Ele ouviu no mesmo instante — ouviu a decisão que eu tinha tomado na voz de alfa em meus pensamentos.

Então, saltou meio passo para trás, com um ganido chocado.

Jacob? O que você fez?

Não vou seguir você, Sam. Não por um motivo tão errado.

Ele me encarou, atordoado. Você... preferiria seus inimigos à sua família?

Eles não são — sacudi a cabeça, clareando a mente —, eles não são nossos inimigos. Nunca foram. Até eu realmente pensar em destruí-los, até refletir sobre o assunto, eu não via isso.

Não se trata deles, Sam rosnou para mim. Trata-se de Bella. Ela nunca foi certa para você, nunca o escolheu, mas você continua a destruir sua vida por ela!

Eram palavras duras, mas verdadeiras. Inspirei profundamente, e assimilei-as junto com o ar.

Talvez você tenha razão. Mas vai destruir a matilha por causa dela, Sam. Não importa quantos sobrevivam esta noite, sempre terão a morte nas mãos.

Precisamos proteger nossas famílias!

Sei o que você decidiu, Sam. Mas você não decide por mim, não mais.

Jacob — não pode dar as costas à sua tribo.

Ouvi o eco dual de seu comando de alfa, mas dessa vez não tinha peso. Não se aplicava mais a mim. Ele trincou a mandíbula, tentando me obrigar a reagir a suas palavras.

Fitei seus olhos furiosos. O filho de Ephraim Black não nasceu para seguir o filho de Levi Uley.

Então é isso, Jacob Black? Seus pelos se eriçaram e o focinho recuou acima dos dentes. Paul e Jared rosnaram e se eriçaram ao lado dele. Mesmo que possa me derrotar, a matilha jamais seguirá você!

Agora eu saltei para trás com um ganido de surpresa escapando de minha garganta.

Derrotar você? Não vou lutar com você, Sam.

Então, qual é seu plano? Não vou abrir caminho para você proteger o filhote de vampiro à custa da tribo.

Eu não estou lhe dizendo que saia do caminho.

Se você ordenar a eles que o sigam...

Eu nunca tirarei a vontade de ninguém.

A cauda de Sam chicoteava de um lado para outro enquanto ele recuava com a crítica das minhas palavras. Em seguida, ele deu um passo adiante, de modo que ficamos frente a frente, seus dentes expostos a centímetros dos meus. Até esse momento eu não tinha percebido que ficara mais alto do que ele.

Não pode haver mais de um alfa. A matilha me escolheu. Vai nos separar esta noite? Vai se voltar contra seus irmãos? Ou vai parar com essa insanidade e se juntar a nós? Cada palavra vinha carregada de comando, mas dessa vez não me atingiam. O sangue do alfa corria puro em minhas veias.

Eu podia ver por que nunca havia mais de um macho alfa em uma matilha. Meu corpo reagia ao desafio. Eu conseguia sentir o instinto de defender meus direitos crescendo em mim. A essência primitiva de minha identidade de lobo se preparava para a batalha da supremacia.

Concentrei minha energia em controlar essa reação. Eu não entraria numa

briga inútil e destrutiva com Sam. Ele ainda era meu irmão, embora eu o estivesse rejeitando.

Só há um alfa nesta matilha. Não estou contestando isso. Só estou decidindo seguir meu próprio caminho.

Seu grupo agora são os vampiros, Jacob?

Eu me encolhi.

Não sei, Sam. Mas sei de uma coisa...

Ele se retraiu ao sentir o peso do alfa em meu tom. Isso o afetava mais do que as palavras dele a mim. Porque eu tinha nascido para liderá-lo.

Eu vou ficar entre vocês e os Cullen. Não vou simplesmente assistir enquanto a matilha mata pessoas inocentes — era difícil aplicar essa palavra a vampiros, mas era a verdade. A matilha é melhor do que isso. Lidere-a na direção certa, Sam.

Dei as costas a ele e um coro de uivos rasgou o ar à minha volta.

Cravando as garras na terra, afastei-me correndo do alvoroço que causara. Eu não tinha muito tempo. Pelo menos Leah era a única que podia me vencer na velocidade, e eu tinha uma boa dianteira.

O uivo desaparecia com a distância, e eu me reconfortei enquanto o som continuava a romper o silêncio da noite. Eles ainda não estavam atrás de mim.

Eu precisava alertar os Cullen antes que a matilha pudesse se reorganizar e me impedir. Se os Cullen estivessem preparados, Sam teria um motivo para repensar, antes que fosse tarde demais. Disparei para a casa branca que ainda odiava, deixando meu lar para trás. O lar que não era mais meu. Eu lhe voltara as costas.

O dia tinha começado como qualquer outro: eu fiz minha patrulha durante o amanhecer chuvoso, houve o café da manhã com Billy e Rachel, programas ruins na tevê, a implicância com Paul... Como foi que mudou tanto, que ficou tão surreal? Como tudo ficou fora de lugar e distorcido a ponto de eu estar ali, completamente só, um alfa contra a minha vontade, separado dos irmãos, escolhendo os vampiros em vez deles?

O som que eu temia interrompeu meus pensamentos confusos — o impacto suave de patas grandes no chão, perseguindo-me. Lancei-me para a frente, disparando como um foguete pela floresta escura. Eu só precisava chegar perto o suficiente para que Edward ouvisse o alerta em minha mente. Leah não seria capaz de me deter sozinha.

E, então, captei a disposição dos pensamentos atrás de mim. Não era raiva, mas entusiasmo. Não me caçava... me seguia.

Perdi o passo. Cambaleei duas passadas antes de retomar o ritmo.

Espere. Minhas pernas não são tão compridas quanto as suas.

SETH! O que pensa que está FAZENDO? VÁ PARA CASA!

Ele não respondeu, mas pude sentir sua empolgação enquanto se mantinha bem atrás mim. Eu podia ver por seus olhos e ele podia ver pelos meus. A cena noturna era triste para mim — cheia de desespero. Para ele, era cheia de esperança.

Não percebi que tinha desacelerado, mas, de repente, ele estava no meu flanco, correndo ao meu lado.

Não estou brincando, Seth! Isto não é lugar para você. Saia daqui.

O lobo caramelo e desajeitado resfolegou. Estou do seu lado, Jacob. Acho que tem razão. Não vou apoiar Sam se...

Ah, sim, você vai apoiar Sam, sim! Volte com essa sua bunda peluda para La Push e faça o que Sam mandar.

Não.

Vá, Seth!

Isso é uma ordem, Jacob?

A pergunta dele me fez parar. Derrapei no chão, minhas garras cavando sulcos na lama.

Não estou ordenando que ninguém faça nada. Só estou dizendo o que você já sabe.

Ele se sentou sobre as patas traseiras ao meu lado. Vou dizer o que eu sei: eu sei que está um silêncio horroroso. Não percebeu?

Pisquei. Minha cauda cortava o ar nervosamente à medida que eu percebia o que ele estava querendo dizer. Em um sentido, não havia silêncio. Os uivos ainda enchiam o ar, longe, a oeste.

Eles não se transformaram de volta, disse Seth.

Eu sabia disso. A matilha agora estaria em alerta vermelho. Eles estariam usando o elo mental para ver todos os lados com clareza. Mas eu não conseguia ouvir o que estavam pensando. Só podia ouvir Seth. Mais ninguém.

Parece que matilhas separadas não têm vínculo. Hum. Acho que não houve motivo para nossos pais saberem isso. Porque não houve motivo para separar

matilhas. Nunca houve lobos suficientes para duas. Caramba. Está muito silencioso. É meio sinistro. Mas também é bom, não acha? Aposto que era mais fácil assim, para Ephraim, Quil e Levi. Bem menos falatório, só com três. Ou só dois.

Cale a boca, Seth.

Sim, senhor.

Pare com isso! Não existem duas matilhas. Só existe A matilha, e eu. É só isso. Agora pode ir para casa.

Se não existem duas matilhas, então por que podemos nos ouvir, mas não ouvimos os outros? Acho que o fato de você dar as costas para Sam foi uma atitude muito significativa. Uma mudança. E quando eu segui você, acho que foi significativo também.

Você tem razão, cedi. Mas o que pode mudar, também pode reverter.

Ele se levantou e começou a trotar para o leste. Não há tempo para discutir sobre isso. Precisamos continuar antes que Sam...

Ele tinha razão sobre essa parte. Não havia tempo para aquela discussão. Voltei a correr, sem acelerar tanto. Seth ficou nos meus calcanhares, ocupando o tradicional lugar do Segundo em meu flanco direito.

Posso correr em qualquer outro lugar, ele pensou, o focinho baixando um pouco. Não segui você porque queria uma promoção.

Corra onde quiser. Não faz diferença para mim.

Não havia som de perseguição, mas nós dois aceleramos um pouco ao mesmo tempo. Agora eu estava preocupado. Se eu não pudesse entrar na mente da matilha, as coisas ficariam mais difíceis. Minha capacidade de antecipar o ataque não seria melhor que a dos Cullen.

Vamos correr em patrulhas, sugeriu Seth.

E o que faremos se a matilha os desafiar? Meus olhos se estreitaram. Atacar nossos irmãos? Sua irmã?

Não — soamos o alarme e recuamos.

Boa resposta. Mas e depois? Não acho...

Eu sei, concordou ele, agora menos confiante. Também não acho que eu possa lutar com eles. Mas eles não estarão mais felizes com a ideia de nos atacar do que nós com a de atacá-los. Isso pode bastar para detê-los onde estiverem. Além disso, agora eles são apenas oito.

Pare de ser tão... Precisei de um minuto para escolher a palavra certa. Otimista. Isso me dá nos nervos.

Tudo bem. Quer que eu fique para baixo e desanimado, ou que só cale a boca?

Só cale a boca.

Posso fazer isso.

É mesmo? Não parece.

Ele finalmente ficou em silêncio.

E então estávamos do outro lado da estrada, passando pelo bosque que circulava a casa dos Cullen. Será que Edward já podia nos ouvir?

Talvez devêssemos pensar em algo como: "Viemos em paz."

Vai nessa.

Edward? Ele chamou o nome, inseguro. Edward, está aí? Tudo bem, agora eu me sinto meio idiota.

E parece um idiota.

Acha que ele pode nos ouvir?

Estávamos a menos de um quilômetro e meio. Acho que sim. Ei, Edward. Se puder me ouvir... Levante as barricadas, sanguessuga. Você tem um problema.

Nós temos um problema, corrigiu Seth.

Depois saímos das árvores para o grande gramado. A casa estava escura, mas não vazia. Edward estava de pé na varanda, entre Emmett e Jasper. Brancos como a neve, na luz pálida.

— Jacob? Seth? O que está havendo?

Reduzi o passo e avancei um pouco. O cheiro era tão forte com aquele focinho que, sinceramente, parecia queimar. Seth resmungou baixo, hesitando, e de repente recuou para trás de mim.

Para responder à pergunta de Edward, deixei minha mente repassar o confronto com Sam, indo de trás para a frente. Seth pensou comigo, preenchendo as lacunas, mostrando a cena de outro ângulo. Paramos quando chegamos à parte sobre a "abominação", pois Edward sibilou furioso e saltou da varanda.

— Eles querem matar Bella? — rosnou, sem entonação.

Emmett e Jasper, sem ter ouvido a primeira parte da conversa, tomaram a falta de inflexão de Edward como uma declaração. No mesmo segundo estavam ao lado dele, os dentes à mostra ao avançarem em nossa direção.

Ei, espere aí, pensou Seth, recuando.

— Em, Jazz... eles não! Os outros. A matilha está vindo.

Emmett e Jasper se assustaram. Emmett virou-se para Edward enquanto Jasper ficava de olho em nós.

— Qual é o problema deles? — perguntou Emmett.

— O mesmo que eu tenho — sibilou Edward. — Mas eles têm seus próprios planos para lidar com isso. Fale com os outros. Ligue para Carlisle! Ele e Esme precisam voltar para cá agora.

Gemi, inquieto. Eles estavam separados.

— Eles não estão longe — falou Edward na voz sem vida que usara antes.

Vou sair para dar uma olhada, disse Seth. Correr o perímetro oeste.

— Estará em perigo, Seth? — perguntou Edward.

Seth e eu trocamos um olhar.

Não acredito nisso, pensamos juntos. E, então, acrescentei: Mas talvez eu devesse ir. Só por precaução...

É menos provável que eles me desafiem, observou Seth. Eu sou só um garoto para eles.

É um garoto para mim também, garoto.

Vou sair daqui. Você precisa se organizar com os Cullen.

Ele girou e disparou para a escuridão. Eu não ia ordenar que Seth voltasse, então deixei que partisse.

Edward e eu ficamos nos encarando na campina escura. Eu podia ouvir Emmett murmurando ao telefone. Jasper estava observando o lugar onde Seth desaparecera no bosque. Alice apareceu na varanda e então, depois de me fitar com olhos ansiosos por um bom tempo, seguiu rapidamente para o lado de Jasper. Imaginei que Rosalie estivesse lá dentro com Bella. Ainda protegendo-a... dos perigos errados.

— Esta não é a primeira vez que lhe devo minha gratidão, Jacob — sussurrou Edward. — Eu nunca teria pedido isso a você.

Pensei no que ele me pedira mais cedo. Quando se tratava de Bella, não havia limites que ele não ultrapassasse. Sim, você teria.

Ele pensou um pouco e assentiu.

— Creio que você tenha razão.

Soltei um suspiro pesado. Bem, essa não é a primeira vez que faço algo e não é por você.

— Certo — murmurou ele.

Lamento não ter conseguido nada hoje. Eu lhe disse que ela não me daria ouvidos.

— Eu sei. Não acreditei mesmo que ela daria. Mas...

Você precisava tentar. Eu sei. Ela está melhor?

Sua voz e seus olhos ficaram vazios.

— Pior — sussurrou ele.

Eu não queria aceitar essa palavra. Fiquei grato quando Alice falou.

— Jacob, importa-se de mudar de forma? — perguntou ela. — Quero saber o que está acontecendo.

Sacudi a cabeça ao mesmo tempo que Edward respondeu.

— Ele precisa ficar sintonizado com Seth.

— Bom, então você faria a gentileza de me contar o que está havendo?

Ele explicou em frases entrecortadas e sem emoção.

— A matilha acha que Bella se tornou um problema. Eles preveem um risco potencial com... com o que ela está carregando. Sentem que é dever deles eliminar o perigo. Jacob e Seth se separaram da matilha para nos alertar. Os outros estão planejando atacar esta noite.

Alice sibilou, inclinando-se para longe de mim. Emmett e Jasper trocaram um olhar; em seguida seus olhos percorreram as árvores.

Não há ninguém lá fora, reportou Seth. Tudo está tranquilo no front ocidental.

Eles podem dar a volta.

Vou fechar o círculo.

— Carlisle e Esme estão a caminho — disse Emmett. — Vinte minutos, no máximo.

— Precisamos estudar uma posição defensiva — disse Jasper.

Edward assentiu.

— Vamos entrar.

Vou percorrer o perímetro com Seth. Se eu estiver longe demais para ouvir meus pensamentos, fique atento ao meu uivo.

— Combinado.

Eles voltaram para a casa, os olhos disparando para todos os lados. Antes que entrassem, virei-me e corri para o oeste.

Ainda não estou encontrando nada, disse-me Seth.

Vou fazer metade do círculo. Ande rápido — eles não podem ter a oportunidade de passar sem ser notados.

Seth avançou numa explosão repentina de velocidade.

Corremos em silêncio, e os minutos se passaram. Eu ouvia os ruídos em volta dele, certificando-me de sua avaliação.

Ei — alguma coisa vem vindo rápido!, alertou ele depois de quinze minutos de silêncio.

Na minha direção!

Mantenha posição — não acho que seja a matilha. Parece diferente.

Seth...

Mas ele captou o cheiro que se aproximava na brisa, e eu li sua mente.

Vampiro. Aposto que é Carlisle.

Seth, recue. Pode ser outro.

Não, são eles. Eu reconheço o cheiro. Espere aí, vou me transformar para explicar a eles.

Seth, não acho...

Mas eu o tinha perdido.

Ansioso, corri ao longo da margem oeste. Não seria simplesmente esplêndido se eu não conseguisse cuidar de Seth pela droga de uma noite? E se alguma coisa acontecesse a ele sob minha supervisão? Leah faria picadinho de mim.

Pelo menos o garoto foi rápido. Não se passaram nem dois minutos e o senti em minha mente de novo.

É. Carlisle e Esme. Rapaz, eles ficaram surpresos quando me viram! Devem estar lá dentro agora. Carlisle agradeceu.

Ele é um bom sujeito.

É. Esse é um dos motivos por que temos razão nesta história.

Espero que sim.

Por que está tão deprimido, Jake? Aposto que Sam não vai trazer a matilha esta noite. Ele não vai se lançar numa missão suicida.

Suspirei. De qualquer forma, aquilo não parecia importar.

Ah! Então não é tanto por Sam, não é?

Fiz a volta no fim de minha patrulha. Captei o cheiro de Seth onde ele havia virado. Não estávamos deixando nenhum hiato.

Você acha que, de qualquer jeito, Bella vai morrer, sussurrou Seth.

É, ela vai.

Coitado do Edward. Ele deve estar louco.

Literalmente.

O nome de Edward trouxe outras lembranças fervilhantes à superfície. Seth as leu, estupefato.

E então começou a uivar. Ah, cara! De jeito nenhum! Você não fez isso! Isso é uma bobagem sem tamanho, Jacob! E você sabe disso! Não acredito que disse que o mataria. Por quê? Precisa dizer a ele que não.

Cale a boca, cale a boca, seu idiota! Eles vão pensar que a matilha está vindo.

Epa! Ele se interrompeu no meio do uivo.

Girei e comecei a me dirigir para a casa. Fique fora disso, Seth. Patrulhe o perímetro todo agora.

Seth estava fervendo de raiva e eu o ignorei.

Alarme falso, alarme falso, eu pensava à medida que me aproximava correndo. Desculpe. Seth é jovem. Ele se esquece das coisas. Ninguém está atacando. Alarme falso.

Quando cheguei à campina, pude ver Edward olhando de uma janela escura. Eu corri, querendo me certificar de que ele tinha entendido a mensagem.

Não há nada lá fora... Entendeu?

Ele assentiu uma vez.

Seria muito mais fácil se a comunicação não fosse de mão única. Mas, por outro lado, eu me sentia feliz por não estar na cabeça dele.

Ele olhou por cima do ombro, para dentro da casa, e vi um tremor percorrer seu corpo. Ele me dispensou com um gesto, sem voltar a olhar para mim, e saiu do meu campo de visão.

O que está havendo?

Como se eu fosse obter uma resposta.

Sentei-me completamente imóvel na campina e fiquei ouvindo. Com aqueles ouvidos, eu quase podia ouvir os passos suaves de Seth a quilômetros na floresta. Era fácil ouvir qualquer som dentro da casa escura.

— Foi um alarme falso — explicava Edward naquela voz morta, repetindo o que eu dissera a ele. — Seth ficou aborrecido com alguma coisa e se esqueceu de que estávamos esperando por um sinal. Ele é muito jovem.

— Que ótimo ter bebês guardando o forte — grunhiu uma voz grave. Emmett, pensei.

— Eles nos prestaram um grande serviço hoje, Emmett — disse Carlisle. — À custa de um grande sacrifício pessoal.

— É, eu sei. Só estou com inveja. Queria estar lá fora.

— Seth não acha que Sam vá nos atacar agora — disse Edward mecanicamente. — Não se estamos de sobreaviso, e eles sem dois membros da matilha.

— O que Jacob acha? — perguntou Carlisle.

— Ele não é tão otimista.

Ninguém falou. Eu ouvia um gotejar baixo que não consegui identificar. Ouvi a respiração baixa deles — e pude distinguir a respiração de Bella das demais. Era mais áspera, mais difícil. Disparava e se interrompia em ritmos estranhos. Eu podia ouvir seu coração. Parecia... rápido demais. Tentei comparar o batimento cardíaco com o meu, mas não sabia se servia de parâmetro. Eu não era lá muito normal.

— Não toque nela! Vai acordá-la — sussurrou Rosalie.

Alguém suspirou.

— Rosalie — murmurou Carlisle.

— Não comece, Carlisle. Deixamos que você tentasse de seu jeito mais cedo, mas aquilo foi a única concessão.

Parecia que Rosalie e Bella agora falavam no plural. Como se formassem um clã só delas.

Andei em silêncio na frente da casa. Cada passo me deixava mais perto. As janelas escuras eram como aparelhos de tevê em alguma sala de espera idiota — era impossível tirar os olhos dali por muito tempo.

Mais alguns minutos, mais alguns passos, e meu pelo estava roçando a lateral da varanda.

Eu podia ver pelas janelas — o alto das paredes e o teto, o lustre pendente apagado. Eu era tão alto que tudo o que precisaria fazer era esticar um pouco o pescoço... e talvez colocar uma pata na beira da varanda...

Espiei pela grande porta da frente, aberta, esperando ver algo semelhante à cena da tarde. Mas tudo estava tão diferente que a princípio fiquei confuso. Por um segundo pensei que estivesse olhando a sala errada.

A parede de vidro não estava mais ali — agora parecia de metal, e a mobília fora toda arrastada. Bella estava enroscada de uma forma estranha em uma cama estreita no meio do espaço aberto. Não uma cama comum — uma com grades, como um leito de hospital. Também como num hospital, havia monitores ligados a seu corpo, tubos enfiados em sua pele. As luzes nos monitores piscavam, mas não havia som. O gotejar que eu tinha ouvido vinha do tubo intravenoso preso a seu braço — algum fluido espesso e branco, opaco.

Bella engasgou levemente, em seu sono inquieto, e tanto Edward quanto Rosalie se aproximaram para observá-la. Seu corpo sacudiu e ela gemeu. Rosalie passou a mão na testa de Bella. O corpo de Edward enrijeceu — ele estava de costas para mim, mas sua expressão deve ter chamado a atenção, porque Emmett se pôs entre os dois num piscar de olhos. Ele ergueu as mãos para Edward.

— Esta noite não, Edward. Temos outras coisas com que nos preocupar.

Edward se afastou deles, e era de novo o homem em chamas. Seus olhos encontraram os meus por um momento e eu voltei a ficar de quatro.

Corri de volta para a floresta escura, para me juntar a Seth, fugindo do que ficou atrás de mim.

Pior. Sim, ela estava pior.

12. ALGUMAS PESSOAS SIMPLESMENTE NÃO ENTENDEM O CONCEITO DE "INDESEJADO"

EU ESTAVA PRESTES A CAIR NO SONO.

O sol se erguera por trás das nuvens havia uma hora — a floresta agora estava cinzenta, não negra. Seth tinha se enroscado e desmaiado por volta da uma hora, e eu o acordara ao amanhecer para trocar de turno. Mesmo depois de ter corrido a noite toda, estava difícil fazer minha mente emudecer por tempo suficiente para que eu dormisse, mas a corrida ritmada de Seth ajudava. Um, dois-três, quatro, um, dois-três, quatro — pum pum-pum pum — batidas abafadas das patas na terra molhada, ininterruptas, enquanto ele descrevia o amplo traçado que contornava a terra dos Cullen. Já estávamos marcando uma trilha no chão. Os pensamentos de Seth eram vazios, só um borrão de verde e cinza à medida que a mata passava voando por ele. Era repousante. Ajudava ocupar minha cabeça com o que ele via, em vez de deixar que minhas imagens fossem o centro das atenções.

E, então, o uivo penetrante de Seth rompeu o silêncio da manhã.

Levantei cambaleando, as pernas dianteiras começando a correr antes que as traseiras tivessem se erguido. Disparei para o lugar onde Seth estava paralisado, ouvindo com ele a marcha de patas que corriam em nossa direção.

Bom dia, meninos.

Um gemido de choque escapou pelos dentes de Seth. E então nós dois rosnamos ao ler mais a fundo os novos pensamentos.

Ah, cara! Vá embora, Leah!, grunhiu Seth.

Parei quando alcancei Seth, que jogava a cabeça para trás, pronto para uivar novamente — desta vez numa queixa.

Chega de barulho, Seth.

Certo. Argh! Argh! Argh! Ele choramingava e batia as patas no chão, cavando fundo na terra.

Leah surgiu trotando em nosso campo de visão, o pequeno corpo cinza abrindo caminho entre os arbustos.

Pare de resmungar, Seth. Parece um bebezinho.

Eu grunhi para ela, minhas orelhas achatadas contra o crânio. Ela recuou um passo, automaticamente.

O que acha que está fazendo, Leah?

Ela bufou um suspiro pesado. É bem óbvio, não é? Estou me juntando à porcaria da sua matilhazinha de renegados. Os cães de guarda dos vampiros. Ela ladrou uma risada baixa e sarcástica.

Não está, não. Volte antes que eu arranque um de seus tendões.

Até parece que consegue me pegar. Ela arreganhou os dentes e retraiu o corpo para saltar. Quer apostar corrida, ó destemido líder?

Respirei fundo, enchendo os pulmões até as laterais de meu corpo incharem. Depois, quando tive certeza de que não ia gritar, expirei em uma lufada.

Seth, vá dizer aos Cullen que é só a idiota da sua irmã, pensei com a maior aspereza possível. Eu cuido disso.

É pra já! Seth estava feliz em partir. Ele desapareceu na direção da casa.

Leah gemeu e se inclinou na direção dele, com o pelo dos ombros se eriçando. Vai ficar aí e deixar que ele vá até os vampiros sozinho?

Tenho certeza absoluta de que ele prefere que o peguem, a passar mais um minuto que seja com você.

Cale a boca, Jacob. Epa, desculpe... Eu quis dizer, cale a boca, alfa supremo.

O que diabos você está fazendo aqui?

Acha que vou ficar sentada em casa enquanto meu irmão mais novo se oferece para virar chiclete de vampiro?

Seth não quer nem precisa de sua proteção. Na verdade, ninguém quer você aqui.

Aaah, ai, essa vai deixar uma marca imensa. Rá, ladrou ela. Me diga quem me quer por perto, e eu saio daqui.

Então não se trata de Seth, afinal?

É claro que sim. Só estou dizendo que ser indesejada não é novidade para mim. Não é bem um fator motivador, se é que me entende.

Trinquei os dentes e tentei organizar minha cabeça.

Sam mandou você?

Se eu estivesse aqui a mando de Sam, você não seria capaz de me ouvir. Minha lealdade não está mais com ele.

Ouvi com atenção os pensamentos misturados às palavras. Se o intuito fosse desviar nossa atenção ou se aquilo fosse uma tramoia, eu precisaria ficar bastante atento para perceber. Mas não havia nada. A declaração dela não passava da verdade. Uma verdade indesejada e quase desesperadora.

Agora você é leal a mim?, perguntei com profundo sarcasmo. Arrã. Sei.

Minhas opções são limitadas. Estou trabalhando com as alternativas que tenho. Acredite em mim: não estou gostando disso mais do que você.

Não era verdade. Havia uma espécie de excitação irritadiça em sua mente. Não estava satisfeita com a situação, mas ao mesmo tempo estava com um ânimo um tanto estranho. Procurei em sua mente, tentando entender.

Ela se eriçou, ressentindo-se da invasão. Em geral, eu tentava me desligar de Leah — nunca antes tentara encontrar sentido nela.

Fomos interrompidos por Seth, pensando a explicação para Edward. Leah gemeu de ansiedade. A expressão de Edward, emoldurada na mesma janela da noite anterior, não demonstrou reação à notícia. Era um rosto vazio e morto.

Nossa, ele parece mal, murmurou Seth consigo mesmo. O vampiro tampouco mostrou reação a esse pensamento. Desapareceu dentro da casa. Seth deu meia-volta e retornou. Leah relaxou um pouco.

O que está havendo?, perguntou Leah. Pode me informar rapidamente.

Não é preciso. Você não vai ficar.

Na verdade, Sr. Alfa, eu vou. Porque, como aparentemente tenho de pertencer a alguém — e não pense que não tentei ficar por conta própria, você sabe muito bem que isso não dá certo —, escolho você.

Leah, você não gosta de mim. Eu não gosto de você.

Obrigada, capitão Obviedade. Isso não me importa. Vou ficar com Seth.

Você não gosta de vampiros. Não acha que há um pequeno conflito de interesses aqui?

Você também não gosta de vampiros.

Mas eu estou comprometido nessa aliança. Você não está.

Vou manter distância deles. Posso fazer patrulhas por aqui, como Seth.

E eu vou ter que confiar em você?

Ela esticou o pescoço, apoiando-se nas garras, tentando ficar tão alta quanto eu ao me olhar nos olhos. Não vou trair minha matilha.

Eu queria atirar a cabeça para trás e uivar, como Seth fizera antes. Essa não é a

sua matilha! Isso nem é uma matilha. Sou só eu, por minha própria conta! Qual é o problema dos Clearwater? Por que não podem me deixar em paz?

Seth, chegando por trás de nós, gemeu; eu o ofendera. Que ótimo!

Estou sendo útil, não estou, Jake?

Você não está chateando muito, garoto, mas se você e Leah são um pacote... se a única maneira de me livrar dela é mandá-lo para casa... Bom, pode me culpar por querer que você se mande?

Argh, Leah, você estraga tudo!

É, eu sei, ela disse a ele, e o pensamento era carregado do peso de seu desespero.

Senti a dor naquelas três palavras, maior do que eu poderia imaginar. Eu não queria me sentir daquele jeito. Não queria me sentir mal por ela. É claro que a matilha era rude com Leah, mas ela provocava aquilo com a amargura que tingia todos os seus pensamentos e tornava um pesadelo estar em sua cabeça.

Seth também se sentia culpado. Jake... Não vai me mandar de volta de verdade, vai? Leah não é tão ruim assim. É sério. Quer dizer, com ela aqui, podemos ampliar o perímetro. E isso reduz Sam a sete. De jeito nenhum ele vai partir para um ataque com tantas baixas. Provavelmente é bom...

Você sabe que não quero liderar uma matilha, Seth.

Então não nos lidere, propôs Leah.

Bufei. Para mim, está ótimo. Agora, então, voltem para casa.

Jake, pensou Seth. Meu lugar é aqui. Eu gosto dos vampiros. Dos Cullen, pelo menos. Para mim, eles são pessoas, e vou protegê-los, porque é o que devemos fazer.

Talvez este seja seu lugar, garoto, mas não é o da sua irmã. E ela vai aonde você for...

Parei de repente, porque percebi algo quando disse isso. Uma coisa em que Leah estivera tentando não pensar.

Leah não iria a lugar nenhum.

Achei que fosse por causa de Seth, eu pensei, azedo.

Ela se encolheu. É claro que estou aqui por causa de Seth.

E para se afastar de Sam.

Seu queixo trincou. Não preciso me explicar para você. Só tenho que fazer o que me disserem. Eu pertenço à sua matilha, Jacob. Fim de papo.

Caminhei para longe dela, grunhindo.

Droga. Eu nunca iria me livrar dela. Por mais que não gostasse de mim, por mais que odiasse os Cullen, por mais feliz que fosse ficar se matasse todos os vampiros naquele exato momento, por mais que a irritasse ter que, ao contrário, protegê-los — tudo isso não era nada se comparado com o que ela sentia por estar livre de Sam.

Leah não gostava de mim, então não era nenhum drama saber que eu preferiria que ela desaparecesse.

Ela amava Sam. Ainda. E vê-lo querendo que ela sumisse era mais doloroso do que podia suportar, agora que tinha uma escolha. Ela teria aceitado qualquer outra opção. Mesmo que isso significasse mudar-se para a casa dos Cullen como seu cãozinho de estimação.

Não sei se eu iria tão longe, pensou ela. Leah tentou tornar as palavras duras e agressivas, mas sua encenação estava muito fajuta. Tenho certeza de que, primeiro, consideraria algumas tentativas de suicídio.

Escute, Leah....

Não, escute você, Jacob. Pare de discutir comigo, porque isso não vai levar a nada. Não vou atrapalhá-lo, está bem? Vou fazer o que você quiser. Menos voltar para a matilha de Sam e ser a patética ex-namorada de quem ele não consegue se livrar. Se quer que eu vá embora — ela se sentou nas patas traseiras e olhou direto em meus olhos —, terá de me obrigar a isso.

Eu rosnei por um minuto longo e colérico. Estava começando a sentir alguma simpatia por Sam, apesar do que ele havia feito a mim e a Seth. Não era de admirar que ele estivesse sempre dando ordens à matilha. De que outra maneira se conseguiria que as coisas fossem feitas?

Seth, você vai ficar muito chateado comigo se eu matar sua irmã?

Ele fingiu pensar por um minuto. Bom... É, acho que vou.

Eu suspirei.

Tudo bem, então, Srta. Vou-Fazer-O-Que-Você-Quiser. Por que não se mostra útil nos contando o que sabe? O que aconteceu depois que os deixamos ontem à noite?

Muitos uivos. Mas vocês devem ter ouvido essa parte. Foi tão alto que levamos algum tempo para perceber que não podíamos mais ouvir vocês. Sam estava...

As palavras lhe faltaram, mas podíamos ver em sua cabeça o que acontecera.

Tanto Seth quanto eu nos encolhemos.

Depois disso, ficou logo claro que teríamos de repensar as coisas. Sam pretendia falar com os outros Anciãos hoje de manhã cedo. Iríamos nos reunir e pensar num plano. Mas sei que ele não vai lançar outro ataque logo. A esta altura, seria suicídio, com você e Seth desertando e os sanguessugas avisados. Não sei o que eles vão fazer, mas, se eu fosse um sanguessuga, não ficaria zanzando pela floresta sozinho. Está aberta a temporada de caça aos vampiros.

Você decidiu faltar à reunião desta manhã?, perguntei.

Quando nos dividimos para patrulhar ontem à noite, pedi permissão para ir para casa, contar à minha mãe o que tinha acontecido...

Droga! Você contou à mamãe?, grunhiu Seth.

Seth, pare com essa história de irmãos por um segundo. Continue, Leah.

Depois que passei para a forma humana, parei um minuto para pensar nas coisas. Bom, na verdade, parei a noite toda. Aposto que os outros acham que eu caí no sono. Mas essa história de duas matilhas separadas, duas mentes de matilha distintas me deu muito em que pensar. No fim, pesei a segurança de Seth e os, hã, outros benefícios e a ideia de me tornar traidora e sentir fedor de vampiro por sei lá quanto tempo. Você sabe o que decidi. Deixei um bilhete para minha mãe. Estou contando que vamos escutar quando Sam descobrir...

Leah levantou uma orelha na direção oeste.

É, conto com isso, concordei.

E isso é tudo. O que vamos fazer agora?, perguntou ela.

Ela e Seth me olharam em expectativa.

Era exatamente esse tipo de coisa que eu não queria ter que fazer.

Acho que por enquanto só podemos ficar de olho. É tudo o que podemos fazer. Você deveria tirar um cochilo, Leah.

Você dormiu tanto quanto eu.

Pensei que fosse fazer o que mandassem.

Certo. Isso está ficando batido, ela grunhiu, depois bocejou. Bom, tanto faz. Não me importo.

Vou percorrer os limites da propriedade, Jake. Não estou nem um pouco cansado. Seth estava tão feliz por eu não os ter obrigado a ir para casa que quase saltitava de empolgação.

Claro, claro. Vou checar as coisas com os Cullen.

Seth partiu pela nova trilha marcada na terra úmida. Leah ficou observando-o, pensativa.

Talvez uma ou duas voltas antes de eu apagar... Ei, Seth, quer ver quantas vezes eu posso ultrapassar você?

NÃO!

Ladrando uma risada baixa, Leah se lançou no bosque atrás dele.

Grunhi inutilmente. Adeus paz e silêncio.

Leah estava tentando — para Leah. Ela fazia o mínimo de zombaria enquanto corria o perímetro, mas era impossível não notar seu humor arrogante. Pensei na história de "dois é bom". Não se aplicava ali, porque um já era muito para a minha cabeça. Mas, se tínhamos mesmo de ser três, era difícil pensar em alguém por quem eu não a trocaria.

Paul?, sugeriu Leah.

Talvez, admiti.

Ela riu para si mesma, ansiosa e agitada demais para ficar ofendida. Perguntei-me quanto tempo iria durar a empolgação por ter se livrado da misericórdia de Sam.

Então essa será a minha meta — ser menos irritante que Paul.

É, invista nisso.

Mudei de forma quando estava a alguns metros do gramado. Eu não pretendia passar muito tempo ali como humano. Tampouco pretendia ter Leah em minha mente. Vesti meu short esfarrapado e atravessei o gramado.

A porta se abriu antes que eu alcançasse os degraus, e fiquei surpreso ao ver Carlisle, não Edward, ali para me receber — seu rosto parecia exausto e derrotado. Por um segundo, meu coração parou. Cambaleei até me deter, incapaz de falar.

— Está tudo bem com você, Jacob? — perguntou Carlisle.

— É Bella? — perguntei, sufocado.

— Ela está... na mesma de ontem à noite. Eu o assustei? Desculpe-me. Edward disse que você estava chegando na forma humana e vim recebê-lo, já que ele não quer deixá-la. Ela está acordada.

E Edward não queria perder nenhum segundo que pudesse passar com ela, porque não lhe restava muito tempo. Carlisle não disse isso em voz alta, mas poderia muito bem ter falado.

Já fazia algum tempo que eu não dormia — desde antes da minha última patrulha. Agora eu sentia bastante a falta de sono. Avancei um passo, sentando-me nos degraus da varanda, e me escorei na grade.

Movimentando-se silenciosamente, como só um vampiro podia fazer, Carlisle sentou-se no mesmo degrau, encostado na outra grade.

— Não tive oportunidade de lhe agradecer ontem à noite, Jacob. Você não sabe quanto estou grato por sua... compaixão. Sei que seu objetivo era proteger Bella, mas lhe devo a segurança do restante de minha família também. Edward me contou o que você teve de fazer...

— Não vamos falar nisso — murmurei.

— Como preferir.

Ficamos sentados em silêncio. Eu podia ouvir os outros na casa. Emmett, Alice e Jasper, falando em voz baixa e séria no segundo andar, Esme cantarolando desafinada em outro cômodo. Rosalie e Edward respirando ali perto... Eu não conseguia distinguir quem era quem, mas dava para perceber a diferença no difícil arfar de Bella. Também podia ouvir seu coração batendo. Parecia... irregular.

Era como se o destino estivesse me obrigando a fazer tudo o que jurei que não faria, no curso de vinte e quatro horas. Ali estava eu, passando o tempo, esperando para vê-la morrer.

Eu não queria ouvir mais. Falar era melhor do que ouvir.

— Você a considera parte de sua família? — perguntei a Carlisle. Eu havia pensado no comentário antes, quando ele tinha dito que eu ajudara o restante de sua família também.

— Sim. Bella já é uma filha para mim. Uma filha amada.

— Mas vai deixar que ela morra.

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que o olhei. Seu rosto estava muito, muito cansado. Eu sabia como ele se sentia.

— Posso imaginar o que pensa de mim por isso — disse ele por fim. — Mas não posso ignorar a vontade dela. Não seria certo tomar uma decisão dessas por ela, coagi-la.

Queria ter raiva dele, mas ele dificultava tudo. Era como se Carlisle estivesse jogando minhas próprias palavras na minha cara, só que embaralhadas. Elas pareciam certas antes, mas não podiam ser certas agora. Não com Bella morrendo.

Ainda assim... Lembrei-me de como foi ser forçado por Sam — não ter opção senão ser envolvido no assassinato de alguém que eu amava. Mas não era a mesma coisa. Sam estava errado. E Bella amava aquilo que não devia.

— Acha que há alguma possibilidade de ela conseguir? Quer dizer, como vampira e tudo mais. Ela me falou de... de Esme.

— Eu diria que há uma chance de cinquenta por cento a essa altura — respondeu ele em voz baixa. — Tenho visto o veneno de vampiros operar milagres, mas há problemas que nem o veneno pode vencer. O coração dela está muito sobrecarregado agora; se falhar... não haverá nada que eu possa fazer.

O coração de Bella pulsou e falhou, dando uma ênfase dolorosa às palavras dele.

Talvez o planeta tivesse começado a andar para trás. Talvez isso explicasse por que tudo estava ao contrário do que tinha sido na véspera — como eu poderia estar ansiando pelo que antes parecia ser a pior coisa do mundo?

— O que essa coisa está fazendo com ela? — sussurrei. — Ela estava tão pior na noite passada. Eu vi... os tubos e tudo aquilo. Pela janela.

— O feto não é compatível com seu corpo. Forte demais, para começar, mas isso ela provavelmente poderia suportar por algum tempo. O maior problema é que a coisa não permite que ela se alimente como precisa. O corpo está rejeitando toda forma de nutrição. Estou tentando a alimentação intravenosa, mas ela não está absorvendo. Tudo com relação a seu estado está acelerado. Eu estou vendo Bella... e não só ela, mas também o feto... morrendo de inanição a cada hora. Não consigo impedir e não consigo desacelerar isso. Não consigo descobrir o que a coisa quer. — Sua voz cansada falhou no fim.

Eu me senti como na véspera, quando vira as manchas escuras em sua barriga — furioso e meio ensandecido.

Fechei as mãos com força para controlar o tremor. Eu odiava a coisa que a estava consumindo. Já não bastava que o monstro a espancasse de dentro para fora. Não, aquilo também a mataria de fome. Provavelmente, só estava procurando algo em que afundar os dentes — um pescoço para sugar. Como ainda não era bastante grande para matar mais ninguém, resignava-se a sugar a vida de Bella.

Eu podia lhes dizer exatamente o que a coisa queria: morte e sangue, sangue e morte.

Senti minha pele quente e formigando. Respirei devagar, concentrando-me, para me acalmar.

— Queria poder ter uma ideia melhor do que é aquilo, exatamente — murmurou Carlisle. — Mas o feto está bem protegido. Não consegui uma imagem de ultrassom. Duvido que haja algum modo de penetrar uma agulha no saco amniótico, mas, de qualquer forma, Rosalie não me deixaria tentar.

— Uma agulha? — murmurei. — Que bem isso faria?

— Quanto mais souber sobre o feto, melhor posso estimar o que será capaz de fazer. O que eu não daria por um pouco do líquido amniótico. Se eu ao menos soubesse a contagem cromossômica...

— Está me deixando perdido, doutor. Pode descomplicar isso, por favor?

Ele riu. Até sua risada parecia exausta.

— Tudo bem. Quanto de biologia você estudou? Chegou aos pares de cromossomos?

— Acho que sim. Temos vinte e três, não é?

— Os humanos têm.

Eu pisquei.

— Quantos vocês têm?

— Vinte e cinco.

Franzi a testa, olhando para as minhas mãos, por um segundo.

— O que isso quer dizer?

— Pensei que significasse que nossas espécies fossem quase completamente diferentes. Menos aparentadas do que um leão e um gato doméstico. Mas essa nova vida... Bem, ela sugere que somos geneticamente mais compatíveis do que eu pensava. — Ele suspirou com tristeza. — Eu não sabia, e não pude alertá-los.

Eu também suspirei. Tinha sido fácil odiar Edward por também não saber isso. Eu ainda o odiava. Só que era difícil sentir o mesmo por Carlisle. Talvez por que eu não me rasgasse de ciúmes no caso de Carlisle.

— Poderia ser útil saber qual é a contagem... saber se o feto está mais próximo de nós ou dela. Saber o que esperar. — Ele deu de ombros. — E talvez não ajudasse em nada. Acho que eu só queria ter algo que estudar, algo que pudesse fazer.

— Imagino como são meus cromossomos — murmurei. Pensei de novo naqueles exames de esteroides dos Jogos Olímpicos. Será que eles fazem testes de

DNA?

Carlisle tossiu, meio constrangido.

— Você tem vinte e quatro pares, Jacob.

Eu me virei devagar para olhá-lo, erguendo as sobrancelhas.

Ele pareceu sem graça.

— Eu fiquei... curioso. Tomei a liberdade quando tratei de você em junho passado.

Pensei por um segundo.

— Acho que isso deveria me deixar chateado. Mas, na realidade, não me importo.

— Desculpe. Eu devia ter pedido.

— Tudo bem, doutor. Não fez por mal.

— Não, juro que não queria lhe fazer mal nenhum. É só que... Acho sua espécie fascinante. Creio que os elementos da natureza vampírica passaram a ser lugar-comum para mim com o decorrer dos séculos. A diferença entre sua família e a humanidade é muito mais interessante. É quase mágica.

— Abracadabra, pé de cabra — resmunguei.

Ele era como Bella com toda aquela baboseira de magia.

Carlisle deu outra risada cansada.

Depois, ouvimos a voz de Edward dentro da casa e paramos para escutar.

— Eu voltarei logo, Bella. Quero falar com Carlisle por um momento. Na verdade, Rosalie, você se importaria de me acompanhar? — Edward parecia diferente. Havia um pouco de vida em sua voz morta. Uma centelha de alguma coisa. Não era exatamente esperança, mas talvez o desejo de ter esperança.

— O que é, Edward? — perguntou Bella com a voz rouca.

— Nada com que precise se preocupar, amor. Só vai levar um segundo. Por favor, Rose?

— Esme? — chamou Rosalie. — Pode cuidar de Bella por mim?

Ouvi o sussurro do ar enquanto Esme descia flutuando a escada.

— Claro — disse ela.

Carlisle mudou de posição, virando-se para olhar a porta, com expectativa. Edward saiu primeiro, com Rosalie logo atrás. Seu rosto, como a voz, não era mais de morto. Ele parecia intensamente concentrado. Rosalie parecia desconfiada.

— Carlisle — murmurou ele.

— O que foi, Edward?

— Talvez estejamos lidando com isso da maneira errada. Eu estava ouvindo você e Jacob agora mesmo, e quando você falou do que o... feto quer, Jacob teve um pensamento interessante.

Eu? O que eu pensei? Além de meu ódio evidente pela coisa? Pelo menos nisso eu não estava sozinho. Dava para ver que Edward tinha dificuldade em usar um termo ameno como feto.

— Na verdade não abordamos desse ângulo — continuou Edward. — Estivemos tentando dar a Bella aquilo de que ela precisa. E seu corpo está aceitando tanto quanto o corpo de qualquer um dos nossos. Talvez devamos primeiro cuidar das necessidades do... feto. Talvez, se pudermos satisfazê-lo, possamos ajudá-la com mais resultado.

— Não estou acompanhando, Edward — disse Carlisle.

— Pense, Carlisle. Se essa criatura é mais vampira que humana, não consegue imaginar o que ela anseia... o que não está recebendo? Jacob conseguiu.

Eu? Repassei a conversa, tentando relembrar quais pensamentos guardei para mim mesmo. Lembrei na mesma hora em que Carlisle compreendeu.

— Ah! — disse ele num tom surpreso. — Acha que é... sede?

Rosalie sibilou. Não estava mais desconfiada. Seu rosto revoltantemente perfeito estava todo iluminado, os olhos arregalados de empolgação.

— Claro — murmurou ela. — Carlisle, temos todo aquele tipo O negativo reservado para Bella. É uma boa ideia — acrescentou ela, sem olhar para mim.

— Hummm. — Carlisle pôs a mão no queixo, perdido em pensamentos. — Será?... Além do mais, qual seria a melhor maneira de administrar...

Rosalie sacudia a cabeça.

— Não temos tempo para ser criativos. Eu diria que devíamos começar tentando da forma tradicional.

— Esperem um minuto — sussurrei. — Esperem aí. Vocês estão... Estão falando de fazer Bella beber sangue?

— A ideia foi sua, cachorro — disse Rosalie de cara feia, mas sem nem sequer olhar para mim.

Eu a ignorei e observei Carlisle. O mesmo espectro de esperança que estivera no rosto de Edward estava agora nos olhos do médico. Ele franziu os lábios,

especulando.

— Isso simplesmente é... — Não consegui encontrar a palavra certa.

— Monstruoso? — sugeriu Edward. — Repulsivo?

— Demais.

— Mas e se ajudá-la? — sussurrou ele.

Sacudi a cabeça, com raiva.

— O que vai fazer? Enfiar um tubo pela goela dela?

— Pretendo perguntar o que ela acha. Eu só queria a opinião de Carlisle primeiro.

Rosalie assentiu.

— Se disser a ela que isso pode ajudar o bebê, ela vai se dispor a fazer qualquer coisa. Mesmo que tenhamos de alimentá-los com um tubo.

Então percebi — quando ouvi como sua voz ficou toda melosa quando ela disse a palavra bebê — que a Loura concordaria com o que quer que ajudasse o monstrinho sugador de vida. Era isso o que estava acontecendo, o fator misterioso que ligava as duas? Rosalie queria o garoto?

Pelo canto do olho vi Edward assentir uma vez, desatento, sem olhar para mim. Mas eu sabia que ele estava respondendo às minhas perguntas.

Hummm. Eu ia imaginar que a Barbie de gelo teria um lado maternal. Não tinha nenhuma relação com proteger Bella — Rosalie provavelmente enfiaria o tubo pela garganta de Bella ela mesma.

A boca de Edward formou uma linha rígida, e eu sabia que tinha razão de novo.

— Bem, não temos tempo para ficar sentados discutindo — disse Rosalie com impaciência. — O que você acha, Carlisle? Podemos tentar?

Carlisle respirou fundo e se levantou.

— Vamos perguntar a Bella.

A Loura sorriu presunçosa — certa de que, se cabia a Bella, iria conseguir o que queria.

Eu me arrastei da escada e os segui enquanto desapareciam na casa. Não sabia bem por quê. Só curiosidade mórbida, talvez. Era como um filme de terror. Monstros e sangue por toda parte.

Ou, talvez, eu simplesmente não conseguisse resistir a mais uma dose de minha droga, que chegava ao fim.

Bella estava deitada na cama de hospital, a barriga, uma montanha sob o lençol. Ela parecia de cera — sem cor e meio transparente. Dava para pensar que já estivesse morta, a não ser pelo movimento mínimo de seu peito, a respiração fraca. E havia os olhos, seguindo nós quatro com uma desconfiança exaurida.

Os outros já estavam ao lado dela, andando pela sala com movimentos rápidos e repentinos. Era apavorante de ver. Eu andava num passo lento.

— O que está havendo? — perguntou Bella num sussurro áspero. Sua mão de cera se ergueu, retorcida, como se tentasse proteger a barriga em forma de balão.

— Jacob teve uma ideia que pode ajudá-la — disse Carlisle. Eu queria que ele me deixasse fora daquilo. Não havia sugerido nada. Dê o crédito ao marido sanguessuga, era ele que merecia. — Não vai ser... agradável, mas...

— Mas vai ajudar o bebê — interrompeu Rosalie, impaciente. — Pensamos numa forma melhor de alimentá-lo. Talvez.

As pálpebras de Bella tremeram. Depois ela tossiu, com uma risada fraca.

— Não é agradável? — sussurrou ela. — Nossa, que mudança. — Ela olhou o tubo enfiado em seu braço e tossiu de novo.

A Loura riu com ela.

A garota parecia que só tinha horas de vida e devia estar sentindo dor, mas fazia piada. Tão típico de Bella... Tentando aliviar a tensão, tornar tudo melhor para todos.

Edward contornou Rosalie, nenhuma sombra de humor em sua expressão intensa. Fiquei feliz por isso. Ajudava, só um pouquinho, que ele estivesse sofrendo mais do que eu. Ele pegou a mão dela, mas não a que ainda protegia a barriga estufada.

— Bella, amor, vamos lhe pedir que faça uma coisa monstruosa — disse ele, usando os mesmos adjetivos que havia me sugerido. — Repulsiva.

Bom, pelo menos ele era franco com ela.

Ela tomou fôlego de modo entrecortado, agitada.

— É muito ruim?

Carlisle respondeu.

— Achamos que o feto pode ter um apetite mais próximo do nosso que do seu. Acreditamos que esteja com sede.

Ela piscou.

— Ah. Ah.

— Seu estado... o estado dos dois... está se degradando rapidamente. Não temos tempo para perder, para pensar em formas mais palatáveis de fazer isso. A maneira mais rápida de testar essa teoria...

— Eu tenho de beber — sussurrou ela, fazendo que sim levemente, mal encontrando energia para um pequeno movimento de cabeça. — Posso fazer isso. É treinar para o futuro, não? — Seus lábios sem cor se esticaram num sorriso fraco enquanto ela olhava para Edward. Ele não sorriu.

Rosalie começou a bater o pé, impaciente. O som era verdadeiramente irritante. Perguntei-me o que ela faria se eu a atirasse pela parede bem naquele minuto.

— E, então, quem vai me trazer um urso pardo? — sussurrou Bella.

Carlisle e Edward se entreolharam rapidamente. Rosalie parou de bater o pé.

— O que foi? — perguntou Bella.

— Será um teste mais eficaz se evitarmos subterfúgios, Bella — disse Carlisle.

— Se o feto deseja sangue — explicou Edward —, não é sangue de animal.

— Não vai fazer diferença para você, Bella. Não pense nisso — encorajou Rosalie.

Os olhos de Bella se arregalaram.

— Quem? — sussurrou ela, e seu olhar pousou em mim.

— Não estou aqui como doador, Bells — grunhi. — Além disso, é sangue humano que a coisa quer, e não acho que o meu vá servir...

— Temos sangue à mão — disse-lhe Rosalie, interrompendo-me, como se eu não estivesse presente. — Para você... caso precise. Não se preocupe com nada. Vai ficar tudo bem. Tenho um bom pressentimento com relação a isso, Bella. Acho que o bebê vai ficar muito melhor.

A mão de Bella deslizou pela barriga.

— Bom — disse ela com a voz quase inaudível. — Eu estou morrendo de fome, então acho que ele também está. — Tentando fazer outra piada. — Vamos com isso. Meu primeiro ato de vampira.

13. AINDA BEM QUE EU TENHO ESTÔMAGO FORTE

CARLISLE E ROSALIE SAÍRAM NUM PISCAR DE OLHOS, DISPARANDO escada acima. Eu podia ouvi-los discutindo se deviam aquecê-lo para ela. Eca. Imaginei quais itens de filme de terror eles deviam guardar por ali. Geladeira abastecida de sangue, O.K. O que mais? Câmara de tortura? Um quarto com caixões?

Edward ficou, segurando a mão de Bella. Seu rosto estava morto de novo. Ele parecia não ter energia para manter nem mesmo aquela centelha de esperança de antes. Eles se entreolharam, mas não de forma melosa. Era como se estivessem conversando. Isso me faz lembrar de Sam e Emily.

Não, não era meloso, mas aquilo só tornava a cena mais difícil de ver.

Sabia o que era para Leah ter de ver aquilo o tempo todo. Ter de ouvi-lo na mente de Sam. É claro que todos nós nos sentíamos mal por ela, não éramos monstros — nesse sentido, pelo menos. Mas acho que a culpávamos pelo modo como lidava com a situação. Flagelando todos, tentando nos deixar tão infelizes quanto ela estava.

Eu nunca mais a culparia. Como alguém poderia evitar espalhar esse tipo de infelicidade? Como alguém poderia não tentar aliviar parte do fardo jogando um pedacinho dele nas costas dos outros?

E se isso me forçou a ter uma matilha, como eu poderia culpá-la por tirar minha liberdade? Eu faria a mesma coisa. Se houvesse uma forma de escapar dessa dor, eu também faria.

Rosalie disparou escada abaixo depois de um segundo, atravessando a sala como uma brisa leve, levantando no ar o cheiro acre. Ela parou na cozinha, e ouvi o som de uma porta de armário.

— Transparente não, Rosalie — murmurou Edward. E revirou os olhos.

Bella parecia curiosa, mas Edward limitou-se a sacudir a cabeça para ela.

Rosalie voou de volta pela sala e desapareceu novamente.

— Essa ideia foi sua? — sussurrou Bella, a voz soando rouca enquanto ela fazia força para torná-la alta o suficiente para que eu ouvisse. Esquecendo-se de

que eu podia muito bem ouvir. Eu até que gostava do modo como, na maior parte do tempo, ela parecia esquecer que eu não era completamente humano. Eu me aproximei, para que ela não tivesse de se esforçar tanto.

— Não me culpe por isso. Seu vampiro só pescou uns comentários indiscretos em minha cabeça.

Ela sorriu um pouco.

— Eu não esperava vê-lo de novo.

— É, nem eu — eu disse.

Sentia-me estranho de pé ali, mas os vampiros haviam tirado toda a mobília do caminho para instalar o equipamento médico. Imaginei que não tinham se incomodado com isso — ficar sentado ou de pé não faz diferença quando se é de pedra. Não teria me incomodado também, se eu não estivesse tão exausto.

— Edward me disse o que você precisou fazer. Sinto muito.

— Está tudo bem. Provavelmente, era só uma questão de tempo até que eu desobedecesse a alguma coisa que Sam me ordenasse — menti.

— E Seth — sussurrou ela.

— Ele, na verdade, está feliz em ajudar.

— Odeio causar problemas a vocês.

Eu ri — mais um latido que uma risada.

Ela soltou um suspiro fraco.

— Acho que isso não é nenhuma novidade, não é?

— Não mesmo.

— Não precisa ficar e ver isso — disse ela, mal sussurrando as palavras.

Eu poderia ir embora. Essa era, provavelmente, uma boa ideia. Mas se eu fosse, do jeito que Bella estava naquele momento, eu poderia perder os últimos quinze minutos de sua vida.

— Não tenho mesmo para onde ir — disse a ela, tentando afastar da voz a emoção. — Essa coisa de lobo ficou bem menos atraente desde que Leah se juntou a nós.

— Leah? — ela arfou.

— Não contou a ela? — perguntei a Edward.

Ele se limitou a dar de ombros, sem tirar os olhos do rosto de Bella. Pude perceber que a notícia não era grande coisa para ele, nada que ele fosse se dar ao trabalho de comentar, diante dos acontecimentos mais importantes que estavam

se desenrolando.

Bella não encarou aquilo tão despreocupadamente. Parecia que, para ela, era uma notícia ruim.

— Por quê? — ela sussurrou.

Eu não queria contar aquela longa história.

— Para ficar de olho em Seth.

— Mas Leah nos odeia — sussurrou ela.

Nos. Que ótimo! Mas pude ver que ela estava com medo.

— Leah não vai incomodar ninguém. — A não ser a mim. — Ela é da minha matilha — fiz uma careta com estas palavras —, então segue minha liderança. — Argh.

Bella não pareceu convencida.

— Você tem medo de Leah, mas está a melhor amiga daquela loura psicopata.

Ouviu-se um silvo baixo vindo do segundo andar. Legal, ela me ouvira.

Bella fechou a cara para mim.

— Não diga isso. Rose... entende.

— É — grunhi. — Ela entende que você vai morrer e não se importa, desde que tenha o filhote mutante em troca.

— Pare de ser tão idiota, Jacob — ela sussurrou.

Ela parecia tão fraca que não dava para eu ficar zangado. Tentei sorrir, então.

— Você fala como se isso fosse possível.

Bella tentou por um segundo não devolver o sorriso, mas no fim não conseguiu; seus lábios ressecados se repuxaram nos cantos.

E então Carlisle e a psicopata em questão chegaram. Carlisle estava com um copo de plástico branco na mão — do tipo com tampa e um canudo torto. Ah! — transparente não —, agora eu entendia. Edward não queria que Bella tivesse de pensar mais que o necessário no que iria fazer. Não dava para ver o que estava no copo. Mas eu podia sentir o cheiro.

Carlisle hesitou, a mão com o copo meio estendida. Bella olhou aquilo, parecendo assustada de novo.

— Podemos tentar outro método — disse Carlisle em voz baixa.

— Não — sussurrou Bella. — Não, vou tentar assim primeiro. Não temos tempo...

De início pensei que ela por fim tivesse entendido a dica e estivesse

preocupada consigo mesma, mas depois sua mão ondeou debilmente contra sua barriga.

Bella estendeu o braço e pegou o copo. A mão tremia um pouco, e pude ouvir o som do líquido dentro do copo. Ela tentou se apoiar em um cotovelo, mas mal conseguiu erguer a cabeça. Um calor desceu por minha espinha quando vi quanto Bella havia ficado enfraquecida em menos de um dia.

Rosalie pôs o braço atrás dos ombros de Bella, apoiando a cabeça também, como se faz com um recém-nascido. A Loura era toda bebês.

— Obrigada — sussurrou Bella. Seus olhos correram por todos nós. Ainda bastante consciente para se sentir constrangida. Se não estivesse tão esgotada, aposto que teria corado.

— Não ligue para eles — murmurou Rosalie.

Isso fez eu me sentir inadequado. Eu devia ter ido embora quando Bella me deu a chance. Aquele não era meu lugar, eu não fazia parte daquilo. Pensei em dar o fora, mas percebi que uma atitude dessas só faria Bella se sentir pior — tornaria mais difícil para ela enfrentar aquilo. Ela imaginaria que eu estava enojado demais para ficar. O que era quase verdade.

Ainda assim... Embora eu não reivindicasse a responsabilidade daquela ideia, também não queria que desse errado.

Bella levou o copo até o rosto e cheirou a ponta do canudo. Ela se encolheu e, então, fez uma careta.

— Bella, meu amor, podemos encontrar uma maneira mais fácil — disse Edward, estendendo a mão para o copo.

— Tape o nariz — sugeriu Rosalie.

Ela olhou para a mão de Edward como se fosse mordê-la. Eu queria que ela fizesse isso. Aposto que Edward não aceitaria isso quieto, e eu adoraria ver a Loura perder um braço.

— Não, não é isso. É só que... — Bella respirou fundo. — O cheiro é bom — ela admitiu numa voz fininha.

Engoli em seco, lutando para não deixar transparecer minha repulsa.

— Isso é bom — disse Rosalie, ansiosa. — Significa que estamos no caminho certo. Experimente. — Dada a expressão da Loura, fiquei surpreso com que ela não tivesse começado alguma "dança da vitória".

Bella colocou o canudo entre os lábios, fechou os olhos com força e franziu o

nariz. Eu podia ouvir o sangue balançando no copo em sua mão trêmula. Ela bebericou por um segundo e gemeu baixinho, com os olhos ainda fechados.

Edward e eu nos aproximamos ao mesmo tempo. Ele tocou seu rosto. Eu cruzei as mãos, nas costas.

— Bella, meu amor...

— Estou bem — sussurrou ela, abrindo os olhos e fitando-o. Sua expressão era... de quem se desculpava. Suplicante. Assustada. — O gosto é bom também.

O ácido se agitou em meu estômago, ameaçando transbordar. Trinquei os dentes.

— Isso é bom — repetiu a Loura, ainda empolgada. — Um bom sinal.

Edward colocou a mão no rosto de Bella, os dedos curvados em torno de seus ossos frágeis.

Bella suspirou e pôs os lábios no canudo de novo. Dessa vez, tomou um bom gole. O movimento não foi fraco como era tudo mais nela. Como se algum instinto estivesse assumindo o controle.

— Como está seu estômago? Sente-se enjoada? — perguntou Carlisle.

Bella sacudiu a cabeça.

— Não, não estou enjoada — ela sussurrou. — Isso é novidade, certo?

Rosalie estava radiante.

— Excelente.

— Acho que é um pouco cedo para isso, Rose — murmurou Carlisle.

Bella tomou mais um gole de sangue. Depois olhou para Edward.

— Isso vai prejudicar meu total? — sussurrou ela. — Ou vamos começar a contar depois de eu ser vampira?

— Ninguém está contando, Bella. De qualquer forma, ninguém morreu para isso. — Ele deu seu sorriso sem vida. — Sua ficha ainda está limpa.

Eles estavam me deixando confuso.

— Eu explico depois — disse Edward, tão baixo que as palavras eram só um sussurro.

— O quê? — murmurou Bella.

— Só estou falando sozinho — mentiu ele, tranquilamente.

Se aquilo desse certo, se Bella sobrevivesse, Edward não conseguiria mais se safar tão facilmente quando os sentidos dela fossem aguçados como os dele. Teria que melhorar nessa coisa de honestidade.

Os lábios de Edward se retorceram, reprimindo um sorriso.

Bella bebeu mais um pouco, olhando além de nós, pela janela. Provavelmente fingindo que não estávamos ali. Ou talvez apenas eu. Ninguém mais naquele grupo ficaria enojado com o que ela estava fazendo. Ao contrário — eles deviam achar difícil não arrancar o copo das mãos dela.

Edward revirou os olhos.

Meu Deus, como alguém suporta viver com ele? Era mesmo péssimo que ele não ouvisse os pensamentos de Bella. Assim, ele também a deixaria louca de irritação e ela se cansaria dele.

Edward riu. Os olhos de Bella imediatamente dispararam até ele, e ela deu um leve sorriso ao ver a alegria em seu rosto. Imaginei que fosse algo que não via fazia algum tempo.

— Alguma coisa engraçada? — ela murmurou.

— Jacob — respondeu ele.

Ela olhou para mim com outro sorriso fraco.

— Jake é um piadista — concordou ela.

Que ótimo, agora eu era o bobo da corte.

— Prum pum! — murmurei, numa fraca imitação de um rufar de tambores.

Ela sorriu de novo, depois tomou outro gole do copo. Eu me encolhi quando o canudo sugou o vazio, produzindo um chiado alto.

— Consegui — disse ela, parecendo satisfeita. A voz era clara. Ainda estava rouca, mas pela primeira vez naquele dia não era um sussurro. — Se eu conseguir manter isso no estômago, Carlisle, você vai tirar essas agulhas de mim?

— Assim que for possível — prometeu ele. — Sinceramente, elas não estão adiantando muita coisa aí.

Rosalie afagou a testa de Bella, e elas trocaram um olhar esperançoso.

E qualquer um podia ver — o copo cheio de sangue humano fizera diferença imediatamente. A cor de Bella voltava — havia uma leve incidência de rosa nas bochechas de cera. Ela já não parecia precisar tanto de que Rosalie a apoiasse. Respirava com mais facilidade, e eu podia jurar que seus batimentos cardíacos estavam mais fortes, mais regulares.

Tudo se acelerou.

O fantasma de esperança nos olhos de Edward se transformou em algo real.

— Quer mais? — incentivou Rosalie.

Os ombros de Bella arriaram.

Edward fuzilou Rosalie com o olhar antes de falar com Bella.

— Não precisa beber mais agora.

— É, eu sei. Mas... eu quero — admitiu ela, melancólica.

Rosalie passou os dedos finos e pontudos pelos cabelos lisos de Bella.

— Não precisa ficar constrangida, Bella. Seu corpo tem desejos. Todos nós entendemos isso. — Seu tom era tranquilizador, a princípio, mas depois ela acrescentou, com aspereza: — Quem não entende, não deveria estar aqui.

Aquilo era para mim, é claro, mas eu não deixaria a Loura me irritar. Estava feliz por Bella ter melhorado. E daí se o que foi feito me dava nojo? Eu nem tinha dito nada.

Carlisle tirou o copo da mão de Bella.

— Volto logo.

Bella me olhou enquanto ele desaparecia.

— Jake, você parece péssimo — disse ela.

— Olhe quem está falando.

— É sério... Quando foi a última vez que você dormiu?

Pensei naquilo por um segundo.

— Hummm. Não sei bem.

— Ai, Jake. Agora estou acabando com sua saúde também. Não seja idiota.

Trinquei os dentes. Ela podia se matar por causa de um monstro, mas eu não podia perder algumas noites de sono para vê-la fazendo aquilo?

— Vá descansar um pouco, por favor — continuou ela. — Há algumas camas lá em cima... Pode usar qualquer uma.

A expressão no rosto de Rosalie deixava claro que eu não era bem-vindo em uma delas. Fez com que eu me perguntasse para que é que a Bela Insone precisava de uma cama. Será que ela era assim tão possessiva com seus objetos de cena?

— Obrigado, Bella, mas prefiro dormir no chão. Longe do fedor, sabe como é.

Ela fez uma careta.

— Tudo bem.

Carlisle voltou, e Bella estendeu a mão para o sangue, distraída, como se estivesse pensando em outra coisa. Com a mesma expressão, começou a tomá-lo.

Ela realmente parecia melhor. Inclinou o corpo para a frente, tomando cuidado com os tubos, e se sentou. Rosalie a velava, as mãos prontas para segurá-

la se ela vacilasse. Mas Bella não precisou. Respirando fundo entre um gole e outro, terminou o segundo copo rapidamente.

— Como se sente agora? — perguntou Carlisle.

— Não estou mal. Meio faminta... Só que não sei bem se estou com fome ou sede, entende?

— Carlisle, olhe para ela — murmurou Rosalie, tão satisfeita, que parecia um gato que acabara de comer um canário. — É evidente que é isso o que o corpo dela quer. Deveria beber mais.

— Ela ainda é humana, Rosalie. Precisa de comida também. Vamos dar um tempo para ver como isso a afeta, e talvez possamos tentar lhe dar comida de novo. Há algo em particular que lhe apeteça, Bella?

— Ovos — disse ela imediatamente, e então trocou um olhar e um sorriso com Edward.

O sorriso dele era superficial, mas em seu rosto havia mais vida do que antes.

Eu pisquei e quase me esqueci de como se abria os olhos.

— Jacob — murmurou Edward. — Você deveria mesmo dormir. Como Bella disse, você é bem-vindo nas acomodações daqui, embora provavelmente vá ficar mais à vontade lá fora. Não se preocupe com nada... Prometo que o encontrarei se houver necessidade.

— Claro, claro — murmurei. Agora que parecia que Bella tinha mais algumas horas, eu podia escapulir. Ir me enroscar debaixo de uma árvore em algum lugar... Longe o bastante para que o cheiro não me alcançasse. O sanguessuga me acordaria se alguma coisa saísse errado. Ele me devia essa.

— Devo, sim — concordou Edward.

Assenti e pus a mão na de Bella. Estava supergelada.

— Melhore — eu disse.

— Obrigada, Jacob. — Ela virou a mão e apertou a minha. Senti o arco fino de sua aliança frouxa no dedo esquálido.

— Pegue um cobertor ou algo assim para ela — murmurei ao me virar para a porta.

Antes que eu chegasse lá, dois uivos atravessaram o ar calmo da manhã. Não havia como confundir a urgência do tom. Dessa vez não era um mal-entendido.

— Que droga — rosnei, e disparei pela porta. Eu me joguei da varanda, deixando que o fogo me dilacerasse em pleno ar. Ouvi o som do tecido se

rasgando enquanto meu short se esfarrapava. Porcaria. Era a única roupa que eu tinha. Mas naquele momento não importava. Minhas patas pousaram na terra e parti para o oeste.

O que é?, gritei em minha mente.

Estão vindo, respondeu Seth. Pelo menos três.

Eles se dividiram?

Vou correr o perímetro de volta até Seth na velocidade da luz, prometeu Leah.

Eu podia sentir o ar zunindo por seus pulmões enquanto ela se impelia a uma velocidade incrível. A floresta disparada em torno dela.

Até agora, nenhum outro ponto de ataque.

Seth, não os enfrente. Espere por mim.

Eles estão reduzindo o passo. Argh... É tão ruim não poder ouvi-los. Acho...

O quê?

Acho que eles pararam.

Esperando pelo restante da matilha?

Shh! Sente isso?

Absorvi as impressões dele. Um tremor fraco e silencioso no ar.

Alguém está mudando de forma?

Parece que sim, concordou Seth.

Leah chegou voando no pequeno espaço aberto onde Seth esperava. Cravou as patas na terra, derrapando como um carro de corrida.

Estou com você, mano.

Eles estão chegando, disse Seth, nervoso. Devagar. Andando.

Estou quase aí, eu lhes disse. Tentei voar como Leah. Era horrível estar longe de Seth e Leah, com o perigo em potencial mais perto deles que de mim. Era errado. Eu devia estar com eles, entre eles e o que estivesse se aproximando.

Olhe quem está todo paternal, pensou Leah, irônica.

Concentre-se, Leah.

Quatro, concluiu Seth. O garoto tinha boa audição. Três lobos, um homem.

Então cheguei à pequena clareira, e imediatamente me coloquei à frente deles. Seth suspirou de alívio, e então se endireitou, já em seu lugar junto ao meu ombro direito. Leah veio para meu lado esquerdo com um pouco menos de entusiasmo.

Então agora estou abaixo de Seth, grunhiu para si mesma.

Quem chega primeiro, serve-se primeiro, pensou Seth, presunçoso. Além disso, você nunca foi a terceira do alfa. Ainda é um progresso.

Ficar abaixo de meu irmão mais novo não é progresso nenhum.

Shh!, reclamei. Não ligo para onde vocês fiquem. Calem a boca e preparem-se.

Eles apareceram alguns segundos depois, andando, como Seth pensara. Jared na frente, na forma humana, de mãos erguidas. Paul, Quil e Collin nas quatro patas, atrás dele. Não havia agressividade em sua atitude. Eles permaneceram atrás de Jared, de orelhas erguidas, atentos, mas calmos.

Mas... era estranho que Sam enviasse Collin em vez de Embry. Eu não faria isso se estivesse mandando uma missão diplomática a território inimigo. Eu não mandaria um garoto. Mandaria um lutador experiente.

Para nos distrair?, pensou Leah.

Sam, Embry e Brady estariam se aproximando sozinhos? Não parecia provável.

Quer que eu verifique? Posso correr o perímetro e voltar em dois minutos.

Devo alertar os Cullen?, perguntou-se Seth.

E se o objetivo for nos dividir?, perguntei. Os Cullen sabem que algo está acontecendo. Eles estão preparados.

Sam não seria tão idiota..., sussurrou Leah, o medo cortante em sua mente. Ela estava imaginando Sam atacando os Cullen com apenas outros dois a seu lado.

Não, ele não faria isso, garanti a ela, embora também sentisse certa náusea devido à imagem em sua cabeça.

Todo esse tempo, Jared e os três lobos nos fitavam, esperando. Era sinistro não ouvir o que Quil, Paul e Collin diziam uns aos outros. Suas expressões estavam vazias — indecifráveis.

Jared deu um pigarro e assentiu para mim.

— Bandeira branca de trégua, Jake. Viemos conversar.

Acha que é verdade?, perguntou Seth.

Faz sentido, mas...

É, concordou Leah. Mas.

Não relaxamos.

Jared franziu o cenho.

— Seria mais fácil conversar se eu também pudesse ouvir vocês.

Eu o olhei de cima para baixo. Não me transformaria antes de me sentir

melhor com aquela situação. Até que fizesse sentido. Por que Collin? Essa era a parte que mais me preocupava.

— Tudo bem. Então acho que só eu vou falar — disse Jared. — Jake, queremos que você volte.

Quil soltou um gemido suave atrás dele. Apoiando a declaração.

— Você separou nossa família. Não é assim que deve ser.

Eu não chegava a discordar, mas não era essa a questão. Naquele momento, havia algumas diferenças de opinião não resolvidas entre mim e Sam.

— Sabemos que a questão com os Cullen mexe... demais com você. Sabemos que é um problema. Mas essa é uma reação exagerada.

Seth grunhiu. Reação exagerada? E atacar nossos aliados sem aviso não é?

Seth, você já ouviu falar de "cara de paisagem"? Fique frio.

Desculpe-me.

Os olhos de Jared correram para Seth e de volta a mim.

— Sam está disposto a ir mais devagar nesse assunto, Jacob. Ele se acalmou, conversou com os Anciãos. Eles decidiram que agora a ação imediata não é do interesse de ninguém.

Tradução: Eles já perderam o elemento surpresa, Leah pensou.

Era estranho que nosso pensamento conjunto fosse tão diferente. A matilha já era de Sam, já eram "eles" para nós. Algo de fora, estranho. Era especialmente esquisito ter Leah pensando dessa maneira — tê-la como parte genuína do "nós".

— Billy e Sue concordam com você, Jacob, que podemos esperar que Bella... esteja fora do problema. Nenhum de nós está à vontade com a ideia de matá-la.

Embora tivesse acabado de dar uma bronca em Seth, eu mesmo não consegui reprimir um pequeno rosnado. Então eles não se sentiam exatamente à vontade com o assassinato, hein?

Jared ergueu as mãos de novo.

— Calma, Jake. Você sabe o que eu quis dizer. A questão é que vamos esperar e reavaliar a situação. Decidir mais tarde se há um problema com a... coisa.

Rá, pensou Leah. Quanta bobagem!

Você não engoliu?

Sei o que eles estão pensando, Jake. O que Sam está pensando. Estão apostando na morte de Bella, de qualquer forma. E depois imaginam que você ficará tão louco...

Que eu mesmo irei liderar o ataque. Minhas orelhas se colaram ao crânio. O que Leah imaginava parecia fazer sentido. E ser bastante possível também. Quando... se a coisa matasse Bella, seria fácil eu me esquecer como me sentia com relação à família de Carlisle. Eles provavelmente pareceriam outra vez inimigos para mim — nada mais que sanguessugas.

Eu vou lembrá-lo disso, sussurrou Seth.

Sei que vai, garoto. A questão é se vou ouvir você.

— Jake? — chamou Jared.

Bufei um suspiro.

Leah, dê uma volta — só por precaução. Vou ter de conversar com ele e quero ter certeza de que não há nada acontecendo enquanto eu estiver na outra forma.

Dá um tempo, Jacob. Pode mudar de forma na minha frente. Apesar de meus esforços, eu já vi você pelado — não é grande coisa, então não se preocupe.

Não estou tentando proteger a inocência de seus olhos. Estou tentando proteger nossa retaguarda. Saia daqui.

Leah bufou e se lançou para a floresta. Eu podia ouvir suas patas se enterrando no solo, impelindo-a mais rapidamente.

A nudez era parte inconveniente porém inevitável da vida na matilha. Ninguém achava nada demais antes de Leah aparecer. Então ficou estranho. Leah era mais ou menos controlada quando se tratava de seu gênio — ela demorou o tempo habitual até parar de explodir de dentro de suas roupas toda vez que ficava irritada. Todos nós vimos alguma coisa de relance. E não é que não valesse a pena olhar — o que não valia nada a pena era quando ela nos pegava pensando nisso depois.

Jared e os outros ficaram olhando com uma expressão preocupada o ponto onde ela desaparecera na mata.

— Aonde ela vai? — perguntou Jared.

Eu o ignorei, fechando os olhos e me recompondo. Era como se o ar ao meu redor tremesse, agitando-se em pequenas ondas ao me tocar. Eu me ergui sobre as pernas traseiras, num timing tão perfeito, que estava completamente ereto quando assumi a forma humana.

— Ah — disse Jared. — Oi, Jake.

— Oi, Jared.

— Obrigado por falar comigo.

— Tá.

— Queremos que você volte, cara.

Quil gemeu de novo.

— Não sei se é tão fácil, Jared.

— Venha para casa — disse ele, inclinando-se para a frente. Suplicante. — Podemos resolver isso. Seu lugar não é aqui. Deixe Seth e Leah virem também.

Eu ri.

— Tá legal. Como se eu não estivesse implorando a eles que fizessem isso desde o primeiro momento.

Seth bufou atrás de mim.

Jared avaliou isso; os olhos de novo cautelosos.

— E agora? O que vai acontecer?

Pensei por um minuto inteiro enquanto ele esperava.

— Não sei. Mas, de qualquer jeito, não tenho certeza de que as coisas possam simplesmente voltar ao normal, Jared. Não sei como funciona... Não parece que posso entrar e sair desse negócio de alfa quando bem entender. Parece um tanto permanente.

— Você ainda nos pertence.

Ergui as sobrancelhas.

— Dois alfas não podem pertencer ao mesmo lugar, Jared. Lembra a que ponto chegamos ontem à noite? O instinto é competitivo demais.

— Então você simplesmente vai andar com os parasitas pelo resto de sua vida? — perguntou ele. — Você não tem um lar aqui. Já não tem mais roupas — observou ele. — Vai ficar lobo o tempo todo? Sabe que Leah não gosta de comer dessa forma.

— Leah pode fazer o que quiser quando tiver fome. Ela está aqui porque quer. Eu não vou dizer a ninguém o que fazer.

Jared suspirou.

— Sam lamenta pelo que fez com você.

Assenti.

— Minha raiva já passou.

— Mas...?

— Mas não vou voltar — não agora. Também vamos esperar e ver como a coisa se desenrola. E vamos cuidar dos Cullen pelo tempo que for necessário.

Porque, apesar do que vocês pensam, não se trata só de Bella. Estamos protegendo aqueles que devem ser protegidos. E isso se aplica aos Cullen também. — Pelo menos a um bom número deles.

Seth ganiu suavemente, concordando.

Jared franziu o cenho.

— Então parece que não há nada que eu possa dizer a você.

— Agora, não. Veremos como as coisas vão se desenrolar.

Jared virou-se para Seth, concentrando-se nele agora, afastando-se de mim.

— Sue me pediu que dissesse a você... não, que implorasse a você... que volte para casa. Ela está magoada, Seth. Muito sozinha. Não sei como você e Leah podem fazer isso com ela. Abandoná-la assim, quando seu pai acaba de morrer...

Seth choramingou.

— Calminha aí, Jared — alertei.

— Só estou dizendo a ele como as coisas estão.

Eu bufei.

— Sei.

Sue era mais durona que qualquer pessoa que eu conhecia. Mais que meu pai; mais que eu. Durona o bastante para tirar proveito da solidariedade dos filhos, se isso fosse necessário para fazê-los voltar para casa. Mas não era justo manipular Seth daquele jeito.

— Há quantas horas Sue sabe sobre isso? E na maior parte desse tempo ficou com Billy, o Velho Quil e Sam? É, tenho certeza de que ela está morrendo de solidão. É claro que você é livre para ir, se quiser, Seth. Sabe disso.

Seth fungou.

Então, um segundo depois, ele inclinou uma orelha para o norte. Leah devia estar perto. Meu Deus, ela era rápida! O coração bateu duas vezes e Leah alcançou os arbustos a alguns metros. Ela trotou, parando diante de Seth. Manteve o focinho no alto, muito obviamente sem olhar na minha direção.

Eu agradeci por isso.

— Leah? — perguntou Jared.

Ela encontrou o olhar dele, o focinho recuando um pouco sobre os dentes.

Jared não pareceu surpreso com a hostilidade dela.

— Leah, você sabe que não quer ficar aqui.

Ela rosnou para ele. Eu lancei um olhar de advertência que ela não viu. Seth

gemeu e a cutucou com o ombro.

— Desculpe-me — disse Jared. — Acho que eu não devia fazer suposições. Mas você não tem nenhum vínculo com os sanguessugas.

Leah muito deliberadamente olhou para o irmão e depois para mim.

— Então quer cuidar de Seth, entendo isso — disse Jared. Seu olhos foram até meu rosto e voltaram ao dela. Provavelmente se questionando sobre aquele segundo olhar, assim como eu mesmo me questionava. — Mas Jake não vai deixar que nada aconteça a ele, e ele não tem medo de estar aqui. — Jared fez uma careta. — Seja como for, por favor, Leah, queremos que você volte. Sam quer que você volte.

O rabo de Leah se contorceu.

— Sam me disse que implorasse. Mandou que eu, literalmente, me ajoelhasse, se fosse preciso. Ele quer você em casa, Lee-Lee, onde é seu lugar.

Vi Leah se retrair quando Jared usou o antigo apelido de que Sam costumava chamá-la. E depois, quando ele acrescentou aquelas últimas palavras, seu pelo se eriçou e ela começou a resmungar uma longa onda de rosnados entredentes. Eu não precisava estar na cabeça dela para perceber os palavrões que dirigia a Jared, e ele também não. Quase dava para ouvir as palavras exatas que ela usava.

Esperei até que ela acabasse.

— Agora vou ter que discordar e dizer que o lugar de Leah é onde ela quer estar.

Leah grunhiu, mas, como fuzilava Jared com os olhos, imaginei que concordasse.

— Olhe, Jared, ainda somos uma família, O.K.? Vamos superar essa disputa, mas até lá é melhor que vocês fiquem em suas terras. Para não haver mal-entendidos. Ninguém quer uma guerra em família, não é? Sam não quer isso também, quer?

— É claro que não — rebateu Jared. — Vamos ficar em nossas terras. Mas onde é sua terra, Jacob? É a dos vampiros?

— Não, Jared. No momento estou sem teto. Mas não se preocupe... isso não vai durar para sempre. — Precisei respirar. — Não nos resta tanto... tempo. Está bem? Depois os Cullen possivelmente irão embora, e Seth e Leah voltarão para casa.

Leah e Seth gemeram juntos, os focinhos voltando-se para mim em sincronia.

— E você, Jake?

— Volto para a floresta, acho. Não posso ficar em La Push. Dois alfas representam muita tensão. Além disso, era para onde eu estava seguindo mesmo. Antes dessa confusão.

— E se precisarmos conversar? — perguntou Jared.

— Uivem... Mas cuidado com a fronteira, O.K.? Nós iremos até vocês. E Sam não precisa mandar tanta gente. Não estamos querendo briga.

Jared fechou a cara, mas concordou. Ele não gostou que eu impusesse condições a Sam.

— A gente se vê, Jake. Ou não. — Ele acenou, desanimado.

— Espere, Jared. Embry está bem?

A surpresa atravessou seu rosto.

— Embry? Claro, ele está bem. Por quê?

— Só estou me perguntando por que Sam mandou Collin.

Eu observei sua reação, ainda desconfiado de que houvesse algo por trás daquilo. Vi o lampejo de alguma coisa em seus olhos, mas não era bem o que eu estava esperando.

— Isso não é mais da sua conta, Jake.

— Acho que não. Só fiquei curioso.

Enxerguei um movimento pelo canto dos olhos, mas fingi não perceber, porque não queria denunciar Quil. Ele reagia ao assunto.

— Vou informar a Sam suas... instruções. Adeus, Jacob.

Suspirei.

— Certo. Adeus, Jared, e diga a meu pai que estou bem, sim? E que sinto muito e o amo.

— Vou passar o recado.

— Obrigado.

— Vamos, pessoal — disse Jared.

Ele nos deu as costas, saindo de nossas vistas para mudar de forma, por causa de Leah. Paul e Collin estavam bem atrás dele, mas Quil hesitou. Ele ganiu suavemente, e dei um passo em sua direção.

— É, sinto sua falta também, mano.

Quil correu até mim, a cabeça baixa, tristonho. Eu afaguei seu ombro.

— Vai ficar tudo bem.

Ele gemeu.

— Diga a Embry que sinto falta de ter vocês dois em meus flancos.

Ele assentiu e pôs o focinho em minha testa. Leah bufou. Quil ergueu o olhar, mas não para ela. Olhou sobre o ombro, para o caminho por onde os outros partiram.

— É, vá para casa — disse a ele.

Quil ganiu de novo e partiu atrás dos outros. Eu podia apostar que Jared não estava esperando muito pacientemente. Assim que ele se foi, puxei a quentura do centro de meu corpo e deixei que tomasse meus membros. Num lampejo de calor, eu tinha novamente quatro patas.

Pensei que fosse namorar o cara, zombou Leah.

Eu a ignorei.

Foi tudo bem?, perguntei a eles. Aquilo me preocupava, falar por eles daquela maneira, quando eu não podia ouvir o que estavam pensando exatamente. Eu não queria pressupor nada. Não queria ser como Jared nesse aspecto. Disse alguma coisa que vocês não quisessem? Deixei de dizer algo que deveria?

Você foi ótimo, Jake!, Seth me animou.

Podia ter acertado Jared, pensou Leah. Eu não teria me importado com isso.

Acho que sabemos por que Embry não teve permissão para vir, pensou Seth.

Não entendi. Não teve permissão?

Jake, você não viu Quil? Ele está muito mal, não é? Aposto dez contra um que Embry está ainda mais aborrecido. E Embry não tem uma Claire. Quil não tem como simplesmente sair de La Push. Embry poderia. Então Sam não vai arriscar que ele seja convencido a abandonar o barco. Ele não quer que nossa matilha fique ainda maior.

É mesmo? Acha isso? Duvido de que Embry fosse se importar de picotar alguns Cullen.

Mas ele é seu melhor amigo, Jake. Ele e Quil prefeririam ficar com você a enfrentá-lo numa briga.

Bom, então fico feliz que Sam o tenha deixado em casa. Essa matilha já está bem grande. Suspirei. Certo. Então, por ora estamos bem. Seth, importa-se de ficar de olho nas coisas por um tempo? Leah e eu precisamos dormir. Aquilo tudo pareceu sincero, mas, quem sabe? Talvez fosse para nos distrair.

Eu não era sempre tão paranoico, mas me lembrei da sensação do

comprometimento de Sam. Completamente focado em destruir o perigo que ele via. Será que ele tiraria proveito do fato de que agora podia mentir para nós?

Tudo bem! Seth estava ansioso demais por fazer tudo o que fosse possível. Quer que eu explique aos Cullen? Eles ainda devem estar um pouco tensos.

Eu faço isso. Quero dar uma olhada nas coisas, de qualquer modo.

Eles captaram as imagens que voaram por meu cérebro já frito.

Seth gemeu de surpresa. Ai.

Leah balançou a cabeça como se tentasse se livrar da imagem em sua mente. Essa é tranquilamente a coisa mais assustadoramente nojenta que já ouvi na minha vida. Eca. Se eu tivesse algo no estômago, já teria voltado.

Eles são vampiros, afinal, admitiu Seth depois de um minuto, compensando a reação de Leah. Quer dizer, faz sentido. E se isso ajuda Bella, então é bom, não é?

Leah e eu o encaramos.

O que foi?

Mamãe deixou Seth cair muitas vezes quando ele era bebê, Leah me disse.

De cabeça, aparentemente.

Ele também costumava roer as grades do berço.

Tinta com chumbo?

Parece que sim, ela pensou.

Seth bufou. Que engraçado. Por que vocês dois não calam a boca e dormem?

14. VOCÊ SABE QUE AS COISAS VÃO MAL QUANDO SE SENTE CULPADO POR SER GROSSEIRO COM VAMPIROS

QUANDO VOLTEI À CASA, NÃO HAVIA NINGUÉM ESPERANDO DO LADO de fora por meu relatório. Ainda em alerta?

Está tudo tranquilo, pensei, cansado.

Meus olhos rapidamente captaram uma pequena mudança no cenário que já era familiar. Havia uma pilha de roupas claras no primeiro degrau da varanda. Corri até o local para investigar. Prendendo a respiração, porque o cheiro de vampiro ficara no tecido de um jeito que não dava para acreditar, cutuquei a pilha com o focinho.

Alguém tinha deixado roupas ali. Hã. Edward deve ter percebido meu momento de irritação quando disparei pela porta. Bom. Aquilo era... gentil. E estranho.

Peguei as roupas entre os dentes com cuidado — argh! — e as carreguei de volta até as árvores. Só para o caso de ser alguma piada daquela loura psicopata, e eu ter ali um monte de roupas de mulher. Aposto que ela adoraria ver a expressão em meu rosto humano se eu aparecesse lá nu, segurando um vestidinho de alças.

Encoberto pelas árvores, larguei a pilha fedorenta e mudei para a forma humana. Sacudi as roupas, batendo-as contra uma árvore, para tirar um pouco do cheiro. Eram, sem dúvida, roupas de homem — calça caramelo e uma camisa branca com botões. Nenhuma do tamanho certo no comprimento, mas pareciam caber na largura. Deviam ser de Emmett. Dobrei as mangas da camisa, porém não havia muito que pudesse fazer com a calça. Mas, e daí?

Eu tinha de admitir que me sentia melhor estando vestido, mesmo que fosse uma roupa fedorenta que não cabia muito bem. Era difícil não poder voltar para casa e pegar outro moletom velho quando eu precisava. Mais uma vez eu era um sem-teto — não tinha lugar para onde voltar. Sem posses, também, o que não me incomodava tanto naquela hora, mas, provavelmente, logo iria me chatear.

Exausto, subi devagarzinho os degraus da varanda dos Cullen com minhas novas roupas de segunda mão, mas hesitei quando cheguei à porta. Deveria bater? Seria estupidez, uma vez que eles sabiam que eu estava ali. Estranhei ninguém ter ido me receber — dizer entre ou caia fora. Tanto fazia. Dei de ombros e entrei.

Outras mudanças. A sala tinha voltado ao normal — quase — nos últimos vinte minutos. A grande tevê de tela plana estava ligada, em volume baixo, exibindo um filme de mulherzinha que ninguém parecia estar vendo. Carlisle e Esme estavam junto à janela dos fundos, que dava para o riacho e, novamente, estava aberta. Alice, Jasper e Emmett não estavam à vista, mas eu os ouvia murmurando, no segundo andar. Bella estava no sofá, como na véspera. Só havia um tubo intravenoso ligado a ela, e uma bolsa de soro pendurada atrás do sofá. Ela estava enrolada em algumas mantas grossas, como se fosse um burrito — sinal de que pelo menos eles tinham me ouvido. Rosalie estava perto de sua cabeça, sentada no chão, de pernas cruzadas. Edward sentava na outra ponta do sofá com os pés enrolados de Bella no colo. Ele levantou a cabeça quando entrei e sorriu para mim — só um pequeno movimento da boca —, como se alguma coisa o contentasse.

Bella não me ouviu. Ela só ergueu o olhar quando ele me olhou, e então sorriu também. Com energia de verdade, todo o seu rosto se iluminando. Eu não conseguia me lembrar da última vez em que ela parecera tão animada por me ver.

O que havia com ela? Pelo amor de Deus, ela era casada! Casada e feliz — não havia a menor dúvida de que estava apaixonada por seu vampiro além dos limites da sanidade. E ainda por cima imensa de grávida.

Então, por que ela precisava ficar tão emocionada ao me ver? Como se tivesse ganhado o dia só por eu passar pela porta.

Se ao menos ela não se importasse... Ou, mais que isso — se realmente não me quisesse por perto. Seria muito mais fácil manter distância.

Edward pareceu concordar com meus pensamentos — ultimamente estávamos tão em sintonia, que era de enlouquecer. Ele agora estava com a testa franzida, lendo o rosto de Bella enquanto ela sorria radiante para mim.

— Eles só queriam conversar — murmurei, minha voz arrastada de exaustão. — Nenhum ataque à vista.

— Sim — respondeu Edward. — Ouvi a maior parte.

Isso me despertou um pouco. Conversáramos a uns bons cinco quilômetros

dali.

— Como?

— Estou ouvindo você com mais clareza... É questão de familiaridade e concentração. Além disso, seus pensamentos são um pouco mais fáceis de captar quando você está na forma humana. Assim, entendi a maior parte do que se passou por lá.

— Ah. — Aquilo me incomodou um pouco; não havia motivo, então não liguei. — Que bom. Odeio me repetir.

— Eu ia lhe dizer para dormir um pouco — disse Bella —, mas acho que você vai desmaiar no chão daqui a seis segundos, então não tem sentido falar nada.

Era incrível como Bella parecia melhor, quanto parecia mais forte. Senti cheiro de sangue fresco, e vi que o copo estava em suas mãos de novo. Quanto sangue seria necessário para mantê-la? A certa altura, eles começariam a avançar na vizinhança?

Segui para a porta, contando os segundos para ela enquanto caminhava.

— Um Mississipi... Dois Mississipi...

— Onde é a enchente, vira-lata? — perguntou Rosalie.

— Sabe como se afoga uma loura, Rosalie? — perguntei sem parar nem me virar para ela. — Cole um espelho no fundo de uma piscina.

Ouvi Edward rir enquanto eu fechava a porta. Seu humor parecia melhorar na razão exata da saúde de Bella.

Desci os degraus com dificuldade. Meu único objetivo era me embrenhar nas árvores, longe o suficiente para que o ar se tornasse puro de novo. Eu pretendia deixar as roupas a uma distância conveniente da casa, para usar futuramente, em vez de amarrá-las em minha perna — assim também não sentiria o cheiro delas. Enquanto me atrapalhava com os botões da camisa nova, pensei ao acaso que botões nunca seriam moda para os lobisomens.

Ouvi as vozes enquanto me arrastava pelo gramado.

— Aonde você vai? — perguntou Bella.

— Há uma coisa que esqueci de dizer a ele.

— Deixe Jacob dormir... Isso pode esperar.

Sim, por favor, deixe Jacob dormir.

— Só vai levar um minuto.

Virei-me devagar. Edward já estava na porta. Sua expressão era de desculpas ao se aproximar de mim.

— Meu Deus, o que é agora?

— Desculpe — disse ele, e então hesitou, como se não soubesse como verbalizar o que pensava.

O que você tem em mente, telepata?

— Quando você estava falando com os emissários de Sam — sussurrou ele —, fui narrando o que acontecia a Carlisle, a Esme e aos outros. Eles ficaram preocupados...

— Olhe, não vamos baixar a guarda. Não precisa acreditar em Sam como nós. Vamos ficar de olhos abertos, de qualquer forma.

— Não, não, Jacob. Não se trata disso. Confiamos em sua avaliação. Na verdade, Esme ficou preocupada com o sofrimento que isso está causando à sua matilha. Ela me pediu que falasse com você em particular sobre isso.

Aquilo me pegou desprevenido.

— Sofrimento?

— A questão de não ter para onde ir, principalmente. Ela se preocupa muito por vocês estarem tão... desprovidos.

Eu bufei. A mamãe vampira — que bizarro!

— Somos fortes. Diga a ela que não se preocupe.

— Mesmo assim ela gostaria de fazer o possível. Tive a impressão de que Leah prefere não comer na forma de lobo, não é?

— E...? — perguntei.

— Bem, temos comida normal aqui, Jacob. Para manter as aparências e, é claro, para Bella. Leah pode pegar o que quiser. Todos vocês podem.

— Vou passar o recado.

— Leah nos odeia.

— E daí?

— Então tente passar o recado de maneira que a faça considerar a oferta, se não se importa.

— Farei o que puder.

— E há a questão das roupas.

Olhei para as que eu estava vestindo.

— Ah, sim. Obrigado. — Provavelmente não seria de bom-tom mencionar

que cheiravam muito mal.

Ele sorriu, só um pouco.

— Bem, podemos ajudar facilmente com o que for necessário nesse sentido. Alice raramente nos deixa vestir a mesma coisa duas vezes. Temos pilhas de roupas novas em folha que estão destinadas à caridade, e imagino que Leah tenha mais ou menos o tamanho de Esme...

— Não sei como Leah vai se sentir com roupas usadas de sanguessugas. Ela não é tão prática quanto eu.

— Creio que você apresentará a oferta sob a melhor ótica possível. Assim como a oferta de qualquer outro objeto físico ou transporte de que possam precisar, qualquer coisa. E chuveiros também, já que preferem dormir ao ar livre. Por favor... não se considerem sem os benefícios de uma casa.

Ele disse a última frase suavemente — dessa vez, não estava tentando falar baixo, tinha algum tipo de emoção verdadeira.

Eu o encarei por um segundo, piscando timidamente.

— Isso, hã, é muito gentil da parte de vocês. Diga a Esme que agradecemos, hã, a oferta. Mas o perímetro corta o rio em alguns pontos, então ficamos bem limpos, obrigado.

— Se puder passar o recado, mesmo assim.

— Claro, claro.

— Obrigado.

Eu me afastei dele, mas logo depois fiquei paralisado ao ouvir o grito baixo e dolorido que vinha da casa. Quando olhei para trás, ele não estava mais ali.

O que era agora?

Eu o segui, me arrastando feito um zumbi. Usando a mesma quantidade de neurônios também. Eu não parecia ter alternativa. Algo estava errado. Eu iria lá ver o que era. Não haveria nada que eu pudesse fazer. E eu me sentiria pior.

Parecia inevitável.

Entrei novamente. Bella estava ofegante, curvada sobre o volume no meio de seu corpo. Rosalie a segurava; Edward, Carlisle e Esme estavam a seu redor. Um movimento rápido atraiu meus olhos — Alice estava no alto da escada, olhando para a sala com as mãos nas têmporas. Era estranho — como se, de algum modo, estivesse impedida de entrar.

— Me dê um segundo, Carlisle — disse Bella, arquejando.

— Bella — disse o médico com ansiedade —, eu ouvi alguma coisa estalar. Preciso dar uma olhada.

— Com toda a certeza — arquejo — foi uma costela. Ai. É. Bem aqui. — Ela apontou para o lado esquerdo, tomando cuidado de não tocar o local.

Aquilo agora estava quebrando os ossos dela.

— Preciso fazer uma radiografia. Pode haver fragmentos. Não queremos que perfure nada.

Bella respirou fundo.

— Tudo bem.

Rosalie a ergueu com cuidado. Edward deu a impressão de que iria discutir, mas Rosalie mostrou os dentes para ele e grunhiu.

— Eu já a peguei.

Bella já estava mais forte então. Mas a coisa também. Não dava para matar uma de fome sem matar a outra, e a cura funcionava do mesmo jeito. Não havia como vencer.

A Loura carregou Bella rapidamente pela escadaria, com Carlisle e Edward logo atrás; nenhum deles percebera minha presença estupefata na porta.

Quer dizer que eles tinham um banco de sangue e um aparelho de raios X? Então o doutor levara o trabalho para casa com ele.

Eu estava cansado demais para segui-los, cansado demais para me mexer. Encostei-me na parede e escorreguei para o chão. A porta ainda estava aberta e voltei o nariz para ela, grato pela brisa pura que soprava. Encostei a cabeça no batente e fiquei ouvindo.

Podia escutar o som do aparelho de raios X no segundo andar. Ou talvez só imaginasse que fosse isso. E depois o mais leve dos passos descendo a escada. Não olhei para ver que vampiro era.

— Quer um travesseiro? — perguntou-me Alice.

— Não — murmurei. Mas o que era aquela hospitalidade insistente? Estava me dando arrepios.

— Isso não parece confortável — ela observou.

— E não é.

— Por que não sai daí, então?

— Cansaço. Por que não está lá em cima com os outros? — rebati.

— Dor de cabeça — respondeu ela.

Virei a cabeça para olhá-la.

Alice era uma coisinha mínima. Mais ou menos do tamanho de um dos meus braços. Naquele momento, parecia ainda menor, meio curvada. Sua carinha estava franzida.

— Vampiros têm dor de cabeça?

— Não os normais.

Fiz um muxoxo. Vampiros normais!

— E então: por que você não fica mais com Bella? — perguntei, fazendo da pergunta uma acusação. Aquilo não me ocorrera antes, porque minha cabeça estava ocupada com outras coisas, mas era estranho que Alice nunca estivesse perto de Bella — pelo menos não durante o tempo que eu estava ali. Talvez, se Alice ficasse ao lado dela, Rosalie não ficaria. — Pensei que vocês duas fossem assim. — Uni dois dedos.

— Como eu disse — ela se sentou em uma cerâmica a pouca distância de mim, envolvendo os joelhos magros com os braços esquálidos —, dor de cabeça.

— Bella está lhe dando dor de cabeça?

— Sim.

Franzi a testa. Certamente, eu estava cansado demais para enigmas. Deixei minha cabeça girar para o ar fresco e fechei os olhos.

— Não Bella, na verdade — corrigiu ela. — O... feto.

Ah, mais alguém que sentia o mesmo que eu! Era muito fácil de reconhecer. Ela disse a palavra de má vontade, como Edward.

— Não consigo vê-lo — ela me disse, embora pudesse estar falando sozinha. Para ela, eu já estava longe. — Não consigo ver nada a respeito dele. Como acontece com você.

Eu me encolhi, e então trinquei os dentes. Não me agradava ser comparado com a criatura.

— Bella atrapalha. Ela está toda em volta dele, está... borrado. Como uma tevê com recepção ruim... É como tentar focalizar os olhos naquelas pessoas sem definição zanzando pela tela. Está acabando com minha cabeça vê-la. Ainda assim, não consigo enxergar mais que alguns minutos à frente. O... feto é uma parte muito grande de seu futuro. Quando ela decidiu... quando ela soube que o queria, minha visão ficou indistinta. Morri de medo.

Ela ficou em silêncio por um segundo e acrescentou:

— Tenho de admitir que é um alívio ter você por perto... Apesar do cheiro de cachorro molhado, isso tudo desaparece. É como ficar de olhos fechados. Melhora a dor de cabeça.

— É um prazer servi-la, madame — murmurei.

— Fico imaginando o que o feto tem em comum com você... por que são iguais nesse aspecto.

De repente a quentura surgiu no interior de meus ossos. Fechei os punhos para controlar os tremores.

— Não tenho nada em comum com aquele sugador de vida — eu disse entredentes.

— Bem, alguma coisa há.

Não respondi. O calor já estava cedendo. Eu estava cansado demais para ficar furioso.

— Não se importa que eu fique sentada aqui, não é? — perguntou ela.

— Acho que não. Fede de qualquer jeito.

— Obrigada — disse ela. — É a melhor coisa para a dor, imagino, pois não posso tomar aspirina.

— Pode falar menos? Tem gente tentando dormir.

Ela não respondeu, ficou imediatamente em silêncio. Apaguei segundos depois.

Sonhei que estava com muita sede. E havia um copo grande de água na minha frente — geladíssima, dava para ver a condensação escorrendo pelas laterais. Peguei o copo e tomei um gole imenso, descobrindo então que não era água — era alvejante. Engasguei e pus aquilo para fora, cuspindo para todos os lados, e parte do líquido saiu pelas narinas. Queimava. Meu nariz estava pegando fogo...

A dor me despertou o suficiente para que eu lembrasse onde estivera dormindo. O cheiro era muito forte, levando-se em conta que meu nariz não estava dentro da casa. Argh. E havia barulho. Alguém estava rindo muito alto. Uma risada familiar, mas que não combinava com o cheiro. Não pertencia àquele lugar.

Gemi e abri os olhos. O céu estava cinza-escuro — era dia, mas eu não tinha a menor ideia da hora. Talvez perto do pôr do sol — estava bem escuro.

— Já não era sem tempo — murmurou a Loura não muito longe de mim. — A imitação de serra elétrica estava ficando cansativa.

Virei de lado e me sentei. Ao fazer isso, entendi de onde vinha o cheiro. Alguém tinha enfiado um travesseiro grande debaixo do meu rosto. Provavelmente tentando ser gentil, imagino. A menos que tenha sido Rosalie.

Depois que tirei a cara do travesseiro de plumas, senti outros cheiros. Bacon e canela, por exemplo, misturados com o cheiro de vampiro.

Pisquei, olhando a sala.

As coisas não haviam mudado muito, a não ser pelo fato de que agora Bella estava sentada no meio do sofá e não havia mais soro. A Loura estava sentada a seus pés, a cabeça pousada nos joelhos de Bella. Ainda me dava arrepios ver a despreocupação com que eles a tocavam, embora achasse que isso era bastante idiota, considerando tudo. Edward estava ao lado dela, segurando sua mão. Alice também estava no chão, como Rosalie. Seu rosto agora não estava franzido. E era fácil ver por quê — ela havia encontrado outro analgésico.

— Ei, Jake está na área! — exclamou Seth.

Ele estava sentado do outro lado de Bella, o braço pousado despreocupadamente em seus ombros, um prato transbordando de comida no colo.

Mas que diabos era aquilo?

— Ele veio procurar você — disse Edward enquanto eu me levantava. — E Esme o convenceu a ficar para o café da manhã.

Seth entendeu minha expressão e se apressou a explicar.

— É, Jake... Eu só estava checando, para saber se você estava bem, já que não voltou a se transformar. Leah ficou preocupada. Eu lhe disse que você devia ter apagado na forma humana, mas sabe como ela é. De qualquer forma, eles tinham toda essa comida e, puxa... — Ele se virou para Edward. — Cara, você sabe cozinhar mesmo.

— Obrigado — murmurou Edward.

Respirei fundo lentamente, tentando relaxar os dentes, que estavam trincados. Não conseguia tirar os olhos do braço de Seth.

— Bella estava com frio — Edward apressou-se em dizer.

Está bem. Não era da minha conta mesmo. Ela não me pertencia.

Seth ouviu o comentário de Edward, olhou meu rosto e de repente precisou das duas mãos para comer. Afastou o braço de Bella e mergulhou no prato. Eu me aproximei, parando a alguns passos do sofá, ainda tentando me orientar.

— Leah está fazendo a patrulha? — perguntei a Seth. Minha voz ainda estava rouca de sono.

— Está — disse ele enquanto mastigava. Seth também estava com roupas novas. Assentaram melhor nele que as minhas em mim. — Ela está alerta. Não se preocupe. Vai uivar se houver alguma coisa. Trocamos de turno à meia-noite. Eu corri doze horas. — Ele estava orgulhoso disso, dava para ver em seu tom de voz.

— Meia-noite? Espere um minuto... Que horas são?

— Está quase amanhecendo. — Ele olhou pela janela, verificando.

Mas que droga! Eu havia dormido o restante do dia e a noite toda — tinha falhado com eles.

— Porcaria. Desculpe por isso, Seth. De verdade. Você devia ter me acordado com um chute.

— Não, cara, você precisava dormir muito. Desde quando não descansava? Desde a noite anterior à sua última patrulha para Sam? Umas quarenta horas? Cinquenta? Você não é uma máquina, Jake. Além disso, não perdeu nada.

Nada? Olhei rapidamente para Bella. Sua cor voltara a ser como eu lembrava. Pálida, mas com o leve tom rosado. Os lábios estavam cor-de-rosa de novo. Até o cabelo parecia melhor — mais brilhante. Ela viu que eu a avaliava e me abriu um sorriso.

— Como está a costela? — perguntei.

— Bem imobilizada e apertada. Nem estou sentindo.

Revirei os olhos. Ouvi Edward trincar os dentes e imaginei que a atitude de desdém de Bella em relação ao próprio sofrimento o incomodava tanto quanto a mim.

— O que tem para o café da manhã? — perguntei, meio sarcástico. — O negativo ou AB positivo?

Ela mostrou a língua para mim. Totalmente ela mesma de novo.

— Omeletes — respondeu, mas seus olhos baixaram rapidamente, e vi que o copo de sangue estava entre a perna dela e a de Edward.

— Coma alguma coisa, Jake — disse Seth. — Tem de tudo na cozinha. Você deve estar faminto.

Examinei a comida no colo dele. Parecia a metade de uma omelete de queijo e a quarta parte de um pão doce de canela do tamanho de um Frisbee. Meu estômago roncou, mas eu o ignorei.

— O que Leah vai comer no café da manhã? — perguntei a Seth num tom de crítica.

— Ei, antes de comer qualquer coisa eu levei comida para ela — ele se defendeu. — Ela disse que preferia comer um bicho atropelado, mas aposto que cedeu à tentação. Esses pães doces de canela... — Ele pareceu não encontrar palavras.

— Vou caçar com ela, então.

Seth suspirou enquanto eu me virava para sair.

— Um minuto, Jacob.

Era Carlisle; assim, quando me virei novamente, meu rosto provavelmente estava menos desrespeitoso do que estaria se outra pessoa tivesse me chamado.

— Sim?

Carlisle se aproximou de mim enquanto Esme ia para outro aposento. Ele parou a alguns passos, um pouco mais distante que o normal entre dois humanos que conversam. Fiquei grato por ele respeitar meu espaço.

— Por falar em caçar — começou ele num tom sóbrio —, esse será um problema para minha família. Entendo que nossa trégua está suspensa no momento, então queria seu conselho. Sam estará nos procurando fora do perímetro que vocês criaram? Não queremos nos arriscar a machucar ninguém de sua família... Nem perder nenhum dos nossos. Se você estivesse no nosso lugar, o que faria?

Curvei-me para trás, meio surpreso quando ele atirou aquilo em cima de mim desse jeito. O que eu ia saber sobre estar no precioso lugar de um sanguessuga? Mas, por outro lado, eu conhecia Sam.

— É um risco — eu disse, tentando ignorar os outros olhares sobre mim e me dirigir somente a ele. — Sam está um pouco mais calmo, mas tenho certeza de que, para ele, o tratado não vale mais. Enquanto ele achar que a tribo ou outros humanos estão mesmo correndo perigo, não vai parar para fazer perguntas, se é que me entende. Mas, ainda assim, a prioridade dele será La Push. Eles, na verdade, não estão em número suficiente para vigiar as pessoas como devem e ainda sair em caçada num bando capaz de causar muito estrago. Eu apostaria que ele vai ficar perto de casa.

Carlisle assentiu, pensativo.

— Acho então que lhes diria para saírem juntos, só por precaução. E

provavelmente o melhor é ir durante o dia, porque estaríamos esperando que fizessem isso à noite. Coisas de vampiros tradicionais. Vocês são rápidos... vão além das montanhas e cacem longe o bastante para que não haja possibilidade de ele mandar alguém tão distante de casa.

— E deixar Bella para trás, desprotegida?

Eu bufei.

— O que nós somos, pedaços de carne?

Carlisle riu, depois seu rosto voltou a ficar sério.

— Jacob, você não pode lutar com seus irmãos.

Meus olhos se estreitaram.

— Não posso dizer que não seria ruim, mas se eles realmente estivessem vindo matá-la... eu seria capaz de impedi-los.

Carlisle sacudiu a cabeça, ansioso.

— Não, eu não quis dizer que você seria... incapaz. Mas que seria muito errado. Não posso ter isso em minha consciência.

— Não estaria na sua, doutor. E sim na minha. E eu posso lidar com isso.

— Não, Jacob. Vamos nos certificar de que nossos movimentos não tornem isso necessário. — Ele franziu a testa, ainda pensativo. — Sairemos em grupos de três a cada vez — concluiu ele depois de um segundo. — Creio que é o melhor que podemos fazer.

— Não sei não, doutor. Dividir ao meio não é a melhor estratégia.

— Temos algumas habilidades extras que vão compensar. Se Edward for um dos três, poderá nos dar um raio de segurança de alguns quilômetros.

Nós dois olhamos para Edward. Sua expressão fez Carlisle recuar rapidamente.

— Estou certo de que temos outros meios — disse Carlisle. Estava claro que não haveria necessidade física suficientemente forte para afastar Edward de Bella. — Alice, imagino que possa ver que rotas não seriam adequadas.

— Aquelas que desaparecem — disse Alice, assentindo. — É fácil.

Edward, que ficara muito tenso com o primeiro plano de Carlisle, relaxou. Bella observava Alice com um olhar infeliz, aquela ruguinha entre os olhos que surgia quando ela estava estressada.

— Tudo bem, então — eu disse. — Fica combinado assim. Estou de saída. Seth, vou esperar por você ao anoitecer, então tire uma soneca em algum lugar por aí, está bem?

— Claro, Jake. Mudo de forma assim que acabar. A não ser que... — ele hesitou, olhando para Bella. — Você precisa de mim?

— Ela tem cobertores — eu falei com rispidez.

— Eu estou bem, Seth, obrigada — disse Bella rapidamente.

E então Esme entrou na sala, com um grande prato coberto nas mãos. Parou, hesitante, logo atrás de Carlisle, os olhos dourados e grandes me fitando. Estendeu o prato e se aproximou com um passo tímido.

— Jacob — disse ela baixinho. Sua voz não era tão penetrante quanto a dos outros. — Sei que não é... apetitosa para você a ideia de comer aqui, onde o cheiro é tão desagradável. Mas eu me sentiria muito melhor se levasse alguma comida quando sair. Sei que não pode ir para casa, e isso por nossa causa. Por favor... diminua um pouco meu remorso. Leve alguma coisa para comer. — Ela me estendeu a comida, o rosto delicado e suplicante. Não sei como conseguiu, porque não parecia ter mais do que vinte e poucos anos, e também era branca feito osso, mas algo em sua expressão de repente me fez lembrar de minha mãe.

Meu Deus!

— Ah, claro, claro — murmurei. — Acho que sim. Talvez Leah ainda esteja com fome ou coisa assim.

Estendi o braço e peguei a comida com uma das mãos, mantendo-a afastada, a um braço de distância. Eu a largaria sob uma árvore ou coisa parecida. Não queria que Esme se sentisse mal.

Depois me lembrei de Edward.

Não diga nada a ela! Deixe que ela pense que eu comi.

Não olhei para ele para ver se concordava. Era melhor que concordasse. O sanguessuga me devia muito.

— Obrigada, Jacob — disse Esme, sorrindo para mim. Como um rosto de pedra pode ter covinhas, pelo amor de Deus!

— Hã, obrigado — devolvi. Meu rosto estava quente; mais que o normal.

Esse era o problema de andar com vampiros — você acabava se acostumando com eles. E aí eles bagunçavam sua visão de mundo. Começavam a parecer amigos.

— Vai voltar mais tarde, Jake? — perguntou Bella enquanto eu tentava dar o fora dali.

— Hã, não sei.

Ela apertou os lábios, como se tentasse não sorrir.

— Por favor. Eu posso sentir frio.

Respirei fundo pelo nariz; depois, lembrei, tarde demais, que não era uma boa ideia. Estremeci.

— Talvez.

— Jacob? — chamou Esme. Recuei para a porta enquanto ela avançava; ela deu alguns passos na minha direção. — Deixei um cesto de roupas na varanda. São para Leah. Estão recém-lavadas... Tentei tocar nelas o mínimo possível. — Ela franziu a testa. — Pode levar para ela?

— Perfeitamente — murmurei, e saí pela porta antes que alguém pudesse fazer com que me sentisse ainda mais culpado.

15. TIQUE-TAQUE, TIQUE-TAQUE, TIQUE-TAQUE

EI, JAKE, PENSEI QUE TIVESSE DITO QUE QUERIA QUE EU CHEGASSE AO ANOITECER. Por que não pediu a Leah que me acordasse antes de ela apagar?

Porque eu não precisava de você. Ainda estou bem.

Ele já estava pegando a metade norte do círculo. Alguma coisa?

Não. Nada mesmo.

Fez algum reconhecimento?

Ele tinha alcançado a beira de um de meus desvios. Seguiu pela nova trilha.

É — corri alguns raios. Sabe como é, só verificando. Se os Cullen vão fazer a viagem de caça...

Boa ideia.

Seth voltou ao perímetro principal.

Era mais fácil correr com ele que com Leah. Embora ela estivesse se esforçando — e muito —, sempre havia uma tensão em seus pensamentos. Ela não queria estar ali. Não queria sentir a boa vontade com relação aos vampiros que se passava em minha cabeça. Não queria lidar com a tão confortável amizade de Seth com eles — uma amizade que ia ficando cada vez mais forte.

Era estranho; eu havia pensado que seu maior problema seria comigo: nós sempre provocamos um ao outro quando estávamos na matilha de Sam. Mas agora não havia antagonismo com relação a mim, eram só os Cullen e Bella. Fiquei me perguntando por quê. Talvez fosse a simples gratidão por eu não obrigá-la a ir embora. Talvez fosse porque agora eu entendia melhor sua hostilidade. O que quer que fosse, correr com Leah não era tão ruim quanto eu havia esperado.

É claro que ela não amolecera tanto assim. A comida e as roupas que Esme lhe mandara àquela altura estavam descendo pelo rio. Mesmo depois de eu ter comido minha parte — não porque o aroma fosse praticamente irresistível longe do futum de vampiro, mas para dar a Leah um bom exemplo de tolerância e autossacrifício —, ela recusara. O pequeno alce que ela abatera ao meio-dia não

havia satisfeito totalmente seu apetite. Na verdade, tinha piorado seu humor. Leah odiava comida crua.

Quem sabe a gente não devesse correr mais para o leste?, sugeriu Seth. Ir mais fundo, ver se eles estão lá esperando.

Eu estava pensando nisso, concordei. Mas vamos fazer isso quando todos estivermos acordados. Não quero baixar nossa guarda. Mas precisamos fazer antes que os Cullen saiam. Em breve.

Tudo bem.

Aquilo me fez pensar.

Se os Cullen conseguissem sair de seu perímetro com segurança, deveriam, na verdade, ir de vez. Aliás, deveriam ter partido no segundo em que fomos alertá-los. Eles certamente tinham como se estabelecer em outros lugares. E tinham amigos no norte, não é? Podiam pegar Bella e fugir. Parecia uma resposta óbvia aos problemas deles.

Eu provavelmente deveria sugerir isso, mas tinha medo de que me ouvissem. E não queria que Bella sumisse — e jamais saber se ela tinha ou não conseguido.

Não, isso era idiotice. Diria a eles que fossem. Não fazia sentido ficarem, e seria melhor para mim — não menos doloroso, porém mais saudável — se Bella partisse.

Naquele momento era fácil falar, quando Bella não estava ali, parecendo toda animada por me ver, ao mesmo tempo agarrando-se à vida com unhas e dentes...

Ah, já perguntei a Edward sobre isso, pensou Seth.

O quê?

Perguntei a ele por que ainda não tinham ido embora. Para a casa de Tanya ou coisa assim. Um lugar longe demais para que Sam fosse atrás deles.

Precisei lembrar a mim mesmo que havia acabado de decidir dar exatamente aquele conselho aos Cullen. Aquilo seria melhor. Então eu não devia ficar irritado com Seth por tirar a tarefa das minhas mãos. Nem um pouco irritado.

E o que ele disse? Estão esperando uma oportunidade?

Não. Eles não vão embora.

E isso não devia parecer uma boa notícia.

Por que não? É idiotice.

Na verdade, não, disse Seth, agora na defensiva. Leva algum tempo para conseguir o tipo de recursos médicos que Carlisle tem aqui. Ele tem tudo de que

precisa para cuidar de Bella, e as credenciais para conseguir mais. Esse é um dos motivos por que querem sair para caçar. Carlisle acha que logo vão precisar de mais sangue para Bella. Ela está usando todo o O negativo que estocaram para ela. Não agrada a ele esgotar o estoque. Vai comprar mais. Sabia que se pode comprar sangue? Se você for médico.

Eu ainda não estava preparado para usar a lógica. Ainda parece idiotice. Eles podem levar a maior parte das coisas, não é? E roubar o que precisarem aonde forem. Quem liga para o que é ilegal, quando se é um morto-vivo?

Edward não quer correr nenhum risco levando-a.

Ela está melhor do que antes.

Radicalmente, concordou ele. Em sua cabeça, estava comparando minhas lembranças de Bella presa aos tubos com a última vez que a vira, ao sair da casa. Ela tinha sorrido para ele e acenado. Mas ela não pode andar muito por aí, sabe como é. Aquela coisa está chutando o diabo dentro dela.

Engoli de volta a acidez que subiu do estômago. É, eu sei.

Quebrou outra costela dela, disse ele, sombriamente.

Perdi o passo e cambaleei, antes de retomar o ritmo.

Carlisle a imobilizou de novo. Só outra fissura, disse ele. Depois Rosalie disse algo sobre até os bebês normais quebrarem costelas. Parecia que Edward ia arrancar a cabeça dela.

Pena que não arrancou.

Seth então parecia um relatório ambulante — sabendo que tudo era de interesse vital para mim, embora eu não tivesse pedido para ouvir aquilo. Bella está hoje com uma febre que vai e volta. É uma febre baixa — suores e depois arrepios. Carlisle não sabe o motivo — talvez ela só esteja doente. Seu sistema imunológico não pode estar em boas condições, a essa altura.

É, tenho certeza de que é só coincidência.

Mas ela está de bom humor. Ficou conversando com Charlie, rindo e tudo...

Charlie! Como?! O que quer dizer com ela ficou conversando com Charlie?!

Agora foi a vez de Seth perder o passo; minha fúria o surpreendeu. Acho que ele liga todo dia para falar com ela. Às vezes, a mãe liga também. Bella parece muito melhor agora; então ela o tranquilizou dizendo que estava se recuperando...

Se recuperando? Mas que diabos eles estão pensando?! Deixar que Charlie tenha esperanças, para ficar ainda mais arrasado quando ela morrer? Pensei que

eles o estivessem preparando para isso! Tentando prepará-lo! Por que ela o anima desse jeito?

Ela pode não morrer, pensou Seth.

Respirei fundo, tentando me acalmar. Seth, mesmo que ela consiga superar isso, não vai ser como humana. Ela sabe disso, e todos os outros também. Se ela não morrer, vai ter de fazer uma imitação muito convincente de um cadáver, garoto. Ou isso, ou sumir. Pensei que eles estivessem tentando tornar as coisas mais fáceis para Charlie. Por que...?

Acho que é ideia de Bella. Ninguém disse nada, mas a cara de Edward de certa forma correspondia ao que você está pensando agora.

Em sintonia com o sanguessuga de novo.

Corremos em silêncio por mais alguns minutos. Comecei a andar por uma nova trilha, sondando o sul.

Não vá longe demais.

Por quê?

Bella me pediu para dizer a você que desse uma passada lá.

Meus dentes trincaram.

Alice também. Ela disse que está cansada de ficar no sótão como o morcego-vampiro do campanário. Seth resfolegou uma risada. Eu estava me revezando com Edward, tentando manter a temperatura de Bella estável. Frio ou quente, conforme necessário. Acho que se você não quiser fazer isso eu poderia voltar...

Não. Eu vou, rebati.

Tudo bem. Seth não fez mais nenhum comentário. Concentrou-se na floresta vazia.

Continuei seguindo para o sul, procurando alguma novidade. Fiz meia-volta quando cheguei perto dos primeiros sinais de habitação. Ainda não estava perto da cidade, mas não queria nenhum boato de lobos por ali de novo. Já fazia algum tempo que estávamos bem e invisíveis.

Atravessei o perímetro ao voltar, seguindo para a casa. Mesmo sabendo que era uma idiotice fazer aquilo, não consegui evitar. Devo ser meio masoquista.

Não há nada de errado com você, Jake. Esta não é uma situação muito normal.

Cale a boca, por favor, Seth.

Já calei.

Dessa vez não hesitei à porta: entrei como se fosse o dono da casa. Imaginei

que isso irritaria Rosalie, mas foi um esforço jogado fora. Nem Rosalie nem Bella estavam à vista. Olhei ao redor, apavorado, esperando que tivesse deixado de notá-las em algum canto, o coração espremendo-se contra as costelas de forma estranha e desagradável.

— Ela está bem — sussurrou Edward. — Ou na mesma, eu deveria dizer.

Edward estava no sofá com o rosto entre as mãos; não levantou a cabeça ao falar. Esme estava ao lado dele, o braço firme em seus ombros.

— Olá, Jacob — disse ela. — Fico feliz que tenha voltado.

— Eu também — disse Alice com um suspiro profundo. Ela desceu a escada numa dança, fazendo uma careta. Como se eu estivesse atrasado para um encontro.

— Ah, oi — eu disse. Era estranho tentar ser educado.

— Onde está Bella?

— No banheiro — respondeu Alice. — A dieta dela é basicamente líquida, você sabe. Além de tudo, a gravidez faz isso, ouvi dizer.

— Ah.

Fiquei ali parado, sem jeito, balançando-me nos calcanhares.

— Ah, que maravilha — grunhiu Rosalie. Girei a cabeça e a vi vindo por um corredor meio oculto atrás da escada. Estava com Bella aninhada delicadamente nos braços, e me olhava com uma expressão rude. — Eu sabia que tinha sentido um cheiro desagradável.

E, como antes, o rosto de Bella se iluminou como o de uma criança na manhã de Natal. Como se eu tivesse lhe trazido o melhor presente do mundo.

Aquilo era tão injusto...

— Jacob — sussurrou ela. — Você veio.

— Oi, Bells.

Esme e Edward se levantaram. Eu vi o cuidado com que Rosalie deitou Bella no sofá. Vi que, apesar disso, Bella ficou branca e prendeu a respiração — como se estivesse determinada a não emitir nenhum ruído, por mais que sentisse dor.

Edward passou a mão pela testa e pelo pescoço de Bella. Tentou dar a impressão de que só estava colocando o cabelo para trás, mas o gesto me pareceu um exame médico.

— Está com frio? — murmurei.

— Estou bem.

— Bella, sabe o que Carlisle lhe disse — falou Rosalie. — Não desconsidere nada. Isso não nos ajuda a cuidar de nenhum de vocês dois.

— Tudo bem, estou com um pouco de frio. Edward, pode me passar aquele cobertor?

Eu revirei os olhos.

— Não é por isso que eu estou aqui?

— Você acabou de chegar — disse Bella. — Depois de correr o dia todo, aposto. Ponha os pés para cima por um minuto. Provavelmente, logo vou estar aquecida.

Eu a ignorei, indo me sentar no chão ao lado do sofá enquanto ela ainda me dizia o que fazer. A essa altura, porém, eu não sabia bem como... Ela parecia frágil demais, e eu tinha medo de mexer nela, até de abraçá-la. Assim, limitei-me a me sentar a seu lado, apoiando meu braço ao longo do dela, e segurei sua mão. Depois pus a outra mão em seu rosto. Era difícil dizer se ela estava mais fria que o normal.

— Obrigada, Jake — disse ela, e senti que tremia.

— Tudo bem.

Edward se sentou no braço do sofá aos pés de Bella, sem nunca tirar os olhos do rosto dela.

Era demais esperar, com toda aquela superaudição na sala, que ninguém tivesse percebido meu estômago roncando.

— Rosalie, por que não pega alguma coisa para Jacob na cozinha? — disse Alice. Ela agora estava invisível, sentada em silêncio atrás do sofá.

Rosalie olhou incrédula para o lugar de onde vinha a voz de Alice.

— Obrigado, de qualquer forma, Alice, mas acho que não vou querer comer alguma coisa em que a Loura tenha cuspido. Acho que meu organismo não lidaria tão bem com o veneno.

— Rosalie jamais constrangeria Esme demonstrando uma falta de hospitalidade tão grande.

— É claro que não — disse a Loura numa voz açucarada que de imediato me deixou desconfiado. Ela se levantou e disparou para fora da sala.

Edward suspirou.

— Vai me dizer se ela envenenar a comida, não vai? — perguntei.

— Sim — prometeu Edward.

E por alguma razão acreditei nele.

Houve muito barulho na cozinha e — estranhamente — o som do metal protestando contra maus-tratos. Edward suspirou de novo, mas também sorriu um pouco. Então Rosalie estava de volta antes que eu pudesse pensar mais no assunto. Com um sorriso malicioso e satisfeito, ela pousou uma tigela prateada no chão ao meu lado.

— Bom apetite, vira-lata.

Provavelmente, aquilo já fora uma grande bacia, mas ela dobrara a borda até que tivesse a forma de uma tigela para cachorro. Fiquei impressionado com a rapidez de sua habilidade manual. E sua atenção com os detalhes. Ela havia rabiscado a palavra Fido na lateral. Numa caligrafia excelente.

Como a comida parecia muito boa — um bife, nada menos, e uma grande batata assada com todas as guarnições —, eu lhe disse:

— Obrigado, Loura.

Ela bufou.

— Ei, sabe como se chama uma loura com cérebro? — perguntei, e respondi imediatamente. — Golden Retriever.

— Já ouvi essa também — disse ela, agora sem sorrir.

— Vou continuar tentando — prometi, e em seguida comecei a comer.

Ela fez cara de nojo e revirou os olhos. Depois se sentou em uma das poltronas e começou a zapear pela tevê com tal rapidez que não havia como estar de fato procurando alguma coisa para ver.

A comida estava boa, mesmo com o fedor de vampiro no ar. Com isso eu já estava me acostumando. Hã. Não que fosse algo que eu quisesse mesmo fazer...

Quando terminei — embora estivesse pensando em lamber a tigela, só para Rosalie ter do que reclamar —, senti os dedos frios de Bella puxando suavemente meu cabelo. Ela afagou minha nuca.

— Hora de cortar o cabelo, não é?

— Você está ficando meio desgrenhado — disse ela. — Talvez...

— Deixe-me adivinhar, antigamente alguém aqui cortava cabelos num salão de Paris?

Ela riu.

— Talvez.

— Não, obrigado — falei antes que ela pudesse fazer a oferta. — Posso

aguentar mais algumas semanas.

O que me fez imaginar quanto tempo ela aguentaria. Tentei pensar numa forma educada de indagar.

— E aí... Hummm. Para, hã, quando é? Você sabe... o nascimento do monstrinho.

Ela bateu na minha cabeça com a força de uma pluma, mas não respondeu.

— Estou falando sério — disse a ela. — Queria saber quanto tempo vou precisar ficar aqui. — Quanto tempo você vai estar aqui, acrescentei mentalmente. E me virei para olhá-la. Seus olhos estavam pensativos; a ruga de estresse estava de novo ali, entre as sobrancelhas.

— Não sei — murmurou ela. — Não sei exatamente. É óbvio que não vamos seguir o modelo de nove meses, e não conseguimos ver nada com um ultrassom — então Carlisle está estimando com base no meu tamanho. As pessoas normais costumam ter uns quarenta centímetros aqui — ela passou o dedo pelo meio da barriga imensa — quando o bebê está plenamente desenvolvido. Um centímetro por semana. Eu estava com trinta esta manhã, e estou ganhando dois centímetros por dia, às vezes mais...

Duas semanas em um dia, os dias voando. A vida dela como num vídeo acelerado. Quantos dias isso lhe dava, se chegasse até quarenta? Quatro? Precisei de um minuto para me lembrar de como se engolia.

— Você está bem? — ela perguntou.

Fiz que sim, sem saber como sairia minha voz.

Edward desviara o rosto de nós enquanto ouvia meus pensamentos, mas eu podia ver seu reflexo na parede de vidro. Era de novo o homem em chamas.

Era estranho como ter um prazo limite tornava mais difícil pensar em ir embora, ou em vê-la partir. Fiquei feliz por Seth levantar o assunto, assim eu sabia que eles iriam permanecer aqui. Seria insuportável ficar me perguntando se eles iriam embora, roubando um, dois ou três desses quatro dias. Meus quatro dias.

Também era estranho que, mesmo eu sabendo que estava quase acabando, a atração que ela exercia sobre mim só ficasse ainda mais difícil de romper. Parecia quase proporcional à sua barriga em expansão — como se, ao crescer, ela ganhasse força gravitacional.

Por um minuto tentei vê-la de certa distância, me afastar da atração. Eu sabia

que não era minha imaginação o fato de eu precisar dela mais do que nunca. Por que era assim? Porque ela estava morrendo? Ou porque eu sabia que, mesmo que não morresse, ainda assim — na melhor das hipóteses — ela se transformaria numa outra coisa que eu não conheceria nem entenderia?

Ela passou o dedo por meu rosto, e minha pele ficou úmida onde ela tocou.

— Vai ficar tudo bem — ela quase cantarolou. Não importava que as palavras nada significassem. Ela falou como as pessoas cantarolam aquelas cantigas sem sentido para ninar crianças. Dorme neném.

— Sei — murmurei.

Ela se aconchegou ao meu braço, pousando a cabeça em meu ombro.

— Não pensei que viesse. Seth disse que você viria, e Edward também, mas não acreditei neles.

— E por que não? — perguntei, de mau humor.

— Você não fica feliz aqui. Mas veio assim mesmo.

— Você me queria aqui.

— Eu sei. Mas não era obrigado a vir, porque não é justo que eu queira você aqui. Eu teria compreendido.

Fez-se silêncio por um minuto. Edward recompôs o rosto. Olhava a tevê enquanto Rosalie percorria os canais. Ela já estava no seiscentos. Perguntei-me quanto tempo ia levar para voltar ao início.

— Obrigada por vir — sussurrou Bella.

— Posso perguntar uma coisa? — eu disse.

— Claro.

Edward não parecia estar prestando atenção em nós, mas sabia o que eu ia perguntar, então não me enganava.

— Por que você me quer aqui? Seth pode mantê-la aquecida, e ele é uma companhia mais agradável, aquele bobinho alegre. Mas quando eu passo pela porta, seu sorriso dá a impressão de que eu sou a pessoa de quem você mais gosta no mundo.

— Você é uma delas.

— Isso é uma droga, sabia?

— Eu sei. — Ela suspirou. — Desculpe-me.

— Mas por quê? Você não respondeu.

Edward tinha desviado os olhos de novo, como se estivesse olhando pela

janela. Seu rosto era inexpressivo no reflexo.

— Parece... completo quando você está aqui, Jacob. Como se toda a minha família estivesse unida. Quer dizer, acho que é assim mesmo... Eu nunca tive uma família grande. É bom. — Ela sorriu por meio segundo. — Mas não fica completo sem você aqui.

— Eu nunca serei parte da sua família, Bella.

Poderia ter sido. Eu teria sido bom nisso. Mas esse era um futuro distante que morrera muito antes de ter a chance de viver.

— Você sempre foi parte da minha família — ela discordou.

Meus dentes rangeram.

— Esta resposta não vale.

— E qual é a que vale?

— Que tal: "Jacob, gosto de ver você sofrer".

Senti Bella se encolher.

— Você se sentiria melhor? — sussurrou ela.

— Pelo menos seria mais fácil. Eu poderia tentar me acostumar. Poderia lidar com isso.

Olhei para o rosto dela então — tão perto do meu. Seus olhos estavam fechados, e a testa, franzida.

— Nós perdemos o rumo, Jake. Perdemos o equilíbrio. Você devia fazer parte da minha vida... Posso sentir isso, e você também. — Ela parou por um segundo sem abrir os olhos, como se esperasse que eu negasse. Como eu não disse nada, ela continuou: — Mas não desse jeito. Fizemos alguma coisa errada. Não. Eu fiz. Eu fiz uma coisa errada e nós perdemos o rumo...

Sua voz falhou, e o rosto, então enrugado, relaxou até se tornar só um repuxado no canto dos lábios. Esperei que ela despejasse mais suco de limão em meus cortes, mas então um ronco suave saiu do fundo de sua garganta.

— Ela está exausta — murmurou Edward. — Foi um longo dia. Um dia difícil. Acho que ela teria ido dormir mais cedo, mas estava esperando você.

Não olhei para ele.

— Seth disse que a coisa quebrou outra costela dela.

— Sim. Por isso ela está com dificuldade para respirar.

— Que ótimo.

— Diga quando ela voltar a ficar quente.

— O.K.

A pele do braço que não estava em contato com o meu ainda estava arrepiada. Eu mal havia levantado a cabeça para procurar um cobertor quando Edward pegou um que estava dobrado sobre o braço do sofá e o estendeu para cobri-la.

De vez em quando, aquilo de ler a mente poupava tempo. Por exemplo, talvez eu não precisasse fazer toda uma cena acusando-os do que estavam fazendo com Charlie. Aquela confusão. Edward ouviria exatamente a raiva...

— Sim — concordou ele. — Não é uma boa ideia.

— Então, por quê? — Por que Bella estava dizendo ao pai que estava se recuperando quando isso só o deixaria mais infeliz?

— Ela não consegue suportar a ansiedade dele.

— Então é melhor...

— Não. Não é melhor. Mas não vou obrigá-la a fazer uma coisa que a deixe infeliz agora. O que quer que aconteça, isso faz com que se sinta melhor. Vou lidar com o restante depois.

Algo não soava bem nessa história. Bella não iria simplesmente deixar a dor de Charlie para depois, para que outra pessoa cuidasse do assunto. Mesmo morrendo. Ela não era assim. Se eu a conhecia, ela devia ter outro plano.

— Ela tem certeza de que vai viver — disse Edward.

— Mas não como humana — protestei.

— Não, não humana. Mas, de qualquer jeito, ela espera ver Charlie de novo.

Ah!, a história fica cada vez melhor.

— Ver. Charlie. — Eu finalmente olhei para ele, meus olhos arregalados. — Depois. Ver Charlie quando ela estiver cintilando de tão branca e com os olhos vermelhos. Não sou um sanguessuga, então talvez eu esteja deixando passar alguma coisa, mas Charlie parece uma opção meio estranha para uma primeira refeição.

Edward suspirou.

— Ela sabe que não poderá ficar perto dele por no mínimo um ano. Mas acha que pode protelar. Dizer a Charlie que teve de ir para um hospital especial do outro lado do mundo. Manter contato por telefone...

— Isso é loucura.

— É.

— Charlie não é idiota. Mesmo que ela não o mate, ele vai perceber a

diferença.

— É mais ou menos nisso que ela está apostando.

Continuei a olhá-lo, aguardando a explicação.

— Ela não vai envelhecer, é claro, então isso teria um limite de tempo, mesmo que Charlie aceitasse qualquer desculpa que ela inventasse para as mudanças. — Ele sorriu desanimado. — Lembra quando tentou contar a ela sobre sua transformação? Como você a fez adivinhar?

Minha mão livre se fechou.

— Ela falou disso?

— Sim. Ela estava explicando a... ideia. Entenda, ela não pode contar a verdade a Charlie... Seria perigoso demais para ele. Mas ele é um homem prático e inteligente. Ela acha que ele vai encontrar uma explicação sozinho. E imagina que vá entender errado. — Edward bufou. — Afinal, não seguimos os cânones dos vampiros. Ele vai fazer alguma suposição errada sobre nós, como a própria Bella fez no início, e nós vamos agir de acordo. Ela acha que poderá vê-lo... de vez em quando.

— Loucura — repeti.

— Sim — concordou ele de novo.

Era fraqueza dele permitir que ela fizesse o que queria, só para deixá-la feliz no momento. Aquilo não acabaria bem.

O que me fez pensar que ele provavelmente não estava esperando que ela vivesse para executar aquele plano maluco. Ele a estava acalmando, para que ela pudesse ser feliz por mais algum tempo.

Mais quatro dias, por exemplo.

— Vou lidar com o que vier depois — sussurrou ele, e virou o rosto para que eu não pudesse ver seu reflexo. — Não vou causar nenhuma dor a ela agora.

— Quatro dias? — perguntei.

Ele não levantou a cabeça.

— Aproximadamente.

— E depois?

— O que quer dizer exatamente?

Pensei no que Bella tinha dito. Sobre a coisa estar envolta em algo forte como pele de vampiro. Então, como aquilo funcionava? Como iria sair?

— De acordo com a pouca pesquisa que pudemos fazer, parece que as

criaturas usam os próprios dentes para sair do útero — sussurrou ele.

Tive de fazer uma pausa para engolir a bile.

— Pesquisa? — perguntei com a voz fraca.

— É por isso que você não tem visto Jasper e Emmett por aqui. É o que Carlisle está fazendo agora. Tentando decifrar histórias e mitos, o máximo que pudermos com o que temos aqui, procurando alguma coisa que nos ajude a prever o comportamento da criatura.

Histórias? Se havia mitos, então...

— Então essa coisa não é a primeira de sua espécie? — perguntou Edward, antecipando minha pergunta. — Talvez. É tudo muito rudimentar. Os mitos podem muito bem ser produto do medo e da imaginação. Mas... — ele hesitou —, seus mitos são verdadeiros, não são? Talvez esses sejam também. Eles parecem ser localizados, relacionados...

— Como vocês descobriram...?

— Conhecemos uma mulher na América do Sul. Ela foi criada nas tradições de seu povo. Ouvira o que se falava sobre essas criaturas, antigas histórias transmitidas geração após geração.

— Falavam o quê? — sussurrei.

— Que a criatura deveria ser morta imediatamente. Antes que pudesse adquirir mais força.

Como Sam pensava. Será que ele tinha razão?

— É claro que as lendas deles dizem o mesmo de nós. Que devemos ser destruídos. Que somos assassinos sem alma.

Bingo.

Edward soltou uma risada dura.

— O que essas histórias dizem sobre as... mães?

A agonia dilacerou seu rosto, e enquanto eu me encolhia querendo fugir à sua dor, vi que ele não me daria uma resposta. Eu duvidava de que ele pudesse falar.

A resposta veio de Rosalie — que estava tão imóvel e silenciosa desde que Bella dormira que eu quase me esquecera dela.

Ela soltou um ruído de desprezo vindo do fundo da garganta.

— É claro que não houve sobreviventes — disse ela. Não houve sobreviventes, curto e grosso. — Dar à luz no meio de um pântano infestado de doenças com um curandeiro lambuzando seu rosto de saliva de bicho-preguiça para expulsar os

espíritos do mal nunca foi o método mais seguro. Mesmo os nascimentos normais davam errado na metade das vezes. Nenhum deles tinha o que esse bebê tem: cuidados de pessoas com uma ideia de quais são suas necessidades e que tentam atender a essas necessidades. Um médico com um conhecimento único da natureza dos vampiros. Um plano para que o bebê nasça com a maior segurança possível. O veneno, que corrigirá qualquer coisa que dê errado. O bebê vai ficar bem. E aquelas outras mães provavelmente teriam sobrevivido se tivessem isso... se é que essas mães existiram, para começo de conversa. Algo de que não estou convencida. — Ela fungou com desdém.

O bebê, o bebê. Como se só isso importasse. A vida de Bella era um detalhe sem importância para ela — fácil de descartar.

O rosto de Edward ficou branco como a neve. Suas mãos se curvaram em garras. Completamente egoísta e indiferente, Rosalie se remexeu na cadeira para ficar de costas para ele. Edward se inclinou para a frente, agachando-se.

Permita-me, sugeri.

Ele parou, erguendo uma sobrancelha.

Em silêncio, levantei do chão minha tigela de cachorro. Depois, com um rápido e poderoso giro do pulso, atirei-a na parte de trás da cabeça da Loura com tanta força que — com um bang ensurdecedor — a tigela se achatou antes de quicar pela sala e arrancar o topo redondo do grosso pilar ao pé da escada.

Bella se remexeu, mas não acordou.

— Loura burra — murmurei.

Rosalie virou a cabeça devagar. Seus olhos estavam em brasa.

— Você. Jogou. Comida. Em. Meu. Cabelo.

Foi o que bastou.

Eu explodi. Afastei-me de Bella para não sacudi-la, e ri tanto que as lágrimas escorriam por meu rosto. Ouvi o riso de sino de Alice vindo de trás do sofá.

Perguntei-me por que Rosalie não atacou. Eu até que esperava por isso. Mas, então, percebi que minha gargalhada tinha acordado Bella, embora ela tivesse continuado a dormir durante o barulho de verdade.

— O que é tão engraçado? — murmurou ela.

— Joguei comida no cabelo dela — eu disse, dando outra gargalhada.

— Não vou me esquecer disso, cachorro — sibilou Rosalie.

— Não é tão difícil apagar a memória de uma loura — contra-ataquei. — E

só soprar em sua orelha.

— Arrume umas piadas novas — rebateu ela.

— Vamos, Jake. Deixe a Rose em p... — Bella interrompeu a frase no meio e inspirou o ar com um ruído áspero. No mesmo segundo, Edward estava inclinado por cima de mim, tirando o cobertor do caminho. Ela parecia em convulsão, as costas erguendo-se em arco do sofá.

— Ele só está — ela ofegou — se alongando.

Seus lábios estavam brancos e os dentes trincados, como se tentasse reprimir um grito.

Edward pôs as mãos em seu rosto.

— Carlisle? — chamou ele numa voz baixa e tensa.

— Estou aqui — disse o médico.

Eu não o ouvira entrar.

— Tudo bem — disse Bella, ainda respirando mal e superficialmente. — Acho que passou. O pobrezinho não tem espaço suficiente, é só isso. Ele está ficando muito grande.

Era mesmo difícil aceitar aquele tom de adoração que ela usava para descrever a coisa que a estava dilacerando. Em especial depois da insensibilidade de Rosalie. Fez que eu tivesse vontade de atirar alguma coisa em Bella também.

Ela não captou meu estado de espírito.

— Sabe de uma coisa, ele me lembra você, Jake — falou com o tom afetuoso, ainda ofegando.

— Não me compare com essa coisa — soltei entredentes.

— Só estava me referindo ao seu surto de crescimento — disse ela, dando a impressão de que eu havia ferido seus sentimentos. Ótimo. — Você cresceu de repente. Eu via você ficando mais alto a cada minuto. Ele também é assim. Cresce rápido demais.

Mordi a língua, para não dizer o que queria — com tanta força, que senti o gosto de sangue. É claro que iria curar antes mesmo que eu pudesse engolir. Era disso que Bella precisava. Ser forte como eu, ser capaz de se curar...

Ela agora respirava com mais facilidade, e então relaxou no sofá, o corpo ficando flácido.

— Hummm — murmurou Carlisle.

Olhei para ele, e seus olhos estavam em mim.

— O que foi? — perguntei.

A cabeça de Edward se inclinou enquanto ele refletia sobre o que estava na mente de Carlisle.

— Você sabe que eu estava me perguntando sobre a composição genética do feto, Jacob. Sobre os cromossomos dele.

— E daí?

— Bem, levando suas semelhanças em consideração...

— Semelhanças? — grunhi, sem gostar do plural.

— O crescimento acelerado e o fato de Alice não poder ver nenhum de vocês.

Senti meu rosto ficar lívido. Havia me esquecido dessa outra.

— Bem, imagino se isso significa que temos uma resposta. Se as semelhanças são genéticas.

— Vinte e quatro pares — murmurou Edward.

— Você não sabe disso.

— Não. Mas é interessante especular — disse Carlisle numa voz tranquilizadora.

— É. É fascinante.

O ronco leve de Bella recomeçou, acentuando meu sarcasmo.

Eles então continuaram, rapidamente levando a conversa sobre genética a um ponto em que as únicas palavras que eu entendia eram os e es. E meu próprio nome, é claro. Alice se uniu a eles, comentando de vez em quando com sua voz de passarinho.

Embora estivessem falando de mim, não tentei imaginar a que conclusões chegavam. Eu tinha outras coisas em mente, alguns fatos que tentava conciliar.

Primeiro fato: Bella disse que a criatura era protegida por algo forte como pele de vampiro, algo que era impenetrável ao ultrassom, duro demais para agulhas. Segundo: Rosalie disse que eles tinham um plano para trazer a criatura com segurança ao mundo. Terceiro: Edward disse que — nos mitos — outros monstros como esse abriam caminho a dentadas para sair da mãe.

Estremeci.

E isso fazia um sentido nauseante porque — quarto fato — poucas coisas podiam ser tão fortes quanto pele de vampiro. Os dentes dessa criatura híbrida — segundo o mito — eram bastante fortes. Meus dentes eram bastante fortes.

E dentes de vampiro também eram bastante fortes.

Era difícil não perceber o óbvio, mas eu queria poder não ver. Porque eu tinha uma ideia muito boa de como Rosalie pretendia que a coisa nascesse "com segurança".

16. PERIGO: EXCESSO DE INFORMAÇÃO

SAÍ DE LÁ CEDO, MUITO ANTES DE O SOL NASCER. TINHA TIRADO UM cochilo, desconfortável, encostado na lateral do sofá. Edward me acordou quando o rosto de Bella estava afogueado, e assumiu meu lugar para esfriá-la de novo. Eu me espreguicei e concluí que tinha descansado o suficiente para trabalhar um pouco.

— Obrigado — disse Edward baixinho, vendo meus planos. — Se o caminho estiver desimpedido, eles irão hoje.

— Eu aviso.

Era bom voltar à minha identidade animal. Eu estava rígido de ficar sentado imóvel por tanto tempo. Alonguei minha passada, tentando me livrar das cãibras.

Bom dia, Jacob, Leah me cumprimentou.

Que bom que você está acordada. Há quanto tempo Seth está dormindo?

Ainda não dormi, pensou Seth, sonolento. Estou quase lá. Do que precisa?

Acha que aguenta mais uma hora?

Claro. Sem problemas. Imediatamente Seth se colocou de pé, sacudindo o pelo.

Vamos avançar mais agora, eu disse a Leah. Seth, siga o perímetro.

Entendido. Seth partiu numa corrida tranquila.

Lá vamos nós em outra missão para os vampiros, grunhiu Leah.

Algum problema com isso?

Claro que não. Adoro mimar aqueles adoráveis sanguessugas.

Que bom. Vamos ver que velocidade podemos atingir.

O.K., é claro que estou dentro!

Leah estava no trecho mais a oeste do perímetro. Em vez de cortar caminho por perto da casa dos Cullen, ela se manteve no círculo enquanto corria para me encontrar. Eu corri para leste, sabendo que mesmo com aquela dianteira ela logo me ultrapassaria se eu relaxasse por um segundo que fosse.

Focinho no chão, Leah. Isso não é uma corrida, é uma missão de reconhecimento.

Posso fazer as duas coisas e ainda deixar você para trás.

Tive que concordar. Eu sei.

Ela riu.

Pegamos um caminho sinuoso pelas montanhas a leste. Era uma trilha conhecida. Corremos por aquelas montanhas quando os vampiros partiram, um ano antes, como parte da rota de patrulha para proteger melhor o povo dali. Depois recuamos com as linhas, quando os Cullen voltaram. Aquele era o território deles no tratado.

Mas agora esse fato provavelmente não devia significar nada para Sam. O tratado estava morto. A questão ali era até que ponto ele estava disposto a estender sua força. Será que ele estava procurando algum Cullen desgarrado para atacar, fosse ou não fosse em seu território? Será que Jared falara a verdade, ou estava tirando proveito do silêncio entre nós?

Avançamos cada vez mais nas montanhas, sem encontrar nenhum vestígio da matilha. Havia rastros sutis de vampiro em toda parte, mas os cheiros agora eram familiares. Tinha sentido o cheiro deles aquele dia inteiro.

Encontrei uma boa concentração, mais ou menos recente, em um rastro em particular — todos eles indo e vindo por ali, exceto Edward. Houve algum motivo para a reunião, que deve ter sido esquecido quando Edward levou para casa a mulher grávida e moribunda. Trinquei os dentes. O que quer que fosse, não era da minha conta.

Leah não tentou me ultrapassar, embora naquele momento pudesse ter feito isso. Eu estava prestando mais atenção em cada cheiro novo que na disputa. Ela se manteve do meu lado direito, correndo comigo em vez de contra mim.

Já estamos bem longe, comentou ela.

É. Se Sam estivesse caçando os desgarrados, já devíamos ter cruzado seu rastro a essa altura.

Agora faz mais sentido que ele fique entrincheirado em La Push, pensou Leah. Ele sabe que somos três jogos extras de olhos e patas a favor dos sanguessugas. Não vai conseguir surpreendê-los.

Na verdade, isso é só uma precaução.

Não queremos que nossos preciosos parasitas se arrisquem sem necessidade.

Não, concordei, ignorando o sarcasmo.

Você mudou muito, Jacob. Da água para o vinho.

Você também não é exatamente a mesma Leah que sempre conheci e amei.

É verdade. Agora estou menos irritante do que Paul?

Por incrível que pareça... sim.

Ah, o doce sucesso.

Meus parabéns.

Então voltamos a correr em silêncio. Já devia estar na hora de darmos meia-volta, mas nenhum de nós queria isso. Era bom correr daquele jeito. Estávamos observando o pequeno perímetro de uma mesma trilha havia muito tempo. Era bom alongar os músculos e pegar um terreno irregular. Não tínhamos muita pressa, então pensei que talvez devêssemos caçar no caminho de volta. Leah estava com muita fome.

Nham, nham, pensou ela, pouco animada.

Está tudo na sua cabeça, disse a ela. É assim que os lobos comem. É natural. O gosto é bom. Se você não pensasse nisso da perspectiva humana...

Deixe esse papo motivacional para lá, Jacob. Vou caçar. Não preciso gostar disso.

Claro, claro, concordei prontamente. Não era da minha conta se ela queria dificultar as coisas para si mesma.

Ela não acrescentou nada por alguns minutos; comecei a pensar em voltar.

Obrigada, disse de repente Leah, em um tom muito diferente.

Por?

Por me deixar em paz. Por me deixar ficar. Você tem sido mais legal do que eu tinha o direito de esperar, Jacob.

Hã, tudo bem. Na verdade, estou sendo sincero. Não me importo de ter você aqui como pensei que me importaria.

Ela bufou, mas era de brincadeira. Que elogio!

Não deixe que isso lhe suba à cabeça.

Tudo bem — se não deixar que esse suba à sua. Ela parou por um segundo. Acho que você dá um bom alfa. Não da mesma forma que Sam, mas à sua própria maneira. Vale a pena seguir você, Jacob.

Minha mente ficou vazia com a surpresa. Precisei de um segundo para me recuperar o suficiente para responder.

Hã, obrigado. Mas não sei se vou conseguir impedir que isso suba à minha cabeça. De onde saiu isso?

Ela não respondeu de imediato, e eu segui a direção muda de seus pensamentos. Ela estava pensando no futuro — sobre o que eu tinha dito a Jared na outra manhã. Sobre como logo chegaria a hora, e então eu voltaria para a floresta. Sobre eu ter prometido que ela e Seth voltariam à matilha quando os Cullen fossem embora...

Quero ficar com você, disse ela.

Uma descarga elétrica subiu por minhas pernas, travando minhas articulações. Ela passou voando por mim e freou. Devagar, voltou para onde eu estava paralisado.

Eu não vou encher a paciência, juro. Não vou ficar seguindo você por aí. Pode ir aonde quiser, e eu irei aonde eu quiser. Você só vai precisar me aturar quando formos lobos. Ela andava de um lado para o outro na minha frente, balançando nervosamente a longa cauda cinza. E como pretendo me livrar disso assim que puder... talvez isso não vá ser muito frequente.

Eu não sabia o que dizer.

Estou mais feliz agora, como parte de sua matilha, do que fui em anos.

Eu quero ficar também, pensou Seth baixinho. Não tinha percebido que ele estava prestando tanta atenção em nós enquanto percorria o perímetro. Gosto dessa matilha.

Espere aí! Seth, isso não será uma matilha por muito tempo. Tentei recompor meus pensamentos para que o convencesse. Agora temos um propósito, mas quando... depois que isso acabar, vou voltar à vida de lobo. Seth, você precisa de um propósito. Você é um bom garoto. É o tipo de pessoa que sempre tem uma cruzada. E de forma alguma vai deixar La Push agora. Você vai terminar a escola e fazer alguma coisa de sua vida. Vai cuidar de Sue. Meus problemas não vão atrapalhar seu futuro.

Mas...

Jacob tem razão, reforçou Leah.

Está concordando comigo?

Claro que sim. Mas nada disso se aplica a mim. Eu estava mesmo indo embora de lá. Vou arrumar um emprego em algum lugar longe de La Push. Talvez fazer alguns cursos politécnicos numa faculdade. Fazer ioga e meditação para resolver meus problemas de temperamento... E fazer parte dessa matilha pelo meu bem-estar mental. Jacob — você consegue ver como isso faz sentido, certo? Não vou

incomodar você, você não vai me incomodar — todo o mundo fica feliz.

Fiz meia-volta e comecei a retornar devagar para o oeste.

É muita coisa para eu digerir, Leah. Deixe-me pensar um pouco, está bem?

Claro. Sem pressa.

Demoramos mais para correr de volta. Eu não estava tentando ser veloz. Só tentava me concentrar o bastante para não dar uma cabeçada numa árvore. Seth grunhia um pouco no fundo de minha mente, mas consegui ignorá-lo. Ele sabia que eu tinha razão. Ele não iria abandonar a mãe. Iria voltar para La Push e proteger a tribo, como devia fazer.

Mas eu não conseguia ver Leah fazendo o mesmo. E isso era assustador.

Uma matilha composta de nós dois? Por maior que fosse a distância física, eu não conseguia imaginar a... a intimidade dessa situação. Imaginei se ela realmente tinha pensado bem naquilo ou se só estava desesperada para ficar livre.

Leah não disse nada enquanto eu ruminava o assunto. Era como se tentasse provar como seria fácil se fôssemos apenas nós dois.

Encontramos um rebanho de cervos de rabo preto no momento em que o sol se levantava, iluminando um pouco as nuvens atrás de nós. Leah suspirou consigo mesma, mas não hesitou. Seu bote foi simples e eficiente — gracioso até. Ela derrubou o maior, o macho, antes que o animal assustado percebesse plenamente o perigo.

Para não ficar para trás, abati a segunda maior fêmea do rebanho, quebrando-lhe rapidamente o pescoço entre minhas mandíbulas, para que ela não sentisse dor desnecessária. Eu podia sentir o nojo de Leah em conflito com sua fome, e tentei facilitar para ela, deixando que o lobo dominasse minha mente. Eu tinha vivido como lobo por tempo suficiente para saber ser integralmente o animal — ver e pensar como ele. Deixei que os instintos práticos me dominassem, permitindo que ela também sentisse isso. Ela hesitou por um segundo, mas depois, aos poucos, pareceu que sua mente tinha chegado lá e tentava ver do meu modo. Era muito estranho — nossas mentes estavam mais ligadas do que nunca, porque nós dois estávamos tentando pensar juntos.

Foi estranho, mas ajudou Leah. Os dentes dela cortaram o pelo e a pele do ombro de sua presa, rasgando um grosso naco de carne sangrenta. Em vez de recuar, como seus pensamentos humanos queriam que fizesse, ela deixou que seu eu-lobo reagisse instintivamente. Era algo de certo modo entorpecente,

automático. E permitiu que ela comesse em paz.

Foi fácil para mim fazer o mesmo. E fiquei feliz por não ter me esquecido daquilo. Aquela logo voltaria a ser minha vida.

Será que Leah faria parte dessa vida? Uma semana antes eu teria achado essa ideia para lá de apavorante. Não teria sido capaz de suportá-la. Mas agora eu a conhecia melhor. E, aliviada da dor ininterrupta, ela não era a mesma loba. Não era a mesma garota.

Comemos juntos até estarmos satisfeitos.

Obrigada, ela me disse mais tarde, enquanto limpava o focinho e as patas na relva molhada.

Eu não me dei esse trabalho; tinha acabado de começar a chuviscar e teríamos que atravessar o rio novamente no caminho de volta. Eu ficaria bastante limpo.

Não foi tão ruim, pensando do seu jeito.

De nada.

Seth estava se arrastando quando chegamos ao perímetro. Eu disse a ele que fosse dormir um pouco; Leah e eu assumiríamos a patrulha. A mente de Seth caiu na inconsciência segundos depois.

Está voltando para os sanguessugas?, Leah perguntou.

Talvez.

É difícil para você estar lá, mas também é difícil ficar longe. Sei como é isso.

Sabe de uma coisa, Leah: talvez você queira pensar melhor no futuro, no que realmente quer fazer. Minha cabeça não vai ser o lugar mais feliz da Terra. E você terá de sofrer comigo.

Ela pensou em como me responder. Caramba, isso vai soar mal. Mas, honestamente, vai ser mais fácil lidar com sua dor do que enfrentar a minha.

É bastante razoável.

Sei que será ruim para você, Jacob. Eu entendo... talvez melhor do que você pensa. Não gosto dela, mas... ela é seu Sam. Ela é tudo o que você quer e tudo o que não pode ter.

Não consegui responder.

Sei que é pior para você. Pelo menos Sam está feliz. Pelo menos ele está vivo e bem. Eu o amo bastante para querer isso. Quero que ele tenha o que for melhor para ele. Ela suspirou. Só não quero ficar perto para assistir.

Precisamos falar disso?

Acho que sim. Porque quero que saiba que não vou piorar as coisas para você. Que droga, talvez eu até ajude! Não nasci uma bruxa sem compaixão. Antigamente, eu era legal, sabe?

Minha memória não vai tão longe.

Nós dois rimos.

Sinto muito por isso, Jacob. Lamento que esteja sofrendo. Lamento que tudo esteja piorando, em vez de melhorar.

Obrigado, Leah.

Ela pensou nas coisas que estavam piores, as imagens negras em minha mente, enquanto eu tentava me desligar dela, sem muito sucesso. Ela conseguia olhar tudo aquilo com algum distanciamento, alguma perspectiva, e eu tinha de admitir que isso ajudava. Permitia que eu imaginasse que talvez também fosse capaz de enxergar as coisas daquela maneira em alguns anos.

Ela via o lado engraçado das irritações de todo dia, que vinham com a convivência com os vampiros. Ela gostava das minhas implicâncias com Rosalie, rindo consigo mesma e até repassando mentalmente algumas piadas de loura que eu talvez pudesse usar. Mas depois seus pensamentos ficaram sérios, demorando-se no rosto de Rosalie de um jeito que me confundia.

Sabe o que é maluco?, perguntou ela.

Bom, quase tudo agora é maluco. Mas a que você está se referindo?

Aquela vampira loura que você odeia tanto... Entendo perfeitamente a perspectiva dela.

Por um segundo pensei que ela fosse fazer uma piada de péssimo gosto. E então, quando percebi que falava seriamente, foi difícil controlar a fúria que me tomou. Foi bom termos nos separado em nossa vigilância. Se ela estivesse à distância de uma dentada...

Espere aí! Deixe-me explicar!

Não quero ouvir. Vou dar o fora daqui.

Espere! Espere!, ela pediu enquanto eu tentava me acalmar o suficiente para mudar de forma. Ah, vamos, Jake!

Leah, essa não é a melhor maneira de me convencer de que no futuro vou querer passar mais tempo com você.

Puxa! Que reação exagerada. Você nem sabe do que estou falando.

Então me diga: do que está falando?

E ela de repente era a Leah endurecida pela dor. Estou falando de ser um beco sem saída genético, Jacob.

O tom cruel em suas palavras me fez vacilar. Eu não esperava ter minha raiva vencida.

Não entendo.

Você entenderia se não fosse igual ao restante deles. Se minhas "coisas de fêmea" — ela pensou as palavras com um tom sarcástico e duro — não o afastassem para longe como a qualquer macho idiota, você conseguiria realmente prestar atenção no que tudo isso significa.

Ah!

É, nenhum de nós gostava de pensar nessas coisas com ela. Quem iria gostar? É claro que eu me lembrava do pânico de Leah no primeiro mês depois que se juntara à matilha — e me lembrava de ter fugido daquilo, como todos os outros. Porque ela não podia engravidar — a menos que acontecesse alguma monstruosa concepção imaculada. Ela não estivera com ninguém desde Sam. E depois, quando as semanas se arrastavam e o nada se transformava em mais nada, ela havia percebido que seu corpo não mais seguia os padrões normais. O pavor — o que ela era, então? Será que seu corpo tinha mudado por que ela se tornara lobisomem? Ou ela havia virado lobisomem por que tinha algo errado com seu corpo? A única lobisomem fêmea na história do mundo. Será que aconteceu porque ela não era tão fêmea quanto deveria ser?

Nenhum de nós queria encarar aquele problema. Não era, obviamente, algo com que conseguíssemos nos identificar.

Você sabe por que Sam acha que temos imprinting, ela pensou, mais calma.

Claro. Para dar seguimento à linhagem.

Sim. Para fazer um monte de novos lobisomenzinhos. A sobrevivência da espécie, a dominância genética. Você é atraído à pessoa que lhe dá as melhores chances de transmitir o gene de lobo.

Esperei que ela me dissesse aonde queria chegar.

Se eu tivesse alguma utilidade nesse sentido, Sam teria se sentido atraído por mim.

Sua dor era tamanha, que me fez interromper a corrida.

Mas não tenho. Tem alguma coisa errada comigo. Não sou capaz de passar adiante os genes, ao que parece, apesar de minha linhagem estelar. Então me

tornei uma aberração — a lobisomem mulherzinha — que não serve para mais nada. Sou um beco sem saída genético, e nós dois sabemos disso.

Não sabemos, argumentei. Essa é apenas a teoria de Sam. O imprinting acontece, mas não sabemos por quê. Billy acha que é outra coisa.

Eu sei, eu sei. Ele acha que o imprinting acontece para gerar lobos mais fortes. Porque você e Sam são monstros imensos — maiores do que nossos pais. Mas, seja como for, eu não me enquadro. Eu... estou na menopausa. Tenho 20 anos e já estou na menopausa.

Argh. Eu não queria mesmo ter aquela conversa. Você não sabe, Leah. Provavelmente, é só essa coisa de ficar parada no tempo. Quando você se livrar da forma de lobo e começar a envelhecer de novo, sei que as coisas vão... hã... voltar a seu ritmo.

Eu posso até pensar assim... Só que ninguém sofreu imprinting comigo, apesar de meu impressionante pedigree. Sabe de uma coisa?, acrescentou ela, pensativa, se não fosse por você, Seth provavelmente seria quem teria mais direito de ser o alfa... ao menos por causa do sangue. É claro que ninguém jamais pensaria em mim...

Você quer mesmo sofrer imprinting, ou que alguém sofra por você, ou seja o que for?, perguntei. O que há de errado em se apaixonar como uma pessoa normal, Leah? O imprinting é só mais uma maneira de ter suas escolhas arrancadas de suas mãos.

Sam, Jared, Paul, Quil... eles não parecem se importar.

Nenhum deles pensa por si mesmo.

Você não quer o imprinting?

Não, Deus me livre!

Isso é só porque você já é apaixonado por ela. Isso passaria, você sabe, se sofresse imprinting. Você não sofreria mais por causa de ninguém.

Quer esquecer o que sente por Sam?

Ela pensou por um momento. Acho que sim.

Suspirei. A atitude dela era mais saudável do que a minha.

Mas, voltando ao meu argumento original, Jacob, eu entendo por que sua vampira loura é tão fria — no sentido figurado. Ela está focada. Está de olho no prêmio, certo? Porque o que mais queremos é sempre o que jamais poderemos ter.

Você agiria como Rosalie? Você mataria alguém — porque é o que ela está fazendo, cuidando para que ninguém interfira na morte de Bella —, você faria isso para ter um bebê? Desde quando você é uma reprodutora?

Eu só quero as opções que não tenho, Jacob. Talvez eu nunca pensasse no assunto se não houvesse nada de errado comigo.

Você mataria por isso?, perguntei, sem deixar que ela escapasse de minha pergunta.

Não é o que ela está fazendo. Acho que é mais como se ela estivesse, indiretamente, vivendo aquilo. E... se Bella pedisse a mim que a ajudasse... Ela parou, refletindo. Embora não ligue muito para ela, eu provavelmente faria o mesmo que a sanguessuga.

Um rosnado alto rompeu entre meus dentes.

Porque, se fosse o contrário, eu iria querer que Bella fizesse o mesmo por mim. E Rosalie também. Nós duas agiríamos como ela.

Argh! Você está tão louca quanto eles!

É isso que é engraçado em saber que você não pode ter uma coisa. Você fica desesperado.

E... esse é meu limite. Aqui mesmo. Esta conversa acabou.

Tudo bem.

Não era suficiente que ela concordasse em parar. Eu queria um fim mais definitivo do que isso.

Estava a cerca de um quilômetro de onde tinha deixado minhas roupas, então passei para a forma humana e caminhei. Não pensei em nossa conversa. Não porque não houvesse em que pensar, mas porque eu não suportava. Eu não queria ver a questão daquela maneira — mas ficara mais difícil evitar isso depois de Leah ter colocado os pensamentos e emoções em minha cabeça.

É, eu não iria correr com ela quando aquilo terminasse. Ela que ficasse infeliz em La Push. Um pequeno comando de alfa antes de partir para sempre não mataria ninguém.

Era muito cedo quando cheguei à casa. Bella ainda devia estar dormindo. Pensei em dar uma espiada, ver o que estava acontecendo, dar a eles sinal verde para que fossem caçar e, então, encontrar um pedaço de grama bastante macio para dormir como humano. Eu só iria voltar a mudar de forma quando Leah estivesse dormindo.

Mas havia muito burburinho dentro da casa — então talvez Bella não estivesse dormindo. Em seguida ouvi novamente o barulho do equipamento no segundo andar — o aparelho de raio X? Que ótimo! Parecia que o quarto dia na contagem regressiva começava de forma explosiva.

Alice abriu a porta para mim antes que eu pudesse entrar sozinho.

Ela balançou a cabeça.

— E aí, lobo.

— E aí, baixinha. O que está acontecendo lá em cima? — A grande sala estava vazia; todos os murmúrios vinham do segundo andar.

Ela encolheu os ombrinhos ossudos.

— Talvez outra fratura. — Ela tentou falar de forma despreocupada, mas eu podia ver as chamas no fundo de seus olhos. Edward e eu não éramos os únicos que estavam se consumindo com aquilo. Alice também amava Bella.

— Outra costela? — perguntei com a voz rouca.

— Não. A bacia dessa vez.

Era estranho que aquilo continuasse me atingindo, como se cada novo acontecimento fosse uma surpresa. Quando é que eu pararia de me surpreender? Cada novo desastre parecia meio óbvio depois de ter acontecido.

Alice olhava minhas mãos, vendo-as tremer.

Depois ouvimos a voz de Rosalie no andar de cima.

— Viu, eu disse que não tinha ouvido um estalo. Alguém precisa examinar seus ouvidos, Edward.

Não houve resposta.

Alice fez uma careta.

— Acho que Edward vai acabar fazendo Rosalie em pedacinhos. Estou surpresa de que ela não veja isso. Ou talvez ache que Emmett poderá detê-lo.

— Eu pego Emmett — ofereci. — Você pode ajudar Edward com a parte de picar em pedacinhos.

Alice abriu um meio sorriso.

A procissão então desceu a escada — dessa vez, Edward carregava Bella, que estava segurando seu copo de sangue com as duas mãos, o rosto lívido. Eu podia ver que, embora ele compensasse cada movimento mínimo de seu corpo para não movê-la bruscamente, ela sentia dor.

— Jake — ela sussurrou, e sorriu em meio à dor.

Eu a fitei, sem nada dizer.

Edward colocou Bella com cuidado no sofá e se sentou no chão, perto de sua cabeça. Imaginei por um segundo por que não a deixavam no andar de cima, então concluí de imediato que devia ser ideia de Bella. Ela devia querer agir como se as coisas estivessem normais, evitar o equipamento hospitalar. E ele estava cedendo aos desejos dela. Naturalmente.

Carlisle desceu devagar, o último deles, o rosto vincado de preocupação. Pela primeira vez, parecia ter idade suficiente para ser médico.

— Carlisle — eu disse. — Fomos até a metade do caminho para Seattle. Não há sinal da matilha. Vocês podem ir.

— Obrigado, Jacob. É uma boa hora. Estamos precisando de muitas coisas. — Seus olhos negros voaram para o copo que Bella segurava com tanta firmeza.

— Sinceramente, acho que pode levar mais de três com segurança. Tenho certeza de que Sam está se concentrando em La Push.

Carlisle assentiu. Surpreendeu-me ver a facilidade com que ele aceitou meu conselho.

— Se pensa assim. Alice, Esme, Jasper e eu iremos. Depois Alice pode levar Emmett e Rosa...

— De jeito nenhum — sibilou Rosalie. — Emmett pode ir com vocês agora.

— Você precisa caçar — disse Carlisle numa voz gentil.

O tom de voz dele não atenuou o dela.

— Vou caçar quando ele for — grunhiu ela, apontando Edward com a cabeça e jogando o cabelo para trás.

Carlisle suspirou.

Jasper e Emmett chegaram ao primeiro andar num piscar de olhos, e no mesmo segundo Alice se juntou a eles perto da porta de vidro dos fundos. Esme flutuou para o lado de Alice.

Carlisle pôs a mão em meu braço. O toque gelado não era agradável, mas eu não me afastei. Permaneci imóvel — em parte por surpresa, em parte porque não queria ferir seus sentimentos.

— Obrigado — disse ele de novo, e então disparou porta afora com os outros quatro.

Meus olhos os seguiram enquanto eles voaram pelo gramado e desapareceram antes que eu pudesse inspirar novamente. As necessidades deles deviam ser mais

urgentes do que eu imaginara.

Por um minuto, não ouvi nenhum som. Eu podia sentir alguém me fuzilando com os olhos, e sabia quem era. Eu havia planejado sair e dormir um pouco, mas a oportunidade de estragar a manhã de Rosalie parecia boa demais para ser desperdiçada.

Então caminhei até a poltrona ao lado da de Rosalie e me acomodei, esparramando-me de modo que minha cabeça estivesse inclinada na direção de Bella e meu pé esquerdo quase na cara de Rosalie.

— Argh. Alguém coloque o cachorro para fora — murmurou ela, franzindo o nariz.

— Conhece esta, psicopata: sabe como os neurônios de uma loura morrem?

Ela não disse nada.

— E então? — perguntei. — Sabe o final da piada ou não?

Ela olhava para a tevê com determinação, ignorando minha presença.

— Ela já ouviu essa? — perguntei a Edward.

Não havia humor em seu rosto tenso — seus olhos não se desgrudavam de Bella. Mas ele respondeu.

— Não.

— Beleza! Então vai gostar desta, sanguessuga... Os neurônios de uma loura morrem de solidão.

Rosalie continuou sem olhar para mim.

— Já matei cem vezes mais do que você, sua besta nojenta. Não se esqueça disso.

— Um dia, Rainha da Beleza, você vai cansar de ficar só me ameaçando. Estou louco para que esse dia chegue.

— Chega, Jacob — disse Bella.

Olhei para baixo, e ela estava de cara feia para mim. Parecia que o bom humor da véspera se fora.

Bom, eu não queria aborrecê-la.

— Quer que eu vá embora? — propus.

Antes que eu pudesse esperar — ou temer — que ela finalmente tivesse se cansado de mim, ela piscou, e a cara feia desapareceu. Parecia completamente chocada com que eu chegasse a tal conclusão.

— Não! É claro que não.

Suspirei, e ouvi Edward suspirar bem baixinho também. Eu sabia que ele, igualmente, queria que ela me deixasse de lado. Pena que nunca fosse pedir a ela algo que a fizesse infeliz.

— Você parece cansado — comentou Bella.

— Morto de cansaço — admiti.

— Bem que eu gostaria disso — murmurou Rosalie, baixo demais para que Bella ouvisse.

Eu me afundei mais na poltrona, acomodando-me melhor. Meus pés descalços ficaram mais próximos de Rosalie, e ela enrijeceu. Depois de alguns minutos, Bella pediu a Rosalie que tornasse a encher o copo. Senti o vento enquanto ela subia para pegar mais sangue. Estava muito silencioso. Talvez eu pudesse tirar um cochilo, pensei.

E então Edward perguntou:

— Você disse alguma coisa?

Seu tom era confuso. Estranho. Porque ninguém tinha dito nada, e porque a audição de Edward era tão boa quanto a minha — então ele deveria saber disso.

Ele olhava fixamente para Bella, e ela o fitava também. Os dois pareciam confusos.

— Eu? — perguntou ela depois de um segundo. — Eu não disse nada.

Ele se ajoelhou, inclinando-se na direção dela, a expressão de repente intensa, de uma forma totalmente diferente. Seus olhos negros estavam focados no rosto de Bella.

— No que está pensando agora?

Ela o encarou, perplexa.

— Em nada. O que está acontecendo?

— No que estava pensando um minuto atrás? — perguntou ele.

— Só na... ilha de Esme. E nas plumas.

Parecia sem sentido para mim, mas então ela corou, e eu deduzi que era melhor não saber.

— Diga mais alguma coisa — sussurrou ele.

— Como o quê? Edward, o que está acontecendo?

Sua expressão mudou de novo, e ele fez algo que me deixou de queixo caído. Ouvi um arquejo atrás de mim, e soube que Rosalie estava de volta, e tão chocada quanto eu.

Edward, muito suavemente, pousou as mãos na barriga imensa e redonda.

— O f... — ele engoliu em seco. — A... o bebê gosta do som da sua voz.

Mais uma fração de segundo de completo silêncio. Eu não conseguia mover nenhum músculo, nem mesmo piscar. Então...

— Santo Deus, você pode ouvi-lo! — gritou Bella. No segundo seguinte, ela estremeceu.

A mão de Edward deslizou para o alto da barriga e gentilmente afagou o local onde a coisa devia tê-la chutado.

— Psiu — murmurou ele. — Você assustou a coi... ele.

Os olhos dela se arregalaram e ficaram cheios de admiração. Ela afagou a lateral da barriga.

— Desculpe-me, bebê.

Edward ouvia com atenção, a cabeça inclinada na direção da protuberância.

— O que ele está pensando agora? — perguntou ela, ansiosa.

— A cois... ele, ou ela, está... — Ele fez uma pausa e fitou os olhos de Bella. Os olhos dele também estavam cheios de admiração — só que mais cautelosa e relutante. — Está feliz — disse Edward, num tom incrédulo.

Ela perdeu o fôlego, e era impossível não ver o brilho fanático em seu olhar. A adoração e a devoção. Lágrimas enormes transbordaram de seus olhos e escorreram em silêncio pelo rosto e pelos lábios sorridentes.

Enquanto a fitava, o rosto dele não estava apavorado, nem colérico, nem em chamas, nem com nenhuma das expressões que ele exibia desde que voltaram. Ele estava maravilhado, como ela.

— É claro que você está feliz, bebê lindo, é claro que está — ela murmurou, afagando a barriga enquanto as lágrimas banhavam seu rosto. — Como poderia não estar, aí todo seguro, aquecido e amado? Eu o amo tanto, pequeno EJ. É claro que você está feliz.

— Como você o chamou? — perguntou Edward com curiosidade.

Ela corou de novo.

— Eu mais ou menos o batizei. Não achei que você fosse querer... Bem, você sabe.

— EJ?

— O nome do seu pai também era Edward.

— Sim, era. O que...? — Ele parou e disse: — Hã.

— O que foi?

— Ele também gosta da minha voz.

— É claro que gosta. — Agora o tom de voz dela era quase de júbilo. — Você tem a voz mais linda de todo o Universo. Quem não amaria?

— Você tem um plano B? — perguntou Rosalie, inclinando-se sobre as costas do sofá com o mesmo olhar maravilhado de Bella. — E se ele for ela?

Bella enxugou o rosto molhado com as costas da mão.

— Andei brincando com alguns nomes. Com Renée e Esme. Eu estava pensando em... Ré-nes-mee.

— Renesmei?

— R-e-n-e-s-m-e-e. É muito esquisito?

— Não, eu gosto — Rosalie a tranquilizou. As cabeças das duas estavam unidas, ouro e mogno. — É lindo. E único, então combina.

— Ainda acho que é Edward.

Edward fitava o vazio, o rosto inexpressivo enquanto ouvia.

— O que foi? — perguntou Bella, radiante. — O que ele está pensando agora?

De início ele não respondeu, e então — voltando a chocar todos nós, três arquejos distintos — ele pôs o ouvido ternamente na barriga de Bella.

— Ele a ama — sussurrou Edward, parecendo pasmado. — Ele simplesmente adora você.

Nesse momento, eu vi que estava sozinho. Completamente só.

Tive raiva de mim mesmo quando percebi quanto estivera contando com aquele vampiro nojento. Que idiotice — como se você pudesse confiar num sanguessuga! É claro que ele me trairia no fim.

Contava que ele ficasse do meu lado. Contava que ele sofresse mais do que eu. E, acima de tudo, contava que ele odiasse mais do que eu aquela coisa revoltante que estava matando Bella.

Tinha acreditado nele nesse sentido.

Entretanto, agora eles estavam juntos, os dois curvados sobre o monstro invisível que estava chegando, com os olhos iluminados, como uma família feliz.

E eu estava completamente só com meu ódio e aquela dor tamanha, que era como se eu estivesse sendo torturado. Era como ser arrastado lentamente sobre um leito de navalhas. Doía tanto, que eu receberia a morte com um sorriso, só

para me livrar daquilo.

O calor destravou meus músculos paralisados, e eu me levantei.

Os três ergueram a cabeça, e vi minha dor ondular pelo rosto de Edward quando ele invadiu de novo minha mente.

— Ahh — disse ele, sufocado.

Eu não sabia o que fazer; fiquei de pé ali, tremendo, pronto para correr, desabalado, para a primeira saída que me ocorresse.

Movendo-se como uma cobra, Edward disparou para uma mesinha de canto e pegou algo na gaveta. Atirou-o para mim, e eu peguei o objeto por reflexo.

— Vá, Jacob. Vá embora daqui. — Ele não disse isso asperamente. Lançou as palavras para mim como se fossem um bote salva-vidas. Estava me ajudando a encontrar a saída que eu procurava desesperadamente.

O que eu tinha na mão eram as chaves de um carro.

17. EU TENHO CARA DE QUÊ? MÁGICO DE OZ? VOCÊ PRECISA DE UM CÉREBRO? PRECISA DE UM CORAÇÃO? PODE VIR. PEGUE O MEU. LEVE TUDO O QUE TENHO

EU, DE CERTO MODO, TINHA UM PLANO QUANDO CORRI PARA A GARAGEM dos Cullen. A segunda parte dele era acabar com o carro do sanguessuga na volta.

Então fiquei perdido quando apertei o botão do controle remoto e não foi o Volvo dele que bipou e piscou as luzes para mim. Foi outro carro — um que se destacava mesmo na longa fila de veículos que eram quase todos de babar.

Ele realmente quis me dar a chave do Aston Martin Vanquish, ou foi um acidente?

Não parei para pensar nisso, ou se isso mudaria a segunda parte de meu plano. Eu simplesmente me atirei no banco de couro macio e dei a partida no motor enquanto meus joelhos ainda estavam esmagados sob o volante. O ronco do motor poderia ter-me feito gemer num outro dia, mas naquele momento tudo o que eu podia fazer era me concentrar o suficiente para colocá-lo em movimento.

Encontrei a alavanca do banco e deslizei para trás enquanto meu pé afundava no pedal. O carro pareceu praticamente flutuar quando se deslocou para a frente.

Em apenas alguns segundos percorri o caminho estreito e sinuoso que levava até a saída da propriedade. O carro respondia aos comandos como se fossem meus pensamentos que estivessem na direção e não minhas mãos. Quando saí voando do túnel verde e entrei na rodovia, tive um rápido vislumbre do focinho cinza de Leah espiando inquieta em meio às samambaias.

Por meio segundo, perguntei-me o que ela pensaria, e então percebi que eu não me importava.

Virei para o sul, porque não estava com a menor paciência para travessias em barcas, trânsito, nem nada que significasse que eu teria de tirar o pé do acelerador.

De uma forma doentia, aquele era meu dia de sorte. Se por sorte você quiser

dizer pegar uma estrada movimentada a 200km/h sem ver nem sequer um policial, mesmo em uma cidade onde o limite de velocidade é 50km/h. Que decepção! Uma perseguiçãozinha poderia ser legal, para não falar que o registro da placa do carro levaria diretamente ao sanguessuga. Claro que ele pagaria para se safar, mas poderia ser pelo menos um pequeno inconveniente para ele.

O único sinal de vigilância por que passei foi só um vislumbre de pelagem marrom-escura movendo-se rapidamente em meio às árvores, correndo paralelamente comigo por alguns quilômetros no lado sul de Forks. Quil, ao que parecia. Ele devia ter me visto também, porque desapareceu após um minuto, sem alertar ninguém. De novo, quase me perguntei qual seria a versão dele, antes de lembrar que isso não me importava.

Percorri a longa rodovia em U, seguindo para a maior cidade que pudesse encontrar. Essa era a primeira parte do meu plano.

Pareceu durar uma eternidade, provavelmente porque eu ainda estivesse sobre o fio das navalhas, mas na verdade não haviam se passado nem duas horas quando me vi seguindo para o norte, para a região indefinida que era parte Tacoma, parte Seattle. Reduzi então, porque não estava tentando matar nenhum espectador inocente.

Aquele era um plano idiota. Não daria certo. Mas, enquanto procurava em minha mente algum modo de me livrar da dor, o que Leah dissera naquele dia havia me dado um estalo.

Isso passaria, você sabe, se sofresse imprinting. Você não sofreria mais por causa dela.

Parecia que perder a capacidade de decidir talvez não fosse a pior coisa do mundo. Talvez sentir aquilo fosse a pior coisa do mundo.

Mas eu vira todas as garotas em La Push, na reserva Makah e em Forks. Precisava de uma área de caça maior.

Então, como se procura uma alma gêmea ao acaso no meio da multidão? Bom, primeiro, eu precisava de uma multidão. Então dei umas voltas, procurando um local apropriado. Passei por alguns shoppings, que provavelmente seriam bons lugares para encontrar garotas da minha idade, mas não consegui me decidir a parar. Será que eu ia querer imprinting com uma garota que roda num shopping o dia todo?

Continuei seguindo para o norte, para lugares cada vez mais abarrotados. Por

fim, encontrei um parque grande, cheio de crianças, famílias, skatistas, ciclistas, pipas, piqueniques e tudo isso. Eu não tinha percebido até esse momento — o dia estava lindo. Sol e tudo mais. As pessoas estavam celebrando o céu azul.

Estacionei tomando duas vagas para deficientes — implorando por uma multa — e me juntei à multidão.

Andei pelo que pareceram horas. Tempo suficiente para o sol mudar de lado no céu. Olhei no rosto de cada garota que passava perto de mim, obrigando-me a realmente olhar, observando quem era bonita, quem tinha olhos azuis, quem ficava bem de aparelho nos dentes e quem usava maquiagem demais. Tentei encontrar algo interessante em cada rosto, para saber com certeza que eu havia realmente tentado. Coisas assim: essa tem um nariz bem reto; aquela deveria tirar o cabelo dos olhos; a outra poderia fazer anúncio de batom se o restante do rosto fosse tão perfeito quanto a boca...

Às vezes, elas também olhavam. Às vezes, pareciam assustadas — como se pensassem: Quem é essa coisa enorme me encarando? Às vezes, pensei ter visto algum interesse, mas talvez fosse só meu ego descontrolado.

De qualquer modo, nada aconteceu. Mesmo quando olhei os olhos da garota que era — sem dúvida — a mais gata do parque e, provavelmente, da cidade, e ela me olhou com uma expressão que parecia de interesse, eu não senti nada. Só o mesmo impulso desesperado para encontrar uma saída da dor.

À medida que o tempo passava, comecei a perceber todas as coisas erradas. Coisas de Bella. Essa aqui tem o cabelo da mesma cor. Os olhos daquela outra tinham mais ou menos o mesmo formato. As maçãs do rosto dessa aqui têm o mesmo traçado das dela. Aquela ali tem a mesma ruguinha entre os olhos — o que fez com que me perguntasse com o que estaria preocupada...

Foi quando desisti. Porque era mais do que estupidez pensar que eu havia escolhido o lugar e a hora exatos, e iria simplesmente dar de cara com minha alma gêmea só porque estava tão desesperado por isso.

De qualquer modo, não faria sentido encontrá-la ali. Se Sam tinha razão, o melhor lugar para achar minha parceira genética seria em La Push. E, claramente, ninguém de lá preenchia os pré-requisitos. Se Billy tinha razão, então quem poderia saber? O que é necessário para gerar um lobo mais forte?

Voltei ao carro, desabei sobre o capô e fiquei brincando com as chaves.

Talvez eu fosse o que Leah pensava ser. Uma espécie de beco sem saída que

não devia ser transmitido a outra geração. Ou talvez o problema fosse só que minha vida era uma piada muito cruel e não haveria escapatória a seu desfecho.

— Ei, você está bem? Olá? Você aí, com o carro roubado.

Precisei de um segundo para perceber que a voz falava comigo; depois de outro para me decidir a levantar a cabeça.

Uma garota de rosto familiar me fitava com uma expressão um tanto ansiosa. Eu sabia por que estava reconhecendo seu rosto: eu já a catalogara. Cabelo louro-avermelhado, pele clara, algumas sardas douradas espalhadas pelo rosto e pelo nariz, olhos cor de canela.

— Se está sentindo tanto remorso por ter roubado o carro — disse ela, sorrindo de modo que uma covinha apareceu em seu queixo —, saiba que é sempre possível se entregar.

— É emprestado, não roubado — respondi. Minha voz soou horrível, como se eu tivesse chorado ou coisa assim. Constrangedora.

— Claro, isso vai colar no tribunal.

Eu a olhei, de cara fechada.

— Precisa de alguma coisa?

— Na verdade, não. Estava brincando sobre o carro. É só que... você parece muito aborrecido com alguma coisa. Ah, ei, meu nome é Lizzie. — Ela estendeu a mão.

Fiquei olhando para a mão até que ela a baixou.

— Seja como for — disse ela sem jeito —, eu só estava me perguntando se poderia ajudar. Parecia que você estava procurando alguém. — Ela gesticulou para o parque e deu de ombros.

— É.

Ela esperou.

Suspirei.

— Não preciso de ajuda. Ela não está aqui.

— Ah. Sinto muito.

— Eu também — murmurei.

Olhei a garota de novo. Lizzie. Era bonita. Legal o suficiente para tentar ajudar um estranho mal-humorado que devia parecer louco. Por que ela não podia ser a garota? Por que tudo tinha de ser tão complicado? Uma garota legal, bonita e engraçada. Por que não?

— É um belo carro — disse ela. — É mesmo uma pena que não o produzam mais. Quer dizer, o desenho do Vantage também é lindo, mas o Vanquish tem alguma coisa...

Uma garota legal que entendia de carros. Caramba! Olhei seu rosto com mais atenção, desejando saber como fazer aquilo funcionar. Vamos lá, Jake — imprinting agora.

— Como é dirigi-lo? — perguntou ela.

— Você não iria acreditar — eu disse.

Ela deu o sorriso de uma covinha, claramente satisfeita por ter arrancado de mim uma resposta quase civilizada, e eu retribuí com um sorriso relutante.

Mas seu sorriso nada pôde contra as lâminas afiadas que subiam e desciam por meu corpo. Por mais que eu quisesse, não era daquele jeito que minha vida passaria a ter sentido.

Eu ainda não tinha a atitude mais saudável de Leah. Eu não conseguiria me apaixonar como uma pessoa normal. Não enquanto estava sangrando por outra. Talvez se dez anos tivessem se passado e o coração de Bella estivesse morto havia muito, e eu tivesse me arrastado por todo o processo de luto e saísse dele inteiro, talvez então eu pudesse oferecer uma carona a Lizzie num carro veloz, conversar sobre marcas e modelos, saber alguma coisa sobre ela e ver se gostava dela como pessoa. Mas isso não aconteceria agora.

A magia não ia me salvar. Eu ia ter de passar pela tortura como um homem. Eu ia ter de suportar.

Lizzie aguardava, talvez esperando que eu lhe oferecesse aquela carona. Talvez não.

— É melhor devolver este carro ao cara que me emprestou — murmurei.

Ela sorriu de novo.

— Fico feliz de saber que está se corrigindo.

— É, você me convenceu.

Ela me observou entrar no carro, ainda um pouco preocupada. Eu devia parecer alguém prestes a se jogar de um penhasco. O que talvez eu tivesse feito, se esse tipo de atitude funcionasse para um lobisomem. Ela acenou uma vez, os olhos acompanhando o carro.

De início, dirigi de maneira mais sã no caminho de volta. Não estava com pressa. Eu não queria ir aonde estava indo. De volta à casa, de volta àquela

floresta. De volta à dor da qual fugira. De volta à absoluta solidão com ela.

Tudo bem, isso foi melodramático. Eu não estaria completamente só, o que era ruim. Leah e Seth teriam de sofrer comigo. Senti-me feliz por Seth não ter de sofrer por muito tempo. O garoto não merecia ter sua paz de espírito destruída. Leah também não, mas pelo menos isso era algo que ela compreendia. Para Leah, não havia nada de novo na dor.

Soltei um suspiro pesado ao pensar no que Leah queria de mim, porque eu sabia agora que ela conseguiria. Ainda estava irritado com ela, mas não podia ignorar o fato de que eu tinha condições de tornar sua vida mais fácil. E — agora que a conhecia melhor — pensei que ela, provavelmente, faria o mesmo por mim, se nossas posições se invertessem.

Seria interessante, no mínimo, e também estranho ter Leah como companhia — como amiga. Íamos nos colocar muito na pele do outro, isso era certo. Ela não era do tipo que me deixaria mergulhar na tristeza, mas achei que isso seria bom. Eu, provavelmente, precisaria de alguém que me desse umas sacudidelas de vez em quando. Pensando bem, ela era a única amiga com alguma possibilidade de entender o que eu estava passando naquele momento.

Pensei na caçada daquela manhã, em como nossas mentes haviam estado próximas no momento preciso. Não fora ruim. Fora diferente. Meio assustador, meio embaraçoso. Mas também, de uma forma estranha, fora bom.

Eu não precisava ficar completamente só.

E eu sabia que Leah era bastante forte para enfrentar comigo os meses que viriam. Meses e anos. Eu me sentia cansado só de pensar nisso. Era como se estivesse diante de um oceano que eu teria de atravessar a nado, de uma costa a outra, antes de poder descansar.

Tanto tempo ainda por vir, mas por outro lado tão pouco tempo antes de começar! Antes que me lançassem naquele mar. Mais três dias e meio, e ali estava eu, perdendo o pouco de tempo que tinha.

Voltei a dirigir rápido demais.

Vi Sam e Jared, um de cada lado da estrada, como sentinelas, enquanto eu disparava pela rodovia na direção de Forks. Estavam bem escondidos no meio de galhos espessos, mas eu esperava por eles e sabia o que procurar. Acenei com a cabeça enquanto passava voando por eles, sem me incomodar em imaginar o que tinham pensado de minha viagem de um dia.

Acenei para Leah e Seth também, enquanto percorria o caminho que levava à entrada da casa dos Cullen. Estava começando a escurecer, e as nuvens eram espessas daquele lado do estreito, mas vi seus olhos brilharem na luz dos faróis. Eu explicaria a eles mais tarde. Haveria muito tempo para isso.

Foi uma surpresa encontrar Edward esperando por mim na garagem. Eu não o via longe de Bella havia dias. Pelo seu rosto, percebi que nada de mau acontecera com ela. Na realidade, ele parecia mais tranquilo do que antes. Meu estômago se contraiu quando lembrei de onde vinha aquela tranquilidade.

Pena que eu — com todas as minhas ruminações — tenha esquecido de acabar com o carro. Ah, que fosse! Provavelmente, eu não teria sido capaz de amassar aquele carro, de qualquer forma. Talvez Edward tivesse imaginado isso, e tenha sido esse o motivo de me emprestar justamente ele.

— Algumas coisas, Jacob — disse ele assim que desliguei o motor.

Respirei fundo e prendi o ar por um minuto. Depois, devagar, saí do carro e joguei as chaves para ele.

— Obrigado pelo empréstimo — eu disse, amargo. Ao que parecia, aquilo teria um preço. — O que quer agora?

— Primeiro... Eu sei quão avesso você é a usar sua autoridade com sua matilha, mas...

Eu pisquei, atônito por ele ao menos pensar em começar aquele assunto.

— Como é?

— Se não puder ou não quiser controlar Leah, então eu...

— Leah? — interrompi, falando entre os dentes. — O que houve?

O rosto de Edward era duro.

— Ela veio ver por que você saiu tão de repente. Tentei explicar. Acho que pode não ter saído direito.

— O que ela fez?

— Ela assumiu a forma humana e...

— É mesmo? — interrompi de novo, dessa vez chocado. Não conseguia processar aquilo. Leah baixando a guarda na boca do covil do inimigo?

— Ela queria... falar com Bella.

— Com Bella?

Edward então estava sibilando.

— Não vou permitir que Bella seja importunada daquela forma de novo. Não

ligo se Leah pensa que sua atitude tem justificativa! Eu não a machuquei... é claro que não faria isso... mas vou atirá-la fora da casa se isso acontecer de novo. Vou atirá-la do outro lado do rio...

— Espere aí. O que ela disse? — Nada daquilo fazia sentido.

Edward respirou fundo, recompondo-se.

— Leah foi desnecessariamente dura. Não vou fingir que entendo por que Bella é incapaz de se afastar de você, mas sei que ela não age assim com o intuito de magoá-lo. Ela sofre muito com a dor que inflige a você, e a mim, ao pedir que você fique. O que Leah disse foi inoportuno. Bella está chorando...

— Espere... Leah gritou com Bella por minha causa?

Ele balançou a cabeça uma só vez, asperamente.

— Você foi defendido com muita veemência.

Pare com isso!

— Eu não pedi a ela que fizesse isso.

— Eu sei.

Revirei os olhos. É claro que ele sabia. Ele sabia de tudo.

Mas Leah, agindo assim, era mesmo qualquer coisa. Quem teria acreditado? Leah entrando na casa dos sanguessugas como humana para reclamar de como eu estava sendo tratado.

— Não posso prometer controlar Leah — eu disse a ele. — Não vou fazer isso. Mas vou conversar com ela, O.K.? E não creio que isso vá se repetir. Leah não é de se conter, então deve ter posto tudo para fora hoje.

— Eu diria que sim.

— De qualquer modo, vou falar com Bella sobre isso também. Ela não precisa se sentir mal. Isso é comigo.

— Eu já disse isso a ela.

— É claro que disse. Ela está bem?

— Agora está dormindo. Rose está com ela.

Então a psicopata agora era "Rose". Ele havia passado completamente para o lado negro.

Ele ignorou esse pensamento, continuando com uma resposta mais completa à minha pergunta.

— Ela está... melhor em alguns aspectos. Excluindo o sermão de Leah e a consequente culpa.

Melhor. Isso porque Edward estava ouvindo o monstro, e tudo agora era só amor. Incrível.

— É um pouco mais que isso — murmurou ele. — Agora que posso entender os pensamentos da criança, é evidente que ele ou ela conta com faculdades mentais extraordinariamente desenvolvidas. Até certo ponto, ele pode nos entender.

Meu queixo caiu.

— Está falando sério?

— Sim. Agora ele parece ter uma vaga ideia do que a fere. Está tentando evitar isso, tanto quanto possível. Ele... a ama. Já.

Encarei Edward, sentindo que meus olhos poderiam saltar das órbitas. Por baixo da incredulidade, pude ver imediatamente que aquele era o ponto crucial. Fora o que havia mudado Edward — o monstro o convencera de seu amor. Ele não podia odiar o que amava Bella. Devia ser por isso que ele também não me odiava. Mas havia uma grande diferença. Eu não a estava matando.

Edward continuou como se não tivesse ouvido tudo isso.

— O progresso, acredito, é maior do que julgávamos. Quando Carlisle voltar...

— Eles não voltaram? — interrompi bruscamente. Pensei em Sam e Jared, vigiando a estrada. Será que ficariam curiosos em relação ao que estava acontecendo?

— Alice e Jasper, sim. Carlisle mandou todo o sangue que conseguiu, mas não era tanto quanto ele esperava... Bella vai usar esse suprimento em um dia, do jeito que seu apetite aumentou. Carlisle ficou para tentar outra fonte. Não acho que seja necessário agora, mas ele quer estar abastecido, para alguma eventualidade.

— Por que não é necessário, se ela precisa de mais?

Dava para perceber que ele estava observando e ouvindo minha reação com cuidado enquanto explicava.

— Estou tentando convencer Carlisle a fazer o parto assim que voltar.

— Como é?

— A criança parece estar tentando evitar movimentos bruscos, mas é difícil. Está grande demais. É loucura esperar, se ela claramente está mais desenvolvida do que Carlisle imaginava. Bella está frágil demais para adiarmos isso.

Eu continuava levando rasteiras. Primeiro, ao contar com o ódio de Edward pela coisa. E, então, ao perceber que dava aqueles quatro dias como certos. Eu apostava neles.

O interminável oceano de tristeza que me aguardava estendeu-se diante de mim.

Tentei recuperar o fôlego.

Edward esperou. Fitei seu rosto enquanto me recuperava, reconhecendo outra mudança ali.

— Você acha que ela vai conseguir? — sussurrei.

— Sim. Essa é a outra coisa sobre a qual queria falar com você.

Não consegui dizer nada. Depois de um minuto, ele continuou:

— Sim — ele repetiu. — Esperar que a criança esteja pronta, como vínhamos fazendo, foi insanamente perigoso. A qualquer momento pode ser tarde demais. Mas se nos anteciparmos nesse aspecto, se agirmos rapidamente, não vejo motivos para que não saia tudo bem. Conhecer a mente da criança é muitíssimo útil. Felizmente, Bella e Rose concordam comigo. Agora que eu as convenci de que é seguro para a criança fazermos o parto, não há nada que impeça de dar certo.

— Quando Carlisle volta? — perguntei, continuando a sussurrar. Eu ainda não recuperara o fôlego.

— Amanhã, por volta do meio-dia.

Meus joelhos cederam. Precisei me segurar no carro para me manter de pé. Edward estendeu a mão como se fosse oferecer apoio, mas pensou melhor e a recolheu.

— Sinto muito — sussurrou ele. — Lamento verdadeiramente pela dor que isso causa a você, Jacob. Embora você me odeie, devo admitir que não sinto o mesmo. Eu o vejo como um... um irmão, sob vários aspectos. Um companheiro de armas, no mínimo. Lamento seu sofrimento mais do que você se dá conta. Mas Bella vai sobreviver. — Quando ele disse isso, sua voz soou feroz, até violenta. — E eu sei que é isso que importa para você.

Ele, provavelmente, tinha razão. Era difícil saber. Minha cabeça girava.

— Assim, detesto fazer isso agora, quando você já está enfrentando coisas demais, mas é evidente que há pouco tempo. Devo lhe pedir algo... Implorar, se for necessário.

— Não me resta mais nada — eu disse, sufocado.

Ele ergueu a mão de novo, como se fosse colocá-la em meu ombro, mas a deixou cair como antes e suspirou.

— Sei quanto você tem nos dado — disse ele baixinho. — Mas é uma coisa que você pode fazer, só você. Estou pedindo isso ao verdadeiro alfa, Jacob. Estou pedindo ao herdeiro de Ephraim.

Eu já perdera havia muito a capacidade de responder.

— Quero sua permissão para me desviar do que acordamos em nosso tratado com Ephraim. Quero que nos abra uma exceção. Quero sua permissão para salvar a vida dela. Você sabe que farei isso de qualquer forma, mas, podendo evitar, não quero agir de má-fé com você. Nunca tivemos a intenção de faltar com nossa palavra, e não o fazemos levianamente agora. Quero sua compreensão, Jacob, porque você sabe exatamente por que estamos fazendo isso. Quero que a aliança entre nossas famílias sobreviva quando isso acabar.

Tentei engolir. Sam, pensei. É Sam que você quer.

— Não. A autoridade de Sam é presumida. Ela pertence a você. Você nunca a tirará dele, mas ninguém pode legitimamente concordar com o que estou lhe pedindo, a não ser você.

Não cabe a mim decidir.

— Cabe, Jacob, e você sabe disso. Sua palavra sobre isso nos condenará ou nos absolverá. Só você pode me dar isso.

Não consigo pensar. Eu não sei.

— Não temos muito tempo... — Ele olhou para a casa.

Não, não havia tempo. Meus poucos dias tinham se transformado em poucas horas.

Não sei. Deixe-me pensar. Me dê só um minuto aqui, está bem?

— Sim.

Comecei a andar na direção da casa, e ele me seguiu. Incrível como era fácil andar pelo escuro com um vampiro ao meu lado. Eu não me sentia em perigo, nem pouco à vontade. Parecia que estava andando ao lado de uma pessoa qualquer. Bem, uma pessoa qualquer que cheirava mal.

Houve um movimento no arbusto na lateral do grande gramado, depois um gemido baixo. Seth passou pelas samambaias e correu para nós.

— Oi, garoto — murmurei.

Ele baixou a cabeça e eu afaguei seu ombro.

— Está tudo bem — menti. — Vou lhe contar tudo depois. Desculpe ter abandonado vocês desse jeito.

Ele sorriu para mim.

— Olhe, diga a sua irmã para recuar agora, está bem? Basta.

Seth balançou a cabeça.

Dessa vez empurrei seu ombro com meu corpo.

— Volte ao trabalho. Vou rendê-lo daqui a pouco.

Seth encostou-se em mim, me empurrou de volta, depois correu em direção às árvores.

— Ele tem uma das mentes mais puras, mais sinceras e mais gentis que já ouvi — murmurou Edward depois que ele sumiu de vista. — Você tem sorte de poder compartilhar seus pensamentos.

— Sei disso — grunhi.

Seguimos para a casa, e nós dois erguemos a cabeça quando ouvimos o som de alguém sugando por um canudo. Edward então correu. Disparou pela escada da varanda e se foi.

— Bella, amor, pensei que estivesse dormindo — eu o ouvi dizer. — Desculpe-me: eu não teria saído.

— Não se preocupe. Só fiquei com sede... Foi o que me acordou. Ainda bem que Carlisle está trazendo mais. Essa criança vai precisar, quando sair de mim.

— É verdade.

— Fico imaginando se ele vai querer alguma outra coisa — refletiu ela.

— Acho que vamos descobrir.

Eu passei pela porta.

— Finalmente — disse Alice, e os olhos de Bella dispararam para mim.

Aquele sorriso arrasador e irresistível iluminou seu rosto por um segundo. Depois desapareceu, e seu rosto murchou. Os lábios se franziram, como se ela estivesse tentando não chorar.

Eu queria acertar Leah bem no meio de sua boca idiota.

— Oi, Bells — eu disse rapidamente. — Como você está?

— Bem — disse ela.

— Grande dia hoje, hein? Um monte de novidades.

— Não precisa fazer isso, Jacob.

— Não sei do que você está falando — eu disse, indo me sentar no braço do

sofá, próximo à sua cabeça. Edward já estava no chão.

Ela me dirigiu um olhar de culpa.

— Me des... — ela começou a dizer.

Prendi seus lábios entre o indicador e o polegar.

— Jake — murmurou ela, tentando afastar minha mão. Sua tentativa foi tão fraca que era difícil acreditar que ela estivesse realmente tentando.

Sacudi a cabeça.

— Só pode falar quando não estiver sendo idiota.

— Tudo bem, não vou dizer isso — foi o que ela pareceu murmurar.

Retirei a mão.

— Desculpe-me! — ela terminou rapidamente, e então sorriu.

Revirei os olhos e sorri para ela.

Quando a olhei nos olhos, vi tudo o que havia procurado no parque.

No dia seguinte ela seria outra pessoa. Mas com sorte estaria viva, e era isso o que contava, certo? Ela olharia para mim com os mesmos olhos, mais ou menos. Iria sorrir com os mesmos lábios, quase isso. Ela ainda me conheceria melhor do que qualquer pessoa que não tivesse pleno acesso ao interior de minha cabeça.

Leah talvez fosse uma companhia interessante, talvez até uma amiga de verdade — alguém que tomaria meu partido. Mas não era minha melhor amiga, como Bella. Além do amor impossível que eu sentia por Bella, havia também esse outro vínculo, e ele corria fundo.

No dia seguinte, ela seria minha inimiga. Ou minha aliada. E, ao que parecia, essa distinção estava em minhas mãos.

Eu suspirei.

Tudo bem!, pensei, entregando a última coisa que eu tinha a oferecer. Isso fez com que me sentisse vazio. Vá em frente. Salve-a. Como herdeiro de Ephraim, você tem minha permissão, minha palavra de que isso não violará o tratado. Os outros terão de me culpar. Você tinha razão — eles não podem negar que é meu direito concordar com isso.

— Obrigado. — O sussurro de Edward foi suficientemente baixo para que Bella não ouvisse. Mas a palavra soou tão intensa que pelo canto do olho vi que os outros vampiros se viraram para olhar.

— E, então — perguntou Bella, procurando parecer despreocupada —, como foi seu dia?

— Ótimo. Fui dar uma volta de carro. Andei pelo parque.

— Parece bom.

— Claro, claro.

De repente, ela fez uma careta.

— Rose? — chamou.

Ouvi a loura rir.

— De novo?

— Acho que bebi uns dez litros na última hora — explicou Bella.

Edward e eu saímos do caminho enquanto Rosalie vinha erguer Bella do sofá e levá-la ao banheiro.

— Posso andar? — perguntou Bella. — Minhas pernas estão tão rígidas.

— Tem certeza? — indagou Edward.

— Rose vai me pegar se eu tropeçar. O que é bem provável, pois não consigo ver meus pés.

Rosalie colocou Bella de pé com cuidado, mantendo as mãos em seus ombros. Bella esticou os braços à frente, estremecendo levemente.

— Ah!, que bom — ela suspirou. — Ai, mas estou imensa.

E estava mesmo. Sua barriga era um continente próprio.

— Mais um dia — disse ela, e afagou a barriga.

Não consegui evitar a dor que me atingiu numa punhalada repentina, mas tentei não deixar transparecer. Eu podia esconder por mais um dia, certo?

— Tudo bem, então. Epa... Ah, não!

O copo que Bella havia deixado no sofá tombou de lado, o sangue vermelho-escuro se derramando no tecido claro.

Automaticamente, embora outras três mãos tenham chegado primeiro, Bella se curvou, tentando pegá-lo.

Houve um estranho ruído abafado de algo se rasgando no meio de seu corpo.

— Ah! — ela ofegou.

Depois ficou completamente sem forças, tombando na direção do chão. Rosalie a pegou no mesmo instante, antes que ela pudesse cair. Edward também estava ali, de mãos estendidas, a sujeira no sofá esquecida.

— Bella? — perguntou ele; depois seus olhos perderam o foco e o pânico atravessou suas feições.

Meio segundo depois, Bella gritou.

Não era um simples grito — era um guincho de agonia, capaz de gelar o sangue. O som apavorante foi interrompido por outros, guturais, e os olhos dela se reviraram. Seu corpo se contraiu, arqueando-se nos braços de Rosalie, e então Bella vomitou um jorro de sangue.

18. NÃO EXISTEM PALAVRAS PARA ISSO

O CORPO DE BELLA, POR ONDE ESCORRIA O LÍQUIDO VERMELHO, COMEÇOU a se contorcer, convulsionando nos braços de Rosalie como se estivesse sendo eletrocutado. O tempo todo, seu rosto não tinha expressão — ela estava inconsciente. Era a agitação desvairada no meio de seu corpo que a movimentava. Enquanto ela estava em convulsão, estalos ásperos acompanhavam os espasmos.

Rosalie e Edward ficaram paralisados por uma mínima fração de segundo, e então despertaram. Rosalie tomou o corpo de Bella nos braços e gritando com tamanha rapidez que era difícil distinguir as palavras ela e Edward subiram a escada em disparada até o segundo andar.

Corri atrás deles.

— Morfina! — gritou Edward para Rosalie.

— Alice... ligue para Carlisle! — berrou Rosalie.

A sala para a qual os segui parecia uma ala de emergência montada no meio de uma biblioteca. As luzes eram fortes e brancas. Bella estava sobre uma mesa debaixo da luz; a pele, espectral sob o refletor. Seu corpo se debatia — um peixe na areia. Rosalie prendeu Bella na mesa, arrancando e rasgando suas roupas, enquanto Edward espetava uma injeção em seu braço.

Quantas vezes eu a imaginei nua? Agora não conseguia olhar. Tinha medo de ter aquelas lembranças em minha mente.

— O que está acontecendo, Edward?

— Ele está sufocando!

— A placenta deve ter descolado!

No meio disso tudo, Bella voltou a si. Ela reagiu às palavras deles com um grito que arranhou meus tímpanos.

— Tirem ele! — gritou ela. — Ele não consegue respirar! Tirem agora!

Vi os pontos vermelhos aparecendo quando seu grito revelou os vasos sanguíneos de seus olhos.

— A morfina... — grunhiu Edward.

— Não! Agora...!

Mais uma golfada de sangue sufocou o que ela gritava. Ele ergueu a cabeça dela, tentando desesperadamente limpar sua boca para que ela voltasse a respirar.

Alice entrou correndo na sala e prendeu um pequeno fone de ouvido azul sob o cabelo de Rosalie. Depois recuou, os olhos dourados arregalados e ardentes, enquanto Rosalie sibilava freneticamente ao telefone.

Na luz forte, a pele de Bella parecia mais roxa e preta do que branca. Um vermelho-escuro se infiltrava por baixo da pele que cobria o imenso volume tomado por tremores de sua barriga. A mão de Rosalie surgiu com um bisturi.

— Deixe a morfina se espalhar! — gritou Edward para ela.

— Não há tempo — sibilou Rosalie. — Ele está morrendo!

Sua mão desceu à barriga de Bella e um vermelho vivo brotou onde ela perfurou a pele. Era como o conteúdo de um balde derramado, uma torneira totalmente aberta. Bella teve um espasmo, mas não gritou. Ela ainda estava asfixiando.

E, então, Rosalie perdeu o foco. Vi a expressão em seu rosto mudar, vi seus lábios se arreganharem sobre os dentes e os olhos negros cintilarem de sede.

— Não, Rose! — rugiu Edward, mas suas mãos estavam presas, tentando sustentar Bella para que ela pudesse respirar.

Eu me atirei contra Rosalie, saltando a mesa sem me dar ao trabalho de mudar de forma. Quando atingi seu corpo de pedra, lançando-a na direção da porta, senti o bisturi em sua mão cravar fundo no meu braço esquerdo. Minha mão direita se chocou contra seu rosto, prendendo-lhe o queixo e bloqueando as vias áreas.

Usei a força da minha mão no rosto de Rosalie para girar seu corpo de modo que eu pudesse dar um bom chute em sua barriga; era como chutar concreto. Ela voou contra a soleira da porta, vergando um dos batentes. O pequeno fone em seu ouvido se desfez em pedaços. E, então, Alice surgiu, arrastando-a pelo pescoço até o corredor.

E eu me vi obrigado a dar o crédito à Loura — ela não ofereceu um pingo de resistência. Ela queria que vencêssemos. Deixou que eu a espancasse daquele jeito para salvar Bella. Bom, para salvar a coisa.

Arranquei a lâmina de meu braço.

— Alice, tire-a daqui! — gritou Edward. — Leve-a até Jasper e a mantenha lá! Jacob, preciso de você!

Não vi Alice terminar o trabalho. Voltei para a mesa de cirurgia, onde Bella estava ficando azul, os olhos esbugalhados e fixos.

— RCP? — grunhiu Edward para mim, rápido e exigente.

— Sim!

Analisei rapidamente a expressão dele, procurando algum sinal de que fosse reagir como Rosalie. Não havia nada, a não ser uma ferocidade obcecada.

— Faça-a respirar! Tenho de tirá-lo antes que...

Outro estalo dentro do corpo, o mais alto até então — tão alto, que nós dois paramos atônitos, esperando pelo grito dela. Nada. Agora suas pernas, que estiveram contraídas com a agonia, estavam flácidas, esparramando-se de uma forma não natural.

— A coluna — ele balbuciou, horrorizado.

— Tire isso dela! — rosnei, jogando o bisturi para ele. — Ela não vai sentir nada agora!

E então me curvei sobre sua cabeça. A boca parecia desobstruída; então apertei a minha contra a dela e soprei uma lufada de ar. Senti seu corpo contraído se expandir, então não havia nada bloqueando-lhe a garganta.

Seus lábios tinham gosto de sangue.

Eu podia ouvir seu coração, batendo irregular. Continue, pensei com intensidade, soprando outra lufada de ar para dentro de seu corpo. Você prometeu. Mantenha seu coração batendo.

Ouvi o som suave e molhado do bisturi em sua barriga. Mais sangue pingando no chão.

O ruído seguinte me provocou um sobressalto, inesperado, apavorante. Como metal sendo rasgado. O som me trouxe à lembrança a luta na clareira tantos meses antes, o ruído dos recém-criados sendo dilacerados. Olhei naquela direção e vi o rosto de Edward comprimido contra a protuberância da barriga. Dentes de vampiro — uma forma segura de cortar pele de vampiro.

Estremeci enquanto soprava mais ar em Bella.

Ela tossiu, os olhos piscando, revirando-se cegamente nas órbitas.

— Agora fique comigo, Bella! — gritei para ela. — Está me ouvindo? Fique! Você não vai me deixar. Mantenha seu coração batendo!

Seus olhos giraram, procurando por mim, ou por ele, sem nada ver.

Eu os fitei de qualquer forma, mantendo meu olhar fixo ali.

E então seu corpo ficou subitamente imóvel sob minhas mãos, embora a respiração se acelerasse e o coração continuasse a bater. Percebi que a imobilidade indicava que tinha acabado. A pulsação interna parou. Aquilo devia estar fora dela.

E estava.

— Renesmee — Edward sussurrou.

Então Bella estava enganada. Não era o menino que ela imaginara. Não me surpreendia. No que ela não se enganara?

Não me desviei de seus olhos injetados de sangue, mas senti suas mãos se erguerem, fracas.

— Me deixe... — ela disse num sussurro abatido. — Me dê ela aqui.

Acho que eu devia saber que ele sempre faria o que ela queria, por mais idiota que seu pedido fosse. Mas nem sequer sonhei que ele fosse dar ouvidos a ela naquele momento. Então não pensei em impedi-lo.

Uma coisa quente tocou meu braço. Isso devia ter chamado minha atenção de cara. Nada me parecia quente.

Mas eu não conseguia desviar os olhos do rosto de Bella. Ela piscou e então focou o olhar, por fim vendo alguma coisa. Deixou escapar um murmúrio estranho e fraco.

— Renes... mee. Tão... linda.

E então ela arfou — um ofegar de dor.

Quando olhei, era tarde demais. Edward tinha arrancado a coisa quente e sangrenta de seus braços flácidos. Meus olhos percorreram a pele de Bella. Estava vermelha de sangue — o sangue que escorrera de sua boca, o sangue que se espalhava por toda a criatura e o sangue fresco que jorrava de uma mordida mínima em forma de crescente no seio esquerdo.

— Não, Renesmee — murmurou Edward, como se estivesse ensinando boas maneiras ao monstrinho.

Não olhei para ele, nem para a coisa. Só via os olhos de Bella revirando nas órbitas.

Com uma última batida surda, seu coração falhou e ficou em silêncio.

Foi um hiato de meia pulsação, e então minhas mãos estavam em seu peito, fazendo compressões. Eu contava mentalmente, tentando manter o ritmo estável. Um. Dois. Três. Quatro.

Parei por um segundo e soprei outra lufada de ar para dentro dela.

Eu não conseguia mais enxergar. Meus olhos estavam cheios d'água e embaçados. Mas eu estava hiperconsciente dos sons na sala. O tum-tum relutante do coração dela sob minhas mãos exigentes, o martelar de meu próprio coração e outro som — uma palpitação que era rápida demais, leve demais. Não consegui identificá-la.

Forcei mais ar pela garganta de Bella.

— O que está esperando? — eu disse sem fôlego, bombeando seu coração de novo. Um. Dois. Três. Quatro.

— Pegue o bebê — disse Edward com urgência.

— Jogue-o pela janela. — Um. Dois. Três. Quatro.

— Deixe-a comigo. — Uma voz baixa soou da porta.

Edward e eu rosnamos ao mesmo tempo.

Um. Dois. Três. Quatro.

— Estou sob controle — prometeu Rosalie. — Me dê o bebê, Edward. Eu vou cuidar dela até que Bella...

Tornei a soprar ar para dentro de Bella enquanto acontecia a troca. O tum-tum-tum palpitante sumiu ao longe.

— Tire as mãos, Jacob.

Ergui o olhar dos olhos brancos de Bella, ainda bombeando o coração para ela. Edward tinha uma seringa nas mãos — toda prateada, como se feita de aço.

— O que é isso?

Sua mão de pedra tirou a minha do caminho. Houve um leve estalo quando seu golpe quebrou meu dedo mínimo. No mesmo segundo, ele enfiou a agulha no coração de Bella.

— Meu veneno — respondeu ele, pressionando o êmbolo.

Ouvi o solavanco do coração dela, como se Edward lhe tivesse aplicado um choque com um ressuscitador.

— Continue — ordenou ele. Sua voz era gélida, morta. Feroz e impensada. Como se ele fosse uma máquina.

Ignorei a dor do dedo enquanto se curava e voltei a bombear seu coração. Era mais difícil, como se o sangue estivesse congelando ali — mais espesso e mais lento. Enquanto eu forçava o sangue agora viscoso por suas artérias, vi o que ele fazia.

Era como se ele a estivesse beijando, roçando os lábios no pescoço, em seus pulsos, na dobra na parte interna do braço. Mas eu podia ouvir o luxuriante dilaceramento de sua pele à medida que os dentes dele mordiam, repetidamente, forçando veneno em seu organismo no maior número possível de pontos. Vi a língua pálida de Edward lamber as feridas que sangravam, mas antes que isso pudesse me deixar com nojo ou raiva percebi o que ele estava fazendo. Onde a língua espalhava o veneno sobre a pele, o corte se fechava. Mantendo o veneno e o sangue dentro do corpo dela.

Soprei mais ar em sua boca, mas não havia nada ali. Só a elevação sem vida de seu peito em resposta. Continuei bombeando seu coração, contando, enquanto ele trabalhava como maníaco, tentando reanimá-la. Todos os cavalos do rei e todos os homens do rei...

Mas não havia nada ali, somente eu, somente ele.

Trabalhando num cadáver.

Porque era só o que restava da garota que ambos amávamos. Aquele cadáver arruinado, exangue, mutilado. Não conseguiríamos trazer Bella de volta.

Eu sabia que era tarde demais. Sabia que ela estava morta. Tinha certeza disso porque o ímpeto se fora. Não percebia nenhum motivo para ficar ali ao lado dela. Ela não estava mais ali. Então, aquele corpo não me dizia mais nada. A necessidade insensata de estar ao lado dela havia desaparecido.

Ou mudado talvez fosse uma palavra melhor. Parecia que eu agora me sentia impelido no sentido contrário. Para o primeiro andar, a porta. O desejo de sair dali e nunca, jamais voltar.

— Então vá — disse ele asperamente, golpeando minhas mãos para tirá-las do caminho de novo, assumindo meu lugar dessa vez. Três dedos quebrados, era o que parecia.

Eu os endireitei, entorpecido, sem me importar com o latejar da dor.

Ele pressionava o coração morto mais rápido do que eu fizera.

— Ela não está morta — ele grunhiu. — Ela vai ficar bem.

Eu não tinha certeza se ele ainda falava comigo.

Virando-me, deixando-o com sua morta, caminhei lentamente para a porta. Muito lentamente. Não conseguia fazer meus pés se moverem mais rápido.

Então era aquilo. O oceano de dor. A margem além da água fervente tão distante que eu não conseguia imaginá-la, muito menos vê-la.

Eu me sentia vazio de novo, agora que tinha perdido meu propósito. Salvar Bella era minha luta fazia muito tempo. E ela não seria salva. Ela havia se sacrificado de boa vontade, deixando-se dilacerar por aquele filhote de monstro, e a luta estava perdida. Chegara ao fim.

Estremeci com o som que me seguia enquanto eu me arrastava escada abaixo — o som de um coração morto sendo forçado a bater.

Eu queria despejar água sanitária dentro da minha cabeça e deixar que derretesse meu cérebro. Eliminar as imagens que ficaram dos últimos minutos de Bella. Eu aceitaria o dano cerebral se pudesse me livrar daquilo — os gritos, o sangramento, os ruídos e os estalos insuportáveis enquanto o monstro a arrebentava de dentro para fora...

Eu queria correr, descer a escada de dez em dez degraus e disparar porta afora, mas meus pés estavam pesados como ferro, e meu corpo, mais cansado do que nunca. Arrastei-me como um velho aleijado.

Parei para descansar no último degrau, reunindo forças para sair.

Rosalie estava na extremidade limpa do sofá branco, de costas para mim, balbuciando e murmurando para a coisa enrolada num lençol em seus braços. Ela deve ter me ouvido parar, mas me ignorou, presa em seu momento de maternidade roubada. Talvez ela agora fosse feliz. Tinha o que queria, e Bella nunca voltaria para tomar a criatura dela. Perguntei-me se fora isso o que a loura venenosa tinha esperado o tempo todo.

Rosalie tinha alguma coisa escura nas mãos, e ouvi um ruído de ávida sucção vindo do minúsculo assassino que ela segurava.

O cheiro de sangue no ar. Sangue humano. Rosalie estava alimentando a coisa. É claro que ela ia querer sangue. O que mais se daria ao tipo de monstro que mutilava brutalmente a própria mãe? Podia muito bem estar bebendo o sangue de Bella. E talvez fosse.

Minha força voltou enquanto eu ouvia o som do pequeno carrasco mamando.

Força, ódio e calor — um calor vermelho correndo por minha cabeça, queimando, mas sem apagar nada. As imagens em minha mente eram combustível, erguendo um inferno mas recusando-se a ser consumidas. Senti os tremores me balançarem da cabeça aos pés e não tentei detê-los.

Rosalie estava totalmente absorta na criatura, sem prestar nenhuma atenção em mim. Ela não seria bastante rápida para me impedir, distraída daquele jeito.

Sam tinha razão. A coisa era uma aberração — sua existência contrariava a natureza. Um demônio sombrio e sem alma. Algo que não tinha o direito de existir.

Algo que precisava ser destruído.

Parecia que aquele ímpeto não me conduzia para a porta, afinal. Agora eu podia senti-lo me impelindo, me empurrando para a frente. Forçando-me a terminar com aquilo, a livrar o mundo daquela coisa abominável.

Rosalie tentaria me matar quando a criatura estivesse morta, e eu lutaria. Não sabia se teria tempo de liquidá-la antes que os outros fossem ajudar. Talvez sim, talvez não. Não me interessava muito.

Eu não ligava se os lobos — qualquer um dos grupos — me vingariam ou considerariam a justiça dos Cullen correta. Nada disso tinha importância. Só o que eu queria era minha própria justiça. Minha vingança. A coisa que tinha matado Bella não viveria nem mais um minuto sequer.

Se tivesse sobrevivido, Bella teria me odiado por isso. Teria desejado me matar pessoalmente.

Mas eu não me importava. Ela não se importou com o que fez comigo — deixando-se ser abatida como um animal. Por que eu deveria levar em conta os sentimentos dela?

E havia Edward. Ele agora devia estar ocupado demais — completamente tomado por sua negação insana, tentando reanimar um cadáver — para ouvir meus planos.

Então eu não teria chance de cumprir o que prometera a ele, a não ser — e eu não apostaria dinheiro nisso — que eu conseguisse vencer a luta contra Rosalie, Jasper e Alice, três contra um. Mas, mesmo que vencesse, eu não iria querer matar Edward.

Porque eu não tinha compaixão suficiente para isso. Por que deveria deixar que ele se safasse do que fez? Não seria mais justo — mais prazeroso — deixá-lo viver sem nada, sem absolutamente nada?

Imaginar isso quase me fez sorrir, tamanho era o ódio que sentia. Sem Bella. Sem filhote assassino. E também sem tantos membros de sua família quantos eu conseguisse abater.

É claro que ele provavelmente conseguiria recompô-los, já que eu não estaria ali para queimar os corpos. Ao contrário de Bella, que nunca voltaria a ficar

inteira.

Perguntei-me se a criatura poderia ser recomposta. Eu duvidava disso. Em parte, era como Bella também — então devia ter herdado um pouco de sua vulnerabilidade. Eu podia ouvir isso no batimento mínimo e palpitante de seu coração.

O coração da coisa estava batendo. O dela, não.

Só um segundo se passara enquanto eu tomava essas decisões simples.

O tremor ia ficando mais firme e acelerado. Eu me agachei, preparando-me para atacar a vampira loura e arrancar a coisa assassina de seus braços com meus dentes.

Rosalie tornou a balbuciar para a criatura, pondo de lado o que parecia ser uma mamadeira de metal vazia e erguendo a criatura no ar para afagar-lhe a bochecha com o rosto.

Perfeito. A nova posição era perfeita para meu ataque. Eu me inclinei para a frente e senti o calor começar a me transformar, enquanto crescia o impulso que me atraía para o assassino — o mais forte que eu já havia sentido, tão forte que me lembrava um comando de alfa, como se pudesse me esmagar se eu não obedecesse.

Dessa vez eu queria obedecer.

O assassino olhou para mim por cima do ombro de Rosalie — o olhar mais focalizado do que devia ser o de qualquer criatura recém-nascida.

Olhos castanhos e afetuosos, da cor de chocolate ao leite — a cor exata que tinham sido os de Bella.

Meu tremor parou subitamente; o calor me inundou, mais forte do que antes, mas era um novo tipo de calor — não queimava.

Era resplandecente.

Tudo em mim se desfez enquanto eu olhava o minúsculo rostinho de porcelana do bebê meio vampiro, meio humano. Todas as linhas que me prendiam à minha vida foram rompidas em golpes rápidos, como se alguém cortasse as cordas de um feixe de balões de gás. Tudo o que me tornava quem eu era — meu amor pela garota morta no segundo andar, meu amor por meu pai, minha lealdade à minha nova matilha, o amor pelos meus outros irmãos, o ódio pelos meus inimigos, minha casa, meu nome, meu eu — desconectou-se de mim naquele segundo e flutuou para o espaço.

Mas eu não fiquei à deriva. Um novo fio me prendia onde eu estava.

Não um fio, mas um milhão deles. Fios não, cabos de aço. Um milhão de cabos de aço me prendendo a uma única coisa — ao próprio centro do Universo.

Podia perceber isso agora — como o Universo girava em torno daquele único ponto. Eu nunca tinha enxergado a simetria do Universo, mas agora ela era clara.

A gravidade da Terra não me prendia mais ao lugar em que eu estava.

Agora era a garotinha nos braços da vampira loura que me mantinha ali.

Renesmee.

Vindo do segundo andar, ouvi um novo som. O único som que podia me alcançar naquele instante interminável.

Um martelar frenético, um batimento acelerado...

Um coração que se transformava.

LIVRO TRÊS

bella

SUMÁRIO

PRÓLOGO

19. QUEIMANDO
20. NOVIDADE
21. PRIMEIRA CAÇADA
22. PROMETIDA
23. LEMBRANÇAS
24. SURPRESA
25. FAVOR
26. BRILHANTE
27. PLANOS DE VIAGEM
28. O FUTURO
29. DESERÇÃO
30. IRRESISTÍVEL
31. TALENTOSOS
32. COMPANHIA
33. FALSIFICAÇÃO
34. DECLARADOS
35. PRAZO FINAL
36. DESEJO DE SANGUE
37. ARTIFÍCIOS
38. PODER
39. FELIZES PARA SEMPRE

O afeto pessoal é um luxo que você só pode ter depois que todos os seus inimigos são eliminados. Até então, todos os que você ama são reféns, solapando sua coragem e corrompendo sua capacidade de julgamento.

Orson Scott Card
Empire

PRÓLOGO

NÃO ERA MAIS APENAS UM PESADELO, E A FILA DE PRETO AVANÇAVA PARA nós em meio à névoa gelada que seus pés levantavam.

Vamos morrer, pensei, em pânico. Eu estava desesperada por causa da preciosidade que protegia, mas pensar nisso já era um lapso de atenção a que eu não tinha direito.

Eles se aproximavam como fantasmas, os mantos escuros ondulando levemente com o movimento. Vi suas mãos crisparem-se em garras cor de osso. Eles se separaram, aproximando-se de nós por todos os lados. Éramos em menor número. Estava acabado.

E, então, como a explosão de luz de um flash, a cena toda ficou diferente. Apesar de nada ter mudado — os Volturi ainda nos encurralavam, prontos para matar. Só o que realmente se modificou foi minha percepção do quadro. De repente, eu ansiava por aquilo. Eu queria que eles atacassem. O pânico se transformou em desejo de sangue enquanto eu me agachava, com um sorriso no rosto, e um rosnado atravessava meus dentes expostos.

19. QUEIMANDO

A DOR ERA ATORDOANTE.

Exatamente isso — eu estava atordoada. Não conseguia entender, não conseguia perceber o que estava acontecendo.

Meu corpo tentava rejeitar a dor, e eu era sugada repetidas vezes para uma escuridão que apagava segundos ou, talvez, até minutos inteiros da agonia, tornando ainda mais difícil acompanhar a realidade.

Tentei separá-las.

A não realidade era escura e não doía tanto.

A realidade era vermelha e me trazia a sensação de estar sendo serrada ao meio, atropelada por um ônibus, nocauteada por um campeão de boxe, pisoteada por touros e mergulhada em ácido, tudo ao mesmo tempo.

A realidade era sentir meu corpo se retorcer e saltar quando eu nem ao menos conseguia me mexer, devido à dor.

A realidade era saber que havia algo infinitamente mais importante do que aquela tortura e não conseguir lembrar o que era.

A realidade chegara rápido demais.

Em um momento, tudo era como devia ser. Eu estava cercada das pessoas que amava. De sorrisos. De certo modo, por mais incrível que fosse, parecia que eu estava prestes a conseguir tudo por que vinha lutando.

E, então, uma coisa mínima e inconsequente dera errado.

Eu vira meu copo tombar, o sangue escuro se derramando e manchando o branco perfeito, e me inclinara para pegar o copo por reflexo. Tinha visto as outras mãos mais rápidas, mas meu corpo continuava a tentar alcançar, a se esticar...

Dentro de mim, algo se moveu na direção oposta.

Rasgando. Rompendo. Agonia.

A escuridão havia tomado conta de mim, depois dera lugar a uma onda de tortura. Eu não conseguia respirar — já havia me afogado antes, mas aquilo era

diferente; minha garganta estava quente demais.

Partes de mim se despedaçavam, rompiam-se, separavam-se...

Mais escuridão.

Vozes, dessa vez gritos, enquanto a dor voltava.

"A placenta deve ter se descolado!"

Alguma coisa mais afiada do que faca me rasgou — as palavras, fazendo sentido apesar das outras torturas. Placenta descolada — eu sabia o que significava. Significava que meu bebê estava morrendo dentro de mim.

"Tirem ele!", gritei para Edward. Por que ele não ainda não tinha feito isso? "Ele não consegue respirar! Tirem agora!"

"A morfina..."

Ele queria esperar, me dar analgésicos, enquanto nosso filho estava morrendo?!

"Não! Agora..." Eu sufoquei, incapaz de terminar a frase.

Manchas pretas bloqueavam a luz da sala quando um ponto gélido de uma nova dor apunhalou meu estômago como gelo. Parecia errado — lutei, automaticamente, para proteger meu útero, meu bebê, meu pequeno Edward Jacob, mas eu estava fraca. Meus pulmões doíam, o oxigênio se esgotava.

A dor cedeu de novo, embora agora eu me agarrasse a ela. Meu bebê, meu bebê, morrendo...

Quanto tempo havia se passado? Segundos ou minutos? A dor se fora. Torpor. Eu não conseguia sentir. Ainda não conseguia ver também, mas podia ouvir. Havia ar em meus pulmões novamente, bolhas ásperas descendo e subindo por minha garganta, arranhando.

"Agora fique comigo, Bella! Está me ouvindo? Fique! Você não vai me deixar. Mantenha seu coração batendo!"

Jacob? Jacob, ainda ali, ainda tentando me salvar.

É claro, eu queria dizer a ele. É claro que eu ia manter meu coração batendo. Eu não tinha prometido isso aos dois?

Tentei sentir meu coração, encontrá-lo, mas estava completamente perdida dentro de meu próprio corpo. Não conseguia sentir as coisas que deveria, e nada parecia estar no lugar certo. Pisquei e encontrei meus olhos. Eu podia ver a luz. Não era o que eu procurava, mas era melhor do que nada.

Enquanto meus olhos lutavam para entrar em foco, Edward suspirou:

“Renesmee.”

Renesmee?

Não era o menino pálido e perfeito de minha imaginação? Senti um momento de choque. E, depois, uma onda de ternura.

Renesmee.

Forcei meus lábios a se moverem, forcei as bolhas de ar a se transformarem em sussurros em minha língua. Obriguei minhas mãos entorpecidas a reagir.

“Me deixe... Me dê ela aqui.”

A luz dançou, refletindo-se nas mãos de cristal de Edward. As centelhas eram tingidas de vermelho, com o sangue que cobria sua pele. E havia mais vermelho em suas mãos. Alguma coisa pequena se debatendo, gotejando sangue. Ele colocou o corpo quente em meus braços fracos, quase como se eu o estivesse segurando. A pele molhada era quente — tão quente quanto a de Jacob.

Meus olhos focalizaram; de repente tudo ficou absolutamente claro.

Renesmee não chorou, mas respirava num arfar rápido e sobressaltado. Seus olhos estavam abertos, a expressão tão assustada que era quase engraçada. A cabecinha perfeitamente redonda era coberta por uma grossa camada de cachos emaranhados e sangrentos. Suas íris eram de um tom chocolate familiar — mas impressionante. Sob o sangue, a pele parecia clara, de um marfim cremoso. Tudo, exceto as bochechas, que ardiam de cor.

Seu rostinho mínimo era tão perfeito que me deixou atordoada. Ela era ainda mais bonita do que o pai. Inacreditável. Impossível.

— Renesmee — sussurrei. — Tão... linda.

O rosto inacreditável de repente sorriu — um sorriso largo e consciente. Por trás dos lábios cor-de-rosa estavam duas fileiras completas de dentes de leite branquinhos.

Ela encostou a cabeça em meu peito, enroscando-se no calor. Sua pele era quente e macia, mas não cedia como a minha.

Então houve dor de novo — um golpe único e quente. Eu arfei.

E ela se foi. Meu bebê com carinha de anjo não estava em lugar nenhum. Eu não podia vê-la nem senti-la.

Não!, eu queria gritar. Devolva minha filha!

Mas a fraqueza era demais. Por um momento meus braços pareceram mangueiras de borracha vazias, depois não pareciam mais nada. Eu não os sentia.

Não conseguia me sentir.

A escuridão cobriu meus olhos, mais densa do que antes. Como uma venda grossa, firme e rápida. Cobrindo não só meus olhos, mas todo o meu eu com um peso esmagador. Era exaustivo lutar contra aquilo. Eu sabia que seria muito mais fácil ceder. Deixar que a escuridão me empurrasse para baixo, cada vez mais fundo, até um lugar em que não havia dor, cansaço, preocupação nem medo.

Se fosse apenas por mim, eu não teria sido capaz de lutar por muito tempo. Eu era apenas humana, não tinha mais que a força humana. Eu vinha tentando conviver com o sobrenatural por tempo demais, como dissera Jacob.

Mas aquilo não se referia apenas a mim.

Se naquele instante eu escolhesse o caminho fácil, se deixasse a escuridão do nada me apagar, eu os faria sofrer.

Edward. Edward. Minha vida e a dele estavam entrelaçadas, formando um único fio. Corte um e estará cortando ambos. Se ele se fosse, eu não conseguiria sobreviver. Se eu partisse, ele tampouco sobreviveria. E um mundo sem Edward não fazia sentido nenhum. Edward tinha de existir.

Jacob — que me dissera adeus repetidas vezes, mas que sempre voltava quando eu precisava dele. Jacob, que eu magoara tantas vezes que chegava a ser criminoso. Eu o magoaria de novo, da pior maneira possível? Ele tinha ficado por minha causa, apesar de tudo. Agora, tudo o que ele pedia era que eu ficasse, por ele.

Mas estava tão escuro ali que eu não conseguia ver o rosto de nenhum dos dois. Nada parecia real. Isso tornava mais difícil não desistir.

Ainda assim, continuei lutando contra a escuridão, quase por reflexo. Eu não tentava erguê-la. Só resistia. Não permitia que me esmagasse completamente. Eu não era Atlas, e a escuridão tinha o peso de um planeta; eu não podia sustentá-la nos ombros. Tudo que podia fazer era não ser inteiramente aniquilada.

Esse era mais ou menos o padrão de minha vida — eu nunca fora forte o bastante para lidar com as coisas que estavam fora de meu controle, atacar os inimigos ou superá-los. Evitar a dor. Sempre humana e fraca, a única coisa de que eu era capaz era continuar. Suportar. Sobreviver.

Até ali tinha sido suficiente. Teria de ser suficiente de novo. Eu suportaria aquilo até que a ajuda chegasse.

Eu sabia que Edward faria tudo que fosse possível. Ele não desistiria. Nem eu.

Mantive a escuridão da não existência a uma distância de centímetros.

Aquela determinação, porém, não bastava. Enquanto o tempo diminuía cada vez mais, e as trevas me ganhavam por milímetros, eu precisava de algo mais de onde tirar forças.

Não conseguia evocar nem o rosto de Edward em minha mente. Nem os de Jacob, Alice, Rosalie, Charlie, Renée, Carlisle ou Esme... Nada. Isso me apavorou, e me perguntei se era tarde demais.

Eu me senti escorregando — não havia nada em que me segurar.

Não! Eu tinha de sobreviver àquilo. Edward dependia de mim. Jacob. Charlie Alice Rosalie Carlisle Renée Esme...

Renesmee.

E então, embora eu ainda não conseguisse ver nada, de repente pude sentir uma coisa. Como membros fantasmas, imaginei que pudesse sentir meus braços de novo. E, neles, alguma coisa pequena, sólida e muito, muito quente.

Meu bebê. Minha pequena cutucadora.

Eu tinha conseguido. Contrariando todas as probabilidades, fora bastante forte para sobreviver a Renesmee, para mantê-la até que ela fosse forte o suficiente para viver sem mim.

Aquele foco de calor em meus braços fantasmas parecia muito real. Eu o apertei contra o peito. Era exatamente onde meu coração devia estar. Agarrando-me com firmeza à lembrança calorosa de minha filha, eu sabia que seria capaz de combater a escuridão pelo tempo que fosse necessário.

O calor junto ao meu coração foi ficando cada vez mais real, aquecendo cada vez mais. Mais quente. O calor era tão real que era difícil acreditar que eu o estivesse imaginando.

Mais quente.

E, então, estava desagradável. Quente demais. Muito, muito quente.

Era como pegar o lado errado de um baby-liss — minha reação automática foi soltar a coisa escaldante de meus braços. Mas não havia nada em meus braços. Eles não estavam dobrados junto ao meu peito. Meus braços eram peças mortas que jaziam em algum lugar ao meu lado. O calor estava dentro de mim.

O ardor cresceu — aumentou, foi ao máximo, depois tornou a aumentar, até que suplantou qualquer coisa que eu já sentira na vida.

Senti a pulsação por trás do fogo devorar meu peito e percebi que tinha

encontrado meu coração, bem a tempo de desejar o contrário. De desejar ter abraçado a escuridão enquanto ainda havia essa possibilidade. Queria levantar os braços e rasgar meu peito, arrancar o coração dali — qualquer coisa para me livrar daquela tortura. Mas não conseguia sentir meus braços, não conseguia mover um único dedo.

James, quebrando minha perna sob seu pé. Aquilo não fora nada. Era um lugar macio numa cama de plumas. Preferiria aquilo, multiplicado por cem. Cem fraturas. Eu aceitaria, e ficaria grata.

O bebê, quebrando minhas costelas, abrindo caminho dentro de mim, pedaço por pedaço. Aquilo não era nada. Era como flutuar numa piscina de água fria. Preferiria aquilo multiplicado por mil. Aceitaria, e ficaria grata.

O fogo ardeu mais quente e eu quis gritar. Implorar para que alguém me matasse antes que eu vivesse mais um segundo daquela dor. Mas não consegui mover meus lábios. O peso ainda estava ali, me comprimindo.

Percebi que não era a escuridão que me prendia à mesa; era meu corpo. Pesado demais. Enterrando-me nas chamas que agora abriam caminho a dentadas a partir do meu coração, propagando-se com uma dor insuportável pelos ombros e pela barriga, escaldando minha garganta, lambendo meu rosto.

Por que eu não conseguia me mexer? Por que não conseguia gritar? Aquilo não estava nas histórias.

Minha mente estava insuportavelmente lúcida — aguçada pela dor feroz —, e eu encontrei a resposta quase no mesmo instante em que formulei as perguntas.

A morfina.

Parecia que tínhamos discutido aquilo um milhão de mortes atrás — Edward, Carlisle e eu. Edward e Carlisle tinham esperança de que uma quantidade suficiente de analgésico ajudasse a combater a dor do veneno. Carlisle havia tentado com Emmett, mas o veneno tinha queimado mais rápido que o remédio, selando-lhe as veias. Não houvera tempo para que o analgésico se espalhasse.

Eu havia mantido a expressão tranquila, balançado a cabeça — e agradecia às minhas raras estrelas da sorte por Edward não poder ler minha mente.

Porque eu já tivera morfina e veneno juntos em meu corpo, e sabia a verdade. Sabia que o torpor do remédio era completamente irrelevante com o veneno incendiando minhas veias. Mas não iria mencionar esse fato. Nem nada que deixasse Edward menos disposto a me transformar.

Não tinha imaginado que a morfina teria aquele efeito — de me imobilizar e amordaçar. De me manter paralisada enquanto eu queimava.

Eu conhecia todas as histórias. Sabia que Carlisle tinha ficado em silêncio enquanto ardia, para evitar ser descoberto. Sabia que, segundo Rosalie, não ajudaria em nada gritar. E esperara que talvez pudesse ser como Carlisle. Que pudesse acreditar nas palavras de Rosalie e mantivesse a boca fechada. Porque eu sabia que cada grito que escapasse de meus lábios seria um tormento para Edward.

Agora parecia uma piada de mau gosto que eu tivesse meu desejo atendido.

Se não conseguia gritar, como diria a eles que me matassem?

Tudo o que eu queria era morrer. Nunca ter nascido. Toda a minha existência não compensava aquela dor. Não valia a pena suportar aquilo nem por mais um batimento cardíaco.

Deixem-me morrer, deixem-me morrer, deixem-me morrer.

E por um período interminável era só o que havia. Só a tortura causticante e meus gritos mudos, implorando pela morte. Nada mais, nem mesmo o tempo — o que tornava aquilo infinito, sem início nem fim. Um momento infinito de dor.

A única mudança veio quando de repente, inacreditavelmente, a dor duplicou. A metade inferior do meu corpo, entorpecida desde antes da morfina, de repente também estava em chamas. Alguma conexão rompida tinha sido curada — refeita pelos dedos abrasadores do fogo.

O ardor interminável prosseguia em sua fúria.

Poderiam ter sido segundos ou dias, semanas ou anos, mas por fim o tempo voltou a significar alguma coisa.

Três coisas aconteceram simultaneamente, surgindo uma da outra de modo que eu não sabia dizer o que veio primeiro: o tempo voltou a passar, o peso da morfina diminuiu e eu fiquei mais forte.

Podia sentir o controle de meu corpo me voltando progressivamente, e esses foram meus primeiros sinais da passagem do tempo. Soube disso quando fui capaz de contrair os dedos dos pés e fechar as mãos. Eu soube, mas não fiz nada disso.

Embora o fogo não tivesse abrandado nem um grau — na verdade, comecei a desenvolver uma nova capacidade de vivenciá-lo, uma nova sensibilidade para apreciar, separadamente, cada chama devastadora que lambia minhas veias —,

descobri que podia pensar em meio àquilo.

Pude lembrar por que não devia gritar. Pude me lembrar do motivo por que estava empenhada em suportar aquela agonia intolerável. Pude me lembrar de que havia algo que talvez valesse a tortura, embora naquele momento parecesse impossível.

Isso aconteceu a tempo de eu me segurar quando os pesos livraram meu corpo. Para qualquer um que me observasse, não haveria mudança nenhuma. Mas para mim, enquanto lutava para manter os gritos e os movimentos convulsivos presos dentro de mim, onde não podiam causar sofrimento a mais ninguém, era como se eu tivesse deixado de estar presa a uma estaca na fogueira e passado a me agarrar a essa estaca, para me manter no meio das chamas.

Eu tinha força suficiente para ficar deitada ali, imóvel, enquanto era queimada viva.

Minha audição estava cada vez mais clara, e eu podia contar o batimento frenético do meu coração para marcar o tempo.

Eu podia contar a respiração fraca que arfava através dos meus dentes.

Podia contar a respiração baixa e regular que vinha de algum lugar bem perto de mim. Essa era mais lenta, então me concentrei nela. Significava mais tempo passando. Mais regular que um pêndulo de relógio, essa respiração me impelia pelos segundos abrasadores na direção do fim.

Continuei a ficar mais forte, meus pensamentos, mais claros. Quando novos ruídos surgiam, eu podia ouvi-los.

Ouvi passos leves, o sussurro do ar deslocado por uma porta que se abria. Os passos ficaram mais próximos e senti a pressão na face interna de meu pulso. Não consegui sentir a frieza dos dedos. O fogo afugentava toda e qualquer lembrança do frio.

— Nenhuma mudança ainda?

— Nenhuma.

Uma pressão levíssima, a respiração contra minha pele em brasa.

— Não há mais cheiro de morfina.

— Eu sei.

— Bella? Pode me ouvir?

Eu sabia, sem dúvida nenhuma, que se destrincasse os dentes estaria perdida — iria gritar, berrar, me retorcer, me debater. Se abrisse os olhos, se mexesse um

dedo que fosse — qualquer mudança seria o fim do meu controle.

— Bella? Bella, amor? Pode abrir os olhos? Pode apertar minha mão?

A pressão em meus dedos. Era mais difícil não reagir àquela voz, mas continuei paralisada. Sabia que a dor na voz dele não era nada se comparada com o que poderia ser. Naquele instante, ele só temia que eu estivesse sofrendo.

— Talvez... Carlisle, talvez eu tenha agido tarde demais. — A voz soava sufocada; falhou na palavra tarde.

Minha resolução vacilou por um segundo.

— Ouça o coração dela, Edward. Está mais forte do que até mesmo o de Emmett esteve. Nunca ouvi nada tão vital. Ela vai ficar perfeita.

Sim, eu tinha razão em ficar quieta. Carlisle o tranquilizaria. Ele não precisava sofrer comigo.

— E a... a coluna?

— As lesões não foram piores do que as de Esme. O veneno a curará, como fez com Esme.

— Mas ela está tão imóvel... Eu devo ter feito alguma coisa errada.

— Ou alguma coisa certa, Edward. Filho, você fez tudo o que eu poderia ter feito, e ainda mais. Não sei se eu teria a persistência, a fé que foi preciso para salvá-la. Pare de se censurar. Bella vai ficar bem.

Um sussurro fraco.

— Ela deve estar em agonia.

— Não sabemos. Havia muita morfina em seu corpo. Não sabemos o efeito que isso terá na experiência dela.

Uma leve pressão na dobra do meu cotovelo. Outro sussurro.

— Bella, eu amo você. Bella, me desculpe.

Eu queria muito responder, mas não iria aumentar sua dor. Não enquanto tivesse forças para me manter quieta.

Durante todo esse tempo o fogo continuava me queimando. Mas, então, havia muito mais espaço em minha mente. Espaço para refletir sobre a conversa deles, para lembrar o que tinha acontecido, para olhar o futuro, restando ainda um espaço interminável para aquele sofrimento.

E também para a preocupação.

Onde estava meu bebê? Por que ela não estava ali? Por que eles não falavam dela?

— Não, vou ficar aqui mesmo — sussurrou Edward, respondendo a um pensamento que não fora verbalizado. — Eles vão se entender.

— Uma situação interessante — respondeu Carlisle. — E eu que pensava ter visto de tudo.

— Vou cuidar disso mais tarde. Nós vamos cuidar disso. — Alguma coisa pressionou suavemente a palma de minha mão em chamas.

— Sei que nós cinco podemos evitar que isso se transforme num banho de sangue.

Edward suspirou.

— Não sei de que lado ficar. Eu adoraria dar uma surra nos dois. Bom, mais tarde.

— Imagino o que Bella vai pensar... de que lado ela vai ficar — Carlisle pensou.

Um riso baixo e tenso.

— Tenho certeza de que ela vai me surpreender. Sempre faz isso.

Os passos de Carlisle desapareceram novamente, e fiquei frustrada por não haver mais explicações. Eles estavam conversando tão misteriosamente só para me irritar?

Voltei a contar a respiração de Edward para marcar o tempo.

Dez mil, novecentas e quarenta e três respirações depois, passos diferentes entraram no quarto. Mais leves. Mais... ritmados.

Estranho que eu pudesse distinguir diferenças mínimas entre modos de andar, o que jamais pude ouvir antes.

— Quanto tempo mais? — perguntou Edward.

— Não vai demorar muito — disse Alice. — Vê como ela está ficando pálida? Posso vê-la muito melhor agora. — Ela suspirou.

— Ainda está meio chateada?

— Sim, muito obrigada por mencionar — grunhiu ela. — Você também ficaria mortificado se percebesse que estava algemado por ser o que é. Eu enxergo melhor os vampiros, porque sou um deles; enxergo bem os humanos, porque já fui uma. Mas não consigo ver esses híbridos esquisitos porque eles não são nada do que eu tenha vivenciado. Bah!

— Foco, Alice.

— Tudo bem. É quase fácil demais ver Bella agora.

Houve um longo momento de silêncio, e então Edward suspirou. Era um som novo, mais feliz.

— Ela vai mesmo ficar bem — ele sussurrou.

— É claro que vai.

— Você não estava tão otimista há dois dias.

— Eu não conseguia ver direito há dois dias. Mas agora que ela está livre de todos os pontos cegos, é moleza.

— Pode se concentrar, por mim? Por alto... me dê uma estimativa.

Alice suspirou.

— Mas que impaciência. Tudo bem. Preciso de um segun...

Respiraram quietos.

— Obrigado, Alice. — A voz dele soou mais animada.

Quanto tempo? Será que eles não podiam pelo menos dizer em voz alta para eu saber? Era demais pedir isso? Quantos segundos a mais eu arderia? Dez mil? Vinte? Mais um dia — oitenta e seis mil e quatrocentos? Mais que isso?

— Ela vai ficar deslumbrante.

Edward gemeu baixinho.

— Ela sempre foi.

Alice bufou.

— Você entendeu o que eu quis dizer. Olhe para ela.

Edward não respondeu, mas as palavras de Alice me deram esperança de que talvez eu não estivesse parecida com o carvão em brasa que me sentia. Parecia que àquela altura eu não passava de uma pilha de ossos calcinados. Cada célula de meu corpo tinha sido reduzida a cinzas.

Ouvi Alice sair flutuando do quarto. Ouvi o zunido do tecido que ela usava roçando em seu corpo. Ouvi o zumbido baixo da lâmpada do teto. Ouvi o vento fraco passando do lado de fora da casa. Eu podia ouvir tudo.

No primeiro andar, alguém via um jogo de beisebol na tevê. Os Mariners estavam ganhando.

— É minha vez — ouvi Rosalie dizer a alguém, e houve um rosnado baixo em resposta.

— Ei, calma — advertiu Emmett.

Alguém sibilou.

Procurei ouvir mais, mas não havia nada além do jogo. O beisebol não era

bastante interessante para me distrair da dor, então voltei a escutar a respiração de Edward, contando os segundos.

Vinte e um mil, novecentos e dezessete segundos e meio depois, a dor mudou.

A boa notícia é que tinha começado a diminuir na ponta dos dedos das mãos e dos pés. Diminuir lentamente; mas pelo menos algo novo estava acontecendo. Tinha que ser isso. A dor estava passando...

E depois a má notícia. O fogo em minha garganta não era o mesmo de antes. Eu não estava só em chamas, mas agora também estava ressecada. Seca como osso. Com muita sede. Ardendo em chamas e ardendo de sede...

Outra má notícia: o fogo em meu coração ficou mais quente.

Como aquilo era possível?

Meu batimento cardíaco, já rápido demais, acelerou — o fogo impelia as batidas a um ritmo novo e frenético.

— Carlisle — chamou Edward. A voz era baixa, mas nítida. Eu sabia que Carlisle ouviria se estivesse dentro ou próximo da casa.

O fogo abandonou minhas mãos, deixando-as felizmente sem dor e frias. Mas recuou para o coração, que ardia como o sol e batia numa velocidade nova e furiosa.

Carlisle entrou no quarto, Alice a seu lado. Seus passos eram tão distintos que eu podia até perceber que Carlisle estava à direita, alguns centímetros à frente de Alice.

— Ouçam — disse-lhes Edward.

O som mais alto do quarto era o de meu coração frenético, martelando no ritmo do fogo.

— Ah! — disse Carlisle. — Está quase acabando.

Meu alívio com as palavras dele foi toldado pela dor excruciante em meu coração.

Meus pulsos, porém, estavam livres, assim como os tornozelos. O fogo havia se extinguido completamente ali.

— Logo — concordou Alice com ansiedade. — Vou chamar os outros. Será que Rosalie deve...

— Sim... Mantenha a bebê longe daqui.

Como é? Não. Não! O que ele queria dizer com manter meu bebê longe? O que ele estava pensando?

Meus dedos se retorceram — a irritação rompendo minha fachada imóvel. O quarto ficou em silêncio, a não ser pela britadeira em meu coração, quando todos pararam de respirar por um segundo.

A mão de alguém apertou meus dedos rebeldes.

— Bella? Bella, amor?

Eu conseguiria responder a ele sem gritar? Pensei nisso por um momento, e então o fogo ardeu ainda mais quente em meu peito, abandonando os cotovelos e os joelhos. Era melhor não arriscar.

— Vou trazê-los agora — disse Alice, com certa urgência na voz, e ouvi o silvo de vento enquanto ela saía em disparada.

E então... ah!

Meu coração saltou, batendo como hélices de helicóptero, o som quase uma nota única e contínua; parecia que ia moer minhas costelas. O fogo subiu pelo centro do peito, sugando as chamas do restante do meu corpo para servir de combustível ao calor ainda mais abrasador. A dor foi suficiente para me deixar atordoada, para irromper por meu abraço de ferro na estaca. Minhas costas arquearam, curvadas como se o fogo estivesse me puxando para o alto, pelo coração.

Não permiti que nenhuma outra parte do corpo fugisse ao controle enquanto meu tronco tombava na mesa.

Teve início uma batalha dentro de mim — meu coração disparado correndo contra o fogo que atacava. Os dois perdiam. O fogo estava condenado, tendo consumido tudo o que era combustível; meu coração galopava para sua última batida.

O fogo diminuiu, concentrando-se naquele único órgão ainda humano em uma última e insuportável onda. Recebida com um baque profundo e oco. Meu coração falhou duas vezes, e então bateu novamente, baixinho, outra única vez.

Não havia som. Nem respiração. Nem mesmo a minha.

Por um momento, a ausência de dor era tudo que eu podia compreender.

E então abri os olhos e fitei o alto, maravilhada.

20. NOVIDADE

TUDO ESTAVA TÃO CLARO.

Nítido. Definido.

A luz forte no alto ainda era ofuscante, e no entanto eu podia ver muito bem os filamentos cintilantes dentro da lâmpada. Podia ver cada cor do arco-íris na luz branca, e na extremidade do espectro uma oitava cor para a qual eu não tinha nome.

Por trás da luz eu podia distinguir cada fibra da madeira escura no teto. À luz, conseguia ver os grãos de poeira no ar, os lados que a claridade tocava e os lados escuros, distintos e separados. Giravam como pequenos planetas, movendo-se em torno uns dos outros numa dança celeste.

A poeira era tão linda que eu inalei, chocada; o ar assoviou por minha garganta, fazendo rodopiar os grãos de pó. A ação parecia errada. Pensei no assunto e percebi que o problema era que não havia alívio ligado à ação. Eu não precisava de ar. Meus pulmões não esperavam por aquilo. Eles reagiram com indiferença ao influxo.

Eu não precisava de ar, mas gostava dele. Com ele eu podia saborear o quarto à minha volta — saborear os adoráveis grãos de poeira, a mistura do ar estagnado com o fluxo levemente mais frio que entrava pela porta aberta. Saborear um luxuriante sopro de seda. Uma leve sugestão de alguma coisa quente e desejável, algo que devia ser úmido, mas não era... Esse cheiro fez minha garganta arder, seca, um fraco eco do ardor do veneno, embora o odor estivesse contaminado pela intensidade do cloro e da amônia. E, mais que tudo, eu podia sentir o gosto de um cheiro parecido com mel, lilás e sol, que era o mais forte e o mais próximo a mim.

Ouvi o barulho dos outros, voltando a respirar agora que eu também respirava. O hálito deles se misturava ao cheiro que lembrava mel, lilás e sol, trazendo novos sabores. Canela, jacinto, pera, água do mar, pão no forno, pinho, baunilha, couro, maçã, musgo, lavanda, chocolate... Fiz uma dezena de

comparações diferentes em minha mente, mas nenhuma se encaixava com exatidão. Muito doce e agradável.

A tevê no primeiro andar estava sem som e ouvi alguém lá embaixo — Rosalie? — mudando de posição.

Também ouvi uma batida baixa e monótona, com uma voz gritando, irritada, no mesmo ritmo. Rap? Fiquei aturdida por um momento, depois o som foi sumindo, como se um carro tivesse passado por ali com as janelas abertas.

Com um sobressalto, percebi que podia mesmo ser isso. Será que dali eu conseguia ouvir a rodovia?

Só percebi que alguém segurava minha mão quando a pessoa a apertou suavemente. Como havia feito antes, para esconder a dor, meu corpo se contraiu, pego desprevenido. Não era um toque que eu esperasse. A pele era perfeitamente lisa, mas a temperatura estava errada. Não era fria.

Depois do primeiro segundo paralisada pelo choque, meu corpo reagiu ao toque desconhecido de um jeito que me chocou ainda mais.

O ar sibilou por minha garganta, passando entre meus dentes trincados com um som baixo e ameaçador, como o de um enxame de abelhas. Antes que o som saísse, meus músculos se enrijeceram e contraíram, afastando-se do desconhecido. Eu girei tão rápido que o quarto devia ter se transformado em um borrão incompreensível — mas não foi o que aconteceu. Vi cada grão de poeira, cada lasca nas paredes revestidas de madeira, cada fio solto em detalhes microscópicos quando meus olhos dispararam por eles.

Então, quando me vi agachada contra a parede, na defensiva — um dezesseis avos de segundo depois —, já tinha entendido o que me assustara, e que minha reação fora exagerada.

Ah. Claro. Edward não era mais frio para mim. Agora tínhamos a mesma temperatura.

Mantive a pose por mais um oitavo de segundo, adaptando-me à cena à minha frente.

Edward estava debruçado sobre a mesa de cirurgia que tinha sido minha pira, a mão estendida para mim, a expressão ansiosa.

O rosto de Edward era o que mais importava, mas minha visão periférica catalogou todo o resto, só por precaução. Algum instinto de defesa fora acionado, e eu automaticamente procurava por qualquer sinal de perigo.

Minha família de vampiros esperava cautelosamente junto à parede mais distante, perto da porta, com Emmett e Jasper na frente. Como se houvesse mesmo perigo. Minhas narinas dilataram, procurando pela ameaça. Eu não sentia nenhum cheiro que não devesse estar ali. O aroma fraco de algo delicioso — mas arruinado por substâncias desagradáveis — fez cócegas em minha garganta de novo, provocando dor e ardência.

Alice espiava por trás do cotovelo de Jasper com um sorriso imenso; a luz faiscava em seus dentes, outro arco-íris de oito cores.

O sorriso me tranquilizou e as peças se encaixaram. Jasper e Emmett estavam na frente para proteger os outros, como eu supus. O que não compreendera logo era que o perigo era eu.

Tudo isso foi secundário. A maior parte de meus sentidos e minha mente ainda se concentrava no rosto de Edward.

Jamais percebera antes daquele segundo.

Quantas vezes havia olhado Edward e me maravilhado com sua beleza? Quantas horas — dias, semanas — de minha vida eu havia passado sonhando com o que eu julgava ser a perfeição? Pensava que conhecia aquele rosto melhor que o meu próprio. Pensava que essa fosse a única certeza física em meu mundo: o rosto impecável de Edward.

Eu devia estar cega.

Pela primeira vez, com as sombras turvadoras e a fraqueza limitadora da humanidade extraídas de meus olhos, eu vi seu rosto. Arquejei e depois lutei com meu vocabulário, incapaz de encontrar as palavras certas. Eu precisava de palavras melhores.

A essa altura a outra parte de minha atenção tinha se assegurado de que não havia perigo ali além de mim mesma, e eu automaticamente fiquei de pé; quase um segundo inteiro havia se passado desde que saíra da mesa.

Por um momento fiquei preocupada com o modo como meu corpo se movia. No instante em que considerei ficar ereta, já estava de pé. Não houve um breve fragmento de tempo no qual a ação ocorreu; a mudança foi instantânea, quase como se não tivesse havido movimento nenhum.

Continuei a fitar o rosto de Edward, novamente imóvel.

Ele contornou a mesa lentamente — cada passo levando quase meio segundo, cada passo fluindo sinuosamente como a água de um rio ondulando por pedras

suaves —, a mão ainda estendida.

Eu observava a beleza de seu movimento, absorvendo-a com meus novos olhos.

— Bella? — disse ele num tom baixo e tranquilizador, mas a preocupação em sua voz revestiu de tensão meu nome.

Não pude responder imediatamente, perdida como estava nas nuances aveludadas de sua voz. Era a sinfonia mais perfeita, uma sinfonia de um só instrumento, um instrumento mais profundo que qualquer outro criado pelo homem...

— Bella, amor? Desculpe, eu sei que é desorientador. Mas você está bem. Tudo está bem.

Tudo? Minha mente girava, espiralando de volta à minha última hora humana. A memória já parecia difusa, como se eu estivesse vendo por um véu escuro e grosso — porque meus olhos humanos eram um pouco cegos. Tudo era muito embaçado.

Quando ele disse que estava tudo bem, será que incluía Renesmee? Onde ela estava? Com Rosalie? Tentei me lembrar de seu rosto — eu sabia que ela era linda —, mas era irritante tentar ver através das lembranças humanas. O rosto dela estava amortalhado na escuridão, tão mal iluminado...

E quanto a Jacob? Ele estava bem? Será que meu amigo, que sofria havia tanto tempo, agora me odiava? Ele teria voltado para a matilha de Sam? Seth e Leah também?

Os Cullen estavam seguros ou minha transformação teria incitado a guerra com a matilha? Será que o manto tranquilizador de Edward se referia a tudo isso? Ou ele só estava tentando me acalmar?

E Charlie? O que eu diria a ele agora? Ele devia ter ligado enquanto eu queimava. O que lhe disseram? O que ele pensava que havia acontecido comigo?

Enquanto eu refletia por uma pequena fração de segundo sobre qual pergunta fazer primeiro, Edward estendeu a mão, inseguro, e afagou meu rosto com a ponta dos dedos. Liso como cetim, macio como pena, e agora na temperatura exata de minha pele.

Seu toque pareceu se estender sob a superfície de minha pele, atravessando os ossos de meu rosto. A sensação era de formigamento, eletrizante — percorreu meus ossos, descendo pela coluna, e vibrou em meu estômago.

Espere aí, pensei enquanto a vibração florescia em um calor, um anseio. Eu não devia ter perdido isso? Abrir mão dessa sensação não fazia parte do trato?

Eu era uma vampira recém-criada. A dor seca e abrasadora em minha garganta comprovava isso. E sabia o que ser uma recém-criada provocava. As emoções e os desejos humanos voltariam a mim mais tarde, de alguma maneira, mas eu tinha entendido que não os sentiria no início. Somente sede. Esse era o acordo, o preço. Eu concordara em pagar.

Mas enquanto a mão de Edward se moldava ao meu rosto como aço revestido de cetim o desejo percorreu minhas veias ressecadas, da cabeça aos pés.

Ele arqueou uma sobrancelha perfeita, esperando que eu falasse.

Eu o abracei com ímpeto.

Mais uma vez, foi como se não houvesse movimento. Em um momento eu estava ereta e imóvel como uma estátua; no mesmo instante, ele estava em meus braços.

Quente — ou, pelo menos, essa era minha percepção. Com o cheiro doce e delicioso que eu nunca fora capaz de sentir com meus sentidos humanos embotados, mas que era cem por cento Edward. Apertei o rosto contra seu peito acetinado.

E, então, ele balançou o corpo, desconfortável. Afastou-se de meu abraço. Ergui o rosto para ele, confusa e assustada com a rejeição.

— Hã... cuidado, Bella. Ai.

Retirei os braços, cruzando-os nas costas assim que compreendi.

Eu era forte demais.

— Epa — murmurei.

Ele abriu o tipo de sorriso que teria feito meu coração parar se ele ainda estivesse batendo.

— Não entre em pânico, amor — disse ele, erguendo a mão para tocar meus lábios, separados de pavor. — Você só está um pouco mais forte do que eu no momento.

Minhas sobrancelhas se uniram. Eu também soubera disso antes, mas parecia mais surreal do que qualquer outra parte daquele momento definitivamente surreal. Eu era mais forte do que Edward. Eu o fizera gemer de dor.

Sua mão afagou meu rosto de novo, e eu quase me esqueci de toda a aflição enquanto outra onda de desejo percorria meu corpo imóvel.

As emoções que eu sentia agora eram tão mais fortes do que aquelas a que eu estava acostumada, que era difícil me prender a uma linha de raciocínio, apesar do espaço extra em minha mente. Cada nova sensação me subjugava. Lembrei-me de Edward ter dito certa vez — sua voz em minha cabeça uma sombra fraca, comparada à clareza musical e cristalina que eu ouvia agora — que sua espécie, a nossa espécie, se distraía com muita facilidade. Eu podia entender por quê.

Esforcei-me para me concentrar. Havia algo que precisava dizer. O mais importante.

Com muito cuidado, tanto cuidado que foi possível perceber o movimento, tirei o braço direito das costas e ergui a mão para tocar o rosto de Edward. Recusei-me a me deixar distrair pela cor perolada de minha mão, pela pele sedosa dele ou pela energia que zunia na ponta de meus dedos.

Olhei em seus olhos e ouvi minha voz pela primeira vez.

— Amo você — eu disse, mas parecia estar cantando. Minha voz soou e ressoou como um sino.

Seu sorriso de resposta me deslumbrou mais do que quando eu era humana; eu agora podia vê-lo de verdade.

— Como eu amo você — disse ele.

Edward pegou meu rosto entre as mãos e aproximou o dele — bem devagar para me lembrar de ter cuidado. Ele me beijou, delicadamente como um sussurro, no início, depois subitamente mais forte, mais feroz. Tentei me lembrar de ser gentil com ele, mas era difícil lembrar qualquer coisa com aquele violento ataque de sensações, era difícil me agarrar a algum pensamento coerente.

Era como se ele nunca me tivesse beijado — como se fosse nosso primeiro beijo. E, na verdade, ele nunca me beijara mesmo daquele jeito.

Quase me fez sentir culpa. Certamente, eu estava rompendo alguma parte do contrato. Eu não podia ter aquilo também.

Embora não precisasse de oxigênio, minha respiração acelerou, tão rápido quanto nos momentos em que eu estivera queimando. Mas era um tipo diferente de fogo.

Alguém pigarreou. Emmett. Reconheci imediatamente o som grave, brincalhão e irritado ao mesmo tempo.

Havia me esquecido de que não estávamos sós. E então percebi que o modo como eu me agarrava a Edward não era lá muito educado, na presença de outras

pessoas.

Constrangida, afastei-me meio passo em outro movimento instantâneo.

Edward riu e se moveu comigo, mantendo os braços em minha cintura. Seu rosto estava radiante — como se uma chama branca ardesse por trás de sua pele de diamante.

Respirei, sem necessidade, para me acalmar.

Como foi diferente aquele beijo! Li a expressão dele enquanto eu comparava as lembranças humanas indistintas àquela sensação clara e intensa. Ele parecia... meio presunçoso.

— Você escondeu isso de mim — acusei em minha voz cantada, os olhos se estreitando um pouquinho.

Ele riu, radiante de alívio que tudo tivesse acabado — o medo, a dor, as incertezas, a espera, tudo ficara para trás.

— De certa forma, foi necessário na época — lembrou-me ele. — Agora é sua vez de não me quebrar. — Ele riu de novo.

Franzi a testa enquanto considerava aquilo, e então Edward não era o único que ria.

Carlisle contornou Emmett e aproximou-se de mim rapidamente; os olhos com um pouquinho de preocupação, mas Jasper acompanhou seus passos. Também não havia olhado o rosto de Carlisle antes. Não de verdade. Senti um estranho impulso de piscar — como se estivesse olhando para o sol.

— Como se sente, Bella? — perguntou Carlisle.

Pensei naquilo por um sessenta e quatro avos de segundo.

— Sufocada. São tantas coisas... — Eu me interrompi, ouvindo o tom de sino de minha voz de novo.

— Sim, pode ser muito confuso.

Assenti rapidamente.

— Mas ainda me sinto eu. Mais ou menos. Eu não esperava isso.

Os braços de Edward estreitaram-se um pouco em minha cintura.

— Eu lhe disse isso — sussurrou ele.

— Você é muito controlada — murmurou Carlisle. — Mais do que eu esperava, mesmo com o tempo que teve para se preparar psicologicamente.

Pensei nas loucas oscilações de humor, na dificuldade de me concentrar, e sussurrei:

— Não tenho muita certeza disso.

Ele assentiu gravemente, e seus olhos de joia cintilaram com interesse.

— Parece que dessa vez acertamos com a morfina. Diga-me: do que se lembra do processo de transformação?

Hesitei, ciente demais da respiração de Edward roçando meu rosto, lançando sussurros de eletricidade por minha pele.

— Tudo ficou... muito indistinto antes. Lembro que o bebê não conseguia respirar...

Olhei para Edward, de repente assustada com a lembrança.

— Renesmee é saudável e está bem — garantiu ele, com um brilho que eu nunca vira em seus olhos. Ele disse o nome dela com um fervor contido. Uma reverência. Como devotos falavam de seus deuses. — Do que se lembra depois disso?

Concentrei-me em minha máscara. Eu nunca fora uma boa mentirosa.

— É difícil lembrar. Era tudo tão escuro antes. E, então... abri os olhos e pude ver tudo.

— Incrível — sussurrou Carlisle, os olhos iluminados.

A vergonha me inundou, e esperei que o calor que ardia em meu rosto cedesse. Depois lembrei que eu nunca mais enrubesceria. Talvez isso protegesse Edward da verdade.

Mas eu devia encontrar uma maneira de contar a Carlisle. Um dia. Se ele um dia precisasse criar outro vampiro. Essa possibilidade parecia muito improvável, o que fazia com que eu me sentisse melhor por mentir.

— Quero que você pense... que me conte tudo o que lembra — pressionou Carlisle, animado, e eu não consegui reprimir a careta que cruzou meu rosto.

Eu não queria ter de continuar mentindo, porque podia cometer um deslize. Não queria pensar no fogo. Ao contrário das recordações humanas, essa parte era perfeitamente clara e descobri que podia me lembrar dela com precisão demais.

— Ah!, desculpe-me, Bella — disse Carlisle imediatamente. — É claro que sua sede deve ser desagradável. Essa conversa pode esperar.

Até ele falar no assunto, a sede realmente não era incontornável. Havia muito espaço em minha mente. Uma parte separada de meu cérebro controlava a ardência em minha garganta, quase como um reflexo. Como meu antigo cérebro tinha lidado com a respiração e o piscar.

Mas a suposição de Carlisle trouxe o fogo para o primeiro plano em minha mente. De repente, só conseguia pensar na dor seca, e quanto mais pensava nela, mais doía. Minha mão voou para o pescoço, como se por fora eu pudesse atenuar as chamas. A pele de meu pescoço era estranha ao contato de meus dedos. Tão lisa que, de algum modo, era macia, embora fosse dura como pedra também.

Edward baixou os braços e pegou minha mão livre, puxando-a gentilmente.

— Vamos caçar, Bella.

Meus olhos se arregalaram e a dor da sede cedeu, substituída pelo choque.

Eu? Caçar? Com Edward? Mas... como? Eu não sabia o que fazer.

Ele leu o sobressalto em minha expressão e sorriu, encorajando-me.

— É muito fácil, amor. É instintivo. Não se preocupe, vou lhe mostrar. — Já que eu não me mexia, ele abriu seu sorriso torto e ergueu as sobrancelhas. — Eu tinha a impressão de que você sempre quis me ver caçar.

Eu ri, em uma explosão curta de humor (parte de mim ouviu, pasmada, o sino repicar), enquanto as palavras dele me faziam lembrar vagas conversas humanas. E depois precisei de um segundo para rapidamente repassar em minha cabeça aqueles primeiros dias com Edward — o verdadeiro começo de minha vida —, de modo que nunca me esquecesse deles. Eu não esperava que fosse tão desagradável lembrar. Como tentar ver através de uma água lamacenta. Eu sabia, pela experiência de Rosalie, que se pensasse bastante em minhas lembranças humanas não as perderia com o tempo. Eu não queria me esquecer de um só minuto que passei com Edward, mesmo ali, quando a eternidade se estendia diante de nós. Precisava me certificar de que aquelas lembranças humanas fossem sedimentadas em minha mente infalível de vampira.

— Vamos? — perguntou Edward. Ele estendeu o braço para pegar a mão que ainda estava em meu pescoço. Seus dedos deslizaram por ali. — Não quero que fique sofrendo — acrescentou, num murmúrio baixo. Que, antes, eu não teria sido capaz de ouvir.

— Estou bem — eu disse, por um hábito humano que permanecia. — Espere. Primeiro.

Havia tantas coisas! Eu não chegara a minhas perguntas. Havia coisas mais importantes que a dor.

Então foi Carlisle que falou.

— Sim?

— Quero vê-la. Renesmee.

Era estranhamente difícil dizer seu nome. Minha filha — mais difícil ainda era pensar nessas palavras. Tudo parecia muito distante. Tentei me lembrar de como me sentia três dias antes e automaticamente minhas mãos se libertaram das de Edward e pousaram na barriga.

Plana. Vazia. Agarrei a seda clara que cobria minha pele, em pânico de novo, enquanto uma parte insignificante de minha mente concluía que Alice devia ter me vestido.

Sabia que não restava nada dentro de mim e me lembrei vagamente da cena sangrenta que foi retirá-la, mas ainda era difícil processar a prova física. Tudo que eu sabia era que amava minha pequena cutucadora dentro de mim. Fora dali, ela parecia fruto da minha imaginação. Um sonho que desbotava — um sonho que era meio pesadelo.

Enquanto lutava com minha confusão, vi Edward e Carlisle trocando um olhar cauteloso.

— O que foi? — perguntei.

— Bella — disse Edward de forma tranquilizadora. — Essa não é uma boa ideia. Ela é um pouco humana, amor. O coração dela bate e corre sangue em suas veias. Até que sua sede esteja definitivamente sob controle... Você não quer colocá-la em perigo, não é?

Franzi a testa. É claro que não iria querer isso.

Estava descontrolada? Confusa, sim. Sem concentração, sim. Mas era perigosa? Para ela? Minha filha?

Eu não podia ter certeza de que a resposta era não. Então teria de ser paciente. Isso parecia difícil. Porque, até que eu a visse outra vez, ela não seria real. Só um sonho que se apagava... com uma estranha...

— Onde ela está? — Concentrei-me, e então pude ouvir o coração batendo no piso abaixo. Pude ouvir mais de uma pessoa respirando... baixo, como se estivessem escutando também. Havia também um som palpitante, um zumbido, que eu não conseguia situar...

E o som do coração batendo era tão molhado e atrativo que minha boca começou a salivar.

Então eu, sem dúvida, teria de aprender a caçar antes de vê-la. Meu bebê desconhecido.

— Rosalie está com ela?

— Sim — respondeu Edward, num tom mais brusco, e pude ver que algum pensamento o aborrecia. Achava que ele e Rose tivessem superado suas diferenças. Será que a animosidade surgira de novo? Antes que eu pudesse perguntar, ele tirou minhas mãos da barriga lisa, puxando-as gentilmente de novo.

— Espere — protestei novamente, tentando me concentrar. — E Jacob? E Charlie? Me contem tudo o que perdi. Quanto tempo eu fiquei... inconsciente?

Edward não pareceu perceber minha hesitação com a última palavra. Em vez disso, trocou outro olhar preocupado com Carlisle.

— Qual é o problema? — sussurrei.

— Não há problema nenhum — disse-me Carlisle, destacando a palavra de uma forma estranha. — Nada mudou muito, na verdade... Você só ficou inconsciente por pouco mais de dois dias. Foi muito rápido, como essas coisas acontecem. Edward fez um trabalho excelente. Muito inovador... A injeção de veneno direto em seu coração foi ideia dele. — Ele parou para sorrir com orgulho para o filho, e depois suspirou. — Jacob ainda está aqui e Charlie ainda acredita que você está doente. Ele acha que você está em Atlanta neste momento, submetendo-se a exames no Centro de Controle de Doenças. Demos um número errado a ele e ele está frustrado. Ele tem falado com Esme.

— Eu devia ligar para ele... — murmurei comigo mesma, mas, ouvindo minha voz, entendi as novas dificuldades. Ele não reconheceria aquela voz. Isso não o tranquilizaria. E depois a primeira surpresa me assaltou. — Espere aí... Jacob ainda está aqui?

Outra troca de olhares.

— Bella — disse Edward rapidamente. — Há muito o que discutir, mas devemos cuidar de você primeiro. Você deve estar sentindo dor...

Quando ele assinalou isso, lembrei-me do ardor em minha garganta e engoli convulsivamente.

— Mas Jacob...

— Temos todo o tempo do mundo para explicações, amor — lembrou-me ele delicadamente.

É claro. Eu podia esperar um pouco mais pela resposta; seria mais fácil ouvir quando a dor feroz da sede abrasadora não dispersasse mais minha concentração.

— Está bem.

— Espere, espere, espere — cantarolou Alice da porta. Ela dançou pela sala, graciosa como em um sonho. E como acontecera com Edward e Carlisle, senti certo choque quando realmente olhei seu rosto pela primeira vez. Tão lindo. — Você prometeu que eu podia estar presente na primeira vez! E se vocês dois passarem por alguma coisa reflexiva?

— Alice... — Edward protestou.

— Só vai levar um segundo! — E com isso Alice deixou o quarto em disparada.

Edward suspirou.

— Do que ela está falando?

Mas Alice já estava de volta, trazendo o espelho imenso com moldura dourada do quarto de Rosalie, que tinha quase duas vezes a altura dela e várias vezes sua largura.

Jasper estivera tão imóvel e silencioso que eu não dera por sua presença até ele seguir atrás de Carlisle. Agora ele se moveu novamente, pairando perto de Alice, os olhos fixos em minha expressão. Porque o perigo ali era eu.

Sabia que ele também estava sentindo o clima ao meu redor, então deve ter sentido meu sobressalto ao examinar seu rosto, olhando-o de perto pela primeira vez.

Através de meus olhos humanos cegos as cicatrizes deixadas por sua vida anterior com os exércitos de recém-criados no sul tinham sido quase invisíveis. Só com uma luz forte, dando definição às suas formas em leve relevo, eu podia perceber sua existência.

Agora que eu enxergava, as cicatrizes eram a característica dominante de Jasper. Era difícil tirar os olhos de seu pescoço e do queixo devastados — era difícil acreditar que mesmo um vampiro pudesse sobreviver a tantos dentes rasgando seu pescoço.

Por instinto, retesei o corpo para me defender. Qualquer vampiro que visse Jasper teria a mesma reação. As cicatrizes eram como um letreiro luminoso. Perigo, gritavam elas. Quantos vampiros tentaram matar Jasper? Centenas? Milhares? O mesmo número que morrera tentando.

Jasper tanto viu quanto sentiu minha avaliação, minha cautela, e sorriu ironicamente.

— Edward me deu uma bronca por não a ter colocado diante de um espelho

antes do casamento — disse Alice, desviando minha atenção de seu amante assustador. — Não vou levar bronca de novo.

— Bronca? — perguntou Edward ceticamente, uma sobrancelha arqueando-se.

— Talvez eu tenha exagerado — murmurou ela, distraída, enquanto virava o espelho de frente para mim.

— E talvez isso tenha unicamente a ver com sua própria satisfação de voyeuse — argumentou ele.

Alice piscou para ele.

Eu só percebi essa troca de ideias com a porção menos focada de minha concentração. A maior parte estava focalizada na pessoa no espelho.

Minha primeira reação, sem pensar, foi de prazer. A criatura estranha no espelho era indiscutivelmente bonita, tão bonita quanto Alice ou Esme. Ela era fluida até mesmo imóvel, e seu rosto imaculado era pálido como a lua, em contraste com a moldura do cabelo escuro e pesado. Seus braços e suas pernas eram lisos e fortes, a pele cintilava um pouco, luminosa como uma pérola.

Minha segunda reação foi de pavor.

Quem era ela? À primeira vista, eu não conseguia encontrar meu rosto naquelas feições perfeitas.

E os olhos! Embora eu soubesse o que esperar, ainda assim seus olhos me provocaram um arrepio de pavor.

Durante todo o tempo em que eu analisava e reagia, seu rosto estava perfeitamente composto, o entalhe de uma deusa, sem nada mostrar do turbilhão que tinha lugar dentro mim. E, então, os lábios cheios se moveram.

— Os olhos? — sussurrei, sem querer dizer meus olhos. — Quanto tempo?

— Vão escurecer daqui a alguns meses — disse Edward numa voz suave e reconfortante. — O sangue animal dilui a cor mais rapidamente do que uma dieta de sangue humano. Primeiro ficarão âmbar, depois dourados.

Meus olhos cintilariam como chamas vermelhas cruéis por meses?

— Meses? — Minha voz agora soou mais alta, estressada. No espelho, as sobrancelhas perfeitas se ergueram incredulamente acima dos olhos carmim reluzentes, mais brilhantes que quaisquer olhos que eu já tivesse visto.

Jasper deu um passo à frente, alarmado com a intensidade de minha súbita ansiedade. Ele conhecia os vampiros jovens muito bem; será que aquela emoção

pressagiava algum tropeço de minha parte?

Ninguém respondeu à minha pergunta. Desviei os olhos, para Edward e Alice. Os olhos dos dois pareciam ligeiramente fora de foco — reagindo à inquietação de Jasper. Procurando ouvir sua causa, olhando o futuro imediato.

Respirei fundo e desnecessariamente de novo.

— Não, eu estou bem — garanti a eles. Meus olhos foram à estranha no espelho e voltaram. — É só que... é muito para absorver.

A testa de Jasper se franziu, destacando as duas cicatrizes sobre o olho esquerdo.

— Não sei — murmurou Edward.

A mulher no espelho também franziu a testa.

— Que pergunta eu perdi?

Edward sorriu.

— Jasper se pergunta como você está conseguindo.

— Conseguindo o quê?

— Controlar suas emoções, Bella — respondeu Jasper. — Nunca vi um recém-criado fazer isso... deter uma emoção no meio do caminho assim. Você estava aborrecida, mas quando viu nossa preocupação, segurou as rédeas, recuperando o poder sobre si. Eu estava preparado para ajudar, mas você não precisou.

— Isso é ruim? — perguntei. Meu corpo automaticamente paralisou enquanto eu esperava seu veredito.

— Não — disse ele, mas havia incerteza em sua voz.

Edward afagou meu braço, como se me encorajasse a relaxar.

— É mesmo impressionante, Bella, mas não entendemos. Não sabemos quanto tempo isso pode durar.

Considerei aquilo por uma fração de segundo. A qualquer momento eu iria atacar? Viraria um monstro?

Eu não conseguia sentir isso vindo... Talvez não existisse um jeito de prever uma coisa assim.

— Mas o que você acha? — perguntou Alice, agora um pouco impaciente, apontando o espelho.

— Não sei bem — limitei-me a dizer, sem querer admitir o quanto estava assustada.

Fitei a linda mulher com os olhos apavorantes, procurando partes de mim. Havia alguma coisa ali no formato dos lábios — se olhasse além da beleza deslumbrante, era verdade que seu lábio superior era meio desproporcional, um pouco cheio demais comparado ao inferior. Encontrar esse pequeno defeito conhecido fez com que eu me sentisse um pouquinho melhor. Talvez o restante de mim estivesse ali também.

Experimentei erguer a mão, e a mulher no espelho imitou o movimento, tocando seu rosto. Seus olhos carmim me olhavam com preocupação.

Edward suspirou.

Desviei-me dela e olhei para ele, erguendo uma sobrancelha.

— Decepcionado? — perguntei, minha voz tilintante e impassível.

Ele riu.

— Sim — admitiu.

Senti o choque romper a máscara composta de meu rosto, seguido de imediato pela dor.

Alice rosnou. Jasper se inclinou para a frente de novo, esperando que eu atacasse.

Mas Edward os ignorou e passou os braços firmemente por minha nova forma paralisada, apertando os lábios contra o meu rosto.

— Eu esperava ser capaz de ouvir sua mente, agora que é mais semelhante à minha — murmurou ele. — E aqui estou, frustrado como sempre, perguntando-me o que pode estar se passando em sua cabeça.

Eu me senti imediatamente melhor.

— Ah, bom — eu disse, aliviada que meus pensamentos ainda fossem só meus. — Acho que meu cérebro nunca vai funcionar direito. Pelo menos eu sou bonita.

Estava ficando mais fácil brincar com ele enquanto eu me adaptava. Pensar em linhas retas. Ser eu mesma.

Edward grunhiu em minha orelha.

— Bella, você nunca foi apenas bonita.

Depois seu rosto se afastou do meu e ele suspirou.

— Tudo bem, tudo bem — disse ele a alguém.

— O que foi? — perguntei.

— Você está deixando Jasper mais tenso a cada segundo. Ele vai poder relaxar

um pouco depois que você tiver caçado.

Olhei a expressão preocupada de Jasper e assenti. Eu não queria ter uma crise ali, se isso fosse acontecer. Era melhor estar cercada de árvores do que da família.

— Tudo bem. Vamos caçar — concordei, um tremor de nervosismo e expectativa fazendo meu estômago vibrar. Afastei os braços de Edward, segurando uma de suas mãos, e dei as costas para a estranha e linda mulher no espelho.

21. PRIMEIRA CAÇADA

— A JANELA? — PERGUNTEI, OLHANDO DOIS ANDARES ABAIXO.

Eu nunca tivera medo de altura, mas ser capaz de ver os detalhes com tanta clareza tornava a perspectiva menos atraente. Os ângulos das pedras abaixo eram mais agudos do que eu teria imaginado.

Edward sorriu.

— É a saída mais conveniente. Se estiver com medo, posso carregá-la.

— Temos toda a eternidade e você está preocupado com o tempo que levaria para andar até a porta dos fundos?

Ele franziu levemente a testa.

— Renesmee e Jacob estão lá embaixo...

— Ah!

Certo. Eu agora era o monstro. Tinha de me manter afastada dos cheiros que pudessem incitar meu lado selvagem. Das pessoas que eu amava, em particular. Mesmo aqueles que eu ainda nem conhecia.

— Renesmee está... bem... com Jacob lá embaixo? — sussurrei. Só então percebia que devia ser o coração de Jacob que eu ouvira no primeiro andar. Tornei a apurar o ouvido, mas só pude distinguir uma pulsação. — Ele não gosta muito dela.

Os lábios de Edward se contraíram de forma estranha.

— Acredite em mim, ela está perfeitamente segura. Eu sei exatamente o que Jacob está pensando.

— Claro — murmurei, e olhei para o chão de novo.

— Protelando? — ele me desafiou.

— Um pouco. Não sei como...

E eu estava muito consciente de minha família atrás de mim, olhando em silêncio. A maior parte em silêncio. Emmett já tinha dado uma risadinha abafada. Um erro e ele estaria rolando no chão. Depois começariam as piadas sobre a única vampira desajeitada do mundo...

Além disso, aquele vestido — que Alice devia ter enfiado em mim em algum momento enquanto eu estava absorta demais no fogo para perceber — não era o que eu teria escolhido para pular nem caçar. Seda azul-claro colada no corpo? Para que ela achava que eu iria precisar daquilo? Haveria algum coquetel mais tarde?

— Observe-me — disse Edward. E, então, muito casualmente, ele saiu pela janela alta e caiu.

Olhei com atenção, analisando o ângulo em que ele curvava os joelhos para absorver o impacto. O som de seu pouso foi muito baixo — um baque surdo que podia ser uma porta sendo fechada suavemente, ou um livro gentilmente posto numa mesa.

Não parecia difícil.

Trincando os dentes enquanto me concentrava, tentei imitar seu passo despreocupado no espaço vazio.

Ah! O chão pareceu se mover na minha direção tão lentamente que não foi nada demais colocar os pés — que sapatos eram aqueles com que Alice havia me calçado? Salto agulha? Ela perdera o juízo —, colocar aqueles sapatos bobos na posição exata para que a aterrissagem não fosse diferente de levar um pé à frente numa superfície plana.

Absorvi o impacto com a parte da frente dos pés, não querendo quebrar os saltos finos. Meu pouso pareceu tão silencioso quanto o dele. Sorri para ele.

— Tudo bem. Fácil.

Ele sorriu também.

— Bella?

— Sim?

— Foi muito graciosa... até para uma vampira.

Pensei no comentário dele por um momento, e então fiquei radiante. Se ele estivesse falando por falar, Emmett teria rido. Ninguém achou a observação dele engraçada, então devia ser verdade. Era a primeira vez que alguém aplicava a palavra graciosa a mim em toda a minha vida... ou, bem, minha existência.

— Obrigada — eu disse a ele.

E então tirei os sapatos de cetim prateados e os lancei, juntos, de volta pela janela aberta. Com força demais, talvez, mas ouvi que alguém os pegou antes que eles pudessem danificar alguma coisa.

Alice grunhiu.

— O senso de moda dela não melhorou tanto quanto o equilíbrio!

Edward pegou minha mão — eu não deixava de me maravilhar com a suavidade, a temperatura confortável de sua pele — e disparou pelo quintal até a beira do rio. Eu o acompanhei sem esforço.

Tudo que era físico parecia muito simples.

— Vamos nadar? — perguntei a ele quando paramos junto da água.

— E estragar seu lindo vestido? Não. Vamos pular.

Franzi os lábios, pensando. O rio tinha uns cinquenta metros de largura naquele trecho.

— Primeiro você — eu disse.

Ele tocou meu rosto, deu dois passos para trás, e voltou correndo, lançando-se de uma pedra achatada firmemente incrustada na margem. Examinei o lampejo de movimento enquanto ele descrevia um arco acima da água, dando por fim uma cambalhota pouco antes de desaparecer nas árvores densas do outro lado do rio.

— Exibido — murmurei, e ouvi seu riso invisível.

Recuei cinco passos, só por precaução, e respirei fundo.

De repente, me senti ansiosa de novo. Não com medo de cair ou me machucar — estava mais preocupada em causar algum dano à floresta.

Surgira devagar, mas agora eu podia sentir — a força bruta, maciça, vibrando em meus membros. De repente eu tinha certeza de que se quisesse abrir um túnel debaixo do rio, abrir caminho a unha ou a murros pelo leito rochoso, não levaria muito tempo. As coisas à minha volta — as árvores, os arbustos, as pedras... a casa — haviam começado a parecer muito frágeis.

Torcendo muito para que Esme não tivesse um apreço especial por nenhuma árvore específica do outro lado do rio, dei meu primeiro passo. E então parei quando o cetim apertado se rasgou uns quinze centímetros coxa acima. Alice!

Bom, Alice sempre parecia lidar com as roupas como se fossem descartáveis e existissem para ser usadas uma única vez, então ela não deveria se importar com aquilo. Curvei-me para pegar com cuidado a bainha no lado intacto e, exercendo a menor pressão possível, abri o vestido até o alto da coxa. Depois fiz o mesmo com o outro lado, para igualar.

Muito melhor assim.

Eu podia ouvir o riso abafado na casa, e até o som de alguém trincando os dentes. O riso vinha dos dois andares, e reconheci facilmente a risada rouca e

gutural do primeiro andar.

Então Jacob também estava olhando? Eu não conseguia imaginar o que ele estaria pensando agora, ou o que ainda estava fazendo ali. Eu imaginara nosso reencontro — se ele pudesse me perdoar — acontecendo no futuro, quando eu estivesse mais estável e o tempo tivesse curado as feridas que infligi a seu coração.

Não me virei para olhá-lo agora, preocupada com minhas oscilações de humor. Não seria bom deixar que qualquer emoção dominasse meu estado de espírito. Os temores de Jasper haviam me deixado tensa. Eu tinha de caçar antes de lidar com qualquer outra coisa. Tentei me esquecer de todo o resto para me concentrar.

— Bella? — Edward chamou do bosque, a voz ficando mais próxima. — Quer ver de novo?

Mas eu me lembrava de tudo com perfeição, é claro, e não queria que Emmett tivesse um motivo para achar mais graça de meu treinamento. Aquilo era físico — devia ser instintivo. Então respirei fundo e corri para o rio.

Sem a obstrução da saia, foi preciso só uma passada longa para chegar à beira da água. Apenas oitenta e quatro avos de segundo, e no entanto foi tempo suficiente — meus olhos e minha mente se moviam tão rapidamente que um passo foi bastante. Foi simples posicionar meu pé direito na pedra lisa e exercer a pressão certa para mandar meu corpo voando pelo ar. Estava mais atenta ao objetivo do que à força, e errei na quantidade de força necessária — mas pelo menos não errei para o lado que teria me deixado molhada. A extensão de cinquenta metros era uma distância meio fácil demais...

Foi uma coisa estranha, vertiginosa, eletrizante, mas curta. Um segundo inteiro ainda por passar, e eu estava do outro lado.

Eu esperara que as árvores densamente agrupadas fossem um problema, mas elas foram surpreendentemente úteis. Foi uma simples questão de estender uma mão firme enquanto caía na direção do solo, no meio da floresta, e me vi em um galho conveniente; balancei levemente e pousei, apoiando-me nos dedos dos pés, ainda a quinze metros do chão, no maior galho de um abeto.

Foi fabuloso.

Acima do som retinido de meu riso deliciado, pude ouvir Edward correndo ao meu encontro. Meu salto fora duas vezes mais longo que o dele. Quando chegou à minha árvore, estava com os olhos arregalados. Saltei com agilidade do galho para

o seu lado, tornando a pousar silenciosamente com a parte dianteira dos pés.

— Foi bom? — perguntei, minha respiração acelerada com a empolgação.

— Muito bom. — Ele sorriu, aprovando, mas seu tom despreocupado não combinava com a expressão de surpresa nos olhos.

— Podemos repetir?

— Foco, Bella... Estamos numa excursão de caça.

— Ah, sim — assenti. — Caçar.

— Siga-me... Se puder. — Ele sorriu, a expressão de repente debochada, e saiu correndo.

Ele era mais rápido do que eu. Eu não conseguia imaginar como ele movia as pernas numa velocidade tão intensa, mas aquilo estava além de mim. No entanto, eu era mais forte, e cada passada minha equivalia a três dele. E assim voei com ele pela teia verde e viva, a seu lado, não atrás. Enquanto eu corria, não consegui deixar de rir baixinho com a emoção; o riso não me atrasava nem perturbava meu foco.

Finalmente eu podia entender por que Edward nunca batia nas árvores quando corria — uma questão que sempre fora um mistério para mim. Era uma sensação peculiar, o equilíbrio entre a velocidade e a clareza. Porque, enquanto eu disparava acima, debaixo e através do espesso labirinto de jade, a uma velocidade que deveria reduzir tudo à minha volta a uma mancha verde indistinta, eu podia ver muito bem cada folhinha em todos os pequenos galhos de cada insignificante arbusto por que passava.

O vento de minha velocidade lançava meu cabelo e meu vestido rasgado para trás, e embora eu soubesse que não deveria ser assim, parecia quente na minha pele. Da mesma forma, o chão irregular da floresta não devia parecer veludo sob meus pés descalços e os galhos que me chicoteavam a pele não deviam parecer plumas me acariciando.

A floresta era muito mais viva do que eu jamais imaginara — pequenas criaturas, cuja existência nunca imaginei, fervilhavam nas folhas à minha volta. Todas ficavam em silêncio depois de passarmos, sua respiração se acelerando de medo. Os animais tinham uma reação muito mais sensata ao nosso cheiro que os humanos pareciam ter. Certamente, tivera o efeito contrário em mim.

Continuei esperando sentir-me sem fôlego, mas minha respiração vinha sem esforço. Esperei que meus músculos começassem a queimar, mas minha força só

parecia aumentar enquanto eu me acostumava com o ritmo. Meus saltos se estenderam mais, e logo ele estava tentando me acompanhar. Eu ri de novo, exultante, quando o ouvi ficar para trás. Meus pés descalços tocavam o chão com tão pouca frequência agora que mais pareciam voar do que correr.

— Bella — chamou ele, a voz serena, preguiçosa. Não consegui ouvir mais nada; ele tinha parado.

Pensei brevemente em me amotinar.

Mas com um suspiro fiz meia-volta e saltei levemente para o lado dele, algumas centenas de metros atrás. Olhei para ele cheia de expectativa. Ele estava sorrindo, com uma sobrancelha arqueada. Era tão lindo que eu só conseguia ficar olhando.

— Você queria ficar no país? — perguntou ele, divertido. — Ou estava planejando prosseguir até o Canadá?

— Está bom aqui — concordei, concentrando-me menos no que ele dizia e mais na forma hipnótica com que seus lábios se mexiam quando falava. Era difícil não me deixar distrair por tudo o que era novidade para os meus olhos novos e poderosos. — O que estamos caçando?

— Alces. Pensei numa coisa fácil para a primeira vez... — Ele se interrompeu quando meus olhos se estreitaram com a palavra fácil.

Mas não ia discutir; estava com sede demais. Assim que comecei a pensar no ardor seco em minha garganta, essa era a única coisa em que conseguia focalizar. Estava, sem dúvida, ficando pior. Minha boca parecia as quatro horas de uma tarde de verão no Vale da Morte.

— Onde? — perguntei, examinando com impaciência as árvores. Agora que eu dera atenção à sede, ela parecia contaminar todos os meus outros pensamentos, escoando para os pensamentos mais agradáveis, como correr, os lábios de Edward, beijar e... a sede abrasadora. Eu não conseguia me livrar dela.

— Fique parada um minuto — disse ele, colocando as mãos de leve em meus ombros.

A urgência de minha sede cedeu por um momento ao toque dele.

— Agora feche os olhos — ele murmurou.

Quando obedeci, ele levou as mãos ao meu rosto, afagando-o. Senti minha respiração se acelerar e novamente esperei, por um breve instante, pelo rubor que não viria.

— Ouça — instruiu Edward. — O que está ouvindo?

Tudo, eu poderia ter dito; sua voz perfeita, sua respiração, seus lábios roçando um no outro enquanto ele falava, o sussurro de aves alisando as penas nas copas das árvores, seus batimentos cardíacos palpitantes, as folhas de bordo raspando umas nas outras, o leve estalido de formigas seguindo por uma longa fila na casca da árvore mais próxima. Mas eu sabia que ele se referia a algo específico, então deixei que meus ouvidos ampliassem o alcance, procurando algo diferente do leve zumbido de vida que me cercava. Havia um espaço aberto perto de nós — o vento tinha um som diferente quando atravessava a relva exposta — e um pequeno riacho, com um leito rochoso. E ali, perto do barulho da correnteza, o ruído de línguas mergulhando na água, o martelar de corações pesados, bombeando volumosas torrentes de sangue.

Parecia que as laterais de minha garganta tinham se fechado.

— No riacho, a nordeste? — perguntei, os olhos ainda fechados.

— Sim. — A voz dele era de aprovação. — Agora... espere pela brisa de novo... Que cheiro sente?

Principalmente o dele — seu estranho perfume de lilás, mel e sol. Mas também o cheiro rico e terroso de putrefação e musgo, a resina nas sempre-vivas, o aroma quente e quase amendoado dos pequenos roedores passando por baixo das raízes das árvores. E depois, de novo, o cheiro limpo da água, que surpreendentemente me era indiferente, apesar da sede. Concentrei-me na água e descobri o cheiro que devia acompanhar as lambidas e o coração pesado. Outro cheiro quente, denso e penetrante, mais forte do que os outros. E no entanto quase tão pouco atraente quanto o riacho. Franzi o nariz.

Ele riu.

— Eu sei... Leva algum tempo para nos acostumarmos.

— Três? — tentei adivinhar.

— Cinco. Há outros dois nas árvores atrás deles.

— O que eu faço agora?

A julgar por sua voz, ele estava sorrindo.

— O que tem vontade de fazer?

Ponderei, os olhos ainda fechados enquanto escutava e sentia o cheiro. Outro surto de sede ardente invadiu minha consciência e de repente o odor quente e penetrante não era tão desagradável. Pelo menos seria alguma coisa quente e

molhada em minha boca ressecada. Meus olhos se abriram de repente.

— Não pense — sugeriu ele enquanto retirava as mãos de meu rosto e recuava um passo. — Apenas siga seus instintos.

Deixei-me levar pelo cheiro, quase inconsciente de meus movimentos enquanto flutuava pelo declive até a campina estreita onde corria o regato. Meu corpo inclinou-se automaticamente e eu me agachei, enquanto hesitava na entrada do bosque margeado de samambaias. Podia ver o grande macho, com uma galhada de duas dezenas de cornos, na margem do regato, e as formas manchadas de sombras dos outros quatro seguindo para o leste, entrando na floresta num passo tranquilo.

Concentrei-me no cheiro do macho, no ponto quente em seu pescoço peludo onde o calor pulsava mais forte. Só trinta metros — duas ou três passadas — entre nós. Eu me retesei para o primeiro salto.

Mas enquanto meus músculos se contraíam, na preparação, o vento mudou, soprando mais forte, vindo do sul. Não parei para pensar, partindo das árvores em um caminho perpendicular ao meu plano original, assustando o alce, que entrou na floresta, e correndo atrás de uma nova fragrância tão atraente que não era uma opção. Era compulsório.

O cheiro me dominava completamente. Eu estava obcecada enquanto o rastreava, ciente apenas da sede e do cheiro que prometia mitigá-la. A sede ficou pior, tão dolorosa agora que confundia todos os outros pensamentos e começava a me lembrar do veneno queimando em minhas veias.

Só havia uma coisa que tinha alguma possibilidade de penetrar meu foco, um instinto mais poderoso, mais básico do que a necessidade de mitigar o fogo — era o instinto de me proteger do perigo. A autopreservação.

De repente fiquei alerta para o fato de que estava sendo seguida. A atração do cheiro irresistível lutava com o impulso de me virar e defender minha caça. Um gorgolejo se formou em meu peito, meus lábios recuaram por sua própria vontade e expuseram os dentes, numa advertência. Meus pés desaceleraram, a necessidade de proteger minhas costas lutando contra o desejo de saciar a sede.

E então pude ouvir meu perseguidor ganhando terreno, e a defesa venceu. Enquanto eu girava, o som crescente abriu caminho por minha garganta e saiu.

O rosnado bestial, saindo de minha boca, foi tão inesperado que me fez parar. Ele me inquietou e clareou minha cabeça por um segundo — a névoa da sede

recuou, embora a sede em si ainda ardesse.

O vento mudou, soprando o cheiro de terra molhada e chuva próxima em meu rosto, libertando-me ainda mais das garras abrasadoras do outro cheiro — um aroma tão delicioso, que só podia ser humano.

Edward hesitou, a alguns passos, os braços estendidos como se para me abraçar — ou me conter. Seu rosto estava concentrado e cauteloso, e eu me vi imobilizada, horrorizada.

Percebi que estivera prestes a atacá-lo. Com um movimento brusco, saí de minha posição abaixada, defensiva. Prendi a respiração enquanto voltava a me concentrar, temendo o poder da fragrância que vinha do sul.

Ele viu a razão voltar ao meu rosto e deu um passo na minha direção, baixando os braços.

— Tenho de sair daqui — cuspi entre os dentes, usando a respiração que prendia.

O choque atravessou seu rosto.

— Você consegue sair?

Não havia tempo para perguntar o que ele quis dizer com aquilo. Eu sabia que a capacidade de pensar com clareza só duraria o tempo em que conseguisse me reprimir de pensar em...

Disparei numa corrida outra vez, seguindo direto para o norte, concentrando-me unicamente na sensação desagradável de privação sensorial que parecia ser a única reação de meu corpo à falta de ar. Minha única meta era correr para o mais longe possível a fim de que o cheiro atrás de mim se perdesse completamente. Impossível de encontrar, mesmo que eu mudasse de ideia...

Novamente eu estava ciente de que era seguida, mas dessa vez eu estava sã. Reprimi o instinto de respirar — de usar os odores no ar para me certificar de que era Edward. Não precisei lutar muito; embora estivesse correndo mais rápido do que nunca, como um cometa, pelo caminho mais reto que conseguia encontrar entre as árvores, Edward me alcançou depois de um breve minuto.

Um novo pensamento me ocorreu, e me detive. Eu tinha certeza de que era seguro ali, mas prendi a respiração, só por segurança.

Edward passou por mim, surpreso com minha parada repentina. Ele girou e estava a meu lado em um segundo. Pôs as mãos em meus ombros e me fitou nos olhos, o choque ainda a emoção dominante em seu rosto.

— Como você fez aquilo? — perguntou ele.

— Você me deixou vencer antes, não foi? — perguntei, ignorando sua pergunta. E eu que pensara estar indo tão bem!

Quando abri a boca, pude sentir o gosto do ar — ali não era poluído, não havia vestígios do irresistível perfume para atormentar minha sede. Respirei com cautela.

Ele deu de ombros e sacudiu a cabeça, recusando-se a desviar-se do assunto.

— Bella, como você fez isso?

— Fugir? Eu prendi a respiração.

— Mas como foi capaz de interromper a caçada?

— Quando você veio por trás de mim... Desculpe-me por aquilo.

— Por que está se desculpando comigo? Eu é que fui horrivelmente descuidado. Presumi que ninguém estaria tão longe das trilhas, mas devia ter verificado primeiro. Um erro tão idiota! Você não tem de se desculpar por nada.

— Mas eu rosnei para você! — Ainda estava horrorizada que fosse fisicamente capaz de tal atitude.

— É claro que rosnou. Isso é natural. Mas não consigo entender como você fugiu.

— O que mais eu poderia fazer? — perguntei. A atitude dele me confundia... o que ele queria que tivesse acontecido? — Poderia ser alguém que conheço!

Ele me assustou, explodindo de repente numa gargalhada, lançando a cabeça para trás e deixando o som ecoar nas árvores.

— Por que está rindo de mim?

Ele parou imediatamente, e pude ver que estava cauteloso de novo.

Mantenha o controle, pensei comigo mesma. Eu precisava tomar cuidado com meu gênio. Como se eu fosse um lobisomem jovem, não uma vampira.

— Não estou rindo de você, Bella. Estou rindo porque estou chocado. E estou em estado de choque porque estou completamente pasmo.

— Por quê?

— Você não devia ser capaz de fazer nada disso. Não devia ser tão... racional. Não devia ser capaz de estar aqui discutindo isso comigo, calma e friamente. E, muito mais do que isso: você não devia ser capaz de interromper uma caçada com o cheiro de sangue humano no ar. Até vampiros maduros têm dificuldade com isso... Somos sempre muito cuidadosos com o local de caça para não nos

colocarmos no caminho da tentação. Bella, você está se comportando como se tivesse décadas, e não dias de idade.

— Ah! — Mas eu sabia que ia ser difícil. Era por isso que eu estava tão precavida. Esperava que fosse difícil.

Ele pôs as mãos em meu rosto de novo, e seus olhos estavam cheios de assombro.

— O que eu não daria para poder ver sua mente, neste único momento.

Emoções tão poderosas! Eu estava preparada para a parte da sede, mas não para aquilo. Estivera tão certa de que não seria a mesma coisa quando ele me tocasse. Bom, na verdade, não era a mesma coisa.

Era mais forte.

Estendi a mão para traçar a superfície de seu rosto; meus dedos permaneceram longo tempo em sua boca.

— Eu achei que ainda fosse levar muito tempo para sentir isso? — Minha incerteza fez das palavras uma pergunta. — Mas eu ainda quero você.

Ele piscou, perplexo.

— Como pode se concentrar nisso? Não está com uma sede insuportável?

É claro que estava, agora que ele abordara o assunto de novo!

Tentei engolir e então suspirei, fechando os olhos como fizera antes, para me concentrar mais facilmente. Deixei que meus sentidos se expandissem à minha volta, dessa vez tensa, para o caso de vir outra onda do delicioso cheiro tabu.

Edward baixou as mãos, sem sequer respirar enquanto eu ouvia cada vez mais longe na teia de vida verde, examinando cheiros e sons, procurando alguma coisa que não fosse totalmente repulsiva à minha sede. Havia algo diferente, um rastro fraco a leste...

Meus olhos se abriram de repente, mas meu foco ainda estava nos sentidos mais agudos enquanto eu me virava e disparava em silêncio para o leste. O chão assumiu um aclive acentuado quase imediatamente, e corri em postura de caça, perto do chão, preferindo as árvores quando era mais fácil. Sentia, mais do que ouvia, Edward comigo, flutuando em silêncio pelo bosque, deixando-me seguir na frente.

A vegetação rareava à medida que subíamos; o cheiro de breu e resina ficava mais forte, assim como o rastro que eu seguia — era um cheiro quente, mais intenso do que o cheiro do alce, e mais agradável. Alguns segundos depois eu

podia ouvir o som abafado de pés imensos, muito mais sutis do que o de cascos. O som estava no alto — nos galhos, não no chão. Automaticamente, disparei para os galhos também, me colocando em uma posição estratégica mais elevada, no meio de um altaneiro abeto-branco.

O ruído surdo e suave de patas prosseguiu furtivamente, abaixo de mim; o cheiro forte estava muito próximo. Meus olhos localizaram o movimento ligado ao som e vi o couro fulvo do imenso felino movendo-se pelo grande galho de um abeto pouco abaixo e à esquerda de onde eu estava. Era grande — tinha tranquilamente quatro vezes a massa do meu corpo. Seus olhos estavam fixos no chão; o puma também caçava. Senti o cheiro de alguma coisa menor, suave, perto do aroma de minha presa, agachando-se no arbusto abaixo da árvore. A cauda do felino se movia espasmodicamente enquanto ele se preparava para atacar.

Com um salto leve, deslizei pelo ar e pousei no galho do puma. Ele sentiu o tremor da madeira e girou, rosnando em surpresa e desafio. Ele percorreu o espaço entre nós, os olhos brilhando de fúria. Enlouquecida pela sede, ignorei as presas expostas e as garras e me lancei contra ele, derrubando nós dois no chão da floresta.

Não foi bem uma briga.

Suas garras pontiagudas bem podiam ser dedos carinhosos, a julgar pelo impacto que tiveram na minha pele. Seus dentes não conseguiram encontrar maneira de perfurar meu ombro e meu pescoço. Seu peso não era nada. Meus dentes procuraram, certeiros, seu pescoço, e sua resistência instintiva foi melancolicamente débil contra minha força. Minhas mandíbulas se fecharam com facilidade no ponto preciso onde o fluxo de calor se concentrava.

Foi tão fácil quanto morder manteiga. Meus dentes eram lâminas de aço; cortaram o pelo, a gordura e os tendões como se não estivessem ali.

O sabor era inconveniente, mas o sangue era quente e molhado, e atenuou a sede intensa e implacável enquanto eu bebia com avidez. A luta do felino se tornou cada vez mais débil e seus urros sufocaram com um gorgolejar. O calor do sangue se irradiou por todo o meu corpo, aquecendo até as pontas dos dedos das mãos e dos pés.

O puma se acabou antes de minha sede. A sensação ardeu de novo quando ele ficou seco; desgostosa, afastei sua carcaça de meu corpo. Como eu ainda podia ter sede depois daquilo tudo?

Pus-me de pé num único movimento. Então percebi que estava toda desarrumada. Limpei meu rosto no braço e tentei ajeitar o vestido. As garras que haviam sido tão ineficazes em minha pele obtiveram mais sucesso com o tecido fino.

— Humm — disse Edward.

Levantei a cabeça e o vi encostado despreocupadamente em um tronco de árvore, olhando-me com uma expressão pensativa.

— Acho que podia ter feito melhor. — Eu estava coberta de terra, o cabelo embaraçado, o vestido sujo de sangue e em farrapos. Edward não chegava das caçadas daquele jeito.

— Você se saiu perfeitamente bem — garantiu-me ele. — É só que... olhar foi muito mais difícil do que deveria ter sido.

Ergui as sobrancelhas, confusa.

— Vai contra minha natureza — explicou ele — deixar que você lute com pumas. Fiquei ansioso o tempo todo.

— Bobo.

— Eu sei. Os velhos hábitos custam a morrer. Mas gostei das melhorias em seu vestido.

Se eu pudesse corar, teria corado. Mudei de assunto.

— Por que ainda estou com sede?

— Por que você é jovem.

Suspirei.

— E não creio que haja outros pumas por perto.

— Mas há muitos cervos.

Fiz uma careta.

— O cheiro deles não é tão bom.

— Herbívoros. Os carnívoros têm um cheiro mais parecido com o dos humanos — explicou ele.

— Não tanto — discordei, tentando não me lembrar.

— Podemos voltar — disse ele solenemente, mas havia um brilho debochado em seus olhos. — Se eram homens que estavam lá, provavelmente nem se importariam de morrer se fosse você a responsável por isso. — Seu olhar percorreu meu vestido esfarrapado de novo. — Na realidade, eles pensariam que já estavam mortos e no paraíso, no momento em que a vissem.

Revirei os olhos e bufei.

— Vamos caçar uns herbívoros fedorentos.

Encontramos um grande rebanho de alces enquanto corríamos de volta para casa. Dessa vez ele caçou comigo, agora que eu tinha pegado o jeito. Eu abati um macho grande, fazendo quase tanta sujeira quanto fizera com o puma. Ele terminou com dois antes que eu tivesse acabado com o primeiro, sem um só fio de cabelo fora do lugar, nenhuma mancha na camisa branca. Perseguimos o rebanho disperso e apavorado, mas, em vez de me alimentar novamente, dessa vez observei com cuidado para ver como ele conseguia caçar com tanta elegância.

Todas as vezes que desejei que Edward não tivesse de me deixar para trás quando caçava, eu no fundo sentira certo alívio. Porque eu tinha certeza de que ver aquilo seria assustador. Apavorante. De que vê-lo caçar finalmente o faria parecer um vampiro para mim.

É claro que era muito diferente daquela perspectiva, como vampira. Mas eu duvidava de que mesmo com olhos humanos tivesse deixado de ver a beleza naquilo.

Era uma experiência surpreendentemente sensual observar Edward caçando. Seu ataque suave era como o bote sinuoso de uma cobra; suas mãos eram tão seguras, tão fortes, tão completamente inescapáveis; seus lábios cheios eram perfeitos ao se afastarem sobre os dentes reluzentes. Ele era glorioso. Senti uma onda repentina de orgulho e desejo. Ele era meu. Nada podia me separar dele agora. Eu era forte demais para ser afastada dele.

Ele era muito rápido. Virou-se para mim e olhou com curiosidade minha expressão de prazer.

— Não está mais com sede? — perguntou.

Eu dei de ombros.

— Você me distraiu. Você é muito melhor do que eu.

— Séculos de prática. — Ele sorriu. Seus olhos agora tinham um tom dourado adorável e desconcertante.

— Só um — corrigi.

Ele riu.

— Acabou por hoje? Ou quer continuar?

— Acho que acabei. — Eu me sentia saciada, até meio empanzinada. Não sabia quanto líquido a mais caberia no meu corpo. Mas o fogo em minha

garganta estava apenas abafado. Eu já sabia que a sede era uma parte inseparável daquela vida.

E valia a pena!

Eu me sentia controlada. Talvez meu sentido de segurança fosse falso, mas eu estava muito satisfeita por não ter matado ninguém hoje. Se eu podia resistir a humanos desconhecidos, não seria capaz de lidar com o lobisomem e uma criança metade vampira que eu amava?

— Quero ver Renesmee — eu disse. Agora que minha sede estava domada (ainda que não erradicada), era difícil esquecer minhas preocupações anteriores. Eu queria reconciliar a estranha que era minha filha com a criatura que eu amava três dias atrás. Era tão estranho, tão errado não tê-la mais dentro de mim. Abruptamente, senti-me vazia e inquieta.

Ele me estendeu a mão. Eu a peguei, e sua pele parecia mais quente que antes. Seu rosto estava ligeiramente corado, as olheiras haviam desaparecido.

Eu era incapaz de resistir a afagar seu rosto de novo. E de novo.

Quase me esqueci de que esperava uma resposta ao meu pedido, enquanto fitava seus olhos dourados.

Era quase tão difícil quanto fora me afastar do sangue humano, mas de algum modo mantive firme em minha mente a necessidade de ser cuidadosa ao me esticar na ponta dos pés e o envolver em meus braços. Gentilmente.

Ele não foi tão hesitante nos movimentos; seus braços se fecharam em minha cintura e me puxaram com força para seu corpo. Seus lábios esmagaram os meus, mas pareciam macios. Meus lábios não se modelavam mais aos dele; agora eles ofereciam resistência.

Como antes, era como se o toque de sua pele, seus lábios, suas mãos, estivesse penetrando minha pele lisa e dura, até chegar aos ossos. Até a essência do meu corpo. Eu não imaginara que podia amá-lo mais do que antes.

Minha mente antiga não fora capaz de conter tanto amor. Meu antigo coração não era forte o bastante para suportar aquilo.

Talvez essa fosse a parte de mim que eu guardara para ser intensificada em minha nova vida. Como a compaixão de Carlisle e a devoção de Esme. Eu provavelmente nunca seria capaz de fazer nada de interessante ou especial como Edward, Alice e Jasper. Talvez eu só amaria Edward mais do que qualquer um na história do mundo pôde amar alguém.

Eu podia viver com isso.

Lembrava de algumas coisas — torcer os dedos em seu cabelo, deslizar a mão pela superfície de seu peito —, mas outras eram novas. Ele era novo. Era uma experiência totalmente diferente com Edward me beijando com tamanho destemor e intensidade. Eu correspondi ao seu vigor, e então, de repente, estávamos no chão.

— Epa — eu disse, e ele riu debaixo de mim. — Eu não pretendia agarrar você desse jeito. Você está bem?

Ele afagou meu rosto.

— Um pouco melhor do que bem. — E, então, uma expressão perplexa atravessou seu rosto. — Renesmee? — perguntou, vacilando, tentando averiguar o que eu mais queria naquele momento. Uma pergunta de resposta muito difícil, porque eu queria muitas coisas ao mesmo tempo.

Dava para ver que ele não era exatamente avesso ao adiamento de nossa viagem de volta, e era difícil pensar em alguma coisa além de sua pele na minha — de fato não restara mesmo muito do vestido. Mas minha lembrança de Renesmee, antes e depois de seu nascimento, estava se tornando cada vez mais onírica para mim. Mais improvável. Todas as minhas lembranças dela eram humanas; uma aura de artificialidade se agarrava a elas. Nada que eu não tivesse visto com aqueles olhos, tocado com aquelas mãos, parecia real.

A cada minuto a realidade daquela pequena estranha escapava cada vez para mais longe.

— Renesmee — concordei, pesarosa, e rapidamente fiquei de pé, puxando-o comigo.

22. PROMETIDA

PENSAR EM RENESMEE A TROUXE AO CENTRO DO PALCO DE MINHA mente nova, estranha e espaçosa, mas que facilmente se distraía. Tantas eram as perguntas.

— Fale-me dela — insisti enquanto ele pegava minha mão. Andar de mãos dadas não nos retardava.

— Nada neste mundo se iguala a ela — disse-me ele, e o som de uma devoção quase religiosa estava presente de novo em sua voz.

Senti uma pontada aguda de ciúme daquela estranha. Ele a conhecia, e eu ainda não. Não era justo.

— Ela é parecida com você? É parecida comigo? Ou com o que eu era, pelo menos.

— Parece uma divisão perfeita.

— Ela tem sangue quente — lembrei.

— Sim. E tem batimento cardíaco, embora seja um pouco mais rápido que o coração de um humano. Sua temperatura é um pouco mais alta que o normal. Ela dorme.

— É mesmo?

— Bastante bem para uma recém-nascida. Os únicos pais do mundo que não precisam dormir, e nossa filha já dorme a noite toda. — Ele riu.

Gostei do modo como ele disse nossa filha. As palavras a tornavam mais real.

— Os olhos dela têm exatamente a cor dos seus, de modo que isso, afinal, não se perdeu. — Ele sorriu para mim. — Eles são lindos.

— E a parte vampira? — perguntei.

— A pele dela parece quase tão impenetrável quanto a nossa. Não que alguém tenha pensado em testar.

Eu pisquei, um tanto chocada.

— É claro que ninguém faria isso — ele me tranquilizou de novo. — A dieta... bem, ela prefere beber sangue. Carlisle continua tentando convencê-la a beber uma mistura para bebês também, mas ela não tem muita paciência com

isso. Não posso dizer que a culpo... A coisa tem um cheiro horrível, até para uma comida de humanos.

Eu agora estava boquiaberta. Ele falava como se os dois andassem conversando.

— Convencê-la?

— Ela é inteligente, impressionantemente inteligente, e progride a um ritmo imenso. Embora não fale... ainda... ela se comunica com muita eficácia.

— Não. Fala. Ainda.

Ele reduziu o ritmo mais um pouco, deixando que eu absorvesse aquilo.

— O que quer dizer com ela se comunica com eficácia? — perguntei.

— Creio que será mais fácil você... ver por si mesma. É difícil descrever.

Pensei naquilo. Eu sabia que havia muita coisa que precisava ver por mim mesma antes de ser real. Não sabia bem para o quanto mais eu estava preparada, então mudei de assunto.

— Por que Jacob ainda está aqui? — perguntei. — Como ele consegue suportar? Por que suporta? — Minha voz tremeu um pouco. — Por que ele teria de sofrer mais?

— Jacob não está sofrendo — disse ele num tom novo e estranho. — Embora eu possa estar disposto a mudar essa condição — acrescentou Edward entredentes.

— Edward! — sibilei, dando-lhe um puxão para que parasse (e sentindo uma leve arrogância por poder fazer isso). — Como pode dizer isso? Jacob abriu mão de tudo para nos proteger! O que eu o fiz passar...! — Eu me encolhi com a obscura lembrança de vergonha e culpa. Agora parecia estranho que eu precisasse tanto dele na época. Aquela sensação de ausência, sem ele por perto, tinha desaparecido; devia ser uma fraqueza humana.

— Você verá exatamente por que posso dizer isso — murmurou Edward. — Prometi a ele que eu o deixaria explicar, mas duvido de que você vá ver de forma diferente da minha. É claro que em geral eu estou errado com relação a seus pensamentos, não é? — Ele franziu os lábios e olhou para mim.

— Explicar o quê?

Edward sacudiu a cabeça.

— Eu prometi. Embora não saiba se realmente ainda devo a ele alguma coisa... — Seus dentes trincaram.

— Edward, não estou entendendo. — A frustração e a indignação dominavam

minha mente.

Ele afagou meu rosto e sorriu com delicadeza quando minha expressão se suavizou, o desejo momentaneamente sobrepujando a irritação.

— É mais difícil do que você faz parecer, eu sei. Eu lembro.

— Não gosto de ficar confusa.

— Eu sei. Então vamos para casa, assim você pode ver com seus próprios olhos. — Seus olhos percorreram o que restava de meu vestido quando ele falou em ir para casa, e sua testa se franziu. — Humm. — Depois de meio segundo de reflexão, ele desabotoou a camisa branca e a estendeu para que eu a vestisse.

— Está tão ruim assim?

Ele deu um sorriso malicioso.

Passei os braços nas mangas e a abotoei rapidamente por cima do corpete rasgado. É claro que isso o deixou sem camisa, e era impossível evitar que o fato me distraísse.

— Vamos apostar uma corrida — eu disse, e então alertei: — Nada de entregar o jogo desta vez!

Ele soltou minha mão e sorriu.

— Em sua posição...

Encontrar o caminho para minha nova casa era mais simples do que andar pela rua de Charlie, indo para a antiga casa. Nosso cheiro deixava um rastro claro e fácil de seguir, mesmo correndo o mais rápido que eu podia.

Edward estava me vencendo até que chegamos ao rio. Arrisquei e saltei antes, tentando usar minha força a mais para vencer.

— Ah! — exultei quando ouvi meus pés tocarem a relva primeiro.

Aguardando seu pouso, ouvi algo que eu não esperava. Algo alto e muito próximo. Um coração batendo.

Edward estava ao meu lado no mesmo segundo, as mãos se fechando com firmeza no alto de meus braços.

— Não respire — alertou ele com urgência.

Tentei não entrar em pânico enquanto parava, prendendo a respiração. Meus olhos eram as únicas coisas que se mexiam, girando instintivamente para encontrar a origem do som.

Jacob estava parado na linha onde a floresta tocava o gramado dos Cullen, de braços cruzados, o maxilar cerrado. Invisíveis no bosque atrás dele, eu agora ouvia

dois corações maiores e o som fraco de patas pesadas em movimento, esmagando a vegetação.

— Cuidado, Jacob — disse Edward. Um rosnado da floresta ecoou a preocupação em sua voz. — Talvez essa não seja a melhor maneira...

— Acha que seria melhor deixar que ela chegue perto do bebê primeiro? — interrompeu Jacob. — É mais seguro ver como Bella age comigo. Eu me curo rapidamente.

Aquilo era um teste? Para ver se eu podia não matar Jacob antes de tentar não matar Renesmee? Senti-me enjoada de uma forma muito estranha — não tinha nada a ver com o estômago, só com a mente. Era ideia de Edward?

Olhei seu rosto, ansiosa; Edward pareceu refletir por um momento, e então sua expressão se retorceu de preocupação com outra coisa. Ele deu de ombros e havia um tom de hostilidade em sua voz quando ele falou.

— O pescoço é seu, afinal.

Dessa vez o grunhido da floresta foi furioso; Leah, eu não tinha dúvidas.

O que havia com Edward? Depois de tudo por que passamos, ele não deveria ser capaz de um pouco de gentileza com meu melhor amigo? Eu havia pensado — talvez tolamente — que Edward agora também era uma espécie de amigo de Jacob. Eu devia ter interpretado mal os dois.

Mas o que Jacob estava fazendo? Por que ele se ofereceria como teste para proteger Renesmee?

Aquilo não fazia sentido nenhum para mim. Mesmo que nossa amizade tivesse sobrevivido...

E quando meus olhos encontraram os de Jacob, pensei que talvez tivesse. Ele ainda parecia meu melhor amigo. Mas a transformação não tinha acontecido com ele. Como eu pareceria a ele?

Então ele abriu seu sorriso familiar, o sorriso de um espírito afim, e tive certeza de que nossa amizade estava intacta. Era como antes, quando ficávamos na oficina em sua casa, apenas dois amigos matando o tempo. Fácil e normal. De novo, percebi que a necessidade estranha que eu sentia por ele antes de me transformar se fora completamente. Ele era só meu amigo, como devia ser.

No entanto, seu comportamento agora ainda não fazia sentido. Seria ele tão altruísta que tentaria impedir — com a própria vida — que eu fizesse uma coisa em uma fração de segundo de descontrole da qual me arrependeria

profundamente para sempre? Estava muito além de simplesmente tolerar o que eu me tornara, ou conseguir milagrosamente continuar sendo meu amigo. Jacob era uma das melhores pessoas que eu conhecia, mas parecia demais aceitar isso de alguém.

Seu sorriso se alargou, e ele estremeceu levemente.

— Tenho de admitir, Bells. Você está um freak show.

Retribuí o sorriso, voltando facilmente ao antigo padrão. Aquele era um lado dele que eu compreendia.

Edward grunhiu.

— Cuidado, vira-lata.

O vento soprou por trás de mim e rapidamente enchi os pulmões com o ar seguro para poder falar.

— Não, ele tem razão. Os olhos são mesmo qualquer coisa, não são?

— Superarrepiantes. Mas não ficou tão ruim quanto eu pensava.

— Cara... obrigada pelo elogio impressionante!

Ele revirou os olhos.

— Sabe o que quero dizer. Você ainda parece você... mais ou menos. Talvez não seja a aparência tanto... quanto o fato de você ser a Bella. Não achei que seria assim, como se você ainda estivesse aqui. — Ele sorriu para mim de novo sem um vestígio sequer de amargura ou ressentimento no rosto. Depois riu e disse: — De qualquer modo, acho que logo vou me acostumar com os olhos.

— Vai? — perguntei, confusa. Era maravilhoso que ainda fôssemos amigos, mas não achei que iríamos passar tanto tempo juntos.

Um olhar estranhíssimo cruzou o rosto de Jake, apagando o sorriso. Era quase... culpa? Depois seus olhos passaram a Edward.

— Obrigado — disse ele. — Não sabia se você seria capaz de não contar a ela, com ou sem promessa. Em geral, você dá tudo o que ela quer.

— Talvez eu tenha esperanças de que ela fique irritada e arranque sua cabeça — comentou Edward.

Jacob bufou.

— O que está acontecendo? Vocês dois estão guardando segredos de mim? — perguntei, incrédula.

— Eu explico mais tarde — disse Jacob, constrangido, como se não pretendesse fazer isso. Depois mudou de assunto. — Primeiro, vamos ao

espetáculo. — Seu sorriso era um desafio quando ele começou a avançar lentamente.

Houve um gemido de protesto atrás dele, depois o corpo cinza de Leah surgiu do meio das árvores. Seth, mais alto e cor de areia, vinha logo atrás dela.

— Calma, pessoal — disse Jacob. — Fiquem fora disso.

Fiquei feliz por eles não o ouvirem, apenas o seguirem um pouco mais lentamente.

O vento agora estava parado; não levaria seu cheiro para longe de mim.

Ele se aproximou o bastante para eu poder sentir o calor de seu corpo no ar entre nós. Minha garganta ardeu em resposta.

— Vamos lá, Bells. Faça o pior que puder.

Leah sibilou.

Eu não queria respirar. Não era certo tirar proveito de Jacob de modo tão perigoso, mesmo que ele estivesse oferecendo. Mas eu não conseguia fugir da lógica. De que outra maneira eu teria certeza de que não machucaria Renesmee?

— Estou envelhecendo aqui, Bella — brincou Jacob. — Tudo bem, não tecnicamente, mas você entendeu a ideia. Ande, dê uma fungada.

— Me segure — pedi a Edward, recuando até me encostar em seu peito.

Suas mãos apertaram meus braços.

Retesei meus músculos, na esperança de poder mantê-los paralisados. Resolvi que me sairia no mínimo tão bem quanto tinha me saído na caçada. Na pior das hipóteses, eu pararia de respirar e fugiria. Nervosa, puxei uma quantidade mínima de ar pelo nariz, preparada para tudo.

Doeu um pouco, mas minha garganta já estava ardendo, de qualquer forma. Jacob não tinha um cheiro muito mais humano do que o leão da montanha. Havia um toque de animal em seu sangue que me repeliu de imediato. Embora o som alto e molhado de seu coração fosse atraente, o cheiro que vinha com ele me fez franzir o nariz. Era mesmo mais fácil com o cheiro temperando minha reação ao som e o calor de seu sangue pulsando.

Respirei mais uma vez e relaxei.

— Humm. Agora posso entender o que todos os outros diziam. Você fede, Jacob.

Edward deu uma gargalhada. Suas mãos deslizaram de meus ombros e envolveram minha cintura. Seth ladrou um riso baixo em harmonia com Edward;

ele se aproximou um pouco mais enquanto Leah se afastava vários passos. E, então, me dei conta de outra plateia quando ouvi a gargalhada baixa e distinta de Emmett, um pouco abafada pela parede de vidro entre nós.

— Olha quem está falando — disse Jacob, tapando teatralmente o nariz. Seu rosto não se retorceu quando Edward me abraçou, nem mesmo quando se recompôs e sussurrou "Eu te amo" em meu ouvido. Jacob continuou sorrindo. Isso me fez ter esperanças de que as coisas ficassem bem entre nós, como não eram havia tanto tempo. Talvez agora eu pudesse verdadeiramente ser sua amiga, uma vez que o revoltava fisicamente o bastante para ele não me amar como antes. Talvez só precisássemos disso.

— Tudo bem, então eu passei, não é? — eu disse. — Agora vocês vão me contar que grande segredo é esse?

A expressão de Jacob era de puro nervosismo.

— Não é nada com que precise se preocupar neste momento...

Ouvi Emmett rir de novo — um som de expectativa.

Eu teria insistido em uma resposta, mas enquanto escutava Emmett ouvi outros sons. Sete pessoas respirando. Um par de pulmões se movendo mais depressa que os outros. Só um coração palpitando, como as asas de um passarinho, leve e rápido.

Eu me distraí completamente. Minha filha estava do outro lado daquela parede fina de vidro. Eu não podia vê-la — a luz refletia-se no vidro como um espelho. Eu só via a mim mesma, parecendo muito estranha — tão branca e imóvel —, comparada a Jacob. Ou, se comparada com Edward, com a aparência perfeita.

— Renesmee — sussurrei. O estresse me transformou em estátua novamente. Renesmee não teria o cheiro de um animal. Será que eu a colocaria em perigo?

— Venha ver — murmurou Edward. — Sei que pode lidar com isso.

— Vai me ajudar? — sussurrei pelos lábios imóveis.

— É claro que vou.

— E Emmett e Jasper... só por precaução?

— Vamos cuidar de você, Bella. Não se preocupe, estaremos preparados. Nenhum de nós poria Renesmee em risco. Acho que vai se surpreender ao ver como ela já nos tem totalmente em suas mãozinhas. Ela ficará perfeitamente segura, aconteça o que acontecer.

Minha ânsia de vê-la, de entender a veneração na voz de Edward, me retirou da paralisia. Dei um passo para a frente.

E então Jacob bloqueou meu caminho, o rosto uma máscara de preocupação.

— Tem certeza, sanguessuga? — perguntou ele a Edward, a voz quase suplicante. Eu nunca o ouvira falar assim com Edward. — Não gosto disso. Talvez ela deva esperar...

— Você teve seu teste, Jacob.

O teste havia sido de Jacob?

— Mas... — começou Jacob.

— Mas nada — disse Edward, de repente exasperado. — Bella precisa ver nossa filha. Saia do caminho.

Jacob me lançou um olhar estranho e frenético e depois se virou, quase disparando para a casa antes de nós.

Edward grunhiu.

Eu não conseguia entender o confronto deles, tampouco conseguia me concentrar nisso. Só pensava na criança cuja imagem estava enevoada em minha memória, e lutava contra a névoa, tentando me lembrar exatamente de seu rosto.

— Vamos? — disse Edward, a voz novamente gentil.

Assenti, nervosa.

Ele pegou minha mão e me levou para a casa.

Eles esperavam por mim numa fila sorridente que era ao mesmo tempo de boas-vindas e de defesa. Rosalie estava vários passos atrás dos outros, perto da porta da frente. Estava sozinha, até que Jacob se aproximou e se colocou na frente dela, mais perto do que era normal. Não havia sensação de conforto naquela proximidade; os dois pareciam se encolher.

Alguém muito pequeno se inclinava para a frente nos braços de Rosalie, espiando em volta de Jacob. De imediato, ela teve minha atenção absoluta, cada pensamento meu, como nada mais tivera desde que eu havia aberto os olhos.

— Eu só fiquei apagada dois dias? — arfei, incrédula.

A criança desconhecida nos braços de Rosalie devia ter semanas, se não meses de idade. Tinha talvez duas vezes o tamanho do bebê de minha lembrança obscura, e parecia sustentar o próprio tronco com facilidade ao se esticar em minha direção. Seu brilhante cabelo cor de bronze caía em cachos pelos ombros. Os olhos castanhos cor de chocolate me examinavam com um interesse que não

era nada infantil; era adulto, consciente e inteligente. Ela levantou uma das mãos, estendendo-a na minha direção por um momento e depois voltando a tocar o pescoço de Rosalie.

Se seu rosto não fosse tão impressionante em sua beleza e perfeição, eu não teria acreditado que era a mesma criança. Minha filha.

Mas Edward estava presente em suas feições, e eu estava na cor dos olhos e do rosto. Até Charlie tinha um lugar em seus cachos grossos, embora a cor fosse a de Edward. Ela devia ser nossa. Impossível, mas ainda assim verdade.

No entanto, ver aquela pessoinha imprevista não a tornava mais real. Só a tornava mais fantástica.

Rosalie passou a mão no pescoço dela e murmurou:

— Sim, é ela.

Os olhos de Renesmee se fixaram em mim. Depois, como fizera segundos após seu nascimento violento, ela sorriu. Um lampejo brilhante de dentes brancos minúsculos e perfeitos.

Tonta por dentro, dei um passo hesitante na direção dela.

Todos agiram rápido.

Emmett e Jasper estavam bem na minha frente, ombro a ombro, as mãos preparadas. Edward me segurou por trás, os dedos firmes de novo no alto dos meus braços. Até Carlisle e Esme se colocaram ao lado de Emmett e Jasper, enquanto Rosalie recuou para a porta, os braços se fechando em torno de Renesmee. Jacob também se moveu, mantendo a atitude protetora na frente deles.

Alice foi a única que continuou em seu lugar.

— Ah, deem-lhe algum crédito — ela os censurou. — Ela não ia fazer nada. Vocês também iam querer olhar mais de perto.

Alice tinha razão. Eu tinha o controle de mim mesma. Estava preparada para tudo — para um cheiro tão impossivelmente persistente quanto o cheiro humano no bosque. A tentação ali não se comparava àquela. A fragrância de Renesmee tinha o perfeito equilíbrio entre o cheiro do mais maravilhoso perfume e o cheiro da comida mais deliciosa. Havia o cheiro doce de vampiro, suficiente para evitar que a parte humana se tornasse irresistível.

Eu podia lidar com aquilo. Eu tinha certeza.

— Estou bem — garanti, tirando a mão de Edward de meu braço. Depois

hesitei e acrescentei: — Mas fiquem por perto, por precaução.

Os olhos de Jasper estavam estreitados e focalizados. Eu sabia que ele avaliava minhas emoções, e me esforcei para mantê-lo calmo e estável. Senti Edward soltar meus braços ao ler a avaliação de Jasper. Mas embora visse minhas emoções em primeira mão, Jasper não parecia ter certeza.

Quando ouviu minha voz, a criança lutou nos braços de Rosalie, esticando-se para mim. De algum modo, sua expressão parecia impaciente.

— Jazz, Em, deixe-nos passar. Bella está bem.

— Edward, o risco... — disse Jasper.

— É mínimo. Escute, Jasper... na caçada, ela captou o cheiro de uns montanhistas que estavam no lugar errado, na hora errada...

Ouvi Carlisle ofegar com o susto. O rosto de Esme de repente estava cheio de preocupação misturada a compaixão. Os olhos de Jasper arregalaram-se, mas ele assentiu de leve, como se as palavras de Edward respondessem a uma pergunta em sua mente. A boca de Jacob se retorceu numa careta de repugnância. Emmett deu de ombros. Rosalie pareceu ainda menos interessada do que Emmett enquanto tentava segurar a criança que se debatia em seus braços.

A expressão de Alice me disse que ela não estava surpresa. Seus olhos estreitos, focalizados com uma intensidade ardente em minha camisa emprestada, pareciam mais preocupados com o que eu fizera com o vestido que com qualquer outra coisa.

— Edward! — repreendeu Carlisle. — Como pôde ser tão irresponsável?

— Eu sei, Carlisle, eu sei. Fui um completo idiota. Devia ter me certificado de que estávamos numa área segura antes de deixá-la solta.

— Edward — murmurei, constrangida pelo modo como eles me fitavam. Era como se tentassem ver um vermelho mais vivo em meus olhos.

— Ele está inteiramente certo em me censurar, Bella — disse Edward com um sorriso. — Cometi um erro imenso. O fato de você ser mais forte do que todos que conheci não muda isso.

Alice revirou os olhos.

— Boa piada, Edward.

— Eu não estava fazendo piada. Estava explicando a Jasper por que sei que Bella pode lidar com isso. Não é minha culpa se todos chegaram a suas próprias conclusões.

— Espere aí — arquejou Jasper. — Ela não caçou os humanos?

— De início, sim — disse Edward, claramente se divertindo. Meus dentes trincaram. — Ela estava totalmente concentrada na caça.

— O que aconteceu? — interpôs-se Carlisle. Seus olhos estavam repentinamente brilhantes, um sorriso perplexo começando a se formar em seu rosto. Lembrei-me de antes, quando ele queria os detalhes de minha experiência de transformação. A emoção de novas informações.

Edward se inclinou para ele, animado.

— Ela me ouviu atrás dela e reagiu defensivamente. Assim que minha perseguição interrompeu sua concentração, ela se recuperou. Nunca vi nada igual a ela. Percebeu de imediato o que estava acontecendo, e então... prendeu a respiração e fugiu.

— Uau — murmurou Emmett. — É sério?

— Ele não está contando direito — murmurei, mais constrangida do que antes. — Ele deixou de fora a parte em que rosnei para ele.

— E você deu uns bons tapas nele? — perguntou Emmett, ávido.

— Não! É claro que não.

— Não mesmo? Você não o atacou?

— Emmett! — protestei.

— Ah, que desperdício — resmungou Emmett. — E aqui você provavelmente é a única pessoa que poderia pegá-lo... uma vez que ele não pode entrar em sua mente para trapacear. E ainda tinha a desculpa perfeita. — Ele suspirou. — Eu morro de vontade de ver como ele faria sem essa vantagem.

Eu o olhei, gélida.

— Eu nunca faria isso.

As rugas na testa de Jasper chamaram minha atenção; ele parecia ainda mais perturbado do que antes.

Com o punho, Edward tocou de leve o ombro de Jasper, num soco de brincadeira.

— Entendeu o que eu quis dizer?

— Não é natural — murmurou Jasper.

— Ela podia ter se voltado contra você... Ela só tem horas de idade! — ralhou Esme, colocando a mão no peito. — Ah, nós devíamos ter ido com vocês.

Eu não estava prestando muita atenção, agora que Edward já contara o final da

piada. Estava fitando a linda criança na porta, que ainda me olhava. Suas mãos gordinhas se estenderam para mim como se ela soubesse exatamente quem eu era. Automaticamente, minha mão se ergueu, imitando a dela.

— Edward — eu disse, tentando vê-la melhor, atrás de Jasper. — Por favor?

Os dentes de Jasper estavam trincados; ele não se mexeu.

— Jazz, isso não é nada que você tenha visto antes — disse Alice baixinho. — Acredite em mim.

Seus olhos se encontraram por um curto segundo, e Jasper assentiu. Ele saiu do meu caminho, mas pôs uma das mãos em meu ombro e me acompanhou enquanto eu avançava lentamente.

Pensava antes de dar cada passo, analisando meu estado de espírito, o ardor em minha garganta, a posição dos outros ao meu redor. A força que eu sentia versus as chances que eles tinham de me conter. Era uma procissão lenta.

E depois a criança nos braços de Rosalie, que vinha lutando e se esticando aquele tempo todo enquanto sua expressão ficava cada vez mais irritada, soltou um gemido alto e agudo. Todos reagiram como se, como eu, nunca antes tivessem ouvido aquela voz.

Eles a cercaram em um segundo, deixando-me sozinha, paralisada onde estava. O som do choro de Renesmee me tomou, prendendo-me no chão. Meus olhos arderam de forma muito estranha, como se quisessem chorar.

Parecia que todos estavam com a mão nela, afagando e acalmando. Todos, menos eu.

— Qual é o problema? Ela está machucada? O que aconteceu?

A voz de Jacob era a mais alta, elevando-se, ansiosa, sobre as outras. Observei chocada ele estender a mão para Renesmee, e então, em um pavor completo, Rosalie entregá-la a ele sem lutar.

— Não, ela está bem — Rosalie o tranquilizou.

Rosalie tranquilizando Jacob?

Renesmee foi para Jacob de boa vontade, colocando a mãozinha em seu rosto e então girando para se esticar para mim de novo.

— Está vendo? — disse-lhe Rosalie. — Ela só quer Bella.

— Ela quer a mim? — sussurrei.

Os olhos de Renesmee — os meus olhos — fitavam-me com impaciência.

Edward voltou correndo para o meu lado. Pôs as mãos de leve em meus braços

e me instou a continuar.

— Ela está esperando por você há quase três dias — disse-me.

Estávamos só a alguns passos dela. Lufadas de calor pareciam partir dela, trêmulas, e me tocar.

Ou talvez fosse Jacob. Vi suas mãos tremendo enquanto me aproximava. E no entanto, apesar de sua evidente ansiedade, seu rosto estava mais sereno do que eu via em muito tempo.

— Jake... eu estou bem — eu disse a ele. Fiquei em pânico por ver Renesmee em suas mãos trêmulas, mas consegui me controlar.

Ele franziu a testa para mim, os olhos apertados, como se estivesse igualmente em pânico com a ideia de Renesmee em meus braços.

Renesmee gemia ansiosamente e se esticou, as mãozinhas abrindo e se fechando sem parar.

Alguma coisa em mim se encaixou nesse momento. O som de seu choro, a familiaridade de seus olhos, o modo como Renesmee parecia ainda mais impaciente do que eu pelo reencontro — tudo isso se entrelaçou e criou o mais natural dos padrões enquanto ela agarrava o ar entre nós. De repente, ela era absolutamente real, e é claro que eu a conhecia. Era perfeitamente trivial que eu desse o último passo e estendesse os braços para ela, colocando minhas mãos exatamente onde se encaixavam melhor enquanto a puxava delicadamente para mim.

Jacob deixou seus longos braços esticados para que eu pudesse aninhá-la, mas não a soltou. Ele tremeu um pouco quando nossa pele se tocou. A pele dele, sempre quente para mim, agora me parecia uma chama. Era quase da mesma temperatura da de Renesmee. Talvez um ou dois graus de diferença.

Renesmee pareceu não notar a frieza da minha pele, ou pelo menos estava muito acostumada àquilo.

Ela olhou para cima e sorriu para mim de novo, mostrando os dentinhos quadrados e as duas covinhas. Então, muito deliberadamente, estendeu a mão para o meu rosto.

No momento em que ela fez isso, todas as mãos em mim aumentaram a pressão, antecipando minha reação. Eu mal percebi.

Estava ofegando, pasma e assustada com a imagem estranha e alarmante que enchia minha mente. Parecia uma lembrança muito forte — eu podia vê-la com

meus olhos enquanto a observava em minha mente —, mas era completamente desconhecida. Fitei através dela a expressão de expectativa de Renesmee, tentando entender o que estava acontecendo, lutando desesperadamente para manter a calma.

Além de chocante e desconhecida, a imagem também era de certa forma errada — eu quase reconheci meu próprio rosto nela, meu antigo rosto, mas estava distante, jogado para trás. Entendi rapidamente que estava vendo meu rosto como os outros o viam, em vez de invertido num reflexo.

O rosto de minha memória era retorcido, devastado, coberto de suor e sangue. Apesar disso, minha expressão na visão tornou-se um sorriso de adoração; meus olhos castanhos cintilaram em suas olheiras fundas. A imagem se ampliou, meu rosto se aproximou do ponto de vista invisível, depois desapareceu de repente.

A mão de Renesmee deixou meu rosto. Ela voltou a abrir o sorriso de covinhas.

Fez-se um silêncio completo na sala, exceto pelo batimento dos corações. Ninguém respirava além de Jacob e Renesmee. O silêncio se estendeu; parecia que eles estavam esperando que eu dissesse alguma coisa.

— O que... foi... isso? — consegui dizer, sufocada.

— O que você viu? — perguntou Rosalie com curiosidade, inclinando-se atrás de Jacob, que naquele momento parecia estar no lugar errado, bem no meio do caminho. — O que ela lhe mostrou?

— Ela me mostrou isso? — sussurrei.

— Eu lhe disse que era difícil de explicar — murmurou Edward em meu ouvido. — Mas é eficaz como meio de comunicação.

— O que foi? — perguntou Jacob.

Pisquei rapidamente várias vezes.

— Humm. Eu. Acho. Mas eu estava horrível.

— Era a única lembrança que tinha de você — explicou Edward. Era evidente que ele vira o que ela estava me mostrando enquanto pensava. Ele ainda estava encolhido, a voz rouca ao reviver a lembrança. — Ela está dizendo a você que fez a conexão, que sabe quem você é.

— Mas como ela fez isso?

Renesmee parecia despreocupada com meus olhos assustados. Sorria de leve e puxava uma mecha do meu cabelo.

— Como eu ouço pensamentos? Como Alice vê o futuro? — perguntou Edward retoricamente, depois deu de ombros. — Ela tem esse dom.

— É uma inversão interessante — disse Carlisle a Edward. — Como se ela fizesse exatamente o contrário do que você faz.

— Interessante — concordou Edward. — Eu me pergunto...

Sabia que eles estavam especulando, mas não me importava. Estava olhando o rosto mais lindo do mundo. Eu a sentia quente em meus braços, lembrando-me do momento em que a escuridão quase vencera, quando não me restava nada no mundo a que me agarrar. Nada forte o bastante para me fazer atravessar a escuridão esmagadora. O momento em que eu havia pensado em Renesmee e encontrado algo do qual nunca abriria mão.

— Eu também me lembro de você — eu lhe disse baixinho.

Parecia muito natural eu me inclinar e colocar os lábios em sua testa. Seu cheiro era maravilhoso. O cheiro de sua pele fazia minha garganta arder, mas era fácil ignorar. Não tirava a alegria do momento. Renesmee era real e eu a conhecia. Ela era a mesma por quem eu havia lutado desde o início. Minha pequena cutucadora, aquela que me amou de dentro também. Metade Edward, perfeita e linda. E metade eu — o que, surpreendentemente, em vez de depreciá-la, a tornava melhor.

Eu estivera certa o tempo todo. Ela valia a luta.

— Ela está bem — murmurou Alice, provavelmente para Jasper. Eu podia senti-los pairando por ali, sem confiar em mim.

— Já não experimentamos o suficiente por um dia? — perguntou Jacob, a voz num tom um pouco mais agudo por causa do estresse. — Tudo bem, Bella está se saindo muito bem, mas não vamos abusar.

Eu o fuzilei com os olhos, verdadeiramente irritada. Jasper se remexeu inquieto ao meu lado. Todos estávamos tão próximos que o menor movimento parecia imenso.

— Qual é o seu problema, Jacob? — perguntei.

Puxei um pouco Renesmee de suas mãos, e ele só se aproximou mais de mim. Ele estava grudado em mim, Renesmee tocando o peito de nós dois.

Edward sibilou para ele.

— O fato de entender você não quer dizer que eu não vá botá-lo para fora daqui, Jacob. Bella está se saindo extraordinariamente bem. Não estrague o

momento dela.

— Vou ajudá-lo a se livrar de você, cachorro — prometeu Rosalie, a voz excitada. — Eu lhe devo um bom chute na barriga.

Evidentemente, nada havia mudado nesse relacionamento, a menos que tenha piorado.

Olhei fixamente a expressão ansiosa e meio colérica de Jacob. Seus olhos estavam fixos no rosto de Renesmee. Com todos juntos daquele jeito, ele tinha de estar tocando pelo menos seis vampiros diferentes ao mesmo tempo, e isso não parecia incomodá-lo.

Será que ele realmente enfrentaria tudo isso só para me proteger de mim mesma? O que poderia ter acontecido durante minha transformação — minha alteração para uma coisa que ele odiava — que o amoleceria tanto em relação ao motivo dessa necessidade?

Eu estava confusa, vendo-o olhar minha filha. Olhando-a como... como um cego que visse o sol pela primeira vez.

— Não! — arquejei.

Os dentes de Jasper se uniram e os braços de Edward envolveram meu peito como uma jiboia me imobilizando. Jacob pegou Renesmee de meus braços no mesmo segundo, e eu não tentei segurá-la. Porque senti que vinha — a ruptura que todos esperavam.

— Rose — eu disse entredentes, muito devagar e com precisão. — Leve Renesmee.

Rosalie estendeu as mãos, e Jacob passou minha filha a ela imediatamente. Os dois se afastaram de mim.

— Edward, não quero machucá-lo, então, por favor, me solte.

Ele hesitou.

— Vá para a frente de Renesmee — sugeri.

Ele refletiu, e então me soltou.

Eu me agachei na postura de caça e avancei dois passos lentos na direção de Jacob.

— Você não fez isso — rosnei para ele.

Ele recuou, as mãos viradas para cima, tentado argumentar comigo.

— Você sabe que não é uma coisa que eu possa controlar.

— Seu vira-lata estúpido! Como pôde? O meu bebê!

Enquanto eu o perseguia, ele saiu pela porta da frente, quase correndo de costas para a escada.

— Não foi ideia minha, Bella!

— Eu a segurei apenas uma vez e você já acha que tem algum direito idiota de lobo sobre ela? Ela é minha.

— Eu posso compartilhar — disse ele, suplicante, enquanto recuava para o gramado.

— Pague — ouvi Emmett dizer atrás de mim.

Uma pequena parte de meu cérebro se perguntava quem tinha apostado contra aquele resultado. Eu não dei atenção a isso. Estava furiosa demais.

— Como ousa ter imprinting com minha filha? Você enlouqueceu?

— Foi involuntário! — insistiu ele, recuando para as árvores.

Então ele não estava mais só. Os dois lobos enormes reapareceram, um em cada lado. Leah avançou para mim.

Um rosnado apavorante passou rasgando por meus dentes. O som me perturbou, mas não foi o bastante para me refrear.

— Bella, poderia tentar ouvir por um segundo? Por favor? — implorou Jacob. — Leah, volte — acrescentou ele.

Leah arreganhou os dentes para mim e não se mexeu.

— Por que eu deveria ouvir? — sibilei. A fúria dominava minha mente, toldando todo o resto.

— Porque foi você mesma quem me disse isso. Lembra? Você disse que nosso lugar era um na vida do outro, certo? Que éramos uma família. Você disse que era assim que você e eu devíamos ser. Então... agora somos. Era o que você queria.

Eu o fitava com ferocidade. Tinha de fato uma vaga lembrança daquelas palavras. Mas meu cérebro novo e rápido estava dois passos à frente das bobagens que ele dizia.

— Você acha que será parte de minha família como meu genro! — guinchei. Minha voz de sino subiu duas oitavas e ainda parecia música.

Emmett riu.

— Detenha-a, Edward — murmurou Esme. — Ela vai ficar infeliz se o machucar.

Mas não senti ninguém vindo atrás de mim.

— Não! — insistia Jacob ao mesmo tempo. — Como pode sequer olhar dessa

maneira? Ela é só um bebê, pelo amor de Deus!

— Essa é a questão! — gritei.

— Você sabe que não penso nela dessa maneira! Acha que Edward teria me deixado viver se eu pensasse assim? Só o que eu quero é que ela esteja feliz e segura... É tão ruim assim? Tão diferente do que você quer? — Ele agora gritava para mim.

Além das palavras, rosnei para ele.

— Ela é incrível, não é? — ouvi Edward murmurar.

— Ela não avançou para o pescoço dele nem uma vez — concordou Carlisle, parecendo espantado.

— Tudo bem, essa você venceu — disse Emmett de má vontade.

— Vai ficar longe dela — sibilei para Jacob.

— Não posso fazer isso!

Entredentes:

— Tente. A partir de agora.

— Isso não é possível. Lembra-se de quanto você me queria por perto há três dias? Como era difícil nos separarmos? Isso agora passou para você, não é?

Eu o olhava, sem saber o que ele queria dizer.

— Foi ela — disse-me ele. — Desde o início. Tínhamos de ficar juntos, mesmo então.

Eu lembrei, e então entendi; uma parte mínima de mim estava aliviada por ter aquela loucura explicada. Mas esse alívio de algum modo só me deixou mais colérica. Ele esperava que isso bastasse para mim? Que um pequeno esclarecimento me fizesse aceitar aquilo?

— Fuja enquanto ainda pode — ameacei.

— Ora, Bells! Nessie gosta de mim também — insistiu ele.

Congelei. Minha respiração parou. Atrás de mim, ouvi a ausência de som que era a reação ansiosa deles.

— Do que... você a chamou?

Jacob recuou um passo, parecendo tímido.

— Bom — murmurou ele —, o nome que você inventou é meio comprido e...

— Você apelidou a minha filha de Monstro do Lago Ness? — guinchei.

E então avancei para seu pescoço.

23. LEMBRANÇAS

— DESCULPE, SETH. EU DEVIA TER FICADO MAIS PERTO.

Edward ainda estava se desculpando, e eu não achava que fosse justo ou adequado. Afinal, Edward não tinha perdido completa e indesculpavelmente o controle de seu gênio. Edward não tentara arrancar a cabeça de Jacob — Jacob, que nem se metamorfoseou para se proteger — e, então, por acidente, quebrara o ombro e a clavícula de Seth quando ele interviera. Não fora Edward quem tinha quase matado seu melhor amigo.

Não que o melhor amigo não tivesse algumas questões por que responder, mas era evidente que nada que Jacob tivesse feito poderia ter justificado meu comportamento.

Então não deveria ser eu a me desculpar? Tentei novamente.

— Seth, eu...

— Não se preocupe com isso, Bella, eu estou muito bem — disse Seth ao mesmo tempo que Edward dizia:

— Bela, amor, ninguém a está criticando. Você está se saindo muito bem.

Eles ainda não tinham deixado que eu terminasse uma frase sequer.

O fato de Edward não conseguir esconder o sorriso só piorava as coisas. Eu sabia que Jacob não merecia minha reação exagerada, mas Edward parecia encontrar alguma satisfação naquilo. Talvez ele só desejasse ter a desculpa de ser um recém-criado para poder fazer alguma coisa física com sua irritação com Jacob também.

Tentei apagar completamente a raiva, mas era difícil, sabendo que Jacob estava lá fora com Renesmee. Protegendo-a de mim, a recém-criada enlouquecida.

Carlisle prendeu outro pedaço de tala no braço de Seth, que se encolheu.

— Desculpe, desculpe! — murmurei, sabendo que nunca conseguiria articular plenamente minhas desculpas.

— Não se apavore, Bella — disse Seth, afagando meu joelho com a mão boa

enquanto Edward acariciava meu braço do outro lado.

Seth parecia não sentir aversão ao fato de eu estar sentada ao seu lado no sofá enquanto Carlisle cuidava dele.

— Vou voltar ao normal em meia hora — continuou ele, ainda afagando meu joelho, alheio à sua textura fria e dura. — Qualquer um teria feito o mesmo, com Jake e Ness... — Ele se interrompeu no meio da frase e mudou de assunto rapidamente. — Quer dizer, pelo menos você não me mordeu nem nada. Isso, sim, teria sido ruim.

Enterrei o rosto nas mãos e estremeci com aquele pensamento, uma possibilidade muito real. Podia ter acontecido muito facilmente. E os lobisomens não reagiam ao veneno de vampiro da mesma forma que os humanos, só ali me disseram isso. Para eles era fatal.

— Eu sou uma pessoa má.

— É claro que não é. Eu devia ter... — começou Edward.

— Pare com isso — suspirei. Não queria que ele assumisse a culpa nesse caso, como sempre fazia com tudo.

— Por sorte Ness... Renesmee não é venenosa — disse Seth depois de um incômodo segundo de silêncio. — Porque ela morde Jake o tempo todo.

Minhas mãos caíram de lado.

— Ela morde?

— É. Sempre que ele e Rose não lhe dão comida com rapidez suficiente. Rose acha hilário.

Eu o olhei, chocada, e também me sentindo culpada, porque tinha de admitir que a ideia me agradava um pouquinho, de um jeito petulante.

Naturalmente, já sabia que Renesmee não era venenosa. Fui eu a primeira pessoa que ela mordeu. Não falei em voz alta, já que estava fingindo uma perda de memória com relação aos últimos acontecimentos.

— Bom, Seth — disse Carlisle, endireitando o corpo e afastando-se de nós. — Acho que é o máximo que posso fazer. Procure não se mexer por, hã, algumas horas, acho. — Carlisle riu. — Quem dera tratar de humanos tivesse tal resultado instantâneo! — Ele pousou a mão por um momento no cabelo preto de Seth. — Fique parado — ordenou ele, depois subiu a escada, desaparecendo. Ouvi a porta do escritório se fechar e me perguntei se eles já haviam retirado as provas de minha estada lá.

— Acho que consigo ficar parado um tempinho — concordou Seth depois que Carlisle se foi, e então deu um grande bocejo. Com cuidado, certificando-se de não mover bruscamente o ombro, Seth pousou a cabeça nas costas do sofá e fechou os olhos. Segundos depois, sua boca relaxou.

Fiquei olhando seu rosto tranquilo por mais um minuto. Como Jacob, Seth parecia ter o dom de dormir no momento que quisesse. Sabendo que eu não seria capaz de me desculpar de novo por ora, levantei-me; o movimento não provocou a menor mudança no sofá. Tudo que era físico era fácil. Mas o resto...

Edward me seguiu às janelas dos fundos e pegou minha mão.

Leah estava andando junto ao rio, parando de vez em quando para olhar a casa. Era fácil saber quando ela procurava o irmão e quando olhava para mim. Ela alternava olhares ansiosos e homicidas.

Eu podia ouvir Jacob e Rosalie nos degraus da frente discutindo em voz baixa sobre de quem era a vez de alimentar Renesmee. O relacionamento deles era tão antagônico quanto antes; a única coisa em que concordavam era que eu devia ser mantida longe de minha filha até que estivesse cem por cento recuperada de meu ataque de mau gênio. Edward contestou o veredito, mas eu deixei passar. Eu também queria ter certeza. Minha preocupação, porém, era que a minha certeza e a deles pudessem ser coisas muito diferentes.

Afora a contenda dos dois, a respiração lenta de Seth e o ofegar irritado de Leah, estava tudo muito quieto. Emmett, Alice e Esme estavam caçando. Jasper tinha ficado para me observar. Ele agora estava parado sem atrapalhar ninguém atrás da coluna nova, tentando não ser desagradável.

Aproveitei a calma para pensar em todas as coisas que Edward e Seth me disseram enquanto Carlisle colocava o braço de Seth no lugar. Eu tinha perdido muita coisa enquanto queimava, e aquela fora a primeira chance de verdade de me colocar em dia.

O principal era o final da rixa com a matilha de Sam — motivo por que os outros se sentiam novamente seguros para ir e vir como quisessem. A trégua era mais forte do que nunca. Ou mais compulsória, dependendo do ponto de vista, imaginei.

Compulsória pelo fato de que a mais absoluta de todas as leis da matilha era que nenhum lobo jamais mataria o objeto de imprinting de outro lobo. A dor de uma coisa dessas seria insuportável para toda a matilha. A falha, intencional ou

acidental, não podia ser perdoada; os lobos envolvidos lutariam até a morte — não havia alternativa. Aquilo já havia acontecido muito tempo atrás, Seth me contou, mas só por acidente. Nenhum lobo destruiria intencionalmente um irmão dessa maneira.

Então Renesmee era intocável por causa do modo como Jacob se sentia com relação a ela. Tentei me concentrar no alívio desse fato, em vez de no pesar, mas não era fácil. Minha mente tinha espaço suficiente para sentir as duas emoções intensamente e ao mesmo tempo.

E Sam também não podia se enfurecer com minha transformação, pois Jacob — falando como o alfa de direito — a autorizara. Era irritante perceber o quanto eu devia a Jacob quando eu só queria ficar aborrecida com ele.

Redirecionei deliberadamente meus pensamentos a fim de controlar minhas emoções. Pensei em outro fenômeno interessante; embora ainda existisse o silêncio entre as matilhas separadas, Jacob e Sam descobriram que os alfas podiam se falar enquanto estavam na forma de lobo. Não da mesma forma que antes; eles não podiam ouvir os pensamentos do outro, como antes da cisão. Era mais como falar em voz alta, explicara Seth. Sam só podia ouvir os pensamentos que Jacob queria compartilhar, e vice-versa. Eles descobriram que podiam se comunicar a distância também, agora que estavam se falando novamente.

Eles só descobriram tudo quando Jacob fora sozinho — sob as objeções de Seth e Leah — explicar a Sam sobre Renesmee; fora o único momento em que ele a tinha deixado desde que pusera os olhos nela.

Depois de entender que tudo havia mudado completamente, Sam voltou com Jacob para falar com Carlisle. Eles conversaram na forma humana (Edward tinha se recusado a sair do meu lado para traduzir) e o tratado fora renovado. A sensação amistosa no relacionamento, porém, talvez nunca mais fosse a mesma.

Uma grande preocupação a menos.

Mas havia outra que, embora não fosse fisicamente tão perigosa quanto uma matilha de lobos furiosos, parecia mais urgente para mim.

Charlie.

Ele falara com Esme aquela manhã, mas isso não o impedira de ligar novamente, duas vezes, havia poucos minutos, enquanto Carlisle tratava de Seth. Carlisle e Edward tinham deixado o telefone tocar.

Qual seria a coisa certa a dizer a ele? Será que os Cullen tinham razão? Seria

melhor e mais generoso dizer a ele que eu tinha morrido? Seria eu capaz de ficar deitada e imóvel num caixão enquanto ele e minha mãe choravam por mim?

Não me parecia correto. Mas, obviamente, estava fora de cogitação colocar Charlie ou Renée em perigo em vista da obsessão dos Volturi com o segredo.

Ainda havia a minha ideia — deixar que Charlie me visse, quando eu estivesse pronta, e tirasse suas próprias conclusões erradas. Tecnicamente, as regras dos vampiros continuariam invioladas. Não seria melhor para Charlie se ele soubesse que eu estava viva — mais ou menos — e feliz? Mesmo que eu fosse estranha, diferente e provavelmente assustadora para ele?

Meus olhos, em particular, eram muito mais apavorantes agora. Levaria quanto tempo até meu autocontrole e a cor de meus olhos estarem prontos para Charlie?

— Qual é o problema, Bella? — perguntou Jasper em voz baixa, observando minha crescente tensão. — Ninguém está com raiva de você — um rosnado baixo da margem do rio o contradisse, mas ele o ignorou —, nem surpreso, na verdade. Bem, acho que surpresos nós estamos. Surpresos por você ter sido capaz de voltar ao controle com tanta rapidez. Você agiu bem. Melhor do que todos esperavam.

Enquanto ele falava, a sala ficou muito calma. A respiração de Seth tornou-se um ronco baixo. Eu me sentia mais tranquila, mas não esqueci minhas angústias.

— Eu estava pensando em Charlie.

Na frente, a contenda foi interrompida.

— Ah! — murmurou Jasper.

— Nós temos mesmo de ir embora, não é? — perguntei. — Por enquanto, pelo menos. Fingir que estamos em Atlanta ou coisa assim.

Eu podia sentir o olhar de Edward em meu rosto, mas eu olhava para Jasper. E foi ele quem me respondeu, num tom grave.

— Sim. É a única maneira de proteger seu pai.

Refleti por um momento.

— Vou sentir muita falta dele. Vou sentir saudade de todo o mundo aqui.

Jacob, pensei, contra a vontade. Embora o anseio tivesse desaparecido e sido esclarecido — e eu estava muito aliviada com isso —, ele ainda era meu amigo. Alguém que conhecia meu verdadeiro eu e me aceitava. Mesmo como monstro.

Pensei no que Jacob tinha dito, argumentando comigo antes de eu atacá-lo. Você disse que nosso lugar era um na vida do outro, certo? Que éramos uma

família. Você disse que era assim que você e eu devíamos ser. Então... agora somos. Era o que você queria.

Mas não parecia o que eu queria. Não exatamente. Voltei mais um pouco no tempo, às lembranças vagas e indistintas de minha vida humana. Até a parte mais difícil de lembrar — a época sem Edward, uma época tão sombria que eu havia tentado enterrá-la em minha mente. Não conseguia encontrar as palavras exatas; só me lembrava de querer que Jacob fosse meu irmão para que pudéssemos amar um ao outro sem nenhuma confusão ou dor. Família. Mas eu nunca havia incluído uma filha na equação.

Lembrei-me de um pouco depois — numa das muitas vezes em que dissera adeus a Jacob — me perguntar em voz alta com quem ele terminaria, quem daria um jeito em sua vida depois do que eu fiz. Eu tinha dito alguma coisa sobre quem quer que fosse, ela não seria boa o bastante para ele.

Bufei e Edward ergueu uma sobrancelha inquisitiva. Sacudi a cabeça para ele.

Mas, por mais que eu pudesse sentir falta de meu amigo, sabia que havia um problema maior. Será que Sam, Jared ou Quil haviam passado um dia inteiro sem ver o objeto de sua fixação: Emily, Kim e Claire? Será que podiam? O que a separação de Renesmee faria com Jacob? Isso lhe causaria dor?

Ainda havia ira suficiente em meu organismo para me fazer sentir satisfação — não com a dor de Jacob, mas com a ideia de ter Renesmee longe dele. Como eu devia lidar com o fato de ela pertencer a Jacob, quando ela mal parecia pertencer a mim?

O som de movimento na varanda da frente interrompeu meus pensamentos. Ouvi-os se levantar, depois eles saíram pela porta. Exatamente na mesma hora, Carlisle desceu a escada com as mãos cheias de coisas estranhas — uma fita métrica, uma balança. Jasper disparou para o meu lado. Como se tivesse havido algum sinal que eu perdera, até Leah se sentou do lado de fora e olhou pela janela com uma expressão de quem esperava alguma coisa que era familiar e totalmente desinteressante.

— Devem ser seis horas — disse Edward.

— E daí? — perguntei, com os olhos fixos em Rosalie, Jacob e Renesmee. Eles estavam na porta, Renesmee nos braços de Rosalie, que parecia preocupada. Jacob mostrava-se perturbado. Renesmee estava linda e impaciente.

— Hora de medir Ness... hã, Renesmee — explicou Carlisle.

— Ah. Você faz isso todos os dias?

— Quatro vezes ao dia — corrigiu Carlisle, distraído, enquanto gesticulava para que os outros fossem para o sofá.

Pensei ter visto Renesmee suspirar.

— Quatro vezes? Todos os dias? Por quê?

— Ela ainda está crescendo muito rápido — Edward murmurou para mim, a voz baixa e tensa. Ele apertou minha mão e seu outro braço envolveu firmemente minha cintura, quase como se precisasse de apoio.

Eu não conseguia tirar os olhos de Renesmee para ver a expressão dele.

Ela parecia perfeita, inteiramente saudável. Sua pele cintilava como alabastro iluminado por trás; a cor no rosto era de pétalas de rosa. Não poderia haver nada de errado com uma beleza tão radiante. Certamente não poderia haver nada de mais perigoso em sua vida do que a mãe. Poderia?

A diferença entre a criança que dei à luz e aquela que eu reencontrara havia uma hora teria sido evidente a todos. A diferença entre a Renesmee de uma hora atrás e da Renesmee de agora era sutil. Os olhos humanos nunca teriam detectado. Mas estava ali.

Seu corpo estava ligeiramente mais comprido. Só um pouquinho mais magro. Seu rosto não estava mais tão redondo; era mais oval, em um grau mínimo. Seus cachos pendiam quinze milímetros mais baixo nos ombros. Ela se esticou, cooperando, nos braços de Rosalie enquanto Carlisle corria a fita métrica ao longo da extensão de seu corpo e depois contornava com ela sua cabeça. Ele não tomou notas; memória perfeita.

Eu tinha consciência de que os braços de Jacob estavam cruzados com tanta força sobre seu peito quanto os braços de Edward à minha volta. Suas sobrancelhas grossas estavam unidas em uma linha acima dos olhos fundos.

Ela havia se transformado de uma única célula em um bebê de tamanho normal no curso de algumas semanas. Poucos dias depois do nascimento, parecia que logo estaria engatinhando. Naquele ritmo de crescimento...

Minha mente de vampira não tinha problemas com a matemática.

— O que vamos fazer? — sussurrei, apavorada.

Os braços de Edward se apertaram. Tinha entendido exatamente o que eu perguntava.

— Não sei.

— Está desacelerando — murmurou Jacob entredentes.

— Vamos precisar de mais dias de medição para confirmar a tendência, Jacob. Não posso prometer nada.

— Ontem ela cresceu cinco centímetros. Hoje cresceu menos.

— Sete milímetros, se minhas medições estiverem perfeitas — disse Carlisle em voz baixa.

— Que sejam perfeitas, doutor — disse Jacob, tornando as palavras quase ameaçadoras.

Rosalie enrijeceu.

— Você sabe que farei o melhor que puder — assegurou-lhe Carlisle.

Jacob suspirou.

— Acho que é só o que posso pedir.

Senti-me irritada de novo, como se Jacob estivesse roubando minhas falas — e proferindo-as todas erradas.

Renesmee também parecia irritada. Ela começou a se remexer e estendeu a mão imperiosamente para Rosalie, que se inclinou para a frente, para que Renesmee pudesse tocar seu rosto. Depois de um segundo, Rose suspirou.

— O que ela quer? — perguntou Jacob, tomando minha fala de novo.

— Bella, é claro — disse-lhe Rosalie, e suas palavras fizeram com que eu me sentisse um pouco mais aquecida por dentro. Então ela olhou para mim. — Como você está?

— Preocupada — admiti, e Edward me apertou.

— Nós todos estamos. Mas não foi a isso que me referi.

— Estou sob controle — garanti.

A sede agora ocupava uma posição bem abaixo na lista. Além disso, Renesmee tinha um cheiro bom de uma forma bem diferente de comida.

Jacob mordeu o lábio mas não fez nenhum movimento para impedir Rosalie quando ela me ofereceu Renesmee. Jasper e Edward ficaram por perto, mas permitiram. Eu podia ver o quanto Rose estava tensa, e me perguntei como estava o ambiente para Jasper. Ou ele estava tão concentrado em mim que nem podia sentir os outros?

Renesmee se esticou para mim enquanto eu estendia os braços para ela, um sorriso ofuscante iluminando seu rosto. Ela se encaixava tão bem em meus braços como se tivessem sido feitos para ela. Imediatamente, ela pôs a mãozinha quente

em meu rosto.

Embora eu estivesse preparada, ainda me fazia arfar ver a lembrança como uma visão em minha mente. Tão nítida e colorida, mas também completamente transparente.

Ela estava se lembrando de mim atacando Jacob no gramado da frente, lembrando-se de Seth saltando entre nós. Ela vira e ouvira tudo com absoluta clareza. Não parecia eu, aquela predadora elegante saltando para sua presa como uma flecha disparada de um arco. Precisava ser outra pessoa. Isso me fez sentir um pouco menos culpada ao ver Jacob ali parado, indefeso, com as mãos erguidas diante do corpo. Suas mãos não tremiam.

Edward riu, vendo os pensamentos de Renesmee comigo. E então nós dois estremecemos ao ouvir o estalo dos ossos de Seth.

Renesmee abriu seu sorriso luminoso e os olhos de sua memória não deixaram Jacob durante toda a confusão que se seguiu. Senti um novo prazer com a lembrança — não exatamente protetor, mas possessivo — enquanto ela observava Jacob. Tive a clara impressão de que ela ficou feliz por Seth ter se interposto entre mim e Jacob. Ela não queria que Jacob se machucasse. Ele era dela.

— Ah, que maravilha — gemi. — Perfeito.

— Isso é só porque ele tem um gosto melhor do que o resto de nós — garantiu-me Edward, a voz dura de irritação.

— Eu lhe disse que ela gosta de mim também — brincou Jacob do outro lado da sala, os olhos em Renesmee. Sua piada era fria; o ângulo tenso em suas sobrancelhas não havia relaxado.

Renesmee afagou meu rosto com impaciência, exigindo minha atenção. Mais uma lembrança: Rosalie puxando a escova delicadamente em cada um de seus cachos. Era bom.

Carlisle e sua fita métrica, sabendo que tinha de se esticar e ficar parada. Não era interessante para ela.

— Parece que ela vai lhe dar um informe de tudo que você perdeu — comentou Edward em meu ouvido.

Meu nariz franziu enquanto ela me passava a lembrança seguinte. O cheiro que vinha de um copo de metal estranho — duro o bastante para não ser perfurado com facilidade pelos dentes — provocou um ardor repentino em minha garganta. Ai.

E depois Renesmee estava fora de meus braços, que foram presos nas costas. Não lutei com Jasper; só olhei para o rosto assustado de Edward.

— O que foi que eu fiz?

Edward olhou para Jasper atrás de mim, depois para mim de novo.

— Ela estava se lembrando de ter sede — murmurou Edward, a testa franzida. — Ela estava se lembrando do gosto do sangue humano.

Os braços de Jasper apertaram ainda mais os meus. Parte de minha cabeça notou que aquilo não era particularmente desconfortável, e muito menos doloroso, como teria sido a um humano. Era só irritante. Eu sabia que podia me soltar dele, mas não lutei.

— Sim — concordei. — E...?

Edward me olhou de testa franzida mais um segundo, e então sua expressão relaxou. Ele deu uma risada.

— E nada, ao que parece. A reação exagerada desta vez é minha. Jazz, solte-a.

As mãos refreadoras desapareceram. Estendi a mão para Renesmee assim que fiquei livre. Edward a entregou a mim sem hesitar.

— Não consigo entender — disse Jasper. — Não consigo suportar isso.

Observei com surpresa Jasper sair pela porta dos fundos. Leah deslocou-se para lhe dar um amplo espaço quando ele se dirigiu ao rio e se lançou sobre ele em um salto só.

Renesmee tocou meu pescoço, repetindo a cena da partida, como um replay instantâneo. Eu podia sentir a pergunta em seu pensamento, um eco do meu.

Eu já havia me recuperado do choque por seu estranho dom. Parecia uma parte inteiramente natural dela, quase como se fosse esperada. Agora que eu fazia parte do sobrenatural, talvez nunca mais voltasse a ser cética.

Mas qual era o problema com Jasper?

— Ele vai voltar — disse Edward, se para mim ou Renesmee, eu não sabia. — Ele só precisa de um momento a sós para reajustar sua perspectiva da vida. — Vi um sorriso ameaçando se abrir nos cantos de sua boca.

Outra lembrança humana — Edward me dizendo que Jasper se sentiria melhor consigo mesmo se eu "tivesse dificuldades de me adaptar" à minha condição de vampira. Isso no contexto de uma discussão sobre quantas pessoas eu mataria em meu primeiro ano de recém-criada.

— Ele está com raiva de mim? — perguntei em voz baixa.

Os olhos de Edward se arregalaram.

— Não. Por que estaria?

— Qual o problema dele, então?

— Ele está aborrecido com ele mesmo, não com você, Bella. Está preocupado com... uma profecia que se cumpre sozinha. Acho que se pode dizer.

— Como assim? — perguntou Carlisle antes de mim.

— Ele está se perguntando se a loucura dos recém-criados é realmente tão difícil como sempre pensamos, ou se, com o foco e a atitude corretos, qualquer um pode se sair tão bem quanto Bella. Mesmo agora... talvez ele só tenha essa dificuldade porque acredita que é natural e inevitável. Talvez, se tivesse esperado mais de si mesmo, teria alcançado essas expectativas. Você o está fazendo questionar muitos pressupostos arraigados, Bella.

— Mas isso não é justo — disse Carlisle. — Todo o mundo é diferente; todo o mundo tem seus próprios desafios. Talvez a reação de Bella esteja além do natural. Talvez seja esse o dom dela.

Fiquei paralisada de surpresa. Renesmee sentiu a mudança e tocou em mim. Ela se lembrou do último segundo e se perguntou por quê.

— É uma teoria interessante e bem plausível — disse Edward.

Por um tempo mínimo, fiquei decepcionada. Como é? Sem visões mágicas, nem talentos ofensivos formidáveis, como, hã, lançar raios pelos olhos ou coisa assim? Nada de útil nem bacana?

E então percebi o que podia significar, se meu "superpoder" não passasse de um autocontrole excepcional.

Pelo menos eu tinha um dom. Podia não ter nada.

Mas, muito mais do que isso, se Edward tinha razão, então eu podia pular a parte que mais temia.

E se eu não tivesse de ser uma recém-criada? Não no sentido da máquina de matar enlouquecida. E se eu pudesse seguir o padrão dos Cullen desde meu primeiro dia? E se nós não tivéssemos de nos esconder num lugar remoto por um ano enquanto eu "amadurecia"? E se, como Carlisle, eu nunca matasse ninguém? E se eu fosse uma boa vampira desde o início?

Eu poderia ver Charlie.

Suspirei assim que a realidade se infiltrou na esperança. Eu não podia ver Charlie agora. Os olhos, a voz, o rosto perfeito. O que eu poderia dizer a ele?

Como começaria? Eu estava furtivamente feliz por ter desculpas para adiar as coisas por algum tempo; por mais que eu quisesse encontrar uma maneira de manter Charlie em minha vida, sentia-me apavorada com esse primeiro encontro. Ver seus olhos se esbugalharem enquanto ele observava meu novo rosto, minha nova pele. Saber que ele estava assustado. Imaginar que explicação obscura se formaria em sua mente.

Eu era bastante covarde para esperar um ano enquanto meus olhos esfriavam. E eu que pensei que seria tão destemida quando fosse indestrutível!

— Você já viu um equivalente ao autocontrole como talento? — perguntou Edward a Carlisle. — Acha realmente que é um dom, ou só um produto de toda a preparação dela?

Carlisle deu de ombros.

— Tem uma leve semelhança com o que Siobhan sempre foi capaz de fazer, embora ela não chamasse isso de dom.

— Siobhan, sua amiga do clã irlandês? — perguntou Rosalie. — Eu não sabia que ela possuía alguma coisa especial. Pensei que fosse Maggie a talentosa naquele grupo.

— Sim, Siobhan acha a mesma coisa. Mas ela tem um jeito de decidir suas metas e depois quase... induzi-las a se tornar realidade. Ela pensa que se trata de um bom planejamento, mas sempre me perguntei se seria mais alguma coisa. Quando ela incluiu Maggie, por exemplo. Liam era muito territorialista, mas Siobhan queria que desse certo, e assim foi.

Edward, Carlisle e Rosalie se acomodaram em cadeiras enquanto continuavam com a discussão. Jacob sentou-se ao lado de Seth protetoramente, parecendo entediado. Pelo modo como suas pálpebras caíram, eu tinha certeza de que ele logo estaria inconsciente.

Eu ouvia, mas minha atenção estava dividida. Renesmee ainda me contava como fora seu dia. Eu a segurei perto da parede envidraçada, meus braços balançando-a automaticamente enquanto olhávamos nos olhos uma da outra.

Percebi que os outros não tinham motivos para se sentar. Eu estava perfeitamente confortável de pé. Era tão repousante quanto seria me esticar numa cama. Sabia que seria capaz de ficar assim de pé por uma semana, sem me mexer, e me sentiria tão relaxada no final dos sete dias como no início.

Eles devem se sentar por hábito. Os humanos perceberiam alguém de pé por

horas sem mudar o peso do corpo para o outro pé. Mesmo agora, eu via Rosalie passar os dedos no cabelo e Carlisle cruzar as pernas. Pequenos movimentos para evitar ficar parado demais, vampiro demais. Eu teria de prestar atenção ao que eles faziam e começar a treinar.

Desloquei o peso do meu corpo para a perna esquerda. Parecia uma tolice.

Talvez eles só estivessem me dando um tempo sozinha com minha filha — tão sozinha quanto era seguro.

Renesmee me contou de cada pequeno acontecimento de seu dia, e eu tive a sensação, pelo tom de suas historinhas, de que ela queria que eu a conhecesse tanto quanto eu queria conhecê-la. Preocupava-a o fato de eu ter perdido coisas — como os pardais que se aproximaram cada vez mais quando Jacob a segurava, os dois muito imóveis ao lado de uma das grandes cicutas; os passarinhos não se aproximavam de Rosalie. Ou a coisa branca e terrivelmente nojenta — a mistura para bebês — que Carlisle havia colocado em seu copo; tinha cheiro de lama azeda. Ou a música que Edward tinha cantarolado para ela, tão perfeita que Renesmee tocou para mim duas vezes; fiquei surpresa que eu estivesse ao fundo dessa lembrança, perfeitamente imóvel mas parecendo ainda muito arrasada. Eu tremi, lembrando aqueles momentos de minha perspectiva. O fogo horrendo...

Depois de quase uma hora — os outros ainda estavam imersos em sua discussão, Seth e Jacob roncando em harmonia no sofá — as histórias das lembranças de Renesmee começaram a diminuir. Ficaram meio indistintas nas bordas e saíam de foco antes de chegar ao desfecho. Eu estava prestes a interromper Edward, em pânico — haveria alguma coisa errada com ela? —, quando suas pálpebras tremeram e se fecharam. Ela bocejou, os lábios rosados e cheios se esticando num O redondo, e os olhos não voltaram a se abrir.

Sua mão caiu de meu rosto enquanto ela dormia — as pálpebras tinham cor de lavanda-clara, de nuvens finas antes de o sol nascer. Com cuidado para não perturbá-la, devolvi sua mão à minha pele e a mantive ali com curiosidade. De início não houve nada, mas depois de alguns minutos um bruxulear de cores, como um punhado de borboletas, se dispersava de seus pensamentos.

Hipnotizada, fiquei observando seus sonhos. Não tinham sentido. Só cores, formas e rostos. Fiquei feliz em ver a frequência com que meu rosto — tanto o humano horrível quanto o imortal glorioso — aparecia em seus pensamentos inconscientes. Mais que os de Edward ou Rosalie. Eu estava empatada com Jacob.

Tentei não deixar que isso me aborrecesse.

Pela primeira vez entendi como Edward conseguira me olhar dormindo, noite após noite, só para me ouvir falar durante o sono. Eu podia olhar Renesmee sonhando para sempre.

A mudança no tom de Edward chamou minha atenção quando ele disse "Finalmente" e se virou para olhar pela janela. A noite era profunda e púrpura lá fora, mas eu podia ver tão longe quanto antes. Nada estava oculto na escuridão; só as cores haviam mudado.

Leah, ainda de cara amarrada, levantou-se e se esquivou para os arbustos quando Alice entrou no campo de visão do outro lado do rio. Alice se balançou para a frente e para trás em um galho, como uma trapezista, os dedos dos pés tocando as mãos, antes de lançar seu corpo num giro gracioso sobre o rio. Esme fez um salto mais tradicional, enquanto Emmett se atirou no rio, espirrando tanta água que as gotas chegaram à janela da frente. Para minha surpresa, Jasper vinha atrás, seu salto eficiente parecendo discreto, até sutil, depois dos outros.

O sorriso imenso que se estampava no rosto de Alice era familiar de uma maneira sombria e estranha. Todos de repente estavam sorrindo para mim — Esme, de forma doce; Emmett, excitado; Rosalie, meio superior; Carlisle, indulgente, e Edward, com expectativa.

Alice saltou para dentro da sala antes dos outros, a mão estendida e a impaciência formando uma aura quase visível em torno dela. Em sua palma estava uma chave de bronze comum com uma imensa fita de cetim rosa amarrada em laço.

Ela estendeu a chave para mim, e eu automaticamente segurei Renesmee com mais firmeza no braço direito para poder abrir a mão esquerda. Alice largou a chave na minha mão.

— Feliz aniversário! — gritou ela.

Eu revirei os olhos.

— Ninguém começa a contar no verdadeiro dia do nascimento — lembrei-a. — Seu primeiro aniversário é na marca de um ano, Alice.

Seu sorriso tornou-se afetado.

— Não estamos comemorando seu aniversário de vampira. Ainda. Hoje é dia 13 de setembro, Bella. Feliz aniversário de 19 anos!

24. SURPRESA

— NÃO! DE JEITO NENHUM! — SACUDI A CABEÇA FEROZMENTE E olhei para o sorriso presunçoso no rosto de meu marido de 17 anos. — Não, isso não conta. Eu parei de envelhecer há três dias. Tenho 18 para sempre.

— Que seja — disse Alice, desprezando meu protesto com um dar de ombros rápido. — Vamos comemorar de qualquer jeito, então você vai ter de aceitar.

Suspirei. Raras vezes tinha sentido discutir com Alice.

Seu sorriso ficou incrivelmente mais largo enquanto ela lia a aquiescência em meus olhos.

— Está pronta para abrir seu presente? — cantarolou Alice.

— Presentes — corrigiu Edward, e pegou no bolso outra chave, maior e prateada, com um laço azul menos pomposo.

Lutei para não revirar os olhos. Eu soube imediatamente para que era a chave — o "carro de depois". Perguntei-me se devia ficar animada. Parecia que a conversão em vampira não me dera nenhum interesse repentino por carros esportivos.

— Primeiro o meu — disse Alice, depois mostrou a língua, prevendo a resposta dele.

— O meu está mais perto.

— Mas olhe como ela está vestida. — As palavras de Alice eram quase um gemido. — Isso está me matando o dia todo. Obviamente, essa é a prioridade.

Minhas sobrancelhas se uniram enquanto eu me perguntava como uma chave poderia me dar roupas novas. Será que ela me comprara um caminhão inteiro?

— Eu sei... Vamos tirar a sorte — sugeriu Alice. — Pedra, papel, tesoura.

Jasper riu e Edward suspirou.

— Por que não me diz logo quem venceu? — disse Edward, irônico.

Alice ficou radiante.

— Eu. Ótimo.

— Provavelmente, é melhor esperar pela manhã mesmo. — Edward me

lançou um sorriso torto e fez um gesto na direção de Jacob e Seth, que pareciam prontos para dormir ali a noite toda; perguntei-me quanto tempo teriam ficado acordados dessa vez. — Acho que pode ser mais divertido se Jacob estiver acordado para a grande revelação, não concorda? Assim alguém será capaz de expressar o nível certo de entusiasmo.

Retribuí o sorriso. Ele me conhecia bem.

— Oba — cantarolou Alice. — Bella, passe Ness... Renesmee para Rosalie.

— Onde ela costuma dormir?

Alice deu de ombros.

— Nos braços de Rose. Ou de Jacob. Ou de Esme. Você entendeu. Ela nunca deixou o colo de alguém nem por um minuto de sua vida. Vai ser a meia-vampira mais estragada do mundo, de tanto mimo.

Edward riu enquanto Rosalie pegava Renesmee nos braços com habilidade.

— Ela também é a meia-vampira menos estragada do mundo — disse Rosalie. — Essa é a graça de ser única em sua espécie.

Rosalie sorriu para mim e fiquei feliz ao ver que a nova camaradagem entre nós ainda estava lá em seu sorriso. Eu não tinha muita certeza se duraria depois que a vida de Renesmee não estivesse mais ligada à minha. Mas talvez tenhamos lutado do mesmo lado por tempo suficiente para agora sermos sempre amigas. Finalmente eu havia feito uma escolha que também teria sido a dela se estivesse no meu lugar. Isso parecia ter acabado com seu ressentimento por todas as minhas outras escolhas.

Alice enfiou a chave com o laço na minha mão, depois pegou meu cotovelo e me guiou para a porta dos fundos.

— Vamos, vamos — trinou ela.

— É lá fora?

— Mais ou menos — disse Alice, empurrando-me.

— Aproveite o presente — disse Rosalie. — É de todos nós. Especialmente de Esme.

— Vocês não vêm também? — Percebi que ninguém tinha se mexido.

— Vamos lhe dar a oportunidade de apreciá-lo sozinha — disse Rosalie. — Pode nos contar sobre ele... depois.

Emmett riu. Alguma coisa no riso dele me deu a sensação de corar, embora eu não soubesse bem por quê.

Percebi que muitas coisas em mim — como odiar surpresas e não gostar muito mais de presentes em geral — não haviam mudado nem um pouco. Era um alívio e uma revelação descobrir quanto de minhas características essenciais fora comigo para aquele novo corpo.

Eu não esperara continuar a ser eu mesma. Abri um sorriso largo.

Alice puxou meu cotovelo, e não reprimi o sorriso enquanto a seguia na noite púrpura. Só Edward veio conosco.

— É esse entusiasmo que eu quero — murmurou Alice com aprovação. Então largou meu braço, deu dois passos ágeis e saltou sobre o rio.

— Vamos, Bella — chamou do outro lado.

Edward pulou ao mesmo tempo que eu; foi tão divertido quanto fora aquela tarde. Talvez um pouco mais, porque a noite dava a tudo cores novas e ricas.

Alice saiu andando, nós dois a seguindo de perto, no sentido norte. Era mais fácil seguir o som de seus pés sussurrando no chão e o rastro fresco de seu cheiro que manter os olhos nela, através da vegetação densa.

A um sinal que eu não podia ver, ela girou e voltou correndo até onde eu parei.

— Não me ataque — alertou ela, e se lançou sobre mim.

— O que está fazendo? — perguntei, retorcendo-me enquanto ela subia nas minhas costas e cobria meu rosto com as mãos. Senti o impulso de afastá-la, mas me controlei.

— Cuidando para que você não possa ver.

— Eu poderia ter feito isso sem ser teatral — propôs Edward.

— Você poderia deixá-la trapacear. Pegue a mão dela e a leve adiante.

— Alice, eu...

— Nem se incomode, Bella. Vamos fazer isso do meu jeito.

Senti os dedos de Edward entrelaçando-se nos meus.

— Só mais alguns segundos, Bella. Depois ela vai irritar outra pessoa.

Ele me puxou para a frente. Eu seguia com facilidade. Não tive medo de bater numa árvore; nessa hipótese, a única a se ferir seria a árvore.

— Você podia ser um pouco mais agradecido — Alice o repreendeu. — O presente é tanto para você quanto para ela.

— É verdade. Obrigado de novo, Alice.

— Sim, sim. Tudo bem. — A voz de Alice de repente se elevou, excitada. —

Pare aqui. Vire-a um pouquinho para a direita. Isso, assim. Tudo bem. Está pronta? — guinchou ela.

— Estou. — Havia cheiros novos ali, instigando meu interesse, aumentando minha curiosidade. Cheiros que não pertenciam à mata. Madressilva. Fumaça. Rosas. Serragem? Algo metálico também. A fertilidade da terra, cavada e exposta. Inclinei-me na direção do mistério.

Alice desceu de minhas costas, liberando meus olhos.

Olhei para a escuridão violeta. Ali, aninhado em uma pequena clareira na floresta, estava um pequeno chalé de pedra, lavanda-acizentado à luz das estrelas.

Combinava com tanta perfeição com o lugar que parecia ter crescido da rocha, uma formação natural. Madressilvas subiam por uma parede como uma treliça, serpenteando sobre as grossas placas de madeira. Rosas floresciam num jardim minúsculo sob as janelas escuras. Havia um caminho de pedras lisas, ametistas na noite, que levava à porta de madeira arqueada de maneira pitoresca.

Fechei a mão em torno da chave que segurava, chocada.

— O que você acha? — A voz de Alice agora era suave, combinando com a quietude completa da cena de conto de fadas.

Abri a boca, mas não disse nada.

— Esme achou que iríamos gostar de ter um lugar só nosso por um tempo, mas ela não queria que ficasse muito longe — murmurou Edward. — E ela adora qualquer desculpa para uma reforma. Essa casinha estava em ruínas aqui por pelo menos cem anos.

Continuei olhando, a boca escancarada como a de um peixe.

— Não gostou? — O rosto de Alice se fechou. — Quer dizer, com certeza podemos reformar de outro jeito, se preferir. Emmett queria acrescentar mais algumas centenas de metros quadrados, um segundo andar, colunas e uma torre, mas Esme achou que você iria gostar mais se mantivesse o estilo da construção. — Sua voz começou a se elevar, a ficar mais rápida. — Se ela estiver errada, podemos voltar a trabalhar. Não vai levar muito tempo...

— Psiu! — consegui dizer.

Ela apertou os lábios e esperou. Precisei de alguns segundos para me recuperar.

— Vocês estão me dando uma casa de aniversário? — sussurrei.

— Dando a nós — corrigiu Edward. — E é só um chalé. Acho que a palavra

casa implica mais espaço.

— Não desmereça minha casa — murmurei para ele.

Alice estava radiante.

— Você gostou.

Sacudi a cabeça negativamente.

— Adorou?

Assenti.

— Mal posso esperar para contar a Esme!

— Por que ela não veio?

O sorriso de Alice diminuiu um pouco, retorcendo-se um pouco, como se minha pergunta fosse difícil de responder.

— Ah, sabe como é... Todos eles se lembram de como você é com presentes. Eles não queriam pressioná-la a gostar.

— Mas é claro que eu amei. Como poderia não amar?

— Eles vão gostar disso. — Ela afagou meu braço. — Bem, seu armário está abastecido. Use com sensatez. E... acho que é tudo.

— Não vai entrar?

Ela recuou alguns passos despreocupadamente.

— Edward já conhece a casa, sabe onde está tudo. Farei uma visitinha... mais tarde. Me ligue se não conseguir combinar as roupas. — Ela lançou um olhar de dúvida e então sorriu. — Jazz quer caçar. A gente se vê.

Ela disparou para a mata como um gracioso projétil.

— Foi estranho — eu disse quando o som de seu voo desapareceu completamente. — Eu sou assim tão ruim? Eles não precisavam ficar longe. Agora eu me sinto culpada. Nem agradeci direito a ela. Precisamos voltar, dizer a Esme...

— Bella, não seja tola. Ninguém acha que você é tão irracional.

— Então o que...

— Um tempo a sós é outro presente deles. Alice estava tentando ser sutil em relação a isso.

— Ah!

Foi o que bastou para fazer a casa desaparecer. Podíamos estar em qualquer lugar. Eu não via mais as árvores, as pedras ou as estrelas. Só via Edward.

— Vou lhe mostrar o que eles fizeram — disse ele, puxando minha mão.

Estaria ele alheio ao fato de que uma corrente elétrica pulsava pelo meu corpo como sangue misturado a adrenalina?

Mais uma vez eu me senti estranhamente sem equilíbrio, à espera de reações de que meu corpo não era mais capaz. Meu coração deveria estar trovejando como uma locomotiva prestes a nos atingir. Ensurdecedor. Minhas bochechas deviam estar muito vermelhas.

Aliás, eu devia estar exausta. Aquele fora o dia mais longo da minha vida.

Eu ri — uma risadinha baixa de choque — quando percebi que o dia nunca terminaria.

— Posso saber qual é a piada?

— Não é muito boa — eu disse enquanto ele me conduzia para a porta arqueada. — Eu só estava pensando... Hoje é o primeiro e o último dia da eternidade. É meio difícil apreender isso. Mesmo com todo o espaço extra para pensar. — Eu ri de novo.

Ele riu comigo. Então estendeu a mão para a maçaneta, esperando que eu fizesse as honras. Coloquei a chave na fechadura e girei.

— Você é tão espontânea nisso, Bella. Eu me esqueço de como tudo deve ser estranho para você. Eu queria poder ouvir você. — Ele se abaixou e me puxou para seus braços, tão rápido que não vi o que ia acontecer... e isso era extraordinário.

— Ei!

— Carregá-la pela porta é parte do trabalho — lembrou ele. — Mas estou curioso. Diga-me o que está pensando agora.

Ele abriu a porta — que se moveu com um estalo que mal era audível — e entrou na pequena sala de estar de pedra.

— Tudo — eu disse a ele. — Tudo ao mesmo tempo, você sabe. Coisas boas, coisas preocupantes e coisas que são novas. E que continuo usando muitos superlativos em meus pensamentos. Neste momento, estou pensando que Esme é uma artista. É tão perfeito!

A sala do chalé parecia ter saído de um conto de fadas. O piso era uma colcha de retalhos de pedras planas e lisas. O teto baixo tinha longas vigas expostas, nas quais alguém alto como Jacob certamente bateria a cabeça. As paredes eram de madeira em alguns lugares, mosaicos de pedra em outros. A lareira no canto tinha os restos de um fogo que bruxuleava lentamente. Queimando ali, havia madeira

que flutuara no mar — as chamas baixas eram azuladas e verdes por causa do sal.

A mobília era composta de peças ecléticas, mas ainda assim harmoniosas. Uma cadeira tinha certo traço medieval, enquanto um divã baixo perto da lareira era mais contemporâneo e a estante abastecida de livros na janela mais distante me lembrava filmes ambientados na Itália. De algum modo, cada peça se encaixava com as outras como um grande quebra-cabeças tridimensional. Nas paredes viam-se algumas pinturas que reconheci — algumas das minhas preferidas da casa grande. Originais de valor inestimável, sem dúvida, mas que também pareciam pertencer àquele lugar, como todo o resto.

Era um lugar onde qualquer um podia acreditar que a magia existia. Um lugar onde você esperava que a Branca de Neve entrasse com a maçã na mão, ou um unicórnio parasse para mordiscar as roseiras.

Edward sempre achara que pertencia ao mundo das histórias de terror. É claro que eu sabia que ele estava tremendamente errado. Era evidente que ele pertencia àquele lugar. A um conto de fadas.

E agora eu estava na história, com ele.

Eu estava prestes a me aproveitar do fato de que ele ainda não tinha me colocado no chão e que seu rosto lindo de enlouquecer estava a apenas centímetros de distância, quando ele disse:

— Temos sorte por Esme pensar em criar um cômodo a mais. Ninguém pensou em Ness... Renesmee.

Franzi a testa para ele, meus pensamentos canalizados por um caminho menos agradável.

— Você também, não — me queixei.

— Desculpe-me, amor. Eu ouço isso nos pensamentos deles o tempo todo, sabe? É como se esfregassem na minha cara.

Suspirei. Minha filha, o "monstro do lago". Talvez não tivesse jeito. Bom, eu não iria desistir.

— Sei que está morrendo de vontade de ver o armário. Ou, pelo menos, vou dizer a Alice que você estava, para deixá-la feliz.

— Devo ter medo?

— Pavor.

Ele me carregou por um corredor estreito de pedra com pequenos arcos no teto, como se fosse nosso próprio castelo em miniatura.

— Este será o quarto de Renesmee — disse ele, apontando para um cômodo vazio com piso de madeira clara. — Ainda não tiveram tempo de fazer muita coisa aqui, com os lobisomens irritados...

Eu ri baixo, maravilhada com a rapidez com que as coisas haviam se ajeitado quando, fazia apenas uma semana, tudo parecia um pesadelo tão grande.

Que droga que tenha sido Jacob a deixar tudo perfeito daquela maneira.

— Aqui é nosso quarto. Esme tentou trazer algumas coisas da ilha dela para nós. Imaginou que teríamos nos afeiçoado.

A cama era imensa e branca, com nuvens de tecido etéreo flutuando do dossel ao chão. O piso de madeira clara era igual ao do outro quarto, e ali compreendi que era precisamente da cor da praia da ilha. As paredes eram daquele azul quase branco de um dia de sol forte, e a parede dos fundos tinha grandes portas de vidro que se abriam para um pequeno jardim secreto. Rosas trepadeiras e um pequeno lago, plano como um espelho e cercado de pedras reluzentes. Um oceano minúsculo e calmo para nós.

— Ah! — foi só o que consegui dizer.

— Eu sei — ele sussurrou.

Ficamos ali por um minuto, lembrando. Embora fossem humanas e turvas, as lembranças tomaram completamente minha mente.

Ele abriu um sorriso largo e radiante e então deu uma gargalhada.

— O closet fica naquelas portas duplas. Mas eu devo alertá-la... é maior do que este quarto.

Eu nem mesmo olhei para as portas. Novamente não havia mais nada no mundo que não fosse ele — os braços me envolvendo, o hálito doce em meu rosto, os lábios a centímetros dos meus —, e não havia nada que pudesse me distrair agora, fosse eu vampira recém-criada ou não.

— Vamos dizer a Alice que eu corri para as roupas — sussurrei, torcendo os dedos em seu cabelo e aproximando ainda mais meu rosto do dele. — Vamos dizer a ela que eu passei horas brincando de me produzir. Vamos mentir.

Ele alcançou meu estado de espírito de imediato, ou talvez já estivesse nele e só estivesse tentando me fazer apreciar plenamente meu presente de aniversário, como um cavalheiro. Puxou meu rosto para o dele com uma ferocidade súbita, um gemido baixo em sua garganta. O som produziu uma corrente elétrica por meu corpo quase num frenesi, como se eu não pudesse me aproximar dele com

rapidez suficiente.

Ouvi o tecido se rasgar sob nossas mãos, e fiquei feliz que pelo menos as minhas roupas já estivessem destruídas. Era tarde demais para as dele. Era quase uma grosseria ignorar a cama branca e linda, mas não íamos conseguir chegar tão longe.

Essa segunda lua de mel não foi como a primeira.

Nosso tempo na ilha fora o epítome da minha vida humana. O melhor dela. Eu só estivera disposta a estender meu tempo de humana para me agarrar por mais tempo ao que tivera lá com ele. Porque a parte física nunca mais seria a mesma.

Eu devia ter imaginado, depois de um dia como aquele, que seria melhor.

Agora podia realmente apreciá-lo — com meus olhos novos e poderosos, podia ver devidamente cada linda linha de seu rosto perfeito, de seu corpo longo e impecável, cada ângulo e cada superfície dele. Podia sentir seu cheiro puro e vívido em minha língua e sentir a maciez inacreditável de sua pele de mármore sob meus dedos sensíveis.

Minha pele era igualmente sensível sob as mãos dele.

Tudo nele era novo, uma pessoa diferente, enquanto nossos corpos se enroscavam graciosamente em um só, no piso cor de areia. Sem prudência, sem restrições. Sem medo — especialmente isso. Podíamos amar juntos — ambos participantes ativos. Finalmente iguais.

Como nossos beijos antes, cada toque era mais do que eu estava acostumada a ter. Tanto de si mesmo que ele estivera refreando! Necessário naquela época, mas eu nem acreditava em quanto havia perdido.

Tentei me lembrar de que eu era mais forte do que ele, mas era difícil me concentrar em qualquer coisa com sensações tão intensas atraindo minha atenção a um milhão de lugares diferentes de meu corpo a cada segundo; se eu o machuquei, ele não se queixou.

Uma parte muito, muito pequena de minha mente refletiu sobre o interessante enigma apresentado por aquela situação. Eu nunca ficaria cansada, nem ele. Não precisávamos recuperar o fôlego nem descansar, comer ou usar o banheiro; não tínhamos mais nenhuma necessidade mundana comum aos humanos. Ele tinha o corpo mais lindo e mais perfeito do mundo, e eu o tinha todo para mim, e não parecia que um dia fosse chegar a um ponto em que

pensasse: Agora já chega por hoje. Eu sempre iria querer mais. E o dia nunca terminaria. Então, numa situação daquelas, como iríamos parar?

Não me incomodava nada não ter uma resposta.

Percebi, distraída, quando o céu começou a clarear. O minúsculo mar do lado de fora passou do preto ao cinza e uma cotovia começou a cantar em algum lugar muito perto — talvez ela tivesse um ninho nas roseiras.

— Sente falta disso? — perguntei a ele quando o canto acabou.

Não era a primeira vez que falávamos, mas não estávamos exatamente conversando.

— Falta do quê? — murmurou ele.

— De tudo... o calor, a pele macia, o cheiro gostoso... Não estou perdendo nada, só me perguntei se seria meio triste para você.

Ele riu, baixo e delicadamente.

— Seria difícil encontrar alguém menos triste do que eu agora. Impossível, eu me arriscaria. Não há muita gente que consiga tudo o que quer, mais todas as coisas que nunca pensou pedir, no mesmo dia.

— Está evitando minha pergunta?

Ele colocou a mão em meu rosto.

— Você é quente — ele me disse.

Era verdade, de certo modo. Para mim, a mão dele era quente. Não era a mesma coisa que tocar a pele em chamas de Jacob, mas era mais confortável. Mais natural.

Então ele correu os dedos muito lentamente em meu rosto, acompanhando levemente minhas feições da mandíbula ao pescoço e depois todo o caminho até a cintura. Meus olhos se reviraram um pouco.

— Você é macia.

Seus dedos eram como cetim em minha pele, então entendi o que ele quis dizer.

— E quanto ao cheiro, bom, não posso dizer que sinto falta disso. Lembra-se do cheiro daqueles montanhistas em nossa caçada?

— Estou fazendo muita força para não lembrar.

— Imagine beijar aquilo.

Minha garganta ardeu em chamas, como se puxassem a corda de um balão de ar quente.

— Ah!

— Exatamente. Então a resposta é não. Sou pura alegria, porque não sinto falta de nada. Ninguém tem mais do que eu agora.

Eu estava prestes a lhe falar de uma exceção à sua declaração, mas meus lábios de repente ficaram muito ocupados.

Quando o pequeno lago ficou perolado com o nascer do sol, pensei em outra pergunta para ele.

— Por quanto tempo isso vai continuar? Quer dizer, Carlisle e Esme, Em e Rose, Alice e Jasper... eles não passam o dia todo trancados no quarto. Eles ficam em público, vestidos, o tempo todo. Será que esse... desejo um dia acaba? — Me retorci, chegando mais perto dele, uma verdadeira façanha, para deixar claro do que eu estava falando.

— É difícil dizer. Todos são diferentes e, bem, até agora você é a mais diferente de todos. O vampiro jovem típico é obcecado demais com a sede para perceber qualquer outra coisa durante algum tempo. Isso não parece se aplicar a você. Com o vampiro típico, porém, depois do primeiro ano, outras necessidades se apresentam. A sede e outros desejos não desaparecem. É simplesmente uma questão de aprender a equilibrá-los, aprender a priorizar, a administrar...

— Quanto tempo?

Ele sorriu, franzindo um pouco o nariz.

— Rosalie e Emmett foram os piores. Levou uma década inteira antes que eu suportasse ficar num raio de dez quilômetros deles. Até Carlisle e Esme tiveram dificuldade para aguentar. Eles por fim se cansaram do casal feliz. Esme também construiu uma casa para eles. Era maior do que esta, mas Esme sabe do que Rose gosta, e sabe do que você gosta.

— E depois de dez anos, o que acontece? — Eu tinha certeza de que Rosalie e Emmett não levavam nenhuma vantagem sobre nós, mas podia parecer convencido se eu fosse além de uma década. — Todo mundo fica normal de novo? Como eles são agora?

Edward sorriu de novo.

— Bem, não sei o que você chama de normal. Você viu minha família levando a vida de uma forma mais humana, mas você dormia à noite. — Ele piscou para mim. — Há uma quantidade tremenda de tempo de sobra quando não se precisa dormir. Isso faz com que equilibrar nossos... interesses seja muito fácil. Há um

motivo para eu ser o melhor músico da família, para que... além de Carlisle... eu tenha lido mais livros, estudado mais ciência, me tornado fluente na maioria das línguas... Emmett a faria acreditar que eu sou um sabe-tudo por ler as mentes, mas a verdade é que eu tinha muito tempo livre.

Rimos juntos, e o movimento de nosso riso provocou reações interessantes na maneira como nossos corpos estavam conectados, efetivamente dando um fim à conversa.

25. FAVOR

FOI SÓ UM POUQUINHO MAIS TARDE QUE EDWARD ME LEMBROU DE minhas prioridades.

Ele só precisou de uma palavra.

— Renesmee...

Eu suspirei. Ela acordaria logo. Devia ser quase sete da manhã. Será que ela procuraria por mim? De repente, alguma coisa próxima do pânico deixou meu corpo paralisado. Como Renesmee estaria hoje?

Edward sentiu meu completo aturdimento, minha tensão.

— Está tudo bem, amor. Vista-se e estaremos de volta à casa em dois segundos.

Eu devia estar parecendo um desenho animado, pelo modo como me pus de pé num salto e olhei para ele — seu corpo de diamante cintilando levemente na luz difusa —, então olhei para o oeste, onde Renesmee esperava, depois voltei a ele de novo, depois para ela, minha cabeça virando de um lado para o outro meia dúzia de vezes em um segundo. Edward sorriu, mas não riu; ele era um homem forte.

— É tudo uma questão de equilíbrio, amor. Você é tão boa em tudo isso, imagino que não levará muito tempo para ter uma visão melhor da situação.

— E temos a noite toda, não é?

Ele abriu um largo sorriso.

— Acha que suportaria a ideia de deixar você se vestir agora, se não fosse assim?

Isso teria de ser o suficiente para me fazer atravessar as horas do dia. Eu equilibraria aquele desejo esmagador e arrasador para ser uma boa... Era difícil pensar na palavra. Embora Renesmee fosse muito real e essencial em minha vida, ainda era difícil pensar em mim como mãe. Mas acho que qualquer uma sentiria o mesmo, sem nove meses para se acostumar com a ideia. E com uma criança que mudava a cada hora.

O pensamento na vida acelerada de Renesmee me estressou de novo. Nem

parei nas portas duplas entalhadas para recuperar o fôlego antes de descobrir o que Alice tinha feito. Eu simplesmente irrompi no closet, decidida a vestir a primeira roupa que me aparecesse à frente. Eu devia saber que não seria fácil.

— Quais são minhas? — sibilei.

Como prometido, o closet era maior do que nosso quarto. Talvez fosse maior do que o resto da casa, mas eu teria de medir para ter certeza. Tive um breve lampejo de Alice tentando convencer Esme a ignorar as proporções clássicas e permitir aquela monstruosidade. Perguntei-me como Alice vencera.

Estava tudo guardado em sacos de roupas, imaculados e brancos, fila após fila.

— Até onde eu sei, tudo, exceto este suporte aqui — ele tocou uma barra que se estendia por meia parede à esquerda da porta —, é seu.

— Tudo isso?

Ele deu de ombros.

— Alice — dissemos juntos. Ele proferiu o nome dela como uma explicação; eu, como um expletivo.

— Muito bem — murmurei, e abri o zíper do saco mais próximo. Gemi entredentes quando vi o vestido de seda longo dentro dele: rosa-bebê.

Eu levaria o dia todo para encontrar alguma coisa normal para vestir!

— Deixe-me ajudar — ofereceu Edward. Ele farejou com cuidado o ar e então seguiu algum cheiro até o fundo do cômodo comprido. Havia uma cômoda embutida ali. Com um sorriso de triunfo, ele estendeu uma calça jeans desbotada.

Voei para o lado dele.

— Como fez isso?

— O jeans tem seu próprio cheiro, como tudo. Agora... algodão de stretch?

Ele seguiu o nariz até uma armação, desenterrando uma camiseta branca de manga comprida. Atirou-a para mim.

— Obrigada — eu disse com ardor. Aspirei os dois tecidos, memorizando o cheiro para buscas futuras por aquele hospício. Eu me lembrava da seda e do cetim; esses eu iria evitar.

Ele só precisou de segundos para encontrar as próprias roupas — se eu não o tivesse visto nu, teria jurado que nada era mais lindo do que Edward com a calça cáqui e o pulôver bege-claro — e, então, ele pegou minha mão. Disparamos pelo jardim secreto, saltando sobre o muro de pedra, e chegamos à floresta num átimo. Soltei a mão para corrermos de volta. Desta vez ele me venceu.

Renesmee estava acordada; sentada no chão com Rose e Emmett a velando, brincando com uma pequena pilha de talheres retorcidos. Estava com uma colher mutilada na mão direita. Assim que me viu pelo vidro, ela atirou a colher no chão — onde deixou uma marca na madeira — e apontou imperiosamente na minha direção. Sua plateia riu; Alice, Jasper, Esme e Carlisle estavam sentados no sofá, olhando-a como se ela fosse o filme mais interessante do mundo.

Passei pela porta quando a risada deles mal havia começado, atravessando a sala num salto e pegando-a do chão no mesmo segundo. Sorrimos uma para a outra.

Ela estava diferente, mas não muito. Um pouco maior novamente, seu tamanho passando do de bebê para o de criança. O cabelo estava cerca de meio centímetro mais comprido, os cachos balançando como molas a cada movimento. Eu tinha me deixado dominar pela imaginação durante o trajeto até ali, e imaginara algo pior do que aquilo. Graças a meus medos exagerados, essas pequenas mudanças eram quase um alívio. Mesmo sem as medições de Carlisle, tinha certeza de que as mudanças eram mais lentas do que na véspera.

Renesmee deu palmadinhas em meu rosto. Eu estremeci. Ela estava com fome de novo.

— Há quanto tempo ela está acordada? — perguntei enquanto Edward desaparecia pela porta da cozinha. Eu tinha certeza de que ele tinha ido pegar o café da manhã dela, tendo visto o que ela acabara de pensar com a mesma clareza que eu. Perguntei-me se ele teria percebido sua pequena peculiaridade se fosse o único a conhecê-la. Para ele, provavelmente, seria o mesmo que ouvir alguém.

— Só alguns minutos — disse Rose. — Já íamos chamar você. Ela estava chamando você... exigindo talvez seja uma descrição melhor. Esme sacrificou seu segundo melhor faqueiro de prata para manter a monstrinha entretida. — Rose sorriu para Renesmee com tanto afeto que a crítica não teve peso nenhum. — Não queríamos... hã... incomodar.

Rosalie mordeu o lábio e desviou o olhar, tentando não rir. Eu podia sentir a risada silenciosa de Emmett atrás de mim, provocando vibrações nas fundações da casa.

Mantive o queixo erguido.

— Vamos terminar seu quarto logo — eu disse a Renesmee. — Você vai gostar do chalé. É mágico. — Olhei para Esme. — Obrigada, Esme. Muito. É

absolutamente perfeito.

Antes que Esme pudesse responder, Emmett estava rindo de novo — e não fez silêncio desta vez.

— Então ainda está de pé? — ele conseguiu dizer entre as gargalhadas. — Pensei que vocês dois o teriam destruído a essa altura. O que fizeram ontem à noite? Discutiram a dívida interna do país? — Ele uivava de tanto rir.

Trinquei os dentes e lembrei a mim mesma das consequências negativas quando deixara que meu gênio levasse a melhor, na véspera. É claro que Emmett não era tão frágil quanto Seth...

Pensar em Seth me fez perguntar:

— Onde estão os lobos hoje? — Olhei pela parede de vidro, mas não havia sinal de Leah por ali.

— Jacob saiu hoje de manhã bem cedo — disse Rosalie, com um pequeno vinco na testa. — Seth o seguiu.

— O que o incomodou? — perguntou Edward, voltando para a sala com o copo de Renesmee.

Devia haver mais na lembrança de Rosalie do que eu vira em sua expressão.

Sem respirar, entreguei Renesmee a Rosalie. Eu podia ter um superautocontrole, talvez, mas de forma alguma conseguiria alimentá-la. Ainda não.

— Não sei... nem ligo — grunhiu Rosalie, mas respondeu à pergunta de Edward mais completamente. — Ele estava vendo Nessie dormir, de boca aberta, como o idiota que é, e então se levantou sem motivo nenhum... pelo menos que eu tivesse percebido... e disparou para fora. Eu fiquei feliz por me livrar dele. Quanto mais tempo ele passa aqui, menor é a probabilidade de nos livrarmos do cheiro.

— Rose — repreendeu Esme delicadamente.

Rosalie jogou o cabelo para trás.

— Acho que não importa. Não vamos ficar muito tempo por aqui.

— Eu ainda acho que devemos ir direto para New Hampshire e preparar as coisas — disse Emmett, obviamente continuando uma conversa anterior. — Bella já esta matriculada em Dartmouth. Não parece que levará muito tempo para conseguir lidar com a faculdade. — Ele se virou e olhou para mim com um sorriso zombeteiro. — Sei que vai ser a melhor aluna da turma... Ao que parece,

não há nada de interessante para você fazer à noite além de estudar.

Rosalie deu uma risadinha.

Não perca a calma, não perca a calma, entoei para mim mesma. E então me senti orgulhosa por não perder a cabeça.

Assim, fiquei muito surpresa que Edward perdesse a dele.

Ele rosnou — um som áspero, chocante e abrupto — e a fúria mais sombria tomou sua expressão como nuvens de tempestade.

Antes que qualquer um de nós pudesse reagir, Alice estava de pé.

— O que ele está fazendo? O que aquele cachorro está fazendo, que apagou todo o meu cronograma do dia? Não consigo ver nada! Não! — Ela me lançou um olhar torturado. — Olhe para você! Vou ter de lhe mostrar como usar o closet.

Por um segundo fiquei grata por qualquer coisa que Jacob estivesse aprontando.

E depois as mãos de Edward se fecharam, e ele rosnou.

— Ele conversou com Charlie. Acha que Charlie o está seguindo. Vindo para cá. Hoje.

Alice disse uma palavra que soou muito estranha em sua voz marcante e refinada, e então partiu num movimento indistinto, pela porta dos fundos.

— Ele disse a Charlie? — ofeguei. — Mas... ele não entende? Como ele pôde fazer isso? — Charlie não podia saber sobre mim! Sobre vampiros! Isso o colocaria numa lista negra da qual nem os Cullen poderiam salvá-lo. — Não!

Edward falou entredentes.

— Jacob está entrando agora.

Devia ter começado a chover para leste. Jacob passou pela porta sacudindo o cabelo molhado, como um cão, jogando gotas no carpete e no sofá, que formaram pequenas manchas cinzentas no branco. Seus dentes cintilavam contra os lábios escuros; seus olhos estavam brilhantes e animados. Ele andava aos arrancos, como se estivesse todo empolgado por destruir a vida de meu pai.

— Oi, pessoal — ele nos cumprimentou, sorrindo.

O silêncio era completo.

Leah e Seth entraram atrás dele, em suas formas humanas — por ora; as mãos dos dois tremiam com a tensão na sala.

— Rose — eu disse, estendendo os braços. Sem dizer nada, Rosalie me passou

Renesmee. Coloquei-a perto de meu coração parado, segurando-a como um talismã contra o comportamento imprudente. Eu a manteria em meus braços até ter certeza de que minha decisão de matar Jacob se baseasse inteiramente em uma avaliação racional e não na fúria.

Ela ficou muito quieta, vendo e ouvindo. Quanto ela entendia?

— Charlie vai chegar logo — disse-me Jacob despreocupadamente. — Só um aviso. Imagino que Alice tenha ido comprar óculos de sol para você ou coisa assim.

— Você imagina demais — cuspi entredentes. — O. Que. Você. Fez?

O sorriso de Jacob vacilou, mas ele ainda estava animado demais para responder a sério.

— A Loura e Emmett me acordaram hoje de manhã falando sem parar sobre vocês se mudarem para o outro lado do país. Como se eu pudesse deixar vocês irem embora. Charlie era o maior problema aqui, não é? Bom, problema resolvido.

— Será que você percebe o que fez? O perigo em que o colocou?

Ele bufou.

— Não o coloquei em perigo nenhum. A não ser por você. Mas você tem uma espécie de autocontrole sobrenatural, não é? Não é tão bom quanto ler a mente, se quiser minha opinião. É muito menos empolgante.

Edward então se mexeu, disparando pela sala e colocando-se diante de Jacob. Embora ele fosse meia cabeça mais baixo, Jacob se afastou de sua raiva, cambaleando, como se Edward se avultasse sobre ele.

— Isso é só uma teoria, vira-lata — ele rosnou. — Acha que vamos testar com Charlie? Você considerou a dor física que está infligindo a Bella, mesmo que ela consiga resistir? Ou a dor emocional, se não conseguir? Imagino que o que acontece com Bella não preocupe mais você! — Ele cuspiu a última palavra.

Renesmee apertou os dedos com ansiedade em meu rosto, a angústia tingindo a reprise em sua mente.

As palavras de Edward finalmente atravessaram o humor estranhamente elétrico de Jacob. Sua boca se franziu.

— Bella vai sentir dor?

— Como se você enfiasse um ferro em brasa em sua garganta!

Eu me encolhi, lembrando o cheiro do sangue humano puro.

— Eu não sabia disso — sussurrou Jacob.

— Então talvez devesse ter perguntado primeiro — grunhiu Edward.

— Você teria me impedido.

— Você devia ter sido impedido...

— Não se trata de mim — interrompi. Eu estava completamente imóvel, segurando Renesmee e minha sanidade. — Trata-se de Charlie, Jacob. Como você pôde colocá-lo em perigo dessa maneira? Percebe que agora para ele é a morte ou a vida de vampiro também? — Minha voz tremia com as lágrimas que meus olhos não podiam mais derramar.

Jacob ainda estava perturbado com as acusações de Edward, mas as minhas não pareceram incomodá-lo.

— Relaxe, Bella. Eu não contei a ele nada que você não pretendesse falar.

— Mas ele está vindo para cá!

— É, a ideia é essa. Não era parte de seus planos deixar que ele "tirasse suas próprias conclusões erradas"? Acho que dei uma boa pista falsa, é o que eu diria.

Meus dedos se afastaram de Renesmee. Eu os fechei de volta, com firmeza.

— Fale abertamente, Jacob. Não estou com paciência para isso.

— Eu não contei nada a ele sobre você, Bella. Não mesmo. Contei sobre mim. Bom, mostrei deve ser uma palavra melhor.

— Ele se metamorfoseou na frente de Charlie — sibilou Edward.

— Você o quê? — sussurrei.

— Ele é corajoso. Corajoso como você. Não desmaiou, não vomitou, nem nada parecido. Devo dizer que fiquei impressionado. Mas devia ver a cara dele quando comecei a tirar a roupa. Não tem preço. — Jacob riu.

— Você é um imbecil completo! Ele podia ter tido um ataque cardíaco!

— Charlie está bem. Ele é durão. Se você pensar só por um minuto, verá que lhe fiz um favor.

— Você tem metade disso, Jacob. — Minha voz era monótona, de aço. — Tem trinta segundos para me dizer cada palavra antes que eu entregue Renesmee a Rosalie e arranque sua cabeça infeliz. Seth não poderá me deter dessa vez.

— Meu Deus, Bells. Você não era assim tão melodramática. Isso é uma coisa de vampiro?

— Vinte e seis segundos.

Jacob revirou os olhos e desabou na cadeira mais próxima. Sua pequena

matilha se moveu para se colocar em seus flancos, nem um pouco relaxados, como ele parecia estar; os olhos de Leah estavam em mim, os dentes ligeiramente expostos.

— Então eu bati na porta de Charlie hoje de manhã e pedi a ele que fosse dar uma volta comigo. Ele ficou confuso, mas quando lhe disse que era sobre você e que você estava de volta à cidade, ele me seguiu até o bosque. Eu disse que você não estava mais doente e que as coisas estavam um pouco estranhas, mas estavam bem. Ele estava prestes a sair correndo para vir vê-la, mas eu disse que antes tinha de mostrar uma coisa. E então me transformei. — Jacob deu de ombros.

Parecia que meus dentes estavam comprimidos por um torno.

— Quero cada palavra, seu monstro.

— Bom, você disse que eu só tinha trinta segundos... Tudo bem, tudo bem. — Minha expressão deve tê-lo convencido de que eu não estava com humor para brincadeiras. — Deixe-me ver... Voltei a me transformar em humano e me vesti, e depois que ele começou a respirar novamente eu disse algo como: "Charlie, você não vive no mundo em que pensava que vivia. A boa notícia é que nada mudou... só que agora você sabe. A vida vai seguir, como sempre. Você pode voltar a fingir que não acredita em nada disso."

"Ele precisou de um minuto para se recuperar, depois quis saber o que realmente tinha acontecido com você, com essa história de doença rara. Disse a ele que você tinha mesmo adoecido, mas que agora estava bem... só que acabou mudando um pouco no processo de recuperação. Ele queria saber o que eu queria dizer com 'mudando', e eu falei que você agora estava mais parecida com Esme que com Renée."

Edward sibilou enquanto eu o fitava, apavorada; aquilo estava tomando um rumo perigoso.

— Depois de alguns minutos, ele perguntou, muito baixo, se você tinha se transformado em um animal também. E eu disse: Bem que ela queria ser assim tão bacana! — Jacob riu.

Rosalie fez um ruído de nojo.

— Comecei a contar mais a ele sobre os lobisomens, mas nem precisei falar muito... Charlie me interrompeu e disse que não queria "saber dos detalhes". Depois perguntou se você sabia no que estava se metendo quando se casou com Edward e eu disse: "Claro, ela sabe tudo isso há anos, desde que veio para Forks."

Ele não gostou muito disso. Deixei que praguejasse até se acalmar. Depois, ele só queria duas coisas. Queria ver você, e eu disse que seria melhor se ele me desse uma dianteira para eu poder explicar.

Respirei fundo.

— Qual era a outra coisa que ele queria?

Jacob sorriu.

— Dessa você vai gostar. Seu principal pedido é que lhe digam o mínimo possível de tudo isso. Se não for absolutamente essencial que ele saiba de alguma coisa, então guarde para si mesma. Só quer saber o necessário.

Pela primeira vez desde que Jacob entrara na casa eu senti alívio.

— Posso lidar com essa parte.

— Além disso, ele prefere fingir que as coisas estão normais. — Jacob exibiu um sorriso de satisfação; devia desconfiar de que àquela altura eu começaria a sentir os primeiros sinais de gratidão.

— O que você disse a ele sobre Renesmee? — Lutei para manter a aspereza na voz, reprimindo a gratidão relutante. Era prematuro. Ainda havia muita coisa errada naquela situação. Mesmo que a intervenção de Jacob tivesse provocado em Charlie uma reação melhor do que eu jamais esperara...

— Ah, sim. Eu disse a ele que você e Edward tinham herdado uma nova boquinha para alimentar. — Ele olhou para Edward. — Ela é sua protegida órfã... Como Bruce Wayne e Dick Grayson. — Jacob resfolegou. — Não achei que se importariam de que eu mentisse. Isso tudo faz parte do jogo, não é? — Edward não respondeu, então Jacob continuou. — A essa altura, o choque de Charlie já havia passado, mas ele perguntou se vocês a estavam adotando. "Como uma filha? Quer dizer que sou avô?", foram as palavras dele. Eu disse que sim. "Parabéns, vovô", e tudo isso. Ele até sorriu um pouco.

O prurido voltou aos meus olhos, mas dessa vez não por medo ou angústia. Charlie sorrindo com a ideia de ser avô? Charlie iria conhecer Renesmee?

— Mas ela está mudando tão rápido — sussurrei.

— Eu comentei que ela era mais especial do que todos nós juntos — disse Jacob com a voz suave. Ele se levantou e veio direto a mim, dispensando Leah e Seth quando eles começaram a segui-lo. Renesmee estendeu os braços para ele, mas eu a segurei com mais força. — Eu disse a ele: Confie em mim, não vai querer saber sobre isso. Mas, se puder ignorar todas as partes estranhas, vai ficar

assombrado. Ela é a pessoa mais maravilhosa do mundo. E então eu falei que se ele pudesse lidar com isso, vocês todos ficariam aqui por mais tempo, e ele teria chance de conhecê-la. Mas que, se fosse demais para ele, vocês iriam embora. Ele disse que desde que ninguém lhe desse informações demais, por ele estava tudo bem.

Jacob me fitou com um meio sorriso, à espera.

— Não vou dizer obrigado — afirmei. — Você ainda está pondo Charlie em grande risco.

— Lamento muito que isso a machuque. Não sabia que era assim. Bella, as coisas agora estão diferentes conosco, mas você sempre será minha melhor amiga e eu sempre vou amar você. Só que agora vou amar da forma certa. Finalmente existe um equilíbrio. Nós dois temos pessoas sem as quais não podemos viver.

Ele me dirigiu seu sorriso mais característico.

— Ainda amigos?

Por mais que eu tentasse resistir, tive de sorrir também. Só um pouquinho.

Ele estendeu a mão: uma oferta.

Respirei fundo e transferi o peso de Renesmee para um só braço. Pus a mão esquerda na dele — ele nem se encolheu com o toque de minha pele fria.

— Se eu não matar Charlie esta noite, vou pensar em perdoar você por isso.

— Quando você não matar Charlie esta noite, vai me dever muito.

Revirei os olhos.

Ele estendeu a outra mão para Renesmee, dessa vez com um pedido.

— Posso?

— Na verdade eu a estou segurando a fim de não ter as mãos livres para matar você, Jacob. Talvez em outra hora.

Ele suspirou, mas não insistiu. Sensato da parte dele.

Alice entrou correndo pela porta, as mãos cheias e a expressão prometendo violência.

— Você, você e você — disparou ela, fuzilando os lobisomens com os olhos. — Se vão ficar aqui, vão para o canto e fiquem ali por um tempo. Eu preciso ver. Bella, é melhor entregar o bebê a ele também. Vai precisar dos braços livres, de qualquer forma.

Jacob sorriu, triunfante.

O mais puro medo rasgou meu estômago enquanto a monstruosidade do que

eu estava prestes a fazer me atingiu. Eu ia apostar no meu duvidoso autocontrole, e meu pai imaculadamente humano seria a cobaia. As palavras anteriores de Edward se chocaram em meus ouvidos de novo.

Você considerou a dor física que está infligindo a Bella, mesmo que ela consiga resistir? Ou a dor emocional, se não conseguir?

Eu não podia imaginar a dor do fracasso. Minha respiração transformou-se em arquejos.

— Pegue-a — sussurrei, passando Renesmee para os braços de Jacob.

Ele assentiu, a preocupação vincando sua testa. Ele gesticulou para os outros, e foram para o canto mais distante da sala. Seth e Leah agacharam-se no chão ao mesmo tempo, mas Leah sacudiu a cabeça e franziu os lábios.

— Tenho permissão para sair? — queixou-se.

Leah parecia pouco à vontade no corpo humano, usando a mesma camiseta e short de algodão sujos que usou para me passar um sermão no outro dia, o cabelo curto espetado em tufos irregulares. Suas mãos ainda tremiam.

— É claro — disse Jake.

— Fique a leste para não atravessar o caminho de Charlie — acrescentou Alice.

Leah não olhou para Alice; saiu pela porta e partiu para os arbustos a fim de se metamorfosear.

Edward estava de volta ao meu lado, afagando meu rosto.

— Você pode fazer isso. Sei que pode. Eu vou ajudá-la; nós todos vamos.

Fitei os olhos de Edward com o pânico estampado no meu rosto. Seria ele forte o bastante para me deter se eu fizesse um movimento errado?

— Se eu não acreditasse que você pode enfrentar isso, iríamos embora hoje. Neste minuto. Mas você pode. E vai ficar mais feliz se puder ter Charlie em sua vida.

Tentei acalmar minha respiração.

Alice estendeu a mão. Havia uma caixinha branca em sua palma.

— Elas vão irritar seus olhos... Não doem, mas embaçam a visão. É irritante. Também não são da sua antiga cor, mas é ainda melhor do que o vermelho vivo, não é?

Ela jogou a caixa de lentes de contato e eu peguei.

— Quando foi que você...

— Antes de vocês saírem em lua de mel. Eu me preparei para vários futuros possíveis.

Assenti e abri o recipiente. Eu nunca usara lentes de contato, mas não devia ser difícil. Peguei a pequena meia esfera marrom e a comprimi, com o lado côncavo para dentro, em meu olho.

Eu pisquei e uma película interrompeu minha visão. Eu podia ver através dela, é claro, mas também podia ver a textura da tela fina. Meu olho insistia em focalizar os arranhões e imperfeições microscópicos.

— Entendo o que quer dizer — murmurei enquanto colocava a outra lente. Dessa vez, tentei não piscar. Meu olho automaticamente quis desalojar a obstrução.

— Como estou?

Edward sorriu.

— Linda. É claro...

— Sim, sim, ela está sempre linda — Alice terminou o pensamento dele com impaciência. — É melhor que vermelho, mas é o maior elogio que posso fazer. Castanho-lamacento. Seu castanho era muito mais bonito. Lembre-se de que elas não duram para sempre... o veneno em seus olhos as dissolverá em algumas horas. Assim, se Charlie ficar mais tempo do que isso, você terá de pedir licença para substituí-las. O que de qualquer maneira é uma boa ideia, porque os humanos precisam de intervalos para usar o banheiro. — Ela sacudiu a cabeça. — Esme, dê a ela algumas dicas sobre como agir como humana enquanto eu abasteço o lavabo com lentes de contato.

— Quanto tempo eu tenho?

— Charlie chegará em cinco minutos. Simplifique.

Esme assentiu e veio pegar minha mão.

— O principal é não se sentar imóvel demais nem se mover rápido demais — disse-me ela.

— Sente-se, se ele se sentar — intrometeu-se Emmett. — Os humanos não gostam de ficar de pé.

— Deixe que seus olhos vaguem a cada trinta segundos mais ou menos — acrescentou Jasper. — Os humanos não encaram uma coisa por tempo demais.

— Cruze as pernas por uns cinco minutos, depois cruze os tornozelos por mais cinco — disse Rosalie.

Assenti a cada sugestão. Eu os observara fazendo algumas dessas coisas na véspera. Acreditava que podia imitar sua atitude.

— E pisque pelo menos três vezes por minuto — disse Emmett. Ele franziu o cenho, depois disparou para onde estava o controle remoto da tevê, na mesa lateral. Ligou a tevê num jogo de futebol americano e assentiu para si mesmo.

— Mexa as mãos também. Jogue o cabelo para trás ou finja coçar alguma coisa — disse Jasper.

— Eu disse Esme — queixou-se Alice ao voltar. — Vocês a estão confundindo.

— Não, acho que entendi tudo — eu disse. — Sentar, olhar em volta, piscar, me mexer.

— Isso mesmo — aprovou Esme. E abraçou meus ombros.

Jasper franziu a testa.

— Você vai prender a respiração o máximo que puder, mas precisará mover um pouco os ombros para dar a impressão de que está respirando.

Eu inspirei e assenti novamente.

Edward me abraçou do outro lado.

— Você consegue fazer isso — repetiu ele, murmurando o estímulo em meu ouvido.

— Dois minutos — disse Alice. — Talvez você devesse começar já no sofá. Afinal, você estava doente. Assim ele não verá você se mexer já de cara.

Alice me puxou para o sofá. Tentei me mover devagar, deixar meus membros mais desajeitados. Ela revirou os olhos, então eu não devia estar fazendo um bom trabalho.

— Jacob, preciso de Renesmee — eu disse.

Jacob franziu a testa, sem se mexer.

Alice sacudiu a cabeça.

— Bella, isso não me ajuda a ver.

— Mas eu preciso dela. Ela me deixa calma. — A pontada de pânico em minha voz era inconfundível.

— Tudo bem — gemeu Alice. — Segure-a o mais imóvel possível e vou tentar ver em volta dela. — Ela soltou um suspiro pesado, como se tivesse sido solicitada a fazer hora extra num feriado. Jacob suspirou também, mas me trouxe Renesmee, depois recuou rapidamente do olhar de Alice.

Edward sentou-se ao meu lado e pôs os braços em torno de Renesmee e de mim. Inclinou-se para a frente e fitou os olhos de Renesmee com muita seriedade.

— Renesmee, uma pessoa especial está vindo ver você e sua mãe — disse ele numa voz solene, como se esperasse que ela entendesse cada palavra. Será que entendia? Ela o encarou com os olhos graves e claros. — Mas ele não é igual a nós, nem igual a Jacob. Temos de ter muito cuidado com ele. Você não deve dizer coisas a ele como diz a nós.

Renesmee tocou o rosto dele.

— Exatamente — disse ele. — E ele vai deixar você com sede. Mas não deve mordê-lo. Ele não vai se curar como o Jacob.

— Ela pode entender você? — sussurrei.

— Ela entende. Você vai ter cuidado, não é, Renesmee? Vai nos ajudar?

Renesmee tocou-o de novo.

— Não, não ligo se você morder Jacob. Isso pode.

Jacob riu.

— Talvez você deva sair, Jacob — disse Edward com frieza, fuzilando-o com os olhos. Edward não perdoara Jacob, porque sabia que, independentemente do que acontecesse ali, eu ia sentir dor. Mas eu aceitaria feliz a dor se ela fosse a pior coisa que eu enfrentaria então.

— Eu disse a Charlie que estaria aqui — disse Jacob. — Ele vai precisar de apoio moral.

— Apoio moral — disse Edward em tom de zombaria. — Até onde Charlie sabe, você é o monstro mais repulsivo de todos nós.

— Repulsivo? — Jake protestou, depois riu baixo consigo mesmo.

Ouvi os pneus saírem da rodovia e entrarem na terra úmida da silenciosa estrada dos Cullen, e minha respiração acelerou de novo. Meu coração devia estar martelando. Eu me sentia angustiada por meu corpo não ter as reações certas.

Concentrei-me no batimento constante do coração de Renesmee para me acalmar. Funcionou bastante rápido.

— Muito bem, Bella — sussurrou Jasper, aprovando.

Edward estreitou os braços em meu ombro.

— Tem certeza? — perguntei a ele.

— Positivo. Você pode fazer qualquer coisa. — Ele sorriu e me beijou.

Não foi exatamente um selinho, e minhas reações desvairadas de vampira me

pegaram de guarda baixa de novo. Os lábios de Edward eram como uma dose de uma substância viciante direto no meu sistema nervoso. Instantaneamente, eu quis mais. Foi preciso toda minha concentração para me lembrar do bebê em meus braços.

Jasper sentiu a mudança de humor.

— Hã, Edward, pode não distraí-la, como está fazendo agora? Ela precisa se concentrar.

Edward se afastou.

— Epa — disse ele.

Eu ri. Aquela fala era minha desde o começo, desde o primeiro beijo.

— Mais tarde — eu disse, e a expectativa me revirou o estômago.

— Foco, Bella — insistiu Jasper.

— Tudo bem. — Afugentei as sensações trêmulas. Charlie, isso agora era o principal. Manter Charlie seguro ali. Teríamos a noite toda...

— Bella.

— Desculpe, Jasper.

Emmett riu.

O som da viatura de Charlie estava cada vez mais próximo. O segundo de leveza passou e todos ficaram imóveis. Cruzei as pernas e treinei as piscadelas.

O carro parou na frente da casa e ficou em ponto morto por alguns segundos. Perguntei-me se Charlie estaria tão nervoso quanto eu. Depois o motor foi desligado e uma porta bateu. Três passos na grama e oito com eco nos degraus de madeira. Mais quatro passos com eco pela varanda. Depois silêncio. Charlie respirou fundo duas vezes.

Toc, toc, toc.

Inspirei o ar pelo que podia ser a última vez. Renesmee se aconchegou mais em meus braços, escondendo o rosto em meu cabelo.

Carlisle atendeu à porta. Sua expressão estressada se alterou para uma de boas-vindas, como se mudasse o canal da tevê.

— Olá, Charlie — disse ele, parecendo adequadamente envergonhado. Afinal, todos devíamos estar em Atlanta, no Centro de Controle de Doenças. Charlie sabia que haviam mentido para ele.

— Carlisle. — Charlie o cumprimentou rigidamente. — Onde está Bella?

— Bem aqui, pai.

Ai! Minha voz era tão errada. Além disso, eu usara parte do meu suprimento de ar. Reabasteci rapidamente, feliz que o cheiro de Charlie ainda não tivesse saturado a sala.

A expressão perplexa de Charlie me dizia como minha voz estava estranha. Seus olhos se detiveram em mim e se arregalaram.

Li as emoções que iam passando pelo seu rosto.

Choque. Incredulidade. Dor. Perda. Medo. Raiva. Desconfiança. Mais dor.

Mordi o lábio. Era estranho. Meus novos dentes eram mais afiados em minha pele de granito do que meus dentes humanos na pele humana macia.

— É você, Bella? — sussurrou ele.

— Sou. — Estremeci com minha voz de sino de vento. — Oi, pai.

Ele respirou fundo para se controlar.

— Ei, Charlie. — Jacob o cumprimentou do canto. — Como estão as coisas?

Charlie fechou a cara para Jacob, estremeceu com a lembrança e então me fitou de novo.

Devagar, Charlie atravessou a sala até ficar a pouca distância de mim. Disparou um olhar acusador a Edward, depois seus olhos voltaram a mim. O calor de seu corpo quente vinha de encontro a mim a cada pulsação de seu coração.

— Bella? — perguntou ele de novo.

Falei num tom mais baixo, tentando eliminar o sino da voz.

— Sou eu mesma.

Seu queixo travou.

— Desculpe-me, pai.

— Você está bem?

— Ótima, de verdade — garanti. — Saudável como um cavalo.

E lá se foi meu oxigênio.

— Jake me disse que isso foi... necessário. Que você estava morrendo. — Ele disse as palavras como se não acreditasse nem um pouco nelas.

Eu me enrijeci, concentrada no peso quente de Renesmee, recostada em Edward como apoio, e respirei fundo.

O cheiro de Charlie foi um murro de chamas, socando direto por minha garganta adentro. Mas era muito mais do que dor. Era também uma punhalada quente de desejo. Charlie tinha um cheiro mais delicioso que qualquer coisa que

eu houvesse imaginado. Tão agradável quanto o dos montanhistas que estiveram na caçada, Charlie era duplamente tentador. E ele só estava a poucos centímetros de distância, derramando o calor e a umidade apetitosos no ar seco.

Mas eu agora não estava caçando. E aquele era o meu pai.

Edward apertou meus ombros, solidário, e Jacob lançou um olhar de desculpas para mim do outro lado da sala.

Tentei me recompor e ignorar a dor e o desejo da sede. Charlie esperava minha resposta.

— Jacob lhe contou a verdade.

— Isso o torna o único — grunhiu Charlie.

Eu esperava que Charlie pudesse ver além das mudanças em meu novo rosto e enxergasse o remorso ali.

Sob meu cabelo, Renesmee se mexeu quando registrou o cheiro de Charlie. Eu a apertei um pouco mais.

Charlie me viu olhar ansiosa para baixo e seguiu meu olhar.

— Ah! — disse ele, e toda a raiva sumiu de seu rosto, deixando apenas o choque. — É ela. A órfã que Jacob disse que vocês estão adotando.

— Minha sobrinha — mentiu Edward tranquilamente. Ele deve ter concluído que a semelhança entre Renesmee e ele era evidente demais para ser ignorada. Era melhor afirmar que eram parentes desde o início.

— Pensei que tivesse perdido sua família — disse Charlie, a acusação voltando à sua voz.

— Perdi meus pais. Meu irmão mais velho foi adotado, como eu. Nunca mais o vi depois disso. Mas os tribunais me localizaram quando ele e a mulher sofreram um acidente de carro, deixando a única filha sem outra família.

Edward era tão bom naquilo. Sua voz ficava tranquila, com o nível certo de inocência. Eu precisava treinar para poder fazer igual.

Renesmee espiou por baixo de meu cabelo, cheirando de novo. Ela olhou timidamente para Charlie sob os longos cílios e voltou a se esconder.

— Ela... ela, bom, ela é linda.

— É — concordou Edward.

— Mas é uma grande responsabilidade. Vocês dois estão começando agora.

— O que mais poderíamos fazer? — Edward passou os dedos de leve no rosto de Renesmee. Eu o vi tocar os lábios dela por um breve momento... um lembrete.

— Você a teria rejeitado?

— Humm. Bom. — Ele sacudiu a cabeça, ausente. — Jake disse que vocês a chamam de Nessie...

— Não chamamos, não — eu disse, minha voz aguda e penetrante demais. — O nome dela é Renesmee.

Charlie voltou a se concentrar em mim.

— Como se sente com isso? Talvez Carlisle e Esme possam...

— Ela é minha — interrompi. — Eu a quero.

Charlie franziu a testa.

— Vai me fazer ser avô assim tão novo?

Edward sorriu.

— Carlisle é avô também.

Charlie lançou um olhar incrédulo a Carlisle, ainda parado na porta da frente; ele parecia o irmão mais novo e mais bonito de Zeus.

Charlie bufou e riu.

— Acho que isso faz com que eu me sinta melhor. — Seus olhos voltaram a Renesmee. — Ela é mesmo uma beleza. — Seu hálito quente soprou de leve pelo espaço entre nós.

Renesmee se inclinou para o cheiro, livrando-se do meu cabelo e olhando em cheio no rosto dele pela primeira vez. Charlie arquejou.

Eu sabia o que ele estava vendo. Meus olhos — os olhos dele — copiados à exatidão em seu rosto perfeito.

Charlie começou a ofegar. Seus lábios tremeram, e pude ler os números que ele murmurava. Estava contando, tentando encaixar nove meses em um. Tentando encaixar as peças, mas sem conseguir que a prova diante dele fizesse algum sentido.

Jacob se levantou e veio afagar as costas de Charlie. Inclinou-se para sussurrar alguma coisa no ouvido dele; só Charlie não sabia que todos podíamos ouvir.

— Só saber o necessário, Charlie. Está tudo bem. Eu garanto.

Charlie engoliu em seco e assentiu. E depois seus olhos arderam enquanto ele dava mais um passo na direção de Edward com os punhos fechados.

— Eu não quero saber de tudo, mas chega de mentiras!

— Desculpe — disse Edward, calmamente —, mas você precisa saber a história pública mais do que precisa saber a verdade. Se vai fazer parte deste

segredo, a história pública é a que conta. É para proteger Bella e Renesmee, assim como o restante de nós. Pode aceitar as mentiras por eles?

A sala estava cheia de estátuas. Eu cruzei os tornozelos.

Charlie bufou e se virou para me olhar fixamente.

— Podia ter me alertado de alguma maneira, menina.

— Isso realmente teria tornado as coisas mais fáceis?

Ele franziu o cenho, então se ajoelhou no chão diante de mim. Eu podia ver o movimento do sangue no pescoço, sob a pele. Podia sentir a vibração quente dele.

E Renesmee também. Ela sorriu e estendeu a mãozinha rosada para ele. Eu a segurei. Ela colocou a outra mão em meu pescoço — sede, curiosidade e o rosto de Charlie em seus pensamentos. Havia um toque sutil na mensagem que me fez pensar que ela havia entendido perfeitamente as palavras de Edward; ela reconheceu a sede, mas a superou no mesmo pensamento.

— Caramba — Charlie arfou, olhando seus dentes perfeitos. — Que idade ela tem?

— Hã...

— Três meses — disse Edward, acrescentando devagar: — Ou melhor, ela é do tamanho de uma criança de três meses, mais ou menos. É mais nova em alguns aspectos, mais madura em outros.

Muito deliberadamente, Renesmee acenou para ele.

Charlie piscou espasmodicamente.

Jacob o cutucou.

— Eu lhe disse que ela era especial, não disse?

Charlie se retraiu com o contato.

— Ah, o que é isso, Charlie? — gemeu Jacob. — Sou a mesma pessoa que sempre fui. Finja que nada disso aconteceu.

A lembrança fez os lábios de Charlie ficarem brancos, mas ele assentiu.

— E qual é sua parte disso, Jake? — perguntou ele. — Até que ponto Billy sabe? Por que você está aqui? — Ele olhou para o rosto de Jacob, que reluzia enquanto olhava para Renesmee.

— Bom, posso lhe falar tudo... Billy sabe de absolutamente tudo... Mas isso envolve muita coisa sobre os lobiso...

— Argh! — Charlie protestou, cobrindo as orelhas. — Deixe para lá.

Jacob sorriu.

— Vai ficar tudo ótimo, Charlie. Só procure não acreditar em tudo o que vê.

Meu pai murmurou alguma coisa ininteligível.

— Aí! — Emmett de repente explodiu em seu grave profundo. — Vamos, Gators!

Jacob e Charlie deram um pulo. O restante de nós ficou paralisado.

Charlie se recuperou, então olhou para Emmett por cima do ombro.

— Flórida está vencendo?

— Acabaram de marcar o primeiro touchdown — confirmou Emmett. Ele olhou na minha direção, erguendo as sobrancelhas como um vilão de vaudeville. — Já estava na hora de alguém marcar um ponto por aqui.

Reprimi um silvo. Na frente de Charlie? Aquilo passava dos limites.

Mas Charlie não estava em condições de perceber insinuações. Ele respirou fundo de novo, sugando o ar como se tentasse fazê-lo descer até os pés. Eu o invejei. Ele se levantou, contornou Jacob e meio que desabou numa poltrona vaga.

— Bom — ele suspirou —, vamos ver se eles podem manter a liderança.

26. BRILHANTE

— NÃO SEI QUANTO DEVEMOS CONTAR A RENÉE SOBRE ISSO — disse Charlie, hesitando com um pé do lado de fora da porta. Ele se espreguiçou, depois seu estômago roncou.

Assenti.

— Eu sei. Não quero deixá-la apavorada. Melhor protegê-la. Isso não é para corações fracos.

Os lábios dele se retorceram, pesarosos.

— Eu teria tentado proteger você também, se soubesse como. Mas acho que você nunca se encaixou na categoria coração fraco, não é?

Retribuí o sorriso, puxando uma respiração ardente por entre os dentes.

Charlie afagou distraído a barriga.

— Vou pensar em alguma coisa. Temos tempo para discutir isso, certo?

— Certo — garanti a ele.

Fora um dia longo sob muitos aspectos e curto sob outros. Charlie estava atrasado para o jantar — Sue Clearwater estava cozinhando para ele e Billy. Aquela seria uma noite embaraçosa, mas pelo menos ele ia comer comida de verdade; fiquei feliz por alguém estar tentando evitar que ele morresse de fome por causa de sua falta de habilidade na cozinha.

Ao longo de todo o dia a tensão havia feito com que os minutos passassem lentamente; Charlie não relaxou os ombros rígidos um só minuto. Mas ele também não tivera nenhuma pressa de ir embora. Ele assistira a dois jogos inteiros — felizmente tão absorto em seus pensamentos que estava totalmente alheio às piadas sugestivas de Emmett, que ficavam cada vez mais incisivas e menos relacionadas com futebol — e aos comentários pós-jogo, e depois ao noticiário, sem se mexer, até que Seth o lembrara da hora.

— Vai dar o bolo na minha mãe e em Billy, Charlie? Vamos. Bella e Nessie estarão aqui amanhã. Vamos pegar a gororoba?

Pelos olhos de Charlie, ficou claro que ele não confiava naquela afirmação, mas

deixou que Seth o levasse para fora. A dúvida ainda estava ali quando ele parou. As nuvens iam se afinando, a chuva já tinha passado. O sol até podia aparecer bem a tempo de se pôr.

— Jake disse que vocês iam para longe — murmurou ele.

— Eu não iria querer fazer isso se tivesse algum modo de evitar. É por isso que ainda estamos aqui.

— Ele disse que vocês podem ficar mais um tempo, mas só se eu for durão e se puder manter a boca fechada.

— É... mas não posso prometer que nunca vamos partir, pai. É muito complicado...

— Saber só o necessário — lembrou ele.

— Isso.

— Mas virá me visitar, se você tiver de ir?

— Eu prometo, pai. Agora que você sabe o suficiente, acho que pode dar certo. Vou me manter tão perto quanto você quiser.

Ele mordeu o lábio por meio segundo, depois inclinou-se lentamente para mim com os braços cautelosamente estendidos. Eu mudei Renesmee — agora dormindo — para o braço esquerdo, trinquei os dentes, prendi a respiração e passei o braço direito muito de leve em sua cintura quente e macia.

— Que seja muito perto, Bells — murmurou ele. — Muito perto.

— Eu amo você, pai — sussurrei entredentes.

Ele estremeceu e se afastou. Deixei o braço cair.

— Eu amo você também, menina. Muita coisa pode ter mudado, mas isso não. — Ele tocou um dedo na bochecha rosada de Renesmee. — Ela é muito parecida com você.

Mantive a expressão despreocupada, embora não me sentisse assim.

— Acho que mais com Edward. — Hesitei por um momento, e então acrescentei: — Ela tem os seus cachos.

Charlie sobressaltou-se, depois bufou.

— Hã. Acho que tem. Hã. Vovô. — Ele sacudiu a cabeça, em dúvida. — Um dia vou poder segurá-la?

Eu pisquei com o choque, e então me recompus. Após considerar por meio segundo e avaliar o estado de Renesmee — ela parecia estar em sono profundo —, concluí que podia abusar da sorte um pouco mais, uma vez que as coisas

estavam indo tão bem...

— Tome — eu disse, estendendo-a para ele.

Charlie automaticamente fez um ninho desajeitado com os braços, e coloquei Renesmee ali. A pele dele não era tão quente quanto a dela, mas sentir o calor fluindo sob a membrana fina fez cócegas em minha garganta. Onde minha pele branca roçou, a dele ficou arrepiada. Eu não sabia se era uma reação à minha nova temperatura ou se era totalmente psicológico.

Charlie grunhiu baixinho enquanto sentia seu peso.

— Ela é... robusta.

Franzi o cenho. Ela parecia leve como uma pluma para mim. Talvez eu tenha perdido minha capacidade de medir.

— Ser robusta é bom — disse Charlie, vendo minha expressão. Depois murmurou para si mesmo: — Ela vai precisar ser durona, cercada por toda essa loucura. — Ele balançou um pouco os braços, gentilmente, de um lado para o outro. — O bebê mais lindo que já vi, incluindo você, menina. Desculpe, mas é a verdade.

— Eu sei disso.

— Bebê lindo — disse ele de novo, mas dessa vez estava mais para um arrulho.

Pude ver em seu rosto — pude observar o sentimento que crescia ali. Charlie era tão indefeso à magia de Renesmee quanto o restante de nós. Dois segundos em seus braços e ela já o dominava.

— Posso voltar amanhã?

— Claro, pai. É claro. Estaremos aqui.

— É melhor que estejam — disse ele com severidade, mas sua expressão era branda, ainda olhando para Renesmee. — Até amanhã então, Nessie.

— Você também, não!

— Hein?

— O nome dela é Renesmee. De Renée e Esme, juntos. Sem variações. — Lutei para me acalmar sem respirar fundo. — Quer saber o nome do meio dela?

— Claro.

— Carlie. Com C. Uma mistura de Carlisle e Charlie.

O sorriso de Charlie, do tipo que faz rugas nos olhos, iluminou seu rosto, pegando-me desprevenida.

— Obrigado, Bells.

— Obrigada a você, pai. Tanta coisa mudou tão rápido. Minha cabeça não para de girar. Se eu não tivesse você agora, não sei como manteria contato com a... realidade. — Eu estava prestes a dizer com o que eu era. Devia ser mais do que ele precisava.

O estômago de Charlie roncou.

— Vá comer, pai. Nós estaremos aqui. — Lembrei como era aquela primeira imersão desagradável na fantasia, a sensação de que tudo iria desaparecer na luz do sol nascente.

Charlie assentiu e me devolveu Renesmee com relutância. Olhou para a casa, atrás de mim; seus olhos ficaram meio ansiosos por um minuto enquanto ele esquadrinhava a grande sala iluminada. Todos ainda estavam ali, fora Jacob, que eu podia ouvir assaltando a geladeira na cozinha; Alice estava recostada no primeiro degrau da escada, com a cabeça de Jasper no colo; Carlisle tinha a cabeça curvada sobre o grosso livro em seu colo; Esme cantarolava baixinho, desenhando em um bloco, enquanto Rosalie e Emmett preparavam a fundação para um monumental castelo de cartas debaixo da escada; Edward se encontrava ao piano, tocando muito suavemente para si mesmo. Não havia evidências de que o dia estava chegando ao fim, que podia ser hora de comer ou passar aos preparativos para a noite. Alguma coisa intangível tinha mudado na atmosfera. Os Cullen não se esforçavam tanto quanto habitualmente — a fachada humana tinha cedido um pouco, o bastante para Charlie sentir a diferença.

Ele estremeceu, sacudiu a cabeça e suspirou.

— Até amanhã, Bella. — Franziu a testa e acrescentou: — Não é que você não pareça... bem. Vou me acostumar com isso.

— Obrigada, pai.

Charlie assentiu e caminhou pensativamente para o carro. Fiquei observando enquanto ele se afastava; foi só quando ouvi os pneus alcançarem a via expressa que percebi que eu havia conseguido. Tinha passado o dia todo sem machucar Charlie. Sozinha. Eu devia mesmo ter um superpoder!

Pareceu bom demais para ser verdade. Será que eu realmente poderia ter minha família nova e uma parte da antiga ao mesmo tempo? E eu que pensara que o dia anterior havia sido perfeito.

— Uau — sussurrei. Pisquei e senti o terceiro par de lentes de contato se

desintegrando.

O som do piano cessou, e os braços de Edward estavam em minha cintura, seu queixo pousando em meu ombro.

— Você tirou a palavra da minha boca.

— Edward, eu consegui!

— Conseguiu. Você foi inacreditável. Toda aquela preocupação em ser uma recém-criada, e você simplesmente pulou essa fase. — Ele riu baixinho.

— Não tenho certeza nem se ela é mesmo uma vampira, que dirá recém-criada — disse Emmett debaixo da escada. — Ela é mansa demais.

Todos os comentários constrangedores que ele fizera na frente do meu pai tornaram a soar em meus ouvidos, e provavelmente era uma boa coisa que eu estivesse segurando Renesmee. Incapaz de evitar completamente minha reação, rosnei baixo.

— Ahhhh, que medo! — Emmett riu.

Eu sibilei, e Renesmee se agitou em meus braços. Ela piscou algumas vezes, depois olhou em volta, a expressão confusa. Ela cheirou, depois estendeu a mão para o meu rosto.

— Charlie vai voltar amanhã — garanti a ela.

— Ótimo — disse Emmett.

Dessa vez, Rosalie riu com ele.

— Não é inteligente, Emmett — disse Edward com desdém, estendendo as mãos para pegar Renesmee de mim. Ele deu uma piscadela quando hesitei, e então, meio confusa, eu a entreguei a ele.

— O que quer dizer? — perguntou Emmett.

— Não acha que é meio idiota antagonizar com a vampira mais forte da casa?

Emmett lançou a cabeça para trás e riu com desdém.

— Ah, francamente!

— Bella — murmurou Edward para mim enquanto Emmett ouvia com atenção —, você se lembra de alguns meses atrás, quando lhe pedi para me fazer um favor depois que fosse imortal?

Isso me lembrou de alguma coisa. Eu repassei as conversas humanas indistintas. Depois de um momento, lembrei e arfei.

— Ah!

Alice deu uma risada longa, como um trinado. A cabeça de Jacob apareceu na

esquina da cozinha, a boca cheia de comida.

— O que foi? — grunhiu Emmett.

— De verdade? — perguntei a Edward.

— Confie em mim — disse ele.

Respirei fundo.

— Emmett, o que acha de uma pequena aposta?

Ele se colocou de pé imediatamente.

— Excelente. Vamos lá.

Mordi o lábio por um segundo. Ele era imenso.

— A não ser que esteja com muito medo... — disse Emmett.

Endireitei os ombros.

— Você. Eu. Queda-de-braço. Mesa de jantar. Agora.

O sorriso de Emmett se esticou no rosto.

— Hã... Bella — disse Alice rapidamente —, acho que Esme gosta muito dessa mesa. É uma antiguidade.

— Obrigada — sussurrou Esme para ela.

— Tudo bem — disse Emmett com um sorriso radiante. — Por aqui, Bella.

Eu o segui até a garagem dos fundos; podia ouvir todos os outros nos seguindo. Havia um bloco de granito bastante grande se projetando de um monte de pedras perto do rio, e aquele, evidentemente, era o objetivo de Emmett. Embora a pedra fosse meio arredondada e irregular, daria conta do recado.

Emmett posicionou o cotovelo sobre a pedra e acenou para que eu avançasse.

Eu estava nervosa de novo enquanto olhava os músculos volumosos no braço de Emmett, mas mantive a expressão tranquila. Edward me garantira que eu seria mais forte do que todos por algum tempo. Ele parecia muito confiante, e eu me sentia forte. Mas tão forte assim?, perguntei-me, olhando os bíceps de Emmett. No entanto, eu não tinha nem dois dias de idade, e isso devia valer alguma coisa. A não ser que nada fosse normal em mim. Talvez eu não fosse tão forte quanto uma recém-criada normal. Talvez fosse esse o motivo de ser tão fácil me controlar.

Tentei parecer despreocupada enquanto colocava o cotovelo na pedra.

— O.K., Emmett. Se eu vencer, você não pode dizer nem mais uma palavra sobre minha vida sexual a ninguém, nem mesmo a Rose. Nada de alusões, nem insinuações... nada.

Os olhos dele se estreitaram.

— Fechado. Se eu vencer, isso vai ficar muito pior.

Ele ouviu minha respiração parar e sorriu maliciosamente. Não havia vislumbre de blefe em seus olhos.

— Vai desistir tão fácil, maninha? — escarneceu Emmett. — Não há muita ferocidade em você, não é? Aposto que o chalé não tem nem um arranhão. — Ele riu. — Edward lhe contou quantas casas eu e Rose demolimos?

Trinquei os dentes e agarrei sua mão imensa.

— Um, dois...

— Três — grunhiu ele, tentando baixar minha mão.

Nada aconteceu.

Ah, eu podia sentir a força que ele exercia. Minha mente nova parecia muito boa em todos os tipos de cálculo, e assim eu sabia que se ele não estivesse encontrando nenhuma resistência, sua mão teria atravessado a pedra sem dificuldade. A pressão aumentou, e me perguntei ao acaso se um caminhão de cimento descendo por uma ladeira íngreme a 60km/h teria um poder semelhante. Oitenta quilômetros por hora? Cem? Provavelmente mais.

Mas não era o bastante para me deslocar. Sua mão empurrava a minha com uma força esmagadora, mas não era desagradável. Era até bom, de uma forma estranha. Eu estava agindo com muito cuidado desde que acordara, tentando ao máximo não quebrar as coisas. Era um tipo estranho de alívio usar meus músculos. Deixar que a força fluísse em vez de lutar para reprimi-la.

Emmett grunhiu; sua testa se vincou e todo seu corpo ficou tenso em uma linha rígida orientada para o obstáculo da minha mão imóvel. Deixei que ele suasse — em sentido figurado — por um instante enquanto desfrutava a sensação da força louca que corria pelo meu braço.

Depois de alguns segundos, porém, fiquei meio entediada. Forcei; Emmett perdeu uns dois centímetros.

Eu ri. Emmett rosnou asperamente entredentes.

— Fique de boca fechada — eu o adverti, e então esmaguei sua mão na pedra. Um estalo ensurdecedor ecoou pelas árvores. A pedra tremeu e um pedaço — de cerca de um oitavo da massa — soltou-se, caindo no chão, aos pés de Emmett, e eu reprimi o riso.

Podia ouvir as risadas abafadas de Jacob e de Edward.

Emmett chutou o fragmento de pedra, lançando-o do outro lado do rio. Ele cortou ao meio um bordo novo antes de bater na base de um grande abeto, que oscilou e caiu em cima de outra árvore.

— Revanche. Amanhã.

— Não vai diminuir assim tão rápido — eu disse a ele. — Talvez você devesse esperar um mês.

Emmett grunhiu, mostrando os dentes.

— Amanhã.

— Ei, se isso vai deixar você feliz, irmãozão.

Quando se virou para ir embora, Emmett socou o granito, estilhaçando-o numa avalanche de lascas e pó. Foi legal, coisa de criança.

Fascinada com a prova inegável de que eu era mais forte do que o vampiro mais forte que eu conhecia, coloquei a mão na pedra, com os dedos esticados, e então cravei os dedos lentamente, esmagando, em vez de cavando; a consistência fez lembrar queijo duro. Terminei com um punhado de cascalho.

— Legal — murmurei.

Com um sorriso estampado no rosto, subitamente girei num círculo e apliquei um golpe de caratê na pedra com a lateral da mão. A pedra guinchou, gemeu e — com uma grande nuvem de poeira — partiu-se em duas.

Comecei a rir.

Não prestei muita atenção nos risos atrás de mim enquanto socava e chutava o resto da rocha, transformando-a em fragmentos. Estava me divertindo demais, rindo o tempo todo. Foi só quando ouvi uma risadinha nova, um agudo repicar de sinos, que me detive em meu jogo bobo.

— Ela riu?

Todos olhavam Renesmee com a mesma expressão pasma que devia estar em meu rosto.

— Sim — disse Edward.

— Quem não está rindo? — murmurou Jacob, revirando os olhos.

— Não me diga que você não extravasou um pouco na sua primeira vez, cachorro — brincou Edward, sem antagonismo na voz.

— É diferente — disse Jacob, e eu vi, surpresa, ele dar um soco de brincadeira no ombro de Edward. — Era para Bella ser adulta. Casada, mãe, essas coisas. Não devia ter mais dignidade?

Renesmee franziu a testa e tocou o rosto de Edward.

— O que ela quer? — perguntei.

— Menos dignidade — disse Edward com um sorriso. — Ela estava se divertindo tanto quanto eu vendo você brincar.

— Eu sou divertida? — perguntei a Renesmee, voltando em disparada e estendendo as mãos para ela ao mesmo tempo em que ela estendia os braços para mim. Eu a peguei de Edward e lhe ofereci a lasca de pedra na minha mão. — Quer tentar?

Ela abriu seu sorriso cintilante e pegou a pedra com as duas mãos. Então apertou, uma pequena ruga se formando entre as sobrancelhas enquanto se concentrava.

Houve um ruído áspero mínimo e um pouco de pó. Ela franziu a testa e estendeu o naco para mim.

— Vou terminar isso — eu disse, transformando a pedra em areia.

Ela bateu palmas e riu; o som delicioso fez com que todos nos juntássemos a ela.

O sol de repente surgiu através das nuvens, lançando longos feixes de rubi e ouro sobre nós dez, e de imediato me perdi na beleza de minha pele à luz do sol poente. Fiquei deslumbrada com ela.

Renesmee afagou as facetas que brilhavam como diamante, depois pôs o braço ao lado do meu. Sua pele tinha uma luminosidade leve, sutil e misteriosa. Nada que a obrigasse a ficar protegida num dia de sol, como minhas centelhas faiscantes. Ela tocou meu rosto, pensando na diferença e sentindo-se desapontada.

— Você é a mais bonita — garanti a ela.

— Não sei se posso concordar com isso — disse Edward, e quando me virei para responder, o sol em seu rosto me deixou num silêncio pasmo.

Jacob tinha a mão diante do rosto, fingindo proteger os olhos do brilho.

— Bella bizarra — comentou ele.

— Que criatura incrível ela é — murmurou Edward, quase concordando, como se o comentário de Jacob fosse elogioso. Ele estava deslumbrante e deslumbrado.

Foi uma sensação estranha — o que não era de surpreender, imagino, uma vez que agora tudo era estranho — essa de ser boa em alguma coisa. Como humana, eu nunca havia sido a melhor em nada. Não tinha problema em lidar com Renée,

mas provavelmente muita gente poderia ter feito melhor; Phil parecia estar se saindo bem. Eu era uma boa aluna, mas nunca a primeira da turma. Evidentemente, podia ser excluída de qualquer atividade esportiva. Não tinha talentos artísticos nem musicais, nem outros de que me gabar. Ninguém nunca recebeu um troféu por ler livros. Depois de dezoito anos de mediocridade, eu estava acostumada a estar na média. Percebia agora que havia muito tempo eu desistira de quaisquer aspirações de brilhar em alguma coisa. Eu simplesmente fazia o melhor que podia com o que tinha, sem jamais me sentir à vontade em meu mundo.

Então era muito diferente. Agora eu era surpreendente — para eles e para mim. Era como se tivesse nascido para ser vampira. O pensamento me deu vontade de rir, mas também de cantar. Eu tinha encontrado meu verdadeiro lugar no mundo, o lugar onde me encaixava, o lugar onde brilhava.

27. PLANOS DE VIAGEM

DESDE QUE ME TORNARA VAMPIRA, EU LEVAVA A MITOLOGIA MUITO mais a sério.

Em geral, quando pensava nos meus três primeiros meses como imortal, imaginava como o fio de minha vida devia se mostrar no tear do Destino — quem sabia se isso realmente existia? Eu tinha certeza de que meu fio devia ter mudado de cor; pensava que provavelmente começara como um belo bege, algo que dava apoio e não era nada agressivo, algo que ficaria bem ao fundo. Agora eu tinha a sensação de que devia ser vermelho vivo, ou talvez ouro radiante.

A tapeçaria da família e dos amigos que se entrelaçava à minha volta era algo belo e cintilante, cheio das cores vivas e complementares dos outros.

Fiquei surpresa com algumas das tramas que vim a incluir em minha vida. Os lobisomens, com suas cores sóbrias e amadeiradas, não eram algo que eu esperara; Jacob, é claro, e Seth também. Mas meus velhos amigos Quil e Embry tornaram-se parte do tecido quando se uniram à matilha de Jacob, e até mesmo Sam e Emily eram cordiais. As tensões entre nossas famílias se atenuaram, principalmente por causa de Renesmee. Era fácil amá-la.

Sue e Leah Clearwater também estavam entrelaçadas em nossa vida — outras duas que eu não previra.

Sue parecia ter tomado a si a tarefa de facilitar a transição de Charlie para o mundo do faz de conta. Ela ia com ele à casa dos Cullen na maioria das vezes, embora nunca parecesse verdadeiramente à vontade ali, como o filho e a maior parte da matilha de Jake. Ela não falava muito; só rondava Charlie, protetora. Ela era sempre a primeira pessoa para a qual ele olhava quando Renesmee fazia alguma coisa perturbadoramente precoce — o que acontecia com frequência. Em resposta, Sue olhava Seth como quem diz: É, nem me fale.

Leah sentia-se ainda menos à vontade do que Sue e era a única parte de nossa família recém-ampliada francamente hostil à fusão, mas ela e Jacob tinham uma nova camaradagem que a mantinha perto de todos nós. Uma vez perguntei a ele sobre isso — hesitante; eu não queria me intrometer, mas a relação era tão

diferente do que eu me acostumara que me deixou curiosa. Ele deu de ombros e me disse que era coisa de matilha. Ela agora era a segunda em comando, sua "beta", como havia muito eu chamara.

— Cheguei à conclusão de que, se tinha de entrar para valer nessa história de alfa — explicou Jacob —, era melhor acatar as formalidades.

A nova responsabilidade fez Leah sentir a necessidade de consultá-lo com frequência, e como ele estava sempre com Renesmee...

Leah não se sentia feliz perto de nós, mas era uma exceção. A felicidade era o principal componente de minha vida, o padrão dominante na tapeçaria. Tanto que meu relacionamento com Jasper agora era muito mais próximo do que eu jamais havia sonhado.

No início, porém, isso me deixava muito irritada.

— Puxa! — queixei-me com Edward numa noite depois que colocamos Renesmee no berço de ferro batido. — Se não matei Charlie e Sue até agora, provavelmente isso não vai mais acontecer. Queria que Jasper parasse de me rondar o tempo todo!

— Ninguém duvida de você, Bella, nem de leve — garantiu-me ele. — Você sabe como Jasper é... Ele não consegue resistir a um bom clima emocional. Você está tão feliz o tempo todo, amor, que ele gravita para você sem pensar.

E, então, Edward me abraçou com força, porque nada o deixava mais feliz do que meu êxtase transbordante naquela nova vida.

E eu vivia eufórica na maior parte do tempo. Os dias não eram longos o bastante para que eu me fartasse de adorar minha filha; as noites não tinham horas suficientes para satisfazer minha necessidade de Edward.

Mas havia um avesso nessa alegria. Se se virasse o tecido de nossa vida, eu imaginava que o desenho no verso exibiria opacos tons de cinza — de dúvida e medo.

Renesmee falou sua primeira palavra quando tinha exatamente uma semana de idade. A palavra foi mamãe, o que me teria feito ganhar o dia, não fosse eu ficar tão assustada com seu avanço, que mal consegui forçar um sorriso para ela em meu rosto paralisado. Não ajudou nada que ela passasse da primeira palavra à primeira frase num fôlego só. "Mamãe, cadê o vovô?", ela havia perguntado, numa potente e límpida voz de soprano, só se dando ao trabalho de falar porque eu estava do outro lado da sala. Já havia perguntado a Rosalie, usando seus meios

de comunicação normais (ou anormais, de outro ponto de vista). Rosalie não soubera a resposta, então Renesmee recorrera a mim.

Quando ela andou pela primeira vez, menos de três semanas depois, foi semelhante. Ela simplesmente observou Alice por um longo tempo, vendo a tia arrumar buquês nos vasos espalhados pela sala, bailando de um lado para o outro com os braços cheios de flores. Renesmee ficou de pé, nem um pouco vacilante, e atravessou a sala demonstrando quase a mesma elegância.

Jacob explodira num aplauso, porque claramente era essa a reação que Renesmee queria. A ligação que ele tinha com ela tornava suas próprias reações secundárias; seu primeiro reflexo era sempre dar a Renesmee o que ela precisava. Mas nossos olhos se encontraram e eu vi todo o pânico dos meus refletido nos dele. Bati palmas também, tentando esconder o medo. Edward aplaudiu silenciosamente, ao meu lado, e não precisamos falar para saber que pensávamos o mesmo.

Edward e Carlisle se lançaram à investigação, procurando qualquer resposta, alguma coisa a esperar. Havia muito pouco a ser encontrado, e nada era passível de verificação.

Alice e Rosalie, em geral, começavam nosso dia com um desfile de moda. Renesmee nunca usava a mesma roupa duas vezes — em parte porque crescia rápido demais e as roupas ficavam pequenas, em parte porque Alice e Rosalie estavam tentando fazer um álbum de bebê que parecesse abranger anos, não semanas. Elas tiravam milhares de fotos, documentando cada fase de sua infância acelerada.

Aos três meses, Renesmee podia ser uma menina grande de um ano, ou uma de dois, pequena. Seu corpo não tinha o formato exato do de uma criança dessa idade; ela era mais magra e mais graciosa, as proporções mais equilibradas, como as de um adulto. Seus cachos de bronze pendiam até a cintura; eu não suportava a ideia de cortá-los, mesmo que Alice permitisse. Renesmee podia falar com gramática e articulação impecáveis, mas raras vezes se dava ao trabalho, preferindo simplesmente mostrar às pessoas o que queria. Ela não só podia andar, como também correr e dançar. Até mesmo ler ela sabia.

Estava lendo Tennyson para ela uma noite porque o fluxo e o ritmo de sua poesia pareciam repousantes. (Eu tinha de pesquisar constantemente em busca de material novo; Renesmee não gostava de repetição em suas histórias antes de

dormir, como supostamente outras crianças queriam, e não tinha paciência com livros de imagens.) Ela estendeu a mão e tocou meu rosto, em sua mente a imagem de nós duas, só que com ela segurando o livro. Eu o entreguei a ela, sorrindo.

— "Há uma doce melodia aqui" — ela leu sem hesitar — "que cai mais suave do que pétalas de rosa na relva, ou o orvalho em águas tranquilas entre paredes de granito escuras, em um..."

Estendi a mão como um robô para pegar o livro de volta.

— Se você ler, como vai dormir? — perguntei numa voz que mal ocultava o tremor.

Pelos cálculos de Carlisle, o crescimento do corpo dela desacelerava aos poucos; sua mente continuava a disparar à frente. Mesmo que a taxa de diminuição se mantivesse, ela ainda assim seria uma adulta em no máximo quatro anos.

Quatro anos! E uma velha aos quinze.

Só quinze anos de vida!

Mas ela era tão saudável. Cheia de vida, brilhante, radiante e feliz. Seu bem-estar evidente me facilitava aproveitar a felicidade com ela no momento e deixar o futuro para depois.

Carlisle e Edward discutiam nossas opções para o futuro, de cada ângulo, em vozes baixas que eu tentava não ouvir. Eles nunca tinham essas discussões quando Jacob estava por perto, porque havia uma maneira segura de deter o envelhecimento, e não era uma coisa que deixaria Jacob animado. Eu não ficava. É perigoso demais!, gritavam meus instintos para mim. Jacob e Renesmee pareciam semelhantes de tantas maneiras, ambos seres híbridos, duas coisas ao mesmo tempo. E toda a tradição dos lobisomens insistia que o veneno de vampiro era uma sentença de morte e não um caminho para a imortalidade...

Carlisle e Edward tinham esgotado a pesquisa que podiam fazer a distância, e agora estávamos nos preparando para rastrear antigas lendas em sua fonte. Íamos voltar ao Brasil, começando por lá. Os ticunas tinham lendas sobre crianças como Renesmee... Se outras crianças como ela já tinham existido, talvez ainda perdurasse alguma história da expectativa de vida de crianças semimortais...

A única pergunta real que restava era quando iríamos exatamente.

Eu era o empecilho. Em parte porque queria ficar perto de Forks até depois

dos feriados, por causa de Charlie. Mais do que isso, porém, havia uma viagem diferente que eu sabia que viria primeiro — essa era claramente a prioridade. Além disso, devia ser uma viagem solitária.

Aquela foi a única discussão que Edward e eu tivemos desde que eu me tornara vampira. O ponto principal de discórdia era a parte "solitária". Mas os fatos eram o que eram, e meu plano era o único racional. Eu tinha de ir ver os Volturi, e tinha de fazer isso absolutamente só.

Mesmo livre dos antigos pesadelos, de todos os sonhos, era impossível esquecer os Volturi. Nem eles nos deixavam sem lembretes.

Até o dia em que o presente de Aro apareceu, eu não sabia que Alice havia mandado uma participação do casamento aos líderes Volturi; estávamos longe, na ilha de Esme, quando ela teve uma visão da guarda Volturi — Jane e Alec, os gêmeos de poder arrasador, entre eles. Caius pretendia mandar batedores para ver se eu ainda era humana, contra o édito deles (por eu saber sobre o mundo secreto dos vampiros, deveria me tornar um deles ou ser silenciada... para sempre). Então Alice mandara o convite pelo correio, vendo que isso faria com que eles adiassem a viagem enquanto decifravam o significado por trás daquilo. Mas um dia eles viriam. Era certo.

O presente em si não era abertamente ameaçador. Extravagante, sim, quase apavorante na extravagância. A ameaça estava na frase de despedida do bilhete de congratulações de Aro, escrito em tinta preta de próprio punho em um papel branco e pesado:

Espero ansiosamente a oportunidade
de ver pessoalmente a nova Sra. Cullen.

O presente se apresentava em uma antiga caixa de madeira entalhada e incrustada com ouro e madrepérola, ornamentada com um arco-íris de pedras preciosas. Alice disse que a caixa em si era um tesouro inestimável, que superaria qualquer joia, menos aquela que continha.

— Sempre me perguntei onde foram parar as joias da coroa quando João da Inglaterra as penhorou no século XIII — disse Carlisle. — Acho que não me surpreende que os Volturi tenham algumas delas.

O colar era simples — ouro trançado em uma corrente grossa, quase em escamas, como uma serpente lisa que se fechava em torno do pescoço. Uma joia

pendia da corrente: um diamante branco do tamanho de uma bola de golfe.

O lembrete nada sutil no bilhete de Aro me interessou mais do que a joia. Os Volturi precisavam ver que eu era imortal, que os Cullen tinham obedecido às suas ordens, e precisavam ver isso logo. Não podíamos permitir que se aproximassem de Forks. E só havia uma maneira de manter segura nossa vida ali.

— Você não irá sozinha — insistira Edward entredentes, as mãos se fechando com força.

— Eles não vão me machucar — eu disse, tão tranquilizadora quanto pude, forçando minha voz a parecer segura. — Eles não têm motivos. Eu sou uma vampira. Caso encerrado.

— Não. De forma alguma.

— Edward, é a única maneira de protegê-la.

E ele não conseguira argumentar contra isso. Minha lógica era categórica.

Mesmo no curto tempo em que estivera com Aro, pude ver que ele era um colecionador — e seus tesouros mais valiosos eram suas peças vivas. Ele cobiçava a beleza, o talento e a raridade em seus seguidores imortais mais do que qualquer joia trancada em seus cofres. Já era muita infelicidade que ele tivesse começado a cobiçar as habilidades de Alice e de Edward. Eu não lhe daria nenhum outro motivo para ter inveja da família de Carlisle. Renesmee era linda, dotada e única — ela era singular. Não podíamos permitir que ele a visse, nem mesmo através dos pensamentos de alguém.

E eu era a única cujos pensamentos ele não podia ouvir. É claro que eu iria só.

Alice não via nenhum problema com minha viagem, mas estava preocupada com o caráter indistinto de suas visões. Disse que algumas vezes elas eram igualmente nebulosas quando havia decisões externas que podiam entrar em conflito, mas que ainda não tinham sido resolvidas. Essa incerteza fez Edward, já hesitante, opor-se veementemente ao que eu tinha de fazer. Ele queria ir comigo até minha conexão em Londres, mas eu não deixaria Renesmee sem ambos os pais. Carlisle iria, então, o que nos deixou — Edward e eu — um pouco mais relaxados, sabendo que Carlisle só estaria a algumas horas de distância de mim.

Alice continuou investigando o futuro, mas as coisas que encontrava não eram relacionadas com o que procurava. Uma nova tendência no mercado de ações; uma possível visita de reconciliação de Irina, embora a decisão dela não fosse firme; uma tempestade de neve que só chegaria dali a seis semanas; uma ligação

de Renée (eu estava ensaiando minha voz "áspera", e me aprimorava a cada dia — para Renée, eu ainda estava doente, mas me recuperando).

Compramos a passagem para a Itália um dia depois de Renesmee completar três meses. Eu pretendia que fosse uma viagem muito curta, então não contei a Charlie sobre ela. Jacob sabia e concordava com Edward. Mas naquele dia a discussão era sobre o Brasil. Jacob estava decidido a ir conosco.

Nós três, Jacob, Renesmee e eu, estávamos caçando juntos. A dieta de sangue animal não era a preferida de Renesmee — e era por isso que Jacob tinha permissão para nos acompanhar. Jacob criara uma competição entre eles, e isso a deixava mais disposta a ir que qualquer outra coisa.

Renesmee sabia com muita clareza a história do bem e do mal no que dizia respeito a caçar humanos; ela só pensava que o sangue doado era uma boa solução conciliatória. O alimento humano a satisfazia e parecia compatível com seu organismo, mas ela reagia a todas as variedades de alimentos sólidos com a mesma resistência martirizada que um dia eu tivera com couve-flor e feijão. O sangue animal era melhor do que isso, pelo menos. Renesmee tinha uma natureza competitiva, e o desafio de derrotar Jacob a deixava animada para caçar.

— Jacob — eu disse, tentando argumentar com ele de novo, enquanto Renesmee dançava à nossa frente na longa clareira, procurando um cheiro de que gostasse. — Você tem obrigações aqui. Seth, Leah...

Ele bufou.

— Não sou a babá da minha matilha. Seja como for, todos eles têm responsabilidades em La Push.

— Como você? Oficialmente, você está largando a escola? Se não quer ficar atrás de Renesmee, vai ter de estudar muito mais.

— É só uma licença. Vou voltar à escola quando as coisas... se acalmarem.

Perdi minha concentração na discussão quando ele disse isso, e automaticamente nós dois olhamos para Renesmee. Ela fitava os flocos de neve flutuando acima de sua cabeça, derretendo antes de chegar à relva amarelada na longa campina em forma de uma ponta de flecha, onde estávamos. Seu vestido marfim de babados era um tom mais escuro do que a neve, e os cachos castanho-avermelhados brilhavam, embora o sol estivesse escondido atrás das nuvens.

Enquanto olhávamos, ela se agachou por um instante e então saltou cinco metros no ar. Suas mãozinhas agarraram um floco e ela caiu de pé com leveza.

Ela se virou para nós com seu sorriso perturbador — sinceramente, não era algo com que você pudesse se acostumar — e abriu as mãos para nos mostrar a estrela de gelo numa forma perfeita de oito pontas em sua palma antes de derreter.

— Lindo — disse Jacob a ela. — Mas acho que você está protelando, Nessie.

Ela saltou para Jacob; ele estendeu os braços no momento exato em que ela pulou neles. Eles tinham a sincronia perfeita. Ela fazia isso quando tinha algo a dizer. Ainda preferia não falar.

Renesmee tocou o rosto dele, numa careta adorável, quando todos ouvimos o som de um pequeno rebanho de alces andando na floresta.

— Claaro que não está com sede, Nessie — respondeu Jacob, meio sarcástico, porém mais indulgente que qualquer outra coisa. — Você tem medo que eu pegue o maior de novo!

Ela pulou dos braços de Jacob, pousando suavemente no chão, e revirou os olhos — parecia tanto com Edward quando fazia isso! Então correu na direção das árvores.

— Deixe que eu vou — disse Jacob quando eu me inclinei para segui-la. Ele arrancou a camiseta enquanto disparava atrás dela na floresta, já tremendo. — Não conta se você trapacear — gritou ele para Renesmee.

Eu sorri para as folhas que eles deixaram flutuando, sacudindo a cabeça. Às vezes, Jacob era mais criança do que Renesmee.

Fiquei parada, dando a meus caçadores alguns minutos de dianteira. Seria muito simples localizá-los, e Renesmee adoraria me surpreender com o tamanho de sua presa.

A campina estreita estava muito silenciosa, muito vazia. A neve que flutuava afinava acima de mim, quase sumindo. Alice tinha visto que não ia durar muitas semanas.

Em geral, Edward e eu íamos juntos nessas excursões de caça. Mas Edward estava com Carlisle, planejando a viagem ao Rio, conversando na ausência de Jacob... Franzi o cenho. Quando voltasse, eu ficaria do lado de Jacob. Ele devia ir conosco. Ele tinha tanto interesse nisso quanto qualquer um de nós — toda a sua vida estava em risco, como a minha.

Enquanto meus pensamentos se perdiam no futuro próximo, meus olhos varreram a encosta da montanha por rotina, procurando presas, procurando

perigos. Eu não pensava nisso; o impulso era automático.

Ou talvez houvesse um motivo para minha varredura, algum estímulo minúsculo que meus sentidos aguçados tinham captado antes que eu o percebesse conscientemente.

Enquanto meus olhos percorriam a beira de um penhasco distante, destacando o cinza-azulado contra a floresta verde-escura, um brilho de prata — ou seria ouro? — chamou minha atenção.

Meu olhar concentrou-se na cor que não devia estar lá, tão longe na névoa que uma águia não teria sido capaz de distinguir. Eu a fitei.

Ela me fitou de volta.

Que era uma vampira, isso era evidente. Sua pele era branca como o mármore, a textura um milhão de vezes mais lisa do que a pele humana. Mesmo sob as nuvens, ela cintilava um pouco. Se sua pele não a tivesse entregado, sua imobilidade o teria feito. Só os vampiros e as estátuas poderiam ficar tão perfeitamente imóveis.

Seu cabelo era de um louro muito, muito claro, quase prateado. Fora esse o brilho que meus olhos perceberam. Pendia reto como uma régua até a altura do queixo, dividido no meio.

Ela era estranha para mim. Eu tinha certeza absoluta de nunca tê-la visto, mesmo como humana. Nenhum dos rostos em minha memória enevoada era igual àquele. Mas soube imediatamente de quem se tratava, devido aos olhos dourados escuros.

Irina decidira vir, afinal.

Por um momento eu olhei, e ela retribuiu o olhar. Perguntei-me se ela também deduziria logo quem eu era. Eu ergui a mão a meio caminho, prestes a acenar, mas seu lábio se retorceu levemente, tornando seu rosto hostil de repente.

Ouvi o grito de vitória de Renesmee na floresta, ouvi o uivo de Jacob e vi o rosto de Irina se virar por reflexo para o som quando ele ecoou até ela, alguns segundos depois. Seu olhar se voltou para a direita, e eu sabia o que ela estava vendo. Um enorme lobisomem ruivo, talvez o mesmo que havia matado seu Laurent. Quanto tempo ela estivera nos observando? O suficiente para ver nossa conversa afetuosa antes, eu tinha certeza.

Seu rosto teve um espasmo de dor.

Por instinto, abri as mãos na minha frente num gesto de quem se desculpa.

Ela se voltou para mim e seu lábio recuou sobre os dentes. Seu queixo travou enquanto ela grunhia.

Quando o som fraco chegou até mim, ela já havia se virado e desaparecido na floresta.

— Droga! — gemi.

Disparei para a floresta atrás de Renesmee e Jacob, sem querer tê-los fora de minhas vistas. Eu não sabia que direção Irina tomara, ou exatamente até que ponto estava furiosa. A vingança era uma obsessão comum para os vampiros, uma obsessão que não era fácil de reprimir.

Correndo a toda, só precisei de dois segundos para alcançá-los.

— O meu é maior — ouvi Renesmee insistir quando irrompi pelos arbustos densos até o pequeno espaço aberto onde eles estavam.

As orelhas de Jacob se achataram quando ele viu minha expressão; ele se agachou, mostrando os dentes — seu focinho estava sujo do sangue de sua presa. Os olhos percorreram a floresta. Eu podia ouvir o rosnado se formando em sua garganta.

Renesmee estava tão alerta quanto Jacob. Abandonando o cervo morto a seus pés, ela saltou em meus braços estendidos, pressionando as mãos curiosas contra o meu rosto.

— Estou exagerando — assegurei-lhes rapidamente. — Está tudo bem, eu acho. Esperem.

Peguei o celular e acionei a discagem rápida. Edward atendeu no primeiro toque. Jacob e Renesmee ouviam com atenção enquanto eu informava Edward.

— Venha e traga Carlisle. — Eu falava tão rápido, que me perguntei se Jacob podia me acompanhar. — Vi Irina e ela me viu, mas depois ela viu Jacob, ficou louca e saiu correndo, eu acho. Ela não apareceu aqui... pelo menos não ainda... mas parecia muito perturbada, então talvez venha. Se não vier, você e Carlisle têm de ir atrás dela para conversar. Eu me sinto muito mal.

Jacob rosnou.

— Chegaremos em meio minuto — Edward me asseverou, e pude ouvir o silvo do vento provocado por sua disparada.

Corremos de volta à longa campina e esperamos em silêncio, enquanto Jacob e eu nos mantínhamos atentos ao som de uma aproximação que não reconhecêssemos.

Quando o som chegou, porém, era muito familiar. E então Edward estava ao meu lado, Carlisle alguns segundos atrás. Fiquei surpresa ao ouvir o ruído de patas pesadas atrás de Carlisle. Ocorreu-me que eu não devia estar surpresa. Com Renesmee correndo um risco mesmo remoto, era claro que Jacob chamaria reforços.

— Ela estava naquela beirada — eu lhes contei, apontando para o local. Se Irina estava fugindo, já teria uma boa dianteira. Será que pararia e ouviria Carlisle? Sua expressão de antes me fez pensar que não. — Talvez vocês devessem ligar para Emmett e Jasper e pedir para irem com vocês. Ela parecia... muito perturbada. Ela grunhiu para mim.

— Como é? — perguntou Edward com raiva.

Carlisle pôs a mão no braço dele.

— Ela está de luto. Vou atrás dela.

— Eu vou com você — insistiu Edward.

Eles trocaram um longo olhar — talvez Carlisle estivesse sopesando a irritação de Edward com a utilidade dele como leitor de pensamentos. Por fim Carlisle assentiu e eles partiram à procura do rastro, sem chamar por Jasper ou Emmett.

Jacob bufou de impaciência e cutucou minhas costas com o focinho. Ele devia querer Renesmee de volta à segurança da casa, só por precaução. Concordei e corremos para casa, com Seth e Leah em nossos flancos.

Renesmee estava complacente em meus braços, uma das mãos ainda pousada em meu rosto. Como a excursão de caça fora abortada, ela teria de se virar com sangue doado. Seus pensamentos eram meio insolentes.

28. O FUTURO

CARLISLE E EDWARD NÃO CONSEGUIRAM ALCANÇAR IRINA ANTES QUE seu rastro desaparecesse no estreito. Eles nadaram até a outra margem para ver se recuperavam o rastro em uma linha reta, mas não havia vestígio dela por quilômetros em nenhuma direção na margem leste.

Foi tudo culpa minha. Ela viera, como tinha previsto Alice, para fazer as pazes com os Cullen, e acabou enfurecida por minha camaradagem com Jacob. Eu queria ter percebido sua presença antes de Jacob se metamorfosear. Queria que tivéssemos ido caçar em outro lugar.

Não havia muito a ser feito. Carlisle ligou para Tanya com a notícia decepcionante. Tanya e Kate não viam Irina desde que decidiram vir a meu casamento, e elas ficaram perturbadas por Irina ter chegado tão perto e não ter voltado para casa; não era fácil para elas perder a irmã, mesmo que a separação fosse temporária. Perguntei-me se aquilo lhe trazia duras lembranças da perda da mãe, tantos séculos antes.

Alice conseguiu pegar alguns vislumbres do futuro imediato de Irina, mas nada concreto. Ela não ia voltar aos Denali, pelo que Alice podia dizer. A imagem era nebulosa. Tudo o que Alice podia ver era que Irina estava perturbada; vagava por regiões cobertas de neve — para o norte? para o leste? —, com uma expressão arrasada. Sem nenhum novo destino além de sua aflição, sem rumo.

Os dias se passaram, e embora evidentemente eu não me esquecesse de nada, Irina e sua dor passaram ao fundo de minha mente. Havia coisas mais importantes a pensar. Eu partiria para a Itália dali a alguns dias. Quando voltasse, todos iríamos para a América do Sul.

Cada detalhe fora repassado mil vezes. Começaríamos pelos ticunas, rastreando suas lendas na fonte o melhor que pudéssemos. Agora que estava decidido que Jacob iria conosco, ele ocupava com proeminência um lugar nos planos — era improvável que o povo que acreditava em vampiros contasse suas histórias a qualquer um de nós. Se chegássemos a um beco sem saída com os

ticunas, havia muitas tribos relacionadas na área a pesquisar. Carlisle tinha alguns velhos amigos na Amazônia; se conseguíssemos encontrá-los, talvez tivessem informações para nós. Ou pelo menos uma sugestão de onde procurar respostas. Era improvável que os três vampiros da Amazônia tivessem alguma coisa a ver com as lendas de vampiros híbridos, uma vez que eram, todos, mulheres. Não havia como saber quanto tempo nossa pesquisa levaria.

Eu ainda não havia contado a Charlie sobre nossa longa viagem e ruminava sobre o que dizer a ele enquanto a discussão de Edward e Carlisle continuava. Como dar a notícia a ele da maneira correta?

Olhei para Renesmee enquanto deliberava intimamente. Ela estava enroscada no sofá, a respiração lenta, no sono pesado, os cachos esparramados em torno de seu rosto. Em geral, Edward e eu a levávamos para o nosso chalé para colocá-la para dormir, mas naquela noite ficamos com a família, ele e Carlisle imersos em sua sessão de planejamento.

Enquanto isso, Emmett e Jasper estavam mais animados com o planejamento das possibilidades de caça. A Amazônia oferecia uma variação de nossas presas normais. Onças-pintadas e suçuaranas, por exemplo. Emmett tinha a fantasia de lutar com uma anaconda. Esme e Rosalie planejavam o que levar. Jacob estava com a matilha de Sam, colocando as coisas em ordem para sua ausência.

Alice se movia lentamente — para ela — pelo salão, arrumando desnecessariamente o espaço já imaculado, endireitando as guirlandas de Esme que pendiam perfeitas. Ela estava ajeitando de novo os vasos de Esme no console da lareira. Eu podia ver, pelo modo como sua expressão se alternava — consciente, depois inexpressiva, novamente consciente — que ela vasculhava o futuro. Imaginei que tentava ver através dos pontos cegos que Jacob e Renesmee provocavam em suas visões, saber o que esperava por nós na América do Sul, até Jasper falar: "Deixe para lá, Alice; ela não é nossa preocupação", e uma nuvem de serenidade se esgueirou silenciosa e invisível na sala. Alice devia estar preocupada com Irina de novo.

Ela mostrou a língua para Jasper e ergueu um vaso de cristal cheio de rosas brancas e vermelhas, voltando-se para a cozinha. Uma das flores brancas a mostrar um minúsculo sinal de que começava a murchar, mas Alice parecia querer a perfeição completa como uma distração para sua falta de visão esta noite.

Olhando Renesmee de novo, não vi quando o vaso escorregou dos dedos de

Alice. Só ouvi o silvo do ar assoviando pelo cristal, e meus olhos se voltaram a tempo de ver o vaso se espatifar em dez mil lascas brilhantes no piso de mármore da cozinha.

Ficamos completamente imóveis enquanto o cristal fragmentado quicava e se espalhava para todo lado com um tinido musical, todos os olhos nas costas de Alice.

Meu primeiro pensamento ilógico foi que Alice estava fazendo alguma brincadeira conosco. Porque não era possível que tivesse largado o vaso por acidente. Eu mesma podia ter atravessado a sala e pegado o vaso em pleno ar, se não tivesse suposto que ela o pegaria. E, para início de conversa, como ele cairia de seus dedos? Seus dedos perfeitamente seguros...

Eu nunca vira um vampiro deixar cair nada por acidente. Nunca!

E então Alice virou-se para nós, girando o corpo num movimento tão rápido, que parecia não ter acontecido.

Seus olhos estavam ali e meio presos no futuro, arregalados, fixos, enchendo-lhe o rosto fino até que pareceram transbordar dele. Olhar em seus olhos era como olhar de dentro de um túmulo; eu me vi sepultada no terror, no desespero e na agonia de seu olhar.

Ouvi Edward arquejar; foi um som entrecortado e meio sufocado.

— O que foi? — Jasper grunhiu, saltando para o lado dela num movimento rápido, esmagando o cristal quebrado sob os pés. Ele pegou os ombros de Alice e a sacudiu bruscamente. Ela pareceu chocalhar em silêncio em suas mãos. — O que foi, Alice?

Emmett moveu-se em minha visão periférica, os dentes expostos enquanto os olhos disparavam para a janela, antecipando um ataque.

De Esme, Carlisle e Rose, que estavam paralisados, como eu, só vinha o silêncio.

Jasper sacudiu Alice de novo.

— O que é?

— Eles estão vindo — Alice e Edward sussurraram juntos, perfeitamente sincronizados. — Todos eles.

Silêncio.

Pela primeira vez, fui a primeira a entender — porque alguma coisa em suas palavras acionou minha própria visão. Era só a lembrança distante de um sonho

— fraca, transparente, indistinta, como se eu olhasse através de uma gaze espessa... Em minha cabeça, vi uma fila de preto avançando para mim, o fantasma de meu pesadelo humano semiesquecido. Eu não podia ver o brilho de seus olhos rubi na imagem toldada, ou a cintilação de seus dentes molhados e afiados, mas sabia onde o brilho devia estar...

Mais forte do que a lembrança da visão veio a lembrança da sensação — a necessidade esmagadora de proteger a coisa preciosa atrás de mim.

Eu queria pegar Renesmee rapidamente nos braços, escondê-la atrás de minha pele e de meu cabelo, torná-la invisível. Mas não conseguia nem mesmo me virar para olhá-la. Sentia-me não como pedra, mas gelo. Pela primeira vez desde que renascera como vampira, eu senti frio.

Eu mal ouvi a confirmação de meus temores. Não precisava. Eu já sabia.

— Os Volturi — gemeu Alice.

— Todos eles — murmurou Edward ao mesmo tempo.

— Por quê? — sussurrou Alice consigo mesma. — Como?

— Quando? — sussurrou Edward.

— Por quê? — Esme fez eco.

— Quando? — repetiu Jasper numa voz de gelo se rachando.

Os olhos de Alice não piscaram, mas era como se um véu os cobrisse; ficaram completamente inexpressivos. Só sua boca mantinha a expressão de pavor.

— Não demorará — disseram ela e Edward ao mesmo tempo. Depois ela falou sozinha. — Há neve na floresta, neve na cidade. Pouco mais de um mês.

— Por quê? — Foi a vez de Carlisle perguntar.

Esme respondeu.

— Eles devem ter um motivo. Talvez para ver...

— Não se trata de Bella — disse Alice com a voz vazia. — Estão vindo todos... Aro, Caius, Marcus, todos os membros da guarda, até as esposas.

— As esposas nunca saem da torre — Jasper a contradisse, numa voz monótona. — Nunca saíram. Nem durante a rebelião do sul. Nem quando os romenos tentaram destroná-los. Nem mesmo quando perseguiram as crianças imortais. Nunca.

— Estão vindo agora — sussurrou Edward.

— Mas por quê? — repetiu Carlisle. — Não fizemos nada! E, se fizemos, o que pode ter sido, para provocar isso?

— Nós somos muitos — respondeu Edward. — Eles devem querer se assegurar de que... — Ele não terminou.

— Isso não responde à pergunta crucial! Por quê?

Senti que sabia a resposta à pergunta de Carlisle, e no entanto ao mesmo tempo não sabia. Renesmee era o motivo, eu tinha certeza. De algum modo eu sabia, desde o início, que eles viriam atrás dela. Meu subconsciente me alertara antes de eu saber que a estava carregando. Agora isso parecia estranhamente esperado. Como se eu, de algum modo, sempre soubesse que os Volturi viriam tirar a felicidade de mim.

Mas isso ainda não respondia a pergunta.

— Volte, Alice — pediu Jasper. — Procure o que a levou a ver. Investigue.

Alice sacudiu a cabeça devagar, os ombros arriando.

— Veio do nada, Jazz. Eu não procurava por eles, nem por nós. Só procurava Irina. Ela não estava onde eu esperava... — Alice se interrompeu, os olhos novamente à deriva. Ficou fitando o vazio por um longo segundo.

E então sua cabeça se ergueu de súbito, os olhos duros como sílex. Ouvi Edward prender a respiração.

— Ela decidiu procurá-los — disse Alice. — Irina decidiu procurar os Volturi. E então eles vão decidir... É como se a esperassem. Como se a decisão deles já estivesse tomada, e eles só estivessem esperando por ela...

Fez-se silêncio de novo enquanto digeríamos a informação. O que Irina diria aos Volturi que resultaria na visão aterradora de Alice?

— Podemos impedi-la? — perguntou Jasper.

— Não há como. Ela está quase lá.

— O que ela está fazendo? — perguntou Carlisle, mas eu não prestava atenção na discussão. O meu foco estava todo na imagem que dolorosamente ia se formando em minha mente.

Visualizei Irina equilibrada no penhasco, observando. O que ela tinha visto? Uma vampira e um lobisomem que eram amigos. Eu havia me concentrado nessa imagem, que obviamente explicaria sua reação. Mas não era só isso que ela tinha visto.

Também vira a criança. Uma criança extraordinariamente bonita, se exibindo na neve que caía, claramente mais do que humana...

Irina... as irmãs órfãs... Carlisle tinha dito que perder a mãe para a justiça dos

Volturi deixara Tanya, Kate e Irina puristas quando se tratava da lei.

Havia apenas meio minuto, Jasper tinha dito ele mesmo as palavras: Nem mesmo quando perseguiram as crianças imortais... As crianças imortais — a proibição execrável, o tabu consternador...

Com o passado de Irina, como teria ela qualquer outra interpretação do que vira nesse dia no campo estreito? Ela não chegara perto o bastante para ouvir o coração de Renesmee, sentir o calor irradiando de seu corpo. Para Irina, as bochechas rosadas de Renesmee podiam ser um truque de nossa parte.

Afinal, os Cullen estavam em aliança com os lobisomens. Do ponto de vista de Irina, talvez isso significasse que nada estava fora de nosso alcance...

Irina, torcendo as mãos na vastidão nevada — não pranteando Laurent, afinal, mas sabendo que era seu dever denunciar os Cullen, sabendo o que aconteceria a eles se ela o fizesse. Ao que parecia, sua consciência tinha vencido os séculos de amizade.

E a reação dos Volturi a tal tipo de infração era tão automática, que já estava decidido.

Virei-me e me dobrei sobre o corpo adormecido de Renesmee, cobrindo-a com meu cabelo, enterrando meu rosto em seus cachos.

— Pensem no que ela viu naquela tarde — eu disse em voz baixa, interrompendo o que Emmett começava a dizer. — Para alguém que perdeu a mãe por causa das crianças imortais, o que Renesmee pareceria?

O silêncio sobreveio novamente enquanto os outros apreendiam o que eu já sabia.

— Uma criança imortal — sussurrou Carlisle.

Senti Edward se ajoelhar ao meu lado, passando os braços em torno de nós duas.

— Mas ela está errada — continuei. — Renesmee não é como as outras crianças. Elas foram paralisadas, mas ela cresce tanto todos os dias. Elas não tinham controle, mas Renesmee nunca machucou Charlie, nem Sue, nem lhes mostrou coisas que os perturbasse. Ela consegue se controlar. Ela já é mais sabida do que a maioria dos adultos. Não haveria motivo...

Continuei tagarelando, esperando que alguém desse um suspiro de alívio, esperando que a tensão gélida na sala relaxasse à medida que percebiam que eu tinha razão. Mas a sala só pareceu ficar mais fria. Por fim minha voz fina foi

morrendo, até silenciar.

Ninguém falou por um bom tempo.

Então Edward sussurrou em meu cabelo:

— Esse não é o tipo de crime que eles se deem ao trabalho de julgar, amor. Aro viu a prova de Irina nos pensamentos dela. Eles vêm para destruir, não para argumentar.

— Mas eles estão errados — eu disse obstinadamente.

— Eles não vão esperar que mostremos isso.

Sua voz ainda era baixa, gentil, aveludada... e no entanto a dor e a desolação naquele som eram inevitáveis. Sua voz era como os olhos de Alice antes — como o interior de um túmulo.

— O que podemos fazer? — perguntei.

Renesmee estava tão quente e perfeita em meus braços, sonhando tranquilamente. Eu tinha me preocupado tanto com o envelhecimento acelerado de Renesmee — preocupada que ela só tivesse pouco mais de uma década de vida... O medo agora parecia irônico.

Pouco mais de um mês...

Era esse o limite, então? Eu tivera mais felicidade do que a maioria das pessoas experimentava. Havia alguma lei natural que exigia partes iguais de felicidade e tormento no mundo? Será que minha alegria estava desequilibrando a balança? Será que quatro meses eram tudo que eu podia ter?

Foi Emmett quem respondeu a minha pergunta retórica.

— Vamos lutar — disse ele calmamente.

— Não podemos vencer — grunhiu Jasper.

Eu podia imaginar como estaria seu rosto, como seu corpo se curvaria protetoramente sobre o de Alice.

— Bom, não podemos fugir. Não com Demetri por perto. — Emmett fez um ruído de nojo, e entendi por instinto que ele não estava aborrecido com a ideia do rastreador dos Volturi, mas com a ideia de fugir. — E não sei se não podemos vencer — disse ele. — Há algumas opções a considerar. Não temos de lutar sozinhos.

Minha cabeça ergueu-se subitamente.

— Não precisa sentenciar os quileutes à morte também, Emmett!

— Fique fria, Bella. — Sua expressão não era diferente de quando ele pensava

em lutar com anacondas. Nem a ameaça de aniquilação podia mudar a perspectiva de Emmett, sua capacidade de se excitar com um desafio. — Eu não me referia à matilha. Mas seja realista... acha que Jacob ou Sam vão ignorar uma invasão? Mesmo que não fosse por Nessie? Para não falar que, graças a Irina, Aro agora também sabe de nossa aliança com a matilha. Mas eu estava pensando em nossos outros amigos.

Carlisle fez eco a mim num sussurro.

— Outros amigos que não temos de sentenciar à morte.

— Olhem, vamos deixar que eles decidam — disse Emmett num tom apaziguador. — Não estou dizendo que tenham de lutar conosco. — Eu podia ver o plano refinando-se em sua mente enquanto ele falava. — Se eles ficarem a nosso lado, por tempo suficiente para que os Volturi hesitem... Se pudermos obrigá-los a parar e escutar. Embora isso possa acabar com qualquer motivo para uma luta...

Havia uma insinuação de sorriso no rosto de Emmett. Fiquei surpresa que ninguém tivesse dado um murro nele ainda. Era o que eu queria fazer.

— Sim — disse Esme, ansiosa. — Isso faz sentido, Emmett. Tudo que precisamos é que os Volturi parem por um momento. Só o suficiente para ouvir.

— Precisaríamos de um bocado de testemunhas — disse Rosalie asperamente, a voz quebradiça como vidro.

Esme assentiu, concordando, como se não tivesse percebido o sarcasmo na voz de Rosalie.

— Isso podemos pedir aos nossos amigos. Que sirvam de testemunhas.

— Nós faríamos isso por eles — afirmou Emmett.

— Vamos perguntar a eles — murmurou Alice. Olhei para ela e vi que seus olhos eram um vazio escuro outra vez. — Eles terão de ser apresentados com muito cuidado.

— Apresentados? — perguntou Jasper.

Alice e Edward olharam para Renesmee. Depois os olhos de Alice ficaram vidrados.

— A família de Tanya — disse ela. — O clã de Siobhan. Os Amun. Alguns dos nômades... Garrett e Mary, certamente. Talvez Alistair.

— E Peter e Charlotte? — perguntou Jasper um pouco temeroso, como se esperasse uma resposta negativa, poupando seu velho irmão da carnificina

iminente.

— Talvez.

— As Amazonas? — perguntou Carlisle. — Kachiri, Zafrina e Senna?

Alice pareceu imersa demais em sua visão para responder; por fim, deu de ombros e seus olhos voltaram ao presente. Ela encontrou o olhar de Carlisle por uma fração mínima de segundo, depois baixou a cabeça.

— Não consigo ver.

— O que foi isso? — perguntou Edward, o sussurro uma exigência. — Essa parte na selva. Nós vamos procurar por eles?

— Não consigo ver — repetiu Alice, sem olhar nos olhos dele. Um lampejo de confusão atravessou o rosto de Edward. — Teremos de nos dividir e correr... Antes que a neve se prenda ao chão. Temos de procurar quem pudermos e trazê-los para cá para mostrar a eles. — Ela olhava fixamente de novo. — Perguntem a Eleazar. Há mais nisso do que apenas uma criança imortal.

O silêncio foi agourento por outro longo tempo enquanto Alice se mantinha em transe. Ela piscou devagar ao sair, os olhos peculiarmente opacos, apesar do fato de claramente estar no presente.

— É demais. Temos de nos apressar — sussurrou ela.

— Alice? — perguntou Edward. — Foi rápido demais... Não entendi. O que era...?

— Não consigo ver! — ela explodiu, gritando com ele. — Jacob está quase aqui!

Rosalie deu um passo na direção da porta da frente.

— Vou cuidar disso...

— Não, deixe-o entrar — disse Alice rapidamente, a voz mais aguda a cada palavra. Ela agarrou a mão de Jasper e começou a puxá-lo para a porta dos fundos. — Verei melhor longe de Nessie também. Tenho de ir. Preciso realmente me concentrar. Preciso ver tudo o que puder. Tenho de ir. Venha, Jasper, não há tempo a perder!

Todos podíamos ouvir Jacob na escada. Alice puxou, impaciente, a mão de Jasper. Ele a seguiu rapidamente, a confusão em seus olhos, assim como nos de Edward. Eles saíram em disparada pela porta, para a noite prateada.

— Rápido! — ela gritou para nós. — Vocês precisam encontrar todos eles!

— Encontrar o quê? — perguntou Jacob, fechando a porta da frente depois de

entrar. — Aonde Alice foi?

Ninguém respondeu; nós todos só olhávamos o vazio.

Jacob sacudiu a água do cabelo e meteu os braços pelas mangas da camiseta, os olhos em Renesmee.

— Ei, Bells! Pensei que a essa altura vocês já teriam ido para casa...

Ele finalmente olhou para mim, piscou e então me olhou fixamente. Vi sua expressão quando a atmosfera da sala finalmente o tocou. Ele baixou os olhos arregalados para a água esparramada no chão, as rosas espalhadas, os cacos de cristal. Seus dedos tremeram.

— O que foi? — perguntou ele. — O que aconteceu?

Não me ocorria por onde começar. Ninguém mais encontrava as palavras.

Jacob atravessou a sala em três passos longos e se ajoelhou ao lado de Renesmee e de mim. Eu podia sentir o calor saindo de seu corpo enquanto tremores desciam pelos braços até as mãos.

— Ela está bem? — perguntou ele, tocando a testa de Renesmee, inclinando a cabeça para ouvir seu coração. — Não me assuste, Bella, por favor!

— Não há nada de errado com Renesmee — consegui dizer, engasgada, quebrando as palavras em lugares estranhos.

— Então, é com quem?

— Com todos nós, Jacob — sussurrei. E lá estava em minha voz também, o som do interior de um túmulo. — Acabou. Fomos todos sentenciados à morte.

29. DESERÇÃO

FICAMOS SENTADOS ALI A NOITE TODA, ESTÁTUAS DE HORROR E PESAR, e Alice não voltou.

Estávamos todos no limite — frenéticos na imobilidade completa. Carlisle mal fora capaz de mover os lábios para explicar tudo a Jacob. Contar a história toda pareceu torná-la pior; até Emmett ficou em silêncio e imóvel a partir daí.

Foi apenas quando o sol nasceu e eu percebi que Renesmee logo estaria se agitando sob as minhas mãos que me perguntei pela primeira vez o que podia estar retardando tanto Alice. Eu esperava saber mais antes de enfrentar a curiosidade de minha filha. Ter algumas respostas. Uma minúscula esperança para eu poder sorrir e evitar que a verdade a apavorasse também.

Meu rosto parecia para sempre fixo numa máscara rígida que exibira a noite toda. Eu não sabia se ainda tinha a capacidade de sorrir.

Jacob roncava no canto, uma montanha de pelos no chão, contorcendo-se ansioso em seu sono. Sam sabia de tudo — os lobos estavam se preparando para o que viria. Não que essa preparação fosse servir para alguma coisa além de matá-los, com o restante de minha família.

O sol entrou pelas vidraças dos fundos, cintilando na pele de Edward. Meus olhos não haviam se desviado dos dele desde a partida de Alice. Nós tínhamos nos olhado a noite toda, fitando o que nenhum de nós suportaria perder: o outro. Vi meu reflexo cintilar em seus olhos agoniados quando o sol tocou minha pele.

Suas sobrancelhas se moveram infinitesimalmente, depois os lábios.

— Alice — disse ele.

O som de sua voz era como gelo rachando à medida que derretia. Todos nós nos fragmentamos um pouco, relaxamos um pouco. Nos movemos de novo.

— Ela está fora há muito tempo — murmurou Rosalie, surpresa.

— Onde poderia estar? — perguntou-se Emmett, dando um passo para a porta.

Esme pôs a mão no braço dele.

— Não queremos perturbar...

— Ela nunca levou tanto tempo — disse Edward. Uma nova preocupação estilhaçou a máscara que seu rosto assumira. Suas feições estavam vivas de novo, os olhos subitamente arregalados por um novo medo, um pânico a mais. — Carlisle, não acha... uma medida preventiva... Alice teria tido tempo de ver se eles mandassem alguém atrás dela?

O rosto de pele translúcida de Aro encheu minha cabeça. Aro, que tinha examinado todos os cantos da mente de Alice, que sabia tudo de que ela era capaz...

Emmett praguejou alto o bastante para Jacob pôr-se de pé num salto, com um rosnado. No quintal, seu rosnado foi imitado pela matilha. Minha família já estava em ação acelerada.

— Fique com Renesmee! — eu quase gritei para Jacob enquanto disparava porta afora.

Eu ainda era mais forte do que os outros, e usei essa força para me impelir adiante. Ultrapassei Esme em alguns saltos e Rosalie com algumas passadas a mais. Corri pela floresta densa até estar bem atrás de Edward e Carlisle.

— Será que eles poderiam surpreendê-la? — perguntou Carlisle, a voz estável como se estivesse parado e não correndo a toda velocidade.

— Não vejo como — respondeu Edward. — Mas Aro a conhece melhor do que qualquer outro. Melhor do que eu.

— Será uma armadilha? — gritou Emmett atrás de nós.

— Talvez — disse Edward. — O único cheiro é de Alice e Jasper. Aonde eles foram?

O rastro de Alice e Jasper descrevia um grande arco; estendia-se, primeiro, a leste da casa, mas ia para o norte na outra margem do rio, depois voltava para oeste, após alguns quilômetros. Cruzamos o rio de novo, os seis saltando com um segundo de diferença. Edward corria na frente, totalmente concentrado.

— Sentiu o cheiro? — perguntou Esme alguns momentos depois de saltarmos o rio pela segunda vez. Ela estava mais atrás, na extremidade esquerda de nosso grupo de busca. Ela apontou na direção do sul.

— Fiquem na trilha principal... estamos quase na fronteira quileute — ordenou Edward, sucinto. — Permaneçam juntos. Vejam se viraram para o norte ou para o sul.

Eu não estava familiarizada com a fronteira do tratado como o restante deles, mas podia sentir o cheiro de lobo na brisa que soprava do leste. Edward e Carlisle reduziram um pouco, por hábito, e pude ver suas cabeças virar de um lado a outro, esperando que o rastro virasse.

Então o cheiro de lobo tornou-se mais forte, e a cabeça de Edward se ergueu. Ele parou subitamente. Todos também ficamos paralisados.

— Sam? — perguntou Edward numa voz monótona. — O que foi?

Sam saiu das árvores a algumas centenas de metros, andando rapidamente em nossa direção na forma humana, flanqueado por dois lobos grandes — Paul e Jared. Levou algum tempo para que Sam nos alcançasse; sua velocidade humana me deixou impaciente. Eu não queria ter tempo para pensar no que acontecia. Queria estar em movimento, fazer alguma coisa. Queria ter meus braços em torno de Alice, ter certeza absoluta de que ela estava em segurança.

Vi o rosto de Edward ficar lívido enquanto ele lia o que Sam pensava. Sam o ignorou, olhando diretamente para Carlisle quando parou de andar e começou a falar.

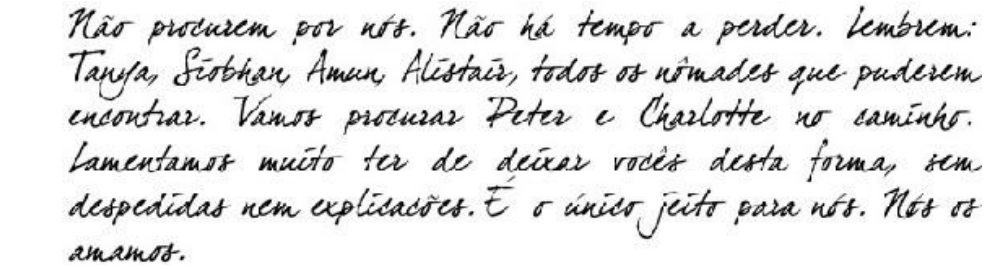
— Pouco depois da meia-noite, Alice e Jasper vieram a este ponto e pediram permissão para atravessar nosso território até o oceano. Eu lhes dei a permissão e os acompanhei até a costa. Eles entraram imediatamente na água e não voltaram. No trajeto até lá, Alice me disse que era de máxima importância que eu não contasse nada a Jacob sobre tê-la visto até que eu falasse com você. Eu devia esperar aqui que você viesse procurá-la e então lhe entregar este bilhete. Ela me disse para obedecer como se a vida de todos nós dependesse disso.

A expressão de Sam era sombria ao estender a folha de papel dobrada, coberta por um texto em letras pretas miúdas. Era uma folha de livro; meus olhos afiados liam as palavras impressas enquanto Carlisle abria para ver o outro lado. O lado de frente para mim era a página de copyright de O mercador de Veneza. Meu cheiro preencheu levemente o ar enquanto Carlisle abria o papel. Percebi que era uma folha arrancada do meu livro. Eu trouxera algumas coisas da casa de Charlie para o chalé; algumas mudas de roupa normal, todas as cartas da minha mãe e meus livros preferidos. Minha coleção surrada de brochuras de Shakespeare estava, na véspera, de manhã, na estante da pequena sala de estar do chalé...

— Alice decidiu nos deixar — sussurrou Carlisle.

— Como é? — gritou Rosalie.

Carlisle virou a folha para que todos pudéssemos ler.


Não procurem por nós. Não há tempo a perder. Lembrem: Tanya, Siobhan, Amun, Alistair, todos os nômades que puderem encontrar. Vamos procurar Peter e Charlotte no caminho. Lamentamos muito ter de deixar vocês desta forma, sem despedidas nem explicações. É o único jeito para nós. Nós os amamos.

Ficamos paralisados de novo, o silêncio completo, exceto pelo som do coração dos lobos, sua respiração. Seus pensamentos deviam ser altos também. Edward foi o primeiro a se mexer, falando em resposta ao que ouvia na mente de Sam.

— Sim, as coisas estão perigosas assim mesmo.

— O bastante para abandonar a família? — perguntou Sam em voz alta, em tom de censura. Estava claro que ele não lera o bilhete antes de o entregar a Carlisle. Agora estava aborrecido, como se estivesse arrependido por ter dado ouvidos a Alice.

A expressão de Edward era rígida — para Sam devia parecer raiva ou arrogância, mas eu podia ver a dor nas linhas de seu rosto.

— Não sabemos o que ela viu — disse Edward. — Alice não é nem insensível, nem covarde. Só tem mais informações do que nós.

— Nós não... — Sam começou.

— Vocês são ligados de forma diferente de nós — rebateu Edward. — Nós ainda temos nosso livre-arbítrio.

O queixo de Sam se ergueu, e seus olhos de repente adquiriram um negror completo.

— Mas vocês devem dar atenção ao aviso — continuou Edward. — Não se trata de algo em que queiram se envolver. Ainda podem evitar o que Alice viu.

Sam deu um sorriso sombrio.

— Nós não fugimos.

Atrás dele, Paul bufou.

— Não leve sua família a um massacre só por orgulho — interveio Carlisle em voz baixa.

Sam olhou para Carlisle com uma expressão mais branda.

— Como Edward assinalou, não temos o mesmo tipo de liberdade de vocês. Agora Renesmee é parte da nossa família tanto quanto é da sua. Jacob não pode

abandoná-la, e nós não podemos abandonar Jacob. — Seus olhos pousaram no bilhete de Alice e os lábios formaram uma linha fina.

— Você não a conhece — disse Edward.

— Você conhece? — perguntou Sam bruscamente.

Carlisle pôs a mão no ombro de Edward.

— Temos muito que fazer, filho. Qualquer que tenha sido a decisão de Alice, seríamos tolos de não seguir seu conselho agora. Vamos para casa e pôr mãos à obra.

Edward assentiu, o rosto ainda rígido de dor. Atrás de mim, pude ouvir o choro baixo e sem lágrimas de Esme.

Eu não sabia como chorar naquele corpo; não conseguia fazer nada a não ser olhar fixamente. Ainda não sentia nada. Tudo parecia irreal, como se eu estivesse sonhando de novo depois de todos aqueles meses. Tendo um pesadelo.

— Obrigado, Sam — disse Carlisle.

— Eu lamento — respondeu Sam. — Não devíamos tê-la deixado passar.

— Você fez o que era certo — disse-lhe Carlisle. — Alice é livre para fazer o que quiser. Eu não negaria a ela essa liberdade.

Eu sempre pensara nos Cullen como um todo, uma unidade indivisível. De repente, lembrei-me de que nem sempre tinha sido assim. Carlisle havia criado Edward, Esme, Rosalie e Emmett; Edward me criara. Éramos fisicamente ligados por sangue e veneno. Nunca pensei em Alice e Jasper como diferentes — como adotados na família. Mas, na verdade, Alice havia adotado os Cullen. Ela havia aparecido com seu passado desconectado, trazendo Jasper com o dele, e se ajustou à família que já estava lá. Tanto ela quanto Jasper haviam conhecido outra vida fora da família Cullen. Será que ela realmente escolhera seguir outro caminho depois de ver que a vida com os Cullen tinha chegado ao fim?

Estávamos condenados, então, não estávamos? Não havia esperança nenhuma. Nem um raio, uma chama que pudesse ter convencido Alice de que tinha uma chance ao nosso lado.

O ar luminoso da manhã de repente pareceu mais espesso, mais escuro, como se enegrecido fisicamente pelo meu desespero.

— Eu não vou desistir sem lutar — rosnou baixo Emmett. — Alice nos disse o que fazer. Vamos fazê-lo.

Os outros concordaram com expressões decididas, e percebi que eles estavam

apostando em qualquer possibilidade que Alice nos dera. Que eles não iriam se entregar à desesperança e esperar a morte.

Sim, todos iríamos lutar. O que mais poderíamos fazer? E, aparentemente, envolveríamos outros, porque Alice assim dissera antes de nos deixar. Como não seguiríamos o último aviso de Alice? Os lobos também lutariam conosco por Renesmee.

Nós iríamos lutar, eles iriam lutar, e todos morreríamos.

Eu não sentia a mesma determinação que os demais pareciam sentir. Alice conhecia as probabilidades. Ela estava nos dando a única chance que podia ver, mas a chance era ínfima demais para que a própria Alice apostasse nela.

Eu já me sentia derrotada quando dei as costas aos olhos críticos de Sam e segui Carlisle para casa.

Agora corríamos automaticamente, não com a mesma pressa apavorada de antes. Quando nos aproximamos do rio, a cabeça de Esme se ergueu.

— Havia aquele outro rastro. Era fresco.

Ela fez um gesto com a cabeça indicando o caminho à frente, na direção de onde tinha chamado a atenção de Edward no caminho para cá. Enquanto corríamos para salvar Alice...

— Deve ser anterior. Era só de Alice, sem Jasper — disse Edward, desanimado.

O rosto de Esme franziu-se, e ela concordou.

Eu vaguei para a direita, ficando um pouco para trás. Tinha certeza de que Edward estava com a razão, mas ao mesmo tempo... Afinal, como o bilhete de Alice acabara na página de um livro meu?

— Bella? — perguntou Edward numa voz sem emoção enquanto eu hesitava.

— Quero seguir o rastro — eu disse a ele, farejando o leve aroma de Alice que se afastava da trilha de sua fuga. Eu era nova nisso, mas o cheiro era o mesmo para mim, só não havia o de Jasper.

Os olhos dourados de Edward estavam vazios.

— Deve levar de volta à casa.

— Então encontrarei vocês lá.

De início pensei que ele me deixaria ir sozinha, mas depois, quando avancei alguns passos, seus olhos inexpressivos ganharam vida.

— Vou com você — disse ele baixinho. — Encontramos vocês em casa,

Carlisle.

Carlisle assentiu, e os outros partiram. Esperei até que eles estivessem fora de vista, e então olhei interrogativamente para Edward.

— Eu não deixaria que você se afastasse de mim — explicou ele em voz baixa. — Dói só de imaginar.

Entendi, sem mais explicações. Pensei em estar separada dele agora e percebi que teria sentido a mesma dor, por mais breve que fosse a separação.

Havia muito pouco tempo para ficarmos juntos.

Estendi a mão e ele a pegou.

— Vamos correr — disse ele. — Renesmee vai estar acordada.

Eu assenti, e estávamos correndo outra vez.

Provavelmente, era tolice perder tempo longe de Renesmee só para matar minha curiosidade. Mas o bilhete me incomodava. Alice poderia tê-lo entalhado numa pedra ou tronco de árvore se não tivesse onde escrever. Poderia ter roubado um bloco de Post-its de uma das casas na estrada. Por que meu livro? Quando ela o pegou?

De fato, o rastro levava ao chalé por uma rota tortuosa que se mantinha afastada da casa dos Cullen e dos lobos no bosque próximo. As sobrancelhas de Edward se estreitaram em perplexidade quando ficou evidente aonde levava a trilha.

Ele tentou raciocinar.

— Ela deixou Jasper esperando e veio aqui?

Estávamos quase no chalé e eu me sentia inquieta. Fiquei feliz por ter a mão de Edward na minha, mas também tinha a impressão de que devia estar ali sozinha. Arrancar a página e levá-la de volta a Jasper era uma coisa estranha para Alice fazer. Era como se houvesse uma mensagem em sua atitude — um recado que eu não entendia. Mas era o meu livro, então o recado devia ser para mim. Se fosse alguma coisa que ela quisesse que Edward soubesse, não teria arrancado uma página de um dos livros dele...?

— Me dê um minuto — eu disse, soltando a mão quando chegamos à porta.

Sua testa se vincou.

— Bella?

— Por favor. Trinta segundos.

Não esperei que ele respondesse. Entrei rapidamente, fechando a porta depois

de entrar. Segui direto para a estante. O cheiro de Alice era fresco — tinha menos de um dia. Um fogo que eu não havia acendido ardia lentamente na lareira. Peguei O mercador de Veneza na estante e abri na folha de rosto.

Ali, ao lado da borda irregular deixada pela página arrancada, debaixo das palavras "O mercador de Veneza, de William Shakespeare", havia um bilhete.

Destrua isto.

Abaixo lia-se um nome e um endereço em Seattle.

Quando Edward passou pela porta depois de treze segundos, em vez de trinta, eu olhava o livro queimando.

— O que está havendo, Bella?

— Ela esteve aqui. Arrancou uma folha do meu livro para escrever o bilhete.

— Por quê?

— Não sei.

— Por que o está queimando?

— Eu... Eu... — Franzi a testa, deixando que a frustração e a dor transparecessem no meu rosto. Eu não sabia o que Alice estava tentando me dizer, só que ela fizera um grande esforço para esconder de todos, menos de mim. A única pessoa cuja mente Edward não podia ler. Então ela devia querer mantê-lo afastado, e provavelmente por um bom motivo. — Me pareceu adequado.

— Não sabemos o que ela está fazendo — disse ele em voz baixa.

Olhei as chamas. Eu era a única pessoa no mundo que podia mentir para Edward. Era o que Alice queria de mim? Seu último pedido?

— Quando estávamos no avião para a Itália — sussurrei, mas não era uma mentira, talvez só no contexto —, a caminho de resgatar você... ela mentiu para Jasper para que ele não viesse atrás de nós. Sabia que ele morreria se enfrentasse os Volturi. Estava disposta a morrer, em vez de colocá-lo em perigo. Disposta a morrer por mim também. Disposta a morrer por você.

Edward não respondeu.

— Ela tem suas prioridades — eu disse. E perceber que minha explicação não parecia mentira fez doer meu coração imóvel.

— Não acredito nisso — disse Edward. Ele não disse isso como se discutisse comigo, mas como se discutisse consigo mesmo. — Talvez só Jasper esteja em

perigo. O plano dela funcionaria para o restante de nós, mas ele se perderia se ficasse. Talvez...

— Ela podia ter nos contado isso. Mandá-lo embora.

— Mas Jasper teria ido? Talvez ela estivesse mentindo para ele de novo.

— Talvez — fingi concordar. — Precisamos ir para casa. Não há tempo.

Edward pegou minha mão e corremos.

O bilhete de Alice não me deu esperanças. Se houvesse alguma maneira de evitar a carnificina que estava por vir, Alice teria ficado. Eu não via outra possibilidade. Então era outra coisa que ela estava me dando. Não uma maneira de escapar. Mas o que mais ela pensaria que eu iria querer? Talvez uma maneira de salvar alguma coisa? Haveria alguma coisa que eu ainda podia salvar?

Carlisle e os outros não haviam ficado ociosos em nossa ausência. Tínhamos estado separados deles por apenas cinco minutos, e eles já estavam preparados para partir. No canto, Jacob era humano de novo, com Renesmee no colo, os dois nos fitando de olhos arregalados.

Rosalie tinha trocado o vestido de seda por jeans que pareciam resistentes, tênis de corrida e uma blusa feita do tecido grosso que os mochileiros usam em longas excursões. Esme estava vestida da mesma forma. Havia um globo na mesa de centro, mas eles já o haviam olhado e só estavam à nossa espera.

O clima era mais positivo agora do que antes; era bom para eles estar em ação. Suas esperanças dependiam das instruções de Alice.

Olhei o globo e me perguntei aonde iríamos primeiro.

— Vamos ficar aqui? — perguntou Edward, olhando para Carlisle. Ele não parecia satisfeito.

— Alice disse que teríamos de mostrar Renesmee às pessoas e que precisávamos ter muito cuidado com isso — disse Carlisle. — Vamos enviar quem conseguirmos encontrar para você aqui... Edward, você será o melhor nesse campo minado em particular.

Edward assentiu rapidamente, ainda não satisfeito.

— Tem muito terreno para cobrir.

— Vamos nos dividir — respondeu Emmett. — Rose e eu procuraremos pelos nômades.

— Você ficará muito ocupado aqui — disse Carlisle. — A família de Tanya chegará pela manhã, e eles não têm ideia do motivo. Primeiro, você tem de

convencê-los a não reagir como Irina. Segundo, tem de descobrir o que Alice quis dizer sobre Eleazar. Então, depois de tudo isso, será que vão ficar para testemunhar por nós? E recomeça tudo quando os outros vierem... se conseguirmos convencer alguém a vir aqui, em primeiro lugar. — Carlisle suspirou. — Sua tarefa pode ser a mais difícil. Voltaremos para ajudar assim que for possível.

Carlisle pôs a mão no ombro de Edward por um segundo e me deu um beijo na testa. Esme abraçou nós dois e Emmett nos deu um soco no braço. Rosalie forçou um sorriso para mim e Edward, soprou um beijo para Renesmee e, então, fez uma careta de despedida para Jacob.

— Boa sorte — disse-lhes Edward.

— Para você também — disse Carlisle. — Todos vamos precisar.

Eu os observei partir, desejando poder sentir a esperança que os animava, e desejando poder ficar sozinha com o computador por alguns segundos. Eu precisava descobrir quem era J. Jenks e por que Alice tinha se esforçado tanto para dar esse nome só a mim.

Renesmee se retorceu nos braços de Jacob para tocar seu rosto.

— Não sei se os amigos de Carlisle virão. Espero que sim. Parece que agora somos bem poucos — murmurou Jacob para ela.

Então ela sabia. Renesmee já entendia perfeitamente bem o que estava acontecendo. Aquela história de lobisomem-imprinted-dá-ao-objeto-de-seu-imprinting-o-que-ele-quer já estava cansando. Protegê-la não era mais importante do que responder a suas perguntas?

Olhei com cuidado o rosto dela. Ela não parecia assustada, só ansiosa e muito séria enquanto conversava com Jacob daquele seu jeito silencioso.

— Não, não podemos ajudar; temos de ficar aqui — continuou ele. — As pessoas virão para ver você, não a paisagem.

Renesmee franziu a testa para ele.

— Não, eu não tenho de ir a lugar nenhum — ele lhe disse. Então olhou para Edward, o rosto atordoado com a percepção de que podia estar errado. — Tenho?

Edward hesitou.

— Desembuche — disse Jacob, a voz rude com a tensão. Ele estava em seu limite, como o restante de nós.

— Os vampiros que virão nos ajudar não são como nós — disse Edward. — A

família de Tanya é a única além da nossa que tem respeito pela vida humana, e mesmo eles não têm os lobisomens em alta conta. Acho que pode ser mais seguro...

— Eu posso me cuidar — interrompeu Jacob.

— Mais seguro para Renesmee — continuou Edward —, se a escolha de acreditar em nossa história sobre ela não for contaminada por uma associação com lobisomens.

— Alguns amigos. Eles se voltariam contra vocês só por causa das companhias com quem vocês andam agora?

— Acho que eles seriam tolerantes em circunstâncias normais. Mas você precisa entender... aceitar Nessie não vai ser uma coisa simples para nenhum deles. Por que tornar isso mais difícil, o pouco que seja?

Carlisle havia explicado as leis sobre as crianças imortais a Jacob na noite anterior.

— As crianças imortais eram assim tão ruins? — perguntou ele.

— Você nem imagina a profundidade das cicatrizes que deixaram na psique coletiva dos vampiros.

— Edward... — Ainda era estranho ouvir Jacob falar o nome de Edward sem amargura.

— Eu sei, Jake. Sei como é difícil ficar longe dela. Vamos agir de improviso... Ver como eles reagem a ela. De qualquer forma, Nessie deverá ficar incógnita alternadamente nas próximas semanas. Ela vai precisar ficar no chalé até o momento certo de a apresentarmos. Se você puder manter uma distância segura da casa principal...

— Posso fazer isso. Visitas de manhã, hã?

— Sim. Nossos amigos mais próximos. Neste caso em particular, deve ser melhor se esclarecermos as coisas o quanto antes. Você pode ficar aqui. Tanya sabe sobre você. Ela até conheceu Seth.

— Tudo bem.

— Você deve contar a Sam o que está acontecendo. Pode haver estranhos no bosque em breve.

— Bem lembrado. Embora ele merecesse o silêncio depois da noite passada.

— Ouvir Alice em geral é o certo a fazer.

Os dentes de Jacob trincaram e pude ver que ele compartilhava os

sentimentos de Sam sobre o que Alice e Jasper fizeram.

Enquanto os dois conversavam, caminhei até a janela dos fundos, tentando parecer perturbada e ansiosa. Não era difícil fazer isso. Encostei a cabeça na parede que se curvava a partir da sala de estar, levando à sala de jantar, ao lado de uma das mesas de computador. Corri os dedos pelo teclado enquanto olhava para a floresta, tentando fazer parecer uma atitude distraída. Será que os vampiros faziam coisas de forma distraída? Não achei que estivessem prestando atenção em mim, mas não me virei para ter certeza. O monitor ganhou vida. Passei os dedos pelo teclado novamente. Depois tamborilei os dedos suavemente na mesa de madeira, só para parecer ao acaso. Mais um afago no teclado.

Examinei a tela com minha visão periférica.

Nenhum J. Jenks, mas havia um Jason Jenks. Advogado. Rocei o teclado, tentando manter um ritmo, como quem, preocupado, afaga um gato esquecido no colo. A firma de Jason Jenks tinha um site sofisticado, mas o endereço na página era outro. Em Seattle, mas com um código postal diferente. Anotei o número do telefone e depois toquei o teclado no ritmo. Dessa vez procurei o endereço, mas nada apareceu, como se o endereço não existisse. Eu queria olhar um mapa, mas concluí que estava forçando demais a sorte. Mais uma dedilhada, para deletar o histórico...

Continuei olhando pela janela e rocei a mão na mesa algumas vezes. Ouvi passos leves vindo em minha direção e me virei com o que eu esperava fosse a mesma expressão de antes.

Renesmee me estendeu os braços e eu abri os meus. Ela se atirou neles, com um forte cheiro de lobisomem, e aninhou a cabeça em meu pescoço.

Eu não sabia se podia suportar aquilo. Por mais que temesse por minha vida, pela de Edward, pelo resto da família, não era a mesma coisa que o terror esmagador que sentia por minha filha. Devia haver um jeito de salvá-la, mesmo que fosse a única coisa que eu pudesse fazer.

De repente, eu soube que isso era tudo o que eu queria. O resto eu suportaria, se fosse necessário, mas não a vida dela em risco. Isso não.

Ela era o que eu simplesmente precisava salvar.

Será que Alice sabia como eu me sentiria?

A mão de Renesmee tocou meu rosto de leve.

Ela me mostrou meu próprio rosto, o de Edward, o de Jacob, de Rosalie,

Esme, Carlisle, Alice, Jasper, e foi passando cada vez mais rápido pelos rostos de toda a família. Seth e Leah. Charlie, Sue e Billy. Repetidamente. Preocupada, como o resto de nós. No entanto, ela estava só preocupada. Jake a havia poupado do pior, até onde pude perceber. A parte sobre não termos esperança, sobre todos morrermos no prazo de um mês.

Ela parou no rosto de Alice, saudosa e confusa. Onde estava Alice?

— Não sei — sussurrei. — Mas ela é Alice. Está fazendo a coisa certa, como sempre.

A coisa certa para Alice, em todo caso. Odiava pensar nela dessa maneira, mas de que outra maneira a situação poderia ser compreendida?

Renesmee suspirou, e a saudade se intensificou.

— Também sinto falta dela.

Senti meu rosto tentando encontrar a expressão que combinasse com o pesar que eu sentia. Meus olhos estavam estranhos e secos; eles piscaram contra a sensação desagradável. Mordi o lábio. Quando respirei novamente, o ar se prendeu em minha garganta, como se eu estivesse sufocando.

Renesmee se afastou para me olhar e vi meu rosto espelhado em seus pensamentos e em seus olhos. Eu tinha a mesma expressão de Esme esta manhã.

Então chorar era assim.

Os olhos de Renesmee cintilaram úmidos enquanto ela olhava meu rosto. Ela o afagou, sem me mostrar nada, só tentando me acalmar.

Eu nunca tinha pensado em ver o vínculo mãe-filha invertido entre nós, como sempre fora com Renée e comigo. Mas eu não tinha uma visão muito clara do futuro.

Uma lágrima se formou na borda do olho de Renesmee. Eu a enxuguei com um beijo. Ela tocou o olho com surpresa e depois olhou a ponta do dedo molhada.

— Não chore — eu disse a ela. — Vai ficar tudo bem. Você vai ficar bem. Eu vou encontrar uma maneira de tirar você dessa.

Mesmo que não pudesse fazer mais nada, eu salvaria minha Renesmee. Eu estava mais certa do que nunca de que era isso que Alice me daria. Ela saberia. Ela teria me deixado uma saída.

30. IRRESISTÍVEL

HAVIA MUITO EM QUE PENSAR.

Como eu iria conseguir ficar sozinha para pesquisar sobre J. Jenks e por que Alice queria que eu soubesse dele?

Se a pista de Alice não tivesse nenhuma relação com Renesmee, o que eu poderia fazer para salvar minha filha?

Como Edward e eu iríamos explicar tudo à família de Tanya de manhã? E se eles reagissem como Irina? E se tudo acabasse numa luta?

Eu não sabia lutar. Como eu aprenderia em apenas um mês? Haveria alguma chance de que fosse rápido o bastante para representar perigo para qualquer um dos Volturi? Ou eu estava condenada a ser totalmente inútil? Só mais uma recém-criada liquidada com facilidade?

Eu precisava de muitas respostas, mas não tinha chance de fazer as perguntas.

Querendo alguma normalidade para Renesmee, eu insistira em levá-la para nosso chalé na hora de dormir. Jacob ficava mais à vontade na forma de lobo no momento; era mais fácil lidar com o estresse quando ele se sentia preparado para uma luta. Queria poder sentir o mesmo, poder me sentir preparada. Ele corria pelo bosque, novamente em guarda.

Depois de Renesmee adormecer profundamente, eu a coloquei em sua cama e fui para a sala, a fim de fazer minhas perguntas a Edward. Pelo menos aquelas que eu podia fazer; um dos problemas mais difíceis era tentar esconder alguma coisa dele, mesmo com a vantagem de meus pensamentos indecifráveis.

Ele estava de costas para mim, olhando o fogo.

— Edward, eu...

Ele girou e atravessou a sala, sem que parecesse transcorrer tempo nenhum, nem mesmo a menor fração de segundo. Eu só tive tempo de registrar a expressão feroz em seu rosto antes de seus lábios pressionarem os meus e seus braços se fecharem à minha volta como vigas de aço.

Não pensei em minhas perguntas pelo resto daquela noite. Não precisei de

muito tempo para entender o motivo de seu estado de espírito — de ainda menos para sentir exatamente o mesmo.

Eu estivera projetando anos de carência antes que pudesse organizar de alguma forma a paixão avassaladora que sentia fisicamente por ele. E, em seguida, séculos para desfrutá-la. Se tínhamos só um mês juntos... Bom, eu não via como suportar esse fim. No momento eu não podia deixar de ser egoísta. Só queria amá-lo ao máximo no tempo limitado que me fora dado.

Foi difícil me afastar dele quando o sol nasceu, mas tínhamos um trabalho a fazer, um trabalho que podia ser mais difícil do que a busca que o restante da família empreendia. Assim que me deixei pensar no que estava por vir, fiquei tensa; parecia que meus nervos estavam sendo esticados, cada vez mais.

— Queria que houvesse uma maneira de conseguirmos a informação de Eleazar antes de contarmos a eles sobre Nessie — murmurou Edward enquanto nos vestíamos às pressas no imenso closet, que me fazia lembrar de Alice mais do que eu queria no momento. — Só por precaução.

— Mas ele não entenderia a pergunta — concordei. — Acha que eles vão nos deixar explicar?

— Não sei.

Tirei da cama Renesmee, ainda adormecida, e a segurei tão perto que meu rosto se enterrou em seus cachos; seu cheiro doce, tão próximo, superava qualquer outro aroma.

Eu não podia perder um segundo que fosse do dia de hoje. Havia respostas que eu procurava, e não sabia quanto tempo Edward e eu teríamos a sós. Se corresse tudo bem com a família de Tanya, com sorte teríamos companhia por um longo tempo.

— Edward, você me ensina a lutar? — pedi a ele, atenta à sua reação, enquanto ele segurava a porta para mim.

Foi o que eu esperava. Ele ficou paralisado, depois seus olhos me percorreram com um significado profundo, como se me vissem pela primeira ou pela última vez. Seus olhos demoraram-se em nossa filha dormindo em meus braços.

— Se houver uma luta, não há muito que qualquer um de nós possa fazer — esquivou-se ele.

Mantive a voz tranquila.

— Você me deixaria totalmente indefesa?

Ele engoliu em seco convulsivamente, e a porta estremeceu, as dobradiças protestando, enquanto sua mão a apertava. Depois ele assentiu.

— Considerando dessa maneira... Creio que devemos pôr mãos à obra assim que pudermos.

Eu também concordei, e partimos para a grande casa. Não corremos.

Perguntei-me o que eu poderia fazer que, concretamente, fizesse alguma diferença. Eu era um pouquinho especial, à minha maneira — se ter um crânio extraordinariamente denso pudesse mesmo ser considerado especial. Teria alguma utilidade para ele?

— Na sua opinião, qual é a maior vantagem deles? Eles têm algum ponto fraco?

Edward não teve de perguntar para saber que eu falava dos Volturi.

— Alec e Jane são sua maior força de ataque — disse ele sem emoção, como se estivéssemos falando de um time de basquete. — Seus defensores raras vezes veem alguma ação.

— Porque Jane pode queimar você onde você estiver... pelo menos mentalmente. O que Alec faz? Você não disse uma vez que ele era ainda mais perigoso que Jane?

— Sim. De certo modo, ele é o antídoto de Jane. Ela faz você sentir a pior dor imaginável. Alec, por outro lado, faz com que você não sinta nada. Absolutamente nada. Às vezes, quando estão se sentindo generosos, os Volturi deixam que Alec anestesie a pessoa antes de executá-la. Se ela se rendeu ou agradou a eles de alguma forma.

— Anestesiar? Mas como isso pode ser mais perigoso do que Jane?

— Porque ele elimina completamente seus sentidos. Sem dor, mas também sem visão, nem audição, nem olfato. Privação sensorial completa. Você fica absolutamente só no escuro. Nem sente quando o queimam.

Estremeci. Era o melhor que podíamos esperar? Não ver nem sentir a morte quando ela viesse?

— Isso o torna tão perigoso quanto Jane — continuou Edward, na mesma voz neutra —, no sentido de que ambos podem incapacitá-la, fazer de você um alvo indefeso. A diferença entre eles é como a diferença entre mim e Aro. Aro ouve a mente de uma pessoa de cada vez. Jane só pode machucar o objeto de seu foco. Eu posso ouvir todos ao mesmo tempo.

Senti frio ao perceber aonde ele queria chegar.

— E Alec pode incapacitar todos nós ao mesmo tempo? — sussurrei.

— Sim — disse ele. — Se ele usar seu dom contra nós, todos ficaremos cegos e surdos até que eles nos matem... Talvez eles simplesmente nos queimem, sem se incomodar em nos dilacerar primeiro. Ah, podemos tentar lutar, mas é mais provável que nos machuquemos uns aos outros do que atinjamos algum deles.

Andamos em silêncio por alguns segundos.

Uma ideia se formava em minha mente. Não era muito promissora, mas era melhor que nada.

— Acha que Alec é um bom lutador? — perguntei. — Além do que ele pode fazer, quero dizer. Se ele tivesse de lutar sem o dom. Pergunto-me se ele já tentou...

Edward me olhou bruscamente.

— No que está pensando?

Eu olhava à frente.

— Bom, provavelmente ele não pode fazer isso comigo, pode? Se ele for como Aro, Jane e você. Talvez... se ele nunca teve de se defender... e eu aprendesse alguns truques...

— Ele está com os Volturi há séculos — Edward me interrompeu, a voz de repente em pânico. Ele devia estar vendo em sua mente a mesma imagem que eu: os Cullen indefesos, pilares insensíveis no campo da morte — todos, menos eu. Eu seria a única que poderia lutar. — Sim, você, sem dúvida, é imune ao poder dele, mas ainda é uma recém-criada, Bella. Não posso fazer de você uma lutadora assim tão boa em apenas algumas semanas. Tenho certeza de que ele recebeu treinamento.

— Talvez sim, talvez não. É a única coisa que posso fazer, e ninguém mais pode. Mesmo que eu só consiga distraí-lo por algum tempo... Será que eu poderia durar tempo suficiente para dar uma chance aos outros?

— Por favor, Bella — disse Edward entredentes. — Não vamos falar disso.

— Seja razoável.

— Vou tentar lhe ensinar o que eu puder, mas, por favor, não me faça pensar em você se sacrificando para retardá-lo... — Ele engasgou e não terminou a frase.

Assenti. Eu guardaria meus planos para mim, então. Primeiro Alec, e depois, se eu milagrosamente tivesse a sorte de vencer, Jane. Se eu conseguisse só

equilibrar as coisas — eliminar a vantagem ofensiva esmagadora dos Volturi — talvez então houvesse uma possibilidade... Minha mente disparava. E se eu fosse mesmo capaz de distraí-los, ou até de eliminá-los? Sinceramente, por que Jane ou Alec teriam tido a necessidade de aprender habilidades de batalha? Eu não podia imaginar a pequena e petulante Jane abrindo mão de sua vantagem, mesmo que fosse para aprender.

Se eu conseguisse matá-los, que diferença isso faria!

— Tenho de aprender tudo. O máximo que você puder enfiar em minha cabeça no próximo mês — murmurei.

Ele agiu como se eu não tivesse dito nada.

Quem seria o próximo, então? Era melhor eu ter meus planos em ordem para que não houvesse hesitação em meu ataque, se eu sobrevivesse ao de Alec. Tentei pensar em outra situação em que meu crânio espesso me daria vantagem. Eu não sabia o bastante sobre o que os outros faziam. Evidentemente, lutadores como o imenso Felix estavam além de minha capacidade. Eu só podia tentar dar a Emmett uma luta justa com ele. Não sabia muito sobre o restante da guarda Volturi, além de Demetri...

Meu rosto estava perfeitamente impassível enquanto eu pensava em Demetri. Sem dúvida, ele seria um lutador. Não havia outra maneira de ele ter sobrevivido por tanto tempo, sempre como ponta-de-lança de qualquer ataque. E ele devia sempre liderar, porque era o rastreador — o melhor rastreador do mundo, sem dúvida. Se houvesse um melhor, os Volturi já teriam trocado. Aro não se cercava do segundo escalão.

Se Demetri não existisse, então poderíamos fugir. Os que restassem entre nós, em todo caso. Minha filha, quente em meus braços... Alguém podia fugir com ela. Jacob ou Rosalie, quem restasse.

E... se Demetri não existisse, então Alice e Jasper poderiam ficar seguros para sempre. Fora isso o que Alice vira? Que parte de nossa família continuaria? Eles dois, pelo menos.

Poderia eu invejá-la por isso?

— Demetri... — eu disse.

— Demetri é meu — disse Edward numa voz dura e tensa. Olhei para ele rapidamente, e vi que sua expressão se tornara violenta.

— Por quê? — sussurrei.

Ele não respondeu, de início. Estávamos no rio quando ele finalmente murmurou:

— Por Alice. A única forma de eu agradecer a ela os últimos cinquenta anos.

Então seus pensamentos estavam em linha com os meus.

Ouvi as patas pesadas de Jacob no chão congelado. Em segundos, ele estava andando a meu lado, os olhos escuros pousados em Renesmee.

Assenti para ele, depois voltei às minhas perguntas. Havia tão pouco tempo!

— Edward, por que acha que Alice nos disse para perguntar a Eleazar sobre os Volturi? Ele esteve na Itália recentemente ou coisa assim? O que ele pode saber?

— Eleazar conhece tudo sobre os Volturi. Eu me esqueci de que você não sabia. Ele foi um deles.

Eu sibilei involuntariamente. Jacob grunhiu a meu lado.

— Como é? — perguntei, imaginando o belo homem de cabelos escuros de nosso casamento envolto num manto longo e cinzento.

O rosto de Edward agora era mais suave — ele sorria um pouco.

— Eleazar é uma pessoa muito gentil. Ele não estava inteiramente satisfeito com os Volturi, mas respeitava a lei e sua necessidade de ser mantida. Ele achava que estava trabalhando para o bem maior. E não lamenta o período que passou com eles. Mas, quando conheceu Carmen, descobriu seu lugar no mundo. Eles são muito parecidos, muito compassivos para dois vampiros. — Ele sorriu de novo. — Então conheceram Tanya e as irmãs, e nunca olharam para trás. Eles combinam bem com esse estilo de vida. Se não tivessem encontrado Tanya, imagino que teriam descoberto por conta própria uma maneira de viver sem sangue humano.

As imagens em minha mente se chocavam. Eu não conseguia combiná-las. Um soldado Volturi compassivo?

Edward olhou para Jacob e respondeu a uma pergunta silenciosa.

— Não, ele não era um dos guerreiros, por assim dizer. Tinha um dom que os Volturi achavam conveniente.

Jacob deve ter feito a pergunta óbvia.

— Ele tinha uma percepção instintiva dos dons dos outros... As habilidades extras que alguns vampiros têm — disse-lhe Edward. — Ele podia dar a Aro uma ideia geral do que determinado vampiro era capaz, bastando que se aproximasse dele. Isso era útil quando os Volturi entravam em batalha. Ele podia alertá-los se

alguém no grupo oposto tivesse uma habilidade que lhes pudesse trazer problemas. Isso era raro; era preciso uma habilidade e tanto para criar algum inconveniente para os Volturi por um instante. Com mais frequência, o alerta daria a Aro a chance de salvar alguém que poderia ser útil a ele. O dom de Eleazar funciona com humanos também, até certo ponto. Mas, com eles, ele precisa se concentrar muito, porque a capacidade latente é muito nebulosa. Aro o fazia testar as pessoas que queriam se juntar a eles, para ver se tinham algum potencial. Aro lamentou vê-lo ir embora.

— E o deixaram ir? — perguntei. — Simples assim?

Seu sorriso agora ficou mais sombrio, meio torto.

— Não se presume que os Volturi sejam os vilões, como parecem a você. Eles são a fundação de nossa paz e civilização. Cada membro da guarda escolhe servi-los. Dá muito prestígio; todos têm orgulho de estar lá, não são obrigados a isso.

Olhei mal-humorada para o chão.

— Eles só são considerados horrendos e cruéis pelos criminosos, Bella.

— Nós não somos criminosos.

Jacob bufou, concordando.

— Eles não sabem disso.

— Acha realmente que podemos fazê-los parar e ouvir?

Edward hesitou por um instante mínimo, e deu de ombros.

— Se encontrarmos um número suficiente de amigos que possam ficar ao nosso lado. Talvez.

Se. De repente eu senti a urgência do que tínhamos pela frente. Edward e eu começamos a nos movimentar mais rápido, partindo numa corrida. Jacob nos alcançou rapidamente.

— Tanya não deve demorar muito — disse Edward. — Precisamos estar preparados.

Mas como nos preparar? Nós organizamos e reorganizamos, pensamos e repensamos. Renesmee à plena vista? Ou escondida de início? Jacob na sala? Ou do lado de fora? Ele disse à matilha que ficasse por perto, mas invisível. Deveria ele fazer o mesmo?

No final, Renesmee, Jacob — de novo em sua forma humana — e eu ficamos à espera na sala de jantar, fora do campo de visão de quem estivesse à porta de entrada, sentados à grande mesa polida. Jacob me deixou segurar Renesmee; ele

queria espaço para o caso de ter de se metamorfosear rapidamente.

Embora eu estivesse feliz por tê-la em meus braços, isso fazia com que eu me sentisse inútil. Lembrava-me de que, numa luta com vampiros maduros, eu não passava de um alvo fácil; eu não precisava de minhas mãos livres.

Tentei me lembrar de Tanya, Kate, Carmen e Eleazar no casamento. Seus rostos eram obscuros em minhas lembranças mal iluminadas. Eu só sabia que eram bonitos: duas louras e dois morenos. Não conseguia lembrar se havia alguma gentileza em seus olhos.

Edward estava imóvel junto à vidraça dos fundos, olhando a porta da frente. Não parecia ver a sala diante de si.

Ouvíamos os carros zunindo pela rodovia, nenhum deles reduzindo a velocidade.

Renesmee se aninhou em meu pescoço, a mão em meu rosto, mas não vinha nada em minha mente. Ela não tinha imagens para o que sentia agora.

— E se eles não gostarem de mim? — ela sussurrou, e nossos olhos se voltaram para seu rosto.

— É claro que vão... — Jacob começou a dizer, mas eu o silenciei com um olhar.

— Eles não entendem você, Renesmee, porque nunca viram nada parecido — eu disse a ela, sem querer lhe fazer promessas que poderiam não se cumprir. — O problema é fazê-los entender.

Ela suspirou, e em minha mente lampejaram imagens de todos nós em uma única explosão. Vampiros, humanos, lobisomens. Ela não se encaixava em nenhum deles.

— Você é especial, e isso não é ruim.

Ela sacudiu a cabeça, discordando. Pensou em nossos rostos tensos e disse:

— A culpa é minha.

— Não — Jacob, Edward e eu dissemos exatamente no mesmo momento, mas antes que pudéssemos argumentar ouvimos o som que esperávamos: o motor de um carro reduzindo a velocidade na rodovia, os pneus passando do asfalto para a terra macia.

Edward correu para ficar à espera perto da porta. Renesmee escondeu o rosto em meu cabelo. Jacob e eu nos olhamos por sobre a mesa, o desespero em nossos rostos.

O carro passou rapidamente pelo bosque, mais rápido do que Charlie ou Sue. Nós o ouvimos entrar na campina e parar junto à varanda da frente. Quatro portas se abriram e se fecharam. Eles não falaram ao se aproximar da porta. Edward a abriu antes que pudessem bater.

— Edward! — disse, entusiasmada, uma voz de mulher.

— Olá, Tanya. Kate, Eleazar, Carmen.

Três cumprimentos murmurados.

— Carlisle falou que precisava conversar conosco imediatamente — disse a primeira voz, Tanya. Eu podia perceber que estavam todos ainda do lado de fora. Imaginei Edward na porta, bloqueando a entrada. — Qual é o problema? Aborrecimentos com os lobisomens?

Jacob revirou os olhos.

— Não — disse Edward. — Nossa trégua com os lobisomens está mais forte que nunca.

Uma mulher riu.

— Não vai nos convidar a entrar? — perguntou Tanya. E então continuou, sem esperar uma resposta. — Onde está Carlisle?

— Carlisle teve de sair.

Houve um curto silêncio.

— O que está havendo, Edward? — perguntou Tanya.

— Se puder me conceder o benefício da dúvida por alguns minutos — respondeu ele —, tenho algo difícil de explicar e vou precisar que vocês sejam receptivos até que entendam.

— Carlisle está bem? — uma voz de homem perguntou ansiosamente. Eleazar.

— Nenhum de nós está muito bem, Eleazar — disse Edward, e então afagou alguma coisa, talvez o ombro de Eleazar. — Mas fisicamente Carlisle está bem.

— Fisicamente? — perguntou Tanya. — O que quer dizer?

— Quero dizer que toda a minha família corre um grave risco. Mas, antes que eu explique, peço que me prometam uma coisa. Ouçam tudo o que eu disser antes de reagir. Eu imploro que me ouçam.

Um silêncio mais longo recebeu seu pedido. Durante o silêncio tenso, Jacob e eu nos fitamos sem dizer nada. Seus lábios castanho-avermelhados estavam pálidos.

— Estamos ouvindo — disse Tanya por fim. — Vamos ouvir tudo antes de julgar.

— Obrigado, Tanya — agradeceu Edward com fervor. — Não iríamos envolver vocês nisso, se tivéssemos alternativa.

Edward se moveu. Ouvimos quatro conjuntos de passos porta adentro.

Alguém farejou.

— Eu sabia que havia lobisomens envolvidos — murmurou Tanya.

— Sim, e estão do nosso lado. De novo.

O lembrete silenciou Tanya.

— Onde está sua Bella? — perguntou umas das vozes de mulher. — Como está ela?

— Ela estará conosco em breve. Está bem, obrigado. Está se adaptando à imortalidade com uma finesse impressionante.

— Fale-nos do perigo, Edward — disse Tanya em voz baixa. — Vamos ouvir e estaremos do seu lado, que é o nosso lugar.

Edward respirou fundo.

— Gostaria que primeiro testemunhassem por si mesmos. Escutem... no outro cômodo. O que estão ouvindo?

Fez-se silêncio, depois houve movimento.

— Só ouçam primeiro, por favor — pediu Edward.

— Um lobisomem, imagino. Posso ouvir seu coração — disse Tanya.

— O que mais? — perguntou Edward.

Houve uma pausa.

— O que é essa palpitação? — perguntou Kate, ou Carmen. — É... uma espécie de ave?

— Não, mas lembre-se do que está ouvindo. Agora, que cheiro estão sentindo? Além do do lobisomem.

— Há um humano aqui? — sussurrou Eleazar.

— Não — discordou Tanya. — Não é humano... mas... mais perto do humano que os outros cheiros daqui. O que é isso, Edward? Não acho que tenha sentido essa fragrância antes.

— Certamente não sentiu, Tanya. Por favor, por favor, lembrem-se de que se trata de algo inteiramente novo para vocês. Deixem de lado as ideias preconcebidas.

— Eu lhe prometi que ouviria, Edward.

— Tudo bem, então. Bella? Traga Renesmee, por favor.

Minhas pernas pareciam estranhamente entorpecidas, mas eu sabia que a sensação estava toda em minha cabeça. Obriguei-me a não me refrear, a não me movimentar lentamente, enquanto me levantava e andava os poucos passos até a esquina da sala. O calor do corpo de Jacob ardia atrás de mim enquanto ele seguia de perto os meus passos.

Dei um passo para a sala maior e então parei, incapaz de me obrigar a avançar. Renesmee respirou fundo e espiou por baixo de meu cabelo, os ombrinhos rígidos, esperando uma rejeição.

Pensei estar preparada para a reação deles. Para acusações, para gritos, para a imobilidade de seu estresse profundo.

Tanya recuou quatro passos, os cachos vermelhos tremendo, como um humano confrontado com uma cobra venenosa. Kate saltou até a porta da frente e se apoiou na parede. Um silvo de choque saiu por seus dentes trincados. Eleazar se lançou na frente de Carmen, agachando-se, numa atitude protetora.

— Ah, por favor — ouvi Jacob queixar-se a meia voz.

Edward pôs o braço em volta de mim e de Renesmee.

— Vocês prometeram ouvir — lembrou ele.

— Algumas coisas não podem ser ouvidas! — exclamou Tanya. — Como pôde, Edward? Sabe o que isso significa?

— Temos de sair daqui — disse Kate com ansiedade, a mão na maçaneta.

— Edward... — Eleazar parecia não ter palavras.

— Esperem — pediu Edward, a voz agora um pouco mais dura. — Lembrem-se do que estão ouvindo, do cheiro que estão sentindo. Renesmee não é o que vocês pensam.

— Não há exceções a essa regra, Edward — rebateu Tanya.

— Tanya — disse Edward bruscamente —, você pode ouvir o coração dela batendo! Pare e pense no que isso significa.

— O coração dela batendo? — sussurrou Carmen, espiando por trás do ombro de Eleazar.

— Ela não é uma criança totalmente vampira — respondeu Edward, dirigindo sua atenção para a expressão menos hostil de Carmen. — Ela é parte humana.

Os quatro vampiros o fitaram como se ele falasse uma língua que nenhum deles conhecia.

— Ouçam-me. — A voz de Edward mudou para um tom aveludado de persuasão. — Renesmee é única. Eu sou o pai dela. Não o seu criador... mas o pai biológico.

A cabeça de Tanya sacudia, um movimento mínimo. Ela não parecia estar ciente disso.

— Edward, não pode esperar que nós... — começou Eleazar.

— Me dê outra explicação possível, Eleazar. Você pode sentir o calor do corpo dela no ar. O sangue corre em suas veias, Eleazar. Você pode sentir o cheiro.

— Como? — sussurrou Kate.

— Bella é a mãe biológica — disse-lhe Edward. — Ela concebeu e deu à luz Renesmee enquanto ainda era humana. Isso quase a matou. Fui obrigado a injetar veneno em seu coração para salvá-la.

— Nunca ouvi falar numa coisa assim — disse Eleazar. Seus ombros ainda estavam rígidos, a expressão, fria.

— As relações físicas entre vampiros e humanos não são comuns — respondeu Edward com um toque de humor negro na voz. — Os sobreviventes humanos desses encontros são ainda menos comuns. Não concordam, primas?

Tanto Kate quanto Tanya o olharam de cara fechada.

— Ora, vamos, Eleazar. Sem dúvida, você pode ver a semelhança.

Foi Carmen quem respondeu às palavras de Edward. Ela contornou Eleazar, ignorando seu alerta semiarticulado, e andou com cuidado para se colocar bem à minha frente. Inclinou-se levemente, olhando com atenção o rosto de Renesmee.

— Você parece ter os olhos de sua mãe — disse ela numa voz calma e baixa —, mas o rosto é de seu pai. — E, então, como se não pudesse evitar, sorriu para Renesmee.

O sorriso de resposta de Renesmee foi deslumbrante. Ela tocou meu rosto sem desviar os olhos de Carmen. Imaginou tocar o rosto de Carmen, perguntando-se se haveria algum problema.

— Importa-se se Renesmee lhe falar? — perguntei a Carmen. Eu ainda estava estressada demais para que minha voz parecesse mais do que um sussurro. — Ela tem um dom para explicar as coisas.

Carmen ainda sorria para Renesmee.

— Você fala, pequenininha?

— Sim — respondeu Renesmee em seu impressionante tom de soprano. Toda a família de Tanya se retraiu ao som de sua voz, exceto Carmen. — Mas posso lhe mostrar mais do que posso falar.

Ela colocou a mão gordinha no rosto de Carmen.

Carmen enrijeceu como se tivesse sido atingida por um choque elétrico. Eleazar estava ao seu lado num instante, as mãos em seus ombros como se fosse puxá-la para longe.

— Espere — disse Carmen sem fôlego, os olhos fixos nos de Renesmee.

Renesmee "mostrou" a Carmen sua explicação por um longo tempo. O rosto de Edward estava concentrado enquanto ele observava com Carmen, e eu desejei poder ouvir o que ele ouvia. Jacob mudou o peso do corpo com impaciência atrás de mim, e eu sabia que ele desejava o mesmo.

— O que Nessie está mostrando a ela? — grunhiu ele.

— Tudo — murmurou Edward.

Mais um minuto se passou e Renesmee baixou a mão do rosto de Carmen. Ela sorriu, cativante, para a vampira perplexa.

— Ela é mesmo sua filha, olhe para isso! — sussurrou Carmen, voltando seus olhos topázio arregalados para Edward. — Um dom tão nítido! Só podia ter vindo de um pai muito talentoso.

— Acredita no que ela lhe mostrou? — perguntou Edward, a expressão intensa.

— Sem dúvida — disse Carmen simplesmente.

O rosto de Eleazar estava rígido de aflição.

— Carmen!

Carmen tomou as mãos dele nas suas e as apertou.

— Por mais impossível que pareça, Edward não falou nada além da verdade. Deixe que a criança lhe mostre.

Carmen puxou Eleazar para mais perto de mim e assentiu para Renesmee.

— Mostre a ele, mi querida.

Renesmee sorriu, claramente deliciada com a aceitação de Carmen, e tocou de leve a testa de Eleazar.

— Ay caray! — cuspiu ele, e afastou-se dela bruscamente.

— O que ela fez com você? — perguntou Tanya, chegando mais perto com

cautela. Kate também avançou um pouco.

— Ela só está tentando lhe mostrar o lado dela da história — disse-lhe Carmen numa voz tranquilizadora.

Renesmee franziu a testa com impaciência.

— Observe, por favor — ela ordenou a Eleazar. Esticou a mão para ele e então deixou alguns centímetros entre seus dedos e o rosto dele, esperando.

Eleazar olhou-a com desconfiança e em seguida para Carmen, em busca de ajuda. Ela assentiu, estimulando-o. Eleazar respirou fundo e se inclinou para mais perto, até que sua testa tocasse a mão dela novamente.

Ele estremeceu no início, mas dessa vez manteve-se parado, os olhos fechados, concentrado.

— Ahh! — ele suspirou, quando os olhos reabriram alguns minutos depois. — Entendo.

Renesmee sorriu para ele. Ele hesitou, e então devolveu um sorriso levemente indeciso.

— Eleazar? — perguntou Tanya.

— É tudo verdade, Tanya. Esta não é uma criança imortal. Ela é meio humana. Venha. Veja por si mesma.

Em silêncio, Tanya assumiu seu lugar cautelosamente na minha frente, e depois Kate, as duas demonstrando surpresa com a primeira imagem que lhes veio com o toque de Renesmee. Mas em seguida, como Carmen e Eleazar, elas pareceram completamente conquistadas assim que acabou.

Olhei para o rosto tranquilo de Edward, perguntando-me se podia ser assim tão fácil. Seus olhos dourados estavam claros, não havia sombra neles. Isso não era nenhuma ilusão, então.

— Obrigado por ouvirem — disse ele em voz baixa.

— Mas você nos alertou de um grave risco — disse Tanya. — Não diretamente desta criança, pelo que vejo, mas certamente dos Volturi. Como eles descobriram sobre ela? Quando eles virão?

Não foi surpresa que ela compreendesse rapidamente. Afinal, o que poderia ser uma ameaça para uma família tão forte como a minha? Só os Volturi.

— Quando Bella viu Irina naquele dia nas montanhas — explicou Edward —, ela estava com Renesmee.

Kate sibilou, os olhos estreitando-se em fendas.

— Irina fez isso? Com você? Com Carlisle? Irina?

— Não — sussurrou Tanya. — Outra pessoa...

— Alice a viu procurar os Volturi — disse Edward. Perguntei-me se os outros perceberam o modo como ele estremeceu um pouco quando falou o nome de Alice.

— Como Irina pôde fazer isso? — perguntou Eleazar a ninguém em particular.

— Imagine se você tivesse visto Renesmee a distância. Se não tivesse esperado por nossa explicação.

Os olhos de Tanya endureceram.

— Não importa o que ela tenha pensado... Vocês são nossa família.

— Não há nada que possamos fazer agora sobre a decisão de Irina. É tarde demais. Alice nos deu um mês.

Tanya e Eleazar inclinaram a cabeça. A testa de Kate se franziu.

— Tanto tempo? — perguntou Eleazar.

— Todos eles estão vindo. Isso requer alguns preparativos.

Eleazar arquejou.

— A guarda toda?

— Não só a guarda — disse Edward, o queixo tenso. — Aro, Caius, Marcus. Até as esposas.

O choque vidrou-se nos olhos de todos.

— Impossível — disse Eleazar monotonamente.

— Eu teria dito o mesmo dois dias atrás — disse Edward.

Eleazar fechou a cara e quando falou foi quase um grunhido.

— Mas isso não faz nenhum sentido. Por que eles colocariam a si e às esposas em perigo?

— Não faz sentido desse ângulo. Alice disse que havia mais nisso do que só a punição pelo que eles pensam que fizemos. Ela achou que você poderia nos ajudar.

— Mais do que punição? Mas o que mais pode haver? — Eleazar começou a andar, indo para a porta e voltando como se estivesse sozinho, as sobrancelhas franzidas enquanto fitava o chão.

— Onde estão os outros, Edward? Carlisle, Alice e os outros? — perguntou Tanya.

A hesitação de Edward foi quase imperceptível. Ele respondeu a parte da pergunta apenas.

— Procurando amigos que possam nos ajudar.

Tanya se inclinou para ele, estendendo as mãos.

— Edward, não importa quantos amigos possa reunir, não podemos ajudá-los a vencer. Só podemos morrer com vocês. Você deve saber disso. É claro que talvez nós quatro mereçamos isso, depois do que Irina fez, depois de termos decepcionado vocês no passado... por causa dela também.

Edward sacudiu a cabeça rapidamente.

— Não estamos pedindo que lutem e morram conosco, Tanya. Você sabe que Carlisle jamais pediria isso.

— Então o que é, Edward?

— Queremos testemunhas. Se pudermos fazer com que eles parem, só por um momento. Se nos deixarem explicar... — Ele tocou o rosto de Renesmee; ela pegou a mão dele e a colocou em sua pele. — É difícil duvidar de nossa história quando se vê por si mesmo.

Tanya assentiu devagar.

— Acha que o passado dela vai importar muito a eles?

— Só como uma previsão de seu futuro. A questão da restrição era para nos proteger da exposição, dos excessos de crianças que não podiam ser domadas.

— Eu não sou perigosa — interveio Renesmee. Ouvi sua voz clara e alta com ouvidos novos, imaginando como soava aos outros. — Nunca machuquei vovô, nem Sue, nem Billy. Eu adoro os humanos. E as pessoas-lobo, como o meu Jacob. — Ela soltou a mão de Edward para afagar o braço de Jacob.

Tanya e Kate trocaram um rápido olhar.

— Se Irina não tivesse vindo tão cedo — refletiu Edward —, podíamos ter evitado tudo isso. Renesmee cresce a um ritmo sem precedentes. Quando o mês chegar ao fim, ela terá alcançado mais meio ano de desenvolvimento.

— Bom, isso é algo que certamente podemos testemunhar — disse Carmen num tom decidido. — Podemos jurar que vimos nós mesmos seu amadurecimento. Como os Volturi podem ignorar essa evidência?

— Sim, como? — murmurou Eleazar, mas ele não tirou os olhos do chão, e continuou andando como se não estivesse prestando atenção em nada.

— Sim, podemos ser suas testemunhas — disse Tanya. — Certamente.Vamos

considerar o que mais podemos fazer.

— Tanya — protestou Edward, ouvindo mais em seus pensamentos do que havia em suas palavras —, não esperamos que lutem conosco.

— Se os Volturi não quiserem ouvir nosso testemunho, não podemos simplesmente ficar parados — insistiu Tanya. — É claro que estou falando por mim.

Kate bufou.

— Duvida tanto assim de mim, irmã?

Tanya abriu um sorriso largo para ela.

— É uma missão suicida, afinal.

Kate abriu um sorriso e então deu de ombros, indiferente.

— Estou dentro.

— Eu também farei o que puder para proteger a criança — concordou Carmen. Depois, como se não conseguisse resistir, estendeu os braços para Renesmee. — Posso segurar você, bebé linda?

Renesmee se lançou, ávida, para Carmen, deliciada com a nova amiga. Carmen a abraçou, sussurrando para ela em espanhol.

Exatamente como acontecera com Charlie e, antes, com todos os Cullen. Renesmee era irresistível. O que havia nela que atraía todos, que os fazia dispostos até a arriscar a vida em sua defesa?

Por um momento, pensei que talvez fosse possível o que estávamos tentando. Talvez Renesmee pudesse fazer o impossível, e conquistar nossos inimigos como fez com nossos amigos.

Mas, então, me lembrei de que Alice nos havia deixado, e minha esperança desapareceu com a mesma rapidez com que surgira.

31. TALENTOSOS

— QUAL É A PARTICIPAÇÃO DOS LOBISOMENS NISSO? — PERGUNTOU Tanya, olhando Jacob.

Jacob falou antes que Edward pudesse responder.

— Se os Volturi não pararem para ouvir sobre Nessie, quer dizer, Renesmee — ele se corrigiu, lembrando que Tanya não entenderia o apelido idiota —, nós vamos impedi-los.

— É muita coragem, criança, mas isso seria impossível até para lutadores mais experientes que vocês.

— Vocês não sabem do que somos capazes.

Tanya deu de ombros.

— É sua vida. Faça dela o que quiser.

Os olhos de Jacob passaram para Renesmee — ainda nos braços de Carmen, com Kate rodeando-as — e foi fácil ler a ânsia neles.

— Ela é especial, essa pequenina — refletiu Tanya. — É difícil resistir a ela.

— Uma família muito talentosa — murmurou Eleazar enquanto andava. Seu ritmo acelerava; ele disparava da porta até Carmen e voltava a cada segundo. — Um leitor de pensamentos como pai, um escudo como mãe, e, então, seja qual for a magia com que essa criança extraordinária nos enfeitiçou. Pergunto-me se há um nome para o que ela faz, ou se é a norma para um híbrido de vampiro. Como se uma coisa dessas pudesse ser considerada normal! Um híbrido de vampiro, imagine!

— Com licença — disse Edward numa voz perplexa. Ele estendeu a mão e segurou o ombro de Eleazar quando ele estava prestes a voltar à porta. — De que chamou minha esposa?

Eleazar olhou para Edward com curiosidade, o ritmo maníaco esquecido por um momento.

— Um escudo, eu penso. Ela está me bloqueando agora, então não tenho certeza.

Eu encarei Eleazar, a testa franzida, confusa. Escudo? O que ele quis dizer com bloqueá-lo? Eu estava parada bem ao lado dele, não estava nem um pouco na defensiva.

— Um escudo? — repetiu Edward, aturdido.

— Ora, ora, Edward! Se eu não consigo ler a mente dela, duvido de que você possa. Consegue ouvir os pensamentos dela agora? — perguntou Eleazar.

— Não — murmurou Edward. — Mas nunca fui capaz de fazer isso. Mesmo quando ela era humana.

— Nunca? — Eleazar piscou. — Que interessante. Isso indicaria um talento latente muito poderoso, tendo se manifestado com tanta clareza antes da transformação. Não consigo encontrar uma brecha em seu escudo para dar um sentido a isso. No entanto ela ainda deve estar crua... só tem alguns meses de idade. — O olhar que ele dirigiu a Edward agora era quase exasperado. — E ao que parece não tem consciência nenhuma do que está fazendo. Totalmente inconsciente. Que ironia. Aro me mandou pelo mundo todo em busca de anomalias como essa, e você simplesmente tropeça com ela por acaso e nem percebe o que tem. — Eleazar sacudiu a cabeça, incrédulo.

Eu franzi o cenho.

— Do que está falando? Como eu posso ser um escudo? O que isso significa? — Eu só conseguia visualizar uma ridícula armadura medieval.

Eleazar inclinou a cabeça para o lado enquanto me examinava.

— Creio que éramos excessivamente formais sobre isso na guarda. Na verdade, classificar talentos é uma atividade subjetiva e fortuita; todo talento é único, nunca vemos duas coisas exatamente iguais. Mas você, Bella, é muito fácil de classificar. Os talentos que são puramente defensivos, que protegem algum aspecto do portador, sempre são chamados escudos. Você já testou suas habilidades? Bloqueando alguém além de mim e seu parceiro?

Precisei de alguns segundos, apesar da rapidez com que meu novo cérebro trabalhava, para organizar minha resposta.

— Só funciona com certas coisas — eu lhe disse. — Minha cabeça é meio... privativa. Mas isso não impede Jasper de interferir em meu humor ou Alice de ver meu futuro.

— Uma defesa puramente mental. — Eleazar assentiu para si mesmo. — Limitada, mas forte.

— Aro não conseguiu ouvi-la — interveio Edward. — Embora ela fosse humana quando se conheceram.

Os olhos de Eleazar se arregalaram.

— Jane tentou me ferir, mas não conseguiu — eu disse. — Edward acha que Demetri não é capaz de me localizar e que Alec também não pode me incomodar. Isso é bom?

Eleazar, ainda boquiaberto, assentiu.

— Muito.

— Um escudo! — disse Edward, a satisfação profunda impregnando sua voz. — Nunca pensei dessa maneira. O único que conheci antes é Renata, e o que ela faz é muito diferente.

Eleazar se recuperou um pouco.

— Sim, nenhum talento chega a se manifestar da mesma maneira, porque ninguém pensa da mesma maneira.

— Quem é Renata? O que ela faz? — perguntei. Renesmee também estava interessada, afastando-se de Carmen para poder ver por trás de Kate.

— Renata é a guarda-costas de Aro — disse-me Eleazar. — Um tipo muito prático de escudo, e muito forte.

Eu me lembrava vagamente de um pequeno grupo de vampiros adejando em torno de Aro em sua torre macabra — alguns, homens, outros, mulheres. Não conseguia me lembrar dos rostos das mulheres na memória desconfortável e apavorante. Uma delas devia ser Renata.

— Fico imaginando... — Eleazar refletia. — Entenda, Renata é um escudo poderoso contra um ataque físico. Se alguém se aproximar dela... ou de Aro, pois ela sempre está ao lado dele numa situação hostil... se vê... desviado. Há uma força em volta dela que repele, embora seja quase imperceptível. Você simplesmente se vê indo para um lado diferente do que pretendia, com uma confusa sensação de não saber por que queria ir para o outro lado. Ela pode projetar seu escudo vários metros à frente. E também protege Caius e Marcus, quando eles precisam, mas a prioridade é Aro.

"O que ela faz não é realmente físico. Como a grande maioria de nossos dons, acontece dentro da mente. Se ela tentasse manter você a distância, quem venceria? — Ele sacudiu a cabeça. — Nunca soube dos dons de Aro ou de Jane sendo obstruídos."

— Mamãe, você é especial — disse-me Renesmee sem surpresa nenhuma, como se estivesse comentando a cor de minhas roupas.

Eu me senti desorientada. Eu já não conhecia o meu dom? Eu tinha meu superautocontrole que me permitira pular o horrível primeiro ano de recém-criada. Os vampiros só tinham uma capacidade extra, certo?

Ou Edward estivera certo no início? Antes que Carlisle sugerisse que meu autocontrole poderia ser sobrenatural, Edward havia pensado que minha repressão era apenas fruto de uma boa preparação — foco e atitude, ele havia declarado.

Quem tinha razão? Haveria mais que eu pudesse fazer? Um nome e uma categoria para o que eu era?

— Pode projetar? — perguntou Carmen, interessada.

— Projetar? — indaguei.

— Expandir para além de você — explicou Kate. — Formar um escudo para outra pessoa.

— Não sei. Nunca tentei. Não sabia que deveria fazer isso.

— Ah, pode ser que não consiga — disse Kate rapidamente. — Deus sabe que venho trabalhando nisso há séculos, e o melhor que consigo fazer é passar uma corrente por minha pele.

Eu a olhei, aturdida.

— Kate tem uma habilidade ofensiva — explicou Edward. — Parecida com a de Jane.

Eu recuei, afastando-me de Kate automaticamente, e ela riu.

— Não sou sádica — ela me tranquilizou. — É só uma coisa muito boa em uma luta.

As palavras de Kate começavam a assentar em minha mente, fazendo conexões. Formar um escudo para outra pessoa, dissera ela. Como se houvesse uma maneira de eu incluir outra pessoa em minha mente estranha, peculiar e muda.

Lembrei-me de Edward encolhido nas pedras antigas do torreão do castelo dos Volturi. Embora essa fosse uma lembrança da época de humana, era mais aguda, mais dolorosa que a maioria das outras — como se estivesse gravada no tecido do meu cérebro.

E se eu pudesse impedir que isso acontecesse de novo? E se eu pudesse protegê-lo? Proteger Renesmee? E se houvesse a mais leve possibilidade de eu

funcionar como um escudo para eles também?

— Tem de me ensinar a fazer isso! — insisti, agarrando o braço de Kate sem pensar. — Precisa me mostrar como!

Kate estremeceu com meu aperto.

— Talvez... se parar de tentar esmagar meu braço.

— Epa! Desculpe-me!

— Você está escudando, com certeza — disse Kate. — O movimento que fiz devia ter provocado um choque em seu braço. Não sentiu nada agora?

— Isso não era necessário, Kate. Ela não teve intenção de fazer nenhum mal — murmurou Edward a meia voz.

Nenhuma de nós duas prestava atenção nele.

— Não, não senti nada. Você estava fazendo a coisa da corrente elétrica?

— Estava. Humm. Nunca conheci ninguém que não sentisse, imortal ou não.

— Você disse que projeta? Em sua pele?

Kate assentiu.

— Costumava ser só nas palmas das mãos. Meio como Aro.

— Ou Renesmee — interveio Edward.

— Mas depois de muita prática posso irradiar a corrente por todo o meu corpo. É uma boa defesa. Qualquer um que tente tocar em mim cai como um humano que tenha recebido um disparo de uma arma de eletrochoque. A pessoa só fica fora de combate por um segundo, mas é tempo suficiente.

Eu só ouvia Kate parcialmente, meus pensamentos disparando em torno da ideia de que eu podia proteger minha pequena família se pudesse aprender com bastante rapidez. Eu queria fervorosamente poder ser boa nessa história de projetar, como misteriosamente eu era em todos os outros aspectos da vida de vampira. Minha vida humana não havia me preparado para coisas que vinham naturalmente, e eu não conseguia confiar que aquela aptidão durasse.

Era como se eu jamais tivesse desejado algo tanto quanto aquilo: poder proteger os que eu amava.

Porque estava tão preocupada não percebi o diálogo silencioso que acontecia entre Edward e Eleazar até que se tornou uma conversa em voz alta.

— Pode pensar numa exceção que seja? — perguntou Edward.

Olhei para eles, tentando entender o comentário, e percebi que todos os outros já fitavam os dois homens. Eles estavam inclinados um para o outro,

concentrados, a expressão de Edward rígida com a suspeita, a de Eleazar infeliz e relutante.

— Não quero pensar neles dessa maneira — disse Eleazar entredentes. Fiquei surpresa com a súbita mudança no clima.

— Se tiver razão... — recomeçou Eleazar.

Edward o interrompeu.

— O pensamento foi seu, não meu.

— Se eu tiver razão... não consigo nem entender o que significaria. Mudaria tudo sobre o mundo que criamos. Mudaria o significado da minha vida. Do que já fiz parte.

— Suas intenções sempre foram as melhores, Eleazar.

— E isso importaria? O que eu fiz? Quantas vidas...

Tanya pôs a mão no ombro de Eleazar, num gesto reconfortante.

— O que perdemos, meu amigo? Quero saber para poder argumentar com esses pensamentos. Você nunca fez nada que valesse se castigar dessa maneira.

— Ah, não fiz? — murmurou Eleazar. Então se afastou da mão dela e recomeçou a andar de um lado para o outro, mais rápido até do que antes.

Tanya o observou por meio segundo e então se concentrou em Edward.

— Explique.

Edward assentiu, os olhos tensos seguindo Eleazar enquanto falava.

— Ele estava tentando entender por que tantos dos Volturi viriam aqui nos castigar. Não é assim que eles agem. Certamente, somos o maior clã maduro com que já lidaram, mas no passado outros grupos se uniram para se proteger e nunca representaram um grande desafio, apesar de seu número. Nós temos vínculos mais fortes, e isso é um fator, mas não tão grande.

"Ele estava se lembrando de outras vezes em que os grupos foram castigados, por uma ou outra coisa, e ocorreu-lhe um padrão. Um que o restante da guarda nunca teria percebido, uma vez que era Eleazar quem passava as informações secretas pertinentes a Aro, em particular. Um padrão que só se repetia de dois em dois séculos aproximadamente."

— Que padrão era esse? — perguntou Carmen, observando Eleazar, como fazia Edward.

— Aro não costuma comparecer pessoalmente a uma expedição de punição — disse Edward. — Mas, no passado, quando Aro queria uma coisa em particular,

não demorava muito a surgir uma evidência de que esse ou aquele clã tinha cometido algum crime imperdoável. Os anciãos decidiam ver a guarda administrar a justiça. E então, depois que o clã estava quase destruído, Aro dava o perdão a um membro cujos pensamentos, afirmava ele, eram de arrependimento. Esse vampiro, porém, sempre tinha um dom que Aro admirava. A pessoa sempre recebia um lugar na guarda. O vampiro talentoso era persuadido rapidamente, sempre grato demais pela honraria. Nunca houve exceções.

— Deve ser uma coisa inebriante ser escolhido — Kate comentou.

— Ah! — rosnou Eleazar, ainda em movimento.

— Existe um membro da guarda — disse Edward, explicando a reação irritada de Eleazar. — O nome dela é Chelsea. Ela tem influência sobre os laços emocionais entre as pessoas. Ela tanto pode afrouxar quanto apertar esses laços. Pode fazer alguém se sentir ligado aos Volturi, querer fazer parte deles, querer agradar a eles...

Eleazar parou abruptamente.

— Todos nós entendíamos por que Chelsea era importante. Numa luta, se pudéssemos separar grupos aliados, podíamos derrotá-los com muito mais facilidade. Se pudéssemos distanciar emocionalmente dos culpados os membros inocentes de um clã, a justiça podia ser feita sem brutalidade desnecessária. Os culpados podiam ser punidos sem interferências e os inocentes podiam ser poupados. Caso contrário, era impossível evitar que o clã lutasse como um todo. Então Chelsea rompia esses laços que os vinculavam. Parecia uma grande gentileza para mim, prova da misericórdia de Aro. Sim, eu desconfiava de que Chelsea fortalecia o vínculo de nosso grupo, mas isso também era bom. Nos tornava mais eficazes. Ajudava-nos a coexistir com mais tranquilidade.

Isso me esclarecia antigas lembranças. Antes não fazia sentido para mim como a guarda obedecia a seus senhores com tanta satisfação, com a devoção quase de um amante.

— Qual a força desse dom de Chelsea? — perguntou Tanya com certa tensão na voz. Seu olhar rapidamente tocou cada membro de sua família.

Eleazar deu de ombros.

— Eu consegui partir com Carmen. — Depois ele sacudiu a cabeça. — Mas qualquer coisa mais fraca do que o laço entre parceiros corre perigo. Num clã normal, pelo menos. Mas esses vínculos são mais fracos do que os que há em nossa

família. Abster-se de sangue humano nos torna mais civilizados... permite que formemos verdadeiros vínculos de amor. Duvido de que ela possa desfazer nossas alianças, Tanya.

Tanya assentiu, parecendo tranquilizada, enquanto Eleazar continuava com sua análise.

— Só posso pensar que a razão para Aro ter decidido vir pessoalmente, trazendo tantos deles, é que seu objetivo não é punição, mas aquisição — disse Eleazar. — Ele precisa estar presente para controlar a situação. Mas precisa de toda a guarda para se proteger de um clã tão grande e talentoso. Por outro lado, isso deixa os outros anciãos desprotegidos em Volterra. É arriscado demais... Alguém poderia tentar se aproveitar disso. Então todos vêm juntos. De que outra maneira ele poderia ter certeza de preservar os dons que quer? Deve querer muito esses dons — refletiu Eleazar.

A voz de Edward era baixa como uma respiração.

— Pelo que vi dos pensamentos dele na primavera passada, Aro nunca quis nada tanto quanto quer Alice.

Senti minha boca se escancarar, lembrando-me das imagens de pesadelo que tivera havia muito tempo: Edward e Alice de mantos negros com olhos injetados de sangue, os rostos frios e distantes enquanto se mantinham próximos como sombras, as mãos de Aro nas deles... Será que Alice vira isso mais recentemente? Será que ela tinha visto Chelsea tentando arrancar dela seu amor por nós, vinculá-la a Aro, Caius e Marcus?

— Foi por isso que Alice partiu? — perguntei, minha voz falhando ao dizer seu nome.

Edward pôs a mão em meu rosto.

— Deve ser. Para impedir que Aro conquiste o que ele mais quer. Para deixar seu poder longe das mãos dele.

Ouvi Tanya e Kate murmurando com vozes perturbadas e me lembrei de que elas não sabiam sobre Alice.

— Ele quer você também — sussurrei.

Edward deu de ombros, o rosto de repente um pouco tranquilo demais.

— Não tanto quanto quer ela. Não posso lhe dar mais do que ele já tem. E é claro que isso depende de ele encontrar uma maneira de me obrigar a fazer o que ele quer. Ele me conhece, e sabe que isso é improvável. — Ele ergueu

sardonicamente uma sobrancelha.

Eleazar desaprovava a indiferença de Edward.

— Ele também sabe de suas fraquezas — assinalou Eleazar, e então olhou para mim.

— Não é algo que precisemos discutir agora — disse Edward rapidamente.

Eleazar ignorou a sugestão e prosseguiu:

— Ele deve querer sua parceira também, de qualquer maneira. Deve estar intrigado com um talento que conseguiu desafiá-lo em sua encarnação humana.

Edward estava pouco à vontade com o tema, que também não era agradável para mim. Se Aro quisesse me forçar a fazer alguma coisa — qualquer coisa —, tudo o que precisava fazer era ameaçar Edward, e então eu concordaria. E vice-versa.

Seria a morte a menor das preocupações? Seria a captura o que deveríamos temer?

Edward mudou de assunto.

— Acho que os Volturi estavam esperando por isso... por um pretexto. Eles não podiam saber de que forma viria a desculpa que queriam, mas o plano já estava pronto para quando acontecesse. É por isso que Alice viu sua decisão antes de Irina chegar a eles. A decisão já estava tomada, só esperando por um pretexto.

— Se os Volturi estão abusando da confiança que todos os imortais depositaram neles... — murmurou Carmen.

— Isso importa? — perguntou Eleazar. — Quem acreditaria? E mesmo que outros possam ser convencidos de que os Volturi estão explorando seu poder, isso faria alguma diferença? Ninguém pode se opor a eles.

— Mas alguns de nós, aparentemente, são bem loucos para tentar — sussurrou Kate.

Edward sacudiu a cabeça.

— Vocês só estão aqui para testemunhar, Kate. Qualquer que seja o objetivo de Aro, não creio que esteja pronto para manchar a reputação dos Volturi por isso. Se pudermos derrubar o argumento dele contra nós, será obrigado a nos deixar em paz.

— É claro — murmurou Tanya.

Ninguém pareceu convencido. Por alguns longos minutos ninguém disse nada.

Então ouvi o som de pneus que saíam da rodovia asfaltada para a estrada de terra dos Cullen.

— Ah, droga! Charlie — murmurei. — Talvez os Denali possam subir até que...

— Não — disse Edward numa voz distante. Seus olhos estavam longe, fitando a porta sem ver. — Não é o seu pai. — Seu olhar se concentrou em mim. — Alice mandou Peter e Charlotte, afinal... Hora de nos prepararmos para o próximo round.

32. COMPANHIA

A ENORME CASA DOS CULLEN ESTAVA MAIS APINHADA DE HÓSPEDES do que qualquer um julgaria poder ser confortável. Só deu certo porque nenhum dos visitantes dormia. A hora das refeições, porém, era arriscada. Nossos hóspedes cooperavam como lhes era possível. Deram a Forks e a La Push uma boa distância, só caçando fora do estado; Edward era um anfitrião gentil, emprestando seus carros quando necessário, sem pensar duas vezes. A transigência me deixava muito pouco à vontade, embora eu tentasse dizer a mim mesma que, de qualquer maneira, todos estariam caçando em algum lugar do mundo.

Jacob estava mais perturbado ainda. Os lobisomens existiam para evitar a perda de vidas humanas, e ali estava o assassinato desenfreado sendo tolerado pouco além das fronteiras das matilhas. Mas, nessas circunstâncias, com Renesmee em tamanho perigo, ele mantinha a boca fechada e com os olhos fuzilava o chão, em vez dos vampiros.

Eu estava impressionada com a tranquila acolhida dos vampiros visitantes a Jacob; os problemas que Edward previra nunca se materializaram. Jacob parecia mais ou menos invisível a eles, não era bem uma pessoa, mas também não era comida. Eles o tratavam como as pessoas que não gostam de animais tratam os bichinhos de estimação dos amigos.

Leah, Seth, Quil e Embry foram designados a correr com Sam por ora, e Jacob os teria acompanhado com satisfação, mas não suportava a ideia de ficar longe de Renesmee, e Renesmee estava ocupada fascinando a estranha coleção de amigos de Carlisle.

Repassamos a cena da apresentação de Renesmee ao clã Denali uma meia dúzia de vezes. Primeiro para Peter e Charlotte, que Alice e Jasper nos mandaram sem lhes dar qualquer explicação; como a maioria das pessoas que conheciam Alice, eles confiaram em suas instruções, apesar da falta de informações. Alice não lhes dissera nada sobre a direção que ela e Jasper estavam seguindo. Ela tampouco prometera vê-los novamente no futuro.

Peter e Charlotte nunca tinham visto uma criança imortal. Embora conhecessem a regra, sua reação negativa não foi tão forte quanto a dos vampiros Denali. A curiosidade os impeliu a permitir a "explicação" de Renesmee. E pronto. Agora eles estavam tão empenhados em testemunhar quanto a família de Tanya.

Carlisle havia mandado amigos da Irlanda e do Egito.

O clã irlandês chegou primeiro, e foi surpreendentemente fácil convencê-los. Siobhan — uma mulher de forte presença cujo corpo imenso era ao mesmo tempo lindo e hipnotizante ao se movimentar em suaves ondulações — era a líder, mas tanto ela quanto o parceiro, de expressão severa, Liam, estavam havia muito acostumados a confiar no julgamento da integrante mais nova do clã. A pequena Maggie, com os flexíveis cachos ruivos, não era fisicamente imponente como os outros dois, mas tinha um dom para saber quando estavam lhe dizendo uma mentira, e seus vereditos nunca eram contestados. Maggie declarou que Edward falava a verdade, e Siobhan e Liam aceitaram nossa história antes mesmo de tocar Renesmee.

Amun e os outros vampiros egípcios eram outra história. Mesmo depois de dois membros jovens de seu clã, Benjamin e Tia, terem sido convencidos pela explicação de Renesmee, Amun recusou-se a tocar nela e ordenou a seu clã que fosse embora. Benjamin — um vampiro estranhamente animado que mais parecia um menino e era totalmente confiante e totalmente descuidado ao mesmo tempo — convenceu Amun a ficar, com algumas ameaças sutis sobre desfazer sua aliança. Amun ficou, mas continuou se recusando a tocar Renesmee e não permitiu que sua parceira, Kebi, tampouco o fizesse. Formavam um grupo improvável — embora os egípcios fossem tão parecidos, com o cabelo preto e a tez azeitonada, que facilmente passariam por uma família biológica. Amun era o membro mais antigo e o líder sem papas na língua. Kebi nunca se afastava de Amun mais do que sua sombra, e nunca a ouvi dizer uma única palavra. Tia, a parceira de Benjamin, também era uma mulher silenciosa, embora houvesse, quando falava, um grande discernimento e gravidade em tudo o que dizia. Ainda assim, era em torno de Benjamin que todos pareciam girar, como se ele tivesse um magnetismo invisível de que os outros dependiam para ter equilíbrio. Vi Eleazar fitar o rapaz com os olhos arregalados e imaginei que Benjamin tivesse um talento que atraía os outros para ele.

— Não é isso — disse-me Edward quando ficamos a sós naquela noite. — Seu dom é tão singular que Amun tem pavor de perdê-lo. Exatamente como havíamos planejado evitar que Aro tomasse conhecimento de Renesmee — ele suspirou —, Amun vem mantendo Benjamin longe da atenção de Aro. Amun criou Benjamin, sabendo que ele seria especial.

— O que ele faz?

— Uma coisa que Eleazar nunca viu. Uma coisa de que eu nunca ouvi falar. Algo contra o qual nem seu escudo poderia agir. — Ele me dirigiu seu sorriso torto. — Ele pode influenciar os elementos... a terra, o vento, a água e o fogo. Uma manipulação física verdadeira, sem ilusões mentais. Benjamin ainda está testando suas habilidades, e Amun tenta moldá-lo como uma arma. Mas você vê como Benjamin é independente. Ele não será usado.

— Você gosta dele — deduzi pelo seu tom de voz.

— Ele tem um senso muito claro do certo e do errado. Eu gosto da atitude dele.

A atitude de Amun era bem diferente, e ele e Kebi mantinham-se reservados, embora Benjamin e Tia estivessem se tornando bons amigos do clã Denali e do clã irlandês. Tínhamos esperança de que a volta de Carlisle atenuasse a tensão com Amun.

Emmett e Rose mandaram os amigos nômades de Carlisle que conseguiram localizar.

Garrett chegou primeiro — um vampiro alto e magro, com ávidos olhos rubi e cabelos compridos cor de areia, que ele mantinha amarrados atrás com uma tira de couro —, e imediatamente ficou claro que se tratava de um aventureiro. Imaginei que poderíamos ter-lhe apresentado qualquer desafio e ele aceitaria, só para se testar. Rapidamente se entendeu com as irmãs Denali, fazendo perguntas intermináveis sobre seu estilo de vida incomum. Perguntei-me se o vegetarianismo era outro desafio que ele tentaria, só para ver se poderia conseguir.

Mary e Randall também vieram — já amigos, embora não tivessem viajado juntos. Eles ouviram a história de Renesmee e ficaram para testemunhar, como os outros. Como os Denali, refletiam sobre o que fariam se os Volturi não parassem para ouvir explicações. Os três nômades brincavam com a ideia de tomar nosso partido.

Evidentemente, Jacob ia ficando mais taciturno a cada novo acréscimo. Ele

mantinha distância quando podia, e quando não podia resmungava com Renesmee que alguém precisaria providenciar um índice se esperasse que ele fosse guardar todos os nomes dos novos sanguessugas.*

Carlisle e Esme voltaram uma semana depois de partirem; Emmett e Rosalie, alguns dias mais tarde, e todos nos sentimos melhor quando eles chegaram em casa. Carlisle trouxe mais um amigo, embora amigo pudesse não ser o termo certo. Alistair era um vampiro inglês misantropo que considerava Carlisle seu conhecido mais próximo, embora mal tolerasse mais de uma visita por século. Alistair preferia vagar só, e Carlisle havia lhe cobrado uma série de favores para levá-lo ali. Ele esquivava-se a qualquer companhia, e ficou claro que não tinha admiradores nos clãs reunidos.

O taciturno vampiro de cabelos escuros aceitou a palavra de Carlisle sobre a origem de Renesmee, recusando-se, como Amun, a tocar nela. Edward contou a Carlisle, a Esme e a mim que Alistair tinha medo de estar ali, mas estava mais temeroso de não saber as consequências. Ele desconfiava profundamente de qualquer autoridade, e portanto tinha uma suspeita natural dos Volturi. O que estava acontecendo agora parecia confirmar todos os seus temores.

— É claro que eles vão saber que eu estive aqui — ouvimos Alistair resmungar consigo mesmo no sótão, seu lugar preferido para ficar amuado. — A essa altura, não há como esconder isso de Aro. Séculos de fuga, é o que vai significar. Todos com quem Carlisle falou na última década estarão na lista deles. Nem acredito que me deixei envolver nessa confusão. Que bela maneira de tratar os amigos!

Mas se ele tivesse razão sobre ter de fugir dos Volturi, pelo menos tinha mais esperanças de fazer isso do que o restante de nós. Alistair era um rastreador, embora não tão preciso e eficiente quanto Demetri. Alistair só sentia um impulso evasivo na direção do que procurava. Mas o impulso seria suficiente para dizer a ele que direção tomar: a direção contrária à de Demetri.

E, então, chegou outro par de amigos inesperados — inesperados porque nem Carlisle nem Rosalie tinham conseguido entrar em contato com as Amazonas.

— Carlisle — a mais alta das duas mulheres muito altas e selvagens o cumprimentou quando chegaram. As duas pareciam ter sido esticadas: braços e pernas compridos, dedos longos, tranças pretas longas e rostos compridos, com nariz comprido. Elas se vestiam com peles de animais: coletes e calças justas de

couro, amarradas nas laterais com tiras também de couro. Não eram apenas suas roupas excêntricas que as faziam parecer selvagens, mas tudo nelas, dos olhos carmim inquietos aos movimentos repentinos e velozes. Eu nunca havia conhecido vampiros menos civilizados.

Mas Alice as enviara, e essa era uma notícia no mínimo interessante. Por que Alice estava na América do Sul? Só porque ela vira que ninguém mais conseguiria entrar em contato com as Amazonas?

— Zafrina e Senna! Mas onde está Kachiri? — perguntou Carlisle. — Nunca vi vocês três separadas.

— Alice nos disse que precisávamos nos separar — respondeu Zafrina com a voz grave e áspera que combinava com sua aparência selvagem. — É desagradável estarmos afastadas, mas Alice nos garantiu que vocês precisavam de nós aqui, enquanto ela precisava muito de Kachiri em outro lugar. Foi só o que nos disse, além de que havia muita pressa...? — A declaração de Zafrina terminou em pergunta, e com o tremor de nervosismo que nunca cedia por mais que eu repetisse o gesto, eu trouxe Renesmee para conhecê-las.

Apesar da aparência feroz, elas ouviram com muita calma nossa história, depois permitiram que Renesmee provasse o argumento. Ficaram tão encantadas com Renesmee quanto os outros vampiros, mas eu não conseguia deixar de me preocupar ao observar seus movimentos rápidos e repentinos tão perto dela. Senna sempre estava ao lado de Zafrina, nunca falava, mas não eram como Amun e Kebi. As atitudes de Kebi pareciam obedientes; Senna e Zafrina eram mais como dois membros de um organismo — só que Zafrina era a porta-voz.

A notícia sobre Alice foi estranhamente reconfortante. Era evidente que ela estava em alguma missão oculta enquanto evitava o que Aro planejava para ela.

Edward ficou emocionado por ter as Amazonas conosco, porque Zafrina era enormemente talentosa; seu dom podia ser uma arma ofensiva muito perigosa. Não que Edward fosse pedir a Zafrina que ficasse do nosso lado na batalha, mas se os Volturi não parassem quando vissem nossas testemunhas, talvez parassem por um tipo de cena diferente.

— É uma ilusão muito realista — explicou Edward quando ficou claro que eu não conseguia ver nada, como sempre. Zafrina estava intrigada e maravilhada com minha imunidade, algo que ela nunca havia encontrado, e adejava inquieta enquanto Edward descrevia o que eu não estava vendo. Os olhos de Edward se

desfocaram um pouco enquanto ele continuava. — Ela pode fazer a maioria das pessoas ver apenas o que ela quer que vejam... Por exemplo, agora mesmo estou sozinho no meio de uma floresta tropical. É tão claro que eu poderia mesmo acreditar, a não ser pelo fato de que ainda sinto você em meus braços.

Os lábios de Zafrina se retorceram em sua versão de sorriso. Um segundo depois, os olhos de Edward entraram em foco de novo e ele sorriu.

— Impressionante — disse ele.

Renesmee estava fascinada com a conversa e estendeu a mão sem medo para Zafrina.

— Posso ver? — perguntou ela.

— O que gostaria de ver? — indagou Zafrina.

— O que mostrou a papai.

Zafrina assentiu e fiquei observando ansiosa os olhos de Renesmee fitarem o vazio. Um segundo depois, o sorriso deslumbrante de Renesmee iluminou seu rosto.

— Mais — exigiu ela.

Depois disso, foi difícil manter Renesmee longe de Zafrina e de seus lindos quadros. Eu me preocupava, porque tinha certeza de que Zafrina era capaz de criar imagens nada bonitas. Mas, pelos pensamentos de Renesmee, eu também pude ter as visões de Zafrina — eram tão nítidas quanto as lembranças de Renesmee, como se fossem reais —, e assim julguei por mim mesma se eram adequadas ou não.

Embora não abrisse mão dela facilmente, eu tinha de admitir que era bom que Zafrina mantivesse Renesmee entretida. Eu precisava de minhas mãos. Tinha tanto o que aprender, física e mentalmente, e o tempo era muito curto.

Minha primeira tentativa de aprender a lutar não foi boa.

Edward me derrubou em dois segundos. Mas, em vez de me deixar lutar para me libertar — o que eu certamente poderia ter feito —, ele saltou e se afastou de mim. Eu logo entendi que alguma coisa estava errada; ele estava imóvel como pedra, olhando o outro lado da campina onde treinávamos.

— Desculpe-me, Bella — disse ele.

— Eu estou bem — afirmei. — Vamos fazer de novo.

— Não posso.

— Como assim, não pode? Acabamos de começar.

Ele não respondeu.

— Escute, sei que não sou boa nisso, mas não posso ficar melhor se você não me ajudar.

Ele não disse nada. De brincadeira, saltei sobre ele. Ele não se defendeu, e nós dois caímos no chão. Ele se manteve imóvel enquanto eu pressionava os lábios em sua jugular.

— Ganhei — anunciei.

Seus olhos se estreitaram, mas ele não disse nada.

— Edward? Qual é o problema? Por que não quer me ensinar?

Um minuto inteiro se passou antes que ele falasse.

— Eu simplesmente não... suporto. Emmett e Rosalie sabem tanto quanto eu. Tanya e Eleazar devem saber mais. Peça a outra pessoa.

— Isso não é justo! Você é bom nisso. Você ajudou Jasper antes... Lutou com ele e todos os outros também. Por que não comigo? O que eu fiz de errado?

Ele suspirou, exasperado. Seus olhos estavam escuros, sem ouro nenhum para clarear o preto.

— Olhar você assim, analisá-la como um alvo. Ver todas as maneiras como posso matá-la... — Ele se encolheu. — Torna tudo real demais para mim. Não temos muito tempo, então não fará diferença quem é seu professor. Qualquer um pode lhe ensinar os fundamentos.

Eu fechei a cara.

Ele tocou meu lábio inferior que fazia beicinho e sorriu.

— Além disso, é desnecessário. Os Volturi vão parar. Vamos fazê-los entender.

— E se não pararem? Eu preciso aprender.

— Encontre outro professor.

Essa não foi nossa última conversa sobre o assunto, mas eu não o demovi nem um milímetro de sua decisão.

Emmett estava mais do que disposto a ajudar, embora suas aulas me parecessem mais uma vingança por todas as quedas de braço perdidas. Se eu ainda pudesse ter hematomas, estaria roxa da cabeça aos pés. Rose, Tanya e Eleazar eram pacientes e me davam apoio. Suas aulas lembravam-me das instruções de luta de Jasper aos outros em junho passado, embora essas lembranças fossem indistintas e nebulosas. Alguns dos visitantes achavam minha educação divertida,

e alguns até ofereciam ajuda. O nômade Garrett assumiu algumas rodadas — ele era um professor surpreendentemente bom; interagia com tanta facilidade com os outros, que me perguntei por que ele nunca havia encontrado um clã. Até lutei uma vez com Zafrina, enquanto Renesmee assistia, nos braços de Jacob. Aprendi vários truques, mas não pedi a ajuda dela de novo. Na verdade, embora eu gostasse muito de Zafrina e soubesse que ela não iria me ferir, eu morria de medo daquela mulher selvagem.

Aprendi muitas coisas com meus professores, mas tinha a sensação de que meu conhecimento ainda era tremendamente básico. Não fazia ideia de quantos segundos resistiria a Alec e Jane. Só rezava para que fosse tempo suficiente para ajudar.

Cada minuto do dia em que não estava com Renesmee ou aprendendo a lutar eu estava no quintal dos fundos trabalhando com Kate, tentando estender meu escudo interno além do meu cérebro, para proteger outra pessoa. Edward me estimulava nesse treinamento. Sabia que ele esperava que eu encontrasse uma maneira de contribuir que me satisfizesse e ao mesmo tempo me mantivesse fora da linha de fogo.

Era muito difícil. Não havia onde me agarrar, nada sólido com que trabalhar. Eu só tinha meu desejo feroz de ser útil, de ser capaz de manter Edward, Renesmee e o maior número possível dos membros de minha família seguros comigo. Tentei repetidas vezes forçar o escudo nebuloso para fora, com um pequeno sucesso vez ou outra. Era como se eu estivesse lutando para esticar um elástico invisível — um elástico que mudava a qualquer momento da tangibilidade concreta para a fumaça imaterial.

Só Edward estava disposto a ser nossa cobaia — a receber choque após choque de Kate enquanto eu lutava sem competência nenhuma com o interior de minha mente. Trabalhávamos por horas seguidas a cada vez, e parecia que eu devia estar coberta de suor pelo esforço, mas é claro que meu corpo perfeito não me traía dessa maneira. Meu cansaço era inteiramente mental.

Matava-me que fosse Edward que tivesse de sofrer, meus braços inutilmente em volta dele enquanto ele se encolhia uma vez atrás da outra com a carga "baixa" de Kate. Tentei ao máximo esticar meu escudo em torno de nós; de vez em quando eu conseguia, e então voltava a fracassar.

Eu odiava aquele treino, e queria que Zafrina ajudasse, em vez de Kate. Então,

só o que Edward teria de fazer era olhar as ilusões de Zafrina até que eu pudesse impedi-lo de ver. Mas Kate insistia sobre eu precisar de uma motivação melhor — e com isso ela se referia ao meu ódio ao ver a dor de Edward. Eu estava começando a duvidar de sua declaração no primeiro dia em que nos conhecemos — que não era sádica no uso de seu dom. Ela parecia estar se divertindo à minha custa.

— Ei — disse Edward animadamente, tentando esconder qualquer prova de sofrimento na voz. Qualquer coisa para evitar que eu quisesse treinar luta. — Essa mal foi uma picada. Bom trabalho, Bella.

Respirei fundo, tentando apreender exatamente o que fizera certo. Testei o elástico, lutando para forçá-lo a continuar sólido enquanto o estendia para longe de mim.

— De novo, Kate — grunhi entre os dentes trincados.

Kate colocou a palma da mão no ombro de Edward.

Ele suspirou de alívio.

— Desta vez, nada.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Esse não foi baixo.

— Que bom — bufei.

— Prepare-se — ela me disse, estendendo a mão para Edward de novo.

Dessa vez ele tremeu e um silvo baixo saiu por entre seus dentes.

— Desculpe! Desculpe! Desculpe! — entoei, mordendo o lábio. Por que eu não conseguia fazer isso direito?

— Está fazendo um trabalho maravilhoso, Bella — disse Edward, apertando-me contra o seu peito. — Você só está trabalhando nisso há alguns dias e já projeta esporadicamente. Kate, diga a ela como está se saindo bem.

Kate franziu os lábios.

— Não sei. Evidentemente, ela tem uma capacidade tremenda, e só estamos começando a explorá-la. Ela pode fazer melhor, eu tenho certeza. Só precisa de incentivo.

Eu a fitei, incrédula, meus lábios automaticamente recuando sobre os dentes. Como Kate podia pensar que me faltava motivação com ela dando choques em Edward bem na minha frente?

Ouvi murmúrios da plateia que vinha aumentando constantemente, à medida

que eu treinava — só Eleazar, Carmen e Tanya no início; depois Garrett havia se aproximado; em seguida, Benjamin e Tia, Siobhan e Maggie, e agora até Alistair espiava de uma janela no terceiro andar. Os espectadores concordavam com Edward: achavam que eu estava me saindo bem.

— Kate... — disse Edward num tom de advertência enquanto um novo curso de ação ocorria a ela; mas Kate já estava em ação. Ela disparou ao longo da curva do rio até onde Zafrina, Senna e Renesmee andavam devagar, a mão de Renesmee na de Zafrina enquanto elas trocavam imagens. Jacob as acompanhava, alguns passos atrás.

— Nessie — disse Kate (os recém-chegados haviam rapidamente adotado o apelido irritante) —, gostaria de vir ajudar sua mãe?

— Não — eu disse, quase um rosnado.

Edward me abraçou, tentando me tranquilizar. Eu me livrei de seus braços assim que Renesmee voou pelo quintal até mim, com Kate, Zafrina e Senna atrás dela.

— De jeito nenhum, Kate — sibilei.

Renesmee estendeu a mão para mim e, automaticamente, abri os braços. Ela se enroscou em mim, colocando a cabeça na concavidade sob meu ombro.

— Mas, mamãe, eu quero ajudar — disse ela, num tom decidido. Sua mão pousou em meu pescoço, reforçando seu desejo com imagens de nós duas juntas, uma equipe.

— Não — eu disse, recuando rapidamente. Kate, deliberadamente, dera um passo na minha direção, a mão estendida para nós.

— Fique longe de nós, Kate — eu a alertei.

— Não. — Ela começou a avançar. Sorria como uma caçadora acuando a presa.

Movi Renesmee de modo que ela se segurasse nas minhas costas, ainda recuando num passo que acompanhava o de Kate. Agora minhas mãos estavam livres, e se Kate quisesse que as mãos dela continuassem presas nos pulsos, era melhor manter distância.

Kate, provavelmente, não entendia, sem jamais ter conhecido a paixão de uma mãe pela filha. Ela não devia ter percebido o quanto já tinha ido longe demais. Eu estava tão furiosa que minha visão assumiu um estranho tom avermelhado e minha língua tinha gosto de metal em brasa. A força que em geral eu reprimia

fluía em meus músculos, e eu sabia que podia esmagá-la até transformá-la em um pedregulho duro feito diamante se ela me forçasse a isso.

A raiva destacou cada aspecto de meu ser. Eu podia até sentir a elasticidade de meu escudo mais exatamente agora — sentir que não era tanto um elástico, mas uma camada, uma película fina que me cobria da cabeça aos pés. Com a raiva ondulando pelo meu corpo, eu o percebia melhor, tinha mais domínio sobre ele. Eu o estendi em torno de mim, projetando-o para fora, envolvendo Renesmee completamente nele, para o caso de Kate ultrapassar minha defesa.

Kate deu outro passo calculado para a frente, e um rosnado feroz raspou minha garganta e passou por meus dentes trincados.

— Cuidado, Kate — alertou Edward.

Kate deu outro passo, e então cometeu um erro que até uma inexperiente como eu podia reconhecer. A apenas um curto salto de mim ela desviou o olhar, passando sua atenção de mim para Edward.

Renesmee estava segura em minhas costas; eu me preparei para saltar.

— Pode ouvir alguma coisa de Nessie? — perguntou Kate a ele, a voz calma e estável.

Edward disparou para o espaço entre nós, bloqueando meu trajeto até Kate.

— Não, absolutamente nada — respondeu ele. — Agora dê a Bella um tempo para se acalmar, Kate. Você não devia irritá-la desse jeito. Sei que ela não parece ter a idade que tem, mas só tem meses de idade.

— Não temos tempo para fazer isso com gentileza, Edward. Vamos precisar pressioná-la. Só temos algumas semanas, e ela tem o potencial para...

— Recue um minuto, Kate.

Kate franziu a testa, mas levou o aviso de Edward mais a sério do que o meu.

A mão de Renesmee estava em meu pescoço; ela estava se lembrando do ataque de Kate, mostrando-me que não houvera intenção de mal nenhum, que papai estava envolvido...

Isso não me apaziguou. O espectro de luz que eu via ainda parecia tingido de carmim. Mas eu estava mais controlada e podia ver a sabedoria das palavras de Kate. A raiva me ajudava. Eu aprenderia mais rápido sob pressão.

Isso não queria dizer que eu gostasse.

— Kate — grunhi. Pousei a mão na parte inferior das costas de Edward. Ainda podia sentir meu escudo como um manto forte e flexível em torno de

Renesmee e de mim. Eu o estendi mais um pouco, forçando-o em volta de Edward. Não havia sinal de falha no tecido elástico, nenhuma ameaça de rasgar. Eu arquejava com o esforço, e minhas palavras saíram ofegantes em vez de furiosas. — De novo — eu disse a Kate. — Só Edward.

Ela revirou os olhos, mas avançou e colocou a palma da mão no ombro de Edward.

— Nada — disse Edward. Ouvi o sorriso em sua voz.

— E agora? — perguntou Kate.

— Nada ainda.

— E agora? — Dessa vez, havia tensão em sua voz.

— Absolutamente nada.

Kate grunhiu e se afastou.

— Podem ver isso? — perguntou Zafrina em sua voz grave e selvagem, olhando fixamente para nós três. Ela falava com um sotaque estranho, as palavras ganhando intensidade em sílabas inesperadas.

— Não vejo nada que não devesse — disse Edward.

— E você, Renesmee? — perguntou Zafrina.

Renesmee sorriu para Zafrina e sacudiu a cabeça.

Minha fúria havia passado quase inteiramente, e eu trincava os dentes, arfando mais rápido enquanto forçava o escudo elástico; parecia ficar mais pesado quanto mais tempo eu o estendia. Ele puxava de volta, arrastando-se para dentro.

— Ninguém entre em pânico — alertou Zafrina ao pequeno grupo que me olhava. — Quero ver até que ponto ela pode estendê-lo.

Houve uma arfar de choque de todos os presentes — Eleazar, Carmen, Tanya, Garrett, Benjamin, Tia, Siobhan, Maggie —, todos exceto Senna, que parecia preparada para o que Zafrina estava fazendo. Os olhos dos outros ficaram vazios, a expressão ansiosa.

— Levantem a mão quando recuperarem a visão — instruiu Zafrina. — Agora, Bella. Veja quantos você consegue incluir em seu escudo.

Minha respiração saiu numa baforada. Kate era a pessoa mais próxima de mim, depois de Edward e Renesmee, mas mesmo ela estava a uns três metros de distância. Eu tranquei o queixo e fiz força, tentando lançar a proteção resistente e teimosa àquela distância. Centímetro por centímetro, eu a impeli até Kate, lutando com a reação que puxava de volta a cada fração que eu conquistava.

Enquanto eu trabalhava, olhava apenas a expressão ansiosa de Kate, e gemi de alívio quando seus olhos piscaram e ganharam foco. Ela levantou a mão.

— Fascinante! — murmurou Edward. — É como um vidro espelhado. Posso ler tudo o que eles estão pensando, mas eles não podem me alcançar por trás disso. E posso ouvir Renesmee, embora não pudesse quando eu estava de fora. Aposto que Kate agora pode me dar um choque, porque ela está sob o guarda-chuva. Mas ainda não posso ouvir você... Hummm. Como isso funciona? Eu me pergunto se...

Ele continuou a murmurar consigo mesmo, mas eu não podia ouvir as palavras. Cerrei os dentes, lutando para forçar o escudo até Garrett, que era quem estava mais perto de Kate. Sua mão se levantou.

— Muito bom — Zafrina me cumprimentou. — Agora...

Mas ela falara cedo demais; com um arquejo agudo, senti meu escudo se retrair como um elástico esticado demais, voltando num estalo à forma original. Renesmee, experimentando a cegueira que Zafrina havia conjurado para os outros, tremeu em minhas costas. Fatigada, lutei contra o elástico, forçando o escudo a incluí-la novamente.

— Posso descansar um minuto? — ofeguei. Desde que me tornara vampira, não sentira necessidade de descanso uma única vez até aquele momento. Era enervante sentir-me tão exausta e tão forte ao mesmo tempo.

— Claro — disse Zafrina, e os espectadores relaxaram quando ela os deixou enxergar de novo.

— Kate — chamou Garrett enquanto os outros murmuravam e se afastavam um pouco, perturbados com o momento de cegueira; os vampiros não estavam acostumados a se sentir vulneráveis. Garrett era o único imortal sem dons que parecia atraído a minhas sessões de treino. Perguntei-me qual seria a isca para o aventureiro.

— Eu não faria isso, Garrett — alertou Edward.

Garrett continuou caminhando na direção de Kate, apesar da advertência, os lábios franzidos com a curiosidade.

— Dizem que você pode derrubar um vampiro de costas.

— Sim — ela concordou. Depois, com um sorriso, agitou os dedos de brincadeira em sua direção. — Curioso?

Garrett deu de ombros.

— É algo que nunca vi. Parece um certo exagero...

— Talvez — disse Kate, o rosto sério de repente. — Talvez só funcione com os fracos e os jovens. Não sei bem. Mas você parece forte. Talvez possa resistir ao meu dom. — Ela estendeu a mão para ele, a palma voltada para cima, num convite claro. Seus lábios se retorceram, e eu tinha certeza de que sua expressão grave era uma tentativa de convencê-lo.

Garrett sorriu diante do desafio. Muito confiante, tocou a palma da mão dela com o indicador.

E depois, com um arquejo sonoro, seus joelhos se dobraram e ele caiu para trás. Sua cabeça atingiu um pedaço de granito com um estalo agudo. Foi chocante assistir. Meus instintos se retraíram ao ver um imortal incapacitado daquela maneira; era profundamente errado.

— Eu avisei — murmurou Edward.

As pálpebras de Garrett tremeram por alguns segundos e, então, seus olhos se arregalaram. Ele fitou a sorridente Kate, e um sorriso maravilhado iluminou seu rosto.

— Uau! — disse ele.

— Gostou dessa? — perguntou ela ceticamente.

— Eu não sou louco — ele riu, sacudindo a cabeça enquanto se ajoelhava devagar —, mas isso foi qualquer coisa!

— É o que me dizem.

Edward revirou os olhos.

E, então, houve uma pequena comoção no jardim diante da casa. Ouvi a voz de Carlisle acima de um balbucio de vozes surpresas.

— Alice mandou vocês? — perguntou ele a alguém, a voz insegura, levemente contrariada.

Outro hóspede inesperado?

Edward entrou correndo na casa e a maioria dos outros o imitou. Segui mais devagar, Renesmee ainda empoleirada em minhas costas. Eu daria um momento a Carlisle. Deixaria que ele recebesse os novos hóspedes, preparando-os para a ideia do que estava por vir.

Puxei Renesmee para os meus braços enquanto contornava a casa, com cautela, para entrar pela porta da cozinha, ouvindo o que não podia ver.

— Ninguém nos mandou — uma voz grave e sussurrada respondeu à

pergunta de Carlisle. Imediatamente recordei as vozes antigas de Aro e Caius, e fiquei paralisada na cozinha.

Eu sabia que a sala da frente estava lotada — quase todos tinham ido para lá ver os visitantes mais recentes —, mas não havia ruído nenhum. Respiração superficial, era só.

A voz de Carlisle estava desconfiada quando perguntou:

— Então, o que os traz aqui agora?

— As notícias se espalham — respondeu uma voz diferente, tão suave quanto a primeira. — Ouvimos insinuações de que os Volturi estavam agindo contra vocês. E boatos de que vocês não iriam enfrentá-los sozinhos. Obviamente, os boatos eram verdadeiros. É uma reunião impressionante.

— Não estamos desafiando os Volturi — respondeu Carlisle num tom tenso. — Houve um mal-entendido, é só isso. Um mal-entendido muito grave, certamente, mas que esperamos esclarecer. O que vocês veem são testemunhas. Só precisamos que os Volturi ouçam. Nós não...

— Não nos importamos com o que eles dizem que vocês fizeram — interrompeu a primeira voz. — E não ligamos se infringiram a lei.

— Por mais extraordinária que tenha sido a infração — acrescentou a segunda.

— Estamos esperando há um milênio e meio que a escória da Itália seja desafiada — disse a primeira. — Se há alguma chance de eles caírem, estaremos aqui para ver.

— Ou até para ajudar a derrotá-los — acrescentou a segunda. Eles falavam numa sequência suave, as vozes tão parecidas que ouvidos menos sensíveis suporiam que se tratava de uma só pessoa. — Se acharmos que vocês têm alguma chance de sucesso.

— Bella? — Edward me chamou com a voz severa. — Traga Renesmee aqui, por favor. Talvez devamos testar as declarações de nossos visitantes romenos.

Ajudava saber que provavelmente metade dos vampiros no outro cômodo viria em defesa de Renesmee se os romenos ficassem perturbados com ela. Eu não gostava de suas vozes, nem da ameaça sombria em suas palavras.

Quando entrei na sala, pude ver que não estava sozinha nessa avaliação. A maioria dos vampiros imóveis os encarava fixamente com olhos hostis, e alguns — Carmen, Tanya, Zafrina e Senna — sutilmente reposicionaram-se, em

defensiva, entre os recém-chegados e Renesmee.

Os vampiros na porta eram magros e baixos, um de cabelos pretos e outro com o cabelo de um louro tão claro que parecia cinza-claro. Tinham a mesma pele pulverulenta dos Volturi, embora não parecesse ser tanto quanto a dos italianos. Mas eu não podia ter certeza disso, pois nunca vira os Volturi, a não ser com olhos humanos; não podia fazer uma comparação perfeita. Seus olhos estreitos e penetrantes eram vinho-escuro, sem a película leitosa. Eles usavam roupas pretas muito simples, que podiam passar por modernas, mas sugeriam modelos mais antigos.

O de cabelos pretos sorriu quando entrei em seu campo de visão.

— Ora, ora, Carlisle. Vocês foram mesmo desobedientes, não é?

— Ela não é o que você pensa, Stefan.

— E não nos importamos nem um pouco — respondeu o louro. — Como já dissemos.

— Então são bem-vindos para observar, Vladimir, mas não está em nossos planos desafiar os Volturi, como nós já dissemos.

— Então vamos só cruzar os dedos — começou Stefan.

— E esperar que tenhamos sorte — concluiu Vladimir.

—No fim, tínhamos reunido dezessete testemunhas — os irlandeses, Siobhan, Liam e Maggie; os egípcios, Amun, Kebi, Benjamin e Tia; as Amazonas, Zafrina e Senna; os romenos, Vladimir e Stefan, e os nômades, Charlotte e Peter, Garrett, Alistair, Mary e Randall — para complementar nossa família de onze. Tanya, Kate, Eleazar e Carmen insistiam em contar como parte de nossa família.

Além dos Volturi, devia ser a maior reunião amistosa de vampiros maduros na história dos imortais.

Todos estávamos começando a ter um pouco de esperança. Nem eu mesma consegui evitar isso. Renesmee havia conquistado tantos em tão pouco tempo! Os Volturi só tinham de ouvir por uma mínima fração de segundo...

Os últimos dois romenos sobreviventes — concentrados apenas em seu amargo ressentimento contra aqueles que tinham tomado seu império mil e quinhentos anos antes — acompanhavam tudo sem interferir. Eles não tocavam em Renesmee, mas não demonstravam aversão a ela. Pareciam misteriosamente deliciados com nossa aliança com os lobisomens. Observavam meu treinamento do escudo com Zafrina e Kate, viam Edward responder a perguntas mudas,

olhavam Benjamin formar gêiseres de água do rio ou lufadas repentinas de vento do ar parado apenas com a mente, e seus olhos brilhavam com a esperança feroz de que os Volturi finalmente houvessem encontrado adversários à altura.

Não esperávamos as mesmas coisas, mas todos tínhamos esperança.

33. FALSIFICAÇÃO

— CHARLIE, AINDA TEMOS O PROBLEMA DO QUE É ESTRITAMENTE NECESSÁRIO SABER. Sei que faz mais de uma semana que você não vê Renesmee, mas uma visita neste momento não é uma boa ideia. Que tal eu levar Renesmee para ver você?

Charlie ficou em silêncio por tanto tempo que me perguntei se ele tinha ouvido a tensão por baixo de minha fachada.

Mas depois ele resmungou: "O que é necessário saber, argh", e percebi que foi só sua cautela com o sobrenatural que o fez demorar a responder.

— Tudo bem, garota — disse Charlie. — Pode trazê-la esta manhã? Sue vai me trazer o almoço. Ela ficou tão apavorada com minha comida quanto você quando veio para cá.

Charlie riu, depois suspirou pelos velhos tempos.

— Hoje de manhã está perfeito. — Quanto mais cedo, melhor. Eu já havia adiado aquilo demais.

— Jake virá com vocês?

Embora Charlie não soubesse de nada sobre imprinting de lobisomens, ninguém deixaria de perceber a ligação entre Jacob e Renesmee.

— Provavelmente. — Não havia como Jacob perder voluntariamente um tempo com Renesmee e sem os sanguessugas.

— Talvez eu deva convidar Billy também — refletiu Charlie. — Mas... humm. Talvez outra hora.

Eu só estava prestando atenção em Charlie parcialmente — mas era o suficiente para perceber a estranha relutância em sua voz quando falou de Billy, mas não o suficiente para me preocupar com o motivo. Charlie e Billy eram adultos; se havia alguma coisa acontecendo entre eles, podiam resolver sozinhos. Eu tinha muito mais coisas importantes com que ficar obcecada.

— A gente se vê daqui a pouco — eu falei, e desliguei.

Havia mais nessa viagem do que proteger meu pai dos vinte e sete vampiros

naquela estranha reunião — que tinham jurado, todos, não matar ninguém num raio de quinhentos quilômetros, mas ainda assim... Evidentemente, nenhum ser humano devia chegar perto daquele grupo. Essa foi a desculpa que eu dera a Edward: eu ia levar Renesmee para Charlie, para que ele não decidisse ir ali. Era um bom motivo para sair da casa, mas não era minha verdadeira razão.

— Por que não podemos ir na sua Ferrari — reclamou Jacob quando me encontrou na garagem. Eu já estava no Volvo de Edward com Renesmee.

Edward tinha tido a chance de revelar meu carro de depois; como ele havia suspeitado, eu não fora capaz de mostrar o entusiasmo adequado. É claro, era um carro lindo e veloz, mas eu gostava de correr.

— É chamativo demais — respondi. — A gente podia ir a pé, mas isso deixaria Charlie apavorado.

Jacob grunhiu, mas sentou-se no banco da frente. Renesmee passou do meu colo para o dele.

— Como você está? — perguntei-lhe enquanto saía da garagem.

— Como acha que estou? — respondeu Jacob com amargura. — Estou enjoado de todos esses sanguessugas fedorentos. — Ele viu minha expressão e falou antes que eu pudesse responder. — É, eu sei, eu sei. Eles são boa gente, estão aqui para ajudar, vão salvar todos nós etc. etc. Diga o que quiser, ainda acho que Drácula Um e Drácula Dois são de arrepiar.

Eu tive de sorrir. Os romenos também não eram meus hóspedes preferidos.

— Nisso eu não discordo de você.

Renesmee sacudiu a cabeça, mas não disse nada; ao contrário do restante de nós, ela achava os romenos estranhamente fascinantes. Ela fizera o esforço de falar com eles em voz alta já que eles não a deixaram tocar neles. Sua pergunta foi sobre sua pele incomum, e embora eu tivesse medo de que eles se ofendessem, fiquei feliz que ela perguntasse. Eu também estava curiosa.

Eles não pareceram se aborrecer com o interesse dela. Talvez um pouco pesarosos.

— Ficamos sentados imóveis por muito tempo, criança — respondeu Vladimir, com Stefan assentindo mas sem continuar as frases de Vladimir, como costumava fazer. — Contemplando nossa própria divindade. Era um sinal de nosso poder que tudo viesse a nós. Presas, diplomatas, aqueles que buscavam nossos favores. Ficávamos sentados em nossos tronos e nos considerávamos deuses.

Por muito tempo não percebemos que estávamos mudando... quase nos petrificando. Creio que os Volturi nos fizeram um favor quando queimaram nossos castelos. Stefan e eu pelo menos paramos de nos petrificar. Agora os olhos dos Volturi estão cobertos por uma camada poeirenta, mas os nossos são brilhantes. Imagino que isso nos dará uma vantagem quando arrancarmos os deles das órbitas.

Tentei manter Renesmee longe deles depois disso.

— Quanto tempo vamos ficar com Charlie? — perguntou Jacob, interrompendo meus pensamentos. Ele ia relaxando visivelmente à medida que nos afastávamos da casa e de todos os novos companheiros. Fiquei feliz de não contar como vampira para ele. Eu ainda era apenas Bella.

— Por um bom tempo, na verdade.

O tom de minha voz atraiu sua atenção.

— Há alguma coisa aqui, além de visitar seu pai?

— Jake, você sabe como é bom em controlar seus pensamentos perto de Edward?

Ele ergueu uma sobrancelha preta e grossa.

— Sim?

Eu apenas assenti, desviando os olhos para Renesmee. Ela olhava pela janela, e não sabia até que ponto estava interessada em nossa conversa, mas decidi não me arriscar a continuar.

Jacob esperou que eu acrescentasse alguma coisa, depois seu lábio inferior se projetou enquanto ele pensava no pouco que eu tinha dito.

Enquanto seguíamos em silêncio, eu apertava os olhos com as lentes de contato irritantes, olhando a chuva fria; não estava frio o bastante para nevar. Meus olhos não eram mais tão assustadores como no início — estavam mais para um laranja-avermelhado opaco do que para o carmim vivo. Logo eles estariam âmbar, o que me permitiria livrar-me das lentes. Eu esperava que a mudança não perturbasse Charlie demais.

Jacob ainda ruminava nossa conversa truncada quando chegamos à casa de Charlie. Não falamos enquanto andávamos num passo humano rápido pela chuva. Meu pai esperava por nós; abriu a porta antes que batêssemos.

— Oi, meninos! Parece que já se passaram anos! Olhe só você, Nessie! Venha com o vovô! Eu juro que você cresceu uns quinze centímetros. E parece tão

magrinha, Ness. — Ele me lançou um olhar zangado. — Não estão alimentando você direito por lá?

— É só um surto de crescimento — murmurei. — Oi, Sue — cumprimentei sobre o ombro dele. O cheiro de frango, tomate, alho e queijo vinha da cozinha; provavelmente, era um cheiro bom para todo o mundo. Eu também senti cheiro de pinheiro fresco e espuma de embalagem.

Renesmee mostrou suas covinhas. Ela nunca falava na frente de Charlie.

— Bom, vamos sair do frio, crianças. Onde está meu genro?

— Recebendo amigos — disse Jacob, e então bufou. — Tem muita sorte de estar fora do circuito, Charlie. É só o que vou dizer.

Eu dei um soco de leve no rim de Jacob enquanto Charlie se encolhia.

— Ai — gemeu Jacob baixinho.

Bom, eu pensei que tivesse socado de leve.

— Na verdade, Charlie, eu tenho umas coisas para fazer.

Jacob me olhou, mas não disse nada.

— Atrasada em suas compras de Natal, Bells? Só tem alguns dias, sabe disso.

— É, compras de Natal — eu disse, pouco convincente. Isso explicava a espuma. Charlie devia estar arrumando a velha decoração.

— Não se preocupe, Nessie — sussurrou ele no ouvido dela. — Eu compenso se sua mãe falhar.

Revirei os olhos para ele, mas na verdade eu não tinha me lembrado das festas de fim de ano.

— O almoço está na mesa — chamou Sue da cozinha. — Vamos, meninos.

— Até mais tarde, pai — eu disse, e troquei um rápido olhar com Jacob. Mesmo que ele não pudesse deixar de pensar nisso perto de Edward, pelo menos não havia muito para ele compartilhar. Ele não fazia a menor ideia do que eu estava aprontando.

Não que eu fizesse alguma ideia tampouco, pensei comigo mesma enquanto entrava no carro.

As estradas estavam escorregadias e escuras, mas dirigir não me intimidava mais. Meus reflexos davam conta da tarefa e eu mal prestava atenção na estrada. O problema era evitar que minha velocidade chamasse atenção quando eu tinha companhia. Queria terminar a missão naquele dia, para ter o mistério resolvido e poder voltar à tarefa vital de aprender. Aprender a proteger alguns e a matar

outros.

Estava ficando cada vez melhor com meu escudo. Kate não sentia necessidade de me motivar mais — não era difícil encontrar motivos para sentir raiva, agora que eu sabia que era essa a chave — e assim eu trabalhava principalmente com Zafrina. Ela estava satisfeita com minha extensão: eu era capaz de cobrir uma área de quase três metros por mais de um minuto, embora isso me deixasse exausta. Nessa manhã, ela tentara descobrir se eu conseguia afastar completamente o escudo da minha mente. Eu não via a utilidade disso, mas Zafrina achava que ajudaria a me fortalecer, como se exercitasse os músculos da barriga e das costas em vez de apenas os dos braços. Você acaba conseguindo erguer mais peso quando todos os músculos estão mais fortes.

Eu não era muito boa naquilo. Só tive um vislumbre do rio na selva que ela tentava me mostrar.

Mas havia diferentes maneiras de me preparar para o que vinha e, restando apenas duas semanas, eu me preocupava que pudesse estar negligenciando a mais importante. Naquele dia corrigiria essa omissão.

Havia memorizado os mapas adequados e não tive problemas para encontrar o endereço que não existia on-line, o de J. Jenks. Meu próximo passo seria Jason Jenks, no outro endereço, o que Alice não me dera.

Dizer que aquele não era um bom bairro seria pouco. O carro mais discreto dos Cullen ainda era uma afronta naquela rua. Meu antigo Chevy teria parecido robusto ali. Como humana, eu teria trancado as portas e fugido dali o mais rápido que me fosse possível. Agora eu me sentia um pouco fascinada. Tentei imaginar Alice naquele lugar, mas não consegui.

Os prédios — todos de três andares, estreitos, meio inclinados, como se curvados pela chuva — eram, em sua maioria, construções antigas, divididas em vários apartamentos. Era difícil saber de que cor deveria ser a pintura que descascava. Tudo havia desbotado em tons de cinza. Alguns edifícios tinham um comércio no térreo: um bar sujo com as janelas pintadas de preto, uma loja de produtos esotéricos com mãos de néon e cartas de tarô brilhando espasmodicamente na porta, um estúdio de tatuagem e uma creche com fita adesiva segurando a janela da frente quebrada. Não havia lâmpadas dentro de nenhum dos estabelecimentos, embora lá fora estivesse bastante escuro para que os humanos precisassem de luz. Eu podia ouvir o murmúrio baixo de vozes ao

longe; parecia da tevê.

Havia algumas pessoas por ali, duas andando pela chuva em direções opostas e uma sentada na pequena varanda de um escritório de advocacia vagabundo, cuja janela era coberta de compensado, lendo um jornal úmido e assoviando. O som era animado demais para o ambiente.

Fiquei tão confusa com o assovio despreocupado que de início não percebi que o prédio abandonado ficava exatamente onde deveria estar o endereço que eu procurava. Não havia números na placa dilapidada, mas o estúdio de tatuagem ao lado ficava a apenas dois números depois.

Parei junto ao meio-fio e deixei o carro em ponto morto por um segundo. Eu ia entrar nessa espelunca de uma maneira ou de outra, mas como fazer isso sem que o cara do assovio desse pela minha presença? Eu podia estacionar na rua seguinte e voltar... Mas devia haver mais testemunhas daquele lado. Quem sabe pelo telhado? Estava bem escuro para esse tipo de coisa?

— Ei, moça — chamou-me o homem do assovio.

Abri a janela do carona como se não conseguisse ouvi-lo.

O homem deixou o jornal de lado e suas roupas me surpreenderam, agora que eu podia vê-las. Por baixo do sobretudo esfarrapado ele estava um pouco bem vestido demais. Não havia brisa para me trazer o cheiro, mas o brilho de sua camisa vermelho-escura me pareceu de seda. Seu cabelo crespo preto estava embaraçado, mas a pele morena era lisa e perfeita, os dentes brancos e bonitos. Uma contradição.

— Talvez não seja bom estacionar o carro aqui, moça — disse ele. — Pode não estar aqui quando voltar.

— Obrigada pelo aviso — eu disse.

Desliguei o motor e saí. Talvez meu amigo do assovio pudesse me dar as respostas de que eu precisava mais rápido do que entrando no prédio. Abri minha grande sombrinha cinza — não que eu me importasse em proteger meu vestido de cashmere. Era uma coisa que uma humana faria.

O homem estreitou os olhos, tentando ver meu rosto na chuva, e então seus olhos se arregalaram. Ele engoliu em seco e ouvi seu coração se acelerar à medida que eu me aproximava.

— Estou procurando uma pessoa — comecei.

— Eu sou uma pessoa — propôs ele com um sorriso. — O que posso fazer por

você, linda?

— Você é J. Jenks? — perguntei.

— Ah! — disse ele, e sua expressão mudou da expectativa para a compreensão. Ele se levantou e me examinou com os olhos semicerrados. — Por que está procurando J?

— Isso é problema meu. — Mesmo porque eu não tinha a menor ideia. — Você é J?

— Não.

Ficamos nos encarando por um longo momento enquanto seus olhos afiados subiam e desciam pelo vestido cinza-perolado que eu usava. Seu olhar finalmente parou no meu rosto.

— Você não parece uma cliente comum.

— Provavelmente porque não sou comum — admiti. — Mas preciso vê-lo o mais rápido possível.

— Não sei bem o que fazer — admitiu ele.

— Por que não me diz seu nome?

Ele sorriu.

— Max.

— É um prazer conhecê-lo, Max. Agora, por que não me diz o que entende por comum?

Seu sorriso se transformou numa careta.

— Bem, os clientes comuns de J não se parecem nada com você. Gente como você não se dá ao trabalho de vir ao escritório do centro. Vai direto para o escritório elegante dele no arranha-céu.

Repeti o outro endereço que eu tinha, em tom de pergunta.

— Sim, o lugar é esse — disse ele, desconfiado de novo. — Por que não foi até lá?

— Foi este o endereço que recebi... de uma fonte muito confiável.

— Se tivesse boas intenções, não estaria aqui.

Eu franzi os lábios. Eu nunca fui muito boa com blefes, mas Alice não havia me deixado muitas alternativas.

— Talvez eu não seja do bem.

A expressão dele era de desculpas.

— Olhe, moça...

— Bella.

— Certo. Bella. Escute, eu preciso desse emprego. J me paga muito bem para ficar por aqui o dia todo. Quero ajudá-la, sinceramente, mas... e é claro que estou falando por hipótese, está bem? Ou extraoficialmente, ou o que servir para você... mas se eu deixar passar alguém que possa metê-lo numa encrenca, eu perco o emprego. Entende minha situação?

Pensei por um minuto, mordendo o lábio.

— Nunca viu ninguém como eu aqui? Bom, mais ou menos como eu. Minha irmã é bem mais baixa e tem cabelo preto espigado.

— O J conhece sua irmã?

— Acho que sim.

Max ponderou por um momento. Eu sorri para ele e sua respiração falhou.

— Vou fazer o seguinte: vou ligar para J e descrever você a ele. Deixe que ele tome a decisão.

O que J. Jenks sabia? Será que minha descrição significaria alguma coisa para ele? Eram pensamentos inquietantes.

— Meu sobrenome é Cullen — eu disse a Max, perguntando-me se não estava passando informações demais. Eu estava começando a ficar irritada com Alice. Será que eu realmente tinha de ficar tão no escuro? Ela podia ter me dito uma ou duas coisinhas...

— Cullen, entendi.

Eu o vi discar, pegando facilmente o número. Bom, eu poderia ligar eu mesma para J. Jenks, se não desse certo.

— Oi, J, é Max. Sei que não devia ligar para esse número, a não ser numa emergência...

É uma emergência?, ouvi fraquinho do outro lado da linha.

— Bom, não exatamente. Tem uma garota que quer ver você...

Não vejo emergência nenhuma nisso. Por que você não seguiu o procedimento normal?

— Não segui o procedimento normal porque ela não parece nada normal...

Ela é policial?!

— Não...

Você não pode ter certeza disso. Ela parece uma dos Kubarev...?

— Não... Deixe-me falar, está bem? Ela disse que você conhece a irmã dela ou

coisa assim.

Não é provável. Como ela é?

— Ela é... — Seus olhos foram do meu rosto até meus sapatos, mostrando aprovação. — Bom, ela parece uma supermodelo, é o que parece. — Eu sorri e ele piscou para mim, depois continuou: — Um corpo de arrasar, branca feito algodão, cabelo castanho-escuro quase na cintura, precisa de uma boa noite de sono... Alguma coisa disso é familiar?

Não, não é. Não estou satisfeito que você tenha deixado que seu fraco por mulheres bonitas interrompesse...

— É, eu sou um idiota quando se trata de mulheres bonitas, qual é o problema disso? Lamento ter incomodado você, cara. Esqueça.

— Nome — sussurrei.

— Ah, sim. Espere — disse Max. — Ela diz que o nome dela é Bella Cullen. Isso ajuda?

Houve um silêncio mortal, e então a voz do outro lado começou de repente a gritar, usando um monte de palavras que não se ouve com frequência do lado de fora das paradas de caminhoneiros. A expressão de Max mudou; as piadas desapareceram e seus lábios ficaram pálidos.

— Porque você não perguntou! — gritou Max de volta, em pânico.

Houve outra pausa enquanto J se recompunha.

Bonita e pálida?, perguntou J, um pouco mais calmo.

— Foi o que eu disse, não foi?

Bonita e pálida? O que aquele homem sabia de vampiros? Ele era um de nós? Eu não estava preparada para esse tipo de confronto. Trinquei os dentes. No que Alice tinha me metido?

Max esperou um minuto ouvindo outra rodada de insultos e instruções aos gritos, depois me fitou com olhos que estavam quase assustados.

— Mas você só recebe os clientes do centro às quintas... Tudo bem, tudo bem! Entendi. — E desligou o celular.

— Ele quer me ver? — perguntei animada.

Max tinha a expressão carregada.

— Poderia ter me dito que era uma cliente prioritária.

— Eu não sabia que era.

— Pensei que você fosse policial — admitiu ele. — Quer dizer, você não

parece uma policial, mas age de uma forma estranha, linda.

Eu dei de ombros.

— Cartel de drogas? — conjecturou ele.

— Quem, eu? — perguntei.

— É. Ou seu namorado ou coisa assim.

— Não, desculpe. Não sou muito fã de drogas, nem meu marido. Drogas, tô fora, essas coisas.

Max praguejou baixo.

— Casada. Não tenho mesmo sorte.

Eu sorri.

— Máfia?

— Não.

— Contrabando de diamantes?

— Francamente! É com esse tipo de gente que você lida, Max? Talvez esteja precisando de um emprego novo.

Eu tinha de admitir, estava me divertindo um pouco. Eu não havia interagido com humanos, além de Charlie e Sue. Era divertido vê-lo se atrapalhar.

Também fiquei satisfeita ao constatar como era fácil não o matar.

— Deve estar envolvida em alguma coisa grande. E ruim — refletiu ele.

— Não é nada disso.

— É o que todos dizem. Mas quem mais precisa de documentos? Ou pode pagar o preço de J por eles, eu deveria dizer. Não é da minha conta, seja como for — disse ele, depois murmurou a palavra casada de novo.

Ele me deu um endereço inteiramente novo, com orientações básicas, e então ficou observando, com olhos desconfiados e desapontados, enquanto eu me afastava.

Àquela altura, eu estava preparada para quase tudo — uma espécie de covil high-tech de vilão de James Bond me parecia adequado. Então pensei que Max devia ter me dado o endereço errado, como um teste. Ou talvez o covil fosse subterrâneo, debaixo desse centro comercial comum, aninhado contra uma encosta arborizada em um belo bairro residencial.

Parei numa vaga e olhei uma placa discreta e de bom gosto onde se lia: JASON SCOTT, ADVOGADO.

Por dentro, o escritório era bege com toques de verde-claro, inofensivo e

comum. Não havia cheiro de vampiro, e isso me ajudou a relaxar. Nada a não ser cheiros humanos desconhecidos. Via-se um aquário engastado na parede, e uma recepcionista de beleza suave sentada atrás da mesa.

— Olá — ela me cumprimentou. — Como posso ajudá-la?

— Quero ver o Sr. Scott.

— Tem hora marcada?

— Não exatamente.

Ela deu um leve sorriso.

— Então pode demorar um pouco. Por que não se senta enquanto eu...

April!, uma voz exigente de homem gritou pelo telefone em sua mesa. Estou esperando a Sra. Cullen em breve.

Eu sorri e apontei para mim.

Mande-a entrar imediatamente. Entendeu? Não importa o que interromper.

Pude ouvir mais alguma coisa em sua voz além da impaciência. Estresse. Nervosismo.

— Ela acaba de chegar — disse April assim que pôde falar.

O quê? Mande-a entrar! O que está esperando?

— Agora mesmo, Sr. Scott! — Ela se levantou, agitando as mãos enquanto ia na frente pelo corredor curto, oferecendo-me café, chá ou qualquer outra coisa que eu quisesse.

— Aí está — disse ela ao me fazer entrar em um escritório imponente, com mesa de madeira pesada e estante.

— Feche a porta depois de sair — ordenou uma voz estridente de tenor.

Examinei o homem atrás da mesa enquanto April fazia uma retirada apressada. Ele era baixo e careca, devia ter uns 55 anos e uma barriga volumosa. Usava gravata de seda vermelha com uma camisa listrada de azul e branco, e o blazer azul-marinho estava pendurado nas costas da cadeira. Ele também tremia, pálido, com um tom doentio, o suor porejando-lhe a testa; imaginei uma úlcera se agitando sob o pneu em sua cintura.

J se recuperou e levantou-se, vacilante, da cadeira. Estendeu a mão acima da mesa.

— Sra. Cullen. Que prazer enorme.

Fui até ele e apertei sua mão rapidamente. Ele se encolheu um pouco com o toque de minha pele fria, mas não pareceu particularmente surpreso com isso.

— Sr. Jenks. Ou prefere Scott?

Ele tremeu de novo.

— Como quiser, é claro.

— Que tal me chamar de Bella e eu chamá-lo de J?

— Como velhos amigos — ele concordou, passando um lenço de seda na testa. Indicou com um gesto que eu me sentasse e se acomodou em sua cadeira. — Devo perguntar: finalmente estou conhecendo a adorável esposa do Sr. Jasper?

Pensei nisso por um segundo. Então aquele homem conhecia Jasper e não Alice. Conhecia-o e parecia ter medo dele também.

— A cunhada dele, na verdade.

Ele franziu os lábios, como se estivesse procurando significados com o mesmo desespero que eu.

— Espero que o Sr. Jasper esteja bem de saúde — disse ele com cautela.

— Tenho certeza de que está com uma saúde excelente. Atualmente está em férias prolongadas.

Isso pareceu esclarecer parte da confusão de J. Ele assentiu consigo mesmo e entrelaçou os dedos.

— Pois bem. Devia ter vindo ao escritório principal. Meus assistentes lá a teriam colocado diretamente em contato comigo... Não precisava passar por canais menos hospitaleiros.

Eu me limitei a assentir. Não sabia por que Alice me dera o endereço do gueto.

— Ah, bem, mas está aqui agora. O que posso fazer por você?

— Documentos — eu disse, tentando fazer com que minha voz desse a impressão de que eu sabia do que falava.

— Certamente — concordou J de pronto. — Estamos falando de certidões de nascimento, certidões de óbito, carteiras de habilitação, passaportes, cartões do seguro social...?

Respirei fundo e sorri. Eu devia muito a Max.

E depois meu sorriso desapareceu. Alice havia me mandado ali por um motivo, e eu tinha certeza de que era para proteger Renesmee. Seu último presente para mim. O que ela sabia que eu precisava.

A única razão para Renesmee precisar de um falsificador era se precisasse fugir. E o único motivo para Renesmee fugir seria se perdêssemos.

Se Edward e eu fugíssemos com ela, não íamos precisar desses documentos. Eu sabia que Edward tinha como conseguir ou fazer ele mesmo carteiras de identidade, e tinha certeza de que ele conhecia maneiras de escapar sem elas. Podíamos correr com ela por milhares de quilômetros. Podíamos nadar com ela um oceano inteiro.

Se nós estivéssemos por perto para salvá-la.

E a questão de guardar segredo de Edward. Porque havia uma boa possibilidade de que tudo que ele sabia, Aro soubesse. Se perdêssemos, Aro certamente conseguiria a informação que desejava antes de destruir Edward.

Era como eu suspeitava. Não podíamos vencer. Mas devíamos ter uma boa chance de matar Demetri antes de perdermos, dando a Renesmee chance de fuga.

Meu coração imóvel parecia uma rocha em meu peito — um peso esmagador. Toda a minha esperança desapareceu como névoa no sol. Meus olhos formigavam.

Quem eu encarregaria disso? Charlie? Mas ele era tão indefeso como humano. E como eu faria Renesmee chegar a ele? Ele não estaria perto daquela luta. Então, só restava uma pessoa. Na verdade, nunca houve mais ninguém.

Eu pensara tudo isso com tanta rapidez que J nem percebeu minha pausa.

— Duas certidões de nascimento, dois passaportes, uma carteira de habilitação — eu disse numa voz baixa e tensa.

Se ele percebeu a mudança em minha expressão, fingiu que não.

— Nomes?

— Jacob... Wolfe. E... Vanessa Wolfe. — Nessie parecia um bom apelido para Vanessa. Jacob se divertiria com a história do Wolfe.

A caneta dele arranhou rapidamente um bloco de papel.

— Nomes do meio?

— Basta colocar alguma coisa genérica.

— Como quiser. Idades?

— Vinte e sete para o homem, 5 para a menina. — Jacob podia passar por 27. Ele era imenso. E no ritmo que Renesmee crescia, era melhor estimar para cima. Ele podia ser o padrasto dela...

— Vou precisar de fotos, se preferir os documentos acabados — disse J, interrompendo meus pensamentos. — O Sr. Jasper, em geral, preferia terminá-los ele mesmo.

Bom, isso explicava por que ele não sabia como Alice era.

— Espere — eu disse.

Essa foi sorte. Eu tinha várias fotos da família em minha carteira, e uma perfeita — Jacob segurando Renesmee nos degraus da varanda —, tirada apenas um mês antes. Alice tinha me dado havia alguns dias... Oh! Talvez não fosse tanta sorte afinal. Alice sabia que eu tinha aquela foto. Talvez ela até tenha tido algum leve lampejo de que eu precisaria dela antes de me dar.

— Aqui está.

J examinou a foto por um momento.

— Sua filha é muito parecida com a senhora.

Eu fiquei tensa.

— É mais parecida com o pai.

— Que não é este homem. — Ele tocou o rosto de Jacob.

Meus olhos se estreitaram e novas gotas de suor surgiram na cabeça brilhante de J.

— Não. Este é um amigo muito íntimo da família.

— Perdoe-me — murmurou ele, e a caneta começou a arranhar de novo. — Em quanto tempo precisa dos documentos?

— Posso recebê-los em uma semana?

— Este é um pedido urgente. Custará o dobro... Mas perdoe-me. Esqueci com quem estou falando.

Estava claro que ele conhecia Jasper.

— Basta me dar o valor.

Ele pareceu hesitar em dizer em voz alta, embora eu tivesse certeza, tendo lidado com Jasper, que devia saber que o preço não seria empecilho. Mesmo sem levar em consideração que existiam em todo o mundo gordas contas nos vários nomes dos Cullen, havia, escondido em toda a casa, dinheiro suficiente para manter um pequeno país por uma década; isso me lembrou que sempre havia cem anzóis nos fundos de qualquer gaveta da casa de Charlie. Eu duvidava de que alguém daria falta da pequena pilha que eu havia retirado nos meus preparativos para aquele dia.

J escreveu o valor na base do bloco.

Assenti calmamente. Eu tinha mais do que isso. Abri a bolsa de novo e contei o valor correto — eu tinha tudo preso com clipes em bolos de cinco mil dólares, então não demorei nada.

— Aqui está.

— Ah, Bella, não precisa me dar toda a soma agora. Costuma-se guardar a metade para garantir a entrega.

Eu sorri languidamente para o homem nervoso.

— Mas eu confio em você, J. Além disso, vou lhe dar uma bonificação... A mesma quantia quando receber os documentos.

— Isso não é necessário, eu lhe asseguro.

— Não se preocupe. — Não que eu pudesse levar comigo aquela quantia. — Então vamos nos encontrar aqui na semana que vem, no mesmo horário?

Ele me olhou, preocupado.

— Na verdade, prefiro fazer essas transações em lugares não relacionados com meus vários negócios.

— Claro. Sei que não estou fazendo isso da maneira esperada.

— Estou acostumado a não ter expectativas quando se trata da família Cullen. — Ele fez uma careta e rapidamente recompôs o rosto. — Vamos nos encontrar daqui a uma semana, às oito da noite, no restaurante The Pacifico? Fica em Union Lake e a comida é extraordinária.

— Perfeito. — Não que eu fosse acompanhá-lo no jantar. Ele na verdade não ia gostar muito se eu o fizesse.

Levantei-me e apertei sua mão de novo. Dessa vez ele não se retraiu. Mas parecia ter uma nova preocupação. Sua boca estava repuxada, as costas tensas.

— Você vai ter algum problema com esse prazo? — perguntei.

— Como? — Ele me olhou, pego de surpresa por minha pergunta. — O prazo? Ah, não. Problema nenhum. Certamente terei seus documentos prontos a tempo.

Teria sido bom ter Edward ali, para saber quais eram as verdadeiras preocupações de J. Suspirei. Guardar segredos de Edward já era bastante ruim; ter de ficar longe dele era ainda pior.

— Então o verei daqui a uma semana.

34. DECLARADOS

OUVI A MÚSICA ANTES DE SAIR DO CARRO. EDWARD NÃO TOCAVA PIANO desde a noite em que Alice partira. Agora, enquanto eu fechava a porta do carro, ouvi o som se transformar em minha cantiga de ninar. Edward estava me dando as boas-vindas.

Eu me movia devagar enquanto tirava Renesmee do carro. Ela dormia profundamente; havíamos ficado fora o dia todo. Tínhamos deixado Jacob na casa de Charlie — ele dissera que pegaria uma carona para casa com Sue. Perguntei-me se ele estava tentando encher a cabeça com banalidades, a fim de apagar minha expressão ao cruzar a porta de Charlie.

Enquanto caminhava devagar para a casa dos Cullen, reconheci que a esperança e o ânimo que pareciam quase uma aura visível em volta da grande casa branca também tinham sido meus naquela manhã. Mas agora me eram totalmente estranhos.

Queria chorar de novo, ouvindo Edward tocar para mim. Mas me compus. Não queria que ele ficasse desconfiado. Eu não deixaria pistas em sua mente para Aro; não se pudesse evitar.

Edward virou a cabeça e sorriu quando surgi à porta, mas continuou tocando.

— Bem-vinda ao lar — disse ele, como se este fosse apenas mais um dia normal. Como se não houvesse doze outros vampiros na sala, envolvidos em várias atividades, e mais uma dezena espalhados por outros lugares. — Divertiu-se muito como Charlie hoje?

— Sim. Desculpe-me demorar tanto. Saí um pouco para fazer umas compras de Natal para Renesmee. Sei que não será um grande acontecimento, mas... — Eu dei de ombros.

Os lábios de Edward curvaram-se para baixo. Ele parou de tocar e girou no banco, de modo que todo o seu corpo ficou de frente para mim.

— Eu não tinha pensado nisso. Se quiser que seja um acontecimento...

— Não — eu o interrompi. Eu me encolhi por dentro com a ideia de tentar

fingir mais entusiasmo do que o mínimo. — Só não queria deixar passar sem dar nada a ela.

— Posso ver?

— Se quiser. É só uma bobagenzinha.

Renesmee estava inconsciente, ressonando delicadamente em meu pescoço. Eu a invejava. Teria sido bom escapar da realidade, mesmo que por algumas horas.

Com cuidado, peguei o saquinho de veludo em minha bolsa sem abri-la o bastante para que Edward não visse o dinheiro que eu ainda tinha ali.

— Chamou minha atenção na vitrine de um antiquário enquanto eu passava de carro.

Coloquei o pequeno medalhão de ouro na mão dele. Era redondo, com uma videira entalhada em volta do círculo externo. Edward abriu a caixinha e olhou o interior. Ali havia espaço para uma pequena foto e, do outro lado, uma inscrição em francês.

— Sabe o que diz aí? — perguntou ele, num tom diferente, mais moderado do que antes.

— O vendedor me disse que era algo como "Mais do que minha própria vida". É isso mesmo?

— Sim, ele tinha razão.

Ele olhou para mim, os olhos topázio me sondando. Encarei-o por um momento, depois fingi me distrair com a televisão.

— Espero que ela goste — murmurei.

— É claro que ela vai gostar — disse ele com leveza, despreocupado, e naquele segundo eu tive certeza de que ele sabia que eu estava escondendo algo. Também tive certeza de que ele não fazia ideia do que era.

— Vamos levá-la para casa — sugeriu ele, levantando-se e colocando o braço em meus ombros.

Eu hesitei.

— O que foi? — perguntou ele.

— Eu queria treinar com Emmett um pouco... — Havia perdido o dia todo em minha missão vital; por isso, me sentia ficando para trás.

Emmett — no sofá com Rose e tendo na mão o controle remoto, é claro — olhou e sorriu, antecipadamente.

— Ótimo. A floresta precisa ser desbastada.

Edward olhou de cara feia para Emmett e depois para mim.

— Haverá muito tempo para isso amanhã — disse ele.

— Não seja ridículo — eu me queixei. — Não existe mais muito tempo. Este conceito deixou de existir. Tenho muito o que aprender e...

Ele me interrompeu.

— Amanhã.

E sua expressão era tal que nem Emmett discutiu.

Fiquei surpresa em ver como era difícil voltar a uma rotina que, afinal de contas, era completamente nova. Mas perder mesmo aquela pequena esperança que eu viera nutrindo fez tudo parecer impossível.

Tentei me concentrar nos aspectos positivos. Havia uma boa possibilidade de que minha filha sobrevivesse ao que viria, e Jacob também. Se eles tinham um futuro, então isso era uma espécie de vitória, não era? Nosso pequeno grupo continuaria se Jacob e Renesmee tivessem a oportunidade de fugir. Sim, a estratégia de Alice só faria sentido se fôssemos enfrentar uma boa briga. Assim, havia uma espécie de vitória ali também, levando-se em conta que os Volturi nunca haviam sido seriamente desafiados em milênios.

Não seria o fim do mundo. Seria só o fim dos Cullen. O fim de Edward, o meu fim.

Eu preferia desta forma — a última parte, pelo menos. Eu não viveria sem Edward de novo; se ele ia deixar este mundo, então eu iria logo atrás dele.

De vez em quando eu me perguntava inutilmente se haveria alguma coisa para nós do outro lado. Eu sabia que Edward não acreditava nisso, mas Carlisle, sim. Eu mesma não conseguia imaginar. Por outro lado, tampouco conseguia imaginar Edward não existindo de alguma forma, em algum lugar. Se pudéssemos ficar juntos em outro lugar, então seria um final feliz.

E assim o padrão dos meus dias continuava, só que muito mais difíceis do que antes.

Fomos ver Charlie no dia de Natal — Edward, Renesmee, Jacob e eu. Toda a matilha de Jacob estava presente, além de Sam, Emily e Sue. Foi de muita ajuda que eles estivessem na casinha de Charlie, seus corpos imensos e quentes apertados nos cantos em volta da árvore pouco decorada — era possível ver exatamente onde Charlie tinha se entediado e desistido — e transbordando de sua mobília. Era sempre possível contar que os lobisomens ficassem animados com

uma luta iminente, por mais suicida que fosse. A eletricidade de sua empolgação produziu uma boa corrente que disfarçou minha completa falta de ânimo. Edward, como sempre, foi melhor ator do que eu.

Renesmee usava o medalhão que dei a ela ao amanhecer, e no bolso de seu casaco estava o MP3 player que Edward lhe dera — uma coisinha minúscula que guardava cinco mil músicas, já cheia com as preferidas de Edward. Em seu pulso estava uma versão quileute, intrincadamente trançada, de um anel de noivado. Edward tinha trincado os dentes ao vê-la, mas eu não me incomodei.

Logo, muito em breve, eu a daria a Jacob para proteção dela. Como eu poderia me incomodar com um símbolo do compromisso de que eu tanto dependia?

Edward salvara o dia encomendando um presente para Charlie também. Tinha chegado na véspera — por remessa expressa prioritária — e Charlie passou a manhã toda lendo o grosso manual de instruções de seu novo sistema de sonar para pesca.

Pelo modo como os lobisomens comiam, o almoço de Sue devia estar bom. Imaginei como o grupo pareceria a quem estivesse de fora. Será que fizemos nosso papel bem o bastante? Será que um estranho teria nos visto como um círculo contente de amigos, curtindo as festas com uma alegria despreocupada?

Acho que Edward e Jacob ficaram tão aliviados quanto eu quando chegou a hora de ir embora. Era estranho gastar energia com o disfarce humano quando havia tantas coisas mais importantes para fazer. Tive dificuldades para me concentrar. Ao mesmo tempo, aquela, talvez, fosse a última vez em que veria Charlie. Talvez fosse bom que estivesse entorpecida demais para registrar isso de fato.

Eu não vira minha mãe desde o casamento, mas descobri que só podia me sentir feliz com a gradual distância que começara dois anos antes. Ela era frágil demais para meu mundo. Não queria que participasse daquilo. Charlie era mais forte.

Talvez até bem forte para um adeus, mas eu não era.

O silêncio era intenso no carro; do lado de fora, a chuva era só uma névoa, pairando entre o líquido e o gelo. Renesmee estava sentada no meu colo, brincando com seu medalhão, abrindo-o e fechando-o. Eu a observava e imaginava o que diria a Jacob naquele momento, se não tivesse de esconder minhas palavras da mente de Edward.

Se um dia for seguro de novo, leve-a para ver Charlie. Conte toda a história a ele um dia. Diga-lhe o quanto eu o amava, como eu não suportava a ideia de deixá-lo quando minha vida humana acabou. Diga-lhe que ele foi o melhor pai do mundo. Diga-lhe que transmita meu amor a Renée, todos os meus votos de que ela seja feliz...

Precisaria dar a Jacob os documentos antes que fosse tarde demais. Eu lhe daria um bilhete para Charlie também. E uma carta para Renesmee. Algo para ela ler quando eu não pudesse mais dizer que a amava.

Não havia nada de extraordinário do lado de fora da casa dos Cullen quando entramos na campina, mas eu podia ouvir um alvoroço sutil lá dentro. Muitas vozes baixas murmuravam e grunhiam. Parecia uma discussão. Eu captava a voz de Carlisle e de Amun com mais frequência do que a dos outros.

Edward estacionou na frente da casa em vez de ir para a garagem. Trocamos um olhar preocupado antes de sair do carro.

A atitude de Jacob mudou; seu rosto ficou grave e cauteloso. Imaginei que ele estivesse no modo alfa de novo. Evidentemente, algo tinha acontecido, e ele ia buscar a informação de que ele e Sam precisariam.

— Alistair foi embora — murmurou Edward enquanto subíamos em disparada pela escada.

Na sala da frente, o principal confronto era fisicamente evidente. Alinhado junto às paredes via-se um círculo de espectadores, todos os vampiros que haviam se unido a nós, exceto Alistair e os três envolvidos na discussão. Esme, Kebi e Tia estavam mais perto dos três vampiros no centro da sala, onde Amun sibilava para Carlisle e Benjamin.

O queixo de Edward retesou e ele seguiu rapidamente para o lado de Esme, puxando-me pela mão. Eu apertei Renesmee junto ao peito.

— Amun, se quiser ir embora, ninguém o está obrigando a ficar — disse Carlisle calmamente.

— Você está roubando metade do meu clã, Carlisle! — guinchou Amun, apontando um dedo para Benjamin. — Foi por isso que me chamou aqui? Para me roubar?

Carlisle suspirou e Benjamin revirou os olhos.

— Sim, Carlisle arrumou uma briga com os Volturi, colocou em risco toda a sua família, só para me atrair à morte aqui — disse Benjamin com sarcasmo. —

Seja razoável, Amun. Estou comprometido em fazer o que é certo aqui... não estou me unindo a nenhum outro clã. É claro que você pode fazer o que quiser, e Carlisle já deixou isso claro.

— Isso não vai terminar bem — grunhiu Amun. — Alistair era o único são aqui. Todos devíamos fugir.

— Olhe quem você está chamando de são — murmurou Tia, num aparte discreto.

— Vamos ser todos massacrados!

— Não vai chegar a haver uma briga — disse Carlisle numa voz firme.

— É o que você diz!

— Se houver, pode trocar de lado, Amun. Sei que os Volturi apreciarão sua ajuda.

Amun dirigiu-lhe um sorriso de desprezo.

— Talvez esta seja a resposta.

A réplica de Carlisle foi suave e sincera.

— Não vou ficar aborrecido com você por causa disso, Amun. Somos amigos há muito tempo, mas nunca lhe pediria para morrer por mim.

A voz de Amun também soou mais controlada.

— Mas você está levando meu Benjamin com você.

Carlisle pôs a mão no ombro de Amun; Amun esquivou-se.

— Eu vou ficar, Carlisle, mas pode ser para prejuízo seu. Eu vou me juntar a eles se for este o caminho para a sobrevivência. Vocês são todos tolos se pensam que podem desafiar os Volturi. — Ele fechou a cara, depois suspirou, olhou para Renesmee e para mim e acrescentou, num tom exasperado: — Vou testemunhar que essa criança cresceu. Isso não é nada mais do que a verdade. Qualquer um poderia ver.

— É só o que pedimos.

Amun fez uma careta.

— Mas não é só o que está conseguindo, ao que parece. — Ele se virou para Benjamin. — Eu lhe dei a vida. Você a está jogando fora.

O rosto de Benjamin parecia mais frio do que eu jamais o vira; a expressão fazia um contraste estranho com suas feições juvenis.

— É uma pena que no processo você não tenha podido substituir minha vontade pela sua; talvez assim ficasse satisfeito comigo.

Os olhos de Amun se estreitaram. Ele gesticulou abruptamente para Kebi, e eles passaram por nós, saindo pela porta da frente.

— Ele não vai embora — disse Edward baixinho —, mas vai manter uma distância ainda maior a partir de agora. Ele não estava blefando quando falou em se unir aos Volturi.

— Por que Alistair foi embora? — sussurrei.

— Ninguém tem certeza; ele não deixou bilhete. Pelos murmúrios dele, ficou claro que ele pensa que é inevitável ocorrer uma luta. Apesar de seu comportamento, ele gosta muito de Carlisle para ficar ao lado dos Volturi. Acho que ele concluiu que era arriscado demais. — Edward deu de ombros.

Embora a conversa fosse claramente entre nós dois, é claro que todos podiam ouvir. Eleazar respondeu ao comentário de Edward como se tivesse sido feito para todos.

— Pelo tom dos murmúrios dele, foi mais do que isso. Não falamos muito da agenda dos Volturi, mas Alistair preocupava-se, achando que, por mais decisivamente que possamos provar sua inocência, os Volturi não ouvirão. Ele acha que eles encontrarão uma desculpa para alcançar suas metas aqui.

Os vampiros se entreolharam, inquietos. Não era popular a ideia de que os Volturi manipulariam sua própria lei sacrossanta para vencer. Só os romenos ficaram compostos, com seus meios sorrisos irônicos. Eles pareciam se divertir em ver como os outros queriam pensar bem de seus antigos inimigos.

Muitas discussões em voz baixa começaram ao mesmo tempo, mas eram os romenos que eu ouvia. Talvez porque Vladimir, com seus cabelos claros, ficasse lançando olhares na minha direção.

— Espero que Alistair tenha razão sobre isso — murmurou Stefan a Vladimir. — Independentemente do resultado, a notícia se espalhará. Está na hora de nosso mundo ver no que os Volturi se transformaram. Eles jamais cairão se todos acreditarem nessa bobagem de eles protegerem nosso estilo de vida.

— Pelo menos, quando governávamos, éramos sinceros sobre o que éramos — replicou Vladimir.

Stefan assentiu.

— Nunca usamos auréola e nos chamamos de santos.

— Acredito que chegou a hora de lutar — disse Vladimir. — Você pode crer que algum dia vamos encontrar uma força melhor a quem apoiar? Outra

possibilidade tão boa?

— Nada é impossível. Talvez um dia...

— Estamos esperando há mil e quinhentos anos, Stefan. E eles só vão ficando mais fortes a cada ano. — Vladimir fez uma pausa e olhou para mim de novo. Ele não mostrou surpresa quando viu que eu também o olhava. — Se vencerem esse conflito, os Volturi sairão com mais poder do que chegaram. Com cada conquista eles aumentam suas forças. Pense no que só essa recém-criada pode dar a eles — ele apontou o queixo para mim —, e ela mal está descobrindo seus dons. E aquele que move a Terra. — Vladimir indicou Benjamin, que enrijeceu. Agora quase todos ouviam os romenos, como eu. — Com seus gêmeos feiticeiros, eles não precisam de ilusionistas nem do choque elétrico. — Seus olhos dirigiram-se a Zafrina e depois a Kate.

Stefan olhou para Edward.

— Nem o leitor de pensamento é muito necessário. Mas eu entendo seu argumento. De fato, eles ganharão muito se vencerem.

— Mais do que podemos permitir que ganhem, não concorda?

Stefan suspirou.

— Acho que devo concordar. E isso significa...

— Que devemos nos colocar contra eles enquanto ainda há esperanças.

— Se pudermos só aleijá-los, expô-los...

— Então um dia outros terminarão o serviço.

— E nossa longa vingança será cumprida. Finalmente.

Eles se olharam por um momento e murmuraram, em uníssono:

— Parece ser a única maneira.

— Então lutaremos — disse Stefan.

Embora eu pudesse ver que estavam divididos, a autopreservação lutando com a vingança, o sorriso que trocaram era cheio de expectativa.

— Lutaremos — concordou Vladimir.

Achei que isso era bom; como Alistair, tinha certeza de que era impossível evitar a batalha. Nesse caso, mais dois vampiros lutando a nosso lado podiam ajudar. Mas, ainda assim, a decisão dos romenos me fez tremer.

— Lutaremos também — disse Tia, sua voz em geral grave mais solene do que nunca. — Acreditamos que os Volturi vão abusar de sua autoridade. Não queremos pertencer a eles. — Seus olhos demoraram-se no parceiro.

Benjamin sorriu e lançou um olhar malicioso para os romenos.

— Ao que parece, sou mercadoria disputada. Parece que tenho de conquistar o direito à liberdade.

— Essa não vai ser a primeira vez que luto para evitar as regras de um rei — disse Garrett num tom zombeteiro. Então foi até Benjamin e deu-lhe um tapa nas costas. — Que nos libertemos de toda opressão!

— Ficamos com Carlisle — disse Tanya —, e lutamos com ele.

O pronunciamento dos romenos pareceu fazer os outros sentirem a necessidade de se declarar também.

— Ainda não decidimos — disse Peter. Ele baixou os olhos para sua minúscula companheira; os lábios de Charlotte estavam cerrados de insatisfação. Parecia que ela havia tomado sua decisão. Eu me perguntei qual seria.

— O mesmo é válido para mim — disse Randall.

— E para mim — acrescentou Mary.

— As matilhas lutarão com os Cullen — disse Jacob de repente. — Não temos medo de vampiros — acrescentou ele com um sorriso afetado.

— Crianças — murmurou Peter.

— Bebês — corrigiu Randall.

Jacob sorriu, zombeteiro.

— Bem, também estou dentro — disse Maggie, livrando-se da mão restritiva de Siobhan. — Sei que a verdade está do lado de Carlisle. Não posso ignorar isso.

Siobhan encarou com olhos preocupados a integrante mais nova de seu clã.

— Carlisle — disse ela como se eles estivessem a sós, ignorando o sentido súbito e formal da reunião, o surto inesperado de declarações. — Não quero que isso chegue a uma luta.

— Nem eu, Siobhan. Você sabe que esta é a última coisa que eu quero. — Ele deu um meio sorriso. — Talvez deva se concentrar em manter a paz.

— Sabe que não vai ajudar — disse ela.

Lembrei-me da discussão de Rose e Carlisle sobre a líder irlandesa; Carlisle acreditava que Siobhan tinha um dom poderoso mas sutil para conseguir o que queria — e no entanto a própria Siobhan não acreditava naquilo.

— Não vai fazer mal — disse Carlisle.

Siobhan revirou os olhos.

— Devo imaginar o resultado que desejo? — perguntou ela, sarcástica.

Carlisle agora sorria abertamente.

— Se não se importa.

— Então não há necessidade de meu clã se declarar, há? — retorquiu ela. — Já que não há possibilidade de uma luta. — Ela pôs a mão no ombro de Maggie de novo, puxando a garota para mais perto dela. O parceiro de Siobhan, Liam, continuava em silêncio e sem expressão.

Quase todos os outros na sala pareciam aturdidos com o diálogo claramente jocoso de Siobhan e Carlisle, mas estes não se explicaram.

Esse foi o fim dos discursos dramáticos da noite. O grupo aos poucos se dispersou, alguns para caçar, outros para matar tempo com os livros de Carlisle, a televisão ou os computadores.

Edward, Renesmee e eu fomos caçar. Jacob nos acompanhou.

— Sanguessugas idiotas — murmurou ele para si mesmo quando estávamos lá fora. — Se acham tão superiores. — Ele bufou.

— Eles vão ficar chocados quando os bebês salvarem sua vida superior, não vão? — disse Edward.

Jake sorriu e lhe deu um soco no ombro.

— Pode apostar que vão.

Aquela não foi nossa última excursão de caça. Todos caçaríamos de novo, mais perto do momento em que esperávamos os Volturi. Como o prazo não era exato, pretendíamos ficar algumas noites na grande clareira de beisebol que Alice tinha visto, só por precaução. Todos sabíamos que eles viriam no dia em que a neve se prendesse ao chão. Não queríamos os Volturi perto demais da cidade, e Demetri os levaria aonde estivéssemos. Perguntei-me quem ele rastrearia e deduzi que seria Edward, uma vez que ele não podia me rastrear.

Pensei em Demetri enquanto caçava, prestando pouca atenção à minha presa ou aos flocos de neve que finalmente haviam aparecido, mas que derretiam antes de tocar o solo rochoso. Será que Demetri perceberia que não podia me rastrear? O que ele faria com isso? O que Aro faria? Ou Edward estava enganado? Ali estavam pequenas exceções ao que eu podia resistir, caminhos para atravessar meu escudo. Tudo o que estava fora de minha mente era vulnerável — aberto ao que Jasper, Alice e Benjamin podiam fazer. Talvez o talento de Demetri também funcionasse de uma forma meio diferente.

E então me ocorreu um pensamento que me fez parar de súbito. O alce cujo

sangue eu ainda não terminara de sugar caiu de minhas mãos no chão rochoso. Flocos de neve se vaporizavam a alguns centímetros do corpo quente com leves chiados. Fitei sem ver minhas mãos ensanguentadas.

Edward viu minha reação e correu para o meu lado, sem terminar com sua caça.

— O que foi? — perguntou em voz baixa, os olhos varrendo a floresta à nossa volta, procurando o que poderia ter deflagrado meu comportamento.

— Renesmee — eu disse sufocada.

— Ela está atrás daquelas árvores — ele me tranquilizou. — Posso ouvir os pensamentos dela e de Jacob. Ela está bem.

— Não é a isso que me refiro — eu disse. — Eu estava pensando em meu escudo... Você acha realmente que vale algo, que vai ajudar de alguma forma? Sei que os outros esperam que eu seja capaz de proteger Zafrina e Benjamin, mesmo que eu só possa manter o escudo por alguns segundos de cada vez. E se for um erro? E se sua confiança em mim for o motivo de nosso fracasso?

Minha voz beirava a histeria, embora eu tivesse controle suficiente para mantê-la baixa. Eu não queria perturbar Renesmee.

— Bella, de onde você tirou essas ideias? É claro, é maravilhoso que você possa se proteger, mas você não tem a responsabilidade de salvar ninguém. Não se aflija sem necessidade.

— Mas e se eu não puder proteger nada? — sussurrei, arfando. — Isso que eu faço é falho, é errático! Não tem pé nem cabeça. Talvez não faça nada contra Alec.

— Psiu — ele me silenciou. — Não entre em pânico. E não se preocupe com Alec. O que ele faz não é diferente do que Jane ou Zafrina fazem. É só uma ilusão... Ele não pode entrar em sua cabeça mais do que eu.

— Mas Renesmee pode! — sibilei entredentes. — Parecia tão natural, que eu nunca questionei antes. Sempre foi parte de quem ela é. Mas Renesmee coloca seus pensamentos em minha cabeça como faz com todos os outros. Meu escudo tem falhas, Edward!

Eu o encarei, desesperada, esperando que ele admitisse minha revelação terrível. Seus lábios estavam franzidos, como se ele estivesse tentando decidir como dizer algo. Sua expressão era perfeitamente relaxada.

— Você pensou nisso há muito tempo, não é? — perguntei, sentindo-me uma idiota por ter passado meses sem ver o óbvio.

Ele assentiu, com um sorriso fraco erguendo um canto de sua boca.

— Na primeira vez em que ela a tocou.

Suspirei diante de minha própria estupidez, mas a calma dele tinha me abrandado um pouco.

— E isso não o incomoda? Não vê como um problema?

— Eu tenho duas teorias, uma mais provável do que a outra.

— Me dê a menos provável primeiro.

— Bem, ela é sua filha — salientou ele. — Metade você, geneticamente. Eu costumava brincar com você sobre sua mente estar numa frequência diferente da do resto de nós. Talvez ela esteja na mesma frequência.

Não funcionou para mim.

— Mas você ouve a mente de Renesmee muito bem. Todo mundo a ouve. E se Alec tiver numa frequência diferente? E se...?

Ele colocou um dedo em meus lábios.

— Eu pensei nisso. E é por isso que creio que a teoria seguinte é mais provável.

Trinquei os dentes e esperei.

— Lembra o que Carlisle me disse sobre Renesmee, logo depois de ela lhe mostrar sua primeira lembrança?

É claro que eu lembrava.

— Ele disse: "É uma distorção interessante. Como se ela fizesse exatamente o contrário do que você faz."

— Sim. E então fiquei pensando. Talvez ela tenha tomado seu talento e o virado pelo avesso também.

Eu refleti.

— Você mantém todo mundo de fora — começou ele.

— E ninguém a deixa de fora? — terminei, hesitante.

— Minha teoria é essa — disse ele. — E se ela pode entrar em sua cabeça, duvido que haja um escudo no planeta que possa mantê-la distante. Isso vai ajudar. Pelo que vimos, ninguém pode duvidar da verdade de seus pensamentos, quando permitem que ela os mostre. E acho que ninguém pode impedir que ela mostre, se ela chegar bem perto. Se Aro permitir que ela explique...

Estremeci ao pensar em Renesmee tão perto dos olhos gananciosos e leitosos de Aro.

— Bem — disse ele, esfregando meus ombros tensos —, pelo menos não há nada que possa impedi-lo de ver a verdade.

— Mas a verdade será suficiente para detê-lo? — murmurei.

Para isso Edward não tinha resposta.

35. PRAZO FINAL

— VAI SAIR? — PERGUNTOU EDWARD, NUM TOM DESPREOCUPADO. HAVIA uma espécie de forçada serenidade em sua expressão. Ele apertou Renesmee ligeiramente mais junto ao peito.

— É, algumas coisas de última hora... — respondi com o mesmo tom casual.

Ele abriu meu sorriso preferido.

— Volte correndo para mim.

— Sempre.

Peguei novamente seu Volvo, perguntando-me se ele havia observado o odômetro depois de minha última saída. O que ele tinha concluído? Que eu tinha um segredo, era certo. Ele teria deduzido o motivo de eu não me explicar para ele? Será que imaginava que, talvez, Aro logo soubesse tudo o que ele sabia? Pensei que Edward podia ter chegado a essa conclusão, por isso não teria exigido de mim explicações. Imaginei que estivesse tentando não especular demais, tentando deixar meu comportamento fora de sua mente. Será que ele considerara minha estranha atitude na manhã seguinte à partida de Alice, queimando meu livro na lareira? Eu não sabia que ele poderia ter feito essa associação.

Era uma tarde lúgubre, já escura ao pôr do sol. Acelerei em meio às sombras, meus olhos nas nuvens negras. Nevaria esta noite? O suficiente para cobrir o chão e criar a cena da visão de Alice? Edward estimava que tínhamos mais dois dias. Depois nos instalaríamos na clareira, atraindo os Volturi para o local escolhido.

Enquanto eu seguia pela floresta que escurecia, pensei em minha última viagem a Seattle. Pensei que sabia o propósito de Alice em me mandar a uma espelunca dilapidada onde J. Jenks atendia a seus clientes mais obscuros. Se eu tivesse ido a um de seus outros escritórios, mais legítimos, teria sabido o que pedir? Se o conhecesse como Jason Jenks ou Jason Scott, advogado legítimo, teria eu desenterrado J. Jenks, fornecedor de documentos ilegais? Eu tivera de seguir o caminho que deixava claro que estava pretendendo algo ilícito. Essa foi minha pista.

Estava escuro quando parei no estacionamento do restaurante, alguns minutos adiantada, ignorando os manobristas ansiosos perto da entrada. Coloquei as lentes de contato e fui esperar J no restaurante. Embora tivesse pressa de acabar com aquela exigência deprimente e voltar para minha família, J parecia cauteloso em não se deixar manchar por suas associações mais vis; eu tinha a impressão de que uma entrega no estacionamento escuro ofenderia sua suscetibilidade.

Dei o nome Jenks na recepção e o maître obsequioso levou-me a uma salinha privativa com um fogo crepitando numa lareira de pedra. Ele pegou o casaco marfim abaixo do joelho que vesti para disfarçar o fato de que estava usando o que Alice considerava um traje adequado, e ofegou em silêncio diante de meu vestido de cetim cor de ostra. Não pude evitar me sentir meio lisonjeada; eu ainda não estava acostumada a ser linda aos olhos de todos, e não só aos de Edward. O maître gaguejou elogios pela metade enquanto deixava, vacilante, a saleta.

Fiquei esperando perto do fogo, mantendo os dedos perto da chama para aquecê-los um pouco antes do inevitável aperto de mãos. Não que J não estivesse ciente de que havia algo estranho com os Cullen, mas ainda assim era um bom hábito para se praticar.

Por meio segundo imaginei como seria colocar a mão no fogo. O que eu sentiria quando queimasse...

A entrada de J me tirou de minha morbidez. O maître havia pegado o casaco dele também, e ficou evidente que eu não era a única que me produzira para aquela reunião.

— Eu sinto muito pelo atraso — disse J assim que ficamos a sós.

— Não, chegou exatamente na hora.

Ele estendeu a mão, e quando trocamos o aperto pude sentir que seus dedos ainda eram perceptivelmente mais quentes que os meus. Isso não pareceu incomodá-lo.

— Você está impressionante, se me permite o atrevimento, Sra. Cullen.

— Obrigada, J. Por favor, me chame de Bella.

— Devo dizer que é uma experiência diferente trabalhar com você em vez de com o Sr. Jasper. Bem menos... inquietante. — Ele abriu um sorriso hesitante.

— É mesmo? Sempre achei que Jasper tem uma presença muito tranquilizadora.

Suas sobrancelhas se uniram.

— Verdade? — murmurou ele educadamente, embora fosse evidente que discordava.

Que estranho. O que Jasper fizera com aquele homem?

— Conhece Jasper há muito tempo?

Ele suspirou, parecendo pouco à vontade.

— Trabalho com o Sr. Jasper há mais de vinte anos, e meu antigo sócio o conhecia por quinze anos antes disso... Ele jamais muda. — J se encolheu discretamente.

— É, Jasper é meio estranho nesse aspecto.

J sacudiu a cabeça como se pudesse afugentar os pensamentos perturbadores.

— Não vai se sentar, Bella?

— Na verdade, estou com um pouco de pressa. Tenho uma longa viagem até em casa. — Enquanto eu falava, peguei na bolsa o envelope branco grosso com a bonificação dele e o estendi.

— Ah! — disse ele, com certa decepção na voz. Enfiou o envelope num bolso interno do paletó sem se incomodar em conferir a quantia. — Eu esperava que pudéssemos conversar um pouco.

— Sobre o quê? — perguntei, curiosa.

— Bem, deixe-me entregar sua encomenda primeiro. Quero ter certeza de que ficou satisfeita.

Ele se virou, colocou a pasta na mesa e abriu os fechos. Tirou um envelope pardo tamanho ofício.

Embora eu não fizesse ideia do que devia procurar, abri o envelope e olhei rapidamente o conteúdo. J tinha invertido a foto de Jacob e mudado a cor para que não ficasse tão evidente que era a mesma foto no passaporte e na carteira de motorista. Os dois pareciam perfeitamente bons para mim, mas isso pouco significava. Olhei a foto no passaporte de Vanessa Wolfe por uma fração de segundo, depois desviei os olhos rapidamente, um nó subindo por minha garganta.

— Obrigada — eu disse a ele.

Seus olhos se estreitaram um pouco e senti que ele ficou decepcionado por meu exame não ter sido mais minucioso.

— Posso lhe garantir que cada um desses documentos é perfeito. Tudo

preparado para passar pelo exame mais rigoroso de especialistas.

— Tenho certeza disso. Agradeço de verdade o que fez por mim, J.

— O prazer foi meu, Bella. No futuro, fique à vontade para me procurar para qualquer necessidade da família Cullen. — Ele não fez nenhuma sugestão, mas parecia um convite para eu assumir o lugar de Jasper como elemento de ligação.

— Havia alguma coisa que queria discutir?

— Hã, sim. É um pouco delicado...

Ele indicou com um gesto a lareira de pedra com uma expressão inquisitiva. Sentei-me na beira da pedra e ele se sentou ao meu lado. O suor gotejava em sua testa de novo e ele pegou um lenço de seda azul do bolso e começou a enxugar.

— Você é irmã da esposa do Sr. Jasper? Ou é casada com o irmão dele? — perguntou ele.

— Casada com o irmão dele — esclareci, perguntando-me aonde ele queria chegar.

— Seria a jovem recém-casada com o Sr. Edward, então?

— Sim.

Ele sorriu como quem se desculpa.

— Eu vi todos os nomes muitas vezes, entenda. Meus parabéns atrasados. É bom que o Sr. Edward tenha encontrado uma parceira tão adorável depois de todo esse tempo.

— Muito obrigada.

Ele fez uma pausa, enxugando o suor.

— Com o passar dos anos, deve imaginar que desenvolvi um nível muito saudável de respeito pelo Sr. Jasper e por toda a família.

Assenti com cautela.

Ele respirou fundo e expirou sem falar.

— J, por favor, diga o que precisa dizer.

Ele respirou fundo de novo e murmurou rapidamente, atropelando as palavras.

— Se pudesse me garantir que não está pretendendo sequestrar a menina, tirando-a do pai, eu dormiria melhor esta noite.

— Ah! — eu disse, pasma. Precisei de um minuto para entender a conclusão errônea a que ele havia chegado. — Ah, não. Não é nada disso. — Abri um sorriso fraco, tentando tranquilizá-lo. — Estou simplesmente preparando um lugar seguro para ela, caso algo venha a acontecer com meu marido e comigo.

Seus olhos se estreitaram.

— Espera que algo aconteça? — Ele corou, depois se desculpou. — Não que seja da minha conta.

Eu vi o rubor se espalhar por trás da membrana delicada de sua pele e fiquei feliz — como sempre ficava — que eu não fosse uma recém-criada comum. J parecia um homem muito gentil, à parte o comportamento criminoso, e teria sido uma pena matá-lo.

— Nunca se sabe — eu suspirei.

Ele franziu o cenho.

— Eu lhe desejo toda a sorte, então. E, por favor, não se ofenda, minha cara, mas... se o Sr. Jasper me procurar e perguntar que nomes coloquei nestes documentos...

— É claro que deve contar a ele imediatamente. Acharia bem melhor ter o Sr. Jasper plenamente ciente de toda a nossa transação.

Minha sinceridade transparente pareceu atenuar um pouco sua tensão.

— Muito bom — disse ele. — E eu não posso convencê-la a ficar para jantar?

— Desculpe, J. No momento estou sem tempo.

— Então, novamente, meus mais sinceros votos por sua saúde e felicidade. Qualquer coisa que a família Cullen precisar, por favor, não hesite em me ligar, Bella.

— Obrigada, J.

Saí com meu contrabando, olhando para trás e vendo que J me observava, sua expressão uma mescla de ansiedade e desapontamento.

A viagem de volta me consumiu menos tempo. A noite era escura, então desliguei os faróis e voei. Quando cheguei à casa, a maioria dos carros, inclusive o Porsche de Alice e minha Ferrari, não estava lá. Os vampiros tradicionais iam o mais longe possível para saciar sua sede. Tentei não pensar neles caçando na noite, encolhendo-me com a imagem mental de suas vítimas.

Só Kate e Garrett estavam na sala da frente, discutindo de bom humor o valor nutricional do sangue animal. Concluí que Garrett tinha tentado uma excursão de caça no estilo vegetariano e achara difícil.

Edward devia ter levado Renesmee para dormir em casa. Jacob, sem dúvida, estava no bosque, perto do chalé. O restante de minha família devia estar caçando também. Talvez estivessem fora, com os outros Denali.

O que basicamente deixava a casa para mim, e eu rapidamente tirei proveito disso.

Eu sabia, pelo cheiro, que era a primeira a entrar no quarto de Alice e Jasper, provavelmente desde a noite em que eles nos deixaram. Vasculhei em silêncio seu imenso closet até encontrar a bolsa certa. Devia ser de Alice; era uma pequena mochila de couro preto, do tipo que se costuma usar como bolsa, bem pequena para que mesmo Renesmee a usasse sem chamar a atenção. Depois assaltei o local onde guardavam o dinheiro, pegando duas vezes a renda anual de uma família americana média. Imaginei que meu roubo seria menos perceptível ali do que em qualquer outro lugar da casa, uma vez que o quarto entristecia todo mundo. O envelope com os passaportes e documentos falsos foi para a bolsa, por cima do dinheiro. Depois me sentei na borda da cama de Alice e Jasper e olhei o pacote insignificante que era tudo o que eu podia dar a minha filha e a meu melhor amigo para ajudar a salvar a vida dos dois. Desabei de encontro à coluna da cama, sentindo-me indefesa.

Mas o que mais eu podia fazer?

Fiquei sentada ali vários minutos, de cabeça baixa, antes que me ocorresse a insinuação de uma boa ideia.

Se...

Se eu supusesse que Jacob e Renesmee iam escapar, então isso incluiria o pressuposto de que Demetri estaria morto. O que daria a qualquer sobrevivente algum espaço para respirar, inclusive Alice e Jasper.

Então, por que Alice e Jasper não podiam ajudar Jacob e Renesmee? Se eles se reunissem, Renesmee teria a melhor proteção imaginável. Não havia motivo para isso não acontecer, a não ser o fato de que tanto Jake quanto Renesmee eram pontos cegos para Alice. Como ela começaria a procurar por eles?

Pensei por um momento, depois saí do quarto, atravessando o corredor até a suíte de Carlisle e Esme. Como sempre, a mesa de Esme estava cheia de plantas e projetos, tudo organizado em pilhas altas. A mesa tinha escaninhos acima da superfície de trabalho; em um deles estava uma caixa de papel de carta. Peguei uma folha de papel e uma caneta.

Depois fiquei olhando a página marfim por uns bons cinco minutos, concentrando-me em minha decisão. Alice podia não ser capaz de ver Jacob ou Renesmee, mas podia me ver. Eu a visualizei vendo este momento, numa

esperança desesperada de que ela não estivesse ocupada demais para prestar atenção.

Devagar, deliberadamente, escrevi as palavras RIO DE JANEIRO em maiúsculas, de um lado a outro da folha.

O Rio parecia o melhor lugar para mandá-los: era bem longe daqui, Alice e Jasper já estavam na América do Sul, segundo o último relato, e nossos antigos problemas não haviam deixado de existir só porque agora tínhamos problemas piores. Ainda havia o mistério do futuro de Renesmee, o terror de seu envelhecimento acelerado. Nós havíamos planejado ir para o sul de qualquer forma. Seria então tarefa de Jacob e, se tivéssemos sorte, de Alice, rastrear as lendas.

Abaixei a cabeça novamente, reprimindo um impulso repentino de chorar e trincando os dentes. Era bom que Renesmee sobrevivesse, mesmo sem mim. Mas eu já sentia tanta falta dela que mal conseguia suportar a ideia.

Respirei fundo e coloquei o bilhete no fundo da bolsa, onde Jacob não demoraria a encontrá-lo.

Cruzei os dedos para que — como era improvável que a escola dele oferecesse aulas de português — Jake pelo menos tivesse aprendido espanhol como língua eletiva.

Agora não restava mais nada a não ser esperar.

Por dois dias, Edward e Carlisle ficaram na clareira onde Alice tinha visto a chegada dos Volturi. Era o mesmo campo de morte onde os recém-criados de Victoria haviam atacado no verão passado. Perguntei-me se pareceria repetitivo a Carlisle, como um déjà vu. Para mim, seria completamente novo. Dessa vez Edward e eu estaríamos com nossa família.

Só podíamos imaginar que os Volturi estariam rastreando Edward ou Carlisle. Perguntei-me se seria surpresa para eles que sua presa não fugisse. Será que isso os deixaria cautelosos? Eu não conseguia imaginar os Volturi sentindo alguma necessidade de cautela.

Embora eu fosse — assim esperávamos — invisível a Demetri, fiquei com Edward. É claro. Só nos restavam algumas horas juntos.

Edward e eu não tivemos uma última grande cena de despedida, nem eu planejei uma. Pronunciar a palavra era torná-la definitiva. Seria o mesmo que

digitar a palavra Fim na última página de um original.

Então não dissemos adeus, e ficamos muito perto um do outro, sempre nos tocando. Qualquer que fosse o nosso fim, ele não nos encontraria sepa-rados.

Armamos uma barraca para Renesmee a alguns metros na floresta protetora, depois houve mais déjà vu enquanto nos víamos acampando no frio mais uma vez com Jacob. Era quase impossível acreditar em quanto havia mudado desde junho passado. Sete meses atrás, nossa relação triangular parecia impossível, três tipos diferentes de mágoa que não podiam ser evitados. Agora tudo estava em perfeito equilíbrio. Parecia de uma ironia horrenda que as peças do quebra-cabeças se encaixassem pouco antes de serem todas destruídas.

Começou a nevar de novo na noite que antecedia a véspera de Ano-novo. Dessa vez, os minúsculos flocos não se dissolveram no chão pedregoso da clareira. Enquanto Renesmee e Jacob dormiam — Jacob roncando tão alto que me perguntei como Renesmee não acordava —, a neve formou, primeiro, uma fina camada de gelo na terra, depois, criou montes mais espessos. Quando o sol nasceu, a cena da visão de Alice era completa. Edward e eu nos demos as mãos ao olhar o campo branco e reluzente, e nenhum de nós disse nada.

No começo da manhã os outros se reuniram, os olhos trazendo a prova muda de seus preparativos — alguns dourado-claro, outros de um vermelho vivo. Quando estávamos todos juntos, ouvimos os lobos movendo-se na floresta. Jacob saiu da barraca, deixando Renesmee ainda dormindo, para se juntar a eles.

Edward e Carlisle estavam organizando os outros numa formação frouxa, nossas testemunhas ao lado como colunas.

Fiquei olhando de longe, esperando perto da barraca que Renesmee acordasse. Quando ela acordou, eu a ajudei a se vestir com as roupas que eu havia escolhido com cuidado dois dias antes. Roupas que pareciam frágeis e femininas, mas na verdade eram bastante resistentes para não revelar nenhum desgaste — mesmo que uma pessoa as usasse enquanto cavalgava um lobisomem gigante por alguns estados do país. Por cima do casaco, pus a mochila de couro com os documentos, o dinheiro, a pista e meus bilhetes de amor para ela e Jacob, Charlie e Renée. Ela era bem forte para que isso não lhe fosse um fardo pesado.

Seus olhos estavam imensos enquanto ela lia a agonia em meu rosto. Mas ela adivinhara o suficiente para não me perguntar o que eu estava fazendo.

— Eu amo você — eu disse a ela. — Mais do que tudo.

— Eu também amo você, mamãe — respondeu ela. E tocou o medalhão no pescoço, que agora tinha uma minúscula foto dela, comigo e com Edward. — Sempre estaremos juntos.

— Em nossos corações, sempre estaremos juntos — eu a corrigi com um sussurro muito baixo. — Mas quando chegar a hora, hoje, você terá de me deixar.

Seus olhos se arregalaram e ela tocou meu pescoço. O não silencioso foi mais alto do que se ela tivesse gritado.

Lutei para engolir; minha garganta parecia inchada.

— Fará isso por mim? Por favor?

Ela pressionou os dedos com força em meu rosto. Por quê?

— Não posso lhe dizer — sussurrei. — Mas você entenderá em breve. Eu prometo.

Em minha cabeça, vi o rosto de Jacob.

Assenti, depois afastei seus dedos.

— Não pense nisso — respirei em seu ouvido. — Não conte a Jacob antes de eu lhe dizer para correr, está bem?

Isso ela entendeu. E concordou também.

Tirei do bolso um último detalhe.

Enquanto preparava as coisas de Renesmee, uma faísca inesperada de cor tinha atraído meus olhos. Um raio de sol, através da claraboia, atingira as joias da antiga caixa preciosa colocada numa prateleira alta em um canto intocado. Pensei por um momento e dei de ombros. Depois de reunir as pistas de Alice, eu não podia ter esperanças de que o confronto fosse resolvido pacificamente. Mas por que não tentar começar da forma mais amistosa possível?, perguntei a mim mesma. No que isso seria prejudicial? Então achei que devia ter alguma esperança, afinal de contas — uma esperança cega e insensata —, porque escalei a estante e peguei o presente de casamento de Aro.

Agora coloquei o cordão grosso de ouro e senti o peso do enorme diamante aninhado na concavidade abaixo do pescoço.

— Lindo — sussurrou Renesmee. Depois ela passou os braços como um torno em meu pescoço. Eu a apertei de encontro ao peito.

Entrelaçadas daquela maneira, tirei-a da barraca e a levei até a clareira.

Edward ergueu uma sobrancelha quando nos aproximávamos, mas não fez nenhuma observação sobre o meu acessório ou o de Renesmee. Só nos abraçou

com força por um longo momento e depois, com um suspiro profundo, nos soltou. Eu não podia ver um adeus em nenhum lugar de seus olhos. Talvez ele tivesse mais esperanças de haver algo depois dessa vida do que deixara transparecer.

Assumimos nossas posições, Renesmee passando com agilidade para minhas costas a fim de que minhas mãos ficassem livres. Fiquei um pouco atrás da linha de frente, composta por Carlisle, Edward, Emmett, Rosalie, Tanya, Kate e Eleazar. Ao meu lado estavam Benjamin e Zafrina; era minha tarefa protegê-los pelo máximo de tempo que eu pudesse. Eles eram nossas melhores armas de ataque. Se fossem os Volturi a não poder ver, mesmo por alguns momentos, tudo mudaria.

Zafrina estava rígida e feroz, com Senna quase uma imagem especular ao lado dela. Benjamin estava sentado no chão, as mãos na terra, e murmurava baixo sobre falhas geológicas. Na noite anterior, ele havia espalhado pilhas de rocha de aparência natural, agora montes cobertos de neve, atrás da campina. Não eram suficientes para ferir um vampiro, mas poderiam, com sorte, distraí-los.

As testemunhas agrupavam-se à nossa esquerda e à direita, alguns mais próximos do que outros — aqueles que se declararam eram os mais próximos. Percebi Siobhan massageando as têmporas, os olhos fechados, concentrando-se; estaria ela atendendo ao pedido de Carlisle? Tentando visualizar uma solução diplomática?

Na floresta atrás de nós os lobos, invisíveis, estavam imóveis e preparados; só podíamos ouvir seu arfar pesado, os corações batendo.

As nuvens rolavam, tornando a luz difusa, de modo que tanto podia ser manhã quanto tarde. Edward estreitou os olhos enquanto examinava a área, e eu tinha certeza de que ele estava vendo aquele exato cenário pela segunda vez — tendo sido a primeira na visão de Alice. A cena seria a mesma quando os Volturi chegassem. Agora só nos restavam minutos, ou segundos.

Toda a nossa família e nossos aliados se prepararam.

Da floresta, o imenso lobo alfa ruivo avançou para se postar ao meu lado; devia ter sido demais para ele manter distância de Renesmee quando ela estava em perigo tão iminente.

Renesmee estendeu a mão para entrelaçar os dedos no pelo de seu ombro imenso, e o corpo dela relaxou um pouco. Ela se sentia mais calma com Jacob por

perto. Eu também me senti um pouquinho melhor. Desde que Jacob estivesse com Renesmee, ela ficaria bem.

Sem arriscar um olhar para trás, Edward estendeu a mão para mim. Eu estiquei o braço para pegar sua mão. Ele apertou meus dedos.

Mais um minuto se passou, e me vi procurando ouvir algum som de aproximação.

E, então, Edward enrijeceu e sibilou baixo entre os dentes trincados. Seus olhos focalizaram a floresta ao norte de onde estávamos.

Olhamos para onde ele fitava e esperamos, enquanto os últimos segundos passavam.

36. DESEJO DE SANGUE

ELES VIERAM COM POMPA, COM UMA ESPÉCIE DE ENCANTO.

Vieram numa formação rígida e convencional. Moviam-se juntos, mas não marchavam; fluíam das árvores numa sincronia perfeita — uma forma escura e ininterrupta que parecia pairar alguns centímetros acima da neve branca, tão suave era seu avanço.

O perímetro mais externo era cinza; a cor escurecia a cada fila de corpos até o cerne da formação, intensamente negro. Cada rosto estava encapuzado, ensombrecido. O fraco roçar de seus pés era tão regular que parecia música, uma batida complexa que nunca falhava.

A um sinal que não vi — ou talvez não fosse um sinal, só milênios de prática —, a configuração se desdobrou. O movimento foi rígido demais, quadrado demais para se assemelhar à abertura de uma flor, embora a cor sugerisse isso; era a abertura de um leque, gracioso mas muito anguloso. As figuras de manto cinza se espalharam nos flancos enquanto as formas mais escuras surgiam precisamente no centro, cada movimento rigorosamente controlado.

Seu progresso era lento mas decidido, sem pressa, sem tensão, sem ansiedade. Era o ritmo dos invencíveis.

Era quase o meu antigo pesadelo. A única coisa que faltava era o desejo triunfante que eu vira nos rostos de meu sonho — os sorrisos de alegria da vingança. Até agora, os Volturi estavam disciplinados demais para demonstrar qualquer emoção. Também não revelaram surpresa nem espanto com o grupo de vampiros que os esperava ali — em comparação, um grupo que parecia de repente desorganizado e despreparado. Tampouco mostraram surpresa com o lobo gigantesco no meio de nosso grupo.

Não pude deixar de contar. Eles eram trinta e dois. Mesmo que se excluíssem as duas figuras de mantos pretos desgarradas atrás, que eu tomaria pelas esposas — sua posição protegida sugerindo que não se envolveriam no ataque —, ainda éramos em menor número. Só dezenove de nós iriam lutar, e outros sete

assistiriam enquanto éramos destruídos. Mesmo contando os dez lobos, eles nos sobrepujavam.

— Os britânicos estão vindo, os britânicos estão vindo — murmurou Garrett misteriosamente consigo mesmo, e depois riu. Ele se aproximou um passo de Kate.

— Eles vieram — sussurrou Vladimir a Stefan.

— As esposas — sibilou Stefan de volta. — Toda a guarda. Todos eles juntos. Ainda bem que não tentamos Volterra.

E depois, como se não bastasse estarem em maior número, enquanto os Volturi avançavam lenta e majestosamente, mais vampiros começaram a surgir na clareira atrás deles.

Os rostos naquele influxo aparentemente interminável de vampiros eram a antítese da disciplina inexpressiva dos Volturi — mostravam um caleidoscópio de emoções. Inicialmente, havia o choque e até alguma ansiedade enquanto eles viam a força inesperada que os aguardava. Mas a preocupação passou rapidamente; eles estavam seguros em seu número esmagador, seguros em sua posição atrás da irreprimível força dos Volturi. Suas feições voltaram à expressão que tinham antes de os surpreendermos.

Era fácil entender sua disposição — os rostos eram explícitos. Aquela era uma turba irritada, impelida a um frenesi e babando por justiça. Eu não entendera plenamente o sentimento do mundo dos vampiros em relação às crianças imortais antes de ver aqueles rostos.

Estava claro que sua horda heterogênea e desorganizada — mais de quarenta vampiros reunidos — eram as testemunhas dos Volturi. Quando estivéssemos mortos, eles espalhariam a notícia de que os criminosos tinham sido erradicados, que os Volturi agiram com absoluta imparcialidade. A maioria parecia esperar por mais que uma oportunidade de testemunhar — queria ajudar a dilacerar e queimar.

Não tínhamos a menor chance. Mesmo que de algum modo conseguíssemos neutralizar as vantagens dos Volturi, eles ainda poderiam nos soterrar em corpos. Mesmo que matássemos Demetri, Jacob não conseguiria escapar.

Eu podia sentir a mesma compreensão instalando-se à minha volta. O desespero pesava no ar, forçando-me para baixo com mais pressão do que antes.

Um vampiro na força adversária não parecia pertencer a nenhum dos dois

grupos; reconheci Irina enquanto ela hesitava entre os dois grupos, a expressão única em meio aos outros. O olhar apavorado de Irina estava fixo na posição de Tanya na linha de frente. Edward rosnou, um som muito baixo mas fervoroso.

— Alistair tinha razão — murmurou para Carlisle.

Vi Carlisle olhar para Edward de forma inquisitiva.

— Alistair tinha razão? — sussurrou Tanya.

— Eles, Caius e Aro, vieram destruir e conquistar — sussurrou Edward quase em silêncio; só nosso lado podia ouvir. — Eles têm muitas estratégias já preparadas. Se a acusação de Irina se provasse falsa de algum modo, eles se empenhariam em encontrar outro motivo para ofender-se. Mas eles podem ver Renesmee agora, então estão completamente otimistas quanto ao rumo que tomarão. Ainda podemos tentar nos defender das outras acusações maquinadas por eles, mas primeiro eles têm de parar, ouvir a verdade sobre Renesmee. — Depois, ainda mais baixo: — O que eles não têm a intenção de fazer.

Jacob soltou um bufo baixo e estranho.

E então, inesperadamente, dois segundos depois, a procissão parou. A música baixa dos movimentos em perfeita sincronia transformou-se em silêncio. A disciplina impecável continuou intacta; os Volturi ficaram absolutamente imóveis. Estavam a cerca de cem metros de nós.

Atrás de mim, para os lados, ouvi o batimento de corações grandes, mais perto que antes. Arrisquei-me a olhar para a esquerda e para a direita pelo canto do olho, para ver o que havia detido o avanço dos Volturi.

Os lobos tinham se juntado a nós.

De ambos os lados de nossa linha irregular, os lobos se posicionaram, estendendo-se em braços longos, limítrofes. Só precisei de uma fração de segundo para perceber que havia mais de dez lobos, para reconhecer os que eu conhecia e os que nunca vira antes. Eles eram dezesseis, espaçados uniformemente em torno de nós — dezessete no total, contando Jacob. Estava claro, pela altura e pelas patas imensas, que os recém-chegados eram muito jovens. Pensei que deveria ter previsto isso. Com tantos vampiros acampados por perto, era inevitável uma explosão populacional de lobisomens.

Mais crianças morrendo. Perguntei-me por que Sam permitira isso, e então me dei conta de que ele não tinha alternativa. Se algum dos lobos ficasse do nosso lado, os Volturi cuidariam de procurar pelo resto. Estavam apostando toda a sua

espécie naquele embate.

E nós íamos perder.

De repente, eu me senti furiosa. Mais do que furiosa, eu experimentava uma fúria homicida. Meu desespero desapareceu inteiramente. Um brilho avermelhado e fraco destacou as figuras escuras diante de mim, e tudo o que eu queria nesse momento era a oportunidade de cravar meus dentes neles, arrancar-lhes os membros dos corpos e empilhá-los numa fogueira. Eu estava tão enlouquecida que podia ter dançado em volta da pira onde eles tostariam vivos; eu teria gargalhado enquanto suas cinzas ardiam. Meus lábios se retraíram automaticamente, e um rosnado baixo e feroz rompeu por minha garganta, vindo do fundo do estômago. Percebi que os cantos de minha boca estavam levantados num sorriso.

Ao meu lado, Zafrina e Senna ecoaram meu rosnado abafado. Edward apertou a mão que ainda segurava, advertindo-me.

Os rostos sombrios dos Volturi, em sua maioria, ainda não tinham expressão. Só dois pares de olhos traíam alguma emoção. No centro deles, com as mãos se tocando, Aro e Caius tinham parado para avaliar, e toda a guarda havia parado com eles, esperando pela ordem de matar. Os dois não se olhavam, mas era evidente que estavam em comunicação. Marcus, embora tocasse a outra mão de Aro, não parecia participar da conversa. Sua expressão não era tão descuidada quanto a dos guardas, mas era quase igualmente vazia. Como na outra ocasião em que eu o vira, ele parecia completamente entediado.

As testemunhas dos Volturi inclinavam-se para nós, os olhos fixos furiosamente em mim e Renesmee, mas eles se mantiveram perto da lateral da floresta, deixando um amplo espaço entre si e os soldados Volturi. Somente Irina pairava atrás dos Volturi, a alguns passos das anciãs — ambas com cabelos claros, a pele como talco, e de olhos leitosos — e seus dois imensos seguranças.

Havia uma mulher em um dos mantos cinza mais escuros, logo atrás de Aro. Eu não podia ter certeza, mas ela parecia tocar as costas dele. Seria ela o outro escudo, Renata? Perguntei-me, como Eleazar, se ela seria capaz de me repelir.

Mas eu não ia desperdiçar minha vida tentando pegar Caius ou Aro. Eu tinha alvos mais vitais.

Eu os procurei na fila e não tive dificuldade de localizar os dois mantos pequenos e cinza-escuros perto do centro do grupo. Alec e Jane, certamente os

menores membros da guarda, encontravam-se ao lado de Marcus, que era flanqueado por Demetri do outro lado. Seus rostos adoráveis eram suaves, sem deixar nada transparecer; usavam os mantos mais escuros, afora o preto puro dos anciãos. Os gêmeos bruxos, Vladimir os chamara. Seus poderes eram a base da ofensiva Volturi. As joias da coleção de Aro.

Meus músculos se contraíram, e o veneno encheu minha boca.

Os olhos vermelhos e toldados de Aro e Caius percorreram nossa linha. Vi a decepção no rosto de Aro enquanto seu olhar vagava por nossos rostos repetidas vezes, procurando alguém que faltava. A contrariedade enrijeceu-lhe os lábios.

Nesse momento, senti-me grata por Alice ter fugido.

Enquanto a pausa se estendia, ouvi a respiração de Edward se acelerar.

— Edward? — perguntou Carlisle num tom baixo e ansioso.

— Eles não sabem bem o que fazer. Estão pesando as opções, escolhendo os principais alvos... Eu, é claro, você, Eleazar, Tanya. Marcus está lendo a força de nossos laços, procurando pontos fracos. A presença dos romenos os irrita. Eles estão preocupados com os rostos que não reconhecem... Zafrina e Senna, em particular... E com os lobos, naturalmente. Nunca estiveram em desvantagem numérica. Foi isso que os deteve.

— Desvantagem numérica? — sussurrou Tanya, incrédula.

— Eles não contam as testemunhas que trouxeram — sussurrou Edward. — Elas são inexistentes, não significam nada para a guarda. Aro só gosta de uma plateia.

— Devo falar? — perguntou Carlisle.

Edward hesitou, depois assentiu.

— É a única chance que você terá.

Carlisle endireitou os ombros e avançou vários passos à frente de nossa linha de defesa. Eu odiei vê-lo sozinho e desprotegido.

Ele abriu os braços, erguendo as palmas das mãos como em um cumprimento.

— Aro, meu velho amigo. Já faz séculos.

Sobre a clareira branca caiu um silêncio mortal por um longo momento. Eu podia sentir a tensão irradiando de Edward enquanto ele ouvia a avaliação que Aro fazia das palavras de Carlisle. A tensão aumentava com o passar dos segundos.

E, então, Aro deu um passo à frente, saindo do centro da formação Volturi. O

escudo, Renata, moveu-se com ele como se as pontas de seus dedos estivessem costuradas ao manto dele. Pela primeira vez a tropa dos Volturi reagiu. Um grunhido percorreu a formação, as sobrancelhas franziram-se desenhando carrancas, os lábios se repuxaram sobre os dentes. Alguns membros da guarda se agacharam.

Aro ergueu a mão para eles.

— Paz.

Ele andou mais alguns passos, depois inclinou a cabeça para um lado. Seus olhos leitosos cintilavam de curiosidade.

— Belas palavras, Carlisle — sussurrou ele em sua voz fina e ciciada. — Mas parecem deslocadas, considerando o exército que você reuniu para me matar e matar os que me são caros.

Carlisle sacudiu a cabeça e estendeu a mão direita, como se não houvesse ainda quase uma centena de metros entre eles.

— Basta tocar minha mão para saber que essa nunca foi minha intenção.

Os olhos astutos de Aro se estreitaram.

— Mas que importância pode ter sua intenção, meu caro Carlisle, diante do que você fez? — Ele franziu a testa e uma sombra de tristeza cobriu suas feições. Se era ou não autêntica, eu não sabia dizer.

— Não cometi o crime pelo qual você está aqui para me punir.

— Então saia da frente e deixe-nos punir os responsáveis. Na verdade, Carlisle, nada me agradaria mais do que preservar sua vida hoje.

— Ninguém infringiu a lei, Aro. Deixe-me explicar. — De novo, Carlisle lhe ofereceu a mão.

Antes que Aro pudesse responder, Caius moveu-se rapidamente e parou ao lado de Aro.

— Tantas regras sem sentido, tantas leis desnecessárias você criou para si mesmo, Carlisle — sibilou o ancião de cabelos brancos. — Como é possível que defenda a violação daquela que verdadeiramente importa?

— A lei não foi violada. Se vocês ouvissem...

— Estamos vendo a criança, Carlisle — grunhiu Caius. — Não nos trate como tolos.

— Ela não é uma imortal. Ela não é uma vampira. Posso provar facilmente isto em apenas alguns momentos...

Caius o interrompeu.

— Se ela não é uma das proibidas, então por que reuniu um batalhão para protegê-la?

— Testemunhas, Caius, como vocês mesmos trouxeram. — Carlisle gesticulou para a horda furiosa na margem da floresta; alguns grunhiram em resposta. — Qualquer um desses amigos pode lhes dizer a verdade sobre a criança. Ou vocês podem simplesmente olhar para ela, Caius. Ver o fluxo de sangue humano em seu rosto.

— É um truque! — rebateu Caius. — Onde está a informante? Que ela avance! — Ele esticou o pescoço até localizar Irina, hesitante, atrás das esposas. — Você! Venha!

Irina o fitou sem compreender, o rosto como o de alguém que não despertou inteiramente de um pesadelo horrendo. Impaciente, Caius estalou os dedos. Um dos imensos seguranças das esposas caminhou até Irina e a cutucou rudemente nas costas. Irina piscou duas vezes e andou lentamente até Caius, atordoada. Parou a vários metros, os olhos ainda nas irmãs.

Caius cobriu a distância até ela e lhe deu uma bofetada.

Não podia ter doído, mas houve algo de terrivelmente degradante no ato. Era como ver alguém chutar um cachorro. Tanya e Kate sibilaram em sincronia.

O corpo de Irina ficou rígido e seus olhos finalmente focalizaram Caius. Ele apontou um dedo em garra para Renesmee, agarrada às minhas costas, os dedinhos ainda emaranhados no pelo de Jacob. Caius ficou totalmente vermelho em minha visão furiosa. Um rosnado trovejou no peito de Jacob.

— É esta a criança que você viu? — perguntou Caius. — Aquela que era evidentemente mais do que humana?

Irina nos olhou, examinando Renesmee pela primeira vez desde que entrara na clareira. Sua cabeça tombou para o lado, a confusão cruzando seu rosto.

— E então? — rosnou Caius.

— Eu... não tenho certeza — disse ela, a voz perplexa.

A mão de Caius crispou-se, como se ele quisesse bater nela outra vez.

— O que quer dizer? — disse ele num sussurro de aço.

— Ela não está igual, mas acho que é a mesma criança. Quero dizer, ela mudou. Esta criança é maior do que a que eu vi, mas...

O arfar furioso de Caius passou por seus dentes subitamente expostos e Irina

interrompeu-se, sem terminar. Aro flutuou até o lado de Caius e pôs a mão, restritiva, em seu ombro.

— Componha-se, irmão. Temos tempo para esclarecer isso. Não há necessidade de pressa.

Com uma expressão rabugenta, Caius deu as costas a Irina.

— Agora, minha querida — disse Aro num murmúrio caloroso e açucarado. — Mostre-me o que está tentando dizer. — Ele estendeu a mão para a desnorteada vampira.

Insegura, Irina pegou sua mão. Ele a segurou por apenas cinco segundos.

— Está vendo, Caius? — disse ele. — É uma simples questão de conseguir o que precisamos.

Caius não respondeu. Pelo canto do olho, Aro olhou para sua plateia, sua turba, depois voltou-se para Carlisle.

— Ao que parece, temos um mistério em nossas mãos. Aparentemente, a criança cresceu. No entanto, a primeira lembrança de Irina foi claramente de uma criança imortal. Curioso.

— É exatamente o que estou tentando explicar — disse Carlisle, e pela mudança em sua voz pude ver seu alívio. Esta era a pausa em que apostáramos todas as nossas nebulosas esperanças.

Mas eu não senti alívio. Esperava, quase entorpecida de fúria, pelas várias estratégias que Edward mencionara.

Carlisle estendeu a mão de novo.

Aro hesitou por um momento.

— Preferiria receber a explicação de alguém mais central nesta história, meu amigo. Estou errado em supor que esta violação não foi obra sua?

— Não houve violação.

— Ainda que assim seja, terei cada aspecto da verdade. — A voz frágil de Aro endureceu. — E a melhor maneira de conseguir isso é ter a prova diretamente de seu filho talentoso. — Ele inclinou a cabeça na direção de Edward. — Como a criança está nas costas de sua parceira recém-criada, suponho que Edward esteja envolvido.

É claro que ele queria Edward. Assim que olhasse na mente de Edward, ele saberia todos os nossos pensamentos. Exceto os meus.

Edward virou-se rapidamente para beijar minha testa e a de Renesmee, sem

me olhar nos olhos. Depois atravessou o campo nevado, dando um tapinha no ombro de Carlisle ao passar. Ouvi um gemido baixo atrás de mim — o pavor de Esme transparecia.

A névoa vermelha que eu via em volta do exército Volturi flamejou, mais brilhante do que antes. Eu não suportava ver Edward atravessar sozinho o espaço branco e vazio — mas também não podia suportar ter Renesmee um passo mais próxima de nossos adversários. As necessidades contrárias me dilaceravam; fiquei tão paralisada que parecia que meus ossos poderiam se espatifar com a pressão.

Vi Jane sorrir enquanto Edward passava da metade da distância, quando ele ficou mais perto deles do que de nós.

Aquele sorrisinho presunçoso foi o bastante. Minha fúria chegou ao auge, mais intensa até do que o violento desejo de sangue que senti no momento em que os lobos se comprometeram com aquela guerra condenada. Eu sentia na língua o gosto da loucura — sentia-a fluir por mim como uma onda de puro poder. Meus músculos se contraíram, e eu agi automaticamente. Lancei meu escudo com toda a força de minha mente, arremessando-o pelo espaço impossível do campo — dez vezes minha melhor distância — como um dardo. O esforço me fez bufar.

O escudo explodiu de mim como uma bolha de pura energia, uma nuvem de aço líquido. Pulsava como um ser vivo — eu podia senti-lo, do ápice às bordas.

Agora o tecido elástico não se retraiu; nesse instante de força bruta, vi que a reação que senti antes era criação minha — estivera me prendendo àquela parte invisível de mim, em autodefesa, subconscientemente hesitando soltá-lo. Agora o liberava, e meu escudo explodiu uns bons cinquenta metros sem nenhum esforço, e usei apenas uma fração de minha concentração. Eu podia senti-lo se flexionar como qualquer outro músculo, obediente à minha vontade. Eu o empurrei, modelei-o em uma forma oval longa e pontiaguda. Tudo sob o escudo de ferro flexível de repente era parte de mim — eu podia sentir a força vital de tudo que ele cobria como pontos de um calor luminoso, centelhas deslumbrantes de luz que me cercavam. Lancei o escudo adiante, até a beira da clareira, e respirei aliviada quando senti a luz brilhante de Edward dentro de minha proteção. Mantive-me ali, contraindo aquele novo músculo de modo que envolvesse Edward, um manto fino, mas inviolável, entre seu corpo e nossos inimigos.

Mal se passou um segundo. Edward ainda andava até Aro. Tudo tinha

mudado completamente, mas ninguém percebera nada, a não ser eu. Uma risada sobressaltada escapou de meus lábios. Senti os outros olhando para mim e vi os olhos negros e grandes de Jacob me encarando como se eu tivesse enlouquecido.

Edward parou a pouca distância de Aro, e percebi com certo dissabor que, embora certamente pudesse, eu não devia evitar que aquele diálogo acontecesse. Esse tinha sido o objetivo de todos os nossos preparativos: conseguir que Aro ouvisse nosso lado da história. Era quase fisicamente doloroso fazer isso, mas, com relutância, fiz meu escudo recuar e deixei Edward exposto de novo. A disposição para rir desapareceu. Concentrei-me totalmente em Edward, pronta para protegê-lo imediatamente se algo desse errado.

O queixo de Edward projetou-se com arrogância, e ele estendeu a mão para Aro como se estivesse lhe conferindo uma grande honra. Aro pareceu deliciado com a atitude dele, mas seu prazer não era universal. Renata tremulava nervosa na sombra de Aro. As rugas na testa franzida de Caius eram tão profundas que parecia que sua pele translúcida, friável, ficaria permanentemente vincada. A pequena Jane mostrou os dentes, e ao lado dela os olhos de Alec se estreitaram, concentrados. Adivinhei que, como eu, ele estava preparado para agir assim que fosse necessário.

Aro cobriu a distância sem interrupção — mas, francamente, o que ele teria para temer? As sombras imensas dos mantos cinza mais claros — os lutadores musculosos como Felix — estavam a poucos metros. Jane e seu dom de queimar podiam lançar Edward no chão, retorcendo-se em agonia. Alec podia deixá-lo cego e surdo antes que ele pudesse dar um passo para Aro. Ninguém sabia que eu tinha o poder de impedi-los, nem mesmo Edward.

Com um sorriso imperturbável, Aro pegou a mão de Edward. Seus olhos se fecharam de pronto e os ombros se curvaram sob a enxurrada de informações.

Cada pensamento secreto, cada estratégia, cada insight — tudo o que Edward tinha ouvido nas mentes dos que o cercavam no último mês — agora eram de Aro. E mais além — cada visão de Alice, cada momento de silêncio com nossa família, cada imagem na mente de Renesmee, cada beijo, cada toque entre mim e Edward... Tudo agora também era de Aro.

Sibilei de frustração e o escudo se moveu com minha irritação, alterando a forma e contraindo-se em torno dos nossos.

— Calma, Bella — sussurrou Zafrina.

Trinquei os dentes.

Aro continuava a se concentrar nas lembranças de Edward. A cabeça de Edward curvou-se também, os músculos de seu pescoço enrijecendo enquanto ele lia de volta tudo o que Aro tirava dele, e a reação de Aro a tudo aquilo.

O diálogo de duas vias, mas desigual, continuou por tempo suficiente para que até a guarda ficasse inquieta. Murmúrios baixos percorreram a linha até que Caius ladrou uma ordem de silêncio. Jane estava avançando aos poucos, como se não conseguisse evitar, e o rosto de Renata estava rígido de aflição. Por um momento, examinei aquele escudo poderoso que parecia tão apavorado e fraco; embora ela fosse útil a Aro, eu podia ver que ela não era uma guerreira. Sua função não era lutar, mas proteger. Não havia nela nenhum desejo de sangue. Crua como eu era, sabia que se fosse entre mim e ela, eu a bloquearia.

Voltei a me concentrar enquanto Aro endireitava o corpo, os olhos abrindo-se, a expressão pasma e cautelosa. Ele não soltou a mão de Edward.

Os músculos de Edward relaxaram ligeiramente.

— Viu? — perguntou Edward, a voz aveludada e calma.

— Sim, eu vi, deveras — concordou Aro, e surpreendentemente ele quase parecia se divertir. — Duvido que deuses ou mortais pudessem ver com tanta clareza.

Os rostos disciplinados da guarda mostraram a mesma incredulidade que eu sentia.

— Deu-me muito o que refletir, jovem amigo — continuou Aro. — Muito mais do que eu esperava. — Ele ainda não soltara a mão de Edward, e a atitude tensa de Edward era a de quem ouve.

Edward não respondeu.

— Posso conhecê-la? — perguntou Aro, quase suplicante, com um interesse ansioso e repentino. — Nunca imaginei a existência de uma coisa dessas em todos os meus séculos. Que acréscimo à nossa história!

— Do que se trata, Aro? — perguntou Caius antes que Edward pudesse responder. Bastou a pergunta de Aro para que eu puxasse Renesmee para meus braços, aninhando-a protetoramente em meu peito.

— Algo que você jamais sonhou, meu amigo pragmático. Reflita por um momento, pois a justiça que pretendíamos aplicar não é mais válida.

Caius sibilou de surpresa com as palavras dele.

— Paz, irmão — advertiu Aro, tranquilizador.

Isso devia ser uma boa notícia — eram as palavras que esperávamos, a chance que nunca julgamos de fato possível. Aro tinha ouvido a verdade. Aro admitira que a lei não fora infringida.

Mas meus olhos estavam fixos em Edward, e vi os músculos de suas costas enrijecerem. Repassei mentalmente a instrução de Aro para Caius refletir e percebi o duplo significado.

— Vai me apresentar sua filha? — perguntou Aro a Edward novamente.

Caius não foi o único que sibilou com esta revelação.

Edward concordou, relutante. E, no entanto, Renesmee havia conquistado tantos outros! Aro sempre pareceu o líder dos anciãos. Se ele ficasse do lado dela, poderiam os outros agir contra nós?

Aro ainda segurava a mão de Edward, e ele agora respondeu a uma pergunta que o resto de nós não ouvira.

— Creio que um meio-termo a essa altura certamente é aceitável, nessas circunstâncias. O encontro se dará no meio.

Aro soltou sua mão. Edward se virou para nós, e Aro se juntou a ele, passando um braço casualmente sobre o ombro de Edward, como se fossem grandes amigos — mantendo contato o tempo todo com a pele de Edward. Eles começaram a cruzar o campo até o nosso lado.

Toda a guarda começou a acompanhá-los. Aro ergueu a mão negligentemente sem olhar para eles.

— Esperem, meus caros. É verdade, eles não nos causarão mal algum se formos pacíficos.

A guarda reagiu mais abertamente do que antes, com rosnados e silvos de protesto, mas se manteve no lugar. Renata, mais presa a Aro do que nunca, gemeu de angústia.

— Mestre — sussurrou ela.

— Não tema, minha amada — respondeu ele. — Está tudo bem.

— Talvez deva levar alguns membros de sua guarda conosco — sugeriu Edward. — Isso os deixará mais à vontade.

Aro assentiu como se fosse uma observação sensata que ele mesmo devia ter feito. Então estalou os dedos duas vezes.

— Felix, Demetri.

Os dois vampiros estavam a seu lado num instante, com a mesmíssima aparência da última vez em que os vi. Ambos eram altos e tinham cabelos escuros, Demetri rígido e magro como a lâmina de uma espada, Felix imenso e ameaçador como uma maça com pontas de ferro.

Os cinco pararam no meio do campo nevado.

— Bella — chamou Edward. — Traga Renesmee... e alguns amigos.

Respirei fundo. Meu corpo estava rígido, opondo-se à ideia de levar Renesmee ao meio do conflito... Mas eu confiava em Edward. Àquela altura, ele saberia se Aro estivesse planejando alguma traição.

Aro tinha três protetores de seu lado do encontro, então eu levaria dois. Só precisei de um segundo para decidir.

— Jacob? Emmett? — perguntei em voz baixa. Emmett, porque estaria morrendo de vontade de ir. Jacob, porque não suportaria ficar para trás.

Os dois assentiram. Emmett sorriu.

Atravessei o campo ladeada por eles. Ouvi outro rumor vindo da guarda ao verem minhas opções — evidentemente, eles não confiavam no lobisomem. Aro levantou a mão, desprezando seu protesto outra vez.

— Companhia interessante vocês têm — murmurou Demetri para Edward.

Edward não respondeu, mas um grunhido baixo escapou pelos dentes de Jacob.

Paramos a alguns metros de Aro. Edward escapou de seu braço e juntou-se a nós, pegando minha mão.

Por um momento nos olhamos em silêncio. Então Felix me cumprimentou num tom baixo.

— Olá de novo, Bella. — Ele deu um sorriso arrogante ao mesmo tempo em que acompanhava cada movimento de Jacob com sua visão periférica.

Eu sorri obliquamente para o enorme vampiro.

— Olá, Felix.

Ele riu.

— Você está muito bem. A imortalidade lhe cai perfeitamente.

— Muito obrigada.

— Por nada. Pena que...

Ele deixou o comentário perder-se no silêncio, mas eu não precisava do dom de Edward para concluir a frase. Pena que vamos matá-la daqui a um segundo.

— Sim, é mesmo uma pena, não é? — murmurei.

Felix piscou.

Aro não prestava atenção a nosso diálogo. Ele inclinou a cabeça para o lado, fascinado.

— Ouço seu coração estranho — murmurou ele com um tom quase musical. — Sinto seu cheiro estranho. — Depois seus olhos nebulosos passaram a mim. — Na verdade, jovem Bella, a imortalidade a tornou extraordinária — disse ele. — É como se tivesse sido feita para esta vida.

Assenti, agradecendo o elogio.

— Gostou do meu presente? — perguntou ele, olhando o pingente que eu usava.

— É lindo. Foi muita, muita generosidade de sua parte. Obrigada. Eu devia ter lhe mandado um bilhete.

Aro riu, deliciado.

— Foi só uma coisinha que eu tinha por perto. Pensei que podia complementar seu novo rosto, e vejo que acertei.

Ouvi um leve silvo vindo do centro da linha dos Volturi. Olhei por cima do ombro de Aro.

Humm. Parecia que Jane não estava satisfeita com o fato de Aro ter me dado um presente.

Aro deu um pigarro para recuperar minha atenção.

— Posso cumprimentar sua filha, adorável Bella? — perguntou-me com doçura.

Era o que esperávamos, lembrei a mim mesma. Reprimindo o impulso de fugir dali com Renesmee, dei dois passos lentamente em sua direção. Meu escudo ondulou atrás de mim como uma capa, protegendo o restante de minha família enquanto Renesmee ficava exposta. Parecia um erro terrível.

Aro veio ao nosso encontro, o rosto radiante.

— Mas ela é excepcional — murmurou ele. — Tão parecida com você e com Edward. — E, mais alto: — Olá, Renesmee.

Renesmee olhou para mim rapidamente. Eu assenti.

— Olá, Aro — respondeu ela formalmente com sua voz aguda e ressoante.

Os olhos de Aro estavam perplexos.

— O que é isso? — sibilou Caius de trás. Ele parecia enfurecido pela

necessidade de perguntar.

— Meio mortal, meio imortal — anunciou Aro a ele e ao restante da guarda sem desviar seus olhos encantados de Renesmee. — Concebida e trazida à luz por esta recém-criada enquanto ainda era humana.

— Impossível — Caius zombou.

— Acha então que eles me enganaram, irmão? — A expressão de Aro era de muita diversão, mas Caius se retraiu. — O coração que você está ouvindo também é um truque?

Caius fechou a cara, parecendo contrariado, como se as perguntas gentis de Aro fossem golpes.

— Calma e cuidado, irmão — alertou Aro, ainda sorrindo para Renesmee. — Sei quanto você ama sua justiça, mas não há justiça em agir contra esta pequenina singular por sua ascendência. E há muito o que aprender, muito o que saber! Sei que você não compartilha meu entusiasmo por colecionar histórias, mas seja tolerante comigo, irmão, e eu acrescentarei um capítulo que me espanta com sua improbabilidade. Viemos esperando apenas justiça e a tristeza de falsos amigos, mas veja o que ganhamos! Um novo conhecimento sobre nós mesmos, nossas possibilidades.

Ele estendeu a mão para Renesmee, em um convite. Mas não era isso que ela queria. Ela se afastou de mim, esticando-se, para tocar o rosto de Aro com a ponta dos dedos.

Aro não reagiu com o choque que quase todos tiveram a essa demonstração de Renesmee; ele estava acostumado com o fluxo de pensamento e lembranças de outras mentes, como Edward.

Seu sorriso se ampliou e ele suspirou de satisfação.

— Brilhante — sussurrou ele.

Renesmee relaxou em meus braços, seu rostinho muito sério.

— Por favor? — ela perguntou a ele.

Seu sorriso tornou-se gentil.

— É claro que não desejo machucar seus entes queridos, preciosa Renesmee.

A voz de Aro era tão reconfortante e afetuosa, que me convenceu por um segundo. Mas então ouvi os dentes de Edward ranger e, atrás de nós, o silvo de ultraje de Maggie com a mentira.

— O que me faz imaginar — disse Aro, pensativo, parecendo não ter ciência

da reação a suas palavras anteriores. Seus olhos passaram inesperadamente a Jacob, e em vez da repulsa que os outros Volturi mostraram pelo lobo gigante, os olhos de Aro eram cheios de um desejo que eu não compreendia.

— Não funciona assim — disse Edward, a neutralidade cautelosa distanciando-se de seu tom subitamente áspero.

— Foi só uma ideia errante — disse Aro, avaliando Jacob abertamente. Então seus olhos moveram-se lentamente pelas duas filas de lobisomens atrás de nós. O que quer que Renesmee tenha mostrado a ele, tornou os lobos repentinamente interessantes.

— Eles não nos pertencem, Aro. Eles não seguem nossos comandos dessa maneira. Estão aqui porque querem.

Jacob rosnou de forma ameaçadora.

— Mas parecem muito ligados a você — disse Aro. — E à sua jovem parceira e à sua... família. Leais. — Sua voz acariciou a palavra com suavidade.

— Eles têm o compromisso de proteger a vida humana, Aro. Isso os torna capazes de coexistir conosco, mas não com você. A não ser que esteja repensando seu estilo de vida.

Aro riu.

— Só uma ideia errante — repetiu ele. — Você sabe muito bem como é isso. Nenhum de nós pode controlar inteiramente nossos desejos subconscientes.

Edward fez uma careta.

— Sei como é isso. E também sei a diferença entre esse tipo de ideia e o tipo que tem um propósito por trás. Nunca daria certo, Aro.

A imensa cabeça de Jacob virou-se para Edward, e um gemido fraco escapou por seus dentes.

— Ele está intrigado com a ideia de... cães de guarda — murmurou Edward.

Houve um segundo de silêncio mortal, então o som de rosnados furiosos vindos de toda a matilha encheu a grande clareira.

Houve um brusco latido de comando — de Sam, imaginei, embora não me virasse para olhar — e a queixa foi interrompida, transformando-se em um silêncio agourento.

— Imagino que isso responda à pergunta — disse Aro, rindo de novo. — Este bando escolheu seu lado.

Edward sibilou e se inclinou para a frente. Segurei seu braço, perguntando-me

quais seriam os pensamentos de Aro para que ele reagisse com tamanha violência, enquanto Felix e Demetri agachavam-se em sincronia. Aro os dispensou de novo. Todos voltaram à atitude anterior, inclusive Edward.

— Há muito o que discutir — disse Aro, o tom subitamente o de um homem de negócios assoberbado. — Muito o que decidir. Se vocês e seu protetor peludo me derem licença, meus caros Cullen, devo conferenciar com meus irmãos.

37. ARTIFÍCIOS

ARO NÃO FOI ATÉ A GUARDA ANGUSTIADA QUE ESPERAVA DO LADO NORTE da clareira; em vez disso, acenou para que o seguissem.

Edward começou a recuar imediatamente, puxando meu braço e o de Emmett. Voltamos, apressados, de olho na ameaça que avançava. Jacob recuou mais lentamente, o pelo dos ombros se eriçando enquanto ele arreganhava as presas para Aro. Renesmee agarrou a ponta de sua cauda, e a segurou como uma guia, obrigando-o a ficar conosco. Alcançamos nossa família no mesmo instante em que os mantos escuros cercaram Aro de novo.

Agora só havia cinquenta metros entre nós e eles — uma distância que qualquer um de nós podia saltar em uma fração de segundo.

Caius começou a discutir com Aro imediatamente.

— Como pode tolerar esta infâmia? Por que estamos aqui, parados e impotentes, diante de um crime tão ultrajante, encoberto por uma fraude tão ridícula? — Ele mantinha os braços rígidos ao lado do corpo, as mãos formando garras.

Perguntei-me por que ele não tocava Aro para partilhar sua opinião. Já estaríamos vendo uma divisão em suas fileiras? Será que tínhamos tanta sorte assim?

— Porque é tudo verdade — disse Aro calmamente. — Cada palavra dita. Veja quantas testemunhas estão prontas para dar prova de que viram essa criança miraculosa crescer e amadurecer no pouco tempo em que a conhecem. Que sentiram o calor do sangue que pulsa em suas veias. — O gesto de Aro abarcou Amun, de um lado, e Siobhan, do outro.

Caius reagiu estranhamente às palavras tranquilizadoras de Aro a partir da menção da palavra testemunhas. A raiva desapareceu de seu rosto, substituída por uma fria maquinação. Ele olhou para as testemunhas dos Volturi com uma expressão que parecia um tanto... nervosa.

Eu também olhei para a turba furiosa e imediatamente vi que a descrição não

era mais válida. O frenesi de ação tinha se transformado em confusão. Conversas aos sussurros fervilhavam pela multidão tentando encontrar sentido no que acontecera.

Caius tinha a testa franzida, imerso em pensamentos. Sua expressão especulativa alimentou as chamas de minha raiva abrasadora ao mesmo tempo em que me preocupava. E se a guarda agisse novamente a um sinal invisível, como fizera em sua marcha? Ansiosa, examinei meu escudo; parecia tão impenetrável quanto antes. Eu o flexionei num domo baixo e amplo que cobria todo o nosso grupo.

Podia sentir as fluidas agulhas de luz onde estavam minha família e meus amigos — cada um deles um cheiro especial, que eu imaginava, com a prática, ser capaz de reconhecer. Já conhecia o de Edward — era o mais brilhante de todos. O espaço a mais em volta dos pontos luminosos me incomodava; não havia barreira física ao escudo, e se qualquer um dos talentosos Volturi entrasse debaixo dele, ele protegeria só a mim. Senti a testa enrugar enquanto puxava com cuidado a armadura elástica para mais perto. Carlisle era o mais distante; puxei o escudo centímetro por centímetro, tentando envolvê-lo com a maior exatidão possível.

Meu escudo parecia querer cooperar. Ele abraçou seu corpo e, quando Carlisle se moveu para o lado, para ficar mais perto de Tanya, o elástico se esticou com ele, atraído por sua centelha.

Fascinada, puxei mais fios do tecido, passando-o em volta de cada forma cintilante que era um amigo ou aliado. O escudo prendeu-se a eles de boa vontade, movendo-se quando eles se moviam.

Só um segundo tinha se passado; Caius ainda estava deliberando.

— Os lobisomens — murmurou por fim.

Com um pânico repentino, percebi que a maioria dos lobisomens estava desprotegida. Eu estava prestes a estender o escudo até eles quando percebi que, estranhamente, ainda podia sentir suas centelhas. Curiosa, recolhi o escudo até Amun e Kebi — na extremidade mais distante de nosso grupo — ficarem de fora com os lobisomens. Quando eles ficavam do outro lado, suas luzes desapareciam. Deixavam de existir, naquele novo sentido. Mas os lobos ainda eram chamas brilhantes — ou melhor, metade deles. Humm... Eu o estendi novamente, e assim que Sam estava sob a cobertura, todos os lobos eram centelhas brilhantes outra vez.

Suas mentes deviam ser mais interconectadas do que eu imaginava. Se o alfa estivesse dentro de meu escudo, as demais mentes ficavam tão protegidas quanto a dele.

— Ah, irmão... — Aro respondeu à declaração de Caius com um olhar de dor.

— Defenderá essa aliança também, Aro? — perguntou Caius. — Os Filhos da Lua têm sido nossos inimigos mais amargos desde a aurora dos tempos. Nós quase os levamos à extinção na Europa e na Ásia. E, no entanto, Carlisle estimula uma relação familiar com essa enorme infestação... sem dúvida numa tentativa de nos destronar. Melhor para proteger seu estilo de vida distorcido.

Edward pigarreou e Caius o fuzilou com os olhos. Aro colocou a mão fina e delicada no rosto como se estivesse constrangido pelo outro ancião.

— Caius, estamos no meio do dia — observou Edward. Ele gesticulou para Jacob. — Estes não são Filhos da Lua, obviamente. Não têm nenhuma relação com seus inimigos do outro lado do mundo.

— Vocês criaram mutantes aqui — cuspiu Caius.

O queixo de Edward enrijeceu e relaxou, e então ele respondeu, tranquilamente:

— Eles nem são lobisomens. Aro pode lhe contar tudo sobre isso, se não acredita em mim.

Não são lobisomens? Olhei pasma para Jacob. Ele ergueu os ombros imensos e os soltou, dando de ombros. Ele também não sabia do que Edward estava falando.

— Meu caro Caius, eu o teria alertado a não insistir nesse ponto, se tivesse me contado seus pensamentos — murmurou Aro. — Embora as criaturas se considerem lobisomens, elas não o são. Um nome mais preciso para elas seria transfiguradores. A opção pela forma de lobo foi puramente fortuita. Podia ter sido urso, falcão ou pantera, quando aconteceu a primeira transformação. Essas criaturas nada têm a ver com os Filhos da Lua. Elas meramente herdaram essa habilidade de seus pais. É genético... Eles não dão continuidade a sua espécie infectando outros, como fazem os lobisomens.

Caius olhou para Aro com irritação e algo mais — uma acusação de traição, talvez.

— Eles conhecem nosso segredo — disse ele.

Edward parecia prestes a responder a essa acusação, mas Aro foi mais rápido.

— Eles são criaturas de nosso mundo sobrenatural, irmão. Talvez ainda mais

dependentes do sigilo do que nós; não podem nos expor. Cuidado, Caius. Alegações falsas não nos levam a lugar nenhum.

Caius respirou fundo e assentiu. Eles trocaram um longo olhar, cheio de significado.

Pensei ter entendido a instrução por trás da advertência de Aro. Acusações falsas não iam ajudar a convencer as testemunhas de nenhum dos lados; Aro estava alertando Caius a passar para a estratégia seguinte. Perguntei-me se o motivo por trás da aparente tensão entre os dois anciãos — a má vontade de Caius em partilhar seus pensamentos com um toque — seria Caius não se importar com a exibição tanto quanto Aro. Se a carnificina esperada não seria tão mais essencial para Caius do que uma reputação imaculada.

— Quero falar com a informante — anunciou Caius abruptamente e voltou seu olhar para Irina.

Irina não prestava atenção na conversa de Caius e Aro; seu rosto estava retorcido de agonia, os olhos, fixos nas irmãs, enfileiradas para morrer. Em seu rosto estava claro que agora ela sabia que sua acusação fora totalmente falsa.

— Irina — ladrou Caius, insatisfeito por ter de se dirigir a ela.

Ela levantou a cabeça, assustada e amedrontada.

Caius estalou os dedos.

Hesitante, ela saiu da margem da formação Volturi para ficar de frente para Caius de novo.

— Parece que você cometeu um erro em suas alegações — começou Caius.

Tanya e Kate inclinaram-se para a frente, ansiosas.

— Desculpe-me — sussurrou Irina. — Eu deveria ter me certificado do que estava vendo. Mas eu não fazia ideia... — Ela gesticulou desamparada na nossa direção.

— Meu Caro Caius, você esperaria que ela adivinhasse em um instante algo tão estranho e impossível? — perguntou Aro. — Qualquer um de nós teria feito a mesma suposição.

Caius agitou os dedos para silenciar Aro.

— Todos sabemos que você cometeu um erro — disse ele bruscamente. — Eu me referia a suas motivações.

Nervosa, Irina esperou que ele continuasse, então repetiu:

— Minhas motivações?

— Sim, para vir espioná-los, antes de tudo.

Irina se encolheu com a palavra espionar.

— Estava insatisfeita com os Cullen, não é verdade?

Ela voltou seus olhos infelizes para Carlisle.

— Estava — admitiu.

— Porque...? — incitou Caius.

— Porque os lobisomens mataram meu amigo — sussurrou ela. — E os Cullen não me permitiram vingá-lo.

— Os transfiguradores — corrigiu Aro em voz baixa.

— Então os Cullen tomaram o partido dos transfiguradores e contra nossa própria espécie... contra o amigo de uma amiga, até — resumiu Caius.

Ouvi Edward deixar escapar um som de repulsa. Caius estava verificando sua lista, procurando uma acusação que pegasse.

Os ombros de Irina enrijeceram.

— Era assim que eu via.

Caius esperou novamente e sugeriu:

— Se quiser fazer uma queixa formal contra os transfiguradores... e os Cullen, por apoiarem seus atos... esta é a hora. — Ele abriu um sorrisinho cruel, esperando que Irina lhe desse a próxima desculpa.

Talvez Caius não entendesse as famílias de verdade — as relações baseadas em amor, e não apenas no amor pelo poder. Talvez ele superestimasse a força da vingança.

O queixo de Irina empinou-se e seus ombros se endireitaram.

— Não, não tenho nenhuma queixa contra os lobisomens, nem contra os Cullen. Vocês vieram aqui para destruir uma criança imortal. Não existe nenhuma criança imortal. Esse foi meu erro, e assumo total responsabilidade por ele. Mas os Cullen são inocentes e vocês não têm motivos para permanecer aqui. Sinto muito — ela nos disse, e então se voltou para as testemunhas dos Volturi. — Não houve nenhum crime. Não há motivo válido para ficarem.

Enquanto ela falava, Caius ergueu a mão, e nela havia um estranho objeto de metal, entalhado e decorado.

Era um sinal. A reação foi tão rápida que todos assistimos em aturdida incredulidade enquanto acontecia. Antes que houvesse tempo para reagir, estava acabado.

Três dos soldados Volturi saltaram para a frente, e Irina foi completamente obscurecida por seus mantos cinza. No mesmo instante, um horrendo guincho metálico rasgou a clareira. Caius deslizou para o meio do alvoroço cinza, e o guincho chocante explodiu numa chuva assustadora de centelhas e línguas de fogo. Os soldados fugiram do inferno repentino, saltando para trás e imediatamente reassumindo suas posições na linha perfeitamente reta da guarda.

Caius permaneceu sozinho ao lado dos restos em brasa de Irina, o objeto de metal em sua mão ainda lançando um jato espesso de fogo na pira.

Com um pequeno estalo, o fogo que esguichava da mão de Caius desapareceu. Um arquejo percorreu a massa de testemunhas atrás dos Volturi.

Estávamos horrorizados demais para emitir qualquer ruído. Uma coisa era saber que a morte viria com uma velocidade feroz e irreprimível; outra, era vê-la acontecer.

Caius deu um sorriso frio.

— Agora ela assumiu toda a responsabilidade por seus atos.

Seus olhos dispararam para a nossa linha de frente, tocando rapidamente as formas paralisadas de Tanya e Kate.

Naquele segundo eu entendi que Caius não havia subestimado os laços de uma verdadeira família. Essa era a trama. Ele não quisera arrancar a queixa de Irina; o que ele queria era que ela o desafiasse. Uma desculpa para destruí-la, para inflamar a violência que enchia o ar como uma névoa espessa e combustível. Ele havia riscado um fósforo.

A paz tensa daquela reunião já oscilava mais precariamente do que um elefante numa corda bamba. Assim que a luta começasse, não haveria como pará-la. Ela só aumentaria até que um lado estivesse inteiramente extinto. Nosso lado. Caius sabia disso.

E também Edward.

— Detenham-nas! — gritou Edward, saltando para agarrar o braço de Tanya enquanto ela se atirava na direção do sorridente Caius com um grito enlouquecido de puro ódio. Ela não conseguiu se livrar de Edward antes que Carlisle passasse os braços em sua cintura, prendendo-a.

— É tarde demais para ajudá-la — argumentou ele com urgência enquanto ela lutava. — Não lhe dê o que ele quer!

Kate foi mais difícil de conter. Gritando sem dizer nada, como Tanya, ela deu

o primeiro passo do ataque que terminaria com a morte de todos. Rosalie estava mais perto dela, mas, antes que Rose pudesse imobilizá-la com uma gravata, Kate lhe aplicou um choque tão violento que Rose caiu no chão. Emmett agarrou o braço de Kate e a derrubou, depois recuou, cambaleando, seus joelhos cedendo. Kate se levantou, e parecia que ninguém poderia detê-la.

Garrett atirou-se sobre ela, jogando-a no chão novamente. Ele passou os braços em torno dos dela, segurando com força os próprios punhos. Vi o corpo dele agitar-se em espasmos enquanto ela lhe aplicava choques. Os olhos de Garrett rolaram nas órbitas, mas ele não a soltou.

— Zafrina — gritou Edward.

Os olhos de Kate ficaram vagos e seus gritos transformaram-se em gemidos. Tanya parou de lutar.

— Devolva minha visão — sibilou Tanya.

Desesperada, mas com toda a delicadeza que consegui, eu empurrei meu escudo ainda mais contra as centelhas de meus amigos, retirando-o cuidadosamente de Kate enquanto tentava mantê-lo em torno de Garrett, formando uma membrana fina entre eles.

E então Garrett tinha o controle de si mesmo outra vez, segurando Kate na neve.

— Se eu a deixar levantar, vai me derrubar de novo, Katie? — sussurrou ele.

Ela rosnou em resposta, ainda se debatendo cegamente.

— Ouçam-me, Tanya, Kate — disse Carlisle num sussurro baixo mas intenso. — A vingança não as ajudará agora. Irina não ia querer que desperdiçassem a vida dessa maneira. Pensem no que estão fazendo. Se os atacarem, todos vamos morrer.

Os ombros de Tanya desabaram com a dor, e ela se recostou em Carlisle, buscando apoio. Kate finalmente ficou imóvel. Carlisle e Garrett continuaram a consolar as irmãs com palavras insistentes demais para parecerem reconfortantes.

E minha atenção se voltou para os olhares que pesavam sobre nosso momento de caos. Pelo canto do olho pude ver que Edward e todos, exceto Carlisle e Garrett, estavam em guarda novamente.

O olhar mais pesado vinha de Caius, olhando com uma incredulidade enfurecida Kate e Garrett na neve. Aro também observava os dois, descrença era a emoção mais forte em seu rosto. Ele sabia o que Kate podia fazer. Tinha sentido sua potência por meio das lembranças de Edward.

Será que ele entendia o que estava acontecendo agora — via que meu escudo tinha adquirido força e sutileza muito além do que Edward sabia que eu era capaz de fazer? Ou ele pensava que Garrett tinha aprendido sua própria forma de imunidade?

A guarda Volturi não tinha mais aquela atenção disciplinada — estavam agachados, esperando para lançar o contra-ataque no momento em que fizéssemos a investida.

Atrás deles, quarenta e três testemunhas observavam com expressões muito diferentes daquelas que tinham ao entrar na clareira. A confusão se transformara em desconfiança. Todos ficaram abalados com a destruição relâmpago de Irina. Qual fora o crime dela?

Sem o ataque imediato com que Caius havia contado para distraí-los de seu ato temerário, as testemunhas Volturi se viram questionando exatamente o que estava acontecendo ali. Aro olhou para trás rapidamente enquanto eu observava, seu rosto traindo-o com um lampejo de irritação. Sua necessidade de uma plateia havia se voltado contra ele.

Ouvi os murmúrios silenciosos de alegria de Stefan e Vladimir com o desconforto de Aro.

Aro, obviamente, estava preocupado em manter sua auréola, como disseram os romenos. Mas eu não acreditava que os Volturi nos deixariam em paz só para salvar sua reputação. Depois que terminassem conosco, certamente abateriam também suas testemunhas. Senti uma compaixão estranha e repentina pela massa de estranhos que os Volturi trouxeram para nos ver morrer. Demetri os perseguiria até que eles também estivessem extintos.

Por Jacob e Renesmee, por Alice e Jasper, por Alistair e por todos aqueles estranhos que não sabiam o que lhes custaria aquele dia, Demetri tinha de morrer.

Aro tocou de leve o ombro de Caius.

— Irina foi punida por dar falso testemunho contra esta criança. — Então essa era a desculpa deles. Ele continuou: — Talvez devamos voltar à questão que nos interessa.

Caius endireitou o corpo e sua expressão endureceu, tornando-se impenetrável. Ele olhava à frente, sem nada ver. Seu rosto lembrou, estranhamente, o de uma pessoa que tinha acabado de saber que fora rebaixada.

Aro adiantou-se, Renata, Felix e Demetri automaticamente movendo-se com ele.

— Para cobrirmos todos os aspectos — disse ele —, gostaria de falar com algumas de suas testemunhas. Protocolo, vocês sabem. — Ele agitou a mão com desdém.

Duas coisas aconteceram a um só tempo. Os olhos de Caius se concentraram em Aro e o sorrisinho cruel voltou. E Edward sibilou, as mãos fechando-se com tanta força que parecia que os ossos dos nós dos dedos romperiam a pele dura como diamante.

Eu estava desesperada para perguntar a ele o que se passava, mas Aro estava muito perto para ouvir o mais leve sussurro. Vi Carlisle olhar ansioso para Edward, e então seu rosto enrijeceu.

Enquanto Caius tropeçava em acusações inúteis e tentativas precipitadas de incitar à luta, Aro devia ter pensado numa estratégia mais eficaz.

Aro caminhou como um fantasma pela neve até a extremidade esquerda de nossa linha, parando a uns dez metros de Amun e Kebi. Os lobos próximos se eriçaram, coléricos, mas se mantiveram no lugar.

— Ah, Amun, meu vizinho do sul! — disse Aro calorosamente. — Faz muito tempo que não me visita.

Amun estava imóvel, ansioso; Kebi uma estátua ao lado dele.

— O tempo pouco significa; nunca percebo sua passagem — disse Amun com os lábios imóveis.

— É verdade — concordou Aro. — Mas quem sabe tem outro motivo para se manter afastado?

Amun nada disse.

— Pode tomar muito tempo de nosso tempo organizar recém-chegados em um clã. Sei bem disso! Sinto-me grato por ter outros para lidar com o tédio. E fico feliz que seus novos acréscimos tenham se adaptado tão bem. Eu teria adorado ter sido apresentado a eles. Sei que você pretendia me procurar em breve.

— É claro — disse Amun, o tom tão sem emoção que era impossível dizer se havia medo ou sarcasmo em sua voz.

— Ah, ora, agora estamos todos juntos! Não é maravilhoso?

Amun assentiu, o rosto inexpressivo.

— Mas o motivo para sua presença aqui não é tão agradável, infelizmente.

Carlisle o chamou para testemunhar?

— Sim.

— E o que você testemunhou?

Amun falou com a mesma frieza e falta de emoção.

— Observei a criança em questão. Quase imediatamente ficou claro que não se tratava de uma criança imortal...

— Talvez devamos definir nossa terminologia — interrompeu Aro —, agora que parece haver novas classificações. Por criança imortal você se refere, é claro, a uma criança humana que foi mordida e assim transformada em vampira.

— Sim, é o que quero dizer.

— O que mais observou sobre a criança?

— O mesmo que você certamente viu na mente de Edward. Que a criança é biologicamente dele. Que ela cresce. Que ela aprende.

— Sim, sim — disse Aro, uma ponta de impaciência no tom amistoso. — Mas, especificamente nas poucas semanas em que esteve aqui, o que você viu?

A sobrancelha de Amun se franziu.

— Que ela cresce... rapidamente.

Aro sorriu.

— E acredita que devamos permitir que ela viva?

Um silvo escapou por meus lábios, e eu não fui a única. Metade dos vampiros em nossa linha ecoou meu protesto. O som era um chiado baixo de fúria que pairou no ar. Do outro lado da campina, algumas testemunhas dos Volturi fizeram o mesmo ruído. Edward recuou e me conteve, passando a mão em minha cintura.

Aro não se virou para o ruído, mas Amun olhou em volta, inquieto.

— Não estou aqui para fazer julgamentos — ele se esquivou.

Aro riu levemente.

— Apenas a sua opinião.

O queixo de Amun se ergueu.

— Não vejo nenhum perigo na criança. Ela aprende ainda mais rapidamente do que cresce.

Aro assentiu, refletindo. Depois de um instante, ele se afastou.

— Aro? — chamou Amun.

Aro girou.

— Sim, meu amigo?

— Já dei meu testemunho. Não tenho outros interesses aqui. Minha parceira e eu gostaríamos de partir agora.

Aro sorriu calorosamente.

— Claro. Fico feliz que tenhamos podido conversar um pouco. E sei que nos veremos novamente em breve.

Os lábios de Amun eram uma linha reta enquanto ele inclinava a cabeça, reconhecendo a ameaça maldisfarçada. Ele tocou o braço de Kebi, e então os dois correram rapidamente para a margem sul da campina e desapareceram em meio às árvores. Eu sabia que eles não parariam de correr por um bom tempo.

Aro deslizava de volta, seguindo para a direita de nossa fila, seus guardas rondando-o, tensos. Ele parou diante da imensa forma de Siobhan.

— Olá, minha cara Siobhan. Está linda como sempre.

Siobhan inclinou a cabeça, esperando.

— E você? — perguntou ele. — Teria respondido a minhas perguntas da mesma forma que Amun?

— Sim — disse Siobhan. — Mas talvez eu acrescentasse um pouco mais. Renesmee entende as limitações. Ela não coloca os humanos em risco... Ela se mistura melhor do que nós. Não oferece nenhuma ameaça de nos expor.

— Não consegue pensar em nenhuma? — perguntou Aro com gravidade.

Edward grunhiu, um ruído baixo e violento do fundo da garganta.

Os olhos carmim e nebulosos de Caius se iluminaram.

Renata estendeu o braço protetor para o mestre.

E Garrett libertou Kate a fim de avançar um passo, ignorando a mão de Kate enquanto, dessa vez, ela tentava alertá-lo.

Siobhan respondeu lentamente.

— Acho que não o compreendi.

Aro recuou um pouco, casualmente, em direção ao resto de sua guarda. Renata, Felix e Demetri estavam mais próximos do que sua sombra.

— Não houve nenhuma infração à lei — disse Aro numa voz apaziguadora, mas cada um de nós podia perceber que viria um porém. Reprimi a raiva que tentava se apoderar de minha garganta e libertar meu rosnado de desafio. Transferi a fúria para meu escudo, espessando-o, certificando-me de que todos estivessem protegidos.

— Nenhuma infração à lei — repetiu Aro. — No entanto, isso assegura que não haja perigo? Não. — Ele sacudiu a cabeça gentilmente. — Esta é outra questão.

A única resposta foi o endurecimento de nervos já tensos, e Maggie, na extremidade de nosso grupo de lutadores, sacudiu a cabeça com uma raiva lenta.

Aro andava de um lado para o outro, pensativo, parecendo flutuar em vez de tocar o chão com os pés. Percebi que cada passo o colocava mais próximo da proteção de sua guarda.

— Ela é única... Completa e impossivelmente única. Seria um desperdício destruir algo tão maravilhoso. Em especial quando podemos aprender tanto... — Ele suspirou, como se hesitasse continuar. — Mas existe perigo, um perigo que não pode ser ignorado.

Ninguém respondeu a essa afirmativa. Fez-se um silêncio mortal enquanto ele continuava o monólogo, como se falasse consigo mesmo.

— Que ironia que à medida que os homens avançam, que sua fé na ciência aumenta e controla seu mundo, mais livres fiquemos de ser descobertos. No entanto, à medida que nos tornamos cada vez mais desinibidos por sua descrença no sobrenatural, eles se tornem tão fortes em suas tecnologias que, se desejassem, poderiam realmente representar uma ameaça para nós, até destruir alguns de nós.

"Por milhares e milhares de anos, nosso segredo tem sido mais uma questão de conveniência, de comodidade, em vez de segurança real. Este último século, cruel e furioso, deu à luz armas com tal poder que colocam em risco até os imortais. Agora nossa condição de mero mito na verdade nos protege dessas criaturas fracas que caçamos.

"Esta criança impressionante," ele ergueu a palma da mão como se para pousá-la em Renesmee, embora estivesse a quarenta metros dela, quase dentro da formação Volturi, "se pudéssemos conhecer seu potencial... saber com absoluta certeza que ela poderia sempre continuar abrigada na obscuridade que nos protege... Mas nada sabemos do que ela se tornará! Seus próprios pais temem por seu futuro. Não podemos saber no que ela se transformará."

Ele parou, olhando, primeiro, para nossas testemunhas, depois, para as dele. Sua voz convencia como a de alguém dilacerado pelo que dizia.

Ainda olhando para suas testemunhas, ele voltou a falar.

— Só o conhecido é seguro. Só o conhecido é tolerável. O desconhecido é...

uma vulnerabilidade.

O sorriso de Caius se ampliou cruelmente.

— Está se estendendo demais, Aro — disse Carlisle numa voz fria.

— Paz, amigo. — Aro sorriu, o rosto tão gentil, a voz tão suave como sempre. — Não vamos nos precipitar. Vamos examinar a questão de todos os aspectos.

— Posso propor um aspecto a ser considerado? — solicitou Garrett num tom equilibrado, dando outro passo à frente.

— Nômade — disse Aro, dando sua permissão.

O queixo de Garrett se ergueu. Seus olhos focalizaram a massa acotovelada no fim da campina e ele falou diretamente às testemunhas dos Volturi.

— Vim aqui a pedido de Carlisle, assim como os outros, para testemunhar — disse ele. — Isso, certamente, não é mais necessário, com relação à criança. Todos vemos o que ela é.

"Fiquei para observar outra coisa. Vocês." Ele apontou para os vampiros cautelosos. "Dois de vocês eu conheço... Makenna, Charles... E sei que muitos outros também são errantes, nômades como eu. Que não respondem a ninguém. Pensem com cuidado no que vou lhes dizer agora.

"Esses anciãos não vieram para fazer justiça, como lhes disseram. Tínhamos essa desconfiança, e agora isso foi provado. Eles vieram, equivocados, mas com uma desculpa válida para seus atos. Vocês os veem agora procurar desculpas frágeis para continuar sua verdadeira missão. Vejam como lutam para encontrar uma justificativa para seu verdadeiro propósito... destruir esta família aqui."

Ele gesticulou na direção de Carlisle e Tanya.

— Os Volturi vieram eliminar o que veem como uma concorrência. Talvez, como eu, vocês olhem para os olhos dourados deste clã e se surpreendam. É difícil entendê-los, é verdade. Mas os anciãos olham e veem algo além de sua estranha opção. Eles veem poder.

"Testemunhei os laços que unem esta família — notem que digo família, e não clã. Esta gente estranha, de olhos dourados, nega sua própria natureza. Mas será que em troca encontraram algo que vale mais, talvez, do que a mera satisfação do desejo? Estudei-os um pouco enquanto estive aqui, e me parece que intrínseco a este forte laço familiar — o que o torna possível — é o caráter pacífico dessa vida de sacrifício. Não há agressividade, como todos vimos nos grandes clãs do sul, que cresceram e diminuíram tão rapidamente em suas rixas

desvairadas. Não há a intenção de domínio. E Aro sabe disso melhor que eu."

Olhei o rosto de Aro enquanto as palavras de Garrett o condenavam, esperando, tensa, uma reação. Mas a expressão de Aro era apenas educadamente divertida, como se esperasse que uma criança em um acesso de pirraça percebesse que ninguém estava prestando atenção nela.

— Quando nos disse o que estava por vir, Carlisle garantiu a todos que não nos chamou aqui para lutar. Estas testemunhas — Garrett apontou para Siobhan e Liam — concordaram em vir para reduzir o avanço dos Volturi com sua presença, de modo que Carlisle tivesse a oportunidade de apresentar seus argumentos.

"Mas alguns de nós se perguntavam", seus olhos passaram pelo rosto de Eleazar, "se ter a verdade a seu lado seria o suficiente para Carlisle impedir a assim chamada justiça. Os Volturi estão aqui para proteger a segurança de nosso segredo ou para proteger seu próprio poder? Eles vieram destruir uma criação ilegal ou um modo de vida? Eles ficariam satisfeitos quando o perigo se revelasse nada mais do que um mal-entendido? Ou levariam a questão adiante, sem a desculpa da justiça?

"Já temos a resposta a todas estas perguntas. Nós a ouvimos nas palavras enganadoras de Aro — temos alguém com o dom para saber essas coisas com certeza — e a vemos agora no sorriso ávido de Caius. Sua guarda é apenas uma arma irracional, um instrumento na busca de domínio de seu senhores.

"Assim, agora há mais questões, questões a que vocês devem responder. Quem os governa, nômades? Vocês respondem aos desejos de alguém, além dos próprios? São livres para escolher seu caminho ou os Volturi decidirão como vocês vão viver?

"Eu vim testemunhar. Fico para lutar. Os Volturi não se importam com a morte da criança. O que eles buscam é a morte de nosso livre-arbítrio."

Ele se virou, então, para encarar os anciãos.

— Então venham, é o que digo! Não vamos mais ouvir racionalizações mentirosas. Sejam francos em seus propósitos, como somos nos nossos. Defenderemos nossa liberdade. Vocês a atacarão ou não. Decidam agora e deixem que essas testemunhas vejam a questão verdadeiramente em debate aqui.

Mais uma vez ele olhou para as testemunhas dos Volturi, os olhos sondando cada rosto. O poder de suas palavras estava evidente na expressão deles.

— Talvez queiram considerar se juntar a nós. Se pensam que os Volturi os deixarão viver para contar esta história, estão enganados. Seremos todos destruídos — ele deu de ombros —, ou talvez não. Talvez estejamos em pé de igualdade, mais do que eles acreditam. Talvez, finalmente, os Volturi tenham encontrado adversários à altura. Mas eu lhes garanto: se cairmos, vocês cairão.

Ele terminou seu discurso acalorado recuando para o lado de Kate e então deslizando numa postura semiagachada, preparado para o ataque.

Aro sorriu.

— Um belo discurso, meu amigo revolucionário.

Garrett manteve a postura de ataque.

— Revolucionário? — ele grunhiu. — Contra quem estou me rebelando, posso perguntar? Você é meu rei? Quer que o chame de mestre também, como sua guarda de sicofantas?

— Paz, Garrett — disse Aro com tolerância. — Apenas me referi à sua época de nascimento. Pelo que vejo, ainda é um patriota.

Garrett o olhou furioso.

— Indaguemos a nossas testemunhas — sugeriu Aro. — Ouçamos seus pensamentos antes de tomarmos nossa decisão. Digam-nos, amigos — e ele voltou as costas despreocupadamente para nós, andando alguns metros na direção de sua massa de observadores nervosos, agora ainda mais próxima da beira da floresta —, o que pensam de tudo isso? Posso lhes garantir que a criança não é o que temíamos. Assumimos o risco e deixamos a criança viver? Colocamos nosso mundo em perigo para preservar essa família intacta? Ou o sincero Garrett tem razão? Vocês se unirão a eles numa luta contra nossa súbita busca de dominação?

As testemunhas responderam a seu olhar com expressões cautelosas. Uma mulher pequena de cabelos pretos olhou brevemente o louro ao seu lado.

— Essas são nossas únicas opções? — ela perguntou de repente, o olhar cintilando de volta a Aro. — Concordar com vocês ou lutar contra vocês?

— É claro que não, minha encantadora Makenna — disse Aro, parecendo horrorizado com o fato de que alguém pudesse chegar àquela conclusão. — Você pode ir em paz, é claro, como fez Amun, mesmo que discorde da decisão do conselho deliberativo.

Makenna olhou o rosto do parceiro de novo, e ele assentiu minimamente.

— Não viemos para lutar. — Ela parou, soltou o ar, então disse: — Estamos

aqui para testemunhar. E nosso testemunho é que esta família condenada é inocente. Tudo o que Garrett afirmou é a verdade.

— Ah! — disse Aro com tristeza. — Lamento que nos veja dessa maneira. Mas essa é a natureza do nosso trabalho.

— Não é o que vejo, mas o que sinto — disse o parceiro louro de Makenna num tom alto e nervoso. Ele olhou para Garrett. — Garrett disse que eles têm formas de identificar mentiras. Eu também sei quando estou ouvindo a verdade e quando não estou. — Com olhos assustados, ele se aproximou da parceira, esperando pela reação de Aro.

— Não tenha medo de nós, amigo Charles. Não há dúvida de que o patriota acredita de fato no que diz. — Aro riu de leve e os olhos de Charles se estreitaram.

— Este é nosso testemunho — disse Makenna. — Agora vamos partir.

Ela e Charles recuaram lentamente, só nos voltando as costas depois de os perdermos de vista nas árvores. Outro estranho começou a se retirar da mesma maneira, depois mais três dispararam atrás dele.

Avaliei os trinta e sete vampiros que ficaram. Alguns pareciam confusos demais para tomar a decisão. Mas a maioria parecia estar totalmente ciente do rumo que o confronto assumia. Calculei que estavam desistindo da vantagem de uma saída antecipada em favor de saber exatamente quem os caçaria depois.

Eu tinha certeza de que Aro via o mesmo que eu. Ele se afastou, retornando à sua guarda com um passo comedido. Parou diante deles e lhes falou em tom claro.

— Somos em menor número, meus queridos — disse ele. — Não podemos esperar ajuda externa. Devemos deixar esta questão sem uma solução, para nos salvar?

— Não, mestre — sussurraram eles em uníssono.

— A proteção de nosso mundo vale a possível perda de alguns de nós?

— Sim — sussurraram. — Não temos medo.

Aro sorriu e virou-se para seus companheiros de mantos negros.

— Irmãos — disse Aro sombriamente —, há muito o que considerar aqui.

— Deliberemos — disse Caius com ansiedade.

— Deliberemos — repetiu Marcus num tom desinteressado.

Aro nos deu as costas de novo, ficando de frente para os outros anciãos. Eles se

deram as mãos, formando um triângulo de mantos negros.

Assim que a atenção de Aro se voltou para a muda deliberação, outras duas testemunhas desapareceram silenciosamente na floresta. Desejei, para o bem deles, que fossem rápidos.

Era agora. Com cuidado, soltei os braços de Renesmee de meu pescoço.

— Lembra o que eu disse a você?

Lágrimas encheram seus olhos, mas ela assentiu.

— Eu amo você — sussurrou ela.

Agora Edward nos observava, os olhos topázio arregalados. Jacob nos olhava pelo canto de seus grandes olhos escuros.

— Eu também amo você — eu disse, depois toquei seu medalhão. — Mais do que minha própria vida. — E lhe dei um beijo na testa.

Jacob gemeu, inquieto.

Fiquei na ponta dos pés e sussurrei em seu ouvido:

— Espere até que eles estejam totalmente distraídos, depois corra com ela. Vá para o lugar mais longe daqui possível. Quando estiver o mais distante que conseguir a pé, ela terá aquilo de que vocês precisam para continuar por ar.

O rosto de Edward e Jacob eram máscaras quase idênticas de pavor, apesar do fato de um deles ser um animal.

Renesmee estendeu a mão para Edward e ele a pegou nos braços. Eles se abraçaram com força.

— Foi isso que escondeu de mim? — sussurrou ele por cima da cabeça de Renesmee.

— De Aro — sussurrei.

— Alice?

Assenti.

Seu rosto se retorceu com compreensão e dor. Teria sido aquela a expressão em meu rosto quando eu finalmente reunira as pistas de Alice?

Jacob grunhia baixo, um som áspero que era tão regular e ininterrupto quanto um ronronar. Os pelos de seu dorso estavam eriçados e os dentes, expostos.

Edward beijou a testa e ambos os lados do rosto de Renesmee, depois a colocou no ombro de Jacob. Ela subiu com agilidade em suas costas, agarrando-se aos pelos, e se acomodou facilmente no espaço entre os ombros imensos.

Jacob virou-se para mim, os olhos expressivos cheios de agonia, o grunhido

ainda rasgando seu peito por dentro.

— Você é o único a quem poderíamos confiá-la — murmurei para ele. — Se você não a amasse tanto, eu não suportaria isso. Sei que pode protegê-la, Jacob.

Ele gemeu de novo e baixou a cabeça para encostá-la em meu ombro.

— Eu sei — sussurrei. — Eu também amo você, Jake. Você sempre será o meu padrinho.

Uma lágrima do tamanho de uma bola de beisebol caiu no pelo avermelhado embaixo do olho.

Edward inclinou a cabeça no mesmo ombro onde tinha colocado Renesmee.

— Adeus, Jacob, meu irmão... meu filho.

Os outros não estavam alheios à cena de despedida. Seus olhos estavam fixos no silencioso triângulo negro, mas eu sabia que estavam ouvindo.

— Não há esperanças, então? — sussurrou Carlisle. Não havia medo em sua voz. Só determinação e aceitação.

— Há esperança, definitivamente — murmurei. Pode ser verdade, eu disse a mim mesma. — Só sei de meu próprio destino.

Edward pegou minha mão. Ele sabia que estava incluído. Quando eu disse meu destino, não havia dúvida de que me referia a nós dois. Éramos as metades de um todo.

A respiração de Esme, atrás de mim, era entrecortada. Ela passou por nós, tocando-nos o rosto, e foi se colocar ao lado de Carlisle e segurar sua mão.

De repente, estávamos cercados por murmúrios de adeus e eu te amo.

— Se sobrevivermos a isso — Garrett sussurrou para Kate —, eu a seguirei a qualquer lugar, mulher.

— Agora é que ele me diz isso — ela murmurou.

Rosalie e Emmett se beijaram rápida mas apaixonadamente.

Tia afagou o rosto de Benjamin. Ele sorriu para ela, alegre, pegando sua mão e a segurando junto a seu peito.

Não vi todas as expressões de amor e dor. Uma súbita e latejante pressão do lado externo de meu escudo me chamou a atenção. Eu não sabia de onde vinha, mas parecia que era dirigida às extremidades de nosso grupo, a Siobhan e Liam particularmente. A pressão não causou danos, e então se foi.

Não houve alteração nas formas silenciosas e imóveis dos anciãos em deliberação. Mas talvez houvesse algum sinal que eu perdera.

— Preparem-se — sussurrei aos outros. — Está começando.

38. PODER

— CHELSEA ESTÁ TENTANDO ROMPER NOSSOS LAÇOS — SUSSURROU Edward. — Mas não consegue encontrá-los. Ela não consegue nos sentir aqui... — Seus olhos pousaram em mim. — Você está fazendo isso?

Sorri sinistramente para ele.

— Estou cobrindo todos.

Edward se afastou de mim de repente, a mão estendida para Carlisle. Ao mesmo tempo, senti um golpe muito mais agudo contra o escudo, onde envolvia protetoramente a luz de Carlisle. Não doeu, mas também não foi agradável.

— Carlisle? Você está bem? — arquejou Edward freneticamente.

— Sim. Por quê?

— Jane — respondeu Edward.

No momento em que ele disse aquele nome, uma dúzia de ataques precisos nos atingiram em um segundo, golpeando todo o escudo elástico, mirando em doze diferentes pontos brilhantes. Eu me contraí, certificando-me de que o escudo não estava danificado. Não parecia que Jane fora capaz de perfurá-lo. Olhei em volta rapidamente; todos estavam bem.

— Incrível — disse Edward.

— Por que não estão esperando a decisão? — sibilou Tanya.

— Procedimento normal — respondeu Edward bruscamente. — Em geral, eles incapacitam os que estão em julgamento para que não possam fugir.

Olhei para Jane, do outro lado, encarando nosso grupo com uma incredulidade furiosa. Eu tinha certeza de que, além de mim, ela nunca vira alguém permanecer incólume a seu ataque feroz.

Provavelmente, não foi muito maduro de minha parte. Mas imaginei que Aro levaria meio segundo para deduzir — se é que já não tinha deduzido — que meu escudo era mais poderoso do que Edward imaginava; eu já trazia um alvo enorme na testa e não tinha sentido tentar guardar segredo do que eu podia fazer. Então abri um sorriso imenso e presunçoso para Jane.

Seus olhos se estreitaram e senti outra punhalada de pressão, dessa vez dirigida a mim.

Arreganhei ainda mais os lábios, mostrando os dentes.

Jane soltou um rosnado alto e agudo. Todos pularam, até a guarda disciplinada. Todos, exceto os anciãos, que levantaram os olhos de sua conferência. O gêmeo de Jane pegou seu braço enquanto ela se agachava para atacar.

Os romenos começaram a rir em um antegozo sombrio.

— Eu lhe disse que essa era a nossa hora — disse Vladimir a Stefan.

— Olhe só a cara da bruxa — disse Stefan com uma risadinha.

Alec afagou o ombro da irmã, tranquilizando-a, depois a segurou sob o braço. Ele virou o rosto para nós, perfeitamente tranquilo, completamente angelical.

Esperei sentir alguma pressão, algum sinal do ataque dele, mas não senti nada. Ele continuava a nos olhar com o lindo rosto composto. Será que estava atacando? Estaria ele passando por meu escudo? Seria eu a única que ainda podia vê-lo? Apertei a mão de Edward.

— Você está bem? — perguntei, engasgada.

— Sim — sussurrou ele.

— Alec está tentando?

Edward assentiu.

— Seu dom é mais lento que o de Jane. Arrasta-se. Vai nos tocar daqui a alguns segundos.

Então eu o vi, quando tinha uma pista do que procurar.

Uma névoa clara e estranha se arrastava pela neve, quase invisível contra o branco. Lembrou uma miragem — uma leve deformação na visão, uma sugestão de tremor. Estendi meu escudo adiante de Carlisle e da linha de frente, temerosa de ter a neblina furtiva perto demais quando nos atingisse. E se conseguisse passar por minha proteção intangível? Deveríamos correr?

Um estrondo baixo ocorreu pelo chão sob nossos pés e uma lufada de vento soprou a neve em súbitas rajadas entre nossa posição e a dos Volturi. Benjamin também tinha visto a ameaça rastejante e agora tentava afastar a névoa de nós. Graças à neve, era fácil ver onde ele lançara o vento, mas a névoa não reagiu de maneira nenhuma. Era como o ar soprando inofensivamente uma sombra; a sombra era imune.

A formação triangular dos anciãos finalmente se separou quando, com um gemido torturante, uma fissura funda e estreita se abriu em um longo ziguezague no meio da clareira. A terra se agitou sob meus pés por um momento. As correntes de neve mergulharam na abertura, mas a névoa a atravessou, por cima, tão intocada pela gravidade quanto fora pelo vento.

De olhos arregalados, Aro e Caius viam a terra se abrir. Marcus olhava na mesma direção sem emoção alguma.

Eles não falaram; também esperaram, enquanto a névoa se aproximava de nós. O vento gritou mais alto, mas não mudou o rumo da neblina. Jane agora sorria.

E, então, a névoa atingiu uma parede.

Pude sentir o gosto assim que ela tocou meu escudo — um sabor denso, doce e enjoativo. Lembrou-me vagamente o torpor da novocaína em minha língua.

A névoa espiralou para cima, procurando uma brecha, um ponto fraco. Não encontrou nenhum. Os dedos da neblina se retorciam para o alto e em torno do escudo, tentando encontrar uma maneira de entrar, e assim revelando o tamanho impressionante da tela de proteção.

Ouviram-se arquejos de ambos os lados da fenda de Benjamin.

— Muito bom, Bella! — aprovou Benjamin em voz baixa.

Meu sorriso voltou.

Eu podia ver os olhos semicerrados de Alec, a dúvida em seu rosto pela primeira vez enquanto sua névoa girava inofensiva nos limites de meu escudo.

E então entendi que eu podia conseguir. Evidentemente, eu seria a prioridade número 1, a primeira a morrer, mas desde que me mantivesse firme, estaríamos em pé de igualdade com os Volturi. Ainda tínhamos Benjamin e Zafrina; eles não tinham nenhuma ajuda sobrenatural. Desde que eu conseguisse segurar.

— Terei de me concentrar — sussurrei para Edward. — Quando chegar a hora do corpo a corpo, será mais difícil manter o escudo em volta das pessoas certas.

— Eu os manterei afastados de você.

— Não. Você precisa pegar Demetri. Zafrina os manterá longe de mim.

Zafrina assentiu solenemente.

— Ninguém tocará esta jovem — prometeu ela a Edward.

— Eu iria atrás de Jane e Alec, mas sou mais útil aqui.

— Jane é minha — sibilou Kate. — Ela precisa provar do próprio remédio.

— E Alec me deve muitas vidas, mas vou me contentar com a dele — grunhiu Vladimir do outro lado. — Ele é meu.

— Eu só quero Caius — afirmou Tanya serenamente.

Os outros começaram a repartir os adversários, mas foram rapidamente interrompidos.

Aro, olhando calmamente a névoa ineficaz de Alec, por fim falou.

— Antes de votarmos — começou ele.

Sacudi a cabeça com raiva. Eu estava cansada daquele teatro. O desejo de sangue me incitava de novo, e eu lamentava que ajudasse mais aos outros ficando parada. Eu queria lutar.

— Permitam-me lembrá-los — continuou Aro — de que, qualquer que seja a decisão do conselho, não há necessidade de violência.

Edward rosnou uma risada sombria.

Aro olhou para ele com tristeza.

— Será um desperdício lamentável para nossa espécie perder qualquer um de vocês. Mas você especialmente, jovem Edward, e sua parceira recém-criada. Os Volturi ficariam felizes em receber muitos de vocês em nossas fileiras. Bella, Benjamin, Zafrina, Kate. Há muitas opções diante de vocês. Considerem-nas.

A tentativa de Chelsea de nos abalar oscilou impotente contra meu escudo. O olhar de Aro percorreu nossos olhos duros, procurando algum sinal de hesitação. Pela expressão dele, não encontrou nenhum.

Eu sabia que ele estava desesperado para manter Edward e a mim, para nos aprisionar, como tinha esperado escravizar Alice. Mas essa luta era grande demais. Ele não venceria se eu vivesse. Eu estava tremendamente feliz por ser tão poderosa que não lhe deixava a possibilidade de não me matar.

— Sendo assim, vamos votar — disse ele com visível relutância.

Caius falou com uma pressa ansiosa.

— A criança representa o desconhecido. Não há motivo para permitir que um risco desses continue a existir. Ela deve ser destruída, junto com todos que a protegem. — Ele sorriu na expectativa.

Reprimi um grito de desafio em resposta a seu sorriso cínico e cruel.

Marcus ergueu os olhos despreocupados, parecendo olhar através de nós enquanto votava.

— Não vejo nenhum perigo imediato. Por ora, a criança é suficientemente

segura. Podemos reavaliar depois. Vamos embora em paz. — Sua voz era ainda mais fraca do que os suspiros frágeis do irmão.

Ninguém da guarda relaxou suas posições com as palavras de desacordo. O sorriso de expectativa de Caius não se abalou. Era como se Marcus não tivesse falado.

— Cabe a mim o voto de Minerva, ao que parece — refletiu Aro.

De repente, Edward enrijeceu a meu lado.

— Sim! — sibilou ele.

Arrisquei uma olhada para ele. Seu rosto cintilava com uma expressão de triunfo que eu não entendi — era a expressão que um anjo da destruição deveria ter enquanto o mundo queimava. Linda e apavorante.

Houve uma fraca reação da guarda, um murmúrio inquieto.

— Aro? — chamou Edward, quase aos gritos, a vitória indisfaçada em sua voz.

Aro hesitou por um segundo, avaliando esse novo estado de espírito antes de responder.

— Sim, Edward? Há mais alguma coisa...?

— Talvez — disse Edward de modo agradável, controlando a empolgação inexplicada. — Primeiro, posso esclarecer uma questão?

— Certamente — disse Aro, erguendo as sobrancelhas, agora só o interesse educado na voz.

Meus dentes trincaram; Aro era sempre mais perigoso quando gentil.

— O perigo que você prevê vindo de minha filha... ele tem origem inteiramente em sua incapacidade de deduzir como ela se desenvolverá? É esse o xis da questão?

— Sim, amigo Edward — concordou Aro. — Se pudéssemos ter certeza de que, enquanto cresce, ela será capaz de permanecer escondida do mundo humano... de não colocar em risco a segurança de nossa obscuridade... — Ele se interrompeu, dando de ombros.

— Então, se pudéssemos ter certeza — sugeriu Edward — exatamente do que ela se tornará... então não haveria nem necessidade de um conselho deliberativo?

— Se houvesse alguma maneira de estar absolutamente certo — concordou Aro, a voz frágil um pouco mais estridente. Ele não entendia aonde Edward queria chegar. Nem eu. — Então, sim, não haveria o que debater.

— E poderíamos nos despedir em paz, como bons amigos novamente? — perguntou Edward com um toque de ironia.

Ainda mais estridente.

— É claro, meu jovem amigo. Nada me agradaria mais.

Edward riu, exultante.

— Então tenho algo mais a oferecer.

Os olhos de Aro se estreitaram.

— Ela é absolutamente única. Seu futuro só pode ser conjecturado.

— Não absolutamente única — discordou Edward. — Rara, certamente, mas não única.

Lutei contra o choque, a esperança repentina ganhando vida, pois ela ameaçava me distrair. A névoa de aspecto doentio ainda girava nos limites do meu escudo.

E enquanto eu me esforçava para me concentrar, senti de novo a pressão perfurante em minha proteção.

— Aro, poderia pedir a Jane que pare de atacar minha esposa? — perguntou Edward com cortesia. — Ainda estamos discutindo as provas.

Aro ergueu a mão.

— Paz, meus queridos. Vamos ouvi-lo.

A pressão desapareceu. Jane arreganhou os dentes para mim; não pude deixar de sorrir para ela.

— Por que não se junta a nós, Alice? — chamou Edward em voz alta.

— Alice — sussurrou Esme, chocada.

Alice!

Alice, Alice, Alice!

— Alice! Alice! — murmuraram outras vozes à minha volta.

— Alice — sussurrou Aro.

O alívio e a alegria violenta cresceram dentro de mim. Precisei de toda a minha força de vontade para manter o escudo no lugar. A névoa de Alec ainda procurava um ponto fraco — Jane veria se eu deixasse buracos.

Então os ouvi correndo pela floresta, voando, aproximando-se o mais rápido que podiam, sem nenhuma tentativa de manter silêncio.

Os dois lados ficaram imóveis, na expectativa. As testemunhas Volturi franziram a testa, novamente confusas.

Então Alice entrou bailando na clareira, vinda do sudoeste, e senti que a alegria de ver seu rosto novamente poderia me desconcentrar totalmente. Jasper estava poucos centímetros atrás dela, os olhos atentos e ferozes. Logo depois deles vieram três estranhos; a primeira era uma mulher alta e musculosa, com cabelos escuros e desgrenhados — evidentemente Kachiri. Tinha os membros alongados e feições das outras Amazonas, ainda mais pronunciados no caso dela.

Em seguida uma vampira de pele morena com uma longa trança de cabelos negros presos nas costas. Seus profundos olhos cor de vinho percorreram nervosos o confronto que tinha diante de si.

E o último era um jovem... não tão veloz, nem tão fluido em sua corrida. Sua pele era de um castanho-escuro inacreditável. Seus olhos cautelosos passaram feito relâmpago pela reunião, e eram da cor da teca. O cabelo era preto e trançado, como o da mulher, embora não tão comprido. Ele era lindo.

Enquanto se aproximavam de nós, um novo som provocou ondas de choque pela multidão que assistia — o som de outro coração batendo, acelerado pelo esforço.

Alice saltou com leveza sobre os limites da névoa que se dissipava mas continuava tentando penetrar em meu escudo, e parou sinuosamente ao lado de Edward. Estendi a mão para tocar seu braço, e Edward, Esme e Carlisle fizeram o mesmo. Não havia tempo para outra recepção. Jasper e os outros seguiram-na através do escudo.

Toda a guarda observava, a especulação em seus olhos, enquanto os recém-chegados atravessavam a fronteira invisível sem dificuldade. Os musculosos, Felix e outros como ele, focalizaram os olhos repentinamente esperançosos em mim. Antes eles não tinham certeza do que meu escudo repelia, mas agora estava claro que não impediria um ataque físico. Assim que Aro desse a ordem, eles atacariam, tendo a mim como único alvo. Perguntei-me quantos Zafrina seria capaz de cegar e quanto isso os atrasaria. Tempo suficiente para Kate e Vladimir tirarem Jane e Alec da equação? Era só o que eu podia pedir.

Apesar de estar absorto no estratagema que dirigia, Edward enrijeceu-se furiosamente em reação aos pensamentos deles. Ele se controlou e voltou a falar com Aro.

— Alice procurou sua própria testemunha nas últimas semanas — disse ele aos anciãos. — E não voltou de mãos vazias. Alice, por que não apresenta as

testemunhas que trouxe?

Caius rosnou.

— Já passou a hora das testemunhas! Dê seu voto, Aro!

Aro ergueu um dedo para silenciar o irmão, os olhos pousados no rosto de Alice.

Ela avançou ligeiramente e apresentou os estranhos.

— Estes são Huilen e seu sobrinho, Nahuel.

Ouvir a voz dela... era como se ela nunca tivesse partido.

Os olhos de Caius se estreitaram enquanto Alice nomeava a relação entre os recém-chegados. As testemunhas Volturi sibilaram entre si. O mundo vampiro estava mudando, e todos podiam sentir isso.

— Fale, Huilen — exigiu Aro. — Dê-nos o testemunho que foi trazida aqui para dar.

A mulher pequenina olhou nervosa para Alice, que assentiu, encorajando-a, e Kachiri pôs a comprida mão no ombro de Huilen.

— Meu nome é Huilen — anunciou a mulher com clareza, mas em um estranho sotaque. Enquanto ela continuava, ficou evidente que tinha se preparado para contar aquela história, que treinara para isso. Fluía como uma familiar canção de ninar. — Há um século e meio eu vivia com meu povo, os mapuches. Minha irmã chamava-se Pire. Nossos pais a batizaram com o nome da neve nas montanhas por causa de sua pele clara. E ela era muito bonita... bonita demais. Um dia ela me falou, em segredo, do anjo que encontrou no bosque e que a visitava à noite. Eu a adverti. — Huilen sacudiu a cabeça, pesarosa. — Como se os hematomas em sua pele não fossem advertências suficientes. Eu sabia que era o lobisomem de nossas lendas, mas ela não me deu ouvidos. Estava enfeitiçada.

"Ela me contou quando teve certeza de que o filho de seu anjo sombrio estava crescendo dentro dela. Eu não tentei dissuadi-la de seu plano de fugir... Eu sabia que até nosso pai e nossa mãe concordariam que a criança fosse destruída, e Pire com ela. Fui com ela para as partes mais escondidas da floresta. Ela procurou seu anjo demônio, mas não encontrou nada. Eu cuidei dela, caçava para ela quando suas forças lhe faltaram. Ela comia animais crus, bebia seu sangue. Eu não precisava de mais confirmação do que ela carregava no útero. Eu tinha esperanças de salvá-la antes de matar o monstro.

"Mas ela amava o filho que trazia no ventre. E o chamava de Nahuel, um

felino da selva, quando ele ficou forte e começou a quebrar seus ossos. Mas ainda assim ela o amava.

"Não pude salvá-la. A criança veio à luz rasgando-a, e ela morreu rapidamente, implorando que eu cuidasse de Nahuel. Seu desejo de moribunda... e eu concordei.

"Mas ele me mordeu quando tentei erguê-lo de sobre o corpo dela. Eu me arrastei pela selva para morrer. Não fui muito longe — a dor era demasiada. Ele me encontrou; a criança recém-nascida se arrastou pela vegetação rasteira até o meu lado e me esperou. Quando a dor passou, ele estava enroscado encostado ao meu corpo, dormindo.

"Cuidei dele até que foi capaz de caçar sozinho. Caçamos nas aldeias em volta de nossa floresta, sempre sozinhos. Nunca nos afastamos tanto de nosso lar, mas Nahuel queria ver a criança daqui."

Huilen curvou a cabeça quando terminou, e recuou, ficando parcialmente escondida atrás de Kachiri.

Os lábios de Aro estavam franzidos. Ele olhava o jovem de pele morena.

— Nahuel, você tem 150 anos? — perguntou ele.

— Uma década a mais ou a menos — respondeu ele numa voz clara, calorosa e linda. Seu sotaque mal era perceptível. — Não contamos.

— E com quantos anos chegou à maturidade?

— Cerca de sete anos após o meu nascimento, mais ou menos, eu já era adulto.

— Não mudou desde então?

Nahuel deu de ombros.

— Não que eu tenha percebido.

Senti um tremor repentino pelo corpo de Jacob. Eu não queria pensar naquilo ainda. Ia esperar até que o perigo passasse e eu pudesse me concentrar.

— E sua dieta? — pressionou Aro, parecendo interessado, mesmo contra a vontade.

— Principalmente sangue, mas como um pouco de alimento humano. Posso sobreviver com os dois.

— Você foi capaz de criar uma imortal? — Quando Aro apontou Huilen, a voz dele ficou subitamente intensa. Voltei a me concentrar no escudo; talvez ele procurasse uma nova desculpa.

— Sim, mas as outras não podem.

Um murmúrio de choque percorreu os três grupos.

As sobrancelhas de Aro se ergueram.

— As outras?

— Minhas irmãs. — Nahuel deu de ombros de novo.

Aro o encarou irritado por um momento antes de se recompor.

— Talvez possa nos contar o resto de sua história, uma vez que parece haver mais.

Nahuel franziu a testa.

— Meu pai me procurou alguns anos depois da morte de minha mãe. — Seu rosto bonito se retorceu um pouco. — Ele ficou feliz ao me encontrar. — O tom de Nahuel sugeria que o sentimento não fora mútuo. — Ele tinha duas filhas, mas nenhum filho homem. Esperava que eu me juntasse a ele, como minhas irmãs.

"Ficou surpreso que eu não estivesse só. Minhas irmãs não eram venenosas, mas se isso se deve ao gênero ou ao acaso... quem sabe? Eu já tinha minha família com Huilen e não estava interessado", ele torceu a palavra, "em mudar. Eu o vejo de tempos em tempos. E tenho uma nova irmã, que chegou à maturidade há uns dez anos."

— O nome de seu pai? — perguntou Caius entredentes.

— Joham — respondeu Nahuel. — Ele se considera um cientista. Acha que está criando uma nova super-raça. — Ele não tentou disfarçar a repulsa em seu tom de voz.

Caius olhou para mim.

— Sua filha, ela é venenosa? — perguntou ele asperamente.

— Não — respondi.

A cabeça de Nahuel se virou com a pergunta e seus olhos de teca se demoraram em meu rosto.

Caius olhou para Aro em busca de confirmação, mas Aro estava absorto em seus pensamentos. Franziu os lábios e olhou para Carlisle, depois para Edward, e por fim seus olhos pousaram em mim.

Caius grunhiu.

— Vamos cuidar da aberração daqui, depois seguiremos para o sul — ele exortou Aro.

Aro me olhou nos olhos por um momento longo e tenso. Eu não fazia ideia do que ele procurava, ou do que encontrou, mas, depois de me avaliar assim, algo em seu rosto mudou, uma leve alteração na disposição da boca e dos olhos, e eu soube que Aro havia tomado sua decisão.

— Irmão — disse suavemente a Caius. — Não parece haver perigo. Esta é uma evolução incomum, mas não vejo ameaça. Estes semivampiros são muito semelhantes a nós, ao que parece.

— Este é o seu voto? — perguntou Caius.

— Sim.

Caius fechou a cara.

— E esse Joham? O imortal tão adepto da experimentação?

— Talvez devamos falar com ele — concordou Aro.

— Detenham Joham, se quiserem — disse Nahuel, decidido. — Mas deixem minhas irmãs em paz. Elas são inocentes.

Aro assentiu, a expressão solene. E então ele se voltou para sua guarda com um sorriso caloroso.

— Meus caros — disse ele. — Não lutaremos hoje.

A guarda assentiu em uníssono e abandonou a postura de ataque. A névoa se dissipou rapidamente, mas mantive meu escudo no lugar. Talvez esse fosse outro truque.

Analisei suas expressões quando Aro se voltou novamente para nós. Seu rosto era benevolente, como sempre, mas, ao contrário de antes, senti um estranho vazio por trás da fachada. Como se seus esquemas tivessem acabado. Caius estava visivelmente furioso, mas sua raiva agora se voltava para dentro; estava resignado. Marcus parecia... entediado; não havia outra palavra para descrevê-lo. A guarda mostrava-se impassível e disciplinada de novo. Não havia indivíduos entre eles, só o todo. Estavam em formação, prontos para partir. As testemunhas dos Volturi ainda estavam cautelosas; uma após a outra, elas se foram, dispersando-se pela floresta. Assim que seu efetivo diminuiu, os restantes se apressaram. Logo todos haviam partido.

Aro estendeu as mãos em nossa direção, quase como quem se desculpa. Atrás dele, a maior parte de sua guarda, assim como Caius, Marcus e as esposas misteriosas e silenciosas, já se afastavam rapidamente, a formação impecável de novo. Só os três que pareciam ser seus guardiões pessoais permaneceram com ele.

— Fico feliz que tenhamos podido resolver tudo sem violência — disse ele com doçura. — Meu amigo, Carlisle... Que satisfação poder chamá-lo de amigo de novo! Espero que não haja ressentimentos. Sei que entende o fardo severo que o dever coloca em nossos ombros.

— Vá em paz, Aro — disse Carlisle rigidamente. — Lembre-se, por favor, de que ainda temos nosso anonimato a proteger, e evite que sua guarda cace nesta região.

— É claro, Carlisle — Aro lhe garantiu. — Lamento ser alvo de sua desaprovação, meu querido amigo. Talvez, com o tempo, você vá me perdoar.

— Talvez, com o tempo, se você provar que é nosso amigo de novo.

Aro baixou a cabeça, a imagem do remorso, e recuou de costas por um momento antes de se virar. Observamos em silêncio enquanto os quatro últimos Volturi desapareciam entre as árvores.

Tudo ficou muito silencioso. Eu não recolhi o escudo.

— Acabou mesmo? — sussurrei para Edward.

Seu sorriso era imenso.

— Sim. Eles desistiram. Como todos os valentões, eles são covardes por baixo da arrogância. — Ele riu.

Alice riu com ele.

— É sério, gente. Eles não vão voltar. Todo mundo pode relaxar agora.

Houve outro silêncio.

— Mas que falta de sorte — murmurou Stefan.

E então aconteceu.

Vieram os gritos. Uivos ensurdecedores encheram a clareira. Maggie bateu nas costas de Siobhan. Rosalie e Emmett se beijaram de novo — mais demorada e ardorosamente do que antes. Benjamin e Tia estavam presos nos braços um do outro, assim como Carmen e Eleazar. Esme segurou Alice e Jasper num abraço apertado. Carlisle agradecia calorosamente aos recém-chegados sul-americanos que haviam salvado todos nós. Kachiri estava muito perto de Zafrina e Senna, as três com as pontas dos dedos entrelaçadas. Garrett levantou Kate do chão e a girou.

Stefan cuspiu na neve. Vladimir trincou os dentes com uma expressão azeda.

E eu quase subi no lobo gigante e avermelhado para tirar minha filha de suas costas e apertá-la junto ao peito. Os braços de Edward nos envolveram no mesmo

instante.

— Nessie, Nessie, Nessie — entoei.

Jacob soltou sua metade gargalhada metade latido e cutucou minha nuca com o focinho.

— Cale a boca — murmurei.

— Vou poder ficar com vocês? — perguntou Nessie.

— Para sempre — prometi a ela.

Nós tínhamos a eternidade. E Nessie ia ficar bem, saudável e forte. Como o semi-humano Nahuel, dali a cento e cinquenta anos ela ainda seria jovem. E todos estaríamos juntos.

A felicidade se expandiu como uma explosão dentro de mim — tão extrema, tão violenta que não eu não sabia se sobreviveria a ela.

— Para sempre — Edward fez eco em meus ouvidos.

Eu não conseguia mais falar. Ergui a cabeça e o beijei com uma paixão capaz de incendiar a floresta.

E eu nem teria notado.

39. FELIZES PARA SEMPRE

— Então, no fim, foi uma combinação de fatores, mas o que realmente resume tudo é... Bella — explicava Edward. Nossa família e os dois hóspedes restantes encontravam-se sentados na sala dos Cullen enquanto a floresta escurecia do lado de fora das vidraças.

Vladimir e Stefan haviam desaparecido antes que parássemos de comemorar. Eles estavam extremamente decepcionados com o desfecho do confronto, mas Edward disse que eles se deleitaram com a covardia dos Volturi quase o suficiente para compensar sua frustração.

Benjamin e Tia partiram rapidamente atrás de Amun e Kebi, ansiosos para contar a eles o resultado do conflito; eu tinha certeza de que os veríamos de novo — Benjamin e Tia, pelo menos. Nenhum dos nômades se demorou. Peter e Charlotte tiveram uma breve conversa com Jasper, depois se foram também.

As Amazonas reunidas estavam ansiosas para voltar para casa — era difícil para elas ficar longe de sua amada floresta —, embora relutassem mais do que alguns outros em partir.

— Você precisa levar a criança para me ver — insistira Zafrina. — Prometa-me, jovem.

Nessie havia pressionado a mão em meu pescoço, pedindo também.

— É claro, Zafrina — concordei.

— Seremos grandes amigas, minha Nessie — declarara a mulher selvagem antes de partir com as irmãs.

O clã irlandês continuou o êxodo.

— Muito bem, Siobhan — Carlisle a cumprimentou ao se despedirem.

— Ah, o poder da vontade — respondeu ela com sarcasmo, revirando os olhos. E então ela falou seriamente: — Naturalmente, ainda não acabou. Os Volturi não perdoarão o que aconteceu aqui.

Foi Edward quem respondeu.

— Eles ficaram seriamente abalados; sua confiança foi abalada. Mas, sim, sei

que um dia eles se recuperarão do golpe. E então... — Seus olhos se estreitaram. — Imagino que tentarão nos pegar separadamente.

— Alice nos alertará quando eles pretenderem atacar — disse Siobhan com a voz segura. — E vamos nos reunir novamente. Talvez um dia nosso mundo esteja pronto para se libertar dos Volturi para sempre.

— Esse dia pode mesmo chegar — respondeu Carlisle. — Se isso acontecer, estaremos unidos.

— Sim, meu amigo, estaremos — concordou Siobhan. — E como poderemos falhar, se eu desejar o contrário? — Ela soltou uma gargalhada ruidosa.

— Exatamente — disse Carlisle. Ele e Siobhan se abraçaram, depois ele apertou a mão de Liam. — Procure Alistair e conte-lhe o que aconteceu. Odeio pensar nele se escondendo debaixo de uma pedra por uma década.

Siobhan riu de novo. Maggie abraçou a mim e a Nessie, e então o clã irlandês se foi.

Os Denali foram os últimos a partir. Garrett com eles — como seria a partir de agora, eu tinha certeza absoluta. O clima de comemoração era muito para Tanya e Kate. Elas precisavam de tempo para prantear a irmã.

Huilen e Nahuel foram os que ficaram, embora eu tivesse esperado que os dois voltassem com as Amazonas. Carlisle estava mergulhado em uma fascinante conversa com Huilen; Nahuel estava sentado junto dela, ouvindo Edward nos contar a história do conflito que só ele conhecia.

— Alice deu a Aro a desculpa de que ele precisava para sair da luta. Se não tivesse ficado tão apavorado com Bella, provavelmente teria ido em frente com seu plano original.

— Apavorado? — eu disse ceticamente. — Comigo?

Ele sorriu para mim com uma expressão que não reconheci inteiramente — era terna, mas também pasma e até exasperada.

— Quando é que vai ver a si mesma com clareza? — perguntou ele suavemente. Depois falou mais alto, tanto para os outros quanto para mim: — Os Volturi não têm uma luta justa há cerca de dois mil e quinhentos anos. E eles nunca, jamais lutaram em desvantagem. Especialmente desde que conquistaram Jane e Alec, eles só se envolveram em carnificinas sem oposição.

"Deviam ter visto como eles nos enxergaram! Em geral, Alec elimina todos os sentidos e sensações de suas vítimas enquanto eles fazem o teatro do conselho.

Assim, ninguém pode fugir quando o veredito é dado. Mas lá estávamos nós, preparados, esperando, em maior número do que eles, com nossos dons, enquanto os deles eram anulados por Bella. Aro sabia que, com Zafrina do nosso lado, eles seriam os cegos quando a batalha começasse. Sei que nosso grupo teria sido severamente reduzido, mas eles tinham certeza de que o deles também. Havia até uma boa possibilidade de que perdessem. Eles nunca antes enfrentaram essa possibilidade. E não lidaram bem com ela hoje."

— É difícil se sentir confiante quando se está cercado de lobos do tamanho de cavalos — Emmett riu, cutucando o braço de Jacob.

Jacob abriu um sorriso para ele.

— Foram os lobos que os refrearam de início — eu disse.

— Claro que foram — concordou Jacob.

— Certamente — concordou Edward. — Essa foi outra visão que eles nunca tiveram. Os verdadeiros Filhos da Lua raras vezes andam em matilhas, e nunca têm muito controle sobre si mesmos. Dezesseis lobos imensos em regimento foram uma surpresa para a qual eles não estavam preparados. Caius na verdade tem pavor de lobisomens. Ele quase perdeu uma luta com um deles há alguns milhares de anos e nunca se recuperou totalmente.

— Então existem lobisomens de verdade? — perguntei. — Com lua cheia, balas de prata e tudo isso?

Jacob bufou.

— De verdade. Isso me torna imaginário?

— Sabe o que eu quis dizer.

— Lua cheia, sim — disse Edward. — Balas de prata, não... Esse foi mais um mito criado para que os humanos sentissem que tinham uma chance. Não restam muitos deles. Caius os caçou até quase a extinção.

— E você nunca falou nisso porque...?

— O assunto nunca surgiu.

Revirei os olhos e Alice riu, inclinando-se para a frente — ela estava enfiada debaixo do outro braço de Edward —, e piscou para mim.

Eu a fuzilei com os olhos.

Eu a amava loucamente, é claro. Mas agora que tivera tempo de me conscientizar de que ela na verdade estava em casa, que sua fuga fora somente um ardil para fazer Edward acreditar que ela nos abandonara, começava a ficar muito

irritada. Alice tinha algumas explicações a dar.

Ela suspirou.

— Fale logo, Bella.

— Como pôde fazer isso comigo, Alice?

— Era necessário.

— Necessário! — explodi. — Você me deixou totalmente convencida de que todos íamos morrer! Eu fiquei um caco por semanas.

— Podia ter sido assim — disse ela calmamente. — E, nesse caso, você precisava estar preparada para salvar Nessie.

Por instinto, abracei Nessie — agora dormindo em meu colo — com mais força.

— Mas você sabia que havia outros caminhos — eu a acusei. — Sabia que havia esperança. Não lhe ocorreu que podia ter me contado tudo? Eu sei que Edward tinha de pensar que íamos morrer, por causa de Aro, mas você podia ter contado a mim.

Ela me olhou especulativamente por um momento.

— Não creio — disse ela. — Você não é uma atriz muito boa.

— Mas então foi tudo por causa de meu talento como atriz?

— Ah, menos, Bella. Tem alguma ideia de como isso foi complicado de articular? Eu nem tinha certeza de que existia alguém como Nahuel... Tudo o que eu sabia era que ia procurar algo que eu não podia ver! Tente imaginar a busca de um ponto cego... Não é a coisa mais fácil que fiz na vida. Além disso, tínhamos de mandar as testemunhas, como se tivéssemos tempo de sobra... E ainda manter os olhos abertos o tempo todo para o caso de você decidir me dar mais instruções. Alguma hora você vai ter de me dizer exatamente o que está no Rio. E, antes de tudo isso, tinha de tentar ver cada truque que os Volturi pudessem estar preparando e dar a vocês as poucas dicas que podia, de modo que estivessem prontos para a estratégia deles, e eu só tinha algumas horas para identificar todas as possibilidades. Acima de tudo, eu tinha de me certificar de que vocês todos acreditassem plenamente que eu os estava abandonando, porque Aro tinha de ter certeza de que vocês não tinham nada guardado na manga ou ele nunca teria se comprometido com uma saída daquela. E se acha que não me senti desprezível...

— Tudo bem, tudo bem! — interrompi. — Desculpe-me! Sei que foi duro

para você também. É só que... bom, eu senti uma saudade louca de você, Alice. Não faça isso comigo de novo.

O riso melodioso de Alice ressoou pela sala, e todos sorrimos ao ouvir aquela música mais uma vez.

— Também senti saudades suas, Bella. Então me perdoe, e procure se contentar em ser a super-heroína do dia.

Todos os outros riram, e eu escondi o rosto no cabelo de Nessie, constrangida.

Edward voltou a analisar cada mudança de intenção e controle que ocorrera na campina, declarando que fora meu escudo que fizera os Volturi fugir com o rabo entre as pernas. O modo como todos me olhavam me deixou pouco à vontade. Até Edward. Era como se eu tivesse crescido uns trinta metros naquela manhã. Tentei ignorar os olhares impressionados, mantendo os meus olhos no rosto adormecido de Nessie e na expressão inalterada de Jacob. Eu sempre seria simplesmente Bella para ele, e isso era um alívio.

O olhar mais difícil de ignorar era também o mais perturbador.

Não que aquele Nahuel parte humano, parte vampiro estivesse acostumado a me ver de determinada maneira. Pelo que ele sabia, eu podia sair por aí derrotando vampiros todos os dias, e a cena na campina não tivera nada de incomum. Mas o rapaz não tirava os olhos de mim. Ou talvez ele estivesse olhando para Nessie. O que também me deixava pouco à vontade.

Ele não podia ficar alheio ao fato de que Nessie era a única fêmea de sua espécie que não era meia-irmã dele.

Eu não achava que a ideia já tivesse ocorrido a Jacob. E esperava que demorasse a ocorrer. Já tivera brigas suficientes por um bom tempo.

Por fim, os outros pararam de fazer perguntas a Edward e a discussão se dissolveu em um monte de conversas menores.

Eu me sentia estranhamente cansada. Não sonolenta, é claro, mas como se o dia tivesse sido longo demais. Eu queria alguma paz, alguma normalidade. Queria Nessie em sua cama; queria as paredes de minha pequena casa à minha volta.

Olhei para Edward e senti por um momento que podia ler a mente dele. Eu podia ver que ele sentia exatamente o mesmo. Pronto para um pouco de paz.

— Devemos levar Nessie...

— É uma boa ideia — concordou ele rapidamente. — Sei que ela não dormiu

muito na noite passada, com todos aqueles roncos.

Ele sorriu para Jacob.

Jacob revirou os olhos e bocejou.

— Já faz algum tempo que não durmo em uma cama. Aposto que meu pai ficará feliz por me ter sob o teto dele de novo.

Eu toquei seu rosto.

— Obrigada, Jacob.

— Disponha, Bella. Mas você já sabe disso.

Ele se levantou, espreguiçou-se, beijou o alto da cabeça de Nessie e então o alto da minha. Por fim, deu um soco no ombro de Edward.

— Vejo vocês amanhã. Acho que as coisas vão ficar meio chatas agora, não é?

— Espero fervorosamente que sim — disse Edward.

Nós nos levantamos quando ele foi embora; eu me movia com cuidado para que Nessie não tivesse nenhum sobressalto. Eu me sentia profundamente grata por vê-la em sono profundo. Seus pequenos ombros haviam suportado tanto peso! Estava na hora de ela voltar a ser criança — protegida e segura. Mais alguns anos de infância.

A ideia de paz e segurança me lembrou de alguém que não tinha essas sensações o tempo todo.

— Ah, Jasper? — perguntei quando nos viramos para a porta.

Jasper estava espremido entre Alice e Esme, de certo modo parecendo mais central ao quadro da família do que o normal.

— Sim, Bella?

— Estou curiosa... Por que J. Jenks morre de medo só de ouvir o seu nome?

Jasper riu.

— Segundo minha experiência, alguns relacionamentos profissionais funcionam melhor motivados pelo medo do que pela recompensa financeira.

Franzi a testa, prometendo a mim mesma que, a partir dali, assumiria aquele relacionamento profissional, e pouparia J do ataque cardíaco que certamente estava a caminho.

Fomos beijados e abraçados e desejamos boa-noite à nossa família. O único que destoava era ainda Nahuel, que nos olhava intensamente, como se desejasse nos seguir.

Depois que estávamos do outro lado do rio, andamos pouco mais rápido do

que a velocidade humana, sem pressa, de mãos dadas. Eu estava cansada de viver sob o peso de um prazo, e só queria agir sem pressa. Edward devia estar sentindo o mesmo.

— Tenho de dizer que estou impressionadíssimo com Jacob — disse Edward.

— Os lobos causam um impacto e tanto, não é?

— Não é a isso que me refiro. Nem uma vez hoje ele pensou no fato de que, segundo Nahuel, Nessie estará plenamente amadurecida daqui a apenas seis anos e meio.

Pensei nisso por um minuto.

— Ele não a vê dessa forma. Ele não tem pressa de que ela cresça. Só quer que ela seja feliz.

— Eu sei. Como eu disse, é impressionante. É estranho dizer isso, mas ela poderia fazer uma escolha pior.

Eu franzi a testa.

— Não vou pensar nisso por mais uns seis anos e meio.

Edward riu e suspirou.

— É claro que parece que ele vai ter de se preocupar com a competição quando chegar a hora.

Minha testa franziu ainda mais.

— Eu percebi. Estou grata a Nahuel por hoje, mas aqueles olhares o tempo todo foram meio esquisitos. Não me importo se ela é a única quase vampira que não é parente dele.

— Ah, ele não estava olhando para ela... Era para você.

Foi o que me pareceu... Mas não fazia sentido.

— Por que ele faria isso?

— Porque você está viva — disse ele baixinho.

— Estou boiando.

— Toda a vida dele — explicou Edward — ... e ele é cinquenta anos mais velho do que eu...

— Decrépito — comentei.

Ele me ignorou.

— Ele sempre pensou em si como uma criação do mal, um assassino por natureza. As irmãs mataram as mães também, mas elas não deram importância a isso. Joham as criou para pensar nos humanos como animais, enquanto eles eram

deuses. Mas Nahuel foi educado por Huilen, e Huilen amava a irmã mais do que qualquer outra pessoa. Isso moldou toda a perspectiva mental dele. E, de certa maneira, ele se odiava verdadeiramente.

— Isso é muito triste — murmurei.

— E então ele nos viu, os três... e pela primeira vez percebeu que só porque é meio imortal não é inerentemente mau. Ele olha para mim e vê... o que o pai devia ter sido.

— Você é mesmo ideal em todos os aspectos — concordei.

Ele bufou e ficou sério de novo.

— Ele olha para você e vê a vida que a mãe devia ter tido.

— Pobre Nahuel — murmurei, e então suspirei porque eu sabia que nunca seria capaz de pensar mal dele depois disso, por mais desconfortável que seu olhar me deixasse.

— Não fique triste por ele. Ele está feliz agora. Hoje ele finalmente começou a se perdoar.

Eu sorri com a felicidade de Nahuel e então pensei que aquele dia fora mesmo de felicidade. Embora o sacrifício de Irina fosse uma sombra escura contra a luz branca, evitando a perfeição do momento, era impossível negar a alegria. A vida por que eu havia lutado estava segura de novo. Minha família estava reunida. Minha filha tinha um lindo futuro que se estendia interminavelmente à sua frente. No dia seguinte, eu iria ver meu pai; ele veria que o medo em meus olhos fora substituído pela alegria, e também ficaria feliz. De repente, eu tinha certeza de que não o encontraria sozinho. Eu não fora muito observadora nas últimas semanas, mas nesse momento foi como se eu soubesse o tempo todo. Sue estaria com Charlie — a mãe dos lobisomens com o pai da vampira —, e ele não ficaria mais sozinho. Abri um sorriso largo com esse novo insight.

Mas o mais significativo nessa maré de felicidade era o fato mais certo de todos: eu estava com Edward. Para sempre.

Não que eu quisesse repetir as últimas semanas, mas eu precisava admitir que elas me fizeram apreciar mais ainda o que eu tinha.

O chalé era um lugar de absoluta paz na noite azul-prateada. Levamos Nessie até sua cama e a aconchegamos ali delicadamente. Ela sorria dormindo.

Tirei o presente de Aro do pescoço e o joguei no canto do quarto dela. Ela podia brincar com ele, se quisesse; ela gostava de coisas cintilantes.

Edward e eu caminhamos lentamente para nosso quarto, balançando os braços entre nós.

— Uma noite para comemorações — murmurou ele, e pôs a mão sob meu queixo para levantar meus lábios para os dele.

— Espere — hesitei, afastando-me.

Ele me olhou, confuso. Como regra geral, eu não me afastava. Tudo bem, era mais do que uma regra geral. Era a maior de todas.

— Quero experimentar algo — disse a ele, sorrindo de leve de sua expressão estupefata.

Pus as mãos dos dois lados de seu rosto e fechei os olhos, concentrada.

Eu não me saíra muito bem quando Zafrina tentara me ensinar, mas agora eu conhecia melhor meu escudo. Entendia a parte que combatia a separação de mim, o instinto automático para a autopreservação acima de qualquer coisa.

Ainda não era nem de longe tão fácil quanto proteger outras pessoas junto comigo. Senti o puxão elástico de novo enquanto meu escudo lutava para me proteger. Tive de lutar para empurrá-lo inteiramente para fora de mim; precisei de toda minha concentração.

— Bella! — Edward sussurrou, em choque.

Eu soube então que estava funcionando, e me concentrei ainda mais, trazendo as lembranças específicas que eu havia poupado para esse momento, deixando que inundassem minha mente e, com sorte, a dele também.

Parte das lembranças não era clara — lembranças humanas indistintas, vistas através de olhos fracos e ouvidas por ouvidos fracos: a primeira vez em que vira o rosto dele... o que senti quando ele me segurou na campina... o som de sua voz na escuridão de minha consciência vacilante, quando ele me salvara de James... seu rosto enquanto me esperava sob o dossel de flores no dia do nosso casamento... cada momento precioso na ilha... suas mãos frias tocando nosso bebê através da minha pele...

E as lembranças agudas, perfeitamente recordadas: seu rosto quando eu abrira os olhos para minha nova vida, para o interminável amanhecer da imortalidade... aquele primeiro beijo... aquela primeira noite...

Os lábios de Edward, de repente ferozes nos meus, romperam minha concentração.

Com um arquejo, deixei escapar o peso vibrante que tentava manter afastado

de mim. Ele voltou como um elástico esticado, protegendo meus pensamentos de novo.

— Epa, perdi! — suspirei.

— Eu ouvi você — sussurrou ele. — Como? Como fez isso?

— Ideia de Zafrina. Treinamos algumas vezes.

Ele estava atordoado. Piscou duas vezes e sacudiu a cabeça.

— Agora você sabe — eu disse baixinho e dei de ombros. — Ninguém jamais amou alguém como eu amo você.

— Você quase tem razão. — Ele sorriu, os olhos ainda um pouco maiores do que o normal. — Só sei de uma exceção.

— Mentiroso.

Ele começou a me beijar de novo, mas parou de repente.

— Pode fazer isso outra vez? — perguntou.

Fiz uma careta.

— É muito difícil.

Ele esperou, a expressão ansiosa.

— Não consigo me fixar se tiver a mais leve distração — alertei-o.

— Vou me comportar — ele prometeu.

Franzi os lábios, meus olhos se estreitando. Depois sorri.

Coloquei as mãos em seu rosto de novo, lançando o escudo para fora de minha mente, e então comecei onde eu havia parado — com a lembrança clara como cristal da primeira noite de minha nova vida... demorando-me nos detalhes.

Eu ri sem fôlego quando seu beijo ansioso interrompeu meus esforços de novo.

— Droga — grunhiu ele, beijando faminto a linha do meu maxilar.

— Temos muito tempo para trabalhar nisso — lembrei a ele.

— Para sempre, para sempre e para sempre — ele murmurou.

— Isso soa perfeito para mim.

E assim, alegremente, continuamos aquela parte pequena e perfeita de nossa eternidade.

fim

ÍNDICE DE VAMPIROS

ÍNDICE DE VAMPIROS

Em ordem alfabética de clã

* O vampiro possui um talento sobrenatural quantificável
— Par comprometido (o mais velho aparece primeiro)
~~tachado~~ Vampiro morto antes do início deste romance

CLÃ DAS AMAZONAS

Kachiri
Senna
Zafrina*

CLÃ DENALI

Eleazar* — Carmen
Irina — ~~Laurent~~
Kate*
~~Sasha~~
Tanya
~~Vasilii~~

CLÃ EGÍPCIO

Amun — Kebi
Benjamin* — Tia

CLÃ IRLANDÊS

Maggie*
Siobhan* — Liam

CLÃ DE OLYMPIC

Carlisle — Esme
Edward* — Bella*

Jasper* — Alice*
Renesmee*
Rosalie — Emmett

CLÃ ROMENO

Stefan
Vladimir

CLÃ VOLTURI

Aro* — Sulpicia
Caius — Athenodora
Marcus* — ~~Didyme~~*

GUARDA VOLTURI (PARCIAL)

Alec*
Chelsea* — Afton*
Corin*
Demetri*
Felix
Heidi*
Jane*
Renata*
Santiago

NÔMADES AMERICANOS (PARCIAL)

Garrett
~~James~~* — ~~Victoria~~*
Mary
Peter — Charlotte
Randall

NÔMADES EUROPEUS (PARCIAL)

Alistair*
Charles* — Makenna

Agradecimentos

Como sempre, um oceano de gratidão a:

Minha incrível família, por todo seu amor e apoio incomparáveis.

Minha talentosa assessora de imprensa, Elizabeth Eulberg,
por criar STEPHENIE MEYER da argila crua, que antigamente
era só uma tímida Steph.

Toda a equipe da Little, Brown Books for Young Readers por cinco anos de entusiasmo, fé, apoio e um trabalho incrivelmente árduo.

Todos os surpreendentes criadores e administradores
de sites de fã-clubes on-line da saga Crepúsculo;
vocês me deixam pasma de tão legais que são.

Meus fãs lindos e brilhantes, com seu bom gosto sem paralelo
na literatura, na música, nos filmes, por continuarem
a me amar mais do que mereço.

As livrarias que fizeram desta série um sucesso com suas recomendações; todos os escritores estão em dívida com vocês por seu amor e paixão pela literatura.

As muitas bandas e músicos que me mantêm motivada;
eu já falei na Muse? Já? Que pena. Muse, Muse, Muse...

Minha gratidão renovada a:

A melhor banda-que-nunca-existiu: Nic and the Jens, apresentando Shelly C (Nicole Driggs, Jennifer Hancock, Jennifer Longman e Shelly Colvin). Obrigada

por me colocar sob sua asa protetora, gente. Eu seria uma incapacitada sem vocês.

Minhas amigas e fontes de sanidade por interurbano, Cool Maghan Hibbett e Kimberly “Shazzer” Suchy.

Meu esteio, Shannon Hale, por entender tudo, e por alimentar meu amor pelo humor zumbi.

Makenna Jewell Lewis pelo uso de seu nome, e a sua mãe, Heather, pelo apoio ao Arizona Ballet.

O novo pessoal da minha playlist de “inspiração para escrever”: Interpol, Motion City Soundtrack e Spoon.

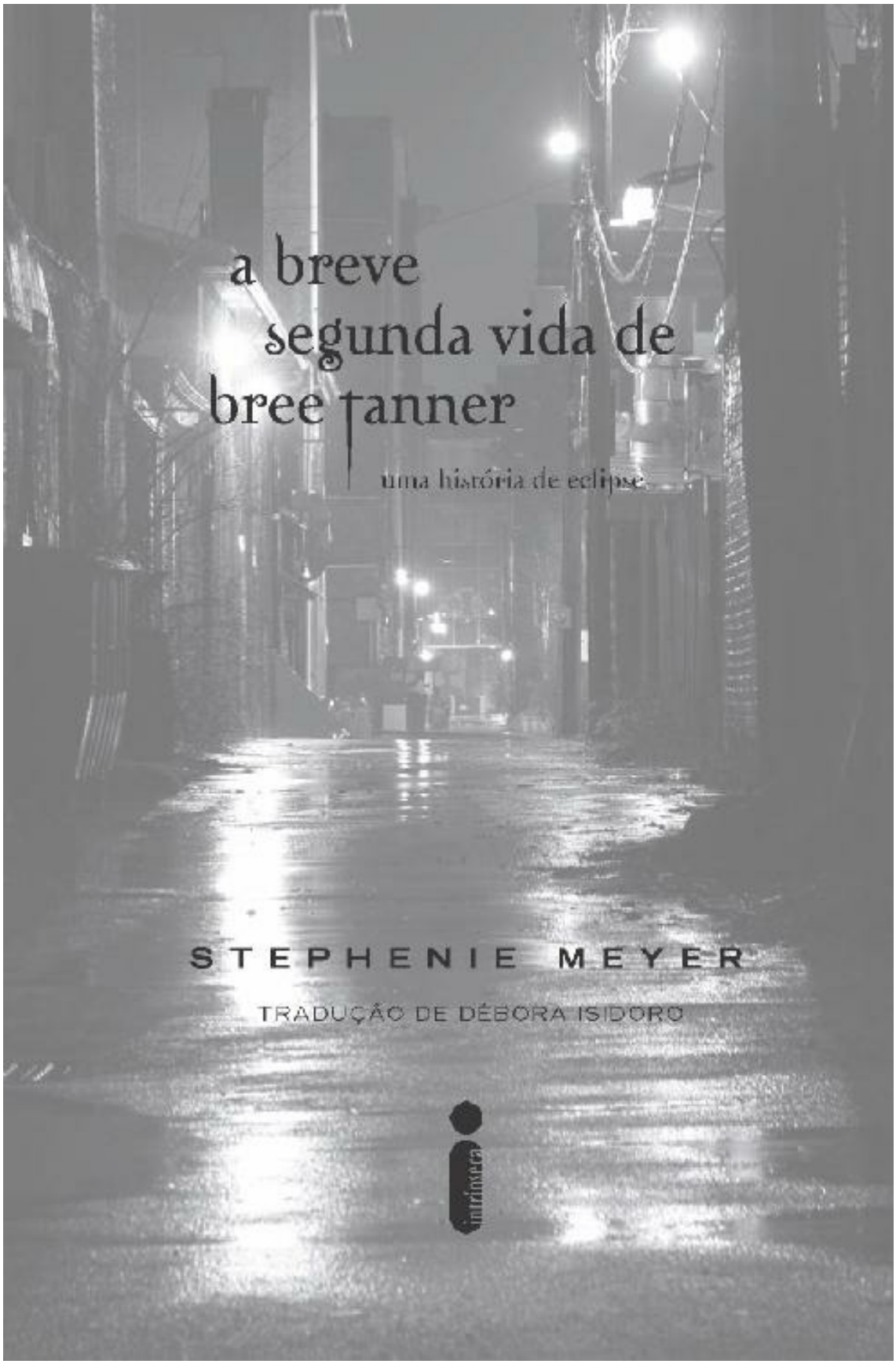
a breve segunda vida de bree tanner

uma história de eclipse



STEPHENIE MEYER

AUTORA DA SÉRIE BEST-SELLER *CREPÚSCULO*


a breve
segunda vida de
bree tanner
uma história de eclipse
STEPHENIE MEYER
TRADUÇÃO DE DÉBORA ISIDORO
intrínseca

Copyright © 2010 Stephenie Meyer

Publicado mediante acordo com Little Brown and Company, Nova York, NY, EUA.

Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

The Short Second Life of Bree Tanner

CAPA

Gail Doobinin

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

REVISÃO

Joana Milli

Antônio dos Prazeres

IMAGEM DA CAPA

Roger Hagadone

FOTO DA AUTORA

David Stone

ISBN 978-85-98078-80-9

Para Asya Muchnick e Meghan Hibbett

Introdução

NÃO HÁ DOIS ESCRITORES QUE ABORDEM UM TEMA DA mesma maneira. Todos temos inspirações e motivações distintas, temos nossas razoes para manter alguns personagens por perro, enquanto outros desaparecem num amontoado de arquivos abandonados. Pessoalmente, nunca entendi por que alguns dos meus personagens adquirem vida própria com tanta intensidade, mas sempre fico feliz quando isso acontece. Esses personagens são os que requerem menos esforço para serem escritos, e por isso suas histórias, normalmente, são as que vão adiante.

Bree é uma dessas personagens, e é a razão principal para esta história estar agora em suas mãos, e não perdida no labirinto de pastas esquecidas em meu computador. (As outras duas razões se chamam Diego e Fred.) Comecei a pensar em Bree quando estava editando Eclipse. Editando, mio escrevendo - enquanto redigia o primeiro rascunho de Eclipse, tinha a visão limitada pela perspectiva em primeira pessoa; qualquer coisa que Bella não pudesse ouvir, sentir, provar ou tocar era irrelevante. Aquela história tratava unicamente a experiência dela.

O passo seguinte no processo de edição era me afastar de Bella e ver como a história fluía. Minha editora, Rebecca Davis, teve grande papel nesse processo. Ela me fazia muitas perguntas sobre coisas que Bella não sabia, e sobre como poderíamos tomar mais claros alguns trechos específicos dessa história. Bree é a única recém-criada que Bella vê, por isso a perspectiva dela foi a que primeiro me atraiu quando passei a considerar o que estaria acontecendo por trais das cenas. Comecei a pensar sobre viver no porão com os recém-criados e sobre caçar no estilo tradicional dos vampiros. Imaginei o mundo como Bree o enxergava. E foi fácil fazer tudo isso, Desde o início Bree esteve muito clara como uma personagem, e alguns de seus amigos também ganharam vida sem nenhum esforço. E assim que normalmente acontece comigo: eu tento escrever uma breve sinopse do que está acontecendo em algum trecho da história e acabo criando um diálogo. Nesse caso, em vez da sinopse, eu me descobri narrando um dia na vii de

Bree.

Ao escrever sobre Bree, coloquei-me pela primeira vez no lugar de um narrador que era um vampiro "de verdade" — um caçador, um monstro. Tive de olhar para nós, humanos, através dos olhos dela, vermelhos: de repente éramos patéticos e fracos, presas fáceis, sem nenhuma importância além de ser um lanchinho saboroso. Senti como era estar sozinha entre inimigos, sempre alerta, sem ter certeza de nada, exceto de que sua vida está em perigo. Mergulhei em um tipo inteiramente diferente de vampiros: os recém-criados. A vida do recém-criado era algo que eu ainda não havia explorado — nem mesmo quando Bella finalmente se tornou uma vampira. Bella jamais foi uma recém-criada como Bree. A experiência foi fascinante, sombria e, em última análise, trágica. Quanto mais eu me aproximava do fim inevitável, mais queria ter terminado Eclipse de um jeito um pouco diferente.

Fico imaginando o que você sentirá por Bree. Ela é uma personagem muito pequena, aparentemente trivial em Eclipse. Vive apenas cinco minutos do ponto de vista de Bella. No entanto, sua história é muito importante para a compreensão do romance. Quando você leu a cena de Eclipse em que Bella fixava o olhar em Bree, analisando-a como um possível futuro, em algum momento pensou no que teria levado Bree até ali? Quando Bree encarou Bella e os Cullen, você pensou em como ela os via? Provavelmente não. E, mesmo que tenha pensado, aposto que não descobriu os segredos dela.

Espero que acabe gostando de Bree tanto quanto eu, embora esse seja um desejo meio cruel. Você já sabe: a história não acaba bem para ela. Mas, pelo menos, você vai conhecer toda a trama. E vai ver que nenhum ponto de vista jamais será completamente óbvio.

Divirta-se,

Stephenie

A MANCHETE DO JORNAL PARECIA GRITAR DO outro lado do vidro da pequena máquina de venda: SEATTLE SITIADA - MORTES AUMENTAM NOVAMENTE. Eu ainda não havia visto essa. Algum jornaleiro devia ter reabastecido a máquina pouco antes. Sorte dele que não estava por perto agora.

Maravilha. Riley ia ter um ataque. Eu faria de tudo para não estar presente quando ele visse o jornal. Ele que arrancasse o braço de outra pessoa.

Fiquei escondida na sombra de um velho prédio de três andares, tentando não ser notada, enquanto esperava que alguém tomasse uma decisão. Não queria encarar ninguém, por isso olhei para a parede ao meu lado. O piso térreo do edifício tinha abrigado uma loja de discos que fechara havia muito tempo; as janelas, quebradas pelo mau tempo ou pela violência das ruas, estavam tampadas por tapumes de madeira. Nos andares de cima havia apartamentos — vazios, acho, já que não se ouvia o som normal de humanos dormindo. Eu não estava surpresa, pois o lugar parecia pronto para desmoronar com um vento um pouco mais forte. Os prédios do outro lado da rua escura e estreita também eram velhos e destruídos.

O cenário normal de urna noite pelas ruas da cidade.

Eu não queria falar e chamar atenção, mas seria bom se alguém decidisse alguma coisa. Estava com muita sede, e não me importava muito se iríamos para a direita, para a esquerda ou por cima do telhado. Só queria encontrar uns azarados quaisquer, que então não teriam nem tempo de pensar lugar errado, hora errada.

Infelizmente, naquela noite Riley me mandara sair com dois dos vampiros mais inúteis que existiam. Ele nunca parecia se importar com quem mandava nos grupos de caça. Especialmente porque mandar as pessoas erradas em um grupo significava que menos gente voltaria para casa. Naquela noite ele havia me colocado com Kevin e outro garoto louro cujo nome eu não sabia. Os dois eram da gangue de Raoul, por isso nem preciso dizer que eram estúpidos. E perigosos. Mas, naquele momento, mais estúpidos que qualquer outra coisa.

Em vez de decidir em que direção caçaríamos, eles estavam em meio a uma discussão sobre qual de seus super-heróis preferidos seria melhor caçador. O louro sem nome demonstrava sua preferência pelo Homem-Aranha escalando a parede

de tijolos do beco enquanto cantarolava a música tema do desenho animado. Eu suspirei frustrada. Quando íamos caçar?

Um movimento sutil à esquerda chamou minha atenção. Era Diego, o outro membro do grupo de caça formado por Riley. Eu não sabia muito sobre ele, somente que era mais velho que a maioria dos outros. E era o braço direito de Riley. Isso não me fazia gostar dele muito mais que dos outros idiotas.

Diego estava me olhando. Devia ter ouvido o suspiro. Eu desviei o olhar.

Manter a cabeça baixa e a boca fechada — esse era o caminho para continuar vivo na turma de Riley.

— O Homem-Aranha era um fracassado chorão — Kevin disse para o garoto louro. — Vou mostrar como um super-herói de verdade caça. — Ele sorriu. Seus dentes brilharam sob a luz de um poste.

Kevin saltou no meio da rua quando os faróis de um carro iluminaram o calçamento esburacado com um brilho branco-azulado. Ele flexionou os braços para trás, depois os uniu lentamente como um lutador profissional se exibindo. O carro se aproximava, provavelmente esperando que ele saísse do caminho como faria uma pessoa normal. Como ele deveria fazer.

Hulk com raiva! — Kevin gritou. — Hulk... ESMAGA!

Ele saltou para a frente e foi de encontro ao carro antes que o motorista pudesse frear, agarrou o para- -choque dianteiro, girou o veículo sobre a cabeça e jogou-o no chão com as rodas para cima, provocando um estrondo de metal se retorcendo e vidro quebrando. Lá dentro, uma mulher começou a gritar.

— Cara... — Diego disse balançando a cabeça. Ele era bonito, com cabelos escuros e encaracolados, olhos grandes e lábios carnudos, mas quem não era bonito ali? Até Kevin e os outros idiotas da gangue de Raoul eram bonitos. — Kevin, não devíamos chamar atenção. Riley disse...

— Riley disse! — Kevin o imitou, afinando a voz. — Não seja medroso, Diego. Riley não está aqui.

Kevin saltou sobre o Honda capotado e deu um soco na janela do lado do motorista, que de alguma forma permanecera intacta até aquele momento. Ele enfiou a mão entre os vidros quebrados e tateou o air bag que já murchava, tentando encontrar o motorista.

Eu me virei de costas e prendi a respiração, fazendo um grande esforço para não perder a capacidade de pensar.

Não podia ver Kevin se alimentando. Estava com sede demais para isso e não queria brigar com ele. Eu não precisava entrar na lista de alvos da gangue de Raoul.

O garoto louro não teve a mesma preocupação. Ele saltou da parede e aterrissou bem atrás de mim. Ouvi quando ele e Kevin rosnaram um para o outro, depois escutei um som como o de tecido molhado sendo rasgado, e os gritos da mulher cessaram. Provavelmente, eles a haviam partido ao meio.

Tentei não pensar nisso, mas podia sentir o calor e ouvir o gotejar atrás de mim, e isso fazia minha garganta arder insuportavelmente, embora eu não estivesse respirando.

— Vou dar o fora daqui — ouvi Diego resmungar.

Ele entrou por um vão entre os prédios escuros, e eu fui logo atrás. Se não saísse dali bem depressa, ia acabar brigando com os encrenqueiros da gangue de Raoul por um corpo que provavelmente não tinha muito mais sangue àquela altura. E então, talvez eu não voltasse para casa.

Ah, mas minha garganta ardia! Rangi Os dentes para reprimir um grito de dor.

Diego seguia rapidamente por um beco cheio de latas de lixo e, quando chegou ao fundo, subiu pela parede. Enfiei os dedos nas brechas entre os tijolos e subi atrás dele.

No alto, Diego decolou, saltando com leveza de um telhado a outro na direção de luzes indistintas, fugindo daqueles ruídos. Eu ia atrás dele. Era mais nova e portanto mais forte — era uma boa coisa que nós, os mais jovens, fôssemos mais fortes, ou não teríamos sobrevivido à primeira semana na casa de Riley. Eu poderia ter ultrapassado Diego com facilidade, mas queria ver para onde ele ia, não queria que ele ficasse atrás de mim.

Diego percorreu quilômetros sem parar; estávamos quase nas docas industriais. Eu podia ouvi-lo resmungando sozinho.

— Idiotas! Como se Riley não nos desse instruções por um bom motivo. Autopreservação, por exemplo. É preciso o mínimo de bom senso! Seria pedir demais?

— Ei! — eu chamei. — Vamos caçar logo? Minha garganta está pegando fogo.

Diego aterrissou sobre o amplo telhado de uma fábrica e se virou. Eu saltei

alguns metros para trás, em guarda, mas ele não fez nenhum movimento agressivo na minha direção.

— Vamos — ele respondeu. — Só queria me afastar dos lunáticos.

Ele sorriu, todo simpático, e eu o encarei.

Diego não era como os outros. Era meio.., calmo, acho que era essa a palavra. Normal. Não agora, mas antes. Seus olhos eram vermelhos, mais escuros que os meus. Ele devia existir daquele jeito havia um bom tempo, como eu ouvira dizer.

Da rua lá embaixo vinham os sons da noite em urna área pobre de Seattle. Poucos carros, o som pesado do baixo nas músicas, algumas pessoas caminhando com compassos nervosos, rápidos, um bêbado cantando desafinado ao longe.

— Você é a Bree, não é? — perguntou Diego. — Uma das recém-criadas.

Eu não gostava disso. Recém-criada. Que fosse.

— Sim, eu sou a Bree. Mas não cheguei com o último grupo. Tenho quase três meses.

— É bem rápida para quem só tem três meses — ele disse. — Poucos teriam conseguido sair da cena do acidente desse jeito. — Ele falou como um elogio, como se estivesse realmente impressionado.

— Eu não queria me misturar àqueles malucos do Raoul.

Ele assentiu.

— Amém, irmã. Esse tipo só arruma encrenca.

Esquisito. Diego era esquisito. O jeito como ele falava, como uma pessoa conversando normalmente. Sem hostilidade, sem desconfiança. Como se não estivesse pensando em quanto seria fácil ou difícil me matar naquele exato momento. Estava apenas conversando comigo.

— Há quanto tempo está com Riley? — perguntei, curiosa.

— Quase onze meses.

— Uau! Você é mais velho que Raoul!

Diego revirou os olhos e cuspiu veneno de cima do prédio.

— Sim, eu lembro quando Riley chegou com aquele traste. Depois disso, tudo só foi ficando muito pior.

Fiquei quieta por um momento, imaginando se ele considerava qualquer um mais jovem que ele um traste. Não que eu me importasse. Não me incomodava mais com o que os outros pensavam. Não precisava me incomodar. Como Riley dizia, agora eu era uma deusa. Mais forte, mais rápida, melhor. Ninguém mais

importava.

Diego assobiou baixo.

— Lá vamos nós. Só é preciso um pouco de inteligência e paciência.

Ele apontou para baixo, para o outro lado da rua.

Meio escondido pelas sombras de uma viela escura, um homem xingava e esbofeteava uma mulher, enquanto outra assistia à cena em silêncio. Pelas roupas, deduzi que eram um cafetão e duas de suas prostitutas.

Era isso que Riley nos mandava fazer. Caçar a escória. Escolher os humanos de quem ninguém sentiria falta, aqueles que não estavam voltando para casa e para a família, os que não gerariam ocorrências de desaparecimento.

Era o mesmo critério pelo qual ele nos escolhera. Refeições e deuses, ambos buscados da escória.

Diferentemente de muitos outros, eu ainda fazia o que Riley mandava. Não porque gostasse dele. Esse sentimento desaparecera havia muito tempo. Era porque o que ele dizia parecia certo. Que sentido faria chamar atenção para o fato de que um bando de novos vampiros dominava Seattle e fazia dela seu território de caça? Como isso poderia nos ajudar?

Eu nem mesmo acreditava em vampiros antes de me tornar uma. Se o restante do mundo não acredita em vampiros, quer dizer que os outros da espécie deviam, estar caçando com bom senso, como Riley nos dizia para fazer. E eles provavelmente tinham urna boa razão para isso.

E, como Diego dissera, caçar com bom senso só exige um pouco de inteligência e paciência.

É claro que todos nós cometíamos muitos deslizes; Riley lia os jornais, resmungava e gritava conosco e quebrava coisas — como o videogame favorito de Raoul. Então, Raoul ficava furioso e descontava a raiva queimando um de nós. Riley ficava ainda mais furioso e fazia outra revista para confiscar todos os isqueiros e fósforos. Algumas rodadas mais, e Riley trazia para casa outro punhado de garotos vampirizados, gente da escória que ele colocava no lugar daqueles que perdera. Era um ciclo infinito.

Diego puxou o ar pelo nariz — uma inspiração profunda, longa — e eu vi a postura dele mudar. Ele se abaixou no telhado, uma das mãos agarrada à beirada. Toda aquela estranha simpatia havia desaparecido — ele agora era um predador.

Isso era algo que eu reconhecia, algo com que me sentia confortável. Porque

isso eu entendia.

Desliguei meu cérebro. Era hora de caçar. Respirei fundo, inalando o odor do sangue no corpo das pessoas lá embaixo. Não eram os únicos humanos por perto, mas eram os mais próximos. Quem você caça é o tipo de decisão que se deve tomar antes de farejar a presa. Agora já era tarde demais para fazer qualquer escolha.

Diego saltou do telhado, fora do campo de visão das vítimas. Sua aterrissagem foi silenciosa demais para chamar a atenção da prostituta chorona, da prostituta distraída ou do cafetão zangado.

Um grunhido baixo escapou por entre meus dentes. Meu. O sangue era meu. O fogo ardia em minha garganta e eu não conseguia pensar em mais nada.

Saltei do telhado, atravessei a rua e aterrissei ao lado da loura que chorava. Podia sentir Diego atrás de mim, bem perto, por isso rosnei para ele, advertindo-o, enquanto agarrava a garota de surpresa pelo cabelo. Eu a puxei para a parede do beco e encostei minhas costas nos tijolos. Uma posição defensiva, só por precaução.

Depois esqueci completamente Diego, porque podia sentir o calor sob a pele da mulher, ouvir sua pulsação latejando bem perto da superfície.

Ela abriu a boca para gritar, mas meus dentes dilaceraram sua traquéia antes que algum som pudesse ser emitido. Ouvi o borbulhar de ar e sangue invadindo seus pulmões e os gemidos baixos que eu não conseguia controlar.

O sangue era morno e doce. Aplacava o fogo na minha garganta, acalmava o vazio corrosivo e persistente no meu estômago. Eu sugava e engolia, vagamente consciente de qualquer outra coisa.

Ouvi os mesmos sons vindos de Diego — ele escolhera o homem. A outra mulher estava inconsciente no chão. Nenhum deles tinha feito qualquer barulho. Diego era bom.

O problema com os humanos era que nunca havia neles sangue o bastante. Tive a impressão de que em poucos segundos a garota estava seca. Sacudi seu corpo flácido num gesto frustrado. Minha garganta já começava a arder novamente.

Joguei o corpo vazio no chão e me abaixei encostada na parede, imaginando se conseguiria agarrar a mulher inconsciente e me alimentar dela antes que Diego me alcançasse.

Ele já havia terminado com o homem, e me olhou com urna expressão que eu só poderia descrever como... solidária. Mas eu podia estar mortalmente errada. Não me lembrava de ninguém me tratando com solidariedade antes, por isso não tinha muita certeza de como ela se manifestava.

— Vá em frente — ele disse, indicando a mulher caída no chão.

— Está brincando?

— Não, estou bem, por enquanto. Temos tempo para caçar mais um pouco hoje à noite.

Estudando-o atentamente para tentar identificar algum sinal de trapaça, eu me atirei sobre a mulher. Diego não tentou me impedir. Ele virou um pouco de lado e olhou para o céu escuro.

Enterrei os dentes no pescoço dela, mantendo os olhos nele. Era ainda melhor que a outra. Seu sangue era inteiramente limpo. O sangue da garota loura tinha um sabor amargo que sugeria o uso de drogas — eu estava tão acostumada a isso que quase nem notava. Era raro conseguir sangue limpo, porque eu seguia as regras sobre caçar a escória. Diego parecia seguir as regras também. Ele certamente farejara a boa presa de que abrira mão.

Por que tinha feito isso?

Quando o segundo corpo ficou vazio, senti minha garganta melhor. Havia muito sangue no meu organismo. Provavelmente, eu não sentiria o ardor por alguns dias.

Diego ainda esperava, assobiando baixo por entre os dentes. Quando larguei o corpo no chão com um baque, ele me olhou e sorriu.

— Obrigada — eu disse.

Ele moveu a cabeça em sentido afirmativo.

— Você parecia precisar mais que eu. Ainda lembro como é difícil no começo.

— Fica mais fácil depois?

Ele encolheu os ombros.

— Em alguns aspectos.

Nós nos entreolhamos por um segundo.

— Por que não jogamos esses corpos na enseada? — ele sugeriu.

Eu me abaixei, peguei o corpo da loura e o joguei sobre o ombro. Ia pegar a outra também, mas Diego foi mais rápido que eu, e já carregava também o corpo do cafetão.

— Peguei — ele disse.

Eu o segui parede acima no beco, e depois saltamos entre as vigas que sustentavam a via expressa. A luz dos faróis dos carros não nos atingia. Pensei em como as pessoas eram estúpidas, em como não enxergavam, e me senti feliz por não ser um dos ignorantes.

Escondidos na escuridão, seguimos nosso caminho até um píer vazio, fechado àquela hora da noite. Diego não hesitou ao chegar à extremidade da passarela de concreto, apenas saltou e desapareceu na água, levando sua carga. Eu o segui.

Ele nadava com a velocidade e a agilidade de um tubarão, mergulhando mais fundo e mais longe na escuridão silenciosa. De repente, ele parou ao encontrar o que estava procurando — uma larga plataforma coberta de lodo no fundo do oceano, com estrelas-do-mar e lixo presos nas laterais. Devíamos estar a mais de trinta metros de profundidade; para um humano, a escuridão ali seria completa. Diego soltou os corpos. Eles oscilavam suavemente na correnteza enquanto ele enfiava as mãos na areia lamacenta na base da plataforma de pedra. Depois de um segundo, encontrou uma alça e puxou a plataforma para cima. O peso da pedra o fez submergir até a cintura na areia escura do fundo cio mar.

Ele olhou para cima e fez um gesto com a cabeça.

Eu nadei até ele, levando os corpos com uma das mãos. Empurrei a loura para o buraco sob a pedra, depois empurrei a outra mulher e, finalmente, o cafetão. Pisei os corpos sem muita violência, só para ter certeza de que estavam dentro do buraco, e então saí do caminho. Diego deixou cair a plataforma. Ela balançou um pouco, se ajustando à nova base irregular. Em seguida, ele sacudiu os pés até se livrar do lodo, nadou para cima da pedra e a empurrou para o fundo, achatando tudo o que estava embaixo dela.

Diego se afastou alguns metros para analisar o resultado.

Perfeito, eu movi os lábios. Aqueles três corpos jamais voltariam à superfície. Riley jamais ouviria urna história sobre eles no noticiário.

Ele sorriu e estendeu a mão.

Levei um minuto para entender que ele queria que eu batesse em sua mão aberta. Hesitante, nadei até chegar mais perto dele e aceitei o cumprimento, depois me afastei, abrindo uma boa distância entre nós.

Diego ficou com uma expressão estranha no rosto e, depois de um segundo, subiu para a superfície como urna bala.

Eu o segui com a mesma rapidez, confusa. Quando emergi, ele estava quase sufocando de tanto rir.

— O que foi?

Ele não conseguiu responder de imediato. Finalmente, entre uma gargalhada e outra, disse:

— Foi o pior cumprimento que já vi!

Eu funguei, irritada.

— Não dava para saber se você não ia arrancar meu braço ou coisa parecida.

Diego bufou.

—Eu não faria isso.

— Qualquer outro faria retruquei.

— É verdade — concordou ele, repentinamente sério. — Pronta para caçar mais um pouco?

— Precisa perguntar?

Saímos da água sob uma ponte e tivemos a sorte de encontrar na mesma hora dois sem-teto dormindo em sacos de dormir imundos sobre um colchão de jornais velhos. Nenhum dos dois acordou. Ambos tinham no sangue o sabor azedo do álcool, mas isso era melhor que nada. Nós também os enterramos na enseada, sob outra pedra.

— Bem, estarei saciado por algumas semanas — Diego anunciou quando saímos da água novamente e ficamos parados em um velho píer vazio, pingando.

Eu suspirei.

— Acho que essa parte é mais fácil, não é? Eu vou sentir o ardor novamente em dois dias. E Riley provavelmente vai me mandar sair de novo com mais mutantes do Raoul.

— Posso sair com você, se quiser. Riley me deixa fazer quase tudo o que quero.

Pensei na oferta, desconfiada por um segundo. Mas Diego realmente não parecia ser como os outros. Eu me sentia diferente com ele. Como se não precisasse me preocupar tanto em proteger minha retaguarda.

— Seria bom — admiti.

Foi estranho dizer isso. Como se a declaração de algum modo me tornasse muito vulnerável ou coisa parecida. Mas Diego respondeu apenas "legal" e sorriu para mim.

— Por que Riley permite que você tenha tanta liberdade? — perguntei, especulando sobre que tipo de relacionamento havia entre eles.

Quanto mais tempo passava com Diego, menos conseguia imaginá-lo íntimo de Riley. Diego era tão... simpático. Não era nada parecido com Riley. Mas podia ser algo do tipo "os opostos se atraem".

— Riley sabe que pode confiar em mim para limpar minha sujeira. Falando nisso, você se importa de irmos resolver uma coisinha rápida?

Eu estava começando a me divertir com aquele garoto estranho. E estava curiosa sobre ele. Queria ver o que ia fazer.

— É claro que não — eu disse.

Ele correu pelo píer para a estrada paralela ao litoral. Eu fui atrás dele. Percebi o cheiro de alguns humanos, mas sabia que estava muito escuro e que estávamos longe demais para que eles nos vissem.

Diego preferiu se deslocar por cima dos telhados novamente. Depois de alguns saltos, reconheci meu cheiro e o dele. Ele refazia o caminho que havíamos percorrido antes.

Voltamos à primeira rua escura onde Kevin e o outro garoto haviam cometido a estupidez com o carro.

— É inacreditável — Diego grunhiu.

Kevin e companhia haviam partido pouco antes, aparentemente. Dois outros carros estavam empilhados sobre o primeiro e um punhado de espectadores e transeuntes fora adicionado à contagem dos corpos. Os policiais ainda não haviam chegado, porque qualquer pessoa que pudesse denunciar a carnificina já estava morta.

— Ajude-me a dar um jeito nisso aqui — Diego pediu.

— Tudo bem.

Descemos do telhado, e Diego arrumou rapidamente a pilha de carros de outro jeito, criando a impressão de que haviam colidido, em vez de ter sido empilhados por um bebê gigante fazendo birra. Peguei os dois corpos secos e sem vida abandonados no meio da rua e os enfiei no ponto onde, aparentemente, ocorrera a colisão.

— Acidente terrível — comentei.

Diego sorriu com sarcasmo. Usando um isqueiro que tirou de um saco plástico em seu bolso, ele começou a atear fogo às roupas das vítimas. Eu peguei

meu isqueiro — Riley os devolvia quando saíamos para caçar; e Kevin deveria ter usado o dele — e me dediquei a incendiar o estofamento. Os corpos, secos e contaminados pelo veneno inflamável, queimaram rapidamente.

— Afaste-se — Diego me preveniu, e eu vi que ele havia removido a tampa do tanque de combustível do primeiro automóvel.

Pulei para a parede mais próxima e me empoleirei para observar. Ele recuou alguns passos e riscou um fósforo. Com pontaria perfeita, arremessou-o no pequeno buraco. No mesmo instante, saltou e aterrissou ao meu lado.

O estrondo da explosão sacudiu a rua inteira. Luzes começaram a se acender a partir da esquina.

— Bom trabalho — comentei.

— Obrigado pela ajuda. Vamos voltar para a casa do Riley?

Eu franzi a testa. A casa de Riley era o último lugar onde eu gostaria de passar o resto da noite. Não queria ver o rosto estúpido de Raoul nem ouvir os gritos e as brigas constantes. Não queria ter de ranger os dentes e me esconder atrás do Freaky Fred para as pessoas me deixarem em paz. E eu não tinha mais nenhum livro.

— Temos algum tempo — Diego comentou, lendo minha expressão. — Não precisamos voltar agora.

— Queria ter alguma coisa para ler.

— E eu queria ter novas músicas. — Ele sorriu. — Vamos fazer compras.

Nós nos movemos rapidamente pela cidade — outra vez por cima de telhados e depois correndo pelas ruas escuras, quando os prédios ficaram muito distantes uns dos outros — até uma região menos inóspita. Não demoramos muito a encontrar uma área comercial com uma loja de uma grande cadeia de livrarias. Arrebentei a tranca cio acesso pelo telhado e nós entramos. A loja estava vazia, e só havia alarmes nas janelas e nas portas. Fui diretamente para o corredor H, enquanto Diego ia para a seção musical no fundo da loja. Eu havia terminado de ler Hale. Peguei os doze livros seguintes na prateleira; isso me ocuparia por uns dois dias.

Olhei em volta procurando por Diego, e o vi sentado em uma das mesas cio café, estudando as capas de seus novos CDs. Depois de um instante, fui me juntar a ele.

Aquilo me causava uma sensação estranha, porque era familiar de um jeito

desconfortável, assustador. Eu havia me sentado daquele jeito antes, diante de alguém, com uma mesa entre nós. Havia conversado com alguém de modo espontâneo, pensando em coisas que não eram vida e morte ou sede e sangue. Mas isso tinha sido em outro tempo, em uma vida diferente, turva.

Na última vez que me sentara à mesa com alguém, essa pessoa foi Riley. Era difícil lembrar aquela noite, por várias razões.

— Então, como nunca notei você pela casa? — Diego perguntou de repente. — Onde se esconde?

Eu ri e fiz uma careta irônica ao mesmo tempo.

— Normalmente fico atrás do Freaky Fred, onde ele estiver.

Ele torceu o nariz.

— Sério? Como você aguenta?

— A gente se acostuma. Estar atrás dele não é tão ruim quanto na frente. De qualquer forma, foi o melhor esconderijo que encontrei. Ninguém chega perto de Fred.

Diego balançou a cabeça, concordando comigo, ainda com cara de nojo.

— É verdade. É um jeito de continuar vivo. Eu encolhi os ombros.

— Sabia que Fred é um dos preferidos de Riley? — Diego perguntou.

— É mesmo? Como?

Ninguém suportava o Freaky Fred. Eu era a única que havia tentado, e só por uma questão de autopreservação.

Diego se debruçou sobre a mesa, aproximando-se de mim com ar de conspirador. Eu já estava tão acostumada com seu jeito estranho que nem me abalei.

— Eu o ouvi falando ao telefone com ela.

Senti um arrepio.

— Eu sei — ele continuou, voltando ao tom solidário. É claro, não era estranho que pudéssemos ser solidários uns com os outros quando se tratava dela. — Foi há alguns meses. Riley falava sobre Fred e estava todo animado. Pelo que consegui entender do que ele dizia, acho que alguns vampiros são capazes de fazer coisas. Coisas além do que os vampiros normais podem fazer. E isso é bom, é algo que ela está procurando. Vampiros com habilidadezzz.

Ele enfatizou o som de "z", para que eu entendesse como ele soletrava a palavra.

— Que tipo de habilidades?

— Todo tipo de coisa, pelo que entendi. Ler pensamentos, rastrear pessoas e até ver o futuro.

— Mentira!

— Estou falando sério. Acho que Fred repele as pessoas de maneira proposital. Tudo está só na nossa cabeça. Ele nos faz sentir repulsa pela ideia de chegar perto dele.

Eu franzi a testa.

— E como isso pode ser bom?

— Serve para mantê-lo vivo, não serve? E parece que mantém você viva também.

Eu concordei com a cabeça.

— É, acho que sim. Ele falou sobre mais alguém?

Tentei pensar em qualquer coisa estranha que tivesse visto ou ouvido, mas Fred era único. Os palhaços na rua aquela noite, fingindo ser super-heróis, não fizeram nada que qualquer um de nós não pudesse fazer.

— Ele falou sobre Raoul — contou Diego, os cantos da boca curvados para baixo.

— E que habilidade ele tem? Superestupidez? Diego bufou.

— Sim, definitivamente. Mas Riley acredita que ele tem algum tipo de magnetismo; as pessoas são atraídas por ele e o seguem.

— Só as mentalmente perturbadas.

— É, Riley falou nisso. Não parecia funcionar com os — ele fez uma imitação muito boa da voz de Riley — garotos mais domesticados.

— Domesticados?

— Deduzi que ele se referia a pessoas como nós, que conseguem pensar de vez em quando.

Não gostei de ser chamada de domesticada. Não parecia algo positivo quando era colocado dessa maneira. O modo como Diego colocava aquilo fazia soar melhor.

— Era como se houvesse urna razão para Riley precisar de Raoul na liderança. Algo que vem por aí, eu acho.

Um arrepio estranho percorreu minhas costas quando ele disse isso, e eu me sentei mais ereta.

— Como o quê?

— Nunca pensou sobre por que Riley está sempre atrás de nós com essa história de sermos discretos?

Eu hesitei por meio segundo antes de responder. Essa não era a linha de questionamento que eu teria esperado do braço direito de Riley. Era quase como se ele estivesse questionando o que Riley nos dissera. A menos que Diego estivesse fazendo essas perguntas por Riley, como um espião. Tentando descobrir o que os "garotos" pensavam sobre ele. Mas não parecia isso. Os olhos vermelhos e escuros de Diego eram francos, confidentes. E por que Riley iria se importar? Talvez o que os outros diziam sobre Diego não se baseasse em nada verdadeiro. Era só fofoca.

Respondi com sinceridade.

— Na verdade, eu estava pensando exatamente nisso.

— Não somos os únicos vampiros no munido - Diego declarou em tom solene.

— Eu sei. Às vezes Riley diz isso. Mas não pode haver tantos assim. Quer dizer, não teríamos notado antes?

Diego fez que sim com a cabeça.

— É o que eu penso também. E por isso é tão esquisito que ela continue criando mais de nós, não acha? Eu franzi a testa.

— Hum. Porque não é como se Riley realmente gostasse de nós ou algo desse tipo... — Fiz outra pausa, esperando para ver se ele ia me contradizer. Diego não discordou. Ele só esperou, balançando levemente a cabeça para demonstrar que concordava, e eu continuei: — E ela nem se apresentou. Você tem razão. Eu não tinha pensado por esse lado. Quer dizer, eu nem tinha pensado nisso. Mas, afinal, eles nos querem para quê?

Diego levantou uma sobrancelha.

— Quer ouvir o que eu acho?

Eu movi a cabeça positivamente, com ar cansado, tenso. Mas minha ansiedade não tinha nada a ver com ele.

— Como eu disse, algo está por vir. Acho que ela quer proteção e incumbiu Riley de criar a linha de frente.

Pensei nisso e senti outro arrepio nas costas.

— Por que eles não nos contariam? Não devíamos estar, sei lá, de prontidão

ou algo parecido?

— Isso faria sentido — Diego concordou.

Nós nos olhamos em silencio por segundos que pareceram muito longos. Eu não tinha mais nada a acrescentar, e ele, aparentemente, também não.

Finalmente, eu sorri e disse:

— Não sei se acredito nisso, nessa parte sobre Raoul ser bom em alguma coisa.

Diego riu.

— É difícil rebater esse argumento. — Em seguida ele olhou pelas janelas para a madrugada escura lá fora. — Nosso tempo está acabando. É melhor voltarmos ou vamos virar torrada.

— Ashes, ashes, we all fall down — eu cantei baixinho enquanto me levantava e pegava minha pilha de livros.

Diego

Fizemos mais urna rápida parada no caminho — invadimos a loja vizinha, também vazia, e apanhamos sacos plásticos e duas mochilas. Embrulhei os livros em dois sacos. Páginas manchadas e enrugadas pela umidade me aborrecem.

Voltamos à enseada, percorrendo quase todo o caminho sobre os telhados. O céu começava a se tingir de um cinza mais claro no leste. Entramos na água bem debaixo do nariz de dois vigias distraídos, perto da balsa — para sorte deles eu estava satisfeita, senão a proximidade teria sido demais para o meu autocontrole —, e depois apostamos corrida pela água lamacenta de volta à casa de Riley.

No início eu não sabia que era uma corrida. Só nadava depressa porque o céu ia ficando mais e mais claro. Eu não costumava desafiar o tempo dessa maneira. Para ser bem honesta comigo mesma, eu me transformara numa perfeita vampira nerd. Seguia as regras, não causava problemas, convivia com os garotos menos populares do grupo e sempre voltava cedo para casa.

Mas então Diego realmente acelerou. Ele se adiantou alguns metros, olhou para trás sorrindo e disse:

— O que foi, não consegue me acompanhar?

E voltou a nadar.

Isso era algo que eu não ia aturar. Não conseguia lembrar se era competitiva antes — tudo parecia muito distante e sem importância —, mas talvez fosse, porque reagi imediatamente ao desafio. Diego era um bom nadador, mas eu era

mais forte, especialmente depois de me alimentar.

Até mais, movi a boca ao passar por ele, mas não sabia ao certo se ele vira.

Eu o perdi de vista na água escura e não desperdicei tempo olhando para trás para checar quanto tinha de vantagem. Apenas nadei até alcançar a extremidade da ilha onde ficava a nossa casa mais recente. A anterior fora uma grande cabana no meio do nada em Snowville, na encosta de uma montanha qualquer das Cascades. Como a última, a casa atual era isolada, tinha um grande porão, e os proprietários haviam morrido recentemente.

Nadei até bem perto da praia de cascalho e enterrei os dedos na areia grossa para me levantar. Ouvi Diego saindo da água quando eu agarrava o tronco inclinado de um pinheiro c me balançava, tomando impulso para chegar ao alto do penhasco.

Duas coisas chamaram minha atenção quando meus pés aterrissaram suavemente. Uma: estava claro. Duas: a casa havia sumido.

Bem, não inteiramente. Parte dela ainda estava visível, mas o espaço antes ocupado pela casa estava vazio. O telhado havia desabado num emaranhado de madeira preta destroçada e agora parecia mais baixo do que o que antes fora a porta.

O sol se erguia depressa. Os pinheiros negros começavam a se tingir de verde. Logo as pontas mais claras se destacariam na penumbra, e nesse momento eu estaria morta.

Realmente morta, ou o que quer que fosse. Essa segunda vida de super-heroína sedenta terminaria numa súbita explosão de chamas. E eu só podia pensar que a explosão seria muito, muito dolorosa.

Essa não era a primeira vez que eu via nossa casa destruída — com todas as brigas e o fogo no porão, algumas delas haviam durado apenas poucas semanas —, mas era a primeira vez que eu chegava à cena da destruição com os primeiros raios pálidos de sol surgindo ameaçadores.

Engoli uma exclamação de surpresa quando Diego aterrissou ao meu lado.

— Talvez se corrermos para baixo dos escombros do telhado — sussurrei. — Seria suficientemente seguro ou...?

— Não entre em pânico, Bree — Diego disse com a voz muito calma. — Eu conheço um lugar. Vamos.

Ele saltou de costas e com muita elegância da beirada do penhasco.

Eu não acreditava que a água fosse suficiente para bloquear o sol. Será que submersos não queimaríamos? O plano me parecia bem ruim.

Porém, em vez de ir me esconder sob os escombros da casa, mergulhei do penhasco atrás dele. Eu não sabia se meu raciocínio estava certo, e essa era uma sensação estranha. Normalmente, eu fazia sempre a mesma coisa — seguia a rotina, agia como era sensato.

Alcancei Diego na água. Ele apostava corrida novamente, mas dessa vez não era uma bobagem. Ele corria contra o sol.

Diego contornou um ponto da pequena ilha e depois mergulhou fundo. Fiquei surpresa por ele não bater no chão rochoso da enseada, e ainda mais surpresa quando senti uma corrente de água mais quente fluindo do que eu pensara ser só um afloramento de pedra.

Diego fora esperto ao escolher um lugar como aquele. É claro que não seria nada divertido ficar sentada em uma caverna embaixo d'água o dia inteiro — não respirar se tornava irritante depois de algumas horas —, mas era melhor que explodir em cinzas. Eu deveria pensar como Diego. Pensar em alguma outra coisa que não fosse sangue, quero dizer. Deveria estar preparada para o inesperado.

Diego continuou nadando por uma fenda estreita entre as rochas. Era escuro, preto como tinta. Seguro. Eu não podia mais nadar — era muito apertado —, por isso me arrastei como Diego, escalando o espaço retorcido. Esperava que ele parasse, mas ele seguia adiante. De repente percebi que estávamos subindo. E então ouvi Diego irromper na superfície.

Emergi meio segundo depois.

A caverna não era mais que um pequeno buraco, urna cova mais ou menos do tamanho de um fusca, embora não tão alta. Um segundo vão levava à parte de trás, e eu podia sentir o ar fresco vindo daquela direção. Vi a forma dos dedos de Diego replicada muitas vezes na textura das paredes de calcário.

— Belo lugar — eu disse.

Diego sorriu.

— Melhor que ficar atrás do Freaky Fred.

Não tenho como contestar isso. Ah... Obrigada.

— De nada.

Nós nos olhamos no escuro por um minuto. O rosto dele estava calmo, relaxado. Com qualquer pessoa, Kevin, Kristie ou um dos outros, aquilo teria

sido aterrorizante — o espaço apertado, a proximidade forçada. Poder sentir o cheiro dele ao meu redor. Isso poderia ter significado uma morte rápida e dolorosa, a qualquer momento. Mas Diego era controlado. Diferente de todos os outros.

— Quantos anos você tem? — ele perguntou de repente.

— Três meses. Já disse.

— Não foi isso que eu quis dizer. Quantos anos você tinha? Acho que é a maneira mais correta de perguntar.

Eu me afastei um pouco, desconfortável, quando percebi que ele falava sobre coisas humanas. Ninguém falava sobre isso. Mas eu também não queria encerrar a conversa. Conversar era algo novo e diferente. Hesitei, e ele esperou com uma expressão curiosa.

Eu tinha 15, acho. Quase 16. Não consigo lembrar o dia... já tinha feito aniversário? — Tentei pensar nisso, mas aquelas últimas semanas de fome eram uma grande confusão, e tentar entendê-las me dava dor de cabeça. Desisti. — E você?

— Eu tinha acabado de completar 18 — Diego revelou. — Estava tão perto!

— Perto do quê?

— De sair — ele respondeu, mas não continuou. Houve um silêncio breve e estranho, e depois ele mudou de assunto.

— Você tem se saído muito bem desde que chegou — ele comentou, o olhar avaliando os meus braços cruzados, as pernas encolhidas. — Sobreviveu... Evitou atrair atenção indesejável, e se manteve intacta.

Eu encolhi os ombros e levantei a manga esquerda da camiseta, mostrando a linha fina e irregular que contornava meu braço.

— Foi arrancado uma vez — contei. — Consegui pegá-lo de volta antes que Jen o torrasse. Riley me mostrou como colocá-lo no lugar rapidamente.

Diego sorriu de lado e tocou o joelho direito com um dedo. O jeans escuro encobria a cicatriz que devia existir ali.

— Acontece com todo mundo.

— Ai — eu disse.

Ele assentiu.

— É serio. Mas, como eu dizia antes, você é uma vampira bem decente.

— Devo agradecer?

— Estou só pensando alto, tentando entender algumas coisas.

— Que coisas?

Ele franziu um pouco a testa.

— O que está acontecendo realmente. O que Riley está tramando. Por que continua levando para ela os garotos mais diferentes. Por que não tem importância para ele que seja alguém como você ou alguém como o idiota do Kevin.

Aparentemente, ele não conhecia Riley melhor que eu.

— Como assim alguém como eu? — perguntei.

— Você é o tipo que Riley deveria estar procurando: o tipo esperto, e não aqueles estúpidos meninos de gangue que Raoul insiste em trazer. Aposto que não era uma drogada quando era humana.

Eu me mexi com certo desconforto ao ouvir a última palavra. Diego continuava esperando por minha resposta, como se não tivesse dito nada fora do normal. Respirei fundo e pensei no passado.

— Estive bem perto disso — confessei depois que ele me observou pacientemente por alguns segundos. — Não era uma viciada ainda, mas seria em uma questão de semanas... — Encolhi os ombros. — Sabe, não me lembro de muita coisa, mas lembro que pensava não haver nada mais poderoso neste planeta do que a boa e velha fome. Descobri que a sede é pior.

Ele riu.

— Somos dois.

— E você? Não era um adolescente fugitivo e perturbado como todos nós?

— Ah, eu era perturbado, sim. — Ele parou de falar.

Mas eu também podia ficar ali sentada esperando por respostas a perguntas inadequadas. E fiquei olhando para ele.

Diego suspirou. Seu hálito era agradável. Todo mundo tinha um cheiro adocicado, mas Diego tinha algo mais — um tempero, algo parecido com canela ou cravo-da-índia.

— Tentava me manter afastado de toda essa porcaria. Estudava muito. Ia sair do gueto, sabe? Ia para a faculdade. Ser alguém. Mas tinha um cara, não mui to diferente de Raoul. Seguir sua lei ou morrer, esse era seu lema. Eu não queria uma coisa nem outra, por isso ficava longe do grupo que ele liderava. Era cuidadoso. E me mantive vivo. — Ele parou, fechando os olhos.

Eu ainda não estava satisfeita.

— E?

— Meu irmão mais novo não teve o mesmo cuidado. Eu ia perguntar se o irmão havia seguido a lei do tal cara ou morrido, mas a expressão no rosto dele tornou a pergunta desnecessária. Desviei o olhar, sem saber o que dizer. Eu não era capaz de entender realmente aquela perda, a dor tão evidente que ainda causava nele. Não deixara para trás nada que ainda me fizesse falta. Seria essa a diferença? Por isso ele insistia nas lembranças que todos nós evitávamos?

Ainda não tinha entendido como Riley entrava nessa história. Riley e o cheeseburger da dor. Eu queria saber, mas me sentia mal por ter pressionado Diego a me dar uma resposta.

Satisfazendo a minha curiosidade, depois de um minuto ele continuou:

— Eu perdi o controle. Roubei a arma de um amigo e saí caçando. — Sua risada soou sombria. — Naquele tempo não era tão bom nisso. Mas peguei o cara que matou meu irmão antes que me pegassem. O restante da gangue me encurralou em um beco. Então, de repente, Riley estava lá, entre mim e eles. Eu me lembro de ter pensado que ele era o sujeito mais branco que eu já tinha visto. Riley nem olhou para os outros quando atiraram nele. Era como se as balas fossem mosquitos. Sabe o que ele me disse? "Quer uma vida nova, garoto?"

— Hah! — Eu ri. — Foi bem melhor com você. Comigo foi: "Quer um hambúrguer, garota?"

Eu ainda me lembrava da aparência de Riley naquela noite, embora a imagem fosse nublada, porque minha visão era terrível naquela época. Ele era o homem mais lindo que eu já tinha visto, alto, louro, perfeito em cada traço. Eu sabia que os olhos deviam ser lindos por trás dos óculos escuros que ele não chegava a tirar. E a voz era gentil, doce. Imaginei que já soubesse o que ele ia querer como pagamento pela refeição, e não teria negado. Não por ele ser lindo, mas porque eu não comia nada além de lixo havia duas semanas. Mas ele quis algo diferente do que eu imaginava.

Diego riu da história do hambúrguer.

— Você devia estar com muita fome.

— Pode apostar.

— E por que tanta fome?

— Porque fui estúpida e fugi antes de ter uma carteira de motorista. Não

conseguia arrumar emprego e era péssima em roubar.

— Do que você estava fugindo?

Hesitei. As lembranças ficavam um pouco mais claras quando eu me concentrava nelas, mas não tinha certeza de querer essa nitidez.

— Ah, vai — ele me incentivou. — Eu contei a minha história.

— É, contou. Tudo bem. Eu estava fugindo do meu pai. Ele me batia muito. Devia fazer o mesmo com minha mãe, porque ela também foi embora. Eu era muito pequena quando ela fugiu... Não entendia muita coisa. A situação ficou pior. Comecei a pensar que se esperasse demais acabaria morta. Ele me dizia que se algum dia eu fugisse ia morrer de fome. E estava certo. Foi a única vez em que esteve certo, pelo menos com relação a mim. Não penso muito nisso.

Diego fez que sim com a cabeça, indicando que me entendia.

— É difícil lembrar essas coisas, não é? Fica tudo muito escuro, confuso.

— É como tentar enxergar com lama nos olhos.

— Boa comparação — elogiou ele, apertando os olhos como se tentasse me enxergar e esfregando as pálpebras com a mão.

Rimos juntos novamente. Estranho.

— Não acho que tenha dado risada com alguém desde que conheci Riley — ele comentou, ecoando meus pensamentos. — Isso é bom. Você é legal. Não é como os outros. Já tentou conversar com um deles?

— Não, nunca.

— Não está perdendo nada. E é esse o meu ponto. O padrão de vida de Riley não seria um pouco melhor se ele se cercasse de vampiros decentes? Se deveríamos garantir a proteção dela, não seria mais lógico procurar os mais espertos?

— Sendo assim, Riley não precisa de qualidade — arrisquei. — Precisa de quantidade.

Diego pensou no que eu disse.

— É como xadrez. Ele não tem reis nem bispos.

— Somos só peões — eu me dei conta.

Nós nos olhamos novamente por um longo instante.

— Não quero pensar nisso — Diego declarou.

— Então, o que vamos fazer? — perguntei, usando o plural instintivamente, como se já fôssemos uma equipe.

Diego pensou na minha pergunta por um segundo, aparentemente

incomodado, e eu me arrependi do plural. Mas, em seguida, ele disse:

— O que podemos fazer quando não sabemos o que está acontecendo?

Ele não estava incomodado com a coisa da equipe, o que me fez sentir bem de verdade. Bem como eu não me lembrava de ter me sentido antes. Nunca.

— Acho que devemos ficar de olhos abertos, prestar atenção, tentar entender.

Ele assentiu.

— Precisamos pensar em tudo o que Riley nos disse, em tudo o que ele fez. — Ele parou pensativo. — Sabe, tentei conversar sobre isso com Riley uma vez, mas ele não me deu a menor atenção. Disse que devia me preocupar com coisas mais importantes, como a sede. E sede era tudo em que eu conseguia pensar naquele momento, é claro. Ele me mandou sair para caçar, e eu não me preocupei mais...

Observei enquanto ele pensava em Riley, seus olhos sem foco, voltados para dentro, para as memórias, e refleti. Diego era meu primeiro amigo nessa vida, mas eu não era sua primeira amiga.

De repente o foco era eu.

— Então, o que temos sobre Riley?

Eu me concentrei, repassando mentalmente os últimos três meses.

— Ele não fala muito, você sabe. Só revela o básico sobre ser vampiro.

— Vamos ter que prestar mais atenção.

Ficamos sentados em silêncio, ponderando. Eu pensava principalmente em quanto não sabia. E por que não me preocupara com tudo o que não sabia antes? Era como se conversar com Diego tivesse esclarecido meus pensamentos. Pela primeira vez em três meses, sangue não era o centro das minhas atenções.

O silêncio se estendeu por um tempo. A abertura por onde eu sentira o ar fresco passando para o interior da caverna não estava mais escuro. Agora era de um cinza carregado e ia se tornando minimamente mais claro a cada segundo. Diego notou que eu olhava nervosa para lá.

— Não se preocupe — ele disse. — Uma luz fraca penetra aqui nos dias ensolarados. Não vai nos ferir. — Ele deu de ombros.

Eu me aproximei mais da abertura no chão, por onde a água desaparecia à medida que a maré baixava.

— É serio, Bree. Já estive aqui antes durante o dia. Falei com Riley sobre esta caverna e sobre como ela fica cheia de águia quase todo o tempo. Ele disse que era

um lugar legal para quando eu quisesse sair da casa de doidos. Enfim, pareço ter sofrido queimaduras?

Eu hesitei, pensando em como o relacionamento dele com Riley era diferente do meu com Riley. As sobrancelhas dele se ergueram enquanto esperava por uma resposta.

— Não — eu disse afinal. — Mas...

— Veja — ele me interrompeu impaciente. Rastejou rapidamente pelo túnel e enfiou o braço na abertura até a altura do ombro. — Nada.

Fiz que sim com a cabeça uma única vez.

— Relaxe! Quer que eu veja até onde posso ir? — Enquanto falava, ele enfiou a cabeça na abertura e começou a subir.

— Não, Diego. — Ele já estava fora do meu campo de visão. — Estou tranquila, juro.

Ele ria, e o som me deu a impressão de que já estava vários metros acima no túnel. Queria ir atrás dele, segurar seu pé e puxá-lo de volta, mas estava paralisada pela tensão. Seria estupidez arriscar a vida para salvar um estranho. Mas eu não tinha nada que se aproximasse de um amigo desde... sempre. Já era difícil pensar em voltar a não ter ninguém com quem conversar depois de urna única noite.

— No estoy quemando — ele disse lá de cima em tom de deboche. — Espere... isso é...? Oh!

— Diego?

Atravessei a caverna em um salto e enfiei a cabeça no túnel. Seu rosto estava bem ali, a centímetros do meu.

— Bu!

Eu recuei — só um reflexo, um antigo hábito.

— Engraçadinho — disse secamente, afastando-me enquanto ele voltava ao interior da caverna.

— Precisa relaxar, garota. Eu já olhei tudo aqui, certo? A luz do sol não fere quando é indireta.

— Então está dizendo que posso simplesmente ficar embaixo de uma boa árvore e me sentir bem?

Ele hesitou por um minuto, como se tentasse decidir se me dizia ou não alguma coisa, e depois revelou em voz baixa:

— Já fiz isso uma vez.

Eu o encarei e esperei pela risada. Porque era uma piada.

Mas ele não riu. —

Riley disse... — comecei, mas parei antes de terminar a frase.

— Sim, eu sei o que Riley disse. Talvez ele não saiba tanto quanto afirma saber.

— Mas Shelly e Steve. Doug e Adam. Aquele garoto com o cabelo ruivo e brilhante. Todos eles. Todos desapareceram porque não voltaram a tempo. Riley viu as cinzas.

Diego franziu as sobrancelhas com uma expressão de infelicidade.

— Todos sabem que os vampiros antigos tinham de ficar em caixões durante o dia — continuei. — Para ficar longe do sol. Isso é de conhecimento geral, Diego.

— Você está certa. Todas as historias dizem isso.

— Além do mais, o que Riley teria a ganhar nos mantendo o dia inteiro trancados em um porão à prova de luz, um grande caixão coletivo? Nós sempre destruímos o lugar, e ele tem que contornar todas as brigas, a confusão constante. Nada vai me convencer de que ele gosta disso.

Algo no que eu disse surpreendeu Diego. Ele ficou sentado com a boca aberta por um segundo, depois a fechou.

— O que é?

— Conhecimento geral — Diego repetiu. — O que os vampiros fazem o dia todo nos caixões?

— Ah... ah, bem, eles dormem, certo? Mas acho que eles ficam lá deitados e entediados, porque nós não... Tudo bem, essa parte está errada.

— Isso mesmo. Só que nas histórias eles não estão apenas dormindo, estão totalmente inconscientes. Não conseguem acordar. Um humano pode simplesmente se aproximar e cravar uma estaca nos vampiros sem nenhum problema. E essa é outra coisa. Estacas. Você realmente acha que alguém pode enfiar uma estava em seu corpo?

Eu encolhi os ombros.

— Não tinha pensado nisso. Quer dizer, não, obviamente não um pedaço de madeira comum. Talvez madeira afiada tenha algum tipo de... Não sei. Propriedades mágicas ou coisa parecida.

Diego bufou impaciente.

— Ah, por favor...

— Bem, eu não sei. De qualquer maneira, não ficaria quieta se um humano tentasse me espetar com um cabo de vassoura pontudo.

Ainda com uma expressão contrariada, como se magia fosse algo realmente distante quando se é um vampiro, Diego ficou de joelhos e começou a cavar com as unhas o calcário sobre sua cabeça. Pequeninos fragmentos de pedra cobriam seus cabelos, mas ele os ignorava.

— O que está fazendo?

— Uma experiência.

Ele enterrou as duas mãos na rocha até conseguir ficar em pé e depois continuou subindo.

— Diego, se você chegar à superfície, vai explodir. Pare com isso.

— Não estou tentando... Ah, aqui está.

Houve um estalo alto e depois outro, mas nenhuma luz. Ele recuou até um ponto onde eu podia ver seu rosto e me mostrou o pedaço de raiz de árvore que tinha em uma das mãos, uma raiz branca, morta e seca sob a terra. A ponta quebrada era afiada, irregular. Ele a jogou na minha direção.

— Enfie isso em mim.

Eu a joguei de volta. — Nem pensar.

— É sério. Você sabe que isso não pode me machucar.

Ele jogou de volta o pedaço de madeira; em vez de pegá-la, eu a rebati.

Ele agarrou a raiz no ar e resmungou:

— Você é tão... supersticiosa!

— Sou uma vampira. Se isso não é prova de que as pessoas supersticiosas estão certas, não sei o que é.

— Muito bem, eu mesmo faço.

Ele segurou o pedaço de madeira diante do corpo numa atitude dramática, o braço estendido como se empunhasse uma espada com a qual pretendia se transpassar.

— Ah, pare — eu disse, incomodada. — Isso é ridículo.

— É isso que estou dizendo. Não vai dar cru nada.

Ele golpeou o peito com a estaca, bem no lugar onde seu coração deveria bater, com força suficiente para perfurar um bloco de granito. Eu fiquei

totalmente paralisada pelo pânico até ele começar a rir.

— Devia ver sua cara, Bree.

Os pedaços da madeira quebrada caíram por entre seus dedos; a raiz estilhaçou-se no chão. Diego limpou a camisa com as mãos, embora ela estivesse castigada demais pela água e pelas escaladas e não fosse ficar muito melhor. Nós dois teríamos que roubar mais roupas na próxima vez que surgisse uma chance.

— Talvez seja diferente quando é um humano quem faz isso.

— E você se sentia assim tão mágica quando era humana? — Não sei, Diego — respondi exasperada.

— Não fui eu que inventei todas essas histórias.

Ele assentiu com a cabeça, repentinamente mais sério.

— E se as histórias forem exatamente isso? Inventadas?

Eu suspirei.

— Que diferença faz?

— Não sei. Mas se vamos pensar no motivo de estarmos aqui, em por que Riley nos trouxe para ela, em por que ela está criando mais como nós, temos que entender tudo o que for possível. — A testa dele estava franzida, e qualquer sinal de riso havia desaparecido de seu rosto.

Eu apenas o encarava. Não tinha respostas.

O rosto de Diego ganhou certa suavidade.

— Isso ajuda muito, sabe? Falar sobre o assunto. Ajuda a me dar foco.

— Também acho — concordei. — Não sei por que nunca pensei em tudo isso antes. Parece tão óbvio! Mas raciocinar... Não sei. É mais fácil manter a linha de pensamento.

— Exatamente. — Diego sorriu para mim. — Estou muito feliz por você ter vindo esta noite.

— Não me venha com essa conversa mole agora.

— O quê? Não quer ser... — ele estreitou os olhos e fez uma voz um pouco mais aguda — minha melhor amiga para sempre? — Ele mesmo riu da besteira que dizia.

Revirei os olhos, sem saber ao certo se ele debocha da expressão ou de mim.

— Ah, Bree. Seja minha melhor amiga para sempre. Por favor?

Diego ainda brincava, mas seu sorriso era mais largo e... esperançoso. Ele estendeu a mão.

Dessa vez eu bati na mão dele com vontade, cumprimentando-o de verdade, sem perceber que ele tinha outra intenção até que senti os dedos segurando Os meus.

Era perturbador e esquisito tocar outra pessoa depois de uma vida inteira — porque os últimos três meses haviam sido toda a minha vida — evitando qualquer tipo de contato. Era como tocar um fio elétrico soltando faíscas e descobrir que não tinha problema nenhum nisso.

Tive a impressão de que meu sorriso saiu um pouco torto.

— Pode contar comigo.

— Excelente! Nosso clube particular.

— E muito exclusivo — acrescentei.

Ele ainda segurava minha mão. Não como num aperto, mas também não como se estivéssemos de mãos dadas.

— Precisamos de um cumprimento secreto.

— Você pode cuidar disso.

— Então, o clube supersecreto dos melhores amigos convoca uma reunião e, estando todos presentes, põe em pauta o cumprimento secreto, a ser decidido em outra data. — Ele continuou: — Primeira ordem do dia: Riley. Sem noção? Desinformado? Ou mentiroso?

Os olhos estavam fixos nos meus enquanto ele falava, olhos sinceros e atentos. E não houve nenhuma mudança quando ele disse o nome de Riley. Naquele instante, tive certeza de que não havia fundamento nas histórias sobre Riley e ele. Diego só estava por perto havia mais tempo que os outros, apenas isso. Eu podia confiar nele.

— Adicione mais um tópico à lista — completei. — Objetivo. Tipo, qual é a dele?

— Na mosca. Isso é exatamente o que precisamos descobrir. Mas, antes, outra experiência.

— Essa palavra me deixa nervosa.

— Confiança é parte essencial de toda essa história do clube secreto.

Ele se levantou no espaço adicional que abrira pouco antes e voltou a cavar. Um segundo depois, os pés balançavam no ar e ele se segurava com uma das mãos, cavando com a outra.

— Espero que esteja procurando alho — eu disse e recuei para o túnel que

levava ao mar.

— Essas histórias não são reais, Bree — respondeu ele lá de cima.

Ele ergueu o corpo um pouco mais na abertura que escavava, provocando uma chuva de terra. Naquele ritmo, logo acabaria enchendo o esconderijo onde estávamos, ou o preencheria com luz, o que o tornaria ainda mais inútil.

Eu continuei recuando pelo canal de saída, apenas os olhos e os dedos do lado de fora. A água chegava apenas à altura do meu quadril. Eu não precisaria de mais do que um segundo para desaparecer na escuridão lá embaixo. E poderia passar um dia inteiro sem respirar.

Nunca havia sido muito fã de fogo. Talvez fosse por alguma lembrança da infância, alguma memória enterrada no inconsciente, ou talvez por algo mais recente. A transformação em vampiro implicara fogo mais que suficiente para mim.

Diego devia estar perto da superfície. Mais urna vez, me incomodou a ideia de perder meu novo e único amigo.

— Por favor, pare, Diego — murmurei, sabendo que ele provavelmente riria, sabendo que não me atenderia.

— Confiança, Bree.

Eu esperei, imóvel.

— Quase... — ele resmungou. — Tudo bem.

Fiquei tensa, esperando pela luz, pela faísca, ou pela explosão, mas Diego desceu de volta, e ainda estava escuro. Agora ele tinha na mão uma raiz ainda mais comprida, pontuda e dura, que era quase maior que eu. Ele me olhou com aquele ar de "eu disse".

— Não sou uma pessoa completamente inconsequente — ele falou. E apontou para a raiz com a mão livre. — Está vendo? Precaução.

Ao terminar sua declaração, ele cutucou a nova abertura com a raiz. Houve um último desmoronamento de pedregulhos e areia e Diego se jogou de joelhos, saindo do caminho. Então, um raio de luz brilhante — um raio da largura do braço de Diego — atravessou a escuridão da caverna. A luz desenhava urna coluna do teto ao chão, fazendo cintilar as partículas suspensas de poeira. Eu estava imóvel, agarrada à beirada do poço, pronta para me soltar e desaparecer.

Diego não se encolheu nem gritou de dor. Não havia cheiro de fumaça. A caverna estava cem vezes mais clara que antes, mas isso não parecia afetá-lo.

Então, talvez aquela história sobre sombras e árvores fosse verdadeira. Eu observei com cautela enquanto ele se ajoelhava ao lado da coluna de luz, imóvel, apenas olhando fixamente. Diego parecia estar bem, mas havia uma mudança sutil em sua pele. Uma espécie de movimento, talvez da poeira assentando, refletindo a luminosidade. Tive a impressão de que ele brilhava um pouco.

Talvez não fosse a poeira. Talvez fosse a combustão. Talvez não doesse, e ele só perceberia quando fosse tarde demais...

Segundos se passaram enquanto olhávamos imóveis para a luz do dia.

Então, em um movimento que parecia ao mesmo tempo absolutamente esperado e completamente impensável, ele estendeu a mão com a palma voltada ira cima e esticou o braço até o feixe de luz. Eu me movi mais depressa do que podia pensar, o que era bem rápido.

Empurrei Diego contra a parede do fundo da pequena caverna cheia de terra, antes que ele pudesse aproximar a mão da coluna da luz, a um centímetro dele, e expor sua pele.

O ambiente foi invadido por um clarão repentino, e no mesmo instante eu senti o calor em minha perna. Percebi que não havia espaço suficiente para manter Diego encostado na parede sem que alguma 'arte do meu corpo entrasse em contato com a luz.

— Bree! — ele exclamou.

Eu me virei instintivamente, e me espremi contra a parede. Tudo isso levou menos de um segundo, e nesse meio-tempo fiquei esperando pela dor. Esperei as chamas surgirem e se espalharem como na noite em que a conheci, porem mais depressa. O brilho ofuscante da luz havia desaparecido. Restava apenas aquela coluna de sol.

Olhei para o rosto de Diego e vi que seus olhos estavam arregalados, a boca aberta e o queixo caído. Ele estava completamente imóvel, um sinal certo de alar-me. Eu queria olhar minha perna, mas tinha medo de ver o que restara dela. Não era como quando Jen arrancara meu braço, embora aquilo tivesse doído mais. Desta vez eu não teria como consertar o estrago.

Ainda não sentia nenhuma dor.

— Bree, você viu isso?

Fiz que não com a cabeça uma só vez, apressada.

— Está feio?

— Feio?

— Minha perna — eu disse por entre os dentes. — O que sobrou dela?

— Sua perna está bem.

Olhei para baixo rapidamente, e de fato lá estavam meu pé e minha canela, exatamente como antes. Mexi os dedos. Tudo bem.

— Está doendo? — ele indagou.

Eu me abaixei, ajoelhando-me no chão.

— Ainda não.

— Viu o que aconteceu? A luz?

Eu neguei com a cabeça.

— Veja isso — ele disse, ajoelhando-se diante cio raio de sol. — E dessa vez não me empurre. Você já provou que eu estava certo.

Ele estendeu a mão. Dessa vez foi quase tão difícil de olhar quanto antes, mesmo sentindo minha perna e sabendo que ela estava inteira, normal.

No segundo em que os dedos de Diego encontraram o raio de luz, a caverna foi invadida por um milhão de reflexos brilhantes e coloridos, um verdadeiro arco-íris. A claridade era como a luz do meio-dia em uma sala de vidro — havia luz para todos os lados. Eu me encolhi e um tremor percorreu meu corpo. Estava completamente coberta pela luz do sol.

— Não poder ser — Diego sussurrou.

Ele pôs o restante da mão no feixe de luz, e a caverna tornou-se ainda mais radiante. Diego virou a mão para olhar o outro lado, e desvirou novamente. O movimento fazia os reflexos dançarem como se ele girasse um prisma.

Não havia cheiro de queimado e era evidente que ele não sentia dor. Olhei atentamente para a mão de Diego e tive a impressão de que havia um zilhão de minúsculos espelhos em sua pele, superfícies pequenas demais para serem distinguidas separadamente, todas refletindo a luz com o dobro da intensidade de um espelho regular.

— Venha, Bree. Você precisa experimentar...

Eu não conseguia pensar em um motivo para recusar o convite, e estava curiosa, mas também estava relutante ao me aproximar dele.

— Não arde?

— Nada. A luz não queima, apenas... é refletida por nós. Bem, acho que refletir é uma palavra amena demais para descrever o que estamos vendo.

Lenta como uma humana, estendi meus dedos com evidente indecisão em direção à luz. Imediatamente, os reflexos se espalharam em todas as direções partindo da minha pele, tornando a caverna tão brilhante que o dia lá fora chegava a parecer escuro. Mas não eram exatamente reflexos, porque a luz era fragmentada e colorida como um cristal. Coloquei a mão inteira na coluna de luz, e a caverna ficou ainda mais cintilante.

— Acha que Riley sabe? — murmurei.

— Talvez. Talvez não.

— Por que ele não contaria para nós, se soubesse? Qual seria o propósito de guardar segredo? Sim, somos como um globo de luz ambulante. — Encolhi os ombros.

Diego riu.

— Agora entendo de onde vieram as histórias. Imagine se você visse uma coisa dessas quando era humana. Não ia pensar que o sujeito havia simplesmente explodido em chamas?

— Se ele não continuasse por perto. Talvez.

— É incrível! — Diego comentou.

Com um dedo, ele traçou uma linha na palma da minha mão cintilante. Depois levantou-se e entrou inteiro no raio de luz, e todo o espaço à nossa volta virou uma explosão de brilho e luminosidade.

— Venha, vamos sair daqui. —Ele ergueu os braços e içou o corpo pela abertura que abrira na superfície.

Era de se esperar que eu já tivesse superado o choque inicial, mas ainda estava nervosa demais para segui-lo. Sem querer dar a impressão de que era uma grande covarde, fui junto, mas por dentro estava apavorada. Riley tinha mesmo nos convencido sobre queimarmos ao sol e, na minha cabeça, isso se remetia diretamente ao terrível período de ardor e queimação de quando me tornei unia vampira. E não conseguia evitar o pânico que instintivamente me dominava cada vez que pensava naquilo.

Diego saiu da abertura, e eu surgi cerca de meio melo depois. Ficamos parados em uma trilha grama e mato, poucos passos distante das árvores que cobriam a ilha. Atrás de nós havia apenas alguns metros até a beirada do penhasco, e depois a água. Tudo à t tussa volta cintilava com a cor e a luz que refletíamos.

— Uau... — murmurei.

Diego sorriu para mim, seu rosto bonito sob a luz do sol, e, de repente, com um forte calafrio na barriga, per-, que toda aquela coisa de melhor amigo para sem-i)re já era. Para mim, pelo menos. Foi rápido assim.

O sorriso dele ficou então mais suave. Seus olhos refletiam os meus, alertas. Tudo em nós era encanto e luz. Ele tocou meu rosto, como havia tocado minha mão, como se estivesse tentando entender o brilho.

— Tão linda — disse, e deixou a mão descansar em minha face.

Não sei por quanto tempo ficamos ali, sorrindo como completos idiotas, brilhando como tochas. Não Havia barcos na baía, o que era bom, provavelmente. Nem mesmo a visão turva dos humanos deixaria de nos perceber. Não que pudessem fazer alguma coisa contra nós, mas eu não estava com sede, e toda a possível gritaria teria arruinado o clima.

Depois de um tempo uma nuvem cobriu o sol. De repente éramos só nós outra vez, embora ainda estivéssemos ligeiramente luminosos. Não o suficiente para que alguém com um olhar menos aguçado que o de um vampiro pudesse notar.

Assim que o brilho desapareceu, meus pensamentos recuperaram a nitidez e eu consegui refletir sobre o que aconteceria em seguida. Embora Diego tivesse voltado à aparência normal — ele não faiscava mais como uni globo de luz —, eu sabia que não seria como antes para mim. Aquela sensação de calafrio na barriga continuava. Eu tinha a impressão de que ela ficaria ali para sempre.

— Vamos contar a Riley? Acha que ele não sabe? — perguntei.

Diego suspirou e abaixou a mão. —

— Não sei. Vamos pensar nisso enquanto procuramos pelos outros.

— Temos que ser cuidadosos ao rastreá-los durante o dia. Sabe como é, somos fáceis de notar à luz do sol...

Ele riu.

— Vamos agir como ninjas.

Eu concordei com a cabeça.

— "Clube supersecreto finja" soa muito melhor que aquela coisa de "melhor amigo para sempre".

— Definitivamente.

Não levamos mais que alguns segundos para localizai-o ponto de onde toda a turma havia partido ao sair da ilha. Essa foi a parte fácil. Descobrir para onde no

continente eles haviam ido era outra história. Discutimos rapidamente a ideia de nos separar, mas a decisão de continuar juntos foi unânime. Nossa lógica fazia todo o sentido — se um de nós encontrasse algo, como contaria ao outro? —, mas, na, verdade, eu simplesmente não queria sair de perto dele, e podia ver que ele sentia o mesmo. Nenhum de nós jamais teve um colega, uma companhia agradável, e a experiência era boa demais para perdermos um minuto sequer.

Eles poderiam ter ido para qualquer lugar. As opções eram muitas. Para o continente, ou para outra ilha, ou para a periferia de Seattle, ou para o norte do Canadá. Quando demolíamos ou queimávamos uma de nossas casas, Riley estava preparado — ele sempre parecia saber exatamente para onde ir. Devia planejar as mudanças com antecedência, mas nunca nos informava sobre seus planos.

Eles poderiam estar em qualquer lugar.

Ter de mergulhar e voltar à superfície para evitar que barcos e pessoas nos vissem significava uma tremenda perda de tempo. Não tivemos sorte durante todo o dia, mas também não estávamos incomodados com isso. Nós nos divertíamos como jamais havíamos nos divertido antes.

Foi um dia estranho. Em vez de estar sentada infeliz na escuridão, tentando não ouvir a confusão dos outros e me esforçando para engolir a repugnância pelo lugar onde nos escondíamos, estava brincando de ninja com meu melhor amigo, ou talvez algo mais. Rimos muito enquanto percorríamos os caminhos à sombra, jogando pedras um no outro como se fossem estrelas ninja.

Então o sol se pôs, e de repente fiquei nervosa. Riley procuraria por nós? Pensaria que havíamos fritado ao sol? Ou ele sabia que não?

Começamos a nos deslocar mais depressa. Muito mais depressa. Já havíamos percorrido todas as ilhas próximas e agora nos concentrávamos no continente. Cerca de uma hora depois do pôr do sol, farejei um cheiro conhecido, e em segundos encontramos o rastro. Depois que tínhamos a pista do cheiro, tudo ficou fácil como seguir uma manada de elefantes na neve fofa.

Enquanto corríamos, falamos sobre o que fazer, adotando um tom mais sério.

— Não acho que seja uma boa ideia contar a Riley — opinei. — Vamos dizer que passamos o dia inteiro na caverna e saímos ao anoitecer para procurar por eles. — Minha paranoia crescia. — Melhor ainda: vamos dizer a eles que sua caverna estava cheia de água. Não podíamos nem conversar.

— Acha que Riley é do mal, não é? — ele perguntou em voz baixa depois de

um minuto.

Enquanto falava, Diego segurava minha mão.

— Não sei. Mas prefiro agir como se fosse, só por precaução. — Hesitei por um instante antes de acrescentar:

— Você não quer pensar que ele pode ser mau. — Não — Diego admitiu. — Ele é meu amigo. Quer dizer, é como se fosse um amigo. Não é como você. — Os dedos afagaram os meus. — Mas é mais que todos os outros. Não quero pensar... — ele não concluiu a sentença.

Eu devolvi o afago.

— Talvez ele seja realmente bom. O fato de sermos cuidadosos não vai mudar quem ele é.

— É verdade. Tudo bem, vamos contar a história da caverna, então. Pelo menos no início... Posso conversar com ele sobre o sol depois, mais tarde. Vai ser melhor ter essa conversa durante o dia, mesmo, quando eu puder provar imediatamente minha afirmação. E caso ele já saiba, mas tenha um bom motivo para não nos ter contado antes, será melhor mesmo conversarmos sozinhos. Posso pegá-lo ao amanhecer, quando ele estiver voltando de onde quer que seja...

Notei que de repente ele dizia eu no lugar do nós, e isso me incomodou. Mas, ao mesmo tempo, eu não queria mesmo participar de nenhuma conversinha educativa envolvendo Riley. Não tinha nele a mesma fé que Diego.

— Ataque ninja ao amanhecer! — exclamei, tentando fazê-lo rir. E funcionou. Voltamos a brincar e seguimos rastreando nosso bando de vampiros, mas eu podia perceber que por trás da aparente diversão ele pensava em coisas sérias, como eu.

E eu ficava mais ansiosa à medida que seguíamos correndo. Éramos muito velozes, e não havia nenhuma possibilidade de estarmos na trilha errada, mas estávamos demorando demais para encontrá-los. Nós nos afastamos muito da costa, subindo as montanhas, entrando em um novo território. Esse não era o padrão habitual.

Todas as casas que havíamos ocupado, fossem elas na encosta de uma montanha, em urna ilha ou escondidas no meio de uma grande fazenda, tinham algumas características em comum. Os proprietários mortos, o local isolado e mais uma coisa: todas visavam Seattle. Margeavam a cidade como luas orbitais. Seattle era sempre o foco, o alvo.

Agora estávamos fora de órbita, e isso era estranho. Talvez isso não quisesse dizer nada, talvez fosse só uma das muitas coisas que mudaram naquele dia. Todas as verdades que eu aceitava estavam de cabeça para baixo, e eu não estava com disposição para outras revoluções. Por que Riley não havia simplesmente escolhido um lugar normal?

— Engraçado eles terem se afastado tanto — Diego murmurou, e eu ouvi a tensão em sua voz.

— Engraçado ou assustador — eu disse.

Ele apertou minha mão.

— Está tudo bem. O clube ninja pode encarar qualquer coisa.

— Já criou nosso cumprimento secreto?

— Estou pensando nisso — ele garantiu.

Algo começou a me incomodar. Era estranho, como se eu pudesse sentir um ponto cego... Sabia que havia alguma coisa que eu não enxergava, mas não conseguia identificar o quê. Algo óbvio...

E então, uns trinta e cinco quilômetros a oeste do nosso perímetro habitual, encontramos a casa. Era impossível não reconhecer o barulho. O tum tum tum do baixo, a trilha sonora do videogame, os grunhi-los. Era típico.

Soltei a mão de Diego e ele me olhou.

— Ei, eu nem conheço você — falei num tom debochado. — Nós nem conversamos no meio de toda aquela água. Até onde sei, você pode muito bem ser um ninja ou um vampiro.

Ele riu.

— Vale para você também, estranha. — Depois, em voz mais baixa e falando depressa: — Faça as mesmas coisas que fez ontem. Amanhã à noite sairemos juntos. Vamos fazer um reconhecimento, tentar entender um pouco mais do que está acontecendo.

— Gostei do plano. Dê o sinal.

Ele se inclinou e me beijou — só um selinho, mas me beijou na boca. O choque provocado pelo contato percorreu todo o meu corpo.

— Vamos lá — ele disse, e desceu a encosta da montanha na direção do barulho impressionante sem olhar para trás, já representando seu papel.

Eu o segui um pouco atordoada, mantendo alguns metros de distância, lembrando-me de me comportar com ele como teria me comportado com

qualquer outro.

A casa era grande, uma espécie de galpão de lenhador, e ficava em uma clareira cercada de pinheiros, sem nenhum sinal de vizinhança num raio de muitos quilômetros. Todas as janelas estavam escuras, como se o lugar estivesse vazio, mas a estrutura tremia com a reverberação do baixo no porão.

Diego entrou primeiro, e eu tentei segui-lo como se andasse atrás de Kevin ou Raoul. Hesitante, protegendo meu espaço. Ele encontrou a escada e desceu com passos confiantes.

— Tentando me despistar, bando de fracassados? — ele perguntou.

— Ah, ei, Diego está vivo — Kevin respondeu com uma mareada falta de entusiasmo.

— Não com sua ajuda — Diego acusou ao entrar no porão escuro.

A única luz provinha das várias telas de tevê, mas era muito mais do que qualquer um de nós precisava. Corri para perto de Fred, que tinha um sofá inteiro só para ele, satisfeita por poder me mostrar ansiosa como estava, porque não havia nenhuma possibilidade de esconder ou disfarçar o sentimento. Engoli em seco a onda de repulsa e me encolhi no meu lugar de costume, no chão, atrás do sofá. Assim que me abaixei, o poder repelente de Fred perdeu um pouco da força. Ou talvez eu já estivesse me acostumando com ele.

O porão estava meio vazio, já que era noite. Todos os garotos ali tinham olhos como os meus — vermelhos e brilhantes, recentemente alimentados.

— Levei um tempo para limpar a sujeira que você fez — Diego disse a Kevin. — Estava quase amanhecendo quando cheguei ao que restava da casa. Tive passar o dia inteiro sentado em uma caverna cheia de água.

– Vá fofocar tudo para Riley. Não ligo.

— Notei que a garotinha também conseguiu voltar — disse outra voz, e eu estremeci, porque era Raoul.

Senti certo alívio por ele não saber meu nome, mas isso não diminuía o horror por ele ter me notado.

— É, ela me seguiu.

Eu não podia ver Diego, mas sabia que ele estava dando de ombros.

Eis o grande herói do momento! — Raoul disparou sarcástico.

— Não ganhamos mais pontos por ser idiotas.

Eu teria preferido que Diego não discutisse com Raoul. E esperava que Riley

chegasse logo. Só ele era capaz de controlar Raoul, mesmo que não completamente.

Mas Riley devia estar fora caçando garotos da escória para levar para ela. Ou fazendo o que fazia quando estava ausente, fosse o que fosse.

— Você é interessante, Diego. Acha que Riley gosta tanto de você que vai se importar se eu puser um fim em sua existência. Eu acho que está errado. E, de qualquer maneira, neste momento ele já acre-dita que você está morto.

Eu podia ouvir os outros se movendo. Alguns provavelmente para apoiar Raoul, outros simplesmente para sair do caminho. Hesitei no meu esconderijo, sabendo que não deixaria Diego lutar sozinho contra eles, mas temendo estragar o disfarce sem necessidade, caso não acontecesse um confronto. Imaginei que Diego não teria sobrevivido por tanto tempo sem ter fabulosas habilidades de combate. De minha parte, não tinha muito a oferecer nesse departamento. Havia três membros da gangue de Raoul ali, e alguns outros que poderiam ficar do lado dele só para ganhar sua simpatia. Será que Riley voltaria para casa antes que eles tivessem tempo de nos queimar?

A voz de Diego era calma quando ele respondeu:

— Tem mesmo todo esse medo de me enfrentar sozinho? Típico.

Raoul rosnou.

— Isso alguma vez já funcionou? Quer dizer, sem ser nos filmes. Por que eu deveria brigar sozinho? Não quero bater em você. Só quero destruí-lo.

Eu me abaixei atrás do sofá, pronta para saltar e entrar em ação.

Raoul continuava falando. Ele gostava muito do som da própria voz.

— Mas não vai ser preciso reunir todos nós para cuidar de você. Esses dois vão cuidar da outra prova da sua infeliz sobrevivência. A pequena sei-lá-o-nome-dela.

Meu corpo estava gelado, paralisado. Tentei me livrar dessa sensação para poder lutar. Não que isso fosse fazer alguma diferença.

Então senti algo mais, uma coisa totalmente inesperada — uma onda de repulsa tão forte que não consegui me manter agachada. Caí no chão encolhida, ofegando com horror.

Eu não era a única reagindo. Ouvi grunhidos enojados e sons de ânsia de todos os cantos do porão. Algumas pessoas se retiravam para os cantos mais afastados, onde eu podia vê-las. Elas se espremiam contra as paredes, esticando o pescoço como se assim pudessem escapar da horrível sensação. Pelo menos uma pertencia

à gangue de Raoul.

Ouvi o rosnado distinto de Raoul e depois notei que o som se distanciava, uma indicação de que ele subia a escada. E Raoul não foi o único a fugir dali. Pelo menos metade dos vampiros saiu do porão.

Eu não tive essa chance. Mal podia me mover. Devia ser porque estava perto demais de Freaky Fred. Ele era o responsável pelo que estava acontecendo. E por mais que eu me sentisse horrível, conseguia perceber que ele, provavelmente, acabara de salvar minha vida.

Por quê?

A sensação de enjoo foi desaparecendo devagar. Assim que pude, me arrastei até a beirada do sofá e dei uma olhada no porão. Toda a gangue de Raoul sumira, mas Diego ainda estava lá, do outro lado do cômodo, perto das televisões. Os vampiros que restaram relaxavam pouco a pouco, embora todos pare-cessem um pouco abalados. Muitos lançavam olhares curiosos na direção de Fred. Espiei-o pelas costas, apesar de não conseguir ver nada de onde estava. E desviei o olhar bem depressa. Olhar para Fred trazia de volta parte da náusea.

— Continue abaixada.

A voz grave era de Fred. Eu nunca o ouvira falar. Todos olharam para ele e desviaram os olhos imediatamente, sentindo voltar a repugnância.

Fred afinal só queria paz e sossego. Por mim, tudo bem. Eu estava viva por causa disso. Muito provavelmente, Raoul se distrairia com alguma outra confusão antes do amanhecer e descarregaria a raiva em alguém ao alcance de suas mãos. E Riley sempre voltava no final da noite. Ficaria sabendo que Diego havia passado a noite na caverna, que não fora destruído pelo sol, e Raoul não teria desculpa para atacá-lo ou me atacar.

Pelo menos, esse era o melhor cenário que eu conseguia imaginar. Enquanto isso, talvez Diego e eu pudéssemos pensar em um plano para nos manter bem longe de Raoul.

Mais urna vez, tive a breve sensação de que estava deixando de ver uma solução óbvia. Antes que pudesse descobrir qual era, meus pensamentos foram interrompidos.

— Sinto muito.

O resmungo grave, quase silencioso, só podia ter partido de Fred. E tudo indicava que eu era a única suficientemente próxima para ouvi-lo. Ele estava

falando comigo?

Olhei-o novamente e não senti nada. Não conseguia ver seu rosto — ele ainda estava de costas para mim. Fred tinha cabelos grossos, louros e ondulados. Eu nunca havia notado isso, apesar de todos os dias que passara sentada à sua sombra. Riley não estava brincando quando dizia que Fred era especial. Rei ,u1sivo, mas realmente especial. Será que Riley tinha alguma ideia de que ele era tão... tão poderoso? Ele conseguira dominar uma sala cheia de vampiros em um segundo.

Embora não pudesse ver sua expressão, tive a sensação de que Fred esperava por urna resposta.

— Não se desculpe — respondi num sussurro muito fraco. — Obrigada.

Fred encolheu os ombros.

E depois disso descobri que não podia mais olhar para ele.

As horas passaram mais devagar que de costume enquanto eu esperava pela volta de Raoul. De vez em quando, tentava olhar para Fred outra vez - enxergar além da proteção que ele criara para si mesmo —, mas sempre me sentia repelida. Se insistisse muito, acabaria vomitando.

Pensar em Fred era uma boa distração, um jeito de não pensar em Diego. Tentei fingir que não me importava saber onde ele estaria. Não olhei para ele, mas me concentrei no som de sua respiração — seu ritmo singular — para me manter orientada. Ele estava sentado do outro lado da sala, ouvindo seus CDs em um laptop. Ou fingindo ouvir, talvez, da mesma forma que eu fingia ler os livros da mochila úmida pendurada em meus ombros. Eu virava as páginas na velocidade habitual, mas não registrava nada. Estava esperando por Raoul.

Felizmente, Riley apareceu primeiro. Raoul e sua gangue entraram logo atrás, mas não tão ruidosos e provocativos como de hábito. Talvez Fred tivesse ensinado a eles um pouco de respeito.

Mas era pouco provável. O mais provável era que Fred só os tivesse enfurecido ainda mais. De minha parte, eu torcia para que Fred nunca abaixasse a guarda.

Riley se aproximou de Diego imediatamente; eu ouvi a conversa de costas para eles, com os olhos no livro. Na periferia do meu campo de visão, percebi que alguns idiotas da gangue de Raoul vagavam, procurando seu jogo favorito ou retomando o que faziam quando Fred os obrigara a sair correndo. Kevin era um deles, mas parecia estar procurando algo mais especifico que entretenimento. Várias vezes seus olhos tentaram se fixar no lugar onde eu estava sentada, mas a

aura de Fred o mantinha distante. Ele desistiu depois de alguns minutos e parecia um pouco enjoado.

— Soube que você tinha conseguido voltar — disse Riley. Sua voz soava genuinamente satisfeita. — Eu sempre posso contar com você, Diego.

— Sem problemas — Diego respondeu num tom relaxado. — A menos que prender a respiração o dia todo conte como problema.

Riley riu.

— Não fique tão no limite da próxima vez. Precisa servir de exemplo para os bebês.

Diego riu com ele. Pelo canto do olho, notei que Kevin relaxava um pouco. Será que ele estava realmente preocupado com a possibilidade de Diego metê-lo em alguma encrenca? Talvez Riley ouvisse mesmo Diego. Mais do que eu havia percebido. Talvez por isso Raoul tivesse ficado tão furioso antes.

O bom relacionamento de Riley e Diego seria algo favorável, afinal? Talvez Riley fosse legal. E a relação entre eles não comprometia o que existia entre nós, certo?

O tempo não passou mais depressa depois do raiar do dia. O porão estava lotado e o clima era instável, como sempre. Se vampiros ficassem roucos, Riley já teria perdido a voz de tanto gritar. Alguns garotos perderam membros temporariamente, mas ninguém foi queimado. A música variava com a trilha sonora cios jogos, e eu me dava por satisfeita por não ser "propensa" a dores de cabeça. Tentei ler meus livros, mas acabei apenas folheando um depois do outro, sem me interessar o suficiente para tentar focar nas letras. Eu os deixei em uma pilha perfeita ao lado do sofá, para Fred. Sempre deixava meus livros para ele, embora não soubesse dizer se ele os lia ou não. Não conseguia olhá-lo com atenção suficiente para ver o que, precisamente, fazia de seu tempo livre.

Pelo menos Raoul não olhou na minha direção. Nem uma vez. Nem Kevin, nem os outros. Meu esconderijo era mais seguro que nunca. Eu não conseguia ver se Diego era esperto o bastante para me ignorar, porque eu o estava ignorando completamente. Ninguém desconfiava de que formávamos uma equipe, exceto, talvez, Fred — será que ele estivera prestando atenção enquanto eu me preparava para lutar ao lado de Diego? Mesmo que ele tivesse percebido alguma coisa, eu não me preocupava muito. Se Fred tivesse alguma antipatia por mim, poderia ter me deixado morrer mais cedo. Teria sido fácil.

O barulho foi se tornando mais ensurdecedor com o pôr do sol. Não conseguíamos ver a claridade diminuindo, dali do porão, debaixo da terra, com todas as janelas lá em cima cobertas, só por precaução. Mas a espera em tantos dias longos e angustiantes nos tinha dado uma boa noção do momento em que o tormento estava quase acabando. Os garotos começavam a ficar animados, perguntando a Riley se podiam sair.

— Kristie, você saiu ontem — Riley respondeu, era possível ouvir a impaciência crescendo na voz dele. Heather, Jim, Logan, podem ir. 'Warren, seus olhos estão escuros, vá com eles. Ei, Sara, não sou cego. Volte aqui.

Os garotos que ele proibia de sair ficavam de cara fechada, pelos cantos, alguns esperando que o próprio Riley saísse para poderem escapar, apesar das regras.

— Fred, acho que é sua vez — Riley anunciou sem olhar na nossa direção.

Ouvi Fred suspirar ao se levantar. Todos se encolheram quando ele passou pelo centro do aposento, até mesmo Riley. Mas, diferentemente dos outros, Riley tinha um leve sorriso. Ele gostava de vampiros com talentos.

Eu me sentia nua sem Fred por perto. Agora qualquer um poderia olhar para mim. Fiquei quieta, imóvel, abaixada, fazendo tudo o que estava ao meu alcance para não chamar atenção.

Para minha sorte, naquela noite Riley estava com pressa. Ele mal parou para olhar feio para aqueles que se arrastavam disfarçadamente para a porta, não os ameaçou nem mesmo quando já estava saindo. Normalmente, ele fazia alguma versão do discurso habitual sobre sermos discretos, mas não naquele dia. Ele pareceu preocupado, ansioso. Eu poderia apostar que ele ia vê-la. E isso me fazia não querer reencontrá-lo quando amanhecesse.

Esperei Kristie e três de seus habituais companheiros saírem e escapei atrás deles, tentando parecer parte do grupo sem irritá-los. Não olhei para Raoul nem para Diego. Eu me concentrava em parecer insignificante — ninguém que merecesse ser notada. Só mais uma vampira qualquer.

Do lado de fora da casa, imediatamente me afastei de Kristie e corri para o bosque. Esperava que Diego se preocupasse em farejar meu rastro. Na metade da subida da montanha mais próxima, eu me empoleirei na copa de uma grande árvore que ficava isolada das vizinhas por muitos metros. Dali eu teria uma boa visão de qualquer um que tentasse me seguir.

Mas estava exagerando na cautela. Talvez tivesse exagerado durante todo o dia. Diego foi o único que se aproximou, procurando por mim. Eu o vi de longe e desci da árvore para encontrá-lo.

— Dia longo — ele disse ao me abraçar. — Seu plano é difícil.

Eu o abracei também, estranhando quanto o abraço era confortável.

— Talvez seja só paranoia minha.

— Sinto muito sobre Raoul. Foi por pouco. Eu concordei com um movimento de cabeça.

— É sorte que Fred incomode tanto.

— Fico me perguntando se Riley sabe quanto aquele garoto é poderoso.

— Duvido. Nunca vi Fred fazer aquilo antes e passo muito tempo perto dele.

— Bem, isso é problema do Freaky Fred. Nós já temos o nosso próprio segredo para contar a Riley. Estremeci.

— Ainda não tenho certeza de que seja boa ideia.

— Não saberemos até ver como ele reage.

— Normalmente, não gosto de não saber.

Diego estreitou Os olhos, com ar especulativo. — O que acha de uma aventura?

— Depende.

— Estava pensando nas prioridades cio clube. Sabe como é, descobrir o máximo possível.

— Acho que devemos seguir Riley. Descobrir o que ele está fazendo.

Olhei para ele perplexa.

— Mas ele vai perceber que o seguimos. Vai farejar nossa presença.

— Eu sei. Pensei em agir assim: eu sigo o rastro de Riley. Você fica distante alguns metros e segue meu som. Então, Riley só vai saber que eu o segui, e posso argumentar que tinha algo importante a dizer, por isso fui atrás dele. Nesse momento, faço a grande revelação com o efeito globo de luz. E vejo como ele reage. — Seus olhos estavam fixos em mim. — Mas você... você será a carta na manga por enquanto, certo? E eu conto como ele reagiu.

— E se ele voltar mais cedo? Não quer que o encontro aconteça perto do amanhecer, para você poder brilhar?

— Sim... esse é um possível problema. E pode afetar o desenvolvimento da minha conversa com ele. Mas acho que devemos correr o risco. Ele parecia estar

com pressa esta noite, não achou? Como se fosse precisar da noite inteira para o que tinha a fazer?

— Talvez. Ou só estava com muita pressa de encontrá-la. Talvez não seja boa ideia surpreendê-lo se ela estiver por perto.

Nós dois nos encolhemos.

— Tem razão. Ainda assim... — Ele franziu a testa. — Não tem a sensação de que o que está por vir, seja o que for, está cada vez mais perto? Como se não tivéssemos a eternidade para entender tudo isso?

Fiz que sim com a cabeça, mas com ar infeliz.

— Sim, é o que eu sinto.

— Então, vamos correr os riscos. Riley confia em mim, e tenho bons motivos para querer falar com ele.

Eu pensei na estratégia. Embora, na verdade, só conhecesse Diego havia um dia, sabia que aquele grau de paranoia não era do feitio dele.

— Esse seu plano elaborado... — eu disse.

— O que tem ele? — Diego perguntou.

— Bem, parece um plano solo. Não tem jeito de aventura do clube. Não na parte perigosa, pelo menos.

Ele fez uma careta, como se quisesse dizer que eu o pegara.

— A ideia é minha. Sou eu quem... — ele hesitou, como se fosse difícil pronunciar as palavras seguintes — confia em Riley. Só eu vou correr o risco de ficar encrencado se estiver errado.

Mesmo sendo uma covarde, não me deixei convencer.

— Não é assim que um clube funciona.

Ele assentiu, a expressão neutra.

— Tudo bem, vamos pensar nisso no caminho.

Eu não acreditava que ele tivesse mesmo a intenção de pensar em alguma coisa.

— Fique nas árvores e me acompanhe do alto, certo? — ele disse.

—Tudo bem.

Ele voltou à cabana, deslocando-se depressa. Eu o segui pelas árvores, a maioria dos galhos tão próximos uns dos outros que só raramente eu precisava de fato saltar de uma copa a outra. Fazia movimentos curtos, leves, torcendo para o balançar dos galhos sob o peso do meu corpo parecer apenas obra do vento. Havia

urna brisa constante, o que era uma ajuda. Estava frio para o verão, mas a temperatura não me incomodava.

Diego farejou Riley do lado de fora da casa sem nenhuma dificuldade e depois seguiu o rastro rapidamente, enquanto eu o acompanhava por cima dos galhos, vários metros atrás e uns quarenta e cinco metros ao norte, mais no alto da encosta. Quando as árvores se tornaram realmente densas, ele passou a sacudir um tronco aqui e ali para que eu não o perdesse.

Seguimos em frente, ele correndo, eu feito um esquilo voador, por apenas quinze minutos, mais ou menos, até que Diego reduziu a velocidade. Devíamos estar chegando perto do nosso objetivo. Subi ainda mais pelos galhos, procurando uma árvore de onde tivesse uma boa visão. Escalei urna que era bem mais alta que as vizinhas e observei a cena.

Menos de um metro adiante havia um vão entre as árvores, um campo aberto de vários hectares. Perto do centro, mais próximo das árvores do lado leste, havia o que parecia ser uma gigantesca casa de doces. Pintada de rosa, verde e branco, era elaborada a ponto de parecer ridícula, com acabamento meticuloso e adornos exuberantes em todos os espaços disponíveis. Era o tipo de coisa da qual eu teria rido em urna situação menos tensa.

Riley não estava à vista, mas Diego havia parado lá embaixo, por isso deduzi que ali acabava nossa busca. Talvez aquela fosse a casa que Riley preparava para substituir a grande cabana quando ela desmoronasse. Mas era menor que todas as outras em que já havíamos ficado e não parecia ter um porão. E era ainda mais afastada de Seattle.

Diego me olhou e fiz um sinal convidando-o a subir. Ele concordou com a cabeça e voltou refazendo os próprios passos. Então, deu um salto fabuloso — eu não sabia se conseguiria pular tão alto, mesmo sendo jovem e forte — e agarrou um galho da árvore mais próxima. Ninguém, a menos que fosse extraordinariamente atento, jamais teria notado que Diego se desviara de sua trilha. Mesmo assim, ele ainda se deslocou pela copa das árvores a fim de que seu rastro não levasse diretamente a mim.

Quando finalmente decidiu que era seguro, ele se aproximou e imediatamente segurou minha mão. Em silêncio, lancei o olhar para a casa de confeitos. Um canto da boca dele tremeu.

Juntos, começamos a nos mover para o leste, ainda no topo das árvores.

Chegamos tão perto da casa quanto a ousadia permitiu — deixando algumas árvores como cobertura entre a casa e nós — e então nos sentamos em silêncio, ouvindo.

A brisa soprava suave, e conseguimos escutar alguma coisa. 13m estranho e breve farfalhar, um tique-tique. De início, não reconheci o que ouvia, mas Diego sorriu, fez um bico engraçado e beijou o ar na minha direção.

Os sons de um beijo entre vampiros não eram os mesmos que os de um beijo entre humanos. Não havia células cheias de líquido e tecido macio para serem espremidos. Só lábios de pedra, nenhuma troca. Eu escutara um beijo entre vampiros antes — o toque dos lábios de Diego nos meus na noite anterior —, mas jamais teria ligado uma coisa a outra. Não chegava nem perto do que eu esperava encontrar ali.

Essa constatação mudou tudo de lugar na minha cabeça. Deduzira que Riley tinha ido vê-la talvez para receber instruções ou levar novos recrutas, eu não sabia. Mas nunca havia imaginado deparar com algo do tipo de... ninho de amor. Como Riley podia beijá-la? Eu não contive um arrepio e olhei para Diego. Ele também parecia levemente horrorizado, mas encolheu os ombros.

Pensei em minha última noite como humana, e me encolhi ao recordar tão vividamente o ardor. Tentei lembrar os momentos anteriores, atravessar a névoa da confusão. Primeiro, senti um medo crescente surgir assim que Riley parou diante da casa velha, a segurança que eu tinha experimentado na lanchonete iluminada onde comera o hambúrguer se dissolvera completamente. Eu recuei, tentei fugir, mas ele agarrava meu braço com força e me tirou do carro como se eu fosse uma boneca, como se não pesasse nada. Depois vieram o terror e a incredulidade quando ele saltou cinco metros até a porta. Terror, e em seguida uma dor que não deixava espaço para dúvidas quando ele quebrou meu braço, arrastando-me pela porta para dentro da casa escura. E então, a voz.

Quando me concentrei na lembrança, consegui ouvi-la outra vez. Aguda e melodiosa, como a de uma menininha, mas mal-humorada. Parecia de uma criança fazendo birra.

Lembrei o que ela disse: "Por que trouxe essa? É muito pequena." Ou algo do tipo, pensei. As palavras podiam não ser exatamente as mesmas, mas era esse o significado.

Eu tinha certeza de que Riley estava ansioso por agradar quando respondeu,

temendo desapontá-la: "Mas ela é outro corpo. Outra distração, pelo menos."

Acho que nesse momento choraminguei, e ele me sacudiu dolorosamente, mas não voltou a falar comigo. Era como se eu fosse um cachorro, não uma pessoa.

"Essa noite inteira foi um desperdício", reclamou a voz infantil. "Matei todos eles. Argh!"

Lembrei que nesse momento a casa tremeu, como se um carro tivesse ido de encontro a ela. Agora percebia que ela provavelmente havia chutado alguma coisa num momento de frustração.

"Muito bem. Acho que até uma pequena é melhor que nada, se isso é o melhor que pode fazer. Agora já estou tão saciada que talvez consiga parar."

Os dedos rígidos de Riley haviam desaparecido, e eu fiquei sozinha com a voz. Nesse ponto, estava tomada por um pânico tão absoluto que não emitia mais nenhum som. Apenas fechei os olhos, embora já estivesse completamente cega naquela escuridão. Não gritei até que algo cortou meu pescoço, ardendo como urna lâmina coberta de ácido.

Eu me encolhi, tentando interromper as lembranças, tentando banir da mente o que viria a seguir. Concentrei-me naquela conversa breve. Ela não parecia falar com um amante, nem mesmo com um amigo. Era mais como se tratasse com um empregado. Alguém de quem não gostava muito e que poderia demitir em breve.

Mas os estranhos sons de beijos persistiam. Um dos vampiros suspirou de satisfação.

Eu franzi a testa para Diego. O que escutávamos não nos revelava muita coisa. Por quanto tempo ainda teríamos que ficar ali?

Ele inclinou a cabeça para o lado, ouvindo com cuidado e atenção.

E depois de mais alguns minutos de paciência, os sons baixos, românticos, foram repentinamente interrompidos.

— Quantos?

A voz estava abafada pela distância, mas ainda era audível e clara. E podia reconhecê-la. Aguda, quase um trinado. Como a de uma menina mimada.

— Vinte e dois — Riley respondeu em tom orgulhoso.

Diego e eu trocamos um olhar penetrante. Éramos vinte e dois na última contagem. Deviam estar falando sobre nós.

— Pensei ter perdido mais dois para o sol, mas um dos meus garotos mais velhos é... obediente — Riley prosseguiu.

Havia quase um toque de afeto em sua voz quando ele se referiu a Diego como um de seus garotos.

— Ele tem um lugar, um esconderijo subterrâneo, e se escondeu com a mais nova.

— Tem certeza?

Houve uma longa pausa, dessa vez sem sons de romance. Mesmo de longe, eu acreditava poder sentir alguma tensão.

— Sim, ele é um bom garoto. Tenho certeza.

Outra pausa tensa. Eu não conseguia entender sua pergunta. O que ela queria dizer com tem certeza? Será que ela achava que ele ouvira a história de alguém, que não vira Diego pessoalmente?

— Vinte e dois é um bom número — ela murmurou, e a tensão pareceu se dissolver. — Como o comportamento deles está evoluindo? Alguns têm quase um ano de idade. Ainda seguem os padrões normais?

— Sim — respondeu Riley. — Tudo o que me disse para fazer funcionou impecavelmente. Eles não pensam, simplesmente agem como já estão acostumados. Sempre consigo distraí-los com a sede. Isso os mantém sob controle.

Eu franzi a testa para Diego. Riley não queria que pensássemos. Por quê?

— Você trabalhou muito bem — nossa criadora elogiou, e depois ouvimos outro beijo. Vinte e dois!

— Chegou a hora? — Riley perguntou ansioso.

A resposta foi rápida e contundente como uma bofetada.

— Não! Ainda não decidi quando.

— Não entendo.

— Não precisa entender. É suficiente que saiba que nossos inimigos têm grandes poderes. Todo o cuidado é pouco. — A voz dela ficou suave, tornou-se outra vez melosa. — Mas os vinte e dois ainda estão vivos. Mesmo tudo o que eles são capazes de fazer... que efeito terá contra vinte e dois? — Ela deixou escapar uma risadinha que parecia sinos tilintando.

Diego e eu não paramos de nos olhar durante todo esse tempo, e agora eu podia ver em seus olhos que pensávamos a mesma coisa. Sim, fomos criados com um propósito, como imaginávamos. Tínhamos um inimigo. Ou nossa criadora tinha um inimigo. A distinção era importante?

— Decisões, decisões — ela murmurou. — Ainda não. Talvez alguns mais, só para ter certeza.

— Alguns mais podem, no final, reduzir nosso número — Riley preveniu hesitante, como se tornasse cuidado para não aborrecê-la. — Há sempre uma instabilidade quando um novo grupo é introduzido.

— É verdade — ela concordou, e eu imaginei Riley suspirando aliviado por não tê-la irritado.

De repente, Diego desviou os olhos dos meus, olhando para a campina. Eu não havia escutado nenhum movimento na casa, mas ela podia ter saído. Girei a cabeça e no mesmo instante o restante de mim ficou paralisado como urna estátua. E vi o que havia assustado Diego.

Quatro figuras atravessavam o campo aberto, caminhando na direção da casa. Haviam entrado na clareira vindos do oeste, o ponto mais afastado de onde nos escondíamos. Todos usavam longos mantos escuros com capuz, por isso minha primeira impressão foi de que eram humanos. Pessoas estranhas, mas ainda assim, apenas humanos, porque nenhum dos vampiros que eu conhecia usava aquelas roupas góticas e combinadas. E nenhum se movia de um jeito tão suave e controlado, tão... elegante. Foi quando percebi que nenhum dos humanos que eu já vira seria capaz de se deslocar daquela maneira, e mais: nenhum poderia se deslocar tão silenciosamente. Os mantos escuros deslizavam sobre a relva em absoluto silêncio. Então, ou aquelas criaturas eram vampiros ou eram alguma outra coisa sobrenatural. Fantasmas, talvez. Mas, se eram vampiros, eram vampiros que eu não conhecia, e isso significava que poderiam ser os inimigos de quem ela estava falando. Nesse caso, precisávamos sair dali imediatamente, porque não tínhamos outros vinte vampiros do nosso lado no momento.

Quase fugi naquele instante, mas tive muito medo de chamar a atenção das criaturas misteriosas.

Então os observei se movendo suavemente, e notei outros detalhes. Eles se mantinham numa formação perfeita, a forma de um diamante, que nunca desalinhava, por mais que o terreno mudasse sob seus pés. O que representava a ponta do diamante era menor que os outros, e seu manto era mais escuro. Eles não pareciam seguir nenhum rastro, nenhum cheiro, nenhuma pista. Simplesmente conheciam o caminho. Talvez fossem convidados.

O grupo se movia diretamente para a casa, e eu senti que era seguro respirar

novamente quando começaram a subir a escada que levava à porta. Pelo menos não caminhavam na nossa direção, minha e de Diego. Quando sumissem de vista, poderíamos desaparecer por entre as árvores, protegidos pelo som da próxima brisa, e jamais saberiam que havíamos estado ali.

Olhei para Diego e virei a cabeça sutilmente na direção de onde viéramos. Ele estreitou os olhos e levantou um dedo. Ah, ótimo, ele queria ficar. Revirei os olhos. Apesar de todo o medo, me surpreendi por ainda conseguir ser sarcástica.

Olhamos novamente para a casa. Os seres encobertos por mantos haviam entrado silenciosamente, mas percebi que ela e Riley não falaram mais nada desde que notamos a chegada dos visitantes. Deviam ter escutado alguma coisa ou de algum modo percebido que estavam em perigo.

— Não se incomodem — uma voz muito clara e monótona ordenou preguiçosamente. Não era uma voz tão aguda quanto a da nossa criadora, mas ainda soava infantil aos meus ouvidos. — Creio que sabem quem somos, por isso deve saber também que é inútil tentar nos surpreender. Ou se esconder. Ou lutar. Ou fugir.

Uma risada masculina e profunda que não pertencia a Riley ecoou ameaçadora pela casa.

— Relaxem — instruiu a primeira voz sem entonação, a menina sob o manto. A voz tinha aquela característica distintiva que me fez ter certeza de que ela era uma vampira, não um fantasma ou outro tipo de pesadelo. — Não viemos para destruir vocês. Ainda.

Houve um momento de silêncio, e depois alguns movimentos que quase não se podia ouvir. Uma mudança de posições.

— Se não está aqui para nos matar, então... o que quer? — perguntou nossa criadora, tensa e estridente.

— Queremos saber quais são suas intenções. Especificamente, se envolvem... um certo clã local — a garota com o manto explicou. — Estamos imaginando se eles têm algo a ver com a confusão que vocês criaram aqui. Criaram ilegalmente.

Diego e eu franzimos a testa ao mesmo tempo. Nada daquilo fazia sentido, mas a última parte era a mais estranha. O que podia ser ilegal para vampiros? Que policial, que juiz, que prisão teria algum poder sobre nós?

— Sim — sibilou nossa criadora. — Meus planos visam exclusivamente a eles. Mas ainda não podemos agir. É complicado. — Uma nota petulante vibrou

em sua voz no final da frase.

— Acredite, conhecemos as dificuldades melhor que você. É impressionante que tenha conseguido se manter fora do radar, digamos, por todo esse tempo. Diga — um certo interesse coloriu a monotonia da voz —, como tem feito isso?

Nossa criadora hesitou e depois falou tudo de uma vez, rapidamente, quase como se sob alguma intimidação silenciosa.

— Eu ainda não decidi — ela revelou. Depois acrescentou mais lentamente, relutante. — Atacar. Não decidi fazer algo com eles.

— Grosseira, mas direta — a menina do manto disse. — Infelizmente, seu período de deliberação chegou ao fim. Você precisa decidir, agora, o que vai fazer com seu pequeno exército. — Diego e eu arregalamos os olhos ao ouvir essa declaração. — Caso contrário, será nosso dever puni-la como exige a lei. Esse adiamento, mesmo breve, é um problema para mim. Não é assim que atuamos. Sugiro que nos dê todas as garantias que puder... e depressa.

— Vamos agir imediatamente! — Riley manifestou-se ansioso, e houve um chiado imediato e agudo, como o sibilar de urna serpente.

— Vamos agir assim que for possível — nossa criadora o corrigiu, furiosa. — Há muito por fazer. Imagino que queira nosso sucesso. Então, preciso de algum tempo para treiná-los... alimentá-los!

Houve uma pausa breve.

— Cinco dias. Voltaremos em cinco dias. E não há pedra sob a qual poderá se esconder ou velocidade na qual poderá fugir para se salvar. Se não tiver atacado quando voltarmos, você vai queimar.

A declaração não continha ameaça além da mais absoluta certeza.

— E se eu já tiver atacado? — nossa criadora perguntou abalada.

— Veremos — respondeu a garota com o manto, adotando um tom mais animado do que o que usara até então. — Suponho que tudo dependa de seu grau de sucesso. Trabalhe e se esforce para nos agradar.

A última ordem foi dada num tom neutro, duro, e essa nota de frieza me deu arrepios.

— Sim — nossa criadora grunhiu.

— Sim — Riley repetiu num sussurro.

Um segundo depois os vampiros cobertos por mantos deixavam a casa silenciosamente. Diego e eu nem respiramos nos cinco minutos seguintes ao

desaparecimento do grupo. Dentro da casa, nossa criadora e Riley estavam igualmente quietos. Outros dez minutos transcorreram em total imobilidade.

Toquei o braço de Diego. Era nossa chance de sair dali. Naquele momento, eu não estava mais com tanto medo de Riley. Queria era me afastar o máximo possível daqueles mantos escuros. Queria a segurança da vantagem numérica, que esperava por nós na cabana, e imaginava que nossa criadora sentia exatamente o mesmo. Por que, em primeiro lugar, ela havia criado tantos de nós? Havia nisso algo mais assustador do que eu havia pensado.

Diego hesitou, ainda ouvindo, e um segundo depois sua paciência foi recompensada.

— Bem — ela sussurrou dentro da casa —, agora eles sabem.

Ela se referia aos de manto escuro ou ao clã misterioso? Qual deles era o inimigo que ela havia mencionado antes cio drama?

— Isso não importa. Estamos em maior número...

— Qualquer aviso importa! — ela grunhiu, interrompendo o discurso de Riley. — Há muito por fazer. Só cinco dias! — Ela gemeu. — Chega de confusão. Você começa esta noite.

— Não vou desapontá-la! — Riley prometeu.

Droga. Diego e eu nos movemos ao mesmo tempo, saltando do nosso galho para a árvore vizinha, voando de volta pelo mesmo caminho que havíamos percorrido até ali. Agora Riley tinha pressa, e se encontrasse o rastro de Diego depois de tudo que acabara de acontecer com os dos mantos, e nenhum Diego no fim da trilha...

— Preciso voltar e ficar esperando — Diego cochichou enquanto corríamos. — Sorte que o ponto não dá vista para a casa. Não quero que ele saiba que eu ouvi.

— Precisamos conversar com ele juntos.

— É tarde demais para isso. Ele perceberia que não há rastro de seu cheiro. Vai parecer suspeito.

— Diego... — Ele não me deixou terminar.

Estávamos novamente no ponto onde ele se juntara a mim. Ele agora sussurrava.

— Siga o plano, Bree. Direi a ele o que planejei. Ainda não estamos perto do amanhecer, mas vai ter que ser assim. Se ele não acreditar em mim... — Diego

encolheu os ombros. — Ele agora tem outras coisas com que se preocupar, coisas mais importantes que a minha imaginação fértil. Talvez esteja mais propenso a ouvir agora. Parece que precisaremos de toda ajuda que conseguirmos, e poder andar por aí à luz do dia não será nada mal.

— Diego... — repeti, sem saber o que mais poderia dizer.

Ele olhou nos meus olhos, e eu esperei que seus lábios se abrissem naquele sorriso fácil, que ele fizesse alguma piada sobre ninjas ou melhores amigos para sempre.

Ele não fez. Nem sorriu. Em vez disso, inclinou-se lentamente, sem desviar os olhos dos meus, e me beijou. Os lábios lisos encontraram os meus por um longo segundo enquanto nos olhávamos.

Depois ele recuou e suspirou.

— Vá para a casa, esconda-se atrás de Fred e aja como se não soubesse de nada. Eu vou logo depois de você.

— Tome cuidado.

Segurei a mão dele e a apertei com força, depois soltei. Riley havia falado sobre Diego com carinho. Eu só podia esperar que esse afeto fosse verdadeiro. Não havia escolha.

Diego desapareceu entre as árvores, silencioso como uma brisa amena. Eu não perdi tempo tentando acompanhá-lo com os olhos. Parti imediatamente, correndo pelos galhos em linha reta de volta para a casa. Esperava que meus olhos ainda estivessem suficientemente brilhantes da refeição da noite anterior para explicar minha ausência. Só uma caçada rápida. Tive sorte... encontrei um andarilho solitário. Nada demais.

O som da música retumbante que ouvi ao me aproximar era acompanhado pelo cheiro inconfundível, doce, e pela fumaça de um vampiro incinerado. Meu pânico se multiplicou. Dentro ou fora da casa, eu poderia morrer com a mesma facilidade. Mas não havia outro jeito. Não desacelerei, simplesmente desci a escada correndo e fui diretamente para o canto onde sentia a presença de Freaky Fred, embora não pudesse olhar diretamente para lá. Ele estava em pé. Estava procurando alguma coisa para fazer? Cansara de ficar sentado? Eu não tinha ideia do que ele tramava, nem queria saber. Ficaria bem perto dele até Riley e Diego voltarem.

No meio do porão havia urna pilha fumegante grande demais para ser só um

braço ou urna perna. Os vinte e dois de Riley eram coisa do passado.

Ninguém parecia muito preocupado com a fogueira. A imagem era muito comum.

Corri para perto de Fred, e pela primeira vez a sensação de repulsa não aumentou. Pelo contrário, ela desapareceu. Ele não parecia notar minha presença; simplesmente continuou lendo o livro que segurava. Um dos que eu deixara para ele alguns dias antes. Não foi difícil ver o que ele fazia agora que estava perto do encosto do sofá no qual ele se apoiava. Hesitei, tentando entender por que. Ele podia ligar e desligar o efeito náusea quando queria? Isso significava que nós dois estávamos desprotegidos agora? Pelo menos Raoul ainda não chegara em casa, felizmente, embora Kevin estivesse ali.

Pela primeira vez, vi como Fred realmente era. Alto, mais de 1,80 metro, o cabelo encaracolado e louro que eu havia notado antes. Tinha ombros largos e era musculoso. Parecia mais velho que a maioria dos outros — como um universitário, não uru colegial. E — por alguma razão essa foi a parte que mais me surpreendeu — ele era bonito. Tão bonito quanto qualquer outro, talvez até mais que muitos ali. Eu não sabia por que isso me parecia estranho. Talvez por sempre ter associado Fred a repulsa.

Eu me senti esquisita por ficar observando-o. Olhei rapidamente em volta para ver se alguém no porão notara que Fred estava normal — e bonito — temporariamente. Ninguém olhava na nossa direção. Dei uma espiada rápida em Kevin, pronta para desviar o olhar rapidamente caso ele percebesse, mas ele estava concentrado em algum ponto à nossa esquerda. A testa estava marcada por uma ruga. Antes que eu pudesse desviar, seus olhos passaram direto por mim e se detiveram à minha direita. A ruga tornou-se mais profunda. Como... se ele estivesse tentando me ver e não conseguisse.

Senti os cantos da minha boca tremerem, e não era exatamente um sorriso. Havia muito com que me preocupar para poder me divertir de verdade com a cegueira de Kevin. Olhei novamente para Fred, imaginando se o fator repulsa retornaria, mas ele sorria para mim. Ele era simplesmente espetacular sorrindo.

Então o momento passou, e Fred voltou ao livro. Eu não me movi por um tempo, esperando que algo acontecesse. Diego passar pela porta. Ou Riley e Diego. Ou Raoul. Ou a náusea voltar, ou Kevin olhar diretamente para mim, ou a próxima briga explodir. Qualquer coisa.

Quando nada aconteceu, finalmente me recompus e fiz o que devia estar fazendo: fingi que não havia nada de anormal. Peguei um livro da pilha perto do pé de Fred e me sentei ali mesmo, fingindo que lia. Devia ser um dos livros que eu fingira ler no dia anterior, mas não parecia familiar. Virei algumas páginas, novamente sem apreender nada do conteúdo.

Minha mente girava em círculos muito pequenos. Onde estava Diego? Como Riley reagira a sua história? O que tudo aquilo significava — a conversa antes de os vampiros vestidos com mantos chegarem, a conversa depois da saída deles?

Examinei todas as lembranças, voltando no tempo, tentando unir os fragmentos em um todo reconhecível. O mundo dos vampiros tinha algum tipo de polícia, e ela era bem assustadora. Nosso grupo selvagem de vampiros com meses de idade seria um exército, e esse exército era, de alguma forma, ilegal. Nossa criadora tinha um inimigo. Ou melhor, dois inimigos. E nós atacaríamos um deles em cinco dias, ou os outros, com os mantos assustadores, a atacariam — ou nos atacariam, ou os dois. Seríamos treinados para esse ataque... assim que Riley voltasse. Dei uma olhada para a porta, depois me obriguei a manter os olhos fixados na página diante de mim. E na história dos visitantes. Ela estava preocupada com alguma decisão. Estava satisfeita por ter tantos vampiros — tantos soldados. Riley estava feliz por Diego e eu termos sobrevivido... Ele dissera que pensara ter perdido mais dois para o sol, então, isso devia significar que ele não sabia como os vampiros realmente reagiam ao sol. Mas o que ela dissera era estranho. Ela perguntara se Riley tinha certeza. Certeza de que Diego sobrevivera? Ou... certeza de que a história de Diego era verdadeira?

Esse último pensamento me amedrontou. Ela já sabia que o sol não nos fazia mal? Se sabia, por que mentira para Riley e, por intermédio dele, para nós?

Por que ela haveria de nos querer no escuro — literalmente? Era muito importante para ela que continuássemos ignorantes? Importante o bastante para que isso colocasse Diego em perigo? Eu me aproximava do pânico e já estava paralisada pelo medo. Se ainda pudesse suar, estaria suando. Tive de me concentrar para virar a página, para manter os olhos baixos.

Riley estava sendo enganado ou também estava envolvido naquilo? Quando dissera que havia pensado ter perdido mais dois para o sol, ele se referira ao sol literalmente.., ou à mentira sobre o sol?

Se a segunda alternativa fosse a correta, então, saber a verdade seria

equivalente a estar perdido. O pânico atrapalhava meus pensamentos.

Tentei ser racional e encontrar algum sentido naquilo. Era mais difícil sem Diego. Ter alguém com quem conversar, com quem interagir, havia aguçado minha capacidade de concentração. Sem isso, o medo rondava meus pensamentos, misturando-se à sede sempre presente. A sedução do sangue estava constantemente prestes a aflorar. Mesmo bem alimentada, eu podia sentir o ardor e a necessidade.

Pense nela, pense em Riley, disse a mim mesma. Precisava entender por que eles mentiriam — se estavam mentindo — para tentar deduzir o que o fato de Diego conhecer seu segredo significaria para eles.

Se não tivessem mentido, se tivessem simplesmente dito que o dia era para nós tão seguro quanto a noite, o que teria mudado? Imaginei como tudo seria se não precisássemos ficar confinados em um porão escuro o dia inteiro, se os vinte e um — talvez menos agora, dependendo de como os grupos de caça estavam se saindo lá fora — fossem livres para fazer o que quisessem quando quisessem.

Desejaríamos caçar. Isso era certo.

Se não tivéssemos de voltar, se não precisássemos nos esconder... bem, muitos de nós não voltariam com regularidade. Era difícil pensar em voltar quando a sede ainda estava no comando. Mas Riley incutira profundamente em todos nós a ameaça da conflagração, de revivermos aquela dor horrível que havíamos sentido uma vez. Essa era a razão pela qual conseguíamos nos conter. Autopreservação, o único instinto mais forte que a sede.

Então, a ameaça nos mantinha juntos. Havia outros esconderijos, como a caverna de Diego, mas quem mais pensaria nesse tipo de coisa? Tínhamos um lugar para onde ir, uma base, era para lá que íamos. Pensar com clareza não é a especialidade de um vampiro. Ou, pelo menos, não dos vampiros jovens. Riley pensava com clareza. Diego tinha pensamentos mais nítidos que os meus. Aqueles vampiros cobertos por mantos eram terrivelmente focados. Senti tini arrepio. Então, a rotina não nos controlaria para sempre. O que eles fariam quando fôssemos mais velhos, mais racionais? Eu me dei conta de que ninguém era mais antigo que Riley. Todo mundo ali era novo. Ela precisava de muitos de nós para enfrentar o inimigo misterioso. Mas e depois?

Tive a forte sensação de que não iria querer estar por perto nesse momento. E de repente percebi algo absurdamente óbvio. A resposta que antes estivera

rondando, às margens da minha compreensão, enquanto rastreava o bando de vampiros até aquela nova casa com Diego.

Eu não precisava ficar por perto para esse momento. Não precisava ficar por perto nem por mais urna noite.

Fiquei novamente paralisada ao pensar nessa ideia colossal.

Se Diego e eu não soubéssemos os destinos prováveis da gangue, nós os teríamos encontrado? Possivelmente, não. E aquele era um grupo grande deixando um rastro considerável. E se você fosse um vampiro solitário, um vampiro que não precisasse se mover por terra, que se deslocasse por cima das árvores, saltasse, progredisse sem deixar uma trilha na margem da água... Só um, ou talvez dois vampiros capazes de nadar até onde quisessem mar adentro, para longe... E que pudessem voltar à terra onde decidissem... Canadá, Califórnia, Chile, China...

Seria impossível encontrar esses dois vampiros. Eles desapareceriam. Sumiriam como se tivessem virado fumaça.

Não precisávamos ter voltado na outra noite. Não devíamos ter voltado! Por que eu não pensara nisso antes?

Mas... Diego teria concordado? De repente, eu não me sentia mais tão confiante. Será que Diego seria mais leal a Riley? Ele acharia que era seu dever ajudar Riley? Diego conhecia Riley havia muito mais tempo... e só nos conhecemos de verdade havia um dia. Ele era mais próximo de Riley que de mim?

Pensei nisso e franzi a testa.

Bem, eu descobriria assim que tivéssemos um minuto a sós. E então, talvez, se nosso clube secreto realmente tivesse alguma importância, não faria diferença o que nossa criadora planejara. Poderíamos desaparecer, e Riley teria de se arranjar com dezenove vampiros, ou criar outros rapidamente. De um jeito ou de outro, não seria problema nosso.

Eu mal podia esperar para contar meu plano a Diego. Tinha a intuição de que ele ia concordar comigo. Esperava que concordasse.

De repente, imaginei se não havia sido isso o que realmente acontecera a Shelly, Steve e os outros garotos que desapareceram. Eu sabia que eles não tinham queimado ao sol. Será que Riley só afirmou ter visto as cinzas dos desaparecidos como um artifício para nos manter com medo, dependentes dele? Para nos

obrigar a voltar para casa e para ele a cada amanhecer? Talvez Shelly e Steve tivessem simplesmente ido embora sozinhos. Sem Raoul. Sem inimigos ou exércitos ameaçando seu futuro imediato.

Talvez fosse esse o verdadeiro significado do que Riley dissera sobre tê-los perdido para o sol. Fugitivos. E, nesse caso, ele ficara feliz por Diego não ter desertado também, certo?

Ah, se Diego e eu tivéssemos fugido! Estaríamos livres, como Shelly e Steve. Sem regras, sem medo do raiar do sol.

Mais urna vez, imaginei todos nós soltos, sem hora para voltar para casa. Podia até ver Diego e eu nos movendo como ninjas pelas sombras. Mas também podia ver Raoul, Kevin e os outros, monstros brilhantes como globos de luz no meio de uma rua movimentada no centro da cidade, os corpos se acumulando, a gritaria, os helicópteros sobrevoando a área, os policiais impotentes com suas balas patéticas que não causariam nem arranhões, as câmeras, o pânico que se alastraria tão depressa quanto as fotos, compartilhadas rapidamente mundo afora.

Vampiros não seriam um segredo por muito tempo. Nem mesmo Raoul conseguiria matar as pessoas rápido o bastante para impedir que a história se espalhasse.

Havia ali uma linha de raciocínio que eu tentava apreender antes de me distrair novamente.

Um: humanos não sabiam sobre a existência de vampiros. Dois: Riley nos incentivava a ser discretos, a não atrair a atenção dos humanos ou, do contrário, eles nos reconheceriam. Três: Diego e eu havíamos deduzido que todos os vampiros deviam seguir as mesmas diretrizes, ou o mundo inteiro saberia sobre nós. Quatro: devia haver urna razão para tudo ser mantido como era, e certamente não eram as armas inofensivas da polícia humana o que os motivava. Sim, a razão tinha de ser muito séria para obrigar todos os vampiros a se esconder o dia inteiro em porões abafados. Razão suficiente, talvez, para fazer Riley e nossa criadora mentirem para nós e nos aterrorizarem com o sol incinerador. Quem sabe Riley explicaria a razão a Diego, que, dada a importância daquilo e sendo ele tão responsável, prometeria guardar o segredo — e os dois se dariam por satisfeitos. Sem dúvida.

Mas e se o que havia acontecido a Shelly e Steve fosse o oposto? Eles tinham descoberto a história da pele brilhante, mas não fugiram? E se foram falar com

Riley?

E, droga, isso destruía o elo seguinte na minha cadeia lógica. A linha de raciocínio se interrompeu e comecei a entrar em pânico outra vez, por causa de Diego.

O nervosismo aumentava, e percebi que tinha passado um bom tempo pensando. Podia sentir a manhã se aproximando. Não faltava mais que uma hora. Então, onde estava Diego? Onde estava Riley?

Eu ainda pensava nisso quando a porta se abriu e Raoul pulou os degraus da escada, rindo com os companheiros. Eu me encolhi e cheguei mais perto de Fred. Raoul não nos notou. Ele olhou para o vampiro torrado no meio do porão e riu ainda mais. Seus olhos estavam vermelhos e brilhantes.

Nas noites em que saía para caçar, Raoul raramente retornava antes que fosse absolutamente necessário. Ele continuava se alimentando enquanto desse. Então, o raiar do dia devia estar ainda mais próximo do que eu havia pensado.

Riley devia ter exigido que Diego provasse o que dizia. Essa era a única explicação. E eles esperaram pelo amanhecer. Mas... isso significava que Riley não sabia a verdade, que nossa criadora estava mentindo para ele também. Ou não? Meus pensamentos se confundiram outra vez.

Kristie apareceu minutos mais tarde com três de seus parceiros. Ela reagiu com indiferença à pilha de cinzas. Fiz uma contagem rápida quando mais dois caçadores passaram correndo pela porta. Vinte vampiros. Todos estavam em casa, exceto Diego e Riley. O sol surgiria a qualquer momento.

A porta no topo da escada do porão rangeu quando alguém a empurrou. Eu me levantei de um salto.

Riley entrou. E fechou a porta. E desceu a escada.

Não havia ninguém com ele.

Antes que eu pudesse processar a informação, Riley gritou, um animalesco urro de raiva. Ele olhava para as cinzas no chão, os olhos tomados pela fúria. Todos ficaram em silêncio, imóveis. Já tínhamos visto Riley perder a calma, mas aquilo foi diferente.

Ele se virou e agarrou uma caixa de som que estava presa à parede, arremessando-a do outro lado da sala. Jen e Kristie se desviaram do objeto, que se despedaçou contra a parede, espalhando uma nuvem de cimento e gesso. Depois esmagou o aparelho de som com o pé, e o baixo retumbante foi calado. Ele então

saltou para onde estava Raoul e o agarrou pelo pescoço.

— Eu nem estava aqui — Raoul gritou, apavorado.

Isso era algo que eu nunca havia visto antes.

Riley grunhiu hediondamente e arremessou Raoul como havia feito com a caixa de som. Jen e Kristie novamente saíram da rota do míssil. O corpo de Raoul atravessou a parede, abrindo ali um enorme buraco.

Riley agarrou Kevin pelo ombro e — com um ruído familiar — arrancou sua mão direita. Kevin gritou de dor e tentou escapar das garras de Riley, que o chutou na altura das costelas. Outro grito lancinante e Riley arrancou o que restava do braço de Kevin. Ele partiu o braço em dois, na altura do cotovelo, e atirou os pedaços no rosto angustiado de Kevin — o barulho foi como o de um martelo batendo em uma pedra.

— Qual é o problema com vocês? — Riley gritou para todos nós. — Por que são tão estúpidos? — Ele tentou agarrar o garoto louro fã do Homem-Aranha, mas ele saltou e conseguiu escapar. O salto o deixou bem perto de Fred, e ele pulou de volta para perto de Riley, sufocado pela ânsia de vômito.

— Algum de vocês tem cérebro?

Riley lançou um garoto chamado Dean na direção dos consoles dos games, destruindo tudo, depois pegou outra menina — Sara — e arrancou sua orelha esquerda e um punhado de cabelos. Ela rosnou agoniada.

De repente ficou óbvio que o que Riley estava fazendo era muito perigoso. Éramos muitos ali. Raoul já estava de volta. Kristie e Jen, normalmente suas inimigas, colocavam-se a seu lado em atitude defensiva. Alguns outros se uniam em grupos no espaço do porão.

Eu não entendi se Riley tinha percebido a ameaça ou se o acesso de fúria chegara naturalmente ao fim. Ele respirou fiando. Jogou a orelha e os cabelos de volta para Sara, que se encolheu com medo. Ela lambeu o pedaço de orelha — o próprio veneno faria com que ele se reintegrasse ao restante do corpo. Mas não havia solução para o cabelo arrancado; Sara teria uma pequena calvície permanente.

— Escutem bem! — Riley disse em voz baixa, mas firme. — A vida de todos nós depende de vocês ouvirem o que vou dizer agora e pensarem! Todos vão morrer. Cada um de nós, vocês e eu também, se não forem capazes de agir como se tivessem cérebro. Só por alguns dias!

O discurso não tinha nenhuma semelhança com suas habituais pregações e tentativas de nos controlar. Definitivamente, ele conseguira atrair a atenção de todos.

— É hora de crescer e assumir responsabilidades. Acham que vão viver desse jeito de graça? Acham que todo o sangue de Seattle não tem um preço?

Os pequenos grupos de vampiros já não pareciam ameaçadores. Todos estavam assustados, alguns trocavam olhares perplexos. Pelo canto do olho, vi que Fred virou o rosto para mim, mas não o encarei. Minha atenção estava focada em duas coisas: Riley, para o caso de ele começar a atacar novamente, e a porta. A porta, que continuava fechada.

— Estão me ouvindo agora? Estão ouvindo de verdade? — Riley fez uma pausa, mas ninguém respondeu. A sala estava absolutamente quieta. — Vou explicar o sistema precário em que todos vocês estão inseridos. Vou tentar falar de modo bem simples, para os mais estúpidos acompanharem. Raoul, Kristie, venham aqui.

Riley chamou os líderes das duas maiores gangues, naquele breve momento aliados contra ele. Nenhum dos dois atendeu ao chamado. Em vez disso, se prepararam para um confronto, Kristie mostrando os cientes.

Esperei que Riley retrocedesse, que se desculpasse. Para acalmá-los e depois convencê-los a fazer o que ele queria. Mas aquele era um Riley diferente.

— Muito bem — ele disse. — Vamos precisar de líderes para garantir nossa sobrevivência, mas vejo que nenhum dos dois está preparado para a tarefa. Pensei que tivessem aptidão para liderar. Estava enganado. Kevin, Jen, por favor, juntem-se a mim como chefes dessa equipe.

Kevin levantou a cabeça perplexo. Ele havia acabado de pôr o braço de volta no lugar. Embora cautelosa, sua expressão também revelava evidente satisfação. Ele se levantou devagar. Jen olhou para Kristie como se esperasse sua permissão. Raoul rangeu os dentes.

A porta no alto da escada continuava fechada.

— Também não é capaz? — Riley perguntou irritado.

Kevin deu um passo na direção de Riley, mas Raoul adiantou-se a ele, atravessando o porão com dois saltos fabulosos, embora baixos. Ele jogou Kevin contra a parede sem dizer urna única palavra e assumiu a posição atrás de Riley, à direita.

Riley se permitiu um sorriso contido. A manipulação não fora sutil, mas acabou sendo eficiente.

— Kristie ou Jen, quem vai liderar? — Riley perguntou, parecendo gostar daquilo.

Jen ainda esperava por um sinal de Kristie quanto ao que deveria fazer. Kristie a encarou por um instante, depois afastou do rosto os cabelos claros e lançou-se como um raio para ocupar o posto à esquerda de Riley.

— Essa decisão foi muito demorada — Riley disse num tom sério. — Não temos o luxo do tempo. Não podemos mais ficar por aí brincando. Deixei vocês fazerem praticamente tudo o que quiseram, mas isso acaba hoje. Esta noite.

Ele olhou em volta, encarando cada um de nós, certificando-se de que o escutávamos. Na minha vez, sustentei seu olhar apenas por um segundo e depois meus olhos escorregaram para a porta. Corrigi o deslize imediatamente, mas Riley já não me olhava. Eu me perguntei se ele havia notado o lapso. Ou mesmo se havia me visto, já que eu estava ao lado de Fred.

— Temos um inimigo — Riley anunciou.

Ele deixou que a notícia pairasse no ar por um instante.

Eu podia notar que a informação foi um choque para vários vampiros ali no porão. O inimigo era Raoul, ou, para os partidários de Raoul, o inimigo era Kristie. O inimigo estava ali, porque o mundo todo estava ali. A ideia de que lá fora havia outras forças suficientemente poderosas para nos afetar era nova para a maioria. E até o dia anterior, também teria sido nova para mim.

— Alguns de vocês talvez tenham sido suficientemente espertos para terem notado que, se existimos, outros vampiros também existem. Vampiros mais velhos, mais inteligentes.., mais talentosos. Outros vampiros que querem nosso sangue!

Raoul sibilou, e vários de seus seguidores o imitaram numa demonstração de apoio.

— Exatamente — Riley confirmou, aparentemente com a intenção de inflamá-los. — Seattle já pertenceu a eles, mas esses vampiros se mudaram há muito tempo. Agora sabem sobre nós, e estão com inveja do sangue fácil que costumavam ter por aqui. Sabem que o território agora é nosso, mas querem tomá-lo de volta. E estão vindo buscar o que querem. Um a um, eles vão nos caçar! Vamos queimar enquanto eles se banqueteiam!

— Nunca! — Kristie rosnou.

Alguns de seus seguidores fizeram o mesmo, e outros da gangue de Raoul também.

— Não temos muitas opções — Riley nos disse. — Se esperarmos aqui, eles terão a vantagem. Afinal, estamos em um território conhecido pelo inimigo. E eles não querem um confronto direto, porque estamos em maior número e somos mais fortes. Querem nos pegar separadamente; querem tirar proveito da nossa maior fraqueza. Algum de vocês tem inteligência suficiente para saber qual é?

Ele apontou para as cinzas no chão, agora espalhadas pelo tapete e impossíveis de reconhecer como um ex-vampiro, e esperou.

Ninguém se mexeu.

Riley soltou um ruído de contrariedade.

— União! — ele gritou. — Não temos nenhuma! Que tipo de ameaça podemos oferecer se não paramos de nos matar? — Ele chutou as cinzas, levantando uma pequena nuvem negra. — Podem imaginar como vão rir de nós? Já estão certos de que vai ser fácil tomar a cidade que agora é nossa. Acreditam que somos fracos porque somos estúpidos! Que vamos simplesmente entregar nosso sangue.

Metade dos vampiros rosnava, protestando.

— São capazes de trabalhar juntos? Ou vamos todos morrer?

— Podemos acabar com eles, chefe. — Raoul grunhiu.

Riley o encarou furioso.

— Não se não conseguirem se controlar! Não se não puderem cooperar com cada pessoa nesta sala. Qualquer um que eliminarem — ele chutou as cinzas mais uma vez — pode ser aquele que o teria mantido vivo. Cada vez que matam alguém do próprio bando, estão dando um valioso presente ao inimigo. Estão dizendo: Aqui, venha me matar!

Kristie e Raoul se olharam como se estivessem se vendo pela primeira vez. Outros faziam o mesmo. A palavra bando não era desconhecida, claro, mas nenhum de nós a aplicara antes ao nosso grupo.

— Vou falar um pouco sobre os nossos inimigos — disse Riley, e todos os olhos se fixaram nele. — Eles são um bando muito mais antigo que o nosso. Estão por aí há centenas de anos e sobrevivem há tanto tempo por uma razão. São astutos e talentosos e virão retomar Seattle confiantes, porque ouviram dizer que

os únicos adversários que terão nessa retomada são um bando de crianças desorganizadas que farão metade do trabalho por eles!

Mais grunhidos, mas alguns eram menos furiosos que cautelosos. Alguns dos vampiros mais quietos, os que Riley teria chamado de mais domesticados, pareciam nervosos.

E Riley também percebeu esse nervosismo.

— É assim que eles nos veem, mas isso porque não conseguem nos ver juntos. Juntos, podemos destruí-los. Se eles pudessem ver todos nós, lado a lado, lutando juntos, ficariam aterrorizados. E é assim que nos verão. Porque não vamos esperar que eles apareçam aqui e se lancem ao ataque. Vamos pegá-los numa emboscada. Em quatro dias.

Quatro dias? Não achava que nossa criadora fosse querer agir tão perto do prazo final. Olhei novamente para a porta fechada. Onde estaria Diego?

Outros reagiram com surpresa ao prazo anunciado, alguns com medo.

— Essa é a última coisa pela qual eles vão esperar — Riley nos garantiu — Todos nós, juntos, prontos para enfrentá-los. E deixei a melhor parte para o final. Eles são apenas sete.

Houve um instante de silêncio incrédulo. Raoul foi o primeiro a reagir:

— O quê?

Kristie olhava para Riley com a mesma incredulidade, e ouvi sussurros pelo porão.

— Sete?

— Está brincando?

— Ei! — Riley disparou, firme. — Eu não estava brincando quando disse que esse bando é perigoso. Eles são inteligentes e... diabólicos. Dissimulados. Teremos a força do nosso lado; eles terão a sagacidade. Se jogarmos do jeito deles, eles serão os vencedores. Mas se os enfrentarmos nos nossos termos... — Riley não terminou a frase, apenas sorriu.

— Vamos agora — Raoul propôs. — Vamos tirá-los logo de cena.

Kevin rosnou entusiasmado, apoiando a sugestão.

— Devagar, idiota. Apressar as coisas e agir sem planejamento não vai nos ajudar a vencer — Riley retrucou.

— Conte tudo o que precisamos saber sobre eles — Kristie pediu, lançando para Raoul um olhar de superioridade.

Riley hesitou, como se estivesse escolhendo as palavras.

— Muito bem, por onde começo? Acho que a primeira coisa que precisam saber é que... vocês ainda não sabem tudo que há para saber sobre vampiros. Não quis assustá-los no começo com tanta informação. — Outra pausa. Todos pareciam confusos. — Vocês têm um pouco de experiência com o que chamamos de "talentos". Temos Fred.

Todos olharam para Fred — ou tentaram olhar. Pela expressão de Riley, eu podia dizer que Fred não gostava nada de ser apontado como exemplo. A impressão era de que ele elevara realmente à potência máxima seu "talento", como Riley chamava. Riley se encolheu e desviou os olhos rapidamente. Eu ainda não sentia nada.

— Sim, existem alguns vampiros que têm dons além da força incomum e dos sentidos aguçados. Vocês viram um exemplo disso em... no nosso bando. — Ele tomou o cuidado de não repetir o nome de Fred. — Os dotados de talentos especiais são raros, um em cinquenta, talvez, mas cada um é diferente. Há uma vasta gama de talentos por aí, e alguns são mais poderosos que outros.

Eu ouvia agora vários murmúrios, pessoas imaginando se podiam ser talentosas. Raoul inflava o peito como se já houvesse decidido que tinha algum talento. Até eu podia perceber que o único por ali que se enquadrava naquela categoria especial estava bem ao meu lado.

— Prestem atenção! — Riley exigiu. — Não estou aqui falando isso tudo para vocês se distraírem.

— Esse bando inimigo — interveio Kristie eles têm talentos, certo?

Riley respondeu com um movimento afirmativo de cabeça.

— Exatamente. Fico feliz por alguém aqui conseguir ligar os pontos.

Raoul retraiu o lábio superior, mostrando os dentes.

— Esse bando é perigosamente talentoso — Riley continuou, baixando um pouco a voz. — Há entre eles alguém que lê mentes. — Ele examinou o rosto de cada um de nós, tentando identificar se compreendíamos a importância dessa revelação. E não parecia satisfeito com o que via. — Pensem, garotos! Essa criatura vai saber tudo o que vocês têm em mente. Se atacarem, ele vai saber que movimento farão antes que vocês se movam. Se forem para a esquerda, ele estará esperando.

Houve um silêncio nervoso enquanto todos imaginavam a situação.

— É por isso que temos sido tão cuidadosos, eu e aquela que os criou.

Kristie deu um passo para longe de Riley quando ele a mencionou. Raoul parecia mais furioso. Todos estavam nervosos.

— Vocês não sabem o nome dela e não sabem como ela é. Isso nos protege. Se eles encontrassem um de vocês sozinho, não perceberiam a ligação com ela e poderiam deixá-lo seguir seu caminho em paz. Porém, se soubessem que vocês fazem parte do bando, a execução seria rápida.

Isso não fazia sentido para mim. O segredo não a protegia mais do que protegia qualquer um de nós? Riley continuou depressa antes que tivéssemos tempo de analisar essa afirmação.

— É claro, agora não importa, agora que eles decidiram vir para Seattle. Vamos surpreendê-los quando se aproximarem daqui, e vamos acabar com eles. — Ele silvou, uma única nota baixa por entre os dentes. — Pronto. E então não só essa cidade será nossa, como outros bandos saberão que não é bom se meter conosco. Não teremos mais que tomar tanto cuidado para encobrir nossos rastros. Todo mundo vai ter todo o sangue que quiser. Vamos caçar todas as noites. Vamos nos mudar para a cidade e vamos governá-la.

Os grunhidos e rosnados eram como aplausos. Todos o apoiavam. Exceto eu. Eu não me movi, não emiti nenhum som. Fred também não, mas por que seria?

Eu não apoiava Riley porque suas promessas soavam como mentiras. Ou toda a minha linha de raciocínio estava errada. Riley dizia que só o que nos impedia de caçar sem cautela ou contenção eram aqueles inimigos. Mas isso não batia com o fato de que todos os outros vampiros deviam ser muito discretos, ou os humanos já saberiam de sua existência há muito tempo.

Eu não conseguia me concentrar na solução desse enigma, porque a porta no alto da escada continuava fechada. Diego...

— Mas precisamos agir juntos. Hoje vou ensinar a vocês algumas técnicas. Técnicas de luta. É mais complicado que rolar no chão como crianças pequenas. Quando escurecer, vamos sair para treinar. Quero que treinem duro, mas mantenham o foco. Não posso perder mais nenhum membro desse bando! Precisamos uns dos outros, cada um de nós. Não vou tolerar mais nenhuma estupidez. Se acham que não precisam me ouvir, estão errados. — Ele parou por um segundo, os músculos compondo urna expressão diferente. — E vão descobrir quanto estão enganados quando eu os levar até ela. — Eu estremeci e senti o

arrepio percorrer todos no porão. — Vou segurá-los enquanto ela arranca suas pernas e depois, lentamente, muito lentamente, queima seus dedos, orelhas, lábios, língua e todos os outros apêndices supérfluos, um a um.

Todos já havíamos perdido um membro, no mínimo, e todos havíamos queimado quando transformados em vampiros, por isso podíamos imaginar com facilidade qual seria a sensação, mas o mais aterrorizante não era a ameaça. O que realmente causava medo era a expressão de Riley enquanto descrevia a cena. O rosto não estava contorcido pela raiva, como costumava acontecer quando ele se irritava; sua expressão era calma, fria, suave, linda, a boca distendida em um sorriso sutil. De repente, tive a impressão de que aquele era um novo Riley. Algo mudara nele, se tornara mais severo, mas eu não conseguia imaginar o que poderia ter acontecido em uma noite para criar aquele sorriso cruel, perfeito.

Desviei o olhar, sacudida por um leve arrepio, e vi como o sorriso de Raoul se modificava para imitar o de Riley. Podia quase ver as engrenagens se movendo na cabeça de Raoul. No futuro, ele não mataria suas vítimas com tanta rapidez.

— Agora, vamos montar equipes para trabalhar em grupos — Riley decidiu, o rosto voltando ao normal. — Kristie, Raoul, reúnam seus garotos e dividam os outros igualmente entre vocês. Sem briga! Mostrem que podem fazer tudo isso de maneira racional. Provem seu valor.

Ele se afastou dos dois líderes, ignorando o fato de eles terem começado a discutir imediatamente, e descreveu um arco pela periferia do porão. Ele tocava alguns vampiros no ombro ao passar por eles, incentivando-os a se aproximar de um dos dois novos líderes. Riley deu urna volta enorme, e demorei a perceber que vinha em minha direção.

— Bree — ele disse, olhando com dificuldade para o lugar onde eu estava, como se olhar para mim fosse custoso.

Eu me senti um bloco de gelo. Ele devia ter farejado minha trilha. Estava morta.

— Bree? — ele repetiu, agora num tom mais suave. A voz me fez lembrar a primeira vez que ele falou comigo. Quando ele foi bom para mim. E depois, ainda mais baixo: — Prometi a Diego que daria o recado. Ele me pediu que lhe dissesse que foi uma coisa ninja. Isso faz algum sentido para você?

Riley ainda não conseguia olhar diretamente para mim, mas estava se aproximando.

— Diego? — murmurei, não consegui me conter.

Riley sorriu.

— Podemos conversar? — Ele inclinou a cabeça para a porta. —Já verifiquei todas as janelas. O primeiro andar está totalmente escuro e seguro.

Eu sabia que não estaria mais tão segura quando me afastasse de Fred, mas precisava ouvir o que Diego queria que eu soubesse. O que havia acontecido? Eu devia ter ficado com ele para ir ao encontro de Riley.

Segui Riley pelo porão, sempre de cabeça baixa. Ele deu algumas instruções a Raoul, cumprimentou Kristie com um aceno de cabeça e subiu a escada. Pelo canto dos olhos, notei que alguns acompanhavam curiosos sua movimentação.

Riley passou pela porta primeiro e, como ele havia afirmado, a cozinha da casa estava totalmente escura. Fez um sinal para que eu continuasse seguindo seus passos e me levou por um corredor escuro com alguns quartos de portas abertas, depois atravessamos uma porta cuja tranca ele removeu. Fomos parar na garagem.

— Você é corajosa — ele comentou em voz baixa. — Ou é muito ingênua. Esperava ter mais trabalho para convencê-la a deixar o porão com o sol alto.

Opa! Eu deveria ter demonstrado medo, hesitação. Mas agora era tarde demais. Encolhi os ombros.

— Então, você e Diego são bem próximos, não é? — ele perguntou. Falava tão baixo que as palavras mais pareciam suspiros. Ainda assim, se todos ficassem em silêncio no porão, provavelmente poderiam ouvi-lo, mas o barulho lá embaixo, porém, era agora assustador.

Encolhi os ombros mais uma vez.

— Ele salvou minha vida — murmurei.

Riley levantou o queixo, quase um aceno, mas incompleto, e me estudou. Ele acreditava em mim? Pensava que eu ainda tinha medo da luz do dia?

— Ele é o melhor — Riley respondeu. — O mais esperto que encontrei.

Concordei, movendo a cabeça uma vez.

— Tivemos uma breve reunião sobre a situação. Concluímos que precisamos de mais vigilância. Prosseguir às cegas é muito perigoso. Ele é o único em quem confio para mandar na frente. — Riley suspirou quase furioso. — Queria ter dois dele! Raoul tem pavio muito curto, e Kristie é muito autocentrada para conseguir enxergar o panorama geral, mas eles são os melhores que tenho, e vou ter que me contentar com isso. Diego disse que você também é esperta.

Esperei, sem saber quanto da história Riley sabia.

— Preciso da sua ajuda com Fred. Puxa, aquele garoto é forte! Hoje nem consegui olhar para ele.

Assenti outra vez, cautelosa.

— Imagine se nossos inimigos não puderem nem olhar para nós. Vai ser muito fácil!

Eu não acreditava que Fred fosse gostar da ideia, mas podia estar enganada. Ele não parecia se importar com nosso bando. Será que ia querer nos salvar? Não respondi a Riley.

— Você passa muito tempo com ele.

Mais urna vez, dei de ombros.

— Perto dele ninguém me incomoda. Não é fácil. Riley apertou os lábios e assentiu com a cabeça. — Esperta, como Diego disse.

— Onde ele está?

Eu não devia ter perguntado. As palavras simplesmente saíram da minha boca por vontade própria. Esperei, ansiosa, tentando parecer indiferente e, provavelmente, falhando.

— Não temos tempo a perder. Eu o enviei para o sul assim que descobri o que se aproxima de nós. Se nossos inimigos decidirem antecipar o ataque, precisamos saber. Diego estará conosco quando formos ao encontro deles.

Tentei imaginar onde Diego estaria. Queria estar lá com ele. Talvez conseguisse convencê-lo a não seguir as ordens de Riley, não se colocar na linha de fogo por ele. Talvez não conseguisse. Tudo indicava que Diego era realmente próximo de Riley, como eu temia.

— Diego me pediu para lhe dizer uma coisa.

Eu o encarei. Depressa demais, ansiosa demais. E me entreguei novamente.

— Para mim, soou como uma bobagem. Ele falou: "Diga a Bree que já pensei no cumprimento. Eu mostro a ela em quatro dias, quando nos encontrarmos." Faz algum sentido para você?

Tentei fazer cara de desentendida.

— Um pouco. Ele disse algo sobre precisar de uni cumprimento secreto. Para a caverna subaquática. Uma espécie de senha. Mas acho que estava apenas brincando. Não sei o que pode querer me dizer agora com esse recado.

Riley riu.

— Pobre Diego.

— Por quê?

— Acho que aquele garoto gosta muito mais de você que você dele.

— Ah... — Desviei o olhar, confusa.

Diego me mandara aquele recado como um meio de me fazer entender que podia confiar em Riley? Mas ele não contara a Riley que eu sabia sobre o sol. Ainda assim, devia confiar em Riley para revelar tanto, demonstrar que gostava de mim. Mas eu achava mais sensato manter a boca fechada. Muitas coisas tinham mudado.

— Não o descarte, Bree. Ainda não. Ele é o melhor, como eu disse. Dê uma chance ao garoto.

Riley estava me dando um conselho romântico? Aquilo não podia ficar mais esquisito do que já estava. Assenti uma vez e murmurei:

— É claro.

— Veja se consegue conversar com Fred. Ter certeza de que ele está conosco.

— Farei o que puder — disse, encolhendo os ombros mais uma vez.

Riley sorriu.

— Ótimo. Vou encontrar você em particular antes de partirmos, e então me contará como foi. Farei com que tudo pareça casual, não como hoje. Não quero que ele sinta que o estou espionando.

— Tudo bem.

Riley fez um gesto me convidando a segui-lo e nós voltamos ao porão.

O treinamento durou o dia inteiro, mas eu não participei. Quando Riley voltou para perto de sua dupla de líderes, retornei para o meu lugar ao lado de Fred. Os outros tinham sido divididos em quatro grupos de quatro, com Raoul e Kristie os orientando. Nenhum dos dois escolhera Fred para sua equipe; ou ele os ignorara, ou ninguém sequer havia percebido que ele estava ali. Mas eu conseguia vê-lo. Ele se destacava — o único que não estava participando, um grande elefante louro no meio da sala.

Sem nenhum interesse em integrar uma das equipes, eu apenas observava. Ninguém parecia notar que eu estava sentada com Fred. Embora fôssemos de certa forma invisíveis, graças ao talentoso Fred, eu me sentia terrivelmente óbvia. Queria ser invisível para mim mesma — queria poder ver a ilusão e acreditar nela.

Mas ninguém nos notava, e depois de um tempo consegui quase relaxar.

Assisti ao treino atentamente. Queria saber tudo, por precaução. Não planejava lutar; minha intenção era encontrar Diego e fugir de tudo aquilo. Mas e se Diego quisesse a luta? Ou se tivéssemos de lutar para escapar dos outros? Era melhor prestar atenção.

Só uma vez alguém perguntou por Diego. Foi Kevin, mas eu tinha a impressão de que Raoul o incitara a perguntar.

— E então, Diego acabou frito, mesmo? — Kevin perguntou com um tom de deboche forçado.

— Diego está com ela — Riley respondeu, e ninguém precisou perguntar a quem ele se referia. — Vigilância.

Alguns poucos deram de ombros. Ninguém disse mais nada sobre Diego.

Ele estaria mesmo com ela? A ideia me incomodava. Talvez Riley só quisesse evitar novas perguntas. Provavelmente, não queria que Raoul ficasse enciumado e se sentisse preterido, especialmente agora, quando Riley precisava dele mais arrogante que nunca. Eu não podia ter certeza e não ia perguntar. Fiquei quieta, como de costume, e continuei assistindo ao treino.

No final, assistir ficou sem graça, e a sede começou a se manifestar. Riley não deu descanso a seu exército por três dias e duas noites. Durante o dia era mais difícil me manter fora da situação, porque ficávamos todos espremidos no porão. De certa forma, isso tornava tudo mais fácil para Riley, pois ele podia interromper uma briga rapidamente, antes que ela se complicasse. À noite, do lado de fora, eles tinham mais espaço para treinar de verdade, mas Riley ficava ocupado na urgência para resgatar membros arrancados e devolvê-los rapidamente aos donos. Ele controlava bem seu temperamento, e dessa vez fora suficientemente astuto para recolher todos os isqueiros. Eu teria apostado que aquilo tudo ia escapar ao controle, que perderíamos pelo menos alguns do bando com Raoul e Kristie se enfrentando dia e noite. Mas Riley os controlava bem, melhor do que eu havia pensado ser possível.

De qualquer maneira, tudo era basicamente repetição. Ouvi Riley dizendo a mesma coisa muitas e muitas vezes. Trabalhem juntos, cuidado com a retaguarda, não ataquem de frente; trabalhem juntos, cuidado com a retaguarda, não ataquem de frente; trabalhem juntos, cuidado com a retaguarda, não ataquem de frente. Era meio ridículo, francamente, e fazia o grupo parecer excepcionalmente

estúpido. Mas eu tinha certeza de que teria sido igualmente estúpida se estivesse com eles no meio da briga, em vez de me manter apenas como uma espectadora tranquila ao lado de Fred.

Aquilo me lembrava de algum modo como Riley havia incutido em nós o medo do sol. Repetição constante.

Mesmo assim, era tão chato que, depois de umas dez horas naquele primeiro dia, Fred arrumou um baralho e começou a jogar paciência. Era mais interessante que assistir aos mesmos erros muitas e muitas vezes, por isso passei a maior parte do tempo observando-o.

Depois de mais umas doze horas — estávamos no porão novamente —, toquei Fred para apontar um cinco vermelho que ele poderia mudar de lugar. Ele balançou a cabeça, concordando comigo, e moveu o cinco. Depois dessa mão, ele distribuiu as cartas para nós dois, e jogamos juntos. Não nos falávamos, mas Fred sorriu algumas vezes. Ninguém jamais olhava na nossa direção ou nos convidava a participar do treinamento.

Não havia intervalos para caçar c, conforme o tempo passava, essa necessidade foi ficando cada vez mais difícil de ignorar. As brigas eram mais constantes e surgiam pelas menores provocações. O comando de Riley se tornou mais severo, e ele mesmo arrancou dois braços. Eu tentava esquecer a sede ardente tanto quanto possível — Riley também devia estar com sede, então aquela situação não iria durar para sempre —, mas, na maior parte do tempo, a sede ocupava o centro dos meus pensamentos. Fred parecia bem tenso.

No início da terceira noite — guando ainda faltava um dia e, ao pensar no tempo passando, eu já tinha a impressão de que meu estômago vazio era um enorme nó —, Riley interrompeu todas as lutas.

— Reúnam-se, crianças — ele disse, e todos se juntaram em um semicírculo diante dele.

As gangues originais se mantinham juntas, sinal de que o treino não havia alterado nenhuma das alianças. Fred pôs o baralho no bolso traseiro da calça e se levantou. Eu fiquei de pé ao lado dele, contando com sua aura repulsiva para me esconder.

— Todos fizeram um bom trabalho — Riley começou. — Esta noite, terão uma recompensa. Alimentem-se, porque amanhã vão querer ter força.

Grunhidos aliviados soaram em todos os grupos.

— Eu disse querer, e não precisar, por um motivo — Riley continuou. — Acho que vocês já entenderam. Agiram com inteligência e trabalharam duro. Nossos inimigos nem vão saber o que os atingiu!

Kristie e Raoul rosnaram, e todos os seus aliados fizeram o mesmo. Eu estava surpresa com o que via: naquele momento, eles pareciam mesmo um exército.

Não que estivessem marchando em formação ou algo cio tipo, mas havia uma espécie de unidade na resposta. Como se todos fizessem parte de um grande organismo. Como sempre, Fred e eu éramos as gritantes exceções, mas eu achava que apenas Riley tinha urna vaga noção da nossa presença. De vez em quando, ele olhava pelo canto do olho para onde estávamos, quase como se quisesse ter certeza de que ainda podia sentir o talento de Fred. E Riley não parecia se importar por não nos juntarmos ao treinamento. Por enquanto, pelo menos.

— Quer dizer amanhã à noite, certo, chefe? — Raoul esclareceu.

— Certo — Riley confirmou com um sorrisinho estranho.

Ninguém parecia ter notado nada de diferente na resposta, exceto Fred. Ele me olhou com uma sobrancelha erguida. Eu encolhi os ombros.

— Estão prontos para a recompensa? — Riley perguntou.

Seu pequeno exército rosnou em resposta.

— Esta noite vocês terão uma amostra de como será nosso mundo quando a concorrência for eliminada. Venham comigo!

Riley ia na frente; Raoul e seu grupo o seguiam de perto. O grupo de Kristie começou a empurrar e arranhar os da frente para ultrapassá-los.

— Não me façam mudar de ideia! — Riley gritou das árvores adiante. — Posso deixar todos com sede. Não vou me importar!

Kristie berrou uma ordem e seu grupo seguiu indignado atrás do de Raoul. Fred e eu esperamos até o último deles desaparecer. Então, Fred fez com o braço um daqueles gestos de primeiro as damas. Não senti que ele tivesse medo de me dar as costas. Estava apenas sendo gentil. Comecei a correr atrás do exército.

Os outros já estavam bem longe, mas era fácil farejá-los. Fred e eu corríamos num silêncio cúmplice. Tentei imaginar o que ele estaria pensando. Talvez estivesse apenas com sede. Eu queimava; então, provavelmente, ele também.

Alcançamos os outros em cerca de cinco minutos, mas nos mantivemos distantes. O exército se movia num silêncio espantoso. Estavam focados, e mais... disciplinados. Lamentei que Riley não tivesse começado o treinamento há mais

tempo. Agora era mais fácil ficar perto do grupo.

Atravessamos uma estrada de duas pistas completamente vazia, mais um trecho de floresta, e chegamos a uma praia. A água era calma, e como havíamos caminhado quase o tempo todo no sentido norte, aquele devia ser o estreito. Não passamos perto de nenhuma casa, e eu tinha certeza de que fora de propósito. Com sede e tensos, bastaria pouco para aquela modesta organização terminar em um barulhento vale-tudo.

Nunca havíamos caçado todos juntos, e eu tinha certeza absoluta de que mesmo agora essa não era uma boa ideia. Lembrei-me de Kevin e do garoto Homem-Aranha brigando pela mulher no carro naquela primeira noite em que falei com Diego. Se Riley não tivesse um bom suprimento de corpos a oferecer, o grupo começaria a se digladiar para ver quem conseguiria mais sangue.

Riley parou na beirada da água.

— Não se acanhem — ele nos orientou. — Quero todos bem alimentados e fortes, no auge. Agora... vamos nos divertir!

Ele mergulhou no mar. Os outros estavam animados quando submergiram atrás dele. Fred e eu os seguimos mais próximos que antes, porque não conseguíamos farejá-los na água. Mas eu sentia que Fred hesitava, pronto para fugir, caso aquilo se transformasse em algo mais que um banquete tipo "coma quanto puder". Aparentemente, ele confiava em Riley tanto quanto eu.

Não nadamos por muito tempo e emergimos quando vimos os outros retornando à superfície. Fred e eu fomos os últimos a sair, e Riley começou a falar assim que nos viu pôr a cabeça para fora da água, como se esperasse por nós. Ele devia ter mais consciência da presença de Fred que os outros.

— Lá está! — ele disse, apontando para urna grande balsa que navegava para o sul, provavelmente fazendo a última travessia da noite, vindo do Canadá. — Esperem um minuto. Quando a energia cair, ela é toda de vocês.

Houve um murmúrio entusiástico. Alguém riu.

Riley partiu como um raio, e, segundos depois, nós o vimos subir pela lateral da grande embarcação. Ele seguiu diretamente para a torre de comando no topo do navio. Imaginei que planejasse silenciar o rádio. Riley podia dizer tudo que quisesse sobre os tais inimigos serem o motivo da nossa cautela, mas eu tinha certeza de que havia mais por trás de tudo aquilo. Os humanos não deviam saber da existência dos vampiros. Pelo menos, não por muito tempo — só os instantes

que levamos para matá-los.

Riley estraçalhou uma grande janela de vidro com o pé para abrir caminho e entrou na torre. Cinco segundos depois, as luzes se apagaram.

Percebi que Raoul já havia partido. Provavelmente submergira para que ninguém o escutasse nadando atrás de Riley. Todos os outros também mergulharam, e a água se agitou como se um enorme cardume de tubarões atacasse.

Fred e eu nadávamos atrás deles, sem muita pressa. De um jeito estranho, era como se fôssemos duas pessoas casadas há muito tempo. Nunca conversávamos, mas ainda assim fazíamos tudo juntos.

Chegamos ao barco cerca de três segundos depois, e já havia muitos gritos e o cheiro característico de sangue. O cheiro me fez perceber exatamente quanto eu estava sedenta, e essa é a última coisa de que tenho consciência. Meu cérebro se desligou completamente. Não havia nada senão a dor excruciante em minha garganta e o sangue delicioso — sangue por toda parte — prometendo aplacar aquela ardência.

Quando tudo acabou e não havia um único coração batendo na embarcação inteira, eu não sabia ao certo quantas pessoas eu matara. Mais que o triplo de qualquer marca já atingida em qualquer outra expedição de caça anterior, isso era evidente. Eu me sentia quente e agitada. Havia bebido muito mais do que precisava para saciar completamente a sede e estava satisfeita como jamais estivera. Quase todo o sangue no navio era limpo e saudável — os passageiros não eram da escória. Eu não havia me contido, mas estava entre os que menos mataram. Raoul estava cercado por tantos corpos que eles formavam uma pequena montanha. Sentado sobre a pilha de mortos, ele ria alto.

E não era o único. O barco escuro era dominado por ruídos de alegria e satisfação.

Kristie disse:

— Isso é fabuloso! Três vivas para Riley!

Alguém de seu grupo puxou um coro de urras que soava como o canto de um bando de bêbados felizes.

Jen e Kevin pularam para o convés de volta da água.

— Pegamos todos, chefe — Jen gritou para Riley.

Algumas pessoas haviam saltado do barco numa tentativa desesperada e inútil

de fuga. Eu nem notara.

Olhei em volta, à procura de Fred. Levei algum tempo para encontrá-lo. Finalmente percebi que não conseguia olhar diretamente para o canto escuro onde ficavam as máquinas de comida e fui até lá. No início tive a sensação de que o balanço da balsa me causava o enjoo, mas quando me aproximei o suficiente para superar a sensação, vi que era Fred em pé ao lado de uma janela. Ele sorriu para mim, depois olhou por cima da minha cabeça. Segui a direção de seu olhar e compreendi que ele observava Riley. Tive a impressão de que a observação silenciosa já se estendia por algum tempo.

— Muito bem, crianças — Riley manifestou-se. — Já tiveram uma amostra da boa vida, mas agora temos trabalho a fazer!

Todos rosnaram com entusiasmo.

— Restaram três coisas a lhes dize, e uma delas envolve uma pequena sobremesa. Então, vamos afundar o barco e voltar para casa!

Rindo e rosnando, o exército começou a trabalhar para desmantelar o barco. Fred e eu saltamos pela janela e ficamos assistindo à demolição a distância. Não levou muito tempo ora a balsa se partir ao meio com um estrondo alto de e tal se rompendo. A parte do meio afundou primeiro, a proa e a popa se erguendo até apontarem para o céu. Afundaram uma de cada vez, a popa poucos, segundos antes da proa. O cardume de tubarões vinha em nossa direção. Fred e eu começamos a nadar para a praia.

Voltamos para casa cor rendo com os outros, mas mantendo a nossa distância. Duas vezes Fred olhou para mim como se quisesse dizer algo, mas nas duas vezes pareceu mudar de ideia.

Em casa, Riley esperou o clima de comemoração esfriar. Mesmo depois de algumas horas, ainda estava difícil devolver a seriedade ao grupo. Pela primeira vez não era uma briga que ele tentava conter, mas sim animação. Se as promessas de Riley fossem falsas, como eu pensava, ele teria um problema sério quando a emboscada terminasse. Agora que todos os vampiros tinham se banqueteado de verdade, não voltariam com facilidade à vida frugal e contida de antes. Mas naquela noite, pelo menos, Riley era um herói.

Finalmente, algum tempo depois de eu ter tido a sensação de que o sol já surgia lá fora, todos estavam quietos e prestando atenção. Pelas expressões, era de imaginar que estivessem prontos para ouvir qualquer coisa que ele quisesse dizer.

Riley estava parado na metade da escada, sério.

— Três coisas — ele começou. — Primeiro, precisamos ter certeza ele que pegamos o bando certo. Se encontrarmos acidentalmente outro clã e partirmos para o ataque, daremos o alerta. Queremos o inimigo autoconfiante e despreparado. Há duas coisas que marcam esse bando, e é muito difícil deixar de notá-las. Uma é que são diferentes na aparência: têm olhos amarelos.

Houve um murmúrio de confusão.

— Amarelos? — Raoul repetiu em tom de repulsa.

— Há muitas coisas do mundo dos vampiros que vocês ainda não viram. Eu disse que esses vampiros eram velhos. Seus olhos são mais fracos que os nossos, amarelados pela idade. Mais uma vantagem a nosso favor. — Ele assentiu, como se quisesse dizer um a zero. — Mas, como existem outros vampiros antigos por aí, há mais um aspecto que nos ajudará a reconhecê-los... E é aí que entra a sobremesa que mencionei antes. — Riley sorriu e fez uma pausa breve para criar expectativa. — Essa vai ser difícil de processar — ele avisou. — Nem eu mesmo entendi bem, mas vi com meus próprios olhos. Esses vampiros velhos ficaram tão mansos que há entre eles, como membro do bando, uma humana de estimação.

A revelação provocou um profundo silêncio. Total incredulidade.

— Eu sei. É difícil de engolir. Mas é verdade. Saberemos imediatamente que são eles porque haverá uma garota humana com o bando.

— Como assim...? — Kristie perguntou. — Está dizendo que eles carregam as refeições por aí ou coisa parecida?

— Não. É sempre a mesma garota, só ela, e eles não pretendem matá-la. Não sei como conseguem, nem por quê. Talvez gostem de ser diferentes, só isso. Talvez queiram exibir seu autocontrole. Talvez pensem que isso os faz parecer mais fortes. Não faz sentido para mim. Mas eu a vi. Mais que isso, senti o cheiro dessa humana.

Devagar e de um jeito dramático, Riley levou a mão ao bolso da jaqueta e tirou dele um saquinho plástico com um tecido vermelho dentro.

— Fiz um trabalho de reconhecimento nas últimas semanas, estudei os dos olhos amarelos assim que eles se aproximaram da área. — Ele fez uma pausa para lançar um olhar paternal para o grupo. — Eu cuido das minhas crianças. Finalmente, quando tive certeza de que eles vinham em nossa direção, peguei isto — ele brandiu o pacote —, para nos ajudar a rastreá-los. Quero que todos vocês

sintam esse cheiro.

Ele entregou o pacote a Raoul, que abriu o saco e inspirou profundamente. Ele olhou assustado para Riley.

— Eu sei — Riley respondeu. — Incrível, não é? Raoul passou o pacote para Kevin, a testa franzida numa expressão pensativa.

— Um a um, todos os vampiros sentiram o cheiro do pacote e todos reagiram arregalando os olhos, mas foi só isso. Eu estava tão curiosa que me afastei de Fred, e quando senti uma certa náusea vi que estava fora do perímetro dele. Continuei até parar ao lado do garoto Homem-Aranha, que parecia ser o último da fila. Ele cheirou o pacote quando chegou sua vez e se preparou para devolvê-lo ao menino que o havia passado, mas estendi a mão e sibilei baixo. Ele me olhou espantado, como se nunca me tivesse visto, e entregou a embalagem transparente.

O tecido vermelho parecia ser uma blusa. Enfiei o nariz na abertura, com os olhos fixados nos vampiros perto de mim, só por precaução, e inalei.

Ah. Agora entendia a expressão dos outros e sabia que meu rosto não estava muito diferente. A humana que usara aquela camisa tinha um sangue muito doce. Quando Riley falara em sobremesa, não poderia ter escolhido palavra melhor. Por outro lado, eu nunca estivera mais satisfeita. Então, apesar de reconhecer o forte poder de atração daquele aroma, não sentia na garganta a dor excruciante. Seria fabuloso poder sentir o sabor daquele sangue, mas, naquele cauto momento, não sofria por não poder bebê-lo.

Tentei imaginar quanto tempo levaria até que voltasse a sentir sede. Normalmente, algumas horas depois de se alimentar já podia sentir a dor voltando, e ela só piorava e piorava até — depois de uns dois dias — ser impossível ignorá-la mesmo que apenas por um segundo. A quantidade excessiva de sangue que havia acabado de beber adiaria esse processo? Eu logo saberia.

Olhei em volta para ter certeza de que ninguém esperava pelo pacote, porque achava que Fred devia estar curioso também. Riley percebeu meu olhar, sorriu quase imperceptivelmente e inclinou a cabeça unia fração de centímetro na direção do canto onde Fred continuava calado. O que me deixou com vontade de fazer exatamente o contrário, mas tudo bem. No queria que Riley desconfiasse de mim.

Voltei para perto de Fred, ignorando a náusea até que ela desaparecesse, e parei ao seu lado. Entreguei o pacote, e ele parecia contente por eu ter pensado

em incluí-lo; sorrindo, cheirou a blusa. Depois de um segundo, balançou a cabeça afirmativamente, pensativo. E me devolveu o pacote com um olhar significativo. Na próxima vez que estivéssemos sozinhos, pensei, ele comentaria o que pareceu querer me dizer.

Joguei o saco de volta para o garoto Homem-Aranha, que reagiu como se ele tivesse vindo de lugar nenhum, mas conseguiu pegá-lo antes que caísse no chão.

Todos comentavam o cheiro. Riley bateu palmas duas vezes.

— Muito bem, essa é a sobremesa de que falei antes. A garota estará com os dos olhos amarelos. E quem pegar primeiro leva a sobremesa. Simples assim.

Grunhidos de apreciação, grunhidos competitivos.

Simples, sim, mas... errado. A intenção não era destruir o bando dos de olhos amarelos? A palavra-chave deveria ser "união", então por que ele agora acenava com um prêmio tão cobiçado, um troféu que só um vampiro poderia ter? O único desfecho garantido daquele plano seria uma humana morta. Eu conseguiria pensar em meia dúzia de maneiras mais produtivas para motivar aquele exército. Quem matasse mais dos olhos amarelos ficaria com a garota. Quem mostrasse mais cooperação com a equipe levaria a garota. Quem cumprisse o plano mais à risca. Quem melhor seguisse as ordens. O foco deveria ser o perigo, e ele não estava na humana, definitivamente.

Olhei em volta e concluí que ali ninguém mais seguia a mesma linha de pensamento que eu. Raoul e Kristie se olhavam com verdadeiro furor. Ouvi Sara e Jen discutindo em voz baixa a possibilidade de dividir o prêmio.

Bem, talvez Fred pensasse como eu. A testa dele também estava franzida.

— E a última coisa — disse Riley. Pela primeira vez havia alguma relutância na voz dele. — Provavelmente, isso vai ser ainda mais difícil de compreender, por isso vou mostrar a vocês. Não vou pedir que façam nada que eu não vá fazer também. Lembrem-se disso, garotos: estarei com vocês em todos os passos do caminho.

Os vampiros ficaram quietos outra vez. Notei que Raoul estava com o saco da blusa e o segurava de um jeito possessivo.

— Ainda há muito que vocês precisam aprender sobre ser um vampiro — disse Riley. — Algumas coisas fazem mais sentido que outras. O que vou dizer agora não vai soar verdadeiro a princípio, mas eu já experimentei e vou lhes mostrar. — Ele refletiu por um segundo. — Quatro vezes por ano, o sol brilha

num determinado ângulo indireto. Durante esse dia único, quatro vezes ao ano, é seguro... é seguro sair durante o dia.

Nenhum movimento. Nenhum som. Ninguém respirava. Riley falava para um bando de estátuas.

— Um desses dias especiais está começando agora. O sol que hoje começa a surgir lá fora não vai nos fazer mal algum. E vamos usar essa rara exceção para surpreender nossos inimigos.

Meus pensamentos se embaralharam e tudo ficou de cabeça para baixo. Então, Riley sabia que podíamos sair ao sol. Ou não sabia, e nossa criadora contara a ele essa história dos "quatro dias no ano". Ou... isso era a verdade e Diego e eu havíamos tido a sorte de sair num desses dias. Mas Diego já tinha estado fora durante o dia antes. E Riley estava transformando tudo aquilo em algo sazonal, uma espécie de solstício vampiresco, enquanto Diego e eu havíamos nos exposto ao sol quatro dias antes sem sofrer nenhuma consequência.

Eu era capaz de entender que Riley e nossa criadora quisessem nos controlar com o medo do sol. Fazia sentido. Mas por que dizer a verdade — numa versão tão limitada — agora?

Podia apostar que isso tinha a ver com aqueles medonhos mantos escuros. Ela provavelmente queria se adiantar ao prazo final. Os dos mantos escuros não tinham prometido deixá-la viva quando matássemos todos os de olhos amarelos. Imaginei que ela iria desaparecer feito um raio no segundo em que cumpris se seu objetivo. Matar os de olhos amarelos, depois tirar férias prolongadas na Austrália ou em algum outro lugar do outro lado do mundo. E podia apostar que ela não nos mandaria convites. Eu precisava encontrar Diego depressa, para que também pudéssemos fugir. Na direção oposta à de Riley e de nossa criadora. E devia avisar Fred. Decidi que faria isso assim que tivéssemos um momento a sós.

Havia manipulação demais naquele breve discurso, e eu não tinha certeza de estar entendendo tudo. Queria que Diego estivesse ali para analisarmos a situação juntos.

Se Riley estava inventando aquela história dos quatro dias, eu entendia por quê. Ele não podia simplesmente dizer: Ei, menti para vocês o tempo todo, mas agora decidi dizer a verdade. Queria que o seguíssemos para o campo de batalha; não podia minar a confiança que conseguira conquistar.

— É normal que se apavorem com o que acabaram de ouvir — Riley disse às

estátuas. — O motivo pelo qual ainda estão vivos é terem prestado atenção quando eu disse que fossem cuidadosos. Voltaram para casa na hora, não cometeram erros. Deixaram o medo alimentar sua esperteza e cautela. Não espero que deixem de lado esse medo inteligente com facilidade. Não espero que saiam correndo por aquela porta só porque estou dizendo que podem ir. Mas... — Ele olhou em volta. — Espero que me sigam lá para fora.

Os olhos dele se desviaram da plateia por um breve instante, detendo-se muito rapidamente em algo acima da minha cabeça.

— Observem-me — ele nos disse. — Escutem-me. Confiem em mim. E quando virem que o que digo é verdade, acreditem em seus olhos. O sol desse dia tem alguns efeitos interessantes sobre nossa pele. Vocês vão ver. E não vão se ferir. Eu não faria nada que expusesse minhas crianças a um perigo desnecessário. Sabem disso.

Ele começou a subir a escada.

— Riley, não podemos esperar... — Kristie começou.

— Prestem atenção — Riley a interrompeu, ainda subindo com passos comedidos. — Isso nos dá uma grande vantagem. Os de olhos amarelos sabem tudo sobre esse dia, mas não sabem que nós sabemos.

Enquanto falava, ele abriu a porta e passou do porão para a cozinha. Não havia luz lá em cima, mas todos recuaram, tentando evitar a porta aberta. Todos, menos eu. A voz dele continuava se movendo na direção da porta da frente.

— A maioria dos vampiros jovens leva um tempo para aceitar essa exceção, e com bons motivos. Aqueles que não são cuidadosos com a luz do dia não duram muito.

Senti os olhos de Fred em mim. Olhei para ele. Ele me encarava com certa urgência, como se quisesse fugir, mas não tivesse para onde ir.

— Tudo bem — sussurrei quase sem fazer barulho. — O sol não vai nos fazer mal algum.

Você confia nele?, perguntou Fred movendo os lábios silenciosamente.

De jeito nenhum.

Fred levantou uma sobrancelha e relaxou um pouco. Muito pouco.

Olhei para trás de nós. O que Riley estava olhando? Nada havia mudado — só algumas fotos de família, fotos de gente morta, um pequeno espelho, e um relógio cuco. Hum. Ele estava verificando a hora? Talvez nossa criadora tivesse

dado um prazo a ele também.

— Vamos lá, garotos, estou saindo — Riley anunciou. — Garanto que hoje não precisam ter medo.

A luz invadiu o porão quando ele abriu a porta, intensificada — como só eu sabia — pelo efeito na pele de Riley. Eu podia ver os reflexos brilhantes dançando na parede.

Rosnando e sibilando, o bando se encolheu e recuou para o canto oposto ao de Fred. Kristie estava no fundo e parecia que usava o próprio grupo como escudo.

— Acalmem-se, todos! — Riley gritou para nós. — Estou bem. Sem dor, sem queimadura. Venham ver. Venham!

Ninguém se aproximou da porta. Fred estava agachado encostado na parede atrás de mim, olhando para a luz com verdadeiro pânico. Acenei discretamente para chamar sua atenção. Ele me olhou e estranhou minha calma. Depois, devagar, se levantou e parou ao meu lado. Eu sorri para encorajá-lo.

Todos os outros esperavam o fogo começar. Imaginei se teria parecido tão boba aos olhos de Diego.

— Sabem — Riley disse lá de cima —, estou curioso para ver quem de vocês é o mais corajoso. Tenho urna boa ideia de qual será a primeira pessoa a passar por essa porta, mas já me enganei antes.

Eu revirei os olhos; Riley, o sutil.

Mas é claro que funcionou. Raoul começou a se mexer imediatamente, aproximando-se da porta muito devagar. Pela primeira vez, Kristie não tinha pressa de competir com ele pela aprovação de Riley. Raoul estalou os dedos para Kevin, e ele e o garoto Homem-Aranha se moveram, relutantes, para acompanhá-lo.

— Vocês estão me ouvindo. Sabem que não fritei. Não sejam bobos! Vocês são vampiros. Ajam como tais.

Ainda assim, Raoul e seus companheiros não passaram do pé da escada. Nenhum 'dos outros se mexeu. Depois de alguns minutos, Riley voltou. Sob a luz indireta da porta da frente, ele ainda estava um pouco cintilante,

— Olhem para mim — ele disse do alto da escada. — Estou bem. É sério! Estou com vergonha de vocês. Venha, Raoul!

No final, Riley teve de agarrar Kevin e arrastá-lo para cima à força — Raoul saiu do caminho assim que percebeu o que Riley pretendia. Eu vi o momento em

que eles saíram, quando a luz se tornou mais intensa com o reflexo dos dois corpos.

— Diga a eles, Kevin — Riley ordenou.

— Estou bem, Raoul! — ele gritou. — Uau! Estou todo... brilhante. Isso é muito louco! — Ele ria.

— Muito bem, Kevin — Riley o elogiou em voz alta.

Foi o suficiente para Raoul tomar a decisão. Rangendo os dentes, ele subiu a escada. Não foi depressa, mas logo também estava lá em cima, brilhando e rindo com Kevin.

Mesmo depois disso, o processo ainda demorou mais do que eu teria previsto. Ainda subimos um a um. Riley ficou impaciente. Agora ele usava mais ameaças que incentivo.

Fred me lançou um olhar que perguntava: Você sabia disso?

Sim, respondi apenas movendo os lábios.

Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça e começou a subir a escada. Ainda havia cerca de dez pessoas, na maioria o pessoal do grupo de Kristie, espremidas junto à parede. Eu acompanhei Fred. Era melhor sair no meio do fluxo. E Riley que entendesse isso como quisesse.

Podíamos ver os vampiros brilhando como globos de luz no jardim da casa, olhando para as próprias mãos e uns para os outros em êxtase. Fred se dirigiu à luz sem diminuir o passo, o que eu achei um gesto de muita coragem, levando em conta tudo aquilo. Kristie era o melhor exemplo de como Riley nos doutrinara bem. Apegava-se ao que sabia, independentemente das evidências diante dela.

Fred e eu continuamos um pouco afastados dos outros. Ele se examinou cuidadosamente, depois olhou para mim, depois para os outros. Percebi que Fred, apesar de quieto, era muito observador e quase científico na maneira como examinava os fatos. Ele estivera avaliando as palavras e os atos de Riley o tempo todo. O que mais deduzira?

Riley precisou arrastar Kristie escada acima, e seu grupo com ela. Finalmente, todos estávamos expostos ao sol, a maioria apreciando sua beleza. Riley reuniu todo mundo para mais uma aula prática, principalmente, pensei, para fazer o grupo recuperar o foco. Foi preciso um minuto, mas todos começaram a perceber que era isso o que ele queria, e foram ficando mais quietos e ferozes. Era possível ver que a ideia de uma luta de verdade — não só ter permissão, mas ser encorajado a esquartejar e incendiar — era quase tão fascinante quanto caçar. Agradava a pessoas como Raoul, Jen e Sara.

Riley se concentrou na estratégia que tentara passar aos garotos nos últimos dias — uma vez identificados os de olhos amarelos, nós nos dividiríamos em dois

grupos e os flanquearíamos. Raoul os atacaria pela frente, enquanto Kristie investiria pela lateral. O plano se adequava ao estilo dos dois, embora eu não tivesse certeza de que eles seriam capazes de seguir a estratégia no calor da caçada.

Quando Riley convocou todos depois de urna hora de treino, Fred começou imediatamente a andar de costas em direção ao norte; Riley pusera os outros de frente para o sul. Fiquei perto de Fred, embora não fizesse ideia do que ele estava fazendo. Fred parou quando estávamos a uns noventa metros de distância, à sombra das árvores na beira da floresta. Ninguém viu que nos afastávamos. Fred olhava para Riley como se esperasse para ver se ele perceberia ou não nossa retirada.

Riley começou a falar.

— Vamos partir agora. Vocês são fortes e estão preparados. E estão sedentos por isso, não estão? Podem sentir a ardência. Estão prontos para a sobremesa.

Ele estava certo. Todo aquele sangue não havia adiado a sede. Na verdade, eu não tinha certeza, mas achava que a sensação estivesse voltando mais depressa e mais intensa que de costume. Superalimentação devia ser contraproducente em alguns sentidos.

— Os de olhos amarelos se aproximam lentamente pelo sul e vêm se alimentando pelo caminho, tentando se fortalecer — Riley dizia. — Ela os está monitorando, por isso sei onde achá-los. Ela vai nos encontrar lá, com Diego — ele lançou um olhar significativo para onde eu estivera até pouco antes, e uma ruga surgiu em sua testa por uma fração de segundo, sumindo em seguida —, e nós os atingiremos como um tsunami. Vamos vencê-los facilmente. E depois vamos comemorar. — Ele sorriu. — Alguém, claro, vai comemorar mais que os outros. Raoul, me dê isso.

Riley estendeu a mão de modo imperativo. Raoul jogou relutantemente o saco com a blusa. Era como se ele estivesse tentando se apoderar da humana absorvendo seu cheiro.

— Cheirem mais uma vez, todos vocês. Vamos manter o foco!

Manter o foco na garota? Ou no combate?

Dessa vez, o próprio Riley percorreu o grupo levando a blusa, quase como se quisesse garantir que todos ficassem sedentos. E eu podia ver pela reação dos outros que, como eu, eles também sentiam a sede voltar. O cheiro da blusa os fazia rosnar e mudar de expressão. Não era necessário nos fazer experimentá-lo de

novo, não havíamos esquecido nada. Então, aquilo devia ser só um teste. Pensar no cheiro da garota era suficiente para acumular veneno em minha boca.

— Estamos juntos? — Riley berrou

Todos gritaram de volta.

— Vamos acabar com eles, crianças!

Era como o cardume de tubarões outra vez, mas agora em terra firme.

Fred não se moveu, e eu fiquei com ele, embora soubesse que estava desperdiçando um tempo necessário. Se queria encontrar Diego e tirá-lo de cena antes do início da luta, precisava ficar perto da linha de frente. Olhei para eles ansiosa. Eu ainda era mais jovem que a maioria... mais rápida.

— Riley não vai conseguir pensar em mim por cerca de vinte minutos, mais ou menos — Fred me disse, sua voz comum e familiar, como se já tivéssemos conversado milhões de vezes. — Tenho medido o tempo. Mesmo com uma boa distância entre nós, ele vai ficar enjoado se tentar se lembrar de mim.

— É mesmo? Isso é legal.

Fred sorriu.

— Tenho treinado, observado os efeitos. Agora sou capaz de me tornar totalmente invisível. Ninguém consegue olhar para mim se eu não quiser.

— Já percebi — respondi, antes de parar e deduzir: — Você não vai?

Fred balançou a cabeça.

— É claro que não. É óbvio que não nos disseram o que precisamos saber. Não vou ser peão do Riley. Então, Fred já percebera tudo sozinho.

— Eu planejava escapar antes, mas resolvi falar com você primeiro, e não tive chance até agora.

— Eu também queria falar com você — respondi. — Achei que devia saber que Riley estava mentindo sobre o sol. Essa coisa dos quatro dias é uma bobagem. Acho que Shelly, Steve e os outros também perceberam. E há muito mais interesses por trás desse combate do que ele nos contou. Há mais de um grupo de inimigos.

Eu falava depressa, sentindo com terrível aflição o movimento do sol, o tempo passando. Eu precisava encontrar Diego.

— Não estou surpreso — disse Fred calmamente. — E eu estou fora. Vou explorar sozinho, ver o mundo. Ou ia sozinho, porque então pensei que talvez você quisesse vir também. Vai estar segura comigo. Ninguém poderá nos seguir.

Eu hesitei por um segundo. A ideia de segurança era quase irresistível naquele exato momento.

— Preciso encontrar Diego — eu disse, balançando a cabeça.

Ele concordou pensativo.

— Entendo. Bem, se esta disposta a se responsabilizar por ele, pode trazê-lo. Parece que às vezes a vantagem numérica pode ser bem Ora.

— Sim — concordei com veemência, lembrando como me sentira vulnerável na arvore quando, tendo apenas Diego comigo, vi Os quatro mantos escuros se aproximando.

Ele ergueu uma sobrancelha, intrigado com meu tom.

— Riley esta mentindo sobre pelo menos mais uma coisa importante — expliquei. — Tenho cuidado. Não podemos deixar que os humanos saibam da nossa existência. Existe um grupo de vampiros esquisitos que detém os bandos que se expõem demais. Eu os vi, e você não ia querer ser encontrado por eles. Fique escondido durante o dia, e cace com inteligência, só isso. — Olhei ansiosa para o sul. — Preciso correr!

Fred processava minhas revelações com expressão solene.

— Tudo bem. Venha me procurar, se quiser. Eu gostaria muito de ouvir mais. Vou esperar por você em Vancouver por mais um dia. Conheço a cidade. Vou deixar um rastro no... — ele pensou por um segundo antes de se decidir, sorrindo — Riley Park! Você vai me encontrar. Mas, depois de 24 horas, seguirei em frente.

— Vou encontrar Diego, e depois iremos atrás de você.

— Boa sorte, Bree.

— Obrigada, Fred! Boa sorte para você também. A gente se vê!

Eu já estava correndo.

— Espero que sim — ouvi a voz dele lá atrás.

Segui o rastro dos outros numa velocidade alucinante, voando bem pert° do chão, correndo como nunca. Para minha sorte, deviam ter parado por algum motivo — para Riley berrar com eles, eu imaginava porque os alcancei antes do que deveria. Ou, talvez, Riley tivesse se lembrado de Fred e parara para nos procurar. Eles corriam num ritmo constante quando os alcancei, quase disciplinados, como na noite anterior. Tentei me misturar ao grupo sem chamar atenção, mas notei Riley virar a cabeça para examinar os que vinham atrás. Seus

olhos pararam em mim, e então ele começou a correr mais depressa. Deve ter presumido que Fred estava comigo. Riley nunca mais veria Fred.

Menos de cinco minutos depois, tudo mudou.

Raoul sentiu o cheiro. Com um grunhido feroz, ele praticamente decolou. Riley nos inflamara de tal maneira que uma pequena faísca bastaria para provocar uma explosão. Os outros perto de Raoul também sentiram o cheiro, e então todos perderam o controle. A ladainha de Riley sobre a humana havia se sobreposto a todas as outras instruções. Éramos caçadores, não um exército. A equipe deixou de existir. Tudo se resumia a uma corrida por sangue.

Mesmo sabendo que havia muitas mentiras na história, eu não conseguia resistir inteiramente ao cheiro. Correndo atrás do grupo, tive de cruzar o rastro. Era fresco. Forte. A humana estivera ali recentemente, e seu cheiro era absurdamente doce. Eu me sentia forte com todo o sangue que havia bebido na noite anterior, mas isso não tinha importância. Estava com sede. E a sede queimava.

Corri atrás dos outros, tentando manter os pensamentos claros. Era só o que eu podia fazer para tentar manter um pouco do controle, continuar seguindo o bando. A pessoa mais próxima de mim era Riley. Ele estava... se contendo, também?

Ele gritava ordens, basicamente as mesmas coisas repetidas muitas vezes.

— Kristie, sua posição! Mexa-se! Dividam-se! Kristie, Jen! Dividam-se!

Todo o plano de uma emboscada em duas frentes desmoronava diante dos nossos olhos.

Riley correu até o grupo principal e agarrou Sara pelos ombros. Ela se sobressaltou quando ele a empurrou para a esquerda.

— Sua posição! — ele gritava.

Agarrou o garoto louro cujo nome eu nunca soube e o empurrou para Sara, que não ficou nada feliz com isso. Kristie voltou a si por tempo suficiente para perceber que devia estar se movendo de modo estratégico. Ela olhou para Raoul e depois começou a gritar ordens a seu grupo.

— Por ali! Mais depressa! Vamos passar na frente deles correndo por um atalho!

Vamos!

— Vou fazer a linha de frente com Raoul! — Riley gritou para ela, olhando

para trás.

Eu hesitei, ainda correndo. Não queria fazer parte de nenhuma "linha de frente", mas o grupo de Kristie já começava a se desintegrar. Sara dava uma gravata no garoto louro. O som da cabeça dele sendo arrancada do corpo me fez decidir. Corri atrás de Riley, imaginando se Sara iria parar para incendiar o menino que gostava de imitar o Homem-Aranha.

Adiantei-me até conseguir ver Riley à minha frente e o segui, mantendo certa distância, até que se juntasse ao grupo de Raoul. O cheiro tornava difícil manter meus pensamentos focados no que realmente importava.

— Raoul! — Riley gritou.

Raoul rosnou, mas não se virou. Estava totalmente dominado pelo cheiro do sangue.

— Preciso ajudar Kristie! Encontro você lá! Não perca o foco!

Parei de repente, tomada pela insegurança.

Raoul seguiu em frente sem dar nenhuma resposta ao que Riley dissera. Riley, por sua vez, reduziu o ritmo da corrida para um trote, depois para uma caminhada. Eu devia ter saído dali, mas ele provavelmente teria me ouvido procurando um esconderijo. Ele se virou sorrindo e me viu.

— Bree. Pensei que estivesse com Kristie. Eu não respondi.

— Alguém se machucou. Kristie precisa mais de mim que Raoul — ele explicou apressado.

— Está... nos deixando?

O rosto de Riley se modificou. Era como se eu pudesse ver em sua expressão que os planos haviam mudado. Seus olhos ficaram mais estreitos; de repente, pareciam ansiosos.

— Estou preocupado, Bree. Eu disse que ela iria nos encontrar, nos ajudar, mas não farejei seu rastro. Algo está errado. Preciso encontrá-la.

— Mas não há nenhuma possibilidade de você conseguir encontrá-la antes que Raoul ataque os de olhos amarelos — argumentei.

— Preciso descobrir o que está acontecendo. — Ele parecia sinceramente desesperado. — Preciso dela! O plano não era fazer isso sozinho!

— Mas os outros...

— Bree, eu tenho que encontrá-la! Agora! Vocês estão em número suficiente para derrotar os de olhos amarelos. Volto assim que puder.

Ele parecia verdadeiramente sincero. Hesitei, olhando para trás, para a trilha que havíamos percorrido. Fred já devia estar no meio do caminho para Vancouver àquela altura. Riley nem perguntara por ele. Talvez o talento de Fred ainda estivesse fazendo efeito...

— Diego está à nossa frente, Bree — Riley disse num tom urgente. — Ele vai participar do primeiro ataque. Não sentiu o cheiro dele lá atrás? Não esteve perto o suficiente?

Eu balancei a cabeça, totalmente confusa. Diego esteve ali?

— Ele deve estar com Raoul agora. Se correr, poderá ajudá-lo a sair dessa vivo.

Nós nos encaramos por um longo segundo, e depois olhei para o sul, para o caminho que Raoul seguira.

— Boa menina — Riley disse. — Eu vou atrás dela e voltaremos para ajudar a limpar a sujeira. Vocês vão ter que dar conta disso! Talvez já tenha acabado quando você chegar lá.

Ele partiu numa direção perpendicular ao nosso caminho original. Eu rangi os dentes ao ver quanto ele parecia certo do caminho a tomar. Mentindo até o fim!

Mas eu não tinha escolha. Voltei a correr como louca para o sul. Precisava encontrar Diego. Arrastá-lo para longe de tudo aquilo, se fosse necessário. Alcançaríamos Fred. Ou partiríamos sozinhos. Precisávamos fugir. Eu contaria a Diego como Riley havia mentido. Ele compreenderia que Riley não tinha nenhuma intenção de nos ajudar na batalha que ele havia deflagrado. Não havia mais motivo para ajuda-lo.

Eu identifiquei o cheiro da humana e, depois, o de Raoul. Não farejava Diego. Estava me deslocando depressa demais? Ou era o cheiro da humana que me dominava? Metade da minha mente estava voltada para aquela caçada estranha e contraproducente — sim, encontraríamos a garota, mas estaríamos prontos para lutar juntos quando isso acontecesse? Não, estaríamos, sim, nos digladiando por ela!

E foi então que ouvi a explosão de rosnados, gritos e guinchos em algum lugar adiante e soube que o combate começara. Era tarde demais para impedir que Diego se envolvesse. Mesmo assim, corri mais que antes. Talvez ainda pudesse salvá-lo.

Farejei a fumaça trazida pelo vento — o cheiro doce e denso de vampiros

queimando. O som da confusão ficou mais alto. Talvez estivesse quase no fim. Eu encontraria Diego esperando, e o nosso bando vitorioso?

Corri por uma densa cortina de fumaça e emergi do outro lado da floresta, fora dela, em um campo verde e aberto. Saltei por cima do que pareceu uma pedra e percebi que era, na verdade, um tronco sem cabeça.

Meus olhos varreram o campo. Havia pedaços de vampiros por todos os lados, e uma fogueira gigantesca cuja fumaça roxa se erguia no céu ensolarado. Através da fumaça, eu conseguia ver corpos brilhantes se movendo rapidamente, enquanto o ruído de vampiros sendo desmembrados, dilacerados, persistia.

Eu procurava os cabelos negros e encaracolados de Diego. Ninguém que eu conseguia distinguir tinha cabelos tão negros. Havia um vampiro enorme com cabelos castanhos, quase pretos, mas era grande demais, e quando consegui focar a visão vi que ele tinha arrancado a cabeça de Kevin e a estava atirando na fogueira enquanto saltava nas costas de outro adversário. Seria 'Jen? Havia outro de cabelo liso e preto, mas era pequeno demais para ser Diego. E se deslocava tão depressa que eu nem conseguia saber se era homem ou mulher.

Olhei em volta mais urna vez, rápido, me sentindo horrivelmente exposta. Olhava os rostos. Não havia tantos vampiros ali, mesmo contando os que já estavam caídos. Não vi ninguém do grupo de Kristie. Muitos já deviam ter sido queimados. Muitos dos que ainda estavam em pé eram desconhecidos. Um vampiro louro olhou na minha direção, nossos olhares se encontraram e seus olhos brilharam, eram dourados ao sol.

Estávamos perdendo. Feio.

Comecei a recuar na direção das árvores, não tão depressa, porque ainda procurava por Diego. Ele não estava ali. Não havia nenhum sinal de que houvesse estado em algum momento. Nenhum traço de seu rastro, embora eu pudesse distinguir o cheiro de muitos membros da turma de Raoul e de muitos desconhecidos. Também me obriguei a olhar os restos de corpos. Nenhum deles pertencia a Diego. Eu teria reconhecido até mesmo um dedo dele.

Virei-me e corri para as árvores — de repente tive certeza de que a presença de Diego ali era só mais uma das mentiras de Riley.

E se Diego não estava ali, então já deveria estar morto. Cheguei a essa conclusão com tanta facilidade porque provavelmente devia pressentir a verdade havia algum tempo. Desde o momento em que Diego não seguira Riley pela

porta do porão. Ele já tinha nos deixado.

Eu havia percorrido alguns metros por entre as árvores quando um golpe forte como o de uma bola de demolição me atingiu nas costas e me jogou no chão. Um braço passou por baixo do meu queixo.

— Por favor! — solucei.

E queria dizer: Por favor, me mate depressa.

O braço hesitou. Eu não reagi, embora meus instintos me induzissem a morder, arranhar e dilacerar o inimigo. A parte mais equilibrada em mim sabia que isso não funcionaria. Riley havia mentido também sobre os vampiros mais velhos e fracos — nunca tivemos a menor chance. E mesmo que eu tivesse algum meio de vencer aquele vampiro, não teria conseguido me mexer. Diego estava morto, e esse fato evidente minara minha vontade de lutar.

De repente eu estava no alto. Fui arremessada contra uma árvore e caí no chão. Devia tentar correr, mas Diego estava morto. Eu não conseguia superar essa realidade.

O vampiro louro da clareira olhava intensamente para mim, seu corpo pronto para atacar. Ele parecia muito competente, muito mais experiente que Riley. Mas não investia contra mim. Não estava enlouquecido como Raoul ou Kristie. Ele estava totalmente sob controle.

— Por favor — repeti, querendo que ele acabasse com aquilo de uma vez. — Não quero lutar.

Ele ainda se mantinha em posição de alerta, preparado, mas a expressão mudara. Agora ele me olhava de um jeito que eu não entendia. Era um rosto que parecia conhecer muito, e havia algo mais. Solidariedade? Piedade, pelo menos.

— Nem eu, criança — ele respondeu com a voz calma, bondosa. — Estamos só nos defendendo.

Havia tanta honestidade naqueles antigos olhos amarelos que eu me perguntei como pudera acreditar nas histórias de Riley. Eu me sentia... culpada. Talvez aquele bando nunca tivesse planejado nos atacar em Seattle. Como eu pudera confiar em qualquer coisa do que me disseram?

— Nós não sabíamos — expliquei, envergonhada. — Riley mentiu. Sinto muito.

Ele ouviu por um momento, e eu percebi que o campo de batalha mergulhara no silêncio. Havia acabado.

Se eu ainda tivesse alguma dúvida de quem fora o vencedor, ela teria desaparecido quando, um segundo depois, uma vampira com cabelos castanhos e ondulados e de olhos amarelos correu para perto dele.

— Carlisle? — ela perguntou num tom confuso, olhando para mim.

— Ela não quer lutar — o vampiro respondeu.

A mulher tocou seu braço. Ele ainda estava tenso, em posição de ataque.

— Ela está tão assustada, Carlisle. Não podemos...?

O louro, Carlisle, olhou para a vampira e depois ajeitou um pouco o corpo, embora eu pudesse perceber que ele ainda permanecia alerta, cauteloso.

— Não queremos machucá-la — a mulher me disse. A voz dela era suave, tranquilizadora. — Não queríamos lutar com nenhum de vocês.

— Sinto muito — repeti, sussurrando.

Eu não conseguia esclarecer toda a confusão na minha cabeça. Diego estava morto, e isso era o principal, o mais devastador. Além disso, a luta chegara ao fim, meu bando perdera e meus inimigos venceram. Mas o bando morto fora formado por muitas pessoas que teriam adorado me ver queimar, e meus inimigos falavam comigo num tom bondoso, quando não tinham nenhum motivo para ser generosos. Mais ainda: eu me sentia mais segura com aqueles dois estranhos do que jamais me sentira com Raoul e Kristie. Estava aliviada por Raoul e Kristie estarem mortos. Tudo era tão confuso!

— Criança — disse Carlisle —, vai se render a nós? Se não tentar nos ferir, prometemos não lhe fazer nenhum mal.

E eu acreditava nele.

— Sim — sussurrei. — Sim, eu me rendo. Não quero fazer mal a ninguém.

Ele estendeu a mão num gesto encorajador.

— Venha, criança. Deixe nossa família se reagrupar por um momento, depois vamos conversar. Temos algumas perguntas para você. Se responder honestamente, não terá nada a temer.

Levantei-me devagar, sem fazer movimentos que pudessem ser entendidos como ameaça.

— Carlisle? — chamou uma voz masculina.

Outro vampiro de olhos amarelos se juntou a nós. Toda a segurança que eu sentira com aqueles estranhos desapareceu assim que o vi.

Ele era louro, como o primeiro, porém mais alto e mais esguio. Sua pele era

completamente coberta por cicatrizes, mais abundantes nas costas e no queixo. Algumas marcas menores no braço eram mais recentes, mas as outras não haviam sido causadas por aquele combate. Ele havia estado em mais batalhas do que eu poderia imaginar, e nunca perdera. Seus olhos amarelados brilhavam e a postura sugeria a violência contida de um leão furioso.

Assim que me viu, ele se preparou para atacar.

— Jasper! — Carlisle o deteve.

Ele se conteve e olhou para Carlisle com espanto.

— O que está acontecendo?

— Ela não quer lutar. Já se rendeu.

O vampiro coberto por cicatrizes franziu a testa, e de repente senti uma inesperada onda de frustração, embora não soubesse com o que estava tão frustrada.

— Carlisle, eu... Ele hesitou, mas continuou: — Lamento, mas isso é impossível. Não podemos ter nenhum desses recém-criados associados a nós quando os Volturi chegarem. Percebe o perigo em que isso nos colocaria?

Não entendi muito bem o que ele dizia, mas captei o suficiente. Ele queria me matar.

— Jasper, ela é só uma criança — a mulher protestou. — Não podemos simplesmente assassiná-la a sangue-frio!

Era estranho ouvi-la falar como se fôssemos gente, como se assassinato fosse uma coisa ruim. Ou a se evitar.

— O que está em jogo aqui é nossa família, Esme. Não podemos deixar que eles pensem que violamos a lei.

A mulher, Esme, se colocou entre mim e o vampiro que queria me matar. Num gesto incompreensível, ela me virou as costas.

— Não. Não vou permitir.

Carlisle me olhou com ansiedade. Percebi que ele gostava muito daquela mulher. Eu teria olhado do mesmo jeito para qualquer um que estivesse atrás de Diego. Tentei parecer tão dócil quanto me sentia.

— Jasper, acho que devemos correr o risco — ele disse lentamente. — Não somos os Volturi. Seguimos as regras deles, mas não matamos sem motivo. Podemos explicar.

— Eles podem pensar que produzimos nossos próprios recém-criados para nos

defender.

— Mas não produzimos. E mesmo que tivéssemos produzido, não há nenhuma violação em fazer isso aqui, somente em Seattle. Não há lei contra criar vampiros, desde que você os controle.

— Isso é muito perigoso.

Carlisle tocou o ombro de Jasper.

— Jasper, não podemos matar essa criança.

Jasper rosnou para o homem de olhos bondosos, e de repente fiquei furiosa. Ele não ousaria atacar aquele vampiro generoso ou a mulher que ele amava. Em seguida, Jasper suspirou, e eu senti que estava tudo bem. Minha raiva se foi.

— Não gosto disso — ele insistiu, mas estava mais calmo. — Ao menos deixem que eu cuide dela. Vocês dois não saberiam lidar com uma criatura que esteve livre por tanto tempo.

— É claro — a mulher respondeu. — Mas seja gentil.

Jasper revirou os olhos.

— Precisamos voltar para perto dos outros. Alice disse que não temos muito tempo.

Carlisle assentiu. Ele estendeu a mão para Esme e eles passaram por Jasper de volta à clareira.

— Você aí — Jasper me disse, o rosto novamente carrancudo. — Venha conosco. Não faça nenhum movimento brusco ou acabo com você.

Senti raiva outra vez diante daquele olhar penetrante, e uma pequena parte de mim teve vontade de rosnar e mostrar os dentes, mas tive a sensação de que esse tipo de desculpa era justamente o que ele estava procurando.

Jasper parou como se houvesse acabado de pensar em alguma coisa.

— Feche os olhos — ele ordenou.

Eu hesitei. Ele havia decidido me matar, afinal?

— Feche os olhos!

Rangi os dentes e obedeci. Agora me sentia duas vezes mais indefesa que antes.

— Siga o som da minha voz e não abra os olhos. Se olhar, está perdida. Entendeu?

Fiz que sim com a cabeça, imaginando o que ele poderia não querer que eu visse. De certa forma, era um alívio perceber que ele se importava em proteger

um segredo. Não haveria razão nenhuma para isso se planejasse me matar.

— Por aqui.

Eu caminhava devagar atrás dele, tornando cuidado para não lhe aborrecer. Ele foi cuidadoso ao me conduzir; pelo menos não me fez bater em nenhuma árvore. Pude perceber como os ruídos haviam mudado quando chegamos ao espaço aberto; a sensação do vento era diferente também, e o cheiro do meu bando queimando estava mais forte. Eu podia sentir o calor do sol no meu rosto, e a parte interna das minhas pálpebras estava mais clara e cintilante, porque eu brilhava.

Estávamos indo para perto do crepitar do fogo, tão perto que eu podia sentir a fumaça roçando minha pele. Eu sabia que ele poderia ter me matado a qualquer momento, mas a proximidade do fogo ainda me deixava nervosa.

— Sente-se aqui. De olhos fechados.

O solo estava quente por causa do sol e do fogo. Eu me mantinha imóvel e tentava me concentrar em parecer inofensiva, mas podia sentir os olhos dele em mim, e isso me deixava inquieta. Embora não estivesse zangada com aqueles vampiros e acreditasse plenamente que eles tivessem apenas se defendido, sentia estranhas ondas de fúria dentro de mim. Ou vindo de fora, como se a batalha que acabara de ocorrer ali ainda ecoasse.

A raiva, contudo, não me tornava estúpida, e eu estava muito triste — infeliz até o fundo da minha essência. Miserável. Diego não saía da minha cabeça, e eu não conseguia deixar de imaginar como ele havia morrido.

Tinha certeza de que ele não tinha contado nossos segredos a Riley espontaneamente — os segredos que haviam sido o motivo para que eu confiasse em Riley por tempo suficiente até ser tarde demais. Na minha mente, conseguia ver o rosto de Riley de novo — aquela expresso fria, suave, quando ele ameaçou punir qualquer uru de nós que não se comportasse. Ouvi novamente a descrição detalhada e macabra — quando eu os levar até ela, vou segurá-los enquanto ela ar- rama suas pernas e depois, lentamente, muito lentamente, queima seus dedos, orelhas, lábios língua e todos os outros apêndices supérfluos, um a um.

Percebi então que tinha ouvido a descrição da morte de Diego

Naquela noite, eu percebera com certeza que algo havia mudado em Riley. E esse algo foi ter matado Diego, isso o endurecera. Só acreditava em uma coisa de todas as que Riley me dissera: ele se importava com Diego mais do que com

qualquer um de nós. Até agora gostava dele. Mesmo assim, assistira enquanto nossa criadora acabava com ele. E, sem dúvida, a ajudara. Matara Diego com ela.

Fiquei pensando em quanta dor seria necessária para me convencer a trair Diego. Imaginei que teria de ser muita. E tinha certeza de que Diego também havia sofrido terrivelmente antes de me trair.

Estava enjoada. Queria tirar da cabeça a imagem de Diego gritando em agonia, mas ela não ia embora.

E então ouvi um grito na clareira.

Minhas pálpebras tremeram, mas Jasper rosnou furiosamente e eu apertei os olhos para mantê-los fechados. Não veria mesmo nada através da densa fumaça lilás.

Ouvi gritos e um uivar estranho, selvagem. Era alto, e eram muitos. Eu não conseguia imaginar como um rosto teria de se contorcer para criar aquele som, e não saber o que era aquilo tornou o ruído ainda mais assustador. Os vampiros de olhos amarelos eram muito diferentes do restante de nós. Ou diferentes de mim, acho, já que era a única que restava. Riley e nossa criadora haviam desaparecido.

Ouvi alguns nomes. Jacob, Leah, Sam. Havia muitas vozes diferentes, mas os urros continuavam. É claro que Riley também havia mentido para nós sobre o número de vampiros que havia ali.

O som dos uivos foi diminuindo até se tornar só uma voz, um ganido agoniado que não era humano e que me fez ranger os dentes. Eu podia ver o rosto de Diego muito claro em minha mente, e o som ecoava como seus gritos.

Ouvi Carlisle falando mais alto que as outras vozes e o uivo. Ele implorava para ver alguma coisa.

— Por favor, deixem-me dar urna olhada. Por favor, deixem-me ajudar.

Ninguém discutia com ele, mas, por alguma razão, seu tom de voz dava a entender que ele perdia a disputa.

E então o ouvi atingir uma nova nota mais estridente; Carlisle disse "obrigado" com uma voz emocionada, e por trás do uivo identifiquei o som de muitos movimentos, muitos corpos se mexendo. Passos pesados que se aproximavam. Muitos passos.

Ouvi com atenção e escutei algo inesperado e impossível. Em meio a respirações pesadas — e eu nunca ouvira ninguém no meu bando respirar daquele jeito — havia vários baques surdos. Quase... corações batendo. Mas não eram

corações humanos. Eu conhecia bem esse som em particular. Respirei fundo, mas o vento soprava na direção oposta e só consegui farejar a fumaça.

Sem nenhum som que me prevenisse, alguma coisa me tocou, segurando com firmeza os dois lados da minha cabeça.

Abri os olhos em pânico e me levantei, tentando me livrar do que me prendia, então me deparei com os olhos de Jasper a dois centímetros do meu rosto.

— Pare com isso — ele ordenou, me jogando de volta no chão.

Mal podia ouvi-lo e então percebi que as mãos dele estavam em minha cabeça tapando meus ouvidos. Para me impedir de escutar.

— Feche os olhos — ele instruiu novamente, provavelmente num tom normal, mas para mim a voz soava abafada.

Tentei ficar calma e fechei os olhos outra vez. Havia coisas que eles também não queriam que eu escutasse. Esse era um preço que eu podia pagar para continuar viva.

Por um segundo, enxerguei o rosto de Fred em minhas pálpebras cerradas. Ele dissera que esperaria por mim. Um dia. Imaginei se cumpriria a promessa.

Queria poder contar a ele a verdade sobre os de olhos amarelos, e sobre tudo o mais que parecia existir e que desconhecíamos. Era um mundo inteiro sobre o qual não sabíamos nada.

Seria interessante explorá-lo. Especialmente com alguém capaz de me tornar invisível e garantir minha segurança.

Mas Diego se fora. Não iria comigo procurar Fred. Isso tornava o exercício de tentar imaginar o futuro um tanto desagradável.

Eu ainda conseguia ouvir parte do que estava acontecendo, mas só os uivos e algumas vozes. O que quer que fossem aqueles baques surdos, agora eram abafados demais para que eu pudesse analisá-los.

Compreendi as palavras quando, alguns minutos mais tarde, Carlisle disse:

— Você vai ter que... — A voz dele ficou muito baixa por um segundo. E depois: — de agora em diante. Ajudaríamos se pudéssemos, mas não podemos partir.

Escutei um grunhido, mas era estranhamente inofensivo. Os uivos tornaram-se ganidos baixos que desapareceram lentamente, como se estivessem se afastando.

Por um minuto tudo ficou quieto. Ouvi algumas vozes baixas, as de Carlisle e

Esme entre elas, mas também outras que eu não conhecia. Gostaria de poder farejar alguma coisa — não poder ver e conseguir ouvir tão pouco me impelia a procurar alguma outra informação sensorial. Mas tudo que eu podia captar era o cheiro horrivelmente doce da fumaça.

Havia uma voz, mais alta e mais clara que as outras, que eu podia escutar com relativa facilidade.

— Mais cinco minutos — ela disse. Tive certeza de que era uma garota. — E Bella abrirá os olhos em trinta e sete segundos. Eu não duvido de que ela possa nos ouvir agora.

Tentei entender aquilo. Havia mais alguém de olhos fechados, como eu? Ou ela pensava que meu nome era Bella2 Eu não dissera meu nome a ninguém. Novamente, me esforcei para farejar alguma coisa.

Mais murmúrios. Tive a impressão de que uma voz soava deslocada — eu não conseguia identificar nela nenhuma nuance. Mas não conseguia ter certeza com as mãos de Jasper cobrindo minhas orelhas.

— Três minutos — disse a voz alta e clara.

As mãos de Jasper me soltaram.

— É melhor abrir os olhos agora — ele disse, já alguns passos longe de mim.

A maneira como ele falou me deixou assustada. Olhei em volta depressa, procurando pelo perigo que sua voz insinuava.

Boa parte do meu campo de visão estava obscurecida pela fumaça. Perto, Jasper tinha a testa franzida. Os dentes estavam à mostra, o maxilar contraído, e ele me olhava com uma expressão que era quase... amedrontada. Não como se tivesse medo de mim, mas como se sentisse medo por minha causa. Lembrei o que ele dissera antes, sobre eu representar para eles algum perigo relacionado a algo que chamavam de Volturi. O que seria um Volturi? Não conseguia imaginar o que seria capaz de assustar aquele vampiro perigoso, coberto de cicatrizes.

Atrás de Jasper, quatro vampiros formavam uma fila irregular, de costas para mim. Uma era Esme. Com ela havia uma mulher alta e loura, outra pequenina, de cabelos escuros, e um vampiro de cabelos escuros tão grande que me dava medo simplesmente olhar para ele. Fora aquele que eu vira matar Kevin. Por um instante imaginei-o pegando Raoul. A visão foi estranhamente prazerosa.

Havia mais três vampiros atrás do grandalhão. Eu não conseguia ver o que estavam fazendo com ele na minha frente. Carlisle estava ajoelhado no chão, e ao

lado dele havia um vampiro de cabelos cor de bronze. Um corpo estava estendido, mas eu pouco podia ver dele, apenas uma calça jeans e botas marrons e pequenas. Era uma mulher ou um homem jovem. Imaginei se estavam pondo de volta os membros do vampiro.

Eram oito de olhos amarelos no total, além de todos aqueles uivos de antes, daqueles tipos estranhos de vampiros; eu havia identificado pelo menos outras oito vozes. Dezesseis, talvez mais. Mais que o dobro do que Riley nos alertara.

Desejei ardentemente que aqueles vampiros do manto escuro encontrassem Riley e o fizessem sofrer.

O vampiro no chão começou a se levantar devagar — eram movimentos estranhos, quase como se fosse um humano desajeitado.

A brisa mudou de direção, soprando a fumaça contra mim e contra Jasper. Por um momento, tudo ficou invisível, exceto ele. Eu não estava mais cega, como quando mantinha os olhos fechados, mas de repente, por alguma razão, me sentia mais ansiosa. Era como se pudesse absorver a ansiedade que irradiava cio vampiro mais perto de mim.

O vento leve soprou novamente, agora, na direção oposta, e eu pude ver e farejar tudo.

Jasper sibilou para mim furiosamente e me empurrou para trás, obrigando-me a abandonar a posição em que estava, agachada, e me sentar no chão.

Era ela. A humana que eu estivera caçando minutos antes. O cheiro no qual todo meu corpo estivera concentrado. O aroma doce e úmido do sangue mais delicioso que eu já havia rastreado. Eu sentia a boca e a garganta queimando.

Tentei desesperadamente me agarrar à razão — pensar que Jasper só esperava que eu tentasse qualquer movimento para me matar —, mas só uma parte de mim era capaz disso. A sensação era de que eu estava muito perto de me rasgar ao meio na tentativa de continuar onde estava.

A humana — chamada Bella — me fitou com os olhos castanhos atordoados. Olhar para ela tornou tudo ainda pior. Eu conseguia ver o sangue correndo sob sua pele fina. Tentei me virar para outro lugar qualquer, mas meus olhos eram atraídos de volta Iara ela.

O de cabelos cor de bronze falou com ela em voz baixa.

— Ela se rendeu. É uma coisa que nunca vi na vida. Só Carlisle pensaria nessa oferta. Jasper não aprovou.

Carlisle devia ter explicado tudo ao grupo enquanto eu estava com os ouvidos tapados.

O vampiro abraçava a humana, e ela mantinha as mãos apoiadas no peito dele. Sua garganta estava a poucos centímetros da boca do vampiro, mas ela não parecia ter medo dele. E ele não parecia estar caçando. Eu tinha tentado entender a ideia de um bando com um humano de estimação, mas aquilo não passava nem perto de nada que eu pudesse ter imaginado. Se ela fosse uma vampira, eu deduziria que eles formavam um casal.

— Jasper está bem? — a humana sussurrou.

— Ele está bem. O veneno pinica — disse o vampiro.

— Ele foi mordido? — ela perguntou, como se estivesse chocada com a ideia.

Quem era aquela garota? Por que os vampiros a aceitavam no bando? Por que ainda não a haviam matado? Por que ela parecia tão confortável entre eles, como se não a assustassem? Ela parecia fazer parte daquele mundo, mas também não compreendia suas realidades. Jasper fora mordido, claro. Ele havia acabado de enfrentar — e destruir — meu bando inteiro. Aquela garota ao menos sabia o que éramos?

A ardência na minha garganta era insuportável! Tentei não pensar em aplacá-la com o sangue da humana, mas o vento soprava o cheiro dela diretamente para o meu nariz. Era tarde demais para conseguir me controlar — eu sentira o cheiro da presa que estava caçando, e nada poderia mudar isso agora.

— Ele tentava estar em toda parte ao mesmo tempo — o vampiro de cabelos cor de bronze contou à humana. — Tentando se certificar de que Alice não tivesse que fazer nada, na verdade. — Ele sacudiu a cabeça e olhou para a garota pequena de cabelos pretos. — Alice não precisa da ajuda de ninguém.

A vampira chamada Alice fez uma careta para Jasper.

— Tolo superprotetor — ela disse com uma voz clara de soprano.

Jasper a encarou com um meio sorriso, e por um segundo tive a impressão de que ele tinha esquecido que eu existia.

Era difícil segurar o impulso de tirar proveito desse lapso e saltar sobre a garota humana. Levaria menos de um instante, e então seu sangue quente — o sangue que eu podia ouvir pulsando, bombeado por seu coração — aplacaria a minha sede. Ela estava tão perto...

O vampiro de cabelos cor de bronze me encarou com um olhar furioso de

advertência, e eu sabia que morreria se tentasse atacar a garota, mas a agonia na minha garganta dava a impressão de que também morreria se não tentasse. A dor era tão intensa que gritei de frustração.

Jasper rosnou para mim, e eu tentava não me mexer, mas era como se o cheiro fosse uma garra gigantesca que me arrancava do chão. Eu nunca havia tentando me abster do alimento uma vez iniciada uma caçada. Cravei os dedos no solo, procurando algo em que me segurar, mas não encontrei nada. Jasper ficou em posição de ataque, e, mesmo sabendo que eu estava a dois segundos da morte, não conseguia focar meus pensamentos sedentos.

E então Carlisle apareceu e colocou a mão no braço de Jasper. Ele me olhou com uma expressão bondosa, calma.

— Você mudou de ideia, jovem? — ele me perguntou. — Não queremos destruí-la, mas o faremos se não conseguir se controlar.

— Como pode suportar isso? — eu perguntei num tom de súplica. Ele não se sentia queimando, também? — Eu a quero.

Olhei a garota, desejando com desespero que a distância entre nós desaparecesse. Meus dedos cavavam inutilmente a terra encravada de pedras.

— Deve suportar — Carlisle disse num tom solene. — Deve exercitar o controle. É possível e é a única coisa que a salvará agora.

Se ser capaz de tolerar a presença da humana como faziam aqueles estranhos vampiros era minha única esperança de sobrevivência, eu já estava condenada. Não suportava o fogo. Além disso, também tinha opiniões conflitantes sobre sobrevivência. Eu não queria morrer, não queria a dor, mas qual era o propósito? Todos os outros estavam mortos. Diego estava morto havia dias.

Seu nome bailava nos meus lábios. Quase o pronunciei. Em vez disso, agarrei a cabeça com as duas mãos e tentei pensar em algo que não causasse dor. Algo que não fosse a garota, nem Diego. Não funcionou.

— Não devíamos nos afastar dela? — a humana murmurou, atrapalhando minha concentração.

Meus olhos voltaram a ela. Sua pele era muito fina e macia. Eu podia ver a veia pulsando em seu pescoço.

— Temos de ficar aqui — disse o vampiro que a abraçava. — Eles estão chegando ao norte da clareira agora.

Eles? Olhei para o norte, mas não havia nada além de fumaça. Ele se referia a

Riley e minha criadora? Senti urna nova onda de pânico, seguida por um pequeno espasmo de esperança. Ela e Riley não poderiam enfrentar e vencer aqueles vampiros que já haviam matado tantos dos nossos, poderiam? Mesmo que os outros, os que uivavam, já tivessem partido, Jasper parecia capaz de lidar sozinho com os dois.

Ou ele se referia aos misteriosos Volturi?

O vento soprou o cheiro da garota humana contra meu rosto novamente, e meus pensamentos se dispersaram. Olhei-a sem disfarçar a sede.

A garota sustentou meu olhar, mas sua expressão era muito diferente do que deveria ser. Embora eu pudesse sentir meus lábios retraídos e os dentes expostos, embora o esforço de conter o impulso de atacá-la me fizesse tremer, ela não parecia ter medo de mim. Em vez disso, sua expressão sugeria que estava fascinada. Era quase como se quisesse falar comigo — como se tivesse uma pergunta que esperava que eu respondesse.

Carlisle e Jasper começaram a se afastar do fogo — e de mim —, fechando fileiras com os outros e a humana. Todos olhavam para um ponto atrás de mim, além da fumaça, sinal de que, qualquer que fosse a origem de seu medo, estava mais perto de mim que deles. Eu me encolhi no meio da fumaça, apesar das chamas próximas. Devia tentar correr? Eles estariam tão distraídos que eu teria a chance de fugir? E para onde iria? Procurar Fred? Seguir sozinha? Encontrar Riley e fazê-lo pagar pelo que fizera com Diego?

Hesitei, muito atraída por essa última alternativa, e o momento passou. Ouvi movimentos ao norte e soube que estava encurralada entre os de olhos amarelos e o que quer que se aproximasse.

— Hmmm — uma voz monótona soou por trás da fumaça.

Essa única sílaba me fez ter certeza de quem era, e se eu não estivesse gelada e paralisada com um terror incontrolável, já teria corrido.

Eram os dos mantos escuros. O que isso significava? Uma nova batalha começaria agora? Eu sabia que os vampiros de manto escuro queriam que minha criadora tivesse sucesso na destruição dos de olhos amarelos. Minha criadora falhara, evidentemente. Isso significava que eles iam matá-la? Ou será que, em vez disso, matariam Carlisle, Esme e todos ali? Se eu pudesse escolher, sabia quem destruiria, e não seriam aqueles que agora me mantinham cativa.

Os dos mantos escuros deslizaram por entre a fumaça e pararam diante dos de

olhos amarelos. Nenhum deles olhava na minha direção. Eu continuava completamente imóvel.

Eram só quatro deles, como na vez anterior. Mas não fazia diferença o fato de haver sete dos de olhos amarelos. Eu sentia que eles eram tão cautelosos quanto Riley e nossa criadora haviam sido ao tratar com os de manto escuro. Havia mais neles do que eu podia ver, mas eu, definitivamente, podia sentir. Eram eles os que aplicavam as punições, e eles não perdiam.

— Bem-vinda, Jane — disse o de olho amarelo que abraçava a humana.

Eles se conheciam. Mas a voz do vampiro de cabelos cor de bronze não era amistosa — não era mansa, nem ansiosa para agradar, como havia soado a de Riley, nem furiosamente aterrorizada como a eia minha criadora. A voz era simplesmente fria, educada e desprovida de qualquer nota de surpresa. Os de manto escuro eram os Volturi, então?

A pequena vampira que os liderava — Jane, aparentemente — olhou sem pressa para cada um dos sete do outro bando e para a humana e depois, finalmente, se virou para mim. Pude ver seu rosto pela primeira vez. Ela era mais jovem que eu, mas muito mais antiga também, pensei. Os olhos eram vermelhos como a mais escura e aveludada rosa. Sabia que era tarde demais para tentar passar despercebida, por isso baixei a cabeça, cobrindo-a com as mãos. Talvez se ficasse claro que eu não queria lutar, Jane me tratasse como Carlisle fizera. Mas eu não tinha muita esperança.

— Não entendo — a voz morta de Jane traía certo aborrecimento.

— Ela se rendeu — explicou o de cabelos cor de bronze.

— Rendeu-se? —Jane disparou.

Levantei a cabeça apenas o suficiente para ver que os de manto escuro se entreolhavam. O vampiro de cabelos cor de bronze dissera que nunca vira ninguém se render antes. Talvez eles também não.

— Carlisle lhe deu essa opção — disse então o vampiro.

Ele parecia ser o porta-voz dos de olhos amarelos, embora Carlisle parecesse ser o líder.

— Não há opções para os que quebram as regras — disse Jane com sua voz sem emoção.

Carlisle respondeu com a voz branda.

Está em suas mãos. Como a menina se dispôs a parar de nos atacar, não vi

necessidade de destruí-la. Ninguém lhe ensinou nada.

Embora suas palavras fossem neutras, tive a impressão de que ele quase intercedia por mim. Mas, como ele mesmo dissera, meu destino não dependia dele.

— Isso é irrelevante — Jane confirmou.

— Como quiser.

Jane fitava Carlisle com uma expressão que era um misto de dúvida e frustração. Ela sacudiu a cabeça, e seu rosto se tornou novamente uma máscara indecifrável.

— Aro esperava que viéssemos mais a oeste para ver você, Carlisle — ela disse. — Ele manda lembranças.

— Eu agradeceria se transmitisse as minhas a ele. Jane sorriu.

— Claro. — Depois olhou para mim novamente, os lábios ainda distendidos num esboço de sorriso. — Parece que vocês fizeram o trabalho por nós hoje... A maior parte dele. Só por curiosidade profissional, quantos havia? Eles deixaram urna bela esteira de destruição em Seattle.

Ela falava de trabalho e profissionalismo. Eu estava certa, então, ao pensar que era sua função punir. E se havia os que puniam, devia haver regras. Carlisle dissera isso antes: Seguimos as regras, e também: Não há lei contra criar vampiros, desde que você os controle. Riley e minha criadora haviam ficado temerosos, mas não exatamente surpresos com a chegada dos de manto escuro, os Volturi. Eles sabiam sobre as leis, e sabiam que as estavam desrespeitando. Por que não nos disseram? E havia mais Volturi que aqueles quatro. Alguém chamado Aro e, provavelmente, muitos outros. Deviam ser muitos para todos sentirem tanto medo deles.

Carlisle respondeu à pergunta de Jane.

— Dezoito, incluindo esta.

Houve um murmúrio audível entre os quatro de manto.

— Dezoito? — Jane repetiu num tom surpreso.

Nossa criadora não dissera a ela quantos de nós havia criado. Jane estava realmente surpresa ou só fingia?

— Todos novos — continuou Carlisle. — Eram inábeis.

Inábeis e desinformados, graças a Riley. Eu começava a ter uma ideia de como esses vampiros mais velhos nos viam. Recém-criada, Jasper me chamara. Como

um bebê.

— Todos? — Jane indagou, incisiva. — Então, quem foi seu criador?

Como se já não tivessem sido apresentadas. Aquela Jane mentia mais que Riley, e era muito melhor nisso que ele.

— O nome dela era Victoria — respondeu o de cabelos cor de bronze.

Como ele sabia disso, se nem eu sabia? Lembrei que Riley dissera que havia um entre eles capaz de ler mentes. Era assim que sabiam de tudo? Ou essa fora mais uma das mentiras de Riley?

— Era? — perguntou Jane.

O de cabelo de bronze inclinou a cabeça para o leste como se estivesse apontando. Ergui a cabeça e vi uma nuvem densa de fumaça lilás pairando acima da encosta de uma montanha.

Era. Senti um prazer semelhante ao que havia experimentado quando imaginara o vampiro grandalhão dilacerando Raoul. Só que muito, muito mais intenso.

— Essa Victoria... — Jane perguntou sem pressa. — Eram ela c mais os dezoito aqui?

— Sim — confirmou o cabelo de bronze. — Tinha um deles com ela. Ele não era tão jovem quanto esta aqui, mas não devia passar de um ano mais velho.

Riley. Meu prazer aumentou. Se — tudo bem, quando — eu morresse naquele dia, pelo menos não deixaria essa ponta solta. Diego fora vingado. Eu quase sorri.

— Vinte — Jane sussurrou. Ou o número era maior do que ela esperava ou ela era uma atriz fabulosa. — Quem lidou com a criadora?

— Eu — o de cabelo de bronze respondeu num tom frio.

Quem quer que fosse aquele vampiro, tendo ou não uma humana de estimação, ele era meu amigo. Mesmo que me matasse no final, ainda seria eternamente grata a ele.

Jane me olhou, estreitando os olhos.

— Você aí — disse com a voz severa. — Seu nome.

Eu estava morta de qualquer jeito, pelo que ela dissera pouco antes. Então, por que dar àquela vampira mentirosa o que ela queria? Eu a encarei, a cara fechada.

Jane sorriu para mim, o sorriso radiante e feliz de uma criança inocente, e de

repente me senti queimar. Era como se eu tivesse voltado no tempo até a pior noite da minha vida. O fogo ardia em todas as veias do meu corpo, cobria cada centímetro de pele, devorava a medula de cada osso. Era como estar bem no meio da pira funerária do meu bando, cercada de chamas. Não havia uma única célula em meu corpo que não estivesse queimando na pior agonia imaginável. Eu mal podia ouvir meus próprios gritos, porque meus ouvidos doíam terrivelmente.

— Seu nome — Jane repetiu, e enquanto ela falava o fogo desapareceu. Sumiu, como se eu o houvesse imaginado.

— Bree — respondi tão depressa quanto pude, ainda ofegando, embora não sentisse mais a dor.

Jane sorriu outra vez, e o fogo voltou a arder em todos os lugares. Quanta dor teria de suportar antes de morrer? Os gritos nem pareciam brotar de mim. Por que alguém não arrancava minha cabeça? Carlisle era generoso o suficiente para isso, não era? Ou o tal leitor de mentes, quem quer que fosse — ele não conseguiria entender tudo e fazer aquilo parar?

— Ela vai lhe contar o que quiser — disse o de cabelo de bronze. — Não precisava fazer isso.

A dor desapareceu outra vez, como se Jane a controlasse por um interruptor. Eu estava deitada no chão, o rosto colado na terra, arfando como se o ar me faltasse.

— Ah, eu sei — Jane disse animada. — Bree?

Estremeci quando ela pronunciou meu nome, mas a dor não voltou.

— O que ele diz é verdade? Vocês eram vinte? As palavras voaram da minha boca.

— Dezenove ou vinte, talvez mais, eu não sei! Sara e aquele cujo nome não sei brigaram no caminho...

Esperei a dor como punição pela falta de uma resposta melhor, mas em vez disso Jane falou novamente.

— E essa Victoria... Ela criou você?

— Não sei — admiti apavorada. — Riley nunca disse o nome dela. Eu não a vi naquela noite... Estava escuro, e doía... — Eu tremi. — Ele não queria que pudéssemos pensar nela. Disse que nossos pensamentos não estavam seguros...

Jane olhou para o vampiro de cabelos cor de bronze, depois voltou a olhar para mim.

— Fale-me de Riley — ela disse. — Por que ele a trouxe aqui?

Recitei as mentiras de Riley tão depressa quanto podia.

— Riley nos disse que tínhamos que destruir os estranhos de olhos amarelos aqui. Disse que seria fácil. Disse que a cidade era deles, e que eles viriam nos pegar. Disse que depois que eles sumissem, todo o sangue seria nosso. E nos deu o cheiro dela. — Apontei para a humana. — Ele disse que saberíamos que tínhamos o bando certo porque ela estaria com eles. Disse que quem a pegasse primeiro poderia tê-la.

— Parece que Riley estava enganado sobre a parte fácil — Jane disse num tom meio debochado.

Ela parecia satisfeita com a minha história. Num lampejo de percepção, compreendi que ela estava aliviada por Riley não ter me contado nem aos outros sobre a visita à nossa criadora. Victoria. Essa era a história que ela queria que os de olhos amarelos soubessem — uma história que não implicava Jane nem os Volturi de manto escuro. Pois bem, eu podia manter a versão. Com sorte, o leitor de mentes descobriria o que não fosse revelado com palavras.

Não podia me vingar fisicamente daquele monstro, mas podia contar aos de olhos amarelos tudo o que sabia usando meus pensamentos. Era o que eu esperava.

Assenti, concordando com a piadinha de Jane, e me sentei, porque queria a atenção do leitor de mentes, quem quer que ele fosse. Continuei com a versão da história que qualquer outro membro do meu bando poderia ter relatado. Fingi que era Kevin. Burro como um saco de pedras e totalmente ignorante.

— Não sei o que aconteceu. — Essa parte era verdadeira. A confusão no campo de batalha ainda era um mistério. Eu não vira ninguém do grupo de Kristie. Os vampiros misteriosos que uivavam tinham acabado com eles? Eu guardaria esse segredo para os de olhos amarelos. — Nós nos separamos, mas os outros não chegavam nunca. E Riley nos deixou, não voltou para ajudar, como prometeu. E depois ficou tudo muito confuso e todos estavam em pedaços. — Tremi ao lembrar o tronco sobre o qual havia saltado. — Eu fiquei com medo. Queria fugir. — Apontei para Carlisle. — Aquele ali disse que eles não machucariam se eu parasse de lutar.

Eu não estava traindo Carlisle. Ele mesmo já dissera isso a Jane.

— Ah, mas ele não podia lhe oferecer esse presente, minha jovem — disse

Jane. Ela parecia estar se divertindo. — A transgressão às regras tem suas consequências.

Ainda fingindo que era Kevin, simplesmente olhei-a como se fosse estúpida demais para entender.

Jane olhou para Carlisle.

— Tem certeza de ter eliminado todos eles? A outra metade que se dividiu?

Carlisle assentiu.

— Nós também nos dividimos.

Então foram os que uivavam que pegaram Kristie. Eu esperava que, fossem o que fossem, eles tivessem o poder de realmente aterrorizar. Kristie merecia.

— Não posso negar que estou impressionada — Jane disse num tom sincero, e pensei que, provavelmente, era verdade.

Jane esperara que o exército de Victoria causasse algum estrago ali, e nós havíamos fracassado.

— Sim — os três vampiros atrás de Jane concordaram em voz baixa.

— Nunca vi um bando escapar intacto de um ataque dessa magnitude — Jane continuou. — Sabe o que estava por trás disso? Parece uma conduta extremada, considerando o modo como vocês vivem aqui. E por que a garota era a chave?

Os olhos dela pousaram na humana por um momento.

— Victoria tinha ressentimentos com relação a Bella — o de cabelos cor de bronze respondeu.

E a estratégia finalmente fez sentindo. Riley só queria acabar com a garota, não se importava com quantos de nós morreríamos para isso. Jane riu com alegria.

— Essa aí — ela sorriu para a humana como sorrira para mim — parece provocar reações estranhamente fortes em nossa espécie.

Nada aconteceu com a garota. Talvez Jane não quisesse feri-la. Ou talvez seu horrível talento só funcionasse com vampiros.

— Poderia, por favor, não fazer isso? — o de cabelo cor de bronze perguntou numa voz controlada, mas furiosa.

Jane riu novamente.

— Só estou verificando. Ao que parece, não causei dano algum.

Tentei manter a expressão "kevinizada" e não entregar o que me interessava.

Então, Jane não conseguia causar dor à garota como fizera comigo, e isso não era algo normal para ela. Embora estivesse rindo, era visível que estava muito irritada. Era por isso que a garota humana era tolerada pelos de olhos amarelos? Mas, se ela era de alguma forma especial, por que eles não a transformavam em vampira e pronto?

— Bem, parece que não nos resta muito a fazer — disse Jane, a voz retomando aquele nota inexpressiva. — Singular. Não estamos acostumados a ser desnecessários. É uma pena que tenhamos perdido a luta. Parece que teríamos uma diversão para assistir.

— Sim — respondeu o de cabelos cor de bronze. — E vocês chegaram perto. É uma pena que não tenham chegado meia hora atrás. Talvez pudessem cumprir seus objetivos aqui.

Eu lutei contra um sorriso. Então, o cabelo cor de bronze era o que podia ler pensamentos, e ele ouvira tudo que eu queria que ouvisse. Jane não conseguiria esconder nada.

Ela olhou para o vampiro leitor de mentes com uma expressão indecifrável.

— Uma pena que as coisas tenham sido assim, não é?

O leitor de mentes assentiu, e eu fiquei imaginando o que ele ouvia dos pensamentos de Jane.

Jane virou o rosto sem expressão para mim. Não havia nada nos olhos dela, mas eu podia sentir que meu tempo se esgotara. Ela já obtivera de mim o que queria. Não sabia que eu também havia transmitido ao leitor de mentes tudo o que podia. E protegido os segredos do bando dele também. Eu devia isso a ele. Ele punira Riley e Victoria por mim.

Olhei-o pelo canto do olho e pensei: Obrigada.

— Felix? — Jane chamou sem pressa.

— Espere — disse em voz alta o que lia pensamentos.

Ele se virou para Carlisle e falou depressa:

— Podemos explicar as regras à jovem. Ela não parece relutante em aprender. Ela não sabe o que estava fazendo.

— É claro — Carlisle respondeu ansioso, olhando para Jane. — Certamente estaríamos preparados para assumir a responsabilidade por Bree.

Jane assumiu uma expressão cética, como se não soubesse se eles estavam brincando ou não, mas, se estivessem brincando, eram mais divertidos do que ela

havia imaginado.

Eu estava profundamente tocada. Aqueles vampiros eram estranhos, e estavam se arriscando por mim. Eu já sabia que não ia adiantar nada, mas mesmo assim...

— Não abrimos exceções — Jane disse a eles num tom de prazer. — E não damos uma segunda chance. É ruim para nossa reputação.

Era como se ela discutisse sobre outra pessoa. Eu não me importava que estivesse se referindo a me matar. Sabia que os de olhos amarelos não podiam impedi-la. Ela era a polícia dos vampiros. E, embora os tiras vampiros fossem sujos — realmente sujos —, pelo menos os de olhos amarelos sabiam disso agora.

— O que me lembra... — Jane continuou, os olhos se fixando novamente na garota humana e o sorriso se tornando mais largo. — Caius vai ficar muito interessado em saber que ainda é humana, Bella. Talvez ele decida fazer uma visita.

Ainda humana. Então, eles iam transformar a garota. Tentei imaginar o que estariam esperando.

— A data está marcada — disse a vampira pequena de cabelos escuros e voz clara. — Talvez nós os visitemos daqui a alguns meses.

O sorriso de Jane desapareceu como se alguém o tivesse apagado. Ela deu de ombros sem olhar para a vampira de cabelos escuros, e tive a sensação de que, por mais que odiasse a garota humana, odiava aquela vampira dez vezes mais.

Jane deu as costas para Carlisle com a mesma expressão vaga de antes.

— Foi um prazer encontrá-lo, Carlisle... Pensei que Aro estivesse exagerando. Bem, até a próxima vez...

Era isso, então. Eu ainda não sentia medo. Só lamentava não poder contar mais sobre aquilo tudo a Fred. Ele entraria quase totalmente às cegas naquele mundo cheio de regras perigosas, policiais sujos e bandos misteriosos. Mas Fred era inteligente, cuidadoso e talentoso. O que poderiam fazer com ele, se nem conseguiam vê-lo? Talvez os de olhos amarelos um dia O encontrassem. Sejam bons para ele, por favor, pensei para o leitor de mentes.

— Cuide disso, Felix — disse Jane indiferente, apontando para mim com um movimento de cabeça. — Quero ir para casa.

— Não olhe — sussurrou o leitor de mentes de cabelos cor de bronze.

Eu fechei os olhos.

Agradecimentos

COMO SEMPRE, SOU MUITO GRATA A TODAS AS pessoas que tornaram este livro possível: meus meninos, Gabe, Seth e Eli; meu marido, Pancho; meus pais, Stephen e Candy; minhas amigas, que tanto me apoiam, Jen H., Jen L., Meghan, Nic e Shelly; minha agente ninja, Jodi Reanier; minha "arma", Shannon Hale; todos os meus amigos e mentores na Little, Brown , especialmente David Young, Asya Muchnick, Megan Tingley, Elizabeth Eulberg, Gail Doobinin, Andrew Smith e Tina McIntyre, e, deixando o melhor por último, meus leitores. Vocês são o melhor público que alguém poderia ter. Obrigada!